BIBLIOTHECA
LUSITANA

Desta edição fez-se uma tiragem especial de 100 exemplares, em papel Registo *120, numerados e rubricados por Manuel Lopes de Almeida.*

BIBLIOTHECA
LUSITANA

Hiſtorica, Critica, e Cronologica.

NA QUAL SE COMPREHENDE A NOTICIA DOS AUTHORES Portuguezes, e das Obras, que compuſeraõ deſde o tempo da promulgaçaõ da Ley da Graça até o tempo prezente.

OFFERECIDA

À AUGUSTA MAGESTADE

DE

D. JOAÕ V.

Dallivr.ª NOSSO SENHOR do Conſ.º de S.ª Villa dos Arc.ºs Dec.ºs POR de Coimbra.

DIOGO BARBOSA MACHADO

Ulyſſiponenſe Abbade da Parochial Igreja de Santo Adriaõ de Sever, e Academico do Numero da Academia Real.

TOMO I.

LISBOA OCCIDENTAL,

Na Officina de ANTONIO ISIDORO DA FONSECA

Anno de M. D. CC. XXXXI

Com todas as licenças neceſſarias.

LIBRARY
MAY 19 1967
UNIVERSITY OF TORONTO

Z
2722
B233
1741
t.1

BREVE

AD FAVOREM BIBLIOTHECARUM.

CLEMENS PAPA XI.

AD FUTURAM REI MEMORIAM.

CONSERVATIONI, & manutentioni librorum Bibliothecarum Domorum Regularium Fratrum Ordinis Sancti Auguſtini Diſcalceatorum nuncupatorum Congregationis Portugalliæ, quantum cum Domino poſſumus benigne conſulere; ac Dilectum filium modernum Procuratorem Generalem in Romana Curia dictæ Congregationis ſpecialibus favoribus, & gratiis proſequi volentes, & à quibuſvis excommunicationis, ſuſpenſionis, & interdicti, aliisque Eccleſiaſticis ſententiis cenſuris, & pœnis à jure, vel ab homine quavis occaſione, vel cauſa latis; ſi quibus quomodolibet innodatus exiſtit, ad effectum præſentium dumtaxat conſequendum, harum ſerie abſolventes, & abſolutum fore cenſentes ſupplicationibus ejus nomine Nobis ſuper hoc humiliter porrectis inclinati, ne de cetero quiſquam, ſive ſæcularis, ſive cujuſvis Ordinis Regularis etiam auctoritate, officio, & ſuperioritate fungens, Libros, Quinterna, Folia ſive impreſſa, ſive manuſcripta, tam hactenus dictis Bibliothecis donata, comparata, & aſſignata, quàm in poſterum donanda, comparanda, & aſſignanda ſub quovis prætextu, ingenio, cauſa, colore, ratione, aut occaſione è Domibus Regularibus, & ſæcularibus, quacumque auctoritate fungentibus commodare, donare, vel alio quovis modo diſtrahere, & alienare, ſeu ut extrahantur, & aſportentur, aut commodentur, donentur, diſtrahantur, & alienentur permittere, aut conſentire audeat, ſeu præſumat ſub excommunicationis, ac privationis vocis activæ, & paſſivæ pœnis per contrafacientes eo ipſo incurrendis Apoſtolica auctoritate tenore præſentium interdicimus, & prohibemus. Permittentes tamen Superioribus dictarum Domorum Regularium pro tempore exiſtentibus, ut de licentia Definitorii Generalis, vel annualis prædictæ Congregationis aliquos ex libris prædictis Fratribus ejuſdem Congregationis, etiam in aliis Domibus commorantibus, cum cautelis tamen neceſſariis, ac Inventario à Prioribus, & Diſcretis ſuarum reſpectivè Domorum ſubſcribendis ad tempus determinatum commodari poſſint, quo elapſo ad ſuas quaſque Domos reportari, ſuisque Bibliothecis reſtitui ſub eiſdem pœnis debeant: Non obſtantibus Conſtitutionibus, & Ordinationibus Apoſtolicis, ac Domorum, & Ordinum prædictorum, etiam juramento confirmatione Apoſtolica, vel quavis firmitate aliàs roboratis ſtatutis, & conſuetudinibus, ceterisque contrariis quibuſcumque. Volumus autem, quod præſentis prohibitionis copia

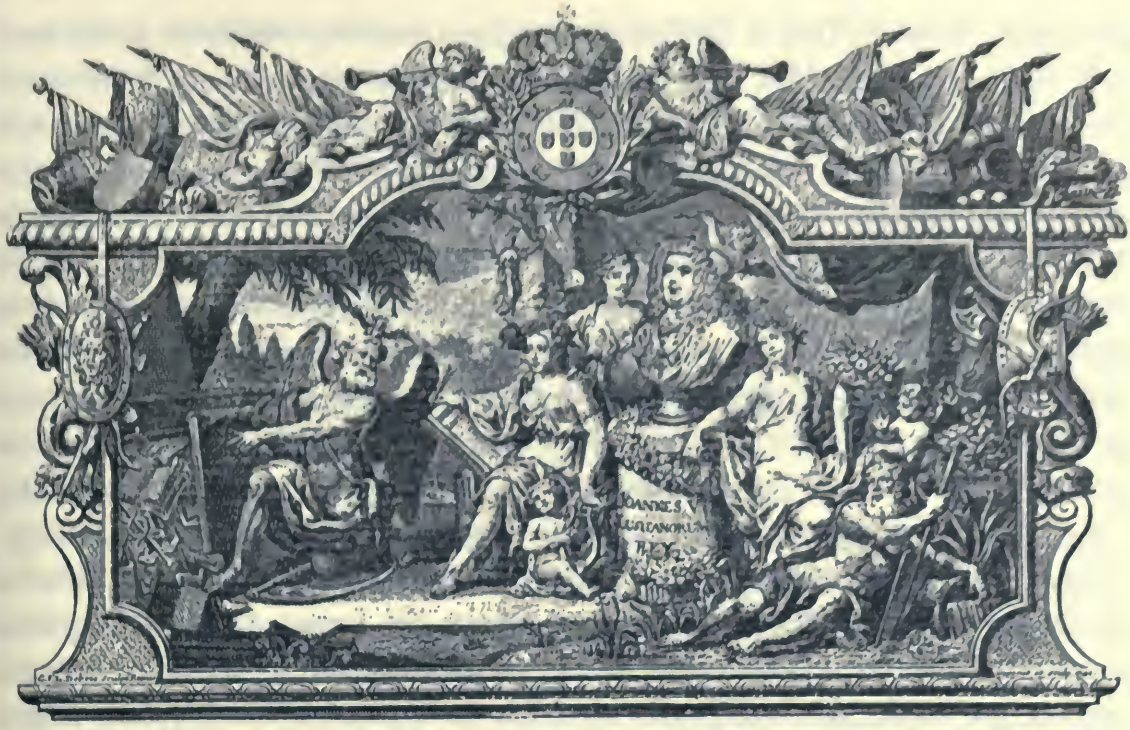
in

in valvis cujuslibet dictarum Bibliothecarum, vel alio conſpicuo loco, quo ab omnibus cerni poſſit continuo affixa remaneat; quodque præſentium tranſumptis etiam impreſſis manu alicujus Notarii publici ſubſcriptis, & ſigillo alicujus perſonæ in dignitate Eccleſiaſtica conſtitutæ, vel Procuratoris Generalis Congregationis hujuſmodi munitis eadem fides ubique adhibeatur, quæ ipſis præſentibus haberetur, ſi forent exhibitæ, vel oſtenſæ. Datum Romæ apud *S.* Mariam Maiorem ſub Annulo Piſcatoris die XXIII. Januarii M. DCC. XXI. Pontificatus Noſtri anno vigeſimo-primo. = F. Card. Oliverius. =

Concordat cum ſuo originali.

Joannes Dominicus Manitto, Publicus Not. Apoſt.

Fr. Emmanuel à S. Eliſabeth, Procurator Generalis.



SENHOR

COM *myſterioſa diſpoſiçaõ da Providencia eſperou a Bibliotheca Luſitana ideada hà mais de hum Seculo pelo laborioſo diſvelo de varoens eruditos o feliz Reynado de V. Mageſtade para ſahir ao theatro do Mundo como prevendo, que no fauſtiſ-*

ſimo tempo em que no trono de Portugal ſe admiraſſe a uniaõ da Sciencia com a Soberania, mais dificil, que a do Amor com a Mageſtade, alcançariaõ os Sabios que ſecundamente produzio eſta Monarchia na larga diuturnidade de tantos Seculos a merecida remuneraçaõ às ſuas doutas, e incanſaveis vigilias. Para ſer V. Mageſtade o mais ſabio Principe entre os ſeus Soberanos Predeceſſores ſe empenhou a Graça em competencia da Natureza a illuſtrarlhe com luzes taõ antecipadas o entendimento, que jà na idade pueril ſe admirou adulta a comprehençaõ para o eſtudo das Artes dignas do ſeu alto nacimento, donde emanou a innata propençaõ, com que ſe declarou benefico Protector dos Eruditos; a ſublime idea com que erigio na Academia Real hum famoſo Capitolio no qual ſobre os deſpojos da ignorancia ſe celebraſſem os triunfos da Sabedoria; e a generoſa profuſaõ com que convertendo o ſeu Palacio em domicilio de todas as ſciencias formou a mais numeroſa, e magnifica Bibliotheca compoſta dos mayores Oraculos da Republica litteraria vangloriosos de ſerem frequentemente conſultados pelo perſpicaz juizo de V. Mageſtade. Debaixo dos benevolos auſpicios de hum Principe taõ amante das Letras, e Fautor dos ſabios pertende ſer admitida a Bibliotheca Luſitana por comprehender a ſublimidade de tantos eſpiritos, que emulos das Intelligencias Angelicas ennobreceraõ a Patria com os nomes, dilatàraõ a fama com as pennas. Que agradavel eſpectaculo ſerà para os olhos de V. Mageſtade obſervar neſte Theatro Litterario as mayores figuras, que venerou a Jerarchia Eccleſiaſtica, e Secular, e que com igual decoro illuſtraraõ o Sacerdocio, e o Imperio, como foraõ hum Damaſo fabricando dos ſete montes de Roma degraos para ſubir ao Parnaſo onde foy laureado ſobre a Tiara Pontificia com as victorioſas inſignias de inſigne Poeta; hum Joaõ XXI. que antes de empunhar as chaves de Pedro lhe foraõ patentes os profundos arcanos da Dialectica, e Medecina; muitos Princepes Purpurados do Vaticano mais eminentes pela Sabedoria, que pela dignidade; grande numero de Prélados taõ vigilantes no paſto das Ovelhas, como na cultura das ſciencias; e innumeraveis Regulares aliſtados de baixo dos Sagrados Eſtendartes de diverſos Inſtitutos ſahindo dos Clauſtros como de Praças fortificadas contra a ignorancia armados de ſolida doutrina para inſtrucçaõ dos Catholicos, e total ruina dos Hereges. Naõ ſeraõ menos dignos da atençaõ de V. Mageſtade os ſublimes voos com que nas azas das ſuas pennas ſe remontàraõ à eſfera da eternidade ſeus glorioſos Predeceſſores dominando igualmente os Aſtros como Sabios, e os Eſtados como Princepes, e dividindo com judicioſa diſtribuiçaõ os ſeus vigilantes cuidados, entre Pallas armada, e Minerva Pacifica. Hum Affonſo Fundador deſta Monarchia que tendo alcançado heroicamente a Coroa mural na celebre expugnaçaõ de Santarém, para dignamente narrar as façanhas que nella ſe obraraõ a tinta com que as eſcreveo foy o balſamo que as immortaliſou: hum Diniz depondo o Cetro para tocar a Lyra de cuja acorde conſonancia atrahidas as Muſas deixaraõ as aguas de Hipocrene pelas precioſas correntes do Tejo: hum Sebaſtiaõ que depois de fulminar como animado rayo aos Sequazes de Mafoma na primeira expediçaõ Africana para que naõ caducaſſe acçaõ taõ heroica na poſteridade lhe firmou o privilegio de immortal com a penna: hum Joaõ IV.

em o Nome, e primeiro na Sciencia da Arte Muſica cujos armonicos preceitos ſabiamente practicou, e acerrimamente defendeu. Competindo com eſtes Monarchas na profiſſaõ das letras verá V. Mageſtade a muitos Princepes, e Infantes Portuguezes como foraõ os Pedros, Henriquez, Luizes, e Theodoſios ſervindo a huns de contemplaçaõ deleitavel o diafano volume das eſferas, e a outros de innocente occupaçaõ o familiar comercio das Muſas. Verà a muitos Heróes militares concebendo entre os furores de Marte, e incendios de Bellona ardentes eſpiritos para profundas, e elegantes compoſiçoens, e a muitos Miniſtros de Eſtado revelarem nas ſuas obras as ideas politicas que meditaraõ em beneficio deſta Coroa. Verà reduzido a hum Sucinto Mappa a elegante facundia dos Oradores, a ſuave afluencia dos Poetas, a armonia ſem diſſonancia dos Muſicos, e a explicaçaõ das fabulas nos Mythologicos; aos Interpretes Sagrados correndo o veo ao Sanctuario das Eſcrituras; aos Theologos decifrando os myſterios dos divinos Attributos; aos Juriſconſultos penetrando as dificuldades dos Canones Eccleſiaſticos, e das Leys Imperiaes; aos Hiſtoriadores referindo os Suceſſos das idades paſſadas; aos Chronologos computando o tempo por Luſtros, e Olympiadas, aos Aſtronomos compaſſando o movimento dos Ceos, e obſervando os aſpectos dos Planetas; aos Anatomicos examinando a organizaçaõ dos corpos, e os Medicos deſcubrindo ſaudaveis remedios para conſervaçaõ da vida. Com toda eſta immenſa copia de eſtrellas ſe orna, e eſmalta eſte literario Firmamento ambicioſas de que V. Mageſtade as illuſtre com a ſua benefica ſombra. Ao excelſo trono do Salamaõ Portuguez igual na magnificencia, e ſuperior na Religiaõ ao da Paleſtina, ſe poſtra reverente, e obſequioſa qual outra Rainha Sabà a Bibliotheca Luſitana ſeguramente confiada na auguſta protecçaõ de hum Monarcha cuja coroada Sabedoria hade benevolamente amparar aos cultores de todas as Artes, e Faculdades, os quaes como Portuguezes ſaõ vaſſalos da ſua Coroa, como Sabios pregoeiros da ſua gloria. Renaçaõ a nova vida animados pelo ſublime eſpirito de V. Mageſtade no ſeculo mais glorioſo, que computou a Monarchia Portugueza por nelle ſe admirar dominando a Sabedoria com enveja dos Auguſtos, Veſpaſianos, e Conſtantinos dos quaes taõ ſoberbamente ſe vangloriou Roma Gentilica, e Catholica. A natural benevolencia com que V. Mageſtade protege aos Eſtudioſos me animou a offerecer-lhe eſta Encyclopedia compoſta de todas as ſciencias cultivadas pelos engenhos Portuguezes mais eſtimavel pela materia que pela forma que lhe deu a groſſaria do meu eſtilo, e adiſſonancia das minhas vozes. Naõ aſpira a mayor premio o incanſavel diſvelo que appliquei para taõ alta empreza do que ſer patente á alta comprehenſaõ de V. Mageſtade que tudo ſe dedicou em obſequio deſta Monarchia, ſempre reſpeitada pelas Armas, e agora mais glorioſa pelas letras, da qual ſeja V. Mageſtade Soberano Arbitro por tantos annos quantos ſaõ os Vaſſalos, que lhe obedecem nas quatro partes do Mundo medindo-ſe a duraçaõ do ſeu Reynado pela ſuavidade do ſeu dominio.

Diogo Barboſa Machado.

PROLOGO
Aʿ BIBLIOTHECA
LUSITANA

DE todas as producçoens litterarias, com que os mayores Sabios eternizàraõ a ſua fama nos Annaes da Poſteridade, nenhuma lhes mereceo mais glorioſos elogios, e celebres applauſos que o laborioſo eſtudo de huma Bibliotheca, onde pelo impulſo das ſuas pennas renacem a nova vida os Eſcritores, que a tinhaõ alcançado immortal na Republica das Letras. Saõ as Bibliothecas ou dipoſtas por ordem Alphabetica, como obſervàraõ huns, ou Chronologica, como ſeguiraõ outros, aquelles eruditos Amphitheatros em cuja eſpaçoſa circumferencia apparecem animados os Oraculos de todas as ſciencias, que para nunca emmudecerem deixàraõ impreſſa nos fecundos partos dos ſeus engenhos a mais nobre de todas as potencias. Nellas se fazem patentes as Patrias, que illuſtràraõ com os ſeus nacimentos, como os lugares que foraõ Religioſos depoſitos das ſuas cinzas. Relataõ-ſe as acçoens memoraveis das ſuas vidas para documentos exemplares da vida moral, e politica. Com a luz ſempre clara da Chronologia ſe deſterraõ as ſombras dos Anacroniſmos, que confundem a verdadeira Epocha dos Annos. Reſtitueſe ao ſeu verdadeiro Author a obra injuſtamente uzurpada pela afectada ſciencia dos Plagiarios. Defende-ſe com fundamentos ſolidos o berço em que ſe animàraõ alguns de ſeus illuſtres filhos contra a opiniaõ mal fundada de outras Naçoens ambicioſas de taõ grande gloria. Apparece juſtificada a innocencia de outros falſamente acuſada no Tribunal da maledicencia. Declaraſe o nome de muitos modeſta, ou malicioſamente occulto, e com enigmaticas figuras de anagrammas, e letras iniciaes disfarçado. Reſuſcitaõ das urnas dos Archivos as Obras *M. S.* a quem a Arte Typographica negou o beneficio da luz publica. Ultimamente ſe aſſinaõ as diverſas impreſſoens de cada livro, e qual dellas ſeja a mais correcta, e eſtimavel. Eſta he a univerſal Anatomia de huma Bibliotheca dividida nas partes organicas, que lhe formaõ o corpo, de cujo eſtudo foraõ profeſſores em todas as idades os primeiros Varoens da Republica Litteraria, eſcrevendo huns genericamente a noticia dos Authores eminentes em diverſas Faculdades, e

naturaes de diferentes Paizes; outros contrahindo-ſe a menor eſfera applicáraõ as ſuas vigilias nos Elogios de huma Sagrada Familia, ou illuſtre Naçaõ querendo com eſte obſequio eternizar as glorias da Mãy, de que naceraõ eſpiritualmente para o Ceo, e temporalmente para o mundo.

Innumeravel foy a multidaõ de Authores, que ſeguiraõ a vaſta idea das Bibliothecas Geraes extendendo os voos das ſuas pennas pela dilatada circumferencia de todos os Reynos, e Univerſidades do mundo, ſendo os principaes Jeremias Paduano 1. Conrado Geſner 2. addicionado com dous mil eſcritores por Joſias Simler 3. Joaõ Jacobo Friz 4. e Roberto Conſtantino 5. Guilherme Paſtregio 6. Conrado Lycoſthenes 7. Paulo Jovio 8. Joaõ Jacobo Boiſſardo 9. Heningio Groſſio 10. Julio Ceſar Capaſſi 11. Marchardo Leo 12. Jorge Draudio 13. Valerio André de Deſchel 14. Vicente Paravicino 15. Jacobo Filippe Opicello 16. Henrique Oreo 17. Thomaz Erpenio 18. Jacobo Filippe Thomaſino 19. Joaõ Imperial 20. Jodoco à Dudinck 21. Jano Nicio Erithreo, aliàs Joaõ Vitorio de Roſſis 22. Jeronymo Ghilino 23. Jacobo Gaddi 24. Filippe Labbe 25. Joaõ André Queſtad 26. Joaõ Henrique Hottinger 27. Pedro Lambecio 28. Lourenço Craſſo 29. Theophilo Spizelio 30. Joaõ Henrique Boeclero 31. Antonio Reiſero 32. Vicente Placcio 33. Joaõ Hallevordio 34. Joaõ Jorge Schialen

1. *De Auctoribus Scientiarum.* Venetiis. 1505. 4. 2. *Bibliotheca Univerſalis.* Tiguri 1545. fol. 3. Tiguri 1555. fol. 4. ibi 1583. fol. 5. *Nomenclator inſignium Scriptorum.* Paris. 1555. 4. 6. *De Scriptis virorum illuſtrium.* Venetiis. 1547. 8. 7. *Elenchus Scriptorum omnium veterum, & recentiorum.* Baſileæ. 1551. 4. 8. *Elogia virorum litteris illuſtrium.* Baſileæ. 1577. fol. 9. *Icones virorum illuſtrium doctrina, & eruditione præſtantium.* Francof. 1592. 1593. 1599. 4. Tom. 4. *Bibliotheca, ſive Theſaurus complectens illuſtrium doctrina virorum effigies, & vitas.* Francof. 1628. 1631. 4. Tom. 4. 10. *Elenchus librorum ab an.* 1593. *uſque ad* 1600. *in Romano Imperio novorum vel auctorum.* Lipſiæ 1604. 4. 11. *Illuſtrium mulierum, & illuſtrium litteris virorum elogia.* Neapoli 1608. 4. 12. *Ennumeratio methodica Scriptorum totius Occidentis Meridiei, & Orientis Eccleſiarum.* Ingolſtadii 1610. 13. *Bibliotheca Exotica Claſica* Francof. 1610. 4. 2. Tom. 14. *Imagines DD. virorum elogiis illuſtratæ.* Antuerp. 1616. 8. 15. *De viris eruditione claris.* Baſil. 1613. 8. 16. *Monumenta Bibliothecæ Ambroſianæ.* Mediolan. 1618. 17. *Nomenclator præcipuorum Scriptorum.* Hanoviæ 1619. 12. 18. *Cathalogus librorum Orientalium.* Lugd. Bat. 1625. 4. 19. *Elogia virorum litteris, & Sapientia illuſtrium* Patavii. 1630. 4. 20. *Muſæum Hiſtoricum* Venet. 1640. 4. 21. *Bibliothecariographia.* Colon. 1643. 4. 22. *Pinacotheca Imaginum iluſtrium virorum.* Coloniæ Agrip. 1643. 8. 23. *Theatro d' huomini letterati.* Venet. 1647. 4. 24. *De Scriptoribus non Eccleſiaſticis Græcis, & Latinis.* Florentiæ. 1648. fol. 25. *Specimen novæ Bibliothecæ.* M. S. Pariſiis 1653. *Bibliotheca Bibliothecarum.* ibi. 1666. 8. 26. *De Patriis illuſtrium doctrina, & Scriptis virorum.* Witembergæ. 1645. 4. 27. *Promptuarium. ſive Bibliotheca Orientalis.* Heldeberg. 1658. 4. *Bibliotecarius Quadripartitus.* Tiguri 1664. 4. 28. *Prodromus Hiſtoriæ litterariæ.* Hamburgi 1669. fol. 29. *Elogii d' huomini letterati. Venetia.* 1666. 4. 2. Tom. 30. *Theatrum Honoris reſeratum.* Aug. Wind. 1673. 4. *Bibliographia critica.* Lipſiæ 1715. 4. 32. *Index M. S. Bibliothecæ Auguſtanæ.* Aug. Vindel. 1675. 4. 33. *Theatrum Anonymorum, et Pſeudonymorum* Hamburgi. 1608. fol. 34. *Bibliotheca Curioſa.* Regiomonti 1676.

35. Iſaac Bullart 36. Pedro Bayle 37. Martinho Lipenio 38. Antonio Teiſſier 39. Joaõ le Clerc 40. Henrique Baſnage 41. Jorge Mathias Konig 42. Daniel Jorge Morhof 43. Paulo Frehero 44. Thomaz Pope Blount 45. Gaſpar Thurmano 46. Federico Salburgio 47. Joaõ André Schimidio 48. Belchior Adaõ 49. Marcardo Gudio 50. Carlos Ancillon 51. Burchardo Gotofredo 52. Joaõ Bautiſta Rollio 53. Joachim Mantzel 54. Affonſo Lazor de Varea 55. Chriſtiano Henrique 56. Richardo Simon 57. Joaõ Alberto Fabricio 58. Erneſto Cypriano 59. Joaõ Henrique Sallengre 60. Joaõ Kalefero 61. Jozeph Simaõ Aſſeman 62. Joaõ Conrado Zeltnero 63. Joaõ Jacobo Moſero 64. Tobias Echard 65. Joaõ Burchard Mencke 66. Antonio Baldeſſarri 67. Adriaõ Bailet 68. Joaõ Marangoni 69. Fr. Affonſo Chacon 70. e D. Bernardo Montfaucon Monge da Congregaçaõ de Santo Amaro.

35. *Bibliotheca enucleata, ſeu Aurifodina artium omnium.* Viennæ 1679. 4. 36. *Academie des Sciences, & des Arts contenant les vies, & les Eloges hiſtoriques des Hommes Illuſtres.* Amſterd. 1682. fol. 37. *Nouvelles dela Republique des letres.* Amſterd. 1684. até 1718. 40. Tom. 12. 38. *Bibliotheca realis Theologica Juridica Medica* &c. Francof. 1685. fol. 5. Tom. 39. *Cathalogus AA qui librorum Cathalogos Indices Bibliothecas viror. litterat. elogia vitas ſcriptis conſignarunt.* Genevæ 1686. 4. *Eloges des Hommes Scavans.* Leiden 1715. 12. 4. Tom. 40. *Bibliotheque univerſelle, e Hiſtorique.* Amſt. 1686. 12. 26. Tom. *Bibliotheque ancienne, e moderne.* Amſt. 1714. 12. 29. Tom. 41. *Hiſtoire des Ouvrages des Scavans.* Amſt. 1687. 12. 25. Tom. 42. *Bibliotheca vetus, & nova.* Altorſij 1678. fol. 43. *Polyhiſtor.* Lubeccæ. 1708. 4. 44. *Theatrum virorum eruditione clarorum.* Norimbergæ 1688. fol. 45. *Cenſura celebriorum Auctorum.* Genevæ 1694. 4. 46. *Bibliotheca Academica.* Halæ. 1700. 4. 47. *Cathalogus codicum Græcorum M. S. olim Bibliothecæ Palatinæ, nunc Vaticanæ.* Francof. 1701. 4. 48. *Commentationes de Scriptis, & Bibliothecis Antediluvianis.* Helmſt. 1702. 3. Tom. 4. 49. *Dignorum laude virorum quos Muſa vetat mori immortalitas.* Francof. 1706. fol. 2. Tom. 50. *Bibliotheca omnium ſtudiorum genere inſtructiſſima.* Hamburgi 1706. 4. 51. *Memoires concernant les vies e les ouvrages de pluſivrs modernes celebres dans le Republique des Lettres.* Amſterd. 1709. 12. 52. *Bibliotheca antiqua* Jenæ. 1710. 4. 2. Tom. *Bibliotheca librorum rariorum* ibi 1719. 4. 53. *Bibliotheca nobilium Theologorum, Philoſophorum, Oratorum Poetarum &c.* Roſtochij 1709. 8. 2. Tom. 54. *De Georgiis fama, & eruditione claris.* Guſtroviæ. 1712. 4. 55. *Univerſus terrarum orbis Scriptorum calamo delineatus.* Patavii. 1713. fol. 2. Tom. 56. *Vitæ eruditiſſimorum in re litteraria virorum* Uratislaviæ. 1711. 8. 57. *Nouvelle Bibliotheque Choiſie.* Amſterd. 1714. 2. Tom. 12. 58. *Bibliographia antiquaria.* Hamburgi. 1713. 4. 59. *Cathalogus codicum M. S. Bibliothecæ Gothanæ.* Lipſiæ. 1714. 4. 60. *Memoires de Litterature.* Haye 1715. 8. 3. Tom. 61. *Bibliotheca eruditorum præcocium.* Hamburgi. 1717. 8. 62. *Bibliotheca Orientalis Clementino Vaticana.* Romæ 1719. fol. 4. Tom. 63. *Theatrum virorum eruditorum.* Norimbergæ 1720. 8. 64. *Bibliotheca M. S. anedoctorum, eorumque hiſtoricorum.* Norimbergæ. 1722. 4. 65. *Cathalogus codicum. M. S. Quodlimburgenſium.* Quodlimburgi 1723. 4. 66. *Bibliotheca Menckeniana.* Lipſiæ. 1723. 8. 67. *Compendioſo Riſtreto delle vite de perſonagi alcuni illuſtri per la Scienza.* Venet. 1724. 8. 68. *Jugemens des Scavans ſur les principaux Ouvrages des Auteurs.* Pariz 1725. 4. 7. Tom. 69. *Thezaurus Parochorum ſcriptis, aut editis operibus illuſtrium.* Romæ 1730. 4. 70. *Bibliotheca libros, & Scriptores fermè cunctos ab initio mundi ad ann. 1583. ordine alphabetico complectens.* Pariſiis 1731. fol.

71. alem de outros Autores que naõ declararaõ os ſeus nomes, como ſaõ o *Journal des Scavans.* 72. *Giornale de Letterati.* 73. *Acta eruditorum Lipſiæ* 74. *Memoires pour l' Hiſtoire des Owrages des Scavans* 75. *Hiſtoire critique dela Republique des Letres* 76. *Journal Litterarie* 77. *Bibliotheque raiſonnée des Owrages des Scavans del' Europe* 78. *Lettres Serieuſes ſur les Owrages des Scavans* 79. *Nouvelle de la Republica delle lettere* 80.

A mais ſublime eſfera ſe remontaraõ os Authores das Bibliothecas que comprehendem os Interpretes de hum, e outro Teſtamento, e a Veneravel Serie dos Eſcritores Eccleſiaſticos. Dos Expoſitores da Palavra de Deos eſcrita compuzeraõ Fr. Angelo Rocca 81. Fabiaõ Juſtiniano 82. André Scoto 83. Pedro Daniel Huet 84. Claudio Lancelloto 85. Richardo Simon 86. Joaõ Federico Mayer 87. Carlos Arndio 88. Joaõ Federico Wildes hauſen 89. Adaõ Rechembergio 90. Jacobo Lelong. 91. Pedro Zornio 92. Nicolào Alardi 93. Paulo Bolduano 94. e D. Agoſtinho Calmet Monge Benedictino 95. A eſta claſſe pertencem as Bibliothecas Rabbinicas compoſtas por Joaõ Buxtorfio 96. Joaõ Plantavi 97. Joaõ Henrique Ottinger 98. D. Julio Bartolocci 99. D. Carlos Jozeph Imbonati 100. ambos Monges Ciſtercienſes, Scabtai Ben Jozeph 101. Joaõ Chriſtovaõ Wolfio 102.

Dos Eſcritores Eccleſiaſticos o primeiro que intentou eſta empreza, e glorioſamente a conſeguio, foy Euſebio Ceſarienſe, cuja idea imitou S. Jeronymo eſcrevendo daquelles Authores, que floreceraõ depois da morte de Chriſto Senhor Noſſo até o anno decimo quarto do Imperio de Theodoſio o Velho ſeguindo a Bruto no Dialogo dos Oradores, e a Suetonio em os dous livros

71. *Bibliotheca Bibliothecarum* M. S. *nova.* Pariz 1739. fol. 2. Tom. 72. Amſterd. 1665. até 1733. 12. 100. Tom. 73. Roma. 1663. 3. Tom. 4. 74. Lipſiæ 1682. até 1733. 4. 65. Tom. 75. Trevoux 1701. 12. 118. Tom. 76. Amſterd. 1712. 12. 15. Tom. 77. Haye. 1713. 8. 30. Tom. 78. Amſterd. 1728. 8. 11. Tom. 79. Haye 1729. 8. 8. Tom. 80. Venetia 1729. 4. 5. Tom. 81. *Bibliothecæ Theologicæ, ſive Scripturalis Epitome.* Romæ 1594. 8. 82. *Index univerſalis Alphabeticus.* Romæ 1612. fol. 83. *Cathalogus Catholicorum Sacræ Scripturæ interpretum qui Serie librorum veteris, ac novi Teſtamenti ſcripſerunt.* Jenæ. 1614. 4. 84. *De claris Interpretibus.* Pariſiis 1661. 4. 85. *Chronologia Sacra cum Synopſi Scriptorum Veteris, ac novi Teſtamenti.* Pariſiis 1662. fol. 86. *Hiſtoire critique des principaux Commentateurs du N. T.* Roterdam 1693. 4. 87. *Bibliotheca Biblica.* Francof. 1709. 4. 88. *Bibliotheca Biblica.* Roſtochij 1713. 4. 89. *Bibliotheca diſputationum in vetus, & Novum Teſtamentum.* Hamburgi 1710. 4. 90. *Hiero Lexicon Biblico-Theologicum.* Lipſiæ 1724. 4. 2. Tom. 91. *Bibliotheca Sacra.* Pariſiis 1723. fol. 2. Tom. 92. *Bibliotheca antiquaria, & exegetica in univerſam Scripturam Sacram.* Francof. 1724. 8. 4. Tom. 93. *Bibliotheca Harmonico-Biblica.* Hamburgi 1725. 8. 94. *Elenchus Scriptorum qui in Sacros Biblicos libros veteris ac novi Teſtamenti ſcripſerunt.* Jenæ 1614. 4. 95. *Bibliotheque ſacrè, ou Cathaloge des meilleurs livres que l' on peut lire pour acquerir l' intelligence del' Ecriture.* Pariz. 1730. fol. 96. *Bibliotheca Rabbinica.* Baſileæ. 1604. 8. 97. *Bibliotheca Rabinica.* Toloſæ 1644. 4. 98. *Bibliotheca Orientalis.* Heidelbergæ 1658. 4. 99. *Bibliotheca magna Rabinica.* Romæ 1672. fol. 4. Tom. 100. *Bibliotheca Latino-Hebraica.* Romæ 1694. fol. 101. *Labia Dormientium.* Amſtelod. 1680. 4. 102. *Bibliotheca Hebræa.* Hamburgi 1715. 4.

de *Grammaticis, & Rhetoricis.* Continuaraõ com louvavel emulaçaõ eſte aſſumpto Genadio, Santo Iſidoro, Santo Ildefonſo, Sigisberto, Honorio, Henrique de Gandavo, o Abbade Joaõ Trihemio 103. criticado de varios defeitos aſſim na Hiſtoria, como na Chronologia por Gaſpar Sciopio *de Origine domùs Auſtriacæ* a quem addicionou Balthezar Werlino 104. Suffrido Pedro 105. Fr. Xiſto Senenſe 106. cuja obra foy julgada pela ſevera critica de Richardo Simon *Hiſtoir. Critiq. du Veaux Teſtam. Liv.* 3. *cap.* 17. digna de contribuir muito para a intelligencia dos Livros Sagrados. O P. Antonio Poſſevino 107. louvado de ſummamente erudito por Voſſio Lib. 3. *de Hiſtoricis Latinis.* O Cardeal Roberto Bellarmino 108. illuſtrado pelo P. Filippe Labbe 109. e André de Sauſay 110. André Riveto 111. que na critica, que fez aos Authores dos primeiros ſeis Seculos cahio em muitos erros hallucinado com a cega paixaõ que profeſſava contra os Catholicos. O P. Pedro Halloix 112. Auberto Mireo 113. addicionado por Auberto Vandeneede 114. Fr. Luiz Jacobo de Saõ Carlos 115. Jacobo Gronovio 116. Gerardo de Quodlimbourg. 117. Pedro Labbe 118. O Cardial Joaõ Bona 119. Guilherme Eiſigrein, e Mathias Flack 120. Luiz Elias Dupin 121. cuja obra foy doutamente criticada por D. Matheos Pititdidier Monge Bento 122. e Richardo Simon 123. arguindoa de defeituoſa aſſim na intelligencia de algumas authoridades, como na fidelidade das allegaçoens. Sahio illuſtrada pelo Abbade Goujet 124. continuando a noticia dos Eſcritores do Seculo Decimo Outavo. Severo Walton 125. D. Nicolào de Nourry

103. *De Scriptoribus Eccleſiaſticis.* Moguntiæ. 1494. 4. 104. Coloniæ 1545. 4. 105. *De illuſtribus Eccleſiæ Scriptoribus.* Coloniæ. 1580. 8. 106. *Bibliotheca Sancta.* Coloniæ 1586. fol. 107. *Bibliotheca Selecta.* Romæ 1593. fol. 2. Tom. *Apparatus Sacer de Scriptoribus Eccleſiaſticis.* Colon. 1607. fol. 2. Tom. 108. *De Scriptoribus Eccleſiaſticis.* Coloniæ 1612. 8. 109. *De Scriptoribus Eccleſiaſticis Philologica, & Hiſtorica Diſſertatio.* Pariſiis 1660. 8. 2. Tom. 110. Tulli Leucorum 1665. 4. 111. *Criticus Sacer, ſive Specimen de Scriptis Patrum.* Dordrecti 1619. 8. 112. *De illuſtribus Eccleſiæ Orientalis Scriptoribus.* Duaci. 1633. fol. 2. Tom. 113. *Bibliotheca Eccleſiaſtica.* Antuerp. 1639. fol. 114. Antuerp. 1649. fol. 115. *Bibliotheca Pontificia, ſeu de omnibus Romanis Pontificibus, qui Scriptis claruerunt.* Lugduni 1643. 4. 116. *Obſervationes in Scriptores Eccleſiaſticos.* Daventriæ 1652. 12. 2. Tom. 117. *Patrologus, ſive de Primitivæ Eccleſiæ Chriſtianæ Doctorum vita.* Jenæ. 1653. 8. 118. *Bibliotheca Chronologica Sanctorum Patrum Theologorum, Scriptorumque Eccleſiaſticorum ab orbe condito ad ann. Chriſtianæ Æræ* 1500. Pariſiis 1659. 24. 119. *Divina Pſalmodia.* Romæ 1663. onde traz hum Cathalogo dos Autores Liturgicos 120. *Cathalogus Teſtium Veritatis ab anno* 1563. *ad an.* 1666. Moguntiæ. 1666. 4. 121. *Nouvelle Bibliotheque des Autheurs Eccleſiaſtiques.* Pariz 1686. 8. *Bibliotheque des Autheurs Eccleſiaſtiques du* 17. *Siecle.* Pariz 1708. 8. 3. Tom. *Biblioth. des Autheurs Eccleſ. du* 18. *Siecle.* ibi. 1718. 8. *Table univerſel des Autheurs Eccleſ. diſpoſes par Ordre Chronologique.* Pariz 1704. 8. 5. Tom. *Bibliotheque des Autheurs Eccleſ. Separes dela comunion del' Egliſe* ibi 1718. 8. 4. Tom. 122. *Remarques ſur l' Biblioth. des Autheurs de Mr. Dupin* Pariz 1691. 8. 3. Tom. 123. *Critique dela Bibliotheque des Autheurs Eccleſ. publies per Mr. Elias Dupin.* Pariz. 1730. 8. 4. Tom. 124. *Bibliotheque des Autheurs Eccleſ. du Dix-huitieme Siecle.* Pariz 1736. 8. 3. Tom. 125. *Propyleum Hiſtoriæ Chriſtianæ ſiſtens ennarrationem Scriptorum veterum, atque recentiorum.* Lipſiæ. 1696. 4.

126. Guilherme Cave 127. Joaõ Gotofredo Oleario 128. Thomaz Ittigio 129. Joaõ Alberto Fabricio 130. Jorge Jozeph Egss 131. Fr. Natal Alexandre 132. Caſimiro Oudin 133. obra certamente douta ſe a naõ manchara com alguns vituperios contra os Santos Padres procedidos da duplicada apoſtaſia que fez das Religioens Catholica, e Premonſtratenſe em que era profeſſo. D. Edmundo Martene, e Urſino Durand Monges da Congregaçaõ de Santo Amaro 134. Fr. Ignacio Jacinto Amat de Graveſſon 135. D. Remigio Ceilliers 136. e a *Nova Bibliotheca, ſive Notitia Scriptorum Eccleſiaſticorum veterum, ac recentiorum* modernamente publicada 137. em hum grande volume de folha que unicamente contem a letr. A.

Entre eſta famoſa Claſſe das Bibliothecas dos Eſcritores Eccleſiaſticos brilhaõ como Aſtros da primeira grandeza as das Familias Religioſas, cujos Clauſtros foraõ em todos os Seculos as Eſcolas da mais pura, e ſolida doutrina. Eternizaraõ as Obras dos Authores da auguſta,e monaſtica Religiaõ de S. Bento o Abbade Joaõ Trithemio 138. Pedro Ricordato 139. Arnoldo Wion 140. Martinho Martier 141. Pedro Diacono 142. Gabriel Bucelino 143. Matheos Weiss 144. Bernardo Pez 145. Felippe le Cerf 146. Mariano Armellino 147. e Eraſmo Gattula 148. Da Familia Ciſtercienſe frondoſo ramo de taõ fecunda arvore eſcreveraõ Gaſpar Jongellino 149. Chriſoſtomo Henriques 150. Bertando Tiſſier 151. Carlos Viſch.

126. *Apparatus ad Bibliothecam maximam Patrum Veterum, & Scriptorum Eccleſiaſticorum.* Lugduni. 1703. fol. 2. Tom. 127. *Scriptores Eccleſ. Hiſtoria litteraria a Chriſto nato uſque ad Sæculum XIV.* Genevæ 1705. fol. 128. *Bibliotheca Scriptorum Eccleſiaſticorum* Jenæ. 1711. 4. 2. Tom. 129. *De Scriptoribus, & Scriptis Eccleſiaſticis.* Lipſiæ. 1709. 4. 130. *Syllabus Scriptorum de veritate Religionis Chriſtianæ.* Hamburgi 1725. 4. *Bibliotheca Eccleſiaſtica, ſive Nomenclatores de Scriptorib. Eccleſ. collecti, & notis illuſtrati.* ibi 1718. fol. 131. *Pontificium doctum.* Coloniæ 1718. fol. *Purpura docta, ſive vitæ S. R. E. Cardinalium eruditione, & ſcriptis clarorum.* Aug. Vind. 1714. fol. 4. Tom. 132. *Hiſtoria Eccleſiaſt. Veteris, atque Novi Teſtamenti* Pariſiis 1719. fol. 8. Tom. 133. *Commentarii de Scriptoribus Eccleſiæ antiquis.* Lipſiæ 1722. fol. 3. Tom. 134. *Veterum Scriptorum monumenta hiſtorica.* Pariz. 1724. fol. 9. Tom. 135. *Hiſtoria Eccleſ. variis colloquijs digeſta* Auguſtæ. Vind. 1727. fol. 136. *Hiſtoire general des Autheurs Sacrés Eccleſiaſtiques.* Pariz. 1729. 4. 5. Tom. 137. Coloniæ. 1734. fol. 138. *De viris illuſtrib. Ord. S. Bened. Coloniæ* 1575. 4. 139. *Hiſtoria Monaſtica.* Roma 1575. 4. 140. *Lignum vitæ in quo viri dignitate doctrina Sanctitate, ac principatu clari ex Ordine Benedictino deſcribuntur.* Venetiis. 1595. 4. 141. *Bibliotheca Cluniacenſis.* Pariſiis. 1614. fol. 142. *De viris illuſtribus Caſſinenſib.* Romæ. 1655. 8. 143. *Aquila Imperii Benedictina cujus ordinatiſſima pennarum ſerie Monachorum Ord. S. Bened. de Imperio univerſo ampliſſima, & immortalia merita adumbrantur.* Venetiis 1651. 4. *Monologium Benedictinum.* Veldkirchii. 1655. fol. 144. *Lyceum Benedictinum.* Pariſiis 1661. 8. 145. *Bibliotheca Benedicto-Mauriana.* Aug. Vind. 1716. 8. 146. *Bibliotheque hiſtorique, & Critique des Autheurs dela Congregation de S. Maur.* Haye 1726. 8. 147. *Bibliotheca Benedictino-Caſſinenſis.* Aſiffii 1731. fol. 148. *Hiſtoria Abbatiæ Caſſinenſis per ſæculorum ſeriem diſtributa.*Venetiis 1733. fol. 149. *Elogia Ciſtercienſium Monachorum.* Coloniæ 1640. fol. 150. *Phœnix reviviſcens, ſeu Scriptores Ord. Ciſterc.* Bruxellæ. 1626. 4. 151. *Bibliotheca PP. Ciſtercienſium.* Bonofonte 1660. 3. Tom.

152. Claudio Chalmot 153. Angelo Manrique 154. D. Carlos Jozeph Morot. 155. e D. Agoſtinho Sartorio 156. Da Congregaçaõ Camalduſenſe, Archangelo Haſtivillo 157. da de Valumbroſa; Venantio Simio 158. e dos Celeſtinos hum author Anonymo 159. Dos Cartuxos Pedro Dorlando 160. Theodoro Petreo 161. e Carlos Morot 162.

Da Religiaõ Canonica Auguſtiniana D. Gabriel Pennoto 163. e D. Celſo Roſino 164. eſcreveraõ os Cathalogos dos ſeus Authores. Illuſtraraõ os nomes dos Sabios filhos da Ordem Dominicana de que ſempre foy fecunda Mãy Fr. Antonio de Senna 165. Leandro Alberti 166. Ambroſio Gozzeo 167. Affonſo Fernandes 168. Antonio Mallet 169. Ambroſio Almatura 170. e Jacobo Quetif com Jacobo Echard 171. cuja obra he digna da mayor eſtimaçaõ pelo immenſo trabalho, e judicioſa critica com que eſtà compoſta. Da immenſa Familia Serafica manifeſtaraõ os Scientificos Thezouros Henrique Willot 172. Henrique Sedulio 173. Lucas Wadingo 174. Angelo de S. Franciſco 175. e modernamente Fr. Joaõ de Santo Antonio 176. como tambem Fr. Dioniſio de Genova da auſtera Reforma dos Capuchinos 177. e dos Conventuaes Fr. Joaõ Franchini de Modena 178. Das Obras dos Eremitas de Santo Agoſtinho foraõ Panegyriſtas Fr. Thomaz Gratiano 179. Nicolào Cruſen 180. Cornelio Curtio 181. Filippe Elſio

152. *Bibliotheca Scriptorum Sacri Ord. Ciſterc.* Coloniæ 1656. 4. 153. *Series vir. illuſtr. Ord. Ciſterc.* Pariſiis 1666. 4. 154. *Annales Ciſtercienſes.* Lugd. 1642. fol. 4. Tom. 155. *Ciſtercii refloreſcentis Chronologica Hiſtoria.* Auguſtæ Taurinorum 1690. fol. 156. *Ciſtertium Bis-Tertium, ſeu Hiſtoria elogialis Ord. Ciſterc.* Pragæ 1700. fol. 157. *Romualdina, ſeu Eremitica Camaldu ſenſis Ord. Hiſtoria* Pariſiis 1631. 12. 158. *Cathalogus vir. illuſtr. Congreg. Vallis umbroſæ.* Romæ 1693. 4. 159. *Cæleſtinorum Congregationis vir. illuſtr. elogia hiſtorica.* Pariz 1719. fol. 160. *Chronicon Carthuſienſe.* Colon. 1608. 8. 161. *Bibliotheca Carthuſiana.* Colon. 1609. 8. 162. *Theatrum Chronolog. Ord. Carthuſ.* Taurini. 1681. fol. 163. *Generalis totius Sacri Ordinis Clericorum Canonicorum Hiſtoria Tripartita* Romæ 1624. fol. 164. *Lyceum Lateranenſe illuſtrium Scriptorum Sacri Apoſtolici Ordinis Clericorum Can. Reg.* Cæſenæ. 1652. fol. 2. Tom. 165. *Bibliotheca viror. inſignium Ord. Fratr. Præd.* Pariiſis 1585. 8. 166. *De viris illuſtribus Ordinis Dominicani.* Bononiæ 1517. fol. 167. *Cathalogus virorum ex familia Prædicatorum in litteris inſignium.* Venetiis 1605. 8. 168. *Concertatio Prædicatoria cum notitia Scriptorum ejuſdem Sacræ Familiæ* Salmanticæ 1615. fol. 169. *Hiſtoria virorum illuſtrium Conventus S. Jacobi Pariſienſis Ord. Præd.* Pariſiis. 1634. 4. 170. *Bibliotheca Dominicana.* Romæ 1677. fol. 171. *Scriptores Ord. Præd. recenſiti.* Pariſiis 1719. fol. 2. Tom. 172. *Athenæ Orthodoxorum Sodalitii Franciſcani.* Leodii. 1598. 8. 173. *Hiſtoria Seraphica* Antuerpiæ 1613. fol. 174. *Scriptores Ordinis Minorum.* Romæ 1650. fol. 175. *Cathalogus Scriptorum Illuſtrium Seraphici Ordinis* Duaci 1649. 4. 176. *Bibliotheca univerſa Franciſcana.* Madriti. 1732. fol. 3. Tom. 157. *Bibliotheca Scriptorum Ord. Min. S. Franciſci Capuccinorum.* Genuæ. 1691. fol. 178. *Biblioſofia, e Memorie Letterarie de Scrittori Franciſcani Conventuali.* Modena 1693. 4. 179. *Anaſtaſis Auguſtiniana in qua Scriptores Ord. Eremit. S. Aug. priſci ſimul, & Neoterici in ſeriem digeſti ſunt.* Antuerp. 1613. 8. 180. *Monaſticum Auguſtinianum.* Monachii 1623. fol. 181. *Virorum illuſtrium exOrdine Eremitarum D. Auguſtini Elogia.* Antuerpiæ 1636. 4. cum fig.

182. Thomaz Herrera 183. Agoſtinho Maria Arpe 184. e Domingos Antonio Gandolfi 185.

Formàraõ os Cathalogos dos Authores da Religiaõ Carmelitana Joaõ Trithemio 186. Fr. Pedro Lucio 187. Fr. Joaõ Maria Penſa 188. Marco Antonio Alegre de Caſanate 189. Fr. Daniel da Virgem Maria 190. Fr. André de Saõ Nicolàо 191. Joaõ Groſſo 192. e do Carmelo reformado modernamente Fr. Marçal de Saõ Joaõ Bautiſta 193. Dos Premonſtratenſes Pedro de Vuachenare 194. Dionizio Mudzaert 195. e Joaõ Chriſoſtomo Vander Steerre 196. Dos Minimos Franciſco Lanoy 197. Com eſtilo elegante, e diſcreto relatou o P. D. Jozé Silos 198. os Eſcritores da Congregaçaõ dos Clerigos Regulares Theatinos, cuja empreza proſeguio D. Caetano Maria Cottono 199. ſendo o ultimo ornato deſte numeroſo eſquadraõ de homens Sabios a Companhia de JESUS, cujas pennas acrecentàraõ as azas da fama para eſpalhar por todo o mundo a profunda Sabedoria dos ſeus alumnos de que foraõ interpretes os Padres Pedro da Ribadaneira 200. Filippe Alegambe 201. e Nathanael Sottuel 202. nas ſuas doutas Bibliothecas.

A eſta numeroſa Claſſe de Bibliothecas, em que ſe comprehendem os Varoens ſabios, que floreceraõ em diverſas ſciencias, ſe ſeguem aquellas que particularmente trataraõ dos Profeſſores de cada Faculdade, como foraõ dos Theologos Joaõ Engerdo 203. Joaõ Zanachio 204. Paulo Bolduano 205. Belchior Adaõ

182. *Encomiaſticon Auguſtinianum in quo perſonæ Ord. Eremit. S. Auguſt. Sanctitate, Prælatura, Legationibus, Scriptis præſtantes ennarrantur.* Bruxellis 1654. fol. 183. *Alphabetum Auguſtinianum.* Matriti 1654. fol. 184. *Pantheon Auguſtinianum ſive Elogia virorum Illuſtrium Ord. Eremit. S. P. Auguſtini æra chronologica, & criſi illuſtrata.* Genuæ 1709. 4. 185. *Diſſertatio hiſtorica de ducentis Auguſtinianis Scriptoribus.* Romæ. 1704. 4. 186. *Cathalogus Scriptorum Ordinis de Monte Carmelo.* Antuerpiæ 1570. 8. 187. *Carmelitana Bibliotheca, ſive illuſtrium aliquot Carmelitanæ Religionis Scriptorum, & eorum operum Cathalogus.* Florentiæ 1593. 4. 188. *Theatro degli huomini piu illuſtri dela Familia Carmelitana.* Mantova 1628. 4. 189. *Paradiſus Carmelitici Decoris. In eo virorum illuſtrium elogia, & nonnullorum Carmelitarum, qui resgeſtas ſui Ordinis ſcripſere, anacephalæotica collectio.* Lugduni 1639. fol. 190. *Speculum Carmelitanum, ſeu Hiſtoria Eliani Ordinis Fratrum B. M. V. de Monte Carmelo.* Antuerpiæ 1680. fol. 4. Tom. 191. *Catalogue des tous les Ouvrages des religieux de ſon Ordre.* Beſançon. 1701. 4. 192. *De viris illuſtribus Ord. Carmelitarum.* Venetiis 1507. fol. 193. *Bibliotheca Scriptorum utriuſque Congregationis, & ſexùs Carmelitarum Excalceatorum.* Burdigalæ 1730. 4. 194. *Vita S. Norberti, & aliorum.* Duaci 1637. 8. 195. *Hiſtoria Eccleſiaſtica Belgica.* Antuerpiæ 1624. fol. 2. Tom. 196. *Hagiologium Præmonſtratenſe.* Antuerp. 1627. 8. 197. *Chronicon generale Ord. Minimorum in quo recenſentur illuſtres ex eo Ordine Scriptores.* Pariſiis. 1635. fol. 198. *Cathalogus Scriptorum Congregationis Clericorum Regularium.* Panormi 1666. fol. 199. *De Scriptoribus Venerabilis domùs Divi Jozephi Clericorum Regularium urbis Panormi* ibi 1733. fol. 200. *Illuſtrium Scriptorum Religionis Societatis JESU Cathalogus.* Antuerpiæ 1608. 8. 201. *Bibliotheca Scriptorum Societatis JESU.* Antuerpiæ 1643. fol. 202. *Bibliotheca Scriptorum Societ. JESU.* Romæ 1676. fol. 203. *De Theologiæ Profeſſoribus in Acad. Ingolſtadienſi.* Ingolſtadii 1581. 4. 204. *Bibliotheca Theologica.* Serveſtæ 1606. 4. 205. *Bibliotheca Theologica.* Jenæ 1614. 4.

206. Pedro Labbe 207. Martinho Kempio 208. Henrique Witen 209. Chriſtovaõ Chriſtiano Sande 210. Martinho Lipenio 211. Gotofredo Arnoldo 212. Henrique Peping 213. Egidio Strauchio 214. Henrique Rollio 215. Pedro Poiret 216. Jorge Henrique Goetzio 217. Joaõ Chriſtovaõ Blumio 218. Joaõ Gaſpar Zeumero 219. *Bibliotheca Hiſtorico Philologico Theologica* 220. Bibliotheque Janſeniſtique 221. Bernardo Pez Monge Benedictino 222. Guſtavo Jozeph Zeltnero 223. Jacobo Verheiden 224. Joaõ Tillemano Schenck 225. D. Joaõ de Sianda 226. Joaõ Molano 227. Belchior Fiſchlin 228. Joaõ Antonio Strubberg. 229.

Dos Profeſſores da Juriſprudencia Pontificia, e Ceſarea eſcreveraõ Joaõ Fichardo 230. Bernardino Gaſnero 231. Joaõ Lorichio 232. Marcos Mantua 233. Antonio Morné 234. Belchior Adaõ 235. Chriſtiano Gottel 236. Theodoro Eberto 237. David Doringo 238. Guido Pancirolo 239. M. H. Winten 240. Diniz Simaõ 241. Brocardo Gotofredo Struvio 242. *Bibliotheca Juris Imperantium* 243. e Antonio Ouſſelio

206. *Vitæ Germanorum Pſeudo Theologorum.* Heidelbergæ 1620. 8. 207. *Bibliotheca Anti-Janſeniana, ſive Cathalogus piorum, eruditorumque Scriptorum qui Cornelii Janſenii hæreſes, errores, ineptiaſque oppugnarunt.* Pariſiis 1654. 4. 208. *Bibliotheca Anglorum Theologica.* Regiomonti 1667. 4. 209. *Memoriæ Theologorum noſtri ſæculi clariſſimorum renovatæ.* Francof. 1674. 8. 2. Tom. 210. *Bibliotheca Anti-Trinitariorum.* Freiſtad. 1684. 8. 211. *Bibliotheca Realis Theologica.* Francof. 1685. fol. 212. *De Scriptoribus Myſticis, & Aſceticis.* Francof. 1702. 8. 213. *Sacer Decadum Septenarius memoriam Theologorum exhibens.* Lipſiæ 1705. 8. 214. *Bibliotheca Scriptorum Theologiæ Moralis conſcientiariæ.* Lipſiæ 1705. 8. 215. *Bibliotheca nobilium Theologorum.* Lipſiæ 1708. 8. 216. *Bibliotheca Myſticorum Selecta.* Amſtelod. 1708. 8. 217. *Elogia Germanorum quorumdam Theologorum.* Lubeccæ 1709. 4. 218. *Jubilæum Theologorum emeritorum.* Lypſiæ 1710. 8. 219. *Vitæ profeſſorum Theologiæ Jenenſium.* Jenæ 1711. 8. 220. Bremæ. 1719. 8. 10. Tom. 221. *ou Cathalogue alphabetique des principaux livres Janſeniſtes, ou ſuſpects de Janſeniſme.* 1722. 12. 222. *Bibliotheca Aſcetica antiquo-nova* Ratisbonæ. 1723. 8. 9. Tom. 223. *Vitæ Theologorum Altorphinorum.* Norimbergæ. 1722. 4. 224. *Imagines, & elogia præſtantium Theologorum.* Hagæ Comit. 1725. fol. 225. *Vitæ Profeſſorum Theologiæ qui in Academia Marpurgenſi docuerunt* Marpurgi 1727. 4. 226. *Bibliotheca Polemica.* Romæ. 1733. fol. 2. Tom. 227. *Bibliotheca Materiarum Theologica.* Coloniæ. 1618. 4. 228. *Memoriæ Theologorum Witembergenſium.* Ulmæ. 1710. 8. 229. *Index Theologorum Evangelico-Lutheranorum Chronologicus.* Longon. 1727. 8. 230. *Periochæ vitarum Juriſconſultorum.* Baſileæ 1539. 8. 231. *Nomenclatura D D. in utroque jure* Aug. Vind. 1543. 4. 232. *Cathalogus Juriſconſultorum Veterum quotquot aut vità, aut ſcriptis celebres ſunt.* Baſileæ. 1545. 4. 233. *Epitome virorum illuſtrium qui vel ſcripſerunt, vel juriſprudentiam docuerunt.* Patavii 1556. 4. 234. *Elogia illuſtrium Togatorum Galliæ.* Pariſiis 1619. 8. 235. *Vitæ Germanorum Juriſconſultorum.* Heidelbergæ. 1620. 8. 236. *Vitæ clariſſimorum Jure conſultorum.* Jenæ. 1622. 8. 237. *Elogia Juriſconſultorum.* Lipſiæ 1628. 12. 238. *Bibliotheca Juriſconſultorum.* Francof. 1629. fol. 239. *De claris legum interpretibus.* Venetiis 1637. 4. & Francof. 1721. 4. 240. *Memoriæ Juriſconſultorum.* Francof. 1674. 8. 241. *Bibliotheque des Autheurs du Droit.* Pariz. 1692. 2. Tom. 12. 242. *Bibliotheca Juris Selecta.* Jenæ 1709. 8. 243. *Commentarius de Scriptoribus Jurium quibus ſummi Imperantes utuntur.* Norimbergæ 1727. 4.

244. Dos filoſofos Joaõ Jacobo Friſio. 245. Iſrael Spachio 246. Belchior Adaõ 247. Paulo Bolduano 248. Joaõ Jonſio 249. Jacobo de Rochebourg. 250. e Joaõ Bautiſta Capaſſi 251. Dos Medicos Affonſo Lupeo 252. Remalchio Fuſchio 253. Paſchoal Gallo 254. Iſrael Spachio 255. Joaõ Jorge Schenchio 256. Pedro Caſtellano 257. Belchior Adaõ 258. Renato Moreau 259. Joaõ Eſtevaõ Stobelbergero 260. Joaõ Antonio Vander-Linden 261. addicionado por Jorge Abrahaõ MercKlino 262. Pedro Borel 263. Bartholameu Corte 264. Proſpero Mandoſio 265. Cornelio a Beughen 266. Dos Mathematicos Joaõ Blancano 267. Hugo Sempilio 268. Jozé Hebreo 269. André Cellario 270. Cornelio Beughen 271. Dos Hiſtoriadores Nicolào Vigier 272. Paulo Bolduano 273. Gerardo Joaõ Voſſio 274. Cornelio Beughen 275. Burchardo Gulholfo Struvio. 276. Chriſtiano Gryphio 277. Dos Grammaticos, e Poetas Pedro Crinito 278. Joaõ Pedro Lotichio 279. Pedro Angelo Spera 280. Honorio Domingos Caramella 281. Joaõ Alberto Fabricio 282. Mr. Gibert. 283. Da Pintura, e Eſtatuaria Franciſco Junio.

244. *De advocatis ſupremæ curiæ Pariſienſis.* Pariz. 1654. 4. 245. *Bibliotheca Chronologica Philoſophorum.* Tiguri 1592. 4. 246. *Nomenclator Scriptorum Philoſophorum.* Argentinæ 1598. 8. 247. *Vitæ Germanorum Philoſophorum.* Heidelbergæ 1615. 8. 248. *Bibliotheca Philoſophica.* Janæ 1616. 4. 249. *De Scriptoribus Hiſtoriæ Philoſophicæ.* Francof. 1659. 4. 250. *Ultima verba Philoſophorum virorum, ac fœminarum illuſtrium.* Amſtelod. 1721. fol. 2. Tom. 251. *Hiſtoriæ Philoſophiæ Synopſis, ſive de origine, & progreſſu Philoſophiæ.* Neapoli. 1728. 4. 252. *Cathalogus Auctorum qui poſt Galeni ævum Hipocrati, & Galeno contradixerunt.* Valentiæ Edetanorum 1589. 12. 253. *Cathalogus Neotericorum Medicorum.* Pariz 1541. 8. 254. *Bibliotheca Medica.* Baſileæ 1590. 8. 255. *Nomenclator Scriptorum Medicorum.* Francof. 1591. 8. 256. *Bibliotheca Medica Macta, continuata, conſummata &c.* Francof. 1609. 8. 257. *Vitæ illuſtrium Medicorum.* Antuerpiæ 1618. 8. 258. *Vitæ Germanorum Medicorum.* Heidelberg. 1620. 8. 259. Pariſiis 1622. 8. 260. Norimbergæ 1626. 4. 261. *De Scriptis Medicis.* Amſtelod. 1637. 8. 262. *Lindenius renovatus.* Norimbergæ 1686. 4. 263. *Bibliotheca Chymica.* Pariz 1654. 12. 264. *Notizie Iſtoriche intorno a Medici Scrittori Milaneſi.* Milano 1718. 4. 265. *OEATPON in qua Chriſtiani Orbis Pontificum Archiatros* &c. Romæ 1696. 4. 266. *Bibliographica Medica, & Phyſica.* Amſtelod. 1681. 12. 267. *Clarorum Mathematicorum Chronologia.* Bononiæ 1615. 4. 268. *De diſciplinis Mathematicis.* Antuerpiæ 1635. 4. 269. *Bibliotheca Mathematica.* Francof. 1635. 4. 270. *Cathalogus variorum Mathematicorum ab initio mundi ad noſtra tempora.* Amſtelod. 1661. 271. *Bibliographia Mathematica.* Amſtelod. 1688. 12. 272. *Bibliotheque Hiſtoriale.* Pariz 1600. fol. 3. Tom. 273. *Bibliotheca Hiſtorica.* Lipſiæ 1620. 4. 274. *De Hiſtoricis Græcis.* Lugd. Batav. 1624. 4. *De Hiſtoricis Latinis.* ibi 1627. 4. 275. *Bibliographia Hiſtorica, Chronologica, & Geographica.* Amſtelod. 1685. 12. 276. *Selecta Bibliotheca Hiſtorica.* Jenæ 1705. 8. 277. *Diſſertatio Iſagogica de Scriptoribus Hiſtoriarum Sæculi XVII.* Lipſiæ 1710. 8. 278. *De Poetis Latinis.* Pariſiis 1513. 4. 279. *Bibliotheca Poetica.* Francof. 1625. 280. *De nobilitate Profeſſorum Grammaticæ.* Neapoli 1641. 4. 281. *Muſæum illuſtrium Poetarum.* Venetiis 1651. 12. 282. *Bibliotheca Latina ſive notitia Authorum Veterum Latinorum.* Londini 1703. 4. *Bibliotheca Græca, ſive notitia Scriptorum Græcorum* &c. Hamburgi 1707. 8. 283. *Jugemens des Scavans ſur les Autheurs qui ont traité dela Rhetorique.* Pariz 1713. 3. Tom. 12.

284. Das Moedas antigas Filippe Labbe 285. e D. Anſelmo Bandurio 286. Da Milicia Gabriel Naudé 287. Da Nautica, e Geografia Antonio de Leaõ Pinello 288. e modernamente addicionada 289.

Eſtimuladas da ambiçaõ da gloria as mais celebres Naçoens do mundo querendo extender a ſua fama com as pennas aſſim como a tinhaõ dilatado com as eſpadas perpetuàraõ nos monumentos litterarios das Bibliothecas os admiraveis progreſſos que fizeraõ em todas as Faculdades. Principiando pelo ameniſſimo Jardim da Europa, *Italia,* depois de eſcrever geralmente della Antonio Franciſco Doni 290. Fr. Angelico Aproſio de Ventimiglia 291. e Jacinto Gimma 292. publicaraõ com particular narraçaõ os Authores que produzio a Cabeça do mundo Proſpero Mandoſio 293. De *Ravena* Serafino Paſolini 294. Jeronymo Fabri 295. e Thomaz Tomai 296. *De Umbria, Eſpoleto, e Perugia* Ceſar Criſpolti 297. Luiz Jacobilli 298. e Agoſtinho Oldoino 299. De *Ferrara* Fr. Agoſtinho Superbo 300. Jeronymo Baruffaldo 301. e o Abbade Antonio Libanori 302. De *Bolonha* Bartholameu Galleoti 303. Joaõ Nicolào Paſchoal Alidoſi 304. Joaõ Antonio Bumaldo 305. Antonio Paulo Maſini 306. e Peregrino Antonio Orlandi 307. De *Florença* Miguel Poccianti 308. Jacobo Rillio 309. e Julio Negri 310. De *Veneza* Fr. Jacobo Alberico 311. Nicolào Craſſo 312. Fr. Agoſtinho Superbo 313. Jacobo Filippe Thomaſino 314. e Franciſco Sanſovino 315. De *Breſcia* Octavio Roſſi.

284. *De Pictura Veterum libri tres. Accedit Cathalogus Architectorum, Pictorum, Statuariorum &c. & operum, quæ fecerunt ſecundum ſeriem litterarum digeſtus.* Roterodami. 1694. fol. 285. *Bibliotheca Nummaria.* Pariſiis 1664. 8. 286. *Bibliotheca Nummaria, ſive Auctorum, qui de re nummaria ſcripſerunt.* Hamburgi 1719. 4. 287. *Bibliographia militaris.* Jenæ 1683. 12. 288. *Epitome dela Bibliotheca Oriental Nautica, y Geografica.* Madrid. 1629. 4. 289. Madrid. 1737. e 1738. fol. 3. Tom. 290. *Bibliotheca Italica.* Venetia 1550. 8. 291. *Athenas Italica.* 1647. 292. *Idea della Storia dell' Italia letterata.* Neapoli 1723. 4. 2. Tom. 293. *Bibliotheca Romana.* Romæ 1682. 4. 2. Tom. 294. *Huomini illuſtri di Ravena.* Bologna 1703. fol. 295. *Sacre memorie di Ravenna antiqua.* Venetia. 1664. 4. 296. *Hiſtoria di Ravena.* Peſaro 1574. 4. 297. *Perugia auguſta deſcrita.* Perugia 1648. 4. 298. *Bibliotheca Umbriæ.* Fulgineæ 1658. 4. 299. *De Scriptoribus Peruſinis.* Peruſiæ 1678. 8. 300. *De viris illuſtribus Ferrarienſibus.* Ferrariæ 1620. 4. 301. *De Poetis Ferrarienſibus.* Ferrariæ 1698. 4. 302. *Elogij di piu famoſi e illuſtri Scrittori di Ferrara.* Ferrara 1674. fol. 303. *Trattato de gli huomini illuſtri di Bologna.* Ferrara 1590. 4. 304. *De doctoribus Bononienſibus in Theologia, Philoſophia, Medicina, & artibus liberalibus.* Bononiæ 1620. 4. 305. *Minervalia Bononienſium Civium Anademata, ſive Bibliotheca Bononienſis.* Bononiæ 1641. 24. 306. *Bologna perluſtrata.* Bologna 1666. 4. 3. Tom. 307. *Notizie degli Scrittori Bolognеſi.* Bologna. 1714. 4. 308. *Cathalogus Scriptorum Florentinorum.* Florentiæ 1589. 4. 309. *Notizie lètterarie di huomini illuſtri dell' Academia Fiorentina.* Firenza. 1700. 4. 310. *Iſtoria degli Scrittori Fiorentini.* Fiorenza 1722. fol. 311. *Catalogo breve degli illuſtri e famoſi Scrittori Venetiani.* Bologna 1605. 4. 312. *Elogia Patriciorum Venetorum.* Venet. 1612. 4. 313. *Trionfo glorioſo d'Heroi illuſtri, e eminenti di Venetia.* ibi 1629. 4. 314. *Bibliotheca Veneta M. S. Utini.* 1650. 4. 315. *Venetia deſcritta.* Venet. 1663. 4.

316. De *Trieſte* P. Irineo da Cruz 317. De *Bergamo* Donato Calvi 318. de *Baſſano* Lourenço Marucini 319. De *Padua* Bernardino Scardeonio 320. Antonio Ricoboni 321. Angelo Portenare 322. Jacobo Filippe Thomaſino 323. Jacobo Zabarella 324. Carlos Patino 325. Nicolào Comneno Papadopoli 326. De *Verona* Torello Sarayna 327. Franciſco Tinto 328. Andrè Chioco 329. Onofre Panvino 330. e Julio del Pozzo 331. De *Napoles* Nicolào Toppi 332. addicionado por Leonardo Nicodemo 333. Ceſar Eugenio Caracciolo 334. Fr. Theodoro Vallè de Piperno 335. e o *Delectus Scriptorum Neapolitanorum* 336. De *Salerno* Domingos de Angelis 337. e Antonio Mazza 338. De *Calabria* Joaõ Fiore 339. De *Roſſano* Jacinto Gimma 340. Dos *Marſos* Pedro Antonio Corſignani 341. De *Chiete* Jeronymo Nicolini. 342. De *Sannio* Joaõ Vicente Giarlanti 343. De *Milaõ* Ericio Puteano 344. Joaõ Bautiſta Selvatico 345. Salvador Vital 346. e Filippe Piccinelli 357. De *Pavia* Antonio Gatti 348. De *Cremona* Franciſco Ariſio 349. Do *Piemonte* André Roſſetti 350. e Franciſco Agoſtinho dela Chieſa 351. De *Genova* Jacobo Bracelli 352. Uberto Foglieta 353. Rafael Soprani 354. e Miguel Juſtiniano 355. De *Sicilia* Joaõ Renda-rapuſa.

316. *Elogii hiſtorici di Breſciani illuſtri.* Breſcia 1620. 4. 317. *Hiſtoria antica, e moderna Sacra, e profana di Trieſte.* Venet. 1698. fol. 318. *Scena letteraria degli Scrittori Bergomaſchi.* Bergamo 1666. 4. 319. *Baſſanum, ſive diſſertatio de urbis antiquitate, & de viris ejuſdem illuſtribus.* Venet. 1577. 4. 320. *De Antiquitate urbis Patavii, & claris civibus Patavinis.* Baſileæ 1560. fol. 321. *De Gymnaſio Patavino.* Patav. 1598. 4. 322. *Felicitá di Padua.* Padou. 1623. fol. 323. *Bibliothecæ Patavinæ M. S. publicæ, & privatæ.* Patavii 1639. 4. *Gymnaſium Patavinum.* Utini 1654. 4. 324. *Elogia illuſtrium Patavinorum.* Patavii 1670. 4. 325. *Lyceum Patavinum.* Patavii 1682. 4. 326. *Hiſtoria Gymnaſii Patavini* Venetiis 1726. fol. 327. *De Civitatis Veronæ origine, & viris illuſtribus.* Veronæ. 1540. fol. 328. Veronæ 1590. 4. 329. *De Collegii Veronenſis illuſtribus Medicis, & Philoſophis.* Veronæ 1623. 4. 330. *De viris doctrina, & bellica virtute illuſtribus.* Veronæ 1648. fol. 331. *Collegii Veronenſis Judicum, advocatorum doctrina, natalibus, honoribuſque illuſtrium elogia.* Veronæ. 1659. fol. 332. *Bibliotheca Neapolitana.* Neapoli 1678. fol. 333. Neapol. 1683. fol. 334. *Napoli Sacra.* Napol. 1623. 4. 335. *Breve compendio de gli piu illuſtri Padri nela vita, dignità, uficii, e lettere ch' há prodoto la Prov. del Regno di Napoli* ibi 1651. 4. 336. *Neapoli.* 1735. fol. 337. *Vite di letterati Salentini.* Neapoli 1713. 4. 338. *De rebus Salernitatis.* Neapoli 1671. 4. 339. *Calabria illuſtrata.* Neapoli 1691. fol. 340. *Elogii Academici dela Società degli Spenſierati di Roſſano.* Neapol. 1703. 4. 2. Tom. 341. *De viris illuſtribus Marſorum.* Romæ 1712. 4. 342. *Hiſtoria della Città di Chieti.* ibi 1657. 4. 343. Iſerna 1644. fol. 344. *De Rhetoribus, & Scholis Mediolanenſium.* Mediol. 1603. 8. *Idem de Bibliotheca Ambroſiana* ibi 1606. 8. 345. *Collegij Mediolanenſium Medicorum origo, antiquitas &c. & viri illuſtres.* Mediol. 1607. 4. 346. *Theatrum triumphale Mediolanenſis urbis.* Mediol. 1644. fol. 347. *Ateneo dei Letterati Milaneſi.* Milano 1670. 4. 348. *Hiſtoria Gymnaſii Ticinenſis.* Mediol. 1706. 4. 349. *Cremona litterata.* Parmæ 1702. fol. 2. Tom. 350. *Syllagus Scriptorum Pedemontii.* Montis Regal. 1667. 4. 351. *Catalogo di tutti li Scrittori Piemonteſi, e Nizardi.* Carmagnola 1660. 4. 352. *De Claris Genuenſibus.* Pariſiis 1520. 4. 353. *Clarorum Liguram Elogia.* Romæ 1574. 4. 354. *Li Scrittori dela Liguria.* Genova 1667. 4. 355. *Gli Scrittori Liguri* Roma 1667. 4.

356. Antonio Mongitore 357. e Joaõ Bautiſta Caruſio 358. De *Siracuſa* Jacobo Bonani 359. De *Carthago* Agoſtinho Inveges 360. De *Motuca* Placido Carafa 361. e de *Galatina* Alexandre Thomaz Arcudi 362.

A florentiſſima Monarchia de França ſempre fecunda de Varoens inſignes eternizou as ſuas memorias litterarias pelas pennas de Franciſco Grudè Senhor dela Croix du Mayne 363. Antonio Verdier 364. Scevola de Saincte Marthe 365. André Ducheſne addicionado por Fr. Jacobo Luiz de S. Carlos. 366. André de Sauſſay Biſpo de Toul 367. Paulo Colomies 368. Carlos Sorel 369. Jacobo Lelong. 370. *Bibliotheque Francoiſe* 371. e ultimamente o P. D. Rivet Monge da Congregaçaõ de Santo Amaro, cuja obra de que até o prezente tem publicado 5. Tomos, he completa neſte genero pela judicioſa critica, e vaſta erudiçaõ com que he compoſta 372. De *Pariz* Clemente Hemero 373. Joaõ de Launoy. 374. e Ceſar Egaſſe du Boulay 375. Dos Authores do *Delfinado* Guido Allard 376. De *Guiena, e Gaſconha* Gabriel de Lurbe 377. de *Provença* Joaõ de Notre Dame 378. de *Chalon* Fr. Luiz Jacob de S. Carlos 379. de *Artois* Ferri de Locre 380. De *Chartres* D. Joaõ Liron Monge de S. Bento 381. e de *Liaõ* o P. Domingos Colonia Jeſuita 382. Dos Poetas Francezes modernamente Titon de Tillet 383.

Publicáraõ os Litterarios partos dos engenhos ſempre penetrantes, e profundos da Monarchia de Eſpanha Affonſo Garcia Matamoros 384. Valerio André Taxandro 385. o P. André Scoto Jeſuita

---

356. *Siciliæ Bibliotheca vetus continens elogia Veterum Siculorum qui litterarum fama claruerunt.* Romæ 1700. 4. 357. *Bibliotheca Sicula.* Panormi. 1707. fol. 2. Tom. 358. *Bibliotheca Hiſtorica Regni Siciliæ* Panormi 1723. fol. 2. Tom. 359. *Antica Siracuſa illuſtrata.* Meſſina 1684. 4. 360. *la Carthagine Siciliana Hiſtoria.* Palermo 1651. 4. 361. *Motucæ deſcriptio.* Panormi 1653. 4. 362. *Galatina letterata.* Genova 1709. 8. 363. *Cathalogue general de toutes ſortes de Auteurs qui on écrit en François.* Pariz 1584. fol. 364. *Bibliotheque contenant le catalogue de tous ceux qui on écrit, ou traduit en François.* Lion. 1585. fol. 365. *Gallorum doctrinà illuſtrium, qui noſtra, Patrumque memoria floruerunt.* Lutetiæ 1616. 8. 366. *Bibliotheque des Autheurs, qui ont écrit la Hiſtoire, e Topographie dela France.* Pariz 1627. 12. 367. *De Myſticis Galliæ Scriptoribus.* Pariſiis 1639. 4. 368. *Gallia Orientalis, ſive Gallorum, qui linguam Hebraicam, vel alias Orientales excoluerunt.* Hag. Comit. 1665. 4. 369. *Bibliotheque Françoiſe* Paris. 1667. 12. 370. *Bibliotheque Hiſtorique dela France.* Paris. 1719. fol. 371. *ou Hiſtoria litteraria dela France.* Amſterd. 1723. 18. Tom. in 8. 372. *Hiſtoria litteraria de la France.* Paris. 1733. 4. 4. tom. 373. *De Academia Pariſienſi.* Lutetiæ. 1639. 4. 374. *Regij Gymnaſij Navarræ Pariſienſis Hiſtoria.* Paris. 1677. 4. 2. Tom. Idem. *Academia Pariſienſis illuſtrata.* Paris 1682. 2. tom. 4. 375. *Hiſtoria Univerſitatis Pariſienſis.* Pariſiis. 1665. fol. 6. Tom. 376. Grenoble 1680. 12. 377. *De illuſtribus Aquitaniæ viris.* Burdigalæ. 1591. 8. 378. *De vitis Poetarum Provincialium.* Lugduni 8. 379. *De claris Scriptoribus Cabilonenſibus.* Pariſiis 1652. 4. 380. *Aquitaniæ* 1616. 4. 381. *Bibliotheque des Autheurs Chartrains.* Pariz 1719. 4. 382. *Hiſtoire litterarie della Ville de Lion.* ibi 1728. 4. 2. Tom. 383 *Le Parnaſſe François.* Pariz 1732. fol. 384. *de Academiis, & claris Hiſpaniæ Scriptoribus.* Francof. 1603. fol. 385. *Cathalogus clarorum Hiſpaniæ Scriptorum.* Moguntiæ 1607. 4.

386. em cuja obra naõ declarou o ſeu nome, mas no fim da Dedicatoria eſcreveu as letras iniciaes A. S. a quem ajuntou *Peregrinus* para ſignificar que por ſer natural de Anveres era Eſtrangeiro no Paiz da Naçaõ de que compuzera a Bibliotheca. Nicoláo Antonio Cavalleiro da Ordem de Saõ-Tiago, e Conego de Sevilha 387. em quatro Tomos que ſaõ tantas colunas em que eſtabeleceu o Templo da ſua fama em toda a poſteridade. Eſta grande obra ſe eſpera ver brevemente continuada pelo infatigavel eſtudo do Doutor André Gonzalves de Barzia Conſelheiro delRey Catholico, e Sobrinho daquelle Varaõ Apoſtolico o Illuſtriſſimo Biſpo de Cadiz D. Jozeph de Barzia, e Zambrana conhecido na Republica das letras pela excellente obra aſcetica que intitulou *Deſpertador Chriſtiano* vertida nas principaes linguas da Europa. Gerhardo Erneſto de FrancKenau 388. e Paulo Colomiès 389.

Imitou eſte illuſtre argumento Alemanha generica, e eſpecificamente pelas pennas do Abbade Trithemio 390. Henrique Pantaliaõ 391. Egidio Periandro 392. Cornelio Loos Callidio 393. Gaſpar Sagittario 394. *Bibliotheque Germanique* 395. e Jorge Lizelio 396. Eſcreveraõ dos Authores de *Suevia, e Vittemberga* Joaõ Ulrico Pregizero 397. de *Brandeburg* Chriſtovaõ Hendreich 398. de *Staden* Joaõ Henrique von Seelen 399. de *Lubec* Joaõ Henrique 400. e Jacobo Melle 401. de *Jena* Adriaõ Beiero 402. B. C. Richardo 403. e Joaõ Gaſpar Zeumero 404. de *Francofort* Joaõ Chriſtovaõ Becmanno 405. de *Roſtock* hum Anonimo 406. de *Altorf* Guſtavo Jorge Zeltnero 407. de *Brunſuic* Gotofredo Guilherme de Leibnitz 408. de *Hamburgo* Joaõ Alberto Fabricio.

386. *Hiſpaniæ Bibliotheca.* Francof. 1608. 4. 387. *Bibliotheca Hiſpana Vetus, ſive Hiſpanorum qui uſquam, unquámve ſcripto aliquid conſignaverunt, notitia. Complectens Scriptores omnes qui ab Octaviani Auguſti imperio uſque ad annum M. florueverunt; & ab anno M. uſque ad M D.* Romæ 1696. fol. 2. Tom. Idem *Bibliotheca Hiſpana, ſive Hiſpanorum qui Latine, vel populari lingua Scripto aliquid conſignarunt.* Romæ 1672. fol. 2. Tom. 388. *Bibliotheca Hiſpanica Hiſtorico-Genealogica Heraldica.* Lipſiæ 1724. 4. 389. *Hiſpania Orientalis.* Hamburgi 1730. 4. 390. *De luminaribus Germaniæ, ſive Cathalogus illuſtrium virorum ſuis ingeniis, & lucubrationibus omnifariam exornantium.* Moguntiæ 1495. fol. 391. *Proſopographia Heroum, atque illuſtrium virorum totius Germaniæ.* Baſileæ. 1565. fol. 392. *Germania, in qua doctiſſimorum virorum elogia, & judicia continentur.* Francof. 1567. 8. 393. *Illuſtrium Germaniæ Scriptorum Cathalogus.* Moguntiæ 1581. 8. 394. *de præcipuis Scriptoribus Hiſtoriæ Germanicæ.* Jenæ. 1675. 4. 395. *ou Hiſtoire litterarie de Alemagne.* Amſterd. 1720. 12. 26. Tom. 396. *Hiſtoria Poetarum Græcorum Germaniæ.* Francof. 1730. 8. 397. *Suevia, & Wittembergia Sacra.* Tubingæ 1717. 4. 398. *Pandectæ Brandenburgicæ.* Berolini 1699. fol. 399. *Stada litterata.* Stadæ 1711. 4. 400. *Athenæ Lubeccenſes.* Lubeccæ 1719. 8. 2. Tom. 401. *Notitia Lubecenſium clarorum virorum.* Lipſiæ. 1707. 4. 402. *Nomenclator Rectorum, & profeſſorum Jenenſium.* Jenæ 1658. 12. 403. *de vita, & Scriptis. Profeſſorum Academiæ Jenenſis.* Jenæ 1710. 8. 404. *Vitæ Profeſſorum Theologiæ, Juris, Med. & Philoſoph. Acad. Jenenſis unà cum Scriptis á quolibet editis.* Jenæ 1711. 8. 405. *Memoranda Francofurtana.* Francof. 1676. 4. 406. *Roſtochium Litteratum.* Roſtochii 1708. 8. 407. *Vitæ Theologorum Altorphinorum unà cum Scriptorum recenſione.* Norimbergæ 1722. 4. 408. Hannoveræ 1707. fol.

409. de *Strasburgo* Ferreolo Locrio 410. de *Rhecia* Fortunato Sprechero 411. de *Zurich* Joaõ Henrique Ottingero 412. de *Sileſia* Joaõ Henrique Cunrado 413. e Martinho Hanchio 414. De *Flandes* Auberto Mireo 415. Guilherme Gazzeto 416. Antonio Sandero 417. Franciſco Suvert 418. Valerio André Dexel 419. Joaõ Franciſco Foppens 420. a *Bibliotheque Belgique* 421. De *Henaut* Filippe Braſſeur 422. De *Olanda, Zelanda, e Utrech* Pancracio de Caſtricome 423. De *Frizia* Suffrido Pedro 424. de *Daventria* Jacobo Revio 425. De *Gante, e Bruges* Antonio Sandero 426. de *Leyden* André Clouveq. 427. Joaõ Meurſio 428. e o *Cathalogus librorum tam impreſſorum, quàm M. S. Bibliothecæ publicæ Univerſitatis. Lugduno Batavæ* 425. De *Polonia* Simaõ Starovolſcio 430. e Samuel Joachim Hoppio 431. de *Dantzic* Ephraim Pretorio 432. e Andrè Charitio 433. de *Hungria* David Czuittingero 434. de *Suecia* Joaõ Scheffero 435. e *Memoria virorum in Suecia eruditorum rediviva* 436. de *Eſtolchome Holmia litterata* 437. de *Dinamarca* Nicoláo Pedro Sibbern 438. Alberto Bartolino 439. Joaõ Mullero 440. e Alberto Thura 441. Ultimamente de Inglaterra Joaõ Bale 442. Thomaz James 443. Joaõ Pits 444. *Hoorologia Anglica* 445. Antonio à Wood.

409. *Memoriæ Hamburgenſes.* Hamburgi 1710. 8. 6. Tom. 410. *De Scriptis Atrebatenſis Civitatis.* Atrebati 1616. 4. 411. *Pallas Rhætica armata, & Togata.* Baſileæ 1617. 4. 412. *Schola Tigurinorum.* Tiguri 1664. 4. 413. *Sileſia Togata, ſive Sileſiorum doctrina, & virtutibus clariſſimorum elogia.* Lignicii 1706. 4. 414. *De Sileſiis indigenis eruditis poſt litterarum culturam cum Chriſtianiſmi ſtudiis anno 965. ſuſceptam ab anno 1165. uſque ad 1550.* Lipſiæ 1707. 4. 415. *Elogia Belgica, ſive illuſtrium Galliæ Scriptorum.* Antuerp. 1609. 4. 416. *Bibliotheque Sacreé des Pays Bas.* Strasbourg. 1610. 4. 417. *Bibliotheca Belgica.* Inſulis 1641. 4. 2. Tom. Idem de *Scriptoribus Flandriæ.* Antuerp. 1624. 4. 418. *Athenæ Belgicæ, ſive nomenclator inferioris Germaniæ Scriptorum.* Antuerp. 1638. fol. 419. *Bibliotheca Belgica.* Lovanii 1643. 4. 420. *Bibliotheca Belgica.* Bruxellis 1738. 4. 2. Tom. 421. Leiden. 1731. 12. 2. Tom. 422. *Sidera illuſtrium Hannoniæ Scriptorum.* Montibus Hanoniæ 1637. 8. 423. *Nomenclator Scriptorum Hollandiæ, Zelandiæ, & Ultrajecti.* Lugd. Batav. 1601. 424. *De Scriptoribus Friſiæ decades XVI.* Colon. 1593. 8. 425. *Daventria illuſtrata.* Lugdun. Batav. 1650. 4. 426. *de Gandevenſibus, & Brugenſibus eruditionis fama claris.* Antuerp. 1624. 4. 427. *Academia Lugduno Batava, id eſt virorum clariſſimorum Icones, elogia, & vitæ qui eam ſcriptis ſuis illuſtrarunt.* Lugd. Batav. 1613. 4. 428. *Athenæ Batavæ.* Lugd. Bat. 1625. 4. 429. Lugd. Bat. 1716. fol. 430. *Centum illuſtrium Poloniæ Scriptorum elogia, & vitæ.* Francof. 1625. 4. 431. *de Scriptoribus Hiſtoriæ Polonicæ Schediaſma litterarium.* Dantiſci 1707. 4. 432. *Athenæ Gedanenſes.* Lipſiæ 1713. 8. 433. *De viris eruditis Gedani ortis.* Witemberg. 1715. 4. 434. *Specimen Hungariæ litteratæ.* Francof. 1711. 4. 435. *Suecia litterata.* Hamburgi 1698. 8. 436. Roſtochii. 1730. 8. 437. Holmiæ 1701. 4. 438. *Bibliotheca Hiſtorica Dano-Noruegica.* Hamburg. 1716. 8. 439. *De Scriptis Danorum.* Hafniæ 1666. 12. 440. Hamburgi 1699. 8. 441. *Idea Hiſtoriæ litterariæ Danorum.* Hamburg. 1723. 8. 442. *De Scriptoribus illuſtribus majoris Britaniæ.* Pariz. 1619. 4. 443. *Ecloga Oxonio-Cantabrigenſis, ſive Cathalogus M. S. in utraque Academia.* Londini. 1600. 4. 444. *de illuſtribus Angliæ Scriptoribus.* Pariſiis 1619. 4. 445. Arnhemii 1620. fol. 446. *Hiſtoria, & antiquitates Univerſitatis Oxonienſis.* Oxonii 1674. fol. 2. Tom.

446. Joaõ le Lande 447. e Miguel dela Roche 448. De *Eſcocia* Thomaz Dempſtero 449. e Jorge Machenzie 450. e de *Hibernia* Jacobo Vare 451.

447. *Commentarii de Scriptoribus Britanicis.* Oxonii 1709. 8. 2. Tom. 448. *Bibliotheque Angloiſe.* Amſterd. 1717. 12. 15. Tom. O meſmo *Memoires litteraires dela grande Bretagne.* Haye 1620. 12. 16. Tom. 449. *Scotorum Scriptorum Nomenclatura.* Bononiæ 1619. 4. 450. Edimbourg. 1708. 2. Tom. 451. *De Scriptoribus Hiberniæ.* Dublini 1639. 4.

Entre todos os Reynos, e Cidades da Europa que com glorioſa emulaçaõ compuzeraõ Bibliothecas para perpetuar na Republica das letras os nomes de ſeus Naturaes, unicamente Portugal ſe naõ jactava de ſemelhante Brazaõ merecendo os ſeus inſignes filhos, que o mundo conheceſſe pelos mudos caracteres da Impreſſaõ os frutos da Sabedoria, que em todo o tempo com portentoſa fecundidade tinhaõ produzido; pois ſendo pelo ſeu belicoſo genio, e eſpiritos marciaes reſpeitados como famoſos Heróes no exercicio das Armas, de que ſaõ eternos padroens as quatro partes do Mundo, onde ſobre deſpojos de ſeus habitadores taõ varios nos ritos, como diverſos nas linguas arvoraraõ os tremolantes Eſtandartes das Sagradas Quinas, naõ ſaõ menos dignos de veneraçaõ pela cultura das letras, e eſtudo das Sciencias aſſim ſagradas como profanas. Em toda a vaſta extençaõ de Eſpanha foraõ os mais celebres profeſſores das Artes conſervando para teſtemunho da ſua ſciencia varios volumes da veneravel Antiguidade como eſcreveu Eſtrabo de *ſitu Orbis* liv. 3. *Hi inter Hiſpaniæ populos* (falla dos Turdetanos antigos povos da Luſitania) *ſapientia putantur excellere, & litterarum ſtudiis utuntur, & memorandæ vetuſtatis volumina habent.* Naõ foy poderoſa a arrebatada inundaçaõ dos Arabes para arrancar dos Campos de Portugal a arvore da ſciencia ſempre vigilantemente cultivada, nem a numeroſa invaſaõ de tantas Naçoens barbaras conſpiradas para a ſua conquiſta puderaõ interromper com os horroroſos eſtrondos de Marte, e Bellona o erudito comercio eſtabelecido com Apollo, e Minerva. Em todas as idades foraõ os ſeus montes delicioſa habitaçaõ das Muſas, e as ſuas Academias os exemplares dos Liceos de Ariſtoteles, e das Stoas de Zenon.

Com o progreſſo dos annos ſe foy augmentando nos Portuguezes o amor às Sciencias, até que chegaraõ ao Apogeo da mayor gloria no feliz Reynado do grande Monarcha D. Diniz fazendo com a erecçaõ da Univerſidade de Coimbra, a primeira, que teve Eſpanha, numeraſſe tantos alumnos a Sabedoria, como Vaſſallos a ſua Coroa. Eſta illuſtre, e famoſa Paleſtra foy o venturoſo berço donde ſe educaraõ os mayores Gigantes de todas as Faculdades, para cuja deſmedida grandeza ſendo pequena esféra a Patria, ſahiraõ como animados rayos illuſtrar com as luzes da ſua doutrina por diverſos emiſferios as mais celebres Univerſidades do mundo onde as Naçoens mais polidas foraõ

diſcipulas do ſeu Magiſterio. Ainda na Univerſidade de *Pariz* eſtaõ ſoando as vozes do Eminentiſſimo D. Joaõ Froes, D. Pedro Sardinha, e Fr. Joaõ da Cruz Agoſtinho, Lentes de Theologia. Na de *Toloza* explicâraõ com univerſal applauſo as Leys Imperiaes Antonio de Gouvea celebre propugnador da Filoſofia Peripatetica; e os aforiſmos de Hipocrates Pedro Vaz Caſtello, e Franciſco Sanches quando contava a florente idade de vinte, e quatro annos. Na de *Mompilher* foraõ interpretes da faculdade Medica Fernaõ Mendes, e Lazaro Ribeiro. Em *Salamanca* occupàraõ a primeira Cadeira de Theologia Fr. Diogo Fernandes da Ordem Serafica; de Canones Fernando Arias de Meza, e D. Joaõ Altamirano: de Leys Ayres Barboſa, Antonio Gomes, Amador Rodriguez, e ſuceſſivamente aquelle celebre Triumuirato da Juriſprudencia Ceſarea Manoel da Coſta, Ayres Pinhel, e Heytor Rodriguez; da lingua Latina, Rhetorica, e Letras humanas Rafael Nogueira da Silva, Franciſco Homem de Abreu, Manoel de Azevedo; de Medicina foy Lente de Veſpera Ambroſio Nunes, e de Filoſofia natural Joaõ Soares de Brito, e Sebaſtiaõ Gomes de Figueiredo. Em a Univerſidade de *Alcalà* dictou Theologia na Cadeira de Prima Fr. Joaõ de Santo Thomaz grande credito da Ordem dos Prégadores, Fr. Thimoteo Ciabra Carmelita, e Paulo Correa. Em a de *Valhadolid* foy Cathedratico de Prima da Eſcritura Fr. Gaſpar de Mello Agoſtinho, e de Theologia Fr. Nicolào Coelho do Amaral Trinitario; de Direito Canonico Fr. Serafino de Freitas Mercenario. Em *Sevilha* leu Anatomia Dioniſio Velho, em *Gandia* explicou os ſentidos da Sagrada Biblia o P. Manoel de Sà Jeſuita. Em *Oſſuna* foy Cathedratico de Eſcritura Fr. Alberto de Faria Carmelita, de Theologia Fr. Pedro de Abreu, e de Medicina regentou a primeira Cadeira Affonſo Nunes de Caſtro. Em *Saragoſſa* enſinou Theologia como primeiro Meſtre Fr. Pedro de Alverca Trino, em *Barcelona* exercitou o meſmo miniſterio Fr. Thomaz Toſtado Carmelita, e em *Lerida* Fr. Agoſtinho Oſorio Eremita Auguſtiniano.

Na *Sapiencia* de Roma foraõ Meſtres de Theologia os Padres Franciſco da Coſta, e Diogo Secco Jeſuitas, e Fr. Gregorio Coronel, Agoſtinho; de Direito Pontificio Jorge Calhandro, do Ceſareo Paulo Calhandro, e Gabriel Falcaõ: da Hiſtoria Eccleſiaſtica, e Controverſia Fr. Franciſco de Santo Agoſtinho Macedo, Varaõ verdadeiramente Encyclopedico; de Rhetorica, e Logica Joaõ Vaz da Motta, Achilles Eſtaço, e Manoel Conſtantino. Na Univerſidade de *Bolonha* foraõ Lentes dos Canones Pontificios D. Fr. Alvaro Paes, e Manoel Rodrigues Navarro; de Theologia Moral Fr. Luiz de Beja Pereſtrello, Agoſtinho, e de Rhetorica Thomé Correa, que no Collegio Romano com enveja de Antonio Muretto ſeu Collega tinha exercitado o meſmo magiſterio. Em *Piſa* interpretàraõ as Ethicas de Ariſtoteles Martinho de Meſquita, Filippe Montalto, e Gabriel da Fonſeca; e os Aforiſmos de Hippocrates Jorge Moraes,

e Rodrigo da Fonſeca. Em *Ferrara* foraõ Lentes de Direito Civil Luiz Teixeira, e de Medicina Joaõ Rodriguez de Caſtello-branco, mais conhecido com o nome de Amato Luſitano. Em *Padua* foraõ Cathedraticos de Prima da Cadeira de Hippocrates Rodrigo da Fonſeca, e Duarte Madeira. Em *Lovanha* revelaraõ os myſterios da Theologia Eſcholaſtica Fr. Luiz de Sotto-mayor, Fr. Antonio de Senna Dominicos, e Fr. Agoſtinho da Graça Eremita Auguſtiniano; da Polemica D. Fr. Diogo Soares de Santa Maria, e de Medicina Filippe Montalto. Em *Delinga* leu a Cadeira de Prima da primeira faculdade de todas, qual he a Theologia, o Padre Manoel da Veyga da Companhia de Jeſus; e na de *Oxonia* foy Lente deſta ſagrada Sciencia Fr. Joaõ Sobrinho naõ pequeno eſplendor da Ordem Carmelitana.

Neſtes celebres Emporios da Sabedoria, e primeiros Moueis das mayores Faculdades foraõ Intelligencias motoras os engenhos Portuguezes manifeſtando como eterno credito da ſua fama os ſcientificos erarios, que altamente eſtavaõ depoſitados em ſeus peitos, merecendo pelo indefeſſo eſtudo com que cultivaõ as Muſas amenas, e ſeveras a primazia entre os mais excellentes Eſcritores de Eſpanha, como elegantemente o teſtemunhou Juſto Lipſio a Manoel Correa na *Epiſtol.* 96. da Centur. *ad Ital. & Hiſpanos. Gentem illam veſtram dico, id eſt Luſitanos jàm olim armis, & litteris înclytos, quas primus Sertorius intulit, & Græcis iis, Latinisque (Plutarchus auctor) imbuit veſtram juventutem. Crede mihi, Correa, ſemina ejus inſtituti etiam nunc fructificant: & ardet in animis veſtris ſemel accenſus hòneſtior ille ignis. Audimus certè non in alio Hiſpaniæ tractu magis Veteres artes coli: & exempla, ac ſcripta ſunt, quæ ad nos quoque manant, & teſtantur.* Iguaes, ou mayores elogios lhes conſagraraõ os Varoens mais doutos venerando-os profundamente verſados em todo o genero de Sciencias. Nas Humanidades, e eloquencia os aclama inſignes o P. Joaõ Mariana *de reb. Hiſp.* lib. 10. cap. 14. *Gens dedita pietati, ſapientiæque ſtudiis, & omnis humanitatis, & elegantiæ.* Na Poetica, e na Muſica o Padre Andrè Scoto *Hiſp. Biblioth.* pag. 346. *Luſitani in Poetica ut & in Muſica regnare feruntur mira animi propenſione velut Enthuſiaſmo rapti;* e na pag. 472. *Eſt Luſitanicæ genti pene proprium, ut Muſicis fere omnes artibus dediti ſint: humaniores, cultioreſque poeticam etiam adjungant.* Na Theologia, e ambos os Direitos D. Antonio Diana *Reſolut. Moral* Tom. 4. *de Hor. Canon.* Reſolut. 27. § I. *Luſitania ſemper ferax fuit doctorum hominum tam in Legali, quàm in Theologica profeſſione.* Na Medicina D. Nicoláo Antonio *Bib. Hiſp.* Tom. 2. pag. 251. no Elogio de Thomaz Rodriguez da Veyga. *Medicus Doctor, inter Luſitanos, qui veluti arcem hujus ſtudii tenent;* e em a Nautica o P. Boſſio *de Sign. Eccleſ.* Tom. 3. liv. 8. cap. I. *Excellentes ſunt in Arte Navali,* cuja arte facilitaraõ com o Aſtrolabio, celebre invento da ſua profunda eſpeculaçaõ pelo qual lhe eſtà acredora toda a Europa como eſcreveo Auberto Mireo in Chonic. ad ann. 1481.

Sendo a Naçaõ Portugueza taõ reſpeitada em todo o Orbe litterario pela profundidade com que he inſtruida em todas as ſciencias, ſómente lhe faltava para ultimo complemento da ſua gloria publicar a Bibliotheca dos Authores, de que foy fecundiſſima Mãy, e ſer notorio aos outros Reynos lhes naõ era inferior Portugal, aſſim em o numero, como na qualidade dos Eſcritores. Naõ faltàraõ doutiſſimos Portuguezes que com grande diſvelo emprenderaõ eſte grande aſſumpto, de que logo darey huma breve relaçaõ, mas como as laborioſas vigilias, que dedicaraõ a eſte eſtudo, naõ lograraõ o beneficio da luz publica, naõ ſe comunicou a ſua utilidade à Republica Litteraria. O primeiro que ſe applicou à compoſiçaõ da Bibliotheca Portugueza foy o Licenciado Franciſco Galvaõ de Mendanha Beneficiado da Igreja de S. Pedro de Evora onde morreu a 5. de Novembro de 1627. compondo hum Cathalogo de ſeis centos, e ſetenta, e ſete Authores por cuja obra, de que ſe lembra Fr. Fernando da Soledade *Hiſt. Seraf.* Part. 4. liv. 3. cap. 9. §. 529. lhe chama o inſigne Antiquario Manoel Severim de Faria Chantre de Evora em as *Notic. de Portug.* Diſc. 8. pag. 285. *grande benemerito dos Eſcritores Portuguezes.* O original ſe conſerva na Selectiſſima Livraria do Conde de Vimieiro, donde ſe me participou no anno de 1722. Naõ eſtà diſpoſta por ordem alphabetica, porém della ſe colhe a grande curioſidade com que juntou as memorias para o intento, que meditava. Naõ permitio o famoſo Hiſtoriador Manoel de Faria, e Souſa que eſtiveſſe ocioſa a ſua penna neſte aſſumpto em que era taõ intereſſada a gloria da ſua Naçaõ eſcrevendo *Cathalogo delos Eſcritores Portuguezes* em 4. cujo original eſcrito todo da ſua propria maõ tive em meu poder, e nelle ſe comprehende a noticia de outocentos, e vinte, e tres Authores muito mais diffuſa, e copioſa aſſim no caracter, como em o numero das Peſſoas que o Cathalogo impreſſo na 4. Part. cap. 18. do *Epitome delas Hiſt. Portug.* que unicamente conſta de duzentos, e ſeis Eſcritores.

Proſeguio com grande applicaçaõ eſta empreza o Doutor Joaõ Soares de Brito Abbade de S. Pedro de Rebordaens, e depois de Saõ-Tiago Dantas igualmente verſado na lingua Latina, como na liçaõ da Hiſtoria compondo no anno de 1635. *Theatrum Luſitaniæ Litterarium, ſive Bibliotheca Scriptorum omnium Luſitanorum* onde ſeguindo o methodo, como elle affirma, do Cardeal Bellarmino de *Scriptoribus Eccleſiaſticis* relata as memorias de outocentos, e ſetenta e ſeis Authores. O original deſta obra foy mandado no anno de 1655. a Pariz para ſe imprimir, e naõ ſe executando ſe conſerva na Bibliotheca delRey Chriſtianiſſimo, de que extrahio huma Copia o Excellentiſſimo Viſconde de Villa nova de Cerveira Thomaz Tellez da Sylva no tempo que aſſiſtio naquella Corte, o qual benignamente me communicou. Eſta obra he muitas vezes allegada na Bibliotheca dos Dominicos compoſta por Fr. Jacobo Quetif, e

Fr. Jacobo Echard impreſſa em Pariz no anno de 1719. D. Franciſco Manoel de Mello Commendador de Santa Maria da Aſſumpçaõ do lugar de Eſpinhel, e Oyam, bem conhecido pela copia das ſuas obras, em que deixou eſtampado o ſeu eſpirito ſempre heroico aſſim na paleſtra de Marte, como de Minerva, eſcreveo huma ſuccinta noticia dos principaes Authores, que floreceraõ em Portugal diſtribuidos pelas faculdades, e a mandou em eſtilo epiſtolar ao Doutor Manoel da Fonſeca Themudo Vigario Geral do Arcebiſpado de Lisboa, que he a 1. da 4. Cent. das ſuas Cartas Familiares onde antes de fazer a narraçaõ dos Eſcritores, diz. *Levado deſte penſamento procurei por mi meſmo, e depois perſuadi a algumas peſſoas doutas publicaſſemos huma Bibliotheca Luſitana dos Authores modernos, novamente eſtimulado da falta, que padecemos neſta parte, com a qual ſe deſculpa o Author dos Commentarios da Republica Portugueza impreſſa em Leiden anno* 1641. Eſte meſmo penſamento declarou com mais diſtincta expreſſaõ na Carta 25. da Cent. 3. eſcrita aos Varoens doutos de Portugal onde diz: *Hà poucos annos que na Cidade Lugdunenſe de Batavia na Officina Elzeveriana ſe imprimio a Republica de Portugal donde havendo de tratar ſeu Author dos Eſcritores Portuguezes antigos, e modernos, poem taõ poucos, e com taõ falſa informaçaõ que alli mais ſe vê Portugal offendido, que gabado. Eſte agravo feito à noſſa Naçaõ, e aos ſugeitos que nelle floreceraõ a que ſe iuntaraõ algumas outras conſideraçoens me ſervio de motivo para me diſpor a ajudar que ſe eſcreveſſe hum Cathalogo de todos os Eſcritores deſte Reyno em qualquer ſciencia, arte, faculdade, e diſciplina, e porque obra tamanha requere muito fundados alicerſes pois ſe fabrìca para toda a poſteridade, peço a v. m. affectuoſamente da parte do beneficio publico, e da minha me queira fazer merce de tomar o trabalho de me mandar informar dos Sugeitos que conhecer filhos deſſa Cidade que hajaõ eſcrito, ou eſcrevaõ: quer publicaſſem ſuas obras, quer naõ, neſte Reyno ou fora delle, particularizando de cada hum tudo quanto houver alcançado aſſi da obra como do Author, como do anno, lugar em que eſcreveo, a quem dedicou; que calidades havia no tal sogeito, em que idioma compoz, e ſe em mais materias, que applauſo teve, e finalmente tudo o que v.m. julgar he conveniente à ſua noticia, e elogio.* Donde ſe conhece claramente o dezejo que tinha de ſe occupar para gloria da Naçaõ Portugueza em o Cathalogo dos ſeus Eſcritores procurando com tanta individuaçaõ as noticias pertencentes a eſte argumento.

Perſuadido das inſtancias do Chantre de Evora Manoel Severim de Faria Varaõ doutiſſimo nas Antiguidades Portuguezas emprendeo eſte aſſumpto Joaõ Franco Barreto Beneficiado na Igreja Matriz da Villa de Redondo, onde lançou os primeiros fundamentos à Bibliotheca Portugueza, como elle eſcreve no Elogio de Achilles Eſtaço, e eſtando já approvada para a impreſſaõ, naõ logrou eſte beneficio, merecendo em obſequio do ſummo trabalho que para eſta obra applicou os elogios do P. Antonio de Macedo in *Præfat. ad Lect.*

Luſit. Purpur. e Jorge Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 3. no Comment. de 4. de Mayo letr. J. Della ví huma copia extrahida do Original, que ſe conſerva na Livraria do Eminentiſſimo Cardial de Souſa a qual forma hum livro de folha grande, onde ſe comprehende vaſtamente a noticia dos Authores Portuguezes poſto que muitas vezes ſe dilata em narraçoens improprias deſte aſſumpto. Naõ ſatisfeito o incanſavel eſtudo do Licenciado Jorge Cardoſo de eternizar nos ſeus Agiologios os Varoens Portuguezes inſignes em virtude, ſe applicou a eſcrever as memorias dos que foraõ celebres na Sciencia juntando com grande cuidado noticias para a compoſiçaõ da *Bibliotheca Portugueza* da qual repetidas vezes ſe lembra principalmente no I. Tom. do *Agiologio Luſitano* pag. 24. no Coment. de 3. de Janeiro letr. A. e pag. 214. no Coment. de 21. de Janeiro letr. J. e no Tom. 3. pag. 74. no Coment. de 4. de Mayo letr. J. cuja obra que nunca pude alcançar, teſtemunha Nicolao Antonio *Bib. Vet. Hiſp.* lib. 9. cap. 4. n. 201. que a vira. Ultimamente quem com mayor empenho intentou concluir taõ glorioſa empreza, foy o P. Franciſco da Cruz Jeſuita, Meſtre, e Confeſſor do noſſo Sereniſſimo Monarcha D. Joaõ o V. o qual depois de ter collegido todas as noticias diſperſas pelas obras dos que lhe precederaõ neſte aſſumpto, adquirio outras muito copioſas na Curia Romana, quando nella aſſiſtio pelo eſpaço de ſete annos com o lugar de Reviſor dos livros da Companhia de JESUS. Naõ chegou a concluir eſta obra, porque a morte envejoſa do applauſo, que della lhe havia reſultar, o privou da vida na Caſa profeſſa de S. Roque a 29. de Janeiro de 1706. O ardente dezejo de que eſta obra ſe continuaſſe, impellio ao Excellentiſſimo Conde da Ericeira D. Franciſco Xavier de Menezes digniſſimo Cenſor da Academia Real, cujo nome ſerà ſempre memoravel nos Faſtos da erudiçaõ Sagrada, e profana para pedir inſtantemente aos Padres Jeſuitas lhe quizeſſem dar os *M. S.* do P. Franciſco da Cruz, que benignamente concederaõ por retribuiçaõ ao ſingular affecto, de que a Companhia era devedora a eſte Cavalhero, de cuja generoſa dadiva fazem illuſtre memoria os Padres Antonio Franco, e Franciſco da Fonſeca; o primeiro na *Imag. do Novic. de Coimb.* Tom. 2. pag. 681. e o ſegundo na *Evora Glorioſa* pag. 408. §. 719. Pela natural benevolencia deſte inſigne Mecenas dos Eſtudioſos me foraõ comunicados eſtes *M. S.* que ſe comprehendem em quatro Volumes eſcritos da propria maõ do Author, onde confuſamente eſtaõ lançadas as noticias, e muitas vezes em diverſos lugares repetidas. Em hum delles ſe lém quinhentos elogios Latinos dos Authores que principiaõ pela letra A. que ficou incompleta, onde ſe admira igualmente a pureza, e elegancia do eſtilo, como a vaſta liçaõ, e profundo exame com que eſcrevia eſta obra digna do ultimo complemento.

Eſtes foraõ os Varoens inſignes que glorioſamente trabalharaõ em hum argumento taõ nobre como era a noticia dos Eſcritores do noſſo Reyno, mas

naõ alcançaraõ o merecido premio das ſuas laborioſas applicaçoens por ſe naõ fazerem patentes ao mundo pelas vozes da Impreſſaõ. Chegou o Seculo decimo outavo, e como ſe foſſe o termo decretorio para ſe manifeſtar ao mundo a Hiſtoria Litteraria da Naçaõ Portugueza, começaraõ a ſahir alguns Cathalogos, ainda que ſuccintos, dos noſſos Eſcritores, que foraõ Preludios da Bibliotheca Portugueza, que agora publicamos. Dos Religioſos Menores da Provincia de Portugal fez huma breve narraçaõ o P. Fr. Fernando da Soledade Chroniſta da ſua Religiaõ, e Academico Supranumerario da Academia Real, que ſahio impreſſa no anno de 1705. na 3. Part. da *Hiſt. Seraf.* liv. 1. cap. 21. e 22. Dos Eſcritores Jeſuitas que foraõ filhos pela profiſſaõ dos Noviciados de Evora, Lisboa, e Coimbra, compoz os Cathalogos o P. Antonio Franco, e sahiraõ impreſſos no fim dos tres volumes dos meſmos Noviciados em os annos de 1714. 1717. e 1719. Na obra intitulada *Annales S. J. in Luſitania* Auguſt. Vind. 1726. compoſta pelo dito Padre traz no fim *Index Materiarum de quibus tractarunt Luſitaniæ Provinciæ Scriptores ab initio Societatis ad annum* 1724. Semelhante idea ſeguio o P. Franciſco da Fonſeca na *Evora Glorioſa* impreſſa em Roma 1728. onde à pag. 409. eſcreveò o *Cathalogo dos Authores Eborenſes,* e pag. 425. *a Bibliotheca Eborenſe Academico-Jeſuitica.* Com exame critico, e ſummo diſvelo digno de ſer imitado por todas as Familias Religioſas publicou o P. Fr. Manoel de Sá Academico Supranumerario da Academia Real, e Chroniſta Geral da ſua Ordem as *Memorias hiſtoricas dos Eſcritores Portuguezes da Ordem de Noſſa Senhora do Carmo da Provincia de Portugal reduzidas a Cathalogo Alphabetico* impreſſas em Lisboa anno de 1724. Semelhante no argumento, mas differente no exame imprimio no anno de 1734. com o titulo de *Clauſtro Dominicano* o P. Fr. Pedro Monteiro da Ordem dos Prégadores Academico da Academia Real o Cathalogo alfabetico dos Eſcritores da Provincia de Portugal para o qual contribuimos com algumas noticias pedidas pelo Author que mais applicado aos eſtudos da Theologia, que da Hiſtoria, cahio em alguns erros indiſculpaveis que facilmente pudéra evitar. Eſte Cathalogo mais abbreviado tinha ſahido no anno de 1733. no fim da 4. Parte da *Hiſtor. de S. Domingos da Provincia de Portugal* compoſta pelo P. Fr. Lucas de Santa Catherina Chroniſta Geral da ſua Religiaõ, e Academico do numero da Academia Real. Das Obras Metricas dos noſſos Poetas formou hum largo Cathalogo na Epiſtola Dedicatoria a ElRey N. Senhor, que ſerve de prefaçaõ aos ſeus agudos Epigrammas no anno de 1728. o P. Antonio dos Reys da Congregaçaõ do Oratorio Chroniſta Latino deſte Reyno, Academico, e Cenſor da Academia Real, que intempeſtivamente nos roubou a morte em 19. de Mayo de 1738. o P. D. Antonio Caetano de Souſa Clerigo Regular, e Academico do numero da Academia Real imprimio no anno de 1735. huma Bibliotheca dos Authores Genealogicos Portu-

guezes que ſerve de Prologo á ſua grande obra da *Hiſtoria Genealogica da Caſa Real Portugueza,* e ultimamente o P. Fr. Manoel de Figueiredo Eremita de Santo Agoſtinho, e Chroniſta da ſua Religiaõ, a cuja generoſa benevolencia devemos a noticia dos Authores que ella neſte Reyno produzio, publicou no anno de 1737. a 4. Part. do *Flos Sanctorum Auguſtiniano,* onde folhas 127. eſtá o *Cathalogo dos Lentes publicos, e Doutores da Univerſidade de Coimbra que floreceraõ no ſeu Collegio da meſma Cidade,* no qual ſe lém as Obras de muitos aſſim impreſſas, como *MS.*

Seguindo os veſtigios de taõ grandes Varoens me animey em obſequio da Patria eſcrever a Bibliotheca Univerſal de todos os noſſos Eſcritores abrindo os aliceſſes de taõ ſublime edificio no fauſtiſſimo dia de 31. de Mayo de 1716. dedicado a amoroſa vinda do Eſpirito Santo ſobre o Collegio Apoſtolico, e poſto que para ſuſtentar taõ immenſa machina eraõ pouco robuſtos os meus hombros, enſinado de que Deos com altiſſima providencia ſe ſerve de inſtrumentos humildes para emprezas heroicas, permitio que illuſtrada a minha ignorancia com a continua applicaçaõ a eſte genero de eſtudo, glorioſamente concluiſſe huma obra, que fora laborioſo empenho de inſignes talentos deſta Monarchia. Depois de examinados com eſcrupuloſa obſervaçaõ naõ ſómente os noſſos livros hiſtoricos, mas grande parte dos eſtranhos, e extrahidas delles as noticias pertencentes a eſta Bibliotheca, as procurey com diſvelo em varias livrarias que eraõ depoſitos de muitos Eſcritores Portuguezes, cujas obras naõ lograraõ o beneficio da luz publica, onde colhi copioſo fruto, como tambem de peſſoas eruditas, que zelozas da immortal fama da Naçaõ Portugueza ſe intereſſaraõ em taõ illuſtre empreza. Seria juſtamente accuſado do feyo crime de ingrato, ſe naõ confeſſaſſe publicamente quanto eſta obra he devedora às incanſaveis deligencias dos Reverendos Padres Fr. Marcelliano da Aſcenſaõ Monge Benedictino; Fr. Manoel dos Santos Monge Ciſtercienſe, Chroniſta deſte Reyno, e Academico Supranumerario da Academia Real, Fr. Jacinto de S. Miguel da Ordem de Saõ Jeronimo, Fr. Gonçalo Rouſſado da Ordem dos Prégadores, e ſeu irmaõ Fr. Antonio Rouſſado Eremita Auguſtiniano, Fr. Manoel de Saõ Damaſo da Ordem dos Menores da Provincia de Portugal, e Academico Supranumerario da Academia Real, Fr. Joaõ de Noſſa Senhora da Provincia de Xabregas, e ſeu Chroniſta, Fr. Franciſco da Conceiçaõ da Ordem Terceira da Penitencia; Fr. Simaõ de Brito da Ordem da Santiſſima Trindade, o P. André de Barros da Companhia de JESUS, e Academico da Academia Real, Fr. Antonio das Chagas Carmelita Deſcalço, e Fr. Franciſco de Santa Maria Chroniſta deſta exemplariſſima Reforma, os quaes atendendo igualmente pela gloria da Patria, e da ſua Religiaõ ſe empenhàraõ com louvavel emulaçaõ a communicarme benevolamente as noticias dos Religioſos, que nos ſeus Clauſtros foraõ vigi-

lantes cultores das ſciencias, cujo erudito eſquadraõ pelo numero, e qualidade ſervio de mageſtozo ornato a eſta Bibliotheca. Determinado eſtava a eſcrevella na lingua Latina, na qual naõ pequena parte tinha compoſto, mas arrependime da reſoluçaõ, conſiderando que ſeria infructuoſo eſte meu trabalho para muitos Portuguezes, que ignoraõ aquelle idioma, o qual poſſuindo indubitavelmente entre todos o principado, lhe preferem com indiſcreta eleiçaõ o eſtudo de outras linguas, que ainda que polidas, lhe ſaõ ſummamente inferiores, aſſim na mageſtade da Origem, como na energia da locuçaõ. Eſta foy a cauſa que me moveo a que mudando de eſtilo, e de lingua antepuzeſſe a materna à Latina, para que a utilidade, que ſe póde colher da liçaõ deſta obra, foſſe a todos patente. Entre muitas que tem logrado da luz publica mereceo a diſtincçam de ſer allegada, antes de impreſſa, por celebres Eſcritores, como foraõ o P. Antonio dos Reys in *Enthuſiaſm. Poetic.* n. 202. o Excellentiſſimo Conde da Ericeira Cenſor da Real Academia em a *Notic. da Conferenc. da Acad. Real de* 27. *de Julho de* 1724. e na *Biblioth. Souzana* pag. 79. e 80. Fr. Pedro Monteiro Academico da Academia Real *Clauſt. Domin.* Tom. 3. pag. 317. e 322. e o Beneficiado Franciſco Leytaõ Ferreira Academico Real em as *Notic. Cronolog. da Univ. de Coimb.* pag. 551. §. 1178. ſendo taõ honorificas memorias nobres eſtimulos para que ſatisfizeſſe aos ſeus dezejos rompendo todos os obſtaculos, que fatalmente ſe conſpiravaõ contra eſte fim. Para naõ ſer tedioſa a ſua liçaõ me abſtive de diſſertaçoens, que ainda que breves, ſempre ſaõ importunas, principalmente ſobre materias, em que por eſtarem nervoſamente controvertidas por doutiſſimas pennas, era ſuperfluo tranſcrever o que jà eſtava ſolidamente diſcutido. Entre a numeroſa multidaõ de Authores julguey que deviaõ ſer admitidos aquelles, que eſcreveraõ obras pequenas por ſerem partos de homens grandes das quaes ſe publicàraõ no ſeculo paſſado, e no prezente muitas Collecçoens para eternizar a ſua memoria, como ſaõ a *Bibliotheca Patrum,* as *Liçoens antiguas* de Henrique Caniſio, o *Specilegio* de D. Joaõ Lucas D' Achery, o *Thezouro dos Anecdotos* de D. Edmundo Martene ambos Monges Benedictinos, a *Pallade Bambina* de Carlos Cartari, e a *Bibliotheca Volante* de Joaõ Cinelli. Bem conheço que pudera ſahir eſta Bibliotheca ornada de mayor copia de Eſcritores, cujos nomes, e compoſiçoens eſtaõ occultos à minha noticia, porém como eſte genero de eſtudo pela ſua vaſtidaõ he inexhaurivel, e ſempre eſtá admitindo novos ſuplementos, deixo aos ſublimes eſpiritos, que continuarem taõ illuſtre empreza, a gloria de a augmentarem deſcubrindo como os Aſtronomos novas eſtrellas para ornato deſte Firmamento literario. Os defeitos de que poſſo ſer arguido pela ſeveridade dos Ariſtarchos, ſaõ mais dignos de clemencia, que cenſura, por ſe originarem de tantas informaçoens alheyas, que fatalmente conduzem a inevitaveis erros, dos quaes ſe naõ pode livrar o Author mais

perſpicàz *Quam ob rem* (acabo com a ſincera proteſtaçaõ do inſigne Eſcritor da *Bibliotheca Sancta* Fr. Xiſto Senenſe *in Præfat.*) *hortor pios Lectores, in quorum gratiam hunc qualemcumque laborem multis vigiliis, ſudoribus, & bonarum horarum diſpendiis ſuſcepimus, ut ſi qua in Scriptis meis invenerint, quæ ad utilitatem legentium iudicent pertinere, gratias agant optimis Eccleſiæ authoribus, ex quorum immortalibus monumentis mutuati ſumus quidquid hùc boni contulimus: ſi quid autem minùs rectè dictum, aut imprudenter aberratum deprehenderint: (nam & homines ſumus, & in multis, ut ìnquit Apoſtolus, offendimus omnes) iterùm eos obſecro, atque obteſtor, ne id aut arrogantiæ, aut malitiæ, aut aliis privatis affectibus tribuant, ſed imbecillitati potiùs, ac tenuitati meæ ascribant, modeſte corrigentes, & ſincere emendantes quæcumque ipſis caſtigatione digna videbuntur.*

LICENÇAS
DO SANTO OFFICIO.

CENSURA DO M. R. P. M. Fr. ANTONIO DO SACRAMENTO da Ordem dos Prégadores, Doutor em a Sagrada Theologia pela Univerſidade de Coimbra, Qualificador do Santo Officio, Exprovincial da ſua Religiaõ.

EMINENTISSIMO SENHOR.

JA' agora manifeſta, e demonſtra a experiencia a grande fortuna, e felicidade, que trouxe a Portugal a bemaventurada Idea, em que ſe concebeu, e formou a ſempre Regia, e auguſta Academia Portugueza, quero dizer, aquelle luſtroſo, e literario Olympo, *Olympus ideſt totus fulgens,* em que ſe vem deſprezadas as ſombras, e eſtimadas as luzes, preteridas as nuvens, e adiantadas as eſtrellas, *nubes excedit Olympus,* proprio timbre, e brazaõ da Academia Portugueza em que tudo ſe reſtitue à ſua natural armonia, deixado o mentiroſo, e o falſo, e ſomente pertendido o ſerio, o ſagrado, e o verdadeiro, *Reſtituet omnia.* Prezidia naquelle Olympo, ou firmamento Jupiter, apadrinhando com as ſuas influencias a hum congreſſo de Divindades: *Venit Olympum, ubi ſedes deorum dicitur eſſe; Jupiter, ideſt, Pater juvans,* e com ſuperior, Chriſtaõ, e ſagrado impulſo apadrinha, e ampara aos ſeus Academicos a Mageſtade Sereniſſima do noſſo magnifico Monarcha fazendo-os conduzir até o interior dos ſeus Palacios, naõ para que como Divindades ſe adorem, mas ſim como a oraculos, que em Portugal ſe ouçaõ, e em todo o Mundo ſe reſpeitem.

Sobe agora à prezença de V. Eminencia firmando eſtes reſpeitos, e eſtas fortunas, naõ ſó em Portugal, mas em todo o Mundo com as ſuas letras, com as ſuas applicaçoens, e trabalhos, o Reverendo Padre Diogo Barboſa Machado, Abbade da Parochial de Santo Adriaõ de Sever, digniſſimo Academico do numero, expondo a V. Eminencia para as licenças da eſtampa, naõ hum livro, que ſe conclue em huma ſó particular materia, ſim o primeiro Tomo de huma Bibliotheca univerſal, em que ſe haõde comprehender os nomes, e as materias literarias, em que ſe aſſinalaraõ os Varoens, e os Heróes Portuguezes. Bem ſe entende que menos baſtava para ſe dar a conhecer em Portugal, naõ ſó a fortuna da Academia, mas taõbem o grande, e o ſuperior talento do Author da Bibliotheca; pois qualquer obra, que foſſe do Author, na luz, e doutrina, que communica, leva o Clarim, que a pregoa, e a declama; deſafiado porém do zelo, e amor da Patria rompe neſte grande parto do ſeu talento, e juizo, para que naõ cedeſſe em menor reputaçaõ da Academia o naõ acudir athequi às expectaçoens do

Mundo, que todo ſuſpirava por eſta obra taõ util, e neceſſaria: e em que ſe vem ſepultadas aquellas juſtas Criticas, com que feriaõ os eſtranhos aos Portuguezes, que até o tempo prezente tem dado a conhecer os ſeus Heróes em muito diſperſas, e pouco atendiveis Imagens, ou em Copias, que naõ tinhaõ aquellas ſemelhanças, com que deviaõ correſponder aos ſeus Originaes.

Tudo ſe acha jà, e ſe verá reſtituido neſta grande obra, e correrá com tanta fortuna o Mundo todo, que voluntariamente lhe farà aquella Confiſſaõ, que faziaõ os Aſtros ao Sol, quando Apelles o retratou no meyo do firmamento com eſta Epygraphe.

Nihil ſine te lucet.

De todas eſtas atençoens, e reſpeitos ſe faz digno hum congreſſo, que mereceu à fortuna, naõ Gentilica, mas Catholica, a protecçaõ de hum Monarcha, que pellas Operaçoens do trono tem ennobrecidas as Antonomazias de Magnifico, e que conta no numero dos ſeus Academicos o Author deſta grande Obra, cuja capacidade, e talento deixa menos precioſos os mais elevados panegiricos, que ſó podem dignamente formarlhe ou as diſcretas lingoas das ſuas mayores capacidades, ou os eloquentiſſimos clamores dos ſeus ſingulariſſimos merecimentos.

E porque neſta grande obra naõ encontrey couza, que ſe opponha ou à noſſa Fé, ou bons coſtumes, he digno o Supplicante da licença, que pertende. Aſſim me parece. V. Eminencia mandarà o que for ſervido. S. Domingos de Lisboa em 6. de Setembro de 1739.

O Doutor Fr. Antonio do Sacramento.

CENSURA DO M. R. P. D. CAETANO DE GOUVEA, Clerigo Regular, Qualificador do S. Officio, Examinador das Ordens Militares, e Academico do numero da Hiſtoria Real.

EMINENTISSIMO SENHOR.

Li, e examinei, como V. Eminencia foy ſervido ordenarme, o primeiro Tomo da Bibliotheca Portugueza, que com incanſavel indagaçaõ, e em elegantiſſimo eſtilo compoz o Abbade de Sever Diogo Barboſa Machado meu Collega na Academia Real; e para expor o juizo que pude formar, digo a V. Eminencia, que já o primeiro, e ſegundo Tomo das Memorias para a Hiſtoria delRey D. Sebaſtiaõ, que eſte Sabio Author eſcreveu, e que a Academia Real approvou, e mandou imprimir, tem feito taõ recomendavel o ſeu nome na Republica das letras, que ſe athequi o antigo, e illuſtre Appellido de *Barboſa* occupava o primeiro lugar no Cathalogo dos Juriſconſultos, tambem agora o occupa no dos Hiſtoriadores. Porém ainda que aquella excellente obra pela mageſtoza elegancia da narraçaõ, e pela ordem, e variedade das noticias, de que algumas ſaõ totalmente anedoctas, faz taõ benemerito a ſeu Author da veneraçaõ publica, eſta, que agora pertende imprimir, o faz digniſſimo da veneraçaõ, e do publico agradecimento, porque nella dá a conhecer ao mundo huma das mayores glorias de Portugal, moſtrando que o noſſo Reyno naõ he menos fecundo de Sabios, que de Heróes. Todas as ſciencias, e todas as artes devem huma grande parte da perfeiçaõ, a que hoje eſtaõ reduzidas, aos Authores Portuguezes, porque em todas tem eſcrito com grande propriedade, acerto, e erudiçaõ, mas da gloria com que as illuſtraraõ, ainda naõ haviaõ recebido hum digno premio. No Templo da Sabedoria ſe viaõ gravados os ſeus nomes com Caracteres de indelevel, e glorioſa duraçaõ, mas ainda no meſmo Templo ſe naõ admiravaõ collocadas as Imagens de todos, e das que formaraõ Artifices Eſtrangeiros, poſto que eraõ peritos, como naõ conheciaõ os originaes, pela mayor parte ſahiraõ imperfeitas. Tres Portuguezes applicaraõ a ſabia maõ a eſta grande Obra, mas tiveraõ a infelicidade ou de a naõ concluir, ou de naõ ſe fazer publico o ſeu trabalho. Eſtava reſervada eſta gloria para huma penna igualmente diſcreta, e erudita, e já reſpeitada pela perfeiçaõ de outras obras. E ſe como obſervou a diſcriçaõ de Plinio, não he mayor a gloria de merecer huma Eſtatua, que a de erigila, erigindo o Abbade de Sever neſta Bibliotheca a cada hum dos Sabios Portuguezes huma Eſtatua em que taõ notavelmente ſe repreſentaõ, devo dizer com a authoridade do meſmo Plinio, que he taõ grande a ſua gloria, que iguala a de todos.

Lib. 1. Epiſt. 17.

Porém, Senhor Eminentiſſimo, com a compoziçaõ deſta excellente obra naõ ſó ſe engrandece, e eterniza a gloria de ſeu Author, pela que dá a tantos Sabios, que tem florecido neſte Reyno, e nas ſuas dilatadas Conquiſtas, mas pela grande utilidade, que receberaõ todos, os que por meyo das ſuas fadigas litterarias aſpirarém à meſma gloria, ſem hum exacto conhecimento dos Authores, das obras que compuzeraõ, do genio, e applicaçaõ com que trabalharaõ; e muitas vezes do tempo em que eſcreveraõ, nenhuma ſciencia ſe póde ſaber com perfeiçaõ, porque naõ baſta ſó eſtudar, he neceſſario fazer juizo do que ſe eſtuda, e diſtinguir o bom do que he máo, o verdadeiro do que he falſo; o que facilmente ſe conſegue pelo eſtudo das Hiſtorias litterarias, ainda que com mayor facilidade por meyo daquellas que ſaõ juntamente Criticas, e em que com a noticia dos Authores, obras, e ediçoens, ſe faz hum judicioſo, e exacto exame deſſas meſmas obras; e bem poſſo affirmar a V. Eminencia que he taõ vaſta a erudiçaõ do Abbade de Sever que naõ lhe ſeria difficil compor deſta ſorte a ſua Bibliotheca, moſtrando que em todos os Artigos, era *Hiſtoria, e Critica,* como o he em alguns; mas ſendo eſte beneficio o mayor, que podia fazer ao publico, muitos dos que o recebeſſem, o teriaõ por injuria; porque eſtimando todos que lhes louvem os acertos, poucos goſtaõ, que lhe reprehendaõ os erros.

Sabe o Abbade de Sever taõ perfeitamente a lingua Latina, como a Portugueza; em huma, e outra he o ſeu eſtilo do ſeculo dos Auguſtos, naquella do de Roma, e neſta do de Portugal, em que temos a fortuna de viver, mas preferio a Portugueza à da antiga Roma, para moſtrar que a noſſa naõ cede à latina, nem na elegancia, nem na mageſtade, conſagrando deſta ſorte à ſua gloria, e à da Patria o mais illuſtre monumento, e para que de todos ſeja admirado, deve V. Eminencia dar licença, que ſe exponha ao publico, porque tambem nelle julgo eternizada a gloria da fé, e dos bons coſtumes. Lisboa Occidental neſta Caſa de N. Senhora da Divina Providencia de Clerigos Regulares. 25. de Setembro de 1739.

D. Caetano de Gouvea C. R.

DO ORDINARIO.

CENSURA DO MUITO R. P. M. Fr. AGOSTINHO DE S. Boaventura, Religioſo de Saõ Paulo primeiro Ermitaõ, Lente Jubilado em a Sagrada Theologia, e Geral duas vezes da ſua Religiaõ.

EXCELLENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR.

ORdena-me V. Excellencia que veja eſte primeiro Tomo da Bibliotheca Luſitana, Hiſtorica, Critica, e Chronologica eſcrita pelo ſeu digniſſimo Author Diogo Barboſa Machado Abbade da Parochial Igreja de Santo Adriaõ de Sever, e Academico do numero da Academia Real; e mandar-me que veja aquillo meſmo, que por conta da utilidade publica ancioſamente dezejava, he beneficio taõ artificioſo, que ſabe introduzir o merecimento da obediencia até no goſto da vontade propria. Naõ ſe me podia cometer mais deleitavel occupaçaõ, do que verem os meus olhos huma obra taõ grande como ſuſpirada, taõ neceſſaria como polida, e taõ proveitoſa, que o meſmo exame que nella ſe faz ſuperfluo para o rigor da cenſura, fica ſendo liçaõ preciza para o eſtudo das noticias. A vaſtiſſima erudiçaõ do Author tranſcendente por toda a hiſtoria aſſim domeſtica, como eſtranha, foy a que correndo pelas muitas, e numeroſas Bibliothecas, que os Reynos, as Republicas, as Religioens, e as Univerſidades mais florentes de toda a Europa tem dado ao prelo para eternizarem a fama dos ſeus eſcritores nacionaes, lhe excitou naõ ſó a reflexaõ ſobre a falta (certamente naſcida da ſua meſma abundancia) que de ſemelhante bem merecida memoria tem havido no noſſo de Portugal; mas tambem o ardentiſſimo dezejo de livrar a ſua patria de huma ſoſpeita taõ injurioſa, como ſeria prezumirem as outras naçoens, que na noſſa, ou naõ havia eſcritores, que a eſte aſſumpto podeſſem ſervir de glorioſa materia, ou naõ havia engenhos, que o ſoubeſſem animar com a viveza, e vitalidade de huma elegante forma. Mas ſendo eſta empreza taõ ardua, que ſómente a ſua idea hà mais de hum Seculo intentada, baſtou para engrandecer aquellas pennas, que principiaraõ a lançar-lhe as primeiras breves, e confuzas linhas, o Author a dezempenha agora felizmente, e com todo aquelle incomparavel exceſſo, com que os Gigantes ſe adiantaõ no paſſo a todos os outros homens, e as aguias ſe elevaõ no voo ſobre todas as outras aves.

Porque aquella meſma miſterioſa Ordem da Providencia, que rezervou eſta admiravel producçaõ (como elle meſmo judicioſamente pondera) para o feliciſſimo Reinado de hum Monarcha taõ ſabio, como

poderoſo, que no Paraizo de Portugal tem feito cultivar, florecer, e frutificar mais que nunca a arvore da ſciencia; deſtinou tambem para a meſma dourada idade o agudiſſimo engenho, e os infatigaveis eſtudos de hum eſcritor taõ applicado, taõ comprehenſivo, e taõ fecundo, que dá logo por fruto naõ menos, que huma inteira livraria, e taõ conſumada, que em cada huma das ſuas numeroſas folhas ſe eſtá logo conhecendo, que todas ſaõ da arvore da ſciencia: a qual naõ he delineada para outro fim, mais, que para hum nobre, e immortal domicilio, em que vivaõ novamente todos os Authores Portuguezes izentos já das pençoens da mortalidade para hum eterno, e fideliſſimo depoſito dos ſeus nomes, dos ſeus naſcimentos, das ſuas patrias, das ſuas acçoens, das ſuas vidas, e até das ſuas ſepulturas; e finalmente para hum rico, e univerſal thezouro dos eſtudos, das obras, dos manuſcriptos, e athe das eſpeculaçoens de todos os engenhos, que na patria tem florecido deſde o primeiro Seculo da Igreja, e florecem ainda agora; e por iſſo verdadeiramente thezouro athequi eſcondido, mas já patente, e deſcuberto, em que ſe manifeſta tudo quanto na republica das letras tem havido, e há precioſo aſſim novo, como antigo; ſendo eſta excellente obra como huma flamante tocha, que dà grande luz aos eſtudioſos em todas as artes, em todas as faculdades, em todas as ſciencias para ſaberem quaes saõ os primeiros Oraculos, que devem conſultar entre os ſeus mais inſignes, e mais famigerados profeſſores.

Inaſſequivel parecia eſte empenho à vida, às forças, e à applicaçaõ de hum unico, inda que ſingulariſſimo eſcritor; mas nem eſte argumento podia achar mayor Atlante para ſuſtentar, e para revolver a immenſa gravidade do ſeu pezo; nem eſte eſcritor podia achar materia mais adequada à actividade taõ fina, como forte do ſeu engenho, ſe naõ ſó na de hum argumento que parecia inaſſequivel, e por iſſo a ſua vigilante, incanſavel, e exactiſſima averiguaçaõ o conſegue taõ acertadamente, que poſſo dizer, que nas obras deſte genero, naõ ſó eſcurece aos antigos, mas tambem eſteriliza aos vindouros; como já diſſe Claudiano a outro intento.

Claudian lib. 3. de laud. Stilic.

Obſcurat veteres, obſcurabitque futuros.

O que faz com eſtilo taõ admiravel, que hé breve com clareza, claro com profundidade, profundo com elevaçaõ; he eloquente ſem redundancia, ſubſtancioſo ſem eſterilidade, diſcreto ſem affectaçaõ, e finalmente taõ copioſo, que ſendo as materias, de que trata, taõ ſemelhantes, e omogeneas, como ſaõ naſcimentos, patrias, eſtudos, compoſiçoens, obitos, e jazigos de tantos Varoens inſignes, elle as deſcreve com differentes, naturaes, e ſempre novas expreſſoens; como peritiſſimo artifice, que do meſmo ouro, e dos meſmos diamantes ſabe formar muitas, e diverſiſſimas joyas, que primoroſamente lavradas na Officina deſta grande Bibliotheca ſerviraõ de novo, e luzidiſimo ornamento

à Coroa Portugueza; porque a noſſa Luſitania ſempre temida por Pallas bellicoſa nas campanhas, ſe verà igualmente reverenciada por Minerva ſabia nas eſcolas; devendo-lhe aſſim a patria neſta obra aquella primazia, que a antiguidade deu jà às letras na competencia das armas, quando póz a coroa naõ nas Maõs bellicoſas de Pallas, mas na Cabeça ſabia de Minerva.

E ſe os Romanos collocaraõ as ſuas primeiras Bibliothecas ou nos templos, como a de Auguſto no de Apolo, ou nos palacios como a Tiberiana no de Tiberio, reconhecendo, que a eſtes illuſtres depoſitos da Sabedoria naõ ſe lhe devia menor cuſtodia, que ou a tutela dos Deoſes, ou a protecçaõ dos Principes: a eſta, que ſendo o primeiro, e glorioſo monumento de todos os engenhos da patria, nada contem oppoſto à pureza da noſſa fé, aos dogmas da Igreja, ou aos coſtumes Christaõs, antes muitos, e admiraveis exemplares, que igualmente enſinaõ as letras, e as virtudes, claro eſtá, que melhor do que ás outras lhe hé devida juſtamente huma, e outra ſoberana protecçaõ: a do Principe, para que entre a collecçaõ dos ſelectiſſimos livros, que ſe gloreaõ de terem por domicilio ao ſeu auguſto palacio, ſe digne de admittir, e de ennobrecer a huma obra, que tambem he collecçaõ de Sabios ſeus Vaſſallos; os quaes aſpiraõ á honra de huma taõ alta cuſtodia, porque à Real protecçaõ de huma Mageſtade Portugueza tem mais direito huma Bibliotheca, que toda he Luſitana. A de Deos, porque como elle meſmo affirma que hé Alfa, e Omega, principio, e fim de tudo, precizo he implorar a ſua poderoza maõ, para que a hum Author, que neſte primeiro Tomo lhe dà principio pela primeira letra do alfabeto, ſe digne de conſervar a ſua importante vida, até que na ultima lhe chegue a pór o fim; para que aſſim como eſte hade ſer a melhor coroa de toda a obra, ſeja tambem toda eſta utiliſſima, e excellentiſſima obra a melhor coroa de ſeu Author. Lisboa Occidental Convento do Santiſſimo Sacramento da Ordem de S. Paulo primeiro Eremita 12. de Novembro de 1739.

Pitiſc. Lexic. antiquit. Roman. Tom. 1. pag. 276.

Ego ſum Alpha, & Omega, principium, & finis dicit dominus Deus. Apocal. 1. 8.

Fr. Agoſtinho de S. Boaventura.

DO PAÇO

CENSURA DO VISCONDE DA ASSECA, DO CONSELHO DE Sua Mageſtade, e Academico do numero da Academia Real.

SENHOR.

A Bibliotheca Luſitana, que compoz, e pretende imprimir o Abbade Diogo Barboſa Machado, me parece naõ ſómente digniſſima de que V. Mageſtade lhe conceda a licença que pede, mas que paſſando da honra da permiſſaõ para a ſoberania do preceito lhe ordene por credito, e por beneficio do Reyno que a ſua incanſavel applicaçaõ taõ nobremente reveſtida de decoro, e elegancia, de vozes, de propriedade, e pureza de termos, de profundidade, e elevaçaõ de conceitos ſe empregue na cuidadoſa continuaçaõ deſta obra, e os Eſcritores, a quem elle livrou da eſcandaloſa injuria do eſquecimento para o immortal applauſo da memoria, animados na glorioſa fadiga dos ſeus eſtudos, e na eloquente armonia da ſua diſcriçaõ ſeraõ ecos da fama, que merece, ou fallando por todos ſerà o Author o elogio de ſi meſmo. V. Mageſtade mandará o que for ſervido. Lisboa Occidental 7. de Dezembro de 1739.

Viſconde de Aſſeca.

CARTA

DO

ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO SENHOR

CONDE DO VIMIOSO.

PAra eu me animar a fazer hum breve elogio à inſigne Bibliotheca que v. m. compoem de Autores Portuguezes me vejo cercado de tantas obrigaçoens, como difficuldades.

As obrigaçoens nacem da grandeza da materia, do primor da obra, e do merecimento do Autor; a materia copioza, e utìl, a obra diſcreta, e eloquente, o Autor amigo, e Meſtre: logo naõ pode haver mayores obrigaçoens que pertender ſer juſto, e agradecido.

As difficuldades vem a ſer louvar a vaſtidaõ das noticias quem naõ tem ſciencia, a mageſtade do eſtilo quem naõ tem elegancia, a agudeſa dos penſamentos quem naõ tem diſcriçaõ; louvar a peſſoa a quem ſe profeſſa amiſade, e de quem ſe recebeo a doutrina ſem animo parcial, e juizo apaixonado: logo naõ pode haver mayores difficuldades que procurar acertos ſem meyos, e vencer paixoens com deſculpa.

Porém como as obrigaçoens ainda pezaõ mais que as difficuldades, venço eſtas, e digo que v. m. emprendeo huma obra que inclue todos os eſtados, que abraça todas as Jerarquias, que comprehende todas as profiſſoens, e por iſſo todas as virtudes que nellas ſe praticaõ.

V. M. eſcreve de Principes, e nelles, da juſtiça, da clemencia, da liberalidade; eſcreve de Generaes, e nelles, do valor, da prudencia, da diſciplina: eſcreve de Magiſtrados, e nelles, da politica, da rectidaõ, da incorruptibilidade: eſcreve de Prélados, e nelles, da vigilancia, da caridade, do zelo; eſcreve de Religioſos, e nelles, da pobreza, da obediencia, da modeſtia, eſcreve de homens illuſtres, e nelles, daquelles dotes que os fizeraõ mais egregios: eſcreve de homens humildes, e nelles, daquellas acçoens que os ſouberaõ fazer illuſtres.

Naõ ſó fica devedora à penna de v. m. a republica das virtudes, tambem lhe fica obrigada a das ſciencias, os myſterios da Theologia, as demoſtraçoens da Mathematica, os ſiſtemas da Filoſofia, as regras da Juriſprudencia, os aforiſmos da Medicina, as figuras da Oratoria, as flores da Poeſia, as leys da Hiſtoria, e todas as mais artes em que v. m. diſcorre dos Autores que refere.

V. m. une em ſi felizmente aquellas circunſtancias, que a muitos Eſcritores acreditaraõ divididas, porque v. m. he claro, e a clareza fez que muitas vezes ſe goſtaſſe do que era humilde; he ſutil, e a ſubtileza fez que muitas vezes ſe perdoaſſe o que era eſcuro; he elegante, e a elegancia fez que muitas vezes ſe eſtimaſſe o que era vulgar: he ameno, e a amenidade fez que muitas vezes ſe approvaſſe o que era futil.

V. m. naõ ſe contentou com o louvor de eſcolher materia illuſtre, de uſar de explicaçaõ nobre, de conceber conceitos elevados, quiz o ſingular merecimento de ſer o primeiro

que em Portugal fizeſſe compoſiçaõ deſte genero. O bom eſtilo imitaſe; a diſcriçaõ pulida igualaſe; a ſciencia profunda communicaſe; ſó da gloria da primazia ſe naõ póde participar; ſó ella não ſofre imitaçaõ, naõ admite igualdade, naõ conſente companhia, e eſta he a gloria que v. m. conſegue apeſar da modeſtia propria, e da enveja alheya.

Outra ventagem, ou privilegio tem v. m. ſobre os outros Eſcritores, que he haver de fazer ſem vaidade, antes por obrigaçaõ, panegiricos à ſua meſma familia: pois quando v. m. chegar a letra I. do ſeu doutiſſimo Alfabeto, hade louvar preciſamente os admiraveis eſcritos de ſeus irmaõs o Senhor D. Jozé Barboſa, e o Senhor Doutor Ignacio Barboſa taõ capazes ambos de autoriſar, como eraõ de compor a meſma Bibliotheca.

V. m. a eſcreve no idioma Portuguez, ſendo igualmente inſigne, e podendo ficar mais conhecido, e celebrado no idioma Latino. Iſto he ſer amante, e zeloſo da Patria, ceder em obſequio della até da propria fama, eſtimar mais a lingoa particular do ſeu paiz, que a univerſal do mundo; preferir as poucas acclamaçoens dos ſeus naturaes às muitas dos eſtrangeiros, antepor a utilidade da ſua Naçaõ à de todas as gentes.

Mas porque he tempo de cumprir a promeſſa que fiz logo de ſer breve, concluo dizendo que v. m. por meyo deſta incomparavel obra faz beneficios á Patria de quem todos os recebem; que he generoſo com os meſmos Soberanos de quem todos dependem; que louva os paſſados ſem ter amizade, nem eſperar premio, que honra os preſentes ſem dever obrigaçaõ, nem fazer liſonja, que ſerve aos futuros ſem ter conhecimento, nem temer inveja, e que merecia ter por panegiriſtas do ſeu engenho quantos tem por aſſumpto do ſeu trabalho. Guarde Deos a v. m. muitos annos 2. de Abril de 1741.

Diſcipulo, e mayor Servidor, e venerador de v. m.

Conde de Vimiozo.

Senhor Abbade Diogo Barboſa Machado.

IN LAUDEM
DOCTISSIMI VIRI
DIDACI BARBOSA MACHADO
EPIGRAMMA.

OMNIA noſtrorum Scriptorum ſcripta ſimulque
Illorum laudes ſcriptor et ipſe refers.
Sic decus accipies quod das, doctuſque docebis
Scribere eum de te qui tua ſcripta leget.

Comes Vimioſenſis.

AO SENHOR
DIOGO BARBOSA MACHADO
Abbade de Sever eſcrevendo a Bibliotheca dos Autores Portuguezes.

SONETO.

O' tu que já dos nacionaes Autores
Hum corpo illuſtre aos ſabios offereces;
E que dos meſmos ſabios naõ mereces
Menos nobres invejas, que louvores.

O' tu que atributos tens mayores
Do que eſſes Varoens doutos, que engrandeces;
E que chamarte devem reconheces
Sem liſonja Eſcritor dos Eſcritores.

Eſcreve no Alfabeto, que admiramos,
O teu nome, ſe naõ, fica imperfeito,
Faltando-lhe hum Autor, que celebramos.

Naõ ceda ao mais modeſto o mais perfeito;
Nem conſintas já mais que em ti vejamos
Ser cauſa huma virtude de hum defeito.

Do Conde do Vimioſo.

ELOGIO

DA

BIBLIOTHECA LUSITANA,

E DO SEU AUTOR

DIOGO BARBOSA MACHADO

Academico da Academia Real.

SONETO.

DO ILLUSTRIS. E EXCELLENTIS. SENHOR.

D. FRANCISCO XAVIER DE MENEZES CONDE

Da Ericeira Conſelheiro de Guerra, Meſtre de Campo General, e Cenſor da Academia Real.

DE ti ſe queixaõ Delio os Eſcritores
De que hoje immortalizas as memorias;
Porque as folhas lhe roubas das victorias
Dos livros, e dos Louros vencedores.

Ainda que em Elogios ſuperiores
Deixas as claras obras mais notorias,
Nas que eſcreveſte, lhe eclipſaſte as glorias
Dos claros, e Appollineos reſplendores.

Receaõ que fundando nas ruinas
O edificio, em que agora os ennobreces
Sò a Ti proprio a fama te deſtinas;

Com enganoſo aplauzo os deſvaneces
Pois no que eſcreves, hoje os illuminas,
Porèm no que eſcreveſte, os eſcureces.

AO M. R. SENHOR

DIOGO BARBOSA MACHADO

SAHINDO A' LUZ COM A EXCELLENTE

BIBLIOTHECA

Dos Eſcritores Portuguezes

OFFERECE

FRANCISCO DE PINA, E DE MELLO

ESTE

SONETO.

JA' rompe o tenebroſo monumento,
Da Luſa Encyclopedia o ardor Sagrado;
E a naõ ſer do eſplendor taõ amparado,
Perdera no deſcuido o ſeu alento:

Mas eſte renacido luzimento
Vos eſtava (oh Barboſa) deſtinado;
Pois o tem voſſo engenho reſgatado
Da torpe ſervidaõ do eſquecimento.

Sobe com tanto impulſo a grande chama,
Na Portugueza gloria, à luz ſerena,
Que por todo o Univerſo ſe derrama:

E talvez no louvor, que ſe lhe ordena,
Menos deva ao clarim da eterna fama,
Que ao eſtrondo immortal da voſſa penna.

A' SINGULAR, E ERUDITA

BIBLIOTHECA

Dos Authores Portuguezes, que compoz o Reverendo Senhor

DIOGO BARBOSA MACHADO

Abbade de Sever, e Academico da Academia Real.

ROMANCE HENDECASYLABO.

DAR huma Livraria inteira ao Prélo
Excede a Esfera do talento, e da arte,
Sò voſſa immenſa erudiçaõ fizera
Ser taõ arduo impoſſivel praticavel.

A os Nacionaes Autores concedeſtes
O honroſo indulto de ſó nella entrarem,
Cuja prerogativa lhes imprime
Para a veneraçaõ mayor Caracter.

Naõ ſe emprega em menos nobre aſſumpto
A illuſtre penna de Eſcritor taõ grande,
Sem que a gloria da Patria foſſe o objecto,
Que a attençaõ dos eſtudos lhe levaſſe.

A's outras Bibliothecas authorizam
Os livros, que em ſi incluem, ſingulares,
Sò unica eſta ſabia Bibliotheca
A os Livros lhes concede authoridades.

Se houve já dilatadas Livrarias,
Que tomos agregando innumeraveis,
Na extenſaõ deſmedida da grandeſa
Fundaram o motivo da vaidade:

Oh como inclue em ſi hum ſó volume
Inſigne Bibliotheca mais notavel!
Pois para a juſta eſtimaçaõ do preço
Pode mais, que a extenſaõ, a qualidade.

Incluſos em hum tomo tantos livros,
Mais grandeza conſeguem do que dantes,
Poís eſtendem a fama, e no conceito,
Que delles ſe formava, já naõ cabem.

Duplicado eſplendor moſtram as Obras
Neſta ſegunda luz, a que hoje ſahem;
Que a douta penna, quando as manifeſta,
Lhes faz mais decoroſa a Mageſtade.

Inda aquelles Authores, cujas obras
Naõ lograraõ, que a Fama as approvaſſe,
Com a voſſa memoria ennobrecidos,
Seu nome ſe fará mais reſpeitavel.

Alguns, que ſepultava o eſquecimento,
Devem à indagaçaõ do voſſo exame
Que de eſcuras noticias, quaſi extintas,
Renaçaõ para fama perduravel.

Se a quem patentes faz as Livrarias,
Deve o publico grande utilidade,
Quanto deverá mais a quem zeloſo
Naõ ſó as faz patentes, mas portaveis?

Em periodos doutos repartiſtes
Aos ſabios livros commodos lugares,
Quem já vio Livraria, onde ſe admiraõ
Mais diſcretas, que os livros, as Eſtantes?

Com alto aſſombro agora os livros ficaõ
Na formal ordem com que os collocaſtes,
Se às injurias do Tempo reſpectivos,
Aos aſſaltos da Enveja inſuperaveis.

Vendo o excelſo lugar em que eſtaõ poſtos,
A mais ſoberba Critica ſe abate;
Pois preciſando reverentes cultos
Lograõ mais que reſpeito immunidades.

Quando eternos fazeis tantos Authores,
Voſſo nome conſegue eternizar-ſe,
Que com prodiga uſura generoſa
Fica com toda a fama, que reparte.

De Joaõ Manoel de Mello.

PRÆSTANTISSIMO VIRO,

DIDACO BARBOSA MACHADO,

Domino ſuo maxime colendo,

BIBLIOTHECAM

Luſitanam

AUREO CALAMO SCRIBENTI

ODE

QUOS diu mutam chelyn entheato
Carminum ſuadus rapis igne in orſus
Phæbe, & oblitum fidium immorari
Plauſibus unguem?
Quo vocas? Sacri licet amnis undæ
Effluant, nullus mihi ſe bivertex
Collis indulget, properatve docta
Turba Sororum.
Anne Barboſam, decus omne gentis
Lyſiæ, quanvis Helicon pateret
Se mihi totum, meritis canendo
Laudibus ornem?
Remige ignotum pelagum volatu
Trano, plumanti peto vel natatu
Dœdalus Cœli novus, atque Ariont
Æquoris audax.
Ille quod tandem retulit ſepulchro
Nunc viros doctos, pariterque in ævum
Tradidit longum, memorique ſculpſit,
Nomina Cœlo:
Quos diu tempus, velut unda labens,
Obruit, diris reparat ruinis,
Donat et vita meliore, numquam
Quam teret ætas;
Sive quod tantum patriæ decorem
Auget, et nullos cadet hic per annos,
Hinc ſeges magni celebranda plectrum
Opprimet Orphei.

Tollit Heroas, Superis remiſcet,
Erigit quotquot ſimulachra Luſis,
Tot ſibi mirum ſtatuit perenni
Ære columnas.
Hunc Deum poſſent homines fateri,
More ſi Majá geniti, repoſtos
Morte facundus revocat, beatis
Collocat aſtris.
Quippe non ſolum ſtudet æmulari
Tullium, ornata ſuperat loquella:
Principem poſthac potiore quiſquis
Jure vocabit.
Par ſibi conſtat, ſimiliſque ſemper
Diſpares quamquam ferat ore ſenſus,
Nectaris pollens, Charitumquæ totâ
Fertilis Hyblâ.
Ergo felici Sata Marte, lauro
Nexa crinales obeunte Cirrhos,
I triumphali, trabeata palmis
Gloria Curru.
Tuque dum procedis, Jo Triumphe
Dic precor, dic rurſus, Jo Triumphe,
Sicque Barboſæ ſatis apta claris
Plaude triumphis.
Illius nomen, ſimul atque laudes
Fama per latas ſpatiata terras
Evehat, quá ſol Oriens, Cadenſque
Fræna retorquet.
Quaque non notos populos, & urbes
Damnat æternis Helice pruinis,
Quaque ferventes cumulos arenæ
Diſſipat Auſter.
Ante ſed crebro pede denatata
Unda natalem ſcatebram reviſet,
Ipſa, Barboſa, ore quam loquaci
Cuncta pererret.
Hæc tamen Centum famulata linguis
Det tibi plauſum modo docta, Muſa
Noſtra dum certe nequit altiores
Promere Cantus.

Thomas Cajetanus de Bem C. R.

AUCTORIS

MIRAM ELOQUENTIÆ VIM LAUDARE CONATUR

HOC EPIGRAMMATE.

TU nunc Romani Majeſtas prima Senatus,
Cujus & eloquii fulmen ab ore tonat:
Tu, licet invitus, Barboſæ cede diſerto;
Vinceris ingenio, vinceris arte ſimul.
Ergo ſile, & poſthac te muta ſilentia volvant;
Aut mirare tacens quæque legenda dedit.
Aſt non: rumpe, precor vocem; namque alter ab illo
Cum ſis, tu ſolum dicere digna potes.

Thomas Cajetanus de Bem C. R.

ERUDITISSIMO VIRO

DIDACO BARBOSA MACHADO

Bibliothecæ Luſitanæ

PRIMUM VOLUMEN JURIS PUBLICI FACIENTI.

ELOGIUM.

Siſte Lector.
Authori plaude,
Qui omnia literarum genera
Unâ comprehendit Bibliothecâ.
Auctori plaude,
Qui calamo,
Veluti Mercurii Virga,
Luſitanos Scriptores
Compellit ſurgere
Fatali Oblivionis è tumulo.
Auctori plaude,
Opus à multis tentatum
Ille unus
Ad umbilicum deduxit.
Felix Luſitania
Tali prole,
Tam grata ſibi, quam omnibus.
Auctori plaude,
Optatam attigit metam,
Ut illum ducem ſequantur,
Qui ſequentur,
Cùm facile ſit inventis addere.

O. S. M. D. D. P.

AO SENHOR

DIOGO BARBOSA MACHADO

Abbade de Sever, eſcrevendo

A

BIBLIOTHECA LUSITANA,

ROMANCE.

I.

LUSITANO Plutarco, que eternizas
De tanto Eſcritor Luzo altas memorias,
Na tinta, com que eſcreves, lhe preparas
O balſamo mais puro para as obras.

II.

Já com elle da Parca os duros golpes
Naõ ſentiraõ; pois vejo que os informa
Novo alento immortal, que eſtes prodigios
Naceraõ deſſas vozes poderoſas.

III.

Nos conceitos, que formas elevados,
Que a Intelligencia te ſublimas provas;
Mas nas vidas, que infundes eloquente,
Parece que a Deidade te remontas.

IV.

Da Lybitina injuſtos os triunfos
No vaſto mar do teu engenho affogas:
Naõ fulminára os golpes, ſe entendéra,
Que tu lhe havias de eclipſar as glorias.

V.

Sabia, e glorioſamente caſtigadas
Deixas de Cloto as barbaras afrontas;
Porém na qualidade do caſtigo
Lá deſcobre razoens para a vangloria.

VERSIO LATINA.

I.

LUSIADUM Plutarche, vagum qui doĉta per Orbem
Æternas monumenta virùm, queis Lyſia floret,
Facundum calamo quem reddit clara nigredo
Balſama componis Luſis meliora libellis.

II.

Inflixit quæ Parca truci commota furore
Vulnera contemnent, illos nam ſpiritus auræ
Immortalis agit: nova ſunt miracula vocum,
Lumina nam poſſunt rurſus producere vitæ.

III.

Subtili dùm mente volas, ut Liſia laudes
Scripta, probas civem clari te vivere cæli:
Attamen altiſono cùm reddis flumine vitam,
Eveheris, credo, dotes ad Numinis altas.

IV.

Barbara quot fixit præcox Libitina trophæa
Eloquio ſubmerſa tuo petiere profundum:
Non ictus geminaret atrox, ſi lumina noſſet
Impia te denſis obducere poſſe tenébris.

V.

Gloria quanta tibi, páriter ſapientia quanta
Cùm probra caſtigas Cloto crudelia diræ !
Dum tamen expendit pœnam, quâ plexa recedit,
Non dolet, aſt ipſo tormento elata ſuperbit.

VI.

Vé que he nobre, porque he do teu diſcurſo,
Daqui para a jactancia aſſumpto toma:
Que ſingular juizo, pois ainda
Quando caſtiga, o ſeu aggravo he honra!

VII.

Mas ſe aſſim honras, quando a Lyſia vingas,
Que mais haſde fazer quando perdoas?
Raro poder do teu entendimento
Que até as proprias paixoens faz meritorias!

VIII.

Na juſtiça da guerra, que lhe fazes,
Antes de combater já te coroas:
E ſó de acçaõ taõ grande os penſamentos
Baſtavaõ para annuncio das victorias.

IX.

Ambos vibrais as armas neſta empreza,
Porém tu generoſo, ella envejoza,
Ella arraſtrada da paixaõ infame,
Tu perſuadido da virtude Heróica.

X.

A ti a gloria da Naçaõ te obriga,
A ella o empenho de a abater provoca:
Ella eſgrime a robuſta fouce horrenda,
Tu a penna ſublime, illuſtre, douta.

XI.

Ella a força poem toda nos ſeus braços,
Tu poens no teu juizo toda a força;
Faltaõ-lhe cauſas para o eſtrago a ella,
A ti para o caſtigo, e triunfo ſobraõ.

XII.

Vio a Parca de Tullios, e de Homeros
Luſitania taõ fertil productora,
Que temeo, que por elles eſqueceſſe
A Deidade de Delfos, e Dodona.

VI.

Eſſe tuæ cognoſcit opus, quia nobile, mentis,
Arripit hinc anſam faſtùs ut turgeat æſtu:
Quiſnam erit, ingenium qui non ad ſidera tollat,
Cum vel caſtigas, honor eſt injuria clarus.

VII.

Sed ſi tantus honos quando te vindice gaudet
Lyſia, quid facies cùm pœnam, iraſque remittas?
Vis quanta ingenii; menti ſtat quanta poteſtas
Quæ motus animi gratâ mercede ſecundat!

VIII.

Juſtitiâ, quâ bella moves, quâ fervidus ardes
Nondum acies pugnant, jam te tua fama coronat.
Aude igitur, nam animo quæ grandia concipis auſa,
Sufficiunt ut læta tibi victoria plaudat.

IX.

Prælia tentatis, pugnasquæ cietis uterque,
Tetamen urget honos, livore at roditur illa;
Illà animo trahitur, maculat quem dedecus atrox,
Tu ſolùm heroæ ſuaſus virtutis amore.

X.

Te Lyſiæ cogit ſublimis gloria gentis,
Perdere ſed Luſos ſtimulat furor impius illam:
Illius horrendam verſat fera dextera falcem,
Tu calamum egregium, doctum, parìterque peritum.

XI.

Viribus illa ſuis ſperat ſuperare, triumphi
Tu ſpem mente tua meliori jure reponis:
Olli cauſa deeſt ut ſtrage ſuperbiat, æquam
Ut ſumas pœnam, et vincas, tibi major abundat.

XII.

Impia mors vidit Cicerones, vidit Homeros
Fertilitate Solum mirâ producere Luſum;
Excidere aſt animis timuit ſtupefacta dolore
Numina, Dodonâ, Delphis quæ oracla tenebant.

XIII.

Cega logo, tirana, e inexoravel
Dos Campos de Minerva os Cedros corta:
Que eſperaõ da eloquencia as outras plantas,
Se os Cedros em Cipreſtes ſe transformaõ?

XIV.

Já no coro das Muſas Luſitanas
Melpomene Cançoens triſtes entoa;
Pois a que era de Apollo Monarchia,
He da morte funeſto imperio agora.

XV.

Murchouſe o Pindo; as Fontes correm turvas,
Ou naõ correm: Cadencias já naõ formaõ
As aves; tudo he horror; ſó geme ao longe
O paſſaro nocturno em vozes roucas.

XVI.

O golpe ſente a Luſitania, e a falta
Do caſtigo a eſte inſulto o mal lhe dobra:
Vingarſe quer; naõ quer lhe leya o mundo
Exemplos de fraqueza nas Hiſtorias.

XVII.

Quer que a vingança, porque a Fama viva,
Se veja executada ſem demora:
Que quem da Fama dorme nos aggravos,
Póde o brio achar morto quando acorda.

XVIII.

Para punirlhe a injuria a Providencia
Reſervou tua penna glorioſa:
Mas penna, que de Apollo, e de Mercurio
Ser me parece, no que brilha, e obra.

XIX.

Só do poder do teu profundo engenho
Fiou a Esfera acçaõ taõ prodigioza;
Que de taõ grande Alcides ſó emprezas,
Com que o Ceo naõ concorre, ſaõ improprias.

XIII.

Barbara, cæca, furens, non exorabilis ergo
Excindit Cedros, frondentia dona, Minervæ.
Arboribus doctis quidnam ſperare licebit,
Si quæ Cedrus erat, jam nunc eſt atra Cupreſſus?

XIV.

Caſtalidum Lyſiæ reticet vox illa ſuavis,
Melpomene triſtis jam triſtia carmina cantat;
Nam fuerat quondam quæ dulcis Apollinis Aula,
Nunc eſt immitis caligans Regia fati.

XV.

Languit en Pindus, fontes ſua flumina turbant,
Vel latices ſtagnant, avium chorus ille canorus
Æthera non mulcet, tenet omnia frigidus horror,
Et ſonitu rauco ſolùm gemit atra volucris.

XVI.

Vulneris impatiens queritur gens Luſa cruenti,
Ultio juſta deeſt; geminatque hinc illa dolorem,
Sumere vult pœnam, non vult quod perlegat Orbis
Hiſtoriis tranſmiſſa ſuis exempla timoris.

XVII.

Optat vindictam, poſſit quâ vivere fama,
Sed cupit extempló sceleris quod pœna ſequatur:
Offenſus famâ nam qui dat membra quieti,
Defunctum, inveniet quando evigilabit, honorem.

XVIII.

Provida cura tamen cælos, terraſque gubernans
Illa tuum calamum pompæ ſervavit ovanti.
Qui calamus! Vel Mercurii, vel Apollinis eſſe
Crediderim; tanto ſplendet ſic illa nitore!

XIX.

Ingenio vis illa tuo contermina cælo
Credidit immenſum tantummodo ferre laborem:
Namque aliena tibi tantùm fas credere geſta
Clara Jovis Soboles, queis non arridet Olympus.

XX.

Mas oh paſmo! Que mar de reſplandores
Da Luſitania o campo innunda, e doura?
Naõ ſey ſe he terra, ou Ceo? Sey que o azul Globo
Quando quer brilhar mais, luzes lhe rouba.

XXI.

Producçaõ rara da tua penna inſigne
Eſſa brilhante innundaçaõ ſe moſtra:
E até as lingoas de fogo com que applaude
A teus triunfos me parecem tochas.

XXII.

Para o juſto pregaõ dos teus acertos
Eraõ do veloz Monſtro as vozes poucas:
A ajudar obſequioſa eſta armonia
Naõ quiz faltar a terra: abrio-ſe em bocas.

XXIII.

Oh que Metamorfoſe ſoberana
Teus acentos fizeraõ neſſas Covas!
Já ſaõ vivas os ays, e em elogios
Os Epitafios funebres ſe trocaõ.

XXIV.

Palmas as cinzas ſaõ, louro os Cipreſtes,
Aras as pedras, reſplandor as ſombras,
As mortalhas trofeos, Templos as urnas,
Imagens vivas, as que eſtavaõ mortas.

XXV.

Reſtaura-ſe de Apollo o antigo Imperio,
Cantaõ flores, riem Aves, brilhaõ ondas,
Reſplandece, triunfa, reyna, vive
O jubilo, a eloquencia, a uniaõ, concordia

XXVI.

Vive tudo; e ſó morre eſſa que piza
Taõ ſoberba os Palacios, como as choças;
Mata-a a inveja, que aprenderaõ ambas
Inſtrucçoẽs de matar na meſma eſcolla.

XX.

At ſtupor! Ætherei ſplendoris copia quanta
Luſiadum expatiatur agros, circumdat et auro!
Terra eſt, an Cælum? Noſco quod cærulus axis
Lumina ſubducit majori ut luce coruſcet.

XXI.

Hæc præclara tui calami productio fulget
Alluvies radians, umbras quæ ſternit opacas;
Et plaudens etiam vivax tibi ſtamma, triumphos
Ut celebret feſtiva tuos, funalia credo.

XXII.

Ut meritis condigna tuis præconia dicat
Indiget et verbis monſtrum velocius Euro:
Obſequium præſtare volens, et fundere cantus
Deficit haud tellus; multos patefecit hiatus.

XXIII.

Oh! quam magnarum certé miracula rerum
Verba tua effoſſis jàm ſunt operata cavernis!
Quæ fuerant quondam ſuſpiria triſtia, pæan
Nunc ſunt; & laudes, ſignatum carmine ſaxum.

XXIV.

Palmæ ſunt cineres, laurus fit mæſta Cupreſſus,
Aræ ſunt lapides, ardent fulgoribus umbræ,
Sunt delubra urnæ, ſunt lintea, clara trophæa,
Mortua quæ fuerat, ſpirans modo vivit imago.

XXV.

Antiquum novat imperium facundus Apollo,
Flos modulatur, aves rident, undæque refulgent,
Collucet, regnat, vincit, meliuſque triumphat
Gaudium, & eloquium, dulcis concordia, fœdus.

XXVI.

Omnia deducunt vitam, tantùm occidit illa,
Quæ faſtoſa caſas, & celſa palatia calcat,
Invidiæ pugione cadit, namque utraque diras
Occidendi artes unâ didicere paleſtra.

XXVII.

Deſpedaça-ſe, grita, brama, eſcuma
Implacavel, cruel, e venenoza;
E ſe guerra fez grande à Luſitania,
Agora a tem mayor conſigo propria.

XXVIII.

Por boca, por ouvidos, e por olhos
Mongibellos reſpira, Etnas arroja:
E dos olhos, da boca, e dos ouvidos
Parece todo o inferno indigna Copia.

XXIX.

Aonde eſtá, O'Morte, o teu triunfo?
Naõ ſabes de affrontada onde te eſcondas:
Oh que felice foras, ſe puderas
Reduzir a cadaver a vergonha?

XXX.

Moveſte contra as Arvores da ſciencia
As tuas fatáes Armas (acçaõ louca!)
De que ſervio o eſtrago, ſe o reſtaura
Quem arvores da vida as deixa todas?

XXXI.

Naõ ſabes, que eſſas plantas daõ as flores,
Com que a filha de Juppiter ſe touca?
E que nas ſuas folhas por mais ricas
Enthezourava as perolas a Aurora?

XXXII.

Baſtava eſta rezaõ para o reſpeito;
Porem tu quando foſte obſequioſa?
Se o inſulto, o eſcandalo, e a deſordem
Saõ as Imagens, que o teu templo adornaõ.

XXXIII.

Horrendo Sacrilegio, o arruinares
Do Sacro monte a gala mais viſtoza!
Taõ feyo foy, que inda a Caſtalia, dizem,
Murmura deſta acçaõ com lingoa ſolta.

XXVII.

Se lacerat, dat voces, ſpumat, & infremit ore,
Implacata furit, lethalia toxica ſpirat:
Et ſi Luſiadas contra fera bella paravit,
Nunc atrox majora parat certamina ſecum.

XXVIII.

Os fædum, arrectæque aures, et lumina torva,
Evomit ardentes flammas, & projicit Æthnas:
Si tamen os videas, videas ſi lumina, & aures
Carceris umbrarum metuenda videtur imago.

XXIX.

Nunc immitis ubi tua mors victoria? Neſcis
Opprobriis affecta locum, quo te abdere poſſis.
Oh nimiùm felix, poſſes ſi ſæva pudorem
Reddere, quo premeris, fædum Libitina cadaver?

XXX.

Tu bellum arboribus, queis clara ſcientia fulget
Effera moviſti fatale (piacula ſtulta!)
Impia quid ſtrages tibi profuit? Innovat omne,
Vertere qui noſcit ligna in vitalia plantas.

XXXI.

Ignoras illas redolentes promere flores,
Queis caput exornat doctum Jovis inclyta gnata?
In foliiſque ſuis pretii majoris Eoas
Tithoni conjux gemmas rubicunda recludit?

XXXII.

Hæc ſatis una, reor, fuerat tibi cauſa decori;
Obſequium at quando ſolita es præſtare ſuperba?
Si furor, & rabies, audacia, ſcandala triſte
Templum fæda tuum quæ ſunt ſimulacra coronant?

XXXIII.

Horrendum facinus Sacri cùm evertere montis
Invidiæ ſtimulis acta ornament a paraſti;
Tam deforme fuit, quod adhuc Parnaſia lympha
Hoc ſcelus infandùm fluido ſermone refellit.

XXXIV.

Queres viva a ignorancia? Oh que ſe ſeguem
Conſequencias daqui perniciozas;
Quem naõ hà de ſer neſcio, ſe ſe obſerva
Que da morte izençoens o neſcio logra?

XXXV.

Fatalidade grande, que comtigo
Menos as luzes, do que as ſombras poſſaõ!
Porem ſe aſſim naõ fora, como havia
Brilhar hoje a eloquencia vitorioſa?

XXXVI.

Mas oh! que a venda, que te cobre os olhos,
Do mais nobre attributo te deſpoja:
Naõ diſtingues as ruinas, que ſe as viras,
Tal vez te arrependeſſes do que proſtras.

XXXVII.

Quebra a fouce: naõ tenhas deſte eſtrago,
Que he mais penna, huma Eſtatua vergonhoza:
Faze o meſmo ao Relogio, naõ conſerves
Deſpertador de infamias taõ notorias.

XXXVIII.

Olha, que te converte deshumano
Em ſeculos de dor as breves horas:
Deſpedaça-lhe as rodas, ſe naõ queres
Que ſejaõ para ti de Ixion rodas.

XXXIX.

Aſiſtida te vejo da ignorancia,
Que inconſolavel a ſua afronta chora;
Mas na diſcreta cauza do ſeu pranto
Parece que do que he, deſmente a nota.

XL.

Que barbaro furor! Mas naõ me animo
Vendo a exceſſiva dor, que vos ſuffoca,
A fazervos preguntas, que naõ quero
Proveis ſegundo eſtrago nas repoſtas,

XXXIV.

Viſne rudem inſcitiam vitam protendere: Quanta
Hinc (opus eſt videas) fatalia damna ſequantur:
Quis erit, ignarus qui non velit eſſe! Notatur
Si morti ignaros vectigal ſoluere nullum.

XXXV.

Fatale eventum: ecquis erit qui credere poſſit
Plus umbras tecum, quam lumina clara valere?
At ſi aliter res tota foret, vexilla ſublime
Eloquium haud poterat fulgentia ferre per Orbem.

XXXVI.

Attamen oh? Triſtis quæ faſcia lumina velat,
Te ſpoliat miſeram titulo meliore, ruinas
Impia præcipitis neſcis diſtinguere, forte
Illas ſi aſpiceres, mærenti corde doleres.

XXXVII.

Falcem frange trucem; ſtragis ſervare recuſa
(Nam dolor eſt major) ſimulacrum turpe cruentæ:
Extremum velox patiatur Clepſidra damnum
Ne ſit qui memorét monumenta infamia culpæ.

XXXVIII.

Aſpice, namque expers teneræ pietatis, amara
Exiguas horas ærumnæ in ſecula vertit:
Pernices confringe rotas, ne Ixionis inſtar
Sit rota juncta rotæ mæſtiſſima cauſa malorum.

XXXIX.

Aſſociata tibi ſedet ignorantia, fletu
Quæ damnis affecta ſuis rigat ora profuſo:
At ſi diſertam luctûs volo quærere cauſam
Facta videbuntur propriis pugnantia factis,

XL.

Dirus qui furor eſt? Animus ſed denegat ultrâ
Pectora cùm video duro cruciata dolore
Quæſitis lacerare meis; reſponſa timerem
Ne fierent ſtragis vobis nova cauſa ſecundæ.

XLI.

E tu Heróe, glorioſo, que eſte nome
Com juſto, e immortal credito ſe arroga
Quem piedozo a Naçaõ reſtaura illuſtre
Da ſogeiçaõ da Parca rigoroza:

XLII.

Triunfa, que na morte que venceſtes
Em hum Triunfo tres Triunfos contas:
Pois quando eſta deſtròes, a ignorancia,
O voràz Tempo, e a inveja vil derrotas.

XLIII.

Sejaõ os quatro Monſtros debellados
Os que te movaõ a triunfal Carroça
Se Febo naõ tivera o Plauſtro ardente;
Eſta o ſeu Carro ſcintillante fora.

XLIV.

Oh que envejas faz hoje o Tejo ao Tybre?
Competencias co mar ufano apoſta:
Gaſta o metal fluctuante de que abundas
Nas Eſtatuas, que a teus Triunfos forma.

XLV.

Já me parece vejo tresladadas
Para os Circos e praças de Lisboa
As Agulhas, Pyramides, Coloſſos
Milagres do cinzel, que adora Roma.

XLVI.

Deſſe Regio Atheneo, de que es Alumno,
Deſcreva teus Trofeos a Oratoria:
Pois a Africa empenhada em aplaudirte
Até da area aduſta Palmas brota.

XLVII.

Do Capitolio já da Eternidade
Alegre a Luſitania te abre as portas:
E agradeſida a Cròa te prepára
Muito mais que a de Ariadna brilhadora.

XLI.

Tu generoſe heros, quem gloria doĉta coronat,
Cui merito nomen tanti debetur honoris,
Nam gentem illuſtrem pietate inſignis avaræ,
Mortis ab exitio redimis, ſoluis que vetuſto.

LXII.

Vive ergò: Spoliis, quæ victâ morte reportas
Eſt tibi fas uno triplex numerare trophæum,
Illam nam quando victor pede proteris æquo
Inſcitiam, invidiam ſuperas, et mobile tempus.

XLIII.

Hæc quatuor devicta tuâ deformia dextrâ
Monſtra trahant currum, veheris quo celſus ad aſtra:
Ardens ſi plauſtrum rutilans non Phœbus haberet,
Igneus hoc ſolo toti ſplendeſceret Orbi.

XLIV.

Oh quantùm invidiæ Tiberi Tagus excitat! Audax
Occeano conferre parat certamina vaſto;
Prodigit undivagum, quo profluit, ille metallum,
Ut ſimulacra tuos reddant præclara triumphos.

XLV.

Tranſmiſſas video (mea ni Sententia fallit)
Urbis ad Æolidis Circos et compita magnæ
Pyradimes celſas et regia monſtra Coloſſos,
Quæ ſcalpro efformata colit miracula Roma.

XLVI.

Et Schola Regalis, que te ſe jactat alumno,
Commendet tua facta æui ſermone perito:
Africa namque tuæ famæ devota perenni
Germinat ardenti victrices littore palmas.

XLVII.

Illius ergo ævi, quod tempora neſcit, et annos,
Aurea Luſiadum plauſus tibi limina pandit
Splendentem que tibi molitur grata coronam,
Que ſuperet fulgore vagum Minoidis aſtrum.

XLVIII.

Cante a Fama o Epinicio, e eſpectadores
Sejaõ deſta Luzida immortal Pompa:
Quanto banha de Luz o Deos radiante
Da concha Occidental à Oriental concha.

IL.

Baſta Muza pois, já da minha lira
Deſtemperadas pulſa o plectro as cordas:
Se melhor cantar queres, segue os eccos
Deſſa armonia, que no Templo ſoa.

De Manoel Pereira da Coſta.

XLVIII.

Fama canat clarum mayori voce triumphum,
Accurrat merito pompæ immortalis amore
Quidquid in Orbe nitet radiantis Numinis igne
Littore ab Occiduo rutilas Orientis ad undas.

IL.

Muſa ſatis: Cytharæ rapidus jam deficit ille
Spiritus et fidibus non eſt concordia lapſis:
Si melius cantare cupis, ſtudioſius audi
Concentùs hilaris, quo Templum perſonat, echo.

D. J. B. C. R.

AO SENHOR.

DIOGO BARBOSA MACHADO

Abbade de Sever, eſcrevendo a

BIBLIOTHECA LUSITANA

ROMANCE.

EMpreſa heroica, idea peregrina
Capaz da erudiçaõ profunda, e vaſta,
Com que te conſtitues dignamente
Novo Protheo de formas litterarias.

Aſſunto ſingular, negado a todos,
Te reſervou a Providencia ſacra:
Porque o peſo da Esfera ſó ſe fia
A quem as forças tem proporcionadas.

Quem te inſpirou, Barboſa ſem ſegundo,
A immenſa execuçaõ de empreſa tanta?
Donde ſahio a nunca viſta idea,
Que horroriza, ſómente imaginada?

Acaſo pode a margem do infinito
Permitirſe tocar da força humana?
Ou tem da immenſidade os privilegios
A potencia do engenho limitada?

Tu Sò: porque ſó tu, ſem luz de exemplo,
Com penna heroicamente temeraria
Solicitaſte os termos do infinito,
E ſoubeſte piſar do immenſo a raya.

Aſſim o dizem raſgos eloquentes
Dos caracteres mudos deſſa eſtampa;
Cuja immenſa materia facilita
Os creditos, que nella te conſagraõ.

Dos Luſos eſcritores a noticia
No caos do eſquecimento ſepultada
Aos impulſos da penna, que os deſcòbre,
Alentos reproduz, honras reſtaura.

Mais, que delles, de ti nos dás a copia
Sendo a penna pincel, tinta a elegancia;
E uſurpando de todos os matizes
Com as mais vivas cores te retratas.

Foy neceſſario o eſpirito de tantos
A darnos huma idea da tua alma:
E ainda aſſim forma queixas o reſpeito
De que na ſombra alhea a luz recatas.

O' quanto entre as Nações, que a deſconhecem,
A teu ſabio diſvelo deve a Patria!
Pois, porque voe à Esfera de erudita,
De tantas pennas lhe teceſte as azas.

Mas com tal differença de fortunas
Entre a Fama de todos, e a tua fama,
Que à de todos lhe baſta huma ſó penna,
E as de todos à tua ainda naõ baſtaõ.

O' Patria fecundiſſima de engenhos,
Se como os gèras, naõ os deſpreſaras,
Quantos teriaõ nome nas Hiſtorias,
Quantos teriaõ vulto nas Eſtatuas!

Emenda o ocio inutil de eſquecida,
Nêgate ao feyo titulo de ingrata,
E eterniza nos marmores a hum Filho
Cifra de todos, que ſo elle exalta.

De D. Joachim de Santa Anna Conego Regular de Santo Agoſtinho

AO SENHOR

DIOGO BARBOSA MACHADO

Abbade de Sever eſcrevendo a

BIBLIOTHECA

Luſitana

ROMANCE.

VARAM Sabio, que impulſo vos anima
Ser decoroſo eſtrago às Sepulturas?
Porèm no univerſal juizo voſſo
Que merito haverà que infeliz durma!

Reſucitar ſómente à natureza
Divino Imperio pela obra inculca,
Quanto que a natureza hé mais a Fama
Tanto a acçaõ para o exceſſo ſe reputa?

Ou mortos ou confuzos nas memorias
Jaziaõ como eſcandalo da incuria
Milhares de Eſcritores Luſitanos;
Da los a conhecer novos apura.

Oh naõ ſe diga naõ, que para os Sabios
Taõ cega como avara hé a Fortuna,
Porque naõ falta ao premio, mede o tempo
Satisfaz ao trabalho, naõ o adùla.

Talues foſſe notada Luſitania
De preclaros ingenhos infecunda,
Quem a Patria deffende da ignominia
Dilata-lhe a extenſaõ pelo que a illuſtra.

Deffendida naõ ſó, mas venerada
A deixa voſſa penna, que triumfa
Da Criſi mais ſevera pois eſcolhe
E naõ para eſcrever ſómente ajunta.

Eſtatuas vos erija agradecida
Mas eſta voſſa obra aquella fruſtra,
Que onde tem o primor que remontar-ſe
Depois da perfeiçaõ ſer abſoluta?

Mais que em mudos Padroens, em vozes vivas
Se conſtrue a erudita archiƈtetura,
Naõ concilia o acerto authoridade
Por mais que creça, ſe ſe naõ divulga.

E como novamente organizados
Tantos ſabios heróes a morte inſultaõ!
Grande mizeria hé para a ignorancia
Ser pègo, e naõ depozito nas urnas.

Só hé filho da Patria, que a engrandece,
Depois de morto honralla hé gloria ſumma,
Quem a elles, e a ella immortaliza
De ſer Pay ſem cuidado achou a induſtria.

Parece deſtinou a Providencia
Aos Barboſas Athlantes da cultura
Deſſa de Juppiter producçaõ ſublime,
Donde melhor deſcanſa, ſe conſulta.

Triumvirato douto ſe diſtinguem,
Mais que o ſangue, a Sciencia hè que os vincùla,
Qual o primeiro ſeja inda ſe ignora:
Tambèm hà confuzam, que naõ perturba.

Do filho de Clymene a arte excedem,
Deixando conſervar na ruina aduſta
Diſſimulado o fogo ſem que poſſa
Paſſàr de Purgatorio a ſer injuria.

Bem ſe vé neſſas cinzas já naõ cinzas
Para ſempre animadas, e incorruptas,
O calor naõ perdiaõ nas memorias,
Texto ficou, o que era conjeƈtura.

Sabio inveſtigador da antiguidade,
Erudiçaõ como eſſa taõ fecunda,
Só podia de hum parto do juizo
Sahir à luz com tantas creaturas.

Naõ podendo creallas, as formaſtes
De novo, e agora izentas de caducas,
Nunca eſcrever ſoubeſtes ſem decoro,
Vivendo vós, a morte naõ aſſuſta.

Que vergoens naõ fazia o eſquecimento
No roſto da idade porque muda?
Tira-lhes tanta nodoa a voſſa tinta,
Hé Luſitania do Orbe formoſura.

Baſta, naõ de elogio ao voſſo nome,
Sim de grato deſpenho à minha Muſa,
Que naõ pode huma penna taõ raſteira
Servir no voſſo Templo de Colunna.

Suſtentay vós ſómente como Alcides
Do orbe literario a caſa auguſta,
Pois pondo nella a voſſa Bibliotheca,
Temo naſça a miſeria da fartura.

Só à Patria ſervir hè liberdade,
Quem a naõ ſerve, he vil, que o ocio educa,
Neſſe barrete honra da milicia
Se veja premio o Mantelete, ou Murça.

Braz Jozé Rebello Leite.

ERUDITISSIMO VIRO

DIDACO BARBOSA MACHADO,

Abbati S. Adriani in Sever, Regalis Academiæ Socio,

BIBLIOTHECAM LUSITANAM SCRIBENTI.

Vir Egregie
Unius te Doctorem libri non eſſe,
Apertum facis,
Cum vel hoc in uno Bibliothecam verſas.
En Authori ſuo congruum Opus;
Alii alios libros ſcribant,
Te non niſi integra decet Bibliotheca;
Quam,
Niſi totam mente clauderes, non proferres.
Imó curtam nimis
Eruditionis tuæ copiam facis,
Relatis unius tantùm gentis Scriptoribus,
Facturus integram, ſi retuliſſes omnium.
At dandum id præ reliquis Patriæ fuit,
Quam oportuit ſe ipſam noſcere;
Inſimul, & vindicari
Ab impoſturis exterorum,
Quibus ſolemne eſt
Verbo, ſcriptis (quando nequeunt factis)
Luſitanos deterere
Non modo gladios, ſed & calamos.
Dandum id civibus fuit tuis,
Apud quos Scriptor
Qui pluma reliquos elevet ſua,
Rara eſt avis:
Ni tuis ipſe auſpiciis
Omnium utilitati proſpiceres,
A nullo forſan alio auderent,
Sibi tale quid auſpicari.
Dandum id quoque fuit Conſanguineis tuis,

De re litteraria optimè meritis:
Arbori florentiſſimæ
Familiæ, gentiſque tuæ
Liber hic debebatur,
Debebantur hæc folia,
Quibus multiplex deſcriptum nomen
Probaret
Fieri è quolibet ejus Ligno Mercurium.
Utcumque tamen fuerit,
Uno hoc facto
Obæratos tibi reddidiſti
Omnes Luſitaniæ Scriptores:
Quæ alii exaraverant,
Monumenta perenniora ære
Magna ex parte rubigo exederat,
Tu novo ære incîdis,
Ut denuò perſtrigant oculos intuentium.
Aliorum clariſſima nomina,
Quæ vel modeſtia texerat, vel vetuſtas abraſerat,
Tu ſollicitudine tua
Quaſi lumine detegis ſuperfuſo:
Atque tenax juſtitiæ
Etiam inter obſequia
Unumquodque opus domino,
Dominum operi reponis ſuo,
Reliquos, eoſque bene multos,
Omnium adhuc manibus tritos,
Nequa ſimilis tempeſtas abſumat,
Tabulis tuis expoſitos
Securos reddis perennitatis.
Ex hoc
Omnes Luſitanos Scriptores
Renatos quiſque meritò dicet,
Cum,
Citra Pithagoricum delirium,
Denuò viderit in lucem editos,
Imò, & in unum migraſſe Corpus
Tuæ Bibliothecæ.
Quod ut fieret,
Hauriendum non fuit oblivionis flumen,
ſed ſuperandum.
Plaude tibi,
Ferax ingeniorum Luſitania,
Exueris licèt ſera Barbariem,

Brevi reparaſti damna plurium Sæculorum.
Viceras ſæpius ſtrenuiſſimas gentes,
Aperto Marte;
Ex quo patuit in te aditus Palladi,
Stylo quas viceras ferreo,
Viciſti et aureo.
Plaude, iterum plaude Lusitania:
Tot ferè ditata libris,
Quot liberis,
Ceu te multiplicitatis tæderet,
Unum modo profers,
Qui,
Ceu foret inſtar omnium,
Refert omnes.
Utilis ille quidem non minus ſingulis,
Quia omnibus,
Ab aliis propulſat injuriam temporum,
Aliis præcavet;
Non minùs propterea æternitate dignus,
Quod æternitati reliquos commendaverit.

Stacius de Almeyda Congregationis Oratorii Ulyſſipo-Occidentalis

DO SANTO OFFICIO

VIſto eſtar conforme com o ſeu original pode correr. Lisboa 5. de Dezembro de 1741.

Fr. R. de Lancaſtro. Teixeira. Sylva. Soares. Abreu. Amaral.

DO ORDINARIO.

VIſto eſtar conforme com o original pode correr. Lisboa 5. de Dezembro de 1741.

D. V. Arcebiſpo de Lacedemonia.

DO PAÇO.

TAxaõ eſte Livro em tres mil e duzentos reis para que poſſa correr. Lisboa 6. de Dezembro de 1741.

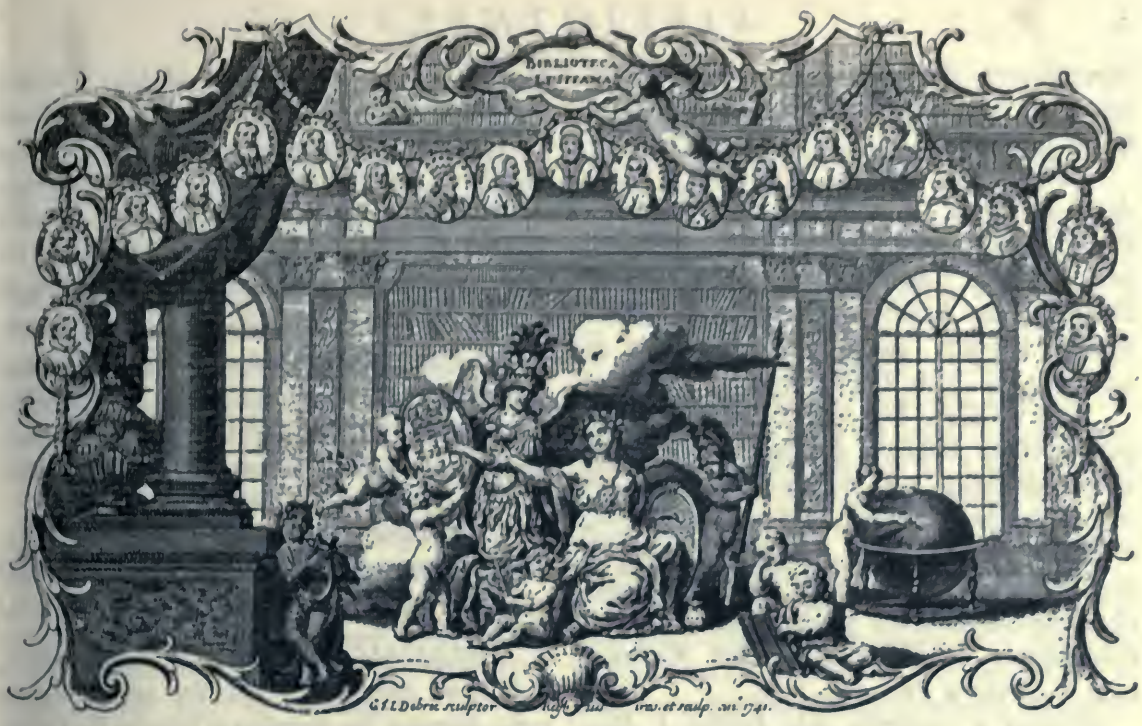
Pereira. Teixeira. Vaz de Carvalho.

ERRATAS EMENDADAS.

Pag. 23. col. 2. reg. 38.	faria	*fazia.*
pag. 53. col. 1. reg. 12.	no	*na*
pag. 143. col. 1. reg. 53.	affirma	*affima.*
pag. 163. col. 1. reg. 42.	Subjiecernt	*Subjecerunt.*
pag. 166. col. 1. reg. 42.	adnotationis	*adnotationibus.*
pag. 177. col. 1. reg. 51.	aſte	*eſte*
pag. 179. col. 1. reg. 5.	campleta	*completa*
pag. 216. col. 1. reg. 31.	vivam	*vivax*
pag. 216. col. 1. reg. 34.	Myronis	*Maronis*
pag. 217. col. 1. reg. 22.	Geueral	*General*
pag. 220. col. 2. reg. 20.	março	*murça*
pag. 286. col. 2. reg. 22.	Carcame	*Carcome*
pag. 288. col. 2. reg. 38.	tenſtemunho	*teſtemunho*
pag. 291. col. 2. reg. 49.	deferanda	*de ferenda*
pag. 318. col. 2. reg. 25.	porque tinha	*tinha, porque*
pag. 319. col. 2. reg. 9.	Miſericadia	*Miſericordia*
pag. 327. col. 2. reg. 39.	forentes	*forenſes.*
pag. 343. col. 2. reg. 42.	ANLONIO	*ANTONIO*
pag. 376. col. 1. reg. 23.	peritis inſignia	*peritia inſignis.*
pag. 390. col. 1. reg. 18.	filhalha	*filha*
pag. 416. col. 1. reg. 2.	ſegaintes	*ſeguintes.*
pag. 462. col. 1. reg. 45.	compoz	*compoſto*
pag. 480. col. 1. reg. 52.	Romnna	*Romana*
pag. 482. col. 2. reg. 48.	Collaçoent	*Collaçoens.*
pag. 491. col. 1. reg. 43.	Repetito	*Repetitio*
pag. 495. col. 1. reg. 38.	precito	*preceito*
pag. 524. col. 1. reg. 47.	com	*como*
pag. 572. col. 2. reg. 44.	Calori	*Caroli*
pag. 599. col. 1. reg. 22.	inſignas	*inſignes*
pag. 628. col. 2. reg. 43.	Monarcia	*Monarchia*
pag. 648. col. 1. reg. 49.	goverzaraõ	*governaraõ*
pag. 692. col. 1. reg. 50.	pora	*para*
pag. 705. col. 1. reg. 32.	alterou	*altercou*
pag. 710. col. 1. reg. 32.	largas	*largar*
pag. 735. col. 1. reg. 33.	naçaõ	*naceu*
pag. 761. col. 2. reg. 28.	Poſtohuma	*Poſthuma.*

Kelberg pinxit. *S.H.Thomassin Sc.*

Diogo Barbosa Machado Vlyssiponens
Abbade da Parochial Igreja de Santo Adriaõ
de Sever Academico Real:



BIBLIOTHECA LUSITANA

A

BRAHAM COEN PIMENTEL natural de Lisboa, donde paſſando a Amſterdaõ, publicou no anno de 1699.

Queſtoens Eſcolaſticas.

ABRAHAM FERRAR natural da Cidade do Porto, e Medico de profiſſaõ. Por ſer acerrimo Sequaz do Hebraiſmo, receando experimentar o merecido caſtigo da ſua apoſtaſia ſe retirou furtivamente para Amſterdaõ, onde foy pelos ſeus naturaes benignamente recebido, e exceſſivamente eſtimado; de tal ſorte, que o elegeraõ Preſidente da Sinagoga no anno de 1652. em o qual lhe dedicou Manaſſe Ben Iſrael huma Oraçaõ compoſta em applauſo do Principe de Orange, e Henriqueta Maria Rainha de Inglaterra na occaſiaõ em que eſtes Principes foraõ ver a meſma Sinagoga. Eſcreveo, e imprimio na lingua materna em Amſterdaõ.

Declaraçaõ das 613. *Encomendanças da noſſa Santa Ley. Anno da creaçaõ* 5387. *e de Chriſto* 1627. em 4.

Deſta obra, como do ſeu author, faz memoria o meſmo Manaſſe *in lib. de Reſurrect. mort.* e no de *Fragilitate human.* part. 2. § 10. Guſtavo Peringer. pag. 26. onde por engano lhe chama *David.* Jul. Bartoloc. in *Bib. Rabbin.* Part. 1. n. 108. Nicol. Ant. in *Bib. Hiſpan.* Tom. 2. in append. 2. pag. 313. Joan. Chriſtoph. Wolſius in *Bibilioth. Hebræa.* pag. 98. n. 137. Jacob. Le Long. *Bib. Sacra.* pag. mihi 593. col. 2.

ABRAHAM FERREYRA cujo apellido mudou em Irira, quando deixando Portugal paſſou a Amſterdaõ, onde profeſſou a obſervancia dos Ritos Judaicos. Foy igualmẽte perito em os myſterios da Cabbala que nas

eſpeculaçoens da Filoſofia Platonica, e Ariſtotelica, de que deixou claros argumentos nas obras ſeguintes.

Caſa de Dios ex Gen. XXVII. 17. Cõſta de ſete partes, e outros tantos capitulos. Foy traduzida eſta obra na lingua Hebraica pelo Rabbino Iſaac Abuhab Preſidente da Sinagoga dos Judeos de Eſpanha em Amſterdaõ, impreſſa naquella Cidade anno da criaçaõ 5415. e de Chriſto 1655. 4.

Porta del Cielo. Foy traduſida em Hebraico pelo meſmo Rabino, e impreſſa no anno aſſima declarado, e depois ſe verteo na lingua Latina em eſtylo mais compendioſo, e ſahio no Tom. 1. Part. 3. *Cabbalæ denudatæ.* Solisbaci 1678. O principal argumento deſta obra conſiſte em hum parallelo das doutrinas Cabbaliſticas de Enſoph, e Adaõ Kadmon com a Filoſofia Platonica.

Epitome y compendio dela Logica, ò Dialetica, en que ſe expone, y declara breve, y facilmente ſu eſſencia, partes, y propriedades, preceptos, reglas, y uſos, diſtribuido en 7. liuros. 8. ſem lugar, nem anno da Impreſſaõ.

Fazem memoria de Abrahaõ Irira Baſnage *Table de Autheurs dela Hiſtoire, et la Religion des Juifs* Tom. 1. onde o intitula Portuguez, e Joaõ Chriſtovaõ Wolfio in *Biblioth. Hebræa* pag. 66. § .101.

ABRAHAM DA FONSECA cuja patria ſe ignora. Foy muito verſado na liçaõ da Sagrada Eſcritura, e na intelligencia das ſuas mayores difficuldades, por cujas partes mereceo que em Amburgo foſſe o primeiro Rabino da Sinagoga dos Eſpanhoes, onde viveo muitos annos com geral opiniaõ de inſigne Meſtre. Morreo a 17. de Julho de 1671. compoz.

Oculi Abrahæ, ſive Index verſuum Bibliorum, qui explicantur in libro Rabot, & Mattanoth Kehunna. Amſterdaõ apud Danielem da Fonſeca anno creationis 5387. Chriſti 1627. 4.

Naõ faltou quem affirmaſſe que eſte livro fora impreſſo primeiramente em Amſterdaõ no anno da creaçaõ 5327. e de Chriſto 1567. cuja aſſeveraçaõ ſe convence ſer falſa, porque ſendo publicada neſte anno, naõ podia ſer compoſta eſta obra por Abrahaõ da Fonſeca, como taõbem porque neſte tempo, como doutamente advirtio Wolfio in *Bib. Hebræa* pag. 36. n. 133. naõ aſſiſtiaõ os Judeos em Amſterdaõ, nem tinhaõ impreſſaõ para publicar as obras, que eſcreviaõ. No Cathalogo da Biblioteca de Joaõ Vander Wayen ſe lé eſta obra impreſſa no anno de 1632 in 4. Do author faz memoria Jacob le Long. in *Bib. Sacr.* pag. mihi. 593. col. 2.

ABRAHAM FRISIO, o qual affirma ſer Portuguez, Jorge Draudio na Biblioth. Claſſica no titulo dos Chronologos. Foy igualmente douto no eſtudo da Chronologia, que na liçaõ da Biblia, eſcrevendo

Chronologiæ ſecundum normam Sacræ Scripturæ conformandæ, ac corrigendæ Delineatio breviſſima. Gorlicii apud Joannem Rhamba. 1614. 4.

ABRAHAM GADELHA grande Medico, e inſigne Aſtrologo. Por ſer muito douto neſta Sciencia lhe mandou o Infante D. Pedro Tio DelRey D. Affonſo V. que obſervaſſe o aſpecto dos Planetas para delles conjecturar a felicidade do governo daquelle Principe na hora, em que para Monarca deſta Coroa foy aclamado em Thomar a 10. de Setembro de 1438. Em premio deſta obſervaçaõ deu o meſmo Principe a hũa filha de Abrahaõ Gadelha huma Tença, o qual em agradecimento deſta generoſa dadiva compoz hum largo, e erudito Diſcurſo acerca da obſervaçaõ que tinha feito, e o dedicou ao meſmo Principe, onde lhe augurava muitas felicidades.

ABRAHAM GOMES SYLVEIRA alias Diogo Gomes Sylveira. Ainda contava poucos annos de idade, quando deixando a patria, diſcorreo pellas mais celebres Cidades de França, e Flandes, atè que em Amſterdaõ fez o ſeu domicilio. Applicouſe ao eſtudo das Sagradas letras em que naõ fez pequeno progreſſo. Era naturalmente inclinado à Poeſia jocoſa, da qual publicou differentes obras, principalmente hum Vexame à imitaçaõ de Jeronimo Cancer, que ſe imprimio, como taõbem alguns Sermoens em Amſterdaõ no anno da Creaçaõ 5438. e de Chriſto 1676.

ABRAHAM NEHEMIAS inſigne Medico, que floreceo no Seculo XVI. de cuja faculdade deo hum erudito teſtemunho nas obras ſeguintes.

Methodi medendi univerſalis per ſanguinis emiſſionem, & purgationem libri duo; in quibus agit de purgandi tempore, & medendi ordine.

A eſta obra juntou a ſeguinte.

De Tempore aquæ frigidæ in febribus ardentibus ad ſatietatem exhibendæ. Venetiis apud Bernardum Baſſam 1591. in 4. e naõ em 1691. como erradamente eſcreve Bartolocio *in Bib. Rabbin.* Tom. 1. n. 100. & apud Societatem Venetam 1604. in 4. & ibi apud Joan. Baptiſt. Ciottum 1604. in 4. Compoz mais

Quæſtiones, & Reſponſiones.

A qual obra ſe naõ imprimio, e della ſe lembra Wolfio in *Bib. Heb.* pag. 92. n. 124. e do Author, Joaõ Anton. Vander Linden in *Bib. Medica.* Jorge Abrah. Mercklin. in *Script. Med.* e Nicol. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 2. pag. 313. in Append.

ABRAHAM PEREYRA, ainda que nacido em Madrid, filho de Pays Portuguezes que eraõ naturaes de Villaflor. O ſeu nome proprio era Thomaz Rodrigues Pereira, que conſervou, em quanto aſſiſtio em Heſpanha, onde mereceo a eſtimaçaõ das primeiras Peſſoas daquella Monarchia pella agudeza do talento, e docilidade do genio. Paſſou a Amſterdaõ, onde com a mudança da religiaõ, mudou o nome. Morreo naquella Cidade no anno de 1699. Compoz

La certeza del Camino. Amſterd. 4.

Eſpejo de la vanidad del mundo. Amſterd. año de la Creacion del mundo 5431. de Chriſto 1683. in 4.

Delle faz mençaõ Joaõ Chriſtof. Wolfio in *Bib. Hebræa.* pag. 99. n. 141.

ABRAHAM PIMENTEL. Floreceo conforme Wolfio in *Biblioth. Hebræa* pag. 97. n. 134. no meyo do Seculo decimo ſetimo. Foy naõ ſómente obſervante profeſſor das cerimonias, e ritos judaicos, mas profundamente douto na intelligencia dos ſeus myſterios, como manifeſtaõ as obras ſeguintes.

Oblatio Sacerdotis ex Levit. cap. 6. *v.* 16. conſta eſta obra de tres livros.

Occaſus Solis ex Deutor. cap. 11. *v.* 30. onde trata dos ritos que devem obſervar os Judeos deſde o nacimento da Aurora atè o Occaſo do Sol.

Liber Sponſionum. Neſte Livro allude ao *Liv.* 2. *Reg. cap.* 14. *v.* 14. em que trata das couzas licitas, e illicitas.

Obſervatio Sabbati. Conſta das ceremonias, que ſe praticaõ em os Sabbados. Amſtelod. an. Creat. 5428. Chriſti 1668. 4.

ABRAHAM SABBAA natural de Lisboa, e hum dos mais famoſos Rabinos do ſeu tempo. No anno de 1497. em que por ordem do Sereniſſimo Rey D. Manoel foraõ exterminados os Judeos de Portugal por naõ quererem abjurar os delirios da ſua crença, lhe fez companhia, quando já era muito velho, e buſcando para ſeu domicilio a Cidade de Fez, nella amargamente lamentou a auzencia da ſua patria expreſſando as moleſtias, e aflicçoens, que lhe cauſava o deſterro naquellas palavras do Levitico cap. 26. *Si inpræceptis meis ambulaveritis* &c. Igualmente opprimido da anguſtia do animo, que do numero dos annos, acabou a vida em Fez no anno de 1509. Eſcreveo na lingua hebraica hum Commentario ao Pentateucho com eſte titulo:

Tzeròr hammór; hoc eſt, Faſciculus Myrrhæ ex Cant. 1. *n.* 13.

Cuja expoſiçaõ poſto, que ſeja conforme ao ſentido litteral da Eſcritura, muitas vezes inclina para o Cabbaliſtico, o qual he muito eſtimado dos Hebreos, como eſcrevẽ Wolfio in *Bib. Hebr.* pag. 93. n. 127. e Bartoloc. in *Bib. Rabbinic.* Tom. 1. pag. 48. n. 102. Sahio primeiramente Venetiis apud Danielem Bambergam 1523. in fol. e ſegunda vez ibi apud Marcum Antonium Juſtinianum 1546. fol. & ibi apud Georgium de Caballis. 1567. in fol. Foy traduzido em Latim por Conrado Pelicano como teſtifica Buxtorfio in *Biblioth. Rabbin.* pag. 296. da ultima ediçaõ, e ſahio impreſſo Cracoviæ 1599. Joaõ Andre Eiſſenmengero no ſeu Livro intitulado *Judaiſmus detectus* affirma que deſte Commentario da ediçaõ de Veneza de 1567. ſe tinhaõ tirado algumas injurias, que o author como acerrimo ſequaz da Sinagoga tinha proferido em vituperio dos Chriſtãos. Contra eſta obra eſcreveo huma douta cenſura Diogo Humada, a qual ſe conſerva M.S. no Collegio dos Neofitos de Roma, como diz Carlos Jozeph Imbonato in *Bib. Latino Heb.* pag. 32. n. 120. compoz mais:

Tzéror hacchéſeph, id eſt, Faſciculus argenteus tirado do Genes. cap. 42. v. 35. que he hum comento dos Cantares de Salamaõ.

Adverte Bartoloccio in *Bib. Rabb.* Part. 1. pag. 49. n. 202. que eſte appelido *Savaà* por ſe achar eſcrito em alguns exemplares com accentuaçoens, foy cauſa para que muitos creſſem ſer abbreviatura da patria, e appellido do Rabbino Abrahaõ Aben Eſra, e como a tal lhe atribuiraõ falſamente eſtas obras, quando dellas he verdadeiro author Abrahaõ Sabaá, a quem, como entre os Rabbinos o mais douto, celebraõ alem de Buxtorfio, e Bartoloccio, Plantavit. in *Biblioth. Rabb.* n. 605. Hottinger. in *Bib. Orient.* cap. 1. Claſ. 2. pag. 4. Nicol. Ant. in *Hiſpan.* Tom. 2. pag. 313. in append. Georg. Draud. in *Claſſic.* claſ. lib. Theolog. Tit. *Hebraic.* Geneb. in *Chronol.* lib. 4. ad an. 1484. & in Not. ad eamd. *Chronol.* ſect. 15. pag. 156. Spond. ad ann. 1492. Jacob. Gualt. in *Tab. Chronolog.* Sæcul. 15. Wolfio in *Bib. Hebræa.* pag. 93. n. 127. e Jacob Le Long. in *Bib. Sacr.* pag. mihi 595. col. 1.

ABRAHAM USQUE naceo em Portugal, onde educado com os preceitos do Talmud por ſeus Pays, ſahio hum dos mayores profeſſores dos erros da Sinagoga. O ſeu mayor diſvelo foy penetrar o ſentido Litteral da Biblia, e para que a fizeſſe mais intelligivel aos Judeos, que aſſiſtiaõ em Heſpanha, e Olanda, a traduzio do texto Hebraico na lingua Eſpanhola, e a dedicou a Hercules de Eſte Duque de Ferrara, e ſahio impreſſa em caracter gothico com eſte titulo:

Biblia en lengua Eſpañola traduzida palavra por palavra de la verdad Hebraica por muy excellentes Letrados, viſta y examinada por el Officio de la Inquiſicion. in fol. Ferraræ. Sumptibus Yom Tob Atias anno mundi 5313. Chriſti. 1553.

Eſta traduçaõ he palavra por palavra do Original, e naõ deixa de ſer eſcura de ſe perceber por uzar de huma linguagem Heſpanhola, que ſómente ſe falla nas Sinagogas. Foy ſegunda vez impreſſa em Ferrara, e no fim tem eſtas palavras. *Con induſtria de Duarte Pinel Portuguez ſtampata a coſta, y deſpeza de Geronimo de Vargas Eſpañol en* 1. *de Março de* 1553. Neſta ediçaõ ſahio com algumas palavras mudadas para ſer mais intelligivel, porém a primeira he muito mais eſtimavel, como eſcreve o Padre Richardo Simon in *Hiſt. Crit. V et. Teſtam.* liv. 5. cap. 19. Sahio terceira vez impreſſa por diligencia de Manaſſe Ben Iſrael em Amſterdaõ decimo quinto Sabbati 5390. que correſponde ao anno de Chriſto 1630. Bartoloccio na *Bib. Rabbin.* Part. 1. pag. 49. n. 103. & Part. 3. p. 785. n. 706. eſcreve que Abrahaõ Uſque fizera eſta traducçaõ juntamente com ſeu companheiro Yom Tob Atias, porém Wolfio na *Bib. Hebræa* pag. 31. n. 49. ſe oppoem a eſta opiniaõ affirmando que fora feita por outros Judeos, ſendo impreſſa por diligencia de Abrahaõ Uſque, como ſe colhe da ediçaõ de Ferrara, que no fim tem eſtas palavras. *A gloria, y loor de nueſtro Señor ſe acabo la preſente Biblia en lengua Eſpañola traduzida de la verdadera origen Hebraica por muy excelentes Letrados con induſtria, y diligencia de Abrahan Uſque Portuguez eſtampata en Ferrara a coſta, y deſpeza de Yom Tob Atias hijo de Levi Atias Eſpañol en* 14 *de Adar de* 5313. Porém ſempre reconhece Wolfio, que naõ pòde Abrahaõ Uſque ſer privado da gloria de trabalhar muito neſta traducçaõ, como afirma Richard. Simon in *Diſq. Crit. de var. Bib. edition.* cap. 14. dizendo: *Veriſimile eſt Abrahamum Uſque Judæum è Luſitania in adornanda hac translatione Hiſpana ſibi prævios habuiſſe Doctores, qui ante illius tempora Biblia in Sinagogis hebraicè, & hiſpanice perlegerant, adeò ut pleraſque illorum voces uſurpaverit.* Compoz mais

Orden de los Ritos de la Fieſta del Año Nuevo, y Expiacion. Ferrara 1554. 4.

Além de Wolfio, Bartolocio, e Simon ſe lembraõ de Abrahaõ Uſque, Le Long. in *Bib. Sacr.* Part. 2. pag. 124. Morery *Diccionair. Hiſtorique,* Magna Biblioth. Eccleſ. pag. 32. col. 1.

ACHILLES ESTAÇO, cuja memoria ſerà eternamente venerada no Templo da Virtude, e da Sabedoria, naſceo em a illuſtre Villa da Vidigueira da Provincia Tranſtagana a 15. de Junho de 1524. como elle teſtifica em huma carta eſcrita a Paulo Melliſſo. Foy filho de Paulo Nunes Eſtaço (a quem chama Simaõ por engano Nicolao Antonio na *Bib.*

Hiſp. Tom. 1. pag. 2.) Cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto, e Governador do Caſtello de Outaõ na barra de Setuval, naõ menos celebre pela nobreza de ſeus mayores, que pelas proezas militares obradas no Oriente, como eſcreve Joaõ de Barros *Dec.* 3. *liv.* 9. *cap.* 12. e muito mais pelas virtudes Chriſtãas, que religioſamente praticava, pois por morte de ſua mulher deſprezando as delicias mundanas ſe recolheo no Moſteiro da Serra de Oſſa, onde em habito ſecular exactamente obſervou os ſagrados exercicios dos habitadores daquella ſolidaõ, até que com faculdade do Cardeal D. Henrique paſſou o reſtante da ſua vida entre os Monges de Alcobaça. Como o ſeu genio era bellicoſo, deſejava que o filho foſſe unicamente herdeiro de ſeus marciaes eſpiritos, e com eſte intento lhe impoz o nome de Achilles, para que a memoria deſte inſigne Capitaõ lhe ſerviſſe de perpetuo eſtimulo para obrar acçoens heroicas, das quaes lhe deſtinou por theatro a India Oriental, para onde o levou em ſua companhia eſperando, que aprendendo em idade taõ tenra os preceitos da arte militar, pelo progreſſo do tempo ſahiria taõ diſciplinado, que foſſe o terror dos inimigos do Eſtado. Mas como a natureza ſuavemente o inclinava para as letras, e foſſe pouco robuſto para as armas, alcançou faculdade do pay para que deixando a eſcola de Marte, frequentaſſe a de Minerva. Para conſeguir eſta reſoluçaõ voltou a Portugal, e na Cidade de Evora aprendeo do inſigne Varaõ Andre de Reſende as letras humanas, e a lingua Latina, e como a madureza do juizo ſe anticipava à verdura da idade, fez em breve tempo taõ agigantados progreſſos, que era admirado do Meſtre, e envejado dos diſcipulos. Ambicioſo de ſe inſtruir com mayores ſciencias deixando a ſua Patria paſſou a Flandes, onde em Lovayna teve por Meſtre a Pedro Nanio, eloquentiſſimo Orador daquella idade; e depois eſtudou Theologia, da qual penetrou profundamente os ſeus mayores myſterios. Porêm como as armas Francezas, que fortemente infeſtavaõ aquelles Paizes, lhe alteraſſem o ſocego neceſſario para o eſtudo, partio para Pariz, em cuja Univerſidade brilhou exceſſivamente o ſeu talento, publicando em o anno de 1549. como primicias da ſua capacidade, huma Sylva de varios Poemas, que dedicou ao ſeu Mecenas o Infante D. Luiz, a cuja generoſidade propria de taõ grande Principe ſe confeſſou devedor como ſeu pay, expreſſando o agradecimento de ambos neſtas metricas vozes:

At tibi me, Paulumque Patrem debere fatemur
Ipſe quod ingenio, Marte quod ille poteſt.
Quippe Pater bello dux olim aſſuetus & armis
Sæpe tibi victor gratus ab hoſte redit.

Neſta obra poetica moſtrou quanto era obſervante dos ſeus preceitos, ſem profanar o culto das Muſas com algum termo indecoroſo à ſua pureza. No anno de 1555. quando contava trinta, e hum de idade, voltou ſegunda vez a Flandes (como elle confeſſa na Explanaçaõ de Cicero *de optimo genere Oratorum*) e ſendo deſde a puericia applicado às letras humanas, para aliviar o animo da ſeveridade dos eſtudos mayores, occupava algumas horas em interpretar aos ſeus domeſticos, e amigos as obras dos Authores antigos, illuſtrando a huns com doutiſſimas reflexoens, e obſervando em outros varios primores de elegancia, e erudiçaõ; e ſe nelles achava algum termo menos perceptivel à commua intelligencia, o conſultava com Varoens eruditos, como muitas vezes o praticou com Paulo Manutio, Marco Antonio Mureto, e Franciſco Rebortelo, aos quaes profeſſava huma eſtreita amizade, e communicaçaõ. Soube com perfeiçaõ as linguas Grega, e Hebraica, as quaes fallou com tanta expediçaõ, e pureza como a Latina, em que foy eminente, e naõ menos Poeta ſuaviſſimo, e eloquentiſſimo Orador, de cujas elegantes vozes ainda hoje ſoaõ os eccos na cabeça do Mundo, onde por diverſas vezes foy ouvido com aplauſo, e admiraçaõ, principalmente quando na prezença dos Summos Pontifices Pio IV. S. Pio V. e Gregorio XIII. elegantemente orou; duas vezes em nome do noſſo Sereniſſimo Principe D. Sebaſtiaõ; e huma em nome de Fr. Joaõ de la Vallete Graõ Meſtre de Malta com tanta pureza na fraze, e eſpirito na repreſentaçaõ, que ſepultou em eterno eſquecimento a todos os Oradores, de que tinha ſido Patria, e theatro aquella grande Corte. Nella como Emporio das Sciencias mereceo ſer elevado a huma Cadeira na Univer-

ſidade da Sapiencia, onde reſplandeceo com tanta intenſaõ o ſeu talento, que para dignamente ſer premiado, competiaõ entre ſi os mayores Principes. Deſta verdade ſeja claro teſtemunho o Cardeal Sforcia, quando o fez Bibliothecario da ſua numeroſa Livraria cõpoſta de rariſſimos *M. S.* com que enriquiceo de novas noticias a ſua vaſta comprehenſaõ. Atendendo a Santidade de Pio IV. ao ſeu talento o nomeou Secretario do Concilio Tridentino, e ainda que modeſtamente ſe eſcuſou deſte miniſterio, naõ pode deixar de o exercitar, quando S. Pio V. o elegeo Secretario das Cartas Latinas, que os Pontifices eſcrevem aos Principes, confiando da elegancia das ſuas palavras, que dignamente exprimiſſe, e repreſentaſſe a ſuprema authoridade do Solio do Vaticano. Naõ menor eſtimaçaõ recebeo de Gregorio XIII. pois querendo augmentar o eſplendor da Caſa Pontificia o admitio em o numero dos ſeus Familiares, dando-lhe tudo quanto naõ ſó era neceſſario, mas ſuperabundante. Porem como extremoſamente ſentiſſe a morte de S. Pio V. de quem recebera naõ vulgares demonſtraçoens de affecto, deixando as bem fundadas eſperanças, que lhe prometiaõ os ſeus grandes merecimentos, ſe retirou a viver para ſi, e para as Muſas; e julgando-ſe por ſua natural humildade indigno do Eſtado Sacerdotal, paſſou o reſtante da vida com ſumma moderaçaõ, e parcimonia, regeitando muitos, e rendoſos beneficios, que eſpontaneamente lhe offereciaõ, e alguns lugares honorificos, como foraõ o de Chroniſta Latino de Portugal, Guarda Mòr do Archivo Real para os quaes o convidou El Rey D. Sebaſtiaõ, e de ſer Secretario do Cardial D. Henrique quando no anno 1578. vestio a Purpura Real ſobre a Cardinalicia. Nos ſeus ultimos annos gaſtava o tempo de menhãa em viſitar com devota piedade os Templos, e ſepulturas, em que deſcanſaõ as Cinzas de muitos Martyres, de que Roma he veneravel depoſito, e para que nem ainda neſte piedoſo exercicio eſtiveſſe totalmente divertido o ſeu genio do eſtudo, examinava com douta curioſidade muitas inſcripçoens gravadas em diverſos marmores; de tarde ſe comunicava aos ſeus amigos, aprendendo eſtes da ſua pratica os documentos ſolidos, aſſim para o progreſſo das ſciencias, como para a reforma das vidas; e aos que eſtavaõ auzentes, como eraõ Joſeph Caſtelleoni celebre Juriſconſulto de Ancona, Paulo Melliſſo Poeta Germanico, e Fulvio Urſino, ſabio, e illuſtre Romano, que veneravaõ a ſua profunda erudiçaõ, ſe fazia prezente por cartas Latinas eſcritas com tanta elegancia, que teſtemunhou o Cicero Portuguez D. Jeronimo Oſorio, fora inſigne neſte genero de eſcritura. Foy ſempre inimigo jurado do ocio, de tal ſorte que quando já o pezo dos annos, e a debilidade das forças o eſcuſavaõ da applicaçaõ ao eſtudo, conſumia grande parte do tempo extrahindo das Bibliothecas com incanſavel trabalho as Obras de muitos Santos Padres Gregos, traduzindo-as na Lingua Latina, como foraõ as Oraçoens de S. Joaõ Chryſoſtomo, e alguns Tratados de S. Cyrillo, Santo Anaſtaſio, S. Gregorio Niſſeno, Amphiloquio, e os Hymnos de Calimacho, vendoſe neſtas traducçoens o profundo conhecimento, que tinha da lingua Grega na qual compoz tambem admiraveis verſos. A ſua vida, que pelos exercicios de tantas virtudes era digna de ſer eterna, pagou o tributo de mortal em Roma a 28. de Setembro de 1581. quando contava 57. annos, e trez mezes de idade. Mandou no ſeu Teſtamento que veſtido no habito de S. Domingos foſſe enterrado na Igreja dos Padres da Congregaçaõ do Oratorio de Roma, onde honorificamente foy collocado em huma Capella dedicada à May de Deos, que he a primeyra, que ao entrar pelo Templo eſtá ao lado eſquerdo. Para eterno teſtemunho de como affectuoſamente venerava aquelles exemplariſſimos Padres lhes deixou por eſtimavel legado a ſua numeroſa Livraria, de cuja Liçaõ extrahio varias noticias com que illuſtrou os Faſtos da Igreja o ſeu Purpurado Annaliſta Ceſar Baronio. Eſta inſigne Bibliotheca ſe vé collocada em huma ſumptuoſa caſa, onde na fachada da porta eſtá pintado o retrato de Achilles Eſtaço, e na parte inferior gravada eſta breve inſcripçaõ *Bibliotheca Statiana.* Naõ foy poderoſa a morte para extinguir na eſtimaçaõ dos mayores Principes a memoria de taõ grande Varaõ, pois querendo Xiſto V. perpetuar o ſeu merecimento, conferio hum rendoſo beneficio a hum ſeu parente, dizendo, que era juſto que ainda depois da morte ſe premiaſſe a virtude. O Cardeal Farneſe naõ duvidou affir-

mar, que morrera o mayor homem que ſahira de Portugal. Os mais celebres Eſcritores lhe conſagraraõ grandes elogios ao ſeu nome, ulgando ſerem limitado premio para taõ alto merecimento, como foraõ Juſto Lipſio lib. 1. *Variar. Lect.* cap. 2. chamando-lhe *magni ingenij, & multæ lectionis virum.* Martim Aſpilc. Nav. in oper. *de Reddit. Eccleſ. Portugalliæ honor.* O Cardial Baronio naõ ſatisfeito de fazer delle honorifica memoria repetidas vezes, como ſe vè in *Annalib.* ad ann. Chriſt. 599. n. 9. & in Not. *ad Martyrol. Rom.* 21. April. tratando de Anaſtacio Synaita, e em 14. de Mayo *regul. Monach.* principalmente a 11. de Jan. in depoſit. S. Baſil. diz eſtas palavras. *Legimus in Veteri M. S. Codice noſtræ Bibliothecæ, quam poſſidemus liberalitate piæ memoriæ optimi, & eruditiſſimi Achillis Statij Luſitani;* e em 12. de Novembro eſcrevendo de S. Martinho Papa, e Martyr; *Unde bene precamur bonæ memoriæ Achillis Statij, qui legata nobis ſua Bibliotheca tam inſignia reliquit vetuſtatis monumenta.* Latin. Latinin Epiſt. ad Ant. Auguſt. lhe chama *Librorum venator, & helluo.* Ant. Poſſev. in *Appar. Sacr.* tom. 1. *Noſtri ævi eruditum virum.* Andre Scoto in *Bib. Hiſp.* claſ 2. tom. 3. pag. 489. *Poeta ſimul, & Philologus inter æquales præſtans.* D. Nicol. Ant. na *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 2. *Vir pius, eximiæque in litteris ſive proſa, ſive verſa oratione ſcriberet, ſive illuſtraret priſcos Scriptores, ſive tandem è Latino in Græcum verteret, famæ.* Fr. Miguel Pacheco na *Vida da Inf. D. Mar.* Liv. 2. cap. 4. p. 99. *hombre doctiſſimo en letras divinas, y humanas;* e no cap. 18. pág. 135. *Sugeto de los aplaudidos de aquel ſiglo en todas las buenas Letras,* Jorge Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 3. no Commentario de 3. de Mayo letr. A lhe chama *famoſo.* Joan. Suar. de Brito in *Theat. Luſit. Litterat.* lit A. *Vir fuit multæ eruditionis tam græcæ, quam latinæ.* Lud. Carrio. lib. 1. *Antiq.* cap. 2. *Virum ſummum, atque ut ejus amplitudo, & præclara omnium ſcientiàrum conditio meretur, non niſi cum honore nominãdum.* Jeron. Ghilino in *Theatr. d'Huom. Letter.* Tom. 2. p. 5. *Eccellentiſſimo Litterato, Poeta, Proſatore, e Traduttore fini la ſua vita in Roma con grandiſſimo diſpiacere dè ſuoi amici, e di tuti iprofeſſori di belle Lettere, trà quali apparve como un chiariſſimo ſole frà le Stelle.* Com ſemelhantes elogios o celebraõ Joaõ Sambuco in *Emblem.* pag. 177. Petr. Ang. Sper. de *nobil. Profeſ. Grammat. & Human.* lib. 3. fol. 120. e 129. Tobias Magir. in *Eponymol. Crit.* p. 7. Franckenau in *Bib. Hiſp. Hiſt. Gen. Herald.* pag. 1. Thuan. *Hiſt.* lib. 39. ad an. 1566. Joan. Hallevord. in *Bib. Curioſ.* pag. 2. Jacob. Pontan. in *Attic. Bellar.* pag. 43. n. 21. Taxand. in *Cathal. Cla. Hiſp. Script.* Capaſſi *Hiſt. Philoſof.* pag. 453. Padilla *Hiſt. Eccleſ. de Eſpan.* Cent. 4. cap. 52. onde por erro o faz Italiano, Gaſpar Eſtaço *Antig. de Portug.* cap. 44. §. 6. *e no Trat. da linhag. dos Eſtaços.* pag. 45. Fonſec. *Evora glorioſa* pag. 406. o Padre D. Ant. Caet. de Souſ. na Prefaçaõ á *Hiſt. Gen. da Caſ. Real de Portug.* Tom. 1. pag. 43. n. 21. He numerado entre os Poetas inſignes por Pedro Sanchez na celebre Carta que em louvor dos Poetas Portuguezes eſcreveo a Ignacio de Moraes dizendo:

Incolat, & quamvis diverſas transfuga terras
Non tamen oblitus patriæ fera prælia cãtet
Quæ Rex Alphonſus cui cælo miſſa ſereno
Luſitanorum ſunt clara inſignia Regum.
Illum autem digito quem monſtrat Martia Roma?
Orbis Roma caput; quo prætereunte feneſtris
De ſummis pueri clamant, juveneſque, ſenesque
Ille, ille eſt certe ille eſt Luſitanus Achilles:
Luſitana ſuis tellus geſtavit in Ulnis
Nutrivit, docuitque bonas noviſſe Camoenas.

Ultimamente coroa todos eſtes elogios dedicados à memoria de Achilles Eſtaço o Padre Antonio dos Reys com o que lhe tece das suas proprias Sylvas no Enthuſiaſmo Poetico, n. 15 que dedicou à Auguſtiſſima Mageſtade delRey D. Joaõ V. N. Senhor impreſſo no principio dos ſeus agudiſſimos epigramas dizendo com Laconica, e elegante energia:

Tu quòque non unà tantum redimitus Achilles
Fronde ſedes; ſiquidem propriæ dant plurima Sylvæ
Serta tibi.

O Cathalogo das ſuas obras que ſe achaõ eſpalhadas em huma, e outra Bibliotheca *Hiſpana, e Bibliotheca Claſſica* de Draudio,

na *Curioſa* de Hallevordio pag. 2. e na *Pontificia* de Fr. Luiz Jacob de S. Carlos pag. 238. e no *Cathalogo Clar. Hiſp. Script. de* Taxandro, he o ſeguinte.

Obras impreſſas em proſa.

Commentarij in Lib. 3. M. Tulij Ciceronis de Optimo genere Oratorum. Pariſiis apud Vaſcoſanum 1551. in 4. & Lovanij apud Servatium Saſſenium. 1552.

Commentarij in lib. M. Tulij Ciceronis de fato. Lovanij apud Servatium Saſſenium. 1551. 8.

Caſtigationes, & explorationes in Top. M. Tulij Ciceronis. Ibidem apud eumdem Typog. 1552. 8. Eſte Livro foy dedicado a Joaõ de Barros.

De optimo genere Oratorum, in Topicam, de Fato, atque obſervationes aliarum rerum. Sahiraõ juntos Antuerpiæ apud Martinum Nutium 1555. 8.

In Horatij Artem Poeticam Commentarium. Antuerp. 1553. 4. Deſta obra faz illuſtre memoria Daniel Georg. Morhorf. *in Polyhiſtor.* lib. 7. cap. 1. n. 4.

Obſervationum in varios Latinorum ſcriptorum libros. Lovanij apud Saſſenium 1552. e 1604. 8. Sahiraõ depois *in Thezaur. Crit. Joan. Gruther.*

Commentarij in Suetonium de Claris Grammaticis, & Rhetoribus illuſtribus libri duo. Antuerp. apud Chriſtophorum Plantinum 1574. 8. Eſtes Commentarios, que injuſtamente ſe atribuiaõ a Joaõ Baptiſta Egnatio, ſahiraõ neſta impreſſaõ reſtituidos ao ſeu verdadeiro author, qual era Achilles Eſtaço, que os dedicou ao Infante Cardial D. Henrique, onde entre outras couſas lhe diz. *Multa tua conſtant in patrem meum beneficia, multa in fratres, multa in me ipſum denique. Deinde, quæ ex Italia, atque Urbe Roma litteris amantiſſimis accito tam multa liberaliter, & prolixe polliceris, perinde mihi grata ſunt, acſi jam etiam acceperim.* Eſta obra louva Dioniſio Lambino com huma carta eſcrita a Eſtaço, dizendo ſahira, *tua acerrima limà caſtigatum, tuaque eruditiſſima commentatione locupletatum, atque exornatum.* Sahio Pariſiis apud Federicum Morellum 1567. in 8. & ibi apud Adrianum Beys 1610. in fol.

Commentarij in Catullum. ibi apud eum dem Typog. 1566. 8.

Commentarij in Tibullum. Venetiis apud Aldum Manutium. 1567. 8.

Eſtes dous Commentos ſahiraõ impreſſos juntamente Venetiis apud Aldum, & Pariſiis in fol. dos quaes diz Andre Scoto aſſima allegado, *Muretum in Catullo, & Tibullo venuſtis poetis explanandis æmulari non dubitavit Statius; certe in Tibullo diſertior Mureto, & copioſior.*

Orationes duæ; altera in Topica Ciceronis, altera quodlibetica de animarum immortalitate. Pariſiis 1547. 8.

Oratio ad Pium IV. Pontificem Maximum Sebaſtiani primi Portugalliæ & Algarbiorum Regis nomine obedientiam præſtante Laurentio Pires de Tavora XIII. Kalend. Junij 1560. Romæ. eodem anno 4. e nas minhas *memorias delRey D. Sebaſtiaõ* Parte 1. Liv. 2. cap. 1. §. 7. Lisboa por Jozeph Antonio da Sylva Impreſſor da Acad. 1736. 4.

Oratio Sebaſtiani Regis Luſitaniæ nomine ad Gregorium XIII. habita anno 1574. Romæ apud hæredes Antonij Bladij. 1574. 4.

Oratio ad Pium V. nomine Joannis Valletæ magni Magiſtri Ordinis Melitenſis obedientiam præſtante D. Petro de Monte Capua. Romæ apud Bolanum de Accoltis 4.

Commentarium, ſive Epiſtola ad Navarrum de Redditibus Eccleſiaſticis. Romæ apud hæredes Bladij 1552. 8. No fim eſtà a repoſta de Navarro, que começa deſte modo. *Epiſtolam tuam, & Commentarium de pecuniæ Eccleſiaſticæ ratione, charitate, religione, prudentia, modeſtia, & elegantia plenam jucundè ſuſcepi, avideque perlegi, & cum tuo nomine, inſignique fama dignam reperi, ſimul in animum induxi tuæ authoritatis validis fundamentis innixa acceſſione noſtræ ſententiæ multum roboris addi poſſet.* Eſta meſma epiſtola mais polida, e novamente augmentada com o Commentario do meſmo Eſtaço de *Penſione* ſahio com eſte titulo.

De redditibus Eccleſiaſticis, & Penſione commentarioli duo. Romæ apud hæredes Antonij Bladii 1574. 8. e 1581. e 1611. e ultimamente Hamburgi apud Michaelem Hering. 1614. 8.

Illuſtrium Virorum ut extant in Urbe expreſſi vultus ab Statio collecti, opera Fulvij Orſini publici juris facti. Romæ apud Antonium Lafrerium. 1569. in fol.

Taboa Geografica do Reyno de Portugal im-

preſſa em Roma 1560. a qual Abrahaõ Ortelio collocou no ſeu Theatro do mundo, e por a ter dedicada Achilles Eſtaço ao Cardial Guido Sforcia julgaraõ alguns erradamente ſer obra ſua, ſendo ella compoſta por Fernaõ Alvres Seco inſigne Coſmografo, de que faremos mençaõ em ſeu lugar.

Obras Poeticas impreſſas.

Sylvæ aliquot umá cum duobus hymnis Callimachi eodem carminis genere ab Statio redditis. Paris. apud Thomam Richardum. 1549. 4. & ibi. com outras diverſas 1555.

Monomachia Navis Luſitaniæ, & Regum Luſitanorum inſignia. Romæ apud Joſephum de Angelis 1574.

De electione, profectione, & coronatione Sereniſſimi Henrici Poloniæ Regis. Romæ apud hæredes Bladij. 1574.

Deo Forti Melita liberata Epinicium. Sahio impreſſo eſte Poema com a Oraçaõ que fez em Roma em nome do Graõ Meſtre de Malta, de que aſſima ſe fez mençaõ.

Ad Cognominem ſibi Achillem Statium Pellæ Epiſcopum Carmen. Sahio impreſſa eſta obra na Bibliotheca Hiſpan. de Andre Scoto pag. 488.

Poema Latino em louvor da Sereniſſima Infanta D. Maria filha delRey D. Manoel, o qual começa.

Jam pridem ſtudijs aliis addictior ævi. O qual eſtá impreſſo na *Vida da meſma Princeza* compoſta por Fr. Miguel Pacheco lib. 2. cap. 18. pag. 135. v. onde com igual elegancia ſe vé traduzido em Caſtelhano por D. Manoel de Salinas y Lezana Conego da Cathedral de Hueſca.

Epigramma Græco Latinum in Tranſlatione S. Gregorij Nazianzeni, o qual traz Baronio in Not. ad Martyrol. Roman. 3. Idus Junij.

Obras traduzidas do Grego em Latim, das quaes a mayor parte eſtá inſerta in *Biblioth. Patr.*

S. Joannis Chryſoſtomi Orationes quinque. 1. *Dominicæ Orationis explanatio.* 2. *in Natalem Domini.* 3. *In Sancta Theophania.* 4. *De David Propheta.* 5. de *Seraphim.* Eſta ſahio ſeparadamente Romæ apud hæredes Antonij Bladij. 1580. 8. Petro Donato Cardinali Cæſio nuncupata.

S. Gregorij Nyſſeni de Abrahã & Iſac. S. Athanaſij in Mag. Pareſceven. Amphilochij in Sabbati Sancti diem. Gregorij Antiocheni Epiſcopi in Sepulturam, & Reſurrectionem Domini.

Sophronij in Exaltationem S. Crucis.

Cyrilli in Parabolam Vineæ.

Anaſtaſij Sinaitæ de injurijs remittendis.

Eſta obra ſahio ſeparadamente Romæ 1579. como diz Baronio no Tom. 8. dos Annaes.

Martiani Beethlemitæ fragmentum. Nili Abbatis epiſtolæ tres. Algumas deſtas obras ſahiraõ à luz publica com eſte titulo.

Orationes nonnullorum Græciæ Patrum Chryſoſtomi, Athanaſij & c. latine redditæ Achille Statio interprete. Romæ apud Franciſc. Zannetum. 1578. 8.

In Arati Phænomena, & prognoſtica. Florentiæ apud Junctas 1568. in fol. Eſta obra traz Draudio in *Bib. Claſſic.* Tit. *Phænomena. Typi Epiſtolici, & epiſtolarum figuræ authore incerto: eadem de re quædàm ex magno Baſilio cum Libanij Sophiſtæ commentariolo; quædam ex Tatiano, Demetrio Phalareo, Cicerone, Philipo Beroaldo, Sulpicio, Verulano.* Lovanij apud Bartholomæum Gravium 1551. 8.

Obras Latinas, que por ſua induſtria ſahiraõ à luz publica.

Liber de Trinitate, & Fide compoſto por Gregorio Biſpo de Granada, ou como outros querem, pelo Biſpo Fauſtino. Romæ in ædibus Populi Romani. 1575. Eſte tratado anda impreſſo no fim do 2. Tom. da *Biblioth. Patr.* da impreſſaõ de Pariz do anno de 1575.

Sancti Ferrandi Carthaginenſis Eccleſiæ Diaconi Opuſcula pia. Romæ 1578. 8. Dedicados ao Cardial Luiz Madrucio.

Sancti Pachomij Cænobiorum per Ægyptum Fundatoris regula Ægyptiace ſcripta, à Sancto Hieronymo Latine converſa, ab Statio expurgata, & priſtinæ fidei reddita; item Sermo S. Anſelmi de vita æterna. Romæ apud hæredes Bladij. 1575. 8. Eſta obra anda taõbem no appendix das obras de Caſſiano illuſtradas com as Notas de Pedro Chacaõ. Romæ. 1580.

Obras naõ impreſſas.

Diverſos Poemas aſſim heroicos, como Lyricos.

Muitos Pſalmos de David traduſidos em verſos elegantiſſimos.

Commentarij in Ariſtotelis Poeticam. Deſta obra faz elle meſmo memoria no fim dos Commentos à Poetica de Horacio.

Commentarij in Horatij carmina. Annotationes, & Scholia in omnia Pub. Virgilij Mar. opera.

De rebus geſtis Patris ſui. Faz mençaõ deſta obra Gaſpar Eſtaço nas *Antig. de Port.* cap. 44. §. 6.

Muitas cartas eſcritas a varias Peſſoas, e as que lhe eſcreveraõ.

A mayor parte deſtas obras ſe conſervaõ na Livraria, que elle deixou aos Padres da Congregaçaõ do Oratorio de Roma; outra grande parte, e ainda muitos opuſculos deſte grande Varaõ ſe guardaõ M. S. em quatro Tomos na Bibliotheca Romana dos Padres Agoſtinhos, como conſta do ſeu meſmo Index, digniſſimos certamente de que lograſſem o beneficio da luz publica, como ardẽtemente deſejava Joaõ Bautista Cardona Biſpo de Tortoſa, Prelado muito erudito, o qual fazia taõ grande eſtimaçaõ das obras de Achilles Eſtaço, que as julgava merecedoras de ſerem procuradas com toda a deligencia, e extrahidas dos lugares em que injuſtamente jaziaõ ſepultadas para ennobrecerem a Bibliotheca Regia do Eſcurial, e ſerem collocadas entre as famoſas dos Eſcritores mais celebres de Eſpanha, como elegantemente o deixou eſcrito no Conſelho que deo para ſe augmentar a meſma Biblioth. do Eſcurial, o qual se pode ler na *Biblioth. Hiſpan.* de André Scoto Tom. 1. cap. 3.pag. 71.

Fr. ACCURSIO DE S. PEDRO natural da Villa de Serpa da Provincia do Alentejo. Recebeo o habito dos Frades Menores na Provincia dos Algarves, onde depois de eſtudar as Sciencias mayores, as dictou aos ſeus domeſticos, até que chegou a jubilar na Cadeira de Prima de Theologia. Depois de ſer Guardiaõ do Convento de Evora, foy eleito com uniformidade de votos Provincial em o anno de 1653. em cujo lugar exercitou com os ſeus ſubditos a affabilidade, e prudencia, de que era ſummamente dotado. Imprimio.

Sermaõ do Acto da Fè que ſe celebrou na Cidade de Evora a 11. *de Agoſto de* 1644. Lisboa por Domingos Lopes Roſa. 1644. 4.

Dubia Regularia, cujas opinioens eſtavaõ aſſinadas pelos Doutores da Univerſidade de Coimbra, a qual obra deſappareceo com a ſua morte, que ſuccedeo no Convento de S. Francisco de Xabregas Cabeça da Provincia dos Algarves.

Fr. ADEODATO DO POMBAL cujo appellido indica a patria onde naceo, que he da Dioceſe de Coimbra na Provincia da Extremadura. Foy Monge de Ciſter no Real Convento de Alcobaça. Compoz

Compilatio definitionis Capituli Generalis editi anno 1318.

Eſta obra ſe conſerva *M. S.* na Bibliotheca de Alcobaça.

F. ADEODATO DA TRINDADE Naceo na Cidade de Goa cabeça do Imperio Aſiatico Portuguez, e foraõ ſeus Pays Manoel Fernandes, e Mariana de Mello. Profeſſou o habito de Eremita Auguſtiniano no Convento de Lisboa em 31. de Mayo de 1565. Todo o tempo que lhe reſtava da applicaçaõ dos eſtudos mayores, o occupava em eſcrever os livros do Coro com ſumma perfeiçaõ por ser hum dos mais inſignes Eſcrivaens do ſeu tempo. Por ordem de Felipe II. emmendou, e reformou a ſexta Decada da India compoſta por Diogo do Couto, que era cazado com ſua Irmaã Luiza de Mello. Naõ ſomente reformou a Decada 6. mas aſſiſtio à impreſſaõ das que lhe precederaõ, para que ſahiſſem correctas, como eſcreve o Chantre de Evora Manoel Severim de Faria nos *Diſcurſ. Var. Polit.* pag. 150. v.º Morreo no Convento de Lisboa no anno de 1605.

D. ADRIANA FAGUNDES taõ nobre pelo nacimento como inſigne pelo talento de que liberalmente a ornou a natureza. Fallou com expediçaõ, e propriedade diverſas linguas, ſendo de taõ feliz comprehenſaõ que decorou os livros do Geneſis, Exodo, e de todo o Teſtamento novo, que fielmente repetia, quando ſe offerecia occaſiaõ. Morreo no anno de 1731. deixando para teſtemunhas do ſeu diſcreto, e profundo juiſo.

Poeſias varias a diverſos aſſumptos. M. S. Della faz memoria o *Theatro Heroino das mulheres Illuſtres em ſciencias.* Tom. 1. pag. 114.

P. ADRIAM PEDRO natural de Liſboa, e filho de Agoſtinho Pedro, e Catherina de Vadre. Sendo de deſouto annos entrou na Companhia de JESUS a 3. de Junho de 1649. em o Noviciado da ſua Patria. Depois de aprender as letras humanas, e as ſciencias mayores, leo com geral applauſo hum Curso de Filoſofia na ſua Patria. A natural benevolencia, de que era dotado, o fez digno de exercitar diverſos miniſterios na Religiaõ com grande ſatisfaçaõ della, e mayor credito da ſua peſſoa, como foraõ ſer Procurador do Malabar, e do Japaõ, Reytor do Collegio de Coimbra, e depois do de Santo Antaõ em Lisboa, onde morreo a 17. de Março de 1713. com 79. annos de idade, e 62 de Religiaõ. Eſcreveo.

Vida do Irmaõ Antonio Homem Coadjutor temporal, e do Irmaõ Bernardo de Mello Eſtudante, ambos Jeſuitas, cujos originaes ſe guardaõ no Cartorio do Collegio de Coimbra.

Excellencias de Lisboa. M. S. Delle faz memoria o Padre Antonio Franco na *Imag. da Virtud. em o Nov. da Comp. de Jeſ. em Lisboa* pag. 963. e no *Synopſ. Annal. Soc. Jeſ. in Luſit.* pag. 445. dizendo delle: *Poſtremos annos conſumpsit ſcribendo de excellentijs Ulyſſiponis Patriæ ſuæ.*

D. AFFONSO I. entre os Monarchas Portuguezes, e unico entre os Heroes militares, que venerou a Antiguidade, teve por oriente a nobre Villa de Guimaraens, onde ſahio à luz do mundo em 25. de Julho de 1109. e por Pays ao Conde D. Henrique, quarto filho de Henrique Duque de Borgonha; Terceiro Neto de Hugo Capeto, tronco da Real Caſa de França, e a Rainha D. Tereza filha de Affonſo VI. Rey de Leaõ, e Caſtella, e da Rainha D. Ximena Nunez de Guſmaõ, concorrendo para exaltaçaõ de taõ grande Principe a coroada aſcendencia de tantas Purpuras, que na longa diuturnidade de muitos Seculos tinhaõ illuſtrado os Tronos de Saxonia, França, Inglaterra, Borgonha, Normandia, Lorena, e Eſpanha. Mas para que a Graça lhe infundiſſe mayor eſplendor, do que recebera da natureza, foy regenerado nas aguas do bautiſmo por S. Giraldo Arcebiſpo de Braga, onde lhe foy impoſto o fauſto nome de Affonſo em obſequio de ſeu Avo materno. Ainda naõ excedia a idade de quatro annos, quando ſeu Pay mais carregado de palmas, que de annos, paſſou em Aſtorga a coroarſe no Capitolio da Eternidade, e vendo ſua Mãy quanto neceſſaria era a boa educaçaõ para formar hum Principe perfeito, tanto que começou a articular as primeiras palavras, o entregou à tutela de Egas Moniz, taõ illuſtre no ſangue, como nos coſtumes, para que o inſtruiſſe naquellas artes, que foſſem dignas de hum Soberano; e como era dotado de hum engenho perſpicaz, e hum coraçaõ intrepido para emprender acçoens heroicas, o foy doutrinando com maximas Chriſtãas, e politicas, de que era capaz a ſua tenra idade, naõ alterando a ſeveridade de Ayo o reſpeito que lhe devia como Vaſſallo, antes como o amava exceſſivamente, era igual ao affecto o ſentimento, que lhe opprimia o coraçaõ, vendo que ao meſmo paſſo que crecia, ſe lhe deſcubria mais claramente hum defeito, que trouxera do ventre materno, o qual naõ ſómente afeava a proporcionada ſymetria de todo o corpo, mas o fazia inhabil para o exercicio das armas. Para emendar eſte erro da natureza depois de tentados inutilmente os ſocorros da Medicina, recorreo a fidelidade de Egas Moniz aos ſobrenaturaes, implorando com fervoroſas ſupplicas a divina Mageſtade, e a ſua Santiſſima Mãy quizeſſem compadecerſe daquelle Principe, de cujo braço eſtavaõ pendentes as eſperanças de todo o Reyno, e o que era mais, por eſtar deſtinado para glorioſo inſtrumento de tantos triumfos, que em obſequio do ſeu nome, e ruina de ſeus inimigos havia heroicamente alcançar. A taõ ardentes votos condeſcendeo benignamente o Ceo, e inſpirado ſuperiormente Egas Moniz a que levaſſe o Infante aonde eſtava collocada huma inſigne Imagem de Maria Santiſſima, tendo-o offerecido a eſta Soberana Princeza, recebeo repentinamente ſaude, cuja noticia encheo de univerſal alegria a todo o Reyno, e para eterno padraõ de taõ ſingular beneficio ſe erigio hum Templo à Senhora no lugar de Carquere pouco diſtante da Cidade de Lamego. Reſtituido milagroſamente à ſaude D. Affonſo, e contando quatorze annos de idade ſe armou Cavalleiro na Cathedral de Zamora com aquellas ceremonias militares, que naquelles tempos ſe obſervavaõ iufundindo-lhe

as armas, que veſtira, taõ brioſos eſpiritos, que parece que todo o furor de Marte ſe lhe accendera no peito para derrotar os inimigos da Cruz, e dilatar mais vaſtamente o Imperio de Chriſto. Sejaõ irrefragraveis teſtemunhas deſta verdade a continuada ſerie de victorias, que por vezes repetidas alcançou o ſeu invicto braço, contando-ſe os triumfos pellas batalhas, os deſpojos pellos aſſaltos, e as conquiſtas pellos aſſedios. Confeſſe-o Albucazen Rey de Badajoz deſtroçado nos Campos de Trancoso. Teſtemunhe-o ElRey Eujuni levantando ignominioſamente o ſitio que tinha poſto a Coimbra com trinta mil combâtentes. Publique-o Albaruque Rey de Sevilha, quando junto de Santarem foy totalmente roto, e desbaratado, concorrendo para a gloria deſte triumfo o patrocinio do General dos Exercitos de Deos o Archanjo S. Miguel, fazendo viſivel a ſua angelica protecçaõ, como já em tempos mais antigos o tinha feito em obſequio de outro Heroe igual a Affonſo no valor, e na Santidade. Aclame-o Lisboa naõ sómente de Portugal mas de todo o mundo celebrado Emporio, a qual gemendo eſcrava a que havia ſer Princeza do Imperio Luſitano, foy reſgatada do barbaro poder, que a dominava, querendo ſer participantes de taõ memoravel acçaõ muitos heroes de nações diverſas, que por mar, e terra conſpiráraõ para a ſua liberdade, ficando para monumento da victoria, e do eſtrago, duzentos mil barbaros mortos. Mayores, e mais celebres foraõ as palmas, que colheo nos Campos de Ourique, e Santarem. Neſta famoſa Villa ſe coroou victorioſo em hum conflicto, que ſendo pella ordem do tempo o ultimo mereceo a primazia pelas circunſtancias do ſucceſſo, pois jà quando parecia que a idade provecta lhe tiveſſe remitido parte do ardor militar, entaõ ſuperior à meſma natureza ſe moſtrou mais que nunca vigoroſo, derrotando inteiramente a Aben Jacob Miramolim de Marrocos, que acompanhado de treze Reys lhe vieraõ authorizar mais a victoria, pagando aquelle barbaro Principe com a ſua vida o atrevido inſulto de ter aſſediado ao Infante D. Sancho dentro dos muros daquella Praça. O Campo de Ourique foy o ſolar glorioſo do ſeu Principado recebendo nelle a ſua inveſtidura do Suprmoe Arbitro dos Imperios, o qual apparecendo-lhe pendente da Cruz, e cercado de luminoſa inundaçaõ de rayos, que diſſipáraõ as trevas, que entaõ dominavaõ os Orizontes, lhe illuſtrou menos os olhos do corpo, que da alma, ſegurando-lhe com benigno aſpecto a victoria de ſeus inimigos, a diuturnidade do ſeu Imperio, a dilataçaõ das ſuas conquiſtas, e a perpetuidade da ſua deſcendencia; e para mayor argumento do ſeu amor, e infallibilidade da ſua palavra lhe deu para brazaõ as cinco Chagas, que conſervou indeleveis no ſeu glorioſo Corpo. Animado com taõ ſoberana protecçaõ naõ teme o inuadir a immenſa multidaõ de barbaros, que excediaõ o numero de duzentos mil, divididos em cinco corpos, de que eraõ formidaveis cabeças cinco poderoſos Principes, ſendo taõ horroroſo o eſtrago, que padeceraõ, que do ſangue derramado por cento, e cincoenta mil, naõ ſómente os rios Cobres, e Terges mudaraõ a cor, mas engroſſaraõ a corrente. Igual foy a fortuna alliada com o ſeu valor conquiſtando, que combatendo, pois o numero das conquiſtas naõ ſe differençou do das batalhas. Com incrivel velocidade libertou do dominio dos Mouros Lisboa, Santarem, Mafra, Cintra, Leyria, Cezimbra, Torres Vedras, Obidos, Alenquer, Palmella, Alcacer do Sal, Evora, Beja, Elvas, Moura, Serpa, e outros muitos Lugares, purificando por eſte modo com catholico zelo ao ſeu Reyno das infames reliquias do Mahometiſmo, que como peſtifero contagio o podiaõ inficionar. De taõ admiraveis ſucceſſos, e de outros ainda mais prodigioſos era credora a ſua piedade, pois antes, que emprendeſſe acçaõ alguma, ſollicitava com devotas ſupplicas, auſteros jejuns, e ardentes rogos o feliz ſucceſſo das emprezas, que intentava, invocando para ſeus tutelares a Maria Santiſſima, a quem cordialmente venerava, e a outros Santos, de cuja interceſſaõ confiava alcançar o que pertendia. A remuneraçaõ era igual ao beneficio, pois alem de fazer tributaria a ſua Coroa com penſoens annuaes à Sé Apoſtolica, e ao Convento de Santa Maria de Claraval, Cabeça de toda a familia Ciſtercienſe, naõ ſómente teſtemunhou em cento, e cincoenta Templos, que novamente erigio, e ſumptuoſamente reedificou, a ſua Religiaõ, e a ſua magnificencia, mas tambem eternizou o ſeu agradecimento, e

veneraçaõ, ſendo entre todos os mais celebres aquelles dous Principados Eccleſiaſticos, que fundou em Coimbra, e Alcobaça: hum para os filhos de Agoſtinho, e outro para os de Bernardo. No primeyro naõ ſatisfeita a ſua piedoſa generoſidade com ter edificado o ſumptuoſo Convento de S. Vicente de Lisboa, levantou outro em Coimbra de tanta mageſtade, que foſſe capaz depoſito das ſuas auguſtas, e veneraveis Cinzas, aonde introduzio o Inſtituto Canonico Auguſtiniano com aquella meſma obſervancia, que em Africa o tinha reſtaurado o grande Agoſtinho. No ſegundo conſiderando quanto era crédor o Reyno, que poſſuia, às oraçoens de S. Bernardo, o qual como Moyſés da Ley da Graça quando orava, fazia que eſte Principe, como outro Joſue debelaſſe na Campanha os inimigos do Povo de Deos, edificou em Alcobaça para deſempenho do ſeu Real animo hum Moſteiro, ſoberbo na fabrica, auguſto nos privilegios, e opulento nas rendas para habitaçaõ de mil Monges, que exactamente obſervaſſem os dictames, que em Claraval tinhaõ aprendido do ſeu mellifluo Prelado. A meſma religioſa profuſaõ exercitou na erecçaõ das Cathedraes de Lisboa, Evora, Viſeu, e Lamego; e das Collegiadas de Santarem, e Guimaraens, aſſinando para ſuſtentaçaõ, e eſplendor dos ſeus Prelados, e Miniſtros copioſas rendas. Semelhante beneficencia experimentáraõ os Cavalleiros da Ordem do Templo, de S. Joaõ de Jeruſalem, e do Patraõ das Eſpanhas S. Tiago. Para dignamente premiar os bellicozos eſpiritos dos ſeus Soldados, que foraõ glorioſos inſtrumentos, e inſeparaveis companheiros de tantas victorias, fundou duas illuſtriſſimas Ordens Militares, chamada a primeira da *Ala* no anno de 1167. e a ſegunda de Aviz no anno de 1179. em as quaes deixou gravado hum eterno memorial da ſualiberalidade, e do valor, que mereceo premio taõ honorifico. Foy cazado com D. Majalda, filha de Amadeo III. Conde de Saboya, Moriana, e Piamonte, de quem teve o Infante D. Henrique, o Infante D. Sancho igualmente herdeiro do Scetro, que das ſuas heroicas façanhas, o Infante D. Joaõ, a Infanta D. Urraca, que caſou com D. Fernando II. Rey de Leaõ, a Infanta D. Mafalda, e a Infanta D. Tereſa chamada pelos Eſtrangeiros Matilde, que foy primeyramente deſpoſada com Felipe I. Conde de Flandes, e por morte deſte Principe contrahio ſegundas vodas com Eudo III. Duque de Borgonha, e a Infanta D. Sancha. Ultimamente coroado de triumfaes Louros, e virtuoſas obras, pellas quaes ſe fez merecedor da immortalidade, acabou a vida, mas naõ a fama, em Coimbra a 6. de Dezembro de 1185. com 75. annos de idade, e no magnifico Convento de Santa Cruz foy sepultado o ſeu Real Cadaver concorrendo a venerallo infinita multidaõ de povo atrahido das vozes dos prodigios, com que Deos quiz teſtemunhar a ſua Santidade. Foy depois tranſferido a hum ſoberbo Mauſoleo de precioſos marmores, que lhe mandou erigir a magnifica piedade delRey D. Manoel, ſobre o qual mandou eſculpir a imagem deſte Monarca, para que a arte fielmente repreſentaſſe depois de morto a figura, que nelle vivo delineara a natureza. Teve o corpo agigantado, mas ainda pequeno para a grandeza do eſpirito, cabello caſtanho, boca groſſa, o roſto, e nariz compridos, olhos claros, e grandes. A gentileza do roſto junta com a ſeveridade do aſpecto o fazia igualmente amado, e temido. Sobre os diademas de dous Emperadores, e as Coroas de vinte Reys vencidos em cinco memoraveis batalhas arvorou os trofeos de invencivel, ſervindolhe tantas purpuras de degráos para subir à eminencia do trono, ao qual para durar eternamente lhe abrio os aliceſſes com a propria eſpada. Nunca cometeo empreza, que naõ foſſe ardua de conſeguir; nunca deu batalha, em que naõ foſſe taõ incerta a victoria, como manifeſto o perigo, julgando por injurioſos aquelles triumfos, nos quaes tiveſſe mayor parte a fortuna, do que o valor. Sendo como o primeyro Ceſar fundador do Imperio de Portugal, como aquelle o fora de Roma, e taõ inclinado ao exercicio das armas, como das letras, o excedeo naõ ſómente eſcrevendo com pureza, e elegancia na lingua Latina a Hiſtoria da celebre Conquiſta de Santarem, mas ordenando ao ſeu Capellaõ Joaõ Camello, que individualmente relataſſe as militares proezas obradas pelos ſeus Vaſſallos na ſua companhia, e as familias donde deſcendiaõ taõ famozos heroes, para que ſerviſſem de exemplares do valor a toda a poſteridade. A Hiſtoria da Conquiſta de Santarem eſcrita

por eſte Principe, em que deſcreveo a ſituaçaõ daquella Villa, ſe conserva *M. S.* no Archivo do Real Convento de Alcobaça no fim de hum Livro de S. Fulgencio, como eſcrevem Fr. Bernardo de Brito na *Chronic. de Ciſter,* liv. 3. cap. 18. e Fr. Antonio Brandaõ *Mon. Luſit.* Part. 3. liv. 8. cap. 6. e liv. 10. cap. 22. Com mayor individuaçaõ o deixou eſcrito o inſigne Hiſtoriador D. Jeronimo Oſorio Biſpo de Sylves lib. 6. *de Regis Inſtit.* p. 180. da ediçaõ de Colonia de 1588. *Rex Alphonſus primus hujus regni conditor, cujus divina virtus cum admirabili ſapientia conjuncta meritò eſt in omni æternitate celebranda. Is igitur cum Scalabim Urbem, & ſitu, & arte munitiſſimam, & militum multitudine, & vigilum diligentiá defenſam centum viginti tantùm hominibus fortiſſimis ſtipatus nocte una cepiſſet, & urbis ſitum, & regionis fertilitatem, & expugnationem illam non incommodé latinis litteris complexus eſt, ita tamen, ut apparet, illum ex Sanctis litteris non vivendi tantùm diſciplinam, ſed dicendi etiam ſtylum, & rationem percepiſſe.* Semelhantes, ou mayores Elogios lhe dedicaraõ os noſſos Hiſtoriadores, como foraõ Duarte Galvaõ na *Chronica deſte Principe;* Brand. *Mon. Luſit.* Part. 3. liv. 9. até o 11. Brito *Chronica de Ciſter,* l. 3. c. 1. e nos *Elog. dos Reys de Port.* p. 1. Vaſconc. *Anaceph. Reg. Luſit.* pag. 13. Mariz *Dialog. de Var. Hiſt.* Dial. 2. Manoel de Far. e Souſ. *Europ. Port.* Tom. 2. Part. 1. cap. 3. e no *Epit. das Hiſt. Port.* Part. 3. cap. 2. Duart. Nun. *Chron. deſte Princip.* pag. 29. e na *Geneal. dos Reys de Portug.* p. 3. v.º. Barbud. *Emprez. Milit. de Luſit.* pag. 1. v.º. D. Nicol. de Santa Mar. *Chron. dos Coneg. Reg.* Liv. 9. cap. 9. Maced. in *Propug. Luſit. Gal.* Part. 1. Confut. 20. ad Art. 10. Fonſec. *Euor. Glorioſ.* pag. 39. Manoel de Souza Moreira *Theat. Gen. da Caſa dos Souzas* pag. 153. Anton. Maced. *Divi Tutel.* pag. 240. Mend. *in Viridar.* lib. 6. Orat. 3. Cunha *Catal. dos Biſp. do Port.* Part. 2. cap. 3. Menezes *Portug. Reſtaurad.* Tom. 1. pag. 5. Card. *Agiol. Luſit.* Tom. 1. p. 467. no Comment. de 18. de Fevereiro. Jozeph Pint. Pereir. in *Apparat. Hiſt. Religioſ. Princ. Alphonſi Henrici* per tot. o Padre D. Anton. Caet. de Souſ. *Hiſt. Gen. da Caſa Real de Port.* Tom. 1. liv. 1. cap. 2. O noſſo Virgilio Portuguez na *Luſiad.* Cant. 3. Eſtan. 45.

A matutina luz ſerena, e fria
As eſtrellas do Polo já apartava,
Quando na Cruz o Filho de Maria
Amoſtrando-ſe a Affonſo o animava.
Elle adorando a quem lhe apparecia
Na Fèe todo inflamado aſſim gritava,
Aos infieis, Senhor, aos infieis,
E naõ a mim, que creyo o que podeis.

E na Eſtanc. 84.

Os altos Promontorios o chorараõ,
E dos Rios as aguas ſaudoſas
Os ſemeados campos alagáraõ
Com lagrimas correndo piedoſas.
Mas tanto pelo mundo ſe alargáraõ
Com fama ſuas obras valeroſas,
Que ſempre no ſeu Reyno chamaraõ
Affonſo, Affonſo os ecos; mas em vaõ.

Dos eſtranhos ſeja o primeiro, o que taõbem o foy na dignidade, o Pontifice Innocẽcio III. em huma carta eſcrita a D. Affonſo II. que traz Baronio *in Annalib. Eccleſ.* ad an. 1179. *Manifeſtis probatum eſt argumentis quod inclytæ recordationis Alphonſus Avus tuus per ſudores bellicos, & certamina militaria inimicorum Chriſtiani nominis intrepidus extirpator, & propugnator fidei orthodoxæ, ſicut devotus filius, & Princeps Catholicus multimode obſequia impendit Sacroſanctæ Romanæ Eccleſiæ Matri ſuæ dignum nomen, & exemplum imitabile poſteris derelinquens.* Hypol. Marrac. in *Reg. Marian.* p. 17. *Vir operibus bellicis clarus, & Chriſtiana pietate fervens.* Nat. Alex. *Hiſt. Eccleſ.* Sæcul. 11. & 12. cap. 11. art. 3. *Rex fortiſſimus, & piiſſimus Luſitani Regni conditor multorum Monaſteriorum, & Templorum fundator mirificus.* Jacob. Gou. toulas *Hiſt. Univ.* Part. 3. ad Sæcul. 12. *Non minus belli, quam pacis artibus clarus Rempublicam illuſtrare, boniſque omnibus augere, ac ſplendide ornare non deſtitit.* Marian. *de reb. Hiſp.* Lib. 10. cap. 13. 17. e 19. & lib. 11. cap. 15. & 16. *Principem omni virtute conſpicuum, fidei Chriſtianæ zelantiſſimum, pace, belloque glorioſum.* Manrique in *Annal. Ciſterc.* Tom. 3. ad an. Chriſt. 1185. cap. 5. n. 10. *Ingentis laudis Princeps, & qui non minori apud Deum gratiá, quám apud homines gloria floruit quandiù vixit, credendus eſt.* Paſſarel. de bel. Luſit. lib. 1. *Ob mauros in prælio inſigni cæde proſtratos militari ſtudio, atque*

plauſu in illo ardore victoriæ Rex proclamatus anguſtum hoc ſibi partum virtute nomen, alijs poſt dotibus auctum, atque exinde retentum ad poſteros tranſtulit. Bonucci *Iſtor. di D. Alffon. Enriq.* liv. 3. cap. 1. *Ré nato frà le armi, nodrito, e creſciuto fra gli eſercizi di Marte, portato della divina Providenza fra cento battaglie ſu i ſcudi, ſu gli elmi, ſu i faſci di palme trionfali alla ſublimità de un trono reale.* Garibay *Comp. Hiſt. de Eſpan.* liv. 38. cap. 14. 15. e 16. Giuſt. *Hiſt. Chronol. del' Ord. Milit.* Part. 1. cap. 25. e 28. Caram. *Theol. Regul.* P. 9. Epiſt. 5. n. 2365. Carrillo *Annal. del Mund. liv.* 4. *pag.* 329. v.º *Chryſog. in Mund. Marian.* Diſc. 18. n. 34. Scevol. et Lovis de Sainct. Marth. *Hiſt. Gen. dela Maiſ. de Franc.* Tom. 2. liv. 41. cap. 2. Matta *Tract. de Sanctor. Canonizat.* Part. 3. cap. 2. n. 10. Del Rio *Diſquiſit. Mag.* Quæſt. 26. ſect. 5. pag. 283. Boſſius de *Sign. Eccleſ. lib.* 17. cap. 7. Aubert. Miræus in *Orig. Ord. Equeſt.* cap. 14. Quareſm. de *Quinq. Vuln. Chriſt.* Tom. 5. lib. 3. cap. 7.

AFFONSO IV. do nome, e VII. Rey de Portugal, que ou pela aſpereza da condiçaõ, ou pelo valor do animo foy intitulado antonomaſticamente o *Bravo,* naſceo na Cidade de Coimbra a 8. de Fevereiro de 1291. ſendo ſeus Auguſtos Progenitores, ElRey D. Diniz, e a Rainha D. Iſabel, que por ſuas ſingulares virtudes mereceo, que das veneraçoens do Trono foſſe com religioſos cultos adorada nos Altares. Logo nos primeiros annos lhe nomeou ſeu Pay por Meſtre a D. Martinho de Oliveira, taõ veneravel pela dignidade, como pela virtude, para formar na ſua Peſſoa huma perfeita imagem da Soberania, e em taõ tenra idade deu ſinaes evidentes, de que a natureza o tinha dotado de huma indole capaz de obrar acçoens dignas do ſeu nacimento; porém com o progreſſo dos annos deixandoſe arrebatar da violenta paixaõ do governo, determinou com temeraria ouſadia cingir a Coroa na vida de ſeu Pay, ſendo huma das principaes cauſas, porque ſe reſolveo a executar eſta abominavel acçaõ, o particular affecto, com que aquelle Principe amava a ſeu Irmaõ Affonſo Sanches, a quem perſeguio com taõ declarado odio, que além de o deſpojar da fazenda, o privou da honra. Na Varonil idade de trinta e quatro annos ſubio ao Trono, e devendo totalmente applicarſe ao governo do Reyno, a que anhelára, ſe eſqueceo taõ torpemente delle, que todo o tempo conſumia no exercicio da caça, de cujo exceſſo, que fatalmente arruinava a Monarchia, ſendo fielmente advirtido pelos ſeus Vaſſalos, ainda que recebeo com ſemblante irado a advertencia, de tal ſorte moderou a inclinaçaõ, que toda a converteo em beneficio do Reyno. Aggravado de varias offenſas que recebera de Affonſo XI. de Caſtella, com quem deſpoſára ſua filha a Infanta D. Maria, lhe declarou huma horrivel guerra, de que ſe ſeguiraõ funeſtas conſequencias a ambas as Monarchias, alternando a fortuna ſucceſſos proſperos, e adverſos aſſim na terra, como no mar. Para pacificar os diſcordes animos deſtes dous Principes mandou a Santidade de Benedicto XII. ao Biſpo de Rhodes por ſeu Legado, e ainda que de alguma ſorte reprimio eſte incendio, totalmente o naõ extinguio. Augmentavaſe mais o furor do noſſo Principe contra ElRey de Caſtella por lhe ſerem notorias as ignominias, com que tratava a ſua filha a Infanta D. Maria, preferindolhe no amor, e na eſtimaçaõ a D. Leonor Nunes de Gusmaõ, a cuja fermoſura tinha laſcivamente ſacrificado o coraçaõ. Porém huma fatal calamidade que ameaçava a ultima ruina a toda Eſpanha, obrigou a que ſe reconciliaſſem os animos deſtes Principes. Reſolveuſe Alboacen Rey de Marrocos colligado com o de Granada invadir Eſpanha, e capitaneando hum Exercito, que ſe faſia formidavel pela ſua exceſſiva multidaõ, pois conſtava (como affirmaõ os Authores daquelle tempo) de quatrocentos mil Infantes, e ſeſſenta mil Cavallos, cercou Tarifa confiando que com o rendimento de taõ forte Praça ſe faria ſenhor abſoluto de toda Eſpanha. Fatal foy a conſternaçaõ, que concebeo com eſta infauſta noticia o animo de Affonſo XI. conhecendo que naõ podia reſiſtir a poder taõ ſuperior, e para que naõ foſſe deſpojo das Armas de Alboacen, ſupplicou ao noſſo Monarcha quizeſſe ſer ſeu auxiliar em taõ perigoſa empreza. Para que eſta ſupplica foſſe promptamente attendida mandou por interprete della a ſua propria Eſpoſa a Infanta D. Maria, que chegando em Evora à prezença

delRey ſeu Pay foy inexplicavel o jubilo com que a recebeu, mayor a ternura com que a abraçou. Eſquecido dos aggravos do genro ſe deliberou em obſequio de taõ ſoberana interceſſora paſſar em peſſoa a Caſtella com hum Exercito mais formidavel pelo valor, que pelo numero dos combatentes. Foy recebido em Sevilha com magnifica pompa por ElRey, e toda a Corte Caſtelhana, a quem em preſagio da victoria lhe cantaraõ os meninos com innocentes vozes as palavras, com que Chriſto entrou triunfante em Jeruſalem *Benedictus qui venit in nomine Domini.* Para ſe evitar alguma confuſaõ, que foſſe prejudicial ao feliz ſucceſſo deſta empreza reſolveraõ os dous Monarchas, que o Portuguez invadiſſe o Exercito delRey de Granada, e o Caſtelhano o del Rey de Marrocos. Fortalecidos os noſſos Soldados com o eſpiritual alimento do Paõ dos Anjos mandou o noſſo Principe ao Alferes mòr, que arvoraſſe por Eſtandarte o Sacroſancto Lenho da Cruz, e ſendo profundamente adorado por todo o Exercito inveſtiraõ os Soldados como furioſos Leoens contra as eſquadras inimigas, que animoſamente rebateraõ taõ violento impulſo. Por largo tempo eſteve indeciſa a victoria, até que inclinando-ſe para a noſſa parte, foy tal o pavor, que occupou os animos dos Mouros, que fugindo ignominioſamente, deixáraõ o campo ſemeado de Cadaveres. A felicidade deſte ſucceſſo animou a ElRey de Caſtella de tal modo, que naõ querendo ficar inferior na gloria do triumfo ao noſſo Principe, inveſtio com tanto impeto aos inimigos governados por ElRey de Marrocos, que os obrigou a deſamparar os arrayaes, degollando a huns, cativando a outros, e recolhendo os mais precioſos deſpojos. Eſta foy aquella famoſa, e celebre batalha alcançada em 30. de Outubro de 1340. junto às correntes do Rio Salado, donde tomou o nome, em que morreraõ duzentos mil barbaros, cujo exceſſivo numero obrigou à Fama, que a divulgaſſe por unica, e que a Igreja a celebraſſe por milagroſa, cauzando inexplicavel jubilo á Chriſtandade, eterna ſegurança, e precioſos deſpojos a Eſpanha, immortal gloria aos dous Monarchas. De taõ fauſta noticia fizeraõ logo participante ao Supremo Paſtor da Igreja, mandando-lhe para final do triumfo trinta, e quatro bandeiras ganhadas aos Mouros, e foy tal o alvoroço, que concebeo o coraçaõ do Pontifice, que entrando na Cathedral de Avinhaõ para render as graças ao Altiſſimo por taõ inſigne victoria, ordenou, que levaſſem diante os Eſtandartes dos Mouros arraſtrados, e tremolãtes os dos dous Monarchas, rompendo o ſeu devoto agradecimento com as palavras do Hymno *Vexilla Regis prodeunt,* que continuou acordemente todo o Collegio Apoſtolico. Conhecendo Affonſo XI. que o mais glorioſo inſtrumento deſta victoria fora a eſpada do noſſo Principe, lhe pedio eſcolhe ſſe dos deſpojos, que della ſe tinhaõ colhido, os que foſſem mais agradaveis ao ſeu goſto. Porém o noſſo Monarcha com animo verdadeiramente Real, triunfante da meſma victoria, eſcolheo aquelles, em que tinha mayor parte a honra, que o intereſſe, como foraõ o Infante Abohamo filho de Albohalì, que cativou com a ſua propria maõ, algumas eſpadas primoroſamente fabricadas, huma trombeta, com que depois ſe coroou o ſeu Mauſoleo, e cinco eſtandartes, que pendurou por trofeos da victoria na Cathedral de Lisboa. Antes de cingir a coroa, ſe deſpoſou em Lisboa a 12. de Setembro de 1309. com a Infanta D. Brites filha delRey de Caſtella D. Sancho IV. o Bravo, e da Rainha D. Maria filha do Infante D. Affonſo Senhor de Molina, da qual teve a Infanta D. Maria, que foy eſpoſa de Affonſo XI. de Caſtella; os Infantes D. Affonſo, e D. Diniz, que morreraõ de tenra idade; o Infante D. Pedro, que herdou a Coroa; a Infanta D. Izabel, e o Infante D. Joaõ, que brevemente foraõ transferidos para melhor vida, e ultimamente a Infanta D. Leonor, que caſou com ElRey de Aragaõ D. Pedro IV. chamado o *Ceremonioſo.* Conhecendo que era chegado o termo da ſua vida ſe preparou com as armas dos Sacramentos para eſta ultima batalha, e entre os ſuſpiros de hum coraçaõ verdadeiramente arrependido exhalou o eſpirito em Lisboa a 28. de Mayo de 1357. em idade de 66. annos, tres mezes, e vinte dias, dos quaes reynou trinta, e dous annos, quatro mezes, e vinte e hum dias. Jaz ſepultado na Cathedral de Lisboa em hum ſoberbo Mauſoleo defronte da Capella, onde ſe venera o corpo do inclito Martyr S. Vicente, tendo por epitafio eſtas breves palavras. *Alphonſus nomine Quartus Ordine ſeptimus Portugalliæ Rex.*

Sobre o Mauſoleo eſtá huma figura, que ſuſtenta a trombeta, que foy glorioſo deſpojo da batalha do Salado, a qual, ainda que muda, ſe explica por eſtas metricas vozes.

Hæc tuba, quam Mauris Alphonſus nomine Quartus
Abſtulit, ut famá primus in orbe foret;
Dum reſonat Regem, partumque à Rege triumphum,
Attamen Alphonſum ſurgere voce jubet.

Foy de eſtatura mediana, aſpecto agradavel, e de perfeita ſimetria. Teve a teſta larga com algumas rugas; nariz grande algum tanto curvado, boca grande, a barba copioſa, e partida pelo meyo, cabello caſtanho, e creſpo. Foy para Deos ſummamente Religioſo; para os homens extremoſamente compaſſivo. Obſervou exactamente a continencia conjugal, em cuja virtude excedeo a todos os Principes ſeus Anteceſſores. Amou a verdade, aſſim como aborreceo a mentira. Nos infortunios foy conſtante, nas felicidades moderado. Adminiſtrou a juſtiça com rectidaõ, exercitou a clemencia ſem exceſſo. Tomou por empreza huma Aguia collocada ſobre huma penha levantando o voo até as eſferas com eſta letra *Altiora peto* em cuja enigmatica figura ſimbolizava o heroico impulſo de ſeu Coraçaõ para emprender acçoens mayores, que ſuas forças, e iguaes a ſeus dezejos. Mais glorioſa fora na poſteridade a ſua fama, ſe a naõ manchàra com a injuſta morte da innocente fermoſura de D. Inez de Caſtro, de cuja lamentavel tragedia foy crueliſſimo complice. Fez utiliſſimas Leys para o governo politico, nas quaes ſe admira unido o zelo do bem publico com a ſciencia civil, e ſe incorporáraõ com as Ordenaçoens do Reyno. Dellas fizeraõ hum Catalogo Duarte Nunes de Leaõ no fim da Chronica deſte Principe, e Fr. Rafael de JESUS Chroniſta mòr do Reyno na Mon. Luſit. Part. 7. liv. 10. cap. 23. onde eſcreveo diffuſamente a vida deſte Monarcha. Como era naturalmente affecto à Poezia compoz varios Verſos, que naõ deixavaõ de ſer elegantes em idade taõ inculta para as Muſas, dos quaes tinha feito huma colecçaõ Fr. Bernardo de Brito Chroniſta mòr do Reyno para ſe imprimirem, como teſtifica o inſigne Antiquario Manoel Severim de Faria. Fazem illuſtre mençaõ deſte Monarcha, Fernaõ Lopes, Ruy de Pina, Duarte Galvaõ, Duarte Nunes de Leaõ nas ſuas Chronicas, Fr. Bernardo de Brito nos *Elog. dos Reys de Portugal*, Elog. 8. Vaſc. *Anaceph. Reg. Luſit.* pag. 113. Faria *Europ. Port.* Tom. 2. Part. 2. cap. 3. e no Epit. das *Hiſt. Portug.* Part. 3. cap. 8. Gordon. in *Chronol.* Bleda *Chron. de los Moriſc.* lib. 4. cap. 36. Marian. *de reb. Hiſpan.* lib. 15. cap. 16. & lib. 16. cap. 7. & lib. 17. cap. 1. Ferrer. *Hiſt. de Eſpan.* Tom. 7. ad an. 1337. Fonſec. *Evora Glorioſ.* pag. 56. Caramuel *Philip. Prud.* pag. 45. Souza *Hiſt. Geneal. da Caſ. Real Portug.* Tom. 1. liv. 2. cap. 3. Leytaõ *Mem. Chronol. da Univ. de Coimb.* pag. 131. até 147.

AFFONSO V. do nome, e XIII. Rey de Portugal chamado Africano pelas militares façanhas, que obrou em toda Africa. Sahio à luz do mundo na delicioſa Villa de Cintra a 15. de Janeiro de 1432. com exceſſivo jubilo de ſeus Auguſtos Pays D. Duarte, e D. Leonor, e de toda a Monarchia Portugueza. Ainda naõ contava completos ſete annos quando herdou a Coroa, e como para ſuſtentar o ſeu pezo, tinha pouco robuſtos os hombros, foy eleyto por geral conſentimento ſeu Tio, e ao depois ſogro, o Infante D. Pedro Duque de Coimbra para que na ſua menoridade regeſſe a Monarchia, o que executou com prudente vigilancia por eſpaço de outo annos, até que chegando ElRey a idade competente lhe entregou com o Scetro o governo. Naõ foy baſtante o zelo, e deſintereſſe com que o Infante adminiſtrou a Monarchia para que naõ ſe conſpiraſſe contra a ſua innocencia o odio dos ſeus emulos, perſuadindo a ElRey que pertendia ambicioſamente privallo do trono. Reſolveoſe o Infante juſtificar a ſua fidelidade na preſença de ElRey, mas como eſte eſtava preoccuppado de ſiniſtras informaçoens, fulminou contra elle tudo quanto lhe dictava o ſeu furor manchando com acçaõ taõ execranda o prologo do ſeu Reynado, até ſer cauſa de que acabaſſe infelizmente a vida, merecedora de mais glorioſo fim nos campos de Alfarrobeira. Eſtimulado com o ardente dezejo de

ganhar fama, que o fizeſſe immortal na poſteridade eſcreveo no anno de 1457. ao Pontifice Calixto III. para que colligaſſe todos os Principes Catholicos contra o Turco, offerecendo para eſta empreza a ſua Peſſoa com todas as forças militares do ſeu Reyno. Admirouſe o Pontifice de taõ generoſa oferta, pois toda cedia em obſequio da Religiaõ, porèm os Principes com mayor politica, que Chriſtandade naõ quizeraõ intereſſarſe em guerra taõ juſta, ſómente o noſſo Monarcha naõ deſiſtindo do Catholico intento de domar o orgulho dos Sequazes de Mafoma, mandou voltar as proas da formidavel armada, que tinha apreſtado contra Alcacer Seguer, a qual conſtava de duzentas, e vinte vellas, e de vinte mil Soldados, e depois de huma forte reſiſtencia a rendeo ao ſeu dominio no memoravel dia de 17. de Outubro de 1458. Acompanhado de ſeu irmaõ D. Fernando Duque de Viſeu entrou na Meſquita, e depois de purificada, a conſagrou à Immaculada Conceiçaõ da Senhora, e para que não pudeſſe ſer invadida pelos barbaros huma Praça, que fora expugnada com tanta gloria, a deixou entregue à vigilancia do inſigne Capitaõ D. Duarte de Menezes, que brevemente moſtrou aos inimigos o valor da ſua eſpada. Eſta famoſa conquiſta, que foy o preludio das militares proezas do noſſo Principe o eſtimulou a que no anno de 1463. ſahiſſe com outra armada contra Tangere, mas naõ experimentando a fortuna taõ favoravel às ſuas armas, como na expediçaõ de Alcacer, voltou ao Reyno a prepararſe para outra Conquiſta em que reſtauraſſe a gloria que perdera. Para eſte fim apreſtou huma armada de trezentos, e vinte Navios guarnecidos de vinte, e quatro mil Soldados, em a qual ſahio acompanhado de ſeu filho o Principe D. Joaõ a 15. de Agoſto de 1471. e navegando proſperamente aviſtou a Praça de Arzilla, contra a qual mandou aſſeſtar toda a artilharia, para que logo ſe rendeſſe à ſua obediencia. Os barbaros, que a preſidiavaõ, ſe defendiaõ taõ obſtinadamente, que por alguns dias fizeraõ impoſſivel a expugnaçaõ, até que naõ podendo reſiſtir à fulminante eſpada do noſſo Principe ſe renderaõ, ſendo feliz conſequencia de taõ grande conquiſta o rendimento da Praça de Tangere, que guarneceo com numeroſo preſidio. Depois de ter colhido innumeraveis palmas nos Campos Africanos converteo as armas para Eſpanha com taõ infauſto ſucceſſo, que foraõ vencidas na celebre batalha de Toro. Para recuperar eſta perda, que julgava por ignominioſa ao ſeu nome, paſſou a França lizonjeado das promeſſas de Luiz XI. mas experimentando, que a dilaçaõ, que interpunha, era ſinal evidente de as naõ cumprir, ſe reſolveo acabar a vida em Jeruſalem no lugar, onde o Redemptor do mundo deu a ſua pela liberdade dos homens, porém atrahido do amor dos ſeus Vaſſallos ſe reſtituhio ao Reyno, onde compoſtas as diſcordias, que havia entre a Coroa Portugueza, e Caſtelhana ſe ſentio fortemente acometido de algumas moleſtias, que atormentandolhe o corpo lhe penetravaõ mais o espirito, de que ſe ſeguio cahir gravemente enfermo, e conhecendo ſer chegada a ultima hora, recebidos com grande piedade os Sacramentos eſpirou em Cintra na meſma Caſa onde nacera a 28. de Agoſto de 1481. quando contava 49. annos 7. mezes, e 13. dias de idade, dos quaes reynou 42. annos, onze mezes, e 19. dias. Caſou com a Infanta D. Izabel filha de ſeu Tio, o Infante D. Pedro Duque de Coimbra, e da Infanta D. Izabel filha de D. Jayme II. Conde de Urgel, de quem teve tres filhos aos quaes pela grande devoçaõ, que a Rainha ſua Mãy tinha ao Apoſtolo S. Joaõ lhes impoz a todos o nome deſte amado Evangeliſta; ſendo o primeyro o Principe D. Joaõ; o ſegundo a Infanta D. Joanna, que deſprezando o thalamo de tres Monarchas ſe deſpoſou com Chriſto no Religioſo Convento das Dominicas de Aveyro, a qual pelas ſuas virtudes, e milagres ſe venera Beatificada nos altares; e o terceiro o Principe D. Joaõ, que herdou a Coroa. Por morte da Rainha D. Izabel ſuccedida a 2. de Dezembro de 1455. paſſou a ſegundas vodas no anno de 1475. com a Princeza D. Joanna ſua ſobrinha filha de Henrique IV. e herdeira da Coroa de Caſtella ſendo por eſta cauſa aclamado o noſſo Principe por Monarcha daquelle Trono. Teve o corpo grande, e robuſto; a preſença mageſtoſa, e agradavel; o roſto redondo, cabello caſtanho, e o da barba comprido, que ſempre trazia muito compoſto. Foy dotado de memoria admiravel, e engenho agudo. Fallou a lingua materna com

tanta pureza, e elegancia, que pareciaõ as ſuas palavras eſtudadas antes de proferidas. Teve natural inclinaçaõ às letras, e com particular affecto eſtimava aos homens eruditos, com os quaes tinha familiar comercio. Foy o primeiro dos noſſos Principes, que juntou Livraria, e que ordenou ſe eſcreveſſem na lingua latina as Hiſtorias do Reyno, para cujo effeito mandou vir de Italia a Fr. Juſto Baldino Religioſo Dominico, a quem fez Biſpo de Ceuta. Igualmente foy perito na Mathematica, que na Muſica, de cuja ſuavidade ſummamente ſe deleitava. Foy acerrimo defenſor da Fé Catholica, inſigne venerador do culto divino; de animo compaſſivo para com os pobres, de coraçaõ generoſo para os Fidalgos ennobrecendo o Reyno com muitos Titulos, com que premiou os merecimentos de ſeus antepaſſados. Jaz ſepultado no Real Convento da Batalha. Como tinha paſſado a mayor parte do ſeu Reynado na Campanha, eſcreveo

Tratado da Milicia conforme o coſtume de batalhar dos antigos Portuguezes. Para moſtrar quanto era ſciente na Mathematica eſcreveo:

Diſcurſo em que ſe moſtra, que a conſtellaçaõ chamada Caõ celeſte conſtava de vinte, e nove eſtrellas, e a menor de duas. De cuja obra ſe lembra com grandes elogios Zacuto Luſit. in *Princip. Mend. Hiſtor.* lib. 4. hiſt. 11.

Carta eſcrita da propria maõ a Gomez Anes de Zurara ſeu Chroniſta mòr, e Guarda mòr da Torre do Tombo, quando aſſiſtia em Alcacer com o Conde D. Duarte de Menezes, para eſcrever os feitos daquella Villa. M. S. Acaba. *O meu vulto pintado o non tenho para volo agora lá poder enviar: mas o proprio prazerá a Deos, que o vereis lá em algum tempo, com que vos lá mais deve prazer.*

Carta eſcrita da propria maõ a 5. de Agoſto de 1461. a Diogo Lopes Lobo, Senhor de Aluito ſatisfazendo-o de alguns agravos, que lhe fizera. *M. S.*

Deſte Principe trataõ Manoel de Faria, e Souſ. *Europ. Portug.* Tom. 2. Part. 3. cap. 3. e no *Epit. das Hiſt. Port.* Part. 3. cap. 13. Marian. *de reb. Hiſpan.* lib. 14. à cap. 6. uſque ad 21. Brito *Elog. dos Reys de Port.* pag. 13. Maris *Dial. de Var. Hiſt.* Dialog. 4. cap. 7. Oliveir. *Grand.* de *Lisb.* Trat. 3. Tit. 13. Fonſ. *Evor. glorioſ.* pag. 84. Souſa *Hiſt. Geneal. da Caſa Real Portug.* Tom. 3. liv. 4. cap. 1. Vaſconcel. *Anaceph. Reg. Luſit.* pag. 199. Orleans *Hiſt. des Revolut. d'Eſpagne* Tom. 3. pag. 187. Fr. Fernand. da Soled. *Hiſt. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 3. liv. 16. cap. 1. da ſegunda impreſſaõ.

D. AFFONSO filho ſexto dos Sereniſſimos Monarchas D. Manoel, e D. Maria ſua ſegunda mulher, filha dos Reys Catholicos Fernando, e Izabel, naceo na Cidade de Evora Capital da Provincia Tranſtagana em 23. de Abril de 1509, em cuja Cathedral recebeo a primeira graça no primeyro de Mayo do meſmo anno. Logo na infancia deo claros indicios da agudeza do juizo, de que prodigamente o dotara a natureza. Aprendeo as letras humanas com Ayres Barboſa, e André de Reſende, Oraculos da lingua Grega, e Romana, e com a diſciplina de taõ inſignes Meſtres fez taõ admiraveis progreſſos, que já enſinava quando aprendia. Ainda naõ excedia a idade de dez annos, quando Leaõ X. no 1. de Julho de 1518. o ornou com a Purpura Vaticana do titulo de Santa Luzia in *Septemſolijs* (que depois foy mudado por Clemente VII. para o de S. Braz no anno de 1524. e ultimamente para o de S. Joaõ, e S. Paulo por Paulo III. no anno de 1536.) querendo premiar com tanta anticipaçaõ em idade taõ tenra as virtudes, que havia praticar na adulta, de cuja dignidade recebeo a poſſe a 28. de Mayo de 1526. das mãos de D. Fernando de Vaſconcellos, e Menezes Capellaõ mòr, e Biſpo de Lamego. Das ſuas virtuoſas acçoens foraõ glorioſos theatros as Dioceſes da Guarda, Viſeu, e Evora, nas quaes governou como vigilante Pastor numeroſas ovelhas; ſervindo-lhe eſtas tres Mitras de degráos para ſubir à dignidade Archiepiſcopal de Liſboa no anno de 1523. onde dezempenhou as obrigaçoens do officio Epiſcopal adminiſtrando os Sacramentos aos enfermos, explicando o Catheciſmo aos rudes, e favorecendo com charitativa profuſão aos pobres. Ornou os Altares com precioſos paramentos; venerou com exceſſiva ternura a Maria Santiſſima, e com o mais profundo reſpeito a Chriſto occulto debaixo das eſpecies Sacramentaes. Foy exacto obſervador das

Cerimonias Eccleſiaſticas ordenando, que na Cathedral, e Arcebiſpado de Lisboa ſe naõ uzaſſe do officio Salisburgenſe introduzido deſde o tempo delRey D. Affonſo Henriquez, e ſómente ſe obſervaſſe como mais perfeito o Romano. Como era muito douto nas linguas Grega, e Romana, e verſado nas letras ſagradas, e profanas, eſtimava aos homẽs ſabios, com quẽ tinha familiar comercio; e a alguns que floreciaõ com grande opiniaõ em outros Reynos, os atrahia com generoſos donativos para a ſua companhia, na qual eraõ benevolamente tratados. Continuamente tinha patentes as portas a todo o genero de peſſoas, que buſcavaõ na ſua benevola comiſeraçaõ refugio às ſuas neceſſidades, naõ permitindo, que ſe apartaſſem da ſua preſença queixoſas, e deſconſoladas, antes era naturalmente taõ liberal, que o dia, em que naõ fazia merces, e repartia dadivas, o julgava, como do Emperador Tito ſe eſcreve, por perdido. No tempo que Portugal goſava de hum Principe Eccleſiaſtico, cujas virtudes eraõ veneradas por todas as ſuas Jerarchias, foy acometido de huma grave doença, e conhecendo o perigo, que o ameaçava, fez que o levaſſem à Capella mòr da ſua Cathedral, onde com terniſſimos affectos, e devotas lagrimas recebeo o Sagrado Viatico, e recolhido ao Palacio entregou o eſpirito ao ſeu Creador na florente idade de 31. annos com geral ſentimento deſta Monarchia, e do Mundo Catholico em 21. de Abril, e naõ de Agoſto, como erradamente eſcreveo Megeſero no *Diar. Auſtriac.* p. 40. e 41. do anno de 1540. e naõ de 1537. como diſſeraõ Panvino, Ciaconio, os dous Irmãos Luiz, e Scevola Santas Marthas. O ſeu corpo foy levado ao Real Convento de Belem, onde em hum ſoberbo Mauſoleo eſpera a reſurreiçaõ univerſal, tendo gravado no marmore o ſeguinte epitafio.

Heu quod in Alphonſo viduantur honore Tiaræ
Plorat Ulyſſipo, Roma, rubenſque toga.
Viſenſes pueri, quos ipſe fide erudiebat
Solaque congaudent Sydera Cive ſuo.

Compoz.

Vita Alphonſi Luſitanorum Regum primi, que dedicou à Santidade de Leaõ X. como diz D. Nic. de Santa Maria, na *Chronica dos Coneg. Reg.* liv. 9. cap. 32. n. 6.

Das suas obras latinas aſſim em proſa, como em verſo, fez huma collecçaõ o celebre Antiquario André de Reſende, e impreſſas as dedicou a ElRey D. Joaõ III. como affirma o Padre Antonio de Macedo in *Luſit. Inful. & Purpur. p.* 225.

Conſtituiçoens para o Biſpado de Evora, que foraõ as primeiras, que teve, e reduzio a melhor methodo as do Biſpado de Viſeu.

Varios ſaõ os elogios, com que diverſos Authores celebraõ eſte grande Principe. Ayres Barboſa ſeu Meſtre na *Antimoria* fol. 39 o congratulou com eſte celebre diſtico, quando foy eleyto Cardial.

Roma tibi donat Princeps Alphonſe galerum.
Dat tibi Roma decus, nec minus illa capit.

Palat. in *Faſtis Cardinal.* Tom. 2. pag. 719. *Alphonſus Princeps religioſiſſimus, litterarum, litteratorumque omnium maxime fautor, et Mæcenas, qui magnanimitate, clementia, magnificentia certavit cum omnibus Terræ Principibus. Ab eo triſtis nemo umquàm diſceſſit. Auctoritatem augens famulitij nobilitate, cultu domus, miſericordia in pauperes, vere Rex hominum, Phœbique Sacerdos, inter Epiſcopos optimus, inter Reges clariſſimus, quæſivit ſollicitus Religionis augmentum, & obſervantiam ſine ſtrepitu, abſque gladio, ſolo verbo, & exemplo.* Ciacon. *de Vitis Pontif.* Tom. 3. pag. 414. *Princeps munificentiſſimus, & magnanimus, ac tanta inſuper manſuetudine, & clementia, ut nemo unquàm ab eo triſtis diſceſſerit, quanta autem fuerit morum ſuavitate, & comitate, obitu illius intellectum eſt; non enim alio affectu eum univerſa luxit Luſitania, quàm ſi communis omnium parens interiiſſet.* Oſor. *de reb. Emman.* lib. 6. *ſingulare ſpecimen religionis, & probitatis, & magnificentiæ.* Goes na *Chron. delRey D. Manoel.* Part. 2. cap. 42. *Foy aſſás douto na lingua latina.* Cardoſ. *Agiolog. Luſit.* Tom. 2. pag. 659. *Mecenas ſingular dos doutos, e benemeritos, favorecendo-os, e honrando-os em toda a occaziaõ.* Maris *Dialog.* 4. *de varia Hiſtor.* cap. 20. *Douto na lingua latina, e eſtudioſiſſimo de letras, e ſciencias.* Pedro Sanches no Poema Laudatorio dos Poetas Portuguezes

At Te Rege Sate Heros Emmanuele potente
Qui Tyrium Syrma ornaſti, ſacrumque Galerum
Ipſe canat Phœbus: nos Te, & tua funera quondam

Flevimus Alphonſe, & gemitu, lacrymiſque profuſis
Ad tumulum mæſta ter voce vocavimus umbram,
Magne tuam, extremumque vale ter diximus. Eheu!
Quantum præſidij docti amiſere Poetæ
Morte tua! quantũ decoris Parnaſia Laurus,
Nã tibi sẽper erant cordi doctiſſime Princeps
Vates: muneribus vates, vultuque fovebas:
Temporis, & ſi quid tibi forte vacabat ab almi
Præſulis officio, quod verbo, & rebus obibas
Donaſti id totum Muſis, placidæque Poeſi.

Jorge Coelho Secretario do Cardial D. Henrique nas ſuas obras poeticas impreſſas em Lisboa no anno de 1540. traz huma larga Elegia à morte deſte Principe, que começa.

Deſlebam Alphonſi fatũ quem funere acerbo
Tam juvenem nobis abſtulit atra dies.

Garibay *Comp. Hiſt. de Eſpan.* liv. 35. cap. 30. e 31. Maffeo *Hiſt. rer. Ind.* lib. 10. Jongelin. in *Purp. D. Bernard.* pag. 49. & 50. Cunha *Hiſt. Eccleſ. de Lisb.* Part. 2. cap. 2. n. 5 Souſ. de Maced. *Flor. de Eſpan.* cap. 23. excel. 3. Vaſc. *Anaceph. Reg. Luſit.* pag. 272. Bſov. *Annal. Eccleſ.* Tom. 19. ad ann. 1509. e 1516. Spondan. tom. 2. ad an. 1512. n. 5. Padre D. Manoel Caetan. de Souſ. *Catal. Hiſt. dos Sum. Pontif. e Card. Portug.* pag. 21. Manoel Pereir. da Sylv. Leal *Catal. dos Biſp. da Guard.* §. 29. Fonſeca *Evor. Glorioſ.* pag. 294. Manrique *Annal. Ciſterc.* Tom. 2. in ſerie *Abbat. Alcobat.* pag. 11. in fine. D. Antonio Caet. de Souza *Hiſt. Geneal. da Caſ. Real Portug.* Tom. 3. liv. 4. cap 10.

D. AFFONSO, primeiro Marquez de Valença aſſim no Titulo, como na dignidade, que houve em Portugal, naſceo em Lisboa, e foy filho primogenito de Dom Affonſo, nono Conde de Barcellos, e primeiro Duque de Bragança, e de D. Brites Pereira de Alvim, filha do famoſo Heroe D. Nuno Alvares Pereira, Condeſtavel de Portugal, cujos Auguſtos deſpoſorios ſe celebraraõ em 8. de Novembro de 1401. Ao eſplendor do naſcimento correſpondeo a perſpicacia do juizo, admirando-ſe jà na tenra idade o talento, com que ſe fez venerado na adulta. Depois de cultivar aquelles eſtudos proprios da ſua alta qualidade, ſe fez mais inſigne no exercicio das virtudes moraes, e politicas, pelas quaes mereceo a eſtimaçaõ dos Principes do ſeu tempo. Reſoluto ſeu Tio ElRey D. Duarte em mandar hum Embaxador ao Concilio de Baſilea, que ſe tinha congregado para pacificar as largas diſcordias entre a Igreja Grega, e Latina, que depois foy transferido por Eugenio IV. para Ferrara, o nomeou a elle, confiando da ſua profunda capacidade, que felizmente deſempenharia as obrigaçoẽs do ſeu miniſterio. Acompanhado de D. Antaõ Martins, Biſpo do Porto, dos Doutores Vaſco Fernandes de Lucena, Diogo Affonſo Manga ancha, de Fr. Joaõ Thomé, Eremita de S. Agoſtinho, e Fr. Joaõ Gil, da Religiaõ Serafica, partio de Lisboa a 21. de Janeiro de 1435. e chegando a Bolonha a 24. de Julho do meſmo anno, foy recebido pelo Papa com inexplicaveis ſignificaçoẽs de paternal benevolencia. Recitou a Oraçaõ obediencial o Doutor Vaſco Fernandes de Lucena na preſença do Summo Paſtor, e do Collegio Cardinalicio, ſendo univerſalmente applaudida pelas elegantes expreſſoens, com que declarava a profunda ſubmiſſaõ do noſſo Principe ao verdadeiro Suceſſor de S. Pedro, cuja Barca fluctuava naquelle tempo com hum abominavel Sciſma. Concluido o Concilio partio de Florença D. Affonſo, e movido da ſumma piedade, de que era ornado, foy viſitar os Lugares da Paleſtina, que o Redemptor do mundo ſantificara com o ſeu Sangue, donde ſe reſtituhio ao Reyno. Segunda vez o deixou para acompanhar ſua Prima a Infanta D. Leonor, quando ſe foy deſpoſar com a Mageſtade Ceſarea de Federico III. partindo de Lisboa em 20. de Outubro de 1451. por General da Armada, que a conduzio a Liorne. Deſta Cidade caminhou até Sena, onde arrebatou as attençoẽs de todos a numeroſa, e magnifica comitiva, com que hia cortejando a Infanta, a qual chegando a Roma foy coroada juntamente com ſeu eſpoſo pelo Pontifice Nicolao V. Acabada eſta ſolemne ceremonia o Emperador para manifeſto argumento da eſtimaçaõ, que fizera de D. Affonſo Conductor de ſua Auguſta Eſpoſa, o armou Cavalleiro, de cuja honra para ſer mais eſtimavel fez companheiro a ſeu Irmaõ Alberto, Archiduque

de Auſtria. Para eterno teſtemunho da ſua piedade para com Deos, fundou no anno de 1445. a inſigne Collegiada de Ourem, conſignando-lhe copioſas rendas para ſuſtentaçaõ das Dignidades, e Conegos, de que ſe compoem. Cheyo mais de merecimentos, que de annos, morreo na Villa de Thomar a 29. de Agoſto de 1460. donde foy traſladado no anno de 1487. para a Collegiada de Ourem, e na Capella de baxo do Coro jaz ſepultado em hum ſoberbo Mauſoleo, no qual eſtá gravado o ſeguinte epitafio.

Aqui jaz o Illuſtre Principe D. Affonſo, Marquez de Valença, Conde de Ourem, primogenito de D. Affonſo, Duque de Bragança, e Conde de Barcellos, e neto delRey D. Joaõ de glorioſa memoria, e do virtuoſo, e de grandes virtudes D. Nuno Alvares Pereira, Condeſtavel de Portugal. Faleceo em vida de ſeu Pay, antes de lhe dar a dita herança, de que era herdeiro, o qual foy fundador deſta Igreja, em que jaz, cuja fama, e feitos hoje eſte dia florecem. Finouſe a 29. de Agoſto do anno do Naſcimento de N. Senhor Jeſu Chriſto de 1460. *annos.*

Celebraõ a ſua memoria Brandaõ *Mon. Luſit.* Part. 3. livr. 10. cap. 15. Leaõ *Chron. delRey D. Duarte* cap. 4. e 5. Faria, e Souſa *Europ. Port.* Tom. 2. Part. 3. cap. 2. num. 8. Cunha *Catal. dos Biſp. do Port.* Part. 2. cap. 28. Sylva *Cathal. Real de Eſpanha* fol. 91. Coelho *Chron. da Ord. do Carm.* liv. 1. cap. 20. chamando-lhe *Peſſoa de muita prudencia.* Moreir. *Theat. Hiſt. e Gen. da Caſ. de Souſ.* pag. 533. Guerreir. *Coroa de esforçad. Caval.* Part. 1. cap. 8. Eſperanç. *Hiſtor. Seraf. da Provinc. de Port.* Part. 2. liv. 12. cap. 4. n. 3. Carvalh. *Corog. Portug.* Tom. 3. Trat. 5. cap. 1. Maced. *Luſit. Infulat.* p. 159. Neufuil. *Hiſt. de Portug.* tom. 1. pag. 400. Lima *Geog. Hiſt. de Port.* Tom. 2. pag. 202. Leitaõ *Trat. Analyt. Apolog.* pag. 955. Franc. Leit. *Not. Chronol. da Univ. de Coimbr.* pag. 351. Souſa *Hiſt. Gen. da Caſ. Real Port.* Tom. 2. liv. 3. cap. 9.

Compoz.

Itenerario ao Concilio de Baſilea no anno de 1435. o qual ſe conſerva na Sereniſſima Caſa de Bragança, como affirma Jorge Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 1. pag. 491. col. 1. no Coment. de 21. de Fevereir. Letr. A.

D. AFFONSO DE ALBUQUERQUE antonomaſticamente o Grande pellas heroicas façanhas, com que encheo de admiraçaõ a Europa, de paſmo, e terror a Aſia, naſceo em o anno de 1453. na quinta chamada pela amenidade do ſitio o *Paraiſo* da Villa da Alhandra diſtante ſeis legoas de Lisboa. Sendo filho ſegundo de Gonçalo de Albuquerque, Senhor de Villaverde, e de D. Leonor de Menezes filha de D. Alvaro Gonçalves de Attaide Conde da Atouguia, e de ſua mulher D. Guiomar de Caſtro, emmendou eſta injuſtiça da natureza alcançando a primazia de todas as virtudes aſſim moraes, como politicas. Foy educado no Palacio delRey D. Affonſo V. em cuja paleſtra anhelando unicamente ſer emulo deſte Marte Africano, partio na eſquadra mandada por eſte Principe no anno de 1480. em ſocorro delRey D. Fernando de Napoles para reprimir o furor dos Turcos, que tinhaõ occupado Otranto, moſtrando neſta occaziaõ, que o valor para ſer heroico, naõ dependia da dilaçaõ do tempo, menos da liberalidade da fortuna. Naõ foy inferior a gloria, que conſeguio o ſeu braço na expediçaõ intentada no anno de 1489. para defender a fortaleza da Gracioſa ſituada na Ilha, que o Rio Luco forma junto da Cidade de Larache debaixo dos felices auſpicios delRey D. Joaõ II. de quem foy Eſtribeiro mòr, ſendo eſtas duas famoſas empreſas ſuccedida huma na Europa, e outra na Africa o fauſtiſſimo preludio das victorias, de que havia ſer theatro a Aſia, para onde navegou em 6. de Abril de 1503. e depois de obrar acçoens ſuperiores a outro coraçaõ, que naõ fora o ſeu, ſe reſtituhio a Portugal mais cheyo de gloria, que deſpojos, em que tem mayor parte a cobiça, que o valor. Tendo ſegunda vez ſurcado os mares como Capitaõ em huma eſquadra de quinze vellas em companhia de Triſtaõ da Cunha para continuar os triumfos, de que era arbitra a ſua eſpada, o elegeo ElRey D. Manoel Governador da India, de que tomou poſſe em 4. de Novembro de 1509. confiando a prudencia deſte Monarcha, que ſobre hombros taõ robuſtos poderia permanecer incontraſtavel à violenta invaſaõ de todos os Potentados da Aſia. Parece difficil à credulidade a continuada torrente de victorias alcançadas pelo braço deſte invencivel He-

róe, que qual rayo fulminado da Esfera, que o ſeu Soberano tomara por empreſa naõ houve parte em todo o Oriente, que naõ experimentaſſe o impulſo arrebatado dos ſeus eſtragos reduzindo a cinzas as Cidades de Brama, Orfaçaõ, Calicut, Pangim, e as numeroſas armadas de Meca, Adèm, e Ormuz. Duas vezes ſe coroou victorioſo com a famoſa expugnaçaõ de Goa, humilhando na ſegunda conquiſta de tal ſorte a ſoberba do Hidalcaõ, que por largo tempo lamentou a fatal ruina padecida ſobre os muros de huma Praça, que ſe deſtinava para cabeça do Imperio Aziatico Portuguez. Que frondoſas palmas, e louros colheu o ſeu invencivel braço no rendimento de Malaca, cuja heroica façanha divulgou admirada a fama por tres mil bocas de bronze glorioſos deſpojos de taõ celebre expugnaçaõ? Rendeo menos à violencia do ferro, que ao reſpeito do ſeu nome as Cidades de Lamo, Maſcate, Benaſtarim, Calayate, e as Ilhas de Camaram, Queixome, e Homeliaõ com a morte de dous ſobrinhos delRey de Larec. Para vingar as hoſtilidades cauſadas pelas formidaveis armadas delRey de Ormuz, e do Hidalcaõ fez eſtipendiarios dous elementos, abrazando, e ſumergindo a humas no cabo de Roſalgate, e a outras nos portos de Adem, e Calicut. O brado das eſpantoſas acçoens, com que tinha aſſombrado a todo o Oriente, obrigou ao Rey das Ilhas de Maldiva, Vengapor, e o Hidalcaõ, que rendidos, e obſequioſos o buſcaſſem para Tutelar dos ſeus Eſtados, e em demonſtraçaõ da ſua obediencia ſe fizeraõ tributarios da noſſa Coroa. Recebeo diverſas Embaxadas dos Principes da Perſia, e da Arabia, e dos Reys de Pegù, Bengala, Pedir, Siaõ, e Pacem ſolicitando a ſua amiſade com generoſos donativos, que benignamẽte agradeceo, e generoſamente regeitou. Para cõſervar o Eſtado impenetravel à invasaõ dos ſeus inimigos edificou com igual diſpendio, que magnificencia as Fortalezas de Malaca, Ormuz, Calicut, Cochim, e Cananor, em cujas pedras gravou para a poſteridade a glorioſa denominaçaõ de Fundador do Imperio Oriental Portuguez. Celebradas as pazes com os Reynos de Cambaya, Dabul, Onor, Baticalà até o cabo de Camorim, e com os Principes da China, Jaoa, e Maluco ſe ſentio eſtando em Ormus acometido da ultima imfermidade, e querendo que Goa foſſe o Occaſo ſendo tantas vezes o Oriente de ſeus heroicos trabalhos, partio taõ atenuado de forças, que quatro leguas diſtante do ſeu porto entregou aquelle invencivel eſpirito ao ſeu Criador com evidentes ſinaes de predeſtinado a 16. de Dezembro de 1515. quando contava 63. annos de idade, e 10. de governo. Foy amortalhado no manto da Ordem militar de Saõ-Tiago, de que era Commendador, e tanto que o cadaver chegou ao caiz de Goa, ſe levantou tal alarido funebre em todo o povo, que até os Sacerdotes interromperaõ o canto Eccleſiaſtico com lagrimas, e ſuſpiros. Os gentios admirados de o ver com a barba taõ extenſa, e com os olhos quaſi abertos, affirmavaõ com ſuperſticioſa credulidade, que certamente naõ morrera, mas que Deos o chamara para General dos ſeus Exercitos. Levado debaixo do pallio aos hombros das principaes peſſoas de Goa o ſepultaraõ na Igreja de Noſſa Senhora da Serra, que elle edificou em agradecimento do feliz ſuceſſo da conquiſta de Malaca. A eſte depoſito das ſuas triunfantes cinzas concorria a gentilidade obſequioſa com varios donativos eſperando, que às ſuas ſupplicas foſſe propicio. Paſſados cincoenta e hum annos foy treſladado, como diſpuſera no ſeu Teſtamento, ao Convento de Noſſa Senhora da Graça dos Religioſos Eremitas de Santo Agoſtinho deſta Corte, para onde foy conduſido a 19. de Mayo de 1566. com pompa digna de taõ grande Heróe. Teve a eſtatura mediana, o roſto comprido, e còrado, o nariz aquilino, o aſpecto agradavel, que ſe fazia reſpeitado pela candida barba, que ſe dilatava até a cintura. Soube com perfeiçaõ a lingua Latina, ſendo igualmente diſcreto quando fallava, como quando eſcrevia. Foy amado, e temido, ſem que a benevolencia degeneraſſe em frouxidaõ, nem em rigor o caſtigo. Obſervou religioſamente a verdade, aborreceo naturalmente a mentira, e executou promptamente a juſtiça. Em tantas batalhas terreſtres, e navaes ſahio muitas vezes ferido teſtemunhando com o ſeu ſangue, que ſempre buſcara o lugar onde era mais certo o perigo. Foy profuſamente generoſo, dando aos Capitaẽs os deſpojos alcançados em tantas victorias, dos quaes nunca reſervou

para ſi a menor parte por ſer ſua cobiça mais de gloria, que de fazenda. Practicou ſumma fidelidade com os inimigos domeſticos, e ſomente com os eſtranhos uſou de ſagacidade politica. Determinou executar duas acçoens ſugeridas pela magnanimidade do ſeu coraçaõ ſobejando para que foſſem eternamente glorioſas o ſerem ſomente meditadas; era huma divertir a corrente do Nílo para o mar Roxo naõ correndo ao Egypto, e deſta ſorte eſterilizar as terras do Graõ Turco; a ſegunda extrahir de Meca os oſſos do abominavel Mafoma, para que reduſidos publicamente a cinzas ſe confundiſſem os profeſſores de taõ torpe Seita. Serà o ſeu nome eternamente applaudido pellas vozes da Fama, como foy no conceito dos mayores Monarchas, e nas pennas de inſignes Eſcritores, aclamando-o por inſigne Capitaõ D. Fernando Rey de Caſtella a Pedro Correa Embaxador delRey D. Manoel, e o Graõ Turco a D. Alvaro de Sande Capitaõ do Emperador Carlos V. Dos authores ſeja o primeiro Maffeo *Hiſt. Ind.* liv. 5. in fine. *Prorſús invicti ad laborem, ac patientiam æque corporis animique vir, & cum quolibet ſuæ ætatis Ducum, vel navalis ſcientiæ, vel expediti conſilij magnitudine comparandus.* Faria *Aſia Portug.* Tom. 1. Part. 2. cap. 10. n. 8. *Aquella eſpada con cuya punta ſe avia labrado el ſcetro, que El-Rey D. Manoel tenia nó con menor interez de ſus rentas, que reputacion de ſus armas.* Caſtanhed. *Hiſtoria do Deſcub. da Ind.* liv. 3. cap. 155. *Esforçado, e famoſo Capitaõ ... Em ſumma nenhuma virtude lhe faleceo para ſer taõ ſingular Capitaõ como ho foraõ os ſingulares, que ouve entre barbaros, Gregos, e Latinos.* F. Ant. de S. Rom. *Hiſt. Gen. dela Ind. Orient.* liv. 2. cap. 9. *Dexo el Imperio dela India mui quieto en la devocion, y fidelidad delRey D. Manoel y el exercicio delas armas quedó en ſu punto con ſu induſtria y las coſas dela Religion en mucho augmento.* Brentan. *Epit. Chronolog. Mund.* ad an. 1515. *Chriſtianiſſimus Heros.* Mariz *Dial. de var. Hiſt.* dial. 5. *Faleceo com taõ claro nome de perfeito Governador, que naõ era facil a queſtaõ que em ſeu louvor ſe movia, ſe reſplandecia mais em ſuas excellencias o esforço de Alexandre, ou a ſabedoria de Neſtor; porque adminiſtrava a guerra como ſummo Emperador, e governava a republica como perfeitiſſimo Magiſtrado.* Sampayo in cap. 2. *Vit. B. Petri Eborenſ. Inſignis ille et immortali laude dignus, atque Heroum antiquorum numero meritiſſimo referri poteſt.* Barbud. *Empreſ. milit. de Luſit.* fol. 156. v.º *adqueriendo triunfos a ſu Patria, y ganando coronas a ſu Rey.* Lafitau *Hiſt. des Decouert Conq. des Port.* Tom. 1. pag. mihi 520. *Dans la guerre il fut veritablement grand par la nobleſſe de ſes projets, la prudence auec la quelle il les conduiſoit, e la Vigueur auec la quelle il les executa. Dans le conſeil, e dans l'action il paroiſſoit en lui deux hommes tous differens.* Oſorius *de rebus Emman.* lib. 10. *Tanta namque erat humanitate præditus ut utrum magis multi illius virtutem metuerent, an bonitatem amarent, eſſet explicatu difficillimum. Imprimis autem jus æqualibe colebat, & fidem violatam acerrime puniebat, neminique injuriam fieri patiebatur... Non erat alienus à litteris: & cum otium erat, lectione ſacrarum præcipue litterarum oblectabatur.* Thevet *Vies des Homm. Illuſt.* pag. mihi 422. *Fondateur dela domination des Portugalois en Inde.* Franc. de Santa Mar. *Ceo abert. na Terra* liv. 3. cap. 67. *Na liberalidade, e magnificencia foy inſigne, na conſtancia admiravel, na religiaõ excellente, e em tudo Heroe da primeira grandeſa, glorioſo aſſumpto das trombetas da Fama. Neufuille Hiſt. Gen. de Portug.* Tom. 2. liv. 8. pag. 466. *Ce grand homme, cet Albuquerque le Grand auſſi heurevx, et redoutable pendant la guerre que craint, et reverè pendant la paix fut regreté de pluſieurs Princes qui avoient connu ſa valeur, e de toutes les nations qui avoient éprouvé ſa clemence.* Tellez *Hiſt. da Ethiop. Alt.* liv. 1. cap. 7. e liv. 2. cap. 1. Fr. Agoſtinh. de Santa Maria *Sanct. Marian.* Tom. 8. liv. 1. cap. 55. Barros *Decad. 2. da Hiſt. da Ind.* per tot. Damiaõ de Goes *Chron. delRey D. Manoel* 3. Part. cap. 80. Martin. *Compend. delas Hiſt. dela Ind. Orient.* pag. 174. até 194. Gab. Per. *Ulyſſea* Cant. 7. Eſtanc. 100.

Logo o famoſo Affonſo o mar cobrindo
De náos, os Malabares afugenta,
Do graõ Neptuno as ondas oprimindo
Que de ſeu grave pezo já rebenta.

Macedo *Ulyſſipo* Cant. 12. Eſt. 56.

Se quereis vér o Capitaõ mais claro

Que a fama conheceo, que vio a terra;
Vede a Albuquerque inſigne archivo raro
Que a diſciplina militar encerra,
Quantas vezes o vejo, mais reparo
Neſte grande varaõ rayo da guerra;
Notay-o de vagar que baſta vello
Para ficardes do valor modello.

Os Commentarios das heroicas acçoens obradas no Oriente pelo grande Albuquerque eſcritos por ſeu filho ſe compuſeraõ das noticias, que a ElRey D. Manoel mandou o meſmo Albuquerque, como na Dedicatoria da dita obra a ElRey D. Sebaſtiaõ confeſſa ſeu author por eſtas palavras. *Offereci eſtes Commentarios a V. A. que colligi dos proprios Originaes que o grande Affonſo Dalbuquerque no meyo de ſeus acontecimentos eſcrevia a ElRey D. Manoel voſſo Viſavó.* Donde procedeo imaginarem alguns Eſcritores, e entre elles o doutiſſimo Joaõ Solorzano Pereira, *de Jure Ind.* Tom. 1. liv. 1. cap. 3. n. 48. ſer obra do grande Albuquerque. Além das noticias, que eſcreveo eſte Heróe, que ſerviraõ para formar os Commentarios das ſuas acçoens, eſtaõ nelles impreſſas eſtas ſuas obras.

Duas repoſtas, que mandou a duas Cartas de Cogeatar. Part. 1. cap. 62.

Repoſta a huma Carta de Lourenço de Brito, Capitaõ de Cananor. Part. 2. cap. 3.

Inſtrucçaõ mandada por Fr. Luiz da Ordem Serafica a ElRey de Narſinga, em que dava noticia, do que lhe ſuccedera na conquiſta de Calicut. Part. 2. cap. 17.

Carta eſcrita ao Xeque Iſmael. Part. 2. cap. 23.

Inſtrucçaõ dada a Ruy Gomes para o Xeque Iſmael. ibi.

Carta a ElRey de Ormus. ibi.

Carta a Gopicaiça Aguazil mòr delRey de Cambaya. Part. 2. cap. 46.

Carta eſcrita a Timoja Aguazil mór, e Capitaõ da Gente de Goa, e Senhor das terras de Cintacora. Part. 2. cap. 49.

Carta ao Hidalcaõ quando conquiſtou Goa Part. 3. cap. 4.

Inſtrucçaõ, que deu a Antonio de Miranda de Azevedo, com hum prezente para ElRey de Siaõ Part. 3. cap. 36.

Carta a ElRey D. Manoel, em que lhe relata a conquiſta de Goa Part. 3. cap. 56.

Carta eſcrita ao meſmo Monarcha em 12. de Dezembro de 1515. eſtando proximo à morte em que lhe recomenda o deſpacho de ſeu filho. Part. 3. c. 45. e na Decad. 2. de Barros L. 10. cap. 8. vertida em latim por Oſorio *de reb. Emman.* lib. 10. em Caſtelhano por S. Roman. *Hiſt. dela Ind.* liv. 2. cap. 9. e em Francez por Lafitau. *Hiſt. des Conq. de Portug.* Tom. 1. pag. mihi 516.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, filho do celebre Heróe de que ſe fez a precedente memoria, foy naõ ſómente herdeiro das ſuas virtudes, e acçoens heroicas, mas ainda do ſeu meſmo nome. Naceo na quinta, que foy berço de ſeu grande Pay junto à Villa de Alhandra ſituada nas margens do Tejo no anno de 1500. O nome de Braz, que no bautiſmo lhe fora impoſto, o mudou no de Affonſo por inſinuaçaõ delRey D. Manoel, querendo eſte Principe igualmente eternizar na ſua Peſſoa a memoria de ſeu illuſtre Progenitor, como continuar nelle a remuneraçaõ de taõ altos merecimentos, de que foraõ manifeſtos argumentos o nomeallo Capitaõ de hum Navio da Armada, que conduzio a Infanta D. Beatriz, quando ſe foy deſpozar com o Duque de Saboya, e ſer inſtrumento de que cazaſſe com huma Dama das mais illuſtres, que venerava Portugal, qual era D. Maria de Noronha filha de D. Antonio de Noronha primeiro Conde de Linhares, e Eſcrivaõ da Puridade delRey D. Manoel, e de D. Joanna da Sylva filha de D. Diogo da Sylva primeiro Conde de Portalegre, e lhe fez merce de hum juro de trezentos mil reis. Naõ ſó os merecimentos herdados, mas os proprios o conſtituiraõ digno de mayores premios. Foy dotado de inſigne prudencia alcançada com a liçaõ dos Livros, e continua adminiſtraçaõ de negocios, pela qual o nomeou ElRey D. Joaõ o III. Vedor da ſua Fazenda, onde foy taõ vigilante no obſequio do ſeu Principe, como deſintereſſado no augmento proprio. Grande providencia manifeſtou a ſua capacidade quando no anno de 1569. ſendo Preſidente do Senado de Lisboa, applicou todos os meyos para evitar os calamitoſos damnos, que em toda a Cidade cauſava a peſte, que com horroroſa voracidade tinha cõſumido a muitos milhares de homens, devendoſe à ſua compaſſiva vigilancia o total exterminio de taõ medonho flagelo. Para alivio dos miniſterios, que exercitava, edificou no lugar de

Azeitaõ huma ſumptuoſa quinta povoada de frondoſas arvores, e regada de caudeloſas fontes, de cuja antigua grandeza ainda hoje ſe conſervaõ alguns veſtigios. Cheyo de annos, e acçoens virtuoſas morreo em Lisboa no anno de 1580. e foy ſepultado na Parochial Igreja de S. Simaõ ſituada na Villa de Azeitaõ, onde inſtituhio duas Capellas cõ obrigaçaõ de que cada Capellaõ diga cada ſomana quatro Miſſas pela ſua alma, de ſeus Pays, mulher, amigos, e inimigos, e das que eſtaõ penando no Purgatorio. Deixou huma filha unica chamada D. Joanna de Albuquerque que caſou com D. Fernando de Caſtro. Compoz.

Commentarios de Afonſo Dalbuquerque Capitaõ geral, e governador da India collegidos por ſeu filho Afonſo Dalbuquerque das proprias cartas que elle eſcrevia ao muyto poderoſo Rey Dom Manuel o primeiro deſte nome em cujo tempo governou a India. Vam repartidas em quatro partes ſegundo os tempos dos ſeus trabalhos. Tem no fim as ſeguintes palavras.

Foraõ impreſſos eſtes Commentarios Dafonſo Dalbuquerque Capitaõ geral, e Governador da India, na Cidade de Lisboa, por Joaõ de Barreira impreſſor delRey Noſſo Senhor. Acabaram-ſe de imprimir Veſpera de S. Sebastiaõ, deſanove dias do mez de Janeiro de mil, e quinhentos, e ſincoenta, e ſete annos, em cujo dia o Principe dom Baſtiam noſſo Senhor a quem eſta obra vay offerecida faz trez annos. fol. Sahiraõ ſegunda vez impreſſos em Lisboa pelo dito Impreſſor 1576. fol. Traduzidos na lingua Franceza. Pariz por Joaõ Marnef. 1579.

No Cancioneiro, de que foy Collector Garcia de Reſende, eſtaõ alguns Verſos de Affonſo de Albuquerque a fol. 169. 170. e 176. dos quaes ſe manifeſta, que taõ verſado foy na Poeſia, como na Hiſtoria.

Tratado da Antiguidade, nobreza, e deſcendencia da familia dos Albuquerques. M. S.

Deſta obra faz elle mençaõ nos *Comment.* Part. 4. cap. 50. e o Padre D. Antonio Caet. de Souſa no *Apparat. à Hiſt. Gen. da Caſ. Real Portug.* pag. 38. §. 17.

Louvaõ ao author, e a obra dos *Commentarios* com os merecidos encomios Barros *Decad. 2. da India* liv. 10. cap. 8. Maffeo *rer. Ind. Hiſt.* lib. 5. in fine. Goes *Chron. delRey D. Man.* Part. 3. cap. 80. Ant. de Leon, *Bib. Orient.* Tit. 3. Nic. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 6. D. Luiz Salaz. de Caſt. *Hiſt. da Caſ. dos Sylv.* Part. 2. L. 6. c. 13. §. 3. n. 14. Far. *Epit. das Hiſt. Portug.* Part. 4. cap. 18. Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Luſit. Litter.* lit. A. n. 8. Ant. Ferreir. nos *Poem. Luſit.* Eleg. 6. e o P. Lafitau *Hiſt. des Deſcov. & Conquet. des Port.* Tom. 1. p. mihi 521. *Il y paroit un grand amour de la verité, une grande moderation beaucoup de menagement pour la perſonne des ennemis de ſon Pere, et tant de modeſtie dans le detail des actions de ce Heros, qù on peut dire que le portrait qù il enfait, bien loin d'ètre outre, eſt beaucoup au deſſous de ſon original.*

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, natural de Lisboa, Profeſſor de Direito Civil, e Patrono de Cauſas Forenſes. No tempo em que ſe ventilava a celebre queſtaõ de quem havia ſuceder na Coroa deſta Monarchia por morte do Sereniſſimo Cardial Rey D. Henrique, mais affecto às injuſtas pertençoens de Caſtella, do que defenſor da indubitavel Juſtiça da ſua Patria, imprimio no anno de 1579.

Jus Philippi ad regiam Luſit. Coronam.

De cuja obra faz mençaõ Caramuel *Phil. Prud.* pag. 177.

AFFONSO DE ALCALA, E HERRERA oriundo de Caſtella, mas nacido em Lisboa a 12. de Setembro de 1599. de Pays nobres naturaes de Toledo, quaes foraõ Joseph de Alcalá, e Herrera, e D. Ignez de Robles. Foy ſciente nas linguas Latina, Caſtelhana, Italiana, e Portugueza. Deſde a primeira idade ſe applicou á liçaõ das letras humanas, e da Poeſia, cujo eſtudo cultivou atè a velhice. Ainda que a mayor parte da vida paſſou recolhido em caſa revolvendo os Livros, em que unicamente achava divertimento, era ſummamente agradavel, e urbano para todos aquelles, que familiarmente o tratavaõ. Foy dotado de grande engenho, de ſumma piedade para com Deos, e de cordial devaçaõ a Maria Santiſſima, como teſtemunhaõ muitas das ſuas compoſiçoens. As virtudes Chriſtaãs, que exercitou toda a vida, e conſervou no eſtado do Celibato, em que viveo, o diſpuzeraõ para acabar com morte placida em Lisboa a 21. de Novembro de 1682. com mais de 83. annos de idade. Foy sepultado na Igreja de N. Senhora dos Reme-

dios dos Carmelitas Deſcalſos, no jazigo dos ſeus Mayores, que tem eſte epitafio.

Sepultura de Affonſo de Robles, e ſeus herdeiros.

Compoz

Varios effeitos de amor en cinco novellas exemplares, y nuevo artificio para eſcrivir proſa, y verſo ſin una de las letras vocales excluyendo Vocal diferente en cada novela. Lisboa por Manoel da Sylva. 1641. 8. e ibi. por Franc. Villela. 1671. 8.

Jardim anagramatico de divinas flores Luſitanas, Eſpanholas, e Latinas, em o qual ſe contaõ 683 Anagramas, e ſeis Hymnos Chronologicos. Lisboa na Officin. Craesbeck. 1654. 4.

Ao inſigne, e V. P. Fr. Antonio da Conceiçaõ da Ordem da Santiſſima Trindade ſeis Anagramas, tres na lingua Latina, e tres na Luſitana. Sahiraõ impreſſos na *Fama Poſthum. deſte V. P.* compoſta por Frey Antonio Correa. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira. 1658. 4.

Pſalterium Quadruplex Anagrammaticum, Angelicum, Immaculatum, Marianum Deiparæ dicatum ſexcenta Latina Anagrammata complectens. Ulyſſip. apud Ant. Craesbeck de Mello Ser. Inf. Typ. 1664. 12.

Corona, y Ramillete de flores ſalutiferas, antidoto del alma, conſuelo de afligidos, y deſengaño del mundo, devotiſſimas gloſſas, Poeſia Sacra, y divinas meditaciones de la Paſſion, y Muerte de Chriſto, Soledad de la Virgen, y poſtremerias del hombre por las horas Canonicas. Lisboa por Domingos Carneiro. 1677. 8.

Á Sagrada Imagem da Virgem do Pilar Mãy Santiſſima Madre de Deos, Salve Raynha gloſſada. Lisboa pelo meſmo Impreſſor. 1678. 4.

Meditaçoens de Santa Briſida traduzidas de Latim em Portuguez. Lisboa por Joaõ Galraõ. 1678. 24.

Novo modo curioſo, tratado, e artificio de eſcrever, aſſim ao divino, como ao humano com huma vogal ſómente, excluindo as quatro vogaes. 1. e 2. *Part.* Lisb. por Franciſco Villela. 1679. 8.

Tinha prompto para a impreſſaõ hum livro intitulado:

Color de Colores

do qual affirma o P. Franciſco da Cruz da Companhia de Jeſus nas ſuas Memor. para a Bib. Portugueza, que era das mais inſignes obras, que eſcrevera. Compoz muitas Poezias, de que algumas ſe imprimiraõ ſendo huma em lingua Caſtelhana, que eſtá inſerta no livro: *Aviſos para la muerte.* Lisboa por Domingos Carneiro. 1650. 24.

Na Bibliotheca do Eminentiſſimo Cardial de Souſa ſe conſerva hum volume de folha *M. S.* que contem as obras ſeguintes traduzidas de Italiano em Caſtelhano:

Las cien dudas amoroſas de Jeronymo Vida. La famoſiſſima Compañia de la Leſina. Aſtucias de Bertoldo, y ſimplicidades de Bertoldino compoſta por Julio Ceſar Cruz. 1666.

Na meſma Bibliotheca eſtava a ſeguinte obra deſte Author:

Templo de amor, y mineral riquiſſimo de varias, y eſcogidas Poezias, elegantes proſas, ſentencias, y curioſidades. Dous Tom. em 4. Parte deſta obra era ſua, e parte tranſcripta de outros Authores.

Hypolit. Marrac. in append. *Biblioth. Marian.* lhe chama *vir pietate, atque doctrina clarus,* e Joaõ Soar. de Brit. in *Theat. Luſit. Litter. vir ingenio, ſtudioque non omninò vulgari;* o Reverendiſſimo P. Antonio dos Reys in *Enthuſiaſm. Poet.* impreſſo no princip. dos ſeus Epigram. n. 183. faz delle memoria entre os Poetas Portuguezes, e a *Magn. Bib. Eccleſiaſt.* pag. 232. col. 1.

Fr. AFFONSO DE ALFAMA naſceo na Cidade de Lisboa para o mundo, e na Villa de Moura para Deos, onde recebeo, e profeſſou o habito da Ordem Carmelitana. Foy Doutor na Sagrada Theologia, e hum dos mais famoſos Letrados do ſeu tempo, e obſervantiſſimo das Conſtituiçoens da Ordem, por cujos merecimentos ſe fez digno de preſidir como Vigario Geral ao Capitulo, que ſe celebrou em Lisboa em 6. de Julho de 1423. por ordem do Geral Fr. Joaõ Groz, no qual foy eleito Provincial com geral acclamaçaõ, ſendo o primeiro, que teve a Provincia de Portugal. Pelas ſuas grandes letras, que ſe faziaõ mais veneraveis pelas virtudes, mereceo a eſtimaçaõ dos Principes daquella idade. Teve a incomparavel gloria de lançar o habito Carmelitano em

15. de Agoſto de 1423. àquelle invencivel Heroe o Condeſtavel D. Nuno Alvares Pereira, que depois de obrar as mais heroicas acçoens na campanha, ſe retirou a conquiſtar o Ceo no Clauſtro. No tempo do ſeu governo ſe fez protector do Convento de Lisboa o Sereniſſimo Rey D. Duarte, concedendo-lhe com generoſa maõ as mayores immunidades. Cheyo de annos, e merecimentos morreo em Lisboa no anno de 1435. ainda quando governava a Provincia, e foy ſepultado no Cruzeiro do magnifico Templo do Carmo. Compoz:

Doctrinale Patrum.

cuja obra foy feita ſobre as Collaçoens de Caſſiano.

Do progreſſo da Ordem Carmelitana. 2. Tom. nos quaes ſe comprehendem onze livros, como diz Joaõ Franco Barreto na *Bib. Luſit. M. S.*

O P. Fr. Manoel de Sá, Academico Supranumerario da Academia Real da Hiſtoria Portugueza nas *Mem. Hiſtor. dos Eſcrit. Port. da Ordem do Carmo,* que ſahiraõ impreſſas no anno de 1724. eſcreve a pag. 6. que ſendo occultas á noticia de Fr. Marcos Antonio Alegre de Caſanate, como elle confeſſa, as obras de Fr. Affonſo de Alfama, àlem das referidas, as manifeſtára a inveſtigaçaõ do Doutor Joaõ de Ferreras no Index dos Eſcritores do ſeculo decimo quinto da *Part.* II. *da Hiſt. de Eſpan.* as quaes eraõ o *Fiel Conſelheiro. O Bom governo da juſtiça. Tratado da Miſericordia.* Deſte engano em que innocentemente cahio o P. Fr. Manoel de Sá foy cauſa o Doutor Ferreras, que igualmente ſe enganou, attribuindo com manifeſta equivocaçaõ a Fr. Affonſo de Alfama eſtes tratados, que foraõ compoſtos pelo Sereniſſimo Rey D. Duarte, como em ſeu lugar ſe verà, ſendo indiſculpavel em hum Author de tanta critica, como he o Doutor Ferreras, hum erro, que facilmente podera evitar, ſe lera com mayor attençaõ a *Nicolao Antonio* na *Bib. Vet.* Tom. 2. lib. 10. cap. 5. n. 286. donde extrahio confuſamente eſta noticia equivocando hum com outro por eſtarem juntos na dita Bibliotheca. Faz memoria de Fr. Affonſo de Alfama, além de Nicolao Antonio, e Frey Manoel de Sá nos lugares citados, a *Magn. Bib. Eccleſiaſtic.* pag. 313. col. 2.

AFFONSO DE ALMEIDA, a quem naõ declara Portuguez, ou Caſtelhano Nicol. Ant. in *Bib. Hiſpan.* Tom. 1. p. 7. deve ſer numerado entre noſſos Eſcritores por ſer o ſeu Appellido muito trivial em a noſſa Naçaõ, e totalmente eſtranho em a Caſtelhana. Paſſou às Indias Occidentaes, e na Cidade de Lima imprimio no anno de 1644.

Pertendiente de la tierra, y carta para los que navegan el golfo de la Corte.

AFFONSO ALVARES, foy hum dos mais eſtimados criados, que teve em a ſua numeroſa familia o Illuſtriſſimo Biſpo de Evora D. Affonſo de Portugal, de quem em ſeu lugar faremos illuſtre memoria. Foy dotado de hum genio facil para a Poezia, principalmente na compoſiçaõ de Autos na lingua Portugueza, que varias vezes ſe repreſentaraõ no Theatro com geral acclamaçaõ dos eſpectadores, dos quaes muitos ſahiraõ à luz publica, como foraõ.

Auto de Santo Antonio feito a pedimento dos muy honrados, e virtuoſos Conegos de Saõ Vicente: muy contemplativo, em partes muy gracioſo, tirado da ſua meſma vida. Lisboa por Vicente Alvares. 1613. 4. & ibi por Antonio Alvres 1639. 4. Evora por Franc. Simoens 1615. 4. e Lisboa por Doming. Carn. 1659. 4.

Auto de S. Tiago Apoſtolo. Lisboa por Antonio Alvres 1639. 4.

Auto de Santa Barbara Virg. e Mart. Lisboa por Vicente Alvres. 1613. 4. e Evora por Franc. Simoens. 1615. 4.

Auto de S. Vicente Martyr. Prohibido pelo Expurgatorio dos livros feito por ordem do Inquiſidor Geral Fernaõ Martins Maſcarenhas Part. 3. letr. A.

Reſpoſta feita a huma petiçaõ, que fez Antonio Ribeiro Chiado ao Comiſſario Geral de S. Franciſco. Lisboa por Antonio Alvres. 1602. 4.

AFFONSO ALVERES GUERREYRO, natural da Villa de Almodouvar no Campo de Ourique, taõ illuſtre por nacimento, como celebre pela faculdade de Direito Civil, e Canonico, em que recebeo o gráo do Doutor. Parecendo-lhe pequena esfera para o ſeu profundo talento a patria, paſſou a Italia, onde mereceo as ac-

clamaçoens dos mayores Profeſſores da Juriſprudencia chegando a ſer Preſidente da Chancellaria de Napoles, cujo miniſterio exercitou com ſumma equidade, e prudencia. Attendendo a Mageſtade de Felipe II. à ſua grande inteireza, e ſabedoria, o nomeou Biſpo de Monopoli no meſmo Reyno em 2. de Junho de 1572. querendo, que illuſtraſſe o Sacerdocio, aſſim como tinha ennobrecido o Senado. Deſempenhou em beneficio das ſuas ovelhas todas as obrigaçoens de Paſtor vigilante, até que no anno de 1577. as deixou eternamente ſaudoſas paſſando a melhor vida. As ſuas letras, e virtudes naõ deixáraõ em injurioſo ſilencio varios Authores, como ſaõ Agoſt. Barboza *de Jure Eccleſ.* cap. 11. n. 79. Nicol. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 7. Manoel de Faria, e Souſa no *Cat. dos Eſcrit. Port.* impreſſo no *Epit. das Hiſt. Portug.* Part. 5. cap. 15. *Poſſevin. in Apparat. Sacr.* tom. 1. pag. 43. e Fr. Fernando Ughello in *Ital. Sac.* Tom. 1. de *Epiſcop. Monopolitenſibus.* pag. 974. da ediçaõ de Veneza por Sebaſtiaõ Coleti. 1717. fol. Compoz

Theſaurus Chriſtianæ Religionis, & ſpeculum Sacrorum Summorum Pontificum, Imperatorum, ac Regum, & Sanctiſſimorum Epiſcoporum. Venetiis apud Cominum de Vritono 1559. fol. Coloniæ 1581. 8. 1586. apud Petrum Hooſt. & Florentiæ apud filios Laurentij Torrentini, 1563. fol.

De modo, & ordine Generalis Concilij celebrandi, & de Eccleſia Dei in priorem faciem revocanda. Neapoli apud Ambroſium de Mançaneda. 1545. 4.

De adminiſtratione Juſtitiæ. Deſta obra faz mençaõ *in Thezaur. Chriſtian. Religionis.* Cap. 36. n. 7.

De Bello juſto, & injuſto Tractatus. Neapoli apud Ambr. de Mançaneda. 1543. 4. e ſe conſerva *M. S.* na Bib. Vatic. Cod. 5200.

Fr. AFFONSO DE SANTO ANTONIO, natural da Villa de Aviz ſituada na Provincia do Alentejo irmaõ no ſangue, e Religiaõ dos Trinitarios Deſcalços na Provincia de Caſtella, de Fr. Luiz da Conceiçaõ, de quem ſe fará mençaõ. Foy varaõ de grande authoridade, e benemerito da ſua Sagrada, e Religioſa Familia, da qual ſendo Procurador Geral ſe empenhou com argumentos concludentes a moſtrar naõ ſómente os privilegios, e exempçoens, que tinha, mas a primazia, e antiguidade, com que no exercicio de reſgatar os Cativos do poder dos barbaros lograva contra a preferencia pertendida neſta materia pela illuſtre, e militar Ordem dos Mercenarios. Em premio do zelo, com que atendia pelo eſplendor da ſua Religiaõ foy eleito Definidor, e Miniſtro do Convento de Madrid, e certamente occuparia as mayores dignidades, ſe a morte em o anno de 1668. lhas naõ impedira. Compoz.

Glorioſos titulos Originarios, e privativos dela Sagrada Religion de Deſcalços dela Santiſſima Trinidad redempcion de Cautivos por los quales ſe les deve por todos los Reynos dela Corona de Eſpaña la primazia, y antiguedad de Religion aprovada redemptora de Cautivos reſpeto dela iluſtre Orden de N. Señora dela Merced. Madrid por Maria de Quiñónes. 1661. em folha. Foy ſegunda vez impreſſo como affirma Fr. Rafael de S. Joaõ no ſeu Livro intitulado *Redempcion de Cautivos.*

Dela Concepcion dela Virgen Maria.

Deſta obra faz mençaõ ſeu Irmaõ Fr. Luiz da Conceiçaõ no fim do Tom. 1. *Exam. Verit. Moral. Theolog.* in Corollar. pro Concept. onde diz. *Diſcurſum igitur hunc (& non naturalis me movet fraternitas) Sanctorum Doctorum ornatum teſtimoniis eleganter ſatis vulgari noſtro idiomate P. Fr. Alphonſus à Sancto Antonio affert. Tom. M. S.*

Arbol Euchariſtico dela vida natural, eſpiritual, e eterna repreſentada en los tres arboles de que ſe haze memoria en los libros Sagrados Genezis, Proverbios, y Apocalipſe. Em folha. *M. S.* Conſerva-ſe eſta obra no Convento de Madrid, como eſcreve Fr. Belchior do Eſpirito Santo na vida do V. P. Fr. Joaõ Bautiſta da Conceiçaõ Fundad. dos Trin. Deſcalços, impreſſa em Madrid. 1713. 4.

Fr. AFFONSO DA ATOUGUIA nacido no lugar do ſeu Apellido, que hé do Arcebiſpado de Lisboa, Monge Ciſtercienſe do Real Convento de Alcobaça, varaõ como teſtemunhaõ os ſeus eſcritos, muito pio, ſendo hum daquelles antiquiſſimos

Monges, que precederaõ à Reforma da ſua Congregaçaõ neſte Reyno, o qual igualmente paſſava o tempo em deſcrever as vidas dos Santos, que imitar as ſuas virtudes.
Compoz.

Vidas de muitos Santos.

Cujo original ſe conſerva *M. S.* em folha na Biblioth. do Convento de Alcobaça.

AFFONSO DE BARROS, de quem Nicolao Antonio affirma, ſer natural de Segovia, o faz indubitavelmente Portuguez Joaõ Franco Barreto na *Biblioth. Luſitana M. S.* cuja aſſeveraçaõ he conforme à judicioſa critica do inſigne antiquario Manoel Severim de Faria. Nós ſomente amantes da verdade, poſto que conheçamos, que a familia de Barros ſeja Portugueza, como neſta Bibliotheca ſe veraõ muitos Eſcritores Portuguezes com eſte appellido, e ſe naõ ache eſte entre as familias Caſtelhanas das quaes difuſamente eſcreveraõ nos ſeus Nobiliarios Gonçalo Argote de Molina, e outros Genealogicos, aſſim como naõ queremos defraudar a Caſtella deſte eſcritor, aſſim naõ receamos atribuillo a Portugal. Neſta incerteza da ſua verdadeira Patria, o que naõ padece a menor duvida he que foy Affonſo de Barros filho de Pays honrados, ornado de vivo engenho, ſufficientemente inſtruido nas letras humanas, de grande talento, aſſim na Corte, como na Campanha, ſendo Quartel Meſtre dos Reys de Caſtella Felipe II. e III. até o fim da ſua vida, que foy em Madrid no anno de 1604. Foy ſepultado na Igreja de N. Senhora do Loreto da meſma Corte. Eſcreveo.

Filoſofia cortezana moralizada. Madrid por Pedro de Madrigal. 1587. 12.

Perla de Proverbios morales. Madrid 1601. cujo livro illuſtrou, e augmentou com o titulo de *Proverbios concordados* Bartholameu Ximenes Paton. 1615. 4. e depois em Lisboa por Pedro Crasbeeck 1617. 4.

Memorial ſobre el reparo dela Milicia, que naõ ſahio à luz, como outras obras que affirma Mattheos Aleman no elogio que lhe faz aos *Proverbios concordados,* manifeſtaõ claramente a grandeza de ſeu author, de quem faz memoria o P. Antonio dos Reys no *Enthuſiaſm. Poet.* impreſſo no principio dos ſeus epigramas n. 174.

AFFONSO CAMEYRO o qual ſempre nas ſuas obras ſe intitulava Meſtre, antes do ſeu nome, ou porque era Profeſſor da Sagrada Theologia, ou Direito Canonico. Foy hum dos varoens celebres, e doutos, que floreceraõ no Reynado do Sereniſſimo D. Manoel. Deixou eſcrito na lingua materna hum grande volume de Queſtoens curioſas, em que ſe admira a vaſta noticia da Sagrada Eſcritura, e da Hiſtoria Eccleſiaſtica, ſendo as principaes as ſeguintes.

Porque no ſello dos Diplomas Pontificios eſteja S. Paulo à maõ direita, e S. Pedro à eſquerda?

Porque das arrecadas, e manilhas das Hebreas, que Araõ lançou no fogo, ſahio a figura do beſerro, e naõ de outro qualquer animal!

Porque naõ offendendo os Leoens, e outras crueis feras aos Santos Martyres, lhe naõ guardaſſem eſte reſpeito as eſpadas?

Eſte volume ſe conſervava na Bibliotheca do celebre Antiquario Manoel Severim de Faria.

D. AFFONSO DE CASTELLO BRANCO igualmente famoſo pelo eſplendor do nacimento, como pela profundidade da Sciencia, teve por Patria a Lisboa, por Pay a D. Antonio de Caſtellobranco, e por Avòs a D. Martinho de Caſtellobranco, e D. Mecia de Noronha primeiros Condes de Villanova. Depois de eſtudar as letras humanas ſe applicou em Coimbra às Sciencias mayores, nas quaes fez taõ grandes progreſſos, que ainda ſendo diſcipulo, era reſpeitado como Meſtre de Theologia pellos mayores Profeſſores da Univerſidade, e recebendo neſta faculdade a borla doutoral foy hum dos primeiros Collegas do Real Collegio de S. Paulo novamente fundado no anno de 1563. como diz Cabed. de *Patronat.* cap. 48. Pelo voto de todos os Academicos ſeria elevado a illuſtrar como Meſtre as mayores Cadeiras da Athenas Portugueza, ſe o Cardial D. Henrique neſte tempo Arcebiſpo de Evora, que lhe era muito affecto, o naõ nomeaſſe Arcediago de Penella, e do Bago neſta Dioceſe, e depois ſeu Eſmoler mór, e Capellaõ mór. Tendo exercitado com rectidaõ os lugares de Deputado da Meſa da Conciencia, e Ordens,

: de Commiſſario da Bulla da Cruzada foy pro-
nouido à Epiſcopal Cadeira do Algarve no
nno de 1581. ſuccedendo neſta Prelaſia ao in-
ſigne varaõ D. Jeronimo Oſorio. Deſte Biſpado
foy aſſumpto ao de Coimbra, de que tomou
poſſe em 25. de Agoſto de 1585. Conhecendo
Filipe ſegundo a grande capacidade, e pru-
lencia de que era ornado, o nomeou Vicerey
le Portugal, cujo governo principiou a 22. de
Agoſto de 1603. e o dimitio a 26. de Dezem-
ro de 1604. dizendo com apoſtolica liberdade,
que governaſſe ElRey de Caſtella os ſeus
Leoens, que elle queria apaſcentar as ſuas
ovelhas. Entre taõ grandes, e authorizadas
lignidades ſempre brilháraõ com exceſſo as
uas virtudes, de que foraõ manifeſtos argu-
nentos a eloquente energia, com que pré-
gando reprehendeo os vicios; a perſpicaz
vigilancia, com que defendeo o ſeu Rebanho;
o incanſavel trabalho, com que frequentemente
viſitou a ſua Dioceſe; a imperturbavel conſ-
ancia, com que defendeo a Jurisdicçaõ
Eccleſiaſtica; a profuſa liberalidade, com que
ſocorreo a pobreza; a clemencia unida com a
ſeveridade, com que emendou as culpas; a
generoſa magnificencia, e o copioſo diſpendio,
com que ornou os Templos. Na Cidade de
Faro erigio o Palacio Epiſcopal, e a Caſa
da Miſericordia. Em Coimbra reedificou o
Palacio para digna habitaçaõ da ſua Peſſoa,
e de ſeus ſucceſſores. Neſta Cidade levantou
deſde os fundamentos o Convento de Santa
Anna de Religioſas Agoſtinhas naõ inferior
na Architectura, e na grandeſa aos mais cele-
bres, e o dotou de copioſas rendas. Nova-
mente reparou o Coro, e grande parte do
Convento de Cellas de Religioſas Ciſtercienſes.
Ornou a ſua Cathedral com edificios nobres,
precioſas armaçoens, e diverſos ornamentos
primoroſamente tecidos de ouro, prata, e ſeda.
Naõ ſatisfeito de ter diſpendido com larga mu-
nificencia para a fabrica do Cofre de prata, em
que jáz o corpo da Rainha Santa Iſabel triun-
fante da jurisdicçaõ do tempo, deixou no ſeu
Teſtamento o legado, taõ pio, como generoſo,
de trinta mil cruzados para ſe gaſtarem nos
applauſos da ſua Canoniſaçaõ, além de vinte
mil para reparo das eſtradas, que de ſeis le-
goas em circuito vinhaõ terminar em Coim-
bra. Ao Hoſpital, e Caſa da Miſericordia
deſta Cidade ſocorreo com magnificas eſmo-
las no tempo, que ſe padeciaõ mais urgen-
tes neceſſidades. A muitos varoens inſignes,
que em utilidade da Republica litteraria la-
borioſamente ſe applicavaõ em doutas com-
poſiçoens, offereceo numeroſas quantias de
dinheiro, para que as imprimiſſem, ſendo
os principaes D. Diogo Soares de Santa
Maria Biſpo Sagienſe em França, a Lippo-
mano em Italia, e ao Cardial Ceſar Baronio,
a quem mandou vinte mil cruzados para a
ediçaõ dos Annaes Eccleſiaſticos, os quaes
o Eminentiſſimo Annaliſta affectuoſamente
agradeceo, e modeſtamente naõ admitio.
Ultimamente aſſim como naõ houve virtude
alguma, em que naõ foſſe inſigne eſte Prelado,
aſſim naõ houve genero algum de Peſſoa,
a quem naõ ſe extendeſſe a ſua charita-
tiva, e generoſa beneficencia, merecendo
por ella ſer em toda a Dioceſe Conimbricenſe
intitulado antonomaſticamente *Biſpo Eſmoler.*
Tendo governado eſte Biſpado trinta annos,
quando contava 93. de idade com eterna
ſaudade das ſuas ovelhas, com as quaes
diſpendera quinhentos mil cruzados, deixou
a vida temporal pella eterna em 12. de Mayo
de 1615. Jáz ſepultado ao lado eſquerdo
da Capella mòr do Convento de Santa Anna,
que elle fundára, em cujo Mauſoleo ſe lé
gravado eſte epitafio, que faz mayor rela-
çaõ das ſuas dignidades, que das ſuas vir-
tudes.

Sepultura de D. Affonſo de Caſtellobranco de boa memoria, que foy Collegial do Real Collegio, Biſpo do Algarve, e de Coimbra, Conde de Arganil, Eſmoler mór do Cardeal D. Henrique, Viſo-Rey de Portugal, o qual entre muitas obras illuſtres com que honrou eſta Cidade, fundou, e dotou com magnificencia eſte Convento inſigne. Fez-ſe eſta obra em 12 de Junho de 1635. ſendo Prioreza a Madre Maria de Menezes ſua ſobrinha. Compoz.

Sermaõ do Auto da Fé em Coimbra; o qual verteo em Latim Franciſco Fernandes Galvaõ, e o dedicou ao Pontifice Xiſto V. ſahio Romæ apud Titum, & Paulum de Dianis. 1589. 4. e tem eſte titulo.

Celebris concio in publico ſanctæ Inquiſitionis Actu Conimbricæ habita ab Illuſtriſſimo Domino D. Alphonſo de Caſtel-branco ejuſdem Civitatis

Epiſcopo Reverendiſſimo, Arganili Comite.

Sermaõ na Collocaçaõ das Reliquias que foraõ levadas da Seé de Coimbra a o Real Moſteiro de Santa Cruz de Coimbra, e ſahio impreſſo na meſma Cidade por Antonio de Mariz 1596. 8. em a Relaçaõ do ſolemne recebimento das meſmas Reliquias, e eſtá à pag. 57. v.º até pag. 76.

Conſtituiçoens de Coimbra. Coimbra por Antonio Mariz 1591. fol.

Reſolucion del Señor D. Alonſo de Caſtelo-blanco Obiſpo de Coimbra y Conde de Arganil &c. y del D. Franciſco Suares Lector de Prima dela Univerſidad de Coimbra ſobre el caſo, que ſe moviò en Toledo cerca dela profeſſion de los hermanos Terceros Seglares. Saragoſa por Lucas Sanches. 1610. fol.

Carta Paſtoral eſcrita em 9 de Fevereiro de 1607. *na qual dá aos Prégadores admiraveis documentos.* Conſervaſe na Livraria do conde Vimieiro.

Sermoens M. S. que ſe conſervaõ no Cartorio do Collegio da Companhia de Jeſus de Coimbra ſendo o primeiro *de S. Franciſco,* o ſegundo *do Domingo primeiro de Quareſma,* terceiro *do Nacimento de N. Senhora,* quarto, quinto, e ſexto *da Purificaçaõ de N. Senhora* prégados os dous primeiros no anno de 1602. e o ultimo em 1603. e delle conſta, que era o nono, que tinha prégado na meſma Feſtividade em a ſua Cathedral.

Sermaõ no Auto da Fé de Coimbra. Domingo deſanove de Mayo de 1591 *M. S.* o qual he differente do que aſſima ſe faz menção, e delle conſervo huma copia em meu poder.

Diverſas foraõ as pennas, que elogiaraõ a ſabedoria, piedade, e merecimento deſte grande Prelado, como foraõ Joaõ de Almeida Soares na ſua vida, que eſtava prompta para a impreſſaõ. Brand. *Mon. Luſit.* Part. 4. liv. 12. cap. 36. e Part. 5. liv. 17. cap. 9. Mendoça in *Viridar.* lib. 6. orat. 11. n. 142. *Tuam ego eloquentiam, Præſul Illuſtriſſime, & Ampliſſime, quem ſingularem novit Luſitania, vidit Conimbrica, Societas noſtra experta eſt, & Paſtorem, & Prædicatorem, tuam inquam, eloquentiam auguſtam verbis, virtutibus auguſtiorem deſidero.* & in Orat. 14. n. 170. D. Nicol. de S. Mar. *Chron. dos Coneg. Reg.* liv. 7. cap. 20. n. 10. *Pregoeiro divino, Pontifice Catholico, Conde Illuſtriſſimo, taõ zeloſo da virtude, como ſabio nas divinas letras.* e liv. 10. cap. 15. n. 8. Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 689. no Comment. de 14. de Junho letr. A. onde lhe chama *de inclyta memoria.* Fr. Franc. de Maced. Tom. 1. *Collat. D. Thom. et Scot.* Collat. 12. differ. 1. pag. 524. intitulando-o *Illuſtriſſimum, et doctiſſimum virum in Sanctis Patribus, ac imprimis Auguſtino verſatiſſimum.* Maſſeus *in vit. P. Franc. Soar.* cap. 16. *doctiſſimum* Fr. Fernand. da Soled. *Hiſt. Seraf. Part.* 4. cap. 8. n. 63. dizendo. *A ſua grandeza, e liberalidade naõ neceſſita da noſſa memoria para ſer plauſivel, pois anda taõ vulgarmente celebre nos clamores da fama.* Telles *Chron. da Companhia de JESUS na Prov. de Port.* Part. 2. liv. 4. cap. 53. n. 1. *Prelado taõ celebrado neſte Reyno.* Antonio Ferreir. nos *Poemas Luſit.* liv. 1. das Odes. Ode 5. Fr. Man. da Eſper. *Hiſt. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 1. liv. 2. cap. 32. n. 4. e 6. e Part. 2. liv. 12. cap. 6. n. 15. Franc. Leit. Ferr. no *Cathal. dos Biſp. de Coimb.* §. 71. Em ſemelhantes elogios da ſua Peſſoa ſe difundiraõ D. Diogo Soares de Santa Maria, e Fr. Antonio Feyo da Ordem dos Prégadores nas Dedicatorias, que lhe conſagráraõ, aquelle no livro intitulado *Concion. pro Solemnit. Corp. Chriſt.* e eſte nos *Sermoens Quadrageſimaes,* na 1. Part. do Santoral, onde diz, que naõ aceitara o Arcebiſpado de Evora offerecido por Felipe III. fazendo-lhes exceſſo na pompa das palavras, e copia de louvores o inſigne Juriſconſulto Gabriel Pereira de Caſtro na Dedicatoria, que lhe fez da 3. Parte de Jure Emphyt. compoſta por ſeu Pay Franciſco Caldas Pereira onde lhe forma eſte elegantiſſimo elogio. *Te noſtra colit Luſitania patriæ parentem amantiſſimum: Hiſpani ſuſpiciunt: mirantur Itali, quos tuæ eloquentiæ, & Sanctimoniæ divulgata opinio circunſtrepit. Et quis non mirabitur tam reconditam divini Paſtoris doctrinam; tam abſolutam religionem, tam perfectam, veréque Chriſtiànam pietatem cum vera modeſtia conjunctam ſub tam ſereno vultu deliteſcentem? Tuam raram prudentiam, maturum tam in publicis, quàm in privatis actionibus conſilium, regiamque magnificentiam, qua reliquos Antiſtites anteceſſores tuos ita longo intervallo præcellis, ut*

ſi de ijs pro dignitate quis velit differere, omnis humana dicendi ratio, atque facultas, omniſque orationis ubertas obruatur neceſſe eſt. Ut interim illuſtrem ſanguinis tui ſplendorem, ac nobilitatem prætermittam, quantùmque bonarum artium præſidiis, Sacræque Theologiæ, cui te totum in D. Pauli Collegio addixiſti, Civiliſque etiam diſciplinæ opibus ad hæc belli, paciſque tempora ſic abunde inſtructus, ut regere Conſiliis Urbes, ſundare legibus, & emendare judicio poſſis, & valeas. Deterrent plane mortalium judicia tot inexhauſtæ liberalitatis tuæ, numquàmque audita exempla: tot in hanc Civitatem poſtquàm ad hanc Pontificalem dignitatem felicibus auſpiciis evectus es: ſingularia beneficia omnium animos in admirationem rapiunt; tot inſignia opera, quæ molitus es; tot ingentes ſumptus, quos in exornanda, & amplificanda tui almi Templi ſede conſumpſiſti, & in extruendis Divorum Sacrariis, ac delubris, & Sacrarum Virginum Deo militantium ædibus à primo lapide extructis, tot opes, totque grandes expenſæ magnitudine ſua cogitationes humanas opprimunt. Jam verò quanta tibi in concionando eloquentia, quanta gravitas, quantum Orationis flumen, quanta copia, quantus lepos in dicendo! Hæc ſane majora ſunt quàm quæ calamo, ne dicam, cogitatione poſſint concipi. Non immeritò igitur Te omnis nobilitas intuetur; omnis Luſitania laude, & celebratione prædicat incolumitatis publicæ defenſorem maximum: prodiens in publicum populi gratulantis audis ſemper lætas acclamationes, & vulgi iucundæ voces fauſta tibi ominantis aures tuas circumſonant. &c. Ultimamente coroa todos eſtes elogios meu Irmaõ D. Jozé Barboſa Chroniſta da Sereniſſima Caſa de Bragança, e Academico da Academia Real nas *Memor. do Colleg. de S. Paul.* pag. 79. e no *Archiathæn. Luſit.* pag. 13. onde com poetica elegancia deſcreve compendioſamente as acçoens deſte Prelado.

En Alfonſus adeſt clara de ſtirpe creatus,
Præſulum & ornatus, decus immortale, corona,
Inſula ſacra comas cinget Colimbria, paſtor
Largus opum, ſolituſq̃ pios diffundere nimbos.
Tempore devicto famam ſervabit in ævum.
Quis gazas numerare poteſt, quas dextera fundet?
Põdera ve argenti tabulis mandata ſupremis?
Romano dicet cinctus Baronius oſtro
Eliſabethque choris dicet ſocianda beatis,
Et ſaxis reparanda novis convulſa viarum.
Machina, quæ longũ complectitur ardua circũ,
Veſtalis qua pura focos ſervabit, & ignem
Offeret intacto divino fœdere ſponſo,
Alphonſus referet, quantúm ſit prodigus æris.
Munere Proregis Lyſiæ dominabitur alto,
Grandior aſt annis, tarduſque ætate ſenili
Ductus amore gregis vanos cõtemnet honores
Ut vacuus curis rutilam conſcendat in arcẽ.

Fr. AFFONSO DE CASTILHO Religioſo da Ordem dos Menores, cujo habito recebeo na Provincia de Caſtella da Immaculada Conceiçaõ da Senhora, varaõ igualmente pio, e erudito, eſcreveo.

Compendio de platicas amoroſas con que el alma pide a ſu Dios perdon, y miſericordia. Valladolid por Juan de la Rueda 1616. 16. Nicol. Ant. na *Bib. Hiſpan.* Tom. 1. pag. 11. naõ declara ſer Portuguez eſte author, cuja noticia devemos ao incanſavel eſtudo do Licenciado Jorge Cardozo, que aſſim o affirma nas Memorias, que juntava para a Bibliotheca Portugueza, naõ faltando quẽ diga que na obra allegada declare o author ſer Portuguez. Delle faz memoria Fr. Joaõ de Santo Antonio in *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 40. col. 1. ſendo preterido por Fr. Lucas Wading. in *Script. Ord. Min.*

P. AFFONSO DE CASTRO. Naceo em Lisboa, e logo na primeira idade deo ſinaes evidentes das virtudes, que havia de exercitar na adulta, ſendo todo o ſeu diſvelo a contemplaçaõ das delicias celeſtiaes, e o deſprezo das glorias mundanas. Dezejoſo de derramar o ſangue em obſequio de Chriſto intentou profeſſar na Companhia de JESUS, e para que alcançaſſe a ſua pertençaõ ſe embarcou para a India com o Padre Frãciſco Vieyra ſeu Confeſſor, ſem que participaſſe a ſeus Pays eſta heroica reſoluçaõ. Chegando a Goa, depois de examinado o ſeu eſpirito pelo Apoſtolico Magiſterio de S. Franciſco Xavier o julgou digno de que entraſſe na Companhia de Jeſus, e lhe deſtinou para theatro dos ſeus apoſtolicos trabalhos as Ilhas Molucas. Nellas brilhou a ſua ardente Charidade empenhandoſe com a voz, e com o exemplo radicar nos

coraçoens daquelles barbaros a Fé Catholica, dos quaes conduzio huma innumeravel multidaõ ao rebanho de Chriſto. Envejozo o demonio do fruto eſpiritual que eſte Sagrado Varaõ colhera pelo eſpaço de nove annos na cultura deſta vinha inſtigou a ElRey de Ternate para que o privaſſe da vida. Foy executor deſta barbara ordem o Principe Babù, o qual acompanhado de alguns barbaros aleivoſamente o prenderaõ na Ilhota de Irez, que defronta com Ternate, e deſpindo-o com grande violencia lhe puſeraõ ao peſcoſo hum tronco de deſmarcada grandeſa, e neſte eſtado o deixaraõ expoſto ſobre a terra trinta dias aos ardores do ſol, e às inclemencias do tempo. Ultimamente foy levado por dous robuſtos negros ao lugar do ſupplicio onde proſtrado de joelhos inclinando a cabeça ſobre hum tronco recebeo com placido animo tres feridas, que foraõ as portas por onde ſahio o ſeu eſpirito a coroar-ſe na eternidade em o primeiro de Janeiro de 1558. O Ceo ſe empenhou a teſtemunhar com admiraveis demonſtraçoens a ſantidade deſte Varaõ Apoſtolico; pois ſendo lançado o ſeu veneravel corpo em hum canal de corrente taõ arrebatada, que no eſpaço de hum dia o podia levar diſtante mais de vinte, e cinco legoas, paſſados tres foy achado boyando ſobre as aguas com as feridas freſcas, e reſplandecentes, e neſta prodigioſa forma ſe conſervou por muitos dias. As acçoens deſte Evangelico Operario com mayor individuaçaõ eſcritas ſe podem ler em Orland. *Hiſt. Societ.* Part. 1. lib. 8. n. 128. lib. 9. n. 166. liv. 12. n. 132. liv. 13 n. 82. Sachin. *Hiſt. Societ.* Part. 2. lib. 1. n. 19. e 156. lib. 2. n. 175. Ribad. *Vida del P. Layn.* liv. 2 cap. 1. Jarric. *Thezaur. rer. Indic.* Tom. 1. lib. 2. cap. 28. Vaſconc. *in Diſcript. Regn. Port.* pag. 498. Guſman *Hiſt. delas Miſſion. dela Compan.* Part. 1. liv. 2. cap. 50. Alegamb. in *mortib. Illuſt.* ad an. 1558. Nadaſi in *Ann. Dier. Mem. S. J.* pag. 12. Tanner *Soc. Jeſ. uſque ad ſang. & vit. profuſion. milit.* pag. 227. 228. e 229. Bartol. *Hiſt. del' Aſia* liv. 6. pag. 385. Bonart. in *Amphit. hon.* cap. 4. Benſon. de *Iubil* lib. 1. cap. 9. Boſius de *Sign. Eccl.* lib. 5. *ſign.* 21. Elias à D. Tereſ. *Leg. Eccleſ. Triumf.* Lib. 2. cap. 31. n. 56. Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 1. pag. 2. e 8. Souſa *Orient. Conq.* Tom. 1. Conq. 3. Diviſ. 3. §. 18.

Carta eſcrita a Santo Ignacio, e ao Padre Simaõ Rodrigues das Molucas em 7. de Fevereiro de 1553.

Carta eſcrita em Ternate a 18. de Janeiro de 1554. ao Reytor do Collegio de Goa.

Carta eſcrita de Amboino em 13. de Mayo 1555. *ao meſmo Reytor.*

Eſtas tres Cartas ſe conſervaõ no Archivo da Caſa Profeſſa de S. Roque de Lisboa, e as duas ultimas sahiraõ traduſidas em Italiano. Veneza por Miguel Tramezzino 1559. 8. têdo já ſahido a ſegunda abbreviada. Roma por Antonio Bladio. 1556. 8.

✓ D. Fr. AFFONSO CAVALLEIRO natural de Evora, e deſcendente da Illuſtre familia dos Cavalleiros de Monte Mór o Novo, que ſe transferio para Barcellos. No Convento da ſua Patria de Religioſos Franciſcanos Clauſtraes recebeo o habito, e tanto creceo em letras, e virtudes, que os ſeus Prelados o elegeraõ para inſtruir aos ſeus domeſticos com as Sciencias mayores. Paſſou a Italia, e na Univerſidade de Padua ſe graduou Doutor em Theologia, onde a leo com applauſo de Meſtres, e diſcipulos, e depois foy Guardiaõ do Convento de Safim em Africa. Foy dotado de grãde talento para o Pulpito, donde era ouvido com geral admiraçaõ, muito ſciente nas diſciplinas mathematicas, e profundamente verſado na Theologia Moral. Todos eſtes grandes dotes attrahiraõ ao Illuſtriſſimo Biſpo de Evora D. Affonſo de Portugal para o eleger no anno de 1495. ſeu Coadjutor no Biſpado, cujo lugar exercitou com o titulo de Biſpado Sardicenſe, ou Sardenſe, huma das ſette Cidades, a cujos Biſpos ſe eſcreveraõ as ſette Cartas, que eſtaõ no Apocalypſe. A meſma eſtimaçaõ mereceo com o Cardial Infante D. Affonſo Adminiſtrador do Biſpado de Evora, ſendo taõbem ſeu Coadjutor, até que na meſma Cidade acabou a vida em 9. de Mayo de 1528. Foy ſepultado no Convento de Santa Clara de Evora junto à Capella mòr da parte do Evangelho, donde depois o tresladaraõ para o Convento de S. Franciſco da meſma Cidade. Fallaõ delle honorificamente Daça *Chron. Seraf.* Part. 4. liv. 3. cap. 11. Fonſec. *Evora Glorioſa* p. 314. Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 3. no Comment. de 9. de Mayo lit. D. Franco *Bib. Portug. M. S.*

e o P. D. Manoel Caetano de Souſa no *Cathal. Hiſt. dos Pontif. Card. Arc. e Biſp. Port.* p. 103. Compoz.

Sermoens hum Tom.

De Pœnitentia in fol.

Eſtas obras ſe conſervavaõ *M. S.* na Bib. de Manoel Sever. de Far. como affirma Fr. Fernand. da Soled. *Hiſtor. Seraf. da Prov. de Port.* Tom. 4. liv. 3. cap. 9. n. 529.

AFFONSO CERVEIRA, foy hum dos primeyros Argonautas dignos de immortal memoria, que debaixo dos felices auſpicios do Sereniſſimo Principe D. Henrique, author das noſſas navegaçoens, ſe atreveo a ſurcar aquelles mares nunca cortados de outras quilhas, e diſcorrer pella mayor parte das coſtas Africanas. Domados com a violencia das armas alguns povos de Africa, e celebradas com outros pazes, fez a ſua aſſiſtencia na Cidade de Beni Capital do Reyno de Guiné no tempo, que governava a Coroa Portugueza D. Affonſo V. onde por muitos annos com igual vigilancia, que deſintereſſe foy Feytor de Fazenda Real em cujo miniſterio naõ ſomente attendeo pelas mercadorias, que entravaõ, e ſahiaõ daquelles portos, mas individualmente deſcreveo a ſua ſituaçaõ, e as proeſas militares, que nelles tinhaõ obrado os Portuguezes, ſendo o titulo deſta obra, o ſeguinte.

Hiſtoria da Conquiſta dos Portuguezes pella Coſta de Africa M. S.

A mayor parte deſta hiſtoria por ſer muito fidedigna a tranſcreveo na ſua Chronica de Africa Gomez Eannes de Zurara, como elle confeſſa, e tambem o affirma o Grande Joaõ de Barros *Dec.* 1. *da Aſia* liv. 2. cap. 1. Da obra, e do Author faz memoria Nicol. Antonio. *Bib. Hiſpan.* Tom. 1. p. 13. e Antonio de Leon *Bib. Ind.* Tit. 30.

AFFONSO CORREA. Doutor, como ſe intitula no frontiſpicio da obra, que eſcreveo. Naõ ſabemos certamente ſe era graduado em Theologia, ou Direito Canonico, ou Civil, conſtando infallivelmente que era Conigo na Cathedral da Guarda, e verſado em letras Sagradas, e profanas, e que publicara.

Proſodia. Lisboa. 1635. 4.

P. AFFONSO DA COSTA natural da Cidade de Faro no Reyno do Algarve filho de Marcos Fernandes, e Maria Pires abraçou o Inſtituto da Companhia de JESUS no Collegio de Coimbra a 15. de Março de 1700 donde paſſou à India com o ſagrado deſejo de converter almas ao rebanho de Chriſto. Naõ menos douto, que pio publicou a ſeguinte obra que dedicou a Joaõ Saldanha da Gama ViceRey do Eſtado da India.

Methodo de bem viver; Itinerario Chriſtaõ. Lisboa por Joſeph Lopes Ferreira 1716. 8.

Fr. AFFONSO DA CRUZ natural do lugar do Fundaõ do territorio da Villa da Covilhaã na Provincia da Beyra, profeſſou no Real Convento de Alcobaça o illuſtre habito da Ordem de Ciſter no anno de 1574. onde pela integridade de ſeus coſtumes, e pela religioſa obſervancia dos inſtitutos foy eleyto Meſtre dos Noviços, miniſterio, que exercitou em diverſos Conventos da ſua Congregaçaõ, atè que no anno de 1600. foy aſſumpto ao Generalato, cujo lugar aceitou conſtrangido, e adminiſtrou vigilante. Morreo piamente em Alcobaça no anno de 1626, e foy ſepultado na caſa Capitular. O ſeu Retrato ſe vê pintado no Antecoro do Real Convento de Alcobaça entre os Varoens illuſtres da Ordem. No tempo, que tinha vago das occupaçoens domeſticas ſe applicava para proveito dos proximos na compoſiçaõ de algumas obras aſceticas, de que ſaõ claros argumentos as ſeguintes.

Eſpelho de perfeiçaõ colhido da doutrina de alguns Santos Padres antigos, e outros Varoens contemplativos, em o qual ſe contem quatro Tratados: o 1. *da vida activa: o* 2. *da vida contemplativa, o qual ſe divide em quatro partes, a* 1. *trata da oraçaõ, meditaçaõ, e contemplaçaõ; a* 2. *os meyos por onde ſe alcança a graça na comtemplaçaõ: a* 3. *Dezejos della; a* 4. *dos impedimentos, o* 3. *Tratado conſta da uniaõ da alma com Deos: o* 4. *das tres vias, Purgativa, Illuminativa, e Unitiva.* Lisboa, por Pedro Craesbeeck 1615. 8.

Eſpelho de religiozos em o qual vendoſe, e compondoſe as peſſoas religioſas poderaõ com o favor divino chegar com facilidade à perfeiçaõ: Lisboa pelo meſmo Impreſſor 1621. 4.

AFFONSO ESTEVES, ou por nacimento, ou por habitaçaõ natural da nobre Villa de Santarem. Foy ferrador delRey D. Joaõ I. de glorioſa memoria, e inſigne Alveitar, de cuja ſciencia eſcrevia huma Arte, a qual eſcrita com letras Gothicas em pergaminho ſe conſervava na *Bibliotheca Severiana,* e no fim tinha eſtas palavras.

Eſte livro fez Affonſo Esteves morador em Santarem Ferrador del-Rey, o qual eſcreveo Joaõ de Aveiro morador na Certaã criado que foy do Prior D. Fr. Alvaro camello, que Deos perdoe, e foy acabado no anno de N. Senhor Jezus Chriſto 1425.

AFFONSO DE FRANÇA. Foy hum dos principaes Portuguezes que para reſtituir ao Emperador Claudio o Imperio dos Abexins conſumido com huma diuturna, e inteſtina guerra movida por ElRey de Zeyla, partio da India no anno de 1541. em companhia do inſigne Capitaõ, e invencivel Martyr D. Chriſtovaõ da Gama. Pacificadas as alteraçoens daquelle Imperio aſſiſtio nelle por toda a vida recebendo ſempre particulares favores, e eſtimaçoens do Emperador, naõ havendo negocio importante em que o naõ conſultaſſe. No anno de 1555. foy mandado Diogo Dias em companhia do Padre Gonçalo Rodrigues Jeſuita por Embaxador a eſte Principe para ſaber ſe eſtava prompto a receber o noſſo Patriarcha, e ouvindo a propoſta do Embaxador de tal ſorte ſe perturbou, que naõ deu repoſta congruente por eſtar obſtinadamente affecto aos ſciſmaticos erros da Igreja de Alexandria. Para o convencer deſta cegueira eſcreveo o Padre Gonçalo Rodriguez hum douto tratado em que moſtrava a verdade da Igreja Romana, e a falſidade da Alexandrina, o qual para ſer lido pelo Emperador o traduzio da lingua Portugueſa na Chaldaica Affonſo de França por ſer nella muito perito.

Alem deſta traducçaõ eſcreveo huma carta ao Padre Gonçalo Rodriguez acerca da diſputa, que teve com o Emperador ſobre a materia da Religiaõ, a qual carta, e o que eſcrevemos de Affonſo de França, relataõ Nicolao Godinh. *de rebus Abyſſin.* lib. 2. cap. 19. Fernaõ. Guer. na addic. à *Relaçaõ da Etiopia de* 1607. e 1608. cap. 3. e o Padre Franciſc. de Souſ. *Orient. Conq.* Part. 1. Conq. 5. Diviſ. 2. §. 19. e 20.

AFFONSO FRANCO veja-ſe Padre Franciſco da Fonſeca.

D. AFFONSO FURTADO DE MENDOÇA. Naceo em a Cidade de Lisboa como querem huns, ou em Monte mór o novo na Provincia do Alentejo, como eſcrevem outros no anno de 1561. ſendo ſeus Pays Jorge Furtado de Mendoça Commendador das Entradas, Padroens, e Repreza da Ordem de S. Tiago, e D. Mecia Henriques filha de D. Pedro de Souza Alcaide mòr de Beja, Senhor de Beringel, e do Prado, e de D. Violante Henriques filha de Simaõ Freyre de Andrada Senhor de Bobadella. Principiou os primeiros eſtudos em Lisboa, e os conſumou em Coimbra com geral admiraçaõ dos Meſtres, e diſcipulos, pois como foſſe dotado de ſubtil engenho, e facil memoria aſſim para perceber, como para conſervar, o que eſtudava, ſe adiantava a todos com admiraveis progreſſos. Graduado pella Univerſidade de Coimbra Doutor na faculdade dos Sagrados Canones, foy admitido por Collegial do Collegio de S. Pedro, a 10. de Mayo de 1592. donde paſſou a Reytor da meſma Univerſidade, em cujo lugar procedẽdo com ſumma inteireza, ſomente ſe declarou parcial dos mais eſtudioſos. Attendendo Filipe II. aos ſeus merecimentos o nomeou Conſelheiro de Eſtado no Conſelho de Portugal moſtrando neſta occupaçaõ tanto zelo do ſerviço do Principe, como ſeveridade na obſervancia da Juſtiça. Eſtas meſmas virtudes praticou no Tribunal das Ordens Militares, quando no anno de 1608. foy eleito ſeu Preſidente. Todas eſtas incumbencias o foraõ habilitando para que em 13. de Fevereiro de 1610. ſubiſſe à Cadeira Epiſcopal da Guarda, onde como ſolicito Paſtor arrancou as perniciosas raizes de muitos abuſos, e introduſio as ſagradas determinaçoẽs do Concilio de Trento. Deſta Cathedral foy promovido por Bulla de Paulo V. paſſada a 5. de Dezembro de 1615. para a de Coimbra, que vagara por morte do inſigne Prelado D. Affonſo de Caſtellobranco, cujos veſtigios deſejando ardentemente ſeguir, e pontualmente obſervar, encheo todas as partes conſtitutivas de hum verdadeiro Pre-

lado. Como na ſua Peſſoa creciaõ os merecimentos, ſe augmentavaõ tambem as dignidades, pois vagando a Mitra Primacial de Braga por morte do celebre varaõ D. Fr. Aleixo de Menezes, foy nomeado por ſeu ſucceſſor no anno de 1618. onde obrou acçoens taõ heroicas em beneficio do ſeu rebanho, que veneravaõ nelle o ſeu anteceſſor renacido. Aſſiſtio nas Cortes, que ElRey Filipe II. celebrou no anno de 1619. nas quaes com intrepido valor defendeo os privilegios da ſua Igreja contra impugnadores aſſim domeſticos como eſtranhos da ſua primacial dignidade. Ultimamente foy eleito, e confirmado por Urbano VIII. a 3. de Dezembro de 1626. Arcebiſpo de Lisboa, e hum dos Governadores do Reyno, cujos miniſterios aſſim Sagrados, como politicos deſempenhou com ardente zelo, e manifeſto deſintereſſe. Eſtas continuas occupaçoens lhe foraõ de tal modo attenuando as forças, que rendidas à violencia dos achaques o privaraõ da vida digna de mayor duraçaõ em 2. de Julho de 1630. quando contava 69. annos de idade; dos quaes foy cinco Biſpo da Guarda, dous Biſpo de Coimbra, ſette Arcebiſpo de Braga, e quatro de Lisboa, em cuja Catedral na Capella mór foy ſepultado o ſeu cadaver. De taõ inſigne Prelado faz eſte elogio o grande Agoſtinho Barboza de *Poteſt. Epiſcop.* Part. 1. Tit. 3. cap. 8. n. 84. *Unus totius Luſitaniæ nobilitatis inſtar illuſtriſſimorũ Primatuũ excellentiſſimus Princeps, Illuſtriſſimus Primas, qui ob admirabilem utriuſque Juris Scientiam, & rerum gerendarum peritiam, aliosque inſignes animi dotes intra brevem temporis curſum Conimbricæ Academiæ Rector, inde ad ſupremum regij Senatus concilium adſcitum.* Naõ ſaõ menores os louvores, que delle eſcrevem D. Franc. Man. nas *Epanaphor.* p. 185. *Varaõ de grande peito, onde mal podia cobrir com o roquete pacifico o ardor do animo bellicoſo.* Fr. Man. da Eſp. *Hiſt. Seraf. da Prov. de Port.* Part. 1. lib. 2. cap. 23. n. 4. e liv. 4. cap. 17. n. 2. *famoſo por muitos titulos,* Fr. Fernando da Soled. *Hiſt. Seraf.* Part. 4. liv. 3. cap.19. n. 586. *Hum dos Prelados inſignes, que a Igreja logrou no Seculo paſſado.* Telles *Chron. da Comp. de Jeſ. da Prov. de Port.* Part. 2. liv. 4. cap. 53. n. 4. *Hum dos mais perfeitos, e cabaes ſogeitos, que deo o noſſo Reyno de Portugal.* D. Nic. de Santa Maria *Chron. dos Coneg. Regul.* Part. 2. liv. 10. cap. 19. n. 8. Joaõ Salgado de Araujo na *Ley Reg. de Port.* Part. 1. fol. 38. v.º n. 108. Franc. Leyt. Ferr. e o D. Man. Per. da Syl. Leal Acad. da Acad. Real, o 1. no *Cathal. dos Biſp. de Coimbra* §. 72. e o 2. no *Cathal. dos Biſp. da Guard.* §. 35. Compoz.

Conſtituiçoens do Biſpado da Guarda reduſidas a melhor methodo, que lhe tinha dado ſeu Anteceſſor D. Jorge de Mello.

Em cujo trabalho conſumio cinco annos *aſſiſtindo ſempre a ellas com engenho, cabedal de letras, e experiencia,* como diz o Illuſtriſſimo D. Rodrigo da Cunha na *Hiſtor. Eccl. de Brag.* Part. 2. cap. 102. n. 14. eſcrevendo a ſua vida. Para que ſahiſſem a publico com toda a perfeiçaõ, as mandou examinar pelo Doutor Eximio o Padre Franciſco Soares Granatenſe, e depois de approvadas por taõ inſigne Letrado, convocou Synodo a 29. de Junho de 1614. em que foraõ com ſummo applauſo recebidas. Por ſer aſſumpto ao Biſpado de Coimbra as naõ pode imprimir, o que executou D. Franciſco de Caſtro ſeu ſucceſſor no Biſpado da Guarda.

Sendo Arcebiſpo Primáz fez hum Tratado no anno de 1625. que remeteo ao Summo Pontifice Urbano VIII. o qual intitulou.

Ad Limina Apoſtolorum.

Nelle tratava dos Santos do Arcebiſpado de Braga, e de outras materias Eccleſiaſticas pertencentes a eſta Dioceſe, da qual obra ſe lembra com naõ pequeno louvor Jorge Cardoſo no *Agiol. Luſit.* tom. 1. pag. 124. col. 1. no Coment. de 12. de Janeiro letra B.

AFFONSO GIRALDES. Naõ teve menor eſpirito para as armas, que para a Poeſia. Foy hum dos valeroſos ſoldados, que acompanharaõ ao noſſo Principe D. Affonſo IV. quando foy ſocorrer a ſeu genro Affonſo XI. de Caſtella contra os Mouros, que com hum formidavel Exercito tinhaõ cercado Tarifa, alcançando delles a celebre vitoria, que ſe deo junto às margens do rio Salado no anno de 1340. Voltando para a Patria mais cheyo de gloria, que de deſpojos deſcreveo como teſtemunha occular todas

as circunſtancias de taõ memoravel batalha com eſte titulo.

Poema em que ſe deſcreve o ſuceſſo da batalha do Salado.

Cuja obra conſervavaõ em ſeu poder Fr. Antonio Brandaõ, como eſcreve na *Monarchia Luſit.* Part. 3. liv. 10. cap. 45. e Fr. Franciſco Brand. *Mon. Luſit.* Part. 5. liv. 16. cap. 13. Della fazem mençaõ Manoel de Faria, e Souſa *Epit. das Hiſt. Port.* Part. 5. cap. 15. e no Elench. *das obras M. S.* que eſtá no principio do Tom. 1. da *Aſia Portug.* n. 82 Joan. Soar. de Brito in *Theat. Luſit. Litter.* Lit. A. n. 11. e o P. Antonio dos Reys in *Enthuſiaſm. Poet.* impreſſo no princip. dos ſeus agudos epigramas n. 192.

AFFONSO GIL DA FONSECA, veja-ſe Franciſco de Souſa, e Almada.

AFFONSO GUERREIRO natural de Almodouvar na Provincia do Alentejo primo com irmaõ dos Padres Bartholameu Guerreiro, e Fernaõ Guerreiro Ieſuitas, dos quaes em ſeu lugar faremos mençaõ. Foy formado na faculdade da Sagrada Theologia, ſendo pela ſua ſciencia, que ſe fazia mais eſtimavel pella innocencia dos coſtumes, eleito Prior da Parochial Igreja de S. Chriſtovaõ na Cidade de Lisboa, em cuja occupaçaõ naõ menos ſe applicava ao paſto das ovelhas, que à liçaõ dos livros. Para receber algum alivio dos continuos trabalhos aſſim litterarios, como paſtoraes ſe retirava a huma Quinta junto de Lisboa, onde ſendo acometido no ſilencio da noite por alguns homens impios com intento de o roubarem, o privaraõ violentamente da vida no anno de 1581. Compoz.

Das Feſtas, que ſe fizeraõ na Cidade de Lisboa na entrada delRey D. Philippe primeiro de Portugal. Lisboa por Franciſco Correa 1581. 4. Deixou *M. S.* e imperfeita.

Chronica del-Rey D. Sebaſtiaõ.

Como tambem.

Chronica da Religiaõ da Sãtiſſima Trindade da Provincia de Portugal,

Cujos fragmentos vieraõ ao poder de Fr. Marcos de Moura Chroniſta deſta Religiaõ, de cuja obra, e ſeu Author faz memoria Fr. Bernardino de Santo Antonio no *Epit. Redempt.* lib. 2. cap. 11. §. 4. fol. 123. & cap. vlt. §. 31. e Cardozo *Agiol. Luſitan.* Tom. 3. p. 383. no Comment. de 13. de Mayo letr. C. Por haver compoſto eſta Chronica Affonſo Guerreiro ſe enganou Nicolao Antonio in *Bib. Hiſpan.* Tom. 2. p. 315. eſcrevendo que fora Religioſo Trino, quando elle nunca profeſſou tal inſtituto, e ſómente foy muito affecto a eſta Religiaõ.

Fr. AFFONSO DA ILHA cujo appellido tomou por ſer natural da Madeira, Religioſo da Ordem Serafica, onde pela obſervancia dos preceitos da ſua regra ſe fez venerado dos ſeus domeſticos. Por aſſiſtir muitos annos na Provincia de Caſtella eſcreveo neſta lingua a ſeguinte obra.

Theſoro de Virtudes. Medina del Campo por Alonſo de Caſtro 1543. 4.

Deſta obra, e naõ do Author ſe lembra Wading. in *Script. Ord. Min.* por occultar nella o ſeu nome a primeira vez que ſahio à luz, o qual manifeſtou Joaõ Maria Brancalopo de Monte falco quando a traduzio na lingua Italiana no anno de 1574. in 8. acrecentandolhe o martirio do V. P. Fr. Andre de Spoleto eſcrito por Fr. Antonio Olano, de quem em ſeu lugar faremos mençaõ. De Fr. Affonſo da Ilha a fazem Nicolao Anton. in *Bib. Hiſpan.* Tom. 1. p. 24. e Fr. Joa. a D. Antonio na *Franciſc.* Tom. 1. pag. 46. col. 2.

AFFONSO LEAM DE BARBUDA foy muito eſtimavel aſſim pela inteireza dos coſtumes, como pela ſciencia, e capacidade de que era ſummamente ornada, cujas partes naõ ſó o conſtituhiraõ perfeito Eccleſiaſtico, mas foraõ eſtimulos para que o inſigne Vicerey D. Luiz de Attayde quando governava o Imperio Oriental o fizeſſe ſeu Secretario communicandolhe os mayores negocios do Eſtado, e ſeguindo as ſuas prudentes direcçoens. Sendo informado eſte Heróe, que nas terras de Monomotapa ſituadas na Ethiopia Oriental ſe tinhaõ novamente deſcuberto minas de prata, para ſe certificar deſta noticia mandou como explorador a Affonſo de Leaõ, cuja empreza, ainda que difficil, e perigoſa naõ ſomente com ſumma induſtria executou, mas com particular exame obſervou

o que era mais digno de ſe notar naquellas Regioens, eſcrevendo.

Diario das couzas notaveis, que vio no Imperio de Monomotapa.

Voltando para Portugal no anno de 1627. extrahio deſte Diario, e communicou ao Padre Franciſco de Gouvea Provincial da Companhia de JESUS por lho pedir, tudo quanto tinha inquirido, e obſervado acerca do corpo milagroſamente conſervado do inclito Martyr o Veneravel P. Gonçalo da Sylveira, cuja relaçaõ imprimio o Padre Baltezar Telles na *Chron. da Prov. de Port.* Part. 2. liv. 4. cap. 38. n. 3. e alguma parte della o Padre Antonio Franco na *Imag. do Novic. do Colleg. de Coimbra.* Tom. 2. Liv. 1. cap. 18. Fazem memoria de Affonſo Leaõ de Barbuda Tanner *Societas Jeſ. uſque ad ſang. & vitæ profus. milit.* pag. 163. Gaſp. Ruthard. in *Coſmolog. Sacr.* Theor. 6. n. 7. e 9. Cardoſ. *Agiol. Luſ.* Tom. 2. pag. 197 no Comment. de 16. de Março. Letra. D. Alegamb. in *mortibus. Illuſtr.* p. 560 onde lhe chama *rebus geſtis, & ſacerdotio venerabilis,* e Nadaſ. *Ann. dier. mem. S. J.* p. 142.

AFFONSO LOPES DA COSTA naceo na Villa de Torres nove do Arcebiſpado de Lisboa, e logo deſde a infancia ſe dedicou ao ſerviço da Igreja ſendo moço da Capella Real. Acompanhou a elRey. D. Sebaſtiaõ na infeliz jornada de Africa onde deſbaratado totalmente o exercito Portuguez, ficou cativo no poder dos barbaros, do qual ſendo reſgatado por tres mil cruzados, por premio dos ſeus ſerviços, e merecimentos foy eleyto Thezoureiro mór da meſma Capella Real. Era muito inclinado à Poeſia principalmente jocoſa, da qual fez varias obras para ſe reprezentarem no Theatro com que exceſſivamente alegrava aos eſpectadores, publicando, e emendando os Autos compoſtos por Antonio Preſtes, e o Grande Luiz de Camoens com eſte titulo.

Primeira Parte dos Autos, e Comedias Portuguezas. Lisboa por Andre Lobato, 1587. 4.

Fr. AFFONSO DO LOURIÇAL, cujo appellido declara a ſua Patria, que he hum lugar da Dioceſe de Coimbra. Deixando o Mundo ſe dedicou a Deos no Moſteiro de Santa Maria de Ceiça da Ordem de Ciſter que fora fundado por ElRey D. Affonſo Henriquez. Foy eminente em todo o genero de virtudes imitando os ſagrados veſtigios daquelles primitivos Varoens, que ſeu Padre S. Bernardo tinha mandado a Portugal. Para evitar o ocio, ſempre nocivo à ſantidade, ſe applicava à liçaõ dos livros, e o que cauſa mayor admiraçaõ, he que naõ faltando ás continuas obrigaçoens do Eſtado religioſo, gaſtaſſe o reſtante do tempo na cultura das letras humanas de que ſaõ claro augmento tres volumes eſcritos no anno de Chriſto de 1200 com admiravel letra, ſendo muitas dellas primoroſamente illuminadas com diverſas cores, e ouro, os quaes ſe conſervaõ na Bibliotheca do Real Convento de Alcobaça. A materia dos volumes he a ſeguinte.

Vocabularium Papiæ adauctum in fol. 3. Tom.

No fim do terceiro Tom. tranſcreveo o Author o Livro das Interpretações Hebraicas de S. Jeronimo.

AFFONSO DE LUCENA, natural da Villa de Trancoſo na Provincia da Beira. Teve por Pays à Manoel de Lucena Ouvidor de Barcellos, e Criado dos Sereniſſimos Duques de Bragança D. Theodoſio primeiro, e D. Joaõ o primeiro, e a Iſabel Nogueira Sarayva, de igual nobreza à de ſeu conſorte. Applicouſe na Univerſidade de Coimbra à faculdade de Direito Ceſareo, em que recebendo o gráo de Licenciado mereceo pellas ſuas letras particulares eſtimaçoens. Foy Cavalleiro da Ordem militar de Chriſto, Commendador de Saõ-Tiago de Coelhoſo, e Alcaide mòr de Portel, e Evora Monte. Inſtituhio em 10. de Janeiro de 1611. o Morgado da Quinta dos Pechinhos ſituada no Termo de Villaviçoſa com a condiçaõ, que extincta a ſua deſcendencia de ambos os ſexos ſe uniria ao Morgado da Cruz que poſſue a Sereniſſima Caſa de Bragança, para ſe repartir o ſeu rendimento pelos criados pobres da dita Caſa, o qual Morgado poſſue hoje ſeu terceiro Neto D. Antonio Bernardo de Lucena, por ſentença alcançada no anno de 1720. Caſou em Villaviçoſa com D. Iſabel de Almeyda filha de André Mendes Bandeira, e de D. Leonor de Almeyda, onde morreo, e eſtá ſepultado no Convento das Religioſas da Eſperança da meſma Villa. Para teſtemunhar a fideli-

dade do ſeu obſequio para com a Senhora D. Catherina Duqueza de Bragança, de quem fora Procurador, e Secretario, compoz juntamente com o Dezembargador Felix Teixeira, e ſe imprimio com outras.

Allegaçaõ de direito offerecida ao muito alto, e muito poderoſo Rey D. Henrique Noſſo Senhor, na cauſa da ſucceſſaõ deſtes Reynos, por parte da Senhora D. Catherina ſua ſobrinha filha do Infante D. Duarte ſeu Irmaõ a 22. de Outubro de 1579. Almeirim por Antonio Correa, e Franciſco Correa aos 27. de Fevereiro de 1580.

Foy traduzida eſta obra em Latim pelo inſigne Fr. Franciſco de Santo Agoſtinho Macedo, e ſahio com eſte Titulo.

Jus ſuccedendi in Luſitaniæ regnum Dominæ Catharinæ Regis Emmanuelis ex Eduardo filio neptis Doctorum ſub Henrico Luſitaniæ Rege ultimo Conimbricenſium ſententiis confirmatum. Pariſiis apud Sebaſtian. Cramoyſi. 1641. fol.

Memoria de algumas couſas pertencentes aos Duques de Bragança, eſcrita à Senhora D. Catherina Duqueza de Bragança M. S. fol.

Faz delle repetida memoria Caramuel *Philip. Prud.* pag. 171. 271. e 273.

Fr. AFFONSO DA MADRE DE DEOS GUERREYRO, chamado no ſeculo Affonſo Guerreyro de Brito, naceo na Cidade de Evora, e na Freguеſia de Santo Antaõ recebeo a graça bautiſmal a 12. de Setembro de 1676. Foraõ ſeus Pays o Doutor Bartholameu Gomez de Brito, e Eſcholaſtica de Souza Rolaõ. Depois de aprender Gramatica em a Univerſidade da ſua patria paſſou a Lisboa em o anno de 1692. onde preferindo o exercicio das armas ao das letras aſſentou praça de Soldado, e embarcando-ſe em a Náo de Guerra, de que era Capitaõ Gaſpar da Coſta de Attaide, comboyou as Frotas, que da America vinhaõ para a Cidade do Porto. Aſpirando o ſeu natural valor a mais glorioſas emprezas ſe reſolveo paſſar à India, e ſendo deſpachado com o habito de Chriſto a 23. de Março de 1698. partio com o poſto de Alferes de Infantaria da Companhia de Luiz Ferreira de Noronha em a Náo S. Pedro Gonçalves a 26. de Março de 1698. Chegando a Goa a 14. de Setembro deſte anno o nomeou Capitaõ de huma Manchua o Vicerey do Eſtado Luiz Gonçalves da Camara Coutinho. Embarcouſe na armada, que navegou ao Norte, de que era General Franciſco Pereira da Sylva, e diſcorrendo pelas Praças de Chàul, Baçaim, e Dámaõ partio por ordem do Secretario de Eſtado para a Perſia, donde reſtituido a Goa foy eleito Capitaõ da Náo de ſoccorro, que pedia o General de Timor, e Solor Antonio Coelho Guerreiro, cuja expediçaõ ſe deſvaneceo por chegar o novo Vicerey Caetano de Mello, e Caſtro, que o proveo em Capitaõ em a Praça de Baçaim, que naõ aceitou por ter reſoluto aliſtarſe em outra mais illuſtre milicia, qual foy a reformada Provincia da Madre de Deos, recebendo o Serafico habito a 19. de Dezembro de 1703. das maõs do Ven. Padre Fr. Antonio de JESUS. Feita a profiſſaõ ſolemne ſe applicou aos eſtudos da Filoſofia, e Theologia em o Convento de Noſſa Senhora do Cabo, e depois de completa eſta laborioſa carreira recebeo a patente de Prégador. Conhecendo os Prelados o grande zelo, e actividade, com que ſervia a ſua Religiaõ, o nomearaõ Procurador Geral, e Comiſſario em Portugal, para cujo fim partio de Goa a 21. de Janeiro de 1711. e chegando a Lisboa a 4. de Outubro do dito anno foy o primeiro, que alcançou faculdade Regia para mandar Religioſos para a ſua Provincia, merecendo por eſtas ſagradas expediçoens executadas nos annos de 1714. 1716. 1721. 1726. e 1735. multiplicados elogios do Reverend. Geral da Ordem Serafica Fr. Affonſo de Bieſma, e dos Provinciaes, e Definitorio da ſua reformada Provincia. Em remuneraçaõ dos precioſos Manuſcriptos, e veneraveis documentos, que a ſua incanſavel diligencia inveſtigou para a Academia Real, o elegeo ſeu Collega ſupranumerario ſendo o ſeu mayor empenho, comunicar a todos os eruditos as grandes, e reconditas noticias, que eſtaõ depoſitadas na ſua ſelecta Livraria, a cuja liberal beneficencia me confeſſo ſummamente agradecido. Eſcreveo para uſo de ſeu Irmaõ, o Reverendo Manoel Guerreiro de Brito, Doutor na Sagrada Theologia, e Conego na Cathedral de Evora.

Inſtrucçaõ, e modo pratico para ſe fazerem os exercicios eſpirituaes por tempo de outo dias re-

partido em 4. partes. Na primeira; trataſe da utilidade dos exercicios eſpirituaes, e modo com que ſe devem fazer. Na ſegunda; da natureza, neceſſidade, e modo com que ſe deve fazer a Oraçaõ mental. Na terceira, da neceſſidade, e modo com que ſe deve fazer a Confiſſaõ geral: e na quarta, das meditaçoens mais proporcionadas para outo dias, diſtribuidas para todo o eſtado de Peſſoas 4. M. S.

Fazem honorifica mençaõ da ſua Peſſoa, Franciſco Leitaõ Ferreira, *Notic. Chronol. da Univerſid. de Coimbr.* pag. 390. §. 847. O Padre D. Manoel Caetan. de Souſ. *Cathal. Hiſt. dos Pontific. Card. e Biſpos Portug.* pag. 148. 231. 237. 249. Fr. Manoel de Sáa, *Mem. Hiſtor. dos Eſcrit. de Carm.* pag. 10. n. 11. e meu Irmaõ D. Joſeph Barboſa no Prolog. do *Cathalog. das Rainh. de Portugal* todos Academicos da Academia Real.

D. AFFONSO MANOEL DE MENEZES. Naceo na Freguezia de Santa Marinha da Avanca em a Comarca da Feyra do Biſpado do Porto, onde foy bautizado a 2. de Outubro de 1672. Foy filho de D. Joaõ Manoel de Menezes Procurador nas Cortes, que celebrou o Principe D. Pedro Regente deſta Monarchia em o anno de 1679. Neto de D. Affonſo de Menezes Meſtre Sala de ElRey D. Joaõ o IV. Commendador da Iſeda na Ordem de Chriſto, Capitaõ mór de Monçaõ, Senhor da Villa da Ponte da Barca, e da Torre, e Conſelho de Nobrega, e Sobrinho do Arcebiſpo Primaz de Braga D. Jozé de Menezes, que com as ſuas profundas letras illuſtrou o Sacerdocio, e o Imperio. De taõ illuſtres Aſcendentes herdou a viveza do engenho, e a capacidade do talento, com que em a Univerſidade de Coimbra penetrou as difficuldades do Direito Pontificio, em que recebeo o gráo de Licenciado a 21. de Julho de 1694. com grande applauſo de todos os Academicos. Foy moço Fidalgo, Cavalleiro da Ordem de Chriſto, cujo habito profeſſou nas mãos do D. Prior Fr. Martinho Pereira Lente de Veſpera da Univerſidade de Coimbra a 16. de Novembro de 1698. Sendo Beneficiado na Collegiada de Freyxo de Eſpada na cinta paſſou a Arcediago do Bago da Igreja Primacial de Braga, que he a terceira Cadeira deſta Cathedral, em que foy provido por ſeu Tio D. Joſeph de Menezes em 19. de Setembro de 1695. Conferiolhe as Ordẽs de Presbytero o Biſpo Conde D. Joaõ de Mello a 25. de Março de 1697. A ſua vaſta ſciencia acompanhada de ſumma integridade o elevou a ennobrecer os Tribunaes Eccleſiaſticos, e Seculares ſendo Deputado da Inquiſiçaõ de Coimbra, de que tomou poſſe a 30. de Janeiro de 1697. donde paſſou com o meſmo miniſterio para Lisboa a 6. de Dezembro de 1704. e a Dezembargador da Relaçaõ do Porto a 29. de Agoſto de 1703. donde ſe transferio para a Caſa da Supplicaçaõ a 27. de Novembro de 1704. e ultimamente a Dezembargador dos Agravos a 5. de Julho de 1710. A continua applicaçaõ ao eſtudo da Juriſprudencia o naõ privou do da Hiſtoria, e Genealogia, em que he eruditamente verſado, como publicaõ os muitos livros de Familias deſte Reyno eſcritos por ſeu grande Tio D. Franciſco de Menezes inſigne Genealogiſta, aos quaes tem addicionado até o tempo prezente, de que faz memoria o Padre D. Antonio Caetano de Souza. *Apparat. à Hiſt. da Caſ. Real Portug.* p. 120. n. 130. Tem mais compoſto.

Commentaria ad Ordinationem Luſitanam Tom. 1.

Nelle faz das palavras iniciaes da meſma Ordenaçaõ huma eſpecie de Tratado intitulado *Anteloquio,* a que ſe ſegue huma expoſiçaõ ao Prologo da meſma Ordenaçaõ, e acaba com o Commento ao Liv. 1. Tit. 1. e Tit. 2.

Tom. 2. Principia pelo meſmo Liv. 1. Tit. 3. onde leva annexo o Regimento do Dezembargo do Paço, e tambem inclue o Tit. 4.

Tom. 3. Começa no Liv. 1. Tit. 5. e acaba no Tit. 18.

Tom. 4. Começa no Liv. 1. Tit. 19. e acaba no Tit. 57.

Tom. 5. Começa no Liv. 1. Tit. 58. e chega ao Tit. 62. §. 14. o qual ainda naõ eſtá acabado.

Todos eſtes Tomos, excepto o ultimo, eſtaõ com ſeus Indices capazes de ſe imprimirem.

D. AFFONSO MENDES Naceo no lugar de Santo Aleixo Termo da Villa de Moura da Dioceſe de Evora a 20 de Agoſto

de 1579, naõ ſomente para illuſtrar com os rayos da ſua doutrina os habitadores da Etiopia, mas tambem para ſer hum dos mais famoſos alumnos da Companhia de JESUS. Foy filho de Lourenço Alvres, e Branca Mendes, e tanto que chegou a idade de nove annos foy chamado por ſeu Tio Manoel Mendes de Moura Conego Doutoral da Seé de Coimbra, para que no celebre Athenéo deſta Cidade lançaſſe os primeiros fundamentos dos ſeus eſtudos, os quaes continuou com taõ felices progreſſos, que ainda naõ contando 16. annos ſabia perfeitamente a lingua Latina, e Rhetorica moſtrando em idade taõ verde tal madureza, que ſe fez digno de ſer aceito em 2. de Fevereiro de 1593. na Companhia de JESUS, onde eſtudada Filoſofia, e Theologia paſſou de diſcipulo a Meſtre dictando letras humanas, e Rhetorica por eſpaço de ſete annos admirando-ſe neſte largo tempo a energia eloquente das Oraçoens, a ſuave affluencia dos Verſos, e a vaſta liçaõ de Poetas, e Oradores, em que era eminente o ſeu talento. Depois de Profeſſo do quarto voto em 26. de Fevereiro de 1610 ſe applicou com todo o diſvello à intelligencia da Sagrada Eſcritura, e Santos Padres, e ſahio taõ profundamente inſtruido neſtes eſtudos, que por uniforme voto dos Superiores, depois de os dictar com grande applauſo por cinco annos em Coimbra aos ſeus domeſticos, foy mandado a Evora para que recebendo a borla de Doutor na faculdade da Theologia os enſinaſſe neſta Univerſidade. A fama das ſuas letras que ſe faziaõ mais veneradas pela integridade dos coſtumes ſe dilatou até Madrid, donde Filippe IV. que naquelle tempo governava eſte Reyno, querendo premiar taõ grandes merecimentos o nomeou no anno de 1621. Patriarcha de Etiopia. Naõ pode reſiſtir ao preceito delRey, que ſe fez mais forte com o do Pontifice, e ſendo Sagrado pelo Biſpo do Algarve D. Fernaõ Martins Maſcarenhas, na Caſa Profeſſa de Lisboa em 12. de Março de 1623. partio acompanhado do Biſpo de Nicea D. Diogo Seco, nomeado ſeu ſuceſſor com deſeſete Religioſos para a India em huma armada de que era Capitaõ Antonio Tello de Menezes. Depois de experimentar huma perigoſa navegaçaõ chegou a Moçambique, e ultimamente a Goa em 28. de Mayo de 1624. onde achando occaſiaõ opportuna navegou atè o mar Vermelho, e tendo chegado ao porto de Baylur, vencidas inſuperaveis difficuldades entrou no Reyno de Dancali, donde paſſou a Fremona Corte do Imperio Etiopico em 12. de Junho de 1625. Naõ he facil de explicar a paciencia com que em taõ prolongado caminho tolerou os ardores do Sol, e os rigores do frio, que ſe faziaõ mais penoſos com a fome, e ſede padecida por tantos dias; a conſtancia, com que ſacrificou a vida continuamente expoſta à violencia dos ladroens, que vagavaõ por aquelles dezertos, e a ancia com que ſuſpirava de chegar ao termo das ſuas apoſtolicas fadigas para reduzir ao rebanho de Chriſto innumeraveis almas. Chegado em 11. de Fevereiro de 1626. à Corte do Emperador Sultaõ Segued, o mandou receber entre feſtivas aclamaçoens por quinze mil Soldados veſtidos pompoſamente, e muitos delles montados em ſoberbos cavallos com precioſos jaezes, fazendo-ſe mais plauſivel eſta recepçaõ com as vozes acordes de varios inſtrumentos. Foraõ exceſſivos os argumentos de affecto, e benevolencia, com que o Emperador recebeo ao Patriarcha, o qual atrahido de taõ veneravel preſença abjurou nas ſuas maõs juntamente com o Principe ſeu Irmaõ Raz Celá Chriſtós os ſciſmaticos erros de Alexandria, e abraçou os Sagrados dogmas da Igreja Romana, prometendo a mais rendida obediencia ao Summo Pontifice, e mandando com publicos edictos aos ſeus Vaſſalos, que aſſim o obſervaſſem, e aos Miniſtros Evangelicos, que promulgaſſem por todo o ſeu Imperio as Verdades Catholicas. Admiraveis foraõ os progreſſos, que ſe ſeguiraõ a eſta permiſſaõ do Emperador, pois a todos os Operarios Apoſtolicos ſe avantajava o Patriarcha, diſcorrendo continuamente de huma para outra parte em beneficio das ſuas ovelhas, bautizando humas, criſmando a outras, erigindo Templos, e ornando Altares; prégando com efficacia para inflamar os animos dos ouvintes; diſputando, e eſcrevendo nervoſamente para extirpar as raizes de pernicioſas doutrinas, e radicar nos coraçoens dos Etiopes a ſemente do Evangelho. Mas que ineſcrutaveis ſaõ os juiſos da Dina Providencia! Morto o Emperador

no anno de 1632. ſe transformou toda eſta ſerenidade em huma furioſa tormenta movida por Facilada acerrimo ſectario dos erros Alexandrinos, e ſucceſſor da Coroa Imperial, contra os profeſſores de Chriſto, ſendo por ordem ſua muitos delles deſpojados das fazendas, e outros cruelmente das vidas; o Patriarcha exterminado da Etiopia, e entregue aos Turcos para ſer victima da ſua tyrana impiedade, o qual ſendo levado a Arquico Cidade maritima no anno de 1634. e chegando a Suaquen, foy recluſo em hum tenebroſo carcere, onde atados os pés a hum cepo, e opprimido o peſcoſo com huma pezada corrente de ferro, além de toleradas com invicta conſtancia muitas fomes, ſedes, e injurias ſe conſtituhio pelo largo eſpaço de hum anno em taõ cruel exame fortiſſimo Athleta da paciencia Chriſtaã. Porém ſendo libertado pela piedade Portugueza de taõ duro cativeiro, alcançada faculdade de partir para a India, chegou brevemente a Goa no anno de 1635. Recolhido ao domicilio dos Padres Jeſuitas deſta Cidade naõ lhe ſervindo de obſtaculo a provecta idade quebrantada com tantos trabalhos, e o eſplendor da dignidade Patriarchal ſe occupava nos mais abatidos miniſterios da Comunidade, e julgandoſe como outro Chriſoſtomo expulſo da ſua Igreja de Conſtantinopla ſe exercitava em todo o genero de virtudes, principalmente no cuidado das ſuas ovelhas inſtruindo-as com os ſeus eſcritos, e mandando-lhes occultamente Miniſtros Evangelicos para que ſe conſervaſſem na Fé da Igreja Romana, dezejando ſempre alcançar occaſiaõ, que as pudeſſe ver, e nunca de voltar a Portugal, ainda que perſuadido de muitas Peſſoas, cujos altos merecimentos querendo premiar a Mageſtade delRey D. Joaõ o IV. o nomeou Arcebiſpo de Goa, e Primaz do Oriente a tempo, que na meſma Cidade acabou a carreira dos ſeus apoſtolicos trabalhos a 29. de Junho de 1656. contando 77. annos de idade, 63. de Companhia. Deſte varaõ trataõ Telles *Hiſt. da Etiopia* liv. 4. cap. 32. e liv. 5. cap. 1. e 2. liv. 6. cap. 3. e no *Append.* 1. deſta Hiſtoria §. 11. e 12. Andrad. *Hiſt. delos Var. Iluſt. dela Comp.* Tom. 6. Alegamb. *Bib. Societ.* p. 36. col. 1. dizendo: *vir fuit moribus integerrimis, & ab omni prorſus ambitione alienus, corporalium rerum contemptor, ſpiritualium æſtimator.* Nicol. Ant. na *Hiſp.* p. 28. Faria *Aſia Portug.* Tom. 3. Part. 2. cap. 23. n. 11. e Part. 4. cap. 2. n. 3. e cap. 9. Nadaſi *Ann. dier. mem. S. J.* ad diem 29. Junij Fr. Filip. à Santiſ. Trinit. in *Itiner. Orient.* liv. 5. cap. 1. *vir doctiſſimus qui multum in Æthiopia pro animarum ſalute laborans multa paſſus tandem expulſus fuit* Fr. Franc. à S. Aug. Maced. in *Propug. Luſit. Gallic.* pag. 108. *Omnis litteraturæ Virum.* Joan. Soar. de Brit. in *Theat. Luſit. Litter.* lit. A. n. 13. D. Franciſc. Man. no *Ecco polit.* fol. 45. *No fuè menos glorioſa fatiga la del nuevo Patriarcha dela Etiopia D. Alffonſo Mendes, cuya virtud, letras, y religion arrebataron tantas almas deſde el peligro ala ſalvacion incorporada otra vez aquella Igleſia en la verdadera ſede Apoſtolica.* O Biſpo de Targa D. Thom. de Faria na *Decad.* 1. *rer. Luſitan.* liv. 8. cap. 1. *Hominem, cui Deus, & natura omnia donarunt, negarunt nihil. Florebat ſcientiâ, & virtute apud Patres Societatis ingenij, & eorum, quæ ad Poeſim, Rhetoricam, Hiſtoriam, & litteras profanas pertinet, apprime peritiſſimus, rerum verò divinarum ita deditus contemplationi, ut et Sacram Scripturam totam memoriter recitare, et Sanctorum Patrum authoritates referre, & Sacræ Theologiæ difficultates ſpeculari magno Viro pareret voluptatem, neque in iis alicui erat ſecundus: concionandi munus cum auditorum commodo, et lætitia exequitur.* P. Anton. Franc. in *Ann. Glor. Societ. Jeſu in Luſit.* pag. 363. e na *Imagem da virtud. no Colleg. de Coimb.* Tom. 1. liv. 2. cap. 22. até 41.

Eſcreveo.

Carta do Patriarcha da Etiopia D. Affonſo Mendes eſcrita da ſua propria maõ ao muito R. P. Mucio Viteleſchi Propoſito Geral da Companhia de JESUS, na qual ſe contem o que S. Illuſtriſ. Senhoria com os demais Padres da Companhia, que andaõ naquelle grande Imperio, fizeraõ de ſerviço de Deos, e bem das almas o anno de 1629. Lisboa por Matthias Rodriguez 1631. 4.

Carta ao Provincial, e mais Religioſos da Companhia de Jeſus da Provincia de Portugal em que lhes relata da ſua navegaçaõ de Goa até o mar Vermelho, e trabalhoſa jornada de Baylur até à Etiopia. Eſcrita em

Fremona a 9. de Julho de 1625. A qual traz o Padre Balthazar Telles na *Hiſt. da Etiopia* liv. 4. deſde cap. 36. até o cap. 39.

Relaçaõ eſcrita ao Geral da Companhia de JESUS da ſua entrada na Etiopia, e o que nella obrou até 5. de *Julho de* 1626. Sahio traduzida em Italiano com as Cartas Annuaes da Etiopia. Roma pelos herdeiros de Zannetti. 1628. 8. e em Francez Pariz chez Sebaſtien Cramoyſi. 1629. 8.

Carta eſcrita a ElRey Catholico, em que trata de como elle, e ſeus companheiros foraõ deſterrados da Etiopia, e do Eſtado, em que ſe achava aquelle Imperio deſde o mez de Novembro de 1632. até Mayo de 1633. Conſerva-ſe *M. S.* no Archivo Real da Torre do Tombo, e eſtá impreſſa na *Hiſt. da Etiop.* do Padre Tellez liv. 6. cap. 4. e 7.

Carta eſcrita de Goa em o 1. de *Dezembro de* 1639. *para o Padre Provincial de Portugal, em que relata o Martyrio do illuſtre Biſpo D. Apollinario de Almeyda;* a qual ſahio traduzida em Caſtelhano. Manilla por Raymundo Magiſa. 1641.

Carta eſcrita em 3. *de Outubro de* 1639. *para o Padre Joaõ de Mattos Aſſiſtente na Curia Romana.* Deſta carta, e da que eſtá aſſima, ſe lembra Cardoſo *Agiolog. Luſit.* Tom. 3. pag. 614. no Comment. de 9. de Junho letr. F.

Outras Cartas muito doutas, e cheyas de particulares noticias tranſcreveo o Padre Balthazar Tellez na Hiſtoria da Etiopia ſendo as principaes. Huma muito extenſa eſcrita ao meſmo Padre Telles impreſſa no apparato da *Hiſt. da Etiopia.* Outra que he huma *Prefaçaõ às Cartas do Padre Bernardo Nogueira Vigario Geral, que foy da Etiopia eſcrita de Goa a* 16. *de Outubro de* 1652. impreſſa no liv. 6. cap. 40. Outra *para o Emperador Sultaõ Segued;* no liv. 5. cap. 29. Duas *para ſeu filho Facilada* no liv. 6. cap. 3. e cap. 15. què he muito diffuſa. Tres eſcritas de Goa no anno de 1639. a Fr. Roberto dos Reys Monge de S. Bento Irmaõ do Padre Franciſco Marques Miſſionario na *Etiopia,* no *append.* 1. *à Hiſt. da Etiopia* §. 6. das quaes imprimio huma o Padre Antonio Franco na *Imág. da Virtud. do Noviciado de Lisb.* liv. 3. cap. 12.

Tragicomedia intitulada *Paulinus Nolæ Epiſcopus* compoſta em verſo heroico, a qual ſe conſerva no Archivo do Collegio de Coimbra, da qual faz mençaõ o Padre Franco na *Imag. do Nov. de Coimb.* Tom. 1. liv. 2. cap. 22. n. 4.

Oratio habita Philippo III. Hiſpaniarum Regi, Luſitaniæ II. in Academia Eborenſi. Sahio impreſſa no fim dos *Anacephal. Reg. Luſit.* authore P. Antonio de Vaſconc. S. J. Antuerp. apud Petrum, & Joan. Belleros. 1621. 4.

Commentaria in Jonam Prophetam. Deſta obra faz memoria D. Franc. Man. na Carta eſcrita ao D. Manoel Themudo da Fonſeca Vigario Geral do Arcebiſpado de Lisboa, que he a primeira *da Centuria* 4. *das ſuas Cartas.* Roma por Filipe Maria Mancini 1669. 4. e Nicol. Anton. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 28.

Branhaymanot, id eſt, Lux Fidei in Epithalamium Æthiopiſſæ, ſive in nuptias Verbi, & Eccleſiæ Æthiopiæ libri 12. *Catecheticis comprehenſi.* Colon. Agripinæ ſumptibus Balthaſaris Egmond, & ſociorum. 1692. fol.

No principio deſta obra eſtá hum Epitome da Vida do Patriarcha eſcrito na lingua Latina. Foy traduzida a obra na lingua Etiopica por Olda Chriſtós nobre Senador daquelle Imperio, e inſigne Catholico, como eſcreve Telles na *Hiſtoria da Etiopia* liv. 5. cap. 4.

Expeditionis Æthiopicæ Patriarchæ Alphonſi Mendes. Tom. duo in quattuor libros diviſi.

Eſta obra foy mandada no anno de 1651. ao Padre Geral Franciſco Picolomini como diz Alegambe in *Bib. Societ.* pag. 36. col. 2. da qual affirma o Padre Telles na *Hiſt. da Etiop.* Apend. 1. §. 12. *Para mim foy o Farol mais lucente por onde me governey neſta minha navegaçaõ. Eſtá hoje eſta obra em Roma para ſe dar à luz do Prelo, merecendo ſer eſtampada com Typos de eſtrellas do Ceo; e quem lé a copioſa elegancia, e notavel propriedade de ſuas palavras, a gravidade das ſentenças, e uniformidade do methodo, o muy lacteo, e melliflúo eſtilo, o julga por hum novo Livio Luſitano, e que ſe o Patavino lhe pode tirar a prerogativa de ſer primeiro, naõ lhe pode tirar a gloria de ſer milhor.* Igual elogio dedica a eſta obra o grande Fr. Franciſco de Santo Agoſtinho Macedo *in* 3. *Part. Collat.* Collat. 9. Differ. 2. cap. 4. pag. 622. *qua dere* (falla dos Cleri-

gos Regulares, que nunca ſe viraõ na Etiopia) *certó certius conſtaret ſi quæ eruditiſſime, & latiniſſime Alphonſus Mendeſius Jeſuitarum ad Æthiopes miſſus Patriarcha ſcripsit, lucem vidiſſent. Novi Conimbricæ virum omnis litteraturæ genere excellentem, ac doleo tantum opus M. S. jacere in tenebris tineis, & blattis obnoxium, cum ſit luce, & immortalitate digniſſimum.*

Deſta obra conſervava hum Extracto Melchiſedec Thevenot em a ſua Livraria, como conſta do Cathalogo della fol. 244. e o refere a *Bib. Orient.* de Antonio de Leon, novamente acrecentada. Tom. 1. Tit. 12. col. 391. onde faz memoria de outras obras deſte Author. Deixou *M. S.* para ſe imprimir

Vida do Padre Jorge Rijo da Companhia de JESUS. Deſta obra faz mençaõ o Padre Franco *Imag. do Noviciad. do Colleg. de Coimb.* tom. 1. liv. 3. cap. 16.

Tomo de Sermoens prégados na Etiopia

Tomo dos Concilios Ecumenicos até o 6. Concilio Geral, em que refutava nervoſamente os erros dos Abexins àcerca da Encarnaçaõ do Divino Verbo.

Alguns tratados em defenſa da Companhia contra os ſeus maldizentes.

Tratado de Magia.

Varias expoſiçoens ſobre a Eſcritura que dictara em os Collegios de Coimbra, e Evora, e tinha augmentado em Goa.

De todas eſtas obras fazem memoria Alegambe in *Bib. Societ.* pag. 36. col. 2. e Jacobo le Long in *Biblioth. Sacra* pag. 858. col. 1.

AFFONSO MENDES, ou MENEZES pois com hum, e outro apellido o acho admitido ao Cathalogo dos Authores Portuguezes por Joaõ Franco Barreto na *Bib. Luſit. M. S.* Joaõ Soar. de Brit. in *Theatr. Luſit. Litterat.* lit. A. n. 14. e pelo Author do Opuſculo intitulado *Portugallia* impreſſo em Leyden 1641. pag. 366. Por muitos annos exercitou o officio de Correyo nos Reynos de Eſpanha, diſcorrendo por toda ella, e grande parte de Italia, donde alcançou huma individual noticia dos caminhos, e lugares de taõ dilatadas Provincias. Querendo enſinar aos Eſpanhoes o conhecimento de tantos, e taõ varios caminhos, que experimentalmente tinha aprendido, eſcreveo.

Compendio, y memorial, o Abecedario de todos los mas principales caminos de Eſpaña con el camino de Madrid a Roma.

No fim deſte opuſculo eſtà inſerto.

Reportorio delas cuentas reduſidos los eſcudos a como S. Mageſtad manda valgan. Toledo por Juan de Ayala 1568. 16. Alcalá por Andres Sañs 1614. 8. et ibi por Sebaſtian. Martines 1576. 8. Valladolid por la viuda de Franc. de Cordova 1622. 24. Murcia 1628. 24.

Do author ſe lembra Nic. Ant. *in Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 28. com o appellido de *Menezes.*

AFFONSO DE MIRANDA, Contador do Reyno, e Caſa Real como foſſe muito douto na faculdade da Medicina querendo emmendar muitos erros, que na applicaçaõ dos remedios commetiaõ os profeſſores daquella arte com grande prejuizo dos enfermos, ſe empenhou a formar hum Medico perfeito com a inſtrucçaõ, que para eſte fim compoz; porem receando que contra elle ſe conjuraſſem os Medicos, que floreciaõ no ſeu tempo, teve occulto o livro em quanto viveo deixando recommendado a ſeu filho Jeronimo de Miranda Medico da Camara de ElRey D. Sebaſtiaõ, que depois da ſua morte o imprimiſſe, o qual obedecendo ao preceito de ſeu Pay o dedicou àquelle Principe, que entaõ governava, com eſte titulo.

Dialogo da perfeiçaõ, e partes, que ſaõ neceſſarias ao bom Medico. Lisboa por Joaõ Alvres Impreſſor de ElRey 1562. 4. Nicolao Ant. fallando deſta obra na *Bib. Hiſp.* diz que eſte Tratado parece naõ ſer de Affonſo de Miranda, mas de outrem, ſendo traduſido de Latim em vulgar, cuja opiniaõ além de naõ ter fundamento ſolido, conſta claramente de hum ſoneto eſcrito em applauſo deſta obra ſer ſeu verdadeiro Author Affonſo de Miranda, e nunca ſe deſcubrir o exemplar Latino donde ſe traduzira.

Por dar el Cielo aqui conocimiento
Que todo lo que quiere eſtà en ſu mano
En el Doctor Miranda Luſitano
Quiere poner el bien fuera de cuento.
De Gracia, de valor, de entendimiento
De letras, y de ingenio ſobre humano:
De eſtilo tan capaz, y cortezano
Que nò terà ſegundo a lo que ſiento.

Fr. AFFONSO DE MONROY natural de Lisboa, e filho de Pedro Vaz de Sequeira, e Monroy fidalgo Cavalleiro da Caſa Real, e de D. Catharina da Torre augmentou a nobreza do naſcimento profeſſando o religioſo habito da illuſtre Ordem da Santiſſima Trindade; onde pelo talento, que manifeſtou nos Pulpitos, foy eleyto Prégador Geral da Ordem, e pela prudencia, de que era ornado, Procurador Geral, e Difinidor da ſua Provincia. Applicouſe com ſumma curioſidade ao eſtudo das Ceremonias Eccleſiaſticas, em que ſahio taõ doutamente inſtruido, que era conſultado nas mayores duvidas pertencentes à celebraçaõ dos Officios Divinos. Morreo no Convento de Lisboa a 24. de Abril de 1701. onde por ſer nelle muitos annos Sancriſtaõ mór. Compoz.

Ceremonial Euchariſtico. Lisboa por Valentim da Coſta Deslandes 1706. 8.

Fr. AFFONSO DE MORAES, natural da Cidade de Beja da Provincia do Alentejo. Deſenganado do mundo recebeo em idade adulta o habito Carmelitano no Convento de Lisboa em 9. de Abril de 1548. Foy inſigne Poeta, e grande Theologo, eſcrevendo de huma, e outra faculdade muitas obras, das quaes affirma Fr. Marcos Antonio Alegre de Caſanate in *Parad. Carmel. Dec.* Stat. 4. Æſtas 17. cap. 453. imprimira poucas, louvando entre ellas com grandes elogios hum elegante Poema compoſto em applauſo de Santo Ildefonſo Arcebiſpo de Toledo, e do livro, que eſte Santo eſcrevera em obſequio da perpetua Virgindade da Senhora. Trataõ deſte Author o *Cathalogo dos Eſcritores do Carm.* p. 66. e Fr. Manoel de Saá nas *Memor. Hiſt. dos Eſcritores Portug. da Ordem do Carm.* pag. 6.

AFFONSO NUNES. Ainda que ſe naõ ſabe o que eſcreveo por ſer occulto à noticia de Manoel de Faria, e Souſa no *Ept. das Hiſt. Portug.* Part. 4. cap. 18. e de Joaõ Soar. de Brito in *Theat. Luſit. Litter.* lit. A. n. 15. como he numerado entre os Authores Portuguezes, naõ ſerá juſto, que fique ſem o ſeu nome eſta Bibliotheca, poſto que ſe naõ relatem as ſuas obras, que parece foraõ Poeticas.

Fr. AFFONSO DE PALMA. Naſceo em Portugal, e illuſtrou a Caſtella com as raras virtudes em que era eminente, pellas quaes mereceo, que ſeu companheiro o Veneravel Fr. Vaſco Martins da Cunha primeiro reſtaurador da Ordem de Saõ Jeronimo neſte Reyno o levaſſe a ſer baſe fundamental do Convento de Val Paraizo em Cordova. Aſſim como a natureza o fez no corpo agigantado, o era no eſpirito, ſendo incanſavel na adminiſtraçaõ daquella Communidade, que governou com o titulo de Vigario por eſpaço de trinta annos. Naquellas horas, que lhe reſtavaõ da continua aſſiſtencia do Coro ſe occupava para evitar o ocio em exercicios humildes, como eraõ cavar a terra, plantar arvores, e ainda em obras mecanicas, pois para tudo tinha natural habilidade, de cujos miniſterios ſe póde claramente infirir a profunda humildade de ſeu animo, o heroico deſpreſo da gloria humana, além dos auſteros jejuns, aſperas diſciplinas, e vigilias nocturnas, perpetua contemplaçaõ das delicias celeſtiaes, angelica pureza, e ardente charidade para com os proximos com que ſe fez merecedor de receber o premio na gloria a 29. de Abril de 1450. Delle faz memoria Fr. Jozé Siguença *Hiſt. da Ordem de S. Jeron.* Part. 2. liv. 4. cap. 19. Cardoſo *Agiolog. Luſit.* Tom. 2. p. 755. e no Comment. de 29 de Abril let. E, e o Illuſtriſſimo Cunha *Hiſt. Eccleſ. de Lisb.* Part. 2. cap. 86. onde por erro do impreſſor lhe chama Diogo, e que fora Prior do Convento de Valparaiſo, ſendo Vigario, como eſcreve Siguença. Compoz.

Confeſſionario, ou methodo da Confiſſaõ diſtribuido em boa ordem.

Para uſo do Coro eſcreveo muitos volumes em elegante caracter com a Solfa do canto chaõ, como foraõ:

Dominical.
Santoral.
Officio de Noſſa Senhora.
Commum dos Santos.
Officio dos defuntos.

Traduzio de latim em Caſtelhano hum Flos Sanctorum, o qual eſcreveo em bella letra para ſe ler no Refeitorio, como eſcreve Siguença já allegado.

AFFONSO PERES PACHECO, natural de Evora, em cuja Univerſidade depois

de inſtruido com as letras humanas, recebeo o gráo de Meſtre em Artes. Paſſou a Coimbra, onde depois de eſtudar Direito Canonico, e Civil ſahio taõ eminente neſtas duas faculdades, que por voto uniforme dos Meſtres da Univerſidade foy julgado merecedor de que as enſinaſſe. Por algum tempo exercitou o officio de Patrono de Cauſas na ſua Patria; depois de ordenado de Presbytero partio para Roma com eſperança de alcançar algum beneficio rendoſo. Neſta Corte ſe fez taõ eſtimado aſſim pellas letras, como pellas virtudes, que mereceo eſpeciaes favores do Eminentiſſimo Cardeal Sacheti, a quem, como a ſeu grande Mecenas, dedicou algumas das ſuas obras. Por morte deſte Principe deſpreſando, como caducas as eſtimaçoens do mundo, ſe recolheo na Congregaçaõ do Oratorio de S. Felipe Neri ſituada na Cidade de Fano do Ducado de Urbino, onde piamente acabou a vida no anno de 1660. Compoz.

Apolecta utriuſque juris per Alphabeticum ordinem. Ronciolone apud Jacobum Menechellium 1657. in 4.

D. Fr. AFFONSO PIRES, ou PEDRO, pois com hum, e outro appelido he nomeado pellos eſcritores antigos. Naceo na Cidade de Evora ſendo ramo do fecundo tronco da preclariſſima Caſa dos Tavoras, a cujo eſplendor antepondo a humildade religioſa abraçou o inſtituto da illuſtre Ordem da Santiſſima Trindade no Convento de Santarem, onde as ſuas grandes virtudes, e inſignes letras o elevaraõ no anno de 1320. ao lugar de Provincial, ſendo o primeiro, que teve eſta Provincia quando ſe ſeparou da de Caſtella. Huma das mayores acçoens, que obrou no ſeu governo, foy o reſgate de outenta, e dous cativos na Cidade de Marrocos, para cuja liberdade retardandoſe o dinheiro, de que ficára em refens o Veneravel F. Joaõ de Jeſus foy impiamente morto pello furor dos barbaros. A madureſa do juizo, e a docilidade do genio, que exercitou neſte miniſterio, o habilitou para outro mayor, qual foy o Biſpado de Evora, ſendo hum dos mais zeloſos Prelados, que governaraõ taõ vaſta Dioceſe, onde com eterna ſaudade das ſuas ovelhas acabou a vida a 8. de Fevereiro de 1339. faſendo da ſua peſſoa honorifica memoria Fr. Bernard. de S. Antonio na *Chronic. da Ord. da Sant. Trind. M. S.* liv. 1. cap. 7. §. 3. e cap. 11. §. 4. Altun. *Chron. Gen. da Ord.* liv. 4. cap. 4. fol. 619. Fr. Anton. à Purif. *Chronol. Monaſt.* pag. 38. e o Padre Franciſco da Fonſeca *Evor. Glorioſ.* pag. 282. Compoz.

De Admirabili Ordinis Sanctiſſimæ Trinitatis Inſtitutione. Eſta obra foy mandada ao Geral, para que ſe imprimiſſe em França, e miſeravelmente ſe perdeo como tem ſuccedido a muitos livros deſta Provincia.

D. AFFONSO DE PORTUGAL, filho illegitimo delRey D. Affonſo Henriquez, e legitimo herdeiro de ſeus marciaes eſpiritos. O natural impulſo para as armas, de que foy glorioſo preludio a celebre conquiſta de Santarem, o arrebatou heroicamente para a Paleſtina, onde na Conquiſta da Terra ſanta fez proezas dignas do ſeu alto nacimento, pellas quaes mereceo, que por morte de Godofredo de Duiſſon foſſe eleito no anno de 1194. XI. Meſtre da Ordem Militar de ſaõ Joaõ de Rhodes. Elevado a eſta grande dignidade querendo que exactamente ſe obſervaſſe a diſciplina regular, e militar, que eſtava pella introducçaõ de muitos abuſos relaxada, convocou Capitulo Geral na Cidade de Margato onde a Ordem depois da perda de Jeruſalem reſidia. Neſta militar Aſſemblea depois de confirmar os Eſtatutos feitos em o anno de 1181. pelo Meſtre Rogerio de Moulins, eſtabeleceo novamente algumas leys dirigidas à conſervaçaõ, e augmento da Ordem. Porem como o ſeu ardente zelo degeneraſſe em ſumma ſeveridade, que ſe fazia mais intoleravel pelo lugar do miniſterio, e ſoberania do nacimento, veyo a experimentar huma remiſſa obediencia nos ſubditos, e paſſando a mayor exceſſo ſe rebellaraõ contra a ſua Peſſoa reduzindoſe a Ordem a huma eſpecie de Anarchia. Para evitar as funeſtas conſequencias de taõ precipitados inſultos renunciou o Meſtrado, e ſe reſtituhio a Portugal, onde acabou a carreira da ſua vida em o 1. de Março de 1207. Jàz ſepultado na Igreja de S. Joaõ da Villa de Santarem em hum mauſoleo, que eſtá ao lado eſquerdo da Capella Mór, com eſte epitafio.

In æra MCCXXXXV. Kalendis Martij obiit Fr. Alphonſus Magiſter Hoſpitalis Hieruſalem

Quiſquis ades, qui morte cadis perlege, plora,
Sum quod eris, fueram, quod es, pro me precor ora.

Compoz.

Eſtatutos novos para conſervaçaõ, e augmento da Ordem militar de S. Joaõ de Rhodes.

Deſta obra faz mençaõ Antonio du Verdier in *Bibliothec. Gallic.* impreſſa em Leaõ 1585. in fol. dizendo *Alphonſe de Portugal Gran Maeſtre des Chevaliers de S. Jean de Hieruſalem, e Rhodes voyes ſes Conſtituicions, y eſtabliſſement au livre del Ordre des dits Chevaliers tranſlate en Francois l'an* 1444. *in fol.* Igualmente faz a meſma memoria Baudoin *Hiſt. des Cheval. del Ord de S. Jean de Hierus.* Tom. 1. cap. 3. pag. 29.

Diverſos elogios dedicaõ ao ſeu nome Funes *Chron. da Rel. de Malta.* liv. 1. cap. 16. Fr. Antonio Brandaõ *Mon. Lus.* Part. 3. liv. 10. cap. 20. onde o equivocou com ſeu Tio D. Pedro Affonſo, Bernard. Giuſtin. *Hiſt. Chronol. del origin. dell'ordini Milit.* Part. 1. cap. 21. pag. 219. Vertot. *Hiſt. des Cheval. Hoſpital. de S. Jean de Hier.* Tom. 1. liv. 3. pag. mihi 255. Vaſc. *Anaceph. Reg. Luſit.* pag. 25. n. 22. chamandolhe. *Excelſo virum animo, & arduis rebus agendis promptum.* Card. *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 6. e no comment. de 10. de Març. let. E. *famoſo Heroe, de grande coraçaõ, e magnanimidade nas militares empreſas, de preclaros coſtumes, e religioſas acçoens.* Sainct. Marth. *Hiſt. Gen. dela Mais. de Franc.* Tom. 2. liv. 41. cap. 2. pag. 796. *Homme courageux comme il temoigna en pluſſeurs intrepriſes.* Franciſco de Santa Maria no *Diario Portug.* pag. 275. *Fez leys utiliſſimas ao bom governo da ſua Religiaõ.* Souſa. *Hiſtor. Gen. da Caſa Real de Portug.* liv. 1. cap. 2. pag. 61. O Padre Fr. Lucas de Santa Catherina nas *Memor. da Ord. militar de S. Joaõ de Malta* no capit. dos Gram Meſtres pag. 22.

D. AFFONSO DE PORTUGAL, Tronco da preclariſſima Caſa do Vimioſo, naceo na Cidade de Evora, e foy filho de D. Affonſo Conde de Ourem primeiro Marquez de Valença, e o primeiro que houve em Portugal, filho primogenito de D. Affonſo primeiro Duque de Bragança; e de D. Beatriz de Souſa filha de Martim Affonſo de Souſa ſegundo deſte nome, Senhor de Mortagua, com quem (como muitos eſcritores aſſeveraõ) clandeſtinamente ſe caſara o Marquez ſeu Pay. As acçoens, que obrou em todo o diſcurſo da ſua vida claramente publicaraõ, que eraõ dirigidas pelos Reaes eſpiritos, que lhe animavaõ o peito; pois teve heroico animo para intentar emprezas arduas; liberalidade profuſa para remediar todo o genero de neceſſidade; condiçaõ benigna, e affavel para a gente popular, ſevera, e altiva para a Nobreza reconhecendo unicamente por ſuperiores à ſua Peſſoa os Reys ſeus Conſanguineos; juizo prompto, e agudo para comprehender, e diſcurſar; memoria facil, e tenáz para conſervar, e repetir os frutos, que a ſua laborioſa applicaçaõ colhera na Univerſidade de Salamanca, onde eſtudara as ſciencias eſcolaſticas com aſſombro dos ſeus mais inſignes Cathedraticos. Morto o Marquez ſeu Pay intentou ſucceder na Caſa de Bragança, mas o Duque, que naõ approvava a legitimidade do ſeu nacimento, a transferio a D. Fernando Marquez de Villaviçoſa ſeu ſegundo filho, por cuja morte novamente pertendeo D. Affonſo ſer herdeiro da Sereniſſima Caſa de Bragança. Deſte intento o fez ceder a authoridade delRey D. Joaõ o II. a quem obedeceo conſtrangido, eterniſando na inſcripçaõ, que eſtá gravada na ſua ſepultura, a politica violencia com que fora obrigado a deſiſtir do direito hereditario de Caſa taõ Soberana. Por diſpoſiçaõ do meſmo Principe ſeguio a vida Eccleſiaſtica, e depois de ſer Commendatario do Moſteiro de Souto da Ordem dos Conegos Regulares, o nomeou Biſpo de Evora, de cuja dignidade lhe paſſou as Bullas Innocencio VIII. no anno de 1485. Logo que ſubio à Cadeira Epiſcopal ſe empenhou no ſumptuoſo ornato da ſua Eſpoſa conhecendo-ſe as ſuas magnificas fabricas menos pelo brazaõ das ſuas Armas, que pella mageſtade dos ſeus eſpiritos. No feliz tempo do ſeu governo foraõ fundados em Evora debaixo dos ſeus beneficos auſpicios quatro Conventos; ſendo o primeiro o dos Conegos Seculares de S. Joaõ Evangeliſta no anno de 1485. o ſegundo o de Santa Catherina de Religioſas Dominicas em 1490. o terceiro o do Paraizo do meſmo Inſtituto em 1499. e o quarto das

Maltezas em 1517. alem do grande diſpendio, que fez na reedificaçaõ do Convento dos Eremitas de Santo Agoſtinho, entre os quaes quiz que deſcançaſſem as ſuas cinzas. Como ſempre fora Mecenas dos Eſtudioſos, determinou edificar em Evora hum Collegio, onde ſe inſtruiſſe nas ſciencias a mocidade Tranſtagana, mas a morte lhe impedio a execuçaõ de taõ nobre idea. Para ſe celebrar com mayor perfeiçaõ o incruento Sacrificio do Altar ordenou a Fernando, e Luiz Martins Conegos de Evora, que reformaſſem o Miſſal, de que uſava aquella Igreja, e o mandou imprimir à ſua cuſta em Salamanca no anno de 1501. Por ſer ſummamente ſevero, e inimigo jurado da adulaçaõ incorreo na indignaçaõ delRey D. Joaõ o II. que o mandou deſterrado para a Villa de Monte-mòr, donde foy brevemente reſtituido à graça deſte Principe conhecendo que antes merecia premio, que caſtigo hum animo ſuperior a todas as adverſidades. Recebeo innumeraveis eſtimaçoens delRey D. Manoel a quem acompanhou com pompa digna de Principe na occaſiaõ, que partio para Caſtella a ſer jurado Principe daquella Monarchia. Mayor foy o eſplendor quando com ſeu Sobrinho o Duque de Bragança, conduzio da raya deſte Reyno a Sereniſſima D. Maria filha dos Reys Catholicos para ſe deſpozar com o meſmo Monarcha, a cuja morte aſſiſtio com affecto de parente, e fidelidade de Vaſſalo. Ainda era ſecular, quando teve de D. Filipa de Macedo a D. Franciſco de Portugal primeiro Conde do Vimioſo, que foy ornado de todas as virtudes moraes, e politicas, de quem faremos illuſtre memoria em ſeu lugar; a D. Martinho de Portugal Biſpo do Funchal, e do Algarve, e a D. Beatriz, que morreo na flor da idade. Purificou a licencioſa vida, que exercitara na adoleſcencia, com taõ virtuoſas obras, que fez no largo eſpaço do ſeu governo em beneficio das ovelhas, que ainda com perpetua ſaudade do ſeu nome he conhecido, e aclamado antonomaſticamente por Biſpo de Evora. Cumulado de heroicos merecimentos foy receber na Gloria o premio immortal em 24. de Abril de 1522. Jaz o ſeu Cadaver em hum ſumptuoſo mauſoleo de alabaſtro fabricado com primoroſa, e elegante architectura ao lado direito da Capella mòr do Convento dos Eremitas Auguſtinianos, de que he Padroeira a Excellentiſſima Caſa do Vimioſo, com eſte epitafio

Aqui jáz o Reverendiſſimo, e muito illuſtre Senhor D. Affonſo de Portugal filho do Marquez de Valença Neto delRey D. Joaõ o I. de boa memoria, e herdeiro da Caſa de Braganca. Foy Biſpo deſta Cidade; porque alem da ſua devoçaõ quiz ElRey D. Joaõ o II. que foſſe Clerigo. Falleceo aos 24. dias de Abril da Era de 1522.

Eſcreveo.

Tractatus perutilis de Indulgentiis à Reverendiſſimo Domino Alphonſo Eborenſi Epiſcopo editus.

No fim deſte tratado tem a ſeguinte obra

Tractatus de Numiſmate ad Illuſtriſſimum Emmanuelem Luſitaniæ Regem. Ulyſipone apud Monaſterium Sancti Vincentii. Naõ tem anno da impreſſaõ.

Deſte illuſtriſſimo Prelado fazem memoria Damiaõ de Goes *Chron. delRey D. Manoel.* Part. 1. cap. 26. e 46. Part. 4. cap. 83. Fr. Ant. da Purific. *Chron. da Provincia de S. Agoſtinho de Port.* Part. 2. liv. 7. Tit. 6. §. 5. Rodrigo Mendes Sylva. *Cathalog. Real de Eſpanh.* fol. 91. Fonſec. *Evor. glorioſ.* pag. 293. Franciſc. de Santa Mar. *Diar. Port.* pag. 507. dizendo *compoz, e imprimio alguns Tratados cheyos de excellente doutrina, e de vaſta erudiçaõ.*

AFFONSO DE PORTUGAL, como indica o appelido de geraçaõ illuſtre, e por inſtituto Eremita Auguſtiniano, foy Lente de Theologia na Univerſidade de Lisboa, antes que foſſe transferida para Coimbra conforme diz Fr. Antonio da Natividade nos *Montes de Cor.* Mont. 3. Cor. unic. n. 32. §. 1. Viveo até o anno de 1345.

Compoz

Commentaria in Magiſtrum Sententiarum. fol. *M. S.*

Delle ſe lembraõ Nicol. Antonio in *Bib. Hiſp. Vet.* lib. 9. cap. 6. §. 270. Thom. Herrer. in *Alphab. Auguſtin. e a Magn. Bibliothec. Eccleſiaſt.* pag. 319. col. 2.

Fr. AFFONSO DOS PRAZERES, chamado no ſeculo Affonſo Furtado de Mendoça naceo na Villa de Penamacor da Provincia da Beira a 28. de Novembro de 1690. e foy bautizado pelo Illuſtriſſimo Biſpo

da Guarda, D. Fr. Luiz da Sylva, que depois foy Arcebiſpo de Evora. Foraõ ſeus Progenitores Jorge Furtado de Mendoça ſegũdo Viſconde de Barbacena, Alcaide mòr da Covilhãa, Comendador na Ordem de Chriſto, General da Artilharia, e Governador das Armas da Beira, e Anna Luiza de Hohenloe filha de Luiz Guſtavo Conde de Hohenloe Senhor de Lagenburg Gentilhomem da Camara do Emperador Leopoldo, do ſeu Conſelho de Guerra, e de Anna Barbara de Scomborn irmaã do Eleitor de Moguncia o Arcebiſpo Joaõ Filipe de Scombron. Eſtimulado do genio militar, que herdara de ſeus Mayores, aſſentou praça de Soldado, e taes proezas obrou em diverſas Campanhas, até chegar ao poſto de Sargento mór de batalha, que podia servir de exemplar aos Heróes da ſua familia, que em obſequio da patria derramaraõ animoſamente o ſangue, e offereceraõ as vidas. Movido de ſuperior impulſo reſolveo aliſtarſe em outra mais nobre milicia para conquiſtar hum Reyno, em que todos os Vaſſalos ſaõ Principes, e deſprezando para eſte fim o eſplendor do nacimento, e a primogenitura da Caſa, ſuaves encantos com que o mundo o lizongeava, ſe recolheo na Religiaõ do Principe dos Patriarchas S. Bento, cuja monaſtica cogulla veſtio no Convento de Tibaens a 13. de Mayo de 1713. Em o Noviciado praticou as virtudes de hum Religioſo Veterano proſeguindo no Clauſtro as que exercitara no Seculo ſem que foſſe neceſſaria direcçaõ para ſe adiantar no caminho da perfeiçaõ Evangelica. No Pulpito, e Confeſſionario era continuo devendoſe à madureza dos ſeus conſelhos admiraveis transformaçoens em peſſoas de diverſos eſtados. Ambicioſo de profeſſar Inſtituto mais auſtero, e parecendolhe, que o de Monge conſiſtia mais na vida contemplativa, que na activa, à qual ſe queria com mayor diſvelo dedicar em beneficio dos proximos depois de aſſiſtir com exemplar procedimento na Religiaõ de S. Bento quatorze annos, paſſou com beneplacito dos Prelados para o Seminario de Varatojo, onde profeſſou o habito Serafico em 13. de Março de 1727. Na companhia deſtes Varoens Apoſtolicos ſe inflamou com tanta vehemencia o ſeu eſpirito, que promptamente exercitou os miniſterios daquelle evangelico inſtituto diſcorrendo grande parte do Reino a pée em continuas Miſſoens, a cujos brados deſpertaraõ muitos peccadores ſumergidos no letargo da culpa, e ſendo o ſeu principal intento colher copioſos frutos com a palavra Divina. Sempre a Corte o vio hoſpede julgando ſer o ſeu terreno para eſta ſementeira infructuoſo. Nas horas vagas deſtes evangelicos miniſterios naõ ſatisfeito de inſtruir aos proximos com as vozes no Pulpito, e Confeſſionario, os doutrina com doutos tratados aſceticos, dos quaes ſomente ſahio à luz o ſeguinte.

Maximas Eſpirituaes, e directivas para inſtrucçaõ myſtica dos virtuoſos, e defenſa Apoſtolica da virtude fabricadas à luz da raſaõ natural, eſtabalecidas na verdade da Sagrada Eſcritura, e confirmadas com as doutrinas dos Santos Padres. Tom. 1. Lisboa por Miguel Rodriguez 1737. 8.

Tom. 2. Lisboa pelo meſmo impreſſor, e no meſmo anno 8. e mais acrecentados Lisboa por Antonio Iſidoro da Fonſeca 1740. 4. 2. *Tom.*

AFFONSO REBELLO, natural de Lisboa, nobre por geraçaõ, e muito mais pelas heroicas façanhas obradas pelo ſeu braço na India Oriental. Foy ornado de hum genio facil para compor de repente verſos jocoſos, os quaes ſempre foraõ ouvidos com applauſo, e celebrados com admiraçaõ. Para explicar o jubilo com que em Goa fora recebido o inſigne Heróe D. Luiz de Attayde Conde de Attouguia quando no anno de 1577. entrou ſegunda vez a governar o Imperio Aſiatico Portuguez, relatou em verſo as Juſtas, que com igual pompa, que deſtreza fizeraõ os Portuguezes em applauſo do meſmo Vicerey, cuja obra intitulou.

Torneyos do Vicerey D. Luiz de Attayde. M. S.

Morreo em Goa, onde deixou varias obras poeticas deſte genero.

AFFONSO RIBEYRO PEGADO. Logo deſde a puericia cultivou com tal inclinaçaõ a Poeſia, que na idade adulta foy venerado pelos Corifeos deſta divina Arte, como Oraculo, ſendo Lisboa, e Madrid os famoſos theatros onde mereceo a ſua Muſa os mayores

premios confeſſando os ſeus competidores a juſtiça com que de todos triunfava. No anno de 1622. em que foraõ Canonizados Santo Ignacio, S. Franciſco Xavier, e Santo Iſidro Lavrador ſendo provocado pelos mayores engenhos de Madrid, onde entaõ aſſiſtia, compoz algumas Poeſias, que eſtaõ inſertas no livro intitulado *Relacion delas fieſtas que hizo Madrid ala Canonizacion de Santo Iſidro* Certam. 6. fol. 146. e Cert. 10. e no liv. *Relac. delas fieſtas, que hizo el Colegio Imperial de Madrid ala Canonizacion de Santo Ignacio y S. Franciſco Xavier* a fol. 90. Taõbem eſtá hum Soneto ſeu *no Certame Poetico em louvor do Conde de Linhares* Lisboa por Giraldo da Vinha 4. naõ tem anno da ediçaõ Jacinto Cordeiro no *Elog. dos Poet. Portug.* ſe lembra delle neſta forma.

Pegado en Helicona plaza aſſienta
Porque es yà con las Muſas tan humano,
Que ſiendo en los concetos peregrino
Con tanta humanidad ſe haze divino.

D. AFFONSO SANCHES, que com o ſeu nacimento illuſtrou a Provincia de Entre Douro, e Minho, foy o primeiro filho, que em o anno de 1286. teve D. Diniz 6. Rey de Portugal de D. Aldonça Rodrigues de Souſa, ou da Telha, como lhe chama ſeu filho o Conde D. Pedro no ſeu Nobiliario Tit. 36. e 57. Pellos ſingulares dotes do corpo, e do eſpirito, com que foy ornado, mereceo os mayores affectos de ſeu Pay, de que ſe originaráõ os tumultos populares contra a ſua peſſoa, dos quaes foy author o Principe D. Affonſo exceſſivamente eſcandalizado, de que ſendo ſucceſſor da Coroa lhe preferiſſe a ſeu Irmaõ natural, em tantas demõſtraçoens de amor, e eſtimaçaõ. Certamente naõ houve argumento algum de fineſa, que ElRey com elle naõ praticaſſe nomeando-o com exemplo até entaõ raramente viſto, ſeu Mordomo Mòr, e Senhor da Villa de Conde, Campo mayor, Varazim, Povoa, Touguinha, e outros lugares. Naõ ſatisfeito com eſtas doaçoens lhe deu por conſorte, em o anno de 1304. a D. Thereſa Martins filha de D. Joaõ Affonſo de Meneſes Conde de Barcellos, e Senhor de Albuquerque, e de ſua primeira mulher D. Thereſa Sanches, filha natural de D. Sancho IV. de Caſtella; poſto que D. Luiz Salazar, e Caſtro nas *Glor. da Caſa Farnes* pag. 577. naõ admitindo, que tiveſſe D. Joaõ Affonſo de Meneſes ſucceſſaõ da primeira mulher affirma, que foſſe filha de ſua ſegunda mulher D. Maria Cornel filha de D. Pedro Cornel Procurador Geral de Aragaõ primeiro Senhor de Aljafarim, e de ſua mulher D. Urraca de Artal y Luna. Morto ElRey ſeu Pay ſuccedendo no Trono D. Affonſo ſeu Irmaõ rompeo contra elle em furioſos exceſſos dictados pelo odio, que alimentava no peito, mandando ſequeſtrarlhe todos os bens, que poſſuia, e declarando-o por editaes publicos inimigo da Patria. Conſtrangido de tantas violencias fulminadas pelo furor de ſeu Irmaõ ſe retirou para a Villa de Albuquerque, que lhe deixára ſeu ſogro, a qual ſe pode juſtamente gloriar de que foſſe novamente por elle edificada, fortificando-a com muros, torres, e hum Caſtello inexpugnavel, em cuja porta eſtá gravado o braſaõ das ſuas Armas, que igualmente publicaõ o nome do Fundador, como o dia, e anno da fundaçaõ, que foy a 4. de Agoſto de 1314. Para de algum modo vingar as injurias, que injuſtamente recebera de ſeu Irmaõ, entrou armado por Portugal executando aquellas hoſtilidades, com que podia ſatisfazer a ſua colera, até que por intervençaõ delRey de Caſtella foy reſtituido à graça de ſeu Irmaõ, e à poſſe de todos os bens, que lhe tinhaõ ſido uſurpados. Foy inſigne em todo o genero de virtudes dignas de hum Principe; liberal para todos, affavel para os domeſticos, e eſtranhos; religioſo para Deos, e ſeus Santos. Exhortado por hum myſterioſo ſonho fundou o Convento de Villa de Conde, de que era Senhor, para Religioſas de Santa Clara, o qual alem de o edificar deſde os fundamentos, o dotou com grande profuſaõ em 7. de Mayo de 1318. Pagou o tributo de mortal no anno de 1329. conforme a melhor conjectura, e eſtá ſepultado com ſua nobiliſſima Eſpoſa no Convento de Villa de Conde com opiniaõ immemorial de Virtuoſos, recorrendo à ſua ſepultura varias Peſſoas dos lugares circumveſinhos para implorar remedio às ſuas afflicçoens. As Religioſas do Convento agradecidas ao beneficio, que continuamente recebem da ſua protecçaõ, pertenderaõ, que ſe beatificaſſem as ſuas virtudes, para cujo

fim eſcreveo, e imprimio no anno de 1726. o Padre Fr. Fernando da Soledade, Chroniſta da Religiaõ Serafica da Provincia de Portugal, e Academico da Academia Real hum Memorial para conſtar na Curia Romana a ſua heroica Santidade. O ſepulchro, em que jazem os ſeus Corpos, he fabricado de obra, ainda que antigua, primoroſa, e permanecendo muitos annos fora da Igreja, ſe abrio depois hum Arco da Capella, em que ficou dentro recolhido, no qual ſe lé o ſeguinte Epitafio.

Em eſta Capella jazem o muito eſclarecido Principe D. Affonſo Sanches filho delRey D. Diniz de glorioſa memoria Sexto Rey de Portugal com a muuto excellente Madama D. Tareja Martins netta delRey D. Sancho, fundadores deſta Santa Caſa, a qual mandou fazer a muito virtuoſa Senhora D. Iſabel de Caſtro primeira Abbadeſſa da Obſervancia deſta Santa Caſa em 1526.

Foy D. Affonſo Sanches ſummamente inclinado às ſciencias, e principalmente à Poeſia, em que conforme o eſtilo daquelles tempos foy elegantiſſimo, e como tal numerado por Manoel de Faria, e Souſa no *Epit. da Hiſt. Portug.* Part. 4. cap. 18. e Fr. Fernand. da Soled. *Hiſt. Seraf. da Prov. de Portug. novamente* correct. e addicionad. Part. 3. liv. 13. cap. 7. entre os Poetas inſignes deixando compoſto.

Varios verſos 1. Tom. *M. S.*

Delle, e de ſuas acçoens fallaõ mais difuſamente Brand. *Mon. Luſit.* Part. 17. cap. 2. e 49. Brito *Elog. dos Reys de Portug.* pag. 53. Manoel de Faria, e Souſ. *Epit. das Hiſt. Port.* Part. 3. cap. 7. Albuquerque *Comment.* Part. 4. cap. 50. Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 1. pag. 8. no Comment. do 1. de Jan. let. D. F. Leaõ de S. Thom. *Bened. Luſit.* Tom. 1. Part. 1. cap. 9. Fr. Manoel da Eſperanç. *Hiſt. Seraf. de Prov. de Portug.* Part. 2. liv. 8. cap. 1. n. 2. e cap. 6. n. 3. Wading. *Annal. Ord. Min.* ad ann. 1318. n. 44, Joan. Soar. de Brit. in *Theat. Lusit. Litter.* lit. A. n. 16. F. Fernand. da Soled. *Memorial dos Inf. de Portug.* per tot. Souſ. *Hiſt. Gen. da Caſa Real de Portug.* Tom. 1. liv. 2. cap. 1. pag. 239.

Fr. AFFONSO SUEYRO, natural da Villa de Aviz. Foraõ ſeus Pays Franciſco de Azevedo, e Iſabel Soares. Deixando a Patria, e juntamente o Mundo ſe dedicou a Deos na Religiaõ dos Carmelitas Deſcalſos da Provincia de Caſtella onde doutrinou aos ſeus domeſticos como Meſtre, que foy de Prima de Theologia, e os governou como Provincial. Teve grande talento para o Pulpito merecendo ſer eleito Prégador delRey Catholico. Morreo com opiniaõ de virtude depois do anno de 1670. Deixou *M. S.*

Conſultas Canonicas, e Theologicas, e Moraes 2. Tom. em folha.

AFFONSO DE TOAR DA SYLVEYRA, natural da Attouguia da Dioceſe de Lisboa. Deſpois de aprender as letras humanas paſſou a Coimbra, onde applicandoſe ao eſtudo da Theologia Eſpeculativa recebeo pela Univerſidade o gráo de Bacharel neſta faculdade. Para divirtir o animo de applicaçoens mais profundas, e laborioſas compoz o Dialogo ſeguinte.

Dialogo entre tres figuras, no qual ſe trata dos Lavradores com alguns louvores da vida paſtoril. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1630. 8.

AFFONSO DE TORRES. Naceo em a Cidade de Lisboa de illuſtres Progenitores, quaes foraõ Joaõ Ruiz de Torres Commendador de Monte Mór o novo da Ordem de Chriſto do Concelho delRey Filippe II. e D. Guiomar de Vilhena filha de Ruy Telles de Menezes Alcaide mór da Covilhaã, e de D. Leonor Manrique. Logo deſde a puericia foy inſtruido naquellas artes dignas do ſeu nacimento. Chegando à idade adulta começou a aborrecer o ocio da patria, e aſpirar à gloria immortal, que ſe alcança pelas armas, para cujo nobre intento concorreo ſeu Pay mandando-o para Flandes, que naquelle tempo era o mais famoſo theatro de Marte, onde já como Soldado, já como Capitaõ executou ſingulares proezas. Reſtituido ao Reyno, caſou com D. Catherina Mondragon, de quem como da ſegunda mulher D. Magdalena Henriquez filha de D. Gonçalo da Coſta Armeiro mòr naõ teve ſucceſſaõ. Paſſando a terceiras vodas ſe deſpozou com D. Violante Manrique ſua Sobrinha filha de Ayres de Souſa de Caſtro Commendador da Alcaçova em Santarem, da qual teve a D. Leonor Manrique, que caſou com ſeu Tio Franciſco

de Mello, e Torres, Marquez de Sande, varaõ de ſumma prudencia, e profunda politica. A mayor parte da vida paſſou em Lisboa taõ inimigo de occupaçoens publicas, como amante da liçaõ dos livros. Foy verſado na Hiſtoria, e principalmente em huma das mais nobres partes della, qual he a Genealogia eſcrevendo *Genealogias das Familias de Portugal.* 8. Tom. folh.

Eſtes Livros ſe acabaraõ no anno de 1630. cujos Originaes ſe conſervaõ na Livraria do Excellentiſſimo Marquez de Abrantes dos quaes mandou extrahir huma copia excellentemente eſcrita Garcia de Mello, e Torres ſegundo Conde da Ponte neto do Author, que ſe guarda na ſua Caſa. Neſta grande obra ſe admira a vaſta noticia da Hiſtoria, em que era profundamente douto Affonſo de Torres, pois todas as familias, de que eſcreve, eſtaõ illuſtradas com noticias das noſſas Chronicas, e varios documentos extrahidos do Archivo Real fazendo-ſe mais eſtimavel pella recta intenſaõ, com que as eſcreveo ſem a menor preoccupaçaõ de alguma paixaõ dominante, que o impelliſſe a deſcobrir o mais leve defeito no eſplendor de tantas familias.

De outra obra diverſa da precedente ſe lembra Manoel de Galhegos na Prefaçaõ do *Templo da Memoria,* onde fallando do quanto trabalhou para eſte Livro affirma *ſaõ tiradas eſtas noticias, humas dos Nobiliarios, e dos Annaes de Eſpanha, outras de papeis authenticos, e Chronicas deſte Reyno, em particular de huma, que eſtá para dar à eſtampa Affonſo de Torres, donde ſe inclue tudo o que he hiſtorico de Portugal.* Delle fazem memoria D. Franc. Manoel na Carta eſcrita a Manoel Themudo da Fonſeca, que he a *primeira da 4. Cent. das ſuas Cart.* D. Luiz Salaz. e Caſtr. *Hiſt. Gen. da Caſa de Sylv.* Part. 2. liv. 9. cap. 26. n. 18. Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Luſit. Litter.* letr. A. n. 17. e o Padre D. Ant. Caet. de Souſ. no *Appar. à Hiſt. Gen. da Caſa Real de Portug.* pag. 71. §. 54.

AFFONSO DO VALLE, natural dos Arcos de Valdevez, no Arcebiſpado de Braga, e filho de Affonſo Annes, e Catharina Annes entrou por Coadjutor temporal da Companhia de Jeſus no Collegio de Coimbra a 11. de Janeiro de 1589. quando contava 22. annos de idade. Foraõ ſingulares as virtudes, que practicou, aſſim no eſtado de ſecular, como de Religioſo pelas quaes mereceo alcançar feliz morte a 6. de Março de 1648.

Compoz (ſaõ palavras do Padre Antonio Franco *Imag. da virtud. do Nov. de Coimb.* Tom. 1. cap. 58. eſcrevendo a vida deſte Irmaõ) *tres livros eſpirituaes todos da ſua letra..... hum deſtes livros era de Meditaçoens, o qual por ſua morte deſappareceu; o ſegundo de exemplos donde tirava hiſtorias com que era gratiſſimo aos ouvintes: o terceiro era hum livrinho de ſentimentos ſeus.* Deſtes tranſcreveo o Padre Franco grande parte na obra aſſima allegada, que ſe podem ler deſde o cap. 55. até 57. nos quaes eſcreveo ſeu author todos os ſucceſſos da ſua vida antes de ſer Religioſo, e depois, que profeſſou o inſtituto da Companhia de JESUS.

AFFONSO DE VALERA, natural de Villanova de Portimaõ no Reyno do Algarve, e morador em Lisboa, onde caſou, e morreo. Foy muito applicado ao eſtudo das letras humanas, e principalmente à compoſiçaõ de verſos na lingua materna, em que naõ foy infeliz a ſua Muſa. Tinha prompto para ſe imprimir em o anno de 1600. a obra ſeguinte.

Armonia eſpiritual dividida em ſette tomos ſobre os paſſos principaes da Vida de Chriſto Senhor Noſſo.

Outro que tratava de *Cavallarias.*

D. AFFONSO DE VASCONCELLOS, e MENEZES, natural de Lisboa filho II. de D. Joaõ de Menezes e Vaſconcellos II. Conde de Penella, Vedor da Fazenda, que ſervio pelo largo eſpaço de deſeſeis annos, e de D. Maria de Attayde filha de D. Joaõ de Souſa Capitaõ dos Ginetes do Infante D. Fernando. Foy ornado de partes dignas de ſeu illuſtre nacimento pelas quaes merecendo occupar os lugares, que tiveraõ ſeus Mayores, naõ exercitou outro mais, que o de Capitaõ dos Ginetes de ElRey D. Joaõ o III. por Alvará paſſado a 5. de Mayo de 1526. e o foy taõbem delRey D. Sebaſtiaõ até o anno de 1573. em que morreo, ſuccedendolhe Fernaõ Martins Maſcarenhas. Ca-

ſou com D. Guiomar Soares herdeira de Lopo Soares de Albergaria Governador da India, de quem naõ teve deſcendencia. Eſcreveo.

Carta a ElRey D. Joaõ o III. em 8. de Novembro de 1547. Começa. *Se a grandeza, virtude, e conciencia de V. A.* &c.

He huma forte invectiva contra eſte Principe arguindo-o de injuſto por naõ ter premiado os ſeus merecimentos.

AFFONSO VAZ DA COSTA Inſigne Muſico do ſeu tempo, ou cantando, ou compondo, pelas quaes partes mereceo em Roma, para onde na flor da ſua adoleſcencia partira, os applauſos dos mayores profeſſores deſta Arte. A fama, que corria da ſua grande ſciencia obrigou a que foſſe convidado com largos partidos para Meſtre de algumas Cathedraes, ſendo provido primeiramente na de Badajoz, e ao depois na de Avila, onde por largo tempo enſinou Muſica aſſim practica como eſpeculativa, ſahindo da ſua eſcola taes diſcipulos, que depois aſſombraraõ como Meſtres a toda Eſpanha. Morreo em Avila no principio do Seculo paſſado.

As ſuas obras Muſicas principalmente as ſagradas mandou procurar o Sereniſſimo Rey D. Joaõ IV. inſigne profeſſor deſta Arte, e com ellas ornou a ſua Bibliotheca Real da Muſica.

AFFONSO VILHAFANHE, GIRAL, E PACHECO, a quem huns fazem natural do Porto, e outros de Almeyda. Foy homem mercantil, e hum dos mais peritos Arithmeticos, que houve no ſeu tempo, como claramente o manifeſta a obra ſeguinte.

Flor de Arithmetica neceſſaria ao uſo dos Cambios, e Quilatador do ouro, e prata, livro o mais curioſo, que tem ſahido. Liſboa por Giraldo da Vinha. 1624. 8.

AGOSTINHA BARBOSA DA SYLVA igualmente douta na lingua Latina, que na Arquitetura, de cujo grande talento, que floreceo pelos annos de 1674. como das ſuas obras, que compoz, fazem merecida lembrança Diogo Manoel Ayres de Azevedo *Portug. Illuſtrad. pelo ſex. fem.* pag. 81. §. 17. e Damiaõ de Froes Perim no *Theat. Heroin. das mulher. Illuſt.* Tom. 1. pag. 114. Deixou compoſto na lingua Latina.

Vida dos cinco primeyros Reys de Portugal, e na vulgar

Tratado de Architectura, e Arithmetica o qual ſahio em Caſtella com o nome de Pedro de Albornoz.

Fr. AGOSTINHO DE AZEVEDO Religioſo profeſſo dos Eremitas Auguſtinianos da Congregaçaõ da India, e muito verſado em as noticias hiſtoricas das acçoens, que obraraõ os Portuguezes em todo o Oriente eſcrevendo

Appontamentos ſobre as couzas da India, e Reyno de Monomotapa, cujo Original eſcrito na lingua Portugueza ſe conſerva *M. S.* em folha na Bibliotheca delRey Catholico como affirma o moderno Addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ Tom. 1. Tit. 3. col. 77.

AGOSTINHO BARBOSA, hum dos mais famoſos varoens, que produzio Portugal para credito, e ornato da Republica Litteraria. Naceo na celebre Villa de Guimaraens a 17. de Setembro de 1590. ſendo filho do Licenciado Manoel Barboſa, que illuſtrou as Leys do Reyno com doutos commentarios, de quem em ſeu lugar ſe fará diſtincta memoria, e de ſua mulher Iſabel Vaz da Coſta. Como a natureſa queria formar nelle hum monſtro de Sabedoria ſe anticipou a ornallo de juizo penetrante, memoria tenaciſſima, comprehensaõ prodigioſa, e engenho admiravel, cujos dotes de tal ſorte brilharaõ na idade pueril, que ſeu Pay com exemplo nunca viſto lhe enſinou primeiramente fallar a lingua Latina, que a materna, percebendo com tal velocidade os primores daquelle idioma, que com paſmo, e admiraçaõ dos ſeus Veteranos profeſſores, quando ainda naõ contava quinze annos, publicou hum Vocabulario Portuguez, e Latino igualmente douto, e facil para a inſtrucçaõ da Gramatica Latina. Deixada a Patria paſſou a Coimbra mais para enſinar, que para aprender, onde applicando-ſe ao Direito Ceſareo, e Pontificio pelo eſpaço de dez annos, graduado neſtas Faculdades para claro argumento de que ſempre fora Meſtre, e nunca diſcipulo publicou as

doutiſſimas Remiſſoens ao Concilio de Trento, cuja obra foy recebida com tanto applauſo pelo Orbe Litterario, que em diverſas partes delle ſe vio reproduzida em multiplicadas ediçoens. Ambicioſo da communicaçaõ de Varoens Sabios imitando a Pythagoras, e Platão, que com largas peregrinaçoens buſcaraõ eſte erudito comercio, diſcorreo pellas famoſas Univerſidades de Italia, França, e Alemanha, onde teve tantos admiradores do ſeu profundo talento, quantos eraõ os que com elle practicavaõ, como foraõ Martinho Bonacina, Joaõ Antonio Maſſobria, Juliano Viviano, Belchior Lotterio, Antonio Ricciolo, Felix Contelorio, Mario Antonino, Sigiſmundo Scacia, e Eſtevaõ Graciano contrahindo com elle todos eſtes celebres Varoens a mais eſtreita amiſade, ou foſſe pella docilidade do genio, ou pela ſympatia da ſciencia. Mayores veneraçoens alcançou em Roma, que como cabeça do mundo ſoube conhecer com mais viva penetraçaõ a profundidade das ſuas letras. Declarouſe ſeu Mecenas o Cardial Joaõ Garcia Mellino, e para de algum modo premiar o ſeu merecimento lhe alcançou da Santidade de Urbano VIII. a Theſouraria mór da Collegiada de Guimaraens em que foy provido tendo largado a Abbadia de Mentreſtido. Naõ permitio a Curia, que eſtiveſſe para ſeu beneficio ocioſa a capacidade de taõ grande homem, e para eſte fim ſendo Prothonotario Apoſtolico foy eleyto Cenſor de livros, e Conſultor da Sagrada Congregaçaõ do Index. Era taõ clara a fama do ſeu nome, que chegando os ſeus eccos à noticia do Duque de Saboya Carlos Manoel, o chamou de Roma, offerecendolhe generoſos donativos para que foſſe habitar na ſua Corte. Semelhante obſequio lhe fez a Republica de Veneza mandando aos ſeus Embaixadores Frãciſco Cornaro, e Joaõ Juſtiniani, que o conduſiſſem em ſua companhia no anno de 1634. para illuſtrar como Meſtre a ſua Univerſidade. Naõ foraõ poderoſas todas eſtas perſuaſoens authorizadas com a efficacia de taes Principes para que deixaſſe Roma, onde preferindo o eſtudo à conveniencia paſſava taõ falto dos bens da fortuna, como abundante dos dotes da natureza. Habitava em huma caſa humilde contigua ao Convento dos Religioſos Minimos onde comia huma ſó vez no dia. A ſumma pobreza, que o reduſia a tanta abſtinencia, lhe negava com que pudeſſe comprar livros para adiantar as ſuas doutas compoſiçoens. Para reparo deſta falta taõ nociva ao progreſſo dos ſeus eſtudos, tinha contrahido pela innocencia da ſua vida, e affabilidade do ſeu genio amiſade com todos os Livreiros, em cujas caſas eſtudava deſde a menhaã até à tarde, donde voltando para a ſua, era tal a tenacidade da memoria, que naõ ſomente levava nella fixas as opinioens, e reſoluçoens dos Doutores, que lera, mas ainda o numero das paginas, e dos paragrafos dos livros onde eſtavaõ. Na diuturna aſſiſtencia, que por duas vezes fez em Roma, como experimentaſſe a fortuna pouco favoravel aos ſeus deſignios paſſou a Madrid para com a mudança da terra melhorar de eſtado. Neſta Corte aprezentou á Mageſtade de Filippe IV. hum douto Memorial, em que relatava com grande ſinceridade os relevantes ſerviços, que tinha feito tanto em obſequio da Igreja, como da Monarchia, pelos quaes eſperava adequada remuneraçaõ da liberalidade Real. Atendendo Filipe IV. a taõ altos merecimentos o nomeou em 26. de Fevereiro de 1648. Biſpo de Ughento no Reyno de Napoles ſuffraganeo do Arcebiſpado de Otranto. Tanto que recebeo a noticia deſta dignidade partio para Roma, onde na Igreja de N. Senhora do Populo foy Sagrado pelo Cardial dela Cueva em 5. de Abril do meſmo anno. O cuidado das ſuas ovelhas o chamou com toda a brevidade para que entraſſe no Biſpado em 10. de Mayo de 1649. onde deſempenhou as obrigaçoens de vigilante Paſtor, viſitando toda a Dioceſe, e reformando os abuſos, que pela inercia de outros Prelados ſe tinhaõ eſcandaloſamente introduſidos. Nas horas vagas do miniſterio paſtoral continuava ſuas compoſições com indefeſſa applicaçaõ para com ellas utilizar a republica litteraria. Porèm quando parecia, que era mais neceſſaria a ſua duraçaõ, foy accommetido de huma leve infermidade, que degenerando em mortal o aviſou de ſer chegado o termo da ſua vida. Preparouſe para eſta luta com as armas dos Sacramentos, e recebidos com ſumma piedade eſpirou ás ſette horas da noute no ſeu Palacio Epiſcopal em 19. de Novembro de 1649. quando contava 60. annos de idade.

O ſeu cadaver foy ſepultado na Cathedral junto da Capella mór, em cujo mauſoleo tem gravado o ſeguinte epitafio compoſto por ſeu Irmaõ Simaõ Vaz Barboſa Conego de Guimaraens.

D. O. M.

Auguſtino Barboſæ J. C. patria Luſitano ex urbe Uimaranenſi; Emmanuelis Barboſæ J. C. celeberimi, & in Regno Luſitaniæ Regis Procuratoris filio. Ingenio, doctrina, eruditione, diſcendi cupiditate libris etiam in adoleſcentia editis admirabili, qui Romæ Pontificij Juris volumina viginti duo, de Jure Civili dedit in lucem octo, alia poſthuma reliquit edenda; qui que ab Urbano VIII. Vimarenſis Eccleſiæ Theſaurarius, à Philippo IV. Rege Catholico ob eximia merita, doctrinæque famam ad Epiſcopatum Ugentinum; ab Innocentio X. magnis cum laudibus approbatus, non ſine dolore mæſtiſſimorum hominum, omniumque ſuorum fletu intra curæ paſtoralis annum extinctus eſt anno ſalutis humanæ MDCXLIX. ætatis ſuæ LX. die XIX. Novembris.. Vivet in futurum fama virtutum, et in ſuorum operum æternitate ſemper immortalis. Simon Vaſius Barboſa Vimarenſis Canonicus germanus frater amantiſſimo fratri tamquam parenti cum lacrymis poſuit anno Domini. MDCLI.

Eſte foy Agoſtinho Barboſa, cuja memoria ſerá celebre nos faſtos da eternidade merecendo pela ſua ſciencia os applauſos dos Pontifices, Monarchas, e Varoens mais famoſos da Republica literaria. A Santidade de Urbano VIII. além de o ennobrecer com hum Breve paſſado em 18. de Agoſto de 1626. em que lhe louvava as ſuas obras, fazia dellas taõ particular eſtimaçaõ, que no primeiro dia, que lhe beijou o pè o Marquez de Caſtello Rodrigo Embaixador de Philipe IV. o levou à Camara onde dormia, e nella lhe moſtrou as ſuas obras como a mais precioſa alfaya daquelle apoſento. ElRey Catholico quando o nomeou Biſpo, lhe engrandeceo a ſua virtude, letras, e vida exemplar, eſperando de taõ ſublimes dotes, que ſeria a Igreja perfeitamente regida. Os Biſpos de França, Italia, e Catalunha obrigáraõ com Conſtituiçoens Synodaes aos ſeus Cleros, que para ſe fazerem dignos Miniſtros do Altar, eſtudaſſem ſómente pelas ſuas obras. Leaõ Allatio *Apes Urban.* pag. 530. lhe chama *doctiſſimum, & in Canonicis quæſtionibus decidendis, ac rebus Eccleſiaſticis verſatiſſimum.* Miguel Joaõ de Vimbodi in Med. Anim. *Vir raris doctrinæ ornamentis excultus, cujus ingenij candorem aſſiduumque in ſcribendo ſtudiũ ſæpius nos experti, variaq̃ ipſius opera Orbi propoſita ad poſteritatem non ingrata teſtabuntur.* Joan. Nic. Erithræus, alias Joan. Victorius de Roſſi in *Pinacoth. Vir. illuſt. Memoria erat ſummá, ſingulari, incredibili; hæc erat illi pro Bibliotheca, imo hæc omnes omnium Bibliothecas ſuperabat.* Fr. Lud. à Concept. in *Exam. Verit. Theol. Moral.* Tract. 3. Part. 1. cap. 2. Corollar. 1. n. 1. *Doctor Sapientiſſimus.* Lorenç. Gracian. no *Critic.* Part. 1. Criſ. 11. *Diò fortuna un reves de pobreza a un Aguſtin Barboſa, y otros hombres, quando deviera hazerles mercedes.* e Part. 2. Criſ. 12. *Con eſtas penas de Fenix eſcrivieron Baronio, Bellarmino, Barboſa* &c. D. Franc. Moren. Porcel no *Retrat. de Manoel de Faria, e Souſ.* § 75. *Celeberrimo Doctor, e Iluſtriſſimo Obiſpo.* D. Joaõ Caſtilho Sotom. in Tom. 7. *de Tertiis* cap. 41. n. 179. *Agnoſcimus namque eum ſummo labore, & ingenti cura, & deligentia tam in aliarum rerum commentariis, quám in cumulandis omnium facultatum authoribus, totiuſque juris Canonici deciſionibus, atque ex illis concluſionibus deductis ad ſummam quamdam reducendis, & exornandis magnum reipublicæ beneficium, univerſamque omnium utilitatem ſe habuiſſe.* Theophilus Raynaud. in *Breviar. Chriſt. Chronolog.* Claſſe Ult. *inſignis Auguſtinus Barboſa.* Luiz Muñòs Vid. de Fr. Luiz de Granad. lib. 3. cap. 7. *conocido por ſus muchos y doctos eſcritos.* Julius Vinfodinus in *Rep. Can. Cap. ſup. ſpec. de Magiſtrat.* Part. 2. n. 82. *Auguſtino Barboſa ſtudioſi omnes, atque univerſa reſpublica litteraria propter rarum, & admirabile ejus ingenium, ſummamque in ſcribendo dexteritatem plurimùm debet, qui non inanis tituli gloria ductus, ſed communi utilitatis commodo inflamatus maxima nominis celebritate per plures annos abſque ulla uſque huc honeſtiſſimorum ſuorum laborum remuneratione in ſuis libris edendis plurimùm inſudavit, & utiliter laboravit.* Ughello *Ital. Sacr.* tom. 9. pag. 149. ſub tit. Epiſcop. Uxentin. *Scriptis ſuis, & libris editis Chriſtiano*

Orbi celeberrimus, omniumque exiſtimatione præclarus. Albert. Aldan. in *Comp. Can. Dec.* cap. 3. n. 21. *Vir doctiſſimus, qui feliciter in Romana Curia me ibi tunc degente in diverſiſque Italiæ partibus quam plurima ſuo ingenio digniſſima univerſis idemtidem utiliſſima opera indefeſſo ſtudio elaboravit, & in lucem edidit.* Contelor. *de Canonis. Sanct.* cap. 15. n. 15. *eruditiſſimum* o apellida. Salgad. de *Retent. Bullar.* Part. 2. cap. 30. n. 45. *in ſuis ſingularibus, multiſque commentariis in lucem editis, & edendis.* D. Laurent. Ramir. del Prad. in *Allegat. de Præced. D. Petri de Vivanc. e Villa Gom. in Concil. S. Cruc.* n. 8. *Auguſtinus Barboſa nulli in componendis, & dirigendis Juriſprudentiæ rebus ſecundus;* e em o n. 73. in Gloſ. *Doctiſſimus Auguſt. Barboſa indefeſſi laboris, & exanthlatæ eruditionis Magiſter.* Macedo in *Luſit. Inſulat.* pag. 110. *Magni nominis Juriſconſultus.* Fr. Manoel da Eſper. *Hiſt. Seraf. da Provincia de Port.* Part. 1. Liv. 1. cap. 49. n. 4. *Doutor inſigne.* Lud. Jacob. a Santo Carol. in *Bibliothec. Pontif.* lib. 1. Lit. G. *Auctor percelebris.* Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Luſit. Litter.* let. A. n. 138. *Vir plane ſcribendo inexhauſtus, & indefeſſus, & hac parte tum etiam ſcriptorum methodo, Stilique nitore, ac facilitate cum celebrioribus ævi cujuſque merito componendus. Fuit enim hujus ætatis portentum, & juris anteſignanus, omnique laude maior.* Lorenço *Craſſ. Elog. d'Huom. Litterat.* Part. 2. pag. 256. *Niegar non ſi dee ad Agoſtino quella gloria, ch'è douuta alle ſue fatiche, al ſuo merito. Poiche indubitabilmente affermar ſi puo ch'egli tra moderni Canoniſti habbia occupato il primo luogo.* O Padre Agoſtinho de Caſtro da Companhia de JESUS, orando nas ſuas Exequias diſſe com eloquente energia. *Si al numero de los eſcritos correſponde el delas luzes, mas rayos tendrà el roſtro del D. Aguſtin Barboſa, que los podemos contar al Sol. Veinte y uno tomos de diferentes, e gràviſſimas materias dexò eſtampadas, doze acabados para eſtampar que ſeran poſtumos todos, hazen treinta, y tres, que ſiendo ſuperiores alos mas en los aciertos lo ſon en el numero a todos, pues ningumo eſcritor há tenido la Igleſia, que le haya dado tantos. Diezyſiete dexo hà quatro ſiglos el Angelico Doctor Santo Thomaz; veinte y quatro dos ſiglos hà el Abulenſe; en eſte ſiglo mas fertil deſtes frutos eſtampò dela Theologia Eſcolaſtica veinte y uno el Padre Suares: de controverſias contra hereges diezyſiete Jacobo Grethſero; dela expoſicion de toda la Eſcritura Sagrada viente y uno Cornelio Alapide; pero ni en eſte ſiglo, ni en los paſſados há havido quien llegue a treinta y tres.* Nic. Ant. in *Biblioth. Hiſp.* tom. 1. pag. 135. *Plane libris ſuis Juriſprudentiam, & Canonum Sacrorum Studioſos mire inſtruxit, ut pro integra Bibliotheca Pontificij ſaltem Juris unus Barboſa deſervire poſſe videatur.* Franciſco Leitaõ Ferreira. *Not. Chronol. da Univ. de Coimbr.* pag. 121. n. 292. lhe chama *celebre,* e pag. 570. n. 1207. *inſigne.* Souza de Maced. *Flor. de Eſpan.* cap. 2. Excel. 1. letr. G. *doutiſſimo.* Manoel de Far. e Souſ. no *Catal. dos Auth. Portug.* cujo Original tivemos em noſſo poder, e he muito mais diffuſo, e totalmente differente do que imprimio no *Epitom. das Hiſt. Portug.* Part. 5. cap. 15. fallando de Agoſtinho Barboſa diz: *Tiene eſcrito muchos volumenes en derecho, que ſon alivio delos Juriſconſultos.* Carvalho *Corog. Port.* Tom. 1. Trat. 1. cap. 18. *Naõ he neceſſario para encarecer ſuas letras mais, que nomeallo, e fica conhecido, naõ ſó em Portugal, mas em todos os Reynos eſtranhos, onde ſe eſtimaõ os ſeus livros aſſim no ſecular, como no Eccleſiaſtico, pela reputaçaõ da ſua doutrina.* Capaſſi *Hiſt. Philoſ.* p. 453. Brentan. *Epitom. Chronolog.* ad an. 1649. Souza no *Cathalog. Hiſt. dos Biſp. que tiveraõ Dieceſe fora deſte Reyno.* pag. 105. Simon *Biblioth. Hiſtoriq. des Autheurs du Droit.* Tom. 1. pag. 33. e Fr. Bento Jeronymo Feijoo *Theatr. Crit.* tom. 4. Diſc. 14. n. 11. onde ſegue a errada opiniaõ de alguns eſcritores, de que as primeiras obras que produzio Agoſtinho Barboſa, naõ eraõ ſuas, mas de ſeu Pay Manoel Barboſa.

Cathalogo das obras impreſſas.

Dictionarium Luſitano-Latinum. Bracharæ Auguſtæ apud Fructuoſum Laurentium de Baſto. 1611. fol. Foy dedicado a D. Fr. Prudencio do Sandoval Biſpo de Tuy.

Remiſſiones Doctorum in varia loca Concilij Tridentini. Ulyſſipone apud Petrum Craesbeeck. 1618. 4. Toleti, Brixiæ 1620. Antuerpiæ, e Lugduni in 8. & ibi apud

Laurent. Durand. 1642. fol. & 1657. fol. & ibi apud Aniſſon et Poſſuel 1721. fol. Venet. per Dominic. Loviſa 1726. et ibi per eumdem 1735. fol.

Caſtigationes, additamenta, & Remiſſiones Parentis ſui in Ordinat. Regias Luſitanas. Ulyſſipone apud Petrum Crasbeeck 1620. fol. Deſta obra confeſſa o Licenciado Manoel Barboſa ad lib. 4. Ordinat. Tit. 97. n. 4. que grande parte della compuzera ſeu filho Agoſtinho Barboſa. *Noſtras lucubrationes miro ordine diſpoſuit, multa addidit, & quæſtionum, quas remiſſive colligebam, iterum Doctores percurrens dubia aperuit, & obſcura explanavit.*

Remiſſiones Doctorum de dictionibus, et clauſulis. Romæ per hæredes Bartholamæi Zanneti. 1621. 4.

De Officio, et poteſtate Epiſcopi tripartita deſcriptio. Romæ typis Rev. Camer. Apoſtol. 1623. fol. et. Pariſ. apud Michael. Sonium 1625. fol. Venetiis per Guilielm. Facciotum. 1639. 4. et Lugdun. apud Laurent. Durand. 1628. fol. 2. Tom. cum additam. ibi apud Philip. Borde, Laurent. Arnaud. et Claud. Rigaud. 1650. fol. e pelos meſmos 1656. fol. & ibi ſumptibus Aniſſon, & Poſſuel 1724. fol. 2. Tom. Venet. apud Dominicum Louiſa 1726. fol. et ibi per eumdem 1735. fol.

Formularium Epiſcopale in quo variæ continentur formulæ ad Epiſcopalem Juriſdictionem rite, et recte exercendam maximé utiles, & neceſſariæ. Colon. Agripin. 1681. 4. & Lugd. ſumptibus Aniſſon et Poſſuel 1724. fol.

Variæ Juris tractationes in quibus continentur quinque Tractatus legales juxta ſeriem alphabeticam miro ordine diſpoſiti. Prima de axiomatibus Juris, uſu frequentibus. Secunda de Appellativa verborum ſignificatione. 3. de locis communibus argumentorum Juris. 4. de Clauſulis uſu frequentibus. 5. de Dictionibus uſu frequentioribus. Lugduni apud Laurent. Durand. 1631. fol. & ibi apud Laurent. Arnaud. 1644. fol. & ibi ſumptibus Proſt. Arnaud. et Rigaud. 1660. fol. Argentorati 1652. 4. & Lugduni apud Aniſſon et Poſſuel. 1718. fol. Venet. apud Dominic. Loviſa 1722. & ibi per eumdem 1735. fol.

De Officio, et poteſtate Parochi. Romæ apud Guilielm. Facciotum. 1632. fol. et ibi apud Camerales. 1622. Mais acrecentado Lugd. apud Lauren. Durand. 1634. *cum additionibus* ibi apud Laur. Arnaud. 1640. et 1665. et Venetiis apud Sarzinam. 1641. 4. et Lugd. apud hæredes Proſt. Borde et Arnaud. 1648. 1655. Venetiis apud Antonium Mora 1720. 4. & ibi ſumptibus Aniſſon, & Poſſuel 1723. fol. Venetiis apud Dominic. Loviſa 1726. et ibi penes eumd. 1735. fol.

De Canonicis et dignitatibus aliis, quæ inferioribus Beneficiariis Cathedralium, et Collegiatarum Eccleſiarum, eorumque officiis tam in choro, quàm in Capitulo. Romæ apud Franc. Corbelletum. 1632. 4. Venetiis apud Thadæum Pavonium. 1641. 4. et ibi apud Sarzinam. 1641. 4. Mais addicionado Lugdun. apud Laurent. Durand. 1634. fol. & ibi apud Laurent. Arnaud. 1640. & ibi per hæredes Proſt. Borde, & Arnaud. 1648. & 1658. fol. & ibi apud Aniſſon, & Poſſuel. 1718. fol. Venet. per Dominic. Loviſa 1726. fol. & ibi 1735 fol.

Tractatus de Jure Eccleſiaſtico Univerſo in quo de perſonis, et locis Eccleſiaſticis pleniſſime agitur tomi duo Lugd. apud Laurent. Durand. 1634. fol. et ibi apud Petrum Proſt. Philip. Bord. et Laur. Arnaud. 1645. et iterum apud. eosdem 1650. in fol. & ibi ſumptibus Aniſſon et Poſſuel. 1718. fol. 2. Tom. Venet. per Dom. Louiſa. 1726. & ibi 1735. fol.

Praxis exigendi penſiones contra calumniantes, & differentes illas ſolvere, cui acceſſerunt vota aliquot deciſiva, & conſultiva Canonica. Barcinone apud Gabrielem Nogues. 1635. fol. et Lugd. apud Laurent. Durand. 1636. et 1643. & ibi ſumptibus Philip. Bord. Laurent. Arnaud., & Claud-Riguaud. 1653. fol. & ibi ſumptibus Aniſſon, & Poſſuel 1722. fol. Venet. per Domin. Louiſa 1726. & ibi per eumdem Typ. 1735. fol.

Collectanea Bullarij, aliarum ve ſummarum Pontificum Coſtitutionum, nec non præcipuarum Deciſionum, quæ ab Apoſtolica Sede, ac ſacris Congregationibus S. R. E. Cardinalium Romæ celebratis uſque ad annum 1633. *emanarunt.* Lugd. apud Laurent. Durand. 1634. 4. & ibi 1637. Venetiis apud Jacobum Sarzinam 1636. 4. & Lugd. ſumptibus Aniſſon, et Poſſuel. 1721. fol. Venet. apud Dominic. Louiſa 1726. & ibi 1735. fol. Depois com o titulo.

Summæ Apoſtolicarum Deciſionum. Lugdun. apud Petrum Philip. Borde, & Laurent. Arnaud. 1645. et 1658. Genevæ apud Joan. de Tournes 1650. fol. & Lugdun. apud Aniſſon et Poſſuel. 1722. fol.

Collectanea Doctorum, qui in ſuis operibus varia loca Concilij Tridentini incidenter tractarunt. Lugd. apud Laurent. Arnaud. 1634. Iterum *multis Doctorum allegationibus, ac ipsius textu exornata* ibi 1641. fol. & ibi apud hæred. Proſt. Borde, & Arnaud. 1645. & ibi per eosdem 1657. fol. Vallisoleti apud Hieronym. Morillo 1621. 4.

Collectanea Doctorum tam venetum, quàm recentiorum in Jus Pontificium Univerſum in quatuor Tomos diviſa. Romæ apud Impreſſores Camer. Apoſtol. 1626. e 1629. fol. Lugd. apud Laurent. Durand. 1636. fol. 5. Tom. & ibi apud hæred. Philip. Proſt. Borde, & Arnaud. 1650. e 1656. 6. tom. in fol. & ibi ſumptibus Aniſſon, & Poſſuel 1716. fol. 6. tom. & Venetiis apud Dominicum Loviſa 1722. fol. & ibi per eumdem 1735. fol.

Selectæ Juris Univerſi interpretationes addendæ Collectaneis Doctorum ſuper quinque priores Decretalium libros. Romæ apud Franciſcum Corboletum. 1626. fol. Lugd. apud hæredes Proſt. Bord, & Arnaud. 1648. & per eosdem 1656. fol.

Collectanea Doctorum in Jus Civile Univerſum in duos tomos diviſa. Primus continet Collectanea in tres priores libros Codicis. Secundus Collectanea in quartum, & quintum ejuſdem Codicis. Lugd. apud Gabrielem Boiſſat 1638. & ibi per hæredes Proſt. Borde, e Arnaud. 1648. & ibi per eosdem 1657. & 1660. fol. & ibi ſumptibus Aniſſon, & Poſſuel. 1720. fol. 2. tom. & Venet. apud Dominic. Loviſa 1726. & ibi per eumdem 1735. fol.

Memorial a la Catholica, y Real Mageſtad de Filipe IV. ſobre la remuneracion de ſus eſtudios tambien logrados en utilidad publica con la impreſſion de veinte y un tomos en las facultades de Canones, y Leys muchas vezes ſacados à luz en diverſas partes de Europa. Madrid en la Imprenta Real. 1640. 4.

Repertorium Juris Civilis, & Canonici ex variis Auguſtini Barboſæ ſcriptis collectum. Lugd. ſumptibus Joan. Antonii Huguetan, & Guillelmi Barbier. 1668. fol. Eſta obra ſahio poſthuma por deligencia de ſeu Irmaõ Simaõ Vaz Barboſa.

Compoz Agoſtinho Barboſa doutiſſimas Allegaçoens contra Baltheſar Dias da Fonſeca, que repugnava pagarlhe a penſaõ da Theſouraria mòr de Guimaraens, que nelle tinha renunciado, cuja controverſia durou o largo eſpaço de quatorze annos, ſendo as principaes as ſeguintes, que todas vimos.

Allegatio Juris unà cum ſummario ſcripturarum in Sacra Rota producìarum in propria cauſa Bracharenſis Regreſſus, ſive ingreſſus ad Thezaurariam. Romæ apud Franc. Caballum 1630. fol.

Por el Doctor Aguſtin Barboſa con Balthezar Dias de Afonſeca ſobre el valor de los mandatos, ſentencias, Cenſuras, y ſequeſtros del Auditor dela Camara Apoſtolica, y Sagrada Rota de Roma. fol. ſem lugar, e anno da impreſſaõ.

Bracharenſis Regreſſus, ſive ingreſſus ad Thezaurariam. in fol. ſem lugar, nem anno da ediçaõ.

Informaciones en hecho y derecho en la cauſa dela penſion y regreſſo que el Doctor Aguſtin Barboſa tiene canonizado ala Theſoraria mayor dela Colegial de Guimaraens contra Balthezar Dias da Fonſeca intruſo. Madrid en la Imprenta Real. fol.

Verdadera informacion en la cauſa del Doctor Aguſtin Barboſa con Balthezar Dias da Fonſeca intruſo ſobre la Thezoraria dela Colegial de Guimaraens con el derecho en que ſe funda la juſticia de ſu pertencion, y con las razones, conveniencias, y particulares reſpetos, que obligan preciſamente a que remita eſta Cauſa a quien toca, y ſe abſtengan los ſeglares del conocimiento della. Eſcrita en Madrid a 22. de Setembro de 1638. fol. Naõ tem anno da impreſſaõ.

Por el D. Aguſtin Barboſa con Balthezar Dias de Afonſeca ſobre ſe hade tener efecto al auto de fuerça dado en eſta cauſa por el Jues dela Corona Real del Puerto en que mandò remitirla al Ordinario, y alçar las cenſuras en la Declaratoria que puſo el executor delas letras Apoſtolicas de penſion el dicho Baltheſar Dias por nò haver pagado ciertas penſiones decurſas dentro en el termino que ſe le ſeñàló. Madrid por Andres de Parra. 1654. fol.

Alegacion de derecho ſobre la Nulidad del

matrimonio de D. Lorença de Cardenas con D. Franciſco Orenſe Manrique. fol. Naõ tem lugar, anno, ou nome de Impreſſor.

Obras, que ſe naõ imprimiraõ, das quaes já promptas para a impreſſaõ eſtá o cathalogo no *Collectanea Doctorum tam veterum, quàm recentium in Jus Pontificium.* Romæ apud Typog. Rev. Camer. Apoſtolicæ 1626. no principio; e no Memorial que fez a Filippe IV. pag. 39. v.º e ſaõ as ſeguintes.

Collectanea in 6. 7. 8. *&* 9. *lib. Codicis.* fol.

Collectanea in 10. 11. *&* 12. *poſteriores libros Codicis.* fol.

Collectanea in Authenticorum feudorum, & Inſtitut. libros. fol.

Collectanea in libros 12. *priores Digeſti Veteris.* fol.

Collectanea in alios libros 12. *poſteriores ejuſdem Digeſti Veteris.* fol.

Collectanea in libros ſeptem Priores Digeſtorum Juris Cæſarei ſecundæ Partis, quod vulgo Infortiatum dicunt. fol.

Collectanea in alios ſeptem poſteriores ejuſdem Infortiati libros. fol.

Collectanea in Digeſtum novum. fol.

Canonicarum Repetionum libri duo, in quibus difficiliores Juris Pontificij Decretales enucleantur, interpretanturque. fol.

Vota Deciſiva Canonica Tom. ſecund. fol.

Commentaria in Ordinationes Regias Luſitanorum cum concordantiis utriuſque Juris, Legum, & ſtatutorum aliarum Provinciarum in quibus novæ circa Officiorum creationes, judiciorum ordinem, contractuum, ultimarum voluntatum, & delictorum materias plura cumulantur, decidunturque noſtris, & alienigenis perutilia, & neceſſaria. fol.

Fr. AGOSTINHO BELLO, Eremita Auguſtiniano, e hum dos celebres Meſtres da Univerſidade de Lisboa transferida de Coimbra no Reinado de D. Pedro I. Nella foy o primeiro Lente de Filoſofia, e depois de Theologia com geral applauſo de todos os Academicos. Os ſeus merecimentos o elevaraõ a ſer Reytor da Univerſidade, que com ſumma prudencia governou, como refere Fr. Antonio da Purificaçaõ na *Chron. de Santo Agoſtinho da Prov. de Portug.* Part. 2. liv. 7. titul. 1. §. 3. e no Livro da *Vir. illuſtr. Prov. Luſit. Ord. D. Aug.* liv. 2. cap. 10. cuja aſſeveraçaõ fique eſtabelicida na ſua feè. Compoz, como affirma eſte Chroniſta.

Volumina quattuor diverſorum argumentorum. fol. *M. S.*

Fallaõ deſte author Joaõ Franco Barret. na *Bib. Luſit. M. S.* Joan. Soar. de Brito in *Theat. Luſit. Litter.* let. A. n. 139. Herrer. in *Alphab. Auguſt.* ad ann. 1350. e o Beneficiado Franciſco Leytaõ Ferreira em as *Not. Chronol. da Univ. de Coimbra* pag. 7. n. 155. e pag. 395. n. 858.

AGOSTINHO DE BEM FERREYRA. Naſceo no lugar de Maçores termo da Torre de Moncorvo na Provincia Tranſmontana a 3. de Agoſto de 1681. e a 11. recebeo a graça bautiſmal na Parochia de Saõ Martinho do meſmo lugar. Teve por Pays a Appolinario Franciſco, e Catherina Eſteves. Applicouſe ao eſtudo do Direito Pontificio em a Univerſidade de Salamanca por alguns annos, donde paſſando para a de Coimbra em o anno de 1703. recebeo nella o gráo de Bacharel a 17. de Junho de 1709. e fez a Formatura a 27. de Mayo de 1710. Depois de ler no Dezembargo do Paço com grande credito da ſua ſciencia foy eleito no anno de 1712. Juiz de fóra da Villa de Trancoſo, que naõ aceitou, e antepondo o Officio de Advogado ao de Miniſtro por ſer menos oneroſo à conciencia o patrocinio, que a deciſaõ das Cauſas, o tem exercitado na Corte pelo largo eſpaço de 26. annos com igual applauſo que deſintereſſe. Para facilitar o eſtudo da Juriſprudencia aos ſeus novos profeſſores traduſio de Latim em Portuguez a Inſtituta do Emperador Juſtiniano com doutas illuſtraçoens de diverſos Doutores com eſte titulo.

Summa da Inſtituta com remiſſoens ao Direito, de que ſe deduz, Ordenaçoens, com que ſe conforma, e doutrinas praticas. Tom. 1. Lisboa por Antonio Iſidoro da Fonſeca Impreſſor do Duque Eſtribeiro mòr. 1739. 4.

Tom. 2. Lisboa pelo dito Impreſſor, e no meſmo anno.

Tom. 3. *e* 4. Lisboa pelo meſmo Impreſſor no meſmo anno.

Commentario ao Tit. Digeſt. de Regul. Juris. Lisboa pelo meſmo Impreſſor 1740. 4.

Fr. AGOSTINHO DE SAM BOAVENTURA, natural da Villa de Alhandra do Arcebiſpado de Lisboa, onde naſceo a 27. de Agoſto de 1676. tendo por Pays a Franciſco de Montoya, e Araujo, e a Luiza de Souza. Na idade de 20. annos atrahido da eſpiritual tranquilidade, que lograõ as almas Religioſas, fugio do tumulto do ſeculo para a Congregaçaõ de S. Paulo primeiro Eremita, onde profeſſou no Convento da Serra de Oſſa a 3. de Mayo de 1696. A viveza do engenho, com que liberalmente o dotou a natureza, lhe fez patentes os ſegredos da Filoſofia, e Theologia, que revelou como Meſtre aos ſeus domeſticos com grande credito do ſeu talento. Mayor aplauſo conſeguio no pulpito, aonde a ſua natural eloquencia, e diſcriçaõ o conſtituhiraõ hum dos mayores Oradores Evangelicos. A profunda applicaçaõ à intelligencia das Eſcrituras o naõ privou, de que algumas vezes cultivaſſe os boſques do Parnaſſo onde teve innocente comercio com as Muſas. Por eſtes ſingulares dotes foy duas vezes eleito Geral da ſua Eremitica Congregaçaõ, a primeira no Capitulo celebrado em Liſboa a 20. de Mayo de 1725. e a ſegunda no Capitulo na Serra de Oſſa a 13. de Junho de 1734. em cujo governo moſtrou a prudente capacidade do ſeu talento, que ſe fez mais amavel pela affabilidade do genio. Como Chroniſta Geral da ſua Ordem eſpera a Republica Litteraria, que brevemente comunique à luz publica os Annaes da ſua Religiaõ em Portugal. De muitos, e admiraveis Sermoens, que tem prégado, ſómente ſe imprimio o ſeguinte.

Sermaõ na Canonizaçaõ de Santo Eſtanislao Koſcha, e de S. Luiz Gonzaga da Companhia de Jeſus prégado no Solemne Outavario com que os aplaudio a Caſa profeſſa de S. Roque. Lisboa por Manoel Fernandes da Coſta 1728. 4.

D. Fr. AGOSTINHO DE CASTRO. Naceo na Cidade de Lisboa em 16. de Outubro de 1537. e foraõ ſeus Pays D. Fernando de Caſtro Governador da Caſa do Civel de Lisboa, e D. Maria de Ayala filha do Conde de Monſanto. Em idade muito tenra foy eſtudar a Coimbra, onde com a doutrina de Antonio Mendes, que depois ſubio à Cadeira Epiſcopal de Elvas ſendo o ſeu primeiro Prelado, ſahio conſumadamente perfeito tanto no eſtudo da Gramatica, como na practica da virtude. Deſprezadas heroicamente as eſperanças, que o mundo lhe prometia fundadas na nobreza do nacimento, e authoridade de ſeu Pay, pedio o penitente habito de S. Franciſco no Convento de Coimbra da Provincia de Piedade, porem os Religioſos atendendo para a debilidade da ſua compleiçaõ como incapaz de tolerar os rigores da Ordem, lhe negaraõ o ſer a ella admitido. Com eſta repulſa naõ mudou de intento, antes mais conſtante nelle buſcou a Religiaõ dos Eremitas de Santo Agoſtinho onde quando contava deſeſete annos recebeo o habito das mãos do Veneravel Varaõ Fr. Luiz de Montoya mudando-lhe o nome que tinha de Pedro em Agoſtinho, como feliz preſagio de que havia ſer fiel imitador deſta grande luz da Igreja, cujo inſtituto profeſſou em 7. de Abril de 1555. Foy incrivel o progreſſo, que fez nos eſtudos Theologicos, e muito mais no exercicio das virtudes ſendo as azas com que na florente idade de vinte, e ſete annos velozmente voou aos primeiros lugares da Ordem até chegar ao governo de toda a Provincia em que deſempenhou com vigilancia, e prudencia todas as obrigaçoens de hum perfeito Prelado. Paſſou a Roma com o lugar de Definidor para o Capitulo geral, e tal foy o conceito, que formaraõ todos os Capitulares do ſeu talento illuſtrado com todo o genero de ſciencias, que foy uniformemente eleito para reformar as Conſtituiçoens pelas quaes ſe governa univerſalmente a familia Eremitica. Neſte tempo conſtando à Santidade de Gregorio XIII. os graviſſimos danos, que na Alemanha Superior tinhaõ ſacrilegamente obrado os hereges contra os Conventos dos Regulares, e como eſtes eſtavaõ nimiamente relaxados, o nomeou Vigario Geral de Alemanha para que vizitaſſe, e reduziſſe aquellas Communidades à sua primitiva obſervancia, cuja empreza executou com tanta prudencia, que por ella mereceo as eſtimaçoens do Emperador Rodolpho II. e da Emperatriz D. Maria Irmaã de Filippe Prudente

elegendo-o por ſeu Prégador. Eſte Principe confiando da ſua madura capacidade o mandou pacificar as diſcordias que havia entre os Eremitas da Provincia de Aragaõ dividindoa em duas para ſe conſervar inteira a obſervancia regular. Os merecimentos taõ notorios da ſua peſſoa obrigaraõ ao meſmo Monarcha para que os premiaſſe com huma digna remuneraçaõ nomeando-o Arcebiſpo de Braga em cuja dignidade Primacial foy ſagrado em o Moſteiro de N. Senhora da Graça pelo Arcebiſpo de Lisboa D. Miguel de Caſtro em 3. de Janeiro de 1589. Tanto que entrou na ſua Dioceſe todo o cuidado applicou ao paſto das ſuas ovelhas excedendo neſta vigilancia a muitos dos ſeus Predeceſſores. Evitou muitos eſcandalos mais com a brandura, e diſſimulaçaõ, que com a ſeveridade, e o caſtigo. Por duas vezes congregou Synodo, em que fez Conſtituiçoens para o bom governo do Arcebiſpado emendando nellas muitos abuſos que ſe tinhaõ introduzido no Sanctuario de Chriſto. Foy exceſſivamente compaſſivo para os pobres aſſinando rendas certas para os enfermos ſe curarem nos Hoſpitaes, dotando em cada anno grande numero de donzellas, e diſpendendo largas eſmolas para ſuſtento das Religioſas. Fundou em Braga hum Convento da ſua Ordem no qual lançou a primeira pedra em 3. de Julho de 1596. e o dotou com ſeis centos mil reis de renda. Mandou pintar em quadros a todos os ſeus Predeceſſores, e com elles ornou huma Sala do Palacio Arcebiſpal para que aquellas mudas copias deſpertaſſem nos ſeus ſuceſſores as virtudes, que religioſamente obſervaraõ os Originaes. Foy perito nas Ceremonias Eccleſiaſticas, e deſtriſſimo na Cantoria do Choro emendando muitas vezes algum erro, que ou por deſcuido, ou ignorancia ſe cometia. Com plauſivel pompa ſagrou em 28. de Julho de 1592. a ſua Cathedral collocando no altar precioſas reliquias, das quaes o cathalogo eſtá gravado em huma pedra no frontiſpicio deſte Templo. Venerou com ſingular affecto o diviniſſimo Sacramento deixando para eterno teſtemunho da ſua devoçaõ renda capaz para ſuſtentar quatro luzes que perpetuamente ardeſſem em obſequio de taõ amoroſo Myſterio. Zelou com tanto ardor a pureza da Fé, que acompanhado de D. Theotonio de Bragança Arcebiſpo de Evora, e D. Miguel de Caſtro Arcebiſpo de Lisboa paſſou a Madrid para impedir o perdaõ geral que pertendiaõ os Sequazes da Sinagoga. Foy ornado de coraçaõ taõ benevolo, que ſempre correſpondeo a aggravos com beneficios. Chegado o termo da ſua exemplar vida recebeo os Sacramentos com piedade catholica, e repetindo os ſuaviſſimos nomes de JESUS, e MARIA, eſpirou placidamente a 25. de Novembro de 1609. quando contava 72. annos de idade, e 21. de Arcebiſpo. Foy ſepultado no Convento antigo dos Eremitas, até que paſſados deſenove annos ſe trasladou para o novo, onde o agradecido animo do Senado Bracharenſe lhe mandou gravar no Mauſoleo eſte Epitafio.

Illuſtriſſimo Domino D. Auguſtino de Caſtro Auguſtinenſi, Archiepiſcopo, ac Domino Bracharenſi, Hiſpaniarum Primati, olim in Superiori Germania juſſu Cæſaris Rodolphi II. Eremiticæ familiæ reformatori, hujus Monaſterij Fundatori, Viro pietate, & prudentia inſigni, Magiſtratus Bracharæ Auguſtæ Paſtori ſuo clementiſſimo ob innumera beneficia libenti animo fieri curavit anno Domini 1628. *Illuſtriſſimo, & Reverendiſſimo Domino D. Roderico de Acunha Archipræſule. Obiit Bracharæ* 25. *Novemb.* 1609. *annos natus* 72. Compoz

Epitome rerum ad Statum Eccleſiæ Bracharenſis pertinentium quas ad Sanctiſſimum Dominum Clementem VIII. referendas cenſuit D. Auguſtinus de Caſtro, ubi late de Vera Primatum Bracharenſium ſucceſſione. fol. *M. S.* Conſervaſe na *Bib.* que foy do Cardial de Souza. Deſta Obra affirma ter huma copia o Licenciado Jorge Cardoſo *Agiol. Luſit.* tom. 1. pag. 119. no Commentario de 25. de Fevereiro, e no tom. 3. pag. 519. no Commentar. de 3. de Junho. let. A.

Antiguidades da Ordem dos Eremitas, as quaes levou do Convento de Braga para Caſtella Fr. Agoſtinho de S. Nicoláo para ſe compor a Chronica da Ordem, como eſcreve Fr. Antonio da Purificaçaõ na *Chron. da Provinc. de Portug.* Part. 1. cap. 8. fol. 20. 4.

Na Livraria do Convento da Graça de Lisboa Cabeça da Provincia dos Eremitas em Portugal ſe conſerva hum grande volume

intitulado *Regiſtro da Provincia* onde compilou as memorias pertencentes a eſta Provincia, cujo trabalho deſcobrio a ſua incanſavel deligencia em Roma revolvendo os Regiſtros Geraes da Ordem, e copiando os inſtrumentos mais antigos da meſma Provincia. Poderá ſer que eſte livro ſeja o meſmo, que *as Antiguidades da Ordem dos Eremitas,* das quaes acima fizemos mençaõ.

Conſtituiçoens do Arcebiſpado de Braga as quaes impedido pela morte naõ imprimio, e as conſervava em ſeu poder o Illuſtriſſimo D. Rodrigo da Cunha como affirma na *Hiſt. Eccleſ. de Braga.* Part. 2. cap. 93. n. 6.

Cathalogo dos Arcebiſpos de Braga, onde notou a vida que tiveraõ (ſaõ palavras do Illuſtriſſimo Cunha *Hiſt. Eccl. de Brag.* Part. 2. cap. 94. n. 5.) *os annos, que governáraõ, e o dia em que morreraõ, de que nòs grandemente nos aproveitamos por todo o diſcurſo deſta Hiſtoria.*

Noticia dos Progreſſos que fez na viſita das Provincias de Alemanha in 4. Conſervaſe eſcrito da ſua propria maõ no Convento da Graça de Lisboa.

Como foy muito perito na arte da Muſica compoz hum livro de Miſſas para ſe imprimir, e outras excellentes obras deſta profiſſaõ.

Eſcreveo a vida deſte Illuſtriſſimo Prelado ſeu digniſſimo ſucceſſor na dignidade Primacial D. Rodrigo da Cunha na *Hiſtoria* aſſima allegada deſde o cap. 93. até 95. Fr. Bernard. de Brito. *Mon. Luſit.* Part. 2. liv. 5. cap. 7. dizendo *grande zelador da honra de Deos, e de ſua Igreja, e que em apurar as antiguidades della tem feito muitas deſpezas, e deligencias exquiſitas.* D. Mauro Caſtel. Ferrer. *Hiſt. de S. Tiago* liv. 1. cap. 16. *tan religioſo, ſabio, y curioſo, como noble,* e no prolog. da dita Hiſt. o intitula *inſigne:* Joaõ Soar. de Brito in *Theatr. Luſit. Litter.* let. A. n. 141. *Nulli ex tot inſignibus heroibus pietate, vigilantia, vel magnificentia poſt habendus.* Cruſen. in *Monaſt. Auguſtin.* Part. 3. cap. 47. *Præclarum illud Luſitaniæ Lumen in Metropolitanæ Bracharenſis Eccleſiæ candelabro elevatum.* O D. Fr. Leaõ de Santo Thom. *Bened. Luſit.* Part. 2. Trat. 2. cap. 20. pag. 367. *inſigne Arcebiſpo,* e pag. 368. *grande Arcebiſpo.* Fr. Luiz dos Anjos *Jardim de Portug.* cap. 5. *Inſigne Prelado, e meritiſſimo Arcebiſpo de Braga.* Fr. Ant. à Purif. de *Vir. illuſtrib. Prov. Luſit. Erem. D. Auguſt.* lib. 1. cap. 24. Herrer. in *Alphab. Auguſt.* ad an. 1609. Fr. Manoel de S. Damaſ. *Verd. Elucid.* deſde pag. 277. até 300.

Fr. AGOSTINHO DA CONCEIÇAM. Nacco na Cidade de Lamego donde paſſando como ſoldado ao Braſil naufragou a Náo, que o conduzia, e eſcapando milagroſamente de taõ fatal perigo, em que pereceo a mayor parte de ſeus companheiros, deixada a milicia humana pela celeſte ſe aliſtou debaixo do ſagrado Inſtituto da Religiaõ Serafica na Provincia da Immaculada Conceiçaõ do Rio de Janeiro. Todo o ſeu talento occupou em beneficio dos ſeus domeſticos enſinando-os como Meſtre, e governando-os como Provincial. Fundou o Convento de N. Senhora dos Anjos na Cidade de Cabo Frio, onde morreo no anno de 1693. com grande edificaçaõ de todos os Religioſos. Foy Prégador de nome, e dos muitos Sermoens, que com applauſo recitou em diverſos pulpitos, ſómente gozaraõ da luz publica os ſeguintes.

Sermaõ do glorioſo Luſitano Santo Antonio prègado no meſmo dia, e Convento em a Cidade do Rio de Janeiro a 13. de Junho de 1674. Lisboa por Antonio Rodrigues de Abreu. 1675. 4.

Sermaõ do glorioſo Santo Antonio prègado em o ſeu Convento da Cidade do Rio de Janeiro em 13. de Junho de 1683. *occorrendo a Dominga da Trindade.* Lisboa por Miguel Maneſcal. 1688. 4.

Sermaõ da Prodigioſa impreſſaõ das Chagas do Principe dos pobres Evangelicos prègado no Convento de Santo Antonio do Rio de Janeiro. Lisboa por Manoel Lopes Ferreira. 1681. 4.

Delle fazem memoria Fr. Joan. à D. Ant. in *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 146. e Fr. Appolin. da Conceiç. na *Primaz. Seraf. na Regiaõ da America.* cap. 9. pag. 91.

Fr. AGOSTINHO DA COSTA, natural da Villa de Mello da Provincia da Beyra filho de Franciſco da Coſta Froes, e Guiomar Botelho. Profeſſou o habito de Eremita de Santo Agoſtinho no Convento de Evora a 15. de Agoſto de 1642. Foy Len-

te jubilado em Theologia, inſigne Moraliſta, e exemplar religioſo. Morreo no Convento de Lisboa em 25. de Abril de 1691. Compoz

David penitente. Diſcurſos Moraes prègados nos Sabbados da Quareſma, que ſe celebráraõ em N. Senhora da Graça em Liſboa no anno de 1682. *com ſete Sermoens da Semana Santa.* Lisboa por Domingos Carneiro. 1685. 4.

Sermaõ na feſta da Virgem Maria N. Senhora do Monte. Sahio na *Laurea Portugueza.* Lisboa por Miguel Deslandes. 1687. 4.

Paraiſo Virginal M. S. 4.

Conſerva-ſe na Livraria do Convento de Lisboa. Conſta de Panegyricos da Virgem Santiſſima.

Informaçaõ da Imagem da Senhora de Carquere junto de Lamego, remetida a Fr. Agoſtinho de Santa Maria, a qual imprimio no *Sanctuario Mariano.* Tom. 3. liv. 2. Titul. 2. pag. 150.

Fr. AGOSTINHO DA CRUZ, chamado no ſeculo Agoſtinho Bernardes. Naceo na Villa da Ponte da Barca do Arcebiſpado de Braga em o anno de 1540. a qual ſendo pequena em ſeu ambito adquirio a mayor grandeza com a producçaõ de taõ grande filho. Teve por Irmaõ a Diogo Bernardes comtemporaneo do famoſo Luiz de Camoens, o qual nas ſuas obras poeticas deixou hum eterno teſtemunho do ſeu grande engenho. Conſiderando ſeu Pay Diogo Bernardes Pimenta a capacidade do talento, de que logo nos primeiros annos deu ſinaes evidentes, o acommodou na Caſa do Sereniſſimo Infante D. Duarte filho dos Infantes D. Duarte, e D. Iſabel, onde naõ ſómente mereceo as eſtimações deſtes Principes, mas com a ſua natural affabilidade conciliou os affectos de todos, que frequentavaõ taõ ſoberana Caſa. Illuſtrado de ſuperior impulſo determinou largar o mundo, e as ſuas apparentes felicidades, e para conſeguir eſta heroica reſoluçaõ pedio com affectuozas lagrimas o auſtero habito de Saõ Franciſco da Provincia da Arrabida ao Provincial Fr. Jacome Peregrino, o qual lho mandou lançar no Convento de Santa Cruz ſituado na Serra de Cintra em o anno de 1561. donde tomou o appelido. Notavel foy a admiraçaõ, que geralmente cauſou eſte ſeu retiro do ſeculo para a Religiaõ, com o qual ficou taõ intimamente penetrado ſeu irmaõ Diogo Bernardes, que explicou o ſeu ſentimento neſtas expreſſoens fallando na carta 6. do ſeu Lima a D. Franciſco de Moura.

A' Irmaõ da minha alma, como eſtou
Errado em te chorar! Tu para o Ceo,
E eu triſte naõ ſey para onde vou!
Nunca mais para mim amanheceo,
Depois que me deixaſte, hum claro dia;
Sempre o Lima depois turvo correo.

E na Carta 8. eſcrita ao meſmo ſeu Irmaõ

Em que te mereci ò Agoſtinho,
Que neſta eſcura Selva me deixaſſes
Tomando para ti melhor caminho?

Retirado a huma Cella, que parecia ſepultura começou a practicar taõ aſperas penitencias, que ſerviaõ de confuſaõ aos ſeus Companheiros, ſendo já em o Noviciado veterano na auſteridade da vida, e obſervancia da Regra. Ambicioſo de mayor perfeiçaõ alcançou dos Prelados licença para habitar toda a vida no deſerto da Arrabida, e ainda que por algum tempo lha difficultáraõ, veyo a conſeguilla em 19. de Março de 1565. Neſta horroroſa Thebaida por eſpaço de quatorze annos moveo taõ cruel guerra contra o ſeu corpo, que certamente ſe renderia attenuado pella abſtinencia, e idade, ſe o naõ ſocorrera o vigor do ſeu eſpirito. Rara foy a parcimonia, que uſava comendo as ervas, que produzia aquella ſolidaõ; a dura terra lhe ſervia de cama, e hum tronco aſpero de cabeceira. Todas eſtas aſperezas ſe ſuaviſavaõ com o intimo comercio, que tinha com Deos na Oraçaõ, em que muitas vezes foy viſto abſorto, e elevado, como querendo a alma voar para o centro das ſuas amoroſas ancias. As aves, e animaes ſylveſtres reconhecendo a ſua innocencia lhe vinhaõ obedientes buſcar das ſuas mãos o ſuſtento. Chegado o tempo de ſerem premiados os merecimentos da ſua penitente vida, ſentindo-ſe acometido de huma ardente febre foy conduzido à Enfermaria da Villa de Setubal, onde recebendo com grande ternura, e copioſas lagrimas os Sacramentos eſpirou placidamente em 14. de Março de 1619. com 79. annos de idade, e cincoenta, e outo de Religiaõ. Divulgada a noticia da ſua morte con-

correo todo o povo a venerar o Cadaver, no qual ſe eſtava vendo a felicidade que lograva o ſeu eſpirito, e com devota violencia foy deſpojado do habito, que tinha veſtido. Entre eſte piedoſo tumulto ſe diſtinguiraõ nos obſequios para eſte Varaõ Veneravel o Duque de Aveiro D. Alvaro de Lancaſtro ſeu particular amigo com ſeu filho D. Jorge de Lancaſtro Marquez de Torres novas diſpondo que foſſe transferido para a Arrabida, o que ſe executou com grande pompa, e magnificencia. Foy naturalmente inclinado à Poeſia ſendo irmaõ do inſigne Poeta Diogo Bernardes naõ ſómente por natureza, mas ainda por eſta Arte. Naquellas horas vagas dos exercicios eſpirituaes compunha Verſos a varios aſſumptos Sagrados, em que ſe deſcubria a afluencia da ſua veya, dos quaes imprimio alguns o Chroniſta moderno da Provincia da Arrabida Fr. Antonio da Piedade Part. 1. liv. 5. cap. 20. levando entre todos a precedencia a Elegia feita à Serra de Arrabida que começa.

Alta Serra deſerta donde vejo
As aguas do Occeano de huma banda,
E d' outra ſalgadas as do Tejo.

Compoz outros Verſos devotos, que eſcritos da ſua propria maõ ſe conſervaõ no Convento da Verderena da Provincia da Arrabida com eſte titulo.

Diverſas Poeſias ao divino

Eſta Collecçaõ poetica fez à petiçaõ da Duqueza de Aveyro, e a dedicou à meſma Senhora, da qual exiſtia hum treslado na Bibliotheca do Cardial de Souza. Conſtava de 21. Eglogas aſſim paſtoris, como piſcatorias, Cartas, Odes, Endechas, Redondilhas, e Vilhancicos. Entre os Poemas, que compoz, he celebre o de Santa Catherina Virgem, e Martyr em 8. Rima que começa.

Penas, tormento, dor, e fortaleza
Cantar quero de Santa Catherina
Dotada de ſciencia, e de pureza
De amor celeſtial graça divina,
Cujo favor invoco neſta empreza
Doutra mais branda voz, mais doce digna
Porque danar naõ poſſa o verſo rudo
De rodas de navalhas verſo agudo.

Acaba.

De ſeu fermoſo corpo degollado
Aquella alma ditoſa deſpidida
Nos braços repouſou do ſeu amado,
Em cujo amor ſe tinha derretida;
O Corpo foy dos Anjos ſepultado
Por Virgem, e por Martyr, e por Sabia
No monte de Sinay monte da Arabia.

Delle ſe lembraõ com elogios Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 146. e no Comment. de 12 de Março let. F. Joan. Soar. de Brit. *Theat. Luſit. Litter.* let. A. in addit. n. 1. *Ingenium ad Luſitanas muſas promptiſſimum, unde facile verſus condebat.* F. Pedro Calv. nas *Lagrim. dos Juſt.* lib. 1. cap. 11. Joan. à D. Ant. *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 146. F. Ant. da Pied. *Chron. da Prov. da Arrab.* Part. 1. liv. 5. do cap. 18. até 20. e o P. Antonio dos Reys no *Enthuſiaſm. Poet.* que ſerve de apparato aos ſeus agudos epigramas tendo fallado de ſeu Irmaõ Diogo Bernardes, diz com ſuave elegancia.

Contiguà in Cathedrà Phœbo ſtatuente Camœnæ
Illius inſignem virtute, et carmine Fratrem
Conſtituère: latus circundat ſpartea reſtis,
Pro tunica cento eſt lacerus; viridantis olivæ
Texuit è ramo facunda Minerva coronam,
Impoſuitque ſuper vatis caput, utpote ponti
Qui toties rabidi frænabit cantibus iras.

D. AGOSTINHO DA CRUZ, natural de Braga, Conego Regular da Congregaçaõ de Santa Cruz de Coimbra, cujo habito recebeo neſte Real Convento a 12. de Setembro de 1609. Foy peritiſſimo na Muſica, e inſigne tangedor de rabeca, e orgaõ, de cuja deſtreza, e ſciencia deu manifeſtos argumentos naõ ſomente quando exercitou o lugar de Meſtre do Coro do Real Convento de S. Vicente de fora, mas nas muitas obras, que compoz, as quaes mereceraõ as eſtimaçoens dos mayores Profeſſores daquella arte, ſendo as principaes.

Prado Muſical para Orgaõ. Dedicado à Sereniſſima Mageſtade delRey D. Joaõ o IV.

Duas Artes, huma de Cantochaõ por eſtylo novo, outra de Orgaõ com figuras muito curioſas compoſtas no anno de 1632. e as dedicou ao meſmo Principe, que como taõ perito neſta arte as eſtimou muito.

Lira de Arco, ou arte de tanger Rabeca. Dedicada a D. Joaõ Maſcarenhas Conde de Santa Cruz.

AGOSTINHO DA CUNHA VILLASBOAS, naceo na Villa de Ourem no anno de 1667. ſendo filho do Doutor Gonçalo da Cunha Villasboas, Cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto, Dezembargador da Caſa da Supplicaçaõ, Corregedor da Corte, e Fiſcal da Junta dos tres Eſtados. Inſtruido na Gramatica, e Rhetorica paſſou eſtudar em a Univerſidade de Coimbra Direito Pontificio, em que ſe formou Bacharel. Acabados os eſtudos eſcolaſticos como foſſe muito verſado nas letras humanas, e Sagradas alcançou grande applauſo aſſim nos pulpitos, como nas Academias. A exemplar vida que exercitava o habilitou para ſer Confeſſor das Religioſas Capuchas Deſcalças do Convento do Santo Crucifixo de Lisboa, para as quaes compoz a obra ſeguinte.

Outavario contemplativo propoſto em hum exercicio devotiſſimo dividido em outo reverentes cultos por obſequio à Sagrada Imagem do Santo Crucifixo ſita no Real Convento das Capuchinhas Deſcalças chamadas vulgarmente por ſua fundaçaõ as Franceſinhas. Lisboa por Antonio Pedroſo Galraõ. 1718. em 16. No fim eſtà hum reſumo metrico de toda a obra compoſto em hum largo Romance pelo meſmo author, em cuja arte he baſtantemente perito. Tem prompto para a impreſſaõ.

Eſtrada do Ceo, pelo caminho do Inferno; caminho do Inferno pela eſtrada do Ceo.

Theologia Sacra fol.

AGOSTINHO FERREYRA Preſbitero do habito de S. Pedro, naceo na Cidade do Porto a 28. de Agoſto de 1709. ſendo filho de Manoel Joaõ, e Franciſca Ferreira. Inflamado com o zelo dos Progreſſos da virtude publicou.

Director de Directores para o governo das almas, no qual ſe contem os avizos, e documentos para o governo das almas, que vaõ por caminho extraordinario. Lisboa na Officin. da Congregaç. do Oratorio 1738. 4.

AGOSTINHO GAVI DE MENDONÇA, natural de Maſagaõ celebre Colonia dos Portuguezes em Africa. Sendo eſta Praça acommettida no anno de 1562. por hum formidavel Exercito de cento, e cincoenta mil barbaros capitaneados por Muley Hamet, e defendida pelo inſigne Capitaõ Alvaro de Carvalho, como teſtemunha ocular de todas as acçoens, que ſe obraraõ neſte ſitio, as deſcreveo para eternizar naõ ſomente o valor dos ſeus Naturaes, mas a gloria de todos os Portuguezes publicando.

Hiſtoria do famoſo Cerco, que o Xarife poz à Fortaleza de Mazagaõ defendida pelo valeroſo Capitaõ mòr della Alvaro de Carvalho. Lisboa por Vicente Alvres 1607. 4.

Chronica dos Reys D. Sebaſtiaõ, e D. Henrique, que ſe naõ imprimio.

Deſte author fez dous Nicol. Anton. *Bib. Hiſpan.* Tom. 1. pag. 137. nomeando-o primeiramente Agoſtinho Gavi, e depois Agoſtinho de Mendoça.

AGOSTINHO GOMES GUIMARAENS. Naceo em Lisboa, e foraõ ſeus Pays Ignacio Gomes Guimaraens, e Maria Magdalena. Depois de perfeitamente inſtruido na Gramatica Latina, e letras humanas, eſtudou as ſciencias mayores, as quaes comprehendeo com tanta agudeza, e profundidade, que por voto dos Doutores da Univerſidade de Coimbra, recebeo as inſignias do Meſtre em Artes, e de Doutor na Sagrada Theologia. Com igual applauſo foy ouvido nos pulpitos, que nas Academias lendo em a Portugueza inſtituida em o anno de 1717. no Palacio do Excellentiſſimo Conde de Ericeyra D. Franciſco Xavier de Menezes, eruditos diſcurſos ſobre os Oraculos da Gentilidade, e na dos Anonymos compondo agudos epigramas a diverſos aſſumptos. A integridade dos coſtumes propria do Eaſtdo Eccleſiaſtico junta com a capacidade do talento o fizeraõ digno de ſer eleyto a 7. de Março de 1723. Deputado da Inquiſiçaõ de Lisboa, donde paſſando a Promotor ſubio ao lugar de Inquiſidor Apoſtolico, cujo miniſterio exercitou com grande zelo. Sendo Academico ſupernumerario da Academia Real da Hiſtoria Portugueza, foy eleito em 25. de Mayo de 1730. Academico do numero por morte do Padre Jeronimo de Caſtilho da Companhia de JESUS, para eſcrever as Memorias hiſtoricas dos Biſpados de Coimbra, e Guarda na lingua Latina, na qual compoz, e recitou na Academia Real algumas vidas dos

ſeus Biſpos com elegante, e puro eſtilo. Foy aſſumpto ao lugar de Prelado da Santa Igreja Patriarchal a 16. de Mayo de 1739. De todas as ſuas litterarias producçoens ſómente ſe fizeraõ publicas pelo beneficio da Impreſſaõ as ſeguintes

Pratica com que congratulou a Academia Real por eſtar eleito ſeu Collega. Sahio impreſſa no Tom. 10. da *Collec. dos Documentos, e Memor. da meſma Academia.* Lisboa por Jozeph Antonio da Sylva. 1730. fol.

Outo epigramas Latinos a varios Aſſumptos, que ſe deraõ na Academia dos Anonymos. Sahiraõ impreſſos nos *Progreſſos Academicos dos Anonymos de Lisboa* 1. Parte Lisboa por Joſeph Lopes Ferreira 1718. 4.

Quatro Epigramas Latinos, em louvor do Padre Fr. Simaõ Antonio de Santa Catherina da Ordem de S. Jeronimo orando na Academia dos Anonymos, e na Academia Eſcolaſtica. Sahiraõ na 1. Part. *das Oraçoens Academicas* do dito Padre Fr. Simaõ. Lisboa na Officina da Muſica 1723. 8.

Fr. AGOSTINHO DA GRAÇA, natural da Villa de Thomar, e Monge profeſſo da Ordem de S. Bento, cujo habito recebeo no Convento de Tibaens a 12. de Dezembro de 1599. Foy muito inſtruido nas letras humanas, e Poesia. Morreo em Travanca a 14. de Agoſto de 1644. Eſcreveo em Dialogo *Tardes de entre Douro, e Minho. M. S.* in fol.

Endechas em louvor da Vida de Santa Inez, compoſta por Fr. Alvaro de Carvajales, ſahiraõ impreſſas ao principio deſta obra, como hum *Soneto* em applauſo de Fr. Gregorio Bautiſta, ambos Monges Bentos no principio do livro que compoz intitulado *Completas da Vida de Chriſto.*

P. AGOSTINHO LOURENÇO, natural da Villa de Terena do Arcebiſpado de Evora, e filho de Joaõ Lourenço, e Inez Gonçalves. Neſta Cidade recebeo a Roupeta da Companhia de JESUS em 18. de Janeiro de 1653. quando contava deſenove annos de idade, e nella aprendeo as letras humanas, que enſinou no Collegio da Ilha da Madeira. Foy Meſtre de Theologia Moral no Collegio de Faro donde paſſou a ler Filoſofia no de Santo Antaõ. Antes de acabar os tres annos, foy mandado por ordem dos Superiores com o Padre Bento de Lemos aſſiſtir em Inglaterra à Sereniſſima Rainha D. Catherina filha delRey D. Joaõ o IV. que o fez ſeu Prégador, exercitando eſte miniſterio por espaço de treze annos. No tempo que aſſiſtio em Londres, ſempre viveo com ſumma modeſtia, e para fugir à ocioſidade ſe occupou em compor hum Curſo Filoſofico, e eſcrever varias materias Theologicas confeſſando, que o ſeu total intento era neſtas compoſiçoens o ſer antes reputado por preſumido ignorante, que por ſabio ocioſo. Juntou com grande curioſidade huma copioſa Livraria, que deixou ao Collegio de Beja. Voltando para o Reyno no anno de 1689, aſſiſtio muitos annos no Collegio de Evora, donde foy mandado para Reytor do Collegio de Santarem, em cujo governo ſem offenſa da obſervancia foy ſummamente benevolo para os ſubditos, que lamentaraõ a ſua morte ſuccedida a 25. de Março de 1695.
Compoz.

Curſus Philoſophicus de triplici Ente. tom. 1. *De Ente Logico.* Leodij per Guilielmum Henricum Streel. 1687. fol.

Tom. 2. *de Ente Phyſico.* ibi per eumdem Typog. eodem anno, & forma.

Tomus 3. *de Ente Methaphyſico.* ibi per eumdem Typog. 1688. fol.

Syntagmata Theologica in Prim. Part. D. Thomæ. Tom. 1. ibi per eumdem Typ. 1680. fol.

Tom. 2. *in ſecund. Part. D. Thom.* ibi per eumdem Typog. 1682. fol.

O Padre Franciſco da Fonſeca na *Evora glorioſ.* pag. 425. lhe chama *Varaõ Religioſiſſimo,* e o P. Antonio Franco na *Imagem da Virtud. em o Novic. de Evora* liv. 4. cap. 11. eſcreve delle, como largamente no *Synopſ. Annal. S. J. in Luſitan.* pag. 397. n. 13. e no *Ann. glorioſ. S. J. in Luſit.* pag. 172. dizendo *Moribus nituit integerrimis, & conſcientia ſceleris puriſſima.* Franc. de Santa Maria no *Diar. Port.* pag. 387. *Floreceu em noſſos dias com merecida fama de excellente Eſcritor.*

AGOSTINHO LOPES. Medico de profiſſaõ, cuja Faculdade dictou no anno de 1564. na Univerſidade de Salamãca, ſahindo

grandes diſcipulos da ſua doutrina, entre os quaes merece diſtinta memoria o noſſo Portuguez Garcia Lopes, de quem fallaremos em ſeu lugar, o qual no ſeu Tratado de *Varia rei medicæ lectione* lhe chama *Senem Venerandum*. Compoz, e imprimio hum Tomo de Medicina, cujo titulo, lugar, e anno da Impreſſaõ ainda naõ chegou à noſſa noticia.

D. AGOSTINHO MANOEL DE VASCONCELLOS, chamado antigamente Agoſtinho de Mello. Naceo na Cidade de Evora no anno de 1584. de pays illuſtres, quaes foraõ Ruy Mendes de Vaſconcellos, e D. Anna de Noronha. Na primeira idade manifeſtou os dotes do grande engenho, com que a natureza liberalmente o ornára, os quaes ſe foraõ augmentando com tal exceſſo, que era admirado pelos mais doutos homens do ſeu tempo. Depois de eſtudar Direito Civil em Salamanca preferio a eſte eſtudo, em que tem mais parte a memoria, que o entendimento, a liçaõ da hiſtoria, em a qual produzio ſazonados frutos o ſeu agudo talento, eſcrevendo com pura fraze, juizo prudente, e diſcreta elegancia. Naõ foy menos a ſua capacidade para a Hiſtoria que para a Poeſia, ſendo hum dos mais inſignes cultores deſta divina Arte, como o manifeſtaõ varias obras a diverſos aſſumptos, em que ſe unio a pompa das vozes com a fineza dos conceitos. Foy Cavalleiro profeſſo da Ordem militar de Chriſto. Arrebatado de huma paixaõ indecoroſa ao ſeu nacimento ſe conjurou com o Marquez de Villa Real, Duque de Caminha, e Conde de Armamar contra a Sereniſſima Caſa de Bragança novamente exaltada ao trono, da qual antes tinha ſido grande venerador, e ſendo convencido de taõ feyo crime, foy degollado no Rocio de Lisboa a 29. de Agoſto de 1641. quando contava 57. annos de idade. Eſcreveo.

Vida de D. Duarte de Menezes terceiro Conde de Viana, e ſucceſſos notables de Portugal en ſu tiempo. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1627. 4. *Cuja obra* (diz Rodrigo Mend. Sylv. no *Cathal. Real de Eſpan.* na Vida delRey D. Duarte pag. 99.) *es tan eſtimada como ſe mueſtra en el applauſo con que todos la veneran y ſolemnizan.* Anton. de Souza de Macedo *Flor. de Eſpan.* cap. 12. Excel. 7. *inſigne Chroniſta de D. Duarte de Menezes.* Nicol. Anton. na *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 136. diz que eſcrevera eſta vida *diſerte, & cum judicio.* e Gerald. Erneſto de Francken. in *Bib. Hiſp. Hiſt. Gen.* pag. 50. a intitula *Elegans opus.*

Suceſſion del Señor Rey D. Filippe el ſegundo en la Corona de Portugal. Madrid por Pedro Taſſo 1639. 8.

Vida, y acciones delRey D. Juan el ſegundo decimo tercero Rey de Portugal. Madrid. por Maria de Quiñònes. 1639. 4. Sahio vertida em Francez. Pariz 1641. 8. Deſta obra diz D. Franciſco Manoel na Carta eſcrita a Manoel Themudo da Fonſeca, em que trata dos Authores Portuguezes, *que fora taõ feliz ella, como infeliz ſeu author;* e Lourenço Gracian *Criticon* Part. 3. Criſ. 2. introduzindo o Merito diz. *Será eterna la vida de D. Juan ſegundo de Portugal eſcrita por D. Aguſtin Manoel digno de mejor fortuna.* Della faz mençaõ a *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ, modernamente acreſcentada Tom. 1. Titul. 3. col. 63.

Compoz ſem o ſeu nome hum *Manifeſto na Aclamaçaõ delRey D. Joaõ o IV.* que comprehende duas folhas de papel impreſſo em Lisboa por Manoel da Sylva 1641. fol. Começa *No ay entre los mortales.* Eſtá elegantemente eſcrito.

Na Vida de D. Duarte de Menezes liv. 1. n. 18. promete hum Livro intitulado

Africa conquiſtada pelos Portuguezes.

Diſcurſo ſobre a Caſa de Bragança na occaziaõ da vinda da Princeſa Margarida a Portugal. Nelle faz hum elogio ao Duque D. Theodoſio; deſcreve a varia fortuna que eſta Caſa experimentou com os Reys moſtrando que ElRey D. Joaõ o III. lhe tirara o Eſtado de Guimaraens, e ElRey D. Sebaſtiaõ lhe fora pouco affecto por lhe envejar a Tapada de Villaviçoſa; que os Infantes eraõ inimigos dos Duques porque os excediaõ na riqueza, e competiaõ na qualidade, e outras particularidades, que obſervou o Excellentiſſimo Conde de Ericeira Cenſor da Academia Real, quando por ordem della examinou os *M. S.* da ſelecta Livraria do Conde de Vimieiro, onde eſtá eſte Diſcurſo, do qual dá individual noticia em a Collecçaõ dos *Documentos, e Memorias da Academia Real* do anno de 1724. impreſſa no meſmo anno.

Cancion a los tumulos regios del Monaſterio de Belen. M. S. Conſerva-ſe na meſma Livraria. He eſcrita com excellente eſtilo.

Memorial da Genealogia, e Privilegios da Caſa de Bragança. Deſta obra dá noticia o Padre D. Antonio Caetano de Souza no *Appar. à Hiſt. Gen. da Caſa Real de Portug.* pag. 81. §. 67. dizendo que ſe conſerva na Livraria do Conde de Vimieyro, e creyo que he o *Diſcurſo* de que fizemos menção.

Manoel de Galhegos no *Templo da Memor.* liv. 4. Eſtanc. 195. lhe canta em ſeu applauſo.

Sabe cantar com tanta melodia
D. Agoſtinho Manoel de Mello
Que eſquecerme ſeu cantico ſeria
Fazer aggravo ao Helicon, e ao Delo;
E pois dos Verſos tanto imperio alcança
Ouça ſeus doces numeros Bragança.

Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Luſit. Litter.* letr. A. n. 141. *Eruditione, & eloquentia plurimum valuit.* Franckenau in *Bib. Hiſp. Hiſt. Gen.* pag. 50. n. 93. *Eques ſago, togaque inclytus.* Nicol. Ant. in *Bib. Vet.* liv. 10. cap. 12. n. 698. *Vir diſertus, atque infelici fato ad poſteros clarus.* Fonſec. *Evor. Glorioſ.* pag. 409. *Dotado de ſingular engenho, e agudo juizo.* Van Eſpen de *Jure Canon.* Tract. de *Promulgat. Leg. Eccleſ.* Part. 2. cap. 1.

Fr. AGOSTINHO DE SANTA MARIA. Naceo na Villa de Eſtremoz da Provincia do Alentejo a 28. de Agoſto de 1642. ſendo ſeus Pays Antonio Pereyra, e Catherina Gomes. Deixando o mundo, e com elle o nome de Manoel Gomes Freyre, com que era conhecido no ſeculo ſe recolheo na Religião dos Agoſtinhos Deſcalços, onde recebeo o habito em 18. de Dezembro de 1665. na Igreja das Religioſas do meſmo Inſtituto ſituada no lugar do Grillo ſuburbio de Lisboa, authorizando eſte acto com a ſua prezença a Sereniſſima Raynha D. Luiza Franciſca de Guſmão inſigne Protectora deſta Reforma, e foy o primeiro Noviço, que teve neſte Reyno. No Convento de Evora aprendeo as ſciencias mayores, e fazendo nellas grandes progreſſos, mayores foraõ os que fez nas virtudes, principalmente na exacta obſervancia dos ſeus Eſtatutos merecendo dignamente occupar os mayores lugares da Religião, como foraõ Chroniſta da Ordem, Prior do Convento de Evora, Secretario da Provincia, Definidor tres vezes, e ultimamente Vigario Geral de toda a ſua Congregação. Paſſou o largo eſpaço da ſua vida continuamente applicado à liçaõ dos livros, de que nunca ſe abſteve ainda quando já o diſpenſava a ſua idade decrepita gravemente attenuada pelo rigor dos jejuns, e diſciplinas, e o que cauſa mayor admiração foy, que ſem ſocorro de Amanuenſe eſcreveſſe perfeitamente pela ſua maõ, ſem uſar de oculos, os muitos livros hiſtoricos, e aſceticos, com que illuſtrou a Republica Litteraria. Foy cordial devoto de Maria Santiſſima, em cujo obſequio lhe dedicou a mayor parte dos ſeus trabalhos, e vigilias eſtudioſas querendo por eſte modo inſpirar em os coraçoens dos Catholicos hum ardente affecto para taõ auguſta Princeza. Quando contava a provecta idade de 86. annos eſtava taõ robuſto o ſeu eſpirito, que jejuou a paõ, e agua a Semana Santa proxima à ſua morte, que ſuccedeo na ſeſta feira 2. de Abril de 1728. depois de Dominga de Paſcoa tendo celebrado Miſſa em dia taõ grande, e feſtivo. Foy ſepultado o ſeu Cadaver no Sabbado in *Albis* no Convento de N. Senhora da Boa Hora de Lisboa. Com grandes elogios celebraõ a ſua memoria o Padre D. Manoel Caetano de Souza in *Exped. Hiſpan. Apoſtol. S. Jacob. Major.* tom. 1. pag. 733. n. 1709. *Quibus omnibus* (falla dos ſeus livros) *Vir religioſiſſimus eruditionem, & pietatem ſpirat;* e no Tom. 2. pag. 972. n. 2302. *Vir fuit omnibus virtutibus ornatus, & illibatum ſemper ſervavit virginitatis florem, utpote qui fuit Beatiſſimæ Reginæ Virginum deditiſſimus.* O Benefic. Franc. Leyt. Ferreir. *Not. Hiſt. da Univ. de Coimb.* pag. 457. n. 977. *Benemerito das letras, e já decrepito nos annos depois de ter dado à luz em muitos livros compoſtos piamente os ſazonados frutos da ſua eſtudioſa erudiçaõ foy gozar dos da eterna vida aos 3. de Abril,* devendo dizer 2. D. Pedro Hieron. Fernand. Cathedratico de Leys na Univerſidade de Hueſca in *Opuſc. Hiſt. Lat. Marian. Jacob.* pag. 64. e 110. lhe chama *Celebris ſcriptor.*

Cathalogo das obras impreſſas.

Hiſtoria da Real fundaçaõ do Convento de Santa Monica da Cidade de Goa Corte do Eſtado da India, e do Imperio Luſitano do Oriente. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ 1699. 4.

Hiſtoria da vida admiravel, e acçoens prodigioſas da Veneravel Madre Sor Brizida de Santo Antonio. Lisboa pelo meſmo Impreſſor 1701. 4.

Exemplo rariſſimo da paciencia, e vida prodigioſa, e ſingular da Santa, e admiravel Virgem Santa Liduwina eſcrita em latim por Fr. Joaõ Brugmano da Ordem dos Menores de Flandes ſeu Confeſſor, recopilada por Fr. Lourenço Surio Cartuxo, novamente traduzida, e diſpoſta em forma de Hiſtoria, em a lingua Portugueſa. Lisboa pelo meſmo Impreſſor 1703. 4.

Adeodato contemplativo, e univerſidade de Oraçaõ, dividida em tres claſſes pelas trez vias Purgativa, Illuminativa, e Unitiva. Lisboa pelo meſmo Impreſſor 1713. 4.

Sanctuario Mariano, e Hiſtoria das Imagens milagroſas de N. Senhora, e das milagroſamente aparecidas, que ſe veneraõ na Corte, e Cidade de Lisboa. Tom. 1. Lisboa pelo meſmo Impreſſor. 1707. 4.

Sanctuario Mariano, e Hiſtoria das imagens milagroſas, que ſe veneraõ no Arcebiſpado de Lisboa. Tom. 2. Lisboa pelo meſmo Impreſſor, e anno, 4.

Sanctuario Mariano, e Hiſtoria das Imagens &c. que ſe veneraõ em os Biſpados da Guarda, Lamego, Leyria, e Portalegre ſuffraganeos do Arcebiſpado de Lisboa, Priorado do Crato, e Prelazia de Thomar. Tom. 3. Lisboa pelo meſmo Impreſſor 1711. 4.

Sanctuario Mariano, e Hiſtoria das Imagens &c. que ſe veneraõ em o Arcebiſpado Primaz de Braga, e ſeus ſuffraganeos. Tom. 4. Lisboa pelo meſmo Impreſſor 1712. 4.

Sanctuario Mariano, e Hiſtoria das Imagens &c. que ſe veneraõ nos Biſpados do Porto, Viſeu, e Miranda. Tom. 5. Lisboa pelo meſmo Impreſſor 1716. 4.

Sanctuario Mariano, e Hiſtoria das Imagens &c. que ſe veneraõ no Arcebiſpado de Evora, e Biſpado do Algarve, e Elvas. Tom. 6. Lisboa pelo meſmo Impreſſor 1716. 4.

Sanctuario Mariano, e Hiſtoria das Imagens, que nos ficáraõ por referir nos ſeis tomos antecedentes por falta de inteira noticia. Tom. 7. Lisboa pelo meſmo Impreſſor 1721. 4.

Sanctuario Mariano, e Hiſtoria das Imagens &c. que ſe veneraõ em a India Oriental, e mais conquiſtas de Portugal, Aſia, Insular, Africa, e Ilhas Filipinas. Tom. 8. Lisboa pelo meſmo Impreſſor. 1720. 4.

Sanctuario Mariano, e Hiſtoria das Imagens &c. que ſe veneraõ em o Arcebiſpado da Bahia, e mais Biſpados de Pernambuco, Paraiba, Rio grande, Maranhaõ, e Graõ Pará. Tomo. 9. Lisboa pelo meſmo Impreſſor 1722. 4.

Sanctuario Mariano, e Hiſtoria das Imagens &c. que ſe veneraõ em todo o Biſpado do Rio de Janeiro, e Minas, e em todas as Ilhas do Occeano Tom. 10. Lisboa pelo meſmo Impreſſor 1723. 4.

Roſas do Japaõ colhidas na Igreja do Japaõ 1. *Part.* Lisboa pelo meſmo Impreſſor 1709. 4.

Roſas do Japaõ &c. 2. *Parte* Lisboa por Pedro Ferreira 1724. 4.

Triumvirato eſpiritual, e hiſtorico nas prodigioſas vidas de tres inſignes Varoens, o Veneravel Padre Diogo Ortis, o Veneravel D. Fr. Agoſtinho da Corunha Biſpo de Popayan, e do Ven. Irmaõ Bartholameu Lourenço Portuguez da Companhia de Jeſus. Lisboa por Antonio Pedroſo Galraõ 1722. 4.

Hiſtoria tripartita comprehendida em tres tratados. No 1. *ſe deſcrevem as vidas dos Santos Martyres Veriſſimo, Maxima, e Julia Irmãos, Padroeiros de Lisboa, e do Real Moſteiro de Santos. No* 2. *ſe dà noticia da vinda, pregaçaõ do Apoſtolo Saõ-Tiago às Eſpanhas, e origem da ſua eſclarecida Ordem, e de ſeus nobiliſſimos Meſtres Portuguezes. No* 3. *ſe deſcrevem os principios do Real Convento de Santos, e a noticia das ſuas illuſtres Commendadeiras deſde o anno de* 1212 *até os noſſos tempos.* Lisboa pelo meſmo Impreſſor. 1724. 4.

Celeſte, e devota Filotea, e theſouro de eſpirituaes riquezas de ſantos exercicios com que as almas devotas podem crecer muito nas virtudes, e no amor, e devoçaõ de Jeſus, e de Maria. Lisboa pelo dito Impreſſor 1727.

Novena de Noſſa Senhora da Nazareth venerada no ſitio da Villa da Pederneira com a relaçaõ da ſua fuga de Nazareth para o Egipto onde aſſiſtio ſete annos, e da perigrinaçaõ da ſua Santiſſima Imagem de Nazareth à Cidade de Belem. Lisboa por Joſeph Maneſcal Impreſſor da Sereniſſima Caſa de Bragança 1721. 24.

Exame de conſciencia particular, e geral Lisboa por Antonio Pedroſo Galraõ 1704. 12.

Compendio das graças, e indulgencias, e mais bens eſpirituaes de que gozaõ, e participaõ os Irmãos da Confraternidade de N. Senhora de Copacavana ſita na Igreja do Real Convento de N. Senhora da Conceiçaõ do Monte Olivete de Religioſos Agoſtinhos Deſcalços extramuros da Cidade de Lisboa. Lisboa Por Antonio Pedroſo Galraõ 1714. 12.

Cathalogo das obras traduzidas.

Da lingua latina do Padre Jacob Meroſtio na Portugueſa

O caminhante chriſtaõ que dirige a ſua jornada à patria eſpiritual Lisboa por Antonio Pedroſo Galraõ 1721. 12.

De Italiano do Padre Paulo Segneri da Companhia de Jeſus as duas ſeguintes obras.

O Inferno aberto para que o ache fechado o Chriſtaõ diſpoſto em varias conſideraçoens Lisboa pelo dito Impreſſor 1724. 12.

O Confeſſor inſtruido Lisboa pello dito Impreſſor 1725. 16.

De Italiano do Padre Sancti Chicarelli Geral da Religiaõ dos Padres Miniſtros dos Enfermos.

Breve diſpoſiçaõ eſpiritual, que deve fazer todo o Chriſtaõ para eſtar ſempre aparelhado para a morte. Lisboa por Jozé Lopes Ferreira Impreſſor da Rainha noſſa Senhora 1716. 24.

De Caſtelhano do Padre Franciſco de Salazar Jeſuita.

Affectos, e conſideraçoens devotas ſobre os quatro Noviſſimos acreſcentados aos exercicios da primeira ſemana de Santo Ignacio de Loyola. Lisboa pelo meſmo Impreſſor 1716. 12. De Caſtelhano.

Meditaçoens, e ſuſpiros do glorioſo Doutor da Igreja Santo Agoſtinho. Lisboa pelo meſmo Impreſ. 1727. 12.

Obras que eſtavaõ promptas para a impreſſaõ.

Chronologia Sacra, e profana dividida em 2. Tomos: o primeiro deſde os principios do Mundo até a vinda de N. Senhor Jeſus Chriſto; o ſegundo deſde a vinda de Chriſto atè os noſſos tempos. M. S.

Vida da Madre Sor. Maria da Aſſumpçaõ Agoſtinha Deſcalça do Real Convento das Deſcalças de Santo Agoſtinho de Lisboa.

Chronica das Religioſas Agoſtinhas Deſcalças de Lisboa. M. S.

Vida, e virtudes da Ven. Sor Mariana de S. Simeaõ Religioſa Deſcalça de Santo Agoſtinho, e Fundadora dos Conventos de Almança, e Corpus Chriſti de Murcia em Eſpanha. M. S.

Exercicio celeſte, e thezouro de eſpirituaes riquezas, e graças ſobre as devoções particulares de N. Senhora. M. S.

Jerarchia eſpiritual com as Vidas dos Santos Varoens illuſtres da Ordem de Santo Agoſtinho. M. S.

Meditaçoens, Soliloquios, e Manual de Santo Agoſtinho traduzidos em Portuguez. M. S.

Hiſtoria dos Santuarios de Chriſto Crucificado, que ſe veneraõ neſte Reyno. Para eſta obra tinha junto muitas noticias, mas naõ a pode concluir por lhe roubarem o que já della tinha compoſto, como o meſmo Author nos certificou.

Fr. AGOSTINHO DE SANTA MARIA, filho de Manoel Pereira Travaſſos, e D. Ignez Maria de Azevedo, natural de Lisboa onde eſtudou a lingua Latina, e letras humanas, e depois Filoſofia com admiraçaõ dos ſeus condiſcipulos. Recebeo o habito da Ordem de Santiſſima Trindade em o Convento de Santarem em 5. de Agoſto de 1704. e profeſſou a 14. do dito mez do anno de 1705. em cuja Religiaõ exercitou o Officio de Prégador com geral applauſo. Foy Leitor nomeado de Theologia no anno de 1719. ſendo já Prothonotario Apoſtolico. Naturalmente era inclinado à Poeſia Latina fazendo verſos extemporaneos com tanta elegancia, e ſuavidade, como ſe foraõ compoſtos com grande exame, e conſideraçaõ. Falleceo no Convento de Lisboa a 22. de Janeiro de 1736. De muitas obras aſſim poeticas, como concionatorias, que tinha compoſto, ſómente publicou as ſeguintes.

Sermaõ de N. Senhora da Quietaçaõ na Parochial Igreja de S. Nicolao Segunda Oitava da Paſchoa a 3. de Abril de 1714. Lisboa por Antonio Pedroſo Galraõ. 1714. 4.

Sermaõ em acçaõ de graças pelo Capitulo Provincial, que ſe celebrou no Convento da Santiſſima Trindade de Lisboa em o Sabado 9. de Março de 1716. *pregado no Convento da Villa de Cintra.* Lisboa por Jozé Lopes Ferreira Impreſſor da Sereniſſima Rainha 1716. 4.

Panegyrico funebre às ſaudoſas memorias da Excellentiſſima Senhora D. Elvira Maria de Vilhena Condeſſa de Pontevel. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ 1719. 4.

Grinalda de varias flores com que ſe orna a muy auguſta Thiara do noſſo Santiſſimo Padre, e Senhor Benedicto XIII. formada em gratulatorio aplauſo da ſua fauſtiſſima exaltaçaõ ao Summo Pontificado Lisboa na Officina Ferreiriana 1725. 4.

Commentaria in Canticum Nunc dimittis Servum tuum Domine. M. S. que ſe conſerva no Convento de Lisboa.

AGOSTINHO DE MEDEIROS natural de Villa de Perdizes termo da Villa de Monte alegre Comarca da Villa de Chaves na Provincia Tranſmontana. Foy filho de Antonio de Medeiros, e Catherina de Alvar. Recebeo o Habito militar da Ordem de Saõ Tiago no Real Convento de Palmella a 27. de Dezembro de 1671 das mãos do Illuſtriſſimo Prior mór D. Antaõ de Faria. Teve hum Beneficio ſimplez na Igreja de S. Sebaſtiaõ de Setubal. Foy muito douto na Theologia Moral como o moſtrou na obra ſeguinte.

Doctrina da Confiſſaõ ſacramental muy util, e neceſſaria para qualquer penitente ſe ſaber confeſſar tirada dos Authores de Theologia moral, e de algums tratados eſpirituaes 4. *M. S.* Começa.

A penitencia, que como diz meu Padre Santo Agoſtinho, he ter pena dos bens, que ſe deixáraõ de fazer. Acaba. *E os tementes a Deos tiveraõ por melhor a affirmativa na qual ſaõ eſtas circunſtancias da neceſſidade da Confiſſaõ.* No fim de tudo tem a proteſtaçaõ da letra do Author. Eſta obra ſe conſerva na Livraria dos PP. Theatinos deſta Corte, onde a vimos.

Fr. AGOSTINHO DO MONTE ALVERNE natural da Cidade de Ponta Delgada Capital da Ilha de S. Miguel, e Religioſo profeſſo da Serafica Provincia de S. Joaõ Evangeliſta nas Ilhas dos Açores. Querendo moſtrar-ſe agradecido à patria, que lhe dera o berço, eſcreveo com eſtilo claro, e ſincero.

Noticias Hiſtoricas das Ilhas dos Açores ſojeitas ao dominio de Portugal. M. S.

Conſervaſe eſta obra entre os ſeus Religioſos. Do author faz mençaõ Fr. Appollinario da Conceiçaõ *Clauſtro Franciſc.* Lanc. 2. cap. 19. pag. 80.

AGOSTINHO DE MOURA PEÇANHA natural da Cidade de Evora filho de Antonio de Moura, e Neto de Duarte de Moura Provedor da agua da prata ſendo Juriſta de profiſſaõ, exercitou o lugar, que teve ſeu Avô. Compoz.

Tratado do Aqueducto Real da Fonte da agua da prata dedicado ao Senado da Cidade de Evora, em cujo Cartorio ſe guarda.

Fr. AGOSTINHO OSORIO Eremita de Santo Agoſtinho, e celebre Lente de Theologia na Univerſidade de Lerida no Principado de Catalunha, onde no anno de 1610. dictava aquella faculdade, com univerſal aclamaçaõ. Foy Provincial das Provincias de Aragaõ, e Catalunha, em cujo oneroſo miniſterio dezempenhou as obrigaçoens de hum Superior perfeito. Pela ſublevaçaõ, que houve neſtas Provincias contra os Heſpanhoes, que as dominavaõ, paſſou a França, e tanto ſe diſtinguio o ſeu talento em o Pulpito, que o nomeou ſeu Prègador em o anno de 1642. a Mageſtade Chriſtianiſſima de Luiz XIII. Falleceo a 15. de Novembro de 1646. na provecta idade de 92. annos. Delle ſe lembraõ Marrac. in *Biblioteca Marian.* Tom. 1. pag. 167. Fr. Petr. de Alva, e Aſtorg. in *Milit. Concept.* Herrerin. *Alphab. Auguſt.* p. 52. ad ann. 1642. & pag. 65. ad ann. 1646. Fr. Anton. da Natívid. *Montes de Cor.* n. 136. Cor 8. §. 2. Figueired. *Flos Sanct. Auguſtinian.* Tom. 4. pag. 152. Jordan *Chron. de Valenc.* Tom. 1. p. 178. e Nicol. Anton. in *Bib. Hiſp.* tom. 1. p. 138. col. 2. Compoz.

Tractatus de Conceptione Deiparæ Virginis Immaculatæ. Venetiis 1648. 4.

Sermon dela Immaculada Concepcion de Nueſtra Señora. Barcelon. 1618. 4.

Vida del Bienaventurado San Juan de Sahagun. 1614. 4.

Fr. AGOSTINHO DOS REIS profeſſou em Goa o habito dos Eremitas de Santo Agoſtinho, e pellas ſuas virtuoſas acçoens acompanhadas de ſciencia naõ vulgar exercitou por muitos annos o miniſterio de Confeſſor das Religioſas do Convento de Santa Monica de Goa. Eſcreveo como teſtifica Fr. Agoſtinho de Santa Maria na *Hiſtoria da Fundaçaõ do dito Convento* liv. 3. cap. 16. n. 189. e liv. 4. cap. 33. n. 540.

Hiſtoria da fundaçaõ do Convento de Santa Monica de Goa M. S.

Fr. AGOSTINHO RIBEIRO Eremita Auguſtiniano; e igualmente douto na Sagrada Eſcritura, como verſado na liçaõ dos Santos Padres, e Sagrados Interpretes Eſcreveo.

Doctrina moralis Sacræ Scripturæ auctoritatibus comprobata, Patrum ſententiis, ac Philoſophorum dictis ampliata, nec non ſimilitudinibus illuſtrata, & Evangeliis acommodata, alphabeto digeſta, Concionatoribus valde perutilis. fol. *M. S.* Conſerva-ſe eſte volume, que he de juſta grandeſa, na Livraria do Convento da Graça de Lisboa.

D. AGOSTINHO DO ROSARIO Conego Regular da Congregaçaõ de Santa Cruz de Coimbra, cujo Habito recebeo neſte Real Convento a 29. de Outubro de 1621. Foy muito applicado ao eſtudo das Antiguidades da ſua Ordem Canonica eſcrevendo com grande exame.

Cronica da Congregaçaõ de Santa Cruz de Coimbra; cuja obra allega Jorge Cardoſo no *Agiol. Luſit.* Tom. 2. p. 308. c. 1. e no Commentario de 25. de Março letra C. e no Comment. de 27. do dito mez let. H. Morreo a 19. de Março de 1676.

Fr. AGOSTINHO DA TRINDADE natural de Jurumenha na Provincia do Alentejo, filho de Martim Quareſma, e Brites Rodrigues. Abraçou o Inſtituto dos Eremitas Auguſtinianos no Convento de Lisboa, e profeſſou em 15. de Dezembro de 1549. A profundidade das ſuas letras, porque era venerado ainda fora dos Clauſtros da Religiaõ, o fez digno de que na Univerſidade de Coimbra ſe lhe conferiſſem as inſignias doutoraes a 6. de Julho de 1573. na qual foy Lente da Cadeira de Durando, em que foy provido no anno de 1572. donde ſubio à de Eſcoto no anno de 1575. e a regentou por eſpaço de cinco annos, ſendo tal a ſua ſubtileza, que competia com a do Meſtre, que explicava. Para eterno teſtemunho da ſua profunda litteratura lhe ſirva de padraõ o Elogio, com que o exaltou o inſigne Padre Luiz de Molina claro eſplendor da Companhia de Jeſus, pois argumentando-lhe em humas Concluſoens Capitulares no Convento de Evora, e admirado da promptidaõ, e ſubtileza, com que rebatia o argumento, que lhe propóz, rompeo neſtas palavras. *Ego argumentari auſus ſum, quia homo hominem Auguſtini diſcipulum alloqui credebam, ſed ex ſubtiliſſimis reſponſis deprehendo vel tu ò doctiſſime Præſes in perſona es Sanctus Auguſtinus, vel Angelus in habitu Auguſtiniano. Mihi igitur jam non amplius tecum diſputandi, ſed ſolum mirabunde Te audiendi ſuper eſt facultas.* Naõ ſomente foy a Univerſidade de Coimbra o Theatro da ſua ſabedoria, porque tambem lograraõ eſta fortuna as Univerſidades de Bordeus, e Toloſa, ſendo neſta Lente de Veſpera, e Reytor. Varios foraõ os trabalhos, que com animo imperturbavel tolerou, já na infeliz jornada de Africa do anno de 1578. ficando priſioneiro dos barbaros; já ſeguindo as partes do Senhor D. Antonio, quando pertendeo a herança deſta Coroa uſurpada pela violenta ambiçaõ de Fillippe Prudente, padecendo por eſta cauſa incriveis oppreſſoens, as quaes relata o meſmo D. Antonio na carta eſcrita na lingua Franceſa a Gregorio XIII. no anno de 1583. *Le docteur Maiſtre Auguſtin del Ordre, & inſtitution de ſainct Auguſtin profeſſeur public dela Theologie ſcholaſtique de cette Chaire, qui eſt dedié pour enſeigner la doctrine del Eſcot; le quel foy liè de chaines de fer entre les latrons, et mis és navires eſpagnoles, finalement ataquè de tempeſtes dela mer, & pris en un navire eſpagnol parles incurſions des Turcs, il eſt aujour d'huy captif ſoubs levr puiſſance.* Do cativeiro, que padeceo em

Africa eſcreve D. Fr. Thome de Faria *Dec.* 1. lib. 2. cap. 8. dizendo. *Sed quid de captivis? Inter omnes ſolum efferam P. Auguſtinum Ord. S. Auguſt. qui in florentiſſima Academia Conimbricenſi Theologiæ Scholaſticæ fuerat profeſſor.* D. Joaõ de Caſtro no *Diſc. da vid. delRey D. Sebaſt.* cap. 14. *o muito Reverendo P. M. Fr. Agoſtinho da Trindade Varaõ inſigne em letras, virtudes, e Religiaõ, e hum raro exemplo de amor da Patria, o qual padeceo por ella galès de inimigos, e cativeiro de Turcos ſem mais o poderem render trabalhos, promeſſas, nem grande velhice emferma* Morreo em Toloſa no 1. de Fevereiro de 1595. Na via Sacra do Collegio de Coimbra dos Eremitas de S. Agoſt. tem eſta inſcripçaõ.

Fr. Auguſtinus à Trinitate Doctor Theologus in hac Univerſitate, Scoti Jnterpres ſubtiliſſimus, ſapientia vel Auguſtinus, vel Angelus creditus, deinde Toloſæ veſperarius, ac Rector obſervantiſſimus. Obiit 1. *Februarii.* 1595.

Compoz.

Tractatus pro Immaculatæ Virginis Conceptione. Eſta obra allega Fr. Joaõ de Santa Maria in *Libello ſuplici ad Innocentium X. Pont. Max. pro Concept. Deip.* Toloſ. 1645. pag. 331.

Commentaria in Magiſtrum Sententiarum, & D. Thom. 3. *Tom.*

Deſta obra, e do Author fazem mençaõ Fr. Antonio da Purif. *de Vir. Illuſt. Prov. Luſit. Ord. Eremit. D. Aug.* lib. 2. cap. 10. e na *Chron. da Prov. de Portug.* Part. 2. liv. 7. Tit. 1. §. 3. Elſſio *Encom. Auguſt.* ad ann. 1598. Herrer. in *Alph. Auguſt.* pag. 60. Fr. Ant. da Natívid. *Mont. de Cor.* Cor. 8. §. 2. n. 39. Fr. Manoel de Figueiredo *Flos Sanct. Auguſt.* Tom. 4. pag. 130. Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 139. col. 2. e Tom. 2. pag. 284. col. 1.

Commentaria in Prim. Part. D. Thom. à Quæſt. 1. *uſque ad* 14. Conſervaſe na livraria do Convento da Graça de Lisboa.

AGOSTINHO DA TRINDADE. Naceo na Cidade do Porto no anno de 1518. donde ſeus Pays o mandaraõ eſtudar a Lisboa, mas elle preferindo a ſciencia dos Santos às faculdades para que tinha comprehenſaõ, e admiravel engenho, recebeo o habito de Conego Secular da Congregaçaõ do Evangeliſta no Convento do Santo Eloy no anno de 1545. quando contava vinte e ſete annos de idade. Naõ ouve genero algum de virtude em que ſe naõ exercitaſſe ſendo exactiſſimo na obſervancia das Conſtituiçoens da Ordem, regulando a ſua obediencia pelo ardor do ſeu eſpirito, e reduſindo as potencias, e ſentidos a huma continua mortificaçaõ acompanhada de aſperos cilicios, e frequentes diſciplinas. Por eſtes actos heroicos mereceo particulares veneraçoens delRey D. Joaõ o III. D. Sebaſtiaõ, da Rainha D. Catherina, e a Princeza D. Joanna de Auſtria, buſcando no ſeu Concelho a ſerenidade das ſuas conſciencias. Baſte para claro argumento da ſua ſantidade o ſer director eſpiritual pelo eſpaço de trinta annos do Veneravel Padre Antonio da Conceiçaõ, de cuja eſcola ſahio conſumado na virtude eſte varaõ inſigne. Quando contava 85. annos de idade, e 58. de Religiaõ foy chamado por Deos para lhe remunerar os ſeus merecimentos, e recomendando aos domeſticos o amor reciproco, cheyo de hum notavel jubilo eſpirou com tanta ſerenidade do ſemblante, como quem ſe entregava a hum placido ſono a 25. de Mayo de 1603. no Convento de S. Bento de Xabregas. Ao ſeu enterro concorreo grande copia de povo procurando com devota ancia alguma parte do ſeu habito, que ſervio de remedio prompto a muitos enfermos. Eſcrevem delle Tomas. *Annal. Ord. Can. Secul.* pag. 172. Mertol. *Vid. do Ven. P. Ant. da Conc.* cap. 12. Cardoſo *Agiologio Luſit.* Tom. 3. pag. 402. no Commentario de 25. de Mayo let. F. os Padres Miguel da Cruz, e Belchior da Graça Con. Secul. nas ſuas Relaçoens, e ultimamente Franc. de S. Mar. *Chron. dos Coneg. Secul.* liv. 4. cap. 28. O Illuſtriſſimo Arceb. Primaz D. Sebaſtiaõ de Mattos, e Noronha no *Catal. dos Var. Illuſt. em virtud. deſte Reyno* com eſtas palavras *O P. Agoſtinho da Trindade Religioſo de S. Joaõ Evangeliſta de ſanta Vida, e Milagres.* Por ſer muito applicado aos Ritos Eccleſiaſticos. Compoz.

Ritual das Ceremonias Eccleſiaſticas. O qual (ſaõ palavras de Jorge Cardoſo no Comentario de 25. de Mayo let. F.) *poſto que ſe naõ eſtampou, obſervouſe muitos annos na Ordem em cujos Cartorios ſe conſerva atè hoje M. S. Applicouſe* (eſcreve Franc. de S. Maria no lugar

aſſima allegado pag. 116.) *com ſingular cuidado a ſaber os Sagrados Ritos da Igreja, e delles compoz hum livro, que entre nós ſe guarda eſcrito da ſua maõ.*

Fr. AGOSTINHO DA TRINDADE SEIXAS, natural da Provincia de S. Martinho de Cambres de Rio bom no Biſpado de Lamego, filho de Antonio Fernandes Borges, e Iſabel de Seixas da Fonſeca. Eſtando já inſtruido com a Gramatica Latina, e letras humanas, paſſou ao Rio de Janeiro para aſſiſtir na companhia de ſeu Irmaõ Franciſco de Seixas da Fonſeca Pay do Illuſtriſſimo Biſpo de Areopoli D. Joaõ de Seixas Monge Benedictino, e continuando naquella Cidade os eſtudos deixou o ſeculo, e recebeo o Habito Serafico em o Convento Capitular da Provincia da Immaculada Conceiçaõ. Nella foy duas vezes Guardiaõ, e Definidor eleito no anno de 1719. Teve admiravel genio para a Poeſia aſſim vulgar, como Latina, de que ſaõ manifeſtos argumentos.

Duas Elegias Latinas, hum *Epigrama, e dous Romances Portugueſes* em louvor de Fr. Fernando de Santo Antonio Procurador, e Definidor Geral da Ordem Serafica, cujas obras conſerva em ſeu poder com outras a eſte meſmo aſſumpto Fr. Apollinario da Conceiçaõ Religioſo da meſma Provincia.

Fr. AGOSTINHO VELLOSO, natural de Lisboa, filho de Antonio Rodriguez Freyre, e Iſabel de Barros. Recebeo o habito de Eremita de Santo Agoſtinho no Convento da ſua patria a 14. de Fevereiro de 1681. Foy bom Prégador, e deſtriſſimo Organiſta. Morreo no Convento de Torres Vedras em o anno de 1696. Imprimio.

Sermaõ de N. Senhora da Encarnaçaõ em dia de Paſcoa com Lauſperenne de Chriſto Sacramentado no ſeu Collegio de Santo Agoſtinho da Cidade de Lisboa, Lisboa por Joaõ Galraõ 1691. 4.

Fr. AGOSTINHO DA VICTORIA, natural de Montemor o novo na Provincia do Alentejo. Profeſſou o ſagrado Inſtituto do inſigne Patriarcha da Hoſpitalidade S. Joaõ de Deos querendo ſer ſeu filho pelo habito já que era por nacimento ſeu patricio. Neſta Ordem exercitou com tal exacçaõ a regra, que mereceo depois de ordenado Sacerdote ſer Secretario della, e Meſtre dos Noviços. Naõ ſomente a illuſtrou com virtudes, mas com letras, eſcrevendo diverſas obras, como foraõ.

Translacion del Cuerpo de S. Juan de Dios nueſtro glorioſo Patriarcha Fundador del Orden dela Hoſpitalidad; hizoſe del Convento de N. Señora dela Victoria dela ſagrada Religion delos Padres Minimos al Convento, y Hoſpital del miſmo Santo dela Ciudad de Granada. Madrid por Melchior Alegre 1667. 4. Sahio 2. vez com a Vida do meſmo Santo eſcrita por D. F. Antonio de Gouvea Biſpo de Cyrene. Madrid por Roque Rico de Miranda 1674. 4. cuja obra, e Author louva Fr. Joaõ dos Santos na *Chronolog. Hoſpital. y Reſum. Hiſt. da Sagrad. Relig. de S. Juan de Dios* Part. 2. liv. 5. cap. 17. pag. 598.

Inſtruccion de Novicios dela Ordem dela Hoſpitalidad. Madrid 1668. 8. ſem nome de Impreſſor.

Adicion à Vida de Fr. Joaõ Peccador Religioſo da meſma Ordem. Começou a *Chronica da Religiaõ,* a que naõ pode ver o deſejado fim.

P. AYRES DE ALMEYDA, natural de Santarem filho de Antonio Alvres, e Catherina de Almeyda. Na idade de vinte annos entrou na Companhia de Jeſus a 24. de Março de 1649. em o Noviciado de Liſboa. Aprendidas as letras humanas ſe applicou às ſciencias mayores, em que ſahio taõ eminente, que foy deſtinado para Meſtre, lugar, que exercitou com eſplendor do ſeu nome, e credito da Religiaõ até chegar a ſer Lente de Prima de Theologia em Coimbra, onde morreo a 7. de Março de 1704. Foy Qualificador do Santo Officio, e entre as virtudes, em que foy inſigne, a mayor, que nelle ſe admirou, era a tolerancia de varias moleſtias, que igualmente lhe atormentaraõ o eſpirito, e o corpo. Delle fez breve memoria o Padre Antonio Franc. na *Imag. da Virtud. em o Noviciad. de Lisboa.* pag. 964. Imprimio

Sermaõ do Auto da Fé, que ſe celebrou em Coimbra no Terreiro de S. Miguel em

17. *de Outubro de* 1694. *Coimbra por Jozè Ferreira* Impreſſor da Univerſidade 1697. 4.

AYRES BARBOSA, inſigne Grammatico, Rhetorico, e Poeta naceo na maritima Villa de Aveyro ſituada entre os Rios Douro, e Mondego da Provincia da Beira, e foy filho de Fernaõ Barboſa, e Catherina de Figueiredo, cujos nomes, e patria deixou eternizados neſte elegante Epigramma eſcrito no fim da ſua Proſodia.

Scire volet patriamque meam, nomenque paternum
Has quiſque nugas gaudet habere meas.
Nec dives multùm, nec paupertate notandus
A' nobis quondam, ſed tamen ortus avis.
Fernandus Barboſa pater, Catharinaq̃ mater
A' notis etiam, quæ Figueretta venit
Me genùere, furit vaſtis quà fluctibus ingens
Ultimus Occidui littoris Occeanus.
Quaque habet Aveiro portu prædives amæno
Quidquid habet tellus, & mare quidquid habet.

Logo nos primeyros annos ſentio hum natural impulſo para as letras dezejando anciosamente inſtruirſe com ellas, e como naquelle tempo foſſe a Univerſidade de Salamanca o Emporio de todas as ſciencias, alcançada faculdade de ſeus Pays partio para eſta Cidade, onde o ardor da idade juvenil reſiſtia à rigoroſa inclemencia do ſeu Clima, como elle confeſſa fallando cõ a meſma Cidade.

Dum ſtabant ſolidæ puerili in tempore vires
Et validis juveni dum mihi ſanguis erat.
Non ego lædebar gelidis Salmantica ventis
Non nive, non glacie, non aquilone tuo.

Naõ ſatisfeito o ſeu animo com a doutrina de tantos Meſtres paſſou a Florença em cuja Univerſidade teve a gloria de ouvir por Meſtre a Angelo Policiano, oraculo das letras ſagradas, e profanas, e a fortuna de ſer ſeu condiſcipulo Joaõ de Medicis, que depois na idade de 37. annos ſubio ao Pontificado com o nome de Leaõ X. como o meſmo Barboſa eſcreve.

Me Condiſcipulum Decimi dum dico Leonis,
Et Condiſcipulum Politiane tuum.

Inſtruido completamente na intelligencia, e myſterios das linguas Latina, e Grega, voltou à Patria, da qual partio ſegunda vez para Salamanca a 4. de Julho de 1495. que admirando a profundidade da ſua ſciencia o elegeo Meſtre de Rethorica, e depois o foy juntamente de duas Cadeiras da lingua Latina, e Grega, ſendo deſta ſeu diſcipulo o inſigne Andre de Reſende. Neſta lingua excedia ao doutiſſimo Varaõ Antonio de Nebriſſa, que na meſma Univerſidade era Lente de humanidades, com quem teve eſtreita familiaridade. Jazia neſte tempo em Eſpanha muda a eloquencia; eſtavaõ ſeparadas do comercio dos Sabios as Muſas, e ſe tinha introduzido huma tal ignorancia das linguas, e letras humanas, que ſómente dominava a barbaridade, contra a qual ſe armou Ayres Barboſa como outro Hercules degollando aquella Hydra mais pernicioſa, que a de Lerna, com as doutas inſtrucçoens do ſeu Magiſterio exercitado pelo largo eſpaço de vinte annos com ſingular credito do ſeu talento, e naõ pequena gloria, e fruto dos ſeus diſcipulos. Ao tempo que tinha jubilado em Salamanca, foy chamado pela Mageſtade de D. Joaõ o III. para Meſtre de ſeus Irmãos os Cardiaes D. Affonſo, e D. Henrique. Obedeceo promptamente à inſinuaçaõ do ſeu Principe, como ſe fora preceito, e chegando a Lisboa lhe agradeceo a eleyçaõ, que delle fizera para lugar taõ honorifico, que exercitou ſete annos, em os quaes ſahiraõ taõ perfeitamente doutrinados nas letras humanas eſtes dous Infantes, que foraõ a ultima coroa do ſeu profundo Magiſterio. Retirado à ſua Patria ſe preparou com actos heroicos para a morte, onde igualmente atenuado dos eſtudos, que dos annos, pois excediaõ de ſetenta, acabou a vida em o anno de 1530. Foy caſado com Iſabel de Figueiredo, de quem teve muitos filhos, ſendo o mais velho Fernaõ Barboſa, Moço fidalgo delRey D. Joaõ o III. que eſtimou muito a ſeu Pay Ayres Barboſa, como D. Affonſo da Fonſeca Arcebiſpo de Compoſtella. No territorio da Igreja de Santo Andre da Villa da Eſgueira que he Vigairaria, e Collegiada do Arcediago de Vouga Biſpado de Coimbra fundou huma Capella da invocaçaõ de N. Senhora do Deſterro na qual eſtá ſepultado com eſte breve epitafio.

Aqui jaz o Corpo de Ayres Barboſa Meſtre Grego. Era de 1540.

Neſte anno foraõ tresladados os ſeus oſſos para eſta ſepultura havendo dez annos, que tinha falecido. Imprimio

Epometria, ſeu de metiendi carmina ratione. Salmanticæ. 1515. 4. *Habuit ille* (falla deſta

obra Antonio Honcala in Gramat. Propægn.) *Salmanticæ magnificam, doctam, uberemque in qua multa queſtus eſt, quod non modó Muſicæ temporum vitio indignam paſſa eſt jacturam duorum generum Enarmonici, & Chromatici, cum tempeſtate noſtra vix diatonico cantetur, ſed etiam, quod periere vocum, ſyllabarumque tum poeticæ, tum communes pronuntiationes.* Deſta obra faz illuſtre memoria Daniel Georg. Morhorſio *in Polyhiſt.* lib. 7. cap. 1. n. 14.

De Orthographia. Salmanticæ. 1517.

Commentarij duo in duos Aratoris Cardinalis libros de Hiſtoria Apoſtolica. Salmanticæ apud Joannem Porras. 1516. fol. Em cuja obra (diz Andre Scoto in *Bib. Hiſp.* pag. 472.) *non Philologum modó, ſed & Philoſophum fuiſſe, ac Theologum ejus Authorem jures.*

Antimoria. Conimbricæ apud Cænobium Sanctæ Crucis. 1536. 8. Eſta obra he dedicada ao Cardial Infante D. Affonſo, e foy compoſta contra a Moria de Eraſmo Rhoteradamo, em que louvou a ignorancia, e neſte ſe exalta a ſabedoria Chriſtaã. No fim tem impreſſos

Epigrammata Varia.

Rhetorica, da qual faz mençaõ em hum epigramma eſcrito a Jorge de Miranda no fim do Antimoria fol. 34.

Rhetoricæ, en ego cum ſcripſiſſem exordia centum
Nil dedit auctori lingua diſerta meo.

No Compendio da Phyſica do Doutor Pedro Margalho Cathedratico de Prima de Theologia na Univerſidade de Lisboa impreſſo em Salamanca em 1520. eſtão impreſſas as obras ſeguintes de Ayres Barboſa.

Epigramma in laudem Petri Margalli

Epiſtola Latina em repoſta de outra eſcrita pelo meſmo Author, e no fim della huma larga Elegia com eſte titulo

Ad Juvenes ſtudioſos bonarum Artium Carmen.

Todas eſtas obras impreſſas no Compendio da Phyſica do Doutor Pedro Margalho por ſer muito raro as tranſcreveo o Beneficiado Franciſco Leytaõ Ferr. Academico da Academia Real na eruditas *Notic. Chronol. da Univ. de Coimb.* à pag. 484. até 488. aonde ſe poderaõ ler.

Quæſtiones quodlibeticæ de qualibet re. Deſta obra faz memoria Valerio Andre in *Cathalog. Moguntino.*

Com grandes elogios celebraraõ a Ayres Barboſa os mais celebres Varoens da ſua idade. Antonio de Nebriſſa na prefaçaõ das ſuas introducçoens Gregas diz. *Ego vero cum in meis introductionibus multos locos ex Græco inchoatos reliquiſſem, communicata re priùs cum Ario Luſitano, à quo uno, ſi quid uſquam Græcarum Litterarum apud nos eſt, emanavit, auſus ſum facere, quod ille harum rerum peritior facere debuiſſet.* O meſmo Nebriſſa *in ſuis Quinquanar. ad* Franc. Ximenes. *Græca lingua excitata eſt, atque jam pridem per Hiſpaniam divulgata ab Ario Luſitano Viro Græce, & Latine perquam erudito.* Reſend. in *Reſponſ. ad Quebed.* fol. 29. v.º *Arius Luſitanus quadraginta, & eo plus annos Salmanticæ tum Latinas Litteras, Græcas magna cum laude profeſſus eſt,* e no Encom. Eraſmi.

Hiſpanique ſacer meritis honor orbis Arius
Magnis cui debet, quantum nunc Pallados illic
Cultior uſus habet; docuit nam primus Iberos
Hyprocræneo Grajas componere voces
Ore; etenim quidquid frugis nunc Itala regna
Græcia quondam habuit, quidquid patriæque, ſuiſque
Importavit, & à Galli Stribligine tandem
Aſſeruit, fierique dedit Sermone Quirites.

Pedro Sanches in *Epiſtol. ad Ignatium de Moraes*

Nec ſonat illepide pravam, qui damnat Arius
Stultitiam, quam quidem olim laudavit inepte.

Martinho de Figueiredo na Dedicatoria a ElRey D. Joaõ o III. do ſeu *Commento à Hiſtoria natural de Plinio. A' Salmantica totius Hiſpaniæ celeberrimo Gymnacio venire feciſti doctiſſimum, ac præſtantiſſimum Arium Barboſam magnis præmiis, ac pollicitationibus poſt conceſſam ſtudiis quietem.* Lilio Gregor. Girald. *de potioribus ſui Sæcul. Poet. Fuit Arius Barboſa Poeta Luſitanus qui in Italia ſub Politiano politiores litteras in Hiſpaniam invexit, & Salmanticæ per viginti annos bonas litteras profeſſus eſt; huic moriens Antonius Nebriſenſis opera ſua caſtiganda teſtamento reliquit.* Scoto in *Bib. Hiſp.* pag. 474. *Erat in pangendis carminibus felix.* Joan. Soar. de Brit. *in Theat. Luſit. Litter.* let. A. n. 134. *Vir certe fuit elo-*

quens, & eruditus, & tum profa, & tum ligata oratione inter earum artium celebriores merito numerandus. Fr. Miguel Salinas *lib. Apolog. em que defiende la buena y docta pronunciacion* pag. 15. v.º *Doctiſſimo en Griego, y latin.* Petr. Angel. Spera *de Profeſſor. Gramat.* lib. 4. pag. 440. Lourenço Craſſo *Hiſt. di Poet. Grec.* pag. 63. *Huomo di molta dottrina, e di molte lingue intendente, e poeta inſigne. Coſtui fu il primo che portò le lettere Greche in Spagna: viſſe en compagnia di Antonio Nebricenſe ma con maggior fama del detto Nebricenſe della lengue Greca, e Poeſia.* Nic. Ant. in *Bib. Hiſp.* tom. 1. pag. 132. c. 1. *In poetica facultate, Græcanicaque doctrina Nebriſſenſi melior.* Baillet *Jugem. des Scavans* tom. 4. pag. mihi 331. *fut un des principaux reſtaurateurs des belles lettres en Eſpagne.* Ultimamente o Padre Antonio dos Reys in *Enthuſiaſm. Poet.* impreſſo no principio dos ſeus epigrammas. n. 24.

Barboſa tui non ultima verſus
Promeruere tibi bifidi ſubſellia montis
Non procul à Marco, nitidique à ſede Catulli.

P. AYRES BRANDAM, cuja patria ſe ignora, foy admitido em Goa no anno de 1552. à Companhia de Jeſus, quando tinha vinte, e tres annos de idade. O ardente zelo, com que ſe inflamava na converſaõ da Gentilidade, o conſtituhio hum dos primeiros operarios das vaſtiſſimas Regioens Orientaes ſendo em taõ laborioſo miniſterio ſucceſſor do Apoſtolico eſpirito do V. Padre Gaſpar Barzeo, de quem fora inſeparavel companheiro. No anno de 1570. converteo na Cidade de Ormuz ao rebanho de Chriſto a cincoenta Mouros, e no ſeguinte purificou em Dámaõ com as ſalutiferas aguas do bautiſmo a outenta, merecendo por eſtes evangelicos trabalhos ſer chamado pelo author da Bibliotheca da Companhia *Venator inſignis animarum.* Eſcreveo

Carta de Goa, eſcrita em 23. de Dezembro de 1554. aos Irmãos da Companhia de JESUS, em que narra a morte de S. Franciſco Xavier, e como o ſeu Corpo fora recebido em Goa. Evora com outras que mandou imprimir o Arcebiſpo D. Theotonio de Bragança; por Manoel de Lira. 1598. em folh. Part. 1. a pag. 28. Coimbra por Antonio de Maris. 1570. 4. à pag. 70. traduzida em Caſtelhano com outras. Alcalá por Juan Iniguez de Lequerica. 1575. 4. à pag. 58. e no meſmo idioma pelo Padre Cipriano Soares. Coimb. por Joaõ Alvres, e Joaõ de Barreira 1565. 4. a pag. 82. Em Italiano Roma preſſo Antonio Bladio. 1556. 8. Venetia com outras por Tramezino. 1559. 8. Mais abbreviada em Latim pelo Padre Manoel da Coſta da Companhia de Jeſus liv. 1. *Epiſtol. de rebus Japon.* Coloniæ apud Gervinum Calenium 1574. à p. 191. atè 198. & Delingæ apud Sebaldum Mayer 1571. à pag. 89. atè 94. & Lovanij apud Rutgerum Velpium 1566. 8. & ibid. apud eumdem Typog. 1570. in *Epiſt. Indic. et Japanic.* a pag. 129. atè 134.

Carta eſcrita dos Religioſos de Coimbra em 23. de Dezembro de 1554. na qual relata o fruto eſpiritual, que colhiaõ nas regioens Orientaes os Religioſos da Companhia com huma deſcripçaõ da Cidade de Ormus. Sahio traduzida em Latim, com outras Lovanij apud Rutgerum Velpium 1566. 8. a pag. 482. até 489. & ibi apud eumdem Typog. 1570. 8. in *Epiſt. Ind.* & *Japanic.* a pag. 129. até 134.

Carta eſcrita de Goa no anno de 1556. aos Padres da Companhia de JESUS de Portugal. Conſerva-ſe na Caſa profeſſa de S. Roque, e conſta de 10. paginas.

Deſte Padre fazem mençaõ Sachin. *Hiſt. Societ.* Part. 2. liv. 4. n. 280. Alegamb. *Bib. Societ.* pag. 89. col. 2. e Nicolao Trigault in *Vita Gaſparis Barzæi* liv. 3. cap. 2. Ant. de Leaõ *Bib. Orient.* Tit. 6.

Fr. AYRES CORREA. Natural de Lisboa, filho de Balthezar Correa, e Iſabel de Siqueira Religioſo profeſſo da Ordem dos Prégadores, Meſtre na Sagrada Theologia, Qualificador do Santo Officio, Prior do Convento de Aveiro no anno de 1581. e depois do de Lisboa. Foy hum dos mais doutos interpretes da Sagrada Eſcritura, que teve a ſua idade, como o declaraõ as expoſiçoens, que fez em alguns livros della, ſendo os principaes.

Commentarij in ſeptem priora Capitula libri primi Regum. fol *M. S.*

Commentarij in Prophetam Aggæum. & in Epiſtolas D. Pauli ad Titum, & Philemonem. fol. *M. S.*

Fazem memoria muito breve deſte Author

Fr. Pedro Monteiro *Clauſt. Dom.* tom. 3. pag. 134. e Fr. Lucas de Santa Cather. na *Hiſt. da Prov. de S. Doming. de Portug.* Part. 4. pag. 924.

AYRES DA COSTA Conego da Primacial Igreja de Braga, e Arcipreſte de Barcellos igualmente douto nas reſoluçoens do Direito Pontificio, como nos Ritos, e Ceremonias Eccleſiaſticas, de que foy manifeſto argumento a obra, que dedicou ao Illuſtriſſimo Arcebiſpo de Braga D. Manoel de Souſa, com eſte titulo.

Ceremonial da Miſſa, e modo de adminiſtrar bem os Sacramẽtos da Euchariſtia, & Matrimonio com os Canones Penitenciaes, e outras couſas. Lisboa por Germaõ Galhard 1548. 4.

AYRES FALCAM PEREIRA natural de Evora, donde paſſou a Coimbra a eſtudar Direito Civil, em cuja faculdade fez tantos progreſſos a ſua viva comprehenſaõ, que mereceo ſer laureado com a borla de Doutor neſta ſciencia. Por ſer muito verſado em a Hiſtoria Sagrada, e profana foy nomeado Guarda mór da Torre do Tombo, miniſterio, em que ſuccedeo ao Doutor Antonio Carvalho de Parada, que morreo a 12. de Dezembro de 1655. de quem faremos em ſeu lugar mençaõ. Eſcreveo huma obra Juridica, cujo titulo naõ chegou à noſſa noticia.

AYRES PINHEL naceo em Coimbra, que igualmente ennobreceo com o nacimento, como com o magiſterio. A viveza do engenho, a madureza do juizo, e a felicidade da memoria, que na ſua adoleſcencia ſe admiraraõ, foraõ certos prognoſticos do que havia ſer na idade mais adulta. Levado do grande genio, que tinha para as letras paſſou a Salamanca, onde ouvio por Meſtres da Juriſprudencia Canonica, e Civil aquelles dous grandes Oraculos hum Portuguez, e outro Caſtelhano, Antonio Gomes, e Martim Aſpilcueta Navarro, e com a diſciplina deſtes inſignes Cathedraticos já podia ſer Meſtre, quando era diſcipulo. Neſta Univerſidade recebido o grào de Bacharel paſſou à de Coimbra, onde ſe graduou Doutor na faculdade de Direito Ceſareo, o qual explicou com geral applauſo na Cadeira do Codigo deſde o anno de 1544. até 1548. Para fazer alguma pauſa nas eſpeculaçoens deſta Faculdade paſſou a Lisboa a exercitar com a meſma profundidade a ſua practica no officio de Advogado, porem conhecendo ElRey D. Joaõ o III. que ſe diminuya a mayor parte do eſplendor da Univerſidade com a auſencia deſte grande homem, o mandou com o titulo de Dezembargador da Caſa da Suplicaçaõ ler a Cadeira de Veſpera de que tomou poſſe em 24. de Fevereiro de 1556. No tempo, que dictava neſta Cadeira eraõ innumeraveis os ouvintes, que ancioſamente frequentavaõ a Aula, onde era venerada a ſua ſciencia como de hum oraculo, ſahindo della Varoens inſignes, que acreditaraõ o Eſtado Eccleſiaſtico, e Secular. Sabendo que eſtava vaga a Cadeira de Prima em a Univerſidade de Salamanca paſſou no anno de 1559. a oppor-ſe a ella, onde teve por competidor ao grande Juriſconſulto Manoel da Coſta noſſo Portuguez, e poſto, que lhe levou a palma, conſiderando judicioſamente os Cathedraticos os merecimentos de Ayres Pinhel, lhe conſignaraõ o meſmo ordenado, que recebia Manoel da Coſta, até que por morte deſte lhe ſuccedeu na Cadeira em que baſtava para eterno credito do ſeu magiſterio ter por diſcipulo aquelle Corifeo da Juriſprudencia Franciſco Caldas Pereira, o qual, em diverſas partes das ſuas obras, faz de tal Meſtre agradecida memoria. Neſta Univerſidade onde tinha com univerſal applauſo dos ſeus alumnos paſſado grande parte da ſua vida foy lamentada a ſua morte, que ſe originou da leve ferida de huma faca na maõ eſquerda eſtando aſſiſtindo a hum banquete, a cujo funeſto acaſo lhe fez Joaõ Merula Jurisconſulto o ſeguinte Epicedio.

Hic jacet ille ſolus Pinus ſine frondis honore
Altior, et multo pulchrior ante alias.
Non potuit Boreas tantam ſubvertere molem
Quamvis ſyluam una perdere nocte ſolet.
Nec fuit igniferi proſtrata è fulminis ira;
Aſt ictu exiguo (heu?) læſit iniqua manus.
Ictu uno ille jacet placido ſub tegmine cujus,
Pierides feſſo diſcubuére ſono.
Dulciſonamque lyram doctus pulſavit Apollo
Quam nunc audito conterit interitu.
Sic viſum eſt Superis melior tamen æthera ſupra
Translata exultat pars fruiturque Deo.

Quæ terrena erat truncus manet, atque Camænæ
Contendunt lacrymis, pullulat illa ſuis.

O ſeu nome exaltaraõ com diverſos louvores Joaõ Bautiſta Geminian. *de Uſur.* Comment. 1. ad L. Curabit. *Inter recentiores nemini Juriſ-Conſultorum ſecundus.* Brito de *Locat. et Cond.* Part. 2. §. 2. n. 8. *Egregius Juris Civilis Interpres.* Bened. Pinell. *Select. Jur. Interp.* lib. 2. cap. 8. n. 1. *mature, ac nervoſe, ut ſolet, tuetur patronus meus Arias Pinellus.* Mend. à Caſtr. *in L. cum oportet in Deciſ. oper. de bon. liberor. Inter illius temporis Juriſconſultos eximius vir litteris, et ingenio præſtantiſſimus miro ac eleganti ſtylo de bonis maternis tractatum edidit, ac eleganter conſcripſit.* Solorz. *de Parricidij crimin.* liv. 2. cap. 17. *magni nominis virum.* Joaõ Pinto Ribeiro *Luſt. ao Dez. do Paço* cap. 3. n. 98. Denis Simon *Nouvel. Biblioth. Hiſtoriq. et Chronolog.* Tom. 1. pag. 243. *Nous avons de lui deux Traitès tres-ſolides.* Caldas Pereira Part. 3. *Oper. Emphiteut.* cap. 14. n. 36. *Sed parcant mihi manes doctiſſimi Pinelli præceptoris olim mei in florentiſſima Salmanticenſi Academia, niſi me ſuſcepti operis officium neceſſitaſque compulerit, non auderem certe tanti viri traditionem carpere.* Et Part. 4. cap. 15. in L. ſi Curat. Verb. Læſis. n. 125. e em outras partes lhe chama *doctiſſimus.* Manoel Soar. Ribeira ſeu diſcipulo nas *obſervac.* ao Direito Civil cap. 22. *Arius Pinelus homo mehercle mirifice et ad tractandum, & ad docendum jus natus,* e em outro lugar, *vir juris intelligentia, ingenij acumine, & judicij maturitate ipſis Juriſconſultis priſcis non inferior.* Anton. Quezad. *in Quæſt. Juris: Egregius ille ſenex Arius Pinelus.* Baez. *de Decim. Tut.* cap. 14. n. 4. *vir optimus, virtutis amator inſignis ab exacta deligentia, multaque, et accurata lectione, et gravitate judicij omnia attentius excutientis laude dignus.* D. Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 132. *Juriſconſultus egregius.* Manoel de Faria, e Souſa nos *Comment. das Rim. de Cam.* Tom. 1. pag. 330. o reconhece por bom Poeta. Joaõ Fernandes na Oraçaõ, que fez na Univerſidade de Coimbra quando a foy viſitar o Infante D. Luiz, impreſſa no anno de 1548. diz. *Sed jam tandem juris peritorum claſſem, imo vero totam juriſprudentiam abſolvit Pinellus, non ſolum juris, ſed Juſtitiæ etiam conſultus. Quantus hic in jure Civili ſit, mox audies Princeps Sereniſſime, qui hujus ampliſſimi Ordinis decreto apud te de jure diſputabit ea eruditione, et prudentia, qua jam non ſemel ex hoc ſuggeſto propoſitis ſupra mille theſibus nominis ſui gloria univerſam Hiſpaniam implevit.*

Compoz.

Ad Rubricam, & L. 11. Cod. de reſcindenda venditione Commentarij. Conimbricæ apud Anton. Mariz 1558. fol. & Salmanticæ apud Joan. Bautiſtam à Terranova 1568. fol. com Annotationib. Emmanuel. Soar. da Ribeira. Venetijs apud Damianum Zenerum 1580. 4. Colon. Agrippinæ apud Theodorum Baumium 1573. 8. et Antuerpiæ apud Joan. Keerberg. 1618. fol. Francof. 1696. 8. com Index feito por ſeu diſcipulo Innocencio Sueyro; & ibi ex Officina Egenolphi Emmelij 1614. 8. Rinteli. 1667. 4.

De bonis maternis Commentaria, quibus materiæ ſucceſſionis jura feliciter explicantur. Conimbricæ apud Antonium Maris. 1557. fol. Venetiis apud Jacobum Cornetum 1586. 8. Francof. apud Nicolaum Baſſeum 1587. & ibi apud Egenolphum Emmelium. 1614. 4. Antuerp. apud Joan. Keerbergium. 1628. fol.

Eſtas duas obras ſahiraõ juntas Salmanticæ apud Mathiam Gaſt. 1573. fol. & Antuerpiæ 1621. fol.

Allegatio pro D. Federico de Portugal. Salmanticæ 1562. fol.

Allegatio pro D. Sancio Cardona Aragoniæ. Salmant. eod. an. fol.

AYRES SANCHES, natural de Liſboa donde partio até o Japaõ levado da ambiçaõ de augmentar as riquezas, que poſſuhia, porem vendo os frutos eſpirituaes, que colhiaõ os Padres Jeſuitas naquelle Imperio, lhes pedio com fervoroſas inſtancias que o admitiſſem à ſua Companhia para ſer participante de outros lucros mais precioſos por naõ eſtarem ſogeitos à inconſtancia da fortuna. Deſte heroico dezejo tomou a poſſe no anno de 1561. quando contava trinta, e dous annos de idade. Com incrivel trabalho, e ardente zelo ſe applicou pello dilatado eſpaço de dezoito annos à cultura daquella

vaſta vinha, donde colheo copioſos frutos atrahindo ao ſuave jugo do Evangelho as principaes Peſſoas do Japaõ, e convencendo a cega jactancia dos Bonſos. Morreo em Omura no anno 1590. com 62. de idade. Eſcreveo.

Carta eſcrita em Bungo aos Irmaõs da Companhia de Portugal a 11. *de Outubro de* 1562. Sahio com outras. Evora por Manoel de Lyra 1598. fol. Part. 1. pag. 10. v.º Coimbra por Anton. de Maris, 1570. 4. pag. 267. Traduzida em Caſtelhano pelo Padre Cypriano Soares. Coimbra por Joaõ Alvres, e Joaõ de Barreira 1565. 4. pag. 327. e Alcalá por Juan Inigues de Lequerica 1575. 4. a pag. 121. e em Latim por Maffeo lib. 2. *Epiſt. Ind.* Florentiæ apud Philippum Junctam 1588. fol. e pelo P. Manoel da Coſta lib. 3. *Epiſt. de rebus Japonic.* Colon. apud Gervinum Calanium 1574. 8. a pag. 311. & Moguntiæ apud Sebaldum Mayer. 1571. 8. a pag. 176. v.º

Carta eſcrita de Xiqui a 31. *de Outubro de* 1567.

Carta eſcrita de Firando a 8. *de Settembro de* 1576. Huma, e outra foraõ impreſſas com outras. Evora por Manoel de Lira 1598. Prat. 1. in fol. a primeira a pag. 247. v.º e a ſegunda a pag. 373.

Fazem delle mençaõ Sachino *Hiſt. Societ.* Part. 2. lib. 2. n. 129. e Part. 3. n. 129. e Part. 4. n. 230. Alegamb. *Bib. Societ.* pag. 89. col. 2. Antonio de Leon. *Biblioth. Oriental* Tit. 8. p. 34.

AYRES DA SYLVA. Naceo em Lisboa, e foy filho ſegundo de Ruy Pereira da Sylva Guarda mór do Principe D. Joaõ Pay delRey D. Sebaſtiaõ, Senhor do Morgado de Monchique, e de Izabel da Sylva filha de Joaõ Fernandes da Sylva. Admiraveis foraõ os progreſſos, que em Coimbra fez nos eſtudos Filoſoficos, e Theologicos recebendo com univerſal applauſo o gráo de Meſtre em Artes, e de Doutor em Theologia em 27. de Julho de 1567. Atendendo ElRey D. Sebaſtiaõ ao ſeu grande talento, que ſe fazia mais eſtimavel pela integridade dos coſtumes, o elegeo para huma das baſes fundamentaes do Collegio Real de S. Paulo de Coimbra de que tomou a beca em 2. de Mayo de 1563. De Reytor deſte Collegio paſſou a ſer da Univerſidade, em cujo lugar foy provido em 19. de Novembro de 1564. e o exercitou por eſpaço de cinco annos com ſumma prudencia, e affabilidade. Por ſua direcçaõ inſtituhio na Univerſidade ElRey D. Sebaſtiaõ em o anno de 1568. trinta partidos de vinte mil reis cada hum para trinta Eſtudantes eſtudarem Medicina. Deſgoſtoſo do governo Academico ſupplicou ao Cardeal D. Henrique, que governava o Reyno na menoridade de ſeu Sobrinho, que lhe deſſe ſucceſſor, e attendendo a taõ juſtificada ſupplica o proveo na Igreja de Villaflor, da qual foy promovido para a Epiſcopal da Cidade do Porto, onde entrou em 19. de Mayo de 1573. com exceſſivo jubilo das ſuas ovelhas. Neſte anno veyo a Coimbra a reformar a Univerſidade, que tinha governado com tanta madureza, ſendo recebido à porta da Sala, onde tomou o juramento em 14. de Novembro, pelo Reytor D. Jeronymo de Menezes acompanhado dos quatro Lentes de Prima. O grande conceito, que fazia da ſua peſſoa ElRey D. Sebaſtiaõ o obrigou para que o acompanhaſſe na infeliz expediçaõ de Africa, onde exercitando naõ ſomente as obrigaçoens de ſolicito Paſtor, mas de valeroſo ſoldado, querendo recuperar a artilharia Portugueza ganhada pelos Mouros, acabou glorioſamente a vida na preſença do ſeu Principe em 4. de Agoſto de 1578. e foy ſepultado com os outros Heróes, que infelizmente acabaraõ neſte dia eternamente fatal à Naçaõ Portugueza, onde a ſua memoria lhe ſerve de honorifico epitafio. Compoz.

Diſcurſo ſobre o Cometa, que appareceo em Lisboa a 7. *de Novembro de* 1577. *até* 12. *de Janeiro de* 1578.

Deſte Prelado eſcrevem Jeronymo de Mendoça na *Jornada de Africa* lib. 1. cap. 6. Manoel de Souſa Moreira *Theat. Geneal. da Caſa de Souſ.* pag. 738. dizendo *D. Manoel de Menezes Obiſpo de Coimbra, Ayres da Sylva Obiſpo del Porto, que en aquel cruento Sacrificio quizieron ſer antes Victimas, que Sacerdotes.* O Illuſtriſſimo D. Rodrigo da Cunha *Cathal. dos Biſpos do Porto* Part. 2. cap. 37. D. Luiz Salazar y Caſt. *Hiſt. dela Caſa de Sylva* liv. 8. cap. 19. *Logró la primera eſtimacion entre todos los doctos.... en la dulçura de ſu govierno, integridad de ſus coſtumbres experimentaron*

ſus ſubditos um benigniſſimo Paſtor. Cabrer. *Hiſt. de Filip.* 2. liv. 12. cap. 8. pag. 997. D. Nicol. de S. Maria *Chron. dos Coneg. Reg.* Part. 2. liv. 10. c. 15. n. 7. Coneſtagio *Union de Portug. a Caſtil.* liv. 2. fol. 37. Mouſinh. de Quevedo *Affonſ. Afric.* Cant. 11.

Fermoſo Sylva, que em ſeu ſangue abſorto
De purpura o Roxete, Elmo a Tiara,
Fez de ſi ſacrificio, e lá no Porto
A Deos por quem morreo, ſacrificara.

D. Jozé Barboſa nas *Mem. do Colleg. Real de S. Paul.* pag. 77. e no *Archiathæn. Luſitan.* pag. 120.

Arius antiquæ gentis ſplendore coruſcans
Sylviæ ab auguſto quæ ducit nomen Julo.
Tanta eſt egregio virtus in pectore Pauli
Ut ſimul, & Cætus, celebris que Academia legum
Audiat à Sylva veneranda Oracula magno.
Inſpice quanta virum jam præmia digna ſequantur.
Præſul erit veteris Durius quam concitus Urbis
Fluctiſonis fæcũdat aquis, & vitibus ornat.
Dum tamen implerit Paſtoris munia juſti,
Sollicituſque gregem documentis paverit æquis
Æquora ſulcabit juvenis ſinuoſa Sebaſtus
Quem rapit incerti ſublimis gloria Martis.
Arius occumbet ſocius qui à Rege vocatus
Pro patria pugnans facta exæquabit avorũ.
Mucroni baculus, galeæ ſacra infula cedet,
Bellica dumq̃ vigil recipi tormenta laborat,
Occumbit morti Lybicis tumulandus arenis.

AYRES TELLES DE MENEZES, filho ſegundo de Fernaõ Telles de Menezes quarto Senhor de Unhaõ, Commendador de Ourique em a Ordem de Saõ Tiago, Mordomo mòr da Rainha D. Leonor mulher delRey D. Joaõ o II. e de D. Maria de Vilhena filha de Martim Affonſo de Mello Alcayde mòr de Olivença, Guarda môr dos Reys D. Duarte, e D. Affonſo V. Foy ornado de admiraveis dotes, que ſe illuſtravaõ com o eſplendor do ſeu nacimento, ſendo taõ perito na Poeſia, como deſtro na Luta, muito uſada naquella idade pelas Peſſoas da ſua Jerarchia, para cujo exercicio o dotou a natureza de forças extraordinarias. Acompanhou a ElRey D. Joaõ o II. quando para remedio da infermidade, que padecia, foy buſcar as Caldas do Algarve, e em Monchique ſe divertio eſte Principe vendo lutar a Ayres Telles ſahindo glorioſamente vencedor de todos os Contendores. Com grande affecto, e naõ menor ſentimento aſſiſtio em Alvor à morte daquelle Monarcha no anno de 1495. Deſenganado das glorias mundanas ſe recolheo à Religiaõ do Patriarcha Serafico, onde acabou piamente a vida. Fazem memoria do ſeu nome Reſende *Chron. delRey D. Joaõ o II.* cap. 208. e 218. D. Luiz Salazar, e Caſt. *Hiſt. Geneal. da Caſa de Sylv.* Part. 2. liv. 9. cap. 1. pag. 328.

Algumas das ſuas Poeſias imprimio no ſeu *Cancioneiro* Garcia de Reſende impreſſo em Lisboa por Herman de Campos. 1516. fol. e eſtaõ a fol. 80. v.º 149. v.º 145. 150. 152. 154. 176. v.º 177. 178. v.º 179. v.º 181. v.º 198. e 199.

AYRES VARELLA, natural da Cidade de Elvas na Provincia do Alentejo. Na Univerſidade de Coimbra depois de eſtudar Direito Pontificio recebeo o gráo de Doutor neſta faculdade. Sendo Conego Doutoral na Sé da ſua patria, e Comiſſario da Bulla da Cruzada, o elegeo por Vigario Geral D. Manoel da Cunha Biſpo da meſma Dieceſe, em cujo lugar exercitou a juſtiça, que era propria de hum Miniſtro Eccleſiaſtico. Foy muito verſado na Hiſtoria, aſſim ſagrada, como profana. Morreo na ſua patria no anno de 1665. Para teſtemunhar o leal affecto, com que eſtimava os triumfos alcançados pelas noſſas armas contra as Caſtelhanas no tempo, que ſe acclamou o Sereniſſimo Rey D. Joaõ o IV. eſcreveo.

Succeſſos, que houve nas fronteiras de Elvas, Olivença, Campo mayor, e Ouguella o primeiro anno da recuperaçaõ de Portugal, que começou no primeiro de Dezembro de 1640. *e fez fim em o ultimo de Novembro de* 1641. Lisboa por Domingos Lopes Roſa 1642. 4.

Succeſſos, que houve nas fronteiras de Elvas, Olivença, Campo Mayor, e Ouguella o ſegundo anno da recuperaçaõ de Portugal, que começou em o primeiro de Dezembro de 1641. *e fez fim em o ultimo de Novembro de* 1642. Lisboa pelo meſmo Impreſſor 1643. 4.

Deixou *M. S.*

Theatro das Antiguidades de Elvas com a hiſtoria da meſma Cidade, e deſcripçaõ das terras da ſua Comarca em folha. Conſtava de ſeis livros. 1. *deſde os Celtas ſeus fundadores até a poſſuirem os Mouros.* 2. *delRey D. Affonſo Henriquez até D. Fernando.* 3. *de ElRey D. Joaõ I. até D. Affonſo V.* 4. *deſde ElRey D. Joaõ o II. até D. Manoel.* 5. *deſde ElRey D. Joaõ o III. até Filippe IV.* 6. *deſde ElRey D. Joaõ o IV. até o cerco do Tarracuſa.* Por carta do author eſcrita em Elvas a 9. de Janeiro de 1647. a Jorge Cardoſo lhe diz, eſtar acabando eſta obra, da qual eſcreve D. Franciſco Manoel de Mello na 1. *Part. das Cartas Familiares Centur.* 3. *Carta* 62. *Quem muito quizer ſaber das ſuas memorias* (da Cidade de Elvas) *e antigualhas ſatisfará ſeu dezejo vendo o douto, e deligente Livro, que da ſua hiſtoria tem compoſto o Doutor Ayres Varella filho benemerito daquella Cidade, Governador do ſeu Biſpado, e Vigario Geral delle,* e na Carta. 1. da Centur. 4. *muito digno de eſtimaçaõ em todos ſeus eſcritos ſejaõ relaçoens, ou antiguidades.*

Vita D. Sebaſtiani de Mattos de Noronha Epiſcopi Elvenſis. Cujo original ſe conſerva na Livraria do Conde de Vimieiro como teſtemunha o Excellentiſſimo Conde da Ericeira no *Cathalogo,* que fez dos *M. S.* daquella Livraria, e ſahio parte delle impreſſo na *Colleçaõ dos Documentos da Academia Real do anno de* 1724.

Genealogia de todas as familias do Biſpado de Elvas, a qual ſe conſervava em poder de Diogo Gomes de Figueiredo, que foy muito douto neſte genero de eſtudo.

D. ALBERTO DA ASSUMPÇAM FRIQUE, filho de Joaõ Frique, e D. Clara Piper naceo em Lisboa a 16. de Junho de 1691. Recebeo o habito de Conego Regrante de Santo Agoſtinho no Convento da Serra da Cidade do Porto a 6. de Mayo de 1706. Depois de eſtudar Filoſofia, e Theologia no Collegio de Coimbra com grande credito do ſeu talento ſahio a ſer Reytor da Igreja de Saõ Salvador de Penajoya no Biſpado de Lamego, de que tomou poſſe em 29. de Julho de 1725. cujo miniſterio exercita com zelo de vigilante Paſtor, naõ ſendo inferior a eſte o que manifeſta no pulpito com grande applauſo dos ouvintes. Imprimio.

Oraçaõ funebre prègada na Santa Sé de Lamego nas Exequias do Excellentiſſimo D. Nuno Alvares Pereira de Mello, primeiro Duque do Cadaval, quarto Marquez de Ferreira, quinto Conde de Tentugal &c. mandadas celebrar por ſeu filho o Illuſtriſſimo, e Reverendiſſimo D. Nuno Alvares Pereira de Mello Biſpo de Lamego em 19. *de Fevereiro de* 1727. Coimbra por Manoel Carvalho 1727. 4.

Oraçaõ funebre prègada no Convento de Jeſus Maria Joſeph das Religioſas de Santa Clara de Barrò, nas Exequias de D. Nuno Alvares Pereira de Mello primeiro Duque do Cadaval em 28. *de Março de* 1727. Coimbra por Bento Ferreira Seco 1727. 4.

D. ALBERTO CAETANO DE FIGUEYREDO. Naceo na Villa de Santarem a 24. de Mayo de 1699. e teve por Pays a Manoel de Figueiredo Vaz, e Mariana da Coſta. Na idade da adoleſcencia foy admittido à Religiaõ dos Clerigos Regulares, e na Caſa de N. Senhora da Divina Providencia deſta Corte recebeo a Roupeta a 8. de Abril de 1720. donde a 13. do dito mez partio para a India, e na Caſa de Goa, fez a profiſſaõ ſolemne a 22. de Setembro de 1721. Pelo eſpaço de quatorze annos exercitou com igual zelo, que fruto dos ouvintes o apoſtolico miniſterio de Miſſionario, atè que voltando para o Reyno mereceo naõ ſomente pela ſua affabilidade ſer elevado ao lugar de Prepoſito, que actualmente exercita, mas a eſtimaçaõ pelo talento, que tem para o pulpito, de que he teſtemunha a ſeguinte obra.

Panegyrico Funebre nas Exequias de Joaõ de Souza Mexia Cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto, Secretario da Junta da Sereniſſima Caſa de Bragança, e do Infantado, e Eſcrivaõ da Fazenda da meſma Caſa celebradas pela Meſa do Santiſſimo Sacramento da Freguezia das Merces a 24. *de Julho de* 1738. Lisboa na Officina Sylviana da Academia Real. 1738. 4.

Fr. ALBERTO DE FARIA, e naõ de Farias, como lhe chama Nicoláo Antonio in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 5. col. 1. e preterido por Fr. Manoel de Sá nas ſuas *Memor. Hiſtor.*

dos Eſcrit. Portug. do Carmo, cujo habito recebeo na Provincia de Portugal, onde aprendeo Filoſofia, e Theologia, e ſahio taõ douto neſtas faculdades, que o julgou digno Fr. Joaõ Bautiſta Rubeo Geral da Ordem quando no anno de 1556. andava viſitando as Provincias de Eſpanha, de o levar em ſua companhia para que as dictaſſe em Andaluſia, ſendo o primeiro Meſtre, que neſta Provincia leo Theologia, como affirma Manoel de Faria, e Souza na *Europ. Portug.* Tom. 3. Part. 4. cap. 8. n. 102. o qual miniſterio exercitou com geral acclamaçaõ, ou foſſe enſinando, ou arguindo. A grande opiniaõ que corria da profundidade das ſuas letras moveo a D. Pedro Giron Duque de Oſſuna para o nomear Lente de Eſcritura na Univerſidade de Oſſuna. Occupou os mayores lugares da ſua Ordem, ſendo duas vezes Provincial; a primeira no anno de 1571. e a ſegunda no anno de 1596. Depois de tolerar com paciencia huma dilatada infermidade cheyo de merecimentos com mais de 80. annos morreo em Valladolid. Delle ſe lembraõ Marco Antonio Alegre in *Parad. Carm. Dec.* Imbonat. in *Bib. Lat. Hebraic.* pag. 300. n. 914. Jacobo Lelong. in *Biblioth. Sacra* pag. 721. col. 1. Deixou *M. S.*

Rerum Theologicarum duo Volumina. fol.

Dialogorum Volumen in quibus Sanctæ Scripturæ Hebraiſmi, & Græciſmi ſatis ſubtiliter enodantur. fol.

Livro das Sentenças, e outros papeis neceſſarios. fol.

Regimento para o Reverendo D. Abbade Geral deſte Moſteiro de Alcobaça fazer as eleiçoens das Juſtiças, Capitaens das Companhias, e outros Officiaes da Milicia. fol.

D. ALBERTO DE S. GONÇALO, veja-ſe D. ALBERTO DA SYLVA.

Fr. ALBERTO DE S. JOSEPH natural do Lugar de Porto de Mòs, do Biſpado de Leyria. No Real Convento de Alcobaça veſtio a Cogulla Ciſtercienſe em 24. de Fevereiro de 1668. Pela grande capacidade de que era dotado para tratar os negocios pertencentes à ſua Congregaçaõ foy eleyto Procurador Geral, cujo lugar adminiſtrou por muitos annos com ſummo zelo, e cuidado. Naõ foy menor o diſvello que practicou no miniſterio de Carturario revolvendo com incanſavel trabalho as Eſcrituras, e documentos do Archivo de Alcobaça para delles extrahir as obras ſeguintes, que *M. S.* nelle ſe conſervaõ.

Fr. ALBERTO DA NATIVIDADE. Naceo na Cidade de Evora, e profeſſou o Inſtituto de Carmelita Calçado, do qual naõ faz mençaõ Fr. Manoel Sá nas ſuas *Mem. hiſt. dos Eſcritores deſta Provincia.* Foy Meſtre de Theologia na Univerſidade de Coimbra, e Reitor do Collegio do Carmo da meſma Cidade, onde dictou aos ſeus domeſticos as ſciencias Eſcolaſticas com grande credito do ſeu nome. Compoz.

De Juſtitia Dei, cuja obra naõ ſahio à luz publica por lho impedir a morte.

D. ALBERTO DA SYLVA. Naceo na Villa de Amarante em o anno de 1635. e teve por Pays a Franciſco da Sylva de Vaſconcellos, e a D. Maria da Pinha Pinto deſcendentes das mais nobres Familias da Provincia de Entre Douro, e Minho. Na tenra idade de quinze annos recebeo o Canonico habito de S. Agoſtinho em o Real Convento de Saõ Salvador de Grijò a 16. de Março de 1650. onde em obſequio de Saõ Gonçalo ſeu inſigne patricio tomou por apellido o nome deſte Thaumaturgo Portuguez, que depois mudou em o da ſua familia, quando foy aſſumpto a Arcebiſpo de Goa. Foy dotado de huma viveſa extraordinaria para comprehender as difficuldades aſſim da Filoſofia, como da Theologia, de tal ſorte, que todo o tempo que frequentou as Eſcolas ou como diſcipulo, ou como Meſtre mereceo univerſaes applauſos. Tendo exercitado o lugar de Procurador Geral da ſua illuſtre Congregaçaõ, de Prior do Real Convento de Saõ Vicente duas vezes, e de inſigne Pregador nos mais authorizados Pulpitos deſta Corte o nomeou, em atençaõ aos ſeus grandes merecimentos, a Mageſtade delRey D. Pedro II. Arcebiſpo Primaz do Oriente, cuja dignidade naõ permitio a morte, que a adminiſtraſſe mais que pello breve eſpaço de hum anno, como conſta do Epitafio, que ſe vé gravado na ſua ſepultura, que eſta

no Presbiterio da Capella Mór da Cathedral de Goa neſtas palavras.

Sepultura de D. Alberto da Sylva Conego Regrante de Santo Agoſtinho, Arcebiſpo Primas da India. Chegou do Reyno a eſte Eſtado aos 21. de Settembro de 1687. Falleceo aos 8. de Abril de 1688. Depois do ſeu obito ſahio para Governador deſte Eſtado.

Publicou com o nome de D. Alberto de Saõ Gonçalo.

Sermaõ pregado no Convento de Saõ Domingos deſta Cidade na feſta, que ſe fez da Beatificaçaõ do Grande Summo Pontifice Pio V. em 9. de Outubro de 1672. Lisboa por Franciſco Villela. 1673. 4.

ALEIXO DE ABREU. Naceo no lugar das Alcaçovas da Provincia do Alentejo. Sendo de nove annos paſſou à Univerſidade de Evora, onde aprendeo a lingua Latina, Rhetorica, e Filoſofia, em cuja faculdade recebeo o grão de Meſtre. Mais obediente à inclinaçaõ do genio, que à vontade de ſeu Pay partio para Coimbra a eſtudar Medicina donde ſatisfeito com o eſtipendio Real, que ſe coſtuma dar aos Eſtudantes pobres, ouvio aos mayores profeſſores daquella arte, ſendo o principal Balthezar de Azeredo, que era o Hipocrates daquella idade, e fez nella taes progreſſos, que com univerſal aclamaçaõ recebeo o gráo de Licenciado. Com igual fortuna, que ſciencia começou a exercitar eſta Arte na Provincia do Alentejo, como na Corte de Lisboa, merecendo, que o elegeſſe para ſeu Medico Affonſo Furtado de Mendoça, quando foy governar o Reyno de Angola. Neſte clima taõ nocivo à conſervaçaõ da ſaude obrou curas prodigioſas naõ ſendo menos capaz para curar os corpos, de que para manejar as Armas, pois quando ſe offerecia alguma occaſiaõ militar exercitava as obrigaçoens de valeroſo Soldado, e prudente Capitaõ, como em ſeu applauſo cantou D. Franciſco Manoel

Mas em tanto conſidero
Qual más deve a tu valor
Por Soldado, y por Doctor
Si la pluma, ſi el azero.
Pues, que uno y otro eſtado
Cabe en un ſujeto ſolo
Talvez ſiendo armado Apolo;
Talvez Marte graduado.

Paſſados nove annos ſe reſtituhio a Lisboa em 1606. onde curando com ſumma felicidade muitos achaques rebeldes, e inueterados, foy eleyto Medico da Camara delRey Felipe III. Padecendo huma perigoſa infermidade no anno de 1614. ſendo deſamparado pellos Medicos por incuravel, elle meſmo ſe curou, e perfeitamente convaleceo manifeſtando os males, que padecera no titulo deſta obra.

Tratado delas ſiete enfermedades de la inflamacion univerſal del higado, ſirbo, Pilderon, y riñones, y dela obſtrucion dela ſitiarizi, y febre maligna, y paſſion hypocondriaca. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1622. 4.

No fim deſte livro traz hum tratado do mal de Loanda ſendo o primeiro Portuguez que delle eſcreveo. Morreo em Lisboa no anno de 1630. com 62. de idade. Eſtá ſepultado no Clauſtro do Convento de Lisboa dos Religioſos Capuchos de Santo Antonio com eſte epitafio.

Sepultura do Licenciado Aleixo de Abreu, e ſeus herdeiros, Medico de ſua Mageſtade, e deſte Convento.

He numerado entre os inſignes Medicos por D. Franciſco Manoel na Carta eſcrita a Manoel da Fonſeca Themudo.

Fr. ALEIXO DE SANTO ANTONIO natural da Villa de Punhete do Arcebiſpado de Lisboa. Depois de alcançar o gráo de Bacharel na faculdade dos Sagrados Canones em a Univerſidade de Coimbra recebeo o Habito da Ordem Regular, e Militar de Chriſto no Real Convento de Thomar a 6. de Janeiro de 1583. Por ſer verſado em todo o genero de virtudes foy eleyto Meſtre dos Noviços, cujo miniſterio exercitou pelo largo eſpaço de trinta annos com grande credito da ſua Peſſoa. Foy Reytor do Collegio de Coimbra, e Definidor da Ordem. Quando as ſuas graves occupaçoens lhe permitiaõ algum deſcanſo, ſe ocupava na liçaõ dos livros, em que achava o ſeu unico alivio. Morreo no Convento de Thomar na provecta idade de noventa annos a 7. de Dezembro de 1648. Compoz.

Commentarios ſobre os Evangelhos, que ſe coſtumaõ cantar na Igreja Romana nos Domingos do Advento, e da Septuageſima até a Dominga

de Paſchoa; como tambem em algumas Ferias, e Feſtividades de Santos. Coimbra por Diogo Gomes Loureiro 1610. 4.

Filoſofia moral colhida dos Proverbios. Coimbra pelo meſmo Impreſſor 1640. 4. Delle faz memoria Antonio Carvalho da Coſta *Corograf. Portug.* Tom. 3. Trat. 4. cap. 1. pag. 162.

Fr. ALEIXO COTRIM Religioſo da Militar Ordem de Chriſto no Real Convento de Thomar taõ inſigne na Theologia, como na intelligencia da Sagrada Eſcritura, de que ſaõ teſtemunhas as obras ſeguintes, de que faz mençaõ Antonio Carvalho da Coſta na *Corog. Port.* Tom. 3. Trat. 4. cap. 1. pag. 162.

Commentaria in Evangelia. Fol. *M. S.*

Diſcurſos ſobre as Domingas da Quareſma. M. S.

D. ALEIXO DE MENESES foy filho de D. Pedro de Meneſes primeiro Conde de Cantanhede, e de ſua ſegunda mulher D. Beatriz de Mello filha do Chanceller mór Ruy Gonçalves de Alvarenga. Ainda que naõ fora taõ fecunda a illuſtre, e antigua arvore dos Menezes baſtava eſta unica producçaõ para ſervir de Coroa à portentoſa fertilidade de ſeus frutos. Querendo a natureſa formar na ſua peſſoa huma perfeita imagem da heroycidade diſpoz, que ſahiſſe à luz do mundo em terceiro lugar, ſervindo-lhe a formaçaõ de dous Jrmaõs, que lhe precederaõ, de enſayo para acertar em huma obra, que lhe cuſtava tanto diſvelo. Naõ foy menor o engenho com que a Graça, em emulaçaõ da natureza, ornou o ſeu eſpirito, communicando-lhe todo o genero de virtudes, que religioſamente praticou deſde a infancia até a ultima idade, pellas quaes ſe fez digno da veneraçaõ dos Principes, e do reſpeito dos Grandes. Ainda contava poucos annos, quando colheo glorioſas palmas na celebre Conquiſta de Azamór conſeguida no anno 1513. em cuja expediçaõ, que foy o preludio das ſuas militares proeſas, naõ ſómente ſe oſtentou companheiro, mas emulo do valor de ſeu grande Tio D. Joaõ de Menezes. Depois de ter aſſombrado a Africa com acçoens dignas do ſeu nacimento buſcou mayor theatro para exercitar os marciaes eſpiritos, que lhe animavaõ o peito, paſſando à India com o Governador Lopo Soares de Albergaria, onde occupando o poſto de Capitaõ de huma eſquadra de outo navios, em que diſcorreo pela Coſta da Arabia, e ſer Almirante da armada, que no mar roxo foy buſcar ao Soldaõ da Babilonia, ſe coroou com multiplicados triumphos, já na Conquiſta de Zeila na Coſta da Etiopia, já obrigando a ElRey de Bintaõ a levantar o cerco de Malaca tomando-lhe para teſtemunha da victoria o Forte de Muar guarnecido com ſetenta peças, já no Socorro de Coulaõ reduzido ao ultimo perigo. Carregado de tantos trofeos ſe reſtituhio ao Reyno, onde conhecendo ElRey D. Joaõ o III. que era igual a capacidade do ſeu juizo à valentia do ſeu braço, o mandou paſſar ſegunda vez a Africa para reformar, e prover os preſidios de Arzilla, Azamór, e Tanger, de que eraõ Capitaens D. Joaõ Coutinho Conde do Redondo, o Conde do Prado, e D. Alvaro de Abranches, cuja commiſſaõ executou com ſumma prudencia. A fama das proeſas, que obrara no Oriente, o habilitou para ſer eleito Governador de taõ grande Eſtado, cujoa uthorizado lugar naõ exercitou por querer D. Joaõ o III. ſervir-ſe do ſeu talento em outros miniſterios, de que reſultava mayor gloria à Coroa, como foraõ ſer Embaxador à Mageſtade Ceſarea de Carlos V. e concluir no anno de 1542. os auguſtos deſpozorios da Princeza D. Maria com o Principe de Caſtella D. Filipe ſendo Conductor deſta Senhora com o lugar de ſeu Mordomo mór. Naõ he facil de explicar a grande eſtimaçaõ, que o Ceſar Auſtriaco, e Filipe II. fizeraõ da ſua Peſſoa chegando a tal exceſſo, que por nomeaçaõ deſtes dous Monarchas foy eleyto Padrinho do Principe D. Carlos, o qual para nunca ſe eſquecer da veneraçaõ de que era digno o mandava viſitar todos os annos. Naõ houve lugar honorifico para que o naõ achaſſe capaz a eleyçaõ delRey D. Joaõ o III. nomeando-o Ayo de ſeu filho o Principe D. Joaõ, que elle modeſtamente recuſou lembrado do agudo ſentimento, que ainda conſervava pela intempeſtiva morte da Princeza D. Maria. O meſmo Monarcha o creou Mordomo mór de ſua Eſpoſa a Raynha D. Catherina, cujo officio

adminiſtrou com ſumma gravidade. Ultimamente deixou o meſmo Principe por legado politico no ſeu Teſtamento, que foſſe Ayo de ſeu Neto o Principe D. Sebaſtiaõ querendo ainda depois de morto eternizar o nobre conceito, que fizera quando vivo dos merecimentos de taõ grande Vaſſalo. Neſta incumbencia deſcobrio os mayores dotes de que ſe ornou o ſeu eſpirito intentando formar naquelle Principe entregue ao ſeu vigilante cuidado huma perfeita Imagem da Mageſtade inſinuandolhe com affectuoſa fidelidade, e grave madureza os dictames neceſſarios para abraçar as virtudes, e abominar os vicios, de que coſtumaõ ſer fautores os Palacianos. Muitas vezes ſe valia da ſeveridade para reprimir os violentos impulſos daquelle Principe, que já em idade taõ tenra degeneravaõ em exceſſos; em outras uzava de benevolencia atrahindolhe ſuavemente a vontade quando repugnava ceder da ſua obſtinaçaõ. Como ſempre atendeo mais pella gloria do Reyno, que pella propria conveniencia, nunca aceitou merce alguma affirmando, que em quanto foſſe Ayo delRey D. Sebaſtiaõ, naõ pediria, nem aceitaria algum premio por naõ ſe atribuir menos ao ſeu merecimento, que à liberalidade Real. Deſte heroico deſintereſſe ſerá eterno teſtemunho a ſingular modeſtia com que recuſou o Condado de Villa de Rey dizendo, que era pobre para taõ authorizado titulo poſſuindo unicamente a Alcaydaria mór de Arronches, que ſe lhe deu em ſatisfaçaõ de huma Comenda, que ſe tirára a ſeu filho. Foy valeroſo Capitaõ, prudente Embaxador, conſummado Politico, e em taõ diverſos miniſterios preferio a honra ao intereſſe, a benevolencia à ſeveridade, e a verdade à lizonja. Feliz ſeria o reynado delRey D. Sebaſtiaõ ſe por mais tempo fora diſcipulo da ſua eſcola, mas como eſtava determinada por mais alta providencia a ruina daquelle Principe, permitio, que lhe faltaſſe taõ grande Vaſſalo, que cheyo de virtudes, e de annos acabou a vida tranſitoria para começar a eterna em 7. de Fevereiro de 1569. Foy caſado duas vezes, a primeira com D. Joanna de Menezes ſua Sobrinha filha de D. Henrique de Noronha, de cujo deſpozorio teve a D. Luiza de Menezes, que caſou com D. Pedro de Menezes outavo Senhor de Cantanhede, a qual morreo de parto ſem filhos. Dezejãdo ElRey D. Joaõ o III. que ſe eternizaſſe a memoria de D. Aleixo na poſteridade, ficando reproduzido na ſua deſcendencia, lhe ordenou que paſſaſſe a ſegundas vodas, quando contava 75. annos de idade. Obedeceo ao Real preceito cazando com D. Luiza de Noronha filha de D. Alvaro de Noronha, de quem teve numeroſa ſucceſſaõ ſendo o primogenito D. Luiz de Menezes, que na florente idade de vinte, e trez annos acabou infelizmente na batalha de Alcacer: o ſegundo foy D. Alvaro de Menezes pagem da Campainha delRey D. Sebaſtiaõ, que caſou com D. Violante de Tavora filha de D. Vaſco da Gama Conde da Vidigueira; terceiro D. Pedro de Menezes, que deſprezando o mundo ſe recolheo na Religiaõ dos Eremitas de Santo Agoſtinho, do qual logo faremos larga mençaõ. A eſtes tres filhos ſeguiraõ duas filhas, que foraõ D. Beatriz, que morreo na infancia, e D. Mecia, que caſou com D. Luiz Coutinho quarto Conde do Redondo.

Notaveis foraõ os pareceres politicos, que em diverſas occaſioens compoz D. Aleixo de Menezes, em que ſe deſcobrio ſempre a rectidaõ do ſeu juiſo, e a fidelidade do ſeu zelo, aſſim para a boa educaçaõ delRey D. Sebaſtiaõ, como para augmento, e conſervaçaõ deſta Monarchia, dos quaes unicamente chegaraõ à noſſa noticia os ſeguintes.

Voto acerca da qualidade da Peſſoa, que devia ſer eleita para Meſtre delRey D. Sebaſtiaõ Impreſſo na *Chron. deſte Principe,* que ſahio em nome de D. Manoel de Menezes cap. 25. Lisboa na Officina Ferreiriana. 1730. fol. e nas minhas *Memor. Hiſt. delRey D. Sebaſt.* Part. 1. liv. 1. cap. 15. n. 131. que ſahiraõ em Lisboa por Jozé Antonio da Sylva. 1736. 4.

Diſcurſo acerca de ter ſido eleito por Cõfeſſor delRey D. Sebaſtiaõ o P. Luiz Gonſalves da Camera, que era ſeu Meſtre. Impreſſo na *Chron.* já allegada. cap. 113. e nas minhas *Memor. Hiſt.* liv. 2. cap. 22. n. 166. deſde pag. 620. até 628.

Practica feita a ElRey D. Sebaſtiaõ no dia antecedente à ſua Coroaçaõ. Sahio impreſſa na *Chron.* allegada cap. 126. e na *Hiſtoria Sebaſtic.* liv. 1. cap. 16. compoſta pelo Reverendiſſimo Padre Fr. Manoel dos Santos Monge Ciſtercienſe Chroniſta de Sua

Mageſtade, e Academico Real, impreſſa Lisboa por Antonio Pedroſo Galraõ 1735. fol. o qual eſcreve no liv. 1. cap. 2. da dita Hiſtoria. *D. Aleixo de Menezes de idade madura, e capaz da importante confiança, que fizeraõ do ſeu juizo os dous Principes* (D. Joaõ o III. e Carlos V.) *porque foy de grande valor nas armas, diſcreto, e prudente nas acçoens politicas.* Franciſco de Santa Maria no *Anno Hiſtoric, e Diar. Portug.* pag. 170. e 171. *Foy de grande modeſtia, e temperança, como bem moſtrou naõ querendo aceitar o titulo de Conde de Villa de Rey;* e fallando da Practica que fizera a ElRey D. Sebaſtiaõ diz que *corria com ſingular eſtimaçaõ nas mãos dos curioſos.*

D. Fr. ALEIXO DE MENEZES, ou de JESUS, foy hum dos Aſtros, que illuſtraraõ a famoſa Cidade de Lisboa, onde naceo em 25. de Janeiro de 1559. Foraõ ſeus illuſtres Pays D. Aleixo de Menezes Ayo de ElRey D. Sebaſtiaõ, de quem aſſima fizemos larga, ainda que diminuta memoria, e D. Luiza de Noronha filha de D. Alvaro de Noronha Capitaõ de Azamor. A primeira eſcola, que frequentou, foy o Palacio, onde pela innocencia dos coſtumes, e affabilidade do genio lhe era ſummamente affecto ElRey D. Sebaſtiaõ, mas conſiderando, que daquella paleſtra andavaõ fugitivas as virtudes, ſe deliberou a deſprezar todas as eſperanças fundadas no eſplendor do ſeu nacimento, e na inclinaçaõ do ſeu Principe, buſcando para taõ heroica reſoluçaõ, ſómente conſigo conſultada, a illuſtre Religiaõ dos Eremitas de Santo Agoſtinho, onde no Convento de N. Senhora da Graça de Lisboa recebeo o habito em 24. de Fevereiro de 1574. das mãos de D. Fr. Agoſtinho de Caſtro, a quem ſuccedeo na dignidade Primacial de Braga. Notavel foy a conſternaçaõ, que cauſou nos ſeus parentes eſta deliberaçaõ de D. Aleixo, chegando a taes exceſſos, que o queriaõ deſpojar violentamente do habito, porem toda eſta tormenta ſe ſerenou conſiderando com mayor reflexaõ, que naõ tinhaõ dominio nas acçoens de hum filho, que já eſtava adoptado por outro mais illuſtre Pay. Em o Noviciado ſe moſtrou taõ exacto obſervador dos Eſtatutos, que ſervia de eſtimulo, e de confuzaõ aos ſeus companheiros. Depois de profeſſo, quando contava dezoito annos, paſſou a Coimbra para ſer inſtruido nas faculdades de Filoſofia, e Theologia, onde crecia igualmente no eſtudo das letras, que no exercicio das virtudes, preferindo ſempre a ſciencia dos Santos a todas aquellas, que tem a ſua raiz na gloria mundana. O talento do juizo acompanhado da innocencia da vida o fizeraõ ſubir a diverſos lugares da Ordem, como foraõ Prior dos Conventos de Torres Vedras, Santarem, e Lisboa, e ultimamente a Difinidor. Conhecendo Filippe Prudente as qualidades heroicas, que ſe veneravaõ na ſua peſſoa, o nomeou Arcebiſpo de Goa para com as luzes da ſua ſabedoria allumiar o berço do Sol. Repugnou por algum tempo aceitar eſta dignidade, até que obrigado do preceito Real foy ſagrado a 26. de Março de 1595. no Convento de N. Senhora da Graça, e recebeo o Pallio das maõs do Arcebiſpo de Lisboa o Illuſtriſſimo D. Miguel de Caſtro. Sem dilaçaõ partio para a India, e chegando proſperamente a Goa em Settembro de 1595. começou a exercitar as obrigaçoens Paſtoraes prègando com elegante efficacia, confeſſando com ardente charidade ainda àquelles, que eſtavaõ prezos, ou que remavaõ nas galés, e celebrando Synodo Provincial, com que ſe reformaraõ muitos abuſos, que a liberdade militar inficionada com a comunicaçaõ dos Gentios tinha introduzido no Oriente. Levantou dous recolhimentos para nelles ſe conſervar inviolavel a honeſtidade das donzellas. Fundou o Convento de Santa Monica de Goa, para cujas Religioſas compoz as Conſtituiçoens, nas quaes eſtá reſpirando o ardor do ſeu prudentiſſimo eſpirito. Naõ ſe limitou o ſeu apoſtolico zelo ao Continente de Goa, antes parecendo-lhe pequena esfera para o ſagrado fogo, que lhe ardia no coraçaõ, ſe dilatou pelo immenſo eſpaço das Regioens Orientaes. Aos moradores de Socotorá, em o nome Chriſtaõs, e na profiſſaõ Gentios, mandou dous Miniſtros Evangelicos para os inſtruir na Fé do Crucificado, e deſtinou outros dous para illuſtrar a cegueira dos Scismaticos chamados de S. Joaõ ſituados nos confins da Arabia Deſerta, os quaes com o ſeu Patriarcha abjurâraõ os delirios da ſua crença. Suſtentou na Fê Romana aos Abexins deſcendentes dos Chriſtaõs, que acompanharaõ ao

inſigne Capitaõ D. Chriſtovaõ da Gama quando foraõ ſocorrer ao Emperador daquelle Eſtado. Com as ſaudaveis aguas do Bautiſmo purificou as manchas de quatro Principes Orientaes. Entre taõ illuſtres acçoens, que obrou o ſeu zelo paſtoral, certamente a mayor foy, a que peſſoalmente emprendeo, e felizmente conſeguio reduzindo na Serra do Malabar ao gremio da Igreja Romana os Chriſtaõs de S. Thome aſſim chamados por ſerem deſcendentes daquelles, que ouviraõ a prégaçaõ deſte grande Apoſtolo. Viviaõ eſtes obedientes ao Patriarcha de Babilonia profeſſando os ſciſmaticos erros de Neſtorio, e Eutiches, e negando a obediencia ao Pontifice Romano. Eſta difficultoſa empreza inutilmente intentada pelos Biſpos de Cochim, e os Miſſionarios da Religiaõ Serafica, Dominicana, e Jeſuitica, glorioſamente a concluyo triumfando de todas as difficuldades, que ſe oppunhaõ a taõ ſagrado intento, pois armado de invicta paciencia, admiravel conſtancia, incanſavel diſvelo, e ardente charidade naõ ſem patente aſſiſtencia do divino auxilio, rendeo ao Solio do Vaticano ao Patriarcha da Armenia com ſeis Biſpos ſciſmaticos, ſendo congratulado por acçaõ taõ Religioſa com agradecidas expreſſoens pela Santidade de Clemente VIII. em hum Breve expedido em o 1. de Abril de 1599. Depois de reduzidas tantas ovelhas ao rebanho do divino Paſtor celebrou Synodo em Diamper, em que eſtabeleceo determinaçoens neceſſarias para a adminiſtraçaõ dos Sacramentos, e reforma dos coſtumes. Naõ foraõ inferiores as acçoens, que obrou no governo temporal, como no eſpiritual, promovendo com igual vigilancia os augmentos da Religiaõ, que os do Eſtado. Por eſpaço de quatro annos o governou com ſummo diſvelo, de que foraõ felices conſequencias livrar a Malaca, e Moçambique da ultima oppreſſaõ a que eſtavaõ reduzidas pelos Olandezes, e ſer a principal cauſa de que foſſe totalmente derrotado o Cunhale obſtinado inimigo do nome Portuguez. Tendo illuſtrado o Oriente com os rayos das ſuas virtudes paſſou a brilhar com a meſma intenſaõ no Occidente admirando-ſe em dous Polos diametralmente oppoſtos a benefica efficacia dos ſeus influxos. Sentado na Cadeira Primacial de Braga de que tomou poſſe em 8. de Agoſto de 1612. exercitou taes virtudes, que pareciaõ exceder as praticadas pelos Prelados da primitiva Igreja. Movido da oppreſſaõ, que padeciaõ as ſuas ovelhas, partio a Madrid, onde foy benevolamente recebido por ElRey, que o nomeou Vicerey de Portugal, cujo lugar aceitou com beneplacito de Paulo V. O meſmo Principe o fez Preſidente do Conſelho de Portugal, Capellaõ mór, e Governador do Priorado de Guimaraens, cujas dignidades naõ logrou por muito tempo. Juſto era, que correſpondeſſe huma feliz morte a vida taõ ſanctificada, e aſſim conhecendo ſer chegado o ſeu termo depois de tolerar com grande paciencia as molecias da infermidade, pedio o Viatico, e Extrema unçaõ, e recebidos eſtes Sacramentos com devota ternura proferindo o cantico *Nunc dimittis ſervum tuum Domine* entregou o eſpirito nas mãos do ſeu Creador em 3. de Mayo de 1617. quando contava 58. annos, trez mezes, e onze dias de idade. Foy depoſitado o corpo na Sancriſtia do Convento de S. Fillippe de Madrid donde ſendo achado incorrupto foy transferido paſſados quatro annos para o Convento do Populo da Cidade de Braga, em cuja Capella mór ao lado da Epiſtola tem gravado no tumulo eſte epitafio.

Illuſtriſſimo, & Reverendiſſimo Domino D. Fr. Alexio de Menezes Auguſtinienſi, Archiepiſcopo, ac domino Bracharenſi, Indiarum olim, poſtea Hiſpaniarum Primati, Orientis Gubernatori, Luſitaniæ Proregi, Supremi Concilij Præſidi, Catholicæ Majeſtatis ArchiCapellano, Chriſtianorum D. Thomæ apud Malavaricos ad Romanæ Eccleſiæ obedientiam reductori, viro religione, ac fidei zelo illuſtri grati clientes memoriam poſuére anno Domini 1628. *Illuſtriſſimo ac Reverendiſſimo Domino D. Roderico de Acunha Archipræſule. Obiit Matriti* 3. *Maij* 1617. *annum agens* 58.

As acçoens deſte inſigne Prelado eſcreveraõ o Illuſtriſſimo Cunha *Hiſt. Eccleſ. de Braga* Part. 2. cap. 96. até 101. D. Fr. Antonio de Gouvea aſſim na *Jornad. do Malabar,* como na *Dedicat. das Relac. da Perſ.* Fr. Agoſt. de Santa Mar. na Prefac. *à Hiſt. da Fundac. do Conv. de Santa Mon. de Goa* deſde pag. 4. até 61. Fr. Franc. Camarg. in *Chronol. Sacr.* ann. 1590. clas.

16. pag. 318. 319. e 320. Torres *Comp. de Var. illuſt. de Santo Agoſt.* Cent. 6. cap. 48. Herrer. in *Alpab. Auguſt.* Fr. Pedro Calvo *Def. das Lagrimas dos Juſt.* Part. 2. cap. 12. Fr. Antonius à Purif. *de Viris Illuſt. Ord. D. Aug.* Lib. 1. cap. 25. *Humilitate, & commiſeratione, ac liberalitate in pauperes admirabilis, ac proinde ſanctitatis odore notiſſimus.* Gil Gonçalez de Avila no *Theat. de Madrid* liv. 2. cap. 2. p. 243. *Fue Virey en la India, y eſtando ala viſta de tan immenſas riquezas no traxo à Eſpaña de todas ellas quando ElRey Felipe III. le dio el Arçobiſpado de Braga mas, que dos relaciones, una de averlas viſto, y otra para el mas glorioſa, que contenia la multitud de almas, que dexó aliſtadas por verdaderas hijas dela Igleſia.* Thomas Gracian in *Anaſtas. Auguſt.* lit. A. p. 15. *Vir omni laude major, æterna memoria dignus, & cujus paucos pares habuit Ordo Auguſtinianus; doctrina, prudentia, gubernandi peritia, vitæ Sanctitate ſpectabilis, ratione agendi cum infidelibus ſcismaticis barbaris ad miraculum prudens.* Illuſtriſſimus Cunha in Oper. de *Primatu Eccleſ. Brac.* in Catal. Arch. Brach. *virgenere, & virtute clariſſimus.* Auguſt. Barbos. de *Poteſt. Epiſcop.* Part. 1. cap. 8. n. 87. *Omnibus ingenii, virtutisque dotibus ornatiſſimus, qui Orientalium Indiarum infidelibus ad Chriſti Domini fidem convertendis, & improborum moribus corrigendis ita diligens ea vitæ Sanctitate ſempre extitit, ut apud optimos, et bene de republica Chriſtiana ſentientes ſumme in religione fuerit habitus, qui dum divinarum, humanarum quæ rerum ſcientia, ac Sanctitate ſe admirabilem omnibus præbuiſſet &c.* Fr. Maurit. à Matre Dei in *Sacra Eremo Auguſtinian. Congreg. Galliar. lib. 1. cap. 2. §. 1. ut de illo jure merito dictum fuerit quod à D. Thomæ Apoſtoli temporibus nullus ibi uberiorem fructum in animarum ſalute promovenda produxerit.* Curtius *Elog. Vir. Illuſtr. D. Aug.* p. 181. *Non modo Pontificis egregiam perſonam geſſit, ſed expreſſit etiam perfectum Apoſtolum.* Fr. Auguſt. Maria Arpe in *Panth. Auguſt.* pag. 343.

Salve Alexi,
Eremi Decus, Mitræ ornamentum, Perſarum Sol.
Salve Heros inclyte
Heſperiæ Lucifer, lux Malabariæ.
Cum Te Oriens aliquando diſcuſſerit noctem
Et veritatis aspexerit diem.
Novo in Te ordine tantum coierunt honorum dona
Et de victoria cuncta contenderant
Hiſpaniæ Primas, Indiarum moderator
Bracharæ Antiſtes
Illuſtraſti temporum faſtus.
Et faſtu ſuperior
Meritis infulas, principatũ viciſti virtutibus.

Manoel de Faria, e Souza *Aſia Portug.* Tom. 3. Part. 2. cap. 8. *Varon grande enla Igleſia.* Joan. Soar. de Brit. in *Theat. Luſit. Litter.* lit. A. *In totius Orientalis Indiæ primatum evectus talem ſe geſſit qualis olim in primævo illo nascentis Eccleſiæ flore Epiſcopi conſuevere.* Barros *Decad. 4. da Aſia* liv. 3. cap. 2. *Como moſtrou na reduçaõ dos antigos Chriſtãos de S. Thome à Fè Catholica, a obediencia de Santa Igreja Romana, da qual avia mais de mil annos que eſtavaõ apartados, em que eſte Illuſtriſſimo Arcebiſpo com perigos continuos, e incanſaveis trabalhos imitou os Prelados da primitiva Igreja.* Joan. Bapt. Ricciol. in *Chronol. reformat.* Tom. 2. ad ann. 1599. Beyerlinck in *Oper. Chronol.* ad ann. 1598. e 1599. Fr. Lud. Genvenſ. in *Pomp. Sacr. Auguſt.* pag. 24. Fr. Antonio da Nativid. *Montes, de Cor.* Mont. 3. Cor. unic. §. 1. n. 24. Fr. Manoel de Lacerd. in *Quæſt. Quodlib.* quæſt. 9. art. 1. Joan. Hayus *de rebus Japon.* Petr. Jarric. in *Thez. rer. Indic.* lib. 3. à cap. 8. ad 13. Telles *Chron. da Comp. da Prov. de Portug.* Part. 2. liv. 6. cap. 38. n. 5. e na *Hiſt. da Etiop. Alt.* liv. 3. cap. 11. Nicol. Ant. in *Bib. Hiſpan.* Tom. 1. p. 5. col. 2. & tom. 2. pag. 277. col. 1. Rho *Var. Virt. hiſtor.* lib. 1. cap. 12. n. 9. Compoz.

Hiſtoria da Provincia de Portugal da Ordem dos Eremitas de Santo Aguſtinho até o anno de 1400. *M. S.*

Da Antiguidade da Ordem de Santo Agoſtinho. M. S. Quem librum (ſaõ palavras de Fr. Antonio de Purificaçaõ de Viris Illuſtribus lib. 1. cap. 25. (*paucis additis, & in Hiſpanum idioma converſum Magiſter Joannes Marques poſt ejus mortem proprio nomine edidit.* O qual ſahio com eſte titulo *Origen delos frayles Ermitaños dela Orden de S. Auguſtin, y ſu verdadera inſtitucion*

antes del gran Concilio Lateranenſe. Salamanca por Antonia Ramires Viuda 1618. fol. e depois traduzido em Italiano Turim. 1620. fol. Mais expreſſamente declara Fr. Antonio da Purific. na 1. Part. da *Chron. de Prov. de Portug.* no Prol. fol. 20. ſer eſte livro quaſi todo compoſto da obra que deixara imperfeita D. Fr. Aleixo de Menezes. *Hum tratado que fez da Antiguidade da noſſa Ordem, e tambem eſte tratado ſe naõ imprimio pelas muitas, e grandes occupaçoens de ſeu Author. Com tudo naõ deixou de todo de ſe lograr taõ precioſo trabalho, porque vendo-ſe depois o Arcebiſpo em Madrid com a Preſidencia do Conſelho Real deſte Reyno mais impoſſibilitado para lhe por as ultimas mãos, o entregou ao Padre Meſtre Fr. Joaõ Marques Cathedratico de Salamanca, do qual elle tirou a mayor parte, do que diz no ſeu doutiſſimo livro da Origem da noſſa Religiaõ, como se vé conferindo com elle hum treslado, ou Original, que tenho em meu poder da letra do meſmo Arcebiſpo.* Eſte livro parece ſer o *Defenſorio da Ordem,* que affirma o Illuſtriſſimo Cunha na *Hiſt. Eccl. de Brag.* Part. 2. cap. 101. n. 10. compuſera D. Fr. Aleixo de Menezes, mas que ſe naõ imprimira.

Vidas dos Religioſos modernos que na Religiaõ de Santo Agoſtinho da Provincia de Portugal floreceraõ em virtudes, e vida religioſa M. S. Deſta obra ſe lembraõ Cunha no lugar aſſima allegado, e Cardos. no *Agiol. Luſit.* Tom. 1. p. 308. no Comment. de 31. de Jan. let. I. e o Padre Filippe Labbe in *Biblioth. Bibliothecar.* pag. 4.

Vida do Veneravel Fr. Thomé de Jeſus impreſſa no principio da obra *Trabalhos de Jeſus.* Saragoça por Juan de Lanaya 1624. 4. e em Italiano Roma por Luduvico Grignani 1644. 4. e na lingua latina por Fr. Mauricio da Madre de Deos Agoſtinho Deſcalço no principio do ſeu livro *Sacra Eremus Auguſtiniana Cong. Galliar.*

Vida da Veneravel Beatris Vaz de Oliveira Religioſa Agoſtinha M. S. o qual vio na Livraria do Eminentiſſimo Cardial de Souza o Padre Franciſco da Cruz, como affirma nas ſuas Memor. *M. S.* para a *Bib. Portug.*

Synodo Dioceſano da Igreja, e Biſpado de Angamale dos antigos Chriſtaõs de S. Thome das Serras do Malavar das partes da India Oriental. Coimbra por Diogo Gomes Loureiro 1606. fol. e naõ, em Lisboa, como eſcreve o P. Tachard da Comp. de JESUS ao P. Trevou em huma carta de 18. de Janeiro de 1711. a qual eſtá no Tom. 12. de *Lettres Edifiantes* pag. 384. Eſta obra de que faz mençaõ honorifica a *Bib. Orient.* de Anton. de Leon modernamente acrecentada Tom. 1. Tit. 16. col. 461. compoz ſem auxilio de peſſoa alguma. No fim do Synodo eſtá.

Miſſa de que uſaõ os antigos Chriſtaõs de Saõ Thome do Biſpado de Angamale das Serras do Malavar da India Oriental purgada dos erros, e blaſfemias Neſtorianas de que eſtava cheya pello Illuſtriſſimo, e Reverendiſſimo Senhor D. Fr. Aleixo de Menezes Arcebiſpo de Goa Primaz da India, quando foy a reduzir eſta Chriſtandade à obediencia da Santa Igreja Romana. fol. Eſta obra ſahio vertida em Francez por Fr. Joaõ Bautiſta de Glen Religioſo Agoſtinho, e ſahio em Anvers por Jeronymo Verduſſen 1609. 8. com eſte titulo.

Hiſtoire Orientale des Grans Progres del' Egliſe Catholique Apoſt. et Romen la reduction des anciens Chriſtiens dits de S. Thomaz, de pluſieurs autres ſchiſmatiques, e Heretiques al' union dela vraye Egliſe, converſion encor des Mahometains Mores, e Payens.

A Hiſtoria do Synodo da Igreja de Angamale, de que já fallamos, foy traduzida com algumas notas por Monſiur Geddes Cancellario da Igreja de Salisburi, em a ligua Ingleza, contra o qual Synodo fez huma larga invectiva Monſiur de la Croze Bibliothecario delRey de Pruſſia na *Hiſtoire du Chriſtianiſme des Indes* impreſſa ala Haye ches les Freres Vaillant, e Prevoſt. 1724. 8. querendo como ſequaz das heregias de Luthero infamar a memoria do virtuoſo Prelado D. Fr. Aleixo de Menezes por ter extirpado a venenoſa zizania dos erros, em que viviaõ aquelles povos, que ſaõ ſemelhantes aos que defendem os Lutheranos, quaes ſaõ negar a Tranſubſtanciaçaõ no Sacramento do Altar, excluir do numero dos Sacramentos a Confirmaçaõ, Extrema Unçaõ, e Matrimonio, naõ conhecer ao Pontifice por ſuprema cabeça do Corpo Myſtico da Igreja &c.

Catheciſmo para inſtruçaõ dos Chriſtaõs de

Saõ Thome (*o qual*) diz Fr. Antonio de Gouvea na Dedicatoria a D. Fr. Aleixo do livro *Relaçaõ da Perſia compoz de memoria como hia falto de livros, digniſſimo, que a Igreja toda o receba.*

Conſtituiçoens para as Religioſas do Convento de Santa Monica de Goa, comfirmadas por Paulo V. por hum Breve expedido em 27. de Novembro de 1613. que começa *Ut ea quæ pro Religione.*

Carta eſcrita de Goa a 24. de Dezembro de 1609. aos Religioſos do Convento da Graça de Lisboa quando lhes mandou a Cruz, e cofre precioſos que ſe conſervaõ no meſmo Convento. Sahio impreſſa no *Santuar. Marian.* Tom. 8. pag. 165. Lisboa por Antonio Pedroſo Galraõ 1720. 4.

Fr. ALEIXO DE MIRANDA HENRIQUES filho de Henrique Henriques de Miranda, e D. Maria Landroby naceo em Lisboa, e na idade da adoleſcencia profeſſou o Sagrado inſtituto da Ordem dos Pregadores, em o Real Convento de Saõ Domingos de Bemfica a 9. de Junho de 1710. Inſtruido nas ſciencias eſcolaſticas paſſou a Goa, onde as explicou aos ſeus domeſticos com grande opiniaõ do ſeu talento. Prezentado na Faculdade de Theologia voltou a Portugal, e no Real Collegio de N. Senhora da Eſcada deſta Corte leo a Cadeira de Moral. No anno de 1728. foy eleito Prior do Convento de Bemfica donde acabado o triennio do ſeu governo paſſou a ſer Vigario das Religioſas do Convento de S. Joaõ de Setubal. He Conſultor da Bulla da Cruzada, e grande Prégador, como o declaraõ as obras ſeguintes.

Sermaõ da Canonizaçaõ de S. Peregrino Laziosi da Sagrada Ordem dos Servitas prégado no ſolemniſſimo Outavario com que Sua Mageſtade, que Deos guarde, ordenou ſe feſtejaſſe a Canonizaçaõ do meſmo Santo no Real Collegio de Santo Antaõ deſta Corte. Lisboa na Patriarchal Officina da Muſica 1728. 4.

Sermaõ da Canoniſaçaõ de Santa Ignes de Monte Policiano da Sagrada Ordem dos Prégadores prégado no ſolemniſſimo Outavario com que os Religioſos de S. Domingos deſta Corte feſtejaraõ a Canonizaçaõ da meſma Santa ibi na dita Officina 1733. 4. Do Author faz memoria Fr. Pedro Monteiro no *Clauſtro Dominico* Tom. 3. pag. 134.

ALEIXO DA MOTA, hum dos mais peritos Pilotos da navegaçaõ da India Oriental, que pelo largo eſpaço de vinte e cinco annos continuou em ſeis viagens entre as quaes ſendo Piloto da Náo S. Martinho em o anno de 1598. como era taõ experimentado naquella arte para inſtrucçaõ daquelles, que quizeſſem perfeitamente ſabella, eſcreveo.

Roteiro da Navegaçaõ da India M. S. No qual deſcreve com grande individuaçaõ as monçoens mais opportunas para navegar obſervando judicioſamente os Ventos, tempeſtades, calmarias, baixos, promontorios, Abras, e Portos, que encontraõ os navegantes de Lisboa até Goa, de Goa a Cochim, Malaca, China, e Japaõ, naõ ſomente relatando o que vira, mas ainda o que colhera dos mais celebres Pilotos Portuguezes. Sahio eſte Roteiro vertido em Francez em o Tom. 2. de diverſas Navegaçoens. Pariz chez Jacquez Langlois 1664. in fol. Huma parte delle tranſcreveo Manoel Pimentel na ſua *Arte Pratica da Navegaçaõ.* Lisboa por Bernardo da Coſta de Carvalho 1699. fol. a pag. 327. Deſta obra, e do Author faz menção o moderno Addicionador da *Bib. Nautica* de Antonio de Leaõ Tom. 2. Tit. 3. coluna 1106.

ALEIXO SALGADO CORREA, foy taõ douto no Direito Civil, como recto na obſervancia da Juſtiça, que ſendo Juiz adminiſtrou por muitos annos em diverſas Cidades. Da larga experiencia, que tinha no officio de julgar, e da continua applicaçaõ aos livros com que neſta materia eſtava inſtruido querendo formar hum prefeito Miniſtro compoz na lingua Caſtelhana eſta obra.

Regimiento de Juezes. Sevilla por Martin de Montesdoca. 1556. 4.

Do livro e do Author ſe lembra Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 6. col. 1.

ALEIXO DE SIQUEIRA, natural do lugar de Panoyas na Provincia do Alentejo muito perito no eſtudo das letras humanas. Para que a mocidade Portugueza percebeſſe claramente as moralidades, que eſtaõ occultas nas Odes de Horacio Flacco

Principe dos Poetas Lyricos, as traduſio na lingua materna, e as dedicou ao Illuſtriſſimo D. Veriſſimo de Lancaſtro depois Cardial da Igreja Romana com eſte titulo.

Odes de Horacio em Portuguez para uzo dos Eſtudantes. Evora por Manoel Carvalho 1633. 8.

ALEXANDRE DE AGUIAR, natural do Porto chamado antonomaſticamente Orfeo, naõ ſomente pelo ſublime genio com que poetizava, mas pela ſingular deſtreza com que tangia viola de ſete cordas, e a natural graça, e melodia com que cantava, por cujos dotes foy admitido primeiramente pelo Cardial D. Henrique, e depois por Filippe II. entre os Muſicos da ſua Camera, dos quaes Principes recebeo naõ vulgares eſtimaçoens certamente merecidas pelo talento, pois raramente ſe acharião em hum ſó homem juntas as partes, que nelle ſe admiravaõ. Compunha em ſolfa os verſos, que fazia; depois com igual deſtreza, e ſuavidade os cantava acompanhados à viola, que ſingularmente tocava, ſendo ao meſmo tempo Poeta, Muſico, e Tangedor inſigne. Aſſiſtindo em Madrid no anno de 1605. e voltando deſta Corte para a de Lisboa em hum coche, morreo infelizmente em 12. de Dezembro naufragante em huma torrente, que corre entre Telavervella, e Lobon juntamente com Franciſco Correa da Sylva filho ſegundo de Martim Correa da Sylva Embaixador a Carlos V. Deixou muitas obras aſſim poeticas, como Muſicas, das quaes ſaõ celebres as *Lamentaçoens de Jeremias, que ſe cantaõ na Semana Santa* compoſtas com grande ſciencia.

ALEXANDRE ANTONIO DE LIMA. Naceo em Lisboa a 21. de Janeiro de 1699. e teve por Pays a Franciſco Mendes Barboſa, e Lima, e a D. Jozepha Thereza de Moura. Depois de inſtruido na lingua latina, e Humanidades levado do genio, que tinha para a Poeſia a cultivou com grande applauſo do ſeu talento principalmente a Comica, de cuja arte tem publicado as obras ſeguintes.

Novos encantos de Amor reprezentaçaõ comica, que ſe reprezentou na Caſa da Mouraria. Lisboa por Pedro Gargareje 1737. 8.

O zeloſo, e o Avaro pella induſtria caſtigados Repreſentaçaõ comica.

Tres Sonetos, e huma decima à intempeſtiva morte da Sereniſſima Senhora Infanta D. Franciſca. Sahio em a obra intitulada *Vozes da pena, e clamores da Saudade,* compoſta a eſte funebre aſſumpto Lisboa ſem anno, nem nome do Impreſſor. 4.

Raſgos Metricos. Tom. 1. *M. S.* He huma colleçaõ de todas as ſuas obras Poeticas, que jà eſtá prompta com todas as licenças para ſe immir.

ALEXANDRE BRANDAM poſto que nacido em Roma de Mãy Italiana, teve por Pay a Manoel da Coſta Brandaõ natural de Lisboa, homem nobre, e creado naquella Curia de idade pueril, o qual mandando inſtruir ao filho nas letras humanas, como era dotado de agudo engenho, e grande comprehenſaõ, ſahio nellas egregiamente conſummado. Pelo natural amor, que profeſſava à Naçaõ Portugueza donde era oriundo ſe applicou com ſummo diſvelo a eſcrever as militares proeſas, que obrara no tempo, que foy elevado ao Trono o Sereniſſimo Rey D. Joaõ o IV. e para que ſe fizeſſem mais patentes em toda Italia as compoz neſta lingua com o titulo ſeguinte.

Hiſtoria della Guerre di Portugallo ſuccedute per l'occaſione dela ſeparatione diquel Regno della Corona Catholica. Venetia preſſo Paulo Baglioni. 1689 4.

Eſta obra continuou ſeu Sobrinho Franciſco Brandaõ, em dous Tomos, que sahiraõ impreſſos em Roma por Martiis ala Pace. 1716. in 4.

ALEXANDRE DO COUTO natural de Lisboa, e Capellaõ mór no exercito de Pernambuco, que triumfou nos Montes Gararapes por duas vezes da violenta oppreſſaõ dos Olandezes. Foy muito douto nos eſtudos Mathematicos, e naõ menos verſado na Theologia Eſcolaſtica, e Myſtica, como na Poeſia. Deixou com grande perda da Republica litteraria ſem o beneficio da impreſſaõ muitas obras, que ſe conſervavaõ em poder da Excellentiſſima Condeſſa de Penaguiaõ, que eraõ as ſeguintes.

Obſervaçoens mathematicas, e reduçoẽs aſtronomicas illuſtradas de humanas, e divinas letras ſobre o maximo Cometa, que appareceo no Meridiano de Lisboa aos 21. *de Dezem-*

bro de 1680. *Refutaõ-ſe os erros de Academicos, Peripateticos, e Ptolemaiticos ſobre as duas Regioens Etherea, e Elementar eſcrito no anno de* 1681. 4. *Dedicado ao Capellaõ Mòr D. Luiz de Souſa.*

Triumfos da noite aos Anacaphaleoſes de Bocarro com algumas advertencias à ſua liçaõ, que cautamente conſtrue Alexandre do Couto anno 1687. 8.

Theologia Myſtica conforme a doutrina dos Santos Padres , e Meſtres da Vida Eſpiritual eſcrito no anno de 1692. 4.

Brado do encoberto da vinda, e Vida delRey D. Sebaſtiaõ, eſcrito em o anno de 1693. 4.

Varias Obras poeticas em diverſo metro Portuguez. 4.

Fr. ALEXANDRE DA CRUZ, naceo em a Cidade de Braga donde paſſando na idade de 17. annos a Lisboa profeſſou o inſtituto de Carmelita Deſcalço no Convento de N. Senhora dos Remedios a 25. de Março de 1634. Foy grande Theologo, e naõ menos inſigne Prégador deixando para teſtemunho do talento que tinha para o pulpito.

Sermaõ da Canonizaçaõ de Santa Maria Magdalena de Pazzi prégado no Convento de Corpus Chriſti dos Carmelitas Deſcalços. Sahio impreſſo no livro intitulado *Foraſteiro admirado* a pag. 160. Part. 2. Liſboa por Antonio Rodrigues de Abreu. 1672. fol.

ALEXANDRE FERREIRA, filho de Ignacio Ferreira, e Maria Ferreira. Naceo na Cidade do Porto a 4. de Outubro de 1664. Depois de ter aprendido na patria as letras humanas paſſou a Coimbra, e applicando-ſe ao eſtudo do Direito Ceſareo, ſahio nelle taõ perito que mereceo laurearſe com a borla de Doutor na meſma faculdade. Foy admitido ao Collegio Real de S. Paulo em 30. de Novembro de 1694. donde paſſados ſeis annos ſubio a Lente de Inſtituta em cujo Magiſterio deſcobrio os theſouros da ſciencia legal pelos quaes chegou a occupar os lugares de Dezembargador do Porto, e Caſa da Supplicaçaõ, de que tomou poſſe a 13. de Março de 1708. e da Meza dos aggravos a 7. de Novembro de 1715. Deputado do Tribunal da Bulla, da Meza da Conſciencia, e Ordens, do Conſelho da Rainha, e da Sereniſſima Caſa de Bragança. Foy nomeado em 29. de Abril de 1726. Secretario da Embaxada extraordinaria, com que foy à Corte de Madrid o Excellentiſſimo Marquez de Abrantes D. Rodrigo Annes de Sá Almeyda, e Menezes, para onde partio em 24. de Fevereiro de 1727. Reſtituido a eſta Corte foy eleito em 12. de Abril de 1731. Academico do numero de Academia Real da Hiſtoria Portugueza para eſcrever as Memorias das Ordens Militares deſte Reyno, a cujo eſtudo indefeſſamente ſe applicava nas horas vagas que lhe permitia a continua aſſiſtencia dos Tribunaes. Morreo em Lisboa a 9. de Dezembro de 1737. com 73. annos de idade, e foy ſepultado na Parochial Igreja do Sacramento. Compoz.

Allegacion juridica, en que por las verdades mas ſolidas dela Juriſprudencia ſe mueſtra el infalible derecho com que los Reynos, y Señorios de Eſpaña pertenecen por muerte delRey Catholico Carlos II. al Sereniſſimo Señor Archiduque de Auſtria Carlos III. verdadero, y legitimo Rey delas Eſpañas. Lisboa en la imprenta de Valentin da Coſta Deslandes Impreſſor dela Caſa Real. 1704. fol.

Oraçaõ com que gratulou a Academia Real de ſer admitido ao numero dos ſeus Collegas. Impreſſa na *Collecçaõ dos Documentos, e Memor. da Academia Real da Hiſtor. Portug. do anno de* 1731. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva. 1731. fol.

Memorias, e Noticias da celebre Ordem dos Templarios para a Hiſtoria da admiravel Ordem de Noſſo Senhor Jeſu Chriſto. Part. 1. *Tom.* 1. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva 1735. 4.

Part. 1. *Tom.* 2. Lisboa pelo meſmo Impreſſor, e no meſmo anno.

Delle fazem mençaõ o Padre D. Manoel Caet. de Souza in *Exped. Hiſpan. S. Jacobi Apoſt.* tom. 2. pag. 1405. n. 273. *Vir eruditione clariſſimus, cujus ſcripta typos non ſemel decorarunt.* E meu Irmaõ D. Jozé Barboſa Chroniſta da Sereniſſima Caſa de Bragança, e Academico Real nas Memor. do Colleg. de S. Paulo pag. 234. dizendo que *era naturalmente elegante, e bom Poeta Latino,* e no *Archiathæneo Luſit.* pag. 61.

Magnus Alexander regnum defendet Auitum

Auſtriadum, at vario mutantur tempora curſu
Braſiliæ Princeps thalamo ſibi jungere natam
Cum volet Auguſti Hiſpanum qui temperat orbem,
Fœdera firmabit Tubucciùm Marchio præſtans
Legatus Lyſiæ, quo non illuſtrior alter.
Ibit Alexander ſecreto fidus, & arte
Palladis inſtructus: quantus ſit, noſcet Ibera
Gens, Luſa & noſcet dubio gens grata triumpho.

ALEXANDRE FERREIRA DE ALMEYDA, natural do Lugar de Arcas termo da Villa de Mondim, e Sever, Comarca de Lamego, Pagador geral da gente de Guerra da Provincia da Beira, e partido de Ribacoa. Com eſtilo claro, e eſpirito muito diverſo da profiſſaõ do ſeu eſtado eſcreveo, e dedicou no anno de 1659. à Excellentiſſima Condeſſa de Penaguiaõ D. Luiza Maria de Faro.

Deſengano dos enganos da Vida, e louvores da morte. fol. *M. S.* conſta de 126. fol. cujo original, como vimos, ſe conſerva na Livraria dos Religioſos Capuchos da Provincia de Santo Antonio deſta Corte.

ALEXANDRE DE FIGUEIROA Ulyſſiponenſe, filho de Duarte de Figueiroa, e D. Maria de Sampayo foy taõ illuſtre por nacimento, como pelo ſublime engenho. Deſde a puericia ſe applicou às letras humanas, as quaes cultivou por toda a vida com tanto diſvelo, que excedeo a todos os ſeus contemporaneos neſte genero de eſtudo. Sendo vaſtamente verſado na liçaõ da Hiſtoria, ainda o era mais em as obras dos Poetas, e Oradores, os quaes naõ ſómente conſervava na memoria, mas explicava os ſeus lugares mais difficultoſos como muitas vezes o manifeſtou na Academia dos Singulares, de que foy celebre alumno. Morreo na ſua patria no anno de 1676. com grande ſaudade dos ſeus Collegas. Foy Secretario da Rainha D. Luiza Franciſca de Guſmaõ, e cazado com D. Maria Pacheco de Lima de que he ſeu deſcendente o Morgado da Torre do Lumiar. Compoz muitos Verſos Latinos com elegancia imitando o eſtillo de Eſtacio, como em ſeu aplauſo cantou a Muſa de Manoel de Galhegos no *Templo da Memor.* liv. 4. Eſtanc. 191.

Divino Figueiroa mais divino
Que o que celebra por divino Eſpanha,
Virgilio Portuguez, Phebo Latino
Unica erudiçaõ, facundia eſtranha
Naquelle eſtilo ſuperior de Eſtacio
Bragança encomenday ao Coro Lacio.

Antonio Figueira Duraõ in *Laur. Parn.* Ram. 2.

Per Styga Tartareum quod perjuravit Apollo
A potu juſſus nectaris abſtinuit.
Ille tamen legeret ſi tunc tua carmina Paule
Vel canit, altiloquo, quæ Figueiroa metro.
Armonicum Sylvæ torrentem ſi aure bibiſſet
Nectare juraret non carniſſe ſuo.

Jacinto Cordeiro *Elog. dos Poet. Portug.* Octav. 67.

Entre a la gloria de ſu mar contrario
Viendo la playa iluſtre de Lisboa
Pedro de Acoſta inſigne Secretario
Luego Alexandro entrò de Figueiroa.

Teve huma altercada controverſia com o celebre Fr. Franciſco de Santo Agoſtinho Macedo ſe o nome *Orpheus* ſe achava ſempre triſyllabô, ou ſempre diſyllabo em os Authores da primeira Claſſe. Nas Memorias Funebres de D. Maria de Attayde, Lisboa na Officina Crasbeckiana 1650. 4. eſtaõ dous Epigramas Latinos ſeus a eſte aſſumpto. pag. 86.

P. ALEXANDRE DE GUSMAM, Naceo em a Cidade de Lisboa a 14. de Agoſto de 1629. Na tenra idade de dez annos paſſou com ſeus Pays ao Braſil onde inſtruido com as primeiras letras abraçou o inſtituto da Companhia de JESUS, quando contava deſeſete annos, em o Collegio da Bahia a 28. de Outubro de 1646. Aprendidas com grande credito da ſua applicaçaõ as ſciencias eſcolaſticas, e tendo enſinado humanidades no Collegio do Rio de Janeiro, onde foy Prefeito dos Eſtudos, como tiveſſe particular genio para o governo, o promoveraõ os Superiores a todos os lugares da Religiaõ ſendo Miniſtro do Collegio da Bahia, Reytor dos Collegios de Santos, Capitanía do Eſpirito Santo, e Bahia, companheiro do Provincial, e ultimamente por duas vezes Provincial, deixando ſempre ſaudoſos os ſubditos da ſua natural benevolencia mais propria da ternura de Pay, que da ſeveridade

de Prelado. Pelo largo eſpaço de outo annos exercitou aſſim no Collegio do Rio de Janeiro, como da Bahia, o Officio de Meſtre dos Noviços devendo-ſe à ſua vigilante cultura frutificarem em beneficio da Religiaõ as tenras plantas que eraõ cometidas ao ſeu cuidado. Para amparo, e boa educaçaõ da puericia fundou em a Villa de Noſſa Senhora do Roſario do Lugar da Cachoeira diſtante 14. legoas da Cidade da Bahia, hum Seminario, que intitulou de Belem pelo cordeal affecto, com que venerava ao Menino Deos nacido no Preſepio, ao qual edificio ſe lançou a primeira pedra em 13. de Abril de 1687. e delle foy duas vezes Reytor, de cuja ſaudavel doutrina inſtruidos os Seminariſtas ſahiraõ muitos a illuſtrar diverſas Religioens. Foy ornado de inſignes virtudes, ſendo exactiſſimo na obſervancia religioſa, e pobreza evangelica; conſtante nas adverſidades, e incanſavel em conduzir almas para o Ceo, uzando para eſte effeito de tanta brandura, que muitos peccadores dos Certoens mais remotos movidos da ſua fama vinhaõ aos ſeus pés deteſtar culpas inveteradas. Como tinha firmemente collocada a ſua confiança em Deos, experimentou prompto, e favoravel o ſeu auxilio em os mayores perigos eſcapando huma vez da inſolencia dos piratas, e outra da furia das ondas. Cumulado de tantos merecimentos, e cheyo de annos pois contava 95. de idade e 78. de Religiaõ prognoſticada a ſua morte paſſou à eterna vida em 15. de Março de 1724. Foy innumeravel o concurſo do povo, que concorreo a venerar o ſeu Cadaver, do qual levaraõ grande parte dos veſtidos como reliquias de Varaõ Santo, e para ſe evitar o tumulto foy occultamente ſepultado. O ſeu Retrato ao natural ſe abrio em huma grande lamina em Alemanha com eſtas palavras que brevemente indicaõ as ſuas virtudes.

Vera effigies Servi Dei P. Alexandri de Guſmaõ S. J. authoris Seminarii Bethlehemici in Braſilia, & bis ejusdem Provinciæ Provincialis, notis, ac præclaris virtutibus ſingulariter inſtructi, & Infantuli JESU in Præſepio jacentis cultoris ſtudioſiſſimi, in dæmones mirifice formidabilis, prodigiis ante, & poſt obitum inſignis, miriſque apparitionibus celebris. Obiit in Seminario Bethlehemico eadem, qua prædixerat, die 15. *Martii anno* 1724. *ætatis ſuæ* 95. *vitæ Religioſæ* 78. *cujus ſepulchrum magno omnium concurſu, ac devotione frequentatur.* Deſte virtuoſo Varaõ ſe lembra Sebaſtiaõ da Rocha Pitta na *Hiſtor. da Americ. Portug.* pag. 444. dizendo ſer *hum dos mayores talentos da ſua Provincia do Braſil inſigne Meſtre de eſpirito, cuja virtude, e doutrina ſaõ veneradas como de varaõ Santo.* Compoz.

Eſcola de Belem, Jeſus nacido no Preſepio Evora na Officina da Academia 1678. 4. et ibi. 1735. 4.

Menino Chriſtaõ Lisboa por Miguel Deſlandes Impreſſor delRey 1695. 8.

Sermaõ na Cathedral da Bahia de todos os Santos nas exequias do Illuſtriſſimo Senhor D. Fr. Joaõ da Madre de Deos primeiro Arcebiſpo da Bahia, que falleceo do mal commum, que nella houve neſte anno de 1686. Lisboa por Miguel Maneſcal Impreſſor do S. Officio 1686. 4. Deſte Sermaõ falla com grande louvor Fr. Appollinario da Conceiçaõ na *Primas. Seraf. na Reg. da Amer.* cap. 17. pag. 215.

Hiſtoria do Predeſtinado Peregrino, e ſeu Irmaõ Precito, em a qual debaixo de huma myſterioſa parabola ſe deſcreve o ſuceſſo feliz do que ſe hade ſalvar, e infeliz ſorte do que ſe hade condenar Lisboa por Miguel Deſland. 1682. 8. e Evora na Offic. da Acad. 1685. 8. e Lisboa por Filippe de Souza Villa 1724. 8. Sahio vertida em Caſtelhano. Barcelona por Rafael Figueirò. 1696. 4.

Arte de criar bem os filhos Lisboa por Miguel Deſland. 1685. 8.

Meditaçoens para todos os dias da ſemana pelo exercicio das potencias da alma conforme enſina Santo Ignacio Fundador da Companhia de JESUS. Lisboa pelo meſmo Impreſſor. 1689. 8.

Maria Roſa de Nazaret nas montanhas de Hebron, a Virgem N. Senhora na Companhia de JESUS Lisboa na Officina Real Deſlandeſiana 1715. 4. Conſta dos beneficios, que a Senhora tem feito à Companhia.

Eleyçaõ entre o bem, e o mal eterno Lisboa na Officina da Muſica. 1720. 8.

O Corvo, e a Pomba da Arca de Noé no ſentido Allegorico, e moral Lisboa por Bernardo da Coſta Impreſſor da Religiaõ de Malta 1734. 8.

Arvore da Vida Jeſus Crucificado. Lisboa pello dito Impreſſor 1734. 4.

Compendio perfeito M. S.
Noviço Inſtruido. M. S.

ALEXANDRE DE GUSMAM Cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto, e Fidalgo da Caſa de Sua Mageſtade naceo na Villa de Santos da Capitania de S. Paulo da America Portugueſa. O agudo engenho, e penetrante comprehensaõ, de que a natureza profuſamente o dotou, lhe facilitáraõ a noticia das letras humanas, e da Poeſia, em que ſahio eminente. Deixada a patria paſſou a Portugal onde quando contava poucos annos foy univerſalmente venerado o ſeu talento, de tal ſorte, que o elegeo por ſeu Secretario o Conde da Ribeira D. Luiz da Camara quando no anno de 1715. foy Embaxador à Mageſtade Chriſtianiſſima de Luiz XIV. Para ſe inſtruir em a faculdade do Direito Ceſareo frequentou a Univerſidade de Pariz onde recebeo o gráo de Doutor, e voltando a eſte Reyno ſe incorporou em a Univerſidade de Coimbra no anno de 1719. A grande intelligencia, que tinha dos intereſſes politicos dos Soberanos, o fez capaz de ſer Agente dos negocios deſta Coroa nas Cortes de Pariz, e Roma practicando com tanto diſvelo, e fidelidade eſtes miniſterios, que mereceo as eſtimaçoẽs dos mais eruditos da Europa naõ ſomente pella judicioſa induſtria, com que concluya os negocios mais difficeis, mas pela ſciencia das linguas mais polidas da Europa, vaſta noticia aſſim da hiſtoria Sagrada, e profana, como das diſciplinas Mathematicas, e experiencias phyſicas, em que era ſummamente verſado. Em contemplaçaõ de tantos dotes ſcientificos o elegeo em 28. de Fevereiro de 1732. a Academia Real da Hiſtoria Portugueza por ſeu collega para eſcrever na lingua Latina, de cuja pureza he obſervantiſſimo cultor, a Hiſtoria ultramarina deſte Reyno, o qual aſſumpto dezempenharâ com grande credito da ſua capacidade. Compoz.

Relaçaõ da Entrada publica, que fez em Pariz nos 18. de Agoſto de 1715. o Excellentiſſimo Senhor D. Luiz da Camara Conde da Ribeira Grande do Conſelho delRey de Portugal Commendador de S. Pedro de Torrados, Alcayde mòr da Villa da Amieyra, Meſtre de Campo General, e General da Artilharia nos exercitos de Portugal, e ſeu Embaxador extraordinario à Corte de França reynando neſta Monarchia Luiz 14. em que ſe achaõ varias noticias concernentes ao Ceremonial deſta Embaixada Pariz por Pedro Emeri. 1715. 4.

Oraçaõ com que congratulou a Academia Real em 13. de Março de 1732. por ſer eleito ſeu collega. Sahio no Tom. 11. da Collec. dos Documentos, e Mem. da meſma Academia. Lisboa por Joſé Antonio da Sylva 1732. fol.

Conta dos ſeus eſtudos Academicos a 24. de Julho de 1732. No Tom. 11. da Collecçaõ dos Documentos da meſma Academia.

Panegyrico à Mageſtade delRey D. Joaõ o V. N. S. recitado no Paço a 22. de Outubro de 1739. *dia, em que cumpria os ſeus annos.*

ALEXANDRE DE MOURA Capitaõ mór de Pernambuco eſcreveo.

Roteiro da Jornada, que fez com o Piloto Manoel Gonçalvez deſde Pernambuco até o Maranhaõ, cujo *M. S.* em folha ſe conſerva na Bibliotheca delRey Catholico como affirma o moderno addicionador da *Bib. Occid.* de Antonio de Leaõ Tom. 2. Titul. 13. col. 690.

Fr. ALEXANDRE DA PAIXAM Naceo na villa de Amarante na Provincia de Entre Douro, e Minho a 7. de Julho de 1631, e foraõ ſeus Pays Joaõ Clemente, e Maria Carvalho. Recebeo o Habito Monachal do Principe dos Patriarchas S. Bento no Convento de Tibaens a 15. de Abril de 1645. Depois de eſtudar as ſciencias eſcolaſticas, em que ſahio ſufficientemente inſtruido, exercitou o miniſterio de Prégador com ſatisfaçaõ dos ouvintes, e foy Geral da ſua Religiaõ, e Abbade dos Conventos de Boſtello, e Travanca, onde finalizou a vida no anno de 1700. Compoz, e naõ imprimio.

Hiſtoria particular do Convento de Travanca.

Diario deſde o anno de 1662. *até* 1680. 4.

Faſtos geniaes tirados da tumba de Merlim obra igualmente jocoza, e ſatyrica.

ALEXANDRE PEREIRA DA SYLVA. Natural da Villa de Santarem onde ſahio

à luz do mundo em 3. de Settembro de 1684. tendo por Pays a Franciſco Lopes da Sylva, e Helena Jozefa. He muito verſado na liçaõ dos Poetas, de cujo eſtudo ajudado do genio para eſta divina Arte, tem compoſto.

Poeſias varias 4. *M. S.* e as conſerva em ſeu poder.

ALEXANDRE DA SILVA. Naceo na auguſta Cidade de Braga, e foy bautizado em a Freguezia de S. Joaõ do Souto a 20. de Agoſto de 1614. Foraõ ſeus Pays Pedro Lopes da Silva, e Maria Sarayva de igual nobreza, e piedade. Aprendidas as primeiras letras paſſou à Univerſidade de Coimbra, onde ſahio eminente na ſciencia de Direito Pontificio. Reſtituido à patria foy nella Conego, e Dezembargador da Relaçaõ Eccleſiaſtica. As ſuas grandes letras o fizeraõ digno de ſer Promotor na Inquiſiçaõ de Lisboa em 11. de Janeiro de 1648. donde paſſou a Deputado, e Inquiſidor da Inquiſiçaõ de Coimbra a 26. de Fevereiro de 1654. e ultimamente a Deputado do Conſelho Geral de que tomou poſſe em 11. de Mayo de 1668. Atendendo o Principe Regente D. Pedro à integridade dos ſeus coſtumes, que ſe fazia mais eſtimavel pela grande capacidade do ſeu talento o nomeou Biſpo de Elvas ſendo o outavo, que teve eſta Dioceſe, a qual governou com vigilancia de perfeito Paſtor, até que falleceo em Elvas a 2. de Fevereiro de 1682. e eſtá ſepultado na Capella mór da ſua Cathedral. O Cabido da Primacial Igreja de Braga agradecido à memoria de taõ benemerito Capitular lhe dedicou hum anniverſario perpetuo no dia do ſeu obito. Deixou ſeis Miſſas quotidianas, duas no Altar Privilegiado de S. Pedro de Rates, e quatro na Caſa da Mizericordia de Braga pela ſua alma. Compoz.

Diſcurſus pro Jure Primatialis Eccleſiæ, que ſahio impreſſo na Deciſ. 138. do Doutor Manoel da Fonſeca Themudo, o qual diſcurſo, diz Joaõ Soares de Brito in addit. *Theat. Luſit. Liter.* lit. A. n. 3. que he *doctus, & accuratus, & quamquàm ſuppreſſo nomine notiſſimam ſui Authoris in ſcribendo diligentiam, & ſubtilitatem ſatis demonſtrat.*

Commentarij ad Inquiſitorum Regimen ordinarium. M. S.

Varias allegaçoens Juridicas, que ſe naõ imprimiraõ, e as vio Joaõ Soares de Brito como aſſirma no lugar aſſima allegado dizendo dellas *quæ magnum Auctoris nomen egrègie ſuſtinent.*

ALEXANDRE DE SOUSA DE CASTELOBRANCO natural de Lisboa taõ illuſtre por nacimento, como inſigne na ſciencia da Hiſtoria, e Poeſia de que deo repetidos argumentos nas mais celebres Academias, de que na ſua patria foy alumno. No anno de 1697. partio para a India onde eſcreveo com eſtilo elegante.

Tragica narraçaõ do ſuceſſo do ſitio de Mombaça reſumida em duas partes fol. *M. S.* cujo Original conſerva entre os *M. S.* da ſua Livraria o Reverendo Padre Fr. Affonſo da Madre de Deos Guerreiro Academico Real, a quem devemos eſta noticia.

Deſcreve o Author a Ilha de Mombaça, os motivos, que houve para ſe romper a Guerra; acçoens heroicas, que ſe obraraõ no ſitio até ſe recolher a noſſa Armada a Goa em 25. de Setembro de 1698.

ALEXANDRE DE SOUSA FREIRE Cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto naceo em Lisboa ſendo filho de Bernardino de Tavora, e Souza Comiſſario da Cavallaria do Alentejo, Governador de Mazagaõ, e Angola, e de D. Maria Magdalena Jozepha de Souza filha de Alexandre de Souza Freyre Governador de Mazagaõ, e Conſelheiro de Guerra, e de ſua mulher D. Joanna de Tavora filha de Alvaro Pirez de Tavora Senhor do Morgado de Caparica, e D. Maria de Lima. Depois de eſtudar letras humanas, e Filoſofia, tomando o gráo de Meſtre em Artes ſe applicou ao Eſtudo da Sagrada Theologia em cuja faculdade recebeo as inſignias doutoraes. Foy Collegial do Collegio Real de S. Paulo de Coimbra onde entrou a 28. de Janeiro de 1697. Preferindo o exercicio militar ao litterario paſſou à Bahia onde ſendo Coronel de Infantaria caſou com D. Leonor Maria de Caſtro filha herdeira de André de Britto de Caſtro Provedor da Alfandega da Bahia, e de D. Maria Franciſca Leyte de quem teve numeroſa deſcendencia. Foy Governador, e Capitaõ General do Eſtado

do Maranhaõ. Delle fazem memoria Antonio Carvalho da Coſta Corog. Portug. Tom. 2. liv. 1. cap. 18. e D. Jozé Barboza nas Mem. do Collegio Real de S. Paulo pag. 235. e no Archiathæn. Luſit. pag. 62. dizendo.

Cernis Alexandrum quem primá Sacra juventa Laurea condecorat? Quos Maranhonius amnis Irrigat, ipſe reget Mavortia Caſtra ſequutus.

Com o nome de Franciſco Xavier de Salazar publicou.

Affectos do Roſario meditado offerecidos aos devotos da Virgem Maria. Lisboa por Antonio de Souza da Sylva 1736. 4.

Neſta obra ſe moſtra o Autor muito verſado na liçaõ da Sagrada Eſcritura, e Santos Padres.

D. ALVARO DE ABRANCHES, E NORONHA naceo na Cidade de Lisboa em 7. de Junho de 1661, e teve por Pays a D. Miguel Luiz de Menezes primeiro Conde de Valladares, e D. Magdalena de Lancaſtro, e Abranches, filha de D. Alvaro de Abranches Conſelheiro de Eſtado, e D. Maria de Lancaſtro. Foy admitido Porcioniſta no Real Collegio de S. Paulo de Coimbra em 26. de Outubro de 1677. onde ſe applicou ao eſtudo do Direito Pontificio, em que ſahio inſigne Letrado. Depois de obter hum Canonicato na Sé de Lisboa, e ſer Deputado do Santo Officio da Inquiſiçaõ de Lisboa, de que tomou poſſe em 18. de Julho de 1686. foy Sumilher da Cortina delRey D. Pedro II. que o elegeo Biſpo de Leyria, em cuja Cathedral entrou a 3. de Outubro de 1694. onde com paſtoral vigilancia vizitou as ſuas ovelhas reformando muitos abuſos, e introduzindo a obſervancia dos divinos preceitos pellas vozes evangelicas de Miſſionarios, que mandou chamar para taõ ſanta empreza. Por eſpaço de quatro annos foy Regedor das Juſtiças, de que tomou poſſe a 17. de Abril de 1711. em cujo miniſterio ſe admirou a rectidaõ ſem degenerar em ſeveridade. A auguſta Mageſtade delRey D. Joaõ o V. noſſo Senhor o nomeou Arcebiſpo de Evora, que elle modeſtamente recuſou. Sempre foy inimigo do fauſto, como alheo do eſtado Eccleſiaſtico, ſendo as ſuas acçoens huma norma viva das virtudes Epiſcopaes, pellas quaes he benemerito das mayores dignidades da Igreja. Publicou.

Conſenſus Conſtitutioni Unigenitus *præſtitus* Ulyſip. apud Jozeph. Lopes Ferreira Seren. Regin. Typ. 1719. 4. começa *Epiſcopale munus.*

Deſte illuſtre Prelado ſe lembraõ com os merecidos louvores o P. D. Antonio Caetano de Souza. *Hiſt. Gen. da Caſ. Real de Portug.* Tom. 2. liv. 3. cap. 8. pag. 522. e D. Jozé Barboſa nas *Mem. do Colleg. Real de S. Paul.* pag. 360. n. 55. e no *Archiathæn. Luſit.* pag. 106. neſta forma.

Alvarus enveniet celſa de ſtirpe Noronha, Gaudeat illa Vetus Collipo Præſule quantũ Mores cerne gregis ſacratos inſpice mores Religio, quos clara pij revocabit Abranches. Ebora Pontificum magnorum cognita ſedes, Offeret antiquas ornet queis tẽpora Vittas, Sed renuet conſtans oblati pondus honoris. Servantem videas Themidis decreta ſevere, Sic reget ille gregem, plectet ſic facta reorum:
Juris amor librare ſolet lance omnibus æqua.

ALVARO AFFONSO DE ALMADA cuja patria he taõ incognita, como o eſtado da vida, que profeſſava, e idade em que floreceo. Foy Cavalleiro da Ordem de Chriſto, e inclinado à Poeſia. Compoz em outava Rima.

Panegirico a S. Joaõ Evangeliſta cuja obra ſe conſerva na Bibliotheca do Convento de Santo Eloy de Lisboa dos Conegos Seculares.

ALVARO DE ANDRADE natural de Lisboa Profeſſor celebre do Direito Pontificio na Univerſidade de Coimbra ſendo nella Lente de huma Cathedrilha de Canones, em que foy provido a 18. de Abril de 1573. Para demonſtraçaõ da fidelidade, com que defendia o direito deſta Coroa contra as pertençoens de Caſtella eſcreveo taõ douta como elegantemente.

Allegaçaõ de Direito a favor da Senhora D. Catherina Duqueza de Bragança. M. S.

ALVARO BARRETO foy celebre Poeta do ſeu tempo, e como tal venerado pellos mayores profeſſores deſta divina Arte.

Deixou muitas obras, das quaes ſomente lograraõ a luz publica as que eſtaõ a folhas 11. 22. v.º. 35. até 37. e 49. do Cancioneiro de Garcia de Reſende impreſſo em Lisboa por Herman de Campos 1516. fol.

ALVARO DE BRITO PESTANA, filho de Affonſo Rodrigues Alardo, e de Mecia de Brito Peſtana, que foy Ama delRey D. Affonſo V. naõ teve menos inclinaçaõ às armas, de que deo glorioſos teſtemunhos na batalha da Alfarroubeira, do que às letras, ſendo inſigne na metrificaçaõ de todo o genero de verſos, em que ſe admirava huma natural affluencia unida a huma ſublime elegancia: os que ſahiraõ a publico foraõ os seguintes.

Carta eſcrita a Luiz Fogaça Vereador de Lisboa dandolhe regras para os ares da dita Cidade ſerem ſaudaveis.

Gloſa ao Mote

Cuidados deixayme agora.
Aos Reys Catholicos Fernando, e Izabel.
A morte do Principe D. Affonſo.
Duas Cançoens a Noſſa Senhora
Gloſa ao Motte.
Terribles cuitas deſeo

Todas eſtas Poeſias eſtaõ impreſſas no Cancioneiro de Garcia de Reſende aſſima allegad. a fol. 10. v.º 49. v.º e fol. 24. atè 32.

Fr. ALVARO DE CASTELLO BRANCO natural da Villa de Arronches na Provincia do Alentejo, e filho de Franciſco de Siqueira Peſtana, e D. Leonor de Caſtellobranco ambos deſcendentes de illuſtres familias. Na florente idade de vinte, e hum annos recebeo o Habito da Ordem de Santo Agoſtinho no Convento de Lisboa em 3. de Mayo de 1640. Aprendeo com tanta applicaçaõ as ſciencias da Filoſofia, e Theologia, que as enſinou com igual credito no Collegio de Santo Agoſtinho de Lisboa. Foy dos grandes Prégadores do ſeu tempo, e como tal o nomeou ElRey por hum dos da ſua Capella, na qual fazendo hum Sermaõ, nelle como deſtro politico inſinuou o modo, com que ſe concluyo a paz, que ſe celebrou no anno de 1668. Em premio das ſuas profundas letras o nomeou o Principe D. Pedro Regente da Monarchia. Arcebiſpo de Goa, e depois Biſpo de Portalegre, e conſtantemente reſoluto naõ aceitou eſtas dignidades preferindo a quietaçaõ de Religioſo à vigilancia de Prelado. Morreo no Collegio de Santo Agoſtinho de Lisboa a 28. de Fevereiro de 1668. Compoz.

Curſus Theologicus. fol.

De Prædeſtinatione, Sacramentis in genere, & in ſpecie. fol.

Synopſis in Univerſam Theologiam ſpeculativam, & moralem fol.

Eſtes volumes ſe conſervam *M. S.* na Livraria do Convento da Graça de Lisboa, e nos primeiros dous eſtaõ deſeſeis concluſoens impreſſas, que defendeo, 8. de Filoſofia, e 8 de Theologia.

Fr. ALVARO CAVIDE. Naceo no termo da Cidade de Evora, e ſendo de dez annos de idade recebeo o habito da Santiſſima Trindade no Convento de Lisboa a 15. de Setembro de 1543. das mãos do Provincial, a tempo que hia exercitar o meſmo lugar em Caſtella, o qual attrahido da ſua indole, e viveza o levou em ſua companhia, e no Convento de Burgos naõ ſómente profeſſou, mas eſtudou as primeiras letras. Paſſou a Salamanca, em cuja Univerſidade aprẽdidas as ſciencias eſcholaſticas ſe graduou Doutor em Theologia no anno 1560. Exercitou o miniſterio de Prégador em toda Eſpanha com grande applauſo. Voltando para Ciudad Rodrigo, onde habitava, antes que a ella chegaſſe, morreo no caminho ſuffocado de huma grande innundaçaõ de neve no mez de Janeiro de 1606. quando contava 73. de idade. Compoz na lingua Caſtelhana, e o dedicou a ſeu sobrinho Fernaõ de Lemos.

Arte para conocermos a nos otros miſmos, y a Dios por ſeñales exteriores.

Deixou imperfeito hum tratado contra os Judeos do noſſo tempo.

D. ALVARO DA CONCEYÇAM natural de Villa de Monte mòr o Novo da Provincia Tranſtagana, e parente muito chegado dos Condes das Galveas. Recebeo o canonico habito de Santo Agoſtinho no Real Convento de Santa Cruz de Coimbra a 22. de Janeiro de 1666. Pela grande prudencia de que foy dotado exercitou os lugares de Difinidor, Collega, Vizitador, e Reytor do Collegio novo de S. Agoſtinho na Univerſidade de Coimbra onde falle-

ceo a 9. de Dezembro de 1728. Imprimio.

Sermaõ de N. Senhora da Pureza. Liſboa por Domingos Carneiro 1686. 4.

Fr. ALVARO COSME, Eremita de Santo Agoſtinho, inſigne Theologo, defenſor acerrimo da Religiaõ Catholica em Inglaterra, e Confeſſor do Eminentiſſimo Cardial D. Thomaz Ubrit do Titulo de Santa Cruz de Jeruſalem, e primeiro Fundador da Univerſidade de Cantuaria. Baſte para elogio deſte Varaõ o que delle eſcreveo Fr. Ricardo Wandalic in *Chron. Trinit. M. S.* que ſe conſerva na Bibliotheca do Eſcurial, lib. 1. cap. 20. *In temporis occaſione* (que era no anno de 1257.) *quidam peſſimi, & inſolentes hæretici erant, qui aperte corporum reſurrectionem abnegabant, in quos Venerabilis Archiepiſcopus Cardinalis magnam poſuit vigilantiam, & adjutorem adhibuit Reverendiſſimum, digniſſimumque Alvarum Coſme Luſitanum divi Auguſtini Eremitam, qui litteris, ſcientia, & dexteritate ingenij quinque conſcripſit argumenta, ut eos ab erroribus vindicaret &c. his efficaciſſimis remediis tota hæreſis relegata eſt, & Civitas Cantuarienſis ab execrandis criminibus manſit liberata.* Semelhante elogio lhe faz Fr. Antonio da Purificaçaõ na *Chron. da Prov. de Port.* Part. 2. liv. 6. Tit. 5. §. 4. & de *Vir. Illuſt. Ord. D. Auguſt.* liv. 2. cap. 3. Joaõ Soar. de Brit. in *Theatr. Luſit. Litter.* let. A. n. 18.

ALVARO DO COUTO DE VASCONCELLOS Teve por Pays a Joaõ Gonçalvez do Couto, e D. Brites Barbosa de Vaſconcellos, dos quaes com a nobreza do ſangue herdou o genio para o eſtudo de todas as ſciencias, e Artes liberaes ſendo a ſua mayor applicaçaõ à Hiſtoria profana, de que deo claro argumento, em obſequio de ſua patria no trabalho com que reduzio a melhor forma, e acabou em o 1. de Setembro de 1541.

Chronica do Sereniſſimo Rey de Portugal D. Joaõ o I. em 3. Tom. que tinha compoſta o Chroniſta Fernaõ Lopes, de cuja obra ſe conſerva huma Copia na Bibliotheca do Convento de S. Franciſco de Lisboa da Provincia de Portugal, que vimos.

ALVARO DIAS. Depois de ſe applicar na Univerſidade de Coimbra ao eſtudo de Theologia, ou dos Sagrados Canones recebeo o grào de Licenciado em huma deſtas faculdades. No tempo, que poſſuia hum Beneficio rendoſo na Cathedral de Cabo Verde huma das noſſas Ilhas Heſperidas, e exercitaſſe com rectidaõ, e prudencia o lugar de Vigario Geral naquella Dioceſe por morte do ſeu Biſpo o Illuſtriſſimo D. Fr. Sebaſtiaõ da Aſcenſão meritiſſimo filho da Religiaõ Dominicana, que ſuccedeo a 12. de Março de 1614. compoz, como teſtifica Jorge Cardoſo no *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 151. no Commentario de 12. de Março letra E. e Fr. Pedro Monteiro *Clauſt. Dominic.* Tom. 1. pag. 52.

Vida do Illuſtriſſimo Biſpo de Cabo Verde D. Fr. Sebaſtiaõ da Aſcençaõ, a qual ſe naõ imprimio, de cuja obra como do Author faz mençaõ o moderno addicionador da *Bib. Occident.* de Antonio de Leaõ Tom. 2. Tit. 23. col. 839.

Vida do Veneravel Padre Fr. Joaõ da Eſperança Religioſo da 3. Ordem de S. Franciſco eſcrita em 20. de Março de 1650. Como affirma o meſmo Cardoſo no *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 610. no Commentario de 9. de Junho let. E.

ALVARO ESCOBAR ROUBAM Naceo em Coimbra a 5. de Abril de 1615. ſendo ſeus Pays Manoel de Eſcobar Roubaõ, e Margarida Rouboa de Anhaya. Naõ foy preciso ſahir da ſua patria para ſe inſtruir em as letras humanas, Rhetorica, e lingua latina, antes fez nellas taes progreſſos, que paſſando a penetrar os Segredos da Filoſofia, e as Deciſoens dos Sagrados Canones mereceo com uniforme approvaçaõ da Univerſidade receber o grào de Bacharel neſta faculdade. Os ſeus merecimentos lhe alcançaraõ o Priorado da Igreja de Agueda, e o lugar de Prothonotario Apoſtolico. Teve para o pulpito grande genio ſendo eſtimado por grande Orador Evangelico pela eloquencia, e viveſa, com que recitava os ſeus Sermoens. Ao tempo, que com grande diſvelo exercitava o officio paſtoral foy impiamente morto por hum aſſaſſino em o anno de 1670. Os Sermoens, que ſe imprimiraõ ſaõ os ſeguintes.

Sermaõ na Tresladaçaõ dos oſſos de S. Bento com o Santiſſimo Sacramento expoſto prégado

no Convento das Religioſas do Porto Coimbra por Diogo Gomes Loureiro 1646. 4. & ibi. pela Viuva de Manoel de Carvalho 1670. 4.

Sermaõ da Purificaçaõ da V. N. Senhora com o titulo da Luz. Coimbra por Manoel Carvalho. 1667. 4.

Sermaõ da Beatificaçaõ de Santa Roſa de Santa Maria no ultimo dia do Outavario, que celebráraõ os Religioſos do Moſteiro de S. Domingos, e Religioſas do Convento de Aveiro. Lisboa por Antonio Crasbeeck de Mello 1670. 4. Sahio traduzido eſte Sermaõ em Caſtelhano por D. Eſtevaõ de Aguilar, e Zuniga em o Tom. 2. da *Laurea Portug.* Madrid por André Garcia dela Igleſia 1679. 4.

Seis Sermoens prègados de tarde a Chriſto Crucificado da Freguesia de Santa Juſta de Coimbra nos Sabbados de Quareſma. Obra poſtuma Lisboa por Joaõ da Coſta. 1671. 4.

Na Dedicatoria do Sermaõ da Purificaçaõ faz memoria de huma obra intitulada *Theatro de Principes* que eſtava brevemente para a imprimir, mas naõ o executou.

ALVARO FERNANDES, muito ſciente, e experimentado em a navegaçaõ da India Oriental, e Guardiaõ da Náo S. Joaõ que padeceo hum dos mais horroroſos, e lamentaveis naufragios de que ſe lembraõ os homens, cuja fatalidade ſuccedeo nos baixos da terra do Natal a 24. de Junho de 1552. perecendo nella o Capitaõ Manoel de Souza de Sepulveda com ſua mulher, e filhos, cuja laſtimoſa tragedia ſerá eternamente infeliz aſſumpto da deſgraça. Como aſſiſtio a eſte horrivel naufragio compoz delle huma exacta Relaçaõ conforme eſcreve Fr. Antonio de S. Roman *Hiſt. dela Ind. Orient.* liv. 4. cap. 23. e lhe poz o titulo ſeguinte.

Hiſtoria da muy notavel perda do galeaõ grande S. Joaõ em que ſe recontaõ os caſos deſvairados, que aconteceraõ ao Capitaõ Manoel de Souſa de Sepulveda, e o lamentavel fim, que elle, ſua mulher, e filhos, e toda a mais gente tiveraõ. Lisboa por Joaõ Barreira. 1554. 4. et ibi na Officina da Congregaçaõ do Oratorio 1735. 4. na Collecçaõ dos naufragios feita pela curioſa induſtria de Bernardo Gomes de Britto.

ALVARO FERREYRA DE VERA. Naceo em Lisboa, de Pays illuſtres, e no Collegio de Santo Antaõ dos Padres Jeſuitas aprendeo as letras humanas, e as diſciplinas Mathematicas, das quaes teve por Meſtre o Padre Chriſtovaõ Borro inſigne profeſſor neſta faculdade. Depois de ſe inſtruir na liçaõ da Hiſtoria profana ſe applicou com o mayor diſvelo por todo o tempo da ſua vida a alcançar a noticia das Familias illuſtres deſte Reyno revolvendo para eſte fim todos os Cartorios, e Archivos da Corte, e principalmente o Real, onde continuamente aſſiſtia por ter contrahido eſtreita amizade com o Guarda mór della. Naõ ſatisfeito das noticias, que a ſua incanſavel deligencia tinha colhido em Portugal paſſou a Madrid, onde viveo até o anno de 1645. occupado no ecudo Genealogico das Familias de Eſpanha, pelo qual mereceo os elogios, que lhe fizeraõ Nicolao Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 46. D. Franciſco Manoel na carta eſcrita ao Doutor Manoel da Fonſ. Themudo. Rodrigo Mend. Sylv. no *Cathal. Real.* Manoel de Faria, e Souſa na Dedicatoria da 1. Parte da *Fonte de Aganip.* ao Marquez de Montebello, dizendo: *como lo enſeñan los antigos Nobiliarios, y modernamente con ſus arboles el penetrante inveſtigador delos Venerables Monumentos Alvaro Ferreira de Vera;* e nas advertencias à Egloga 12. da P. 4. da *Font. de Aganip. Alvaro Ferreira de Vera nueſtro amigo es diligente eſcritor dela Hiſtoria Genealogica Portugueza y que ya divulgò un libro dela Nobleza y otros diſcurſos con claro eſtylo, y acierto;* e no principio da meſma Egloga dedicada ao ſeu nome lhe conſagra eſte Soneto.

Revolve ò graõ Ferreira em cinzas frias
Da apagada nobreza os lumes claros;
E do Luſo idioma os termos raros
Com que a patria ennobreces, e glorias.
De ſeus altos eſtudos as porfias
Sendo della os firmiſſimos reparos
Da fama annos futuros nada avaros
Te ſeraõ, quando o ſejaõ noſſos dias.
Bem podes revolver bem preſumido
Em quanto banha o Tejo, banha o Douro
Hum, e outro eſplendor eſclarecido.
Que a mim me eſtá dizendo Febo Louro
Que ſe a nobre fortuna o appellido
Te deo de ferro, deu-te o eſtylo de ouro.

D. Luiz Salazar, e Caſt. nas *Advert. Hiſt.* fol. 332. n. 269. *Alvaro Ferreira de Vera noble Luſitano eſcrevio unas notas al Nobiliario del Conde D. Pedro de Portugal con gran utilidad de aquel volumen.* D. Ant. Soar. de Alarc. nas *Relac. Geneal. da Caſa de Trocif.* fol. 85. col. 1. *Noticioſo Author delas familias de Portugal.* Gandar. *Nobil. de Galicia* lib. 3. cap. 16. Morery Dictionario Hiſtoriq. verb. *Ferreira de Vera* lhe chama *geneologiſte tres ſur* Compoz.

Origem da Nobreza politica, blazoens de armas, apellidos, Cargos, e Titulos nobres Lisboa por Mathias Rodrigues. 1631. 4.

Orthographia, ou modo para eſcrever certo na lingua Portugueza com hum Tratado da Memoria artificial; outro da muita ſemilhança que tem a lingua Portugueza com a Latina. Lisboa pelo meſmo Impreſ. anno e forma.

Notas ao Nobiliario do Conde D. Pedro por Eſtevaõ Paulinio 1640. fol. Lisboa por Joaõ da Coſta 1643. e Madrid por Alonſo de Paredes 1646. fol. Roma

Vidas abbreviadas del Conde don Enrique de Borgoña, delRey D. Afonſo Enriques el I. de Portugal, de D. Sancho el I. de D. Alonſo el II. de D. Sancho el II. de D. Alonſo III. delRey D. Dioniz unico en Portugal 6. en numero; de D. Alonſo IV. y D. Pedro I. Çaragoça 1643. fol.

Informacion ſobre el Titulo de Gijon. Madrid 1645. fol.

Linhas Reaes dos Condes de Penaguiaõ fol. *M. S.*

Lineas Reales delos Marquezes de Tor de Laguna. fol. *M. S.* Eſtes dous *M. S.* ſe conſervaõ na Livraria do Excellentiſſimo Marquez de Abrantes.

Informacion dela Origen delos Vaſconcelos. Madrid. 1646. fol.

Genealogia dela Caſa de Contreras. Deſta obra ſe lembraõ Franckenau in *Bib. Hiſp. Hiſt. Geneal. Herald.* pag. 19. e o Padre D. Antonio Caetan. de Souſ. no apparat. à *Hiſt. Gen. da Caſa Real de Portug.* pag. 74. n. 57. intitulando-o, *muito douto na Mathematica, Varaõ erudito, e com muito eſtudo de Genealogia.* Tinha compoſto como diz Nicol. Ant. in *Bib. Hiſpan.* Tom. 1. pag. 46. col. 2.

Compendio de Vocabularios, ou Lexicon Luſitano Latino.

Cortezaõ perfeito.

Porem naõ ſe imprimiraõ eſtas duas obras.

Fr. ALVARO DA FONSECA, nacco no lugar de Eſcarrigo termo da Villa de Caſtello Rodrigo do Biſpado de Lamego, e foraõ ſeus Pays Franciſco da Fonſeca Oſorio, e Catherina Dominguez. Recebeo o habito Carmelitano no Convento de Lisboa a 27. de Novembro de 1610. e profeſſou a 28. do dito mez do anno ſeguinte. Por ſer grande humaniſta, e muito ſciente na lingua Latina a enſinou aos ſeus domeſticos no Convento de Evora. Foy Subprior dos Conventos de Setubal, e Vidigueira, e Meſtre dos Noviços em Moura, e Lisboa. Applicouſe ao eſtudo da Genealogia em que foy muito perito. Morreo em Evora a 2. de Mayo de 1664. Compoz hum Nobiliario com eſte Titulo.

Relaçaõ da nobre, e antigua familia de Fonſeca no Reyno de Portugal, e da Origem da dos Coutinhos, que ſahio da dos Fonſecas. Começa.

Eſta geraçaõ, e nobre familia de Fonſeca he huma das mais antigas deſte Reyno.

Eſte livro dedicou o author no anno de 1643. a D. Veriſſimo de Lancaſtro depois Inquiſidor Geral, e Cardial da Igreja Romana, do qual há diverſas copias. O Padre Fr. Manoel de Sá nas ſuas *Memor. Hiſt. dos Eſcrit. Portug. da Prov. do Carm. deſte Reyno* pag. 10. n. 11. diz que o Original ſe conſerva na Livraria dos Excellentiſſimos Marquezes de Alegrete. Foy o dito Nobiliario acrecentado por Fr. Miguel de Saõ Braz Carmelita Deſcalço irmaõ de Luiz da Fonſeca Coutinho Fidalgo da Caſa Real, e Avô do Dezembargador Manoel Guerreiro Camacho, como affirma o Padre D. Antonio Caetano de Souza no Apparat. à *Hiſt. Gen. da Caſa Real de Portug.* pag. 86. n. 77.

Eſcreveo mais

Genealogia da Caſa Real de Bragança com eſtilo muito ſucinto como diz o Padre D. Antonio Caetano no lugar aſſima allegado.

Genealogia dos Reys de Portugal. Ao Senhor D. Veriſſimo de Lancaſtro quarto Neto delRey D. Joaõ o II. Thezoureiro mòr da Sé da Cidade de Evora, e digniſſimo Inquizidor da dita Cidade. Dedicado em o

anno de 1653. 4. *M. S.* Conſervaſe na Livraria do Conde do Redondo.

ALVARO GOMES, natural de Evora, filho de Gil Fernandes Sardinha, e Lourença Fernandes filha de Pero Lourenço, que tinha foro de Vaſſallo delRey, e irmaõ inteiro de D. Pedro Fernandes Sardinha primeiro Biſpo da Bahia, e hum dos mais inſignes Theologos, que venerou a Univerſidade de Pariz, onde depois de receber nella as inſignias Doutoraes na faculdade Theologica, como agradecido a taõ illuſtre paleſtra em que colhera os abundantes frutos da Sabedoria por muitos annos com grande eſplendor, e naõ menos aclamaçaõ dos ſeus ouvintes exercitou o magiſterio na meſma faculdade. Envejoſas as Univerſidades de Salamanca, e Coimbra, de que a de Pariz poſſuiſſe no ſeu gremio a hum taõ conſumado Meſtre, o chamaraõ para illuſtrar com os rayos da ſua doutrina aos Heſpanhoes, e Portuguezes, cuja incumbencia executou pelo largo eſpaço de vinte annos, principalmente em Coimbra, onde foy Lente de Theologia no anno de 1545. Por ordem delRey D. Joaõ III. paſſou do publico exercicio de Meſtre ao particular de inſtruir em a Theologia a ſeu Irmaõ o Sereniſſimo Infante D. Affonſo Arcebiſpo de Lisboa, e Cardial da Igreja Romana, e de tal ſorte eſtimava o meſmo Monarcha a ſua peſſoa, que o elegeo ſeu Confeſſor, e Prior da Igreja de S. Nicoláo de Lisboa, a qual até a morte adminiſtrou com diſvelo de paſtor zeloſo, e ſolicito. De todas as ſuas obras ſahio à luz publica.

De Conjugio Regis Angliæ cum relicta fratris ſui. Ulyſſipone apud Germanum Galhardum. 1551. 4.

Em cuja Dedicatoria a Pompeo Zambicari Biſpo Vaven. e Sulmon. Nuncio Apoſtolico neſte Reyno faz relaçaõ de outras obras neſta forma. *Sereniſſimo Regi Joanni Hiſtoriam Alphonſi Primi Luſitaniæ Regis, D. Sancij ejuſdem filij, & D. Joannis hujus nominis ſecundi latine à me primò donatam ex annalibus Luſitaniæ olim conſecravi: & Principi Henrico Commentarios in Prim. Lib. Facultatis Theologicæ Pariſienſis in materia fidei, & morum adverſus omnes noſtræ tempeſtatis hæreſes dicavi* (Eſtes Commentarios ſe conſervaõ *M. S.* na *Biblioth. do Colleg.* de Evora da Companhia de JESUS) *D. Eduardo inſignem de immortalitate animæ libellum, et alii Mæcenates mei, & primates Luſitaniæ non nulla opera qualia cumque ex me acceperunt.*

A memoria deſte author celebráraõ Nicol. Sand. in *Sciſmat. Anglic.* lib. 1. Odoric. Raynaud. *Annal. Eccleſ.* Tom. 20. ad an. 1531. n. 86. Hermic. Cayad. in uno *Suor. Epigram.* Nicol. Anton. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 46. col. 2. o Padre Franciſco da Fonſeca *Evor. glor.* pag. 409. D. Pedro Fernand. Sard. na Epiſtol. impreſſa no fim do livro *de conjugio Regis* &c. *Tametſi ante hos viginti annos tum Theologi, tum Juris conſulti Doctores eruditiſſime conſcripſerint, nullus tamen (quantum mihi videtur) rem ipſam acutius, ac profundiùs attigit, quam noſter Gomeſius Pariſienſis Theologus, ut qui multis annis Lutheſiæ, Salmanticæ, & Conimbricæ Theologiam edocuerit.* Jeronymo Cardoſo nas ſuas Epiſtol. Latinas o louva de igualmente ſer douto nas ſciencias ſagradas, como nas letras profanas dizendo-lhe na Epiſtola 15. *Duplicem mihi videris lauream aſſecutus, qui non contentus modo magis in litteris promoviſſe, quàm umquam quiſquam antehác, verum etiam quod magis admiror, in humanitatis ſtudijs ſic excellis, ut univerſos tuæ profeſſionis homines non ſolum anteeas, ſed eos ipſos etiam, qui in eiſdem ſtudijs nati educatique ſunt.* Neſtas Epiſtolas eſtá huma elegantiſſima, que he a 17. eſcrita por Alvaro Gomes a Jeronymo Cardoſo. O Padre Joaõ de Mariana in *Tract. pro editione vulgata Sacr. Script.* cap. 8. pag. 56. da impreſſaõ de Colonia do anno de 1609. traz huma ſua epiſtola eſcrita a Nicolao Sandero em que lhe diz *Diſputationem tuam pro Hebraicorum codicum veritate, quam Alvarus Gomeſius de litteris, ac de me benemeritus tuis verbis cognoſcendam miſit, cupidiſſime legi.*

ALVARO GOMES DE SANTA MARIA, Conſelheiro delRey D. Affonſo V. e naõ menos obſervante das Virtudes moraes, que perito nas elegancias poeticas compondo em Outava Rima Portugueza.

Das Virtudes, e dos Vicios. M. S.

Cuja obra ſe conſerva na Biblioth. Real.

ALVARO GONÇALVES. Celebre Poeta, que floreceo no Seculo decimo ſetimo inſigne imitador do Principe da Poeſia o grande Luiz de Camoens. Poſto que naõ fez publica alguma das ſuas obras naõ devemos paſſar em ſilencio a illuſtre memoria, que faz delle entre os Poetas Portuguezes, Jacinto Cordeiro no elogio delles.

Lleve Alvaro Gonſales el cuidado
La gala, la dulçura quando intenta
Applauſos con ſu ingenio delicado
Si enamora las Muſas, que frequenta.
Tanto en ſu blandura enamorado
Vivos affectos dulce repreſenta
Que ellas la ſangre en el han conocido
Que tiene de Camoens ſubſtituido.

ALVARO GONÇALVES DE CACERES. Foy Chroniſta mór delRey D. Affonſo V. e ſucceſſor neſte lugar de Gomes Eannes de Zurara. O meſmo Monarcha o armou Cavalleiro na expugnaçaõ de Alcacer, e lhe deo por Armas hum eſcudo em cujo campo de ouro eſtava huma palma com frutos coroada de huma eſtrella vermelha. Naõ eſcreveo Hiſtoria deſte Principe, mas dous Tratados dedicados a D. Affonſo I. Duque de Bragança, ſendo o primeiro.

Da dignidade do Duque, ſua origem, excellencias, e obrigaçoens do ſeu officio. Conſervaſe na Livraria do Marquez de Gouvea, como teſtifica o P. D. Antonio Caetano de Souſ. no Apparat. à *Hiſt. Gen. da Caſa Real Portug.* pag. 26. n. 7. O ſegundo eſcrito em Caſtelhano tem eſte titulo.

Que coſa ſea hidalguia, quando conviene, e a quien ſe deve. Fazem lembrança deſte Author Fr. Franciſco Brandaõ Chroniſta mór do Reyno no liv. 4. dos Myſticos, e Joaõ Franco Barreto na *Bib. Luſit. M. S.*

Fr. ALVARO DE JESUS natural da Villa de Alegrete da Provincia do Alentejo profeſſou o Habito de Eremita de Santo Agoſtinho no Convento de Lisboa a 19. de Março de 1595. Naõ foy menos inſigne na ſciencia da Theologia, que em a noticia das antiguidades da ſua Ordem zelando como verdadeiro filho os privilegios de taõ grande, e illuſtre Mãy, e como tal foy a Roma por Procurador Geral eleyto pela Provincia para defender a controverſia da precedencia com os Dominicos, onde alcançou ſingulares graças da liberalidade Pontificia para eſta Provincia Portugueza aſſiſtindo na Curia deſde o anno 1595. até o de 1602. em que morreo. Offereceo à Santidade de Clemente VIII. logo que chegou a Roma.

Defenſorio da Ordem dos Eremitas de Santo Agoſtinho, cuja Copia ſe conſerva na Livraria do Convento de N. Senhora da Graça de Lisboa. Além deſta obra, em que ſummamente trabalhou. Compoz.

Officios proprios da Ordem dos Eremitas ſeparados do Breviario no anno de 1596. e alcançou, que ſe rezaſſem, em toda a Ordem.

Fr. ALVARO LEITAM natural de Lisboa, e filho de Manoel de Figueiroa Caſtelobranco, e Catherina Jorge recebeo o Habito da Illuſtre Ordem dos Pregadores no Real Convento da ſua patria a 26. de Junho de 1628. Foy Meſtre na Sagrada Theologia, Qualificador do Santo Officio, Prégador das Mageſtades delRey D. Affonſo VI. e D. Pedro II. merecendo univerſal eſtimaçaõ pela excellencia das Letras, e integridade dos coſtumes. No pulpito ſempre ouvido com aplauſo; nas duvidas da conſciencia ſempre conſultado com veneraçaõ. Como era mais ambicioſo de obedecer, que de mandar nunca pertendeo lugar algum honorifico na Religiaõ, antes sendo eleito por votos uniformes Prior de Evora, renunciou a Prelazia com mayor ancia de que outros a pertenderiaõ. Morreo cheyo de annos, e merecimentos na patria a 2. de Janeiro de 1676. De muitos Sermoens, que podia publicar ſómente ſahiraõ à luz os ſeguintes.

Sermoens das Tardes das Domingas da Quareſma, e de toda a Semana Santa Lisboa por Joaõ da Coſta. 1670. 4.

Sermaõ nas Exequias do Sereniſſimo Principe D. Theodoſio noſſo Senhor, que Deos tem, feitas pelo Reverendo Cabido da Santa Seé de Lisboa no Real Convento de Belem aos 26. de Junho de 1653. Lisboa por Paulo Crasbeeck. 1654. 4.

Sermaõ em acçaõ de graças pela ſaude, e Vida da Raynha N. Senhora no Moſteiro da Encarnaçaõ de Lisboa ibi. por Henrique Valente de Oliveira 1660. 4.

Sermaõ do acto da Fé celebrado em Lisboa

na 4. Dom. da Quareſma a 4. de Abril de 1666. Lisboa por Joaõ da Coſta. 1666. 4.

Sermaõ na Feſta da Canonizaçaõ de S. Pedro de Alcantara. Lisboa por Domingos Carneiro 1671. 4.

Sermaõ às Religioſas do Moſteiro do Salvador na Segunda 6. feira da Quareſma à grade do Coro patente o Senhor, que havia hir na Prociſſaõ de Paſſos. Lisboa por Joaõ da Coſta 1675. 4.

Epitome da vida, e morte da glorioſa, e admiravel Virgem Roſa de Santa Maria Religioſa Terceira da Ordem dos Prégadores dividida em dous Sermoens, hum que ſe pregou na Roſa, outro no Bom Succeſſo Lisboa por Joaõ da Coſta 1669. 12.

Delle fazem memoria o Padre Fr. Lucas de Santa Catherina na *Hiſt. da Ordem de S. Domingos da Prov. de Portug.* Part. 4. liv. 1. cap. 5. e Fr. Pedro Monteiro no *Clauſt. Dominic.* Tom. 3. pag. 134. e no Tom. 1. pag. 145.

P. ALVARO LOBO. Naceo em Villa Real da Provincia Tranſmontana, e das mais qualificadas familias daquella Villa de que deſcendiaõ ſeus Pays Antonio Lobo, e Beatriz de Contreiras. Aos 15. annos de idade paſſou a Coimbra, e no Collegio dos Padres Jeſuitas foy admitido a ſeu Collega em 28. de Fevereiro de 1566. Neſta Eſcola ſahio taõ perfeitamente inſtruido nas Humanidades, que por alguns annos as enſinou aos ſeus domeſticos com grande fama de inſigne Poeta, e conſumado Orador. Semelhante nome alcançou, quando em Evora enſinou Filoſofia por eſpaço de quatro annos. Mais illuſtre ſe fazia a ſua ſciencia pelas virtudes, em que florecia, como eraõ a contemplaçaõ dos bens eternos, o deſprezo dos caducos, a humildade profunda, e o dominio ſobre todas as paixoens. Foy Regente dos Eſtudos de Braga, e de Lisboa, Reytor do Collegio do Porto. Ainda que era de ſaude pouco robuſta ſe applicou com diſvelo a compor a Hiſtoria da Companhia deſta Provincia, à qual naõ lhe poz o dezejado fim interrompido pela morte, que o treſladou à melhor vida em Coimbra a 23. de Abril de 1608. com 57. annos de idade, e 42. de Religiaõ. Traduzio em Portuguez.

Martyrologio Romano. Coimbra por Antonio de Mariz 1591. 8. No fim lhe acrecentou.

Martyrologio dos Santos de Portugal, e feſtas geraes do Reyno recolhido de alguns Authores, e informaçoens por alguns Padres da Companhia de Jeſus. Coimbra por Antonio de Mariz. 1591. 8.

O Martyrologio Romano ſahio muito augmentado Lisboa por Miguel Deſlandes 1681. 4.

Hiſtoria da Companhia da Provincia, de Portugal dividida em 12. Livros, dos quaes deixou acabados 10. em que comprehendia dezeſete annos deſde a ſua Fundaçaõ, da qual ſe aproveitou muito para a Chronica da meſma Companhia o Padre Balthezar Telles, como elle o confeſſa ingenuamente no Prologo da 1. Parte.

Tratado da Familia dos Almeydas o qual fez à inſtancia de D. Pedro de Almeyda I. Preſidente da Camara, do Conſelho de Eſtado, Alcayde mór de Torres Vedras, Irmaõ de D. Jorge de Almeyda Arcebiſpo de Lisboa, cujo tratado devia ficar em poder de ſeu filho D. Pedro de Almeyda Commendador de Loures na Ordem de Chriſto, Alcayde môr de Alcobaça, e Preſidente da Camara. Deſta obra faz mençaõ, e do Author o Padre D. Antonio Caetano de Souſa no Apparat. *à Hiſt. Gen. da Caſ. Real. Portug.* pag. 56. n. 33.

Tratado da Entrada das Religioens neſte Reyno allegado muitas vezes por Jorge Cardoſo no *Agiol. Luſit.* principalmente, em o Tom. 1. p. 252. no Commentario de 25. de Janeiro letr. D. e no Tom. 3. pag. 519. no Commentario de 3. de Junho let. A.
Tinha quaſi acabada.

Vida do Sereniſſimo Rey, e Cardial D. Henrique, como teſtifica o Padre Franciſco da Cruz nas *Mem. para a Bib. Portug. M. S.* Com merecidos elogios o celebraõ Nicol. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 48. *col.* 2. *Orator eximius, Poeta excellens.* Alegamb. in *Bib. Societ.* pag. 44. *inſignia habuit virtutum ornamenta, ex quibus animi tranquillitas, manſuetudo, lenitas, maxime commendabant.* Fonſec. *Evor. Glorioſ. pag.* 425. *Ornado de muitas letras, e Virtudes.* Joan. Suares de Brito in *Theatr. Luſit. Litterat.* let. A. n. 20. *Orator fuit eximius, & egregius Poeta.* Telles no Prol. da 1. Part. *da Chron. da Companh. de Prov. de Portugal. Homem douto, e muito erudito, de muita*

verdade, e ſinceridade. Franco Synopſ. *Annal. S. I. in Luſit.* pag. 195. n. 9. et in *Ann. Glor. S. I.* pag. 225. e na *Imagem do Novic. do Colleg. de Coimb.* Tom. 2. pag. 610. Cunha. *Hiſt. Eccleſ. de Braga* Part. 2. cap. 17. n. ult.

ALVARO LOPES natural de Villa viçoſa na Provincia do Alentejo onde no anno de 1618. exercitava a Arte de Cirurgia, em que foy inſigne. Eſcreveo.

De morbo gallico, ejuſque partibus. M. S. De cuja obra, e author faz mençaõ Franciſco de Moraes Sardinha no *Parnaſ. de Villav.* liv. 2. cap. 60.

ALVARO MARTINS. Cozinheiro mór em Caſtella da Sereniſſima Princeſa D. Joanna de Auſtria Mãy, que foy delRey D. Sebaſtiaõ, e depois delRey Filippe III. merecendo eſtimaçaõ pela arte de que fez hum livro no anno de 1615. cujo original conſervava na ſua ſelecta Livraria o Chantre de Evora Manoel Severim de Faria.

ALVARO DE MATTOS natural da Cidade de Elvas. Sendo Livreiro teve particular genio para a Poeſia comica compondo muitas Comedias das quaes ſómente chegou à minha noticia a ſeguinte impreſſa.

Cazado venturoſo, e Paſtora pertendida Lisboa por Antonio Alvares 1636. 4.

Entre os Poetas Portuguezes he numerado pelo P. Antonio dos Reys no *Enthuſiasmo poetico* impreſſo no principio dos ſeus Epigramas n. 249.

ALVARO DE MORAES. Natural de Villa viçoſa filho do Doutor Fernando de Moraes, e irmaõ mais velho do Doutor Gomez de Moraes Lente de Prima de Canones na Univerſidade de Coimbra, em cuja faculdade tambem recebeo o gráo de Doutor. Prometendo-lhe a ſua grande litteratura a adminiſtraçaõ dos mayores lugares preferio a tranquillidade do campo ao tumulto da Corte ſervindo unicamente o lugar de Juiz de fora da villa de Pinhel. Retirado a huma Quinta ſe applicou à cultura da terra eſcrevendo.

Livro de Agricultura no qual ſe trata do modo de enxertar, e plantar Arvores.

Querendo imprimir eſta obra a remeteo ao exame de ſeu Irmaõ o qual julgando ſer o ſeu argumento indigno de hum Varaõ capaz de eſcrever materia mais alta a ſupprimio, naõ ſabendo, que a cultura dos campos, e das Arvores como taõ neceſſaria à conſervaçaõ do genero humano tinha ſido louvavel exercicio de muitos Principes.

ALVARO NUNES, natural de Villa de Santarem Pay naõ menos pela ſciencia que natureza de Luiz Nunes de quem em ſeu lugar ſe fará mençaõ. A opiniaõ que corria da ſua profunda capacidade o fez ſer venerado por hum dos mayores profeſſores da Medicina, de tal ſorte, que quando o Sereniſſimo Alberto Archiduque de Auſtria entrou em Lisboa para governar eſta Monarchia em nome de Filippe II. naõ ſómente o elegeo por Medico da ſua Camara, mas lhe perſuadio com largos partidos que o acompanhaſſe a Flandes com o titulo de ſeu Phyſico môr na occaziaõ que hia governar aquelles Eſtados. Obedeceo promptamente à inſinuaçaõ deſte Principe, e entrando em Anveres Corte dos Principes de Flandes naõ he facil de explicar a univerſal eſtimaçaõ, que mereceo aſſim da Nobreza, como do povo pelo admiravel methodo, e ſingular arte, com que curava as infermidades mais perigozas, e rebeldes, por cuja cauſa o reſpeitavaõ os Profeſſores da ſua Arte por hum novo Hypocrates, ou Galeno. Toda eſta acclamaçaõ conciliava a ſuavidade do ſeu genio, e urbanidade da ſua peſſoa ſempre inimiga da vangloria, e unicamente amante da moderaçaõ. Além deſtes amaveis dotes reſplandecia nelle ſobre a profunda ſciencia da Medicina a perfeita noticia da lingua Romana, e Grega, e a vaſta comprehenſaõ da Filoſofia, Cirurgia, Mathematica, e Hiſtoria por cujas partes lhe dedicou ao ſeu merecimento eſte Elogio o inſigne Varaõ Lourenço Beyerlinck in *Oper Cronol.* ad ann. Chriſti 1602. *Venio ad Alvarum Nonium Medicorum ſui ſæculi, & ſoli lumen, qui græce, & Latine eruditus ingentes opes ſubtilis ingenii ab ineunte ætate ad illuſtranda Medicinæ abdita conſervaverat. Quo factum, ut nihil inter Græca primorum Medicinæ antiſtitum volumina occurreret, quod non otiùs enodaret interpretando. Memoria verò adeo tenaci,*

ac vegeta præter alias naturæ, & fortunæ dotes, præditus erat, ut non niſi eum ſumma voluptate audires de rebus ſummis quæque proxime hominem contingebant diſſerentem, & arcana quævis veterum, & ſcriptis certa fide de promentem. Quare magno in prætio apud magnos ſemper eſt habitus, & Principum noſtrorum Archiater aſſiduus fuit. Bibliothecam habuit divite librorum ſupellectile inſtructam, quam Ludovico Nonio filio reliquit. Morreo em Anveres, e foy ſepultado na Igreja de Saõ Tiago, em cuja Sepultura lhe gravaraõ ſua mulher, e filhos eſte honorifico epitafio.

Alvaro Nonio Lud. Fil.
Nato an. 60. *denato* 5. *Idus. Decembris* 1603.
Philoſopho, & Archiatro
Doctrina. & virtute claro:
Principibus charo.
Prolixa in omnes comitate
Cui in vita nil charius quam aliis eam dare; Nil in morte jucundius, quam ad meliorem tranſire.
Uxor marito, liberi parenti.
MM. PP.

Das obras de taõ grande Author unicamente chegou à noſſa noticia a ſeguinte.

Annotationes ad libros duos Franciſci Arcæi de recta curandorum vulnerum ratione cum eiſdem excuſæ. Antuerp. apud Chriſtophorum Plantinum 1574. 8. et Amſtelod. apud Petrum Vande Berghe. 1658. 12.

Deſta obra, e do Author ſe lembraõ Vander de Linden, & Georg. Abrah. Merck lino in *Script. Medic.* Nicol. Anton. in *Bib. Hiſ.* Tom. 1. pag. 48. c. 2. Zacut. in præfat. de *Med. Princip. Hiſt.* Caldeira *Variar. Lection.* lib. 2. cap. 5. Franc. Suvertius in *Athen. Belgic.* & Val. Andr. Deſſel. in *Bib. Belgic.* fallando de ſeu filho Luiz Nunes.

D. Fr. ALVARO PAES brilhante Luz da Igreja Catholica, e da Religiaõ Serafica naceo na celebre Villa de Santarem baſtando-lhe eſte unico filho para eterno brazaõ da ſua Nobreza. Dezejoſo de ſe inſtruir com os documentos da doutrina mais ſolida paſſou a Bolonha onde na ſua florentiſſima Univerſidade ſe applicou ao eſtudo da Juriſprudencia Civil, e Canonica, fazendo neſtas duas faculdades taes progreſſos, que recebendo nellas o gráo de Doutor as explicou, com elle meſmo affirma na obra *de Planctu Eccleſiæ lib.* 2. *cap.* 23. com geral applauſo de todos os Cathedraticos. Julgando por caduca a gloria, que lhe reſultava deſtas acclamaçoens Academicas, para ſegurar a eterna recebeo no anno de 1304. o habito dos Menores na Cidade de Aſſiz, onde eſtava celebrando Capitulo geral eſta penitente familia buſcando para teſtemunhas da ſua heroica reſoluçaõ o immenſo numero de tantos Capitulares admirados de que quizeſſe profeſſar o humilde eſtado Religioſo hum homem, que era famoſo entre os mayores Corifeos da Juriſprudencia. Voltando a Portugal aſſiſtio algum tempo no Convento de Lisboa, onde foy exemplar da vida regular, como tinha ſido aſſombro das ſciencias Canonica, e Civil. Para ſe inſtruir nas faculdades proprias do eſtado, que novamente profeſſára, paſſou a Pariz onde teve por Meſtre ao Doutor Joaõ Duns Scoto, que naquelle tempo illuſtrava a Univerſidade de Pariz com a ſublimidade da ſua doutrina, e era tal a comprehensaõ do diſcipulo, que diſputava com a ſubtileza do Meſtre. Cheyo com os ſcientificos theſouros da Juriſprudencia, e Theologia, partio para Avinhaõ onde reſidia o Summo Pontifice Joaõ XXII. que admirando a ſua grande ſabedoria acompanhada de huma profunda humildade de tal modo lhe arrebatou os affectos, que o fez no anno de 1328. ſeu Penitenciario; em 16. de Junho de 1332. Biſpo de Coron na Achaya; e no de 1335. de Sylves em o Reyno do Algarve, por morte de D. Pedro o I. deſte nome; e ultimamente determinava coroarlhe os ſeus grandes merecimentos com a Purpura Vaticana o que deo occaſiaõ para que Gonzaga Part. 1. de *Origin. Seraph. Relig.* Daza Part. 4. liv. 1. cap. 12. n. 55. Marian. Florent. in *Faſc. Chron. Ord. Min.* liv. 4. cap. 3. Joaõ Perez Lopes na vida de Scoto *Inſtant.* 10. e outros Authores Franciſcanos erradamente eſcreveſſem, que elle fora admitido ao Collegio Apoſtolico, ſendo eſta ſuprema dignidade juſtamente devida às heroicas acçoens, que em obſequio da Igreja tinha exercitado. Defendeo com valor Apoſtolico ao Pontifice Joaõ XXII. contra o Antipapa Pedro Corbario protegido pela Ceſarea Mageſtade de Luiz Bavaro, e contra as calumnias de Gui-

lherme Ockam Author da Eſcola dos Nominaes. Naõ manifeſtou menor efficacia o ſeu ardente zelo, quando ſe oppós aos violadores da immunidade da ſua Igreja de Sylves com manifeſto perigo da vida chegando a taõ execrando atrevimento, que o acometeraõ para ſer victima do ſeu ſacrilego furor a tempo, que eſtava offerecendo no Altar o incruento holocauſto do divino Cordeiro. Obſervante do preceito de Chriſto deſemparou a Cidade de Sylves, à qual como ingrata eſpoſa amaldiçoou, e paſſando a Sevilha viveo com os ſeus Religioſos entre os quaes exercitava com mayor exceſſo as virtudes heroicas, que ſempre practicára, até que chegou a hora, que deixando de ſer mortal foy coroado na eternidade em o anno de 1353. O ſeu cadaver foy ſepultado em hum mauſoleo elegantemente fabricado, que eſtá no Coro das Religioſas de Santa Clara de Sevilha onde ſe faz taõ veneravel a ſua memoria pellos prodigios que obra, que entre os Sevilhanos he intitulado com a honorifica antonomaſia de Santo. O dia da ſua morte colloca Artur in *Martir. Franc.* pag. 289. em 5. de Julho, e Jorge Cardoſo no *Agiol. Luſit.* Tom. 1. pag. 244. a 25. de Janeiro. Celebraraõ o nome deſte Prelado S. Antonin. *Hiſt.* Part. 3. Tit. 24. cap. 8. §. 2. Toſſinian *Hiſt. Seraph.* pag. 185. Wading. *Annal. Ord. Min.* ad ann. 1234. §. 32. ad ann. 1293. §. 9. ad. ann. 1232. §. 7. ad ann. 1340 §. 11. Miræus de *Script. Eccleſ.* cap. 416. Vener. *Enchirid. de los Tiemp.* ann. 1320. pag. 234. Dermic. Thad. in *Nittel. Franc.* cap. 6. art. 5. Poſſev. *Appar. Sacr.* Tom. 1. pag. 49. Willot. *Athen. Franc.* Piſan. in lib. *Conformit.* fruct. 8. part. 2. Fr. Marcos de Lisboa *Chron. dos Men. Part.* 2. lib. 8. cap. 42. Joan Suar. de Brito in *Theat. Luſit. Litter.* let. A. n. 21. Fr. Manoel de S. Damaſ. *Verd. Elucid.* pag. 154. n. 293. Monfort. *Chron. da Prov. da Pied.* liv. 2. cap. 24. n. 2. Fonſec. *Evor. Glorioſ.* pag. 290. Navar. de *reddit Eccleſ.* Quæſt. 1. Monit. 10. *doctrina ſolida virum* Nic. Anton. in *Bib. Hiſp. Vet.* lib. 9. cap. 4. n. 220. *Splendidiſſima fax diſſipandæ horum temporum caligini, qua excæcatus omnis fere ſtatus hominum vitia palam virtutum loco amplectabatur doctrina fuit Alvari Pelagii.* Fr. Manoel da Eſper. *Hiſt. Seraf. da Prov. de Port.* part. 2. liv. 10. cap. 1. n. 2. Brand. *Mon. Luſit.* Part. 5. liv. 16. cap. 61. *Hum dos mais authorizados, e doutos Prelados da Chriſtandade.* o Padre D. Manoel Cact. de Souſa *Cathol. Hiſt. dos Pontif. Card. e Biſpos Portug.* p. 83. *Varaõ inſigne.* Fr. Joan à D. Anton. in *Bibliothec. Franc.* Tom. 1. pag. 53. *Fervidiſſimus perfectionis religioſæ zelator.* O Illuſtriſſimo Cornejo *Chronic. Seraf.* Part. 3. liv. 3. cap. 21. *Bien conocido, y celebrado por ſus eſcritos.* Graveſſon *Hiſt. Eccleſ.* lib. 5. pag. mihi 113. Konig. *Biblith. Vet. & nov* pag. 616. *Reliquit inſigne opus cui titulum indidit De Planct. Eccleſ.* Dupin *Hiſt. des controu. e Mat. Eccleſiaſt. dans le* 14. *Siecle* pag. mihi 216. Oudin. de *Script. Eccleſ. Antiq.* Tom. 3. pag. 902. *Cultus ab omnibus ob conjunctam pietati inſigni eruditionem. Plurima interim eximiæ virtutis, raræque lectionis opera orbi litterario obtulit, quæ ordini Fratrum Minorum perpetuo ornamento futura ſunt.* Fleury *Hiſt. Eccleſ.* Tom. 19. pag. mihi 496. ann. 1332. *Un de plus zelés defenſeurs du Pape Jean XXII.* Plati de *bono ſtat Relig.* lib. 2. cap. 32. *Alvarus Pelagius utriuſque Juris peritiſſimus, ſimulque divinarum litterarum cujus præſtans doctrina magno in pretio fuit apud omnes, ac præcipue apud Pontificem Joannem XXII.* Braſchio de *libert. Eccleſ.* Tom. 1. cap. 41. n. 12. *Virum doctiſſimum,* e fallando das ſuas obras, diz *ſunt ſimul doctrina, & pietate atque zelo uberrime redundantia.* Seja a ultima coroa dos ſeus elogios a que lhe teceo eſte Pontifice em hum Breve expedido em 23. de Março do nono anno do ſeu Pontificado dizendo-lhe. *Prudenter in ea, quæ noſtrum, et Eccleſiæ Romanæ honorem, & fidei veritatem concernunt catholicæ per prædicationes, & veras doctrinas devotis operibus Te impendis: inde tuam prudentiam plurimum in Domino commendantes eam attentiùs exhortamur quatenùs in his ſic conſtanter et laudabiliter perſeveres, quod divinam, ac noſtram Apoſtolicæ Sedis gratiam merearis.* Compoz.

De Planctu Eccleſiæ. Dedicado a D. Pedro Gomes Barroſo Cardial da Igreja Romana do Titulo de S. Praxedes. Contem dous livros nos quaes relata o poder da juriſdicçaõ Pontificia, e com ſevera liberdade reprehende os defeitos dos Eccleſiaſticos deſde

a primeira Jerarchia até a ultima, e de toda a Republica Chriſtãa, confirmando as ſuas reſoluçoens com textos do direito Canonico, e da Sagrada Eſcritura. Odoric. Raynaud. tom. 15. *Annal. Eccleſ.* ad an. 1332. n. 30. julga que o noſſo D. Alvaro ſe oppuzera à Mageſtade, e pompa exterior da Igreja para exaltar mais a religioſa pobreza do ſeu Inſtituto Serafico. Sahio primeiramente eſta obra Ulmæ ex Officina Joannis Zeneir 1474. Depois ſe publicou em Leaõ de França com eſtas palavras no fim. *Impreſſum eſt autem denuò præclarum hoc opus in famatiſſimo Lugdunenſi Emporio apud Virum integerrimum Joannem Eleyn Bibliopolam, & induſtrium, & de bonis litteris optime meritum. Anno poſt Chriſtum natum ſeſquimilleſſimo ſupra decimum ſeptimo ad Calendas Auguſtas.* fol.

Plurima qui latuit vix ulli ſæcula notus
Exerit è tenebris Alvarus ecce caput.

Terceira vez ſe imprimio Venetiis apud Franciſcum Sanſovinum & ſocios 1560. fol. cuja ediçaõ preparou Nicoláo Tinto, e a dedicou a D. Luiz de Toledo, filho de D. Pedro de Toledo Vicerey de Napoles dizendo do author. *Vir Summus & ad expellendas errorum tenebras, reſtituendamque veritatis lucem natus, qui in hoc opere quæcumque homines pie, ac ſincere de Chriſtiana religione ſentientes deligenter quærere conſueverunt, omnia ita ſubtiliter, erudite, diſerteque proſecutus eſt, ut quantum heroibus illis, quorum virtus exitioſa monſtra, id eſt vitia, extinguebat, antiquitas debuit, tantum nos hujus ingenio, induſtriæ, pietati debere videamur.*

Conſerva-ſe eſta obra *M. S.* em diverſas Bibliothecas, principalmente em a Vaticana entre os livros, que foraõ do Duque de Urbino n. 953. e 954. e Nicoláo Anton. no lugar aſſima citado diz, que a vira na meſma Bibliotheca num. 4280. à qual precedia eſte opuſculo. *Franciſci de Toledo in Theologia Magiſtri Archidiaconi de Artiga diviſio, ordinatio, continuatio, quæ eſt ſumma quædam per rubricas in Librum Alvari, & poſtremò repertorium per alphabetum, ad Reverendiſſimum Cardinalem Firmanum.* E nas Bibliothecas Real de Pariz Cod. 884. como eſcreve Montfaucon in *Bib. Bibliothec. M. S. nova* tom. 2. pag. 937. e na de Saõ Gaciano da Cidade de Tours n. 184.

Collyrium fidei contra hæreſes. Exiſte *M. S.* na *Bibliotheca Colbertina* Codic. 2071. e na *Patavina S. Joannis in Viridario* como teſtifica Tomaſin. pag. 31. Nicol. Ant. no lugar allegado affirma ter viſto na *Bibliotheca Vatican.* Codic. 1129. hum exemplar deſta obra eſcrito parte em papel, parte em pergaminho com caracter muito antigo, no fim do qual eſtaõ eſcritas eſtas palavras. *Præſens opus compoſitum a Fr. Alvaro de Ordine Minorum Epiſcopo Sylvienſi vocatur Collyrium, quod ſicut collyrium eſt quædam unctio facta ad fæces oculorum tergendas, & viſum illuminandum, ſic præſens liber utilis & neceſſarius eſt ad fidem illuminandam. Collyrium dividitur in ſex partes.* Começa o livro. *In Nomine Domini &c. Fr. Alvarus profeſſor Minorita natione Hiſpanus Decretorũ doctor, in Sacra Theologia Scholaſticus gratia vobis pax, & Miſericordia a Domino noſtro JESU Chriſto &c.*

Summa Theologiæ Ulmæ 1474. in fol. Deſte livro faz menção Wading. *de Script. Ord. Min.* p. 15. o qual ſe conſerva *M. S.* na Biblioth. do Convento Franciſcano de S. Juan delos Reys de Toledo.

Apologia pro Joanne XXII. contra Marſilium Patavinum, & Guilielmum Ockamum. Conſervaſe *M. S.* e he louvada com grandes elogios por Trithemio, Fr. Marcos de Lisboa, e Fr. Luiz Jacob. de S. Carlos na *Bib. Pontif.*

Speculum Regum. Principia. *In nomine Domini noſtri JESU Chriſti M. S.*

In quattuor libros ſententiarum.

Sermo Fr. Alvari Hiſpani Decretorum Doctoris Epiſcopi Coronenſis, & Pœnitentarii Domini Papæ factus in die Jovis Cœnæ Domini in præſentia Domini Papæ Joannis XXII. Neſte diſcurſo ſegue a opiniaõ deſte Pontifice, que affirmava naõ lograrem as almas da viſaõ beatifica antes do dia do Juizo, cuja aſſeveraçaõ defendida como Doutor particular ſe retratou della Joaõ XXII. como Papa. Conſervaſe *M. S.* no Convento de Toledo da Ordem dos Menores

ALVARO PEREIRA DE CASTRO. Foy muito perito na liçaõ da Hiſtoria profana, e naõ menos inclinado à profiſſaõ

da Poeſia. Para fiel teſtemunho da alegria publica pelo nacimento do Primogenito dos noſſos Monarchas reinantes convocou a ſua Muſa as quatro partes do mundo para a celebridade deſte Natalicio, imprimindo.

Obſequioſa demonſtraçaõ com que as quatro partes do mundo feſtejaraõ o feliz Nacimento do Sereniſſimo Principe D. Pedro auguſto filho dos muy altos, e muy poderoſos Reys D. Joaõ o V. e D. Marianna de Auſtria Lisboa por Miguel Maneſcal Impreſſor do Santo Officio 1713. 4. Conſta de vario genero de verſos.

ALVARO PIMENTA natural de Santarem, e excellente Poeta latino da ſua idade, principalmente na compoſiçaõ das Elegias, em que foy exacto imitador da ſuavidade de Ovidio, como o manifeſtou na que compoz em forma de Carta eſcrita a França da parte de Portugal onde lhe relata o jubilo exceſſivo com que eſta Coroa acclamou por ſeu Principe ao Sereniſſimo Senhor D. Joaõ o IV. cujo titulo era.

Luſitania Libera.

Principia.

Quem legis inde venit traſmiſſo littera ponto,
Unde tibi nuper ſcribere crimen erat.

Sahio impreſſa Ulyſipone apud Laurentium de Anvers. 1641. 4.

O Padre Lourenço le Brun da Companhia de Jeſus na ſua *Eloquentia Poetica* Pariſiis apud Sebaſtian. Cramoyſi 1655. 4. tranſcreveo eſta Elegia como obra neſte genero perfeitiſſima em o 2. Tom. pag. 698. Do author como Poeta inſigne faz memoria o P. Antonio dos Reys no *Enthuſiaſm. Poet.* impreſſo no principio dos ſeus epigramas n. 221.

ALVARO PIRES DE TAVORA naceo em Lisboa, ou no lugar de Caparica, e foy filho de Ruy Lourenço de Tavora Capitaõ General de Tangere, e do Algarve, Vice-Rey da India, Conſelheiro de Eſtado, e de ſua mulher D. Maria Coutinho filha de D. Lourenço de Lima, e D. Luiza de Tavora dos Viſcondes de Villa nova de Cerveira; Primogenito, e herdeiro do Morgado de Caparica, Commendador, e Alcayde mór das Villas das Entradas, e Padroens da Ordem de Saõ Tiago, e Commendador das Pias, Sexas, e Lanholas da Ordem de Chriſto. Naõ ſendo em os dotes do eſpirito inferior aos ſeus Mayores o foy no exercicio dos lugares publicos, pois merecendo pela ſua ſingular prudencia, perſpicàs juizo, e moderaçaõ de animo em as felicidades, e infortunios, ſer preferido em qualquer miniſterio a todos, nunca ſentio como injurioſa à ſua Peſſoa eſta deſatençaõ da fortuna. Paſſou a mayor parte da vida retirado do Paço, e do comercio da Nobreza, porém como tinha talento grande, ſempre era conſultado nas materias mais graves pertencentes à conſervaçaõ, e gloria da Monarchia, o que naõ ſómente executava com a penna, mas tambem com a eſpada, como ſe vio na occaſiaõ, em que ſe embarcou na Armada, que partio no anno de 1624. para lançar fora os Olandezes da Bahia, em cuja empreza obrou proezas dignas do ſeu claro nacimento. Para que totalmente naõ eſtivesse entregue a hum culpavel ocio ſe applicou em ler, e ordenar as Acçoens heroicas, que na paz, e na guerra tinhaõ obrado os ſeus Aſcendentes formando huma Hiſtoria, que por induſtria de ſeu filho Ruy Lourenço de Tavora ſahio a publico com eſte Titulo.

Hiſtoria dos Varoens illuſtres do appellido Tavora continuada em os Senhores da Caſa, e Morgado de Caparica com a relaçaõ de todos os Suceſſos politicos deſte Reyno, e ſuas conquiſtas deſde o tempo do S. Rey D. Joaõ o III. a eſta parte. Noticia de Caſamentos, Guerras, Pazes, Ligas, Negociaçoens, e Embaxadas dos Senhores Reys de Portugal, e outros de Europa, Africa, e Aſia, em que entrevieraõ aquelles de quem ſe eſcreve. Pariz por Sebaſtiaõ, e Gabriel Cramoyſi. 1648. fol.

Morreo em Lisboa a 7. de Julho de 1640. e eſtá ſepultado no Convento dos Religioſos Arrabidos de Caparica do qual era Padroeiro. Delle, e da obra ſe lembraõ Franckenau in *Bib. Hiſp. Hiſt. Gen. Herald.* pag. 20. dizendo por engano, que ſe naõ imprimira; e o P. D. Antonio Caetano de Souſ. no *Appar. da Hiſt. Gen. da Caſ. Real Portug.* pag. 59. n. 39.

D. ALVARO DE PORTUGAL, filho de D. Fernando ſegundo Duque de Bragança, e da Duqueza D. Joanna de Caſtro ſendo o quarto na ordem do nacimento

mereceo ſer o primeiro pelos ſingulares dotes de que foy ornado. Antes de chegar à idade varonil ſe admirou nelle taõ adulta a prudencia, que mereceo exercitar os lugares de Regedor das Juſtiças, e Chanceler mòr do Reyno com igual credito do ſeu talento, que geral utilidade deſta Monarchia. Para de algum modo diminuir, ou diſſimular o alto ſentimento, com que vivia penetrado pela infauſta morte de ſeu Irmaõ o Duque D. Fernando executada na Praça de Evora a 20. de Junho de 1483. ſe retirou do Reyno com faculdade delRey D. Joaõ o II. tomando por pretexto deſta auzencia a devota peregrinaçaõ aos lugares Santos de Jeruſalem. Na Corte de Caſtella foy recebido com particulares diſtinçoens pelos Reys Catholicos D. Fernando, e D. Izabel ſua Prima, que atendendo ao eſplendor do ſeu nacimento, e muito mais à capacidade do ſeu juizo o nomearaõ Preſidente do Conſelho Real Contador mór, Alcayde mór de Sevilha, e Andujar com o Eſtado de Gelves. Por morte delRey D. Joaõ o II. cuja ſeveridade foy ſempre fatal à ſua grande Caſa voltou ao Reyno onde pela generoſa magnificencia delRey D. Manoel naõ ſomente foy reſtituido aos Eſtados, e lugares, que poſſuia, mas o nomeou Embaxador a Caſtella para concluir os ſeus deſpozorios com a Princeſa D. Izabel filha dos Reys Catholicos, miniſterio, que dezempenhou com prudente madureza, e naõ menor actividade. Os meſmos Principes Caſtelhanos querendo exceder nas honras, que recebera delRey D. Manoel na ocasiaõ em que com eſte Monarcha deſpozaraõ ſua ſegunda filha D. Maria, mandaraõ a D. Alvaro a procuraçaõ, para que em ſeu nome celebraſſe na Corte de Lisboa eſte auguſto conſorcio. Cazou com D. Filippa de Mello filha herdeira de D. Rodrigo de Mello Conde, e Alcayde mór de Olivença, Guarda mór delRey D. Affonſo V. e ſegundo Governador de Tangere, e de D. Izabel de Menezes de quem teve a D. Rodrigo de Mello primeiro Conde de Tentugal, D. Jorge de Portugal Conde de Gelvez, D. Izabel de Caſtro Condeſſa de Belalcaſſar, D. Beatriz de Vilhena Duqueza de Coimbra, D. Joanna de Vilhena Condeſſa do Vimioſo, e D. Maria Manoel de Vilhena Condeſſa de Portalegre. Morreo na Cidade de Toledo a 4. de Março de 1504. donde foy treſladado pellos Reverendos Conegos Seculares do Evangeliſta Amado para o Convento de Evora, que elle com ſeu ſogro fundara no anno de 1485. Sobre a ſua ſepultura, e de ſua Eſpoſa ſe vem abertas as ſuas figuras ſem epitafio. Fazem delle illuſtre memoria Reſende *Chronica de D. Joaõ o II.* cap. 43. Sampayo *vid. de D. Juan* 2. pag. 27. v.º Vaſconcelos *Vid. de D. Juan. el II.* pag. 135. e 143. Telles de *Reb. geſt. Joan. II.* pag. 82. 100. 168. Imhof. *Stem. Reg. Luſit.* pag. 26. Franc. de Santa Maria *Ceo abert. na Terr.* liv. 2. cap. 32. e 33. e no *Anno Hiſtoric., e Diar. Portug.* pag. 291. Eſcreveo.

Carta a ElRey D. Joaõ o II. eſcrita de Caſtella onde eſtava retirado pelo caſo do Duque ſeu Irmaõ. Começa.

Folgara bem de eſcuſar eſcrever a V. S. Acaba *Principalmente aos Duques, e a ſeus Irmaõs, que ſobre eſte caſo tinhaõ mais fortes privilegios.*

He muito larga, e cheya de juſtificadas queixas contra ElRey D. Joaõ o II. por ter privado a ſua Caſa dos foros, privilegios, e dominios, dos quaes grande parte fora concedida pela liberalidade de ſeu Pay D. Affonſo V.

ALVARO REBELLO. Foy hum dos famoſos Soldados, que com animo intrepido ſuſtentou a barbara invaſaõ dos Africanos quando em o anno de 1562. acometeraõ a Fortaleza de Mazagaõ, ſendo com eterna injuria do ſeu nome, e glorioſa fama das noſſas armas derrotado o formidavel poder do ſeu exercito. Para que taõ grande façanha ſe naõ deveſſe ſomente à ſua eſpada, a eternizou com a penna eſcrevendo.

Suceſſo do famoſo cerco, que ElRey Muley Abdalá Xarife univerſal Senhor de toda a Africa poz a Mazagaõ defendido por os Portuguezes no tempo, que governava eſtes Regnos a muito alta, e muito poderoſa Raynha D. Catherina Noſſa Senhora, mulher que foy do Sereniſſimo, e invencivel Rey D. Joaõ o III. deſte nome &c. *M. S.* conſta de 147. capitulos, dos quaes começa o I. *Depois que o Xarife Muley Hameti.* Acaba o ultimo Capitulo *da triunfante Vitoria.* Conſerva-ſe na Bibliotheca do Marquez de Gouvea Mordomo mór, e he dedicado à Raynha D. Catherina. Eu o ly todo, e delle extrahi

muitas, e particulares noticias para as *Memorias Hiſtor. delRey D. Sebaſtiaõ* por ſer eſte cerco hum dos mayores ſucceſſos, que houve no ſeu Reynado.

Sendo de profiſſaõ Soldado naõ deixava de ſer Poeta tendo igual furor para a campanha, que para a Poeſia. Muitos dos ſeus verſos eſtaõ no Romanceiro dos Poetas Portuguezes collegido pelo Padre Pedro Ribeiro, que ſe conſerva na Biblioth. do Card. de Souza, e hoje do Duque de Alafoens, dos quaes eraõ huma Egloga, de que ſaõ interlocutores Apricio, e Coſmaco, e principia.

Excelſo monte, ſacro, e deleitoſo

Duas Elegias a 1.

Em quanto aquelle barco brandamente

A ſegunda.

La Paſtora ver ſerá

Huma carta, cujo principio he.

Aquelle fraterno amor, que a alma inflama.

ALVARO SABINO DO ESPIRITO SANTO vejaſe o Padre ANASTASIO DUARTE.

ALVARO SEMEDO. Naceo na Villa de Niſa, que no eſpiritual obedece ao Priorado do Crato da Ordem de Malta, e naõ a Portalegre, como eſcreveo o Author da Bibliotheca da Companhia, onde teve por Pays a Fernaõ Gomes, e Leonor Vaz. Na florente idade de 17. annos ſe aliſtou na Religiaõ dos Jeſuitas no Collegio de Evora em 30. de Abril de 1602. e ainda eſtudava Filoſofia quando penetrado do zelo da converſaõ da gentilidade do Oriente pedio aos Superiores com grandes inſtancias acompanhadas de copioſas lagrimas, que o fizeſſem participante deſte ardente dezejo. Alcançada faculdade partio para Goa, e acabando nella os eſtudos, que principiara em Evora, anhelando ancioſamente à miſſaõ da China, e introduzido nella, foraõ tantos os filhos, que gérou para Chriſto, como immenſos os trabalhos, que padeceo neſta empreza. Levantada huma terrivel perſeguiçaõ no anno de 1617. na Cidade de Nanquin contra os operarios Evangelicos, o lançaraõ fóra, quando eſtava gravemente enfermo com outros companheiros em hum carcere tenebroſo, e fechado em huma gayola de ferro, donde naõ podia eſtender o corpo, e foy conduzido por huma eſquadra de Soldados até Cantaõ, e daqui a Macáo, ſendo vexado em taõ larga jornada, que durou trinta dias, com todo o genero de tormentos, e afrontas. Naõ afrouxou o ſeu apoſtolico eſpirito com eſtas graves moleſtias, antes mais animoſo mudando o nome, e o veſtido penetrou ao lugar donde fora expulſo com mayor perigo da ſua vida, e naõ menor zelo da propagaçaõ da Fé. Neſte tempo foy eleito Procurador a Roma, por cuja cauſa paſſou a Portugal, e concluindo felizmente na Curia os negocios, a que fora mandado, voltou promptamente para a China, onde foy eleito Provincial, e Viſitador daquellas Miſſoens, nas quaes depois de exercitar-ſe por alguns annos, attenuado de trabalhos, e cheyo de merecimentos acabou a carreira mortal em Cantaõ a 6. de Mayo de 1658. tendo de idade 73. annos, e de Miſſionario 46. Foy varaõ ornado de ſingulares virtudes, pois alem de ſer inſigne no amor de Deos, e do proximo, obſervancia religioſa, paciencia ſumma, tinha tal ſuavidade de genio, que atrahia os animos dos Gentios, e Hereges, cõ os quaes por diverſas vezes navegou. Os ſeus apoſtolicos trabalhos, e eſcritos louvaõ Manoel de Faria, e Souza *Aſia Port.* Part. 3. cap. 12. n. 29. e cap. 14. n. 13. P. Ant. de Gouvea in *Aſia Extrem.* lib. 6. a cap. 3. Alegamb. *Bib. Societ.* pag. 44. col. 1. Nicol. Ant. in *Hiſp.* Tom. 2. pag. 316. Franco na *Imag. do Noviciad. de Evor.* pag. 851. e no *Ann. Glor. S. I. in Luſitan.* pag. 256. Fonſeca *Evora glorioſ.* pag. 425. Joan. Suar. de Brito in *Theatr. Luſit. Litter.* let. A. n. 23. dizendo *Statura homini quadrata infra mediocritatem, color candidus, facies plena, oculi caſtanei,* e a *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ modernamente acrecentada Tom. 1. Tit. 7. col. 104. O inſigne, e douto, Antiquario Manoel Severim de Faria Chantre da Cathedral de Evora querendo perpetuar a memoria do P. Alvaro Semedo, de quem era grande amigo, lhe fez eſta inſcripçaõ, e a collocou na ſua ſelectiſſima Bibliotheca, com que igualmente a ornou, como illuſtrou o nome de taõ grande Miſſionario.

P. Alvaro Semedo
è Societate JESU
Viro religioſiſſimo, & Apoſtolico
Cæleſtis doctrinæ apud Sinas Paranimpho:

Qui à Solis ortu uſque ad Occaſum
Totum pene orbem Evangelicæ prædicatiõnis
cauſá
Quaſi univerſa luſtrans ſpiritu
Non ſemel peragravit,
Qui hoc mare magnũ, & ſpatioſum manibus
Tamquam navis inſtitoris gentibus de longe
Portans panem navigavit:
Amico ſuo optimo, & ſuaviſſimo
Emmanuel Severinus de Faria
Hoc munuſculum amoris Mnemoſynon
L D C Q
Ut hujus Muſæi prototypo
Gens Sinica litteris deditiſſima
Bibliothecas inſtruere, uti & curare utilius valeant
Eboræ in Luſitania III. Kal. Maij
Anno Salutis MDCXLIIII.

Compoz

Cartas Annuas eſcritas de Nanquim em 23. de Junho de 1622. em que ſe relataõ os ſucceſſos da Miſſaõ da China. Sahiraõ impreſſas com outras em Italiano deſde pag. 249. até 310. Roma por Franciſco Corbelletti. 1627. 8.

A ſua hiſtoria da China verteo de Portuguez em Caſtelhano Manoel de Faria, e Souza, com eſte titulo.

Imperio dela China, y cultura Evangelica en el por los Religioſos dela Compañia de JESUS ſacado delas noticias del Padre Alvaro Semedo dela propria Compañia. Madrid por Juan Sanches. 1643. 4. e Lisboa na Officina Herreriana 1731. fol. Traduzido em Italiano Roma por Hermano Scheus. 1643. 4. em Francez pelo Padre Luiz Coulon. Pariz por Sebaſtiaõ, e Gabriel Cramoiſy. 1655. 4. e Leaõ de França 1667. 4. e em Inglez por English by a Perſon, que a illuſtrou com muitos Mappas, e o retrato do Author, de que tenho hum exemplar. Londres por E Tyler for John Crook. 1655. fol. Neſta ediçaõ ſahio tambem traduzido no fim o *Bellum Tartaricum* do Padre Martim Martinio.

Tinha quaſi completos dous Diccionarios, que naõ acabou impedido pela morte, que eraõ

Diccionario Sinico = Luſitano
Diccionario Luſitano = Sinico.

Deſta obra faz mençaõ a *Bib. Oriental* aſſima allegada.

ALVARO DA SILVEYRA, natural de Evora, e filho de Fernando da Silveira Claveiro da Ordem de Chriſto, e Commendador de Montalvaõ, e de D. Joanna de Vaſconcellos, filha de Alvaro Mendes de Vaſconcellos Senhor do Morgado do Eſporaõ, e de ſua ſegunda mulher D. Guiomar de Mello; terceiro Neto daquelle grande Varaõ naõ menos na fortuna, que na capacidade, Joaõ Fernandes da Sylveira primeiro Baraõ de Alvito, Eſcrivaõ da Puridade delRey D. Joaõ o II. Chanceler mòr, e Vedor da Fazenda. Succedeo D. Alvaro a ſeu Pay igualmente nos bens do morgado, como no Officio de Claveiro da Ordem militar de Chriſto. Cazou duas vezes; a primeira com D. Branca Deça filha de Franciſco de Miranda Alcayde mòr de Alter Pedroſo, e de D. Ignez Henriques; a II. com D. Anna de Caſtro filha de Fernaõ Telles de Menezes ſetimo Senhor de Unhaõ, e de D. Maria de Caſtro filha de D. Jeronymo de Noronha. No tempo que tinha vago das ocupaçoens militares, e politicas, como ſe deleitava na liçaõ de Hiſtorias fabuloſas compoz huma, que intitulou.

Aventuras do Gigante Dominiscaldo.

De cuja obra fazem memoria com grandes louvores Franciſco Galvaõ na ſua *Bib. Portug. M. S.* e Joaõ Franco Barreto na *Bib. Portug.* dizendo que depois da morte do Author, que ſuccedeo no fim de Junho de 1623. viera eſta obra ao poder de ſua filha D. Helena de Caſtro Condeſſa de Villa pouca. Foy ſepultado o ſeu cadaver em huma Capella, que he jazigo da ſua familia ſituada em o Convento de N. Senhora do Eſpinheiro de Religioſos de S. Jeronymo.

ALVARO THOMAZ, natural de Lisboa, donde paſſou a Pariz, e depois de inſtruido perfeitamente nas letras humanas, e na lingua latina, ouvio Filoſofia de Pedro Aliaco, que foy Cardeal da Igreja Romana, hum dos mayores Meſtres, que naquelle tempo venerava Sorbona, e fez taes progreſſos com a doutrina de taõ inſigne Letrado, que mereceo a admiraçaõ de todos os ſeus condiſcipulos. Iguaes foraõ as acclamaçoens, que alcançou o ſeu talento pela profundidade, com que penetrou os myſterios da Theologia, as Deciſoens de hum, e outro Direito, e as obſervaçoens de Mathe-

matica ſendo eminente em qualquer deſtas grandes faculdades, pellas quaes lhe conſagrou à ſua memoria eſte elogio Jorge Bruneau Vindocinenſe na Epiſtola, que ſahio impreſſa no fim da obra abaixo eſcrita, *ſi de ſacris litteris diſſertare quidquid cæperis Theologiæ, tum Theoricæ, tum Practicæ omnem operam, totoſque dies impendiſſe judicavere. Si inter utriuſque Juris peritos congrediaris Cæſareis, Pontificiiſque dumtaxat libris vacaſſe conſtantiſſime autumaberis. Taceo quam familiaris tibi ſit moralis, & naturalis Philoſophia, aut in tanta Philoſophantium corona Philoſophi tibi nomen peculiariter vindicaveris, atque Præceptorem tuum Petrum de Aliaco inter Philoſophiæ profeſſores dum viveret, doctiſſimum, aut æquaveris, aut* (*quod potius reor*) *ſuperaveris. Quid verò Quadrinij certiſſimam peritiam referre opus eſt? Si vel minimo cuique hic tuus de Triplici motu liber monſtrat apertius.* Foy Reytor de hum dos celebres Collegios, que ornaõ a Corte de Pariz, e nelle exercitou o officio de Meſtre, titulo, com que ſe nomea na obra ſeguinte.

De triplici motu cum proportionibus annexis Philoſophicas Suiſeth calculationes ex parte declarans. Pariſijs apud Guilielmum Anabat. 1509. fol.

Divideſe eſta obra em quatro Tratados. Em o 1. diſputa da proporçaõ, e a ſua dimensaõ. Em os outros trata de diverſas eſpecies de movimentos aſſim de velocidade, como da tardança; do movimento da rarefacçaõ, condenſaçaõ, augmentaçaõ, alteraçaõ, e intenſaõ.

Fr. ALVARO DA TORRE da Ordem dos Prégadores taõ inſigne na Theologia, em que foy Meſtre, como na Oratoria Eccleſiaſtica, pela qual mereceo ſer Prégador do noſſo Rey D. Joaõ o II. Compoz, ou traduſio.

Tratado da Criaçaõ do mundo. M. S. Verteo da lingua Latina em a Portugueza.

Carta de Jeronymo Montano Doutor Alemaõ eſcrita em 14. *de Julho de* 1493. *a ElRey D. Joaõ o II.* Nella tratava do novo deſcobrimento do Graõ Cathayo, e ſe imprimio juntamente com o *Tratado da criaçaõ do mundo.* Fazem memoria deſtas obras como de ſeu Author Fr. Pedro Monteiro no *Clauſt. Dom.* pag. 136. e Fr. Lucas de Santa Catherina na 4. Part. da *Hiſt. de S. Domingos da Provinc. de Portug.* pag. 924. ambos Academicos da Academia Real, e o moderno addicionador da *Bib. Orient.* de Ant. de Leaõ Tom. 3. col. 1725.

Fr. ALVARO DE TORRES natural da Villa de Torres Vedras do Arcebiſpado de Lisboa. Profeſſou o habito da Religiaõ de S. Jeronymo no Real Convento de Belem a 14. de Mayo de 1534. e foy taõ inſigne em os dotes da natureza, como ſciente em todas as artes liberaes. Formava com a penna taõ perfeitos caracteres, que pareciaõ ſahir da mais primoroſa impreſſaõ. Fallava expeditamente as linguas Grega, Hebraica, e Latina. Prégava com tal energia, e elegancia, que ſuſpendia a atençaõ dos ouvintes. Foy dos primeiros Religioſos, que ouviraõ Theologia no Convento da Coſta junto a Guimaraens, em que ſahio eminente, tendo neſta eſcola por condiſcipulo ao Senhor Dom Duarte filho delRey D. Joaõ o III. dos quaes foy muito eſtimado. Por ſer muito douto na Eſcritura Sagrada foy eleyto por eſte Monarcha para que a leſſe aos Religioſos da Ordem Militar de Chriſto do Convento de Thomar, eſcrevendo ao ſeu D. Suprior Fr. Salvador de Mello huma carta em 11. de Junho de 1552. na qual lhe dizia *E porque ſey a neceſſidade, que neſſa caſa há de quem leya a Eſcritura Sagrada, e quanto iſto convem aos que eſtaõ no Eſcolaſtico approveitados, mando lá para iſſo ao Padre Fr. Alvaro de Torres, da Ordem de S. Jeronymo pela boa informaçaõ, que delle, e de ſuas letras, e ſufficiencia tenho &c.* Foy Prior do Convento de S. Marcos deſde o anno de 1545 até 1550. Quando eſtava na idade mais robuſta paſſando em hum barco de Lisboa para o ſeu Convento de Belem, levantandoſe huma furioſa tempeſtade o ſumergio no Tejo, digno certamente de fim mais glorioſo. O ſeu grande talento prometia copioſos frutos de erudiçaõ Sagrada, e profana, mas a brevidade da ſua vida naõ permitio, que produſiſſe mais, que as obras ſeguintes.

Dialogo, ou Colloquio eſpiritual do modo de achar a Deos, interlocutores hum Religioſo, e hum Peregrino. Foy mandado imprimir por D. Gaſpar de Leaõ primeiro Arcebiſpo de Goa, por cuja cauſa alguns imaginaraõ, que era obra deſte Prelado.

Muitos dos ſeus Religioſos ſoſpeitáraõ, que taõbem compuzera parte dos Dialogos, que depois da ſua morte publicou Fr. Heytor Pinto, grande credito deſta Religioſa Familia.

Por ordem do Capitulo geral congregado em o anno de 1553. publicou vertida de Latim em Portuguez para ſer obſervada pelos ſeus Religioſos.

Regra de Santo Agoſtinho.

Traduzio de Latim em Portuguez, por inſinuaçaõ da Sereniſſima Infanta D. Maria filha delRey D. Manoel.

Directorio de Confeſſores, e penitentes polo Padre Joaõ Polanco da Companhia de JESUS. Lisboa por Joaõ Blavio 1556. e por Marcos Borges. 1556.

ALVARO VAHIA natural de Villaviçoſa filho de Joaõ Vahia, e Ignez Alvarez filha de Alvaro Pires Leite. Foy hum dos criados mais illuſtres dos Sereniſſimos Duques de Bragança D. Joaõ, D. Jayme, e D. Theodoſio, dos quaes mereceo particulares eſtimaçoens aſſim pela ſciencia das linguas, que puramente fallava, como pelo genio prompto, e ſublime, que tinha para a Poeſia, e Oratoria, fazendo exceſſo a todos os profeſſores deſtas duas Artes, que venerava aquella idade. Compoz muitas Comedias, e Tragedias, de que ſe podia fazer hum juſto volume, as quaes ſe reprezentaraõ no theatro na preſença dos Sereniſſimos Duques com geral applauſo dos eſpectadores, logrando huma ſó o beneficio da luz publica. Franciſco de Moraes Sardinha no liv. 3. do ſeu Parnaſo Villaviçoſano traz duas Cançoens ſuas, huma à Degollaçaõ do Bautiſta, que começa.

Baptiſta Precurſor do verbo Eterno: outra à Virgem Santiſſima viſitando a ſua Prima S. Izabel, cujo principio era.

Depois, que a antigua Mãy de Adaõ conſorte.

E hum Soneto, que diz

Jà torna a cantar Progne, e Filomena.

Outavas ao Duque de Brag. D. Theodoſ. Começaõ.

Proſapia ſingular alta, e ſuprema
Do Condeſtable invicto celebrada,
Que o Luſitano ſcetro, e diadema,
Ganhou com a fulminea, e forte Eſpada.

O peſtifero contagio, que conſumio grande parte deſte Reyno em o anno de 1598. o privou da vida na ſua patria, eſperando a immortalidade no Convento dos Religioſos Capuchos da Provincia da Piedade. Delle faz memoria o P. Antonio dos Reys no *Enthuſiaſmo Poetico.* n. 202.

ALVARO VAZ, OU VALASCO Naceo na Cidade de Evora no anno de 1526. de Pays honrados, e opulentos. Aprendeo na patria os primeiros rudimentos da Grammatica, donde paſſando a Coimbra depois de ſe inſtruir nas lingua Latina, e Grega, e de ſe exercitar nos preceitos da Poeſia, e Rhetorica, em que foy conſumado, ſe applicou com todo o diſvelo a penetrar os myſterios ſcientificos do Direito Civil, e de tal ſorte interpretava, e reſolvia as ſuas mayores difficuldades, que por geral aclamaçaõ de todos os Cathedraticos foy ornado com as inſignias Doutoraes deſta faculdade. Naõ era juſto, que eſtiveſſe por muito tempo ocioſo o ſeu grande talento em prejuizo do eſplendor da Univerſidade, por cuja cauſa foy eleito Lente da Inſtituta em 22. de Março de 1556. quando contava 30. annos de idade, donde ſendo transferido no anno ſeguinte à Cadeira de Codigo, regentou em 5. de Agoſto de 1559. a Cadeira dos Tres livros do Codigo. Oppondoſe à Cadeira do Digeſto Velho com o inſigne Pedro Barboza em 20. de Fevereiro de 1560. depois de huma diuturna, e acerrima contenda, de que foy eſpectadora toda a Univerſidade, ſe julgou o triunfo a Pedro Barboſa, por cujo motivo deixando Coimbra, paſſou a Lisboa, onde eleito Advogado da Caſa da Supplicaçaõ começou a manifeſtar a profundidade do juiſo, e a agudeza do engenho no patrocinio das Cauſas forenſes, em cujo exame obſervava taõ religioſamente a juſtiça, que ſempre os Miniſtros julgavaõ por mais provavel, e ſegura a opiniaõ, que elle defendia. Ao tempo, que lograva os mayores applauſos como Advogado, naõ os alcançou inferiores, quando foy conſtituido Juiz pela Mageſtade delRey D. Sebaſtiaõ nomeando-o Dezembargador dos Aggravos, de que tomou poſſe a 30. de Setembro de 1577. em cujo miniſterio ſempre teve por directora das ſuas acçoens a equidade nunca contraſtada pelos impulſos do reſpeito, ou do intereſſe. O meſmo Monarcha

querendo novamente illuſtrar a Univerſidade com a doutrina de taõ grande Varaõ o nomeou em 22. de Dezembro de 1577. Lente de Prima dezempenhando as obrigaçoens de lugar taõ honorifico com igual credito da ſua Peſſoa, e admiraçaõ de todos os Academicos expondo o difficultoſo Titulo *ff. de Legatis* 2. e o continuou com ſubtiliſſimas interpretaçoens até à *L. ſi quis Titio* 17. Attenuado com a continua applicaçaõ dos eſtudos ſe ſentio taõ falto de forças, como cheyo de moleſtias, por cujas cauſas foy obrigado deixar a Univerſidade, que exceſſivamente ſentio a ſua auzencia, e a reſtituirſe a Lisboa, onde continuando no miniſterio de Dezembargador determinou publicar as ſuas obras, que lhe tinhaõ cuſtado tantas vigilias, das quaes ſahio no anno de 1588. quando tinha 62. annos de idade, o primeiro tomo das *Deciſoens,* que foy recebido com geral applauſo dos eruditos. Ao tempo que eſtava preparando o ſegundo Tom. de *Deciſoens,* e o terceiro das *Partilhas,* a morte envejoſa da glorioſa fama do ſeu nome lhe interrompeo o deſignio, que para utilidade da Republica litteraria meditava, privando-o da vida em 17. de Abril de 1593. com 67. annos de idade. Teve de ſua mulher D. Brites ao Doutor Franciſco Valaſco de Gouvea Lente de Veſpera na faculdade de Canones em a Univerſidade de Coimbra, digno filho de tal Pay, e huma filha chamada Leonor, que foy cazada. No Clauſtro do Convento de S. Domingos de Lisboa em o lanço da parte que tem porta para a Igreja, e Sancriſtia, entre a caſa da Aula, e a porta, que vay para a eſcada, que ſobe para os Dormitorios, eſtá huma Capellinha com grades de ferro fechada, em ſima da qual pela parte de fóra ſe lé em huma pedra branca, que a toma toda ao comprido à maneira de ſimalha, huma inſcripçaõ de letras Romanas, que diz aſſim.

Eſta Capella de N. Senhora da Humildade he do Doutor Alvaro Vaz Lente de Prima de Leys na Univerſidade de Coimbra, Dezembargador dos Aggravos da Caſa da Suplicaçaõ, a qual depois de ſua morte mandou fazer ſua mulher D. Brites para ambos, e ſeus herdeiros, inſtituhio nella o vinculo do morgado com obrigaçaõ de tres Miſſas cada Semana. Falleceraõ a 17. de Abril de 593. e a 25. de Junho de 610. ſeu filho o Doutor Franciſco Valaſco de Gouvea Lente jubilado de Canones na meſma Univerſidade, e Dezembargador da Caſa da Suplicaçaõ, Arcediago de Cerveira na Sé de Braga a dotou mais com duas Miſſas quotidianas huma dita pelos Padres deſte Convento com hum Officio de defuntos de que ſez com elles contrato; outra por hum Capellaõ Clerigo Secular. Falleceo. Neſta ultima palavra acaba a dita inſcripçaõ, donde ſe infere que ainda vivia o meſmo Doutor Franciſco Valaſco de Gouvea quando naquelle lugar ſe poz eſta pedra. Compoz.

Conſultationum, ac rerum judicatarum in Regno Luſitaniæ Tom. 1. Ulyſſip. apud Emmanuelem de Lyra 1588. fol. & ibi apud Antonium Alvares 1593. fol. Spiræ 1597. 4.

Deciſionum Tom. 2. Ulyſſipone apud Georgium Rodrigues 1601. fol. Sahio eſte tomo por deligencia de ſeu filho o Doutor Franciſco Valaſco de Gouvea, no qual eſtá impreſſo o retrato do Author animado com eſtes verſos.

Subtrahet hæc morti famam pictura: vetuſtas
Non oberit, primas nam tibi jura dabunt.
Jure tibi cedent inſignes jure, ſed unum,
Qui tibi ſit ſimilis, vix habet orbis adhuc.

Eſtes dous tomos de *Deciſoens* ſahiraõ Francof. in Collegio Muſar. Palthen. 1608. fol. outra vez ibi. 1656. fol. Venetiis apud Bernardum Junctam, & ſocios. 1599. fol. Antuerp. apud Joannem Keerbegium 1621. 4. & Conimbricæ apud Emmanuelem Rodriguez de Almeyda 1686. fol. & apud Ludovicum Seco Ferreira 1730. fol.

Praxis Partitionum et collationum inter hæredes ſecundum jus Regium Luſitaniæ, & juxta jus commune admodum neceſſaria, et utilis tam ſcholaſticis, quam in foro verſantibus. Conimbricæ apud Didacum Gomes Loureiro 1605. fol. Francof. in Colleg. Palthenio 1607. fol. Venetiis apud Junctam 1609. fol. Antuerp. apud Keerbegium 1612. 4. & Conimbricæ apud Ludovicum Sec. Ferreira 1730. fol. juntamente com as *Conſultas.*

Quæſtionum juris Emphyteutici liber Primus, ſive Prima Pars. Ulyſſipone apud Balthaſarem Ribeiro 1591. fol. et ibi. apud Petrum Crasbeeck 1611. fol. Francof. in Colleg. Palthen. 1599. fol. et ibi. ad Mænum

1618. 8. Cremonæ apud Baptiſtam Pellizarium 1591. fol. et Conimbricæ apud Emman. Rodrig. de Almeyda 1628. fol.

Todas eſtas obras ſahiraõ em tres tomos Francof. apud Wolfangum Encleterium. 1650. fol. Conimbricæ apud Emman. Rodericum de Almeyda 1684. & ibi. apud Ludovicum Ferreira Seco 1730. et 1731. em 2. Tomos ſem o Tratado de *Emphyteuſi*; ultimamente Coloniæ Allogrobum ſumptibus Marci Michaelis Bouſquet 1735. fol. 4. Tom.

Outras muitas obras dignas de ſe imprimirem compoz Alvaro Vaz no tempo, que occupou as Cadeiras da Univerſidade, as quaes ſe conſervaõ com grande eſtimaçaõ em poder dos profeſſores da Juriſprudencia, ſendo as principaes.

Commentaria ad Tit. Cod. de inofficios. Donation. Ad Tit. Cod. de Jure Emphiteut. Ad Tit. Cod. de Edendo. Ad Tit. Cod. de Jure Fiſci. Ad Tit. Cod. de Liber. præter in Authent. ex cauſa. Ad Tit. Cod. de Pactis. Ad Tit. Cod. ſiquis aliquem teſtari prohibuerit, vel coegerit. Ad Tit. Cod. ad S. C. Tertullian. in Authentic. defunct. Ad Tit. Cod. de crimine agi opporteat in Authent. qua in Provinc. Ad Tit. Cod. de conveniend. Fiſci debitorib. lib. 10. *Ad Text. in L. quoties* 98. *& ad Text. in L. Qui in jus.* 177. *ff. de re judicat. Ad Tit. ff. de Legat.* 2. *à principio usque ad Text. in L. ſiquis Tit.* 17. *Ad Text. in L.* 28. *ff. eodem Tit.*

Entre muitas, e doutas Allegaçoens de Direito, que fez quando exercitava o officio de Patrono de Cauſas, he celebre a que compoz em Caſtelhano ſobre a ſucceſſaõ da Caſa de Aveiro com eſte titulo.

Por la Excelentiſſima Señora D. Juliana de Alencaſtro Duqueza de Avero. fol. Naõ tem anno, nem lugar da Impreſſaõ, e conſta de 8. fol. como vimos. Deſta allegaçaõ faz memoria o Doutor Franciſco Valaſco de Gouvea filho do Author na que imprimio em Lisboa no anno de 1637. a favor do Duque de Torres novas D. Raymundo contra o Marquez de Porto ſeguro, ſeu Tio ſobre a ſucceſſaõ do Eſtado, e Caſa de Aveiro.

Compoz tambem doutiſſimas notas à Ordenaçaõ do Reyno, das quaes ſe lembra o Addicionador de Reynoſo obſervat. 28. ad num. 7.

A memoria deſte inſigne Juriſconſulto illuſtráraõ com varios elogios diverſos Authores, como ſaõ Gama *Deciſ.* 2. n. 6. *Deciſ.* 8. n. 2. & 4. *Deciſ.* 75. n. 3. *Deciſ.* 222. n. 4. chamando-lhe *doctiſſimus, & Juriſconſultiſſimus.* Cabed. 1. *Parte Deciſ.* 14. num. 8. & 2. Part. in Prolog. *doctiſſimus.* Pheb. Tom. 1. *Deciſ.* 1. n. 8. *inſignem præceptorem, & Deciſ.* 3. n. 1. *doctiſſimum,* e Dec. 99. n. 7. Tom. 2. *Deciſ.* 108. n. 13. *doctiſſimum, & Deciſ.* 113. n. 15. e *Deciſ.* 161. n. 1. & *Deciſ.* 170. n. 33. Mend. à Caſtro ad *Tit. Cod. de bonis que liber.* 2. Parte n. 106. *Sapientiſſimus, & eximius Luſitanus.* Thom. Vaz *Allegat.* 17. n. 4. *Tam in juris Theorica, quàm Pratica præſtantiſſimus, & inter noſtros Luſitanos ſummæ authoritatis vir.* Mello *de Induciis* Quæſt. 33. n. 3. *Inſignis Juriſconſultus.* Bened. Ægidius in *L. ex hoc jure* 4. Part. 1. cap. 14. n. 17. ff. de juſtit. & jure; Gundiſalv. Mend. de Vaſconc. *Div. Jur. Argum. Vir eruditione clarus & ſenatoria dignitate conſpicuus.* Gab. Pereir. de Caſtr. *Deciſ.* 55. n. 15. & Dec. 83. n. 5. *doctiſſimus & Deciſ.* 65. n. 4. *Juriſconſultiſſimus.* Pinel. *Select. Jur. Interp.* lib. 1. cap. 3.) n. 23. *Inſignis regius ſenator, & Juris Civilis ac eximius primarius profeſſor,* & lib. 1. cap. 5. n. 20. & 22. *inſignis Luſitanus* & ibi n. 47. *prudentiſſimus* & cap. 8. n. 1. *Juriſconſultus cordatiſſimus.* Carvalho in *cap. Raynaldus* 2. part. n. 380. *diligentiſſimus* Franc. Maria Prat. in *addition.* ad Paſchal. *de virib. Patriæ Poteſtat.* Part. 4. cap. 6. *Inſignis Juriſconſultus.* Maced. in *Luſit. Liber.* lib. 1. cap. 9. n. 22. e 29. *doctiſſimus vir,* e nas *Flor. de Eſpan.* cap. 8. Excell. 11. D. Nicol. Ant. in *Bib. Hiſp.* tom. 1. pag. 49. col. 1. *inſignia ſui monumenta reliquit poſteris.* Manoel Sever. de Far. *Notic. de Portug.* Diſc. 5. §. 3. Manoel Rod. Leyt. *Trat. Analyt.* pag. 7. Not. 24. Fonſec. *Evora Glorioſ.* pag. 409. *celeberrimo Juriſconſulto.* Garcia *de Expenſ.* cap. 1. n. 9. pag. 6. *Varia eruditione, & non vulgari eloquentia præditus.* Manoel de Faria, e Souſ. no *Cathal. dos Author. Portuguezes,* cujo Original tivemos em noſſo poder, e ſe naõ imprimio, lhe chama *inſigne Juriſta.* Franciſco Caldas Pereira *Oper. Emphyteut.* Part. 2. Quæſt. 1. *Rem quidem Emphyteuticam noſtro Sæculo præſtantis, & excellentis ingenij Juriſconſultus*

graviſſimus Alvarus Valaſcus vir togatus addito mo elegantiſſimo Juris Emphyteutici libro (ubi renovationis Tractatum pollicetur) feliciter, ac dextro omine auſpicatus eſt. Quod quidem omnium quotquot hactenùs ſcripſerunt feliciùs præſtitiſſet, niſi Nemeſis ſtudioſis omnibus infeſta Univerſæ Reipublicæ litterariæ, ipſique Juriſprudentiæ utilitatem invidiſſet. Cum enim ad renovationis tractatum ſe ſe velut Sternuus miles accingeret, adverſa corporis valetudo, & ingruentis indies ægritudinis moleſtia ex aſſiduis ſtudiorum vigiliis contracta ad reliquorum librorum editionem, ad commune publicæ utilitatis commodum feſtinantem quaſi de medio inſtituti ſui curſu interpellarunt. Quam obrem cum prima veluti fœtura librum quinquaginta, & amplius quæſtiones continentem ſummo cum ſtudioſorum applauſu edidiſſet, robuſtioresque adhuc partes ſuper eſſent, tum iniqua adverſi fati acerbitas ampliſſimam illam ſpem cogitationum, & Conſiliorum ſuorum, tum graves eorum temporum caſus doctiſſimi hominis fidem, & ſponſionem fefellerunt. Acceſſit etiam repetitus ſtudiorum labor, redditusque in Academiam, qui poſt intermiſſa, ac refrigerata diuturna quiete, & otio ſtudia, & urbanæ militiæ glorioſam advocationem ſumma cum laude perfunctam defeſſi corporis vires penitus exhauſerunt, ac labefactarunt. Non inficiabor tamen opus illud de Jure Emphyteutico à doctiſſimo Valaſco elaboratum nec omninò abſolutum maiorem fortaſſe apud viros doctos admirationem, gloriamque habiturum: illud enim perquam rarum, ac memoria dignum eſt, etiam ſuprema opera eximiorum artificum imperfectasque tabulas, ſicut Irin Aryſtidis, Tyndaridas Nicomachi, & Venerem Apellis in majori pretio, & admiratione fúiſſe, quam perfecta &c. Jeronymo Cardoſo inſigne Profeſſor de letras humanas ſeu contemporaneo, na Dedicatoria das ſuas Elegias que lhe conſagrou ao ſeu nome, lhe diz elegantemente entre outros elogios. *Ex eruditis quibuſdam adoleſcentibus intellexi, qui Te olim Conimbricæ magna cum celebritate, & omnium admiratione Jus Civile perlegentem audierunt, Te magnopere humanioribus litteris delectari, quibus ſic imbutus es, ut inter Latinos Ciceronem quempiam, inter Juriſconſultos Scævolam alterum Te omnes merito arbitrentur; neque enim ad utriuſque juris faſtigium evolare tam facile poſſes, niſi prius, & latinis, & græcis litteris Te ipſum excoleres, & expolires. Unde fit, ut tam nunc forum regium, regiuſque Senatus tuam in cauſis agendis facundiam, ſolertiamque obſtupeſcant, quam olim Conimbricenſis Academia Te Juris nodos, & legum ænigmata diſſolventem (ut cum Satyrico loquar) admirata ſit.* O meſmo Cardoſo in lib. 2. *Elegiar.* Eleg. 1. o louva com eſtas elegantiſſimas expreſſoens poeticas.

O' Conſultorum juris clariſſime, cujus
Enitet in toto lingua diſerta foro.
Qui doctos inter doctiſſimus unus haberis
Optimus, atque inter crederis eſſe bonos.
At cum patronos poſt terga reliqueris omnes,
Et ſit regali par tibi nemo foro.
Muneribus tibi plena domus, Te conſulit omnis
Turba, Senator, Eques, advena, civis, inops.
Reſponſis eſt ſumma fides; foliumque putatur
Cumænæ Vatis quidquid ab ore fluit.
Quicumque ergo ſuæ cupiet cognoſcere cauſæ
Eventum, & certum diſcere conſilium,
Te petat, atq̃ adeat, Te conſulat, atq̃ ſequatur
Inveniet ſi quid certius eſſe nihil.
Non dolus hic ullus, non fraus innexa clienti,
Sed probitas, verum, candor, & alba fides.

B. AMADEO, chamado no ſeculo Joaõ de Menezes da Sylva illuſtrou com o eſplendor do ſeu ſangue, e os rayos da ſua virtude a Cidade de Ceuta famoſa Colonia dos Portuguezes em Africa no anno de 1431. Foy quinto filho de Ruy Gomez da Sylva Alcayde mòr de Campo Mayor, e de D. Iſabel de Menezes filha de Dom Pedro de Menezes Conde de Viana primeiro Capitaõ General de Ceuta, e Alferes mòr de Portugal: Irmaõ de D. Diogo da Sylva de Menezes primeiro Conde de Portalegre Ayo delRey D. Manoel, e Mordomo mór da Caſa Real, e da Veneravel D. Beatriz da Sylva, que de Dama da Raynha D. Izabel de Caſtella foy fundadora da Ordem da Puriſſima Conceiçaõ. Inſtruido com aquellas artes dignas do ſeu nacimento frequentou na adoleſcencia o Palacio delRey D. Duarte, onde (como eſcrevem alguns Authores) arrebatado cegamente da rara fermoſura da Infanta D. Leonor filha daquelle Monarcha, lhe dedicou o coraçaõ ſem violar o decoro, que era devido à ſua ſoberania, porém conhecendo, que era impoſſivel

o intento, a que aſpirava, occultou taõ violenta paixaõ debaixo da ſymbolica figura de hum Altar com a letra *Ignoto Deo* gravada em huma medalha moſtrando enfaticamente, que ſe naõ podia declarar a Divindade, que o ſeu amor idolatrava. Porém vendo, que ſe auzentava a Princeſa para ſe deſpozar com o Emperador Federico III. penetrado de luz ſuperior começou a deteſtar a cega inclinaçaõ dos ſeus affectos, e melhorando de objecto os offereceo por ardente holocauſto a Deos. Para argumento infallivel deſta heroica reſoluçaõ mudou o nome de Joaõ pelo de Amadeo, e deixando a patria, parentes, e o mundo veſtido em hum toſco Sayal partio para Caſtella, e no Convento de N. Senhora de Guadalupe da Religiaõ de S. Jeronymo exercitava taõ aſperas penitencias, que cauſavaõ eſpanto aos habitadores de taõ auſtera Caſa, as quaes continuou com igual rigor no Convento de Cremona da meſma Ordem pelo eſpaço de dez annos, atè que apparecendolhe a Raynha dos Anjos acompanhada daquelles dous Serafins humanos S. Franciſco, e Santo Antonio lhe ordenaraõ, que deixada a vida Eremitica, que exercitava, partiſſe logo a Aſſiz para ſe aliſtar na Ordem dos Menores. Obedeceo promptamente a eſte preceito, e depois de experimentar varias repulſas, em que deo claros argumentos da ſua grande ſantidade, foy admitido a o humilde eſtado de Leygo pelo Geral Fr. Jacobo de Moçanica no anno de 1454. Depois de profeſſar o inſtituto Serafico começou com tal exceſſo a dilatar-ſe naõ ſómente por Aſſiz, mas pellas terras circumvezinhas a prodigioſa efficacia da ſua virtude, que concorria innumeravel multidaõ de enfermos a buſcar na ſua protecçaõ o unico remedio. Como era ſummamente amante da humildade, para fugir do aplauſo popular, que lhe reſultava das ſuas prodigioſas acçoens, pedio com grande inſtancia aos Prelados, que o mandaſſem para outro Convento, e partindo para o de Milaõ, foy venerado pelos Duques daquelle Eſtado Franciſco Esforcia, e D. Branca por Oraculo da virtude, padecendo mais nas honras, que delles recebia, que nas duras penitencias, com que ſe macerava. A'efficacia das ſuas ſupplicas deveraõ eſtes Principes a ſucceſſaõ, que taõ ancioſamente dezejavaõ, e patrocinando com o Pontifice a Sagrada empreza, que intentou de reduzir os Religioſos Clauſtraes à primitiva Obſervancia, e ſevera diſciplina da regra de ſeu Serafico Patriarcha. Para dar feliz principio a huma taõ grande obra ſe ordenou de Sacerdote por preceito dos Prelados ſendo o Convento da Paz fundado em Milaõ o primeiro, que teve a Obſervantiſſima Congregaçaõ dos Amadeos, a qual brevemente ſe vio dilatada em 28. Caſas por toda Lombardia, onde ſe recolheraõ grande numero de Clauſtraes, e ſeculares para reformarem a relaxaçaõ das ſuas vidas. Deſta Congregaçaõ delineada pelo ſeu eſpirito alcançou confirmaçaõ de Paulo II. no anno de 1469. a qual ainda, que conſtrangido governou todo o tempo, que viveo. Mandado a Roma pela Duqueza de Milaõ a tratar hum negocio grave recebeo taes eſtimaçoens de Xiſto IV. que naõ ſómente o elegeo por ſeu Confeſſor, e Conſelheiro em as materias mais importantes à utilidade da Igreja, mas lhe aſſinou por domicilio a Igreja de S. Pedro do *Montorio* ſanctificada com o ſangue deſte grande Apoſtolo, onde com os largos, e generoſos donativos delRey de França Luiz XI. e dos Reys Catholicos Fernando, e Izabel fundou hum Moſteiro habitado hoje por Varoens inſignes, fieis imitadores da virtude do ſeu Reformador. Auſentãdo-ſe de Roma depois de lhe conceder o Pontifice com profuſa liberalidade ampliſſimos privilegios para a ſua Congregaçaõ, ſe ſentio mortalmente enfermo, e ſendo levado ao Convento da Paz depois de recebidos os Sacramentos, e exhortados os ſeus Religioſos à perſeverança, e uniaõ, poſtos os olhos no Ceo voou o ſeu Eſpirito para nelle ſer coroado, em 10. de Agoſto de 1482. A venerar o ſeu Santo cadaver concorreo a populoſa Cidade de Milaõ recebendo muitos dos ſeus moradores ſómente com o contacto dos veſtidos ſaude em enfermidades muito rebeldes. Foy ſepultado no meyo do pavimento da Capella mór do Convento da Paz, onde ſe venera a ſua imagem de pedra coroada de reſplendor. Outra ſemelhante a eſta ſe vé pintada na Igreja de S. Pedro de *Montorio*. Com o titulo de Beato o intitulaõ Artur in *Martyrol. Franc.* p. 359. Gonzag. de *Origin. Ordin. Seraph.* in *Cathal. Beat. Ordin.* pag. 92. Salazar *Chron. de la Prov. de Caſtil.* liv. 8. cap. 1.

Torres *Chron. Seraf.* Tom. 7. liv. 2. cap. 18. et ſeqq. Fr. Fernando da Soled. *Hiſt. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 3. liv. 4. cap. 6. e na ſegunda ediçaõ Part. 3. liv. 16. cap. 6. n. 996. Duarte Nun. de Leaõ *Deſcripc. de Portug.* cap. 44. Vaſconcel. in *Deſcript. Regni Portugal.* pag. 525. n. 11. Fonſec. *Evora glorioſ.* pag. 236. A ſua vida mais diffuſamente eſcreveraõ D. Jeronymo Maſcarenhas Biſpo de Segovia, Fr. Horacio Sala, Fr. Marcos de Lisboa *Chron. da Ord. Seraf.* Part. 3. liv. 6. cap. 4. Torres *Conſolac. alos devot. del Myſterio dela Concep.* liv. 1. cap. 5. Wading. *Annal. Ord. Min.* Tom. 6. et 7. ad ann. 1464. 1467. 1468. 1472. 1482. et in *Script. Ord. Min.* p. 15. Petr. Rodulph. Toſſinianens. *Hiſtor. Seraph. Religion.* lib. 2. pag. 156. entre os Varoens inſignes em Santidade o traz retratado tendo debaixo do braço direito hum Livro fechado, e em hum lado delle eſcritas eſtas palavras *Aperietur in tempore* alludindo ao das ſuas Revelaçoens, na parte inferior do Retrato eſte dyſticho.

Multa revelari hic meruit ſibi, quo duce multos
Franciſci accendit Religionis amor.

Manriq. *Annal Ciſterc.* ad ann. 1158. cap. 5. §. 8. Luiz Salaz, e Caſtr. *Hiſt. Geneal. dela Caſa de Sylv.* Part. 2. liv. 6. cap. 4. Aubert. Mireo *ad ann.* 1460. Fr. Ant. à Purif. *Chronol. Monaſt.* pag. 81. Marrac. in *Bibliothec. Marian.* Part. 1. pag. 59. *Regio ſanguine clarus, ſed vitæ auſteritate, ac ſummis virtutibus clariſſimus.* Michoviens. in *Litan. Lauret.* Diſc. 58. §. 7. *Vir fuit Sanctitate, miraculis, et prophetia illuſtris.* Joan. Soar. de Brito in *Theatr. Luſit. Litter.* let. A. n. 25. *Vir fuit in Aula urbanitate celeberrimus, extra verò illuſtriſſimæ virtutis, et miris à Deo revelationibus illuminatus.* Nicol. Ant. in *Bib. Hiſp. Vet.* lib. 10. cap. 13. n. 725. *Sanctitate vir clariſſimus, et Luſitaniæ magnus honos.* D. Jeronymo Maſcarenhas remata a ſua vida com eſtas elegantes palavras. *Por todo es ſin duda uno delos maravilloſos Heroes dela Igleſia, honra de Su Religion, credito de Eſpaña, gloria de Portugal, unico reſplendor dela iluſtriſſima familia delos Sylvas, y de ſu inſigne patria Ceuta.*

Compoz hum livro de Vaticinios acerca do eſtado futuro da Igreja, que lhe foraõ por Deos revelados, cujo titulo era.

Jeſus Mariæ filius Salvator hominum Apocalypſis nova ſenſum habens apertum, & ea, quæ in antiqua Apocalypſi erant intùs, hìc ponuntur foris. Hoc eſt, quæ erant abſcondita, ſunt hìc aperta, & manifeſtata.

Contra eſta obra adulterada com diverſos erros compoz o Eminentiſſimo Cardial Bellarmino cincoenta, e ſete Cenſuras, as quaes conſervava *M. S.* na ſua Bibliotheca Fr. Jacinto Libello Arcebiſpo de Avinhaõ, que fora Meſtre do Sacro Palacio, e as comunicou a D. Julio Bartolocci, das quaes faz larga mençaõ na ſua *Bibliotheca Rabinic.* Tom. 1. pag. 241. e aſſim deve ſer lida com grande cautela, como prudentemente advirtiraõ os mais inſignes Chroniſtas da Ordem Serafica, devendo ſer julgada naõ como producçaõ do illuminado eſpirito do B. Amadeo, mas aborto de alguma fantazia fecunda de ficçoens, como eſcreveraõ Cornelio Alapide in *Apocalipſ.* cap. 1. pag. 19. editionis Antuerpienſis dizendo *de cujus Sanctitate, & revelationibus multa habent Chronica Ordinis Sancti Franciſci Part. 3. lib. 6. cap. 30. ubi tamen addunt, monent que extare puras, ſed iis varia à variis eſſe addita. Ego eas Romæ diligenter quæſivi, inveni, perlegi, itaque eſſe comperi.* Theofilo Raynaud. in *Joan. Evangel.* Sect. 2. Punct. 2. *Dolendum eſt fluenta Spiritùs quibus B. Amadæi hortus rigatus eſt pura ad nos non manaſſe.* Donde claramente ſe colhe o indiſcreto arrojo, com que o Cardial Caetano in *D. Thom.* 1. 2. quæſt. 174. art. 6. ad 3. e Bzovio in *Annalibus* ad ann. 1471. quizeraõ manchar a opiniaõ do B. Amadeo affirmando ſer ſua eſta obra contaminada com opinioens erroneas, e falſos vaticinios. Leaõ-ſe Briceno, Part. 1. *Controu. in* 1. *Sent. Scot.* pag. 147. Wadingo, Alva, e Samaniego, que com doutiſſimas Apologias defendem a ſanctificada fama do B. Amadeo, e convencem evidentemente aos dous adverſarios da cega precipitaçaõ com que cenſuráraõ a hum Varaõ celebre em vida pelas virtudes, e depois da morte com culto immemorial pelos milagres. O original deſta obra ſe conſerva na Bibliotheca do Real Convento do Eſcurial, donde extrahio huma copia D. Pedro de Caſtro Arcebiſpo de Granada, e Sevilha, e a collocou na Bibliotheca do ſacro Monte de Granada. Outra ſe guarda na Bib. Vaticana n. 567. como

diz D. Bernard. Montfaucon in *Bib. Bibliothecar. M. S. nova* Tom. 1. pag. 27. col. 1. com eſte titulo. *Amadæi Hiſpani Ord. S. Franc. Obſervantiæ Prophetiæ.* Duas copias deſta obra exiſtem, huma no Convento de N. Senhora da Salceda de Religioſos Franciſcanos, e outra no Convento Romano dos Agoſtinhos Deſcalços. Se alguma exiſte, que naõ ſeja adulterada, he a que ſe conſerva em Barcelona no Archivo do Collegio de S. Boaventura, no fim da qual eſtá hum teſtimunho de ſer a legitima, eſcrito pela propria maõ de S. Pedro de Alcantara em 21. de Fevereiro de 1543. como relata Fr. Joan. à D. Antonio in *Bib. Franciſc.* Tom. 1. pag. 55. Da obra, e do Author faz memoria Jacob Lelong. in *Bib. Sacra* pag. 607. col. 1. Thomaſſin. in *Bib. Patavin.* pag. 106. e Poſſevin. in *Apparat. Sacr.* Tom. 1. pag. 49.

Conſtituiçoens approvadas pela Seé Apoſtolica pellas quaes ſe governava a Congregaçaõ dos Amadeos antes de dar obediencia ao Geral dos Obſervantes.

Homiliæ de B. V. Maria, eſta obra, que allega Pedro Caniſio no ſeu *Marial,* e Joaõ Benedicto na ſua *Summa* como producçaõ do B. Amadeo, naõ he ſua, mas de Amadeo Lauſanenſe Biſpo, e Religioſo da Ordem de Ciſter, cujo engano ſeguio Henrique Willot in *Athen. Franc.* levado da ſemelhança dos nomes quando entre hum, e outro mediou o dilatado eſpaço de trezentos annos.

Sonetos Sagrados Author o B. Amadeo 4. Eſte livro ſe conſerva na Bibliotheca do Collegio de Coimbra da Companhia de JESUS.

Fr. AMADOR DE SANTA ANNA Religioſo da Ordem dos Menores da Provincia do Apoſtolo Saõ Thomé da India Oriental. A mayor parte da vida dedicou à converſaõ da gentilidade conduzindo ao gremio da Igreja innumeraveis barbaros, e para que ainda auzente naõ ceſſaſſe de taõ apoſtolico exercicio, eſcreveo na lingua Canarina para inſtrucçaõ dos já convertidos aſſiſtindo em Goa no anno de 1607.

Hiſtoria da vida dos Santos. da qual exiſtem muitos exemplares naquella regiaõ donde foy mandado hum no anno de 1612. a Filippe II. de Caſtella, que o mandou collocar na Bibliotheca do Eſcurial como affirma Fr. Joan. à D. Anton. in *Bib. Franc.* tom. 1. pag. 57. e outro ſe conſerva na Bibliothec. Real de Pariz n. 1615. como diz D. Bernard. Montfaucon in *Bib. Bibliothecar. M. S. nova* tom. 2. pag. 725. Lembraõ-ſe do Author Fr. Paulo da Trindade *Chron. da Prov. de S. Thomé* liv. 1. cap. 69. e Fr. Jacint. de Deos *Vergel de Plant. e Flor.* cap. 1. pag. 9. e o moderno Addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ Tom. 1. Tit. 16. col. 518.

D. Fr. AMADOR ARRAES filho de Simaõ Arraes. Naceo na Cidade de Beja da Provincia do Alentejo, e naõ em Coimbra, como ſeguindo a Marco Antonio Alegre de Caſanate eſcreveo Hyppolyto Marracio in *Bib. Marian.* Part. 1. pag. 61. Para fugir dos enganos, com que o mundo coſtuna lizongear a adoleſcencia ſe recolheo na Religiaõ Carmelitana em o Convento de Lisboa a 24. de Janeiro de 1545. ſendo o primeiro que profeſſou eſte ſagrado inſtituto no Collegio de Coimbra a 31. de Janeiro do anno ſeguinte. Igual foy o progreſſo que fez nos eſtudos da Filoſofia, e Theologia como o applauſo que conſeguio quando as dictou, naõ ſómente aos ſeus domeſticos, mas aos Conegos Regulares de Santo Agoſtinho de Santa Cruz de Coimbra, que naquelle tempo convidavaõ para eſte miniſterio a hum Varaõ eminente em letras ſagradas, e profanas. Recebido o gráo de Doutor pella Univerſidade na faculdade da Theologia começou a eſpalhar a ſemente do Evangelho com tanto fruto dos ouvintes, e acclamaçaõ dos eruditos, que chegando a fama da ſua peſſoa à Mageſtade delRey D. Sebaſtiaõ, naõ ſómente quiz ouvillo, mas em final do quanto lhe agradou o nomeou ſeu Prégador recebendo deſte Principe particulares eſtimaçoens, naõ ſendo inferiores as que lhe fez o Cardial D. Henrique, pois conhecendo a ſua prudencia acompanhada de virtuozas acçoens o elegeo quando era Arcebiſpo de Evora, ſeu Coadjutor, cuja eleiçaõ foy confirmada por Gregorio XIII. (e naõ S. Pio V. como eſcreve Fr. Manoel de Sá nas *Mem. Hiſt. dos Eſcrit. do Carm.* pag. 12. n. 13.) em 23. de Julho de 1578. com o Titulo de Biſpo Adrumentino, que depois ſe mudou no de Tripoli, e parecendo-lhe ſer eſte lugar pequeno premio ao ſeu merecimento

o fez ſeu Eſmoler mòr. Promovido da Dioceſe de Portalegre para a de Placencia D. Andre de Noronha, o nomeou naquelle Biſpado Filippe II. em 30. de Outubro de 1581. em cujo ſagrado miniſterio encheo as obrigaçoens de ſolicito Paſtor, viſitando peſſoalmente a ſua Dioceſe, convocando duas vezes Synodo para reforma dos coſtumes, moſtrando-ſe benigno Pay para os bons, ſevero Juiz para os máos, e profuſo diſpenſeiro para os pobres, donzellas, viuvas, e cativos. Reſgatou com graves ſomas de dinheiro todos os ſoldados da ſua Dioceſe que tinhaõ ſido cativos na infeliz batalha de Alcaçar. Socorreo ainda com perigo da meſma vida aos inficionados com a peſte. Ornou a Cathedral com pavimento de pedra muito polida, e lhe fez a Capella mòr com toda a magnificencia. Era no veſtir taõ parco, e modeſto, e taõ moderada a familia, que compunha a ſua caſa, que mais parecia de hum auſtero religioſo, que de hum Principe Eccleſiaſtico. Lembrado do ſilencio, e quietaçaõ da ſua Cella renunciou o Biſpado no anno de 1596. e ſe recolheo ao Collegio de Coimbra buſcando para morrer o lugar onde tinha nacido para a Religiaõ, o qual ampliou com rendas, e edificios. Ultimamente conhecendo ſer chegada a ultima hora precedendo huma moleſta infermidade, ſe preparou com os Sacramentos partindo para a eternidade em o 1. de Agoſto de 1600. Foy ſepultado no meyo da Capella mòr do Collegio de Coimbra em Sepultura raza, onde eſtá gravado eſte epitafio.

Sepultura de D. Fr. Amador Arraes Biſpo de Portalegre feitura delRey Dom Henrique, ſeu Eſmoler mor; foy o primeiro Religioſo, que profeſſou neſte Collegio. Faleceo no 1. *de Agoſto de* 1600.

Deſte Prelado eſcrevem Pedr. de Alva y Aſtorg. in *Milit. Concept.* Diogo Gouvea de Barrad. *Antiguid. de Beja.* liv. 3. cap. 38. Fr. Dan. à V. Mar. *Specul. Carmel.* Part. 2. Tom. 2. pag. 5. liv. 3. pag. 968. num. 3402. e pag. 908. n. 3157. Carvalh. *Corog. Portug.* tom. 3. liv. 2. Trat. 8. cap. 47. p. 624. Cunha *Catal. dos Biſp. dos Port.* Part. 2. cap. 39. pag. 337. e cap. 40. pag. 344. e cap. 42. pag. 364. Card. *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 248. no Commentario de 5. de Mayo chamando-lhe *Inſigne Prelado* Nicol. Ant. *Bib. Hiſpan.* tom. 1. pag. 49. acrecentando-lhe o appellido de Mendoça que naõ teve. Manoel de Far. e Souſ. *Europ. Portug.* tom. 3. Part. 4. cap. 6. pag. 354. e no *Catal. dos Author. Portug.* Original que tivemos em noſſo poder, o intitula *Obiſpo de Portalegre eleito por ſu virtud.* Antonio Coelho Gaſco *Antig. de Lisboa* Part. 1. cap. 14. Marrac. in *Bib. Marian.* Part. 1. pag. 61. *Doctrinâ, & pietate eximius, atque omni virtutis genere cumprimis ſui ſæculi heroibus comparandus.* D. Fr. Thom. de Faria *Decad.* 1. lib. 9. cap. 9. *Ita vixit ut nullum omnino faſtum apparenter exhiberet, ſed veluti vir monaſticus vitam eremiticam, & à frequenti hominum conſortio ſeparatam degeret: aſſuetus pauperum, & inopum inediæ omnes fere redditus in eos conferebat, tandem longo ſenio confectus ad ſuam regreditur religionem ubi plenus dierum ex hac vita feliciter deceſſit.* Fonſec. *Evor. Glorioſ.* pag. 314. *Eminente em letras, e virtudes.* Marangoni in *Thezaur. Paroch.* Tom. 2. lib. 3. cap. 1. n. 66. onde o faz Capellaõ mòr do Cardial D. Henrique, ſendo Eſmoller mòr. O Padre D. Manoel Caet. de Souſ. no *Catal. Hiſt. dos Pontif. Card. e Biſp. Portug.* pag. 108. & in *Expedit. Hiſpan. S. Jacobi* tom. 2. pag. 1302. Fr. Manoel de Sá *Mem. Hiſtor. dos Eſcrit. do Carm. da Prov. de Portug.* cap. 5. Compoz

Dialogos dos quaes o 1. he das *queixas dos enfermos, e curas dos Medicos:* 2. *do alivio dos afligidos:* 3. *da Gente Judaica:* 4. *da gloria, e triumfo dos Luſitanos.* 5. *das condiçoens, e partes do bom Principe.* 6. *das vias porque Deos neſte tempo nos chama.* 7. *da Fortaleza, e paciencia Chriſtaã.* 8. *do Teſtamento Chriſtaõ.* 9. *da Conſolaçaõ para a hora da morte.* 10. *da invocaçaõ de Noſſa Senhora* Coimbra por Antonio de Mariz 1589. 4. Correctos, e acrecentados pelo author ſe imprimiraõ poſthumos na meſma Cidade por Diogo Gomes Loureiro. 1604. fol. Fallando deſta obra o Padre Franciſco da Fonſeca no lugar aſſima allegado a intitula *Dialogos das acçoens dos Reys de Portugal,* e ſe enganou equivocando-o com os Dialogos de Pedro de Mariz.

Trabalhou com grande diſvello nas *Conſtituiçoens,* por onde ſe governou muitos annos o Biſpado de Portalegre, como affirma

Fr. Manoel de Sá nas *Memor. Hiſtor.* de que já fizemos aſſima menção.

Fr. AMADOR DA CONCEIÇAM natural do Porto, e Religioſo da Ordem dos Menores da Provincia de Portugal, Leitor jubilado na Sagrada Theologia, e prégador grande, de quem fazem memoria honorifica Fr. Fernando da Soledade na *Hiſt. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 3. liv. 1. cap. 21. n. 134. e Part. 5. liv. 5. cap. 50. n. 1726. e Fr. Joan. à D. Ant. *in Biblioth. Franciſc.* tom. 1. pag. 57. Foy Guardiaõ dos Conventos de Santa Citta, de S. Franciſco da Covilhaã, de Leiria, e Confeſſor dos Moſteiros de Santa Clara de Figueirò, da Eſperança de Abrantes, de N. Senhora dos Poderes de Via-Longa, e de Santa Iria de Thomar, e no Convento de S. Franciſco deſta Villa falleceo no anno de 1709. Dos muitos Sermoens, que prégou, ſómente ſe imprimiraõ os ſeguintes

Sermaõ do glorioſo Martyr Saõ Sebaſtiaõ prégado na Capella Real. Aos 20. *de Janeiro do anno de* 1670. *em a ſolemnidade da Confraria da Corte, que inſtituhio El-Rey D. Joaõ o III.* Lisboa por Domingos Carneiro Impreſſor das Tres Ordens Militares. 1670. 4. e Coimbra por Manuel Rodrigues de Almeida 1684. 4.

Sermaõ prègado no Convento de Santa Iria, e das Religioſas de Santa Clara da Villa de Thomar em acçaõ de graças, que todos os annos ſe celebra no proprio dia, que Deos fez merce às Religioſas de as livrar do formidavel rayo que cahio no Moſteiro, e ſe deſvaneceo no lago, onde Santa Iria padeceo o ſeu martyrio, em o anno de 1687. Lisboa por Miguel Maneſcal. 1688. 4.

Sermaõ das Almas no Convento de Saõ Franciſco de Thomar nos ſuffragios annuaes, que fazem os Irmãos da Terceira Ordem por ſeus Irmãos defuntos em o anno de 1686. Coimbra por Manuel de Almeyda 1688. 4.

Sermaõ na Quarta feira de Cinza na Mizericordia da Villa de Thomar. Lisboa por Miguel Maneſcal. 1688. 4.

Sermaõ da Quinta Dominga da Quareſma em acçaõ de graças pelo Capitulo que ſe celebrou em Alenquer no Convento de S. Franciſco da Provincia de Portugal em 20. *de Março de* 1706. Lisboa por Manoel, e Joſeph Lopes Ferreira 1706. 4.

AMADOR CORREA, Irmaõ da Companhia de JESUS, o qual aſſiſtia pelo anno de 1556. no Collegio de S. Paulo de Goa. Para dar noticia dos progreſſos das Miſſoens Apoſtolicas nas Regioens Orientaes eſcreveo aos ſeus Padres que aſſiſtiaõ na Europa tres Cartas de Cochim a 1. em 8. de Fevereiro de 1564. a 2. em 20. de Janeiro de 1565. e a 3. em Novembro de 1566.

AMADOR DA COSTA, igualmente irmaõ na profiſſaõ, e inſtituto que o precedente. Eſtando para partir para o Japaõ, mandou.

Carta eſcrita aos PP. Jeſuitas da Provincia de Portugal em 3. de Novembro de 1577. a qual ſahio impreſſa com outras. Evora por Manoel de Lira. 1598. eſtá a pag. 400.

AMADOR LEAL DE CARVALHO naceo em Lisboa no anno de 1608. e foy filho de Lucas Leal de Carvalho fidalgo da Caſa Real, e de Maria Cordeira. Fazia com grande elegancia, e affluencia todo o genero de verſos, naõ ſendo menos applicado ao eſtudo da Hiſtoria profana, e noticia das linguas mais polidas. Nas *lagrimas Panegyricas à morte de Joaõ Perez de Montalvaõ,* eſtá hum Soneto ſeu, que começa.

Suſpende ò Muſa el yà feſtivo canto

Traduzio de Caſtelhano em Portuguez o 3. e 4. livro das *Epiſtolas de D. Antonio de Guevara Biſpo de Mondonhedo,* e as levou para Caſtella, quando no anno de 1640. partio com o Marquez de Portoſeguro.

P. AMADOR REBELLO natural da Villa de Mezamfrio da Dioceſe do Porto, e teve por Pays a Lançarote Gonçalves, e Beatriz Rodrigues. Na idade de vinte annos abraçou o inſtituto da Companhia de JESUS, em Coimbra a 26 de Julho de 1559. e naõ de 1552. como eſcreve o author da Bibliotheca da Companhia. Poſto que foſſe admittido para o numero dos Coadjutores eſpirituaes, enſinou humanidades, e Theologia Moral. Como era inſigne em eſcrever foy eleito Meſtre delRey D. Sebaſtiaõ para o enſinar a fazer os caracteres com perfeiçaõ, em cujo miniſterio conciliou o affecto deſte Principe, e de todos os Palacianos pela candura do animo,

e modeſtia do aſpecto. A ſua mayor aſſiſtencia foy no Collegio de Santo Antaõ de Lisboa, onde pelo eſpaço de ſete annos foy Reytor com igual credito da ſua prudencia, que ſatisfaçaõ dos ſubditos, que governava. Nunca ſe ouvio murmurar do proximo, antes pela ſuavidade do genio a todos atrahia, principalmente aos Penitentes no tribunal da Confiſſaõ, em cujo lugar, como eſpiritual medico lhes receitava ſaudaveis remedios contra as enfermidades da alma. De evidentes perigos armados contra a ſua innocente vida foy por varias vezes livre com particular aſſiſtencia da protecçaõ divina. Fortalecido com os Sacramentos, morreo em Lisboa a 7. de Mayo de 1622. Entre os Varoens inſignes em virtudes o numera Jorge Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 111. e no Commentar. de 7. de Mayo letr. I. D. Nic. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 49. e Tom. 2. pag. 279. Telles *Chronic. da Companh. da Prov. de Portug.* Part. 2. liv. 6. cap. 48. e 50. Franc. *Imag. da Virtud. em o Novic. de Coimb.* Tom. 1. liv. 1. cap. 19. e Tom. 2. pag. 611. e no *Anno glorioſ. S. J. in Luſit.* pag. 257. & in *Synopſ. Annal. S. J. in Luſit.* pag. 234. n. 100. Compoz

Alguns Capitulos tirados das Cartas, que vieraõ eſte anno de 1588. dos Padres da Companhia de JESUS, que andaõ nas partes da India, China, Japaõ, e Angola. Lisboa por Antonio Ribeiro 1588. 8. Deſta obra, e do author faz mençaõ a *Bib. Orient.* novamente acrecentada Tom. 1. Tit. 5. col. 94.

Compendio de algumas Cartas que eſte anno de 1597. vieraõ dos Padres da Companhia de JESUS, que reſidem na India, e Corte do graõ Mogor, e Reynos da China, e Japaõ, e no Braſil em que ſe contem varias couſas. Lisboa por Alexandre de Siqueira. 1598. 8.

Relaçaõ da Vida delRey D. Sebaſtiaõ, na qual ſe trata do ſeu nacimento, creaçaõ, governo, das hidas, que fez a Africa, da batalha que deu a Muley Maluco, e do fim, e do ſucceſſo della. M. S. Deſta obra tenho huma Copia, na qual ſuccintamente ſe eſcrevem as acçoens deſte Principe. Jorge Cardoſo no lugar aſſima allegado, diz que fora compoſta no anno de 1613. e della faz memoria Franciſco Soares Toſcano *Parallel. de Var. Illuſtres.*

Tratado dos ditos delRey D. Sebaſtiaõ eſcrito por ordem dos ſeus Superiores. Conſerva-ſe *M. S.* na Livraria da Caſa profeſſa de Lisboa, como affirma Joaõ Franco Barreto na *Biblioth. Portug. M. S.*

AMADOR RODRIGUES. Hum dos celebres Juriſconſultos, que produzio Portugal, donde paſſando a Salamanca depois de exercitar neſta Cidade o Officio de Advogado, como tambem na Corte de Madrid no anno de 1616. foy Lente de Direito Civil naquella florentiſſima Univerſidade, e ſeu Syndico, ſendo reſpeitada a ſua ſciencia legal pelos mayores Profeſſores de Juriſprudencia, como o manifeſtaõ as ſuas obras, com as quaes ſervio de farol para guiar aos Advogados no intrincado labirinto das controverſias forenſes, eſcrevendo

Tractatus de modo, & forma videndi, & examinandi proceſſum in cauſis Civilibus via ordinaria prima inſtantia intentatis. Matriti apud Alphonſum Martinum. 1609. 4. Deſte Livro publicou o author huma Summa em Caſtelhano, que foy impreſſa no meſmo lugar, e anno que a precedente. Sahio em latim ſegunda vez Francof. ex Officin. Zachario = Paltheniana 1615. 8.

Tractatus de executione ſententiæ, & eorum quæ paratam habent executionem. Matriti apud Alphonſum Martinum 1613. fol.

Tractatus de concurſu, & privilegiis creditorum in bonis debitoris, & de prælationibus eorum, atque de ordine, & gradu, quo ſolutio fieri debet. Madriti apud Ludovicum Sanches 1616. fol. Venetiis. 1644. Francof. apud Joannem Beyre 1645. 8. Genevæ apud Samuel. Chovet. 1664. & Lugduni 1665. Poſto que Nicoláo Antonio in *Bib. Hiſp.* tom. 1. pag. 49. faça natural de Salamanca a Amador Rodrigues, talvez perſuadido que o foſſe pela diuturna aſſiſtencia que fez neſta Cidade, certamente he Portuguez, naõ ſómente porque o apellido aſſim o manifeſta, o qual he raro entre os Caſtelhanos, como porque no Catalogo dos noſſos Portuguezes, que floreceraõ na Univerſidade de Salamanca, compoſto com toda a exacçaõ, e eſtudo pelo inſigne eſcritor D. Thomaz Tamayo de Vargas, e remetido a Diogo Lopes de Souza Conde de Miranda Pay do Eminentiſſimo Cardial de Souza, em cuja Livraria ſe conſerva, ſe affirma nelle ſer Portuguez

Amador Rodriguez. Confirma-ſe mais eſta verdade com o teſtemunho do Padre Franciſco da Cruz nas ſuas Memorias *M. S.* para a *Bib. Portugueza;* o qual relata que eſtando em Roma no anno de 1674. lhe ſegurára o Doutor Thomaz Ribeira natural de Beja, homem de ſumma verdade, que Amador Rodrigues, com quem vivera muitos annos em Caſtella, e tivera particular amizade, lhe certificara ſer Portuguez, porém naõ queria que foſſe conhecido por tal, cuja cauſa ignoramos.

AMADOR VIEYRA, natural da Villa de Monforte na Provincia do Alentejo, Licenciado nos ſagrados Canones, e Prior da Parochial Igreja de Saõ-Tiago de Travanca da Dioceſe de Coimbra. Foy grande amigo do inſigne Prégador Franciſco Fernandes Galvaõ, o qual deixando-lhe no ſeu Teſtamento os Sermoens, que tinha prégado, para cumprir como fiel amigo a obrigaçaõ deſte legado, addicionou muitos delles, verteo outros de linguas eſtranhas na materna, e ultimamente os ornou com a vida do Author impreſſa no 1. tomo, de que faz memoria Joaõ Soares de Brito in *Theatr. Luſit. Litter.* let. A. n. 28. e os ampliou com dedicatorias, e prologos applicando grande diſvelo para que polidos, e digeſtos ſahiſſem à luz publica com eſte titulo

Sermoens de Quareſma. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1611. 4.

Sermoens das feſtas dos Santos. Lisboa pelo meſmo Impreſſor. 1613. 4.

Sermoens das Feſtas de Chriſto noſſo Senhor. Lisboa pelo meſmo Impreſ. 1616. 4.

AMARO DOS ANJOS, natural da Cidade de Leiria, e Conego Secular da Congregaçaõ do Evangeliſta, cujo habito recebeo no Convento de Villar de Frades a 28. de Março de 1685. onde foy Definidor, Reytor de Evora, e Prégador geral. Por ſer muito verſado nos ritos, e ceremonias Eccleſiaſticas exercitou muitos annos eſte miniſterio no Convento de S. Bento de Xabregas cabeça da ſua Canonica Congregaçaõ, e para que naõ ficaſſem occultas as grandes noticias, que tinha adquirido na continua applicaçaõ deſte eſtudo querendo inſtruir nelle a outros para que com ſumma perfeiçaõ as executaſſem, eſcreveo

Directorio Ceremonial. Lisboa por Filippe de Souza Villela. 1717. 4. Morreo em o Convento de S. Bento de Enxobregas a 25. de Janeiro de 1729. Deixou *M. S.* tres volumes de 4. com eſte titulo.

Suor alheo deſtillado pelo lambique da paciencia. Conſta de varios conceitos predicaveis que tinha colhido com indefeſſo trabalho de varios Authores. Conſervaõ-ſe na Livraria do Convento de S. Bento de Enxobregas.

Fr. AMARO DE AREGAS, cujo apellido indica a patria, onde naceo, a qual eſtá cinco legoas para o Norte da Villa de Thomar. Foy Monge Ciſtercienſe no Real Convento de Alcobaça, e grande Theologo. Compoz

De Matrimonio fol. *M. S.* Cujo Original ſe conſerva no Archivo do dito Convento.

AMARO DA FONSECA, Ulyſſiponenſe, e dos celebres Cirurgioens do ſeu tempo, como certifica D. Franciſco Manoel de Mello na Carta dos Authores Portuguezes eſcrita ao Doutor Manoel Themudo da Fonſeca Vigario Geral de Lisboa. Eſcreveo

Tratado da Gonorrea, e outras couſas. Sahio impreſſo na quinta ediçaõ da Cirurgia de Antonio da Cruz. Lisboa por Manoel Gomes de Carvalho. 1649. 4.

AMARO MOREYRA CAMELLO, Cavalleiro profeſſo da Ordem militar de Chriſto, muito verſado na Liçaõ da Hiſtoria, e principalmente em huma das ſuas mais nobres partes a Genealogia. Pelo largo eſpaço de vinte annos, que aſſiſtio em Portugal, Caſtella, e India, poſto que embaraçado com diverſos negocios, nunca deixou de cultivar o eſtudo Genealogico tomando por empreza do ſeu trabalho litterario a grande Familia dos Maſcarenhas, a qual illuſtrou como elle confeſſa no Prologo por outro eſtillo que tinhaõ ſeguido os grandes Genealogiſtas Fernaõ Pacheco, D. Antonio de Lima, e o Illuſtriſſimo Arcebiſpo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha, cuja obra intitulou deſte modo

Memorias illuſtres da Familia de Maſcarenhas fecunda Progenitora de aſſinalados Varoens, e generozos Heroes. Dividida em quatro

livros o primeiro dedicado a D. Franc. Maſcarenhas do Conſelho de Eſtado de Sua Mageſtade. Conſta de 37. Capitulos eſcrito em Lisboa no anno de 1650. fol. *M. S.*

O ſegundo Livro dedicado a D. Joaõ Maſcarenhas terceiro Cõde de Santa Cruz. Conſta de 19. Capitulos eſcrito em Lisb. em 1651.

O terceiro Livro dedicado a D. Joaõ Maſcarenhas ſegundo Conde de Palma. Conſta de 16. Capitulos eſcrito em Goa, no anno de 1654.

O quarto Livro dedicado a D. Jorge Maſcarenhas ſegundo Conde de Serem. Conſta de 20 Capitulos eſcrito em Goa no anno de 1655.

Do Author, e da Obra fazem mençaõ Joaõ Franco Barreto na *Bib. Luſit. M. S.* e o Padre D. Antonio Caet. de Souſ. *Aparat. à Hiſt. Gen. da Caſ. Real Portug.* pag. 103. §. 106. cujo Original vimos.

Fr. AMARO DE PENICHE. Natural deſta maritima Villa do Arcebiſpado de Lisboa, de que tomou o appelido, e Monge Ciſtercienſe no Real Convento de Alcobaça em cujo archivo ſe conſervaõ eſcritos da ſua propria maõ.

Sermones Dominicarum.

AMARO DE ROBOREDO, natural da Villa de Algozo na Provincia Tranſmontana, e muito douto na Grammatica Latina, e Portugueza em cuja eſtudioſa applicaçaõ conſumio a mayor parte da ſua vida merecendo pela grande ſciencia que tinha alcançado em tantos annos as eſtimaçoens das peſſoas aſſim da Jerarchia Eccleſiaſtica, como Secular. O Arcebiſpo de Evora D. Diogo de Souſa, a cuja dignidade fora aſſumpto no anno de 1610. o fez ſeu Secretario. Depois ſendo Beneficiado na Igreja de N. Senhora da Salvaçaõ da Villa da Arruda, foy Meſtre dos filhos de D. Balthezar de Teyve fidalgo Caſtelhano morador em Lisboa, cujo miniſterio exercitou com grande credito da ſua peſſoa inſtruindo a D. Duarte de Caſtello-branco primogenito de D. Franciſco de Caſtello-branco Conde do Sabugal, e Meirinho mór do Reyno. Compoz.

Verdadeira Grammatica Latina para ſe bem ſaber em breve tempo, eſcrita na lingua Portugueza com exemplos na Latina. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1615. 8.

Grammatica Latina mais breve, e facil que as publicadas atè agora, na qual precedem os exemplos ás regras. Lisboa por Antonio Alveres. 1625. 8.

Methodo Grammatical para todas as linguas. Conſta de tres partes. Primeira, Grammatica exemplificada na Portugueza, e Latina. Segunda, Copia de palavras exemplificada nas latinas, artificio experimentado para entender latim em poucos mezes. Terceira, Fraſe explicada na latina, em que ſe exercitaõ as Syntaxes ordinarias, e collocaçaõ rhetorica como moſtra a terceira, e quarta folha. Lisboa pelo meſmo Impreſſor. 1619. 4.

Regras da Ortographia Portugueza em huma folha. Lisboa pelo dito impreſ. 1615. & ibi na Officina Joaquiniana. 1738. 8.

Raizes da lingua Latina moſtradas em hum Tratado, e Diccionario, iſto he, hum Compendio de Calepino com a compoſiçaõ, e derivaçaõ das palavras, com a Orthografia, quantidade, e fraze dellas. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1621. 4.

Ràdices Sermonis Latini demoſtratæ in tractatulo, & dictionario, hoc eſt, Calepini Compendium cum dictionum compoſitione, & derivatione, Orthographia, quantitate, & ipſarum phraſe. Ulyſſip. apud Petrum Crasbeeck. 1621. 4.

Eſta obra he compoſta na lingua Portugueza, e Latina as quaes eſtaõ em duas colunas em cada pagina.

Traduzio de Francez em Latim, e copioſamente acrecentou dedicando-o ao ſeu diſcipulo D. Joaõ de Caſtello-branco primogenito de D. Franciſco de Caſtello-branco Conde de Sabugal.

Janua linguarum, ſive modus maxime accomadatus ad eas intelligendas primùm in lucem editus cum verſione hiſpana, & Luſitana interpoſitis numeris quibus harum linguarum ignarus eas ſine magiſtro poſſit addiſcere. Ulyſſip. apud Petrum Crasbeeck. 1622. 4.

Traduzio do Latim do Cardeal Bellarmino em Portuguez eſtes dous Tratados.

Declaraçaõ do Symbolo para uzo dos Curas. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1614. 8.

Doutrina Chriſtaã. Lisboa pelo dito Impreſſor. 1620. 8.

Socorro das Almas do Purgatorio para ſe ſaberem tirar com indulgencias as almas nomeadas, e applicarlhe bem a ſatisfaçaõ das obras

penaes, e pias. Ajuntaſe hum modo facil, e artificioſo de rezar bem o Roſario, e Coroa da Virgem Noſſa Senhora. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1627. 12. et ibi por Antonio Alvares 1645. 24.

Do Author ſe lembraõ D. Franciſco Manoel na *Carta dos Authores Portuguezes* eſcrita ao Vigario Geral de Lisboa Manoel da Fonſeca Themudo, Franciſco de Araos in lib. *de bene diſponend. Bibliothec. Præd.* Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Luſit. Litter.* let. M. n. 21. onde lhe chama *Grammaticus non contemnendus,* e Nicol. Ant. in *Bib. Hiſpan.* tom. 2. pag. 95.

AMARO DA ROCHA, Cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto, Secretario de Eſtado da India. Sendo muito verſado nos ſucceſſos militares, e politicos daquelle Eſtado, e igualmente curioſo inveſtigador da natureza, e qualidade das plantas, que em taõ vaſto terreno ſe produzem, compoz, e dedicou à Mageſtade Catholica de Filippe II. de Portugal o ſeguinte volume repartido em cinco livros com as plantas, e veſtidos das Naçoens Orientaes primoroſamente illuminadas, cujo titulo era o ſeguinte. *Cæſareo minime cedat labor amphitheatro*

Iſtud præ cunctis fama loquatur opus.

Amphiteatro Oriental onde ſe moſtraõ todos os Vice-Reys, e Governadores que ouve na India depois, que o braço Portugues a encorporou na Coroa de Eſpanha, e todos ſeus ſucceſſos compendioſamente epilogados, e hum vivo modelo, e natural retrato de todas as fortalezas fronteiras com ſeus deſtrictos, e alturas: e todas as armadas, que os Reys Portuguezes de glorioſa memoria a ella inviaraõ depois que o Almirante Vaſco da Gama com os noſſos primeiros Argonautas (fazendo-ſe Antipodas de ſi meſmo) no anno de MCCCCXCVII. a deſcobriraõ; e as monſtruoſas viagens que fizeraõ,e hum como Mappa de todas as naçoens da Aurora com ſuas peculiares diviſas, diverſa variedade de cores, varia diverſidade de trajos, abominaçaõ de ritos, e beſtialidade de coſtumes, recolhidos em compendio, e finalmente todas as plantas mais notaveis, e medecinaes com ſuas hieroglyphicas figuras, propriedades, e virtudes, que a natural filoſophia reſuſcitou deſenterrando-as do ſepulchro do eſquecimento; e muitas dellas examinadas com rigoroſa experiencia em preſença do Vice-Rey Mathias de Albuquerque por ordem da Mageſtade Catholica delRey D. Filippe o I. de Portugal de eſclarecida memoria. Conſerva-ſe eſte Livro na Bibliotheca d'ElRey Noſſo Senhor, e della faz mençaõ a *Biblioth. Orient.* de Antonio de Leaõ novamente acrecentada Tom. 1. pag. 542. v.º.

AMARO TELLES NAHUT. Veja-ſe P. MANOEL TAVARES da Congregaçaõ do Oratorio.

AMATO LUSITANO chamado antigamente Joaõ Rodriguez de Caſtello branco, cujo apellido tomou deſta inſigne Villa da Dieceſe da Guarda, onde naceo. Ainda contava poucos annos, quando em Salamanca ſe applicou a eſtudar Medicina, e como era dotado de hum engenho preſpicaz, e grande comprehenſaõ, de tal ſorte ſe adiantou a todos os ſeus condiſcipulos, entre os quaes era o celebre André de Laguna, que naõ excedendo a idade de dezoito annos foy julgado por capaz de exercitar a arte de Cirurgiaõ em os dous Hoſpitaes daquella Cidade, donde voltando à patria exercitou com geral aclamaçaõ o officio de Medico. Movido do dezejo de dilatar a fama do ſeu nome em as naçoens eſtranhas, ou receoſo de ſer punido pela culpa de Judaiſmo com que eſtava inficionado, ſe auzentou de Portugal, e diſcorrendo pelas mais famoſas Cidades de Flandes, e Italia, em algumas fez aſſiſtencia, como foraõ Anveres, Roma, Ferrara, Veneza, e Ancona, onde pelo methodo felizmente exercitado em beneficio dos enfermos conciliou a amizade, e eſtimaçaõ de Varoens inſignes, ſendo os principaes Luiz Vives, Joaõ Baptiſta Canano, que eſcreveo *de Muſculis,* e Antonio Muſa Brazavolo inſigne Medico em Ferrara, onde foy Meſtre publico de Medicina, e Diogo de Mendoça Embaxador de Caſtella, em Veneza. Sendo convidado com largo eſtipendio pelo Senado de Raguſa, e com mayores conveniencias por ElRey de Polonia naõ aceitou taõ opulentas offertas. Em Ancona como foſſe accuſado por deſertor da verdadeira Religiaõ deixando todas as alfayas do ſeu uzo, fugio ocultamente para a Cidade de Peſaro onde eſperava viver ſeguramente protegido com a authoridade do Duque

de Urbino Guido Ubaldino, porem vendo-ſe fruſtrado da ſua eſperança ſe refugiou em Theſalonica Cidade de Macedonia ſogeita ao Imperio Ottomano, em cuja Synagoga, abjurada a Fé de Chriſto, profeſſou publicamente o Judaiſmo onde quaſi de ſeſſenta annos infelizmente morreo de peſte em 21. de Janeiro de 1568. a cuja memoria lhe fez Flavio Jacobo Eborenſe ſeu comtemporaneo o ſeguinte epitafio.

Qui toties fugientem animam ſiſtebat in ægro
Corpore, Lethæis aut revocabat aquis.
Gratus ob id populis, & magnis regibus æque,
Hic jacet; hanc moriens preſſit Amatus humum.
Luſitana domus: Macedùm tellure ſepulchrũ
Quam procul à patrio conditur ille ſolo!
At cum ſumma dies, fatalis & appetit hora
Ad ſtyga, & ad Manes undiq̃ prona via eſt.

D. Fr. Thome de Faria nas ſuas *Decadas*, e Vicente da Coſta no *Diſcurſo contra a perfidia heretica* fol. 64. v.º eſcrevem que Amato fora em Conſtantinopla Phyſico mòr do Graõ Turco, cuja noticia como naõ he relatada por eſcritor eſtranho, naõ me atrevo a affirmalla por certa; ſendo infallivel, que ſe Amato naõ ſeguira os delirios da Synagoga, ſeria numerado entre os mayores profeſſores da arte Medica, como o numeraõ Juſto in *Chronol. Med.* Petr. Caſtellan. in *Vit. Illuſtr. Medic.* pag. 245. Zacut. Luſit. in *Hiſt. Princip. Med.* lib. 2. hiſt. 85. quæſt. 46. Joan. Ant. Vander Linden in *Script. Med.* Georg. Abraham. Mercklin. in *Lind. Renov.* Taxand. in *Cathal. Clar. Hiſp. Script.* Draudius *Biblioth.* in Claſ. *Med.* Bartolocci *Bib. Rabin.* Part. 1. pag. 368. n. 268. Nicol. Ant. in *Bib. Hiſp.* tom. 1. pag. 50. Joan. Klefekerus in *Biblioth. Erudit. Præcoc.* pag. 5. Wolfio *in Bib. Hebrac.* pag. 200. & pag. 1015. lhe chama *ſcriptis inclitus*. Baſnag. *Hiſt. es Juifs* tom. 5. cap. 34. *un des plus habiles hommes de ſon ſiecle* Joan. Soar. de Brito in *Theatr. Luſit. Litterat.* let. A. n. 29. *Medicus fuit inſignis, & in morbis præſertim depelẽdis maxime fortunatus*, e Franc. de Sant. Mar. *Anno Hiſtor. e Diar. Portug.* pag. 101. Morery *Diccion. Hiſtorique* letr. A. Compoz.

Index Dioſcoridis, ſive hiſtoriales Campi, exagemataque ſimplicium, atque eorumdem collationes cum iis, quæ in Officinis habentur, ne dum Medicis, et Myropoliorum Seplaſiariis, ſed bonarum artium ſtudioſiſſimis perquam neceſſarium opus. Antuerpiæ apud Viduam Martini Cæſaris 1536. in fol. Eſta obra foy publicada com o nome de Joaõ Rodriguez de Caſtellobranco, as ſeguintes com o de Amato. Neſte livro explica os nomes de todos os ſimples em varias linguas, como ſaõ Portugueza, Caſtelhana, Germanica, Franceza, e Italiana, fazendo juiſo em cada capitulo das taes plantas, e ſimples.

In Dioſcoridis Anazarbæi de Medica materia librum quinque enarrationes eruditiſſimæ. Venetiis apud Gualterum Scotum 1553. 4. & ibi apud Jordanum Zilettum 1577. 4. Argentorati apud Wendelinum Rihelium 1554. et 1565. 4. Lugduni apud Viduam Balthazaris Arnoletti 1558. 8. et apud Mathæum Bonhome 1558. 8. *cum annotationibus Roberti Conſtantini, et ſimplicium picturis ex Fuſchio, et Dalechampio.*

Curationum medicinalium centuriæ ſeptem varia, multiplicique rerum cognitione refertæ quibus præmiſſa eſt commentatio de introitu medici ad ægrotantem, de criſi, & diebus decretoriis. Sahiraõ todas juntas Burdigalæ apud Gilbertum Vernoy 1620. 4. Genevæ apud Jacobum Petrum Chovet. 1621. 4. Barcinone 1628. fol. Francof. 1646. fol. Venetiis ſumptibus Franciſci Storti. 1654. 12. Pariſiis 1617. 3. Tom.

Deſtas Centurias ſahiraõ ſeparadamente a 1. com o tratado *de introitu Medici &c.* Florentiæ apud Torrentinum. 1551. 8. e a 2. na qual ſe deſcreve mais largamente o methodo como deve ſer preparado o páo da China para ſe beber. Venetiis apud Valgriſium. 1552. Deſta obra faz mençaõ o novo Addicionador da *Bib. Occid.* de Antonio de Leaõ. Tom. 2. col. 889. Eſtas duas Centurias ſahiraõ tambem ſeparadamente Lugduni apud Rovilium. 1680. 12. et Pariſiis apud Franciſcum Bartholam. 1554. 12. A Centuria 3. e 4. Lugd. apud Rovilium. 1580. 12. et Lugd. apud Joan. Franc. de Gabiano. 1556. 12. As primeiras quatro Centurias Baſileæ. 1556. 8. A Centuria 5. e 6. na ultima das quaes ſe contem *colloquium de curandis capitis vulneribus.* Venetiis. 1566. et Lugduni apud Rovilium. 1580. 8.

A 7. Centuria, a qual como eſcreve Julio

Bartolocci foy acabada em Theſſalonica no anno do mundo 5319. e no de Chriſto 1559. foy primeiramente impreſſa Venetiis apud Valgriſium. 1566. depois Lugduni apud Rovilium. 1570. 12.

Perdeo quando fugio de Ancona como elle meſmo relata na Dedicatoria da *Centuria ultima Curation.* 12. 29. e 79.

Commentaria in Quartum Fen. lib. 1. *Avicenæ.*

Aos quaes ſervia de prefaçaõ o texto do meſmo Avicena fielmente traduſido por Jacobo Mantino, e naõ ſomente reviſto por Amato, mas vertido por elle em Latim mais puro.

Traduzio na lingua Caſtelhana, e dedicou a Jacobo Naſſinio Judeo, como eſcreve Nicol. Ant. in *Bib. Hiſp.*

La Hiſtoria de Eutropio.

Fr. AMBROSIO DOS ANJOS Religioſo Eremita de Santo Agoſtinho, e celebre operario Evangelico no Reyno de Gorgiſtaõ habitado de innumeravel multidaõ de ſciſmaticos, para cuja reducçaõ por ſer muito erudito na lingua Perſiana, e Turqueſca, foy mandado pelo Arcebiſpo de Goa, eſcreveo o ſucceſſo deſta expediçaõ em huma.

Carta eſcrita de Gorgiſtaõ em 29. *de Junho de* 1628. *ao Vigario Provincial dos Eremitas de Santo Agoſtinho* Sahio impreſſa na *Breve Relac. das Chriſtandades, que os Religioſos de Santo Agoſtinho tem à ſua conta nas partes do Oriente* Lisboa por Antonio Alvares. 1630. 8. desde folhas 57. até 77.

Carta em que relata a Miſſaõ, que os Religioſos Agoſtinhos fizeraõ no anno de 1616. *em o Reyno de Gorgiſtaõ. M. S.* fol. guardaſe na *Bib.* delRey Catholico, como refere a *Bib. Orient.* de Antonio de Leon novamente acrecentada tom. 1. tit. 4. col. 82.

Breve Relaçaõ do martyrio da Rainha Gativanda executado em 25. *de Setembro de* 1624. *M. S.* Conſervaſe na Livraria do Convento de N. Senhora da Graça de Liſboa, da qual grande parte eſtá impreſſa na Relaçaõ das Chriſtandades, de que aſſima ſe fez mençaõ.

Ainda que o Xá Abbas Rey da Perſia mandou matar a eſta Rainha, por naõ querer abraçar a ley de Mafoma, como naõ conſta evidentemente, que abjuraſſe o ſciſma, que profeſſava, poſto que deo grandes ſinaes de obediencia à Igreja Romana, naõ ſe póde verdadeiramente chamar martyr por Chriſto.

Fr. AMBROSIO BAPTISTA filho da preclariſſima Ordem Premõſtratenſe, numerado entre os Authores Portuguezes pelo diligentiſſimo inveſtigador das noticias pertencentes a eſte Reyno, Jorge Cardoſo, a cuja aſſeveraçaõ naõ repugna o ſilencio de Nicolao Antonio na *Bib. Hiſp.* Tom. 1. p. 50. acerca da ſua patria, e ſomente declarando a obra ſeguinte, que compoz em Caſtelhano.

Diſcurſo delas miſerias dela vida y calamidades dela Religion Catholica. Madrid en la Officina Real. 1635. 4.

AMBROSIO CARDOSO DE ABREU. Natural da Villa de Caſtello Branco, no Biſpado da Guarda, filho do Licẽciado Leonardo Nunez Cardoſo, e de ſua mulher Iſabel Francoſa de Siqueira. Foy Doutor nos Sagrados Canones pela Univerſidade de Coimbra, Protonotario Apoſtolico, Prior da Parochial Igreja de Santo André, da ſua patria, Conego eleito de Leyria, cuja inſigne doutrina, ſevero juiſo, e piedade Catholica teſtemunhou em huma elegante carta a elle eſcrita em Lisboa a 15. de Mayo de 1622. inſerta na obra, de que logo ſe fará memoria, o Illuſtriſſimo Vicente Landinello Biſpo Albenganenſe, e Colleitor com poderes de Nuncio Apoſtolico neſtes Reynos, onde lhe exalta o heroico zelo, com que acerrimamente defendia a immunidade Eccleſiaſtica. Por deligencia de ſeu Irmaõ Fr. Agoſtinho Cardoſo Religioſo Trinitario, e Meſtre em Theologia, e Procurador Geral da ſua Ordem em Roma, ſahio.

Allegatio juris pro interdicto Eccleſiaſtico, cui ſuppoſita fuerat Ulyſſipo cum additamentis pro tributis perſonis Eccleſiaſticis non imponendis. Romæ apud Jacobum Maſcardum 1623. 4. grande, et Ulyſſipone 1627. 4.

Eſta obra agradou tanto à Santidade de Paulo V. a cujo nome fora dedicada, que mandou guardar hum exemplar na Bibliotheca do Vaticano, onde exiſte n. 5919. como

affirma Montfaucon in *Bib. Bibliothecar. M. S. nova* Tom. 1. pag. 141. col. 1. e expreſſar ao Author a eſtimaçaõ, que delle ſizera por ſeu ſobrinho o Cardial Burgheſi concedendolhe para eterno teſtemunho da benevolencia cõ que a aceitara, a graça perpetua de hum altar privilegiado na Parochia de Santo André, da qual era Prior. Naõ foy menor a eſtimaçaõ, que fez da ſua peſſoa o Cardial Brandino louvandolhe em huma carta, que lhe eſcreveo, as ſuas grandes letras, e eſtudos empregados em obſequio da Igreja. Compoz mais.

Rezoens feitas na cauſa da impoſiçaõ dos vinhos. Madrid 1620. 4.

Fr. AMBROSIO DA CONCEIÇAM. Naceo no lugar de Villarinho ſituado no termo da Villa de Eſgueira do Biſpado de Coimbra, onde teve por Pays a Joaõ Rodrigues Graçaõ, e a Paſchoa Luiz Pacheco. Recebeo o habito Serafico da reformada Provincia de Santo Antonio no Convento da Caſtanheira, e profeſſou ſolemnemente a 8. de Dezembro de 1712. Por diverſas vezes foy eleito Guardiaõ, cujo miniſterio dezempenhou com grande ſatisfaçaõ dos ſeus ſubditos, naõ ſendo menor o credito, que tem alcançado o ſeu talento no exercicio do Pulpito, de que deo por primicias ao publico.

Sermaõ em acçaõ de Graças a Noſſa Senhora dos Poderes pela exaltaçaõ do Senhor D. Jozé ao Trono da Sé de Braga Lisboa por Miguel Rodrigues Impreſſor do Emminent. Card. Patriarcha 1739. 4.

Fr. AMBROSIO DE JESUS. Naceo na Cidade de Coimbra ſendo filho de Antonio da Sylva Soares Secretario da Univerſidade da ſua patria. O nome que ſe lhe impoz no Bautiſmo, foy certo prognoſtico da ſuavidade do genio, innocencia da vida, e profundidade de talento, com que a graça, e a natureza abundantemente o dotáraõ, de cujos ſingulares dotes foy theatro a Serafica Provincia de Portugal profeſſando o ſeu ſagrado, e auſtero inſtituto, onde depois de ſer Guardiaõ do Convento de Lisboa, naõ ſómente foy elevado a Provincial a 27. de Junho de 1610. ſendo huma das mais notaveis acçoens do ſeu governo a traſladaçaõ, que fez no Convento de Alanquer das veneraveis reliquias do Santo Fr. Zacharias ſeu Fundador, mas exercitar em o anno de 1615. o lugar de Comiſſario geral neſte Reyno, e ſuas Conquiſtas. Chegando à noticia de Felippe II. de Portugal a fama das ſuas letras, de que dera illuſtres argumentos no Capitulo Geral celebrado em Roma no anno de 1612. o nomeou Biſpo de Saõ Thomé, de cuja dignidade humildemente ſe eſcuſou, e para que ſe naõ imagináſſe, que eſta repulſa era cauſada pelo temor do mar, ou amor da patria, ſe embarcou para a Ilha da Madeira, e no Convento de S. Bernardino livre, e deſembaraçado de governos gaſtava todo o tempo na contemplaçaõ da eternidade. Paſſados alguns annos voltou para o Convento de Lisboa, onde exercitando com grande exacçaõ as virtudes, que practicara por toda a vida, paſſou à eterna em o anno de 1627. Fazem memoria das ſuas acçoens Fr. Fernand. da Soledad. *Hiſtor. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 5. liv. 2. cap. 29. n. 456. e Fr. Joan. à Sancto Antonio in *Bib. Franciſc.* Tom. 1. pag. 58. Publicou os Sermoens ſeguintes.

Sermaõ prégado no Capitulo geral dedicado a D. Fernaõ Martins Maſcarenhas Biſpo do Algarve, e Inquiſidor Geral Lisboa por Pedro Crasbeeck 1608. 4. e em Roma antes da impreſſaõ de Lisboa.

Sermaõ feito no Auto da Fé de Coimbra no Domingo do Juizo em 28. de Novembro de 1621. Lisboa por Pedro Crasbeek. 1621. 4.

AMBROSIO MACHADO DE ABREU Vejaſe D. JOZE BARBOSA.

D. AMBROSIO DE MELLO. a quem D. Gabriel Pennoto in *Hiſtor. Tripart. Ord. Can. Reg.* lib. 2. cap. 61. por engano lhe chama *D. Anſelmo.* Naceo em Lisboa, e recebeo o habito de Conego Regular de S. Agoſtinho no Real Convento de Santa Cruz de Coimbra. Foy taõ douto no Direito Canonico, como obſervante da diſciplina regular, merecendo por eſtas partes ſer eleito no Capitulo celebrado no anno de 1554. Vicereytor do Collegio de S. Agoſtinho, que neſte tempo eſtava entre os Clauſtros do Convento de Santa Cruz. Pelo devoto affecto, que tinha a Saõ Theotonio, ſe fez digno de que lhe revelaſſe

o dia da ſua morte, que foy a 24. de Julho de 1557. Compoz

Conſtituiçoens da Congregaçaõ de Santa Cruz de Coimbra depois da reformaçaõ delRey D. Joaõ o III. apontando pellas margens todos os lugares, e textos de Direito Canonico, como diz D. Nicol. de Santa Maria na *Chron. dos Coneg. Reg.* Part. 2. liv. 10. cap. 12. n. 10. Compoz mais obrigado do preceito dos Prelados.

Conſtituiçoens para o Collegio de Santo Agoſtinho.

AMBROSIO NUNES natural de Lisboa, filho de Leonardo Nunes Phyſico mór, Fidalgo da Caſa Real, Cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto, que recebeo a 19. de Fevereiro de 1546. e de D. Leonor Coronel Irmaõ de Fr. Gregorio Nunes Coronel inſigne Theologo, e Secretario das Controverſias, que houve entre os Dominicos, e Jeſuitas ſobre a materia de *Auxiliis* no de 1602. de quem em ſeu lugar ſe fará diſtinta memoria. Foy Cavalleiro da Ordem militar de Chriſto, cujo engenho ſendo na idade juvenil conhecido por ElRey D. Joaõ o III. o mandou eſtudar Medicina à Univerſidade de Coimbra, e o ſuſtentou com largo eſtipendio, até que recebeo a borla Doutoral neſta faculdade, onde leo a Cadeira de Vacaçoens no anno de 1555. Quando eſperava a Univerſidade colher mayor fruto da ſua profunda ſciencia ſe retirou para Salamanca, onde primeiramente chegou a fama do ſeu nome, que a ſua Peſſoa, e logo foy provido em huma Cadeira de Medicina, da qual foy ſubindo pelo eſpaço de vinte, e ſeis annos até à de Prima com igual credito do ſeu talento, como univerſal acclamaçaõ dos ſeus ouvintes. A nunca interrupta continuaçaõ deſte litterario exercicio o fez contrahir algumas moleſtias, que ſe faziaõ mais graves pelo numero dos annos, por cuja cauſa deixou as Cadeiras, e importunado dos rogos dos moradores de Madrid, Sevilha, e outras terras circumvizinhas, ſe occupou em curar os enfermos com taõ feliz ſucceſſo, que naõ havia doença por mais perigoſa, e inveterada, que foſſe, que naõ cedeſſe à efficacia dos ſeus remedios. Dezejozo de limar, e imprimir as Doutrinas, que tinha dictado, ſe reſolveo voltar para a patria, onde foy nomeado por ElRey Medico da ſua Camara, e Cirurgiaõ mór, em cujos miniſterios obrou taes curas, que pareciaõ ſuperiores às forças da natureza. Morreo em Lisboa a 11. de Abril de 1611. com outenta, e cinco annos de idade. Entre os mais inſignes profeſſores da Medicina he louvado por Joaõ Antonio VanderLindem in *Script. Medic.* Jorge Abrah. Mercklin. in *Lind. Renovat.* Draudius in *Bibliothec. Claſſic.* Nicol. Ant. in *Hiſpan.* Tom. 1. pag. 54. D. Franc. Manoel na *Cart. dos Autor. Portug.* que he a 1. da 4. Centuria das ſuas cartas. Franc. de Santa Maria *Ann. Hiſtor. e Diario Portug.* pag. 462. Zacut. lib. 3. *Hiſt.* 24. Quæſt. 35. et in *Prax. Medic.* lib. 3. Obſerv. 117. chamandolhe *doctiſſimum.* Garcia Lopes in *Comment. Var. Rei Med.* Lect. cap. 26. *Venerandus, et omni laude quidem dignus D. Doctor Ambroſius Nonius, quem audio jam ad veſpertinæ lectionis Medicinæ munus evectum eſſe, ad quod meritiſſimum præmium, licet jure optimo omnium bonorum ſuffragiis vocatus eſſet, plurimum ipſe lætatus ſum quod plurimum illum amaverim propter innumeras ejus animi dotes, præclaras etiam virtutes, quibus non ſolùm meritó a me colendus, & amplectendus eſſe debuit, quibus non adjungerem etiam incredibilem, et raram in litterarum ſtudiis eruditionem ob quam pluris, quam alii à me faciendus eſt.* Compoz.

Tratado repartido em cinco partes principales, que declaran el mal, que ſignifica eſte nombre Peſte, con todas ſus cauſas, y ſeñales, prognoſticos, y indicativos del mal con la preſervacion, y cura, que en general, y en particular ſe deve hazer. Coimbra por Diogo Gomes de Loureiro 1601. 4. e Madrid 1648. 4.

Ennarrationes in priores tres libros Aphoriſmorum Hypocratis cum paraphraſi ad commentar. Galeni. Conimbricæ apud Didacum Gomes Loureiro 1603. fol. No privilegio Real, que eſtá impreſſo neſta obra, ſe concedia licença para imprimir os Commentos aos ſete livros dos Aforiſmos, donde ſe colhe que os quatro livros que ſe naõ imprimiraõ, eſtavaõ promptos para ſahirem à luz publica. Tambem tinha prompto, como affirma na Prefaçaõ do Tratado da Peſte.

Antidotarium.

E em outra parte prometia hum Tratado. *De Pulſibus.*

P. AMBROSIO PIRES Jeſuita. Partio de Lisboa com o Padre Luiz da Graá em 8. de Mayo de 1553. e a 13. de Junho do meſmo anno chegou à Bahia, donde foy mandado pello apoſtolico eſpirito do Padre Manoel da Nobrega inſigne Miſſionario da America à cultura eſpiritual do Porto ſeguro. Neſta vinha ſe empregou com incrivel trabalho pacificando animos diſcordes, e reduzindo coraçoens obſtinados. De tudo quanto tinha obrado neſta Miſſaõ fez huma

Carta ao Padre Geral eſcrita da Bahia em 15. de Junho de 1555. a qual ſahio com outras na lingua Italiana. Venetia por Miguel Tramezino 1559. 8.

Delle falla muito brevemente o Padre Simaõ de Vaſconcellos *Chron. da Comp. de Jeſus no Eſtado do Braſil* liv. 1. n. 134. e 140.

P. ANASTASIO DUARTE. Naceo em Lisboa, e teve por Pays a Luiz Duarte, e a Franciſca do Eſpirito Santo. Entrou na Congregaçaõ do Oratorio de S. Filippe Neri da ſua patria ao 1. de Novembro de 1716. Com o ſupoſto nome de Alvaro Sabino do Eſpirito Santo publicou.

Novena da Senhora da Oliveira. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ 1721. 16.

Vida de S. Franciſco de Sales 4. *M. S.* que brevemente ſahirá a luz.

P. ANASTASIO GOMES filho de Mathias Gonçalvez, e Natalia Gomez ſemelhante ao precedente aſſim na patria, que lhe deo a natureza, como no inſtituto de Congregado, que devotamente abraçou na Congregaçaõ da Villa de Eſtremoz a 14. de Fevereiro de 1713. Depois de acabar os Eſtudos eſcholaſticos em que deu claros argumentos da viveza do ſeu engenho, naõ foraõ inferiores os da piedade, e ternura do ſeu coraçaõ em a obra, que imprimio com o affectado nome do Padre Simaõ Goes da Santa, cujo titulo he o ſeguinte.

Monte de Myrrha . ou amarguras do Calvario ponderadas em nove principaes tormentos dos que padeceo JESUS Chriſto Crucificado Lisboa 1738. 12.

Fr. ANASTASIO DE LINHARES cujo appelido tomou da Villa, onde naceo ſituada na Provincia da Beira. Recebeo o Habito Monacal no Convento de Aguiar da Congregaçaõ Ciſtercienſe. Floreceo pelos annos de 1400. Foy muito douto na liçaõ da Eſcritura, como o teſtemunha a obra, que ſe conſerva *M. S.* no Real Convento de Alcobaça, cujo titulo he o ſeguinte.

Expoſitio moralis in ſex alas Seraphim Iſaiæ.

ANDRE DE ALBUQUERQUE RIBAFRIA, Alcayde mòr de Cintra, e Commendador de Saõ Mamede de Sortes na Ordem de Chriſto naceo na Villa de Cintra a 21. de Mayo de 1621. ſendo ſeus illuſtres Pays Gaſpar de Albuquerque, e D. Angela de Noronha filha de D. Pedro Lobo, e D. Brites da Sylveira. *Foy Varaõ de extraordinarios dotes do corpo, e do eſpirito, galhardo na preſença, ſuave na converſaçaõ, affavel no trato, diſcreto ſem malicia, valente ſem ruido, virtuoſo ſem invençaõ, de religioſa obſervancia nas leys militares, de profunda inteireza na juſtiça, de ſingular conſtancia no bem, e no mal, fazia-ſe amar, fazia-ſe temer; mas nem para grangear a afeiçaõ uzava de afagos, nem para ſegurar o temor ſe valia dos caſtigos. Diſpunha com ſuavidade, obrava ſem eſtrondo, executava com acerto. Foy nelle o valor mais natureza, que qualidade, ſendo ſempre taõ Senhor do animo nos mayores perigos, que parecia inſenſibilidade, o que era conſtancia. Teve o ſerviço do ſeu Rey por vida, e por regalo, e em dezanove annos continuos ſó duas vezes o vio a Corte hoſpede. Foy Soldado, foy Capitaõ, foy Meſtre de Campo, foy General da artilharia, General da Cavallaria, e Meſtre de Campo General, ſendo ſempre taõ ſubdito, como Cabo; ninguem ſoube melhor obedecer, ninguem ſoube melhor mandar.* A eſte elegante Elogio, que lhe conſagrou a diſcreta pena do Doutor Antonio Barboſa Bacelar, pelo qual ſe conhece claramente o caracter da ſua Peſſoa, correſponde outro naõ inferior na elegancia, que lhe dedicou à ſua memoria o Padre Manoel Luiz in *Vit. Princip. Theodoſii* lib. 2. cap. 11. n. 130. *Andreas Albuquercius Cintræ arcis præfectus militari virtute, & peritiá in paucis*

clarus: is à prima poſt regiam acclamationem die ad arma conclamatum eſt ex pulvere Vlyſſiponenſi litterario ad bellicum raptim proſiliens ea Elviis jecit glorioſæ militiæ fundamenta, quæ nemo ad id tempus aut pluribus auxit incrementis, aut illuſtribus rerum præclare geſtarum monumentis ad ſummum bellicæ gloriæ apicem altiùs evexit. Idem manu promptus, conſilio validus, animo non minùs tranquillo, quam audaci, planeque generoſo in oppidorum, & arcium expugnatione nulli ſecundus in aciem procedere inter poſtremos, & prælio excedere. Ita denique in omnibus ſtrenue ſe gerere, ut frequentibus de illo encomiis Luſitana ſæpe Aula (quod aulicis rarum) perſonaret. Sendo eſte inſigne Heróe taõ grande na vida, o naõ foy menor em a morte infauſtamente ſuccedida em 14. de Janeiro de 1659. cujo dia ſerá igualmente glorioſo, e lamentavel nos faſtos de Portugal. A o tempo, que furioſamente na Campanha de Elvas ſe eſtava combatendo o exercito Portuguez com o Caſtelhano ſuperior àquelle naõ ſomente em o numero, mas ainda na ſituaçaõ, advertio como vigilante General que hum Regimento começava a retroceder, e para que ſe naõ deixaſſe poſſuir de huma paixaõ taõ indecoroſa à ſua reputaçaõ ſe meteo intrepidamente pelo meyo delle, quando querendo a fortuna vender a Portugal por taõ cuſtoſo preço a vitoria, ou ſendo chegado o tempo de ſe remunerarem os ſeus heroicos merecimentos com huma coroa immortal, foy atraveſſado pelo peito com huma bala, ficando por algum eſpaço immovel aquelle generoſo eſpirito naõ querendo ſeparar-ſe do corpo, até que naõ viſſe completamente alcançada a vitoria, a cuja memoravel acçaõ lhe cantou os epinicios a Muſa elegante do Padre Jeronimo Petrucci Meſtre de Rhetorica no Collegio Romano neſte agudo epigrama.

Luſiadum hinc acies, illinc Mavortis Iberi
Agmina contulerant ſanguinolenta manus.
Anceps pugna diu prior Albuquerqus Iberos,
Palladis armatos fulmine fudit equos.
Illius ad fulmen victoria plena ſecuta eſt:
Hoſtes præcipitem corripuére fugam.
Inſequitur profugos Machabæus ut alter: & hoſtem
Dum premit, opreſſo victor ab hoſte cadit.
Nec priùs ille cadit, quam Numine plena cadentis
Ora triumphales inſonuére modos.
Vicimus, et cadimus. Fugientem vidimus hoſtem
Nos cadimus, cadimus quam bene! Patria ſtat.
Libera morte mea, mea Luſitania vives
Morte mea vivis, patria: non morior.

Os elogios que à immortal fama deſte Marte Portuguez dedicaraõ varios engenhos, ſe podem ler em o ſeu Panegyriſta Joaõ de Medeiros Correa, que delles fez huma colleçaõ, a qual ſahio impreſſa em Lisboa por Domingos Carneiro 1661. 4. Semelhantes louvores eſcreveraõ em obſequio da ſua memoria o Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes *Portug. Reſtaur.* Part. 2. liv. 4. pag. 213. o Senhor de Cochon Truel, alias Duarte Ribeiro de Macedo, nas *Advert. às Addicoens ao Padre Marian.* pag. 195. *Varon de altas prendas que caminava a igualar-ſe con los mayores Heroes, que celebra la Fama heroica, y que hizo a los Portuguezes coſtoſo el vencimiento.* Franc. de Santa Mar. *Ann. Hiſtor. Diar. Portug.* pag. 76. *Será immortal nos Annaes Portuguezes a gloria do ſeu nome.* Franc. Brandan. *Iſtor. della Guer. de Portugal.* Part. 2. pag. 216. O P. D. Ant. Caetano de Souſ. *Hiſt. Gen. da Caſ. Real de Portug.* Tom. 1. pag. 250. *Hum dos mais valeroſos, e ſcientes Generaes do ſeu tempo.* Certamente fora igual a Ceſar Andre de Albuquerque, ſe como elle eſcrevera as ſuas heroicas façanhas das quaes publicou a menor parte mandando ao Sereniſſimo Rey D. Joaõ o IV.

Relaçaõ hiſtorica da victoria alcançada entre Arronches, e Aſſumar em 8. de Novembro de 1653. Lisboa na Officina Crasbeekiana 1653 4.

D. ANDRE DE ALMADA natural de Lisboa, ou do lugar do Pombalinho ſituado entre Condeixa, e o Pombal. Foy filho de D. Antaõ Soares de Almada ſegundo deſte nome, e D. Vicencia de Caſtro. A natureza o ornou de genio feſtival, e urbano; de engenho agudo, e perſpicaz; de juizo profundo, e diſcreto, de animo generoſo, e capaz de emprezas grandes. Admiraveis foraõ os progreſſos, que fez a ſua grande comprehenſaõ nas letras humanas, Filoſofia, Geografia, e Mathematica, ſendo ainda mayores os que manifeſtou

o ſeu talento na faculdade da Theologia, na qual com applauſo de todos os Academicos Conimbricenſes recebeo as inſignias doutoraes ſubindo por uniforme voto de todos no anno de 1608. a ler a Cadeira de Gabriel, donde paſſou em 1613. à de Eſcoto, e ultimamente em 1615. à de Veſpera, na qual duas vezes jubilou; a primeira no anno de 1628. e a 2. no anno de 1641. naõ chegando à de Prima por ſer neſte tempo proprietaria della a Ordem dos Prégadores. Era taõ venerada a ſua ſciencia, que nunca teve oppoſitor às Cadeiras, que regentou, por naõ haver quem neſtes combates litterarios lhe diſputaſſe a vitoria, ſendo taõ prompto para arguir, como para reſponder às mayores dificuldades. Foy perpetuo Decano da Univerſidade, a qual governou com poderes de Reformador deſde o anno de 1638. até 1640. A mayor parte da ſua vida habitou no Real Collegio de S. Paulo, de que foy Porcioniſta deixandolhe em final de affecto, agradecido a taõ erudita Sociedade, a ſua copioſa, e ſelecta Livraria. Entre os inſignes Cathedraticos, que ornavaõ a Univerſidade, foy eleyto para eſcrever ao Summo Paſtor ſuplicando-lhe em nome de taõ illuſtre Academia a definiçaõ do immaculado Myſterio da Conceiçaõ da Senhora. Reformou juntamente com D. Alvaro da Coſta, que foy Reytor da Univerſidade o Collegio de S. Pedro. Mereceo as eſtimaçoens dos Principes, e dos mayores Letrados daquella idade, ſendo entre elles o principal o Doutor Eximio o Padre Franciſco Suares Granatenſe, antigamente ſeu Meſtre, e depois companheiro no magiſterio da Univerſidade. A fama da ſua ſabedoria era taõ grande, que ſahindo dos limites do Reyno, ſe dilatou por toda a Europa dedicandoſe-lhe ao ſeu nome em Flandes varios Mappas. Cheyo de annos, e muito mais de merecimentos, morreo no Real Collegio de S. Paulo de Coimbra a 29. de Novembro de 1642. a cujo nome ainda ſaudoſa, e reverente a mocidade eſtudioſa da Univerſidade o intitula o Senhor D. Andre de Almada, como elegantemente eſcreveo o Illuſtriſſimo Biſpo do Porto D. Fernando Correa de Lacerda na *Hiſt. da Vida de Santa Izabel Raynha de Portugal.* pag. 357. *D. Andre de Almada Lente de Veſpera de Theologia na Univerſidade, bem conhecido em Europa por ſuas excellentes virtudes, eminentes letras, e ſingular diſcriçaõ, a quem o eſtudioſo reſpeito ainda nomea por Senhor em veneraçaõ do ſeu merecimento.* Delle fazem honorifica mençaõ Jozé Maſſeo in *vita Magni Soarij Granat.* cap. 25. Seraphin. de Freitas in *addit. ad Tract. de Conſeſ. Sollicit.* ad Quæſt. 17. n. 15. *Ob doctrinæ eminentiam vir ad maiora natus.* Fr. Franc. à D. Aug. Maced. in 2. *Sent.* differ. 3. collat. 9. Sect. 4. §. 2. *illuſtriſſimus pariter et doctiſſimus.* Franc. Valaſc. de Gouvea *Allegac. pelo Duque de Aveiro* n. 356. *cujas letras, e eminencia pela qualidade dellas, e de ſeu illuſtre ſangue ſaõ conhecidas em toda a Europa.* D. Rodrigo da Cunha de *Conſeſſar. Sollic.* quæſt. 4. n. 10. *Quem illuſtre genus, Theologiæ ſpeculatio illuſtrem fecit.* e na *Hiſt. Eccleſ. de Brag.* Part. 2. cap. 106. chamando-lhe *Credito de toda Eſpanha.* E no *Catal. dos Biſp. do Porto* 2. Part. cap. 42. *Luz da Theologia.* Joan. Suar. de Brito in *Theatr. Luſit. Litter.* Lit. A. n. 32. *Vir ſplendore natalium, et doctrinæ claritate inſignis ſtatura fuit ſupra mediocrem habitudinem media, oculis cæſiis, ore pleno, rotundoque, colore candido.* D. Nicol. de Santa Mar. *Cron. dos Coneg. Reg.* Part. 2. liv. 10. cap. 29. n. 23. *Grande Meſtre.* Miguel Pinto de Souſa: *Muſa in Theodoſium* lib. 2. pag. 95. v.º.

Andréas quem Palladio Conimbrica dorſo
Doctorem eximium veneratur.

Fr. Leaõ de Santo Thom. *Bened. Luſit.* Tom. 2. Trat. 2. part. ult. pag. 439. *Peſſoa muito illuſtre, e digna de celebre memoria neſtas Eſcolas.* Jacob. Philip. Thomas. *Annal Can. ſecul* pag. 175 *Doctor celeberrimus.* Fr. Fernand. da Soledad. *Hiſt. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 5. liv. 4. cap. 33. n. 1164. *Famoſo. e na* Part. 4. liv. 3. c. 13. n. 552. *Coluna da Theologia,* e meu Irmaõ D. Jozé Barboſa Chron. de Sereniſſima Caſa de Bragança, e Academico Real nas *Memorias hiſtoric. do Colleg. Real de S. Paul.* p. 265. e no *Archiathæn. Luſit.* pag. 77.

Arte etiam quandoque ſacrá miracula florent,
Unum erit egregius toto, & mirandus in Orbe
Andræas Almada vetus cognomen habebit.
Cõſpiciet Cathedras Academia docta regẽtẽ,
Audebit que viro nemo ſe opponere tanto.
Quæ loca terrarum Cæli ſpeculatur et aſtra
Andræam reddet celebrata ſcientia notum:
Credere non dubites, dicet gens Belgica, dicet.

Integritas Almada Petri Venerabile coget
Conventum mores iterum ſervare vetuſtos.
Ergo cum vita fuerit defunctus, amatum
Ditabit cætum librorum copia, ſumptu
Quæſita eximio, magnoque parata labore.
Compoz.

De Incarnatione. Deſte tratado eſtavaõ já impreſſas 450. paginas in fol. do qual vimos hum exemplar, que ſe conſerva na grande Bibliotheca do Excellentiſſimo Conde da Ericeira, e outro ſe guarda no Collegio de Coimbra dos Religioſos Trinos. Naõ ſe acabou a impreſſaõ deſte livro por ſe acabar a vida ao ſeu Author, de cuja obra faz diſtincta memoria a *Magna Bibliothec. Eccleſiaſt.* pag. 337. col. 2.

De Triplici Scientia animæ Chriſt. M. S. in fol.

ANDRE AFFONSO PEYXOTO natural da Villa de Guimaraens, na Provincia de Entre Douro, e Minho filho de Gregorio Rebello, e Iſabel Peixoto, e herdeiro igualmente da riqueza da ſua Caſa, como da antigua nobreza da ſua geraçaõ. Todo o ſeu diſvelo naõ foy augmentar as rendas, que poſſuia, mas examinar os mais occultos monumentos das antiguidades Portuguezas. Para eſte fim naõ perdoou a genero algum de trabalho, ou diſpendio, pois ou aſſiſtindo em caſa, ou peregrinando pelo Reyno, ſe applicou na inveſtigaçaõ das inſcripçoens gravadas nos bronzes, ou aberta nos marmores, e no exame dos Cartorios das Igrejas, e Archivos dos Conventos reduzindo tudo quanto deſcobria a ſua incanſavel inveſtigaçaõ, que era conducente ao intento do ſeu eſtudo, a diverſos livros, que por ſua propria maõ eſcrevia. Deſte litterario trabalho naceo o illuſtrar muitas Familias deſte Reyno, que tinhaõ ſido principiadas por D. Pedro Conde de Barcellos, ajuntando outras de que fez varios volumes, que eſtavaõ promptos para a impreſſaõ. Algumas deſtas obras ſe conſervaõ nos Archivos do Convento de Pombeiro de Monges de S. Bento, e do Convento da Serra junto da Cidade do Porto, que he de Conegos Regulares de Santo Agoſtinho. Compoz mais.

Memorias hiſtoricas, e Antiguidades de Guimaraens. Cuja obra louva muito D. Nicol. de Santa Maria *Chron. dos Coneg. Regul.* liv. 5. cap. 10. n. 6. chamando ao ſeu Author *Grande Antiquario.* Morreo na ſua patria a 15. de Abril de 1642. e eſtà ſepultado na Igreja dos Franciſcanos junto à Capella dedicada às Chagas de Chriſto.

ANDRE ALVARES DE ALMADA. Naceo em a Cidade de Saõ-Tiago em Cabo Verde, onde foy morador, e Capitaõ. Impellido da curioſidade penetrou com alguns ſoldados o Continente da ſua patria, e grande parte do Reyno de Angola, obſervando com deligente inveſtigaçaõ a ſituaçaõ das terras, os ritos, e coſtumes dos ſeus habitadores. De todas eſtas obſervaçoens alcançadas pelo ſeu diſvelo fez huma exacta deſcripçaõ, que no anno de 1594. dedicou aos Governadores do Reyno, a qual mandaraõ foſſe examinada por D. Fr. Pedro Brandaõ Biſpo de Caboverde como teſtemunha ocular do que nella ſe relatava, o qual teſtemunhou por huma carta ſer digniſſima da luz publica, que até agora naõ logrou, e della conſerva huma copia, que parece ſer original, entre os livros da ſua ſelecta livraria da Hiſtoria deſte Reyno, e ſuas Conquiſtas, meu Irmaõ D. Jozé Barboza, Clerigo Regular Chroniſta da Sereniſſima Caſa de Bragança com eſte titulo.

Tratado breve dos Reynos de Guiné, e Cabo Verde: M. S. 4. Começa *Quiz eſcrever algumas couſas do Reyno de Guiné, e Cabo verde.* Acaba *Dou fim a eſte Tratado porque ſe naõ pode dizer tudo.* Conſta de 10. Capitulos.

Eſta obra ſahio modernamente impreſſa totalmente diverſa do eſtilo, e ordem, que lhe deu ſeu author, e até o Patronimico de *Alvares* lhe converteo o Author deſta mudança em *Gonçalves* com eſte titulo.

Relaçaõ, e Deſcripçaõ de Guine na qual ſe trata das Varias Naçoens de Negros que a povoaõ, dos ſeus Coſtumes, leys, ritos, Ceremonias, Guerras, Armas, Trajos, da qualidade dos portos, e do comercio, que delles ſe faz. Lisboa na Officina de Miguel Rodriguez 1733 4.

Da obra, e do Author della Andre Alvares de Almada faz memoria o moderno addicionador da *Bib. Geograf.* de Anton. de Leaõ Tom. 3. col. 1716.

ANDRE ANTONIO DE CASTRO natural de Villaviçoſa, igualmente por herança, que eſtudo inſigne Medico por ſer filho de Diogo de Caſtro, e neto de Andre de Caſtro Lente de Veſpera na Univerſidade de Coimbra, e ambos Phyſicos mores dos Sereniſſimos Duques de Bragança. Seguindo os veſtigios de ſeu Pay, e Avô, foy admitido na idade juvenil por criado dos meſmos Duques no anno de 1586. e ainda que repugnava o ſeu genio eſtudar Medicina ſe applicou a ella por inſinuaçaõ do Duque D. Theodoſio II. na qual ſahio taõ eminente, que por toda a vida a exercitou neſta grande Caſa, ſendo taõ eſtimado pela ſua ſciencia Medica, que o Sereniſſimo Duque D. Joaõ, que depois foy elevado ao trono de Portugal, naõ ſomente o fez ſeu Phyſico mór, mas lhe deo a Alcaidaria mór da Villa de Ourem, e a Commenda de Monte Alegre na Ordem de Chriſto. A eſte Principe já aclamado acompanhou até Lisboa, onde livrando da morte a muitas peſſoas pela efficacia dos ſeus medicamentos, naõ pode evitar que foſſe deſpojo da ſua crueldade no anno de 1642. *Eruditiſſimo* he chamado por Zacuto in *Hiſt. Princip. Medic.* lib. 4. Hiſt. 25. quæſt. 26. Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Luſit. Liter.* lit. A. n. 34. *in facultate Medica perdoctus.* D. Franciſc. Manoel na *Carta dos Authores Portug.* Franciſco de Moraes Sardinha *Parnaſſo de Villaviçoſa* liv. 2.cap.54.e 60. Das obras, que compoz fazem menção com grandes louvores Joan. Ant. Vanderlind, Georg. Abrah. Mercklin in *Lind. Renovat.* e Nicol. Anton. in *Bib. Hiſpan.* Tom. 1. pag. 55. as quaes ſaõ as ſeguintes.

De febrium curatione lib. 3.

De ſimplicium medicamentorũ facultate lib. 2. *De qualitatibus alimentorum, quæ humani corporis nutritioni ſunt apta Tract.* 10. Villaviçoſæ typis Emmanuelis Carvalho. 1636. fol. No fim da prefaçaõ deſte ultimo volume affirma ter promptos, e acabados tres Tratados de varias materias de Medicina, que a morte impedio naõ lograſſem da luz publica.

ANDRE DO AVELLAR Naceo em Lisboa no anno de 1546. inſigne Mathematico, e celebre profeſſor deſta grande faculdade na Univerſidade de Coimbra, onde leo huma Cadeira, de que tomou poſſe em 4. de Janeiro de 1592. quando tinha 34. annos de idade, e nella jubilou em 28. de Setembro de 1612. Foy Guarda do Cartorio da Univerſidade, e Meſtre em Artes. Depois de ſer viuvo ſe ordenou de Presbytero, e foy Tercenario na Cathedral de Coimbra. Vivia pelos annos de 1621. e 1622. He louvado por Nicol. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 55. Antonio Pimenta na *Sciographia* pag. 62. e Joaõ Soar. de Brito in *Theatr. Luſit. Lit.* let. A. n. 35. chamando-lhe *Mathematicarum diſciplinarum profeſſor egregius.* Compoz.

Repertorio dos tempos o mais copioſo, que atè agora ſahio à luz conforme a nova reformaçaõ do Santo Padre Gregorio XIII. no anno de 1582. Lisboa por Manoel de Lyra. 1585. 4. mais acrecentado Coimb. por Joaõ Barreira Impreſſor da Univerſidade 1590. 4. e Lisboa por Jorge Rodriguez 1602. 4.

Da Eſſera, e ſeu uzo. Coimbra por Joaõ de Barreira 1593. 8. De ambas eſtas obras faz menção o novo addicionador da *Bib. Nautic.* de Antonio Leaõ Tom. 2. tit. 1. col. 1050.

Arvore Genealogica da Sereniſſima Caſa de Bragança. Naõ ſey ſe ſe imprimio.

ANDRE BAYAM Naceo de Pays Portuguezes na Cidade de Goa Cabeça do Imperio Luſitano na Aſia, onde inſtruido na lingua latina, Filoſofia, e mais artes liberaes dezejoſo de adquirir novos thezouros de ſabedoria paſſou a Coimbra, em cuja famoſa Univerſidade eſtudando a Sagrada Theologia recebeo nella o gráo de Bacharel. Naõ ſatisfeito o ſeu animo com as ſciencias, que já podia enſinar, ainda anhelava aprender outras, e levado deſte appetite, e juntamente da pobreza, em que vivia, paſſou a Roma, onde foy venerado por hum dos grandes Grãmaticos daquella idade, e como tal eleito pelos Regentes do Seminario dos Orfãos para os inſtruir com os preceitos grãmaticaes aſſinandolhe em remuneraçaõ deſte trabalho largo partido. Exercitou eſte miniſterio com tanto fruto dos ſeus diſcipulos, que mereceo occupar mayores Cadeiras ſendo Meſtre de Rhetorica no Collegio dos Gregos, em cuja lingua ſe fez muito perito. A ſua ſciencia, que ſe fazia mais eſtimavel pela innocencia dos

coſtumes, lhe conciliou a amizade do Eminentiſſimo Cardial Franciſco Joyoſa Biſpo Sabinenſe, o qual lhe pedio com toda a efficacia foſſe Regente do Seminario Manlianenſe, e depois do de Veletri, cuja inſinuaçaõ recebeo como preceito por naõ ſer ingrato ao affecto deſte Principe. Para que com mayor ſocego ſe applicaſſe à cultura das virtudes, e das ſciencias, voltou para Roma, e recolhido na Caſa de S. Pantaleaõ dos Padres Clerigos Regulares das Obras Pias paſſou o reſtante da ſua vida com grande exemplo de toda aquella Religioſa Communidade, a qual deixou por herdeira de todas as ſuas eruditas compoſiçoens ordenando no Teſtamento, que foſſe ſepultado no ſeu Templo, e que na pedra ſepulchral lhe gravaſſem eſte Epitafio por elle compoſto no qual ſe acrecentou o dia, mez, e anno da ſua morte.

D. O. M.
Andræas Bayanus
Sacerdos Luſitanus Orientalis
Hic ſitus, unde natus.
Vixit annos 73.
Obiit 2. *Junij ann. Domini.* 1639.

Tetraſtichon.

Quám bene novit humo compacta hæc membra reverti
Factus homo in paucam quà jacet author humum.
Non titulis nomen vita ſibi creſcere functo
Optavit: ſatis eſt: hic ſitus, unde ſatus.

Mereceo eſte inſigne varaõ pela integridade da vida, ſciencia naõ vulgar da lingua Latina, e Grega, facilidade ſumma ainda extemporaneamente em compor verſos de todo o genero, as eſtimaçoens das Peſſoas mais principaes, e eruditas de Roma diſtinguindo-ſe entre elles os Cardiaes Joyoſa, e Borromeo, o qual eſcrevendo-lhe de Milaõ no 1. de Agoſto de 1612. lhe agradece a Poeſia, que compuſera em louvor de S. Carlos credito immortal da ſua illuſtre Familia dizendolhe deſta ſorte. *Magis ne debeam ingenii acumen, an pietatem mirari in tua S. Caroli Cardiographia incertus hærerem, niſi alterum ex altero ſequi, & pietatem eſſe præſtantiſſimarum rerum parentem, & altricem cognitum mihi eſſet penitus, & exploratum, &c.* Andre Victorello no *Cathalog. dos Varoens inſignes,* que viveraõ em Roma no anno de 1623. *Bayanus in adoleſcentia Theologicos deguſtavit liquores multis annis, majora ſtudia coluit. Soluta, et vincta oratione multa ſcripſit; Horatianas Odes, et quædam Ovidii opuſcula cultis carminibus ad pietatem revocavit; Virgilium græcis, Epicum poema Luſitanum latinis verſibus expreſſit.* Marrac. in *Bib. Marian.* Part. 1. pag. 79. *Græcis non jejune, neque latinis vulgariter eruditus; qui etiam non obſcuri nominis orator, et Poeta, ut ejus prædicant, & teſtantur opera . . . multà pietate, et eruditione ſpectabilis.* Janus Nicius Erithræus in *Pinacothec. Imag. vir. illuſtr.* Part. 1. pag. 144. poſto que com a ſua natural maledicencia manchaſſe a pureza do nome de Andre Bayaõ, com tudo o numera entre os Varoens mais illuſtres na ſciencia. *Verum quidquid dici de Bayani virtutibus poteſt hác una laude, quæ magna eſt, concludemus, et perorabimus, nimirum ita Muſis eum uſum fuiſſe amicis, ut admirabili animi motu, celeritateque ingenii magnum numerum verſuum de quacumque revellet, effunderet.* Joaõ Bautiſta Lauro *Epiſt.* Cent. 1. Epiſt. 56. Fr. Lud. Jacob à D. Carol. *Bib. Pontif.* pag. 249. Nicol. Anton. *Bib. Hiſp.* tom. 1. pag. 55. Allatius in *Apib. Urbanis* pag. 32. Baillet. *Jugem. des Scavans.* tom. 5. pag. mihi 141. Lorens. Craſſo de *Poeti Grec.* pag. 34. Joaõ Soar. de Brito in *Theatr. Luſit. Litter.* let. A. n. 36. o P. Antonio dos Reys no *Enthuſ. Poetic.* impreſſo no principio dos ſeus agudiſſimos Epigrammas n. 106.

Bayane ſedes ſuccinctus, et ipſe
Fronde triumphalis lauri, quam Roma canẽti
Docta tibi meritis pro tantis reddidit, Urbe
Applaudente Goa; quæ Te ſub Luminis auras
Edidit, aucturum quondam Collegia vatum.

Catalogo das Obras impreſſas.

Idyllium Seminarii Manlianenſis in Sabinis nomine dictum; Ecloga interlocutoribus Batto, & Philereno, qua Cardinali Epiſcopo Sabinenſi Franciſco Joyoſæ gratulatur Romam é Galliis adventum. Romæ apud Jacobum Maſcardum 1592. 4.

Oratio habita in erectione Seminarii Veletrenſis ibid. apud. eumd. Typog. 1612.

Oratio in celebritate S. Joannis Evangeliſtæ habita coram Santiſſimo Paulo V. in Sacello Pontificio. Romæ apud Maſcardum. 1610. 4.

Doctrina Chriſtiana brevis a Roberto Bellarmino S. R. E. Cardinali vulgari ſermone compoſita, nunc ab Andrea Baiano Aſiatico Luſitano in elegos latinos tradúcta. Romæ apud Maſcardum 1612. in 12. Eſta traducçaõ he louvada por André Victorello in *Officio Curati*, e por Baillet *Jugem. des Scavans* Tom. 5. pag. 141.

Poema ad Paulum V. Pontif. Maximum. Era Acroſticho no principio, meyo, e fim, com tal artificio, que eſtavaõ entre os verſos entretecidos eſtes tres.

Creſcere cum nequeas titulis Sanctiſſime Præſul
Annorum creſcas numeris, et Sæcula vivas;
Vivas æternum, tandem victurus Olympo.

Poema ad Scipionem Cardinalem Burgheſium. Nelle ſe contem com acroſtichos o nome, appellido, e dignidade do meſmo Cardial, no fim, e principio de cada verſo. Eſtes dous Poemas ſahiraõ impreſſos Roma por Maſcardo 1610. in fol. os quaes tanto eſtimava o eruditiſſimo Fr. Angelo Rocca Biſpo de Tagaſte, e Sancriſta do Papa, que os marginou da ſua propria maõ, e os conſervava entre as obras de mayor artificio, como affirma Leaõ Allatio in *Apib. Urban.* pag. 34.

Poema in obitum Sereniſſimæ Margarithæ Hiſpaniarum Reginæ no qual por acroſticho os primeiros, e ultimos characteres formavaõ eſtas palavras *Margarita mortem cum vita, regnum cæleſte cum terreno commutavit.* Sahio impreſſo no livro intitulado *Poeſias diverſas compueſtas en diferentes lenguas enlas honras que hizo en Roma la Nacion Eſpañola a la Mageſtad Catholica dela Reyna D. Margarita de Auſtria.* Roma por Jacobo Maſcardo 1612. 4.

Cardiographia Poema fabricado em forma de coraçaõ feito em louvor de S. Carlos treſladado a Roma. Conſta de Exametros, e Pentametros miſturados, e tecidos com 12. Acroſtichos, que pelos meyos, e extremos formavaõ eſtas palavras. *Cor mundum creavit in Carolo Deus, et Spiritum rectum innovavit in viſceribus ejus.* Romæ apud Jacobum Laurum 1624. 4.

Panegyricus in laudem Joannis Zamoſcii magni Poloniæ Cancellarii, et copiarum Imperatoris perpetui ejus Filio Thomæ Zamoſcio dicatum. Romæ apud Bartholomæum Zanettum. 1617. 4.

Elogium in Coronatione Urbani VIII. Romæ apud hæredes Zanneti 1623. Depois ſahio nas *Collectaneas* de Agoſtinho Barboſa.

Panegyricus S. Philippi Nerei. Romæ apud Rinaldum Paulum. 1629. 4. Foy recitado na Baſilica de Civitá Vechia, o qual mereceo a admiraçaõ de todos os eruditos pois com artificio novo eſtá compoſto ſem verbo algum.

Epiſtola ad Joannem Baptiſtam Laurum He a 57. na Centuria das *Epiſtolas* deſte Author, que ſahiraõ Peruſiæ typis auguſtis 1618.

De Natalibus Homeri. Traduzio em latim mais de mil verſos Elegiacos, que em Grego tinha compoſto a eſte aſſumpto Leaõ Allatio. Lugduni apud Laurentium Durand 1640. 8.

Epigrammata in laudem D. Caroli Borromæi. Sahiraõ na collecçaõ, que fez de outros Epigrãmas Patricio Fattorio. Romæ apud Jacobum Laurum 1614.

Epigrammata duo in Columnam, et Sacellum Paulinum. Eſtaõ impreſſos in *Pontif. Romano Bzovii* cap. 50.

Elogia, Epigrammata, et Emblemata. Romæ apud Franciſcum Caballum 1641. 8.

Elogia, et Epigrammata in Dominicas totius Anni in 8. Naõ tem anno, nem nome do Impreſſor, mas pelo caracter parece ſer impreſſo em Italia. Deſte livro conſervo hum exemplar em meu poder, no qual a cada Dominga tem hum Elogio da parte eſquerda impreſſo, e de fronte hum Epigrãma.

Elogia, Epigrammata, et Emblemata in Ferias Quadrageſimales, ejuſque Dominicas. Sahio impreſſo por deligencia dos Padres das Eſcolas Pias.

Cathalogo das obras naõ impreſſas.

Luſiados libri decem.

Principiava.

Siquá ego jactabam Zephyris; quá ſurda movebam
Littora, quá Sylvas patriis dare queſtubus auras
Ingenio, ſtudioque valens: nunc quanta latino
Ore queam repetēs longiqui ardentia Martis
Arma, viroſque cano Luſos, qui ſolis ab oris
Occiduis per inacceſſas maris omnibus undas
Trapobanem venére ſuper diſcrimina rerum
Pluſquám homines aggreſſi in Eoo littore regnum
Nobile perpetuis auctum poſuère triumphis.

Neſta traducçaõ (cujo original ſe conſerva na *Bibliotheca Romana* n. 25. no Archivo dos *M. S.* da Bazilica de S. Pedro, como diz Montfaucon in *Bib. Bibliothec. M. S. nova* Tom. 1. pag. 179.) trabalhou muitos annos para repreſentar vivamente as expreſſoens do Poeta, e ſe naõ diminuiſſe a energia, com que fallára na lingua materna com a verſaõ latina. Para ſahir à luz publica com eſta obra o incitaraõ com cartas os Illuſtriſſimos Arcebiſpos de Braga, e Lisboa eſcrevendo-lhe o primeiro em 21. de Janeiro de 1628. e o 2. em 17. de Mayo de 1607. eſperando que della reſultaria igual credito ao Author, como à Naçaõ Portugueza. Deſta traducçaõ faz illuſtre memoria Manoel de Faria, e Souſa na *Vida de Camoens* impreſſa no principio dos *Commentos das Luſiadas* dizendo *El doctor Andres Bayam Cortezano, honrado, y Sacerdote, que com grandes ventajas tiene paſſado eſte Poema a la elegancia latina,* e modernamente o Addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ Tom. 2. Tit. 2. col. 25.

Traduçaõ da Eneida de Virgilio em verſos Gregos. Deſta obra faz mençaõ Baillet *Iugemens des Scavans* Tom. 5. pag. 141. Como deſtas duas ſeguintes.

Iter Lauretanum lib. 3. verſu elegiaco.

Galatheum verſu elegiaco cum notis, et antiqua conſuetudine diz Allatio in *Apib. Urban.* pag. 36.

In Aphtonium de Elementis Rhetoricæ

Ariſtoteles Chriſtianus ſive *Logica*

Phyſica, et Metaphyſica per Dialogũ 2. tom.

De opificio epiſtolari. 2. Tom.

Orationes Latinæ. 2. Tom.

Elogia verſu et proſá 2. Tom.

Epiſtolarum 1. Tom.

Diverſorum Poematum Tom. 2.

Hortus Simplicium puerorum Martyrum, et Confeſſorum cum nœniis, Elogiis, et hiſtoriolis.

Theatrum Sanctorum per XII. menſes ita, et totidem per ſcenas diſpoſitum, et expoſitum. Novum (diz Allatio já allegado) *inventum cum iconibus, odis, et hiſtoriolis, quæ omnia idem Author ſcripſit, pinxit, et panxit.*

P. ANDRE DE BARROS. Naceo em Lisboa, e teve por Pays a Luiz Alvrez de Barros, e Izabel da Cruz. Antes de contar dezeſeis annos de idade recebeo a Roupeta da Companhia de JESUS em o Noviciado de Lisboa a 3. de Outubro de 1691. Depois de eſtudar Filoſofia, e Theologia em o Collegio de Coimbra, enſinou nelle as letras humanas, e no Collegio de S. Antaõ de Lisboa. Sendo deſtinado pelos Superiores a ſer Lente de Theologia Moral em o Collegio de Faro, como tiveſſe grande talento para o Pulpito, deixou a Cadeira, e nas Cidades de Evora, e Lisboa exercitou com naõ pequeno applauzo o miniſterio de Orador Evangelico. Foy Reytor, e Meſtre dos Noviços em a Caſa do Noviciado de Lisboa, e Prepozito da Caſa profeſſa de S. Roque, lugares que adminiſtrou com igual prudencia, que affabilidade. Entre os primeiros cincoenta Academicos da Academia Real da Hiſtoria Portugueza foy eleito para eſcrever as Memorias Eccleſiaſticas do Biſpado do Algarve, de cuja incumbencia tem manifeſtado na Academia a grande applicaçaõ, com que felizmente deſempenhará eſte aſſumpto nas contas ſeguintes.

Conta dos ſeus Eſtudos Academicos dada no Paço a 7. de Setembro de 1723. Sahio no Tom. 3. da *Collecçaõ dos Documentos da Academia Real* Lisboa por Paſchoal da Sylva 1723. fol.

Conta dos ſeus Eſtudos Academicos na Academia a 23. de Mayo de 1727. Sahio no Tom. 7. da *Collec. dos Docum. da Academia Real.* Lisboa por Jozé Anton. da Sylva 1727. fol.

Conta dos Eſtudos Academicos em o Paço a 22. de Outubro de 1727. Nella deſcreve as vidas dos Biſpos do Algarve. Sahio no Tom. 7. da *Collec. dos Documentos* aſſima allegado.

Conta dos Eſtudos na Academia a 28. de Mayo de 1728. Sahio no Tom. 8. *da Collec. dos Docum. da Acad.* Lisboa pelo dito Impreſ. 1728. fol.

Conta dos Eſtudos na Academia a 19. de Janeiro de 1732. ſahio no Tom. 11. da *Collec. dos Docum. &c.* Lisboa pelo dito Impreſ. 1732. fol.

Pela ſua deligencia publicou com huma noticia previa, e diverſas prefaçoens, que compoz.

Vozes ſaudoſas da Eloquencia, do eſpirito, e eminente ſabedoria do P. Antonio Vieyra da Companhia de JESUS Prégador de ſua Mageſtade, e Principe dos Oradores Evangelicos acompanhadas com hum fideliſſimo Ecco, que ſonoramente reſulta do interior da obra Clavis Prophetarum. Lisboa por Miguel Rodrigues Impreſſor do Senhor Patriarcha. 1736. 4.

Voz em Roma, Ecco em Lisboa na Canonizaçaõ de S. Joaõ Franc. Regis da Sagrada Companhia de JESUS, ſolemnidade com que o feſtejou a Caſa profeſſa da meſma Companhia. Lisboa na Officina da Muſica, e Sagrada Religiaõ de Malta. 1739. 4.

Vida do P. Antonio Vieyra da Companhia de JESUS Prégador de S. Mageſtade M. S. da qual faz mençaõ de brevemente ſahir à luz em a Noticia previa das *Vozes Saudoſas.*

ANDRE BERNARDES AYRES Natural de Belinde junto do lugar de Figueiró do Campo de Coimbra, filho de Pedro Ayres, e Maria Simaõ. Inſtruido na lingua latina, e letras humanas paſſou à Univerſidade de Coimbra aprender Direito Pontificio, e como para eſte genero de eſtudo tiveſſe genio, e applicaſſe o mayor diſvelo, ſahio neſta faculdade taõ eminente, que recebendo nella o gráo de Doutor foy admitido por Collegial do Collegio Pontificio de S. Pedro em 11. de Junho de 1666. Antes de entrar neſta erudita Sociedade era tanta a excellencia das ſuas letras, que já occupava de propriedade a Cadeira de Clementinas de que tomara poſſe em 18. de Fevereiro de 1666. Deſta ſubio à de Sexto em 23. de Janeiro de 1675. de Decreto em 5. de Dezembro do meſmo anno, e de Veſpera em 17. de Outubro de 1681. e ultimamente de Prima em 16. de Dezembro de 1684. onde jubilou em 1692. Foy Conego Doutoral das Cathedraes de Lamego provido em 24. de Setembro de 1669. do Porto em 20. de Fevereiro de 1671. e de Evora em 29. de Mayo de 1679. Deputado da Inquiſiçaõ de Coimbra em 17. de Julho de 1671. Naõ aceitou os lugares honorificos de Dezembargador do Paço, e Deputado do Conſelho Geral do Santo Officio por ſe naõ auzentar de Coimbra, onde em idade muito provecta morreo a 11. de Abril de 1705. Jaz ſepultado na Igreja do Collegio dos Capuchos de Santo Antonio da Pedreira junto ao Altar deſte Santo, a cujos Religioſos fez huma doaçaõ de cem mil reys in perpetuum para trigo cada anno, o qual legado ſatisfaz a Caſa da Miſericordia de Coimbra. Entre as poſtillas, que douta, e profundamente compoz, a mais celebre, e digna da luz publica por confiſſaõ dos mayores profeſſores da Juriſprudencia, foy a que começou a dictar no anno de 1668. e a continuou até que jubilou, a qual he.

Ad Text. in Regul. contract. 8. *de Regulis Juris.*

P. ANDRE CARDOSO natural de Coimbra, e filho de Andre Cardoſo, e Maria Bautiſta. Na juvenil idade de 14. annos ſe aliſtou na Companhia de JESUS em 4. de Outubro de 1644. e nella fez a ſolemne profiſſaõ dos quatro votos em 15. de Agoſto de 1665. Deſde a infancia foy inclinado à Poeſia, e de tal ſorte cultivou toda a vida eſta divina Arte, que ainda na idade caduca compunha verſos latinos com incrivel preſteza, e affluencia. Por muitos annos exercitou o officio de Orador Evangelico; alguns enſinou Rhetorica, e tres Philoſofia. A mayor parte da ſua idade conſumio no laborioſo miniſterio das Cadeiras de Theologia na Univerſidade de Evora onde foy Doutor, e Cancellario. Provada a ſua tolerancia com huma grave infermidade, e recebidos os Sacramentos com catholica ternura, morreo em Evora a 18. de Julho de 1696. Delle diz o P. Antonio Franco in *Annalib. S. J. in Luſit.* pag. 400. *Singulari vir ingenio præclarus fulſit.* O P. Franciſco da Fonſeca *Evor. Glorioſ.* pag. 425. *Foy dotado de viviſſimo engenho, e ornado de todas as ſciencias.*

Dos ſeus elegantes poemas ſomente ſahio à luz no livro intitulado *Fama poſthuma do V. P. Fr. Antonio da Conceiçaõ, Trinitario* impreſſo em Lisboa por Henrique Valente de Oliveira. 1658. 4. o ſeguinte, que começa.

Quis novus aſtrorum livor, quæ forma beatis
Luminibus extincta micat? &c.

Hum Epigrama em louvor da Chronica da *Etiopia Alta* compoſta pelo P. Balthazar Telles. Coimbra por Manoel Diaz. 1660. fol.

De todos os Sermoẽns, que com grande applauſo prégou, unicamente ſe fez publico o ſeguinte por ordem do Illuſtriſſimo D. Fr. Domingos de Guſmaõ Arcebiſpo de Evora.

Sermaõ em acçaõ de Graças pelos Deſpozorios da Sereniſſima Princeza de Portugal, e do Auguſtiſſimo D. Victorio Amadeu Manoel Duque de Saboya, Principe do Piamonte em 8. *de Outubro de* 1679. Evora na Officina da Academia 1688. 4.

P. ANDRE DE CARVALHO pelo Inſtituto filho da Companhia de Jeſus, e pela natureza de Pedro Alvares de Carvalho, Senhor de Canas de Senhorim, e Capitaõ de Alcacere em Africa, e de D. Maria de Souſa filha de D. Martinho de Tavora, Capitaõ de Alcacer Seguer, e Commendador de S. Pedro de Val de Ladroens, e D. Iſabel Pereira de Sampayo, e Irmaõ de Alvaro de Carvalho Governador de Mazagaõ, que no anno de 1562. defendeo heroicamente eſta Praça da invazão, com que foy accometida pelo formidavel Exercito de cento, e cincoenta mil barbaros. Voltando deſta Praça o P. André de Carvalho para o Reyno, foy cativo pelos Mouros, os quaes fechando os ouvidos às vozes com que lhe increpava a ſua cegueira, o fizeraõ em varios pedaços ſatisfazendo com eſta barbara, e tyrana acçaõ o odio que conceberáõ contra eſte Evangelico pregoeiro. Como teſtemunha ocular que tinha ſido dos ſucceſſos do ſitio de Mazagaõ eſcreveo.

Relaçaõ do Cerco de Mazagaõ M. S. Conſervaſe no Collegio de Coimbra dos Padres Jeſuitas.

Fr. ANDRE DE CERQUEIRA filho de Franciſco Lopes, e Anna Pereira naceo em Coimbra, onde eſtudou as primeiras letras, e paſſando a Lisboa, recebeo o habito Carmelitano a 8. de Mayo de 1679. Eſtudada Filoſofia, e Theologia em que ſahio grande Letrado as enſinou em os Collegios de Coimbra, e Evora com grande fruto dos ſeus ouvintes. Neſta Univerſidade recebeo em 20. de Janeiro de 1704. o gráo de Doutor na faculdade Theologica, ſendo neſte Litterario acto ſeu Padrinho Jozé Pereira de Lacerda, entaõ Inquiſidor da Inquiſiçaõ de Evora, e depois Cardial da Igreja Romana. Foy votar no Capitulo Geral, que ſe celebrava em Roma no anno de 1704. e nelle com applauſo, e admiraçaõ de todos os Capitulares defendeo as Concluſoens, que conſtavaõ deſtas unicas palavras. *In Univerſa Theologia tam naturali, quam ſupernaturali; Scholaſtica, Poſitiva, Morali, et Myſtica, quidquid Doctor Reſolutus Joannes Bacconius Carmelitanus docuit, et ſcripsit, bene ſcripsit, et docuit.* Reſtituido a Portugal foy eleito Confeſſor das Religioſas do Convento de Lagos, donde ſubio ao lugar de Provincial em 14. de Julho de 1714. ſendo Deputado da Junta das Miſſoens. Morreo no Convento de Lisboa a 22. de Fevereiro de 1718. Foy ornado de vaſta erudiçaõ em todo o genero de ſciencias, aſſim ſagradas, como profanas, pois naõ ſomente tinha noticia dos Sagrados Canones, mas era douto nas faculdades da Mathematica, e Medicina, e hum dos inſignes Oradores Evangelicos do ſeu tempo, cujos Sermoens para que naõ ficaſſem ſepultados, os fez publicos a deligente actividade do P. Fr. Eſtevaõ de Santo Angelo, Prior do Convento do Carmo de Lisboa, ſahindo com hum tomo, cujo titulo he.

Sermoens varios. Lisboa por Miguel Rodrigues. 1727. 4. Faz honorifica mençaõ do ſeu nome o P. D. Manoel Caetano de Souſa *in Exped. Hiſpan. D. Jacob.* Tom. 2. pag. 1303. e Fr. Manoel de Saã *Mem. Hiſt. dos Eſcritores da Provinc. do Carm. de Portug.* pag. 19.

Fr. ANDRE DE CHRISTO natural da Villa de Santarem do Arcebiſpado de Lisboa, chamado antes, que largaſſe o ſeculo, André Froes de Macedo, foy filho de Duarte Lopes natural da Villa de Benavente, bom Poeta, e de Maria Froes de Macedo. Na infancia começou de tal modo a inclinarſe à Poeſia, que parece o embalaraõ no berço as Muſas ſendo as ſuas delicias em idade taõ tenra os livros poeticos aſſim Latinos, como Portuguezes, e Caſtelhanos, de cuja propenſaõ ſe ſeguio com exemplo nunca viſto, e digno de todo o aſſombro, que quando contava quatorze annos publicaſſe hum livro de verſos intitulado.

Amores Divinos, e humanos. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1631. 12. cuja obra dedicou

a D. Maria de Vaſconcellos Condeſſa da Calheta. Deixada a patria paſſou a Caſtella onde profeſſando o habito da Ordem Militar, e Religioſa de N. Senhora da Merce depois de aprender as ſciencias mayores as enſinou com igual aclamaçaõ aos domeſticos, principalmente Theologia Moral nos Collegios de Ronda, e Cadiz, ſendo depois Regente do Collegio de Huelgas, de que eraõ padroeiros os Duques de Medina Sidonia. Como em o anno de 1660. ſe acendeſſe furioſamente a guerra entre a Coroa Portugueza, e Caſtelhana, alcançada faculdade dos ſeus Prelados voltou a eſta Corte, onde era ouvido com applauſo nos Pulpitos, e Academias, principalmente em a dos *Generoſos*, na qual como Lente explicou a Poetica de Ariſtoteles com ſubtiliſſimas reflexoens. Foy Meſtre de Filoſofia do Conde de Caſtellomelhor Luiz de Vaſconcellos, e Souza, Eſcrivaõ da Puridade delRey D. Affonſo VI. e ſeu Primeiro Miniſtro, e com o nome de taõ illuſtre diſcipulo alcançou mayor applauſo a ſua ſabedoria. Dezejoſo de acabar a vida entre os ſeus Religioſos ſe embarcou para o Maranhaõ, onde paſſado pouco tempo querendo o Ceo fazello participante de taõ ardente dezejo eſpirou entre os braços dos ſeus Mercenarios no anno de 1689. D. Franciſco Manoel nas *Obras Metricas.* Viola de Thalia pag. 156. o louva pelo magiſterio, que exercitou na Academia dos Generoſos, explicando a Poetica de Ariſtoteles. com eſtas vozes.

Ignorais de hum André tantas louvadas
Letras naõ ſó profanas, mas ſagradas.

E pag. 158.

Meſtre ſempre ſerá taõ ſinalado
Que apenas na Cadeira eſtá ſentado
Quando em lhe dando hum geito
Já lhe falla Ariſtoteles no peito.
Por ſabias Catracreſis
Por cultas Metaleſis
Numeros, Omiſtiquios, e Sizuras
Por doze tropos, e por mil figuras.

E na Oraçaõ que recitou neſta meſma Academia pag. 260. *Aqui achareis as ſempre caſtas eſmeraldas em caſta Poetica de Ariſtoteles, de cujos arcanos vay deſentranhando em ſuas liçoens ſeus Miſterios noſſo R. Lente o P. Meſtre Fr. André de Chriſto.*

Além da Obra aſſima eſcrita compoz.

Juizo Poetico.

Conſta de 70 paginas, e ſahio impreſſo no fim do Poema *Virginidos* compoſto por Manoel Mendes de Barbuda, e Vaſconcellos. Lisboa por Diogo Soares de Bulhoens 1667. 4.

Muitas Poeſias ſuas ſe podem ver na *Fama poſthuma de Lope da Vega Carpio.* na 1. Part. da *Academia dos Singulares* de Lisboa. Nos *aplauſos da Vitoria do Ameixial.* Amſterdaõ por Jacobo Vanvelſen 1673. 4. No livro do *Roſario do Santiſſimo Sacramento* Author F. Franciſco Falconio Lisboa 1662 e no *Panegirico da Vida, e acçoens do Excellentiſſimo Marquez de Tavora Luiz Alvares de Tavora* dous Sonetos dedicados à memoria deſte Heróe Caſtelhanos a pag. 87. e 88. Lisboa por Antonio Rodriguez 1672. 4. Tinha promptos para a impreſſaõ quando partio para o Maranhaõ.

Panegyricos de Varios Santos. M. S.
Academia do Sacro Amor M. S.

Delle faz mençaõ entre os Poetas Portuguezes o P. Antonio dos Reys *Enth. Poetico* n. 117.

ANDRE COELHO Capitaõ na India Oriental pelos annos de 1618. e 1619. Igualmente ſe moſtrou intrepido contra os inimigos do Eſtado, como zeloſo da ſua conſervaçaõ eſcrevendo.

Advertencias a Gaſpar de Mello, e Sampayo, e a Fernaõ de Albuquerque quadrageſſimo quarto Governador da India acerca dos damnos, que faziaõ nella os Eſtrangeiros, e o remedio, que ſe devia applicar para naõ continuarem. fol. *M. S.*

Do author, e da obra faz mençaõ o moderno Addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ Tom. 1. Tit. 16. col. 467.

ANDRE CORDEYRO Conego da Cathedral de Congo, Proviſor, e Vigario Geral deſta Dioceſe aſſim pela ſciencia, que profeſſava dos Sagrados Canones, como pela integridade dos ſeus coſtumes. Eſcreveo , e mandou a eſte Reyno.

Relaçaõ do alevantamento de D. Affonſo Irmaõ delRey de Congo D. Alvaro ſegundo; e outra da morte do meſmo Rey, e eleyçaõ, que ſe fez de D. Pedro Duque de Bamba o que tudo ſucedeo em Janeiro de 1622. *M. S.*

Eſtas duas Relaçoens ſe conſervavaõ na Bibliotheca do inſigne antiquario Manoel Severim de Faria Chantre de Evora.

Fr. ANDRE DA COSTA natural de Lisboa filho de Filippe da Cruz, e Catherina Correa, e Religioſo da Ordem da Santiſſima Trindade, cujo Habito recebeo no Convento patrio a 3. de Agoſto de 1650. Foy taõ inſigne em compor Muſica, como em tocar Arpa; cuja occupaçaõ exercitou na Capella Real dos Sereniſſimos Monarcas D. Affonſo VI. e D. Pedro II. com tanta eſtimaçaõ deſtes Principes, como enveja dos profeſſores daquella Arte. Quando eſtava na idade mais robuſta o privou a morte repentinamente da vida a 6. de Julho de 1685. Poſto, que naõ imprimio obra alguma da ſua armonica profiſſaõ, muitas ſe conſervaõ com grande eſtimaçaõ na Bibliotheca Real da Muſica, e em outras partes, as quaes ſaõ.

Miſſas de varios Coros.

Confitebor Tibi a 12. *vozes*

Laudate pueri Dominum a 4.

Beati omnes a 4.

Completas a 8. vozes

Ladainha de N. Senhora a 8. vozes

Reſponſorios da 4. 5. *e* 6. *feira da Semana Santa a* 8. vozes.

O Texto da Paixaõ da Dominga de Palmas, e de 6. *feira mayor* a 4.

Vilhancicos da Conceiçaõ, Natal; e Reys a 4. 6. 8. *e* 12. vozes.

ANDRE COTRIM contemporaneo do inſigne profeſſor de letras humanas Jeronymo Cardoſo, o qual louva por ſingular entre os cultores da Poeſia Latina dedicando-lhe a 27. das ſuas Cartas, e a 22. das ſuas Elegias, onde lhe exalta a affluencia poetica, com que compuzera hum Poema em louvor da Fonte da Prata, que corre na Cidade de Evora, cujo aqueducto ſe affirma ſer obra do grande Sertorio, dizendo-lhe deſta ſorte.

Unica nunc operi Sertori gloria demum
Surgit, quá major creſcere nulla poteſt:
Quandoquidem tanti meruit præconia vatis
Quantum crede mihi, ſæcula nulla dabunt.

Viveo nos reynados delRey D. Manoel, e D. Joaõ o III. Das muitas obras poeticas, que fez, ſomente exiſte.

Epicedium Sereniſſimi Principis Eduardi Regis Emmanuelis filii.

D. ANDRE DA CRUZ natural da Villa de Alegrete na Provincia do Alentejo, filho de Pedro de Caceres, e Anna Ribeira, e Conego Regular da Congregaçaõ de Santa Cruz de Coimbra, naõ menos eſtimavel pela obſervancia do ſeu inſtituto, que pela erudiçaõ Sagrada, e profana. Por eſpaço de muitos annos leo Theologia eſpeculativa no Collegio de Coimbra, e Moral no Real Convento de S. Vicente de Lisboa, onde era ouvido naõ ſómente pelos domeſticos, mas ainda pelos eſtranhos, que concorriaõ atrahidos da fama da ſua ſabedoria. Foy eſtimado pelo Illuſtriſſimo Arcebiſpo de Lisboa D. Miguel de Caſtro, que affirmava ſer o mayor Theologo Moraliſta de Portugal, e tanto confiava da ſua prudente capacidade, que o conſultava nas materias mais graves da ſua conciencia elegendo-o ſeu Penitenciario, Eſmoler, e Examinador Synodal, cujos lugares exercitou naõ ſómente no tempo deſte Prelado, mas do ſeu ſucceſſor D. Affonſo Furtado de Mendonça. Quarenta annos gaſtou na liçaõ dos Santos Padres, e Theologos ſempre aſſiſtido de ſaude robuſta, atè que ſendo contra ſua vontade eleito Prior do Convento de Grijò começou a enfermar gravemente, de que reſultou morrer em 20. de Julho de 1632. como elle tinha vaticinado. Delle faz memoria D. Nicol. de Santa Maria na *Chron. dos Coneg. Regrant.* Part. 2. liv. 10. cap. 29. n. 19. onde affirma que eſcrevera.

Commentos aos lugares mais eſcuros de Tertulliano.

D. Fr. ANDRE DIAS natural de Lisboa, onde ſe aggregou à Ordem dos Prègadores para ſer ornato de huma taõ douta Familia. Naõ foy ſómente inſigne Letrado, mas cordial devoto do Santiſſimo Nome de JESUS, de cujo ardente affecto ainda ſe conſerva no Convento de Lisboa hum indelevel teſtemunho na illuſtre Confraria deſte ſuaviſſimo Nome, a qual foy pela ſua pia deligencia novamente inſtituida, ou amplificada inflamando aos ſeus Confrades com exhortaçoens, e livros para a veneraçaõ profunda de taõ auguſto Nome. Paſſou a Roma, onde ſendo

conhecido pelas ſuas letras, foy eſtimado por todo o genero de Peſſoas, principalmente as mayores, diſtinguindoſe entre todas aſſim na dignidade, como no affecto o Summo Paſtor, que o nomeou Penitenciario da Igreja Romana, e Biſpo titular de Megára antigua Cidade da Provincia da Achaya na Grecia ſendo ſagrado no anno de 1432. Atrahido do amor da patria renunciou a dignidade Epiſcopal, e chegando a Lisboa, o nomeou ElRey D. Joaõ o I. Commendatario do Moſteiro de S. Joaõ da Alpendorada. Delle fazem illuſtre memoria Souſa *Hiſt. de S. Domingos da Prov. de Port.* Part. 1. liv. 3. cap. 23. e 24. Fr. Pedro Monteiro *Clauſt. Dom.* tom. 3. pag. 142. o Padre D. Manoel Caet. de Souſ. *Cathal. Hiſt. dos Summ. Pontif. Card. e Biſp. Portug.* pag. 110. Joaõ Franco Barret. na *Bib. Portug. M. S.* Compoz, como affirma Fr. Luiz de Souſa no lugar allegado.

Livro de Oraçoens, em proſa, e verſo vulgar de Louvores, e excellencias do Nome de JESUS.

Methodo breve, e util para fazer bem a Confiſſaõ. Lisboa por Germaõ Gallard 1529. 8. No Prologo deſte livro o impreſſor fez ao Author Benedictino, ſendo Dominicano. Eſta obra ſe vé inſerta entre as que compoz o Ven. Meſtre Fr. Luiz de Granada.

ANDRE DUARTE DE VASCONCELLOS Cavalleiro profeſſo da Ordem militar de S. Tiago. Naceo em Lisboa e recebeo a graça bautiſmal na Parrochia de S. Pedro a 6. de Dezembro de 1620. Foy filho de Paulo Duarte da Sylva, e de Izabel Mendes de Vaſconcellos. Depois de ſahir baſtantemente inſtruido na lingua Latina, levado do genio, que tinha para as armas, aſſentou praça de Soldado, em cuja eſcola deſempenhou as obrigaçoens do ſeu honrado nacimento, principalmente ſendo Capitaõ de Infantaria na celebre Reſtauraçaõ de Evora em o anno de 1663. e quando governou em auzencia do Governador a Capitanía de Angola, com o poſto de Meſtre de Campo. Deſpozou-ſe a 7. de Julho de 1655. com D. Antonia de Andrade Gouvea, e Miranda de quem deixou larga deſcendencia. Cheyo mais de merecimentos, que de annos falleceo em Santarem a 21. de Setembro de 1690. e jaz ſepultado na Igreja dos Eremitas de Santo Agoſtinho da dita Villa. Eſcreveo.

Exercicios Militares. 4.

Cuja obra dedicou à Mageſtade delRey D. Pedro II, que lho mandou compor por ter viſto muitas vezes na ſua Real preſença a ſciencia, e promptidaõ, com que os mandava executar. He huma completa inſtruçaõ para hum Sargento mór, cujo Original eſcrito da propria maõ do Author conſerva ſeu Neto pela parte materna Rodrigo Xavier Pereira de Faría natural da illuſtre Villa de Santarem onde aſſiſte, o qual com a ſua grande erudiçaõ, e natural affabilidade me communicou eſta, e outras muitas noticias para ornato, e augmento deſta Bibliotheca.

ANDRE EBORENSE, ou RODRIGUES, cujo primeiro apellido indica a Cidade, onde ſahio à luz do mundo, e o ſegundo da familia donde procedeo, Irmaõ por ſangue, e ſabedoria do inſigne Fiſico mór Thomaz Rodriguez da Veyga. Sendo ſummamente verſado no eſtudo das letras profanas, o foy igualmente nas Sagradas revolvendo com incanſavel diſvelo os litterarios monumentos dos Authores Catholicos, e Gentilicos, de cujo immenſo trabalho, e do grande louvor, que delle lhe havia reſultar, o congratula ſeu Irmaõ em huma carta, que eſtá ao principio de huma das ſuas obras, de que abaixo ſe fará mençaõ, dizendolhe deſte modo. *Horum veſtigia non eſt longe ſecutus cum in eo loco verſaretur ubi orbis in urbe eſt (Ulyſſipone) negotiorum fluctibus obrutus, magnatum importunitatibus, & obſequiis exagitatus, à pluribus etiam moleſte expetitus, quos conſilio, opera, et favore juvabat, amplæ rei familiaris providentia impeditus tale nobis cuderet opus, quale ſperandum fore ut plurimis invidiam, pauciſſimis calumniam excitaturum ſit.* Mayor foy o elogio, que deo ao Author deſta obra o grande Varaõ Fr. Luiz de Granada, immortal credito da Religiaõ Dominicana, perſuadindolhe, que a publicaſſe, a qual mereceo taõ grande eſtimaçaõ dos eruditos, que em breve tempo foy impreſſa em diverſas partes ſendo o titulo.

Loci communes ſententiarum, & exem-

plorum memorabilium ex probatiſſimis ſcriptoribus deprompti, ſive exempla memorabilia è probatiſſimis quiſque Auctoribus deprompta 2. Tom. 1. Conimb. 1554. 4. o 2. ibi. 1567. 4. ambos mais correctos, e addicionados Conimb. apud Joan. Barrerium 1569. 8. ainda vivendo o Author. Depois Pariſiis apud Guilielmum Julianum 1580. e 1588. 8. & ibi apud Franciſcum Suffier. 1635. 8. Lugduni apud Theobaldum Paganum 1557. 8. Coloniæ apud Arnaldum Millium. 1593. e 1600. e 1601. apud Herman. Milium. Venetiis 1572. 1579. e 1585. 12. Lembraõ-ſe da obra, e do Author Draud. in *Bib. Claſſic.* Tit. *Memorab. & Grammat.* Valer. And. Taxand. in *Cathal. Clarór. Hiſp. Script.* Nicol. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 57. Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Luſit. Lit.* lit. A. n. 37. D. Emman. Caiet. de Souza in *Expedit. Hiſpan. S. Jacobi* Tom. 2. pag. 1303. Franc. da Fonſec. *Evor. Glorioſ.* pag. 405. Petr. de Alv. y Aſtorg. in *Milit. Immacul. Concept. D. Mar.* onde por engano eſcreveo ſer o Author Religioſo da Ordem dos Prègadores. Mayol. *Dier. Canicul.* Part. 1. colloq. 3. pag. mihi 53. col. 2. chamando-lhe *inſignis exemplorum compilator.* Anton. Poſſevin. in Apparat. Sacr. tom. 1. pag. 74. *Quod pleraque petat ex hiſtoria vel Sacra, vel Eccleſiaſtica, quodque non ſolúm ad humanas quaſdam, verũ etiam ad Chriſtianas virtutes ſtimulos addat,* onde duvida eſta obra tenha ſido acrecentada por algum herege principalmente nos Titulos *Act. Pontif. Rom. Patientiæ, Odii, et Gloria Cupiditatis,* ſendo certo, que ſe em alguma impreſſaõ ſe achaõ alguns termos contrarios à piedade catholica, naõ devem ſer atribuidos a André Eborenſe por ſer eſcritor piiſſimo, como claramente ſe vé na primeira impreſſaõ de Coimbra.

ANDRE DE ESCOVAR. Na idade da Adoleſcencia navegou para a India, onde conciliou a atençaõ das principaes peſſoas daquelle Eſtado admiradas da ſuavidade, e deſtreza, com que tocava o inſtrumento da charamelinha nunca até aquelle tempo ouvido em taes partes, em que deixou muitos diſcipulos da ſua ſciencia muſica. Voltando ao Reyno foy admitido com largo eſtipendio à Cathedral de Evora pelo ſeu Prelado o Sereniſſimo Cardial D. Henrique, para que com o inſtrumento em que era peritiſſimo, ſe augmentaſſe a armonia em obſequio do culto Divino, cujo miniſterio tambem exercitou na Cathedral de Coimbra, para onde o chamou o Biſpo D. Manoel de Menezes. Deixou compoſta.

Arte muſica para tanger o inſtrumento da Charamelinha M. S.

ANDRE FALCAM DE RESENDE natural de Evora filho de Jorge de Reſende, e Sobrinho do Chroniſta Garcia de Reſende. Na Univerſidade de Coimbra depois de eſtudar Direito Civil, exercitou o lugar de Juiz de Torres Vedras, de outras Villas, e Cidades do Reyno. Ultimamente foy Auditor da Caſa de Aveiro. Teve notavel genio para a Poeſia aſſim Portugueza, como Caſtelhana, em que compoz admiraveis verſos. Morreo em idade provecta em Lisboa no anno de 1598. ferido do contagio, que devorou grande parte da Cidade. Publicou em Madrid em verſo Caſtelhano.

Theochriſto.

outro livro em ſemelhante lingua.

Mundo Pequeno

o qual dedicou a D. Duarte Duque de Guimaraens, e Condeſtavel de Portugal.

Verteo em 8. Rima as Homilias do Cardial D. Henrique, que começaõ.

Remirte ò homem quiz Deos ſempiterno
Com reſgate de amor maravilhoſo.

Muitas das ſuas poeſias ſe imprimiraõ na *Relaçaõ do ſolemne Recebimento, que ſe fez em Lisboa às Santas Reliquias que ſe levaraõ à Igreja de S. Roque da Companhia de JESUS* impreſſa em Lisboa por Antonio Ribeiro 1588. 8. as quaes ſe lem a fol. 122. 132. 136. 142. v.º e 166. v.º Na *Chronica delRey D. Joaõ o II.* eſcrita por ſeu Tio Garcia de Reſende impreſſa em Evora por Andre de Burgos. 1554. fol. lhe faz o Sonetto ſeguinte.

Heroicos feitos, e ſaber profundo
Virtudes, condiçaõ, primor, cuſtume
Vida, e morte declara eſte volume
Do Luſitano Rey D. Joaõ ſegundo.
Segundo em nome, e a ninguem ſegundo
Em fama taõ ſubida em alto cume
Que a pezar do tempo, que conſume
Toda a couſa, ſerá clara no mundo.

Naõ conſentio perder-ſe tal memoria
Garcia de Reſende em ſeu polido
E doce eſtylo, e verdadeira hiſtoria.
Mas a ſeu Rey, e à ſua patria agradecido
Dandolhes digna fama, e immortal gloria
A ſi a deu, e fez ſeu nome eſclarecido

Delle ſe lembra entre os Poetes Portuguezes o P. Antonio dos Reys no *Enthuſiaſmo Poet.* n. 190.

Fr. ANDRE DE FARO cujo appellido declara a ſua Patria, que he a Cidade Capital do Reyno do Algarve. Logo que recebeo o Habito Franciſcano na Provincia dos Religioſos Capuchos da Piedade naõ ſómente ſervio de exemplar aos ſeus domeſticos, mas ſupplicou com fervoroſas ancias aos Prelados, que o mandaſſem à Miſſaõ Evangelica de Guiné. Alcançada faculdade ſe embarcou com onze companheiros em 7. de Mayo de 1662. e no breve eſpaço de quinze dias chegou à Ilha de S. Tiago Capital de Cabo verde. Neſta Cidade por cauſa de huma grave infermidade foy preciso demorar-ſe, mas ainda mal convalecido, e falto de forças, que ſe animavaõ com o fervor do ſeu eſpirito, penetrou pelos vastiſſimos certoens de Guiné, para annunciar as luzes do Evangelho àquelles povos ſepultados nas ſombras da ſua cegueira. Os Reynos por onde diſcorreo, os perigos de vida de que eſcapou, os idolos, que desfez, e os Templos, que ao verdadeiro Deos erigio, narrou com toda a individuaçaõ em a

Relaçaõ hiſtorica da Miſſaõ do Reyno de Guiné.

A qual ſe conſerva *M. S.* no Convento de Villaviçoſa, que he o primeiro da ſua reformada Provincia, e della extrahio Fr. Manoel de Monforte tudo quanto eſcreveo deſta ſagrada expediçaõ na *Chronica da Provincia da Piedade* liv. 5. cap. 27. até 30. Reſtituido a Portugal depois de governar alguns Conventos com louvavel prudencia, acabou a vida em Beja no anno de 1678.

P. ANDRE FERNANDES. Foy admitido em Ormus pelo V. Padre Gaſpar Barzeo à Companhia de JESUS, e de tal ſorte manifeſtou a capacidade do ſeu talento, e madureza de juizo, que o mandou S. Franciſco Xavier a Portugal, e a Roma para tratar com Santo Ignacio, e ElRey D. Joaõ o III. graves negocios, que cediaõ em obſequio, e augmento da prégaçaõ do Evangelho. Obedeceo promptamente ao preceito, e padecendo huma larga, e perigoſa navegaçaõ, chegou a Lisboa, e depois a Roma, e concluidas felizmente as dependencias da ſua apoſtolica embaxada em ambas eſtas duas famoſas Cortes, voltou para Goa a tempo, que o inſigne Operario Evangelico o V. Padre Gonçalo da Sylveira meditava a Miſſaõ de Cafraria. Depois de deſcanſar dos trabalhos da jornada anhelando padecer outros mayores pela Fé Catholica partio por companheiro deſte Veneravel Padre para Monomotapa, em cuja vinha quantas moleſtias padeceo largamente as deſcrevem Nicol. Godinh. in *Vit. P. Gundiſſalvi Sylv.* lib. 2. cap. 7. e Manoel da Coſta in *Hiſt. rer. à Societ. in Orient. geſt.* Atenuado com trabalhos, e infermidades, que o reduziraõ a taõ deploravel eſtado, que mais parecia cadaver do que homem, e ſentindo naõ poder com liberdade prégar o Evangelho àquelles barbaros, voltou a Goa onde reſtituido à ſaude por manifeſta efficacia da Divina Omnipotencia intentou ſegunda vez lucrar almas para Chriſto em Monomotapa, mas deſenganado de ſer aquella terra ingrata à ſemente do Evangelho, paſſou a Comorim onde ſendo buſcado varias vezes pelos Mouros para o privarem da vida, ſempre triunfou das ſuas aleivoſas aſtucias, até que eſpirou entre eſtes apoſtolicos miniſterios no anno de 1568. Alèm dos Authores allegados eſcrevem delle Organtin. in *Annuis Goan.* 1568. *Hiſt. Societ.* part. 1. lib. 12. n. 85. Part. 2. lib. 3. n. 148. lib. 4. n. 215. e 216. lib. 6. n. 159. e 160. Souſa *Oriente Conquiſt.* Part. 1. Conq. 1. Diviſ. 1. §. 70. No archivo da Caſa profeſſa de Lisboa ſe conſervaõ nove cartas ſuas muito extenſas; em que ſe relataõ os trabalhos, e perigos das ſuas jornadas, e Miſſoens. Alèm deſtas.

Carta eſcrita em Chaul aos Padres da Provincia de Goa a 2. de Janeiro de 1560. Outra eſcrita em Tangue ao Provincial de Goa em 24. de Junho do dito anno. Outra aos Padres de Goa no meſmo mez, e anno as quaes ſahiraõ abreviadas com outras, em Italiano Venetia por Tramezzino 1562.

P. ANDRE FERNANDES. Teve por Pays a Domingos Coelho, e Maria das Ne-

ves, por patria a Villa de Viana da Provincia do Alentejo. Foy admitido à Companhia de Jeſus a 2. de Abril de 1622. A natureza o dotou de engenho agudo, prudencia rara, e juiſo maduro, as Artes cultivadas pella applicaçaõ o conſtituiraõ inſigne Rhetorico, grande Filoſofo, e profundo Theologo, em cuja faculdade recebeo o gráo de Doutor na Univerſidade de Evora a 26. de Abril de 1654. Atendendo a Mageſtade delRey D. Joaõ IV. a ſeu egregio talento, o nomeou Biſpo do Japaõ, e eſcuſandoſe deſta dignidade, o meſmo Principe o elegeo Confeſſor de ſeu filho D. Theodoſio, que o tratou com as mais finas demonſtraçoens de affecto por venerar na ſua Peſſoa unida a virtude com a prudencia. Por morte deſte Principe reſolveo D. Joaõ o IV. que foſſe ſeu Confeſſor, em cujo miniſterio obſervou ſempre tal moderaçaõ, que nunca ſe intereſſou por negocio, que reſpeitaſſe aos ſeus parentes, antes regeitou heroicamente varias ofertas, que para augmento delles ſe lhe fizeraõ. A meſma inteireza practicou no tempo, que a Sereniſſima Rainha D. Luiza Franciſca de Guſmaõ governou eſta Monarchia aconſelhandolhe ſempre o que reſultava em gloria do Reyno, e dilataçaõ do Evangelho nas partes mais remotas da Aſia, e America. Accometido de huma ſupreſſaõ, de cuja infirmidade falecera ElRey D. Joaõ o IV. ſe preparou com os Sacramentos para a ultima hora, e entre devotos colloquios a Chriſto Crucificado morreo no Seminario dos Irlandezes a 27. de Outubro de 1660. donde ſendo transferido à Caſa de S. Roque lhe cantaraõ o Officio com grande pompa os Religioſos Trinos, ſempre em todas as idades obſequioſos aos Padres Jeſuitas. As acçoens mais individuaes da ſua vida ſe podem ler in *Vit. Princ. Theod.* lib. 1. §. 218. até 237. et lib. 3. §. 105. até 110. Franc. *Imag. da Virt. em o Novic. de Lisboa* lib. 3. cap. 42. 43. e 44. et in *Annalib. S. J. in Luſit.* pag. 326. et in *Ann. Glor. S. J. in Luſit.* pag. 635.

Sendo Meſtre de Rhetorica em Evora, no anno de 1635. querendo celebrar a Univerſidade a chegada, que a ella fizera o Sereniſſimo Duque de Bragança D. Joaõ, depois Rey de Portugal, compoz huma Tragicomedia, que ſe lhe reprezentou com pompoza magnificencia, cujo argumento era.

S. Euſtachius Martyr.

De todas as ſuas obras poeticas ſomente ſe imprimio huma Elegia, que eſtá na *Vida do Principe D. Theodoſio* compoſta pelo Padre Manoel Luiz lib. 1. §. 221. a qual levou o primeiro premio no Certame celebrado em Coimbra. Foy aſſumpto, que ſendo levado o cadaver da Princeza Santa Joanna para a ſepultura, ao paſſar pelo Jardim do Convento, ſe murcharaõ as flores, e arvores, de que eſtava ornado, publicando com eſta repentina mudança o ſentimento de lhes faltar quem as animava. O principio da Elegia he o ſeguinte.

Clauſerat extremo morientia lumina fato
Joanna: heu ! numquam lumina digna mori.

ANDRE FRANCO. Naceo em Lisboa, ſendo filho de Manoel Franco, e Catherina de Oliveira. Na idade da adolecencia recebeo o habito da Ordem Militar de S. Tiago, no Real Convento de Palmella a 3. de Setembro de 1600. donde paſſando a Coimbra ſe applicou ao eſtudo do Direito Pontificio, em que ſe formou Bacharel. As ſuas grandes letras o elevaraõ a ſer Prior de Çamora Correa, Juiz Geral das Ordens, Dezembargador dos Aggravos na Caſa da Supplicaçaõ de que tomou poſſe a 7. de Novembro de 1642. Deputado da Meſa da Conciencia, e ultimamente Secretario da Sereniſſima Rainha D. Luiza Franciſca de Guſmaõ mulher delRey D. Joaõ o IV. Podendo deixar grandes argumentos da ſua ſciencia legal ſomente ſe acha impreſſo hum ſeu voto muito douto no 1. Tom. *das Deciſoens* do Doutor Manoel da Fonſeca Themudo *Deciſ.* 112. da qual faz mençaõ Joaõ Soar. de Brito in *Theatr. Luſit. lit.* A. n. 38.

ANDRE FREYRE DE CARVALHO natural de Lisboa, Fidalgo da Caſa de ſua Mageſtade, Cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto, Commendador de Santa Maria Magdalena de Parada da meſma Ordem, Dezembargador da Caſa da Supplicaçaõ, de que tomou poſſe a 24. de Abril de 1698. e Conſervador da Caſa da Moeda. Teve por Pays a Manoel Botelho de Carvalho Copeiro pe-

queno da Caſa Real, e Fidalgo della, e a D. Mariana de Sande filha de Manoel da Sylveira de Sande Commendador de S. Vicente de Quadramil, e Eſtribeiro menor da Rainha D. Luiza Franciſca de Guſmaõ, e de D. Ignez de Mattos filha de Pedro Mendes de Mattos Commendador de Santa Maria de Gemonde da Ordem de Chriſto. Sendo o Vereador mais antigo do Senado de Lisboa, congratulou aos noſſos Sereniſſimos Reynãtes em nome deſta famoſa Cidade, quando foraõ à ſua Cathedral render as graças ao Altiſſimo pelos ſeus auguſtos deſpoſorios, recitando.

Oraçaõ na preſença de ſuas Mageſtades El-Rey D. Joaõ o V. e a Rainha D. Mariana de Auſtria Noſſos Senhores quando foraõ em acçaõ de graças à Sé de Lisboa em 22. de Dezembro de 1708. Lisboa por Valentim da Coſta Deslandes Impreſſor de Sua Mageſtade 1709. 4.

Foy caſado com D. Catherina de Mattos, de quem naõ teve filhos. Morreo em Lisboa a 6. de Abril de 1712. Eſtá ſepultado na Igreja do Convento dos Religioſos Trinos.

P. ANDRE GOMES, filho de Antonio Vaz, e Maria Gomes naceo em Coimbra, e naõ tendo completos quinze annos ſe conſagrou a Deos na Companhia de Jeſus a 6. de Julho de 1589. Aprendeo as letras humanas, Filoſofia, e Theologia na ſua patria onde as dictou aos ſeus domeſticos com grande opiniaõ da ſua erudiçaõ ſendo depois ſubtiliſſimo interprete da ſagrada Eſcritura. Das Cadeiras paſſou aos pulpitos, nos quaes foy ouvido com geral admiraçaõ por ſer ornado de todas as partes conſtitutivas de hum Orador Evangelico, tendo a voz clara, e ſuave; a figura agradavel, e mageſtoſa; as acçoens reguladas menos pela arte, que pela natureza; a eloquencia ſolida, e perſuaſiva com que fazia as virtudes amadas, e os vicios aborrecidos. Por eſtes dotes o elegeo ElRey D. Joaõ o IV. por ſeu Prègador conſeguindo no tempo, que exercitou eſte ſagrado miniſterio o ſer venerado entre os Principes da Oratoria Eccleſiaſtica. Morreo em Lisboa a 24. de Outubro (e naõ 14. como ſe diz na *Biblioth. da Companhia*) de 1649. O Padre Manoel Luiz in *Vit. Princip. Theod.* lib. 2. §. 141. lhe chama *Inſignis Concionator acerrimi ingenii, promptique ad ſubita judicij.* Joan. Suar. de Brit. in *Theat. Luſit. Litter.* lit. A. n. 39. *Inſignis Eccleſiaſtes, populari que elegantia celebratiſſimus.* Franc. in *Annalib. Soc. Jeſ. in Luſit.* pag. 298. *Eximius Concionator,* e na *Imag. da Virtude em o Noviciad. de Coimb.* Tom. 2. pag. 611. *Grande Prégador, e exercitou eſte miniſterio com muito fruto.* Dos muitos Sermoens, que prègou, ſomente ſe imprimiraõ os ſeguintes.

Sermaõ do Auto da Fé, que ſe celebrou em Lisboa em 28. de Novembro primeiro Domingo do Advento de 1621. Lisboa por Pedro Crasbeek 1621. 4. deſta obra ſe lembra Imbonat. in *Biblioth. Lat. Hebraic.* pag. 306. n. 942.

Sermaõ prégado nas ſumptuoſas Exequias, que ao Excellentiſſimo Senhor D. Theodoſio II. Duque de Bragança fez o Prior mòr da Ordem de S. Tiago D. Diogo Lobo no Convento Real da meſma Ordem em Palmela aos 11. do mez de Dezembro de 1630. Lisboa por Antonio Alvares 1631. 4.

Relaçaõ das feſtas, que a Provincia de Portugal fez nas Canonizaçoens de Santo Ignacio de Loyola, e S. Franciſco Xavier. Lisboa por Antonio Alvares 1623. 8. Deſta obra faz mençaõ *a Bibliotheca Oriental* novamente acrecentada Tom. 1. til. 8. col. 158.

ANDRE GONÇALVES DE ALMADA. Vejaſe ANDRE ALVARES DE ALMADA.

ANDRE GONÇALVES TEYXEIRA natural de Santarem, Presbitero de exemplar vida, e verſado ſcientificamente nas letras humanas, que enſinou por muitos annos na ſua patria, e naõ menos douto na Theologia Moral, e Ceremonias Eccleſiaſticas ſendo conſultado por diverſas peſſoas ſobre duvidas Grãmaticaes, e Theologicas, de que deixou grande numero de cartas deſte erudito commercio. Morreo na patria no anno de 1700. Compoz varias obras, que naõ lograraõ o beneficio da luz publica por ſer taõ falto de cabedaes, como abundante de noticias para as imprimir,

cruel fado que ſempre acompanhou aos Varoens Sabios podendo queixarſe com Alciato.

Ingenio poteram ſuperas volitare per auras,
Me niſi pauperies invida deprimeret.

Deixou para teſtemunho da ſua vaſta erudiçaõ as ſeguintes obras.

An pueri, qui cum ſolo Originali decederunt, ſint aliquando aſcenſuri ſuper terram habitaturi ad illud Job. 7. Qui deſcendit ad inferos non aſcendet. fol. *M. S.*

Viridarium, ſive hortus apertus varios Theologiæ moralis florum faſciculos continens: opus novum M. S.

Suadæ Templum, id eſt, de Arte dicendi M. S. in 4.

Modo facil para ſaber fazer verſos latinos de toda a caſta, em que com toda a erudiçaõ enſina a evitar todos os vicios, que na Poeſia ſe achaõ pela varia revoluçaõ dos tempos 4. *M. S.*

ANDRE DE GOUVEA natural da Cidade de Beja na Provincia do Alentejo filho de Affonſo Lopes de Ayala Fidalgo Caſtelhano, e de Ignez de Gouvea filha de Antaõ de Gouvea Cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto, irmaõ do inſigne Juriſconſulto Antonio de Gouvea, de quem em ſeu lugar ſe fará larga mençaõ. Sendo chamado por ſeu Tio Diogo de Gouvea Regente do Collegio de Santa Barbara de Pariz para ſe inſtruir nas ſciencias Sagradas, e profanas, como era dotado de agudo engenho, ſahio brevemente conſummado aſſim na Oratoria, como na Poetica. Com a meſma promptidaõ penetrou os ſegredos da Filoſofia, e os myſterios da Theologia ſervindo de aſſombro aos Meſtres, e enveja aos Condiſcipulos, merecendo ſer eleito por voto de todos Lente de taõ ſublimes faculdades para com ellas inſtruir aos eſtudioſos, que de toda Europa concorriaõ ao Collegio Barbarano, ao qual naõ ſómente illuſtrou com a doutrina, mas governou com prudencia ſubſtituindo a ſeu Tio no lugar de Regente pelo eſpaço de alguns annos. A opiniaõ, que corria da ſua profunda Sabedoria moveo a Univerſidade de Bordeux para o convidar com generoſos partidos a ſer ſeu Meſtre, o que executou no anno de 1534. ſendo Reytor do Collegio de Guienne. Tendo ennobrecido duas taõ famoſas Univerſidades, era juſto, que vieſſe illuſtrar a de Coimbra, para cujo efeito meditando ElRey D. Joaõ o III. novamente reſtaurar eſta Univerſidade, e ſendo informado do ſeu grande talento lhe cometeo à ſua eleyçaõ os Meſtres, que haviaõ enſinar nella as linguas Latina, Grega, e Hebraica; e as faculdades de Rhetorica, e Filoſofia. Obedeceo promptamente à ordem do ſeu Soberano, e chegando a Portugal no anno de 1547. foy taõ acertada a eleyçaõ dos Meſtres, que fez de varias naçoens para a nova Univerſidade, que brevemente competio com as mais celebres da Europa, ſendo venerado depois da Mageſtade delRey D. Joaõ o III. como ſegundo reſtaurador deſte Atheneo da Luſitania, onde com geral ſentimento de todos os ſeus alumnos morreo em 9. de Junho do anno (naõ de 1558. como eſcreve Andre Scoto in *Bib. Hiſpan.*) mas de 1548. como diz Bayle *Diccion. Critiq.* Tom. 2. pag. mihi 579. e o affirma como teſtemunha ocular Belchior Belliago hum dos famoſos Meſtres, que conduzio de França, dizendo na Oraçaõ, que recitou em a Univerſidade de Coimbra no 1. de Outubro de 1548. *De Diſciplinarum omnium ſtudiis ad Univerſam Acad. Conimb.* eſtas palavras *Juſſu regis volens juventutem inſtitui, elegit viros qui rectiſſime eamdem juventutem optimis diſciplinis imbuerent, quorum ductu noſtri homines curſum omnium diſciplinarum conficerent: hunc nobis triſtia, & importuna fata hac ultima æſtate eripuerunt, & illius morte magnum litterarum ornamentum abſtulerunt.* Eſtá ſepultado no Real Convento de Santa Cruz de Coimbra, em cujo tumulo tem gravado eſte Epitafio.

Julia pax genuit: rapuit Conimbrica corpus:
Excoluit mentem Gallia: Olympus habet.

O ſeu nome exaltaõ Buſin in *Præfat. ad Epiſtol. Gelidæ.* Petr. Angel. Sper. de *Profeſ. Gramat.* lib. 4. fol. 352. e 458. Elias Vinet. in *Epiſt. ad And. Scotum. Republic. Portug.* fol. 364. Joan. Soar. de Brito in *Theatr. Luſit. Litterat.* lit. A. n. 40. Mariz *Dial. de Var. Hiſt.* Dial 5. cap. 3. Jacob. Menet. Vaſconc. in *Vit. Sua.* onde lhe chama *Virum Graviſſimũ.* Scot. in *Bib. Hiſ.* Tom. 3. Claſſ. 2. pag. 475. *Theologicum fuiſſe Præsbyterum concionatorem tam liberalem, quam*

doctorum hominum fautorem. et Claſſe 3. pag. 619. in *Elog. Gelid. Virum de univerſa Aquitania, & litteris, ut ſiquis alius, optime meritum, pium, doctum, et ad regendam juventutem omninó totum.* Compoz.

Orationes habitæ in Collegio Barbarano M. S.

As quaes eraõ eſcritas com a pureza, e mageſtade do eſtilo de Cicero, e muitas dellas ſe conſervaõ com grande eſtimaçaõ no poder dos Eruditos.

Fr. ANDRE DE GUIMARAENS Naceo na illuſtre Villa do ſeu appellido ſituada em a Provincia do Minho ſendo filho de Gomes Eſteves, e da Irmaã de D. Gomes Affonſo trigeſſimo nono Prior da Real Collegiada de Noſſa Senhora da Oliveira, e o ſegundo Inquiſidor que teve o Tribunal da Inquiſiçaõ de Coimbra. Em idade competente foy admitido à Ordem Serafica, cujo inſtituto profeſſou no Convento de Alenquer, feliz ſolar de Varoens inſignes em Santidade, onde deſcubrindo igual genio para as virtudes, que para as letras, as aprendeo, e enſinou com grande fruto, e admiraçaõ dos ſeus Religioſos chegando a ter para credito do ſeu Magiſterio por diſcipulo ao Illuſtriſſimo D. Fr. Bernardino de Sena, que depois de ſer Geral de todo o Orbe Serafico, foy digniſſimo Biſpo de Viſeu. No Pulpito encheo as obrigaçoens de Declamador Evangelico, aſſim em Portugal, como Caſtella ſendo os ſeus diſcurſos formados mais para a extincçaõ dos peccados, que pera lizonja dos ouvidos, em cujo apoſtolico trabalho colheo copioſos frutos nas populoſas Cidades de Sevilha, e Valhadolid. Foy eleito Provincial em o Capitulo celebrado em Lisboa a 22. de Fevereiro de 1614. e depois Commiſſario Geral da Provincia de Portugal, cujos miniſterios exercitou com ſumma prudencia, e univerſal applauſo de domeſticos, e eſtranhos. No anno de 1628. foy Preſidente da Congregaçaõ, que celebraraõ em Villaviçoſa os Religioſos Capuchos da Provincia da Piedade. Para evitar as graves controverſias, que em materias de juriſdicçaõ intrepidamente defendeo contra o Colleytor do Papa neſte Reyno, ſe retirou para Caſtella donde depois de aſſiſtir quaſi dous annos ſe reſtituyo ao ſeu amado domicilio do Convento de Lisboa, no qual cheyo de virtuoſas obras terminou a vida a 3. de Dezembro de 1632. e naõ de 1635. como eſtá no Epitafio, e foy ſepultado como tinha pedido no Cimiterio commum, cuja ſepultura ornou com huma Campa Fr. Fernando do Eſpirito Santo, que fora ſeu Secretario, no tempo que exercitou o lugar de Commiſſario Geral, e ſobre ella ſe gravou eſte epitafio.

Aqui jaz o P. Fr. Andre de Guimaraens Leitor Jubilado, Guardiaõ, que foy deſte Convento, Miniſtro Provincial, e Comiſſario Geral dos Reynos de Portugal em todas as Provincias de N. P. S. Franciſco. Celebre nas Letras, Pulpito, prudencia, e governo, que com grande aceitaçaõ, e credito aſſim dos Religioſos, como dos Seculares exercitou, todos ſeus officios. Faleceo em tres de Dezembro de 1635. De todos os ſeus Sermoens unicamente publicou.

Sermaõ nas Exequias, que a Cidade fez na Caſa de S. Antonio à Raynha Catholica D. Margarida de Auſtria. Lisboa 1611. 4.

Sermaõ do Mandato. Conſerva-ſe *M. S.* na Livraria do Convento de S. Franciſco de Lisboa como affirma o Padre Fr. Manoel de S. Damaſo nas *Noticias da Prov. de Portug.* § 19. n. 367. mandadas a Academia Real. Do Author ſe lembraõ Fr. Manoel de Monfort. *Chron. da Prov. da Pied.* liv. 4. cap. 57. §. 1. Fr. Fernand. da Soled. *Hiſt. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 5. liv. 2. cap. 31. n. 469. e Fr. Joan. a D. Anton. in *Bib. Franciſc.* Tom. 1. pag. 65.

Fr. ANDRE DA INSUA. Naceo em Lisboa no anno de 1506. e no Oratorio de N. Senhora da Inſua plãtado no meyo da Barra do Rio Minho ſe aliſtou em 11. de Junho de 1521. na Religiaõ Serafica quando contava dezeſeis annos de idade conſervando o titulo deſte domicilio por appellido para eterno teſtemunho da ſua affectuoſa devoçaõ. Depois de aprender Filoſofia no Convento de Serpa, e Theologia paſſou a França, onde pelo eſpaço de outo annos continuou os eſtudos com taes progreſſos, que era univerſalmente reſpeitado por Oraculo das ſciencias Eſcolaſticas. A prudencia de que era ornado o habilitou para que ElRey D. Joaõ o III. o mandaſſe

a Flandes tratar negocios importantes aos intereſſes deſta Monarchia os quaes adminiſtrou com louvavel ſatisfaçaõ. Em Anveres prégando à naçaõ Caſtelhana conciliou a geral veneraçaõ de toda aquella grande Cidade; pois aos brados da ſua vóz ſe convertiaõ os coraçoens mais duros, e as vontades mais rebeldes. Depois de occupar os lugares de Commiſſario de Flandes, e Alemanha, e ſer Provincial da Provincia dos Algarves, foy eleito quando contava quarenta, e hum anno de idade, e vinte, e ſeis da Religiaõ, Geral de toda a Ordem Serafica no Capitulo celebrado em Aſſiz no anno de 1547. Tanto, que eſteve conſtituido em lugar taõ honorifico, naõ perdoou a ſua vigilancia à algum genero de diſvelo para promover a reforma do inſtituto Serafico. Paſſou a Heſpanha dividindo em duas Provincias a de Sam Tiago, e erigindo novamente a de S. Miguel. Celebrou em Lisboa os Capitulos das Provincias de Portugal, Algarves, e Piedade. Partio a Flandes, onde recebeo particulares favores do Emperador Carlos V. e naõ menores ſignificaçoens de benevolencia da Santidade de Julio III. quando em Roma lhe beijou o pé a tempo, que fora aſſumpto à Cadeira de S. Pedro. Diſcorreo por Napoles, Florença, Brexa, Milaõ, e Genova, donde voltou a Salamanca para celebrar o Capitulo Geral congregado neſta Cidade, que ſe formava de mil, e duzentos Capitulares, em cuja douta, e veneravel preſença orava todos os dias na lingua latina com aſſombro de taõ eruditos ouvintes. Naõ conſentiraõ os Vogaes, que ficaſſe o ſeu grande talento ocioſo para beneficio da Ordem Serafica, e ainda que fortemente reſiſtio, foy eleito Commiſſario Geral da Familia Ciſmontana. Informado ElRey D. Sebaſtiaõ da prudente fidelidade com que tinha tratado varias dependencias politicas deſte Reyno por commiſſaõ de ſeu auguſto Avo D. Joaõ o III. querendo ſeguirlhe os veſtigios lhe cometeo que paſſaſſe a Caſtella a tratar alguns negocios graves, de que pendia a conſervaçaõ de ambas as Monarchias. Obedeceo promptamente, e entrando em Madrid no anno de 1563. concluyo felizmente as negociaçoens, que foraõ cometidas à ſua grande capacidade. Exercitado o miniſterio de Commiſſario Geral, e o que lhe fora encarregado pelo Principe D. Sebaſtiaõ ſe recolheo ao ſeu amado domicilio da Inſua, onde com mayor fervor ſe applicava à comtemplaçaõ dos bens celeſtiaes, porem ſendo acometido de varias moleſtias mudou de clima, fazendo a ſua aſſiſtencia no Convento de S. Franciſco de Lisboa até o anno de 1570. donde por causa de huma controverſia, que ſe agitou entre elle, e o Cardial D. Henrique ſobre a eleiçaõ de hum Comiſſario Nacional ſe retirou para Caſtella buſcando o amparo do Biſpo de Oſma, que tinha ſido ſeu Secretario, em cuja companhia viveo taõ pouco tempo, que naõ excedeo a duraçaõ do anno ſeguinte de 1571. deixando aos Religioſos huma ſaudoſa memoria da ſua vida, e aos Prelados huma norma prudente do ſeu governo. Entre os Varoens mais celebres da Religiaõ Serafica he nomeado pelo Illuſtriſſimo Cunha *Hiſt. Eccleſ. de Brag.* Part. 2. cap. 51. onde lhe chama *Varaõ por muitos titulos eminente.* D. Nicol. de Santa Maria *Chron. dos Coneg. Reg.* liv. 4. cap. 9. n. 9. Cardoſ. *Agiol. Luſitan.* Tom. 1. pag. 213. no Commentario de 21. de Janeiro let. I. *Grande zelador da regular obſervancia, e dotado de ſumma prudencia ordenando ſaluberrimos Eſtatutos para univerſal beneficio de toda a Religiaõ com que deixou prudentes acçoens, que imitar a ſeus ſuceſſores, pelo que os Pontifices, e Reys de toda a Chriſtandade fizeraõ delle grande eſtima, e aſſim acabou o generalato com muito louvor naõ menos ſeu, e do nome Portuguez, que reputaçaõ da Ordem.* Eſperanç. *Hiſt. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 1. liv. 2. cap. 10. n. 6. e Part. 2. liv. 10. cap. 39. n. 2. Soled. *Hiſt. Seraf.* Part. 4. liv. 4. cap. 29. e Fr. Anton. da Piedade *Chron. da Prov. Arrabida.* Part. 1. liv. 2. cap. 1. e 2. e liv. 4. cap. 35. Jozé Soar. da Sylv. *Memor. Hiſtor. delRey D. Joaõ o I.* liv. 1. cap. 8. §. 81. 82. e 83. Eſcreveo.

Relaçaõ da ſua vida acabada de eſcrever em 3. de Agoſto de 1552. Cujo original ſe conſerva no archivo do Convento da Inſua onde a eſcreveo, continuada por ſeu Companheiro Fr. Manoel Favacho como teſtifica Fr. Fernando da Soledade *Hiſt. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 4. liv.4. cap. 29. n. 988. e 993.

Carta eſcrita de Madrid à Rainha D.

Catherin. em 5. de Agoſto de 1564. cujo original vimos na Torre do Tombo, e ſe guarda no Armar. 15. Maſſo 44. a qual eſtá impreſſa na Part. 2. das minhas *Memor. Polit. e Milit. delRey D. Sebaſtiaõ* liv. 1. cap. 23. n. 185.

ANDRE LEYTAM DE FARIA Cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto, Moço da Camara de S. Mageſtade, Official mayor, Eſcrivaõ do Aſſentamento, e Chancellaria do Senado deſta Corte, naceo em Lisboa a 31. de Março de 1638. ſendo filho de Joaõ Leitaõ de Faria Moço da Camara do Sereniſſimo Rey D. Joaõ o IV. e de Maria Gomes Monteira. Aprendeo a lingua Latina no Collegio de S. Antaõ dos Padres Jeſuitas, onde teve por Meſtre ao Padre Diogo Lobo, cujo nome ſerá ſempre memoravel pela ſua natural diſcriçaõ, e ouvio Filoſofia, e Theologia Moral do grande, e famoſo Letrado Fr. Domingos de Santo Thomaz, eterno credito da Familia Dominicana, merecendo em huma, e outra Aula o applauzo de todos os ſeus Condiſcipulos, que admiravaõ a viveza do ſeu engenho. Cultivou com felicidade a Poeſia Latina, Caſtelhana, e Portugueza, unindo à elegancia do metro a profundidade do conceito. Eſcreveo com tanta perfeiçaõ, que as letras mais pareciaõ abertas ao buril, que formadas com a pena, de tal ſorte, que ordenando-lhe ElRey D. Pedro o II. quando determinava nomear Meſtre de eſcrever a ſeus Sereniſſimos filhos, que aprezentaſſe a ſua letra, o executou em tres treslados, admirando-ſe em cada hum delles tres generos de letras differentes cercados de diverſas flores feitas humas de riſco, outras de penadas, que pareciaõ impreſſas, e ſendo eleito para eſte honorifico miniſterio, ſe eſcuſou impedido dos annos, e achaques. Naõ foy menos inſigne na Arte da Pintura, ou foſſe de oleo, ou de illuminaçaõ, em que era unico, da qual ainda ſe conſervaõ algumas obras em poder dos eſtimadores de taõ primoroſa curioſidade. Abrio varias eſtampas em cobre ſendo entre ellas a mais perfeita o retrato do Excellentiſſimo Marquez de Tavora Luiz Alvarez de Tavora, que ſahio no frontiſpicio do livro, que a eſte Heróe dedicaraõ por obſequio funebre as Muſas Portuguezas. Foy ornado de ſumma affabilidade, taõ amante da verdade como inimigo do engano. Nunca pertendeo mayores honras do que aquellas, com que naceo, dizendo ſem jactancia, que naõ queria ſubir para ſe precipitar. Conſervou caſtidade conjugal, como à hora da ſua morte declarou o ſeu Director eſpiritual. Todos os dias rezava indiſpenſavelmente o Officio de N. Senhora, e o ſeu Roſario, naõ lhe ſervindo para taõ ſantos exercicios de impedimento as ſuas continuas occupaçoens. Conhecendo, que era chegado o termo da ſua vida, diſpoz com grande acordo o ſeu Teſtamento, ordenando em huma das clauſulas, que foſſe ſepultado ſem pompa. Recebidos todos os Sacramentos falleceo em Lisboa a 8. de Março, de 1722. faltando-lhe vinte, e tres dias para cumprir 84. annos de idade, e na Parochia do Santiſſimo Sacramento deſcanſaõ as ſuas cinzas. Foy caſado com D. Anna Maria de Figueiredo Calderon filha de Manoel Pinto de Perarva, e de ſua mulher D. Anna Calderon ambos naturaes da Imperial Villa de Madrid de quem teve cinco filhos, e tres filhas. Compoz.

Domini Ludovici Alvares de Tavora Marchionis de Tavora interitui Elegia.

Soneto Portuguez ao meſmo Aſſumpto. Sahiraõ eſtas duas obras no *Panegirico da vida, e Acçoens deſte Heróe* Lisboa por Antonio Rodriguez de Abreu 1674. 4. pag. 164. até 166.

Varios Epigrãmas, e Elegias Latinas, Sonetos, Romances, Outavas, Madrigaes, e Decimas Portuguezas, e Caſtelhanas a diverſos Aſſumptos com hum poema em Outava Rima, que conſta de tres Cantos, cujo argumento he a Vida de N. Senhora com eſte titulo.

Ao prodigio da Graça Maria Santiſſima na ſua Conceiçaõ, Encarnaçaõ do Verbo até o ſeu feliz tranſito. Começa.

As heroicas virtudes ſingulares
Maravilhas, e acçoens prodigioſas
De hũa Virgem mais pura ſem dezares
Que no mundo ſe viraõ portentoſas,
Se pòde o meu talento deſtes mares
Sulcar o pelago em maré de roſas
Com auxilio, e favor do Eſpoſo Santo
Da auguſtiſſima Fenis hoje canto.

Todas eſtas obras formaõ hum volume grande de folha, que conſerva em ſeu

poder Antonio Leytaõ de Faria filho do Author, Cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto, Cavaleiro Fidalgo da Caſa de Sua Mageſtade, Official mayor do Senado deſta Corte, Eſcrivaõ do Aſſentamento, e Chancellaria, Executor, e Contador dos Contos do meſmo Tribunal, o qual para eternizar a memoria de ſeu Pay brevemente as dará à luz publica.

ANDRE LOPES. muito ſciente em a Arte Nautica, que como Piloto exercitou muitos annos eſcrevendo para inſtrucçaõ dos que ſe applicaſſem a ella.

Roteiro ou Carta de marear de cuja obra fazem mençaõ o celebre Piloto Aleixo da Motta no *Roteiro da navegaçaõ da India,* e o moderno addicionador da *Bibliothec. Nautica* de D. Anton. de Leaõ Tom. 2. Tit. 3. col. 1148.

ANDRE LOURENÇO FERREIRA Portuguez como elle declara no frontiſpicio das ſuas obras. Foy Cancellario da Univerſidade de Mompilher, Phiſico mór delRey Chriſtianiſſimo Henrique IV. e do ſeu Conſelho. Compoz.

Scripta Taraceutica ubi de curſibus, de Melencholia, de ſenectute, de morbo articulari, de lue Venerea &c. Francofurti apud Guillielmum Fizerum 1622. fol.

Opera omnia Anatomica, et Medica ibi apud Gaſparem Rotelium 1627. fol.

P. ANDRE LUIZ natural de Evora onde em idade florente abraçou o inſtituto da Companhia de JESUS em 10. de Agoſto de 1585 e naõ de 1590. como ſe eſcreve na Bibliotheca da Companhia. Por eſpaço de outo annos dictou Rhetorica, por alguns Theologia moral, e por cinco foy Regente da Univerſidade de Evora. No miniſterio do Pulpito, e interpretaçaõ dos Textos da Eſcritura foy eminente, e naõ menos inſigne na exacta obſervancia dos Eſtatutos da Companhia. Paſſou da vida mortal para a eterna em 28. de Dezembro de 1639. Deixou promptos para a impreſſaõ dous tomos ornados de varia erudiçaõ de que fazem memoria a *Bibliothec. Societ.* pag. 52. D. Franc. Manoel na *Carta dos Author. Portug.* que he a 1. da 4. Centuria Fonſ. *Evora Glorioſa* pag. 425. Franc. *Imagem da Virtud. em o Novic. de Evor.* pag. 852. e no *Synops. Annal. S. J. in Luſitan.* pag. 277. n. 12. e Joan. Soar. de Brito in *Theat. Luſit. Litterat.* let. A. n. 33. dizendo delle *Statura fuit prægrandi, habitudine craſſiſſima, oculis ferreis, æruginеo colore.* Nicol. Ant. in *Bib. Hiſpan.* Tom. 1. pag. 62. O argumento deſtes dous tomos era.

Moyſés Paſtor Aulicus, Orator.

Breve diſcurſo ſobre a Junta dos Senhores Prelados em Thomar, feito pelo Padre André Luiz da Companhia de Jeſus. 4. Naõ tem anno, nem lugar da impreſſaõ, mas he certamente impreſſo em Lisboa.

D. Fr. ANDRE DE SANTA MARIA foy natural da Cidade de Lisboa, ſendo ſeus Pays Martim Vaz de Sampayo, e Magdalena do Couto. Como tiveſſe na patria felizmente occupado o tempo da puericia, e adoleſcencia no eſtudo da Grammatica Latina, e letras humanas, ambicioſo de alcançar nome illuſtre nas Campanhas de Marte, aſſim como o merecera nas de Minerva, ſe embarcou para a India quando contava deſoito annos de idade, e neſte belicoſo theatro obrou acçoens, que foraõ envejadas pelos Soldados, e Capitaens. Porém querendo conquiſtar o Ceo ſe aliſtou em outra mais nobre milicia, qual foy a Religiaõ Seraſica recebendo o Habito em o Convento de Cochim da Cuſtodia de S. Thomé, onde aprendendo as ſciencias podia enſinar as virtudes, ſendo em humas, e outras eminente. Atrahido da ſevera obſervancia dos Eſtatutos Seraficos, que ſe practicava em a nova Cuſtodia da Madre de Deos, alcançou faculdade do Cuſtodio Fr. Joaõ de Ceita, para que nella foſſe admittido, o que promptamente ſe lhe concedeo. Todo o ſeu talento empregou em beneficio dos ſeus domeſticos enſinando a huns a lingua Latina, e a outros a Theologia moral. Era muito douto nos Sagrados Canones, e em todo o genero de ſciencias, que conſtituhem hum perfeito Religioſo, por cujos dotes o fez o Tribunal da Inquiſiçaõ, ſeu Deputado, e Conſultor. Na Religiaõ occupou os lugares de Guardiaõ do Convento da Madre de Deos, donde foy aſſumpto para Cuſtodio da Provincia de Saõ Thomè no anno de 1585. O inſigne Heróe D. Luiz de Ataide, ViceRey do Eſtado,

o elegeo por ſeu Confeſſor, e a Mageſtade de Felipe II. o nomeou Biſpo de Cochim, e ainda, que fez toda a deligencia poſſivel para naõ aceitar eſta dignidade, foy nella confirmado pela Santidade de Xiſto V. em 19. de Fevereiro de 1587. e no ſeguinte ſagrado neſta grande dignidade. Naõ ſe eximio de algum genero de trabalho no exercicio paſtoral viſitando todos os annos a ſua Diocefe, erigindo Eſcolas para nellas ſe inſtruirem os Miniſtros do Altar, defendendo intrepidamente a juriſdicçaõ Eccleſiaſtica, levantando templos, e ornando-os com generosa magnificencia, punindo ſeveramente os peccados eſcandaloſos, e diſpendendo eſmolas com tal exceſſo, que ſempre excediaõ as ſuas rendas. Mais amante da quietaçaõ Religioſa, que da dignidade Epiſcopal ſupplicou com grandes inſtancias a ElRey, que lhe aceitaſſe a renuncia que naõ foy atendida ſe naõ depois do largo tempo de 28. annos. Recolhido ao Convento da Madre de Deos de Goa exercitou com grande diſvelo na ultima idade as virtudes, que ſempre practicara, até que chegou a hora em que recebeo o premio por ellas merecido em 10. de Novembro de 1618. e foy ſepultado na Capella, que elle dedicara ao Apoſtolo Santo André com eſte epitafio.

Aqui jáz Fr. André Biſpo, que foy de Cochim.

Paſſados cento, e ſete annos foy aberta a ſepultura a 8. de Agoſto de 1725. e achando-ſe o cadaver organizado, o tresladaraõ os Religioſos para o Capitulo, e ſobre a campa ſe lhe eſcreveraõ eſtas palavras.

Hinc reſurget o Veneravel Fr. André de Santa Maria IV. Biſpo de Cochim, e primeiro deſta Santa Provincia da Madre de Deos. Foy para aqui tresladado a 10. de Novembro de 1725.

Eſcrevem deſte Prelado o Padre Fernaõ de Queiros na *Vid. do Irm. Ped. do Baſt.* liv. 1. cap. 15. até 22. Fr. Paulo da Trindade *Conquiſt. Eſpirit. do Oriente* liv. 1. cap. 26. Manoel de Faria, e Souz. *Aſia Portug.* Tom. 3. Part. 3. cap. 4. n. 7. Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 420. e no Commentario de 27. de Mayo letr. G. Fr. Jacinto de Deos *Vergel de Plant.* cap. 1. Art. 4. e na *Vid. dos Frad. Menor.* cap. 21. §. 10. Fr. Fernand. da Soled. *Hiſt. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 5. liv. 2. cap. 32. n. 484. até 489. onde lhe aſſina a morte a 27. de Mayo de 1617. e mais diffuſamente Antonio Martins Porto Carreiro Vigario da Azambuja na vida deſte inſigne Prelado, que ſe naõ imprimio. Eſcreveo, como teſtifica Jorge Cardoſo no lugar allegado.

Carta Paſtoral com que inſtruya nos pontos principaes da Religiaõ Catholica aos ſeus ſubditos, a qual mandou traduzir na lingua de Ceylaõ para que foſſe mais intelligivel.

Expoſiçaõ ſobre a Regra de Saõ Franciſco, da qual diz Fr. Jacinto de Deos no *Vergel de Plant. e Flor.* pag. 39. *que o rigor com que a expoz moſtrou o zelo de ſeu eſpirito.*

De Teſtamentis fol. *M. S.*

A eſtas duas obras conſumio o tempo, como diz o meſmo Chroniſta.

Informaçaõ de hum Indio natural de Bengala, que viveo quatrocentos annos mandada a Felippe IV.

De cuja obra ſe lembraõ Fr. Jacinto de Deos no *Vergel de Plant.* p. 39. e a *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ novamente acreſcentada tom. 1. tit. 3. col. 57. Sahio traduzida em Caſtelhano Salamanca por Antonio Ramires 1609. 4. de que vimos hum exemplar; e no fim tem huma ateſtaçaõ de Diogo do Couto Guarda mór da Torre do Tombo da India, em que affirma haverlhe mandado o Biſpo D. Fr. André de Santa Maria por Fr. Antonio da Porciuncula eſta relaçaõ, em 2. de Agoſto de 1608.

P. ANDRE MARTINS natural de Serapicos termo da Villa de Chaves na Provincia Traſmontana filho de Joaõ André, e Izabel Luiz. Tendo ſido Parocho de huma Igreja querendo mais tratar da propria alma, que das alheyas, ſe recolheo na Companhia de JESUS no Collegio de Coimbra em 28. de Fevereiro de 1591. quando contava quarenta annos de idade. Foy exemplar em todo o genero de virtudes aos ſeus domeſticos, entre os quaes morreo com evidentes ſinaes de Predeſtinado, na Caſa de S. Roque no anno de 1632. Eſcreveo.

Vida da Serva de Deos Luſia dos Anjos Terceira de S. Franciſco natural de Ponte Delgada, a qual deo Joaõ Franco Barreto como affirma na *Bib. Portug. M. S.* ao Licen-

ciado Jorge Cardoſo para della extrahir as noticias, que eſcreveo no *Agiol. Luſit.* a 14. de Fevereiro, que foy o dia, em que morreo a Serva de Deos, e no Commentario do dito dia letr. G. confeſſa ſer eſta vida compoſta pelo P. André Martins.

Fr. ANDRE DA NATIVIDADE natural da Villa de Setuval onde ſahio à luz do mundo em o anno de 1605. Profeſſou o penitente inſtituto dos Religioſos Capuchos da Provincia de Santa Maria da Arrabida em o anno de 1624. quando contava 20. annos de idade. Neſta virtuoſa Eſcola continuamente afligia o corpo com diſciplinas, cilicios, e todo o genero de aſperas mortificaçoens. Por toda a vida ſe abſteve de vinho, e andou deſcalço. Pelo prolongado eſpaço de quarenta annos continuos habitou a Serra da Arrabida occupado na meditaçaõ das perfeiçoens Divinas, recitaçaõ das horas Canonicas, e na liçaõ de livros eſpirituaes, de cuja aſcetica doutrina ſendo diſcipulo podia ſer excellente Meſtre. Obrigado pela obediencia foy ſeis mezes Guardiaõ do Convento de Lisboa, que naquelle tempo ſe começou a edificar, em cujo governo conſervou no primitivo rigor a obſervancia do inſtituto Serafico. Preparava-ſe para o incruento Sacrificio do Altar com muitas horas de Oraçaõ, e tal era a piedade, e ternura com que o celebrava, que a participava aos ouvintes principalmente à Excellentiſſima Duqueza de Aveiro D. Anna Manrique de Lara. Toleradas com invicta paciencia acerbiſſimas dores cauſadas por ter tolhidos os pés, e maõs pelo largo tempo de quatro annos, voou o ſeu eſpirito para o Ceo, no Convento de Alferrara junto a Setuval em 30. de Novembro de 1684. quando contava 80. annos de idade, e 60. de Religiaõ. Como era perito nas ceremonias Eccleſiaſticas. Compoz.

Ceremonial, ou Ritual para uſo dos Frades da ſua Provincia. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira 1659. 4.

Eſta obra, como ao ſeu Author louva Lucas de Andrade na *Illuſtrac. aos Manoaes da Miſſa Solemn.* Illuſtr. 9. n. 3. *o P. Fr. André da Natividade no Ceremonial da Provincia da Arrabida, que curioſamente compoz para uzo dos Religioſos daquella Provincia inveſtigando tudo o que neſte particular eſtá diſpoſto pela Igreja.* Semelhante Elogio lhe faz Fr. Jozé de Jeſus Maria na *Chronica da Prov. da Arrabid.* Part. 2. liv. 3. cap. 24. dizendo, *que com ella deo hum claro indice da muita perfeiçaõ, com que celebrava o Santo Sacrificio da Miſſa, e cumprir com as ceremonias do Coro.* Compoz mais.

Varios livros devotos, que (ſaõ palavras do ſobredito Chroniſta no lugar citado) *pela noſſa pobreza ſe naõ chegaraõ a dar ao prelo.*

ANDRE NUNES natural da Cidade do Porto, e Meſtre de Grammatica em Villanova, que fica fronteira à ſua patria, de cuja paleſtra ſahiraõ inſignes diſcipulos. Naõ era menos douto nas materias Theologicas, que Grammaticaes eſcrevendo em dous tomos.

Theologia Scolaſtica.

Os quaes mandou imprimir em Anveres por ſua ordem, como diz Joaõ Franco Barreto na *Bibliotheca Luſit. M. S.*

Fr. ANDRE NUNES DE ANDRADE natural de Lisboa, irmaõ, ou ſobrinho do inſigne Varaõ D. Fr. Diogo Lopes de Andrade Biſpo de Otranto no Reyno de Napoles, de quem ſe fará mençaõ em ſeu lugar. Naõ ſómente profeſſou como elle o inſtituto dos Eremitas de Santo Agoſtinho, que recebeo na Provincia de Andaluſia, mas foy ſeu emulo aſſim na eloquencia concionatoria, como na laborioſa applicaçaõ, com que revolvia as obras dos Santos Padres. Intentou reduzir a ordem Alfabetica os lugares communs da Sagrada Eſcritura, e illuſtrallos com commentos, mas impedido pela morte naõ pode acabar mais que huma parte, em que ſe comprehendiaõ as letras A. B. e naõ ſómente o A. como eſcreve Nicolao Antonio na *Bib. Hiſpan.* Tom. 1. pag. 63. a cuja obra póz o titulo ſeguinte.

Vergel de la divina Eſcritura. Cordova por Juan Barreira 1600. fol. Na Cenſura, que por Ordem delRey fez a eſta obra o Meſtre Fr. Diogo de Avila da Ordem da Santiſſima Trindade juntamente com ella approvou a 2. Part. que chegava até a letra. L. como ſe pode vér na pag. 3. da 1. Part.

ANDRE NUNES DA SYLVA Naceo em Lisboa a 30. de Novembro de 1630.

e foy bautizado na Real Parochia de S. Juliaõ a 8. de Dezembro do meſmo anno. Na primeira idade paſſou com ſeus Pays Franciſco Nunes da Sylva, e Marianna da Cruz ao Rio de Janeiro, e no Collegio dos Padres Jeſuitas eſtudou naõ ſómente as letras humanas, mas penetrou os myſterios da Filoſofia com tanto credito da ſua applicaçaõ, que mereceo receber o grào de Meſtre em Artes. Para aprender a ſciencia dos Sagrados Canones, ſe embarcou para Portugal a 12. de Julho de 1650. em a frota, que conſtava de 22. navios, e querendo entrar o porto de Lisboa, o achou impedido com trinta nàos Inglezas de que era General Alberto Black por cauſa de terem nelle achado aſylo os Principes Palatinos Roberto, e Mauricio Sobrinhos de Carlos I. Rey de Inglaterra degollado pela infame rebeldia de ſeus Vaſſalos. Travado hum ſanguinolento combate entre a Armada Ingleza, e Frota Portugueza, em que foy abrazada a noſſa Almirante, e rendidas ſete nàos mercantis ficou André Nunes prizioneiro, e alcançando liberdade em Cadiz ſe reſtituhio pelo Algarve a Lisboa, onde reſtaurado das moleſtias padecidas paſſou à Univerſidade de Coimbra eſtudar Direito Pontificio de cuja faculdade recebeo o grào de Bacharel em 3. de Novembro de 1656. com applauzo dos ſeus Meſtres. Ordenado de Sacerdote regulou todas as acçoens da ſua vida pelas obrigaçoens de taõ ſublime eſtado. Foy hum dos mais celebres alumnos da Academia dos Singulares, onde explicou aquelles dous Oraculos da Politica, e Poeſia Cornelio Tacito, e Luiz de Camoens. Neſte erudito theatro ſe admirou repetidas vezes a metrica conſonancia das ſuas vozes, e a elegante energia dos ſeus diſcurſos alcançando multiplicados Elogios dos ſeus Collegas. Penetrado de hum heroico deſengano deſprezou todas as conveniencias temporaes, e ſe recolheo a 6. de Julho de 1684. na Religioſa Caſa dos Padres Theatinos, em cuja Companhia em o largo eſpaço de 20. annos obſervou ſem obrigaçaõ de votos huma vida exemplar. Foy cordial devoto do immaculado Myſterio da Conceiçaõ da Senhora em cujo reverente obſequio lhe conſagrava annualmente hum Soneto, e concedendo-lhe o Cabido da Cathedral de Lisboa huma Capela dedicada a eſta pura invocaçaõ ſituada na Freguezia de N. Senhora das Merces, para que a ornaſſe, elle o executou com ſumma deſpeza, e igual decencia edificando-lhe hum novo Altar, e debaixo delle mandou abrir a ſua ſepultura. Ao tempo que contava 74. annos de idade foy acometido de hum accidente de parlezia a 29. de Abril de 1705. tendo acabado de dizer Miſſa, e recebendo o Sacramento da Extrema Unçaõ com ſumma piedade entre varios actos de Fé, e reſignaçaõ na vontade Divina placidamente eſpirou a 3. de Mayo de 1705. O ſeu cadaver foy conduzido aos hombros dos Sacerdotes da Veneravel Irmandade de S. Pedro, e S. Paulo, da qual era Irmaõ, e ſepultado no lugar, que em vida tinha diſpoſto para ſeu jazigo, que era no pavimento da Capella da Senhora da Conceiçaõ, onde inſtituhio huma Miſſa perpetua pela ſua Alma applicando-lhe hum juro de ſeſſenta e cinco mil reis. O P. D. Manoel Caetano de Souſa, em memoria da ſincera amizade, que com elle tivera, compoz hum Diſcurſo Hiſtorico, e Panegyrico da ſua vida, que ficou imperfeito, lembrando-ſe na grande obra intitulada *Exped. Hiſpan. S. Jacob.* Tom. 2. pag. 1419. n. 287. da ſua peſſoa com eſte breve Elogio *Fuit laudatiſſimis moribus, et Sacerdote dignis... magnum ſui omnibus relinquens deſiderium.*
Imprimio.

Poeſias varias ſacras, e profanas. Lisboa por Domingos Carneiro 1671. 8.

Hecatombe ſacra, ou ſacrificio de cem victimas, em que ſe contem as principaes acçoens da vida de S. Caetano. Lisboa por Miguel Deſlandes 1686. 8. Conſta de cem Sonetos.

Sonetos à Conceiçaõ da Virgem Senhora Noſſa. Lisboa por Manoel Lopes Ferreira 1695. 8. Conſta de 30. Sonetos. Sahiraõ ſegunda vez Lisboa por Paſchoal da Sylva Impreſſor de ſua Mageſtade 1716. 4. com dez Sonetos ao meſmo Myſterio, compoſtos pelo P. D. Manoel Tojal da Sylva Clerigo Regular. Deſta obra ſe lembra o P. Antonio dos Reys no ſeu *Enthuſ. Poetic.* n. 188.

Oraçaõ recitada na Academia dos Singulares em 17. de Fevereiro de 1664. Sahio na 1. Part. da Academia dos Singul. pag. 313. Lisboa por Manoel Lopes 1692. 4.

Oraçaõ em verſo em hum Certame, e recitada na meſma Academia. Impreſſa na 2. Part. da Academia dos Singul. pag. 118. Lisboa pelo dito Impreſſor 1698. 4.

Oraçaõ recitada na dita Academia em 19. *de Fevereiro de* 1665. Impreſſa na 2. Part. da Acad. dos Singul. pag. 380.

Neſtas duas Partes ſe achaõ impreſſos doze Sonetos ſeus a diverſos aſſumptos.

Cançaõ à victoria do Amexial que levou o primeiro premio, a qual começa.

Glorioſo Conde a cuja fama o mundo
De eſfera breve he ponto limitado.

Sahio com as mais obras a eſte aſſumpto Amſterdaõ por Jacobo Van-velſen 1673. 4.

Obras *M. S.*

Arte de Rhetorica. 4.

Liçaõ Academica ſobre o Poema de Luiz de Camoens.

Liçoens Academicas ſobre as Hiſtorias de Cornelio Tacito.

Lizarda Novella Caſtelhana.

Hecatombe ſacra em Sonetos Caſtelhanos. Traduçaõ dos Portuguezes já impreſſos a qual eſtava prompta para a impreſſaõ.

Dez Sonetos à Conceiçaõ da Senhora, que intentava imprimir no anno em que morreo juntamente com os trinta já impreſſos.

Vinte, e Quatro Sonetos Caſtelhanos à Conceiçaõ da Senhora. Traducçaõ dos primeiros vinte, e quatro que entre os trinta tinha impreſſos.

Rimas varias 1. Tom.

Poema de Jeruſalem Libertada de Torquato Taſſo traduzido em Portuguez pelo Doutor André Rodriguez de Mattos, o qual conſta de 1915. Outavas, das quaes tinha emendado André Nunez da Sylva 349. fazendo muitas de novo, obra que emprendeo (como diz na advertencia preliminar) por credito da lingua Portugueza.

Seis Sermoens o 1. *do Santiſſimo Sacramento.* o 2. *da Circunciſaõ.* 3. *de N. Senhora dos Prazeres com profiſſaõ.* 4. *das Cadeas de S. Pedro.* 5. *dos Apoſtolos S. Pedro, e S. Paulo.* 6. *de Saõ Bernardo.*

Todas eſtas obras ſe conſervaõ na Livraria dos Padres Theatinos da Divina Providencia deſta Corte.

P. ANDRE PALMEIRO. Teve por patria a Cidade de Lisboa, e por Pays a Antonio Palmeiro, e Salvadora Fernandes. Quando contava quinze annos recebeo a Roupeta da Companhia de Jeſus no Collegio de Coimbra a 14. de Janeiro de 1584. Depois de ſer Meſtre de Humanidades 6. annos, de Filoſofia 4. e de Theologia 12. foy Reytor do Collegio de Braga. Querendo lucrar almas para Chriſto nas vaſtas regioens do Oriente partio no anno de 1617. com onze companheiros merecendo, que o D. Eximio o P. Franciſco Soares Granatenſe, em huma Carta latina, que eſcreveo a hum Padre, que aſſiſtia na India lhe fizeſſe o ſeguinte Elogio *In Indiam profiſciſcitur P. Andreas Palmerius magnus ſane vir, nemini in Luſitania ſecundus.* A ſua grande capacidade ornada de ſumma prudencia o conſtituhiraõ digno de ſer Deputado da Inquiſiçaõ de Goa provido a 10. de Mayo de 1621. Reytor do Collegio de S. Paulo, Viſitador do Malavar, e da Provincia do Japaõ, e Provincial por eſpaço de 8. annos das Provincias de Goa, e Malavar. Diſcorreo pela mayor parte da China até chegar a Nanquim, e Pequim principaes Cortes de taõ vaſto Imperio, em cujas jornadas padeceo intoleraveis trabalhos para beneficio das Chriſtandades, que o ſeu zelo intentou eſtabelecer nos Reynos de Tunquim, Camboya, e Aynaõ. Foy no mandar benigno, no comer parco, e no orar continuo. Accometido na ultima infermidade de acerbiſſimas dores as tolerou com invicta pacien cia, e reſignado na Divina vontade acabou a vida na Cidade de Macao a 4. de Abril de 1635. Eſcreveo.

Carta ao Padre Ixinda Antonio Japonez da Companhia de JESUS em que lhe dá os parabens da fortaleza com que tolerou o cruel tormento das aguas de Ungem.

A qual ſe póde ler impreſſa em a *Imag. do Nov. do Collegio de Coimbra* Tom. 2. liv. 4. cap. 36. compoſto pelo P. Antonio Franco, onde faz memoria de ſeu Author, e no *Ann. Glor. S. J. in Luſit.* pag. 187. como tambem o P. Pedro Franciſco Xavier de Charlevoix *Hiſtor. du Japon.* Tom. 2. pag. 308.

Fr. ANDRE DE S. PAULO Naceo na Villa de Serpa na Provincia do Alentejo no anno de 1579. de Pays nobres em

cuja companhia vivendo trinta annos, e conhecendo ainda que mancebo com prudencia de velho a caduca duraçaõ das delicias mundanas buſcou reſolutamente as eternas na auſtera reforma da Provincia da Arrabida, onde profeſſou no anno de 1609. Foy vivo exemplar da mais rigoroſa penitencia, de ſumma parcimonia na meza, de perpetua contemplaçaõ no Coro, de exacta obſervancia da regra, inimigo jurado do ocio, e ſingular amante da pobreza. Nunca detrahio da fama do proximo, antes aborrecia com tal exceſſo eſte vicio, que alguns annos antes, que morreſſe, alcançou de Deos o ſer ſurdo para que naõ ouviſſe os murmuradores. Todo o tempo que tinha vago das obrigaçoens de Religioſo o occupava na liçaõ dos livros aſſim aſceticos, como hiſtoricos, donde extrahio noticias com que compoz muitos volumes, que ainda ſe conſervaõ *M. S.* Foy Meſtre dos Noviços, Guardiaõ de muitos Conventos, e ultimamente Definidor, naõ lhe ſervindo todos eſtes lugares de impedimento para que deixaſſe de eſcrever em beneficio da republica litteraria tantas obras, cujo progreſſo ſuſpendeo a morte privando-o da vida em 20. de Janeiro de 1669. em o ſeu Hoſpicio de Lisboa em idade de 90. annos, e de Religiaõ 60. Deixou eſcrito pela ſua maõ.

Das Familias Religioſas, que floreceraõ em Portugal principalmente Carmelitas, Agoſtinhos, aſſim Conegos, como Eremitas; Bentos, do tempo em que entráraõ em Portugal, ſuas fundaçoens, e progreſſos. Tom. 1. dividido em 3. livros fol.

Das Familias Sagradas, que tem por inſtituto a Hoſpitalidade, e de como eſta virtude deve ſer exercitada com os Religioſos Tom. 2. dividido em 3. livros. fol.

Na prefaçaõ deſte tomo affirma ter cõpoſto outros tres, dos quaes os primeiros trataõ.

Das Sagradas Religioens Militares, que antigamente floreceraõ, e agora florecem. fol. O Terceiro.

Do principio da ſua Provincia, das fundaçoens dos ſeus Conventos, e das acçoens, e mortes dos ſeus Religioſos fol. *Naõ permitio* (como eſcreve Fr. Jozé de Jeſus Maria na *Chron. da Prov. da Arrab.* Part. 2. liv. 3. cap. 15. fallando deſtas obras) *a noſſa grande pobreza, que ſe communicaſſem ao Mundo por meyo do Prelo.*

Vida do Ven. Fr. Fernando de Santa Maria Religioſo Arrabido de que faz mençaõ Jorge Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 225. no Commentario de 18. de Março let G.

Vida de Fr. Franciſco dos Reys da Prov. da Arrabida. allega o meſmo Cardoſo Tom. 3. pag. 398. no Commentario de 24. de Mayo let. O. chamando ao Author *Religioſo antigo, e grave.*

P. ANDRE PINTO RAMIRES. Naceo em Lisboa no anno de 1596. e logo na ſua infancia pareceo, que fora mais animado pela piedade, que pela natureza, pois naõ contando ſeis annos de idade para merecer a protecçaõ da Mãy de Deos a quẽ venerava com affectuoſos obſequios lhe fez voto de Caſtidade, que conſervou illeſa por todo o diſcurſo de ſua vida. Ouvio as letras humanas na eſcola do inſigne P. Franciſco de Mendoça, do qual faz agradecida memoria no *Commento dos Cantares* lib. 3. cap. 1. v.º 13. §. 5. e com a doutrina de taõ grande Meſtre ſahio perfeitamente inſtruido tanto na Oratoria, como na Poetica, naõ ſendo menores os ſeus progreſſos na Filoſofia, na qual penetrando os ſeus mais reconditos myſterios recebeo o gráo de Meſtre em Artes. Ao tempo, que com mayor applicaçaõ eſtudava na Univerſidade de Salamanca a Theologia, e querendo inſtruirſe na perfeiçaõ Evangelica entrou na Companhia de Jeſus, quando tinha 22. annos, onde ſe conſtituhio hum perfeito exemplar de todas as virtudes Religioſas. A mayor parte do tempo, que lhe reſtava de ouvir peccadores no Confiſſionario, e reprehender vicios no Pulpito, o conſumia na Liçaõ dos Santos Padres donde extrahia copioſos theſouros de ſagrada erudiçaõ. No Collegio de Villagarcia dictou Humanidades aos ſeus companheiros por muitos annos, e em Salamanca explicou a Sagrada Eſcritura com grande fruto dos ſeus Ouvintes. Retirado ao Collegio de Monforte para com mayor ſocego ſe dedicar à contemplaçaõ das delicias celeſtiaes deixando iguaes documentos da ſua ſciencia, e virtude paſſou deſta vida à eterna em 23. de Mayo de 1654. Delle fallaõ com elogios *Biblioth. Societ.* pag. 55. dizendo *vir fuit non eruditione tantum, ſed morum etiam candore, virtutumque Religioſarum commendationæ conſpicuus.*

Nicol. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 65. Hipol. Marracius *Bib. Marian.* Part. 1. pag. 91. *Divini verbi præco eximius, inſignique virtute, doctrina, ac Religione ornatus,* e Jacobo Lelong. in *Bibliothec. Sacr.* pag. mihi 907. col. 1. Compoz.

In Cant. Cantic. dramatico tenore literali allegoria, et tropologicis notis explicatum. Lugduni ſumptibus Gabriel Bouſſat, & Laurentij Aniſſon. 1642. fol.

Deipara ab originis peccato præſervata opus Cathedris, & ſuggeſtibus non inutile: ubi poſtquam ſcholaſtico tenore quædam breviter expenduntur, fuſiſſime deinde ab Scriptura et Patribus amæniores ſemitas exerrat calamus. ibi apud eumd. Typog. eod. anno. fol.

Utriuſque Principum politices parallela iuſtæ et iniquæ ad cap. Iſai 14. Lugduni apud Petrum Proſt. 1648. fol.

Sacræ Scripturæ ſelecta, ſive ſpecilegium explanandæ litteræ moribus illuſtrandis. Lugd. eodem anno fol.

Commentaria in Epiſtol. Chriſti Domini ad Epiſcopos Aſiæ in Apocalypſi contentas. Lugd. per eumd. Typog. 1652. fol.

Philalelia, hoc eſt, honeſtiſſima fabula pro fide amicorum reciproca ibi apud eumd. Typog. 1647. fol. Nicolao Ant. na *Bib. Hiſpana.* com manifeſto erro lhe atribue a obra de *Chriſtus Crucifixus,* que certamente he ſeu Author o P. Diogo Pinto da Companhia de Jeſus.

Segunda parte dela maravilloſa vida dela Veneravel Virgen Marina de Eſcobar. Madrid por la viuda de Franciſco Nieto 1673. fol. Sahio eſta obra poſthuma.

Scholia in Statium Papinium de cuja obra diz a Bibliotheca da Companhia; *eruditionis plena, ſed non omnino perfecta.*

ANDRE DE QUADROS natural de Santarem filho de Simaõ de Quadros, e Joanna Pereira, Cavalleiro da Ordem de Chriſto, e Provedor das Vallas, Lizirias, e Paùs. Foy naõ menos illuſtre por geraçaõ, e proeſas militares, que pelo eſpirito poetico, com que fez celebre o ſeu nome nos Reynados de D. Joaõ o III. e ſeu Neto D. Sebaſtiaõ, a quem acompanhou na infeliz expediçaõ de Africa no anno de 1578. onde ficou cativo. Ainda, que por incuria dos ſeus Coevos naõ ſe fez publica alguma das ſuas obras poeticas, o genio, e talento, que tinha para a cultura da Poeſia, eternizou na poſteridade o inſigne Pedro Sanches na Carta eſcrita a Ignacio de Moraes em que faz hum illuſtre Cathalogo dos Portuguezes profeſſores daquella divina Arte ſendo hum dos mayores delles André de Quadros, ou Quadrado como lhe chama dizendo.

Hùc precor, húc oculos Moralis flecte; videſne
Inſignem juvenem pulchris qui fulget in armis,
Atque hederá cingit galeam, lauroque coronat?
Ille eſt Quadratus generoſo ſanguine cretus
Nonne vides faciem ingenuam, et grande inſtar in ipſo?
Hic quondam noſtras puerili ætate Camænas
Dilexit, quas nunc juvenis veneratur, amatque,
Exercetque libens nimium dilectus ab illis
Et Phœbo carus: qui quamuis Martia bella
Tractet, et armorum crepitu, clangore tubarum
Gaudeat, atque alacri hinnitu lætetur equorum;
Non tamen Aonidum fontes, lucoſque reliquit,
Exemploque ſuo noſtris oſtendit aperte,
Numquam Muſarum cætus, flavamque Minervam
Enervare animum, aciemque retundere ferri.

Fr. ANDRE DOS REIS Natural de Coimbra. Recebeo o Habito dos Carmelitas Deſcalços no Convento de N. Senhora dos Remedios de Lisboa onde profeſſou a 9. de Janeiro de 1639. e neſta reformada Familia ſempre ſe diſtinguio pela innocencia da vida, e profundidade da ſciencia. No Collegio da ſua patria dictou Filoſofia, e Theologia aos ſeus domeſticos com tanto credito do ſeu talento, que ainda que oculto nos Clauſtros ſe manifeſtou com tal exceſſo, que era ſempre conſultado nas materias mais graves, principalmente pertencentes à recta adminiſtraçaõ do Tribunal do Santo Officio. Foy inſigne Prégador, miniſterio que exercitou nos mais celebres Pulpitos da Corte, aonde era taõ grande o applauzo como o concurſo. Com ſumma prudencia adminiſtrou o lugar de Reytor do Collegio de Coimbra, Provincial, e Difinidor de toda a Congregaçaõ de Caſtella. Mais

cheyo de virtudes, que annos morreo no Collegio de Coimbra no anno de 1697. Imprimio.

Sermaõ de Santa Maria Magdalena de Pazzi prégado na ſua Canonizaçaõ no Convento do Carmo de Lisboa Impreſſo no livro intitulado *Foraſteiro admirado* Part. 2. pag. 111. Lisboa por Antonio Rodriguez de Abreu 1672. fol.

Sermaõ da admiravel Acenſaõ de Chriſto prégado em o Moſteiro de Santa Anna de Coimbra.

Sermaõ de Santa Iſabel Rainha de Portugal prégado de tarde em o Real Convento de Santa Clara de Coimbra. Sahiraõ juntos eſtes dous Sermoens Lisboa: por Henrique Valente de Oliveira. 1659. 4.

Epitome de pias, e doutas conſiderações ſobre o Divino Sacramento ſacrilegamente roubado. Lisboa por Domingos Carneiro 1671. 16. ſahio ſem o nome do Author que parte delle compoz, e parte compilou de outros Authores.

Commentaria in Geneſim. fol. *M. S.* Conſerva-ſe no Collegio dos Carmelitas Deſcalços de Coimbra.

Deixou muitos, e doutos pareceres que fez por ordem dos Inquiſidores ſobre materias pertencentes ao Tribunal do Santo Officio, e outras materias de que ſe podia formar hum volume de juſta grandeza, e ſómente ſe imprimio o que fez ſobre eſta queſtaõ.

Utrum liceat immo valide poſſint fideles in hoc Luſitaniæ regno, & ejus ditionibus degentes plures Bullas Cruciatas pro ſuo libito intra ejuſdem anni curriculum pro mortuis accipere; an ſolũmodo duas, alteram anni prinpio, alteram anni medio ſicut ipſi vivi pro ſe accipere valent? Sahio à luz publica in *Quæſtionib. Select. de Bulla Sanctæ Cruciatæ* Auctore D. Laurentio Pires de Carvalho Tom. 1. a pag. 59. até 70.

O P. D. Manoel Caetano de Souza lhe chama pag. 76. do livro allegado das *Queſt. Select. da Bulla: Vir à Theologica eruditione, à Sacra eloquentia, & à notitia Hiſtoriæ Eccleſiaſticæ laudatiſſimus,* e Fr. Martial. a S. Joan. Bapt. in *Bib. Script. Carmel. Excalc.* pag. 17. *Scientia, & pietate in tota Luſitania veneratioui fuit.*

ANDRE DE RESENDE cujo nome ſerà ſempre celebre nos Annaes da Republica litteraria, naceo na illuſtre Cidade de Evora no anno de 1498. e foy filho de Pedro Vaz de Résende, e Angela Leonor Vaz de Goes ambos deſcendentes de nobres Familias principalmente a dos Résendes de que elle ainda que modeſtiſſimo ſendo provocado ſe vangloria eſcrevendo a Jorge Coelho *Jactabis tu forſan Cælios tuos, aut potius Cuniculos: opponam ego clariſſimam olim, & nunc non obſcuri, nec humilis faſtigij Reſendiorum gentem à Vaſco Martino Reſendio, cui magno cognomen fuit, atavo per Gallionem ſeu mavis Ægidium Vaſium abavum, Vaſcum Martinum minorem proavum, Martinum Vaſium avum, Andream Vaſium patrem Reſendios ad me legitimis nuptiis, & liberali matrimonio derivatum. Ego Luſitani equitis filius ſum, qui bello Hiſpanienſi ſanguinem pro patria non ſemel fudit.* Na pueril idade de dous annos ficou Orfaõ de ſeu Pay, mas ſuprio eſta falta a prudente vigilancia da Mãy, que conhecendo o agudo, e perſpicaz engenho, de que o dotara liberalmente a natureza, o mandou inſtruir naquelles rudimentos de que eraõ capazes os ſeus annos, para que fizeſſe mayores progreſſos nas ſciencias de que dava firmes eſperanças o ſeu genio. Profeſſou na flor da adolecencia o inſtituto da Sagrada Ordem dos Prègadores, cujos Prelados admirando a vivacidade da ſua comprehenſaõ o mandaraõ no anno de 1512. a Alcalá, e depois a Salamanca, onde aprendeo as letras humanas com Antonio de Nebriſſa, e Ayres Barboſa Oraculos da Lingua Latina, e Grega, e ſahio em hum, e outro idioma taõ perito, que chegou a arrebatar as attençoens deſtes dous inſignes Meſtres, naõ ſendo menos verſado na Hebraica, em que o inſtruhio o celebre Nicolao Clenardo, que da meſma Univerſidade de Salamanca o trouxe para Meſtre da de Coimbra por ordem de ElRey D. Joaõ o III. Com a meſma facilidade eſtudou as ſciencias mayores recebendo a borla doutoral na faculdade de Theologia. Dezejoſo de augmentar os theſouros de erudiçaõ ſagrada, e profana, que já poſſuia, paſſou a Pariz, onde mereceo as eſtimaçoens dos Varoẽs mais doutos daquella Univerſidade naõ ſendo inferiores as que lhe fizeraõ Joaõ Vaſeo, Joaõ Campenſe,

e Rogero Reſcio egregios profeſſores das linguas Latina, Grega, e Hebraica. Deſte domicilio ſe transferio para Bruxellas obrigado da authoridade de D. Pedro Maſcarenhas Embaixador delRey D. Joaõ o III. ao Ceſar Auſtriaco, convidando-o para que o inſtruiſſe nas letras humanas, a cujo eſtudo era muito inclinado, e obedecendo promptamente à inſinuaçaõ do Embaixador o tratou com particulares ſignificaçoens de affecto, e o inſinuou na graça de Carlos V. que ſummamente eſtimava a Réſende uſando com elle de tanta benevolencia, que muitas vezes ſe lembra deſte Principe com agradecidas expreſſoens. Recebendo em Flandes a funeſta noticia da morte de ſua Mãy a quem terniſſamente amava, voltou no anno de 1534. a Evora, onde lhe conſagrou à ſua memoria como indelevel padraõ do ſeu affecto eſte elegantiſſimo epitafio.

Memoriæ, et pietati dicatum.

Salve mea Mater fœmina innocentiſſima cui me inter cunas relictum pius pater fidei tuæ non ignarus, extrema voce comiſit moriens: cujuſque perpetuo caſtiſſimoque viduvio educatus liberaliter annos triginta octo quidquid id ætatis ſum, quidquid futurus poſtea acceptum fero: audita morte tua adſum ab ultimis Germanis parentatum. Conlacrumans mæſtiter juſta ſolvi, & quoniam Te una mea mater adempta miſerabilem, et orbum tædet patriæ olim dulciſſimæ, iterum peregre revertor.

L. Andrèas Reſendius

Angelæ Leonoriæ Vaſiæ matri pientiſſimæ

& B. M. D. S. P.

Taõ altamente lhe penetrou o coraçaõ eſta fatal calamidade, que para naõ ter preſentes os eſtimulos de huma pena, que julgava ſer inconſolavel determinou auzentarſe para ſempre da ſua patria; porém como ElRey D. Joaõ o III. naõ quizeſſe, que o Reyno ficaſſe defraudado de hum taõ inſigne Varaõ, lhe impedio a reſoluçaõ nomeando-o Meſtre de ſeus Irmaõs os Infantes D. Affonſo, D. Henrique, e D. Duarte (e naõ ElRey D. Manoel, ſeu Pay como com erro manifeſto eſcreveraõ Mireo, e Scoto na *Bib. Hiſpan.*) e antevendo, que a vida Clauſtral, que profeſſava, lhe ſerviria de grande obſtaculo para exercitar eſte miniſterio, alcançou faculdade Pontificia para que mudaſſe o Habito Religioſo pelo Clerical, o que executou no anno de 1540. e ainda que viveo o largo eſpaço de trinta e tres annos ſeparado da companhia dos ſeus Religioſos ſempre obſervou exactamente a diſciplina regular, como ſe vivera no Clauſtro, vendo-ſe ſómente a mudança no Habito, e naõ em os coſtumes. Na ſua patria habitava em humas Caſas, que tinhaõ hum ameno jardim, cujo circuito eſtava ornado de antigos marmores, em que ſe liaõ gravadas varias inſcripçoens. Pouco diſtante dellas edificou huma Quinta muito deleitavel pela copia de arvores, e abundancia de agua, que corria de huma ſumptuoſa fonte, na qual eſtavaõ abertos em hum marmore eſtes Verſos.

Exere Nai caput tenebroſa é rupe; lætumque
Viſe tibi ſacrum, pomiferumque nemus;
Per quod ubi læto diſcurris libera fluxu
Arboribus veniat copia læta tuis.

Sobre eſta fonte levantou huma Caſa de prazer, e no ſeu frontiſpicio eſtava eſculpida huma Cruz, em cujo pé ſe liaõ eſtes Verſos.

Flecte genu; en ſignum, per quod vis victa tyrani
Antiqui; atque Erebi concidit Imperium:
Hoc tu ſive pius frontem, ſive pectora ſignes,
Nec Lemurũ inſidias, ſpectraq̃ vana time.

Para eſte dilicioſo domicilio ſe retirava alguns dias onde acompanhado dos ſeus familiares paſſava o tempo altercando com elles varias queſtõens litterarias. Como foſſe ſempre inimigo do ocio abrio nas ſuas Cazas, que eſtavaõ contiguas ao Palacio Archiepiſcopal, Eſcola publica aonde concorriaõ as principaes peſſoas da Cidade de Evora a ouvir a ſua doutrina diſtinguindoſe entre todos o Cardial D. Affonſo, que o eſtimava com tanto exceſſo, que muitas vezes lembrado das inſtruçoens que delle recebera, entrava nella deleitando-ſe de ſer ouvinte da ſua grande erudiçaõ. Foy ſempre ornado de eſpiritos generoſos, e de hum deſprezo taõ heroico de todas as dignidades do mundo, que ſendo ſummamente aceito ao Emperador Carlos V. a ElRey D. Joaõ o III. e aos Infantes ſeus Irmaõs, nunca teve ambiçaõ de algum lugar honorifico, ſendo o ſeu mayor diſvello eſtar continuamente revolvendo os livros, e eſcrevendo em diverſas linguas, que perfeitamente ſabia, as ſuas doutas, e varias compoſiçoens.

Na indagaçaõ dos monumentos da antiguidade Romana foy ſingular, chegando neſte genero de eſtudo a tal exceſſo, que todas as vezes que fazia jornada para alguma parte, levava diverſos inſtrumentos para com elles os extrahir das entranhas da terra. Naõ applicou menor cuidado no exame das Actas dos Santos examinando para eſte fim os mais celebres archivos das Igrejas de Portugal, e Caſtella, de cujo immenſo trabalho colheo copioſo fruto, como eſcreveo Galeſino na prefaçaõ do Martyrologio; *Luſtratis Hiſpaniæ Baſilicis, Cathedralibus, compertiſque antiquis tabulis Sanctorum Hiſpanorum Hiſtoriam diſerta oratione contexvit,* e Joaõ Vaſeo in *Chron. Hiſp.* Part. 1. cap. 5. *Certe Sanctorum hiſtorias Hiſpanorum non alibi meliore fide ſcriptas reperias; quas ille ante annos multos luſtrata feré tota Hiſpania tamquam quod futurum erat præſagiens, et ſummo ſtudio perquæſiuit, et ex Eccleſiarum libris, ubi quam emendatiſſimé reperiri poterant accuratiſſime deſcripſit.* Por eſta cauſa mereceo a primazia entre os mais celebres antiquarios aſſim ſagrados como profanos ſendo conſultado como Oraculo pelos mayores eruditos da Europa como expreſſamente o confeſſaraõ Vaſeo no lugar já allegado cap. 6. *Si quid mihi ſuboriretur ſcrupuli ad illum tamquam ad aſylum quoddam ſemper confugi, cujus exactiſſimum in re litteraria judicium non ſolum ego ſemper maxime feci,* e Scoto in *Bib. Hiſp.* Tom. 3. Claſſe 2. pag. 481. *Antiquitatis quoque patriæ, præſertim vero ſacræ peritus in paucis fuit; ut omnis ævi memoriam animo comprehenſam haberet, ferreturque in oculis quaſi Oraculum eſſet civitatum. Conſultus itaque frequenter Hiſpanis de rebus, et antiquitate à doctiſſimis hominibus, qui faſces illi ſubjecerunt &c.* Foy inſigne Poeta imitando fielmente nas Epiſtolas a Horacio, e nos Poemas a Virgilio. Naõ foy menos feliz na Oratoria obſervando religioſamente os preceitos do Principe da eloquencia Romana de que ſaõ claros argumentos as Oraçoens, que recitou, huma em a Univerſidade de Lisboa em o 1. de Outubro de 1534. e outra quando era Lente de Humanidades na Univerſidade de Coimbra em 28. de Junho de 1551. conciliando pela expreſſaõ dos termos, e energia da repreſentaçaõ os applauſos de todos os Academicos. O ſeu eſtylo era grave, elegante, e diſcreto, afectando muitas vezes algumas palavras eſcuras em obſequio da Veneravel antiguidade de que foy obſervantiſſimo cultor. Soube com perfeiçaõ a Arte da Muſica, cujos ſuaves preceitos deſtramente exercitava naõ ſómente cantando, mas tangendo diverſos Inſtrumentos. Na ſciencia Theologica naõ mereceo menor veneraçaõ, que na Rhetorica Eccleſiaſtica com a qual em numeroſos Auditorios fez taõ reſpeitado o ſeu nome, que o elegeo por ſeu Prégador ElRey D. Joaõ o III. e o foy do Sereniſſimo Infante Cardial D. Henrique. Eſtes taõ inſignes dotes de que prodigamente o ornou a natureza, e a arte, lhe alcançaraõ as eſtimaçoens dos Monarchas, e Principes Portuguezes; dos Varoens mais famoſos do ſeu tempo, como foraõ Jeronymo Oſorio, Damiaõ de Goes, Achiles Eſtaço, Jeronymo Cardoſo, e Diogo Mendes de Vaſconſellos Portuguezes, Eraſmo Roterodamo, Conrado Goclenio, e Joaõ Vaſeo Flamengos, Joaõ Phlu, e Joaõ Dantiſco Polacos, o Cardial Antonio Puccio Italiano, e Martim Aſpilicueta Navarro, Gracilaſſo, Ambroſio de Morales, Bartholameu Kabedo Eſpanhoes, e por outros Sabios com quem teve erudita comunicaçaõ. Conſiderando, que era mortal mandou laurar a ſua ſepultura na entrada do Capitulo do Convento dos Dominicos de Evora querendo conſervar entre a frialdade das cinzas o ardente affecto, com que ſempre amara a Religiaõ de que fora filho. Na Campa ſe gravou eſte Epitafio.

L. Andræas Reſendius H. S. E.

Morreo na ſua patria em 9. de Dezembro de 1573. quando contava 75. annos de idade. Foy de eſtatura alta, olhos grandes, cabello creſpo, cor morena, de aſpecto alegre, e taõ affavel para os domeſticos, como ſevero para os diſcipulos. O ſeu nome ſerá ſempre memoravel na poſteridade, e nunca baſtantemente applaudido pelas pennas dos mayores Eſcritores pois alèm dos allegados o celebraõ Andrad. na *Chron. delRey D. Joaõ o III.* Part. 3. cap. 69. chamando-lhe *Homem de muitas letras, e authoridade.* Eſtaço *Antig. de Portug.* cap. 2. §. 25. *Inſigne Theologo, e illuſtre antiquario... Lume notavel de varia erudiçaõ,*

e universal Doutrina a quem como a Oraculo acudiaõ com ſuas perguntas Joaõ Vaſeo, Joaõ de Barros, Gaſpar Barreiros, Diogo Mendes de Vaſconcellos, Bartholameu Kebedo Conego de Toledo, Ambroſio Morales, e outros, e cap. 44. §. 4. *Excellente Theologo, Orador, e Poeta,* Barreiros *Corograph.* fol. 2. *Varam muy douto em todo o genero de diſciplinas, e grande inveſtigador de couſas antigas.* Oſor. in *Epiſt. Nuncup. de rebus Emman. Vir doctiſſimus.* Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 1. pag. 269. no Comment. de 27. de Janeiro let. A. *exquiſito, e acertadiſſimo antiquario.* Macedo *Luſit. Purp.* et *Inſul.* pag. 225. *inſignis illius ætatis antiquarius.* Sampayo in prolog. *Vit. B. Petri Eborenſis: Doctorem inſignem* Damian. de Goes in *Deſcript. urbis Ulyſſip. Vir doctorum omnium judicio et calculo comprobatus.* Arnold. Myllio in *Epiſt. Dedicat.* das ſuas obras a Simaõ Rodrigues. *Ille enim omni doctrinæ genere poetica, oratoriaque facultate, juxta atque Hiſtoriarum, Eccleſiaſticarumque rerum peritia inſtructus... ad patriæ antiquitates illuſtrandas ſic aggreſſus eſt, ut qui hominis induſtriam mirantur, plurimos, qui vero imitentur, paucos invenies.* Bivar *ad Dextrum* 134. n. 6. *Authorem claſſicum.* Lud. a D. Franc. in præfat. *Glob. Canon. diligentiſſimum antiquarium.* Nicol. Ant. in *Bib. Vet. Hiſp.* lib. 2. cap. 10. n. 450. *Criticus, & poeta celebris famæ;* et lib. 4. cap. 2. n. 23. *Vir eximiæ eruditionis, et judicij, et* lib. 7. cap. 4. n. 79. *Lumen Portugalliæ magnum,* e na *Bib. Hiſp. recent.* Tom. 1. pag. 66. col. 1. *Opera ejus ſi legeris, omnes induſtriæ accuratiſſimæ, ac reconditæ eruditionis numeros, ſive in ſacra, ſive in profana re completos ſumma cum jucunditate experiaris.* Nicolao Clenardo allegado por Vaſeo *Chron. Hiſp.* cap. 6. *Poeta inſignis tanta carminis majeſtate, tam nervoſis inventionibus donatus ab Apolline, ut ſi in ſtudio poetico perduraret, tam nobilem vatem haberet Ebora, quam olim genuit Corduba.* Ambr. Moral. in *Epiſt. ad ipſum Reſend. Amo te Reſendi doctiſſime, amo te, et unice profecto diligo: vel de tua nobilitate, quam mihi ego in bonis ſemper ſuſpiciendam, et colendam exiſtimavi: vel de tua iſta inſigni eruditione, et eximia Hiſpanæ antiquitatis cognitione, quæ noſtrates omnes præcellere, et longo intervallo videris anteire: ut carminum tuorum jucunditatem mihi poetices amantiſſimo dulciſſimam orationem, gravitatem eloquentiæ commendabilem interim taceam,* e na *Chron. de Eſpaña* liv. 11. cap. 3. *el Maeſtro Andréa Reſendio de quien ſiempre, que ſe habla ſe habla de un Varon muy docto, y de gran juicio en todo genero de antiguidades.* Cellarius *Geograph. Antiq.* lib. 2. cap. 1. Sect. 1. §. 5. e 21. *doctiſſimus* poſto que ſe equivoca chamando-lhe Lourenço em lugar de Lucio, em cujo erro tinha cahido Abrahaõ Bucholcero in *Nologic.* ad ann. 1577. Anton. Senenſ. in *Bibliotheca. Fratr. Ord. Prædicat.* pag. 18. *Vir doctiſſimus in politioribus litteris, linguarum notitia clarus, et omnis generis antiquitate mirus indagator, et verbi Dei præco præſtantiſſimus.* Barnab. Moren. de Varg. *Hiſt. de Merid.* liv. 1. cap. 3. *Varon inſigne.* Manoel de Faria, e Souſ. *Cathal. dos Eſcrit. Portug.* Original de que uſamos, *famoſo en letras humanas,* e no *Comment. às Luſia. de Camoens.* Cant. 3. Eſtanc. 127. *Judicioſiſſimo* No *Epit. das Hiſt. Portug.* Part. 5. cap. 15. ſe enganou fazendo dous Reſendes diferentes, hum que eſcreveo Hiſtoria; e outro Vidas de Santos ſendo o meſmo, cuja opiniaõ errada ſeguio Joan. Suar. de Brito in *Theat. Luſit. Litterat.* lit. A. n. 44. Fonſ. *Evor. glorioſ.* pag. 404. *reſplandecendo entre tantos aſtros como Sol entre as Eſtrellas* Marinho *Fund. de Lisboa* liv. 1. cap. 7. *eruditiſſimo,* & ibi. cap. 10. *diligentiſſimo* Monteiro Clauſt. Domin. Tom. 3. pag. 136. Echard. *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. pag. 221. Leytaõ *Memor. da Univerſidade de Coimb.* pag. 539. n. 1154. Jacob. Uſerius de *Britan. Eccleſ. primord.* cap. 137. Patr. Angel. Sper. de *Profeſſor. Grammat.* lib. 4. fol. 401. Ghilin. *Theatr. di huom litterat.* Tom. 2. pag. 17. Poſſevin. in *Appar. Sacr.* Tom. 1. pag. 76. Nicol. Coelius ad lect. *Virum in omni diſciplinarum genere conſumatiſſimũ* Philip. Lab. *in Mantiſſa antiquariæ ſupelectilis.* Eduard. Non. Cenſur in libellum *de Regn. Port. Origin.* fol. 3. *Luſitanarum antiquitatum maximus indagator.* Flavius Jacob. *Odar.* lib. 1. ode 4.

Permeſſi vada limpidis
Immiſces Durij fontibus et nova
Cingis fronde comas ó decus ò jubar
O ſplendor patriæ gentis, et unicum

Vatis præſidium tui.

Petrus Sanches in *Epiſt. ad Ignat. Moral.*

Tu quoque dum ſummis deſcendent montibus umbræ
In mare declivi current dum flumina curſu
Docta per ora virùm volitabis magne Reſendi.
Te querulo extinctum gemitu, ſparſiſque capillis
Theſpiades, Nymphæque ſimul flevére Taganæ,
Atque hederas digitis flava de fronte virētes
Immixtas Sacræ lauro decerpſit Apollo,
Fregit, et iratus Cytharas, et eburnea plectra:
Heu quot theſauri fœcundo pectore in illo
Rerū antiquarum miracula quanta latebant?
Non plura edocuit Varro, Carmentave mater;
Verſus aut cecinit Delphis oracula Phœbus.

Jeronimo Cardoſo in *Epiſt.* 6. *Cujus præclara eruditio quaſi lumen aliquod extinctis jam pene litteris elucet.* e no liv. 2. *Elegiar.* Eleg. 10.

O cui Palladiam Phyto facunda coronam
Præbuit auratam Phœbus, et ipſe lyram.
O cui præmiſit natas audire canentes
Mnemoſyne Aonij fons, et origo chori:
O cui concluſit raras in pectore dotes
Natura haud ulli mitior ante viro.
Quid facis Andræa noſtræ lux unica gentis
Et generis nimiùm firma columna tui.

Et in lib. 1. *Sylvar.*

Quæ te tam fauſto, & claro ſub ſydere natum
Suſtulit? Andréa noſtræ decus addite genti;
Cujus in aſtra volat clarum per ſæcula nomen
Curribus evectum famæ...
Ecce venit toti vates Heliconius orbi
Lampada dimotis nebulis, & clare daturus
Lumina; nunc hederis nunc lauro cingite crines
Caſtalides veſtras, tantoque occurrere vati.

O P. Antonio dos Reys no *Enthuſiaſmo Poetico,* que ſerve de prefaçaõ aos ſeus Epigrammas. n. 4.

= *Celeber Reſendius, orbis*
Quá patet immenſus fama bene notus, avená
Seu cupiat ceciniſſe levi, ſeu dicere proſá:
Ille ſub obſcuris latitantia ſaxa ruinis
Qui prior incubuit, potuitqne evolvere Luſis,
Unica Romanæ retegens veſtigia gentis.

Cathalogo das obras impreſſas.

Libri quattuor de Antiquitatibus Luſitaniæ. Eboræ apud Martinum Burgenſem 1593. fol. *Acceſſit liber quintus de antiquitate Municipij Eborenſis* à Jacobo Menetio Vaſconcellio. Romæ apud Baſſam 1597. 8. Coloniæ Agrippinæ ex Officina Brickmanica. 1600. 8. Coloniæ apud Gerardum Grevemburch 1613. 8. & in Tom. 2. *Hiſpan. Illuſtrat.* à pag. 892. uſque ad 893. Francof. apud Claudium Marnium 1603. fol.

Hiſtoria da Antiguidade da Cidade de Evora. Evora por Andre de Burgos 1553. 12. e ſegunda vez examinado pelo Author Evora pelo dito Impreſſor 1576. 12. vertida em Latim por André Scoto Colon. Agrippinæ ex Officin. Birckmannica. 1600. 8. in Tom. 1. *Oper. Reſend.* à pag. 255. uſque ad 303.

Pro Sanctis Chriſti Martyribus Vincentio Olyſſiponenſi patrono, Vincentio, Sabina, & Chriſtbetide Eborenſibus civibus, & ad quædam alia reſponſio ad Bartholameum Kebedium Sancte Toletanæ Eccleſiæ Sacerdotem Virum doctiſimum. Olyſſip. apud Franciſcum Garcionem in Officina Joanis Barreræ Typ. Reg. 1567. 4. et in Tom. 2. *Hiſp. Illuſtrat.* Francof. apud Claudium Marnium 1603. fol. a pag. 1003. ad 1021. Colon. apud Gerardum Grevemburck. 1613. 8. Colon. Agrip. apud Offic. Birckman. 1600. 8. in Tom. 2. *Oper. Reſend.* à pag. 151. uſque ad 226. A eſta epiſtola chama doutiſſima D. Nicol. Ant. in *Bib. Hiſpan.* Tom. 1. pag. 66. col. 2.

Endeca ſyllabum ad Sebaſtianum Regem.

Ad Deum Patrem ob calamitatem ſectarum oden.

Ad Chriſtum optimum maximum Reſendij Confeſſio carmen.

Epiſtola ad Reverendum in Chriſto Patrem D. Gaſparum Caſalem Epiſcopum Leirinenſem. Verſo Heroico.

Reſponſio Epigrammati Oratoris Regis Angliæ in Effligiem Sebaſtiani Regis.

Todas eſtas obras poeticas ſahiraõ Olyſipone apud Franciſcum Garcionem in Officin. Joan. Barreræ 1567. 4. et Colon. Agrip. ex Officina Birckamannica 1600. 8.

Epicedion, et ode de rapto Daciæ Principe. Bononiæ apud Joan. Baptiſt. Phaellum

1533. 4. et Colon. Agrippin. ex Offic. Birckmannica 1600. 8. in Tom. 2. *Oper. Reſend.* à pag. 57. uſque ad 60.

D. Emmanuelis P. F. invicti filiæ, D. Joannis III. P. F. invicti Sorori Mariæ Principi eruditiſſimæ Epiſtola Heroica. Conimb. apud Joan. Barrerium, et Joan. Alvarum Socios Typ. Reg. menſe Julio 1551. 4. et Colon. Agrip. ex Officin. Birckmannica. 1600. 8. in Tom. 2. *Oper.* à pag. 78. ad 82.

Ad Epiſtolam D. Ambroſij Moralis viri doctiſſimi inclytæ Academiæ Complutenſis Rhetoris, ac regij hiſtoriographi reſponſio. Simul.

Ad Sebaſtianum Luſitaniæ Regem Sereniſſimum ob regni acceptum regimen Carmen. Eboræ apud Andream Burgium Typ. Seren. Princip. Cardin. Menſe Mayo 1570. 4. Eſta Poeſia ſahio Coloniæ Agrip. ex Offic. Birckman. 1600. 8. in Tom. 2. *Oper. Reſend.* à pag. 84. ad 88. A repoſta a Ambroſio de Morales ſahio no livro intitulado *Deliciæ Luſitano-Hiſpanicæ* Colon. apud Gerardum Grevemburch. 1613. 8. et Col. Agrip. ex Offic. Birckman. 1600. 8. in Tom. 2. *Oper. Reſend.* à pag. 233. ad 263. et Tom. 2. *Hiſpan. Illuſtrat.* Francof. apud Jacobum Marnium 1603. fol. à pag. 1023. ad 1031.

Ad Philippum Maximum Hiſpaniarum Regem ad maturandam adverſus rebelleis Mauros expeditionem cohortatio. Carmen. Simul.

Ad Sebaſtianum excelſum Luſitaniæ regem epigramma Eboræ apud Andreum Burgium menſe Martio 1570. 4. et Colon. Agripin. ex Offic. Birkmannica 1600. 8. in 2. Tom. *Oper. Reſend.* à pag. 99. ad 106.

Vincentius Levita, et Martyr Opus epicum in duos libros diviſum. Cum adnotationibus Authoris. Eſtas notas fez à petiçaõ de ſeu amigo Martinho Ferreira para mayor clareza do Poema as quaes compoz no breve eſpaço de dez dias. Olyſſipone apud Ludovicum Rodrigues 1545. 4. & ibi Typis Joannis Barreira 4. Colon. Agrip. ex Offic. Birckman. 1600. 8. in Tom. 2. *Oper. Reſend.* à pag. 5. ad 90.

Ad Fernandum Rhotorigium Almadicum Rhotorigii Fernandi Almadici filium optimæ ſpei puerum. Carmen epicum. Colon. Agrip. ex Officin. Birckman. 1600. 8. in Tom. 2. *Oper. Reſend.* à pag. 36. ad 40.

Epiſtola heroica, ſive invectiva in Vitam aulicam, et ſimul carmen Petrejo Alphani ſuo. Bononiæ apud Joan. Baptiſt. Phaellum 1533. 4.

In obitum Joannis Tertii Luſitaniæ Regis conqueſtio. Ulyſſipone apud Joannem Blavium. 1567. 4. et Colon. Agrip. ex Offic. Birckman. 1600. 8. in Tom. 2. *Oper. Reſend.* à pag. 72. ad 17.

Duæ epiſtolæ heroicæ, altera ad Lupum Scintillam, altera ad Petrejum Sancium. Ulyſſip. apud Joan. Blavium 1561. 4. et Colon. Agrip. ex Officin. Birckmannica 1600. 8. in Tom. 2. *Oper. Reſend.* à pag. 107. ad 122.

Oratio pro roſtris habita in Olyſſiponenſi Academia Kalend. Octob. an. 1534. Olyſſipone apud Germanum Gallard. 1554. 4.

Oratio habita Conimbricæ in Gymnaſio regio anniverſario Dedicationis ejus die IV. Calend. Julij. 1551. Conimbricæ apud Joan. Barrerium, et Joan. Alvarum Typ. Reg. 1551. 4. et Colon. Agrip. ex Offic. Birckmanica 8. Tom. 2. *Oper. Reſend.* à pag. 266. ad 284.

Sermaõ prégado em ho Synodo Dioceſano, que em Evora celebrou o Reverendiſſimo Senhor D. Joaõ de Mello Arcebiſpo de Evora ho primeiro Domingo do mez de Fevereiro 1565. Em Caſa de Franciſco Correa Impreſſor do Cardial Infante noſſo Senhor a hos XVII. dias de Agoſto de 1565. 4. Sahio vertido em Latim Colon. Agrip. ex Officin. Birckman. 1600. 4. in 2. Tom. *Oper. Reſend.* à pag. 285. ad 304.

Ha Sancta vida, e religioſa converſaõ de Fr. Pedro Porteiro do Moſteiro de Sanct Domingos de Evora. Tem no fim, como nella vimos, eſtas palavras. *Foy viſto eſte Compendio per hos muitos magnificos, e reverendiſſimos Señores hos Señores Meeſtre Fr. Manoel da Veiga, e ho Doctor Diogo Meendes de Vaſconcellos Inquiſidores, em eſte Arcebiſpado de Evora por ho Cardeal Inffante noſſo Señor, e per ſua auctoridade que aquy vay interpoſta, Andree de Burgos Cavalleiro da Caſa do dito Señor, e ſeu Impreſſor ho imprimio em Evora no mez de Octubro do año de* 1570. 4. Foy eſta vida traduzida na lingua Latina por Fr. Eſtevaõ de Sampayo Dominico com alguns additamentos, e ſahio no livro intitulado *The-*

zaurus arcanus Luſitanis gemmis refulgens. Pariſiis apud Thomam Perier 1586. 8.

Converſionis mirandæ D. Ægidij Doctoris Pariſienſis Ord. Præd. libri quatuor.

Eſta obra prometeo Fr. Antonio de Sena in *Bibliothec. Fratr. Ord. Præd.* pag. 34. que havia de imprimilla, cujo Original ſe conſerva no Convento de Santarem, o que executou Fr. Eſtevaõ de Sampayo no livro aſſima allegado, na qual mudou, e acrecentou algumas couſas: *Qui utinam* (como eſcreve o eruditiſſimo Echard in *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. pag. 225.) *qualis à Reſendio prodierat, reddidiſſet, notis ſuis ubi libuiſſet tantum appoſitis: ſacra enim ſunt hujuſmodi præſertim clarorum virorum opera, quæ temerare nemini licet.* Deſta obra faz menção Fr. Franciſco Brandaõ *Monarc. Luſit.* Part. 5. liv. 16. cap. 14.

Breviarium Eborenſe. Olyſſipone apud Ludovicum Roterigium Bibliopolam Typographum Regium. Anno a Chriſto nato milleſſimo quingenteſimo quadrageſimo octavo, menſe Aprili. 8. Começa o prologo compoſto por Rèſende, com eſte titulo. *Ad Lectores.* e abaixo principia *Accipite Chriſti JESU Sacerdotes, ac Sacerdotij candidatiomnes Divinorum Officiorum juxta ritum Sanctæ Eborenſis Eccleſiæ Breviarium.*

De cujo trabalho, que applicou para eſta obra faz illuſtre memoria Joaõ Vaſeo in *Chron. Hiſp.* cap. 5. dizendo. *Ita nitori ſuo reſtituit, ut non arbitror aliud reperiri exactiori judicio concinnatum.*

Officium, et Miſſa Sanctæ Eliſabethæ Reginæ Portugalliæ. Ulyſſipone. 1551. 8.

Officium, et Miſſa Sancti Gundiſalvi de Amarantho Deſte Officio diz Fr. Luiz de Souſa na *Hiſtor. de S. Doming. da Prov. de Portug.* liv. 5. cap. 11. *fora compoſto com huns hymnos de taõ fina Poeſia, que ſe ſente nella o cheiro da melhor, e mais polida dos celebres Poetas antigos.* Naõ ſomente compoz os hymnos, e reſponſorios deſtes dous Officios quanto à letra, mas a Solfa do Cantochaõ, em que era muito perito para por ella ſe cantarem, como o meſmo Réſende na *Epiſtola ad Kebedium* já allegado, eſcreve. *Muſici exquiſitioris decus non ambivi, tantum cum Officia non nulla hujus noſtræ Eborenſis Eccleſiæ à mea Officina prodierint, ex eadem tantum adjeci duobus alteri Reginæ Sanctæ Eliſabeth, alteri huic D. Gundiſſalvi*; e fallando do Officio de S. Gonçalo diz *B. Gundiſalvi Officium à me compoſitum mire extollis, gaudeo ſane, et ita vere adfectum eſſe te non ſolum gaudeo, ſed exulto. Modulationem tamen cantûs valde improbas. Quid ni improbes? Quum tam depravate typis excuſa ſit, ut ego eam nec aduſcam, nec ſaltem cantare me poſſe ullo modo ſperem qui eam compoſueram.*

De Verborum conjugatione commentarius. Ulyſſipone apud Ludovicum Rotirigium. 1540. 4. Colon. 1610. 8. He huma Arte de Grammatica para D. Leonor de Noronha, e ſeu irmaõ o Conde de Alcoutim filhos de D. Fernando de Menezes II. Marquez de Villa Real.

Genethliacon Principis Luſitani Regis Joannis filij prout in Gallia Belgica celebratum eſt à clariſſimo Viro Petro Maſcaranio menſe Decembri 1532. Bononiæ apud Joan. Baptiſt. Phaellum 1533. 4.

Ludovicæ Sigeæ tumulus Elegia. Ulyſſip. apud Hæredes Germani Galiardi 1561. 4. Começa.

Occubuit Sigæa decus telluris Iberæ,
Ac ævi, ac ſexûs gloria prima ſui.

Epiſtola Joanni Vaſæo Viro doctiſſimo de Æra Hiſpanorum. Colon. Agrip. ex Offic. Birckmanica 1600. 8. in. 2. Tom. *Oper. Reſend.* à pag. 123. ad 127. & Colon. apud Gerard. Gravenburh. 1613. 8. no livro intitulado *Deliciæ Luſitano-Hiſpanicæ.* et Tom. 2. *Hiſpan. Illuſtrat.* Francof. apud Jacobum Marnium 1603. fol. à pag. 228. uſque ad 832. Deſta obra ſe lembra Covarruvias lib. 1. *var. Reſolut.* cap. 12.

Pro Colonia Pacenſi ad Joannem Vaſæum virum doctiſſimum Epiſt. Ulyſſip. apud Joan. Blavium 1561. 4. et Colon. Agrip. ex Officin. Birckmanica 1600. 8. in Tom. 2. *Oper. Reſend.* à pag. 128. uſque ad 150. et Colon. apud Gerard. Gravenburch. 1613. 8. no livro intitulado *Deliciæ Luſitano-Hiſpan.* et in 2. Tom. *Hiſpan. Illuſtrat.* à pag. 997. ad 1002.

Urbis Lovanienſis, et Academiæ Encomium.
De Conrado Goclenio nobili rectore
Oda ad Conradum Goclenium.

Ad Jacobum Menætium Vaſconcellum urgentem antiquitatũ Luſitaniæ editionem.

Ad Julianum Albium, et Petrum Sanci-um: Saturnalibus.

Deſiderio Eraſmo Roterodamo S.

Deſiderii Eraſmi Roterodami encomium.

Ad Damianum Gojum Muſicum.

De Vita aulica ad Damianum à Goes.

Ad Nicolaum Clenardum.

Ad Andræam Quatrinium.

Todas eſtas obras ſaõ poeticas, e ſahiraõ Colon. Agrippinæ ex Officin. Birckmannica. 1600. in 8. in Tom. 2. *Oper Reſendij* à pag. 13. uſque ad 56.

Alphonſo S. R. E. Cardinali Emmanuelis Regis filio Epiſtola data Eboræ Calend. Octob. 1533.

Bartholomæo Friæ Albernotio Juris conſulto doctiſſimo Epiſtola.

Eſtas duas Cartas ſahiraõ impreſſas no principio *Antiquit. Luſitaniæ.*

Ad Damianum Goeſium Epiſtola.

Sahio com as obras deſte Author Lovanii ex Officina Rutgeri Reſcij 1544. 4. He eſcrita em verſo heroico, e começa. *Exemplo Damiane malo qui primus in aulam.*

Ad Hieronymum Cardoſum epiſtola He a 5. entre as deſte Author, e ſahio Ulyſſipon. 1555. 8.

De vita aulica ad Speratum Martianum Ferrarium Luſitanum. Bononiæ apud Joan. Baptiſt. Phaellum. 1533. 4.

Epitome rerum geſtarum in India a Luſitanis anno ſuperiore juxta exemplum Epiſtolæ quam Nonius Cugna dux Indiæ maximus deſignatus ad Regem miſit ex urbe Cananorio IV. Idus Octob. anno MDXXX. Lovanii apud Servatium Zaſſenium 1531. 4. et Colon. Agrippinæ ex Offic. Birckman. 1600. 8. et in Tom. 2. *Hiſpan. Illuſtrat.* à pag. 1372. uſque ad 1378. Deſta obra faz mençaõ Antonio de Leon *Bib. Orient.* Titul. 3. Com eſta Impreſſaõ de Lovanha ſahiraõ.

Sylvulæ duæ ad Henemannum Rhodium Præpoſitum Regenſem Oratoremque ad Cæſarem Livonienſis Archiepiſcopi. Começa a primeira.

Quid non longa dies mutat?

E a ſegunda.

Sulmonis gelidi exulem.

Oraçaõ na entrada, que ElRey D. Sebaſtiaõ fez em Evora em 5. de Novembro de 1569. Sahio impreſſa na *Hiſtor. Sebaſtic.* compoſta pelo P. Fr. Manoel dos Santos Monge Ciſtercienſe Chron. do Reyno de Portugal, e Academico ſupranumerario da Academia Real. Lisboa por Antonio Pedroſo Galraõ 1735. fol. a qual eſtá no liv. 2. cap. 8. pag. 177.

Poema Latino, que conſta de 16. Dyſtichos em louvor de Fr. Marcos de Lisboa Chroniſta da Religiaõ Serafica, impreſſo no principio do 2. Tomo da *Chronica,* o qual começa.

Altera Franciſci procerum turma exit, adeſte

Quos nova, quos vera noſcere mira juvat.

Adverſus ſtolidos politioris litteraturæ oblatratores. Carmen. Francof. apud Fobrenium. 1531.

Poema Latino, que conſta de 132. verſos heroicos em applauſo do inſigne Vicerey da India D. Luiz de Attayde. Sahio impreſſo no principio da Hiſtoria deſte Heróe compoſta por Antonio Pinto Pereira Coimbra por Nicolao Carvalho. 1617. fol.

Cathalogo das obras naõ impreſſas

Chronic. Luſitan. cuja obra tinha em ſeu poder, e della uſava Fr. Bernardo de Brito, como elle eſcreve na *Monarc. Luſit.* Part. 2. liv. 7. cap. 28.

Summario dos Reys de Portugal allegado por Franciſco Suares Toſcano nos *Parallel. de Var. Illuſt.* cap. 112. e 143.

Chronica delRey D. Affonſo Henriques; eſcrita de ſua propria maõ a tinha em ſeu poder o Chantre de Evora Manoel Severim de Faria; como teſtifica Fr. Antonio Brandaõ *Mon. Luſit.* Part. 3. liv. 11. cap. 35.

Summario da vida do Infante D. Duarte, dedicado a ſeu filho o Principe D. Duarte. Começa.

Entre os filhos que delRey D. Manoel, e da Sereniſſima, e Santiſſima Raynha D. Maria ſua mulher ficaraõ, o mais moço foy o Infante D. Duarte. Conſta de 20. Capitulos, cujo Original eſcrito, e aſſinado por ſeu Author vimos, e ſe conſerva na Livraria do eruditiſſimo Jozé Freire Monterroyo Maſcarenhas, e he allegado por Franciſco de Andrade na *Chronic. delRey D. Joaõ o III.* Part. 3. cap. 69.

De inſtitutione Ordinis Militaris Aviſienſis. Eſte tratado he allegado pelo Illuſtriſſimo Cunha in *Decret.* Part. 1. ad cap. *General.* diſt. 54. n. 90. Barboſa in *Sum. Apoſtol. Decis.* Collectan. 305. e Mendo de

Ordinib. Militar. Diſqu. 1. quæſt. 10. n. 190.

Fala na entrada da Princeſa D. Joanna no anno de 1553. Deſta obra faz Réſende menção na Epiſtola a Vaſco *de Colonia Pacenſi* dizendo-lhe. *Mitto ad te Oratiunculam quæ noſtræ urbis nomine adventui Joannæ Caroli Auguſti filiæ Principi noſtro deſponſæ publice ſum gratulatus. Mitto autem Luſitane ſcriptam ut ad ſemi Luſitanum. Sin tu jam omnino Hiſpanus factus es, ſcito etiam Hiſpanis adeo placuiſſe, ut ſupra viginti exempla primores eorum à me extorſerint.*

Concilium Olyſſiponenſe, do qual diz in Epiſtol. ad Kebedium in fine. *Abſolvimus circiter Saturnalia, vel potius Chriſtiane loquar, inſtante Servatoris noſtri natali die ſex Actionibus diſtinctum. Crevit in juſtum volumen, ut quod Decreta contineat ſupræ trecentum.*

Livro de Architectura, ou traducçaõ da Architectura de Leaõ Bautiſta. Eſcreveo eſte livro por ordem delRey D. Joaõ o III. de que Réſende faz menção no Prologo da Hiſtoria da *Antiguidade da Cidade de Evora,* e o deixou por legado a ſeu filho Barnabe de Rèſende, e delle ſe lembra Eſtaço nas *Antig. de Portug.* cap. 44. §. 4. e no Tratado *das Linhag. dos Eſtaços* pag. 42.

Dous livros de Aqueductos. Offerecidos a ElRey D. Joaõ o III. no mez de Julho de 1543. na occaſiaõ, que eſte Principe tinha conduſido a Evora a agua da fonte da prata pelo antigo aqueducto de Sertorio, os quaes livros eſcritos da ſua propria maõ entregou ao Senado de Evora, e delles faz memoria o meſmo Rèſende no cap. 3. da *Hiſt. da Antiguidad. de Evora.*

Apologia pelo Aqueducto de Sertorio contra D. Miguel da Sylva Biſpo de Viſeu, de que ſe lembra no cap. 3. da *Hiſtor. de Evora.* Deſta obra eſcreve Diogo Mendes de Vaſconcellos in lib. 5. *Antiquit. Ebor.* neſta forma. *Cui* (D. Miguel da Sylva) *elegantiſſimà epiſtolá accurate reſpondit, ut in ea reconditos antiquitatis, et eruditionis ſuæ thezauros in patriæ gratiam deprompſiſſe videatur, cujus ipſe ſæpius mentionem facere ſolet; ut qui in ea merito ſibi complaceret, vir alioquin modeſtiæ, & candoris amiciſſimus.* O Padre Franciſco da Fonſeca na *Evora Glorioſa* pag. 405. diz: *Lendo com atençaõ as hiſtorias Romanas, e huns M. S. que hoje naõ temos, achou noticia certa do Aqueducto de Sertorio, e procurou perſuadir a ElRey que o renovaſſe. Oppozſelhe galhardamẽte o noſſo D. Miguel da Sylva, que naõ era menos erudito, e antiquario, e com hum elegante livro provou, que eraõ ſonhos, e chimeras quanto Réſende dizia do Aqueducto de Sertorio; porém appellando eſte da Theorica para a Practica tomou conforme as noticias dos livros as ſuas medidas taõ ajuſtadas, que deſcubrio as ruinas, e os alicerces do Aqueducto Sertoriano. Naõ pode D. Miguel negar as evidencias, nem ElRey deixar de fazer huma obra que havia de ſer a ſua immortal eſtatua. Fez-ſe a fabrica com deligencia, e introduzio-ſe em Evora a famoſa agua da prata em cujos arcos, e fontes levantou Réſende hum padraõ immortal da ſua fama.*

Apologia, ou repoſta, em duas Cartas Latinas eſcritas em Evora em 1534. *a Jorge Coelho* acerca de algumas materias, que contra elle arguira.

Expoſtulatio adverſus Gaſparem Barrerium de que faz memoria na Epiſtola ad Kebedum.

Carta eſcrita a Joaõ de Barros na qual evidentemente moſtra contra D. Rodrigo Arcebiſpo de Toledo, que D. Ximena Mãy de D. Tereſa mulher do Conde D. Henrique naõ ſora concubina, mas legitima mulher de Affonſo VI. Rey de Leaõ. De qua re (diz o meſmo Réſende in lib. 4. *Antiquit. Luſit.* De *Orichienſi agro*) *ad Joannem Barrerium ſcripsi, et quidem prolixe.* Deſta obra fazem illuſtre memoria Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 1. no Comment. de 22. de Fevereiro let. A. Franckenau in *Biblioth. Hiſp. Hiſt. Gen. Herald.* pag. 27. D. Jozé Barboſa no *Cathalog. Chronol. das Rainh. de Portug.* pag. 7. e o Padre D. Antonio Caetano de Souſa no *Apparat. à Hiſt. Gen. da Caſa Real de Portug.* pag. 38. n. 18.

Opera Sidonij Appollinaris emẽndou de muitos erros de que eſtavaõ adulteradas como elle affirma in lib. 1. *Antiquit. Luſit.* in Tit. *de Barbariis.*

Opera Aurelij Prudentij tambem as purgou de todas as imperfeiçoens, que lhe tinhaõ acrecentado, dizendo deſta obra Joaõ Vaſeo in *Chron. Hiſp.* ad an. Chriſti 351.

Atque hanc hujus loci reſtitutionem Aurelij Prudentij non mihi debes, candide lector, ſed L. *Andrææ Reſendio, qui mihi hunc locum, atque alios nonnullos qua eſt humanitate, communicavit. Is in hoc authore ad amuſſim plura reſtituit, quemadmodum re ipſa experieris ſi quando, quos ſub lima premit, commentarios per occupationes ſerias potuerit evulgare.*

De jure Italico. Eſte tratado diz o meſmo Réſende na *Hiſt. das Antiguid. de Evora* cap. 4. *Que com ajuda de Deos preſtes ſahirá a luz.*

Monumenta Romanorum in Luſitanis urbibus dedicado ao Cardial D. Affonſo, o qual eſcrito da propria maõ de Reſende o tinha em ſeu poder o Illuſtriſſimo D. Rodrigo da Cunha como elle confeſſa na *Hiſt. Eccleſ. da Igreja de Lisboa* Part. 1. cap. 6. n. 5.

De Bracharenſis urbis antiquitate, et laudibus Poema epicum. Deſta obra faz o ſeguinte Elogio o Illuſtriſſimo Cunha na *Hiſt. Eccleſ. de Brag.* Part. 2. cap. 71. n. 5. *O grande Fr. Angelo André de Reſende da Ordem dos Prégadores a quem por doutiſſimo em todo o genero de Antiguidade conſultavaõ como Oraculo os mayores Letrados do ſeu tempo... Dentro de dez dias lhe mandou* (a o Arcebiſpo de Braga D. Diogo de Souſa) *hum Poema de mais de trezentos Verſos da fundaçaõ de Braga taõ polido, e apurado, taõ cheyo de erudiçaõ, e outras elegancias poeticas, qual podia fazer o melhor poeta dos que hoje veneramos.*

De ſitu, et amplitudine urbis Ulyſſiponenſis Elegia; a qual allega Fr. Bernardo de Brito *Mon. Luſit.* Part. 2. liv. 7. cap. 22.

Poema Epicum de Sanctis Martyribus Ulyſſiponenſibus, o qual tinha em ſeu poder Joaõ Tamayo Salazar como affirma no 4. Tom. do *Martyrol. Hiſp.* ad diem 10. Julij, pag. 104.

Hiſtoria Sancti Rudeſindi Epiſcopi; quã etiam (ſaõ palavras de Rèſende in lib. 1. *Antiq. Luſit. de Monte Corduba*) *aliquando Deo bene juvante ex tenebris in lucem proferendam curabimus.* Deſta obra faz mençaõ Gaſpar Eſtaço nas *Antig. de Portug.* cap. 2. §. 23.

Eſcreveo, mas naõ ſe ſabe ſe acabou Rèſende eſta obra de que elle falla na Epiſt. ad Kebedum dizendo. *Petierat à me* (Joannes *Vaſæus*) *ut quoſnam Deos ante Chriſti ſuſceptam gratiam peculiariter Hiſpani coluiſſent ad ſe ſcribere ne gravarer, et quædam alia: quæ dum commentarer, ingratus de ejus morte nuntius comuentationem illam meam hactenus interrupit.*

Libellus de Pace Julia ad Franciſcum Nonium, como o meſmo Réſende teſtifica no liv. 4. *Antiq. Luſit. de Pace Julia.*

Vida de S. Domingos de Cuba da Ordem dos Prégadores do Convento de Santarem. Prometeo compor eſta obra in *Scholiis ad D. Vincentij Poema.* pag. 41.

Sermaõ Latino prégado a 27. de Mayo de 1534. no Synodo celebrado em Evora pelo ſeu Arcebiſpo o Cardial D. Affonſo, o qual ſe conſerva com as Actas do meſmo Synodo no Cartorio do Cabido de Evora.

Ad Virginem Aqualupanam Carmen.

In obitum Beatricis Allobrogum Reginæ Carmen. De quo in *Scholiis ad D. Vincentij Poem.* pag. 49.

Ad Henricum Principem humaniſſimum Carmen.

Ad Brittonium Italum Carmen de quo in Schol. pag. 40.

Ad Joannam Vaſiam fæminam eruditiſſimam Epiſtola.

Ad Nicolaum Clenardum Epiſtola,

Ad Doctorem Fragoſum Badajocenſem. Epiſtola data Eboræ Idibus Maij. 1556.

Ad Jacobum Freyre Epiſtola data Lovanij Kalend. Julij 1529.

Fr. ANDRE DA RESURREIÇAM natural de Lisboa, e filho de Pedro Nunes, e Catherina Anes. Entrou na Religiaõ de S. Franciſco da Provincia de Portugal, que illuſtrou com a pratica das virtudes, e a inſtrucçaõ das ſciencias, pela qual alcançou ſer Meſtre jubilado, Cenſor do Santo Officio creado no anno de 1618. Guardiaõ do Convento de S. Franciſco da Ponte, celebre Prégador do ſeu tempo. Eſcreveo hum Volume digno da impreſſaõ, ſe a morte o naõ impedira, que totalmente ficaſſe acabado, cujo titulo era.

Frutos, que reſultáraõ ao genero humano da vida de Chriſto Noſſo Salvador: mas cahio (ſaõ palavras de Fr. Fernando da Soled. na *Hiſt. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 5. liv. 3. cap. 41. n. 885.) *em maõ taõ eſteril, que delle nem huma ſó folha appare-*

ceo, por onde ſe infira a elegancia com que aprezentava às almas a ſuavidade, e belleza daquelles divinos frutos.

ANDRE RODRIGUES DE MATTOS Ulyſſiponenſe, e Cavalleiro profeſſo da Ordem Militar de Chriſto. Foraõ ſeus Pays Balthezar Rodrigues de Mattos Inſtituidor da Capella da Conceiçaõ na Parochia de S. Jozé com Miſſa quotidiana pela ſua alma, e D. Maria da Fonſeca ſua ſegunda mulher. Na Univerſidade de Coimbra onde eſtudou Direito Pontificio recebeo o gráo de Bacharel neſta faculdade, e como era naturalmente mais inclinado às delicias do Parnaſo, que às eſpeculaçoens da Juriſprudencia ſempre cultivou a arte poetica revolvendo os Poetas mais celebres, que eſcreveraõ nas polidas linguas da Europa em que era peritamente verſado, obſervando os primores, e artificio de cada hum, dos quaes era fiel imitador, principalmente do Principe de todos Luiz de Camoens cujo divino Poema de tal ſorte o tinha decorado, que offerecendo-ſe occaſiaõ o repetia taõ promptamente como ſe o eſtiveſſe lendo. Foy ſummamente eſtimado por todos os profeſſores da Poetica recebendo multiplicados elogios nas Academias dos Generoſos, e Singulares de que foy alumno, onde compoz diverſas obras, que igualmente deleitavaõ os ouvidos, e atrahiaõ as attençoens. Coſtumava retirarſe no tempo do Veraõ para huma ſua quinta ſituada no Campo Grande ſuburbio de Lisb., onde em idade de 60. annos taõ deſcontente da vida como deſejoſo da morte acabou a carreira da ſua peregrinaçaõ a 17. de Agoſto de 1698. Eſtá ſepultado na Capella de N. Senhora da Conceiçaõ da Parochia dos Reys no meſmo Campo. Foy caſado com D. Ignez Nunes da Gama de quem teve a André Rodriguez de Almeida Fidalgo da Caſa Real, que ſe deſpozou com D. Barbara Eugenia de Tavora filha de Bernardo da Sylva de Azevedo, e de D. Franciſca de Noronha da Camara de quem naõ teve filhos. Compoz.

Triumpho das armas Portuguezas deduzido de varios Verſos do inſigne Poeta Luiz de Camoens gloſſados, e reduzidos ao intento. Lisboa por Antonio Crasbeck de Mello. 1663. 4. He em 8. Rima.

Jeruſalem libertada compoſta por Torquato Taſſo traduzida em Portuguez. Lisboa por Miguel Deſlandes. 1688. 4.

Dialogo funebre entre o Reyno de Portugal, e o Rio Tejo gloſſando o famoſo Soneto Fermoſo Tejo meu quaõ diferente? Em ſentimento do golpe mais cruel, em que a Parca, e o Outono, huma cortou a vida mais florente, e o outro a flor mais animada na Sereniſſima Senhora D. Izabel Luiza Jozepha Infanta de Portugal filha primogenita do muito alto, e poderoſo Rey D. Pedro II. noſſo Senhor. Lisboa por Miguel Deſlandes Impreſſor de Sua Mageſtade 1690. 4.

Oraçaõ recitada na Academia dos Singulares em 2. de Setembro de 1663. Sahio com as obras deſta Academia 1. Part. Lisboa por Manoel Lopes Ferreira 1692. 4.

Oraçaõ ao Certame Academico da meſma Academia Part. 2. ibi pelo dito Impreſ. 1698. 4. Neſtas duas Partes eſtaõ 3. Sonetos 2. Romances 2. Decimas, e huma gloſſa de André Rodrigues de Mattos. Delle faz illuſtre memoria o P. Antonio dos Reys no *Enthuſ. Poet.* já allegado n. 122. dizendo.

= *Erat in nitidâ Taſſum prope ſede locatus*
Rodriguius Thuſcas, qui compulit ore Camœnas
Luſiaco ceciniſſe virum quem læta Sionis
Mœnia viderunt calcata per agmina greſſu
Ire triumphali.

ANDRE RIBEIRO COUTINHO natural da Villa de Eſtremos na Provincia do Alentejo Ajudante de huma Companhia de hum dos Terços da Guarniçaõ da Corte. Foy inſtruido na lingua Latina, Poeta vulgar, e verſado na liçaõ da Sagrada Eſcritura, e Santos Padres. Teve eſcola publica na qual com faculdade do Senado de Lisboa enſinava a puericia para à qual compoz igualmente pio, que douto a ſeguinte obra em vario genero de Metros.

Panegyrico Chriſtaõ cultivado na advertencia das Oraçoens, que deve ſaber todo o Chriſtaõ: e juntamente a explicaçaõ da Miſſa, e o que nella ſe deve comtemplar, quando ſe ouve, e hum politico A. B. C. para a boa criaçaõ dos Mininos. Lisboa por Domingos Carneiro 1675. 8.

Foy caſado com Cecilia de Souſa de quem teve a Paſchoal Ribeiro Coutinho do qual ſe fará memoria em ſeu lugar.

ANDRE RIBEYRO COUTINHO natural de Lisboa, Fidalgo da Caſa de Sua Mageſtade, e Alcaide mór de Baçaim, filho de Paſchoal Ribeiro Coutinho, e de Maria dos Reys, e Neto de André Ribeiro Coutinho, do qual proximamente ſe fez mençaõ. Depois de eſtudar as letras humanas, e Filoſofia no Collegio de Santo Antaõ dos Padres Jeſuitas ſe applicou ao eſtudo militar em que ſahio muito perito, e para que exercitaſſe na pratica, o que tinha alcançado pela eſpeculaçaõ, aſſentou praça de ſoldado, e com o lugar de Ajudante aſſiſtio em varias Campanhas no tempo que eſta Coroa declarou guerra à de Caſtella ſobre a ſua ſucceſſaõ, à qual ſe opuzeraõ o Duque de Anjou, e o Archiduque de Auſtria. Em o anno de 1716. ſe embarcou na famoſa Armada que expedio Portugal para libertar a Ilha de Corfu da violenta oppreſſaõ a que a tinhaõ reduſido os Turcos, donde paſſando no anno ſeguinte a Ungria, e aſſiſtindo na celebre batalha de Belgrado obrou acçoens, que mereceraõ a enveja dos mais valeroſos ſoldados. Reſtituido a eſte Reyno foy nomeado Sargento mór para que na India enſinaſſe à noſſa gente militar a diſciplina praticada na Europa, para cuja empreza partio de Lisboa em 14. de Abril de 1723. Neſte bellicoſo theatro fez renacer a memoria do Valor Portuguez devendo-ſe à ſua laborioſa actividade o deſenho da Fortificaçaõ da Praça de Taná ſituada em o Norte da India. Voltando para a patria foy mandado no anno de 1735. com o poſto de Tenente Coronel para a Nova Colonia do Sacramento, onde tem obrado acçoens tanto em beneficio deſta Coroa, como em credito da ſua Peſſoa. O continuo eſtrondo das Armas nunca o ſeparou do comercio das Muſas, e da liçaõ da Hiſtoria, em que he muito verſado. Compoz.

Prototypo conſtituido das partes mais eſſenciaes de hum General perfeito delineado em o perfeitiſſimo General, e Governador das Armas Portuguezas, em a Provincia do Alentejo o Senhor Pedro Maſcarenhas. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ 1713. 4.

Relaçaõ diaria da expugnaçaõ, e rendimento da Praça de Bicholym em 27. de Mayo de 1726. Lisboa por Miguel Rodrigues. 1728. 4.

ANDRE DA SYLVA MASCARENHAS natural de hum lugar da Beira entre os limites do Biſpado de Lamego, Doutor na faculdade de Direito Ceſareo. Depois de ter adminiſtrado alguns lugares com igual prudencia, que deſintereſſe foy Deſembargador na Relaçaõ do Porto de que tomou poſſe a 22. de Agoſto de 1673. Como foſſe naturalmente affecto ao eſtudo da Poeſia occupava em alguma compoſiçaõ metrica as horas, que lhe reſtavaõ do laborioſo miniſterio da Juriſprudencia, de que he claro argumento o Poema, que publicou com eſte titulo.

A Deſtruiçaõ de Eſpanha. Reſtauraçaõ Sumaria da meſma. Lisboa por Antonio Crasbeck de Mello 1671. 4. Na prefaçaõ deſta obra affirma ter acabado.

Hiſtoria dos milagres de N. Senhora da Lapa celebre Sanctuario de Portugal. M. S. O P. Antonio dos Reys no *Enthuſ. Poetic.* impreſſo no principio dos ſeus Epigrammas n. 110. faz delle mençaõ neſta forma.

= *Te Hiſpana Cupreſſu*
Natio velabat ſimul, et Parnaſſide Lauro
O' Maſcarenhas.

Fr. ANDRE SOBRINHO natural de Monte mór o Novo na Provincia Tranſtagana, filho de Diogo Sobrinho, e Suſana Dias ambos de illuſtres familias. Profeſſou o Habito de Eremita de Santo Agoſtinho no Convento de Lisboa a 17. de Outubro de 1593. em cuja Religiaõ ſendo venerado pela virtude, e ſciencia, nunca quiz aceitar nella algum miniſterio mais, que o de Meſtre dos Noviços por muitos annos no Convento de N. Senhora da Graça, os quaes com os ſeus aſceticos documentos ſahiraõ veteranos na perfeiçaõ Religioſa. Foy pelo eſpaço de outo annos Confeſſor do Duque de Bragança D. Theodoſio Pay do Sereniſſimo Rey D. Joaõ o IV. Como era muito douto na Theologia moral deixou compoſto hum volume.

De Caſibus Conſcientiæ: o qual ſe conſerva no Convento da Graça deſta Corte.

ANDRE DE SOUSA DINIZ natural de Santarem, ſendo ſeus Progenitores Ambroſio Vieyra de Carvalho, e D. Joanna de Souſa. Foy ornado de ſumma agu-

deza de engenho, que lhe facilitou a comprehenſaõ de todas as Artes liberaes. Exercitou com felicidade a Poeſia ſendo igualmente perito nas letras humanas. Na liçaõ de hum, e outro Direito era taõ verſado, que podia competir com os mayores Juriſconſultos do ſeu tempo. Naõ foy menos valeroſo, que ſciente, obrando acçoens heroicas na famoſa Praça de Ceuta. Todos eſtes admiraveis dotes, de que o ornou liberalmente a natureza, naõ puderaõ izentallo de muitas adverſidades armadas pela induſtria de ſeus emulos, que tolerou com animo heroico, e conſtante. Caſou tres vezes A 1. com D. Joanna de Teyve Cardoſa. A 2. com D. Guiomar Sarayva de Vaſconcellos, de quem teve a Fr. Feliciano de Souſa Diniz, e a Fr. André de Souſa ambos Eremitas de Santo Agoſtinho inſignes Prégadores em Caſtella. A 3. com D. Maria do Amaral, e Aguilar, de quem teve Fr. Bernardo de Souſa Pacheco Vigario Geral em Heſpanha da Ordem de S. Baſilio, Fr. Jacinto de Souſa, e Azevedo, Fr. Jeronymo de Souſa ambos Religioſos Franciſcanos, e o 2. Meſtre jubilado em Theologia, e Secretario do Geral, e a D. Antonio de Souſa, e Noronha, que no *Diſcurſ. Geneal. da Familia dos Souſ.* fol. 17. faz de ſeu Pay eſta illuſtre memoria. *Vive de edad de 76 años en eſte de 1642. Hale cabido en ſuerte una notable fortuna en buenas partes favorable, mas en ſuceſſos aduerſa: ſi bien rara vez acompañaron buenos ſuceſſos a partes buenas; logra gran agudeza de ingenio; juntoſele el eſtudio, porque tiene baſtante noticia de todas las artes liberales. Exercita con aciertos la Poeſia en ſu natural idioma; es muy viſto en las letras humanas. Reſultó de todo la compoſicion de varios libros,* uno.

Rimas varias con quatro diſcurſos de ſu vida.

y otro.

Compendio general delas Hiſtorias del mundo aſſi divinas como humanas deſde ſu origen, haſta los tiempos preſentes.

Fr. ANDRE DE SANTA THERESA natural de Lisboa, e deſcendente de Pays taõ illuſtres no ſangue, como na piedade. Deixando a patria paſſou a Caſtella, e no Convento de Cordova dos Carmelitas Deſcalços recebeo o habito, em cuja paleſtra fez iguaes progreſſos nas letras, que nas virtudes. A grande prudencia junta com a natural affabilidade de que era ornado o fez digno, que depois de exercitar os Priorados de varios Conventos, e ſer repetidamente Definidor Geral, foſſe com exemplo raramente viſto quatro vezes Provincial. Querendo a Mageſtade delRey Catholico Carlos II. a quem era muito aceito, remunerarlhe os ſeus grandes merecimentos, o nomeou Biſpo, cuja dignidade, como ſuperior ao ſeu talento, modeſtamente recuſou. Morreo em Malaga no anno de 1715. com 81. annos de idade *Clarus doctrina, ſed clarior virtutibus,* como delle eſcreve Fr. Marçal de S. Joaõ Bautiſta in *Bib. ſcript. utriuſque Congreg. et ſexus Carmel. Excalceat.* impreſſa Burdigalæ 1730. 4. compoz.

Sermoens varios Malaga 4.

Epiſtola paſtoral a ſus Religioſos

Epiſtola paſtoral a ſus Religioſos

Epiſtola compueſta ſobre algunas palavras del Pſalmo XXVIII.

Fr. ANDRE DE SANTO THOMAZ naceo na Provincia do Alentejo, profeſſou o habito da Ordem dos Prégadores onde depois de ſahir eminente nas ſciencias mayores as enſinou com grande applauſo aos ſeus domeſticos. Na Univerſidade de Coimbra recebeo o gráo de Doutor na faculdade de Theologia, e a dictou na Cadeira de Prima de tomou poſſe em 4. de Abril de 1635. ſendo ſucceſſor neſte honorifico lugar de Fr. Antonio da Reſurreiçaõ promovido ao Biſpado de Angra, merecendo pela profundidade das ſuas letras a univerſal aclamaçaõ de toda a Academia. Foy Qualificador do Santo Officio cujo Tribunal attendendo à ſua grande ſciencia determinou, que as Concluſoens, que ſe houveſſem defender no Collegio de Santo Thomaz, ſendo approvadas por elle naõ foſſem reviſtas por outro Conſultor. Morreo em Coimbra no anno de 1640. e foy ſepultado na Capella mór do Collegio de Santo Thomaz com eſte epitafio.

Fr. Andreas à Santo Thoma Tranſtaganus Conſultor Santi Officij præclarum regularis obſervantiæ exemplar.

Eſcreveo.

Vida, e virtudes da V. Soror Iſabel do Eſpirito Santo (e naõ *de Santo Thomaz* como por equivocaçaõ lhe chamou Fr. Pedro Monteiro *Clauſt. Dom.* Tom. 3. pag. 144.) *Religioſa da 3. Ordem de S. Domingos* de cuja obra faz mençaõ Jorge Cardoſo *Agiolog. Luſitan.* Tom. 1. pag. 501. no Comment. de 22. de Fevereiro letr. H. dizendo do Author della *o muito douto, e Religioſo P. Fr. Andrè de Santo Thomaz varaõ mayor de toda a excepçaõ, que a confeſſou muitos annos, e com particular cuidado eſcreveo a ſua vida.*

Commentaria in Summam Angelici Præceptoris, que por cauſa da morte do Author ſe naõ imprimiraõ. Delle ſe lembraõ Fr. Lucas de Santa Catherina Chroniſta Geral da Ordem, e Academico do numero da Academia Real na *Hiſtor. de S. Domingos da Prov. de Portug.* Part. 4. lib. 1. cap. 14. e Fr. Pedro Monteiro no *Cathalog. dos Reved. e Qualific. do Santo Offic. n.* 7. Nas Actas do Capitulo Geral celebrado em Roma no Convento da Minerva no anno de 1644. ſendo Meſtre Geral Fr. Thomaz Turco ſe faz mençaõ delle neſta forma. *Venerandus P. Magiſter Fr. Andreas de Sancto Thoma primarius Conimbricenſis Academiæ Sacræ Theologiæ Profeſſor regularis diſciplinæ exactiſſimus obſervator, vitæ innocentia, et auſteritate inſignis, mortis ſuæ tempus, et modum prædixit, et tandem cum communi ſanctitatis opinione feliciter quievit in Conventu Conimbricenſi.*

Fr. ANDRE DA VEYGA natural da Villa de S.-Tiago de Cacem do Arcebiſpado de Evora. Sendo muito ſciente na lingua Latina aſpirando a inſtruirſe na ſciencia dos Santos recebeo o habito da Terceira Ordem de S. Franciſco no Convento de Santarem dedicado à Virgem, Martir, e Doutora Santa Catherina. Logo em o Noviciado começou a exercitar virtudes taõ heroicas, que ſerviaõ de admiraçaõ, e exemplo aos ſeus domeſticos, as quaes continuou com mayor exceſſo pelo largo eſpaço da ſua vida. Por preceito dos Superiores foy obrigado a enſinar fora do Convento à mocidade Portugueza naõ ſomente a lingua Latina, mas a Rhetorica, e Poeſia, e para eſte effeito abrio eſcola em Setubal, na ſua patria, e na Cidade de Portalegre, onde concorriaõ os ouvintes apprender com as ſciencias as virtudes ſendo os principaes diſcipulos os Illuſtriſſimos D. Affonſo de Caſtellobranco, e D. André de Noronha, o primeiro Biſpo de Coimbra, e o ſegundo de Portalegre os quaes ſempre fizeraõ agradecida memoria da ſolida doutrina de taõ inſigne Meſtre. Attenuado com o laborioſo exercicio das aulas, e muito mais da continua aſpereza com que mortificava o corpo ſe recolheo ao Convento de Santarem, onde accumulando mais merecimentos ao ſeu eſpirito pronoſticada a hora da morte, e confortado com os Sacramentos ſe transferio da terra para o Ceo no 1. de Abril de 1584. quando contava a larga idade de 110. annos. Do Cemeterio commum onde fora enterrado o ſeu cadaver com a aſſiſtencia das peſſoas mais principaes de Sãtarem, foy tresladado em 10. de Abril de 1616. para lugar mais honorifico, qual foy a parede do Cruzeiro à parte da Epiſtola entre as Capellas de N. Senhora da Saude, e de Santo Antonio, exhalando ſuaviſſimo cheiro onde ſe perpetuou a fama da ſua ſantidade pela copia de milagres, que obrava em beneficio daquelles povos circunviſinhos. Sobre a campa da ſepultura ſe lhe gravou eſte epitafio.

Aqui jaz o P. Fr. André da Veiga. Falleceo em dia de Paſchoa de Flores no anno de 1584. Muitas das ſuas obras dedicou a ſeu diſcipulo D. André de Noronha das quaes ſomente ſe imprimio a ſeguinte.

Acetarium varias rerum materias continens, multiplici carmine ſacro præſertim conſtans. Ulyſſipone apud Franc. Correa Seren. Cardin. Infant. Typog. 1571. 4.

Tinha compoſto hum Poema cujo argumento ignoro, o qual conſtava de tres mil verſos.

Ainda, que Nicolao Antonio in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. cap. 71. eſcreva que Fr. André da Veyga nacera na Veyga de Toledo, cuja opiniaõ ſeguio dubiamente Jorge Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 383. ſe enganou, por conſtar certamente do Cathalogo das patrias, e profiſſoens dos Religioſos da 3. Ordem de S. Franciſco, que nacera na Villa de Saõ-Tiago de Cacem, e profeſſara a 13. de Mayo de 1492. cujo aſſento affirma o P. Franciſco da Cruz nas *ſuas Memorias* M. S. *para a Bib. Portugueza* o lera eſcrito no dito Cathalogo. Eſ-

crevem deſte virtuoſo Varaõ Jorge Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 383. no Comment. do 1. de Abril let. F. e pag. 501 no Commento de 10. de Abril let. G. Fr. Manoel da Eſper. *Hiſt. Seraf. da Prov. de Port.* Part. 2. liv. 11. cap. 32. n. 7. Antonio Carvalho da Coſta *Corog. Portug.* Tom. 3. Part. 8. cap. 33. pag. 500. chamandolhe *Varaõ muito ſabio, e devoto.* Fr. Joan. a D. Ant. in *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 72. e o P. Antonio dos Reys no *Entuſiaſm. Poet. n.* 162.

Veyga

Tam bene de ſuperis meritus, quàm clarus in arte Carmina pangendi:

ANDRE VELHO DA FONSECA Depois de eſtudar Direito Canonico na Univerſidade de Coimbra, em que tomou o Grào de Bacharel, foy nomeado Ouvidor de Angola, onde obſervando com juiſo de Sabio, e inveſtigaçaõ de curioſo aquella vaſta regiaõ da Etiopia que obedece ao Imperio Portuguez, eſcreveo hum grande volume que ſe conſervava na Bibliotheca do inſigne Antiquario Manoel Severim de Faria Chantre da Cathedral de Evora, com o titulo

Hiſtoria do Reyno de Angola.

DONA ANGELA DE AZEVEDO natural de Lisboa, filha de Joaõ de Azevedo Pereira Fidalgo da Caſa Real, e de ſua ſegunda mulher Dona Izabel de Oliveira mereceo pela ſua natural diſcriçaõ, e rara fermoſura particulares eſtimaçoens da Rainha Dona Izabel de Borbon primeira mulher delRey de Caſtella Filippe IV. e naõ da Rainha Dona Catharina Eſpoſa de Filippe I. como eſcreve o moderno Author do *Theatro heroino* Tom. 2. pag. 493. O qual Principe ſendo cazado quatro vezes nenhuma deſtas Senhoras teve o nome de Catharina. Sendo Criada da Sereniſſima Dona Izabel de Borbon ſe deſpozou em Madrid com conſorte digno do ſeu nacimento de quem teve huma filha com a qual depois de Viuva ſe recolheo no Convento de S. Bento, onde profeſſaraõ o ſeu monaſtico inſtituto. Cultivou com ſumma felicidade a Arte da Poeſia de que deixou por argumentos da ſua fecunda, e diſcreta vea as Comedias ſeguintes que todas ſe imprimiraõ com eſtes titulos

La Margarita del Tajo que diò nombre a Santarem. 4.

El muerto diſſimulado. 4.

Dicha, y deſdicha del juego, y devocion de la Virgen. 4.

Fr. ANGELO DE S. DOMINGOS natural da Cidade de Evora filho de Affonſo Rodrigues, e de Joanna Fernandes. Recebeo o habito dos Carmelitas Deſcalços no Convento de Noſſa Senhora dos Remedios de Lisboa a 18. de Novembro de 1601. eſtudando em Coimbra as ſciencias que conſtituem douto a hum Religioſo, foy eleyto companheiro de Fr. Miguel de S. Jeronymo inſigne Meſtre de Noviços para os inſtruir na diſciplina regular. O ſeu ſublime talento o fez digno de que exercitando ſem interrupçaõ os lugares de Prior dos Conventos de Figueirò, Caſcaes, Coimbra, Porto, e Aveiro chegaſſe a ſer Provincial eleyto no Capitulo celebrado em S. Pedro de Paſtrana em Caſtella a 6. de Mayo de 1634. obſervando em todas eſtas Prelaſias igual prudencia que brandura para os ſubditos. A innocencia da vida o faſia amavel aos domeſticos, e eſtranhos. Foy muito verſado na Hiſtoria, e naõ menos na Poeſia. Todo o tempo, que lhe reſtava das preciſas obrigaçoens de Superior o applicava à liçaõ dos livros. Vivia pelos annos de 1654. quando contava cincoenta annos de Religioſo. Compoz diverſas obras, que naõ lograraõ a luz publica, de que eraõ dignas, ſendo as principaes.

Compendium hiſtoriale Sanctorum Luſitanorum, vel ad Luſitaniam quoquo modo ſpectantium geſta complectens.

Memoriale fundationum ſuæ Provinciæ Cœnobiorum quibus præfuerat.

Polymita, ſive diverſa Poemata.

Officium proprium S. Joſephi Beatiſſimæ Virginis Sponſi; o qual dezejava que foſſe approvado para em toda a Igreja ſe rezar.

Officium Plagarum Chriſti Domini. Para ſe rezar em todo o Reyno de Portugal. Do Author fazem mençaõ o Padre Franciſco da Fonſeca *Evor. glorioſ.* pag. 410. Fr. Belchior de Santa Anna *Chron. dos Carmel. Deſcalſ. de Portug.* Tom. 1. liv. 3. cap. 14. §. 669. e cap. 26. §. 747. e cap. 28. §. 758. E Fr. Joaõ do Sacramen-

to *Chron. dos Carmel. Deſcalſ.* Tom. 2. liv. 5. cap. 31. §. 597. e liv. 6. cap. 1. §. 785.

Fr. ANGELO DE SANTA MARIA chamado no Seculo Duarte de Figueiredo e Guſmaõ naceo no anno de 1664. na Villa de Caſtro Marim do Reyno do Algarve, e foy filho de Gaſpar Lourenço de Guſmaõ, e de Dona Maria de Figueiredo peſſoas de conhecida virtude. Aprendeo os primeiros rudimentos na Cidade de Tavira donde quando contava 16. annos de idade paſſou a Salamanca eſtudar Direito Pontificio, e eſtando para graduar-ſe neſta Sagrada Faculdade inſpirado ſuperiormente deſprezou os augmentos, que lhe prometiaõ as ſuas letras recebendo o habito dos Carmelitas Deſcalços das mãos do Reytor do Collegio de Salamanca Fr. Joaõ da Annunciaçaõ que depois foy Geral da Ordem, e hum dos principaes Authores do Curſo Salmanticenſe. Paſſado o tempo do Noviciado, e feita a Profiſſaõ ſolemne no Convento de Valladolid foy eſtudar Filoſofia a Avila, Theologia a Salamanca, e Moral a Segovia, em cujas faculdades fez taes progreſſos a ſua applicaçaõ que por eſpaço de tres annos foy Meſtre deſta Sciencia onde tinha ſido Diſcipulo. Dezejoſo de voltar à ſua Patria poſto que repugnaſſem os Prelados Caſtelhanos por ſer a ſua auzencia muito prejudicial à gloria da Religiaõ, lha concedeo o Reverendiſſimo Gèral Fr. Pedro de Jeſus Maria filho dos Marquezes de los Bellez. Reſtituido ao Reyno pouco tempo aſſiſtio no Convento de Evora donde para que naõ eſtiveſſe ocioſo o ſeu grande talento em beneficio dos domeſticos paſſou a ſer Meſtre de Theologia moral pelo largo eſpaço de nove annos em o Convento de Viana. Foy Secretario da Provincia, Reytor do Collegio de Coimbra, e tres vezes Definidor Geral moſtrando em todos eſtes lugares a ſumma madureza de que he ornado. Todo o tempo que lhe reſta das obrigaçoens religioſas o occupa continuamente eſcrevendo ſendo manifeſtos frutos da ſua douta, e incanſavel applicaçaõ as obras ſeguintes.

Breviarij Moralis Carmelitani juxta doctrinam mirabilem, atque angelicam D. Thomæ Aquinatis Eccleſiæ ſolis, nec non Sanctiſſimam, valdeque perutilem Salmanticenſium tam moralium, quam ſcholaſticorum paſſim tritam, totum inoffenſoque pede diffuſam per orbem in Fratrum auxilium, eorumque gratiam. Pars 1. Ulyſſipone apud Antonium Pedrozo Galraõ 1734. fol.

Pars 2. ibi per eumdem Typog. 1734. fol.
Pars 3. ibi per eumdem Typog. 1735. fol.
Pars 4. ibi per eumdem Typog. 1735. fol.
Pars 5. ibi per eumdem Typog. 1738. fol.

Tem prompto para a Impreſſaõ

Schola Moralis Luſitanenſis fol. 7. Tom.
Conſultationum Moralium Tom. unus fol.
Sermoens varios 4. 4. Tom.

ANGELO PACENSE cujo apellido denota a ſua Patria a Cidade de Beja ſituada na Provincia Tranſtagana o qual floreceo no fatal Seculo em que de toda Eſpanha oprimida pelo barbaro jugo dos Sarracenos eſtavaõ deſterradas as ſciencias. Eſcreveo

Vidas de muitos Santos Portuguezes. Eſta obra ſe conſervava na Livraria do Real Convento de Alcobaça como teſtificaraõ o Licenciado Jeronymo do Souto Ouvidor da Comarca, e Correiçaõ dos Coutos deſta Villa, e o Reverendiſſimo D. Abbade Geral da Congregaçaõ Ciſtercienſe Fr. Franciſco de Santa Clara, o primeiro em 10. de Setembro de 1595. e o ſegundo em 13. de Julho de 1596. cujas atteſtaçoens eſtaõ impreſſas na prefaçaõ da 1. part. da *Mon. Luſit.* compoſta pelo inſigne Eſcritor Fr. Bernardo de Brito. Dizem que eſte livro fora roubado da Livraria de Alcobaça onde ſe conſervara pelo largo eſpaço de quinhentos annos, e ſe levara para a Bibliotheca do Eſcurial o que nega Nicol. Ant. in *Bib. Hiſp. Vet.* Tom. 2. pag. 257. como tambem a exiſtencia de ſeu Author julgando-o por apocrifo aſſim como no ſeu conceito ſaõ Laymundo Ortega, Pedro Alladio, e o Meſtre Menegaldo fundando toda a ſua duvida em que unicamente Fr. Bernardo de Brito vira, e uzara deſtes Authores. Porèm para credito, e abonaçaõ de taõ inſigne Eſcritor como foy o noſſo Brito ſahio modernamente à luz publica no 4. Tom. dos Anedoctos impreſſo Patavii Typis Seminarii 1713. 4.

que Luiz Antonio Muratori, Bibliothecario do Duque de Modena extrahio da Bibliotheca Ambroziana, a obra do Meſtre Menegaldo, a qual conſta de huma hiſtoria geral do mundo, por onde ſe moſtra evidentemente que naõ foy Fr. Bernardo de Brito o inventor deſta obra, mas que realmente exiſtia, como ſeriaõ os outros Authores antigos, de cujas noticias ſe valeo para a compoſiçaõ da Monarchia Luſitana. Fallaõ de Angelo Pacenſe Cardozo *Agiol. Luſit.* no Cõment. do 1. de Fevereiro letr. C. Maced. *Eva, e Ave.* Part. 2. cap. 28. n. 7. Brito *Mon. Luſit.* Part. 1. liv. 1. cap. 19. e liv. 2. cap. 6. e cap. 10. e liv. 4. cap. 30. e part. 2. lib. 5. cap. 6. Joan. Soar. de Brito in *Theatr. Luſit. Literat.* lit. A. n. 46.

D. Fr. ANGELO PEREIRA naceo em a illuſtre Villa de Barcellos da Provincia de entre Douro, e Minho, e na Cidade de Lisboa recebeo o habito da Religiaõ Carmelitana da antigua obſervancia. Em o Collegio de Coimbra aprendeo no anno de 1567. Filoſofia, e Theologia, cujas ſciencias enſinou aos ſeus domeſticos recebendo em premio da ſua grande Litteratura a Borla de Doutor na faculdade de Theologia conferida pela Academia Conimbricenſe. Occupou na Religiaõ os lugares de Reytor do Collegio de Coimbra, Definidor, e Cuſtodio da Provincia, e Prior do Convento de Lisboa, onde foy eleito Socio do Geral Fr. Joaõ Eſtevaõ Chizola quando veyo a eſte Reyno, querendo que o ajudaſſe na Reforma que intentava fazer na Provincia de Andaluſia, em cujo miniſterio dezempenhou a eleyçaõ, que delle ſe fizera. Conſiderando o grande Biſpo de Coimbra D. Affonſo de Caſtello-Branco, que naõ podia por cauſa dos ſeus annos exercitar o miniſterio paſtoral como dezejava, o nomeou ſeu Coadjutor, e foy confirmado pelo Papa Clemente VIII. com o titulo de Biſpo de Martyria em 14. de Mayo de 1600. Pello eſpaço de quatorze annos logrou a dignidade Epiſcopal atè que na Villa de Pereira faleceo, e na ſua Igreja Matriz foy ſepultado, e ſe lhe gravou eſte epitafio

Aqui jaz o Corpo do Illuſtriſſimo Senhor D. Fr. Angelo Pereira Biſpo de Martyria, Religioſo, que foy da Ordem do Carmo. Faleceo aos 20. de Junho de 1614. Compoz

Ad primam ſecundæ D. Thomæ M. S. o qual ſe conſerva no Collegio de Coimbra como affirma Fr. Manoel de Sà nas *Mem. Hiſtor. dos Eſcrit. Portug. da Ordem de N. S. do Carmo* pag. 27. n. 38.

Vida de Santo Alberto Patriarcha, e de Santo Angelo Martir. M. S.

Eſcrevem de D. Fr. Angelo Pereira, Fr. Marcos Antonio de Alegre de Caſanate in *Parad. Carmel. Decor.* Stat. 5. Æſtas 17. cap. 30. pag. 433. Fr. Manoel Rom. *Elucid.* fol. 314. Fr. Thom. de Faria *Decad.* 1. lib. 5. cap. 9. Fr. Daniel à Virg. Mar. in *Spec. Carmel.* 2. part. Tom. 2. lib. 3. pag. 210. n. 3166. et pag. 1083. n. 3799. Fr. Diogo de Corea Maldon. *Chron. del Carm.* lib. 12. cap. 12. e 13. Sampayo *Nob. Portug.* cap. 9. pag. 110. Coſt. *Corog. Portug.* Tom. 3. lib. 2. Tract. 8. cap. 47. pag. 624. e o Padre D. Manoel Caet. de Souſ. *Cath. Hiſt. dos Arceb. e Biſp. Portug.* p. 112.

P. ANGELO DOS REYS naceo em hum lugar do Certaõ da Bahia em o anno de 1664. Sendo de 17. annos entrou na Companhia de Jeſus no Collegio da Bahia a 18. de Novembro de 1681. onde fez a Profiſſaõ do quarto voto a 15. de Agoſto de 1699. Foy Meſtre de humanidades, Filoſofia, e Theologia nos Collegios da Bahia, e Rio de Janeiro, e hum dos celebres Prègadores do ſeu tempo, cuja arte aprendeo do Oraculo da eloquencia Eccleſiaſtica o inſigne Vieyra, de quem foy muitos annos Amanuenſe. Obſervou exactamente a pobreza religioſa, e taõ moderado ſe moſtrou na fortuna proſpera, como conſtante na adverſa. Por ſer muito verſado na Hiſtoria Secular, e Eccleſiaſtica o elegeo a Academia Real por ſeu Collega Supranumerario. Ao tempo que apoſtolicamente diſcorria pelo certaõ de Cana Brava exercitando o miniſterio de Miſſionario paſſou a melhor vida em 21. de Dezembro de 1723. com 59. annos de idade, e 42. de Religiaõ.

Dos muitos Sermoens que em diverſas Feſtividades prègou com grande applauſo ſómente ſe imprimiraõ os ſeguintes.

Sermaõ da Reſtauraçaõ da Bahia prègado na Sè da meſma Cidade em dia dos

Apoſtolos S. Filippe, e S. Tiago Lisboa por Miguel Maneſcal Impreſſor do Santo Officio 1706. 4.

Sermaõ da Canonizaçaõ do grande Apoſtolo do Oriente S. Franciſco Xavier prègado no dia da meſma Feſta no Collegio do Rio de Janeiro. Lisboa por Valentim da Coſta Deslandes 1709. 4.

Sermaõ de N. S. de Bellem prégado no Seminario do meſmo nome, e na primeira Outava do Natal no anno de 1716. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ 1718. 4.

Sermaõ da Soledade da Mãy de Deos prègado na Sè da Bahia no anno de 1718. Lisboa pelo dito Impreſſor 1719. 4.

ANNA DA FONSECA naceo na Villa de Celorico da Provincia da Beira com igual genio para as virtudes, como para as Artes liberaes. Triumfando da fragilidade do ſexo, e ainda da meſma idade ſahio taõ perfeitamente inſtruida na lingua latina, e em todo o genero de erudiçaõ ſagrada, e profana, que era venerada por huma Sibilla do ſeu Seculo. Conhecendo a inſtabilidade das delicias mundanas ſe auzentou da caſa de ſeu Pay Fernaõ Gonçalves Cabral para o Convento de Cellas junto a Coimbra, onde profeſſou o inſtituto Ciſtercienſe. Neſta Sagrada Eſcola praticou aquellas virtudes dignas de huma Eſpoſa de Chriſto com as quaes ſervia de exemplar a duas Irmãas Religioſas no meſmo Convento para que foſſem ſuas imitadoras. Todo o tempo que lhe ſobejava da contemplaçaõ da patria celeſtial, o dedicava à Liçaõ dos Santos Padres, e Authores aſceticos, donde extrahia doutrinas para compor algumas obras eſpirituaes, como foraõ

Varias Homilias.

Eſcritas elegantemente na lingua latina que igualmente reſpiravaõ amor da virtude, e odio do pecado, das quaes grande parte ſe conſervava em poder de ſeu Pay em quanto viveo.

DONA ANNA DE LIMA naceo em Lisboa, Irmãa daquelle celebre Heroe D. Paulo de Lima, que com as ſuas admiraveis façanhas aſſombrou a todo o Oriente, e filha herdeira de D. Antonio de Lima Senhor de Caſtro Dairo, e de Dona Maria de Vilhena filha de Chriſtovaõ de Mello herdeiro da Ilha de S. Thomè. Foy cazado com D. Antonio de Attaide primeiro Conde de Caſtro Dairo, e 5. Conde da Caſtanheira, Alcayde Mòr de Collares, e Guimaraens, de quem teve numeroſa deſcendencia. Augmentou as luzes do ſeu claro nacimento com os rayos das ſciencias em que foy muito perita principalmente na cultura da Poeſia, em que podia ſer venerada por decima Muſa compondo com affluencia diſcriçaõ, e elegancia.

Varias Poeſias Portuguezas

As quaes louva com grandes elogios Manoel de Faria e Souſa no *Catalog. dos AA. Portuguezes,* cujo original, que nunca ſe imprimio, que he muito differente de que eſtà no Epit. das Hiſt. Portug. temos lido, e examinado.

ANSELMO CAETANO MUNHOS DE ABREU GUSMAM, E CASTELLO-BRANCO natural da Villa de Soure na Provincia da Beira do Biſpado de Coimbra, e filho do Doutor Antonio Munhós de Abreu formado na Faculdade dos Sagrados Canones, e de Simoa Godinha da Roza. Inſtruido nos rudimentos da Latinidade paſſou à Univerſidade de Coimbra onde ſe applicou à Sciencia da Medicina na qual recebeo as inſignias doutoraes com applauſo de todos os Meſtres. Naõ o mereceo menos quando a exercitou praticamente neſta Corte elegendo o por ſeu Medico o Excellentiſſimo Duque de Aveiro D. Gabriel Ponce de Leon. He ornado de feliz memoria, noticia das linguas mais polidas da Europa, e naõ menos verſado na liçaõ dos Santos Padres, ſagrada Biblia, diſciplinas Mathematicas, e miſterios occultos da Chimica, de que he argumento a obra ſeguinte que publicou com eſte titulo.

Ennæa, ou applicaçaõ do entendimento ſobre a pedra Filoſofal provada, e defendida com os meſmos argumentos com que os Padres Athanaſio Kircher no ſeu Mundo ſubterraneo, e Fr. Jeronymo Bento Feijoo no ſeu Theatro Critico concedendo a poſſibilidade negaõ, e impugnaõ a exiſtencia deſte raro, e grande miſterio da Arte Magna Part. 1. Lisboa por Mauricio Vicente de Almeyda. 1732. 4.

Parte 2. Lisboa pelo dito impreſſor. 1733. 4.

Oraculo Prophetico Prologomeno da Teratologia, ou Hiſtoria prodigioſa em que ſe dá completa noticia de todos os Monſtros compoſto para confuſaõ de Peſſoas ignorantes, ſatisfaçaõ de homens ſabios, exterminio de Prophecias falſas, e explicaçaõ de verdadeiras Prophecias. Lisboa pelo dito Impreſſor 1733. 4.

Vieyra abbreviado, em cem Diſcurſos Moraes, e Politicos dividido em dous Tomos. Tom. 1. Lisboa pelo dito Impreſſor. 1733. 8.

Eſta obra, que ſe principiou a imprimir, e naõ ſe continuou conſta por ordem Alfabetica de todas as maximas moraes, e politicas, que eſtaõ diſperſas pelos Sermoens do P. Antonio Vieyra os quaes tinha o Author della taõ fixos na memoria, que toda a contextura he compoſta das palavras do meſmo Vieyra parecendo mais obra delle, do que do abbreviador dos ſeus incomparaveis Diſcurſos.

Com o ſupoſto nome de Monſieur Roberto Wainger publicou.

Onomatopeia Oannenſe, ou Annedotica do Monſtro Amphibio, que na memoravel noite de 14. *para* 15. *de Outubro do preſente anno de* 1732. *apareceo no mar Negro, e ſahindo em terra fallou aos Turcos de Conſtantinopla &c.* Lisboa por Mauricio Vicente de Almeyda. 1732. 4.

Com o nome de Vaſco de Mendanha Coelho publicou.

Vida, nacimento, e morte de X. dato Fœmineis. Offerecido ao muito Generoſo Senhor Cartapacio de Generos. Lisboa por Pedro Ferreira Impreſſor da Auguſtiſſima Rainha. 1733. 4. He hum diſcurſo Medico àcerca de hum monſtro compoſto de dous Corpos Femininos, que pario em Lisboa em o 1. de Outubro de 1732. huma Preta.

Com os nomes de André Paulino, e Marcos Valentim publicou.

Eſcudo Apologetico contrapoſto aos golpes do Deſcuido Critico compoſto pelos ſapientiſſimos dous Cenſores de X. dato Fœmineis Collegiaes do antigo Collegio de Geſtas &c. Lisboa por Mauricio Vicente de Almeyda 1733. 4.

Com o nome de Jorge Martins.

Hiſtoria Gallega, em que ſe dá relaçaõ, e verdadeira noticia das celebres Feſtas de hum Noivado a que aſſiſtiraõ Gonçalo de Pó, e Gil Noivo Lisboa pelo dito Impreſſor 1734. 4.

Saõ humas redondilhas de pé quebrado com hum commento em proza.

Fr. ANSELMO XUQUER. Naceo em Lisboa ſendo filho de Joaõ Xuquer Alemaõ, e Luiza Freyre Portugueza. Depois de inſtruido nos primeiros rudimentos de que era capaz a ſua idade, foy admitido ao habito Regular da Ordem de Chriſto no Real Convento de Thomar a 2. de Fevereiro de 1599. onde fez admiraveis progreſſos na practica das virtudes, e na comprehenſaõ das ſciencias principalmente nas letras humanas, e Poeſia. No Real Convento da Villa de Thomar, Cabeça deſta Militar Ordem leo com geral applauſo naõ ſó aos domeſticos, mas ainda aos eſtranhos Grammatica, Rhetorica, Poeſia, e Filoſofia. A ſuavidade do genio, e a inteireſa da vida o faziaõ a todos ſummamente amavel, e ainda quando tinha idade muito provecta nunca era faſtidioſa a ſua communicaçaõ. Occupou na ſua Religioſa Familia os lugares de Prior no Collegio de Coimbra, de Viſitador Geral, e perpetuo Definidor. Conhecendo a Mageſtade delRey D. Joaõ o IV. a grande prudencia de que era ornado, o nomeou Secretario da Embaxada, que em ſeu nome mandava dar por Rodrigo Botelho à Rainha de Suecia. Depois de diſcorrer com o Embaxador grande parte de Alemanha entrou em Colonia onde aſſiſtia por Nuncio Apoſtolico Fabio Chiſio, e como eſte Prelado era grande eſtimador dos homens eruditos contrahio com Fr. Anſelmo taõ eſtreita amizade, que o levou na ſua companhia a Roma, e de tal ſorte conſervou com elle eſta affectuoſa correſpondencia, que ſendo ſublimado ao Solio do Vaticano com o nome de Alexandre VII. lhe eſcrevia a Portugal com as mayores demõſtraçoens de benevolencia. Reſtituido ao Convento de Thomar ainda que opprimido de infirmidades, e annos paſſava o tempo ſempre occupado nas ſuas litterarias applicaçoens, que interrompeo a morte em 13. de Junho de 1663. quando excedia a idade de 90. annos. Na Livraria do Convento de

Thomar ſe conſervaõ M. S. com grande ſentimento dos eruditos as obras ſeguintes.

De Partu Virginis Deiparæ libri 12. Compoſtos em verſo elegantiſſimo.

Tragædia S. Catherinæ Martyris Alexandrinæ. Em verſos Jambos.

Diverſorum Poematum liber.

Adagios Portuguezes vertidos em Latim

Relaçaõ da prizaõ em Alemanha do Sereniſſimo Infante D. Duarte irmaõ delRey D. Joaõ o IV. e ſua morte em Milaõ, e do que obráraõ os Portugueſes para o reſtituirem à ſua liberdade.

Griphos, e enigmas explicados. Eſte livro conſervava em ſeu poder Gaſpar de Faria Severim Secretario das Merces.

Officium S. Jozeph B. V. Sponſi. O Author o dedicou a Alexandre VII. por lhe ter pedido o compuzeſſe.

Delle faz memoria no ſeu *Enthuſiaſmo Poetico* n. 169. o P. Antonio dos Reys.

Nec Te quod multis aliis contingere vidi,
(Non tamen his Luſis iraſcens) Xuquere Phœbus
Ignis ut expertem ſacri de Monte fugavit,
Ridendumque dedit Muſis, ſed culmen adire
Miſcerique choris veniens conceſſit in ævum.

Fr. ANTAM DE FARIA. Naceo na Cidade de Lisboa no anno de 1655. e foy filho de Antaõ de Faria da Sylva, e neto de Franciſco de Faria Alcayde mór de Palmella. Aprendidas as letras humanas elegeo entre todas as Religioens a do grande Patriarcha ſaõ Bento recebendo o Habito Monachal no Convento de Tibaens a 27. de Abril de 1675. quando contava 20. annos de idade. Nos Eſtudos Eſcholaſticos ſahio taõ inſigne, que mereceo ſer laureado na Univerſidade de Coimbra com as inſignias doutoraes em a Faculdade de Theologia. Sendo Provizor do Biſpado do Porto tomou poſſe deſta Mitra a 17. de Outubro de 1709. em nome do Excellentiſſimo, e Reverendiſſimo Senhor D. Thomaz de Almeyda hoje Cardial Patriarcha, para a qual fora promovido da Cathedral de Lamego. Os ſeus merecimentos o fizeraõ digno de naõ ſómente governar a ſua Monaſtica Congregaçaõ no anno de 1710. mas ſer propoſto para Biſpo do Rio de Janeiro, e Coadjutor do Arcebiſpo Primaz Ruy de Moura Telles. Morreo no Convento de Tibaens a 19. de Junho de 1721. outavo dia da Feſta do Corpo de Deos, de cujo amoroſo Myſterio foy cordial devoto. Compoz.

Manifeſto das prendas, que para Pay commum da Religiaõ Monaſtica de S. Bento ſe achaõ no P. Fr. Vicente dos Santos D. Abbade Geral ſegunda vez por geral aclamaçaõ do Capitulo, que ſe celebrou em o anno de 1686. *no Convento de Tibaens.* Cujo Original conſerva em ſeu poder o P. Prégador Geral Fr. Marcelliano da Aſcençaõ Monge Benedictino, a quem devemos eſta noticia, como outras muitas da ſua Religiaõ, em que he profundamente verſado.

Fr. ANTAM GALVAM naceo na Villa de Torraõ da Dioceſe de Evora na Provincia do Alentejo. Teve por Pays a Joaõ Martins Galvaõ Alcaide mòr da Villa do Torraõ, e a Izabel Pires Soares de igual nobreza à de ſeu conſorte. Profeſſou o habito de Eremita de Santo Agoſtinho no Convento de Evora a 2 de Janeiro de 1583. Foy ornado de hum engenho admiravel com que brevemente naõ ſó comprehendeo a lingua Latina, mas a Grega, e Hebraica. Naõ teve menor intelligencia para penetrar as ſciencias mayores recebendo na Univerſidade de Coimbra o Grào de Doutor em Theologia em 16. de Junho de 1596. na qual foy Lente de Eſcritura por oppoſiçaõ, e ſentença do Conſelho della em 17. de Novembro de 1601. Neſte miniſterio encheo as obrigaçoens de inſigne Cathedratico concorrendo a ouvillo naõ ſó os profeſſores deſta faculdade, mas ainda do Direito Pontificio, e Ceſario, de tal ſorte, que ſendo muito ampla a Aula, era limitada para o concurſo dos ouvintes dezejando todos ſerem diſcipulos da ſua doutrina, entre os quaes ſe pòde nomear o Illuſtriſſimo D. Affonſo Furtado de Mendoça entaõ Reytor da Univerſidade, e depois Arcebiſpo de Braga, e Lisboa, a quem particularmente explicou, por aſſim lho pedir eſte Prelado, os Pſalmos de David com igual eſpirito que ſciencia. Morreo em Santarem a 20. de Setembro de 1609. com grande ſentimento da Univerſidade por perder hum Varaõ, como dizem Fr. Antonio da Natividade nos *Mont. de Cor. Mont.* 3. Cor. unic. n. 303. *muito mayor, que a fama, que juſ-*

tamente alcançara, e Fr. Thomaz de Faria *Hiſt. Dec.* 1. lib. 9. cap. 8. *Quem Deus, et natura omnibus, quæ ad animi illuſtrationem ſpectant, dotibus cumulaverat.* Semelhantes elogios lhe fazem Joan. Suar. de Brito in *Theat. Luſit. Litterat.* lit. A. n. 83. Purificac. *Chron. da Provinc. de Port. dos Eremit. de Santo Agoſt.* Part. 2. liv. 7. Tit. 1. §. 4. et de *Viris illuſtrib. Ord. Eremit.* lib. 2. cap. 17. aſſinandolhe neſtas duas obras diferente dia, e anno da morte, e ultimamente o P. Fr. Manoel de Figueiredo no *Flos Sanct. Auguſt.* Tom. 4. pag. 135. Deixou *M. S.*

Commentaria in Prophetas Minores
Sermoens varios 1. *Tom.*

Na Via Sacra do Collegio dos Eremitas de Coimbra tem eſte elogio.

Fr. Antonius Galvanus Doctor Theologus latina, Græca, et Hebraica lingua peritiſſimus in Conimbricenſi Academia Veſperariam Sacræ Paginæ cathedram ſeptenio rexit. Obiit Quinquagenarius 20. *Sept. anno Domini* 1609.

Fr. ANTAM DE GUIMARAENS cujo appellido denota a patria onde naceo como he coſtume obſervado dos Religioſos Menores da reformada Provincia da Piedade, onde profeſſou eſte inſtituto florecendo entre os ſeus domeſticos na obſervancia da diſciplina regular, pela qual mereceo quando era Cuſtodio, que o Geral de toda a Ordem Serafica Fr. Bernardino de Sena, que depois foy Biſpo de Viſeu, o elegeſſe Viſitador da Provincia de Santo Antonio, cujo miniſterio executou com admiravel prudencia. Naõ foy menor a que exercitou quando em 30. de Janeiro de 1639. foy eleito Provincial com univerſal aclamaçaõ de domeſticos, e eſtranhos. Vivia pelos annos de 1645. conforme eſcreve Fr. Manoel de Monforte na *Chron. da Provinc. da Piedad.* liv. 4. cap. 57. §. 1. e liv. 5. cap. 10. §. 1. Como era muito perito nas Ceremonias Eccleſiaſticas compoz por preceito dos Superiores.

Ceremonial da Provincia da Piedade com huma explicaçaõ das Rubricas do Miſſal Romano. Braga por Gonçalo do Baſto. 1637. 4.

Fr. ANTAM DE JESUS Religioſo profeſſo da Sagrada Ordem dos Eremitas de Santo Agoſtinho da Congregaçaõ da India Oriental. Por ſer muito verſado no eſtudo da Hiſtoria Eccleſiaſtica, e principalmente dos progreſſos, que os ſeus companheiros tinhaõ obrado no Oriente em beneficio da Chriſtandade. Eſcreveo.

Tratado de algumas couſas memoraveis até a fundaçaõ do Convento de Gorgiſtaõ. Deſta obra ainda permanecem alguns Cadernos truncados no Convento de Goa.

Fr. ANTAM DE LISBOA natural da Cidade do ſeu appellido. Recebeo a Cogulla Ciſtercienſe do Mellifluo Doutor S. Bernardo no Real Convento de Alcobaça em cuja paleſtra aprendeo as virtudes em que foy eminente, e as letras em que ſahio conſumado, principalmente nas Sagradas, do que he teſtemunho hum grande volume, que compoz dividido em duas partes, que ſe conſerva na Livraria do meſmo Convento, onde profeſſou, ſendo a primeira eſcrita em latim, e conſta.

De captivitate, ac diſperſione Judæorum M. S. A. 2 em Portuguez tratando.

Da vida, e acçoens dos antigos Profetas. M. S.

ANTAM DE MESQUITA Natural de Lisboa filho de Joaõ de Figueiroa, e D. Helena de Payva. Depois de eſtar inſtruido nas letras humanas paſſou à Univerſidade de Coimbra onde fez tantos progreſſos na faculdade do Direito Pontificio, que recebendo as inſignias doutoraes, foy admitido ao Collegio de S. Pedro a 21. de Fevereiro de 1592. A grande prudencia, e actividade, que tinha para os negocios mais arduos o fizeraõ digno de ſer mandado por Secretario do Eſtado da India Oriental, onde naõ ſómente exercitou eſte lugar, e o de Juiz dos Feitos da Coroa, e Fiſco Real, mas com exemplo poucas vezes practicado ſendo ſecular foy eleito Deputado da Inquiſiçaõ de Goa, de que tomou poſſe a 26. de Janeiro de 1605. Adminiſtradas taõ diverſas incumbencias com grande inteireza voltando ao Reyno ſendo Dezembargador da Caſa da Supplicaçaõ a 22. de Agoſto de 1630. e Ouvidor do Crime a 20. de Julho de 1633. e nunca Dezembargador dos Aggravos, como eſcreve o Doutor Manoel da

Sylva Pereira Leal no *Cathal. Cronol. dos Colleg. do Colleg. de S. Ped.* §. 31. Deſtes lugares exercitou outros mayores, como foraõ Chanceller das Ordens, Deputado da Meza da Conſciencia, e Ordens, e ultimamente Dezembargador do Paço, atè que falleceo na ſua Patria em o anno de 1639. Ordenou no Teſtamento com que falleceo, a ſeu filho, Joaõ de Meſquita de Figueiroa Dezembargador da Caſa da Supplicaçaõ Fidalgo da Caſa Real Commendador de Guntiaens, e Vallada na Ordem de Chriſto, e Alcayde môr de Almeyda, que imprimiſſe as obras, que tinha compoſto, mas a intempeſtiva morte do filho privou igualmente deſta gloria ao Pay, como a toda a Republica litteraria; ſendo ellas.

Hiſtoria militar de Chriſto volume grande *M. S.*

Diſcurſo ſobre a melhor expediçaõ das Náos da India, e da carga da Pimenta. M. S.

Eſtes dous Tomos conſervava na ſua Selectiſſima Livraria o Chantre de Evora Manoel Severim de Faria, de que fazia grande eſtimaçaõ.

P. ANTAM DE PROENÇA, naceo em o lugar de Remela do Biſpado da Guarda de Pays Nobres chamados Pedro Oſorio, e Luiza Oſorio da Fonſeca. Ainda tinha pouca idade quando foy eſtudar ao Collegio da Madre de Deos ſituado em Evora fundado por ſeus Progenitores, e fez na Filoſofia taes progreſſos, que recebeo o Grào de Bacharel neſta Faculdade. Quando contava 19. annos ſe aliſtou na Companhia de Jeſus em o Collegio Eborenſe a 13. de Julho de 1643. Dezejoſo de prègar o Evangelho nas remotas Regioens do Oriente partio no anno de 1647. para taõ ſagrada empreza, a qual dezempenhou como do ſeu apoſtolico zelo ſe eſperava ſendo o theatro das ſuas fadigas o Reyno de Madurè, onde na Provincia de Paleaõ, e na reſidencia de Tricherapalli bautizou mil trezentos e cincoenta e ſete Gentios. Com invicta conſtancia tolerou as afrontas machinadas pelo odio dos Jogues Meſtres da ſacrilega crença daquelles barbaros ſervindo todas eſtas perſeguiçoẽs de purificar mais as ſuas ſolidas virtudes. Atenuado com o continuo trabalho da inſtrucçaõ dos Cathecumenos, e ainda naõ convalecido de huma grave infermidade recahio em outra, que o privou da vida na Reſidencia de Totiaõ, em o Reyno de Madurè a 14. de Dezembro de 1666. As ſuas exequias foraõ ſolemnizadas com muitas lagrimas dos Chriſtãos que tresladando o ſeu Cadaver depois de ſepultado vinte e ſete dias, foy achado incorrupto, e taõ flexivel, como ſe eſtiveſſe vivo. Eſcreveo.

Cinco Relaçoens dos ſuceſſos da Miſſaõ de Madurè dos quaes, e de ſeu Author faz larga mençaõ o Padre Antonio Franco *Imag. do Coll. de Evor.* lib. 4. cap. 1. 2. et 3. e no *Ann. Glor. S. J. in Luſit.* p. 738.

ANTAM ZURITA cuja patria, e genero de vida ignoramos, verteo da lingua Franceza de Honorato Boget Provençal Doutor em Direito Canonico, na lingua Portugueza no anno de 1441.

Arvore de Batalhas dedicado a ElRey de França. Huma copia deſta traducçaõ eſcrita em letra gotica ſe conſerva *M. S.* na Bib. do Excellentiſſimo Conde da Ericeira, dedicada a D. Inigo Lopes de Mendoça Marquez de Cantillana.

SOR ANTONIA BAUTISTA Religioſa profeſſa no Serafico Convento da Eſperança de Villa-Viçoza da Provincia dos Algarves. Foy taõ obſervante do ſeu inſtituto, como applicada à liçaõ da Hiſtoria, e Arte da Poeſia produzindo o ſeu grande talento ſazonados frutos em hum, e outro eſtudo. Para eternizar a memoria do Convento de que era filha, e as virtudes das Religioſas ſuas Irmãas, compoz com eſtilo claro, e ſincero.

Fundaçaõ do Moſteiro de N. S. da Eſperança de Villa-Viçoza, cuja obra approvada no anno de 1657. pelo Vigario Provincial Fr. Joaõ Pereira, e reviſta pelos Meſtres Fr. Manoel da Madre de Deos, e Fr. Roque da Trindade eſtava prompta para a Impreſſaõ. Divide-ſe em 3. partes; a 1. trata da fundaçaõ do Convento em 16. capitulos: a 2. intitulada *Flores da Eſperança de Villa-Viçoza* relata as virtudes de muitas Religioſas Veneraveis daquella Caſa, e conſta de 26. capitulos. A 3. eſcreve a Vida, Revelações, e Milagres da V. M. Maria das Chagas em 17. capitulos. He

dedicada a obra à Virgem Santiſſima, e conſta a Dedicatoria de 6. Outavas, das quaes tranſcreveremos a primeira para ſe ver a ſuavidade metrica da Authora.

A ti Madre de Gracia, y Virgen Pura
Ab initio creada del que quiſo
Formar una tan bella creatura
Como puerta del miſmo Paraiſo:
Tu que libraſte de priſion tan dura
Al hombre, porq̃ en ti Dios hombre ſe hizo,
Dame tu auxilio oy porque ſe arguya
Que amparas eſta obra como tuya.

D. ANTONIA DE S. CAETANO naceo em Lisboa, e foy filha do Doutor Franciſco Cibraõ Medico da Camara delRey D. Affonſo VI. Cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto, e de D. Ignacia de Freitas. Na primavera dos annos ſe dedicou ao Divino Eſpoſo no Convento de Chellas diſtante huma legoa de Lisboa onde profeſſou o inſtituto de Conega Regrante de Santo Agoſtinho a 17. de Outubro de 1659. Foy ornada de entendimento perſpicaz, e de memoria taõ admiravel que em obſequio do Evangeliſta Amado de quem era cordial devota decorou todo o Evangelho, e Apocalypſe deſte grande Apoſtolo repetindo ſem interrupçaõ do meyo para o fim, e do fim para o principio. Teve particular genio para a Poeſia em que fez varias obras de diferentes metros que moſtravaõ a elevaçaõ da ſua Muſa. Em todos os lugares da Religiaõ que aceitou conſtrangida, adminiſtrou cuidadoſa, ſervio de exemplar às ſuas companheiras que com lagrimas copioſas lamentaraõ a ſua intempeſtiva morte ſuccedida a 18. de Dezembro de 1705. Fazem della honorifica memoria Diogo Manoel Ayres de Azevedo *Portug. Illuſtr. pelo Sex. Femin.* pag. 89. n. 29. e o *Theatr. Heroin. das mulheres Illuſtr.* Tom. 1. pag. 88. e o P. Antonio dos Reys no *Enthuſ. Poet.* n. 280. neſtas vozes.

= *Ex humili translata Antonia Valle*
Quæ dedit, ut referunt, olim penetralia Veſtæ.
Nunc Adriane tibi caſta cum conjuge ſedem
Dat placidam docti Montis tenet ardua, Daphne
Virgine cincta caput.

Algumas obras poeticas ſe lem impreſſas no livro intitulado *Rozario do Santiſſimo Sacramento* Lisboa por Domingos Carneiro 1662. 12.

Decima em louvor da Oraçaõ que na Academia dos Singulares recitou o Doutor Jozè de Faria Manoel a 13. de Janeiro de 1664. Sahio no 1. tomo da Academia dos Singulares. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira 1665. 4.

Cathalogo dos Authores que eſcreveraõ da Hiſtoria de Portugal. M. S. de cuja obra faz mençaõ Diogo Manoel no livro aſſima citado.

Obras diverſas em proza, e verſo, cujos originaes entregou Maria Jozefa de Santa Thereza Irmãa da Authora a Affonſo Leitaõ de Souſa como ſe eſcreve no *Theatro Heroino* pag. 88.

ANTONIA DE S. DOMINGOS Religioſa profeſſa no obſervante Convento de Aveiro da Ordem dos Prègadores onde foy exemplar de perfeiçaõ a ſuas companheiras. Todo o tempo dedicava à contemplaçaõ dos divinos atributos, e de tal ſorte ſe inflamava no amor de ſeu divino Eſpoſo, que para refrigerar eſte divino incendio deſtillava copioſas lagrimas. Conſtrangida pela obediencia aceitou o lugar de Prioreza doutrinando mais como Meſtra, que governando como Prelada as ſuas ſubditas. Padeceo intoleraveis dores com grande conformidade, e paciencia, até, que foy na gloria receber o premio das ſuas virtudes. Eſcreveo.

Vida da Veneravel Madre Luiza do Roſario Religioſa no Convento de Aveyro de quem fora diſcipula no eſpirito, a qual ficou *M. S.* como affirma Jorge Cardoſo no *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 709. no Commentario de 16. de Junho letr. H. Da Authora deſta vida fazem memoria Fr. Pedro Monteiro *Clauſt. Dom.* Tom. 3. p. 163. e Fr. Lucas de Santa Catharina *Hiſt. de S. Domingos da Prov. de Port.* Part. 4. lib. 2. cap. 15.

D. ANTONIA DE ROXAS, cuja patria he taõ occulta, poſto que em huma das ſuas obras confeſſe ſer nacida em Portugal, como clara, e manifeſta a ſua grande erudiçaõ. A fortuna lhe deo illuſtres progenitores, e a natureza prodigamente, a ornou de engenho agudo, e penetrante

de tal modo que ſendo Diſcipula de ſi meſma ſoube profundamente inveſtigar os miſterios da Poeſia, e os Primores da Oratoria eſcrevendo com tanta elegancia em huma, e outra arte, que arrebatava as atençoens dos ſeus mayores profeſſores merecendo ſer equiparada as Segeas, Hortenſias, Bernardas, e Violantes, que foraõ do Parnaſo Luſitano celebradas Muſas. No eſtado de cazada, e viuva nunca interrompeo a continua applicaçaõ ao eſtudo das letras humanas com que ornava as ſuas eruditas compoſiçoens pelas quaes lhe fez o ſeguinte elogio hum famoſo Poeta.

Farey que entre as ſabias celebradas
Sejais hum Sol fermoſo ao meyo dia
Eſcurecendo a todas as paſſadas
Que eternizar a fama pertendia;
E que do voſſo canto namoradas
As Nimphas bellas, que o Tejo cria,
Triumfos ſoberanos vos ofreçaõ
Que vivaõ, e para ſempre permaneçaõ.
Voſſo raro ſaber tem admirado
O Louro Apollo com turbada viſta,
E no meyo do curſo eſtà parado,
Entendendo haver quem lhe reſiſta.
Eo que foy em Touro transformado
Determina buſcar nova conquiſta
Por ver que o peito voſſo em hum inſtante
Quer penetrar ſeu globo rutilante.

Das muitas, e ſingulares obras que compoz ſómente vio o Tomo nono o P. Franciſco da Cruz Jeſuita, como eſcreve nas Memorias para a Bibliotheca Portugueza, o qual continha o ſeguinte.

Alivio de Triſtes. Obra fabuloſa dividida em quatro partes em forma de Dialogo ornado de todo o genero de figuras rethoricas, agudeza de penſamentos, e variedade de ſentenças, entre as quaes eſtaõ muitos verſos Portuguezes, e Caſtelhanos de diverſos metros.

Egloga Paſtoril compoſta de varios verſos.

Tragedia lamentavel dividida em ſeis lamentaçoens em proſa, e verſo Portuguez, e Caſtelhano, com as quaes chora a morte de ſeu filho Pedro de Vaſconcellos, que acabou a vida pelejando glorioſamente no Oriente contra as Mouros.

Diverſas Cançoens, e gloſſas Sagradas, e profanas.

Origem da Sagrada Imagem da Virgem de Monſerrate em proſa, e verſo. De todas eſtas obras faz memoria como da ſua Authora o *Theatr. Heroin. de Molher. Illuſt.* Tom. 1. pag. 117. Floreceo eſta Heroina pouco depois da fatal calamidade da Batalha de Alcaçer.

SANTO ANTONIO immortal gloria, e illuſtre brazaõ do Reyno de Portugal, e particularmente da famoſa Lisboa, que foy o venturoſo berço de taõ inſigne Thaumaturgo dilatando mais vaſtamente a fama do ſeu nome com a producçaõ deſte grande filho, do que o tinha alcançado pela fundaçaõ do Capitaõ Ulyſſes. No fauſtiſſimo dia de 15. de Agoſto conſagrado à triunfante Aſſumpçaõ de Maria Santiſſima do anno de 1195. ſahio à luz do mundo eſte brilhante Aſtro para com os rayos da ſua doutrina diſipar as ſombras em que jazia ſepultado. Empenhouſe a natureza em que os Pays, que o geraſſem foſſem iguaes à patria em que nacera, concorrendo para ennobrecer a ſua peſſoa a mais qualificada nobreza de Portugal, França, e Eſpanha, ſendo elles Martim de Bulhoens, e D. Thereza Taveira nobiliſſimos pela eſclarecida aſcendencia de ſeus Mayores, pois o Pay deſcendia daquelle inſigne Heróe Gotfredo de Bulhaõ Duque de Lorena, e Rey de Jeruſalem, e a Mãy era da illuſtre familia, dos Taveiras, que os noſſos Genealogiſtas deduzem delRey D. Fruela das Aſturias Pay delRey D. Affonſo o Caſto. Na Igreja Mayor elegeo por ſua protectora a Rainha dos Anjos Tutelar daquelle Templo onde recebera a primeira graça, e occupado nos devotos miniſterios do Altar, e Coro ſe admiraraõ os progreſſos dos ſeus eſtudos ao meſmo tempo, que ſe acendiaõ no culto Divino os ſeus affectos. Chegado à idade de quinze annos já inſtruido com as primeiras letras deſprezou heroicamente as delicias da caſa paterna, e ſe dedicou totalmente a Deos recebendo o habito Canonico de Santo Agoſtinho no Real Convento de S. Vicente ſituado fora de Lisboa, celebre pela ſevera obſervancia dos Varoens, que o habitavaõ. Neſta ſantificada eſcola exercitou com tal exceſſo todas as virtudes, que era venerado como Meſtre ao tempo, que principiava a ſer diſcipulo obſervando exactamente a diſciplina regular com aſſombro

e enveja dos mais rigidos cultores da vida Religioſa. Feita a profiſſaõ ſolemne em que para mais velozmente proſeguir o caminho da perfeiçaõ Evangelica ſe atou voluntariamente com a triplicada prizaõ dos votos, como lhe perturbaſsẽ a quietaçaõ, que appetecia o ſeu eſpirito, as frequentes viſitas de parentes, e amigos, ſe retirou para o Convento de Santa Cruz de Coimbra, Real fundaçaõ da generoſa piedade do primeiro Affonſo de Portugal, onde ſeparado do comercio humano voava com acelerados impulſos à mais ſublime eſféra da ſantidade. Neſte tempo chegaraõ por diſpoſiçaõ Divina a eſte celebre Convento as reliquias daquelles heroicos ſoldados, que tinhaõ derramado valeroſamente o ſangue em obſequio de Chriſto nas barbaras campanhas de Marrocos, e como eraõ as primicias dos ſeraficos ardores do Athlante da Igreja Franciſco, ſe lhe acendeo no Coraçaõ hum ardente dezejo de ſacrificar a vida nas aras do martyrio ſervindolhe de generoſo eſtimulo aquelles cinco Heròes, cujas cinzas produſiaõ o activo incendio, em que felizmente ſe abrazava o ſeu amoroſo peito. Para conſeguir taõ illuſtre intento determinou receber o penitente habito de Frade Menor, e alcançada faculdade de D. Joaõ Ceſar 6. Prior daquelle Real Convento mudando o nome de Fernando em Antonio, e a Murça de Agoſtinho pelo Sayal de Franciſco ſe conſtituhio hum perfeito exemplar da vida Evangelica. Aliſtado o heroico ſoldado neſta nova milicia ſe lhe excitou mais fortemente o dezejo de padecer martyrio, e conhecendo os Prelados as affectuoſas ancias do ſeu coraçaõ lhe concederaõ licença para que em Marrocos confirmaſſe com o ſeu ſangue as verdades da Religiaõ, e os triumfos da Fè. Deixada Coimbra chegou a Lisboa aonde ſuperior a todos os affectos humanos, e como hoſpede do mundo naõ quiz vèr a ſeus Pays, e partindo para Africa atraveſſou com feliz ſuceſſo aquella porçaõ do mar Occeano chamado Athlantico, e chegou brevemente ao apetecido termo das ſuas ancias. Neſta aduſta regiaõ concebeo mais activo fogo o ſeu coraçaõ, porèm huma grave infermidade o privou das forças do corpo, e juntamente das eſperanças de padecer o martyrio ſendo obrigado a voltar a Portugal, mas impedido novamente de huma furioſa tempeſtade contra a qual inutilmente ſe cançava o inceſſante trabalho dos mariantes, naõ podendo tomar o rumo, que buſcava, aportou em Sicilia onde recebendo noticia de que ſe convocava Capitulo Geral em Aſſiz no anno de 1221. ſe reſolveo aſſiſtir nelle para que os Prelados diſpuzeſſem da ſua obediencia. Neſte Veneravel congreſſo de toda a Familia Serafica vio a ſeu grande Patriarcha S. Franciſco, que com a ſua preſença animava taõ immenſo corpo. De Aſſiz paſſou a Bolonha, e retirado ao Ermo de S. Paulo pouco diſtante do Convento de Emilia, paſſava o tempo na contemplaçaõ da eternidade. Neſta amavel ſolidaõ experimentava a ſua alma celeſtiaes favores, e recebia efficazes auxilios para triunfar das aſtucias do demonio, que envejoſo de vér naquella Thebaida reproduzido o eſpirito do primeiro Antonio buſcava vigilante novas invençoens, e maquinas para derrubar aquelle edificio da Santidade. O mayor empenho da humildadede Antonio era occultar os theſouros de ſabedoria, que tinha depoſitado no ſeu peito affectando huma apparente ignorancia para ſer reputado por idiota, atè que obrigado da authoridade do Biſpo de Forlibio manifeſtou a profunda ſciencia, e celeſtial intelligencia das eſcrituras em que era peritiſſimo cauzando taõ grande admiraçaõ aos circunſtantes, que foraõ a origẽ de que todas as Provincias de Italia, e França inſtaſſem a S. Franciſco para que com as influencias da ſua doutrina fertilizaſſe o campo da Religiaõ Serafica naquelle tempo menos fecundo de letras por pouco cultivado. Condeſcendeo o Serafico Patriarcha a taõ juſta petiçaõ, e o nomeou Meſtre de Theologia ſendo o primeiro, que teve a Ordem Franciſcana merecendo a altiſſima ſabedoria deſte Heróe, que foſſe o Sol de que ſahiraõ os rayos, e a fonte de que brotaraõ as correntes, com que illuſtraraõ as mayores Univerſidades os Mayroens, Eſcotos, e Gabrieis Oraculos da Eſcola Serafica ſendo diſcipulos da ſua doutrina os que foraõ Meſtres de todo o mundo. A laborioſa applicaçaõ das Cadeiras o naõ privava do miniſterio do pulpito para o qual concorreo em competencia da graça liberal a natureza dotando-o de voz clara, e ſonora, eſtilo grave, e eloquente, acçoens reguladas pelo eſpirito, e naõ pela arte concorrendo tanta

multidaõ de povo a ſer ouvinte das ſuas evangelicas declamaçoens, que muitas vezes por exceder o numero de trinta mil peſſoas buſcava para theatro a liberdade do campo, por ſerem os Templos pequena eſféra para taõ numeroſo auditorio. Ao brado das ſuas vozes deſpertavaõ os peccadores ſumergidos no lethargo da culpa, e dotado de celeſtial facundia naõ articulava palavra, que naõ foſſe animada de apoſtolico zelo, de que eraõ infalliveis conſequencias liquidarſe em lagrimas penitentes a obſtinaçaõ mais inflexivel, reformarem-ſe as vidas eſcandaloſas, comporem-ſe diſcordias inveteradas, e reſtituirem-ſe famas, e fazendas injuſtamente uzurpadas. De Italia paſſou a França com o lugar de Cuſtodio de Limoges onde para confutar em Toloſa a perfida contumacia de Guialdo herege dogmatizante, que negava a Real exiſtencia de Chriſto na Euchariſtia fez com inaudito portento, que deſprezando hum animal faminto de tres dias o ſuſtento adoraſſe profundamente ao ſeu Creador occulto debaixo das eſpecies Sacramentaes ſendo a mayor gloria deſte triunfo, que a irracionalidade de hum bruto convenceſſe a obſtinaçaõ de hum racional. Igual vitoria conſeguio em Rimini illuſtre Cidade de Romania confutando a protervia dos Hereges de que era infame cabeça Bonivillo, que cegos à luz da verdade, e ſurdos às vozes do deſengano deſprezavaõ ouvir a palavra Divina. Para convencer a eſtes filhos das trevas chegou à margem do rio, e chamando com voz imperioſa aos ſeus mudos habitadores, taõ promptos obedeceraõ, como atentos ouviraõ as palavras, que proferia a ſua efficaz eloquencia. A taõ novo eſpectaculo eſtava atonita a admiraçaõ daquelles Sectarios, que accuſados da ſua cegueira pelo ſilencio reverente daquelles brutos, abjuraraõ os erros, e ſeguiraõ contritos o caminho da verdadeira Religiaõ. Como acerrimo defenſor do Myſterio da Euchariſtia lhe communicou a divina Omnipotencia a multiplicaçaõ das prezenças, reproduzindo-ſe miraculoſamente em diverſos lugares, aſſiſtindo ao meſmo tempo em Limoges, e cantando no Coro em Mompilher; prégando a hum grande auditorio em Padua, e livrando em Lisboa por duas ocaſioens a innocencia injuſtamente condenada de ſeu Pay ſendo em huma redemptor da ſua honra, e em outra da ſua vida pagandolhe com nobre uſura a que delle recebera. Para juſtificaçaõ evidente de que ſeu Pay naõ era reo do crime pelo qual já caminhava para o patibulo animou as cinzas frias de hum Cadaver, e do ſilencio da ſepultura ſahio a vóz, que com aſſombro dos circunſtantes declarou, que naõ fora elle o Author do homicidio. A ſua reſpiraçaõ foy remora para que hum Noviço naõ deixaſſe o habito religioſo, e a ſua tunica veſtida por hum Monge perſeguido da incontinencia fez por contagioſa virtude, que a rebeldia da carne obedeceſſe às leys do eſpirito. Animado de heroico valor ſe oppoz contra as horroroſas tyranias de Excelino, de naçaõ Romano, de condiçaõ barbaro, General do Sciſmatico Emperador Frederico II. o qual entre as medonhas atrocidades de que tinha ſido fatal inſtrumento, era a mayor a morte de onze mil peſſoas, que em Padua, e Verona foraõ victimas da ſua ferocidade: com a formidavel efficacia da voz humilhou a ſeus pès a eſte monſtro animado teſtemunhando com lagrimas copioſas o arrependimento dos ſeus inſultos. Semelhante foy a valentia com que reſiſtio ao indiſcreto zelo do Geral Fr. Elias pertendendo introduſir alguns abuzos contra a obſervancia da regra Serafica, e como era infallivel a ruina deſte corpo eſtando viciada a cabeça o convenceo intrepidamente na prezença de Gregorio IX. da eſcandaloſa temeridade com que queria relaxar o inſtituto, que profeſſava, ſendo privado do lugar pelo meſmo Pontifice, e foy Antonio o ſagrado Athlante, que ſuſtentou a machina do Orbe Serafico, que já vacilava da ſua primitiva inſtituiçaõ, cauſa porque mereceo o titulo de primeiro reſtaurador, e ſegundo Fundador de taõ immenſa Familia. Prégando em Roma ao Pontifice Gregorio IX. e a todo o Sagrado Collegio tanta foy a energia com que explicou os Textos mais dificultoſos da Eſcritura, que admirando o Papa a ſuperior illuſtraçaõ, e profunda intelligencia com que revelava myſterios taõ occultos o canonizou por Arca do Teſtamento, e depoſito das doutrinas mais celeſtiaes. Com inaudita ſingularidade conſervou de memoria toda a Biblia, e a pudera inteiramente reſtaurar como outro Eſdras, ſe acaſo ſe per-

dera, de que he evidente prova a copioſa contextura de Textos de que eſtaõ cheyas as ſuas obras dos quaes naõ uſara com tanta facilidade ſe os naõ tivera todos decorados. Pouco tempo antes da ſua morte querendo dedicar-ſe com mayor fervor à contemplaçaõ, ſe retirou para a ſolitaria habitaçaõ do monte Alverne onde continuamente orando, e eſcrevendo recebeo como outro Elizeo o eſpirito do Elias da Ley da Graça S. Franciſco que tinha ſanctificado aquelle lugar com as chamas dos ſeus ſeraficos ardores. O rigor das penitencias, e o diſvelo dos eſtudos, que practicou neſta ſolidaõ lhe foraõ abreviando a vida, e aviſado ſuperiormente de ter chegado o ſeu termo ſe recolheo ao Oratorio de Ara Cæli pouco diſtante de Padua onde foy acometido da ultima infermidade, e entoando o Hymno *O' Glorioſa Domina* eſpirou como celeſtial Ciſne entre a ſuavidade da Muſica a 13. de Junho de 1231. quando contava a florente idade de 36. annos dos quaes viveo 15. em caſa de ſeus Pays, onze na Religiaõ Canonica Auguſtiniana, e pouco mais de dez na Serafica. Em taõ poucos annos de vida logrou tantos ſeculos de virtude, que a glorioſa memoria das ſuas acçoens ſerá eterna occupaçaõ da poſteridade confeſſando, que à eficacia do ſeu ardente zelo ſe converteu a obſtinaçaõ dos peccadores, ſe convenceo a perfidia dos hereges, e ſe humilhou a ſoberba dos Tyranos. Ao imperio da ſua voz foraõ tributarios os Elementos ſerenando tempeſtades, extinguindo incendios, fecundando campos, e domeſticando feras. Superior à jurisdiçaõ do tempo obrou, em hum inſtante, o que ſe naõ podia executar em muitos dias. Diſcorreo como o Sol com incanſavel giro para beneficio dos homens duas vezes França, Roma, Sicilia, e huma Milaõ, Arimino, Bolonha, Florença Padua, e Veneza. Como depoſitario da Divina Omnipotencia uſou taõ diſpoticamente dos ſeus poderes, que teve ſogeita ao ſeu dominio a natureza ſendo o principal empenho da ſua beneficencia reſtituir olhos aos cegos, ouvidos aos ſurdos, lingua aos mudos, juizo aos loucos, liberdade aos cativos, e vida aos mortos. Foy Apoſtolo no Officio, Martyr no dezejo, Doutor na ſciencia, e Virgem por privilegio. Vaticinou o futuro, revelou o encuberto, illuſtrou Lisboa com o nacimento, e honrou a Padua com a ſepultura. Divulgada a ſua morte ſe juntaraõ os meninos por ſuperior impulſo, e divididos pelas Praças, e ruas de Padua clamavaõ com innocentes vozes, que era morto o Santo, ſendo eſta a primeira Canonizaçaõ com que o Ceo anticipadamente declarou os altos merecimentos da ſua heroica Santidade, que fazendoſe mais patente com a innumeravel multidaõ de milagres mereceo com ſingular privilegio ſer collocado no Cathalogo dos Santos por Gregorio IX. em 30. de Mayo de 1232. onze mezes depois do ſeu glorioſo tranſito. Os applauſos, e feſtivas acclamaçoens, que em taõ alegre dia ſe conſagraraõ em Eſpoleto à Santidade de Antonio fizeraõ ſonoro ecco na famoſa Lisboa, publicando com linguas de bronze taõ plauſivel noticia os ſinos, que ſe tocaraõ ſem humano impulſo. O ſeu Cadaver depois de muitas, e fortes controverſias altercadas pelos Paduanos foy ſepultado no Convento de Santa Maria da Religiaõ Serafica, porèm em 29. de Abril de 1263. trinta e dous annos paſſados depois da ſua morte ſe tresladou com mageſtoſa pompa pera o magnifico Templo, que lhe eregiraõ os Cidadoens de Padua onde competio a arte com a natureza para formar aquelle milagre da Architectura, que havia ſer depoſito de taõ ineſtimavel theſouro. Aberto o cofre na prezença de Guido Cardeal Legado, e de S. Boaventura, que entaõ era Geral da Ordem ſe achou o corpo reſoluto em area, e a lingua contra o imperio da morte, e do tempo viva, e incorrupta, e depois de lhe fazer o Serafico Doutor com devota ternura hum breve elogio, a collocou em hum cofre de Criſtal. Ainda naõ ſatisfeita a piedoſa magnificencia dos Paduanos com os obſequios, que tinhaõ feito ao ſeu Patrono lhe eregiraõ na Praça publica huma Eſtatua de bronze para que na duraçaõ do metal eternizaſſem a memoria do ſeu affecto. A Univerſidade decretou por commum conſentimento de todos os Academicos foſſe no dia outavo da ſua Solemnidade em prociſſaõ com as inſignias das ſuas faculdades acompanhados dos Religioſos Menores celebrar todos os annos os plauſiveis cultos deſte inſigne Thaumaturgo. A Caſa em que em Lisboa ſahio à luz do mundo eſte milagre da Graça ſituada junto à Igreja Cathedral ſe

converteo com religioſa magnificencia em hum ſumptuoſo Templo conſagrado ao ſeu Nome ſobre o qual para mayor eſtabilidade da Republica aſſiſte o Tribunal do Senado, que trata do governo Economico della. A porta, que dava ſahida a eſte edificio ainda ſe conſerva triunfante das injurias do tempo, e taõ venerada da devaçaõ dos fieis, que para remedio das ſuas oppreſſoens lhe arrancavaõ tanta copia de pedaços, que foy neceſſario para ſe conſervar fabricarſe outra, que ſerviſſe de reparo a eſtas piadoſas violencias, a qual ſe abre no dia do Santo à veneraçaõ univerſal do povo de Lisboa. A ereçaõ deſte Templo foy glorioſo empenho da devota profuſaõ dos Sereniſſimos Reys D. Joaõ o II. e D. Manoel como manifeſta o rotulo, que ſerve de Coroa ao arco da porta principal feito com engenhoſo artificio de diverſos troncos, e animaes abertos ſubtilmente na dureza da pedra. A Capella mór onde ſe venera a imagem do Santo era fabricada de excellentes marmores, atè que no anno de 1719. ſendo Provedor da Meza o Excellentiſſimo Conde da Ribeira D. Jozé Rodrigo da Camara Preſidente do Senado de Lisboa, Eſcrivaõ o Doutor Antonio Fauſtino da Sylva, Thezoureiro Pedro Vicente da Sylva, e Procurador Luiz Joachim da Fonſeca Botelho moço da Camara de Sua Mageſtade novamente ſe reedificou eſte Templo levantandolhe outra Capella mais ſumptuoſa ornada de precioſos porfidos, e Alabaſtros, e reveſtido o tecto, e paredes de finos marmores diverſos nas cores, e debuxos onde a arte emula da natureza apurou a elegancia dos ſeus primores, entre os quaes ſe admiraõ alguns quadros de excellente pincel, que mudamente apregoaõ acçoens mais celebres deſte Thaumaturgo Portuguez. Todo o diſpendio deſta obra, que foy exceſſivo procedeo das eſmolas, com que todo o Reyno cada anno concorre liberal, e devoto em obſequio deſta Caſa por ſer o feliz Oriente em que rayou taõ brilhante Aſtro da Santidade. He innumeravel a copia de prata, e ouro, que tem eſte Templo para ornato dos Altares, e de todo elle naõ ſendo inferior o numero de precioſos ornamentos com que eſtá enrequecido, e ornado. Nos Presbiterios da Capella mór, que exiſtia antes deſta reedificaçaõ eſtavaõ abertos na pedra dous elegantiſſimos Epigramas, os quaes era fama ſerem compoſtos pelo inſigne André de Rézende, e por muitas vezes os li, e admirey, porèm com laſtima dos eruditos veneradores da antiguidade ſe puzeraõ em ſeu lugar humas pedras variamente debuxadas, e para que totalmente naõ acabaſſem eſtes verſos dignos de eterna duraçaõ os offereço tranſcriptos aos olhos da curioſidade. Dizia o primeiro.

Humano generi per te blanditur Olympus;
Hæc tibi natalis ſunt monumenta tui.
Hæc præclara tuis ſonvit vagitibus ædes;
Vidit reptantes, ſuſtinuitque manus.
Hæc fuit aula patris; nati micat ara; fit orbis
Annulus urbi; urbis gemma fit ipſa domus.
Immortale decus patriæ; ſpes magna tuorũ;
Mortale egiſti, quid niſi Dive mori?
Itala gens obitum, gens Lyſia ſuſcipit ortum;
Occaſus Padua eſt; ut domus hæc oriens
Heſperia Antoni radijs micat utraque; claudi
Uno non poterat gloria tanta loco.

Dizia o Segundo.

Cæli dèlicias felices orbis amores
Quæ peperi orba mei cælitis ara gemo.
Unum quæro (ſonẽt cũ tot miracula mundo)
Perdita, qui reddis, te mihi reſtituas.
Perdita ſum ſine te, ſed ero mihi reddita tecum
Te revoca, reddes, me mihi, teque tuis.
Urbi Antenoriæ ſi das ſacra oſſa, reſervas
Antoni patriæ qualia dona tuæ?
Ipſe; ſuper patriam totum cor ad æthera fundam
Neſcio, quid majus patria dulcis habet.
Corporis exuvias Patavi mors clauſit in urna;
In patria dulcis me tumulavit amor.

A vida deſte grande Heróe da Santidade eſcreveraõ na lingua Latina Jacobo Convier, Joaõ de La Haye, e Fr. Rafael Mafeo; na Italiana Fr. Elias de Cortona, Agapito Pei de Amelia, Lucas Aſſarino, o Cavalleiro Pona, e o Padre Antonio Maria Bonucci; na Polaca Joaõ Franco Rodraſen; na Caſtelhana Matheos Aleman, Fr. Chriſtovaõ Moreno, Fr. Miguel Pacheco, e Fr. Miguel Meſtre; e na Portugueza Braz Luiz de Abreu; em verſo Luiz de Tovar, e Franciſco Lopes, e em Eſpanhol Fr. Antonio de Santa Maria. Seguiraõ eſta empreza os Chroniſtas Franciſcanos Fr. Marcos de Lisboa *Chron. de S. Franc.* Part. 1. liv. 5. Reboled. part. 1. liv. 4. Gonzag. de

Orig. Seraph. Relig. 1. Part. et Part. 2. in *Prov. S. Ant.* et part. 3. in *Prov. Turon.* Conu. 11. Wadingo *Annal. Ord. Min.* ad an. 1213. §. 42. an. 1217. §. 22. e 24. an. 1220. §. 52. 53. et ſeq. ann. 1221. §. 12. ann. 1222. §. 30. ann. 1231. §. 1. Illuſtriſſimo Damian. Cornejo *Hiſt. Seraf.* Part. 2. liv. 3. cap. 9. até 49. Eſperança *Hiſt. Seraf. de Portugal* Part. 1. liv. 5. Dos eſtranhos Raynaud. *Annal. Eccleſ.* Tom. 13. ad an. 1231. §. 33. et ann. 1232. §. 33. Bzou. in *Annal.* Tom. 13. ad ann. 1231. Malvend. in *Ann. Ord. Præd.* Tom. 1. pag. 488. Boſius *de ſignis Eccleſ.* Tom. 2. liv. 7. cap. 1. Pennot. *Hiſt. Can. Reg.* liv. 2. cap. 6. n. 1. Genebrard. *Chron.* lib. 4. ad ann. 1241. Belovacens. *Specul. Hiſtor.* lib. 31. à cap. 131. uſque ad 138. Oudin. *Comment. de Script. Eccleſ. Antiq.* Tom. 3. col. 40. Caſtill. *Chron. de S. Doming.* Part. 1. liv. 2. cap. 5. Scoto in *Bib. Hiſp.* fol. 107. Nicol. Ant. in *Bib. Hiſp. Vet.* Tom. 2. lib. 8. n. 10. et ſeq. Poſſevin *Appar. Sacr.* Tom. 1. pag. 105. Marineo de *rebus Hiſp.* liv. 5. Garib. *Comp. Hiſt. de Eſp.* lib. 12. cap. 47. Brand. *Mon. Luſit.* 4. Part. liv. 14. cap. 13. Vaſconc. in *Deſcript. Luſit.* pag. 522. n. 1. Cunha *Hiſt. Eccleſ. de Lisb.* Part. 2. cap. 33. Maris. *Dial. de Var. Hiſt.* Dial. 2. cap. 11. Duarte Nunes *Deſcripc. de Portug.* cap. 41. Fr. Ant. à Purificat. *Chronol. Monaſt.* pag. 67. Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 658. e no Commentario de 13. de Junho let. A. D. Nic. de Santa Mar. *Chron. dos Coneg. Reg.* liv. 1. cap. 10. *Magn. Bibliotheca Eccleſ.* pag. 503. col. 2. Ainda, que foraõ grandes os elogios, que lhe dedicaraõ graviſſimos Eſcritores ſempre ſaõ inferiores ao ſeu grande merecimento. S. Boavent. in *Sermon* 2. diz *Habuit in ſe ſcientiam omnium antiquorum.* Santo Antonino de Florença *Hiſtor.* Part. 3. Tit. 24. c. 3. *Plenus Sanctitate, et præclarus doctrina, et miraculis.* Jacob. Bergomenſ. *Suplem. Chronic.* lib. 13. ad an. 1231. *infinitis clarus miraculis.* Baron. in *Martyrolog.* ad 13. *Junij Vita, & miraculis, et prædicatione illuſtris.* Bellarm. de *Script. Eccleſ.* ad ann. 1220. *Miraculis plurimos convertit, vel ab hæreſi ad rectam fidem, vel ab improbis moribus ad pœnitentiam agendam* Joan. Molan. *in Martyrol.* Vivard. ad 13. Junij *Celeberrimus extitit vita, miraculis, et doctrina.* Trithem. in *Cathal. Script. Eccleſiaſt. Vir in divinis Scripturis eruditiſſimus.* Poſſevin. in appar. Sacr. *Sanctitate, miraculis, et doctrina clarus.* O noſſo inſigne Poeta o Padre Manoel Pimenta no 1. Tom. dos ſeus Poemas entre outros Epigrammas, que a ſua devota Muſa conſagrou a eſte Thaumaturgo lhe fez o ſeguinte à prodigioſa incorrupçaõ da ſua lingua, que por ſer taõ elegante, e diſcreto o julguey digno de que foſſe a Coroa de todos os Elogios deſte grande Portuguez.

Heróe extincto dum mors inimica triumphat;
Corporis, & ſacrum depopulatur opus.
Pectora percurrit percurrit livida frontem,
Marmoreaſque manus, ſydereaſque genas.
Ventum erat ad linguam ſtupefacta quieſcit,
& inſit;
Abſtineo à lingua, contineoque manus.
Semina, quæ tetigit vivi immortalia Verbi,
Ingenium Verbi non morientis habet.
Haud tangenda mihi eſt vitam quæ præſtitit, et Mors
Si male tentaſſem tangere, viva ſorem.

As obras; que o Santo compoz cheyas de Sagrada Doutrina, e ſentido Myſtico ſaõ as ſeguintes.

Sermones de Sanctis. Venetiis 1574. 8.

Sermones Quadrageſimales, et Dominicales ſuper Evangelia totius anni correctius aucti, & marginibus ornati a Fr. Raphaele Maffæo Minorita. Venetiis apud Joannem Antonium Bertanum 1575. 8.

Sermoens Quadrageſimales, et de Tempore. Pariſiis apud Badium Aſcenſium. 1521. 8.

Concordantiæ morales ſacræ ſcripturæ prædicatoribus ad virtutes commendandas, et vitia condemnanda utiliſſimæ. Romæ apud Alphonſum Ciaconium 1624. et Pariſiis 1641 apud Carolum, Rovillard, et Coloniæ 1647. Foy eſta obra publicada pela deligencia de Fr. Lucas Wadingo, que a extrahio de hum M. S. antiquiſſimo que ſe guardava no Convento de Ara Cæli de Roma, e a dedicou à Sãtidade de Urbano VIII. da qual diz o meſmo Wadingo in Script. Ord. Min. pag. 34. *Opus ſane ingenioſum hominis verſatiſſimi in Sacris Bibliis, quem proinde Gregorius IX. appellavit Arcam Teſtamenti.* Foy o primeiro Author deſte genro de compoſiçaõ como dizem Buxtorfio in *Præfat. Concordant. Hebraicar.* e Jacobo le Long. in *Bibliotheca Sacra.* pag. mihi 456. col. 2. et pag. 458. col. 2.

Todas eſtas obras compilou com grande diſvelo, e igual trabalho Fr. Joaõ de La Haye Pariſienſe, Prégador delRey Chriſtianiſſimo, e celebre Author da Biblia Maxima, Procurador Geral da Ordem Serafica no Reyno de França, e novamente lhe acrecentou a obra ſeguinte que nunca tinha ſido impreſſa.

Interpretatio myſtica in Sacram Scripturam

A qual viſitando como Viſitador Geral o Convento Mercurienſe ſituado no Ducado de Lorena, e examinando com toda a curioſidade a Bibliotheca do meſmo Convento, que he muito numeroſa, entre os *M. S.* que eſtavaõ fechados em huma arca a deſcubrio entre elles, e depois a publicou com as mais obras em huma elegante Impreſſaõ que ſahio. Pariſiis apud Carolum Rouillard. 1641. fol. e depois Lugduni apud Petrum Rigaud. 1653. fol. et Pedeponti prope Ratisbonam ſumptibus Joannis Gaſt. 1739. fol. Tambem ſahiraõ com hum ſuplemento que o Doutiſſimo Antonio Pagi Franciſcano Conventual Author da Critica aos Annaes de Baronio, tirou de hum *M. S.* que ſe conſervava na Bibliotheca dos Frades Menores de Florença, e ſahio Avenione apud Petrum Offray 1684. 8.

D. ANTONIO naceo na Cidade de Lisboa no anno de 1531. e foy filho do Sereniſſimo Infante D. Luiz, e Neto do Auguſtiſſimo Monarcha D. Manoel. Naõ ſatisfeita a natureza de lhe dar taõ alto nacimento o ornou de mageſtoſa prezença, genio afavel, juizo perſpicaz, e engenho ſublime para comprehender as mayores dificuldades por cujos dotes o julgou digno ſeu Pay que foſſe inſtruido com os primeiros rudimentos no Convento da Coſta ſituado junto da Villa de Guimaraens donde paſſou no anno de 1548. a Coimbra para continuar o eſtudo das humanidades, e Filoſofia no Real Convento de Santa Cruz de Coimbra em cuja paleſtra teve por Condiſcipulos, e emulos do ſeu grande talento a D. Fulgencio, e D. Theotonio Filhos do Duque de Bragança D. Jayme. Sahio taõ perito na pureza da lingua Latina, e noticia das letras humanas, que mereceo os applauſos de Poeta inſigne, e Orador conſumado compondo Verſos com ſumma afluencia, e recitando Oraçoens com elegante energia. Não fez menores progreſſos na penetraçaõ das ſubtilezas da Logica, e Metafiſica recebendo em 5. de Mayo de 1551. com univerſal applauſo da Academia Conimbricenſe o grào de Meſtre em Artes. Inſtruido nas sciencias humanas o mandou ſeu Pay aprender as divinas para cujo effeito paſſou a Evora, onde ouvio revelados os miſterios da Theologia pelo inſigne Varaõ Fr. Bartholameu dos Martyres que depois ennobreceo a Mitra Primacial de Braga de cuja doutrina ſahio igualmente illuſtrado no entendimento, como no eſpirito. Em obſequio da vontade de ſeu Pay recebeo Ordens Sacras que lhe conferio ſeu Tio o Cardial D. Henrique, e profeſſou a Ordem Militar de Malta ſendo Prior do Crato, porèm como a natural inclinaçaõ herdada de ſeus auguſtos progenitores o arrebataſſe para as armas naõ quiz receber as Ordens de Presbitero moſtrando neſta repugnancia que mais por eleiçaõ alhea do que propria abraçara o Eſtado Eccleſiaſtico. Eſtimulado de algumas deſatençoens que lhe fizera o Cardial ſeu Tio, que naõ ſoube diſſimular o ſeu ardente genio, ſe auzentou para Caſtella, onde recebeo de ſeu Primo Filippe II. particulares ſignificações de affecto. Reſtituido ao Reyno paſſou duas vezes a Tangere, e na ſegunda que foy no anno de 1574. governou aquella Praça ſendo o vigeſſimo nono Governador della onde deo illuſtres provas da ſua prudencia, e valor. Acompanhou a ElRey D. Sebaſtiaõ nas duas expediçoens que fez a Africa, e na ſegunda em que fatalmente agonizou a gloria Portugueza ficou cativo, ſendo eſta lamentavel tragedia o principio das ſuas calamidades. Reſgatado por copioſa ſomma de dinheiro entrou em Lisboa merecendo ſer recebido pelos ſeus moradores com inexplicaveis demonſtrações de jubilo devidas à ſua natural benevolencia. Extincta a linha dos Monarchas Portuguezes com a morte do Cardial D. Henrique ſuccedida no anno de 1580. pertendeo ſuceder na Coroa de ſeus Avòs para cujo effeito ſe empenhou a provar a ſua legitimidade, e poſto que lhe faltava o direito achou taõ benevola a fidelidade do povo que o

acclamou por ſeu Monarcha na Villa de Santarèm a 24. de Junho de 1580. diſtinguindo-ſe entre os Aclamadores D. Franciſco de Portugal III. Conde do Vimioſo que dos tragicos ſucceſſos de D. Antonio foy inſeparavel Companheiro, imitando neſte heroico affecto para a Patria ainda que com differente fortuna a fiel conſtancia de ſeu preclariſſimo aſcendente o Condeſtavel Nuno Alvares Pereira. Com iguaes argumentos de amor foy acclamado em Setubal onde bateo moeda atè que chegou a Lisboa, e ſendo recebido pelo vulgo com as veneraçoens de Rey repartio no Paço muitos Officios, jurou obſervar os privilegios dos Vaſſallos, e eſcreveo cartas circulares a todas as Cidades, e Villas do Reyno para que o reconheceſſem por ſeu Soberano. Contra eſtes deſignios ſe armou a ambiçaõ de Filippe prudente hum dos mais accerimos pertendentes da Coroa Portugueza expedindo hum exercito de vinte mil homens Capitaneados pelo Duque de Alva, e no Campo de Alcantara junto a Lisboa acommeteo a quatro mil Soldados, que tumultuariamente conduzira D. Antonio para lhe fazer oppoſiçaõ, onde foy totalmente desbaratado como ſe podia eſperar de numero taõ ſuperior às ſuas forças. Acompanhado de algumas peſſoas, cuja fidelidade lhe era notoria, ſe auzentou occultamente do Reyno, e diſcorrendo por diverſas Provincias de Europa chegou a França onde ſendo benevolamente recebido pela Rainha Catherina de Medicis lhe ſupplicou efficaſmente quizeſſe dar-lhe ſocorro com que pudeſſe coroar-ſe no trono de ſeus Avós. Atendeo a Rainha à efficacia da ſua perſuaçaõ, e mandou apreſtar huma armada de cincoenta Navios com ſete mil homens de guarniçaõ cometida à direcçaõ de Filippe Strozzi. Defronte da Ilha de S. Miguel pelejou a 26. de Julho de 1582. eſta armada contra a de Caſtella que conſtava de 50. Galeoens, e 12. galés de que era General D. Alvaro Baſan Marquez de Santa Cruz, e depois de hum porfiado combate que durou o eſpaço de cinco horas rendida a Almirante, e Capitania Francezas, e lançados a fundo dous Galeoens ſe recolheo victorioſa a armada Caſtelhana. Ainda naõ deſenganado com tantos infortunios voltou a Inglaterra, e conciliando o affecto de alguns Fidalgos alcançou da Rainha D. Izabel outro ſocorro para experimentar fortuna mais favoravel aos ſeus intentos. Sahio embarcado de Plemuth em huma armada taõ soberba, e poderoſa que ſe compunha a ſua guarniçaõ de vinte e dous mil homens levando por General do Mar a Franciſco Draque, e da terra a Joaõ de Norris. Na Praça de Peniche lançou doze mil Infantes que ſem reſiſtencia foy ganhada, e entrando pela Barra de Lisboa a 24. de Junho de 1589. como naõ achaſſe os animos promptos para ajudar a ſua facçaõ ſe recolheo a Plemuth com igual perda de homens, e embarcaçoens. Afflicto com tantas infelicidades ſe refugiou a Pariz onde foy recebido por Henrique IV. naõ deſiſtindo de implorar o ſocorro das meſmas Potencias que infructuoſamente tinhaõ fomentado a ſua pertençaõ, atè que deſenganado das eſperanças em que fundava os ſeus deſignios ſe converteu totalmente a Deos chorando amargamente os delictos que cõmetera contra a obſervancia dos ſeus preceitos, deſprezando as glorias caducas, e anhelando unicamente às eternas fazendo-ſe com eſtas virtuoſas acçoens merecedor de huma Coroa mayor, e mais perduravel que aquella que fatalmente lhe negou a fortuna, a qual foy poſſuir em 26. de Agoſto de 1595. quando contava 64. annos de idade. O ſeu corpo depois de embalſamado ſe ſepultou no Convento grande dos Franciſcanos de Pariz, e o ſeu Coraçaõ foy depositado no Convento de Santa Clara chamado da Ave Maria a hum lado do Altar Mor com eſte largo epitafio, mudo pregoeiro dos ſeus infortunios.

Hoc anguſto in loco conditur anguſtiſſimum cor Sereniſſimi Regis Portugalliæ D. Antonij hujus nominis primi, qui paterno jure, ac populi electione regno ſuccedens ab eo per vim expulſus eſt; quare in denſiſſimis, ac numeroſis ſylvis diu latens, tandem ab hoſtibus animam ejus ſollicite quærentibus mirabiliter evaſit, et in Galliam, & Angliam ad ſuppetias petendas tranſmeavit, in qua peregrinatione incredibiles ſupra modum paſſus eſt calamitates; in quibus adeo conſtantem, & invincibilem animum ſemper exhibuit, ut nec laboribus fatigari, nec periculis deterreri, nec rationibus ſuaderi, nec opulentis pollicitationibus, nec longa expectatione

faſtidiri, nec denique deficientibus præ ſenio viribus deficere unquam potuerit, ut juri ſuo caderet; ſed omnibus ſpretis libertatem regni ſui ac ſuorum cunctis, et bonis fruendis, et malis perferendis validiſſime antepoſuit; illud quoque non parvum regiæ magnanimitatis argumentum eſt, quod ſecto poſt mortem corpore, omnia ejus viſcera tabida, ac corrupta inventa ſunt præter cor, quod quia in manu Dei erat, ab eo incorruptum, et illæſum ſemper ſervatum fuit. Obiit Pariſiis plenus pietate, & in ſumma paupertate anno ætatis ſuæ ſexageſſimo quarto, Dominicæ vero Incarnationis milleſimo quingentiſſimo nonageſſimo quinto dievicesima ſexta Auguſti. Requieſcat in pace.

De diverſas mulheres teve na ſua adoleſcencia dez filhos. D. Manoel de Portugal caſado a primeira vez com Emilia de Naſſau de quem teve numeroſa deſcendencia; e a 2. com D. Luiza Oſorio Dama da Archiduqueza D. Izabel Clara Eugenia. D. Chriſtovaõ de Portugal, de quem faremos memoria em ſeu lugar. D. Pedro, e D. Diniz Religioſo hum de S. Franciſco e outro Monge de S. Bernardo; D. Affonſo inſigne nas Armas, e D. Joaõ, que morreo na puericia: D. Filippa Religioſa Ciſtercienſe no Convento de Lorvaõ; D. Luiza Religioſa de S. Franciſco em Tordeſillas, e outras duas, cujos nomes ſe ignoraõ recolhidas no Convento de las Huelgas de Toledo. O ſummario da ſua vida, e morte ſahio eſcrito na lingua Franceza por ſeu filho D. Chriſtovaõ de Portugal. Paris ches Gervais Alliot 1629. 8. A agudeza do ſeu engenho, e o vaſto conhecimento das artes liberaes exaltaõ Cadabal Grav. in *Orat. Encom. Philip.* Spener. *Oper. Herald.* Part. 1. lib. 1. cap. 22. pag. 287. e Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Luſit. Litterar.* lit. A. n. 48. A ſua politica, e elegancia no eſcrever Caram. *Philip. Prud.* lib. 5. n. 2. pap. 175. A ſuavidade do genio, e profuſaõ do animo Goes *Chron. delRey D. Manoel.* Part. 1. cap. 101. Andrad. *Chron. delRey D. Joaõ o III.* Part. 4. cap. 215. Ferdinand. Paez in Dedicat. operis *in Cap. Miſſas.* Das ſuas acçoens, ſucceſſos proſperos, e adverſos Manoel de Faria, e Souſa *Europ. Portug.* Tom. 3. part. 1. cap. 4. Luiz Torres de Lima *Suceſ. de Portug.* cap. 31. Bavia *Hiſt. Pontif.* Part. 3. cap. 49. 50. 51. 63. 64. e 65. Cordeir. *Hiſt. Inſulan.* liv. 6. cap. 25. 26. e 27. Miræus in *Chron.* ad 1595. Rodulph. Boter. in *Comment. de reb. in gallia geſt.* lib. 2. pag. 195. ad ann. 1595. Germain Brice. *Novuel. Deſcrip. della Ville de Paris* Tom. 2. pag. 327. e Tom. 3. pag. 233. Imhof *Stem. Reg. Luſitan.* pag. 19. Fr. Anſelm. de la Vierg. Mar. *Hiſt. Geneal. et Chronol. dela Mais. Royal de Franc.* Tom. 1. pag. mihi 610. Souſ. *Hiſt. Genealog. da Caſ. Real Portug.* Tom. 3. liv. 4. cap. 8. Thuan. *Hiſt.* lib. 69. 70. et lib. 113. Sainct. Marth. *Hiſt. Geneal. dela Mais. de Franc.* Tom. 2. liv. 43. cap. 11. Dupleix *Annal.* ad. an. 1580. Beyerlinck. *Opus Chronol.* ad ann. 1595. Ferrer. *Hiſt. de Eſpan.* Tom. 15. pag. 274. n. 11. pag. 278. n. 4. pag. 285. n. 6. e pag. 327. n. 1. Herrer. *Hiſt. de Portug.* liv. 2. 3. 4. e 5. Hofman. *Lexic. Univerſ.* pag. mihi 249. Larrey *Hiſt. de Anglaterr.* Tom. 3. pag. 488. Fr. Jozé Emman. Minian. in *Contin. hiſtor. de rebus Hiſp. Joan. de Marian.* lib. 8. cap. 6. 9. 10. et lib. 10. cap. 7. e o Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Conde do Vimioſo D. Jozé Miguel Joaõ de Portugal na elegante, e diſcreta *Vida do Infante D. Luiz* pag. 151. Compoz.

Panegyris Alphonſi primi Luſitanorum Regis. Conimbricæ apud Joannem Alvares 1550. 4. Eſte Panegirico recitou na preſença dos Sereniſſimos Reys D. Joaõ o III. e D. Catherina quando foraõ viſitar no anno de 1550. a Univerſidade de Coimbra.

Pſalmi Confeſſionales Pariſiis apud Federicum Borellum 1592. 12. Neſta obra de que ſe conſerva o Original na Bib. Ambroſiana de Milaõ como diz Montfaucon in *Bib. Bibliothecar. M. S. nova* Tom. 1. pag. 508. foy achada em hum eſcritorio do Sereniſſimo D. Antonio onde igualmente ſe admira a fervoroſa contriçaõ de hum peccador arrependido, como a vaſta liçaõ da Sagrada Eſcritura, ſendo rara a palavra de que ſe compoem, que naõ foſſe della extrahida, como nas obras do D. Mellifluo S. Bernardo tem obſervado os eruditos. Conſta de ſete Pſalmos ſemelhantes aos Penitenciaes de David, no fim dos quaes tem duas Oraçoens a 1. ſe intitula *Gratiarum actio contriti peccatoris veniam a Deo impetrantis.* a 2. *Ad Deum Summum orbis moderatorem deprecatio.* Neſta impreſſaõ eſtá aberto o re-

trato do Sereniſſimo D. Antonio, e por baixo tem eſte diſticho.

Parca tibi vitam rapuit, diadema Philippus,
Et ſimul Occaſus, ac Orientis opes.
Plus tibi reſtituit pietas tua, quippe caducis
Pro ſceptris Dominus cælica regna dedit.

Varias tem ſido as ediçoens deſte livro donde ſe argumenta a ſua excellencia, e piedade, pois na lingua Franceſa ſahio por Pedro du Rier Pariz ches Jean Regnoul 1609. 8. e na meſma Cidade por Bertrando Martin. 1634. 8. outra vez 1656. 12. e 1666. 24. e em Toloſa 1671. 16. por Antonio Jozé Mege Monge Benedictino da Congreg. de Santo Amaro, e pelo Abbade Bellegarde Pariz 1718. 8. Hagæcomitum 1663. 12. Na lingua Ingleza Londres 1659. 8. Na Caſtelhana por Fr. Joaõ Caramuel com eſte titulo.

Pſalterio, en que un gran Principe Luſitano deſcubrio ſoberanias de Eſpirit. Bruxellas por Lucas de Meerbeque 1635. 12. De Latim em verſo Portuguez por D. Iſidoro da Cruz. Praga apud Gregorium Schiparz; e em proſa Portugueza pelo Doutor Fr. Jorge de Carvalho Monge de S. Bento que ſahio com eſte titulo.

Soliloquios, em que hum peccador arrependido falla com Deos, diſpoſiçoens para bem ſe confeſſar, e induſtrias para bem morrer. Acharaõ-ſe em hum eſcritorio do Sereniſſimo D. Antonio Principe Portuguez na ſua propria letra na Lingua Latina com traducçaõ, que era obra do ſeu grande juizo, e confiſſoens feitas pelo ſeu grande arrependimento. Lisboa por Paulo Crasbeeck. 1635. 8.

Lettre ecrite au tres Sainct Pere le Pape Gregoire XIII. De Rueil en l'annee 1583. Sahio impreſſa no Livro intitulado *Briefue, et Sommaire deſcription dela vie, et mort de D. Antoine premier du nom, et dixhuictieſme Roy de Portugal.* Pariz ches Gervais Alliot. 1629. 8. deſde pag. 133. até 261. e no Livro intitulado. *Excellent, et libre diſcours du droit dela Suceſſion Royale au Royaume de Portugal, et dela legitime ſuceſſion du Roy D. Anthoine.* Pariz chez Jean Micard 12. deſde pag. 117. até 239. Foy traduzida na Lingua Latina por Octavio Sylvio Cavalleiro Romano in 8. ſem lugar, e anno da impreſſaõ da qual conſervamos hum exemplar. Neſta Carta expoem largamente ao Summo Pontifice o direito, que lhe aſſiſtia, para cingir a Coroa de Portugal relatando individualmente os Letrados mais inſignes, que eſte Reyno naquelle tempo tinha, aſſim Theologos, como Juriſtas, que defendiaõ, e approvavaõ a ſua pertençaõ à Coroa.

Lettre ecrite a Saincte Pere le Pape Sixte V. dela Rochelle le jour de devant les Nones de Aouſt l'an. de notre Seigneur mil cinq cens quatre vingt cinque. Sahio impreſſa em ambos os livros aſſima allegados.

Letre ecrite a Saincte Pere Pape Sixte V. de Londres 26. *de Januier l'an. de grace* 1586. Paris chez Gervais Alliot. 1629. 8.

Letre ecrite à Saincte Pere Pape Sixte V. de Londres le 27. *de Juillet l'an. de noſtre Seigneur.* 1586. Pariz pelo dito Impreſſor.

Letre ecrite au Pape Clement VIII. de Londres 1. *de Auril de* 1592. Pariz pelo dito Impreſſor.

Letre ecrite au Pape Clement VIII. de Londres 24. *de Janvier* 1595. Pariz chez Jean Micard. 1607. 12. et ibi ches Gervais Alliot. 1629. 8.

Cartas eſcritas de Pariz a 22. *de Agoſto de* 1595. *às Mageſtades delRey Chriſtianiſſimo Henrique IV. Rainha de Inglaterra, Eſtados Geraes, Conde Mauricio, Princeſa de Orange, e Conde de Eſſex.* Pariz ches Jean Micard 1607. 12. Sahiraõ impreſſas em Francez, e Portuguez. Neſtas Cartas eſtando proximo à morte encomenda a eſtes Principez os ſeus filhos, e as peſſoas, que ſempre lhe aſſiſtiraõ, e o acompanharaõ.

Sahio em ſeu nome, e ſe cré ſer compoſto por elle, hum Manifeſto, com eſte titulo.

Explanatio veri, ac legitimi juris quo Sereniſſimus Luſitaniæ Rex Antonius ejus nominis primus nititur ab bellum Philippo Regi Caſtellæ pro regni recuperatione inferendum una cum hiſtorica quadam ennarratione rerum eo nomine geſtarum uſque ad annum 1583. Lugd. Batav. apud Chriſtophorum Plantinum. 1585. 4. et Colon. 1613. 8. Sahio traduzido em Francez com eſte titulo.

Iuſtification du Sereniſſime D. Antoine Roi de Portugal premier de ce nom, touchant la

guerre, qu'il faiſt à Philippe Roi de Caſtille, ſes ſubjects, et adherens pour eſtre remis en ſon Royaume. Leyde em l'Imprimerie de Chriſto phle Plantin. 1585. 4.

Semelhante a Ceſar foy Chroniſta das ſuas acçoens eſcrevendo em tres tomos a ſua vida, cujo Original ſendo dado por ſeu filho D. Manoel de Portugal a Fr. Joaõ Caramuel o conſervava com grande eſtimaçaõ em ſeu poder, como affirma no *Philip. Prud.* pag. 175. ſendo o titulo deſta obra.

Hiſtoria do Rey D. Antonio.

No 1. livro trata de ſeu Pay o Infante D. Luiz filho delRey D. Manoel, e como fora caſado com D. Violante Gomes ſua Mãy ſendo por eſta cauſa filho legitimo, e naõ natural daquelle Principe. Deſcreve a expediçaõ de Africa, e todas as circunſtancias aſſim do ſeu cativeiro, como reſtituiçaõ ao Reyno. No 2. livro recopila o que mais largamente eſcrevera no 1. Intenta cingir a Coroa de ſeus Avós. Expoem ao Cardial D. Henrique as injuſtiças, que lhe tinha feito, das quaes ſe queixa com grande ſentimento ao Summo Pontifice. No 3. livro ſe contem todas as Cartas Originaes, que eſcrevera ſobre a ſua pertenſaõ ao Reyno de Portugal, a diverſos Principes Catholicos, Hereges, e Mouros. Hum memorial muito extenſo em forma de Supplica ao Pontifice. Todas as negociaçoens pertencẽtes às expediçoens que fez Portugal ſendo entre ellas as principaes como fora eleito Draque General da Armada Ingleza pela Rainha Izabel. As condiçoens propoſtas por Draque, e Norris, e como foraõ por elle admitidas. A inſtrucçaõ do Embaxador que mandou aos Eſtados de Olanda, e Zelanda. Conclue Caramuel de quem extrahimos eſta noticia, que além deſta obra conſervava em ſeu poder outras muitas de D. Antonio, que naõ tratavaõ deſta pertenſaõ à Coroa Portugueza, ſendo o ſeu Author *felix calamo, politicæ ſcientiæ doctiſſimus.*

M. ANTONIO inſigne Medico cuja faculdade exercitou na Praça de Arzilla ſituada na Regiaõ Africana, quando eſtava ſogeita ao dominio de Portugal. Naõ menos applicado à ſaude dos Soldados, do que à fama, e nome dos que valeroſamente combatiaõ naquelle theatro do valor Portuguez. Eſcreveo.

Cavalgadas, e boas entradas, que fez D. Pedro de Menezes Almocadem de Arzilla.

Eſte *M. S.* veyo ao poder de D. Joaõ Coutinho Conde de Redondo, como affirma Bernardo Rodriguez filho do Author de quem faremos memoria, em ſeu lugar na *Hiſtoria de Arzila,* que ſe conſervava na Bibliotheca do Chantre de Evora Manoel Severim de Faria, da qual conſerva huma copia meu Irmaõ D. Jozé Barboza Clerigo Regular na ſua ſelecta Livraria da Hiſtoria de Portugal.

M. ANTONIO natural da Villa de Guimaraens, e Medico da Camara do Sereniſſimo Rey de Portugal D. Joaõ o II. a cujo Principe ſobreviveo, pois conforme eſcreve Gaſpar Eſtaço nas *Antiguidades de Portug.* cap. 56. n. 4. prolongou a vida até o anno de 1533. Eſcreveo.

Tratado ſobre a Provincia de Entre Douro, e Minho, e ſuas avondanças copilado por Meſtre Antonio Fiſico, e Surgiaõ morador na Villa de Guimaraens, e natural della. Começa *Como quer que toda a peſſoa* Acaba. *a muy nobre, e ſempre leal Villa de Guimaraens.* Conſervaſe huma copia, que eu vi, na Livraria do Marquez Mordomo mor, e conſta de outo paginas de folha, cuja obra como diz o Author foy eſcrita no anno de 1512. e della fazem memoria Gaſpar Eſtaço *Antiguidades de Portug.* cap. 56. n. 6. Jorge Cardoſo nas *Advertenc.* ao 1. tom. do *Agiol. Luſit.* §. 2. e no Commentario de 2. de Janeiro letr. B. pag. 17. e no Commentario de 22. de Abril pag. 681. e a *Bib. Geograf.* de Antonio de Leon novamente acrecentada Tom. 3. Tit. unic. col. 1617. Eſcreveo mais.

Chronica delRey D. Joaõ o II. da qual ſe conſervava huma Copia na Bibliotheca do Excellentiſſimo Marquez de Abrantes, e della fazem memoria Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 3. no Cõmentario de 18. de Junho let. F. p. 733. e Franciſco de Santa Maria *Hiſt. da Congreg. dos Coneg. Secul. de S. Joaõ Evang.* lib. 1. cap. 42. pag. 358. o qual no livr. 3. cap. 72. pag. 871. faz mençaõ de outra obra do Meſtre Antonio, que ſe conſerva *M. S.* na Livraria do Convento de Santo Eloy de Lisboa, cujo titulo he

Memorias do ſeu tempo.

ANTONIO Eremita da aſpera ſolidaõ da Serra de Oſſa ſituada no territorio de Evora, e hum dos mais rigidos profeſſores da auſtera regra de S. Paulo primeiro Habitador da Thebaida, querendo viver para Deos, e juntamente para o proximo, eſcreveo.

Declaraçaõ ſobre os ſete Pſalmos da Penitencia em linguagem Portuguez dedicada a ſeu Irmaõ em Chriſto o virtuoſo, e devoto pobre Triſtaõ Provincial de todas as Provincias da Serra Doſſa, e vida eremitica de S. Paulo primeiro Ermitaõ. Lisboa por Germaõ Gallarde e Impreſſor delRey 1544.

ANTONIO DE ABREU chamado por anthonomaſia o *Engenhoſo* pela excellencia do talento, prompta agudeza nas repoſtas ſerias, e jocoſas, e ſumma facilidade em compor verſos de varios metros. Teve particular amizade com o Principe dos Poetas de Eſpanha o Grande Luiz de Camoens aſſim em Portugal como na India onde viveo com elle muitos annos, de quem foy ſempre fiel imitador, como teſtemunhaõ as peſſoas mais eruditas daquelle Seculo, e o poderiaõ teſtificar as do prezente, ſe ſeu Irmaõ Fr. Bartholameu de Santo Agoſtinho antes de morrer publicaſſe huma grande colleçaõ que tinha feito dos ſeus

Verſos ſagrados, e profanos.

P. ANTONIO DE ABREU natural de Lisboa, onde teve por Pays a Antonio de Abreu, e Anna Barradas, recebeo a Roupeta da Companhia de Jeſus em o Collegio de Coimbra a 17. de Mayo de 1577. Depois de inſtruido ſuficientemente nas letras ſagradas, e profanas dictou Rhetorica, e Filoſofia em Coimbra tendo por Diſcipulo ao Senhor D. Alexandre filho dos Sereniſſimos Duques de Bragança D. Joaõ o I. e D. Catharina, que depois foy digniſſimo Arcebiſpo de Evora. Na meſma Univerſidade foy Lente de Sagrada Eſcritura. Teve grande talento para o Pulpito, e naõ inferior para o governo, como manifeſtou nos Reytorados dos Collegios de Lisboa, Evora, e Coimbra, na Prepoſitura da Caſa profeſſa de S. Roque, e ultimamente no Provincialado, cujo lugar antes de o acabar, acabou de viver em 10. de Junho de 1629. Teve hum genio muito brando, e ſuave para os ſubditos, de tal modo que ſendo notado da ſumma indulgencia, que com elles uzava, reſpondia com S. Joaõ Chryſoſtomo que mais queria dar conta ao Supremo Juiz de ſer nimiamente compaſſivo, de que exceſſivamente rigoroſo. Recitou varias Oraçoens latinas com grande eloquencia, ſendo as principaes, tres da Rainha Santa Izabel em a Univerſidade de Coimbra, e no meſmo idioma compoz muitas obras poeticas das quaes ſómente ſe imprimio in 8. como affirma o P. Franciſco da Cruz nas ſuas Memorias para a *Bib. Portug.* ſem declarar lugar, e anno da ediçaõ.

Tragœdia S. Joannis Baptiſtæ. Ao Author louva o P. Antonio Franco in *Ann. Glor. S. J. in Luſit.* pag. 331. et in *Synopſ. Annal. S. J. in Luſit.* pag. 254. e o P. Antonio dos Reys in *Enthuſiaſm. Poet.* n. 209.

Fr. ANTONIO DE ABREU natural da Cidade do Porto, e filho de Antonio Pereira, e Maria de Abreu. Profeſſou o Habito da Ordem dos Prègadores no Real Convento da Batalha a 20. de Março de 1644. onde depois de eſtudar as ſciencias eſcolaſticas, ſe applicou com mayor diſvelo ao exercicio do Pulpito, pelo qual mereceo o lugar de Pregador Geral na ſua Religiaõ. De muitos Sermoens que pregou com grande aceitaçaõ, ſómente imprimio o ſeguinte.

Sermaõ na Feſta da Miraculoſa Imagem de S. Domingos trazida do Ceo, e dada pelas Mãos da ſempre Virgem Maria aos Religioſos do Convento de Soriano prègado no Convento de Lisboa em 15. de Setembro. Lisboa por Antonio Crasbeeck de Mello. 1661. 4. e Coimbra por Thomè Carvalho Impreſſor da Univerſidade 1672. 4. Delle faz breve memoria Fr. Pedro Monteiro no *Clauſtro Domin.* Tom. 3. pag. 144.

Fr. ANTONIO DE SANTO AGOSTINHO natural de Lisboa, e Religioſo profeſſo na Ordem dos Menores da Provincia de Portugal com baſtante capacidade para o Pulpito, e para o governo, como ſe vio quando foy Preſidente do Convento de N. S. da Porta do Ceo. Por duas vezes aſſiſtio em nome da ſua Provincia ao Capitulo Geral celebrado em Roma. Exercitou com

grande zelo, e vigilancia o lugar de Procurador, e Comiſſario Geral dos Lugares Santos de Jeruſalèm atè que morreo no Convento de Lisboa a 12. de Fevereiro de 1700. imprimio

Breve Summario dos Conventos, Igrejas, Capellas, e lugares Santos que a Sagrada Religiaõ dos Frades Menores da Obſervancia tem a ſeu cargo em a Cidade de Jeruſalèm, e Terra Santa, e o direito com que os poſſue, e habita; e dos grandes, e exceſſivos trabalhos, que padecem os Religioſos, que alli eſtaõ, e dos tributos que pagaõ por que os deixem morar alli os Turcos, e por ter com a devida decencia, e reverencia aquelles Santos Lugares. Lisboa por Antonio Craſbeek de Mello 1665. 4. e pelo meſmo Impreſ. 1686. et ibi por Joaõ da Coſta 1670. 4.

Relaçaõ verdadeira do celeberrimo triumpho, e victoria, que conſeguio a Religiaõ Franciſcana recuperando os Santos Lugares de Jeruſalèm uſurpados pela Naçaõ Grega Sciſmatica em virtude de hum mandado Imperial, que deu o Sultaõ Solimaõ a 20. de *Abril de* 1690. Lisboa por Miguel Deslandes Impreſſor de Sua Mageſtade 1691. 4.

Fr. ANTONIO DE ALMADA naceo em Lisboa, e foy filho de Joaõ de Balheſteros, e D. Joanna de Almada. Deixado o mundo ſe recolheo na Religiaõ dos Eremitas de Santo Agoſtinho, cujo habito profeſſou no Convento da ſua patria em 18. de Setembro de 1665. Aprendidas com grande diſvelo Filoſofia, e Theologia as enſinou com mayor applauſo no Collegio de Santo Agoſtinho de Lisboa no anno de 1676. e depois de ter dictado a Theologia ſe graduou Meſtre neſta faculdade. Foy inſigne Prègador, e naõ menos douto na Theologia Poſitiva, e Myſtica com a qual em Evora onde aſſiſtio muitos annos, inſtruio a muitas almas de hum, e outro ſexo para o caminho da perfeiçaõ. Cheyo de virtuoſas obras morreo em Lisboa a 24. de Março de 1715. Compoz.

Deſpozorios do Eſpirito celebrados entre o Divino Amante, e ſua Amada Eſpoſa a Ven. Madre Soror Mariana do Rozario Religioſa de Veo branco no Convento do Salvador da Cidade de Evora. Lisboa por Manoel Lopes Ferreira 1694. 4.

Vida de Izabel de Jeſus Mantellata da Ordem de Santo Agoſtinho M. S.

Sentimentos da alma pelos Myſterios da Paixaõ de Chriſto M. S.

Alfabetos de Conceitos Predicaveis M. S.

Todas eſtas obras *M. S.* com o ſeu *Curſo Filoſofico, e Concluſoens* que defendeo ſe guardaõ na Livraria do Convento da Graça de Lisboa.

P. ANTONIO DE ALMEYDA Naceo na Villa de Trancoſo do Biſpado de Viſeu, e foraõ ſeus Pays Fernaõ de Siqueira, e Anna de Andrade. Quando contava 18 annos de idade recebeo no Collegio de Coimbra a Roupeta da Companhia de JESUS a 4. de Janeiro de 1575. e logo em o Noviciado começou com ardentes votos a ſuſpirar pela Miſſaõ do Oriente. Alcançada faculdade dos Superiores partio de Lisboa para Goa onde chegou no anno de 1585. Convalecido da moleſtia de taõ prolongada navegaçaõ ſupplicou com grandes rogos ao Viſitador Geral Alexandre Valignani que o mandaſſe promulgar o Evangelho na China o qual admirado do ſeu apoſtolico zelo lhe deo por Companheiro ao P. Duarte de Sande para cultivar taõ dilatada vinha. Partio para Macao, e buſcando modo para ſe introduzir naquelle vaſto imperio, ſe lhe abrio quando menos o imaginava, achando ao P. Miguel Rogerio que nelle havia muitos annos aſſiſtia com faculdade de fundar huma Caſa em Cantaõ, e com grande ſatisfaçaõ o tomou por ſeu ſocio. Porém naõ tendo effeito eſta empreza naõ deſiſtio dos ſeus fervoroſos dezejos, antes procurando com mayor ancia o fim que intentava, paſſou com o P. Matheus Ricio a Xauceo no anno de 1589. Acõmetido de huma grave infermidade que para convalecer della foy preciſo voltar a Macao, tanto que ſe ſentio capaz de caminhar, voltou para a China ultima meta dos ſeus dezejos atè que ſegunda infermidade contrahida da aſpereza do caminho o privou da vida em Xauceo a 17. de Outubro de 1591. O ſeu Cadaver amortalhado ao coſtume dos Chinas foy transferido no anno de 1594. para Macao, em cuja praya ſe juntou grande multidaõ de povo que com ſumma veneraçaõ o acompanhou até a Igreja onde lhe fez huma Oraçaõ funebre o P. Duarte de Sande Reytor

daquelle Collegio na qual louvou as virtudes em que foy eminente, ſendo as principaes o apoſtolico zelo para lucrar almas a Chriſto; o intrepido animo para emprender em ſeu obſequio as mais arduas emprezas, o nimio exceſſo com que rigoroſamente tratava o corpo, a profunda veneraçaõ com que adorava a Chriſto Sacramentado, a fervoroſa ternura com que dedicava os ſeus affectos a Maria Santiſſima. Mais copioſo elogio fazem das ſuas acçoens Nicol. Trigault *in Exped. Chriſt. apud Chin.* lib. 3. cap. 5. Alegamb. in *Bib. Societ.* p. 63. Gouvea in *Aſia Extrem.* Part. 1. lib. 2. cap. 15. Franc. na *Imag. da Virt. em o Nov. de Coimb.* Tom. 2. lib. 3. cap. 30. et in *Ann. Glor. S. J. in Luſit.* pag. 602. Jarric. *Theſaur. Ind.* Part. 2. lib. 2. cap. 26. e 27. Leon *Bib. Orient.* Tit. 8. Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Luſit. Liter.* lit. A. n. 49. *In Synenſi agro impiger, indefeſſuſque divini ſeminis operarius.* Eſcreveo

Carta ao P. Duarte de Sande em que trata das couſas da China eſcrita de Xauceo em 10. *de Fevereiro de* 1586.

Carta ao meſmo Padre de Xauceo 8. *de Setembro de* 1586.

Sahiraõ eſtas duas cartas com outras na lingua Italiana Roma por Franciſco Zanneti. 1588. 12. e vertidas em Caſtelhano por Buxeda de Leyva na *Hiſtor. do Japaõ.* C,aragoça. 1591. 12.

Cartas eſcritas ao P. Duarte de Sande Reytor de Macao. Xauceo 8. de Setembro de 1588. ſahiraõ abreviadas Roma por Luiz Zanneti. 1591. 12.

Cartas eſcritas em 22. *de Novembro de* 1585. *nas quaes deſcreve a ſua jornada de Cantaõ atè Nañ Hiu* ſe pòdem ler na Aſia extrema do P. Gouvea Part. 1. lib. 2. cap. 8.

ANTONIO DE ALMEIDA Eſcrivaõ do Supremo Concelho de Portugal em Caſtella. Foy hum dos mais devotos amantes da Immaculada Conceiçaõ da Senhora de cuja Congregaçaõ eſtabelecida no Imperial Collegio de Madrid da Companhia de Jeſus naõ ſómente foy irmaõ, mas publicou.

Compendio de las reglas, y exercicios de la Congregacion de la Immaculada Concepcion de N. S. ſita por authoridad apoſtolica deſde el año 1603. *en el Colegio Imperial de la Compañia de Jeſus de Madrid.* Madrid por Diego Dias de la Carrera. 1693. 12.

Certamente naõ poſſo affirmar ſe foy eſte o meſmo Author, ou outro do meſmo nome, e apellido, que compoz duas Comedias, cujos titulos ſaõ

La deſgracia màs felice. Lisboa por Paulo Crasbeeck. 1645. 4.

El hermano fingido. Lisboa por Manoel da Sylva. 1645. 4.

Delle ſe lembra o P. Antonio dos Reys in *Enthuſ. Poet.* n. 259.

ANTONIO DE ALMEIDA natural do Porto, e Meſtre da Muſica na Cathedral da ſua Patria, naõ ſómente perito naquella ſuaviſſima Arte, como muito verſado na Poetica, em que compoz varias obras ſendo particularmente inſigne em a Comica de que deo claro teſtemunho na obra ſeguinte.

La humana carça abrazada el Gran Martyr S. Laurencio. Coimbra por Thomè Carvalho Impreſſor da Univerſidade 1656. 4.

Fr. ANTONIO DE ALMEIDA naceo na Cidade do Porto ſendo filho de Antonio Joaõ, e de Franciſca Moreira. Foy admitido à Ordem dos Prégadores no Convento de Aveiro a 13. de Janeiro de 1663. cujo inſtituto profeſſou a 14. de Janeiro de 1664. Foy Meſtre na Sagrada Theologia, e Qualificador do Santo Officio. Pela ſua prudencia de que foy muito ornado o elegeo a Religiaõ Vigario das Religioſas do Convento do Paraizo de Evora cujo miniſterio exercitou louvavelmente depois nos Conventos de Corpus Chriſti junto ao Porto, e de S. Joaõ na Villa de Setubal. Morreo no Convento de Lisboa a 4. de Julho de 1723. com ſetenta e ſete annos de idade. Dos Sermoens que tinha prégado formou hum anno concionatorio, e o publicou com eſte titulo.

Sermoens Panegyricos dos primeiros ſeis mezes do anno 1. *Part.* Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ 1718. 4.

Sermoens Panegyricos dos ſegundos ſeis mezes do anno 2. *Part.* Lisboa pelo dito Impreſſor 1721. 4.

Do Author faz memoria Fr. Pedro Mon-

teiro no *Clauſt. Domin.* Tom. 3. pag. 145. e no *Cathal. dos Qualif. do Sant. Offic.* pag. 13.

D. ANTONIO DE ALMEYDA COUTINHO taõ illuſtre por geraçaõ, como inſigne na Poeſia alcançando os mayores applauſos na Corte de Madrid, onde aſſiſtio a mayor parte da ſua vida, dos mais celebres profeſſores daquella Arte, pelos verſos, que produzio a ſua Muſa taõ elegante, como diſcreta, dos quaes ſe podia formar hum grande volume, e unicamente lograraõ o beneficio da luz publica.

Outavas en loor de Sor. Joanna Ignes dela Cruz Monja nel Convento de Mexico decima Muſa. Sahiraõ no 2. Tom. das ſuas Poeſias Valladolid por Thomaz Lopes de Haro 1692. 4.

ANTONIO ALVARES Foy muito perito na Medicina, da qual exercitou o magiſterio nas famoſas Univerſidades, de Alcalá, e Valhadolid com grande credito do ſeu nome. A fama, que corria por toda Eſpanha da ſua ſciencia obrigou a D. Pedro Giron Duque de Oſſuna a que o elegeſſe por ſeu Medico, quando foy ſer ViceRey de Napoles experimentando por muitas vezes o admiravel methodo, e profunda ſciencia com que triumfava das infermidades mais rebeldes. Em gratificaçaõ dos favores, que recebia do ſeu Mecenas lhe dedicou.

Epiſtolarum, et Conciliorum Medicinalium prima pars omnibus non medicis modo, ſed Philoſophiæ ſtudioſis utiliſſima. Neapoli apud Horatium Sauvianum 1585. 4. no fim ſe juntou.

Defenſiones pro Joanne Altimaro in Salvi-Silani Apologiam.

Deſta obra, e do Author ſe lembra Vanderlind. in *Script. Med.* Nicol. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 75. Lippen. in *Bib. Reali Med.*

Fr. ANTONIO ALVARES Naceo na Villa de Benavente ſituada nas margens do Tejo, como uniformemente affirmaõ Joaõ Franco Barreto na *Bib. Portug. M. S.* Manoel de Faria, e Souſa, Jorge Cardoſo, e Manoel Severim de Faria, poſto que os Caſtelhanos eſcrevaõ fora ſua patria Benavente em Caſtela Velha. Recebeo o habito de Frade Menor na Provincia de Sam-Tiago, onde depois de acabada a carreira dos eſtudos eſcolaſticos ſe applicou com todo o diſvelo a prègar nas mayores Cidades de Eſpanha, principalmente em Salamanca com taõ fervoroſo eſpirito, que eraõ innumeraveis as almas que à efficacia das ſuas vozes deſpertavaõ do lethargo da culpa, e as reduzia ao caminho da penitencia. Para que naõ ſomente inflamaſſe os coraçoens dos que o ouviaõ, mas ainda dos que o leſſem, publicou.

Sylva eſpiritual que contiene conſideraciones ſobre los Evangelios deſde la primera Dominga de Avento hasta la Quareſma 1. Parte. Salamãca, e Çaragoça 1590. Valença 1591. Lisboa por Simaõ Lopes 1594. 4.

Sylva eſpiritual, que contiene las Domingas, y fieſtas de Quareſma haſta el mandato 2. Part. Valencia por Felippe Mey 1590. Salamanca 1594. Lisboa por Simaõ Lopes 1594. 4.

Sylva eſpiritual, contiene conſideraciones para los Evangelios de las Ferias quartas, y ſextas de la Quareſma, y la Dominica de la Reſurrecion 3. Parte. Salamanca por Juan, y Andres Renaut. 1594. Lisboa por Simaõ Lopes 1595. Barcelona por Gabriel de Lloberas 1595. Valença por Felippe Mey 1596. 4. Sahiraõ todas as tres Partes juntas Madrid. 1597. e em outras partes 1605. e 1615. 4.

Sermones de Santos Salamanca por Artur Tabernier 1607. 8.

Publicou outra obra mais eſtimavel, que a Sylva Eſpiritual, intitulada *Pertinales,* na qual diz Joaõ Franco Barreto na *Bibliotheca Portug.* declara ſer Portuguez.

ANTONIO ALVARES DE CARVALHO natural da Villa de Barcellos da Dioceſe Bracharenſe Presbitero do habito de S. Pedro igualmente pio, e devoto. Para teſtemunhar o grande affecto que tinha à inſigne Martyr Portugueza Santa Quiteria. Compoz.

Vida da glorioſa Infanta Santa Quiteria Virgem, e Martyr prodigio da graça, natural da auguſta, e nobiliſſima Cidade de Braga Primaz das Eſpanhas. Lisboa na Officina Real Deſlandeſiana 1712. em 24.

Novena da Glorioſa Infanta Santa Quiteria

Virgem, e Martyr. Coimbra por Jozè Antunes da Sylva Impreſ. da Univerſid. 1719. in 24.

D. ANTONIO ALVARES DA CUNHA decimo quinto Senhor de Taboa, e das Villas, e lugares de Ouguella, Alvarellos, Fundo de Villa, S. Simaõ, Barroſo, S. Joaõ de Boa viſta, Quintellas, Oliveira, Babaõ, Serragudo, e Lameiras; Trinchante mór dos Sereniſſimos Reys D. Joaõ IV. D. Affonſo VI. e D. Pedro II. Cavalleiro profeſſo da Ordem militar de Chriſto, e Commendador de Santa Maria de Carreço, e de S. Miguel de Nogueira da meſma Ordem, Deputado da Junta dos tres Eſtados, e Coronel de hum dos Regimentos das Ordenanças da Corte. Naceo na Cidade de Goa Cabeça do Imperio Oriental Portuguez no 1. de Mayo de 1626. Foy filho de D. Lourenço da Cunha Capitaõ mòr do mar do Norte da India onde exercitou o meſmo poſto em Goa, e Malaca; e hum dos tres Governadores daquelle Eſtado, e de D. Izabel de Aragaõ filha de Fradique Carneiro de Aragaõ Capitaõ mór das Armadas da India, e da Ilha do Principe: Sobrinho daquelle inſigne Prelado D. Rodrigo da Cunha, que com as ſuas grandes letras, e exemplares virtudes illuſtrou as Mitras do Porto, Braga, e Lisboa. Quando contava onze annos paſſou da ſua patria a Lisboa para herdar a Caſa de ſeus Avós na qual ſucedeo a ſeu tio D. Manoel da Cunha, que ſempre ſe conſervou no Celibato ornado de todos aquelles dotes, que conſtituem hum perfeito Cavalhero, e com as direcçoens de taõ inſigne Varaõ ſahio egregiamente inſtruido na lingua Latina, Italiana, e Franceſa; no eſtudo da Poeſia, Hiſtoria, Mathematica, e Genealogia, em cujas ſciencias fez admiraveis progreſſos a ſua grande comprehenſaõ, e feliz memoria. Do ſilẽcio das Muſas o arrebatou o tumulto das Armas para defender a Patria invadida pelos Caſtelhanos, onde depois de encher as obrigaçoens de valeroſo Soldado, e prudente Capitaõ, os cuidados domeſticos, e a falta de ſaude o obrigaraõ a reſtituirſe à Corte, e para que naõ paſſaſſe o tempo entregue a hum torpe ocio inſtituhio em ſua Caſa huma Academia intitulada dos *Generoſos,* da qual era Secretario. Neſta erudita paleſtra ſe juntavaõ os engenhos mais florentes da Nobreza do Reyno em cujas conferencias ſe explicavaõ os lugares dificultoſos dos Authores antigos, e ſe preſcreviaõ regras para a perfeiçaõ do eſtilo oratorio, e poetico. O natural genio, que tinha para inveſtigar os pontos mais dificeis da Hiſtoria Genealogica o moveo para que aceitaſſe o lugar de Guarda mòr da Torre do Tombo deſcubrindo a ſua incanſavel curioſidade neſte Real Archivo muitos documentos com que illuſtrava as ſuas doutas compoſiçoens. Teve grande inclinaçaõ para a Poeſia compondo repentinamente muitos verſos com tanta affluencia, e ſuavidade como ſe foraõ por muito tempo meditados. Foy ſummamente eſtimado dos Varoens mais eruditos do ſeu tempo, ſendo o mayor D. Franciſco Manoel de Mello como ſe pode ver nas ſuas *Obras Metricas* na *Tuba de Calliope* Sonet. 13. 32. 34. e 70. e na *Sanfonha de Euterpe* Epiſt. 12. Caſou com D. Maria Manoel de Vilhena filha de D. Chriſtovaõ Manoel de Vilhena Senhor do Morgado de Alcarapinha, e Commendador de Maçans na Ordem de Chriſto, irmaã do inſigne Heróe D. Sancho Manoel Conde de Villa flor de quem teve numeroſa deſcendencia. Com igual perda da Republica litteraria, que ſaudade de toda a Corte morreo em Lisboa a 26. de Mayo de 1690. com 64. annos de idade. O ſeu corpo foy ſepultado em huma ſepultura raza da Parochia de Santa Catherina, como ordenára em ſeu Teſtamento ſervindo-lhe de honorifico epitafio as ſeguintes obras com que eternizou a ſua fama.

Campanha de Portugal pela Provincia do Alemtejo na primavera do anno de 1663. *governando as Armas daquella Provincia D. Sancho Manoel Conde de Villaflor.* Lisboa por Henrique Valente de Oliveira Impreſſor delRey 1663. 4. e Amſterdam por Jacob Van-velſen 1673. 4. grande com o titulo de *Applauſos Academicos* dos quaes foy collector D. Antonio Alvares da Cunha como Secretario da *Academia dos Generoſos* conſtando eſta collecçaõ de muitos poemas, e verſos de varios metros Latinos, Portuguezes, e Caſtelhanos feita em Applauſo da celebre victoria do Amexial entre os quaes eſtaõ muitos ſeus. Na cenſura, que por ordem delRey fez a eſta obra

o inſigne Varaõ Fr. Jeronimo Vahia Monge de S. Bento diz com a ſua natural elegancia, e diſcriçaõ. *Os Juizos que faz dos ſuceſſos, e as ſentenças com que adorna os periodos, huns ſaõ taõ ponderoſos, e outras taõ graves que ſe o livro aſſim como he Portuguez, fora Latino, ſe equivocariaõ os juizos com os de Tacito, e as ſentenças com as de Seneca, que ainda, que ſeus eſcritos tem mayor corpo, naõ fallaõ com mais alma.*

Certame epithalamico publicado na Academia dos Generoſos de Lisboa ao feliciſſimo Cazamento do ſempre auguſto, e invicto Monarcha D. Affonſo VI. &c. Lisboa por Joaõ da Coſta 1666. 4.

Obeliſco Portuguez Chronologico, Genealogico, e Panegyrico ao mais fauſto dia, que em muitos ſeculos vio Lisboa no Baptiſmo da Sereniſſima Infanta D. Izabel Luiza Jozepha Lisboa por Antonio Crasbeeck de Mello 1669. 4.

Carta a Joaõ Nunes da Cunha Conde de S. Vicente da Beira, e do Concelho do Eſtado del-Rey de Portugal quando foy eleyto ViceRey da India. Lisboa por Antonio Crasbeeck de Mello. 4. ſem anno da ediçaõ. Sahio 2. vez na *Fenis renacida, ou obras poeticas dos melhores engenhos Portuguezes.* Tom. 2. deſde pag. 263. atè 289. Lisboa por Jozè Lopes Ferreira Impreſſor da Sereniſſima Rainha 1717. 8. Conſta de Tercetos, que começaõ.

Já que haveis de ſurcar as Chriſtalinas
Aguas da Foz do Tejo àquellas prayas,
Que o mundo vio ao tremolar das Quinas.
Em quanto as voſſas voadoras fayas
As azas deſſraldando levaõ ao vento
Seguindo as ſuas prateadas rayas.

Rebelliaõ de Ceylaõ. Lisboa por Antonio Crasbeeck de Mello 1689. 4.

Eſcola de Verdades aberta aos Principes na lingua Italiana pelo Padre Luiz Juglaris da Companhia de Jeſus, e patente a todos na Portugueza pelo tradutor. Lisboa por Antonio Crasbeec. de Mello. 1671 4.

Dous Sonetos, hum Portuguez, e outro Caſtelhano, e hum Madrigal Italiano ao Nacimento do Sereniſſimo Infante D. Pedro Manoel que ſahiraõ impreſſos com outras obras Poeticas a eſte aſſumpto. Lisboa por Paulo Crasbeeck. 1648. 4.

Pira funebre que conſtrue o Academico Ambicioſo, e Secretario da Academia dos Generoſos de Lisboa às ſaudoſas memorias do Excellentiſſimo Senhor Luiz Alvares de Tavora Conde de Saõ Joaõ da Peſqueira, e Marquez de Tavora He huma Elegia larga. Sahio impreſſa no *Compendio Panegirico* do meſmo Marquez Lisboa por Antonio Rodrigues de Abreu 1674. 4. à pag. 78. até 85.

Familia dos Cunhas hiſtoriada M. S. fol.

Athlas Luſitano em que ſe deſcreve hiſtorica, e geograficamente o noſſo Reyno, e a deſcendencia de ſeus Monarchas fol. *M. S.*

Deſta obra faz mençaõ a *Bib. Geograf.* de Antonio de Leaõ modernamente acrecentada Tom. 3. col. 1729.

Familias illuſtres de Portugal hiſtoriadas fol. 7. Tom. *M. S.*

Arvores de Coſtados M. S.

Origem da Caſa de Sylva deduzida atè D. Guterre Alderete M. S. Deſta obra diz D. Luiz Salazar, e Caſtro na *Hiſt. Geneal. da Caſa de Sylv.* liv. 1. cap. 8. pag. 43. *Entre otras plumas mui doctas le afiança una de tan acreditada erudicion como es la de D. Antonio Alvares de Acuña Señor de Taboa Cõmendador de S. Miguel de Nogueras en la Orden de Chriſto Trinchante mayor de la Caſa de Portugal, y uno de los Cavalleros más doctos, y verſados en la lecion de la hiſtoria.*

As Fortalezas da India expoſtas em Mappas M. S.

Todos eſtes livros *M. S.* ſe conſervaõ na grande Livraria do Convento de S. Domingos de Lisboa. Ao ſeu nome exaltaõ com elogios Franckenau in *Bib. Hiſp. Hiſtor. Gen. Herald.* pag. 28. *Vir in ſtudio imprimis Genealogico cui ſedulo incũbit veritatis, exactique judicii laude non defraudandus.* D. Luiz Salazar, e Caſtro na Introd. à *Hiſt. da Caſa de Sylv. digno delos mayores elogios por ſu erudicion, como por ſu ſangre;* e no liv. 6. cap. 7. n. 15. da dita Hiſtoria, *debemos a ſus grandes noticias mucha parte delas que contiene eſta Hiſtoria* Antonio Carvalho da Coſta *Corog. Portug.* Tom. 2. Tract. 5. cap. 26. *Fidalgo de grande entendimento, e eſtimaçaõ* o P. D. Antonio Caetano de Souſa no *Apparat da Hiſt. Geneal. da Caſa Real de Portug.* pag.

137. §. 160. Foy diſcreto, cortezaõ, galante, e hum dos Fidalgos da mayor eſtimaçaõ da Corte. O P. Antonio dos Reys no *Enthuſiaſm. Poet.* impreſſo no principio dos ſeus agudos Epigrammas. n. 144.

= *Cunha*

Ad caput undantis prærupto è vertice fontis
Stat Generoſorum magna comitante caterva,
Et rigat Aonio ſitientia corda liquore
Ipſe, ſuique ſimul.

P. ANTONIO ALVARES FERREIRA. Naceo na Villa de Chaves na Provincia Traſmontana. Eſtudando Filoſofia em Salamanca abraçou o Inſtituto da Companhia de JESUS no anno de 1612. quando contava deſenove annos de idade. Teve feliz engenho, e ſublime juizo para aprender as ſciencias, como continua applicaçaõ, e indefeſſo eſtudo para as comprehender. A mayor parte da vida paſſou dictando Theologia moral, aſſim publica, como particularmente, ou pregando em numeroſos auditorios ſendo dificil de ſe julgar em qual deſtes dous miniſterios foy mais inſigne, naõ o ſendo inferior na practica das virtudes Religioſas. Amou com devoçaõ cordial a Virgem Santiſſima, e na veſpera do ſeu Nacimento, como ſempre dezejara, e inſtantemente lhe pedira paſſou, a melhor vida em Medina del Campo no anno de 1652. Eſcreveo.

De Laudibus Deiparæ como teſtifica o Author *da Bib. da Compan.* pag. 64. cuja obra ficou occulta entre os ſeus domeſticos, e tambem ficara a ſeguinte ſe D. Gaſpar de Eſcalada, y Caſtillo Conego da Cathedral de Medina querendo eternizar o nome de ſeu Meſtre a naõ publicàra com eſte titulo.

Advertencias Nuevas a la letra, y moralidad delos Evangelios de Quareſma, Miercoles, Viernes, y Domingos. Tom. 1. Madrid por Maria de Quiñones. 1675. fol. Fr. Diogo Niſſeno celebre Prégador do Seculo paſſado, e grande credito da Religiaõ de Saõ Baſilio faz na Cenſura deſte livro o ſeguinte elogio au Author. *Es un diſvelo, y tarea merecedora de toda alabança, y digna del ingenio de ſu Author, que con doctos, y luzidos afanes hà dilatado el orbe de la predicacion, a cuja cauſa ſe há conquiſtado tan eſclarecido nombre, y fama inclyta en todos los angulos del mundo como erudito, y eſtudioſo Colon, que hà deſcubierto tan nuevos rumbos de peregrinos conceptos, y que delas ricas minas delos Sacros Doctores, y Santos Padres dela Igleſia há enſayado plata de tan ricas locuciones, y labrado oro de tan ſutiles penſamientos.*

Neſta obra ſe nomea o Author ſomente com o appelido de Ferreira quando elle na Companhia uzava mais do appelido de Alvares, por cuja cauſa naõ ſe julgue ſer diverſo quando na Bibliotheca da Companhia eſtá com ambos os appelidos.

ANTONIO ALVARES SOARES Ulyſſiponenſe ornado de todo o genero de erudiçaõ; inſtruido nas linguas mais polidas da Europa, e naturalmente inclinado à Poeſia de que por toda a vida deo claros argumentos ou foſſe em metros feſtivos, ou funebres, ſendo principalmente mais inſigne nos verſos Lyricos. Por eſtes ſingulares dotes foy summamente venerado pelos mayores poetas Italianos, e Eſpanhoes, com os quaes tinha continua communicaçaõ. Sempre ſahio victorioſo em todos os Certames poeticos alcançando a palma naquelle celebre, que ſe dedicou em Lisboa ao Conde de Linhares D. Miguel de Noronha Capitaõ mòr de Tangere, em que os Juizes com incorrupta deliberaçaõ lhe julgáraõ o premio, e ſahio impreſſo em Lisboa por Giraldo da Vinha, o qual em beneficio dos Leytores tranſcrevemos.

Oſtentaſe feroz, e enveſte ouſado
O Rey das Feras generoſa Fera,
Teu heroico brio ſeu furor eſpera
Em braço forte, em animo esforçado.
Vences ò invicto Conde, e dilatado
Teu valor chega à luminoſa esfera,
Donde tal horror forma, que ſe altera
O celeſte Leaõ de amedrentado.
Morre o terror do monte agradecido
Tanto de ſer às tuas maõs, que gloria
Te miniſtra no ſangue, e no bramido;
Sendo o bramido applauſo da victoria
Sendo tinta o purpureo humor vertido
Com que te eſtampem em immortal memoria.

Laureado por Apolo paſſou no anno de 1630. a Flandes para receber outra Coroa de Marte na Campanha, onde obrou acçoens heroicas como Soldado, até que terminou a vida naquelles Eſtados imprimindo nelles antes que foſſe ſeu habitador.

Elogio funebre, e real cancion en loor de la vida, hazañas, y muerte de D. Ambroſio Spinola Marques de los Balbazes 1629. 4.

Rithmos diverſos Lisboa por Matheus Pinheiro. 1628. 8.

Delle ſe lembraõ Nicol. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 75. Joan. Soar. de Brito in *Theatr. Luſit. Literat.* lit. A. n. 50. Jacinto Cordeiro no *Elog. dos Poet. Portug.* Eſtanc. 32.

Merece Antonio Alvres la eſtima
Con los premios ganados de Poeta
Aun que a tantos por el la embidia imprima
La emulacion, de que nacio ſugeta, &c.

Com mayor elegancia, e em melhor lingua o P. Antonio dos Reys no *Enthuſiaſm. Poet.* n. 133.

= *Tagidum que Soari*
Turba ſuo manibus texebant gnava coronam
Lævia miſcentes foliis conchyllia curvo
Dum mare contraheret ſtuctus in litore, lecta.

Fr. ANTONIO DE SANTO AMBROSIO. Naceo no lugar de Matozinhos Suburbio da Cidade do Porto ſendo ſeus Pays o Capitaõ Damiaõ Luiz, e Adriana Freire. Recebeo o Habito dos Menores no Convento do Porto da Provincia de Portugal a 3. de Abril de 1704. Depois de ſe applicar aos eſtudos eſcolaſticos ſe inclinou aos Concionatorios de que tem colhido aclamaçoens em diverſas partes de inſigne Orador Evangelico tendo ſómente impreſſo

Sermaõ gratulatorio prègado em o Solemne Triduo, que fizeraõ em o ſeu Collegio da Nobiliſſima Villa de Santarem os Preclariſſimos Padres da Companhia de Jeſus quando celebraraõ Canonizados os ſeus dous Illuſtriſſimos Santos Luiz Gonzaga, e Stanislao Koſtka. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva 1728. 4. Deſta obra faz memoria F. Joan. a D. Ant. in *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 90.

P. ANTONIO DE ANDRADE naceo na Villa de Oleiros do Priorado do Crato, e naõ em Pedrogaõ (como mal informado eſcreveo Miguel Leitaõ de Andrade no Dialogo 5. da ſua Miſcelanea.) Foraõ ſeus Pays Bartholameu Gonçalves, e Margarida de Andrade. Recebeo em Coimbra a Roupeta de Jeſuita a 15. de Dezembro de 1596. e logo nelle ſe deſcobriraõ viveza de engenho, e madureza de juizo aſſim para o governo, como para o magiſterio. Inſtruido nas faculdades de Filoſofia, e Theologia, em que foy baſtantemente douto, e ornado de todas as virtudes Religioſas ſe deixou penetrar tanto do zelo, e converſaõ da gentilidade, que com beneplacito dos ſeus Superiores paſſou ao Oriente no anno de 1600. Tanto que chegou a Goa foy nomeado Superior de Reſidencia do Mogor onde tendo noticia que no Reyno do Tibet, e Graõ Catayo havia veſtigios da Criſtandade intentou eſta dificultoſa empreza de muitos apetecida, e inutilmente procurada, para cujo effeito ſe veſtio de trage de Mogor ſendo incriveis os trabalhos, e intoleraveis as moleſtias cauzadas pela imtemperança do clima q̃ conſtantemente ſoportou, pois era tal a vehemencia do frio que lhe fez cahir congelados alguns dedos dos pès naõ ſendo poderoſa tanta copia de neve para entibiar os ardores do ſeu apoſtolico zelo. Chegado eſte Evangelico explorador à terra da Promiſſaõ que para elle era Caparanga Corte do Tibet foy benevolamente recebido pelo ſeu Principe, que lhe permitio promulgaſſe o Evangelho de que colheo copioſos frutos edificando hum Templo à Virgem Santiſſima para cuja fabrica conduziaõ aos hombros as principaes Peſſoas da Corte os materiaes. Voltando para Mogor juntou novos operarios para continuar eſta cultura, e ſegunda vez foy tratado pelo Principe com ſingulares ſignificaçoens de affecto. Neſte tempo ſendo eleito Provincial de Goa ſe reſtituhio a eſta Cidade, onde foy nomeado Deputado do Santo Officio de cujo miniſterio tomou poſſe em 20. de Agoſto de 1633., e como zelaſſe a Religiaõ Catholica contra a pravidade heretica, hum dos Sequazes do Hebraiſmo lhe deu veneno de taõ activa qualidade que no meſmo dia o privou da vida, que foy a 19. de Março de 1634. Sobre o ſeu Cadaver depois de ſepultado ſe poz huma grande campa na qual ſe imprimio a ſua figura, e imaginando-ſe que eſte ſucceſſo fora naturalmente cauſado pela violencia exhalada do veneno, ſe conheceo ſer ſobrenatural por eſtar naõ ſómente impreſſa, mas penetrada na pedra. A eſte prodigio ſe ſeguiraõ outros muitos, quaes foraõ a repentina ſaude, que

varias peſſoas invocado o ſeu nome experimentaraõ. O ſeu retrato ſe abrio em huma eſtampa com eſta inſcripçaõ. *P. Antonius de Andrade Soc. Jeſ. Provinciæ Goanæ XVII. Provincialis, Miſſionis Tibitenſis primus explorator, et fundator. Obiit anno Domini* 1634. 14. *Kalend. Aprilis ætatis ſuæ* 53. As ſuas virtuoſas acçoens, apoſtolicos ſuores, celeſtiaes favores, e ſingulares prodigios ſe pòdem ler em Nieremberg. *Hiſt. dos Var. Illuſt. da Comp.* Tom. 2. p. 411. Rho *Hiſt. Virt. et Vit.* lib. 2. cap. 2. Tanner *Soc. Jeſ. uſq. ad Sang. et vitæ profuſ. militans* pag. 371. Nadaſi *Ann. Dier. Memorab. S. J.* Part. 1. pag. 153. Cardoſo *Agiolog. Luſit.* Tom. 2. pag. 232. e no Commentario de 19. de Marc. letr. J. Franc. in *Ann. Glor. S. J. in Luſit.* p. 160. Joan. Soar. de Brito in *Theatr. Luſit. Liter.* lit. A. n. 51. Hallevord in *Bib. Curioſ.* p. 15. Alegamb. in *Mortib. Illuſtrib.* Ceſpedes *Hiſt. de Filippe IV.* Part. 1. liv. 5. cap. 21. e 22. Veiga *Relac. da Etiop.* do anno de 1624. 1625. e 1626. Kircher in *Sina Illuſtrat.* cap. 2. Faria *Aſia Portug.* Tom. 3. Part. 3. cap. 23. n. 15. *Biblioth. Societ.* pag. 64. Nicol. Ant. in *Bib. Hiſpan.* Tom. 1. pag. 75. Camarg. *Chronolog. Sacra* a año. 1624. Eſcreveo

Novo deſcubrimento do graõ Catayo, ou dos Reynos de Tibet. Lisboa por Matheus Pinheiro 1626. 4. cuja relaçaõ inteiramente tranſcreveo o P. Antonio Franco na *Imagem da Virtude em o Noviciado de Lisboa* deſde pag. 376. atè pag. 400. Sahio traduzida em Caſtelhano. Madrid por Luiz Sanches 1626. 4. em Italiano. Roma por Franciſco Corbelleti 1627. 8. e em Napoles. por Egidio Longo no meſmo anno: em Polaco. Cracovia por Federico Szembeck 1628. e em Flamengo. Gante por Jacobo Dyckio. 1631

Carta em que relata como voltou a Tibet a 15. *de Agoſto de* 1625. Eſtà impreſſa na *Imagem da Virt. em o Noviciad. de Lisboa* do P. Antonio Franco deſde pag. 400. atè 402. Della faz mençaõ a *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ novamente acrecentada. Tom. 1. Tit. 7. col. 115. Sahio traduzida em Italiano Roma por Franciſco Corbelleti 1628. 8. e em Francez com eſte titulo.

Hiſtoire de ce qui s' eſt paſſe au Royaume du Tibet en l' annee de 1626. Pariz ches Sebaſtien Cramoiſy 1629. 8.

Carta em que narra aos Padres da Companhia de Goa os ſucceſſos, que lhe aconteceraõ deſde a Cidade de Sarinegar atè Bardinara quando foy para o deſcubrimento do Tibet em 16. *de Mayo de* 1624. a qual com outras ſahio em Italiano Roma por Franciſco Corbelleti 1627. e em Francez pelo P. Joaõ Dried. Pariz ches Sebaſtien Carmoiſy 1628. 8.

Deſta relaçaõ do novo deſcubrimento do Tibet compoſta pelo P. Antonio de Andrade extrahio a mayor parte de noticias Theodoro Rhay com que ampliou a Hiſtoria Latina que eſcreveo da *Deſcripçaõ daquelle Reino* a qual ſahio impreſſa Paderbonæ apud Henricum Pantanum 1658. 4.

ANTONIO DE ANDRADE REGO. Naceo em Lisboa ſendo ſeus Pays o Dezembargador Ignacio do Rego de Andrade, Vereador do Senado da Camara, Deputado da Junta, e Eſtado da Sereniſſima Caſa de Bragança, e do Infantado, Procurador da Fazenda, e Ouvidor das Terras da Raynha D. Maria Franciſca Izabel de Saboya, e D. Maria Sofia Izabel de Neoburg. e D. Magdalena Maria de Lamirante filha de Pedro Lamirante, e D. Joanna do Rego. Inſtruido profundamente nas letras humanas, e lingua latina, ſe applicou a penetrar as ſubtilezas da Filoſofia, e depois as reſoluçoens do Direito Pontificio, e fez em huma, e outra faculdade tantos progreſſos que recebeo com applauſo da Univerſidade Conimbricenſe o grào de Meſtre em Artes, e o de Doutor nos Sagrados Canones. Foy admitido ao Collegio Real de S. Paulo em 19. de Dezembro de 1705. e logo deſpachado com huma conducta até que ſubio no anno de 1716. à Cadeira de Sexto, onde no de 1720. paſſou à de Decreto, em que jubilou. No tempo, que regentou eſtas Cadeiras dictou as Poſtillas *ao cap.* 2. *de Tregua, et Pace. ao cap.* 1. *de Reſcript. in* 6. *e ao cap.* 1. *de Reſtitut. in integrum in* 6. nas quaes depoſitou os theſouros da ſciencia Legal, e Canonica adquirida com indefeſſo eſtudo. Foy Dezembargador da Relaçaõ do Porto, da Caſa da Suplicaçaõ, e Titular dos Aggravos de que tomou poſſe a 5. de Dezembro de 1716. He ao prezente Conego Dou-

toral do Algarve, Academico da Academia Real da Hiſtoria Portugueza, Conſelheiro da Fazenda eleito no anno de 1735. e Deputado da Sereniſſima Caſa de Bragança. Igualmente ſe admira a ſua grande erudiçaõ ſagrada, e profana aſſim nas Cadeiras, como nos Pulpitos, naõ ſendo inferior a vaſta liçaõ dos Poetas, e Hiſtoriadores Antigos, e Modernos com que elegantemente exorna os ſeus diſcurſos de que foy por vezes repetido theatro a Univerſidade de Coimbra, como com poetica eloquencia o deſcreve meu Irmaõ o P. D. Jozé Barboza in *Archiathen. Luſit.* p. 63. n. 165.

Ille Andrada Rego? Celebrem facundia reddet.
Orantem audierit doctus cum Cætus odoris
Floribus eloquii contexet ſerta corollæ
Vertice quæ digno fulgebunt? Aurea juris
Ore fluenta cadent; reſono ſimul ore tonabit
Numinis alta pius tradat cum dogmata juſti.

Imprimio

Sermaõ da Rainha Santa Izabel ſexta de Portugal prègado em o Real Convento de Santa Clara de Coimbra aſſiſtindo em preſtito a Univerſidade em 4. de Julho de 1727. Coimbra na Officina do Collegio das Artes 1727. 4.

Sermaõ da Conceiçaõ da Virgem Maria Senhora Noſſa na Capella do Paço do Duque de Bragança em 15. de Dezembro de 1734. feſteiando a Academia Real eſte Puriſſimo Miſterio. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva Impreſſor da Academia Real. 1735. 4.

Oraçaõ com que congratulou os Academicos da Academia Real quando foy eleito ſeu Collega no anno de 1734. e ſahio impreſſa no Tom. 14. da Collecçaõ dos documentos, e Mem. da Academia Real. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva 1734. fol.

Fr. ANTONIO DE SANTO ANGELO. Naceo na Cidade do Porto, e teve por Pays a Domingos de Menezes, e Catherina Barboza, que o educaraõ com taõ ſantos documentos que para os exercitar com mayor perfeiçaõ buſcou a Sagrada Reforma do Carmelo, e no Convento de N. Senhora dos Remedios de Lisboa recebeo o Habito a 25. de Março de 1715. e profeſſou a 29. do dito mez do anno ſeguinte. Foy Lente de Theologia Eſcolaſtica, e Moral na Bahia, Superior no Convento de Pernambuco, Secretario do Viſitador do Brazil Fr. Juliaõ da Cruz, e ultimamente Meſtre dos Profeſſos no Convento do Porto. Como era muito verſado nos miſterios da Theologia Aſcetica compoz

Director de Directores para o governo das almas, no qual ſe contem os avizos, e documentos para o governo das almas, que vaõ por caminho extraordinario. Lisboa na Officina da Congregaçaõ do Oratorio 1738. 4.

Eſte Livro publicou o P. Agoſtinho Ferreira, e em ſeu nome o collocamos neſta Bibliotheca atè que chegou à noſſa noticia ſeu verdadeiro Author que por humildade religioſa ſe quiz occultar, o qual he o P. Fr. Antonio de Santo Angelo.

Fr. ANTONIO DOS ANJOS natural de Lisboa filho de Alvaro Annes, e D. Izabel Gil, e hum dos illuſtres filhos da Religiaõ da Santiſſima Trindade (cujo Habito recebeo no Convento da ſua Patria a 12. de Janeiro de 1571.) pelos ſingulares dotes com que liberalmente o ornaraõ a graça, e a natureza, ſendo pela innocencia dos coſtumes, conhecimento das linguas, facundia Oratoria, affluencia poetica, e ſuavidade muſica univerſalmente venerado por Oraculo. As ſuas virtuoſas acçoens acompanhadas da ſevera obſervancia dos inſtitutos da Ordem louva ſeu contemporaneo Fr. Bernardino de Santo Antonio in *Epit. Gen. Redempt.* lib. 2. cap. 11. §. 4. A ſua Sabedoria cultivada com todo o genero de erudiçaõ pela qual recebeo o Grào de Bacharel em Theologia na Univerſidade de Coimbra, e ſe dilatou vaſtamente por todas as Academias de Eſpanha, he celebrada por Fr. Antonio Correa na *Vid. do V. P. Fr. Ant. da Conceic.* lib. 1. cap. 2. A profunda noticia das linguas Latina, e Italiana, Franceza, Caſtelhana, e o que he mais da Grega, Hebraica, e Caldaica em que foy eminentemente verſado, he applaudida por Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 76. Imbonat. in *Bib. Latin. Hebraic.* pag. 313. n. 995. e Joan. Soar. de Brito in *Theatr. Luſit. Liter.* lit. A. n. 52. Com igual facilidade, e felicidade foy Orador eloquentiſſimo, e elegantiſſimo Poeta, principalmente na lingua Latina, em que publicou varios Poemas. Na Arte da Muſica, ou compondo, ou

cantando competio com os mais celebres profeſſores do ſeu tempo que promptamente lhe cederaõ a palma à ſua incomparavel deſtreza. Occupou na Religiaõ os lugares de Reytor do Collegio de Coimbra, Miniſtro do Convento de Lisboa, e duas vezes Provincial eleito a primeira vez no anno de 1595. e a ſegunda no anno de 1608. e em tantas Prelazias ſempre conciliou o afecto dos domeſticos, e a benevolencia dos eſtranhos. Como era dotado de ſumma prudencia, e zelo para os augmentos da ſua Religiaõ paſſou a Madrid para defender huma cauſa intentada contra ella, e neſte tempo o nomeou Filippe III. Biſpo de Cabo Verde, e depois de Ceuta, cujas dignidades naõ poſſuyo por lho impedir a morte no anno de 1614. e naõ de 1619. como eſcreve o P. D. Antonio Caetano de Souſa no *Catal. dos Biſp. de Cabo Verde* impreſſo no 2. Tom. da Collec. dos Documentos da Academia Real. Lisboa por Paſchoal da Sylva 1722. fol. Compoz.

Compendium Inſtitutionis Ordinis Sanctiſſimæ Trinitatis, et indulgentiarum à ſummis Pontificibus eidem conceſſarum. Ulyſſip. 1613. 4.

Varia Poemata. Ulyſſipone apud Petrum Crasbeeck 1623. 8.

Commentaria in Sacram Scripturam fol. 5. Tom. Sendo deſtes o principal.

De Tranſmigratione filiorum Iſrael. os quaes todos ſe conſervaõ *M. S.* na Livraria do Convento de Lisboa. Deſta obra faz memoria a *Magn. Biblioth. Eccleſiaſt.* pag. 459. col. 2. e Jacob. le Long. in *Bib. Sacr.* pag. mihi 609. col. 1.

Na Origem da lingua Portugueza compoſta por Duarte Nunes de Leaõ pag. 143. e 144. eſtá huma obra ſua poetica dedicada a Santa Urſula na qual com grande artificio ſem mudar palavra ſe póde lèr ou na lingua Latina, ou Portugueza moſtrando a uniformidade, e ſemelhança, que tem huma lingua com outra. Começa.

Canto tuas palmas, fermoſos cãto triumphos

Eſta obra lhe remeteo Fr. Antonio dos Anjos com hum Soneto a Duarte Nunes de Leaõ dizendo que a fizera hum *Religioſo principal mui docto nas letras Divinas, e humanas, e noticia das linguas.*

Fr. ANTONIO DOS ANJOS. Teve por Pays a Simaõ Gonçalves, e Margarida Queimada, e por patria a Cidade de Lisboa donde paſſou à India movido da ambiçaõ de grandes lucros, que lhe prometia a fortuna, porèm experimentando differente ſucceſſo às ſuas eſperanças as collocou heroicamente em Deos, recebendo o Serafico habito, em o Convento da Madre de Deos em Goa. Logo em o Noviciado ſe admirou a ſua virtude taõ adulta, que ſervia de exemplar, e eſtimulo aos ſeus companheiros. Querendo ſer profundamente verſado na ſciencia dos Santos, e naõ das Eſcholas, frequentou com violencia os Eſtudos, dos quaes ſahio ſuficientemente inſtruido para o Pulpito, em cujo exercicio mais obſervante das maximas do Evangelho, que dos preceitos da Oratoria colheo copioſos frutos das innumeraveis almas, que lhe formavaõ o Auditorio. Foy amante do ſilencio, continuo na Oraçaõ, parco no comer, compaſſivo com os enfermos, affavel com os penitentes, e unicamente tyrano com o ſeu corpo. Querendo Deos provarlhe com rigoroſo exame a valentia do ſeu eſpirito permitio que pelo eſpaço de tres annos, e meyo ſe viſſe combatido de taõ graves eſcrupulos que o obrigaraõ a naõ comer nove dias, vigiar duas noutes, e eſtar em pé tres dias. Acrecentavaõſe a eſta aflicçaõ da alma os golpes que recebia no corpo dados pelos ſeus companheiros como medicina a taõ terrivel infermidade, até que por diſpoſiçaõ divina foy reſtituido à ſerenidade da conciencia, e livre da furioſa tormenta em que quaſi eſtava ſoçobrado o ſeu coraçaõ. Depois de ter ſido Guardiaõ do Convento da Madre de Deos em Goa, foy eleito Provincial a 6. de Fevereiro de 1622. com uniformidade de todos os Capitulares. Deſte lugar foy injurioſamente depoſto pelo Commiſſario Geral cuja injuſtiça tolerou com invicta paciencia, e para manifeſto argumento da ſua inculpavel vida foy reſtituido à meſma Prelazia no anno de 1629. por Decreto da Santidade de Urbano VIII. Chegado o tempo de ſerem premiados os ſeus merecimentos lhe ſobreveyo a infermidade que elle julgou ſer a ultima, e recebidos com grande piedade os Sacramentos morreo no Convento de Tanà em o mez de Julho de 1631. com 68. annos de idade, e 51. de habito. Eſcreveo.

Carta eſcrita de Goa a 30. de Setembro de

1617. *a ſeu Irmaõ o P. Joaõ da Coſta da Companhia de JESUS.*

He muito larga, e nella narra individualmente os trabalhos aſſim eſpirituaes como corporaes, que tinha padecido. Sahio impreſſa no *Vergel de Plantas, e Flores da Provincia da Madre de Deos* compoſto por Fr. Jacinto de Deos cap. 7. art. 15. onde largamente falla deſte varaõ, do qual, e da dita Carta faz mençaõ a *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ modernamente acrecentada Tom. 1. Tit. 6. col. 100.

Fr. ANTONIO DE SANTA ANNA natural de Lisboa, e filho de Joaõ Rodriguez da Sylva, e Marianna de Siqueira. Profeſſou o penitente habito de Religioſo Capucho na Provincia da Arrabida, em o Convento de N. Senhora da Conceiçaõ em Alferrara junto à Villa de Setubal a 8. de Dezembro de 1713. onde depois de aprender Filoſofia, e Theologia dictou eſtas faculdades, e a da Sagrada Eſcritura no Real Convento de Mafra auguſta fundaçaõ da generoſa piedade delReyD. Joaõ o V. noſſo Senhor. He Qualificador do Santo Officio Conſultor da Bulla da Cruſada, e bom prègador de cujo ſagrado miniſterio publicou

Sermoens varios, Panegiricos, e moraes Tom. 1. Lisboa por Mauricio Vicente de Almeyda 1735. 4.

Tom. 2. Lisboa por Miguel Rodrigues Impreſſor do Eminentiſſimo Senhor Cardeal Patriarcha 1738. 4.

Sermaõ do grande Patriarcha dos Menores, milagre da humana natureza, portento da Divina graça, e imagem do meſmo Deos humanado o glorioſo, e Serafico Padre S. Franciſco prégado no Convento de S. Jozè de Ribamar na prezença de Sua Mageſtade D. Joaõ o V. Lisboa por Bernardo da Coſta de Carvalho Impreſ. da Religiaõ de Malta 1730. 4.

ANTONIO DA ANNUNCIAÇAM. Conego Secular da illuſtre Congregaçaõ de S. Joaõ Evangeliſta. Foy ſummamente applicado aos exercicios da Charidade, e compaixaõ, de que deo manifeſtos argumentos ſendo Provedor das Caldas da Rainha D. Leonor para com os pobres, que concorriaõ a buſcar remedio para as ſuas infermidades nas medicinaes aguas daquelles banhos. Mayor era a piedade para com Deos, e o zelo com que ſe celebraſſe perfeitamente o incruento Sacrificio da Miſſa, e ſe recitaſſem as horas Canonicas conforme as Rubricas do Miſſal, e determinaçoens da Sagrada Congregaçaõ dos Ritos, para cujo efeito compoz.

Manual de Ceremonias Sagradas o qual ſe conſerva *M. S.* na Livraria do Convento de Santo Eloy de Lisboa onde morreo o ſeu Author a 15. de Setembro de 1665.

Fr. ANTONIO DA ANNUNCIAÇAM natural de Lisboa chamado no ſeculo Antonio de Souſa, e filho de Manoel Lourenço, e Antonia Jorge. Depois de aprender a lingua Latina no Collegio dos Padres Jeſuitas da ſua patria ouvio a Filoſofia na Congregaçaõ do Oratorio onde igualmente inſtruyo o entendimento, e o eſpirito. Foy admitido ao habito da Ordem dos Prégadores em o Convento de Santarem onde ſolemnemente profeſſou a 4. de Junho de 1704. Neſta paleſtra foy Cathedratico de Prima de Theologia no Convento de Lisboa com grande aceitaçaõ dos ſeus domeſticos atè que chegou a ſer Preſentado na meſma Faculdade. Naõ fez menor progreſſo no Pulpito, que na Cadeira. Cheyo mais de virtuoſas obras, que de annos, morreo no Convento de Lisboa a 18. de Setembro de 1737. a tempo que exercitava o lugar de Vigario das Religioſas do Convento de S. Joaõ de Setubal publicou.

Sermaõ no Real Convento de N. Senhora do Carmo de Lisboa aos 27. *de Setembro de* 1727. *na Solemnidade com que o dito Convento celebrou a Canonizaçaõ de S. Joaõ da Cruz.* Lisboa por Miguel Rodrigues. 1728. 4. Sahio nas *Mem. Hiſt. Panegirico, e Metric. do Sagrado Culto com que o Convento do Carmo celebrou a Canonizaçaõ do D. Myſtico S. Joaõ da Cruz.* Eſtá deſde pag. 320 até 361.

Do Author ſe lembra brevemente Fr. Pedro Monteiro no *Clauſt. Dominic.* Tom. 3. pag. 167.

Fr. ANTONIO DE ARAGAM natural da Cidade de Faro no Reyno do Algarve, onde naceo a 13. de Junho de 1650. ſendo filho de Gonçalo Jorge, e Petronilla

Fajardo Sevilhana. De idade de 16. annos entrou na illuſtre Religiaõ dos Eremitas de Santo Agoſtinho, cujo Habito profeſſou no Convento de Evora a 2. de Janeiro de 1676. Foy obſervantiſſimo dos ſeus Eſtatutos regulares ſervindo de exemplar aos domeſticos, e de veneraçaõ aos eſtranhos. Morreo no Convento de Tavira a 30. de Abril de 1716. A ſua ſepultura he frequentada por terem algumas peſſoas recebido eſpeciaes favores de Deos por ſua interceſſaõ. Compoz

Indulgencias plenarias, Jubileos pleniſſimos, abſoluições geraes de culpa, e pena, remiſſoens de peccados, relaxaçoens de penitencias, conceſſoens de Quarentenas, que os Summos Pontifices concederaõ aos Confrades da Correa de Santo Agoſtinho com particular reza repartidas pelos dias, e feſtas do anno. Lisboa na Officina Auguſtiniana 1732. 8. e na meſma Offic. 1734. 8. ſendo impreſſo mais vezes.

P. ANTONIO DE ARAUJO. Naceo na Ilha de S. Miguel em o anno de 1566. donde paſſando na adoleſcencia a America recebeo no Collegio da Bahia a Roupeta da Companhia de JESUS. Depois de fazer ſolemnemente a profiſſaõ dos quatro votos enſinou aos domeſticos as letras humanas, e inſtruio com os documentos Evangelicos pelo eſpaço de nove annos aos Gentios diſcorrendo com outros companheiros do ſeu apoſtolico eſpirito os Certoens da America, e para que colheſſe mayor fruto deſta Seara aprendeo a lingua Braſilica com naõ pequeno trabalho, e de tal modo a ſoube, que parecia ter nacido entre aquelles barbaros, em cuja empreza padeceo graviſſimos trabalhos, e moleſtias que fazia ſuaves a ſua ardente caridade, até que foy receber o premio na patria celeſte no anno de 1632. compoz

Catheciſmo na lingua Braſilica em que ſe contem a ſumma da Doutrina Chriſtãa com tudo o que pertence à noſſa Santa Fè, e bons coſtumes compoſto a modo de dialogos por Padres Doutos, e boas linguas da Companhia de JESUS, e por elle acrecentado.

Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1618. 8. Sahio emendado na ſegunda impreſſaõ pelo P. Bartholameu de Leaõ da meſma Companhia com eſte Titulo.

Catheciſmo Braſilico da Doutrina Chriſtãa com o Ceremonial dos Sacramentos, e mais actos Parochiaes. Lisboa por Miguel Deslandes. 1686. 8.

Eſta obra foy traduzida em diverſas linguas da America, affirmando o Autor da *Biblioth. da Companh.* p. 65. *Ut nihil in genere Catechiſtico perfectius uſpiam extare cenſeatur.* Do Autor, e da obra ſe lembra a *Magn. Bib. Eccleſiaſtic.* pag. 539. col. 2.

Fr. ANTONIO DE ARAUJO natural da Villa de Rua no Biſpado de Lamego profeſſou o Habito Monachal Ciſtercienſe no Convento de Salcedas onde brevemente fez taes progreſſos na obſervancia Religioſa, que foy eleito pelos Superiores Meſtre dos Noviços quando contava poucos annos de idade, ſendo pouco depois Abbade do celebre, e antigo Convento de S. Pedro das Aguias, e ultimamente no anno de 1678. das Religioſas de S. Bento de Caſtris pouco diſtante da Cidade de Evora, em cujo miniſterio naõ tendo acabado o triennio, com geral opiniaõ de virtude terminou a vida. Foy inſigne em formar os carecteres para os livros do Coro debuxando com a penna como ſe fora pincel as letras iniciaes, e illuminando-as com ouro, e diverſas cores. Raro foy o Convento em que habitou onde para o uzo do Coro naõ deixaſſe muitos livros eſcritos em pergaminho, ſendo taõ elegantes as figuras da Muſica, como as letras que nellas formava a ſua pena, e pincel.

No tempo que foy Bibliothecario da grande Livraria de Alcobaça eſcreveo com igual perfeiçaõ em papel imperial.

Index dos livros, e deſcripçaõ dos Emblemas, e figuras, que na meſma Livraria eſtaõ, cujo livro acabou no anno de 1636. e nella ſe conſerva.

ANTONIO DE ARAUJO natural dos Arcos de Valdeves no Arcebiſpado de Braga, Cavalleiro profeſſo na Ordem de Chriſto, naõ menos celebre com a eſpada quando em obſequio da ſua patria ſendo Soldado, ou Capitaõ pelejou com os Caſtelhanos, do que com a penna, depois de celebrada a paz entre huma e, outra Coroa, em o anno de 1668. eſcrevendo elegantemente.

Meſopotamia Luſitana, ou deſcripçaõ, e antiguidades da Provincia de Entre Douro, e Minho. fol. *M. S.*

Cuja obra ſendo muito eſtimada dos eruditos, ainda alcançaria mayor applauſo ſe lograſſe o beneficio da luz publica.

Della fazem mençaõ o P. D. Antonio Caetano de Souſa no *Aparat. à Hiſt. Geneal. da Caſa Real* pag. 153. n. 180. dizendo que nella ſe continhaõ varias origens, e Familias da Provinc. de Entre Douro, e Minho, e a *Bib. Geograf.* de Antonio de Leaõ modernamente acrecentada Tom. 3. col. 1729.

ANTONIO DE ARAUJO Presbytero Ulyſſiponenſe, e ornado daquellas virtudes proprias do Eſtado Eccleſiaſtico que profeſſava. Todo o ſeu diſvelo foy inſtruir aos proximos com os documentos eſpirituaes para cujo fim como era ſuficientemente douto nas linguas Caſtelhana, e Franceza, traduzio alguns livros devotos que ſerviſſem de mudos directores àquelles que dezejavaõ abraçar as virtudes, e fugir dos vicios. Morreo na ſua Patria no anno de 1684. Traduſio de Caſtelhano em Portuguez.

Solitario contemplativo, e guia eſpiritual do P. Jorge de S. Jozè. Lisboa por Joaõ Galraõ 1678. 8.

Diſiniçoens moraes recopiladas pelo Licenciado Domingos Maneiro das obras do P. Chriſtovaõ de Aguirre traduzido de Caſtelhano em Portuguez acrecentado com todos os caſos reſervados aos Biſpos de Portugal com as propoſiçoens condemnadas por Alexandre VII. Lisboa por Joaõ Galraõ. 1681. 8. e na meſma Cidade pelo dito Impreſſor 1691. 8.

Tratado da Oraçaõ, e meditaçaõ compoſto por S. Pedro de Alcantara traduzido com huma breve traduçaõ para os que começaõ a ſervir a Deos, e hum Tratado das virtudes, e votos dos Religioſos, outro da paz das almas. Lisboa por Joaõ Galraõ. 1679. 24.

Da lingua Franceza do P. Domingos Bouhours da Companhia de JESUS.

Penſamentos Chriſtãos para todos os dias do mez. Lisboa por Joaõ Galraõ. 1680. 12.

Fr. ANTONIO DOS ARCHANJOS Naceo na Cidade de Evora no anno de 1632. Abraçou o Inſtituto dos Frades Menores na Provincia dos Algarves, da qual pelo ſeu agudo engenho, profunda literatura, e grande authoridade foy illuſtre eſplendor. Enſinou Filoſofia, e Theologia aos ſeus Religioſos até que jubilou na Cadeira de Prima. Depois de ter exercitado varias Prelazias da Ordem com ſumma prudencia foy eleito Provincial a 8. de Setembro de 1663. em cujo lugar deſcobrio mais claramente o grande talento que tinha para o governo. Na Curia Romana encheo as obrigaçoens de deligente Procurador dos negocios domeſticos da ſua Provincia. Foy Qualificador do Santo Officio, e Examinador das Ordens Militares, *e Prègador inſigne* (como o intitula o P. Franciſco da Fonceca na *Evora Glorioſ.* pag. 410.) da Mageſtade delRey D. Pedro II. naõ lhe fazendo menor elogio Fr. Joan. à D. Anton. in *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 93. Morreo no Convento de Xabregas a 25. de Fevereiro de 1682. Imprimio

Sermaõ nas honras que fez a Cidade de Tavira em o Reyno do Algarve na morte do Sereniſſimo Senhor D. Joaõ o IV. Rey de Portugal. Lisboa por Antonio Crasbeeck 1657. 4.

Sermaõ de Santa Clara expoſto o Santiſſimo no ſeu Convento de Lisboa. Lisboa por Domingos Carneiro 1664. 4. e Coimbra por Rodrigo de Carvalho Coutinho. 1672. 4. Sahio traduzido em Caſtelhano pelo Doutor Eſtevaõ de Aguilar y Zuniga com outros Sermoens no livro intitulado *Laurea Portugueza* Part. 2. Madrid por Andrè Garcia de la Igleſia. 1679. 4.

Sermaõ da Immaculada Conceiçaõ de N. Senhora na Capella Real aſſiſtindo S. Mageſtade, e Alteza em 8. de Dezembro de 664. Evora na Officina da Univerſidade 1665. 4. e Coimbra por Thomè Carvalho Impreſſor da Univerſidade 1672. 4.

Sermaõ da profiſſaõ da Madre Soror Brites da Madre de Deos filha de Fernaõ da Sylva de Souza, e Menezes, e de Dona Guiomar da Sylva, e Mello dia de S. Jozè expoſto o Santiſſimo em o Convento do Salvador em Evora. Lisboa por Antonio Craſbeeck de Mello 1664. 4. e Coimbra por Thomè Carvalho. 1672. 4.

Sermaõ na Dedicaçaõ de N. Senhora do Loureto reedificada pela Naçaõ Italiana patente o Santiſſimo. Lisboa por Joaõ Galraõ 1696. 4.

Sermaõ da quarta terça feira da Qua-

reſma na Capella Real. Lisboa por Miguel Deslandes 1687. 4. Sahio com outros Sermoens na Laurea Portugueza.

Fr. ANTONIO DOS ARCHANJOS ſemelhante ao precedente em o nome, profiſſaõ Religioſa, e ſumma literatura naceo em Lisboa, e foy filho de Paſcoal Luiz, e Domingas Antunes que o educaraõ taõ virtuoſamente que logo na adoleſcencia deixou o mundo, e buſcou a Religiaõ Seraſica profeſſando o ſeu penitente inſtituto em o Convento de S. Franciſco de Setubal da Provincia dos Algarves a 11. de Março de 1686. Aprendeo as Sciencias Eſcholaſticas com tal viveza de engenho como quem as havia enſinar exercitando o magiſterio até que nelle jubilou. Da profundidade das ſuas letras aſſim Theologicas como Juridicas naõ teve menor theatro que a cabeça do mundo onde a 29. de Mayo de 1700. em que ſe celebrava o Capitulo Geral da ſua Ordem defendeu humas Concluſoens de toda a Theologia, e Direito Canonico dedicadas à Mageſtade delRey D. Pedro II. cujo retrato ſe via aberto primoroſamente em huma grande Lamina ao qual veneravaõ as quatro partes do mundo, adquirindo naõ pequena gloria o ſeu nome com a promptidaõ, e ſciencia com que reſpondia às mayores dificuldades. Depois de ſer Confeſſor das Religioſas do Moſteiro de Santa Clara de Beja, e Evora, e Guardiaõ do Convento de Xabregas, Secretario Difinidor, Cuſtodio da Provincia, e Qualificador do Santo Officio foy eleito Miniſtro Provincial por moto proprio impetrado pela Mageſtade reinante delRey D. Joaõ o V. noſſo Senhor o qual ſe publicou em o Convento de Santa Maria de Enxobregas a 14. de Setembro de 1737. com geral acclamaçaõ de toda a Provincia. Imprimio.

Proluſio Encomiaſtica in generalibus comitiis totius ordinis Fratrum Minorum Seraphici Patris Noſtri Franciſci Romæ celebratis 29. *die menſis Maij anno Jubilæi* 1700. Romæ Typis Joannis Jacobi Komarek 1700. 4. grande. Conſta de 8. Elogios extenſos de obra lapidaria em louvor do Reino de Portugal, e Naçaõ Portugueza ſervindo de preludio eſtas inſcripçoens latinas como Problematica queſtaõ às Concluſoens que defendeo.

ANTONIO ARE'Z DELICADO Natural de Evora, e numerado entre os ſeus Eſcritores pelo P. Franciſco da Fonceca na ſua *Evor. Glor.* pag. 410. taõ honrado por nacimento, como famoſo pela liçaõ da Hiſtoria, e Geografia em que era perito. Com igual diſvelo que ſciencia compoz.

Diſcripçaõ do Rio Sado que corre pela Provincia do Alentejo.

Cuja obra *M. S.* ſe conſervava na Livraria do grande Antiquario Manoel Severim de Faria Chantre de Evora, e della como do Autor faz memoria o moderno addicionador da *Bib. Geograf.* de Antonio de Leaõ Tom. 3. col. 1727.

D. ANTONIO DE ATTAIDE primeiro Conde da Caſtanheira. Teve por Pays a D. Alvaro de Attaide II. do nome, e a D. Violante de Tavora: e por Avòs paternos os Condes de Atouguia, e maternos os do Prado, e entre o eſplendor herdado de tanta nobreza foy mayor o que lhe augmentou com as ſuas heroicas virtudes. Recebeo a primeira educaçaõ no Palacio delRey D. Joaõ o III. e deſde idade taõ tenra lhe foy com tal exceſſo afeiçoado eſte Principe, que com exemplo poucas vezes viſto conſervou eſta inclinaçaõ até á morte, o que expreſſou o inſigne Juriſconſulto, e naõ menor Poeta Manoel da Coſta in *Epithal. Princ. Odvard. et Iſabellæ* dizendo

Caſtaneus Comes, et gazæ præfectus Eo æ:
Sollicitus pro Rege ſuo, uti charior alter
Nemo fuit: talem Regis Joannis amorem
Antonij mervit pietas, ſapientia, virtus.

Deſte grande affecto foy conſequencia elegello ElRey por ſeu Embaxador a França quando contava vinte annos para tratar negocios de ſumma importancia, que dezempenhou com a madureza do juizo que excedia a verdura da idade. Com o meſmo caracter repreſentou a peſſoa do ſeu Soberano em Caſtella, e Alemanha ſendo em taõ grandes theatros ſempre reſpeitada a ſua capacidade. Em premio de taõ heroicos ſerviços além de ſer Senhor das Villas de Povos, e Chelleiros, e do Morgado da Foz, foy eleito Conſelheiro de Eſtado, Vedor da Fazenda, Alcaide Mòr de Collares, e Cõmendador da Langroiua na Ordem de Chriſto. Neſtes taõ honorificos lugares ſempre ſe oſtentou ſuperior ás mayores con-

veniencias de que foraõ claros argumentos o generoſo deſprezo do opulento legado, que lhe deixou o Infante D. Luiz, e o manifeſto em que declarou a ſeus filhos a cauſa porque os naõ deixava ricos, querendo, que foſſem mais herdeiros da ſua fama, que da ſua fazenda, virtude em que teve mayor numero de admiradores, que de ſequazes. Foy dotado de juizo perſpicas, de inalteravel animo na proſpera, e adverſa fortuna; de fidelidade incorrupta para com o ſeu Principe; de ſumma Religiaõ para com Deos dedicando-lhe para ſeu culto dous Conventos de eſpiritos Seraficos hum de Eſpoſas de Chriſto na Villa da Caſtanheira; outro para Frades nos ſeus arrebaldes, eternizando neſtes dous Sagrados Padroens a ſua piedoſa magnificencia. Foy caſado com D. Anna de Tavora filha de D. Alvaro Pirez de Tavora Senhor do Mogadouro, e Mirandella, e de ſua mulher D. Izabel da Sylva filha dos Condes de Penella. Penetrado com a intempeſtiva morte delRey D. Joaõ o III. cujo valimento mereceo por toda a vida determinou procurar o de outro Monarcha que nunca caducaſſe, e para promptamente executar eſta heroica reſoluçaõ deixou todos os lugares que poſſuia, e retirado ao Convento dos Religioſos que edificara, nelle exercitou com mayor fervor as virtudes practicadas pelo eſpaço da ſua vida até que piamente acabou em 7. de Outubro de 1563. Foy ſepultado como elle determinara, no Convento onde morreo, em hum ſoberbo Mauſoleo que mandou levantar ſeu filho D. Jorge de Attayde Biſpo de Viſeu com eſte elegante epitafio.

D. O. M.

Antonio de Attayde primo Comiti de Caſtanheira Alvari de Attayde, et Violantæ de Tavora filio: à Joanne III. Rege prudentiſſimo ob integritatem, pietatem, prudentiam, animi moderationem inter cæteros Regni primates maxime dilecto, et in magnam curarum partem aſcito: Regni negotiis, ſupremiſque muneribus (poſt Regis obitum) ſponte abdicatis, certiore conſilio prope hoc cœnobium manenti, ut ſe totum reliquo vitæ tempore Deo dicaret. Deceſſit anno ætatis ſuæ LXIII. Chriſti verò CIↃCILXIII. die Octobris VII.

Georgius Epiſcopus Optimo Parenti

M. P.

Deſte grande Varaõ eſcrevem com grandes louvores Andrad. *Chron. delRey D. Joaõ o III.* Part. 1. cap. 6. Mariz. *Dial. de Var. Hiſt.* Dial 5. c. 3. Telles *Chron. da Companhia da Prov. de Portug.* Part. 1. liv. 1. cap. 11. *Sempre eſtimou mais a virtude, que as riquezas, e preſou mais a honra, que o intereſſe. Sò tratou do bem commum ſem ſombra de proveito proprio. Foy verdadeiro exemplar de toda a modeſtia de toda a honra, de toda a Fidalguia Portugueza. Em cuja boca ſempre ſe ouvia a verdade em cujo coraçaõ ſempre reynou a piedade; em cujas obras ſempre reynou o deſintereſſe.* Souſa *Hiſt. de S. Domingos da Prov. de Portug.* Part. 2. liv. 2. cap. 10. chamando-lhe *grande Valido, e grande ſabio* Eſperanc. *Hiſt. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 2. liv. 11. n. 5. Fr. Fernand. da Soled. *Hiſt. Seraf.* Part. 4. liv. 2. cap. 4. n. 225. e 226. Jozè Pellizer, y Tovar na *Epiſt. Dedicat.* do livro intitulado *Fama Auſtriaca,* Barboſ. nas *Memorias delRey D. Sebaſtiaõ* Tom. 2. liv. 1. cap. 19. n. 145. e 146. Fr. Mart. do Amor de Deos *Chron. da Prov. de S. Ant.* Tom. 1. liv. 1. cap. 18. §. 144. e 167.

D. Agoſtinho Manoel na Cenſura que fez á 1. Part. da *Hiſt. Eccleſ. de Braga* compoſta pelo Illuſtriſſimo D. Rodrigo da Cunha impreſſa no ſeu principio affirma, que D. Antonio de Attayde eſcrevera.

Hiſtoria da ſua Vida

Cuja obra ſe he diſtincta da ſeguinte deve de eſtar conſervada em poder dos ſeus deſcendentes. Imprimio.

Copia de hum papel em que D. Antonio de Atayde primeiro Conde da Caſtanheira dà razaõ de ſi, e ſeus filhos, e deſcendentes, eſcrita em Lisboa a 10. *de Janeiro de* 1557. Madrid na Impreſſaõ Real 1598. 4.

D. ANTONIO DE ATTAYDE ſegundo Conde da Caſtanheira, e filho primogenito do antecedente, naõ ſómente herdeiro dos titulos, e dominios de taõ eſclarecida Caſa, mas tambem das virtudes, e merecimentos de ſeu grande Pay, ſendo, como eſcreve D. Jozé Pellizer, y Tovar na Epiſtola Dedicatoria aſſima allegada *Varon ſingular en letras, y armas, famoſo a entrambas luzes dela verdad, y dela embidia.* Foy caſado tres vezes, e de todas as tres Eſpoſas que eraõ da primeira nobreza do Reyno,

teve filhos a 1. com D. Maria de Vilhena filha de D. Franciſco da Gama Conde da Vidigueira, a 2. com D. Barbara de Lara filha do 3. Marquez de Villa Real D. Pedro de Menezes, e a 3. com D. Maria de Vilhena filha de D. Luiz de Menezes de Vaſconcellos Governador do Braſil. Entre os eſtudos proprios de hum Cavalhero com particular genio ſe applicou à Genealogia principal parte da Hiſtoria em que foy inſigne, de que deixou eſcrito.

Nobiliario das familias deſte Reyno fol. *M. S.*

Livros dos Brazoens das meſmas familias com as ſuas Origens fol. *M. S.*

Cuja obra querem alguns que foſſe principiada por ſeu Pay, e continuada por elle havendo em hum, e outro igual talento para eſta empreza. Julgando como deſenganado que as felicidades, que lograva, eraõ caducas, ſe preparou com obras meritorias para alcançar as eternas, diſpondo no ſeu Teſtamento, que foſſe ſepultado na Capella de Chriſto Crucificado que eſtá no Convento de Santo Antonio da Caſtanheira fundaçaõ de ſeu illuſtre Pay, onde jaz com eſte epitafio.

Sepultura de D. Antonio de Attayde 2. Conde da Caſtanheira. Faleceo a 20. de Janeiro de 1603.

Delle fazem memoria Fr. Fernando da Soledad. *Hiſt. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 4. liv. 2. cap. 6. n. 243. e D. Anton. Caetano de Souſ. no *Apparat. à Hiſt. Gen. da Caſa Real Portug.* pag. 52. §. 26. e no Tom. 2. da meſma Hiſt. liv. 3. cap. 8. §. 3. p. 531. e ultimament. Fr. Martin. do Amor de Deos *Chron. da Prov. de Santo. Antonio.* Tom. 1. liv. 1. cap. 16. §. 162.

D. ANTONIO DE ATTAYDE primeiro Conde de Caſtro Dayro, e filho 2. do Conde da Caſtanheira de quem proximamente fallamos, e de ſua 2. mulher D. Barbara de Lara, illuſtrou com as ſuas acçoens politicas, e militares naõ ſó a ſua preclariſſima aſcendencia, mas a todo o Reyno de Portugal. Aſpirando o ſeu grande eſpirito a emprezas dignas do ſeu nacimento ſe enſayou para as conſeguir na militar eſcola do Marquez de Santa Cruz na occaſiaõ que navegou com huma poderoſa Armada no anno de 1582. contra a Ilha Terceira: e na de D. Martinho de Ribera General das Galès Eſpanholas obrando o ſeu valor taes façanhas, que em breve tempo ſubio aos poſtos de Capitaõ de Cavallos, Fronteiro mór dos Coutos de Alcobaça, General de huma Armada da Coſta, Coronel de Infantaria, Capitaõ mór das náos da India, e General das Armadas de Portugal. Em taõ diverſos lugares, a que o ſublimara o ſeu merecimento, naõ deixou de experimentar armada contra ſi a malicioſa enveja dos ſeus emulos accuſando-o de que pelo ſeu deſcuido fora abrazada pelos Turcos a Náo Conceiçaõ, que voltava da India precioſamente carregada no anno de 1621. quando como General da Armada a eſtava eſperando para a conduſir ao porto de Lisboa. Partio a Madrid naõ prezo, como erradamente eſcreveo Fr. Marcos de Guadalaxara na *Hiſt. Pontif.* Tom. 5. liv. 17. cap. 3. mas para ſe purificar da culpa de que injuſtamente fora arguido, ſendo della abſoluto pela rectidaõ dos Juizes a 6. de Setembro de 1624. como affirma D. Gonçalo de Ceſpedes *Hiſt. de Filippe IV.* liv. 2. cap. 26. Tal foy o conceito, que eſte Principe formou da ſua fidelidade, que para dignamente a premiar o nomeou ſeu Gentil homem de boca, Mordomo mór da Rainha D. Izabel de Borbon, Conſelheiro de Eſtado do Conſelho de Portugal, e Preſidente das Cortes do Reyno de Aragaõ. Naõ ſatisfeito aquelle Principe com as merces de lugares taõ honorificos o mandou por ſeu Embaxador extraordinario ao Emperador Fernando II. e a outros Principes do Imperio, em cujas expediçoens ſe moſtrou taõ liberal, como politico para concluir os negocios mais dificultoſos como o teſtemunhaõ as hiſtorias daquelle tempo, e elegantemente o deixou eſcrito o inſigne Juriſconſulto Agoſtinho Barboſa *Jur. Eccleſ.* lib. 1. cap. 30. n. 15. *Ea adhuc redditur ſpectabilior, quod olim ad Cæſarèam Majeſtatem Regis Catholici Orator miſſus officium tanto ſplendore adminiſtravit, ut tam facundam viri eloquentiam, eloquentem facundiam; ſingularem in rebus tractandis, et ſpirantem prudentiam non potuerit non Cæſar ipſe præconiis exornare, non obſervare, non admirari.* Ornado com taõ illuſtres occupaçoens o recebeo Portugal com inexplicaveis ſignificaçoens de jubilo por ſeu Governador no anno de 1631. eſ-

crevendo o meſmo Barboſa, *cum vix poſſit ennarrari quá morum integritate, quà legum, juriſque prudentia, quo religionis ſtudio, quá muneris vigilantia gubernaverit.* Deſte governo paſſou a Preſidente da Meza da Conciencia onde practicou a rectidaõ, que ſempre exercitara ſervindo-lhe de degráos para ſubir a tantos lugares as ſuas grandes virtudes como eloquentemente eſcreveo Rodrigo Mendes Sylva no *Cathalog. Real de Eſpanha* fol. mihi 112. v.º *Varon ſeñalado por ſu gran talento, y partes naturales, y adquiridas, y por los ſupremos lugares, que occupo en la Monarchia, aſcendiendo a ellos graduadamente más a fuerça de meritos, que de fortuna.* Caſou com D. Anna de Lima filha, e herdeira de D. Antonio de Lima Senhor de Caſtro Dayro, e de D. Maria de Vilhena filha de Chriſtovaõ de Mello herdeiro da Ilha de S. Tomé de quem teve ſeis filhos, e duas filhas. Foy o 1. Conde de Caſtro Dairo por Alvará de Filippe IV. paſſado em Aranjuès em 30. de Abril de 1625. no qual para que ſe eternizaſſe na poſteridade a innocencia de D. Antonio accuſada injuſtamente pela malevolencia, o honrou com eſtas palavras. *En conſideracion delo que padecio en el negocio dela partida dela nave dela India, que los enimigos quemaron, enque ſe verifico que no tuvo culpa, y que cumplio con ſus obligaciones, y queriendo portodo hazerle merced conforme a ſu qualidad ſe lahago del titulo de Conde de ſu Villa de Caſtro Dairo.* Por ſucceder na Caſa da Caſtanheira a ſeu Sobrinho o Conde D. Joaõ foy o 5. Conde deſta Caſa, e Alcayde mór de Colares, Commendador de Langroiva, S. Salvador de Valorco, e de Santa Maria de Sataõ na Ordem de Chriſto, e pelo Condado de Caſtro Dayro Alcayde mór de Guimaraens, e Senhor dos Lugares de Payva, Baltar, e Cabril. Ninguem explicou com mayor elegancia os ſingulares dotes do corpo, e do eſpirito deſte Cavalhero, do que o Principe da Poeſia Caſtelhana Lope da Vega Carpio quando fallando delle ainda na ſua idade juvenil lhe conſagrou eſte elogio tranſcripto pela penna de D. Jozé Pellizer, y Tovar na Epiſtol. Dedicatoria aſſima allegada. *El gallardo D. Antonio de Attaide ſabia bien quan verſado era vueſtra Excellencia que ſerà aora en todas las lenguas, ſciencias, y artes liberales, quan dedicado, y elegante en Poeſia, como uno delos primeros de ſu ſiglo, y quan dieſtro en las aplicaciones, y acçiones publicas de Cavallero entendido, cortes, valiente, y con todas las partes, y prendas que componen un verdadero Principe Portuguez, que eſta es la mayor fineza, y ultima linea dela alabança. Varon al fin ſuperior a toda fortuna, y embidia, pues a ſu pezar hà prevalecido V. Excellencia com mayores realces de ſu valor.* Com ſentimento igual ao commum applauſo com que vivera, morreo em Lisboa a 14. de Dezembro de 1647. quando excedia a larga idade de 80. annos. Eſtá ſepultado na Capella mór dos Religioſos Franciſcanos da Provincia de Portugal, jázigo ſeu, e de ſeus Herdeiros, como eſcreve o Padre Fr. Manoel da Eſperança *Hiſt. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 1. liv. 2. cap. 22. n. 3. Publicou.

Cargos, que reſultáraõ da devaça, que os Governadores, de Portugal mandàraõ tirar de D. Antonio de Attaide Capitaõ General da Armada de Portugal acerca da perda da Náo da India N. Senhora da Conceiçaõ, que os inimigos queimáraõ o anno de 1621. *e repoſta de D. Antonio aos Cargos.* Lisboa 1622. fol.

Deſta obra, e do Author faz mençaõ a *Bibliot. Oriental* novamente acrecentada Tom. 1. Tit. 13. col. 440.

Diario da Jornada, que fez a Alemanha no fim de Dezembro de 1628. *M. S.* Traduzio na lingua materna.

Tratado de Seneca.

Deſtas obras, como do Author dellas faz illuſtre memoria o P. D. Antonio Caetano de Souſa na *Hiſt. Geneal. da Caſa Real Portug.* Tom. 2. pag. 8. §. 3. pag. 533. 534. e 535. e a tinha feito Joaõ Franco Barreto na *Bib. Portug. M. S.*

Varios Verſos M. S.

D. Franciſco Manoel na *Carta dos Autores Port.* que he a 1. da 4. Cent. das ſuas Cartas eſcrita ao Doutor Manoel da Fonſeca Themudo numera a D. Antonio de Attayde, que imagino ſer eſte de quem ſe affirma ſer taõ inſigne em verſificar que compuzera.

Arte Poetica.

Da qual ſe lembra Manoel de Faria, e Souſa no Cathal. dos AA. Portuguezes que tinha prompto para a impreſſaõ, o qual examinamos, e era Original eſcrito da ſua propria maõ.

Carta Latina muito elegante em reposta da Dedicatoria, que ao ſeu nome conſagrou Franciſco de Fontes in *libello apologetico pro Juſto Lypſio, et Erycio Puteano.*

ANTONIO DE AZEVEDO Poeta Comico dos mais inſignes que floreceraõ no feliz reynado delRey D. Joaõ o III. compoz muitas obras poeticas dignas de lograrem a luz publica, e dos applauſos dos profeſſores de taõ ſublime arte, ſendo entre todas a mais eſtimavel a Comedia, que fez ſobre eſtas palavras do Evangelho.

Venite poſt me, faciam vos fieri piſcatores hominum.

P. ANTONIO DE AZEVEDO natural do Porto, filho de Antonio de Azevedo Fernandes, e de Maria Moutinha, e Religioſo da Companhia de Jeſus cuja Roupeta veſtio a 29. de Abril de 1712. Depois de eſtudar as letras humanas, e as ſciencias mayores, enſinou Grammatica, e Rhetorica, e foy Subſtituto de Filoſofia, e Theologia Moral em os Collegios de Evora, e Coimbra. Applicou-ſe ao miniſterio do Pulpito de cujo argumento ſómente tem publicado.

Oraçaõ funebre nas Exequias dedicadas ao Excellentiſſimo Senhor D. Antonio de Noronha Moniz, e Albuquerque ſegundo Marquez de Angeja, e 3. Conde de Villa-Verde prègado na Sé Primacial de Braga Coimbra por Antonio Simoens Ferreira. 1736. 4.

ANTONIO DE AZEVEDO SAA Pela continua aſſiſtencia, que fez em Eſpanha ſoube a lingua Caſtelhana com ſumma perfeiçaõ, na qual traduzio da Portugueza os Sermoens do Doutor Franciſco Fernandes Galvaõ inſigne Prégador, e os imprimio com eſtes titulos.

Sermones delas Feſtividades delos Santos. Madrid por la Viuda de Alonſo Martins 1615. 4.

Sermones de Quareſma. Madrid por Luiz Sanches 1615. 4.

Fr. ANTONIO DE AZURARA natural do lugar do ſeu appellido ſituado na Comarca da Maya da Dioceſe do Porto. Profeſſou o auſtero habito de Frade Capucho na Provincia da Piedade. Foy igualmente obſervante dos Eſtatutos da Ordem, como verſado na Theologia moral, como claramente o manifeſtou naõ ſómente nas adiçoens, que fez ao *Manual de Confeſſores, e penitentes,* compoſto (como querem muitos) por Fr. Rodrigo do Porto Religioſo do ſeu Jnſtituto, mas concorrendo com grande copia de doutrinas canonicas, e moraes para o meſmo Manual quando ſahio illuſtrado pela doutiſſima penna do inſigne Doutor Martim de Aſpilcueta Navarro, cujo grande ſocorro confeſſou ter recebido na Dedicatoria ao Cardial D. Henrique do dito Manual impreſſo em Coimbra por Joaõ de Barreira, e Joaõ Alvres 1552. 8. por eſtas palavras. *El Author dela obra, Varon que es piiſſimo, y ſu gran coadjutor, que para mejor ayudarnos, y dar buen cabo aloque tanto coſtava há ſofrido de eſtar trabajando noches, y dias en eſta caſa de aſperos eſtudios, y tratos ablandando nos los con ſu ſanta, y aſpera vida.* Mais claramente teſtimunhou quem era o que lhe participara materia para augmento do meſmo Manual dizendo no Prologo da Impreſſaõ de Salamanca por Andrea de Portonariis 1557. 4. *El muy aprovado Varon Fray Antonio de Zurara Padre muy reverendo dela dicha Provincia dela Piedad, el qual como Dios lo ſabe por ſola ſu providencia divina acerto de topar comigo em Campos, y me propuſo más dudas que otros, y por ſolo amor de Dios, y de que lo ſobre dicho ſe hizieſſe, ſe determinó a tenerme compañia en todo eſte encerramiento, reviſta y correcion deſta adicion con ſus muy grandes trabajos aliviando los mios.*

Fazem expreſſa mençaõ de Fr. Antonio de Azurara como addicionador do *Manual de Confeſſores* Fr. Luiz de Reboledo *Cron. de S. Franciſco* no Cathalogo dos Authores pag. 37. Joan. Suar. de Brito in *Theatr. Luſit. Litter.* lit. J. n. 86. intitulando-o por engano Joaõ, e ultimamente Fr. Joan à D. Anton. in *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 101.

Fr. ANTONIO BACELLAR natural de Viana do Minho. Recebeo o Habito dos Religioſos Menores na Provincia de Saõ-Tiago a qual illuſtrou com ſuas grandes letras, e iguaes virtudes. Foy muito applicado à liçaõ dos Santos Padres, e da Eſcri-

tura Sagrada como ſe manifeſta claramente da obra, que compoz com eſte titulo.

Defenſa Evangelica de la Cognacion, y parenteſco de nueſtro Glorioſo Apoſtol, y unico Patron de Eſpaña San-Tiago el mayor con Chriſto Redemptor Nueſtro em quanto hombre. Coimbra 1631. 4.

Do Author, e da obra ſe lembra o P. D. Manoel Caet. de Souza in *Exped. Hiſp. Apoſtol. S. Jacob. Major.* Tom. 2. pag. 1338. onde o faz natural de Redondela no Reyno de Galiza, quando Nicol. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 81. o traz como Portuguez, cuja opiniaõ ſegue Fr. Joan. a D. Ant. in *Bib. Franciſcan.* Tom. 1. pag. 94. poſto que o confunda com Fr. Antonio de Barcellos, de quem logo fallaremos.

P. ANTONIO BANDEIRA filho do Dezembargador Ignacio Bandeira Maldonado, e D. Joanna de Figueiredo. Naceo na Villa de Bèſteiros da Dioceſe de Vizeu donde paſſou a Coimbra eſtudar Direito Civil, e recebendo o Grào de Doutor neſta Faculdade com beneplacito de ſeu Pay que foy dos melhores Oppoſitores ás Cadeiras, que venerava a Univerſidade, as quaes muitas vezes ſubſtituhio com grande credito do ſeu nome, conſiderando que toda a eſtimaçaõ, que podia alcançar pelas ſuas letras era tranſitoria, e caduca, deixando Coimbra paſſou a Lisboa onde quando contava 24. annos de idade recebeo o Habito da Companhia de JESUS 10. de Fevereiro de 1622. Neſta ſagrada paleſtra ſe exercitava nos miniſterios mais abatidos chegando a trazer ás coſtas o peixe que haviaõ comer os ſeus companheiros, e preguntado em huma ocaſiaõ pelo Superior ſe lhe cauzava confuſaõ o ſer viſto naquelle vil eſtado por alguns diſcipulos que enſinara em Coimbra, lhe reſpondeo que nunca lhes dictara doutrina mais ſolida, que aquelle exemplo de humildade. Nos pulpitos, onde era frequente a ſua aſſiſtencia, colheo copioſos frutos, principalmente na Villa de Caſtello-Branco reduſindo ao caminho da penitencia os coraçoens mais obſtinados os quaes abrandava com as continuas lagrimas, que o ardor do ſeu eſpirito lhes fazia deſtillar pelos olhos. Enſinou Filoſofia em Lisboa, e foy Reytor do Collegio do Porto ſendo ſempre eſtimado, ou como Meſtre, ou como Prelado. Morreo piamente em Coimbra a 25. de Setembro de 1664. e delle fazem memoria Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Luſit. Literat.* lit. A. n. 53. Franco in *Synopſ. Annal. S. J. in Luſit.* pag. 337. *et in Anno Glorioſ. S. J.* pag. 547. Imprimio.

Sermaõ na Sè da Cidade de Coimbra na celebridade com que ella ſolemnizou o Nacimento do Sereniſſimo Infante D. Affonſo em 7. de Setembro de 1643. Lisboa por Lourenço Crasbeeck Impreſſor delRey 1643. 4.

ANTONIO BAPTISTA VIÇOSO Beneficiado na Igreja de Santa Cruz da Villa de Santarem, Notario Eſcrivaõ Geral das Juſtificaçoens Apoſtolicas em todo o Arcebiſpado de Lisboa Oriental naceo neſta Cidade a 31. de Outubro de 1704. ſendo filho de Manoel Jorge, e Mariana das Neves. Para inſtruir aos Sacerdotes na intelligencia dos altiſſimos Miſterios, e Sagradas Ceremonias da Miſſa traduſio de Caſtelhano em Portuguez a obra do P. Fr. Diogo de Guſmaõ Cõmiſſario, e Vigario Geral da Ordem da Santiſſima Trindade da Provincia de Eſpanha com eſte titulo

Thezouro ſingular, e admiravel excellencia do Sacroſanto Sacrificio da Miſſa da Ley Evangelica dividido em tres partes, moſtrando-ſe nella os profundos Miſterios da Miſſa em geral, e em particular com todas as ſignificaçoens de ſuas Santas Ceremonias. Lisboa por Manoel Fernandes da Coſta Impreſſor do Santo Officio 1731. fol.

Com o nome ſupoſto de Franconiano Adaõ Cuntim Favorino publicou

Templo theologico eſpeculativo, e pratico, aonde ſe verà huma breve ſumma de Theologia Speculativa, e Moral com os caſos reſervados do Patriarchado de Lisboa, e mais Dioceſes de Portugal expoſtos, e declarados conforme as novas Conſtituiçoens, e declaraçoens, que em muitos Biſpados ſe fizeraõ depois que eſcreveraõ os que atè o prezente os tem tratado, e ſe ajuntaõ aos ditos caſos reſervados de toda a Dioceſe de Portugal as excomunhoens de ſuas Conſtituiçoens atè agora naõ explicadas &c. Lisboa pelo meſmo Impreſſor. 1735. fol.

P. ANTONIO BARBOSA natural da Villa da Arrifana de Souza do Biſpado

do Porto teve por Pays a Gaſpar Pires, e Maria Thomè. Na idade de 20. annos abraçou em Lisboa o inſtituto da Companhia de JESUS em 13. de Março de 1624. Alcançada faculdade dos ſeus Prelados para a Miſſaõ do Oriente chegou a Goa, e logo foy diſtinado para a cultura da Cochinchina, ſendo hum dos ſeus primeiros agricultores em cuja empreza empenhou todas as forças do corpo, e do eſpirito convertendo muitos infieis ao gremio da Igreja. Eſte laborioſo miniſterio exercitado pelo eſpaço de quatro annos lhe fez contrahir huma febre que degenerou em tiſica, e ainda que tinha o corpo quaſi mirrado ſempre conſervava o eſpirito vigoroſo para continuar nos trabalhos apoſtolicos. Paſſou a Macao, e depois a Goa para com a mudança do clima experimentar alguma milhora, mas rendida a natureza à violencia da infirmidade acabou a vida com ſaudade dos ſeus companheiros ſendo hum delles o Padre Alexandre Rhodes que teſtimunha na *Hiſtoria Tunchinenſi* lib. 2. cap. 45. pag. 170. *maximum nobis omnibus reliquit ſui deſiderium, et Santiſſimæ Vitæ præclariſſimum exemplar.* Por ſer muito perito na lingua Annamitica que he a que mais ſe falla na Cochinchina, e Tunquim eſcreveo para que os Miſſionarios fizeſſem com mayor facilidade a ſua obrigaçaõ.

Diccionario da lingua Annamitica. do qual tranſcreveo grande parte o P. Alexandre Rhodes da meſma Companhia para o que compoz na lingua Latina, e ſahio impreſſo Romæ Typis de Propaganda Fide 1651. 4. como elle confeſſa no Prologo. *Aliorum etiam ejuſdem Societatis Patrum laboribus ſum uſus; præcipue P. Gaſparis do Amaral, et P. Antonii Barboſæ, qui ambo ſuum compoſuere Diccionarium, ille à lingua Annamitica incipiens, hic á Luſitana, ſed immatura uterque morte nobis ereptus: utriuſque ergo laboribus ſum uſus, &c.* Do meſmo Diccionario faz mençaõ nos *Diverſos Voyages del Orient.* cap. 3. *Jay faict imprimer a Rome par le faveur de Meſſiurſ. de la Congregation de la propagation de la Foy un Diccionaire Cochinchinois Latin, et Portugais, &c.*

ANTONIO BARBOSA natural de Chaul celebre Cidade da India Oriental ſituada entre Goa, e Dio ſendo Conego na Cathedral de Goa mereceo pelas letras que profeſſava na faculdade dos Sagrados Canones a ſer Dezembargador da Relaçaõ do Arcebiſpado Primaz do Oriente, e Vigario da Parochial Igreja de S. Thomé da Cidade de Goa em cujo miniſterio encheo as obrigaçoens de vigilante Paſtor. Para eternizar na poſteridade as heroicas acçoens que os Portuguezes obraraõ no Morro de Chaul a 2. de Fevereiro de 1594. eſcreveo como contemporaneo a eſte ſucceſſo.

Breve Tratado da Vitoria do Morro de Chaul deſcripçaõ do ſitio, e fortaleza delle, e de alguns bem afortunados ſucceſſos que os Portuguezes tiveraõ neſte cerco. M. S. 4. Conſerva-ſe na Livraria do Excellentiſſimo Marquez de Abrantes.

ANTONIO BARBOSA BACELLAR Teve por patria a Cidade de Lisboa, por Pays a Franciſco Barboſa Bacellar, e Gracia Gomes Pereira ambos deſcendentes de nobres geraçoens. Ainda naõ excedia os annos da puerecia, e já brilhava com tanta intençaõ a viveza do ſeu engenho, que mais parecia empenho da graça que liberalidade da natureza, cauzando geral admiraçaõ a perſpicacia do juizo, a tenacidade da memoria com que comprehendia as ſciencias. Mayor foy o eſpanto quando no Collegio de Santo Antaõ dos Padres Jeſuitas antes de cumprir deſaſeis annos eſtando perfeitamente inſtruido na lingua Latina, Rhetorica, Poetica, Philoſofia, Theologia, e Mathematica defendeo Concluſoens publicas de todas eſtas faculdades reſpondendo com tal promptidaõ, e madureza aos argumentos propoſtos em taõ diverſas ſciencias, que arrebatou a atençaõ de todos os aſſiſtentes a taõ plauſivel acto, ſervindo a muitos de confuſaõ, que pudeſſem hombros taõ delicados ſuſtentar a immenſa machina de taõ grandes eſtudos. Naõ foy menos prodigioſa a ſua memoria pois ou lendo, ou ouvindo ler duas, ou tres paginas de qualquer livro, as repetia fielmente ſem lhe faltar huma palavra, de cuja portentoſa ſingularidade fez varias demonſtraçoens na prezença de muitas peſſoas eruditas. Augmentavaſe mais a fama do ſeu nome com o ſublime genio que teve para a Poeſia ſendo hum dos mais ſonoros Ciſnes do Parnaſſo

Portuguez, metrificando ou na lingua materna, ou Caſtelhana com prompta facilidade ſuave elegancia, aguda diſcriçaõ mais adquerida por natural impulſo, que por applicaçaõ eſtudioſa, de tal ſorte, que no anno de 1635. quando contava 25. annos de idade, imprimindo as ſuas metricas Compoſiçoens os dous inſignes Poetas Manoel de Galhegos, e Antonio Figueira Duraõ; o 1. no *Epitalamio dos Sereniſſimos Duques de Bragança* Eſtanc. 198. o invocou entre os mais celebres Poetas Portuguezes para celebrar eſte auguſto Conſorcio, neſta forma.

Se em tenra idade dais ao mundo eſpanto
Em voſſo verſo ó Bacellar canoro,
Pera tal gloria, para triumfo tanto
Invocay do Parnaſo o brando coro,
Começareis a dar do voſſo engenho
A mayor moſtra no mayor empenho.

O ſegundo *Parnaſ. Laur. Ram.* 2. o antepoem aos Poetas ſeus comtemporaneos, e o intitula Homero, e Virgilio renacido.

Non Luſitanà quiſquam de gente canoros
Hiſpano melius componit carmine cantus,
Quam tu, docte puer, Smyrnæi Vatis imago:
En tibi Pegaſides plenis dant lilia dextris.
Poſtquám Phœnici venit ævi finis
Componit ſibi tumulum felicem
Tum defuncti Phœnicis vivax cinis
Alterum profert nobilem Phœnicem.
Sic naſcitur Barboſa peregrinus
Ex cinere Maronis Phœnix dignus.

Obedecendo à vontade de ſeus Pays paſſou a Coimbra, e com o meſmo diſvelo com que tinha eſtudado as outras faculdades ſe applicou a penetrar as ſubtilezas do Direito Civil. Neſta inſigne paleſtra da mocidade Portugueza alcançou de todos os ſeus Academicos as mayores eſtimaçoens quando conheceraõ que a prezença naõ diminuira, antes augmentara o que a fama publicava na ſua auzencia atrahindo-lhe os affetos a ſua grave gentileza, natural urbanidade, maduro juizo, diſcreta facundia, applicaçaõ continua ao eſtudo, frequente aſſiſtencia nas aulas, e ſumma veneraçaõ aos Meſtres, naõ ſendo inferior a eſtas partes a ſubtileza com que em todos os actos litterarios argumentava, a promptidaõ com que reſpondia, e a profundidade com que explicava, e conciliava os textos mais dificeis, e antinomicos. Acabado o tempo de aprender eſta faculdade como ſe fora de a enſinar recebendo a borla doutoral leu como ſubſtituto por eſpaço de ſeis annos algumas materias com tanto applauſo de toda a Univerſidade, que eraõ pequenas as Claſes para comprehender a multidaõ dos Academicos, querendo participar dos documentos da ſua vaſta, e profunda litteratura. Porèm ſendo Opoſitor a huma Cadeira, e nella foſſe provido quem lhe era muito inferior no merecimento, para naõ experimentar outra deſatençaõ da fortuna ſe retirou com eterna ſaudade de Coimbra a Lisboa, e tanto que a ella chegou naõ permitio a Mageſtade delRey D. Joaõ o IV. que eſtiveſſe ſem exercicio o ſeu grande talento nomeando-o para beneficio da Republica Corregedor de Caſtellobranco, e logo Provedor de Evora, donde paſſou a illuſtrar a Relaçaõ do Porto, e Caſa da ſuplicaçaõ a 22. de Novembro de 1661. com as incorruptas deliberaçoens da ſua grande Juriſprudencia; e certamente ſubira aos mayores lugares que lhe ſeguravaõ as ſuas letras, ſe lhe naõ interrompeſſe a morte envejoſa dos ſeus augmentos a velocidade com que para elles caminhava, acabando a vida em Lisboa em o Hoſpital das Chagas a 15. de Fevereiro de 1663. Com univerſal ſentimento foy ſepultado no Convento de S. Franciſco da Cidade em cuja ſepultura ſe lém gravadas eſtas palavras do Cantico de Ezechias.

Dum ad huc ordìrer ſuccidit me.

Será eternamente lamentavel a ſua memoria pela perda que Portùgal padeceo como diſcretamente o expreſſou hum dos mais celebres Poetas daquelle tempo neſte Soneto.

O' toda admiraçaõ ò toda horrores
Parca cruel que ſol nos eclypſaſte
Como aſſim atrevida nos roubaſte
Do Tejo a gloria, do Parnaſo as flores?
Bem ſe vé, que temias ſeus fulgores
Pois tanto de repente os aſſaltaſte.
Mas quando mais tyrana os aſſombraſte
Lhes dá ſeu ſer mayores reſplandores.
De hum aſſopro apagaſte infauſtamente
A Bacellar das ſciencias viva chama,
Aquelle ſobre tudo engenho, e arte
Porém a ſaudade, que o exclama
Com outro de ſuſpiros mais valente
O faz reſucitar por maõs de Fama.

Compoz.

Relaçaõ Diaria do ſitio, e tomada da forte Praça do Recife, recuperaçaõ das Capitanias de Itamaracà, Paraiba, Rio grande, Siará, e Ilha de Fernaõ de Noronha por Franciſco Barreto Meſtre General do Eſtado do Braſil, e Governador de Pernambuco. Lisboa na Officin. Crasbeeckiana. 1654. 4. Sahio traduzida em Italiano com eſte titulo.

Relatione dell' inſigne Vitoria ch' i Portugheſi riportarono delg' Olandeſi nello Stato del Braſile impatronandoſi della Fortezza Reale detta Recife nella Capitania de Pernambuco, e de tutte le Piazze, Fortezze, e Iſole d'intorno a 27. di Genaro del 1654.

Relaçaõ da Vitoria, que alcançaraõ as armas do muito alto, e poderoſo Rey D. Affonſo VI. em 14. de Janeiro de 1659. contra as de Caſtella, que tinhaõ ſitiado a Praça de Elvas hindo por General do Exercito de Portugal o Conde de Cantanhede D. Antonio Luiz de Menezes do Concelho do Eſtado, e Guerra, Vedor da Fazenda. Lisboa por Antonio Crasbeeck de Mello 1659. 4. a qual ſahio vertida em Latim muito puro, e elegante por Aleixo Collotes de Jantillet com o nome de *Helvia obſidione liberata.* Uliſſip. apud eumdem Typ. 1662. 8.

Eſtas duas Relaçoens publicou ſem o ſeu nome como taõbem a obra ſeguinte.

Statera veritatis, ſive præcipua rationum momenta pro jure Coronæ Luſitanæ adverſus Caſtellanam. 1641. fol.

Compoz mas naõ imprimio.

Huma e outra fortuna do Marquez de Montalvaõ D. Jorge Maſcarenhas eſcrito no eſtilo de Cornelio Tacito *M. S.*

Vida de D. Franciſco de Almeyda Vicerey da India eſcrita no eſtilo do Marquez Virgilio Malvezzi. *M. S.*

Deſtas duas obras faz illuſtre memoria Franciſco de Santa Maria no *Ann. Hiſtor. Diar. Portug.* p. 198. onde lhe chama *ſogeito rariſſimo de igual engenho, e memoria.* Deixou imperfeitos.

Commentaria in Textus Juriſconſulti Pomponij M. S.

As obras poeticas, que compoz, merecedoras pela ſuavidade das vozes, e agudeza dos penſamentos de correrem impreſſas para recreaçaõ dos cultores das bellas letras eſtiveraõ muitos annos occultas, lendo-ſe algumas dellas na *Fama poſthuma de Lope da Vega Carpio.* Madrid 1636. e nas *Memor. Funeb. de D. Maria de Attaide.* Lisboa na Officina Crasbeeck. 1650. 4. até que a diligente curioſidade de Mathias Pereira da Sylva em a grande Collecçaõ, que fez de verſos dos noſſos Poetas, a qual intitulou *Fenis renacida, ou obras poeticas dos melhores engenhos Portugueſes* publicou as ſeguintes do Doutor Antonio Barboza Bacellar.

Saudades de Lidia, e Armido. Saõ 40. Outavas. Gloſſa à 8. de Camoens *Eſtavas linda Ignes poſta em ſocego.* 2. Gloſſas ao Soneto *Fermoſo Tejo meu quam diferente.* 7. Sonetos a diverſos aſſumptos. 2. Gloſſas ao Soneto de Camoens *Sete annos de Paſtor Jacob ſervia. Cançaõ funebre à morte do Sereniſſimo Senhor Infante D. Duarte. Saudades de Aonio.* conſtaõ de huma ſylva a qual louva o P. Antonio dos Reys no *Enthuſiaſm. Poet.* n. 71. neſta forma.

= *Vitreas flet triſtis ad undas.*
Aonium Barboſa ſuum, planctuque nitentes
Infuſo turbabat aquas, oblataque mentis
Nulla ſibi cupiens ægræ medicamina, luſtra
Quæ nemus umbroſum multá tegit ilice,
quærit.

Todas eſtas obras poeticas ſahiraõ Lisboa por Jozè Lopes Ferreira Impreſſor da Sereniſſima Rainha 1716. 8. deſde pag. 77. até 214.

No 2. Tomo *da Fenis renacida.* Lisboa por Jozé Lopes Ferreira 1717. 8. eſtaõ varias gloſſas de alguns Sonetos, trinta e quatro Sonetos a diverſos Aſſumptos, varias Decimas, e Romances deſde pag. 33. até 204.

No 4. Tomo *da Fenis renacida.* Lisboa por Mathias Pereira da Sylva, e Joaõ Antunes Pedroſo 1721. 8. Eſtaõ varias Poeſias de Bacellar deſde pag. 279. até 312.

No 5. Tomo *da Fenis renacida.* Lisboa por Antonio Pedroſo Galraõ 1728. 8. Eſtaõ *Saudades de Aonio* Conſta de 70. Outavas. Gloſſa à Outava de Camoens *Mas Affonſo do Reyno unico herdeiro.* Outra gloſſa a huma Outava. *Cançaõ muito larga a D. Rodrigo de Menezes. Relaçaõ da Feſta de Touros, que ſe fez na Praça do Rocio o anno de* 1647. e alguns Romances a diverſos aſſumptos deſde pag. 137 atè 217.

Fr. ANTONIO DE BARCELLOS natural da Villa do ſeu appellido, da Dioceſe de Braga, e Religioſo profeſſo na Ordem dos Menores naõ menos pio que verſado na liçaõ dos Padres, e Sagrados Expoſitores, de cuja litteraria, e continua applicaçaõ eſcreveraõ Fr. Luiz de Reboledo na 1. Parte da *Cron. dos Menor.* Antonio de Sampayo Villasboas *Nobiliarch. Portug.* cap. 9. pag. 109. e Fr. Pedro Poyares no *Trat. Paneg. em louvor da Villa de Barcellos.* cap. 16. affirmando eſcrevera

Doze Excellencias da Fè.

Fr. ANTONIO DE BEJA natural como denota o ſeu appellido, e o coſtume naquelles tempos obſervado na Religiaõ de S. Jeronymo, da Cidade de Beja na Provincia do Alentejo onde ſahio à luz do mundo no anno de 1493. Profeſſou o habito daquella Sagrada Familia no Convento de Penhalonga a 13. de Abril de 1517. em que por toda a vida foy obſervantiſſimo Conventual. A mayor parte do tempo, que lhe reſtava da aſſiſtencia do Coro, e outras obrigaçoens da Comunidade, a empregava na liçaõ dos Santos Padres, e Authores profanos, cujo eſtudo o conſtituhio hum dos mais ſabios Varoens daquella idade. Chegando à ſua noticia a geral conſternaçaõ com que eſtava penetrado o povo de Lisboa por terem prognoſticado alguns Aſtrologos que no mez de Fevereiro de 1524. ſe havia ſumergir o mundo em hum diluvio, para deſterrar eſtes temores, e increpar a ignorancia dos vaticinadores de taõ horroroſa calamidade eſcreveo hum douto tratado, e o dedicou à Rainha D. Leonor mulher do Sereniſſimo Rey D. Joaõ o II. com eſte titulo.

Contra os juizos dos Aſtrologos. Breve Tratado contra a opiniaõ de alguns ouſados Aſtrologos que por regras de Aſtrologia non bem entendidas ouſam em publico juizo dizer que ha quatro, ou cinco dias de Fevereiro do anno de 1524. *por ajuntamento de alguns Planetas em ho ſigno de piſcis ſerá gram diluvio na terra.* No fim tem eſtas palavras.

Foy imprimida eſta obra a louvor de Deos, e conſolaçaõ dos fieis novamente em a Cidade nobre de Lisboa per Germam Galharde emprimidor por mandado da Sereniſſima, e muito alta Senhora Reinha D. Lianor a ſete dias de Março de mil quinhentos, e vinte, e tres annos.

Traduzio, e dedicou à meſma Rainha a Epiſtola de S. Joaõ Chryſoſtomo *Nemo læditur* &c. Lisboa per Germam Galharde 1522. 8.

Breve doutrina, e enſinança de Principes feyta per ho Padre Licenciado Fr. Antonio de Beja da Ordem de S. Hieronimo. Pera o muyto poderoſo Señor ho Señor Rey dom Joham de Portugal terceiro deſte nome. A qual ſe emprimio por mandado de ſua Alteza. Tem no fim.

Acabouſe eſta obra de emprimir em Lisboa per Germam Gallarde aos quinze dias de Julho de 1525.

Fr. ANTONIO DE BELEM natural da Cidade de Evora. Recebeo o habito da Religiaõ de Saõ Jeronymo no Convento do Eſpinheiro a 29. de Janeiro de 1641 onde foy Prior no anno de 1667. No Seminario da Cathedral da ſua patria ſe applicou ao eſtudo da Muſica, e ſahio taõ conſummado neſta ſuaviſſima arte, que a exercitou por largo eſpaço de annos no Real Convento de Belem occupando os miniſterios de Vigario do Coro, e Meſtre da Capella. Foy dos celebres Compoſitores de Muſica do ſeu tempo cujas obras mereceraõ as eſtimaçoens aſſim dos domeſticos, como dos eſtranhos. Naõ foy menos eſtimavel pela obſervancia do ſeu inſtituto do qual era taõ zeloſo que nunca permetia nelle a menor relaxaçaõ. Cheyo de annos, e merecimentos paſſou a melhor vida no Real Convento de Belem a 3. de Março de 1700.

Compoz.

Livro de Reſponſorios para todas as Feſtas da primeira Claſſe de Eſtante que hoje ſe cantaõ no Real Convento de Belem obra de grande eſtudo, e primor.

Pſalmos a 4. 5. *e* 6. *choros para as Feſtas de Chriſto, e da Senhora Miſſas* a 4. a 6. e 8. vozes.

Lamentaçoens da Semana Santa a quatro, e 6. vozes.

Miſereres a 3. Choros.

Oraçaõ de Jeremias a 4. vozes de grande devoçaõ, e ſuavidade.

Liçoens do Officio dos Defuntos a 4. e 8. vozes.

Vilhancicos para todas as Feſtividades.

Todas eſtas obras ſe conſervaõ no Real Convento de Belem, e algumas na Bib. Real de Muſica.

Fr. ANTONIO DE S. BENTO naceo na Villa de Viana da Provincia do Minho, foraõ ſeus Pays Luiz Homem, e Iſabel de Barros. Recebeo o habito Benedictino em o Convento de Tibaens a 16. de Mayo de 1619. Depois de eſtudar as ſciencias eſcholaſticas as dictou aos ſeus domeſticos com tanto credito da ſua doutrina que por ella mereceo ſer admitido ao numero dos Doutores Theologos, na Univerſidade de Coimbra. Foy Reytor do Collegio de Coimbra, em o anno de 1644. Abbade do Convento do Porto, em 1650. e ultimamente, Geral da ſua Monaſtica Congregaçaõ em 1653. Na Cidade de Coimbra conferio ordens menores, e o Sacramento da Confirmaçaõ a muitos dos ſeus moradores com faculdade do Ordinario, e deſenviolou as Igrejas de S. Joaõ de Almedina, e Santa Juſta, que eraõ Sagradas. Teve talento igual para a Cadeira, e para o Pulpito, ſendo Pregador Geral, e naõ menor engenho para a Poeſia que cultivou com admiravel affluencia. Morreo no Convento do Porto a 26. de Dezembro de 1657. Entre muitos Sermoens que prègou com applauſo tinha promptos para a impreſſaõ.

Dous Sermoens do Principe dos Patriarchas Saõ Bento prégados em o meſmo dia o primeiro de manhaã, e o 2. de tarde M. S. 4. e ſe conſervaõ na Livraria do Convento de Lisboa.

Fr. ANTONIO DE S. BENTO CAMELLO natural da Auguſta Cidade de Braga onde na Parochia de Saõ-Tiago foy bautizado a 15. de Outubro de 1673. ſendo filho do Doutor Franciſco de Magalhaens, e Archangela Velha. Foy admitido ao monachal Inſtituto do grãde Patriarcha S. Bento no Convento de Tibaens a 4. de Abril de 1689. e depois de ler Filoſofia, e Theologia em que jubilou, recebeo as inſignias doutoraes na Univerſidade Conimbricenſe na qual ſendo alguns annos oppoſitor às Cadeiras foy provido em huma Conducta em 3. de Outubro de 1731. donde paſſou a Lente de Veſpera da Eſcritura, e deſta à de Gabriel. Foy Abbade do Convento de Saõ Tyrſo em 1710. Reytor do Collegio de Coimbra no anno de 1722. e hum dos Abbades Mitrados, que por ordem Real aſſiſtio à Treſladaçaõ do Corpo da Princeza Santa Joanna a 20. de Outubro de 1711. Os exemplares coſtumes, que obſervava na Religiaõ o fizeraõ merecedor de ſer propoſto pela Santidade de Clemente XII. para Geral da ſua Congregaçaõ no anno de 1737. Morreo no Moſteiro do Couto a 30. de Outubro de 1738. com 65. annos de idade. Deixou eſcrito com igual ſubtileza, que profundidade.

De Natura, et Atributis ad mentem D. Anſelmi. Sendo o primeiro em toda a ſua Congregaçaõ que ſeguio a doutrina de Santo Anſelmo Meſtre de Eſcola Benedictina.

Fr. ANTONIO DE S. BERNARDINO Religioſo Menor da Provincia Oriental de S. Thomé, e zeloſo operario da ſemente do Evangelho nas terras de Jafanapataõ, em cuja laborioſa empreza tolerou graves moleſtias aprendendo com grande trabalho a lingua dos ſeus habitadores para mais facilmente os atrahir ao rebanho de Chriſto, no qual compoz.

Varios livros em que confuta os erros dos Gentios, e illuſtra os dogmas Catholicos, como eſcreve Fr. Jacinto de Deos Chroniſta da Provincia da Madre de Deos na India Oriental.

Fr. ANTONIO DE S. BERNARDINO natural de Beja, e filho de Paulo Machado, e Maria da Coſta. Foy admitido à Religiaõ Serafica na Provincia dos Algarves onde dezejando obſervar vida mais auſtera alcançou faculdade dos Prelados para ſer Conventual na Caſa mais recolleta de toda a Provincia na qual naõ ſomente inſtruio aos ſeus domeſticos com a pratica das virtudes, mas com a eſpeculaçaõ das ſciencias lendo as faculdades neceſſarias para a doutrina nos Pulpitos, e Confeſſionarios. Jubilado na Sagrada Theologia, e Definidor da Provincia, o elegeu a Sereniſſima Rainha D. Catherina, quando ſe foy deſpoſar com Carlos II. Rey de Inglaterra por ſeu Prégador, e Theologo, e o levou em ſua companhia para Londres. Em hum, e outro miniſterio dezempenhou a grande opiniaõ que eſta Princeſa tinha do

ſeu grande talento confirmando a alguns Catholicos vacillantes na Fè, e reduzindo a muitos hereges que eſtavaõ obſtinados nos ſeus erros. Para evitar os funeſtos effeitos de huma cruel perſeguiçaõ armada contra os Catholicos partio por ordem da Rainha de Londres, em o anno de 1671. e tanto que chegou a Portugal ſe aggregou à Provincia de S. Antonio por ſer obſervantiſſima do inſtituto Serafico, onde com evidentes ſinaes de Predeſtinado morreo em Lisboa a 22. de Janeiro de 1674. Como a ſeu patricio o louva de inſigne Prégador, verſado na erudiçaõ Sagrada, e profana, e ainda pela nobreza do nacimento, Diogo de Gouvea Barradas nas *Antiguid. de Beja,* liv. 3. cap. 29. Joaõ Franc. Barret. na *Bib. Luſit.* M. S. e Fr. Joan. a D. Anton. *Bib. Franciſc.* Tom. 1. pag. 95. e Fr. Martinh. do Amor de Deos *Chron. da Prov. de Sant. Ant.* Tom. 1. liv. 2. cap. 1. §. 96. e 97. Compoz.

Vita Minoritica ad priſtinum ſtatum reſtituta. Londini 1658. 8.

Caminho do Ceo deſcuberto aos viadores da terra pella determinaçaõ dos tempos exercicio da continuaçaõ da vida, e do artigo da morte. Contem tres livros o 1. *trata dos exercicios de perfeito Chriſtaõ. No* 2. *dos exercicios do celeſtial caminhante pela determinaçaõ dos tempos;* no 3. *dos neceſſarios no artigo da morte.* Londres 1665. 8. Sem nome de Impreſſor. No proemio deſte livro promete outro livro Theologico que brevemente ſahiria à luz. Foy impreſſo ſegunda vez Lisboa 1730. 8. acrecentado com huma Semana Eſpiritual de Meditaçoens.

Tratado ſobre a regra dos Frades Menores. Moſtraſe nelle como a dita regra obriga hoje aos ſeus profeſſores em todo o rigor em que N. P. Saõ Franciſco a inſtituhio, e depois da ſua inſtituiçaõ a declararaõ os Sumos Pontifices, e a obrigaçaõ, que tem os Prelados da Religiaõ de reformada em tudo o em que a virem relaxada, e a que tem os ſubditos de aceitar a tal reforma. Derigido ao muito Reverendo P. Fr. Acurſio de S. Pedro Lente jubilado, e Miniſtro Provincial da Provincia dos Algarves, e aos mais Padres do Definitorio da dita Provincia. Conſta de 5. Capitulos muito largos. Cujo original *M. S.* em 4. ſe conſerva na ſelectiſſima Livraria dos Padres Theatinos deſta Corte. Tinha prompto para a impreſſaõ.

Tratado do nacimento, vida, e morte do Doutor Joaõ Piſſarro Prior da Igreja Parochial de S. Nicolao da Corte, e Cidade de Lisboa Offerecido à Rainha N. Senhora 4. *M. S.* Conſerva-ſe na Livraria do Conde de Redondo, a qual eſtá agora para ſe imprimir. Deſta obra falla o Padre Manoel Luiz da Companhia de JESUS in vita Princip. Theod. lib. 3. n. 44. *P. Joannis Piſſarro Capellani regis vitam maximarum virtutum exemplis commendabilem prælo committendam ſcripſit* R. *P. Antonius à Santo Bernardino Seraphici Franciſci alumnus, ejus confeſſarius.*

ANTONIO DE S. BERNARDO filho de Domingos da Sylva, e Izabel Maria naceo em Lisboa a 21. de Novembro de 1696. Quando contava 18. annos de idade foy admitido à illuſtre Congregaçaõ do Evangeliſta amado, onde recebeo a murça de Conego Secular em 21. de Fevereiro de 1714. Com ſumma velocidade ſe adiantou a todos os ſeus Condiſcipulos nos myſterios da Filoſofia, e Theologia, que depois explicou como Meſtre, até que chegou a receber a Borla Doutoral neſta ſublime Faculdade em a Univerſidade de Evora a 21. de Mayo de 1730. Foy Reytor do Convento de Evora, e Secretario do Geral Antonio de Santa Clara. He Qualificador do Santo Officio, e hum dos Prègadores famoſos que tem a ſua douta Congregaçaõ. Publicou.

Sermaõ da Canonizaçaõ de Santo Eſtanislao Koska prègado na Igreja do Collegio do Eſpirito Santo da Univerſidade, e Cidade de Evora a 7. *de Novembro de* 1727. *ſegundo do ſeu outavario* Lisboa por Bernardo da Coſta de Carvalho 1728. 4.

Exhortaçaõ recitada no principio do Capitulo geral que celebraraõ os Conegos Seculares da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangeliſta em S. Bento de Xabregas de Lisboa Oriental em 8. *de Junho de* 1737. Lisboa por Pedro Ferreira Impreſſor da Auguſtiſſima Rainha N. Senhora 1739. 4.

P. ANTONIO BETANCURT Naceo na Ilha de S. Miguel a 3. de Outubro de 1679. e foraõ ſeus Pays Manoel de Betancurt, e Sá, e D. Barbara Tavares da Sylva ambos deſcendentes das familias mais illuſ-

tres daquella Ilha de que faz larga menção o P. Antonio Cordeiro na *Hiſt. Inſul.* liv. 5. Tit. 2. n. 147. Deixando com heroica reſoluçaõ a Patria, e os Pays que finamente o amavaõ, paſſou à India, e na Cidade de Goa quando contava quinze annos, e meyo de idade abraçou o Inſtituto da Companhia de JESUS a 18. de Março de 1695. e fez a profiſſaõ do 4. voto a 15. de Agoſto de 1712. Eſtudadas as letras humanas ſe applicou às ſciencias mayores, nas quaes ſahio taõ eminente, que as dictou com igual gloria do ſeu talento que copioſo fruto dos ſeus ouvintes. Da Aſia paſſou a Europa, e em taõ differentes polos foy venerada a profundidade do ſeu talento, ou foſſe conſultado como Theologo, ou ouvido como Orador Evangelico. Padeceo com grande reſignaçaõ a ultima infermidade que o privou da vida no Collegio de Santo Antaõ de Lisboa a 5. de Setembro de 1738. Dos Sermoens com que neſta Corte mereceo univerſaes applauſos ſe publicáraõ.

Sermaõ da Soledade da Mãy de Deos prégado na Santa Igreja Patriarchal em 30. de Março de 1736. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva Impreſſor da Academia Real 1736. 4.

Sermoens varios. Lisboa Na Officina Sylviana da Academia Real 1739. 4.

ANTONIO BLEM Naceo em Lisboa de Pays Francezes, e foy igualmente verſado na liçaõ da Hiſtoria, como na ſciencia do Comercio. Para benificio publico traduzio da lingua Franceſa em que eſcrevera Monſiur le Noble na Portugueza.

Eſcola do mundo, ou inſtrucçaõ de hum Pay para hum filho pertencente ao modo com que ſe deve viver no mundo dividida em dialogos Tom. 1. Lisboa na Officina da Muſica 1722. 8.

Tom. 2. Lisboa na meſma Officina 1724.8.

Morreo em Lisboa a 26. de Julho de 1736.

ANTONIO BOCARRO Guarda mór do Archivo Real da India, e Chroniſta geral da India, em cujos miniſterios naõ ſómente foy ſucceſſor de Diogo do Couto na inveſtigaçaõ, e exame, mas tambem no eſtilo com que eſcreveo, e continuou a Hiſtoria da India, em dous Tomos que com pouco credito da ſua erudiçaõ intitulou Decadas, devendo por eſte titulo ſer dividida em dez livros. Conſta a primeira de 84. Capitulos principiando pelo governo de D. Jeronimo de Azevedo A 2. começa pelo Cap. 85. e acaba no Capitulo 186. onde continua o governo de D. Jeronimo de Azevedo até a ſua morte, e chegada do ViceRey o Conde de Redondo D. Franciſco Coutinho no fim do anno de 1617. Ambas eſtas Decadas ſe conſervaõ *M. S.* em hum volume na Livraria do Conde de Vimieiro, as quaes examinou por ordem da Academia Real o Excellentiſſimo Conde da Ericeira D. Franciſco Xavier de Menezes Cenſor della, cuja noticia eſtá impreſſa na *Colleçaõ dos Docum. e Memor. da meſma Academia* do anno de 1724. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva 1724. O tom. 2. deſtas Decadas dedicado à Mageſtade de Felippe IV. ſe conſerva *M. S.* na Livraria delRey Catholico como ſe eſcreve na *Bib. Orient.* de Anton. de Leaõ novamente acrecentada Tom. 1. Tit. 3. col. 58.

Da reforma do Eſtado da India M. S. fol. Deſte tratado faz mençaõ o P. Franciſco da Cruz nas Memorias *M. S.* para à *Bib. Portug.* dizendo, que ſe conſervava na Bibliotheca do Chantre de Evora Manoel Severim de Faria.

Livro dos Feitos de Gonçalo Pereira. M. S. Conſervaſe na Bib. do meſmo Chantre, que agora he do Conde de Vimieiro.

Livro das Plantas de todas as Fortalezas, Cidades, e Povoaçoens do Eſtado da India Oriental com as deſcripçoens da altura em que eſtaõ, e de tudo que hà nellas, Artilharia, Preſidio, gente de Armas, e Vaſſalos, rendimento, e deſpeza, fundos, e baxos das Barras, Reys da terra dentro, o poder que tem, e a paz, e guerra, que guardaõ, e tudo que eſtà debaxo da Coroa de Eſpanha. Dedicado à Sereniſſima Mageſtade delRey Filippe o IV. das Eſpanhas, eIII. de Portugal Rey, e Senhor noſſo. A Dedicatoria que intitulou Epiſtola he a ſeguinte.

O Conde de Linhares Vicerey me encarregou a dar comprimento a huma Carta de V. Mageſtade porque lhe ordena mande a V. Mageſtade eſtas plantas de todas as Fortalezas que hà neſte Eſtado com as deſcripçoens particulares de tudo o que nellas há, que deva ſaber-ſe para ſe ter noticia de todas

as couzas que convenha obrar em ſeu melhoramento, e poſto, que para fazer eſta obra com perfeiçaõ conveniente era neceſſario correr muy particularmente cada huma das Fortalezas, Cidades, e Povoaçoens para ver, e conſiderar todas as ditas couſas, com tudo como naõ foy poſſivel a reſpeito de eſtar neſta Cidade com a ocupaçaõ da Torre do Tombo, e ter juntamente a cargo eſcrever as Chronicas dos ſuceſſos deſte Eſtado, e V. Mageſtade apertar porque ſe lhe mande tudo o referido procurey por informaçoens o que neſte volume por duas vias offereço, e mando a V. Mageſtade afirmando, que o grande trabalho que me cuſtou, naõ foy ainda baſtante para o fazer na forma, que o intentey, e dezejava com as plantas arrumadas, e demarcadas, e compaſſadas por petipè, o que nunca foy poſſivel pela grande falta, que hà neſte Eſtado de Peſſoas Scientes nas ditas Artes, mòrmente ſendo as Fortalezas em tanta copia, e aſſim para a refeiçaõ diſto procurey pòr tudo na diſcripçaõ, como vay, a qual he que ſe deve dar inteiro credito naõ ſe buſcando na Planta das Fortalezas, e Cidades mais que a forma, e figura dellas, porque as proporções das medidas para ſerem todas uniformes em algumas, ſe acharaõ em outras naõ tanto ao certo, nem tambem ſe ha de atentar ao numero da Artelharia que eſtà pintada na planta, ſe naõ a que diz a letra.

Aqui ſe repreſenta a V. Mageſtade tudo o de que he Senhor neſte Eſtado da India Oriental por mayor, e por menor, a forma por que ſe ſuſtenta, e o effeito para que ſe ſirvaõ todas as Fortalezas, e Cidades delle, os preſidios, Artelharia, e Gente de Armas com que eſtaõ providos, moradores, e Vaſſalos que as habitaõ, rendimento que tem, e a deſpeza que fazem, donde lhe vem o que lhes falta, e para onde vay, o que lhe ſobeja, e das barras, e fundos que tem, e os baixos, e as correntes das aguas, monçoens dos ventos, e viagens, que ſe fazem, as Chriſtandades, que hà em cada huma das Fortalezas, os Reys das terras em que eſtaõ, o poder que tem, as armas de que uzaõ, a paz, e guerra que guardaõ com eſte Eſtado, as couſas, que lhe entraõ, e ſaem por via do Cõmercio, e a cõmunicaçaõ que tem com as Naçoens Eſtrangeiras, e poſto que V. Mageſtade manda que tambem ſe lhe apontem os meyos porque ſe poſſa evitar, ordenou-me o Conde Vice-Rey que diceſſe que como iſto naõ era de minha profiſſaõ o naõ punha, o que tudo vay com a mayor particularidade, que ſe pode alcançar ainda mais difuſamente de que V. Mageſtade ordena, e manda, porque vaõ cotejadas todas as receitas, e deſpezas deſte Eſtado, e no enſerramento da diſcripçaõ de Goa ſe faz mençaõ de tudo o que lhe ſobeja, e falta para acudir às ditas Fortalezas com o que haõ de miſter, ou o que lhe vem de cada qual, que como he cabeça deſte Eſtado a ella vem buſcar o remedio de ſuas neceſſidades, e as ordens, e Regimento do ſeu governo.

E no fim do livro vay huma Relaçaõ particular de todos os Conventos dos Religioſos, que há por todo eſte Eſtado com numero de cada qual, e os Chriſtaõs em que ſe occupaõ, que me pareceo muy conveniente ao fim deſta obra o que tudo deve V. Mageſtade receber como dezeja hum Vaſſalo que obra com todas as forças quanto pode, e alcança por ſervir bem a V. Mageſtade cuja Catholica Real Peſſoa guarde Deos como há miſter a Chriſtandade. Goa 17. de Fevereiro de 1635. Antonio Bocarro.

Eſte livro eſcrito em papel grande, e com as plantas de cincoenta, e duas Fortalezas primoroſamente illuminadas que he Original, e hum dos dous que o Author remeteo a Felippe IV. ſe conſerva *M. S.* na Bibliotheca do Excellentiſſimo Duque do Cadaval Eſtribeiro mór delRey N. Senhor.

Fr. ANTONIO DE BRAGA natural da illuſtre Cidade do ſeu apellido, e Religioſo profeſſo da Ordem dos Menores da Provincia reformada de Santo Antonio onde foy duas vezes Guardiaõ, e ultimamente governou com grande ſatisfaçaõ dos ſeus ſubditos a Provincia do Braſil, que naquelle tempo era Cuſtodia. Reſtituido a Portugal elegeo por ſeu domicilio o ſolitario Convento da Carnota onde exercitando fervoroſamente as virtudes Religioſas acabou a carreira da vida em 29. de Julho de 1643. Foy grande Pregador, e cordial devoto do Portuguez Thaumaturgo Sãto Antonio cujas obras continuamente revolvia illuſtrando grande parte dellas com doutos diſcurſos de cujo eſtudo deixou dous Tomos em folha que ſe conſervaõ na Livraria do Convento de Santo Antonio de Lisboa os quaes vimos, e eſtavaõ promptos para a Impreſ-

ſaõ com a licença do Provincial Fr. Antonio da Natividade de 17. de Fevereiro de 1638. e faculdade do Santo Officio, Ordinario, e Dezembargo do Paço com eſte titulo.

Flores de Santo Antonio colhidas dos ſeus Sermoens, e ordenadas ſobre as palavras do Evangelho Vos eſtis Sal terræ *atè* conculcetur ab hominibus *todos a ſeu louvor acomodados, e a elle juntamente dedicados* Part. 1. fol. *M. S.*

Flores de Santo Antonio de Lisboa colhidas dos ſeus Sermoens, e ordenadas em diſcurſos predicaveis, e acõmodados à materia dos votos que na Religiaõ ſe prometem de Pobreza, Caſtidade, e Obediencia 2. Part. fol. *M. S.*

Do Autor, e da obra ſe lembraõ Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. p. 82. e Fr. Joaõ de Santo Antonio na *Bib. Franciſcana* Tom. 1. pag. 96.

Fr. ANTONIO BRANDAM naceo na Villa de Alcobaça em 25. de Abril de 1584. ſendo ſeus Pays Rodrigo Dias Rebello, e Antonia Brandoa, ambos deſcendentes de Familias Nobres. Na fonte bautiſmal lhe impuzeraõ o nome de Marcos por ter nacido no dia conſagrado a eſte Evangeliſta; e logo ſe lhe anticipou com tal exceſſo o engenho à idade, que quando contava quatro annos ſabia ler, e eſcrever, e de outo aprendia com grande applicaçaõ a lingua Latina, da qual para alcançar mais perfeito conhecimento, e lançar os ſolidos fundamentos para mayores faculdades foy mandado por ſeus Pays para caza de ſua Avò materna, que aſſiſtia em Lisboa a tempo, que com igual acclamaçaõ do ſeu nome, como emolumento da Republica literaria enſinava as letras humanas no Collegio de Santo Antaõ o inſigne Franciſco de Mendoça, do qual foy inſtruido nellas por eſpaço de dous annos, ſahindo taõ excellente Rhetorico, e elegante Orador, que recitou cinco Oraçoens humas em verſo, e outras em proza primeiros frutos do ſeu florido engenho onde admiraraõ os circunſtantes felizmente unida a viveza das acçoens, e a energia da fraſe com a fineza, e ſublimidade dos conceitos. Augmentava-ſe mais eſta admiraçaõ com a innocencia da vida que religioſamente obſervava abſtendo-ſe de todo o genero de divertimento pueril, fugindo a companhia de vicioſos, e occupando-ſe com ſumma ſeriedade ſuperior aos ſeus annos nos exercicios de piedade, e devoçaõ. Iguaes progreſſos fez na paleſtra da Filoſofia quando tinha 14. annos, como fizera nas letras humanas tendo por Meſtre daquella faculdade ao meſmo P. Mendoça, cujo Curſo naõ pode acabar por fugir ao flagello da peſte, que fatalmente devaſtava Lisboa. Reſtituido à ſua Patria obedecendo à vocaçaõ de Deos recebeo na florente idade de 15. annos em o Real Convento de Alcobaça a Cogulla Ciſtercienſe no anno de 1599. e para que deixaſſe toda a memoria do ſeculo atè deixou o nome de Marcos pelo de Antonio, e entregue à diſciplina do virtuoſo Varaõ Fr. Franciſco de Santa Clara, era jà em o Noviciado Veterano na obſervancia regular. Continuamente ſe occupava na liçaõ das vidas dos ſeus primitivos Monges dezejando imitar os veſtigios de Varões taõ auſteros. Macerava com tantas mortificaçoens, e diſciplinas o corpo que muitas vezes ſe naõ podia ſuſtentar em pè. Com tal exceſſo ſe arrebatava na ſuave comtemplaçaõ das delicias celeſtiaes que era preciſo para ſe reſtituir aos ſentidos que o deſpertaſſem os outros Noviços com grande violencia como de hum profundo lethargo. Neſtas, e outras virtudes ſe exercitava com tal exceſſo, que ſe a prudencia do Meſtre lho naõ moderaſſe primeiro acabaria a vida, que o Noviciado. Paſſados cinco annos depois de feita a profiſſaõ ſolemne naõ dedicou menor cuidado ao eſtudo das Sciencias Eſcholaſticas do que applicàra em alcançar as virtudes religioſas, ſendo indeciſo entre os ſeus domeſticos em qual dellas era mais eminente, principalmente quando pelo largo eſpaço de 18. annos lhes enſinou as faculdades da Filoſofia, e Theologia recebendo em recompenſa do ſeu grande magiſterio a Borla Doutoral na Univerſidade de Coimbra em o anno de 1621. Inflamado com o nobre ardor de dilatar a gloria deſte Reyno, poſto que impedido com as multiplicadas occupações que exercitou na Religiaõ ſendo Secretario do Geral duas vezes, Difinidor, Abbade do Convento de Lisboa, e ultimamente Geral de toda a Congregaçaõ Ciſtercienſe ſe deliberou a proſeguir a Hiſtoria da noſſa Naçaõ que ficàra inter-

rupta pela morte do inſigne Fr. Bernardo de Brito, principalmente quando ſuccedeo a D. Manoel de Menezes no lugar de Chroniſta Mòr do Reyno conſumindo a larga diuturnidade de dez annos em revolver, e examinar os mais antigos, e veneraveis Cartorios dos Moſteiros, Igrejas, Cidades, e Villas, e ſobre todos o Real Archivo da Torre do Tombo naõ perdoando o ſeu indefeſſo trabalho a todo o genero de diligencia para conſeguir o fim de taõ heroica empreza, de que reſultou eſcrever huma hiſtoria, clara, ſolida, verdadeira, copioſa, e bem digeſta, lendo-ſe nella a genealogia certa dos noſſos Monarchas, ſeus nacimentos, mortes, deſcendencia, e acçoens mais memoraveis obradas tanto na paz, como na guerra; as origens das familias illuſtres, brazoens, e apellidos de que uſaõ; as fundaçoens, foraes, e privilegios dos mais celebres Conventos, Igrejas, Cidades, e Villas de todo Reyno, o principio das Cathedraes, o Cathalogo, e ſucceſſaõ dos ſeus Prelados, e todos os ſucceſſos dignos de memoria, merecendo que em abono de obra taõ completa lhe eſcreveſſe de Madrid em 10. de Outubro de 1632. o Chroniſta Mòr de Caſtella D. Thomaz Tamayo de Vargas eſtas palavras *Aſſeguro con toda la ingenuidad, que eſta Hiſtoria es de lo mejor, y mais bien trabajado, que hà ſalido en nueſtra edad y en que nò tendran los eſcrupuloſos já más que reparar. El eſtilo, la diſpoſicion, la claridad, y los monumentos de que V. P. ſe vale ſon muy loables, y aſſi le ſuplico, que nos de luego la quarta parte, que ſerà gran ornamento de la hiſtoria de Eſpaña en general, y de la de Portugal en particular.* Com ſemelhantes elogios louvaõ as ſuas obras Nicol. Ant. in *Bib. Hiſp.* tom. 1. p. 82. *Variis, atque utiliſſimis ſemotæ Vetuſtatis, rerumque olim geſtarum monumentis firmum, ac ſpecioſum Hiſtoriæ corpus formans non ſine magno civium, atque exterorum plauſu in Vulgus dedit.* Bonucci *Hiſtor. di D. Alfonſo Henr.* liv. 3. cap. 10. *Hiſtorico di gran nome.* Franckenau. *Bib. Hiſp. Hiſt. Geneal. Herald.* p. 61. Meneſtrier *Art. du Blazon.* p. 74. Hallevord. in *Bib. Curioſ.* p. 16. Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Luſit. Litterat.* lit. A. n. 55. Maced. *Luſit. Liberat.* lib. 1. cap. 1. n. 22. Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 3. no Comment. de 6. de Mayo letr. A. Manoel de Faria, e Souſ. no *Cathalogo dos AA. Portuguezes* mais acrecentado do que o que imprimio, cujo original vimos, e nelle diz que Brandaõ eſcrevera *con muchas novedades dos tomos de la hiſtoria de los primeros Reys.* Souza in *Expedition. Hiſp. Apoſt. S. Jacob.* Tom. 2. pag. 1303. D. Jozè Barboza meu Irmaõ no prologo do *Cathal. Chronol. Hiſtor. Gen. e Critico das Rainhas de Portug. A verdade he, que ſe a patria ſe ſoubeſſe moſtrar grata com aquelles filhos que ſe occuparaõ em fazerem publicas as ſuas glorias ainda hoje em illuſtres eſtatuas viviria o Meſtre Brandaõ, e nellas como em volumes de mayor duraçaõ ſe eternizàra o agradecimento Portuguez, porque ninguem mais do que elle ſe fez benemerito deſta generoſa diſtincçaõ, e ſe a mereciaõ os que dilataraõ o Reyno com a eſpada, naõ a merecia elle menos que o illuſtrou com a penna.* Na pag. 223. do meſmo Cathalogo lhe chama *exactiſſimo.* Souſa no *Apparat. à Hiſt. Gen. da Caſa Real Portug.* pag. 79. n. 64. *Admiravel na Hiſtoria, e antiguidades do noſſo Reyno em que trabalhou muito, mas felizmente.* Compoz.

Terceira Parte da Monarchia Luſitana que contem a hiſtoria de Portugal deſde o Conde D. Henrique, e todo o Reynado delRey D. Affonſo Henriquez. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1632. fol.

Quarta Parte da Monarchia Luſitana que contem a Hiſtoria de Portugal deſde o tempo delRey D. Sancho primeiro até todo o Reynado delRey D. Affonſo Terceiro. Lisboa pelo meſmo Impreſſor 1632. fol.

Por ordem de Filippe IV. eſcreveo em Caſtelhano com grande elegancia para o Principe ſeu filho D. Balthezar Carlos aprender a lér, e juntamente ſe inſtruiſſe nas acçoens heroicas dos ſeus Mayores.

Elogios delos Reyes de Portugal.

Conſtituiçoens que ſe devem obſervar pelos Eſtudantes, Meſtres, e Doutores da Congregaçaõ de Ciſter. M. S.

Eſta obra lhe mandou compor o Geral, e foy approvada pelos Capitulos Geraes que ſe ſeguiraõ.

Informaçaõ das virtudes da Ven. Sor. Joanna de Saá Religioſa no Convento de Semide feita em o anno de 1622. M. S.

Memorias da Ven. D. Maria de Azevedo, que morreo em Semide anno de 1610. M. S.

Deſtas duas obras faz mençaõ Jorge Cardoſo no *Agiol. Luſit.* da 1. no Tom. 1. no Comment. de 27. de Fevereiro letr. D. pag. 540. e no Tom. 2. Comment. de 4. de Março letr. F. pag. 47. Da 2. Tom. 1. no Comment. de 11. de Fevereiro letr. L. pag. 413.

Fundaçoens dos Moſteiros de Ciſter deſte Reyno. Eſta obra confeſſa ter principiado na 4. Part. *da Mon. Luſit.* liv. 12. cap. 25.

Como era taõ verſado na hiſtoria, como perito na Poeſia, compoz em mais de ſeiscentos verſos heroicos.

Monaſterii Alcobacienſis primordia, progreſſus, et prærogativæ.

Com a meſma elegancia, e igual metro recitou na prezença dos Monges de Alcobaça.

Oratio de laudibus Sanctiſſimi Patriarchæ Benedicti.

Por ſer muito cordial devoto da Virgem, e Martyr Santa Luſia compoz em ſeu obſequio muitos epigrammas.

Entre as virtudes, que cultivou com mayor perfeiçaõ além das relatadas, foy a ſumma comiſeraçaõ para com os pobres de que deo manifeſto argumento quando padecendo os vizinhos do Convento do Bouro, onde dictava Filoſofia no anno de 1613. huma laſtimoſa fome, para acudir a taõ extrema neceſſidade ſahio com faculdade do Prelado a pedir eſmolas a algumas peſſoas, chegando a privarſe do alimento, que lhe era preciſo para ſuſtentar a muitos que eſtavaõ quaſi agonizando. Nunca recebeo o ordenado do lugar de Chroniſta mór, mas o entregava a hum Religioſo ſeu confidente para lhe dar alguma parte quando neceſſitaſſe, e o reſtante mandava dar aos pobres. Cheyo de obras meritorias foy alcançar o premio delas na eternidade a 27. de Novembro de 1637. quando contava 62. annos 7. mezes, e dous dias de idade com 38. de Religiaõ. Alguns prodigios ſuccederaõ depois da ſua morte, com que o Ceo quiz teſtemunhar a ſua virtude. O ſeu Retrato pintado ao natural eſtà no Real Convento de Alcobaça onde paſſou a melhor vida.

D. Fr. ANTONIO BRANDAM ſobrinho do precedente, e irmaõ de Fr. Franciſco Brandaõ Chroniſta mór do Reyno, de quem faremos memoria em ſeu lugar. Naceo na Villa de Alcobaça, e ſeguindo o exemplo deſtes dous inſignes varoens quiz unirſe a elles com outro mais illuſtre vinculo, do que lhe dera a natureza, qual foy o da Religiaõ recebendo o habito Monachal de S. Bernardo no Real Convento da ſua patria em o 1. de Fevereiro de 1637. quando contava 17. annos. Naõ ſomente os imitou nas virtudes, mas nas ſciencias em que foy eminente, pelas quaes o admitio entre os ſeus Doutores a Univerſidade de Coimbra. A ſua grande prudencia o fez capaz de adminiſtrar com zelo os mayores lugares da ſua Congregaçaõ Ciſtercienſe ſendo Procurador Geral, Abbade do Convento do Deſterro, e Geral, eleito no anno de 1672. Ainda naõ tinha acabado eſte governo quando a Mageſtade delRey D. Pedro II. o julgou digno de outro mayor nomeando-o Arcebiſpo de Goa, aonde chegou a 24. de Setembro de 1675. Naõ ſomente adminiſtrou eſte Eſtado, eſpiritual, mas politicamente ſubſtituindo o lugar do Vicerey com grande credito da ſua prudencia. Zeloſamente defendeo a ſua juriſdicçaõ contra os impugnadores della. Em todo o Oriente foy lamentada a ſua morte ſuccedida a 6. de Julho de 1678. cujo cadaver foy ſepultado na Cathedral com eſte epitafio.

Sepultura do Doutor Fr. Antonio Brandaõ Abbade Geral que foy da Ordem Ciſtercienſe, Eſmoler mór de Sua Alteza, e XIII. Arcebiſpo de Goa, Primaz da India; chegou a eſta Cidade em 24. de Setembro de 1675. depois de 23. annos de Sè de Vacante; tomou poſſe em 9. de Outubro, e faleceo aos 6. de Julho de 1678. ſendo Governador deſte Eſtado em que contava de ſua idade 57. annos, 7. mezes, 16. dias.

No tempo do ſeu Generalato renovou a ſolemnidade, e culto do Lauſperenne no Real Convento de Alcobaça a 21. de Novembro de 1672. o qual ſe continua inceſſantemente por dez Monges de dia, e de noite, a que chamaõ Decanias ſubſtituindo a eſtes outros dez, quando acabaõ huma Hora do Coro, enchendo por eſta repartiçaõ quarenta Monges deputados para eſte louvavel miniſterio as horas, que reſtaõ do Coro Conventual. Para direcçaõ deſte Sagrado exercicio compoz juntamente com ſeu Sobrinho Fr. Paulo Brandaõ.

Regimento das Decanias do Lauſperene, que ſe obſerva em Alcobaça. fol. 6. tom. que ſe conſervaõ *M. S.* no Cartorio do meſmo Convento.

Regimentos, pelos quaes ſe deve governar cada hum dos Officiaes do Convento de Alcobaça. fol. *M. S.* Guardaõ-ſe no meſmo Convento. Deſte Prelado fazem memoria Coſta *Corog. Portug.* Tom. 3. Trat. 3. cap. 6. pag. 130. o Padre Fr. Manoel dos Santos Chroniſt. do Reyno, e Academico Supranumer. da Academia Real na *Alcob. Illuſtrad.* Part. 1. pag. 559. e o P. D. Antonio Caet. de Souſ. no *Cathalog. dos Arceb. de Goa.*

Fr. ANTONIO BRAVO natural de Braga, e profeſſo na Religiaõ dos Frades Menores Conventuaes. No tempo que aſſiſtia em Roma, ſabendo que no anno de 1570. ſe tinha transferido o Convento de S. Payo Martyr diſtante tres legoas da nobre Villa de Caminha na Provincia do Minho dos Clauſtraes ſeus Companheiros para os Obſervantes, e que eſtes pela aſpereza do ſitio o tinhaõ deſamparado ſe reſolveo com faculdade de Gregorio XIII. ou foſſe por ter nelle profeſſado, ou pelo grande affecto com que venerava o ſeu Tutelar a fazer nelle ſeu domicilio com outros companheiros. Voltando a Portugal no anno de 1573. para executar taõ piedoſo intento achou de tal ſorte arruinado o Convento que mais parecia curral de gado, que Caſa de Oraçaõ, e aſſim perdendo as eſperanças da ſua reſtauraçaõ ſe determinou deſamparar aquelle ſitio. Porém Deos que queria foſſe habitada a ſua Caſa, o advertio por huma grave infermidade, que o reduzio a o ultimo termo da vida para que proſeguiſſe a reedificaçaõ do Convento, e lembrandoſe em taõ fatal perigo do Patrono delle, qual era S. Payo, lhe prometeo que livrando-o daquella mortal infermidade repararia promptamente o Convento. A eſta promeſſa correſpondeo inſtantaneamente a ſaude, por cujo ſingular beneficio começou ſem demora a nova reedificaçaõ concorrendo para a ſua fabrica com largas esmolas os povos circumvezinhos, a que dava mayor augmento a copia de milagres, que obrava o ſeu Tutelar. Edificada a Igreja, e Convento com aquella architectura propria do Inſtituto Serafico nelle habitou até a morte, que ſuccedeo no anno de 1588. ou 1589. Eſcreveo.

Dos milagres de S. Payo obrados no ſeu Convento deſde o anno de 1557. atè 1586. entre os quaes ſe numeraõ mais de cento, e outenta approvados com authoridade do Ordinario.

Do Author, e da obra faz memoria Fr. Manoel da Eſperança *Hiſt. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 2. liv. 10. cap. 35. n. 3. 4. e 5.

ANTONIO DE BRITO CORREA natural da Villa de Caſcaes ſituada na Foz do Tejo, Criado do Sereniſſimo Duque de Bragança, D. Theodoſio 2. Militou pelo eſpaço de trinta annos aſſim na terra como no mar com grande credito do ſeu valor, e naõ menor eſtrago dos inimigos da Coroa. Sendo no anno de 1625. Alferes de huma Companhia eſcreveo em Villa viçoſa.

Colloquio entre dous Compadres ſobre a materia do Sargento mór, e outras couſas tocantes, e neceſſarias ao bem commum. Dedicada ao Excellentiſſimo Senhor D. Affonſo Furtado de Mendoça Arcebiſpo de Lisboa, e Governador deſte Reyno de Portugal fol. *M. S.* Conſerva-ſe na Livraria do Excellentiſſimo Marquez de Valença.

Noticia dos portos, enſeadas, baixos neceſſaria para aquelles, que navegaõ do Porto de Lisboa até o Promontorio Sacro, e outras partes da Europa. 4. Deſta obra faz mençaõ a *Bib. Geog.* de Antonio de Leaõ novamente acrecentada Tom. 3. Titul. unico col. 1722.

Colloquio entre dous Caminhantes hum Soldado, e outro bombardeiro acerca das regras, que ſe devem obſervar para ſe diſparar ſcientificamente a Artilharia.

Eſtas duas obras dedicadas ao Duque D. Theodoſio eſtaõ em 2. Tom. de 4. *M. S.* na *Bib. Real.*

ANTONIO CABEDO natural de Setubal, illuſtre ramo da antigua, e igualmente douta Familia dos Cabedos, filho de Miguel de Cabedo Fidalgo da Caſa Real, e Vereador em Lisboa, de quem em ſeu lugar faremos mençaõ, e de D. Leonor Pinheira de Vaſconcellos filha de Gonçalo Mendes de Vaſconcellos deſcendente

dos Senhores do Morgado de Eſporaõ. Foy ornado de taõ feliz engenho, como catholico coraçaõ. Deſde a primeira infancia amando o que era ſerio, e aborrecendo o que era pueril, ſe dedicou com grande inclinaçaõ a illuſtrar o eſpirito com virtudes, e o entendimento com a amenidade das letras humanas, e noticia das linguas Grega, e Romana lendo com ſumma applicaçaõ os Authores mais celebres deſtes dous famoſos idiomas, e depoſitando na memoria as ſentenças mais agudas, que nelles deſcubria o ſeu indefeſſo eſtudo pelo qual conſeguio exceder a todos os ſeus contemporaneos ou foſſe orando, ou poetizando na facundia, e ſublimidade das expreſſoens, ſendo particularmente inſigne na Poeſia heroica, na qual era fiel imitador do mageſtoſo eſtilo de Eſtacio. Depois de receber na Univerſidade de Coimbra as inſignias doutoraes em Direito Canonico, em que era muito perito ſe dedicou a Deos no Eſtado Clerical, de que lhe naõ conſentio a morte largo exercicio arrebatando-o intempeſtivamente na florente idade de 25. annos na ſua patria com geral ſentimento naõ ſómente dos ſeus patricios, mas de todos os Academicos Conimbricenſes. Os mayores cultores das Muſas lamentaraõ com diſcretas vozes a ſua falta ſendo o mais diffuſo Ignacio de Moraes em huma elegante elegia, da qual refiriremos alguma parte.

Supremam ergo diem Antoni doctiſſime obiſti
Perſecuitque annos Parca ſevera tuos:
Et vix permiſit primam exceſſiſſe juventam
Laudique invidit nominis illa tui.
Atque hoc illud erat, quod tanto ardore cupiſti
Dulcia materni viſere tecta poli.
De grege paucorum fueras quibus inclyta virtus
Ipſa ſui eſt pretium, gloriaque ipſa ſui.
Nulla tibi ambitio, nullum captare ſolebas
Plauſum, ſed gratá delituiſſe domo,
Felix ſi plures annos tibi fata dediſſent,
Inficeretque tuas alba ſenecta comas.
Tollere pennigeris nuper te cæper at alis,
Fætuſque ingenii fama probare tui.
Nam tua ſæcundos ſtillabant verba liquores
Libera ſeu fluerent, ſive ligata pede.

Acaba.

Fundantur tumulo ſacri cum thure liquores,
Quaſq̃ Arabum meſſes mittit odorus ager
Hos cineres vellent violæque, roſæque rubentes,
Viventi fuerat qualis in ore color.
Antoni ſumus plorant lacrymabile Muſæ,
Una ſed imprimis Calliopæa dolet.

Alguns dos ſeus Verſos ſahiraõ impreſſos Romæ apud Bernardum Baſſam 1587. 8. juntamente cum *Andreæ Reſendij Antiquit. Luſit.* lib. 4. os quaes eſtaõ deſde pag. 515. até 576. Sendo os principaes.

Joannis Luſitaniæ Principis Joannis III. Regis filii Epicedium, que começa.

Unde repentino tacuerunt gaudia luctu
Irrepitque comis funeſta cupreſſus, & albam
Mæſtificis hæderam video concedere taxis?
Epicedium in milites ad Septam occiſos.

Deſcripçaõ da Caſa de Prazer edificada junto a Viſeu por ſeu Tio D. Rodrigo Pinheiro Biſpo deſta Cidade para recreaçaõ dos ſeus ſucceſſores. Principia.

Hortorũ, nemorumque potens Pomana beatas
Quæ dudum has ſedes, & læta vireta, relicta
Incolis Auſonia; voſque ó quæ rore perenni
Jugera proluitis viva de rupe Napææ;
Tuque adeo Regina Venus, mitiſſima frugum
Atque hominum fæcunda parens &c.

Poema *Labor omnia vincit*

Ad proſperam valetudinem

Ad Campegium S. R. E. in Luſitania Legatum Bononienſem Epiſcopum.

Emmanueli Cabedio Chariſſimo, et amantiſſimo Fratri.

Ad Cetobricam Patriam ſuam.

Ad Sanctiſſimam Virginem MARIAM Roſarii.

Joaõ Soares de Brito in *Theatr. Luſit. Litter. let.* A. n. 56. lhe chama *Poetam non pœnitendum.*

Fr. ANTONIO DE S. CAETANO. Naceo na Villa de Santarem a 13. de Junho de 1683. e teve por Pays a Vicente Luiz Cordeiro, e a Izabel Ribeira Cardoſa. Entrou na Ordem dos Conegos Regrantes de Santo Agoſtinho da Congregaçaõ de Santa Cruz de Coimbra, donde anhelando a vida mais auſtera abraçou o penitente Inſtituto de S. Franciſco na Provincia de Portugal. Sendo muito verſado na liçaõ dos Poetas, e naturalmente propenſo para eſta arte, nella tem até o prezente publicado as ſeguintes obras em que moſtra o eſpirito da ſua Muſa.

Felices vivas, e ditoſos parabens com que o affecto Luſitano applaude a feliciſſima vinda da Sereniſſima Rainha Noſſa Senhora D. Mariana de Auſtria. Lisboa por Manoel, e Jozé Lopes Ferreira 1708. 4. Conſta de huma larga Sylva.

A Imagem do Sol felizmente nacido na mayor das esferas Luſitanas, e obſequioſamente celebrado na melhor parte do mundo conſtruida no venturoſo, e regio nacimento do muito alto, e Sereniſſimo Principe herdeiro, e ſucceſſor dos Reynos de Portugal ſegundo genito das Mageſtades de D. Joaõ o V. no nome, e nas virtudes primeiro, e de D. Mariana de Auſtria. Lisboa por Antonio Pedroſo Galraõ 1712. 4. He huma larga Sylva.

Apografia Metrica, e triumfal narraçaõ do Plauſivel apparato, que a illuſtre Familia Carmelitana mageſtoſamente conſagrou ao maximo dos Sacramentos na ſua translaçaõ para o Sumptuozo Templo, que à Senhora do Monte do Carmo generoſamente ſe erigio na muito nobre, e ſempre leal Villa de Santarem a 8. de Setembro de 1708. Lisboa por Manoel, e Jozè Lopes Ferreira 1708. 4. Conſta de varias Sylvas, e 35. Outavas.

Breve Compendio da vida, e Martyrio dos ſinco glorioſos Martyres de Marrocos da Sagrada Religiaõ de S. Franciſco com hum modo de orar no triduo da ſua Feſta, que ſe celebra no Real Moſteiro de Santa Cruz de Coimbra a 14. de Janeiro. Coimbra por Bento Seco Ferreira. 1711. 24.

Fr. ANTONIO CAETANO DE S. BOAVENTURA Naceo em Lisboa, e foy filho de Domingos de Faria, e Maria Ferreira. Tendo na patria aprendidas, as letras humanas profeſſou o penitente habito dos Menores no Real Convento deſta Corte, e depois de eſtudar as ſubtilezas Filoſoficas, e Theologicas da ſua Eſcola com admiraçaõ dos Meſtres, as dictou com geral applauſo pelo eſpaço de 15. annos ſendo venerado por hum dos mayores Theologos do ſeu tempo. He igualmente verſado em ambos os Direitos, como na Theologia Moral, naõ ſendo menos applaudido o ſeu talento no Pulpito, que na Cadeira. Exercitou com grande credito da ſua prudencia os lugares de Guardiaõ do Collegio novo de S. Boaventura da Univerſidade de Coimbra, do Convento de S. Franciſco da Cidade, e de Confeſſor das Religioſas do Convento da Eſperança de Lisboa. Sendo Cuſtodio da Provincia aſſiſtio no Capitulo Geral celebrado em Roma no anno de 1723. onde deo claros argumentos das grandes letras, de que ſaõ frutos as obras ſeguintes.

Sermaõ nas Exequias do Duque do Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello prégadas na Igreja de S. Franciſco de Lisboa em 20. de Fevereiro de 1727. Sahio impreſſo nas *Ultimas Acçoens do meſmo Duque* Lisboa na Officina da Muſica 1730. fol. grande deſde pag. 175. até 187. e Coimbra por Bento Ferreira Seco 1727. 4.

Conſtitutio Benedictina explanata, ſive dilucida pro Regularibus inſtructio, Minoribus ſcilicet de Obſervantia, et Reformatis, aliiſque cujuſcumque Congregationis Reverẽdiſſimo Patri Miniſtro Generali juxta Regulam, Sanctioneſque Apoſtolicas ſubjectis. Ulyſſipone apud Michaelem Rodrigues. 1732. fol.

Examem Regulare pro Confeſſariis Fratrum Minorum inſtruendis. Ulyſſipone ex Officina Congregat. Oratorij 1736. fol.

Curſus Philoſoficus. fol. *M. S.*

Methodica explanatio in Primum lib. Sententiar. fol. *M. S.*

Singulariſſima devoçaõ Conſagrada a Maria Santiſſima na ſua Coroa. Origem, e principio deſta devoçaõ admirauel: modo de rezalla, e offerecella na contemplaçaõ dos Myſterios, que nella ſe contem. 4. *M. S.*

Itinerario Myſtico de huma Alma para o Ceo pelo Caminho da Oraçaõ Chriſtãa. 4. *M. S.*

D. ANTONIO CAETANO DE SOUSA Naceo em Lisboa a 30. de Mayo de 1674. ſendo ſeus Pays Miguel de Souſa Ferreira, e Maria Crasbeeck deſcendentes de honrados progenitores. Na florente idade de dezeſeis annos abraçou o Inſtituto dos Clerigos Regulares da Divina Providencia a 24. de Agoſto de 169c. e fez a profiſſaõ ſolemne a 27. de Dezembro do anno ſeguinte. Acabada a carreira dos eſtudos Philoſoficos, e Theologicos ſe dedicou com particular diſvelo, e continua applicaçaõ à Hiſtoria Secular, e Eccleſiaſtica deſte Reyno, de cuja liçaõ naceo o nobre intento de pro-

ſeguir, e completar a grande obra do Agiologio Luſitano, que emprendera o inſigne Antiquario Jorge Cardozo, reſuſcitando com o ſeu indefeſſo trabalho as ſepultadas memorias de muitos Santos, e Varoens juſtos da noſſa Luſitania, que com as ſuas virtuoſas acçoens illuſtráraõ os dias dos ſeis mezes ultimos do anno, cuja obra exalta com merecidos elogios o Principe dos Genealogicos naõ ſómente de Eſpanha, mas da Europa D. Luiz Salazar, e Caſtro nas *Glor. da Caſ. Farnes* pag. 665. dizendo: *Continua con mucha utilidad el P. D. Antonio, y en ſola una parte del dia 8. de Julio, que nos há permitido ſu amiſtad, acredita bien lo que ſu fecunda erudicion ſe fatiga en perfeccionar aquel aſſumpto.* Sendo eleito Academico Real dos primeiros cincoenta, de que ſe formou eſte litterario corpo em quanto naõ deſempenhava o argumento das Memorias dos Biſpados ultramarinos que lhe foraõ cometidos à ſua penna para naõ ſer acuſado de menos deligente, ideou, e felizmente conſeguio a Hiſtoria Genealogica da Caſa Real Portugueza, para cujo eſtudo alèm de ſer nelle muito verſado, revolveo com eſcrupuloſo exame, e grande inveſtigaçaõ o Archivo Real, donde extrahio documentos ſolidos para eſtabelecer as ſuas opinioens, dos quaes grande parte tinha fugido à profunda indagaçaõ dos Britos, e Brandoens Chroniſtas geraes deſte Reyno, e celebres Corifeos da ſua Hiſtoria. Sendo Qualificador do Santo Officio, e Conſultor da Bulla da Cruſada tem por duas vezes exercitado o lugar de Prepoſito da Caſa da Divina Providencia, em cujo governo ſempre experimentaraõ os ſubditos a natural affabilidade, e grave prudencia, de que he ſummamente ornado. Compoz.

Catalogo dos Biſpos da Igreja do Funchal offerecido a Academia Real da Hiſtoria Portugueza na Conferencia de 31. de Julho de 1721. fol.

Catalogo dos Arcebiſpos da Bahia, e mais Biſpos ſeus ſufraganeos. fol. ſahiraõ eſtes dous Cathalogos impreſſos na *Colleçaõ dos Documentos, Eſtatutos, e Memorias da Academia Real da Hiſtoria Portugueza do anno de* 1721. Lisboa por Paſchoal da Sylva Impreſſor de Sua Mageſtade, e Academia Real 1721. fol.

Catalogos dos Arcebiſpos de Goa, Primazes do Oriente; dos Biſpos de Cochim, Meliapor, China, Japaõ, Macao, Nankim, Malaca, Patriarchas de Etiopia, Arcebiſpos de Cranganor, e Serra. fol.

Catalogos dos Biſpos das Igrejas de Cabo Verde, Saõ Thomè, e Angola. fol.

Catalogo dos Biſpos da Igreja de S. Salvador da Cidade de Angra offerecido na Conferencia de 12. *de Fevereiro de* 1722.

Sahiraõ impreſſos eſtes Cathalogos no 2. Tomo da *Collecçaõ dos Documentos &c. da Academia Real do anno de* 1722. Lisboa por Paſchoal da Sylva 1722. fol. Delles faz memoria a *Bib. Oriental* modernamente acrecentada Tom. 1. Tit. 8. col. 144.

Hiſtoria Genealogica da Caſa Real Portugueza deſde a ſua Origem atè o prezente com as Familias illuſtres, que procedem dos Reys, e dos Sereniſſimos Duques de Bragança, juſtificada com inſtrumentos, e Eſcritores de inviolavel Fé Tom. 1. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva Impreſſor da Academia Real 1735. 4. grande.

Tom. 2. Lisboa pelo dito Impreſſor 1736. 4. grande.

Tom. 3. Lisboa pelo dito Impreſſor 1737. 4. grande.

Tom. 4. Lisboa pelo dito Impreſſor 1738. 4.

Tom. 5. Lisboa na Officina Sylviana da Academia Real. 1738. 4.

Tom. 6. Lisboa Na meſma Officina 1739. 4.

Provas da Hiſtoria Genealogica da Caſa Real Portugueza tiradas dos Inſtrumentos dos Archivos da Torre do Tombo, da Sereniſſima Caſa de Bragãça, de diverſas Cathedraes, Moſteiros, e outros particulares deſte Reyno Tom. 1. Lisboa Na Officina Sylviana da Academia Real. 1739. 4. grande. Entre os documentos hiſtoricos que contem eſte volume o mais eſtimavel pela ſua antiguidade he o que ſe intitula.

Livro Velho das Linhages de Portugal eſcrito no Decimo Terceiro Seculo por Author, que ſe ignora, e publicado por D. Antonio Caetano de Souſa Clerigo Regular no anno de 1737. A o qual addicionou com algumas notas pela margem o inſigne Antiquario Gaſpar Alvares Louzada, e com outras o dito P. D. Antonio Caetano de Souſa, que vaõ diſtinctas com a letra ini-

cial, de L. e de S. Deſte livro ſe tiraraõ alalguns exemplares em papel grande.

Memorias Hiſtoricas, e Genealogicas dos Grandes de Portugal, que contem a Origem, e antiguidade de ſuas familias, os Eſtados, e os nomes dos que actualmente vivem, as alianças das ſuas Caſas, os Eſcudos das Armas, que lhes competem. 8. Eſtà na Impreſſaõ.

Obras M. S. das quaes algumas eſtaõ já approvadas para a impreſſaõ.

Agiologio Luſitano dos Santos, e Varoens illuſtres em virtude do Reyno de Portugal, e ſuas Conquiſtas conſagrado à Immaculada Conceiçaõ da Virgem Maria Senhora noſſa Padroeira do Reyno Tom. 4. *que comprehende os Mezes de Julho, e Agoſto.* Acabado em o anno de 1718. fol. M. S. Eſta obra he allegada pelo P. D. Manoel Caetano de Souſa in *Exped. Hiſpan. S. Jacob.* Tom. 2. pag. 1303.

Memorias Sepulcraes que ſervem à Hiſtoria de Portugal. 4.

Memorias hiſtoricas do Biſpado do Funchal Capital da Ilha da Madeira fol.

Hiſtoria Genealogica da Caſa de Noronha, cuja primogenitura ſe conſerva na do Marquez de Caſcaes. M. S.

Monumentos de Portugal que comprehendẽ os Thezouros dos ſeis Moſteiros Reais, as ſepulturas dos Reys, e Peſſoas Reais, e todas as couſas antiguas pertencentes a obras Reais que ſe vem em diverſas partes eſpalhadas pelo Reyno &c. M. S.

Deſtas duas obras, e outras Genealogicas promete o Author no *Apparat. da Hiſt. Gen. da Caſa Real Portug.* pag. 229. e 230. publicallas, ſe a vida lhe durar para lhe pór o ultimo complemento.

ANTONIO CAMELLO PESTANA igualmente douto na Filoſofia, e Direito Pontificio de cuja faculdade era profeſſor na Univerſidade de Coimbra, como elegante Poeta latino de que deo claro teſtemunho na obra ſeguinte.

In Laudem Sapientiſſimi D. Fr. Ludovici de Sà in ſolemni invictiſſimi Domini noſtri Regis D. Joannis IV. acclamatione primipilares gratias agenti in hac alma Conimbricenſi Academia Magiſtri Sacræ Theologie digniſſimi Ulyſſipone apud Laurent. Crasbeeck 1641. 4.

He huma de que começa.

Auguſta Quarti gloria Principis
Phœnicis inſtar clara renaſcitur,
Extincta majeſtas theatrum
Poſthabitis renovat ſepulchris.

ANTONIO DE S. CARLOS filho de Braz de Souſa Delgado, e Maria dos Santos Carneiro, natural da Cidade do Porto, onde foy admitido à illuſtre, e douta Congregaçaõ dos Conegos Seculares do Evangeliſta. Paſſou a Coimbra, onde depois de aprender as ſciencias mayores as leo no ſeu Collegio com applauſo dos Academicos. Prégou com geral aceitaçaõ em os mais honorificos Pulpitos do Reyno, cujos Sermoens intitula *doutos, e engenhoſos* o Chroniſta da ſua Congregaçaõ no *Ceo Aberto* liv. 2. cap. 50. pag. 531. Morreo no Convento de S. Bento de Enxobregas a 9. de Mayo de 1704. Imprimio.

Sermaõ das lagrimas de S. Pedro prégado na Miſericordia de Coimbra. Coimbra por Manoel Dias 1697. 4.

Sermaõ de N. Senhora do Valle em o Real Convento de Santo Eloy prègado em 8. *de Setembro de* 1681. Lisboa por Antonio Crasbeeck de Mello. 1682. 4.

Sermaõ de N. Senhora do Valle no Convento de Santo Eloy em dia da Natividade da meſma Senhora. Lisboa na Officina Crasbeeckiana 1685. 4.

Sermaõ de N. Senhora do Deſterro prégado no ſeu Convento de Lisboa no ultimo dia do Triduo, que a Fidalguia Portugueza faz todos os annos, em louvor da Senhora. Lisboa por Antonio Crasbeeck de Mello 1683. 4.

Sermaõ de S. Roque prégado na Capella Real. Lisboa pelo meſmo Impreſ. 1685. 4.

ANTONIO CARDOSO DO AMARAL natural da Villa de Ruyvães do Biſpado de Lamego, Presbytero igualmente pio, e douto Profeſſor dos Sagrados Canones, e Reytor da Igreja de S. Lourenço da Villa de Santarem, da qual tomou poſſe em o anno de 1598. e depois de a adminiſtrar com zelo paſtoral a renunciou em o anno de 1614. Para inſtruir aos Juizes, Advogados, e Confeſſores com as opinioens mais provaveis de hum, e outro Direito, e da Theologia Moral publicou digeſta por ordem alphabetica.

Summa ſeu praxis judicum, et advocatorum á Sacris Canonibus deducta, et ipſismet conformata. Ulyſſipone apud Ant. Alvares 1610. fol. Conimbricæ apud Joſephum Ferreira. 1695. fol. e ultimamente addicionada por Fr. Jozé Leytaõ Telles Lente de Veſpera de Canones na Univerſidade de Coimbra, Conego da Guarda, e Deputado do Santo Officio. Conimbricæ apud Viduam Antonij Simoens Univerſ. Typog. 1729. fol. 1. Tom. e o 2. ibi apud Franciſcum de Oliveira Univerſit. Typog. 1732. fol.

Devocionario da Virgem Senhora Noſſa. Socorro das almas do Purgatorio Lisboa 1627. 24.

Delle eſcreve Nicol. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 85. Joan. Soar. de Brit. in *Theat. Luſit. Liter.* lit. A. n. 57. Illuſtriſſimo Cunha in *Prim. Part. Decret.* e Marangoni in *Thezaur. Paroch.* Tom. 2. lib. 3. cap. 1. n. 83. D. Franciſco Manoel na *Carta dos Authores Portuguezes* que he a 1. da 4. Centuria das ſuas Cartas.

ANTONIO CARDOSO DE CARVALHO. vejaſe o P. ANTONIO DOS REYS.

ANTONIO CARNEIRO natural da Villa da Fronteira da Provincia do Alentejo. Paſſou a Flandes no anno de 1585. onde foy Vedor dos Exercitos delRey de Caſtella. Para naõ paſſar ocioſo o tempo que lhe ſobejava deſte miniſterio, o occupava em ſe informar dos ſucceſſos mais notaveis, que aconteceraõ nas Campanhas, em que batalharaõ os Heſpanhoes contra os Olandezes, e Francezes deſde o anno de 1559. atè 1609. ſendo de muitos teſtemunha ocular. Depois de ter junto com ſumma indagaçaõ as noticias mais verdadeiras as reduzio a methodo hiſtorico taõ claro, como elegante, e o dedicou a D. Izabel Clara Eugenia Princeza de Flandes com eſte titulo.

Hiſtoria de las guerras de Flandes deſde el año 1559. *haſta el de* 1609. *y las cauſas dela rebelion de dichos Eſtados.* Bruxellas por Juan Meerbeque. 1625. fol. Em premio dos Serviços que tinha feito a ElRey Catholico o fez Cavalleiro da Ordem Militar de Calatrava, de cuja Ordem foy Procurador. Naõ foy menos illuſtre hiſtoriador, que ameniſſimo Poeta, e como a tal o louva o grande Lope da Vega Carpio en el *Laurel de Apollo* Sylva 6. dizendo neſta forma.

D. Antonio Carnero
Es el ſigno primero.
En quien tambien Apollo reverbera
Al produzir la infante Primavera;
Y como con ſu aliento
Por ſu valor, y el humido elemento
En los campos veſtidos de colores
Los zefiros aſpiran tiernas flores,
Aſſi de dulces verſos reveſtido
Es de ſus campos Zefiro florido.

P. ANTONIO CARNEIRO chamado no Seculo Antonio Rodriguez Carneiro, filho de Franciſco Rodrigues, e Maria de Saõ-Tiago. Naceo em Lisboa, onde foy admittido à Companhia de JESUS a 7. de Abril de 1676. Mayor foy o progreſſo que fez nas virtudes, do que nas ſciencias, eſtudando com grande diſvelo a perfeiçaõ Religioſa, em que ſahio conſummado, por cuja cauſa além de occupar os lugares de Reytor do Collegio da Ilha de S. Miguel, e Prepoſito das Caſas profeſſas de Villaviçoſa, e de S. Roque, foy Meſtre dos Noviços em Coimbra, e Lisboa creando com a ſua virtuoſa, e prudente direcçaõ aquellas novas plantas para abundantemente frutificarem no Paraiſo da Religiaõ. A brandura do genio correſpondeo à innocencia da vida, que piamente terminou em Lisboa na Caſa profeſſa de S. Roque no mez de Abril de 1737. com 75. annos de idade. Compoz.

Exercicios eſpirituaes do grande Meſtre de Eſpirito, e maravilhoſo Patriarcha Santo Ignacio reduzidos a huma ſó Somana, e accomodados ao Eſtado, e vida Religioſa. Coimbra no Collegio das Artes da Companhia de Jeſus. 1710. 8.

Santuario mental, em que pelas feſtas, e Santos de cada dia ſe propoem meditaçoens para todo o anno. Lisboa na Officina Real Deſlandeſiana 1714. 8.

Novena de Santo Ignacio Fundador da Companhia de JESUS. Lisboa por Antonio Pedroſo Galraõ. 1719. 8.

Novena de Santo Stanislao Noviço da Companhia de Jeſus Lisboa por Mathias Pereira da Sylva, e Joaõ Antunes Pedrozo 1720. 12.

Arte de orar abbreviada, e acomodada à inſtruçaõ com que ſe criaõ os Noviços da Companhia de JESUS. Lisboa pelos ditos Impreſſores 1721. 12.

Novena do Natal, ou preparaçaõ devota para feſtejar eſpiritualmente o Nacimento do Menino Deos. Lisboa na Officina da Muſica. 1726. 8.

Meditaçoens da Payxão de JESUS Chriſto Noſſo Redemptor. Lisboa por Miguel Rodrigues. 1729. 12.

Delle fazem breve memoria o P. Franc. na *Imag. da Virtud. do Noviciad. de Lisboa* pag. 965. e o P. D. Manoel Caet. de Souſ. in *Exped. Hiſp. Apoſtol. S. Jacob.* Tom. 2. pag. 1303.

ANTONIO CARREIRA inſigne profeſſor de Muſica, e Meſtre da Real Capella dos Sereniſſimos Monarchas D. Sebaſtiaõ, e D. Henrique. Compoz varias obras como eſcreve Pedro Thaleſio na ſua *Arte de Canto Chaõ* cap. 36. fol. 63. mais agradaveis aos ouvidos daquelle tempo, que do preſente, as quaes deixou para ſe imprimirem a ſeu filho Fr. Antonio Carreira Eremita de Santo Agoſtinho ſemelhante ao Pay na deſtreza, e ſuavidade da Muſica, porém como morreſſe no contagio que no anno de 1599. devaſtou grande parte de Lisboa, com a ſua falta também deſapareceraõ ſendo as principaes

Duas lamentaçoens da Semana Santa.

Motete *Circumdederunt me* a 6. vozes outro *Illumina oculos meos* a 6. as quaes ſe conſervaõ na Bib. Real da Muſica. Eſtante 36. n. 810. cujo Index ſahio impreſſo Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1649. 4.

ANTONIO CARREIRA Sobrinho do precedente, e igualmente douto na Arte da Muſica. Foy Meſtre da Cathedral de Compoſtella, cujas obras como de grande Compoſitor as mandou guardar na ſua famoſa Bibliotheca da Muſica o Sereniſſimo Rey D. Joaõ o IV. inſigne Mecenas deſta ſuaviſſima Arte, como ſe pode ver na 1. part. do Catalogo deſta Bibliotheca aſſima allegado.

P. ANTONIO CARVALHO natural de Lisboa, e Filho de Diniz Jorge, e Franciſca Nunes. Foy ornado de hum engenho capaz para todo o genero de Litteratura da qual deo copioſos frutos na Companhia de JESUS, cujo Inſtituto abraçou em Coimbra a 28. de Mayo de 1558. Naõ ſómente admiraraõ nelle os ſeus domeſticos a facilidade, e promptidaõ com que aprendeo na idade juvenil as ſciencias humanas, mas quando na adulta profundamente penetrou as divinas dictando em Coimbra, e Evora os preceitos da Eloquencia reſolvendo as mayores dificuldades da Filoſofia, e Theologia, cuja faculdade leu por eſpaço de vinte annos na Univerſidade de Evora, onde foy laureado Doutor. Naõ mereceo menor applauſo no Pulpito por ſer hum dos celebres Prégadores do ſeu tempo chegando em huma occaſiaõ a ter por ſeu ouvinte, e admirador a Filippe II. Foy para Deos ſummamente pio, para com os domeſticos affavel, para comſigo cruel, e ſevero. Eſtando proximo á morte a 2. de Mayo de 1601. rendeo graças ao Altiſſimo por ter diſpoſto que morreſſe no meſmo Collegio onde nacera para a Religiaõ. Deixou promptos para a Impreſſaõ

Cõmentaria in Primam ſecundæ D. Thomæ. fol.

Commentaria in ſecundam ſecundæ D. Thomæ fol. os quaes chama *præclaros* o Author da Bib. da Companhia p. 68. e ſe conſervaõ no Collegio de Coimbra, e no de Evora.

Tractatus de correctione fraterna.

Do qual ſendo por juizo dos mayores Letrados o mais excellente, que compuzera, naõ teve noticia Nicol. Ant. in *Bib. Hiſp.* e Sotuello na *Bib. Societ.* dizendo do Author *politioribus litteris apprime excultus, atque eloquentiæ arte ornatus.* Joan. Soar. de Brito in *Theatr. Luſit. Litter.* lit. A. n. 58. *Eboræ primæ cathedræ laudatiſſimus moderator, ſed pietate, morumque ſinceritate longe eminentior.* Fonc. *Evor. glorioſ.* p. 425. Franc. in *Ann. glor. S. J. in Luſit.* pag. 296. *Vir fuit litteris ornatiſſimus,* e no *Synopſ. Annal. S. J. in Luſit.* p. 177. *Vir conſummatæ litteraturæ, nec minoris virtutis,* e na *Imag. do Nov. do Coll. de Coimb.* tom. 2. lib. 4. cap. 35. *doutiſſimo em letras humanas, e divinas.*

ANTONIO CARVALHO veja-ſe o P. Manoel Monteiro da Congregaçaõ do Oratorio.

ANTONIO CARVALHO DA COSTA Presbytero do Habito de S. Pedro, naceo em Lisboa, e foy bautizado a 3. de Mayo de 1650. na Real Igreja de N. Senhora da Conceiçaõ dos Freyres da Ordem Militar de Chriſto ſendo filho de Antonio Carvalho, e Anna da Coſta. Ainda que a natureza lhe deu corpo pequeno, e algum tãto diſforme, teve o eſpirito grande, e capaz para comprehender as ſciencias, às quaes ſe applicou deſde a primeira idade atè a ultima com ſummo diſvelo, e incanſavel eſtudo ſendo as ſuas mayores delicias as diſciplinas Mathematicas, em que fez agigantados progreſſos inveſtigando com profunda eſpeculaçaõ os arcanos, que eſtavaõ occultos na Aſtronomia, Geometria, e Coſmografia, Hydografia, e mais eſpecies em que ſe divide a grande ſciencia da Mathematica. Querendo illuſtrar o Reyno de que era filho ſe arrojou a lançar os aliceſſes a huma machina que era inſoportavel a hombros mais robuſtos que os ſeus, deſcrevendo topograficamente as Cidades, Villas, e Lugares de que elle ſe compoem; os Varoens famoſos, que produſio; a fundaçaõ dos Conventos mais antigos, e celebres, os Cathalogos dos Biſpos que floreceraõ nas ſuas Dioceſes, àlem das antiguidades veneraveis, e prodigios da natureza com que ſe ennobrece. Para conſeguir o fim de empreza taõ glorioſa gaſtou o pouco cabedal que a fortuna ſempre infauſta aos eruditos com parca mão lhe concedeo, diſcorrendo pela mayor parte do Reyno para occultamente ſe inſtruir do que havia eſcrever, até que concluido o ſeu intento com mayor diſpendio que permitiaõ as ſuas poſſes, e mayor trabalho que ſofriaõ as ſuas forças publicou eſta grande obra, a qual ainda que tenha alguns defeitos ſempre he digno ſeu Author de immortal memoria como o julgaraõ o P. Antonio Franc. na Pref. ao Leytor do *Ann. glor. S. J. in Luſit. in ſua Corografia Luſitana quà immortaliter meretur de noſtra Natione.* Souſa no *Appar. à Hiſt. Gen. da Caſa Real Portug.* p. 175. n. 224. *Trabalhou com muito diſvelo, e curioſidade, de ſorte que pela ſua applicaçaõ merece louvor;* Lenglet du Freſnoy *Method. pour etudier l'Hiſt.* Tom. 4. art. 139. pag. 357. *Curieux, e inſtructif.* e o P. D. Manoel Caet. de Souſ. in *Exped. Hiſp. Apoſt. S. Jacob. Maioris.* Tom. 2. pag. 1303. Cheyo de annos, e falto de cabedaes acabou a vida com grande piedade na ſua Patria a 27. de Novembro de 1715. e eſtà ſepultado no Clauſtro do Convento do Carmo de Lisboa cujo enterro lhe fez a Ordem Terceira como a Irmaõ pobre: *o que naõ admirarà* (diz o P. Fr. Manoel de Sá nas *Memor. Hiſtor. da Ord. do Carm. da Prov. de Portug.* Part. 1. liv. 2. cap. 16.) *quem ler eſta noticia por ſabido ſado dos ſugeitos grandes, e Portuguezes.* Compoz

Corografia Portugueza, e diſcripçaõ Topographica do famoſo Reyno de Portugal com as noticias das fundaçoens das Cidades, Villas, e Lugares, que contem, Varoens illuſtres, Geneologias das familias Nobres, fundaçoens de Conventos, Cathalogos dos Biſpos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, e outras curioſas obſervações. Tom. 1. Lisboa por Valentim da Coſta Deslandes Impreſſor de S. Mageſtade 1706. fol.

Tom. 2. Lisboa pelo dito Imp. 1708. fol.

Tom. 3. Lisboa na Officina Real Deſlandeſiana. 1712. fol.

Compendio Geografico dividido em tres Tratados 1. *da progeçaõ das eſferas em plano, conſtruçaõ dos mappas univerſaes, e particulares, e fabrica das Cartas Hydographicas.* 2. *da Hydografia dos mares.* 3. *da deſcripçaõ geografica das terras com varias propoſiçoens pertencentes a eſta materia.* Lisboa por Joaõ Galraõ 1686. 4.

Via Aſtronomica 1. *P. dividida em dous tratados.* 1. *contem a fabrica do globo, e ſeus principaes uzos.* 2. *a Trigonometria plana, e eſpherica: varios problemas da Aſtronomia pertencentes à doutrina do primeiro movel, e á navegaçaõ.* Lisboa por Franciſco Villela 1676. 4.

Via Aſtronomica 2. *P. diſtribuida em* 4. *tratados.* 1. *da Navegaçaõ. o* 2. *das Eſtrellas. o* 3. *dos Eclypſes da Lua. o* 4. *dos Eclypſes do Sol.* Lisboa por Antonio Crasbeeck de Mello 1677. 4.

Aſtronomia Methodica comprehendida em tres tratados. O 1. *trata do Sol. O* 2. *da Lua. O* 3. *dos mais Planetas.* Lisboa por Franciſco Villela. 1683. 4.

Compoz com outro nome

Prognoſticos deſde o anno 1684. até 1701. 8.

Tinha prompto para o Prèlo

Tratado da reduçaõ Geometrica, e Eſfera com outros Tratados Mathematicos M. S.

Corografia Inſulana, ou noticia Topographica de todas as Ilhas ſogeitas a Portugal. M. S.

ANTONIO CARVALHO DE PARADA filho de Antonio Carvalho, e de Margarida de Parada naceo na Villa do Sardoal do Biſpado da Guarda em o anno de 1595. donde paſſando à Univerſidade de Coimbra depois de eſtudar com grande applicaçaõ a Sagrada Theologia, recebeo nella o gráo de Doutor ſendo igualmente douto em hum, e outro Direito. Foy ornado de ſingular prudencia, juizo agudo, vaſta erudiçaõ, e noticia de maximas politicas, por cujos dotes era eſtimado das mayores Peſſoas da Corte diſtinguindo-ſe entre todas o Illuſtriſſimo D. Miguel de Caſtro Arcebiſpo de Lisboa de quem pela aſſiſtencia que fazia no ſeu Palacio mereceo particular affecto. Como foſſe taõ douto, como prudente o elegeo o Clero de Portugal por ſeu Procurador na Corte de Madrid para tratar na preſença delRey Catholico que naquelle tempo era Senhor deſta Coroa, os mais importantes negocios pertencentes ao Eſtado Eccleſiaſtico donde foy ſummamente eſtimado. Poſſuyo lugares honorificos, e Beneficios rendoſos como foraõ ſer Prothonotario Apoſtolico, Arcipreſte da Cathedral de Lisboa, Viſitador por algumas vezes da ſua Dioceſe, Prior da Igreja de Bucellas, e Guarda Mòr da Torre do Tombo. Como zeloſo Paſtor morreo entre as ſuas Ovelhas a 12. de Dezembro de 1655. e foy ſepultado na Capella Mòr de Bucellas dedicada a N. Senhora da Purificaçaõ. He louvado por Joaõ Soar. de Brito in *Theatr. Luſit. Liter.* lit. A. n. 59. Marangoni *Thezaur. Paroch.* Tom. 2. lib. 3. n. 85. pag. 197. Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 334. no Comment. de 27. de Março letr. F. e Nicol. Ant. in *Bib. Hiſp.* tom. 1. pag. 85. Compoz.

Dialogos ſobre a vida, e morte de Bartholameu da Coſta Thezoureiro Mòr de Lisboa. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1611. 4.

Juſtificaçaõ dos Portuguezes ſobre a acçaõ de libertarem ſeu Reyno da obediencia de Caſtella. Lisboa por Paulo Crasbeeck. 1643. 4.

Arte de Reynar. Bucellas por Paulo Crasbeeck 1644. fol. Em premio deſta obra foy eleyto Guarda Mòr da Torre do Tombo, da qual diz D. Franciſco Manoel na Carta dos Authores Portuguezes eſcrita a Manoel da Fonceca Themudo, *que com grande razaõ ſe atreveo a ter os Reys por Diſcipulos na ſua Arte de Reynar, livro digno de toda a eſtimaçaõ.*

Diſcurſo politico fundado en la Doctrina de Chriſto Nueſtro Señor, y de la Sagrada Eſcritura, ſi conviene al govierno eſpiritual de las almas, o al temporal de la Republica aprovarſe el modo de predicar de reprehender a los Principes, y ſus Miniſtros. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1627. 8. Nicolào Antonio notavelmente ſe equivocou fazendo Author deſte diſcurſo o Padre Antonio de Carvalho da Companhia de JESUS, de que aſſima ſe fez mençaõ.

Diſcurſo em que ſe propunha à Mageſtade delRey D. Joaõ o IV. que o Officio de Provedor que em muitas Cõmarcas do Reyno ſe exercitava, ou devia ſer reformado, ou extincto. M. S. Conſerva-ſe na Bibliotheca Real.

P. ANTONIO DE CASTELLO-BRANCO filho de Alvereanes Barreto, e D. Maria do Amaral naceo em Lisboa onde ſendo de quinze annos abraçou o Inſtituto da Companhia em 12. de Março de 1571. e deſprezando a nobreza do ſeu nacimento, e ſómente aſpirando à perfeiçaõ Religioſa foy venerado por hum dos mais obſervantes Profeſſores do ſeu inſtituto. A ſuavidade do genio, e a innocencia da vida o faziaõ univerſalmente amado. Foy Prepoſito da Caſa Profeſſa de Villa-Viçoſa, Reytor dos Collegios de Braga, e Lisboa, Procurador da Provincia ao Capitulo celebrado em Roma no anno de 1619. e em todos eſtes miniſterios deſcubrio grande prudencia, e naõ menor affabilidade. Dictou Theologia Moral, e Mathematica em cujas faculdades era muito verſado. Sempre affirmou, que havia de morrer repentinamente, para cujo golpe eſtava continuamente preparado, até que acõmetido de hum accidente apopletico, o privou da vida em 8. de Setembro de 1643. na provecta idade de 87. annos. No Collegio de Evora ſe conſervaõ eſcritos por ſua maõ.

Tractatus de privilegijs, quæ tempore interdicti valida ſunt. fol.

De Coſmothecia lib. 2. fol.

De Aſtronomia lib. 3. fol. Delle faz memoria Franco na *Imag. do Nov. de Lisboa* liv. 2. cap. 14. e no *Synopſ. Annal. S. J. in Luſit.* pag. 286. §. 11.

ANTONIO DE CASTILHO natural da Villa de Thomar, e filho de Joaõ de Caſtilho Cavalleiro da Ordem Militar de Chriſto, e hum dos mais famoſos Arquitectos da ſua idade, de que ſeraõ ainda que mudos, eternos pregoeiros os marmores dos celebres Templos de Thomar, e Belem, que deſenhou, cabeça hum dos Religioſos da Ordem Militar de Chriſto, e outro dos de S. Jeronymo nos ſuburbios de Lisboa, como taõbẽ a fortiſſima Praça de Maſagaõ, e de ſua mulher Felicia da Neyva. Do ſublime engenho do Pay naõ degenerou o filho pois recebendo beneficamente da natureza comprehenſaõ prompta, juiſo agudo, e feliz memoria ſe applicou a cultivar as flores da Oratoria, e da Poetica, e a ſondar as mais reconditas dificuldades da Juriſprudencia em a Univerſidade de Coimbra com tanta gloria do ſeu nome como admiraçaõ de todos os Academicos ſendo por eſta cauſa dos primeiros Collegiaes do Collegio Real de S. Paulo onde foy admitido em 2. de Mayo de 1563. como eſcreveraõ Cabedo de *Patron.* cap. 48. e D. Nicol. de Santa Maria na *Chron. dos Coneg. Regrant. de S. Agoſt.* liv. 10. cap. 15. n. 8. Depois de ter iluſtrado a Univerſidade com o ſeu magiſterio paſſou a ennobrecer a Caſa da Suplicaçaõ a 21. de Novembro de 1566. ſendo ſempre a Juſtiça o Norte por onde regulava as ſuas doutas deliberaçoens de que procedia o univerſal reſpeito com que era venerada a ſua incomparavel inteireza. Por eſtes grandes dotes foy Cavalleiro da Ordem de Aviz, Alcayde mór, e Commendador de Mora, Embaixador à Corte de Inglaterra cujo miniſterio exercitou com tanta prudencia, que voltando para o Reino inſtruido nas linguas mais polidas da Europa ſendo por teſtemunho do celebre antiquario Manoel Severim de Faria no Prologo às Noticias de Portugal o mais puro, e elegante na Portugueza que elle conhecera, foy nomeado Guarda mór da Torre do Tombo, e Chroniſta mór do Reyno em cujo lugar ſubſtituhio a Damiaõ de Goes para eſcrever a Hiſtoria Geral do Reyno no eſtilo de Tacito, de que era obſervantiſſimo imitador, cuja obra dezejava já ler ſeu grande amigo o inſigne Poeta o Doutor Antonio Ferreira eſcrevendolhe no ſegundo livro das ſuas Cartas a ſexta neſta forma:

Quando ſerà, que eu veja a clara hiſtoria
Do nome Portuguez de ti entoada
Que vença da alta Roma a gram memoria?

Além das virtudes de que era ornado foy taõ amante da gloria alcançada pelo merecimento, como inimigo acerrimo do ocio. Teve grande comunicaçaõ com os varoens mais eruditos da ſua idade de que he prova evidente o affecto com que lhe eſcrevia Diogo Mendes de Vaſconcellos in *Poemat. de ſuo ex Ebora diſceſſu:*

O' mihi Theſæo junctiſſima pectora nodo
Pectora Cecropiæ ſtudiis addicta Minerva
Optime Caſtilli.

E Diogo Bernardes na Carta 14. do ſeu *Lima,* em que lhe reſponde.

Já com muita razaõ Caſtilho pede
Que quebre eſte ſilencio, hum amor puro
O qual eſta licença me concede.

Foy caſado com D. Luiza Coutinha filha de D. Antonio Coutinho, e D. Ignacia de Lima, de quem teve numeroſa deſcendencia, que hoje ainda permanece alliada com as primeiras Caſas deſte Reyno. Eſcreveo.

Commentario do Cerco de Goa, e Chaul no anno de 1570. Lisboa por Antonio Gonçalves 1573. 8. et ibi. na Officina Joaquiniana da Muſica. 1736. 4. de cuja obra como do Author ſe lembraõ Antonio de Leaõ na *Bib. Orient.* Titul. 3. e meu Irmaõ D. Jozé Barboſa no *Archiath. Luſit.* pag. 15. com eſtas metricas vozes.

Proferet illa vetus Caſtilho Nabantia, Goæ
Aggere, qui cinctas arces ſimul atque Ciauli
Conſcribet, partoſque immani ex hoſte triumphos.
Archivo præfectus erit quod publica ſervat
Scripta, Britannorum accedet Legatus ad Aulam.

Elogio delRey D. Joaõ de Portugal, Terceiro do nome. Lisboa na Officina Crasbeeckiana 1655. fol. Sahio com as *Noticias de Portug.* compoſtas por Manoel Severim de Faria deſde pag. 291. até 305.

Chronica delRey D. Joaõ o III. cujo principio era: *Prometeo Antonio Pinheiro Biſpo de Leyria eſcrever as couſas, que ſu-*

cederaõ em Portugal na paz, e na guerra no tempo delRey D. Joaõ o III. que depois lhe fizeraõ outros cuidados mudar o Concelho. Introduz o Author eſta Chronica pela fundaçaõ, e nome de Portugal, e ſeus primeiros Reys até ſummariamente chegar ao Reynado del-Rey D. Joaõ o III. O Licenciado Franciſco Galvaõ na ſua *Bib. Luſit. M. S.* affirma, como eu nella li, que tinha viſto quinze folhas deſta Chronica, que chegava ao tempo das controverſias que tiveraõ na India Pedro Maſcarenhas, e Lopo Vaz de Sampayo.

Tratado do perfeito Secretario. O qual conſervava em ſeu poder Diogo de Caſtilho filho do Author como eſcreveo Franciſco Galvaõ na obra allegada.

Fr. ANTONIO DE CEA. Naceo na Villa de Mogadouro na Provincia de Tras dos montes de Pays nobres. Recebeo o habito Monachal de S. Bento no celebre Convento de Monſerrate ſituado no Principado de Catalunha, onde teve por Meſtre em o Noviciado ao virtuoſo, e exemplar Varaõ Fr. Garcia de Ciſneros, e de tal ſorte o imitou, *que le miravan* (ſaõ palavras de Fr. Gregorio Argaiz en *la Perla de Cataluña* cap. 116.) *como retrato ſuyo, y treslado de ſus virtudes nò teniendole por muerto, ſi nó por vivo, pues le avia ſacado muy ſemejante en las facciones del alma.* Depois de ter governado com grande obſervancia, e prudencia o famoſo Convento de Santa Maria de Sopetran, foy eleito Abbade de S. Bento o Real de Valhadolid, e Geral de toda a Congregaçaõ de Eſpanha no anno de 1574. cujo miniſterio acabou em 1577. com igual fama do ſeu nome, como eterna ſaudade dos ſeus ſubditos. Eſcreveo.

Chronica do Convento de Monſerrate em que tratava da ſua fundaçaõ, progreſſo, e Varoens illuſtres, que nelle floreceraõ.

Do Author fazem honorifica menção Fr. Antonio Yepes *Chron. da Ord. de S. Bẽto* Tom. 4. Cent. 5. cap. 4. fol. 246. v.º chamando-lhe *hombre muy docto, y muy buen Predicador,* e Fr. Franciſco de Berganza *Antiguid. de Eſpan.* Tom. 2. liv. 8. cap. 9. n. 75. e Souſa. *Flor. de Eſpaña* liv. 23. Excel. 3.

ANTONIO CERQUEIRA PINTO Cidadaõ do Porto naceo a 13. de Junho de 1679, e foy bautizado na Freguezia de S. Miguel de Borba de Godim do Conſelho de Baſto que eſtá proxima à Villa de Amarante na Provincia de Entre Douro, e Minho. Teve por Pays ao Capitaõ Antonio Cerqueira Pinto, e Angela de Saõ Boaventura. De poucos annos paſſou para a Cidade do Porto, onde foy cuidadoſamente educado, e depois de ter aprendido a lingua Latina, letras humanas, e Poeſia em que ſahio muito perito eſtudou Filoſofia quatro annos, e dous Theologia com grande fruto da ſua applicaçaõ. Inſtruido com eſtas faculdades inſpirado pelo genio começou a examinar as antiguidades hiſtoricas do noſſo Reyno em que fez inſignes progreſſos a ſua laborioſa indagaçaõ, já conferindo a Chronologia antigua com a moderna; já interpretando ſubtilmente as authoridades dos Eſcritores, que confuſamente fallaraõ da Luſitania; já animando com eſpiritos novos a muitos monumentos que jaziaõ cadaveres nas urnas dos Archivos; já deſcubrindo com generoſa liberalidade os precioſos thezouros da Antiguidade occultos mais por inercia, que avareza aos olhos do mundo litterario, obſervando ſempre por Norte a verdade ſem preoccupaçaõ de algum afecto que fizeſſe menos ſolidas as ſuas opinioens. Por taõ incanſavel e profundo eſtudo mereceo ſer conſultado como Oraculo por muitos Academicos da Academia Real, ſobre a intelligencia de varios pontos controverſos, em a noſſa Hiſtoria, recebendo da ſua reſoluçaõ luzes com que diſſiparaõ as ſombras em que confuſamente fluctuavaõ. Em remuneraçaõ do diſvelo com que tinha ſervido a Academia Real foy eleito ſeu Collega ſupranumerario, cujo talento, e affavel genio por competir com a ſua grande modeſtia nos embarga a que mais difuſamente ſe deſcreva a ſublime ſciencia que profeſſa da Hiſtoria Eccleſiaſtica, e Secular, quando com mais elegante eſtilo a tem publicado o P. D. Manoel Caetano de Souſa no Catalog. Hiſtor. dos Biſpos Portug. pag. 193. dizendo ſer *eruditiſſimo inveſtigador das Antiguidades do Porto, e verſadiſſimo em todas as letras aſſim Divinas, como humanas.* e mais largamente in *Expedit. Hiſpan. S.* Jacob. Apoſtol. Tom. 2. pag. 1553. *ſed nunquam ſatis laudari poteſt vir, qui etiam graviſ-*

ſimis occupationibus diſtrictiſſimus non ceſſat laborare pro gloria Luſitaniæ illuſtrando ſacras, et prophanas hujus Regni Antiquitates, de quibus tot ſcripſit Diſſertationes, ut juſtum volumen poſſint complere. In iis oſtendit vaſtiſſimam eruditionem, et acerrimum judicium, ſedulamque Criticen: prætereo virum eſſe Philoſophicis, Theologicis, Juridiciſque ſtudiis inſtructum, et Poeſeos tam latinæ, quàm vulgaris elegantiæ præſtantiſſimum (et quod caput eſt, vir eſt humaniſſimus, ita ut videatur natus ad de omnibus bene merendum. Compoz.

Hiſtoria da prodigioſa Imagem de Chriſto Crucificado, que com o titulo do Bom JESUS de Bouças ſe venera no lugar de Matozinhos na Luſitania em que ſe referem notaveis Antiguidades deſte Reyno. Lisboa por Antonio Izidoro da Fonſeca 1737. 4.

Dous Sonetos ao Ballio de Leſſa D. Fr. Felippe de Tavora, e Noronha. Lisboa por Paſchoal da Sylva Impreſſor de ſua Mageſtade 1716. 4. ſahiraõ no *Paneg. Funeral.* e outras Poeſias, em obſequio do meſmo Ballio.

Relaçaõ dos Feſtivos applauſos com que na Cidade do Porto ſe congratuláraõ os felices Deſpozorios dos Sereniſſimos Senhores D. Jozé Principe do Braſil, e a Senhora D. Maria Anna Victoria Infanta de Caſtella, e dos Sereniſſimos Senhores D. Fernando Principe das Aſturias, e a Senhora D. Maria Barbara Infanta de Portugal. Lisboa na Officina da Muſica 1728. 4. Sahio ſem o ſeu nome.

Cathalogo dos Biſpos do Porto compoſto pelo Illuſtriſſimo D. Rodrigo da Cunha addicionado neſta ſegunda impreſſaõ com varias memorias Eccleſiaſticas deſta Dioceſe no diſcurſo de onze ſeculos por Antonio Cerqueira Pinto Cidadaõ do Porto, e Academico ſupranumerario da Academia Real da Hiſtoria Portug. Porto 1739. fol.

Deſcripçaõ da feliz entrada que na Cidade do Porto fez o Illuſtriſſimo, e Reverendiſſimo Senhor D. Thomaz de Almeyda Biſpo Governador da meſma Cidade em 3. de Novembro de 1709. *M. S.* conſta de 66. Outavas, de cuja obra, e ſeu Author ſe lembra com merecido louvor meu Irmaõ D. Jozé Barboſa nas *Mem. Hiſt. do Coleg. Real de S. Paul.* pag. 373. dizendo. *Peſſoa digna de toda a eſtimaçaõ pelos ſeus eſtudos, e pelas profundas, e vaſtiſſimas noticias das Antiguidades deſte Reyno, em que he ſummamente verſado com douta, e exactiſſima Critica.*

Affectuoſo Elogio dedicado ao Illuſtriſſimo, e Reverendiſſimo Senhor D. Thomaz de Almeyda Biſpo Governador do Porto. Conſta de 66. Outavas Acroſticas pelas letras ſeguintes AMABILISSIMO SENHOR DOM THOMAZ DE ALMEYDA BISPO GOVERNADOR DA CIDADE DO PORTO. Com hum Romance em que ſe parafrazea *o Te Deum Laudamus,* que conſtava de 36. Coplas. *M. S.*

Poema em obſequio do Illuſtriſſimo, e Reverendiſſimo Senhor. D. Thomaz de Almeyda quando foy aſſumpto ao eminente lugar de Patriarcha. M. S.

Diſſertaçoẽs Hiſtoricas, que excedem o numero de 120. ſobre varios pontos da noſſa Hiſtoria em que foy conſultado.

Fr. ANTONIO DAS CHAGAS Naceo na Cidade de Leyria, onde teve por Pays a Manoel de Craſto Familiar do Santo Officio, e a Antonia Antunes. Aos deſeſete annos da ſua idade ſe aliſtou no anno de 1615. na Sagrada milicia da Religiaõ Serafica da Provincia de Portugal, à qual ſervio de glorioſo ornato ou foſſe na Cadeira, ou no Pulpito. Enſinou aos ſeus domeſticos Filoſofia, e Theologia com tanta ſubtileza que nelle ſe vio reproduzido o eſpirito de ſeu Meſtre de tal ſorte que era chamado por antonomaſia o *Eſcoto* como affirmaõ Antonio de Souſa de Macedo no ſeu livro *Eva, e Ave* Part. 2. cap. 15. n. 27. e Fr. Fernando da Soled. *Hiſt. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 3. liv. 1. cap. 21. n. 135. dizendo *o qual ſerà padraõ eterno da ſua fama* e na Part. 5. liv. 4. cap. 1. n. 890. *merecedor do titulo que tinha de Eſcoto por ſuas letras, e naõ menos da Fama que logrou neſte Reyno de Prégador inſigne.* Naõ teve menor eſpeculaçaõ para os Myſterios mais profundos da Sagrada Eſcritura explicando-os com tal novidade e agudeza que arrebatava aos ouvintes das ſuas declamaçoens Evangelicas. Sendo já Meſtre jubilado governou varios Conventos, donde ſubio a ſer Provincial a 27. de Outubro de 1641. Examinador das tres

Ordens Militares, e Qualificador do Santo Officio. No Convento onde principiou a vida Religioſa terminou a natural em 24. de Dezembro de 1655. Compoz.

Sermaõ nas ſolemnes feſtas, e prociſſaõ de graças, que fez a Cidade de Coimbra pelo Nacimento do Auguſtiſſimo Principe Noſſo Senhor na Santa Se de Coimbra 5. feira 27. de Dezembro de 1629. Coimbra por Diogo Gomez Loureiro 1630. 4.

Sermaõ da Dominga da Septuageſſima 27. de Janeiro de 1641. *primeiro dia deputado para as Cortes deſte Reyno as primeiras, que ſe celebràraõ depois da ſua feliz reſtauraçaõ na Capella Real.* Lisboa por Jorge Rodriguez 1641. 4.

Sermaõ no Acto da Fé celebrado em Lisboa a 11. de Outubro de 1654. Lisboa na Officina Crasbeeckiana 1654. 4.

Deſgraças de Saul, e Venturas de David. Eſta obra com todas as licenças eſtava prompta para a impreſſaõ, e ſe conſerva na Livraria do Convento de Lisboa.

In Jus Canonicum 2. Tom. Os quaes (como eſcreve Fr. Fernando da Soled. no lugar aſſima allegado) *eſtaõ hoje taõ eſcondidos que delles naõ temos mais que a lembrança.* Delle a fazem Fr. Joan. à D. Anton. in *Bib. Franciſc.* Tom. 1. pag. 123. e o referido Fr. Fernando da Soled. *Hiſtor. Seraf.* Part. 5. liv. 4. cap. 1. n. 890.

V. Fr. ANTONIO DAS CHAGAS chamado no Seculo Antonio da Fonſeca Soares naceo na Villa da Vidigueira da Provincia Tranſtagana a 25. de Junho de 1631. ſendo filho do Doutor Antonio Soares de Figueiroa da principal nobreza daquella Villa, o qual ſervio com grande deſintereſſe varias Judicaturas, e de D. Helena de Zuniga natural do Reyno de Hibernia que fugindo à perſeguiçaõ dos hereges buſcou por aſilo a eſte Reyno. Aprendeo os primeiros rudimentos na Caſa paterna donde paſſando a Evora ſe inſtruhio na lingua Latina, e Filoſofia, em que faria mayores progreſſos o ſeu vivo engenho, ſe o genio que tinha para as Armas fora para as letras. Morto ſeu Pay em cujo obſequio ſeguira os eſtudos, preferio a paleſtra de Marte à de Minerva naõ ſómente porque o eſtimulava a eſte genero de vida a ſua natural inclinaçaõ, mas o amor da patria que eſtava invadida pelas Armas de Caſtella, aſſentando praça de Soldado em Moura. Admitido a eſta eſcola começou a proceder taõ licencioſamente, que parece profeſſara a vida militar para fazer guerra ao Ceo, e naõ aos inimigos da Patria, ſervindolhe de auxiliares para empreza taõ ſacrilega a verdura dos annos colligada com a viveza da diſcriçaõ, e elegancia da Poeſia com que atrahia os coraçoens, e dominava as vontades para tudo quanto lhe propunha a deſordem dos ſeus appetites. Para evitar o caſtigo de hum homicidio que fizera, partio para a Bahia, onde com a mudança do clima naõ mudou da vida licencioſa que exercitava, até que caſualmente abrindo hum livro das obras do grande Varaõ Fr. Luiz de Granada ſe deixou de tal ſorte penetrar daquelles mudos caracteres, que conhecendo o miſeravel abiſmo em que eſtava ſumergido, começou a liquidar o coraçaõ pelos olhos prometendo com voto a Deos de logo ſe recolher na Religiaõ Serafica, onde amargamente choraſſe os criminoſos inſultos com que tantas vezes tinha provocado a divina indignaçaõ. Para dar cumprimento a eſte voto, voltou a Portugal, e como ſe as aguas do Occeano foſſem as do Lethes ſe eſqueceo totalmente do que a Deos votara, e continuou com mayor deſenvoltura, e eſcandalo a proſeguir o caminho da perdiçaõ; porèm Deos que queria attrahir eſta ovelha errada para conductora de tantas almas, o deſpertou do lethargo, em que jazia pelo eſtrondo de hum bacamarte, com que levemente o feriraõ em Setubal, e pelas afflicçoẽs de huma infirmidade que moleſtando o corpo foy ſaudavel medicina para a alma. Naõ podendo reſiſtir à efficacia deſtas exhortaçoens buſcou com reſoluto animo a Fr. Franciſco de S. Paulo Provincial da Religiaõ Serafica da Provincia dos Algarves, e lhe pedio com mais lagrimas, que vozes quizeſſe trocar a patente de Capitaõ que tinha, por outra, com que pudeſſe conquiſtar a Bemaventurança. A's inſtancias de ſuplica taõ juſtificada difirio o Provincial, mandando, que recebeſſe o habito no Convento de Evora, onde foy admitido em 18. de Mayo de 1662. Tanto que deſpio o homem velho, e veſtio o novo, foy tal a mudança, que em ſi meſmo experimentou que ſummamente a eſtranhava, como elegantemente o

ſignificou a hum ſeu amigo neſtas vozes metricas.

Vivo taõ outro do que hey ſido
Que ou o que ſou mil vezes deſconheço,
Ou quaſi ſempre do que ſuy duvido.

Feyta a profiſſaõ ſolemne na Caſa dos oſſos de Evora a 19. de Mayo de 1663. eſtudou neſte Convento Filoſofia, e no de Coimbra Theologia, a cuja faculdade ſe applicou com mayor diſvelo por ſer o ſeu objecto Deos, a quem unicamente dirigia todas as ſuas acçoens. Na Poſitiva fez grandes progreſſos por lhe haver de ſervir para as ſuas evangelicas declamaçoens cauſando naõ pequena admiraçaõ aos mayores profeſſores deſta Sagrada ſciencia a profunda intelligencia com que penetrava os myſterios mais occultos da palavra de Deos eſcrita, e a felicidade com que applicava o ſentido Litteral, Allegorico, Moral, e Anagogico à materia dos ſeus diſcurſos. Naõ havia virtude heroica, em que ſe naõ exercitaſſe o ſeu fervorozo eſpirito; macerava o corpo com aſperas diſciplinas, horriveis cilicios, e rigidas abſtinencias. Fortalecido com eſtas armas ſahio a campo eſte apoſtolico Soldado para derrubar as maquinas com que o demonio tinha avaſſalado ao ſeu imperio muitas almas. Por todo o Reyno, e grande parte de Caſtella o levou o ardente zelo da Salvaçaõ do proximo diſcorrendo a pé ſem algum genero de viatico tanto numero de legoas ſendo o ſeu mais appetecido alimento introduzir nos coraçoens humanos com a efficacia dos ſeus brados a brevidade da vida, a incerteza da morte, o rigor do Juizo, os tormentos do Inferno, e as delicias da Gloria. Como as ſuas vozes eraõ trovoens, e as palavras rayos, naõ havia coraçaõ obſtinado, que ſe naõ rendeſſe à forte vehemencia do ſeu apoſtolico eſpirito de que ſe ſeguio a innumeravel multidaõ de homens, e mulheres que reſolutamente deteſtaraõ os vicios, e abraçaraõ as virtudes convertendo Cidades inteiras de Babilonias eſcandaloſas em Ninives arrependidas. Ainda ſe elevou a gráo mais alto o ſeu evangelico ardor inſtituindo em Varatojo pouco diſtante da Villa de Torres Vedras hum Seminario, de que tomou poſſe em 6. de Mayo de 1680. para nelle aſſiſtirem Miſſionarios que foſſem herdeiros do ſeu eſpirito na converſaõ das almas a o caminho da eternidade. Entre todas as virtudes em que floreceo a que mais vigilantemente cultivava, era a da humildade, deſprezando todos os applauſos que lhe reſultavaõ das ſuas Miſſoens atribuindo tudo a Deos como Author de taõ admiraveis tranſformaçoens. Eſte conhecimento da ſua vileza o animou para reſolutamente regeitar a Mitra de Lamego offerecida no anno de 1679. pelo Principe Regente D. Pedro, que com grande reſpeito o venerava. Ainda que veyo mais tarde que outros para a cultura da ſeara evangelica como ſe lhes adiantou no trabalho, era juſto que tambem recebeſſe com mayor anticipaçaõ o premio que foy lograr na eternidade a 20. de Outubro de 1682. em que piamente eſpirou quãdo contava cincoenta e hum anno e tres mezes, e vinte dias de idade, dos quaes viveo na Religiaõ vinte annos, cinco mezes, e dous dias. Divulgada a ſua morte concorreo todo o povo de Torres Vedras, Trocifal, e outras terras vizinhas a venerar o ſeu cadaver parecendo pelo ſemblante que a alma de que fora hoſpicio eſtava logrando a viſaõ beatifica, e para teſtemunho da ſua veneraçaõ o deſpojáraõ dos Cabellos, Unhas, e grande parte do habito, cujos fragmentos obraraõ efeitos ſuperiores às forças da natureza, e ſómente emanados da efficacia da graça dos quaes ſe fez com authoridade do Ordinario proceſſo authentico com a relaçaõ individual das ſuas virtudes, e profecias à inſtancia do meſmo Principe que o venerou igualmẽte na vida que na morte. Depois de lhe cantarem hum Officio ſolemne os Religioſos Agoſtinhos, e Arrabidos com a aſſiſtencia das Peſſoas mais nobres dos Contornos do Convento de Varatojo, foy ſepultado na Caſa do Capitulo. A ſua vida eſcreveo diffuſamente o Padre Manoel Godinho, que ſe imprimio a 1. vez no anno de 1687. e a 2. no anno de 1728. in 4. e mais compendioſamente Fr. Fernand. da Soled. *Hiſt. Seraf. da Prov. de Port.* Part. 3. liv. 3. cap. 17. até 20. Coſta *Corog. Portug.* Tom. 3. liv. 2. Trat. 1. cap. 1. pag. 21. Fonſeca *Evora Glorioſ.* pag. 349. Fr. Appolin. da Conc. na *Prim. Seraf. na Americ.* cap. 17. *Hum dos mayores Soldados da Serafica milicia dos Menores, e novo Conquiſtador do Ceo.* Fr. Martinho do Amor de Deos *Chronic. da*

Prov. de Sant. Anton. Tom. 1. liv. 1. cap. 18. §. 138. Fr. Joan. a D. Ant. in *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 122. e o Padre Antonio dos Reys in *Enthuſiaſm. Poet.* n. 79.

= *Pedibus laſciva poemata calcans,*
Et plectro meliore ſonans Vidigueyrius Heros:
Cingula contorto ſupplentur funе, cucullus
Pro galeá capiti eſt: non dulcia carmina fundit
Lingua, ſed in triſtes gemitus reſoluta, dolore
Nec contenta ſuo planctu facit undique valles
Inſonuiſſe cavas: plangor repetitus in antris
Ima tenebroſi penetrat palatia Ditis,
Et Phlegetontæos animarum in fæcla futuros
Carnifices horrore replet; Regemque ne fandum
Compulit in rabiem, fletumque ut voce carentem
Illá ſe vidit, quæ tot fuit ante lucratus
In ſua regna viros.

Por diligencia de alguns amigos do V. Padre ſahiraõ à luz as obras ſeguintes.

Obras eſpirituaes 1. *Parte* Lisboa por Miguel Deſlandes. 1684. 8.

2. *Parte.* Lisboa pelo dito Impreſſor. 1687. 8. e Lisboa pelo meſmo impreſſor 1701. 4. et ibi por Fillippe de Souſa Villela 1715. 8.

Faiſcas do amor divino, e lagrimas da alma. Lisboa por Domingos Carneiro. 1683. 8.

O Padre noſſo commentado. Lisboa pelo dito Impreſſor 1688. 4.

Eſpelho do eſpirito em que deve verſe, e comporſe a alma, que quer chegar à uniaõ de Deos. Lisboa pelo dito Impreſ. 1683. 8.

Eſcola da penitencia, e flagello dos Peccadores. Lisboa por Miguel Deſlandes 1687. 4. Saõ Sermoens.

Sermoens genvinos, e practicas eſpirituaes. Lisboa pelo dito Impreſſor 1690. 4.

Cartas eſpirituaes 1. *Part. com notas de D. Joaõ da Sylva.* Lisboa pelo dito Impreſſor 1684. 4.

Cartas eſpirituaes 2. *Parte.* Lisboa pelo meſmo Impreſſor 1687. 4.

Somana Santa eſpiritual, ou meditaçoens pias para qualquer dia della. Lisboa

Ramilhete eſpiritual compoſto com as flores doutrinaes em doze Sermoens. Lisboa por Jozé Maneſcal. 1722. 4.

Outras muitas obras aſceticas do V. P. dedicadas à Raynha D. Luiza Franciſca de Guſmaõ ſe conſervaõ *M. S.* na Livraria do Convento do Monte Olivete de Eremitas Agoſtinhos Deſcalços ſituado nos arrabaldes de Lisboa entre as quaes eſtá deſcripto em verſo heroico *o Martyrio de Santa Iria.*

No eſtado de Secular exercitou com tanta ſuavidade, e elegancia a Poeſia heroica, e Lyrica que foy venerado por famoſo profeſſor deſta Arte compondo huma copioſa multidaõ de verſos a diverſos aſſumptos dos quaes ſahiraõ impreſſos muitos no Tom. 5. da *Feniz renacida.* Lisboa por Antonio Pedroſo Galraõ 1728. in 8. deſde pag. 72. até 136.

Deſcripçaõ da vitoria, que alcançaraõ em 14. *de Janeiro de* 1659. *os Portuguezes na Campanha de Elvas das Armas Caſtelhanas M. S.* Conſta de 49. Outavas.

Filis, e Demofonte Poema heroico, que conſta de 12. cantos, e grande numero de Romances profanos que por ſerem eſtas obras offenſivas dos ouvidos caſtos prometia o V. Padre a quem lhas deſſe para as reduzir a cinzas jejuar, ou diſciplinarſe hum anno por ſua tençaõ.

Quatro elegias em Tercetos Portuguezes a diverſos aſſumptos com huma devoçaõ para ſe rezar todos os dias. Sahiraõ impreſſos no fim da vida do V. Padre reimpreſſa. Lisboa por Miguel Rodriguez. 1728. 4.

Fr. ANTONIO DAS CHAGAS Religioſo profeſſo da Ordem dos Menores da Provincia da Immaculada Conceiçaõ do Rio de Janeiro, e Procurador Geral da meſma Provincia. Publicou.

Eſtatutos Municipaes da Provincia da Immaculada Conceiçaõ do Braſil. Lisboa por Jozé Lopes Ferreira 1717. fol.

ANTONIO DE CHRISTO natural de Lisboa, e filho de Manoel Nunes, e Luiza Ferreira. Recebeo o habito Canonico Secular da Congregaçaõ do Evangeliſta em o Convento de Villar de Frades a 18. de Junho de 1695. Foy muito obſervante do ſeu Inſtituto, e naõ menos verſado na Hiſtoria Romana, que no eſtudo dos Computos Eccleſiaſticos deixando por teſtemunhas da ſua applicaçaõ.

Vidas dos Conſules Romanos 4. M. S.

Ordo perpetuus ad conficienda Kalendaria. fol. *M. S.*

Ambos eſtes livros ſe conſervaõ na Livraria do Convento de S. Bento de Enxobregas, onde acabou a vida em 25. de Setembro de 1735.

Fr. ANTONIO DE SANTA CLARA. Naceo em Lisboa a 12. de Agoſto de 1676. e foy filho de Luiz de Goes, e de Joanna Tavares. Tendo já aprendido a lingua Latina, e Humanidades recebeo o habito de Agoſtinho Deſcalço em o Convento de Monte Olivete ſituado em o ſuburbio de Lisboa a 14. de Abril de 1692. e profeſſou a 16. do dito mez do anno ſeguinte. Foy Lente de Artes, e de Theologia em cuja faculdade jubilou. Como era ornado de prudente affabilidade exercitou os lugares de Prior dos Conventos de Santarem, e Monte Olivete, e ultimamente o de Vigario Geral por eſpaço de quatro annos. Algumas dependencias particulares o levaraõ a Roma onde pelo ſeu talento conciliou os affectos dos Summos Pontifices Clemente XI. e Innocencio XIII. intentando premiar os ſeus merecimentos com hum Biſpado, porém as controverſias excitadas entre a Curia, e eſta Coroa impediraõ, que lograſſe taõ grande Dignidade, e ſendo obrigado a auzentar-ſe de Roma attendendo mais ao preceito do ſeu Soberano, que à exaltaçaõ da ſua Peſſoa paſſou a Genova, donde partio para Heſpanha, e aſſiſtindo no Convento de Noſſa Senhora do Populo de Agoſtinhos Calçados da Cidade de Sevilha enfermou de huma incuravel hydropezia que o privou da vida em o anno de 1730. Naõ ſómente era douto na Theologia Eſcolaſtica, mas em a Hiſtoria Eccleſiaſtica, e Direito Pontificio, como moſtrou na obra ſeguinte

Reflexoens ſobre o Juramento, que ſolemnemente ſe fez no Real Convento de S. Cruz de Coimbra dos Conegos Regulares de Santo Agoſtinho em 8. *de Abril de* 1720. *prometendo defender* a Bulla Unigenitus *expedida pela Santidade de Clemente XI. em Portuguez, e Italiano.* Roma por Antonio Roſſi. 1721. 4. Traduzio de Italiano em Portuguez.

Sermoens do Santiſſimo Padre Benedicto XIII. offerecidos à Mageſtade Auguſta delRey D. Joaõ o V. N. S. fol. cuja obra remeteo ao Padre Meſtre Fr. Eſtacio da Trindade Secretario Geral dos Agoſtinhos Deſcalços neſte Reyno.

ANTONIO COELHO profeſſor de Direito Civil na Univerſidade de Coimbra. As obras, que neſta faculdade compoz poſto que naõ lograſſem a luz publica, e ſe conſervam *M. S.* fazem dellas diſtincta memoria o D. Manoel Barboſa no Cathalogo dos Authores impreſſo ao principio dos Commentarios do liv. 4. e 5. das Ordenaçoens do Reyno, e ſeu filho Agoſtinho Barboſa no principio do 1. Tom. in *Decretal.* Seguindo a eſtes dous graves Eſcritores naõ he juſto, que privemos eſta Bibliotheca do nome deſte Author, do qual taõbem faz mençaõ Joaõ Soares de Brito in *Theatr. Luſit. Litter.* lit. A. n. 60.

ANTONIO COELHO DE FREYTAS natural de Coimbra onde foy bautizado na Parochia de S. Pedro. Eſtudou na ſua patria Direito Pontificio em que recebeo o gráo de Bacharel, e foy provido pela Univerſidade, de cuja apprezentaçaõ he, em Reytor, e Capellaõ da Igreja de S. Salvador de Mathoſinhos ſituada nos ſuburbios da Cidade do Porto em que aſſiſtio pelo eſpaço de 54. annos, até que morreo a 24. de Dezembro de 1736. e nella jaz ſepultado. Eſcreveo.

Tratado da Veneranda, e prodigioſa Imagem do Senhor de Bouças de Mathoſinhos, em que ſe contem o manifeſto da Prociſſaõ ſolemne em que foy levada à Cidade do Porto pela neceſſidade das doenças em 2. *de Abril de* 1696. Coimbra por Jozé Ferreira Impreſſor da Univerſidade, e do Santo Officio. 1699. 8.

ANTONIO COELHO GASCO natural de Lisboa, filho de Gaſpar Coelho Gaſco, Cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto, Criado da Caſa Real, e Juiz dos Orfaõs em Lisboa. Igualmente foy illuſtre por geraçaõ, que pelo eſtudo da Juriſprudencia de que deu claros argumentos da ſua natural viveza na Univerſidade de Coimbra. Depois de ter com ſumma inteireza adminiſtrado alguns lugares no Reyno navegou para o Maranhaõ a ſer Auditor Ge-

ral no Graõ Pará cujo miniſterio ao tempo que o exercitava com prudencia, e juſtiça ſendo digno de mayor duraçaõ o naõ acabou impedido pela morte no anno de 1666. Foy naturalmente inclinado ao Eſtudo da genealogia naõ podendo divirtillo deſta applicaçaõ as continuas occupaçoens dos lugares juridicos, que adminiſtrou, antes parece impoſſivel que eſcreveſſe tantos livros Genealogicos quem conſumia a mayor parte do tempo no exercicio de outra faculdade totalmente oppoſta a eſta de que deixou tantos argumentos da ſua erudiçaõ hiſtorica, pela qual o louvaõ Franckenau in *Bib. Hiſp. Hiſt. Gen. Herald.* pag. 34. e o Padre D. Antonio Caetano de Souſ. no *Appar. à Hiſt. Gen. da Caſa Real Portug.* pag. 56. n. 32. Quando partio para o Maranhaõ deixou em poder de hum ſeu particular amigo as obras ſeguintes eſcritas pela ſua maõ.

Primeira, e Segunda Parte da Nobreza de Eſpanha em que ſe contem a origem, e deſcendencia dos Reys de Portugal, e os Titulos, e Fidalgos delle. fol.

Terceira, e Quarta Parte de Leaõ, Galliza, e Cantabria. fol. Deſta obra faz mençaõ Gandara *Nobiliar. de Galiz.* liv. 2. cap. 12. fol. 173.

Quinta, e Sexta Parte do Reyno de Caſtella, Setima, e Oitava Parte dos Reynos de Aragaõ, e Navarra. fol.

Além deſtas compoz.

Clariſſima, e nobiliſſima arvore da Illuſtriſſima Caſa dos Condes de Linhares. 4. *M. S.* Conſervaſe eſte livro na vaſtiſſima Livraria do Excellentiſſimo Conde da Ericeira, e parece ſer original. Chega até D. Fernando de Noronha 3. Conde de Linhares, que faleceo a 3. de Março de 1609. No fim tem huma deſcripçaõ da Villa de Linhares, e huma breve noticia das principaes familias della.

Primeira parte das Antiguidades da mui nobre Cidade de Lisboa Emporio do mundo, e Princeza do mar Occeano. Conſta de 87. Capitulos. Acaba o ultimo com a vida do Cardeal D. Affonſo, e dos Arcebiſpos de Lisboa ſeus ſuceſſores até D. Affonſo Furtado de Mendoça. Eſte livro tive em meu poder, e delle como do Author ſe lembra Luiz Marinho de Azevedo nas *Antig. de Lisboa.* liv. 3. cap. 6. e o moderno Addicionador da *Bib. Geograf.* de Antonio de Leaõ Tom. 3. col. 1725.

Antiguidades de Braga M. S. 4.

Conquiſta, e Antiguidades de Coimbra 4.

P. ANTONIO COLLASSO natural da Villa da Vidigueira na Provincia do Alentejo. Tendo 18. annos de idade entrou na Companhia de JESUS a 16. de Novembro de 1586. no Collegio de Evora, onde ſe inſtruio naquellas ſciencias proprias do Eſtado regular. Notavel foy a charidade, e ardentiſſimo o zelo, com que preferindo a ſaude até à propria vida aſſiſtio com incanſavel diſvelo aos feridos da peſte, que devaſtava a Cidade de Evora permitindo Deos que em premio de taõ heróico exercicio nunca contrahiſſe o contagio. Por muitos annos aſſiſtio na Corte de Madrid como Procurador da Provincia de Portugal, e das Ultramarinas, cujo lugar adminiſtrou com geral eſtimaçaõ até a ſua morte que ſuccedeo naquella Corte a 29. de Novembro de 1647. O ſeu nome he celebrado por Nic. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 86. Sotuello in *Bib. Societ.* pag. 69. Franco na *Imag. da Virtud. do Nov. de Evor.* pag. 859. e no *Synop. Annal. S. J. in Luſit.* pag. 293. Fonſec. *Evor. Glorioſ.* pag. 425. Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Luſit. Litter.* lit. A. n. 61. Traduzio de Portuguez do Padre Fernaõ Guerreiro em Caſtelhano.

Relacion annal de las coſas, que han hecho los Padres de la Compañia de JESUS en la India Oriental y Japon en los años de 600. *y* 601. *y del progreſo de la converſion y Chriſtiandad de aquellas partes.* Valladolid por Luiz Sanches. 1604. 4.

Vida del Padre Gonçalo da Sylveira. M. S. 4.

Relacion ſuccinta de la Vida, y muerte de tres Santos Martyres Paulo, Joan, y Diego Japones de la Compañia de JESUS. M. S. 4.

Apologia offerecida aos Inquiſidores de Caſtella em defenſa da opiniaõ do P. Eſtevaõ Fagundes, ácerca de ſe poderem comer ovos na Quareſma. Eſta obra he louvada pelo meſmo Fagundes in *Tract. Apologetico de eſu ovorum cap.* 9.

Hiſtoria, y Anal relacion de las coſas, que hizieron los Padres de la Compañia de JESUS por las partes del Oriente y otras

en la propagacion del Santo Evangelio los años paſſados de 607. y 608. &c. Madrid en la Imprenta Real. 1614. 4. Eſta tradução atribue Sotuello na *Bib. da Companh.* ao Padre Antonio Colaſſo com manifeſto erro pois no frontiſpicio ſe lê ſer feita pelo Doutor Chriſtovaõ Soares de Figueiroa que a traduſio do P. Fernaõ Guerreiro em Caſtelhano, cuja equivocaçaõ ſeguiraõ D. Nic. Ant. na *Bib. Hiſp.* e o P. Antonio Franco na *Imag. da Virt. no Noviciad. de Evor.* no lugar aſſima allegado.

V. Fr. ANTONIO DA CONCEIÇAM. Naceo na celebre Villa de Santarèm no anno de 1549. ſendo filho de Sebaſtiaõ Rodrigues, e Maria Paes. Na idade juvenil recebeo o Habito da Religiaõ da Santiſſima Trindade, no Convento da ſua patria a 31. de Dezembro de 1567. e logo em o Noviciado deo claros ſinais de ſer grande ornato naõ ſómente da ſua Patria, mas de toda a Ordem Trinitaria. A ſevera obſervancia dos Eſtatutos que practicava era eſtimulo para os Noviços, e confuſaõ para os proveĉtos naõ ſendo menor o progreſſo quando no ſeu Collegio de Coimbra aprendeo as ſciencias eſcolaſticas. As virtudes, que nelle brilhavaõ com tanto exceſſo moveraõ ao Cardeal D. Henrique Succeſſor na Coroa Portugueza pela infeliz perda delRey D. Sebaſtiaõ nos Campos Africanos para que em companhia do Ven. Fr. Ignacio Tavares illuſtre filho da Religiaõ Trinitaria o mandaſſe a Marrocos a reſgatar da dura oppreſſaõ, e tyrania dos Mouros aos Portuguezes que naquella infauſta batalha ficaraõ cativos. Naõ he facil de explicar a alegria, que concebeo o ſeu coraçaõ quando ſe conſiderou deſtinado para huma empreza em que tanto havia de reſplandecer o ardor da ſua caridade. Logo que chegou a Marrocos eraõ o ſeu frequente domicilio as maſmorras onde conſolava os afflitos, confeſſava os penitentes, confortava os moribundos, e ſepultava aos mortos ſendo impoſſivel de reduſir a numero quantos barbaros conduſio ao conhecimento do verdadeiro Deos, quantos deſertores da noſſa Religiaõ allumiou para que arrependidos novamente a abraçaſſem, quantos meninos, e mulheres proximos à vacillar na fé corroborou na ſua primitiva crença, tolerando com invicta paciencia por eſtes heroicos trabalhos, opprobios, e moleſtias até offerecer a vida, cuja oblaçaõ foy taõ grata à Divina Mageſtade, que permitio que lha ſacrificaſſe em ſeu obſequio, pois ſuccedendo pilatar-ſe o dinheiro que prometera pelo reſgate, irritados os barbaros deſta demora que julgavaõ ſer affectada, o lançaraõ em hum tenebroſo carcere, onde opprimido de pezados grilhoens, e atenuado com a fome, e ſede voou o ſeu eſpirito a lograr o premio da ſua fervoroſa caridade a 20. de Mayo de 1589. As virtuoſas acçoens deſte Varaõ inſigne dignas de eſtarem eſcritas em hum largo volume, as tratara õbrevemente Altuna na *Chron. geral da Ordem* liv. 2. cap. 7. p. 287. Figueir. *Chron. da Ord.* p. 408. Fr. Bernardin. á D. Ant. in *Epit. Redempt.* lib. 2. cap. 9. §. 2. Oſorio *Pancarp. de Var. Illuſt.* lib. 3. fol. 132. Fr. Joan. Fel. *Iſagog. ad Laud. Princip.* p. 170. à n. 31. Mend. *Jornad. de Afric.* lib. 3. cap. 2. et 14. Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 3. p. 328. e no Cõment. de 20. de Mayo letr. B. Correa na *Fama poſthum.* pag. 9. Vaſconcel. *Hiſt. de Santarem* Part. 2. lib. 2. cap. 28. Eſcreveo, e dedicou ao Cardeal Alberto Archiduque de Auſtria, e Governador deſte Reyno.

Triumfo dos ſete meninos martyrizados em Marrocos no anno de 1585. *aos quaes elle reduſio á Fè, de que tinhaõ apoſtatado, e confortou para animoſamente padecerem a morte. M. S.*

A eſta relaçaõ diz Jeronymo de Mendoça na *Jornada de Africa.* lib. 3. cap. 15. pag. 184. *a quem com tanta razaõ ſe pode dar inteiro credito.*

Tratado do miſeravel eſtado da eſcravidaõ, que padecem os Chriſtãos no poder dos Mouros moſtrando nelle a rara paciencia com que ſe portou nos trabalhos para que ſe hajaõ ſeus Irmãos com a meſma em ſemelhantes tragedias. M. S.

V. P. ANTONIO DA CONCEIÇAM teve por Patria a Villa do Pombal da Dioceſe de Coimbra, e por Pays Jorge Borges da Cunha, e Lucrecia Leytoa ambos igualmente illuſtres no ſangue, e piedade. Na primeira infancia ſe começaraõ a admirar nas ſuas acçoens evidentes provas de boa inclinaçaõ, e ſuave indole com que o Ceo o deſtinava para exemplar de virtudes religio-

ſas. A ſublime capacidade que tinha para as ſciencias o habilitou para que na Univerſidade de Coimbra eſtudando Direito Canonico recebeſſe com geral approvaçaõ dos Meſtres, que nelle juntamente admiravaõ viveza de engenho, e innocencia de coſtumes, o grào de Bacharel neſta faculdade. Como ſempre anhelava crecer mais nas virtudes, que nas letras, ſe naõ deixou atrahir da vangloria, que deſtas nace para appetecer dignidades, antes recebendo ordens de Presbytero para ſer domeſtico da Caſa de Deos começou a acender-ſe em mais ardentes dezejos, e elevar-ſe em mais altos penſamentos da perfeiçaõ Evangelica donde procedeo a heroica reſoluçaõ de tomar o Habito Canonico da Cõgregaçaõ do Evangeliſta em o Convento de Evora no anno de 1550. quando contava 28. de idade. Neſta Sagrada Eſcola luſiraõ com mayor intençaõ as ſuas inſignes acçoens ſendo todo o ſeu diſvello a exacta obſervancia dos eſtatutos, o familiar cõmercio com Deos; a continua meditaçaõ das celeſtiaes delicias, a rigoroſa ſeveridade com que mortificava o corpo, a paternal comiſeraçaõ com que ſocorria aos pobres, e o ardente affecto com que conſolava aos afligidos. Por eſtas ſingulares virtudes, com que ſe fazia eſtimavel na preſença divina, naõ era muito que conciliaſſe o reſpeito, e veneraçaõ das primeiras peſſoas de ambas as Jerarchias como eraõ as Mageſtades de D. Joaõ o III. D. Catharina, e D. Sebaſtiaõ; os Cardeaes D. Henrique, e Alberto Governador deſte Reyno; os Sereniſſimos Duques de Bragança D. Joaõ, e D. Theodoſio, os Arcebiſpos de Lisboa, e Evora D. Miguel de Caſtro, e D. Theotonio de Bragança, o Ven. Fr. Luiz de Granada, e outros muitos de cujas conciencias era ſabio director, e prudente conſelheiro conhecendo todos que a ſua ſciencia era ſuperiormente illuſtrada por lhe ſerem patentes os ſegredos mais reconditos do coraçaõ, e ſerem infalliveis os ſucceſſos, que vaticinava o ſeu illuſtrado entendimento. Correſpondeo o fim da vida ao ſanctificado progreſſo della pois ſendo acommetido de huma febre que ſe fazia mais intenſa pela acerbidade das dores pronoſticada a ultima hora, e vendo ſer chegada repetindo as meſmas palavras com que o Redemptor do mundo agonizou na Cruz lhe entregou placidamente o eſpirito para ſer coroado na eternidade glorioſa a 11. de Mayo de 1602. (e naõ a 12. como eſcreve Jorge Cardoſo) faltando-lhe hum dia unico para perfeitamente fechar o circulo de 82. annos. Tanto que ſe divulgou a funeſta noticia da ſua morte concorreo ao magnifico Convento de S. Joaõ de Xabregas que elle edificàra mais com ſocorros divinos, que humanos, para venerar o ſeu cadaver huma infinita multidaõ do povo clamando que era morto o Santo, permitindo o Ceo, que em teſtemunho deſta aclamaçaõ obraſſe eſtupendos milagres, dos quaes com permiſſaõ da Sagrada Congregaçaõ dos Ritos ſe lhe fizeraõ os proceſſos em 11. de Fevereiro de 1690. para a ſua Beatificaçaõ a qual tem ſuplicado com inſtantes rogos ao ſummo Paſtor os Monarchas, Prèlados, Cabidos, e Univerſidades deſte Reyno eſperando dar-lhe o culto manifeſto que muitos particularmente lhe dedicaõ. Quem quizer inſtruir-ſe em a noticia mais diffuſa das virtudes deſte grande ſervo de Deos pode ler a ſua vida eſcrita em hum volume por Fr. Luiz de Mertola da Ordem do Carmo, e em outro pelo P. Franciſco de Santa Maria, intitulado *Jacinto Portug.* e na *Chron. dos Coneg. Secul. do Evangel.* liv. 4. do cap. 35. até 54 Thomaſ. in *Annal. Congreg. S. Georgij in Alga.* p. 705. Cardoſ. *Agiolog. Luſit.* tom. 3. pag. 208. e no Cõment. de 12. de Mayo letr. H. Fr. Agoſt. de Santa Mar. na *Vid. da Ven. Brizid. de Santo Antonio* lib. 1. cap. 7. e Joan. Soar. de Brito in *Theatr. Luſit. Liter.* lit. A. n. 62. Deſte Ven. Padre ſahiraõ

Quatorze cartas eſpirituaes eſcritas a diverſas peſſoas; impreſſas na ſua vida compoſta por Fr. Luiz de Mertola deſde pag. 91. atè 115. e no *Jacinto Portuguez* por Franciſco de Santa Maria que tras mais huma além das quatorze deſde pag. 134. até 172. Tres dellas ſahiraõ impreſſas na *Vid. da Ven. M. Sor Brizida de Santo Antonio* eſcrita por Fr. Agoſtinho de Santa Maria pag. 37. 38. e 43. e duas no Tom. 3. do *Agiol. Luſit.* pag. 876.

Proteſtaçaõ da Fè Catholica. Lisboa por Domingos Carneiro. 1689. 12. e no *Jacinto Portuguez* aſſima allegado pag. 117.

Doutrina eſpiritual dirigida a V. M. Brizida de Santo Antonio Religioſa de

Santa Brizida no Convento de Marvilla ſua Confeſſada. Começava.

A verdadeira, e principal Santidade. Acaba. *Deleites, e refrigerio de Eſpirito: Glorias a Deos.* Com eſtas duas palavras ſempre acabava tudo quanto eſcrevia, a qual obra, que comprehendia 8. folhas de papel, vio o P. Franciſco da Cruz, como affirma nas *Memorias para a Bibliotheca Portugueza M. S.*

V. F. ANTONIO DA CONCEYÇAM ſemelhante em o nome, e na virtude aos dous precedentes, naceo em Lisboa em 8. de Dezembro de 1579. e em obſequio do dia do immaculado Miſterio em que nacera, lho deraõ por appellido ſeus Pays Antonio Dias de Carvalho, e Catherina Dias taõ abundantes dos dotes da Graça como faltos dos bens da fortuna. Aprendeo a lingua Latina, e a arte da Muſica nos primeiros annos, e como a natureza o dotàra de ſumma agilidade com que regulava os movimentos, e paſſagens da ſuave voz com que cantava, foy admitido para cantar na Capella Real onde era igualmente eſtimado pela deſtreza deſta arte, como pela innocencia da vida. Reſoluto a dedicarſe a Deos no eſtado Religioſo para que preza a liberdade com os votos voaſſe mais livremente o eſpirito, entrou na illuſtre Ordem da Santiſſima Trindade a 27. de Julho de 1594. quando ainda naõ tinha completos quinze annos, e começou a exercitar em o Noviciado com tanto fervor as virtudes, que ſeu Meſtre Fr. Matheus da Eſperança varaõ de inculpavel vida o propunha por exemplar aos outros Noviços. Depois de profeſſo continuou com mayor exceſſo a exercitarſe na humildade profunda, Oraçaõ continua, e mortificaçaõ perpetua de todos os ſentidos, de tal ſorte, que temeroſo de cahir no precipicio da vangloria ſupplicou a Deos, que lhe mudaſſe a vóz, cuja ſonora melodia, e armonica conſonancia era ſuave atractivo de toda a Corte, que concorria ao Convento de Lisboa a ouvillo, e promptamente recebeo o deſpacho da ſua ſupplica traſformando-ſe de tal ſorte que ainda quando fallava, dificilmente ſe percebia. Ordenado de Sacerdote paſſou a inſtruirſe nas ſciencias, o que era Meſtre de virtudes, e no Convento de Santarem, ouvio Filoſofia, e Theologia, porém querendo practicar a Myſtica, com faculdade dos Superiores ſe retirou para o Convento de Cintra onde fazia vida mais Angelica, que humana. Deſta amavel ſolidaõ foy chamado a inſtruir os Noviços em Lisboa, onde com a cultura de taõ pio agricultor frutificàraõ copioſamente aquellas novas plantas para beneficio da Religiaõ, até que paſſou a Lagos a ſer Confeſſor de Joaõ Furtado de Mendoça Governador do Algarve, miniſterio, que eſtimou naõ ſómente por ter occaſiaõ de obedecer, como de ſe retirar da Corte, e parecendolhe que ainda perigava a perfeiçaõ religioſa com o comercio da gente, ſe retirou com alguns Sequazes do ſeu eſpirito para o Convento da Louza diſtante duas legoas da Torre de Moncorvo na Provincia Traſmontana ſituado em tal eminencia que eſtá mais vizinho do Ceo, que da terra. Neſte retiro practicou as penitencias mais auſteras donde foy chamado para a Corte a inſtruir com as ſuas aſceticas doutrinas a muitas almas ambicioſas do progreſſo das virtudes, onde ſe fez mais conhecida a ſantidade da ſua vida pelo eſpirito profetico, e poder miraculoſo em que foy eminente. Na hora que tinha predito paſſou a ſua alma a coroar-ſe no Empirio a 22. de Julho de 1655. A o ſeu cadaver, que exhalava ſuaviſſimo cheiro, concorreo toda a Cidade, e com piedoſa violencia o deſpojáraõ dos cabellos, e veſtidos, e paſſára a mayor exceſſo a ſua ardente devaçaõ ſe naõ fora brevemente entregue à ſepultura. Dedicoulhe ſumptuoſas exequias aſſiſtidas das peſſoas principaes de toda a Corte a Excellentiſſima Condeſſa de Serèm ſua Confeſſada. O M. Fr. Antonio Correa Religioſo da ſua Ordem lhe compoz a vida, intitulada *Fama poſthuma do V. Padre Fr. Antonio da Conceiçaõ* impreſſa Lisboa por Henrique Valente de Oliveira 1658. 4. na qual eſtaõ

Doze Cartas do V. P. a diverſas peſſoas deſde pag. 189. até 215.

Doutrina eſpiritual dividida em tres Capitulos, com hum apendice de exemplos, e ditos de Padres uteis pera aproveitar na virtude. Capitulo 1. da maneira, que huma alma ſe hade haver quando ſe ouver de pór em oraçaõ. 2. Declaraçaõ, que couſa ſeja uniaõ ſobrenatural actual 3. De como ſe hade haver

o contemplativo em a contemplaçaõ. Eſte tratado eſtá impreſſo no livro allegado deſde pag. 217. até 288.

Vida da V. Madre Maria do Roſario 3. da Ordem de S. Franciſco eſcrita por ſeu ultimo Confeſſor (ſaõ palavras de Jorge Cardoſo *Agiolog. Luſit.* Tom. 2. pag. 382. no Comment. de 2. de Abril letr. J.) *o V. P. Fr. Antonio da Conceiçaõ da Ordem da Santiſſima Trindade bem conhecido neſta Cidade por ſua ſanta vida, e religioſa obſervancia, ſentida, e venerada morte.* Fr. Agoſtinho de Santa Maria na *vida da V. Madre Brizida de Santo Antonio* liv. 2. cap. 12. lhe chama *Varaõ de grandes virtudes.*

Fr. ANTONIO DA CONCEIÇAM filho pelo nacimento de Lisboa, e pela religiaõ do grande Patriarcha S. Bento, cujo Monaſtico Inſtituto profeſſou no Convento de Tibaens a 26. de Setembro de 1658. A ſua ſciencia o conſtituhio Meſtre jubilado em Theologia, e Prégador Geral, e a ſua prudencia, Abbade do Convento de Santarem, e de Lisboa eleito no anno de 1698. e Reytor do Collegio da Eſtrella, onde faleceo em o 1. de Janeiro de 1710. Foy dos celebres Prégadores do ſeu tempo, e como tal tinha prompto para a Impreſſaõ.

Sermoens varios prégados nas mais famoſas ſolemnidades deſte Reyno. 4. *M. S.*

Fr. ANTONIO DA CONCEYÇAM natural do Porto, onde naceo a 7. de Junho de 1657. ſendo ſeus Pays o Capitaõ Antonio Joaõ da Coſta, e D. Izabel Barboſa Sodré deſcendentes ambos de familias nobres. Deixado o mundo, e o nome de Antonio Barboſa da Coſta profeſſou o habito Serafico no Convento de Santo Antonio da Figueira da Provincia de Portugal a 23. de Abril de 1673. Foy ornado de hum engenho agudo, comprehensaõ rara, memoria feliz, cujos dotes o fizeraõ igualmente celebre na Cadeira, como no Pulpito merecendo as aclamacçoens de grande Theologo quando foy Lente no Collegio de Coimbra, e de inſigne Prégador nas Cidades do Porto, e Lisboa. onde ao tempo que exercitava o lugar de Guardiaõ, tendo ſido do Collegio novo de S. Boaventura, faleceo a 20. de Abril de 1713. Celebraõ a ſua memoria Fr. Fernand. da Soled. *Hiſt. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 3. liv. 1. cap. 21. n. 133. e Fr. Joan. à D. Ant. in *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 100. Imprimio.

Sermaõ de Acçaõ de graças pelo Capitulo da Provincia de Portugal em que ſahio Provincial por motu proprio de S. Santidade o P. Meſtre Fr. Vicente das Chagas. Lisboa por Manoel Lopes Ferreira 1696. 4.

Clamores Evangelicos. Lisboa pelo dito Impreſſor 1698. 4. No Prologo deſte Tomo de Sermoens prometia outros muitos.

ANTONIO CORDEYRO Presbytero, e ſubchantre da Cathedral de Coimbra muito douto, e verſado no Canto Eccleſiaſtico, o qual para que com toda a perfeiçaõ ſe obſervaſſe no Coro, e altar, publicou.

Arte do Canto Chaõ compoſta por Joaõ Martins, e augmentada, e emendada por elle em muitas partes. Coimbra por Nicolao Carvalho 1612. 8.

P. ANTONIO CORDEYRO. Naceo na Cidade de Angra Capital da Ilha Terceira no anno de 1641. ſendo o 6. e ultimo filho de Manoel Cordeiro Moutozo, e Maria de Eſpinoſa os quaes deſcubrindo nelle rara comprehenſaõ, e agudo engenho o mandáraõ eſtudar a Coimbra em companhia de ſeu Irmaõ Pedro Cordeiro de Eſpinoſa, que depois de ſer Doutor em Canones, e ſubſtituido algumas Cadeiras na Univerſidade de Coimbra, foy eleito Deaõ da Bahia, e Comiſſario da Cruſada daquelle Eſtado. Ao tempo que embarcado buſcava no anno de 1656. a Armada de Portugal de que era General Antonio Tellez de Menezes encontrou com a de Caſtella, donde ficou priſioneiro, e paſſados dezeſeis dias ſe aviſtou eſta com a de Inglaterra que eſtava à viſta de Cadiz, e depois de hum porfiado combate eſcapou unicamente a Capitania Caſtelhana na qual ſe recolheo a Cadiz donde foy ſentenciado à morte, por ter ſahido a terra ſem licença, e apellando para o Duque de Medina Celi Capitaõ Geral das Coſtas de Andaluzia como o ouviſſe repetir com ſumma viveza, e agilidade o Poema de Virgilio, e outros livros celebres de letras humanas, admirado da feliz memoria, e rara comprehenſaõ, que em annos taõ tenros moſtrava, lhe

deo paſſaporte para Portugal. Chegando ao Algarve, como eſtivesse inficionado eſte Reyno de peſte, paſſou a Setubal, onde foy prezo, e obrigado pelo receyo do contagio a fazer Quarentena. Depois de ter tolerados tantos infortunios entrou em Coimbra em cuja Univerſidade ſe matriculou na faculdade de Canones ouvindo primeiramente Filoſofia no Collegio dos Padres Jeſuitas, e continuando com genio eſte eſtudo, lhe levou mayor applicaçaõ o ſagrado Inſtituto dos Meſtres que o enſinavaõ, até que reſoluto a largar o mundo ſe aliſtou em taõ douta Companhia a 12. de Junho de 1657. Notavel foy o progreſſo que neſta paleſtra fez o ſeu talento aſſim nas letras humanas, e faculdades eſcolaſticas, das quaes começou em Coimbra no anno de 1676. a ſer Meſtre, lendo pelo largo eſpaço de vinte annos Rhetorica, Filoſofia, Theologia Eſpeculativa, e Moral naõ ſómente em Coimbra, mas nas Cidades de Braga, Porto, e Lisboa admirando aſſim os domeſticos como os eſtranhos a novidade das ſuas opinioens ſubtilmente ventiladas, e nervoſamente defendidas. A eſtas litterarias occupaçoens ſucederaõ outras apoſtolicas diſcorrendo por Viſeu, Pinhel, Torres Vedras, todo o Arcebiſpado de Braga, como Miſſionario por obedecer às inſtancias do ſeu Arcebiſpo Primaz D. Veriſſimo de Alancaſtre chegando aos ultimos inſtantes da vida pela violencia do veneno que lhe deraõ em hum lugar deſte Arcebiſpado de que eſcapou quaſi milagroſamente. Já quando a idade por ſer provecta o diſpenſava da applicaçaõ do eſtudo como ſe delle recebera novos eſpiritos ſe occupava em eſcrever diverſas materias humas hiſtoricas, outras Theologicas, e Juridicas com que illuſtrou o ſeu nome, até que acabou a vida no Collegio de Santo Antaõ da Cidade de Lisboa a 2. de Fevereiro de 1722. com 81. annos de idade. Entre os Varoens celebres da Companhia o numera o Padre Antonio Franco na *Imag. da Virtud. no Noviç. de Coimbra.* Tom. 2. pag. 612. e in *Synopſ. Annal. S. J. in Luſitan.* pag. 464. Imprimio.

Curſus Philoſophicus Conimbricenſis. Ulyſſipone ex Officina Regali Deſlandeſiana. 1714. fol.

In præcipua partium D. Thomæ Theologia Scholaſtica. Ulyſſipone apud Jozephum Lopes Ferreira Sereniſſimæ Reginæ Typ. 1716. fol.

Hiſtoria Inſulana das Ilhas a Portugal ſogeitas no Occeano Occidental. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ. 1717. fol.

Deſta obra como do Autor faz memoria o moderno addicionador da *Bib. Occid.* de Antonio de Leaõ Tom. 2. Tit. 2. col. 581.

Reſoluçoens Theojuriſticas. Tom. 1. que contem as partes, e materias principaes. 1. da Emphiteuſes, ou Prazos. 2. de Cenſos, ou juros. 3. de Teſtamentos, legados, partilhas. 4. de doaçoens, ou dotes. 5. de Morgados, ou Capellas vinculadas. 6. de varios contratos, ou obrigaçoens utriuſque juris. Lisboa pelo meſmo Impreſſor. 1718. fol.

Loreto Luſitano, Virgem Senhora da Lapa, reſidencia milagroſa do Real Collegio de Coimbra da Companhia de JESUS em a Provincia da Beira Biſpado de Lamego verdadeira, e puramente de novo hiſtoriada. Lisboa por Filippe de Souza Villela 1719. fol.

Fr. ANTONIO CORREA natural de Lisboa filho de Alexandre Correa, e Maria Ferreira, e hum dos mais celebres Varoens da Religiaõ Trinitaria que igualmente illuſtrou com a profundidade da ſciencia, como com a prudencia do governo profeſſando eſte ſagrado inſtituto no Convento patrio a 10. de Junho de 1638. Foy ornado de huma vaſta erudiçaõ ſagrada, e profana, de elegante facundia no Pulpito, e de ſolida ſubtileza na Cadeira ſendo o theatro de taõ ſingulares dotes a Univerſidade de Coimbra onde depois de receber a Borla Doutoral na faculdade da Theologia regentou as ſuas mayores Cadeiras ſendo Lente da Cadeira pequena de Eſcritura provido em 16. de Fevereiro de 1664. de Eſcoto em 26. de Novembro de 1670. de Veſpera em 27. de Novembro de 1676. e de Prima a 26. de Fevereiro de 1680. donde jubilou em 1685. exercitando por muitas vezes na meſma Univerſidade o lugar de Vice-Reytor. As ſuas grandes letras que o ſublimaraõ aos mayores lugares da Academia Conimbricenſe, o elevaraõ aos mais authorizados da Religiaõ. Por duas vezes foy Miniſtro do Convento de Lisboa, e outras tantas foy Provincial ſendo a 1. no anno de 1667. e a 2.

no de 1683. em cujo governo experimentaraõ ſempre os ſubditos o ſeu animo mais inclinado à benevolencia, que ao rigor. Foy Qualificador do Santo Officio, Examinador das Ordens Militares, e Synodal do Biſpado de Coimbra. Ao tempo que eſtava polindo as ſuas obras Theologicas, e Eſcriturarias para beneficio dos eruditos foy impedido pela morte, que o privou da vida em Coimbra a 11. de Janeiro de 1693. Foy ſepultado na Caſa Capitular do ſeu Collegio com eſte epitafio.

Hic jacet, & brevibus terræ modo conditur ulnis
Qui quondam vaſto clarus in orbe fuit.
Palladis iſtius, primæque Antonius Aulæ
Correa, & Triados Religionis apex.
Hoc doctore diu fulgens Academia vixit,
Hoc quoque Religio clara parente fuit.
Obiit die 11. *Januarij* 1693.

Imprimio.

Sermaõ prégado na Solemnidade que os Religioſos Teatinos da Divina Providencia celebraraõ a ſeu Santo Patriarcha o B. Caetano no Convento da Santiſſima Trindade de Lisboa a 7. *de Agoſto de* 1651. Lisboa por Paulo Crasbeeck 4. e Coimbra por Thomé Carvalho 1672. 4.

Sermaõ prègado em a primeira Solemnidade que as Religioſas do Real Moſteiro de Santa Clara de Lisboa fizeraõ ao Bemaventurado Caetano Inſtituidor da inſigne Religiaõ dos Clerigos Regulares da Divina Providencia a 7. *de Agoſto de* 1652. 4. Lisboa por Paulo Crasbeeck ſem anno da ediçaõ, e Coimbra por Thomé Carvalho 1672. 4.

Sermaõ funebre nas exequias do Doutor Manoel Pereira de Mello Governador da Univerſidade de Coimbra Conego Magiſtral da Sè da meſma Cidade do Conſelho de S. Alteza prègado em a meſma Sè em 28. *de Março de* 1675. Coimbra pela Viuva de Manoel Carvalho 1675. 4.

Sermaõ em a anniverſaria acçaõ de graças, que a inſigne Univerſidade de Coimbra faz em forma de preſtito ao Real Convento de Santa Cruz pela feliciſſima Aclamaçaõ do Sereniſſimo Rey D. Joaõ o IV. prègado em o 1. *de Dezembro de* 1656. Coimbra por Manoel Dias Impreſſor da Univerſidade 1657. 4.

Trilogio Catholico expoſto em tres Sermoens. 1. *do Acto da Fè q̃ ſe celebrou em Coimbra a* 18. *de Janeiro de* 1682. 2. *do Deſagravo do Santiſſimo no cazo de Odivellas logo que ſuccedeo em o Outavario, que na Sè de Lisboa mandou fazer o Sereniſſimo Principe D. Pedro Noſſo Senhor em Mayo de* 1671. *o* 3. *pelo Deſagravo do Santiſſimo Sacramento na Freguezia de Santa Engracia de Lisboa a* 17. *de Janeiro de* 1664. Lisboa por Joaõ Galraõ. 1682. 4.

Sermaõ na Canonizaçaõ de Santa Maria Magdalena de Pazzi prègado no 2. *dia do Outavario que lhe dedicou o Real Convento do Carmo de Lisboa.* Sahio no livro intitulado *Foraſteiro admirado.* Lisboa por Antonio Rodrigues de Abreu 1671. 4. a pag. 22. da part. 2.

Sermaõ na feſta da Beatificaçaõ de S. Pedro de Arbuès Conego Regrante de Santo Agoſtinho prégado no Real Convento de S. Vicente de Fóra. Lisboa por Joaõ da Coſta 1674. 4. Sahio no livro intitulado *Laureola da Corte Santa* compoſto por D. Leonardo de S. Jozé Conego Regrante.

Fama poſthuma do V. P. Fr. Antonio da Conceiçaõ Trinitario. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira 1658. 4. neſte livro eſtà

Sermaõ nas exequias do V. P. Fr. Antonio da Conceiçaõ Trino.

Deixou prompto para a Impreſſaõ

Deutoronomium Legis Gratiæ, ſive de ſeptem Verbis a Chriſto Domino in Cruce prolatis. M. S.

Cantilenæ Sacræ in Cantica novi Teſtamenti, ſcilicet Magnificat, Benedictus, & Nunc dimittis.

Eſtes originaes eſtavam reduſindo à ultima perfeiçaõ para ſe imprimirem o Doutor Fr. Joaõ Bautiſta Religioſo da Santiſſima Trindade os quaes ſe conſumiraõ laſtimoſamente no grande incendio que devorou a mayor parte do Convento de Lisboa no anno de 1708.

ANTONIO CORREA BAHAREM Senhor do Morgado da Marinha, Cõmendador da Ordem de Chriſto filho de Antonio Correa Baharem Senhor do Morgado da Marinha, e de D. Joanna de Tavora filha de Franciſco de Tavora Senhor de Mira. Inſtruido com aquellas artes dignas do ſeu nacimento ſe applicou com mayor diſvello

ao eſtudo Genealogico como parte mais nobre da Hiſtoria deduzindo com clareza, e diſtincçaõ.

Origens das Familias mais illuſtres de que tratou o Conde D. Pedro no ſeu Nobiliario até o anno de 1550.

Cuja obra dividida em muitos tomos conſervava ſeu Neto Luiz Franciſco Correa Baharem Commendador de S. Bartholameu de Alfange em Santarem da Ordem de Chriſto, Senhor do Morgado da Ponte de Soro; a qual como ſeu Author louvaõ D. Franciſco Manoel na *Carta dos Author. Portug.* que he a 1. da 4. Centuria dellas. Joan. Soar. de Brito in *Theatr. Luſit. Litterat.* lit. A. n. 64. e Souſa no *Apparat. à Hiſt. Gen. da Caſa Real Portug.* pag. 83. n. 70.

ANTONIO CORREA DA COSTA natural de Villa-Viçoſa taõ nobre pelo nacimento que lhe deo a fortuna, como inſigne em o engenho de que o ornou a natureza, com o qual penetrou os myſterios ſcientificos da Mathematica, Geometria, Muſica, e Poeſia ſendo indeciſo entre os ſeus Patricios em qual deſtas duas Faculdades era mais eminente. Para exercicio do ſeu genio litterario inſtituhio em Caſa huma paleſtra frequentada dos homens mais eruditos onde ſe altercavaõ diverſas queſtoens ſcientificas. Deixando a patria paſſou a Italia, e a Flandes com ambiçaõ de adquirir mayor thezouro de noticias, donde voltou em o anno de 1617. para Villa-Viçoſa em idade muito provecta. Delle faz illuſtre memoria Franciſco Moraes Sardinha no *Parnaſ. de Villa-Viçoſa.* liv. 2. cap. 59. e no liv. 3. para teſtemunhar como foy hum dos mayores Poetas delle traz huma ſua gloſſa a huma Redondilha, que começa.

Qualquer eſtranha belleza

e hum Soneto, cujo principio he

Nem as ſoberbas ondas do Oceano.

ANTONIO CORREA DA FONSECA, E ANDRADE. Naceo na Villa de Monte mór o Velho da Dioceſe de Coimbra a 15. de Junho de 1648. Teve por Pays a Domingos Correa da Fonſeca, e a D. Maria de Mello da Fonſeca filha herdeira de Jacinto da Fonſeca de Andrade, e de ſua mulher D. Cecilia de Eça. Applicou-ſe ao eſtudo do Direito Ceſareo na Univerſidade de Coimbra, e antepondo o exercicio marcial ao litterario, foy Capitaõ mór da meſma Villa, e ſua Comarca, Cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto, e Procurador das Cortes celebradas em Lisboa no anno de 1679. Ainda que vivia retirado da Corte cultivava o ſeu grande talento com a liçaõ dos livros que podiaõ formar hum perfeito Cortezaõ, ſendo huma das partes do ſeu eſtudo a Genealogia em que foy muito perito deixando para teſtemunha da ſua erudita applicaçaõ.

Familias do Reyno de Portugal eſcritas em 10. *volumes* in fol. *M. S.*

Hiſtoria Manlianenſe que trata das Antiguidades, e couſas mais notaveis de Monte mor o novo, e ſeus Naturaes.

Morreo em 29. de Agoſto de 1717. Delle faz illuſtre mençaõ o P. D. Antonio Caetano de Souſa no *Apparat. à Hiſt. Gen. da Caſa Real Portug.* pag. 146. n. 172.

ANTONIO CORREA DE LEMOS naceo em Lisboa a 9. de Novembro de 1680. e teve por Pays a Manoel Correa de Carvalho, e a Maria de Lemos. Para beneficio dos curioſos amantes de novidades publicou com o nome de Joaõ Carlos Antonio.

Relaçaõ de huma ſolemne, e extraordinaria prociſſaõ de Preces que por ordem da Corte Ottomana fizeraõ os Turcos na Cidade de Meca no dia 16. *de Julho de* 1728. *para alcançar a aſſiſtencia de Deos contra as Armas dos Perſas, e aplacar o flagelo da peſte que todos os annos experimenta a ſua Monarchia. Primeira Parte.* Lisboa por Pedro Ferreira 1730. 4.

Relaçaõ da ſolemne, e extraordinaria prociſſaõ de Preces, que por ordem da Corte Ottomana fizeraõ os Turcos na Cidade de Meca em que ſe expoem a practica, que o Monſti fez depois de acabada a Prociſſaõ, e outras circunſtancias, que occorreraõ dignas da curioſidade. Segunda Parte. Lisboa pelo dito Impreſſor 1730. 4.

Com o nome de Fabiaõ Francez.

Almanack univerſal para o anno de 1731. *terceiro depois do Biſſexto. Contem Lunario Geral, mudanças e alteraçoens de tempos; horas a que nace, e ſe poem o Sol, methodo de agricultura, regras medecinaes. &c. Com hum*

reſumo Cronologico, ou manual de noticias particulares, do que tem ſucedido em Portugal, e Heſpanha, e outras partes deſde a Criaçaõ do mundo até o anno de 1730. Lisboa por Pedro Ferreira Impreſſor da Corte 1730. 4.

Almanack univerſal para o anno de 1732. *biſſexto, & contem hum Lunario geral com todos os aſpectos que a Lua faz com os Planetas em todos os dias para os Profeſſores da Medicina, e Cirurgia &c. Continua o Reſumo Cronologico de noticias particulares do que tem ſucedido em Portugal, e Heſpanha, e outras partes deſde a Criaçaõ do mundo até o anno de* 1731. *com hum Cathalogo dos Nacimentos dos Principes da Europa novamente correcto.* Lisboa pelo dito Impreſſor. 1731. 8.

Almanack univerſal para o anno de 1733. *primeiro depois do Biſſexto &c. Continua o Reſumo Chronologico atè o anno de* 1732. Lisboa pelo dito Impreſſor 1732. 8.

Almanack univerſal para o anno de 1734. *ſegundo depois do Biſſexto em que ſe expoem hum Cathalogo de tudo que contem a Ordem do Patriarcha S. Franciſco.* Lisboa pelo dito Impreſſor. 1733. 8.

A Fenix das Tempeſtades renacida na de 15. *de Outubro de* 1732. *com hum diſcurſo ſobre os ventos.* Lisboa por Jozé Antonio da Sylva Impreſſor da Academia Real 1732. 4.

Com o nome de Luiz Jozé Correa traduzio de Caſtelhano em Portuguez.

Syſtema Politico da Europa. Dialogo entre hum Francez, e hum Alemaõ ſobre as diſpoſiçoens, e intereſſes dos Princepes na prezente guerra por Monſiur Margue. Lisboa pelo dito Impreſſor 1734. 4.

ANTONIO CORREA DE SÁ natural de Coimbra filho de Duarte de Sá que ſervio na India com grande credito do ſeu valor, Irmaõ do Doutor Jorge de Sá Soto mayor Lente de Medicina na Univerſidade de Coimbra, e Pay do Doutor Franciſco de Sá Sotomayor Lente de Digeſto na meſma Academia. Nella eſtudou Direito Civil em cuja faculdade fez tantos progreſſos o ſeu perſpicaz talento, e grande comprehenſaõ que recebido o gráo de Doutor foy Lente de Vacaçoens no anno de 1547. e de huma Cathedrilha de que tomou poſſe əm·oz de Outubro de 1548. Deſtas occupaçoens litterarias foy promovido a outras em que ſe experimentou a inteireza do ſeu animo, e a rectidaõ da ſua juſtiça ſendo Dezembargador da Caſa da Suplicaçaõ, e Corregedor do Crime da Corte. Compoz.

Ad Titulum primum lib. V. Legum Regiarum de ordine judiciario in cauſis criminalibus commentaria.

Eſta obra ſe imprimio até duzentas paginas, como eu a vi, e ſe naõ acabou por faltar a vida a ſeu Author, que delle, e do infauſto ſuceſſo deſta obra eſcreve Franciſco Caldas Pereira in Epiſt. Nuncupat. Part. 1. *Operis Empyteutici. In librum V. Ordinationum criminalis Fori, et judicialis aulæ quandam veluti Iſagogen eleganti ſtylo, & multis Rhetorum floribus aſperſam dextro omine auſpicatus doctiſſimus, et excellentiſſimus Jure Conſultus Antonius Correa de Sá Senator regius, poſtquam jam prælo vigilias ſuas commiſerat, paulo poſt opere inchoato, & paucis paginis abſolutis non ſine maxima juriſprudentiæ jactura diem clauſit extremum. Viri illius nullum opus perfectum extat præter fragmenta quædam eximium futuri operis fragmentum.* Eſta obra louvaõ, e allegaõ Lipen. in *Biblioth. reg. Jurid.* pag. 398. Manoel Barboſ. ad lib. 1. *Ordin. Reg.* Titul. 77. §. 12. ad lib. 5. Tit. 2. §. 6. Titul. 117. et Titul. 124. in princip. Agoſtin. Barboſ. ad lib. 2. *Decretal.* cap. *Significaſti* n. 2. de *foro competenti,* et in Repert. Verb. *Accuſare.* Gama *Deciſ.* 279. n. 1. e *Deciſ.* 363. n. 4. onde lhe chama *bonarum artium, et juris peritiſſimus.* Phæb. 2. Part. *Areſt.* 133. Cald. *Conſil.* 23. n. 5. Cabed. Part. 1. *Deciſ.* 14. n. 4.

ANTONIO CORREA DE SOUSA natural de Lisboa. Depois de ter enſinado com igual opiniaõ do ſeu nome, que fruto dos ſeus diſcipulos Filoſofia, e Theologia na Religiaõ dos Agoſtinhos Deſcalços obrigado de urgentes cauſas deixou o habito, e naõ as virtuoſas acçoens que practicava pelas quaes ſe fez digno de exercitar o lugar de Confeſſor das Religioſas do reformado Convento de Santa Martha de Lisboa. O tempo que lhe reſtava deſte Sagrado miniſterio, e outras occupaçoens preciſas o empregava em limar as obras que tinha

compoſto, ou trabalhar em outras compoſiçoens eruditas ſendo as principaes as ſeguintes.

Totius Philoſophiæ, et Theologiæ compendia. 2. Tom.

Lucerna Eccleſiaſtica, ſive controverſiæ fidei Catholicæ adverſus hæreticos 2. Tom.

Diſcurſos predicaveis acomodados para as Feſtas, e Ferias de todo o anno 1. *Tom.*

Vida do V. Padre Antonio da Conceiçaõ da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangeliſta.

Arte de Rhetorica.

Jogo de vocabulos, e equivocos

De couſas ſemelhantes, e deſſemelhantes.

Exemplos de virtudes.

Varios verſos a Chriſto nacido.

Lyra do amor Divino em verſo.

P. ANTONIO DA COSTA Sendo Meſtre das Ceremonias da Capella Real inſpirado de ſuperior vocaçaõ entrou na Companhia de JESUS onde concebeu a heroica reſoluçaõ de prégar a ley Evangelica à gentilidade do Oriente. Para eſte efeito partio para a India a 15. de Março de 1556. com o Patriarcha da Etiopia Joaõ Nunes Barreto embarcado em a Náo Garça de que era Capitaõ mór D. Joaõ de Menezes de Siqueira Commendador da Vallada. Diſcorreo com apoſtolico zelo pelo largo eſpaço de vinte e dous annos diverſas regioens Orientaes em que reduzio muitos Gentios ao gremio da Igreja, naõ podendo por mais deligencias que applicou, ſatisfazer as piedoſas ancias de illuſtrar com as luzes do Evangelho as ſombras da Etiopia, lugar deſtinado por ſeu grande Patriarcha para a cultura do ſeu zelo. Foy Reytor dos Collegios de S. Paulo de Goa, Baçaim, e Margaõ. Conſumido de huma febre lenta, morreo piamente no Collegio de Goa no anno de 1578. cuja morte foy lamentada por toda a Chriſtandade de Salſete. Eſcreveo.

Tratado de como ſe haõ cathequizar os novamente convertidos; o qual como diz o P. Franciſco de Souſa no *Orient. Conquiſt.* Part. 2. Conq. 1. Divis 2. §. 27. *já naõ exiſte por incuria dos tempos.*

Carta Annua da Provincia de Goa no anno de 1558.

Carta aos Portuguezes da Ilha de Divar no anno de 1561.

Ambas ſe conſervaõ no Cartorio da Caſa profeſſa de Lisboa.

ANTONIO DA COSTA Presbytero muito douto aſſim na Theologia, como na Rhetorica Eccleſiaſtica, de que deo hum breve, mas claro argumento da ſua capacidade neſta arte imprimindo.

Sermaõ do glorioſo Patriarcha S. Bento. Coimbra por Jozé Ferreira Impreſſor da Univerſidade 1698. 4.

ANTONIO DA COSTA CORDOVIL natural da Villa de Setuval, e Freire Conventual da Ordem Militar de Saõ-Tiago no Real Convento de Palmella. Eſtudou Theologia no Collegio das Ordens da Univerſidade de Coimbra, onde recebido o gràо de Doutor neſta faculdade ſe ordenou de Presbytero, e foy Prior da Parochial de N. Senhora da Ajuda junto à Torre de Outaõ. Neſte miniſterio naõ menos inſtruyo as ſuas ovelhas com a palavra, que com o exemplo, ſendo o mais illuſtre deixar o mundo, e abraçar o penitente Inſtituto da Provincia da Arrabida onde pouco tempo depois de profeſſo paſſou a melhor vida no anno de 1679. Antes de ſer Religioſo imprimio.

Tres Sermoens da Conceiçaõ da V. N. Senhora. Lisboa por Antonio Rodriguez de Abreu 1673. 4.

Sermaõ da Santiſſima Trindade em Setuval na Igreja de S. Juliaõ à Irmandade dos Clerigos. Lisboa por Joaõ da Coſta 1672. 4.

Tratado da Oraçaõ.

Fr. ANTONIO COUTINHO Conimbricenſe teve por Pays a Diogo Coutinho, e Maria da Coſta. Na idade da adoleſcencia abraçou o ſagrado Inſtituto da Ordem de S. Domingos fazendo a profiſſaõ ſolemne no Real Convento de Lisboa a 28. de Agoſto de 1602. Aprendidas as Sciencias Eſcolaſticas as dictou no Collegio da ſua Patria de cuja Eſcola ſahiraõ tantos Meſtres, como Diſcipulos. Alcançado o gráo de Meſtre da Ordem foy Cõmiſſario do Santo Officio, e Prior do Convento de Evora. Dos muitos Sermoens que com geral applauſo

prègou, ſómente viraõ a luz publica os ſeguintes

Sermaõ eſtando o Santiſſimo Sacramento expoſto por ocaſiaõ do furto que ſe fez em Santa Engracia. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1630. 4.

Sermaõ do Acto da Fé que ſe celebrou na Cidade de Evora Domingo 14. de Junho de 1637. Lisboa por Jorge Rodrigues. 1638. 4.

Faz delle breve memoria Fr. Pedro Monteiro no *Clauſt. Domin.* Tom. 3. pag. 16.

Fr. ANTONIO COUTINHO natural de Lisboa Religioſo profeſſo da Ordem da Hoſpitalidade de S. Joaõ de Deos onde exercitou os lugares de Prior do Convento de Caſtello de Vide, e do Hoſpital de Moura, e de Procurador Geral com grande credito do ſeu talento. Para exercitar a piedade Chriſtãa em obſequio do ſeu Santo Patriarcha, compoz

Novena do Glorioſo Patriarcha S. Joaõ de Deos Fundador da Hoſpitalidade Pay dos pobres, e enfermos. Evora na Officina da Univerſidade. 1727. 12.

P. ANTONIO DO COUTO. Naceo na Cidade de S. Salvador Capital do Reyno de Angola onde entrou na Companhia de JESUS a 31. de Outubro de 1631. Para ſe inſtruir nas Sciencias Eſcolaſticas paſſou a Coimbra, em cuja paleſtra deu iguaes argumentos do talento que tinha para as ſciencias como inclinação para as virtudes. Voltou para a ſua Patria no anno de 1648. com cartas do Sereniſſimo Rey D. Joaõ o IV. para ElRey de Congo, do qual foy recebido com grande benevolencia. O apoſtolico zelo que lhe animava o corpo lhe cõmunicou alentos para diſcorrer por diverſas terras para lucrar almas a Chriſto penetrando com grande diſvelo, e immenſo trabalho aquelles vaſtos certoens onde eſcaſſamente tinha rayado a Luz do Evangelho. Attenuado com eſtas heroicas fadigas foy alcançar o premio na gloria em Loanda a 10. de Julho de 1666. do qual affirma o P. Franco in *Synopſ. Annal. Soc. Jeſ. in Luſitan.* pag. 340. n. 5. *In rebus anguſtis omnes ad eum tanquam communem patrem ſoliti confugere, ut talem vulgus, & Magnates venerabantur.* Naõ ſendo menor o elogio que lhe faz in *Ann. glorioſ. S. J. in Luſit.* pag. 383. Para inſtruir aos Miſſionarios que haviaõ cultivar a vinha de Angola, eſcreveo.

Gentio de Angola ſufficientemente inſtruido nos Myſterios da noſſa Santa Fé. Lisboa por Domingos Lopes Roza 1642. 8. Foy traduſido na lingua latina por Fr. Antonio Maria Prandomontano Capuchinho Romæ typis Congregationis de propaganda fide. 1661. 4.

ANTONIO DO COUTO Fidalgo Cavalleiro da Caſa Real, e profeſſo na Ordem Militar de Chriſto, Senhor da Capella inſtituida por Vaſco Martins da Agua em a Parochial Igreja de Santa Juſta da Cidade de Coimbra naceo em Villa-Viçoſa em o anno de 1593. e teve por Pays a Jorge Gonçalves do Couto da Coſta, e a D. Izabel Franca ſua prima por ſer filha de ſeu Tio Affonſo do Couto. Depois de aprender nos primeiros annos a lingua Latina, que ſoube com perfeiçaõ querendo inſtruir-ſe em as diſciplinas Mathematicas teve por Meſtre da Fortificaçaõ, e Coſmografia a D. Manoel de Menezes General da Armada Real com quem por toda a vida conſervou eſtreita amizade naõ ſómente pelas liçoens que delle recebera, mas por ſer Primo de Coſme do Couto Barboſa Almirante Geral da Armada, e Cõmendador de S. Pedro de Nogueira ao qual era muito affecto D. Manoel de Menezes. Em diverſas Armadas ſe embarcou ſempre á ſua cuſta, e com grande luſimento, principalmente em o anno de 1625. quando o meſmo D. Manoel de Menezes foy ſocorrer a Bahia ſitiada pelos Olandezes o qual o armou Cavalleiro com todas as ceremonias militares pelo heroico valor com que pelejou contra tres Náos Olandezas, na altura da Ilha de S. Miguel. Naõ manifeſtou menor esforço em o anno de 1627. quando acompanhado do Almirante Chriſtovaõ Cabral diſcorreo pela Coſta da Corunha, e na Ilha de Oleron viſinha ao Porto de Arrochella concorreo para que eſta Praça ſe ſogeitaſſe ao dominio de Luiz decimo terceiro ſeu legitimo Soberano. Atendendo a Mageſtade delRey D. Joaõ o IV. aos ſeus merecimentos o nomeou Secretario da Caſa de Bragança em quanto o

naõ remunerava com mayor premio. Por morte deſte Principe em quem tinha fundado as eſperanças dos ſeus augmentos lhe offereceraõ o lugar de Secretario das Mercés, que elle brioſamẽte regeitou por vir penſionado com o donativo de cinco mil cruzados. Foy muito inclinado á pintura, e era notavel o primor com que deſenhava naõ ſendo menor o artificio com que abria letras com tizoura em papel, como fez em hum ſoneto que compuſera. Falleceo em Lisboa no anno de 1679. com 86. annos de idade. Jaz ſepultado em ſepultura propria no Convento de S. Domingos. Foy cazado duas vezes, e do ſegundo matrimonio celebrado com D. Izabel de Carvalhaes Barboza, e Pitta teve a Luiz do Couto Felis de quem faremos merecida memoria em ſeu lugar, e a D. Ignacia Maria de Couto que depois de Viuva de Filippe Peixoto da Sylva Fidalgo da Caſa Real, e Cavalleiro da Ordem de Chriſto ſe recolheo Religioſa no reformado Convento do Sacramento de Religioſas Dominicas deſta Corte. Eſcreveo

Tratado da Fortificaçaõ, e da Eſfera. M. S. 4. o qual deu Antonio do Couto de Caſtello-Branco Neto do Author a ſeu Sobrinho Antonio Filippe Pereira Forjas Irmaõ de Jozé Bruno de Cabedo, e Vaſconcellos morador em Setubal em cuja livraria ſe conſerva.

ANTONIO DO COUTO DE CASTELLO-BRANCO Fidalgo da Caſa Real Cavalleiro da Ordem Militar de Chriſto Commendador, e Alcaide Mór de Saõ-Tiago de Cacem, naceo em Lisboa a 8. de Outubro de 1669. e foy bautiſado na Parochial Igreja dos Anjos a 24. do dito mez por Manoel de Magalhaens de Menezes Deputado do Conſelho Geral do Santo Officio, ſendo Padrinho ſeu Avó Antonio do Couto, de quem ſe fez a precedente memoria. Foy filho de Luiz do Couto Felis Fidalgo da Caſa Real, e Guarda mór da Torre do Tombo, e de D. Paula Jozepha de Caſtellobranco filha de Manoel da Cunha Soares Moço fidalgo Cavalleiro da Ordem de Chriſto, e Senhor do Morgado do Zambujal, e de D. Mariana da Cunha de Caſtellobranco. Deſde a puericia começou a inſtruirſe com aquellas artes proprias do ſeu nacimento, quaes foraõ fallar puramente as linguas Latina, Franceſa Italiana, e ainda da Hebraica teve, baſtante conhecimento; jugar as Armas com deſtreza, e mandar os Cavallos com arte. Como todo o ſeu genio ſe inclinava para a Milicia por ſer paleſtra de animos valeroſos aprendeo com ſummo diſvelo os preceitos da Fortificaçaõ, e da Nautica, e ſahio nelles muito perito ſendo o mar, e a terra os theatros em que por diverſas vezes felizmente os practicou. Occupou varios poſtos devidos naõ menos à valentia do ſeu braço, que à direcçaõ do ſeu juizo, ſendo Capitaõ Tenente da Náo Noſſa Senhora do Bom Suceſſo em 20. de Abril de 1697. Capitaõ de mar, e guerra em 11. de Dezembro de 1703. Meſtre de Campo de Infantaria do Regimento da Praça de Chaves a 2. de Mayo de 1705. Brigadeiro a 28. de Abril de 1708. e ultimamente Sargento mór de Batalha a 13. de Abril de 1738. Na ultima guerra, que eſta Coroa declarou contra Eſpanha, naõ houve acçaõ militar em que ou expugnando, ou defendendo naõ alcançaſſe immortal fama o ſeu valor, como ſucedeo na Reſtauraçaõ de Marvaõ, e Sitio de Badajos no anno de 1705. na Conquiſta de Ciudad Rodrigo; de S. Felix de los Gallegos, Amoraleja, no aſſalto de Banheiras no Reyno de Galiza no anno de 1706. e no ſitio de Vilhena em o Reyno de Murcia em 1707. Governou as Cidades de Placencia, e Salamanca em Caſtella a Velha, Campilho de Altiboy em Caſtella a Nova, e a Praça de Bocarente no Reyno de Valença atè que na fatal batalha de Almança dada a 25. de Abril de 1707. mandando dous Regimentos na primeira linha depois de obrar acçoens dignas de enveja dos ſeus companheiros foy prizioneiro, e deſpojado de todos os veſtidos, cuja adverſidade tolerou com animo heroico. Reſtituido à liberdade, e à patria foy nomeado Inſpector das Ilhas dos Aſſores, e depois Governador da Praça de Elvas deſempenhando com vigilante prudencia a judicioſa eleyçaõ que da ſua Peſſoa ſe fizera para taõ authorizados lugares. Nunca o horror de Marte lhe impedio o cõmercio de Minerva revolvendo continuamente os livros naõ ſómente da ſua profiſſaõ militar, mas da Hiſtoria profana, Geografia, e Genealogia de que ſaõ argumentos claros as obras ſeguintes.

Memorias militares pertencentes ao ſerviço da Guerra aſſim terreſtre como maritima, em que ſucceſſivamente ſe contem as obrigaçoens dos Officiaes de Infantaria, e Cavallaria, e Artelharia, e Engenheiros; inſignias, que lhe tocaõ trazer, a fórma de campar, e conſervar o campo; o modo de expugnar, e defender as Praças, e a diſpoſiçaõ de batalhas terreſtres, e navaes, &c. Amſterdaõ por Miguel Dias 1719. 8. com eſtampas.

Suplemento às Memorias Militares. Tom 2. das ſuas obſervaçoens, e apontamentos das obrigaçoens, e practicas da Guerra. Lisboa na Officina da Muſica. 1731. 8.

Memorias, e obſervaçoens militares, e politicas Tom. 3. Referem-ſe todas as operaçoens militares, e politicas de Portugal que moveraõ a concluir huma Liga com as Coroas de França, e Caſtella, e ſahindo deſta celebrar outra com o Imperio, Graõ Bretanha, e Olanda: os ſucceſſos da Guerra em que entrou com os ſeus Alliados, marchas de exercitos, ſitios, e expugnações de Praças, encontros, e batalhas navaes, &c. Lisboa na Officina da Muſica, e da Sagrada Religiaõ de Malta. 1740. 8.

Memorias, e Obſervaçoens Militares. Tom. 4. Referem-ſe todas as operaçoens do Exercito de Portugal na campanha de 1706. deſde que ſahio de Portugal até tomar quarteis no Reyno de Valença, com a noticia da expugnaçaõ das Praças de Alcantara, Moraleja, Ciudad Rodrigo, e S. Felices de los Gallegos, aclamaçaõ delRey Carlos III. Madrid. M. S.

Memorias, e Obſervaçoens Militares, e Politicas Tom. 5. Referem-ſe todas as operaçoens militares do Exercito de Portugal depois que ſahio do Reyno de Valença, e as diſpoſiçoens para a Campanha, e expugnaçoens da Praça de Vilhena no Reyno de Murcia, movimentos, e marcha nelle; batalha de Almança. Marcha dos priſioneiros; hidas às Ilhas com ſocorro, &c. M. S.

Memorias, e obſervaçoens militares, e politicas Tom. 6. Contem cartas eſcritas nas Cortes de Portugal, e Caſtella por fórma de Manifeſtos, e diſpoſiçoens para o rompimento entre as duas Coroas. M. S.

Eſtes tres Tomos eſtaõ promptos para a Impreſſaõ.

Deſcripçaõ das nove Ilhas dos Aſſores, em que ſe vê debuxada a Planta de cada huma, a altura da ſua ſituaçaõ; frutos, arvores, Animaes, e Aves que produz, o numero de gente que as habita, e o anno em que ſe povoaraõ, familias illuſtres que nellas florecem. Fol. M. S. em papel grande, offerecida à Mageſtade delRey D. Joaõ o V. Noſſo Senhor, cujo Original ſe conſerva na Bibliotheca do Excellentiſſimo Marquez de Abrantes.

Antes de ter compoſto eſte Livro eſcreveo.

Conta que deu a S. Mageſtade em 20. de Novembro de 1708. das Ilhas do Fayal, Gracioſa, Pico, S. Jorge, Corvo, e Flores quando aſſiſtio nellas por ſeu Inſpector. Fol. M. S. conſta de 16. Paginas.

Tratado da Familia do Couto. Fol. M. S.

Eſtas duas obras conſerva na ſua Livraria o Eruditiſſimo Jozé Freyre de Monterroyo Maſcarenhas como nella vimos.

Familias do Reyno de Portugal ordenadas pela ordem Alfabetica fol. 8. Tom. M. S.

Familias dos Reys da Europa, e dos Titulos de Portugal, Baroens, e Officiaes da Caſa Real. fol. 2. Tom. M. S. Conſervaõ-ſe em poder de ſeu Author, do qual faz honorifica memoria Antonio Carvalho da Coſta *Corog. Portug.* Tom. 1. Trat. 3. cap. 23. pag. 271.

ANTONIO DE CRASTO Natural da Cidade de Bragança da Provincia Tranſmontana. Foy inſigne em todas as Artes Liberais principalmente Geometria, Arithmetica, Coſmographia, e Aſtronomia, naõ ſendo menos ſciente na Lingua Latina, e Arte Poetica. Todas eſtas Sciencias o fizeraõ digno de ſer Meſtre dos Moços Fidalgos que frequentavaõ o Paço, e depois do Sereniſſimo Duque de Bragança D. Theodoſio II. Morreo no anno de 1603. deixando diverſas obras, que teſtemunhavaõ a ſua vaſta erudiçaõ ainda que a mayor parte incompletas. Das que tinhaõ a ultima perfeiçaõ, foraõ

Tractatus de maris ſalſedine. M. S.

Tractatus de conchiliis. M. S.

Tractatus de Vino myrrhato Chriſto Domino à Judæis in Cruce propinato;

No qual impugnava o que neſta materia tinha eſcrito o Cardeal Baronio.

Fr. ANTONIO DA CRUZ natural de Lisboa, e filho de Luiz Fernandes Barbas, e Catherina Henriques. Profeſſou o habito da illuſtre Ordem da Santiſſima Trindade no Convento patrio a 26. de Janeiro de 1598. onde pelas ſuas letras, e virtuoſas acçoens exercitou prudentemente os mais honorificos lugares, como foraõ Vigario do Real Convento de Ceuta, Reytor do Collegio de Coimbra, Secretario da Provincia, Prégador Geral, Miniſtro do Convento de Lisboa, e ultimamente Provincial eleito no anno de 1629. Foy dotado de ardente charidade, e abrazado zelo no exercicio de reſgatar Cativos, principal obrigaçaõ do ſeu ſagrado Inſtituto, para cujo effeito deſprezando os mayores perigos paſſou duas vezes a Argel; a primeira no anno de 1618. em que reſgatou cento, e cincoenta e dous cativos; a ſegunda no anno de 1620. em que libertou cento, e quarenta e nove. Neſte ultimo reſgate como conſumiſſe dous annos foy julgado pelos barbaros ſer eſpia de Caſtella, ſendo condenado a huma dura prizaõ, e ultimamente à morte, mas conhecida a ſua innocencia foy reſtituido à liberdade, e ao Reyno onde acabou a vida no 1. de Janeiro de 1635. Eſcreveo.

Hiſtoria dos reſgates, que fez, e dos muitos trabalhos, que padeceo por amor dos Cativos naõ ſó em Argel entre os Mouros mas ainda em Lisboa pelos ſeus emulos. M. S. em folha. Conſerva-ſe na Livraria do Convento da Santiſſima Trindade de Lisboa. Do Author faz illuſtre memoria Fr. Bernardin. de Santo Antonio in *Epit. Redempt.* lib. 2. cap. 4. e cap. 11.

ANTONIO DA CRUZ. Naceo em Lisboa, e foy hum dos mais inſignes Cirurgiaens do ſeu tempo, cuja arte exercitou muitos annos no Hoſpital Real de todos os Santos aſſiſtindo naõ ſómente com grande caridade, e naõ menor ſciencia aos infermos, mas inſtruindo na ſua faculdade a muitos diſcipulos, que ſahiraõ da ſua eſcola muito peritos, e para que mais brevemente ſe informaſſem nos ſeus preceitos, eſcreveo *Optime, docte, et Curioſe* como affirma o celebre Zacuto Luſit. *Prax. Med.* liv. 2. Obſervat. 84. & in Præfat. ad *Prognoſtic. Hippocrat.*

Recopilaçaõ da Çurgia dividida em cinco Tratados. O 1. trata da Anatomia de todos os membros do corpo humano ſimples, e compoſtos. 2. de Apoſthemas 3. de Feridas. 4. de Chagas. 5. da natureza dos Simples. Lisboa por Jorge Rodrigues 1601. 4. e 1605. e ibi por Matheos Pinheiro 1630. 4. e acrecentada por Franciſco Soares Feyo, e Amaro da Fonſeca Cirurgiaens de Lisboa ibi por Manoel Gomes de Carvalho. 1649. 4. Novamente acrecentada pelo dito Franciſco Soares Feyo, e Antonio Gonçalves. Lisboa por Antonio Crasbeeck de Mello 1669. 4. e ibi por Miguel Deslandes 1688. 4. e Lisboa por Bernardo da Coſta de Carvalho 1711. 4.

Joan. Soar. de Brito in *Theat. Luſit. Litter.* lit. A. n. 65. lhe chama *Chirurgus expertiſſimus.* Naõ poſſo affirmar certamente ſe he o meſmo, ou outro differente por ter o meſmo nome o Author da obra ſeguinte

Ordem de rezar o Roſario de N. S. com a Coroa de Chriſto no fim. Lisboa por Domingos Lopes Roſa 1647. 24. e por Joaõ da Coſta 1668. e por Miguel Deslandes 1688.

ANTONIO DA CRUZ. Naceo na Cidade de Lamego a 10. de Julho de 1671. Ainda eſtava na idade da adoleſcencia quando veſtio a murça de Conego Secular da Cõgregaçaõ do amado Evangeliſta no Convento de S. Bento de Enxobregas a 14. de Mayo de 1688. Depois de jubilar na Sagrada Theologia, e ter ſido Reytor do Cõvento da ſua patria, e Definidor mór, foy eleito Geral em o anno de 1730. em cujo lugar manifeſtou a prudencia do ſeu talento, que era igual para o Pulpito. Morreo na patria a 10. de Novembro de 1738. com 67. annos de idade, e 50. de Religiaõ. Imprimio.

Sermaõ de Exequias no Officio das Honras do Illuſtriſſimo, e Reverendiſſimo Senhor D. Joaõ de Brito, e Vaſconcellos Biſpo de Angra, que ſe fez no Convento de Santa Cruz da Cidade de Lamego dos Conegos ſeculares da Congregaçaõ de Saõ Joaõ Evangeliſta. Lisboa por Franciſco Xavier de Andrade. 1722. 4.

ANTONIO DELICADO natural da Villa de Alvito da Dioceſe de Evora na

Provincia do Alentejo. Deſde a primeira idade ſe educou em Caſa de Manoel Severim de Faria Chantre de Evora Varaõ taõ inſigne pela noticia das antiguidades, como pela integridade de coſtumes, de cuja diſciplina nunca degenerou, antes ordenado de Sacerdote foy eleito Parocho da Igreja de Santa Maria da Charidade ſituada fora dos muros de Evora, onde practicou as obrigaçoens de verdadeiro Paſtor. Como era muito perito dos myſterios da lingua materna aſſim moderna como antigua de que o louva Joaõ Soares de Brito in *Theat. Luſit. Litter.* lit. A. n. 68. eſcreveo por impulſo do Chantre de Evora.

Adagios Portuguezes reduzidos a lugares cõmuns. Lisboa por Domingos Lopez Roſa. 1651. 4.

ANTONIO DE DEOS CAMPOS Naceo na Cidade do Porto a 3. de Outubro de 1699. e teve por Pays a Antonio de Deos Campos, e Conceiçaõ de Santa Roſa. Inſtruido na lingua Latina frequentou na Patria o eſtudo da Filoſofia, e Theologia até que paſſando à Univerſidade de Coimbra ſe applicou à ſciencia do Direito Pontificio em que recebeo o gráo de Bacharel em 31. de Julho de 1721. Depois de ſer Dezembargador, e Promotor do Biſpado do Porto tomou poſſe da Abbadia da Igreja Parochial de S. Nicolao da meſma Cidade a 22. de Outubro de 1723. donde paſſou a Conego Magiſtral de Eſcritura em a Cathedral da ſua patria a 14. de Julho de 1737. Naõ ſómente he verſado em as Humanidades, e noticia das linguas Caſtelhana, e Italiana, mas ornado de grande talento para o Pulpito, como teſtifica a obra ſeguinte.

Panegyrico Evangelico, e Gratulatorio expoſto na ſolemnidade, que em acçaõ de Graças no dia 28. de Outubro de 1739. celebrou o nobiliſſimo, e preclariſſimo Senado da Camara da Cidade do Porto na Santa Igreja Cathedral da meſma pelo feliciſſimo Nacimento da Terceira Filha do Sereniſſimo Principe do Braſil noſſo Senhor D. Jozé. Porto. 1740. 4. ſem nome de Impreſſor.

ANTONIO DIAS CARDOSO natural da nobre Villa de Santarem filho do Doutor Pedro Fernandes, e Barbara Fernandes, e Irmaõ do Doutor Fernaõ Rodriguez Cardoſo Collegial do Collegio Real de S. Paulo. Eſtudou Direito Pontificio na Univerſidade de Coimbra em cuja faculdade ſe doutorou donde paſſou a ſer Conego Doutoral na Sé de Evora, de que tomou poſſe em 27. de Julho de 1620. Pela grande literatura, e virtuoſo procedimento foy creado Inquiſidor da Inquiſiçaõ de Coimbra a 20. de Mayo de 1589. donde foy transferido à de Evora em 12. de Outubro de 1602. e ultimamente Deputado do Conſelho Geral em 14. de Mayo de 1610. como eſcreve Fr. Antonio de Souſ. de *Orig. Inquiſ. Luſit.* §. 2. n. 10. §. 4. n. 12. e §. 2. n. 16. e Fr. Pedro Monteiro no *Cathalogo dos Deput. do Conc. Geral.* Morreo em Lisboa a 26. de Janeiro de 1624. e eſtá enterrado no Convento de Santo Eloy dos Conegos Seculares do Evangeliſta com eſte epitafio que traz o P. Franciſco de Santa Maria no *Ceo aberto.* liv. 2. cap. 22. pag. 445.

Sepultura do Doutor Antonio Dias Cardoſo do Conſelho de Sua Mageſtade, e do Geral da Santa Inquiſiçaõ Conego doutoral da Sé de Evora faleceo a 26. de Janeiro de 1624.
Eſcreveo.

Regimento do Santo Officio de Portugal Lisboa por Pedro Crasbeck. 1613. fol. Foy mandado imprimir por ordem do Inquiſidor Geral D. Pedro de Caſtilho.

Deſta obra diz Manoel Mendes de Caſtro in *Pract. Liſit.* lib. 2. cap. 1. §. 7. n. 16. *Nihil ad praxim amplius deſiderari poteſt,* tendo eſcrito do Author *ætatis ſuæ ſapientiſſimum admirabilis ſanctitatis, & prudentiæ virum.*

Fr. ANTONIO DE S. DOMINGOS natural da Cidade de Coimbra, e hum dos mais famoſos Letrados da Ordem dos Prégadores cujo habito profeſſou no Real Convento de Lisboa a 7. de Fevereiro de 1547. Depois de ter eſtudado Filoſofia, e Theologia com enveja dos ſeus condiſcipulos as dictou com admiraçaõ de todos os Meſtres pelo largo eſpaço de quarenta annos dos quaes vinte foraõ ſendo Lente de Prima de Theologia na Univerſidade de Coimbra de que tomou poſſe em 10. de Fevereiro de 1574. ſubſtituindo no lugar, e na fama a Fr. Martinho de Ledeſma, ſervindo muitas vezes

de Vicereitor na meſma Academia. Foy Prior do Convento de Lisboa no anno de 1568. em que fatalmente ardia toda ella no incendio da peſte, e preferindo a ſalvaçaõ alheya à propria vida nunca ſe retirou do Convento antes com ſumma charidade confeſſava aos feridos do contagio. Servio o Tribunal do Santo Officio como Qualificador, depois Deputado da Inquiſiçaõ de Lisboa de que tomou poſſe em 28. de Setembro de 1581. até que morreo na ſua patria quando contava 65. annos de idade no anno de 1596. e naõ (como eſcreve Fr. Pedro Monteiro no *Clauſt. Domin.* Tom. 3. pag. 13. e 59. no anno de 1597. nem no anno de 1598. como diz à pag. 147. e no *Cathalog. dos Deputad. da Inquiſ. de Coimbra* n. 15.) Delle ſe lembraõ Fr. Luiz de Souſa *Hiſt. de Saõ Domingos da Prov. de Portug.* Part. 1. liv. 3. cap. 37. chamando-lhe *famoſo Prègador.* O Senhor D. Antonio na Carta eſcrita no anno de 1583. a Gregorio XIII. *home de grandes lettres, e erudition.* Echard *Script. Ord. Prædic.* Tom. 2. pag. 251. *Magiſter ævo ſuo clariſſimus.* Maſſeo in *Vita Soarii* cap. 10 Joan. Soar. de Brit. in *Theat. Luſit. Litera.* lit. A. n. 70. Fr. Ant. Senenſ. in *Bib. Fratr. Ord. Præd.* pag. 26. *Vir ingenii magno acumine, et admodum expediti natura præditus,* et in *Chron. Frat. Ord. Præd.* pag. 328. *In concionando locum meretur haud dubie in conſeſſu concionatorum inſignium.* Nic. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 90. *Tempore ſuo valde fuit celebris.* Taxand. in *Cathal. Clar. Hiſp. Script.* Compoz.

Commentaria in Univerſam Theologiam M. S.

Traduzio de Latim de Santo Antonino Arcebiſpo de Florença em Portuguez, e a publicou.

Vida de Saõ Domingos fol.

Compendio das Chronicas da Ordem.

Do qual faz memoria Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 1. pag. 297. no Commentario de 30. de Janeiro letr. B. e Tom. 2. pag. 223. no Commentario de 18. de Março letr. B. e no Tom. 3. pag. 252. no Comment. de 14. de Mayo letr. C.

Dos Noviſſimos do homem.

Deſta obra ſe lembra Fr. Affonſo Fernand. in *Concertat. Præd.* a qual eſcreve Fr. Pedro Monteiro no *Catal. dos Deput. da Inq. de Coimbra.* n. 15. que ſe imprimio, e me parece ſe enganou.

Fr. ANTONIO DE S. DOMINGOS Naceo em a Villa de Santarem do Arcebiſpado de Lisboa a 4. de Agoſto de 1667. filho de Paſchoal Jorge, e Margarida da Coſta, e ſemelhante ao precedente em o nome, e na profiſſaõ do Inſtituto Religioſo que fez no Convento de Bemfica a 25. de Abril de 1685. Foy Prégador Geral, Prior do Convento de S. Domingos de Coimbra, e Vigario das Religioſas do Convento de S. Joaõ de Setubal. Imprimio.

Sermaõ do ultimo dia do ſoleniſſimo Triduo com que os Religioſos da Sagrada Companhia de JESUS feſtejáraõ no ſeu Collegio de Santarem a glorioſa Canonizaçaõ dos ſeus portentoſos Santos Santo Stanislao Koſka, e Saõ Luiz Gonzaga a 30. de Setembro de 1727. 4. Lisboa por Manoel Fernandes da Coſta 1728. 4.

Delle faz muito breve memoria Fr. Pedro Monteiro no *Clauſt. Domin.* Tom. 3. pag. 147.

ANTONIO DUARTE natural de Evora filho de Simaõ Duarte, e Izabel Luiz, Coadjutor temporal da Companhia de JESUS onde entrou a 20. de Janeiro de 1693. compoz como eſcreve o P. Fonſeca na ſua *Evor. Glorioſ.* pag. 427.

Commentarios aos exercicios de Santo Ignacio. M. S.

Fundaçaõ do Convento do Salvador de Evora com as vidas das religioſas que nelle floreceraõ M. S.

ANTONIO DUARTE DE VASCONCELLOS filho de André Duarte de Vaſconcellos, Cavalleiro da Ordem Militar de Saõ-Tiago, de quem já fizemos memoria, e de D. Antonia de Andrade Gouvea, e Miranda naceo na Cidade de Lisboa no anno de 1670. Foy ornado de grande engenho, e admiravel comprehenſaõ. Cultivou com genio, e eſtudo a Arte Poetica de que deixou hum livro de 4. intitulado.

Poeſias varias. M. S.

Faleceo na Villa de Santarem a 30. de Agoſto de 1703. e jaz ſepultado no Convento de Santo Agoſtinho da meſma Villa.

ANTONIO DURAM Soldado valeroſo que militou muitos annos na India dando ſempre do ſeu animo heroicas demonſtraçoens, ſendo a mayor quando a Fortaleza de Moçambique foy cercada no anno de 1607. e 1608. por huma innumeravel multidaõ de Olandezes, a cuja violenta invaſaõ fortemente reſiſtio. Voltando para a Patria eſcreveo com *elegante eſtilo* como diz Joaõ Pinto Ribeiro na *Prefer. das letras às Armas.*

Cercos de Moçambique defendidos por D. Eſteban de Attayde Capitam General, y Governador de aquella Plaça. Madrid por la viuda de Alonſo Martines 1633. 4. Faz memoria deſta obra, e ſeu Author *a Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ novamente acrecentada Tom. 1. Tit. 3. col. 54.

Fr. ANTONIO DE SANTO ELISEU natural da Villa deAnçaá do Biſpado de Coimbra. Tendo eſtudado as primeiras letras na Patria paſſou a Lisboa quando contava 18. annos de idade, e recebendo o habito de Carmelita Deſcalço no Convento de N. Senhora dos Remedios profeſſou ſolemnemente a 19. de Março de 1680. Tanto foy o progreſſo que fez nos eſtudos que brevemente ſubio a ſer Meſtre de Theologia Eſcolaſtica, e Poſitiva, em que era eminente. Foy ornado de ſumma prudencia, e affabilidade, cujos dotes o conſtituhiraõ merecedor de que ſucceſivamente occupaſſe os lugares de Prior dos Conventos de Setubal, e Carnide, Reytor do Collegio de Coimbra, Definidor, Conſiliario, e duas vezes Provincial da ſua reformada Familia. Morreo no Convento de Carnide ſituado nos arrabaldes de Lisboa a 17. de Setembro de 1736. com 74. annos de idade e 56. de Religiaõ. Compoz.

Sermoens Varios Part. 1. Lisboa por Antonio Pedroſo Galraõ. 1736. 4.

Parte 2. Lisboa pelo meſmo Impreſſor. 1737. 4.

Parte 3. Lisboa. Pelos herdeiros de Antonio Pedroſo Galraõ 1740. 4.

P. ANTONIO DA ENCARNAÇAM Naceo em Lisboa no anno de 1601. ſendo ſeus Pays Braz Nunes, e Dioniſia Matoſa. Na idade juvenil recebeo o habito de Conego Secular da Congregaçaõ do Evangeliſta onde teve os lugares de Almoxarife do Hoſpital das Caldas da Rainha, e Porteiro do Convento de Santo Eloy de Lisboa. Applicou-ſe ao eſtudo da Medicina, e Cirurgia fazendo pelas ſuas maõs os remedios que receitava, cujo effeito era taõ feliz que para receberem ſaude o chamavaõ as principaes peſſoas da Corte ſem que deſta arte lucraſſe couſa alguma. Compoz.

Confeſſionario Geral. M. S.

Declaraçaõ dos remedios, que ſe obraõ nas boticas. M. S.

Eſtes dous livros eſtavaõ promptos para a impreſſaõ.

Fr. ANTONIO DA ENCARNAÇAM Natural de Evora onde foy inſtruido por ſeus Pays Franciſco Bulhaõ, e Juliana da Ponte com documentos virtuoſos. Depois de profeſſar no Convento da ſua Patria o Sagrado Inſtituto da Ordem dos Prégadores partio para a India Oriental, e no Collegio de Santo Thomaz de Goa eſtudou as ſciencias eſcolaſticas em que ſahio eminente nas quaes inſtruyo aos ſeus domeſticos até ſer Preſentado em Theologia no anno de 1630. Voltando para o Reyno paſſou por Armenia onde foy benevolamente recebido pelos ſeus Religioſos que alli reſidem, e inſtruido no idioma da terra naõ ſómente verteo nelle as Conſtituiçoens da Ordem, Miſſal, e Breviario, mas foy eleito ſeu Provincial, em cujo miniſterio manifeſtou a grande prudencia, de que era ornado reſtituindo à ſua primitiva obſervancia os Religioſos, que eſtavaõ ſummamente relaxados, ſendo o ſeu mayor diſvelo a propagaçaõ da Fé naquella regiaõ, como narra Clemente Galane no *Trat.* 1. *Hiſtoriæ Armeniæ* de cuja Sagrada empreza foy ſeu Companheiro. Aſſiſtio como Definidor no Capitulo Geral celebrado em Roma a 6. de Mayo de 1650. e naõ de 1684. como modernamente eſcreve com enorme anacroniſmo o P. Fr. Lucas de Santa Catherina na 4. Parte da *Hiſtor. de S. Domingos da Provinc. de Portug.* liv. 1. cap. 12. pag. 70. e em taõ veneravel congreſſo foy venerado o ſeu talento. Depois de reſtituido a Portugal foy Deputado da Inquiſiçaõ de Evora, de que tomou poſſe em 7. de Junho de 1659. donde paſſou com o meſmo lugar para a de Lisboa em 11. de Junho de 1661. Foy Prior do Convento de Bemfica, e Vigario do Moſ-

teiro das Religioſas do Sacramento, e em ambos eſtes miniſterios ſe moſtrou ſummamente prudente, e vigilante. Morreo no Convento de Lisboa a 15. de Outubro de 1665. Compoz.

Relaçoens ſummarias de alguns ſerviços que fizeraõ a Deos, e a eſtes Reynos os Religioſos Dominicos nas partes da India Oriental neſtes annos proximos paſſados. Lisboa por Lourenço Crasbeeck. 1635. 4.

Relaçaõ das couſas que neſtes annos proximos fizeraõ os Religioſos da Ordem dos Prégadores, e dos prodigios, que ſucederaõ nas Chriſtandades do Sul, que correm por ſua conta na India Oriental. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira 1665. 4.

Sermaõ do Acto da Fé celebrado em Goa a 7. de Fevereiro de 1617. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1628. 4.

Relaçaõ do principio da Chriſtandade nas Ilhas do Solor. Deſta faz mençaõ Jorge Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 198. no Comment. de 16. de Março letr. E.

Deſtas Relaçoens faz mençaõ, e de ſeu Author a *Bibliothec. Orient.* de Antonio de Leon modernamente acrecentada Tom. 1. Tit. 3. col. 84. e Tom. 2. Tit. 20. col. 754.

Relaçaõ do martyrio dos Padres Fr. Luiz do Eſpirito Santo, e Fr. Joaõ da Piedade Dominicos nas Ilhas do Solor. Della ſe lembra Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 50. no Commentario de 4. de Março letr. N. D. Fr. Jozè de Santa Maria Biſpo de Biſignano in *Vita V. P. Fr. Franciſci Donati Dominicani Martyris.* no cap. 20. affirma que tem em ſeu poder diverſas Relaçoens da India M. S. eſcritas por Fr. Antonio da Encarnaçaõ.

Addiçaõ à Fundaçaõ do Convento de S. Domingos de Bemfica. Sahio impreſſa na 2. Part. *da Hiſt. de Saõ Domingos da Prov. de Portugal* deſde pag. 96. v.º até. 106. v.º com a *Vida de Fr. Luiz de Souſa* ſeu Chroniſta no principio da meſma Chronica, ſervindolhe do mayor elogio da ſua elegante penna o equivocarſe com a de Fr. Luiz de Souſa *imitando o ſeu eſtylo com ſingular elegancia hiſtorica,* como diz o P. Fr. Lucas de Santa Catherina na *Hiſt. de S. Domingos* já allegada pag. 926. Semelhantes louvores lhe dà Jacobo Echard *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. pag. 561. poſto que por engano o fez diverſo do que traz à pag. 603. ſendo o meſmo. Fr. Miguel da Purif. *Relac. Defenſ. dos filhos da India* Trat. 1. cap. 6. pag. 39. v.º Fr. Pedro Monteiro *Clauſt. Domin.* Tom. 3. pag. 147. e no *Cathal. dos Deput. da Inquiſ. de Evor.* P. Franciſco da Fonſec. *Evor. Glorioſ.* pag. 410. a *Bib. Orient.* novamente addicionad. Tom. 1. Tit. 3. col. 52. onde erradamente eſcreve que proſeguira a 2. e 3. Part. da Chronica de Fr. Luiz de Souſa quando ſómente addicionou a 2. Parte como affima ſe diſſe.

Fr. ANTONIO DA ENCARNAÇAM Naceo em Lisboa, e na Igreja dedicada à Aſcençaõ de Chriſto ſituada na Calçada do Combro recebeo a graça bautiſmal a 14. de Novembro de 1622. Foy filho de Joaõ da Coſta, e Agueda Manoel. Quando contava deſeſete para deſoito annos veſtio o habito Serafico da Ordem da Penitencia em o Convento de N. Senhora de JESUS da ſua patria onde profeſſou a 25. de Janeiro de 1642. Eſtudou as ſciencias Eſcholaſticas com tanta comprehenſaõ, que excedeu a todos os ſeus condiſcipulos. Deixando a Cadeira ſe applicou ao exercicio do Pulpito em que mereceo univerſal applauſo. Foy Secretario da Provincia, Reytor do Collegio de S. Pedro de Coimbra, e Comiſſario da Veneravel Ordem Terceira do Convento deſta Corte, onde falleceo ſendo actualmente Comiſſario a 22. de Novembro de 1666. com 44. de idade, e 25. de Religiaõ. Sendo Secretario da Provincia Compoz.

Cathalogo Indice da Santa Provincia da Terceira Ordem de Portugal. fol. *M. S.* Divideſe em tres Partes. A primeira trata das Fundaçoens dos Conventos, e couſas mais notaveis delles. A ſegunda declara os Nomes, e as Patrias dos Religioſos; os dias em que receberaõ o Habito, e fizeraõ Profiſſaõ, os lugares, e dignidades que tiveraõ. A terceira trata das eleyçoens Capitulares que na Provincia ſe celebráraõ.

Fazem mençaõ deſte Author os *Faſtos da Provinc. da 3. Ordem Part.* 2. e o Padre Antonio Carvalho da Coſta *Corog. Portug.* Tom. 3. Trat. 8. cap. 33. *bem conhecido, e venerado neſta Corte, e em todo o Reyno.*

Fr. ANTONIO DE S. ENGRACIA natural de Lisboa, Religioſo da Ordem dos Menores da Provincia dos Algarves, cujo Habito profeſſou no Convento de Portalegre a 23. de Dezembro de 1688. Foy Sancriſtaõ mór no reformado Convento das Religioſas da Madre de Deos ſituado fora dos muros de Lisboa, Varaõ de inculpavel vida, e ſumma candidez. Em obſequio da Santa Anna a quem affectuoſamente amava. Compoz.

Novena da glorioſa Senhora Santa Anna Mãy da Mãy de Deos, e Avó de Chriſto. Lisboa por Mathias Pereira da Sylva, e Joaõ Antunes Pedroſo. 1720. 24.

Fr. ANTONIO DE SANTA ESCOLASTICA Naceo em Lisboa, e na idade da adoleſcencia deixando a caſa de ſeus Pays, Joaõ Pinheiro de Mattos, e D. Eſcholaſtica de Freitas buſcou a Religiaõ do D. Maximo profeſſando no Real Convento de Belem a 28. de Setembro de 1684. Aprendeo as ſciencias de Filoſofia, e Theologia com igual applicaçaõ ao applauſo com que depois as dictou naõ lhe ſervindo de embaraço a o ſeu grande talento que ao meſmo tempo cultivaſſe entre os eſtudos ſeveros a amenidade das letras humanas, e Poeſia aſſim Latina como vulgar para que teve natural propenſaõ. Foy Prior do Convento da Pena, e Viſitador Geral da ſua Congregaçaõ em cujos miniſterios deo claros argumentos de prudencia, e affabilidade de que he ſummamente ornado. Tem Compoſto.

Tractatus de Pœnitencia fol. *M. S.*

Tractatus de Sacramentis. fol. *M. S.*

Floſculus Theologicus. He hum Compendio de toda a Theologia. *M. S.*

Panegyrico ao Principe D. Joaõ primogenito dos Sereniſſimos Monarchas D. Pedro 2. e D. Maria Sofia Izabel de Neoburg. Era compoſto em verſo heroico que naõ imprimio pela breve duraçaõ que teve eſte Principe.

Lo que pueden las Eſtrellas. Comedia.

Tres Epigramas Latinos, e hum Soneto Portuguez, em applauſo do P. Fr. Simaõ Antonio de Santa Catherina da Ordem de Saõ Jeronymo orando na Academia dos Anonymos, e da Academia Eſcholaſtica, e ſahiraõ impreſſas na 1. *Parte das Oraçoens Academicas do dito Fr. Simaõ Antonio.* Lisboa na Officina da Muſica 1723. 8.

Fr. ANTONIO DE ESCOBAR Naceo na Cidade de Coimbra a 4. de Janeiro de 1618. ſendo ſeus Pays Manoel de Eſcobar, e Margarida Rouboa de Anhaya que o educaráõ com ſumma piedade, e vigilancia. No Collegio da ſua patria recebeo o Habito Carmelitano a 24. de Abril de 1637. e profeſſando no anno ſeguinte ſe applicou a eſtudar as ſciencias com que havia illuſtrar a Religiaõ, de que era filho, principalmente na Oratoria Eccleſiaſtica, em que foy inſigne. O talento que tinha para o Pulpito foy igual ao que exercitou no governo de varios lugares na ſua Ordem como foraõ Prior do Convento da Vidigueira, e de Evora, de Confeſſor das Religioſas do Convento de Beja, e de Cuſtodio, e Definidor da Provincia. Sendo Chroniſta deſta Provincia, e tendo compoſto a mayor parte da ſua Hiſtoria ſe perdeo infelizmente na irrupçaõ que fizeraõ os Caſtelhanos no Convento de Evora onde aſſiſtia, no anno de1663. Foy muito verſado na liçaõ das letras humanas, e na Poeſia, de cuja arte foy ſufficiente profeſſor. Alguns annos antes, que morreſſe, perdeo a viſta, cujo infortunio tolerou conſtantemente como Tobias até que no Convento de Lisboa trocou a vida caduca pela eterna no anno de 1681. quando contava 63. annos de idade. Compoz.

El Heroe Portuguez. Vida, hazañas vitorias, virtud, y muerte del Excelentiſſimo Señor D. Nuño Alvares Pereira. Lisboa por Diogo Soares de Bulhoens. 1670. 16. Eſta obra *he applaudida pela ſua erudiçaõ, e elevado eſtilo* eſcreve Fr. Manoel de Sá nas *Memor. Hiſtor. dos Eſcrit. Portug. do Carm.* pag. 29. Foy ſegunda vez impreſſa com o nome ſuppoſto de Salanio Luſitano com eſte titulo.

Diſcurſos politicos, y militares en la vida del Conde D. Nuño Alvares Pereira Condeſtable del Reyno de Portugal. Zaragoça por Juan de Ibar 1670. 4. Sendo por furto levada do poder do Author como elle manifeſtou na Apologia impreſſa que eſcreveo em 23. de Novembro de 1670. e atribuida a Fr. Franciſco de Salez.

Vida de Santo Angelo Martyr Carmelita. Lisboa por Joaõ da Coſta 1671. 4.

A Fenix de Portugal, a flor transformada em Eſtrella, a eſtrella transferida a Sol: a idea moral politica, hiſtorica de tres eſtados diſcurſada na vida da Raynha Santa Izabel Infanta de Aragaõ. Coimbra por Manoel Dias. 1680. 4.

Sermaõ funebre nas Exequias que os Irmãos Eſcravos de N. Senhora da Encarnaçaõ fizeraõ a ſeu Inſtituidor o Irmaõ Fr. Simaõ de Santa Maria no Convento do Carmo de Lisboa em 10. de Abril de 1672. Lisboa por Joaõ da Coſta 1672. 4.

Com o nome ſuppoſto de Gerardo de Eſcovar publicou

Chriſtaes da alma, phraſes do Coraçaõ, Rhetorica do ſentimento, amantes deſalinhos. Lisboa por Joaõ da Coſta. 1673. 8. Coimbra por Jozé Ferreira 1677. 8. et ibi por Jozé Antunes da Sylva. 1721. 8.

Doze Novellas. Primeira Parte. Lisboa por Joaõ da Coſta 1674. 4.

Eſtas duas obras conſtaõ de proza, e verſo.

Vida, e martyrio do V. P. Gonçalo da Sylveira da Companhia de JESUS. Eſta obra offereceo ao P. D. Luiz da Sylveira, como tambem outro livro de que ſe ignora o titulo offerecido à Duqueza de Caminha dos quaes faz mençaõ Fr. Manoel de Sá nas *Memor. Hiſtor.* já allegadas pag. 30. e do Author Joaõ Franco Barreto na *Bib. Portug. M. S.* e o meſmo Sá nas *Mem. Hiſt. da Ord. do Carm. da Prov. de Portug.* Tom. 1. liv. 4. cap. 2. n. 526.

Fr. ANTONIO DA ESPERANÇA Naceo em Lisboa, e foy filho de Miguel da Monta, e Anna Fillippa. Profeſſou o Habito de Eremita de Santo Agoſtinho no Convento patrio a 18. de Dezembro de 1568. Foy ornado de muitas virtudes pelas quaes padeceo varias perſeguiçoens do demonio de cuja aſtucia triumfou ſempre a ſua imperturbavel conſtancia. Cheyo de merecimentos acabou a vida em 10. de Dezembro de 1634. Deixou *M. S.*

Sermoens varios 1. *Tom.*

Que ſe conſerva na Livraria do Convento de Lisboa.

D. Fr. ANTONIO DO ESPIRITO SANTO. Naceo na Villa de Monte-mor o Velho do Biſpado de Coimbra, e na Freguesia do Salvador foy bautizado a 20. de Junho de 1618. Foraõ ſeus Pays Jeronymo Soares Carraça, e Filippa Gaſpar. Na idade juvenil de 17. annos abraçou o Inſtituto dos Carmelitas Deſcalços no Convento de N. Senhora dos Remedios de Lisboa Cabeça da ſua Provincia neſte Reyno, donde feita a Profiſſaõ a 29. de Mayo de 1636. foy aprender as ſciencias mayores no Collegio de Coimbra nas quaes ſahio taõ inſigne, que as diƈtou por muitos annos com grande fruto dos ſeus ouvintes. Depois de ſer Prior do Convento onde profeſſára, e Difinidor da Provincia, o foy Geral de toda a Congregaçaõ de Eſpanha. Atendendo a Mageſtade delRey D. Pedro II. à profundidade das ſuas letras acompanhadas com a exaƈta obſervancia do ſeu Inſtituto o nomeou Biſpo de Angola ſendo o primeiro que teve a ſua reformada Familia neſte Reyno. Partio para a ſua Dioceſe em Companhia do Governador Pedro Ceſar de Menezes em cuja jornada padeceo laſtimoſo naufragio junto de Benguella a 9. de Novembro de 1673. de que eſcapou milagroſamente, e chegando a 9. de Dezembro tomou poſſe a 11. do dito mez do anno de 1673. Pouco foy o tempo que exercitou eſta dignidade lamentando a ſua falta com lagrimas copioſas as ſuas ovelhas quando dos ſeus olhos foy arrebatado pela violencia da morte a 27. de Janeiro de 1674. quando contava 56. annos de idade. Eſtá ſepultado no Convento dos ſeus Religioſos que tem em a Cidade de Loanda no meyo do Cruzeiro com eſte epitafio.

Sepultura do Senhor D. Fr. Antonio do Eſpirito Santo Carmelita Deſcalço Lente de Theologia Moral, Provincial da Provincia de Portugal, Biſpo de Angola. Morreo aos 27. de Janeiro na era de 1674. A ſua memoria celebraraõ Nicol. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 128. e Tom. 2. pag. 318. e 655. Fr. Jozé de Santa Tereſ. *Chron. de los Carmel. Deſcalc.* Tom. 4. liv. 18. cap. 40. n. 35. Franc. de Santa Maria *Diar. Portug.* p. 62. e o P. D. Ant. Caet. de Souſ. no *Catal. dos Biſpos de Angola.* Compoz

Directorium Regularium in quo practicabiliores caſus tum ex jure, tum ex Bullis Pontificiis, nec non Eminentiſſimorum Cardinalium declarationibus illuſtrantur, & juxta regulam, & Conſtitutiones Carmelitarum Diſcalceatorum accommodantur, ubi etiam

multa de aliis Religionibus. Pars. 1. *de Privilegiis Regularium. Pars.* 2. *de obligatione Religioſorum. Pars.* 3. *de regimine Prælatorum Regularium.* Lugduni apud Joan. Antonium Huguetan, et Marcum Anton. Ravand. 1661. fol. et Coloniæ per Joan. Buſæum 1667. 4.

Directorium Confeſſariorum in quo ſelectiores, & practicabiliores caſus omnium Sacramentorum, & Cenſurarum breviſſime, & dilucide explicantur, & ex plurimorum tam veterum, quam recentiorum Doctorum ſententiis, nec non Pontificum Bullis, & Emi. Card. declarationibus illuſtrantur. Partes duæ quæ ſunt de Sacramentis, & Cenſuris tam in genere, quam in ſpecie. Lugduni apud Joan. Ant. Huguetan, et Guilielmum Barbier 1668. fol.

Directorium Confeſſariorum continens decem Decalogi Præcepta, & totam materiam de Juſtitia, & jure, ubi etiam de contractibus, &c. ibi apud eoſdem Typog. 1671. fol.

Directorium Myſticum, in quo tres difficillimæ viæ, ſcilicet purgativa, illuminativa, & unitiva undique elucidantur, & Sanctorum Patrum præcipue Angelici Præceptoris D. Thomæ, & Seraphicæ Matris noſtræ S. Tereſiæ ſplendoribus illuſtrantur. Lugduni per Guilielmum Barbier. 1677. fol

Conſulta varia Theologica juridica, & regularia pro conſcientiarum inſtructione circa controverſias quæ Authori tum Ulyſſipone quam Matriti, & aliis in locis fuere propoſita. Lugd. apud Joan. Ant. Huguetan et Guilielm. Barbier. 1671. fol.

Primatus, & principatus Eliæ in quo toti orbi oſtenditur tum Sanctorum Patrum, tum Summorum Pontificum auctoritatibus, tum rationibus Eliam Prophetam illum Dei magnum fuiſſe Principem, Authorem, & Inſtitutorem Religionis Carmelitanæ in lege ſcripta cum vero Monachatu, ac tribus votis ſimplicibus, & intra Religionem hanc continuata fuiſſe ſine ulla interruptione uſque ad legem gratiæ, & inde uſque ad hæc tempora. Ulyſſipone apud Joannem da Coſta 1671 .4.

Fr. ANTONIO DO ESPIRITO SANTO. Naceo em Lisboa a 12. de Abril de 1699. ſendo ſeus Pays Manoel de Andrade de Figueiredo, e Catherina do Pilar. Recebeo o Habito dos Menores no Convento de S. Franciſco de Xabregas Cabeça da Provincia dos Algarves no anno de 1716. e tendo jà quatro mezes paſſados em que tinha feito a profiſſaõ ſolemne, alcançada faculdade dos Superiores paſſou à Provincia de Portugal, na qual ſe incorporou no anno de 1718. Florece o ſeu engenho no exercicio concionatorio, de que tem dado por primicias os ſeguintes frutos.

Panegyrico funeral nas exequias de Joaõ Caetano de Mello das Povoas Fidalgo da Caſa de Sua Mageſtade Academico Supranumerario da Academia Real da Hiſtoria Portugueza celebradas em 13. *de Novembro de* 1734. *na Igreja de N. Senhora das Portas do Ceo de Tilheiras pela Veneravel Ordem Terceira de que foy o primeiro Miniſtro.* Lisboa por Jozé Antonio da Sylva 1735. 4.

Sermaõ em acçaõ de Graças a N. Senhor Jeſu Chriſto Crucificado pelas melhoras da Excellentiſſima Senhora D. Maria Joſepha da Graça de Noronha filha dos Excellentiſſimos Márquezes de Caſcaes celebrada em 7. *de Dezembro de* 1735. Lisboa na Officina Ferreiriana. 1736. 4.

Sermaõ de N. Senhora da Victoria, glorioſo titulo, que lhe deo o invencivel Rey D. Affonſo Henriques pela batalha dos Mouros, que venceo neſte ſitio em que a Senhora era venerada com o titulo dos Prazeres prégado na Ermida do Lugar de Sacavem na Feſta, que lhe fizeraõ os ſeus Irmãos com o Sacramento expoſto em 11. *de Junho de* 1737. Lisboa por Antonio Iſidoro da Fonſeca 1738. 4. Neſte Sermaõ ſe intitula o Author com o nome de Fr. Antonio do Eſpirito Santo Andrade.

ANTONIO DO ESPIRITO SANTO MACABELLO Presbytero Ulyſſiponenſe filho de Paſchoal da Sylva Capitaõ da Ordenança, e de D. Anna Maria, foy igualmente douto na intelligencia das Eſcrituras, e Santos Padres, como na profiſſaõ dos Sagrados Canones, exercitando com naõ pequena gloria do ſeu nome o miniſterio de Prégador excellente, e de Advogado perito da Caſa da Supplicaçaõ, e Curia Patriarchal. Morreo em Lisboa no mez de Abril de 1738. Compoz com o ſuppoſto nome de Antonio Franciſco Piſtraſturato Macabello.

Alphabetum Euchariſticum per Capita XX.

diſtributum, in quo Euchariſtici Sacramenti nomina, et ſelectiora encomia ex Sanctis Patribus, aliorumque Sacrorum Scriptorum præſertim veterum monumentis collecta juxta alphabeti ſeriem omnium oculis exhibentur. Ulyſſipone apud Bernardum Coſtium Carvalium. 1725. in 8.

Eſta obra augmentada em grande parte a publicou em ſeu nome com eſte titulo.

Polyanthea Euchariſtica per XX. Capita diſtributa inqua Euchariſtici Sacramenti nomina, et ſelectiora encomia ex Sanctis Patribus aliorumque Sacrorum, et præſertim veterum Scriptorum monumentis collecta Ordine alphabetico proponuntur. Ulyſſipone typis Dominici Gonçalvez. 1733. in fol.

D. Fr. ANTONIO DE SANTO ESTEVAM natural de Lisboa onde recebeo o Habito da illuſtre Ordem dos Prégadores. Igualmente foy venerado o ſeu talento no Pulpito, como admirada a ſua ardente charidade no Hoſpital da Saude, *nome* (como eſcreve Fr. Luiz de Souſa na *Hiſt. de S. Domingos da Prov. de Portug.* Part. 1. liv. 3. cap. 36.) *com que disfarçamos o horror, que faz dizer Hoſpital da peſte.* Nelle aſſiſtio como Enfermeiro Mór naõ ſómente miniſtrando aos feridos do contagio os remedios corporaes, mas os eſpirituaes, como experimentou hum Herege que atrahido da efficacia das ſuas palavras abraçou os dogmas da Igreja Romana, e morreo com evidentes ſinaes de Predeſtinado. Em premio das ſuas letras, e virtudes o nomeou Fillippe II. Biſpo de Angola, cuja nomeaçaõ confirmou Clemente VIII. a 13. de Julho de 1604. Obſervou no ſeu Biſpado a vida de Prelado vigilantiſſimo reformando abuſos, deſtruindo idolatrias, e reduzindo muitos Gentios ao conhecimento da verdadeira Divindade. Morreo piamente no anno de 1609. Compoz no tempo que aſſiſtio aos apeſtados.

Regimento da Saude.

Pelo qual affirma Fr. Pedro Monteiro no *Clauſt. Dominic.* Tom. 3. pag. 150. ſe governa eſta Corte, havendo-ſe já lembrado deſte Prelado no 1. Tom. *do Clauſt. Dominic.* pag. 49. Souſa *Hiſt. de Saõ Domingos da Prov. de Portug.* Part. 1. liv. 3. cap. 36. e Part. 2. liv. 2. cap. 15. Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 224. no Commentario de 18. de Março let. D.

Fr. ANTONIO DE SANTO ESTEVAM ſemelhante ao precedente aſſim em o nome, como na Religiaõ, de que foy filho. Eſcreveo comforme o allega Cardoſo no *Agiol. Luſit.* Tom. 1. pag. 382. no Commentario de 8. de Fevereiro let. C. ſe he que naõ ſe equivoca com Fr. Antonio da Encarnaçaõ que compoz do meſmo argumento.

Relaçoens da India. M. S.

ANTONIO ESTEVES Presbytero, e formado na faculdade dos Sagrados Canones igualmente douto, e pio, como declara a obra que compoz com eſte titulo.

Methodo practico para que todas as almas ſaibaõ exercitar-ſe na Oraçaõ mental. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ 1731. 32.

Traduzio de Caſtelhano em Portuguez.

Myſtica Theologia compoſta pelo Doutor Seraſico S. Boaventura do verdadeiro caminho do Ceo com algumas declaraçoens feitas pelo P. Meſtre Fr. Jeronimo Gracian da Madre de Deos Religioſo do Carmo. Lisboa na Officina da Muſica. 1731. 8.

Fr. ANTONIO DA EXPECTACAM Naceo na Villa de Manteigas ſituada na Provincia da Beira alta no Biſpado da Guarda a 13. de Junho de 1651. de Pays nobres chamados Thomé Paez, e Anna da Rosa. Tendo completos deſeſeis annos profeſſou o Habito da douta, e auſtera Reforma do Carmelo no Convento dos Remedios de Lisboa no 1. de Julho de 1668. onde depois de eſtudar as ſciencias Eſcholaſticas interpretou por muitos annos aos ſeus domeſticos os profundos myſterios da Sagrada Eſcritura em que era ſabiamente verſado, naõ o ſendo menos no exercicio das virtudes, com as quaes ſervia de exemplar aos mais rigidos profeſſores do ſeu Inſtituto. Foy Prior do Dezerto do Buſſaco, Viſitador ultramarino, Conſiliario, e Definidor, e em taõ diversos lugares nunca deixou de ſe occupar na compoſiçaõ das ſuas obras aſceticas, e concionatorias. A o tempo que contava 73. annos de idade, e 56. de habito morreo piamente no Convento de Adolhalvo-

junto da Villa de Alemquer a 17. de Novembro de 1724. Compoz.

Semana Santa, exercicios divinos da preſença de Deos, e Oraçaõ para cada dia da Semana, vozes da alma nas Soledades do Buſſaco. Lisboa na Impreſſaõ da Muſica. 1719. 4.

A Eſtrella da Alva a ſublimiſſima, e Sapientiſſima Meſtra da Santa Igreja a Angelica, e Seraſica Doutora Myſtica Santa Tereza de JESUS Mãy; e filha do Carmelo, Matriarcha, e Fundadora da ſua Sagrada Reforma, ſuas illuſtres, e heroicas obras; ſuas raras, e prodigioſas maravilhas em diverſos diſcurſos, e Sermoens Panegyricos ponderados. Primeiro Tomo. Lisboa na Officin. Real Deſlandeſiana 1710. fol. com eſtampas, & ibi. por Jozé Antonio da Sylva Impreſſor delRey, e da Academia Real 1740. fol.

A Eſtrella da Alva &c. Segundo Tomo Coimbra na Officina do Real Collegio das Artes da Companhia de JESUS 1716. fol. com eſtampas.

A Eſtrella da Alva applicada. Breviario de Varios aſſumptos, e ideas predicaveis de varios Santos, e outros Sermoens de entre anno compoſtos, e fabricados das materias, provas, e conceitos, que ſe acharaõ nos primeiros dous Tomos intitulados A Eſtrella da Alva Santa Thereſa de Jeſus Terceiro Tom. Lisboa por Antonio Pedroſo Galraõ. 1727. fol.

Joſephina Panegyrica, e Aſcetica de Sermoens, e Diſcurſos diverſos ſobre as admiraveis graças, prodigios, excellencias, e maravilhoſos titulos do mayor dos Patriarchas, do Supremo Monarcha, e do Maximo dos Santos o Glorioſo Saõ Jozé Pay putativo de Chriſto, Eſpoſo verdadeiro de Maria Santiſſima. Tom. 1. Lisboa na Officina Auguſtiniana. 1731. 4.

Joſephina Panegyrica &c. Tom. 2. Lisboa na meſma Officina, anno, e forma.

Chronica Divina, e Hiſtoria Sagrada Panegyrica, e Aſcetica, eſtimulos do Amor Divino deduzidos da contemplaçaõ, e ponderaçaõ das divinas perfeiçoens, Atributos, e inefaveis excellencias de Deos Trino, e Uno affim de acender a divina chama nas almas Catholicas, pias, e devotas. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva Impreſſor da Academia Real. 1736. fol.

Delle faz mençaõ Fr. Martialis a S. Joan. Bautiſt. in *Biblioth. Scriptor. Utriuſque Congregat. et Sexûs Carmelit. Excalceat.* Burdigal. apud Petrum Sejourné 1730. 4. p. 37. onde o intitula *vir doctiſſimus.*

Fr. ANTONIO DA EXPECTACAM natural da Villa de Amarante da Dioceſe Bracharenſe, e filho de Joaõ de Magalhaens Villela Morgado da Capella de Saõ-Tiago na meſma Villa deſcendente das mais illuſtres familias da Provincia do Minho, e de Maria Cerqueira Moniz. Foy educado com grande diſvelo por ſeus Pays, conhecendo da ſua boa indole, e perſpicaz comprehenſaõ que havia correſponder abundantemente a taõ deligente cultura. Na idade adulta como quem conhecia os enganos do mundo o deixou reſolutamente para abraçar o Inſtituto Seraſico que profeſſou no Santo Convento da Villa de Alenquer da Provincia de Portugal no anno de 1677. No Collegio de Coimbra, foy diſcipulo, e depois Meſtre até jubilar na Cadeira de Prima, ſendo venerado pelos mayores Profeſſores da Theologia, que no ſeu tempo exiſtiaõ na Univerſidade de Coimbra, por Oraculo deſta faculdade, ou foſſe explicando, ou arguindo pela natural ſubtileza, e ſumma profundidade do ſeu talento. Eſta grande litteratura acompanhada da ſevera obſervancia da Regra o fizeraõ digno de ſer Qualificador do Santo Officio, Examinador das tres Ordens Militares, Conſultor da Bulla da Cruſada, Guardiaõ do Convento de S. Franciſco da Ponte de Coimbra, Definidor, e Confeſſor do Convento das Religioſas da Eſperança de Lisboa, e Penitenciario geral de toda a familia Seraſica neſte Reyno De muitas, e doutas obras que pudera ter publicado ſómente ſe imprimio a ſeguinte de que faz memoria Fr. Joan. a D. Anton. in *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 103.

Sermaõ da Exaltaçaõ da Cruz prègado na Igreja de N. Senhora da Divina Providencia dos Clerigos Regulares em 14. *de Setembro de* 1724. *em que a ſua Congregaçaõ compria dous Seculos da ſua approvaçaõ pela Santidade de Clemente VII.* Lisboa por Miguel Rodriguez. 1730. 4.

Tractatus Theologicus de Spe. 4. M. S. Conſta de 50. queſtoens ſubtilmente tratadas, e profundamente deſcubertas pelo ſeu grande

engenho em huma materia, da qual traz ſómente tres Queſtoens o inſigne Maſtrio celebre eſplendor da Eſcola Scotiſtica. Começa.

Significatio hujus vocis.

ANTONIO FAGUNDES JACOME natural da Villa de Viana da Provincia do Minho, Presbytero de vida inculpavel, e de naõ vulgar litteratura profeſſo na Ordem 3. do Patriarcha S. Franciſco. Compoz huns devotos dialogos com eſte titulo.

Ramalhete de Myrrha, e memorial da Paixaõ de Chriſto Noſſo Redemptor. Lisboa por Antonio Alvres. 1630. 8. Do Author ſe lembra Joan. Soar. de Brito in *Theatr. Luſit. Litterat.* lit. A. n. 71.

Fr. ANTONIO DA FALLA natural do lugar do ſeu Appellido ſituado em o ſuburbio de Coimbra Religioſo Dominico, e muito verſado na Hiſtoria de Eſpanha, e Portugal. Compoz como relata Fr. Pedro Monteiro no *Clauſt. Domin.* Tom. 3. pag. 150.

Inſtituiçaõ do Moſteiro de JESUS da Villa de Aveiro juntamente com a vida da Princeſa Santa Joanna que nella foy Religioſa. M. S.

Fragmentos da Hiſtoria de Eſpanha.

Relaçaõ dos Reys, e Raynhas que eſtaõ ſepultados em Alcobaça. Cuja obra compoz no anno de 1569. por ordem delRey D. Sebaſtiaõ com quem eſteve prezente à abertura dos Sepulchros Reaes, e nella refere ter viſto, e admirado o corpo da Raynha D. Urraca mulher de Affonſo II. naõ ſómente preſervado da corrupçaõ mas todos os veſtidos com que fora ſepultada há 352. annos. Eſte ſuceſſo tranſcreveo da dita Relaçaõ que conſervava em ſeu poder o Chroniſta mór do Reyno, Fr. Antonio Brandaõ na 4. *Part. da. Mon. Luſit.* liv. 13. cap. 19.

P. ANTONIO DE FARIA Naceo na Cidade de Lamego, onde ſendo cuidadoſamente educado por ſeus Pays Manoel Cardoſo de Faria, e Izabel Monteira, logo nos primeiros annos manifeſtou que tinha igual propenſaõ para as letras, que para as virtudes. A viveza do engenho, e a felicidade da memoria lhe fizeraõ patentes naõ ſómente as letras humanas, Rhetorica, e Poeſia, mas as ſciencias Eſcolaſticas em que foy eminente. Porém querendo fugir ao applauſo, e eſtimaçaõ que dos ſeus progreſſos litterarios lhe reſultavaõ ſe retirou para a Serra da Arrabida onde por alguns annos practicou ſeveramente os penitentes exercicios dos Anachoretas mais auſteros, até que inſpirado por ſuperior impulſo para preferir a vida activa à contemplativa em beneficio dos proximos, buſcou a Congregaçaõ do Oratorio de Lisboa fundada neſte Reyno pelo V. P. Bartholameu do Quental, que examinando o ſeu eſpirito o achou capaz de ſer huma das pedras fundamentaes do edificio eſpiritual, que edificára ſendo a ella admitido a 15. de Agoſto de 1681. Neſta virtuoſa paleſtra começaraõ a luzir os dotes de que o ornára a natureza ſendo o ſeu mayor diſvelo occultallas com affectada ignorancia. Foy ſummamente perito na lingua Latina, Mythologia, e Poeſia ſucedendo muitas vezes fazer verſos extemporaneos com tanta elegancia, e ſuavidade como ſe foraõ por largo tempo meditados. Na Filoſofia que dictou, foy acerrimo Antagoniſta da Eſcola dos Nominaes, tendo diſcipulos que foraõ Meſtres inſignes, entre os quaes ſe numera com agradecida memoria o moderno Chroniſta da Provincia da Arrabida Fr. Antonio da Piedade na *Chron. da dita Provincia* Part. 1. liv. 1. cap. 22. n. 133. Com igual applauſo leo Theologia Eſpeculativa, e Moral, de cujas faculdades tenho a virtuoſa jactancia de ſer ſeu ouvinte; ſendo igualmente digno de admiraçaõ que ou defendendo, ou argumentando, nunca o ardor da diſputa lhe alteraſſe a ſerenidade do ſemblante. Naõ houve negocio grave deſte Reyno, em que naõ foſſe conſultado, votando ſempre com igual liberdade de animo, que rectidaõ de conciencia. Foy Examinador Synodal do Arcebiſpado de Lisboa Oriental, e Deputado da Junta das Miſſoens lugares que aceitou violentado por ſer todo o ſeu eſtudo viver ſómente para Deos contemplando nas ſuas perfeiçoens, ou para com os proximos dirigindo a huns no Confeſſionario, e aſſiſtindo a outros na hora do mayor perigo. Cheyo de annos que excederaõ o numero de 86. e muito mais de merecimentos foy

lograr o premio delles em Lisboa a 21. de Janeiro de 1737. Imprimio.

Sermaõ nas honras funebres, que a Congregaçaõ do Oratorio de Lisboa dedicou à Saudoſa memoria da Sereniſſima Rainha D. Maria Sofia Izabel em 21. de Agoſto de 1699. na Igreja da meſma Congregaçaõ. Lisboa por Miguel Deslandes Impreſſor de ſua Mageſtade 1699. 4.

Tinha compoſto hum Poema Heróico Latino dividido em diverſos livros imitando o eſtilo de Lucano ſendo o argumento a memoravel Batalha que nos Campos de Aljubarrota alcançou a 14. de Agoſto de 1385. dos Caſtelhanos o inclito Heróe D. Joaõ o I. cujo principio era.

Everſos Caſtellæ auſus, validiſque tumentem
Agminibus Regem numero dare terga coactum &c.

Eſta obra como foſſe compoſta na ſua adoleſcencia ſendo examinada em annos mais maduros, a julgou com nimia ſeveridade impropria do eſtado, que profeſſava, e para que nunca ſe publicaſſe a deſpedaçou em varios fragmentos dos quaes chegando hum ao meu poder eſcrito da ſua propria maõ o tranſcrevi neſte lugar para que deſte pequeno dedo ſe conheça o metrico furor deſte Gigante do Parnaſſo.

Horrendum intonuit Caſtellæ buccina ſignum
Quo pariter clamorque virùm, clangorque tubarum
Ortus utrinque: trucem mox concava tecta ferarum
Vaſta per arva procul ſonitum concuſſa dedére:
Flumina quin etiam horribili perculſa fragore,
Ceu perculſa metu, ſubitó converſa retrorſum.
Aſt non Lyſiadæ tam ſævo turbine belli
Attoniti retró cedunt, trepidantia ve haurit
Corda pavor pulſans, ſed ad ardua quæque libentes
Attollunt animos, medioque in Marte feroci
Virtute exuperant, perque agmina millia pergunt.
Fit via vi, rumpunt acies, primoſque trucidant
Et reliquis crebros clypeis rutilantibus ictus
Cominus illatos vix jam portare poteſtas.
At fruſtra abducũt retró capita ardua ab illis.
Talibus auſpiciis res eſt incæpta, ſed ecce
Ad ſummũ Luſis ventum eſt diſcrimen: Iberi
Corporis, atque animi præſtantes robore quique
Collecta virtute manũ glomerantur in unam,
Noſtrorumque gregem numeri ratione puſillũ
Obnixi invadunt, non vertere terga, diuq̃
Inter utroſque volat dubiis victoria pennis:
Aſt ubi Rex Lyſius propenſam advertit in hoſtes
Præproperè accurrit formidinis inſcius omnis
Per mediaſque ruens acies inſignibus armis
Tectus, at aurata nudatus caſſide vultum,
En Rex veſter, ait.

Chriſtus Imago Dei inviſibilis, et figura ſubſtantiæ Patris ad deridendum quemdam, imó jugiter deflendum deriſorem Sacrarum Imaginum Poema elegiacum. Começa.

Ah Coridon, Coridon quæ te dementia cepit?
(Dum proprium retices, nominis iſtud habe)

Alloquium Hominis Dei ad hominem quemdam Atheum Euchariſticum ſuper verba illa Joan. 6. Caro mea vere eſt cibus. Poema Elegiacum. Principia.

Quomodo veſcendam dixit turba impia carnẽ
Hic præbere ſuam, jactat ut ipſe, poteſt.

Eſtas obras Poeticas Latinas, como outras Portuguezas, e Caſtelhanas ſe conſervaõ na Livraria da Congregaçaõ do Oratorio deſta Corte.

ANTONIO DE FARIA BARREIROS natural de Lisboa. Deſde os primeiros annos foy muito applicado à liçaõ dos livros, e ſufficientemente inſtruido na Ortografia da lingua materna, por cuja cauſa era Corrector de diverſas Impreſſoens. O tempo que lhe reſtava deſta occupaçaõ, o gaſtava em traduzir livros devotos para ſatisfazer a piedade de algumas peſſoas, dos quaes verteo de Caſtelhano do P. Fr. Jayme Corella Capuchinho.

Chave do Ceo com a qual ſe abrem as portas da Gloria aos peccadores, e Confeſſionario Geral, e Via-Sacra. Lisboa por Bernardo da Coſta de Carvalho. 1714. 16.

De Caſtelhano do P. Fr. Franciſco Lezana Carmelita.

Vida, Prerogativas, e excellencias da Inclita Matrona a Senhora Santa Anna Lisboa pelo dito Impreſſor. 1716. 8.

Novena do Santiſſimo Nacimento do Menino JESUS noſſo Salvador diſtribuida pelos nove dias antecedentes à Sagrada Feſta do Natal.

Naõ tem lugar, nem anno da Impreſſaõ, poſto que das licenças ſe colhe ſer impreſſo em Lisboa no anno de 1713. em 24.

Traduzio de Caſtelhano do Doutor Jozé Bonetta em Portuguez.

Gritos do Inferno para deſpertar ao mundo. Lisboa por Fillippe de Souſa Villela. 1721. 8.

Fr. ANTONIO FEYO filho de Pedro Fernandes de Gouvea, e Izabel Feya taõ illuſtres na piedade como em a nobreza acreditou Lisboa com o nacimento, e a Religiaõ Dominicana com o talento, profeſſando no Convento da ſua patria a 14. de Abril de 1589. Foy hum dos mais celebres Prégadores da ſua idade ſendo ouvido nos mayores Pulpitos com geral acclamaçaõ dos Auditorios que nelle admiravaõ felizmente unidos, a vehemencia dos affectos com a delicadeza dos penſamentos, corroberando os diſcurſos com multiplicidade de Textos da Eſcritura, e authoridades dos Padres da Igreja Latina, e Grega, em cuja intelligencia era profundamente douto e continuamente verſado. Mayores ſeriaõ os frutos que colhia com eſte apoſtolico miniſterio ſe a morte intempeſtivamente o naõ privara da vida no anno de 1627. quando contava 54. annos de idade. Foy Pregador Geral confirmado no Capitulo Geral celebrado em Pariz no anno de 1611. Prior do Convento de Azeitaõ, Reytor do Collegio de Coimbra, e Examinador das Ordens Militares. O applauzo, que mereceraõ os ſeus Sermoens, ſe conhece das multiplicadas vezes que ſe imprimiraõ; os quaes foraõ.

Tratados Quadrageſimaes, e da Paſchoa divididos em duas partes. Lisboa por Jorge Rodrigues. 1609. fol. et ibi pelo meſmo Impreſſor 1612. fol. mais correctos. Foraõ traduſidos na lingua Caſtelhana por Fr. Thomás Antillon. Lerida por Luiz Maneſcal 1613. e por Fr. Franciſco Morago Mercenario. Valladolid por Joan de la Rueda 1614. Valencia por Pedro Patricio 1614. Vertidos em Francez por Fr. Raymundo Hezecques Dominico com eſte titulo.

Doctes y rares Sermons pour tous jours dela Quareſme. Pariz chez Sebaſt. Cramoyſi. 1618. 8.

Tratados das Feſtas das vidas dos Santos Primeira Parte. Lisboa por Pedro Craſbeeck 1612. fol.

Segunda Parte. Lisboa por Jorge Rodrigues. 1615. fol. Foraõ traduſidos em Caſtelhano por Affonſo Mexia Galeote. Baeza por Mariana de Monroy fol. e antes em Barcelona por Lourenço Deu. 1614. 4.

Tratados das Feſtas da V. Senhora noſſa Lisboa por Jorge Rodrigues. 1615. fol.

Sermaõ das Exequias, que a Santa Seé, e Cidade de Coimbra de commum concordia fizeraõ na morte do Catholico Rey D. Philippe III. do nome, e II. Rey de Portugal em 11. de Mayo de 1621. Lisboa por Pedro Crasbeeck Impreſſor delRey. 1621. 4.

Na prefaçaõ aos Sermoens Quareſmaes prometia Sermoens do Advento, e das Domingas *poſt Pentecoſten,* o que naõ executou impedido pela morte. Eſcrevem delle com louvor Echard in *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. pag. 424. col. 2. Fr. Pedro Monteiro *Clauſtr. Dom.* Tom. 2. p. 151. Joan. Soar. de Brit. in *Theat. Luſit. Litterat. lit.* A. n. 72. Nicol. Ant. in *Bib. Hiſpan.* Tom. 1. pag. 92. Mich. Pius in *Chron. Ord. Præd.* Part. 4. lib. 4. cap. 55. Fr. Affonſ. Fernand. in *Concert. Ord. Præd.* Joaõ Franco Barreto *Bib. Luſit.* M. S. n. 163. D. Emman. Caet. de Souſa in *Exped. Hiſpan. D. Jacob.* Tom. 2. pag. 1304.

ANTONIO FELIX MENDES Naceo em o lugar de Pernes diſtante tres legoas ao Norte da notavel Villa de Santarem a 14. de Janeiro de 1706. ſendo filho de Manoel Rodrigues, e Dorothea da Conceiçaõ. Toda a ſua mayor applicaçaõ foy ao eſtudo da Lingua Latina, e letras humanas em que tem feito grandes progreſſos a viveza do ſeu engenho. Naõ o moſtrou menos na intelligencia da Poeſia aſſim latina como vulgar de que foy Meſtre na Academia Latina, e Portugueza. Publicou como primicias da amenidade dos ſeus Eſtudos

Oratio in obitum maximi Hiſpanorum D. D. Emmanuelis Martini Decani Alonenſis habita. Ulyſſipone apud Jozephum Antonium da Sylva Regiæ Academiæ Typ. 1737. 4.

Grammatica Latina do Bacharel Domingos de Araujo reformada, acrecentada, e redu-

zida a methodo mais facil com a clareza que baſta para que em menos de hum anno ſe aprenda por ella, o que por outras em cinco, ou ſeis apenas ſe entende, como a experiencia tem moſtrado. Lisboa por Manoel Fernandes da Coſta 1737. 8.

A' morte do Illuſtriſſimo, e Veneravel D. Fr. Bartholameu do Pilar 1. *Biſpo do Graõ Pará do Eſtado do Maranhaõ Elegia Portugueza.* Conſta de 42. Tercetos. Lisboa pelo dito Impreſſor 1734. 4. Sahio no fim do Elogio que a eſte Prelado fez com grande elegancia Fillippe Jozé da Gama Academico Supranumerario da Academia Real.

P. ANTONIO FERNANDES natural de Braga. Sendo admitido à Companhia de JESUS na India Oriental foy hum dos fervoroſos companheiros, que no anno de 1559. paſſou a Etiopia com o claro varaõ D. André de Oviedo Biſpo Hyeropolitano para cultivar aquella vinha mais fertil de trabalhos, que de frutos eſpirituaes, em cuja laborioſa empreza naõ ſómente o ajudou com toda a efficacia, mas padeceo incriveis moleſtias da tyrania dos ſciſmaticos, que lhe pareciaõ ſuaves pelo ardente zelo com que anhelava conduzillos à obediencia da Igreja Romana até que em Fremona a 10. de Mayo de 1593. foy deſcanſar o ſeu eſpirito na patria Celeſte. As ſuas apoſtolicas acçoens relataõ Godigno *de rebus Abyſſinor.* lib. 3. cap. 4. e 16. Telles *Chron. da Comp. de Jeſ. da Prov. de Portug.* Part. 2. liv. 6. cap. 42. n. 2. e mais difuſamente na *Hiſt. da Etiopia Alta* liv. 2. cap. 40. Jarric. *Theſaur. rer. Indic.* Part. 2. lib. 1. cap. 19. Eſcreveo

Carta ao Provincial de Goa, em que difuſamente narra da ſua expediçaõ, e de ſeus companheiros à Etiopia, e de como eſte Imperio fora invadido no anno de 1572. *pelos Franceſes, e Turcos.*

P. ANTONIO FERNANDES filho de Domingos Luiz, e Maria Fernandes natural de Coimbra onde na idade de 14. annos entrou na Companhia de JESUS ao 1. de Fevereiro de 1572. e ſendo inſtruido nas letras humanas, e ſciencias mais ſeveras enſinou Rhetorica no Collegio de Santo Antaõ de Lisboa. Depois de receber em 13. de Mayo de 1601. o gráo de Doutor na Univerſidade de Evora, nella foy venerado o ſeu talento pela profunda intelligencia das Eſcrituras que explicou por alguns annos. Dezejoſo da ſalvaçaõ dos Indios com licença dos Superiores paſſou a Goa onde foy Propoſito da Caſa profeſſa deſta Cidade. Reſtituido a Portugal ſe exercitou no miniſterio de Prégador em Lisboa para o qual tinha particular genio. Morreo na ſua patria em 14. de Março de 1628. Delle ſe lembraõ a *Bib. da Companh.* pag. 72. e Nic. Ant. na *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 92. Fonſeca *Evora Glorioſ.* pag. 426. Franco *Imag. da Virtud. em o Novic. de Coimbra.* Tom. 2. pag. 612. Joan. Soar. de Brito in *Theat. Luſit. Litter.* lit. A. n. 75. Lippenio, e Draudio nas ſuas *Bib.* e Morery *Diccion. Hiſtorique* Verb. *Fernandes.* Compoz.

Commentarij in Viſiones Veteris Teſtamenti cum paraphraſibus Capitum ex quibus eruuntur. Lugduni Sumptibus Horatij Cardon. 1616. fol. & ibi Sumptibus Cardon et Petri Cavillat. 1622. fol.

Tinha promptos para a Impreſſaõ.

Commentarij in Iſaiam Prophetam. M. S.

No Collegio de Santo Antaõ ſe conſervaõ tres Oraçoens ſuas muito elegantes, e dignas da luz publica.

1. *De Laudibus Sapientiæ* recitada no anno de 1582. quando era Meſtre da 2. Claſſe.

2. *De Laudibus Sapientiæ* dita no anno de 1584. ſendo Meſtre da Primeira.

3. Na occaſiaõ em que o Collegio de Santo Antaõ recebeo os Legados do Japaõ ao Summo Pontifice, e ao noſſo Monarcha no anno de 1585.

ANTONIO FERNANDES natural da Villa de Souzel da Provincia do Alentejo, e da Dioceſe de Evora. Foy Presbytero ornado da inteireza de coſtumes, e ſciencia practica, e eſpeculativa da Muſica, cuja Arte naõ ſómente exercitou como Meſtre do Coro da Igreja Parochial de Santa Catherina de Lisboa, mas abrindo eſcola enſinou a muitos Diſcipulos os preceitos mais dificultoſos della, e para que ainda depois de morto inſtruiſſe aos amantes deſta ſuave faculdade, eſcreveo.

Arte da Muſica de Canto de Orgaõ, e Canto Chaõ, e proporçoens da Muſica dividida harmonicamente. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1625. 4.

Explicaçaõ dos ſegredos da Muſica, em a qual brevemente ſe expende as cauſas das principaes conſas que ſe contem na meſma Arte. M. S. em folha conſerva-ſe na Livraria Real da Muſica.

Arte da Muſica de Canto de Orgaõ compoſta por hum modo muito diferente do coſtumado compoſta por hum Velho de 85. annos dezejoſo de evitar o ocio. folh. M. S.

Theorica do Manicordio, e ſua explicaçaõ. folh. M. S.

Mappa univerſal de qualquer conſa aſſim natural, como accidental, que ſe contem na Arte da Muſica com os ſeus generos, e demonſtraçoens Mathematicas. fol. M. S.

Eſtes tres Tomos eſcritos pela mão do Author exiſtiaõ na Livraria da Muſica de Franciſco de Valhadolid grande profeſſor deſta Arte de quem ſe farà mais diſtincta memoria em ſeu lugar. Do Author fazem mençaõ D. Franciſco Manoel na *Carta dos AA. Portuguezes* eſcrita a Manoel Themudo da Fonſeca que he a 1. da quarta Centuria das ſuas cartas, e Joaõ Soar. de Brito in *Theatr. Luſit. Litter.* lit. A. n. 76.

P. ANTONIO FERNANDES. Naceo em Lisboa ſendo filho de Domingos Fernandes, e Joanna Jorge, e na florente idade de 16. annos entrou na Companhia de JESUS em Evora a 26. de Março de 1586. como eſcreve Franco na *Imagem da Virtud. em o Noviciad. de Evor.* Lib. 3. cap. 49. ou a 17. de Abril de 1587. confórme affirma Telles na *Etiopia Alta* Append 1. §. 7. Logo que veſtio a Roupeta ſe inflamou no ardente zelo de paſſar à India para conquiſtar almas a JESU Chriſto, e alcançando dos Superiores a faculdade que tanto dezejava partio a 25. de Março de 1602. com aquella numeroſa eſquadra de cincoenta e outo Miſſionarios de que era Capitaõ o P. Alberto Laercio. Chegado a Goa como achaſſe promptos alguns Padres para a ſagrada expediçaõ da Etiopia novamente ſe lhe accendeo o eſpirito na reducçaõ daquellas ovelhas que taõ erradas vagavaõ do rebanho da Igreja, e tomando por Companheiro ao P. Franciſco Antonio de Angelis diſſimulado em trage de Armenio ſe introduſio naquelle vaſto Imperio. Naõ ſe pòdem reduſir a numero os trabalhos, e vigilias que conſtantemente tolerou, os caminhos fragozos, e inacceſſiveis pelos quaes muitas vezes deſcalço diſcorreo, os perigos, e ciladas a que heroicamente offereceo a vida por atrahir á obediencia da Igreja Romana os corações daquelles ſciſmaticos merecendo por eſtes evangelicos miniſterios ſer chamado pelo Patriarcha Affonſo Mendes Apoſtolo deſta Miſſaõ, ſendo antes que eſte Prelado entraſſe na Etiopia naõ ſómente Vigario Geral daquella Igreja, onde encheo todas as obrigaçoens de Paſtor ſolicito, mas Confeſſor do meſmo Patriarcha, e inſeparavel companheiro dos ſeus immenſos trabalhos, até que com elle ſe recolheo a Goa, e no Collegio de S. Paulo ainda que atenuado de forças, e opprimido de dores nunca deſiſtio de afligir o corpo com aſperas diſciplinas, e auſteros jejuns pelo eſpaço de ſete annos, no fim dos quaes piamente acabou a vida em 13. de Novembro de 1642. Eſtas, e outras acçoens deſte operario Evangelico ſe pòdem ler diffuſamente em Sachin. *Hiſt. Societ.* lib. 1. cap. 140. Alegamb. *in mortib. illuſtrib.* p. 14. Nadaſi in *Ann. dier. mem. S. J.* Pars. 2. pag. 272. Telles *Hiſt. da Etiopia Alta.* Apend. 1. §. 7. e 8. Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Luſit. Litter.* lit. A. n. 74. chamando-lhe *Magnus, ſtrenuuſque apud Æthiopes operarius. Morery Diccion. Hiſtoriq.* verb. *Fernandes* dizendo *il travailla avec un zele infatigable ala converſion des peuples ſciſmatiques.* Franco *Imag. da Virtude em o Nov. de Evor.* liv. 3. cap. 49. até cap. 52. e pag. 853. e no *Ann. Glor. S. J. in Luſit.* pag. 679. Fonſec. *Evor. Glorioſ.* pag. 426. Eſcreveo na Lingua Abexina

Magſeph aſſetat que quer dizer *Flagellum mendaciorum* em que refuta todos os erros do Livro *Maſgah Haymonot* que ſignifica *Thezouro da Fè* eſcrito por hum Sciſmatico chamado *Raz Athenateot.* Sahio impreſſo em Goa com carecteres Abexins que foraõ mandados ao Patriarcha Affonſo Mendes pela Santidade de Urbano VIII.

Vida da Santiſſima Virgem Maria Mãy de Deos Senhora Noſſa na qual doutamente refuta as ſacrilegas impoſturas que contra a Mãy de Deos eſcrevem os Sciſmaticos. Eſta obra deixou o Author ao Patriarcha que a traduſio na lingua Portugueza, e dedicou ao P. Vicente Carafa Prepoſito Geral da Companhia de JESUS, e foy impreſſa em Goa no Collegio de S. Paulo

da Companhia de JESUS 1652. 4. cuja ediçaõ vimos.

Biane Caſſauſt que he o meſmo, que *Inſtrucçaõ dos Confeſſores* em que ſe comprehendem todos os caſos de conciencia, que pòdem occorrer na adminiſtraçaõ do Sacramento da Penitencia. M. S.

De opere ſex dierum. Eſta obra foy compoſta á petiçaõ do Emperador Soltaõ Segued, a qual explicou em Palacio no Inverno de 1628. e della faz memoria Jacobo Lelong in *Biblioth. Sacra* pag. 723. col. 1.

Da Immunidade Eccleſiaſtica. M. S.

Tratado do Jejum nelle moſtra os muitos erros em que cahem os Abexins acerca da ſua obſervancia.

Abbau Haymonot iſto he inſtrucçaõ dos Sacerdotes para validamente adminiſtrarem os Sacramentos, emendando o livro intitulado *Fides Patrum.*

Verteo na lingua Etiopica

Ritual Romano, e Miſſal, e Calendario das Feſtas confórme o computo do anno Etiopico.

Tratado em louvor do Anjo Cuſtodio. M. S. Eſcreveo eſte livro em agradecimento a hum grande favor que recebera deſte Sagrado Eſpirito. Alèm deſtas obras eſcreveo muitas Cartas àcerca dos ritos, e coſtumes dos Abexins, das quaes ſe podia fazer hum juſto volume cujas noticias tranſcreveo o P. Nicolào Godinho *de rebus Abyſſin.* lib. 1. cap. 8. e 9. e cap. 12. 34. 35. e 36. onde muitas vezes o allega. Tambem deſtas Cartas faz mençaõ o P. Fernaõ Guerreiro na *Addiçaõ à Relaçaõ de Etiopia do anno de* 1607. e 1608. no cap. 1. pag. 271. e cap. 2. pag. 276. e a *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ modernamente acrecentada Tom. 1. Tit. 12. col. 399.

Carta eſcrita em 8. *de Março de* 1623. *ao Provincial de Goa.* Sahio traduſida em Francez pelo P. Joaõ Darde Jeſuita. Pariz por Sebaſtiaõ Cramoiſy 1628. 8. e em Italiano. Roma por Franciſco Corbelletti 1627. 8.

ANTONIO FERNANDES compoz *Deſcripçaõ da Provincia de Entre Douro, e Minho.* M. S.

Deſta obra, como de ſeu Author faz mençaõ o novo addicionador da *Bibliothec. Geograf.* de Anton. de Leaõ Tom. 1. Tit. unic. col. 1605. affirmando que delle havia fazer memoria D. Nicolao Anton. nas Addiçoens à *Bib. Hiſpan.*

ANTONIO FERNANDES DE BARROS Presbytero Ulyſſiponenſe inſigne Meſtre de Gramatica, de cuja Eſcola ſahiraõ famoſos Varoens que illuſtraraõ o Sacerdocio, e o Imperio, tendo a gloria de que muitos delles quando jà eraõ Cathedraticos das mayores Cadeiras da Univerſidade de Coimbra frequentaſſem no tempo das Ferias a ſua Claſſe, e lhe beijaſſem a mão em ſinal da veneraçaõ, e agradecimento às primeiras luzes que receberaõ da ſua doutrina querendo ainda ſer ſeus Diſcipulos os que eraõ celebrados Meſtres. Teve natural genio para a Poeſia deleitando-ſe com os primores deſta divina Arte em que felizmente compoz muitas obras pelas quaes era applaudido pelos ſeus mayores profeſſores que floreceraõ no ſeu tempo, como foraõ Antonio Figueira Duraõ *Parnaſ. Laur.* Ram. 2. comparando-o a Orfeo

Quid mirum eſt Orpheum Sylvas, & ſaxa ſecuta
Quando etiam hic vates (eſſent quamquam omnia ferrum)
Omnia dulciſoni traheret modulamine cantùs.
Nam ſi ſaxa calybs, ſi ferrum Sylva fuiſſet,
Hujus nempe forent magnetes carmina vatis.

Na mageſtade dos verſos comicos o antepoem a Terencio, e a Seneca.

Romani effigies non illa (ut rere) Terenti,
Nãque eſt, qui profert tragicos Antonius actus
Doctius Annæo, quem Corduba Iberica jactat.

Semelhante louvor lhe dedica Jacinto Cordeiro en el *Elog. de los Poet. Portug.* n. 27.

Quando Antonio Fernandes ſe diſpone
A ſer aguila al ſol deſta Conquiſta
Clavo imperioſo a ſu fortuna pone,
Que remontada en el pierde la viſta;
Entre muchos ingenios ſe antepone
Que merecen la gloria deſta liſta;
Y el merece tanto en larga ſuma,
Que a Terencio Eſpañol quitó la pluma.

Manoel de Galhegos no *Templo da Memoria* o convida para celebrar os deſpoſorios dos Sereniſſimos Duques de Bragança na Eſtanc. 204. neſta fórma

O' quem com voz, e numero ſonante
A todo engenho convocar pudera
Pera taõ alta empreza! Oh quem tronante
Eſpirito ao Clarim da fama dera!
Agora, agora ò Barros á Latina
Eſta empreza encomenday divina.

He digno de ſentimento que nenhuma obra ſua ſe fizeſſe publica quando podiaõ-ſe imprimir

Varias Comedias

que repreſentaraõ no theatro com grande applauſo dos expectadores os Comediantes Caſtelhanos.

Verſos latinos Portuguezes, e Caſtelhanos. Dos quaes ſómente ſe imprimio hum Epigramma latino que he admiravel em louvor das obras poeticas de Antonio Figueira Duraõ, e huma poeſia muito elegante feita á morte de Lope Felis da Vega que ſe conſerva na Livraria do Cardeal de Souza, hoje do Duque de Alafoens que começa

Con tardo piè, con perezoſo paſſo

acaba

Y le era dilacion, lo que vivia.

Morreo na patria em idade provecta a 15. de Março de 1680. Jaz ſepultado na Real Igreja de N. Senhora da Conceiçaõ dos Freyres da Ordem de Chriſto onde deixou duas Capellas pela ſua Alma, e por adminiſtradora a Irmandade do Santiſſimo Sacramento.

ANTONIO FERNANDES FRANCO Natural da Ilha de S. Miguel, e Vigario da Igreja da Alagoa ſituada na meſma Villa. Para eternizar na memoria dos vindouros os horroroſos eſtragos, e fataes calamidades, que padeceo eſta Ilha em 2. de Setembro de 1630. cauſados pela violencia do fogo que rebentando do profundo do mar, e vencendo a immenſa copia das aguas arrojou com horrivel eſtrondo pedras da extraordinaria grandeza até a altura de cem covados, eſcreveo como teſtemunha ocular.

Relaçaõ do laſtimoſo, e horrendo caſo que aconteceo na Ilha de S. Miguel em ſegunda feira 2. de Setembro de 1630. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1630. folha.

Do Author ſe lembra o P. Antonio Cordeiro na *Hiſt. Inſulan.* Liv. 5. cap. 23.

ANTONIO FERNANDES DE MOURA natural de Braga naõ ſómente Douto na Sagrada Theologia, a cuja faculdade indefeſſamente ſe applicou, e em a noticia de hum, e outro Direito, mas no miniſterio do Pulpito, que com grande applauſo exercitou nas Dioceſes de Braga, e Lamego, em cujo Biſpado foy Examinador Synodal, e muito aceito ao Prelado deſta Igreja o Illuſtriſſimo D. Joaõ de Lancaſtre. Naõ mereceo menor eſtimaçaõ no conceito do Illuſtriſſimo Arcebiſpo Primaz D. Fr. Aleixo de Menezes que ſummamente o venerava mais pela innocencia dos coſtumes, que pela profundidade das letras. Para inſtruir aos Confeſſores com hum facil methodo na adminiſtraçaõ do Sacramento da Penitencia applicou todo o diſvello compondo a obra ſeguinte, que repetidas vezes foy impreſſa.

Examen Theologiæ Moralis in quo medulla univerſarum quæſtionum ad caſus conſcientiæ pertinentium ex Sacra Theologia, & utroque jure, nec non ex graviſſimis, & abſolutiſſimis tam hujus, quam ſuperioris ævi ſcriptoribus, & ſummiſtis deprompta teſtimoniis, & exemplis confirmata continentur in quattuor partes diviſum; primam agentem de Præceptis Decalogi; ſecundam de Præceptis Eccleſiæ, tertiam de Sacramentis: quartam de peccatis, addito ad calcem brevi Tractatu de Operibus Miſericordiæ. Bracharæ Auguſtæ apud Fructuoſum do Baſto 1613. 4. Coloniæ Agripinæ apud Petrum Henigium 1616. 8. 1618. 1626. 1628. 1641. 1643. 4. et Sumptibus Heningij 1653. Lugduni apud Claudium Larjot 1627. 8. Duaci apud Gerardum Patte 1620. 8. Brixiæ apud Bartholomæum Fontana. 1622. 4. Rhotomagi apud Romanum Malherbe. 1639. Traduſido em Francez. Pariz 1627. 4. Compoz mais

Compendio moral, e Reſoluçoens de Caſos de Conciencia. Porto por Joaõ Rodriguez. 1625. 8. e Lisboa. 1629. 8.

Hum *Soneto* ſeu em Portuguez ſahio impreſſo no *Certame Poetico em Louvor de D. Miguel de Noronha Conde de Linhares.* Lisboa por Giraldo da Vinha 4. Naõ tem anno da ediçaõ.

Celebraõ o ſeu nome Nicol. Anton. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 92. Joan. Soar. de Brito in *Theat. Luſit. Litter.* lit. A. n. 77. e

Lippenio, e Draudio nas ſuas *Bibliothecas*. Morreo em Lisboa a 17. de Mayo de 1646. Eſtá ſepultado na Santa Caſa da Meſericordia.

ANTONIO FERREIRA Doutor na faculdade de Direito Civil, Dezembargador da Caſa da Supplicaçaõ, Fidalgo da Caſa Real, naceo em o anno de 1528. naõ em a Cidade do Porto, como alguns erradamente ſe perſuadiraõ, mas em Lisboa, de que elle ſe jacta no liv. 1. dos ſeus *Poemas* Epiſtol. 10.

Eſta Cidade, em que naci fermoſa
Eſta nobre, eſta chea, eſta Lisboa
Em Africa, Aſia, Europa taõ famoſa.

Teve por Pays a Martim Ferreira Cavalleiro da Ordem de Saõ-Tiago, Eſcrivaõ da Faſenda do Duque de Coimbra o Senhor D. Jorge, e a Mecia Froes Varella. No tempo, que na Academia de Coimbra começou a eſtudar Juriſprudencia arrebatado da natural inclinaçaõ à Poeſia, naõ ſómente compunha nas horas vagas do eſtudo alguns verſos que jà reſpiravaõ ſuave cadencia, e mageſtoſa elegancia, mas incitava aos ſeus Condiſcipulos a que lhe foſſem emulos em taõ divina Arte. Por ella alcançou taõ profunda veneraçaõ dos mayores alumnos do Parnaſo, que como a Principe deſta faculdade lhe mandavaõ as ſuas compoſiçoens para que pulidas com a ſua lima ſahiſſem totalmente perfeitas ao theatro do mundo, como o teſtemunha Diogo Bernardes fallando com elle na *Epiſtol.* 12.

Mas naõ poſſo negar ſerem-me dados
Por ti do Ceo favores venturoſos
Ainda que mal de mi remunerados.
Se me naõ dera ao mundo em taõ ditoſos
Annos de mim que fora: Que por ti
Eſpero de ter nome entre os famoſos.
Por mim nunca ſubira onde ſubi,
Meu nome com a vida ſe acabara
O mundo naõ ſoubera que naci.
Confeſſo dever tudo àquella rara
Doutrina tua, que me quiz ſer guia
Ao celebrado monte, à fonte clara.
E por te dever mais, ſe à luz do dia
Te parece, que ſayaõ meus eſcritos
Na tua penna eſtá ſua valia &c.

Entre o laborioſo miniſterio de Dezembargador nunca interrompeo o comercio das Muſas, antes ſuavizava grande parte do continuo trabalho, e applicaçaõ daquelle eſtudo com as delicias poeticas reformando as obras que compuſera em idade muito verde, ou produzindo outras em que retratava o ſeu eſpirito com mais vivas cores, que certamente chegariaõ a mayor numero, ſe lhe naõ roubára o tempo a Deciſaõ das cauſas forenſes, e o naõ privára intempeſtivamente da vida a morte em Lisboa no anno de 1569. Eſtá ſepultado no Cruzeiro do Convento do Carmo de Lisboa, e ſobre a campa tem gravadas eſtas palavras.

Epitafio do Doutor Antonio Ferreira Lente que foy na Univerſidade de Coimbra, Dezembargador da Relaçaõ, raro Poeta. Faleceo no anno de 1569.

Hìc Doctor jacet è Cathedra quem jura Tonantem
Mente avidá audiret Bartolus, imo Solon:
Carmina ſcribentem Cythara ſequeretur Apollo,
Diceret, et numeris non ſatis eſſe Chelin.
Ius et Pieridas Patria decoravit, amore
Illius hæc capiti Laurea major erat.
Nec vati magnum, ac fuerit, quod in urbe Senator,
Sed ſua quod Regnum Scripta Thalia regit
Si legit, una tuos componet Epiſtola mores
Maximus eſt doctor, qui docet è tumulo.

A ſua morte ſentio ſeu grande amigo, e venerador Diogo Bernardes neſtas elegantes, e diſcretas expreſſoens eſcritas em huma Elegia a Pedro de Andrade Caminha.

Ninfas do claro Tejo que cubriſtes
A gráo envolta em neve, eſtrellas, e ouro
De negro veo quando tal viſtes
Vinde de freſca murta de hera, e louro
Ornar de tempo em tempo a pedra fria
Onde a morte eſcondeu Voſſo thezouro
Vinde cubrir as cinzas onde ardia
Fogo de amor divino, de alvas flores
Em lembrança da magoa deſte dia:
Venhaõ taõbem as Muſas, e os amores
Offerecerlhe dons, que a Arabia manda
E cante Phebo em tanto ſeus louvores
Depois pendure a Lyra doce, e branda:
Em ſima do ſepulcro por memoria,
E Cupido arco, e ſettas de outra banda.
Ambos perderaõ nelle ſua gloria;
Quem de hum cantará já tanta belleza
Quem d'outro adoce guerra, e a victoria?
Ah bom cultor da Muſa Portugueza

Qual foy Virgilio a Roma, a Grecia Homero,
Tal foſte tu à tua natureza.

Semelhantes elogios lhe conſagraõ à ſua memoria Antonio de Souſ. de Macedo in *Luſit. liberat.* Proæm. 1. §. 1. n. 2. e Proæm. 2. §. 2. n. 7. e nas *Flor. de Eſpan.* cap. 22. Excellenc. 2. Nicol. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 93. *lucubrationes metricas et elegantiæ plenas, ſpirituque, et animoſitate vigentes poeticá* Manoel Sever. de Far. *Diſc. da ling. Portug.* pag. 82. v.º Joan. Tamayo Salaz. *Martyrol. Hiſp.* Tom. 4. pag. 183. Fr. Manoel de Sá nas *Mem. Hiſt. da Prov. do Carm. de Portug.* liv. 2. cap. 11. n. 253. Morery *Diccion. Hiſtoriq.* Verb. *Ferreira.* Por deligencia de ſeu filho Miguel Leyte Ferreira ſahiraõ.

Poemas Luſitanos. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1598. 4. Cuja ſegunda Parte, que ſe naõ imprimio, louva Antonio de Souſa de Maced. in *Luſit. liberat.* Proæm. 1. §. 1. n. 5.

Comedias que com outras de Franciſco de Sá, e Miranda ſahiraõ. Lisboa por Antonio Alvares. 1622. 4.

Tragedia de D. Ignes de Caſtro que ſahio impreſſa no fim dos ſeus *Poemas,* foy traduzida por hum Francez na ſua lingua, e a dedicou ao Conde da Atouguia Joaõ Gonçalves de Attayde de quem fora criado, e Meſtre da lingua Latina de hum ſeu filho, a qual ſe imprimio em Pariz.

P. ANTONIO FERREIRA Naceo em Lisboa ſendo filho de Jorge Antunes, e Maria Ferreira igualmente ricos que virtuoſos. No tempo que curſava a terceira claſſe no Collegio de Santo Antaõ foy admitido à Companhia de Jeſus a 22. de Agoſto de 1635. com 15 annos de idade. Notavel foy o engenho, que moſtrou para todas as faculdades de que ſe ſeguio enſinar com grande applauſo cinco annos Humanidades, e Rhetorica em o Collegio de Coimbra. Querendo Deos provar a sua paciencia permitio, que ſe levantaſſe contra a rectidaõ dos ſeus cuſtumes huma furioſa tempeſtade, que tolerou prezo em Coimbra pelo eſpaço de dous annos em os quaes para ſuavizar a pena, que o atormentava compoz alguns Poemas Latinos ſendo aſſumpto de hum delles o receyo de perder a ſua amada Religiaõ, que finalizou com eſtas enternecidas expreſſoens, que bem declaraõ a ſuavidade da ſua diſcreta Muſa.

Non ſatis hæc: maius trepidantem vulnera telum
Mentem agit: inſtanti ſubit exponenda periclo
Relligio: qua non equidem mihi gratior unquam
Ulla fuit: primo quæ me ſibi junxit amore
Quæque erat occiduo me ſervatur a ſepulchro.
Hæc me (vix poteram vitæ cognoſcere leges,
Juraque quid prohibent, vel quid contendat honeſtas)
Excepit Puerum, et teneris formavit ab annis.
Prima ſub hac rerum poſui monumenta magiſtra
Hìc virtutis opes, doctas hic Palladis artes
Edidici, hic primos, quæ ſervent dogmata mores,
Quæ ve decent animos ſtudia indeſeſſa viriles.
Quæ via difficilem ſubeunti pandat Olympum,
Et quæ Tartareas ducat Phlegethontis ad undas.
Quattuor emẽſos numerabam luſtra per annos,
Ex quo votivis ſuſcepimus omina vinclis,
Auſpicijs promiſſa fides felicibus: hic me
Formavit natura virum, ſolumque pudoris
Conſcia non alij adolevit moribus ætas
Ergo ne tam multos, vitæque, animique labores
Una dies tulerit? Pereant tam longa repente
Tempora? tam grati linquenda cubilia tecti
Totque virùm probitas?

Triunfante das calumniass de que fora injuſtamente accuſado, leo Filoſofia em Lisboa, paſſando à Univerſidade de Coimbra, e Evora depois de receber as inſignias Doutorais a 25. de Julho de 1661. foy Lente de Veſpera na dita Univerſidade onde alcançou iguaes applauſos de Letrado, que Pregador. Accometido de hum accidente de apoplexia, que o deixou inhabil para continuar os eſtudos Academicos, o naõ impedio para o progreſſo das virtudes, que religioſamente obſervou com admiraçaõ dos ſeus domeſticos. Sendolhe revelada a hora da morte ſe deſpedio dos ſeus Irmaõs pelos cubiculos até que paſſou a lograr o premio das ſuas virtuoſas acçoens a 10. de Janeiro de 1676. cuja memoria celebra o P. Fonſeca na *Evora Glorioſ.* pag. 426. e Franco in *Synopſ. Annal. S. J. in Luſit.* pag. 361. dizendo: *pollebat ingenio præclaro ad ſcientias quas jam dedicerat laude maxima, emi-*

nebat dotibus ad exornandum ſacrum ſuggeſtum. De muitos, e bons Sermoens, que prégou, unicamente ſe publicou o ſeguinte.

Demonſtraçoens da Verdade da noſſa S. Fé contra os erros Judaicos em o Acto da Fé, que ſe celebrou na Cidade de Evora em 21. de Setembro de 1670. Evora na Officina da Univerſidade 1670. 4.

ANTONIO FERREYRA filho de Valentim Ferreira Cirurgiaõ, Familiar do Santo Officio, e de Luiza de Moura naceo em Lisboa, e na Parochia de Santa Juſta foy bautizado a 6. de Novembro de 1626. Na Univerſidade de Coimbra ſe applicou à meſma Arte que ſeu Pay profeſſára, e depois de eſtar nella perfeitamente inſtruido a exercitou primeiramente na Praça de Tangere onde foy mandado curar o mal epidemico, que conſumia aos ſeus habitadores, e ſendo ferido do contagio eſcapou da ſua violencia pela efficacia dos ſeus medicamentos. Voltando para a patria continuou o meſmo exercicio com grande credito da ſua ſciencia, e naõ menor fortuna dos infermos principalmente dos que aſſiſtiaõ no Hoſpital Real de todos os Santos por eſpaço de vinte annos experimentando todos os maravilhoſos effeitos do ſeu methodo curativo. Sendo Cirurgiaõ da Camara delRey foy eleyto Cirurgiaõ mór da Sereniſſima Senhora D. Catherina, quando no anno de 1662. ſe foy deſpozar com Carlos II. de Inglaterra, a qual acompanhou até Londres recebendo em premio da fidelidade com que ſeruira a eſta Princeza o habito de Chriſto com outras merces honorificas, e rendoſas. Reſtituido a Portugal naõ deixou o exercicio da ſua Arte, a que mais o eſtimulava a charidade, que o intereſſe, até que fechou o circulo de ſua vida em Lisboa no anno de 1679. quando contava 63. annos de idade. Deixou deſcendencia numeroſa eternizando o ſeu nome particularmente em tres filhos profeſſores de diverſas faculdades quaes foraõ o Doutor Ignacio Lopes de Moura Dezembargador dos Aggravos da Caſa da Supplicaçaõ Cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto de quem em ſeu lugar faremos mençaõ, o Doutor Jacinto Ferreira de Moura formado nos Sagrados Canones, e Prior da Real Freguezia de S. Juliaõ de Lisboa, e Fr. Leonardo de Moura Religioſo de S. Jeronymo, e Reytor do ſeu Collegio de Coimbra, que foy bom Theologo. Para fazer mais perceptivel a Arte da Cirurgia aos ſeus naturaes, que a quizeſſem aprender, eſcreveo em eſtylo compendioſo.

Luz verdadeira, e recopilado exame de toda a Cirurgia. Lisboa por Domingos Carneiro. 1670. fol. ſahio acrecentado com huma nova Practica do Author. Lisboa por Ualentim da Coſta Deslandes 1705. fol. Eſta obra comprehende 17. livros o 1. *da Anatomia de todas as partes do corpo* 2. *Dos Apoſthemas em geral* 3. *dos Apoſthemas em particular.* 4. *das Feridas* 5. *do Fluxo do Sangue.* 6. *das Feridas Venenoſas.* 7. *das Feridas de pelouro.* 8. *das Feridas da Cabeça.* 9. *das Feridas do roſto.* 10. *das Feridas do peito.* 11. *das Feridas do ventre.* 12. *das Feridas dos nervos.* 13. *das Chagas em geral, e particular.* 14. *das Chagas em particular.* 15. *das Fracturas.* 16. *das Dislocaçoens.* 17. *das Fontes.* He intitulado por Morery *Diccion. Hiſtoriq.* Verb. *Ferreira un des plus celebres Chirurgiens de Portugal.*

ANTONIO FIALHO FERREIRA Cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto Fidalgo da Caſa Real, natural, e morador na Cidade de Macao celebre colonia dos Portuguezes nos confins da China onde exercitou honorificos poſtos, ou foſſem politicos, ou militares. Sendo Capitaõ mór da frota de Macao chegou a Manilla no anno de 1633. e pela grande devoçaõ que tinha à Religiaõ Serafica alcançou faculdade do Provincial da Provincia de Saõ Gregorio para a nova fundaçaõ das Religioſas da primeira obſervancia de Santa Clara na Cidade de Macao triumfando de todas as dificuldades, que ſe levantáraõ contra eſte negocio, como elle expreſſa em huma carta eſcrita a Fr. Antonio da Conceiçaõ Miniſtro Provincial da Provincia da Madre de Deos a qual traz impreſſa Fr. Jacinto de Deos no *Vergel de Plant. e Flor.* cap. 4. art. 5. pag. 129. e della faz mençaõ como do Author o moderno Addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ Tom. 2. Tit. 7. col. 629. Por cauſa de huma grave diſcordia excitada entre o povo, e os Miniſtros delRey

ſe auzentou de Macao no anno de 1637. e atraveſſando com manifeſto perigo da vida o Imperio de Narſinga, e as Serras de Gaute, chegou pelo paſſo de Daugin a Goa em 24. de Junho onde foy benevolamente recebido pelo ViceRey Pedro da Sylva, que conhecendo a capacidade do ſeu talento o mandou repreſentar a ElRey o miſeravel eſtado a que eſtava reduzida a India para a qual ſe neceſſitava de prompto remedio. Partio de Goa em Janeiro de 1639. e depois de vencidos muitos trabalhos chegou a Aſpaõ donde voltando pelos montes de Armenia Superior entrou no Reyno de Gorgoſtaõ. Paſſada grande parte da Grecia por Betinia eſteve em Cõſtantinopla, e navegando pelo Archipelago deſembarcou em Liorne. Chegou a Roma, e depois de bejar o pé ao Pontifice conferio com o Embaxador de Caſtella o negocio que lhe fora cometido. Depois de paſſados os Ducados de Mantua, e Saboya naõ póde tomar o porto de Barcelona por cauſa dos Turcos andarem infeſtando aquelles mares até que entrou em Valença donde paſſando a Madrid repreſentou a ElRey a cauſa que o obrigara para emprender jornada igualmente dilatada que perigoſa. Foy logo mandado a Lisboa para que ſe apreſtaſſem ſeis Náos, que ſocorreſſem a India quando neſte tempo ſe aclamou o Sereniſſimo Senhor D. Joaõ o IV. o qual certificado da fidelidade de Antonio Fialho o mandou a Macao ſignificar aos ſeus moradores de que tinhaõ por Soberano a hum Principe Portuguez. Obedeceo promptamente a eſte preceito, e logo que chegou à ſua Patria convocadas as Peſſoas principaes do Eſtado Eccleſiaſtico, e Secular lhes expoz em huma elegante Oraçaõ, a feliz noticia de eſtar exaltado ao trono de Portugal o Sereniſſimo D. Joaõ o IV. a quem deviaõ reconhecer por ſeu Rey, e Senhor, de cuja heróica acçaõ por ſer glorioſo inſtrumento o celebraõ com grandes elogios D. Luiz de Menezes Conde da Ericeira *Portug. Reſtaur.* Tom. 1. liv. 3. pag. 141. Birago *Hiſt. de Portug.* lib. 3. pag. mihi 258. chamando-lhe *huomo di valore, e prudenza,* e o Padre Pedro Franciſco Xavier de Charlevoix *Hiſt. du Japon.* Tom. 2. pag. 441. Compoz.

Relaçaõ da viagem, que por ordem de Sua Mageſtade fez Antonio Fialho Ferreira deſte Reyno à Cidade de Macao na China, e felicíſſima Aclamaçaõ de Sua Mageſtade ElRey Noſſo Senhor D. Joaõ o IV. que Deos guarde na meſma Cidade, e partes do Sul. Lisboa por Domingos Lopes Roſa 1643. 4.

Oraçaõ que fez na Caſa do Senado da Cidade de Macao na prezença dos Juizes, Vereadores, e Procurador do Povo de como eſtava acclamado ElRey D. Joaõ o IV. Sahio impreſſa nos *Suc. Milit. das Arm. Portug.* pelo D. Joaõ Salgado de Araujo. Lisboa por Paulo Crasbeeck. 1644. 4. liv. 5. cap. 4.

Razones, y preguntas ſobre la Navegacion que ſe há abierto deſde la China a la India por los boquerones del Valle, y ſi ſerá conveniente hazer viages deſde la China a Lisboa en derechura. Eſta obra foy eſcrita em Portuguez, e traduzida em Caſtelhano ſe conſerva em a Bibliotheca delRey Catholico como affirma o moderno Addicionador da *Bib. Nautic.* de Antonio de Leaõ. Tom. 2. titul. 3. col. 1133.

ANTONIO FIGUEIRA DURAM natural de Lisboa. Foy admiravel o genio que deſde a puericia teve para a Poeſia Epica parecendo que nacera no gremio das Muſas, de tal ſorte que admirado o grande Poeta Manoel de Galhegos da ſumma facilidade com que na adoleſcencia ſe remontava ao cume do Parnaſſo o intitulou Orfeo daquelle ſeculo, e como a tal o convida para que com as ſuas canoras vozes celèbre o Hymineo dos Sereniſſimos Duques de Bragança no *Templo da Memoria* liv. 4. Eſtanc. 200.

Já das Muſas o Templo manifeſto
Vos eſpera (ò Figueira Orfeo Latino)
Entray nelle, e componde do Anapeſto
A eſte Hymineo o verſo Fecenino;
Ou day de Ignacio o voſſo altivo canto
A Nuno, que he tambem Soldado, e Santo.

Em obſequio da vontade de ſeu Pay paſſou à Univerſidade eſtudar Filoſofia, e Juriſprudencia, e entre as eſpeculaçoens deſtas duas faculdades nunca interrompeo a innocente comunicaçaõ que tinha com as Muſas o que elle teſtifica no fim do ſeu Poema intitulado *Ignatiados.*

Hæc ſuper Ignati geſtis, comitumque canebam

Cum me Secretas rerum cognoſcere cauſas
Ipſe jubet genitor: quare mea fiſtula lauro
Pendebit, quo plena ſonet, vireſque tacendo
Adquirat, poſſimque novos haurire liquores.

Depois de receber o gráo de Licenciado na faculdade de Direito Civîl voltou para a Patria, e como foſſe ornado daquelles dotes dignos de hum Miniſtro, foy eleito Juiz de fora de Mouraõ donde partio para o Maranhaõ com o lugar de Ouvidor deſte Eſtado, o qual adminiſtrou poucos mezes por morrer intempeſtivamente no anno de 1642. A ſua memoria ſempre ſerá veneravel entre os cultores da Poeſia ſendo entre eſtes o mais celebre o P. Antonio dos Reys no ſeu *Enthuſiaſm. Poetic.* impreſſo no principio dos ſeus Epigrammas. n. 17.

Nec te privabunt mea carmina laude Durane
O' puer ut Phœbus tenuit lanugine malas
Vix primà adſperſus, ſed jam ceciniſſe peritus
Claſſica poſt modulos calami poſt mitis avenæ
Murmura poſt lenes, quos prompſit fiſtula cantus.

Compoz.

Ignatiados libri tres. Ulyſſipone apud Georgium Rodriguez. 1635. 8. Poema Epico à S. Ignacio de Loyola.

Laurus Parnaſſæa. Ulyſſipone apud eumd. Typ. eodem anno 8. Conſta de Elogios de Poetas Portuguezes.

Templum Æternitatis, Poema Panegyricum in aula Conimbricenſis Academiæ pro roſtris recitatum. Conimbricæ apud Laurentium Crasbeeck. 1640. 4. Conſta de varios metros Latinos em louvor dos Lentes da Univerſidade de Coimbra.

ANTONIO DE FIGUEIREDO natural da Villa de Santarem do Arcebiſpado de Lisboa. Foy Freyre da Militar Ordem de Saõ-Tiago que profeſſou no Real Convento de Palmella, e grande letrado na Theologia moral por cuja ſciencia foy Prior em huma Igreja do Campo de Ourique onde apaſcentou as ſuas ovelhas com a doutrina, e muito mais com o exemplo até que entre ellas morreo em idade de 63. annos. Eſcreveo.

De Sacramentis in genere, et ſpecie. M. S.

Fr. ANTONIO DA FONSECA natural de Lisboa filho do Doutor Antonio Correa fundador do Convento de Santa Anna ſituado em a nobre Villa de Viana da Provincia de Entre Douro, e Minho, foy naõ ſómente eſplendor da Religiaõ Dominicana, cujo habito profeſſou, mas da Univerſidade de Sorbona, onde recebeo a borla doutoral em 6. de Janeiro de 1542. Eſtando já egregiamente inſtruido nas faculdades eſcholaſticas na ſua Patria, paſſou àquella Univerſidade onde alcançou o ſeu penetrante engenho a vaſta noticia da lingua Grega, e Hebraica, e a erudiçaõ Sagrada, e profana, em que foy peritamente verſado. A fama das ſuas profundas letras moveo a ElRey D. Joaõ o III. cuidadoſo da nova reſtauraçaõ da Univerſidade Conimbricenſe para que entre outros Meſtres convocados de Pariz foſſe elle chamado a ler a Cadeira de Veſpera da Sagrada Eſcritura, da qual tomou poſſe no anno de 1544. e a regentou muitos annos com grande credito do ſeu nome, naõ alcançando menor fama pelo Pulpito donde era venerado por celebre Orador Evangelico, de tal ſorte que o elegeo por ſeu Prégador o meſmo Principe, que o nomeara Lente da Univerſidade. *Foy o primeiro Prégador* (ſaõ palavras do inſigne Chroniſta Fr. Luiz de Souſa *Hiſt. de S. Doming.* Tom. 1. liv. 3. cap. 38.) *que introduzio neſte Reyno o ſentido litteral da Eſcritura apoſtilando o Santo Evangelho modo facil, e menos trabalhoſo para quem o ſegue, porque he totalmente ſeparado do eſtylo Oratorio antigo, que ſe compoem de ſuas partes com ſeus tropos, e figuras, e flores Rhetoricas.* Echard in *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. pag. 155. *Neque vero in uno claruit academico Lyceo, ſed facundiſſimus Verbi Divini Orator Oliſſipone, aliiſque præcipuis Luſitaniæ Civitatibus concionando magnum apud omnes ſibi nomen fecit.* Sena in *Bib. Ord. Præd.* pag. 26. *Vir linguarum notitia clarus, ſcripturæ Sacræ lectione multa exercitatus, et Concionator inſignis.* Manoel de Far. e Souſ. *Europ. Portug.* Tom. 3. Part. 4. cap. 6. Xiſto Senenſ. in *Biblioth. Sanct.* lib. 4. Joan. Soar. de Brito in *Theatr. Luſit. Litter.* lit. A. n. 79. Nicol. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 93. Jacobo Lelong in *Biblioth. Sacra* pag. 728. col. 1. e Fr. Pedro Monteiro *Clauſt. Domin.* Tom. 3. pag. 144. Compoz.

Annotationes marginales in Commentaria Thomæ de Vio Cardinalis Caietani in Pentateuchum. Pariſiis apud Joannem Parvum. 1539. fol. Neſta obra naõ ſómente compoz as notas, mas a vida do Cardeal Caetano (da qual faz memoria Fr. Ignacio Jacinto Amat de Graveſon. *Hiſt. Eccleſ. ad Sæcul. XVI.* Colloq. 5.) e a Introduçaõ ao Pentateucho. Eſcreveo mais como affirma Nicol. Ant.

In Joſue.
In Libros Regum.
In Paralipomenon.

ANTONIO DA FONSECA natural de Lisboa inſigne profeſſor de Medicina cuja ſciencia exercitou com grande fama em Flandes, e no Palatinado na occaſiaõ em que eſtas Provincias eſtavaõ inficionadas com a peſte ſocorrendo aos feridos de taõ fatal epidemia naõ ſó com a ſua aſſiſtencia, mas ainda eſcrevendo o methodo, com que ſe podiaõ curar, o qual publicou com eſte titulo.

Tractatus de epidemia febrili graſſante in exercitu Regis Catholici in inferiori Palatinatu anno 1620. *et* 1621. *in quo febris malignæ eſſentia, cauſæ, ſigna, diagnoſtica, et prognoſtica, et methodus curativa Philoſophice, et medice elucidantur.* Mechliniæ apud Henricum Jaye. 1623. 4.

Delle ſe lembraõ Nic. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 93. e Zacut. lib. 5. cap. 30.

ANTONIO DA FONSECA Naceo em Lisboa, e na real Parochia de S. Juliaõ recebeo a primeira graça a 14. de Junho de 1676. Ainda naõ excedia a tenra idade de tres annos quando paſſou com ſeus Pays Cypriano da Fonſeca, e Franciſca Maria ao Eſtado de Pernambuco, e no Recife aprendeo naõ ſómente as letras humanas, e Poeſia Latina em que ſahio eminente, mas as ſciencias de Filoſofia em a Congregaçaõ do Oratorio, e de Theologia eſpeculativa no Collegio dos Padres Jeſuitas. Voltando para a Patria foy cativo pelos mouros a 14. de Outubro de 1710. e levado a Argel onde ſendo vendido em praça publica a 5. de Novembro do dito anno, depois de tolerar terriveis moleſtias foy reſgatado de taõ duro cativeiro em o anno de 1713. por ſeis centos mil reis. Reſtituido a Portugal, e a ſua liberdade ſe ordenou de Presbytero, e conſiderando que as ſciencias proprias deſte Eſtado eraõ a Theologia Moral, e os Sagrados Canones, ſe applicou à primeira no Real Collegio de N. Senhora da Eſcada fundado neſta Corte pela magnifica piedade da Raynha D. Catherina mulher do Sereniſſimo Rey D. Joaõ o III. que regentaõ os Religioſos Dominicos, ſendo hum dos ſeus Collegiaes, e para ſe inſtruir na ſegunda paſſou à Univerſidade de Coimbra onde defendeo com applauſo univerſal em 23. de Julho de 1736. Concluſoens ſobre a materia *de Officio, et poteſtate Judicis Delegati* compoſtas em verſo heróico eleganti ſſimo com huma invocaçaõ a N. Senhora do Carmo, merecendo receber o gráo de Bacharel a 6. de Outubro de 1738. Pelo largo eſpaço de vinte annos tem exercitado o lugar de Capellaõ das Religioſas Dominicas do Convento da Annunciada deſta Corte. Publicou com eſte titulo.

Opuſculum Euchariſticum oratione ligata concinnatum. Ulyſſipone apud Emmanuelem Ferdinandum Coſtium Sanctæ Inquiſitionis Typog. 1728. 4. He dedicado a ElRey N. Senhor D. Joaõ V. em cujo louvor além da dedicatoria traz tres epigramas, e huma Ode. A obra conſta de huma larga Elegia, e neſte genero de Poeſia os tres Hymnos que a Igreja uza na Feſta do Corpo de Deos. Seis epigrammas em louvor do Santiſſimo Sacramento cujo aſſumpto ſe deduz de ſeis anagrammas da palavra *Euchariſtia.* A Oraçaõ *Adoro Te devotè latens Deitas* em hum poema heroico, e ultimamente o Hymno *Te Deum Laudamus* compoſto em verſos Saficos.

In funere Illuſtriſſimi, ac Reverendiſſimi Domini D. Fr. Bartholomæi do Pilar Epiſcopi Parenſis maximo totius Luſit. luctu fato correpti. Nænia. Conſta de 10. Dyſtichos. Epitafio ao meſmo Prelado que he hum Epigramma. Lisboa por Miguel Rodrigues Impreſſor do Senhor Patriarcha. 1734. 4. No fim do Elogio que dedicou a eſte Prelado Fillippe Jozé da Gama.

ANTONIO DA FONSECA OSORIO natural de Lisboa donde navegou até a India Oriental com o poſto de Soldado, e como aſſiſtiſſe nella muitos annos diſcorreo por diverſas Regioens de taõ vaſta parte do

mundo tolerando por mar, e terra innumeraveis trabalhos que deixou eſcritos no Livro intitulado

Peregrino Oriental de varias couſas, e ſucceſſos da India. O qual dedicou ao Duque D. Theodoſio Pay do Sereniſſimo Rey D. Joaõ o IV. e poſto que ſe naõ imprimio corre M. S. pelas mãos de muitos Curioſos, e he louvado por Jorge Cardoſo nas *Advertenc.* do Tom. 1. §. 2. verſ. ultim.

F. ANTONIO DE S. FRANCISCO Natural de Evora, filho de Pedro Franciſco, e Anna Mendes Religioſo da Ordem de S. Paulo, que profeſſou no Convento da Serra de Oſſa a 26. de Setembro de 1594. taõ inſigne no governo, como no magiſterio pois além de ſer *grande humaniſta* como o intitula o P. Franciſco da Fonſeca na *Evor. Glorioſ.* pag. 410. foy conſumado Theologo lendo eſta ſciencia com grande applauſo aos ſeus domeſticos até que nella jubilou naõ ſendo menor a ſaudade, que deixou aos ſeus ſubditos quando em alguns Conventos exercitou o lugar de Prélado. Todo o ſeu diſvello foy a compoſiçaõ da Chronica da ſua Congregaçaõ, para cujo fim naõ perdoou a genero algum de trabalho revolvendo os Cartorios dos Conventos inveſtigando as ſuas fundaçoens, as vidas dos Varoens inſignes, que nelles floreceraõ, e os privilegios, graças, e indultos com que a liberalidade Pontificia, e Real os enriquecera. Ao tempo que eſtava para concluir obra taõ laborioſa o arrebatou a morte em Villa-Viçoſa a 20. de Julho de 1633. com 58. annos de idade, e 39. de Religiaõ. Conſerva-ſe entre os ſeus Religioſos eſcrita pela propria maõ com eſte titulo

Chronica da Congregaçaõ de S. Paulo da Serra de Oſſa.

Della faz mençaõ Jorge Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 666. letr. C.

ANTONIO DE S. FRANCISCO Terceiro Secular da Serafica Ordem de S. Franciſco. Eſcreveo para fruto eſpiritual dos ſeus Irmãos

Compendio dos Exercicios da Terceira Ordem da Penitencia. Lisboa por Antonio Alvares. 1628. 16.

Da obra, e do Author ſe lembra Fr. Joan. à D. Ant. in *Bib. Franciſc.* Tom. 1. pag. 104.

ANTONIO FRANCISCO DE ALCAÇOVA Natural de Braga, Doutor em Canones cuja Cadeira de Prima ſendo-lhe offerecida, naõ quiz aceitar. Dezembargador da Relaçaõ da ſua patria depois da Caſa da Supplicaçaõ, Procurador da Fazenda Real, e Alcayde Mòr de Eruededo foy taõ inſigne na rectidaõ com que decidia as controverſias forenſes, como na perſpicacia com que penetrava os myſterios mais occultos de hum, e outro Direito, cujos dotes o fizeraõ venerado pelos mais doutos homens do ſeu tempo, como foraõ Franciſco de Caldas Pereira confeſſando na Parte 3. *Oper. Emphyteut.* cap. 6. n. 10. *Cujus diſciplinæ, quidquid in nobis eruditionis eſt acceptum, referimus,* e no cap. 3. n. 31. lhe chama *doctiſſimum numquam ſatis laudatum, & inter Senatorii ordinis præſtantiſſimos Juris conſultum omnium longe præſtantiſſimum* Manoel Barboſ. *Remiſion.* ad lib. 4. Ord. Reg. Tit. 105. n. 5. *doctiſſimus, & omni ævo memorandus.* Compoz varias illuſtraçoens ſobre diverſos Textos do Direito Ceſareo, e Pontificio, e nas Ordenaçoens do Reyno, que perfeitamente naõ acabou, excepto a obra ſeguinte

Compendio da Nobreza, e Fidalguia deſtes Reynos, em o qual ſe trata dos differentes eſtados de Villoens, Plebeos, Vaſſallos, Eſcudeiros, Cavalleiros, Ricos homens, Infançoens, &c.

Da qual fallaõ Manoel Barboſ. jà allegado ad *Lib. 2. Ordinat.* Tit. 21. n. 5. onde diz que o Author lho remetera. Joaõ Franco Barreto na *Bib. Luſit.* M. S. Manoel Severim de Faria *Notic. de Portug.* Diſc. 3. §. 1. pag. 88. e o P. D. Antonio Caetano de Souſ. no Apparat. *à Hiſt. Gen. da Caſa Real de Portug.* pag. 86. §. 79.

P. ANTONIO FRANCISCO CARDIM natural da Villa de Viana do Alentejo filho de Jorge Cardim Froes, Dezembargador da Caſa da Supplicaçaõ de que tomou poſſe a 25. de Outubro de 1599. e D. Catherina de Andrade, irmaõ inteiro do Veneravel P. Joaõ Cardim da Companhia de JESUS (cuja vida eſcreveo na lingua Latina Filippe Alegambe, e na Portugueza o P. Sebaſtiaõ de Abreu) ao qual imitou nas virtudes, e eſtado Religioſo aliſtando-ſe na Companhia no Collegio de Evora a 24. de

Fevereiro de 1611. quando tinha 15. annos de idade. Em obſequio do Santo Xavier acrecentou ao nome, que lhe fora impoſto na pia bautiſmal o nome de Franciſco que lhe ſervio de perpetuo deſpertador para ſolicitar com grandes inſtancias faculdade dos ſeus Superiores para paſſar ao Oriente, e nelle prégar a Fé do Crucificado. Por ſete annos continuos perſiſtio neſta heroica pertençaõ que naõ era atendida dos Prelados por ter huma compleiçaõ debil, e ſaude pouco firme até que naõ podendo reſiſtir à efficacia de tantos rogos lhe concederaõ a licença, e ſe embarcou para a India no anno de 1618. com o Biſpo do Japaõ Diogo Valente, e mais trinta Religioſos, que muitos delles com o proprio ſangue ſobſcreveraõ as verdades do Evangelho. Chegado a Goa, e eſtudadas as Faculdades de Filoſofia, e Theologia paſſou à China onde diſcorrendo apoſtolicamente pelos Reynos de Siaõ, e Tunquim, foraõ innumeraveis os trabalhos que conſtantemente padeceo, mayores as victorias que glorioſamente conſeguio do inferno na reduçaõ de infinitos barbaros ao conhecimento da verdadeira Divindade. Recolhido a Macáo exercitou o lugar de Reytor quatro annos, e por duas vezes o de Meſtre de Noviços. Sendo nomeado Procurador da ſua Provincia paſſou a Roma onde aſſiſtio, e votou na Congregaçaõ Geral em que foy eleyto Geral Vicente Carafa. Voltando a Portugal quando parecia ſer tempo de deſcanſar na patria, ſegunda vez emprendeo a navegaçaõ para o Oriente em 15. de Abril de 1649. em a Náo S. Lourenço, e depois de padecer hum horroroſo naufragio nos baxos de Monxicale diſtante 20. legoas de Moçambique de que eſcapou milagroſamente, chegou a Goa donde partio para Macáo, e ſendo neſta viagem priſionado por huns Coſſarios Olandeſes tolerou pelo eſpaço de dous annos, e ſete mezes que eſteve cativo incriveis moleſtias, que ſe faziaõ mais graves em hum corpo atenuado com annos, e taõ perigoſas navegaçoens, até que reſtituido á ſua liberdade paſſou o reſtante da vida em Macáo onde acabou piamente em 30. de Abril de 1659. com 63. annos de idade, e 48. de Companhia. Fazem illuſtre memoria do ſeu nome Joan. Soar. de Brito in *Theatr. Luſ. Litter.* lit. A. n. 80. Nicol. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 93. et Tom. 2. pag. 281. Fonſec. *Evor. Glor.* pag. 426. D. Franciſco Manoel na *Carta eſcrita a* Themud. que he a 1. da 4. Cent. Abreu *Vid. do P. Joaõ Cardim.* Liv. 1. cap. 2. Franc. *Imag. da Virtud. em o Nov. de Evor.* Liv. 3. cap. 24. e 25. e pag. 854. et in *Ann. Glor. S. J. in Luſitan.* pag. 494. Eſcreveo

Relatione de la Provincia del Giappone. Roma por Andrea Frey. 1645. 4. Traduſida em Francez. Pariz ches Henault. 1646. 8. E em Flamengo como diz a *Bib. Oriental* novamente acrecentada Tom. 1. Tit. 8. col. 163. Deſta Relaçaõ faz memoria Nicol. Ant. na *Biblioth. Hiſp.* Tom. 1. pag. 316. atribuindo-lhe por Author ao P. Franciſco Cardim imaginando ſer differente do P. Antonio Franciſco Cardim.

Faſciculus è Japonicis floribus ſuo adhuc madentibus ſanguine. Romæ apud hæredes Corbelleti. 1646. 4.

Cathalogus regularium, & ſæcularium, qui in Japoniæ regnis uſque à fundata ibi à S. Franciſco Xaverio Gentis Apoſtolo Eccleſia ab Ethnicis in odium Chriſtianæ Fidei ſub quatuor tyrannis violenta morte ſublati ſunt. Romæ apud eundem Typog. 1646. 4.

Mors feliciſſima quattuor Legatorum Luſitanorum, & Sociorum, quos Japoniæ Imperator occidit in odium Chriſtianæ Religionis. Romæ apud hæredes Corbelleti 1646. 4.

Eſtas obras ſahiraõ em Portuguez eſcritas pelo meſmo Author com eſte Titulo.

Elogios, e Ramalhete de flores borrifado com o Sangue dos Religioſos da Companhia de JESUS a quem os Tyrannos do Imperio do Japaõ tiraraõ as vidas por odio da Fè Catholica com o Cathalogo de todos os Religioſos, e Seculares, que por odio da meſma Fè foraõ mortos naquelle Imperio atè o anno de 1640. Lisboa por Manoel da Sylva 1650. 4. com eſtampas.

Relaçaõ da glorioſa morte de quatro Embaxadores Portuguezes da Cidade de Macao com 57. *Chriſtãos da ſua companhia degolados todos pela Fè de Chriſto em Nangaſachi Cidade do Japaõ a* 3. *de Agoſto de* 1640. Lisboa por Manoel da Sylva. 1650. 4. et ib. por Lourenço de Anveres 1643. 4.

Relaçaõ da viagem do Galeaõ de S. Lourenço,

renço, e ſua perdiçaõ nos baixos de Monxicale em 3. de Setembro de 1649. Lisboa por Domingos Lopes Roza. 1651. 4.

P. ANTONIO FRANCO. Naceo na Villa de Montalvaõ do Biſpado do Portalegre, de cuja Cidade diſta ſeis leguas para o Norte na Provincia do Alentejo, no anno de 1662. ſendo ſeus Pays Mattheus Vaz, e Iſabel Dias peſſoas de igual nobreza, que opulencia. Na florente idade de quinze annos recebeo em Evora a Roupeta da Companhia de JESUS a 26. de Julho de 1677. Neſte Collegio em que aprendeo as letras humanas, e divinas enſinou, tendo já dictado Rhetorica na Ilha de S. Miguel, as Humanidades por eſpaço de tres annos, e de cinco em o Noviciado de Lisboa ſahindo da ſua erudita eſcola inſignes Grammaticos, elegantes Oradores, e ſuaves Poetas. Foy Meſtre dos Noviços, Prefeito do Recolhimento dos Irmaõs em Evora, Reytor do Collegio de Setubal, e Inſtructor dos Padres do terceiro anno em Lisboa, e Coimbra experimentando todos em taõ diverſos miniſterios a ſua natural ſuavidade, e brandura acompanhada de muitas virtudes Religioſas. *Serà eternamente benemerito de toda a Provincia de Portugal* (eſcreveo em ſeu louvor o Padre Fonſeca na *Evor. Glorioſ.* pag. 426.) *pelo incanſavel trabalho, e continuo eſtudo com que revolvendo todos os Cartorios, Archivos, e monumentos antigos deſenterrou das Cinzas do eſquecimento as glorioſas memorias dos Padres mais memoraveis, e famoſos deſta Provincia.* Deſtas laborioſas occupaçoens ſaõ patentes teſtemunhos os muitos livros, que na lingua Latina, e materna eſcreveo, e imprimio, para inſtruir aos naturaes, e eſtrangeiros em o conhecimento dos grandes filhos, que produzio a Companhia em Portugal, derramando o ſangue huns em obſequio de Chriſto, e immortalizando outros o ſeu nome pelo exercicio das virtudes, e pela profiſſaõ das ſciencias. Cheyo de annos, e merecimentos em Evora onde morrera para o Mundo, naceo para a eternidade em 3. de Mayo de 1732. Compoz.

Promptuario da Syntaxe dividido em duas partes. Na primeira ſe contem a Syntaxe pela meſma ordem da Arte; nos Eſcholios ſe poem a ſignificaçaõ do nome, o Verbo com o caſo competente. Na ſegunda Parte ſe trataõ algumas noticias congruentes à meſma Syntaxe. Evora, na meſma Officina da Univerſidade 1699. 8. ibi na dita Officina 1716. 8. 5. ediçaõ. Lisboa por Valentim da Coſta Deslandes 1704. 8.

Imagem da virtude em o Noviciado da Companhia de JESUS do Real Collegio do Eſpirito Santo de Evora do Reyno de Portugal, na qual ſe contem a fundaçaõ deſta Santa Caſa, vida de ſeu Fundador; e mais ſervos de Deos, que nella ou foraõ Meſtres, ou Discipulos. Lisboa na Officina Real Deſlandeſiana 1714. fol.

Imagem da virtude em o Noviciado da Companhia de JESUS na Corte de Lisboa em que ſe contem a fundaçaõ da Caſa dos Religioſos de virtude que nella foraõ Noviços. Coimbra na Officina do Real Collegio das Artes. 1717. fol.

Imagem da virtude em o Noviciado da Companhia de JESUS no Real Collegio de JESUS de Coimbra, no qual ſe contem as vidas, e virtudes de muitos Religioſos que neſta Santa Caſa foraõ novicos. Primeiro Tomo. Coimbra na Officina do Real Collegio das Artes. 1718. fol.

Segundo Tomo. Coimbra na dita Officina 1719. fol.

Deſtes quatro volumes faz mençaõ a *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ modernamente acrecentada. Tom. 1. Tit. 4. col. 90.

Annus glorioſus Societatis JESU in Luſitania complectens ſacras memorias illuſtrium virorum, qui virtutibus, ſudoribus, ſanguine Fidem, Luſitaniam, et Societatem JESU in Aſia, Africa, America, et Europa feliciſſime exornarunt. Viennæ Auſtriæ apud Joannem Baptiſtam Schilgen Univerſitatis Typog. 1720. 4.

Synopſis Annalium Societatis JESU in Luſitania ab anno 1540. *uſque ad annum* 1725. Auguſtæ Vindilicorum, et Græcij Sumptibus Philippi Martini, et Joannis Veith. 1726. fol.

Traduzio da lingua Franceſa do P. Franciſco Pomey da Companhia de Jeſus, em Portuguez no anno de 1697. para uſo dos eſtudantes fallarem Latim com augmento que lhe fez de muitos vocabulos.

Indiculo univerſal; contem diſtintos em ſuas Claſſes os nomes de quaſi todas as couſas

que há no mundo, e os nomes de todas as artes, e ſciencias. Evora Na Officina da Univerſidade. 1716. 8.
Sem o ſeu nome.

Imagem do Collegio Apoſtolico no glorioſo Padre Santo Antonio de Padua nos treze dias da ſua devoçaõ. Lisboa por Valentim da Coſta Deſlandes. 1709. 16.

Com o ſuppoſto nome de Franciſco da Coſta Eborenſe.

Contramina Gramatical com que ſe deſvanecem diverſas notas, e aſſumptos, que hum curioſo imprimio contra os Grammaticos, em eſpecial contra a nunca aſſás louvada Arte de Grammatica Latina do doutiſſimo P. Manoel Alvares da Sagrada Companhia de JESUS pela qual eſtuda Grammatica a mayor parte da Europa, e contra o promptuario da Syntaxe do P. Antonio Franco da meſma Companhia. Evora na Officina da Univerſidade. 1731. 8.

Novena da eſclarecida Virgem, e Martir Santa Barbara com o ſeu Hymno, e palavras contra as tempeſtades. Evora na Impreſſaõ da Univerſidade. 1725. 12. Sahio ſem o nome do Author, e entre as ſuas obras numera eſta o P. Franciſco da Fonſeca *Evora Glorioſ.* pag. 426.

Deixou *M. S.* e já com licenças para ſe imprimir.

Imagem do primeiro Seculo da Companhia de JESUS em Portugal 2. *Tomos* fol.

Imagem do Segundo Seculo 1. *Tom.* fol.

Neſtes tres tomos ſe comprehendiaõ pela ordem Chronologica os ſuceſſos mais memoraveis dos primeiros cento, e cincoenta annos da Provincia de Portugal.

Fr. ANTONIO FREYRE. Naceo no anno de 1485. e foy filho da illuſtre Ordem dos Prégadores, cujo habito recebeo no Real Convento da Batalha, e profeſſou ſolemnemente no Real de Bemfica. Todas as virtudes que conſtituhem hum perfeito Religioſo ſe admiráraõ nelle deſde o Noviciado até a idade provecta de noventa annos naõ ſó com aſſombro, mas com exceſſo. No anno de 1569. em que Lisboa ardia no fatal incendio da peſte armado de hùm zelo heróico ſem temer ao perigo entrava pelos Hoſpitaes, onde jaziaõ os feridos do contagio, e com ſumma charidade confeſſava a huns, e confortava a outros. He incrivel o modo com que tyranizava o corpo tomando todos os dias cinco rigoroſas diſciplinas em memoria das cinco Chagas do Redemptor. Com ſer taõ eminente nas virtudes, o naõ foy menos em as letras. Depois de receber o gráo de Doutor em Theologia continuou no exercicio concionatorio ſendo ſempre ouvido com copioſo fruto dos ſeus ouvintes por nacerem os ſeus diſcurſos mais da ternura do coraçaõ do que da delicadeza do juizo de tal ſorte que tendo por ouvintes em huma occaſiaõ a ElRey D. Joaõ o III. e ao Principe ſeu filho, formaraõ delle taõ alto conceito, que o elegeraõ ſeu Confeſſor cujo miniſterio ainda, que algumas vezes o exercitou, nunca quiz delle a propriedade. Governou o Convento de Coimbra, Porto, Bemfica, e Evora chegando a ſer tres vezes Vigario Geral da Provincia, e em tantos lugares a ſeveridade que uzava comſigo, a naõ exercitava com os ſubditos. A huma vida taõ exemplar correſpondeo huma piedoſa morte no Convento de Lisboa a 8. de Mayo de 1575. Eſcrevem deſte varaõ com pena mais difuſa Fr. Luiz de Souſ. *Hiſt. de S. Doming. Part.* 2. liv. 2. cap. 10. Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 129. e no Commentario de 8. de Mayo let. E. Fr. Bartholameu Ferreira Deputado do Santo Officio, na vida, que delle compoz *M. S.* Sena in *Chron. Frat. Ord. Præd.* pag. 327. *Vitæ integritate præclarus, orationi deditiſſimus, in vigiliis aſſiduus, et in proximorum Salute procuranda valde diligens.* Deixou compoſtos dez Tomos dos quaes nove intitulou.

Sacra Sanctorum Patrum ſupellex.

e o decimo.

Promptuarium conceptuum moralium ad Evangelia de Tempore totius anni à Dominica 1. *Adventus, uſque ad Feriam ſecundam poſt Dominicam in Reſurrectione, nec non ad Evangelia de Sanctis per totum annum occurrentibus.* Os quaes todos ſe conſervaõ *M. S.* na famoſa Livraria do Convento de S. Domingos de Lisboa, como eſcreve Fr. Pedro Monteiro no *Clauſt. Dominic.* Tom. 3. pag. 155. onde imaginou ſer obra deſte Author o livro intitulado *Primor, e honra da vida Soldadeſca no Eſtado da India* fundando-ſe em que Nicolao Antonio na *Bib. Hiſpana* diſſera ſer Portuguez ſem

declarar de que Ordem foſſe, quando elle claramente diz que he de Fr. Antonio Freyre Religioſo de Santo Agoſtinho, de quem logo trataremos. O P. Fr. Lucas de Santa Catherina Chron. da Religiaõ de S. Domingos neſte Reyno, e Academico real no Apendix a 4. Part. da *Chron. deſta Prov.* pag. 926. fallando dos Eſcritores della ſe equivocou em o appellido de Fr. Antonio Freyre, eſcrevendo Ferreira ſe he que naõ ſeja erro da Impreſſaõ.

Fr. ANTONIO FREYRE natural da Cidade de Beja na Provincia do Alemtejo filho de Pays muito illuſtres como foraõ Gomez Freyre de Andrade que com tres filhos acabou laſtimoſamente na infeliz batalha de Alcacer, e de D. Leonor de Cardenas Freyre. Profeſſou o habito de Eremita Auguſtiniano no Convento de Lisboa a 16. de Janeiro de 1585. e depois de eſtudar as ſciencias mayores as dictou com applauſo nos Collegios de Evora, Coimbra, e Lisboa, ſahindo com os documentos de taõ grande Meſtre famoſos diſcipulos. Naõ foy menos admirado no Pulpito, que na Cadeira. Foy Qualificador do Santo Officio, e Deputado da Inquiſiçaõ de Lisboa provido em 4. de Outubro de 1617. Nunca teve lugar algum na Ordem excepto o de Definidor ou pela humildade que profeſſava, ou para que o naõ abſtrahiſſem da liçaõ dos livros nos quaes tinha todo o ſeu divertimento. Morreo no Convento de Lisboa a 2. de Setembro de 1634. Entre os mais inſignes Varoens da Ordem Auguſtiniana he numerado por Fr. Thomaz Herrer. in *Alphab. Aug.* Fr. Anton. da Nativid. *Mont. de Cor.* Monte 2. Coroa. 8. n. 95. Purific. de *Vir. Illuſt. Prov. Luſit.* lib. 2. cap. 2. Diogo Gouvea de Barradas *Antig. de Beja* liv. 3. cap. 13. Nicol. Anton. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 94. et Tom. 2. pag. 317. e 655. e Fr. Manoel de Figueired. *Flos Sanct. Auguſtin.* Part. 4. pag. 150. Eſcreveo.

Thezouro eſpiritual com ſeu Commento Theologico, e duas practicas eſpirituaes; e huma breve expoſiçaõ do Pater Noſter. Lisboa por Antonio Alvares. 1624. 8.

Manual dos Evangelhos em verſaõ paraphraſtica, e meditaçoens. Tomo 1. de todos os das Miſſas da vida de Chriſto, e da Virgem, e de outros muitos incluidos nos Myſterios dos tres Roſarios comum das almas, e dos Domingos, e do Denario. Lisboa por Vicente Alvares 1626. 8.

Preludios Theologicos, e conceitos predicaveis para os Sermoens de todo o anno. Prometeo eſta obra no Prologo *do Thezouro eſpiritual.*

Pulio, e ornou com hum elegante elogio o livro feito por hum Portuguez na India, o qual ſahio com eſte titulo.

Primor, e honra da vida Soldadeſca no Eſtado da India. Livro excellente antigamente compoſto nas meſmas partes da India Oriental ſem nome de Author, e hora poſto em ordem de ſahir à luz com hum elogio ſobre elle. Lisboa por Jorge Rodriguez. 1630. 4. Do Author, e da obra faz mençaõ o moderno Addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ Tom. 1. Tit. 14. col. 454.

Fr. ANTONIO FREIRE natural de Lisboa. Foy filho de Simaõ Freyre Contador dos Contos do Reyno, e de Antonia Correa. Profeſſou o habito da Ordem da Santiſſima Trindade no Convento de Lisboa a 16. de Janeiro de 1621. em cuja douta eſcola aprendeo as ſciencias que o fizeraõ bom prégador, e naõ menor Letrado. Morreo no Convento de ſua patria em 5. de Novembro de 1644. em idade muito provecta. Acrecentou.

Roſario de N. Senhora com os Evangelhos, que a Igreja canta em ſeus Myſterios diſtribuidos por cada dez Ave Marias com os ſinco Pſalmos que começaõ pelas letras de MARIA. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1629. 12.

Officio particular em louvor do Principe dos Anjos o glorioſo Archanjo S. Miguel. Lisboa por Lourenço de Anvers. 1641. 8. et ibi por Fillippe de Souſa Villela 1701. 24. traduzido em Portuguez por Criſpim de Andrade.

Delle parece ſer, por ſahir com o nome de Fr. Antonio Freyre.

Diſparates muy gracioſos. Lisboa por Vicente Alvares. 1612.

P. ANTONIO FREYRE natural de Braga, e filho de Joaõ Freyre, e Sabina de Ramos. Entrou na Companhia de Jeſus a 22. de Junho de 1600. quando contava 16. annos

de idade. Foy taõ inſigne na inocencia dos coſtumes, como na ſciencia das letras humanas, e Theologia Moral, com que por muitos annos inſtruyo aos ſeus domeſticos. Em huma, e outra ſciencia era conſultado como Oraculo reſpondẽdo com ſumma promptidaõ às duvidas que lhe propunhaõ. Morreo em Coimbra a 13. de Março de 1650. Illuſtrou com doutos Cõmentos.

Sex priores libri Thebaidæ Statij Papinij. M. S.

Cujo original que ſe conſerva no Collegio de Coimbra teſtifica o P. Franciſco da Cruz nas Memorias *M. S.* para *a Bib. Portug.* que o lera, e o julgou digno de ſe imprimir.

ANTONIO FREYRE DE ANDRADE Oriundo da Cidade de Beja nacido em Caſtella de Pay Portuguez, Doutor na Univerſidade de Alcalà, cuja faculdade em que o foſſe naõ declara, poſto que hà grave fundamento para o ſer em Theologia, ou Direito Canonico. Compoz.

Defenſorium S. Bullæ Cruciatæ circa eſum ovorum, et lacticiniorum tempore Quadrageſimæ. Matriti. 1661. 8.

ANTONIO DE FREYTAS natural de Tangere, celebre colonia dos Portuguezes em Africa, Doutor de Direito Civil compoz com eſtilo elegante ornado de erudiçaõ Sagrada, e profana, que dedicou à Mageſtade delRey D. Joaõ o IV. novamente elevado ao trono de Portugal.

Primores politicos, e regalias do noſſo Rey. Lisboa por Manoel da Sylva. 1641. 4.

ANTONIO GALVAM Naceo na India Oriental, e ſendo quinto filho de Duarte Galvaõ Embaxador delRey D. Manoel às Cortes de Roma, Pariz, Viena, e Preſte Joaõ, Chroniſta mór do Reyno, Neto de Ruy Galvaõ Eſcrivaõ da Fazenda, e Secretario delRey D. Affonſo o V. e Irmaõ de Simaõ de Souſa, Jorge Manoel, e Rodrigo Galvoens que obraraõ no Oriente acçoens dignas de immortal nome, deixou duvidoſa a poſteridade ſe foy mais inſigne na piedade ſumma para com Deos, ſe na incorrupta fidelidade para com o ſeu Principe. Tantas foraõ as glorioſas vitorias que alcançou a ſua eſpada, quantos foraõ os combates que teve com os inimigos do Eſtado, e da Religiaõ. Excede a credulidade, e arrebata a admiraçaõ a illuſtre gloria que adquirio, quando o prudentiſſimo Governador da India Nuno da Cunha o nomeou Capitaõ das Ilhas Malucas que repugnavaõ obedecer ao noſſo Eſtado, triumfando em Tidore com cento, e cincoenta Portuguezes, e alguns naturaes da terra de outo Reys Colligados, de cujas Coroas ſe formou o diadema para lhe cingir a cabeça em premio do que obrara o ſeu braço derrotandolhes numeroſos exercitos, abrazando-lhes formidaveis Armadas, e tomandolhes precioſos deſpojos. Semelhantes palmas colheo da potencia unida com a aſtucia dos Reys de Moro, Java, Banda, e Amboino obrigando a eſtes Principes humilhados a reconhecerem por tutelares dos ſeus dominios as Armas Portuguezas. Ao ardor militar excedia o pio, e catholico que lhe inflamava o coraçaõ ſendo ao meſmo tempo Capitaõ, e Catequiſta, igualmente vigilante em augmentar o Eſtado para o ſeu Principe, como em extender o Imperio para Chriſto, reduzindo à ſua crença a cega infidelidade de infinitos barbaros. Para conſeguir eſta Sagrada, e heróica empreza derrubou muitos Pagodes, onde ſe veneravaõ os idolos; reedificou, e novamente erigio Templos, em cujos altares foſſe adorado o verdadeiro Deos, os quaes ornou com precioſos donativos diſpendendo ſetenta mil cruzados em acçaõ taõ magnanima, como religioſa, à qual conſagrou eſte elogio o grande Fr. Franciſco de Santo Agoſtinho Macedo in *Propug. Luſit. Gallic.* ad art. 10. cap. 5. pag. 145. *Fuit ab orbe condito Imperator, qui aut arma ardentius intulerit, aut imperium ambitioſius dilataverit, aut opes avidius conquiſierit, quàm Antonius Galvanus ſalutem Molucenſium quos inter præfecturam Luſitanam gerebat populorum procuravit. In omnes ſe facies vertit ut illos ad Chriſti fidem converteret; huic ſtudio curas, vires, opes, officia dedicavit. Divitias cum huc omnes ſuas contuliſſet, et ſupra ſeptuaginta millia aureorum donaſſet, abacum quoque ornatiſſimum, et domeſticam ſupellectilem impendit. Vidit illa regio voci præconis ſubjici Chriſtiani Imperatoris bona, ut verba Chriſti omnes audirent. Haſta erecta ut Crux ſtatueretur; et auctio facta, ut Religio*

augeretur. A eſte elogio da ſua profuſaõ em obſequio da Igreja ſe podia acrecentar o notavel diſpendio que fez na ereçaõ de hum ſumptuoſo Seminario para nelle ſe educarem com o puro leite da noſſa Religiaõ os filhos dos infieis, e ſe inſtruirem nas maximas conducentes para o governo da vida civil. A' incanſavel vigilancia do ſeu zeloſo animo ſe deve a regeneraçaõ de dous Principes na fonte bautiſmal com as ſuas Reaes familias, e que innumeravel multidaõ de barbaros abjurando os delirios de Mafoma veneraſſem as injurias do Crucificado merecendo por taõ religioſos diſvelos a Catholica antonomaſia de *Apoſtolo das Malucas*. Como o ſeu coraçaõ eſtava ornado com taõ altas virtudes nunca nella póde entrar genero algum de vicio, antes ſuperior a toda a ambiçaõ deſprezou heróicamente a Coroa de Ternate querendo antes ſer vaſſalo do ſeu Principe, do que dominar gente que naõ foſſe Portugueza. Obſervou taõ exactamente a juſtiça que no tempo do ſeu governo ſempre eſteve opprimida a iniquidade, e triunfante o merecimento. Teve engenho ſublime cultivado com varia liçaõ Sagrada, e profana; muito perito na arte militar, e principalmente em a Nautica, como elegantemente o deixou eſcrito o P. Mafeo *Hiſt. Ind.* lib. 10. *admirabili quadam nauticæ rei ſcientia, quippe Gubernatorum in Syrtibus evitandis, et derigendo curſu errata corrigere; deſperantes, ut ſæpe ſit de ſalute vectores, nautaſque confirmare*. Tendo adminiſtrado o governo que lhe fora cometido com tanta inteireza, prudencia, e valor, como diſpendio da ſua fazenda em obſequio de Deos, e do ſeu Principe, voltou para Portugal eſperando receber da liberalidade Real premio digno das ſuas acçoens, mas ou foſſe porque experimentaſſe armada contra a ſua innocencia a emulaçaõ que achou benigna entrada nos ouvidos delRey D. Joaõ o III. ou foſſe porque as ſuas heróicas virtudes naõ podiaõ ſer ſatisfeitas com remuneraçaõ caduca, mas eterna, opprimido da ultima miſeria buſcou por aſilo o Hoſpital de Lisboa onde pelo largo eſpaço de 17. annos ſuſtentou parcamente a vida merecedora de mais digna fortuna, até que a clauſulou em 11. de Março de 1557. A Confraria da Corte lhe deo por eſmola a mortalha em que foy envolto o ſeu corpo, e o mandou enterrar com aquella pompa que pedia o miſeravel eſtado em que acabou, em cuja ſepultura ſe devem gravar por epitafio aquellas palavras dictadas pela ſeveridade de Manoel de Faria, e Souſ. na *Aſia Portug.* Tom. 1. Part. 4. cap. 10.

Para lo dela fama el ſerá claro, mientras durare el mundo, por que en ella nó tienen juriſdicion ni los Reyes floxos, ni los Miniſtros malos, ni la fortuna ciega, ni las edades caducas.

As proezas deſte inſigne Capitaõ ſe pódem ler em Joaõ de Barros *Decad.* 4. *da Ind.* liv. 6. cap. 16. e liv. 9. cap. 17. até. 22. onde diz no fim deſte capitulo. *Com rezaõ lhe poderaõ os Ternates chamar Pay da Patria.* Caſtanhed. *Hiſt. do Deſcub. e Conq. dos Portug.* liv. 8. cap. 158. até 165. 202. e 203. Andrad. *Chron. delRey D. Joaõ o III.* Part. 2. cap. 33. 34. e 35. Part. 3. cap. 56. Couto *Dec.* 5. *da Hiſt. da India* liv. 2. cap. 2. liv. 6. cap. 5. e liv. 7. cap. 2. *Taõ zeloſo foy ſempre eſte homem da ley de Chriſto ſe extender, e dilatar, que em nenhuma outra couſa trazia os penſamentos, e aſſi em ſeu tempo eſteve aquella Ilha taõ cheya de Chriſtaõs, que cada dia acudiaõ ao bautiſmo, que era para louvar a Deos.* S. Roman *Hiſt. dela India Orient.* liv. 3. cap. 13. e 14. *famoſo Varon.* Lucen. *Vida de S. Xavie.* lib. 3. cap. 17. *Até a chegada de Antonio Galvaõ* (a Ternate) *com cuja boa vinda tudo em breve ſe mudou, favorecendo Deos noſſo Senhor o grande zelo da Fè, prudencia, brandura, e esforço, e todas as mais virtudes do novo Capitaõ com aſſinaladas victorias, que por mar, e terra ouve dos inimigos.* Spon. in *Contin. Annal. Eccleſ.* ad an. 1540. n. 17. *Cum Antonio Galvano nobili Luſitano vel prudentiæ laudis, vel charitatis ardore conferri valeat?* Fr. Jacint. da Madre de Deos *Vergel de plant. e Flor.* cap. 4. Art. 1. pag. 119. *Grande, e admiravel Capitaõ.* Argenſol. *Hiſt. dela Conq. delas Iſlas Mal..* liv. 2. pag. 62. et ſeg. Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 130. e no Comment. de 11. de Março letr. C. Fonſ. *Evor. Glorioſ.* pag. 138. *Foy recebido como Redemptor daquellas Ilhas onde precurſora a fama, tinha eſpalhado as noticias da ſua modeſtia, e juſtiça.* Rhó *Var. Virt. hiſt.* lib. 4. cap. 5. n. 10. *Egregio viro indignum vi-*

ſum eſt auctoritatem, quam virtute quidem propria, ſed regiis opibus ſibi conciliaverat alió quam in Regis amplitudinem imperij convertere. Jacinto Freyr. *Vid. de D. Joaõ de Caſt.* liv. 1. n. 71. *devemos a primeira cultura* (das Malucas) *ao grande Portuguez Antonio Galvaõ valeroſo Governador, e Apoſtolo zeloſo daquelle Paganiſmo.* Telles *Chron. da Companh. de JESUS na Prov. de Portug.* Part. 2. liv. 6. cap. 55. n. 9. *Naõ menos venturoſo em ſogeitar por Armas, e meter debaxo do jugo Portuguez aquella fera gente, que em conquiſtar a idolatria, e ganhar almas para Deos.* Freit. de *Juſt. Imp. Luſit.* cap. 9. n. 12. *A' Ternatenſibus proceribus in legitimæ proſapiæ defectum regni gubernaculum honorem oblatum, et opes regias excelſiori animo repudiavit Antonius Galvanus Ternatenſis arcis præfectus.* Franciſco de Sant. Mar. *Diar. Portug.* pag. 321. *Foy Governador de Ternate onde conſeguio milagroſas victorias naõ menos dextro na doutrina, que na eſpada reduzio á Fè grande numero de infieis.* D. Nicol. de Sant. Mar. *Chron. dos Coneg. Reg.* liv. 8. cap. 13. n. 11. *Morery Diccion. Hiſtoriq.* Verb. *Galvano.*

Compoz, e o deo à luz ſeu Teſtamenteiro Franciſco de Souſa Tavares dedicando-o ao Duque de Aveiro D. Joaõ de Lancaſtro.

Tratado dos varios, e diverſos caminhos por onde nos tempos paſſados a pimenta, e eſpeciaria veyo da India às noſſas partes, e aſſim de todos os deſcubrimentos antigos, e modernos que ſaõ feitos atè a era de 1550. *com os nomes particulares das peſſoas, que os fizeraõ, em que tempos, e ſuas alturas.* Lisboa por Joaõ Barreira. 1563. 8. Faz mençaõ da obra, e do Author Antonio de Leon *Bib. Orient.* Trat. 3. Reimprimio-ſe em Lisboa na Officina Ferreiriana 1731. fol. Neſta ediçaõ ſahio com o retrato do Author animado com o ſeguinte epigramma compoſto pelo Doutor Franciſco Xavier Leytaõ Medico da Camara de S. Mageſtade, Cirurgiaõ Môr do Reyno, Academico Real, e excellente Poeta Latino.

Et geſſi, & ſcripſi Lysiæ fera prælia gentis:
Me clarum gladius reddidit, & calamus
Extulit ad Cælum virtus, depreſſit egeſtas
Præmia nec factis ulla fuere meis;
Præmia virtuti, ſeu quod non æqua fuiſſent,
Seu virtus prætium, quod ſibi ſola foret.
Patria quos prohibet, meritos dabit orbis honores;
Maior & à toto laus erit Orbe mihi.

Eſcreveo mais

Hiſtoria das Molucas, da natureza, e deſcubrimento daquellas terras dividida em 10. *Livros.*

Deſta obra fazem illuſtre memoria Joaõ Bautiſta Lavanha em as Notas de *Decad.* 4. *de Barros;* Seraphin. de Freit. *de Juſt. Imp. Luſit.* cap. 18. n. 8. Anton. de Leon. *Bib. Orient.* tit. 7. e Cardoſ. *Agiolog. Luſit.* tom. 2. p. 140. lit. C. Joaõ Pinto Ribeiro na *Prefer. das letr. às arm.* e modernamente o addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leon Tom. 2. Tit. 7. col. 635. a qual entregou por ordem do Cardeal D. Henrique ſeu Teſtamenteiro Franciſco de Souſa Tavares (como diz no Prologo da obra aſſima allegada intitulada *Tratado dos varios, e diverſos caminhos, &c.*) a Damiaõ de Goes Chroniſta Môr do Reyno, e por ſua morte deſappareceo, ſuppoſto que o P. Sebaſtiaõ Gonçalves da Companhia de JESUS na *Hiſt. da India* lib. 3. cap. 5. affirma que grande parte della eſtà inſerta na *Chron. delRey D. Manoel* compoſta por Damiaõ de Goes.

ANTONIO GALVAM DE ANDRADE natural de Villa-Viçoſa na Provincia do Alentejo, Criado da Sereniſſima Caſa de Bragança, Fidalgo da Caſa Real, Cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto, e Cõmendador de S. Tiago de Orèm, e Santa Maria da Caridade, filho de Franciſco Galvaõ de Andrade Eſtribeiro do Sereniſſimo Duque de Bragança D. Theodoſio, e de D. Ignez Mouro filha de André Alvares Mouro. Foy inſigne na Arte da Cavallaria de tal ſorte, que mereceo pela ſua grande ſciencia, e deſtreza competir com os mais celebres profeſſores della como na *Vida do Principe D. Theodoſio* eſcreve o P. Manoel Luiz lib. 1. cap. 12. n. 27. *Equeſtri peritia in paucis magnus, omnibuſque quos noſtra vidit ætas ea in arte præſtantes æquiparandus.* Por eſta grande parte o elegeo ſeu Eſtribeiro Menor a Mageſtade delRey D. Joaõ o IV. e Meſtre do Principe D. Theodoſio ſeu filho

para o inſtruir na Arte da Cavallaria, que ſahio inſigne com a doutrina de taõ grande Meſtre. Morreo em Lisboa a 9. de Abril de 1689. e eſtà ſepultado no Clauſtro do Convento da Trindade. Eſcreveo

Arte de Cavallaria de Gineta, e Eſtardiota; bom primor de ferrar; e Alveitaria, dividida em tres tratados, que contem varios diſcurſos, e experiencias deſta Arte. Lisboa por Joaõ da Coſta. 1678. folha.

ANTONIO DA GAMA que muitas vezes ſe aſſignava com o ſegundo apellido de PEREIRA naceo na Cidade do Funchal Capital da Ilha Madeira no anno de 1520. e foy filho do Doutor Lourenço Vaz da Gama Pereira que paſſou à Ilha com o lugar de Provedor dos defuntos, e auzentes, e de Branca Homem de Gouvea filha de Franciſco Homem de Gouvea, e de Izabel Affonſo. Nos primeiros annos deu claros indicios do talento, que tinha para as letras, pois aprendendo brevemente a lingua Latina, e humanidades paſſou à Univerſidade de Coimbra em o anno de 1537. a eſtudar Direito Ceſareo de quem teve por Meſtre ao Doutor Gonçalo Vaz Pinto que naquelle tempo com grande eſplendor de taõ famoſa Academia regentava a Cadeira de Prima de que faz repetida memoria nas ſuas Deciſoens, e foraõ taõ acelerados os paſſos com que diſcorreo por aquella faculdade que não envejando a algum dos ſeus Condiſcipulos era de todos elles envejado. Recebeo o Grào de Bacharel no anno de 1543. com geral applauſo dos Cathedraticos, e levando por oppoſiçaõ a Cadeira do Codigo em 23. de Fevereiro de 1546. tantos eraõ os Meſtres como os Diſcipulos que ouviaõ a ſua doutrina ſempre clara ainda que profunda, e poſto que ſubtil nunca imperceptivel. Ou foſſe por adquirir mayores thezouros de ſabedoria, ou porque a fama das ſuas letras lhe preparava lugar mais honorifico, paſſou à Univerſidade de Bolonha muito celebrada naquelle tempo, e nella foy admitido por Collega no Collegio dos Eſpanhoes fundado pelo Cardeal Albornoz inſtituindo nelle hum lugar para hum Portuguez, cujo provimento era feito pelo Arcebiſpo de Lisboa que durou até a feliz Acclamaçaõ delRey D. Joaõ o IV. Naõ luſio com menor intenſaõ a ſua ſciencia neſta Univerſidade em que aſſiſtia pelos annos de 1549. que em Coimbra, para onde o chamou a vigilante providencia delRey D. Joaõ o III. onde depois de obedecer à ordem deſte Principe, e receber nella as inſignias doutoraes, foy nomeado Dezembargador dos Aggravos da Caſa da Supplicaçaõ donde paſſou a Chanceller, e depois a Dezembargador do Paço, em cujos miniſterios ſempre obſervou exactamente a juſtiça pelo largo eſpaço de 49. annos ſem que a pudeſſem contraſtar o poder da authoridade, ou a conveniencia do Soborno. Caſou com D. Branca Paes filha de Matheus Eſteves, e D. Violante de Abreu de quem teve Luiz da Gama Pereira Corregedor do Crime da Corte, Dezembargador dos Aggravos, e ultimamente do Paço, ſendo herdeiro da fazenda que lhe deixou na Ilha ſeu Tio Lourenço da Gama Pereira, que faleceo ſem geraçaõ em 2. de Setembro de 1604. que hoje poſſue ſeu 3. Neto D. Antonio Carcome Lobo. Morreo em Lisboa, e eſtà enterrado no Convento de Santo Eloy cuja ſepultura tem o ſeguinte epitafio.

Sepultura do Doutor Antonio da Gama Pereira do Conſelho delRey N. Senhor ſeu Dezembargador do Paço, e Chanceller da Caſa da Supplicaçaõ nos quaes Tribunaes ſervio 49. *annos viveo* 75. *Faleceo em* 30. *de Março de* 1595.

Os mais celebres eſcritores lhe conſagraõ grandes elogios, como ſaõ Salzedo in *Not. ad Prax. Canon. Celeberrimus, et doctiſſimus conſiliarius.* Bernard. Diaz *Præſt.* 74. *doctiſſimus Sacri Palatij Senator.* Gab. Pereir. Deciſ. 122. n. 1. *Sapientiſſimus Doctor longo ævo memorandus. Deciſ.* 37. n. 1. et *deciſ.* 81. n. 2. *doctiſſimus, et Deciſ.* 54. n. 16. *inſignis.* Phæb. *Deciſ.* Tom. 1. n. 9. *Inſignis Senator, et Deciſ.* 5. n. 4. et *deciſ.* 6. et 147. n. 3. *ſubtiliter inſignis* Pinel. *Select. Jur. Interp.* lib. 1. cap. 10. §. 51. *eleganter erudite at late defendit Luſitanus Gama.* Joan. Soar. de Brito in *Theat. Luſit. litter.* lit. A. n. 84. *Cèleber J. C. et Sacri Palatij integerrimus Senator.* Caldas Pereir. in *L. Si Curat.* Verb. *Implorand.* n. 34. *doctiſſimum et noſtro ſæculo, et Juris conſultum clariſſimum Sacri Palatij ſenatorem graviſimum et Sanguinis ſplendore nobiliſſimum.* O meſmo in *Renovat. Emphyteut.* lib. 1. Quæſt. 3. n. 1. *Doctiſſimus Sa-*

eri Palatij Senator, e na prefaçaõ das Deciſoens de Gama diz delle. *Et Sanguinis nobilitate inſignitus, et juris utriuſque Scientia conſultiſſimus inter alios graviſſimi Senatûs libellorum Supplicum eximios proceres clariſſimus juris antiſtes, qui velut alter Labeo Juriſconſultus ingenij facilitate, et fiducia doctrinæ fretus aureas Deciſiones ex diverſis Cauſarum figuris collectas invictiſſimi, ac Chriſtianiſſimi Sebaſtiani Regis hujus nominis primi auſpiciis, juſſuque ſumma induſtria, et indefeſſo ſtudio in unum corpus, unamque conſonantiam redegit, et congeſſit.* Tapia in *addit. ad reſponſ. Franciſci Ribeira pro Succeſſ. Regni Portug.* 1. Pars. n. 12. lhe chama *doctiſſimum* Ant. Portug. de *Donat. Reg.* Tom. 1. liv. 1. prælud. 2. §. 6. n. 40. *inſignem*. Paez in *Cap. Miſſas.* n. 183. *doctiſſimus atque Senator Regius meritiſſimus*. D. Luiz Salazar, y Caſtr. *Hiſt. Geneal. dela Caſ. de Sylva* lib. 8. cap. 9. *Varon tan iluſtre, como acreditan ſus eſcritos.*

Compoz.

Deciſiones Supremi Senatûs Regni Luſitaniæ. Centuriæ IV. omnibus Juris Pontificij et Cæſarei profeſſoribus perutiles, & neceſſariæ ad caſus cum Canonicos tum Civiles feudales quoque, & criminales plene cognoſcendos. Ulyſſipone apud Emmanuelem Joannem 1578. fol. Francof. apud Zachariã Palthenium 1598. fol. Cremonæ per Joan. Baptiſtam Pellizarium 1598. fol. *cum annotationibus Blaſij Diaz Flores de Mena* Valliſoleti apud Didacum Fernandes de Cordova Typ. Reg. 1599. fol. Ulyſſipone apud Petr. Crasbeeck. 1610. fol. Venetiis apud Hæred. Nicolai Moreti 1610. fol. Matriti per Franc. Abarca de Angulo 1621. fol. Antuerp. per Joan. Heerbegium 1622. fol. et ibi apud Jacobum Meurſium 1650. fol. & ibi apud Joan. Verduſſen 1638. fol. & ibi apud Viduam et filium Joan. Baptiſtæ Verduſſen 1699. fol. & ibi apud Joan. Baptiſt. Verduſſen 1731. fol. et ibi apud eumd. Typog. 1735. fol. com o Tratado ſeguinte.

Tractatus de Sacramentis præſtandis ultimo ſuplicio damnatis; de eorum teſtamentis, anatomia, et ſepulturis. Ulyſſipone apud Joan Blavium 1554. 4. et Valliſoleti apud Didacum Fernandes de Cordova 1599. fol. cum *Deciſionibus* et Matrit. apud Franc. Abarca de Angulo 1621, fol. cum Deciſionibus. Deſta obra ſe lembra Poſſevino in *Appar. Sacr.* pag. 95. e Déniz Simon. *Bib. Hiſtoriq. des Autheurs de Droit.* Tom. 1. pag. 152.

Outras muitas obras tinha imperfeitas para imprimir como declara Franciſco Caldas Pereira no fim da Prefaçaõ allegada às Deciſoens dizendo. *Has igitur lucubrationes doctiſſimi Gamæ compara, lector candide, diuque his fruere, et meliora quotidie expectes velim, quæ in authographis adhuc rudia, et indiſpoſita delitescunt.*

ANTONIO GIL PRETO natural da Cidade de Goa, e Chroniſta do Eſtado da India eſcreveo em o 1. de Agoſto de 1673.

Breve Relaçaõ da Viagem que fez para a India o anno de 1672. arribada ao Braſil, e chegada a Goa da Náo Almirante S. Pedro de Rates, morte do Arcebiſpo D. Fr. Chriſtovaõ da Sylveira, vida, e acçoens do meſmo Arcebiſpo. 4. M. S. Conſervaſe na Livraria do Convento de N. Senhora da Graça de Eremitas de Santo Agoſtinho onde a vimos.

D. ANTONIO DA GLORIA natural de Lisboa, filho do Doutor Manoel de Almeyda da Maya, e Catherina da Aſſumpçaõ. Recebeo o Canonico Habito de Santo Agoſtinho no Real Convento de S. Vicente de fora a 22. de Junho de 1713. Depois de lér as faculdades de Filoſofia, e Theologia aos ſeus domeſticos no Collegio de Santo Agoſtinho de Coimbra recebeo no anno de 1726. o gráo de Doutor na Univerſidade na Faculdade Theologica, naõ ſendo menos douto na Oratoria Eccleſiaſtica que naquella ſciencia de que deo hum claro argumento na obra ſeguinte.

Sermaõ em acçaõ de graças que o Senado da Camara de Coimbra celebrou pelo nacimento da Sereniſſima Princeſa da Beyra primogenita dos Sereniſſimos Principes dos Brazis em Fevereiro de 1735. Coimbra por Antonio Simoens Ferreira. 1735. 4.

ANTONIO GOMES celebre Juriſconſulto ou por origem, ou por nacimento Portuguez, Doutor em Direito Civel, e hum dos mais famoſos Meſtres deſta Facul-

dade na Univerſidade de Salamanca onde foy Lente de Veſpera ornado naõ ſómente de profunda ſciencia, admiravel comprehenſaõ, raro talento, mas de ſumma benevolencia, ſincero animo, agradavel prezença, por cujos dotes conciliava os coraçoens de todos que o tratavaõ, ſendo venerado por Meſtre commum, donde procedeo obſervarem-ſe as ſuas Deciſoens juridicas, como ſe foſſem as meſmas leys dos Emperadores por ſerem fundadas na mais ſolida intelligencia dos primeiros Juriſconſultos bebendo neſtas puras fontes da Juriſprudencia a ſubtileza, e profundidade com que reſolvia magiſtralmente as materias mais dificultoſas com taõ recta intenſaõ que nunca ſe deixou penetrar de affecto menos decoroſo à gravidade que profeſſava. Compoz.

Variarum Reſolutionum Juris Civilis Communis, et regij libri tres. Primus de ultimis voluntatibus, 2. de Contractib. 3. de delictis. Salmanticæ 1532. et ibi apud Ildephonſum de Terra Nova. 1572. fol. cum *additionibus Emmanuelis Soares da Ribera* 1579. e 1584. fol. Francof. 1573. 1584. e 1597. fol. Venetiis 1572. 1582. 1602. in 4. Lugd. apud Horatium Cardon 1602. fol. Genevæ. 1631. Antuerp. 1634. fol. &. Lugd. Sumptibus Societatis 1735. fol.

In leges Tauri Commentarius. Salmanticæ. 1555. fol. et ibi apud Lucam Juntam 1582. cum additionibus Didaci Gomez Cornejo ibi apud Nicolaum Baſſam 1591. fol. Venetiis ad ſignum columbæ 1591. 4. Lugd. 1602. fol. Antuerp. 1624. fol. Omnia opera Lugd. apud Michaelem Goy. 1674. fol. 2. Tom. *cum indice, ſive repertorio Joannis Baptiſtæ Antonij* Lugd. Sumptibus Antonij Servant. 1733. fol. 2. Tom. & ibi ſumptibus Societatis 1735. fol.

Supoſto que Antonio Gomes no Tom. 3. *variar.* cap. 1. n. 66. diga ſer oriundo de Talavera, e eſta palavra oriundo ſeja indiferente para ſignificar ou a terra onde ſe naceo, ou o lugar donde ſe traz a origem, certamente he Portuguez, e como tal o collocamos entre os noſſos Eſcritores naõ ſómente porque aſſim conſta do Carthorio da Univerſidade de Salamanca, mas porque o teſtificaõ dous Religioſos Carmelitas Caſtelhanos, quaes foraõ o P. Fr. Pedro de Vargas Prior do Convento de Utrera, e o P. Fr. Matheus da Torre cada hum em ſeu Soneto que fizeraõ em louvor das Notas, que a Antonio Gomez fez o douto D. Joaõ de Ayalon impreſſas em Utrera no anno de 1665. Diz o primeiro.

La linea de ſu edad fue el Luſitano
A quien diò leys ſu immortal prudencia
Nó por ſu poteſtad ſi por ſu ſciencia.

O ſegundo.

Con nueva vida ſe repite ufano
Oy en tu pluma Ayalon a mayor buelo
Quanto mas lo ſutil de tu deſvelo
Le forma cuerpo al Fenix Luſitano.
Ya fuer de Portuguez queda mas vano
Con mayor preſuncion pues ſin rezelo
Puede jactarſe en tu eſtudioſo anelo
Que le hà iluſtrado ingenio ſoberano.

Com os quaes concorda na certeza de ſer Portuguez Antonio Gomes, Roque Monteiro Paym Secretario das merces delRey D. Pedro II. no *Diſc. Jurid. e Polit.* fol. 24. marg. 136.

ANTONIO GOMES cuja patria, e genero de profiſſaõ ſe ignora; pela devoçaõ que tinha à Rainha Santa Eſcreveo.

Vida de Santa Izabel. Evora. 1625.

ANTONIO GOMES *Celebre Medico* como lhe chama Zacuto *Prax. Med.* lib. 3. Obſervat. 114. Foy Lente de Prima jubilado na Univerſidade de Coimbra. Eſcreveo muitas e doutas obras, de que ſomente ſahio à luz publica.

Tratado da Medicina. Anveres 1643. 8.

ANTONIO GOMES natural da Villa de Serpa da Provincia do Alentejo. Enſinou muitos annos Grammatica na Cidade de Faro do Reyno do Algarve onde era cazado. Foy inſigne Poeta Latino de que deo hum claro teſtemunho na Tragedia intitulada.

Daniel.

Que ſe reprezentou na prezença de D. Fernaõ Martins Maſcarenhas Biſpo do Algarve, cuja Igreja governou deſde o anno de 1595. até 1617.

P. ANTONIO GOMES Coadjutor eſpiritual da Companhia de JESUS, cujo habito recebeo no Collegio de Coimbra a 10. de Abril de 1645. Foy natural da Villa de Santarem, e filho de Manoel Dias, e Maria Fernandes. Paſſou ao Oriente donde com

outros Companheiros diſcorreo pelo Imperio de Monomotapa. Reſtituido a Salſete eſcreveo.

Viagem ao Imperio de Monomotapa, e aſſiſtencia que fez nas ditas terras. folh. *M. S.*

Conſta de 94. paginas de folha em que largamente deſcreve todas as couſas memoraveis daquelle vaſto Imperio, e como aſſiſtindo cinco annos na Igreja de N. S. da Saude em Luabo perto de Sena Reſidencia da Companhia bautizara muitos Cafres. Começa eſta Viagem *Noſſo Glorioſo Patriarcha Santo Ignacio* &c. Cujo Original conſerva na ſua Livraria Hiſtorica meu Irmaõ D. Jozé Barboza Clerigo Regular de que faz mençaõ o moderno Addicionador da *Bib. Geograf.* de Antonio de Leon. Tom. 3. col. 1711.

ANTONIO GOMES DE OLIVEYRA natural da Villa de Torres novas do Arcebiſpado de Lisboa, Secretario de Mathias de Albuquerque Conde de Alegrete Governador das Armas na Provincia do Alentejo, e Governador que foy do Brazil, e Pernambuco. Inſtruido nas letras humanas eſtudou na Univerſidade de Coimbra Direito Civil, e quando a ſua comprehenſaõ faſia grandes progreſſos neſta faculdade preferio ao ocio de Minerva os tumultos de Marte, que alteravaõ eſte Reyno invadido pelas armas Caſtelhanas, e julgando, que ſervia melhor a Patria com a eſpada, que com a pena, largou a Univerſidade pela Campanha, onde na Batalha do Montijo dada em o anno de 1644. e na das Linhas de Elvas no anno de 1659. obrou acçoens de valor intrepido, e animo deſtemido. Por ſer naturalmente affecto à Poeſia ainda eſtando applicado à Juriſprudencia, ou à milicia naõ deixou de cultivar o Parnaſſo compondo ſuaves, e elegantes verſos ornados de agudeza, e jocoſidade ſempre judicioſa, e nunca pueril aſſim na lingua materna, e Caſtelhana, como na Italiana, e Latina, alcançando os primeiros premios nos Certames Academicos, e a eſtimaçaõ das primeiras Peſſoas da Corte, entre as quaes ſe diſtinguia no affecto, e na dignidade o Sereniſſimo Rey D. Joaõ o IV. Igual veneraçaõ adquirio dos mayores Poetas do ſeu tempo, como foraõ Manoel de Faria, e Souſa, Manoel de Galhegos, e Jacinto Cordeiro. O primeiro exhortando-o na *Fonte de Aganip.* Part. 3. Madrig. 38. a que aperfeiçoaſſe o Poema de Hercules neſta forma.

Emplea, emplea Antonio
En el, que perſeguido de ſortuna
Puſo al valor la ultima coluna
Eſſe licor Aonio
Que te ha de colocar en la alta cumbre
Dela Apolinea lumbre
Que alfin ſe reſervava
Para igualar tu pluma ſu gran Clava:
Y que feliz reſerva
En tu apellido el arbol de Minerva
Para que ſe transforme con eſpanto
Del mundo en otra planta màs glorioſa
Que el ſin duda hade ver (oido el canto
De la tuba, que ſuenas numeroſa
Donde el mas firme oydo mas ſe pierde)
Buelto tu blanco Olivo en Laurel Verde.

O ſegundo convidando-o a celebrar o Hymineo dos Sereniſſimos Duques de Bragança no *Templo da Memor.* Eſtanc. 176.

Artificioſo verſo, illuſtre, e grave
Que eternizando ao celebre Oliveira
Na Lira de Theocrito ſuave
Feres do Tejo a humida ribeira.
Levai o nome de Bragança donde
Em tumulo de prata o Sol ſe eſconde.

O terceiro nos *Elog. dos Poet. Portuguezes* Eſtanc. 7.

Antonio Gomes con amable eſtrella
De Oliveira en dulciſſima Thalia
Deſpierta a Glauca ſu homicida bella
Y a Pindaro en dos verſos deſafia.

Mais celebrado fizera o ſeu nome ſe publicara os dous Poemas heróicos que tinha compoſto conſtando hum dos trabalhos de Hercules, e cantando em outro as acçoens heróicas delRey D. Joaõ o I. mas para o mundo conhecer a fecundidade da ſua veya baſtaõ para manifeſtos argumentos as obras ſeguintes.

Idylios maritimos. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1617. 8. Conſta de diverſos metros em varias linguas.

Sonetos heróicos concernentes à Mageſtade, e eſtado politico, e militar do ſempre auguſto Rey D. Joaõ o IV. Noſſo Senhor, e o principio do Poema heróico delRey D. Joaõ o I. de boa memoria. Lisboa por Antonio Alvarez. 1641. 8.

Panegyrico ao ſempre Auguſto Rey D. Joaõ

o IV. Luſitanico Indico Braſilico, e Africano aclamado, e jurado Rey na Cidade de Lisboa em o 1. e em 15. de Dezembro de 1640. Lisboa por Antonio Alvares Impreſſor delRey 1641. 8. Conſta de 77. Oytavas.

Octavario heróico votado à Mageſtade victorioſa delRey N. S. D. Joaõ o IV. de Portugal pelos outo dias, que o inimigo eſteve com todo o ſeu exercito ſobre a Praça de Elvas donde fugio com perda grande, e mayor ignominia. 4. Naõ tem lugar, nem anno da Impreſſaõ. Conſta de oito Sonetos.

No dia ſolemniſſimo da Entrada delRey N. S. em Lisboa recolhendo-ſe das Fronteiras do Alentejo ficando devaſtados da ſuas Armas muitos lugares de Caſtella, e algums delles preſidiados já pelo dito Senhor. Conſta de hum Soneto, Epigramma Latino, e 2. Oitavas Portuguezas in fol. Sem anno nem lugar da Impreſſaõ.

Pela feſtividade annual que em o 1. de Dezembro de 1641. inſtituhio a Cidade de Lisboa em memoria da devida Acclamaçaõ do Sempre auguſto Rey D. Joaõ o IV. N. S. Soneto. Lisboa por Antonio Alvares Impreſſor del-Rey fol.

Herculeida. Poema heróico; he louvado por Joaõ Soar. de Brito na *Apologia de Camoens* pag. 30. O canto 1. ſe conſerva *M. S.* na Livraria do Excellentiſſimo Marquez de Abrantes.

Antiguidades, e excellencias do Panifero, e alegre rio Almonda o qual corre pela ſua patria Torres novas 4. *M. S.* conſtava de Verſo, e proſa.

Além dos grandes poetas que o louvaõ he numerado entre elles pelo P. Antonio dos Reys no *Enthuſiaſm. Poetic.* n. 53. D. Franciſco Manoel na *Carta eſcrita a Manoel da Fonſec. Themudo* que he a 1. da 4. Centuria dizendo *O primeiro que entre nós cultivou a fraze Caſtelhana na Poeſia.* Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Luſit. Litter.* lit. A. n. 85. *Vir placido, modeſtoque ingenio, et humanioribus diſciplinis, atque artis imprimis poeticæ eruditus.* Morery *Diccion. Hiſtoriq. Verb. Gomez de Oliveira ſé fit un grand nom dans ſon pays par ſes poeſies.*

ANTONIO GOMES SIGARRO natural de Viana do Alentejo Presbytero de exemplar vida, e Secretario do Arcebiſpo de Evora D. Jozé de Mello. Foy bom Poeta Latino, e como tal o nomea entre os profeſſores deſta arte o Padre Antonio dos Reys no *Enthuſiaſm. Poet.* n. 163. Pelo devoto affecto com que venerava aos Santos cõpoz, e dedicou ao ſeu Mecenas a obra ſeguinte.

Sacrorum epigrammatum liber, ſive in Divos ſingulos ab Eccleſia Romana cultu annuo celebrari conſuetos epigrammata. 8.

ANTONIO GOMES DA SYLVA LEAM natural de Lisboa, e bautizado na Freguezia de Santa Engracia a 11. de Abril de 1719. filho de Joachim Gomes, e Maria Luiza de Jeſus. Depois de inſtruido na lingua Latina paſſou à Univerſidade de Coimbra onde prezentemente frequenta o eſtudo do Direito Canonico, ſendo verſado no da Poezia vulgar de que ſaõ argumentos as obras ſeguintes.

Applauſo univerſal inſtruido em ſublimaçaõ das prodigioſas Feſtas que no Sitio da Junqueira deſta Cidade de Lisboa fez a preclara, como illuſtre Nobreza della oſtentando no externo Luzimento os internos dezeos de mais as ſublimarem em obſequio da Sereniſſima Senhora Princeſa do Braſil. Lisboa na Officina Rita-Caſſiana 1738. 4. Conſta de 32. Outavas, e dous Sonetos Acroſticos.

Com o affectado nome de Belchior Franco da Gama.

Argumento Critico feito a o ultimo Poema que ſahio impreſſo onde relatava por extenſo ſeu Author Manoel Nunez da Sylva a cruel inundaçaõ, danos, e perdas que fez a tempeſtade de Dezembro do paſſado anno de 1739. em Coimbra, e ſeus Campos. He em proſa; e no fim *Huma imploraçaõ a Noſſo Senhor para que atendendo aos infortunios do povo ceſſe a activa oppreſſaõ de ſeus caſtigos.* Coimbra no Real Collegio das Artes da Companhia de JESUS. 1740. 4. Eſta obra ultima conſta de hum Romance Heròico de 54. Coplas.

ANTONIO GONÇALVES natural de Lisboa Cirurgiaõ do Hoſpital Real de todos os Santos da ſua patria onde exercitou felizmente eſta arte em beneficio dos enfermos, e credito da ſua Peſſoa. Compoz.

Tratado da Gonorrea. Sahio impreſſo com a *Recopilaçaõ da Surgia de Antonio da Cruz.*

Lisboa por Antonio Crasbeeck de Mello 1669. 4. et ibi por Miguel Deſlandes. 1688. 4.

ANTONIO GONÇALVES DE NOVAES Doutor na faculdade dos Sagrados Canones, Examinador Synodal do Biſpado de Elvas provido em 8. de Mayo de 1630. pelo Illuſtriſſimo Biſpo deſta Dioceſe D. Sebaſtiaõ de Mattos de Noronha donde ſubio a Conego Penitenciario da meſma Cathedral, de que tomou poſſe a 28. de Julho de 1632. Foy muito verſado na liçaõ da Hiſtoria Sagrada, e profana. Eſcreveo.

Relaçaõ do Biſpado de Elvas, e de todos os Prelados que até o ſeu tempo governáraõ aquella Igreja. Sahio no fim das Conſtituiçoens deſte Biſpado. Lisboa por Lourenço Crasbeeck 1635. fol.

Delle faz memoria Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 195. letr. L.

ANTONIO DE GOUVEA conhecido mais pelo apellido alatinado de GOUVEANO, naceo na Cidade de Beja da Provincia do Alentejo, para credito da Naçaõ Portugueza, e de ſeus Pays Affonſo Lopes Ayala Fidalgo Caſtelhano, e Ignes de Gouvea filha de Antaõ de Gouvea Cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto. Sendo chamado na idade juvenil por ſeu Tio Diogo de Gouvea, Reytor do Collegio de Santa Barbara de Pariz para aprender as letras humanas partio com ſeus Irmaõs Marçal, e André dos quaes era o menór na idade, e mayor no talento, e taes foraõ os progreſſos que a ſua perſpicaz comprehenſaõ, e admiravel agudeza fizeraõ naquella paleſtra, que geralmente foy venerado como Oraculo da Oratoria, e Poetica eſcrevendo na lingua Latina com tanta pureza, e elegancia, que animava a ſua penna o eſpirito dos Eſcritores do Seculo de Auguſto. Naõ era menos inſigne nas argucias da Filoſofia Peripatetica chegando ainda quando eſtava na flor da adoleſcencia a convencer em huma diſputa publica na authorizada prezença de muitos Sabios a Pedro Ramos acerrimo antigoniſta de Ariſtoteles Principe daquella eſcola. Coroado com eſte triumfo litterario depois de cultivar os campos da eloquencia, e os boſques do Parnaſſo ſe applicou ao eſtudo das Muſas mais ſeveras penetrando os ſegredos da Juriſprudencia em Toloſa no anno de 1539. em cuja faculdade ſahio taõ eminente, que de Leaõ, onde aſſiſtia, o chamou para Avinhaõ o famoſo Juriſconſulto Emilio Ferreto para que deixando o retiro em que eſtava vieſſe manifeſtar os thezouros da ſua ſabedoria, em beneficio de tantos engenhos que queriaõ inſtruirſe com os ſeus documentos. Obedeceo promptamente à inſinuaçaõ de homem taõ grande, a quem pelo ſummo affecto com que o amava lhe chama no lib. 2. de *Juriſdictione, Segundo Pay,* e chegando àquella Univerſidade começaraõ a brilhar com tal intençaõ os rayos da ſua ſciencia, que difundindoſe pela larga circumferencia do Reyno de França naõ havia Univerſidade que o naõ pertendeſſe para Meſtre, logrando eſta fortuna a de Toloſa, Valença do Delfinado, Cahors, e Granoble. Em todos eſtes theatros academicos teve tantos ouvintes, quantos admiradores aſſombrados da delicadeza com que penetrava as dificuldades mais inſuperaveis, a promptidaõ com que reſpondia aos argumentos mais nervoſos, e a facilidade com que conciliava os textos antinomicos, alcançando por taõ ſingulares dotes a veneraçaõ, e reſpeito dos mayores Corifeos da Juriſprudencia como eraõ Ferreto, Alciato, Duareno, Concio, Revardo, Balduino, Budeo, e Fabro, ſendo muito mais para admirar que o Principe de todos elles Jacobo Cujacio reconhecendo a profundidade do ſeu talento receou, lhe arrebataſſe a palma que tinha merecido pelos ſeus immenſos eſtudos, como eſcreve Papirio Maſſonio no fim da ſua vida. *Adoleſcens Antonij Goveani ingenium admirabatur deterritum ſe dicens à jure tractando, ſi homo Luſitanus tanto ingenio, tamque ſubtili labores civilium ſtudiorum ſuſcipere, ac ſubire voluiſſet.* Eſta preferencia, que o ſeu engenho levava a todos os Juriſconſultos a confeſſou o meſmo Cujacio dizendo in *Not. ad Ulpian.* titul. 6. *Antonius Goveanus cui ex omnibus quotquot ſunt, aut fuere Juſtinianæi juris Interpretibus, ſi quæramus quis unus excellat, palma deferenda ſit.* A o tempo que lograva as mayores eſtimaçoens em França, que como Patria ſua terniſſamente amava por habitar nella deſde os primeiros annos ſe auzentou della, naõ ſómente

por fugir aos tumultos, e guerras civis em que eſtava dividida, mas por ſer convidado pelo Duque de Saboya Manoel Philiſberto a ennobrecer com a ſua doutrina a nova Univerſidade que fundara em Montdevis. Tanto que chegou àquella Corte, foy recebido pelo ſeu Principe com ſingulares demonſtraçoens de affabilidade conſignandolhe huma larga renda com que pudeſſe ſuſtentar opulentamente a ſua Caſa, e fazendo-o ſeu Conſelheiro. Caſou com huma Senhora muito illuſtre, de quem teve a Manfredo de Gouvea que igualmente foy herdeiro da ſua ſciencia juridica, como dos lugares honorificos que occupou. Morreo em Turim no anno de 1565. como eſcrevem Thuano, Moreri, Pope Blount, Hofmano, Capaſſi, e Simon *Bibliothec. Hiſtoriq. des Autheurs du Droit.* Tom. 1. pag. 164. em 1587. Elias Vineto; e em 1597. Nicol. Ant. in *Bib. Hiſp.* allegando a Thezaur. na XIX. *Quæſtion. Forenſ.* do 3. liv. Neſta variedade em que ſe dividem os Authores acerca da ſua morte, todos ſe unem a certificar a ſublimidade do ſeu engenho pelo qual ſe fez celebre na poſteridade, como ſaõ Antonio Fabro in Præfat. lib. 7. *Conject. Tulit ætas noſtra maximos in juriſprudentia viros, ſed præcipuos, ſi quid mei ingenij eſt (cæterorum pace dixerim) Antonium Goveanum, & Jacobum Cujacium. Illum ut quidem mihi videtur multo feliciore ingenio ad juriſprudentiam natum: ſed qui naturæ viribus tam confideret, ut diligentiæ laudem ſibi neceſſariam; minus etiam fortaſſe honorificam putare videretur. Hunc contra minus lucido, præſtantique ingenij acumine.* Nicol. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 97. *In Antonio, et doctrina, et ingenium, conſectariaque horum fama præcipue floruit.* Hofman. in *Lex. Vniv.* Tom. 1. pag. mihi 250. *Philoſophus, et Philologus inſignis.* Freher. in *Theat. Vir. erud. Claror.* Part. 2. Sect. 4. pag. 848. *Tanta felicitate in humanioribus ſtudiis ingenium excrevit, ut nemo puriùs latine ſcriberet, nemo verſus elegantiùs pangeret.* Fr. Bento Jeronymo Feijoo *Theatr. Critic.* Tom. 4. Diſcurſ. 14. n. 10. *Aun oy eſtá reſonando la Francia delos Elogios de Antonio de Gouvea, y tomando para ſi gran parte dela gloria de tan famoſo Juriſconſultó... cultivo mucho, y felizmente la Poeſia, y fue tan gran Filoſofo que entre todos los Ariſtotelicos Franceſes logrò ſuperior gloria en la defenſa dela doctrina Peripatetica.* Moreri *Diccion. Hiſt.* verb. *Gouwea. Ce Scavant homme a eté le ſeul qui par une gloire aſſes rare dans ſon ſiecle a eté eſtimè d'un comum conſentiment excellent Poete, grand Philoſophe, e Scavant Juriſconſulte.* Gualt. in *Tab. Chronol.* ad an. 1565. pag. 741. *Tam Philoſophiæ, quám humanioris litteraturæ laude præſtantiſſimus.* Pinello *Selectar.* lib. 2. cap. 8. n. 8. *Subtiliſſimus.* Carvalh. in *Cap. Raynald.* pag. 3. n. 16. *acutiſſimus, & ingenioſiſſimus.* et ibi. n. 55. *Vir magni ingenij et eruditionis.* et Part. 4. cap. 3. n. 1. *approbatiſſimus, et acutiſſimus.* Menochius de *Arbitrar. Jud.* lib. 1. cap. 2. *Doctum virum, ſibique perfamiliarem.* Queſad. in *Quæſt. Jur. Magni judicij, atque eruditionis virum.* Capaſſi in *Hiſt. Philoſoph. Synopſ.* pag. 328. *Magnum Luſitaniæ decus, Juriſprudentiæ Lumen, Poeſeos, Rhetorices, omniſque penitioris litteraturæ ornamentum ingens magnum Peripateticæ Philoſophiæ, cujus callentiſſimus, erat, propugnaculum.* Scalig. na *Scalagerian.* 1. *Goveanus doctus erat vir, & valens dialecticus, optimus Poeta* Pople Blount. *Cenſ. Celeb. Auth.* pag. 666. Teiſſier *Elog. des Homes Illuſt.* Tom. 2. pag. 223. e 224. Guichenon *Hiſt. Gen. de Savoy.* Tom. 1. pag. 678. Spond. *Annal. Baron. Continuat.* ad an. 1565. Bayle *Diccion. Critiq.* Tom. 2. pag. mihi 580. e 581. Spera de *Proffeſſor. Grammat.* lib. 3. fol. 176. Joan. Soar. de Brito in *Theatr. Luſit. Litterat.* lit. A. n. 86. Paſquier *Recherch.* liv. 9. cap. 37. Petr. Sanches in *Epiſt. ad Ignatium Moral. de Poet. Luſit.*

Ad numeros facilem non te Gouweane tacebo.
Qui ſic interdum laxis deccuris habenis.
Præcipua ſtolidi rides cum dogmata Rami
Ut Tagus in pontum rapidos cum combibit amnes.
Proruit, et campos late diſterminat omnes.

P. Antonio dos Reys in *Enthuſiaſm. Poetic.* n. 18.

Nec Te poſt Puerum pudeat Gouwea referri
Præcocis ingenij juveni concedere primas
Fas erat, atque locum dare carmina noſtra decebat
Cui natura prior dederat, ceu Roma jocoſum
Bilbilicum vatem tibi poſthabet inclita Marcum.

Entre a geral acclamaçaõ com que celebráraõ o nome de Antonio de Gouvea taõ famoſos Eſcritores, ſe atreveo o impio Hereſiarcha Joaõ Calvino a infamallo de Atheiſta eſtimulado da irriſaõ que fez o noſſo Gouvea da ſua pertendida Reforma, dizendo no *Trat. de Scandal.* pag. 90. col. 1. da ediçaõ de Genebra do anno de 1611. *Alij (ut Rabelæſus, Deperius, et Goveanus) guſtato Evangelio eàdem cæcitate ſunt percuſſi. Cur iſtud? niſi quia ſacrum illud vitæ æternæ pignus ſacrilega ludendi, aut ridendi audacia ante profanarunt.* Deſta infame impoſtura defende ao noſſo Gouvea Scaligero na *Scaligeriana* 2. dizendo *Goveanus fuit doctus Luſitanus. Calvinus vocat illum Atheum cum non fuerit; debebat illum melius noſſe.* Compoz.

Ad titul. de Juriſdictione omnium judicum libri duo. Deſta obra diz Antonio do Quitaduenas lib. 1. *de Juriſd.* tit.7. *diligens apprime, & eruditus* ſer ſeu Author, e que *nihil a ſe viſum cultius atque floridius,* & Schifordeger. in *Nuncupat. lib. 2. ad Fabrianos Commentar. Cum ſine his plurima quæ ad juris dictionem Romanam pertinent, hodie ignoraremus.*

Ad Tit. de Jure acreſcendi lib. 1.

Ad Leg. Gallus Aquilius Dig. de Vulgari, & pupillar. ſubſtitution.

Ad Leg. Falcidiam.

Variarum Lectionum libri duo.

Animaduerſionum lib. 1.

Todas eſtas obras ſahiraõ juntas Lugd. apud Anton. Vincentium 1562. 1564. e 1599. in fol.

Variarum Lectionum lib. duo Venetijs 1585. & cum *additament. Vaconis Vacuna, Antonij Concij, Jacobi Robardi Corſi,* & *Nicolai Belloni.* Colon. Agripinæ 1575. fol.

De Jure acreſcendi. Toloſæ apud Guidonem a Bondeville. 1545. 4. primeira ediçaõ como affirma Gregorio Maians in lib. 5. *epiſtol.* p. 262. e 263. Depois ſahio Jehæ 1596. in 8. & Wormatiæ typis Wilhelmi Cnitelis 1611. 12.

Neſtas obras faz mençaõ de outras que tem compoſto, como ſaõ.

De Prætoribus, & Proprætoribus.

Tractatus in Trebellianum o qual teſtifica Schifordegero lib. 2. Tract. 2. ad fin. Quæſt. 1. que o vira Antonio Fabro.

Pro Ariſtotele reſponſio adverſus Petri Rami calumnias, & alia opuſcula. Pariſiis apud Simonem Colinæum 1543. 8.

Prophyrij Iſagoge in latinum translata. Lugduni apud Sebaſtianum Gryphium. 1541. 8.

Epigrammatum libri duo, & Epiſtolæ. Lugduni apud Sebaſtianũ Gryphium. 1539. 4. & ib. per eund. Typog. 1540. 8.

In aliquot Ciceronis Orationes. Baſileæ 1553. 8.

Ennarratio in Ciceronis Orationem in Vatinium. Pariſiis. 1545. 8.

In Topicam Ciceronis, & Criticam Logices partem. ibidem.

In priores libros duos Ciceronis ad Atticum, & in lib. ejuſdem de legibus. Pariſiis apud Thomam Richardum 1543.

Virgilius, Terentius priſtino ſplendori reſtituti. Lugd. apud Gryphium 1541. *Terentius.* Francofurt. 1576. 1596. 16.

In Orationes Ciceronis M. S. in fol. Conſerva-ſe na Bibliotheca do Emperador como affirma Draudius in *Bib. Claſſic.*

Cõmentaria elegantiſſima in Terentium M. S. de cuja obra faz mençaõ Balthezar Wertino in addit. ad *Trithem. de Script. Eccleſiaſtic.*

Poemata. M. S. Exiſtem na *Bibliotheca Vaticana* n. 572. como eſcreve Montfaucon in *Bib. Bibliothecar. M. S. nova.* Tom. 1. pag. 26. col. 1.

Diſcurſo apologetico em que ſe defende da graviſſima impoſtura, com que o Author da Bibliotheca do Delfinado eſcreve que elle fora acuſado em Valença do Delfinado de fallar impiamente de Deos, cujo diſcurſo diz Antonio Teiſſier nos *Elog. dos Homm. Illuſtr.* Tom. 2. pag. mihi 224. o vira M. S. na Bibliotheca de Ennemond de Rabat Preſidente do Parlamento de Granoble.

O P. Franciſco da Cruz Jeſuita nas memorias M. S. para a *Bibliotheca Portugueza* diz ter viſto humas *Decimas Caſtelhanas* impreſſas em 4. em letra gotica ſem nome do Impreſſor, nem lugar, e anno da Impreſſaõ compoſtas por Antonio de Gouvea Portuguez que poderà ſer o meſmo de que tratamos. Era o argumento hum Valenciano taõ facinoroſo que matou a ſeu Pay, Tio, e huma Sobrinha, e cortou os peitos a ſua Mãy, por cujas impiedades fora morto pela violencia de hum rayo.

D. Fr. ANTONIO DE GOUVEA foy filho de Lazaro Ribeiro, e Maria de Gouvea. Aprendeo os primeiros rudimentos na Cidade de Beja ſua patria com mayor progreſſo que prometia a delicadeza de ſeus annos. Chegado à idade da adoleſcencia obedecendo à inſpiraçaõ divina, que o chamava ao Eſtado Religioſo, profeſſou o dos Eremitas de Santo Agoſtinho no Convento de Lisboa a 4. de Junho de 1591. onde lançou os altos fundamentos das virtudes, e letras, com que luzio para beneficio dos ſeus domeſticos partindo no anno de 1597. para Goa enſinar-lhes as ſciencias eſcolaſticas, em que jubilou com igual fruto dos ſeus diſcipulos, que gloria do ſeu talento. Dezejando Ayres de Saldanha no tempo que governava a India mandar à Perſia hum Embaxador activo, e prudente, que igualmente promoveſſe naquelle vaſto Imperio os intereſſes da Religiaõ, e do Eſtado, o nomeou para taõ illuſtre empreza. Partio em 15. de Fevereiro de 1602. e entrando na Corte de Perſia foy benevolamente recebido pelo ſeu Emperador Xà Abbàs dando-lhe faculdade para prègar o Evangelho, e levantar Igrejas em todo o ſeu dominio, de cuja permiſſaõ foraõ glorioſas conſequencias converter muitos barbaros da cegueira da infidelidade para a luz da verdadeira Religiaõ, e reduſir ſete Biſpos, e infinitos Armenios, e Georgianos ſequazes do ſciſma de Conſtantinopla à obediencia do Summo Pontifice. Tanta foy a efficacia com que conciliou o animo do Emperador, que o induſio a mover guerra contra os Turcos offerecendo-lhe por auxiliares as Armas dos Princepes Catholicos, que a experimentaraõ formidavel nas muitas batalhas perdidas, e Praças conquiſtadas. Querendo o Emperador proſeguir com mayor ardor eſta guerra o expedio acompanhado de hum Embaxador ao Pontifice Paulo V. e a Filippe III. de Caſtella ſuplicando-lhe quizeſſem derrotar o inimigo cõmum na Europa, aſſim como o tinha feito na Aſia. Tanto que chegou a Portugal foy nomeado Biſpo de Cirene em Africa, e ſe ſagrou no Convento de N. Senhora da Graça de Lisboa a 28. de Dezembro de 1612. Paſſou ſegunda vez à Perſia por ordem do Pontifice como ſeu Nuncio com poderes de legado a latere, e entrando naquella Corte como o Emperador naõ viſſe effeituado o ſeu intento mudado o amor em odio, o mandou lançar em huma eſtreita prizaõ ordenando com rigoroſas penas que todos os ſeus Vaſſallos abjuraſſem a Religiaõ Catholica. Perſuadido do miſeravel eſtado em que ſe achavaõ as dependencias da India aſſim eſpirituaes, como politicas para ſerem promptamente ſocorridas, atraveſſou com animo intrepido, e immenſo trabalho a inacceſſivel altura dos montes de Baſſorá, e a vaſta extenſaõ dos areaes da Arabia atè chegar a Alepo onde embarcando-ſe para Marſelha voltou arrojado dos ventos contrarios a Sardenha, ſendo cativo pelos Mouros com outros Chriſtãos da ſua cõmitiva. Naõ he facil de comprehender, quanto mais de narrar as moleſtias que eſte Varaõ Apoſtolico tolerou da ſevicia deſtes barbaros, pois àlem de o fecharem em huma tenebroſa prizaõ o carregaraõ de groſſas cadeyas pelo largo eſpaço de dous annos naõ ſendo poderoſas todas eſtas afrontas para lhe diminuir o ardente zelo, com que corroborava aos Chriſtãos para naõ faltarem à Fé prometida no Bautiſmo, ſegurando-lhes que o caminho mais certo para alcançarem o eterno deſcanſo eraõ aquellas tribulaçoens de que eſtavaõ cercados. Reſtituido á liberdade no anno de 1620. por diligencia do P. Fr. Antonio da Cruz Religioſo Trino como eſcreve Fr. Bernardino de Santo Antonio in *Epitom. Redempt.* lib. 2. cap. 11. partio a Madrid, donde foy mandado por ElRey Catholico á Praça de Oraõ tratar hum grave negocio com o pretexto de hir viſitar as Igrejas daquelle diſtricto em nome do Infante D. Fernando Arcebiſpo de Toledo, e voltando ſe retirou para a Villa de Mançanares de Membrilla onde livre de negocios, e occupado ſómente nos eſtudos como *Varaõ ſanto, e illuſtre na ſabedoria* diz Fr. Antonio de Moura no proemio da *Vida de ſeu Santo Patriarcha Joaõ de Deos,* conſumou a carreira da vida a 18. de Agoſto de 1628. Foy ſepultado na Capella Mòr dos Carmelitas Deſcalços da meſma Villa fazendo com generoſo diſpendio o funeral ſeu grande amigo o Marquez de Velada Vice-Rey, e Capitaõ General das Praças de Oraõ. As acçoens deſte apoſtolico Prelado eſcreveraõ breve, e difuſamente Manoel de Faria e Souſ. *Aſia Portug.* Tom. 3. part. 3. cap. 1. n. 3. Joaõ Bautiſt. Moreli *Reduc. y Reſt.*

de Portug. Part. 3. n. 4. Vaſconcel. in *Deſcript. Luſit.* pag. 788. Natividade *Mont. de Cor.* Mont. 2. Coroa 8. n. 87. Fr. Ant. á Purif. de *Vir. Illuſtr.* lib. 1. cap. 30. e na Chron. *da Provinc. de Portug.* Par. 2. lib. 5. Tit. 3. §. 22. Herrer. in *Alphab. Auguſt.* Tom. 1. pag. 48. Cruſen. *Monaſt. Part.* 3. cap. 2. et 47. Gratian. *Anaſt. Auguſtin.* p. 34. Camargo *Chron. Sac. e Epit. Hiſtor.* pag. 318. verſ. Diogo Gouvea de Barrad. ſeu ſobrinho *Antig. de Beja.* Liv. 3. cap. 42. e 43. Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Luſit. Literat.* lit. A. n. 87. Jarric. *Thezaur. rer. Indic.* lib. 3. cap. 7. Teiſſier *Elog. dos Hommes Illuſt.* Tom. 2. pag. mihi 226. Morery *Diccion. Hiſtoriq.* Verb. *Gouvea,* cujo elogio lhe mandámos com outros muitos de Authores Portuguezes que excediaõ o numero de trezentos para o novo ſuplemento da Impreſſaõ do anno de 1725. os quaes ſe diſtinguem com eſtas palavras. *Memor. de Portug.* ou *Bib. Portug.* M. S. no fim de cada hum. Fonſeca *Evor. Glorioſ.* pag. 410. e o P. D. Manoel Caet. de Souſ. *Cathalog. Hiſtor. dos Summos Pontif. Card. Biſpos Portug.* pag. 117. Compoz.

Jornada do Arcebiſpo de Goa D. Fr. Aleixo de Menezes Primaz da India Oriental Religioſo da Ordem de Santo Agoſtinho quando foy às Serras do Malavar, e lugares, em que moraõ os antigos Chriſtaõs de Saõ Thomé, e os tirou de muitos erros, e heregias em que eſtavaõ, e reduzio à noſſa Santa Fè Catholica, e obediencia da Santa Igreja Romana da qual paſſava de mil annos, que eſtavaõ apartados. Coimbra por Diogo Gomes Loureiro Impreſſor da Univerſidade 1606. fol.

Deſta obra diz Jarric. in *Thezaur. rer. Ind.* lib. 3. cap. 7. *docte eleganter magnoque judicio conſcripta.* Della faz menção Antonio de Leon *Bib. Orient.* Trat. 3.

Sahio traduzida em Caſtelhano por Fr. Franciſco Munõz Agoſtinho, e em Francez por Fr. Joaõ Bautiſta de Glen com eſte titulo.

Hiſtoire Orientale das grans progres del' Egliſe Cathol. Apoſt. e Rom. en la reduction des anciens Chreſtiens dits de Saõ Thomaz de pluſieurs autres Schiſmatiques, et Heretiques a l'union dela vraye Egliſe. Converſion encor de Mahometains, Mores, e Payens. Par les bons devoirs du Reverendiſſime, e Illuſtriſſime Seigneur D. Alexis de Menezes del'Ordre des Erimites de S. Auguſtin, Archeveſque de Goa, e Primat en tout l'Orient. Anvers per Hieroſme Verduſſen. 1609. 8. Bruxeles por Velpio 1609. 8. e Colon. por Heningio 1611. 8.

Vida, y muerte del bendito Padre Juan de Dios Fundador dela Orden dela hoſpitalidad delos pobres enfermos. Madrid por Thomaz Junti Impreſſor delRey. 1624. 4. augmentado por Fr. Antonio de Moura ibi por Franciſco de Ocampo. 1632. 4. et ibi por Melchior Alegre. 1669. 4. et ibi por Roque Rico de Miranda. 1674. 4. Cadiz 1647. 4. Antonio Arauzio in lib. *de bene diſponendi Bibliothecam Prædicam.* 13. diz que eſta vida está elegantemente eſcrita.

Glorioſo triumfo de tres Martyres Eſpañoles dos Portuguezes Frayles de Santo Auguſtin, y uno Caſtellano. Madrid por Juan Gonzalez 1623. 8.

Epitome dela vida, y milagros dela B. Clara de Monte Falco Auguſtiniana. Madrid por la viuda de Alonſo Martin 1625. 4.

Relaçaõ em que ſe trataõ as guerras, e grandes vitorias que alcançou o grande Rey da Perſia Xá Abbás do graõ Turco Mahometo, e ſeu filho Amethe as quaes reſultáraõ das Embaxadas que por mandado da Catholica Real Mageſtade delRey D. Felippe II. de Portugal fizeraõ alguns Religioſos da Ordem dos Eremitas de Santo Agoſtinho à Perſia. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1611. 4. Sahio vertida em Francez Ruan chez Nicol. Loyſelet. 1646. 4. *Erudito* intitula eſte livro o P. Balthezar Telles *Hiſt. de Etiop. Alt.* liv. 1. cap. 3. e he allegado por Joaõ Baptiſta Lavanha à margem da 4. *Decad. de Barros* liv. 3. cap. 2.

Relaçoens da Perſia, e do Oriente. Lisboa 1609. 4. Saõ diverſas da precedente, e ſahiraõ ſem nome do Author como diz Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 80. let. H.

Sermaõ nas exequias de Andrè Furtado de Mendoça Governador que foy da India no Convento de Noſſa Senhora da Graça de Lisboa anno Domini 1610. Lisboa por Vicente Alvares 1611. 4.

Relacion de la glorioſa muerte que los Turcos dieron a D. Pedro de Miranda Cavallero Eſpañol en la Ciudad de Argel el año 1620. Eſcrita a 20. de Outubro deſte anno

M. S. O original conſervaſe na Livraria do Convento de N. Senhora da Graça deſta Cidade onde o vimos.

Vida do Illuſtriſſimo Arcebiſpo D. Fr. Aleixo de Menezes. Deſta obra o faz Author Fr. Pedro Pojares no *Panegirico da Villa de Barcellos.* cap. 88. fol. 196.

P. ANTONIO DE GOUVEA natural da Villa do ſeu appelido da Dioceſe de Coimbra, como eſcreve o P. Franciſco da Cruz nas *Mem.* M. S. *para a Bibliotheca Portugueza* poſto que affirmem ſer do lugar do Caſal no Biſpado de Viſeu Sotuelo. in *Bib. Societ.* pag. 74. e o P. Franco in *Ann. glorioſ. S. J. in Luſit.* pag. 710. e na *Imag. da Virtud. em o Noviciad. de Coimbra* Tom. 2. pag. 612. Foy filho de Manoel de Almeyda, e Maria Deiró. Na tenra idade de quinze annos entrou na Companhia a 11. de Mayo de 1608. onde acabada a carreira dos eſtudos eſcolaſticos ſe dedicou totalmente em lucrar almas para Chriſto nas regioens Orientaes. Logo que teve faculdade dos Prelados partio com ſummo jubilo para a India, e na cultura do Imperio da China derramou copioſos ſuores pelo largo eſpaço de trinta annos. Levantada huma furioſa tempeſtade contra os Miniſtros Evangelicos foy conduzido prezo a Corte de Pekim donde o deſterraraõ com vinte, e quatro companheiros para a Cidade de Cantaõ ultima de taõ vaſto Imperio. Neſte lugar padeceo por ſeis annos com invicta conſtancia infinitas moleſtias até que certificado o Emperador da ſua innocencia o mandou chamar à Corte, e lhe concedeo ampla faculdade para prégar as verdades do Evangelho. Foy inexplicavel o alvoroço do ſeu eſpirito com eſta permiſſaõ diſcorrendo de hum para outro lugar com incanſavel velocidade para aggregar mais filhos à Igreja Catholica, levantando huma Igreja na Provincia de Tokiem até que neſtes apoſtolicos miniſterios paſſou a milhor vida no mez de Fevereiro de 1677. com 84. annos de idade. Foy ſepultado fora da Capital de Tocheu fazendo delle memoria o P. Proſpero Intorcetta. *Narration dela Miſſion Chineſ.* pag. 35. Compoz parte da obra ſeguinte.

Innocentia victrix, ſive Sententia Comitiorum Imperii Sinici pro innocentia Chriſtianæ Religionis lata juridice per annum 1669. *ſinico-latine expoſita. In Quàm chéu metropoli Provinciæ Quàm-tum in Regno Sinarum. Anno Salutis humanæ* 1671. 4. grand. Impreſſo em papel da China o qual vimos.

Catheciſmo na lingua Chinenſe como affirma o P. Gabriel de Magalhaens em a *Nouvelle Relation dela Chine.* Pariz ches Claude Barbin. 1688. 4. pag. 101.

Aſia Extrema. Entra nella a Fè; promulgaſe a Ley de Deos pelos Padres da Companhia de JESUS. Primeira Parte dirigida à Mageſtade do Sereniſſimo Rey D. Joaõ o IV. noſſo Senhor anno de 1644. Conſta de 6. livros. Começa o primeiro. *O primeiro homem, que os Chins conhecem, e nomeaõ por Rey.* Acaba. *Conclue-ſe toda eſta primeira Parte com caſtigos, que ate agora continuaõ neſte Reyno por naõ querer em ſi a Ley Santiſſima de Deos, ſeus Prégadores Evangelicos para que ſaybaõ os Monarchas, que em a conſervar, e guardar eſtà a conſervaçaõ de ſeus Imperios.* O original eſcrito em papel da China ſe conſerva na Livraria de Jozé Freyre Monterroyo Maſcarenhas bem conhecido pela ſua vaſtiſſima erudiçaõ, onde a vimos.

Hiſtoria da China dividida em ſeis Idades tirada dos livros Chinas, e Portuguezes com o continuo eſtudo, e obſervaçoens de 20. *annos em a Metropole de Fó a* 20. *de Janeiro de* 1654. *com hum apendix da Monarchia Tartarica.* fol. *M. S.* Conſervaſe em a Bibliotheca delRey Catholico como ſe eſcreve na *Bib. Orient.* de Antonio de Leon novamente addicionada. Tom. 1. Tit. 7. col. 113.

Fr. ANTONIO DA GRAÇA Eremita Auguſtiniano da Provincia da India Oriental. Para que exactamente ſe obſervaſſem os ritos Eccleſiaſticos aſſim no Altar, como no Choro eſcreveo.

Ceremonial da Ordem M. S.

Fr. ANTONIO DA GRAÇA Religioſo profeſſo da Serafica Provincia de S. Thomé em a India Oriental Meſtre jubilado na Sagrada Theologia. Compoz para uſo dos ſeus Religioſos.

Theologia Moral

Que poſto ſe naõ imprimio, corre tres-

ladada em varias copias com igual credito do Author, como proveito dos eſtudioſos.

Fr. ANTONIO DA GRAÇA Naceo no lugar de Maçarellos arrebalde da Cidade do Porto a 28. de Janeiro de 1668. ſendo filho de Franciſco Joaõ, e Cuſtodia Martins peſſoas honradas, e virtuoſas. Recebeo o penitente Habito de Saõ Franciſco no Convento de N. Senhora da Conceiçaõ de Mathozinhos da Provincia de Portugal a 17. de Outubro de 1716. Aprendeo Filoſofia no Convento de Guimaraens, e Theologia no Collegio de S. Boaventura da Univerſidade de Coimbra, onde foy Collegial, e Paſſante do numero. Deixando o applauſo que lhe podia reſultar das Cadeiras, para cujo emprego tinha grande talento ſe applicou ao Miniſterio do Pulpito diſcorrendo como miſſionario Apoſtolico pelos Biſpados de Lamego, Porto, e Braga, donde colheo copioſo fruto com a reforma de infinitas almas. Deſta ſagrada, e laborioſa occupaçaõ foy chamado para Commiſſario dos Terceiros deſta Corte que preſentemente exercita com grande zelo, e edificaçaõ. Imprimio.

Oraçaõ funebre nas exequias do Excelentiſſimo Senhor Gaſtaõ Jozé da Camara Coutinho celebradas pela Veneravel Ordem 3. da Penitencia no Real Convento de Saõ Franciſco da Cidade de Lisboa Occidental aos 25. de Setembro de 1736. Lisboa na Officina da Muſica de Theotonio Antunes Lima. 1736. 4.

Sermaõ das Dores de N. Senhora prégado na Santa Baſilica Patriarchal em 28. de Março de 1738. Lisboa 1738-4.

Fr. ANTONIO DE S. GUILHERME natural de Lisboa, filho de Manoel Rodriguez de Amorim, e Margarida de Almeyda. Na flor da idade elegeo a Religiaõ dos Eremitas Auguſtinianos, e no Convento de Lisboa profeſſou taõ Sagrado inſtituto a 10. de Fevereiro de 1696. Sendo verſado nas materias Theologicas, o naõ era menos nas letras humanas, e Poeſia aſſim latina como vulgar como teſtemunhaõ.

Quatro Sonetos, huma Decima, e hum Romance Achroſtico, e Endecaſyllabo à morte do Ballio de Leſſa D. Fr. Filippe de Tavora, e Noronha, que ſahiraõ com outras Poeſias a eſte aſſumpto. Lisboa por Paſchoal da Sylva Impreſſor de Sua Mageſtade. 1716. 4.

La Fineza Coronada Comedia famoſa *M. S.*

Morreo no Convento de Tavira em Setembro de 1731.

ANTONIO HENRIQUES GOMES. Naceo em Portugal, educou-ſe em Caſtella, e em França foy Cavalleiro da Ordem de S. Miguel, Conſelheiro, e Mordomo Ordinario delRey Chriſtianiſſimo. Ainda que nos primeiros annos naõ ſe applicou a ſciencia alguma por inercia de ſeus Pays, tanto que chegou a paſſar da adoleſcencia como o genio o incitava para os eſtudos, começou ſem ter Meſtre a ſer diſcipulo de ſi proprio, ſahindo igualmente verſado na Hiſtoria Sagrada, e profana, como perito na ſciencia politica, e Poeſia Comica, de que ſaõ manifeſtos argumentos as ſuas diſcretas, e engenhoſas obras que affirma no Prologo do *Poema Heróico de Sanſaõ* as compuſera deſde o anno de 1640 até 1649. a *libro por año, ua año por libro,* cujos titulos ſaõ os ſeguintes.

Sanſon Nazareno. Poema Heróico. Ruan por Lourenço Maurry. 1656. 4. com eſtampas. Cuja obra louva o P. Antonio dos Reys in *Enthuſiaſm. Poetic.* que ſerve de prologo aos ſeus agudos Epigrammas n. 32. neſta forma.

= *toto celebratus in Orbe*
Gomeſius validi calamo, qui tollit in aſtra
Sanſonis benefacta.

El ſiglo Pythagorico, y vida de D. Gregorio Guadaña. Ruan por Laurencio Maurry. 1644. 4. Proſa, e verſo.

Luiz dado por Dios a Luiz, y Ana. Samuel dado de Dios a Elcana, y Ana. Pariz por René Baudry. 1645. Proſa.

Academias morales delas Muſas. Bordeaux por Pedro dela Court. 1642. 4. Madrid por Jozeph Fernãdes de Buendia. 1660. 4. Poeſia.

La culpa del primero Peregrino. Ruan por Laurencio Maurry. 1644. 4. Poeſia.

Politica Angelica 1. e 2. Part. Ruan pelo meſmo Impreſſor. 1647. 4.

Triumpho Luſitano no qual ſe contem a felice acclamaçaõ delRey D. Joaõ o IV. e a Embaixada, que Franciſco de Mello Monteiro Mór do Reyno, e o Doutor Antonio Coelho de Carvalho fizeraõ por ſeu mandado à Mageſtade Chriſtianiſſima de Luiz XIII. Rey de França. Pariz. 1641. 4. Sem o nome do Author.

No ay contra el honor poder.
Engañar para Reynar.

Eſtas duas Comedias ſahiraõ impreſſas Madrid en la Imprenta Real 1652. 4.

No Prologo ao Sanſaõ Nazareno diz. *Las mias Comedias fueron veinte, y dós, cuyos titulos pondré aqui para que ſe conoſcan por mias, pues todas ellas, o las mas que ſe imprimen en Sevilla les dan los Impreſſores el titulo, que quieren, y el dueño que ſe les antoja.*

El Cardenal Albornos 1. *e* 2. *Parte.*
Engañar para Reynar.
Diego de Camus
El Capitan Chincilla.
Fernan Mendes Pinto 1. *e* 2. *Parte.*
Zelos nó ofenden al Sol.
El Rayo de Paleſtina.
Las Soberbias de Nembrot.
Alo que obligan los zelos.
Lo que paſſa en media noche.
El Cavallero de Gracia.
La prudente Abigail.
Alo que obliga el Honor.
Contra el Amor no ay engaños.
Amor con viſta, y cordura.
La fuerza del heredero.
La Caſa de Auſtria en Eſpaña.
El Sol parado.
El trono de Salamon 1. *e* 2. *Parte.*

No meſmo prologo promete as obras ſeguintes.

Torre de Babilonia 2. *Parte*
Aman, y Mardocheo.
El Cavallero del milagro.
Joſue. Poema heróico.
Triumphos immortales. en rimas.

Delle ſe lembraõ Nic. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 2. pag. 317. e 655. Joan. Soar. de Brito in *Theat. Luſit. Litter.* lit. A. n. 88. e D. Franc. Manoel na *Carta eſcrita ao Doutor Manoel da Fonſeca Themudo* que he a 1. da 4. Centuria das ſuas Cartas Familiares.

ANTONIO HOMEM natural de Coimbra, e filho de Jorge Vaz Brandaõ. Na Univerſidade da ſua patria recebeo o gráo de Doutor na faculdade de Canones, e levando por oppoſiçaõ huma Cathedrilha em 22. de Fevereiro de 1592. paſſou à Cadeira de Clementinas no anno de 1597. e deſta à do Decreto em 1603. Entrou a ſer Lente de Veſpera em 18. de Fevereiro de 1610. e ultimamente de Prima em 28. de Novembro de 1614. Foy Conego Doutoral da Sé de Coimbra de reſidencia provido em 20. de Março de 1610. Sendo prezo em 18. de Dezembro de 1619. por culpas de Judaiſmo, que obſtinadamente negou, foy relaxado à juſtiça Secular que o condenou à morte em 5. de Mayo de 1624. As Caſas em que morava na rua dos Oleiros em Coimbra, foraõ demolidas, e ſobre as ruinas ſe levantou hum padraõ para eterna memoria da ſua infamia, ſendo ainda agora conhecido pela antonomaſia de *Præceptor infelix.* Dictou as poſtillas ſeguintes em que eſtaõ incluidas ſubtis, e profundas doutrinas de hum, e outro Direito, ſendo o ſeu nome ainda que horroroſo na poſteridade, ſempre conhecido pela ſua grande Sabedoria.

De Adulteriis dictada em 12. de Dezembro de 1590.

De Commodato. em 23. de Novembro de 1595.

Ad Tit. de Solutionibus em 28. de Mayo de 1596.

De clavium poteſtate ad Cap. Quodcumque XXIV. quæſt 1. com o Tratado *Utrum Clavium poteſtas extendatur ad remiſſionem peccati quoad culpam.* em o anno de 1596.

Ad Rub. Non debet 22. lib. 6. em 3. de Novembro de 1597.

Ad Tit. de Præſcriptionibus in 6. no anno de 1600.

De Reſtitutione in integrum.

De Cenſuris ad Cap. Nemo Contemnat XI. quæſt. 3. em 5. de Outubro de 1606.

Utrum Claves errare poſſint?

Qui filii ſint legitimi dictada no anno de 1608. Deſta poſtilla tranſcreveo grande parte Diogo Antonio Fajardo *de Legitimatione per ſubſeq. matrimon.* memb. 2. ex n. 100. o que já tinha advertido o Dezembargador Jozé dos Santos Palma em as doutas

addiçoens que fez a Pheb. *Deciſ.* 176. verſ. *Sed hæc ratio.* & verſ. *Tanta eſt.*

De privilegiis ad Text. in Cap. cum olim 14. em 20. de Outubro de 1615.

Ad Tit de Conceſſion. Præbend. Eccleſ. non Vacantis em 3. de Novembro de 1618.

Clement. unica de Officio Vicarij

Clement. ſi furioſus de Homicidio.

De Exceptionibus.

In 6. Decret. de Præſcription.

Cap. ultim. de iis, qui fuerint à majorum parte.

Clemen. Statut. de electione, et electorum poteſtate.

Sobre os privilegios dos Templarios, e de algumas Cidades do Reyno M. S. Conſervaſe na Livraria do Conde de Vimieiro.

ANTONIO DE S. JERONIMO JUSTINIANO Naceo em Lisboa a 4. de Outubro de 1675. e a 16. do dito mez foy bautizado na Real Igreja de N. S. da Conceiçaõ, ſendo filho de Antonio Gonçalvez, e Magdalena Eſtevez da Sylva. Aprendeo os preceitos armonicos da Arte do Contraponto com o inſigne Antonio Marquez Lesbia Meſtre da Capella Real de quem ſe farà illuſtre memoria em ſeu lugar de cuja eſcola ſahio doutamente inſtruido. Na idade de 22. annos recebeo o Canonico habito da Congregaçaõ do Evangeliſta em o Convento de S. Bento de Enxobregas a 2. de Julho de 1697. onde naõ ſómente exercitou pelo eſpaço de ſeis annos o lugar de Meſtre da Capella, mas paſſando ao Collegio de Evora eſtudou as ſciencias Eſcholaſticas no qual foy Sancriſtaõ Mór, e ViceReytor. Movido de cauzas juſtificadas ſahio da Congregaçaõ para onde tem regreſſo concedido pelo Capitulo Geral ſendo agora Capellaõ da Sumptuoza Igreja de N. Senhora do Loreto. Pela ſemelhança que os numeros armonicos tem com os metricos ſendo profeſſor de Muſica o he taõbem da Poeſia de cuja Arte publicou as ſeguintes obras a diverſos aſſumptos.

Applauzo obſequioſo ao Senhor Paulo Jeronymo de Medicis ſendo Provedor da Igreja de N. S. do Loreto da Naçaõ Italiana mandando fazer nella meſma huma ſumptuoſiſſima fabrica de admiravel architectura para nella ſe depoſitar o Santiſſimo Sacramento nas Endoenças deſte prezente anno de 1735. Lisboa por Pedro Ferreira Impreſſor da Sereniſſima Rainha Noſſa Senhora 1735. 4. Conſta de huma relaçaõ em proſa, e de hum Romance Heróico em que ſe deſcreve aquella fabrica.

Elogio ao P. Antonio dos Reys da Congregaçaõ do Oratorio prègando nas ſumptuoziſſimas exequias da Excellentiſſima Senhora D. Franciſca de Mendoça Condeſſa de Atalaya. Lisboa 1735. 4. ſem nome do Impreſſor, conſta de hum Romance heróico.

Funeral obſequio da mais triſte Saudade em repetidos ſuſpiros em a morte da Sereniſſima Senhora D. Franciſca Infanta de Portugal ponderando nelles a circumſtancia de ſer em Oriente ſepultada, fallecendo em Occidente. Lisboa na Officina Rita-Caſſiana 1736. 4. Conſta de 7. Sonetos, hum Mote gloſſado, e no fim outro Soneto.

Com o nome de Thomazia Caetana de Aquino.

A morte da Sereniſſima Senhora D. Franciſca Infanta de Portugal ponderando as circumſtancias do dia em que falleceo, e ſe ſepultou, em hum Soneto com ſua gloſa, e tres Decimas. Lisboa na Officina Ritta-Caſſiana. 1736. 4.

Luctuoſos Ays do pranto mais enternecido na ſentida morte da Sereniſſima Senhora D. Franciſca de Portugal expendidos em 14. *Outavas Rimas gloſſando nellas o celebrado Soneto que principia.* Com fatal ouzadia horror tyrano. Lisboa na Officina Rita-Caſſiana. 1736. 4.

Com o nome de D. Agueda Maria do Sacramento,

Gloſſa ao Soneto. Deſmayado Planeta que accidente? Compoſto por Manoel Pereira da Coſta; *à morte da Sereniſſima Infanta de Portugal D. Franciſca.* Lisboa na Officina Almeydiana. 1736. 4.

Com o nome de D. Brites da Conceiçaõ.

Gloſa ao Soneto Do Jardim Luzo a melhor flor ſem vida; compoſto por Manoel Pereira da Coſta ao meſmo aſſumpto que o precedente. Lisboa na dita Officina. 1736. 4.

Enternicido canto poetico hiſtorico, e moral á morte de Diogo de Mendoça Corte real Secretario do Eſtado do Sempre auguſto Rey, e Senhor noſſo D. Joaõ o V. Lisboa na dita

Officina. 1736. 4. Conſta de hum Romance, hum mote, e tres Sonetos.

Miſcellanea do Parnaſſo dividida em cantos poeticos divinos, e humanos. Lisboa por Mauricio Vicente de Almeyda. 1737. 4.

Aos feliciſſimos annos do ſempre auguſto Rey, e Senhor noſſo D. Joaõ o V. Conſta de 6. Decimas fol. ſem anno da Impreſſaõ.

A' morte do Excellentiſſimo, e Reverendiſſimo Senhor Monſenhor D. Caetano Cavalieri Arcebiſpo de Tarſo, Nuncio Apoſtolico, e Legado à Alatere neſtes Reynos de Portugal Epigramma Portuguez in fol. Sem anno, e nome do Impreſſor.

Relaçaõ funeral luctuoſa Panegyrica Moral, e poetica da morte do Excellentiſſimo, e Reverendiſſimo Senhor Caetano Cavalieri Arcebiſpo de Tarſo Nuncio de ſua Santidade neſte Reyno. Lisboa na Officina Almeydiana. 1738. 4. Conſta de hum Romance de 193. coplas, e hum epigramma Latino por epitafio.

Alivio nas lagrimas com as felices melhoras do Sereniſſimo Senhor D. Antonio Infante de Portugal. Lisboa na Officina Almeydiana. 1739. 4. Conſta de hum Romance Hendecaſſilabo.

Romance Heroyco, e hum Soneto em applauſo dos Sermoens de Fr. Franciſco Xavier da Rocha Religioſo Arrabido. Sahio no 2. Tom. dos Sermoens deſte Author.

Fr. ANTONIO DE JESUS natural da Villa de Aveiro da Dioceſe de Coimbra. Com a mudança que fez de Portugal para Caſtella taõbem mudou o Habito Secular no de Religioſo profeſſando o auſtero Inſtituto dos Carmelitas Deſcalços. Em o Noviciado ſe fez taõ exemplar aos ſeus companheiros, que delle aprendiaõ a exacta obſervancia da Regra. Amante da ſolidaõ viveu ſempre retirado do comercio humano ſahindo poucas vezes fora do Clauſtro em beneficio dos ſeus proximos. Nos Sermoens em que teve muitas vezes por ouvintes ao Cardeal Moſcoſo Biſpo de Jaen era o ſeu principal diſvelo propor a fermoſura das virtudes para ſerem imitadas, e a fealdade dos vicios para que foſſem aborrecidos. No aſpero deſerto das Neves ſituado na Serra de Ronda afligia o corpo com taes mortificaçoens que excediaõ as que practicáraõ os Macarios, Antonios, e Hilaroens nas Nitrias, e Thebaidas. Julgando ſer contra a perfeiçaõ evangelica viver ſó para ſi occupava o tempo vago dos ſeus virtuoſos exercicios em eſcrever cartas, e outras obras aſceticas com que inflamava os coraçoens no amor de Deos. As virtudes com que em vida reſplandeceo quiz manifeſtar o Ceo em a noute de 19. de Janeiro de 1648. em que eſpirou ſendo viſta, e admirada por todos os moradores de Malaga, huma grande luz ſobre a ſua Cella. Compoz.

Obras Myſticas de excellente doutrina, que conforme teſtifica Jorge Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 329. ſe eſtampáraõ.

Breve compendio delas canciones del exercicio de amor entre el alma, y ſu eſpoſo Chriſto M. S.

Eſta obra ſe conſerva na Bibliotheca dos Trinos Deſcalços de S. Carlino em Roma. Do Author ſe lembra brevemente a *Chron. dos Carmel. Deſcalſ.* liv. 6. cap. 32. n. 5.

Fr. ANTONIO DE JESUS natural de Lisboa. Nos primeiros annos ſe applicou ao eſtudo da Muſica ſendo ſeu Meſtre Duarte Lobo inſigne profeſſor deſta faculdade, e entrando na Religiaõ da Santiſſima Trindade foy nella taõ excellente Muſico como exemplar Religioſo. Pela profunda ſciencia deſta arte foy elevado a Lente em a Univerſidade de Coimbra em 27. de Novembro de 1636. e mereceo particulares eſtimaçoens do Sereniſſimo Rey D. Joaõ o IV. Mecenas deſta ſuave faculdade. Foy ſummamente zeloſo do culto divino, e da obſervancia dos Sagrados ritos, compaſſivo para os pobres, benevolo para os domeſticos, e unicamente ſevero para a ſua peſſoa. Morreo em Coimbra, e eſtá ſepultado na Igreja do Collegio dos Religioſos Trinos com eſte epitafio.

Fr. Antonius á Jeſu
Muſices Academicus profeſſor
Vir religioſiſſimus,
Et zelo divini cultùs ardentiſſimus,
In quo, & ſublevandis pauperibus
Totum Catedræ ſtipendium conſumebat.
Obiit 15. *Aprilis.* 1682.

Compoz.

Diverſas obras muſicas, as quaes ſe conſervaõ na Bibliotheca Real da Muſica co-

mo ſe podem ver no Cathalogo della impreſſo em Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1649. 4. Sendo as principaes.

Miſſa do 1. Tom. a 10. vozes, outra a 12. e duas a 8. Na eſtante 36. n. 805.

Dixit Dominus do 8. Tom. a 12. vozes Eſtant. 34. n. 793.

Compoz em Solfa hum villancico à *Natividade de N. Senhora,* cuja letra era de D. Franciſco Manoel, e a traz nas *obras Metricas na Avena de Terſicore* Tomo 26. pag. 70.

Fr. ANTONIO DE JESUS MARIA filho de Pedro Vicente, e D. Maria Antonia Cordeira naceo em Lisboa a 23. de Julho de 1693. Quando contava 19. annos de idade fugindo aos enganos do mundo buſcou como porto ſeguro da ſalvaçaõ a illuſtre Religiaõ do Doutor Maximo S. Jeronymo, e no Real Convento de Santa Maria de Belem profeſſou a 26. de Julho de 1713. A ſevera obſervancia do eſtado Religioſo o conſtituhio Meſtre dos Noviços do dito Moſteiro onde com o ſeu exemplo os inſtrue para ſerem exemplares da virtude, naõ ſendo inferior o zelo com que prega dirigindo todos os ſeus diſcurſos em beneficio dos ouvintes. Traduzio da lingua Caſtelhana do P. Meſtre Fr. Franciſco Arbiol da Ordem Serafica em a Portugueza.

Familia regulada. M. S.

Deſenganos myſticos. M. S.

Fr. ANTONIO DOS INNOCENTES natural de Evora, Religioſo da Serafica Ordem dos Menores da Provincia dos Algarves cujo Habito profeſſou no Convento de S. Franciſco de Xabregas Cabeça deſta Provincia ſituado fora dos muros de Lisboa, em 24. de Dezembro de 1590. Foy grande Theologo, e naõ menor Prégador, como eſcreve Joaõ Soar. de Brito in *Theat. Luſit. Litterat.* lit. A. n. 89. Dos muitos, e doutos Sermoens que prégou com grande applauſo dos auditorios ſómente publicou os ſeguintes.

Sermaõ em as Exequias, e honras funeraes, que a mui nobre Cidade de Portalegre ſumptuoſamente fez em a Sè a ElRey D. Felippe II. de Portugal em o mez de Mayo de 1621. Lisboa por Giraldo da Vinha. 1621. 4.

Sermaõ em a Sè da Cidade de Lisboa na feſta do Martyr Saõ Vicente, cujo corpo em ſua Capella mòr com ſumma reverencia ſe venera dizendo a Miſſa ſolemniſſima, e fazendo o Pontifical o Illuſtriſſimo, e Reverendiſſimo Arcebiſpo aſſiſtindo a Camara com a Nobreza, e grande multidaõ de Gente de hum, e outro Eſtado em 22. de Janeiro de 1623. Lisboa por Giraldo da Vinha. 1623. 4.

Sermaõ em o inſigne, e Real Convento de Odivellas no dia, e feſta do ſeu Padre, e Fundador famoſo Patriarcha, e Doutor o glorioſo S. Bernardo em 20. de Agoſto de 1624. Lisboa pelo dito impreſſor. 1624. 4.

Sermaõ da Expellaçaõ no ſeu dia anno 1630. *na Capella Real.* Lisboa por Antonio Alvares. 1631. 4.

F. ANTONIO DE S. JOACHIM Naceo em Lisboa ſendo ſeus Pays Franciſco Rodriguez, e Franciſca Thereza. Profeſſou o inſtituto Serafico no Real Convento de Santa Maria de Jeſus de Xabregas Cabeça da Provincia dos Algarves a 31. de Outubro de 1734. Teve genio para a Poeſia, e ainda para outras mayores faculdades, ſe a morte intempeſtivamente o naõ privara da vida em o meſmo Convento a 4. de Dezembro de 1738. Imprimio.

Duas elegias Latinas eſcritas como cartas ao P. Fr. Joaõ de Noſſa Senhora Chroniſta da Provincia dos Algarves. Sahiraõ ſem anno nem lugar da impreſſaõ.

Achroſtico Latino em Verſo heróico ao meſmo P. Chroniſta. Ambas eſtas obras, poſto, que naõ tenhaõ o anno em que foraõ impreſſas, certamente o foraõ no anno de 1738.

Fr. ANTONIO DE S. JORGE natural de Lisboa donde paſſou a India, e nella buſcou para aſilo da ſua quietaçaõ a Ordem Serafica profeſſando na Provincia da Madre de Deos daquelle Eſtado, na qual por ſuas virtudes, e letras tendo adminiſtrado com zelo, e prudencia o lugar de Cuſtodio, e duas vezes o de Guardiaõ do Convento de Damaõ, chegou a ſer Provincial no Capitulo celebrado em Goa no anno de 1630. *Foy religioſo de exemplar vida* (ſaõ palavras de Fr. Jacinto de Deos no *Vergel de plantas, e flores* cap. 8. art. 2.) *douto, e*

grande Prègador, muito zeloſo do divino culto. Compoz.

Ceremonial muito curioſo.

O qual conſumio o tempo como affirma o meſmo Chroniſta da Provincia da Madre de Deos da India no lugar allegado.

ANTONIO JORGE MACHADO natural da Villa de Santarem, e bautizado na Parochia de N. Senhora de Maravilla a 7. de Setembro de 1670. Foy filho de Antonio Jorge, e Maria Cordeira. Depois de ſe formar na Univerſidade de Coimbra na faculdade de Direito Ceſareo exercitou muitos annos na ſua Patria o Officio de Advogado, em que deo multiplicados argumentos da ſciencia legal em que era inſigne. Falleceo em Santarem a 2. de Mayo de 1729. e eſtá ſepultado na Igreja dos Religioſos Terceiros de S. Franciſco da dita Villa. Compoz.

Tractatus Juridicus de Captura Reorum. fol. o qual ſe anda revendo para ſe imprimir, e delle faz mençaõ ſeu patricio Joaõ Antonio da Coſta, e Andrade no *Criſol Serafico* pag. 228.

Fr. ANTONIO DE S. JOSEPH natural da Villa de Serpa da Provincia do Alentejo. Recebeo o Habito de Saõ Jeronymo no Convento de Sevilha, e com faculdade de Alexandre VII. ſe aggregou à Congregaçaõ de Portugal em 12. de Outubro de 1665. onde teve por domicilio o Convento do Eſpinheiro ſituado junto à Cidade de Evora. Delle foy transferido para o Collegio de Coimbra onde por ſer dotado de grande engenho, e admiravel comprehenſaõ fez taes progreſſos nos eſtudos, e ſciencias eſcolaſticas que naõ ſómente as leo aos ſeus domeſticos, mas recebida a borla doutoral na faculdade Theologica as dictou na Univerſidade ſendo Lente da Cadeira de Durando em 5. de Dezembro de 1670. de Eſcoto em 17. de Novembro de 1676. e ultimamente de Veſpera a 3. de Junho de 1680. em que foy apozentado a 8. de Junho de 1684. por eſtar totalmente privado da viſta, e ainda neſte eſtado leo muitos annos de memoria ſem errar as allegaçoens dos Authores com que eſtabelecia as ſuas opinioens. Foy Reytor do ſeu Collegio, e ViceReytor da Univerſidade na auzencia do ſeu Reformador D. Jozé de Menezes. Retirado ao Convento do Eſpinheiro morreo piamente a 30. de Mayo de 1691. Jaz ſepultado no Clauſtro com eſte epitafio.

Hìc jacet in tumulo nomen cui Antonius orbe
Frater erat Divus, quem dat cognomen Jozeph
Illius imperiis Academia ſubdita vixit,
Et regimen mirata ſuum gaudebat amanter.
Tempore nocturno reſplendent ſydera cælo.
Hìc Sophiæ Doctor, ſydus mirabile luxit
Veſpere, ſic potuit, devincere Sydera Sydus.
Obiit 30. *Martij* 1691.

Compoz toda a Theologia eſcolaſtica da qual ainda ſe conſervaõ no Collegio de Coimbra as ſeguintes obras *M. S.*

De Trinitate.

De Voluntario, et involuntario

De Bonitate, et malitia actuum humanorum

De Vitiis, et Peccatis.

De Ignorantia ut eſt cauſa peccati.

De perfectionibus, et affectionibus voluntatis humanæ, et appetitibus ſenſitivis Chriſti Domini.

Commentaria in Magiſtrum Sententiarum 4. *Tom.* fol. *M. S.* Conſervaõ-ſe no dito Collegio. Faz mençaõ deſte Author Antonio Carvalho da Coſta *Corograf. Portug.* Tom. 3. Trat. 8. cap. 55. pag. 659.

Fr. ANTONIO DE S. JOSEPH. Naceo na Villa do Cadaval do Patriarchado de Lisboa a 8. de Fevereiro de 1664. ſendo ſeus Pays Jacinto Lobo Fernandes, e Maria da Sylva Cardoſa peſſoas principaes daquella Villa. Dezejoſo de imitar o exemplo de ſeu Tio materno o V. P. Fr. Joaõ do Eſpirito Santo Carmelita Deſcalço (que habitou trinta annos a Thebaida do Buſſaco onde morreo no anno de 1675. com geral opiniaõ de Santo) entrou neſta Sagrada Familia, cujo Inſtituto profeſſou no Convento dos Remedios de Lisboa a 4. de Abril de 1683. Eſtudadas Filoſofia, e Theologia aſſim Eſpeculativa como Moral nos Collegios de Figueiró, Viana, e Coimbra alcançou faculdade dos Superiores para ſer Conventual perpetuo no Deſerto do Buſſaco onde viveo dezeſeis annos ſendo do meſmo Convento Prior no anno de 1713. havendo

exercitado no de 1706. o lugar de Meſtre dos Noviços. Em obſequio da ſua Serafica Matriarcha traduzio a vida por ella eſcrita, de Caſtelhano em Portuguez illuſtrandoa com doutas, e aſceticas reflexoens que claramente manifeſtaõ a profunda ſciencia, e practico exercicio da Theologia Myſtica, cuja obra ſahio com eſte titulo.

Vida de Santa Tereza de JESUS compoſta pela meſma Santa. Lisboa na Officina da Muſica. 1720. in 4.

ANTONIO JOSEPH COELHO Bacharel formado na faculdade dos Sagrados Canones, e alumno da Academia dos Applicados naõ menos erudito na Mythologia, e Hiſtoria profana, que inſigne na Poeſia, de cuja divina Arte publicou o ſeguinte argumento.

Romance Endicaſyllabo dedicado ao Illuſtriſſimo, e Reverendiſſimo Senhor Joaõ Guedes Pereira na ocaſiaõ de ſer elevado à dignidade de Miniſtro Prelaticio da Santa Igreja Patriarchal, e do Concelho de Sua Mageſtade. Lisboa por Antonio Iſidoro da Fonſeca 1739. 4. Conſta de 80. Coplas elegantiſſimas.

ANTONIO JOSEPH DA SYLVA natural do Rio de Janeiro filho de Joaõ Mendes da Sylva Advogado neſta Corte, e Lourença Coutinho. Eſtudou Direito Civel em a Univerſidade de Coimbra donde paſſando a Lisboa exercitava o officio de Advogado de Cauſas Forenſes. Teve genio para a Poeſia Comica, de que compoz varias obras, que foraõ reprezentadas com applauſo dos expectadores ſendo as principaes.

Labirinto de Creta Lisboa por Antonio Iſidoro da Fonſeca. 1736. 8.

As Variedades de Protheo. Lisboa pelo dito Impreſſor. 1737. 8.

Guerras do Alecrim e Mangerona Lisboa pelo dito Impreſſor. 1737. 8.

Anfitriaõ. M. S.

D. Quixote. M. S.

Faetonte. M. S.

ANTONIO ISIDORO DA NOBREGA. Naceo em Lisboa a 2. de Janeiro de 1708. ſendo filho de Jozé Soarez da Nobrega, e de ſua mulher Margarida Antonia Michaella. Depois de eſtudar na patria os primeiros rudimentos paſſou à Univerſidade de Coimbra onde applicandoſe à Faculdade da Medicina recebeo o gráo de Bacharel na meſma ſciencia a 13. de Mayo de 1733. Sendo muito perito na Arte da ſua profiſſaõ o naõ he menos na cultura da Poeſia, e noticia da Sagrada Eſcritura, e Santos Padres. Imprimio.

Diſcurſo Catholico no qual hum Criſtaõ velho zeloſo da noſſa Santa Fé falla com os Judeos convencendo-os dos erros em que vivem para approveitamento das palavras de Jeremias, e outros lugares da Eſcritura Sagrada conſiderando o laſtimoſo eſpectaculo de hum Auto da Fè aonde aparecem os delinquentes em Theatro publico. Lisboa na Officina Sylviana da Academia Real 1738. 4.

Tres Sonetos 2. Portuguezes, hum Caſtelhano à morte da Sereniſſima Senhora D. Franciſca Infanta de Portugal. Sahiraõ nos Sentimentos metricos, ou Collecçaõ de varios verſos pela morte da meſma Senhora. Lisboa por Miguel Rodrigues Impreſſor do Senhor Patriarcha. 1736. 4.

Em louvor do Excellentiſſimo, e Reverendiſſimo Senhor D. Joaõ Principal de Mello. Romance heroico fol. Naõ tem anno, nem lugar da Impreſſaõ. Conſta de 25. coplas.

Obras *M. S.*

Tribunal de Cupido em que ſe trataõ curioſamente todas as duvidas, e queſtoens amatorias conforme a Filoſofia, e Medicina.

Epiſtola Moral conſolatoria-Medica para alivio de hum amigo magoado por hum ſuceſſo amoroſo.

Apologia Moral ſobre o tempo, e Circunſtancia em que o Medico eſtá obrigado a admoeſtar o enfermo a confeſſarſe.

Dos affectos do animo. Tratado Medico.

Epiſtolas Latinas eſcritas ao Doutor Bento de Lemos ſobre o uſo da ſangria, e quinaquina.

Compendium animadverſionum Medicarum pro tutiori praxi.

Obras Portuguezas, e Italianas. 4.

Oraçoens elogiatorias Latinas, e Portuguezas.

Sonhos Critico-jocoſos em proſa, e verſo.

Dialogo amatorio jocoſerio.

Comedia intitulada *Los amantes engañados.*

Os Rendimentos de Apollo e as eſquivanças de Dafine. Opera para o theatro.

Conſideraçoens Moraes, e Acto de Contriçaõ.

Cinco Sermoens da Quareſma traduzidos de Italiano em Portuguez.

ANTONIO DE LAMIM. Naceo na Villa de Olalhas da juriſdicçaõ de Thomar. Foy Beneficiado na Igreja de Santa Maria das Areas ſituada no territorio de Thomar. Applicouſe ao eſtudo da Theologia Moral, em que ſahio muito douto, como eſcreve Joan. Soar. de Brito in *Theatr. Luſit. Litterat.* lit. A. n. 69. Compoz.

Summa Summarum in quinque priora Eccleſiæ Sacramenta, quæ vulgo neceſſitatis appellantur. Ulyſſipone apud Antonium Alvares. 1644. 4.

P. ANTONIO LEYTE natural de Lisboa. Entrou na Companhia de JESUS em Evora a 12. de Setembro de 1596. quando contava 16. annos de idade. Dictou humanidades, Filoſofia, e Theologia por muitos annos, e foy celebre Prégador do ſeu tempo, para cujo miniſterio ſendo convidado repentinamente o deſempenhava com tanta elegancia, e promptidaõ, como ſe o tiveſſe meditado de muitos mezes. Foy dotado de feliz memoria repetindo quando ſe offerecia occaſiaõ, paginas inteiras do Sagrado Texto, e de diverſos Authores Sagrados, e profanos como ſe os eſtiveſſe lendo. No eſtudo da Genealogia era taõ verſado que nelle o conſultavaõ varias peſſoas eruditas. Teve todos os dotes que compoem hum perfeito Religioſo ſendo prudente, modeſto, affavel. Na devoçaõ para Maria Santiſſima foy inſigne principalmente do Myſterio puriſſimo da ſua Conceiçaõ com tanto empenho, que a elle ſe deve o gravarſe em huma pedra na Capella da Univerſidade de Coimbra o Juramento com que os Academicos ſe obrigaõ a defender a immaculada pureza daquella ſoberana Princeſa em o primeiro inſtante phyſico da ſua animaçaõ. No Confiſſionario era continuo inſtruindo com ſaudaveis documentos as almas para o caminho da eternidade, da qual foy tomar poſſe em 6. de Dezembro de 1662. quando contava 82. annos de idade, e de religiaõ 66. Delle ſe lembraõ Franco *Imag. da Virtud. em o Noviciad. de Evor.* pag. 855. et in *Synopſ. Annal. S. J.* pag. 333. *Eum exornavit peculiaris cum in divinis, tum humanis litteris eruditio et mores ſanctiſſimi* et in *Ann. glorioſ. S. J. in Luſit.* pag. 728. Fonſec. *Evor. Glorioſ.* pag. 426. Cordeir. *Hiſt. Inſul.* liv. 5. cap. 17. Joan. Soares de Brito in *Theatr. Luſit. Litterat.* lit. A. n. 90. chamandolhe *vir eruditus.* Compoz.

Hiſtoria da appariçaõ, e milagres da Virgem da Lapa. Coimbra por Diogo Gomes de Loureiro. 1639. 8.

Eſcudo de Portugal em honra da Conceiçaõ da Senhora *livro grande, e muito erudito* diz o P. Anton. Franc. *Imag. da Virtud. do Noviad. de Evor.* pag. 588. Conſervaſe no Collegio de Coimbra.

Commentarium in lib. Exodi. fol. *M. S.*

Fundaçaõ do Collegio de Coimbra da Companhia de JESUS M. S.

Vida. e morte do V. Varaõ Diogo da Sylveira Eſcrivaõ da Junta do Comercio.

Elogios de cento, e noventa, e cinco mulheres Portuguezas illuſtres principalmente em ſantidade de que naõ tratou Fr. Luiz dos Anjos no ſeu Jardim de Portugal. Eſta obra tinha em ſeu poder o P. Franciſco da Cruz como affirma nas *Memor.* M. S. *para a Bibliotheca Portugueza.*

Familia dos Leytes 2. Tom. fol. Deſta obra faz mençaõ o P. D. Anton. Caet. de Souſ. no apparat. da *Hiſt. Gen. da Caſa Real Portug.* pag. 166. n. 206.

Duas Apologias. A 1. *contra aquelles que procuravaõ nas Cortes celebradas no anno de 1619. em Lisboa a extincçaõ da Univerſidade de Evora.* A 2. *contra os que conſelhavaõ, que naõ eſtudaſſem nas Univerſidades os filhos dos Plebeyos.*

P. ANTONIO DE LEMOS Naceo em Vila-Nova da Gaya fronteira à Cidade do Porto. Nos primeiros annos ficando Orfaõ de ſeu Pay Pedro de Couto o inſtruio ſua Mãy Maria de Lemos com taõ pios documentos, que ſuavemente o impelliraõ a fugir do mundo, e abraçar o Inſtituto da Companhia de JESUS em o Noviciado de Lisboa a 3. de Junho de 1632. Elegeo por exemplar da ſua vida a S. Luiz Gonzaga, de

cuja angelica pureza foy perfeito imitador. No Collegio de Coimbra leu todas as Cadeiras de Humanidades, em que foy inſigne, naõ tendo menor engenho para a Poeſia que para a Oratoria. Foy afectuoſo venerador do Immaculado Myſterio da Conceiçaõ da Senhora, cujo Officio devotamente rezava todos os dias intimando aos ſeus Ouvintes em muitas Miſſoens, que fez em diverſos lugares do Reyno, o cordial affecto à Virgem Santiſſima para lhes alcançar feliz morte, como experimentou em Coimbra a 9. de Agoſto de 1649. Das ſuas virtuoſas acçoens faz mais larga memoria o P. Antonio Franco *Imag. do Nov. de Lisboa* lib. 4. cap. 13. e no *Synopſis Annal. S. J. in Luſitan.* pag. 298. §. 15. No tempo que era Meſtre de Rhetorica no Collegio de Coimbra para teſtemunhar o fiel alvoroço com que os Portuguezes acclamaraõ no 1. de Dezembro de 1640. ao Sereniſſimo Rey D. Joaõ o IV. eſcreveo o Poema ſeguinte que conſta de 530. verſos heroicos. Principia *Lyſiadum Imperium tot jam labentibus annis Servitio oppreſſum, &c.*

Sahio impreſſo ſem o ſeu nome no Livro intitulado *Applauſos da Univerſidade de Coimbra à Acclamaçaõ delRey D. Joaõ o IV.* à pag. 27. Coimbra por Diogo Gomes de Loureiro. 1641. 4. Entre os Poetas Portuguezes he numerado com louvor pelo P. Antonio dos Reys in *Enthuſ. Poet.* n. 213.

ANTONIO DE LEAM PINELLO poſto que naceu no Reyno do Peru nas Indias Occidentaes naõ he juſto que delle naõ façamos memoria por ſer filho de Diogo Lopes de Leaõ natural de Lisboa, e irmaõ inteiro de Joaõ Rodrigues de Leaõ dos quaes ſe tratarà em ſeus lugares. Depois de aprender no Collegio de Lima dos Padres Jeſuitas as Letras Humanas, e na Univerſidade da meſma Cidade as Faculdades de hum, e outro Direito em que ſahio eminente paſſou a Madrid onde tanto que foy conhecida a Sciencia Legal que profeſſava o elegeraõ Relator do Real Conſelho de Indias cujo miniſterio por ſer adminiſtrado com ſumma inteireza conſervou atè à ultima idade. Deſte lugar ſubio a Senador Regio na Chancellaria de Sevilha, e Chroniſta de Indias do qual emprego foy ſubſtituto de Gil Gonçalves de Avila. Para dezempenho deſta incumbencia revolveo com incanſavel deligencia, e continuo diſvelo, o real Archivo de Madrid, e outros de grande antiguidade, donde extrahio muitos Breves Pontificios, e Alvaràs Regios pertencentes a eſte argumento, com que illuſtrou as ſuas obras em beneficio da Republica litteraria. Parece incrivel que lhe reſtaſſe tempo das ſuas grandes occupaçoens, poſto que era ornado de engenho feliz cultivado com todo o genero de erudiçaõ, para eſcrever materias taõ diverſas como logo relataremos. A' ſua vaſta ſabedoria correſpondia a innocencia dos cuſtumes ſendo igualmente Religioſo para com Deos, como cordial devoto de ſua Mãy Santiſſima. Vivia em Madrid pelos annos de 1650. e eternamente vivirá naõ ſómente em ſeus livros mas nas penas de varios Eſcritores celebrando a ſua vaſta erudiçaõ, como ſaõ Nicol. Ant. in *Bib. Hiſp.* tom. 1. pag. 109. *magno ævi, & patriæ ſuæ compendio vixiſſe.* Avendan. in *Thezaur. Ind.* Tom. 1. Tit. 5. cap. 22. §. 5. n. 186. *doctum imprimis, & eruditum.* Franc. Moreno Porcel no *Retrat. de Manoel de Far.* §. 76. *Ingenio cultivado com varias letras, y claro juizio.* Alv. y Aſtorg. in *Milit. Immac. Concept. omnia ejuſdem opera eruditione, & ſtudio ſingulari plena eſſe.* Manoel de Far. e Souſ. *Fuente de Aganip.* Part. 1. Centur. 3. Sonet. 51.

De grandes tiempos elevada buelas
Feliz pluma, &c.

Lope Felix da Vega *Laurel de Apollo* Sylv. 2. louvando a ſeu Irmaõ Joaõ Rodrigues de Leaõ.

Si a Juan Rodrigues de Leon nò huviera
Dado con larga mano
El Cielo otro Leon que fue ſu hermano
Quien con Leon tan grande competiera?

Catal. das ſuas obras pertencẽtes às Indias.

Epitome de la Bibliotheca Oriental y Occidental Nautica, y Geografica. Madrid por Juan Gonçalves. 1629. 4. ſahio modernamente addicionada em 3. Tom. in fol. Madrid por Franciſco Martines Abad. 1737.

Diſcurſo ſobre la importancia, y diſpoſicion de Leys de las Indias. Madrid 1623. fol. Para fazer eſta obra afirma no titul. 22. do Epitome da Bib. aſſima allegado pag. 123. *En dos años continuos lei quinientos libros Reales de Cedulas, Manuſcritos, y en ellos màs de ciento, y vinte mil hojas, y mas*

de trecientas mil deciſiones cuyas minutas i noticia guardo en mi poder i dellas hà ſalido el tomo primero y voy ſacando el ſegundo.

Tratado de Confirmaciones reales de Encomiendas de Oficios, y caſos en que ſe requieren para las Indias Occidentales. Madrid por Juan Gonçalves. 1630. 4.

Acuerdos del Conſejo real de las Indias Madrid. 1658.

Govierno eſpiritual, y Eccleſiaſtico delas Indias. De cuja obra diz o meſmo Author no Epitome já allegado Tit. 2. pag. 116. *Tengole eſcrito com más de trecientas Deciſiones Pontificias particulares para las Indias ſacadas de Bullas, y Breves Apoſtolicos, y repueſtas de Congregaciones de Cardenales.*

Bullarium pro Indico Imperio. He louvado por Fr. Pedro de Alva, y Aſtorga in *Milit. Concept.*

Patriarchado delas Indias. M. S.

Conſejo real, y Supremo de las Indias, ſu Origen, juriſdicion, Preſidentes, Conſejeros, Fiſcales, y Secretarios. M. S.

El gran Canciller de las Indias Tratado deſte Officio, quando ſe renovò en la perſona del Conde Duque de Olivarès, y a el ofrecido. Conſervavaſe na Bibliotheca do meſmo Duque, e della faz mençaõ no Epitom. Tit. 21. pag. 119.

Recopilacion delas leys delas Indias em 3. Tom. de folha, os quaes conſtavaõ de nove livros com faculdade Real, e as mais licenças para ſe imprimir, como affirma o meſmo Author em huma Carta eſcrita de Madrid em 26. de Junho de 1640. ao Lecenciado Jorge Cardoſo.

Fundacion, y grandezas hiſtoricas dela inſigne Ciudad delos Reyes Lima Cabeça de las ricas Provincias del Peru. Deſta obra ſe lembra no Epitom. Tit. 15. pag. 98.

Hiſtoria dela Villa Imperial del Potoſi, y ſu rico Serro, deſcubrimento, y grandeza M. S.

Vida del Iluſtriſſimo, y Reverendiſſimo Señor D. Toribio Affonſo Mogrevejo Arcebiſpo dela Ciudad delos Reyes Lima. Madrid. 1654. 4. a qual foy traduzida em Italiano por Miguel Angelo Lapi. Roma. 1655. 4.

Commentario dela region de Ophir compoſto pelo noſſo Gaſpar Barreiros, do qual diz o meſmo Antonio de Leaõ na *Bib. Geografica* pag. 175. *Tengo traduzido en Caſtellano con un commento nò poco trabajado.* M. S.

Cathalogo das obras em louvor da Senhora.

Relacion delas fieſtas celebradas en la Ciudad de Lima por la Congregacion dela Expectacion dela Virgen Maria nueſtra Señora del Colegio dela Compañia de JESUS. Lima. 1618. 4.

Poema ſingular dela Concepcion immaculada dela Virgen Maria nueſtra Señora. Lima como teſtemunha Fr. Pedro de Alva na obra citada.

Panegyrica Oracion dela Preſentacion dela Virgen nueſtra Señora Madrid por Diego Dias dela Carrera 1651. 4.

El Paraiſo en el Nuevo mundo Maria Santiſſima que como eſcreve Alva in *Milit. Concept.* já eſtava impreſſo quando elle ſahio com eſta obra.

Annales immaculatæ Conceptionis B. V. Mariæ ab orbe condito ad noſtra uſque tempora. Eſte Tratado, e os ſeguintes exalta com grandes elogios Fr. Pedro de Alva.

Bibliotheca, ſive Cathalogus Marianus in quo per ſeptuaginta duas claſſes et pluſquam trecentas appendices omnes Marianos Scriptores diſtribuit M. S. A eſta obra chama inſigne Fr. Pedro de Alva.

Kalendarium agens per ſingulos dies de Feſtivitatibus B. V. Mariæ ubique terrarum celebratis. Eſta obra he compoſta à maneira das Efemerides de Ferreolo, Locrio, e o P. Antonio Balinghen da Companhia de JESUS.

La Virgen Santiſſima en Eſpaña. M. S.

Muſæum Marianum, ſive Cathalogus Auctorum, quorum proprium, et ſpeciale argumentum eſt agere in toto libro de Santiſſimæ Virginis, vita, encomiis, et miraculis.

Vida de Jeſu Chriſto en el Ventre dela Santiſſima Virgen Maria. Traduzido de Italiano do P. D. Luiz Novarino Clerigo Regular impreſſo Milaõ 1636. 12.

Compendium devotionum erga B. V. Mariam ex diverſis Auctoribus collectum.

Cathalogo de obras varias

Por la Pintura, y eſencion de pagar Alcavala juntamente con los Dialogos de Vicente Carduci que ſaõ do meſmo argumento Madrid. 1633. 4.

Queſtion moral, ſi el Chocolate quebran-

ta el ayuno Eccleſiaſtico. Trataſe de otras bevidas, y confeciones que ſe uzan en varias Provincias. Madrid por la viuda de Juan Gonzalvez. 1636. 4.

Velos antigos, y modernos delas mugeres; ſus conveniencias, y daños. Iluſtraſe la real pregmatica delas Tapadas Madrid por Juan Sanches. 1641. 4. cuja obra he louvada de muito douta por Manoel de Faria, e Souſa no prologo da *Apologia pelos Commentos de Camoens.* Neſte livro traz Antonio de Leaõ hum *Diſcurſo Genealogico dela Caſa de Avellaneda* que muito engrandece Franckenau in *Bib. Hiſpan. Hiſt. Herald. Geneal.* pag. 38.

Relacion dela Caſa, y Servicios de D. Antonio de Leon, y Pinelo; a qual muitas vezes allega Joaõ Flores de Ocariz no ſeu *Nobiliario de Granada* Part. 1. pag. 295.

Na fama poſthuma de Lope Felix de Vega impreſſa Madrid 1636. eſtá hum ſeu Poema deſde pag. 120. até 130.

Nas Honras funebres á Sereniſſima Rainha D. Izabel de Borbon impreſſas Madrid 1645. eſtá delle hum Epitafio Laudatorio, ou Inſcripçaõ Panegyrica, e hum Obeliſco Sepulchral à memoria da meſma Rainha. Vide *Bib. Occidental.* novamente acrecentada Tom. 2. Part. 15. col. 695. 714. e 786.

D. ANTONIO DE LIMA ſingular eſplendor da familia dos Limas naceo na Cidade de Lisboa, ou como outras memorias affirmaõ na Villa de Guimaraens, e foy filho de Diogo Lopes de Lima Copeiro Mór delRey D. Joaõ o III. Senhor de Caſtro Dayro, Alcayde mór de Guimaraens, Commendador de Santa Maria de Ovaya na Ordem de Chriſto, e D. Izabel Pereira de Caſtro Senhora de Caſtro Dayro. Iguaes foraõ os progreſſos que o ſeu agudo engenho, e heróico valor fizeraõ nas paleſtras de Minerva, e de Marte ſendo taõ grande Soldado, como inſigne Juriſta, e conſummado Hiſtorico, cujos dotes deixou eternizados na poſteridade o famoſo Antiquario André de Reſende ſeu contemporaneo no lib. 1. de *Converſion. Ægidian. Militiæ ſæpe, virùm etiam ducis ſpecimen præbuit non pœnitendum in ſumma nobilitate, & olim juriſprudentiæ dedit operam, & nunc ad hiſtoriam, et antiquitatis notitiam ſe tranſtulit.* Applicouſe com grande diſvelo ao eſtudo Genealogico continuando as Familias illuſtres de Portugal, onde as deixàra o Conde de Barcellos D. Pedro, para cujo fim revolveo todo o Archivo Real para delle extrahir as noticias neceſſarias para eſte argumento, o que felizmente conſeguio diſpondo com boa ordem, e eſtilo claro eſta laborioſa obra, a que poz por titulo.

Linhageñs de Portugal. fol. M. S.

Eſte Nobiliario foy ſempre reputado por celebre neſte genero, e como tal o louvaõ com grandes encomios Manoel Severim de Faria *Not. de Portug.* Diſc. 3. pag. 121. Manoel de Faria, e Souſ. *Europ. Portug.* Tom. 3. Part. 4. cap. 1. n. 2. e no *Index dos Author. Portuguezes* mais copioſo do que o que ſe imprimio, cujo Original tivemos em noſſo poder, dizendo nelle *Es bien eſtimado, y corre Manuſcrito, y tuvo la miſma fortuna, que el del Conde D. Pedro (a quien continuò) en ſer adulterado ya por la malicia, yá por la ignorancia, y por eſta menos, que por aquella.* Franckenau in *Bib. Hiſpan. Hiſt. Geneal. Herald.* p. 38. *Inter omnes Geneologos Luſitanos (quorum certe haud exiguus eſt numerus) facile primas teneat elegantiſimus Antonij hujus fœtus.* Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Luſit. Litter.* lit. A. n. 91. D. Franciſco Manoel na *Carta dos Autor. Portug.* eſcrita a Themudo, que he a 1. da 4. Centuria dellas. O original deſte Nobiliario conſervava em ſeu poder D. Jeronymo de Attayde II. Conde de Caſtro Dayro, e ſexto da Caſtanheira neto do Author, o qual voltou de Madrid para Portugal no anno de 1678. e por morte de ſeu filho D. Jorge de Attayde III. Conde de Caſtro Dayro, herdou eſta Caſa, e a da Caſtanheira a Condeſſa D. Anna de Attayde que morrendo ſem ſuceſſaõ, e ſobrevivendo a ella ſeu marido Simaõ Correa da Sylva ultimo Conde da Caſtanheira, por morte deſte deſapareceo o Nobiliario de D. Antonio de Lima, do qual deo huma copia authentica tresladada do Original,
D. Anna de Lima filha do Author a ſeu neto Luiz Alvares de Caſtro ſegundo Marquez de Caſcaes. Muitos ſe perſuadiraõ que eſta Copia era o Original, porem claramente conſta que o naõ he pela ateſtaçaõ que a Copia tem da maõ propria da Marqueza de Caſcaes D. Barbara de Lara, em que affir-

ma que a Condeſſa da Caſtanheira mandàra tirar aquella Copia do Original em 2. de Março de 1648. para a dar a ſeu neto, cujo Original ficava na Caſa da Caſtanheira, como mais difuſamente o eſcreve o P. D. Antonio Caetano de Souſ. no Apparat. à *Hiſt. Geneal. da Caſa Real Portug.* pag. 47. n. 25. Caſou D. Antonio de Lima com D. Maria de Vilhena filha de Chriſtovaõ de Mello herdeiro da Ilha de S. Thomé de cujo matrimonio teve unicamente a D. Anna de Lima que caſou com D. Antonio de Attayde Conde de Caſtro Dayro, e Caſtanheira, do qual fizemos larga memoria em ſeu lugar. Eſtá ſepultado no pavimento da Capella mór do Convento de S. Franciſco de Lisboa, como eſcreve Fr. Manoel da Eſperança *Hiſt. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 1. liv. 2. cap. 22. n. 3.

ANTONIO DE LIMA BARROS PEREYRA. Naceo na Cidade do Porto a 11. de Setembro de 1687. e foy filho de Gonçalo de Oliveira, e ſua mulher Joanna de Barros Peeira. Na Univerſidade de Coimbra recebeo o gráo de Doutor na faculdade dos Sagrados Canones, e na Cathedral de Angra hum Canonicato. Deſde os primeiros annos ſe applicou à Poeſia, e com a idade foy cada vez crecendo mais na cultura deſta Arte, porque mereceo os applauſos dos ſeus melhores profeſſores, dando para teſtemunho do ſeu genio neſta faculdade a obra ſeguinte.

Floreſta Apollinea. Lisboa por Bernardo da Coſta. 1720. 4.

Fr. ANTONIO DE LISBOA filho da Cidade do ſeu appelido, e da Religiaõ Serafica da Provincia de Portugal. Cultivou as Muſas Sagradas em que compoz alguns Autos que ſe repreſentaraõ com grande applauſo dos expectadores. De todos elles ſómente chegou à noſſa noticia o ſeguinte.

Auto dos dous Ladroens que foraõ Crucificados juntamente com Chriſto Senhor noſſo. Lisboa por Antonio Alvares. 1603. 4.

ANTONIO LOPES natural da Villa de Viana do Alemtejo. Aprendeo as letras humanas, e as artes da Rhetorica, e Poetica nas Eſcolas da Companhia de JESUS, e ſahio taõ conſumado nellas, que naõ conheceo no ſeu tempo outro que lhe foſſe ſuperior, pois imitava a Virgilio na mageſtade dos Poemas, e a Ovidio na ſuavidade das Elegias. Eſtes dotes ſcientificos acompanhados de honeſto procedimento o habilitaraõ para que o inſigne Biſpo de Sylves D. Jeronymo Oſorio o fizeſſe ſeu Capellaõ, e Meſtre de toda a ſua familia, cujo miniſterio exercitou com tanta ſatisfaçaõ deſte Prelado, que lhe deo em remuneraçaõ a Igreja da Alagoa no Reyno do Algarve que governou como Paſtor cuidadoſo enſinando as ſuas ovelhas com a voz, e com o exemplo. Como ſobreviveo ao ſeu Patrono lhe ornou a ſepultura com elegantes verſos. Morreo em Villanova de Portimaõ, donde foy transferido à ſua Igreja. Compoz muitos verſos excellentes na lingua Latina dos quaes nenhum logrou a luz publica. Deſcreveo em verſo heròico o ſitio de Mazagaõ que lhe puzeraõ os barbaros no anno de 1562. onde foraõ totalmente derrotados. Começava.

Lyſiadum ingentes animos, & funera laté
Edita per campos quos inſuperabile tollit
Maſaganum. &c.

Deſta obra faz mençaõ o P. Antonio Poſſevino in *Apparat. Sacr.* Tom. 1. pag. 96.

De Myſterio Crucis Dominicæ, de diverſis ejuſdem typis, ac Sacramentis ab ipſa promanantibus. Dedicado ao Pontifice. Cuja obra foy muito eſtimada em Roma, e a intitula *Præclarum et lectu dignum* Scoto in *Bib. Hiſp.* Claſſ. 2. Tom. 3. pag. 533.

Compoz mais em verſo.

Prima, et Secunda in Africam expeditio Regis Sebaſtiani. M. S.

Poema de duplici amore in laudem Santæ Mariæ Magdalenæ.

Poema in Speluncam, & Sepulchrum B. Mariæ Magdalenæ. Começa.

Jam ſol puniceum radiis patefecerat orbem

Elegia in qua Magdalena Chriſtum alloquitur. Começa.

Vita meæ vitæ vita mihi charior ipſa.

Victoriæ Elepantinæ duce Joanne Auſtriaco comparatæ deſcriptio M. S.

Eſtando aſſiſtindo a hum banquete, e como ocultamente lhe lançaſſem mais agua que vinho no copo, tanto que o bebeo ſahio ex-

temporaneamente com eſte dyſticho, que admirou a todos os circumſtantes.

In cratere meo Thetys eſt conjuncta Lyæo;
Eſt Dea juncta Deo, ſed Dea mayor eo.

ANTONIO LOPES Natural de Lisboa, e inſigne Profeſſor de Medicina, de cuja faculdade naõ imprimio obra alguma, poſto que compoz muitas, e doutiſſimas das quaes allega huma Zacuto Luſitan. de *Medic. Princ. Hiſtor.* Lib. 4. cap. 17. *ubi probat* (ſaõ palavras ſuas) *corporis humores á medicamentis attrahi ob ſimilitudinem quam cum ipſis habent.*

ANTONIO LOPES. Veja-ſe o P. VICTORINO JOSEPH.

ANTONIO LOPES CABRAL Nacco em Lisboa, e foy bautizado na Real Parochia de S. Juliaõ a 21. do Setembro de 1634. ſendo filho de Pedro Lopes Cabral, e Filippa de Souza. Na primeira idade naõ ſómente aprendeo letras humanas, e a lingua latina, mas a arte da Muſica, e ſahio neſtas faculdades, taõ perito que foy recebido na Capella Real por Capellaõ, e Cantor das Mageſtades de D. Affonſo VI. e D. Pedro II. Foy Freire da Ordem Militar de Chriſto, Beneficiado das Igrejas de Santa Maria dos Olivaes da Villa de Thomar, e Santa Maria do Caſtello de Ponte de Lima, e Prègador no Arcebiſpado de Lisboa em cujo miniſterio naõ logrou menores applauſos o ſeu talento, de que quando foy hum dos principaes alumnos da Academia dos Singulares recitando nella Oraçoens ornadas de todo o genero de erudiçaõ, e compondo verſos em que ſe admirava o artificio poetico junto com o ſeu genio jocoſo que nunca degenerou em pueril. Morreo na patria a 26. de Dezembro de 1698. com 64. annos de idade. Foy ſepultado em huma Capella do Clauſtro de S. Franciſco. O ſeu nome he celebrado com elogios pelos ſeus Collegas Academicos como ſe pòde ver na 1. e 2. Part. das obras poeticas da *Academia dos Singulares,* e pelo P. Antonio dos Reys no *Enthuſiaſm. Poet.* n. 170.

Succinti pariter viridanti baccare frontes
Culmina Parnaſſi celeres in ſumma ſubibant
Quiſque ſibi propriam ſedem capturus ab almo
Præſide Muſarum Capralis, Moura, &c.

Compoz

Panegyrico ao Excellentiſſimo Senhor D. Antonio Luiz de Menezes digniſſimo Marquez de Marialva Conde de Cantanhede do Conſelho de Eſtado, e Guerra Preſidente no da Fazenda, e Capitaõ General das armas Portuguezas, em a memoravel Vitoria de Montes Claros. Lisboa por Antonio Crasbeeck de Mello. 1665. 4. Conſta de 16. Outavas.

Pancarpia de diverſos Sermoens. Lisboa por Miguel Deſlandes 1694. 4.

A 2. Part. eſtava prõpta para a impreſſaõ. Com os ſuppoſtos nomes de Ozandro, Aonio, e Luzindo.

Feſtas Reais na Corte de Lisboa no feliz caſamento dos Reys de Gràa Bretanha Carlos, e Catherina em os Touros, que ſe correraõ no Terreiro do Paço em Outubro de 1661. Lisboa por Domingos Carneiro 1661. 4.

Quarto dia do Triumpho dos animaes. Lisboa pelo dito impreſſor, e no meſmo anno 4. Conſta de huma Sylva muito larga.

No livro intitulado *Academia dos Singulares* dividido em 2. Partes a 1. impreſſa em Lisboa 1665. e a 2. 1668. eſtaõ duas Oraçoens ſuas, recitada huma em 24. de Fevereiro de 1664. e outra em 21. de Dezembro do meſmo anno além de 7. *Sonetos,* 6. *Romances,* 3. *Decimas,* 2. *Sylvas* a diverſos aſſumptos, e muitas *Outavas* ſendo as principaes as que tem eſte titulo.

Serpentomaquia. Canto unico em que ſe deſcreve, a batalha da Serpe, e Drago. Conſta de 30. Outavas.

Tinha prompto para a impreſſaõ com o titulo de

Flor Poetica.

Dez Oraçoens que recitara na Academia dos Singulares, e grande Copia de Verſos. Traduzio da lingua Italiana de Jozé Bautiſta na Portugueza.

S. Joaõ Bautiſta ſua vida. Lisboa por Bernardo da Coſta Carvalho. 1691. 16.

Do meſmo idioma de D. Antonio Julio Brignoli Sale em o materno.

Vida da Magdalena no eſtado de pecadora, amante, e penitente. Lisboa por Antonio Crasbeeck de Mello. 1670. 16. et ibi por Miguel Deſlandes. 1695. 16.

ANTONIO LOPES CASTELLO Presbytero Ulyſſiponenſe, e Beneficiado na Pa-

rochial Igreja de Santa Maria Magdalena da ſua patria ornado de coſtumes innocentes, e de piedoſos affectos, cordialmente devoto do amoroſo Myſterio do Sacramento do Altar, cuja veneraçaõ dezejando propagalla com mayor ardor nos Coraçoens dos Catholicos eſcreveo.

Officio em louvor do Santiſſimo Sacramento com cinco ſoliloquios para antes, e depois da Confiſſaõ, e Communhaõ. Lisboa por Diogo Soares de Bulhoens. 1670. 16.

Officio de N. Senhora com as Rubricas em Portuguez, e outras advertencias para com mayor perfeiçaõ ſe rezar. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1659. 24.

Morreo na Patria a 25. de Janeiro de 1709. com mais de 80. annos de idade. Jaz na Parochia da Magdalena.

ANTONIO LOPES DA FONSECA Presbytero do Habito de S. Pedro, e Meſtre das Ceremonias do Illuſtriſſimo Arcebiſpo de Braga D. Luiz de Souſa, a quem acompanhou na Jornada, que eſte inſigne Prelado fez a Roma com o Caracter de Embaixador a 18. de Sembro de 1675. eſcrevendo.

Memorias para a vida do Arcebiſpo de Braga D. Luiz de Souſa M. S. Conſervaõ-ſe na Liuraria dos PP. Theatinos deſta Corte.

ANTONIO LOPES LEITAM natural da Villa da Certaá do Priorado do Crato ſendo bautizado na Igreja de S. Pedro Matriz da meſma Villa ao 1. de Mayo de 1611. Foraõ ſeus Pays Antonio André, e Gracia Lopes. Depois de eſtudar Direito Pontificio na Univerſidade de Coimbra, e receber o gráo de Bacharel neſta faculdade em que foy muito douto, teve os lugares de Prothonotario Apoſtolico, Beneficiado da Igreja de S. Pedro da ſua Patria, Promotor da Relaçaõ Eccleſiaſtica de Lisboa, Ouvidor, e Viſitador da Igreja dos Freyres da Conceiçaõ de Lisboa da Militar Ordem de Chriſto, e naõ das Religioſas deſte Inſtituto como erradamente eſcreveo Nicol. Antonio na *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 111. Sendo Prior da Igreja de N. Senhora do Olival diſtante meya legoa da ſua patria morreo a 12. de Outubro de 1662. com 54. annos de idade. Eſtá ſepultado na Igreja de S. Pedro onde recebeo a graça bautiſmal. Compoz.

Praxis finium Regundorum. Ulyſſipone apud Emmanuelem da Sylva. 1654. 4. et Conimbricæ apud Emman. Dias Acad. Typ. 1690. 4.

Sermoens Varios 2. Tom. *M. S.* que deſappareceraõ depois da ſua morte.

Delle faz honorifica mençaõ Jacinto Leytaõ Manſo de Lima na *Deſcripc. da Villa de Certaá* M. S. §. 2. fol. 367.

ANTONIO LOPES DE LIMA natural de Villa-Franca de Xira do Arcebiſpado de Lisboa, filho de Paſchoal Nunes de Lima, e Anna Maria, Boticario neſta Corte, onde publicou.

Remedio novo, e admiravel de huns pòs Sympaticos, que excitaõ a ſuor. Lisboa por Miguel Rodrigues 1729. 8.

ANTONIO LOPES DA VEIGA natural de Lisboa, e Sobrinho de D. Fr. Diogo Lopes de Andrade Eremita de S. Agoſtinho, e Biſpo de Otranto, que conhecendo o grande talento que deſcubria na adoleſcencia para as letras humanas, e Filoſofia o levou na ſua companhia para Madrid, onde brilhaſſe o ſeu engenho entre os Varoens mais eruditos. Tanto que chegou a eſta Corte ſe fez eſtimado das principaes peſſoas de ambas as Jerarchias pois nelle veneravaõ feliſmente unidas as ſciencias da Poeſia, Hiſtoria antigua, e moderna, Philoſofia, e Mathematica com os dotes de hum genio affavel, vida innocente, e animo modeſto. Sempre era conſultado pelos Sabios em materias eruditas obſervando a ſua deciſaõ como de Oraculo. Naõ houve Certame litterario em que naõ levaſſe a palma a todos os Competidores. Foy Secretario do Condeſtavel de Caſtella, que para ſeu uzo lhe fez patente a ſua grande Bibliotheca. Vivia em Madrid no anno de 1656. quando jà contava ſetenta de idade, até que na meſma Corte fechou o circulo da vida. Quanto eſtimaſſe o ſeu furor poetico o grande Lope Felix da Veiga o declara elegantemente no Laurel de Apollo Sylva 3.

Aqui confuſo el Tajo a imaginar ſe puſo
Con voz quexoſa aunque en accento bajo
Porque de Antonio Lopes ſe interpuzo
La grave Filomena &c.

Nic. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 111. *Charus cunctis, & in pretio habitus ob ſtudiorum Philoſophiæ, ac Poetices, nec non et Hiſtoriæ antiquæ, et novæ excellentiam ſimul, et modeſtiam.* Manoel de Far. e Souſ. no *Comment. às Rim. de Camoens* Tom. 4. pag. 41. col. 1. D. Franciſco Manoel na *Carta dos Author. Portug.* eſcrita ao Doutor Manoel da Fonſeca Themudo, que he a 1. da 4. Cent. Joaõ Soar. de Brito in *Theatro Luſit.* Litter. lit. A. n. 95. Compoz.

Lirica Poeſia. Madrid por Bernardino de Guſman 1620. 8.

El perfeĉto Señor ſueño politico con otros varios diſcurſos y ultimas Poeſias varias Madrid por Luiz Sanches 1626. 4. et ibi en la Impreſſion Real 1652.

Heraclito, y Democrito de nueſtro ſiglo; diſcriveſe un legitimo Philoſofo. Dialogos Morales ſobre tres materias, la nobleza, la riqueza, y las letras Madrid por Diego Dias de la Carrera. 1641. 4.

Muitos verſos ſeus ſe imprimiraõ em diverſos livros, que no ſeu tempo ſahiraõ em Madrid como ſe podem ler nos applauzos à Canonizaçaõ de S. Iſidro. Certam. 2. fol. 61. e na *Fam. Poſthum. de Lopo Felix da Veg.* fol. 35.

ANTONIO LOURENÇO natural de Serpa da Provincia do Alentejo, e filho de Lourenço Rodrigues, e de Violante Lourenço. Tendo recebido a borla doutoral na faculdade de Leys em a Univerſidade de Coimbra foy Collega do Real Collegio de S. Paulo, cuja beca tomou a 17. de Junho de 1602. A grande profundidade com que penetrava os arcanos mais reconditos da Jurisprudencia o elevaraõ ao magiſterio que com grande gloria do ſeu nome exercitou nas Cadeiras da Inſtituta no anno de 1605. do Codigo em 1608. dos Tres livros em 1609. do Digeſto Velho em 1617. e ultimamente de Prima de que teve a poſſe em 12. de Setembro de 1629. Foy Dezembargador da Relaçaõ do Porto, e da Caſa da Suplicaçaõ. As poſtillas que dictou no largo tempo que foy Meſtre ſempre foraõ muito eſtimadas pelos mayores Profeſſores de hum, e outro Direito por ſe acharem nellas unida a ſubtileza com a claridade. Sendo intitulado Meſtre comum, e inſigne Letrado pelo D. Joaõ de Carvalho in *Cap. Rainaud. de Teſtament.* Part. 1. n. 174. et 830. Part. 2. n. 124. 253. 353. Part. 4. n. 115. Portug. de *Donat. reg.* Tom. 1. liv. 1. Prælud. 2. §. 2. n. 155. Pegas *Allegat. por D. Agoſtinho de Alencaſtro* onde diz que Fuſario no ſeu Tratado *de Subſtit.* extrahira grande parte da Poſtilla *ad L. cum Avus* eſcrita pelo noſſo Antonio Lourenço. Paym *Diſc. Jurid. e polit.* fol. 33. v.º n. marg. 3. Barboſa nas *Mem. do Coll. de S. Paul.* p. 113. et in *Archiath. Luſit.* pag. 25. Morreo em Coimbra em 9. de Janeiro de 1630. Deixou as Poſtillas ſeguintes

Tit. Cod. de Jure Reipublicæ lib. 11.

Tit. Cod. de Agricolis et Cenſitis. lib. 11.

Text. in L. cum Avus 102. *ff. de Conditionibus, et Demonſtrationibus.*

Tit. ff. de Pactis.

Tit. ff. de Rebus dubiis.

Text. in L. Hæredem 59. *ff. de regulis juris.*

Tit. Cod. de Annonis, et tributis.

L. fin. Cod. de revocandis donationibus.

ANTONIO LUIZ natural de Lisboa, e inſigne Medico, de cuja faculdade teve por Meſtre ſeu Pay, que deſcubrindo no filho engenho ſubtil, e aguda comprehenſaõ lhe revelou os mais ocultos myſterios da Medecina. Pela profunda ſciencia que tinha da lingua Grega ignorada naquelle tempo em a mayor parte de Eſpanha foy chamado antonomaſticamente o Grego, e pudera lograr denominaçoẽs de Latino, Filoſofo, e Medico por ſer eminente em todas eſtas artes pelas quaes foy muito aceito à mageſtade delRey D. Joaõ o III. e a os mayores eruditos da ſua idade, como eraõ Joaõ de Barros, Diogo Pires, Jeronymo Nunes Ramires, e Jeronymo Cardoſo intitulando-o na Epiſtol. 27. *Multifariæ eruditionis hominem, ingenij ſublimis, locupletiſſimæ litteraturæ, litterarum Atlanta, et in quo uno litteraria provincia tamquam in Athlante Cælum fulciebatur.* Na Univerſidade de Coimbra, onde recebeo na faculdade Medica as inſignias doutoraes, explicava Galeno, e Ariſtoteles na lingua Grega de cujas liçoens tomou poſſe em 4. de Março de 1547. illuſtrando a eſ-

tes dous Principes, hum da Medicina, e outro da Filoſofia com ſubtiliſſimas interpretaçoens. Viveo naõ ſómente até o anno de 1558. como eſcreveo Juſto in *Chronologia Medica* mas chegou quaſi ao anno de 1565. Delle, e das ſuas obras fazem memoria Manoel Severim de Faria no *Elog. de Joaõ de Barros* fol. 33. v.º chamandolhe *Grande Medico, e Filoſofo.* Nic. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 111. *Medicus exquiſitæ hujus artis doctrinæ multam græcanicæ, Latinæque hiſtoriæ cognitionem, atque utriuſque linguæ peritiam ad junxit.* Tiraquell. in *Auctor. Nomenclat.* Raphael Spachius in *Nomencl. Med.* lib. 5. cap. 45. 56. 87. Balthez. Werlin. in *additionib. ad Trithem.* addit. 2. pag. 434. Ant. Vander-Lind. de *Script. Med.* Georg. Abrah. in *Lind. renovat.* Joan. Fernandes in *Orat. habita Conimbricæ* et ibi excuſ. anno 1548. 8. fallando delle entre os Lentes de Medicina diz *Allicit ad ſe omnes ſumma modeſtia, et varia litteratura Ludovicus Græcus Galeni græci interpres ingenij monumentis magna cum laude doctiſſimus quibuſque viris charus, et ſuſpiciendus.* Joan. Soar. de Brito in *Theatr. Luſit. Litter.* lit. A. n. 96. Franc. Leytaõ Ferreir. nas *Memor. da Univerſid. de Coimb.* pag. 572. n. 1211. *Medico famoſo, e interprete admiravel de Galeno.* Naõ publicou juntamente as ſuas obras como elle confeſſa no Prologo *de Occultis Proprietatibus* dizendo. *Donec ad hanc pervenimus ſenilem ætatem multa ſemper litterarum monumentis mandavimus, et tum has, tum alias pleraſque nobilis ingenij commentationes conſcripſimus, quibus hanc urbem Ulyſſiponem tot voluminibus editam exornavimus.* As principaes obras ſahiraõ impreſſas Ulyſſipone apud Ludovicum Rodrigues 1540. in fol. e ſaõ as ſeguintes.

De occultis proprietatibus libri quinque. Primus quid ſit proprietas, et quæ ejus complexio enucleat, ubi multa de temperamentis 2. agit de vi attractrice, ac omnibus, quæ in eá reperiuntur. 3. de animalibus, eorum partibus, venenis, ac Venenatis. 4. de proprietatibus quæ herbis, lapidibus, et multis aliis inſunt. 5. in Superioribus libris tradita confirmat.

De Empyricis, et miſcellaneis aliquot liber unus: ubi de variis diverſarum rerum virtutibus.

De Pudore liber unus occulta quædam exhibens è Græcorum hiſtoriis excerpta. Dedicado a Joaõ de Barros, e a cuja inſtancia o fez o Author.

Problematum libri Quinque. 1. continet problemata ad hominem ſpectantia, et ad Phyſicen; nempe de ætatibus, de temporibus, conſuetudinibus, temperaturis, animalibus, plantis, herbis, fructibus. 2. Miſcellanea de iis, quæ ad uſum, et conſuetudinem attinent; de ſomno, & inſomniis; de quibuſdam conſuetudinibus Romanis, et legibus 3. de iis quæ ad ſupernaturalem Philoſofiam, et diviniores ſermones ſpectant. 4. Problemata adducit, quæ ad res medicas faciunt. 5. Quæ ad ingenuas diſciplinas, nimirum, Aſtronomiam, Arithmeticam, Muſicam, Logicam. Eſta obra como a precedente *de Occultis Proprietatibus* as julga Conrado Geſnero in Epit. Biblioth. *eſſe abſoluta jucunda, et varia.*

Traduzio de Grego em Latim.

Erotematum, ſive Commentariorum in libros Galeni de criſibus libri 3.

Erotematum numeri ternarij libri ſex, in quibus omnis fere res medica explicatur.

Erotematum de difficili reſpiratione liber unus.

Erotematum de uſu reſpirationis liber alius.

De Corde liber abſolutiſſimus, in quo tum plures Ariſtotelis errores proponuntur, tum plurimæ quæſtiones enodantur.

Galeni liber de Ptipſana: ejuſdem liber in quo diſputat, utrum ſit animal, id quod in utero continetur? Galeni de prænoſcendo, doctiſſimus libellus numquám antea excuſus.

Liber de eo, quod Galenus animam eſſe mortalem viſus eſt tenere.

Annotationes aliquot in nonnullos Hyppocratis Aphoriſmos.

Expoſitio in definitionem quam de humoribus Avicena conſignat.

Liber de erroribus Petri Apponenſis in Problemat. Ariſtotelis exponendis.

De Compoſitione Pharmacorum, & quibuſdam Medicis quæſtionibus.

Verteo em Latim.

Michaelis Pſelli allegoriæ tres in Tantalum, in Sphingen, in Circen, et in Sotadem, quod vita pluribus ſit plena malis. Antuerpiæ apud Michaelem Hellenium. 1537.

Panegirica Oratio elegantiſſima plurima re-

rum, & hiſtoriarum copia referta Joanni hujus nominis Tertio invictiſſimo Luſitaniarum Regi nuncupata. Ulysbonæ apud Logdovicum Rotorigium 1539. 4.

Epiſtola ad Hieronymum Cardozo a qual he a 26. entre as deſte Author. Acabou, mas naõ imprimio na lingua materna.

Tratado de Agricultura que conſtava de 17. Livros, em cujo Prologo faz mençaõ de outra obra, que tinha compoſta intitulada *Tratado da Lingua Portugueza.* M. S. verteo de Grego em Latim

Commentaria D. Cyrilli in Iſajam Prophetam. M. S.

Fr. ANTONIO DE S. LUIZ Natural da Arrifana de Souza no Biſpado do Porto, e Religioſo da Serafica Provincia de Portugal onde pela grande prudencia, e zelo de que foy ornado exercitou os lugares de Comiſſario dos Irmãos da Terceira Ordem da Penitencia no Convento de Lisboa do qual foy Guardiaõ, Comiſſario da Cuſtodia da Ilha do Funchal, e Difinidor, atè que chegou a ſer Provincial eleito a 9. de Outubro de 1621. em cujo governo intentou, e felizmente conſeguio as mayores emprezas em beneficio da Religiaõ ſendo as principaes ampliar as rendas, e diminuir o numero das Religioſas da ſua obediencia, reparar os Moſteiros de Val de Pereiras, e Torres Novas, concorrer para a Fundaçaõ de S. Franciſco de Thomar, e para a mudança, e nova erecçaõ do Collegio de S. Boaventura de Coimbra. Igual diſvello moſtrou em procurar a Canonizaçaõ da Rainha Santa Izabel, e a Beatificaçaõ do Santo Fr. Pedro da Guarda, cujas Reliquias ſe veneraõ no Convento de S. Bernardino da Ilha Terceira. Recebendo huma carta da Mageſtade de Filippe III. de Portugal eſcrita a 28. de Fevereiro de 1622. para que mandaſſe promover pelo Comiſſario que neſte anno navegava para o Oriente as Miſſoens que os Religioſos Menores faziaõ naquella dilatada vinha com grande fruto das almas, promptamente executou a inſinuaçaõ Real naõ lhe ſendo neceſſario taõ forte eſtimulo para o zelo com que exercitava as obrigaçoens do ſeu miniſterio. Fazem delle memoria Fr. Fernand. da Soled. *Hiſt. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 3. Liv. 1. cap. 21. n. 132. e Part. 5. Liv. 3. cap. 19. n. 697. e Fr. Joaõ de Santo Antonio in *Biblioth. Franc.* Tom. 1. pag. 111. e Franciſco Affonſo de Chaves, e Mello *Margarit. Animad.* pag. 210. Publicou.

Regra dos Irmãos Seculares da Santa, e Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, que inſtituhio o Seraſico P. S. Franciſco, e ordenaçoens geraes para o bom governo da meſma Ordem. Lisboa por Mathias Rodrigues 1630. 8. et ibi por Antonio Alvares 1643. 8. e Coimbra por Jozé Ferreira. 1686. 8.

ANTONIO LUIZ COUTINHO DE ABREU Prior da Parochial Igreja de S. Tiago da Villa de Alanquer do Arcebiſpado de Lisboa. Traduſio de Latim em Portuguez com algumas addiçoens.

Teſtamento, e ultima vontade da alma feito em ſaude para ſegurar-ſe o Chriſtaõ das tentaçoens do demonio na hora da morte compoſto por S. Carlos Borromeo, e acrecentado com algumas Oraçoens devotiſſimas ao Dulciſſimo Nome de JESUS, à Puriſſima Virgem Maria, e outros Santos, e Santas eſpeciaes advogados para alcançar de Deos N. S. a ſalvaçaõ na tremenda, e temenda hora da morte. Lisboa na Officina da Muſica. 1731. 24.

ANTONIO LUIZ RIBEIRO DE BARROS Natural de Evorà, Moço Fidalgo da Caſa Real, filho de Juliaõ Abelho de Barros, e D. Violante Ribeiro adminiſtradora do Morgado dos Ribeiros. Deſde a adoleſcencia ſe applicou na Univerſidade da ſua patria às Letras Humanas, e à Filoſofia, em que recebeo o Grào de Meſtre. Depois que caſou em Lisboa deixando as Sciencias ſeveras, cultivou as amenas ſendo o ſeu continuo diſvello a liçaõ da Poeſia, e Hiſtoria, e o exercicio da Cavallaria em que ſahio perfeitamente inſtruido, e practicamente verſado. Neſta Corte, e na de Madrid publicou os frutos que tinha colhido das ſuas literarias applicações ſendo eſtimado por elegante Poeta, e deſtro Cavalleiro. Morreo em Lisboa nas ſumptuoſas Caſas onde morava junto do Convento de N. Senhora da Graça dos Eremitas de Santo Agoſtinho a 18. de Dezembro de 1683. No tempo que aſſiſtio em Madrid publicou

El muerto Victorioſo Philippe IV. diſcurſo advertido. Madrid. 1671. 4. conſta de verſo, e proza.

Eſpejo del Cavallero Madrid 1671. 4.

La Jornada de Madrid. 1672. 4.

Gieroglificos ſiete en la muerte de la Emperatriz D. Margarita Maria de Auſtria. 1673. 4. A obra, e ao Author louva com hum elogio poetico D. Pedro Luiz Oſorio.

Fr. ANTONIO DA LUZ Natural da illuſtre Villa de Guimaraens da Provincia de Entre Douro, e Minho, e filho de Diogo de Bouro. Recebeo o Habito Monachal do Grande Patriarcha S. Bento no Convento de Tibaens em 7. de Novembro de 1635. quando contava 16. annos de idade, e depois de enſinar com fruto, e applauſo as ſciencias eſcolaſticas aos ſeus Monges, por uniforme voto dos Cathedraticos da Univerſidade de Coimbra ſe graduou Doutor na faculdade da Theologia. A profunda, e vaſta noticia que com indefeſſo eſtudo alcançara deſta ſciencia o fez ſubir à Cadeira de Durando em 25. de Janeiro de 1664. donde paſſou à de Eſcoto em 31. de Junho de 1666. e deſta à de Veſpera a 27. de Novembro de 1669. e ultimamente chegou a ſer Lente de Prima de que tomou poſſe em 17. de Outubro de 1676. e de Vice-Reytor da Univerſidade em 23. de Fevereiro de 1679. Naõ aceitou o Biſpado de Angola em que fora nomeado pelo Principe Regente D. Pedro II. Morreo em Coimbra a 11. de Abril de 1679. ſendo *Luz sem ſombra* (como delle eſcreve Fr. Rafael de JESUS na *Monarch. Luſit.* Tom. 7. Liv. 4. cap. 20. n. 4.) *da Familia Benedictina, como tambem aſſombro das eſcolas da ſua idade* Carvalho *Corog. Portug.* Tom. 1. Trat. 1. cap. 18. lhe chama *inſigne Theologo,* e Fr. Gregor. de Argais *Perla de Cataluña* pag. 466. §. 161. *Rayo de las letras de la Univerſidad de Coimbra.* Eſtava preparando para a Impreſſaõ as Materias Theologicas, que douta, e agudamente tinha dictado na Univerſidade pelo largo eſpaço de quinze annos quando a morte lhe interrompeo a execuçaõ deſte deſignio com grave detrimento da Republica literaria ſendo as principaes.

De Incarnatione.

De Actibus humanis.

De Virtutibus, & vitiis.

De Voluntario, & involuntario.

Imprimio

Sermaõ eſtando o Senhor expoſto na Capella Real da Univerſidade de Coimbra na celebridade em que deu graças a Deos pelo Nacimento da Princeza Senhora Noſſa D. Izabel em 21. de Janeiro de 1669. Lisboa por Joaõ da Coſta. 1669. 4.

P. ANTONIO DE MACEDO Natural de Coimbra filho de Joaõ Rodrigues, e Maria de Macedo, irmaõ inteiro do inſigne Fr. Franciſco de Santo Agoſtinho Macedo de quem faremos merecida lembrãça em ſeu lugar, e de Manoel de Macedo Meſtre Eſcola na Cathedral do Porto, e Jozè de Macedo Beneficiado em Evora. Na idade de quatorze annos entrou na Companhia de JESUS em Lisboa a 25. de Agoſto de 1626. onde depois de dictar Humanidades, e Theologia Moral naõ ſómente exercitou o officio de Prègador em Portugal, mas em a Praça de Mazagaõ celebre Colonia dos Portuguezes na Regiaõ de Africa reformando nella pelo eſpaço de tres annos com as ſuas declamaçoens Evangelicas a vida licencioſa dos Soldados. Por ordem do Sereniſſimo Rey D. Joaõ o IV. acompanhado do P. Joaõ de Andrade foy Confeſſor, e interprete da lingua Latina de Jozé Pinto Pereira Embaxador à Rainha de Suecia, e partindo de Portugal a 24. de Junho de 1650. chegou a Eſtolckom Corte daquelle Reyno a 30. de Julho, e ainda que eſtava disfarçado com veſtido de Secular, era tanta a prudencia, e modeſtia, que ſe admirava nas ſuas acçoens, que dellas inferio a Rainha Chriſtina Alexandra que dominava aquelle Imperio, ſer Jeſuita, e como a tal lhe revelou o intento de largar a Coroa que poſſuia, e abraçar a Religiaõ Catholica, ſendo a primeira Peſſoa, a quem fez participante de taõ heróica reſoluçaõ. Logo lhe encomendou partiſſe a Roma com huma carta ao Geral para lhe mandar dous Padres Italianos com quem conferiſſe os pontos mais eſſenciaes da Fé Catholica, e em manifeſta ſignificaçaõ do affecto com que eſtimava ao P. Macedo lhe deo hum colar de ouro com o ſeu Retrato que valia quinhentos Saquinos de ouro. Promptamente obedeceo a eſta inſinuaçaõ da Rainha, e ſahindo ocul-

tamente da Corte a 31. de Agoſto de 1651. veyo pelo mar Balthico a Lubeck, donde paſſou a Amburgo, Bronſuic, Norimberg, Auſpurg, e entrando pelo Condado de Tirol, Veneza, Ferrara, Bolonha, Florença, e Sena chegou a Roma em 28. de Outubro do meſmo anno, e achando morto o Geral Franciſco Picolomini entregou a Carta ao Vigario Geral Goſvino Nikel que ſem dilaçaõ mandou para inſtruir aquella coroada Heroina aos Padres Franciſco Malines, e Paulo Caſato hum Theologo inſigne, e outro grande Mathematico. Concluido felizmente o negocio que por tantos perigos o trouxeraõ de Suecia, aſſiſtio em Roma por eſpaço de vinte annos com o lugar de Penitenciario da Igreja de Saõ Pedro, e voltando a Portugal foy eleito Reytor do Noviciado de Lisboa onde criou aquellas novas plantas mais com o exemplo, que com a doutrina. Paſſou ſegunda vez a Roma por Procurador deſta Provincia até que reſtituido aos ſeus naturaes regeitando o Provincialado da Bahia offerecido pelo Geral Joaõ Paulo Oliva foy Reytor do Collegio de Evora, e duas vezes Prepoſito da Caſa profeſſa de S. Roque, onde acabou piamente o curſo da vida a 15. de Julho de 1695. com 83. annos de idade. As ſuas obras ſaõ louvadas com grandes elogios pelo Marquez de Agropoli nas *Diſſertac. Eccleſiaſt.* Nic. Anton. in *Bib. Hiſpan.* Tom. 2. pag. 216. Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 495. e no Comment. do 1. de Junho let. B. Francken. in *Bib. Hiſt. Gen. Herald.* pag. 39. Franc. *Imag. da Virtud. em o Novic. de Lisb.* liv. 4. cap. 1. e 2. et in *Ann. glorioſ. S. J. in Luſit.* pag. 404. et in *Synopſ. Annal. S. J. in Luſit.* pag. 392. n. 13. Fonſec. *Evor. Glorioſ.* pag. 426. *Bib. Societ. Jeſ.* pag. 77. Helevordius in *Bib. Curioſa* pag. 18. c. 2. Fr. Fernando da Soled. *Hiſt. Seraf. da Provinc. de Portug.* Part. 5. liv. 5. cap. 1. n. 1294. onde lhe chama *Varaõ eminente,* e D. Manoel Caetano de Souſ. in *Expedit. Hiſp. S. Apoſtol. Jacob.* Tom. 2. pag. 1304. n. 311.

Naõ faltou quem quizeſſe diſputar a gloria ao P. Antonio Macedo de que foſſe a primeira peſſoa a quem a Rainha Chriſtina comunicou a reſoluçaõ de querer abraçar a Religiaõ Catholica, eſcrevendo que fora Godofredo Franckenio a quem primeiramente revelara eſta grande determinaçaõ ſendo fautores deſta opiniaõ os Padres Heſchenio, e Papebrochio in *Vita P. Joan. Bollandi* Tractat. prælimin. cap. 11. *Habuerat jam tunc cum adhùc in regno degens* (Regina Chriſtina) *de eligenda religione deliberaret operis in Belgio inchoati notitiam a Godefrido Franckenio qui primus Catholicorum Sacerdotum ipſam auſus fuerat convenire, atque de cognoſcenda antiquæ Religionis imitate, et veritate interpellare.* Cuja falſidade refutou taõ nervozamente o grande Franciſco de Macedo in *Apendic. Reſponſ. ad Notas nobilis Critici Anonymi in Apolog. Fr. Thom. Mazeæ pro Joanne Annio Viterbienſi* impreſſa em Verona 1674. que convencidos das ſuas concludentes rezoens os meſmos Padres Heſchenio, e Papebrochio in *Actis Sanctor.* in *Vit. Mafaldæ Reginæ* ſub initium, ſe retrataraõ dizendo. *Pontificius Ponitentiarius nobiſcoram Romæ familiariter notus fuit* (fallaõ do P. Antonio Macedo) *et deinde in Luſitania in vario quem geſſit magiſtratu ſedulus quemque maxime adjutor ad conquirenda Sanctorum Luſitanorum monumenta; idem cujus notæ prudentiæ tantum aliquando tribuit prudentiſſima Reginarũ Criſtina ut ei primo inter mortales communicaverit illud ſuæ Chriſtianæ plenum fortitudinis conſilium de abdicando paterno Sueciæ regno pro Romanæ Catholicæ religionis libertate mille regnis potiori; eodem etiam adminiſtro, atque interprete uſa in negotii omnium difficillimi exordio.* O meſmo ſe affirma no livro intitulado *Recueil de harangues faites au Roy, aux Reynes, a la Reyne de Suede* &c. Pariz chez Thomaz Jolly. 1668. 8. na pag. 95. *Un Ambaſſadeur de Portugal vint a Stolkon acompañe de deux Peres Jeſuites l'un de iceux apelle Antoine Macedo luy ſervoit d'interprete aupres de la Reyne la quelle l'ayant reconnu homme prudent, et fidele le confie ſon ſecret... de ſe faire Catholique.* Emman. Lud. in *vit. Princip. Theodoſij* lib. 1. cap. 21. n. 265. Priorat. Guald. *Vit. della Reg. Chriſtin.* Compoz.

Luſitania infulata, et purpurata, ſeu Pontificubus, et Cardinalibus illuſtrata. Pariſiis apud Sebaſtianum Cramoyſi. 1663. 4. & ibi apud eumdem Typog. 1673. 4. *Quo opere* (eſcreve Fr. Franciſco de Macedo

in *Pictur. Venetæ Urb.* pag. 135.) *tu nihil eruditius, nil elegantiús reperire poteris;* della faz memoria o P. Labbe in *Biblioth. Bibliothecar.* pag. 14.

Vita P. Joannis de Almeyda Societ. Jeſ. Præsbyteri Provinciæ Braſilienſis. Patavij 1669. 8. Augmentada Romæ apud Franciſcum Tizzonum 1671. 12. Sahio vertida na lingua Franceza em Flandes 1673. cuja obra ſer elegantemente eſcrita affirma Fr. Franc. à D. Auguſt. Maced. In *Tert. Part. ſive de Incarnat.* Colat. 81. Different. 1. cap. 3. Deſta obra, e do Author faz memoria o moderno Addicionador da *Bib. Occid.* de Antonio de Leaõ Tom. 2. Tit. 23. col. 832.

Divi Tutelares Orbis Chriſtiani. Ulyſſipone apud Michaelem Deſlandes 1687. fol.

No tempo que aſſiſtio em Suecia imprimio.

Elogia nonnulla, Deſcriptio Coronationis Sereniſſimæ Chriſtinæ Reginæ Sueciæ. Stolchomij 1650. fol. Conſta de verſo, e proſa, cuja obra louva o P. Antonio dos Reys in *Enthuſiaſ. Poet.* n. 257.

Inclyta Chriſtinæ meritis benegeſta Macedus
Laudibus exornat Sueci diademate Regni
Dum canit innumero populo plaudente revinctam
Geſtantemque manu regalia pondera Sceptri,
Quæ vix capta vices Chriſti referentis in Orbe
Geſſit Alexandri ſub plantas.

ANTONIO MADEIRA natural da Cidade de Viſeu na Provincia da Beyra, e filho de Antonio Madeira, recebeo o gráo de Doutor na faculdade de Canones na Univerſidade de Coimbra, e foy Conego Doutoral na Sé da ſua patria provido em 31. de Março de 1594. Aſſim como era exemplar nos coſtumes proprios de hum Miniſtro Eccleſiaſtico querendo inſtruir aos profeſſores do meſmo eſtado. Compoz.

Regra dos Sacerdotes, em a qual ſe contem as couſas mais neceſſarias da ſua obrigaçaõ com muitas conſideraçoens ſobre ellas. 1. Parte. Coimbra por Diogo Gomes Loureiro 1603. 4.

Da Dedicatoria a D. Joaõ de Bragança Biſpo de Viſeu conſta que tinha meditado eſcrever 2. Parte para Clerigos, e Beneficiados; e a 3. para Biſpos, mas naõ ſabemos que alguma dellas ſahiſſe à luz publica.

ANTONIO MADEIRA natural da Cidade de Elvas da Provincia do Alentejo Official mayor da Vedoria deſta Provincia e muito verſado no Eſtudo da Hiſtoria. Eſcreveu, e dedicou a ElRey D. Joaõ o IV.

Memorias das acçoens dos Portuguezes nas guerras contra Caſtella 2. *Tom.* fol. *M. S.* Conſervaõ-ſe na Bibliotheca Real.

Fr. ANTONIO DA MADRE DE DEOS natural de Lisboa. Recebeo o Habito dos Religioſos Menores da Provincia de Portugal onde foy Meſtre jubilado na Sagrada Theologia, e Guardiaõ do Convento de Santarem, Definidor da Provincia, e naõ menos inſigne Letrado que prégador, de quem faz breve memoria Fr. Fernando da Soled. *Hiſt. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 5. liv. 4. cap. 1. n. 889. Publicou.

Sermaõ em o primeiro dia de Dezembro de 1641. *na prociſſaõ de Graças que o Senado da Villa de Santarem foy dar na Igreja do Santo Milagre pela felice Acclamaçaõ delRey D. Joaõ o IV.* Lisboa por Domingos Lopes Roſa 1641. 4.

Fr. ANTONIO DA MADRE DE DEOS natural de Lisboa onde entrou na Religiaõ de N. Senhora do Monte do Carmo da antigua obſervancia. Aprendeo Muſica com aquelles dous celebres profeſſores deſta arte Duarte Lobo, e Fr. Manoel Cardoſo religioſo taõbem Carmelita, e ſahio de taõ doutas eſcolas Meſtre conſumado. Por muitos annos exercitou o lugar de Vigario do Coro do Convento de Lisboa compondo.

Pſalmos, Motetes, e Reſponſorios do Officio dos Defuntos para ſe cantarem na Igreja.

Cujas obras correm pellas maõs dos curioſos deſta arte, e outras ſe guardaõ na Bibliotheca Real da Muſica, como ſe pode vér no Index della impreſſo em Lisboa no anno de 1649. Naõ deixou menos illuſtres memorias da ſua ſciencia, Muſica como da prudencia, e integridade de coſtumes, que obſervou por toda a vida que ainda vivem, e

permanecem entre os Religioſos do Convento de Lisboa, donde piamente paſſou a melhor vida no anno de 1690.

Fr. ANTONIO DA MADRE DE DEOS. Naceo em Lisboa a 28. de Fevereiro de 1633. e foy filho do Doutor Antonio Mendes Arouca, de quem logo trataremos, e de Izabel Lopes de Toar. No Collegio de Santo Antaõ dos Padres Jeſuitas com tal viveza de engenho, e felicidade de memoria ſe applicou ao eſtudo das ſciencias amenas, e ſeveras, que naõ excedendo a idade de dezoito annos ſe duvidava em qual foſſe mais eminente. Da ſua patria paſſou à Univerſidade de Evora, onde com admiraçaõ de todos os Cathedraticos recebeo o gráo de Meſtre em Artes, e de Licenciado em Theologia. Movido de ſuperior impulſo deixou os applauſos academicos merecidos à ſua grande ſabedoria, e recebeo o habito de S. Paulo primeiro Eremita no Convento do Santiſſimo Sacramento deſta Corte a 28. de Janeiro de 1652. Tanto que profeſſou naõ ſendo ainda Sacerdote com exemplo nunca practicado na ſua Religiaõ foy mandado pelos Prelados que dictaſſe aos ſeus companheiros Filoſofia, e Theologia, o que executou com igual fruto dos domeſticos, como aſſombro dos eſtranhos, de tal ſorte que naõ tendo acabado o tempo do magiſterio, que preſcrevem as Conſtituiçoens da Ordem para receber o gráo de Doutor, reſolveraõ os Superiores que para credito da Mãy de que era filho naõ eſtivesse occulto o ſeu inſigne talento entre os Clauſtros, mas ſe dilataſſe por mayor emisferio ordenando que na Univerſidade de Evora recebeſſe as inſignias doutoraes na faculdade de Theologia que recebeo antes de contar 21. annos, cujo acto aplaudio com exceſſo a meſma Univerſidade como prevendo a gloria immortal, que lhe havia reſultar de tal alumno. Nelle ſe admirou unida a ſubtileza de arguir com a promptidaõ de reſponder naõ ſómente na Theologia, mas em ambos os Direitos em que era ſummamente verſado. Naõ era menos prodigioſa a profundidade com que penetrava os textos mais difficeis da Sagrada Eſcritura, a continua liçaõ dos Santos Padres, e Interpretes da Biblia, os Eſcritores profanos aſſim da Hiſtoria, como da Mythologia, os Poetas, e Oradores mais elegantes, por onde ſe conſtituhio excellente Prégador, e famoſo Eſcriturario. Todos eſtes dotes ſcientificos ſe illuſtravaõ, e creciaõ com as virtudes moraes, e religioſas. A ſciencia que a tantos deſvanece lhe ſervia de continuo deſengano de quanto ignorava, ſendo inimigo da vangloria, e taõ amante da humildade, que alcançou privilegio para nunca exercitar algum lugar honorifico na Religiaõ, nem ainda votar publica, ou particularmente. Para viver para Deos, e para os livros ſe retirou para o Solitario Convento de Alferrara donde continuamente eſtava polindo as obras que dezejava imprimir. Por cauſa de hum negocio veyo a Setuval onde obrigado de huma dor aguda que lhe prohibia a reſpiraçaõ ſe recolheo à enfermaria, e depois de applicados alguns remedios parecendo aos Medicos que eſtava livre da queixa, o mandaraõ levantar, e querendo obedecerlhe ao encoſtarſe ſobre o braço eſquerdo morreo repentinamente a 19. de Junho de 1696. com 63. annos de idade, e 44. de Religiaõ. Ao dia ſeguinte foy levado o ſeu Cadaver ao Convento de Alferrara onde jáz ſepultado com eſte epitafio.

Hìc jacet ut mortuus
Qui velut Apis Libani
Per univerſum pervolat vivus
Doctor inſignis
Fr. Antonius à Deipara.
Obiit 19. *Jun.*
Ann. Dom. 1696.

Fallando delle Antonio Carvalho da Coſta na *Corog. Portug.* Tom. 3. pag. 494. *Taõ perito nas divinas, e humanas letras que foy o mais inſigne ſogeito dos ſeus tempos* D. Manoel Caet. de Souſa in *Expedit. Hiſpan. S. Jacob.* Tom. 2. pag. 1304.

Trabalhou muitos annos na Expoſiçaõ dos Proverbios de Salamaõ de cuja laborioſa applicaçaõ ſómente acabou tres Tomos, nos quaes ſe admiraõ a elegancia da lingua Latina, com que eſtaõ eſcritos, a ſubtileza dos conceitos predicaveis; a copia de textos agudamente ponderados, e as authoridades dos Santos Padres profundamente interpretadas, pondo-lhe por titulo

Apis Libani circumvolitans flores in horto Salomonis, condiendis virtutum dapibus mellificans, fraudes ſæculi pungens, ſive Commen-

taria litteralia, et moralia in Cap. 10. Prouerb. Tom. Primus. Lugduni typis Aniſſoniorum, et Poſſuel. 1686. fol. et ibi per eoſdem 1701. fol.

Apis Libani &c. ſive Commentaria in Cap. 11. Proverb. Tom. 2. ibi eiſdem Typis 1695. fol. et ibi per eoſdem 1710. fol.

Apis Libani &c. ſive Commentaria in Cap. 12. Proverb. Tom. 3. ibi apud eoſdem Typ. 1698. fol.

Deſta obra faz memoria Jacobo Lelong in *Biblioth. Sacra* pag. mihi 611. col. 1. fazendo com engano manifeſto Author della a Fr. Antonio da Madre de Deos Carmelita Deſcalço natural de Valladolid pela ſemelhança do nome, o qual eſcreveo *Præludia Iſagogica ad Sacram Scripturam* &c. Lugduni. 1669. fol. Imprimio os Sermoens ſeguintes.

Sermaõ em 17. de Janeiro na Feſta, que ſe coſtuma celebrar em o Convento da Roſa ao Santiſſimo Sacramento em deſagravo do roubo de Santa Engracia. Lisboa por Domingos Carneiro. 1665. 4.

Sermaõ nas Exequias do Summo Pontifice o Santiſſimo Padre Clemente IX. na Sè de Evora pelo Illuſtriſſimo Cabido della em 23. de Janeiro de 1670. Evora na Officina da Academia. 1670. 4.

Sermaõ de S. Paulo Primeiro Ermitaõ prégado no Convento de Alferrara. Lisboa por Miguel Deſlandes. 1687. 4. Sahio na *Laurea Portugueza* com outros Sermoens deſde pag. 151. até 177.

Fr. ANTONIO DE MADUREIRA natural do Porto, e filho de Lopo Cardoſo de Madureira Senhor de Val de Cunha, e de D. Catherina Garcez. Profeſſou o ſagrado Inſtituto da nobiliſſima Ordem dos Prégadores em o Convento de Aveiro a 4. de Agoſto de 1579. em idade muito provecta. Foy varaõ grande aſſim na eſtatura do corpo, que era agigantada, como na ſublimidade do talento, que foy inſigne. Obſervou exactamente os pontos principaes da ſua Regra uzando de veraõ, e inverno, de veſtidos de laá aſſim interiores, como exteriores, e para mayor mortificaçaõ dormia em hum colchaõ muito delgado, em que tomava parco ſono. Governou com prudencia, e ſuavidade ſem offenſa da obſervancia clauſtral os mayores Conventos da Provincia atè que ſendo Prior do Convento de Lisboa morreo no anno de 1638. quando contava 115. annos de idade, conſervando ſempre igual vigor no juiſo, que nas forças. Naõ ſó foy curioſo mas muito perito no eſtudo da Genealogia de tal ſorte, que naõ conheceo Heſpanha no ſeu tempo outro igual neſte genero de applicaçaõ. Juntou huma numeroſa Livraria deſta faculdade a qual conſtava naõ ſomente de livros impreſſos, mas *M. S.* dos quaes tinha taõ individual noticia, que ſendo conſultado àcerca de qualquer familia illuſtre aſſim do Reyno, como fora delle repetia promptamente os Chefes, filhos netos, e mais deſcendentes com geral aſſombro dos que o ouviaõ. Deixou eſcritos.

Doze volumes grandes das Familias deſte Reyno. Delles vì alguns (ſaõ palavras do Padre D. Antonio Caetano de Souſa no Aparato à *Hiſt. Gen. da Caſ. Real Portug.* pag. 80. n. 65.) *em poder de Jozé Correa de Mello, e me pareceraõ correſpondentes à noticia, que de ſeu Author tinha, porque os ſeus livros reputava Luiz Vieyra da Sylva de huma grande verdade porque teve eſpecial genio neſte eſtudo que ſeguio com curioſidade, examinando muitos documentos, e ajuntando muitos livros de toda a Europa, tendo grande felicidade de memoria pois ſe lembrava de tudo, que eſcrevera com as minimas circunſtancias com que fazia mais admiravel o ſeu eſtudo.* Delle ſe lembra Echard. *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. pag. 752. Fr. Pedro Mont. *Clauſt. Domin.* Tom. 3. pag. 156. Joaõ Soar. de Brit. in *Theatr. Luſit. Litter.* lit. A. in Addit. n. 5.

ANTONIO DE MAGALHAENS PEIXOTO natural da Villa de Serpa na Provincia Tranſtagana filho de Franciſco de Magalhaens Peixoto, e D. Magdalena de Brito cultivou deſde a primeira idade com tal genio a Poeſia, que chegou a ſer reſpeitado por hum dos mais celebres alumnos do Parnaſo, de cuja divina Arte produſio o ſeguinte argumento.

Poema da Conquiſta de Lisboa M. S. Deſta obra faz o Author mençaõ em huma Carta eſcrita em 2. de Fevereiro de 1647. ao Chantre de Evora Manoel Severim de Faria a qual vimos entre as originaes deſte famoſo Antiquario.

ANTONIO MALDONADO inſigne Aſtrologo, e Mathematico, que parece floreceo no Reynado delRey D. Joaõ o III. Eſcreveo.

Do movimento, e natureza dos Corpos celeſtes. Conſervaſe *M. S.* na Bib. Real.

ANTONIO MALDONADO DE ONTIVEROS. Criado do Sereniſſimo Duque de Bragança D. Theodoſio, muito douto nas letras humanas, e na liçaõ da Hiſtoria Sagrada, e profana. Eſcreveo.

Dós breves tratados ſobre dós preguntas que ſe movieron en la meza del Señor D. Theodoſio Duque de Bragança. Lisboa por Germaõ Galharde 1548. 4.

Fr. ANTONIO DE SANTA MARIA chamado no Seculo Antonio Sanches Farinha naceo em Lisboa, e teve por Pays a Pedro Sanches Farinha, Commendador da Eſgueira da Ordem de Chriſto, Eſcrivaõ da Camera delRey na Meſa do Dezembargo do Paço da repartiçaõ das Juſtiças, e a D. Helena Henriquez de Borgonha ſua primeira mulher deſcendentes ambos de familias nobres. Como era o unico herdeiro da Caſa foy educado com o exercicio das Artes liberaes, em que ſahio perfeitamente inſtruido principalmente em a noticia da Hiſtoria, e cultura da Poeſia, pela qual mereceo os applauſos dos ſeus mayores profeſſores como foraõ Manoel de Galhegos, e Jacinto Cordeiro dizendo o primeiro no *Templo da Memor.* Eſtanc. 189.

Naõ negueis a taõ ſublime empreza
O' generoſo Sanches, que he devida
Voſſa Muſa a eſta unica grandeza,
Inda que em Magiſtrados divirtida;
Que Silio Conſul era, quando ſuave
De Carthago pintou o incendio grave.

O 2. no *Elog. dos Poet. Portug.* Eſtanc. 56.

Antonio Sanches con raſon deſvela
La gloria del Laurel, que ſe le ofrece
Por ley de raſon, con que le alcança
Tan juſto premio deve a ſu alabança.

Na idade da adoleſcencia recebeo por eſpoſa a ſua Prima D. Antonia de Almada, que pela qualidade do nacimento, e excellencia dos dotes naturaes era digna de tal conſorte. Com grande zelo da Juſtiça, e naõ menor ſatisfaçaõ das partes ſervio por alguns annos o Officio de ſeu Pay attendendo unicamente ao deſpacho dos pertendentes, e nunca à conveniencia dos emmolumentos. Foy exceſſiva a pena, que experimentou com a morte de ſua mulher, cujo golpe lhe foy mais penetrante por deixar hum filho, e duas filhas privados da boa doutrina com que os educava. Sendo eleito pela Irmandade da Miſericordia Adminiſtrador das rendas do Hoſpital Real applicadas para beneficio dos pobres enfermos era inceſſante o diſvelo com que todos os dias exercitava eſte miniſterio naõ havendo inſtante em que pudeſſe juſtamente queixarſe de menos aſſiſtida a neceſſidade de tantos doentes, que jaziaõ nas enfermarias. Neſta eſcola onde continuamente via as miſerias da vida, e os eſtragos da morte, aprendeo a deſprezar as felicidades humanas, e conſeguir as eternas. Penetrado deſte heroico deſengano ſe reſolveo a abraçar o auſtero Inſtituto da Provincia da Arrabida para cujo fim buſcou ao Provincial Fr. Fernando de Santa Maria a quem expoz com copioſas lagrimas o ſeu intento, e ainda que o Provincial lhe dificultou a ſua execuçaõ lembrandolhe os inconvenientes, que ſe podiaõ ſeguir deixando ſeus filhos em idade taõ tenra, cedeo obrigado das ſuas repetidas inſtancias mandando que recebeſſe o habito no Convento de Loures onde o veſtio a 2. de Dezembro de 1636. Logo em o Noviciado ſe moſtrou veterano na obſervancia da Regra naõ ſendo neceſſaria advertencia do Meſtre para ſatisfazer às obrigaçoens do ſeu eſtado, ou foſſe na cozinha, ou em outros officios humildes pertencentes à profiſſaõ de Leygo, que voluntariamente eſcolheo ſem nunca querer ſubir a Frade do Coro por mais inſtancia, que lhe fizeraõ os Prelados. Morto ſeu Pay foy obrigado por eſtes, que foſſe impetrar o officio para ſeu filho, que tinha o nome do Avó, e parecendolhe, que naõ era neceſſaria outra deligencia mais, que a Juſtiça do pertendente naõ ſe reſolvia a procurallo, até que novamente obrigado do preceito do Colleitor, paſſou a Madrid facilitandolhe a obediencia o incommodo da jornada, que fez a pé, e deſcalço. Patrocinado naquella Corte de alguns Fidalgos Portuguezes edificados ſummamente do eſtado em que o viaõ taõ diferente daquelle em que antigamente o conheceraõ, alcançou brevemente de Filippe IV.

o deſpacho, que pertendia. Reſtituido à ſua Provincia continuou nos humildes miniſterios da cozinha, e da Horta, onde trabalhava como ſe fora criado em taõ laborioſa, e agreſte occupaçaõ. Para extinguir as memorias da eſtimaçaõ que tivera no ſeculo, naõ ſómente exercitava dentro dos Clauſtros eſtes humildes exercicios, mas ſahia pela Cidade de Lisboa a pedir eſmola, e aos barcos que aportavaõ na Ribeira peixe, o qual conduzia ſobre os ſeus hombros ao Hoſpicio do Hoſpital Real. Tinha ſuplicado a Deos que lhe prolongaſſe a vida para que em tempo mais dilatado purgaſſe os ſeus peccados, mas como na prezença divina eſtiveſſem já ſatisfeitos permitio que adoeceſſe gravemente, e recebendo com exemplar devoçaõ os Sacramentos, e repetindo actos de contrito, e humilhado, foy lograr o premio das ſuas virtudes a 17. de Mayo de 1646. com 43. annos de idade, e 10. de Religioſo. Jàz ſepultado no Clauſtro do Convento de S. Jozé de Ribamar. As ſuas virtuoſas acçoens relata mais largamente Fr. Jozé de Jeſus Maria *Chron. da Prov. da Arrab.* Part. 2. liv. 2. cap. 2. n. 232. Tinha junto hum volume.

Varias Poeſias a diverſos Aſſumptos o qual já prompto para a Impreſſaõ o moſtrou em Madrid no anno de 1632. a Joaõ Franco Barreto, como elle affirma na *Bibliothec. Portug. M.* S.

Fr. ANTONIO DE SANTA MARIA Religioſo Menor da Provincia da Madre de Deos da India Oriental, e Comiſſario do Convento de Malaca. Eſcreveo.

Carta às Religioſas Deſcalſas de Santa Clara de Macào em que relata o que lhe ſucedeo na viagem das Religioſas que voltavaõ com elle de Manila, em o Reyno da Cochinchina, eſcrita a 2. de Janeiro de 1645. A qual traz impreſſa Fr. Jacinto da Madre de Deos em o *Vergel de plant. e Flor.* cap. 4. Artic. 8. pag. 142. Deſta Carta como de ſeu Author ſe lembra o moderno Addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ Tom. 2. Tit. 7. col. 629.

Fr. ANTONIO DE SANTA MARIA. Deixando a patria, e juntamente o mundo recebeo em Caſtella o Habito de Carmelita Deſcalço onde profeſſou o ſeu Inſtituto com toda a obſervancia religioſa. Pelo cordial affecto com que amava a Mãy de Deos eſcreveo, e dedicou à Mageſtade de Carlos II.

Patrocinio de Nueſtra Señora. Madrid por Diogo Dias de la Carrera. 1666. 4.

Fr. ANTONIO DE SANTA MARIA Vejaſe Fr. ANTONIO DO ROSARIO.

Fr. ANTONIO DE SANTA MARIA natural de Lisboa, e filho de Jozé da Sylva, e Vicencia da Aſſumpçaõ. Na idade da adoleſcencia profeſſou no Convento de Santo Antonio de Ponte de Lima, o auſtero Inſtituto da Ordem Serafica na reformada Provincia de Santo Antonio a 7. de Março de 1699. onde depois de ler aos ſeus domeſticos Artes, e Theologia, como foſſe ornado de grande prudencia exercitou os lugares de Comiſſario Geral do Graõ Pará, Examinador Synodal do meſmo Biſpado, Procurador Geral, e Secretario, Cuſtodio da ſua Provincia, Pro Miniſtro no Capitulo Geral celebrado em Roma no anno de 1723. Viſitador da Provincia da Piedade, e da Cuſtodia da Ilha da Madeira. Imprimio.

Sermaõ da flor de Padua Santo Antonio prégado no Convento do Santo da Cidade de Lisboa. Lisboa na Officina Auguſtiniana 1630.

Sermaõ de Santo Antonio prégado em Santo Eſtevaõ de Alfama. Lisboa na meſma Officina 1732. 4.

Faz delle memoria Fr. Joan. à D. Ant. in *Biblioth. Franciſcan. Suplem.*

Fr. ANTONIO DE SANTA MARIA. Naceo na Cidade de S. Sebaſtiaõ do Rio de Janeiro. Recebeo o Habito dos Menores no Convento Capitular da Provincia da Immaculada Conceiçaõ a 23. de Julho de 1714. Depois de ter enſinado com grande fruto dos ſeus ouvintes Filoſofia, e Theologia, naõ foy menor o applauſo, que alcançou nos Pulpitos compondo para dar à luz como affirma Fr. Apollinario da Conceiçaõ na *Primaz. Seraf. na Regiaõ da Americ.* cap. 9. pag. 92.

Sermonario de varias feſtividades ſolemnizadas no Rio de Janeiro. fol. *M. S.*

ANTONIO MARIZ CARNEIRO oriundo da Villa do Conde da Diocefe de Braga, mas nacido em Lisboa, Fidalgo da Cafa de fua Mageftade, e Cavalleiro profeffo da Ordem de Chriſto. Depois de eſtudar Direito Civil na Univerſidade de Coimbra, e fer eleyto Dezembargador fe applicou com grande diſvelo às diſciplinas Mathematicas penetrando alguns myſterios deſta ſciencia ocultos aos ſeus mayores profeſſores perſuadindoſe que tinha alcançado pela ſua eſpeculaçaõ o ſegredo de fixar a agulha de marear, e por eſta cauſa era chamado facetamente *o Agulha fixa;* e querendo fazer experiencia deſte ſeu invento navegou a India donde voltou fruſtrado da ſua imaginaçaõ. Pela profunda noticia, que tinha da Mathematica ſuccedeo no lugar de Coſmografo Mór do Reyno a D. Manoel de Menezes, como eſcreve D. Franciſco Manoel nas *Epanaphor. de Var. Hiſt.* pag. mihi 268. Morreo em Lisboa, e eſtá ſepultado na Igreja de Santo Eloy dos Conegos Seculares do Evangeliſta com eſte epitafio que traz o P. Franciſco de Santa Maria na *Chron. deſta Congregaçaõ* liv. 2. cap. 22.

Sepultura do Deſembargador Antonio de Mariz Carneiro Fidalgo da Caſa de Sua Mageſtade, e ſeu Coſmografo Mór deſtes Reynos, e de ſua mulher D. Angela de Menezes. Faleceo a 5. de Agoſto de 1642. *annos, e de ſeus herdeiros.*

Publicou.

Regimento de Pilotos, e Roteiro das Navegaçoens da India Oriental novamente emendado, e acrecentado com o Roteiro de Sofala até Moçambique, e com os portos, e barras do Cabo de Finis terræ até o Eſtreito de Gibraltar com ſuas alturas, Sondas, e demonſtraçoens. Lisboa por Lourenço de Anvers. 1642. 4. et ibi por Manoel da Sylva. 1655. 4. onde diz que he a 5. impreſſaõ, et ibi por Domingos Carneiro. 1666. 4.

Deſta obra, e do Author faz mençaõ a *Bib. Geograf.* de Antonio de Leaõ modernamente acrecentada Tom. 3. Tit. unic. col. 1715.

Hydrographia curioſa dela navegacion. En San. Sebaſtian por Martin Huarte 1675.

Tractatus de abditiſſima, & hùc uſque incognita cauſa marini æſtùs 4. *M. S.* Conſervaſe na Livraria do Excellentiſſimo Marquez de Valença. Começa *Magnum, & apud antiquos dubium* &c. He dedicado eſte tratado ao Illuſtriſſimo Arcebiſpo de Lisboa D. Miguel de Caſtro.

ANTONIO DE MARIZ FARIA Naceo em Villa de Conde do Arcebiſpado de Braga ſendo filho de Franciſco do Roſario, e de Mariana de Mariz Faria. Quando contava dezeſeis annos de idade como eſtiveſſe ſufficientemente inſtruido nos rudimentos da lingua Latina, entrou na Congregaçaõ do Oratorio da Cidade do Porto em o 1. de Janeiro de 1697. a tempo que nella frequentava o eſtudo da Filoſofia. A grande applicaçaõ que fez para penetrar os miſterios aſſim da Sagrada Eſcritura como da Theologia Eſcholaſtica, que com grande credito do ſeu nome dictou aos ſeus domeſticos lhe diminuiraõ de tal ſorte a ſaude, que foy obrigado a ſahir da Congregaçaõ em 30. de Junho de 1709. A ſciencia, que profeſſava, unida com a integridade dos coſtumes moveraõ ao Illuſtriſſimo Arcebiſpo de Braga Ruy de Moura Telles para o eleger por ſeu Meſtre das Ceremonias, donde paſſou para Reytor do Couto da Pulha do meſmo Arcebiſpado. Compoz.

Curioſo peregrino na Vida, morte, treſladaçaõ, e milagres de S. Joaõ Marcos. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ 1721. 4.

Novena em obſequio do glorioſo S. Joaõ Marcos. Coimbra na Officina do Collegio das Artes da Companhia de JESUS. 1720. 24. e Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ 1721. 24.

ANTONIO MARQUES LESBIO natural de Lisboa a quem a natureza liberalmente ornou de ſubtil engenho, ſublime comprehenſaõ, e talento ſingular para todo o genero de faculdade, a que ſe applicou. Na lingua Latina foy muito perito eſcrevendo cartas neſte idioma com pureza, e elegancia, de que conſervamos algumas da ſua propria maõ, aos mais famozos cultores delle, como eraõ D. Franciſco Maſcarenhas Conde de Coculim, e os Marquezes de Alegrete Manoel, e Fernaõ Telles da Sylva com os quaes teve erudita communicaçaõ. Na Poetica, e Oratoria mereceo os geraes applauzos da Academia dos Singulares na qual foy Collega, e

Meſtre explicando os Emblemas de Alciato, e illuſtrando todos os aſſumptos, ou foſſem heróicos, ou Lyricos com as metricas expreſſoens da Sua Muſa, alcançando ſempre o primeiro premio nos Certames litterarios. Na arte da Muſica foy inimitavel, pois naõ contando mais que catorze annos obſervava taõ profundamente os preceitos deſta faculdade armonica, que vendo huma ſua compoſiçaõ Joaõ Soares Rebello, Oraculo da ſciencia Muſica, admirado que em idade taõ verde produziſſe fruto taõ ſazonado affirmou a ElRey D. Joaõ o IV. ſoberano Mecenas deſta ſonora Arte, que Marquez ſeria hum dos mais celebres Corifeos do Contraponto, que tinha produzido Portugal. O tempo verificou o prognoſtico pois excedeo naõ ſomente aos mais inſignes profeſſores do noſſo Reyno, mas ainda dos eſtranhos na fecundidade das ideas nas quaes ſe via unida a novidade da invençaõ com o primor da conſonancia nunca aſpera, e diſſonante aos ouvidos, mas ſempre ſonora, e attractiva das attençoens, cauſando o mayor aſſombro que na infinita multiplicidade de compoſiçoens que repartidas cada huma pelos dias da ſua vida, que foy larga, e excedendo-os, naõ repitiſſe hum ſó compaſſo do que tinha compoſto, antes com tal novidade regulada ſempre pelos preceitos da arte que bem moſtrava ſer inexhauſta a mina, donde extrahia taõ novas ideas. Pela excellencia deſta Arte em que ſempre ſerá ſaudoſa na poſteridade a ſua memoria, foy eleito no anno de 1698. Meſtre da Capella Real, cujo talento era ſummamente eſtimado das Mageſtades delRey D. Pedro II. D. Maria Sofia Izabel de Neoburg, e D. Catherina Rainha de Inglaterra, que muitas vezes o chamava ao ſeu Palacio para ſe deleitar com a ſua erudita converſaçaõ. Igual foy a deſtreza com que tocou os inſtrumentos arrebatando com ſuave violencia os ſentidos daquelles que o ouviaõ. Todos eſtes excellentes dotes ſe faziaõ mais eſtimaveis pelo incançavel diſvelo com que leu a Sagrada Eſcritura, e os mayores Padres da Igreja Latina, e Grega; os Poetas, e Oradores, e Mythologicos mais inſignes aſſim Italianos como Eſpanhoes, enriquecendo com taõ vaſta, e erudita liçaõ os ſeus Diſcurſos que em diverſas materias profundamente eſcreveo. Sendo huma Encyclopedia animada ſempre conſervou o coraçaõ izento da mais leve ſombra de vangloria com hum genio affavel, e urbano eſtimando a ſciencia alheya, e deſprezando a propria. Tendo chegado à idade de ſetenta annos mais favorecido da natureza, que da fortuna em 21. de Novembro de 1709. Veſpera de Santa Cecilia Patrona da Muſica eſtando para concluir a compoſiçaõ do *Gloria Patri* da *Magnificat* a 8. vozes para ſe cantar na Capella Real já erecta em Collegiada, ſe ſentio acometido da morte, e pedindo a Extrema Unçaõ por ſe ter confeſſado, e commungado pela menhaá na meſma Capella Real em obſequio do Myſterio da Preſentaçaõ da Senhora de que era cordialmente devoto, acabou como ciſne entre as conſonancias muſicas para eternamente ouvir as Angelicas como metricamente cantou o P. Antonio dos Reys in *Enthuſiaſm. Poet.* n. 142.

Lesbius ille Chori ſacri moderator oloris
More cadens numeris MARIÆ dum verba ſonoris
Aptat Appollineá diſponens arte figuras,
Non ſibi de lauro patitur connectere Muſas
Serta renidentem ſtellatá in ſede coronam
Certus habere.

Compoz.

Eſtrella de Portugal. Lisboa por Antonio Crasbeech de Mello 1669. 4. Poema em applauſo do Nacimento da Sereniſſima Princeza D. Izabel filha delRey D. Pedro II. Conſta de 80. Outavas.

Nas obras da *Academia dos Singulares* impreſſas em Lisboa em dous Tomos; o 1. no anno de 1665. e o 2. em 1668. eſtaõ duas *Oraçoens* ſuas a 1. recitada em 9. de Dezembro de 1663. e a 2. em 5. de Fevereiro de 1665. e outra em verſo. Neſta colleçaõ Academica eſtaõ impreſſos 18. *Sonetos,* 11. *Romances,* 11. *Decimas,* 5. *Cançoens,* 2. *Sylvas,* e 2. *Redondilhas.*

Sylva em applauſo da Canonizaçaõ de Santa Maria Magdalena de Pazzi, e levou o 1. Premio no Certame. Sahio impreſſa no *Foraſteiro admirado.* Lisboa por Antonio Rodrigues de Abreu. 1672. fol.

Sylva em louvor da Polyanthea do Doutor Joaõ Curvo de Semedo. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ. 1704. fol.

Compoz naõ ſómente a Solfa, mas a Poeſia da mayor parte dos Vilhancicos que

ſe cantáraõ nas Matinas da Feſta da Conceiçaõ, Natal, e Reys, que ſe imprimiraõ deſde os annos de 1660. até 1708.

Vilhancicos que ſe cantaraõ na Igreja de N. Senhora de Nazareth das Religioſas Deſcalças de S. Bernardo em as Matinas, e Feſta do glorioſo S. Gonçalo. Lisboa por Miguel Maneſcal Impreſſor do Santo Officio. 1708. 8. Naõ ſómente compoz a Poeſia, mas a Solfa deſtes 8. Vilhancicos, que conſerva em ſeu póder com grande eſtimaçaõ o Excellentiſſimo Conde de Unhaõ que como Juiz deſta Feſta lhos mandou compor.

Igual foy a Copia de Romances profanos que compoz, e lhes fez a Solfa lembrandoſe de alguns delles D. Franciſco Manoel nas *Obras Metricas. Avena de Terſicore* Ton. 8. e 10.

Naõ he facil de reduzir a numero a infinita quantidade de Poeſias já Sagradas, jà profanas de que foy duas vezes Author, huma como Poeta, e outra como Contrapontiſta das quaes tinha feito huma Colleçaõ ſeu Cunhado Manoel de Souſa Pereira Bibliothecario da Bibliotheca Real da Muſica para ſe imprimirem, a qual fazia hum volume grande, que vimos por ter amizade com o Collector, mas por ſua morte ignoramos onde ſe conſerva.

Além da grande Copia de *Vilhancicos* da *Conceiçaõ, Natal, Reys, Sacramento e varios Santos* a duo, 3. 4. 6. 8. 11. e 12. vozes, compoz o Pſalmo *Dixit Dominus* a 8. *Magnificat.* a 8. 3. *Miſereres* a 8. *Lamentaçoens* da 4. 5. e 6. Feira da Semana Santa a 12. *Alma Redemptoris Mater* a 8. *Salve Regina* a 8. *Delicta juventutis meæ* a 4. *Adjuva nos Deus* a 6. os *Reſponſorios do Officio dos Defuntos* a 8. e 12. e outras mais obras que ſe guardaõ com grande eſtimaçaõ na *Bibliotheca Real da Muſica.*

ANTONIO MARTINS natural do Porto, e celebre Meſtre de Grammatica no tempo que reynava Affonſo V. ſendo o primeiro, que na Univerſidade de Lisboa leo a Arte de Joaõ de Paſtrana, e a explicou *addicionando-lhe muitas couſas mais* (como diz Franciſco Leytaõ Ferreira nas ſuas eruditas *Memorias da Univerſidade de Coimbra* pag. 549. num. 1173.) *que reſumio de outro livro chamado Baculo de cègos,* cuja obra ſahio com a *Arte de Paſtrana* com eſte titulo na forma com eſtá impreſſo.

Antonij Martini primi quondam hujus artis paſtrane in alma univerſitate Ulixbonenſi præceptoris: materiarum editó à baculo cæcorum breviter collecta incipit.

No fim do volume tem eſta declaraçaõ.

Magiſtri Johánis de paſtrana cum conjugationibus tempor. noviter inventis: cum materiebus Antonii Martini. &c. Per Venerabilem Johánem petri de bonis hóibus de Cremona in ſplendidiſſima Ulixbona Civitate quarto Kalendas Decembris impreſſum añio dñi milleſimo q̃gentiſſimo primo felici ſydere explicit.

ANTONIO MARTINS Meſtre de Grammatica diſcipulo do inſigne Jeronymo Cardoſo nas letras humanas, igualmente douto no Direito, como na Poeſia, de que eſcreveo muitas obras no Reynado do Cardial D. Henrique cuja noticia deixou eternizada ſeu Meſtre Jeronymo Cardoſo reſpondendo a hum Epigramma que lhe mandara com eſtes grandes louvores eſcritos no lib. 1. *Eleg.* Eleg. 13. e no lib. 2. Eleg. 2. e 28.

Si mittam verſus, ſylvis dare ligna videbor
Nam pede ſtans uno Carmina mille facis.
Hæc tamen haud ulla ſas eſt ratione taceri
Nulli plura animi quàm tibi ineſſe bona.
In te uno ſiquidem virtus probitaſque fideſque
Et caſti mores, religioque micat.
Adde quod eſt duplicis tibi tanta peritia juris
Abbas quanta tibi, Scævola quanta tibi.
Hæc propter Regni qui nunc moderatur habenas
Henricus Princeps, Cardineuſque Pater.
Te ſibi delegit doctum, fidumque miniſtrum
Ut Romæ degeres, ſi qua gerenda forent.

ANTONIO MARTINS PORTO CARREYRO Naceo em Lisboa a 8. de Agoſto de 1593. de Pays nobres quaes eraõ Nuno Dias Portocarreiro, e D. Anna Martins de Lima, e ſendo levado por elles na tenra idade de dous annos para a India, aprendeo em Cochim as letras humanas, Filoſofia, e Theologia com tanto credito do ſeu engenho que ordenado de Sacerdote o elegeo D. Fr. André de Santa Maria Biſpo daquella Cidade por Meſtre de Filoſofia, e depois de Theologia da Univerſidade que

novamente fundàra na ſua Cathedral, cujo miniſterio exercitou egregiamente até a morte deſte Prelado. Querendo voltar para Portugal ſe embarcou no anno de 1626. em huma Nào mercantil, a qual padecendo terrivel naufragio junto de Bordeux ſe ſalvou em huma falûa donde quaſi ſumergido ſahio à praya por particular beneficio da divina piedade. Livre de taõ fatal perigo caminhou a Pariz, em cuja Univerſidade recebeo o grào de Doutor em Theologia. Reſtituido a eſte Reyno foy eleito Prior da Igreja da Azambuja do Arcebiſpado de Lisboa, onde como ſolicito paſtor apaſcentou as ſuas ovelhas até o anno de 1656. Naõ imprimio obra alguma tendo compoſto muitas cheyas de grande erudiçaõ, e immenſo trabalho que teſtemunhaõ como era douto na Theologia, e na Sagrada Eſcritura, das quaes o Cathalogo he o ſeguinte.

De veritate exiſtentiæ Chriſti Domini in Sacra Euchariſtia Sanctorum Patrum teſtimoniis comprobata. M S. Neſte volume, que he grande, refuta nervoſamente as heregias contra eſte Myſterio, e eſcreve difuſamente do Santo Milagre que ſe conſerva na Igreja Parochial de Santo Eſtevaõ da Villa de Santarem querendo perſuadir que as figuras que muitas peſſoas nelle diſtinguem, naõ ſaõ imaginarias, mas verdadeiras.

Tractatus de intentione miniſtri in adminiſtratione Sacramentorum. M. S.

Tractatus de juſta adminiſtratione Sacræ Euchariſtiæ. M. S.

Praxis Pœnitentium, et Confeſſariorum. M. S.

Compendium morale ex principiis à D. Thoma jactis in 1. 2. *deductum. M. S.*

Synopſis de Maternitate B. V. Mariæ in triduo Sepulturæ Chriſti Domini. M. S.

Tractatus de Materia Prima. M. S.

Commentaria in D. Thomam de Ente, et Eſſentia. M. S.

De Patronatu regio Luſitano. M. S.

Tratado contra os bayles, e Comedias com que ſe profanaõ algumas Igrejas. M. S.

Tratado do Eſtado Eccleſiaſtico da India Oriental. M. S.

Vida do Biſpo D. Fr. André de Santa Maria ſeu Patrono, a qual louva Jorge Cardoſo no *Agiol. Luſit.* a 27. de Mayo no Commentario let. G.

D. ANTONIO DOS MARTYRES natural dos Arcos de Valdevez na Provincia de Entre Douro, e Minho, Conego Regular de Santo Agoſtinho da Congregaçaõ de Santa Cruz de Coimbra, cujo habito recebeo no Convento de Refoyos a 19. de Abril de 1656. Sahio das Eſcolas taõ grande Letrado, que mereceo ſer admitido em o anno de 1679. a o numero dos Doutores de Theologia da Univerſidade de Coimbra, e de Qualificador do Santo Officio. Foy Reytor do Collegio novo de Santo Agoſtinho no anno de 1687. onde morreo a 11. de Fevereiro de 1696. deixando igual opiniaõ de Prégador inſigne, que de profundo Theologo nas ſeguintes producçoens do ſeu engenho.

Sermaõ do Patriarcha S. Agoſtinho prégado no Real Convento de Santa Cruz de Coimbra. Coimbra por Jozé Ferreira Impreſſor da Univerſidade 1680. 4.

Sermaõ da Conceiçaõ immaculada da Virgem Maria Senhora noſſa no Real Moſteiro de Santa Cruz de Coimbra. ibi pelo dito Impreſſor. 1691. 4.

Tractatus de Actibus humanis. fol.

Tractatus de Incarnatione. fol. Conſervaõſe *M. S.* na Livraria do Collegio novo de Santo Agoſtinho da Univerſidade de Coimbra.

ANTONIO MARTORELLO certamente Portuguez, ainda que occulto com eſte appellido nunca uzado neſte Reyno. Foy grande Medico, como teſtemunhaõ as ſeguintes obras.

Commentaria in lib. Primum Galeni de pulſibus ad Tyrones.

Commentaria in lib. Primum Galeno atributum de Urinis.

Os quaes conſervava em ſeu póder Joaõ Antonio Vander-Linden, como elle affirma no ſeu livro *de Scriptis Medicis;* do Author faz memoria Nic. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 113.

D. ANTONIO MASCARENHAS Natural de Lisboa filho de D. Pedro Maſcarenhas, Neto de D. Nuno, e Biſneto de Fernaõ Martins Maſcarenhas Capitaõ dos Ginetes, Commendador de Mertola, e Embaxador ao Concilio de Trento mandado pela Mageſtade delRey D. Sebaſtiaõ. Nos

primeiros annos ſe applicou com mayor applicaçaõ que pedia a idade, ao eſtudo das letras humanas, e Grammatica Latina, donde paſſou a eſpecular os miſterios da Theologia eſcolaſtica, em que recebeo o gráo de Doutor, ſendo naõ ſómente douto neſta faculdade, mas em a noticia de hum, e outro Direito, fazendoſe mais eſtimavel a ſua ſabedoria pelo eſplendor do nacimento, e integridade da vida. Foy admitido ao Collegio Real de S. Paulo em 10. de Julho de 1580. e neſta erudita eſcola ſe habilitou para exercitar os lugares honorificos, que poſſuyo, como foraõ Prior de Obidos, Deputado da Inquiſiçaõ de Evora no anno de 1585. Deputado da Meza da Conciencia em 1598. Viſitador das Sepulturas Reaes do Moſteiro de Odivellas, Deaõ da Capella Real, Governador do Crato, e Comiſſario Geral da Bulla de Santa Cruſada, que exercitou pelo dilatado eſpaço de quarenta annos. Por cauſa deſte authorizado lugar teve graves controverſias com o Colleitor Joaõ Bautiſta Pallota, das quaes ſempre ſahio triumphante por ſerem ſempre as ſuas acçoens reguladas pela rectidaõ do ſeu exemplar procedimento, como mais claramente ſe manifeſtou em outro mayor triumfo, que alcançou dos ſeus emulos quando armados contra a ſua innocencia aprezentaraõ em Madrid no anno de 1606. cento, e ſeſenta, e ſeis Capitulos, em que era accuſado de menos cuidadoſa a ſua vigilancia no exercicio dos lugares que adminiſtrava, pórem de tal ſorte purificou a ſua opiniaõ injuſtamente accuſada, que ElRey o mandou reſtituir com honorificas expreſſoens aos ſeus Officios, juſtificando com eſta acçaõ a ſinceridade do ſeu procedimento, e confundindo a malevolencia de ſeus contrarios. Edificou em Lisboa hum Hoſpital para Clerigos pobres, e o entregou ao cuidado dos Religioſos de S. Joaõ de Deos alcançando faculdade Real para que eſta Religiaõ inſigne entraſſe em Portugal, ao qual aſignou copioſas rendas. Morreo em Lisboa em idade muito provecta a 4. de Setembro de 1637. Jáz ſepultado no Convento de S. Joaõ de Deos fundaçaõ ſua de baixo da Capella Mór no meyo de hum Sumptuoſo Cruſeiro com janellas ſobre o mar, cercada a Sepultura de grades de Bronze, e na frente eſtá hum Altar dedicado a Chriſto Crucificado, no qual todos os dias ſe dizem duas Miſſas pela alma do Fundador. Na ſepultura tem gravado eſte epitafio.

Aqui jáz D. Antonio Maſcarenhas do Conſelho de Sua Mageſtade Deaõ da ſua Real Capella, Comiſſario Geral da Santa Cruſada, e Fũdador deſte Hoſpital de S. Joaõ de Deos Faleceo a 7. de Setembro de 1637.

O ſeu corpo ſe conſerva incorrupto como eſcreve Antonio Carvalho da Coſta *Corograf. Portug.* Tom. 3. Trat. 8. cap. 35. pag. 529. Antonio de Souſa de Macedo lhe chama in *Luſit. Liberata* append. 1. cap. 10. n. 69. *Eccleſiaſtes graviſſimus.* Fr. Joaõ Santos *Chronolog. Hoſpital, y Reſumen Hiſtor. dela Sagrad. Relig. de S. Juan de Dios* Part. 2. lib. 2. cap. 47. lhe chama *magnifico,* e meu Irmaõ o P. D. Jozé Barboſa nas *Mem. do Colleg. Real de S. Paulo.* pag. 98. e no *Archiathen. Luſit.* pag. 21.

En veniet Maſcarenhas Antonius alto
Sanguine progenitus cujus maculare querellis
Indignis infida volet gens nomen, at ille
Clarior evadet, veluti poſt nubila Phœbus.
Ingentem nunc cerne domum, quæ ſurgit ad Aſtra
Divo erit Invalidùm rite Sacrata Parenti
Sedibus atque illic placidis in morte quieſcet.

Compoz.

Memorial delos Cargos que reſultaron contra D. Antonio Maſcareñas como Deputado dela Meſa de Conciencia, y Dean dela Capilla Real de Portugal, y Comiſſario particular de muchas coſas del Servicio de S. Mageſtade en aquel Reyno delas Viſitas, que contra el hizo D. Pedro de Caſtillo Obiſpo de Leiria con la repueſta, y ſatisfacion a todos, y a cada uno dellos; y reſolucion que ſu Mageſtad tomó con parecer delos Juezes nombrados para ſu viſta, examen, y determinacion. fol. Naõ tem anno da Impreſſaõ mas infereſe ſer no anno de 1607. da Carta delRey que eſtá junta a eſta obra.

Relaçaõ dos Procedimentos que teve ſendo Comiſſario Geral da Santa Cruſada na decisaõ, e declaraçaõ de algumas duvidas que o Colleitor Joaõ Bautiſta Pallota com boa tençaõ, e zelo da jurdiçaõ Apoſtolica moveo acerca da dita Bulla, e em particular de huma, que por virtude della ſe naõ podia dizer Miſſa em Oratorios privados, ainda que approvados pelo Ordinario, e de outras

duvidas da meſma juriſdiçaõ, que houve entre o dito Colleitor, e Comiſſario Geral na Cauſa de Antonio Moniz da Camara Sede Vacante Proviſor no Arcebiſpado de Lisboa pelo dito Comiſſario Geral, monido, e declarado, e apellante para o dito Colleitor. 4. Naõ tem lugar, nem anno, e nome do Impreſſor, ſendo que parece ſer impreſſo em Lisboa no anno de 1625. como ſe colhe da Dedicatoria a Urbano VIII.

D. ANTONIO MASCARENHAS Naceo em Lisboa, e foy quinto filho de D. Nuno Maſcarenhas Alcayde Mòr e Comendador de Caſtello de Vide, Niza, Caſtro novo, e Alpedrinha, Senhor de Palma, e Azinhozo, e de ſua mulher D. Izabel de Caſtro, filha de Fernaõ Telles de Menezes ſetimo Senhor de Unhaõ, Cepaes, Meynedo, e Commendador de Ourique da Ordem de Chriſto. A taõ illuſtre nacimento correſpondeo a perſpicacia do juizo, de que logo deo claras provas aprendendo a lingua Latina no Collegio de Santo Antaõ, e Theologia na Univerſidade de Coimbra, em cuja faculdade recebeo o gráo de Doutor ſendo hum dos inſignes Collegas, que authorizaraõ o Collegio Real de S. Paulo onde entrou a 15. de Outubro de 1613. Ao laborioſo exercicio de Academico preferio o eſtado de Cazado deſpozandoſe com ſua Prima com Irmãa D. Izabel de Caſtro filha de Antonio de Mendoça Senhor de Marateca, e de D. Anna de Caſtro, e poſto que deixou a Univerſidade nunca ſe abſteve da liçaõ dos livros principalmente Hiſtoricos, e Genealogicos, em que eſcreveo varios volumes das

Familias do Reyno de Portugal em cuja obra reparando com prudente, e catholica reflexaõ, que tinha manchado algumas com pena ſatyrica ordenou em ſeu Teſtamento que antes da ſua morte ſe queimaſſem para que naõ permaneceſſe memoria da mais leve infamia em gèraçoens taõ illuſtres, e ſe ainda ſe conſervaõ alguns deſtes livros em Caſa do Excellentiſſimo Duque de Alafoens, certamente permanecem contra a ultima deſpoſiçaõ de ſeu Author. Foy Cavalleiro da Ordem de Chriſto, Commendador de Maninhos, e Caſtel-Novo, e hum dos primeiros aclamadores da liberdade Portugueza no anno de 1640. Morreo em Lisboa a 23. de Julho de 1654. e naõ de Fevereiro, ou de Junho como eſcreve o P. D. Antonio Caetano de Souſ. no Apparat. à *Hiſt. Gen. da Caſa Real Portug.* pag. 97. §. 94. e no Tom. 5. da *Hiſt. Geneal. da Caſa Real Portug.* liv. 6. pag. 337. Eſtá ſepultado no Convento de Santo Antonio da Villa de Alcacer do Sal. Delle fazem memoria Salazar *Hiſt. Gen. dela Caſa de Sylv.* Tom. 2. liv. 9. cap. 4. n. 18. e Barboſ. *Mem. do Collegio Real de S. Paul.* pag. 118. n. 75. e no *Archiaten. Luſit.* pag. 26.

Ille ſatus claro, Luſoque è ſanguine dictus
Maſcarenus erit ſobole ditiſſimus alta,
Reſtituetque Duci regna uſurpata Joanni.

ANTONIO DE MATOS TEYXEIRA Ulyſſiponenſe, e filho de Domingos de Meſquita Teixeira, Eſcrivaõ da Camara Eccleſiaſtica de Lisboa, e Juliana de Mattos Lobata. Foy Doutor Theologo, Prégador inſigne, e taõ egregiamente verſado na lingua Latina, e Italiana, como em todo o genero de erudiçaõ, e Poeſia. No tempo que aſſiſtio em Roma, frequentava as Academias de algumas Caſas particulares, onde manifeſtou os thezouros da ſua vaſta litteratura ou foſſe orando, ou metrificando, por cuja cauſa conciliou o affecto de muitos Principes da Curia principalmente do Eminentiſſimo Cardial Datario Pedro Ottoboni, que depois ſubio ao trono do Vaticano com o nome de Alexandre VIII. ſendo inſtrumento além dos ſeus proprios merecimentos, de o promover a Thezoureiro Mór da Cathedral de Lamego de que tomou poſſe no anno de 1669. Morreo neſta Cidade a 30. de Outubro de 1707. e jáz ſepultado na Cathedral. Publicou na lingua Italiana, e dedicou ao ſeu Eminentiſſimo Patrono.

Pareneſi Ethica, e morale Roma apreſſo Ignatio de Lazaris. 1668. 8. He em 8. rima.

Depois de reſtituido à ſua patria imprimio.

Oraçaõ funebre nas Exequias, que ſe fizeraõ em a Sé de Lamego por ordem do Sereniſſimo Principe D. Pedro em a morte da Santidade do Summo Pontifice Clemente X. em 17. de Setembro de 1676. Lisboa por Domingos Carneiro. 1676. 4.

Luz Euangelica, e dias Sagrados; Panegyricos, e Ferias prègados em diverſos dias, e celebridades do anno Lisboa por Miguel Maneſcal 1686. 4.

ANTONIO DE MEYRA PEIXOTO natural da nobre Villa de Guimaraens, filho de Braz de Meyra Peixoto, e de ſua mulher Cecilia da Rocha Vieyra. Foy Arcipreſte na Real Collegiada de N. Senhora da Oliveira da ſua patria onde, morreo a 17. de Mayo de 1676. A mayor applicaçaõ do ſeu eſtudo foy à Genealogia, em que fez grandes progreſſos eſcrevendo.

Dous Tomos de Familias in fol. *M. S.* que ſe conſervaõ em poder de Manoel Coelho de Vaſconcellos morador em Guimaraens.

Arvore de toda a aſcendencia, e deſcendencia dos Peixotos a qual tem em ſeu poder Thadeu Luiz Antonio Lopez de Carvalho Fonſeca de Camoens Setimo Senhor de Negrelos, e Abbadim, e Academico Supranumerario da Academia Real, que nos comunicou eſta noticia.

ANTONIO MENDES. Presbytero Ulyſſiponenſe bom prégador, e muito mais venerado pelas virtudes dignas do Sacerdocio. Foy Irmaõ de Gonçalo Mendes Saldanha inſigne compoſitor de Muſica ſendo eſte taõ digno de applauſo pelo contraponto, como aquelle pela Poeſia Latina com eſtilo cadente, claro, elegante, e pompozo, da qual nunca permitio que ſe imprimiſſe alguma parte excepto poucos epigrammas em louvor de Authores, que os fizeraõ publicos ſem ſua faculdade. Por ſua morte que foy no principio do Seculo paſſado deſappareceraõ todas as ſuas obras poeticas ſendo dellas a mayor, e a mais bem trabalhada a Verſaõ do Poema de Camoens na lingua Latina que intitulou.

Luſiaden Camonij Hiſpanorum vatum anteſignani Poema Latinis verſibus redditum 4. *M. S.*

Exequias do Eſtado da India. Eſta obra que naõ menos ſatyrica, que douta pela qual eſteve prezo, mas brevemente foy reſtituido à ſua liberdade.

ANTONIO MENDES natural da Villa de Cunha do Biſpado de Lamego, e familiar do celebre antiquario Manoel Severim de Faria Chantre de Evora. Foy inſigne em eſcrever, e dibuxar com a penna, e muito devoto do altiſſimo Myſterio da Euchariſtia, cuja veneraçaõ, e culto dezejando que mais ſe propagaſſe nos coraçoens dos Fieis, ſendo Clerigo de Ordens menores traduzio de Latim do Padre Lucas Pinello da Companhia de JESUS em Portuguez.

Meditaçoens, e alguns milagres do Santiſſimo Sacramento. Lisboa na Officina Crasbeeckiana. 1653. 8.

ANTONIO MENDES AROUCA digno Pay do grande Theologo, e igual Eſcriturario o Doutor Fr. Antonio da Madre de Deos ſingular credito da Eremitica Congregaçaõ de S. Paulo, de quem jà fizemos merecida lembrança. Naceo na Cidade de Tavira do Reyno do Algarve no anno de 1610. Aprendeo os primeiros rudimentos em caſa de ſeus Pays, e deſcubrio logo tal propenſaõ para as letras, que chegando à idade da adoleſcencia o mãdaraõ eſtudar Direito Civil na Univerſidade de Salamanca, onde como era dotado de engenho agudo, memoria feliz, e juizo maduro fez taes, e tantos progreſſos que cauzava enveja, e admiraçaõ aſſim aos Condiſcipulos, como aos Meſtres. Ainda naõ tinha acabado o curſo dos ſeus eſtudos quando voltando a Portugal os continuou na Univerſidade de Coimbra alcançando nella taõ profunda noticia da Juriſprudencia que quando contava vinte e quatro annos de idade recebeo o Grào de Bacharel com applauſo de todos os Cathedraticos. De Coimbra paſſou a Lisboa onde começou a exercitar o Officio de Advogado no patrocinio de cauſas forenſes ſendo indeciſo aos juizos mais prudentes ſe era mayor a ſciencia, ou a rectidaõ com que as defendia. No largo eſpaço de trinta annos, que exercitou eſta occupaçaõ nunca patrocinou cauſa contraria à juſtiça, naõ ſendo poderoſos nem o affecto dos amigos, nem a authoridade dos Grandes, para que cedeſſe deſta inteireza de animo, pela qual mereceo ſer eleito Advogado da Caſa da Supplicaçaõ buſcando todos o ſeu Conſelho como Oraculo, e conſtituindo-o abſoluto arbitro nas controverſias mais graves por conhecerem que as ſuas reſoluçoens procediaõ de hum

juizo profundo, e hum coraçaõ recto. Por morte de ſua mulher, que terniſſimamente amava, conſiderando que eraõ caducas as glorias mundanas, ſe reſolveo fugir da Corte para o dezerto preferindo o ſilencio da ſolidaõ à vida inquieta com o tumulto dos Litigantes. Para effeituar eſte heroico intento deixando as eſtimaçoens, que lhe conciliavaõ as ſuas letras, e o que cauſa mayor aſſombro, a ſeus proprios filhos, ſe auzentou para a Ilha de S. Miguel por ſaber que em o Valle chamado das Furnas habitavaõ alguns Eremitas, que depois ſe transferiraõ para a Ermida da Senhora da Conſolaçaõ de Val de Cabaços, os quaes floreciaõ em todo o genero de virtudes, e chegando a eſte ſolitario domicilio ſe agregou com inexplicavel conſolaçaõ do ſeu eſpirito a eſtes Anachoretas, e para que totalmente ſe ſepultaſſe a memoria do ſeu nome, o mudou em o de Antonio da Aſſumpçaõ, o qual conſervou atè que morreo. Naõ he facil de narrar, e menos de comprehender as virtudes, que exercitou no horror daquella ſolidaõ ſervindo de eſtimulo, e exemplar aos ſeus Companheiros aſſim na promptidaõ com que obedecia, como na aſpereza com que ſe mortificava. O tempo que lhe reſtava da contemplaçaõ da Divindade, o gaſtava na liçaõ da Sagrada Eſcritura, Santos Padres, e varios Livros aſceticos, donde extrahia as doutrinas de que eſtaõ cheyas as ſuas pias, e devotas compoſiçoens, que deixou em ſinal do affecto, com que amava aos Padres Jeſuitas do Collegio de Ponte Delgada, as quaes ſe guardaõ na ſua Bibliotheca, cauzando naõ pequena admiraçaõ que tendo conſumido a mayor parte da vida no eſtudo da Juriſprudencia, eſcreveſſe em idade jà caduca tantos volumes de aſſumptos totalmente differentes da ſua profiſſaõ. Depois de habitar eſte dezerto por eſpaço de quinze annos ſabendo que na Cidade de Angra morriaõ muitas peſſoas no Hoſpital deſamparadas por temor de ſer contagioſo o mal que padeciaõ, correo velozmente a aſſiſtirlhes mais ſolicito da vida alheya, que da propria, de cuja comunicaçaõ contrahindo huma enfirmidade graviſſima morreo entre elles como victima da Caridade a 23. de Agoſto de 1680. com 70. annos de idade. Foy ſepultado com honorifica pompa, e aſſiſtencia das principaes Peſſoas da Cidade de Angra ſendo venerada a ſua memoria naõ ſómente pelas virtudes practicadas em vida, mas pelo ferveroſo zelo que foy cauſa da ſua morte. Por deligencia de ſeu Neto Succeſſor em o nome, e no Officio de Advogado de taõ grande Varaõ ſahiraõ à Luz.

Allegationes juris in quibus quam plurimæ, & valde utiles quæſtiones in Luſitaniæ Tribunalibus diſceptatæ proponuntur, & juxta facti contingeutiam pro advocationis munere enucleantur. Ulyſſip. apud Michaelem Maneſcal 1690. fol.

Adnotationes practicæ ad librum fere primum Pandectarum Juris Civilis, in quibus per ſingulos textus, & verſiculos ea tantum, quæ pro fori exercitio, & Lusitanæ advocationis munere utilia viſa sunt, omiſſis ſuperfluis expenduntur, inſertis occurentium materiarum per regulas cum ſuis ampliationibus, & fallentijs, non inutilibus tractatibus. Pars 1. Ulyſſip. apud Michaelem Deſlandes 1701. fol.

Pars altera. ibi apud eundem Typograph. 1702. fol.

Obras M. S. que ſe conſervaõ no Collegio dos Padres Jeſuitas de Ponte Delgada.

Anno devoto, ou devotas meditaçoens ſobre todos os Evangelhos que ſe coſtumaõ cantar na Igreja por todo o circulo do anno. fol. 3. Tom.

Meditaçoens pias, e obſervaçoens eſpirituaes ſobre os cento e cincoenta Pſalmos de David. 4. 3. Tom.

Peregrinaçaõ que coſtumaõ fazer os moradores da Ilha de S. Miguel viſitando as Igrejas de Noſſa Senhora. 4.

Peregrinaçaõ da alma ſeguindo os Paſſos de Chriſto Senhor Noſſo, e contemplando os lugares que ſantificou com ſua preſença, e o que nelles obrou. 4. 8. Tom.

Pias meditaçoens, e contemplaçoens para ſe ouvir com fruto o Sacroſanto Sacrificio da Miſſa. fol.

Principios, e progreſſos da Congregaçaõ dos Eremitas do Valle das Furnas da Ilha de S. Miguel, transferidos depois para o Valle da Piedade. fol.

Traduſio do Latim do P. Hermano Hugo da Companhia de JESUS em Portuguez.

Dezejos piedoſos, e ſuſpiros da Alma. 4. 3. Tom.

Dialogos aſceticos interlocutores a Sabedoria Divina, e ſeu Miniſtro Fr. Henrique Suſo. 4.

A Oraçaõ do Padre Noſſo explicada com pias meditaçoens, e diverſos affeitos das virtudes, e perfeiçaõ Chriſtãa traduſidos do Livro *Paradiſus animæ* do P. Jacobo Merli da Companhia de JESUS.

ANTONIO MENDES CALDEIRA natural da Villa Sovereira diſtante 3. legoas da Villa da Certaá, e 7. da Amieira da juriſdiçaõ do Crato. Foraõ ſeus Pays Chriſtovaõ Mendes Caldeira, e Beatris Fernandes. Militou pelo eſpaço de vinte annos em Flandes debaixo da diſciplina de inſignes Generaes donde voltãdo para Portugal muito practico na Arte militar ajudou com toda a actividade ao Conde de Baſto na expediçaõ dos ſoccorros, que juntava em Evora para remeter a Lisboa, que receava ſer invadida pelas Armas Inglezas. Morreo neſta Cidade ferido da peſte em Dezembro de 1598. quando contava 57. annos de idade. Eſcreveo, mas naõ imprimio.

Livro de Milicia

Tratado, em que moſtra de que modo Lisboa ſe podia defender de toda a Armada, e exercito inimigo. Cuja obra foy muito eſtimada por peſſoas muito peritas, principalmente pelo Meſtre de Campo D. Gabriel Niño.

ANTONIO MENDES DA VEIGA grande Cultor das Muſas. Eſcreveo hum Livro, que conſta de diverſo genero de verſos, ſendo a mayor parte Sagrados, que ſe conſervava na Bibliotheca do Eminentiſimo Cardial de Souſa, dedicado a D. Miguel de Noronha Conde de Linhares, e Governador de Tangere, com eſte titulo.

Primavera del alma. fol. *M. S.*

Tinha no principio licença para ſe imprimir concedida pelo Inquiſidor Geral D. Franciſco de Caſtro em 16. de Abril de 1626. e na Cenſura dizia o Meſtre Fr. Domingos de Santo Thomaz da Ordem dos Prégadores: *O Author he juntamente Poeta, Filoſofo Chriſtaõ, puro na fraſe, ſuave na Poeſia.*

Fr. ANTONIO DE MENDOÇA natural de Lisboa igualmente illuſtre no ſangue, que na Religiaõ, ſciencia, e authoridade. Teve por Pays, a Jorge de Mendonça Caſſaõ do Conſelho dos noſſos Monarchas, Mordomo Mór da Princeſa D. Maria filha delRey D. Manoel, e trigeſſimo ſegundo Governador da Praça de Tangere, e de ſua mulher D. Joanna de Mendoça. Sendo moço Fidalgo da dita Princeſa fugio para a Religiaõ Serafica da Provincia dos Algarves, onde ſe fez mais illuſtre na obſervancia do ſeu Inſtituto, do que era pelo eſplendor do nacimento. Governou prudentemente o Convento de Evora até que por uniforme acclamaçaõ foy eleito Provincial no Convento de Xabregas em 2. de Junho de 1607. em cujo lugar experimentaraõ os ſubditos a natural benevolencia do ſeu animo. Foy Lente jubilado em Theologia, e adquirindo grandes applauſos o ſeu talento na Cadeira, naõ foraõ menores os que alcançou no Pulpito eſcrevendo delle Fr. Miguel Pacheco na Vid. da Princez. D. Maria lib. 2. cap. 3. *Fue predicador de gran nombre, y de nó menor virtud.* No tempo que exercitava o miniſterio de Confeſſor das Religioſas do exemplar Convento de Sacavem lhe impedio a morte em o anno de 1623. pór a ultima maõ a huma obra igualmente laborioſa, que util, qual era reduzir todas as obras de ſeu Meſtre Eſcoto em partes, e methodo, como as do Doutor Angelico propondo primeiramente o Epitome de cada queſtaõ, os fundamentos em que ſe eſtribava, e depois os argumentos contra ella, e as repoſtas. Deſte grande trabalho deixou perfeitamente acabadas algumas partes, aſſim ellas lográraõ o beneficio da luz publica para o comunicar à Eſcola Eſcotiſtica.

D. ANTONIO DE MENESES, filho de D. Joaõ de Meneſes, e de D. Maria da Sylva, e Neto de D. Fernando de Menezes Mordomo Mór da Rainha D. Izabel mulher de Affonſo V. ſegundo Senhor de Catanhede, foy ſummamente inclinado à liçaõ da Hiſtoria Sagrada, como profana, e muito inſtruido nas maximas politicas como taõ neceſarias ao caracter da ſua peſſoa. Teve perfeita noticia das linguas mais polidas da Europa principalmente da Franceza, da qual traduzio na materna.

Hiſtoria de Filippe de Comines. fol. a qual

ſe conſervava *M. S.* na Bibliotheca Severiana.

D. ANTONIO DE MENESES igual ao precedente aſſim no claro do nacimento, como no ſublime do engenho. Foy filho de D. Carlos de Noronha, e de D. Antonia de Menezes ramo da frondoza arvore dos Marquezes de Villa Real. Teve igual eſpirito para as armas, como genio para as Muſas, das quaes foy excellente cultor, e ſingular Mecenas dos Poetas. A o ſeu nome conſagrou Manoel de Galhegos *a Gigantomachia,* e o Poema *Anaxarete,* e entre as poeticas expreſſoens com que o invoca para proteger aquella obra lhe diz as ſeguintes.

Aora que ſolicito ſugetas
Al trabajo eſtudioſo
El pecho generoſo:
Aora que tu pluma
Inſpirada de Apolo
Al Cielo ſe llevanta
Intermiete el eſtudio
Suſpende el Son canoro
Que forma dulce erudita mano
Con plectro de chriſtal en cordas de oro:
Eſcucha el triſte accento
De mi ronco inſtrumento
O' ſiempre favorable
A mi humilde Thalia
Docto Menezes; inclito Noroña
Auguſto deſcendiente
De los que la Corona Luſitana
Delos que la Corona Caſtellana
Valeroſos honraron &c.

Nem com menor elegancia expreſſa o ſentimento da ſua intempeſtiva morte que ſucedeu no anno de 1626. Jacinto Cordeiro no *Elog. dos Poet. Portug.* Eſtanc. 33.

Que llanto a D. Antonio de Menezes
No le deve mi pluma ſiendo Achiles
A viſta de tan nobles Portuguezes?
Bombardas no pudieron, ni eſmiriles
Acabar tantas vidas muchas vezes:
Para que fueſſe el mar Cierço de Abriles
Y los hados con el fueron crueles,
Mereciendo ſus obras mil Laureles.

Compoz, e naõ imprimio.

Varias obras Poeticas.

ANTONIO DE MENESES Meſtre em Artes Conego de Saõ Salvador de Granada, e Capellaõ da Capella dos Senhores da Caſa de Torres Vedras muito applicado ao eſtudo Genealogico compondo no anno de 1566.

Genealogia dos Senhores da Caſa de Torres Vedras.

De cuja obra fazem mençaõ D. Antonio Soares de Alarcaõ nas *Relac. Genealog. da Caſa de Trocif.* liv. 4. cap. 1. n. 45. e o P. D. Antonio Caeta. de Souſ. no Appar. à *Hiſt. Geneal. da Caſ. Real Portug.* pag. 37. n. 15.

ANTONIO DE MENESES Juriſconſulto de profiſſaõ, e nella grande Letrado. Compoz.

In Tit. de Fidei commiſſis. Mantuæ apud Alphonſum Goneſium. 1568.

Do Author, e da obra ſe lembra Antonio Verderio in *Supplement. Bibliothec. Geſnerianæ.*

ANTONIO DE MESQUITA Piloto da navegaçaõ da India que muitos annos continuou com grande fruto da ſua experiencia. Para fazer a Viagem mais facil aos Portuguezes eſcreveo.

Roteiro da Viagem que fez a Náo Capitania N. Senhora de Betancor em que hia Braz Telles de Menezes, vindo de Goa para Portugal 4. M. S. Começa.

Tiveraõ os Olandezes por taõ excellente couſa o trato, e comercio das partes do Sul da India. Acaba.

E o Capitaõ Mór D. Luiz Fajardo com o primeiro vento norte ſe foraõ para Lisboa onde chegaraõ ainda primeiro que nós deſcanſar do trabalho paſſado.

Roteiro da Viagem de Mazagaõ. Eſtas duas obras ſe conſervavaõ *M. S.* in 4. na Livraria de D. Antonio Alvares da Cunha.

ANTONIO MESQUITA DE OLIVEYRA natural de Lisboa, Cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto, filho do Dezembargador Antaõ de Meſquita de Oliveira, e de ſua mulher D. Antonio Bezerra Cabral. Foy muito inclinado à liçaõ dos livros hiſtoricos, e politicos pela qual ſe fez muito erudito. Tinha compoſto muitas obras, das quaes a mayor parte eſtava imperfeita, e ſómente acabada a ſeguinte.

Defenſaõ da lingua Portugueza com a etymologia, principio, e vocabulos della, ſuas excellencias, e ventagens que faz às demais linguas, e os nomes proprios de todas as artes com que ella ſe explica. M. S. *Obra certamente* (diz Joaõ Franco Barreto na *Biblioth. Luſit.*) *digna de muito louvor, e muito bem trabalhada.*

Deixou imperfeitas as ſeguintes obras.

Capitaõ Politico na vida do inſigne Luiz Barbalho. M. S.

Meſtre Politico nas acçoens delRey D. Joaõ o IV. M. S.

Hiſtoria de Africa M. S.

Fundaçoens, principios, augmentos, e progreſſos das Cidades, e Villas notaveis deſte Reyno, e as mais antiguidades dellas, os filhos inſignes que na guerra, e paz teve cada huma. M. S.

ANTONIO MESTRE Presbytero, e Beneficiado da Parochial Igreja de Santa Juſta de Lisboa ſua Patria. Impellido do zelo com que devem ſaber os meninos a doutrina do Catheciſmo o reduzio a breves clauſulas, para que mais facilmente o aprendeſſem, e conſervaſſem fixamente na memoria, compondo.

Summa, e ſubſtancia da doutrina Chriſtãa para que os Meninos, e as peſſoas que a naõ ſabem poſſaõ facilmente entender, e aprender as couſas mais principaes della. Lisboa por Antonio Alvares. 1628. 8.

Fr. ANTONIO DE S. MIGUEL. Naceo em a nobre Villa de Guimaraens a 28. de Agoſto de 1661. e foy filho de Damiaõ Moreira Provedor daquella Comarca, e D. Maria da Fonſeca. Aprendeo a Lingua Latina, e Letras Humanas com tal brevidade, que admirados ſeus Pays do ſeu grande engenho determinaraõ dedicallo a Deos, o que felizmente conſeguiraõ ſendo admitido à Religiaõ do Principe dos Patriarchas S. Bento, cuja monaſtica Cogulla veſtio no Convento de Tibaens a 8. de Mayo de 1678. quando contava 17. annos de idade. Tendo eſtudado Filoſofia no Convento, de Pombeiro, e Theologia no Collegio de Coimbra, ſe adiantou com tal exceſſo aos ſeus Condiſcipulos, que depois de ter quatro annos de paſſante, leu Artes no Moſteiro de S. Tyrſo no fim dos quaes anhelando o ſeu eſpirito a fazer mayores progreſſos nas virtudes, que nas letras, renunciou as Cadeiras, e ſe recolheo ao Convento do Porto onde com os ſeus Sermoens colhia abundante fruto dos ouvintes. Perſuadido de alguns Monges, que dezejavaõ houveſe em Portugal hum Moſteiro onde ſe obſervaſſe com todo o primitivo rigor a Santa Regra, paſſou a Roma onde aſſiſtio tres annos conciliando as eſtimaçoens das mayores Peſſoas da Curia aſſim pelo exemplo da ſua vida, como profundidade da ſua ſciencia, atè que voltando ao Reyno com o deſpacho da ſua ſupplica, foy eleyto Abbade do Convento de Carvoeiro deſtinado para a intentada Reforma, no qual exercitou ſumma auſteridade jejuando a mayor parte do anno, e uzando de camizas de lãa. Attenuado com a continuaçaõ das penitencias lhe ſobreveyo huma debilidade de eſtomago, que ſe fez rebelde à Medicina, e conhecendo, que nem a mudança dos ares lhe era util, ſe preparou com todos os Sacramentos para a morte, que felizmente o transferio para o deſcanſo eterno a 14. de Setembro de 1721. com 62. annos de idade, e 54. de Religiaõ. Jaz ſepultado no Convento de Buſtello. Compoz.

Sermoens varios 1. Tom. que ſe conſerva no Convento de S. Tyrſo.

Ceremonial para uſo da Monaſtica Congregaçaõ de S. Bento do Reyno de Portugal diſpoſto conſórme os decretos da Sagrada Congregaçaõ dos Ritos. fol. M. S.

ANTONIO MILHEYRO natural de Braga muito douto na arte da Muſica, da qual foy Meſtre na Cathedral de Coimbra, e depois de Lisboa, onde foy Conego de quarta Prebenda. Muitas das ſuas obras conſervava na ſua Livraria Franciſco de Valhadolid grande profeſſor, e curioſo deſta Arte, e outras na Bibliotheca Real. Por ſua induſtria ſe reimprimio.

Rituale Romanum Pauli V. juſſu editum ſubjunctâ Miſſa pro defunctis à ſe muſicis numeris adaptata, cantuque ad Generalem Regni conſuetudinem redacto. Conimbricæ apud Nicolaum Carvalho. 1618. 4.

ANTONIO DE MIRANDA HENRIQUES natural de Lisboa, e filho de Manoel de Miranda Henriques, e de ſua mulher

Izabel de Almeyda da nobre familia dos Taveiras. Seguio o eſtado Eccleſiaſtico, e obteve na ſua patria hum Beneficio muito rendoſo. O grande engenho acompanhado de feliz memoria com a continua applicaçaõ aos livros que tratavaõ da Oratoria, Poetica, Mythologia e Hiſtoria o fizeraõ hum dos Varoens mais peritos do ſeu tempo, concorrendo para a grandeza da ſua fama a vaſta noticia de varias linguas, e a natural eloquencia com que ſe explicava, e eſcrevia, por cujas cauſas era ſempre conſultado nas duvidas mais dificultoſas, e ouvida com grande reſpeito a ſua deciſaõ. O indefeſſo eſtudo que continuamente obſervava devendo adquirirlhe immortal fama ao ſeu nome, lhe cauſou a morte, pois acompanhando a D. Franciſco de Mello, e Torres Marquez de Sande, quando foy por Embaxador a Carlos II. de Inglaterra com a mudança do clima, como ſe naõ abſtiveſſe do eſtudo, perdeu o juizo, e conſequentemente a vida em Londres no anno de 1660. a tempo que eſtava imprimindo.

Paradoxos, em os quaes por força da eloquencia, e erudiçaõ moſtra aos olhos, e ainda ao entendimento couſas varias, e diferentes do que ellas em ſi ſaõ.
Tinha publicado.

Obeliſco funebre ao Sereniſſimo Infante D. Duarte no ſentimento da ſua morte. Lisboa por Domingos Lopes Roſa 1650. 4.

Conſta de proſa, e de verſos Portuguezes, Italianos, e Caſtelhanos, e no fim hum elogio Latino.

Verſos Latinos, Italianos, e Portuguezes em applauzo do Nacimento do Principe D. Pedro. Lisboa por Paulo Crasbeeck 1648. 4.

Fabula de Dafne, e Apollo em verſo.

Na Livraria do Eminentiſſimo Cardial de Souſa eſtava hum livro *M. S.* de obras de *Poetas Portuguezes,* e entre ellas havia muitos Sonetos, e Romances deſte Author, ſendo os melhores com que lamentava a morte de ſeu Irmaõ Fr. Dioniſio de Santa Maria Religioſo Trino, inſigne tangedor de Arpa, dos quaes eraõ hum Epitafio que principiava.

Tu que atento ficaſte ſuſpendido.
Madrigal Italiano.

O' di celeſte Seme
Dous Romances o 1. começava.

De minha Arpa o graõ poder.
O ſegundo.

Yá de los Coros Supremos.

ANTONIO MONIZ, filho de Jeronymo Moniz Repoſteiro Mór delRey D. Manoel, e de D. Violante da Sylva, filha de Joaõ de Saldanha Vedor da Caſa da Rainha D. Maria mulher ſegunda do ſobredito Monarcha; irmaõ de Febos Moniz hum dos quatro Sumilheres delRey D. Sebaſtiaõ naceo em Lisboa, e abraçou o Inſtituto da Companhia de JESUS no Collegio de Coimbra a 27. de Janeiro de 1544. No tempo que começava a curſar as Eſcolas mais obediente às importunas inſtancias dos parentes a que largaſſe a Religiaõ que às ſaudaveis exhortaçoens de ſeus Prelados para que nella perſeveraſſe, fugio clandeſtinamente do Collegio de Coimbra com intento de peregrinar pelo mundo. Arrebatado deſta imprudente reſoluçaõ viſitou o Sepulchro de Saõ-Tiago em Galiza, e o Santuario de Monſerrate em Catalunha, e naõ achando em lugares taõ pios conſolaçaõ o ſeu eſpirito, antes continuos eſtimulos da conſciencia que lhe increpavaõ o abſurdo que cometera, buſcou para ſerenar a tempeſtade em que fluctuava o ſeu animo ao grande Patriarcha Santo Ignacio eſcrevendolhe do Hoſpital de Santo Antonio em Roma huma Carta em que lhe pedia com enternecidas lagrimas ſe lembraſſe de que era Pay de hum filho ſemelhante ao prodigo por deixar injuſtamente a Caſa que vinha outra vez buſcar arrependido. Foraõ taõ efficazes eſtas expreſſoens no conceito de Santo Ignacio que depois de o mortificar alguns dias o admitio à ſua prezença ſignificandolhe affectuoſamente quanto eſtimava a ſua reſtituiçaõ à Companhia na qual viveo pouco tempo por cauza de huma febre etica cauſada do trabalho das peregrinaçoens, e exceſſo das penitencias que o privou da vida em Roma no anno de 1546. Paſſados alguns annos abrindoſe a ſua ſepultura para enterrar hum cadaver, ſe achou o ſeu incorrupto, o qual tinha ſido ſepultado por ordem de Santo Ignacio, junto do P. Joaõ Coduri hum dos ſeus inſignes Companheiros. Entre muitas Cartas que eſcreveo ſe conſervaõ tres, que imprimio o P. An-

tonio Franco na *Imag. do Nov. do Colleg. de Coimbra* Tom. 1. liv. 3. cap. 69. e 70. que ſaõ as ſeguintes.

Carta eſcrita a Santo Ignacio do Hoſpital de Santo Antonio de Roma em Abril de 1546.

Carta ao P. Martinho de Santa Cruz Reytor do Collegio de Coimbra eſcrita de Roma a 20. *de Abril de* 1546. Nella ſe aſſina *Pecator maximus Monizius ſervus tuus.*

Carta ao P. Provincial de Portugal o P. Simaõ Rodriguez eſcrita de Roma a 20. *de Abril de* 1546. e ſe aſſina *Omnium pecatorum maximus Monizius ſervus tuus.*

Em ambas eſtas cartas relata os ſucceſſos da ſua peregrinaçaõ, e a conſolaçaõ eſpiritual, que ſentia a ſua alma depois que ſe aggregou à Companhia. Delle faz memoria o meſmo P. Antonio Franco in *Anno glor. S. J. in Luſit.* pag. 542. e o P. Telles *Chron. da Comp. de Jeſus na Provincia de Portug.* Part. 1. cap. 33. §. 1. 2. 3. e ſeg. o qual traz impreſſa a primeira deſtas tres cartas.

ANTONIO MONIZ DE CARVALHO filho de Pedro de Paredes, natural de Viana do Minho, Fidalgo da Caſa de Sua Mageſtade, Cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto, Commendador de Vimioſo, Doutor na faculdade de Leys, Dezembargador do Porto, e da Caſa da Supplicaçaõ, de que tomou poſſe a 24. de Dezembro de 1646. por ſeu Procurador o Dezembargador Gonçalo Alvo Garrido, Juiz dos Cavalleiros das Ordens militares, Conſelheiro da Fazenda Real, Secretario das Embaxadas a França, Inglaterra, Dinamarca, e Suecia, e muitas vezes Enviado neſtas famoſas Cortes. Em todos eſtes lugares moſtrou a profundidade das ſuas letras, o deſintereſſe do ſeu animo, a fidelidade para o Principe, e o zelo para a Patria. Conciliou a benevolencia dos eſtranhos, confundio a emulaçaõ dos domeſticos ſendo pelos dotes com que o ornou a natureza chamado pelo grande Fr. Franciſco de Santo Agoſtinho Macedo in *Propugn. Luſit. Gallic.* ad Art. 20. pag. 174. *acris vir ingenij, et maturæ mentis auctor,* e mais diffuſamente ad Art. 43. pag. 205. *Hic quám ſit acer ingenio, maturus judicio, ſpectatus prudentia, moribus ſuavis, benevolentia gratioſus, quibus ſuam ille nobilitatem commendat, nullo melius argumento apparuit, quám quod de ipſo teſtimonium protulit Regina Galliæ Chriſtianiſſima, cujus ille maxime judicio debet gloriari. Cum enim eum diſcedens in Luſitaniam Excellentiſſimus Dominus D. Vaſcus Lucyſius à Gama prolegatum relinqueret, cumque ſecum ad Reginam duxiſſet, ſignificaſſetque eum vice ſui manere: læto ac hilari vultu regina. Non poterat, inquit, à Rege alius vel hic inſtitui, vel à Luſitania mitti prolegatus, qui Moniſio, & Regi, & mihi gratior foret.* Franciſco Velaſco de Gouvea *Perfid. de Alemanha* liv. 2. Tit. 5. Art. 8. lhe chama *inſigne Letrado en la juriſprudencia civil.* D. Franciſco Manoel na *Cart.* 1. *da* 4. *Centuria* eſcrita ao Doutor Manoel da Fonſ. Themud. *que em tantos tratados, e eſcritos moſtrou igualmente a luz do ſeu engenho, como o ardor do ſeu zelo.* Birago *Hiſt. di Portugal.* liv. 5. no fim pag. mihi 450. *Antonio Moniz de Carvaglio Segretario dell' Ambaſcieria, il quale havendo giá nell'Ambaſcierie ſtraordinarie di Svecia, e Danimarca ſervito ſua Maeſtá nel medeſimo poſto con ſingolar ſodisfatione per la gran capacitá del ſuo ingegno, nobiliſſimo teatro d'ogni ſorte di lettere, e moltiplicitá di parti digniſſime d' un gran Sogetto há fatto conoſcere in prattica che contiene in ſe il Sodo del vivere politico, e col profundo del conſiglio fá rialzare il vivo della ſua prudenza nell' infraprendere, e terminar felicemente qual ſivoglia importantiſſimo trattato.* O Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes *Hiſt. de Portug. Reſtaur.* Tom. 1. liv. 1. pag. 157. liv. 7. pag. 441. e livr. 9. pag. 587. refere as ſuas negociaçoens politicas felizmente conſeguidas. Joan. Soar. de Brito in *Theat. Luſit. Litterat.* lit. A. n. 100. *Magnam ſui ſpem ad ſumma omnia feliciter obeunda excitavit.* Nicol. Monteir. *Vox Turtur.* Art. 3. cap. 15. Morreo intempeſtivamente em Lisboa a 13. de Junho de 1654. quando naõ tinha completos quarenta, e quatro de idade, e foy ſepultado na Parochia de N. Senhora do Alecrim. Caſou com D. Izabel Soares de Albergaria, de quem naõ teve filhos. No tempo que aſſiſtio em França compoz em Caſtelhano, e dedicou à Rainha Chriſtianiſſima D. Anna de Auſtria.

Francia intereſſada con Portugal en la ſeparacion de Caſtilla; con noticias de los intereſſes communes delos Princepes, y Eſtados

de Europa. Pariz por Miguel Blageart. 1644. 4. e Barcelona por Sebaſtian de Cormellas no meſmo anno, e forma; o qual tratado diz eſtar elegantemente eſcrito Antonio de Souſa de Macedo in *Luſit. Liberat.* cap. 1. n. 43.

Traduçaõ de huma breve concluſaõ, e apologia da juſtiça delRey N. Senhor, e dos motivos da ſua felice acclamaçaõ. Lisboa por Jorge Rodriguez. 1641. 4. e em Latim Stocholmij no meſmo anno antes da impreſſaõ de Lisboa.

Esfuerzos dela razon para ſer Portugal incluido en la paz general dela Chriſtandad conforme a las obligaciones, y empeños de Francia con memoria delo repreſentado ala mageſtad Chriſtianiſſima de la Reyna Regente. Pariz 1647. 4. ſem nome de Impreſſor.

Memoria da jornada, e ſuceſſos que houve nas duas Embaxadas de Suecia, e Dinamarca. Lisboa por Domingos Lopez Roſa 1641. 4.

Sentimento da Fè publica quebrantada em Alemanha por induſtria de Caſtella. Lisboa 1641. 4.

Sahio em Latim com eſte titulo.

Dolor fidei publicæ Caſtellæ aſtu in Alemania violatæ pro retentione injuſtiſſima Sereniſſimi Domini D. Eduardi Portugalliæ Infantis. Ulyſſipone. 4. Sem anno, nem Impreſſor.

ANTONIO MONIZ DA ROCHA Vejaſe o P. VICTORINO JOSEPH.

Fr. ANTONIO MONIZ DA SYLVA, ou de LISBOA, de GUADALUPE, e de THOMAR, pois com todos eſtes appelidos ſe acha nomeado em diverſas partes, ſendo os dous primeiros herdados de ſeu nobiliſſimo Pay Bernardo Moniz da Sylva, Commendador da Torre, e dos Caſaes da Ordem de Chriſto, e ſeu Avó Pedro Moniz da Sylva Mordomo Mór do Cardeal D. Henrique: o 3. da Cidade em que naceo; o 4. do exemplar Convento de S. Jeronymo em Caſtella onde recebeo o Habito profeſſou, e viveo grande parte da ſua vida, e o 5. do Real Convento de Thomar que por eſpaço de vinte annos governou como ſeu Prelado. A grande fama que corria da ſua prudencia, e virtude moveo a ElRey D. Joaõ o III. para o chamar de Caſtella a Portugal onde foy Prior do Convento de Belem cabeça da Congregaçaõ de S. Jeronymo neſte Reyno, e ultimamente Provincial no anno de 1527. Depois de exercitar eſtes lugares alcançou o meſmo Principe da Sé Apoſtolica que adminiſtraſſe o Real Moſteiro de Alcobaça em quanto o ſeu Comendatario o Cardeal D. Henrique naõ tinha idade para governar aquella opulenta Abbadia, e reformaſſe os Freyres da Ordem de Chriſto, que habitavaõ em Thomar. Neſtas duas graviſſimas emprezas ſe admirou a prudencia do juizo, a ſuavidade do genio, e a conſtancia de animo com que vencidas grandes difficuldades reduzio os Monges Ciſtercienſes ao ſeu primitivo rigor, e transferio os Freires da Ordem de Chriſto de Seculares em Regulares, a cuja mudança deu feliz principio em 24. de Junho de 1530. ſendo ſeu Prior perpetuo, e Prelado Ordinario de Thomar, e Inquiſidor do ſeu Territorio devendoſe ao ſeu incanſavel diſvelo radicarſe, e produzir eſta regular Communidade copioſos frutos como eſtabelecida debaixo dos preceitos da Santa Regra do Principe dos Patriarchas S. Bento, compondo para mayor obſervancia della.

Conſtituiçoens approvadas, e confirmadas à inſtancia delRey D. Sebaſtiaõ por Gregorio XIII. por hum Breve expedido em Roma a 11. de Dezembro de 1577. que começa ut ſolicitus Pater Familias. Sahiraõ impreſſas duas vezes.

Paſſando a Madrid por cauza de huns legados que a Sereniſſima Infanta D. Maria filha delRey D. Manoel tinha deixado para ſuſtentaçaõ dos pobres do celebre Hoſpital, que fundára junto ao Convento da Luz da Ordem de Chriſto, morreo naquella Corte *con ſentimiento* (ſaõ palavras de Fr. Miguel Pacheco *Vid. da Inf. D. Mar.* liv. 2. cap. 18.) *de quantos le conocian por ſu perſona, cuya religion, y nobleza no excluia la urbanidad decente a ſu profeſſion, que le hazia ſummamente agradable.* O ſeu Corpo foy levado aos hombros do Marquez de Caſtello Rodrigo D. Manoel de Moura Corte Real mordomo mór de Filippe 2. e ſeu Conſelheiro do Eſtado, e de outros grandes Cavalheros, e foy depoſitado no Convento de S. Martinho dos Monges de S. Bento de Madrid

donde foy transferido para o Real Convento de Thomar, e na fepultura tem gravado eſte epitafio.

Eſta fepultura he de Fr. Antonio de Lisboa Religioſo da Ordem de Saõ Jeronymo Reformador deſte Convento, e D. Prior delle. F. aos 21. de Junho de 1551. Os Authores que fallaõ delle além de Fr. Miguel Pacheco, faõ Fr. Gabriel de Talaver. *Hiſt. de Guadalup.* liv. 2. cap. 33. Mariz *Dial. de Var. Hiſt.* Dialog. 9. Fr. Thom. de Far. *Decad.* lib. 10. cap. 3. Siguença *Hiſt. de la Ord. de S. Jeron.* liv. 1. cap. 30. e liv. 2. cap. 43. Roman *Chron. de la Ord. Milit. de Chriſt.* cap. 19. Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 768. e no Comment. de 21. de Junho letr. E. Carvalho *Corog. Portug.* Tom. 3. Trat. 8. cap. 55. pag. 659. Soveral *Hiſt. de N. Senhora da Luz.* liv. 1. cap. 10. Tellez *Chron. da Comp. de Jeſus.* Part. 1. liv. 1. cap. 27. §. 3. onde lhe chama *peſſoa de grande prudencia, authoridade, e virtude.*

Fr. ANTONIO DE MORAES natural de Lisboa, filho de Amador de Sampayo, e Izabel de Moraes Eremita Auguſtiniano, cujo Habito profeſſou no Convento de N. Senhora da Graça de Lisboa a 27. de Dezembro de 1583. Depois de eſtudar as ſciencias de Filoſofia, e Theologia paſſou à India no anno de 1603. onde pela prudente affabilidade de que era dotado foy duas vezes Vigario Provincial. Eſcreveo.

Memorial das Miſſoens, que a Provincia dos Eremitas de Santo Agoſtinho de Portugal, mandou à India deſde o anno de 1572. até o de 1630. M. S.

P. ANTONIO DE MORAES. Naceo na Villa da Certaá do Priorado do Crato, e na Igreja Matriz de S. Pedro, foy bautizado a 16. de Julho de 1570. ſendo filho de Vicente Caldeira, e Aucta de Moraes. Na idade de deſeſeis annos foy admitido à Companhia de JESUS em Coimbra a 12. de Fevereiro de 1586. naõ ſómente pela boa indole que já naquelles annos moſtrava, mas pela ſingular energia com que fez a figura da Penitencia na Tragicomedia de Santa Maria Egypciaca, que ſe reprezentou no Collegio de Santo Antaõ na prezença dos Embaxadores, que o Emperador do Japaõ mandava ao Summo Pontifice. Foy muito perito nas letras humanas, e Sagradas que dictou nas eſcolas da Companhia por muitos annos. A mayor parte da vida paſſou, ou prégando com geral edificaçaõ, ou governando com ſumma prudencia, ſendo Reytor do Collegio de Lisboa, e Prepoſito da Caſa profeſſa de S. Roque. Teve particular genio para a educaçaõ dos Noviços aos quaes doutrinava menos com a palavra, do que com o exemplo. Sendo Reytor do Collegio de Evora paſſou a melhor vida em 30. de Novembro de 1639. deixando ſaudoſos aos ſeus companheiros da religioſa obſervancia, ardente charidade, e profunda ſciencia em que foy eminente, da qual ſaõ teſtemunhas cinco tomos que eſtavaõ promptos para a impreſſaõ.

Primeiro. Da Paixaõ de Chriſto Senhor noſſo.
Segundo, Do Ornato do Summo Sacerdote.
Terceiro Praticas Eſpirituaes.
Quarto, Sermoens do Advento, Quareſma, e Santos.
Quinto Sermoens de N. Senhora que como alguns querem, ſahiraõ impreſſos no anno de 1643.

Do Author, e das ſuas obras ſe lembraraõ Petr. de Alva, y Aſtorga in *Milit. Concept. Biblioth. Societ.* pag. 78. e a *Hiſpan.* de Nicol. Ant. Tom. 1. pag. 114. Marrac. na *Bib. Marian.* Part. 1. pag. 127. Franc. *Imag. da Virtud. do Novic. de Coimbra* Tom. 2. pag. 612. e no *Ann. glor. S. J. in Luſit.* pag. 277. Joan. Soar. de Brito in *Theatr. Luſit. Litter.* lit. A. n. 99. e Jacobo Lelong in *Bibliothec. Sacr.* pag. 866. col. 1.

ANTONIO MOREIRA CAMELLO natural da Villa de Torre de Moncorvo na Provincia de Tras dos Montes, formado na faculdade dos Sagrados Canones, Comiſſario do Santo Officio, e Abbade da Igreja de Saõ Salvador de Penédono, em cujo miniſterio emcheo as obrigaçoens de Paſtor vigilante. Foy muito inſtruido na erudiçaõ Sagrada, e profana, e muito applicado ao eſtudo da Genealogia. Morreo no anno de 1675. e delle ſe lembra Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 1. pag. 493. col. 2. no Comment. de 21. de Fevereiro let. J. e

Franc. na *Biblioth. Portug.* M. S. Imprimio.

Parocho perfeito deduzido do Texto Santo, e Sagrados Doutores. Lisboa por Joaõ da Coſta. 1675. fol.

Com grande trabalho, e naõ menor eſtudo compoz hum grande livro.

Armas, e Familias de toda Eſpanha com os eſcudos illuminados pela ſua maõ.

Tratado da Familia dos Maſcarenhas.

Conſerva-ſe na Caſa dos Condes de Sabugal, de cuja obra faz mençaõ o P. D. Antonio Caetano de Souſ. no apparat. à *Hiſt. Gen. da Caſa Real Portug.* p. 103. n. 106. onde por erro da Impreſſaõ he chamado neſte lugar o Author Amaro, devendo ſer Antonio.

P. ANTONIO DE MORIM filho de Belchior de Morim, e Maria Vieira naceo em Coimbra, onde entrou na Companhia de JESUS a 15. de Fevereiro de 1657. quando contava deſeſete annos de idade. No Collegio da ſua patria foy Lente primario de Rhetorica, e no de Lisboa, de Filoſofia em que foy eminente. Exercitou por muitos annos o miniſterio de Prègador, e os ultimos da ſua vida de Doutrineiro enſinando pelas Praças de Lisboa, como he louvavel inſtituto da Companhia, aos Meninos a Sagrada Doutrina, que eſtà incluida no Catheciſmo. Morreo na Caſa Profeſſa de S. Roque em 16. de Abril de 1716. Delle ſe lembra Franco na *Imag. da Virtud. do Noviciado de Coimbra.* Tom. 2. pag. 612. Compoz

Dulces exuviæ humaniorum litterarum, & ſacræ, & prophanæ lectæ olim Palladio in puluere. Ulyſſip. apud Valentin. da Coſta Desland. 1708. 8. Por cuja obra he ſeu Author numerado entre os Poetas Portuguezes pelo P. Antonio dos Reys in *Enthuſ. Poet.* n. 132. *Tu quoque Mondiades velabant fronde Morine Dulcibus exuviis.*

Sermoens do tempo do Advento, e Quareſma. 1. *Tomo.* Lisboa por Valentim da Coſta Deslandes. 1707. 4.

Sermoens de Santos 2. *Tom.* Lisboa na Officina Deslandeſiana. 1710. 4.

Doze Sermoens prègados nas doze Feſtas principaes de Maria Santiſſima Mãy de Deos. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ. 1715. 4.

ANTONIO DA MOTA natural de Lisboa muito perito na Lingua Latina, que eloquentemente fallava. Sendo ſublimado ao ſolio do Vaticano em 13. de Mayo de 1572. Gregorio XIII. o congratulou deſta ſuprema dignidade em nome delRey D. Sebaſtiaõ com huma Oraçaõ, que recitou com grande applauſo de toda a Curia na preſença do Collegio Apoſtolico, cujo titulo he

Oratio habita Romæ ad Gregorium XIII. da qual fazem mençaõ Fr. Ludou. Jacob. a Sancto Carol. in *Bib. Pontif.* Lib. 2. pag. 264. e Nicol. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 115.

Fr. ANTONIO DE MOURA natural de Lisboa Religioſo da Ordem de S. Joaõ de Deos, cujo Habito profeſſou em Caſtella, taõ applicado ao remedio, e cura dos infermos principal empenho do ſeu charitativo Inſtituto, como vigilante na educaçaõ dos Noviços, para os quaes deixou eſcritas inſtrucções muito neceſſarias. Publicou com muitas addiçoens.

Vida del Santiſſimo Patriarcha S. Juan de Dios compueſta por Fr. Antonio de Gouvea Obiſpo de Cynere. Madrid por Franciſco de Ocampo. 1631. 4. et ibi por Belchior Alegre 1669. 4. et ibi por Roque Rico de Miranda. 1674. 4. e Cadiz 1648. 4.

ANTONIO NABO natural da Villa de Arrayolos da Provincia do Alentejo ſendo taõ pequeno no corpo, como grande no engenho. Aprendeo as Letras Humanas, e Rhetorica com o inſigne Meſtre Joaõ Vaſeo a quem muitas vezes ſubſtituhio quando enſinava eſtas faculdades em Evora antes de eſtar fundada a Univerſidade, e lhe ſuccedeo na Cadeira quando Vaſeo ſe retirou para Caſtella. Eſtudou em Salamanca Theologia, e Direito Canonico, e voltando a Portugal foy Cenſor dos Livros. No tempo que governava a Dioceſe de Lisboa o Cardial D. Henrique, o fez ſeu Capellaõ, e Secretario das Cartas Latinas, em que era inſigne, por cuja cauſa mereceo grandes eſtimaçoens deſte Principe. Morreo em Lisboa no anno de 1592. Alèm de muitas Cartas

Latinas, que eſcreveo em nome do Cardeal D. Henrique ao Summo Pontifice, e muitos epigrammas latinos a quaſi todos os livros, que cenſurava. Traduſio por ordem do meſmo Cardeal ſeu Patrono o Ceremonial Romano de Latim em Portuguez, e poſto que no frontiſpicio do livro naõ eſteja o ſeu nome, ſe declara no privilegio Real o qual tem eſte titulo.

Ceremonial, e Ordinario da Miſſa, e de como ſe haõ de adminiſtrar os Sacramentos da Santa Madre Igreja com declaraçaõ da virtude, e uſo delles, e doutrina, que de cada hum ſe fará ao povo certos dias do anno com outras couſas neceſſarias para os Curas, e mais Sacerdotes. Lisboa por Franciſco Correa. 1568. 4. Por ordem do meſmo Principe traduſio em Portuguez

Catheciſmo Romano.

Fr. ANTONIO DA NATIVIDADE natural da Villa dos Arcos de Valdevez na Provincia do Minho do Arcebiſpado de Braga. Profeſſou o penitente Habito de Capucho da Provincia de Santo Antonio no Convento de Santa Catharina da Carnota onde foy exemplar de todas as virtudes religioſas. Ainda que frequentou os eſtudos preferio com zeloſa, e ardente eleiçaõ o ſer Meſtre nos Pulpitos, que nas Cadeiras em cujo ſagrado miniſterio atrahio innumeraveis almas para o caminho da penitencia. Depois de ſer Definidor, ſubio ao lugar de Provincial, no qual tolerou com imperturbavel conſtancia varias tribulaçoens, que igualmente lhe moleſtavaõ o corpo, e o eſpirito. Nos cinco annos, que ſobreviveo a eſte lugar, ſe preparou para a ultima hora com os continuados jejuns de paõ, e agua nos Adventos, Quareſmas, ſegundas, quartas, e ſeſtas feiras de todo o anno, atè que recebendo hum Jubileo pleniſſimo concedido pela Santidade de Urbano VIII. a toda a Chriſtandade avizando ao Preſidente do Convento de Santo Antonio de Lisboa, que lhe levaſſe à Enfermaria o Sacramento da Extrema-Unçaõ, recebendo-o com ſumma piedade expirou placidamente a 6. de Novembro de 1641. compoz

Commentariorum in Evangelia Feſtorum, quæ ſolent prædicari ſex menſibus anni cum annotationibus ad mores per Tractatus digeſtorum 1. *Pars.* fol. conſta de 450. folhas, e he dedicada eſta obra a D. Lourenço de Lima Viſconde de Villa-Nova de Cerveira, a qual com as licenças da Ordem dadas a 10. de Julho de 1640. eſtava prompta para a Impreſſaõ, e ſe conſerva na Livraria do Convento de Lisboa de Santo Antonio, como nella vimos.

Do Author faz mençaõ Nicol. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 115. Carvalh. *Corog. Portug.* Tom. 3. Trat. 8. cap. 21. pag. 414. Fr. Joan. à D. Ant. in *Bib. Franc.* Tom. 1. p. 120. *Bib. Eccleſ.* pag. 502. col. 2. E ultimamente o P. Fr. Martinho do Amor de Deos *Chron. da Prov. de Santo Antonio.* Tom. 1. liv. 2. cap. 1. §. 61.

Fr. ANTONIO DA NATIVIDADE natural de Lisboa filho de Pays igualmente pios, que nobres quaes foraõ Duarte Ximenes, e Joanna da Veiga. Na idade da adoleſcencia recebeo o Habito dos Eremitas de Santo Agoſtinho no Convento deſta Corte onde profeſſou a 16. de Setembro de 1607. cuja ſagrada familia illuſtrou como filho benemerito com a innocencia da vida, ſublimidade de engenho, e copia de livros. Inſtruio aos ſeus domeſticos com as ſciencias eſcolaſticas pelo eſpaço de deſeſete annos nos Collegios de Lisboa, Evora, e Coimbra de cujos preceitos ſahiraõ diſcipulos, que jà eraõ Meſtres. Foy cordialmente devoto de Maria Santiſſima com o titulo da Penha de França Orago de hum Convento da ſua Ordem ſituado nos arrebaldes de Lisboa onde por muito tempo aſſiſtio por ſeu Capellaõ. Naõ foy menor a devoçaõ, que teve com as Almas do Purgatorio applicando inceſſantemente todo o diſvelo para o ſeu alivio jà com exhortaçoens publicas, e particulares para que com eſmolas, e oraçoens as aliviaſſem dos tormentos, que padeciaõ, jà erigindo Confrarias, e eſcrevendo Eſtatutos dirigidos ao refrigerio das meſmas Almas, que agradecidas a tanta piedade, e comiſeraçaõ o receberaõ na ſua companhia no dia dedicado à ſua geral cõmemoraçaõ a 2. de Novembro de 1665. no qual piiſſimamente eſpirou. Sendo acaſo pareceo myſterio, que naõ havendo lugar cõmodo na Igreja, e Clauſtro para o ſepultarem, foſſe enterrado no pavimento da Capella das Almas que era da familia dos Ximenes donde procedia. Do ſeu nome, e eſcritos ainda que

naõ de todos fazem memoria Nicol. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 115. e Tom. 2. pag. 282. Herrer. in *Alphab. Auguſt.* ad an. 1638. Purif. de *Vir. Illuſtrib. Prov. Luſit.* Ord. *Eremit. D. Aug.* liv. 3. cap. 2. Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 3. no Cõment. de 14. de Mayo letr. E onde lhe chama *Doutiſſimo.* Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Luſit. litter.* lit. A. n. 120. e Magna *Bib. Eccleſ.* pag. 502. col. 2. Eſcreveo.

Stromata Oeconomica totius ſapientiæ ſtamine texta, ſive de regimine domùs. Opuſcula nullius non litteraturæ elaborata impendio. Pars prior de Patre Familias. Olyſſipone ex Officina Crasbeeckiana 1653. fol. et Pariſiis. 1656. fol.

Sylva de Suffragios declarados, louvados, encomendados para comum proveito de vivos, e defuntos. Braga por Manoel Cardoſo 1635. 4. Foy traduzida em Caſtelhano por Fr. Diogo Noguera Agoſtinho. Madrid por Bernardo Hervada. 1666. 4.

Montes de Coroas de Santo Agoſtinho nelle, e na ſua Eremitica familia recebidas. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira. 1663. fol.

Sermaõ nas Exequias que os Religioſos da Ordem de Santo Agoſtinho fizeraõ na Sé de Lisboa pelo Illuſtriſſimo, e Reverendiſſimo Senhor D. Rodrigo da Cunha Arcebiſpo da meſma Cidade Joſue Portuguez. Lisboa por Antonio Alvares. 1643. 4.

Tratado da devoçaõ da Correa de Santo Agoſinho. Lisboa pelo dito Impreſſor. 1627. 12. Deixou ainda imperfeito.

Tratado da Fundaçaõ do Convento de N. Senhora da Penha de França. M. S.

Fr. ANTONIO DA NATIVIDADE. Naceo em o Porto a 3. de Janeiro de 1637. e na adulta idade de 22. annos recebeo o monaſtico Habito do Principe dos Patriarchas S. Bento, em o Convento de Tibaens a 26. de Março de 1659. Foy bom poeta latino, e naõ menor Theologo moraliſta chamado antonomaſticamente o Beda. Tinha prompto para a impreſſaõ.

Luz do Moral em que ſe declara a materia dos Sacramentos. No fim de cada Tratado lhe poz hum dyſticho latino que recopilava a materia do Tratado fol. volume grande.

Fr. ANTONIO DA NATIVIDADE MOCAMBO natural do bairro de Lisboa, onde tomou o ultimo appellido, filho de Agoſtinho Rodriguez, e Fauſtina Rodrigues. Na idade juvenil abraçou o penitente Eſtatuto da Serafica Provincia da Arrabida o qual profeſſou a 15. de Dezembro de 1697. em o Convento de Alferrara junto da Villa de Setuvál, onde naõ ſómente foy Lente de Prima de Theologia, mas Provincial, e Prègador *egregio* como o intitula Fr. Joan. à D. Anton. in *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 120. cujo talento para o Pulpito o manifeſtou quando no Convento de S. Jozé de Riba-mar cabeça da ſua Provincia neſte Reyno recitou na prezença auguſta delRey N. Senhor D. Joaõ o V. e os Senhores Infantes.

Sermaõ do Glorioſo Saõ Franciſco. Lisboa na Officina da Muſica. 1726. 4.

Sermaõ da Terceira 6. feira da Quareſma prégado na Santa Igreja Patriarchal no anno de 1738. Lisboa por Antonio Iſidoro da Fonſeca. 1738. 4.

ANTONIO DE NAXARA ainda que por origem Caſtelhano, por nacimento, educaçaõ, e morada Ulyſſiponenſe. Applicouſe deſde os primeiros annos ao eſtudo das diſciplinas Mathematicas, e naõ ſatisfeito de revolver com indefeſſo cuidado as obras dos mayores profeſſores de taõ nobres ſciencias, ſahio da ſua patria para conſultar nas duvidas mais dificultoſas aos Sabios que floreciaõ nas Cortes de Europa, de que ſe ſeguio ſahir doutiſſimo aſſim na Mathematica practica, como eſpeculativa, principalmente na Aſtronomia, e Coſmografia, como o publicaraõ as ſuas obras de quem fazem eſtimaçaõ Antonio de Leon na *Bib. Indic.* Tit. 3. D. Nicol. Ant. na *Hiſp.* Tom. 1. pag. 115. D. Franciſco Manoel na 1. *Carta da* 4. *Centur.* eſcrita ao Doutor Themudo, e Joaõ Soar. de Brit. in *Theat. Luſit. Litter.* lit. A. n. 101. Compoz.

Diſcurſos aſtrologicos ſobre o Cometa, que appareceo em 25. *de Novembro de* 1618. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1619. 4.

Navegacion eſpeculativa, y practica reformadas ſus reglas, y tablas por las obſervaciones de Ticho Brahe: Navegacion, y puntos por el globo, y carta plana. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1628. 4.

Summa Aſtrologica, y arte para enſeñar a hazer pronoſticos delos tiempos, y por ellos conocer la ſertilidad, o eſterilidad del año, las alturas del ayre por el juizio delos Eclypſes del Sol, y Luna por la revolucion del año, y màs en particular por las conjunciones, opoſiciones, y quartos que haze la Luna con el Sol todos los mezes, y ſemanas; diſpueſta por el mas racional eſtilo, y por terminos más claros que haſta oy ſe han eſcrito, ſacados ſus fundamentos delo más eſſencial dela doctrina de Ptolomeo, y ſus commentadores, y de otros Aſtrologos Arabes, y Griegos, que mejor trataron eſta materia, y para confirmacion de ſu verdad, y certeza recopilados en la ultima parte deſte livro muchos aforiſmos examinados por todos ellos delas conſtelaciones celeſtes, que con ſus influencias alteran el ayre con calores, frios, humedades, relampagos, rayos, piedras de coriſco, temblores de tierra, terremotos, y diluvios, y el modo con que ſe hazen todas eſtas impreſiones metereologicas en el ayre, y tierra, con otras muchas curioſidades. Lisboa por Antonio Alvares 1632. 4. Deſta obra, e do Author faz memoria o moderno Addicionador da *Bib. Nautic.* de Antonio de Leaõ Tom. 2. titul. 1. col. 1053.

No Prologo deſte livro prometia publicar brevemente.

Summa de obſervaçoens, e experiencias methereologicas feitas acerca dos tempos, e mutaçoens para cada dia do anno.

Fr. ANTONIO DAS NEVES natural de Lisboa, Religioſo profeſſo da Ordem dos Menores da Provincia dos Algarves, poeta vulgar, e verſado na liçaõ dos Santos Padres, e Eſcritura Sagrada, de cujas applicaçoens ſaõ evidentes provas as obras ſeguintes, que naõ lograraõ o beneficio da luz publica.

Santo Antonio de Lisboa Decimas Portuguezas. De ſua vida, milagres, e glorioſas obras conforme as Chronicas da Sagrada Religiaõ de Frades Menores, e outras lendas particulares Dedicado ao meſmo Santo no Pretorio da Cidade de Lisboa, e ſua Caſa da Camara por voto particular, e devaçaõ do Author em 1650. Conſta de 18. Cantos in 4. cujo Original ſe conſerva na Livraria dos PP. Theatinos deſta Corte.

Manuſcripta Litteraria pro Sacris Concionibus inſtituendis ſelecta ex probatiſſimis Doctoribus, ejuſdemque piiſſimis Sacræ Paginæ Interpretibus anno Domini 1651. fol. Obra de grande trabalho, e vaſtidaõ. Conſervaſe na Bibliotheca do Convento da Provinçia dos Algarves da qual era filho o Author.

ANTONIO NOGUEIRA Doutor em Leys, e famoſo Lente deſta faculdade na Univerſidade de Coimbra, cujas obras louvaõ Pedro Barboza ff. *de Legat.* n. 39. Gaſpar Pegad. ad *L. inter cætera* ff. *de lib. et poſthum.* fol. 50. e Diogo Lopes Ulhoa *de Fidei comiſ.* Diſſert. 5. n. 19. et 20. ſendo entre ellas a mais celebre.

In Rub. ff. de Legatis 1. in. 4.

D. ANTONIO DE NORONHA primeiro Conde de Villa-Verde, duodecimo Senhor deſta Caſa, Commendador das Cõmendas de Algezur na Ordem de S. Tiago, e de S. Salvador de Mançoens na de Chriſto. Foy filho de D. Pedro de Noronha undecimo Senhor de Villa-Verde, e de ſua Mulher D. Juliana de Menezes filha de Vaſco Martins Moniz, Senhor de Angeja, e de D. Violante de Menezes. Era ſummamente applicado ao eſtudo da Genealogia em que fez grandes progreſſos naõ ſómente pelo que colheo da liçaõ dos livros, mas das noticias de muitos Genealogicos com quem teve familiar comercio que por ſerem muito exactas, e verdadeiras eſcreveo.

Nobiliario.

Do qual diz o P. D. Antonio Caetano de Souſa no Appar. à *Hiſt. Gen. da Caſ. Real Portug.* pag. 125. n. 138. *fora feito com grande averiguaçaõ, hiſtoriado, ſem que cauſe faſtio com notavel reflexaõ nas materias, e admiravel intençaõ no que eſcreveo como propria do ſeu illuſtre nacimento... e na verdade he dos melhores nobiliarios que tenho viſto.* Conſervaſe eſte Nobiliario na Livraria do Marquez de Angeja, filho do Author que foy caſado com D. Maria de Menezes filha de D. Duarte de Menezes Conde de Tarouca, e de D. Luiza de Caſtro. Morreo em Lisboa a 14. de Janeiro de 1675. Jaz ſepultado no Convento de N. Senhora da Viſitaçaõ de Religioſos Recoletos da Serafica Provincia dos Algarves ſituado em Villa-Verde.

Fr. ANTONIO DE NOSSA SENHORA natural de Coimbra. Recebeo o Habito da Ordem dos Prégadores no Convento de Goa, onde foy Comiſſario do Santo Officio, e Deputado por nomeaçaõ do Illuſtriſſimo Inquiſidor Geral D. Fr. Jozé de Lancaſtro, que naõ exercitou por voltar ao Reyno. Foy Prior do Convento de Dàmaõ, e Preſentado a titulo de Prégador, de cujo apoſtolico miniſterio colheo naõ menor applauſo, que lucro, do qual comprou hum juro annual de cincoenta mil reis para ſe augmentar a Livraria do Convento de Lisboa, onde morreo a 26. de Março de 1712. Imprimio.

Sermaõ da Sereniſſima Mãy de Deos, e Senhora noſſa do Roſario em a celebridade ſolemne de ſeu feſtivo Outavario que todos os annos ſe applaude, e celebra por todas as partes, e terras do Oriente pregado no Convento de Saõ Domingos da Cidade de Dàmaõ o anno de 1695. Coimbra por Manoel Rodriguez de Almeyda Familiar do Santo Officio 1701. 4. Delle ſe lembra Fr. Pedro Monteiro no *Clauſtr. Domin.* Tom. 3. pag. 163.

D. ANTONIO DE NOSSA SENHORA DO CARMO chamado no ſeculo Antonio da Cunha Brochado naceo na Cidade da Bahia Capital da America Portugueza, e teve por Pays ao Dezembargador Belchior da Cunha Brochado Fidalgo da Caſa Real, Cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto, Conſelheiro da Fazenda, e Corregedor da Corte, e Caſa, e a D. Maria Franciſca de Paula, e Almeida. Inſtruido nas letras humanas aprendeu Filoſofia no Collegio de Santo Antaõ de Lisboa donde paſſando à Univerſidade de Coimbra ſe applicou ao eſtudo da Juriſprudencia Ceſarea em que fez taes progreſſos o ſeu penetrante engenho, que recebido o gráo de Licenciado voltou à Corte onde exercitou com igual ſciencia que integridade o lugar de Juiz da India, e Mina. Sendo nomeado Plenipotenciario à Corte de Madrid ſeu Tio Jozé da Cunha Brochado, de quem faremos merecida memoria em ſeu lugar, o acompanhou para ſe inſtruir nos myſterios da Politica, cuja arte mais ſe aprende com a practica, que com a eſpeculaçaõ, donde voltando foy eleito Conſelheiro da Fazenda Real. Penetrado de ſuperior impulſo recebeo as ordens de Presbytero, e conſiderando com mais deſenganada reflexaõ que no ſeculo naõ podia conſeguir a tranquillidade, que dezejava o ſeu eſpirito, deſprezando todas as conveniencias mundanas ſe retirou ao Clauſtro do Real Convento de Santa Cruz de Coimbra onde profeſſou o Inſtituto Canonico Auguſtiniano a 16. de Julho de 1735. Neſta virtuoſa paleſtra ſe fez ſevero imitador dos exercicios aſceticos que nelle practicaõ os ſeus Collegas. Nas horas vagas das obrigaçoens de Religioſo traduzio da Lingua Caſtelhana de Manoel Jozé Altamirano em a Portugueza, e ſe imprimio ſem o ſeu nome.

Retiro eſpiritual para hum dia de cada Mez, e para diſpoſiçaõ de huma Santa vida para huma boa morte. Coimbra por Antonio Simoens Ferreira Impreſſor da Univerſidade 1738. 8.

ANTONIO NUNES Doutor na faculdade de Leys, Ouvidor nas terras, e Coutos de Alcobaça, de cujo officio ſendo mandado dar conta pelo Cardial D. Henrique no tempo que era D. Abbade do Real Convento de Alcobaça, eſcreveo.

Viſita, e Reformaçaõ, que fez nas terras, e Coutos do deſtricto de Alcobaça. fol. A qual obra ſe guarda *M. S.* no Collegio da Companhia de JESUS de Evora.

ANTONIO NUNES natural da Cidade de Beja, irmaõ de Fr. Ignacio de Santa Maria Agoſtinho Deſcalço, de quem em ſeu lugar faremos mençaõ, commendatario do Hoſpital do Santo Eſpirito em Italia, e adminiſtrador da Commenda chamada Alexandrina que vagou por morte de ſeu Irmaõ Joaõ Nunes Religioſo da meſma Ordem. Voltando para Portugal morreo no anno 1671. Eſcreveo.

Diario della Miſericordia di Dio, e motivo per amarlo con altri divote eſſercicij per acquiſtare la gratia di Dio, e conſervarſi in eſſa in vita, e in morte. Milano por Ludovico Monza 1666. 12.

Conſuelo del alma contrita. Milano por o dito Impreſſor. Conſta de verſos devotos para cada dia da Semana. Deſta obra como poetica ſe lembra no ſeu Enthuſiaſmo n. 180. o P. Antonio dos Reys.

P. ANTONIO NUNES Vejaſe P. VICTORINO JOSEPH.

ANTONIO NUNES DA VEYGA Ouvidor da Comarca de Valença igualmente perito na ſciencia da Juriſprudencia, como da Hiſtoria aſſim Sagrada como profana, e Arte militar eſcreveu.

Perfeito Capitaõ maximas militares tiradas da diſciplina, e practica militar dos mayores Heróes, que conheceo o tempo, e particularmente daquelles, que com ſeu valor, e boa politica ſe fizeraõ Senhores do mundo, e acredores de boa fama. Lisboa por Valentim da Coſta Deſlandes 1709. 4.

Fr. ANTONIO OLANO. Naceo no arrebalde da Villa de Torres Vedras do Arcebiſpado de Lisboa, Religioſo Menor cujo Habito profeſſou em Caſtella. Eſcreveo.

Martyrio do V. Fr. André de Spoleto. Cuja obra traduzida na lingua Italiana por Joaõ Maria Branculupo de Monte falco ſahio juntamente com o *Thezouro das virtudes* de Fr. Affonſo da Ilha no anno de 1574. 8. de quem em ſeu lugar fizemos mençaõ. Do Author a fazem Nicolao Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 24. col. 2. e Fr. Joan. à D. Ant. in *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 120.

ANTONIO DE OLIVEIRA natural de Lisboa Presbytero de exemplar vida, e profeſſor inſigne de Muſica, de cuja faculdade foy Meſtre do Coro da Real Parochia de S. Juliaõ da ſua patria donde paſſou a Roma, e nella morreo. Deixou muitas obras compoſtas para ſe cantarem nos Templos, como eraõ.

Miſſas, Pſalmos, Motetes, e Vilhancicos, dos quaes grande parte ſe conſerva na Bibliotheca Real da Muſica, como conſta do ſeu Index Impreſſo em Lisboa por Pedro Crasbeeck 1649. 4.

ANTONIO DE OLIVEYRA natural da Villa da Chamuſca Arcebiſpado de Lisboa traduzio de Caſtelhano em Portuguez.

Relaçaõ do tumulto popular, que ſucedeo em 18. *de Dezembro do anno paſſado de* 1735. *na Cidade do Graõ Cayro Capital do antigo Reyno do Egypto com a morte do ſeu Viſir, e do Juiz dos Judeos, e deſtruiçaõ da Judiaria com as mortes, e tormentos crueis, que deraõ aos Judeos com todas as particularidades deſta grande revolta tiradas de cartas fidedignas, e relaçoens de peſſoas graves, e incorruptas.* Lisboa na Officina Joaquiniana da Muſica ſem anno de impreſſaõ. 4.

ANTONIO DE OLIVEIRA Presbytero do Habito de S. Pedro, e Miſſionario Apoſtolico por faculdade Pontificia naceo em Lisboa donde em idade pueril paſſou com ſeus Pays Antonio de Oliveira, e Mariana dos Reys à Bahia de todos os Santos Capital da America Portugueza, e no Collegio dos Padres Jeſuitas aprendeo Filoſofia, e Theologia com tanta applicaçaõ do ſeu engenho, que mereceo ſer laureado Meſtre em Artes, e Examinador deſta Faculdade. Naõ alcançou menor applauſo aſſim na Poeſia Latina, e vulgar, de que em varias Academias deo claros argumentos da ſua fecunda veya, ſendo ouvido com acclamaçoens de inſigne Orador Evangelico de cuja ſublime Arte tem publicado.

Sermaõ das Exequias que a muito Reverenda Irmandade de S. Pedro dos Clerigos da Cidade da Bahia celebrou eſte anno de 1736. *aos* 10. *de Julho pelas almas de ſeus Irmaõs Sacerdotes em a ſua propria Igreja do meſmo Principe dos Apoſtolos.* Lisboa por Mauricio Vicente de Almeyda 1738. 4.

Sermaõ do Santiſſimo Sacramento prégado na ſumptuoſa Feſta que a eſte Myſterio conſagraraõ os Irmaõs do Senhor da Matriz da Conceiçaõ da Praya da Cidade da Bahia eſte anno de 1739. Lisboa Na Officina dos Herdeiros de Antonio Pedrozo Galraõ. 1740. 4.

Epigramma Latino, e Soneto Portuguez, em louvor do Reverendo Sebaſtiaõ do Valle Pontes Deaõ da Cathedral da Bahia prégando nella as exequias do Pontifice Benedicto XIII. Lisboa na Officina Auguſtiniana. 1732. 4.

ANTONIO DE OLIVEIRA CADORNEGA natural de Villa-Viçoſa filho de Antonio Cadornega de Oliveira Fidalgo da Caſa Real, e Criado, como o foraõ ſeus Aſcendentes da Sereniſſima Caſa de Bragança. Na adoleſcencia eſtimulado do nobre ardor da gloria militar acompanhou por Soldado a Pedro Ceſar de Menezes na

occaſiaõ, que partio por Governador de Angola no anno de 1639. em cujo theatro obrou heroicas façanhas contra os Olandezes, aſſim no poſto de Alferes, como de Capitaõ pelo largo eſpaço de trinta annos. Depois que inimigo taõ poderoſo foy lançado daquellas terras aſſiſtio na Cidade de Loanda Capital do Reyno de Angola onde como Capitaõ reformado viveo atè o anno de 1690. Pela vaſta noticia, que tinha adquirido daquella regiaõ Africana jà pela liçaõ dos Livros, jà pelo exame dos olhos, eſcreveo.

Hiſtoria geral da guerra de Angola. fol. 3. Tom.

Hiſtoria de todas as couſas, que ſuccederaõ em Angola no tempo dos Governadores, que a governaraõ depois da guerra atè D. Joaõ de Lancaſtro. fol. Tom. 4.

Compendio da expugnaçaõ do Reyno de Benguela, e das terras adjacentes. fol.

Deſcripçaõ da ſua patria Villa-Viçoſa acabada no anno de 1683. Dedicada ao Excellentiſſimo Conde de Ericeira D. Luiz de Menezes, em cuja grande Livraria ſe conſervaõ todas eſtas obras M. S.

Fr. ANTONIO DE PADUA natural de Beja filho de Diogo Gonçalves Sanches Caſtelhano, Cavalleiro da Ordem de S. Tiago, e de ſua mulher Joanna Sanches da Gama, irmaõ inteiro do celebre Doutor Joaõ Affonſo de Beja, de quem faremos memoria em ſeu lugar. Depois de eſtar inſtruido nas Letras Humanas, e na Lingua Latina por cauſa de ſer provido de hum Beneficio partio a Roma onde chamado por Deos para vida mais perfeita abraçou o Inſtituto Serafico mudando juntamente com o novo eſtado o nome de Pedro Gonçalves Sanches, que tinha no Seculo em o daquelle famoſo Thaumaturgo, que tendo o Oriente em Lisboa teve o Ocaſo em Padua. O graõ talento de que era ornado o habilitou para os mayores lugares da Ordem onde luſio a ſua prudencia, ſabedoria, e actividade para conſeguir os negocios mais arduos, e conciliar os animos mais diſcordes. Foy Lente de Theologia em Padua em cuja Univerſidade foraõ reſpeitadas as ſuas letras. Paſſando a Portugal ſe incorporou neſta Provincia, e informado ElRey D. Joaõ o III. das ſuas eminentes Letras o mandou por ſeu Theologo ao Concilio Tridentino, em cujo Sagrado, e Sapientiſſimo Congreſſo brilharaõ com grande exceſſo os dotes ſcientificos de que era ornado o ſeu profundo talento pelo qual o elegeo ſeu Secretario o Miniſtro Geral da Ordem Serafica, confiando, que podia dignamente ſatisfazer huma, e outra incumbencia. Depois de ſer Comiſſario Geral de toda a Familia Franciſcana ſegunda vez paſſou a Roma onde continuados felizmente os negocios da ſua Religiaõ, e deſta Coroa acabou a vida mortal para principiar a eterna reynando ElRey D. Sebaſtiaõ, ou o Cardeal D. Henrique. Fr. Fernando da Soledade. *Hiſt. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 4. Liv. 4. cap. 28. n. 985. lhe chama *Varaõ eminente em todo o genero de erudiçaõ.* Delle brevemente nos lembràmos nas *Mem. delRey D. Seb.* Part. 1. Liv. 1. cap. 9. n. 85.

Compoz, e ſe imprimio.

Candelabrum Sacramentorum. 4.

Explicationes in Acta Concilij Tridentini. M. S.

ANTONIO PAES FERRAZ natural de Lisboa igualmente douto nas faculdades de Filoſofia, Theologia, e Mathematica, de cuja ſciencia teve particular eſtudo com a qual fazia muitos vaticinios, e prognoſticos dos annos, calculados pelo merediano de Lisboa, dos quaes publicou os ſeguintes

Pronoſtico, e Lunario do anno de 1653. *com todos os aſpectos da Lua com o Sol, e alteraçoens do ar.* Lisboa por Antonio Alvares 1652. 8.

Pronoſtico, e Lunario do anno de 1660. Lisboa por Domingos Carneiro. 1659. 8.

Diſcurſo Aſtrologico das influencias da mayor conjunçaõ de Jupiter, e Marte, que ſuccederà a 8. *de Agoſto de* 1660. *obſervado, e calculado para o Meridiano de Lisboa. Nelle ſe trata da exaltaçaõ de Portugal, dos principios de ſeu Imperio, e de ſuas felicidades.* Lisboa por Domingos Carneiro. 1661. 4.

ANTONIO PAES VIEGAS. Naceo no Lugar de Manjoens do territorio de Lisboa ſendo filho de Seſiſnando de Freitas Freire, e de ſua mulher D. Maria de Lacerda. Foy Cavalleiro profeſſo da Ordem de

Chriſto, Cõmendador da Cõmenda de Santa Maria da Charidade em Evora, e Alcayde Mòr de Barcellos, Secretario de Eſtado do Sereniſſimo Rey D. Joaõ o IV. antes, e depois de cingir a Coroa. Foy ornado de todos os dotes, que conſtituem hum verdadeiro politico, quaes eraõ ſumma prudencia, juizo maduro, profunda capacidade, e ſagaz artificio para vencer as mayores dificuldades, a cuja activa deligencia deve Portugal a ſua liberdade como eſcrevem com naõ pequenos louvores da ſua peſſoa Macedo na *Luſit. Liberat.* Lib. 3. cap. 10. n. 12. Menezes *Portug. Reſt.* Tom. 1. Liv. 2. pag. 91. e Joaõ Bautiſta Birago *Hiſt. de Portug.* Lib. 2. pag. mihi 156. perſuadindo com eficazes razoens ao Duque de Bragança, que aceitaſſe a Coroa de ſeus Avòs offerecida pelos Portuguezes, e empunhaſſe o Scetro violentamente uſurpado pela ambiçaõ Caſtelhana, e ainda que eſteve indeciſo o Duque na reſoluçaõ receando prudentemente as graviſſimas conſequencias, que della haviaõ de reſultar, foraõ taõ fortes os fundamentos com que lhe inflamou o animo para empreza taõ alta, que cedendo da perplexidade aceitou a Coroa. Elevado eſte Principe ao Trono ſempre o conſultou como a Miniſtro taõ Sabio, e prudente em todas as materias politicas, e militares, até que morreo na ſua patria no anno de 1650. ainda que Joaõ Soar. de Brito in *Theatr. Luſit. Literat.* Lit. A. n. 103. eſcreve, que fora no anno de 1645. acrecentando *Vir fuit variæ eruditionis, & lectionis, nec minoris eloquentiæ, & prudentiæ* Valaſc. *Juſt. Aclamac.* Par. 1. §. 4. n. 5. *inſigne talento deſta idade.* D. Franciſco Manoel na 1. *carta da Centu.* 4. eſcrita ao Doutor Manoel da Fonſeca Themud. *deligente inveſtigador dos principios de Portugal.* Eſcreveo com igual elegancia, que exame.

Principios del Reyno de Portugal con la vida, y hechos de D. Alfonſo Henriques ſu primer Rey, y con los principios de otros eſtados Chriſtianos de Eſpaña. Lisboa por Paulo Crasbeeck. 1641. fol. Na lingua materna, mas ſem o ſeu nome.

Manifeſto do Reyno de Portugal no qual ſe declara o direito, cauſas, e o modo que teve para eximir-ſe da obediencia delRey de Caſtella, e tomar a voz do Sereniſſimo D. Joaõ o IV. do nome, e XVIII. entre os Reys verdadeiros deſte Reyno. Lisboa por Paulo Crasbeeck. 1641. 4. e Amſterdaõ por Paulo Matheo. Impugnando eſte manifeſto Fr. Joaõ Caramuel confeſſa ſer ſeu Author eloquentiſſimo.

Relaçaõ dos ſucceſſos, que as Armas da Mageſtade delRey D. Joaõ o IV. tiveraõ nas terras de Caſtella no anno de 1644. atè a Victoria do Montijo. Lisboa por Antonio Alvares. 1644. 4.

Relaçaõ dos ſucceſſos, que nas fronteiras do Reyno tiveraõ as Armas delRey D. Joaõ o IV. com as de Caſtella depois da jornada do Montijo atè o fim do anno de 1644. com a glorioſa defenſa de Elvas. Lisboa pelo dito Impreſſor anno 1644. 4.

ANTONIO DE PAYVA GODINHO, filho de Duarte de Abreu, e Catherina Godinha Rebella, naceo na Villa de Santarem a 17. de Fevereiro de 1693. Formado na faculdade dos Sagrados Canones pela Univerſidade de Coimbra começou a exercitar o officio de Patrono de cauſas em a ſua Patria com boa reputaçaõ, mas conſiderando que eſte genero de vida era muito contrario à ſua conciencia, naõ ſómente o deixou, mas ainda o veſtido de Secular, e ſe dedicou a ſervir com habito de Donato o Reformado Recolhimento das Religioſas Capuchas de N. Senhora dos Innocentes em a ſua Patria, cujo miniſterio exercita com louvavel procedimento. Deixou hum volume de 4. em que eſtaõ.

Poeſias Varias.

Entre ellas eſtá a *Deſcripçaõ da Batalha do Campo de Ourique alcançada por ElRey D. Afonſo Henriquez* em 8. rima. Eſte volume conſerva em ſeu poder Rodrigo Xavier Pereira de Faria natural, e morador em Santarem, que nos comunicou eſta noticia.

ANTONIO DE PAYVA, E PONA natural da Cidade de Bragança na Provincia Traſmontana, onde naceo a 10. de Outubro de 1665. ſendo filho do Licenciado Pedro Fernandes Pona, e Catherina Rodriguez de Moraes. Depois de receber o gráo de Bacharel na faculdade de Leys pela Univerſidade de Coimbra ſervio algumas Judicaturas donde paſſou a ſer Provedor das Cida-

des de Miranda, no anno de 1711. e ultimamente de Evora em 1728. Compoz.

Orphanologia Practica em que ſe deſcreve tudo o que reſpeita aos inventarios, partilhas, e mais dependencias de pupillos. Lisboa por Jozé Lopes Ferreira Impreſſor da Sereniſſima Rainha. 1713. 4.

V. Fr. ANTONIO DE S. PEDRO chamado Antonio Correa antes de receber o Habito dos Religioſos Deſcalços de Noſſa Senhora da Mercè naceo em o anno de 1571. na Villa do Celorico do Biſpado da Guarda, e foraõ ſeus Pays Manoel Thomaz, e Anna Correa, que ſendo obſervantes da Ley de Moyſés o educaraõ nas ceremonias della, das quaes era exacto profeſſor; porèm receando, que poderia ſer caſtigado com as penas, que em Portugal ſe coſtumaõ dar aos Sequazes da Sinagoga, ſe auſentou para as Indias Occidentaes com o pretexto de negociante, e fazendo o ſeu domicilio em Lima, vulgarmente chamada Cidade dos Reys, foy prezo pelos Inquiſidores como Reo da perfidia Judaica, de cujos erros eſtava taõ obſtinadamente hallucinado, que antes queria perder a vida, que abjurar a pertinacia da ſua crença. Mas que infinita he a clemencia de Deos ainda para com os ſeus mais rebeldes Antegoniſtas? Ferido de hum rayo de luz celeſtial de tal modo lhe penetrou a dureza do coraçaõ, que como outro Saulo transformado em Paulo, começou a deteſtar a ſua perfidia, e confeſſar publicamente a ſua culpa, de que eraõ manifeſtos ſinaes as lagrimas, e vozes com que arrependido ſolicitava o perdaõ da divindade offendida prometendo ſacrificar a vida em obſequio do Redemptor do mundo, e ſeguir os dictames do Evangelho que elle promulgara depois, que ſe veſtio da noſſa humanidade. Eſta meſma proteſtaçaõ fez publicamente no theatro onde em 13. de Março de 1605. ouvio a ſua ſentença com tanta copia de lagrimas, que cauſava admiraçaõ a todos os circunſtantes a vehemencia da ſua contriçaõ. Depois de ter ſervido com exemplar procedimento aos Religioſos Mercenarios Deſcalços em Lima, e paſſando a Heſpanha, e crecendo cada vez mais em actos heróicos de virtude foy admitido ao eſtado de Leygo no Convento dos meſmos Religioſos de Oſſuna, onde profeſſou ſolemnemente a 15. de Fevereiro de 1615. Neſta paleſtra naõ houve genero algum de virtude que exactamente naõ practicaſſe, pois nelle ſe admirava unida agudeza do juizo com ſimplicidade de animo, obediencia prompta com profunda humildade, benevolencia para os eſtranhos, e ſeveridade para conſigo; meditaçaõ continua da Paixaõ do Redemptor, e incanſavel diſvelo em beneficio do proximo. Todas eſtas virtudes ſe faziaõ mais reſpeitadas com a ſciencia dos futuros, conhecimento claro dos ſegredos do Coraçaõ, intelligencia altiſſima dos lugares mais dificeis da Eſcritura, e immenſa copia de prodigios, por cujas cauſas mandou a 23. de Outubro de 1623. hum anno depois do ſeu feliciſſimo tranſito, D. Innocencio Maximo Biſpo Britonorienſe Nuncio Apoſtolico, e Legado a Latere da Santidade de Urbano VIII. em Heſpanha que em Oſſuna ſe fizeſſe proceſſo juridico para a ſua Beatificaçaõ; e em 24. de Dezembro de 1624. lhe mandou dar culto privado Julio Sacheti Nuncio, e Legado do meſmo Pontifice em Heſpanha. Dous retratos ſeus além de outros muitos ſe abriraõ em Laminas, hum em Roma com inſcripçaõ Latina; e outro em Heſpanha com inſcripçaõ Caſtelhana, nas quaes ſe lém compendioſamente as acçoens, dia, e anno da morte deſte veneravel Varaõ. A inſcripçaõ Latina he a ſeguinte.

Vera Effigies Ven. Servi Dei Fr. Antonij a Sancto Petro cognomento Obedientis ex loco vulgariter dicto Cerolico de Obebado Diœceſis Guardienſis de familia Saraivæ, et Almeydæ, qui pie, ſancteque vixit, atque in magna Sanctitatis opinione obiit Vrſaone Diœceſes Hiſpalenſis die 30. Julij 1622. A Caſtelhana diz.

El B. Fr. Antonio de S. Pedro Deſcalſo de Nueſtra Señora dela Merced Redencion dé Cautivos Varon de Santidad prodigioſa por haverlo ſido ſu converſion, y muy ſemejante à la del Apoſtol S. Pablo parecia viva imagen de Jeſu Chriſto, de cuya paſſion fue devotiſſimo, tuvo las virtudes todas en heroico grado exercitandolas con actos más para admirar, que para imitar. Reſplandeció en el don de profecia, y virtud de hazer milagros aſſi en ſu vida, como en ſu muerte que fué en 30. de Julio de 1622. años alos 53. de ſu edad. Su Cuerpo eſtá en ſu Con-

vento do Oſſuna donde ſue hijo, y ſiempre morador com grande veneracion, y culto privado por authoridad Apoſtolica.

As acçoens deſte inſigne ſervo de Deos eſcreveraõ em volumes inteiros Fr. Joaõ de S. Damaſo na *vida* impreſſa em Cadis 1670. fol. e Fr. Agoſtinho de Santo André na *vida* impreſſa em Sevilha 1688. 4. ambos Religioſos Mercenarios. Fr. Jorge de S. Jozé Confeſſor do ſervo de Deos, cuja obra ſe guarda na livraria do Convento de Sevilha. Fr. Pedro de S. Cecilio nos *Annaes dos Deſcalç. da Mercé.* Fr. Filippe Columbo na *vida do Ven. Fr. Gonçalo Dias de Amarante* liv. 3. cap. 11. Fr. Luiz de Vera *Mem. da Fund. e progreſ. da Ordem Mercen. nas Ind. Occid. Advert.* 4. Fr. Bernard. de Vargas Mercenario in *Tract. de Contagios. morbo Sicil.* pag. 89. et 91. Dos eſtranhos Quintadueñas *Sant. de Sevilha* p. 331. Rodrig. Mend. Sylv. *Poblac. Gen. de Eſpan.* cap. 166.

Compoz com ſuperior illuſtraçaõ.

Siete meditaciones dela Paſſion de Chriſto nueſtro Señor, y delos provechos, que de meditarla ſe ſacan. Granada. 1641. 8.

Deſte livro ſe tiraraõ tres mil, e quatro centos exemplares, e tal foy o ſeu conſumo, que raramente apparece algum.

ANTONIO PEDRO RIBEYRO natural da Villa de Olivença da Provincia do Alentejo Profeſſor de Direito Civil em cuja faculdade recebeo o gráo de Bacharel na Univerſidade de Coimbra. Imprimio.

Triumfo Sagrado, que a Veneravel Ordem Terceira de N. Senhora do Monte do Carmo ſita no Real Hoſpital de S. Joaõ de Deos da notavel Villa de Olivença conſagra à meſma Senhora em o dia 16. *de Julho de* 1734. Lisboa por Pedro Ferreira Impreſſor da Auguſtiſſima Rainha N. Senhora 1734. 4.

Fr. ANTONIO DA PENITENCIA natural de Lisboa onde foy bautizado a 26. de Novembro de 1605. Profeſſou o Sagrado Inſtituto de Religioſo Terceiro do Serafico Patriarcha, no Convento de Viana do Alentejo a 28. de Janeiro de 1622. Foy muito ſciente na Arte da Muſica, e cantou com grande ſuavidade, e deſtreza. Por muitos annos exercitou o lugar de Vigario do Coro do Convento de Arrayolos no Arcebiſpado de Evora, onde morreo a 14. de Dezembro de 1648. com 43. annos de idade, e 26. de Religiaõ. Deixou compoſto.

Varias obras de Muſica.

Fr. ANTONIO PEREGRINO, que no ſeculo ſe chamava Manoel da Coſta, naceo em Lisboa de Pays nobres, e virtuoſos. Tendo recebido a Roupeta da Companhia de JESUS na idade de deſeſete annos em o Noviciado da ſua Patria por juſtas cauſas a deixou no anno de 1642. paſſando para a penitente Provincia da Arrabida, ſendo jà muito douto aſſim nas letras humanas como na Filoſofia, e Theologia, onde foy admitido pelo Provincial Fr. Antonio das Chagas em o anno de 1644. profeſſando taõ auſtero Inſtituto no Convento de S. Jozé de Ribamar com geral ſatisfaçaõ dos Religioſos. Ainda que a mayor parte do tempo gaſtava na comtemplaçaõ dos bens eternos, e na liçaõ dos livros eſpirituaes lembrado dos ſeus primeiros eſtudos occupava as horas vagas na compoſiçaõ de alguns Poemas Latinos, e no exame das mayores dificuldades da hiſtoria, aſſim Sagrada, como profana, ſendo neſte eſtudo taõ eminente que era conſultado pelos homens mais eruditos da ſua idade como ingenuamente o confeſſa Luiz Marinho de Azevedo no Prologo das *Ant. de Lisb.* ao tempo que andava meditando taõ grande obra dizendo *a quem devemos* (falla de Fr. Antonio Peregrino) *cenſuras, e advertencias, porque a experiencia nos tem bem moſtrado o que ſe podia fiar das ſuas letras Sagradas, e humanas.* Naõ foy menor o ſeu talento no Pulpito, e na intelligencia da Sagrada Eſcritura como affirmaõ D. Franciſc. Manoel de Mello na *Cart.* 1. *da* 4. *Centur. ao D. Manoel da Fonſec. Themud.* e Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Luſit. Litterat.* lit. A. n. 104. Morreo no Convento de Santarem a 15. de Agoſto de 1656. e foy ſepultado no Clauſtro, ſendo venerada por muitos tempos a ſua memoria, como eſcreve Fr. Jozé de Jeſus Maria na *Chron. da Prov. da Arrabid.* Tom. 2. Part. 2. cap. 20. n. 366. Do ſeu eſpirito poetico deixou hum elegante teſtemunho em o largo epigramma impreſſo em applauſo de Luiz Marinho de Azevedo na obra aſſima allegada, o qual começa.

Livius excelſæ poſt condita mœnia Romæ
Romulidum bello fortiter acta refert. &c.

Do ſeu eſtilo hiſtorico permanece hum eterno documento conſervàdo entre os ſeus domeſticos, qual he.

Vidas, e hiſtorias de todos os homens antigos em armas, e letras, e virtudes, filhos de Lisboa ſua patria. fol.

ANTONIO PEREIRA aſſiſtente na India e curioſo obſervador dos Suceſſos mais notaveis que nella aconteciaõ. Eſcreveo.

Relaçaõ de como Nuno Alvares de Faria deſcubrio, e teve occulta até o tempo da ſua morte a Cruz de Saõ Thomè. M. S. fol. Conſervaſe na Livraria do Excellentiſſimo Marquez de Abrantes.

Deſta Cruz que appareceo no anno de 1547. fazem particular menção Diogo do Couto *Decad.* 7. *da Ind.* liv. 10. cap. 5. Andrade *Vida de D. Joaõ de Caſtro* liv. 1. §. 57. Lucena *Vida de S. Franciſco Xavier* liv. 3. cap. 5. e Souſa *Orient. Conq.* Part. 1. Conq. 2. Diviſ. 1. §. 38.

ANTONIO PEREYRA inſigne Meſtre de Muſica practica, e eſpeculativa na qual compoz varias obras com ſingular novidade, e ſciencia ſendo as principaes.

Diverſas Miſſas a 4. *e* 8. vozes.

Magnificat a 8. vozes.

ANTONIO PEREYRA certamente noſſo Portuguez poſto que ſe ignore o tempo, e a parte onde floreceo. Compoz.

Vida admiravel de S. Joaõ Apoſtolo, e Evangeliſta. M. S.

A qual ſe conſerva na Bibliotheca da Univerſidade de Oxonia, como conſta do ſeu Index.

ANTONIO PEREYRA natural da Villa do ſeu appelido que eſtá ſituada entre Ovar, e Aveiro na Provincia da Beyra, e filho de Antonio Dias Rebello, e Suzana Valente. Recebeo o Habito militar de Saõ Tiago no Real Convento de Palmella em 4. de Novembro de 1629. das maõs do Prior Mór D. Diogo Lobo Biſpo eleito da Guarda, onde foy duas vezes Superior igualmente eſtimavel pela ſciencia do Direito Canonico, como pela integridade da vida, cujos dotes o fizeraõ digno de governar naõ ſómente o Collegio de Coimbra das Ordens Militares, e ſer duas vezes Prior da Igreja de Saõ-Tiago de Almada, mas ſer Governador do Biſpado de Coimbra em nome do ſeu Prelado D. Manoel de Noronha. Foy muito verſado nos privilegios da Ordem, e acerrimo defenſor das ſuas juriſdiçoens. Morreo em Coimbra em 10. de Mayo de 1671. Compoz.

Compendio, e declaraçaõ da regra, e Eſtatutos da Ordem Militar de Saõ-Tiago. Coimbra por Manoel Dias. 1659. 8.

Fr. ANTONIO PEREYRA natural da Villa de Aveiro, filho de Gaſpar dos Reys, e Antonia Pereira de Carvalho Religioſo da Ordem dos Prégadores, cujo Inſtituto profeſſou no Convento de Azeitaõ a 6. de Janeiro de 1657. Partio por Miſſionario para a Congregaçaõ da India Oriental, onde depois de lér as ſciencias mayores aos ſeus domeſticos jubilou na Sagrada Theologia de que foy Meſtre na Ordem. Occupou com credito da ſua prudencia os lugares de Vigario Geral da meſma Congregaçaõ, de Deputado das Ordens Militares em Goa, e da Inquiſiçaõ deſta Cidade de que tomou poſſe em 16. de Setembro de 1682. Paſſando a Portugal exercitou o meſmo miniſterio na Inquiſiçaõ de Evora, a que deo principio a 2. de Dezembro de 1693. onde depois de ſervir eſte incorrupto Tribunal por muitos annos falleceo no Convento da meſma Cidade. Delle faz memoria Fr. Pedro Monteiro no *Clauſt. Domin.* Tom. 3. pag. 157. e no *Cathal. dos Deputad. da Inquiſ. de Goa, e de Evora* impreſſos nas *Collec. da Academia Real,* e Antonio Carvalho da Coſta *Corograf. Portug.* Tom. 2. Trat. 3. cap. 4. Publicou.

Sermaõ do Auto da Fè contra a idolatria do Oriente prègado na Cidade de Goa no Convento de S. Domingos em 27. *de Março* 4. *Domingo de Quareſma de* 1672. Lisboa por Miguel Deſlandes. 1685. 4.

Sermaõ do Deſagravo pelo ſuceſſo de Odivellas prègado na meſma Igreja aos 11. *de Mayo de* 1690. Lisboa por Miguel Maneſcal. 1691. 4.

ANTONIO PEREYRA. Naceo em Lisboa, e foy filho de Manoel Alvares, e Maria Franciſca. Em idade adulta entrou

na Congregaçaõ do Oratorio da ſua patria a 13. de Junho de 1686. onde perſeverou louvavelmente no humilde eſtado de Leigo athé a morte, que felizmente teve na Congregaçaõ da Villa de Eſtremos a 30. de Outubro de 1698. Foy muito ſciente principalmente nas diſciplinas Mathematicas de que deixou hum claro teſtemunho na obra poſthuma que ſahio com eſte titulo.

Tratado de Arithmetica, e Algebra em o qual com muita clareza ſe explica tudo o que pertence a eſta Arte, e ſe deſcrevem as Regras principaes da Geometria, e as proporçoens, que as diſtinguem, com a noticia dos pezos, de ouro, e prata, e muitas queſtoens, curioſas que ſe movem para ſua intelligencia. Lisboa por Jozé Lopes Ferreira Impreſſor da Sereniſſima Raynha Noſſa Senhora 1713. 4.

ANTONIO PEREYRA DA CUNHA CARDOTE, natural da nobre Villa de Guimaraens da Provincia de Entre Douro, e Minho filho de André Gonçalvez Cardote, e Margarida Pereira. Depois de ter na Patria eſtudados os primeiros rudimentos da Latinidade paſſou à Univerſidade de Coimbra eſtudar Direito Ceſareo em que recebeo as inſignias doutoraes com geral applauſo de todos os Meſtres prevendo que havia de ſer pela viveza da comprehenſaõ, e ſubtileza do engenho hum dos mayores talentos que havia de illuſtrar aquella Athenas. Recebida a Beca de Collegial de S. Pedro a 7. de Julho de 1650. regentou varias Cadeiras até chegar à de Veſpora dictando nellas varias poſtillas eternos depoſitos da ſua litteratura Civil, e Canonica ſendo as mais dignas da luz publica.

Ad L. in ſingulos annos 8. ff. de Annuis Legatis, & Fideicomiſſis. M. S.

Ad L. Civitatum. 1. ff. Si ager Vectigalis id eſt Emphyteuticarius petatur &c. M. S.

Ad Tit. ff. Quando dies uſus fructus legati petatur. M. S.

Foy Dezembargador honorario dos aggravos da Caſa da Supplicaçaõ de que tomou poſſe a 22. de Dezembro de 1665. Faz delle honorifica mençaõ o Doutor Manoel Pereira da Sylva Leal no *Cathalog. dos Colleg. de S. Pedro* pag. 24.

ANTONIO PEREYRA DA FONSECA Veja-ſe Fr. CHRISTOVAM GODINHO.

ANTONIO PEREYRA DE LIMA natural da Villa de Britiandos do Biſpado de Lamego Cavalleiro da preclariſſima Ordem Militar de Malta Commendatario de Sernancelhe, e Senhor da Villa de Guilheiro, e filho de Fernaõ Pereira da Sylva Senhor de Britiandos, e de ſua mulher D. Lenor de Mello. Foy diſcreto, prudente, e muito verſado na Hiſtoria ſagrada, e profana. Eſcreveo.

Acciones dela vida de ſu Alteza Sereniſſima Fr. Luis Mendes de Vaſconcelos Gran Maeſtro dela Sagrada Religion de S. Juan Baptiſta del Hoſpital de Hieruſalem, y del Santo Sepulchro Principe delas Islas de Gozo, Malta, y Rhodes Señor del Real dominio de Tripoli. Lisboa por Antonio Rodrigues de Abreu 1672. 8. Sahio traduzida em Portuguez por Miguel Lopes Ferreira Eſcrivaõ dos Contos do Reyno, e Caſa. Lisboa na Officina Ferreiriana 1731. 4.

ANTONIO PEREIRA MARRAMAQUE, cujo apellido jocoſo tomou de ſeu Pay, ainda que naõ era da ſua familia; Senhor hereditario dos Lugares da Taipa, Lamegal, e Cabeceiras de Baſto na Provincia de Entre Douro, e Minho filho de Joaõ Rodrigues Pereira legitimo deſcendente da antiquiſſima, e preclariſſima Familia dos Forjazes como eſcreveo ao meſmo Antonio Pereira ſeu grande amigo Franciſco de Sá, e Miranda na *Ecloga* 5.

Delos nobles Forjaes
En Pereiras mudados
Derecho tronco ſin algun contrato
Que por nombre contaes
Todos vueſtros paſſados
Del tiempo del buen Rey D. Alffonſo el caſto
Tan vivo ſe halla el raſto
De ſuceſſion derecha,
Y noble antiguedad
Haſta eſta nueſtra edad &c.

Igual nobreza tinha ſua Mãy D. Maria da Sylva ſendo filha de Ruy Mendes de Vaſconcellos Senhor das Villas de Figueiró, e Pedrogaõ. Poſto que naõ frequentou as eſcolas, como era dotado de vivo enge-

nho ſe fez ſuficientemente douto naõ ſó pela continua applicaçaõ com que revolvia os livros dos Authores mais celebres, mas pela comunicaçaõ, que tinha com os varoens eruditos, principalmente com o Seneca Portuguez Franciſco de Sá, e Miranda, como ſe manifeſta pela Egloga aſſima allegada, e pela 7. que começa.

Eſtas nueſtras C,ampoñas, las primeras

E na Carta 5.

Quando eu vi correr pardaos
Por Cabeceiras de Baſto.

De cujo litterario comercio ſe ſeguio eſcrever em algumas materias de diverſas profiſſoens, das quaes como muitas tranſcedeſſem os limites da prudencia, e outras a eſféra dos ſeus eſtudos, cahio em erros manifeſtos, por cuja cauſa algumas ſaõ prohibidas no Index Expurgatorio de Portugal, e Caſtella. As que chegaraõ à noſſa noticia ſaõ as ſeguintes.

Tratado ſobre o Evangelho de S. Joaõ In principio erat Verbum, *dividido em varios diſcurſos cheyos de doutrina Catholica.* M. S.

Reforma do Eſtado Eccleſiaſtico, cuja obra acabou em Baſto no anno de 1578. He prohibida.

Dos erros do Reyno de Portugal M. S. ſem o ſeu nome.

Vergel de proeſas, e virtudes heroicas da Familia dos Vaſconcellos M. S.

Principios, e progreſſos das familias illuſtres de Portugal. M. S.

Tardes de Entre Douro, e Minho.

Obra igualmente amena, e erudita. Cõſervava-ſe na Livraria do Eminentiſſimo Cardeal de Souſa 4.

Carta muito extenſa eſcrita em 29. *de Outubro que conſtava de vinte e cinco folhas remetida a ſeu Parente na qual referia todos os feitos de ſeus Avós, e Biſavós por reſpeito de certa fazenda a qual requeria para ſi.*

Tratado ſobre as palavras Ecce duo gladij hic, *onde trata das jurisdiçoens.*

Dialogo entre o gallo, e outro animal ſobre aquelle verſo do Pſalmo Lex Domini immaculata; no qual deo alguns erros por fallar largamente contra o Papa, Comendas, e Eſtado Monacal. Nelle perſuadia ſer util, que a Biblia andaſſe vertida em Portuguez.

Tratado em que moſtra, que nem mulheres, nem peſſoas Eccleſiaſticas devem governar Senhorios, e as cauſas porque!

Carta a Pedro de Alcaçova Carneiro acerca do Senhorio, e herança da Villa de Figueiró. He muito larga, cheya de erudiçaõ ſagrada, e profana com huma forte invectiva contra a Ley Mental.

ANTONIO PEREYRA REGO natural da celebre Villa de Ponte de Lima da Provincia de Entre Douro e Minho, Cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto, e filho de Fernando Pereyra Rego, e Margarida Salgado decendentes de nobres familias. Deſde a adoleſcencia ſe inſtruyo com aquellas artes dignas do ſeu nacimento ſendo taõ valerozo na Campanha contra os inimigos da Patria, como deſtro, e ayrozo no manejo dos Cavallos, agil, e ſciente no jogo das Cavalhadas, e naõ menos inſigne no exercicio da caça aſſim das aves como das feras naõ havendo alguma, que eſcapaſſe à pontaria dos ſeus tiros, cujas excellentes partes reduzio a hum Romance ſeu particular amigo Jeronymo da Motta Abbade de Magaens que eſtá impreſſo no principio da obra que publicou intitulada.

Inſtruçaõ da Cavallaria da Brida com hum copioſo tratado da Alveitaria. Coimbra por Jozé Ferreira. 1679. 4. & ibi por Joaõ Antunes. 1712. 4.

Começa o Romance.

Donde o Lima a ponte morde
Com dentes de Chriſtal fino
Povo que naõ ſó os Cavalos
Mas taõbem enfrea os rios.
Antonio Pereira Rego
Naceo, e deſde menino
Em vez da cana pueril
Montou os brutos altivos.
De nobre Sangue gerado,
E de acçoens heròicas filho;
Naõ ſey qual ſeja mais nobre
O herdado ou o adquirido. &c.

ANTONIO PEREYRA DE SAMPAYO filho de Gaſpar Vieyra, e Mariana Pereira naceo na Cidade do Porto a 21. de Março de 1691. Foy Vigario da Freguezia de Santo André de Giaõ da Comarca da Feira no Biſpado do Porto da aprezentaçaõ das Religioſas de S. Bento da dita Cidade, em cujo miniſterio dezempenhou as

obrigaçoens de Parocho vigilante, onde morreo a 7. de Julho de 1738. Traduzio da Lingua Caſtelhana em a Portugueza.

Praćtica do Confeſſionario do P. Fr. Jayme Corelha 1. *P.* à qual acrecentou a explicaçaõ dos Cazos reſervados em todos os Biſpados deſte Reyno, cuja obra que enchia 768. paginas de folha concluio em o anno de 1735. e naõ deo à impreſſaõ por lhe conſtar que outrem tinha já prompta com as licenças eſta traducçaõ.

D. ANTONIO PEREYRA DA SYLVA natural de Britiandos na Provincia de Entre Douro, e Minho, filho de Franciſco Pereyra da Silva Senhor de Britiandos, e de D. Joanna de Noronha filha de Damiaõ de Souza de Menezes Senhor de Francemil, Commendador de S. Mamede de Canellas na Ordem de Chriſto. Na Univerſidade de Coimbra recebeo o gráo de Doutor na faculdade de Theologia, e a Beca de Collegial do Real Collegio de S. Paulo em 30. de Junho de 1669. Foy Conego da Cathedral de Evora, e Deputado da Inquiſiçaõ deſta Cidade de que tomou poſſe em 3. de Outubro de 1684. e o foy taõbem da Junta dos Tres Eſtados. A ſua grande capacidade illuſtrada com a ſciencia o elevou ao Biſpado de Elvas no anno de 1701 donde o chamou a Mageſtade del-Rey D. Pedro II. para ſeu Secretario de Eſtado. Foy transferido para a Cathedral do Algarve em 14. de Novembro de 1704. onde exercitando vigilantemente o officio Paſtoral acabou a carreira da vida entre as ſuas ovelhas a 17. de Abril de 1715. Foy muito applicado ao eſtudo Genealogico de que eſcreveo hum grande volume, que continha.

Arvores Genealogicas das Familias da Provincia de Entre Douro, e Minho. fol. E outras mais obras ſemelhantes, como eſcreve o P. D. Antonio Caetano de Souſa fazendo mençaõ das que compuzera no *Apparat. à Hiſt. Geneal. da Caſa Real Portug.* pag. 145. n. 171. Delle ſe lembraõ Fr. Manoel de Sá nas *Mem. Hiſt. dos Eſcrit. da Ordem do Carmo* cap. 62. Ignac. de Carvalho, e Souſa no *Cathal. dos Biſp. de Elvas,* e meu Irmaõ o P. D. Jozé Barboſa nas *Mem. Hiſtor. do Colleg. de S. Paul.* pag. 222. n. 133. et in *Archiath. Luſit.* pag. 59.

Sylva Pereira reget Paſtor velut inclytus urbem
Elbenſem, Mitrá baculoque inſignis, et inde
Farenſem, quam celſa caput venerantur opima
Regna, quibus poſitum vetus eſt Algarbia nomen,
Scrinia quam promptá tractabit regia mente?

ANTONIO PERES natural da Provincia do Alentejo, grande Medico, e Cirurgiaõ, cujas artes exercitou com fortuna, e ſciencia em Caſtella merecendo por ellas o lugar de Cirurgiaõ Mór delRey. Compoz.

Summa, y examen de Cirurgia con expoſicion breve de algunas ſentencias de Hipocrates. Alcala por Sebaſtian Martines. 1575. 12. Çaragoça por Alonſo Rodrigues 1604. e Valencia por Martin Eſparza. 1643. e em outras partes.

Neſta obra promete que havia imprimir.

Tratado delas paſſiones delos hueſſos. e outros opuſculos.

Pelo tempo, e lugar que occupou de Cirurgiaõ Mór parece ſer Author do livro intitulado.

Tratado dela peſte, y ſus cauſas. Madrid por Luiz Sanches. 1598. 8. Poſto que Nicol. Ant. na *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 117. o atribua a outrem. Delle ſe lembra Joan. Soar. de Brito in *Theatr. Luſit. Litter.* lit. A. n. 105.

P. ANTONIO PESSOA natural do Crato. Entrou na Companhia de Jeſus em Evora a 6. de Junho de 1617. onde eſtudou humanidades, e as ſciencias eſcolaſticas. Morreo no Collegio de Evora a 18. de Novembro de 1651. Compoz.

Orthografia Praćtica.

Delle, e da obra faz memoria o P. Franciſco da Fonſec. na *Evor. Glorioſ.* pag. 427.

Fr. ANTONIO DA PIEDADE natural de Lisboa, onde recebeo o Habito da illuſtre Religiaõ da Santiſſima Trindade, a qual illuſtrou aſſim na Cadeira, como no Pulpito tendo igual talento para eſtes dous taõ differentes miniſterios. Pela liçaõ da Theologia, foy Preſentado neſta faculdade, ſendo na intelligencia da Sagrada Eſcritura, e nas doutrinas dos Santos Padres muito

verſado, e eminente. Morreo na patria a 5. de Junho de 1690. com 83. annos de idade. Deixou prompto para a impreſſaõ.

In Geneſim explanatio. Tom. 1. *ubi tam Theologicæ quæſtiones, quám Philologicæ ad hoc opus pertinentes ventilantur, nec non et morales etiam in Concionatorum uſum. Cum quadruplici indice, Quæſtionum unus, Sacræ Scripturæ locorum alter, rerum memorabilium tertius, et ad Conciones totius anni conficiendas quartus.* fol. Conſerva-ſe *M. S.* na Livraria do Convento de Lisboa.

Fr. ANTONIO DA PIEDADE. Naceo na Cidade da Bahia de todos os Santos Capital da America Portugueza no anno de 1660. Eſtudou as primeiras letras, e Filoſofia na Patria, onde tomou o gráo de Meſtre em Artes, e largando o ſeculo recebeo o Habito Carmelitano no anno de 1679. Foy Lente de Filoſofia, e Theologia na Vigairaria do Maranhaõ, por cuja liçaõ jubilou em 27. de Junho de 1694. A ſua grande madureza acompanhada de igual modeſtia o fez digno de ſer duas vezes Prior do Convento do Pará, Vigario Provincial do Maranhaõ, e Comiſſario da Bulla da Cruſada no meſmo Eſtado, de cujo Biſpado foy Governador, Proviſor, e Viſitador Geral no anno de 1693. por Comiſſaõ do ſeu Biſpo D. Fr. Franciſco de Lima. Vindo a eſte Reyno voltou para a ſua Patria, onde foy Prior do Convento da Bahia, e Definidor perpetuo. A o ſeu ardente zelo ſe deve o fruto eſpiritual, que abundantemente ſe colheo da Miſſaõ de Aldeya de Japaratubá no Certaõ do rio de S. Franciſco da Praya, ſendo o primeiro Inſtituidor, e Miſſionario deſta Sagrada empreza, e como tal conhecido, e venerado por grande Letrado, bom prégador, e exemplar Religioſo. Com eſtes honorificos titulos o nomea Fr. Manoel de Sá nas *Memor. Hiſt. dos Eſcrit. Portug. da Ordem do Carmo* cap. 10. pag. 30. Compoz.

Sermaõ das Exequias da Sereniſſima Rainha N. Senhora D. Maria Sofia Izabel de Neoburg prègado em 19. *de Abril de* 1700. *na Villa de Santo Amaro das Grottas do Rio de Sergipe.* Lisboa pelos herdeiros de Miguel Deſlandes. 1703. 4.

Sermaõ de Santa Thereza prègado no Convento dos Religioſos Carmelitas Deſcalſos da Bahia em 17. *de Outubro de* 1697. *em o terceiro dia da feſta, que os Religioſos Deſcalços fizeraõ na apericaõ do novo Templo.* Lisboa na dita Officina. 1703. 4.

Fr. ANTONIO DA PIEDADE naceo na Villa de Santarem a 25. de Outubro de 1675. e foy bautizado na Parochial de S. Juliaõ a 2. de Novembro do dito anno. Teve por Pays a Antonio Nogueira de Araujo Mampoſteiro Mòr dos Cativos, e Eſcrivaõ Proprietario do Geral da Villa de Santarem, e a Joanna Maria Cardoſa. Quando contava 20. annos de idade buſcou com heroica reſoluçaõ a Religiaõ Serafica profeſſando o auſtero Inſtituto da Provincia da Arrabida em o Convento de N. Senhora da Conceiçaõ de Alferrara junto da Villa de Setubal a 13. de Mayo de 1696. Foy Lente de Theologia, Qualificador do Santo Officio, Viſitador da Provincia de Santo Antonio, e Chroniſta da ſua Provincia, cujo miniſterio deſempenhou eſcrevendo os principios deſta Reforma, os Varoens inſignes, que nella floreceraõ, as fundaçoens dos Conventos de que ſe forma, e os privilegios, e beneficios, que recebeo da munificencia dos Reys Portuguezes, e Sereniſſimos Duques de Bragança. Deſta obra ſómente publicou a primeira parte por lhe impedir a morte acabar a ſegunda, que jà eſtava muito adiantada, com eſte titulo.

Eſpelho de Penitentes, e Chronica da Provincia de Santa Maria da Arrabida da regular, e mais eſtreita obſervancia da Ordem do Serafico Patriarcha S. Franciſco no Inſtituto Capucho. Lisboa por Jozè Antonio da Sylva Impreſſor da Academia Real. 1728. fol.

Morreo no Hoſpicio do Hoſpital de Lisboa a 20. de Dezembro de 1731. com 56. annos de idade, e 36. de Religiaõ.

Delle, e da Obra fazem memoria na ſua *Bib. Franciſc.* Tom. 1. pag. 122. Fr. Joaõ de Santo Antonio, e o P. Ignacio da Piedade Vaſconcellos *Hiſtor. de Santarem.* Part. 2. Liv. 2. cap. 33.

Fr. ANTONIO DA PIEDADE natural da Povoa de S. Martinho do Arcebiſpado de Lisboa filho de Antonio Ferreira, e Anna Nunes. Profeſſou o Habito de Eremita de Santo Agoſtinho no Convento de

N. Senhora da Graça de Lisboa em 28. de Setembro de 1710. Depois de dictar aos ſeus domeſticos as ſciencias mayores, jubilou na Sagrada Theologia, e nella he Preſentado. Sendo em o anno de 1726. Prior do Convento de Santarem foy convidado pelo bom nome, que tinha de Orador Evangelico para pregar a Canonizaçaõ de S. Joaõ da Cruz collocado naquelle anno no Cathalogo dos Santos, cujo Sermaõ imprimio com o titulo ſeguinte.

Triumfo glorioſo do reformado Carmelo na Canonizaçaõ do ſegundo Elias S. Joaõ da Cruz pregado no ultimo dia do Solemne Triduo, com que a feſtejaraõ os Religioſos Padres Carmelitas Deſcalços da Villa de Santarem. Lisboa por Miguel Rodrigues 1727. 4.

Fr. ANTONIO DA PIEDADE natural de Lisboa filho de D. Franciſco Xavier de Menezes quarto Conde da Ericeira, Deputado da Junta dos tres Eſtados, Meſtre de Campo General Conſelheiro de Guerra, e Cenſor da Academia Real de cuja peſſoa faremos larga memoria em ſeu lugar, e de D. Joanna de Lancaſtro filha de D. Luiz Lobo da Silveira ſegundo Conde de Sarzedas. Inſtruido na erudita eſcola do ſeu grande Pay naõ degenerou daquelles dotes ſcientificos, com que ſe illuſtra a Caſa de Menezes ſempre fecunda de Heroes para as paleſtras de Marte, e de Minerva, e depois de ſahir perito nas Letras Humanas paſſou à Univerſidade onde foy Porcioniſta do Collegio de S. Pedro recebendo a Beca a 28. de Março de 1707. Applicou-ſe ao eſtudo de Direito Pontificio, e nelle fez taes progreſſos o ſeu vivo engenho, que recebeo neſta faculdade as inſignias Doutoraes. Sendo Meſtre Eſcola da inſigne Collegiada de S. Thomé da Capella Real movido de ſuperior inſpiraçaõ largou o mundo, e com elle as bem fundadas eſperanças das mayores dignidades, que lhe ſegurava o ſeu illuſtre nacimento, e no Seminario dos Miſſionarios do Varatojo profeſſou em 19. de Julho de 1716. o Serafico Inſtituto mudando o nome de D. Fernando Antonio de Menezes, que tinha no Seculo, em o de Fr. Antonio da Piedade. Deſta exemplar Comunidade paſſou obrigado de juſtas cauſas para a Provincia de Portugal, onde foy Viſitador no anno de 1730. ſendo agora Padre da meſma Provincia, e Examinador Synodal do Patriarchado. Dos muitos Sermoens, que tem prègado nos mais authoriſados Pulpitos da Corte ſómente viraõ à luz publica os ſeguintes.

Oraçaõ funebre nas exequias do Excellentiſſimo D. Filippe Maſcarenhas II. Conde de Coculim celebradas pela Veneravel Ordem Terceira da Penitencia no Convento de S. Franciſco da Cidade de Lisboa em 21. de Mayo de 1735. 4.

Sermaõ da Canonizaçaõ de S. Joaõ Franciſco Regis no quinto dia do ſeu Outavario 27. de Setembro em que a Companhia de JESUS celebra as Veſperas da ſua Confirmaçaõ prègado na Igreja de S. Roque Caſa profeſſa da meſma Companhia. Lisboa na Officina da Muſica, e Sagrada Religiaõ de Malta 1739. 4.

Fazem delle memoria o Doutor Manoel Pereira da Sylva Leal no *Cathalog. dos Porcioniſt. do Colleg. de S. Pedro.* §. 51. e o P. D. Antonio Caet. de Souſ. na *Hiſt. Geneal. da Caſa Real Portug.* Tom. 5. Liv. 6. pag. 378.

ANTONIO PIMENTA natural de Santarem, e contemporaneo do celebre Meſtre de Grammatica Jeronymo Cardoſo, e pela ſemelhança dos eſtudos, e coſtumes muito ſeu cordial amigo, como teſtificaõ as cartas 14. e 47. do meſmo Cardoſo a elle eſcritas, e os Poemas 19. 20. 21. 22. do Livro 2. das *Elegias* conſtando deſtas expreſſoens poeticas quanto era celebre o ſeu nome entre os eruditos por ſer muito douto nas Letras Humanas, e na elegancia da Poeſia dizendo no *Poema* 19.

Nata ſupremi Jovis ò Thalia
Linque Parnaſſi geminum cacumen
Et juga, & ſaltùs Heliconis, atque
Pocula Dirces.
Hæc vel imprimis jubeo, voloque
Rebus ut cunctis facias relictis
Ut mei Antoni caput eruditum
Floribus ornes.
Nectè quamprimum violis coronam
Et roſis rubris, niveiſq textam
Adde, qui ſervant puerum nitentem
Nomina flores.
Si lares hujus rogitas, domumque
Certior fies, breviter docebo,
Hinc petas tecta Scalabis vetuſtæ

Mænia clara.
Ille ob inſignes, variaſque dotes
Quas habet, cunctis celebratus Oris
Hunc eques, plebs colit, & Senator,
Vulgus, & omne.
Inſuper doctis habet expolitum
Artibus pectus, Veterum putabis
Numen, & clarum ingenium virorum
Vivere in illo.

Naõ lhe faz differente elogio em outro lugar dizendo

Quiſquis Palladiæ cupit paleſtræ
Doctior fieri, ſuumque pectus
Virtutis ſtudiis polire pulchre
Antonij Piperij requirat ſedes
Quo nemo eſt melior, modeſtiorque
Aut doctus magis, aut magis diſertus.

Deixou muitas obras poeticas, e cartas latinas lembrando-ſe de duas Jeronymo Cardoſo na *Carta* 47. que lhe eſcrevera, ſendo merecedoras da luz publica.

ANTONIO PIMENTA, ou de LESSA, filho de Diogo Pimenta do Avelar, e Maria de Leſſa naceo na Villa de Torres novas da Dioceſe de Lisboa no anno de 1620. Ao tempo que eſtudava Logica com os Padres Jeſuitas, abraçou o ſeu Inſtituto quando contava quinze annos de idade a 31. de Outubro de 1635. onde tendo acabado o Curſo Filoſofico, e principiado o Theologico obrigado de cauzas urgentes ſahio da Companhia, e paſſando à Univerſidade de Coimbra naõ ſomente ſe applicou ao eſtudo da Theologia, mas tambem do direito Canonico recebendo em ambas eſtas faculdades o gráo de Doutor. Sendo muito douto neſtas Sagradas ſciencias, ainda foy mais eminente na Mathematica, para cujo eſtudo, como elle confeſſa em huma das ſuas obras, teve deſde a idade de ſete annos particular genio, e inclinaçaõ, e de tal ſorte ſe augmentou que no conceito dos homens mais eruditos neſta faculdade naõ tinha Portugal outro que lhe foſſe igual. Eſta geral aclamaçaõ moveo aos Cathedraticos de Coimbra a que por uniforme voto de todos foſſe eleito Meſtre deſta ſciencia na Univerſidade, cujo miniſterio exercitou por alguns annos com grande credito do ſeu nome; naõ ſendo inferior, o que conſeguio nos lugares de Prothonotario Apoſtolico, Aſſeſſor do Nuncio, Parocho da Igreja de S. Paulo de Lisboa, e ultimamente Prior da Igreja de S. Pedro de Torres novas. Teve huma numeroza Livraria que ſe compunha a mayor parte de livros de Mathematica, e Theologia Moral. Morreo na ſua Patria em Novembro de 1700. com outenta annos de idade. Publicou muitas obras na lingua Portugueza com o nome ſuppoſto de Manoel Gonçalvez da Coſta morador no lugar de Peras Alvas, ſendo as que chegáraõ à noſſa noticia, as ſeguintes.

Tratado nas Ephemeridas de Euclides, em o qual refuta certas opinioens de Manoel Alvares Galhano Medico de Almada divulgadas no ſeu Prognoſtico do anno de 1662.

Noticias Aſtrologicas, e univerſaes influencias das Eſtrellas. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1659. 4.

Brachilogia Aſtrologica do Sol, Lua, e Eſtrellas &c. Coimbra por Thomé Carvalho. 1670. 4.

Colloquio jocoſo entre hum Eſtudante, e hum paſtor em que ſe declaraõ os nomes, e effeitos dos Planetas, e Signos celeſtes com o prognoſtico do anno de 1686. Coimbra por Jozé Ferreira. 1685. 8. Obras que ſahiraõ com o ſeu nome.

Sciographia da nova Poſtimaſia celeſte, e do portentozo Cometa, que apareceo no anno de 1664. Lisboa por Domingos Carneiro 1665. 4.

Neſta obra trata doutamente da materia, e forma dos Cometas, e nella *Gramat.* 5. pag. 21. promete para ſe imprimir.

Aſtronomia ſimples viſual.

Nova, e atè entaõ deſconhecida Quadratura do Circulo. Sahio impreſſa em Lisboa em poucas paginas, publicando para mais copioſa explicaçaõ da dita obra a ſeguinte em Latim, e Caſtelhano.

Epiphania admirabilis Iſonomiæ Trigoni, Circuli, et Quadraturæ, á quibus emanat vera Circuli Quadratura cujuslibet anguli diviſio in non tot, quin plures partes, ſive pares, ſive impares, et inter datas duas lineas duarum mediarum proportionalium inventio; omnia geometrice demonſtrata. Ulyſſipone apud Dominicum Carneiro. 1685. 4.

Neſta obra de que faz larga mençaõ o *Giornale de Litterati del anno de* 1687. pag. 56. affirma ſer elle o primeiro que extrahio das trevas em que jaziaõ ſepultadas

as propriedades do Trigono Circulo, e Quadrado ignoradas pelos Principes da Aſtronomia, e Geometria Archimedes, e Euclides. Se dezempenhou eſta aſſeveraçaõ, ſómente o podem teſtemunhar os profeſſores deſtas Artes.

Addicionou.

Breve recopilaçaõ dos Caſos reſervados nas Conſtituiçoens novas deſte Arcebiſpado de Lisboa, e nas mais dos outros Arcebiſpados, e Biſpados deſte Reyno de Portugal compoſtas por Manoel Lourenço Soares. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira 1658. 8. Deixou *M. S.*

Antiguidades, e excellencias da ſua Patria.

ANTONIO PIMENTEL natural de Lisboa muito douto na faculdade de Direito Civil, e celebre patrono de cauſas Forenſes. Por morte de ſua mulher querendo dedicar-ſe a Deos, ſe aggregou aos Clerigos Menores que de Italia tinhaõ vindo a eſta Corte com o intento de fundarem nella huma Caſa, porèm naõ conſeguindo o ſeu deſignio voltou com elles para Roma, onde com os ſeus Companheiros, que entaõ habitavaõ na Praça Agonal, e agora exiſtem em Saõ Lourenço in Lucina ſe occupou como ſolicito Parocho no eſpiritual paſto das ſuas ovelhas. Voltando para Caſtella com igual fama de virtude, que ſciencia morreo pouco antes do anno de 1656. Compoz.

Cartilha para ſaber ler em Chriſto Compendio do livro da vida eterna. Lisboa por George Rodriguez. 1628. 12. Sahio acrecentada. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira 1656. 8. e por Joaõ Galraõ 1684. e Coimbra por Jozé Ferreira 1674. 8.

Manual da alma; arte para bem morrer, eſpelho da vida perfeita. Lisboa por Lourenço de Anvers. 1644. 12. e em outras partes.

Huma imagem de Chriſto Crucificado em huma eſtampa com diverſas, e pias inſcripçoens, e o acto de Contriçaõ. Roma in 8. na lingua Italiana.

ANTONIO DE PINA Guarda Mór do porto da Villa de Caſcaes eſcreveo em forma de dialogo aſſim para os paſſageiros que vem embarcados em as náos da India para Lisboa, como para os Pilotos que as coſtumaõ introduzir no porto deſta Cidade a ſeguinte obra que intitulou.

Regimento da Carreira, e barra de Saõ Giaõ com o modo, e traça della em preguntas porque devaõ ſer examinados os Pilotos, que ouverem de meter por ella as náos da India, que vem da viagem com as repoſtas, que devem dar os que tiverem a ſuficiencia, practica, e experiencia, que ſe requere para os haverem por examinados. Vay tudo em preguntas, e repoſtas. Feito em Caſcaes a 25. de Julho de 1605. Conſervavaſe na Bibliotheca de Manoel Severim de Faria Chantre de Evora.

ANTONIO DE PINA. Teve igual talento para a Poeſia, que para a Muſica, de cujas faculdades produzio diverſos frutos imprimindo.

Vilhancicos duas Partes 8.

D. ANTONIO PINHEIRO. Naceo na Villa do Porto de Mós da Dioceſe de Leiria, e foy filho de Pedro Braz do Couto, e Leonor Alvares Pinheira, neto pela parte paterna de Braz Annes do Couto, e pela materna de Alvaro Fernandes Pinheiro Padroeiro da Capella de S. Sebaſtiaõ na Igreja de Saõ Pedro da Villa de Porto de Móz. A boa indole, e vivo engenho que logo na infancia moſtrou para as letras moveo ao Sereniſſimo Rey D. Joaõ o III. para o mandar inſtruir nas ſciencias humanas, e divinas no Collegio de Santa Barbara de Pariz, de que era Reytor o inſigne Diogo de Gouvea. Neſta litteraria paleſtra fez taes progreſſos o ſeu grande talento, que brevemente paſſou de diſcipulo a Meſtre explicando com geral acclamaçaõ daquella famoſa Corte o livro Terceiro das Oraçoens de Quintiliano que depois illuſtrou com eruditos commentarios. A opiniaõ do ſeu nome era taõ celebre, que ſendo já pequena esfera o dilatado Reyno de França ſe extendeo até Portugal, por cuja cauſa o mandou ElRey D. Joaõ o III. que voltaſſe para a Patria. Obedeceo promptamente à ordem do ſeu Soberano, e tanto que chegou, o fez Meſtre dos Moços Fidalgos, que frequentavaõ o Palacio, e depois determinou que o foſſe unicamente do Principe D. Joaõ ſeu filho. Eſte foy o preludio das

honras, com que eſte Monarcha remunerou os ſeus altos merecimentos, o qual conhecendo que era capaz dos lugares mais honorificos o fez ſeu Capellaõ, Prégador, e Conſelheiro, Chroniſta Mór do Reyno em cujo lugar ſubſtituhio a Fernaõ de Pina, encomendandolhe eſcreveſſe a vida de ſeu auguſto Pay ElRey D. Manoel. Depois foy Guarda Mór do Archivo Real, Viſitador, e Reformador da Univerſidade de Coimbra, cujo miniſterio exercitou no anno de 1565. Entre taõ diverſos, e authorizados lugares ſempre conſervou a graça deſte Principe, e o que he mais digno de admiraçaõ, que a mereceo ainda mayor com ElRey D. Sebaſtiaõ, e o Cardial D. Henrique conciliando eſta afectuoſa inclinaçaõ, naõ por artificios da lizonja, que coſtumaõ practicar os Palacianos, mas como eſcreve o P. Balthezar Telles *Chron. da Prov. de Portug.* Part. 2. liv. 6. cap. 18. n. 12. *por ſua muita virtude, como pela conhecida eminencia de ſua grande habilidade, muita eloquencia, e conhecimento que tinha naõ menos de letras divinas, que das humanas* e no livr. 4. cap. 5. n. 3. *homem doutiſſimo, e muy erudito em letras humanas.* Foy inſigne Orador Latino, cuja eloquencia arrebatava a atençaõ dos mayores profeſſores deſta arte ſendo hum delles o inſigne Jeronymo Cardoſo affirmando na Epiſt. 63. a elle eſcrita, que lhe roubàra ſuavemente a alma pelos ouvidos. Naõ foy menos feliz na eloquencia Portugueza do que era na Latina ſendo ſempre nomeado pelos noſſos Monarchas para Orador das mayores funçoens, ou foſſem Sagradas, ou politicas concorrendo todo o genero de peſſoas a ouvillo como *Cicero Portuguez* qual o intitula Manoel de Faria, e Souſa no *Coment. de Camoens* Cant. 1. Eſtanc. 33. ou como *Oraculo daquella idade,* que aſſim o appelida Jorge Cardoſo na *Prefaçaõ do Tom. 3. do Agiologio Luſitano.* A' profundidade das ſuas letras correſpondia a vigilancia do ſeu zelo nas duas Dioceſes de Miranda, e de Leyria, que como Solicito Paſtor governou ſendo aſſumpto à primeira no anno de 1564. e à ſegunda no de 1579. adminiſtrando em huma, e outra os Sacramentos, frequentando os Hoſpitaes, repartindo largas eſmolas, e ornando ſumptuoſamente os Templos. Nunca ſahio da ſua Dioceſe ſe naõ obrigado do preceito do ſeu Principe ou de alguma urgente neceſſidade pertencente à conſervaçaõ da Monarchia, como foy quando diſſuadio a ElRey D. Sebaſtiaõ da infeliz jornada de Africa, e na occaſiaõ em que por morte do Cardial D. Henrique foy mandado por Embaxador a ElRey Filippe II. para lhe repreſentar com a eficacia das ſuas palavras naõ invadiſſe eſte Reyno antes de ſe declarar juridicamente qual era o ſeu legitimo Suceſſor. Aſſiſtindo em Lisboa foy acometido da ultima infermidade, e recebendo com ſumma piedade os Sacramentos paſſou a melhor vida. Ordenou no ſeu Teſtamento que o ſeu Corpo foſſe ſepultado na Capella de S. Sebaſtiaõ, que tinha edificado na Collegiada de S. Pedro da ſua patria, como com effeito ſe executou. Alèm dos Authores allegados o louvaõ com grandes elogios Affonſo Garcia Matamor. *de Acad. et doctis Vir. Hiſp.* in *Hiſpan. Illuſtrat.* Tom. 2. pag. 815. *propter ingenium, et artes liberales quibus eſt inſtitutus, et illud ſuum commentandi genus, quo librum Quinctiliani ſane difficilem ennarravit philoſophis, et eloquentiæ ſtudioſis non improbandus.* Valer. And. Taxand. in *Cathal. Clar. Hiſpan. Script.* Eſtes dous eſcritores lhe chamaõ por erro Bartholameu. Nicol. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 120. Cunha in *Decret.* Part. 2. *Cap. Archidiac.* diſt. 83. n. 10. e na *Hiſt. Eccleſ. de Brag.* Part. 2. cap. 78. n. 6. *grande Prègador, e grande Valido delRey D. Henrique, e D. Filippe,* e no *Cathal. dos Biſp. do Port.* Part. 2. cap. 40. Poyares *Paneg. da Vill. de Barcel.* cap. 18. Brit. *Mon. Luſit.* Part. 1. liv. 1. cap. 30. chamandolhe *inſigne.* Manoel Sever. de Far. *Not. de Portug.* pag. 74. v.º Herrer. *Hiſt. de Portug.* lib. 3. n. 80. *inſigne perſonage en letras, y virtud, y muy eſtimado.* Coſta na *epiſt. dedicat. a D. Theod. 1. Duque de Brag. do Epithalam. dos Princep. D. Duart. e D. Izab. Vir in omni litterarum genere doctiſſimus, ac Luſitani ingenij rarum ſpecimen.* Brito in *Theatr. Luſit. Litter.* lit. A. n. 106. *vir eloquentiſſimus* Fr. Fernand. da Soled. *Hiſt. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 4. liv. 4. cap. 29. n. 991. *Homem doutiſſimo na lingua Latina.* Franc. *Synopſ. Annal. Soc. Jeſ. in Luſitan.* pag. 74. n. 8. Orland. *Hiſt. Societ.* lib. 15. n. 98. Fr. Pedro Monteiro *Clauſt. Domin.* Tom. 3.

pag. 316. *famoſo, e eloquentiſſimo Prègador delRey D. Joaõ o III.* Fr. Martinho do Amor de Deos *Chron. da Prov. de S. Anton.* Tom. 1. liv. 1. cap. 23. §. 370. *inſigne Prégador daquelles tempos.*

Compoz.

Commentarij, & annotationes in Marc. Fabium Quintilianum de Inſtitutione Oratoria cum iiſdem Inſtitutionibus. Venet. apud Hyeronimum Scotum. 1567. fol. et Pariſiis apud Vaſcoſanum. 1569. fol.

Summario da prégaçaõ fumebre, que o Doutor Antonio Pinheiro Prégador delRey N. Senhor fez por ſeu mandado no dia da tresladaçaõ dos oſſos dos muito altos, e muito poderoſos Princepes ElRey D. Manoel ſeu Pay, e a Rainha D. Maria ſua Mãy de louvada memoria. Lisboa por Germaõ Galhard Imprimidor delRey Noſſo Senhor 1551. 4.

Oraçaõ que fez pera o Juramento do muito alto, e muito excellente Princepe Dom Joaõ Pay delRey D. Sebaſtiaõ noſſo Senhor para o qual juramento chamou a Cortes o muito alto, e muito poderozo Rey D. Joaõ o III. que Deos tem, em Almeirim, e o dia do Juramento em que o dito Principe recebeo da maõ do muito alto, e muito excellente Cardeal o Infante D. Henrique ſeu tio o Sacramento da Confirmaçaõ na Capella dos Paços de dita Villa. Lisboa por Joaõ Alvares Impreſſor delRey 1563. 4.

Repoſta do Procurador de Lisboa leterado que foy o Doctor Lopo Vaz a qual por mandado delRey D. Joaõ o III. lhe fez o Doctor Antonio Pinheiro para elle a dizer. Lisboa pelo meſmo Impreſſor, e anno.

Practica na acclamaçaõ delRey D. Sebaſtiaõ. Sahio impreſſa na Hiſt. Sebaſt. liv. 1. cap. 3. pag. 15. e nas minhas *Mem. delRey D. Sebaſt.* Part. 1. liv. 1. cap. 4. n. 33.

Falla que fez à Rainha D. Catherina em nome do Povo de Lisboa, para que naõ largaſſe a Regencia da Monarchia no anno de 1561. Sahio impreſſa na *Hiſt. Eccleſ. de Braga* Part. 2. cap. 75. n. 6. compoſta por D. Rodrigo da Cunha, e na *Hiſt. Sebaſtic.* do P. Fr. Manoel dos Santos Monge Ciſtercienſe Chroniſta deſte Reyno, e Academico da Academia Real liv. 1. cap. 10. pag. 62. e nas minhas *Mem. delRey D. Sebaſt.* Part. 1. liv. 2. cap. 3. n. 34.

Traduzio de Latim em Portuguez.

Oraçaõ obediencial que recitou no anno de 1562. em nome delRey D. Sebaſtiaõ o Doutor Belchior Cornejo no Concilio Tridentino. Impreſſas nas minhas *Mem. delRey D. Sebaſt.* Part. 2. liv. 1. cap. 1. n. 8. Começa.

Poſto que ſempre a ſolemnidade dos Sagrados Concilios &c.

Oraçaõ que fez na Salla dos Paços da Ribeira nas primeiras Cortes que fez o muito alto, e muito poderoſo Rey D. Sebaſtiaõ o primeiro noſſo Senhor governando ſeus reynos, e Senhorios a muita alta, e muito poderoſa Rainha D. Catherina ſua Avò noſſa Senhora. Lisboa por Joaõ Alvarez Impreſſor delRey 1563. 4. e nas minhas *Mem. delRey D. Sebaſt.* Part. 2. liv. 1. cap. 12. n. 93.

Oraçaõ recitada em Thomar quando foy levantado, e jurado por Monarcha deſta Coroa Fellipe Prudente em 16. de Abril de 1581.

Oraçaõ recitada nas Cortes de Thomar celebradas a 20. de Abril de 1581.

Oraçaõ recitada no Auto do Juramento que em Thomar ſe fez do Princepe D. Diogo em 23. do Abril de 1581.

Eſtas trez Oraçoens ſahiraõ impreſſas com as Cortes de Thomar no anno de 1584. in fol. ſem lugar nem nome do Impreſſor.

Oraçaõ recitada nas Cortes de Almeirim a 11. de Janeiro de 1580. Deſta obra faz memoria o P. D. Antonio Caetano de Souſa *Hiſt. Geneal. da Caſa Real Portug.* Tom. 3. liv. 4. cap. 18. pag. 652.

Entre as obras de Miguel de Cabedo que foraõ impreſſas com as de André de Reſende Romæ apud Bernardum Baſſam 1597. 8. à pag. 501. eſtá huma carta Latina muito elegante de D. Antonio Pinheiro eſcrita ao dito Cabedo em o anno de 1571. a qual começa.

Teneor incredibili deſiderio tui Michael mi &c.

No Tratado *de Crepuſculis* compoſto pelo inſigne Mathematico Pedro Nunes impreſſo Conimbricæ apud Antonium Mariz. 1571. fol. eſtá hum ſeu epigramma em applauſo do Author que começa.

Cynthia quæ rapidis nocturna crepuſcula bigis.

Epitafio a Fr. Thomaz da Coſta da Ordem dos Prégadores Prégador delRey D.

Joaõ o III. o qual fixou eſcrito em huma folha de papel ſobre a ſua ſepultura *que os Padres* (ſaõ palavras do inſigne Chroniſta Fr. Luiz de Souſa na *Hiſt. de S. Domingos* Part. 2. liv. 6. cap. 18.) *mandaraõ recolher, e guardar, porque inda que nunca conſtou do Author, ſabiaſe com certeza ſer Secular, e ſoſpeitava-ſe que ſeria outro Prègador delRey, grande ſeu devoto, e naõ inferior em letras, e pulpito.* Começa.

Hìc quanvis properes, tantiſperſiſte viator.

Pauca legens noſces qui jacet in tumulo,

Conſta de 17. Dyſtichos, e eſtá impreſſo à pag. 264. da Part. 2. da *Hiſt. de S. Domingos* aſſima allegada.

Obras *M. S.*

Panegyrico de Plinio a Trajano traduzido em Portuguez, cujo Original ſe conſerva na Livraria da Cartuxa de Evora. Delle tem hum exemplar *M. S.* o Excellentiſſimo Conde da Ericeira na ſua Seléctiſſima Bibliotheca que vimos. Deſta obra faz honorifica mençaõ Manoel Severim de Faria nos *Diſcurſ. Var.* pag. 74. v.º.

Oraçaõ obediencial que deo a Paulo IV. D. Affonſo de Alencaſtro Commendador Mór da Ordem de Chriſto em nome delRey D. Joaõ o III. Começa.

Poſto, que o mui poderoſo Rey de Portugal.

Oraçaõ para ſe recitar no Capitulo da Ordem militar de S. Tiago. Começa.

Aſſim como foy conveniente que no principio da Igreja. &c.

Oraçaõ para o Capitulo da Ordem militar de Avis. Começa.

Huma das grandes excellencias da Religiaõ Chriſtaã &c.

Carta eſcrita a Fr. Agoſtinho Prior do Convento de Thomar ſobre o cazo, que aconteceo a ElRey D. Joaõ o 3. Começa.

Naõ eſcrevi a V. P. as novas deſta terra.

Parecer a cerca do uzo da Aſtrologia Começa.

Pareceume neceſſario para quietar conciencias, e reprimir alguns movimentos &c.

Practica conſolatoria que fez a ElRey D. Joaõ o III. pelo falecimento de ſua filha a Princeza D. Maria mulher do Princepe D. Felippe. Começa.

Se como o uſo das couſas as faz leveis, e comportaveis. He larga, e erudita.

Todas eſtas obras vimos juntas em hum volume com outras muitas cartas ſuas eſcritas a varios Cavalheros.

Advertencias de couſas antigas de Portugal; as quaes (diz Fr. Bernardo de Brito na *Mon. Luſit.* Part. 1. liv. 1. cap. 28.) *Saõ dignas do ſeu engenho,* e as allega muitas vezes principalmente liv. 2. cap. 4. e 10. liv. 4. cap. 2. da 1. Part. da *Mon. Luſit.*

Tractatus in Pſalmos Davidicos.

Tratado da eloquencia da lingua Portugueza.

Sermoens varios 1. *Tom.* que ſe conſervava na Livraria de D. Anton. Alvarez da Cunha como affirma que nella o vira o P. Franciſco da Cruz nas *Memorias para a Bib. Portug.*

Repoſta a huma carta Satyrica que ſe lhe fez. Começa *Gens inimica mihi que he o que me quereis? M. S.* na Biblioth. do Cardial Souſa.

Sermaõ prégado no Convento de Belem na ſolemnidade da bençaõ da Bandeira que ſe entregou ao Senhor D. Antonio quando foy para Tangere M. S. Conſerva-ſe na Livraria do Excellentiſſimo Marquez de Abrantes.

ANTONIO PINHEIRO natural de Monte Mór o novo da Provincia do Alentejo diſcipulo do grande Meſtre de Muſica Franciſco Guerreiro com quem chegou a contender na excellencia deſta Arte enſinando-a com tal methodo que ſahiraõ da ſua eſcola famoſos diſcipulos. Foy Meſtre da Capella Ducal de Villa-Viçoſa, donde paſſou a exercitar eſte miniſterio na Cathedral de Evora, onde morreo a 19. de Junho de 1617. Entre os mais illuſtres teſtemunhos, que deixou deſta faculdade foy hum volume grande que conſtava do

Cantico da Magnificat. cantado por diverſas vozes com particular artificio, o qual ſe conſerva na *Biblioth. Real da Muſica.*

ANTONIO DE PINHO natural da Villa de Abrantes do Biſpado da Guarda. Foy moço do Coro da Cathedral de Evora, e Cantor na meſma Sé, naõ ſendo menos ſuave na Muſica, que na Poeſia, para cuja arte teve natural inclinaçaõ compondo em verſo heróico.

Vida, e martirio do Infante Santo D. Fernando filho delRey D. Joaõ o I.

Cujo Poema tinha em ſeu poder no anno de 1619. ſeu filho Manoel de Pinho para o imprimir, porem naõ logrou eſte beneficio.

ANTONIO PINHO DA COSTA Cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto, exercitou a vida militar na India, principalmente na Cidade de Cochim onde foy morador muitos annos, e Cidadaõ. O tempo que lhe reſtava do exercicio de Soldado o gaſtava louvavelmente em compoſiçoens mais proprias de hum profeſſor das letras, que das armas imprimindo a ſeguinte obra que dedicou ao Marquez de Niza.

A verdadeira Nobreza. Lisboa na Officina Crasbeeckian. 1650. 4. e 1655. 8.

Dividiſe em tres livros o 1. trata das *couſas pertencentes à religiaõ Chriſtaá*, 2. das *tres virtudes Cardiaes Prudencia Juſtiça, e Fortaleza* 3. *da Temperança, e outras virtudes que della procedem.*

ANTONIO DE PINO natural da Cidade de Leyria dotado de engenho jocoſo para a Poeſia de que deixou no tempo que aſſiſtia em Flandes por teſtemunho da fertilidade da ſua veya.

Feſtivas elegias. 1656. 4.

ANTONIO PINTO natural de Lisboa, naõ ſómente inſigne na faculdade de Leys nas quaes recebendo o gráo de Doutor na Univerſidade de Coimbra, illuſtrou o Senado de Lisboa com o lugar de Dezembargador dos aggravos, de que tomou poſſe a 3. de Dezembro de 1575. mas na elegancia, e pureza com que fallava a lingua Latina, e na Poeſia de todo o genero como entre os profeſſores mais celebres deſta arte o numera com grande louvor Pedro Sanches na Epiſtol. ad *Ignat. Moralium de Poet. Latin.*

Pintus adeſt alter, Pintus cui carmina ſæpe
Plura dedid Pæan, quám præbent littora conchas
Quám fert Hybla thymum, quàm Ladon volvit arenas.

Por eſtes ſingulares dotes o elegeu por ſeu Secretario o inſigne Heróe Lourenço Pirez de Tavora, quando foy por Embaxador a Roma, e tanto confiou da ſua prudente actividade, que lhe cometeo no anno de 1561. a grave incumbencia de partir ao Preſte Joaõ com cartas de Pio IV. e delRey D. Sebaſtiaõ para que o Emperador daquelle vaſto Imperio mandaſſe ſeus Embaxadores, que aſſiſtiſſem no Concilio Tridentino. O meſmo lugar de Secretario exercitou com D. Fernando de Menezes Embaxador na Curia recitando no anno de 1566. a Oraçaõ Obediencial em nome delRey D. Sebaſtiaõ na prezença de S. Pio V. novamente ſublimado ao trono de S. Pedro a qual imprimio em Roma com eſte titulo.

Oratio obedientialis ad Sanctiſſimum Dominum D. Pium V. obedientiam præſtante D. Ferdinando de Menezes Sebaſtiani Regis nomine. 4.

Oratio de Scientiaram omnium, magnarumque artium laude habita apud univerſam Conimbricenſem Academiam Kalend. Octob. 1555. *Ad Illuſtriſſimum D. Joannem Ducem de Aveiro.* Conimbricæ apud Joannem Alvares Typ. Reg. 1555. 4.

Regis Sebaſtiani infelix bellum, & obitus. Poema em verſo heróico que ſe naõ imprimio por naõ querer riſcar a palavra *Fatum* que a indiſcreta critica do Cenſor que examinou a obra, mandava tirar.

Cartas originaes ſendo Reſidente em Roma deſde o anno 1562. até 1572. *para Lourenço Pirez de Tavora.* M. S. Conſervaõ-ſe na Livraria do Excellentiſſimo Marquez de Abrantes.

ANTONIO PINTO Prior da Villa de Arganil do Biſpado de Coimbra compoz, mas naõ imprimio.

Dialogo moral ſobre o Pſalmo 50. Miſerere mei Deus *ſendo interlocutores Santo Agoſtinho, e Plataõ.*

ANTONIO PINTO DA CUNHA natural da Villa de Provezende na Provincia Traſmontana. Depois de eſtudar na Univerſidade de Coimbra a faculdade dos Sagrados Canones, e receber o Gràо de Bacharel neſta faculdade foy eleito Reytor da Igreja S. Joaõ Bautiſta ſituada no Couto de Provezende ſua patria, cuja paſtoral occupaçaõ exercitou com louvavel procedimento atè acabar a vida em idade muito provecta com ſaudade das ſuas ovelhas a 22. de Março de 1715. Foy Prothonotario Apoſ-

tolico, e Prégador de nome deixando para teſtemunhas do talento, que tivera para o Pulpito, os Sermoens ſeguintes.

Sermaõ dos Paſſos de Chriſto Senhor Noſſo. Lisboa por Antonio Crasbeeck de Mello Impreſſor de S. Alteza. 1670. 4.

Sermaõ da Virgem Maria Senhora Noſſa em o dia da ſua Aſſumpçaõ prègado em a ſua Igreja de Chaves. Lisboa pelo dito Impreſſor, e no meſmo anno 4. e Coimbra por Joaõ Antunes 1692. 4.

ANTONIO PINTO DA FONSECA Capitaõ General do Sul em a India Oriental, que depois de exercitar acções heroicas nas Campanhas de Flandes, França, e Alemanha as obrou em o Oriente contra os inimigos da Religiaõ, e do Eſtado com grande credito do ſeu nome. Eſcreveo.

Carta à Santidade de Urbano VIII. eſcrita em 25. de Outubro de 1628. em que lhe ſupplica a Beatificaçaõ do Veneravel Fr. Luiz da Cruz Religioſo Menor da Provincia da Madre de Deos da India Oriental. a qual traz impreſſa Fr. Jacinto da Madre de Deos na Chron. da meſma Provincia cap. 6. Artic. 13. pag. 344. Da obra, e do Author ſe lembra o moderno Addicionador da *Bib. Occid.* de Antonio de Leaõ. Tom. 2. Tit. 33. col. 841. Dando-lhe o appelido de *Correa* em lugar de *Fonſeca.*

ANTONIO PINTO PEREIRA natural da Villa de Mogadouro do Biſpado de Miranda, filho de Pays Nobres, e muito mais illuſtre pela ſciencia da Hiſtoria Politica, e elegancia na fraſe com que eſcrevia, por cujas partes o elegeo o prudentiſſimo Infante D. Luiz para Secretario de ſeu Filho o Senhor D. Antonio. Deixou eſcrita, e ſe imprimio depois da ſua morte por deligencia de Fr. Miguel da Cruz Religioſo da Ordem Militar de Chriſto.

Hiſtoria da India no tempo em que a governou o Viſo-Rey D. Luiz de Atayde. Coimbra por Nicolàо Carvalho 1617. fol. Deſta obra, e do Author faz memoria Antonio de Leon *Bib. Orient.* Tit. 3. Deixou tambem incompleta outra Hiſtoria da India cuja primeira parte conſta do *ſitio da Ilha de Goa, e do fundamento dos Eſtados do Hidalcaõ, e Nizamaluco.* Começava o 1. Capitulo. *A Ilha de Goa, em que hà huma populoſa Cidade do meſmo nome, &c.* E acabava imperfeitamente no cap. 52. Deſta obra ſómente ſe começou a imprimir o 2. Livro, ſendo a cauſa porque os Fidalgos, que ſe tinhaõ achado neſtes dous cercos de Goa, e Chaul queriaõ, que ſe divulgaſſem as proeſas militares, que nelles obraraõ para que ſerviſſem de publico memorial a ElRey D. Sebaſtiaõ por onde foſſem remunerados, porèm conſiderando eſte Principe, que naõ podia ao meſmo tempo premiar tantos merecimentos para naõ ſer arguido de menos recto na diſtribuiçaõ dos premios, ſe naõ publicou eſta Hiſtoria onde ſe relatavaõ as façanhas obradas por ſeus Vaſſallos.

Eſcreveo *cartas elegantiſſimas* das quaes ſe formou hum Livro de juſta grandeza.

Verteo de Italiano de Pedro Bembo em Portuguez.

Tratado dos Deſpoſorios.

Delle fazem mençaõ Nicol. Ant. in *Bib. Hiſpan.* Tom. 1. pag. 120. e Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Luſit. Litter.* lit. A. n. 107.

P. ANTONIO PIRES natural da Villa de Caſtello Branco de Biſpado da Guarda. Entrou na Companhia de JESUS em 6. de Março de 1548. e ſendo ainda Noviço paſſou com o inſigne operario Evangelico o P. Manoel da Nobrega em o anno de 1550. ao Braſil para annunciar o Evangelho aos Barbaros, ou reformar os coſtumes dos Chriſtãos. Tanto que chegou à Bahia partio para Pernambuco, em cuja agreſte vinha empregou todo o ſeu diſvello introduſindo a frequencia dos Sacramentos por haver muitos, que os naõ recebiaõ no dilatado eſpaço de quinze annos, e deſterrando a incontinencia, e a ambiçaõ de acumular riquezas, e de reduſir os gentios a opreſſaõ de hum duro cativeiro. Contra todos eſtes formidaveis monſtros publicou cruel guerra o valoroſo eſpirito deſte apoſtolico Varaõ ſendo innumeraveis os ludibrios, que padeceo, e os perigos a que expoz a vida em taõ difficultoſa empreſa; porèm com o auxilio de Deos, e aſſiſtencia de Duarte Coelho Governador daquelle Eſtado triumfou de todos os obſtaculos reduſindo ao ſuave jugo do Evangelho os que viviaõ como feras, admirando todos a repentina transformaçaõ daquella Babilonia confuſa em Cidade de refugio para aquelles, que queriaõ obſervar

os preceitos da Ley Evangelica. Informado o Biſpo da Bahia D. Pedro Fernandes Sardinha, logo que chegou ao ſeu Biſpado, do fruto eſpiritual, que tinha colhido eſte operario apoſtolico lhe ordenou, que em ſeu nome viſitaſſe aquella Capitanîa, cuja empreza executou com ſumma prudencia, e ſuavidade. Ultimamente mais atenuado de trabalhos, que de annos foy receber o premio dos ſeus merecimentos na bemaventurança devendo-ſe gravar por epitafio na ſua ſepultura o elogio, que eſtà eſcrito na *Hiſt. Societ.* ad ann. 1572. Part. 3. Lib. 8. n. 287. *Ad reliquas Braſiliæ clades Antonij Peres obitus acceſſit, qui Provinciam loco Nobregæ adminiſtrabat è primis ejus cultoribus, & apud domeſticos æque, ac populum virtutis opinione venerabilis 6. Kalend. Aprilis tribus, & viginti annis in ſocietate tradictis fere quinqua genarius obiit.* Semelhantes elogios lhe fazem Guerreiro *Glor. Cor. de esforçad. Relig. da Comp.* Liv. 3. cap. 2. Telles *Chron. da Comp. da Prov. de Portug.* Part. 1. Liv. 3. cap. 10. Vaſconcel. *Chron. da Prov. do Braſil* Liv. 1. à num. 108. atè 114. Franc. *Imag. da Virtud. em o Nov. de Coimb.* Tom. 2. Liv. 2. cap. 15.

Eſcreveo

Duas cartas aos Padres do Collegio de Coimbra em que trata das duas Miſſoens em Pernambuco eſcritas neſta Capitania, a primeira em 11. de Agoſto de 1551, e a ſegunda no meſmo anno. Sahiraõ vertidas em Italiano. Venecia por Miguel Tramefino. 1559. 8. que poſto naõ trazem o ſeu nome, certamente ſaõ ſuas por ſerem conformes às que ſe guardaõ no Archivo da Caſa Profeſſa de S. Roque de Lisboa onde eſtaõ as ſeguintes

Carta de Pernambuco em 5. de Junho de 1552. aos Padres de Portugal.

Carta ao Padre Provincial em 19. de Julho de 1558.

Outra ao meſmo Provincial Bahia 11. de Setembro de 1558.

Carta aos Irmãos da Companhia em 22. de Outubro de 1560.

ANTONIO PIRES GALANTE natural da Villa de Idanha Nova na Provincia da Beyra, taõ douto na Rhetorica Eccleſiaſtica, como na Sagrada Theologia. Foy Beneficiado na Igreja de S. Pedro de Evora, e baſtantemente perito na Lingua Italiana da qual verteo em Portuguez

Corte Santa do P. Nicoláo Cauſino da Companhia de JESUS. Lisboa por Domingos Lopes Roza 1652. 8.

Trabalhava em traduſir do meſmo idioma em o materno os Paradoxos Moraes de Alexandre Sperello Biſpo de Eugubio, que depois verteo em a Lingua Latina D. Luiz Voltolini Clerigo Regular Theatino, e ſahiraõ Francofurti ad Mænum apud Laurentium Kroningerum 1698. 4. 2. Tom. cum fig. dos quaes ſómente publicou o primeiro qual era

Que o mundo menor he mais grande, que o mayor. Lisboa na Officina Crasbeeckian. 1652. 4.

ANTONIO PIRES GONGE natural de Santarem mulato, que degenerava para negro, de eſtatura alta, mas de engenho mais ſublime aſſim nas Letras Humanas, que enſinou pelo largo eſpaço de quarenta annos como na Poeſia, ou foſſe Comica, ou Satyrica, naõ podendo diſtinguir os mayores profeſſores deſta arte em qual foſſe mais prompto, e cadente, ſe na compoſiçaõ dos Verſos Latinos, ou vulgares. Naõ foy menos feliz na proſa levando ſempre a palma em todos os certames literarios, que na Univerſidade de Coimbra ſe fizeraõ para cultura da Oratoria. Pela irregularidade, que lhe proveyo de hum homicidio, que fizera, naõ paſſou da Ordem de Diacono. Vivia pelos annos de 1603. e 1604. Compoz alèm de muitos Dialogos, e Comedias, muitos Autos Portuguezes ſendo os mais celebres

Auto da infame Cidade de Pentapolis.
Auto do Nacimento de Chriſto.
Auto da Epifania.
Auto da Reſurreiçaõ de Chriſto.
Auto de Santa Maria Magdalena.
Auto da Rainha Sabà.
Auto de Babilonia.
Auto ſobre aquellas palavras do Evangelho Vigilate mecum.

ANTONIO PIRES DA SYLVA natural da Cidade de Bragança da Dioceſe de Miranda. Com a meſma applicaçaõ, e diſvelo com que aprendeo Medicina, e tomou nella o Grào de Licenciado na Univerſidade de Coimbra, a exercitou nas Villas de

Alafoens, Aveiro, e Thomar com grande credito da ſua peſſoa. Ainda eſtava na primavera da idade, quando produſio ſazonados frutos da ſua erudiçaõ, e ſciencia imprimindo

Chronographia Medicinal das Caldas de Alafoens. Lisboa por Miguel Deslandes Impreſſor delRey 1696. 4.

Neſta obra ſe moſtra o Author igualmente perito na Medicina, que na Hiſtoria, narrando a Genealogia dos Reys de Portugal, e Heſpanha. No fim tem brevemente recopilado.

Exame Chirurgico.

No Prologo promete outras obras como ſaõ

Fabologia, e outra que elle diz ſer *de importantiſſima empreza,* naõ explicando o argumento da ſua materia.

Fr. ANTONIO DE PORTALEGRE natural da Cidade do ſeu apellido Religioſo profeſſo da Ordem dos Menores da Provincia Capucha da Piedade digno de eterna memoria pela exacta obſervancia da regra, e innocencia da vida, e madureza de juizo, por cujos dotes de tal ſorte conciliou o affecto delRey D. Joaõ o III. que naõ ſómente lhe cõmeteo à ſua grande capacidade negocios de ſumma importancia, mas o elegeo por Confeſſor de ſua Filha a Princeza D. Maria, quando partio a deſpozar-ſe com Filippe prudente, cujo miniſterio exercitou em quanto ella viveo. Reſtituido a Portugal, e depois à ſua Provincia mais amante da ſolidaõ, que do cõmercio humano ſe retirou para o Convento de Valverde diſtante tres legoas de Evora, onde viveo muitos annos exercitando heroicas virtudes atè que paſſando para o Convento de Santo Antonio de Coimbra morreo piiſſimamente no anno de 1593. Compoz a Hiſtoria da Paixaõ de Chriſto Senhor Noſſo em Verſos Portuguezes, que depois verteo em Caſtelhanos com o eſtilo mais devoto, que elegante, e os publicou ſem o ſeu nome com eſte titulo

Meditacion de la Paſſion de Chriſto Nueſtro Señor metrificada por hum Frayle Portuguez de la Provincia de la Piedad. Coimbra 1541. e 1548. 8. e em 1581. como diz D. Nicol. Ant. in Bib. Hiſp. Tom. 1. pag. 121.

Eſte meſmo aſſumpto compoz em Verſos elegiacos latinos, cujo principio era.

Reſpice peccator quanti mihi cauſa doloris
Quam varij fueris, cauſa que ſupplicij.

De cuja obra, e ſeu Author fazem mençaõ o P. Antonio dos Reys in *Enthuſ. Poetic.* n. 136.

= *Adſperſo gemmis diademate cingit*
At Portalegrium cantantem vulnera Chriſti
Grandia Melpomene.

Fr. Manoel de Monforte *Chron. da Prov. da Pied.* Liv. 4. cap. 24. n. 1. 2. 3. e 4. e Fr. Joan. à D. Ant. in *Bib. Franciſc.* Tom. 1. pag. 123.

Fr. ANTONIO DO PORTO natural deſta Cidade com que ſe appelidou, filho de Henrique Nunes de Gouvea, e Beatriz de Madureira ambos inſignes em virtude, e principaes Fundadores do Collegio do Porto da Companhia de Jeſus, em cuja Religiaõ teve dous filhos, e no Convento de Santa Clara duas filhas. Querendo imitar a vida Religioſa que abraçaraõ ſeus quatro irmaõs, e contrahir com elles por meyo da graça mais nobre vinculo do que tinha pela natureza, profeſſou o penitente, e auſtero Inſtituto da Provincia Serafica da Piedade, onde exercitou com virtuoſas acçoens a piiſſima educaçaõ, que recebera de taõ ſantos Pays acabando a vida com evidentes ſinaes de Santo como eſcreve Poſſino in *Vita P. Ignatij de Azevedo, & Socior.* Lib. 1. cap. 1. n. 8. Compoz ainda que naõ imprimio como teſtifica Jorge Cardoſ. *Agiol. Luſit.* a 21. de Março no Cõmentario letr. I. Tom. 2. pag. 264.

Vida de ſeus Pays Henrique Nunes de Gouvea, e Beatriz de Madureira. M. S. in 4.

ANTONIO DAS POVOAS natural de Lisboa filho de Antonio das Povoas Cõmendador do Eruedal da Ordem de Chriſto, e de ſua terceira mulher D. Filippa de Azevedo, Fidalgo da Caſa Real, Doutor em Leys, Dezembargador nas Relaçoens da Bahia, Porto, e Caſa da Supplicaçaõ de que tomou poſſe a 3. de Janeiro de 1622. Dezembargador de Aggravos a 19. de Novembro de 1626. e Juiz da Coroa a 30. de Mayo de 1633. donde paſſou a Conſelheiro da Fazenda, e Provedor da Alfandega, Varaõ de

ſumma inteireza, e authoridade, com que adminiſtrou lugares taõ honorificos. Foy muito applicado ao eſtudo da Genealogia, e naõ menos perito nas linguas mais polidas da Europa merecendo por eſtas partes grande eſtimaçaõ dos eruditos daquella idade. Caſou na Villa de Midoens junto da Commenda de ſeu Pay com D. Luiza de Miranda filha herdeira de Manoel de Miranda, de quem teve a Manoel das Povoas de Miranda, cujo ſobrenome tomou pelo Morgado, que lhe veyo de ſua Mãy. Morreo em Lisboa a 16. de Agoſto de 1642. Jaz ſepultado no Convento do Carmo. Eſcreveo.

Nobiliario das Familias deſte Reyno o qual (diz o P. D. Antonio Caetano de Souſa no *Apparat. à Hiſt. Gen. da Caſa Real de Portug.* pag. 83. n. 72.) *muitas vezes acho allegado por Genealogicos de authoridade.* Delle havia algumas copias na Livraria do Marquez de Angeja, e que agora ſe conſerva na Caſa do Excellentiſſimo Duque do Cadaval. Do Autor, e deſta obra ſe lembraõ D. Franc. Manoel na *Carta* 1. *da* 4. *Centur. das ſuas Cart. Famil.* e Joaõ Soar. de Brit. in *Theat. Luſit. Litter.* lit. A. n. 109. Eſcreveo mais.

Familia de Sylvas dedicada a D. Joaõ da Sylva Capellaõ Mór de ſua Mageſtade, do ſeu Conſelho, e do Geral da Inquiſiçaõ deſte Reyno eſcrito em 18. *de Fevereiro de* 1632. cujo Original conſerva na ſua Livraria o P. Fr. Affonſo da Madre de Deos Guerreiro Academico da Academia Real.

Fr. ANTONIO DOS PRAZERES natural de Lisboa, e filho de Lourenço de Mendoça 3. Conde de Valdereis, Deputado da Junta dos tres Eſtados, Regedor das Juſtiças, e Conſelheiro de Eſtado. Recebeo na idade juvenil o Habito da Sagrada Ordem dos Prégadores no Convento de Goa merecendo pela capacidade do ſeu talento naõ ſómente exercitar os lugares honorificos de Comiſſario, e Viſitador Geral da ſua Religiaõ nas Chriſtandades de Timor, e Solor, e de Vigario Geral no Reyno de Siaõ pelo Biſpo de Malaca, mas ſer eleito pelo Senado de Macáo para reprezentar à Mageſtade delRey D. Joaõ o V. noſſo Senhor algumas dependencias concernentes à conſervaçaõ, e augmento daquella Cidade. Chegado a eſta Corte dezempenhou, como delle ſe eſperava, a ſua comiſſaõ. No anno de 1722. navegou ſegunda vez para a India donde reſtituido ao Reyno partio para Roma. Pela dilatada aſſiſtencia que teve no Reyno de Siaõ obſervou com ſumma curioſidade a ſua ſituaçaõ, e o methodo do ſeu governo Eccleſiaſtico, e Civil eſcrevendo com eſtilo claro a ſeguinte obra que vimos.

Epitome hiſtorico, e noticia breve do Eſtado prezente do Reyno de Siaõ com a verdadeira ſituaçaõ, deſtricto, e diſpoſiçaõ das terras; deſcripçaõ dos tres Eſtados do Reyno Eccleſiaſtico, e popular, pleno conhecimento das tres materias da Republica, Religiaõ, Guerra, e Juſtiça M. S. in fol.

Conſta de 47. Capitulos. Começa o 1. *o Reyno de Siaõ.* Acaba o ultimo. *Que naõ incline a balança para a parte de mais ouro.* Eſtava prompta eſta obra com todas as licenças para a impreſſaõ, como teſtemunha Fr. Pedro Monteiro no *Clauſt. Domin.* Tom. 3. pag. 157. ſendo hum dos Revedores que pela Religiaõ o approvou affirmando ſer digna da luz publica que ainda até agora naõ logrou.

Fr. ANTONIO DA PRESENTAÇAM natural de Lisboa filho de Joaõ Carvalho, e Antonia da Frota. Profeſſou o auſtero Inſtituto da Serafica Provincia da Arrabida em o Convento de S. Jozé a 22. de Novembro de 1660. onde foy reſpeitado de tal ſorte o ſeu talento que tendo ſómente treze annos de Habito foy eleito Guardiaõ, e depois Secretario da Provincia, Definidor, e ultimamente Provincial no anno de 1697. em cujo miniſterio como ſummamente zeloſo da obſervancia dos Eſtatutos da ſua penitente Reforma, que tinhaõ ſido compoſtos pelo Cuſtodio Fr. Franciſco da Cruz, para ſerem exactamente obſervados diminuio algumas clauſulas, e acrecentou outras, alcançando a confirmaçaõ delles da Santidade de Innocencio XII. por hum Breve expedido em 4. de Mayo de 1697. que começa. *Nuper pro parte dilecti filij Antonij à Præſentione* &c. os mandou imprimir, e ſahiraõ com eſte titulo.

Eſtatutos da Provincia de Santa Maria da Arrabida da mais perfeita obſervancia do noſſo Serafico Padre S. Franciſco. Lis-

boa por Miguel Deslandes Impreſſor de Sua Mageſtade 1698. fol.

Foy Examinador das Ordens Militares, e hum dos mais graves Religioſos, que no ſeu tempo floreceraõ neſta Provincia. Acabado o triennio do Provincialado ſe retirou para o Convento de Alferrara donde paſſou para o deſerto da Arrabida, em cuja aſpera habitaçaõ aſſiſtio pelo eſpaço de cinco annos ſervindo de admiraçaõ aos auſteros moradores daquella Thebaida, até que chamado pelos Superiores ao Convento de S. Pedro de Alcantara deſta Corte, ſendo acometido da ultima infermidade, que logo ſe fez mortal pela decrepita idade de 86. annos recebendo com exceſſiva piedade os Sacramentos falleceo a 20. de Dezembro de 1724. com 65. annos de habito. Fazem delle memoria Fr. Joan. à D. Anton. in *Bib. Franciſc.* Tom. 1. pag. 123. Fr. Ant. da Piedad. *Chron. da Prov. de Santa Maria da Arrab.* Part. 1. liv. 1. cap. 29. n. 176. e Fr. Jozé de Jeſ. Mar. *Chron. da dita Prov.* Part. 2. liv. 5. cap. 25. n. 1076.

ANTONIO PRESTES natural da Villa de Santarem, e nella Enqueredor do Juizo do Civel. Foy muito inclinado à Poeſia Comica compondo nella com tanta facilidade, que acabava em poucos dias o que outro naõ acabaria em muitos mezes, ainda que foſſe muito verſado na meſma faculdade. Publicou em quanto viveo.

Comedias, e Autos diverſos em folha. Por ſua morte ſahio por diligencia de Antonio Lopes Moço da Capella Real.

Primeira Parte dos Autos, e Comedias Portuguezas. Lisboa por André Lobato. 1587. 4. em cujo livro eſtaõ os Autos ſeguintes compoſtos por Antonio Preſtes.

Auto da Ave Maria a fol. 1.
Do Procurador a fol. 27.
Do Dezembargador a fol. 61.
Dos dous Irmãos a fol. 75.
Da Cioſa. a fol. 112.
Do Mouro encantado a fol. 126.
Dos Cantarinhos. a fol. 163.

P. ANTONIO DE PROENÇA Naceo no lugar do Fundaõ do Biſpado da Guarda ſendo filho de Sylveſtre de Proença, e Jeronyma de Souza. Na idade de 18. annos abraçou o Inſtituto da Companhia de JESUS no Collegio de Coimbra a 17. de Outubro de 1574. e profeſſou ſolemnemente a 10. de Março de 1602. Entre todas as virtudes em que floreceo a mayor foy a da charidade, com que aſſiſtio em Coimbra aos feridos da peſte no anno de 1599. deſprezando heroicamente o horror de taõ fatal contagio, que devaſtou grande parte daquella Cidade. Naõ ſatisfeito o ardor do ſeu charitativo peito com eſte exercicio aſpirou a outro mayor, qual era paſſar ao Oriente, para offerecer em obſequio de Chriſto a vida, que lhe conſervara illeza entre tantas mortes. Para eſte fim ſupplicou ao Geral, que lhe deſſe faculdade, e poſto que por algum tempo lha dificultou, partio no anno de 1603. para a India, onde armado de Evangelico zelo reformou os coſtumes dos Chriſtaõs, e convenceu os erros dos Gentios com grande gloria da Religiaõ Catholica até que foy lograr na eternidade o premio dos ſeus merecimentos. Eſcreveo por ordem dos ſuperiores.

Relaçaõ dos Suceſſos que aconteceraõ em Coimbra no tempo da peſte do anno de 1599. a qual imprimio o P. Antonio Franco na *Imag. do Novic. do Colleg. de Coimb.* Tom. 2. liv. 4. cap. 16. atè 20. onde largamente falla do Author della, e no *Ann. glorioſ. S. J. in Luſit.* pag. 751.

Fr. ANTONIO DA PURIFICAÇAM Naceo na Cidade do Porto, e foy bautizado na Parochial de S. Nicolao. Teve por Pays a Gonçalo Coutinho, e Gracia de Moraes. Depois de completos 16. annos entrou na Religiaõ dos Eremitas de Santo Agoſtinho, e no Convento de Evora profeſſou a 10. de Fevereiro de 1617. Pela liçaõ de Filoſofia, e Theologia com que inſtruio aos ſeus domeſticos foy Meſtre jubilado, e pela noticia, que tinha da Hiſtoria Sagrada, e profana, Chroniſta da ſua Provincia, cuja fundaçaõ, privilegios, e illuſtres filhos, que produzio, deſcreveo em dous tomos com menos ſevera critica do que pedia eſte argumento adoptando-lhe Conventos, e Religioſos que nunca profeſſaraõ o Inſtituto Eremitico Auguſtiniano, quando baſtavaõ para eterna gloria de taõ illuſtre Provincia, e ainda do Reyno de Portugal, os que verdadeiramente habitaraõ os ſeus Clauſtros, ſendo eſte o juizo que formou de tal obra Joaõ Soares de Brito in

Theat. Luſit. Litter. lit. A. n. 11. *qui non ita feliciter à cæteris aliorum Ordinum monachis exceptus eſt, propterea quod multa illic in dubium revocare videatur, quæ ipſi tamquam certa, et explorata à mayoribus ſuis hauſiſſent pro injuria propria accipientes, quæ Author ipſe in ſui Ordinis gloriam, & exaltionem propalavit.* Para deſcanſar da laborioſa applicaçaõ, que em obſequio da ſua Religiaõ por muitos annos ſe occupara, o nomearaõ os Superiores Parocho da Igreja de S. Joaõ da Foz nos arrebaldes da Cidade do Porto, que he da adminiſtraçaõ dos Agoſtinhos, onde ſendo convidado pelos freguezes no anno de 1658. para prégar os Sermoens da Quareſma, e eſtando já preparado para eſte effeito, convidou outro Prégador para lhe ſubſtituir a ſua falta affirmando que certamente morria na ſeſta feira daquela Semana. Parecia incrivel eſta aſſeveraçaõ a todos que o viaõ ſem moleſtia alguma, antes com tal vigor que prometia muitos annos de vida, porém chamando ao Coveiro lhe advirtio naõ ſómente o lugar onde o havia de ſepultar, mas o modo como devia ſer amortalhado conforme o Ceremonial da ſua Religiaõ. Na ſeſta feira que ſe contavaõ 19. de Abril do dito anno de 1658. recebidos os Sacramentos com ſumma piedade deſcanſou em o Senhor, e foy ſepultado na Capella Mór da Parochia de S. Joaõ, que fora o lugar que elle deſtinara para ſeu jazigo. Eſcreveo.

Theatrum triumphale, ſive Index rerum notabilium ſuæ Provinciæ Luſitanæ ſex decim Choris diſtinctum. Ulliſip. 1634. fol. Sahio aberta em huma lamina eſta obra, a qual era o deſenho do que havia tratar na Chronica da Provincia.

De viris illuſtribus antiquiſſimæ Provinciæ Luſitanæ Ordinis Eremitarum S. Patriarchæ Aurelij Auguſtini Hipponenſſis Epiſcopi, et Eccleſiæ Doctoris libri tres. Ulyſſipone apud Dominicum Lopes Roſa. 1642. 4.

Chronologia Monaſtica Luſitana in qua omnes Sancti et Beati, ac etiam Venerabiles Perſonæ Regulares, quæ in Luſitaniæ regnis, ejuſque ditionibus natæ, aut ſepultæ ſunt, perhibentur, quoad fieri potuit fideliſſime, ac breviſſime referuntur. Ulyſſipone apud Laurentium de Anveres. 1642. 4.

Chronica da antiquiſſima Provincia de Portugal da Ordem dos Eremitas de Santo Agoſtinho Biſpo de Hiponia, e principal Doutor da Igreja Part. 1. Lisboa por Manoel da Sylva 1642. fol.

Chronica da antiquiſſima Provincia de Portugal da Ordem dos Eremitas &c. com huma adiçaõ no cabo na qual ſe reſponde aos principaes lugares da Benedictina Luſitana Part. 2. Lisboa por Domingos Lopes Roza. 1656. fol.

Tinha preparado 3. Parte deſta Chronica, como eſcreve Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 3. no Comment. de 3. de Mayo letr. A. e meditava compor Quarta Parte.

Memorial de diverſas Miſſas, e Oraçoens para proveito dos Fieis vivos, e defuntos inſtituidas pelo glorioſo Patriarcha Santo Agoſtinho Biſpo de Hipponia, e Doutor da Igreja, e por ſua devotiſſima Mãy Santa Monica, e outros Religioſos da ſua Ordem Eremitica que elle fundou em Africa no anno de 390. Lisboa por Domingos Lopes Roza 1642. 8.

Antidoto Auguſtiniano em o qual ſe convencem, e desfazem as fallacias, e enganos da Apologia intitulada Quinta eſſencia de Verdades eſcritas pelo Padre Fr. Gil de S. Bento. Coimbra por Thomé Carvalho 1660. 4.

Curſus Philoſophicus. 3. *Tom.* 4. *M. S.*

Promptuarium triumphale, in quo continentur vitæ omnium Sanctorum Luſitaniæ, & ditionum ejus fol. M. S.

Conſervaõ-ſe eſtes livros na Livraria do Convento da Graça de Lisboa.

Fazem memoria do ſeu nome Nicol. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 123. D. Franc. Manoel *na Carta eſcrita ao Doutor Manoel Themudo da Fonſec.* que he a 1. da 4. Centuria. Joaõ Franco Barreto *Bib. Luſit.* M. S. letr. A. n. 231. e o P. D. Man. Caet. de Souſa in *Exped. Hiſp. S. Jacob.* Tom. 2. pag. 1305.

P. ANTONIO DE QUADROS natural de Santarem filho de Doutor Andre de Quadros Barreto Provedor das Vallas, e Liſirias, e D. Joanna Pereira do Quintal, e Payva ambos deſcendentes de familias nobres, e irmaõ de D. Manoel de Quadros Biſpo da Guarda. Ao tempo que na adoleſcencia eſtudava na Univerſidade de Coimbra as ſciencias mayores, obedecendo à

vóz de Deos que internamente o chamava para a Religiaõ, abraçou a da Companhia de Jeſus em 2. de Abril de 1544. quando contava 23. annos ſendo dos primeiros tres Noviços, que foraõ admitidos ao Collegio de Coimbra, onde feita a profiſſaõ ſolemne no 1. de Outubro de 1553. e acabada a carreira dos eſtudos eſcolaſticos pedio com ferveroſas inſtancias aos Prelados que lhe deſſem licença para prégar no Oriente as verdades da ley Evangelica. Alcançada faculdade ſe embarcou no anno de 1555. e depois de exercitar diverſas obras de charidade em beneficio dos paſſageiros chegou a Goa, onde ſendo conhecida a ſua grande prudencia, e capacidade, foy eleito Provincial, cujo lugar exercitou por eſpaço de quatorze annos unindo ao meſmo tempo outras occupaçoens incompativeis que ſómente podia ſatisfazer o ſeu profundo talento como eraõ a de Meſtre enſinando Filoſofia, e Theologia, de Prégador reprehendendo vicios, de Catequiſta doutrinando Neofitos, e de Parocho confeſſando penitentes, e bautizando gentios. Todos eſtes miniſterios exercitava com tanta ſciencia, charidade, e madureza, que por geral acclamaçaõ de todo o Oriente naõ havia outro, que com elle ſe pudeſſe igualar. Ao ſeu incanſavel zelo animado pelo eſpirito do inſigne Vice-Rey D. Conſtantino de Bragança ſe deve a converſaõ das Ilhas de Choraõ, Divar, e das terras de Salcete, e Baçaim. Em atençaõ a eſtes trabalhos apoſtolicos o crearaõ os Inquiſidores Comiſſario do Santo Officio, e ElRey D. Joaõ o III. ordenou aos ſeus Vice-Reys que naõ tomaſſem reſoluçaõ alguma ſem o ſeu conſelho. Quando eſtava reſoluto auzentar-ſe de Goa para diſcorrer por todo o Oriente em beneficio da Chriſtandade foy accometido de huma aguda febre, que ſendo capitulada pelos Medicos por mortal, recebeo eſta noticia com placido ſemblante, de tal ſorte que vendo aos ſeus Companheiros banhados em lagrimas pela ſua auzencia, os conſolou com as palavras de Chriſto ditas aos ſeus diſcipulos nas veſperas da ſua Aſcençaõ. *Si diligeretis me gauderetis utique quia vado ad Patrem,* no fim das quaes foy tomar poſſe deſte lugar, como piamente ſe cré, a 21. de Novembro de 1572. As heróicas acçoens que obrou no Oriente relataõ com grandes elogios Orland. *Hiſt. Societ.* Part. 1. lib. 6. n. 97. lib. 12. n. 56. lib. 15. n. 129. e 130. Sachin. *Hiſt. Societ.* Part. 1. n. 51. 132. 139. lib. 3. n. 226. Part. 2. lib. 8. n. 179. Maffeus *de rebus Indic.* lib. 16. pag. mihi 330. Godinho in *Vita P. Gund. Sylv.* lib. 2. cap. 8. Bartol. *Hiſt. della Aſia* Part. 1. liv. 7. pag. mihi 511. e 512. Telles *Chron. da Comp. de Jeſ. da Prov. de Portug.* Part. 2. lib. 6. cap. 13. *Foy homem de partes muito avantajadas porque alem do bom exterior era dotado de grande entendimento, prudencia, authoridade, e gravidade da ſua peſſoa, de boniſſima condiçaõ, de aguda diſcriçaõ, e de juizo muito aſſentado,* e na *Hiſt. da Etiop. Alta.* liv. 2. cap. 3. *Varaõ muy abalizado na Comp.* Manoel de Faria, e Souſa *Aſia Portug.* Tom. 2. Part. 4. cap. 20. n. 9. Card. *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 685. e 695. no Comment. de 23. de Abril letr. E. onde diz que muitas das ſuas Cartas ſe imprimiraõ. Franc. in *Ann. glorioſ. Societ. Jeſ. in Luſit.* pag. 693. et in *Synopſ. Annal. Societ. Jeſ. in Luſit.* pag. 44. Poſſin. in *Vit. V. P. Ignatij Azeved.* cap. 3. n. 44. e Vaſconc. *Hiſtor. de Santarem* Part. 2. liv. 2. cap. 23.

Entre muitas Cartas ſuas que ſe conſervaõ no Cartorio da Caſa profeſſa de S. Roque eſtaõ tres muito largas eſcritas de Goa aos Padres deſta Provincia de Portugal.

A 1. eſcrita ao Padre Diogo Miraõ em 8. de Dezembro de 1555. a qual ſahio vertida em Latim com outras Cartas Indicas, Lovanij apud Rutgerum Velpium 1570. in 8. à pag. 105. uſque ad 126. et ibi apud eumdem Typog. 1566. in 8. à pag. 226. ad 259. Traduzida em Italiano Venetia per Michele Tramezzino 1565. 8. ſahio no livro intitulado *Diverſi Aviſi particolari dall'Indie de Portugall. Part.* 3. a fol. 204. v.º.

Outra eſcrita a 18. de Dezembro de 1555. a qual ſahio com a precedente vertida em Latim cum aliis *Epiſt. Indic. et Japon.* Lovanij apud Rutgerum Velpium 1570. à p. 135. uſque ad 182. Traduzida na lingua Italiana Venetia por Michele Tramezzi no 1565. ſahio no dito livro *Diverſi Aviſi.* &c. a fol. 215. v.º.

A 3. eſcrita a 19. de Novembro de 1559. ſahio vertida em Italiano com outras Venet. por Tramezzino. 1562. 8. e na lingua Latina in *Epiſtol. Ind. et Japonic.* Lovanii

apud Rutgerum Velpium 1566. 8. à pag. 260. uſque ad 333. & ibi apud eumdem. 1569. 8.

ANTONIO RABOLO Presbytero Ulisſiponenſe igualmente perito na Gramatica Latina, que em eſcrever perfeitamente formando os Caracteres com a penna, como ſe foraõ debuxados com o pincel tendo por diſcipulos deſtas artes a D. Manoel de Moura Cortereal ſegundo Marquez de Caſtello Rodrigo, a D. Nuno Alvares Pereira de Mello 1. Duque do Cadaval, e a ſeu irmaõ D. Theodoſio. Por alguns annos foy Reytor do Collegio dos Meninos Orfáos de Lisboa, Comiſſario da Bulla da Cruzada no ſeu territorio, e depois Parocho da Igreja da Villa da Barqueira. Morreo em Lisboa com a meſma piedade com que vivera, a 5. de Agoſto de 1655. com 80. annos de idade. Foy ſepultado no Convento dos Carmelitas Calçados, de cuja ordem fora Terceiro, e Prior. Imprimio.

Breve Recopilaçaõ da doctrina dos Myſterios mais importantes de Noſſa Santa Fé a qual todo Chriſtaõ he obrigado ſaber, e crer com fé explicita, quero dizer, e conhecimento diſtincto de cada hum. Lisboa por Antonio Alvares. 1646. 24. et ibi por Domingos Carneiro. 1681. 8.

Fr. ANTONIO RAPOSO Religioſo da Ordem da Santiſſima Trindade, e hum dos filhos mais authorizados deſta illuſtre Religiaõ. Pela ſua grande prudencia foy Miniſtro do Convento de Santarem donde ſubio ao lugar de Provincial no anno de 1544. Sendo muito douto nas ſciencias eſcolaſticas o naõ foy menos na inveſtigaçaõ do admiravel principio, e fundaçaõ do Inſtituto que profeſſava, eſcrevendo como affirmaõ Fr. Bernard. à D. Ant. in *Epitom. Redemp. Captiv.* lib. 2. cap. ult. n. 17. e Joan. Soar. de Brit. in *Theat. Luſit. Litter.* lit. A. n. 112.

De revelatione, et inſtitutione Sacri Ordinis Santiſſimæ Trinitatis, cujo Prologo, e os primeiros quinze Capitulos teſtifica ter viſto no Convento de Lisboa o P. Franciſco da Cruz Jeſuita, nas ſuas Memorias para a *Bibliotheca Portug.*

ANTONIO RAPOSO natural da Villa de Aviz na Provincia do Alentejo, e filho de Antonio Soeyro, e Beatriz Martins. Foy Doutor em Direito Civil, Dezembargador da Caſa da Supplicaçaõ, Conſelheiro do Tribunal Ultramarino, Juiz Cõſervador da Junta do Comercio, Secretario da Embaxada de Olanda, em cuja Republica, como na Corte de Inglaterra foy Enviado manifeſtando em taõ diverſos miniſterios igual fidelidade, que zelo para com o ſeu Principe, e merecendo pelas negociaçoens politicas grandes elogios do Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes na *Hiſt. de Portug. Reſtaur.* Tom. 1. liv. 12. pag. 885. e de Fr. Gio. Giuſep. di S. Teref. *Iſtoria della Guer. del Regn. del Brazil.* Part. 2. liv. 17. pag. 183. Foy excellente Poeta taõ facil como elegante em metrificar na lingua materna, e Caſtelhana ſendo no tempo, que aſſiſtio em Madrid venerado pelos mayores profeſſores daquella arte, e por muitas vezes conſtituido arbitro nos certames poeticos, e como tal he celebrado por Manoel de Galhegos no *Templo da Memor.* liv. 4. Eſtanc. 197.

Penetre os Ceos aquella vóz Serena
O' tragico Rapoſo cujo accento
Acreditando a bem chorada pena
Adornou de Duarte o monumento:
Suſpenda triſte pallida, e confuſa;
Chore ao Rey Fernando a voſſa Muſa.

E Jacinto Cordeiro no *Elog. dos Poet. Portug.*

Aqui Antonio Rapoſo me deſpeña
Y con lyrico eſtilo, me enmudece
Que dura roca, que intratable peña
A la vox de ſu canto nó enternece
Si tocando la Lyra al arte enſeña
Modo de eſcribir, que la guarnece
Siendo de Aviz con peregrino enſayo
Aſſombro en letras, y en los verſos rayo.

Das muitas, e elegantes obras poeticas que compoz ſómente viraõ a luz publica as ſeguintes.

Cançaõ ao tiro que o Principe de Caſtella fez em huma montaria do Pardo a hum iavali, que matou. He em Caſtelhano. Madrid. fol.

Sylva Portugueza à morte de D. Maria de Attayde. Sahio nas *Memorias Funeb. deſta Senhora.* Lisboa na Officina Crasbeeck 1650. 4.

Na Bibliotheca Real ſe conſervaõ qua-

tro Romances ſeus, dous em applauſo do Sereniſſimo Rey D. Joaõ o IV. novamente elevado ao trono. Começa o 1. *Graças ao Ceo, que apparecem;* e o 2. *Hum paſmo do antigo Luſo.* o 3. contra os conſpiradores delRey, e da Patria. Começa. *Que prodigios, que portentos?* o 4. em louvor do Illuſtriſſimo Arcebiſpo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha. Começa. *Agora Prelado illuſtre.*

En la profeſion de la Sereniſſima Señora Sor Maria de la Cruz flor divina de la Caza de Medina Sidonia a la Reyna D. Luiza Nueſtra Señora. He Romance, que começa *Peregrina natural.*

Epithalamio aos auguſtos deſpoſorios de Carlos 2. e a Senhora D. Catherina Reys de Inglaterra. Verſo heroico.

Epicedio à morte do Sereniſſimo Infante D. Duarte; de cuja obra faz mençaõ Manoel de Galhegos aſſima allegado, e do Author Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Luſit. Litter.* lit. A. n. 113. Morreo em Lisboa no anno de 1674.

ANTONIO RAMIRES DE MELLO. Veja-ſe P. MANOEL MONTEYRO.

ANTONIO REBELLO DE BRITO natural de Braga, e Cidadaõ do Porto. Foy inſigne na Arte da Poeſia aſſim vulgar como Latina, de cuja fecunda vea ſaõ claros teſtemunhos.

Tres Sonetos, e hum epigramma em louvor dos *Tratados dos Noviſſimos, e da Deſtruiçaõ de Jeruſalem* compoſtos por Fr. Antonio Rozado da Ordem dos Prégadores, e impreſſos ao principio deſtas obras.

Poema Latino a D. Affonſo Furtado de Mendoça Arcebiſpo de Braga. impreſſo no principio do *Tratado dos Noviſſimos* de Fr. Antonio Rozado. Porto por Joaõ Rodriguez. 1622. 4.

ANTONIO REBELLO CERVEYRA Naceo em a notavel Villa de Santarem a 12. de Abril de 1648. e foy filho de Joaõ Rebello Cerveira, e Dorothea Nogueira Freyre. Nos primeiros annos recebeo na ſua patria o Habito dos Religioſos Terceiros de S. Franciſco donde ſahio por juſtificadas cauſas, e paſſando a Coimbra applicando-ſe ao eſtudo da Sagrada Theologia ſe formou neſta ſublime Faculdade com grande applauſo do ſeu nome. Partio para Roma levado da curioſidade de ver os magnificos Templos, e ſumptuoſos Palacios deſta famoſa Cidade a tempo que nella era ouvido com geral acclamaçaõ o P. Antonio Vieyra Oraculo da eloquencia Concionatoria, e concorrendo com taõ inſigne Orador a prégar de tarde na Igreja de Santo Antonio dos Portuguezes o Sermaõ deſte admiravel Thaumaturgo mereceo, que a mayor parte do auditorio compoſto das Peſſoas mais doutas da Curia o naõ diſtinguiſſem do grande Vieyra, que prégàra de manhaã aſſim na fineza, e profundidade dos penſamentos, como na valentia, e naturalidade das acçoens. Deſtes dotes de que era ornado, foy muitas vezes theatro o Pulpito da Capella Real, onde teve por ouvintes as Mageſtades Portuguezas, e toda a Nobreza applaudindo os ſeus diſcurſos ſempre elevados, e ſolidos, diſcretos, e eloquentes. Falleceo na patria a 26. de Abril de 1730. em a provecta idade de 82. annos. Jaz ſepultado na Igreja dos Padres Terceiros de S. Franciſco buſcando com eleiçaõ judicioſa para centro do ſeu deſcanço o berço da ſua educaçaõ.

Tinha diſpoſtos para a impreſſaõ.

Treze Panegyricos de Santo Antonio em memoria da ſua Trezena. 4. M. S.

Jornada que fez a Roma com a deſcripçaõ de tudo quanto vio digno de memoria 4. M. S.

ANTONIO REBELLO DA FONSECA natural da Cidade de Lamego, muito inſtruido no eſtudo da Hiſtoria Sagrada, e profana, e principalmente na Genealogia eſcrevendo como diz o P. D. Antonio Caetano de Souſa no *Apparat. à Hiſt. Geneal. da Caſa Real Portug.* pag. 109. n. 116.

Nobiliario das familias da Comarca de Lamego principalmente de Fonſecas, e Rebellos. M. S. fol.

ANTONIO REYNOSO natural da Cidade de Viſeu, diverſo de outro do meſmo nome, e appellido, Lente de Prima da faculdade de Medicina na Univerſidade de Coimbra novamente reſtaurada por ElRey D. Joaõ o III. e muito verſado nas linguas

Arabica, e Grega como affirma Mariz *Dialog. de Var. Hiſt.* Dial. 5. cap. 3. mas muito mais moderno, e emulo da ſciencia do antigo eſcrevendo.

Tractatus de Febribus.

Fr. ANTONIO DOS REYS Profeſſou o Sagrado Inſtituto dos Eremitas de Santo Agoſtinho em a India ſendo hum dos grandes talentos que floreceraõ na ſua Congregaçaõ. Foy muito douto, e verſado no eſtudo de Theologia Polemica de que deixou por teſtemunhas da ſua ſciencia.

Refutaçaõ das heregias modernas fundada ſobre a ſolida baze da Sagrada Eſcritura 2. Tom. fol. *M. S.*

P. ANTONIO DOS REYS naceo no lugar de Pernes diſtante da Villa de Santarem tres legoas para o Norte em 23. de Setembro de 1690. e teve por Pays a Antonio Cardoſo, e Anna dos Reys, pelos quaes foy educado com eſpecial affeĉto, e ſumma vigilancia como prevendo o grande credito, que lhes havia reſultar de hum filho, que logo na idade pueril deu claros indicios dos dotes em que havia ſer inſigne na adulta. Aprendidos os primeiros rudimentos na patria paſſou a eſtudar a Lingua Latina com os Padres Jeſuitas, que admirados do profundo talento, e excellente perſpicacia com que naõ ſómente diſcorria pelos campos da eloquencia, mas o velós impulſo com que ſubia ao cume do Parnaſo, o quizeraõ admitir aos ſeus Clauſtros com a certeza de que augmentaria com o ſeu admiravel engenho novo eſplendor a taõ erudita, e virtuoſa Religiaõ, porèm como eſtava deſtinado ſuperiormente para ſeguir os eſtandartes de outra ſagrada milicia ſe aliſtou na Exẽplariſſima Congregaçaõ do Oratorio de Lisboa onde com beneplacito deſta Douta Cõmunidade zeloſa dos literarios progreſſos do ſeu Inſtituto recebeo a Roupeta em 31. de Julho de 1707. Neſta Sagrada Paleſtra ſe applicou com igual diſvelo à cultura das virtudes, que das ſciencias, ſahindo neſtas taõ conſummado, que ſendo ainda Diſcipulo jà parecia Meſtre. Pouco tempo exercitou o magiſterio da Theologia Moral a que foy elevado em 22. de Mayo de 1723. porque outras occupaçoens de mais alta eſfera lhe impediraõ continuar eſte laborioſo miniſterio deixando ſem a ultima lima o Tratado da Bulla da Cruzada, que dictou neſta Cadeira. Foy hum dos mais excellentes cultores da Lingua Latina, a qual fallou com tanta pureza, e elegancia, que parecia animavaõ a ſua penna a eloquencia de Tullio, e a mageſtade de Livio. Igual foy o genio, e affluencia, que teve para a Poeſia vulgar, e Latina principalmente para a compoſiçaõ dos Epigrammas em que foy unico, e ſingular deſpojando com a inexhaurivel torrente das ſuas agudezas aos Marciaes, e Auſonios da gloria, que neſte genero de Poeſia lhe tributou a veneravel antiguidade. Nunca o ſeu furor poetico paſſou a delirio uſando de algum termo indecoroſo à gravidade Religioſa, antes conſervou taõ innocente cõmercio com as Muſas, que as ſuas ideas poeticas eraõ igualmente puras no conceito, como na fraſe. Naõ ſómente foy peritiſſimo no idioma Romano, mas muito verſado nas linguas materna, Italiana, Caſtelhana, e Franceza com baſtante intelligencia da Grega, e Ingleza. Practicou os preceitos da Oratoria Eccleſiaſtica com admiraçaõ do auguſto Auditorio, que huma vez lhe formou a Mageſtade reinante do noſſo Monarcha, e varias occaſioens a mais erudita Nobreza da Corte reconhecendo nos ſeus diſcurſos unida a vehemencia dos affectos à delicadeza dos penſamentos. Regeitou com heroica humildade a Mitra de Peckim, e o governo do Arcebiſpado Primacial de Braga vago pela morte de ſeu vigilantiſſimo Paſtor Ruy de Moura Telles anhelãdo com virtuoſa ambiçaõ antes obedecer, do que mandar. Por todos eſtes grandes dotes de que o ornou a graça, e a natureza, mereceo publicas, e particulares eſtimaçoens delRey D. Joaõ o V. Noſſo Senhor confiando da ſua prudente capacidade, e maduro conſelho negocios de graviſſimas conſequencias. Obrigado do preceito Real frequentou muitos annos o Paço, onde nunca o fumo da vaidade lhe offuſcou o entendimento, nem o veneno da liſonja lhe contaminou o coraçaõ para naõ fallar livremente a verdade preferindo ſempre com eſcrupuloſa obſervancia os dictames do Evangelho aos aforiſmos de Tacito. Sendo Chroniſta Geral das Congregações do Oratorio, Qualificador do Santo Officio, Examinador das tres Ordens Militares, e Synodal do Patriar-

chado de Lisboa, Conſultor da Bulla da Cruzada, Academico, e Cenſor da Academia Real, e Chroniſta Latino deſte Reyno por carta de 6. de Junho de 1726. naõ eraõ poderoſas taõ diverſas occupaçoens para o divertir da continua, e multiplicada compoſiçaõ de varias obras, com que illuſtrou a Republica Literaria admirando-ſe em todas ellas igual elegancia de eſtillo, que profundidade de juizo. Foy naturalmente benevolo, e affavel para todo o genero de peſſoas, ou foſſem da primeira, ou infima Jerarchia deſcubrindo-ſe no ſeu ſemblante a candura do animo com que dezejava difirir às ſupplicas de humas, e patrocinar as pertençoens de outras. Venerou com terniſſimos affectos à Virgem Santiſſima procurando com quotidianos obſequios a ſua protecçaõ na hora do ultimo perigo. Ao ſeu Patriarcha S. Filippe Neri amou com taõ ardente exceſſo que pareceo ſer participado daquelle incendio em que ſagradamente ſe abrazou o coraçaõ de taõ inſigne Heroe da Santidade. Ao tempo que eſtava no vigor da idade varonil foy acõmettido de huma febre, que degenerando em maligna o aviſou de ſer chegado o ultimo termo da ſua vida. Para taõ perigoſa batalha ſe preparou com as Armas dos Sacramentos, e reſignado catholicamente na vontade Divina conhecendo, que era quaſi inſtantanea a ſua duraçaõ pedio, que lhe leſſem a Paixaõ eſcrita por S. Joaõ, e beijando com reverente acçaõ a Sagrada Biblia, como depoſito dos Oraculos de hum, e outro Teſtamento entregou placidamente o eſpirito a ſeu Creador a 19. de Mayo de 1738. quando contava 47. annos 7. mezes, e 26. dias, e de Congregado 31. annos 10. mezes, e 2. dias.

Cathalogo das obras impreſſas.

Epigrammatum libri quinque. Ulyſſipone apud Joſephum Antonium da Sylva Academiæ Regiæ Typog. 1728. 4. Tem eſta obra por Dedicatoria à Mageſtade delRey D. Joaõ o V. hum *Enthuſiaſmo Poetico,* que conſta de 1483. Verſos Heroicos Latinos compoſtos com elegante furor, e ſublime eſtillo.

Sahiraõ os Epigrammas na ſegunda ediçaõ Ulyſſipone apud eumdem Typog. 1730. 8.

Traduſidos em Portuguez pelo Doutor Joaõ de Souza Caria Corregedor actual da Comarca de Evora com eſte titulo *Imagens conceituoſas dos Epigrammas do P. Meſtre Antonio dos Reys reduſidas do metro Latino ao metro Luſitano, reflexoens ſobre algumas da ſuas arguçias.* Lisboa na Officina da Muſica. 1731. 4. 2. Tom. 3. edição. Ultimamente Lyſæ Typis Sylvianis. 1733. 12. 4. ediçaõ.

Epiſtola ad Jametem Ducem Cadavalenſium in qua Ducis Nonii ejus Patris Apotheoſis, ut in Templo Famæ peracta eſt, deſcribitur. Ulyſſipone apud Joſephum Antonium da Sylva Regiæ Academiæ Typog. 1731. fol. magno, et ibi apud eumdem Typog. 1733. 4. Conſta de 656. Dyſtichos.

Vaticinium in Electione Santiſſimi Domini Noſtri Benedicti Papæ XIII. Ulyſſipone apud eumdem Typog. 1726. fol. juxta exemplar Romæ impreſſum. He hum elogio compoſto em eſtillo lapidario.

Elogium de Statua marmorea, quam magno illi Carmelitarum Parenti ut Patriarchatum ejus penitus aſſereret; adhuc viventi in præclariſſimæ familiæ decus æternum Romæ in Templo D. Petri Benedictus Papa XIII. collocandam decrevit. Ulyſſipone apud eumdem Typog. 1727. fol. Sahio reimpreſſo nas *Memor. Hiſtoric. da Ordem de Noſſa Senhora do Carmo da Prov. de Portug.* Part. 1. eſcritas pelo P. Fr. Manoel de Sà Academico Supranumerario da Academia Real. Pag. 545. he compoſto em eſtilo lapidario como o he o ſeguinte.

Elogium Santæ Claræ de Monte Falco. Sahio impreſſo no Tomo 3. do Flos Sanctorum Auguſtiniano a pag. 424. compoſto por Fr. Jozè de Santo Antonio Eremita de Santo Agoſtinho.

Oratio in Laudem Antonij Rodericij Coſtij Ulyſſipone in Palatio Brigantino coram Cenſoribus, & Sociis Academiæ Regalis Hiſtoriæ Luſitanæ ex ſcripto pronuntiata anno 1732. *die* 28. *Februarij.* Ulyſſipone apud Joſeph Ant. da Sylva 1732. in fol.

Elogio Funebre recitado nas Exequias da Excellentiſſima Senhora D. Franciſca de Mendoça Condeſſa da Atalaya celebradas pelos Padres da Congregaçaõ do Oratorio de Lisboa em 19. *de Janeiro de* 1735. Lisboa na Officina da Congregaçaõ do Oratorio. 1735. 4. Traduſido na Lingua Italiana por Domingos Maria Vaccari Cavalleiro pro-

feſſo da Ordem de Chriſto. Lisboa por Antonio Iſidoro da Fonſeca 1738. 4.

Sermaõ do Apoſtolo S. Thomè prègado no dia da ſua Feſta na Igreja da Congregaçaõ do Oratorio de Lisboa. Cordova 1733. 4. Sem nome do Impreſſor, e Lisboa por Manoel Fernandes da Coſta Impreſſor do Santo Officio. 1734. 4.

Excellentiſſimi Ducis de Cadaval Epitaphium. Começa

Ille ſub impoſitá tandem qui mole quieſco

Ut quis ſim noſcas te rogo, ſiſte gradum.

Cõſta de 18. Dyſtichos. Depois traz outro epitafio em eſtilo lapidario. Ambos foraõ impreſſos nas ultimas Acções do Duque D. Nuno Alvares Pereira de Mello. Lisboa na Officina da Muſica 1730. fol. grande deſde pag. 324. atè 326.

Jozepho Comiti de Vimioſo S. ac Zoilorum contemptum. Ulyſſipone apud Michaelem Rodrigues 1732. 8. He huma epiſtola que conſta de 86. Dyſtichos em applauſo dos Epigrammas do Excellentiſſimo Conde do Vimioſo D. Jozè Miguel Joaõ de Portugal.

Dous Epigrammas, que tem por aſſumpto eſte titulo *S. Joannis a Cruce ſacrificantis latus utrumque candidá zoná in conceſſæ à Deo Caſtitatis ſignum Angelus cingit.* Sahiraõ impreſſos nas *Memor. Hiſtor. Paneg. e Metric. do Sagrado culto com que o Convento do Carmo de Lisboa celebrou a Canonizaçaõ do Doutor Myſtico S. Joaõ da Cruz.* Lisboa por Miguel Rodriguez 1728. 4. à pag. 133.

O Marte Luſitano, ou Cançaõ heróica Panegirica ao Sereniſſimo Senhor D. Manoel Infante de Portugal. Lisboa por Jozé Lopes Ferreira Impreſſor da Sereniſſima Rainha 1717. 4. Sahio com o nome de ſeu irmaõ Luiz Antonio Cardoſo da Gama, e depois no ſeu nome na traduçaõ Latina, que fez deſta Cançaõ em verſos heróicos Felippe Jozé da Gama com eſte titulo.

Mars Luſitanus, ſive cantus heroicus Panegyricus in Laudem Sereniſſimi Domini D. Emmanuelis Luſitaniæ Infantis olim luſitanis verſibus editus a R. P. *Antonio dos Reys Congregationis Oratorij Ulyſſiponenſis, Regis, Regnique Hiſtoriographo Latino, Regiæ Academiæ Socio.* Ulyſſipone. 1736. 8. ſem nome de Impreſſor.

Motivos para acompanhar o Santiſſimo Sacramento propoſtos a todos os Fieis. Lisboa na Officina Ferreiriana 1721. 4. Sahio em nome de Luiz Antonio Cardozo da Gama, e depois mais acrecentado, e emendado com o nome de ſeu Author. Lisboa na meſma Officina, e anno in 8.

Arte de bem morrer. Lisboa por Paſchoal da Sylva Impreſſor de Sua Mageſtade 1717. 12. et ibi por Jozé Lopes Ferreira 1718. 24. et ibi por Pedro Ferreira 1727. 12. Sahio em nome de ſeu Irmaõ Luiz Cardozo.

Tributo amoroſo em obſequio do prodigioſo, e admiravel Herõe Santo Antonio de Lisboa. ibi por Bernardo da Coſta impreſſor do Sereniſſimo Infante 1707. 24. que deve ſer 1717. Sahio em nome do P. Antonio Cardoſo de Carvalho.

Traduzio de Italiano do P. Franciſco Maria Campione Religioſo Trino em Portug.

Inſtruçaõ de Ordinandos tirada do Concilio de Trento, do Ritual, e Pontifical Romanos, e dos Decretos de S. Carlos Borromeo, na qual em ſumma ſe inſtruem naõ ſó os Ordinandos no que devem ſaber ſobre cada huma das Ordens, mas os Confeſſores em todos os pontos mais eſſenciaes da Theologia Moral, e os Prégadores nas materias predicativas de que coſtumaõ ſer examinados. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva. 1725. 4. O tradutor acrecentou *Methodo para aprender facilmente as Rubricas da Miſſa Romana,* o qual conſta de 79. paginas, e ſe imprimio no fim da *Inſtruçaõ dos Ordinand.*

Traduzio de Caſtelhano do P. Bernardino Villegas da Companhia de Jeſus na lingua materna.

Favores de Maria Santiſſima. Lisboa por Mathias Pereira da Sylva 1719. 8. Sahio ſem o ſeu nome.

Traduzio da lingua Italiana do P. D. Luiz Novarino Clerigo Regular na Portugueza.

Vida de Maria no Ventre de Santa Anna. Lisboa na Officina da Congregaçaõ 1737. 12. ſem o nome do Tradutor.

Catheciſmo ou Breve explicaçaõ da doutrina Chriſtaã 8. naõ tem lugar, nem anno da Impreſſaõ.

Introduçaõ Poetica à Fenix Renacida, ou Obras poeticas dos melhores Engenhos Portuguezes. Lisboa por Jozé Lopes Ferreira 1716. 8. Conſta de 91. Outavas, que principiaõ.

Era do anno a Eſtaçaõ primeira
Em que de Colchos o Animal Luzido

Acaba no Zodiaco a carreira

Depois de a porta ao anno ter abrido. &c. Sahio ſem o ſeu nome.

Corpus illuſtrium Poetarum Luſitanorum, qui Latine ſcripſerunt. Eſta Collecçaõ de que já eſtaõ impreſſos 7. Tomos de 4. grande Ulyſſipone apud Jozephum Anton. da Sylva Academiæ Regiæ Typ. foy feita com grande diſvelo, e exame eſcrevendo a vida em Latim de cada Poeta ao principio das ſuas obras. Naõ foy menor o trabalho, que applicou em dar a ultima perfeiçaõ ao Poema de Camoens traduzido na lingua Latina pelo inſigne Poeta Fr. Franciſco de Santo Agoſtinho Macedo o qual ſahirá impreſſo neſta famoſa Collecçaõ.

Trezena de S. Antonio, ou culto devoto para ſerem buſcados os treze dias em que o celebra a Igreja. Lisboa por Antonio Maneſcal Impreſſor de Santo Antonio 1715. 24. Sem o ſeu nome.

Novena da glorioſa, e eſclarecida Virgem Santa Roſa de Viterbo filha da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia. Lisboa na Officina Ferreiriana. 1721. 24.

Conta dos ſeus eſtudos Academicos recitada no Paço a 7. de Setembro de 1723. a qual conſta de varios ſuceſſos dos Moradores da antigua Laconia, hoje Lamego. Sahio no Tom. 3. *da Collec. dos Documentos da Academia Real.* Lisboa por Paſchoal da Sylva 1723. fol.

Conta dos ſeus eſtudos Academicos no Paço a 22. de Outubro de 1726. No Tom. 6. da Collec. *dos Documentos da Academia Real.* Lisboa por Jozé Antonio da Sylva 1726. fol.

Vita D. Ferdinandi de Menezes Comitis da Ericeira. Sahio no principio da obra que eſte Fidalgo compoz intitulada *Hiſtoriar. Luſitan. ab anno MDCXL. uſque ad MDCLVII.* Ulyſſipone apud Jozé Ant. da Sylva 1734. 4. grande.

Cathalogo das Obras *M. S.*

Antiſtites Eborenſes. Saõ doze vidas de doze Prelados deſta Cathedral, cuja Hiſtoria lhe fora cõmetida pela diſtribuiçaõ da Academia Real para eſcrever na lingua Latina. *A vida de D. Domingos Jardo Biſpo deſta Dioceſe* eſcrita elegantemente em Latim ſahio impreſſa na *Colleçaõ dos Documentos da Acad. Real* do anno de 1730. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva Impreſſor da Academia Real. 1730. fol. e he a unica das doze vidas que tinha compoſto que tem logrado o beneficio da luz publica.

Labor improbus, ſéu Regni Cæleſtis accurata deſcriptio per æquivoca. Obra de grande engenho, e neſte genero ſingular.

Hiſtoria Generalis Congregationum Oratorij. Deixou quaſi acabada a vida de S. *Felippe Neri* em taõ elegante, e puro eſtilo, que ſendo viſta em Roma mereceo as mayores eſtimaçoens dos homens mais eruditos daquella grande Corte.

Tractatus Bullæ Cruciatæ Luſitanæ o qual ficou imperfeito.

De ſcitu dignis ſui temporis libri tres Eſta obra he de Diogo de Payva de Andrade Sobrinho do grande Varaõ do meſmo nome, que foy ao Concilio Tridentino. Conſta de 72. Hiſtorias verdadeiras eſcritas na lingua Latina elegantemente, cujo Original ſe conſerva na Bibliotheca Ericeiriana. Acrecentou o P. Antonio dos Reys 28. hiſtorias de ſucceſſos memoraveis em Portugal para fazer completa huma Centuria. 4.

Elogium R. P. D. Emmanuelis Caetani de Souſa Clerici Regularis Pro Comiſſarij Bullæ Cruciatæ, et Academiæ Regiæ Cenſoris. 4.

Vita Excellentiſſimi D. D. Ludovici Meneſij Comitis Ericeriæ. 4.

Elogium in funere Sereniſſimi Infantis D. Caroli Auguſtiſſimorum Regum Joannis V. & Marianæ Auſtriacæ filij quarto geniti 4.

Hiſtoria Regni Luſitaniæ. fol.

Hiſtoria Metallica. Nella ſe deſcrevem em Medalhas as acções heroicas da Mageſtade delRey D. Joaõ o V. noſſo Senhor fol.

Elogia Sacra, et profana. 4.

Duas Elegias Latinas a N. Senhora ſobre os dous primeiros verſos dos Cantares, e outras a varios aſſumptos. 4.

Muitos *Epigrammas* de que ſe pode formar Segundo Tomo. 4.

Oraçoens Latinas da Paixaõ de Chriſto recitadas domeſticamente nos ſabbados de Quareſma. 4.

Dæmonologia ſive de dæmoniis. Poſtilla que compoz para defender publicamente.

Sermoens, e Practicas. 2. Tom. 4.

Expoſiçaõ Miſtica da Sagraçaõ de huma Igreja. 4.

Vida de Chriſto no Ventre de Maria.

traduçaõ de Italiano do P. D. Luiz Novarino Clerigo Regular em Portuguez. 8.

Colleçaõ de Hiſtoriadores, Oradores, e Authores de Cartas latinas Portuguezes.

Collecçaõ dos mais inſignes Poetas Portuguezes que eſchreveraõ na lingua materna.

Dous Dialogos ao Menino Jeſus no ſeu Prezepio com varios interlocutores. em verſo Portuguez.

Catheciſmo para o Eſtado do Braſil muito mais acrecentado, que o impreſſo.

Fabula do Gigante Polifemo em eſtilo jocoſerio de que jà tinha compoſto 325. Outavas. 4. ficou imperfeita.

As Metamorphoſes de Ovidio em Verſo Portuguez jocoſerio, de que deixou grande parte compoſta.

Jornada do Ceo pelo caminho do Inferno, &c. 4.

Fazem illuſtre memoria delle o P. D. Manoel Caet. de Souſ. *Exped. Hiſp. S. Jacob.* Tom. 1. pag. 678. n. 1558. Fr. Manoel de Sà *Mem. Hiſt. da Ord. do Carm. da Prov. de Portug.* pag. 544. n. 18. D. Jozè Barboza na *Dedicat. Archiath. Luſitan.* onde lhe chama *Martialis Luſitanus,* e Fr. Mart. do Amor de Deos *Chron. da Prov. de Santo Ant.* Tom. 1. Liv. 2. cap. 1. §. 313.

D. Fr. ANTONIO DA RESUREIÇAM naceo em Lisboa, e foraõ ſeus Pays Joaõ Lopes Soares, e Maria Fernandes. Recebeo, e profeſſou o Habito da Illuſtre Ordem dos Prègadores no Convento da Villa de Azeitaõ diſtãte cinco legoas de Lisboa a 8. de Abril de 1588. e logo deu ſinaes evidentes, que tinha igual propenſaõ para as virtudes, que para as ſciencias. No Convento de Evora leo Theologia em cuja faculdade ſe laureou Doutor na Univerſidade de Coimbra ſendo neſta florentiſſima Athenas venerado por Oraculo principalmente quando ſubio a regentar a Cadeira de Prima de que foy ſubſtituto no anno de 1620. e depois proprietario de que tomou a poſſe em 19. de Outubro de 1622. Neſta Cidade ſervio o Tribunal do Santo Officio com o lugar de Deputado provido em o primeiro de Outubro de 1626. havendo aſſiſtido como Difinidor no Capitulo Geral celebrado em Pariz a 22. de Mayo de 1611. ſendo Meſtre Geral da Ordem Fr. Agoſtinho Galamino. Os ſeus grandes merecimentos o elevaraõ à dignidade de Biſpo de Angra ſendo Sagrado em 10. de Julho de 1635. e naõ de 1638. (como erradamente eſcreveo o P. Fr. Lucas de Santa Catharina na 4. Part. da *Hiſt. de S. Domingos da Prov. de Portug.* Liv. 1. cap. 31. pag. 184.) pelo Collcitor Alexandre Caſtracane na Igreja de S. Braz de Lisboa. Neſte anno entrou na ſua Dioceſe, e como ſe lhe foſſe revelada a breve duraçaõ do ſeu governo ſe empenhou a fazer em pouco tempo o que outros naõ executariaõ em dilatados annos practicando aquellas virtudes proprias de hum vigilante Paſtor aſſim na larga repartiçaõ de eſmolas, como nas continuas viſitas, que fez no ſeu Biſpado diſcorrendo pelas Ilhas Terceira, Gracioſa, Pico, S. Jorge, e Fayal, onde introduſio a reforma dos coſtumes com ſuavidade, e prudencia, e arrancou muitos abuſos, que eſtavaõ eſcandaloſamente practicados, atè que chegando à Ilha de S. Miguel foy alcançar o premio das ſuas virtuoſas obras em 4. Feira de Trevas 8. de Abril de 1637. e naõ a 7. como eſcreve Fr. Pedro Monteiro no *Catalogo dos Deputados da Inquiſiçaõ de Coimbra* §. 77. que eſquecido de ter eſcrito neſte lugar, que morrera no anno de 1637. cahio em mayor erro affirmando no *Clauſtro Dominicano* Tom. 3. pag. 31. fora a ſua morte no anno de 1634. antecipando-lha tres annos. Mais enorme anacroniſmo cõmeteo quando na pagina 30. do meſmo *Clauſtro Dominicano* fronteira à pagina onde eſcrevera, que fora a morte deſte Prèlado no anno de 1634. diz que no anno de 1500. ſendo Geral Fr. Joaõ Clareè (que certamente naõ era, pois foy eleito em 1507.) ſe fizera hum elogio nas Actas deſte Capitulo à memoria de taõ illuſtre Prèlado, o que naõ podia ſer ſe naõ em profecia, por ſuceder a ſua morte cento, e trinta annos depois da celebraçaõ deſte Capitulo. O elogio, que ſe lè eſcrito nas Actas Capitulares foy feito no anno de 1656. o qual pudera ler Fr. Pedro Monteiro nos *Monumentos Dominicanos* eſcritos por Fr. Vicente Maria Fontana pag. 666. cujo Author allega entre os que fallaraõ de D. Fr. Antonio da Reſurreiçaõ, e he neſta fórma. *Fr. Antonius de Reſurrectione Angrenſis Epiſcopus non minori integritatis quam doctrinæ fama celebris, inter alias virtutes charitate erga pauperes mirabilis, Inſulam Sancti Michaelis pro ſuo paſ-*

torali munere viſitaturus, nec mortis quidem denunciato ſibi periculo, abſterreri à pio opere potuit; ad illam igitur acceſſit (quod nemo ex anteceſſoribus Epiſcopis præſtiterat) gregem ſibi comiſſum inviſurus, ac Verbi Dei pabulo enutriturus, ubi in actuali viſitatione animam ſuam pro ovibus ſuis poſuit, omnium lacrymis in tota diœceſi comploratus. Foy ſepultado na Capella do Santiſſimo Sacramento da ſua Cathedral por eſtar impedida a mayor donde para ella foy tresladado no anno de 1652. achando-ſe o corpo incorrupto. O P. Fr. Lucas de Santa Catharina na *Hiſt. de S. Domingos da Prov. de Portug.* jà allegada eſcreve a pag. 187. que eſtà ſepultado eſte Prèlado na meſma ſepultura em que jaz o Meſtre Fr. Andrè de Santo Thomaz ſeu anteceſſor na Cadeira de Prima da Univerſidade de Coimbra, cubrindo a ambos huma campa na Capella Mor do Collegio de Santo Thomaz deſta Cidade com eſte epitafio.

Prædicatores Theologi Academiæ Primarij... D. Fr. Antonius de Reſurrectione Ulliſſiponenſis Sancti Officij Deputatus, & Angriæ Epiſcopus.

Eſcrevem deſte Prélado Fontana in *Monument. Dominican. ad ann.* 1656. e no *Theatr. Dominic.* fol. 124. Souſa *Hiſt. de S. Doming. da Provinc. de Portug.* Part. 2. liv. 4. cap. 7. Cavalier. *Galeria Dominic.* Tom. 2. pag. 6. n. 97. Echard *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. pag. 562. c. 1. Franciſco Affonſo de Chaves e Mello *Vid. da Ven. Margarid. de Chaves* pag. 202. Cordeiro *Hiſt. Inſul.* liv. 6. cap. 11. pag. 278. Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Luſit. Litter.* lit. A. n. 114. Souſ. *Cathalog. dos Biſp. de Angra.* §. 13. Compoz.

Sermaõ nas Exequias delRey Filippe II. de Portugal celebradas na Capella Real da Univerſidade de Coimbra, em 8. de Junho de 1621. Lisboa por Pedro Crasbeeck. Impreſſor delRey. 1621. 4.

Sermaõ no Auto da Fé, que ſe celebrou na Cidade de Coimbra a 6. de Mayo de 1629. Coimbra por Diogo Gomes de Loureiro Impreſſor da Univerſidade 1629. 4.

Sermaõ na Solemniſſima Prociſaõ, e feſtas da Real Univerſidade na Canonizaçaõ, da Rainha Santa no Moſteiro de Santa Clara da meſma Cidade em 23. de Outubro de 1625. Sahio no *Poeticum Certamen.* Conimbricæ apud Didacum Gomes de Loureiro Acad. Typ. 1626. 4.

Deixou eruditamente compoſtos

Cõmentaria in Primam Partem D. Thomæ. fol. M. S.

Fr. ANTONIO DA RESURREIÇAM Naceo em Lisboa, onde recebeo a graça bautiſmal a 11. de Fevereiro de 1621. Na pueril idade de dez annos foy admitido ao Habito Serafico da Terceira Ordem em o Convento de N. Senhora de JESUS da ſua patria pela deſtreza da Muſica, e ſuavidade da voz com que cantava, e profeſſou a 20. de Abril de 1638. Com o progreſſo dos annos ſe foy de tal ſorte augmentando em a ſciencia do contraponto, e no eſtilo com que executava os preceitos da faculdade Muſica, que arrebatava as atençoens de todos os ouvintes. Em remuneraçaõ de ter louvavelmente exercitado o lugar de Vigario do Coro do Convento deſta Corte por muitos annos, foy eleito Miniſtro do Convento da Villa de Viana em o Alentejo, e Definidor da Provincia. Falleceo no Convento de Santarem a 17. de Janeiro de 1686. com 65. annos de idade. Compoz

Diverſas Miſſas, e outras obras Muſicas. M. S.

ANTONIO DA RESURREIÇAM VILLELA natural de Lisboa Conego Secular da Congregaçaõ do Evangeliſta celebre no miniſterio do Pulpito como eſcreve o ſeu Chroniſta Franciſco de Santa Maria no *Ceo Abert.* Liv. 2. cap. 40. pag. 525. Foy Secretario da meſma Congregaçaõ, e Reytor do famoſo Convento de Villar de Frades. Morreo no Convento de Santo Eloy de Lisboa a 29. de Mayo de 1669. Eſcreveo no anno de 1651. e deixou prompta para a Impreſſaõ

Breve Relaçaõ da vida do M. Joaõ Biſpo de Lamego, e Viſeu recopilada dos notados eſcritos pelo P. Paulo anno 1458. que eſtaõ em Santo Eloy de Lisboa. Conſervava-ſe M. S. in 4. na Livraria do Eminentiſſimo Cardial de Souſa.

ANTONIO RIBEIRO Poeta naõ vulgar exercitando eſta nobre Arte com felicidade principalmente na Poeſia Lyrica, em que compoz, e imprimio ſem o ſeu nome.

Bucolica de dez Eglogas Paſtoris. Lisboa 1586. 8.

Fr. ANTONIO RIBEIRO Natural de Lisboa teve por Pays a Antonio Sylveſtre, e Luiza Ribeira. Profeſſou o Inſtituto da Sagrada Ordem dos Prègadores onde exercitou os lugares de Lente de Prima de Theologia Moral no Collegio de N. Senhora da Eſcada de Lisboa, e Meſtre do numero da Provincia. Foy Qualificador do Santo Officio, grande Letrado, e naõ menor Prègador de cujo miniſterio podendo publicar muitas producçoens, ſómente vimos a ſeguinte poſto que Fr. Pedro Monteiro affirme no *Clauſtro Dominicano* Tom. 3. pag. 159. que imprimira muitos Sermoens.

Sermaõ do Patriarcha S. Caetano no ultimo dia do Triduo da ſua Feſta. Lisboa por Antonio Rodrigues de Abreu. 1675. 4. Morreo no Convento de Lisboa a 16. de Fevereiro de 1668.

ANTONIO RIBEIRO CHIADO Naceo em hum lugar humilde do arrabalde da Cidade de Evora. Por naõ ter validamente profeſſado o Inſtituto Serafico o largou paſſando o reſtante da ſua vida no eſtado do Celibato veſtido em habito clerical. O apelido de Chiado lhe ficou pela habitaçaõ, que por muitos annos teve em huma rua de Lisboa aſſim chamada. Poſto que naõ era muito douto tinha ſufficiente noticia das boas letras verſificando mais a impulſos da natureza, que de arte com genio taõ jocoſo, e prompto, que provocava aos circunſtantes a feſtivos applauſos todas as vezes, que metrificava extemporaneamente, ou fingia as vozes, e geſtos de diverſas Peſſoas com tanta propriedade, e galantaria, que pareciaõ ſerem as proprias, merecendo por eſtas ſingulares partes a eſtimaçaõ geral que conſervou atè à morte ſuccedida em Lisboa no anno de 1591. Delle fazem memoria Nic. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 123. Draud. in *Biblioth. Claſſic.* Fonſec. *Evora glorioſ.* pag. 410. dizendo: *foy de facetiſſimo, e lepidiſſimo genio, e de ſingular agudeza de engenho.* Fr. Joan. à D. Ant. in *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 124. e o P. Antonio dos Reys in *Enthuſ. Poet.* n. 219. As ſuas obras impreſſas, e M. S. ſaõ as ſeguintes.

Philomena dos louvores dos Santos com outros cantos devotos. Lisboa 1585. 12. ſaõ varios generos de verſos.

Auto de Gonçalo Chambaõ. Lisboa por Manoel Carvalho 1613. 4. et ibi por Antonio Alvares 1630. 4.

Auto da natural invençaõ. Foy repreſentado na preſença delRey D. Joaõ o III. e ſe imprimio.

Letreiros ſentencioſos os quaes ſe acharaõ em certas ſepulturas de Eſpanha feitos em trovas. Lisboa por Antonio Alvares 1602. 4.

Regra eſpiritual dirigida ao Reverendiſſimo em Chriſto P. Fr. André da Inſoa noſſo natural Portuguez Miniſtro Geral de toda a Ordem do Bemaventurado S. Franciſco. M. S. Começa

Muy catholico, e prudente
De encrinaçaõ muy real
Pois que vos Deos fez Geral
Day-lhe graças infinitas, &c.

Ainda era Frade quando compoz eſta obra, e a ſeguinte.

Carta que mandou ao Geral de S. Franciſco com huma petiçaõ ao ſeu Comiſſario, e a repoſta della feita em trovas. Eſta obra he prohibida no Expurgatorio, que mandou fazer o Inquiſidor Geral D. Fernaõ Martins Maſcarenhas. Part. 2. pag. 93.

Parvoices repartidas em cinco jornadas 1. das inſofriveis. 2. das Mortaliſſimas. 3. das Criadas. 4. das Enfadaveis. 5. das Refinadas. M. S.

Tratado, e repreſentaçaõ de alguns erros, e parvoices em que cõmumente cahem alguns homens, e peſſoas entendidas para enſino de quem nellas cahir, repartido em duas Centurias com ſeu Prologo. M. S.

Aviſos gracioſos, e regras do Chiado. M. S. Conſervava-ſe na Livraria do Cardial de Souſa.

Sete cartas jocoſas M. S. Eſtaõ na Livraria do Conde de Vimieiro.

Quinze cartas jocoſerias com varias profecias para o anno de 1591. M. S. in 4. Na Biblioth. do Card. de Souſa.

Carta que eſcreveo de Lisboa a Coimbra da entrada do Biſpo D. Joaõ Soares em Lisboa quando foy a Raya pela Princeza D. Joanna. He jocoſa, e ſe conſervava na Biblioth. do Cardial de Souſa.

Quintilhas a Affonſo Alvares mulato, que enſinava em Lisboa a ler, e eſcrever. Começa

Affonſo Alvres amigo.

Outras ao meſmo cazando com a filha de hum Albardeiro chamado Pedro Rombo Começa.

Tomaſte o ſogro rombo

Outras ao meſmo que Começa.

Quem vive ſempre às eſcuras.

E outras.

Caõ fora voſſa mercé.

ANTONIO RIBEIRO RAYA natural da Cidade de Viſeu. Na idade pueril paſſou à India onde aſſentando praça de Soldado exercitou os poſtos de Alferes, e Capitaõ, aſſim nas Armadas de Caſtella, como nas do noſſo Eſtado por eſpaço de trinta annos naõ havendo perigo a que ſe naõ expuzeſſe, e de que naõ triumfaſſe. Com a experiencia adquirida em tantos annos nos exercicios Militares aſſiſtindo quando jà era Sargento Mór reformado na Cidade de Macáo eſcreveo no anno de 1643. e dedicou à Mageſtade delRey D. Joaõ o IV.

Practica, e Theorica da Guerra. M. S. in 4. Conſerva-ſe na Bib. Real.

P. ANTONIO RODRIGUES Naceo em Lisboa donde paſſou como Soldado em huma Armada Caſtelhana ao Rio da Prata com o dezejo de accumular riquezas, porèm movido de impulſo ſuperior reſoluto aliſtar-ſe em outra milicia nais nobre, e alcançar outros thezouros em que naõ tiveſſe juriſdiçaõ o tempo, e fazendo arbitro deſta determinaçaõ ao apoſtolico Varaõ o P. Manoel da Nobrega lha approvou ſendo admitido à Companhia no anno de 1553. Querendo aproveitar o tempo em beneficio do proximo, que inutilmente tinha conſumido no Seculo, penetrou deſcalço as fragozas Serras de Piràtininga, e ſem algum viatico para ſuſtentar a vida foy admiravel, e copioſo o fruto que colheo com as ſuas vozes daquella inculta vinha reduzindo ao ſuave jugo do Evangelho a infinitos barbaros que viviaõ mais como féras, do que homens embrenhados na eſpeſſura dos matos, domeſticando os ſeus coſtumes, illuſtrando ſeus entendimentos, e purificando com as agoas do bautiſmo as ſuas manchas, devendo-ſe ao ſeu incanſavel diſvelo a cõverſaõ de quazi cincoenta mil Gentios, e a edificaçaõ de todas as Aldeyas que ſe aſſentaraõ deſde o Camamû 18. legoas da banda do Sul da Cidade athé quaſi o Rio Real quarenta legoas della para o Norte. Voltando da Bahia para o Rio de Janeiro em companhia do Governador Mendo de Sá no anno de 1567. continuou com o meſmo ardor as ſuas emprezas apoſtolicas athé que no Collegio deſta Cidade no meſmo dia, que foy viſitar a Igreja, recolhido ao Cubiculo depois de receber os Sacramentos entre ferveroſos colloquios entregou a alma a ſeu Creador em 20. de Janeiro de 1568. quando tinha 52. annos de idade, e 14. de Companhia. *Foy ſempre homem* (eſcreve delle o P. Simaõ de Vaſconcellos *Chron. da Prov. do Braſil* liv. 3. n. 128.) *de grande coraçaõ, e igualmẽte tento, e devoto. Tinha familiar trato com Deos, tratava aſperamente ſeu corpo, e ainda quando Soldado no Seculo era exemplo neſtas materias aos companheiros.* Eſcreveo.

Duas Cartas das ſuas Miſſoens ao Provincial da Bahia, e outras aos Padres da Provincia de Portugal; as quaes foraõ inſertas pelo P. Antonio Blaſques nas ſuas Annuas, e ſahiraõ impreſſas em Italiano Venetia por Michele Tramezzino 1562. 8.

Quatro Cartas eſcritas ao P. Manoel da Nobrega. Sahiraõ com outras em Italiano Venet. pelo dito Impreſſor. 1559. As Copias deſtas Cartas ſe conſervaõ no Cartorio da Caſa profeſſa de S. Roque de Lisboa.

Carta eſcrita da Bahia ao P. Geral em 10. *de Setembro de* 1559.

ANTONIO RODRIGUES BARRETO Theologo, e Aſtronomo em cujas faculdades era baſtantemente verſado. Compoz varios Prognoſticos com as mudanças das Luas acomodados no meridiano de Lisboa, dos quaes ſe imprimiraõ dous; hum para o anno de 1684. Lisboa por Franciſco Villela 1683. 8. e outro para o anno de 1686. Lisboa pelo meſmo Impreſſor. 1685. 8.

ANTONIO RODRIGUES DA COSTA Naceo na celebre Villa de Setubal a 29. de Dezembro de 1656. e foy bautizado a 7. de Janeiro de 1657. Teve por Pays a Manoel Rodrigues Vieyra, e Izabel da Coſta Sardinha, e por Irmãos ao Doutor Manoel da Cunha Sardinha, Collegial do Collegio Real de S. Paulo, Lente

do Codigo na Univerſidade de Coimbra Dezembargador dos Aggravos, Procurador, e Conſelheiro da Fazenda, Deputado da Bulla da Cruzada, e a Fr. Theodozio da Cunha Eremita de Santo Agoſtinho Doutor na Sagrada Theologia, e Lente de Prima na Univerſidade de Coimbra. Sendo de idade muito tenra paſſou a eſta Corte onde a 2. de Outubro de 1669. principiou a eſtudar a Lingua Latina em o Collegio de Santo Antaõ dos Padres Jeſuitas, e ſahindo nella perfeitamente inſtruido ſe applicou com mayor diſvelo a penetrar os ſeus mais occultos myſterios, de tal ſorte que ſe equivocavaõ as ſuas compoſições aſſim na pureza, como na elegancia com as Hiſtorias dos Curcios, e dos Livios. Pela profunda ſciencia que alcançou deſte idioma, mereceo que muitas Peſſoas grandes da Corte foſſem inſtruidas com a ſua diſciplina devendo ao ſeu magiſterio as luzes, com que ſe fizeraõ mais celebres, e conhecidos os ſeus talentos. Naõ foy menor a noticia, que teve das Linguas Grega, e Italiana, Franceza, e Caſtelhana, das quaes quando contava vinte e outo annos de idade foy creado Official Mayor, na Secretaria de Eſtado ao 1. de Fevereiro de 1684. por morte de Aleixo Collotes de Jantillet. A grande capacidade que nelle ſe admirava para os negocios politicos, que aprendera na vaſta liçaõ da hiſtoria o habilitou para ſer eleito em 17. de Outubro de 1686. Secretario do Conde de Villar Mayor depois primeiro Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva quando como Embaxador Extraordinario partio deſta Corte a concluir o caſamento delRey D. Pedro II. com a Sereniſſima Senhora D. Maria Sofia Izabel de Neoburg, filha do Eleitor Palatino, em cuja negociaçaõ exercitou a madureza do ſeu concelho unida com a fidelidade do ſeu coraçaõ. Em Duſſeldorp Corte do Palatino, e nas outras Cidades por onde diſcorreo, naõ cauſou pequeno aſſombro aos mayores eruditos a natural propriedade com que promptamente fallava a Lingua Latina conhecendo, que ſem o profundo, e continuo eſtudo dos Authores do Seculo de Auguſto ſe naõ podia ſaber taõ perfeitamente hum idioma arduo por eſtranho, e muito mais dificil por ſer já morto. Voltando ao Reyno, e conhecido o ſeu talento pela prudencia dos arbitrios, e madureza dos votos o nomearaõ Official Mayor da Secretaria de Eſtado em o anno de 1696. por morte de Luiz Teixeira de Carvalho, e brevemente moſtrou quanto acertada fora a eleiçaõ comprehendendo facilmente os eſtilos da Secretaria, e o que he mais, penetrando os intereſſes politicos de todos os Princepes da Europa. Em premio dos ſeus ſerviços foy remunerado a 24. de Janeiro de 1702. com o lugar de Eſcrivaõ da Camara da Ordem de Aviz na Meſa da Conciencia, e Ordens. A fidelidade, e deſintereſſe com que ſervira ao Reyno na Embaxada do Palatino o deſtinou para em outra ſemelhante acompanhar por Secretario della em o anno de 1707. a Fernaõ Telles da Sylva Conde de Villar-Mayor, e depois ſegundo Marquez de Alegrete quando partio a Viena de Auſtria ajuſtar com o Emperador Jozè os felicíſſimos deſpoſorios dos noſſos Monarchas reynantes. Reſtituido à patria foy eleyto Deputado do Conſelho Ultramarino em 15. de Fevereiro de 1709. em cujo miniſterio practicou as virtudes moraes, que ſempre modeſtamente occultara, e as illuſtres qualidades alcançadas pela longa diuturnidade dos ſeus eſtudos, ſendo a independencia, rectidaõ, e profundidade com que votava, ſemelhante à prudencia, zelo, e liberdade com que acõſelhava ao ſeu Principe nas materias em que era conſultado, chegando a lograr a preheminencia até entaõ a ninguem concedida, de ſer do Concelho delRey por carta paſſada em 7. de Mayo de 1728. A eſta mercè ſe acumularaõ outras como foraõ ſer Commendador, Alcayde Mór, e Fidalgo da Caſa Real. Foy hum dos primeiros cincoenta Academicos da Academia Real, a quem ſe deſtribuio eſcrever a Hiſtoria Ultramarina na Lingua Latina cuja introducçaõ, eſtà elegantemente eſcrita, e impreſſa na *Collecçaõ dos Monumentos da meſma Academia do anno de* 1721. à qual naõ poz o dezejado fim por lho impedir o numero dos annos, e occupaçoens. Pelo largo eſpaço da ſua vida ſempre obſervou a practica das virtudes viſitando com ſumma piedade os Templos, diſtribuindo largas eſmolas, e frequentando com grande compunçaõ os Sacramentos. Chegado o termo da ſua peregrinaçaõ depois de executar piamente todos os actos de verdadeiro Catholico morreo em Lisboa a 20. de Fevereiro de 1732. quando contava

76. annos de idade, e foy ſepultado na Igreja da Congregaçaõ do Oratorio de S. Felippe Neri, onde tambem jaz ſeu Irmaõ o Doutor Manoel da Cunha Sardinha. Em obſequio da ſua memoria recitaraõ na Academia Real duas elegantiſſimas Oraçoens o P. Antonio dos Reys, e o Excellentiſſimo Marquez de Alegrete, o 1. Academico da meſma Academia na Lingua Latina, e o 2. Secretario della na Lingua Portugueza cujas eloquentes vozes ſuavizaraõ a auſencia de taõ amavel Collega. Alèm deſtes dous inſignes Oradores outros muitos eruditos o louvaraõ como mereciaõ ſuas virtudes ſendo entre elles o mayor o P. D. Manoel Caetano de Souſa in *Exped. Hiſpan. S. Jacob. Apoſtol.* Tom. 2. pag. 1431. n. 1. neſta fórma. *Clariſſimus Dominus Antonius Rodiricius Coſtius Chriſti militiæ Eques Tranſmarini Senatus Decanus olim in rediviva Generoſorum Academia Hiſtoriæ Magiſter, vir latinis græciſque literis inſtructiſſimus, linguarum peritia inſignis, omnigena eruditione clarus, prudentiumque Criticorum Coriphæus, qui peragrata Hiſpania, Gallia, Belgio, Germania, & Anglia omnes traxit in ſui admirationem. Vir editis voluminibus clarus tam patria quam* Romana *lingua, quippe propter hujus elegantiam videtur in ipſa* Roma *ævo Auguſti natus, moratuſque; adeo pura eſt illius Latinitas ut videatur aurei illius ſæculi.* Fr. Manoel de Sà nas *Mem. Hiſt. da Prov. do Carm.* Part. 1. pag. 321. lhe chama *Eruditiſſimo* e pag. 332. diz *com a ſua nativa elegancia:* o P. D. Antonio Caetano de Souſa *Hiſt. Geneal. da Caſa* Real *Portug.* Tom. 5. Liv. 6. pag. 94. *o Eruditiſſimo Antonio Rodrigues da Coſta digno Socio da Academia* Real, *que depois de diverſos empregos em que ſervio a patria foy do Concelho Ultramarino deixando em todos do ſeu talento, e zelo admiraveis provas.* Eſcreveo.

Embaxada que fez o Excellentiſſimo Conde de Villar-Mayor (hoje Marquez de Alegrete) dos Concelhos de Eſtado, e Guerra delRey Noſſo Senhor, &c. ao Sereniſſimo Princepe Filippe Wilhelmo Conde Palatino do Rhim Eleytor do S. R. J. conduçaõ da Rainha Noſſa Senhora neſtes Reynos, feſtas, e applauſos com que foy celebrada ſua feliz vinda, e as auguſtas vodas de Suas Mageſtades. Lisboa por Miguel Maneſcal. 1694. fol.

De vita, & rebus geſtis Nonni Alvareſij Pyreriæ Luſitaniæ Comitis Stabilis libri duo. Olyſſipone apud Paſchalem a Sylva Typog. Reg. 1723. fol.

Epiſtolæ ad Excellentiſſimos, ac Sapientiſſimos Cenſores, & ad Comitem Villar mayorium Scrinio Academiæ Præpoſitum. ibi apud eumdem Typog. 1721. fol.

Onze Cartas Latinas eſcritas aos Cenſores da Academia Real as quaes ſahiraõ impreſſas no 2. 3. 4. 6. 7 e 11. Tom. da *Collecçaõ dos Documentos da meſma Academia Real.*

Conta dos ſeus eſtudos Academicos no Paço a 7. de Setembro de 1723. Sahio no Tom. 3. da *Collecçaõ dos Documentos da Academia.* Sem o ſeu nome.

Juſta Luſitanorum arma pro vindicanda Hiſpanorum Libertate Gallico dominatu oppreſſa, aſſerendoque Hiſpaniæ Imperio Sereniſſimo, ac potentiſſimo Principi Carolo III. Regi Catholico. Ulyſſipone apud Valentinum da Coſta Deslandes Reg. Typ. 1704. fol.

Eſte manifeſto ſahio por outra fórma na Lingua Caſtelhana compoſto por elle com o titulo ſeguinte.

Juſtificacion de Portugal en la reſolucion de ayudar a la inclita nacion Eſpañola a ſacudir el yugo frances, y poner en el Trono Real de ſu Monarchia al Rey Catholico Carlos III. Lisboa por Valentim da Coſta Deslandes 1704. fol. Sahio vertido em Francez com eſte titulo.

La Juſtice des Armes de D. Pedro Roy de Portugal pour delivrer les Eſpagnols de la Servitude des Francois, & pour aſſeurer le trone d' Eſpagne au Sereniſſime, & tres puiſſante Prince Carles III. Roy Catholique. Amſterdam ches Lovis Renard. 1704. 4.

Converſaõ delRey de Biſſau conſeguida pelo Illuſtriſſimo Senhor D. Fr. Victorino Portuenſe Biſpo de Cabo Verde do Concelho de Sua Mageſtade, e bautiſmo do Principe D. Manoel de Portugal filho primogenito do meſmo Rey celebrado na Capella Real deſta Corte ſendo Padrinho ElRey Noſſo Senhor. Lisboa por Antonio Maneſcal. 1695. 4.

Relaçaõ dos ſuceſſos, e glorioſas acçoens militares obradas no Eſtado da India ordenadas, e dirigidas pelo Capitaõ, e Vice-Rey

General do meſmo eſtado Vaſco Fernandes Ceſar de Menezes em o anno paſſado de 1713. Lisboa por Antonio Pedroſo Galraõ 1715. 4.

No fim tem hum epigramma latino em louvor do dito Vice-Rey, e huma Elegia latina em applauſo do Capitaõ Jozè Pereira de Brito por ter obrado inſignes proezas na India.

Epigramma latino à morte do Excellentiſſimo Marquez de Tavora Luiz Alvares de Tavora. Sahio em o *Panegirico da vida, e acçoens deſte Heroe* a pag. 150. Lisboa por Antonio Rodrigues de Abreu 1672. 4.

Deixou eſcrito em eſtilo elegante, e puro atè o Reynado delRey D. Fernando

Epitomen Hiſtoriæ Luſitanæ. fol. que brevemente ſahirà à luz publica, de cuja obra, que vimos eſcrita pela propria maõ do Author faz illuſtre memoria o P. D. Manoel Caetano de Souſa na obra aſſima allegada a pag. 1432.

ANTONIO RODRIGUES PORTUGAL Rey de Armas muito verſado na liçaõ da hiſtoria, e na Lingua Franceza, da qual verteo na materna, e dedicou à Mageſtade delRey D. Joaõ o III.

Chronica do triumpho dos nove da fama, e vida de Beltran Cloquin Condeſtavel de França. Lisboa por Germaõ Galharde 1530. fol. a qual traduſio em Caſtelhano o Doutor Lopes de Hoyos, e ſahio com eſte titulo.

Chronica llamada el Triumpho de los nueve màs preciados Varones de la fama. Alcalà por Inigues de Liqueria. 1586. fol. Do primeiro traductor faz mençaõ Nicolào Antonio in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 124.

ANTONIO RODRIGUES DA SYLVEIRA natural de Evora onde naceo em o anno de 1570. ſendo filho de Joaõ Rodrigues, e Margarida Fernandes, Doutor em Direito Pontificio, Conego Penitenciario na Cathedral da ſua patria, e Vigario Geral deſta Dioceſe, e Proviſor na auſencia do Arcebiſpo D. Joaõ Coutinho. Foy Promotor da Inquiſiçaõ da dita Cidade de que tomou poſſe a 24. de Julho de 1623. donde paſſou a Deputado em 15. de Fevereiro de 1625. Conſervador da Univerſidade Eborenſe, naõ ſómente perito nas ſciencias mayores, mas nas humanidades, Oratoria, e Poetica, que cultivou atè à ultima idade compondo admiraveis Poemas dos quaes a mayor parte ſe naõ imprimio, ſendo teſtemunhas do ſeu eſpirito poetico

Dous Epigrammas latinos em louvor do *Diſcurſo Politico* compoſto por Jeronymo Freyre Serraõ impreſſo em Lisboa por Lourenço Alvares 1647. 4.

Ode ſobre aquelle proverbio *Veritas odium parit.*

Fez algumas Cenſuras à Proſodia do P. Bento Pereira da Companhia de JESUS, que ſahiraõ impreſſas com a repoſta do Author em algumas impreſſoens da meſma Proſodia.

ANTONIO RODRIGUES VILHALVA natural de Vilhalva, lugar do Territorio da Villa de Fronteira na Provincia do Alentejo. Teve por Meſtre da Muſica ao inſigne Manoel Rebello, de cuja eſcola ſahio conſumado neſta Arte. Na idade da adoleſcencia aſſim como levou ventagem a todos na ſuavidade de cantar aſſim os excedeo em a varonil na ſciencia de compor pela qual mereceo depois de ſer Meſtre da Capella do Hoſpital Real de Lisboa, e exercitar eſte miniſterio com grande credito da ſua Peſſoa na Cathedral de Evora. Deixou compoſtos

Pſalmos, Miſſas, e Hymnos, que ſe conſervaõ na *Bibliotheca Real da Muſica* como ſe pòde ver no ſeu Cathalogo impreſſo em Lisboa por Pedro Crasbeeck 1649. 4. Sendo a principal obra huma Miſſa do 4. Tom a 8. vozes, que eſtà na Eſtante 28. n. 703. da dita Bibliotheca.

Fr. ANTONIO DO ROSARIO natural de Lisboa, e filho de Joaõ do Couto, e Maria Luques. Depois de ter abraçado com o nome de Fr. Antonio de Santa Maria o Habito dos Agoſtinhos Deſcalços, em o Convento do Monte Olivete ſituado nos ſuburbios deſta Corte a 18. de Julho de 1671. veſtio o dos Frades Menores na Provincia Capucha de Santo Antonio do Braſil, donde ſendo Lente de Filoſofia, Pregador, e Viſitador Geral na Religiaõ que deixara, exercitou o miniſterio de Miſſionario Apoſtolico trabalhando com inceſſante diſvelo por conduzir ao rebanho de

Chriſto aos barbaros que vivem diſperſos pelos Certoens da America, e eſcrevendo diverſos Livros para inſtruir com ſaudaveis documentos aos Catholicos. No tempo que foy Religioſo Agoſtinho Deſcalço imprimio.

Martirologio ſingular da invictiſſima Japoneza a Veneravel Virgem Maria Magdalena Mantellata dos Agoſtinhos Deſcalços. Lisboa por Antonio Rodrigues de Abreu. 1675. 12.

Deſta obra ſe lembra, e do Author a *Bib. Oriental* novamente acrecentada tom. 1. Tit. 8. col. 164.

Sermaõ das Almas prégado em Santo Eſtevaõ de Alfama. Lisboa por Joaõ da Coſta 1678. 4.

Depois de ſer Franciſcano publicou.

Feira Myſtica de Lisboa em huma Trezena Myſtica do Divino Portuguez Santo Antonio. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ 1691. 4.

Sortes de Santo Antonio celebradas em huma Trezena hiſtorica, moral, e panegyrica. Lisboa por Miguel Maneſcal. 1701. 4. No prologo promete outros 13. Diſcurſos, e hum Tomo de Sermoens remetido a Lisboa para ſe imprimir.

Frutas novas do Braſil numa nova, e aſcetica Monarchia. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ 1702. 4. Do Author, e da Obra ſe lembra o moderno addicionador da *Bib. Occid.* Tom. 2. Tit. 12. pag. 917.

Carta de Marear Lisboa pelo meſmo Impreſſor 1698. 8.

Fr. ANTONIO DO ROSARIO. Naceo em Lisboa a 20. de Junho de 1682. ſendo filho de Domingos Nogueira de Azevedo, e de Catherina Maria da Coſta. Quando contava vinte annos entrou na Religiaõ de S. Jeronymo, cujo Sagrado Inſtituto profeſſou no Real Convento de Belèm a 17. de Janeiro de 1702. Naõ he menos capaz o ſeu talento para o Pulpito, que para o Coro, ſendo muito perito na Arte da Muſica, em que tem compoſto diverſas obras nas quaes ſe admiraõ felizmente unidas a ſciencia do Contraponto com a novidade do invento ſendo, as principaes, que conſerva em ſeu poder.

8. *Magnificas* ſobre o Canto-Chaõ dos outo tons.

Lamentaçoens, e Motetes da Quareſma, e Semana Santa a 8. 6. e 4.

Reſponſorios das Matinas da Conceiçaõ da Senhora a 4.

Reſponſorios das Matinas de S. Jeronymo. a 8.

Villancicos a 8. e a 4.

A reza nova de S. Jozé poſta em Canto Chaõ.

Fr. ANTONIO ROUSADO Naceo em Lisboa a 11. de Novembro de 1691. e foy filho de Joaõ da Coſta Rouſado, e Mariana Jozepha. Profeſſou o habito de Eremita Auguſtiniano no Convento de N. Senhora da Graça da ſua Patria a 29. de Setembro de 1709. Depois de ter eſtudado as ſciencias eſcolaſticas ſe dedicou ao miniſterio do Pulpito, e ao eſtudo da Hiſtoria, em que tem feito grandes progreſſos, pelos quaes mereceo ſer Prégador Geral da ſua Religiaõ, e ter governado prudentemente os Conventos de Arronches, no anno de 1722. e de Santarem no anno de 1729. Publicou.

Oraçaõ do Hercules divino Chriſto Jeſu na repreſentaçaõ do monte Calvario dita na Igreja Matriz da Villa de Arronches. Lisboa na Officina Rita-Caſſiana 1736. 4.

Tem prompta para a impreſſaõ a obra ſeguinte.

Pomar Genealogico, Hiſtorico, Chronologico, e Critico plantado no Ermo Auguſtiniano Luſitano. fol. 4. Tom.

Fr. ANTONIO ROZADO natural da Villa de Mertola da Comarca de Campo de Ourique, e filho de Domingos Rozado, e Beatriz Nunes. Na idade da adoleſcencia eſtudou Direito Pontificio na Univerſidade de Coimbra com grande fruto da ſua applicaçaõ, em cuja faculdade recebido o gráo de Bacharel depois de ter provados nove annos continuos de eſtudo para nelle ſe formar, obedecendo à voz de Deos, que interiormente lhe falava, largou os applauſos merecidos às ſuas letras, e ſe recolheo na illuſtre Ordem de S. Domingos onde profeſſando no Real Convento da Batalha a 15. de Mayo de 1602. naõ cedeo a primazia a algum dos ſeus companheiros aſſim na obſervancia da regra, e authoridade da peſſoa, como na excellencia da dou-

trina, e eloquencia do Pulpito. Depois de ſer Meſtre jubilado na Sagrada Theologia, e Preſentado, foy Conſultor do Santo Officio, Viſitador das náos eſtrangeiras neſta Corte, cujo miniſterio tambem exercitou na Cidade do Porto. Paſſou ao Brazil por Comiſſario do Santo Officio donde voltando morreo no Convento da Batalha no qual tinha nacido para a Religiaõ pouco antes da Acclamaçaõ do Sereniſſimo Rey D. Joaõ o IV. Imprimio.

Tratados ſobre os quatro Noviſſimos com lugares communs dos Padres ſobre a meſma materia. Porto por Joaõ Rodrigues, 1622. fol.

Tratados em louvor do Santiſſimo Rozario ſobre a Oraçaõ do Padre Noſſo, e Cantico da Senhora. Porto pelo dito Impreſſor, e no meſmo anno 4. Conſta de 6. tratados, o 1. contem tres Sermoens do Roſario, o 2. a explicaçaõ do Padre Noſſo, o 3. da Ave Maria, o 4. dos Myſterios do Roſario, o 5. das graças concedidas pelos Summos Pontifices aos Confrades do Roſario, o 6. do Cantico da Senhora.

Tratados ſobre a deſtruiçaõ de Jeruſalem, lagrimas de Jeremias, Ezechias, S. Pedro, Santa Magdalena, Converſaõ de Dimas, e condenaçaõ de Judas. Porto por Joaõ Rodrigues. 1624. 4. Na Dedicatoria deſte livro à D. Affonſo Furtado de Mendoça Arcebiſpo de Braga affirma ter já promptos para a Impreſſaõ ſeiſcentos Sermoens de todos os Domingos do anno, Feſtas, e Santos principaes.

Sermaõ em S. Domingos do Porto anno do Senhor 1620. *na feſta de S. Pedro Martyr Padroeiro da Santa Inquiſiçaõ na Inſtituiçaõ dos Familiares do Santo Officio.* Coimbra por Nicolao Carvalho. 1620. 4.

Sermaõ na tresladaçaõ que fez o Senhor Biſpo D. Fr. Gonçalo de Moraes dos Oſſos dos Senhores Biſpos do Porto ſeus Anteceſſores aos 20. *de Março dia de S. Martinho Arcebiſpo de Braga no anno de* 1614. Porto por Joaõ Rodrigues. 1618. 4.

Deixou hum grande Volume M. S. que conſtava de

Vidas dos Santos da Ordem de Saõ Domingos, de cuja obra fazem mençaõ Fr. Pedro Monteiro *Clauſt. Domin.* Tom. 3. pag. 160. e Fr. Luc. de Santa Catherina *Hiſt. de S. Domingos na Prov. de Portug.* 4. Part. pag. 927. e do Author Echard *Scrip. Ordin.* Tom. 2. pag. 424. col. 2. e Nicol. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 124.

Fr. ANTONIO DE SA' natural da Villa de Mogadouro da Provincia Tranſmontana. Sendo Doutor na faculdade de Canones pela Univerſidade de Salamanca, e Dezembargador delRey D. Manoel deixou a patria, e o mundo para receber a cogulla monachal do Principe dos Patriarchas S. Bento no celebre Convento de Monſerrate ſituado no Principado de Catalunha em cuja reformada eſcola tanto creceo no exercicio de todas as virtudes, que occupando o lugar de D. Abbade do Collegio de S. Vicente de Salamanca o chamou ElRey D. Joaõ o III. para Commendatario do Real Convento de Alcobaça, o qual governou com taõ prudente ſuavidade que o meſmo Principe ordenou que foſſe Prelado dos Moſteiros de Tibaens, Carvoeiro, e Arnoya da Ordem de S. Bento, ornando o de Tibaens com muitos, e ſumptuoſos edificios para mais commoda habitaçaõ dos Monges, e inſtruindo os Noviços com os documentos proprios da vida Monaſtica, diſpondo por eſta ſorte a reſtauraçaõ da Congregaçaõ Benedictina neſte Reyno. Dezejoſo de acabar a vida onde a dedicara a Deos deixou o governo, e partio para o Convento de Monſerrate, no qual morreo a 10. de Agoſto de 1550. Fallaõ deſte Varaõ Fr. Leaõ de Santo Thom. *Bened. Luſit.* Tom. 1. Part. 2. cap. 23. §. 2. pag. 387. Cardozo *Agiolog. Luſit.* Tom. 3. pag. 455. e as *Conſtituiçoens da Congreg. Bened.* Prolog. 44. Deixou eſcrito pela propria maõ como affirma o já allegado Fr. Leaõ de Santo Thom. Tom. 1. part. 2. cap. 29. pag. 412.

Memorias do Moſteiro de Saõ Salvador da Torre da Ordem de S. Bento M. S.

P. ANTONIO DE SA'. Naceo na Cidade de S. Sebaſtiaõ do Rio de Janeiro a 26. de Julho de 1627. e na Cidade da Bahia cabeça da America Portugueza ſendo de tenra idade ſe aliſtou na Companhia de Jeſus em o anno de 1639. de cuja Mãy foy benemerito filho. A viveza do juizo competindo com a tenacidade da memoria felizmente conſpiráraõ para que ou cultivando as Muſas amenas, ou ſeveras, foſſe julgado

pelos Meſtres, e condiſcipulos por milagre dos engenhos. Com a meſma agilidade com que voou ao cume do Parnaſo, e colheo as flores da eloquencia, penetrou ſendolhe conductoras a Filoſofia, e Theologia, o Sanctuario das Eſcrituras, naõ havendo nellas myſterio recondito que naõ foſſe patente à ſua aguda inveſtigaçaõ. Ornado com eſtes ſingulares dotes, nos quaes excedia a todos os mayores talentos da ſua idade, paſſou a Portugal donde por ordem dos Superiores aſſiſtio alguns annos em Roma com a occupaçaõ de eſcrever as Cartas para a Provincia do Brazil. Reſtituido ao Reyno começou a exercitar o miniſterio de Orador Evangelico tendo por theatro a Corte de Lisboa, e por ouvintes aos ſeus Monarchas, e toda a Nobreza, que pendentes da ſua elegante energia com o ſilencio mais eloquente que a voz o acclamavaõ por Principe da Oratoria Eccleſiaſtica. O ornato das palavras mais filho da natureza, que da arte, a viveza das acçoens reguladas pela vehemencia do eſpirito, a expreſſaõ da voz clara, e ſonora, a delicadeza dos diſcurſos ſempre ſolida, a profundidade dos textos nunca imperceptivel, e a novidade das ideas inimitavel conciliaraõ taes applauſos ao ſeu ſublime engenho que chegou a brilhar com toda a intençaõ na preſença do primeiro Aſtro da esfera Concionatoria o grande Vieyra, que muitas vezes affirmou naõ ſer ſenſivel a ſua auzencia quando tinha por ſubſtituto a Antonio de Sá. Toda eſta fama merecida pelo ſeu inſigne talento deſprezou heroicamente, voltando para a Patria onde querendo a Religiaõ, que deixaſſe herdeiros da ſua profunda ſciencia o mandou ler Letras humanas, que já tinha enſinado, ſendo Meſtre da primeira em o Collegio da Bahia, onde dictou dous annos Theologia, de cujas faculdades tantos foraõ os diſcipulos, quantos os Meſtres que ouviraõ a ſua doutrina. Renunciando os applauſos que lhe reſultavaõ da Cadeira, e do Pulpito ſe dedicou à Converſaõ dos barbaros que habitavaõ pelos Certoens do Rio de Janeiro, em cujo apoſtolico miniſterio adquirio mayor gloria o ſeu nome na America, do que tinha alcançado na Europa. Como era de compleiçaõ delicada ainda que naõ foſſe de idade provecta ſe foy atenuando de ſorte com o trabalho das Miſſoens que poſtradas as forças para as proſeguir havendo ſido Reytor do Collegio da Capitanîa do Eſpirito Santo tres annos, ſe reſtituhio ao Collegio do Rio de Janeiro, onde acometido da ultima infermidade ſe fortificou com os Sacramentos, e abraçado com hum Crucifixo entre amoroſos Colloquios lhe pedio fervoroſamente que ſe os ſeus peccados mereceſſem a condenaçaõ eterna, naõ permitiſſe que blasfemaſſe do ſeu Santo nome, e acabando de pronunciar eſtas palavras placidamente eſpirou ao 1. de Janeiro de 1678. com 60. annos de idade, e 39. de Religiaõ. De muitos Sermoens, que prégou dignifſimos todos da luz publica, ſómente a lograraõ os ſeguintes.

Sermaõ prégado à Juſtiça na Santa Sè da Bahia na primeira Outava do Eſpirito Santo. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira 1658. 4. e Coimbra por Manoel Carvalho 1672. 4. et ibi por Manoel Rodrigues de Almeida. 1686. 4.

Sermaõ no dia, que ſua Mageſtade fez annos em 21. *de Agoſto de* 1653. Coimbra por Manoel Carvalho Impreſſor da Univerſidade 1665. 4.

Sermaõ no dia de Cinza na Capella Real. Lisboa por Joaõ da Coſta 1669. 4. e Coimbra por Rodrigo de Carvalho Coutinho 1673. 4.

Sermaõ na primeira Sexta feira de Quareſma na Freguezia de Saõ Juliaõ o anno de 1674. Lisboa por Joaõ da Coſta 1674. 4.

Sermaõ dos Paſſos que prègou ao recolher a Prociſſaõ. Lisboa por Joaõ da Coſta 1675. 4. e Coimbra por Jozé Ferreira Impreſſor da Univerſidade 1689. 4.

Sermaõ da Conceiçaõ da Virgem Maria N. Senhora na Igreja Matriz de Pernambuco anno de 1658. Coimbra por Jozé Ferreira Impreſſor da Univerſidade. 1675. 4.

Sermaõ da Quarta Dominga da Quareſma na Capella Real no anno de 1660. Coimbra pelo dito Impreſſor 1675. 4.

Sermaõ do Glorioſo S. Jozé Eſpoſo da Mãy de Deos. Coimbra pelo dito Impreſſor 1675. et ibi por Joaõ Antunes 1692. 4.

Sermaõ de S. Thomè Apoſtolo na Capella Real. Lisboa por Antonio Rodrigues de Abreu. 1675. 4. e Coimbra por Jozé Ferreira Impreſſor da Univerſidade. 1686. 4.

Cinco Sermoens nas cinco tardes das Domin-

gas da Quareſma. Sobre o Thema das palavras do Pſalmo 61. verſ. 9.

Verumtamen vani filij hominum; mendaces filij hominum in ſtateris Prégados na Parochial Igreja da Magdalena de Lisboa. Sahiraõ impreſſos ſem o nome do Author no fim da 3. Parte dos Sermoens de Fr. Chriſtovaõ de Almeyda. Lisboa por Miguel Deſlandes. 1680. 4.

Sermaõ de N. Senhora das Maravilhas prégado na Sè da Bahia no anno de 1660. *na occaſiaõ do deſacato, que ſe fez à meſma Senhora, e a ſeu amado Filho.* Lisboa por Manoel Fernandes da Coſta Impreſſor do Santo Officio. 1732. 4.

Oraçaõ Funebre nas exequias da Sereniſſima Rainha de Portugal D. Luiza Franciſca de Guſmaõ em 1666. Lisboa por Miguel Rodrigues Impreſſor do Senhor Patriarcha 1739. 4.

De Venerabili Patre Joanne de Almeyda Oratio. Sahio impreſſa no fim da vida deſte ſervo de Deos compoſta pelo Padre Simaõ de Vaſconcellos da Companhia de Jeſus. Lisboa, na Officina Crasbeeckiana 1658. fol.

P. ANTONIO DE SA' ſemelhante ao precedente aſſim em o nome como na profiſſaõ religioſa de quem ignoramos a patria, e nome dos Pays, e dia em que recebeo a Roupeta da Companhia de JESUS por naõ conſtar dos Cathalogos dos Tres Noviciados que eſta grande Religiaõ tem neſte Reyno nos quaes ſe fez ſumma deligencia à noſſa inſtancia. Imprimio.

Sermaõ do glorioſo Santo Amaro. Coimbra por Jozé Ferreira 1697. 4. o qual vimos, e no eſtilo he totalmente diverſo do inſigne Orador de que proximamente ſe fez mençaõ.

Fr. ANTONIO DE SA' natural do Porto, filho de Sebaſtiaõ Martins de Sá, e Maria de Souſa. Deixada a patria, paſſou a Lisboa onde recebeo o Habito de Eremita de Santo Agoſtinho no Convento de N. Senhora da Graça a 25. de Julho de 1670. Pela liçaõ da Filoſofia, e Theologia ſe graduou Meſtre neſta faculdade, ſendo hum dos grandes letrados que teve a ſua Religiaõ, da qual depois de ſer Reytor do Collegio de Santo Agoſtinho de Lisboa, foy Provincial eleito no anno de 1706. Como religioſo obſervante practicava quotidianamente o exercicio da Oraçaõ, e reduzia com aſperas mortificaçoens o corpo à obediencia do eſpirito. Morreo em Lisboa a 4. de Junho de 1726. Compoz.

Tractatus de Conſcientia. M. S. fol.

Tractatus de Scientia Dei M. S. fol.

Conſervaõ-ſe na Livraria do Convento da Graça de Lisboa.

Fr. ANTONIO DE SACAVEM natural do Lugar do ſeu appellido diſtante duas leguas de Lisboa, Monge Ciſtercienſe no Real Convento de Alcobaça em cuja Bibliotheca ſe conſerva a obra ſeguinte que compoz com o titulo.

Sermones de Tempore. M. S. fol.

Fr. ANTONIO DO SACRAMENTO natural de Coimbra, baptizado na Parochial de S. Bartholameo aos 17. de Setembro de 1675. e filho de Manoel Correa, e Maria da Coſta, Religioſo da Sagrada Ordem dos Prégadores, cujo Habito profeſſou no Convento de Aveiro a 4. de Abril de 1680. Depois de eſtudar, e enſinar as ſciencias eſcolaſticas na ſua Religiaõ recebeo o gráo de Doutor na faculdade Theologica em a Univerſidade da ſua patria, onde foy Prior do Convento da meſma Cidade de que paſſou a exercitar ſemelhante miniſterio no de Lisboa, até que ſubio ao lugar de Provincial ſendo eleito no Convento de Santarem em 22. de Fevereiro de 1721. Foy Qualificador do Santo Officio, Examinador Synodal do Arcebiſpado de Lisboa, e Meſtre do numero da Ordem. Morreo no Convento de Lisboa a 30. de Novembro de 1739. Delle faz mençaõ Fr. Pedro Monteiro *Clauſt. Dominic.* Tom. 3. pag. 111. e 160. e no *Cathal. dos Qualif. do Santo Offic.* pag. 15. Imprimio.

Sermaõ das Exequias do Illuſtriſſimo, e Reverendiſſimo Senhor D. Fr. Jozé de Alencaſtre Biſpo Inquiſidor Geral prégadas no Convento de S. Domingos de Coimbra a 18. *de Outubro de* 1705. Lisboa por Miguel Maneſcal Impreſſor do Santo Officio. 1706. 4.

Fr. ANTONIO DO SACRAMENTO filho de Antonio Joaõ, e Vicencia Rodriguez natural de Lisboa onde recebeo o Habito

da Illuſtre Religiaõ da Santiſſima Trindade na qual exercitou os lugares de Meſtre dos Noviços por duas vezes, Miniſtro do Convento de N. Senhora do Livramento, e do Convento de Lisboa, Definidor duas vezes, Viſitador da Provincia, e Prégador Geral. Pela ſciencia practica, que tinha das Ceremonias Eccleſiaſticas o elegeo a Ordem por Meſtre dellas no ſumptuoſo Templo, que tem neſta Corte, cujo miniſterio juntamente com o de Sancriſtaõ Mór exercitou pelo eſpaço de muitos annos com grande perfeiçaõ, e para que aſſim no Altar, como no Coro ſe obſervaſſem, eſcreveo ſem declarar o ſeu nome.

Manual dos Religioſos da Santiſſima Trindade, e Redempçaõ de Cativos deſte Reyno de Portugal conforme os Ritos do Miſſal Romano, e dos Ceremoniaes da meſma Ordẽ. Lisboa na Officina da Muſica. 1730. 4.

Parte 2. Lisboa em a dita Offic. 1731. 4.

Parte 3. Lisboa na meſma Officina 1731. a qual foy impreſſa em folha para melhor cõmodidade do Altar.

Morreo no Convento de Lisboa a 15. de Janeiro de 1740.

P. ANTONIO DE SALDANHA. Naceo em a celebre Praça de Mazagaõ ſituada em Africa, de Pay Portuguez, e Mãy Italiana. Para ſeguir a vida militar, e exercitar os ſeus marciaes eſpiritos parecendo-lhe pequeno theatro a patria, que lhe dera a natureza, paſſou à India quando contava deſeſeis annos de idade, onde movido de ſuperior impulſo ſe aliſtou na Companhia de JESUS em Goa no anno de 1651. Acabado o tempo de Noviço ſe applicou ao eſtudo da Filoſofia, o qual naõ pode proſeguir impedido de huma grave, e penoſa moleſtia, que o reduſio a termos de cegar. Ordenado Sacerdote foy mandado pelos Superiores à Miſſaõ de Salcete para cujo fim apprendeo com tanta perfeiçaõ a lingua Concanica, que a fallava com ſumma agilidade. Pelo dilatado eſpaço de quarenta annos cultivou taõ apoſtolicamente aquella vinha que foraõ innumeraveis os frutos, que colheo do Paganiſmo. Mais atenuado com os trabalhos, do que com os annos morreo no Collegio de Rachol a 15. de Dezembro de 1663. Compoz na Lingua Bramana.

Tratado dos milagres, que pelos merecimentos do Glorioſo Sancto Antonio aſſim em vida do Santo como depois da ſua morte foy Noſſo Senhor ſervido obrar, com a vida do meſmo Santo traduſidos, e compoſtos na lingua da terra corrente para ſerem de todos mais facilmente entendidos. No Collegio de Rachol. 1655. 4. Hum deſtes exẽplares impreſſos ſe conſerua na Livraria do Excellentiſſimo Marquez de Abrantes, onde o vimos.

Roſas, e boninas deleitoſas do ameno Rozal de Maria, e ſeu Roſario traduſido, e compoſto com proveitoſos Moraes para bem das Almas. Rachol. 4. ſem anno da Impreſſaõ.

Fruto da arvore da vida a noſſas Almas, e corpos ſalutifero illuſtrado com varios moraes para proveito das Almas, e honra a N. Senhor Jeſu Chriſto. Rachol ſem anno da Impreſſaõ. 4.

Vocabulario da lingua Concanica M. S.

Beneficios inſignes dos Anjos Cuſtodios. M. S.

Baculo Paſtoral para adminiſtraçaõ dos Sacramentos, e mais obrigações Parochiaes, M. S. fol.

Fazem memoria deſte Author a *Bibliothec. Societat.* pag. 84. col. 1. e a *Bib. Orient.* de Ant. de Leon novamente acrecentada Tom. 1. Tit. 16. col. 521.

ANTONIO SALEMA natural da antigua Villa de Alcacer do Sal da Dioceſe de Evora. Teve por Pays a Diogo Salema, e a Catherina Salema ſua Prima. Foy Licenciado em Leys, e hum dos primeiros Collegiaes do Collegio Real de S. Paulo admitido a 2. de Mayo de 1563. Depois de ler huma Cathedrilha de Inſtituta ſubio à Cadeira do Codigo no anno de 1567. onde dictou a Poſtilla ao Tit. *Cod. de Fide inſtrumentorum,* e outra ao *Tit. Cod. Plus valere quod agitur, quàm quod ſimulate concipitur.* Sendo Dezembargador da Caſa da Supplicaçaõ de que tomou poſſe por ſeu Procurador o Dezembargador Diogo Lameira a 16. de Março de 1570. foy mandado com huma Alçada a Pernambuco por ordem delRey D. Sebaſtiaõ, e depois de concluida eſta incumbencia foy Governador de S. Thomè, e do Rio de Janeiro. Voltando ao Reyno foy nomeado Dezembargador dos Aggravos a 19. de Fevereiro de 1583. Cazou com D. Luiza de Siqueira filha de Affonſo Bicudo, e de Izabel de Siqueira, a qual

por morte de Antonio Salema ſeu primeiro marido paſſou a ſegundas vodas com Franciſco de Almeida de Vaſconcellos Secretario de Eſtado de Portugal em Madrid. Falleceo em Lisboa a 13. de Março de 1586. Jaz ſepultado no Convento de S. Franciſco. Fazem memoria delle Cabed. de *Patronat. Regio* cap. 44. D. Nic. de Santa Maria *Chron. dos Coneg. Reg.* Liv. 10. cap. 7. n. 9. Sachin. *Hiſt. Societ.* Part. 4. lib. 2. n. 172. e meu Irmaõ o P. D. Jozè Barboſ. nas *Mem. Hiſtor. do Colleg. Real de S. Paul.* pag. 82. n. 7. e no *Archiathæn. Luſit.* p. 15.

Impavidus Çalema levi vada falſa carinâ
Trajiciet, cinctoſque armis ruet acer in hoſtes:
Viribus at fractos, vanoque furore tumentes
Fũditus evertet, patriaſque remittet ad auras
Compoz

Tratado da Conquiſta, que fez do Cabo frio contra os Franceſes, e o Gentio Tamoyo, que nelle eſtavaõ fortificados. M. S. De cuja obra ſe lembra Maris *Dialog. de varia Hiſt.* Dial. 5. cap. 2.

Fr. ANTONIO DE SAMPAYO natural da Villa de Santarem, onde com beneplacito de ſeus nobres Pays recebeo o habito da Ordem da Santiſſima Trindade, na qual ſe fez exemplar da perfeiçaõ religioſa. Depois de eſtudar neſte Convento Filoſofia, de que teve por Meſtre a Fr. Bartholameu de Payva cuja memoria ſe fará em ſeu lugar, paſſou ao Collegio de Coimbra para eſtudar Theologia em que ſahio conſummado. Teve natural genio para a Poeſia aſſim Latina, como vulgar. Foy Prégador Geral da Provincia, Miniſtro do Convento de Lagos, duas vezes Difinidor, e Viſitador Geral. Acõmettido da ultima infermidade ſe preparou como obſervante religioſo para a morte, e recebidos devotamente os Sacramentos eſpirou no Convento de Lisboa a 26. de Dezembro de 1634. quando contava 70. annos de idade. Deixou compoſtas aſſim na lingua Latina, como Portugueza, e Caſtelhana.

Varias Poeſias.

As quaes affirma o P. Ignacio da Piedade, e Vaſconcellos *Hiſt. de Santar. edificad* liv. 2. cap. 36. pag. 477. eraõ *cheyas de tanta piedade, como erudiçaõ, e armonia.*

ANTONIO SANCHES DE NORONHA natural de Lisboa filho de Antonio de Noronha Freyre Eſcrivaõ dos Maltezes, e de ſua mulher D. Maria de Noronha filha de Manoel de Cerqueira, e D. Ignez de Noronha, e ſobrinho de Fr. Joaõ Jozè de Santa Thereza Carmelita Deſcalço elegante Eſcritor da Hiſtoria do Braſil na Lingua Italiana, de quem faremos memoria em ſeu lugar. Inſtruido na Lingua Latina, e Humanidades ouvio no anno de 1696. Filoſofia do inſigne Meſtre o P. Sebaſtiaõ Ribeiro da Congregaçaõ do Oratorio, e como era dotado de agudo engenho de tal ſorte penetrou as mayores dificuldades deſta ſciencia, que ſahio nella muito perito com admiraçaõ de todos os ſeus Condiſcipulos, entre os quaes me poſſo numerar devendo à ſuavidade do ſeu genio a mais fina amiſade com que ſempre me tratou. Ainda naõ tinha paſſado da adoleſcencia quando naõ ſómente diſcorria como Filoſofo, mas metrificava como hum dos mais antigos cultores do Parnaſo, a cuja Arte ſe dedicou impellido naturalmente da inclinaçaõ compondo verſos na lingua materna ſuaves, cadentes, e elegantes que repetidas vezes foraõ ouvidos com geral acclamaçaõ, e enveja na Academia dos Anonymos inſtituida em Lisboa no anno de 1710. do qual foy hum dos ſeus celebres alumnos. Por ſer mais amante da modeſtia que do applauſo, nunca publicou as ſuas obras, que podiaõ formar hum volume de juſta grandeza dignas certamente da luz publica, ſendo poucas as que tem logrado eſte beneficio, das quaes ſe pòde conhecer o furor do ſeu eſpirito. *Nos Progreſſos Academicos dos Anonymos de Lisboa* 1. *Parte.* Lisboa por Jozè Lopes Ferreira Impreſſor da Sereniſſima Rainha Noſſa Senhora 1718. 4. eſtaõ as obras ſeguintes.

Tres Sonetos. Pag. 119. 173. 219.

Cinco Romances. Pag. 42. 123. 249. 284. 348.

Sylva pag. 169.

Romance Endecaſyllabo à morte do Duque do Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello. Sahio a pag. 342. das ultimas Acções do meſmo Duque. Lisboa na Officina da Muſica. 1730. fol.

Outavas à morte do Padre D. Rafael Bluteau C. R. ſahiraõ em o *Obſequio fumebre que ao meſmo Padre dedicou a Academia*

dos Applicados. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva 1734. 4. a pag. 115.

Fr. ANTONIO DOS SANTOS Naceo no lugar de Moymenta da Provincia da Beyra, e recebeo o Habito dos Frades Menores na Provincia de Portugal. O ſeu mayor diſvelo foy mais o exercicio das virtudes, que o das letras, para cujo fim occupava a mayor parte do tempo na liçaõ de livros aſceticos, donde aprendia a ſciencia dos Santos muito mais alta, e ſublime que a das eſcolas. Foy exacto obſervador da pobreza Evangelica, continuo na Oraçaõ Mental, em cujo exercicio muitas vezes ſe via alienado dos ſentidos, e ſuſpenſo nos ares. Aſſiſtindo na Ilha da Madeira avizou a ElRey D. Joaõ o IV. de alguns exceſſos que devia promptamente emendar na Corte, os quaes lhe foraõ patentes pelas luzes de ſuperior revelaçaõ. Deſte Monarcha, como de ſeus filhos o Principe D. Affonſo, e o Infante D. Pedro, mereceo grandes eſtimaçoens venerando na ſua peſſoa huma fiel copia do Serafico Patriarcha. Acompanhou por Capellaõ ao Monteiro Mòr Franciſco de Mello quando no anno de 1641. paſſou a Pariz com o Caracter de Embaxador. Chegada a hora de receber o premio das ſuas virtudes entre os braços de Chriſto Crucificado entregou o eſpirito a 30. de Março de 1666. Para evitar o tumulto do povo foy logo ſepultado, cuja acçaõ foy ſeveramente reprehendida por huma carta de ElRey D. Affonſo o VI. Delle faz memoria Fr. Fernando da Soled. *Hiſt. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 5. liv. 4. cap. 30. n. 1137. e os ſeguintes. Compoz

Menſa eſpiritual na qual offerecem ſete iguarias para os ſete dias da ſemana conforme ao extatico, e inſigne Doutor Dyoniſio Carthuſiano com algumas devoçoens da Senhora, e muitas indulgencias de noſſa Ordem, e outras couſas particulares, e devotas. Lisboa por Joaõ da Coſta 1667. 4.

Traduſio de Latim em Portuguez.

Revelaçoens de Santa Briſida.

Divididas em duas partes, das quaes a ſegunda traduſida no anno de 1660. conſervava em ſeu poder a Excellentiſſima Condeça de Figueirò.

Traduçaõ do Cantico Te Matrem Dei laudamus compoſto por S. Boaventura com outras Oraçoens devotas. Lisboa por Domingos Carneiro 1665. 12.

Fr. ANTONIO SEGRE natural de Lisboa, onde profeſſou o habito da Ordem Carmelitana da antigua Obſervancia em 5. de Mayo de 1625. ſendo filho de Pedro Franciſco, e Luiza Segre. Foy muito douto na arte da Muſica, e como tal occupou o lugar de Meſtre da Capella do Convento da ſua patria, onde foy Subprior, e nella falleceo em Setembro de 1658. Acrecentou, e em muitas partes reformou.

Proceſſionario de que uſaõ os Religioſos, e Religioſas da Provincia do Carmo de Portugal. Lisboa por Antonio Alvares. 1642. 4. e Veneza por Joaõ Bautiſta Recurto 1717. 4.

Delle ſe lembra Fr. Manoel de Sá nas ſuas *Memor. Hiſt. dos Eſcrit. Portug. da Ord. do Carmo.* cap. 12. n. 71. e 72.

Fr. ANTONIO DE SENNA, cujo appelido deixando o da CONCEYÇAM, tomou em obſequio da inſigne Virgem Santa Catherina de Senna da qual era cordial devoto. Naceo na celebre Villa de Guimaraẽs da Dioceſe Bracharenſe, e na adoleſcencia abraçou o Inſtituto da Sagrada Ordem dos Prègadores no Convento de Noſſa Senhora da Miſericordia da Villa de Aveiro. Depois de eſtar inſtruido com os eſtudos Filoſoficos em Lisboa, e com os Theologicos em Coimbra, dictou Artes no Convento deſta Corte com grande eſplendor do ſeu talento, que era venerado por ſublime. Paſſou a Lovanha obrigado do preceito dos ſeus Prelados, e depois de regentar varias Cadeiras neſta Univerſidade pelo eſpaço de onze annos recebeo nella o gráo de Doutor em Theologia a 25. de Junho de 1571. ſendo taõ grande a fama das ſuas letras, que no Capitulo Geral celebrado em Barcellona no anno de 1574. foy eleito Regente dos Eſtudos geraes do Convento de Lovanha. No anno ſeguinte por ſer do Jubileo do Anno Santo partio a Roma, e diſcorreo por toda a Italia examinando as Bibliothecas, e Archivos dos principaes Conventos da ſua Religiaõ, donde extrahio com incanſavel trabalho noticias importantes para as obras, que meditava o ſeu profundo juizo. Com igual inveſtigaçaõ examinou os *M. S.* que ſe guardavaõ nas Livra-

rias de Inglaterra, e França quando peregrinou como fugitivo com o Senhor D. Antonio, cujas partes acerrimamente ſeguio e fielmente defendeo no tempo que a ambiçaõ de Filippe Prudente perſeguia aos Sequazes daquelle Principe para que naõ cingiſſe a Coroa de ſeus Avós. Recolhido à Cidade de Nantes morreo no Convento dos Religioſos Carmelitas ao 1. de Fevereiro de 1584. ou conforme Fr. Affonſo Fernand. in *Concert. Præd.* em 1586. e na Sepultura tem gravado eſte epitafio.

D. O. M.

Frater Antonius Senenſis Luſitanus Ordinis Prædicatorum, Doctor inſignis Lovanij de Republica Chriſtiana ubique benemeritus patriam nobilium factionibus in ſervitutem ruentem ad ſaniorem mentem revocare fruſtra conatus, nec alibi, niſi hìc apud Carmelitas Nannetenſes hoſpitalitatis jus adeptus anno MDLXXXIV. Kalend. Februar. in Chriſto obdormivit. He celebrado o ſeu nome em todo o genero de eſtudos principalmente na ſciencia da Theologia, intelligencia da Eſcritura, e liçaõ vaſta da Hiſtoria Sagrada, e profana por Seraf. Razzi *Hiſt. di Ord. de Pred.* n. 31. Valer. And. Taxand. in *Cathal. Clar. Hiſpan. Script.* Draud. in *Bib. Claſſic.* Poſſev. in *Appar. Sacr.* Tom. 1. pag. 92. Plodio de *Vir. Illuſt.* Part. 2. liv. 4. Nic. Ant. *Bib. Hiſpan.* Tom. 1. pag. 86. Echard. *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. pag. 271. Manoel de Far. e Souſ. *Europ. Portug.* Tom. 3. part. 4. cap. 6. Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Luſit. Litter.* lit. A. n. 117. chamando-lhe *Vir eloquentia, et eruditione conſpicuus.* Monteir. *Clauſt. Domin.* Tom. 3. pag. 50. e 160. Fr. Luc. de Santa Cather. *Hiſt. de S. Domingos da Prov. de Portug.* Part. 4. pag. 927.

Cathalogo das obras impreſſas.

Chronicon Fratrum Ordinis Prædicatorum, in quo tum res notabiles, tum perſonæ doctrina, religione, et Sanctitate conſpicuæ ab exordio Ordinis ad huc uſque noſtra tempora complectuntur. Pariſiis apud Nicolaum Nivellium 1585. 8.

Bibliotheca Ordinis Fratrum Prædicatorum, virorum inter illos doctrina inſignium nomina, et quæ ſcripto mandarunt opuſculorum titulos, et argumenta complectens. ibidem apud eumdem Typographum eodem anno, et forma. Deſta obra fazem memoria o P. Filippe Labbe in *Bib. Bibliothec.* pag. 19. e Lippenio in *Biblioth. Real. Theologic.* pag. 543.

In Theologiæ Summam D. Thomæ Aquinatis marginalibus notis, et indicationibus omnium cujuſcumque generis authorum. Neſta obra, a que chama Scoto in *Bib. Hiſpan.* pag. 526. *Herculei plane laboris, et induſtriæ* conſumio tres annos, e meyo buſcando para o fim que intentava com incanſavel deligencia, e laborioſa applicaçaõ as authoridades dos Santos Padres, e authores profanos, que o Angelico Doutor confuſamente allegara, e na margem de cada Capitulo notou as ditas authoridades, empenhando-ſe neſte trabalho com tanta individuaçaõ que até nas partes onde o Santo Doutor diz *ut ſupra dictum eſt,* ou *infra dicetur* aponta à margem os lugares a que ſe remete. Poſto que para eſta obra concorreſſe hum Religioſo natural de Bruxellas, que floreceo pelos annos de 1450. ſempre o noſſo Fr. Antonio de Sena ſuprio infinitas citaçoens, que fugiraõ à deligencia do Religioſo que lhe precedeo neſte trabalho, acrecentou muitas, e emendou outras que eſtavaõ erradamente citadas. Sahio eſta obra primeiramente dedicada ao Senhor D. Antonio. Antuerpiæ ex Officina Plantiniana 1569. com humas notas de Agoſtinho Hunio Theologo Lovanienſe. Depois ſahio na dita Officina 1575. com hum ſuplemento à 3. Parte de Santo Thomaz dedicado ao Commendador Mór de Caſtella Governador entaõ de Flandes, e ſendo eſta impreſſaõ divulgada ſem a Dedicatoria, e Prologo ao Leytor compoſtos por Fr. Antonio de Sena que tinhaõ ſahido na primeira ediçaõ, tanto ſentio eſta falta da qual tambem ſe queixa Nicol. Ant. in *Bib. Hiſpan.* Tom. 1. pag. 87. que demandou ao Impreſſor, o qual foy obrigado ſuprir o que injuſtamente tinha tirado na ſegunda Impreſſaõ.

In Quæſtiones D. Thomæ diſputatas et quæ his conjungi ſolent notæ. Antuerpiæ apud Bellerum. 1571. fol. Eſtas Notas mandou a Roma para ſe imprimirem em a nova ediçaõ das Obras do Santo Doutor que ſe eſtava preparando, e com effeito ſe puzeraõ.

Catena aurea D. Thomæ ſuper Quatuor Evangelia ad exemplaria antiquiſſima M. S.

collata, et repurgata, et indicationibus marginalibus illuſtrata. Antuerpiæ apud Offic. Plantin. 1575. fol. Pariſiis apud Michaelem Sonnium 1611. fol. et ibi apud Dioniſium Moreau. 1637. fol.

Commentarius D. Thomæ in Geneſim M. S. Eſta obra foy deſcuberta por Fr. Antonio de Sena em o Convento dos Franciſcanos de Fleſſinga. Sahio a primeira vez dedicado ao Duque de Medina Celi. Antuerpiæ apud Bellerum. 1573. et Lugd. apud Petrum Landry eodem anno in 8. et Antuerp. apud Stelſium. 1575. 8.

Traduzio de Portuguez em Latim à inſtancia de Franciſco Giraldes Embaxador de Portugal em Inglaterra.

Meditationes aliquot, ſeu homiliæ ſuper aliquot vitæ Redemptoris noſtri myſteriis, et nonnullis Evangelii locis; às quaes acrecentou.

V. Fr. Humberti de Romanis Magiſtri Generalis Ord. Præd. epiſtola, ſeu Tractatus de tribus eſſentialibus votis Religionis, et aliæ duæ Conciones. Lovanij apud Sernatium Saſſenum 1575. 12.

Vitæ Sanctorum Patrum Ord. Præd. juſſu Magiſtri Ordinis Seraphini Cavalli ex Surio Carthuſiano collectæ eidem Magiſtro dicatæ. Sunt autem Sanctorum Dominici, Petri Martyris, Thomæ Aquinatis, Vincentij, Catherinæ de Senis, Antonini, Raymundi, Alberti Magni, Margarithæ Hungaricæ, et Jacobi Alemanni. Lovanij apud Hyeronimum Wellæum 1575. 12.

De eruditione religioſorum univerſa, quæ ad abſolutam religionis formam ſpectant exactiſſimè comprehendens. Lovanij apud Rutgerum Velpium. 1575. 12. Eſta obra que Fr. Antonio de Sena julgou ſer do Meſtre Geral da Ordem Fr. Humberto que certamente he de Fr. Guilherme Peraldo, a conferio com os exemplares mais verdadeiros, e a illuſtrou com varias notas.

Index præcipuorum fere Authorum qui ſpiritualia, ac moralia, ſeu aſcetica ſcripſerunt ex familia Prædicatorum. Pariſiis apud Antonium Bertier. 1647. 4. Naõ ſey ſe he diferente da *Bibliotheca Ord. Fratr. Præd.*

Commentarius D. Thomæ in Machabæos. Eſta obra foy deſcuberta pela ſua deligencia em Middelburgo, ou Flexinga no Convento dos Franciſcanos, a qual quiz imprimir em Pariz no anno de 1584. porém ſahio com outras obras do Santo Doutor. Antuerpiæ apud Coſmam Morelles. 1612. fol.

Cathalogo das obras naõ impreſſas.

Cæſarij Arelatenſis Epiſcopi Sermones XII. ad Monachos. Eſtes Sermoens nunca ſahiraõ à luz, e foraõ tresladados por Fr. Antonio de Sena de hum *M. S.* que ſe conſervava na Bibliotheca do Cardial Seripando, e agora exiſtem na Bibliotheca Carbonaria dos Eremitas de Santo Agoſtinho em Napoles.

Quæſtiones Theologicæ præſertim ad materiam de Fide ſpectantes.

De Quintuplici ſtatu hominis in quo diſtincte quæ eſſe, et poſſe illius in quolibet attinent, quid ve ille cognoſcere, et agere poſſit, diſputat, et novas quorumdam, prophanaſque impugnat ſententias.

De comparatione virtutum, et vitiorum; ainda incompleta.

Opus Theologicum. Eſtava acabado mas naõ tinha ainda titulo.

Vita B. Joannæ Alphonſi V. et Eliſabethæ Portugalliæ Regum filiæ Sanctimonialium Ord. Præd. in Monaſterio JESU dicto Civitatis Æveiro habitu indutæ.

Vitæ Beatorum Petri Gundiſſalvi, & Gundiſalvi de Amarantho, Petri Laici Eborenſis, et Ægidij Scalabitani. Todas eſtas vidas eſcritas nas Chronicas Portuguezas verteo em Latim Fr. Antonio de Sena as quaes vindo ao poder de Fr. Eſtevaõ de Sampayo ſeu Companheiro nas peregrinaçoens, e deſterros, novamente as traduzio em Latim mais puro, e as publicou no ſeu *Thezaurus arcanus Luſitanis gemmis refulgens.* Pariſiis apud Thomam Perier. 1586. 8.

Chronicon generale ab anno Chriſti M. uſque ad ſuam ætatem. Deſta obra faz memoria Nicol. Ant. in *Bib. Hiſpan.* Tom. 1. pag. 87. col. 2.

Hiſtoria de Portugal. Foy aprezentada depois da morte do Author ao Senhor D. Antonio como eſcreve Franciſco Galvaõ na *Bib. Luſit. M. S.* onde o lemos.

Fr. ANTONIO DE SERPA natural da Villa do ſeu appellido a qual eſtà ſituada na Provincia Tranſtagana onde teve por Pays a Joaõ Bentes Farto, e Maria Prego.

Recebeo o Habito Seraſico na reformada Provincia da Piedade onde depois de aprender as ſciencias mayores as enſinou aos ſeus domeſticos. Na intelligencia das Eſcrituras foy inſigne conſumindo todo o tempo, que lhe reſtava das occupaçoens Religioſas neſte eſtudo. Acompanhou ao Marquez de Niza D. Vaſco Luiz da Gama por ſeu Confeſſor quando no anno de 1647. foy mandado Embaxador Extraordinario à Mageſtade delRey Chriſtianiſſimo. Voltando ao Reyno ſendo jà Qualificador do Santo Officio foy nomeado Biſpo de Cochim, cuja dignidade modeſtamente regeitou. Com prudencia, e ſuavidade governou os mayores lugares da Provincia ſendo hum delles Guardiaõ do Convẽto de Sãto Antonio dos Olivaes em Coimbra onde morreo no anno de 1664. Delle ſe lembraõ Nic. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 126. e Tom. 2. pag. 283. Wading. de *Script. Ord. Min.* pag. 37. lhe chama *Concionator eruditus.* Fr. Joan. à D. Ant. in *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 127. Card. *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 442. no Cõment. de 28. de Mayo letr. G. P. D. Emman. Caet. de Souſa in *Exped. Hiſpan. S. Jacobi* Tom. 2. pag. 1305. Joaõ Franco Barret. *Bib. Luſit.* M. S. letr. A. n. 245. Compoz

Euchariſtica Chronologia ab ipſo mundo per figuras legis naturæ depicta, & ennarrata. Pariſis apud Sebaſtianum Cramoyſi. 1648. fol.

Eſta obra foy approvada por dous famoſos Varoens da Ordem Serafica quaes foraõ Fr. Joaõ de La Haye, e o noſſo Fr. Franciſco de Santo Agoſtinho Macedo, que em louvor do Author lhe conſagrou a ſua elevada Muſa o ſeguinte epigramma.

Te genuit Serpa: & doctam dimiſit in Urbem
Stemmata, cui ſerpens, hinc dedit inde Leo.
Serpenti ingenio ſimilem te reddidit illa:
Serpenti hæc ſtudio, conſilioque parem.
Utraque ſerpenti voluit te opponere mortem,
Quæ tulit in vetito pernicioſa cibo.
Sic divina tuam ſtimulat ſapientia mentem
Syderium ut ſacra condiat arte cibum.
Ut cum Læthiferũ ſerpens dat voce venenum,
Vitales poſſis reddere Serpa dapes.

ANTONIO SERRAM DE CRASTO. Naceo em Lisboa no anno de 1610. e foy dotado de hum genio jocoſo, e feſtival para a Poeſia ſendo hum dos principaes Academicos da Academia dos Singulares inſtituida no anno de 1663. em cuja caſa ſe faziaõ as conferencias, onde em verſo, e proſa deu por varias vezes claros argumentos do ſeu engenho merecendo os applauſos dos ſeus Collegas Luiz de Bulhaõ, Antonio Marquez Lesbio, Pedro Duarte Ferraõ, Joaõ Ayres de Moraes, Antonio Lopes Cabral, e ainda do inſigne Poeta Ignacio Figueira Duraõ in *Laur. Parnaſ.* Ram. 2.

Aut te pulſantem cytharam Serrane coronam
Crederet eſſe melos, quo cæli ſphæra movetur.

E em outra parte

Duraque carminibus Serranũ ſaxa moventẽ.

O Doutor Manoel da Sylva Leitaõ *Arte com Vida, e Vida com Arte* cap. 2. Advert. 18. §. 26. o intitula *Celebre* . Imprimio

Relaçaõ das grandioſas feſtas, com que os Religioſos da Sagrada Ordem dos Prègadores do Real Convento de S. Domingos deſta Corte celebraraõ as Canonizaçoens dos Glorioſos Santos S. Luiz Beltraõ, e Santa Roſa Maria, e Beatificaçaõ de Santa Margarida de Saboya no anno de 1671. Lisboa por Joaõ da Coſta 1671. 4. He eſcrito em Romance

Por eſta obra o numerou entre o Coro dos Poetas Portuguezes o P. Antonio dos Reys in *Enthuſiaſm. Poet.* num. 241.

Craſtus ubi feſtivæ Roſa ſolemnia cantat
Impoſitũque aris Beltranũ, & thura Sabaudæ
Margaridi conceſſa recens.

Nos dous Tomos das Academias dos Singulares de Lisboa, que ſahiraõ impreſſos no anno de 1665. e 1668. em 4. eſtaõ duas Oraçoens de Antonio Serraõ de Craſto recitada a primeira em 27. de Janeiro de 1664. e a 2. em 12. de Fevereiro de 1665. vinte *Sonetos* trinte e ſete *Romances* doze *Gloſſas,* e duas *Decimas* a diverſos aſſumptos.

No Certame, que ſe fez em applauſo da Canonizaçaõ de Santa Maria Magdalena de Pazzi eſtà hum ſeu Romance burleſco em a terceira parte do *Foraſteiro Admirado* impreſſo. Lisboa por Antonio Rodrigues de Abreu 1672. fol. Compoz mais, ainda que ſe naõ imprimio.

Relaçaõ da entrada, que fizeraõ em Lisboa os Sereniſſimos Reys D. Affonſo VI. e D. Maria Franciſca Izabel de Saboya em 29. *de Agoſto de* 1666. dividida em cinco Romances. 4. Vivia pelos annos de 1683. e 1684.

Fr. ANTONIO DE SETUVAL cujo apellido indica a patria donde era natural. Foy Religioſo da Ordem Serafica da Provincia de Portugal, a quem Hypolito Marraccio in *Biblioth. Marian.* Part. 1. pag. 134. intitula *Vir morum præſtantia, & doctrina præeminens,* muito verſado nas divinas letras, e affectuoſiſſimo devoto de Maria Santiſſima em cujo obſequio compoz a obra ſeguinte.

Coroa de doze eſtrellas da Virgem Senhora Noſſa. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1632. 4. Neſte volume, que comprehende 554. folhas ſómente trata de quatro eſtrellas. Do Author, e da obra ſe lembraõ Nic. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 126. Fr. Fernand. da Soled. *Hiſt. Seraf. da Prov. de Port.* Part. 3. Liv. 1. cap. 21. n. 132. Fr. Joan. à D. Ant. in *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 127. Alva y Aſtorga in Milit. Conception. pag. 123.

ANTONIO DA SYLVA natural de Evora filho do Doutor Manoel da Sylva inſigne Juriſconſulto, e Dezembargador no Reynado de Filippe III. como eſcreve o P. Franc. da Fonſeca na *Evor. Glorioſ.* p. 410. Foy igualmente douto nas letras humanas, e Poeſia como na Hiſtoria Sagrada, e profana, e Genealogica de cujos eſtudos deixou diverſos monumentos em que eternizou a ſua memoria ſendo os principaes.

Uniaõ dos Reynos, e Senhorios da Monarchia Eſpanhola dividida em 13. *Livros. O* 1. *da Geografia, e couſas de Eſpanha. O* 2. *do Reyno de Leaõ. O* 3. *do Reyno de Caſtella. O* 4. *do Reyno de Aragaõ. O* 5. *do Reyno de Navarra. O* 6. *do Reyno de Portugal. O* 7. *dos outros Reynos de menos importancia como Jaen, Murcia, e Granada. O* 8. *do Reyno de Napoles. O* 9. *de Milaõ. O* 10. *de Borgonha. O* 11. *dos Eſtados de Flandes. O* 12. *das Indias Orientaes. O* 13. *das Indias Occidentaes.* De todos ſómente tinha completo o 1. e 8. M. S.

Dialogo entre dous Caçadores qual tempo he o melhor para a Caça, ſe o Veraõ, ſe o Inverno? M. S. Conſtava de cinco folhas.

Arvores Genealogicas dos Principes da Chriſtandade, que tem ſoberania. Deſta obra faz mençaõ o P. D. Antonio Caetano de Souſa no *Apparat. à Hiſt. Geneal. da Caſa Real Portug.* pag. 105. §. 3.

Primeras Tragedias Eſpañolas. Niſe laſtimoſa, y Niſe laureada D. Ignez de Caſtro, y Ualadares Princeza de Portugal. Madrid por Franciſco Sanches 1597. 8. Cuja obra louva o P. Antonio dos Reys no ſeu *Enthuſiaſm. Poet.* n. 37. eſtranhando a Nicoláo Antonio, que fizeſſe ao Author natural de Galliza quando certamente he de Portugal.

Do Amor bom, e màо. Conſtava de varias cançoens, que no anno de 1603. tinha jà promptas para a Impreſſaõ.

Compoz muitas, e diverſas obras poeticas a varios aſſumptos aſſim ſagrados, como profanos, e delle he o celebre Soneto.

Choray Nynfas dos rios Luſitanos. Affirma-ſe ſer ſua a Practica com que foy recebido em Evora Filippe III. como tambem as inſcripçoens dos Arcos, que neſta occaſiaõ ſe levantaraõ.

P. ANTONIO DA SYLVA. Filho de Manoel Alvares Figueira, e Izabel da Sylva, naceo na Villa de Aveiro do Biſpado de Coimbra donde paſſando a Lisboa entrou quando contava 17. annos de idade na Companhia de JESUS a 7. de Março de 1622. Pelo largo eſpaço de quatorze annos leu Letras Humanas, Rhetorica, e Theologia Moral. Morreo no Collegio de Santarem a 16. de Abril de 1666. Delle ſe lembra o P. Antonio Franco na *Imagem da Virtude em o Noviciado de Lisboa.* pag. 964. e Antonio Carv. da Coſt. *Corog. Portug.* Tom. 2. Trat. 3. cap. 4. e a *Bib. Orient.* modernamente acrecentada Tom. 1. Tit. 8. Col. 154. compoz

Sol do Oriente S. Franciſco Xavier da Companhia de JESUS do qual como em breve Mappa deſcreve os dez annos da ſua milagroſa vida no Oriente. Lisboa por Antonio Crasbeeck de Mello. 1665. 12. No fim traz Novena do meſmo Santo.

ANTONIO DA SYLVA natural da Bahia de todos os Santos Capital da America Portugueza, Licenciado na faculdade dos Sagrados Canones, e Vigario da Parrochial Igreja do Corpo Santo do Arrecife de Pernambuco. Naõ ſómente foy vigilante do paſto das ſuas Ovelhas, mas muito applicado ao miniſterio do Pulpito deixando

para argumento da capacidade que para elle tinha.

Sermoens das Tardes das Domingas da Quareſma prégadas na Matriz do Arrecife de Pernambuco no anno de 1673. No fim deſtes cinco Diſcurſos traz *Sermaõ do Mandato.* Lisboa por Joaõ da Coſta 1675. 4.

Oraçaõ fumebre nas Exequias da Sereniſſima Princeza D. Izabel Luiza Jozepha celebradas na Miſericordia da Cidade de Olinda aos 5. de Fevereiro de 1691. Lisboa por Miguel Maneſcal Impreſſor do Santo Officio. 1691. 4.

Memoria da vida, e acçoens de D. Eſtevaõ dos Santos Biſpo do Brazil, e religioſo de Santo Agoſtinho de Conegos Regrantes. Dedicada ao Doutor Joaõ Carneiro de Moraes do Conſelho de Sua Alteza; e ſeu Dezembargador do Paço acabada a 4. de Julho de 1635. fol. *M. S.* Cujo original ſe conſerva em poder do P. D. Antonio Caetano de Souza Clerigo Regular, e Academico Real onde o vimos. Eſta obra chegou a ſer impreſſa até o caderno da letra D. mas naõ ſe continuou.

Sermaõ fumebre nas Exequias do Illuſtriſſimo Biſpo de Pernambuco D. Matheos de Figueiredo, e Mello aſſiſtindo Caetano de Mello, e Caſtro Governador da Praça de Pernambuco. M. S.

ANTONIO DA SYLVA natural de Lisboa Ourives da prata, e Enſayador da Caſa da Moeda. Para inſtruir aos artifices deſta fabrica na perfeiçaõ com que deve ſer lavrada, e cunhada a moeda, eſcreveo.

Directorio Practico da prata, e ouro, em que ſe moſtraõ as condiçoens com que ſe devem lavrar eſtes dous nobiliſſimos metaes para que ſe evitem nas obras os enganos, e nos artifices os erros. Lisboa por Miguel Maneſcal Impreſſor do Santo Officio, e da Sereniſſima Caſa de Bragança. 1720. 4. Morreo em Lisboa a 8. de Novembro de 1723. Eſtá ſepultado no Convento do Carmo.

ANTONIO DA SILVA ALVARES natural da Cidade do Porto muito perito nas eſpecies da Arithmetica, e nas regras de Orthografia, as quaes para que mais facilmente ſe percebeſſem, compoz.

Regras de eſcrever certo, e exemplar de contas em que ſe enſina com toda a clareza o methodo de boa Orthografia, e juntamente a praxe das quatro eſpecies de conta. Coimbra no Real Collegio das Artes da Companhia de Jeſus 1715. 12.

ANTONIO DA SILVA DE BRITO traduzio do Caſtelhano de Jeronymo Cortès em a lingua materna.

Fyſiognomia de varios Segredos da natureza. Lisboa por Miguel Maneſcal Impreſſor do Santo Officio. 1699. 8.

Emendou, e reformou conforme o Expurgatorio da Inquiſiçaõ, e verteo em Portuguez do meſmo Jeronymo Cortès.

O non plus ultra do Lunario, e Prognoſtico perpetuo geral, e particular para todos os Reynos, e Provincias. Lisboa pelo dito Impreſſor 1703. 8. e Coimbra por Jozé Antunes da Sylva Impreſ. da Univerſid. 1730. 8.

ANTONIO DA SILVA PEREYRA natural de Lisboa Commendador da Ordem de Chriſto, filho de Antonio da Sylva, e de Maria da Coſta Figueira. No tempo que Chriſtovaõ de Almada era Governador, e Capitaõ General da Praça de Maſagaõ o mandou por Embaxador ao Reyno de Marrocos cuja incumbencia executou com grande credito do ſeu talento. Foy muito applicado ao eſtudo da Hiſtoria, e particularmente da Genealogia extrahindo com immenſo trabalho dos melhores Genealogiſtas tanto na verdade, como na averiguaçaõ.

As Familias illuſtres de Portugal. 11. *vol.* em folha.

Os quaes eſcritos por ſua maõ os diſpoz pela Ordem Alfabetica.

Eſcreveo mais.

Arvores de Coſtado antigas. fol.

Todos eſtes 12. Tomos primoroſamente encadernados, e com as folhas douradas, que muitas vezes temos viſto, conſerva em ſeu poder o P. D. Antonio Caetano de Souſa Clerigo Regular, e Academico do numero da Academia Real fazendo delles, e do Author honorifica menção no Apparat. à *Hiſt. Genealog. da Caſa Real Portug.* pag. 144. §. 168. Eſcreveo mais.

Lembrança da Carta que mandei ao Senhor Rey Fernandes de Almada em repoſta de

outra em que o dito Senhor me ordenava lhe deſſe conta de tudo o que ſe tinha paſſado deſde que daqui partimos. Contem ella o primeiro anno do governo do Senhor Chriſtovaõ de Almada ſeito na Praça de Mazagaõ com os ſeus ſucceſſos, e tambem os da Jornada do mar, arribada ao Algarve, chegada àquella Fortaleza, Viſita do Alcayde de Azamor nella, e Embaixada ao Imperio de Marrocos, prociſſaõ do Corpus Chriſti, reſgate de Noſſa Senhora, e Sermaõ do meſmo Reſgate. 4. M. S. cujo original conſerva na ſua Livraria Jozé Freire Montarroyo Maſcarenhas como vimos. Foy caſado com D. Maria Jacinta de Azevedo filha de Manoel dos Anjos Heytor, e de Luiza de Azevedo de quem teve huma filha. Morreo em Lisboa a 14. de Mayo de 1704.

ANTONIO DA SYLVA DE SAMPAYO. Naceo em Lisboa a 5. de Mayo de 1691. e teve por Pays a Jozè da Sylva de Sampayo, e Maria da Conceiçaõ, e Fonſeca. Apprendeo as Letras Humanas no Collegio de Santo Antaõ dos Padres Jeſuitas, e Filoſofia na Congregaçaõ do Oratorio de ſua patria donde paſſou à Univerſidade de Coimbra, e applicando-ſe ao eſtudo do Direito Pontificio recebeo nelle o Gràо de Bacharel a 7. de Abril de 1718. Ordenado de Presbytero exercitou o miniſterio de Patrono de Cauſas Forenſes em que alcançou tanta opiniaõ das ſuas letras, que ſendo Prothonotario Apoſtolico creado pela Santidade de Clemente XII. em 21. de Junho de 1734. foy eleyto Promotor da Juſtiça na Relaçaõ Eccleſiaſtica do Arcebiſpado de Lisboa a 27. de Setembro de 1737. Em obſequio da inſigne Virgem Santa Maria Magdalena de Pazzi de quem he cordial devoto eſcreveo com eſtilo elegante.

A Flor de Florença, ou Vida da Extatica Virgem Santa Maria Magdalena de Pazzi. Lisboa por Miguel Rodrigues. 1730. 8.

Compilaçaõ do Direito Canonico aos cinco Livros das Decretaes illuſtrado com o Direito das Conſtituiçoens deſte Arcebiſpado, e Ordenaçaõ do Reyno. 2. T*om.* 4. M. S.

Elogio funebre do Doutor Manoel Pereira da Sylva Leal Academico da Academia Real. M. S. Eſtà jà com as Licenças para a Impreſſaõ.

Vida de S. Vicente de Paulo Fundador da Congregaçaõ da Miſſaõ. M. S.

Jozè Antonio Monteiro Bravo in *Centuaria Epigramatum* lhe dedica os epigrammas 45. e 46. em ſeu applauſo.

ANTONIO DA SILVA, E SOUSA. Naceo na Villa das Caldas da Rainha no Arcebiſpado de Lisboa em o anno de 1601. filho de Henrique da Sylva, e Souſa, e Antonia Nunes, e irmaõ de Joaõ da Sylva, e Souſa Vigario perpetuo do Hoſpital da Villa da ſua patria. Na Athenas Conimbricenſe ſe applicou ao eſtudo do Direito Ceſareo, onde recebendo com applauſo de todos os Academicos o gráo de Doutor, naõ foy menor o com que por alguns annos ſe oppóz às Cadeiras da meſma Univerſidade. Acclamado o Sereniſſimo Rey D. Joaõ IV. querendo exercitar as ſuas letras em beneficio do Reyno mais no eſtudo practico, que no eſpeculativo, foy deſpachado Provédor de Beja, e Auditor da gente de guerra donde foy transferido a Dezembargador do Porto, e à Caſa da Supplicaçaõ em 13. de Janeiro de 1660. depois Dezembargador de Aggravos em 10. de Novembro de 1661. Neſtes lugares moſtrou tanta capacidade, e inteireza que mereceo ſer eleito Enviado a Inglaterra, porém como pela morte de Carlos I. ſe deſvaneceſſe eſta jornada foy mandado com o meſmo caracter à Corte de Suecia a tratar negocios graviſſimos ſendo o principal a liberdade do Sereniſſimo Infante D. Duarte a que fortemente ſe opunha o Embaxador de Caſtella aſſiſtente na meſma Corte, o qual paſſando das negociaçoens occultas a violencias manifeſtas, aſſaltou com cincoenta homens armados a Caſa do noſſo Enviado que acompanhado ſómente de dezoito homens naõ ſómente rebateo eſte temerario inſulto, mas o caſtigou com a morte de dous, e as feridas de muitos por cuja valeroſa acçaõ conſeguio grandes creditos naquella Corte merecẽdo que a Rainha Chriſtina a eſcreveſſe a ElRey D. Joaõ o IV. Todo o tempo que aſſiſtio em Suecia acompanhou em varias Campanhas a ElRey Carlos a quem era muito aceito por ſeu maduro juizo, e natural afabilidade, até que ſe retirou por ordem do ſeu Soberano para a Cidade

de Hamburgo, e ſendo eleito Embaxador Ordinario aos Eſtados de Olanda naõ exercitou eſte miniſterio por repreſentar a ElRey naõ ſer conveniente naquella occaſiaõ aos intereſſes politicos deſta Monarchia. Reſtituido à Corte atendendo o Principe Regente D. Pedro aos grandes ſerviços que tinha feito em obſequio deſta Coroa aſſim no Reyno, como fora delle o fez Corregedor do Crime da Corte, e Caſa em 7. de Janeiro de 1668. com huma Commenda de duzentos mil reis na Ordem de Chriſto a qual nomeou por faculdade que teve, em ſeu filho mais velho o Dezembargador Franciſco da Sylva, e Souſa. Ultimamente ſendo Deputado da Meza da Conſciencia, e Ordens que exercitou pelo eſpaço de tres annos, morreo em Lisboa a 26. de Abril de 1676. com 75. annos de idade. Foy ſepultado no Cruzeiro da Igreja do Convento de Santo Eloy ao lado do Evangelho para ſer transferido à Capella de Saõ Bartholameo ſituada na Villa das Caldas com Miſſa quotidiana. Compoz.

Juizo, ou Vaticinio politico al Reyno de Suecia debaxo dela conduta del muy alto, y poderoſo Principe Carlos Guſtavo Su Rey. Holmia por Juan Janſſonio. 1655. 12.

Inſtrucion politica de Legados. Amburgo. 1656. 12.

Queſtoens Forenſes. 2. Tom. Conſtavaõ dos caſos mais celebres que ſucederaõ no tempo que foy Dezembargador dos Aggravos, os quaes ſe conſervavaõ em poder de ſeu filho o Dezembargador Franciſco da Sylva, e Souſa.

Delle fazem mençaõ Nic. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 126. e Diogo Henriques de Villegas no livro intitulado *El Principe en ſu idea.*

ANTONIO DA SYLVA VIEIRA. Para teſtemunhar o ardente, e affectuoſo culto com que venerava a Imagem da Virgem Santiſſima com o titulo da Oliveira que eſtá collocada em hum mageſtoſo nicho na Confeitaria da Cidade de Lisboa, eſcreveo.

Oliveira Myſtica, ou devoçaõ, e obſequios a Maria Santiſſima Senhora Noſſa. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ. 1721. 24.

Fr. ANTONIO DA SYLVEIRA. Naceo em Lisboa a 23. de Janeiro de 1709. onde foy educado com taõ virtuoſos documentos por ſeus Pays Jozè da Sylva de Araujo, e Thereza Maria Cerveira, que na tenra idade de 14. annos deixou o mundo, e ſe recolheo na illuſtre Religiaõ da Santiſſima Trindade profeſſando o ſeu Inſtituto no Convento patrio a 29. de Março de 1723. Por ſer dotado de engenho muito perſpicaz ao tempo, que eſtudava as ſciencias eſcolaſticas logo foy deſtinado pelos ſeus Meſtres para as enſinar com applauſo, cuja laborioſa empreza dezempenhou aſſim no Collegio de Coimbra, como em o Convento deſta Corte ſeguindo com hum methodo ſubtil deſcuberto pela ſua aguda comprehenſaõ as opinioens menos ſeguidas. Naõ ſómente he bom Theologo, mas inſigne Eſcriturario de que he manifeſto argumento a obra ſeguinte.

Diſcordia concors, ſeu Sacræ Scripturæ Antilogiæ brevi calamo conciliatæ. Ulyſſipone apud Emmanuelem Fernandes da Coſta S. Officij Typ. 1738. 8. Mais 4. volumes do meſmo aſſumpto M. S.

Cenſura ſobre a queſtaõ ſe devem ſer admitidos às Coneſias Doutoraes das Cathedraes os Profeſſores de Leys. Sahio no Livro intitulado *Faſciculus ſententiarum a Petro Villas-Boas e Sampayo Collectus.* Conimbricæ apud Antonium Simoens Ferreira 1738. 4. a pag. 33. atè 36.

Fr. ANTONIO DE SINDE natural do Conſelho de Sinde do Biſpado de Coimbra donde tomou o appelido. Antes que profeſſaſſe o penitente, e auſtero Inſtituto de Frade Capucho na Serafica Provincia da Piedade, era Licenciado em Canones, e de tal ſorte obſervou os eſtatutos religioſos que ſendo eleito Definidor no anno de 1617. paſſou a ſer Comiſſario Viſitador da Provincia de S. Jozé em Caſtella onde aſſiſtio o reſtante da vida por entender o queriaõ eleger Provincial da Provincia Portugueza. Foy ornado de grande talento, que ſe fazia mais eſtimavel pela innocencia da vida como claramente ſe infere da carta eſcrita de Madrid a 8. de Fevereiro de 1622. ao Provincial pelo Comiſſario Geral Fr. Bernardino de Senna em que lhe diz. *Naõ obſtante que o Padre Fr. Antonio de Sinde he Guardiaõ, ponha V. P. em ſeu lugar hum*

Preſidente, e mande o com patente ſua a eſta Corte por ſer Religioſo de quem tenho muito boa informaçaõ aſſim de ſuas letras, como de ſeu bom procedimento, e virtudes para que me ajude delle nos negocios de que tiver neceſſidade, por ſerem de muito pezo &c. Foy bom prègador, e muito zeloſo dos augmentos da ſua Provincia da qual com grande diſvelo trabalhou em compor em dialogos.

Chronica da Provincia da Piedade de cujo trabalho ſe aproveitou Fr. Manoel de Monforte na que eſcreveo, e imprimio no anno de 1696. como elle ingenuamente confeſſa no Prologo ao Leitor dizendo. *Valeo-me muito o que neſte particular haviaõ jà trabalhado dous Religioſos deſta Provincia Fr. Antonio de Sinde, e Fr. Manoel de Niza.*

ANTONIO DE SIQUEIRA DA GAMA natural da Villa de Campomayor da Provincia Tranſtagana, e filho de Fernaõ Martins de Ayala Comiſſario da Cavallaria da Corte, e de D. Catherina da Gama, e Attayde, que o educaraõ como ſe eſperava da nobreza dos ſeus nacimentos. Teve notavel genio para a Poeſia, e Juriſprudencia, de cujas Faculdades deixou varios monumentos, admirandoſe em huns a profundidade de ſeu talento, e em outros a jocoſidade da ſua Muſa ſempre diſcreta, e conceituoſa, e nunca pueril, pela qual mereceo repetidos applauſos em diverſas Academias. Morreo em Lisboa a 19. de Novembro de 1727. e jaz ſepultado na Parochia da Encarnaçaõ. Como era ſummamente devoto das Almas do Purgatorio para acender eſte pio affecto nos Coraçoens dos Catholicos naõ ſómente publicou, mas gracioſamente repartio.

Novena das Almas do Purgatorio. Lisboa por Paſchoal da Sylva Impreſſor de ſua Mageſtade 1712. 24. & ibi por Miguel Maneſcal Impreſſor do Santo Officio. 1718. 24. e Coimbra por Jozé Antunes da Sylva Impreſſor da Univerſidade 1719. 24.

Fr. ANTONIO SOARES natural de Lisboa filho de Lourenço Soares de Mello Mordomo Mòr do Cardial Infante D. Affonſo. Na tenra idade de nove annos veſtio a Cogulla Ciſtercienſe no Real Convento de Alcobaça onde completos os annos, que ſe requerem para a profiſſaõ ſolemne a fez no meſmo Convento com grande ſatiſfaçaõ de todos os Monges. Com a continua liçaõ da Sagrada Eſcritura concebeo ferveroſos dezejos de teſtimunhar com os olhos os Sagrados Lugares onde o Redemptor do mundo para ſua reſtauraçaõ padeceo atrozes tormentos. Para eſte effeito a que ſómente o eſtimulava a devoçaõ, e naõ a curioſidade, ſem dar noticia a ſeu Pay, e unicamente ao Prèlado, e Nuncio Apoſtolico ſahio de Portugal no anno de 1554. Entrou em Roma a tempo, que era Vigario de Chriſto Julio III. de quem recebeo particulares favores, e alèm de lhe dar faculdade para que viſitaſſe os Santos Lugares lhe entregou huma carta para o Patriarcha dos Maronitas com o qual havia tratar negocios graves de que deu boa ſatisfaçaõ. Voltou para Portugal no anno de 1583. em companhia do P. Jeronymo Rodrigues, e o Irmaõ Balthezar Dias Jeſuitas, que tinhaõ hido à Terra Santa cumprir hum voto, que o Cardial D. Henrique deixàra declarado no ſeu Teſtamento, de que hum Religioſo da Companhia fizeſſe por elle aquella jornada a que deu cumprimento ElRey Filippe acrecentando, que foſſe outro em obſequio delRey D. Sebaſtiaõ, como eſcreve o P. Antonio Franco in *Synopſ. Annal. S. J. in Luſit.* pag. 129. De tudo quanto era digno de ſe obſervar em taõ larga peregrinaçaõ compoz.

Itinerario no qual ſe referem os ſucceſſos mais raros da ſua jornada, narrando as varias naçoens com que tratou aſſim da Europa, como da Azia; os ſeus coſtumes, ritos, ſuperſtiçoens, Provincias por onde paſſou, terras, que vio de Eſpanha, Italia, Grecia, Paleſtina, Samaria, Monte Libano onde deſcreve os ſitios, e principios, que tiveraõ, e o eſtado em que preſentemente ſe conſervavaõ. M. S.

Eſta obra tinha em ſeu poder no anno de 1688. o Doutor Fr. Diogo de Caſtello-Branco Chroniſta Mòr da Religiaõ de Ciſter ſendo muito digna de ſe imprimir ſe naõ tivera truncadas algumas folhas. Della faz mençaõ Fr. Leaõ de Santo Thomaz na *Benedict. Luſit.* Tom. 1. Part. 2. cap. 23. §. 2. pag. 391. dizendo, que do meſmo Itinerario liv. 8. cap. 6. conſtava eſtar o Author em

Monſerrate no anno de 1558. e a dedicara ao Cardial D. Henrique. Delle tambem ſe lembra Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 1. pag. 443. col. 1. no Cõment. de 15. de Fevereiro letr. A. e Tom. 3. pag. 466. col. 1. no Cõment. de 30. de Mayo. letr. D. e o moderno Addicionador da *Bib. Geograf.* de Antonio de Leaõ. Tom. 3. Titul. unic. col. 1586.

Fr. ANTONIO SOARES. Naceo em Lisboa donde paſſando a Caſtella recebeo o monacal habito do grande Patriarcha S. Bento em 19. de Março de 1569. Applicado aos eſtudos filoſoficos manifeſtou com tal exceſſo a ſubtileza do ſeu engenho, que ſem demora foy eleito Meſtre de Artes, que dictou no Collegio de Santo Eſtevaõ de Ribas de Sil. Como nelle predominaſſe mayor genio para a Theologia Expoſitiva, que Eſcolaſtica antepoz o miniſterio do Pulpito ao da Cadeira exercitando com geral acclamaçaõ o officio de Orador Evangelico no celebre Convento de Monſerrate. Por uniformes votos de todos os Monges ſubio ao lugar de Abbade do Real Moſteiro de S. Pedro de Cardeña *porque* (como delle eſcreve Fr. Franciſco de Berganza *Antiguid. de Eſpan.* Part. 2. liv. 8. cap. 12. n. 85.) *ſobre la prenda de ſer muy virtuoſo era ſobre manera afable, y ſin violentar-ſe a ninguno podia moſtrar ceño.* Depois de ter com larga profuſaõ feito varios edificios neſta Abbadia paſſou a governar a de S. Vicente de Oviedo, e no Capitulo ſeguinte foy eleyto Viſitador Geral em cujo miniſterio terminou a carreira da vida mortal para principiar a eterna no Convento de Lerez a 27. de Dezembro de 1606. Eſcreveo

Tratado em forma de Dialogo entre Uliſſeo, e Valerio ſobre ſer o tempo prezente melhor, q̃ o paſſado. Em cuja obra *dió a entender* (ſaõ palavras do já allegado Berganza) *grande erudicion de letras divinas, y humanas, cõn o de la perfecta intelligencia en la Filoſofia natural, y Moral.* M. S. Conſerva-ſe no Archivo do Moſteiro de S. Pedro de Cardenã.

Vida de S. Bento em Outavas, que foraõ impreſſas com as eſtampas, que repreſentaõ as acçoens mais notaveis do meſmo Santo Patriarcha, no anno de 1597.

Hymnos, e verſos em louvor dos Santos Martyres do Moſteiro de Cardenã. M. S.

Delle fazem illuſtre memoria Berganza no lugar já allegado, e Marangoni *Thezaur. Paroch.* Tom. 2. lib. 3. cap. 1. n. 106.

ANTONIO SOARES natural de Setuval, e grande profeſſor de Medecina, ou foſſe eſpeculativa, ou practica de cuja ſciencia eſcrevendo, e curando deu irrefragaveis teſtemunhos. Compoz

Breve Compendium quæſtionum præcipue practicarum, & particularium remediorum apud diverſos Medecinæ Authores contentorum in ordinem Alphabeticum redactorum. M. S. in fol. Eſtava na Livraria do Doutor Manoel Soares Brandaõ inſigne Medico.

Collectanea ad diverſos morbos utilis. Item *Tractatus de Pleuritide.*

D. ANTONIO SOARES DE ALARCAM natural de Lisboa. Foy filho primogenito de D. Joaõ Soares de Alarcaõ, e Mello, nono Senhor deſta Caſa, Alcayde mór de Torres Vedras, Meſtre Sala da Caſa Real, Commendador de Saõ Pedro de Torres Vedras, e Santa Maria de Maçaõ na Ordem de Chriſto, Senhor de Villa Rey, Mordomo das Rainhas de Caſtella D. Izabel de Borbon, e D. Mariana de Auſtria que depois da glorioſa Acclamaçaõ do Sereniſſimo D. Joaõ o IV. aſſiſtindo em Caſtella ſe intitulou Marquez do Trocifal, e Conde de Torres Vedras; e de D. Maria de Noronha filha de Joaõ Fogaça de Eça Governador, e Capitaõ General da Ilha da Madeira, e de ſua mulher D. Leonor da Camara. Foy muito eſtudioſo da Hiſtoria, e com mayor diſvelo applicado a huma das ſuas mais nobres partes qual he a Genealogia em que fez grandes progreſſos naõ ſendo inferior a noticia que tinha das letras humanas Poeſia, e Mathematica, e outras artes dignas do ſeu claro nacimento. Morreo em Madrid, e eſtá ſepultado no Real Convento das Religioſas deſcalças de S. Franciſco. Compoz.

Commentarios delos hechos del Señor de Alarcon Marquez de Valle Siciliana, y de Renda, y delas Guerras en que ſe halló por eſpacio de ſincoenta, y ocho años. Madrid por Diogo Dias dela Carrera. 1665. fol.

Relaciones Genealogicas dela Caſa delos Marqueſes de Trucifal, Condes de Torres

Vedras ſu varonia Zevalos de Alarcon, por la Caſa, y primer appellido Suares. Madrid pelo dito Impreſſor. 1656. fol.

Arbol Genealogico dela Varonia de D. Fernando Tellez de Faro, y Sylva Conde de Arada. M. S. Delle ſe lembraõ com grandes elogios D. Luiz Salazar, e Caſtro em diverſ. part. das ſuas Obras. Nic. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 601. Franckenau in *Bib. Hiſp. Hiſt. Geneal. Herald.* pag. 46. e D. Antonio Caetan. de Souſa no *Apparat à Hiſt. Geneal. da Caſa Real Portug.* pag. 105. §. 112.

ANTONIO SOARES DE ALBERGARIA. Naceo na Villa de Caſtellobranco no Biſpado da Guarda em o anno de 1581. e foy filho de Fernaõ Rodriguez de Coimbra, e Franciſca Soares de Albergaria ambos das familias mais nobres da Villa de Veyros. Ordenado de Presbytero obteve hum Beneficio na Parochial Igreja de Santo Eſtevaõ de Lisboa, e foy Capellaõ das Capellas de Santo Eutropio cuja vida eſcreveo, e de S. Matheos de Lisboa. Teve bom engenho, feliz memoria, e continua applicaçaõ aos livros principalmente hiſtoricos, e Genealogicos em cuja noticia diz delle Joaõ Soares de Brito in *Theatr. Luſit. Litter.* lit. A. n. 123. *rerum Genealogicarum apud Luſitanos peritiſſimus.* Retirouſe a huma Quinta que herdou junto de Almada, e edificou huma Ermida dedicada a Jeſus Maria Jozé no Caminho, que vay de Caſilhas para N. Senhora do Cabo onde viveo parcamente. Compoz.

Trofeos Luſitanos. Lisboa por Jorge Rodrigues 1631. 4. Conſta dos brazoens das familias illuſtres deſte Reyno.

Repoſta a certas objeçoens ſobre os Trofeos Luſitanos. Lisboa pelo meſmo Impreſſor. 1634. 4.

Na obra precedente a eſta ſe vè o ſeu Retrato com eſte epigramma na parte inferior.

Vera eſt Authoris gravis hæc quam cernis imago
Sat notat hac maius fronte nitere Deus.
Antoni entitulos duplex tibi reddit imago
Hæc faciem ingenij ſthemmata reddit opus.

Triumfos da Nobreza Luſitana, e origem de ſeus brazoens. 6. Tom. Tratava nelles de quatrocentas familias do Reyno, que certamente eſtariaõ acabados, e entregues à Impreſſaõ *porèm* (ſaõ palavras do meſmo Author no Prologo dos Trofeos Luſitanos) *nenhuma couſa ſe começa bem, ſe naõ he depois de Deos, de algum grande Principe favorecida.* 2. Tomos deſta obra ſe conſervaõ eſcritos da ſua propria maõ na Livraria do Convento da Graça de Lisboa, como tambem

Chronica dos Reys de Portugal deſde o Conde D. Henrique atè Felippe IV. de Caſtella. fol. M. S.

Titulo de Coutinhos hiſtoriado. M. S. da ſua propria maõ ſe guarda na dita Livraria.

Livro de Armaria em que enſina, e declara todos os modos, e formas de eſcudos, e ſuas ſignificaçoens. M. S.

Tratado dos Santos Portuguezes. Com licenças para a Impreſſaõ no anno de 1639. Conſerva-ſe M. S. na Livraria dos Padres da Congregaçaõ do Oratorio de Lisboa.

Adagios em Latim, e Portuguez. M. S. Delle trataõ D. Franc. Manoel na *carta* 1. *da Centur.* 4. *eſcrita ao Doutor Manoel da Fonc. Themudo,* o P. D. Antonio Caetano de Souſa no *Apparat. à Hiſt. Gen. da Caſa Real Portug.* Pag. 74. §. 59. P. D. Emmanuel Caet. de Souſa in *Exped. Hiſpan. S. Jacob.* Tom. 2. pag. 1305.

ANTONIO SOARES DE FARIA natural da Villa de Aviz da Dioceſe de Evora onde naceo no anno de 1642. Foraõ ſeus Pays o Doutor Manoel Rodrigues da Vide deſcendente das principaes familias da ſua patria, e Maria Soares de Faria. Apprendeo a faculdade de Medecina na Univerſidade de Coimbra na qual foy eminente como ſeu Pay, e ſeu Tio materno exercitando com ſciencia, e fortuna eſta arte na ſua patria onde foy Vereador, e Phyſico Mòr do Exercito na Provincia do Alentejo. Compoz

Faſciculus medicus practicus ex quattuor tractatibus collectus. Primus de Fontanellis. 2. *de Thermis.* 3. *de Lacte.* 4. *de rìſu, recreatione, & Vino.* Ulyſſipone apud Michaelem Deslandes 1700. 4. Tinha prompto para a Impreſſaõ algumas apologias medicas, e eruditas adiçoens às obſervaçoens de Lazaro Riverio.

Fr. ANTONIO SOBRINHO natural da Cidade de Bragança na Provincia de Tras dos Montes, ou de Salamanca como eſcrevem D. Nicolao Antonio na *Bib. Hiſpan.* Tom. 1. pag. 127. col. 1. e F. Joaõ de Santo Antonio na *Franciſc.* Tom. 1. pag. 128. col. 1. certamente filho de Antonio Sobrinho Portuguez natural de Bragança como confeſſa o meſmo D. Nicolao Antonio no 2. Tom. da *Bibliotheca* pag. 342. e por eſte principio juſtamente admitido, e numerado entre os Authores Portuguezes. Teve por Mãy aquella celebre Matrona Cecilia de Morillas, ou Henriquez, a cuja virtuoſa doutrina, com que vigilantemente educou a nove filhos nacidos deſte conſorcio, que illuſtráraõ a Jerarquia Epiſcopal, e Religioſa, deve o exceſſo que a todos fez Antonio Sobrinho, ou foſſe pela perſpicacia do juiſo, ou pela practica das virtudes. Sendo o primeiro Official da Secretaria de D. Gabriel de Zayas Secretario de Eſtado da Catholica Mageſtade de Filippe II. deſprezando as eſtimaçoens, e as eſperanças do Mundo abraçou o auſtero Inſtituto da Reformada Provincia de S. Jozé, profeſſando em o Convento de S. Bernardino de Madrid onde foy admiravel exemplar da perfeiçaõ Evangelica. Ainda que com repugnancia do ſeu humilde genio adminiſtrou os mayores lugares da Religiaõ como foraõ Definidor da Provincia de Saõ Paulo em Medina, quando ſe dividio da de Saõ Jozè, Guardiaõ do Convento do Calvario de Salamanca, Commiſſario Geral, trez vezes Guardiaõ, e Vigario Provincial da Provincia de S. Joaõ Bautiſta do Reyno de Valença, e em taõ diverſas Prelaſias ſempre conſervou exactamente a diſciplina regular uzando para eſte fim mais vezes da benevolencia, que da ſeveridade. Foy na Oraçaõ cõtinuo, na abſtinencia rigoroſo, na charidade ardente, e na ſalvaçaõ dos proximos vigilante. Cheyo mais de virtudes, que de annos pois naõ paſſavaõ de 68. foy lugrar o premio dellas a 10. de Julho de 1622. Ao ſeu enterro concorreu innumeravel povo implorando o ſeu patrocinio para remedio de diverſas infermidades. Fazem illuſtre memoria deſte grande varaõ alèm dos Authores allegados Fr. Antonio Panes *Chron. de S. Franc.* Part. 1. fol. 676. até 830. onde largamente relata as ſuas Revelaçoens, Extaſis, e milagres, pelos quaes ſe trata na Curia Romana da ſua Beatificaçaõ como eſcreve Fortunato Huever in *Menol. Franc.* §. 8. *Hiſtoric. Proloq.* Wading. *de Script. Ord. Min.* pag. 38. lhe chama *vir eximiæ pietatis, et notiſſimæ virtutis.* Compoz.

De la vida eſpiritual, y perfecion Chriſtiana, Tratado de Penitencia, y purgatorio. Valencia por Juan Chriſoſtomo Garriz 1611. 4.

In D. Joannis Apoſtoli Apocalypſim per Fr. Antonium Sobrino Minoritam S. Joannis Baptiſtæ Excalceatorum Fratrum Provinciæ minimum, et immeritiſſimum alumnum. Acceſſit huic operi eludicatio per eumdem Authorem edita in Commentaria ſuper Apocalypſim Benedicti Arias Montani. 4. Eſte Original com as licenças para a impreſſaõ do Miniſtro Geral da Ordem Seraſica Fr. Benigno de Genova ſe conſerva no Archivo do Convento de S. Joaõ Bautiſta de Valença com as obras ſeguintes.

Annotaciones al Apocalypſe 2. tom. *M. S.*

Teſoros de Dios revelados a la Ven. M. Franciſca Lopes dividida em 3. Tomos que eſcreveo no anno de 1609. quando era Confeſſor deſta Serva de Deos *M. S.*

Sermoens das Domingas que comprehendem a 1. *do Advento atè a Dominga* 6. *poſt Epiphaniam.* 8. *M. S.*

Sermoens das Domingas, e Ferias da Quareſma. 2. Tom. 8. *M. S.*

Viridario que comprehende Fabulas dos Gentios moralizadas. Emblemas moralizados. Exemplos varios de vritudes, e vicios. Aforiſmos de Hipocrates reduzidos ao ſentido moral &c. *M. S.*

Singular privilegio del Myſterio dela Immaculada Concepcion dela Virgen Señora nueſtra. Deſte Tratado fez huma recopilaçaõ Fr. Antonio Panez, e a tranſcreveo no Tom. 1. da *Chronic. de Prov. de S. Paulo* lib. 1. cap. 22. n. 277.

ANTONIO SODRE PEREIRA DAS COBERTEIRAS Senhor do Morgado da Azoya filho de Vaſco Sodre da Gama, e de D. Luiza de Souſa Pereira das Coberteiras naceo na Villa de Santarem, e na freguezia de N. Senhora de Maravilla foy bautizado a 3. de Setembro de 1663. ſendo verſado na liçaõ da Hiſtoria Sagrada, e

profana todo o ſeu mayor diſvelo applicou à Theologia Moral como fiel directora da Conſciencia, que dezejava trazer ſempre bem regulada, e ſahio taõ eminente neſte genero de eſtudo, que Compoz.

Miſcellanea Moral. 4.

Cuja obra por andar já nas maõs dos Cenſores ſahirá brevemente à luz publica. Deſpozouſe em o 1. de Janeiro de 1714. com D. Brites Bernarda de Vaſconcellos filha de Jozè Lucas Pereira da Sylva Fidalgo da Caſa Real, e de ſua primeira mulher Jozepha Eufrazia de Vaſconcellos de quem teve larga deſcendencia. O exceſſo com que ſe applicava ao eſtudo lhe cauſou hum eſtupor que o privou da vida na ſua patria a 18. de Novembro de 1728. Jaz ſepultado na Igreja de N. Senhora de Maravilla em o Jazigo da ſua Caſa.

D. Fr. ANTONIO DE SOUSA Teve por patria a Cidade de Lisboa, e por Pays a Martim Affonſo de Souſa Governador que foy da India, e a D. Anna Pimentel dos quaes foy o Primogenito. Na idade mais florente deſprezando heroicamente as futuras dignidades que lhe prometia a nobreza do ſeu nacimento ſe recolheo na illuſtre Ordem de S. Domingos deixando com o ſeculo o nome de Pedro Affonſo de Souſa que nelle tinha, cuja grande reſoluçaõ querendo ſeu Pay impedilla, e naõ podendo triumfar da conſtancia de ſeu filho, lhe deo faculdade para que foſſe Religioſo. Feita a profiſſaõ ſolemne no Real Convento de Lisboa a 7. de Março de 1557. foy eſtudar à Univerſidade de Lovanha, onde ſe graduou Bacharel em Theologia, e depois Meſtre da meſma faculdade pela Ordem. No anno de 1580. partio a Roma para aſſiſtir ao Capitulo Geral que ſe celebrava, no qual por morte do Meſtre Geral Fr. Serafino Caballi ſahio eleito Fr. Paulo Conſtabili que era Meſtre do Sacro Palacio. Depois de ter ſido Provincial neſta Provincia no anno de 1559. e exercitar com grande applauſo o miniſterio de Prégador delRey o nomeou Vigario Geral de toda a Familia Dominicana a Santidade de Clemente VIII. a 22. de Agoſto de 1594. Em remuneraçaõ da prudencia, e madureza de juizo com que tinha exercitado eſtes lugares ſubio a occupar outro mais ſublime, qual foy o Biſpado de Viſeu ſendo a elle aſſumpto em 4. de Dezembro de 1595. enchendo as obrigaçoens de Paſtor vigilantiſſimo no breve tempo, que governou eſta Dioceſe, da qual paſſando a Lisboa a curarſe de huma moleſtia, eſta ſe fez taõ rebelde à efficacia dos medicamentos que o privou da vida em huma Quinta ſituada no Campo Grande nos ſuburbios de Lisboa no mez de Mayo de 1597. Jaz ſepultado no Convento da Caſtanheira dos Religioſos Capuchos da Provincia de Santo Antonio que edificou D. Antonio de Attayde 1. Conde da Caſtanheira, e na ſepultura lhe gravou o epitafio ſeguinte ſeu grande amigo, e parente D. Jorge de Attayde que ao depois foy Biſpo da meſma Dioceſe.

D. O. M.

Fr. Antonio de Souſa filio Martini Alphonſi de Souſa, et D. Annæ Pimentel profeſſo Ord. Præd. in quo per XL. annos Religioſus vixit et pro variis muneribus in eo adminiſtratis multas Chriſtiani Orbis partes peragravit, ac tandem ad Epiſcopatum Viſenſem aſſumptus annum LVI. agens deceſſit Maij CIↃDXCVII.

Georgius Epiſcopus amico, et conſanguineo chariſſimo.

Tratað deſte inſigne Prelado Fr. Manoel da Eſperanc. *Hiſt. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 2. liv. 11. cap. 2. n. 5. Fernand. in *Cert. Prædic.* ad ann. 1590. Echard *Scrip. Ord. Præd.* tom. 2. pag. 296. col. 2. Souſa *Hiſt. de S. Doming. do Reyn. de Portug.* Part. 1. liv. 3. cap. 2. Fontan. in *Theatr. Domin.* Part. 1. cap. 5. Titul. 640. n. 2. Plodius de *vir. Illuſtrib.* Part. 2. liv. 4. Monteir. *Clauſtr. Domin.* tom. 3. pag. 57. 164. e 343. P. Joaõ Col. *Cathalog. dos Biſpos de Viſeu.* n. 57. e Fr. Martinho do Amor de Deos *Chron. da Provin. de Santo Antonio* Tom. 1. liv. 1. cap. 18. §. 148. Publicou ſem o ſeu nome.

Manual de Epicteto Filoſofo traduzido de Grego em linguagem Portuguez. Coimbra por Antonio Mariz. 1594. 12. e Lisboa por Antonio Alvares 1595. 12.

Traduzio de Italiano em Portuguez.

Vida de S. Jacinto. a qual affirma que fora impreſſa, Franciſco Galvaõ na *Bibliothec. Luſit.* M. S.

Verteo em Portuguez para ſua Irmãa a Condeſſa de Monſanto.

Pſalmos Penitenciaes.

Chronica da Provincia de Portugal.

Deſta obra faz mençaõ Fr. Pedro Monteiro no *Clauſt. Domin.* e Echard. in *Script. Ord. Præd.* nos lugares citados.

Memorias para a Vida do Illuſtriſſimo Arcebiſpo de Braga D. Fr. Bartholameu dos Martyres. Deſta obra faz mençaõ o inſigne eſcritor Fr. Luiz de Souſa na Dedicatoria da vida deſte Ven. Prelado dizendo. *Tomou o negocio a peito peſſoa digniſſima qual era o Biſpo de Viſeu D. Fr. Antonio de Souſa por letras por engenho, e eloquencia, bem achado Homero para tal Achilles.*

Intentava eſcrever a vida de ſeu Pay Martim Affonſo de Souſa para o que tinha junto muitas memorias.

P. ANTONIO DE SOUSA natural da Villa de Amarante da Dioceſe de Braga, filho de Manoel Ferreira, e Maria de Souſa, e Primo do inſigne Varaõ Antonio de Souſa de Macedo como elle eſcreve na *Luſit. Liberat.* in append. cap. 1. n. 43. pag. 724. e na *Eva, e Ave* Part. 1. cap. 26. n. 10. Entrou na Companhia de JESUS em Coimbra no 1. de Julho de 1606. quando tinha quinze annos de idade onde foy hum dos mais celebres Meſtres de humanidades, que venerou aquelle tempo, ou foſſe orando, ou poetizando. Sendo Meſtre de Rhetorica no Collegio de Santo Antaõ compoz no anno de 1619. huma famoſa Tragedia em applauſo de Filippe II. quando foy recebido neſta Corte ſendo reprezentada a 21. e 22. de Agoſto na auguſta prezença daquelle Monarca, e das Sereniſſimas Senhoras a Princeſa D. Izabel, e a Infanta D. Maria, cujo aſſumpto era a Conquiſta do Oriente por ElRey D. Manoel, em que entravaõ trezentas, e cincoenta figuras precioſamente veſtidas, dizendo deſta grande obra Antonio de Souſa de Macedo nas *Flor. de Eſpan.* cap. 14. Excel. 8. n. 2. *aquella famoſa Tragedia qual nunca vió el Theatro Romano que compuſo com ſummo ingenio el P. Antonio de Souſa dela Compañia de Jeſus inſigne Poeta de nueſtros tiempos, y de muchos paſſados.* Eſtando para ler Filoſofia em Coimbra acompanhou por ordem dos ſeus Superiores aos Soldados Portuguezes que navegáraõ à Bahia no anno de 1624. para a libertarem da oppreſſaõ dos Olandezes em cuja empreza arvorando a imagem de Chriſto Crucificado os animou com tal ardor, que expulſados os inimigos ſe coroáraõ com a mais inſigne vitoria. Voltando para a Patria no anno de 1625. embarcado em a Náo Santa Anna, ſendo acommetido junto à Ilha do Fayal de huma violenta febre o privou da vida em 18. de Setembro com grande ſaudade dos ſeus Companheiros. Delle fazem illuſtre memoria Joan. Soar. de Brito in *Theat. Luſit. Litter.* lit. A. n. 118. *celeber humaniorum litterarum Profeſſor, Rhetorices, et Poeſeos peritia clarus.* Alegambe in *Bib. Societ.* pag. 85. *Vir præcellenti ingenio, et ſcientia politioris litteraturæ.* Fr. Franc. da Nativid. *Lenit. da dor* pag. 319. n. 286. lhe chama *erudito, e diſcreto.* Guerreir. *Jornad. da Bahia* cap. 47. *Que em todo o diſcurſo da Viagem fez eſtremos nas obrigaçoens da ſua Profiſſaõ.* Franc. in *Synop. Annal. S. J. in Luſit.* pag. 531. e in *Ann. Glorioſ. S. J. in Luſit.* pag. 531. e na *Imag. da Virtud. do Noviciad. de Coimb.* Tom. 2. pag. 613. Bernard. *Floreſt. de Var. Apothem.* Tom. 1. pag. 332. *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ novamente addicionad. Tom. 1. Tit. 3. col. 53. Sahio a Tragicomedia que ſe reprezentou a Filippe II. impreſſa com a explicaçaõ Caſtelhana feita por Joaõ Sardinha Mimoſo com eſte titulo.

Relacion dela Real Tragicomedia del deſcubrimiento, y Conquiſta del Oriente por el feliciſſimo Rey decimo quarto de Portugal D. Manoel de glorioſa memoria, y deſcripcion del aparato della. Lisboa por Jorge Rodrigues. 1620. 4. Começa.

Aſſueta plantis fortium Regum meis
Calcare faſtus, ſceptra cervices premo
Tragedia do Campo de Ourique.

Oraçaõ de Laudibus Sapientiæ no anno de 1618. ſendo Meſtre da 2. Claſſe do Collegio de Santo Antaõ.

Sendo Meſtre da Terceira Compoz.

Quod ſit ſtudio tempus aptius! Quod commodius Scholaſtico? Hyems, an ver floridum? Era em proſa, mas tinha hum Poema heroico, huma elegia, e quatro ramos alcaicos. Acabava com huma Poeſia heroica *pro Vere.*

Deixou muitas, e excellentes Poeſias

heroicas entre as quaes ſaõ excellentes Duas elegias, huma *ad montem Oliveti et Chriſtum ad Patrem orantem;* a outra *Nuntiat Joannes Virgini Matri vinctum Dominum.*

Fr. ANTONIO DE SOUSA natural de Lisboa, filho de Pedro Lopes de Souſa Senhor de Alcoentre, e de ſua mulher D. Anna da Guerra filha de D. Franciſco Pereira Commendador do Pinheiro, e de D. Franciſca da Guerra, Neto de Martim Affonſo de Souſa Governador da India Senhor do Prado, e Alcoentre, e Sobrinho de D. Fr. Antonio de Souſa Biſpo de Viſeu de quem aſſima fizemos memoria. Na idade juvenil recebeo o Habito da Ordem dos Prégadores, profeſſando ſolemnemente no Convento da ſua patria a 5. de Abril de 1595. para ſer hum grande ornato della ou foſſe na Cadeira inſtruindo com as ſciencias eſcolaſticas aos ſeus domeſticos por cuja liçaõ teve o gráo de Meſtre na Provincia ou foſſe no Tribunal do Santo Officio zelando a Fé como Deputado da Inquiſiçaõ de Lisboa provido em 7. de Abril de 1618. donde ſubio a ſer do Conſelho Geral de que tomou poſſe em 8. de Junho de 1626. Foy muito douto no Direito Canonico aſſim como era na Theologia como o publicaõ as ſuas obras. Morreo no Convento de Lisboa no anno de 1632. Compoz.

Aphoriſmi Inquiſitorum in quattuor libros diſtributi cum vera hiſtoria de Origine Sanctæ Inquiſitionis Luſitanæ, et quæſtione de teſtibus ſingularibus in cauſis fidei. Ulyſſipone apud Petrum Crasbeeck. 1630. 8. et Turnoni apud Laurent. Durand. 1633. 8. et Lugduni apud Laurent. Aniſſon. 1669. 8. *Eruditiſſima* chama a eſta obra Sebaſtiaõ Saleles de *Mater. Tribunal. Sanct. Inquiſ.* Tom. 1. Prologom. 6. n. 3. & n. 5. e intitula ao Author *exactæ eruditionis, et diligentiæ.*

Relectio de caſibus ſive Cenſuris Bullæ in Cæna Domini. Ulyſſipone apud Petrum Crasbeeck. 1615. 4. et Duaci apud Bellerum. 1632. 8.

Opuſculum circa Pauli V. Conſtitutionem de Confeſſariis fœminas ad inhoneſta in ipſo Pœnitentiæ Sacramento ſolliciantibus, in quo nonnullæ aliquæ difficultates ad alia apoſtolica decreta contra non Præſbyteros Miſſas celebrantes, aut Confeſſiones audientes enodantur. Ulyſſipone apud Gerardum à Vinea. 1623. 4.

Sermaõ no Auto da Fé, que ſe celebrou na Cidade de Lisboa Domingo 5. de Mayo de 1624. Lisboa por Giraldo da Vinha. 1624. 4.

Joaõ Soar. de Brito in *Theat. Luſit. Litter.* lit. A. n. 119. lhe chama *Vir doctus, nobilis, et pius.* Echard in *Script. Ord. Prædic.* Tom. 2. pag. 464. lhe atribue com manifeſto engano a obra intitulada *Deciſiones Luſitaniæ* que he de Antonio de Souſa de Macedo. Fr. Pedro Monteiro *Clauſt. Domin.* Tom. 3. pag. 165. e no *Cathalog. dos Deputad. do Conſelh. Geral do Santo Officio* Manoel de Faria, e Souſ. *Europ. Portug.* Tom. 3. Part. 4. cap. 6. Altamur. Centur. 4. ann. 1594.

P. ANTONIO DE SOUSA natural da Villa da Covilhaã no Biſpado da Guarda, foy filho de Paulo Figueiredo de Almeyda, e D. Ignes de Souſa. Aliſtouſe na Companhia de Jeſus em Coimbra a 19. de Janeiro de 1604. quando contava quinze annos de idade. Abrazado no heroico dezejo da Salvaçaõ das almas paſſou à India no anno de 1609. com vinte, e quatro Companheiros. Eſtudou em Macáo donde em o anno de 1616. entrando no Japaõ em habito disfarçado confortava aos Chriſtaõs, e os inſtruhia nos pontos mais principaes da noſſa Religiaõ, até que ſendo conhecido foy prezo, e levado a Nangazaqui onde tolerou com invicta conſtancia o terrivel tormento das Covas por eſpaço de nove dias, no fim dos quaes voou o ſeu eſpirito a receber o premio dos ſeus apoſtolicos trabalhos em 26. de Outubro de 1633. com quarenta, e cinco annos de idade, e trinta de Religiaõ cujo glorioſo triumpho cantou com eſtas vozes poeticas o P. Bartholameu Pereira no *Paciecid.* lib. 11. pag. 194.

Nec procul inſignem factis, et nomine Souſam
Conſpice dimiſſum fovea, plantiſque ſuperne
Extantem, et Cælo veſtigia recta tenentem,
Cui modo Lanificas linquens Covilania telas
Auro intertextis, multoque rubentibus oſtro
Veſtibus inſudat, Souſæ queis lætior aras
Induat, et natum donis felicibus ornet.

Semelhantes elogios lhe conſagraõ Card. in *Elog. Japon.* pag. 209. Guerreir. *Coroa glor. dos Sold. esforç. da Companh.* Part. 4. cap. 45. Nieremb. *Vid. do P. Marcel.* cap. ult. Girard. *Diar.* Part. 4. a 24. de Outubro. Alegamb. in *mortibus Illuſt.* pag. 432. Tanner. *Soc. Jeſ. uſque ad Sang. prof. milit.* pag. 367. Nadas. *Ann. dier. Mem. S. J.* Part. 2. pag. 245. Franc. na *Imag. da virt. em o Nov. de Coimb.* Part. 2. liv. 1. cap. 48. n. 14. et in *Ann. Glor. S. J. in Luſit.* pag. 630. P. Pedro Franciſco Xavier de Charlevoix *Hiſt. du Japon.* Tom. 2. pag. 383. Sicardo *Chriſtiandad del Japon.* liv. 3. cap. 21.

Eſcreveo.

Carta annua do Japaõ do anno 1617. *eſcrita ao Geral Mucio Viteleſchi em* 8. *de Janeiro de* 1618. a qual traduzio em Italiano o P. Lourenço della Pozze com eſte titulo.

Littera annua del Collegio de Macáo Porto dela Cina al M. R. P. Muſio Vitelleſchi Gener. dela Compagnia de Gieſu l'anno 1617. Neapoli per Lazaro Scorriggio. 1621. 8.

ANTONIO DE SOUSA DE MACEDO. Oriundo da nobre Villa de Amarante, mas nacido na Cidade do Porto, e bautizado na Freguezia de N. Senhora da Victoria a 15. de Dezembro de 1606. baſtando eſte unico filho para lhe adquirir immortal gloria ao ſeu nome. Teve por Pays a Gonçalo de Souſa de Macedo Fidalgo da Caſa Real, Dezembargador dos Aggravos na Caſa da Supplicaçaõ Juiz da Coroa, e da Fazenda, e Contador Mór do Reyno, e a D. Margarida Moreira deſcendentes ambos de familias qualificadas. Ainda contava poucos annos quando deixando a patria paſſou com ſeu Pay a Lisboa que conhecendo a boa indole, perſpicas talento, e aguda comprehençaõ com que o dotara a natureza o mandou eſtudar no Collegio de Santo Antaõ naõ ſómente a Lingua Latina, e as letras humanas mas penetrar os miſterios da Filoſofia Peripatetica fazendo taõ admiraveis progreſſos a ſua continua applicaçaõ neſtes eſtudos que foraõ certos vaticinios de ſer venerado em idade mais adulta por Oraculo de ſciencias mayores. Tendo illuſtrado ao Porto com o nacimento, e admirado a Lisboa com os anticipados frutos do ſeu fecundo engenho publicando na florente idade de vinte e dous annos aquella madura produçaõ intitulada *Flores de Eſpanha, e Excellencias de Portugal,* ſe transferio a Coimbra em cuja Univerſidade inveſtigando com incrivel perſpicacia as ſubtilezas do Direito Civil e recebendo neſta Cezarea faculdade as inſignias doutoraes mereceo a inveja, e a veneraçaõ de todos os Cathedraticos daquella inſigne Athenas por nelle ouvirem renacidos os primeiros Corifeos da Juriſprudencia como naõ o duvidou de affirmar, e eſcrever a Muſa de D. Franciſco Manoel nas *Obras Metric. Viol. de Talia* 6. pag. mihi 157.

Naõ ſey eu por ventura, que nas Artes
Politicas, naõ ſe acha em muitas partes
Qual eſſe teu Macedo, outro ſogeito?
Neſſe, que em breve Codigo, ou Direito
Recopilou da ſciencia,
Qe de Jus ſe chamou Juriſprudencia;
Deſſe Varaõ taõ alto, e taõ divino
Que quando nos parece mais humano
Excede na Juſtiça a Juſtiniano,
E na Modeſtia excede a Modeſtino.

Dezejoſo de empregar a ſua capacidade em obſequio da Republica deixou a Univerſidade que o reſpeitava como Meſtre, e veyo para a Corte onde começou a manifeſtar o thezouro da ſciencia legal que tinha depoſitado na ſua vaſta comprehenſaõ exercitando com ſumma rectidaõ ſem eſcandalo da clemencia os lugares de Dezembargador de Aggravos na Caſa da Supplicaçaõ, de que tomou poſſe a 11. de Janeiro de 1646. por procuraçaõ de ſeu Pay o Dezembargador Gonçalo de Souſa de Macedo; Conſelheiro da Fazenda, e Juiz das Iuſtificaçoens do Reyno. Por ſer igualmente verſado nos aforiſmos de Tacito, que nas Pandectas de Juſtiniano foy eleyto Secretario do Embaxador D. Antaõ de Almada a Inglaterra no anno de 1641. onde aſſiſtindo por Miniſtro naquella Corte naõ ſómente com a vòz, mas com a penna ſolidamente defendeo a juſtiça do ſeu Soberano novamente elevado ao trono contra as induſtrias ſempre cavilloſas de Caſtella. Com a meſma fidelidade, e prudencia exercitou o miniſterio de Embaxador aos Eſtados de Olanda em o anno de 1651. zelando os intereſſes deſta Monarchia, e opon-

do-ſe ſagaſmente aos ambicioſos intentos dos Olandeſes. Reſtituido à patria com a gloria de ter concluido felizmente as negociaçoens do ſeu miniſterio o elegeu a Mageſtade delRey D. Affonſo VI. ſeu Secretario de Eſtado no anno de 1663. e para remuneraçaõ dos ſeus grandes merecimentos o nomeou Commendador das Commendas de Saõ-Tiago de Souzellas na Ordem de Chriſto, e de Santa Eufemia de Penella da Ordem de Aviz, e Alcayde Mór de Villa de Freixo de Nemaõ. Entre lugares taõ honorificos ſempre conſervou o animo igualmente urbano, e benevolo para todos, principalmente para os mayores emulos da ſua fortuna admirando-ſe a imperturbavel ſerenidade do ſeu coraçaõ no fatal anno de 1668. em que com as revoluçoens da Corte foy tentada com riguroſo exame a ſua virtuoſa conſtancia. Nunca enfermou do comum achaque dos Sabios, qual he o deſvanecimento, antes affectava ignorancia ſendo huma animada Encyclopedia de todas as ſciencias, como o publicaõ as ſuas diverſas obras pois foy Eſtadiſta na *Armonia Politica,* Hiſtoriador na *Vida de Santa Roſa;* Poeta na *Ulyſſipo;* Genealogiſta na *Genealogia Regum Luſitaniæ;* Filoſofo moral no *Dominio ſobre a fortuna;* Juriſconſulto nas *Deciſoens,* e na *Luſitania Liberata;* e verſado em huma, e outra Hiſtoria *nas Flor. de Eſpaña;* e na *Eva, e Ave.* Em qualquer deſtas faculdades era taõ profundamente perito que parece a huma ſómente ſe applicara podendo controverterſe ſe obſervava mais exactamente as leys da Poeſia que da Hiſtoria, e ſe penetrava com mayor profundidade os myſterios da Politica, que as dificuldades da Juriſprudencia. Caſou com D. Mariana Lamarier de quem teve a Antonio de Souſa de Macedo Baraõ da Ilha Grande mais herdeiro dos bens da fortuna que da natureza de taõ illuſtre Pay o qual conhecendo, que era chegado o termo da ſua vida ſe preparou com aquella piedade que em toda ella practicara mais propria de religioſo que ſecular, e recebidos os Sacramentos começou a ſer immortal no 1. de Novembro de 1682. quando contava 76. annos de idade. Jàz ſepultado em hum ſumptuoſo jazigo ornado pelos lados de varios Emblemas, e diſtichos latinos que estaõ indicando a brevidade da vida, e a certeza da morte, o qual eſtá ſituado na Via-Sacra, que corre da parte da Epiſtola do Convento de N. Senhora de Jeſus dos Religioſos Terceiros de S. Franciſco, e na pedra ſepulchral que em ſi encerra ſua mulher, com o ſeguinte epitafio.

Hìc

Dignitatem ſplendorem depoſuit, laborem ſuum reponit

Antonius de Souſa de Macedo
Quem mortalitatis elegit occaſum
Immortalitatis ſpectat Orientem,
Donec veniat immutatio ſua,
Uná cum Conjuge ſua clariſſima
D. Marianna Lamarier
Requievit,
Ille 1. *die Novembris anno.* 1682.
Illa 4. *Decembris ann.* 1682.
Fratres
Orate pro eis, ſi vultis alios orare pro vobis.

Seria quaſi impoſſivel tranſcrever neſte lugar os elogios que a eſte grande Varaõ dedicaraõ muitos eſcritores dos quaes para que totalmente naõ fique defraudada a ſua fama, repitirey os que lhe fizeraõ Fr. Franciſco de Santo Agoſtinho Macedo in *Propugn. Luſit. Gallic.* art. 20. cap. 7. pag. 182. *Magni nominis, et ſummæ eruditionis author,* e no art. 30. ad 34. pag. 200. *Acerrimo ingenio, mira eruditione, ſtudio invicto prudentia ſingulari, vir cui nihil defuit ad omne dignitatis faſtigium obtinendum, nam eum Splendor generis, et animi virtutes, et corporis dotes omnibus numeris abſolutum reddunt.* P. Ant. de Maced. na prefac. da *Luſit. Infulat. Summæ fidei, et authoritatis ſcriptor.* Franc. Velaſc. de Gouvea *Perfid. de Alem.* liv. 2. Tit. 5. art. 8. *uno delos mayores Miniſtros que tiene eſta Corona... ſus libros, y eſcritos dan teſtimonio de ſus grandes letras.* Birago. *Iſtor. di Portug.* pag. 521. *uno delli piu eſquiſiti ingegni del noſtro ſeculo.* Fr. André de Chriſto no *Juizo Poet. Varaõ ſapientiſſimo, e univerſal em todo o genero de ſciencia no ſeu cabal, e excellente Poema que intitula Ulyſſipo.* Nicol. Mont. in *Voce Turt.* in proœm. art. 1. *Scientia omnigena, et judicio acerrimo (pro ut teſtantur tot litterarum monumenta quæ erigit) apprime præditus.* Pegas na *Allegac. pelo Duque de Aveiro* n. 513. *Naõ menos authorizado em letras que Gabriel Pereira,*

reira, e muito mais, que elle por lugares Luc. de Andrad. *Illuſtr. da Miſſ. Solemn.* Illuſtr. 1. n. 8. *Douto, e inſigne Juriſta, honra da Naçaõ Portugueza pelos muitos livros com que a tem illuſtrado, e vay illuſtrando.* Ulhoa de *Legat. et Fidei com.* Diſſert. 1. n. 10. *doctiſſimus, ac ſemper venerandus.* et diſſert. 2. n. 74. *eruditiſſimum, ac ſemper pro meritis, et animi ſui ſingularis dotibus memorandum.* Bracam. no *Banquet. de Apollo* pag. 6. *Delicias de Portugal, y gloria dela Juriſprudencia.* o Meſtre Fr. Joaõ da Sylveira Carmelitano na Cenſur. à Eva, e Ave *inſigne doutor, peſſoa muy conhecida, e de grande eſtimaçaõ em todo o mundo por ſuas obras.* P. D. Emman. Caiet. de Souſa in *Exped. Hiſp. S. Jacobi* Tom. 2. pag. 1305. *Vir fuit eruditione, et pietate inſignis.* Franckenau in *Bib. Hiſp. Geneal.* pag. 45. Nicol. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 127. e tom. 2. pag. 283. o P. D. Antonio Caetan. de Souſa no *Apparat. à Hiſt. Gen. da Caſa Real Portug.* pag. 183. §. 153. P. Ant. dos Reys in *Enthuſiaſm. Poet.* n. 34. Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Luſit. Litter.* lit. A. n. 120. D. Franc. Manoel *na* 1. *Carta da* 4. *Centur. eſcrita ao D. Manoel da Fonſeca Themudo.*

Cathalogo das ſuas obras.

Flores de Eſpaña, Excelencias de Portugal en que brevemente ſe trata lo mejor de ſus Hiſtorias, y de todas las del mundo deſde ſu principio haſta nueſtros tiempos, y ſe deſcubren muchas coſas nuevas de provecho, y curioſidad. Lisboa por Jorge Rodrigues 1631. fol. Rodrigo Mendes Sylva no *Catal. Real de Eſpan.* pag. 218. diz deſta obra *digna de gran eſtimacion pues por ſu medio gozamos tantas coſas memorables; que eſtavan en la ſepultura del olvido.* e Joan. Klefeker. in *Bibliothec. Erudit. Præcocium.* pag. 353. Sahio 2. vez impreſſa Coimbra por Antonio Simoens Ferreira 1737. fol. juntamente com a *Armonia Politica.*

Ulyſſipo. Poema heroico. Conſta de 13. Cantos cujo argumento he a Fundaçaõ de Lisboa por Ulyſſes. Lisboa por Antonio Alvares. 1640. 8.

Genealogia Regum Luſitaniæ. Londini apud Richardum Hearn. 1643. 4.

Perfectus Doctor in quacumque ſcientia maxime in jure Canonico et Civili Summorum Auctorum circinis, lineis, coloribus, et penicillis figuratus. Londini apud eumdem Typog. 1643. 4.

Repetitiones ad Leg. Corrupt. penult. Cod. de uſu fructu, et habilitatione, et ad Leg. Centurio 15. *ff. de vulgari et pupillari Subſtitutione.* Londini per eumdem Typog. 1643. 4.

Luſitania liberata ab injuſto Caſtellanorum dominio, reſtituta Legitimo Principi Sereniſſimo Joanni IV. Luſitaniæ Algarbiorum, Africæ, Arabiæ, Perſiæ, Indiæ, Braſiliæ, &c. Regi potentiſſimo, Summo Pontifici, Imperio, Regibus, Rebuſpublicis, cæteriſque Orbis Chriſtiani Principibus demonſtrata. Londini ex Officina Richardi Heron. 1645. fol.

Armonia politica dos documentos divinos com as conveniencias de Eſtado; Exemplar de Principes no governo dos glorioſiſſimos Reys de Portugal ao Sereniſſimo Principe D. Theodoſio. Haya do Conde por Samuel Broun. 1651. 4. grande, e Coimbra por Antonio Simoens Ferreira 1737. fol. no fim das *Flores de Eſpanha.*

Deciſiones Supremi Senatus Juſtitiæ Luſitaniæ, et Supremi Concilii Fiſci. Ulyſſipone apud Henricum Valente de Oliveira. 1660. fol. et ibi apud Joannem da Coſta. 1677. fol. Neſta impreſſaõ traz *Apologeticom juridicum pro Conceptione immaculata Virginis in primo inſtanti.* et Ulyſſipon. typis Bernardi da Coſta de Mello 1699. fol. et ibi apud Bernardum da Coſta de Carvalho eodem anno. fol.

Epitome Panegyrico dela vida admirable, y muerte glorioſa de Santa Roſa Maria Virgen Dominicana. Lisboa por Antonio Crasbeeck de Mello 1670. 8.

Dominio ſobre a Fortuna, e Tribunal da reſaõ em que ſe examinaõ as felicidades, e ſe beatifica a vida. Lisboa por Miguel Deſlandes 1682. 4. et ibi por Paſchoal da Sylva. 1716. fol. no fim da *Eva, e Ave.*

Juan Caramuel Lobkowitz religioſo de la Ordem de Ciſter Abad de Melroſa &c. convencido en ſu libro intitulado Philippus Prudens Caroli V. Imperatoris filius Luſitaniæ legitimus Rex demonſtratus, impreſſo en el anno 1639. *y en ſu repueſta al Manifieſto del Reyno de Portugal impreſſo neſte año* 1642. Londres por Richardo Herne. 1642. 4.

Santiſſimo Domino noſtro Papæ Urbano

VIII. in Eccleſia Dei Præſidi Planctus Catholicus juris gentium pro Legatione Sereniſſimi, ac potentiſſimi Principis Joannis IV. Regis Luſitaniæ contra Caſtellanorum calumnias. Londini apud Guillielmum Briſtoliam 1643. 4.

Carta que eſcrivio a un Señor dela Corte de Inglaterra ſobre el manifieſto, que por parte del Rey de Caſtilla publicó ſu Chroniſta D. Jozeph Pellizer. Pariz, e Lisboa por Lourenço de Anveres 1641. 4. et ibi por Antonio Alvares impreſſor delRey no meſmo anno 4.

Propoſta que ſendo Secretario de Eſtado fez vocalmente por mandado de Sua Mageſtade à Junta dos Eccleſiaſticos, Cathedraticos, e outras Peſſoas doutas, e Miniſtros de Tribunaes no Convento de Saõ Franciſco de Lisboa em 8. de Março de 1663. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira 1663. 4.

Sahio vertida em Latim com eſte titulo.

Sermo juſſu Sereniſſimi Luſitaniæ Regis in modum propoſitionis habitus coram Eccleſiaſticis, Cathedraticis, aliiſque Regni Luſitaniæ doctrinæ celebrioris viris in D. Franciſci Cœnobium Ulyſſiponenſe convocatis die 8. menſis Martij 1663. Ulyſſipone apud eumdem Typograph. eodem anno 4.

Relaçaõ Summaria do que tinhaõ paſſado ſobre a pertençaõ de ſe confirmarem por ſua Santidade os Biſpos de Portugal, e ſuas Conquiſtas nomeados por ElRey. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira 1663. 4. Sahio vertida em Latim com eſte titulo.

Narratio compendioſa rerum omnium, quæ acciderunt ſuper confirmandis à Summo Pontifice Regni Luſitani Epiſcopis ad nominationem Sereniſſimorum Regum Joannis Quarti recordationis glorioſæ Principis, et Alphonſi Sexti nunc regnantis quem Deus Opt. Max. tueatur, ac fortunet. Ulyſſipone apud eumdem Typog. eodem anno. 4.

Falla que fez no Juramento de Rey do muito alto, e muito poderoſo D. Affonſo VI. noſſo Senhor em 15. de Novembro de 1656. Lisboa na Officina Crasbeeckiana. 1656. 4. et ibi por Henrique Valente de Oliveira 1658. fol.

Panegyrico ſobre o milagroſo ſuceſſo com que Deos livrou ElRey Noſſo Senhor da ſacrilega treiçaõ dos Caſtelhanos. Lisboa por Paulo Crasbeeck. 1647. 4.

Diſcurſo, e Practica que fez aos Eſtados Geraes das Provincias unidas eſtando todos juntos em Cortes por morte do Princepe de Orange ſobre a Paz com Portugal por cuja negociaçaõ era Embaxador a 6. de Mayo de 1651. Haya no meſmo anno 4.

Solemnia Parnaſſi Philippo IV. Hiſpaniarum Regi pro recuperata ſalute ſoteria. Matriti 1624. Conſta de verſos latinos Caſtelhanos, e Portuguezes. Tinha 18. annos de idade quando compoz eſta obra.

Soneto, e Decima com titulo de Epitafio a D. Maria de Attayde. Sahiraõ nas *Mem. Funeb.* deſta Senhora. Lisboa na Officina Crasbeeck. 1650. 4.

Eva, e Ave Maria triumphante Theatro de erudiçaõ e Filoſofia Chriſtaã, em que ſe reprezentaõ os dous eſtados do mundo cahido em Eva, e levantado em Ave. 1. e 2. Parte. Lisboa por Miguel Deſlandes. 1676. fol. et ibi por Antonio Crasbeeck. de Mello no meſmo anno fol. et ibi na Officina Deſlandeſiana 1711. fol. 3. ediçaõ et ibi por Paſchoal da Sylva Impreſſor de ſua Mageſtade 1716. fol. juntamente com o *Dominio Sobre a Fortuna* 4. ediçaõ. Sahio eſta obra vertida em Caſtelhano por Diogo Suares de Figueroa Capellaõ de Honor de S. Mageſtade. Madrid por la viuda de Franciſco del Hierro. 1731. fol.

Obras impreſſas ſem o ſeu nome.

Repoſta a huma peſſoa que pedia ſe eſcreveſſe a vida do Princepe D. Theodoſio. Lisboa na Officina Crasbeeckiana 1653. 4.

Rezaõ da guerra entre Portugal, e as Provincias unidas dos Paizes Baxos com as noticias da Cauſa de que precedeo. Lisboa por Joaõ Alvares de Leaõ. 1657. 4.

Caramuel ridiculus Caramueli convicto. Londini 1645. 12. ſem o nome do Impreſſor. Sahiraõ com o fingido nome de Pedro Garcia.

Publico ſentimento da injuſtiça de Alemanha a ElRey de Ungria. Londres 1641. e Lisboa. 1642. 4. He hum Manifeſto acerca da prizaõ do Senhor D. Duarte.

Relacion delas Fieſtas que ſe hizieron en Lisboa con la nueva del Caſamiento dela Sereniſſima Infanta de Portugal D. Catalina con elRey dela gran Bretaña Carlos II. y todo loque ſucedio haſta embarcarſe para Inglatierra. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira 1662. 4.

Mercurios Portuguezes, ou Relaçoens dos Succeſſos militares entre Portugal, e Caſtella reſumidos a cada mez deſde o principio do anno de 1663. até o fim do anno de 1666. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira. 4.

Compoz, e naõ imprimio para o Conde de Caſtello-Melhor primeiro Miniſtro.

Direçaõ politica ao bom governo com documentos Catolicos. M. S.

Exercitacion critica en las Rimas delos Lupercios. Proſa, e verſo. Conſervava-ſe na Livraria de D. Pedro Alvares da Cunha.

Tractatus Analyticus de Servitiis Vaſſalorum remunerandis a Principe, et actione pro eis competente. M. S. in fol.

Diverſos Titulos de Familias do Reyno ſendo a principal a dos Macedos donde deſcendia por varonia, de que faz menção o P. D. Antonio Caetano de Souſa no *Apparat. á Hiſt. Geneal. da Caſ. Real Portug.* pag. 133. §. 153.

ANTONIO DE SOUSA DE MACEDO, E AZEVEDO. Foy grande cultor da Poeſia Latina a que naturalmente o levava o genio de cuja arte deo hum claro, e elegante teſtemunho na obra ſeguinte.

Panegyricus Philippo IV. Hiſpaniarum Regi carmine heroico dictus M. S. conſervaſe na Livraria do Conde de Vimieyro como teſtifica o Excellentiſſimo Conde da Ericeira D. Franciſco Xavier de Menezes Cenſor da Academia Real no exame, que por ordem da meſma Academia fez neſta Livraria, cuja noticia eſtá impreſſa no tom. 4. da *Collecçaõ dos Documentos da Academia Real.* Lisboa por Paſchoal da Sylva 1724. fol.

ANTONIO DE SOUSA DE NORONHA natural de Freixo de Nemaõ na Provincia da Beira, filho de Andrè de Souza Diniz de quem jà ſe fez memoria, e de ſua terceira mulher D. Maria de Amaral, e Aguilar. Naõ ſómente exercitou com valor, e fortuna as Armas ſendo Capitaõ de Infantaria na Bahia de todos os Santos, e depois em Catalunha, mas revolveo os livros com grande fruto da ſua eſtudioſa applicaçaõ de que procedeo ſer muito verſado na Genealogia ſendo numerado entre os ſeus mais celebres profeſſores por Franckenau in *Bib. Hiſpan. Hiſt. Gen.* pag. 46. §. 84. e o P. D. Antonio Caetano de Souſ. no *Apparat. à Hiſt. Gen. da Caſ. Real Portug.* pag. 84. §. 73. Compoz.

Diſcurſo Genealogico dela dilatada, eſclarecida, y antiquiſſima Familia de Souſas. 4. 1642. Naõ tem lugar nem nome do Impreſſor poſto que ſe conhece ſer impreſſo em Madrid. Dedicou eſta obra a ſeu Irmaõ Fr. Feliciano de Souſa Diniz Eremita de Santo Agoſtinho.

ANTONIO DE SOUSA TAVARES. Naceo na Cidade de Lisboa, e recebeo a primeira graça na Freguezia de S. Chriſtovaõ a 20. de Julho de 1598. Foraõ ſeus Pays o Dezembargador Sebaſtiaõ Tavares de Souſa Vereador do Senado de Lisboa, e D. Maria de Carvalho. Tendo aprendido com admiravel percepçaõ as letras humanas eſtudou com igual, ou mayor facilidade Direito Civil na Univerſidade de Coimbra em cuja profiſſaõ tomou o gráo de Doutor. Mas inclinado à ſciencia, que ſe practica nos Gabinetes, que àquella que ſe exercita nas Relaçoens ſe applicou com particular diſvelo a penetrar os intereſes dos Princepes para conſervaçaõ de ſeus Eſtados, e ſahio deſta liçaõ taõ conſummado Politico, que ſendo acclamado por Monarcha deſta Coroa o Sereniſſimo D. Joaõ o IV. foy eleito por Secretario da Embaxada que em nome deſte Princepe fez Triſtaõ de Mendoça aos Eſtados de Olanda no anno de 1641. na qual dezempenhou em obſequio deſte Reyno tudo quanto ſe eſperava da fidelidade do ſeu coraçaõ, e prudencia do ſeu juizo repreſentando em eruditos Manifeſtos a injuſta violencia com que Alemanha por induſtria de Caſtella tinha perfidamente recluſo no Caſtello de Milaõ ao Sereniſſimo Senhor Infante D. Duarte. Reſtituido ao Reyno exercitou com grande inteireza o lugar de Dezembargador dos Aggravos de que tomou poſſe a 3. de Dezembro de 1648. e de Procurador da Coroa no qual entrou a 13. de Janeiro de 1652. Igual foy a capacidade, que manifeſtou no exercicio de Secretario do Infante D. Pedro quando entrou a ſer Senhor da Caſa de Bragança, e no lugar de Dezembargador do Paço. Morreo na ſua patria a 17. de Janeiro

de 1667. com 79. annos de idade. Jaz ſepultado no Convento de N. Senhora da Graça. D. Luiz de Meneſes Conde da Ericeira no *Port. Reſtaur.* Tom. 1. liv. 3. pag. 153. lhe chama *Miniſtro de letras, e experiencia,* e D. Franciſco Manoel na *Carta* 1. *da Quarta Centuria dellas eſcrita ao* Doutor Manoel da Fonſeca Themudo. *Antonio de Souſa Tavares que naõ ſó eſcreveo, eſcreve, profeſſa, e eſtuda a Politica, mas a obrou na parte, que lhe coube dos negocios publicos.* Compoz ſem o ſeu nome.

Sentimento da Fè publica quebrantada em Alemanha por induſtria de Caſtella na injuſta retençaõ da Peſſoa do Sereniſſimo D. Duarte Infante de Portugal. 4.

Naõ tem lugar, nem anno da ediçaõ

Eſte Manifeſto ſahio em latim com eſte titulo.

Dolor fidei publicæ Caſtellæ aſtu in Alemania violatæ pro retentione injuſtiſſima Sereniſſimi Domini D. Eduardi Portugalliæ Infantis. 4. Sem lugar nem anno da Impreſſaõ.

Manifeſtum Regis Hungariæ facinus admiſſum in Dominum Eduardum germanum fratrem Joannis Portugalliæ Regis Indiæ, Guineæ, & Braſiliæ domini ſtrenuiſſimi Fidei propagatoris, Juſtitiæ vindicis, libertatis propugnatoris, moribus integerrimi, virtute clariſſimi, magnanimi, bonarum artium cultoris, ſuorum amantiſſimi Patris patriæ vindictam à Regibus, Principibus, Poteſtatibus, terrarum Dominis, Dynaſtis, Civitatum Præfectis, & viris illuſtribus poſtulat. Ulyſſipone apud Antonium Alvares Typ. Reg. 1643. 4.

Devoçaõ da Imagem do Santo Chriſto, que eſtà na Capella de Santa Cruz do Caſtello de Lisboa. Lisboa por Lourenço de Anveres. 1642. 4.

Poeſias varias. Eſtavaõ promptas para a Impreſſaõ.

Fr. ANTONIO TAVARES natural de Lisboa, e filho de Luiz Rodrigues Tavares, e Margarida Gomes. Recebeo o Habito Carmelitano da antigua obſervancia no ſumptuoſo Convento da ſua patria a 13. de Janeiro de 1606. Depois de eſtudar Filoſofia, e Theologia foy eleito Prègador Geral cujo miniſterio exercitou com grande credito do ſeu nome, como ſe vio quando prégou no quarto dia do Outavario, que os Padres Jeſuitas dedicaraõ na Caſa Profeſſa de S. Roque aos dous mais famoſos Soldados da Companhia de JESUS, Santo Ignacio, e S. Franciſco Xavier novamente eſcritos no Cathalogo dos Santos. Morreo no Convento de Lisboa no anno de 1626. Delle ſe lembraõ Nic. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 128. Caſanat. *Parad. Carmel. Dec.* Stat. 5. Ætas 18. cap. 153. pag. 485. e Fr. Manoel de Sà nas *Mem. Hiſt. dos Eſcrit. Portug. da Ord. de N. S. do Carm.* cap. 13. p. 49. Imprimio.

Sermaõ prègado em S. Roque Caſa Profeſſa da Companhia de JESUS de Lisboa a 3. *de Agoſto de* 1622. *na Solemniſſima Feſta, que ſe fez à Canonizaçaõ dos dous Santos Padres Ignacio de Loyola, e Franciſco Xavier Patriarchas da ſua Religiaõ.* Lisboa por Giraldo da Vinha. 1622. 4. Do Author, e da obra ſe lembra a *Bib. Orient.* modernamente acrecentada Tom. 1. tit. 8. col. 159.

ANTONIO TAVARES Presbytero Bracharenſe, e muito douto na Theologia Moral da qual teve paleſtra publica. Deſejando inſtruir com a penna áquelles, que naõ podia com a voz, publicou

Exame de Confeſſores, ou breve Tratado em que diſcorrendo por todas as materias de Theologia Moral ſe inſtrue hum Sacerdote em ordem ao como ſe deve haver no Confeſſionario. Lisboa por Manoel Fernandes da Coſta Impreſſor do Santo Officio 1734. 4.

ANTONIO TAVARES DE TAVORA natural de Lisboa filho de Franciſco Tavares Senhor de Mira, e de ſua ſegunda mulher D. Joanna de Tavora, filha de Bernardim de Tavora Repoſteiro Mòr. Como foſſe inſtruido nas ſciencias dignas de hum perfeito Eccleſiaſtico obteve o Priorado de Noſſa Senhora da Conceiçaõ das Abitureiras do Arcediago de Santarem donde foy provido no Canonicato de Mafra na Cathedral de Lisboa por ſer deſcendente do Inſtituidor D. Joaõ Martins Soalhaens Arcediago deſta Dioceſe. No tempo que a ambiçaõ Caſtelhana dominava eſta Monarchia ſendo acuſado de parcial nas juſtas pertençoens do Senhor D. Antonio a eſta Co-

roa tolerou com animo heroico adverſidades indignas do ſeu eſtado, e injurioſas ao ſeu nacimento, ſendo à inſtancia do Duque de Seſſa Embaxador em Roma prezo por ordem de Clemente VIII. no Caſtello de Santo Angelo no anno de 1603. e depois de ſer condenado trez mezes a vogar nas Galès, o teve recluſo ſeis annos no Caſtello de S. Lucar de Barrameda. De taõ graves calamidades machinadas pela malevolencia dos ſeus emulos, e padecidas pelo largo eſpaço de 12. annos ſahio triumfante alcãçando em premio da ſua incorrupta fidelidade, que a Santidade de Paulo V. o declaraſſe innocente por hum Breve expedido a 13. de Agoſto de 1613. cuja memoria para que ficaſſe indelevel na poſteridade o mandou gravar junto da ſua ſepultura em huma grande pedra cercada de huma cadeya aberta no marmore, e quebrada na parte inferior com eſta letra extrahida do Pſalmo 123. *Laqueus contritus eſt* alludindo ao triumfo alcançado das machinas urdidas pelos ſeus adverſarios. Atendendo a Mageſtade de Filippe III. aos ſeus merecimentos examinados com taõ rigoroſas provas o nomeou em 28. de Fevereiro de 1618. Deputado da Meſa da Conciencia, e Ordens, que naõ aceitou por ſer incompativel com a reſidencia da ſua Coneſia. Mayores foraõ as diſtincções, que experimentou quando foy ſublimado ao Trono de Portugal o Sereniſſimo D. Joaõ o IV. pois conhecendo eſte Principe a fina lealdade do ſeu coraçaõ para eſta Coroa o elegeo Eſmoler Mòr, e Biſpo, merecendo occupar os mayores lugares naõ ſómente pelo illuſtre do ſeu nacimento, mas pela ſua vaſta, e profunda erudiçaõ de que ſaõ claras teſtemunhas Nic. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 128. dizendo *Vir multiſcia hiſtoriarum, & bonarum artium eruditione;* Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 13. no Cõment. do 1. de Março letr. B. *grande inveſtigador das antiguidades de Portugal* deixando eſcritas muitas dellas com grande critica. Faleceo a 18. de Fevereiro de 1642. em idade muito provecta, e eſtà ſepultado na Capella de S. Sebaſtiaõ da Juriſdiçaõ do Canonicato de Mafra ſituada na Sè de Lisboa ao principio do Clauſtro da parte direita de quem entra neſte Templo. Imprimio.

Proceſſo de la cauſa del Canonigo de Lisboa Antonio Tavares. 4. Naõ tem lugar nem anno, e nome do Impreſſor.

Cathalogo dos Prèlados da Sè de Lisboa, e das Antiguidades da meſma Cidade. Deſta obra, e do Author como ſeu contemporaneo fez illuſtre memoria o Doutor Fr. Antonio Brandaõ Chroniſta Mòr do Reyno no *Prologo da 3. Mon. Luſit.* dizendo: *Occupa o tempo na liçaõ dos Livros com tanta continuaçaõ, que cauſa inveja aos mais curioſos com tanto proveito como ſe verà das ſuas obras querendo-as dar à luz, entre as quaes tem o primeiro lugar hum excellente Livro, que tem compoſto dos Prèlados da Sè de Lisboa, e das Antiguidades deſta Cidade, que deſcobre bem o maduro juizo, e grande talento do ſeu Author.*

Tratado em que ſe prova ſer o celebrado Oſſet aonde acontecia o milagre da agua bautiſmal em veſpora de Paſchoa de que trata S. Gregorio Turonenſe, a Villa de Oſſolea ſituada junto ao Rio Vouga, como tambem ſer o lugar donde eſteve cercado S. Hermenegildo por ſeu Pay Leovigildo. Deſta obra ſe lembra Nic. Ant. in *Bib. Hiſp.* e Fr. Antonio Brandaõ *Mon. Luſit.* Part. 3. Liv. 10. cap. 18.

Tratado em que ſe prova ſer Santa Antonina nacida, e martyriſada em a Villa de Cea junto da Serra da Eſtrella.

Eſta obra cõmunicou o Author a Jorge Cardoſo como elle eſcreve no *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 13. no Cõmentario do 1. de Março. Let. B.

Diſcurſo em que ſe provava ſer Portuguez S. Joaõ Guarino Eremita. Delle faz memoria o dito Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 657. no Comment. de 12. de Junho letr. C.

Tratado ſobre a origem donde deſcendia o Conde D. Henrique Tronco dos Monarchas Portuguezes M. S. *Eſto deſcubriò* (ſaõ palavras de Manoel de Faria e Souſa no *Cõment. ás Luſiad. de Camoens.* Cant. 3. eſtanc. 25.) *con gran eſtudio y de manera que no padece duda, Antonio Tavares Canonigo en la Santa Igleſia de Lisboa ſobre que tiene eſcrito mucho, y bien.*

Cõmentarios ao Nobiliario do Conde D. Pedro aos quaes chama *excellentes* o P. D. Antonio Caetano de Souſa no *Apparat. à Hiſt. Gen. da Caſa Real Portug.* pag. 96. §. 92. donde ſe infere, que fora tambem perito

neſta ſciencia para cujo fim teve grande cõmunicaçaõ com os mayores Genealogiſtas do ſeu tempo.

Fr. ANTONIO TEYXEIRA natural de Villa-Real na Provincia Tranſmontana ſendo ſeus Pays Aſcanio Teixeira de Azevedo, e D. Maria de Mendoça filha de Joaõ de Lemos deſcendentes das mais qualificadas familias daquella Villa. Recebeo o Habito da illuſtre Religiaõ da Santiſſima Trindade e depois de aprender as ſciencias Eſcholaſticas as enſinou aos ſeus domeſticos até que jubilou no Magiſterio da Theologia. Tendo ſido Reytor do Collegio de Coimbra, e Viſitador Geral ocupou por tres vezes o ſupremo lugar de Provincial; a primeira no anno de 1650. a 2. no anno de 1654. e a 3. no anno de 1671. ſendo manifeſto argumento da ſuavidade do ſeu genio, e madureza do ſeu juizo a repetida uniformidade de votos com que era eleito para governar. Alem das letras Sagradas que profeſſava foy muito douto nas ſciencias da Aſtrologia, e Medicina. Morreo no Convento de Lisboa a 22. de Novembro de 1678. com 85. annos de idade. Imprimio.

Epitome das Noticias Aſtrologicas para a Medicina. Lisboa por Joaõ da Coſta. 1670. 4.

ANTONIO TEYXEIRA CHAVES Presbytero, Theologo, e Pregador de nome como moſtrou na obra ſeguinte.

Sermaõ em a primeira Dominga de Quareſma na Capella Real. Lisboa por Manoel Lopes Ferreira. 1693. 4.

ANTONIO TEYXEIRA DE MENDOÇA natural da Ilha da Madeira, e Meſtre dos filhos do Commendador Mór muito verſado no eſtudo da Genealogia de que eſcreveo.

Livro das Geraçoens do Reyno de Portugal dedicado a D. Margarida Corte-Real mulher de D. Chriſtovaõ de Moura.

Fr. ANTONIO TELLES natural da Cidade de Elvas na Provincia do Alentejo Teve por Pays a Ruy de Menezes, e Beatriz Alvarez igualmente nobres que virtuoſos. Na Religiaõ de S. Paulo 1. Eremita, cujo habito profeſſou no Convento da Serra de Oſſa a 25. de Março de 1632. em atençaõ à ſua grande capacidade exercitou os lugares de Reytor dos Conventos de Elvas, Serra de Oſſa, Secretario, Definidor duas vezes, Viſitador, e ultimamente Geral da ſua Congregaçaõ, a qual adminiſtrou com tanta prudencia que foy eleito ſegunda vez merecendo as eſtimaçoens de domeſticos, e eſtranhos. Morreo em o Convento de Lisboa a 7. de Março de 1677. com 73. annos de idade, e 46. de Religiaõ. Foy muito applicado ao eſtudo da Genealogia deixando compoſto com ſummo exame, e erudiçaõ.

Familias do Reyno de Portugal fol. *M. S.*

Do Author ſe lembra como Genealogico inſigne o P. D. Anton. Caetan. de Souſa no Apparat. à *Hiſt. Geneal. da Caſa Real Portug.* pag. 117. n. 127.

ANTONIO TELLES DA SYLVA. Naceo em Lisboa a 11. de Mayo de 1667. e teve por Progenitores a Manoel Tellez da Sylva primeiro Marquez de Alegrete, 2. Conde de Villar-Mayor, Conſelheiro de Eſtado, e Gentil-Homem da Camera dos Sereniſſimos Monarchas D. Pedro II. e D. Joaõ o V. N. Senhor, e a D. Luiza Coutinho filha de Nuno Maſcarenhas Alcayde Mór, e Commendador do Caſtello de Vide, e D. Brites de Menezes. Nos primeiros annos deu manifeſtos indicios da ſublimidade do talento com que a natureza ſe empenhou a ornar os filhos deſta illuſtre Caſa ſendo diſcreto, affavel, liberal, e cortezaõ. Depois de receber o Militar Habito da preclariſſima Ordem de Malta paſſou a Coimbra em cuja Univerſidade brilhou com tanto exceſſo a delicadeza do ſeu juizo unida à profundidade da ſua eſpeculaçaõ que foy ornado com as inſignias doutoraes na faculdade do Direito Pontificio ſendo Conductario com privilegios de Lente a 6. de Março de 1695. Foy Arcediago na Cathedral de Lisboa, e Deputado na Inquiſiçaõ de Coimbra provido a 4. de Fevereiro de 1695. Cultivou a Poeſia vulgar, e Latina com taõ ſuperior elevaçaõ que mereceraõ os ſeus Epigrammas, e Sonetos os mayores applauſos dos mais inſignes alumnos do Parnaſſo. Envejoſa a morte dos ſublimes dotes com que ſe illuſtrava o ſeu eſpirito o privou

intempeſtivamente da vida a 21. de Agoſto de 1699. na florente idade de 32. annos com grande detrimento das mayores dignidades Eccleſiaſticas a que certamente o deſtinavaõ o eſplendor do ſeu nacimento, e a capacidade do ſeu talento. Jáz enterrado na Sanctiſtia do Convento do Carmo deſta Corte que he o jazigo da ſua illuſtriſſima Caſa. Compoz.

Dyſtichos Latinos, que eſtaõ gravados ſobre os porticos dos Geraes da Univerſidade de Coimbra quando novamente ſe edificáraõ no anno de 1696. nos quaes compete a elegancia do metro com a agudeza do conceito.

Varios Sonetos Portuguezes, e Caſtelhanos, que ſe conſervaõ com outros de ſeus Excellentiſſimos Irmaõs Fernaõ Tellez da Sylva 2. Marquez de Alegrete, e Joaõ Gomez da Sylva Conde de Tarouca em hum Volume que exiſte na Livraria deſta grande Caſa.

ANTONIO TENRREYRO natural de Coimbra, Cavalleiro profeſſo da Ordem Militar de Chriſto, e filho de Pays illuſtres. Na idade da adoleſcencia paſſou à India, onde naõ ſómente obrou acçoens heroicas contra os inimigos do Eſtado, mas como foſſe ornado de grande talento acompanhou a Balthezar Peſſoa quando foy mandado Embaxador ao Sophi da Perſia por D. Duarte de Meneſes Governador da India no 1. de Setembro de 1523. Neſta jornada como alcançaſſe individual noticia das terras por onde paſſara, e ſe fizeſſe muito ſciente nas linguas Turqueſca, e Perſiana lhe cometeo outra mais dificil Chriſtovaõ de Mendoça Capitaõ de Ormus confiando da valentia do ſeu animo a dezempenharia com toda a ſatisfaçaõ, pois querendo avizar a ElRey D. Joaõ o III de como Nuno da Cunha eſtava em Melinde, e que os Rumes naõ paſſavaõ à India lhe ordenou foſſe o menſageiro deſta noticia. Aceitou promptamente a comiſſaõ naõ lhe cauſando horror a diſtancia do caminho, nem os graves perigos aſſim das feras, como dos Ladroens que o eſperavaõ. Partio em 20. de Setembro de 1528. e chegando a Baſſorá a tempo, que ja tinhaõ partido as Cafilas para Alepo, atraveſſou todo aquelle dilatado deſerto levando por conductor hum Mouro, e vencida eſta ſolidaõ no eſpaço de vinte, e dous dias entrou em Alepo donde paſſou a Tripoli de Soria, e embarcando-ſe para Chipre paſſou a Italia até que felizmente chegou a Portugal em Mayo de 1529. onde foy recebido por ElRey D. Joaõ o III. com ſingulares demonſtraçoens de affecto louvando-lhe o valor com que ſe offerecera a huma taõ perigoſa, como dificil jornada da qual eſcreveo a obra ſeguinte.

Itenerario de Antonio Tenrreiro Cavaleiro da Ordem de Chriſto em que ſe contem como da India veyo por terra a eſtes Reynos de Portugal. Coimbra por Antonio de Maris. 1560. 4. et ibi por Joaõ de Barreira 1565. 12.

Delle fazem memoria Barros *Dec.* 4. liv. 1. cap. 8. Andrad. *Chron. delRey D. Joaõ o III.* Part. 2. cap. 49. Maced. in *Propugn. Luſit. Gallic.* ad Art. 20. cap. 7. pag. 157. Ant. de Leon in *Bib. Orient.* Tit. 2. e em a modernamente addicionada. Tom. 1. Tit. 2. col. 32.

Fr. ANTONIO DE THOMAR natural da Villa do ſeu appellido Religioſo da Ordem dos Menores da Provincia de Portugal, onde foy Definidor da Provincia no anno de 1659. do qual fazem memoria Fr. Fernando da Soled. *Hiſt. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 3. liv. 1. cap. 22. n. 134. e Fr. Joan. à D. Ant. in *Bib. Franciſc.* Tom. 1. pag. 131. Imprimio.

Sermaõ na Santa Sé de Lisboa em 18. *de Setembro de* 1628. *em a feſta primeira, que o Reverendo Cabbido fez na dita Sé a S. Antonio em memoria do milagre do rayo, que cahio na rua dos Conegos deſta Cidade, no anno de* 1624. Lisboa por Antonio Alvares. 1629. 4.

Fr. ANTONIO DE SANTO THOMAZ. Natural da Villa de Obidos do Patriarchado de Lisboa filho de Franciſco da Sylva, e Maria de Faria profeſſou o Inſtituto Serafico no Convento Recoleto do Bom JESU de Peniche da Provincia dos Algarves a 13. de Junho de 1679. Aprendeo as ſciencias eſcholaſticas com tal applicaçaõ como quem as havia dictar aos ſeus domeſticos ſendo o mais profundo inveſtigador das ſubtilezas de ſeu grande Meſtre Eſcoto merecendo pela ſublimidade do talento, e

vaſtidaõ do eſtudo occupar os lugares de Qualificador do Santo Officio, Examinador das Tres Ordens Militares, e Synodal do Arcebiſpado de Lisboa. Naõ teve menor capacidade para as Cadeiras, que para as Prelaſias chegando depois de ſer Guardiaõ do Collegio de Coimbra, e Cuſtodio ao lugar de Provincial em que foy eleito no Convento de Eſtremoz a 30. de Novembro de 1720. ſendo preſentemente o Padre mais digno, que tem a Provincia dos Algarves. Compoz com igual ſubtileza, que novidade para beneficio dos ſeus Religioſos.

Opuſculum Syllogiſticum Priorum, Poſteriorum, Topicorum, et Elenchorum libros fideliter concludens, acutimque dilucidans. fol. M. S.

Em cujo preludio diz *Omnis hujus Opusculi conatus, nihil aliud eſt, quàm hos aperire libros, quos ſi non perfunctorie, immo attente legerint plurimas in venient novitates non a regulis Ariſtotelicis diffitas, ſed ab illis noviter eviſceratas.*

ANTONIO TRANCOSO CORREA. Naceo em Lisboa, e foy taõ douto no eſtudo da Hiſtoria, como verſado em todo o genero de Poeſia por cujos dotes mereceo os elogios de alguns eſcritores, quaes foraõ Fr. Jorge Cotrim nos *Recuerd. del Carmelo* cap. 40. e Fr. Manoel de Sá nas *Mem. Hiſtor. da Ord. de N. Senhora do Carm. da Prov. de Portug.* Part. 1. liv. 3. cap. 2. n. 374. Jaz ſepultado na Capella do Santo Chriſto ſituada na Via-Sacra, que vay para a Sancriſtia do Convento de Collares dos Carmelitas Calçados, e na Sepultura tem gravado eſte Epitafio.

Eſta Capella he de Antonio Trancoſo Correa, e de ſua mulher Maria Jacome a qual elles fizeraõ à ſua cuſta, e a dotaraõ de renda, e fabrica, com obrigaçaõ deſte Convento lhe dizer todas as Semanas do anno huma Miſſa das Chagas, e huma cantada pelos Santos para ſempre. Era de 1612

Compoz, e naõ imprimio.

Poeſias nas Ethicas de Ariſtoteles. M. S. fol.

Fr. ANTONIO DA TRINDADE Eremita Auguſtiniano bom Letrado, e naõ menor Prégador. Traduzio de Latim em Portuguez.

Riquezas da alma dedicado ao muy religioſo P. Fr. Luiz de Montoya Provincial da Ordem de Santo Agoſtinho.

Index de certas materias commuas diſpoſtas pelo A. B. C. impreſſo no anno de 1557.

Fr. ANTONIO DA TRINDADE Religioſo profeſſo da Ordem Serafica da Provincia de Saõ Thomé da India Oriental numerado entre os Eſcritores Franciſcanos por Frei Joan à D. Ant. na *Bib. modern. Franc.* Tom. 1. pag. 133.

Imprimio.

Sermaõ de S. Franciſco no ſeu dia, e Convento de Goa. Lisboa por Paulo Crasbeeck. 1645. 4.

Fr. ANTONIO DA TRINDADE da Ordem dos Menores da Provincia da Madre de Deos de Goa. Compoz.

Relaçaõ da Provincia da Madre de Deos de Goa.

A qual conſervava em ſeu poder como elle affirma Fr. Pedro de Alva, y Aſtorga in *Milit. Concept.* col. 125. Do Author, e da obra faz memoria Fr. Joan. à D. Ant. in *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 133. e a *Bib. Orient.* modernamente acrecentada Tom. 1. Tit. 3. col. 76.

Fr. ANTONIO DA TRINDADE, E TORRE natural de Lisboa onde abraçou o Inſtituto da religiaõ Trinitaria cujas noticias inveſtigou com affecto de filho, e com exame de Sabio. Foy Prégador de fama, e Meſtre de Noviços. Eſcreveo.

Annaes Sacros, e felices emprezas dos glorioſos Redemptores da divina Religiaõ da Santiſſima Trindade, comprehendem as idades do principio do mundo até a vinda de Jeſu Chriſto Redemptor noſſo, de como deo principio à ſua Religiaõ da Santiſſima Trindade Militar, e de Redemptores; dos Santos, que nella ſe exercitaõ, e de como foy reduzida, e approvada com regra propria pelo Summo Pontifice Innocencio III. em o miraculoſo aparecimento, que o meſmo Senhor lhe manifeſtou prezentes os glorioſos Patriarchas S. Joaõ, e S. Felix, e dos mais ſuceſſos da meſma Religiaõ da Santiſſima Trindade de Redemptores reſumidos das Bullas Apoſtolicas, Authores, Chronicas, e Archivos,

que della tratað. Eſcritos no anno de 1630. fol. M. S.

Martirologio Trinitario em que ſe expoem as Feſtas particulares, que celebra a Religiað da Santiſſima Trindade, e das que antigamente continhað os Breviarios della concedidos pelo Summo Pontifice Innocencio III. e approvados por ſeus Succeſſores, e ultimamente emendado por Alexandre IV. em o anno de 1495. *Contem os Santos que floreceraõ em a primeira Ordem Militar de Redemptores. Os da ſegunda approvada com regra propria obſervantes, e os da terceira Deſcalços, e Reformados. Os Beatos, Veneraveis, e Varoens illuſtres que deraõ as ſuas vidas pela pregaçað Evangelica, e exaltaçað da Santa Igreja Catholica, os Religioſos, e Religioſas, Irmaõs, Irmaãs da dita Ordem que com applauzo commum ſað, venerados por Servos de Deos, e os Santos cujos corpos, e reliquias tem os ſeus Conventos de que rezað em ſeus dias, e Santuarios milagroſos, recopilado de Breviarios, e Chronicas da meſma Religiað, e dos Authores approvados que della fazem mençað. Eſcrito no anno de* 1654. fol. *M. S.*

Ambos eſtes livros que ſað de ſumma grandeza ſe conſervað eſcritos pela maõ do Author na Livraria do Convento deſta Corte, como nella vimos.

ANTONIO VAENA cuja patria, e eſtado de vida ignoramos. Eſcreveo.

Chronica delRey D. Sebaſtiað 4. *M. S.* Della conſervo em meu poder huma Copia, cujo Original ſe guarda na Livraria do Conde do Vimieiro.

ANTONIO DO VALLE DE MORAES. Paſſou à India como Soldado em Companhia do Vice-Rey D. Pedro da Sylva no anno de 1635. Foy bom poeta cuja arte cultivou entre o eſtrondo da Guerra. Eſcreveo a ſua jornada de Lisboa até Goa em 6. Cantos intitulada.

Nautica Luſitana.

A qual *M. S.* dedicou ao dito Vice-Rey Conſervavaſe eſta Obra na Livraria de Joað de Saldanha na ſua quinta da Junqueira.

ANTONIO VANGUERVE CABRAL natural de Lisboa. Eſtudou Direito Civil na Univerſidade de Coimbra em cuja faculdade recebeo o gráo de Bacharel. Tendo adminiſtrado rectamente alguns lugares naõ querendo continuar no exercicio de Miniſtro, ſe applicou com grande diſvelo a eſcrever diverſas obras em beneficio dos Juizes, e Advogados as quaes ſað as ſeguintes.

Practica judicial muito util, e neceſſaria para os que principiað os officios de julgar, e advogar, e para todos, os que ſolicitað cauſas nos auditorios de hum, e outro foro. Parte 1. Lisboa por Jozé Lopes Ferreira Impreſſor da Sereniſſima Rainha. 1712. fol. et ibi na Officina Ferreiriana. 1726. fol.

Parte 2. *e* 3. Lisboa pelo dito Impreſſor. 1715. fol.

Parte 4. Lisboa na Officina Ferreiriana 1721. fol.

Parte 5. Lisboa na meſma Officina. 1727. fol.

Todas eſtas cinco Partes ſahiraõ em Coimbra por Antonio Simoens Ferreira. 1730. fol.

Tractatus Practicus juridicus de Sacrilegio. Ulyſſipone apud Bernardum à Coſta Carvalho. 1715. fol.

Epilogo juridico de varios caſos civeis, e crimes concernentes ao eſpeculativo, e practico com humas annotaçoens à ley noviſſima da prohibiçað das facas, e mais armas promulgada em 4. *de Abril de* 1719. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ. 1729. fol.

ANTONIO DE VARONA. Preſbytero Ulyſſiponenſe filho de Gines de Varona, e Beatriz Gomes dos quaes herdou hum grande morgado, profeſſor dos Sagrados Canones, e ornado de muitas virtudes, ſendo o ſeu principal diſvelo que o incruento ſacrificio do Altar ſe celebraſſe conforme as regras preſcriptas pelo Miſſal Romano, e para que com toda a perfeiçað o executaſſem os Sacerdotes. Compoz.

Ritual da Miſſa rezada conforme ao Miſſal Romano reformado pela Santidade de Urbano VIII. noſſo Senhor. Lisboa por Antonio Alvares. 1640. 12.

Foy muito afecto aos Padres Jeſuitas com que familiarmente tratava por cuja cauſa deo grandes donativos para ornato do Templo da Caſa profeſſa de S. Roque de Lisboa onde morrendo a 3. de Agoſto de 1657. foy ſepultado como ordenara em ſeu Teſ-

tamento, na Capella de S. Joaõ Evangeliſta que era jazigo da ſua familia.

Fr. ANTONIO VARJAM natural da Torre de Moncorvo da Dioceſe Bracharenſe Religioſo da Sagrada Ordem dos Prégadores onde dictou Artes, e Theologia no Convento de Evora até que jubilando foy Meſtre do numero. Imprimio.

Prima pars dialecticæ. Sex libris abſoluitur. 1. *de Termino* 2. *de Propoſitione* 3. *de Proprietatibus quæ conſequuntur terminos, et componunt propoſitionem* 4. *de oppoſitione, æquipollentia, et converſionibus propoſitionum.* 5. *de exponibilibus propoſitionibus.* 6. *de Syllogiſmis.* Eboræ apud Emmanuelem de Carvalho 1627. fol. Dedicada a D. Theodoſio 2. Duque de Bragança. No prologo prometia outro tomo de diſputaçoens dialecticas.

Paraizo da alma traduzido de Latim em que foy eſcrito por Alberto Magno em lingua Portugueza. Lisboa por Lourenço Crasbeeck. 1636. 8. Traz no principio a vida de Santo Alberto Magno.

Delle trataõ Joaõ Soares de Brito in *Theatr. Luſit. Litter.* lit. A. n. 125. Echard *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. pag. 459. e Fr. Pedro Monteir. *Clauſtr. Dom.* Tom. 3. pag. 166.

ANTONIO VAZ CABAÇO natural de Coimbra onde depois de receber o gráo de Doutor na faculdade de Direito Civil foy Lente de Inſtituta em o anno de 1565. donde ſubio à Cadeira do Codigo, Digeſto velho, Veſpera até à de Prima de que tomou poſſe em 29. de Novembro de 1581. e nella jubilou no anno de 1588. Foy Deputado do Santo Officio da Inquiſiçaõ de Coimbra provido em 19. de Dezembro de 1581. e depois do Dezembargo delRey. Falleceo na ſua patria no anno de 1595. Compoz juntamente quando era Lente de Veſpera de Leys com o Doutor Luiz Correa Lente de Decreto.

Allegaçoens de Direito que ſe offereceraõ ao muito alto, e muito poderozo Rey D. Henrique noſſo Senhor na cauſa da ſucceſſaõ deſtes Reynos por parte da Senhora D. Catherina ſua ſobrinha filha do Infante D. Duarte ſeu Irmaõ. Almeirim por Antonio Ribeiro, e Franciſco Correa 1580. fol. Sahio traduzida eſta obra em latim por Fr. Franciſco de Santo Agoſtinho Macedo Pariſiis apud Sebaſtianum Cramoyſi 1641. fol.

Do Author, e da obra faz illuſtre memoria o D. Franciſco Velaſco de Gouvea na *Juſta Acclam. do Sereniſſimo Rey de Portug. D. Joaõ o IV.* pag. 77.

ANTONIO VAZ DE CASTELLO BRANCO. Naceo na Cidade de Leiria ao 1. de Agosto de 1649. Foy filho de Heytor Vaz de Castello-Branco, e de D. Luiza da Sylva. Em a Univerſidade de Coimbra, onde com grande applicaçaõ eſtudou Direito Ceſareo, recebeo neſta faculdade o Grào de Doutor ſendo Opoſitor às Cadeiras quando contava de idade deſanove annos. Preferio ao eſtudo da Juriſprudencia, em que jà era venerado por inſigne, a Liçaõ da Hiſtoria aſſim ſagrada como profana, e principalmente a Genealogia repetindo com felicidade de memoria, e admiraçaõ dos que o ouviaõ a ſerie de muitas familias illuſtres da ſegunda Claſſe. Foy Cõmendador dos Preſtimonios de Santa Maria de Caminha, e de S. Pedro de Riba de Mouro na Ordem de Chriſto, e Secretario do Senhor Infante D. Franciſco. Morreo em Lisboa no 1. de Agoſto de 1723. fechando perfeitamente o circulo de 74. annos por falecer no meſmo dia em que nacera. Eſcreveo

Nobiliario das Familias deſte Reyno 13. *Volumes* fol.

Os quaes como affirma o P. D. Antonio Caetano de Souſa no *Apparat. à Hiſt. Gen. da Caſa Real Portug.* p. 147. §. 173. ſe conſervaõ em poder de Pedro de Souſa de Caſtello-Branco Senhor do Guardaõ Commendador de Santo Andrè do Eruedal na Ordem de Chriſto, Coronel do Regimento da Armada, Primo, e Genro do Author.

ANTONIO VAZ DUARTE natural de Lisboa Presbytero de exemplar vida, e ſufficiente literatura. Traduſio da Lingua Italiana do P. Lucas Pinello da Companhia de JESUS, e o dedicou ao Biſpo Inquiſidor Geral Fernaõ Martins Maſcarenhas.

Confeſſionario Geral aſſim para todos os Eſtados de penitentes ſe ſaberem bem confeſſar, e aparelhar, como tambem para todos os Confeſſores exercitarem dignamente o Sa-

cramento da Penitencia. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1618. 8.

ANTONIO VAZ DE SOUSA natural de Lisboa, Theologo, e Prègador muito verſado na liçaõ dos Livros aſceticos dos quaes extrahia documentos ſolidos para dirigir as almas pelo caminho da perfeiçaõ. Compoz.

Conſelheiro celeſtial para o exercicio Santo da vida activa, e contemplativa com hum interrogatorio dos peccados para fazer confiſſaõ geral, ou de muito tempo; e alimento, e theſouro da alma, que conſiſte no myſtico comer, e dormir da Communhaõ do Santiſſimo Sacramento, e Oraçaõ mental, e no exercicio interior das virtudes, e obras de Miſericordia. Lisboa por Jorge Rodrigues 1627. 16. et ibi por Joaõ Alvares de Leaõ 1657. 16. et ibi por Domingos Carneiro 1679. 12.

Traduſio da lingua italiana do Padre Lucas Pinello da Companhia de JESUS na Portugueza as duas ſeguintes obras.

Hiſtoria da Vida da Virgem Maria Senhora Noſſa tirada dos Santos Padres com ſuas meditaçoens, e acrecentada com Oraçoens, e Ladainhas, e milagres da meſma Virgem. Lisboa por Antonio Alvares. 1626. 16. et ibi pelo dito Impreſſor 1631. 12 et ibi por Domingos Carneiro 1679. 12.

Diſciplina Clauſtral em practica, e exercicio dos actos da vida religiosa para os fazer com eſpirito, e devaçaõ. Lisboa por Giraldo da Vinha. 1627. 16.

Mandou imprimir, e o dedicou a Fr. Pedro Fragoſo Carmelita.

Officium quinque Plagarum Chriſti Domini a D. Bonaventura concinnatum. Ulyſſipone apud Antonium Alvares 1627. 24.

P. ANTONIO DE VASCONCELLOS Naceo em Lisboa ſendo ſeus Pays Bartholameu Froes Pereſtrello Fidalgo da Caſa Real Eſcrivaõ da Fazenda, e do Aſſentamento, e D. Sueyra de Vaſconcellos. Na idade de dezeſeis annos deixou o mundo, e abraçou o Inſtituto da Companhia de JESUS no Collegio de Evora a 13. de Setembro de 1570. Foy inſigne na lingua Latina, e humanidades, e naõ menos perito nas ſciencias eſcolaſticas que dictou na Univerſidade Eborenſe onde depois foy Prefeito, e Reytor. Para o miniſterio do Pulpito teve natural genio onde ſempre foy ouvido com atençaõ e applauſo. Governou a Caſa profeſſa de Faro que depois ſe tranſferio para Collegio, os Collegios de Portalegre, e do Porto, e ultimamente foy Viſitador das Ilhas. Os ultimos dez annos que precederaõ à ſua morte, tolerou com invicta paciencia as dores da gota que o tiveraõ ſempre prezo na cama, e quando lhe permitiaõ alguma pauſa occupava o tempo em compor os livros com que illuſtrou naõ ſómente a ſua Patria, mas toda a Republica litteraria. Morreo em Evora a 12. de Julho de 1622. com 68. annos de idade, e 52. de Religiaõ. Delle fazem mençaõ Maced. in *Propugn. Luſit. Gallic.* ad art. 3. chamando-lhe *authorem graviſſimum,* e na pag. 174. *magni judicij et priſci nitoris ſcriptorem.* Telez *Chron. da Companh. de Prov. de Port.* Part. 2. liv. 4. cap. 28. n. 3. *Religioſo de muita authoridade, e letras como teſtificaõ ſuas obras, que deixou impreſſas.* Souſ. de Maced. *Flor de Eſpan.* Cap. 8. Excel. 9. *Fuè otroſi Hiſtoriador excelente el Padre Antonio de Vaſconcelos.* Alegamb. in *Bib. Societ.* p. 87. *Vir ob inſignem doctrinam, religionem, et generis claritatem in Luſitania notiſſimus.* Franc. *Imag. da Virtud. em o Noviciad. de Evor.* pag. 855. e no *Synopſ. Annal. in Luſitan.* pag. 235. Fonſec. *Evor. glorioſ.* pag. 427. Joan. Soares de Brit. in *Theatr. Luſit. Litter.* lit. A. n. 126. Francken. in *Bib. Hiſpan. Herald. Geneal.* pag. 411. Girard. *Diar.* Part. 3. a 12. de Giulio D. Franciſco Manoel na *Carta eſcrita ao D. Themudo que he a 1. da 4. Centur. dellas.* P. D. Emman. Caietan. de Souſa in *Exped. Hiſpan. S. Jacobi* Tom. 2. pag. 1306. Compoz.

Anacephalæoſes, id eſt ſumma Capita actorum Regum Luſitaniæ.

Deſcriptio Regni Luſitani cum compendio rerum illuſtrium, quæ in eo viſuntur tam ad humanum cultum ſpectantium, quam ad divinum.

Philippi II. Luſitanica expeditio. Antuerpiæ apud Petrum, et Joannem Belleros. 1621. 4. *Hoc opus* (ſaõ palavras de Manoel Sueyro Cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto, e Senhor de Voorde na Dedicatoria que fez à Mageſtade de Filippe IV.

Rey de Caſtella) *fore confido gratius Majeſtati veſtræ quod brevibus, elegantiſſimiſque elogiis exornatum ſit a P. Antonio de Vaſconcellos è Societate Jeſu ob inſignem doctrinam, religionis, et generis claritatem in Luſitania notiſſimo, nuper etiam in celebri Eborenſi Academia ab Henrico Rege excitata non ſine magna laude Rectorem geſſit, qui etiam alia opera molitur propediem in lucem proditura, quæ ingenij felicitatem, et in Deum pietatem facile indicabunt.*

Tratado do Anjo da Guarda 1. *Parte.* Evora por Franciſco Simoens 1621. 4.

Parte 2. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1622. 4. *Quod opus* (diz o P. Franc. in *Anno glorioſ. S. J. in Luſitan.* pag. 385.) *multùm oſtendit tum ejus pietatem, tum ſacram eruditionem.*

Relaçaõ da Perſeguiçaõ do Japaõ pelos annos de 1588. *e* 1589. Deſta obra faz mençaõ o Licenciado Antonio de Leaõ na *Bib. Orient.* Tit. 8. pag. 36.

ANTONIO VAZQUES. Naceo em Portugal, e querendo renacer para Deos entrou em Madrid na Religiaõ dos Clerigos Menores cujo Inſtituto obſervou com ſumma exacçaõ. Foy muito douto nas letras Sagradas, e profanas, e muito ſciente na lingua Italiana. Pello grande affecto com que venerava àquelle raro exemplar do Eſtado Clerical S. Filippe Neri, eſcreveo com bom eſtilo.

San Filippe Neri. Epitome de ſu vida delo que della han eſcrito authores diverſos. Madrid por Gregorio Rodrigues 1651. 4.

Traduzio de Italiano de D. Agoſtinho Maſcardi em Caſtelhano.

La conjuracion del Conde Juan Luiz Fieſco. Madrid. 1640. 4.

Nicol. Ant. in *Bib. Hiſpan.* Tom. 2. pag. 283. eſcreve que tambem compuzera.

Vida do Papa Alexandre, naõ declarando qual fora; e com outro nome.

Vida do Capuchinho Eſcocés.

ANTONIO VASQUES DE CHAVES cujo appellido indica a ſua patria que he a Villa deſte nome ſituada na Provincia de Tras dos Montes, e forte Praça de Armas. Foy celebre profeſſor de Juriſprudencia como o acclamaõ Nic. Ant. in *Bib. Hiſpan.* Tom. 1. pag. 129. Joan. Soar. de Brito in *Theat. Luſit. Litter.* lit. A. n. 127. e D. Franciſco Manoel na *Carta dos Author. Portug. eſcrita ao Doutor Manoel da Fonſeca Themudo* que he a 1. da 4. Centuria. Compoz.

Biformis tractatus de uſucapione, et præſcriptionibus ad Interpret. C. ſi diligenti de Præſcriptionibus et exactionibus, et de exactione, et repetitione dotis. Madriti apud Andream dela Parra, et Gaſparem Garcia. 1617. 4.

ANTONIO DA VEYGA natural de Villa-Viçoſa, Cavalleiro da Ordem Militar de Malta, onde depois de ter exercitado diverſos lugares com grande credito da ſua Peſſoa foy Secretario do Graõ Meſtre, e poſſuhio huma rendoſa Commenda. Como era ornado de viva comprehenſaõ, e rara habilidade fez admiraveis progreſſos em todas as Artes dignas de hum Cavalhero ſendo inſigne Humaniſta, grande Geometra, e Mathematico, excellente Poeta, Muſico, e Tangedor de todo o genero de inſtrumentos de tal ſorte que compunha a letra, e poſta por elle em Solfa a cantava com ſumma graça, e deſtreza. Vivia em Torres Vedras no anno de 1618. quando já contava a provecta idade de 75 annos. Compoz.

Tercetos em repoſta de hum Panegirico que lhe dedicaraõ. Começavaõ.

O dextro canto da Sonora Lyra.

Acabavaõ.

Em quanto prevenis o heroico, e grave

Delle faz honorifica mençaõ Franciſco de Moraes Sardinha no *Parnaſ. de Villa-Viçoſa* liv. 2. cap. 59. e no liv. 3. traz tres Sonetos que começaõ.

Debaixo deſta pedra triſte, e eſcura.

Fermoſa Julia mais que a branca Roſa.

Apenas a quieta noute cobre.

Intentava ſahir com hum Poema em 8. Rima, mas naõ teve effeito como eſcreve Joaõ Franco Barreto na *Biblioth. Luſitana M. S.*

Fr. ANTONIO VEL. Naceo em Lisboa. Foraõ ſeus Pays Joaõ Vel de naçaõ Flamengo, e Beatriz Bacaler natural deſta Corte. Abraçou o Sagrado Inſtituto da Ordem dos Prégadores onde depois de

ſer Collegial do Collegio de Santo Thomaz de Coimbra dictou Artes, e Theologia em Evora por cuja liçaõ foy Meſtre da Ordem, Qualificador do Santo Officio creado em 11. de Mayo de 1650. e *Pregador de grande nome* como o intitula Fr. Pedro Monteir. no *Clauſt. Dom.* Tom. 3. pag. 166. e o Doutor Manoel Rodrigues Leytaõ no *Tratad. Analytic. Apolog.* pag. 185. na margem n. 400. lhe chama *magnæ authoritatis, et eruditionis virum.* Imprimio.

Sermaõ prégado nas Exequias, que o Tribunal do Santo Officio fez na morte do Illuſtriſſimo Inquiſidor Geral D. Franciſco de Caſtro em 30. *de Janeiro de* 1653. *no Convento de S. Domingos de Evora.* Lisboa na Officina Crasbeeckiana. 1654. 4.

P. ANTONIO VELEZ filho de Joaõ Lopes, e Maria Velez. Naceo na Cidade de Portalegre, e na de Coimbra abraçou o Inſtituto da Companhia de JESUS a 9. de Janeiro de 1569. quando contava vinte, e tres annos de idade. Foy dos celebres humaniſtas do ſeu tempo, e naõ menor Poeta, e Orador. Por ſete annos continuos dictou Rhetorica, tres Theologia Moral, e ſete exercitou o miniſterio de Prefeito da Univerſidade de Evora aonde morreo a 20. de Março de 1609. Com grandes elogios exaltaõ o ſeu nome Alegamb. in *Bib. Societ.* pag. 87. Franc. in *Ann. glorioſ. S. J. in Luſit.* pag. 163. et in *Synopſ. Annal. S. J. in Luſit.* pag. 199. Joan. Soar. de Brit. in *Theat. Luſit. Litter.* lit. A. n. 128. Petr. Angel. Sper. *de Grammat. Profeſ.* lib. 4. pag. 486. Fonſec. *Evor. Glorioſ.* pag. 427. P. Anton. dos Reys in *Enthuſiaſm. Poet.* n. 141. Compoz.

Commentarium in Emmanuelis Alvari Grammaticam Latinam. Eboræ apud Emmanuelem de Lyra. 1599. 4. cuja obra chama *erudita* Nicol. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 130.

Ordenou a Arte do P. Manoel Alvares na forma como agora ſe uza nas eſcolas acrecentandolhe a Syllaba que lhe faltava, e no fim hum Diccionario de Nomes, Verbos; e o que he mais digno de eſtimaçaõ reduzindo a elegante metro todos os preceitos Grammaticos com tal primor *que he ſuſpenſaõ a todos* (como eſcreve o P. Antonio Franco na *Imagem da Virtud. em o Novic. de Coimb.* Tom. 2. pag. 613.) *os que entendem da faculdade, pela qual obra pode com rezaõ ſer o Padre Velez contado por hum dos melhores Poetas Latinos.*

Vida do P. Gonçalo da Sylveira martirizado em Monomotapa. compoſto em verſo que ſe naõ imprimio. Deſta obra fazem mençaõ Franco no lugar proximamente allegado, e Fonſeca na *Evor. Glor.* p. 427. Deixou mais compoſto.

Orthographia.

De Nominibus Nominalibus.

ANTONIO VELES CALDEIRA natural da Cidade de Portalegre na Provincia do Alentejo, filho do Doutor Pedro Carreiras celebre Advogado na ſua Patria, e de Izabel Velez Caldeira. Foy Cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto, Dezembargador da Caſa da Supplicaçaõ de que tomou poſſe a 23. de Mayo de 1669. ornado de profundo talento, perſpicaz juizo, e natural diſcriçaõ igualmente perito na pureza da lingua Latina, e noticia das letras humanas, como na penetraçaõ dos myſterios da Juriſprudencia. Todos eſtes dotes o habilitaraõ para ſer eleito Secretario da Embaxada que no anno de 1670. mandou o Principe D. Pedro Regente deſta Monarchia pelo Marquez das Minas D. Franciſco de Souſa à Santidade de Clemente X. novamente aſſumpto ao Solio do Vaticano em cuja prezença, e de todo o Collegio Apoſtolico recitou em 22. de Mayo de 1670. a Oraçaõ Obediencial em nome do meſmo Embaxador com tanta elegancia da fraze, e viveza da repreſentaçaõ que deixou ſuſpenſos a todos os Expectadores como fielmente declara a Relaçaõ Italiana eſtampada em Roma que ſe fez deſta Embaxada a pag. 35. neſta forma. *Fatto univerſale ſilentio ſi udiva perfettamente ogni expreſſione della Oratione che concepita in termini ben compoſti, ſteſa con caſta fraze, e ſublime eloquenza, e circonſcrita delle veri legi della perfetta Oratoria hora ſeminando fiori retorici, hora racogliendo frutti di ſodiſſime rifleſſioni, recitate con intrepidezza, geſto liberale, e compoſto, riſpetto, e amore che ſpiccavano delle parole, e dal volto, hebbe l'univerſale accetatione di tutti, e fece riſorgere i roſtri Romani nel Vaticano.* Em melhor lingua, e com mais eloquente expreſſaõ

o cantou a ſublime Muza do P. Fr. Franciſco de Santo Agoſtinho Macedo *Vot. Poet. in Triumphal. Pomp. Excellent. D. D. Franciſci de Souſ. March. Minar.*

= *Dixit*

Pro roſtris Veles Caldeira Antonius, ille
Regius à Souſæ ſecretis, aurea fandi
Copia cui, geſtuſque decor, vox plena, Latina
Dictio, Romano facundia digna Theatro.
Audires flores Hortenſi, et lumina Craſſi,
Gracchorum nervos, Ciceronis fulmina: punctum
Omne tulit, docuit, recreavit, ſuaſit, et artis
Explevit numeros: cuncti ſtupuére tonantem.

A oraçaõ ſahio impreſſa com eſte titulo.

Pro ſolemni obedientia quam præſtitit Sanctiſſimo D. N. Clementi X. nomine Sereniſſimi Portugalliæ, et Algarbiorum Principis Petri ejus legatus Excellentiſſimus D. Franciſcus de Souſa Marchio de Minas oratio habita in publico Conſiſtorio 22. Maij anni 1670. Romæ ex Typographia Vareſij 1670. 4.

Foy traduzida em Portuguez com o titulo ſeguinte.

Oraçaõ na ſolemne Embaxada da Obediencia que em nome do Sereniſſimo Principe D. Pedro Governador dos Reynos de Portugal, e dos Algarves deu o ſeu Embaxador Extraordinario o Excelentiſſimo Senhor D. Franciſco de Souſa Marquez das Minas ao noſſo Santiſſimo Padre Clemente X. feita em Conſiſtorio publico em 22. de Mayo de 1670. Lisboa por Miguel Maneſcal. 1671. 4.

Reſtituido ao Reyno conſervou a fama, que deixara em Roma, do ſeu talento nos lugares de Dezembargador dos Aggravos de que tomou poſſe a 17. de Dezembro de 1672. Procurador da Coroa a 4. de Novembro de 1677. e Juiz da Coroa a 26. de Março de 1678. Morreo em huma quinta junto de Lisboa a 15. de Mayo de 1689. e eſtà ſepultado no Convento de N. Senhora da Penha de França. Foy cazado com D. Franciſca Mayor.

P. ANTONIO VELOZO natural de Braga donde com beneplacito de ſeus Pays Amaro Fernandes, e Catherina Antonia, recebeo em Coimbra a Roupeta da Companhia de JESUS a 2. de Setembro de 1615. em idade de deſeſete annos. Navegou à India, e no Collegio de Cochim depois de ler Theologia eſpeculativa muitos annos foy Reytor da meſma Caſa exercitando no fim deſte miniſterio o de Procurador Geral das Provincias Orientaes. Teve grande genio para a Cadeira como para o Pulpito naõ ſendo menos perito na liçaõ da hiſtoria ſagrada, e profana. Imprimio

Sermaõ funeral nas exequias, que o Real Collegio da Companhia de JESUS de Coimbra celebrou ao Sereniſſimo Principe de Portugal D. Theodoſio em 17. *de Junho de* 1653. Lisboa por Paulo Crasbeeck 1653. 4.

De Primatu Eccleſiæ Bracharenſis cuja obra louva muito Jorge Cardoſo no *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 727. dizendo, *que tem eſgotado a materia com igual credito ſeu, que de Braga ſua patria.*

De Juſtitia, & Jure. fol M. S. Eſtava prompto eſte Tratado para a Impreſſaõ como affirma Joaõ Franco Barreto na *Biblioth. Luſit.* M. S.

ANTONIO VELOZO DE LIRA natural de Villa-Nova de Calheta na Ilha da Madeira onde naceo em 14. de Junho de 1616. Foy filho de Manoel Dias de Lira, e de ſua mulher D. Mecia Rodrigues do Couto. Depois de eſtudar as Letras Humanas na patria paſſou a Salamanca onde aprendendo Filoſofia, e Theologia recebeo o Grào de Doutor neſta faculdade. Ainda aſſiſtia neſta Univerſidade quando foy acclamado o Sereniſſimo Rey D. Joaõ o IV. e tanto, que teve Principe natural ſe reſtituhio a eſte Reyno ſendo cauſa de que o ſeguiſſem neſta fiel reſoluçaõ todos os Portuguezes, que eſtudavaõ naquella Univerſidade. Pelas ſuas letras foy Conego Magiſtral da Sè do Funchal, e Governador do Biſpado por nomeaçaõ do Biſpo D. Fr. Jozè de Santa Maria. Foy muito douto em todo o genero de eſtudo como o publicaõ os diverſos argumentos das ſuas obras. Morreo na Cidade do Funchal a 3. de Janeiro de 1691. e eſtà ſepultado na Capella Mòr da Cathedral da meſma Cidade. Delle ſe lembra com naõ pequeno louvor Henrique Henriques de Noronha nas *Mem. Secul. e Eccleſiaſt. da Dioceſ. do Funchal. Tit. 3. cap.* 10. *M. S.* e o P. D. Man. Caet. de Souſ.

in Exped. Hiſpan. S. Jacob. Tom. 2. pag. 1306. Imprimio quando tinha vinte e ſeis annos de idade.

Eſpelho de Luſitanos em o criſtal do Pſalmo 43. cuja viſta em ſumma repreſenta eſte Reyno em tres Eſtados. O 1. deſde ſeus principios com todas as felicidades, e grandezas ſuas atè a morte delRey D. Joaõ o III. O 2. as calamidades, e infortunios começados em ElRey D. Sebaſtiaõ, e continuados por todo o governo Caſtelhano. O 3. eſtado as maravilhas obradas por Deos em a feliz acclamaçaõ, e reſtauraçaõ delRey N. S. D. Joaõ o IV. com os mais raros caſos nella ſuccedidos aſſim em eſte Reyno, como em Caſtella. Lisboa por Paulo Crasbeeck 1643. 4.

Politica Chriſtiana dirigida a Filippe IV. de Caſtella. Tratava do milagroſo ſucceſſo com que Deos livrou a Mageſtade delRey D. Joaõ o IV. em dia de Corpus. M. S. Eſtava já com as licenças

Zodiacus Eccleſiæ no qual reduzia todos os Evangelhos do anno a doze Domingos em que ſe celebra a memoria de Chriſto Sacramentado com varios diſcurſos. M. S.

Stella matutina in medio nebulæ. Neſte tratado explicava todas as figuras, que ſymbolizaraõ a Maria Santiſſima deſde o Geneſis atè o Apocalypſe. M. S.

Domus ſapientiæ dividida em ſete Aulas onde deſde a hora de Prima em que Deos he o primeiro Lente diſcorre por varias idades, e Meſtres, que teve a Theologia Sagrada atè noſſos tempos concluindo com a ultima Cadeira de Theologia Myſtica de que era Lente S. Joaõ Evangeliſta. M. S.

Philoſofia muta. Por modo de Dialogo reſponde eſta ſciencia às preguntas da curioſidade inquirindo ſobre tudo o natural, de que ſe ſegue o buſcar o verdadeiro fim, que he Deos, naõ ſó corporal, mas eſpiritualmente. M. S.

Gloſſa ſobre os Evangelhos na qual trata materias muito curioſas com expoſiçoens myſticas. M. S.

Antiguidades da Ilha da Madeira intituladas *Campus ubi Troya fuit.* Prompto para a Impreſſaõ no anno de 1658. quando o Author tinha 41. de idade.

ANTONIO VELHO DE GOES. Naceo na Cidade de Elvas da Provincia Tranſtagana a 2. de Março de 1670. ſendo filho de Manoel Velho, e Luiza Goes de Andrade. Depois de receber o Grào de Meſtre em Artes na Univerſidade de Evora curſou dous annos a faculdade da Theologia. Foy Prior Encõmendado na Igreja de N. Senhora da Conceiçaõ de Villa-Viçoſa, e Capellaõ Mòr do Exercito da Provincia do Alentejo. Morreo a 26. de Janeiro de 1734. De alguns Sermoens, que prègou ſómente publicou o ſeguinte.

Sermaõ de Santa Rita de Caſſia Religioſa da Ordem de Santo Agoſtinho em acçaõ de graças, que prometeo, e mandou celebrar pelo bom ſucceſſo do ſitio de Campo-Mayor a Senhora D. Luiza Clara de Menezes mulher, que foy do Senhor Gomes Freyre de Andrade, e hoje recolhida em o Convento de Santa Cruz de Villa-Viçoſa, e nelle prégado na ſegunda Dominga do Advento do anno de 1712. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ. 1714. 4.

ANTONIO DE VIANA cujo appellido indica ſer natural deſta Villa. Foy inſigne Medico, e Cirurgiaõ cujas Artes exercitou com os Soldados Eſpanhoes, que andavaõ embarcados nas galès para defender as coſtas de Eſpanha da invaſaõ dos Mouros, e no Hoſpital de Sevilha fundado em louvor de S. Hermenegildo pelo Cardeal Joaõ de Cervantes. Imprimio

Eſpejo de Cirurgia: Primera parte en tres exercitaciones de Theorica y practica que tratan de los tiempos del apoſtema ſanguineo. Lisboa 1631. 4.

Fr. ANTONIO DE S. VICENTE chamado no Seculo Antonio Lopes do Quental naceo em Santarem donde ſe auſentou para Italia, e inſpirado ſuperiormente recebeo a Cogulla Ciſtercienſe da reformada Congregaçaõ de S. Bernardo no Convento de S. Carlos de Napoles em 24. de Julho de 1641. Foy hum dos mais authorizados Monges, que floreceraõ naquella Cõmunidade aſſim na profundidade das letras, como no exercicio das virtudes occupando as horas vagas da obrigaçaõ de Religioſo em diverſos eſtudos como o manifeſtaõ as obras, que compoz dignas certamente da luz publica. Morreo no Moſteiro de S. Nicolào da Cidade de Santo Angelo da Dioceſe Pignena em o anno de 1672. Na

famoſa Bibliotheca de Santa Pudenciana em Roma ſe conſervaõ M. S. as ſeguintes obras.

Vida de Santa Romana eſcrita em S. Sylveſtre de Monte Oreſte anno 1652. fol.

Scholia in Conſtitutiones Monachorum S. Bernardi reformatorum cum appendice. fol.

Appendix ad tractatum de opinione probabili in quo reſpondetur dilucide, & juxta Logicæ regulas ad opuſcula Illuſtriſſimi Fagnani, & Marinarij circa uſum probabilitatis valde à veritate errantium: mens authoris, & operis ſcopus. fol.

Tractatus aliquot dubia circa materiam de celebratione Miſſarum complectens. fol.

Martyrio di S. Bernardo Abbate di Claravalle anno 1666. 4.

Diſcurſus Theologicus circa quamdam ordinationem, & cenſuram nuper miſſam à Reverendiſſimo Abbate Generali ad Monaſteria noſtræ Congregationis anno 1667. fol.

Summarium totius ſcripturæ. fol.

Deixou outras muitas obras imperfeitas.

Fr. ANTONIO DE S. VICENTE Religioſo Eremita de Santo Agoſtinho cujo Habito profeſſou no anno de 1600. e no de 1620. partio para a India onde com igual zelo, que fruto exercitou o ſagrado miniſterio de Miſſionario principalmente no Reyno de Gorgiſtaõ. Eſcreveo.

Memorial das couſas deſte Reyno. fol. M. S.

ANTONIO VIEIRA natural de Villa-Viçoſa. Aprendeo a Arte da Muſica com o inſigne Meſtre Manoel Rebello, e chegou a competir com elle na excellencia deſta faculdade da qual foy Meſtre na Igreja do Loureto, e da Caſa da Miſericordia de Lisboa donde paſſou a exercitar o meſmo miniſterio na Villa do Crato na qual morreo. Compoz diverſas obras, que ſaõ muito eſtimadas pelos profeſſores da Muſica ſendo as principaes

Miſſa do 1. *Tom a* 12. *vozes.*

Miſerere a 8. *vozes* de 8. Tom.

Dixit Dominus a 8. do 1. tom com inſtrumentos

Beatus vir a 12. do 1. tom

Lauda Hyeruſalem Dominum a 8. de 8. tom

Motete *Pater peccavi.*

Motete de Defuntos *Domine quando veneris.*

Todas eſtas obras ſe conſervaõ na Bibliotheca Real da Muſica como conſta do Index delle impreſſo em Lisboa por Paulo Crasbeeck 1649. 4. grande.

P. ANTONIO VIEYRA hum dos mais famozos Varoens que produzio Portugal naceo na Cidade de Lisboa a 6. de Fevereiro de 1608. e em 15. foy bautizado na Igreja Cathedral em cuja Pia recebera a primeira graça o inſigne Thaumaturgo Santo Antonio . Logo na puericia ſe admirou a perſpicacia do juizo, e ſublimidade do talento com que a natureza prodigamente o dotara reſpondendo com taõ diſcreta promptidaõ ao que ſe lhe preguntava, que eraõ veneradas as ſuas repoſtas como ſentencioſos apothemas. Na tenra idade de ſete annos partio com ſeus Pays Chriſtovaõ Vieyra Ravaſco, e D. Maria de Azevedo para a Bahia Capital da America Portugueza onde obedecendo à divina vocaçaõ deſprezou heroicamente o amor, e caſa paterna auſentando-ſe furtivamente della para a Companhia de JESUS em cuja ſagrada milicia depois de repetidas inſtancias foy aliſtado em 5. de Mayo de 1623. quando contava 15. annos fazendo a Profiſſaõ Solemne a 26. de Mayo de 1644. Deſejoſo de illuſtrar com o ſeu talento a Religiaõ de que era filho ſe proſtrou deuotamente na preſença de huma Imagem da Virgem Santiſſima ſupplicando-lhe com ferveroſas inſtancias o fizeſſe digno de exercitar o miniſterio de Orador Evangelico, e para manifeſto argumento do deſpacho deſta ſupplica ſentio, que ſe lhe diſſipava repentinamente do entendimento huma ſombra, experimentando daquelle dia por diante penetrar ſem dificuldade os myſterios das ſciencias mais profundas, que fielmente depoſitou no precioſo theſouro da ſua memoria. Como o ſeu engenho era agigantado logo começou a frutificar ao tempo de florecer eſcreuendo de deſeſete annos as cartas annuaes do Braſil em a Lingua Latina com elegante eſtilo, dictando no ſeguinte como Meſtre da Primeira aos ſeus domeſticos as Tragedias de Seneca eruditamente illuſtradas, e compondo de vinte, hum Commentario Literal, e Moral ſobre Joſué, e outro so-

bre os Cantares de Salamaõ em cinco ſentidos. Para ſe inſtruir nas ſciencias eſcolaſticas naõ teve outro Meſtre mais que a ſi meſmo compondo o curſo de Filoſofia, e Theologia pelo qual aprendeo eſtas faculdades cauſando ao meſmo tempo enveja, e admiraçaõ aos mayores profeſſores dellas que diſputaſſe, defendeſſe, e arguiſſe com profunda ſubtileza nas queſtoens mais diſiceis ſem o ſoccoro de inſtruçaõ alhea, mas unicamente pela laborioſa applicaçaõ do ſeu eſtudo. Admirados os Superiores de que nunca ſendo diſcipulo foſſe já Meſtre conſumado, o elegeraõ com maduro conſelho Lente eſperando que da ſua eſcola ſahiſſem Meſtres todos os ſeus diſcipulos, porém naõ teve efeito eſta eleiçaõ por ſer obrigado a acompanhar a D. Fernando Maſcarenhas filho do Marquez de Montalvaõ Governador do Braſil quando em nome daquelle Eſtado veyo dar obediencia ao Sereniſſimo Rey D. Joaõ o IV. novamente elevado ao trono de Portugal. Tanto que chegou à Corte no anno de 1641. foy recebido por eſte Monarcha com ſingulares demonſtraçoens de affecto, e certificado occultamente da ſua profunda capacidade naõ ſómente o elegeu ſeu Prègador, mas lhe cometeo negocios de graviſſimas conſequencias, que adminiſtrou com igual prudencia, que fidelidade aſſim nas Cortes de Pariz, e Olanda no anno de 1646. e 1647. como em Roma no anno de 1650. eſcrevendo em todas eſtas negociaçoens doutiſſimos Tratados em obſequio do ſeu Principe, e zelando como verdadeiro Portuguez os politicos intereſſes deſta Monarchia contra as caviloſas maximas das outras Coroas. Entre taõ diverſas naçoens por onde diſcorreo deo claros teſtimunhos da penetraçaõ do ſeu juizo adquirindo com a liçaõ dos livros mais raros que revolveu nas melhores Bibliothecas, e com o comercio familiar dos profeſſores de todo o genero de ſciencias tanta copia de noticias que era reſpeitado como Oraculo da Sabedoria Chriſtaã, e Politica. Com igual gloria da Religiaõ Catholica que credito da ſua profunda ſciencia, convenceo em Amſterdaõ a Manaſſes Ben Iſrael, o mais inſigne Rabino da Synagoga, e em Roma triumphou da impiedade de hum Ateiſta. Naõ alcançou menor gloria nas continuas diſputas em que por varias vezes altercou com os mais doutos Hereges, que com apparentes ſofiſmas queriaõ rebater a ſolida efficacia dos ſeus argumentos contando neſta litteraria campanha as vitorias pelas diſputas, e os triumfos pelos combates. Soube perfeitamente as linguas mais polidas da Europa fallando a Italiana, Franceza, e Eſpanhola com propriedade, e elegancia: principalmente foy inſigne na materna explicando a ſublimidade dos ſeus conceitos, e a fineza dos ſeus diſcurſos com frazes puras, e termos proprios ſem mendigar vocabulos de idiomas eſtranhos. Foy o mayor Prégador do ſeu tempo, e o ſerá com enveja das outras naçoens em toda a poſteridade verificando em ſi a fabula de Hercules Gallico pois com a torrente da ſua aurea eloquencia atrahia ſuavemente ſuſpenſa a atençaõ dos ſeus ouvintes. Em Roma patria dos Oradores mais famoſos ſe venerou com profundo reſpeito a ſublime facundia da ſua lingua, e ao meſmo tempo que renovou a memoria de Tullio, lhe diminuyo a gloria, e ſepultou o nome. Neſta grande Corte aonde chegou ſegunda vez por ordem delRey D. Pedro o II. a 16. de Novembro de 1669. prégou os cinco Diſcurſos das pedras de David na prezença da celebre Heroina a Sereniſſima Rainha de Suecia Chriſtina Alexandra, que como outra Sabá veyo a admirar de longe a diſcreta elegancia deſte Evangelico Salamaõ, ſendo as acclamaçoens, e applauſos que mereceo deſta Princeſa, como de todos os Princepes Eccleſiaſticos, e Seculares da Cabeça do mundo pequeno brado à ſua fama, limitado, premio ao ſeu talento. Da Oratoria Eccleſiaſtica teve o principado fallando o commum com ſingularidade, o ſemelhante ſem repetiçaõ, o vulgar com novidade, o ſublime com clareza, e o humilde com decoro, ſendo diſcreto ſem afectaçaõ, copioſo ſem redundancia, e taõ corrente o eſtilo como nacido menos da arte, que da natureza. Reprezentou com taõ viva energia, que eraõ eſcuſadas as palavras por ſerem eloquentes as acçoens. Penetrou com profunda ſubtileza os myſterios mais occultos da Sagrada Eſcritura que toda leu por diverſas vezes examinando as ſuas mayores dificuldades com as luzes dos Santos PP. e Sagrados Interpretes, em que foy muito verſado, particularmente correndo a cortina aos Oraculos dos Profetas

para ſerem intelligiveis os ſeus vaticinios. Em todas as ſciencias foy eminente, ſendo inſigne humaniſta, conſumado Rhetorico, e elegante Poeta vulgar, e Latino, ſubtil Filoſofo, profundo Theologo, ſublime Eſcriturario, grande Chronologo, e completamente douto na Hiſtoria Sagrada, e profana. Ornado de tantos dotes com que copioſamente o enriquecera a divina liberalidade nunca ſe deſcubrio no ſeu animo o mais leve final de jactancia, antes recebendo notaveis honras, e eſtimaçoens de muitos Princepes aſſim naturaes, como eſtranhos naõ foraõ poderoſas para lhe alterarem a humilde condiçaõ do ſeu genio, de tal ſorte, que eſcrevendolhe em 12. de Setembro de 1680. o ſeu Geral Joaõ Paulo Oliva de eſtar eleito Confeſſor da Rainha de Suecia querendo eſta Heróina que foſſe o ſeu director para alcançar huma Coroa pela qual tinha deixado heróicamente tantas, ſe eſcuſou com ſumma modeſtia de miniſterio taõ honorifico. Toda a ſua ambiçaõ era da gloria divina, e naõ da humana deixando por ella a patria, e o declarado affecto da Mageſtade delRey D. Joaõ o IV. partio para o Maranhaõ a procurar com indefeſſo trabalho a converſaõ daquella Gentilidade para cuja Sagrada empreza ſe obrigara com voto deſde a idade de vinte, e ſete annos. Acompanhado de alguns Varoens Apoſtolicos promovidos do ſeu exemplo chegou ao Maranhaõ a 22. de Novembro de 1652. onde lançando os primeiros fundamentos àquella nova Miſſaõ de que era o Fundador, foy obrigado a voltar a Portugal a 16. de Julho de 1653. a ſolicitar da Mageſtade delRey D. Joaõ o IV. a liberdade dos Indios como totalmente neceſſaria, e conducente para a ſua converſaõ. Vencidos os obſtaculos, que contra taõ juſtificada reprezentaçaõ ſe oppuzeraõ, ſegunda vez partio para o Maranhaõ em companhia do ſeu novo Governador Andrè Vidal de Negreiros, ſendo impoſſivel de relatar o ardente zelo com que pelo eſpaço de nove annos cultivou aquella agreſte vinha. Para converter Gentios, doutrinar Cathecumenos, e conſervar Neofitos viſitou onze vezes as Reſidencias da Miſſaõ, navegou vinte, e duas vezes rios mais extenſos que o Mar Mediterraneo, diſcorreo a pé quatorze mil legoas por lugares incultos, fragoſos, e ſolitarios, tolerando exceſſivos calores, rigoroſos frios, horroroſas tempeſtades, em que muitas vezes ſe vio quaſi engolido das ondas, e por ſuperior auxilio livre, e ſalvo. Em beneficio dos novos convertidos compoz ſeis Catheciſmos em diverſas linguas. Levantou deſeſeis Igrejas para cujo ornato diſpendeo mais de cincoenta mil cruzados ſendo tal o fervor apoſtolico com que enſinava àquelles barbaros o caminho da vida eterna que parecia ſe animavaõ as ſuas palavras do eſpirito de Paulo, e do zelo de Xavier. A taõ laborioſa cultura correſpondeo abundãtemente o fruto, pois à eficacia das ſuas vozes ſe converteu infinita multidaõ de gentios Inheigaras, Tupinambas, e Poquiguarás habitadores do Searà, Maranhaõ, Parà, e o grande Rio das Amazonas, naõ ſendo menos glorioſo o triumfo com que a 16. de Agoſto de 1659. foy recebido pelos Nheengaybas em agradecimento de os ter reduzido à Fé Catholica, e à obediencia delRey de Portugal. Atendendo o Reverendiſſimo Geral da Companhia Tyrſo Gonzales ao incanſavel diſvelo com que tinha aggregado tantos filhos ao gremio da Igreja o nomeou a 17. de Janeiro de 1688. Viſitador da Provincia do Braſil, e Superior abſoluto de todas as Miſſoens, lugares, que aceitou conſtrangido como quem ſempre eſtudara mais obedecer, que mandar. Os ultimos annos da ſua vida aſſiſtio na Bahia para onde partira no anno de 1681. elegendo com madura reſoluçaõ eſta Cidade para ſepultura, já que fora o ſeu berço para a Religiaõ. Retirado em huma quinta do arrebalde da meſma Cidade ſe occupou como outro Cicero no ſeu Tuſculano preparando as ſuas obras para a impreſſaõ, o que executou por expreſſa ordem do ſeu Geral ordenando-lhe que tambem acabaſſe o livro intitulado. *Clavis Prophetarum,* poſto que eſtiveſſe quaſi cego, para fazer mais meritoria a ſua obediencia ſe valia dos olhos alheos para lhe lerem os livros, cujas paginas apontava de memoria achando-ſe fielmente o que nellas procurava, ſendo eſte trabalho muito ſuperior às ſuas forças. Practicou como Religioſo obſervante todas as virtudes proprias daquelle Eſtado. Levantava-ſe muito cedo para a Oraçaõ cortando pelo deſcanſo neceſſario à ſua idade para ficar expedito para o eſtudo. O livro eſpiritual de que mais frequentemente

uzava era o *de Imitatione Chriſti* eſcutando como vozes divinas as Sentenças que nelle lia. Teve hum animo imperturbavel ſofrendo com heróica conſtancia o odio diſſimulado em zelo de muitos emulos que armados contra a ſua peſſoa lhe deraõ grave materia para exame da ſua paciencia, naõ tendo outro motivo para eſta injuſtiça do que nacer mais ſingular que todos em tantos dotes de que abundantemente o ornou a graça, e a natureza. Retribuyo ſempre beneficios por aggravos ſatisfazendo-ſe com taõ nobre vingança dos ſeus offenſores. Nunca no ſeu ſemblante ſe deſcubrio o menor final de alteraçaõ ainda quando ſe ſentio infamado com Satyras, acuzado em diverſos Tribunaes, e perſeguido daquelles, que lhe eraõ mais obrigados, antes como ſe fora o Olympo que goza de huma inalteravel tranquillidade diſſimulava com prudencia, e ſofria com reſignaçaõ toda eſta furioſa tormenta. Entre tantas Cortes, e paizes por onde diſcorreo, nos quaes coſtuma reynar licencioſamente a incontinencia, conſervou como ſe foſſe Anjo illeza a pureza com tal privilegio que nunca teve contra eſta angelica virtude materia para a Confiſſaõ. Foy exactiſſimo obſervador da pobreza Religioſa uzando ſempre dos veſtidos mais remendados, conſervando huma Capa pelo largo eſpaço de quatorze annos, que largou violentado. Igual era ao amor à pobreza o odio das riquezas regeitando heròicamente vinte, e cinco mil cruzados, que lhe mandou a Pariz ElRey D. Joaõ o IV. para comprar livros para o ſeu uzo, e quarenta mil cruzados, que a Ilha Terceira lhe ofereceu em premio de patrocinar com a ſua authoridade hum grave negocio. Como ſempre foy ſuperior à mais alta fortuna fugio das mayores eſtimaçoens que do ſeu talento fizeraõ os Summos Pontifices Innocencio X. e Clemente X. as Mageſtades auguſtas de Luiz XIV. de França D. Joaõ o IV. e D. Pedro II. de Portugal, e o Duque de Florença, como das dignidades a que o deſtinavaõ eſtes ſoberanos Principes, aſſim Eccleſiaſticas, como Seculares. Venerou com taõ exceſſivo affecto a Chriſto Sacramentado, que parece em premio da ſua Fé ſe fazia vizivel aos ſeus olhos a divina Mageſtade occulta de baixo dos accidentes Euchariſticos. Naõ houve genero algum de culto que a ſua fervoroſa devoçaõ naõ dedicaſſe em obſequio de Maria Santiſſima tributando-lhe agradecido de lhe ſalvar a vida de hum horrendo naufragio trinta Panegyricos ao ſeu Sacratiſſimo Roſario que todos os dias recitava meditado pelo eſpaço de duas horas, ornando com eſtas myſticas roſas o auguſto trono de taõ divina Princeza. Na ultima infermidade padeceo taõ acerbas dores que o privavaõ do deſcanſo, e taõ reſignado eſtava na vontade divina, que quando eraõ mais rigoroſas rompia a ſua aflicçaõ neſtas palavras. *Dominus eſt: quod bonum eſt in oculis ſuis faciat.* Recebeo com terniſſima piedade os Sacramentos, e eſpirou entre a meya noute, e huma hora para o dia de 18. de Julho de 1697. em idade de 89. annos 5. mezes e 12. dias, e de Religiaõ 74. 2. mezes e 13. dias. Teve a eſtatura mais que mediana; o roſtro grave; a teſta dilatada; o nariz aquilino; os olhos vivos; a còr algum tanto morena, o cabello negro, e a barba povoada. Foy nas acçoens circumſpecto, no trato affavel, na converſaçaõ erudito, no diſcurſo ſubtil, ſolido, e prompto por cujos dotes conciliou o univerſal affecto de naturaes, e eſtranhos. Extraordinario ſentimento cauſou em todos os animos a ſua morte, naõ havendo peſſoa de qualquer qualidade que deixaſſe de teſtemunhar com lagrimas copioſas taõ deploravel perda. O Cabido da Cathedral da Bahia lhe officiou o Funeral no Collegio da Companhia aſſiſtido de toda a nobreza Eccleſiaſtica, e Secular, no fim do qual foy levado o Cadaver à Sepultura aos hombros de D. Joaõ de Alencaſtre Governador daquelle Eſtado, ſeu filho D. Rodrigo de Alencaſtre, o Biſpo eleito de S. Thomé, ſeu Irmaõ o Vigario Geral Joaõ Calmon, o Provincial da Religiaõ de S. Bento, e o Reytor do Collegio dos Jeſuitas. Naõ ſómente o mundo concorreo para as ultimas honras deſte grande Varaõ, mas até o Ceo ſe empenhou em canonizar a ſua memoria aparecendo-lhe tres noites antes da ſua morte, e tres depois huma brilhante Eſtrella de extraordinaria grandeza, a qual perpendicular ſobre o ſeu Cubiculo foy viſta, e admirada do mar, e terra affirmando as peſſoas mais judicioſas, que aquelle meteoro era huma luminoſa teſtemunha com que o Ceo declarava as virtudes do P. Vieyra. Tanto que

neſta Corte ſe recebeo a lamentavel noticia de hum ſeu taõ illuſtre filho, ſe reſolveo o Excellentiſſimo Conde da Ericeira D. Franciſco Xavier de Menezes inſigne Mecenas dos eſtudioſos dedicar humas ſumptuoſas exequias à memoria do Principe dos Oradores Evangelicos, e elegendo para Theatro a Caſa profeſſa de S. Roque naõ perdoando a genero algum de diſpendio a ſua profuſa liberalidade mandou levantar huma ſoberba maquina que occupava grande parte do Templo animada de muitos emblemas, e poeſias de diverſos metros, e linguas, e illuminada com grande copia de luzes. Cantou o officio a Muſica da Capella Real a que fez o compaſſo o ſeu grande Meſtre Antonio Marquez Lesbio. Naõ houve peſſoa grave de huma, e outra Jerarchia, que naõ aſſiſtiſſe a eſte funebre obſequio, o qual coroou o P. D. Manoel Caetano de Souſa taõ illuſtre pelo ſangue, como pela erudiçaõ com huma Oraçaõ taõ elegante que renaceo nelle a eloquencia, que lamentava defunta. Seria impoſſivel repetir os elogios com que celebres Eſcritores exaltàraõ o nome deſte grande Varaõ, e ſómente tranſcreverey alguns para que claramente ſe conheça a ſua grandeza. Seja o primeiro aquelle que o foy na dignidade o Summo Pontifice Clemente X. no Breve, que lhe expedio para que pudeſſe publicar as ſuas obras ſem que foſſem examinadas por algum Cenſor. Começa. *Dilecte Fili Salutem, et Apoſtolicam Benedictionem. Religionis zelus, Sacrarum litterarum ſcientia, vitæ, ac morum honeſtas, aliaque laudabilia probitatis, ac virtutum merita ſuper quæ apud nos fide digno commendaris teſtimonio.* Joaõ Paulo Oliva Geral da Companhia congratulando-o do Sermaõ de S. Eſtanisláo em huma carta eſcrita a 13. de Março de 1675. *Dou graças a Deos por ter dado à Cõpanhia hum homem que pode ſallar taõ divinamente, e que ſabe proferir o ſeo conceito, e que todos confeſſaõ que he igualmente maravilhoſo aſſi no que entendemos, como no que naõ penetramos, mas igualmente veneramos nas ſuas intelligencias.* Cardoſo *Agiolog. Luſit.* Tom. 3. pag. 238. no Comment. de 13. de Mayo letr. I. o intitula *Oraculo dos Prègadores deſta idade.* Ulhoa in *Diſſert. de Legat. et Fideicom. na* Dedicatoria ao Graõ Duque de Toſcana *Venerabili viro, et Portugalliæ Principis Concionatore diſertiſſimo, facilique omnium concionatorum anteſignano ſive verius dixerim Principe* o Illuſtriſſimo Barzia *Deſpert. Chriſtian.* Tom. 1. Introd. Exhortat. col. 3. n. 30. lhe chama *Agudiſſimo.* Fr. Gio: Giuſep. de Santa Tereſ. *Iſtor. delle Guerre del Braſile* Part. 2. liv. 5. pag. 129. *huomo che ne i pergami porto il vanto nel noſtro Seculo.* P. Emman. Lud. in *Vita Princip. Theod.* lib. 1. cap. 19. n. 238. *inſignem virum* Miguel de Barrios no *Prol. do Cor. delas Muſ. El pico de oro Portugues.* Feijoó *Theat. Critic.* Tom. 1. Diſc. 16. n. 115. *Aquel hombre aquien en penſar con elevacion, diſcurrir con agudeza, y explicarſe con claridad nò igualo haſta aora Predicador alguno:* e no Tom. 4. Diſcurſ. 14. n. 37. *Que Sermon del Padre Vieyra nò es un aſſombro? Hombre verdaderamente ſin ſemejante de quien me atrevera decir loque Veleyo Paterculo de Homero. Neque ante illum quem imitaretur, neque poſt illum qui eum imitari poſſet, inventus eſt.* Bonucci Iſtor. delRe D. Alfonſ. Enriq. liv. 3. cap. 10. *Ben noto al mondo per il ſuo ſingolare ingegno, profundità di ſapere, e deſtrezza ammirabile in maneggiar le divine Scritture.* Sor. Joan. Ignes dela Cruz na *Cenſura* que fez ao Sermaõ do Mandato impreſſa no 2. Tomo das ſuas obras diz *Siempre admirandome de ſu ſin igual ingenio... Las proposiciones deſte ſubtiliſſimo talento, que es tal ſu ſuavidad, ſu viveza, ſu energia, que al miſmo que diſſiente enamora con la belleza dela Oracion, ſuſpende con la dulçura, hechiza con la gracia, eleva, admira, y encanta con el todo... admirable paſmo delos ingenios.* Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Luſit. Litter.* lit. A. n. 129. *Vir magno ingenio, feliciſſimoque judicio celeberrimus omnium concionator.* Sebaſtiaõ da Rocha Pitta *Hiſt. da Amer. Portug.* liv. 8. n. 54. *O ſeu talento foy ainda mayor que o ſeu nome com o qual voou por todos os Emisferios a fama elevada pela ſua penna. Foy em Portugal Prègador dos ſeus Auguſtiſſimos Monarchas, e da Sereniſſima Rainha de Suecia em Roma, cuja Sagrada Curia o ouvio com admiraçaõ, e lhe reſpondera com o premio de altas dignidades, ſe a ſua Religioſa modeſtia o naõ obrigara a fugir entre os Eſtrangeiros das honras, e lugares, de que ja ſe livrara entre os naturaes, onde achando na vida.*

e na poſteridade as mayores eſtimaçoens ſaõ ainda inferiores às que tem entre as outras Naçoens, andando os ſeus eſcritos traduzidos, e venerados por todo o mundo Catholico com grande gloria do nome Portuguez. D. Emman. Caiet. de Souſ. in *Exped. Hiſp.* Tom. 2. pag. 1306. *Oratorum Princepſ.* Franco in *Synopſ. Annal. S. J. in Luſitan.* pag. 401. *Concionator Principum, et Princepſ ſuo tempore concionatorum vir nulla commendatione æquandus* Sor. Violante do Ceo Religioſa Dominica no Convento da Roſa de Lisboa, e celebre Poetiſſa lhe fez em ſeu applauſo a ſylva ſeguinte que eſtá nas *ſuas Rimas.* à pag. 74.

He voſſo entendimento
Felice ſuſpençaõ do penſamento
Voſſa doce elegancia
Cifra da mais perfeita conſonancia
Voſſa graça exceſſiva
A pedra de Cevar mais atractiva
Voſſo ſaber profundo
Portentoſo exemplar de todo o mundo
Voſſa agudeza rara
Dilicia do diſcurſo altiva, e clara
Voſſo eſtilo famoſo
Agradavel motivo do envejoſo
Emfim voſſo juiſo ſoberano
Credito do divino, honra do humano.
O' vivey para aſſombro das idades
Goſto das Mageſtades
Extaſis dos ſentidos
Prodigio dos nacidos
Exceſſo dos paſſados:
Vivey para motivo dos agrados
Objecto de louvores
Archivo de favores,
Compendio de excellencias
Vivey para modello de eloquencias
Thezouro de elegancias
E ſe minhas groſſeiras ignorancias
Tem ſido dilatadas
Deixa-as caſtigadas
Mas confeſſay doctiſſimo Vieyra
Que ſe ignorante ſou, ſou verdadeira

O ſeu Retrato ſahio aberto primoroſamente em huma lamina na Cidade de Bruxellas com eſte Epigraphe na parte inferior.

Vera effigies celeberrimi P. Antonij Vieyra è Societ, Jeſu Luſitanicorum Regum Concionatoris, et Concionatorum Principis quem dedit Luſitania mundo, Ulyſſipo Luſitaniæ, Societati Braſilia. Obiit Bahiæ prope nonagenarius die Julij 18. anni 1697. Quieſcit in Regio Collegij Bahienſis templo ubi ſepultus frequentiſſimo urbis concurſu æterno orbis deſiderio.

Deſte retrato ſe tiraraõ varias copias que ſahiraõ abertas em Roma, Veneza, e Barcelona com o meſmo epigraſe.

Cathalogo das Obras impreſſas.

Sermoens 1. Parte. Lisboa por Joaõ da Coſta. 1679. o 1. Sermaõ deſte tomo que he *da Dominga da Sexageſima* ſahio vertido em Italiano Neapoli per Luca Antonio Tuſco 1688. como tambem ſahio traduzido em Caſtelhano o *Sermaõ de Santo Ignacio de Loyola* que eſtà impreſſo no meſmo Tomo. Valencia por Nicolao Droget. 1680. 4.

Sermoens 2. Parte. Lisboa por Miguel Deſlandes. 1682. 4.

Sermoens 3. Parte Lisboa pelo meſmo Impreſſor 1683. 4.

Sermoens 4. Parte Lisboa pelo meſmo Impreſſor. 1685. 4.

Sermoens 5. Parte Lisboa pelo meſmo Impreſſor. 1689. 4.

Eſtes cinco Tomos ſahiraõ traduzidos em Latim pelos Monges da Cartuxa de Colonia com eſte titulo.

Admodum Reverendi P. Antonij Vieyræ è Societate JESU. regij in Luſitania Prædicatoris Sermones Selectiſſimi fæcunditate materiarum, Sublimitate, Subtilitate, et acumine conceptuum admirabiles. Pars. 1. Coloniæ Agripinæ apud Hermanum Demen. 1708. 4. *Pars.* 2. ibi apud eumdem Typograph. 1707. 4. *Pars.* 3. ibi 1707. 4. *Pars.* 4. ibi. 1707. *Pars.* 5. ibi 1708. 4.

Sermoens 6. Parte. Lisboa por Miguel Deſlandes 1690. 4.

Sermoens 7. Parte. Lisboa pelo meſmo Impreſſor 1692. 4.

Xavier dormindo, e Xavier acordado; dormindo em tres oraçoens Panegyricas no Triduo da ſua Feſta: Acordado em doze Sermoens Panegyricos, Moraes, e Aſceticos, os nove da ſua Novena, o Decimo da ſua Canonizaçaõ; o Undecimo do ſeu Dia, e o ultimo do ſeu Patrocinio. 8. *Parte* Lisboa por Miguel Deſlandes 1694. Sahio vertido na lingua Latina pelo P. Leopoldo Fuess da Companhia de JESUS com eſte titulo *Xaverius dormiens, et experrectus* Auguſt. vin-

dilicorum apud Joannem Cuſparum Bencard. 1704. 4. e na lingua Italiana pelo P. Antonio Maria Bonucci Jeſuita com o titulo *Il Saverio addormentato, e il Saverio Vegliante.* Venetia apreſſo Paulo Baglioni. 1712. 8. Deſta obra faz mençaõ o moderno Adicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leon Tom. 1. fol. 546. v.º no Apendix.

Maria Roſa Miſtica, excellencias, poderes, e maravilhas do ſeu Roſario compendiadas em trinta Sermoens aſceticos e panegyricos ſobre os dous Evangelhos deſta Solemnidade 1. *Parte.* Lisboa por Miguel Deſlandes. 1686. 4.

2. *Parte.* Lisboa na Officina Crasbeeckiana. 1688. 4.

Eſtas duas partes foraõ traduzidas na lingua Latina pelo Padre Leopoldo Fuess Confeſſor da Raynha D. Maria Sofia Izabel de Neoburg exceptos os cinco Sermoens vltimos que ſaõ traduzidos pelo P. Jacobo Boſchio, e ſahiraõ com eſte titulo.

Roſa Myſtica, ſive de excellentia, vi, et virtute admirabili ejus precatoriæ Coronæ vulgo Roſarij. Auguſtæ Vindic. apud Joan. Cuſparum Bencard. 1604. 4.

Tambem foraõ traduzidas eſtas duas Partes na lingua Caſtelhana pelo P. Lucas Sans Pregador delRey Catholico. Madrid. 1688. 4. 2. Tom. e na Italiana por Giovani Antonio Aſturi. Venetia. 1697. 4. 2. tom.

Sermoens 11. *Parte.* Lisboa por Miguel Deſlandes. 1696. 4.

Sermoens 12. *Parte.* Lisboa pelo dito Impreſſor. 1699. 4.

Palavra de Deos empenhada, e dezempenhada. Empenhada no Sermaõ das Exequias da Raynha N. Senhora D. Maria Franciſca Izabel de Saboya. Dezempenhada no Sermaõ de Acçaõ de graças pelo nacimento do Principe D. Joaõ Primogenito de ſuas Mageſtades, que Deos guarde, prégado o primeiro na Igreja da Mizericordia da Bahia em 11. *de Setembro de* 1684. *o ſegundo na Cathedral da meſma Cidade em* 16. *de Dezembro de* 1688. *Palavra do Prégador empenhada, e defendida: empenhada publicamente no Sermaõ de Acçaõ de graças pelo nacimento do Principe D. Joaõ Primogenito de Sua Mageſtade que Deos guarde. Defendida depois da ſua morte em hum diſcurſo apologetico offerecido ſecretamente à Raynha N. Senhora para alivio das ſaudades do meſmo Principe.* Lisboa por Miguel Deſlandes. 1690. 4.

Las cinco piedras de la Honda de David en cinco diſcurſos morales prédicados en Roma a la Reyna de Suecia Chriſtina Alexandra en lengua Italiana, y por el meſmo Autor traduzido en Caſtellano. Madrid por Jozé Fernandes de Buendia 1676. 4. et ibi por Antonio Gonçalves 1678. 4. Na lingua Italiana Roma preſſo Ignatio de Lazaris. 1676. 8. e com faculdade do Author ſahiraõ traduzidos na lingua Portugueza pelo Excellentiſſimo Conde da Ericeira D. Franciſco Xavier de Menezes no Tomo ſeguinte pag. 76.

Sermoens, e Varios Diſcurſos Tomo 14. Lisboa por Valentim da Coſta Deſlandes 1710. 4.

Sermaõ do primeiro dia de Janeiro prégado na Capella Real anno 1642. Lisboa por Domingos Lopez Roſa. 1642. et ibi por Lourenço de Anveres ſem anno da ediçaõ. 4. Coimbra por Thomé Carvalho 1671. e no Tom. 11. dos ſeus Sermoens pag. 399.

Sermaõ do Eſpozo da Mãy de Deos S. Jozé no dia dos annos delRey N. Senhor D. Joaõ o IV. na Capella Real. Lisboa por Domingos Lopez Roſa. 1644. 4. Coimbra por Thomé Carvalho Impreſſor da Univerſidade 1658. 4. e no Tom. 7. dos ſeus Sermoens a pag. 533.

Sermaõ de Santo Antonio na feſta, que ſe fez ao Santo na Igreja das Chagas de Lisboa aos. 14. *de Setembro de* 1642. *Tendo-ſe publicado as Cortes para o dia ſeguinte.* Lisboa por Domingos Lopes Roza 1645. 4. Coimbra pela Viuva de Manoel de Carvalho 1672. e no Tom. 11. dos ſeus Sermoens à pag. 344.

Sermaõ de S. Roque. Lisboa por Domingos Lopes Roza 1645. 4.

Sermaõ nas Exequias de D. Maria de Attayde filha dos Condes da Attouguia Dama do Palacio no Convento de S. Franciſco de Xabregas Nas Memorias Funebres, que ſe dedicaraõ a eſta Senhora. Lisboa na Officina Crasbeeckiana 1650. 4. onde eſtaõ 2. Epigrammas Latinos do meſmo Padre a eſte aſſumpto. Depois ſahio o Sermaõ. Lisboa por Domingos Lopes Roza. 1650. 4. Coimbra por Thomè de Carvalho Impreſſor

da Univerſidade 1658. 4. et ibi por Manoel de Carvalho. 1672. 4. e no Tom. 4. dos ſeus Sermoens à pag. 434.

Sermaõ de S. Joaõ Bautiſta na profiſſaõ da Senhora Maria da Cruz filha do Excellentiſſimo Duque de Medina Sidonia, Religioſa de S. Franciſco no Moſteiro de N. Senhora da Quietaçaõ das Flamengas em Alcantara. Lisboa por Domingos Lopes Roza. 1652. 4. Evora na Officina da Univerſidade 1659. 4. e no Tom. 5. dos ſeus Sermoens à pag. 533.

Sermaõ na Miſericordia da Bahia em dia da Viſitaçaõ da Senhora Orago da Caſa, prezente o Vice-Rey Marquez de Montalvaõ. Lisboa por Domingos Lopes Roza. 1655. 4. Coimbra por Thomé Carvalho Impreſſor da Univerſidade 1658. 4. e no Tom. 6. dos ſeus Sermoens à pag. 586.

Sermaõ Hiſtorico, e Panegyrico nos Annos da Rainha D. Maria Franciſca Izabel de Saboya. Lisboa por Joaõ da Coſta. 1668. 4. Foy traduzido na lingua Franceza pelo P. Antonio Verjus Jeſuita, e ſahio com eſte titulo.

Diſcours hiſtorique pour le jour dela Naiſſance dela Sereniſſime Reyne de Portugal où il eſt traité des grands èvenemens arrivés l' année derniere en ce Royaume là. Pariz chez Sebaſtien Mabre-Cramoyſi. 1669. 4. Declara o traductor que eſte diſcurſo ſahira vertido na lingua Italiana, e ſe imprimira em Roma onde mereceo os applauſos de todos os eruditos. Tambem ſe imprimio em Saragoça por Diego Iturbi 1668. 4. e no Tom. 14. dos ſeus Sermoens à pag. 1.

Sermaõ Gratulatorio, e Panegyrico na menhaã de dia de Reys ſendo prézente com toda a Corte o Principe N. Senhor ao Te Deum que ſe cantou na Capella Real em acçaõ de Graças pelo felice nacimento da Princeza Primogenita de que Deos fez merce a eſtes Reynos na madrugada do meſmo dia deſte anno de 1669. Evora na Officina da Univerſidade. 1669. 4. e no Tom. 12. dos ſeus Sermoens à pag. 170. Foy traduzido em Francez pelo P. Antonio Verjus Jeſuita, e ſahio com eſte titulo.

Diſcours de conjoviſſance ſur la Naiſſance del' Infante de Portugal prononce le jour meme de cette naiſſance devant toute la Cour de Portugal aſſemblèe dans la Chapelle Royale pour y chanter le Te Deum. Pariz chez Cramoyſi. 1671. 4.

Sermaõ do B. Stanislao Koska da Companhia de JESUS prégado na lingua Italiana em Roma na Igreja de Santo André de Monte Cavallo Noviciado da Companhia. Coimbra por Manoel de Carvalho 1672. 4. e no Tom. 11. dos ſeus Sermoens à pag. 250. Traduzido em Latim pelo Padre Jaquez Boſch Jeſuita Alemaõ. Cracoviæ ex Officina Schedeliana. 1676. 4. e em Italiano Roma por Lazaro Vareſe 1675. 8.

Sermaõ das Chagas de S. Franciſco prégado em Roma na Igreja da dita invocaçaõ, e vertido em Portuguez por Joaõ de Meſquita Arroyo. Lisboa por Miguel Maneſcal. 1673. 4. e no Tom. 12. dos ſeus Sermoens à pag. 341. Na lingua Italiana. Roma preſſo il Vareſe 1672. 4. Milano por Franciſco Vigone 1672. 4. e Roma com outros Sermoens por Michaele Hercules. 1668. e na lingua Caſtelhana por hum Mercenario Deſcalſo 1673. 4. ſem lugar da impreſſaõ.

Sermaõ nas Exequias da Rainha N. Senhora D. Maria Franciſca Izabel de Saboya na Miſericordia da Bahia em 11. *de Setembro de* 1684. Lisboa por Miguel Deſlandes. 1685. 4. e na *Palavra de Deos empenhada, e dezempenhada* à pag. 1.

O P. Luiz Vicente Mamiani della Rovere Jeſuita compoz hum Quareſmal dos Sermoens das Domingas, e Ferias da Quareſma, que achou diſperſos pelos doze Tomos dos Sermoens do P. Vieyra, e os traduzio, e publicou em Italiano com eſte titulo.

Prediche ſopra gli Evangelij della Quareſima del P. Antonio Vieira raccolte dá dodici tomi delle ſue Prediche in forma d' un Quareſimale. Roma por Jorge Placho. 1707. 2. Tom. 4.

Dos Sermoens Panegyricos, e Moraes do P. Vieyra fez huma traduçaõ Italiana o P. Anibale Adami Jeſuita, em duas Partes com o titulo ſeguinte.

Prediche del P. Antonio Vieyra dela Compagnia de Gieſu tradote in Italiano del P. Anibale Adami dela medeſima Compagnia Part. 1. Venetia preſſo Niculao Pezzana. 1707. 4. *Part.* 2. pelo meſmo Impreſſor, e anno 4. Bartholameo Santinelli traduzio varios Sermoens do P. Vieyra em Italiano, e ſahiraõ impreſſos Roma apreſſo Michaele Hercules 1663. 8.

Sermoens varios del P. Antonio Vieyra

Tom. 1. Madrid por Jozé Fernandes de Buendia 1662. 4.

Tom. 2. ibi pelo meſmo Impreſſor 1664. 4.

Tom. 3. ibi por Paulo de Val. 1678. 4.

Eſtes Sermoens traduzidos em Caſtelhano (como diz o P. Vieyra na Liſta que fez dos que correm impreſſos em diverſas linguas, e eſtá ao principio do 1. Tomo dos Seus Sermoens, que ſahio em Lisboa no anno de 1679.) ſaõ *totalmente alheos,* e *ſupoſtos,* e outros adulterados por cuja cauſa naõ merecem eſtimaçaõ.

Muito diferente foy a traducçaõ, que delles fez o Licenciado Luiz Ignacio Preſbytero Caſtelhano vertendo puramente do Portuguez no ſeu idioma todos os Sermões do P. Antonio Vieyra, que comprehendem os 14. Tomos da Impreſſaõ de Lisboa, e ſahiraõ em 21. de 8. perfeitamente impreſſos. O 1. e 2. Madrid por Manoel Ruiz de Murga. 1711. 3. ibi 1712. pelo dito Impreſſor. 4. 5. e 6. ibi pelo dito Impreſſor, e anno. 7. ibi por Aguſtin Fernandes 1712. 8. e 9. ibi por Manoel Ruiz de Murga 1712. 10. ibi pelo dito Impreſſor 1713. 11. e 12. ibi pelo meſmo Impreſſor, e anno. 13. ibi por Jozé Rodrigues, y Eſcobar Impreſſor delRey 1714. 14. ibi por Manoel Ruiz de Murga 1714. 15. 16. 17. ibi pelo dito Impreſſor, e anno 18. 19. 20. ibi pelo dito Impreſſor 1715. 21. ibi por Gabriel de Barrio 1715.

Ultimamente ſahiraõ traduſidos na meſma Lingua Caſtelhana em 4. Tomos de folha. Barcelona na Impreſſaõ de Maria Martî 1734.

No 1. Tomo principia pela vida do P. Antonio Vieyra elegantemente eſcrita com o ſeu Retrato, e comprehende todos os *Sermoens das Domingas, e Ferias Quareſmaes, e ſeis Sermoens do Mandato.*

No 2. *Sermoens de Chriſto Senhor Noſſo, e de Maria Santiſſima com* 15. *do Rozario.*

No 3. 48. *Sermoens de Santos.*

No 4. 15. *Sermoens do Rozario, varios Sermoens de aſſumptos eſpeciaes. Palavra de Deos empenhada, deſempenhada, y defendida. Hiſtoria do Futuro. Criſis da Reverenda Senhora D. Joanna Ignez da Cruz Religioſa de S. Jeronymo na Provincia do Mexico. Apologia contra eſta Criſis pela Madre Soror Margarida Ignacia Religioſa de Santo Agoſtinho no Convento de Santa Monica de Lisboa. Problema das lagrimas de Heraclito. Voz de Deos ao Mundo, a Portugal, e à Bahia.* Todas eſtas obras ſe comprehendem vertidas em Caſtelhano neſte 4. Tomo.

Hiſtoria do Futuro, Livro Antiprimeiro, Prologomeno a toda a Hiſtoria do Futuro, em que ſe declara o fim, e ſe provaõ os fundamentos della. Materia, verdade, e utilidades da Hiſtoria do Futuro. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ. 1718. 4. Sahio vertida em Caſtelhano. Barcelona na Impreſſaõ de Maria Martî 1735. fol.

Copia de huma Carta para ElRey Noſſo Senhor ſobre as Miſſoens do Searà, do Maranhaõ, do Parà, e do grande Rio das Amazonas ſendo o P. Vieira Superior dos Religioſos da Companhia naquella Conquiſta no anno de 1660. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira. 1660. 4. e no Tom. 14. dos ſeus Serm. a pag. 266.

Lagrymas de Heraclito defendidas, Filoſofo, que llorava ſiempre los ſuceſſos del mundo. Valencia. 1700. 4. no fim do livro intitulado *Varios eloquentes libros.* Eſte Problema dedicou D. Ignacio Paravizino a D. Gaſpar Mercader y de Cerbellon Conde de Cerbellon y Bunhol onde lhe diz. *El tan celebrado eruditiſſimo Padre Antonio Vieyra que juſtamente veneran los Pulpitos, y que haſta aora hizo bien conozido eſte empleo pudo manifeſtarſe glorioſamente competidor de ſi miſmo en el de letras humanas por la obſequioſa obediencia de aquella Mageſtad que quizo màs tener ſu cabeça baxo el Pie de S. Pedro, que coronada en Suecia: en cuya real prezencia y con aſſiſtencia de las màs eminentes Romanas Purpuras nò ſin grande aplauſo dixo loque con ſubtileza ſumma, y erudicion admirable manifieſta eſte prezente Problema.* Sahio na Lingua Italiana na qual o recitou o P. Vieyra em hum livro intitulado *Raccolta di alcuni Diſcorſi compoſti da alcuni Oratori de la Compagnia de Gieſu Deca* 1. Neapoli preſſo Felix Moſca. 1709. 12. e he o 5. diſcurſo. Ultimamente foy traduſido em Portuguez do Italiano pelo Excellentiſſimo Conde da Ericeira D. Franciſco Xavier de Menezes, e ſahio no Tom. 14. dos Sermoens, e diſcurſos varios do P. Vieyra a pag. 211. Lisboa por Valentim da Coſta Deslandes 1710. 4. e em Caſtelhano Bar-

celona na Officina de Maria Marti 1734. fol.

Cartas do P. Antonio Vieyra da Companhia de JESUS Tom. 1. Lisboa na Officina da Congregaçaõ do Oratorio 1735. 4.

Tom. 2. ibi na meſma Officina, e anno. 4.

Por deligencia do P. Andrè de Barros da Companhia de JESUS Academico da Academia Real ſahiraõ à luz publica com o titulo

Vozes ſaudoſas da eloquencia, do eſpirito, do zelo, e da eminente ſabedoria do P. Antonio Vieyra, &c. Lisboa por Miguel Rodrigues Impreſſor do Senhor Patriarcha 1736. 4. as obras ſeguintes

Relaçaõ da Miſſaõ da Serra de Ibiapaba.

Informaçaõ dada por ordem do Conſelho Ultramarino ſobre as couſas do Maranhaõ ao meſmo Conſelho. Feita em Lisboa a 31. de Julho de 1678.

Carta eſcrita ao Provincial do Braſil em que relata a cauſa porque deixou a Corte. Lisboa 24. *de Novembro de* 1652.

Voto ſobre as duvidas dos moradores de S. Paulo àcerca da adminiſtraçaõ dos Indios, eſcrito na Bahia a 12. *de Julho de* 1694.

Carta ao Sereniſſimo Rey D. Pedro II. eſcrita da Bahia ao 1. *de Junho de* 1691.

Carta ao Marquez de Gouvea. Bahia 23. *de Mayo de* 1682.

Proteſto feito à Camera, e mais Nobreza da Cidade de Bethlem do Parà para naõ ſerem expulſos daquella Conquiſta os Padres Miſſionarios da Companhia de JESUS.

Poema latino a huma Cuſtodia de cortiça primoroſamente fabricada pelo P. Sebaſtiaõ de Novaes da Companhia de JESUS. Começa

Quò me Muſa rapit? Longumque relictus Apollo
Extinctos iterum juvenes quos luſimus ignes,
Frigentemque ætate jubet recaleſcere flammam?

Carta eſcrita ao Sereniſſimo Rey de Portugal D. Affonſo VI. ſobre as couſas do Maranhaõ. Eſcrita a 20. *de Abril de* 1657.

Catalogo das obras M. S.

Clavis Prophetarum, ſive de regno Chriſti in terris conſummato. fol. Deſta obra fazendo mençaõ o Author no Prologo do 1. Tomo dos ſeus Sermoens diz. *Só ſentirei, que o tempo me falte para pór a ultima maõ aos quatro livros Latinos de regno Chriſti in terris conſummato, por outro nome Clavis Prophetarum em que ſe abre nova eſtrada à facil intelligencia dos Profetas, e tem ſido o mayor emprego dos meus eſtudos.* Eſte livro, que para ſua ultima perfeiçaõ lhe faltavaõ ainda ſeis mezes de trabalho, como affirmou ſeu meſmo Author, deo o Geral da Companhia Miguel Angelo Tamburino ao Excellentiſſimo Marquez de Fontes, depois de Abrantes, quando era Embaxador em Roma como ſatisfaçaõ das muitas obrigaçoens de que era crèdor à Companhia, conhecendo ſer o mais precioſo donativo para a eſtimaçaõ do Marquez, que muitas vezes ſe dignou de que eu o viſſe, e hoje ſe conſerva na ſua ſelectiſſima Livraria.

Prégador, e Ouvinte Chriſtaõ Deſta obra faz mençaõ no Prologo do 1. *Tom. dos ſeus Sermoens.*

Deſcripçaõ de Lisboa.

Epithalamio a Rainha D. Catherina de Inglaterra em 83. verſos Latinos.

Commentaria in Senecæ Tragedias.

Expoſitio litteralis, et moralis in lib. Joſue.

Expoſitio in Cantic. Canticorum Salomonis.

Aviſos para a morte.

Cartas annuaes da Provincia do Brazil.

Via Sacra por outra Via.

Emblemas moraes à Rainha D. Luiza Franciſca de Guſmaõ.

Tratado da obrigaçaõ de ſalvar as almas.

Politica do Diabo.

Sete Decimas Caſtelhanas ao javali que matou a Senhora Princeza D. Izabel.

Modo de governar os Indios no graõ Pará.

Cinco Sermoens de Tarde por cinco diluvios.

Ladainha de N. Senhora Commentada.

Promptuario Concionatorio 9. *Tom.*

Inſtrucçaõ, e repoſta ſobre o negocio de Napoles.

Formulario breve de todos os Actos com que em falta do Sacramento da Penitencia ſe póde huma alma pór em Graça de Deos. Eſta obra compoz naõ ſómente na lingua

Portugueza, mas em a geral dos Indios do Maranhaõ para que qualquer peſſoa em caſo de neceſſidade pudeſſe ſuprir a falta de Sacerdote.

Formulario para ſe adminiſtrar o Sacramento do Bautiſmo eſcrito pela forma do precedente.

Inſtrucçaõ como ſe devem haver os Miſſionarios com Deos, comſigo, e com os proximos. Foy approvada pelo Geral da Companhia Gozuvino Nikel ſem acrecentar, nem diminuir palavra alguma.

Diviſaõ do Continente do Maranhaõ, que ſe extende por mais de 600. *legoas deſde a Serra de Hyaporrá até o Rio dos Tapuyas em Colonias onde ſe criaſſem, e ſahiſſem os Miſſionarios.*

Parecer politico em que ſe impugna huma repoſta de Pedro Fernandes Monteiro Procurador da Fazenda em que concluia eſte Miniſtro, que naõ querendo os Olandezes vender Pernambuco nos convinha mais a guerra, que a paz. He chamada eſta impugnaçaõ o *Papel forte.*

Memorias em que com o titulo de duas Certidoens reſume os ſerviços que em 38. *annos fez à Coroa de Portugal para o requerimento de ſeu Sobrinho Gonçalo Ravaſco Cavalcante, e Albuquerque Secretario de Eſtado do Brazil.*

Parecer ſobre as couſas do Brazil a 14. *de Março de* 1647.

Informaçaõ do modo com que foraõ tomados, e ſentenciados por cativos os Indios do anno de 1655. Conſta de quatorze Capitulos com grandes advertencias.

Eſperanças de Portugal Quinto Imperio do mundo 1. *e* 2. *vida delRey D. Joaõ o IV. eſcritas por Gonçalo Annes Bandarra com hum largo Commento remetido ao Biſpo do Japaõ o P. André Fernandes em* 29. *de Abril de* 1659.

Defeza do Livro intitulado Quinto Imperio que he a ſegunda Apologia do livro Clavis Prophetarum.

Papel feito por ordem da Rainha D. Luiza Franciſca de Guſmaõ na menoridade de ſeu filho ElRey D. Affonſo VI. para ſe ler ao meſmo Principe na prezença dos Tribunaes do Reyno.

Parecer que de França mandou a ElRey D. Joaõ o IV. Começa. *A eſtas partes de França.*

Papel politico a ElRey D. Pedro II. na occaſiaõ que ſe convocaraõ Cortes para ſe lançar hum tributo nos povos que ſerviſſe de dezempenhar o Reyno eſcrito em nome dos Ruſticos da Serra da Eſtrella. Começa. *Se parecer ouzadia quererem os Serranos veſtir trage de Conſelheiros.*

Deſengano Catholico ſobre o negocio da Naçaõ Hebrea. Começa. *He certo que os Chriſtaõs novos deſcendentes de ſangue Hebreo.*

Papel offerecido ao Sereniſſimo Rey D. Joaõ o IV. em que ſe moſtra ſer conveniente para os augmentos do Reyno conſervar-ſe nelle a gente da Naçaõ. Começa. *Ainda que a particular Providencia &c.*

Repoſta feita a ElRey D. Joaõ o IV. a favor da Gente da Naçaõ Começa. *Huma das mais aſſinaladas merces. &c.*

Papel proclamatorio ao Summo Pontifice Innocencio X. na occaſiaõ que a Gente da Naçaõ conſeguio Breve para ſe avocarem a Roma certos proceſſos do Santo Officio que ſe duvida remeter. Começa. *Muito perturbada ſe acha a Corte, e Reyno de Portugal.*

Papel em defenſa da Gente da Naçaõ, e a favor do Diſcurſo que intentava ter com Sua Santidade ſobre a pretençaõ da nova mudança dos eſtilos do Santo Officio offerecido ao Sereniſſimo Principe D. Pedro. Começa. *Jà que V. A. ouve a quem taõ licencioſamente falla.*

Apologias Latinas 1. *e* 2. *Part.*

Varios Verſos Latinos, e vulgares.

Fr. ANTONIO VIEYRA natural de Lisboa filho de Gaſpar Vieyra, e Maria de Oliveira, Religioſo Trino cujo habito recebeo no Convento da ſua patria a 29. de Novembro de 1643. Foy taõ obſervante profeſſor das obrigações do ſeu Inſtituto como dos preceitos da Muſica ſendo hum dos mais celebres tangedores de Orgaõ, que admirou o ſeu tempo. Exercitou por muitos annos no Convento deſta Corte o lugar de Vigario do Coro onde morreo a 27. de Janeiro de 1707. com 80. annos de idade, e 63. de Religiaõ. Deixou Compoſtas.

Diverças obras de Orgaõ para os Tangedores deſte inſtrumento. fol M. S.

ANTONIO VIEGAS profeſſor de Direito Ceſareo na Univerſidade de Coimbra, nella Lente da meſma Faculdade para moſtrar que naõ era menos verſado na Juriſprudencia pratica, que eſpeculativa Compoz.

Remiſſiones in lib. IV. Ordinat. Regiar. M. S. fol. conſervava-ſe na Bib. do Cardial de Souſa.

Fr. ANTONIO VIGO natural da Villa de Abrantes do Biſpado da Guarda, Religioſo da Militar Ordem de Noſſa Senhora da Merce, cujo habito recebeo em Caſtella, e pelas ſuas grandes letras foy Decano da Univerſidade de Sevilha, e Confeſſor de D. Affonſo de Alencaſtre Marquez de Porto Seguro. Compoz.

De modo orandi. M. S.

ANTONIO DE VILLAS BOAS, E SAMPAYO filho primogenito de Diogo de Villas boas Caminha, e naõ Queimado como eſcreveo o P. D. Antonio Caetano de Souſa no *Apparat. à Hiſt. Geneal. da Caſa Real Portug.* pag. 140. §. 165. e de D. Anna de Carvalho, e Sampayo. Naceo a 27. de Agoſto de 1629. na Quinta de Fareja termo da Villa de Guimaraens. Depois de eſtudar as primeiras letras, e Filoſofia na Cidade de Braga ainda que era ſuceſſor do antigo Solar do Paço de Villas boas conſervado há muitos Seculos na ſua familia impellido da inclinaçaõ ao eſtudo das ſciencias, paſſou à Univerſidade de Coimbra, e applicando-ſe ao Direito Ceſareo recebeo o gráo de Bacharel neſta faculdade. Servio os lugares de Juiz de Fora da Villa de Conde, Cidade de Viſeu, Corregedor da Torre de Moncorvo, Provedor de Coimbra até que foy provido em Dezembargador da Relaçaõ do Porto de que tomou poſſe no 1. de Fevereiro de 1689. Em taõ diverſas Judicaturas ſempre ſe veneraraõ unidas, na ſua peſſoa a vaſta noticia de ambos os Direitos com a incorrupta inteireza, e ſumma gravidade digna de hum Senador. Entre as ſeveras occupaçoens de Miniſtro nunca interrompeo a liçaõ das letras humanas exercitando com felicidade a Poeſia Latina, e vulgar, de que ſaõ teſtemunhas muitas obras, que ainda exiſtem. Foy eſtudioſo da Genealogia, mas de tal ſorte uzou della, que ſempre contribuhio para credito, e naõ infamia das Familias. Caſou com D. Maria Ferraz de Almeida filha de Balthazar de Faria Machado, e de ſua mulher D. Magdalena Pereira de quem teve a Diogo de Villasboas, e Sampayo Capitaõ mór de Barcellos, e Governador do Caſtello de Villa do Conde, e Balthazar de Faria, e Villasboas Doutor em Canones, Inquiſidor Apoſtolico da Inquiſiçaõ de Coimbra, Pedro de Villasboas, e Sampayo Doutor em Leys Lente na Univerſidade de Coimbra, Deputado do Santo Officio, Dezembargador da Relaçaõ do Porto, e da Caſa da Supplicaçaõ, Collegial do Collegio de S. Pedro, os quaes ambos ſaõ prezentemente Prelados da Santa Igreja Patriarchal, de que tomaraõ poſſe a 16. de Mayo de 1739. e a D. Joſepha Franciſca Tereza Religioſa no Convento de S. Bento de Barcellos. Morreo a 26. de Novembro de 1701. na Villa de Barcellos,quando contava 82. annos de idade, foy ſepultado como determinara em ſeu Teſtamento na Capella de S. Joſeph, que elle edificara na ſua quinta do Paço de Villasboas, antepondo para ſeu jazigo eſte lugar ao ſepulchro dos ſeus aſcendentes, que eſtà em o Moſteiro de Villar de Frades. Ordenou, que ſe lhe naõ eſcreveſſe epitafio na ſepultura, mas a hum lado da Capella onde jaz o ſeu corpo, tem gravado eſtes verſos.

Qui tibi puſillum dicat, Joſephe, ſacellum,
Cælum pro dono, te auxiliante petit:
Et ſi magna petit parvo pro munere, noſcit
Eſſe nihil quod dat, quod petit omne putat.

Fazem delle memoria D. Rafael Blut. no *Catal. dos Authores Portug.* impreſſo ao principio do 1. Tom. do *Vocabul. Portug. e Latin.* o P. Antonio Carvalho da *Corog. Portug.* Tom. 1. Trat. 5. cap. 3. pag. 318. e o Padre D. Antonio Caetano de Souſa no lugar aſſima citado. Compoz.

Nobiliarchia Portugueza Tratado da Nobreza hereditaria, e politica. Lisboa por Franciſco Villela 1676. 4. & ibi por Filippe de Souſa Villela. 1708. 4. et ibi na Officina Ferreyriana 1727. 4.

Para celebrar o monte de Ayró (do qual trata Fr. Pedro Poyares no *Trat. Paneg. de Villa de Barcellos* cap. 27. pag. 67. que eſta viſinho ao referido ſolar de Villas-Boas de cujo ſitio goſtava ſummamente por ſer

muito ameno compoz, e imprimio com o ſupoſto nome de Joaõ Martins.

Auto da Lavradora de Ayrò. Coimbra por Jozé Ferreira. 1678. 4.

No qual com engenhoſa fabula em verſo Portuguez refere os amores de certo Paſtor, e a ſua transformaçaõ em o monte Ayrò, e a converſaõ da amada Nimfa, em a fonte da Virtude, da qual elle ſe lembra em a *Nobiliar. Portug.* cap. 9. pag. 93.

Traduzio de Italiano em Portuguez ſem declarar o ſeu nome.

Arte de bem morrer, induſtrias para fazer huma boa morte. Coimbra por Jozé Ferreira 1685. 8. cuja obra dedicou o Impreſſor à D. Maria Ferraz de Almeyda mulher do Traductor.

El baxel de Cupido navegacion entretenida de Roberto, y Cinthia. M. S. Conſta de tres novellas em proſa, e verſo que eſtavaõ com as licenças promptas para a impreſſaõ; mas reparando com mayor reflexaõ em ſer eſta obra ideada na ſua adoleſcencia, e como tal indigna da madureza dos annos que contava, a reduzio a pedaços.

Saudades de Lisboa na auzencia da Senhora D. Catherina Rainha da Gráa Bretanha. Poema heróico *M. S.* de que elle repete a Outava 89. em a *Nob. Portug.* cap. 5. pag. 41.

Genealogias de muitas Familias illuſtres, e nobres deſte Reyno. M. S. que ſe conſervaõ em poder de ſeus filhos.

Fr. ANTONIO DA VISITAÇAM natural da Cidade do Funchal Capital da Ilha da Madeira. Recebeo o Habito Carmelitano no Convento de Evora a 13. de Abril de 1568. onde enſinou por muitos annos a lingua Latina aos ſeus domeſticos por ſer antes de entrar na Religiaõ muito perito neſte idioma. Foy ornado de muitas virtudes pelas quaes mereceo ſer eleito em 18. de Outubro de 1584. Meſtre dos Noviços, e de tal modo educou eſtas novas plantas que tres vezes exercitou eſte miniſterio temperando o rigor com a brandura, e a ſeveridade com a clemencia. Copioſo foy o fruto que colheo com os ſeus Sermoens pois além das Eſcrituras, e Padres com que os illuſtrava lhes infundia com o ſeu eſpirito tal efficacia que reduſia os peccadores ao caminho da penitencia. Foy Prior do Convento de Collares, e fundador do que tem a Provincia na Villa de Setubal. Cheyo de virtuoſas obras partio a alcançar o premio dellas no Convento de Lisboa a 13. de Mayo de 1606. quando contava 60. annos de idade. Compoz.

Oraçoens, e Poemas elegantiſſimos os quaes vio Jorge Cardozo como teſtifica no *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 237. no Commentar. de 13. de Mayo letr. G. dizendo Serẽ *cheyos de mui ſolida doctrina, e eſpirito,* e o Author, *hum dos mayores Latinos, humaniſtas, e Poetas, que teve eſta Provincia.* Semelhante elogio lhe fazem Antonio Carvalho da Coſta *Corog. Portug.* Tom. 3. liv. 2. Trat. 8. cap. 47. pag. 626. e Fr. Manoel de Sá nas *Mem. Hiſtor. da Ordem do Carmo da Provinc. de Portugal* Part. 1. liv. 4. cap. 9. pag. 363.

Fr. ANTONIO DA VISITAÇAM Naceo na Villa de Setuval, ſendo ſeus Pays Joaõ Fero, e Beatriz Gomes, e na idade juvenil abraçou o Inſtituto da Ordem dos Prégadores, que ſolemnemente profeſſou no Real Convento de Lisboa a 2. de Fevereiro de 1581. Paſſou à India, e por muitos annos reſidio no Convento de Goa lendo Theologia aos ſeus Companheiros. A ſua prudencia o fez digno de exercitar os lugares de Vigario de Malaca, e das Chriſtãndades do Sul até que foy duas vezes Prior do Convento de Santo Thomaz de Goa, e Prégador Geral, naõ querendo aceitar o gráo de Preſentado na Ordem por naõ ter lido os annos que diſpoem os Eſtatutos. Occupou o lugar de Deputado da Inquiſiçaõ de Goa de que tomou poſſe em 7. de Janeiro de 1605. que adminiſtrou com grande zelo. Entre outras heroicas virtudes em que foy eminente as quaes elegantemente deſcrevem Fr. Luiz de Souſa na *Hiſt. de S. Domingos da Prov. de Portug.* Part. 3. liv. 4. cap. 11. e Echard in *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. pag. 384. conſervou a pureza virginal até a morte cuja hora ſendo por elle pronoſticada paſſou a melhor vida a 16. de Fevereiro de 1613. Eſcreveo.

Relaçaõ das Chriſtandades de Solor. Deſta obra fazem mençaõ Souza, e Echard aſſima allegados Fr. Pedro Monteiro no *Clauſt. Domin.* Tom. 3. pag. 167. Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 1. pag. 290. no Com-

ment. de 30. de Janeiro let. F. chamandolhe por equivocaçaõ *Fr. Antonio da Prezentaçaõ* e Fontan. in *Monum. Dominic.* pag. 573. col. 1. *Bib. Orient.* novamente acrecentada Tom. 1. Tit. 3. col. 83.

Fr. APPARICIO DE SANTO ANTONIO natural de Lisboa. Foy admitido ao auſtero Habito da Provincia da Arrabida, onde pela capacidade de que era dotado exercitou muitas vezes o lugar de Guardiaõ, e por duas Definidor da Provincia em cujos miniſterios todo o ſeu diſvelo conſiſtia em conſervar o primitivo rigor da Regra Serafica. A mayor parte do tempo, que lhe reſtava das occupaçoens da Communidade, ſe abſtrahia da communicaçaõ naõ ſómente dos Seculares, mas ainda dos ſeus meſmos Religioſos, e o gaſtava na contemplaçaõ dos bens Celeſtiaes. Naõ lhe cauſava impedimento o grande numero de annos para naõ exercitar rigoroſas penitencias ſendo mais exceſſivas hum anno antes da ſua morte que ſucedeo no Hoſpital de Lisboa a 20. de Outubro de 1613. Foy ſepultado no Convento de S. Franciſco da Cidade. Como era muito applicado à intelligencia das Rubricas do Breviario, e Miſſal Romano conſultando as duvidas que nelles podiaõ occorrer naõ ſómente nos Authores, que dellas eſcreveraõ, mas as peſſoas mais doutas neſta materia, compoz para inſtrucçaõ dos Sacerdotes, e Acolytos.

Ceremonial do Coro, e do Altar M. S. Naõ o deixou imprimir (Saõ palavras do moderno Chroniſta da Provincia da Arrabida Fr. Antonio da Piedade Part. 1. liv. 5. cap. 11. n. 1120.) *a noſſa pobreza, copiou-ſe com tudo em varios treslados que ſe repartiraõ pelos Conventos, e por elles ſe governaraõ os Frades.*

Taboas dos Capitulos, e Congregaçoens que ſe celebráraõ na Provincia. Eſta obra deſapareceu como affirma o dito Chroniſta, e da primeira faz mençaõ Fr. Joan. à D. Ant. in *Bib. Franciſc.* Tom. 1. pag. 135.

Fr. ANTONIO DE SANTA URSULA natural de Lisboa filho de Franciſco Gonçalves, e Domingas Franciſca, e Irmaõ do Doutor Luiz Gonçalves Pinheiro de que em ſeu lugar ſe farà mençaõ. Recebeo o Habito de Agoſtinho Deſcalço no Convento do Monte Olivete Cabeça deſta Congregaçaõ a 19. de Outubro de 1710. onde profeſſou a 25. do dito mez do anno ſeguinte. Foy Subprior no Convento de N. Senhora da Boa Hora deſta Corte, e Prior do Convento da Aſſumpçaõ do lugar da Sobreda eleito em o anno de 1731. Tem feliz talento para o Pulpito de que he argumento a obra ſeguinte.

Sermaõ do Preclariſſimo, e Adorado Patriarcha, Luz, e Doutor eximio da Igreja Santo Ageſtinho. Lisboa por Pedro Ferreira Impreſſor da Sereniſſima Rainha Noſſa Senhora 1732. 4.

V. D. APPOLLINARIO DE ALMEYDA. Naceo na Cidade de Lisboa a 22. de Julho de 1587. e foraõ ſeus Pays Joaõ Gomes de Coimbra, Fidalgo Cavalleiro, e Maria George de Almeida, cujos oſſos jazem na Viaſacra da parte do Evangelho do Collegio de Santo Antaõ. Na pueril idade de cinco annos ainda ignorando ler, e eſcrever debuxou com admiravel perfeiçaõ o ſeu nome no frontiſpicio de hum livro. Como lhe amanheceo taõ antecipadamente o uſo da razaõ naõ cauſou grande eſpanto, que no eſpaço de tres annos aprendeſſe naõ ſómente os primeiros rudimentos, mas tocaſſe com deſtreza varios inſtrumentos. Applicouſe ao eſtudo da Lingua Latina no Collegio de Santo Antaõ dos Padres Jeſuitas onde atrahidos os Meſtres da agudeza do engenho, felicidade da memoria, candura de animo, e modeſtia do ſemblante com que ſe fazia a todos ſummamente amavel o receberaõ na Companhia a 5. de Novembro de 1601. Depois de eſtudar as letras humanas em Evora as enſinou por ſeis annos na meſma Univerſidade, e na de Coimbra Rhetorica recitando por tres annos continuos a Oraçaõ da Rainha Santa Izabel na Lingua Latina com applauſo de todos os Academicos, pois poſſuhia em gràо ſublime todas as partes, que conſtituem hum conſummado Orador naõ ſendo menos inſigne Poeta. Enſinou Filoſofia em Lisboa, e na Univerſidade de Evora Eſcritura, em cuja Cadeira ſubſtituhio ao Patriarcha Affonſo Mendes, como depois de graduado Doutor em Theologia a 19. de Junho de 1624. Sendo nomeado Biſpo de Nicea lhe ſuccedeo

na Dignidade Patriarchal. Foy Sagrado no Collegio de Evora pelo ſeu Arcebiſpo D. Jozè de Mello, e paſſando a Lisboa exercitava na Caſa Profeſſa de S. Roque os miniſterios de Religioſo ſem que lhe alteraſſe eſte virtuoſo coſtume a dignidade a que eſtava ſublimado. Tanto que chegou occaſiaõ oportuna partio para a India com huma eſquadra de quarenta Soldados da Companhia de JESUS no anno de 1629. em a Nào Sacramento em que hia embarcado o Conde de Linhares D. Miguel de Noronha com o lugar de Vice-Rey do Eſtado. Chegando a Goa, como todo o ſeu cuidado era entrar na Etiopia poſto que quebrantado com jornada taõ prolongada ſe preparou no breve eſpaço de hum mez para outra naõ menos perigoſa na qual depois de padecer varios infortunios chegou à Corte de Etiopia a 10. de Agoſto de 1630. que era o deſejado termo das ſuas ancias. Favorecido do Emperador Sultaõ Segued começou a trabalhar na reducçaõ dos Sciſmaticos quando por morte deſte Principe ſuccedeo no Trono Imperial ſeu filho Faciladas acerrimo inimigo dos dogmas da Igreja Romana mandando com cego furor expulſallo da Etiopia por temer, que com a ſua aſſiſtencia ſe extinguiria a falſa crença da Igreja de Alexandria, de cujos erros era obſtinado ſequaz. Naõ cedeu a conſtancia do ſeu apoſtolico peito à violencia deſta ordem fulminada pela colera do Emperador, antes para naõ deſemparar as ſuas ovelhas vivia occulto na eſpeſſura dos matos onde pelo eſpaço de alguns mezes tolerou com heroico valor moleſtias ſuperiores à humanidade. Sabendo o Emperador, que o Varaõ Apoſtolico reſidia em Tigrè eſcreveo ao ſeu Vice-Rey Barhanagais, que o remeteſſe prezo por naõ ter ſahido do Imperio, ou que o entregaſſe aos Turcos de Maçuâ, prometendo-lhe grandes donativos ſe promptamente executaſſe o que lhe ordenava. Rendido o barbaro com a ambiçaõ das promeſſas entregou contra as leys da hoſpitalidade ao Veneravel Biſpo com ſeus dous Companheiros os Padres Franciſco Rodrigues, e Jacinto Franciſco, e depois de tolerar muitos ludibrios foy ſuſpenſo no patibulo no lugar de Oinadegà, e oprimido de hum diluvio de pedras tiradas pelo furor do povo voou o ſeu eſpirito a coroar-ſe na eternidade com o triplicado diadema de Doutor, Virgem, e Martyr a 9. de Junho de 1638. em cujo genero de morte lhe foraõ companheiros aquelles dous Heroes, que o tinhaõ ſido nos ſeus apoſtolicos trabalhos por toda a vida. Fazem illuſtre memoria deſte inſigne Prelado Cardoſo no *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 603. e no Cõmentr. de 9. de Junho letr. F. Telles *Hiſt. da Etiop. Alt.* Liv. 6. cap. 28. e 29. Nadaſi *Ann. dier. memor. S. J.* p. 177. Franco *Imag. da Virtud. do Nov. de Evor.* Liv. 2. cap. 12. 13. 14. e 15. e no *Ann. Glorioſ. S. J. in Luſit.* pag. 327. Tanner *Societ Jeſ. uſque ad ſang. & vit. profuſ. militans* pag. 197. P. D. Manoel Caet. de Souſ. Cathal. *Hiſt. dos Arc. e Biſp. Portug. que tiveraõ Dioceſe fóra do Reyno.* pag. 119.

Imprimio

Sermaõ na feſta, e demonſtraçaõ de alegria, que fez a Naçaõ Franceza reſidente na Cidade de Lisboa pela tomada de Arrochella, e glorioſa Victoria delRey Chriſtianiſſimo Luiz XIII. o Juſto prègado aos 17. de Dezembro de 1628. Lisboa por Matheus Pinheiro. 1629. 4.

Eſcreveo varias cartas da Etiopia das quaes huma eſcrita de Tigrè em 15. de Julho de 1636. para o Duque de Bragança D. Joaõ, que depois ſubio ao Trono de Portugal, eſtà impreſſa no Tom. 3. do *Agiol. Luſit.* pag. 612. Começa

Senhor. Deſde o anno de 1629. atè o preſente ſempre eſcrevi a V. Excellenſſia

Vida do P. Franciſco de Mendoça a qual conſtava de trinta e duas paginas de folha, acabada em Evora a 2. de Setembro de 1626. e a conſervava em ſeu poder o P. Manoel Fernandes Confeſſor delRey D. Pedro II.

Elogium Joannis III. o qual eſcrito da ſua mão o tinha o P. Franciſco da Cruz, como eſcreve nas Memorias M. S. para a Bib. Portug.

Orationes tres in Laudem Sanctæ Eliſabethæ Portugalliæ Reginæ. Conſervaõ-ſe no Archivo do Collegio de Coimbra dos Padres Jeſuitas.

Fr. APPOLLINARIO DA CONCEIÇAM natural de Lisboa onde naceo a 23. de Julho de 1692. ſendo ſeus Pays Domingos Alvares da Rocha, e Maria Leytoa. Ainda naõ tinha completos treze annos de

idade quando deixando a patria navegou para o Rio de Janeiro, e atrahido da ſevera observancia dos Religioſos da Provincia da Immaculada Conceiçaõ recebeo o Habito Serafico no Convento da Cidade de S. Paulo a 3. de Setembro de 1711. cujo Inſtituto profeſſou no humilde Eſtado de Leygo. Em atençaõ do ſummo cuidado com que exercitou os miniſterios domeſticos, que lhe deſtinara a obediencia, foy eleyto Procurador Geral do Convento do Rio de Janeiro Cabeça de toda a Provincia cujo lugar naõ ſómente adminiſtrou naquella Cidade, mas neſta Corte onde agora aſſiſte com louvavel recomendaçaõ do ſeu religioſo procedimento. Poſto que profeſſou o Eſtado de Leygo recuſando com profunda humildade o de Sacerdote ao qual o queriaõ promover os ſeus Prèlados, todo o ſeu diſvello, e applicaçaõ foy dedicarſe à liçaõ dos livros, e alcançar varias noticias em obſequio da ſua Religiaõ de cujos Annaes, e Chronicas he ſummamente verſado eſcrevendo com eſtilo claro, e corrente diverſas obras naõ lhe ſervindo de obſtaculo para empreza taõ laborioſa as largas jornadas, que tem feito naõ ſómente por grande parte da America, mas a Roma, e Madrid duas vezes merecendo mayor louvor eſta ſua incanſavel applicaçaõ por naõ ſer Profeſſor de Letras, em premio da qual o nomeou Chroniſta da ſua Provincia o Reverendiſſimo Geral Fr. Joaõ Bermejo em o 1. de Junho de 1740. cuja eleyçaõ confirmou a 10. do dito mez, e anno ſeu Succeſſor Fr. Caetano Laurino. Fazem mençaõ da ſua peſſoa Fr. Joan. à D. Antonio *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 135. Fr. Joaõ Bautiſta *Paraiſo Serafico na Terra Sant.* Liv. 8. c. 3. n. 48. *Chron. da Provincia da Conceiçaõ de Caſtel.* 1. part. liv. 1. n. 2. Publicou.

Pequenos na Terra, Grandes no Ceo. Memorias Hiſtoricas dos Religioſos da Ordem Serafica, que do humilde Eſtado de Leygos ſubiraõ ao mais alto grào de perfeiçaõ. Part. 1. Lisboa na Officina da Muſica. 1732. fol.

Pequenos na Terra, &c. Part. 2. ibi na meſma Officina. 1735. fol.

Pequenos na Terra, &c. Part. 3. ibi na meſma Officina 1738. fol.

Primazia Serafica na Regiaõ da America. Novo deſcubrimento de Santos, e Veneraveis Religioſos da Ordem Serafica que ennobrecem o novo mundo com ſuas virtudes, e açoens. Lisboa por Antonio de Souſa da Sylva. 1733. 4.

Seculos da Religiaõ Serafica Brilhante em todos com ſeus Religioſos Leygos dos quaes ſe poem huns illuſtrados com o dom da ſciencia, de outros ſe apontaõ os eſcritos, dos Canonizados, e Beatificados os nomes, e de muitos varios apothemas eſpirituaes, e doutrinaes. Lisboa por Antonio Iſidoro da Fonſeca. 1736. 8.

Viagem devota, e feliz em que os Navegantes exercendo algumas devoçoens, e diſcorrendo em couſas eſpirituaes, que abonaraõ com varios exemplos diſtribuyaõ o tempo o que tudo ſe manifeſta em Dialogos. Lisboa por Theotonio Antunes de Lima. 1737. 12.

Clauſtro Franciſcano erecto no dominio da Coroa Portugueza, e eſtabelicido ſobre dezeſeis colunas, expoemſe ſua Origem, e eſtado prezente, e de ſeus Conventos e Moſteiros, annos de ſua Fundaçaõ, numero de Hoſpicios, Preſecturas, Recolhimẽtos, Parrochias, e Miſoens, dos quais ſe dà individual noticia, e do numero de ſeus Religioſos, Religioſas Terceiros, e Terceiras que vivem Collegiadamente tanto em Portugal, como em ſuas Conquiſtas. Lisboa por Antonio Iſidoro da Fonſeca 1740. 4.

Inſtruçoens para os que deixando o mundo procuraõ o Ceo pelo caminho dos Frades Menores ás quaes ſe dá principio com a Regra, vida, e Teſtamento de N. Serafico Padre S. Franciſco. Lisboa por Domingos Gonçalves 1740. 32. Sahio ſem o ſeu nome.

Obras *M. S.*

Louvores divinos diſtribuidos nos ſete dias da Semana em que ſe deſcrevem varios exercicios para utilidade das almas devotas extrahidas de outras obras eſpirituaes compoſta no anno de 1714.

Novenario nas Feſtividades de alguns Santos, e Conceiçaõ de N. Senhora traduzido dos idiomas Italiano, e Eſpanhol no anno de 1716.

Guia de Acolitos, e practica das cerimonias, que devem fazer tanto nas Miſſas, como nos mais actos da Communidade da noſſa Santa Provincia, recopilado do Cerimonial de que uza a meſma Provincia.

Epitome do que em breve ſumma contem a

Santa Provincia de N. Senhora da Conceiçaõ do Rio de Janeiro em o Eſtado do Braſil. No anno de 1730.

Recordaçoens de huma amoroſa Mãy a Santa Provincia Capucha da immaculada Conceiçaõ do Rio de Janeiro feita a ſeus queridos filhos em abono do que tanto a tem acreditado o M.R.P.Fr. Fernando de Santo Antonio exleytor de Theologia, Provincial, que foy da meſma Provincia, Definidor Geral de toda a Ordem Serafica, e ſeu univerſal Penitenciario, Examinador das tres Ordens Militares, e Qualificador do Santo Officio no anno de 1736.

Excellencias do Santiſſimo Nome de MARIA, e devoçaõ ao meſmo dulciſſimo Nome diſcorrendo por cada huma das cinco letras que comprehende. Eſte Livro ſendo mandado do Brazil a Lisboa para ſe imprimir, naõ appareceo.

Pequenos na Terra, e grandes no Ceo. 4. *Parte* na qual acaba a noticia de dous mil ſervos de Deos entre Santos Canonizados, Beatificados, e Veneraveis da Ordem Serafica, e de profiſſaõ Leygos.

Fr. APPOLLINARIO DE JESU Naceo em Lisboa ſendo ſeus Pays Manoel Pirez, e Anna Dias. Deixou a Patria, e no Convento de Roma de S. Nicolao Tolentino recebeo o habito de Agoſtinho Deſcalço a 6. de Mayo de 1612. quando contava vinte annos de idade mudando o nome de Antonio, que lhe fora impoſto no bautiſmo pelo de Appollinario. Era inſigne Letrado antes de ſer Religioſo, e vendo que os ſeus domeſticos para ſerem novamente inſtruidos buſcavaõ fora dos ſeus Clauſtros Meſtres, que os enſinaſſem ſe offereceo ao Prelado com toda a modeſtia para eſte miniſterio que exercitou com admiraçaõ dos mayores talentos da Curia, como claramente ſe vio quando preſidindo a humas Concluſoens que ſuſtentava Fr. Ignacio de Santa Maria de quem em ſeu lugar ſe farà memoria, reſpondeo com tal ſubtileza a hum argumento que lhe propoz o inſigne Varaõ Fr. Joaõ de Cartagena gloria da familia Serafica, que admirado rompeo o Cardial Bellarmino Oraculo naquelle tempo do Collegio Apoſtolico que eſtava prezente a eſte acto neſtas palavras *O digna plane Auguſtini Doctoris eximij arboris planta perpulchra litterarum Patris veſtigia ſequens à Domino ſemper, et iterum patrocinio ſuffragari videbitur.* Aſſim como teve a fortuna de ſer o 1. Meſtre de toda a Congregaçaõ de Italia a alcançou igual nos famoſos diſcipulos, que ſahiraõ da ſua Eſcola. Foy Preſidente do Capitulo celebrado em Roma a 4. de Mayo de 1618. e nelle eleito primeiro Definidor exercitando o meſmo lugar no Capitulo celebrado em 3. de Mayo de 1625. Armouſe contra o ſeu exemplar procedimento a malevolencia com o pretexto de obſervancia por cuja cauza eſteve prezo por Ordem do Comiſſario Geral de Sicilia Fr. Fulgencio de Santo Agoſtinho em o Convento de S. Domingos de Palermo onde piamente morreo a 12. de Novembro de 1631. Foy de aſpecto grave, parco no falar, continuo na Oraçaõ, obſervante das Conſtituiçoens, e ultimamente declarado inocente por confiſſaõ de quem iniquamente o ofendeo. Compoz.

Conſtituiçoens para o governo eſpiritual da Congregaçaõ de Italia dos Agoſtinhos Deſcalços. Roma na Impreſſaõ da Camara Apoſtolica. 1732. 8. e Milaõ 1677. O original ſe conſerva no Convento Romano de JESU MARIA.

De Primatu Eccleſiæ Romanæ M. S. cuja obra eſtava prompta para a Impreſſaõ, que naõ ſe efeituou por lho impedir a morte.

S. APRIGIO Biſpo da Cidade de Beja na Provincia Traſtagana que lograva eſta preeminencia na antigua Luſitania. Floreceo no Seculo 6. quando dominava Theudo o Imperio Gothico no anno de 530. como eſcreve Santo Iſidoro ſeu grande Panegyriſta, ou no anno de 541. como affirma Joaõ de Ferreras *Hiſt. de Eſpan.* Part. 3. pag. 160. Foy Varaõ celebre aſſim na ſubtileza do juizo, como na vaſta, e profunda liçaõ que teve das letras Sagradas, e profanas como teſtemunhaõ as ſuas doutas obras ſendo a principal.

Commentarium in Apocalypſim. que principia.

Biformem divinæ legis Hiſtoriam duplicis Sacramenti myſterio differendam non noſtræ humilitatis fragilitas aliter poterit ennarrare niſi ab eo auctore ſuæ legis Domino Jeſu Chriſto modum dicendi, & ſermonem ſumat eloquij.

Eſta obra louva Santo Iſidoro *de Script. Eccleſiaſt. c.* 17 com grandes elogios dandolhe a primazia entre todos os Eſcritores, que trabalhàraõ na interpretaçaõ dos Miſterios do Apocalypſe *Interpretatus eſt Apocalypſin D. Joannis Apoſtoli ſubtili ſenſu, atque illuſtri ſermone melius pene quàm veteres Eccleſiaſtici viri expoſuiſſe videntur.* Nunca logrou do beneficio da luz publica eſte douto Commentario, que muitos Authores confundem com outro eſcrito ſobre a meſma materia por S. Beato Presbytero de Liebana, que floreceo no 8. Seculo. Nicolao Antonio in *Bib. Hiſpan. Vet.* lib. 4. cap. 2. n. 24. nota com judicioſa critica, que eſta obra de Aprigio tinha em ſeu poder prompta para a impreſſaõ Luiz de Saõ Llorente Racioneiro da Cathedral de Sevilha copiada de hum Codice gotico de Barcelona, do qual conſervava outra copia D. Joaõ de Ferreras como eſcreve na *Hiſt. de Eſpan.* Part. 3. e nella obſervara eſtar perfeita nos cinco Capitulos primeiros, e cinco ultimos, mas que os Capitulos, que corriaõ do numero 7. do Cap. 5. até o numero 3. do Cap. 17. eſtavaõ naõ ſó deſordenados, e confuſos mas inſerta nelles a expoſiçaõ do Commento do Apocalypſe compoſta por Victorino que foy impreſſa Pariſiis apud Mauricium da Porta 1545. juntamente com a expoſiçaõ de Theophilato aos Profetas Mayores. Donde ſe colhe eſtar adulterada a Obra de Santo Aprigio pela malicia, ou ignorancia de algum impoſtor. Ambroſio de Morales na *Chron. Gen. de Eſpan.* liv. 11. cap. 49. affirma ter viſto huma Copia deſte Commento do Apocalypſe extrahida da *Bibliotheca Vaticana,* e que S. Genadio Biſpo de Aſtorga que floreceo pelos annos de 895. a deixou por legado de grande eſtimaçaõ ao Convento de S. Pedro de Montes. Outra Copia, como affirma Cardoſo no *Agiol. Luſit.* Tom. 1. pag. 24. no Comment. de 3. de Janeiro letr. A. ſe conſervava no Cartorio da Cathedral de Braga no tempo que era ſeu Prelado D. Fr. Agoſtinho de Caſtro, a qual vio Fr. Jeronymo Roman como eſcreve no *Catalogo dos Arcebiſpos deſta Igreja* liv. 2. cap. 6.

Compoz mais.

Commentaria in Cantica Canticorum. Deſta obra como de Santo Aprigio fazem mençaõ Thritem. de *Scrip. Eccleſ.* pag. 93. Xiſto Senenſ. in *Bibliot. Sanct.* liv. 4. pag. 200. Poſſevin. in *Apparat. Sacr.* Tom. 1. pag. 111. Taxander in *Cathal. Clar. Hiſpan. Script.* e Jacob. Lelong. in *Biblioth. Sacra* pag. 612. col. 1. Trataõ deſte Prelado com grandes louvores devidos à ſua Santidade, e Sabedoria Xiſto Senenſe in *Bib.* dizendo *in Sæcularibus diſciplinis exacte doctus, eloquentia eximius, et Sanctarum Scripturarũ ſui ſæculi peritiſſimus, et in explanatione divinorum voluminum nulli veterum Patrum ſecundus.* Matam. de *Acad. Hiſpan. doctiſſimus litterarum monumentis.* Moral. *Chron. de Eſpan.* liv. 11. cap. 49. *Varon excelente.* Scoto *Bib. Hiſpan.* pag. 213. *ingenio ſubtilis, & lingua diſertus.* Mariet. *Flos Sanct. de Eſpan.* liv. 5. cap. 15. Padilla *Hiſt. Eccleſ. de Eſpan.* Cent. 6. cap. 23. Avila *Theatr. Eccleſ. de Eſpan.* liv. 1. cap. 1. Ciacon. *de Vitis Pontif.* Tom. 1. pag. mihi 355. Brito *Mon. Luſit.* Part. 2. liv. 6. cap. 7. Jacob. Gualt. in *Tab. Chronol.* Sæcul. IV. pag. 275. Dupin *Nouvel. Bibliotheq. des Autheurs. Eccleſ.* Tom. 4. pag. mihi 174. Joan. Soar. de Brito in *Theat. Luſit. Litter.* lit. A. n. 130. Franciſco de S. Maria *Anno Hiſt. Diar. Portug.* pag. 20. Alguns Eſcritores Eſpanhoes quizeraõ, que Santo Aprigio foſſe Biſpo de Badajoz, e naõ de Beja pertendendo com fundamentos pouco ſolidos deſpojar deſta gloria ao noſſo Reyno entendendo ſiniſtramente *Pax Julia,* ou *Pax Auguſta* por Badajoz, e naõ Beja cuja controverſia naõ queremos novamente agitar por eſtar erudita, e nervoſamente tratada pelo inſigne indagador das noſſas antiguidades Jorge Cardoſo no *Commentario de* 3. *de Janeiro* letr. A. a quem remetemos o leitor, onde naõ ſómente eſtabelece a ſua opiniaõ de ſer Biſpo de Beja com as authoridades dos Eſcritores Portuguezes de que he o Corifeo André de Reſende lib. 4. de *Antiquitat. Luſitaniæ* mas dos mais celebres Authores Caſtelhanos como ſaõ Moral. *Chron. de Eſpan.* liv. 11. cap. 49. e o que he mais para eſtimar o P. Joaõ de Mariana pouco affecto às glorias deſte Reyno que no liv. 5. cap. 7. da *Hiſt. de Eſpan.* o confeſſa por eſtas palavras *Aprigius Pacis Juliæ Epiſcopus in Luſitania* retratando-ſe do que eſcrevera no liv. 3. cap. 24. Eſta meſma opiniaõ ſeguem Roa *Santos*

de Cordova fol. 117. a 120. Puent. *Conſervac. delas dós Monarch.* liv. 3. cap. 7. §. 3. e fora de Eſpanha Dupin no lugar aſſima citado.

ARCADIO DE ANDRADE Medico de profiſſaõ. Compoz conforme eſcreve Joaõ Franco Barreto na ſua Bibliotheca Luſitana *M. S.*

Relaçaõ dos eſquadroens da gente armada, e outros ſinaes que no Ceo ſe viraõ no diſtricto de Barcellos no dia da infelice batalha de Alcacere da qual tirou hum publico inſtrumento.

D. ARCHANGELA JOSEFA DE SOUSA natural de Lisboa, e filha de Domingos Antonio Carvalho de Souſa, illuſtrou igualmente a Patria, e o ſexo pela prodigioſa comprehençaõ com que nos primeiros annos ſe fez inſigne nas Artes Liberaes. Ao tempo, que contava quinze ſabia com tal perfeiçaõ a Hiſtoria Romana que fazia judicioſas criticas aos ſeus mais celebres eſcritores. Com a delicadeza do juizo competia a felicidade da memoria decorando em breve tempo os cinco livros dos Triſtes de Ovidio, e o 1. e 2. livro da Eneida de Virgilio. Quando o ſeu admiravel engenho prometia produzir mayores frutos foy intempeſtivamente arrebatada pela violencia da morte na florente idade de vinte, e quatro annos, cuja ſciencia, e compoſiçoens louvaõ, e relataõ Diogo Manoel Ayres de Azevedo *Portug. Illuſtr. pelo ſex. Fem.* pag. 75. §. 11. e Damiaõ Froes Perym no *Theatr. Heroin. das Mulher. Illuſt.* Tom. 1. pag. 113. Compoz.

Vida de Santa Catherina de Sena. fol. 2. tom. M. S.

Regras para conſervar a Saude 4. M. S. eſtava prompto para a Impreſſaõ.

Obras do famozo Poeta Luiz de Gongora vertidas de Caſtelhano em Portuguez, e illuſtradas com doutiſſimas notas.

Sor ARCHANGELA MARIA DA ASSUMPÇAM Naceo em o lugar de Sacavem duas legoas diſtante de Lisboa para a parte Oriental onde teve por Pays a Vicente Ferreira, e D. Antonia Maria de Faria, e Souſa. Na primavera dos annos ſe deſpozou com o Divino Cordeiro em o Convento de N. Senhora da Conceiçaõ das Religioſas de Santa Brizida no ſitio de Maravilla ſuburbio deſta Corte onde profeſſou a 22. de Agoſto de 1730. Sendo dotada de engenho ſubtil, e comprehenſaõ admiravel ſe inclinou a cultivar a Poeſia em que ſahio eminente, dando por primicias da ſua applicaçaõ.

Feſtivo applauzo em que huma Religioſa como Paſtora, e os Anjos como Muſicos celebraraõ o Nacimento do Menino JESU. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva Impreſſor da Academia Real. 1737. 4.

Conſta de vario genero de metros devotos, e elegantes.

Fr. ARCHANGELO DE ARAGAM natural de Vinhò termo de Villa de Gouvea na Provincia da Beyra. Foy filho de Franciſco de Aragaõ, e Pinna, e de Maria da Fonſeca. Recebeo o Militar habito da Ordem de Chriſto no Real Convento de Thomar no anno de 1644. Depois de dictar Theologia eſpeculativa no Collegio de Coimbra, e Moral, onde profeſſara foy Superior no meſmo Convento ſendo Qualificador do Santo Officio, Examinador das Ordens Militares, e grande Prégador. Morreo em 3. de Janeiro de 1694. Imprimio.

Sermaõ gratulatorio, e Panegyrico na proſpera, e ſuſpirada vinda da Sereniſſima Senhora Maria Sofia Izabel Rainha de Portugal. Lisboa por Joaõ Galraõ 1688. 4.

Fr. ARSENIO DA ASCENÇAM natural da Villa de Torres novas do Arcebiſpado de Lisboa filho de Pedro Dias, e Beatriz Mendes. Paſſou a Italia, onde ſendo jà graduado com as inſignias doutoraes na faculdade de Direito Civil ſe recolheo na Religiaõ dos Agoſtinhos Deſcalços a 12. de Mayo de 1619. Feita a profiſſaõ ſolemne eſtudou Theologia em que ſahio eminente. Pela ſua grande capacidade, e talento occupou os mayores lugares na Religiaõ ſendo Definidor, Procurador Geral, e ultimamente Provincial da Provincia Romana no anno de 1634. Foy Prégador de Fernando II. Duque de Florença, e ſeu Conſelheiro, ſendo o medianeiro da Compoſiçaõ deſte Principe com Urbano VIII. que por lhe ſer muito affecto o fez da Congre-

gaçaõ da Viſita Apoſtolica naõ recebendo menores eſtimaçoens dos Cardeaes, e mais Prelados da Curia. Augmentou com grandes privilegios a Congregaçaõ de que era filho, até que fundou o Convento de Florença no anno de 1636. dedicado a Santo Agoſtinho, e Santa Chriſtina em obſequio da Duqueza de Florença Chriſtina de Lorena, que lhe alcançou faculdade para eſta fundaçaõ. Morreo neſte Convento a 29. de Fevereiro de 1648. com 48. annos de idade, e 29. de Religiaõ. O ſeu Retrato eſtá pintado no meſmo Convento com eſta inſcripçaõ. *P. Fr. Arſenius ab Aſcencione Luſitanus, vir egregius, & ſingulari prudentia præditus, qui in multorum Principum familiaritate vivens, omnibus tamen omnia factus in pacandis animis, belliſque inter ipſos ſedandis fuit mirabilis: in Apoſtolicum Viſitatorem ab Urbano VIII. electus, a magna Etruriæ Duciſſa in Concionatorem, multiſque in Congregationibus, et Generalibus functus officiis deceſſit Florentiæ anno* 1648. Na circumferencia tem eſta letra. *Mens mea contemplata eſt multa ſapienter, et didici.* Eccleſ. 1. Tambem eſtà retratado no Convento de JESU Maria de Roma. Compoz.

La vita dell' ammirabile Servo di Dio Fra Giovanni di S. Guglielmo Agoſtiniano excalciato. Fermo por Giovanni Franceſco de Montibus 1629. 8. et 1630. ibid apud hæredes Joan. Franc. de Montibus. 8. Deſta obra faz honorifica menção Fr. Mauricio da Madre de Deos Agoſtinho Deſcalço in *Sacr. Eremo Auguſtinian.* lib. 1. cap. 2. §. 6.

Vita di Soror Domenica del Paradiſo. Eſta Serva de Deos foy Fundadora do Convento de Florença das Religioſas Dominicas onde morreo a 5. de Agoſto de 1553. Depois da morte do Author ſe diz a imprimira hum Religioſo Dominico.

Fr. ARSENIO DA PAYXAM natural da Villa de Sarzedas no Biſpado da Guarda. Recebeo a Cogulla Ciſtercienſe no Moſteiro de Santa Maria de Bouro a 13. de Janeiro de 1584. e fez a profiſſaõ ſolemne a 15. do dito mez do anno ſeguinte. A ſua grande prudencia o habilitou para exercitar os lugares mais honorificos da ſua Congregaçaõ ſendo o primeiro Abbade trienal do Moſteiro de Santa Maria de Fiaens em 1601. e do Moſteiro de S. Pedro das Aguias em 1606. D. Abbade, e Reytor do Collegio de Coimbra em 1627. e duas vezes Geral de toda a familia Ciſtercienſe neſte Reyno, a 1. no anno de 1621. e a 2. no de 1633. Ornou com grandes edificios o Real Convento de Alcobaça onde morreo no anno de 1641. Foy Religioſo de exemplar vida, muito amante da pobreza, ſummamente cuidadoſo do culto Divino, para cujo fim novamente reformou, emendou, e acrecentou.

Livro ordinario do Officio Divino, e Ceremonias da Ordem de Ciſter da Congregaçaõ, e obſervancia de Santa Maria de Alcobaça. Lisboa por Manoel da Sylva. 1639. 8.

Fr. ARSENIO DE VOVSELLA. Profeſſou o Habito Monacal do Mellifluo Doutor S. Bernardo no Convento de Lafoens. Foy muito verſado na liçaõ da Sagrada Eſcritura, e dos Santos Padres, como o publica o livro que deixou compoſto, e ſe conſerva na Bibliotheca do Real Convento de Alcobaça com eſte titulo.

Expoſitio in Epiſtolas P. Pauli Apoſtoli. M. S. *in fol.*

ASCENSO LOPES natural de Coimbra em cuja Univerſidade depois de receber o Capello de Doutor na faculdade de Leys foy Lente de Codigo provido por oppoſiçaõ em 19 de Mayo de 1554. Compoz.

Concilium ſuper Baronia de Quinto pro D. Garcia de Funes, y Villalpando. Cæſarauguſtæ apud Laurentium Robles 1596. fol.

Juris Allegatio pro Illuſtriſſima D. Juliana Duce Daveiro in bonis de Torres novas et Infantado procedentibus ex donatione Regia facta Magiſtro D. Jacobi ejus Anteceſſori. fol. Naõ tem anno, nem lugar da Impreſſaõ.

ASCENSO DE SEQUEIRA, filho de Ruy Vaz de Sequeira Commendador de S. Vicente da Beira Governador, e Capitaõ General do Eſtado do Maranhaõ, e de ſua mulher D. Franciſca Freyre filha de D. Martinho de Mello. Foy Commendador de S. Vicente da Beyra, muito eſtudio-

ſo, e particularmente inclinado à liçaõ da Genealogia em que fez notaveis progreſſos compondo.

Livros das Familias deſte Reyno, os quaes affirma o P. D. Antonio Caetano de Souſa no *Apparat. à Hiſt. Gen. da Caſa Real Portug.* pag. 151. §. 178. ter viſto, e ſerem excellentes com muitas notas do inſigne Jozé de Faria, e ſe conſervaõ em poder do filho do Author Ruy Vaz de Siqueira Succeſſor da ſua Caſa, e Commendador da Commenda de S. Vicente da Beira.

ATHANAGILDO CELTA nome ſuppoſto com que ſe pertendeo occultar o proprio, mas claramente ſe conhece ſer verſado no eſtudo Genealogico compondo, e imprimindo.

Arvore Genealogica delRey D. Joaõ o IV. com largas inſcripçoens na lingua Latina que dedicou a Portugal ſua patria. Lisboa por Joaõ Bredino 1641. O nome do Impreſſor tambem he ſuppoſto. Deſta obra faz mençaõ o P. D. Antonio Caetano na obra aſſima allegada pag. 83. §. 71.

Fr. ATHANAZIO DA ENCARNAÇAM natural da Villa de Gouvea do Biſpado de Coimbra filho de Domingos Lopes, e Franciſca Lopes. Profeſſou o auſtero Inſtituto da reformada Provincia Serafica da Arrabida no Convento do Eſpirito Santo do Lugar de Loures termo deſta Cidade de Lisboa a 25. de Março de 1659. Como a natureza o dotaſſe de voz muito ſonora o elegeo a Sereniſſima Raynha de Inglaterra D. Catherina para Cantor da ſua Capella de Londres. No tempo que aſſiſtio neſta Corte aprendeo Filoſofia, e Theologia que lhes ſerviraõ para melhor intelligencia dos livros Aſceticos. Por ſer muito ſciente nas Rubricas do Miſſal, e Ceremonias da Miſſa era continuamente conſultado em qualquer duvida em que ſempre o ſeu voto ſe venerava por deciſivo. Reſtituido ao Reyno exercitou com grande prudencia diverſas Guardianîas, e ultimamente o lugar de Definidor. Mereceo publicas eſtimaçoens da Mageſtade de D. Pedro II. que nunca alteraraõ a modeſtia do ſeu ſemblante, nem a humildade do ſeu coraçaõ. Acometido de hum accidente apopletico que lhe impedio receber os Sacramentos falleceo no Convento de S. Jozé ſituado no Suburbio deſta Corte a 25. de Junho de 1710. Publicou com o nome de Franciſco Janeanarea da Matha puro anagramma do ſeu Nome.

Piæ preces, meditationes, ac gratiarum actiones ad Diviniſſimum Chriſti Corpus, ſive in tremendo Altari rite, et fructuoſe ſacrificandum, ſive ſanctè, devote que ſuſcipiendum maxime idoneæ per hebdomadæ dies diſpoſitæ cum nonnullis aliis, quæ ex Sanctis, piiſque Authoribus excerpta, & in ordinem redacta. 1. *Pars.* A 2. Parte he em Portuguez, e tem eſte titulo.

Da Preparaçaõ para os Sacerdotes celebrarem o Santo Sacrificio da Miſſa, e depois darem a Deos as graças de taõ grande beneficio recebido;com a reſoluçaõ que traz o Miſſal de alguns cazos, que ſe podem offerecer na Miſſa, com a declaraçaõ dos Myſterios della, e huma breve direcçaõ para aſſiſtir aos Agonizantes, tudo tirado de graves Autores. 16. Naõ tem lugar, nem anno da Impreſſaõ, nem nome do Impreſſor.

Faz memoria do Author, e da obra Fr. Jozé de Jeſus Maria *Chron. da Prov. da Arrab.* Tom. 2. Liv. 5. Cap. 7. n. 958.

Fr. ATHANASIO SANCHES, filho do inſigne Poeta Latino Pedro Sanches, e ſua mulher Maria de Roſales ambos de igual nobreza, e virtude. Crioufe na idade pueril no Palacio delRey D. Joaõ o III. com o foro de moço Fidalgo, e ſendo já Cavalleiro da Ordem de Saõ-Tiago, e venerado de toda a Corte pela ſua diſcriçaõ, e profundo talento renunciou todos os applauſos, e eſtimaçoens do Seculo, e abraçou o Sagrado Inſtituto da Ordem da Santiſſima Trindade donde feita a profiſſaõ paſſou a Coimbra a eſtudar as ſciencias eſcolaſticas, e naõ ſómente ſahio nellas famoſo, mas com a liçaõ continua da Sagrada Eſcritura, e Santos Padres hum dos celebres Oradores Evangelicos do ſeu tempo, merecendo ſer eleito Prégador da Rainha D. Catherina. Neſte miniſterio exercitou com efficacia, e igual fruto o ſeu apoſtolico zelo fazendo transformaçoens prodigioſas nos coſtumes. Naõ era menos fervoroſo na obſervancia do ſeu Inſtituto, como o manifeſtou no Reytorado do Collegio de Coimbra,

e nos Conventos de Lisboa, Santarem, e Ceuta, quando delles foy Miniſtro, principalmente no Convento da Louza ſituado na Provincia Traſmontana onde introduzio ſuavemente a diſciplina regular nos principios da Fundaçaõ deſta Caſa. Prègando em Villa-Flor os Sermoens de Quareſma, e fazendo em hum delles huma invectiva contra os Sequazes de Sinagoga dos quaes ſe compunha alguma parte do auditorio, em odio, e vingança do promulgador das verdades Evangelicas lhe deraõ veneno, que brevemente o conſumio alcançando a coroa de Martyr merecida pelo ſeu fervoroſo zelo em 22. de Mayo de 1595. e naõ de 1547. como eſcreve Altuna na *Chron. Ger. de Trind.* liv. 4. cap. 4. fol. 623. quando contava 73. annos de idade. Delle fazem mençaõ Figueiras *Chron. da Trind.* pag. 286. Fr. Bernard. de Santo Antonio. *Epitom. Redemp.* liv. 2. cap. 9. e no livro *M. S.* que deixou dos *Varoens illuſtres da Ordem.* Foy inſigne Poeta Latino, e neſte dote ſahio muito ſemelhante a ſeu Pay, de cuja arte deo multiplicados argumentos nas compoſiçoens que fez em louvor dos Princepes deſte Reyno, e de ſeu Pay Pedro Sanches, as quaes vio Jorge Cardozo como affirma no *Agiol. Luſitan.* Tom. 3. pag. 373. no Commentario de 22. de Mayo letr. F. Sendo Miniſtro do Convento de Ceuta fez a Practica na occaſiaõ em que nella entrou ElRey D. Sebaſtiaõ, a qual começava.

Muito alto, e muito poderoſo Rey, e Senhor Noſſo em eſtas partes taõ dezejado como cremos, de Deos taõ prometido, a eſte Reyno dado por eſpanto, eſtrago, e deſtruiçaõ de todos noſſos inimigos.

S. ATTO. Naceo em a Cidade de Beja na Provincia do Alentejo para com a ſua virtude ennobrecer a Cidade de Piſtoya de que foy Biſpo em Italia. Poſſuindo hum Canonicato em Portugal voluntariamente deixou a patria movido do piedoſo, e ſagrado dezejo de venerar os lugares de Paleſtina onde ſe conſummara a redempçaõ do genero humano, e depois de os ter vizitado com ſumma compunçaõ aborrecendo o comercio dos homens, e ſómente anhelando a ſolidaõ recebeo no anno de 1125. o Habito Monachal de Valumbroſa de que foy fundador S. Joaõ Gualberto onde ſe diſtinguio tanto na obſervancia do Inſtituto, e practica de todas as virtudes Religioſas, que por voto dos Monges foy eleito Abbade Geral por ſer transferido à Mitra de Parma S. Bernardo de Ubertis confiando aquella exemplar Communidade que ſeria verdadeiro Succeſſor de taõ virtuoſo Prelado. Tanto que entrou neſte lugar começaraõ com mayor intenſaõ a luzir a prudencia, humildade, e benevolencia de que era ornado ſendo o ſeu mayor diſvelo conſervar a Religiaõ no primitivo rigor, a qual amplificou com a fundaçaõ de nove Abbadias, augmentando outras, e reparando algumas quaſi extinctas pela injuria dos tempos alcançandolhe dos Summos Pontifices Innocencio II. e Celeſtino II. aos quaes era muito aceito, infinitas graças, e ſingulares privilegios. Eſtando vaga a Cadeira Epiſcopal de Piſtoya Sufraganea ao Arcebiſpo de Florença foy eleito por voto do Clero Biſpo deſta Dioceſe em que foy confirmado por Innocencio II. no anno de 1133. Obedeceo ao preceito do Summo Paſtor para aceitar eſta dignidade conſiderando que obedecia à vóz de Deos de quem o Pontifice era Orgaõ. Neſte Supremo lugar ſómente mudou os habitos exteriores exercitando com mayor perfeiçaõ os das virtudes epiſcopaes em beneficio das ſuas Ovelhas pelo eſpaço de vinte annos de tal modo que lhe eſcreveo em louvor da ſua paſtoral vigilancia eſte Elogio a Santidade de Innocencio II. em hum Breve expedido em Piſa a 21. de Janeiro de 1134. no 5. anno do ſeu Pontificado o qual relata Baronio no tom. 12. dos Annaes Eccleſiaſticos. *Gaudemus equidem et debita jucunditate lætamur qùam ſupernæ diſpoſitionis providentia Te Sapientem vitæ verum, & in Religione probatum ejuſdem loci Paſtorem conſtituit, & ad gubernandum, & inſtruendum doctrinæ, et vitæ exemplo populum ſuum miſeratio divina vocavit.* Paſſou a lograr na eternidade a Coroa, que mereceo pelas ſuas virtudes a 22. de Mayo de 1135. obrando na morte eſtupendos milagres ſemelhantes a os que fizera em vida. O ſeu Cadaver foy ſepultado na Igreja de S. Miniato *in Curte* donde foy transferido no anno de 1337. para à Igreja Cathedral. Clemente VIII. concedeo Officio, e Miſſa para que pudeſſem os

moradores de Piſtoya rezar delle como de Beato por Breve expedido a 24. de Mayo de 1605. do ſeu Pontificado 13. Deſte Santo Prelado eſcrevem graves Authores como ſaõ Filip. Ferrar. *Cathal. Sanct. Ital.* fol. 302. Yepes *Chron. de S. Bento* Tom. 7. fol. 253. Wion in *Lign. Vit.* Part. 1. lib. 1. cap. 34. Lucatelli in *Vit. S. Joan. Gualberti* lib. 2. cap. 15. Velius in *Vit. S. Bern. de Ubertis* cap. 10. Bucelin. in *Monol. Bened.* ad diem 22. Maij. Mich. Angel. Salvi in *Hiſtor. Piſtorij Ital.* Part. 2. lib. 2. à pag. 71. ad. 87. Poſſevin. *Appar. Sacer.* Tom. 1. pag. 132. *Verbi Dei Concionator inſignis* Ughellus *Ital. Sacr.* tom. 3. pag. 359. Dondori no livr. intitulado *Della pietá de Piſtoja ſua Patria* Part. 2. à pag. 209. até. 214. Nicol. Ant. in *Bib. Vet. Hiſpan.* lib. 7. cap. 4. n. 82. Voſſius de *Hiſtor. Lat.* lib. 2. cap. 49. *Magn. Bib. Eccleſ.* pag. 698. col. 2. Forteguerra in *Vit. B. Attone* impreſſa Florencia preſſo Ceconccelli 1608. dizendo *Fu di natione Spagnolo del regno di Portugallo della citá chiamata Pace Julia.* D. Chriſoſtomo Talento Monge de Valumbroſa na Epiſtola Dedicatoria a Filippe III. de Caſtella em huma Oraçaõ, que recitou no Convento Paſſinianenſe em occaſiaõ, que ſe tinha erigida huma Capella ao B. Atto, lhe diz. *Quare excelſiores valumbroſanæ reipublicæ Senatores eximij Pacenſis urbis Pignoris B. Attonis Luſitani regni decoris, ac totius Hiſpanæ Monarchiæ patroni glorioſam vitam auguſtiſſimo nomini tuo inſcribendam curarunt.* Poccianti in *Cathal. Scriptor Florentin.* Part. 2. *Inſtituti Vallis Umbroſæ Monachus Venerabilis, Monaſticæ diſciplinæ moderator, ac inſtaurator celeberrimus, ſuæ Congregationis Generalis Abbas ſapientiſſimus, Sacrarum Scripturarum cultor egregius, probitate denique vitæ, ac miraculorum gloria clarus.* Tamayo in *Martyrol. Hiſpan.* Tom. 3. pag. 379. ad diem 22. Maij onde infructuoſamente ſe cança em querer que foſſe natural de Badajoz, e naõ de Beja, e ultimamente o P. D. Manoel Caetano de Souſ. no *Cathal. Hiſtor. dos Arceb. e Biſp. que tiveraõ Dioceſe fora de Portugal.* pag. 121. Compoz.

Vita S. Joannis Gualberti Abbatis Congregationis Vallis umbroſanæ inſtitutoris. Romæ apud Guillielmum Facciotum. 1612. 8. a qual traduzida em outava Rima Italiana por Nicolao Lorenzini Medico de Montepoliciano ſahio em Florença apreſſo George Mareſcotti 1599. 8.

Vita S. Bernardi monachi Abbatis Monaſterij Sancti Salvij Vallis Umbroſæ etiam Generalis, Parmenſis Epiſcopi, Sacre Rom. Eccleſ. Cardinalis. Sahio dedicada por Thezauro Vellio Abbade do Convento de Santa Praxedes de Roma da Congregaçaõ de Valumbroſa ao Cardial Bento Juſtiniano, e impreſſo juntamente com a vida de S. Joaõ Gualberto.

Epiſtolarum liber unus. M. S. no qual ſe contem onze cartas e ſe conſervaõ na *Bib. Vaticana* n. 4322. como eſcreve Montfaucon in *Bib. Bibliothecar. M. S.* Tom. 1. p. 116.

De Tranſlatione reliquiarum. et miraculis S. Jacobi Apoſtoli cuja obra naõ intitulou como ella he, Arnoldo Wion in *Ligno vitæ* lib. 1. cap. 34. eſcrevendo *De Tranſlatione Capitis Sancti Jacobi Apoſtoli ad ſuam Eccleſiam ex Hiſpania,* pois conſta de duas cartas huma de Raynerio Deaõ da Igreja de Piſtoya, e outra de D. Diogo de Gelmirez Arcebiſpo de Compoſtella eſcrita ao B. Atto as quaes ſe conſervaõ no archivo da Cathedral de Piſtoya, e as imprimiraõ Ughello in *Italia Sacra,* e Luiz de S. Llorente na *Vida do B. Atto* impreſſa Roma apud Stephanum Paulinum 1613. 4. que naõ mandara o Arcebiſpo de Compoſtella a cabeça mas parte della ao B. Atto por lha ter pedido com grandes inſtancias para ſer collocada na ſua Cathedral de Piſtoya.

Vita S. Verdianæ Caſtelli Florentini. Eſta obra he atribuida ao B. Atto por Salviano Razzi, Jozé Dondori, e Jeronymo Setino que a verteo em Italiano, o que naõ parece ſer certo por affirmar o douto P. Bollando no Tom. 1. Februarij. *Act. Sanctor.* pag. 256. que o Author deſta vida ſobrevivera ao B. Atto do qual he tambem diverſo Atto Biſpo de Vercelli, que floreceo no decimo ſeculo, e eſcreveo de *Preſſuris Eccleſiaſticis,* cuja obra publicou Lucas Dachery Monge da Congregaçaõ de Santo Amaro de Pariz no Tom. 8. do ſeu *Specilegio.*

AVITO illuſtrou com o ſeu feliz naſcimento a Auguſta Cidade de Braga onde ſe applicou a eſtudar as Linguas Latina, e Grega, e depois a penetrar a intelligencia das Divinas Letras, e como era dotado de hum vivo, e agudo engenho, ſahio perfeitamente conſummado em todo o genero de erudiçaõ. Sendo naõ menos inſigne na ſciencia, que no zelo da verdadeira Religiaõ, perſeguio fortemente aos ſequazes dos erros de Priſcilliano, e Origenes, os quaes infeſtavaõ a toda a Heſpanha com a falſa doutrina dos ſeus abominaveis dogmas, humilhando a ſua ſoberba com as poderoſas armas dos ſeus eſcritos, que lhe alcançaraõ repetidas victorias. Inflamado com o piedoſo deſejo de viſitar os Lugares da Paleſtina, que tinhaõ ſido ſanctificados com o Sangue do Redemptor do Mundo, e juntamente conſultar a S. Jeronymo Oraculo daquelle tempo ſobre a intelligencia difficultoſa de alguns Textos da Sagrada Eſcritura, alcançou faculdade de Balconio, que entaõ dignamente occupava a Mitra Primacial de Braga donde partio para Jeruſalèm, em cuja Cidade achou o ſeu grande Patricio Paulo Oroſio, o qual por mandado dos Biſpos Africanos tinha paſſado à meſma Terra a conſultar ao Doutor Maximo ſobre a origem, e immortalidade da alma. Neſſe tempo permitio a Divina Providencia, que ſe manifeſtaſſem a 26. de Dezembro as Sagradas Reliquias dos Corpos do Primogenito dos Martyres Santo Eſtevaõ, Nicodemos Diſcipulo de Chriſto, Gamaliel Meſtre de S. Paulo, e de ſeu filho Abibon, cujas ſepulturas havia mais de 300. annos eſtavaõ occultas à noticia humana, revelando Deos ao Presbytero Luciano de Naçaõ Grego o lugar, que era feliz depoſito de taõ precioſo theſouro. As maravilhas, que ſuccederaõ neſta invençaõ foraõ taõ notaveis, que para naõ caducar a ſua memoria ordenou a Igreja Catholica ſe ſolemniſaſſem univerſalmente em 3. de Agoſto. Tendo Avito contrahido eſtreita amiſade com Luciano, lhe pedio alguma parte das Reliquias do Santo Prothomartyr, e como facilmente lhas concedeſſe, o meſmo Avito as entregou a Oroſio, que partia para Braga encomendandolhe as entregaſſe ao Arcebiſpo Balconio ſendo taõ precioſo donativo naõ ſó para ornato, e protecçaõ da ſua Patria, mas para agradecimento áquelle Prèlado pelo ter ſublimado ao Eſtado Clerical, eſcrevendolhe huma Carta em que individualmente relatava todas as circunſtancias daquella prodigioſa invençaõ. Eſtimou Oroſio como grande felicidade voltar da Paleſtina para Braga com aquelle Sagrado Thezouro que fazia ſuave a moleſtia de taõ prolongado caminho. Continuou Avito a ſua aſſiſtencia em Jeruſalèm, exercitando as virtudes mais heroicas atè que cumulado de annos, e merecimentos felizmente acabou a vida em 17. de Junho de 440. ſendo Conſules Valentiniano, e Anatolio. No tempo, que Avito aſſiſtia em Jeruſalèm traduzio da lingua Grega na Latina a Hiſtoria da invençaõ das Reliquias, compoſta pelo Presbytero Luciano com eſte titulo:

De inventione reliquiarum S. Stephani Prothomartyris, Nicodemi, et Gamalielis.

A qual mandou juntamente com huma Carta para o Arcebiſpo Balconio, e todo o Clero, e Povo Bracharenſe. Huma, e outra obra ſe achaõ inſertas em Surio de *Vit. Sanct.* a 3. de Agoſto Baron. Tom. 5. *Annal. Eccleſ.* ad an. 415. n. 3. Brito *Monarch. Luſ.* p. 2. lib. 6. Cap. 27. e o Illuſtriſſimo Cunha *Hiſt. Eccl. de Braga* part. 1. Cap. 57. Deſte inſigne Varaõ fizeraõ illuſtre memoria todos os AA. que eſcreveraõ de Eſcritores Eccleſiaſticos, como foraõ Genàd. cap. 47. Honor. Auguſtod. *ad an.* 410. n. 46. Trithem. *in Lucian.* ad an. 410. Bellarm. e Philip. Labbe tom. 2. pag. 29. *Add.* in Chron. *ætat.* 6. Sigibert. *ad an.* 495. Gerard. Joan. Voſſius *de Hiſt. lat.* lib. 1. cap. 14. Poſſev. in *Appar. Sacr.* Tom. 1. pag. 141. Valer. And. Taxand. in *Cathal. Clar. Hiſp. Script.* lit. A. Ricciol. in *Chronolog. Reform.* Tom. 4. ad an. 415. Joan. Vaſſæus in *Chron. Hiſp.* ad an. 388. Nicol. Ant. in *Bib. Vet. Hiſp.* Lib. 3. cap. 2. n. 41. & 42. & cap. 1. n. 2. 4. e 5. Morales *Chron. de Eſp.* Lib. 11. cap. 17. chamandolhe *Presbitero notable en letras.* Vaſc. in *Deſcript. Luſit.* n. 4. o intitula: *Magnæ authoritatis, & eruditionis authorem in Græca, & Latina lingua apprime verſatum.* Eſtaço *Antig. de Portug. cap.* 71. n. 4. Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 709. Gandara *Triunf. Eccleſ. de Galicia.* Tom. 2. lib. 6. cap. 8. D. Gaſpar Ibañes de Segovia Marq. de Mondejar *Diſſert. Eccleſiaſt.*

Diſſert. 1. *n.* 2. que doutamente defende ſer natural de Braga contra cuja aſſeveraçaõ ſe oppoz modernamente com argumentos mais ſubtis de que ſolidos D. Paulo Ignacio de Dalmaſſes y Ros Chroniſta do Principado de Catalunha na *Diſſert. Hiſtor. por la Patria de Paulo Oroſio* cap. 18. e 19. Fleury *Hiſtor. Eccleſiaſtiq.* Tom. 5. lib. 23. pag. mihi 430. e 431. *Magna Bibliothec. Eccleſiaſt.* Tom. 1. p. 786. onde affirma ſer natural de Braga.

SOR AUTA DA MADRE DE DEOS natural de Coimbra a quem a natureza com profuſa liberalidade dotou de perſpicaz engenho, admiravel comprehenſaõ, e profundo talento. Depois de eſtudar domeſticamente humanidades, e Lingua Latina, ambicioſa de ſe inſtruir nas ſciencias mayores, e conſiderando, que lhe ſervia de impedimento a honeſtidade do ſexo para frequentar publicamente a Univerſidade ſoube com arte fingir o que lhe negara a natureza eſtudando em trage de Eſtudante Theologia, e Direito Civil de que ſeu Pay era Meſtre na meſma Univerſidade, e de tal ſorte penetrou os myſterios deſtas faculdades, que por voto dos ſeus mayores Profeſſores a julgaraõ digna de ſubſtituir na Cadeira a ſeu Pay. Por morte delle naõ podendo conſervarſe o ſegredo, que por tanto tempo ſe tinha obſervado, a mandou chamar a Rainha D. Leonor mulher delRey D. Joaõ o II. e a admitio ao numero das ſuas criadas com a qual reſava o Officio Divino, preferindo-a a todas na eſtimaçaõ pela ſua profunda ſciencia, e agradavel genio. Succedeo, que eſta Princeza foſſe na ſua companhia ao Convento das Religioſas da Madre de Deos da primeira regra de Santa Clara ſituado fora dos muros de Lisboa do qual fora Fundadora, e atrahida daquelle Sagrado Inſtituto deſpreſando todas as eſperanças com que a liſongeava a vaidade mundana pedio com grandes inſtancias o Habito Serafico, que com beneplacito da Rainha lhe foy lançado onde em obſequio de Santa Auta huma das Valeroſas Companheiras de Santa Urſula, cujas Reliquias ſe veneraõ no Sanctuario daquelle Convento ſe quiz chamar com o nome deſta Santa Virgem. Exercitou-ſe o ſeu eſpirito neſta paleſtra de virtudes com tal exceſſo, que ſervio de exemplar às ſuas Companheiras ſendo taõ clara a fama da ſua Sabedoria illuſtrada pela ſantidade dos coſtumes, que era domeſticamente conſultada em materias de Theologia Myſtica, venerando os mayores Letrados como Oraculos as reſoluçoens, que dava nas queſtoens mais dificultoſas da Theologia Eſcolaſtica. Cheya de obras heroicas paſſou a receber do ſeu divino Eſpoſo o merecido premio em 26. de Mayo em cujo dia faz della illuſtre memoria Jorge Cardoſo no *Agiolog. Luſit.* Tom. 3. p. 410. queixando-ſe de naõ poder deſcubrir o anno do ſeu feliz tranſito. Della ſe lembraõ Fr. Fernando da Soledad. *Hiſt. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 4. Liv. 1. cap. 22. n. 145. e Damiaõ Froes Perym no *Theatr. Heroin. de mulher illuſtr.* Tom. 1. pag. 48. Compoz.

Officium S. Auctæ V. & M. Ulyſſipone apud Petrum Crasbeeck. 1621. 8. Conſta eſte Officio de Antifonas, Oraçaõ, e lições proprias, o qual foy approvado pela Sè Apoſtolica.

Calenda da Feſta de Santa Auta. Deſta obra faz mençaõ Fr. Fernando da Soledade no lugar aſſima citado.

B

BALTHEZAR DO AMARAL natural de Cunha Baxa no Biſpado de Viſeu, e filho de Gaſpar Paes, e Catherina do Amaral. Na idade da adoleſcencia abraçou o Sagrado Inſtituto da Companhia de JESUS em o Collegio de Coimbra a 14. de Junho de 1601. Foy igualmente perito nas letras humanas que nas ſubtilezas filoſoficas que dictou nos Collegios de Lisboa, e Coimbra. Com o ſupoſto nome de Luiz Dias Franco publicou.

Doctrina Philoſophica. 1. de rebus naturalibus in communi. 2. de cælo, et mundo 3. de rerum naturalium ortu, & interitu. 4. de Meteoris. 5. de Anima. 6. de Parvis naturalibus. 7. de anima ſeparata. 8. de Ethicis. Ulyſſipone apud Petrum Crasbeeck. 1618. 4.

Conſerva-ſe o Original com o nome proprio do Author na Livraria da Caſa Profeſſa de S. Roque de Lisboa. Delle ſe lembraõ Joan. Suar. de Brito *Theatr. Luſit. Litter.* lit. B. n. 2. D. Franc. Manoel na *Carta dos Authores Portug.* eſcrita ao D. Manoel da Fonſeca Themudo onde por equivocaçaõ lhe chama *Gaſpar,* e D. Nicol. Ant. *Bib. Hiſpan.* Tom. 2. pag. 26. col. 1.

BALTHEZAR DA ANNUNCIAÇAM natural de Lisboa Conego Secular da Congregaçaõ do Evangeliſta Amado, onde pela ſua prudencia, e affabilidade exercitou os lugares de Provedor das Caldas da Rainha, Reytor do Convento de Villar de Frades, de Santo Eloy de Lisboa, e ultimamente de Geral da ſua Congregaçaõ deixando os ſubditos ſempre ſaudoſos do ſeu governo. Morreo no Convento patrio a 20. de Mayo de 1622. Compoz.

Vida de S. Lourenço Juſtiniano. M. S. como teſtifica o P. Franciſco de Santa Maria *Chron. dos Coneg. Secul.* liv. 2. cap. 4.

Vida de D. Agoſtinho Ribeiro Biſpo de Angra, e Lamego M. S.

Fazem memoria deſte Author Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 332. no Comment. de 27. de Março, e Nicol. Ant. in *Bib. Hiſpan.* Tom. 1. pag. 141.

P. BALTHEZAR ALVARES natural da Villa de Chaves ſituada na Provincia Tranſmontana. Foraõ ſeus Pays Jeronymo Gonçalves, e Leonor Gonçalves. Quando contava deſeſete annos entrou na Companhia de JESUS em o primeiro de Novembro de 1578. Eſtudadas as letras humanas ſe applicou à cultura das ſciencias mais ſeveras, e ſahio nellas taõ inſigne que dictou na Univerſidade de Evora onde depois foy Cancellario, outo annos Filoſofia, e doze Theologia, em cuja Faculdade recebeo o gráo de Doutor a 10. de Novembro de 1602. Como o ſeu genio foſſe mais natural para inſtruir diſcipulos, que governar ſubditos alcançou do Geral a eſcuſa de naõ ſer Reytor do Collegio de Santo Antaõ, em que fora eleito. Em o de Coimbra em que nacera para a Religiaõ acabou o curſo da vida a 12. de Fevereiro de 1630. com 69. annos de idade, e 52. de Religioſo. Compoz por ordem do Inquiſidor Geral D. Fernaõ Martins Maſcarenhas.

Index Auctorum damnatæ memoriæ. Tum etiam librorum, qui vel ſimpliciter, vel ad expurgationem uſque prohibentur, vel denique expurgati permittuntur. Ulyſſip. apud Petrum Crasbeeck. 1624. fol.

Tractatus de Anima Separata que he o ultimo do Curſo Conimbricenſe, e ſahio ſem o ſeu nome. Ulyſſipone apud Anton de Mariz 1598. 4. Lugd. 1627. Colon. apud Lazarum Retznerum 1603. 4. & Venetiis apud Vincentium, & Ricciardum Amadinum 1606. 4.

Problemata, quæ in Conimbricenſis Collegij Commentariis Phyſicis enodantur. Moguntiæ apud Joannem Albinum. 1601. 8.

Revio, e preparou para a impreſſaõ as obras poſthumas do Doutor Eximio o P. Franciſco Soares Granatenſe, de cujo trabalho lhe faz o P. Antonio Franco in *Ann. Glorioſ. S. J. in Luſitania* pag. 81. eſte

Elogio. *Nolis maius de Balthazare elogium, quàm quod per illum tantus quantus eſt, magna ex parte vivit magnus Suarius.* A *Bibliotheca Societ.* pag. 98. col. 2. e Joaõ Soar. de Brito in *Theatr. Luſit. Litterat.* lit. B. n. 1. o intitulaõ *Vir inſigniter doctus.* Com ſemelhantes elogios o exaltaõ Fonſeca *Evor. Glorioſ.* pag. 427. Franc. *Imag. da Virtud. em o Novic. de Coimb.* Tom. 2. pag. 613. e 615. Labbe in *Bib. Biblioth.* pag. 102. Nicol. Ant. in *Bib. Hiſpan.* Tom. 2. pag. 141. e a *Magn. Bib. Eccleſ.* pag. 102.

BALTHEZAR DE AZEREDO filho de Jorge de Azeredo, e Mecia da Fonſeca, irmaõ de Gaſpar de Azeredo Conego Doutoral na Sé de Braga, naceo na illuſtre Villa de Guimaraens donde paſſou a Coimbra a eſtudar a faculdade da Medicina cujos ſegredos penetrou taõ altamente o ſeu profundo juizo, e admiravel comprehenſaõ que depois de receber as inſignias Doutoraes, e ſer admitido ao Collegio Real de S. Paulo a 4. de Mayo de 1579. foy Lente da Univerſidade dictando a materia *de Criſibus* no anno de 1582. donde tranferido à Cadeira de Avicena em 24. de Dezembro de 1583. ſubio à de Prima em 12. de Janeiro de 1589. em que jubilou no anno de 1604. Foy cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto, e Phyſico Mór do Reyno, taõ inſigne na Faculdade Medica, como na Oratoria, e Poetica exercitando felizmente eſtas duas Artes na lingua Latina de que foy excellente cultor. Morreo em Lisboa a 6. de Janeiro de 1631. e jaz ſepultado na Caſa profeſſa de S. Roque dos PP. Jeſuitas. Foy Cazado com D. Maria de Madureira de quem teve deſcendencia. Agoſtinho Barboſ. *de Poteſt. Epiſcop.* Part. 3. Allegat. 91. n. 8. lhe chama *Luſitanæ gentis decus, & ornamentum;* Maced. *Flor. de Eſp.* Cap. 8. Excel. 9. *Hipocrates, y Galeno de nueſtros tiempos.* Gabriel Pereir. *Decis.* 113. n. 2. D. Nicol. de Santa Mar. *Chron. dos Coneg. Reg.* liv. 10. cap. 7. n. 13. Fr. Ant. da Pied. *Chron. da Prov. da Arrab.* Part. 1. liv. 2. cap. 12. n. 270. Barboſ. *Cathal. Hiſt. do Colleg. de S. Paul.* pag. 94. e no *Archiathæn. Luſit.* pag. 20.

Gnarus Appolineá Azeredius arte micabit
Quem decorare gradu ſuevit Medicina Supremo.

Compoz.

Funebris Oratio in Sacris Funeribus Philippi ſecundi Regis Catholici Conimbricæ habita in Regio Academiæ Cœnobio quinta die Novembris M. D. XCVIII. Sahio no fim da *Relaçaõ das Exequias delRey D. Filippe 2. de Caſtella.* Lisboa por Pedro Cresbeeck 1600. Começa *Triſte ſane, & peracerbum.*

Concordancia de Queſtoens Filoſoficas, e Medicas altercadas entre Filoſofos, e Medicos. M. S. Acabou eſta obra no anno de 1585.

Comentarium in Primum de Cauſis Symptomatum. M. S.

In librum Tertium de Simplicium medicamentorum facultatibus. M. S.

Poeſias Latinas, e vulgares. M. S.

P. BALTHEZAR BARREIRA naceo em Lisboa de Pays nobres chamados Rodrigo de Carmona, e Margarida Fernandes que conhecendo a viva comprehenſaõ, e ſublime talento que tinha para as letras o mandaraõ eſtudar a Coimbra, porém penetrado de ſuperior eſtimulo deixou os applauſos que lhe podiaõ reſultar das eſcholas, e ſe recolheu em o Noviciado de Coimbra dos Padres Jeſuitas a 12. de Janeiro de 1556. quando contava 25. annos de idade. Ordenado de Sacerdote diſcorreo apoſtolicamente pelas Villas de Moura, Odemira, e Coruche na Provincia do Alentejo de cuja laborioſa expediçaõ colheo copioſos frutos. Mayor foy o exceſſo da ſua charidade no fatal anno de 1569. em que ardia Lisboa fulminada de hum terrivel contagio aſſiſtindo aos feridos com taõ fervoroſo zelo que contrahindo a infermidade naõ lhe ſervio de obſtaculo para continuar neſte charitativo miniſterio. Como todo o ſeu diſvelo era a Salvaçaõ das almas foy mandado pelos Superiores a Angola aonde chegou a 23. de Fevereiro de 1580. Para atrahir com mayor facilidade os Gentios ao conhecimento do verdadeiro Deos, aprendeo a lingua da terra que brevemente ſoube, e mandou levantar huma Igreja dedicada a S. Paulo em obſequio do noſſo Governador Paulo Dias de Novaes neto de Bartholameu Dias de Novaes deſcubridor do Cabo de Boa Eſperança devendo-ſe à efficacia das ſuas Oraçoens grande parte da vitoria que aquelle Capitaõ alcançou em 2. de Fevereí-

ro de 1583. de hum formidavel exercito de Negros deſtroçados mais por ſuperior auxilio, que valor humano. Naõ he facil de relatar os mares que navegou, as terras, que correo, e as tempeſtades, e trabalhos que tolerou eſte novo Apoſtolo da Africa em beneficio da Gentilidade bautizando innumeraveis almas ſendo as principaes o filho primogenito, e o irmaõ de hum Regulo. Sendo obrigado a juſtificarſe de culpas machinadas contra a ſua Peſſoa paſſou ao Reyno, e chegando à prezença de Filippe II. lhe ſervio no conceito de Principe taõ prudente o veneravel aſpecto de muda apologia da ſua innocencia. Para que nunca eſtiveſſe ocioſo o ſeu talento em beneficio dos proximos foy eleito Meſtre dos Noviços em o Collegio de Evora em cujo miniſterio deo novos argumentos da ſua virtuoſa prudencia. Segunda vez por obedecer aos ſeus Prelados partio no anno de 1604. para a Miſſaõ de Cabo Verde quando contava a provecta idade de ſeſſenta, e ſeis annos. Logo que chegou à Ilha de Saõ-Tiago fronteira a hum grande Promontorio na Coſta de Guinè, ſem reparar que o clima era nocivo à ſaude ſahio pelas praças annunciando o Evangelho aos ſeus moradores donde penetrando até Serra Leoa com manifeſto perigo da vida bautizou os Reys de Tora, e Tarma, e aos Princepes ſeus filhos com huma grande multidaõ de barbaros transformados de brutos em racionaes. Atenuado com eſtes apoſtolicos trabalhos cahio infermo, e conhecendo ſer chegado o termo da ſua peregrinaçaõ entre ſuaves colloquios com Chriſto Crucificado acabou a vida na Cidade da Ribeira Grande da Ilha de Saõ-Tiago a 4. de Junho de 1612. com 74. annos de idade e 56. de Religiaõ. Foy geralmente ſentida a ſua morte por faltar nelle o univerſal refugio de todas as Peſſoas. O Cabido com todo o Clero lhe dedicaraõ ſumptuoſas exequias, no fim das quaes orou o Conego Rodrigo Anes Centeo Proviſor, e Vigario Geral ponderando grande parte das ſuas virtudes, e acçoens largamente eſcritas por Jorge Cardoſo no *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 525. e no Comment. de 4. de Junho letr. E. Franc. *Imag. da Virtud. do Novic. de Evor.* liv. 1. cap. 17. até 24. e na *Imag. do Nov. de Coimb.* Tom. 2. liv. 4. 5. 6. et in *Ann. Glorioſ. S. J. in Luſit.* pag. 309. Sandoval *Catheciſm. Evangel.* liv. 4. cap. 10. Guerreiro *Relac. Annal das couſas que fizeraõ os PP. da Companh. de JESUS nos annos de* 1607. *e* 1608. liv. 4. cap. 1. 2. e 3. Rho *Hiſt. virt. et vitior.* liv. 2. cap. 2. §. 25. onde erradamente lhe chama *Sebaſtiaõ.* Telles *Chron. da Comp. de JESUS da Prov. de Portug.* Part. 2. liv. 6. cap. 26. até 34. Jarric. *Thezaur. Rerum Indic.* Tom. 3. cap. 28. & Part. 2. lib. 1. cap. 6. et 7. Vaſconcelos *Deſcript. Luſit.* pag. 518. n. 7. Gualter. in *Tabul. Chronol.* Sæcul. 17. pag. 815. Fragozo *de Regimine Reipub. Chriſt.* Part. 3. lib. 10. diſput. 22. §. 4. n. 48. *Virtute, et pietate inſignis.* Eſcreveo.

Relaçaõ da Vitoria, que alcançou o inſigne Capitaõ Paulo Dias de Novaes de hum numeroſo exercito de Negros em Angola a 2. *de Fevereiro de* 1583. da qual, como do Author, faz memoria Fr. Agoſtinho de Santa Maria *Sanctuar. Marian.* Tom. 8. liv. 1. Tit. 101. pag. 330. e 331.

Carta eſcrita de Angola ao Provincial da Provincia de Portugal, em que dà conta (ſaõ palavras do P. Fernaõ Guerreiro na *Relac. Annal* aſſima allegada deſde folhas 223. até. 264 Lisboa por Pedro Craſbeeck 1611. 4.) *da diſpoſiçaõ que achou em todos aquelles Reynos, que elle peſſoalmente foy deſcubrir, e do mais fruto, que até entaõ ſe tinha feito na Converſaõ daquella gentilidade.*

Carta eſcrita de Angola em 31. *de Janeyro de* 1582. *em que relata o Bautiſmo de hum Rey,* de que traz alguma parte impreſſa o P. Balthezar Tellez *Chron. da Companh.* Part. 2. Liv. 6. cap. 38. §. 5. e 6.

Carta eſcrita em Evora a 16. *de Março de* 1604. *ao Provincial Antonio Maſcarenhas.* Sahio impreſſa pelo P. Tellez no lugar aſſima allegado cap. 30. §. 7. e Franco *Imagem da Virtud. do Noviciad. de Evor.* Liv. 1. cap. 19. n. 5.

Duas Cartas eſcrita huma ao Geral em que relata a ſua jornada à Serra Leoa com a converſaõ, e bautiſmo delRey Filippe; outra ao Provincial da Provincia de Portugal ſobre o progreſſo deſta expediçaõ. Sahiraõ vertidas em Italiano com outras. Roma por Ludovico Zanetti 1625. 8.

Carta eſcrita ao P. Manoel de Barros em Biguba terra dos Beafares a 28. *de Ja-*

neyro de 1605. *em que narra a jornada que fez à terra firme de Guinè.* Sahio impreſſa na *Relaçaõ Annal* compoſta pelo P. Fernaõ Guerreiro a folhas 140. Lisboa por Jorge Rodrigues 1605. 4.

Fr. BALTHEZAR DO BASTO. Naceo em Lisboa, e foy filho de Manoel do Baſto, e Theodoſia de Faria. Logo na infancia deſcubrio os dotes de que o ornara a natureza pelos quaes foy recebido na Sagrada Religiaõ da Santiſſima Trindade cujo Inſtituto profeſſou no Convento da ſua patria a 14. de Junho de 1642. Aprendidas as ſciencias eſcholaſticas com grande credito do ſeu engenho as dictou com mayor applauſo merecendo laurear-ſe Doutor na Faculdade de Theologia em a Univerſidade de Coimbra. Foy Reytor do Collegio deſta Cidade, e Viſitador Geral da ſua Religiaõ em cujos miniſterios practicou as maximas do ſeu prudente juizo. Entre os mais famozos Oradores Evangelicos ſe diſtinguio com manifeſto exceſſo por ſer ornado de eloquente energia, ſuave vóz, e natural reprezentaçaõ. Morreo no Convento de Lisboa a 15. de Dezembro de 1700. quando contava 74. annos de idade, e 58. de Religiaõ. Deixou promptos para ſe imprimirem.

Sermoens Varios M. S. Conſervaõ-ſe na Livraria do Convento de Lisboa.

BALTHEZAR COELHO cuja Patria, e genero de vida ignoramos. Compoz.

Tratado da Antiguidade de N. Senhora de Macheyde, e outras do Termo de Evora, e extracto de hum livro antigo dos Milagres de N. Senhora da Sè da meſma Cidade. M. S. fol. Conſerva-ſe na Livraria do Excellentiſſimo Conde de Vimieiro. Da Imagem da Senhora de Macheyde, e da ſua Capella ſer reparada no anno de 1484. eſcreve largamente Fr. Agoſt. de Santa Maria *Sanctuar. Marian.* Tom. 6. Liv. 1. Tit. 13.

BALTHEZAR CORREA PINTO natural da Villa de Caſtello-Branco do Biſpado da Guarda filho de Pedro Dias, e Izabel Rodrigues, Freyre da Militar Ordem de S. Tiago cujo Habito recebeo no Real Convento de Palmella a 15. de Fevereiro de 1671. Foy bom Prègador de cujo miniſterio deixou impreſſo

Sermaõ do Calvario. Lisboa por Joaõ da Coſta 1678. 4.

P. BALTHEZAR DA COSTA natural da Cidade de Goa Cabeça do Imperio Oriental Portuguez onde ſendo de 17. annos abraçou o Inſtituto da Companhia de JESUS no anno de 1555. Depois de eſtudar Filoſofia, e Theologia foy mandado pelos Superiores cultivar a vinha do Japaõ, e para deſempenhar taõ laborioſa empreza aprendeo a lingua, que brevemente ſoube, com a qual facilmente atrahio os animos dos Gentios merecendo particulares eſtimaçoens de D. Bartholameo Senhor de Firando em cuja terra juntamente com o P. Joaõ Fernandes bautizou quinhentas, e cincoenta peſſoas, e exercitou outros apoſtolicos miniſterios atè o anno de 1570. Ao paſſar do Japaõ para a India morreo naufragante em o anno de 1580. Fazem mençaõ deſte Operario Evangelico *Bib. Societ.* pag. 100. col. 2. *Hiſtor. Societ.* Part. 3. Liv. 1. n. 154. Liv. 6. n. 207. lib. 7. n. 178. Guſman. *Hiſt. de las Miſſion. de la Compan.* Part. 2. Liv. 7. cap. 4. Souſ. *Orient. Conquiſt.* Part. 2. Conquiſt. 4. Diviſ. 1. §. 6. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Liter.* lit. B. n. 4. o P. Pedro Franc. Xav. Charlevoix *Hiſt. du Japon* Tom. 1. pag. mihi 298. 323. e 430. *Bib. Orient.* novamente adicionad. Tom. 1. Tit. 8. col. 179. Eſcreveo.

Carta de Firando aos Portuguezes ſobre huma victoria, que houveraõ contra o meſmo Rey de Firando em outro Porto dali perto a 22. de Outubro de 1565. Sahio com outras Evora por Manoel de Lira 1598. 1. p. fol. 202. verſ. e Coimbra por Anton. Maris 1570. 4. a fol. 529. traduſida em Caſtelhano Alcalà por Juan. Inigues de Lequerica 1575. 4. a fol. 237. verſ.

Carta Anua de Goa eſcrita aos Padres de Portugal em 4. de Dezembro de 1562. Conſta de 23. paginas.

Carta eſcrita de Goa ao ſeu Provincial em que relata a morte do Patriarcha Joaõ Nunes Barreto em 3. de Dezembro de 1562.

Duas Cartas eſcritas de Goa em 16. *de Novembro de* 1560. *e outra de* 1561.

Eſtas quatro Cartas ſe conſervaõ M. S. na Caſa Profeſſa de S. Roque de Lisboa.

P. BALTHEZAR DIAS filho da Sagrada Companhia de JESUS, e hum dos gran-

des Operarios do Evangelho em o Oriente, para cuja glorioſa empreza alcançada faculdade dos Superiores ſe embarcou a 24. de Março de 1553. em a Nào Capitania S. Bento de que era Capitaõ Mòr Fernaõ Alvares Cabral filho de Pedralves Cabral, e D. Izabel de Caſtro, com outros Religioſos da Companhia. Chegado à Cidade de Goa o nomeou o P. Belchior Nunes Barreto, Vigario daquella Provincia, cuja eleiçaõ ſendo julgada por nulla, taõ modeſto ſe moſtrou em dimitilla, como obediente em exercitalla. Os cuidados, que devia applicar para o governo, os dedicou à Pregaçaõ Evangelica ſendo taõ numeroſos os auditorios, que a ella concorriaõ, que era neceſſario prègar nos Adros, e Campos por ſerem os Templos ainda que amplos, pequenos para taõ grande concurſo. A' vehemencia do eſpirito com que increpava os vicios correſpondia o fruto dos que verdadeiramente arrependidos deteſtavaõ as torpezas, em que jaziaõ ſepultados ſeguindo reſolutos o auſtero caminho da virtude. Sendo a Cidade de Malaca entre todas as da India a mais abominavel em coſtumes, e como tal neceſſitaſſe de hum Varaõ Apoſtolico para a ſua reforma, foy nomeado pelo Provincial Antonio de Quadros Superior daquella reſidencia, e chegando no anno de 1556. a eſta Cidade foy recebido pelos ſeus moradores com extraordinarias demonſtraçoens de alegria. O primeiro aſſumpto das ſuas declamaçoens Evangelicas ſe dirigio contra os Apoſtolos de Mafamede, que disfarçados em mercadores concorriaõ de Meca, Graõ Cayro, e Conſtantinopla, e navegavaõ de Siaõ, Borneo, Java, e Molucas para introduſir a falſa ley, que profeſſavaõ. Com os brados da ſua voz reprimio a uſura dos contratos, confundio a malicia dos Cacizes, introduſio os Sacramentos, e ſe conſtituhio Pay dos Orfaos. Neſtes ſagrados miniſterios paſſou em Malaca quatro annos donde voltando para Goa continuou com igual zelo onze annos atè que foy receber a coroa de ſeus apoſtolicos trabalhos em o Collegio de S. Paulo de Goa a 21. de Agoſto de 1571. Fazem delle memoria Orland. *Hiſt. Societ.* Lib. 14. n. 138. e Lib. 16. n. 81. & Part. 3. Lib. 8. n. 156. Telles *Chron. da Comp. da Prov. de Portug.* Part. 2. Lib. 5. cap. 4. n. e na *Hiſt. da Etiop. Alt.* Lib. 2. cap. 20. Souſ. *Orient. Conquiſt.* Part. 2. Conq. 3. Diviſ. 1. §. 39. atè 45. Girard. *Diar.* Part. 3. Eſcreveo

Carta eſcrita de Goa a 15. de Dezembro de 1555. a Santo Ignacio. Sahio traduſida em Italiano no Livro intitulado *Diverſi Aviſi particulari dell' Indie di Portugallo.* Venetia por Michele Tramezzino. 1565. 8. a fol. 220. verſ.

Carta aos Padres da Provincia de Portugal eſcrita de Malaca a 19. de Novembro de 1556. em que largamente deſcreve o terreno, fruto da Prègaçaõ, caſos prodigioſos, e o caſtigo, que veyo ſobre os moradores de Tolo na Ilha de Moro por apoſtatarem da Fè recebida. Conſerva-ſe no Cartorio da Caſa Profeſſa de S. Roque, e conſta de 15. paginas.

Carta para o P. Belchior Nunes Barreto em que relata o martyrio do V. P. Affonſo de Caſtro, e trinta Chriſtãos em 1558.

Carta ao Provincial de Goa eſcrita de Malaca a 3. de Dezembro de 1559. em que expende como eſtavaõ diſpoſtas as Ilhas de Solor, e Timor para receber a Fè Catholica. Sahio traduſida em Latim com outras Lovanii apud Rutgerum Velpium. 1570. 8. pag. 172.

Capituli d'alcune lettere del P. Balthezar Dias Rettore del Collegio di Goa delli 15. di Dezembre a 4. de Genaro. Sahio impreſſo no Livro intitulado *Aviſi dell' India di Portugallo havuti l' anno 1553.* Roma por Antonio Bladio 1556. 8.

Carta ao Provincial da Provincia de Portugal eſcrita de Goa em o anno de 1554. Outra eſcrita aos PP. ſeus Companheiros em 15. de Dezembro de 1554. Outra ao Provincial da Provincia de Portugal eſcrita a 4. de Janeiro de 1555. Outra eſcrita aos Padres da Provincia de Portugal eſcrita a 3. de Dezembro de 1564. Todas eſtas ſe conſervaõ na Caſa Profeſſa de S. Roque.

BALTHEZAR DIAS natural da Cidade de Braga onde teve por Pay a Alvaro Dias, e a Margarida Affonſo. Sendo de 17. annos entrou na Companhia de JESUS por Coadjutor temporal em o Collegio de Evora a 4. de Outubro de 1562. A mayor parte da vida occupou no Officio de Enfermeiro em cujo miniſterio foy muito vigilante,

e charitativo naõ perdoando a algum genero de trabalho para reſtituir os doentes à ſaude perdida. Mayor zelo practicou na aſſiſtencia que fez nos annos de 1569. e 1579. aos feridos da peſte chegando a tal exceſſo que contrahindo o contagio naõ ceſſou de lhes aſſiſtir com ſumma charidade. Por ſer inſigne Boticario acompanhou a ElRey D. Sebaſtiaõ na infeliz jornada de Africa onde perdida a batalha ficou cativo, e ſendo levado a Tituaõ padeceo exceſſivas afliçoens até ſer reſgatado do poder dos barbaros. Entre os legados pios que deixou no ſeu Teſtamento o Cardial D. Henrique foy hum delles que foſſe hum Peregrino viſitar em ſeu nome os Santos Lugares de Jeruſalem, e querendo Filippe Prudente executar a vontade de ſeu Tio ordenou, que foſſe outro em nome delRey D. Sebaſtiaõ. Foraõ nomeados para eſta devota peregrinaçaõ o P. Jeronymo Rodriguez, e por ſeu companheiro o Irmaõ Balthezar Dias, e partindo a 5. de Dezembro de 1581. dirigiraõ a jornada a Roma onde depois de beijarem o pé ao Supremo Paſtor paſſaraõ a Veneza em cujo porto ſe embarcaraõ para Jeruſalem. Chegados a eſta Cidade teſtemunharaõ com os olhos, e muito mais com os affectos as ſuaves memorias, que o Redemptor do mundo deixou impreſſas em tantos lugares, quantos ſanctificou com a ſua prezença. Reſtituido ao Reyno quizeraõ os Superiores em premio das ſuas virtudes promovello ao Eſtado Sacerdotal, que elle humildemente recuſou. Retirado ao Collegio de Evora ſe exercitou com grande fervor em todo o genero de exercicios eſpirituaes onde morreo a 14. de Abril de 1618. com 73. annos de idade, e 56. de Companhia. Eſcreveo.

Diario da viagem, que fez de Evora à Terra Santa; a qual (diz o P. Antonio Franco *Imag. da Virtud. do Noviciad. de Evora* Liv. 3. cap. 1. §. 17.) *temos, e li em o noſſo Cartorio de Coimbra.* Huma copia deſte Diario ſe guarda na Livraria do Excellentiſſimo Conde de Vimieiro.

Parte de huma Carta ſua eſcrita de Tetuaõ traz vertida em Latim o dito P. Franco in *Ann. Glor. S. J. in Luſitan.* pag. 212. onde lhe faz hum grande elogio, como tambem o fazem Tellez *Chron. da Comp. da Prov. de Portug.* Part. 2. liv. 4. Cap. 44. §. 11. e Liv. 5. cap. 32. §. 7. e 9. Cardozo *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 577. e no Coment. de 15. de Abril letr. L. e Nadaſi *Ann. Dier. Memor. S. J.* Part. 1. pag. 209.

BALTHEZAR DIAS natural da Ilha da Madeira, e hum dos celebres Poetas que floreceraõ no Reynado delRey D. Sebaſtiaõ principalmente na compoſiçaõ de Autos em que moſtrou a grande erudiçaõ que aprendera pelos ouvidos por ſer cego de nacimento. Das ſuas obras poeticas que lograraõ o beneficio da luz publica as principaes ſaõ as ſeguintes.

Auto delRey Salamaõ. Evora por Franciſco Simoens 1612. e Lisboa por Antonio Alvares 1613. 4.

Auto da Paixaõ de Chriſto metrificada. Lisboa por Vicente Alvares 1613. & ibi por Antonio Alvares 1617. 4. & ibi por Jorge Rodrigues. 1633. 4.

Auto de Santo Aleixo. Lisboa por Antonio Alvres. 1613. 4. Evora por Franciſco Simoens 1616. 4. e Lisboa por Antonio Alvares 1638. 4.

Auto de Santa Catherina V. e M. Evora por Franciſco Simoens 1616. Lisboa por Antonio Alvares 1633. et ibi por Domingos Carneiro. 1659.

Auto da Feira da Ladra. Lisboa por Antonio Alvares 1619. 4.

Conſelho para bem cazar. Lisboa por Antonio Alvares 1633. 4.

Auto da Malicia das Mulheres. Lisboa pelo dito Impreſſor 1640. 4.

Hiſtoria da Emperatriz Porcina mulher do Emperador Lodonio de Roma. Lisboa por Domingos Carneiro 1660.

Tragedia do Marquez de Mantua, e do Emperador Carloto Magno. Lisboa pelo dito Impreſſor 1665. 4.

Auto do Nacimento de Chriſto. Lisboa pelo dito Impreſſor 1665. e muitas vezes reimpreſſo.

Trovas de Arte mayor ſobre a morte de D. Joaõ de Caſtro Vice-Rey da India dirigidas a ſua mulher D. Anna de Attayde. 4. ſem anno da Impreſſaõ que he em letra Gotica como vimos na Livraria do Excellentiſſimo Conde do Vimieiro.

Fr. BALTHEZAR DE S. DOMINGOS natural da Villa de Palmella filho de

Antonio Rodriguez Reymaõ, e Maria Ferreira, Religioſo da Ordem dos Pregadores, cujo habito profeſſou no Convento de Lisboa a 21. de Outubro de 1575. He numerado entre os Eſcritores Portuguezes por Manoel de Faria, e Souſa *Epitom. das Hiſt. Portug.* Part. 4. cap. 18. e na *Europ. Portug.* Tom. 3. Part. 4. cap. 6. e Joaõ Soar. de Brit. in *Theatr. Luſit. Litter.* aos quais ſe remete Jacobo Echard *Script. Ord. Præd.* Tom. 1. pag. 900. col. 1. ſem que algum delles declare as obras que compoz, as quaes até agora naõ chegaraõ á noſſa noticia.

P. BALTHEZAR DA ENCARNAÇAM. Naceo em a Villa de Serpa ſituada na Provincia Tranſtagana, e em a Igreja Matriz da meſma Villa recebeo a graça bautiſmal a 24. de Agoſto de 1684. Orfaõ de ſeus Pays Pedro Alvares, e Brites Correa o educou ſua Tia em varios exercicios de piedade, e devoçaõ até que ſentando praça de Soldado começou a degenerar de taõ virtuoſa educaçaõ precipitando-ſe em todo o genero de vicios que ſerviaõ de univerſal eſcandalo. Penetrado da efficacia da Divina Graça que tomou por inſtrumento a vóz do Veneravel P. Antonio da Cruz da Congregaçaõ do Oratorio Varaõ eminente em virtudes ſeu Confeſſor pelo eſpaço de dous annos ſe retirou em o anno de 1713. quando contava 28. annos de idade para a ſolitaria habitaçaõ das Covas de Monte furado, cujo horror lhe deo o nome de Infernaes ſituadas na Provincia do Alentejo diſtantes huma legoa de Monte Mór o novo onde para fazer penitencia de ſuas culpas, e elegendo por ſeu Tutelar a S. Paulo primeiro Ermitaõ começou com outros companheiros a obſervar por particular Inſtituto todos os dias os exercicios de cinco horas de Oraçaõ mental, duas de liçaõ eſpiritual, duas diſciplinas, e em tres dias da Semana jejum de paõ, e agua, e ſilencio com outras mortificaçoens muito ſuperiores às forças da natureza. Como dezejaſſe chegar ao Eſtado Sacerdotal começou com grande applicaçaõ quando tinha quarenta annos eſtudar a lingua Latina que ſoube ſem Meſtre particular celebrando o primeiro Sacrificio no Altar da Senhora Madre de Deos do Convento das Religioſas Franciſcanas ſituado nos Suburbios deſta Cidade a 17. de Junho de 1732. Inſtituhio em Lisboa Setubal, e Leyria huma Irmandade intitulada da *Charidade* para ſocorro dos prezos, e remedio de peſſoas neceſſitadas. Pelo eſpaço de quatro annos tem prégado em diverſas partes do Reyno mais de outocentos Sermoens como Miſſionario Apoſtolico que he por Breve de ſua Santidade com os quaes tem colhido copioſo fruto dos ouvintes, e delles ſómente publicou os ſeguintes.

Sermaõ do Juizo prégado na Parochial Igreja de S. Gens termo de Monte Mór em prezença de innumeravel auditorio de diferentes eſtados com grande fruto das Almas, e mayor Gloria de Deos. Lisboa por Domingos Gonçalves 1734. 4.

Sermaõ da Payxaõ prégado na Igreja das Covas de Monte furado. Lisboa pelo dito Impreſſor. 1734. 4.

Tem prompto para a impreſſaõ.

Chave do inferno. 4. M. S.

Practicas doutrinaes. 4. 4. Tom. *M. S.*

BALTHEZAR ESTAÇO. Naceo na Cidade de Evora em o anno de 1570. para augmentar a gloria da ſua nobre familia igualmente fecunda de Varoens inſignes em Letras, e armas. Deſde a adoleſcencia ſe applicou ao eſtudo da Poeſia a que naturalmente o impellia o genio, e de tal modo alcançou os preceitos deſta divina Arte que mais pareciaõ inſpirados, que aprendidos produzindo em annos verdes frutos ſazonados como elle affirma na Carta ultima com que dá fim aos ſeus Poemas.

Nos meos annos tende o tento
Os quaes naõ sey ſe aſſomais
Com eu ter vinte naõ mais.

Com a meſma applicaçaõ eſtudou Filoſofia, e Theologia aſſim Eſcholaſtica, como Moral em que ſahio egregiamente inſtruido. Ordenado de Sacerdote pelo Illuſtriſſimo Biſpo de Viſeu D. Joaõ de Bragança mereceo deſte nobiliſſimo Prelado o mais fino affecto nacido da communicaçaõ que com elle tivera quando antes de ſer aſſumpto no Biſpado era Conego de Evora. Para mayor demõſtraçaõ de quanto o eſtimava o fez Conego Penitenciario de ſua Cathedral, e lhe perſuadio publicaſſe os ſeus Verſos os quaes

em final de agradecimento dedicou a eſte grande Mecenas com eſte titulo.

Sonetos, Cançoens, Eglogas, e outras Rimas. Coimbra por Diogo Gomes de Loureiro. 1604. 4.

Dialogo chamado Governo de Deos com as almas, e concordia entre os Doutores modernos feita com a mente de Santo Agoſtinho ſobre o auxilio ſufficiente e eficaz da graça Divina. Dedicado ao meſmo Santo. Saõ Interlocutores do Dialogo Flaminio Theologo, Feliciano Juriſta. *M. S.*

Roſario da Rainha dos Anjos. Dedicado à meſma Senhora *M. S.*

Eſtes dous livros ſe conſervaõ na Livraria do Convento dos Carmelitas Deſcalços da Cidade de Evora.

Menino perdido. Dialogo em verſo. Interlocutores JESUS MARIA, JOZE' Dedicado ao meſmo Santo em cujo frontefpicio tem eſte Diſticho.

Et Reges mundi, & mundus tibi cedat Joſeph
Nam mundum, & Reges qui regit, ipſe regis.

Conſta de 175. folhas em 4. compoſto em Outava Rima, e nas margens citados os lugares da Sagrada Eſcritura que na tal obra ſe allegaõ, a qual conſerva *M. S.* em ſeu poder o P. Fr. Affonſo da Madre de Deos Academico Real que nos comunicou eſta noticia.

Varios remedios, e conſolaçoens a todos os trabalhos, e moleſtias, que coſtumaõ ter os homens de varios eſtados entre os quaes ſe propoem os remedios, e conſolaçoens que póde ter hum Prèlado das moleſtias que nacem do governo das ſuas ovelhas. Eſta obra compoſta por modo de cartas conſolatorias eſtava quaſi concluida ametade no anno de 1602. *M. S.*

Fazem mençaõ deſte Author Nicolào Ant. *Bib. Hiſpan.* Tom. 1. pag. 142. col. 2. Joaõ Franc. Barret. *Bib. Luſit. M. S.* Fonſec. *Evor. Glorioſ.* pag. 406. e 410. e ultimamente o P. Antonio dos Reys in *Enthuſiaſm. Poet.* n. 82.

Par operi plectrum pulſans Balthaſar honóra
Quem non docta cohors, nec Cynthius ipſe coronat
Fronde, ſed è Superis lapſum diadema per auras
Non niſi Sacra canens ſolio reſidebat in alto.

P. BALTHESAR DE FIGUEIREDO Religioſo profeſſo da Companhia de *JESUS* ſendo Miniſtro do Collegio de S. Paulo de Braga eſcreveo, como teſtifica Jorge Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 742. no Comment. de 18. de Junho letr. M.

Vida do Irmaõ Manoel de Azevedo Eſtudante da Companhia de JESUS dedicada ao P. Franciſco de Mendoça Reytor de Coimbra. M. S.

P. BALTHEZAR GAGO famoſo Miſſionario, que illuſtrou o Oriente, naceo em Portugal no anno de 1515. e abraçou o Sagrado Inſtituto da Companhia de JESUS em o de 1546. quando eſtava na idade adulta de trinta e hum annos. Abrazado em o zelo de converter Almas a Chriſto, e mover guerra contra o Inferno pedio com multiplicadas inſtancias aos Superiores o fizeſſem participante de taõ heroica empreza, e tanto que a alcançou, partio de Lisboa em a Nào S. Pedro a 17. de Março de 1548. acompanhado do Inſigne Varaõ o Meſtre Gaſpar Barzeo. Chegado a Goa a 4. de Setembro foy benevolamente recebido por S. Franciſco Xavier que conhecendo o incendio que lhe abrazava o coraçaõ lhe deſtinou para theatro das ſuas apoſtolicas acçoens ao Reyno de Bungo ſendo em Funay ſua Metropole tratado pelo Principe que a governava com ſingulares demonſtraçoens de affecto, e veneraçaõ, concedendo-lhe faculdade para poder prégar o Evangelho na ſua Corte. Com a grande efficacia da ſua doutrina chegou brevemente o numero dos convertidos a mil, e quinhentos, de cuja admiravel transformaçaõ envejoſos os Bonzos ſe armaraõ de injurias, e muitas vezes de pedras contra o pregoeiro Evangelico, e ainda que foraõ reprimidos deſtes inſultos por ordem Real, novamente ſe levantaraõ para impedir os progreſſos do Chriſtianiſmo valendo-ſe de hum diabolico artificio, qual foy affirmarem publicamente que confrontadas a Ley de Chriſto, e a do Japaõ ſómente ſe diſtinguiaõ em alguns ritos, ſendo na ſubſtancia identicas. Contra eſte abominavel erro ſe oppoz o zelozo Miſſionario clamando pelas Praças ſerem taõ ſemelhantes os erros Japonezes às verdades Catholicas, como eraõ as trevas com a luz. Naõ ſatisfeito de confutar eſte erro vocalmente,

eſcreveo hum douto Tratado em que claramente moſtrava a oppoſiçaõ que huma ley tinha à outra, e de tal modo foy aceito por ElRey que mandou imprimir no Original o Sello das ſuas Armas em final authentico da ſua approvaçaõ. Naõ podia a malicia dos Bonzos reſiſtir à virtude deſte Evangelico Operario principalmente quando viraõ que dous delles venerados por mais doutos abjuraraõ os ſeus erros pedindo o Bautiſmo, que lhe conferio com os nomes de Paulo, e Barnabè. Admiravel foy o dominio que tinha ſobre o demonio expulſando-o dos corpos de dous Irmaõs deſcendentes de huma familia tyranizada em tres geraçoens continuadas pelo infernal eſpirito. Semelhantes foraõ as obras que o ſeu ardente zelo exercitou em Firando, Facata, e Salſete padecendo incriveis trabalhos, formidaveis tempeſtades, horroroſos perigos até ſer condenado à morte por encher as obrigaçoens do miniſterio Apoſtolico a que deo glorioſo fim no Collegio de S. Paulo de Goa em 9. de Janeiro de 1583. Grandes ſaõ os Elogios que diverſos Eſcritores deraõ a eſte inſigne Varaõ *Bib. Societ.* pag. 101. col. 1. *Fuit è primis illis Societatis columinibus, qui Indiam, univerſumque Orientem evangelica pradicatione illuſtrarunt.* Franco *Ann. Glorioſ. S. J. in Luſit.* pag. 14. *Vir giganteo plenus ſpiritu, & natus rebus grandibus aggrediendis, e na Imag. da Virt. em o Nov. de Coimb.* Tom. 1. liv. 3. cap. 49. *Imitou muito a S. Franciſco Xavier nos glorioſos trabalhos, que padeceo.* Faria *Aſia Portug.* Tom. 2. Part. 4. cap. 20. n. 9. *Fueron famoſos, y aun Santos diſcipulos del Santo Xavier, y compañeros de ſus trabajos, y Predicacion Balthezar Gago, Luiz Mendes. &c.* Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Luſit. Litter.* liter B. n. 6. *inſignis verbi Dei operarius apud Japones ubi ſemel, nec uno in loco vitam objecit pro Fide præſentiſſimo diſcrimine.* Nadaſi *Ann. Dier. Mem. S. J.* Part. 1. pag. 18. *multifariam vexatus, nuditate, contumeliis, mortis minis Evangelium feliciſſime propagavit ſignis quoque ſecutis ad fidei firmitatem.* Telles *Chron. da Comp. da Prov. de Portug.* Part. 1. liv. 2. cap. 25. n. 3. *eſcolhido com particular providencia para hir criar a nova Chriſtandade que o Santo Xavier plantava no Japaõ.* Guſman *Hiſt. delas Miſſion.* liv. 5. cap. 3. fol. 439. Nicol. Ant. *Bib. Hiſpan.* Tom. 1. pag.. 142. Souſa *Orient. Conq.* Part. 1. Conq. 1. Diviſ. 2. §. 84. e Conq. 4. Div. 2. §. 6. 7. 8. e 9. e Part. 2. Conq. 1. Diviſ. 2. §. 71. Girardi *Diar.* Part. 1. ad 9. Januar. Craſſet *Hiſt. del'Egliſſe du Japon.* Tom. 1. liv. 4. §. 1. e 2. pag. mihi 224. Charlevoix *Hiſt. du Japon.* Tom. 1. pag. 233. 236. 247. 249. 254. 262. Compoz na lingua Japoneza.

Tratado em que ſe moſtra claramente a grande differença que há entre a ley de Chriſto, e a do Japaõ. Deſta obra fazem mençaõ a *Bib. Societ.* pag. 101. col. 2. e Souſa *Orient. Conq.* Part. 1. Conq. 4. Diviſ. 2. §. 8.

Carta eſcrita de Goa em o anno de 1552. aos Irmaõs de Portugal. Sahio vertida em Italiano. Venetia por Michaele Tramezzino. 1559. 8.

Carta eſcrita de Firando a 20. de Settembro de 1555. a ElRey D. Joaõ o III. Começa, *Senhor porque ſabemos.* Sahio com outras. Evora por Manoel de Lyra 1598. fol. 41. v.º e Coimbra por Antonio Mariz 1570. 4. fol. 108.

Carta eſcrita de Firando a 23. de Settembro de 1555. aos Irmaõs da Companhia de JESUS da India, e Portugal. Evora por Manoel de Lyra 1598. fol. 38. v.º Começa *o Anno paſſado de cincoenta, e dous.* Coimb. por Antonio de Maris 1570. 4. fol. 99. Vertida em Caſtelhano por Cypriano Soares Coimb. por Joaõ Alvares, e Joaõ Barreira. 1565. 4. pag. 111. e Alcalà por Juan Iniguez de Lequerica. 1575. 4. fol. 70. Traduzida em Latim pelo P. Manoel da Coſta *Rer. à Soc. Jeſ. in Ind. Geſtar.* lib. 2. pag. 210. Coloniæ apud Gervinum Calenium 1574. 8. & Dilingæ apud Sebaldum Mayer 1571. 8. fol. 103.

Carta eſcrita de Firando a Santo Ignacio a 23. de Setembro de 1555. Sahio Vertida em Latim in *Epiſtol. Japanicis.* pag. 121. Lovanij apud Rutgerum Velpium. 1570. 8. & ibi pelo dito Impreſſor 1569. 8. a pag. 73. Traduzida em Italiano Venetia por Michaele Tramezzino 1559. 8. e 1565. 8.

Carta eſcrita de Bungo em o 1. de Novembro de 1559. aos Irmaõs da Companhia da India. Começa. *Na entrada deſte Setembro paſſado* &c. Sahio com outras. Evo-

ra por Manoel de Lyra 1598. a fol. 63. He muito larga. Sahio em Latim Lovanij apud Rutgerum Velpium 1569. 8. a pag. 197. & ibi pelo dito Impreſſor 1570. 8. a pag. 179. e em Italiano. Venetia por Michaele Tramezzino. 1562. 8. a fol. 260. v.º com outras em o livro intitulado *Diverſi Aviſi dell' India de Portugallo.*

Carta eſcrita de Goa a 10. *de Dezembro de* 1562. *aos Irmaõs da Companhia de Portugal.* Começa. *O anno de* 1559. *eſcrevy do Japaõ.* Evora por Manoel de Lyra 1598. fol. a folhas 95. He larga, e nella trata de varias ſeitas do Japaõ.

De algumas deſtas Cartas faz mençaõ a *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ modernamente acrecentada Tom. 1. Tit. 6. col. 100.

BALTHEZAR GONÇALVES LOBATO natural da Cidade de Tavira em o Reyno do Algarve muito verſado na liçaõ da Hiſtoria, principalmente da fabuloſa, em a qual eſcreveo, e dedicou a D. Diogo da Sylva I. Conde de Portalegre Mordomo Mòr delRey D. Manoel a ſeguinte obra.

Chronica do Famoſo Principe D. Clariſol de Bretanha Filho do Principe D. Duardos de Bretanha na qual ſe contaõ ſuas grandes Cavallarias, e dos Princepes Lindamor, Clarifebo, e Beliandro de Grecia filhos de Vaſperado, e de outros muitos Princepes, e Cavalleiros famoſos do ſeu tempo. Lisboa por Jorge Rodrigues. 1602. fol.

Quinta, e ſexta parte do Palmeirim de Inglaterra. fol.

P. BALTHEZAR GUEDES. Naceo em a Cidade do Porto em quinta feira 6. de Fevereiro de 1620. e foy filho de Luiz da Coſta Roza homem de negocio, e de Lourença Guedes de Moura. Recebeo o Sacramento do Bautiſmo na Freguefia de S. Nicolào a 11. do dito mez, e anno, que lhe conferio ſeu Tio Pantaleaõ da Coſta de Vaſconcellos Abbade de Santa Marinha de Cortegaça, e Conego na Cathedral do Porto. Deſde a puericia começou a moſtrar a inclinaçaõ, que tinha para o exercicio das virtudes mais heroicas, ſendo compaſſivo, humilde, e modeſto, de tal ſorte, que ſervia em idade taõ tenra de exemplar aos annos mais proveCtos. Amante da pobreza evangelica, e inimigo jurado das riquezas naõ quiz ſeguir a vida do cõmercio, que ſeu Pay exercitava, antes aſpirando a outros mais nobres lucros, que lhe prometia o Eſtado Eccleſiaſtico para beneficio dos proximos ſe ordenou de Presbytero em o anno de 1644. e tanto que ſe fez domeſtico da Caſa de Deos ſe acendeo o ſeu coraçaõ em mais aCtivo incendio. Penetrado das innocentes lagrymas, que derramavaõ os Meninos Orfaõs heroicamente emprendeo, e felizmente conſeguio edificar-lhes hum Collegio, que foſſe o refugio do deſamparo, e a eſcola da virtude. Para conſeguir taõ ſanto intento que baſtava ſer imaginado para merecer o mayor premio, alcançou faculdade delRey D. Joaõ o IV. a 30. de Janeiro de 1651. e elegendo para a nova fabrica huma Ermida conſagrada à Rainha dos Anjos com o titulo de N. Senhora da Graça ſituada fóra dos muros da Cidade do Porto para a parte do Norte em ſitio plano, e agradavel, que tinha ſido erecta no Reynado delRey D. Affonſo Henriques, e reedificada pela piedade da Rainha D. Catherina Mulher delRey D. Joaõ o III. lhe lançou a primeira pedra em 21. de Novembro de 1651. Fernando de Freitas de Meſquita Chantre da Cathedral do Porto a cuja plauſivel funçaõ aſſiſtiraõ o Cabido Sede Vacante, os Miniſtros da Relaçaõ com o ſeu Governador D. Rodrigo de Menezes, e o Senado da Camara. Vencidas algumas contradicçoens, que o inimigo cõmum armou para impedir o progreſſo do novo edificio, como prevendo a formidavel guerra, que lhe haviaõ mover os ſeus alumnos começou o Fundador a meditar os meyos com que ſe pudeſſe erigir naõ ſómente o edificio para habitaçaõ dos Orfaõs, que brevemente chegaraõ ao numero de cincoenta, mas o Templo para a Mãy de Deos hum dos mais ſumptuoſos com que ſe ennobrece a Cidade do Porto. Para alcançar o que deſejava diſcorreo a pè acompanhado de dous Meninos Orfaõs os Arcebiſpados de Lisboa, Braga, e Evora, e os Biſpados de Coimbra, Leiria, Viſeu, Lamego, e Guarda de cuja larga peregrinaçaõ colheo muitas eſmolas ſendo a mais copioſa a que lhe adquirio ſeu Irmaõ Pantaleaõ da Cruz, que vivendo retirado do cõmercio humano paſſou ao Braſil onde fazendo-ſe perceptivel pelas acçoens jà que naõ podia com as pa-

lavras por ſer mudo de nacimento alcançou da generoſa piedade de ſeus habitadores quatorze mil cruzados, que remeteo para a fabrica, que havia ſer o aſylo da Orfandade. Sendo grande o diſvelo com que procurava o augmento material do Collegio, era muito mayor a vigilancia com que ſolicitava o eſpiritual dos ſeus alumnos inſtruindo-os ao meſmo tempo em as Virtudes Chriſtãas, Artes Liberaes, de que forão felices conſequencias ſahirem de taõ ſagrada paleſtra atè o dia da ſua morte cento e noventa e ſete para Religioſos de diverſas Ordens, e trinta e nove para o Eſtado Clerical. A' ſua fervoroſa charidade deve a Cidade do Porto a Caſa, que ſe edificou para recolhimento dos Meninos Expoſtos evitando deſte modo a infelicidade de muitos, que ſe achavaõ mortos pelas ruas com eſcandalo da piedade. Em obſequio, e mayor veneraçaõ da Mageſtade Divina inſtituhio tres Confrarias formadas duas de Clerigos quaes foraõ a de S. Filippe Neri eſcrevendo-lhe os Eſtatutos, e a de S. Pedro, e a 3. de Seculares, e a mais celebre, de que era Tutelar a Senhora da Boa morte. Reedificou a Igreja do Hoſpital de S. Lazaro do qual o tinha nomeado Provedor o Senado da Camara em atençaõ ao zelo com que infatigavelmente promovia tudo, que reſpeitava a beneficio dos proximos. Como ſe fora inſenſivel tolerou conſtantemente huma furioſa tormenta de adverſidades quando deo principio ao ſeu Collegio pois além de lhe lançarem por terra o primeiro edificio, foy injuriado com afrontozos nomes, e acometido de hum diluvio de pedras. Mais terrivel foy a perſeguiçaõ que padeceo de algumas Peſſoas Eccleſiaſticas que com pretexto de zeloſas interpretavaõ ſiniſtramente as ſuas inculpaveis acçoens julgando que mais para conveniencia propria, que refugio da Orfandade excogitara induſtrioſamente aquella fabrica. Todas eſtas injurias, que lhe feriaõ o credito, ſoportava com incrivel paciencia fazendo dellas oblaçaõ entre lagrimas, e ſuſpiros a Chriſto Crucificado em memoria das que no Calvario recebera da ingratidaõ humana. Todos os Domingos, e dias Santos fazia Practicas com tanto eſpirito, e ſciencia que por confiſſaõ dos Varoens mais doutos era a ſua doutrina ſuperiormente inſpirada, e naõ adquirida por eſtudo, ſendo principalmente profundo na intelligencia da Sagrada Eſcritura que animada de huma zeloſa efficacia colhia abundante fruto dos ouvintes. A fama das ſuas virtudes dilatada por todo o Reyno obrigou à Sereniſſima Rainha da Graá Bretanha D. Catherina a lhe inſinuar a acompanhaſſe a Inglaterra de cuja honra modeſtamente ſe eſcuſou, como tambem de ſer Reytor do Collegio dos Orfaõs de Lisboa. Toda a ſua comunicaçaõ era com Varoens abalizados em ſantidade como foraõ o P. Joaõ Vitoria taõ conhecido em Portugal, como em Roma, o Ven. P. Bartholameo do Quental Fundador da Congregaçaõ do Oratorio neſte Reyno, o P. Joaõ do Sacramento que morreo Biſpo eleito de Pernambuco, e Fr. Luiz de S. Franciſco, Comiſſario da Veneravel Ordem Terceira da qual foy ſete vezes Miniſtro aos quaes conſultava como Oraculos nos pontos mais dificultoſos da Theologia Myſtica, ſendo igual o goſto que recebia a ſua alma com eſte eſpiritual comercio ao horror que tinha de converſar com mulheres ainda que foſſem de conhecida virtude, como lhe ſucedeo com a Ven. Madre Soror Leocadia da Conceiçaõ, eſcuſando-ſe muitas vezes de lhe fallar quando era chamado por eſta inſigne Eſpoſa do divino Cordeiro. Muitas das ſuas palavras foraõ profecias ſendo entre ellas a mayor acerca da ſua morte affirmando que em huma rua da Cidade do Porto havia ſer morto, cujo vaticinio ſe cumprio, pois recolhendo-ſe depois de ter ſolicitado o remedio para hum pobre, antes de entrar no Collegio foy acometido de hum accidente que no fim de tres dias o privou da vida a 6. de Outubro de 1693. quando contava 73. annos de idade. Concorreo grande multidaõ de povo a venerar o ſeu Cadaver que foy ſepultado com univerſaes lagrimas, pois tinhaõ perdido na ſua Peſſoa os Orfaõs o amparo, as Viuvas, e Donzellas o refugio, os afflictos o ſoccorro, e todos o remedio. Jaz no pavimento da porta traveſſa que ſahe da Igreja do Collegio para o Clauſtro, e na parede proxima à ſepultura ſe gravou em marmore eſte breve epitafio.

Aqui jaz o primeiro Reytor, e Fundador deſte Collegio dos Orfaõs Balthezar Guedes a 6. de Outubro de 1693.

As acçoens deſte apoſtolico Varaõ relata mais largamente Fr. Fernando da So-

ledade na *Hiſt. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 5. liv. 5. cap. 17. n. 1432. e ſeg. e na Part. 4. liv. 3. cap. 32. n. 686. *Piiſſimo Fundador do Recolhimento dos Meninos Orfaõs* he intitulado por meu Irmaõ D. Jozé Barboſ. *Mem. do Colleg. Real de S. Paul.* pag. 213. Traduzio, e publicou as obras ſeguintes.

Epitome da vida de S. Filippe Neri eſcrita pelo P. Joaõ Euſebio da Companhia de JESUS vertida em Portuguez. Lisboa por Domingos Carneiro. 1667. 24.

Caſos raros da Confiſſaõ. Traduçaõ de Caſtelhano do P. Chriſtovaõ da Veyga da Companhia de JESUS. Coimbra por Jozé Ferreira Impreſſor da Univerſid. 1673. 8.

Retrato do P. Fr. Joaõ da Cruz companheiro de Santa Thereza traduçaõ de Caſtelhano de Fr. Jeronymo de S. Jozé Carmelita Deſcalço. Coimbra pelo dito Impreſſor. 1675. 8.

Eſcola de Oraçaõ, e Contemplaçaõ, mortificaçaõ das Paixoens, e outras materias principaes da doutrina eſpiritual traduzida de Caſtelhano de Fr. Joaõ de Jeſus Maria Carmelita Deſcalço. Coimbra pelo dito Impreſſor 1678. 8.

Epitome, e breve explicaçaõ das Ceremonias da Miſſa traduzido de Caſtelhano de Fr. Belchior de Helumo Franciſcano. Lisboa por Domingos Carneiro 1671. 16. e Coimbra por Jozé Ferreira Impreſſor da Univerſid. 1693. 12.

Deixou *M. S.* as obras ſeguintes.

Compendio da Vida da V. Sor. Leocadia da Conceiçaõ Freyra de Monchique junto do Porto natural de Freixo de Eſpada na Cinta 4.

Annaes em que com notavel individuaçaõ eſcreveo os trabalhos que padeceo, e as eſmolas, que adquirio para a Fabrica do ſeu Collegio deſde o anno de 1651. *até o de* 1693. fol.

Eſtatutos para obſervarem os alumnos do Collegio. fol. Ambas eſtas duas obras ſe conſervaõ no dito Collegio.

BALTHEZAR HENRIQUES natural da Villa da Louſaá do Biſpado de Coimbra, e Prior da Igreja Matriz da ſua Patria. Igualmente douto na Theologia Moral, que ſciente na Miſtyca traduzio para inſtruçaõ de Parochos, e direcçaõ das ſuas Ovelhas, da lingua Latina do P. Vicente Bruno da Companhia de Jeſus em a materna.

Tratado breve do Sacramento da Penitencia. Dedicado a Martim Affonſo Mexia Biſpo de Lamego. Lisboa por Antonio Mariz. 1618. 16.

Da lingua Latina do Eminentiſſimo Cardial Roberto Bellarmino na Portugueza.

Eſcada para ſubir ao conhecimento do Creador pelo conhecimento das Creaturas. Dedicado a Senhora D. Juliana de Alencaſtro, e Giron Duqueza de Aveiro. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1618. 8.

Fr. BALTHEZAR DE S. JOAM illuſtre filho da Ordem dos Prégadores cujo talento ſe admirou igualmente inſigne na Cadeira como no Pulpito, naõ ſendo menos eſtimavel pela prudencia, e madureza do juizo, pelo qual foy eleito Provincial da Provincia de Aragaõ, e naõ de Portugal, como eſcreve Fr. Pedro Monteiro no *Clauſt. Domin.* Tom. 3. pag. 169. Compoz.

Vida de S. Fr. Gil Dedicada ao Meſtre Fr. Jorge Vogado no anno de 1528. a qual ſe conſerva no Convento de Santarem, onde aſſina a morte do Santo em o anno 1379. e naõ 1479. como tranſcreveo Jacob Echard *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. pag. 11. col. 2. o que deve ſer erro da impreſſaõ por ſucceder certamente a 14. de Mayo de 1265. cujo reparo advertio Fr. Antonio de Senna quando falla de Fr. Balthezar de S. Joaõ in *Bib. Frat. Ord. Prædicat.* pag. 38. onde lhe chama *Vir ingenio præſtans, eloquio comptus, in humanis litteris verſatus, ac divinarum non ineruditus.*

Officium B. Ægidij do qual uza o Convento de Santarem onde o Santo eſtá ſepultado, e ſe reza no dia da ſua Feſta que he na Dominga ſeguinte à Aſcençaõ de Chriſto, o qual Officio dedicou ſeu Author ao Meſtre Fr. Jorge Vogado como eſcreve Jorge Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 251. no Comment. de 14. de Mayo letr. D. Deſta obra como da precedente faz menção o P. Antonio Poſſevino *Apparat. Sac.* Tom. 1. pag. 166.

Summa de Grammatica. M. S. Deſta

obra faz mençaõ Fr. Pedro Monteiro no lugar aſſima allegado, e do Author Nicol. Ant. *Bib. Hiſpan.* Tom. 1. pag. 142. e Fr. Affonſ. Fernand. in *Notit. Script. Ord. humanis litteris perpolitus, et Theologicis conſpicuus.*

D. Fr. BALTHEZAR LIMPO. Naceo na Villa de Moura da Provincia do Alentejo em o anno de 1478. ſendo ſeus Progenitores Ruy Limpo, e Ignes da Rocha taõ illuſtres no ſangue como na piedade. A gravidade, e modeſtia que nos primeiros annos moſtrou no ſemblante foraõ claros indicios de que nacera mais para a Religiaõ, que para o mundo. Entre todas elegeo a Carmelitana recebendo o Habito em o Convento da ſua Patria no anno de 1494. e ao ſeguinte fez a Profiſſaõ ſolemne com grande ſatisfaçaõ de todos os Religioſos. A boa indole, que tinha para as virtudes, naõ foy differente da que era neceſſaria para as letras as quaes foy aprender para depois enſinar em a celebre Univerſidade de Salamanca, e de tal ſorte ſahio eminente na comprehenſaõ dos Myſterios Theologicos, que voltando para Portugal mereceo levar por oppoſiçaõ a Cadeira de Prima deſta ſublime Faculdade a 11. de Abril de 1521. dictando-a em a Univerſidade que entaõ reſidia em Lisboa, por eſpaço de nove annos até 24. de Março de 1530. cujo magiſterio renunciou a ſeu ſubſtituto o Doutor Pedro Margalho. Naõ mereceo menor applauſo o ſeu talento no Pulpito que na Cadeira, pois ſendo Prègador da Mageſtade delRey D. Joaõ o III. e Confeſſor da Rainha D. Catherina reprehendia na ſua prezença, e de toda a Corte com ſeveridade apoſtolica os vicios que para ſerem practicados buſcavaõ o Palacio por aſylo. Depois de ter governado duas vezes a ſua Provincia a primeira no anno de 1523. e a ſegunda em 1533. deixando gravada a memoria da ſua magnificencia nas ſumptuoſas obras que fez, e da ſua prudencia nas exemplares acçoens que practicou, foy aſſumpto ao Biſpado do Porto em o anno de 1536. e confirmado pela Santidade de Paulo III. a 15. de Novembro do dito anno moſtrando na adminiſtraçaõ de taõ alto Officio qual he o Paſtoral, que poſſuya todos aquelles dotes dignos de hum perfeito Prelado celebrando Synodo em 2. de Outubro de 1540. reformando o Cenſual do Cabido, e creando novamente a dignidade de Arcipreſte. Entre os inſignes Prelados que ElRey D. Joaõ o III. mandou ao Concilio Tridentino foy elle eleito no anno de 1545. para aſſiſtir a taõ Veneravel Congreſſo, onde vendo as exceſſivas demoras com que ſe procedia em hum negocio de que dependia a conſervaçaõ da Igreja Catholica, ſe deliberou paſſar a Roma, e com palavras dictadas pela vehemencia do ſeu zelo exhortou a Paulo III. ordenaſſe a concluſaõ do Concilio, e juntamente foy hum dos principaes inſtrumentos que facilitaraõ a eſte Pontifice a conceſſaõ do Tribunal do Santo Officio neſte Reyno cuja negociaçaõ era das mayores que na Curia por aquelle tempo tratava o noſſo Embaxador Balthezar de Faria. Reſtituido a Portugal foy elevado em premio do que tinha obrado em obſequio da Igreja, e deſta Monarchia, à Cadeira Primacial de Braga que vagara por morte de D. Manoel de Souſa, em cuja dignidade foy confirmado a 23. de Mayo de 1550. pela Santidade de Julio III. com quem contrahira grande amizade ſendo Preſidente do Concilio de Trento. Tanto foy o ſentimento que moſtrou o Porto na ſua auzencia, como alvoroço Braga com a ſua poſſe conhecendo as virtudes que o ornavaõ para governar taõ illuſtre Dioceſe. A primeira acçaõ memoravel, que obrou, foy a traſladaçaõ do corpo de S. Pedro de Rates da humilde ſepultura em que jazia para hum ſumptuoſo Mauzoleo que edificou na Capella de S. Pedro Apoſtolo ſituada no Cruzeiro à parte do Evangelho da Cathedral de Braga. Emendou os vicios mais com a ſuavidade, que com o rigor. Diſpendeo com generoſa maõ o patrimonio de Chriſto de que fez depoſitarios os pobres principalmente aquelles que a nobreza do nacimento lhe fechava a boca para ſolicitar o ſeu remedio. Amparou como Paſtor benigno as Viuvas, e donzellas, libertando a humas da miſeria, que padeciaõ, e a outras do perigo a que eſtava condenada a ſua honeſtidade. Completos outo annos do governo deſta auguſta Dioceſe partio a receber na eternidade o premio das ſuas virtudes paſtoraes a 31. de Março de 1558. na provecta idade de 80. annos. Jàz ſepultado em lugar humilde à entrada da Capella de S.

Pedro de Rates teſtemunhando ainda depois de morto a cordial devoçaõ que tivera a eſte glorioſo Martyr. As acçoens deſte grande Prélado eſcreveraõ com eſtilo mais difuſo o Illuſtriſſimo D. Rodrigo da Cunha *Cathal. dos Biſp. do Port.* Part. 2. cap. 35. e na *Hiſt. Eccleſ. de Braga* Part. 1. cap. 18. e Part. 2. cap. 80. 81. e 82. Jorge Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 265. e no Comment. de 31. de Marc. let. B. Fr. Manoel de Sá *Mem. Hiſtor. dos Biſp. e Eſcrit. Portug. da Ord. do Carm.* cap. 14. pag. 51. o Illuſtriſſimo D. Martinho de Portugal Legado à Latere neſtes Reynos no Breve expedido em Janeiro de 1528. pelo qual o conſtitue Reformador da ſua Ordem entre outros louvores com que exalta o ſeu merecimento diz: *non minori ſtudio, & ſollicitudine, quàm vitæ Sanctimonia dilecti in Chriſto Filij Fr. Balthaſaris Ord. B. Mariæ Virginis de Monte Carmelo ad præſens Provincialis in Sacra Theologia Magiſtri, & Verbi Dei Præconis celeberrimi, divini cultus in Monaſteriis, domibus, ac locis dicti Ordinis maximum ſuſcepit incrementum.* Gaſpar Alvares Louzada *de Ver. Primat. Brachar. Suceſſion. ad ann.* 1549. *Fuit vir profecto nunquàm ſatis laudàtus, ſive mores, ſive religionem, ſive doctrinam, & eloquentiam in concionando, ſive juſtitiam in gubernando conſideres.* Franciſc. de Santa Maria *Ann. Hiſt.* pag. 409. *Foy naõ menos agudo nos ditos, que profundo nas ſciencias.* Cadaval Gravio no fim da obra intitulada *In Luſitan. Reg. Commendation.* lhe faz huma elegante Elegia que principia.

Salve virtutum Splendor placidiſſime Præſul,
Quem cælo miſit Maximus ille Deus.

Caſanat. *Parad. Carmel. Decor.* Stat. 4. Ætas 17. cap. 437. Coria Maldonad. *De lucid. das Chron. da Ord.* liv. 17. cap. 7. pag. 511. Fr. Daniel à Virg. Mar. *Specul. Carmelit.* Part. 2. Tom. 2. Part. 5. lib. 3. pag. 912. n. 3174. Eſtaço *Antiguid. de Portug.* Cap. 25. pag. 107. e 108. Fr. Man. Rom. *Antiguid. do Carm.* Trat. 2. Elucid. 27. fol. 308. Leaõ *Deſcripc. de Portug.* cap. 72. Purificac. *Chron. Monaſt. Luſit.* pag. 49. D. Nicol. de S. Maria *Chron. dos Coneg. Regul.* liv. 4. cap. 12. n. 11. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* letr. B. n. 7. Tamayo *Martyrol. Hiſpan.* Tom. 5. ad. diem 17. Octob. Diogo de Gouvea Barrad. *Antiguid. de Beja* liv. 3. cap. 34. Leytaõ *Not. Chronol. da Univerſid. de Coimb.* pag. 464. n. 995. 996. e 997. & pag. 478. n. 1024. e 1025. Compoz.

Conſtituiçoens Synodaes do Biſpado do Porto. Porto por Vaſco Dias Tanquo do Frexenal. 1541. fol.

Eſtatutos do Collegio de Coimbra fundado por elle no anno de 1547. com a invocaçaõ de N. Senhora da Piedade compoſtos com authoridade do Papa Julio III. em 18. de Setembro de 1555. aceitos no Capitulo celebrado na Cidade de Beja a 6. de Janeiro de 1556. Conſtaõ de 18. Capitulos no fim eſtà aſſinado ſeu illuſtriſſimo Author, e ſe conſervaõ no dito Collegio de Coimbra para cujo regimen foraõ feitos.

Eſtatutos do Noviciado do Convento de Lisboa que nelle ſe guardaõ com grande eſtimaçaõ.

Miſſale Bracharenſe reformado por elle no 4. anno do ſeu governo neſta Dioceſe, e ſahio Lugduni. 1558. 4.

Fr. BALTHEZAR LIMPO Sobrinho do Illuſtriſſimo Arcebiſpo Primaz de que fizemos a precedente memoria, e filho de Joaõ Limpo Fidalgo da Caſa Real, Alcayde Mòr do Couto de Ervededo, e de Catherina de Oliveira naceo para o mundo na Villa de Moura em o anno de 1592. e para a Religiaõ Carmelitana em 6. de Agoſto de 1608. cujo Sagrado Inſtituto profeſſou a 7. do dito mez do anno ſeguinte. Applicou-ſe ao eſtudo da Filoſofia no Convento de Evora, e à Theologia nos de Lisboa, e Coimbra, e ſahio taõ profundo Letrado, como celebre Prègador. Foy Prior do Convento da Vidigueira, e Evora, e duas vezes Socio, e Secretario dos Provinciaes Fr. Franciſco da Sylva, e Fr. Martinho Moniz. O meſmo miniſterio exercitou quando foy nomeado no anno de 1635. pelo Geral Fr. Theodoro Strazo o Meſtre Fr. Joaõ Coelho para Reformador, Viſitador, e Preſidente do Capitulo da Provincia de Caſtella a Nova. Ultimamente ſendo eleyto Provincial a 2. de Mayo de 1637. antes de acabar o lugar morreo acõmetido de hum accidente a 17. de Julho de 1639. em o Convento de Lisboa quando contava 47. annos de idade, e 31. de Religiaõ. Compoz.

Doze Fugas de David de ſeu inimigo Saul. Lisboa por Antonio Alvares. 1642. fol.

Fazem delle memoria Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 2. pag. 319. Carvalh. *Corog. Portug.* Tom. 3. liv. 2. Trat. 8. cap. 47. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Liter.* Lit. B. n. 8. Fr. Man. de Sà *Memor. Hiſt. dos Eſcrit. Portug. do Carm.* Cap. 15. pag. 72.

BALTHEZAR MARINHO celebre Soldado da India Oriental onde por varias vezes deu heroicas provas do ſeu valor ſendo a mayor quando foy à expediçaõ de Mombaça no anno de 1589. Governando o Eſtado Manoel de Souſa Coutinho Eſcreveo

Relaçaõ da expediçaõ de Mombaça. M. S. fol. a qual ſe conſerva na Bibliotheca delRey Catholico como affirma o moderno addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ Tom. 1. Tit. 3. col. 77.

Fr. BALTHEZAR PAES natural de Lisboa, onde na Parochia de N. Senhora do Loreto recebeo a primeira graça em 6. de Janeiro de 1571. Foraõ ſeus Progenitores Gaſpar Paes, e Auta Rodrigues da Cunha, que para cumulo das felicidades, que poſſuiaõ, procedidas humas da nobreza de ſeus aſcendentes, e outras da abundancia dos bens da fortuna lhe concedeo benignamente o Ceo hum tal filho, que logo no primeiro crepuſculo da idade lhe amanheceo claro o entendimento para brilhar entre os mayores aſtros dos Firmamentos Religioſos. Entre todos elegeo quando contava 19. annos de idade o da Santiſſima Trindade, cujo Habito profeſſou no Convento da ſua patria a 20. de Mayo de 1590. Applicado ao eſtudo das Sciencias Eſcholaſticas era venerado Meſtre ainda ſendo Diſcipulo, ou ſe conſideraſſe a viveza com que comprehendia as mayores dificuldades, ou a ſubtileza, e promptidaõ com que propunha, e reſpondia aos argumentos mais nervoſos merecendo por taõ ſingulares dotes dictar as meſmas faculdades com grande emolumento dos ſeus ouvintes, e domeſticos, que nelle veneravaõ hum monſtro de erudiçaõ ſagrada, e humana. Depois de receber na Univerſidade de Coimbra as inſignias doutoraes na Faculdade Theologica dezejando com virtuoſa ambiçaõ alcançar mayores theſouros literarios ſe dedicou totalmente à eſpeculaçaõ da Theologia Poſitiva revolvendo para eſte fim com indefeſſo trabalho todos os Santos Padres como elle claramente teſtifica no prologo do ſeu doutiſſimo Cõmento ſobre a Epiſtola de S. Tiago Menor, e deſte continuo eſtudo ſahio taõ profundamente inſtruido nos myſterios da Sagrada Biblia, que foy acclamado por hum dos mais celebres Eſcrituarios do ſeu tempo. Deſta profunda ſciencia alcançou taõ vaſtas noticias, que Filippe III. o nomeou Lente da Eſcritura em a Univerſidade de Coimbra, que elle benevolamente agradeceo, e promptamente regeitou. Igual applauſo colheo a eminencia do ſeu talento no Pulpito, que na Cadeira, ſendo nomeado Prègador delRey, em cujo ſagrado miniſterio ſoube com artificio novo unir a vehemencia dos affectos com a elegancia das palavras, e a profundidade dos conceitos com a verdadeira intelligencia das Eſcrituras merecendo o elogio que Fr. Pedro Lopez de Altuna lhe forma na *Chron. dela Ord. dela Sant. Trind.* pag. 628. *Puedeſe le dar la aureola de uno de los mayores predicadores de nueſtros tiempos, y fue el primero, que enſeñó a predicar con penſamientos ſubtiles, y delgados, apoyados con Santos como aora ſe uza.* Foy Reytor do Collegio de Coimbra, Miniſtro do Convento de Santarem, Provincial eleito em o anno de 1620. Examinador do Padroado Real, Prothonotario Apoſtolico, Juiz Apoſtolico do Tribunal da Legacia, e em taõ diferentes lugares ſempre moſtrou que a prudencia naõ era inferior à ſua ſabedoria antes para ſer mais amado permitia que à clemencia cedeſſe a ſeveridade. Na obſervancia dos Eſtatutos foy muito exacto, e de conciencia taõ timorata que offerecendolhe a Mageſtade de Filippe III. a Mitra de Ceuta a regeitou como pezo inſoportavel aos ſeus hombros. Cheyo mais de merecimentos que annos pois naõ excediaõ de 67. terminou o curſo da vida no Convento de Lisboa a 13. de Março de 1638. O ſeu retrato ſe conſerva na Livraria deſte Convento em cujo lugar parece que ainda depois de morto enſina. Muitos Eſcritores aſſim domeſticos, como eſtranhos celebraõ o ſeu nome ſendo

os principaes D. Franciſco Manoel na *Carta* 1. *da* 4. *Centuria ao Doutor Manoel Themudo da Fonſeca* chamando-lhe *Pay das Eſcrituras* Joan. Soar. de Brito *Theat. Luſit. Litter.* lit. B. n. 9. *Sacrarum litterarum interpres acutiſſimus* D. Fr. Thom. de Far. *Decad.* 1. lib. 10. cap. 5. *Flos eſt, et totius religionis Venuſtas.* Fr. Ant. Correa *Vid. do Ven. Fr. Anton. da Conc.* Part. 1. cap. 6. *Grande gloria deſta Religiaõ, e credito deſtes Reynos.* Fr. Bernard. à D. Ant. in *Epit. Redempt.* lib. 2. cap. 11. §. 2. *Sacræ Scripturæ interpres præclariſſimus.* D. Nic. de Sant. Mar. *Chron. dos Coneg. Reg.* liv. 4. cap. 7. n. 21. *inſigne expoſitor das Sagradas letras como moſtraõ ſuas obras.* Hypolit. Marrac. *Bib. Marian.* Part. 1. pag. 179. *Vir præter religioſarum virtutum apices ob præſtantem doctrinam, ac multifariam eruditionem nunquàm ſatis noſtro ſæculo laudatus, & à poſterioribus ſemper laudandus.* Franc. de Santa Mar. *Ann. Hiſt.* pag. 332. *doutiſſimo, e ſubtiliſſimo interprete da Sagrada Eſcritura, e dos mais celebrados Prégadores do ſeu tempo.* Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 143. *in Eccleſiaſten ſui temporis clariſſimum, & in doctiſſimum, & ſubtiliſſimum Sacræ Scripturæ interpretem evaſerit.* Henao in *Scient. Med. hiſtorice propugnat.* Event. 44. pag. 320. n. 1193. Draudius in *Bib. Claſſic.* Petr. Alva, y Aſtorg. in *Milit. Concep.* Jacob. Lelong. *Bib. Sacr.* pag. 890. col. 1. Moreri *Diccion. Hiſtoriq.* Verb. *Balthezar Paes.*

Compoz.

Commentarij in Epiſtolam B. Jacobi Apoſtoli. Ulyſſipone apud Petrum Crasbeeck 1613. fol. Lugd. apud. Horat. Cardon 1617. 4. & apud eumdem Typ. et Petrum Cavillat. 1620. 4. et Antuerpiæ apud Guilielmum de Tongris. 1623. 4.

Commentarij ad Canticum Moiſis Exod. XV. cum annotationibus moralibus. Ulyſſipone apud Petrum Crasbeeck. Typ. Reg. 1618. fol. Antuerp. apud Belleros 1619. 4.

Commentarij in Canticum magnum Moyſis Audite cæli quæ loquor. Tom. 1. Ulyſſipone apud Petrum Crasbeeck 1620. fol. Antuerpiæ apud Guilielmum de Tongris 1623. 4. & ibi apud Petrum, & Joannem Belleros 1622. 4.

Tomus 2. Ulyſſipone apud Petrum Crasbeeck 1628. fol.

Commentarij in Canticum Ezechiæ, Iſaiæ 38. Ulyſſip. apud Petrum Crasbeeck 1622. fol. Lugd. apud Ludovicum Proſt. 1622. 4.

Todos eſtes Commentarios ſahiraõ em 2. Tomos primoroſamente impreſſos Pariſiis apud Joanem Petit, Martinum & Adrianum Tampinart. 1631. fol.

Marial, ou Sermoens nas Feſtas de Maria Santiſſima. Lisboa por Manoel da Sylva. 1649. 4.

Sermoens da Quareſma 1. *Part.* Lisboa por Pedro Crasbeeck Impreſſor delRey 1631. 4.

Sermoens da Quareſma 2. *Part.* Lisboa pelo dito Impreſſor. 1633. 4.

Sermoens da Semana Santa. Lisboa pelo dito Impreſſor. 1630. 4. *novamente acrecentada com alguns Sermoens* Lisboa pelo dito Impreſſor 1634. 4.

Sermaõ no Convento da Ordem da Santiſſima Trindade deſta Cidade de Lisboa em hum Officio que os Irmaõs da Irmandade de todos os Santos dos Officiaes, e Criados de Sua Mageſtade fizeraõ conforme ao ſeu Compromiſſo pela Mageſtade Catholica delRey D. Filippe II. de Portugal. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1621. 4.

Sermaõ das excellentes virtudes do V. P. Fr. Simaõ de Roxas Religioſo da Ordem da Santiſſima Trindade, e Confeſſor da Sereniſſima Rainha de Eſpanha D. Izabel de Borbon. Lisboa pelo dito Impreſſor. 1625. 4. Sahio na *Summaria Relaçaõ da vida, e morte do meſmo Servo de Deos* compoſta por Fr. Bernardino de Santo Antonio.

Commentarij in Canticum Marianum Magnificat que deixou imprefeito impedido pela morte.

Fr. BALTHEZAR PINTO. Naceo na Villa de Caſtro Dayro a 13. de Mayo de 1621. e foraõ ſeus Pays Franciſco Pinto da Motta, e D. Guiomar Machado de Vaſconcellos dos quaes com a nobreza do ſangue herdou a piedade dos coſtumes. Na idade de vinte annos recebeo o Monachal Habito do Principe dos Patriarchas S. Bento no Moſteyro de Pombeiro a 6. de Mayo de 1641. Neſta douta, e virtuoſa paleſtra ſahio verſado em todo o genero de ſciencias, como foraõ Filoſofia, Theologia, Direito Canonico, e Civil, Hiſtoria profana, e Sagrada, Mathematica, Nautica, e Muſica.

Como foſſe Provincial do Braſil no anno de 1668. ſe reſtituhio ao Reyno onde foy duas vezes eleito Abbade do Moſteyro de Lisboa; a 1. no anno de 1674. e a ſegunda na de 1683. deixando em ambas ſaudoſas memorias do ſeu governo em beneficio da Religiaõ, e dos ſeus ſubditos. Foy Meſtre jubilado, Doutor em Theologia, Qualificador do Santo Officio, Examinador das tres Ordens Militares. Morreo no Convento de Tibaens a 3. de Agoſto de 1696. com 75. annos de idade, e 55. de Religiaõ. Compoz.

Noticias de Varios Moſteiros da Congregaçaõ de S. Bento de Portugal, e varios Monges della M. S. 4.

Cathalogo Hiſtorico de todos os Reys, e Capitaens que governaraõ Portugal deſde o diluvio até o ſeu tempo. M. S.

Cathalogo Hiſtorico de todos os Pontifices deſde o diluvio até o Nacimento de Chriſto Senhor noſſo. M. S. 4.

Summario do que ſe contem em vinte volumes que mandou juntar dos Titulos, doaçoens, e privilegios concedidos ao Moſteiro de S. Bento de Lisboa. M. S. fol.

Emblemas que eſtaõ pintados no Tecto da Igreja, e Livraria de S. Bento de Lisboa.

Deſcripçaõ do Braſil deſde o Rio da Prata até o Pará demarcando todos os baxos da Coſta, aſſinando o fundo de todas as barras, declarando a Altura do Polo, e apontando os Surgidouros. M. S. fol. Eſte livro ſe conſerva na Livraria do Convento de Lisboa o qual compoz quando era Provincial no Braſil examinando com grande exacçaõ tudo quanto nelle eſcreveo, e delineou em excellentes Mappas.

Fr. BALTHEZAR DOS REYS natural de Fareginhas termo da Villa de Caſtro Dayro Monge Ciſtercienſe cuja cogulla veſtio no Convento de Santa Maria de Salcedas em o anno de 1585. Naquellas horas vagas das obrigaçoens de Religioſo, as occupava em beneficio do Convento de que era filho examinando todo o ſeu Cartorio com grande exacçaõ, de cuja laborioſa deligencia. Compoz.

Livro da Fundaçaõ do Moſteyro de Santa Maria de Salcedas em o anno de 1612. fol. M. S.

Fundaçaõ, e regalia do Moſteyro de Santa Maria de Salcedas, em que ſe trata das preeminencias, padroados, e juriſdiçoens do dito Moſteyro particularmente da Epiſcopal, e Ordinaria, que os Abbades delle tem em ſeu Couto, e Territorio, o qual conſta de cinco Freguezias. Acabado no anno de 1617. M. S. 4.

Morreo no Convento de Salcedas em o anno de 1621.

BALTHEZAR SOEYRO DE ALBERGARIA natural de Lamego, e na meſma Cidade Advogado de grande nome. Em beneficio dos moradores de Lisboa eſcreveo, e dedicou a D. Diogo da Sylva de Mendoça Marquez de Alenquer Duque de Franca-villa do Conſelho de Eſtado de Filippe III. Capitaõ, Governador, e Vice-Rey deſte Reyno.

Declaraçaõ ſobre a materia da agua para eſta Cidade de Lisboa por ſervir a Sua Mageſtade a quem promete outros mayores em ſerviço de Deos, e ſeu, e do bem Comum das Reſpublicas do mundo. Lisboa por Jorge Rodrigues. 1618. 4.

BALTHEZAR DE TEYVE natural de Braga igualmente inſigne na ſciencia de hum, e outro Direito, como na Arte Poetica numerando-o com grandes elogios entre os Poetas Latinos que produzio o noſſo Reyno, Pedro Sanches in *Epiſtol. ad Ignatium de Moraes.*

Dicendus majore tuba jam Tevius alter &c.

Por ſer taõ perito na Poetica lhe cometeo à ſua judicioſa Cenſura o grande Jeronymo Cardoſo a Egloga de que ſaõ interlocutores Mopſo, e Dorylas onde na *Elegia* 11. do *lib.* 1. *Eleg.* o louva com eſtas expreſſoens metricas.

Judicium, mihi crede, tuum deterret, et ingens
Ingenij ſplendor, dexteritaſque tui. &c.
Candida Laurigeri petis penetralia Febi
Quæ nullo cunctis tempore clauſa patent.
Et licet innumeris præpolleat artibus unus
Non tamen illius pectore faſtus ineſt.

Balthezar de Teyve lhe reſpondeo com hum elegante Epigramma deixando grande copia delles, e de outras obras poeticas Latinas *M. S.* merecedoras da luz publica.

P. BALTHEZAR TELLES. Naceo em Lisboa em o anno de 1595. de Pays nobres, e virtuoſos quaes foraõ Joaõ Telles, e Franciſca de Moraes. Na tenra idade de quinze annos ſe dedicou a Deos na Sagrada Religiaõ da Companhia de JESUS cujo habito recebeo no Collegio de Coimbra a 24. de Março de 1610. Entre os ſeus condiſcipulos foy conhecido por eminente o talento de que era ornado excedendo a todos aſſim na amenidade das letras humanas, como na ſeveridade das ſciencias Eſcholaſticas. Teve por theatros da ſua erudiçaõ Poetica, e Oratoria as primeiras Claſſes dos Collegios de Braga, Evora, Lisboa, e Coimbra em que conſumio o largo eſpaço de nove annos. Com o meſmo applauſo leo Filoſofia quatro annos tendo a gloria de ſerem ſeus ouvintes D. Franciſco Manoel de Mello taõ inſigne na paleſtra de Marte como na de Minerva, e ao Doutor Manoel dos Reys Tavares de que faz agradecida memoria no ſeu livro *de duobus Artis medicæ auxiliis.* cap. 6. art. 4. pag. 161. Explicou Theologia Eſpeculativa, e Moral por outo annos nos Collegios de Coimbra, e Lisboa, e quando era tempo de deſcanſar de occupaçaõ taõ laborioſa, mais obediente ao preceito dos Superiores, que ſolicito da propria quietaçaõ paſſou de Theologo a Hiſtoriador compondo a Chronica da ſua Provincia que ſendo taõ fecunda de Varoens inſignes eſtavaõ ſepultados com ingrato ſilencio de ſeus Companheiros. Eſta continua applicaçaõ aſſim aos eſtudos eſcholaſticos, como hiſtoricos o naõ eximiraõ de que foſſe Reytor do Seminario dos Irlandezes, e do Collegio de Santo Antaõ, donde ſubio ao lugar de Provincial, e ultimamente de Propoſito da Caſa profeſſa de Lisboa, em cujas Prelazias moſtrou a candura de ſeu animo, e prudencia do ſeu juizo, a qual ſe admirou mais claramente quando pacificou as diſcordias movidas entre os Conegos do Porto, e Braga ſendo o arbitro da concordia entre eſtes dous graviſſimos Cabidos. Recebidos os Sacramentos com grande piedade falleceo na Caſa profeſſa de S. Roque a 20. de Abril de 1675. com 80. annos de idade, e 65. de Companhia. Fr. Franc. Macedo in *Theatr. Metereolog.* cap. 7. lhe chama *hominem ingenioſum, & eruditum* & in 2. Sent. Collat. 9. Differ. 2. Sect. 2. *nobilem Philoſophiæ Authorem.* D. Franc. Man. na Cart. dos AA. Portug. eſcrit. ao Doutor Manoel da Fonſec. Themud. *Clariſſimo, e eloquente* fazendo-lhe mayor elogio na Carta eſcrita intitulada *Antidoron* que ſahio impreſſa no principio da *Hiſtor. da Etiop. Alta* do meſmo P. Tellez Franc. *Imag. da Virtud. do Colleg. de Coimb.* Tom. 2. pag. 613. e no *Synopſ. Annal. S. J. in Luſit.* pag. 360. n. 5. *eminuit in ſtudiis humanioris litteraturæ.* Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 145. *Vir probus, elegantiſque doctrinæ, ac ſermonis.* Joan. Suar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. B. n. 10. Cardoſo *Agiolog. Luſit.* Tom. 3. pag. 41. no Comment. de 2. de Mayo letr. M. *eruditiſſimo.* Franc. de Santa Mar. *Ann. Hiſt.* pag. 495. *Varaõ eminente em divinas, e humanas letras, e naõ menos em pureza de vida, e integridade de coſtumes.* Fonſec. *Evor. Glorioſ.* pag. 427. Compoz

Summa univerſæ Philoſophiæ. Ulyſſip. apud Laurent. Anvers 1642. fol. Pariſiis Sumptibus Antonij Bertier. 1644. 4. 2. tom. e novamente illuſtrada pelo Author. Ulyſſipone ex Officina Crasbeeckiana 1652. 8. 4. Tom.

Chronica da Companhia de JESUS na Provincia de Portugal, e do que fizeraõ nas Conquiſtas deſte Reyno os Religioſos que na meſma Provincia entráraõ nos annos em que viveo Santo Ignacio de Loyola noſſo Fundador 1. *Part.* Lisboa por Paulo Crasbeeck. 1645. fol.

Parte 2. *com o Summario das vidas dos Sereniſſimos Reys D. Joaõ o III. e D. Henrique Fundadores, e inſignes Bemfeitores deſta Provincia.* Lisboa pelo dito Impreſſor 1647. fol. Deſta obra fazem memoria o P. Filippe Labbe in *Bib. Bib.* pag. 25. e o novo addicionador da *Bib. Orient.* de Ant. de Leaõ Tom. 2. Tit. 20. col. 757.

Hiſtoria Geral da Etiopia Alta, ou Preſte Joaõ, e do que nella obraraõ os Padres da Companhia de JESUS. Coimbra por Manoel Dias Impreſſor da Univerſidade 1660. fol. A eſta Hiſtoria intitula *celeberrima* Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 41. no Comment. de 2. de Mayo letr. M. e Jobo Ludolpho in *Comment. ad Hiſt. Æthiopic. in Proœm.* pag. 11. affirmando-lhe ſer *ſtylo florido, & jucundo conſcripta,* porém cenſura ao ſeu Author de pouco critico, e

verſado na Philologia, e intelligencia da lingua Hebraica, e Etiopica, por cuja cauſa cahio em varios erros, e contradicçoens manifeſtas intitulando a eſta Criſe *Balthaſaris Telleſij peccata Philologica, & Hiſtorica.* Sahio traduzida eſta Hiſtoria na lingua Franceſa por Melchiſedech Thevenot Paris ches André Cramoyſi 1674. no 1. Tom. das ſuas Viagens.

Meditava fazer huma Summa de toda a Theologia, de que já tinha prompto o 1. Tom. *in Prim. Part. D. Thomæ,* à qual naõ pode dar o ultimo complemento por ſe applicar por ordem dos Superiores à compoſiçaõ da Chronica da Provincia, como eſcreve o Author da *Biblioth. Societ.* p. 103.

Fr. BARTHOLAMEU Monge Ciſtercienſe muito douto, e exercitado nos Ritos, e Cerimonias da ſua Ordem. Ainda quando frequentava as Claſſes da Theologia Eſpeculativa, e Moral em o ſeu Collegio de Coimbra, naõ ſómente compoz, mas em muitas partes reformou.

Livro Ordinario do Officio Divino ſegundo a Ordem de Ciſter. Coimbra por Joaõ Alvares, e Joaõ Barreira. 1550-8. Foy dedicado a Fr. Antonio Moniz Prior do Convento de Thomar, Adminiſtrador de toda a Ordem de Chriſto, Viſitador, e Reformador Geral da Ordem de S. Bernardo neſtes Reynos.

Fr. BARTHOLAMEU DE AZEVEDO natural de Evora filho de Antonio Rodriguez de Azevedo, e D. Antonia Pereira os quaes o educaraõ com taõ virtuoſos documentos, que na idade da adoleſcencia deixou o mundo, e ſe recolheo à Religiaõ dos Eremitas Auguſtinianos profeſſando eſte Sagrado Inſtituto no Convento de Lisboa a 4. de Abril de 1595. Foy Reytor do Collegio da Graça de Coimbra no anno de 1632. Obſervou com grande exaçaõ as obrigaçoens de Religioſo ſervindo de exemplo aos ſeus domeſticos, e de terror aos demonios baſtando a efficacia das ſuas vozes para os expulſar de muitos corpos. Morreo no Convento de Lisboa a 6. de Agoſto de 1640. Eſcreveo.

Relaçaõ breve de alguns Santos de Eſpanha, e Portugal, cujas hiſtorias ſe naõ pódem achar inteiras por livros, e foraõ tiradas de Livrarias antigas, e varias relaçoens. fol. *M. S.* Conſta de 202. folhas, e ſe conſerva na magnifica Livraria de S. Domingos de Lisboa onde a vimos. He dedicado a Chriſto Sacramentado cuja dedicatoria he eſcrita na lingua Latina, a qual acaba com eſtes verſos.

Dum vita in medio convertitur anxia luctu
Imploro Superi Numinis æger opem.
Tu Deus, atque hominum rector miſerere precantis
Et patulâ querulas aure reconde preces.

Tẽ o Index Geral de todas as Peſſoas de que eſcreve neſta obra, e parece ſer Original.

Chronica Geral da Ordem de Santo Agoſtinho. fol. *M. S.*

Sermoens Varios. fol. *M. S.*

Eſtes dous Volumes, que ſaõ de juſta grandeza ſe conſervaõ na Livraria do Convento da Graça de Lisboa.

BARTHOLAMEU CACELLA DO VALLE natural da Cidade de Evora filho de Fernaõ do Valle Cacella, e D. Franciſca de Figueiredo. Foy igualmente inſigne na eſpeculaçaõ da Sagrada Theologia de cuja ſciencia recebeo o gráo de Doutor na Academia Conimbricenſe, como nos preceitos da Oratoria aſſim Sagrada como profana de que deo hum plauzivel argumento na Oraçaõ que recitou ſendo Conego Magiſtral da Sé de Elvas quando entrou neſta Cidade em o anno de 1619. Filippe II. a qual ſahio impreſſa a fol. 3. da Viage que eſte Principe fez a Portugal eſcrita por Joaõ Bautiſta Lavanha, e impreſſa em Madrid por Thomaz Junti Impreſſor delRey 1622. fol. começa a Oraçaõ.

A Nobreza, e povo deſta voſſa Cidade primeira na venturoſa ſorte deſta primeira entrada. &c. Publicou mais.

Sermaõ na Prociſſaõ, que o Cabbido, e Camera ordenáraõ em fazimento de Graças a Noſſo Senhor por ſer eleito em ſeu Biſpo o Illuſtriſſimo, e Reverendiſſimo Senhor Sebaſtiaõ de Mattos de Noronha. 1625. 4. Naõ tem lugar, nem nome do Impreſſor.

BARTHOLAMEU DE FARIA natural de Lisboa filho de Matheus de Azevedo Pereira Fidalgo da Caſa Real, e de ſua mulher Guiomar de Faria recebeo a graça bautiſmal na Freguefia do Real Convento de S. Vicente de Fóra a 31. de Agoſto de

1629. Foy de genio muito jovial, diſcreto na converſaçaõ, e hum dos celebres Poetas, e Oradores de que ſe compoz a Academia dos *Singulares* inſtituida na ſua patria no anno de 1663. Cazou com D. Anna Maria de Siqueira de quem teve diverſos filhos, que foraõ Religioſos nas mais authoriſadas Cõmunidades, como foraõ os Conegos Regrantes, Clerigos Regulares, Dominicos, e as duas reformadas Provincias da Arrabida, e Santo Antonio. Falleceo em Lisboa a 26. de Janeiro de 1709. com 88. annos de idade. Jaz ſepultado na Parochial Igreja de S. Mamede. Compoz

Oraçaõ recitada em 30. *de Dezembro de* 1663. *na Academia dos Singulares.* 2. *Romances,* 6. *Madrigaes,* huma *Redondilha gloſſada.* 4. *Sylvas.* Sahiraõ eſtas obras na 1. *P. da Academia dos Singul.* Lisboa por Henrique Valente de Oliveira 1665. 4. & ibi por Manoel Lopes Ferreira 1692. 4.

No 2. *Tomo* Lisboa por Antonio Crasb. de Mello 1668. 4. & ibi por Manoel Lopes Ferreira. 1698. 4. ſahiraõ huma *Sylva,* e hum *Romance.*

BARTHOLAMEU FERNANDES Presbyteró do Habito de S. Pedro igualmente eſtimado pela ſciencia, que virtude. Eſcreveo com eſtilo ſincero

Carta em que dà conta do que ſuccedeo na Ilha de Santa Maria com tres Náos de Mouros, como a roubaraõ, e hoſtilidades, que fizeraõ deſde 3. *de Junho atè* 14. *do dito mez do anno de* 1616. M. S. fol. Conſerva-ſe na Livraria do Excellentiſſimo Marquez de Abrantes.

BARTHOLAMEU FERRAZ DE ANDRADE natural de Lisboa filho de Thomaz de Andrade, e Neto de Bartholameu Ferraz de Andrade Coronel General neſte Reyno. Militou pelo eſpaço de quinze annos na India onde em varios combates moſtrou a valentia do ſeu braço. O tumulto das armas lhe naõ impedio o cõmercio das Muſas ſendo igualmente exercitado na eſcola de Bellona, e de Minerva. Ao tempo, que contava 44. annos morreo na Patria no univerſal contagio, que a inficionou no anno de 1599. Compoz

Theſouro Luſitano. Poema heroico cujo argumento era o Cerco de Goa, e Chaul no tempo, que governava o Eſtado o inſigne Vice-Rey D. Luiz de Attaide. Dedicado a D. Franciſco Maſcarenhas Conde de Santa Cruz. M. S. Eſtava com todas as Licenças prompto para a Impreſſaõ.

Cerco de Mazagaõ. Poema Heroico.

Parecer a ElRey D. Joaõ o III. ſobre a guerra de Africa moſtrando-lhe com razoens concludentes ſer conveniente ao ſeu ſerviço conſervar nas ſuas Praças duas mil lanças, e quatro mil pioens. M. S.

Parecer ao meſmo Rey ſobre a diſpoſiçaõ com que ſe devia levantar hum exercito, e de que Officiaes havia conſtar para ſer perfeito . M. S.

Parecer ao meſmo Principe moſtrando-lhe a cauſa porque ſe perdia a Mina, e como ſe podia remediar. M. S.

Fr. BARTHOLAMEU FERREYRA natural de Lisboa onde profeſſou o Sagrado Inſtituto da Ordem dos Prègadores. Depois de dictar muitos annos Theologia em que ſe fez venerado pela profundidade das letras com que enſinou aos domeſticos, e dirigio aos eſtranhos foy elevado ao lugar de Deputado da Inquiſiçaõ de Lisboa a 3. de Novembro de 1576. cujo miniſterio ainda exercitava no anno de 1588. em o qual approvou o Livro de *Concordia Liberi arbitrij cum gratiæ donis, divina præſcientia, prædeſtinatione, & reprobatione.* Ulyſſip. apud Anton. Riberium 1588. 4. compoſto pelo P. Luiz de Molina da Companhia de JESUS, e como nelle ſe propugnava a Sciencia Media, de que ſempre foy Antigoniſta a Eſchola Thomiſtica, em agradecimento de que Fr. Bartholameu Ferreira ſendo Dominico a approvaſſe, o intitularaõ os Padres Alonſo de Andrade, e Gabriel Henao ambos Jeſuitas, o primeiro no Tom. 5. de los *Var. Iluſt. de la Comp.* §. 5. pag. *798. religioſiſſimo, e doutiſſimo,* e o 2. in *Scient. Media hiſtor. propugnat.* Event. 11. n. 239. *Doctiſſimum Dominicanum,* poſto que como notou Jacob Jacinto Serry *Hiſt. Congreg. de auxiliis Divinæ Gratiæ* Lib. 1. cap. 13. naõ foy approvado por Fr. Bartholameu Ferreira o appendix, que Molina fez à *Concordia* impreſſo no anno de 1589. o qual ſahio ſem licença alguma. Compoz conforme eſcreve Fr. Affonſo Fernandes in *Concert. Præd.* ainda que ſe enganou dizendo que florecera pelo anno de 1500.

De his, qui de Fide Catholica male ſentientes aliquid ſcripſerunt, vel inter Catholicos tractatus aliquid de ſuo interpoſuere. M. S.

Vida de Fr. Antonio Freyre Religioſo Dominico Confeſſor delRey D. Joaõ o III. a qual (ſaõ palavras de Jorge Cardoſo *Agiolog. Luſit.* Tom. 3. pag. 129. no Cõment. de 8. de Mayo letr. E) *por mais diligencia que fizemos por ella naõ tivemos ventura de nos chegar às mãos.*

Fr. Pedro Monteiro no *Clauſt. Domin.* Tom. 3. pag. 175. faz deſte Author dous atribuindo ao primeiro a obra latina aſſima eſcrita, e ao ſegundo a *vida de Fr. Antonio Freyre,* mas certamente ſe enganou porque afirmando de ambos, que eraõ Deputados do Santo Officio, e examinados todos os Cathalogos, que elle eſcreveo das tres Inquiſiçoens deſte Reyno, ſómente ſe acha em o Tribunal de Lisboa Fr. Bartholameu Ferreira em o anno de 1576. e outro do meſmo nome taõ moderno, que confeſſa o conhecera por tomar poſſe do lugar na Inquiſiçaõ de Evora a 16. de Março de 1667. e naõ podendo ſer eſte, pois he poſterior quaſi hum ſeculo aos que elle fingio evidentemente ſe conclue ſer hum o que multiplicou em dous por ſe naõ achar deſte nome nos Cathalogos dos Deputados daquelle tempo mais que hum de que fazem memoria Souſa *Chron. de S. Doming. da Prov. de Portug.* Part. 1. Liv. 4. cap. 37. Faria, e Souſ. *Epitom. das Hiſt. Portug.* Part. 4. cap. 18. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* letr. B. n. 14. Nicol. Ant. *Bib. Hiſpan.* Tom. 1. pag. 151. Echard *Script. Ord. Præd.* Part. 2. pag. 281. col. 1.

BARTHOLAMEU FERREIRA LAGARTO a quem intitula Doutor o novo addicionador da *Bibic. Occident.* de Antonio de Leaõ Tom. 2. Tit. 12. col. 683. eſcreveo como elle affirma.

Advertencias pertencentes ao Socorro do Eſtado do Brazil. M. S. fol. Conſerva-ſe na Bibliotheca delRey Catholico.

BARTHOLAMEU FILIPPE naceo em Lisboa onde aprendidas as primeiras Letras paſſou a Salamanca em cuja Univerſidade ſe formou Bacharel na Faculdade dos Sagrados Canones com geral applauſo de todos os Cathedraticos venerando a ſua ſciencia naõ ſómente ouvida nos actos Litterarios, mas impreſſa em doutiſſimos livros. Depois de illuſtrar Salamanca ſe transferio a Coimbra, onde recebendo as inſignias doutoraes em o Direito Pontificio a 7. de Outubro de 1538. começou a brilhar o ſeu profundo talento nas Cadeiras, a que foy ſubindo, lendo huma Cathedrilha de Canones a 13. de Outubro de 1539. donde paſſou a Lente do Decreto em 3. de Novembro de 1547. e ultimamente à Cadeira de Veſpera em 1554. Naõ ſómente foy verſado na Juriſprudencia Canonica, e Civil, mas nos documentos da Filoſofia Moral, e da Politica regulada mais pelos dictames do Evangelho, que pelos Aforiſmos de Tacito. Para a impreſſaõ das ſuas Obras lhe foy conſignada huma penſaõ de cem mil reis, em o anno de 1581. que cobrou até o anno de 1589. Foy caſado com huma Sobrinha de quem naõ teve deſcendencia. Morreo em Coimbra na larga idade de cento, e dez annos, como eſcreve Franciſco Galvaõ Maldonado na ſua *Bib. Port. M. S.* imprimio.

Tractatus de Fictionibus. Salmanticæ. 1536. 4.

Repititio in Cap. Scindite corda veſtra de Pœnitentia. Diſt. 1. Olyſſip. apud Ludovicum Rodrigues. 1539. 4. Na Prefaçaõ deſta obra dedicada à Univerſidade de Coimbra (a qual louva com grandes elogios o inſigne Juriſconſulto D. Diogo de Covarruvias *de Matrim.* 2. Part. cap. 3. §. 5. n. 8.) diz ſeu Author *Abhinc quinquenio indolem, ſpecimenque qualis qualis futuræ doctrinæ edito de Clericali dignitate libello præmiſi. Abhinc trienio in difficili, atque ſenticoſo fictionum Campo ingenij vires exercui: proximo vero anno per omne Doctorum genus circumvolitans communium Opinionum Centurias decem concinnavi.*

Tratado del Conſejo, y delos Conſejeros delos Princepes. Coimbra por Antonio Mariz. 1584. 4. Dedicado ao Cardial Alberto de Auſtria em cuja Dedicatoria faz a ſeguinte Relaçaõ das ſuas Obras. *En eſte exercicio de componer Libros ha cincoenta años que me ocupo, y deſpues de haver leido viente años en las Univerſidades de Lisboa, Salamanca, y Coimbra há trinta que me recogi à imitacion de San Auguſtin, que en libro delas Retrataciones haze mencion de todas ſus Obras, y del glorioſo S. Jeronymo que*

refiere nó ſolamente los libros que tenia eſcritos, mas tambien loſ que eſtava eſcreviendo, dize las obras, que eſtoy poniendo en Orden para imprimir 20. *libros de reglas, doctrinas, y communes Opiniones en derecho Civil, y Canonico con muchas, y muy varias anotaciones mias.* 5. *Libros de Conjecturas in utroque jure en que pongo los entendimientos, que los Doctores dan alos Textos que interpretan, y allen delos que ellos dan, interpreto nuevamente muchos Textos.* 2. *Libros de Problemas, y Queſtiones Juridicas.* 4. *Libros de Epiſtolas Juridicas.* 2. *Libros de Conſejos.* 4. *Libros de Repeticiones in Utroque Jure.* 6. *Libros de Tratados en Derecho Civil, y Canonico.* 1. *Libro de Concordancia delos* 4. *Evangeliſtas.* 1. *Libro dela elegancia, y propriedad deſtos Vocabulos. En Romance tengo eſcrito.* 4. *Tratados a cerca del regimiento de una bien inſtituida Republica.* 20. *libros dela Diſciplina Militar.* 4. *Libros del Amor Divino, humano, y Caſto.* 4. *Libros del Officio delos Embaxadores.* 2. *libros de Problemas naturales, y morales.* 2. *Libros de coſas naturales, y morales.* 2. *libros de comparaciones, y parabolas.* 2. *Libros de Conſejos aſtutos, y prudentes.* 2. *Libros de reſpueſtas diſcretas, y ingenioſas ſi ſe anda mucho camino, ò en mucho eſpacio de tiempo o de priſſa en poco* (como diz Ariſtoteles lib. de Mechanicis) *el tiempo em que compuſe eſtos libros es deſde el año* 1536. *haſta el de* 1584. *en que publico eſte libro.* Foy traduzido em Italiano por Julio Ceſar Piovano di Carpento. Venetia preſſo Societá Minima. 1599. 4.

Epiſtola ad Hieronymum Cardozo data Conimbricæ 4. *Kalend. Martij* 1539. 8. e he a vigeſſima primeira entre as de Cardoſo, o qual na reſpoſta que he a vigeſſima ſegunda Carta lhe diz entre outros elogios. *Eá doctrinarum omnium peritia præpolles utquo cum refferre audeat non invenies.*

Além das Obras de que fez relaçaõ na Dedicatoria ao Cardial Alberto deixou compoſto.

Tratado da Criaçaõ dos filhos. Dedicado ao Conde de Portalegre. *M. S.*

Tratado da Milicia. M. S.

Carta eſcrita ao Senhor D. Antonio deſenganando-o da pertençaõ do Reyno. M. S.

Tratado da Suceſſaõ do Reyno de Portugal de que faz mençaõ no Diſc. 18. e ultimo do *Tratad. del Conſejo, y Conſejero.*

Todas eſtas obras que deixou *M. S.* por ſerem taõ uteis à Republica literaria determinava imprimir a Univerſidade de Coimbra para cujo effeito encomendou ao Doutor Diogo de Brito as ordenaſſe por ſer muito inteligente em a letra do Author que era dificil de ſe ler. Celebraõ o ſeu nome Cardozo *de Jure acreſcendi ad §. Si eadem Inſtitut. de Legat. in Præbend.* chamandolhe *inſignis.* Pinel. *Select. Jur. Interp.* lib. 1. cap. 5. §. 63. *multiſciæ eruditionis vir.* Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Luſit. Litter.* lit. B. n. 21. *Juriſconſultus egregius, & magnæ eruditionis vir M. S.* Maced. *Flor. de Eſpan.* cap. 8. Excel. 9. Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 156. col. 2. Pinel. ad *Rub. de Bonis maternis.* 2. Part. n. 36. Coſt. ad L. *Si ex Cautione* §. 14. n. 6. Velaſco de *Jure Emphyteutico* Quæſt. 27. n. 2. e 4. Præb. *Decis.* Tom. 2. Decis. 162. n. 45. et Decis. 192. n. 27. Verder in *Bib. Geſnerian. Epitom.* o faz Author *Conſultationum Juris.* Franc. Leitaõ Ferreira *Not. Chronol. da Univerſid. de Coimb.* pag. 572. n. 1212. *Varaõ Sapientiſſimo* et pag. 575. n. 1219.

BARTHOLAMEU GALVAM natural de Lisboa, e filho de Garcia Lopes Valdovinos Rey de Armas. Foy inſigne Poeta Lyrico, e Comico de que ſaõ claro argumento as diverſas Poeſias, e Comedias que produzio o ſeu fecundo engenho. Vivia na India pelos annos de 1602. e 1603. Imprimio.

Poeſias Varias como affirma Franciſco Galvaõ Maldonado na *Bib. Portug. M. S.*

Fr. BARTHOLAMEU GUERREYRO Religioſo da Ordem Serafica da Provincia de S. Miguel em Caſtella, a Velha Collegial do inſigne Collegio dos Santos Apoſtolos Pedro, e Paulo da Cidade de Alcala, e depois no Convento de Placencia Lente de Prima de Sagrada Theologia a quem intitula Hypolito Marracio in *Bib. Marian.* Tom. 1. pag. 190. *Vir doctrina, et religioſis moribus conſpicuus.* Foy acerrimo defenſor do Immaculado Myſterio da Conceiçaõ da Senhora eſcrevendo doutamente contra os ſeus impugnadores.

Expoſitio in Controverſiam de immaculata Virginis Mariæ Conceptione breviter, et copioſe ambiens omnia quæ Sancti Patres,

et alij Doctores uſque adeo ſcripſére. Matriti apud Didacum Flamenco. 1620. 4.

Fazem delle memoria Wadingo de *Script. Ord. Min.* pag. 50. col. 2. Fr. Joan. à D. Ant. in *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 187. col. 1. Nicol. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 152. col. 2. e Marracio no lugar citado em que claramente affirma ſer Portuguez.

P. BARTHOLAMEU GUERREIRO. Naceo na Villa de Almodouvar no Campo de Ourique, e teve por Pays a Antonio Fernandes Correa, e Maria Guerreira de Guſmaõ. Cumprindo 18. annos de idade ſe dedicou a Deos na Companhia de JESUS recebendo a Roupeta no Collegio de Evora a 7. de Dezembro de 1578. onde leo letras humanas, e foy Perfeito da Univerſidade. Abundante fruto colheo o ſeu apoſtolico zelo nas Miſſoens, que fez pelo eſpaço de 17. annos por grande parte do Reyno, principalmente na Villa de Caſtello de Vide obrigando com a efficacia das ſuas vozes a muitos dos ſeus moradores que abominaſſem as torpes ocazioens da ſua ruina eſpiritual, e ſeguiſſem o caminho da penitencia para alcançarem o perdaõ de culpas inveteradas. Foy muito eſtimado dos Sereniſſimos Duques de Bragança D. Theodoſio, e D. Joaõ venerando unidas na ſua Peſſoa todas as virtudes proprias do Eſtado Religioſo. Morreo na Caſa profeſſa de S. Roque a 24. de Abril de 1642 com. 78. annos de idade, e 60. de Companhia. *Vir eruditiſſimus* lhe chama o P. Manoel Luiz in *Vit. Princip. Theodoſ.* lib. 1. cap. 14. n. 156. *Bib. Societ.* pag. 106. col. 2. *Concionator eximius.* Franco *Ann. Glor. S. J. in Luſit.* pag. 225. col. 2. *non minus prædicavit exemplo, quam verbo;* e na *Imag. da Virtud. do Nov. de Evor.* liv. 3. cap. 5. e pag. 857. Ant. de Leon. *Bib. Occiden.* Tit. 12. Joan. Soar. de Brito *Theatr. Luſit. Litter.* lit. B. n. 15. Fonſec. *Evor. Glorioſ.* p. 427. D. Frãc. Manoel na *Cart. dos Autor. Portug.* eſcrita ao Doutor Themudo. Nicol. Ant. *Bib. Hiſpan.* Tom. 1. pag. 152. col. 2. Compoz.

Sermaõ de S. Thomé prégado na Capella Real anno de 1623. *cuja Feſta como de Padroeiro da India celebra por Ordem dos Reys o Tribunal daquelle Eſtado com offertas publicas das Drogas delle.* Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1624. 4.

Sermaõ nas Exequias do anno que ſe fizeraõ ao Excellentiſſimo Principe D. Theodoſio 2. Duque de Bragança em Villa-Viçoſa na Igreja dos Religioſos de S. Paulo primeiro Ermitaõ onde o dito Senhor eſtá depoſitado, em 29. de Novembro de 1632. Lisboa por Mathias Rodrigues. 4.

Jornada dos Vaſſalos da Coroa de Portugal para ſe recuperar a Cidade do Salvador na Bahia de todos os Santos tomada pelos Olandezes a 8. de Mayo de 1624. *e recuperada no 1. de Mayo de* 1625. Lisboa por Matheos Pinheiro. 1625. 4.

Glorioſa Coroa de esforçados Religioſos da Companhia de JESU mortos pela Feé Catholica nas Conquistas dos Reynos da Coroa de Portugal. Lisboa por Antonio Alvares. 1642. fol. Eſta obra ſahio poſthuma, e della ſe lembra o novo addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leon. Tom. 2. Trat. 23. col. 838.

Fr. BARTHOLAMEU DE LISBOA cujo appelido indica o lugar do ſeu nacimento, filho de Gaſpar de Viana, e Antonia Lourenço, Religioſo de S. Jeronymo cujo habito profeſſou no Real Convento de Belem a 26. de Agoſto de 1601. onde foy Prior deſta Caſa em o anno de 1640., e Viſitador Geral da Congregaçaõ. Foy muito obſervante do ſeu Inſtituto, e naõ menos verſado em as noticias da ſua Religiaõ. Morreo em o Convento de Belem a 22. de Fevereiro de 1641. Compoz.

Vida do glorioſo Padre S. Jeronymo, e Santa Paula. a qual eſtava prompta com as licenças para a Impreſſaõ, e ficou em poder de hum Religioſo irmaõ do Author.

BARTHOLAMEU LOURENÇO DE GUSMAM Fidalgo Capellaõ da Caſa Real, e irmaõ de Alexandre de Guſmaõ Cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto, e Cenſor da Academia Real de quem fizemos mençaõ em ſeu lugar, naceo na Villa de Santos da Capitania de S. Paulo na America Portugueza, e logo nos primeiros annos deo manifeſtos indicios do grande talento que lhe concedeu liberal a natureza, aſſim na admiravel promptidaõ, com que comprehendeo as dificuldades da Filoſofia, e

Mathematica, como na prodigioſa memoria com que conſervava as noticias mais reconditas da Hiſtoria Sagrada, e profana. Inſtruido na Oratoria, Poetica, e Mythologia ſe lhe acendeu o dezejo de penetrar os myſterios das Leys Imperiaes, e Canones Pontificios para cujo fim preferindo o amor da ſciencia ao da patria paſſou à Univerſidade de Coimbra em cuja sapientiſſima Paleſtra brilharaõ mais intenſamente os rayos do ſeu claro engenho com admiraçaõ de todos os Cathedraticos que ſendo expectadores dos ſeus actos litterarios reſolveraõ ſer digno de receber as inſignias doutoraes na Faculdade do Direito Canonico. Igualmente ſe admirou a ſubtileza do ſeu juizo em as Oraçoens Evangelicas recitadas nos Pulpitos, como em os Diſcurſos Academicos de que foraõ theatros a Academia Real inſtituida em o anno de 1720. debaixo dos Soberanos auſpicios da auguſta Mageſtade delRey D. Joaõ o V. noſſo Senhor ſendo elle hum dos primeiros cincoenta Academicos de que ſe formou eſte eruditiſſimo congreſſo, e lhe foy cometido eſcrever as Memorias Eccleſiaſticas do Biſpado do Porto, como na Academia Portugueza, de que era Secretario o Excellentiſſimo Conde da Ericeira D. Franciſco Xavier de Menezes. Foy verſado nas linguas mais principaes, ſabendo com pureza a Latina, fallando com promptidaõ a Franceſa, e Italiana, e tinha grande intelligencia da Grega, e Hebraica. Sendo taõ douto em varias ſciencias nunca ſe lhe deſcubrio o menor ſinal de vaãgloria, antes ſem afectaçaõ era taõ modeſto no ſemblante, como affavel no genio parecendo muitas vezes a quem o naõ conhecia que naõ era depoſito de tantos thezouros ſcientificos dos quaes nos deixou as ſeguintes obras.

Varios modos de eſgotar ſem gente as Nàos que fazem agua. Lisboa na Officina Real Deſlandeſiana. 1710. 4. Sahio eſta obra juntamente em Latim com eſte titulo.

Variæ rationes Antlias pro navibus Automatas conſtruendi. Ulyſſipone ex Officina Regali Deſlandeſiana. 1710. 4. com eſtampas.

Sermaõ da Virgem Maria N. Senhora em huma Feſta, que a devoçaõ de Sua Mageſtade lhe dedicou em Salvaterra aos 26. de Abril deſte prezente anno de 1712. Lisboa na Officina Real Deſland. 1712. 4.

Sermaõ, na ultima Tarde do Triduo com que os Academicos ultramarinos ſeſtejaõ a Noſſa Senhora do Deſterro prègado na Parochial de S. Joaõ de Almedina a 9. de Janeiro de 1718. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ. 1718. 4.

Sermaõ prègado na Feſta do Corpo de Deos da Freguezia de S. Nicoláo deſta Cidade. Lisboa na Officina da Muſica. 1721. 4.

Conta dos ſeus eſtudos Academicos em a Academia Real a 16. de Setembro de 1723. Sahio no Tom. 3. da *Colleçaõ dos Documentos da meſma Academia.* Lisboa por Paſchoal da Sylva. 1723. fol.

D. Fr. BARTHOLAMEU DOS MARTYRES perfeita copia dos Prélados da primitiva Igreja, immortal credito da Jerarchia Eccleſiaſtica, e ſublime ornato da Religiaõ Dominicana illuſtrou com o ſeu nacimento a Cidade de Lisboa em o anno de 1514. e exaltou o nome de ſeus Pays Domingos Fernandes, e Maria Correa taõ abundantes dos dons da graça, como dos bens da fortuna. Tanto que ſahio do ventre materno ſe lhe deſcobrio na parte ſuperior da maõ direita huma Cruz relevada ſobre a carne dividida em quatro pontas ſemelhante à que forma o eſcudo das Armas da Ordem dos Prègadores, indicando a natureza com taõ claro, e antecipado ſinal a Religiaõ, de que havia ſer illuſtre filho. O tempo, que na idade pueril ſe paſſa com jogos, e outros innocentes divertimentos o conſomia em exercicios de piedade aſſiſtindo com tanta reverencia ao Sacrificio da Miſſa, e frequentando com igual diſvelo os Sermões, que ſe faziaõ na ſua Parochia, que parecia penetrar os altos myſterios, que teſtemunhavaõ os ſeus olhos, e ouvidos. Inſtruido na Grammatica Portugueza, e Latina quando contava 14. annos pertendeo com repetidas inſtancias ſer admitido à Religiaõ de S. Domingos, e vencidos os obſtaculos, que ſe lhe opunhaõ a taõ heroica reſoluçaõ recebeo o habito de taõ illuſtre familia no Real Convento da ſua patria a 11. de Novembro de 1528. e fez a profiſſaõ ſolemne a 20. do dito mez do anno ſeguinte. A boa indole, que em o Noviciado moſtrou para as virtudes foy igual, e ainda ſuperior para as letras admirando os Meſtres, e Condiſci-

pulos a viveza da comprehenſaõ, e a excellencia do talento com que ſondava as materias mais profundas da Filoſofia, e Theologia, em cujas ſciencias ſahio eminente, de que foraõ primicias os actos litterarios, que ſuſtentou nos Capitulos celebrados em Guimaraens no anno de 1532. e poucos annos depois em Lisboa. Entre a eſpeculaçaõ deſtas Faculdades a que applicava o entendimento, ſe lhe acendeo o coraçaõ em ardentes dezejos de ſer practico nos Myſterios da Theologia Myſtica, cujos altiſſimos documentos aprendeo da aſcetica liçaõ dos Bernardos, Boaventuras, e Thauleros. Chegou o tempo de ſubir à Cadeira para formar Meſtres aos ſeus Diſcipulos aſſim na Sciencia dos Santos, como na das Eſcholas, e para eſte fim dictou dous Curſos de Artes, e as principaes materias de Theologia Eſpeculativa pelo dilatado eſpaço de vinte annos nos Reaes Conventos de Lisboa, e da Batalha com tal ſubtileza nos argumentos, e facilidade nas reſpoſtas, que parecia ſe illuſtrava o ſeu entendimento com os rayos de ſeu Angelico Meſtre. Sendo nomeado no anno de 1551. Companheiro do Provincial Fr. Franciſco de Bovadilha para votar no Capitulo Geral, que ſe celebrava no Convento de Santo Eſtevaõ de Salamanca defendeo humas Concluſoens com tanto credito da Religiaõ, e applauſo do ſeu nome, que o Geral da Ordem Fr. Franciſco Romeo lhe deu a patente de Meſtre com grandes elogios. O primeiro, e unico lugar que teve na Provincia foy o Priorado do Convento de S. Domingos de Bemfica diſtante huma legoa de Lisboa, que aceitou com grande repugnancia. Nelle leu terceiro curſo de Artes em que teve por Diſcipulo ao Senhor D. Antonio filho do Infante D. Luiz. Corria o anno de 1558. em que vagara a Cadeira Primacial de Braga por morte do ſeu Prélado D. Fr. Balthezar Limpo da Ordem do Carmo, e deſejoſa a Rainha D. Catherina, que governava eſta Monarchia pela menoridade de ſeu Neto ElRey D. Sebaſtiaõ de prover taõ grande dignidade em Peſſoa benemerita em cuja eleyçaõ naõ ficaſſe culpada a ſua conciencia a nomeou em Fr. Luiz de Granada Varaõ muito eſtimado de todos os Princepes por ſua exemplar vida, e grande ſciencia, o qual eſcuſando-ſe como incapaz de taõ alto miniſterio perſuadio à Rainha elegeſſe para elle a Fr. Bartholameu por conſiderar, que poſſuia todas as partes dignas de hum vigilante Paſtor. Foy chamado á preſença da Rainha taõ alheyo da honra, que o buſcava, como merecedor de outra mayor que naõ pertendia, e tanto que lhe declarou a nomeaçaõ da dignidade, que tinha feito na ſua Peſſoa, he incrivel o paſmo, e enleyo que concebeo o ſeu entendimento conhecendo que era totalmente oppoſta à humildade do ſeu genio taõ ſuprema Prelaſia, e poſto que por alguns dias eſteve conſtante neſta reſoluçaõ obrigado do preceito do Prélado aceitou o Arcebiſpado de tantos pertendido, e ſómente por elle regeitado. Depois de ſer Sagrado na Igreja de S. Domingos de Lisboa a 3. de Setembro de 1559. recebeo a 8. do dito mez o Pallio das mãos do Arcebiſpo de Lisboa D. Fernando de Vaſconcellos, e Menezes, e a 4. de Outubro fez a publica entrada na Cidade de Braga onde foy recebido pelas ſuas ovelhas com exceſſivas demonſtraçoens de jubilo como certos vaticinios da ſumma benevolencia com que haviaõ ſer regidas por taõ inſigne Paſtor fundando para beneficio, e inſtruçaõ dellas o Collegio de S. Paulo aos Padres Jeſuitas com obrigaçaõ de lerem quatro Claſſes de Grammatica, e Rhetorica, e huma Cadeira de Filoſofia conſignando-lhe annualmente duzentos mil reis em premio deſte trabalho litterario. Por ordem delRey D. Sebaſtiaõ foy obrigado a deixar o ſeu rebanho a 24. de Março de 1561. para aſſiſtir ao Concilio Tridentino, em cuja Sagrada Aſſemblea ſe diſtinguio entre os Veneraveis Prélados de que ſe compunha, o ſeu ardente zelo clamando com apoſtolica liberdade, que ſe devia reformar o Eſtado Eccleſiaſtico, e purificar o ouro do Sanctuario de Chriſto das fezes com que eſtava manchado naõ ſe eximindo deſta reforma a Eminencia das Purpuras Romanas das quaes como fontes ſe devia derivar a agua mais pura para beneficio da Chriſtandade. Armado da authoridade da Peſſoa, e da profundidade da ſabedoria foy author de que ſe decretaſſe ſer a reſidencia dos Biſpos nas ſuas Dioceſes de direito divino, e de outras graves determinaçoens fundadas nas ſolidas bazes das Eſcrituras, e Concilios de que reſultaraõ immortal gloria à Igreja Catholica, e fatal ruina aos ſeus Antigoniſtas. Para ſatisfazer

aos dezejos de Pio IV. que ancioſamente lhe queria fallar, entrou em Roma onde foy recebido pelo ſummo Paſtor com ſingulares demõſtrações de affecto, e veneraçaõ, principalmente quando o ouvio increpar com zeloſa efficacia o luxo practicado pelos Eccleſiaſticos na Cabeça do Mundo como improprio do Eſtado, que profeſſavaõ, de que ſe ſeguio reformar o Pontifice o fauſto da ſua Familia, e de todos os Princepes Purpurados da Curia Romana. Entre elles contrahio eſtreita amiſade com S. Carlos Borromeo, e Miguel Ghislerio, que pouco depois ſubio ao Solio do Vaticano com o nome de Pio V. a cujo peito ſe tresladou o fogo de Elias para zelar a cauſa de Deos, e promover a obſervancia da diſciplina Eccleſiaſtica dos primeiros Seculos da Igreja. Concluido o Concilio ſe reſtituhio à ſua Dioceſe onde entrando a 27. de Fevereiro de 1564. foy recebido com feſtivos applauſos pelas ſuas ovelhas convertendo em alvoroço o grave ſentimento, que padeceraõ com a auſencia de taõ benigno Paſtor. Reſoluto a executar exactamente os Decretos do Concilio edificou o Seminario conſagrado ao Principe dos Apoſtolos para nelle eſtudarem quarenta e quatro Collegiaes as ſciencias neceſſarias com que dirigiſſem as almas aſſim nos Pulpitos, como nos Confeſſionarios. Diſcorreo por toda a Dioceſe reformando abuſos, extirpando vicios, plantando virtudes, conciliando animos diſcordes, evitando eſcandalos publicos, enxugando as lagrymas das Viuvas, zelando a honeſtidade das Donzellas, reprimindo a inſolencia dos poderoſos, e abatendo o orgulho dos Violadores da immunidade Eccleſiaſtica. Contra eſtas virtuoſas acções proprias da Dignidade, que occupava, ſe armaraõ fortiſſimas oppoſiçoens aſſim de Eccleſiaſticos, como de Seculares interpretando com o ſimulado pretexto de zelo, ſerem muitas dellas procedidas de hum animo ſummamente auſtero, e totalmente alheyo da benevolencia paſtoral. De todas eſtas contradiçoens triumfou intrepidamente o ſeu coraçaõ temperando com tal arte a ſeveridade com a clemencia, e o rigor com a piedade, que foy univerſalmente conhecida a recta intençaõ com que obrava. Para eſtabelecer mais ſolidamente a frequencia dos Sacramentos, e a reforma dos coſtumes celebrou Synodo Provincial na Sè a 8. de Setẽbro de 1566. com a aſſiſtencia dos ſeus Biſpos ſuffraganeos, cujos decretos foraõ com grandes elogios approvados pela Sé Apoſtolica. Naõ foy menos celebrada a ſua ardente charidade na aſſiſtencia aos feridos do contagio, que fatalmente fulminou o Ceo contra eſte Reyno no anno de 1569. ſendo o mais vigilante em lhes miniſtrar peſſoalmente os remedios do corpo, e da alma ſem que foſſe poderoſa a ordem delRey D. Sebaſtiaõ para ſe apartar do perigo a que eſtava expoſta a ſua vida. Sendo taõ exceſſivo o cuidado com que exercitava o miniſterio Paſtoral, ainda era mayor a ancia com que ſuſpirava aliviarſe de taõ grave pezo inſoportavel aos ſeus hombros antepondo a humildade do Clauſtro donde ſahira a todos os titulos honorificos da Primacial Dignidade, que lograva. Deſta heroica reſoluçaõ fez participante a Filippe II. quando aſſiſtio nas Cortes, que eſte Principe cõvocou na Villa de Thomar no anno de 1581. ſupplicando-lhe com enternecidas inſtancias quizeſſe aceitar-lhe a renuncia do Arcebiſpado, e interpor a ſua real authoridade para que o Pontifice benevolamente a confirmaſſe. A eſta ſupplica repugnou Gregorio XIII. (como jà o tinhaõ feito ſeus dous Predeceſſores Pio IV. e S. Pio V.) e a mayor parte do Conſiſtorio conſiderando, que privavaõ a Igreja de hum Prélado acerrimo defenſor da immunidade Eccleſiaſtica, e univerſal refugio da pobreza, e orfandade, porém conhecendo o Pontifice a vontade declarada delRey condeſcendeo na renuncia, que foy juridicamente intimada ao Arcebiſpo a 20. de Fevereiro de 1582. Tanto que recebeo eſta noticia foy igual no ſeu coraçaõ o jubilo com que depoz o pezo da Prelaſia ao ſentimento com que conſtrangido a tomara ſobre ſeus hombros. Partio para o Convento de Santa Cruz que elle fundara em a Villa de Viana onde pelo eſpaço de outo annos, que nelle viveo obſervou a diſciplina regular com tal ſeveridade, como ſe naõ eſtivera della izento pelos privilegios de velho, e ainda mais de Primaz. Todo o ſeu diſvelo era obedecer taõ promptamente ao Superior como ſe fora Noviço, naõ conſentindo, que o diſtinguiſſe dos outros Religioſos para qualquer acto da Cõmunidade. Prégava todos os Domingos, e dias Santos nas Igrejas dos Arra-

baldes de Viana explicando aos adultos os myſterios da noſſa Religiaõ, e aos innocentes enſinandoos com a propria maõ a formarem o ſinal da Cruz. *E na verdade* (exclama o Illuſtriſſimo D. Rodrigo da Cunha ſeu Suceſſor na Mitra de Braga deſcrevendo as ſuas acçoens na *Hiſtor. Eccleſ. deſta Dioceſ.* Tom. 2. cap. 86. §. 13.) *que outro eſpectaculo podia haver mais grato ao Ceo, mais eſpantoſo aos homens que hum Primaz das Eſpanhas, enſinando paſtorinhos depois de tantos annos de Cadeiras, depois de com ſuas letras, e prudencia eſpantar aquelle graviſſimo ajuntamento, que na Cidade de Trento o ouvio, e ſeguio com tanto applauſo, como ſe nelle vira reſuſcitados os mayores lumes da Igreja Catholica?* Cumulado de todo o genero de virtudes aſſim Religioſas, como paſtoraes chegou o tempo de ſerem eternamente premiadas, e ſentindo-ſe acometido de huma Dyſuria que a ſua honeſtidade fez mortal, foraõ inuteis todos os remedios applicados pela ſciencia dos Medicos, e affecto dos Religioſos. Tolerava a acerbidade das dores com animo taõ conſtante que ſe conheciaõ pelos deſmayos, e naõ pelas vozes, antes no ſemblante moſtrava indicios de exceſſivo jubilo por conhecer, que eſtava proximo o termo da ſua peregrinaçaõ. Chegou a noticia do perigoſo eſtado da infermidade ao Illuſtriſſimo D. Fr. Agoſtinho de Caſtro ſeu ſegundo Suceſſor na Cadeira de Braga, e ſem demora partio para lhe aſſiſtir, o que executou com grande ternura, conferindo-lhe o Sacramento da Extrema-Unçaõ que o moribundo recebeo com tanto acordo, e piedade, que alternava os Pſalmos Penitenciaes com os circunſtantes. Ultimamente levantando as maõs, e os olhos ao Ceo entregou placidamente o eſpirito ao ſeu Creador a 16. de Julho de 1590. entre as ſete, e outo horas da tarde com 76. annos, e dous mezes de idade, de Religioſo 62. de Arcebiſpo 23. e 8. depois da renuncia deſta Dignidade. Recolhido o Cadaver a hum precioſo Caixaõ foy conduzido ao Cruzeiro por entre a multidaõ de povo que lamentavaõ com ſentidas expreſſoens a falta do ſeu inſigne Bemfeitor, e ſe lhe fizeraõ ſumptuoſas Exequias a que preſidio, e cantou a Miſſa o Arcebiſpo D. Fr. Agoſtinho de Caſtro, no fim da qual fez a Oraçaõ funebre Fr. Jorge Queimado da Ordem dos Prégadores que depois foy Biſpo de Fez elegendo para Thema as palavras que ſerviaõ de empreza ao Arcebiſpo defunto, que eraõ *Ardere, & lucere: nolite conformari huic ſæculo.* Pacificada a contenda que ſe moveo entre o Cabido de Braga, e o Senado de Viana ſobre o lugar que havia ſer depoſito do corpo do Vener. Arcebiſpo ſe ſepultou no Presbyterio da parte da Epiſtola do Convento de Santa Cruz até 24. de Mayo de 1609. que foy treſladado com magnifica pompa pelos moradores de Viana a hum ſumptuoſo Mauſoleo no Presbyterio da parte do Evangelho em que ſe gravou o ſeguinte epitafio.

Deo Optimo Maximo

Frater Bartholomæus de Martyribus Olyſſiponenſis Dominicanus, Hiſpaniarum Primas Adam ter magnus hic ſitus eſt; qui ad Bracharenſem ſedem à cella, ut aiebat, tanquam à Regno ad Crucem raptus cum ſecunda poſt Apoſtolos diſpenſandæ Eccleſiæ gratia inter alios, ut Sol inter minores ſtellas divinitus fulſiſſet, Summis Pontificibus, Concilij Tridentini ſpectabilis Patribusq̃, probatus, & charus, ingraveſcente ætate ſponte abdicata ſede Cellam Monaſterij hujus, quod condiderat, libens repetiit, ubi et Sancte vixit dilectus Deo, & hominibus, & divina patiens ab oſculo Domini aſſumptus eſt; heu pauperum Pater, & Religioſorum, amator pudicitiæ, æmulatione Martyr, profeſſione Doctor, Sal terræ, Lucerna ardens, & Lucens, rarum verorum Epiſcoporum exemplar, & velut adeps ſeparatus à carne. Vixit annos 76. a profeſſione Dominicana 62. à conſecratione Epiſcopi 32. à regreſſu ad Ordinem 8. Obiit anno Domini 1590. die 16. Julij. Requieſcat in pace. Amen.

As acçoens inſignes deſte Veneravel Prelado foraõ aſſumpto de diverſas pennas em varias linguas, eſcrevendo-as na Portugueza o inſigne Fr. Luiz de Souſa com eſtilo elegantiſſimo, o Illuſtriſſimo D. Rodrigo da Cunha Arcebiſpo Primaz de Braga, e Duarte Nunez de Leaõ na *Deſcripçaõ do Reyno de Portug.* cap. 60. na Caſtelhana Fr. Luiz de Granada, e Luiz Muños: na Franceza Iſaac le Maiſtre de Sacy em nome dos Noviços da Ordem dos Pré-

gadores do Convento de Pariz. na Italiana D. Malachias de Imguibert Arcebiſpo de Theodoſia, e na Latina o P. Joaõ Bautiſta le Beau da Companhia de JESUS por ordem do Biſpo de Montpellier Franciſco de Boſquet, e ultimamente no meſmo idioma D. Malachias de Imguibert jà nomeado. Aos elogios com que eſtes eſcritores ornaraõ o nome deſte Ven. Arcebiſpo ſe podem juntar os de outros famoſos Varoens como ſaõ o Cardial S. Carlos Borromeo em huma Carta que lhe eſcreveo de Roma a 3. de Abril de 1565. *Quid enim eſt tam exploratum quàm Reverendiſſimæ Dominationis tuæ aut integritas, aut prudentia, aut in Catholica Fide conſtantia... nam quid dicam de me cui in conſpectu animi ſemper ades, & propter excellentem in omni genere virtutis laudem unus mihi ad imitandum propoſitus.* O Cardial Pallavicin. *Hiſt. del Concil. di Trent.* liv. 15. cap. 11. n. 4. *Huomo riguardevole per Santità, e per dotrina.* Aug. Barboſ. *de Poſtet. Epiſcop.* 1. Part. Tit. 3. cap. 8. n. 82. *Vir ille eminenti virtute, ac ſumma vitæ integritate præclarus, ſpectata fide, ſingulari que prudentia inſignis.* Sachin. *Hiſt. Societ.* Part. 2. lib. 4. n. 150. *Præſul omnibus Evangelicæ Sapientiæ luminibus clarus.* Joan. à Cruce in Præfat. *Direct. Conſ.* §. 6. n. 16. *Adfuit inter alios Tridentino tanquàm dux ſtrenuus, & fortiſſimus Achilles, ſanctitate ac zelo præclarus, qui crebris diſputationibus, ac infatigabili cura ſanam Catholicæ Eccleſiæ doctrinam validiſſime defendit.* Jacob. Echard *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. pag. 296. col. 2. *vir apoſtolici plane pectoris omnium conſenſu inter illuſtriora Eccleſiæ Seculo XVI. lumina numeratur.* Fernand. in *Concert. Præd. Magna in eo erat rerum deſpecientia, magna laudis, & auræ popularis contemptio, humilitatis, & modeſtiæ eximia, ardens, ac vigens ſtudium Orationis, ac meditationis, ſumma in cibo, & potu parcitas, paupertatis evangelicæ rigida obſervatio.* Illuſtriſſimus Cunha in *Decret.* Diſt. 40. n. 2. *Eccleſia Bracharenſis lumen, & columen, ac inter Hiſpaniarum Præſules non dignitate tantum, ſed virtute, ac meritis vere Primas,* et Idem *de Primat Bracharenſ.* cap. 27. §. 4. *inſignis vir litteris, & ſanctitate... hujus Eccleſiæ fulgentiſſimus ſplendor. Imago Primi Sæculi S. J.* lib. 5. cap. 11. pag. 676. *Clarus admiſſa, ſed clarior depoſita dignitate.* Souſa *Vid. do meſmo Arceb.* liv. 5. cap. 7. *Era de engenho ſutil, claro entendimento, e firme memoria, livre em dizer a cada hum o que entendia, (o que he rariſſimo no mundo) ſofrido, e humilde em ouvir o que cada hum lhe dizia de avizos, e advertencias: animoſo em acometer as couſas da ſua obrigaçaõ, acre, e deligente na execuçaõ dellas, conſtante em as levar ao Cabo, porque nenhuma acometia ſem muito eſtudo, e conſelho, parte de verdadeira prudencia.* Graveſſon *Hiſt. Eccleſ.* Tom. 7. colloq. 5. ad Sæcul. XVI. *In obeundis paſtoralibus Officiis aſſiduus ſingulis annis totam Diœceſim ſuam pedibus per invia montium juga, per abruptas cautes, per acervos nivium, per lapſus horrendos torrentium viſitabat magnus ille venator, auceps que animarum, in egenos homines, in loca Sacra opes ſuas efuſiſſima liberalitate profundebat, & in ejus menſa, veſtibus, familia, modeſtia ſumma, & priſcis Eccleſiæ temporibus conſentanea relucebat.* Joan. Suar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litterat.* lit. B. n. 16. *Vir veræ virtutis opinione celebratiſſimus.* Sena *Bib. Frater. Præd.* pag. 48. *Vir in Philoſophicis, & Theologicis doctiſſimus, & in Sacrarum litterarum, & Sanctorum Patrum lectione exercitatus.* Fontan. *Monument. Dominic.* pag. 506. *Præclariſſimus vir* Nicol. Ant. *Bib. Hiſpan.* Tom. 1. pag. 154. col. 2. *Tridentum advocatus ad Concilium eam doctrinæ, integritatis, ac religionis famam ibi collegit, ut in Supremo Eccleſiæ conſeſſu nulli Congregatorum ex toto Orbe Chriſtiano Theologorum ſive litteris, ſive Sanctitate quam plurium opinione concederet.* Nat. Alexand. *Hiſt. Eccleſ.* Sæcul. XVI. Synopſ. cap. 5. art. 3. §. 21. Joan. Hallevord. in *Bib. Curioſ.* pag. 410. col. 1. Draud. in *Bib. Claſſic.* Taxand. in *Cathalog. Clar. Hiſp. Script.* e Fr. Pedro Mont. *Clauſt. Domin.* Tom. 3. pag. 169.

Cathalogo das obras que compoz.

Compendium Spiritualis Doctrinæ ex varijs Sanctorum Patrum ſententijs magna ex parte collectum. Olyſſipone apud Antonium Riberium. 1582. 8. Sahio eſta obra por deligencia de Fr. Luiz de Granada onde lhe faz o ſeguinte elogio. *Inter varias paſtoralis Officij ſui curas nanquam Rachelis ſuæ amplexum deſeruit, ſed diem Paſtoralis*

Officij curis, noctem Deo offerebat. Quo tempore quidquid de Myſtica Theologia à Summis viris, hoc eſt, Dyoniſio, Bernardo, Bonaventura, Gerſone ſcriptum eſt, ſtudioſe legens, has gemmas ſuper aurum, & topazion pretioſas nobis miniſtravit. Quibus ego legendis tantopere peleĉtatus ſum, ut vere affirmare poſſim me hactenus in vita legiſſe, quod acriores piis hominibus ſtimulos ad cæleſtis Philoſophiæ amorem adderet, majoremque lucem iis, qui huic ſtudio dediti ſunt, præferret. Igual, ou mayor encomio dedicou a eſta obra o Meſtre Geral da Ordem Fr. Jeronymo Xavierre exhortando à liçaõ della aos ſeus ſubditos neſta forma. *Hic igitur tantus Antiſtes totus in divinarum meditationum campos evolutus longo rerum uſu exercitus pretioſum iſtud monile ex diverſis Margaritis, gemmiſque velut nobile emblemma admirabili pietate contexvit.* Sahio em ſegundo lugar Matriti apud Ludovicum Sanches 1594. 24. Pariſiis apud Guilielmum Chaudiere. 1601. 16. Romæ per Carolum Vulliettum. 1603. 8. Coloniæ apud Quental. 1622. Venetiis apud Petrum de Orlandis 1711. 8. por deligencia de Fr. Ildefonſo Manrique Dominico. Traduzido em Caſtelhano por Fr. Placido Pacheco de Ribera Monge Benedictino. Valladolid por Sebaſtian Cano. 1601. 8. Na lingua Portugueza por Franciſco Oſorio Prior da Igreja de S. Vicente de Villa-Franca. Lisboa por Antonio Alvares. 1653. 8. e na Franceſa com eſtilo elegante por D. de Godeau Reytor da Univerſidade de Pariz, e Parocho da Igreja de S. Coſme intitulando-o *Abregé des Maximes della vie Spirituelle recueilli des Sentimens des Peres.* Pariz per Delaulne 1699. 12. Neſta ediçaõ eſtá hum elogio ao Arcebiſpo D. Fr. Bartholameu dos Martyres compoſto por Monſiur Godeau Biſpo de Vence.

Stimulus Paſtorum ex Sententiis Patrum concinatus, in quo agitur de Vita, & moribus Epiſcoporum, aliorumque Prælatorum. Eſta obra (que mereceo a approvaçaõ do grande Meſtre da Theologia Myſtica, e exemplar de Prelados S. Franciſco de Sales perſuadindo a ſua liçaõ a hum Biſpo ſeu amigo no liv. 1 das ſuas *Cartas* Cart. 34. como neceſſaria para ſe exercitar exactamente as obrigaçoens Paſtoraes) foy primeiramente impreſſa Romæ 1564. por deligencia de S. Carlos Borromeo do qual recebendo hum exemplar Fr. Luiz de Granada o publicou Ulyſſipone apud Franciſcum Correa 1565. Como no frontiſpicio deſta ediçaõ naõ eſtiveſſe o titulo de Primaz das Eſpanhas advertio ſeu veneravel Author a Fr. Luiz de Granada daquella omiſſaõ que reſultava em prejuizo da dignidade Bracharenſe, o que logo emendou ſahindo o frontiſpicio com o titulo que faltàra no primeiro que ſe divulgou. Sahio ſegunda vez Romæ apud Hæredes Julij Accolti 1582. 8. Pariſiis apud Jacobum Kerver 1583. 8. & ibi apud Michaelem Somnium 1586. & ibi apud Petrum Areche 1644. 12. & ibi apud eumdem 1667. 12. Romæ apud Salvioni. 1715. 8. Traduzido em Frances por G. de Mello com o titulo *Le devoir des Paſteurs.* Pariz ches Michel le Petit 1672. 12. o P. Franciſco Nunes Jeſuita na Dedicatoria das *Emprezas ſacras.* ao Cardial D. Franciſco Portocarreiro Arcebiſpo de Toledo impreſſas em Leaõ de França 1682. 4. fallando deſta obra lhe faz o ſeguinte elogio. *Aquel libro de oro, que de varias ſentencias delos Santos juntó el inſigne Arcobiſpo de Braga D. Fr. Bartholamé delos Martyres ſolo en orden a deſpertar con ellas ſu eſpirito, le eſtimó. como un milagro S. Carlos Borromeo que liberal de tan precioſo theſoro con nombre de eſtimulo de Paſtores para que todos le gozaſſen, a ſus expenſas le dió ala eſtampa.*

Catheciſmo da doutrina Chriſtaã com algumas practicas eſpirituaes em as Feſtas principaes, e alguns Domingos do anno para os leitores, e Curas do ſeu Biſpado lerem à eſtaçaõ nas Parochias, em que naõ houveſſe Prégaçaõ. Braga por Antonio de Mariz. 1564. 4. & ibi por Antonio Alvares. 1594. 4. Evora por Manoel de Lira. 1603. 4. ibi por Jorge Rodriguez 1617. 4. et ibi pelo dito Impreſſor 1628. 4. e ultimamente com a vida do Ven. Arcebiſpo eſcrita pelo Illuſtriſſimo D. Rodrigo da Cunha. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira 1656. 4. Traduzido em Caſtelhano por Fr. Manoel Rodriguez da Ordem Serafica inſigne Theologo Portuguez. Salamanca por Diego Cuſſio. 1602. 4. e na meſma lingua por Joaõ Ariſtizaval Cavalleiro da Ordem de Saõ-Tiago. Madrid. 1564. 4. e no idioma Latino por Fr. Jacob Quetif da Ordem dos

Prégadores com eſte titulo *Catheciſmi, ſive doctrinæ Chriſtianæ cum inſtructionibus paſtoralibus libri duo, quorum primus continet explanationes articulorum Fidei; alter vero homilias, ſeu Sermones Sacros in Evangelia pro Feſtis ſolemnibus ordinati ad uſum, & commodum Parochiarum Archiepiſcopatus Bracharenſis, quæ concionatoribus indigent.* Romæ apud Hyeronimum Maynardum. 1735. fol.

Summa Conciliorum omnium tam generalium, quam Provincialium additis plurimis locis, quæ ad Hiſtoriam ſuccedentium temporum attinet collecta per Fr. Bartholamæum Archiepiſcopum, & Dominum Bracharenſem, Hiſpaniæque Primatem dum ageret in Concilio Tridentino.

Annotationes in Davidicos Pſalmos, ubi præſertim obſcuriora ad illuminationem intellectus, & inflamationem afectus dum eſſet in Concilio Tridentino anno Domini 1561. *menſe Septembri.* Deſta obra ſe lembra Jacob le Long in *Bib. Sacra* Tom. 1. pag. mihi 626. col. 2.

Petitiones quas in Concilio Tridentino facere intendebat. Eſcritas da ſua propria maõ ſe conſervavaõ na Livraria do Cardeal Souſa.

Collecta ex geſtis Concilij Tridentini anno Domini 1562. *quando ſub Pio IV. iterum Concilium Tridentinum congregatum eſt.*

Itinerarium ex Brachara ad Tridentinum, & ex Tridentino ad Bracharam. Foy traduſido da Lingua Portugueza na Latina por Fr. Jacobo Quetif Dominico.

Eſtas outo Obras do Veneravel Arcebiſpo ſahiraõ magnificamente impreſſas em 2. Tom. in fol. Romæ Typis Hieronymi Mainardi. 1734. e 1735. por induſtria do Illuſtriſſimo D. Malachias de Imguibert Abbade Ciſtercienſe, Arcebiſpo de Theodoſia, Biſpo de Carpentoracto, Prèlado domeſtico da Santidade de Clemente XII. Aſſiſtente do Solio Pontificio, Conſultor da Inquiſiçaõ Univerſal Romana, e do Conſelho do noſſo Auguſtiſſimo Monarcha, a cujo Soberano Nome dedicou eſta grande collecçaõ das obras do Vener. Arcebiſpo D. Fr. Bartholameu dos Martyres de quem tendo eſcrito elegantemente a ſua vida na Lingua Italiana, a eſcreveo ſegunda vez no idioma Latino, que ſerve de Prefaçaõ a dita collecçaõ.

Carta eſcrita de Bragança a 28. *de Março de* 1561. *a Fr. Joaõ de Leiria quando partio para o Concilio.* Sahio impreſſa na vida do meſmo Arcebiſpo por Fr. Luiz de Souſa. liv. 2. cap. 2.

Carta eſcrita de Trento a 22. *de Mayo de* 1561. *a Fr. Joaõ de Leiria.* Na meſma vida. liv. 2. cap. 5.

2 *Cartas eſcritas de Trento, huma a* 22. *de Setembro de* 1561. *e outra a* 2. *de Novembro de* 1561. *a Fr. Joaõ de Leiria.* Na dita vida liv. 2. cap. 7.

Carta eſcrita de Trento 4. *feira de Cinza de* 1562. *a Fr. Joaõ de Leyria.* Na dita vida liv. 2. cap. 9.

Carta eſcrita de Trento a 20. *de Fevereiro de* 1563. *ao Vigario do Convento de Santa Cruz de Viana.* Na dita vida liv. 2. cap 14.

Carta Latina eſcrita a Pio IV. em favor do Clero Bracharenſe. Na dita vida liv. 3. cap. 2.

Carta Latina eſcrita a Pio IV. ſobre o Synodo que tinha celebrado em Braga. Na dita vida liv. 3. cap. 22.

Carta eſcrita de Braga a 4. *de Março de* 1570. *a ElRey D. Sebaſtiaõ.* Na dita vida liv. 3. cap. 29.

Carta eſcrita de Braga a 12. *de Março de* 1566. *á Rainha D. Catherina.* Na dita vida liv. 4. cap. 12.

As cartas eſcritas na lingua Portugueza de que ſe fez a mençaõ precedente foraõ traduzidas na Latina pelo Illuſtriſſimo D. Malachias de Imguibert, e ſahiraõ impreſſas na Collecçaõ das obras de que aſſima ſe fez memoria, em o 1. Tomo deſde pag. 96. até 108.

Carta eſcrita de Braga a 7. *de Janeiro de* 1561. *á Rainha D. Catherina em que lhe perſuade com efficazes rezoens naõ deixe a regencia da Monarchia na menoridade de ſeu Neto D. Sebaſtiaõ.* Impreſſa nas minhas Memor. Hiſt. e Militar. delRey D. Sebaſt. Part. 1. liv. 2. cap. 3. §. 30.

Cathalogo das Obras *M. S.*

Collationes Spirituales centum, & quinquaginta. Cada huma tem ſeu Thema comforme a materia de que trata. A primeira que he do Amor Divino tem por thema *Oſculetur me oſculo oris ſui.* A 2. de *Fœtore pecati.* he o thema *Putruerunt jumenta in ſtercore ſuo.*

Annotationes in Jeremiam, & alios Prophetas. Começou eſta Obra quando aſſiſtio em Trento, e o ſeu original conſervava Fr. Bartholameu Nobre Dominico de quem logo ſe fará menção.

Puncta tangentia jura, et Caſus Conſcientiæ. Principia *Intentio dicitur Lumen.*

Variæ Sententiæ ad Sacram Scripturam pertinentes. Começa. *Abraam prius dictus eſt Ram.*

Doctrinæ, & regulæ Menſæ Religioſæ.

Epitome Chronicorum Mundi. Começa *Prima Monarchia Aſſiriorum &.*

Compendium Hiſtoriarum Eccleſiaſticarum. Principia *Pilatus quadam nocte ſubintulit in Urbem Jeruſalem.*

Tractatus de Superſtitionibus. He allegado pelo Doutor Manoel do Valle, e Moura in *Tract. de Curat. per Enſalm.* cap. 1. n. 1.

Tractatus de Trinitate. Conſervava-ſe na Livraria de Manoel de Faria e Souſa em Guimaraens.

Relatio impedimentorum à Prælatis in Concilio circa Reſidentiam allatorum in Congregatione Generali menſe Aprili 1562.

Requiſitiones aliquorum Italiæ Epiſcoporum Legatis Apoſtolicis in Concilio menſe Februario 1562. *factæ, ut in Eccleſia reformarentur.*

Petitio Legatis Apoſtolicis in Concilio facta per Bartholamæum à Martiribus, et D. Petrum Guerreiro Granatenſem Archiepiſcopum à Prælatis Hiſpaniarum die 17. *Auguſti* 1562.

Articuli Ferdinandi Cæſaris nomine ad Eccleſiæ reformàtionem in Concilio Tridentino ab ejus Oratoribus anno 1562. *præſentati.*

Epitome das vidas dos Summos Pontifices com os Suceſſos mais notaveis, que em tempo de cada hum ouve no mundo começando de S. Pedro até o tempo de Xiſto V. O original deſta obra ſe conſervava na Bib. do Eminentiſſimo Cardial de Souſa hoje do Excellentiſſimo Duque de Alafoens.

Compendio Geral das Hiſtorias de Eſpanha. Começa *Havendo quinze annos que Adaõ era criado.*

Compendio dos Reys de Aragaõ, e Condes de Barcelona. Principiava. *No tempo prezente tres Regioens ſe ajuntaõ no Reyno, que chamamos de Aragaõ.*

Compendio dos Reys de Navarra começando do primeiro que foy D. Garcia Ximenes atè Filippe II. Neſta obra trata da Suceſſaõ dos Reys Mouros que reinaraõ em Eſpanha.

Breve Relaçaõ dos Reys de Portugal do tempo que viveraõ, e reynaraõ até ElRey D. Sebaſtiaõ.

Artigos prezentados ao Concilio Tridentino pelo Reverendo Vigario Capitular da Igreja de Valença do Reyno de Aragaõ.

Inſtruçoens que Fernaõ Martins Maſcarenhas Embaxador delRey D. Sebaſtiaõ aprezentou ao Concilio Tridentino em 26. *de Fevereiro de* 1562.

Tratado de Practicas devotas para os Prélados quando daõ Ordens.

Conſideraçoens eſpirituaes para reſiſtir às tentaçoens. O original conſervava com grande veneraçaõ o exemplariſſimo Arcebiſpo de Evora D. Theotonio de Bragança o qual vindo ao poder do Chantre deſta Cathedral Manoel Severim de Faria o deo como thezouro precioſo a ſeu Irmaõ D. Baſilio de Faria Monge Cartuxo.

A diverſidade de argumentos de todas eſtas Obras aſſim impreſſas, como *M. S.* claramente manifeſta a vaſta liçaõ, e profunda ſciencia que o noſſo Veneravel Arcebiſpo tinha naõ ſómente da Theologia Eſpeculativa, Poſitiva, Moral, e Myſtica, mas dos Canones Pontificios, Hiſtoria Sagrada, e Profana deixandonos o juſto ſentimento, que *ſe todas* (como eſcreve o inſigne Chroniſta da ſua vida Fr. Luiz de Souſa liv. 5. c. 23) *chegaraõ à impreſſaõ, ouveraõ de ſer eſtimadas, e bem viſtas, porque ſeu dono tinha partes para illuſtrar tudo o que tomava entre maõs, e naõ fazia nada por ocioſidade, ſe naõ ſó para proveito dos proximos, mas como elle ſe naõ applicou a imprimillas por naõ defraudar os pobres da contia que niſſo podia diſpender, ficamos defraudados os eſtudioſos de hum grande theſouro, e utilidade principalmente nas obras pertencentes á doutrina, e Sagrada Eſcritura.*

Fr. BARTHOLAMEU NOBRE natural da Cidade de Evora, e Religioſo da Ordem dos Prégadores muito douto na intelligencia da Sagrada Eſcritura, e naõ menos verſado na liçaõ dos Santos Padres, e Sagrados Interpretes, como o teſtemunhaõ as obras ſeguintes.

Commentaria in Geneſim. M. S.

Commentaria in Evangelium D. Mathæi M. S.

Eſta ultima obra foy impreſſa em Italia, por deligencia de Fr. Franciſco da Piedade Dominico como eſcrevem Joaõ Franco Barreto na *Bib. Portug.* M. S. e Fr. Pedro Monteiro *Clauſt. Dominic.* Tom. 3. pag. 176. cujo Original ſe conſerva na Bibliotheca de S. Domingos de Lisboa. Faz mençaõ do Author o P. Franciſco da Fonſeca *Evora Glorioſ.* pag. 410.

BARTHOLAMEU PACHAM natural da maritima Villa de Peniche do Patriarchado de Lisboa. Foy Meſtre de Humanidades na ſua Patria, e profundamente inſtruido no eſtudo da Mythologia, e Hiſtoria Romana de quem ſe lembra no *Theat. Luſit. Litter.* lit. B. n. 18. Joaõ Soar. de Brito. Compoz.

Fabula dos Planetas moralizada com varia doutrina politica, ethica, e economica. Lisboa por Domingos Lopes Roſa. 1643. 8.

Fr. BARTHOLAMEU DE PAYVA Naceo em Lisboa, e ſendo de idade tenra abraçou o Inſtituto da Ordem da Santiſſima Trindade onde depois de aprender as ſciencias eſcholaſticas as enſinou com tal fama do ſeu nome que baſta para eterno credito do ſeu magiſterio ter ſido ſeu ouvinte o inſigne Eſcriturario, e grande Theologo Fr. Balthezar Paes de que jà fizemos mençaõ. Formado Bacharel em Theologia pela Univerſidade de Coimbra foy Definidor da ſua Provincia. Cultivou entre a ſeveridade das ſciencias Mayores a amenidade das letras humanas ſendo hum dos celebres Poetas Latinos da ſua idade. Falleceo no Convento patrio a 31. de Dezembro de 1619. Compoz em verſo Latino, e dedicou ao Reverendiſſimo Geral da Ordem Fr. Luiz Petit.

Hiſtoria Inſtitutionis Ordinis Sanctiſſimæ Trinitatis, da qual imprimio grande parte Fr. Bernardino à D. Antonio in *Epit. Geral Redemp.* Ulyſſipone apud Petrum Crasbeeck 1623. 4. lib. 1. cap. 4. fol. 16. até 19. v.º e lib. 2. cap. 8. fol. 111. e cap. 9. fol. 114. v.º cap. 10. fol. 120. e cap. 11. fol. 126.

Elegia in laudem Illuſtriſſimi Domini Alphonſi Furtado de Mendoça Archiepiſcopi Ulyſſiponenſis. He muito extenſa. Conſerva-ſe em hum livro que contem muitas Poeſias a eſte Prelado em a Livraria do Cardial de Souſa.

Poeſias Latinas, Portuguezas, e Caſtelhanas. M. S. guarda-ſe na Livraria do Convento da Trindade de Lisboa.

Fazem mençaõ do Author Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 158. no Comment. de 10. de Mayo letr. F. Nicol. Ant. *Bib. Hiſpan.* Tom. 1. pag. 156. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. B. n. 19.

P. BARTHOLAMEU PEREYRA Naceo na Villa de Monçaõ do Arcebiſpado de Braga em o anno de 1598. ſendo filho de Joaõ Pereira Meſquita Cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto, e Helena Gomes, irmaõ de Fillippe de Meſquita Soares Secretario de Eſtado em cujo Officio ſucedeo a ſeu Tio Chriſtovaõ Soares. De Pays taõ qualificados ſahio inſtruido nas maximas Chriſtaãs, que o inclinaraõ na tenra idade de quinze annos a antepor o eſtado Religioſo ao Secular entrando na Companhia de JESUS no Collegio de Coimbra a 20. de Março de 1613. onde leo Rhetorica, e depois Eſcritura pelo eſpaço de 8. annos. Na Poeſia Latina mereceu alcançar o principado particularmente no eſtilo Epico em que ſe aſſemelhou taõ vivamente a Virgilio que parece fora patricio de Mantua feliz berço deſte Principe da Poeſia Heroica. Naõ foy menos inſigne o ſeu talento no Pulpito atrahindo com as ſuas vozes a muitos peccadores ao caminho da penitencia. Depois de ſer Reytor do Collegio de S. Paulo de Braga acabou de ſer mortal em Coimbra a 18. de Novembro de 1650. com 52. annos de idade, e 47. de Religiaõ. Deſcreveu em hum elegante Poema o martyrio de ſeu Tio paterno o V. P. Franciſco Pacheco que morreo conſtantemente em Nangazaqui a 20. de Junho de 1626. abrazado em fogo lento pela Fé de Chriſto, o qual publicou com eſte titulo.

Paciecidos. Libri duodecim. Decantatur clariſſimus P. Franciſcus Paciecus Luſitanus Pontilimenſis è Soc. JESU Japoniæ Provincialis ejuſdem Eccleſiæ gubernator, ibique vivus pro Chriſti fide lento igne concrematus anno 1626. Conimbricæ apud Emmanuelem de Carvalho Univerſit. Typ. 1640. 12.

A eſte Poema chama *admiravel* Jorge Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 765. no Commentario de 20. de Junho letr. H. *aureum* o intitula Franco in *Anno Glorioſ. S. J. in Luſit.* pag. 689. *e elegantiſſimo* na *Imag. da Virtude do Colleg. de Coimbra.* Tom. 1. liv. 1. cap. 53. n. 21. e no Tom. 2. pag. 614. o P. Antonio Franciſco Cardim in *Præfat. ad Faſcicul. è Japonicis floribus* o exalta dizendo *ubi quot carmina, tot gemmæ interlucent quibus perlectis affirmabis Mantuã plures tuliſſe Marones.* Deſta obra faz memoria o moderno addicionador da *Bib. Orient.* de Ant. de Leon. Tom. 1. Tit. 8. col. 174. e na *Bib. Occid.* Tom. 2. Tit. 23. col. 838.

In Apotheoſi Sanctiſſimæ Eliſabethæ Luſitaniæ Reginæ Oratio encomiaſtica. Conimbricæ apud Didacum Gomes de Loureiro 1626. 4. no principio do Certame Academico, que a Univerſidade de Coimbra dedicou à Canonizaçaõ da Santa Rainha, a qual foy recitada na Sala da meſma Univerſidade a todos os Academicos.

Cæcus oculatus ſive Argos centoculus Commentaria in Tobiam. M. S. in fol. Eſta obra de que fazem mençaõ *Bib. Societ.* pag. 107. col. 2. D. Franc. Manoel na *Carta dos AA. Portug.* eſcrita ao Doutor Manoel da Fonſeca Themudo, Jacob Lelong. in *Bib. Sacr.* pag. 898. col. 2. Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 156. col. 2. Joan. Soar. de Brito *Theat. Luſit. Litter.* lit. B. n. 20. Franco *Ann. Glorioſ. S. J. in Luſit.* pag. 689. chamando-lhe *eruditiſſima,* e na *Imag. da Virtud. em Noviciad. de Coimb.* Tom. 2. pag. 614. ſendo mandada para ſe imprimir em França ſe perdeu por incuria da peſſoa a quem foy entregue.

D. Fr. BARTHOLAMEU DO PILAR. Naceo na Villa das Vellas da Ilha de S. Jorge em o Biſpado de Angra, e na Igreja Matriz recebeo a primeira graça a 21. de Setembro de 1667. Foraõ ſeus Pays Joaõ de Avila Betancor, e Maria da Sylveira dos quaes aprendeo virtuoſos coſtumes, que ſuavemente o diſpuzeraõ a buſcar a Religiaõ Carmelitana para nella os exercitar com mayor obſervancia recebendo na idade de 19. annos o habito de taõ illuſtre como antiga Familia no Convento da Villa da Horta ſituada na Ilha do Fayal a 31. de Outubro de 1686. onde profeſſou ſolemnemente em o primeiro de Novembro do anno ſeguinte. Tendo eſtudado neſta Caſa Filoſofia, e dous annos Theologia paſſou a Coimbra a continuar eſta Sagrada Faculdade no ſeu Collegio onde foy admitido por Collegial a 21. de Outubro de 1691. Para demonſtraçaõ do admiravel progreſſo que o ſeu grande engenho fizera neſta Faculdade a defendeu toda problematicamente no anno de 1694. na prezença do ſeu Geral o Meſtre Fr. Joaõ Feixó de Villalobos hum dos mayores Letrados do ſeu tempo que admirado da prompta ſubtileza com que rebatia os mais nervoſos argumentos o conſtituhio Meſtre de taõ ſublime ſciencia. Por ſer taõ conhecido o ſeu talento na profunda eſpeculaçaõ das ſciencias eſcholaſticas foy eleito com beneplacito do V. P. Bartholameu do Quental Fundador neſte Reyno da exemplariſſima Congregaçaõ do Oratorio para Meſtre dos Congregados de Pernambuco, onde leo por eſpaço de 12. annos Filoſofia, e Theologia com tanto credito do ſeu nome como abundante fruto dos ſeus diſcipulos que brevemente foraõ Meſtres. Em 16. de Março de 1702. recebeo no Convento do Carmo de Lisboa as inſignias doutoraes de Theologo conferidas pelo Eminentiſſimo Cardeal Conti Nuncio Apoſtolico neſte Reyno, que depois de coroado com a Tiara do Vaticano ſe chamou Innocencio XIII. Tendo ſido Qualificador do Santo Officio Comiſſario deſte rectiſſimo Tribunal no Eſtado de Pernambuco, Examinador Synodal do meſmo Biſpado, e Viſitador dos Conventos da ſua Ordem em toda aquella vaſta conquiſta foy elevado em 9. de Novembro de 1717. à Mitra do Gráo Parà ſendo o primeiro Biſpo deſta nova Igreja dividida do Maranhaõ por ſer dilatado o rebanho para o diſvello de hum ſó Paſtor. Foy Sagrado neſta Dignidade pelo Eminentiſſimo Patriarcha D. Thomaz de Almeyda na Santa Igreja Patriarchal a 22. de Dezembro de 1720. Practicou na ſua Dioceſe todas as virtudes proprias de hum zeloſo Prélado inſtruindo aos ignorantes, favorecendo aos neceſſitados, miniſtrando os Sacramentos, e aſſiſtindo aos moribundos. Havendo completos 66. annos 6. mezes, e 18. dias de idade, e 12. annos de Governo

paſſou de caduco a eterno em 9. de Abril de 1733. Os Alumnos da Academia Portugueza, e Latina lhe dedicaraõ por obſequio funebre varias Poeſias com huma elegante Oraçaõ Portugueza recitada em 24. de Fevereiro de 1734. por Filippe Jozé da Gama Academico deſta Academia, e Academico Supranumerario da Academia Real. Deſte Prélado faz larga memoria Fr. Manoel de Sà nas *Memor. dos Arceb. e Biſp. Portug. da Ordem do Carm.* cap. 16. pag. 75. Fr. Agoſtinho de Santa Maria *Sanct. Marian.* Tom. 9. liv. 2. Titul. 54. pag. 380. e Sebaſt. da Roch. Pitta *Hiſt. da Amer. Portug.* Liv. 2. n. 39. Publicou.

Exequias do Illuſtriſſimo D. Franciſco de Lima terceiro Biſpo de Pernambuco celebradas na ſua Cathedral de Olinda em 2. de Junho de 1704. Lisboa por Manoel Lopes Ferreira. 1707. 4.

Sermaõ na Beatificaçaõ do B. P. Joaõ Franciſco Regis prégado no Collegio da Companhia da Villa do Recife na Capitania de Pernambuco em 24. de Mayo de 1717. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ. 1718. 4.

Sermaõ na Feſta, que ſe celebrou na Matriz da Villa do Arrecife de Pernambuco em acçaõ de graças pela erecçaõ da nova, e Real Metropoli Patriarchal. Lisboa pelo dito Impreſſor. 1720. 4.

V. P. BARTHOLAMEU DO QUENTAL Naceo no lugar dos Fenaes pouco diſtante da Cidade de Ponte Delgada Capital da Ilha de S. Miguel a 22. de Agoſto de 1626. Foraõ ſeus Pays Franciſco de Andrade Cabral, e Anna do Quental de Novaes deſcendentes ambos da mais antigua, e qualificada nobreza daquella Ilha. Na idade pueril deu evidentes ſinaes das virtudes Chriſtãas, que na adulta havia exercitar convocando muitos meninos para os Templos, e enſinando-lhes o Catheciſmo com modeſtia, e gravidade muito ſuperior a esfera dos ſeus annos. Inſtruido na patria com os documentos da Grammatica deſejando ſeus Pays, que aprendeſſe as ſciencias mayores para as quaes prometia grandes progreſſos a viveſa do ſeu engenho o mandaraõ no anno de 1643. quando contava 17. de idade à Univerſidade de Evora onde ſe applicou de tal ſorte a penetrar os myſterios da Filoſofia, que com geral acclamaçaõ dos Cathedraticos ſe graduou Meſtre em Artes a 30. de Junho de 1647. O meſmo applauſo conſeguio o ſeu grande talento na eſpeculaçaõ da Sagrada Theologia pelo eſpaço de tres annos, no fim dos quaes ſendo Collegial do celebre Collegio da Purificaçaõ paſſou à Univerſidade de Coimbra a continuar o eſtudo de taõ ſublime Faculdade onde deixou admirados, e envejoſos aos ſeus mayores Profeſſores. Ordenado de Presbytero determinou voltar para a patria, e oppondo-ſe em hum grande concurſo de pertendentes à Vigairaria da Igreja Matriz de Noſſa Senhora da Eſtrella da Villa da Ribeira Grande foy nella provido com geral ſatisfaçaõ dos Miniſtros do Tribunal da Meſa da Conciencia naõ ſómente pela ſciencia com que excedia a todos os Oppoſitores, mas pela virtude, que ornava o ſeu eſpirito; porém como Deos o tinha deſtinado para mais alta empreza de que havia reſultar grande gloria ao ſeu nome lhe inſpirou largar o governo da Igreja. Conhecendo a Mageſtade delRey D. Joaõ o IV. a integridade da vida unida à profundidade da ſciencia com que ſe diſtinguia entre todos os Eccleſiaſticos o nomeou em o anno de 1654. Confeſſor da Capella, e Caſa Real, e ſeu Prégador, miniſterio, que exercitou com geral acclamaçaõ da Corte, pois na vehemencia dos affectos, eloquencia das palavras, e energia das acçoens ſe naõ excedia, certamente igualava ao grande Vieyra, que no meſmo tempo era ouvido como Oraculo da Rhetorica Eccleſiaſtica. Aſpirando o ſeu ardente zelo a promover o exercicio das virtudes, inſtituhio huma Congregaçaõ (que foy o primeiro deſenho da que ao depois fundou neſte Reyno, e ſuas Conquiſtas) em huma Caſa ſituada na Capella Real com faculdade da Rainha Regente a Sereniſſima Senhora D. Luiza Franciſca de Guſmaõ com outros Eccleſiaſticos de exemplar vida, entre os quaes ſe diſtinguiaõ o P. Joaõ Duarte do Sacramento, que depois foy Fundador da Congregaçaõ de Pernambuco, e Biſpo eleito deſte Eſtado, e Nicolào Monteiro Meſtre de Suas Altezas o Princepe D. Affonſo, e o Infante D. Pedro, donde ſubio à Mitra do Porto, e neſte domicilio ſe practicavaõ com grande fervor os exercicios da Oraçaõ Mental, e conferencias eſpirituaes. Paſſa-

dos 14. annos como a Caſa ſoſſe pequena para o numero das peſſoas, que a ella concorriaõ, ſe buſcou outro ſitio mais amplo qual era o Collegio, que tinhaõ habitado os Religioſos Dominicos Hybernios, mas receando prudentemente, que pelo diſcurſo do tempo ſe poderia extinguir hum Inſtituto de que fora o principal Author ſem ter os fundamentos ſolidos para a ſua conſervaçaõ alcançou do Illuſtriſſimo Cabido de Lisboa Sede Vacante em 8. de Janeiro de 1668. e do Princepe D. Pedro Regente deſta Monarchia em 3. de Mayo do dito anno faculdade para fundar a Congregaçaõ, e no dia 16. de Julho veſtio a Roupeta juntamente com o V. P. Franciſco Gomes Sacerdote de taõ alta virtude, que jà os ſeus milagres ſe vem authenticados pelo Ordinario do Patriarchado de Lisboa. Lançados os primeiros fundamentos da Congregaçaõ do Oratorio, e compoſtos os Eſtatutos para o ſeu governo ao tempo, que eſtavaõ confirmados pelo Cabido em o 1. de Fevereiro de 1670. ſe armou huma terrivel tormenta movida pelo inimigo commum como prevendo os eſpirituaes frutos, que ſe haviaõ colher com a nova Congregaçaõ, porém brevemente ſe diſſipou ſendo confirmada pela Santidade de Clemente X. a 6. de Mayo de 1671. à ſemelhança de que tinha fundado em Roma o abrazado eſpirito de S. Filippe Neri, expedindo o meſmo Pontifice outro Breve a 24. de Agoſto de 1672. em que confirmava eſpecificamente os Eſtatutos particulares, que o V. P. eſcrevera para direcçaõ dos Congregados, os quaes crecendo o numero para o qual era o lugar em que aſſiſtiaõ, pouco cõmodo, ſe transferiraõ para a Igreja do Eſpirito Santo, que liberalmente lhe concedeo a Irmandade dos Homens de Negocio, em 14. de Agoſto de 1674. com huma Solemne Prociſſaõ em que levou o Sacramento o Biſpo Capellaõ Mòr Luiz de Souſa, que depois foy Arcebiſpo de Lisboa, e Cardial da Igreja Romana, a quem immediatamente ſeguia acompanhado de toda a Corte o Princepe Regente D. Pedro. Neſte ſagrado domicilio ampliado pela ſua incanſavel deligencia proſeguio o V. Padre a practica dos exercicios eſpirituaes dirigidos para cultura das virtudes, e extirpaçaõ de vicios. As primeiras peſſoas de huma, e outra Jerarchia Eccleſiaſtica, e Secular o procuravaõ como Oraculo para a deciſaõ das duvidas da conciencia achando na prudencia dos ſeus concelhos o mais ſeguro Norte por onde dirigiaõ as acçoens. No Tribunal da penitencia depoſta a ſeveridade de Juiz inflamava com tal brandura a dureza dos coraçoens, que repentinamente ſe liquidavaõ em lagrymas. Foy com exceſſo inimigo jurado da gloria humana deſpreſando heroicamente os honorificos lugares de Confeſſor delRey D. Pedro II. e de Biſpo de Lamego, e unicamente aceitando o lugar de Deputado da Junta das Miſſoens por ſer conducente à ſalvaçaõ das almas. Sendo varias vezes conſultado pela Mageſtade de D. Pedro II. em materias de graviſſimas conſequencias nunca o reſpeito da ſoberania lhe fez alterar a inteireza do voto, antes fallava com taõ apoſtolica liberdade, que por confiſſaõ do meſmo Princepe lhe cauſava temor a ſua prezença. Com o mais religioſo culto venerou a Chriſto Sacramentado explicando eſte affecto pela magnifica pompa com que celebrou o dia da Inſtituiçaõ deſte amoroſo Myſterio. Naõ era inferior a ternura com que cordialmente amava a Maria Santiſſima mandando em perpetuo argumento deſte piedoſo affecto aos Congregados, que com juramento ſe obrigaſſem a defender a Immaculada Pureza deſta Senhora, e a rezar quotidianamente o ſeu Rozario, e Ladainha, e que nas ſuas Miſſoens ſempre encõmendaſſem efficazmente a ſua devoçaõ aos ouvintes como penhor certo de conſervarem a graça divina. Previo profeticamente muitos ſuceſſos entre os quaes ſe cumprio infallivelmente hum que vaticinou a minha Mãy D. Catherina Barboſa ſua filha eſpiritual pelo eſpaço de vinte annos. Abrazado o ſeu coraçaõ pelo fogo que alimentava o do ſeu grande Patriarcha S. Filippe Neri diſcorria em perpetuo movimento para beneficio dos proximos viſitando aos infermos nos Hoſpitaes, evitando a proſtituiçaõ das donzelas, ſocorrendo a miſeria das Viuvas, e dirigindo para o caminho da eternidade todo o genero de almas aſſim na Cadeira, como no Confeſſionario. Em premio de virtudes taõ heróicas mereceo ver reproduzido o ſeu eſpirito nas Congregaçoens fundadas em Frexo de Eſpada cinta, Porto, Braga, Viſeu, Eſtremos, e Pernambuco, das quaes reſul-

tou igual gloria ao Fundador que eſpiritual emolumento aos ſeus moradores. Chegada a hora de receber o premio por toda a vida merecido adoeceu de hum Pleuriz, e conhecendo ſer a infermidade mortal exhortou com alegre aſpecto aos ſeus Congregados que naõ ſentiſſem a ſua auzencia, mas que perſeveraſſem ſempre promptos, e fervoroſos para beneficio dos proximos. Recebidos os Sacramentos com igual ternura que reſignaçaõ na divina vontade pronunciando as palavras de David *In te Domine ſperavi non confundar in æternum* exhalou o eſpirito em hum Sabbado 20. de Dezembro de 1698. as 6. horas da noute quando contava 72. annos de idade, e 30. depois de fundada a Congregaçaõ. Foy notavel a conſternaçaõ que houve na Corte com a ſua morte concorrendo grande copia de Gente a venerar o ſeu Cadaver levando como reliquias algumas partes dos ſeus veſtidos. A Mageſtade da Sereniſſima Rainha D. Maria Sofia Izabel de Neoburg que muito o reſpeitara vivo, o venerou defunto beijando-lhe com ſumma humildade os pés. Recolhido o corpo em hum Caixaõ foy depoſitado em huma Tribuna ſobre a Capella Mór da Igreja donde a 8. de Dezembro de 1708. ſendo treſladado para huma das ſepulturas do Cruzeiro foy achado incorrupto, e ſem a menor diminuiçaõ em todas as partes do corpo, cuja incorrupçaõ ſe fez mais admiravel quando por authoridade do Ordinario ſe fez nova inſpecçaõ a 26. de Abril de 1727. em ordem à ſua Beatificaçaõ aſſiſtindo a eſte Acto o Arcebiſpo de Lacedemonia D. Joaõ Cardoſo Caſtello Proviſor do Patriarchado de Lisboa, os Juizes da Cauſa Fr. Jozé de Lima Carmelita Calçado, e Joaõ Gomes Monteiro, os Medicos Cypriano de Pinna Peſtana hoje Phiſico Mór, e Antonio Fragoſo de Siqueira, Antonio Franciſco de Oliveira, e Franciſco da Sylva Cirurgiaens, e dous Notarios Apoſtolicos Antonio Bautiſta Viçoſo, e Jozè das Neves.

Na parede da eſcada que ſobe do Clauſtro para o Coro da Congregaçaõ do Oratorio deſta Corte eſtá retratado o V. Padre em hum grande quadro que repreſenta a ſua natural eſtatura, e ao lado delle eſta hum Genio ſuſtentando na maõ eſquerda huma targe, e apontando com a direita para a inſcripçaõ ſeguinte compoſta pelo P. Antonio de Faria filho da meſma Congregaçaõ, e Varaõ muito inſigne em letras Divinas, e humanas.

Elegit Philippum, & Bartholomæum, ille huic eripuit ne eſſet primus; hic illi ne eſſet ſolus.

Na parte inferior do Retrato ſe lè o Epigramma de Marcial lib. 10. Epig. 32. venturoſamente applicado.

Ars utinam mores, animumque effingere poſſet,
Pulchrior in terris nulla tabella foret.

Junto do meſmo Retrato eſtà poſta huma Targe quaſi de forma ovada na qual ſe lé o ſeguinte elogio que compendioſamente expoem algumas virtudes deſte grande Varaõ.

V. P. Bartholomæus Quentalius cujus veram intueris effigiem ex præclaro, ſpectabilique genere in D. Michaelis Inſula natus: celeberrimus novæ Congregationis Oratorii Inſtitutor, vel potius, novis additis miniſteriis, Auctor, doctus proinde in Regno, coelorum, quia ſimilis homini patrisfamilias qui profert de thezauro ſuo nova, et vetera: Occuliſſimus omnium in hoc Regno ejuſdem Congregationis Domuum Viſitator generalis: Regii Miſſionum concilii Conſiliarius Sapientiſſimus, nunc vero Aſiæ, Americæque Gentibus deſideratiſſimus: Olim a Sereniſſimo Regi a concionibus ſacris, et unus ex Sacrorum Concionatorum principibus primis, cujus in ore, ſicut in Periclis labris, Suada quædam inſidens, aculeos in auditorum mentibus relinquebat: indefeſſus poenitentiæ Prædicator, cujus Sermo verè vivus, et efficax, et penetrabilior omni gladio ancipiti uſque ad diviſionem animæ, ac Spiritus pertingebat. Eximius Spiritualis vitæ, et myſticæ Theologiæ Doctor, quo Authore, et Magiſtro Regiæ pars Aulæ diu publico mentalis orationis exercitio dedicata eſt: Scriptor aſceticus igniti eloquii vehementer, qui vero miſcuit utile dulci: mirabilis cogitationum, et intentionum cordis (ut multi atteſtantur) Director; inſignis pœnitentiæ Sacramenti Adminiſter, qui innumeras Chriſto animas lucrifecit: vir omnino magnus, in quo totus pene Chriſtianus orbis raram inventu prudentiam, et miram conſiliorum gratiam ſuſpiciebat: Qui inſulas ita dexterè rejecit, ut vel rejectionis gloriæ ſe-

humilis ſubduxerit: qui ex theſauris fidei ſuæ incredibilia ſubſidia minimis Chriſti ſubmittenda depromebat: cujus magnarum virtutum præclarum ſpecimen humilitas cordis, et mentis ab orbe in urbe multipliciter honorata: qui vivens, Chriſti bonus odor fuit Deo in omni loco, ſed poſt mortem hominibus, qui quod ſentiunt narrent, ſuavior: poſt innumera Regali Solio exhibita miniſteria, poſt multa Apoſtolicæ Sedi præſtita obſequia, quæ Sanctæ recordationis Innocentius XI. verbis ampliſſimis per literas ornavit, hîc cum pietate (ut pie creditur) dormitionem accepit die 20. *Decembris an.* 1698. *ætatis vero* 72.

Para eternizar a memoria de taõ virtuoſo Pay mandou o P. Diogo Curado filho da Congregaçaõ do Oratorio de Lisboa grande Theologo, e mayor Prégador em o anno de 1713. em que aſſiſtia em Roma abrir em huma lamina outro Retrato do P. Bartholameu do Quental com o titulo de *Venerável* concedido pela Santidade de Clemente XI. Na parte inferior da Lamina eſtá gravada a ſeguinte inſcripçaõ.

Externà ne ſiſtas facie, introſpice quod intus latet. Quem hìc intueris clarus fuit genere, ſed longe clarior virtute, inſigni prudentia, fervida Charitate, mirabili patientia, humilitate profunda, oratione aſſidua, cujus & ſtudij promotor mirificus, zelo animarum æſtuans innumeris profuit verbo, facto, et ſcripto. A' Regibus, quorum Concionator egregius, & à Principibus magni factus. Ab Innocentio XI. felicis, & ſanctæ recordationis litteris decoratus: in omnium tandem æſtimatione, quem mortuus Philippus Pater ejus ſimilem reliquit ſibi poſt ſe. Obiit Ulyſſipone die 20. *Decembris anno Salutis* 1698. *ætatis* 72.

Fazem honorifica menção do V. Padre Joaõ Marciano da Congreg. de Napol. nas *Mem. Hiſtoric. dela Congreg. del Orator.* Tom. 5. liv. 3. cap. 15. Fr. Manoel de Sá *Mem. Hiſt. dos Arceb. e Biſp. Portug. da Ord. do Carm.* cap. 16. n. 127. até 133. Cordeiro *Hiſt. Inſulan.* pag. 205. Franc. Affonſo de Chav. e Mello *Vid. de Margar. de Chaves* pag. 351. Franco *Ann. Glor. S. J. in Luſit.* pag. 676 e Joaõ Catalano Doutor em ambos os Direitos Profeſſor de Theologia na *Vida* que compoz do V. P. na lingua Latina impreſſa Romæ typis Antonij de Rubeis 1734. 8. Compoz.

Meditaçoens da Infancia de Chriſto Senhor noſſo da Encarnaçaõ até os trinta annos da ſua idade com huma direçaõ para a Oraçaõ mental. Lisboa por Domingos Carneiro. 1666. 8. Lisboa por Miguel Deſlandes 1682. 8. e 3. vez ibi na Officina da Congregaçaõ do Oratorio. 1732. 8. Traduzidas na lingua Italiana por Ferrante Orſelli da Forli. Roma por Nicolao Angelo Tinaſſi. 1675. 8.

Meditaçoens da Sacratiſſima Payxaõ, e morte de Chriſto Senhor noſſo com a direçaõ para a Oraçaõ mental, e mais exercicios eſpirituaes, e dous quotidianos. Lisboa por Antonio Rodriguez de Abreu 1675. 8. & ibi por Joaõ da Coſta 1679. 8. e 3. vez Lisboa na Officina da Congregaçaõ do Oratorio 1734. 8. Traduzidas na lingua Caſtelhana ſem o nome do Traductor. Madrid por Roque Rico de Miranda. 1686. 8. e na Italiana por Fr. Joaõ Jozé de Santa Thereza Carmelita Deſcalço. Roma apreſſo Roſſati et Borgiani 1733. 8.

Meditaçoens da glorioſa Reſurreiçaõ de Chriſto, de ſua Aſcençaõ, vinda do Eſpirito Santo, e Santiſſimo Sacramento. Lisboa por Miguel Deslandes 1683. 8.

Meditaçoens das Domingas do anno 1. *Part.* Lisboa por Miguel Deſlandes 1695. 8.

2. *Part.* Lisboa pelo dito Impreſſor. 1696. 8.

3. *Part.* Lisboa pelo dito Impreſſor. 1699. 8.

Sermoens 1. *Part.* Lisboa por Miguel Deſland. Impreſſor de Sua Mageſtade 1692. 4. Conſta de 16. Sermoens.

Sermoens 2. *Part.* Lisboa pelo dito Impreſſor. 1694. 4. Conſta de 16. Sermoens. Sahiraõ eſtes dous Tomos reimpreſſos Lisboa na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real. 1741. 4.

Sermaõ Funebre nas Exequias da Excellentiſſima Senhora D. Leonor Maria de Menezes Condeça de Attougia prégado no Convento de S. Franciſco de Xabregas no anno de 1664. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira. 1665. 4.

BARTHOLAMEU RODRIGUES CHORRO natural da Villa de Maçaõ na Provincia da Beyra muito douto nos preceitos da Grammatica Latina, e quantidade

das Syllabas para a compoſiçaõ de Verſos, como o manifeſtou na obra ſeguinte, que pelas multiplicadas Impreſſões, que della ſe fizeraõ claramente publica a ſua grande utilidade.

Curioſas advertencias da boa Grammatica do P. Manoel Alvares. Contem annotaçoens, regras univerſaes das primeiras, e meyas Syllabas, regras particulares de Orthografia, mudança nas letras da compoſiçaõ, modo para contar Kalendas, Nonas, e Idus. Lisboa por Jorge Rodriguez. 1619. 8. & ibi pelo dito Impreſſor 1623. ibi por Antonio Crasbeeck de Mello 1665. 8. & ibi por Antonio Rodrigues de Abreu. 1675. 8. Lisboa por Antonio Alvares 1671. & ibi por Joaõ da Coſta 1677. 8. & ibi por Joaõ Galraõ 1694. 8. Lisboa por Miguel Maneſcal 1710. 8. Coimbra por Jozé Antunes da Sylva Impreſ. da Univerſid. 1713. 8. e Lisboa por Manoel Fernandes da Coſta Impreſſor do Santo Officio 1736. 8.

BARTHOLAMEU SOARES DA FONSECA natural da Villa de Fornos do Biſpado de Viſeu filho de Manoel Rodriguez, e Izabel da Fonſeca Confeſſor da Santa Igreja Patriarchal de Lisboa, e Meſtre de letras humanas neſta Corte onde aſiſte neſte prezente anno de 1740. naõ ſendo menos douto na Theologia Moral, que na Grammatica, e Poeſia Latina, imprimio.

Lucerna Grammatical em que ſe explica com brevidade, e clareza o modo de eſcrever, pronunciar, e compor as partes da Oraçaõ. Lisboa por Pedro Ferreira. 1728. 8.

Decuriaõ inſtruido na praxe de enſinar ao diſcipulo a declinar os nomes, e conjugar os Verbos: daſelhe taõbem a noticia das linguagens Synonymas, que vulgarmente ſe chamaõ trocadas. Lisboa pelo dito Impreſſor. 1731. 8.

Elegia pecatoris cupientis vitia deſerere, ſemitamquæ virtutis arripere in qua etiam deſcribitur Paſſio Salvatoris. Ulyſſip. apud Petrum Ferreira Auguſtiſſimæ Reginæ Typ. 1733. 8. Conſta de nove Elegias.

Elegia, ſeu Cantus Lugubris in Lamentabiles Obitus Sereniſſimorum Principum domus Luſitanæ Caroli, & Franciſcæ quos fatum præceps nuper abripuit, Carolum ſcilicet Tertio Kalendas Aprilis, Franciſcam vero Idibus Julij labentis anni qui eſt milleſſimus Septingenteſſimus trigeſſimus ſextus a partu Virginis. Uliſſipone apud Emmanuelem Fernandes à Coſta Sancti Officij Typ. 1736. 4.

Epithalamium Hiſtoricum in fauſtiſſimam permutationem Sereniſſimarum Principum Braſiliæ, & Aſturis ſuper Caiam fluvium concelebratam decima nona die Januarij anni à Nativitate Domini milleſſimi ſeptingenteſſimi vigeſſimi noni. 4. *M. S.* Conſta de 171. Dyſtichos.

P. BARTHOLAMEU DE VASCONCELLOS natural de Lisboa, e filho de Troillo de Vaſconcellos da Cunha Secretario da Junta dos Tres Eſtados de quem ſe fará memoria em ſeu lugar, e de D. Monica da Sylva Coutinho. Na idade da adoleſcencia deixando o mundo, e o nome de Franciſco recebeu a Roupeta da Companhia em o Noviciado da ſua patria a 14. de Dezembro de 1692. chamando-ſe Bartholameu em obſequio de ſeu Avó paterno. Foy taõ inſigne nas letras humanas, como nas ſciencias Eſcholaſticas ſendo Meſtre de humas, e outras nos Collegios de Evora, e de Coimbra, e da Cadeira de Controverſia no Seminario dos Irlandezes deſta Corte. Entre os primeiros cincoenta Academicos de que ſe formou a Academia Real da Hiſtoria Portugueza, foy eleito para eſcrever as Memorias Eccleſiaſticas do Biſpado de Miranda em a lingua Latina de que he obſervantiſſimo cultor. As ſuas grandes letras unidas à benevolencia do genio, e urbanidade do trato o elevaraõ a ſer Confeſſor do Eminentiſſimo Cardial Patriarcha D. Thomaz de Almeyda. Compoz.

Conta dos ſeus eſtudos Academicos recitada na Academia a 28. de Mayo de 1722. Sahio no 2. *Tom. da Collec. dos Documentos da dita Academia.* Lisboa por Paſchoal da Sylva Impreſſor de Sua Mageſtade, e da Academia Real. 1722. fol.

Conta dos ſeus eſtudos Academicos recitada no Paço a 22. de Outubro de 1724. em que deſcreve a vida de D. Toribio Lopes primeiro Biſpo de Miranda. Sahio no *Tom.* 4. *da Collec. dos Documentos da Academia Real.* Lisboa por Paſchoal da Sylva Impreſſor de ſua Mageſtade, e da Academia Real. 1724. fol.

Conta dos ſeus eſtudos Academicos reci-

tada no Paço a 22. de Outubro de 1726. Nella eſcreve o elogio da vida de D. Rodrigo de Carvalho ſegundo Biſpo de Miranda. Sahio no *Tom. 6. da Collec. dos Document. da Academia.* Lisboa por Jozé Antonio da Sylva. 1726. fol.

Conta dos ſeus eſtudos Academicos recitada no Paço a 22. de Outubro de 1730. Nella eſcreve o elogio da vida de D. Juliaõ de Alva 3. Biſpo de Miranda. Sahio no *Tom.* 10. *da Collec. dos Docum. da Academia Real* ibi pelo meſmo Impreſſor. 1730. fol.

BARTHOLAMEU DE VASCONCELLOS DA CUNHA Commendador das Commendas de S. Chriſtovaõ de Nogueira, e de Santa Maria de Torre Dorta da Ordem de Chriſto teve por Pays a Franciſco de Vaſconcellos da Cunha Governador de Angola o qual com fidelidade digna do ſeu nacimento deixou em o anno de 1640. a Corte de Caſtella onde eſteve deſpachado com o titulo de Conde de Porto Santo por vir reconhecer a ſeu Principe natural o Sereniſſimo Rey D. Joaõ o IV. e por Mãy a D. Izabel de Brito filha de Jeronymo Diaz Cardoſo, Fidalgo da Caſa Real, e Commendador da Ordem de Chriſto, e de D. Guiomar da Gama. Profeſſou deſde os primeiros annos a vida militar ſendo o mar, e a terra theatros de ſeu heróico valor ou foſſe pelejando com o poſto de Meſtre de Campo em Olivença no anno de 1648. ou de Capitaõ Mór das Nàos da India, e General de Murmugaõ, terras de Salſete, Bardes, e Forte da Aguada na Barra de Goa deixando em todas as partes immortal credito do ſeu nome, naõ o merecendo menos pela prudencia com que exercitou o lugar de Governador da Ilha da Madeira. Foy caſado com D. Julianna de Mello filha de ſeu Tio materno Jozé de Mello de quem teve varios filhos. Entre os horrores de Marte cultivou as delicias das Muſas como teſtemunhaõ algumas produçoens metricas em que ſe admira naõ ter menor eſpirito para os verſos, que para as armas.

Dous Sonetos ao Nacimento do Infante D. Pedro. Sahiraõ com outras Poeſias a eſte aſſumpto. Lisboa por Paulo Crasbeeck 1648. 4.

Dous Sonetos hum Portuguez, e outro Caſtelhano á morte de D. Maria de Attayde. Sahiraõ nas *Memor. Funeb. dedicadas a eſta Senhora.* Lisboa na Officina Crasbeeckiana. 1650. 4.

Soneto em louvor de Manoel de Galhegos Author do *Templo da Memoria* em cuja obra liv. 4. Eſtanc. 186. o convoca para applaudir com a ſua poeſia o Hymeneo dos Sereniſſimos Duques de Bragança, dizendo.

Cante ſublime, aſſombre o univerſo
Bartholameu de Vaſconcellos, diga.
O que faltou dos Heróes a meu verſo,
E da memoria a narraçaõ proſiga;
Acabe o Poema com Talia alterno,
Que ſe por elle acabar, vivirá eterno.

Delle faz mençaõ Carvalho *Corog. Portug.* Tom. 3. Trat. 33. Tit. 5.

Fr. BARTHOLAMEU DA VEYGA Religioſo da Ordem dos Prégadores de quem ſe lembraõ Joan. Soar. de Brito *Theatr. Luſit. Litter.* lit. B. n. 22. Echard *Script. Ord. Prædicat.* Tom. 2. pag. 281. Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 159. Altamura ad ann. 1588. e Fr. Pedro Monteiro *Clauſt. Dominic.* Tom. 3. pag. 176. Compoz.

De Computo Eccleſiaſtico. Pamplona. 1588. 4.

BARTHOLAMEU VIEYRA Sendo muito perito no eſtudo da Hiſtoria principalmente da America Portugueza eſcreveo conforme diz o novo addicionador da *Bib. Occid.* de Antonio de Leaõ Tom. 2. Tit. 12. col. 676.

Nova Luſitania. M. S.

Fr. BASILIO DE ALMEYDA natural da Villa do ſeu appellido na Provincia da Beyra Monge Ciſtercienſe cuja Cogulla recebeo, e profeſſou no Convento de Santa Maria de Aguiar. Foy muito douto na Liçaõ da Eſcritura, e Santos Padres. Compoz.

De Verbo Abbreviato M. S. fol. cujo Original ſe conſerva na Bibliotheca do Real Convento de Alcobaça Cabeça deſta illuſtriſſima Congregaçaõ.

D. BASILIO DE FARIA chamado no Seculo Balthezar de Faria Severim naceo na Cidade de Lisboa a 15. de Mayo de 1569.

Foy filho de Duarte Frade de Faria Fidalgo da Caſa do Infante D. Duarte, e de ſua mulher Maria Severim filha herdeira de Aſcenſio Severim como eſcreve Manoel de Faria, e Souſa em as *Notas ao Nobiliario do Conde D. Pedro.* Sendo entre doze Irmaõs o ultimo mereceo ſer o primeiro pela excellencia do engenho, e felicidade da memoria com que ſe diſtinguio de todos na comprehenſaõ das letras Divinas, e humanas, inteligencia das linguas Franceza, Italiana, e Latina, practica de Geometria, e Arithmetica, e eſpeculaçaõ do Direito Canonico, e Civil, à qual deu feliz principio em a Univerſidade de Coimbra em o anno de 1582. Deixando o applauſo que lhe podia reſultar dos ſeus eſtudos Academicos aceitou a renuncia do Chantrado de Evora que nelle fez D. Franciſco de Lima cujo rendoſo emolumento diſtribuia largamente com os pobres naõ conſentindo que algum ſe apartaſſe deſconſolado da ſua prezença experimentando com mais ardente zelo a ſua charitatiua profuſaõ os infernos do Hoſpital, e os feridos do contagio que no anno de 1599. devaſtou grande parte da Cidade de Evora. Acompanhado de ſeu Sobrinho, o celebre antiquario Manoel Severim de Faria partio no anno de 1604. a render as graças, e cumprir o voto que o ſeu Cabido, e toda a Cidade de Evora fizera ao Santuario da Senhora de Guadalupe por ter ſuſpendido o fatal açoute da peſte, offerecendolhe huma caçoula de prata em que eſtá gravada eſta Inſcripçaõ. *Capitulum, Senatus, populus Elvorenſis pro ſervata à graſſante peſtilentia Urbe anno* 1599. *votum Virgini ſolvit anno* 1604. Ao ſeu incanſavel diſvelo encomendou o Arcebiſpo deſta Dioceſe D. Theotonio de Bragança o novo regimento do Coro, e das diſtribuiçoens das Horas Canonicas. Naõ foy menor o ſeu cuidado quando por morte deſte Prelado foy eleito Governador do Arcebiſpado obſervando ſempre inviolavel a juſtiça em todas as ſuas acçoens de que ſe ſeguia grande reforma no Eſtado Eccleſiaſtico introduzida menos à impulſos da ſeveridade, que da clemencia. Chegãdo à noticia de Filippe II. de Portugal o grande talento que tinha para negocios politicos o nomeou Agente na Curia Romana de cujo miniſterio ſe eſcuſou por huma carta dictada pelo deſengano, e deſprezo das honras mundanas que altamente eſtava radicado no ſeu coraçaõ, e para totalmente fechar a porta à menor inquietaçaõ do ſeu eſpirito renunciando o Chantrado de Evora em ſeu Sobrinho Manoel Severim de Faria ſe recolheo, no Convento de *Scala Cæli* de Monges Cartuxos ſituado pouco diſtante da Cidade de Evora, a 25. de Janeiro de 1610. onde entre o horror, e ſilencio do Clauſtro ſervia de exemplar aos profeſſores de taõ auſtero Inſtituto. Ao terceiro anno de profeſſo foy eleito Prior do Convento de Laveiras junto de Lisboa ao qual com donativos de diverſas peſſoas illuſtres, e devotas ampliou com edificios novos. Por ſer taõ conhecida a ſua benevolencia para o governo, e prudencia para a reforma foy mandado no anno de 1615. pelo Geral da Ordem D. Bento de Affligens viſitar as Covas de Salamanca, e o Convento de Miraflores junto da Cidade de Burgos deixando aos Monges documentos admiraveis da ſua religioſa obſervancia. Reſtituido ao Reyno foy Prior do Convento de Evora onde erigio o magnifico portico da Igreja; fechou o Clauſtro grande, e abrio huma fonte de agua taõ pura como copioſa. Cheyo de merecimentos practicados pelo diſcurſo de 56. annos, e naõ de 66. como eſcreve Jorge Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 440. dos quaes quaſi 16. viveo na Religiaõ, paſſou da vida mortal à eterna a 5. de Abril de 1625. Para a ſua ſepultura em que tambem jàz Manoel Severim de Faria lhe compoz o ſeguinte epitafio.

Cælum animum, corpus rapuit Carthuſia, tandem hìc

Umbra patet tanti, ſed ſatis umbra viri.

Louvaõ a ſua memoria o Illuſtriſſimo Biſpo de Targa Fr. Thomé de Faria *Decad.* 1. Part. lib. 10. cap. 41. *Moritur jam ſæculo mortuus, vivit in cælis, ut par eſt credere, cujus converſatio ibi erat dum ſuperſtes eſſet tranquillamque ſuaviſſimam ac cæleſtem vitam cum ſociis tranſigebat.* Nicol. Agoſt. *Vid. de D. Theoton. de Brag.* cap. 5. *com grande exemplo de virtudes, e deſprezo do mundo deixando ſuas dignidades, e tantas rendas ſe recolheo na Cartuxa.* Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 160. col. 1. *Latinè admodum diſertus, Gallice, ac Italice doctus, politicarum rerum non mediocriter gnarus.*

Morery *Diccion. Hiſtoriq.* Verb. *Faria* (*Baſile*) Compoz.

Vida do Patriarcha S. Bruno Fundador da Religiaõ da Cartuxa. Lisboa por Domingos Lopes Roſa. 1649. 4. No fim. *Diſcurſo do vaõ temor da morte, e dezejo da vida, e reprezentaçaõ da Gloria do Ceo.* Traduçaõ de Caſtelhano de Pedro de Valles.

Regimento do Coro da Cathedral de Evora. M. S.

Livro das Diſtribuiçoens quotidianas da meſma em 3. Tom. no qual ſe vè como era douto na Arithmetica. M. S.

Arte Latina com preceitos breves para ſe aprender com mayor facilidade M. S.

Arte da lingua Portugueza, a qual compara com as outras linguas. M. S.

Advertencias dos meyos mais eficazes, e convenientes que há para o dezempenho do Patrimonio Real, e reſtauraçaõ do bem politico deſtes Reynos de Portugal ſem opreſſaõ do povo, e comum utilidade de todos, cuja 1. Parte foy acabada no anno de 1607. M. S.

Tratado em que moſtrava ter achado a Quadratura do Circulo M. S.

Tratado de moedas antiguas ſobre o Capitulo das Ordenaçoens Velhas. M. S.

Relaçaõ certa da Cahida do monte de Santa Catherina em Lisboa com trezentas caſas ſem perigar peſſoa alguma ſucedida em 28. de Julho de 1597. No fim eſtaõ muitos verſos do Author. *M. S.*

Vidas de alguns Varoens illuſtres em virtude com hum Sumario da Hiſtoria da Cartuxa. M. S. Eſta obra como diz Cardoſo no lugar aſſima allegado, ficou imperfeita comprehendendo ſómente o governo de 12. Geraes.

Tratado das Ceremonias da Miſſa M. S.

A mayor parte deſtas obras ſe conſervaõ na Livraria do Excellentiſſimo Conde do Vimieiro que foy do Chantre de Evora Manoel Severim de Faria Sobrinho do Author dellas.

Fr. BASILIO DE S. FRANCISCO. Naceo em a notavel Villa de Santarèm ſendo ſeus Pays Antonio Dias da Franca, e Lucrecia Nunes. Deixada a Patria, e o Mundo paſſou a Italia, e no Convento Tuſculano de S. Sylveſtre recebeo o Habito de Carmelita Deſcalço a 24. de Julho de 1618. Deſejoſo de promulgar o Evangelho na Perſia alcançou faculdade dos Superiores, e foy abundante o fruto, que colheo com as ſuas declamaçoẽs em taõ dilatada vinha. Querendo o Geral da Ordem, que ſe edificaſſe hum Convento em Baſſorà ſituada na Arabia Deſerta, e ſe converteſſem ao gremio da Igreja Romana os Chriſtaõs, que ſe intitulavaõ de S. Joaõ o chamou em o anno de 1623. do Convento de Aſpaõ onde aſſiſtia, e foy eleyto *para Capitan* (ſaõ palavras de Fr. Franciſco de Santa Maria na *Chron. de los Carmel Deſcalç.* Tom. 1. Lib. 5. cap. 46. n. 31.) *deſta grandioſa hazaña el P. Fr. Baſilio hombre de tan grande coraçon que parece haver ſido deſtinado de la alta providencia para vencer impoſſibles.* Naõ foraõ pequenos os de que triumfou a conſtancia do ſeu animo padecidos por mar, e terra domeſticando a ferocidade dos Mouros, e atrahindo ſuavemente a vontade do Baxà de Baſſorà, que lhe concedeo ampla faculdade para erigir o Convento, que governou pelo eſpaço de 13. annos ſendo o primeiro, que naquelle lugar celebrou o incruento Sacrificio do Altar, e explicou os dogmas da Religiaõ Chriſtãa em tres idiomas Perſiano, Arabico, e Turqueſco, moſtrando-ſe na participaçaõ da multiplicidade das linguas verdadeiro ſucceſſor dos Heroes do Apoſtolado. Voltando a Roma para aſſiſtir no Capitulo Geral celebrado no anno de 1644. depois de ſer Prior do Convento Catanſarenſe na Calabria foy nomeado Prior do Monte Carmelo, *hum dos ſeus primeiros Reſtauradores, e ſegundo Prèlado delle,* como diz Fr. Joaõ do Sacramento *Chron. dos Carmel. Deſcalç. da Prov. de Portug.* Tom. 2. Liv. 5. cap. 27. Neſte ſantificado domicilio, que fora o Oriente de ſua Religiaõ teve o ſeu Ocaſo a 29. de Dezembro de 1654. cujas virtudes eſcreveraõ compendioſamente Fr. Joaõ Chryſoſtomo do Menino Jeſus ſeu Confeſſor, Fr. Lud. à D. Thereſ. *Annal. Gallic.* Cap. 118. pag. 619. Fr. Martial. à S. Joan. Bapt. *Bibliot. Script. utriuſque Congreg. & Sex. Carmel. Excalc.* Pag. 45. Faria *Aſia Portug.* Tom. 3. Part. 4. cap. 2. n. 15. Fr. Proſper. do Eſpirito Santo *Relaç. da Perſ.* e modernamente o P. Ignac. da Piedad. Vaſconcel. *Hiſt. de Santar.* Part. 2. Liv. 2. cap. 30. Compoz em Italiano.

Relaçaõ hiſtorica da Fundaçaõ do Convento de Baſſorá eſcrita a 2. de Fevereiro de 1636. a qual ſendo dedicada ao Eminentiſſimo Cardeal Barberino, eſtava prompta para a Impreſſaõ pela deligencia de Diogo Lopes da Franca Irmaõ do Author. Foy traduſida em Portuguez por outro ſeu Irmaõ o Licenciado Miguel da Franca Presbytero de vida exemplar aſſiſtente em Lisboa, a qual communicou a Joaõ Franco Barreto como elle afirma na *Bib. Portug.* M. S.

D. BASILIO DE SANTA MARIA Natural dos Arcos de Valdevez do Arcebiſpado de Braga Conego Regular de Santo Agoſtinho cujo Sagrado Inſtituto profeſſou no Real Convento de Santa Cruz de Coimbra a 7. de Março de 1626. Foy bom Theologo, e inſigne Prègador do ſeu tempo. Morreo a 17. de Setembro de 1685. Imprimio

Sermaõ no Preſtito, que a Univerſidade de Coimbra faz aos 7. de Junho para dar a Deos as devidas graças pelo Nacimento do Sereniſſimo Rey o Senhor D. Joaõ o III. ſeu Inſtituidor. Coimbra por Diogo Gomes Loureiro 1641. 4.

Sermaõ prègado na Igreja do Real Moſteiro de Santa Cruz de Coimbra na Prociſſaõ, que em dia de S. Sebaſtiaõ coſtuma todos os annos fazer a Cidade. Coimbra pelo dito Impreſſor. 1642. 4.

D. BASILIO DA SYLVA natural de Coimbra Irmaõ de Antonio da Sylva Secretario da Univerſidade da ſua patria Prior de Villa-Boa do Biſpo em a Provincia de Entre Douro, e Minho. Sendo Beneficiado da Parochial Igreja de Saõ-Tiago de Coimbra deſenganado dos bens tranſitorios, e anhelando os eternos recebeo em idade madura o Canonico Habito de Santo Agoſtinho no Real Convento de Santa Cruz onde depois de ſer Prior dos Conventos de Villa-Nova do Porto, e de S. Salvador de Grijò foy eleyto duas vezes por uniforme acclamaçaõ dos Votantes Geral da ſua Canonica Congregaçaõ, a primeira no anno de 1558. e a ſegunda no anno de 1572. em cujo governo obrou acçoens dignas de eterna memoria. Amou extremoſamente a pobreza ordenando, que nenhum ſubdito tiveſſe peculio particular, mas cõmum. Reprehendia com ſumma liberdade a alguns abuſos que por inercia de ſeus anteceſſores ſe tinhaõ inſenſivelmente introduſido com grave prejuizo da obſervancia regular. Para defender os privilegios da ſua Congregaçaõ ſe oppoz valeroſamente contra a violencia de poderoſos emulos triumfando com ſagacidade dos ſeus temerarios intentos. Ornou com precioſos paramentos o Templo de Santa Cruz para o qual mandou fazer o Orgaõ pelo inſigne artifice Heytor Lobo. Foy igualmente douto na Theologia Eſcholaſtica, que na Myſtica, cuja ſublime doutrina aprendeo dos Rusbrochios, e Kempis immortaes ornatos do ſeu Canonico Inſtituto. Todo o tempo, que lhe reſtava das occupaçoens de Prélado o conſumia na contemplaçaõ dos divinos atributos nos quaes tanto ſe elevava, como ſe delles fora já comprehenſor. Poſtrado por terra venerava com taõ ardente affecto pelo eſpaço de muitas horas a Chriſto Sacramentado, que parecia eſtar adorando a Divina Mageſtade patente, e naõ occulta com o veo das Eſpecies Sacramentaes. Paſſada a longa idade de cem annos dos quaes 57. foy Religioſo em o exercicio de ſolidas virtudes partio a receber o premio eterno a 17. de Abril de 1597. Fazem delle memoria Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 616. e 621. no Cõment. de 17. de Abril. Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 161. col. 1. e D. Nicol. de Santa Maria *Chron. dos Coneg. Reg.* Liv. 10. cap. 13. e 21. Deixou compoſto.

Tratado de Oraçoens, e Soliloquios para antes, e depois da Cõmunhaõ. M. S.

Louwores do Santiſſimo Sacramento. M. S.

Fr. BAUTISTA DE ALENQUER cujo appellido denota a patria em que naceo, a qual diſta de Lisboa ſete legoas. Recebeo a Cogula Ciſtercienſe no Real Convento de Santa Maria de Alcobaça. Foy muito inclinado à liçaõ dos livros aſceticos cujo fruto dezejando, que cedeſſe em beneficio dos proximos traduſio da lingua Latina na Portugueza.

Collaçoens dos Santos Padres compoſtas pelo Abbade Joaõ Caſſiano. O original ſe conſerva na Bibliotheca do Convento de Alcobaça.

Fr. BAUTISTA DO CARVALHAL. Naceo na Villa de Santarèm, e foy filho de Antonio do Carvalhal, e Vitoria de Aguiar. Profeſſou o Habito da Illuſtre Ordem da Santiſſima Trindade no Convento de Lisboa a 29. de Junho de 1590. Aprendidas as ſciencias de Filoſofia, e Theologia recebeo o gráo de Bacharel neſta Faculdade em a Univerſidade de Coimbra. Foy pelo prudente zelo da regular obſervancia duas vezes Reytor do Collegio de Coimbra, Preſentado, e Viſitador Geral no anno de 1626. Falleceo no lugar do Seixal fronteiro a Lisboa a 13. de Junho de 1628. e foy ſepultado no Convento deſta Corte. Deixou eſcrito

Compendio de mortes, em que ſe eſcrevem as vidas brevemente dos Religioſos da Santiſſima Trindade, e Redempçaõ de Cativos da Provincia de Portugal, que acabaraõ a ſua vida debaixo da obediencia cõmutando o jugo da Religiaõ com o deſcanſo da gloria celeſtial. Fol. M. S. O original, que vimos, ſe conſerva na Livraria do Convento de Lisboa. Continuou eſta obra Fr. Bernardino de Santo Antonio da meſma Religiaõ.

P. BAUTISTA FRAGOSO. Naceo no lugar da Alagoa termo da Cidade de Sylves no Reyno do Algarve em o anno de 1559. Quando contava dezoito de idade deixando a caſa de ſeus Pays Joaõ Ferreira, e Catherina Fragoza abraçou o Inſtituto da Sagrada Companhia de JESUS no Collegio de Evora a 9. de Janeiro de 1577. O engenho grande, de que liberalmente o ornou a natureza, lhe fez patentes em breve tempo as letras humanas de que foy Meſtre ſeis annos, e a Theologia Moral que com grande applauſo do ſeu profundo talento dictou nas famoſas Cidades de Lisboa, Evora, e Braga. Naõ teve menor capacidade para eſpecular as dificuldades de hum, e outro Direito em que foy inſigne como moſtraõ os doutiſſimos Volumes que publicou em beneficio dos Profeſſores de ambas aquellas Faculdades, pelos quaes mereceo os elogios de diverſos Eſcritores como ſaõ o P. Fagundes in *lib. in Quinq. Præcept.* cap. 2. n. 18. chamando-lhe *Vir plane noſtræ Societatis doctiſſimus,* Alegamb. in *Vit. P. Joan. Cardim* cap. 15. pag. 105. *Vir ſapientia præſtans.* Souſa de Macedo *Eva, e Ave* Part. 1. cap. 11. n. 15. *Doutor clariſſimo.* Ulhoa *de Legatis, & Fidei comis.* Diſſert. 3. n. 2. *Optime, & erudite Fragozo.* Franc. Mar. Prat. in *Addit. ad Paſchal. de virib. patriæ Poteſtat.* in cap. 10. 3. Part. *Viri ſane de noſtra legali Philoſophia apprime meriti, maximæque apud omnes authoritatis.* D. Luiz de Salvatierra *Antheol. Jurid.* fol. 98. v.º n. 469. *doctiſſimo Jeſuita Bib. Societ.* pag. 103. col. 2. *Vir apprime doctus, & juris tam divini, quàm humani valde ¦ conſultus.* Franco *Imag. da Virtud. em o Nov. de Evora.* pag. 856. *Homem de innocentes coſtumes, e ſabedoria admiravel;* e no *Anno Glor. S. J. in Luſit.* pag. 570. col. 2. *docuit magna fama Theologiam Moralem, in hujuſmodi ſcientia æquavit excellentes ſui temporis,* & in *Synopſ. Annal. S. J. in Luſit.* pag. 276. n. 10. *Sapientiſſimi Magiſtri nomine quod teſtantur ejus volumina in lucem edita.* Nicol. Ant. *Bib. Hiſpan.* Tom. 1. pag. 145. col. 1. *vir noſtra hac ætate litterarum, totiuſque Juris Scientiæ merito eruditiſſimos quoſque è veteribus provocans.* Portug. *de Donationib. Reg.* Tom. 1. lib. 1. cap. 2. n. 14. *Latiſſime, & eleganter P. Fragozo,* e Tom. 2. lib. 3. cap. 28. n. 53. 56. e 59. o P. Antonio Leite da Companhia de Jeſus na Cenſura que fez ao 1. Tom. de *Regimine Reipublicæ* diz com elegantes expreſſoens em ſeu applauſo *Decocta maturitate veluti à Neſtore ſententiæ profluunt; nihil enim ſenile ſapit judicium. Quandoquidem, & Theologiæ libratæ examine, & utriuſque juris trutina caſtigatæ plaudunt quæſtiones, Affatur Baldus, docet Bartholus, excutit Ulpianus, dirimit Paulus, omneſque Juriſconſulti antiquioris ævi poſitis exuviis novo dicendi genere ſe mirantur efflореſcere. Frugifero tuo labore utriuſque litteraturæ Antiſtes doctiſſime inſtar phœnicis Juris ſenium revireſcit. Ingenij lumen, memoriæ fœcunditas, vetuſtas recondita, profunda eruditio, rerum locupletata ſupellex quám emineat, quám ſe oſtentet, nulla non voluminis ad vitam beate traducendam pagina decantat.* Fonſeca *Evora Glor.* pag. 427. D. Franc. Man. na *Carta dos Author. Portug.* eſcrita ao Doutor Manoel da Fonſec. Themud. Joan. Soar. de Brito. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. B. n. 12. Morreo no Collegio de S. Paulo de Braga a 3. de Outubro de 1639. com 80. annos de

idade, e naõ 88. como eſcreveo Nicol. Ant. na *Bib. Hiſp.* e 62. de Religiaõ conſervando o juizo perfeito atè a ultima hora. Compoz.

Regiminis Reipublicæ Chriſtianæ ex Sacra Theologia, & ex utroque jure ad utrumque forum coaleſcentis Tomus primus, in quo quæ ad Magiſtratuum Civilium gubernationem, poteſtatem, juriſdictionem, & obligationes pertinent, fuſe exponuntur. Lugduni Sumptibus Gabrielis Bouſſat, & Laurentij Aniſſon. 1641. fol. & ibi apud Aniſſon. 1667. fol.

Regiminis Reipublicæ Chriſtianæ ex Sacra Theologia, & ex utroque jure &c. Tomus 2. qui Principum, ac Paſtorum Eccleſiaſticorum obligationes, ac juriſdictionem complectitur; ubi etiam multa de religioſa gubernatione continentur. Lugd. apud Laurent. Aniſſon. 1648. fol. & ibi apud eumd. Typ. 1668. fol.

Regiminis Reipublicæ Chriſtianæ &c. Tom. 3. qui Æconomicam continet, ac Patrum familias in filios, et domeſticos, & filiorum, ac domeſticorum in Parentes, ac Dominos obligationes explicat. Lugduni apud Philippum Borde, Laurent. Arnaud, & Claud. Rigaud. 1652. fol.

Eſtes tres Tomos ſahiraõ reimpreſſos terceira vez. Coloniæ Allobrogùm ſumptibus Marci Michaelis Bousquet, & Socior. 1737. fol.

Deciſiones Bracharenſe. M. S. fol. Eſtavaõ promptas com todas as licenças para a impreſſaõ.

Fr. BAUTISTA DE JESU natural da Villa de Alvito na Provincia do Alentejo. Na idade da Adoleſcencia profeſſou o Inſtituto da Sagrada Ordem da Santiſſima Trindade em o Convento de Lisboa a 13. de Novembro de 1547. e procedeo com tanta edificaçaõ que foy hum dos doze Religioſos mandados educar no Real Moſteiro dos Conegos Regulares de S. Vicente extramuros deſta Cidade por ElRey D. Joaõ o III. debaixo da diſciplina de D. Franciſco de Mendanha Prior daquella Real Caſa para reformar a Religiaõ Trinitaria, e reduzilla à ſua primitiva obſervancia. De taõ virtuoſa educaçaõ ſahio de tal modo conſumado em todo o genero de virtudes, que foy depois da Reforma o primeiro Miniſtro dos Conventos de Santarem, e Cintra, e Reytor do Collegio de Coimbra até ſubir ao lugar de Provincial que para teſtemunho da ſumma prudencia, e grande vigilancia com que o exercitava, foy nelle trez vezes eleito a primeira no anno de 1564. a 2. em 1570. e a 3. em 1576. Sendo o principal Inſtituto da ſua Religiaõ reſgatar os Cativos do duro poder dos Barbaros procurou com grande diſvelo libertar todos os Portuguezes que gemiaõ em taõ miſeravel eſtado fazendo para eſte fim dous reſgates, executando o primeiro no anno de 1565. pelo V. P. Fr. Roque do Eſpirito Santo, e Fr. Manoel de Santa Maria em que foraõ reſtituidos à liberdade duzentos, e trinta cativos dos Reynos de Fez, e Marrocos, e o ſegundo no anno de 1579. por Fr. Luiz da Guerra, e Fr. Franciſco do Trocifal em Tetuaõ donde foraõ libertados cento, e dezaſeis Chriſtaõs. Pelas religioſas virtudes de que era ornado mereceu a eſtimaçaõ dos Princepes do ſeu tempo, eſpecialmente do Cardial D. Henrique que muitas vezes lhe eſcrevia. Falleceo no Convento de Lisboa a 30. de Mayo de 1591. proferindo eſtas palavras, que continuamente repetia *Spes mea Chriſtus Jeſus,* as quaes mandou eſculpir na Campa da ſepultura. Fez huma Colleçaõ das Bullas Pontificias, e Alvaras Reais concedidos à Religiaõ da Santiſſima Trindade, a que poz por Titulo.

Pulcher Libellus. Sem lugar nem anno da Impreſſaõ, poſto que Nicol. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 145. col. 1. eſcreva que fora impreſſo em Lisboa.

Fazem mençaõ delle Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 459. e 468. no Comment. de 30. de Mayo. Fr. Pedro Lopes de Altuna *Chron. Ger. da Ord.* liv. 2. pag. 220. Fr. Bernardin. à D. Ant. *Epitom. Redempt.* lib. 2. cap. 8. §. 3. e cap. 10. §. 2. Joan. Soar. de Brito *Theatr. Luſit. Litterat.* lit. B. n. 13.

BAUTISTA RABELLO Presbytero do Habito de S. Pedro. Naceo na Freguezia de S. Joaõ de Villa Chàa termo da Villa da Barca do Arcebiſpado de Braga onde teve por Pays a Domingos Rabello, e Maria Ferreira Lavradores honrados. Foy ornado de todas as virtudes que conſtituem

hum perfeito Eccleſiaſtico pelas quaes quando occupava o lugar de Capellaõ do Convento de N. Senhora dos Remedios de Carmelitas Deſcalças ſituado na Cidade de Braga paſſou a lograr o premio eterno a 5. de Mayo de 1733. quando contava 55. annos de idade. Publicou.

Reſumo de Theologia Myſtica. Lisboa por Pedro Ferreira. 1728. 8.

Deſpertador quotidiano para ter bons dias. Lisboa por Antonio Pedroſo Galraõ. 1731. 12.

Lembrança da boa morte.

BELCHIOR DO AMARAL. Cavalleiro profeſſo da Ordem militar de Chriſto, natural de Lisboa filho do Doutor Franciſco Diaz do Amaral Dezembargador do Paço, e muito aceito à Mageſtade da Rainha D. Catherina mulher delRey D. Joaõ o III. Eſtudou na Univerſidade de Coimbra a Juriſprudencia Civil em que fez taes progreſſos o ſeu felix engenho que recebido o gráo de Doutor neſta Faculdade paſſou a exercitar practicamente o que nella tinha eſpeculado a ſua incanſavel applicaçaõ, ou ſendo Senador na Caſa da Supplicaçaõ de que tomou poſſe a 4. de Dezembro de 1564. ou de Corregedor da Corte, e ultimamente de Dezembargador do Paço. Nas Cortes celebradas em Lisboa a 30. de Janeiro de 1583. em que foy jurado Succeſſor deſta Coroa o Principe D. Filippe filho de Filippe Prudente orou como Procurador da meſma Cidade, em nome do Eſtado Secular. Foy igualmente perito na Poeſia Latina, que na ſciencia legal como metricamente deſcreve Pedro Sanches in *Epiſt. ad Ignatium de Moraes.*

Et nos Te merito miramur candide Amaral
Munere Prætoris, qui fulgens Regis in Aula;
Et quamvis, nec voce reos, nec fronte minaci
Terres, ſed blande exerces tua munia vultu
Te tamen, atque tuos faſces, & pectora flecti
Neſcia, nec prece, nec lacrymis timuère nocentes
Ni docta Italicus ſoluiſſet Silius ora
Carmine tu poteras Cannas ceciniſſe cruentas
Ardenti, et Paulum generoſo ſanguine terram
Fædantem, & torvo obtutu, quem Lentulus ultrò
Offerret quo terga fugæ commitere poſſet
Quadrupedem contemnentem ne Pœna videret
Agmina magnanimum fugientem prælia Paulum.

Morreo em Lisboa a 21. de Setembro de 1606. com 80. annos de idade. Jaz no Convento de S. Franciſco. Foy cazado com D. Anna de Abreu.

Compoz.

Oraçaõ no Juramento do Principe D. Filippe filho de Filippe Prudente no Acto das Cortes celebradas em Lisboa a 30. de Janeiro de 1583. Sahio Impreſſa nas Cortes celebradas na Villa de Thomár em o anno de 1584. fol. ſem nome do Impreſſor, nem lugar da Impreſſaõ. Começa a Oraçaõ. *Em taõ grande Sentimento* &c.

Concilium malignantium. Invectiva contra os Cathedraticos de Coimbra na ocaſiaõ que julgaraõ a Cadeira a Pedro Barboſa que ſe oppoz com o celebre Juriſconſulto Alvaro Valaſco. começa

Triſtia terribili verſu parat arma Charontis
Prodere Calliope &c.

Conſta de 200. verſos.

Outra obra poetica em applauzo da *Chronologia Sacra, ſeu ratio Temporum* compoſta por Fr. Nicolao Coelho do Amaral Religioſo Trino que ſahio impreſſa Conimbricæ apud Joan. Barrerium Typ. Reg. 1554. Começa.

Accipe ſudantem ſacra compáge laborem
Eſt dignus raro rarus honore coli. &c.

BELCHIOR DE ANDRADE LEYTAM natural de Lisboa Cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto, Fidalgo da Caſa de Sua Mageſtade Eſcrivaõ dos Filhamentos, e Theſoureiro da Caſa Real filho do Dezembargador Joaõ de Andrade Leytaõ Corregedor do Crime da Corte, e Caſa, e de ſua molher D. Catherina Maria Quifel. Foy pio, e devoto, urbano, e affavel, e ſummamente uerſado na liçaõ da Hiſtoria profana, de que teve huma copioſa Livraria com muitos eſtimaveis *M. S.* No eſtudo da Genealogia foy muito inſtruido eſcrevendo por ordem alphabetica com indagaçaõ critica.

Familias do Reyno de Portugal.

Acrecentando nellas muitas noticias particulares extrahidas dos livros dos Filhamentos de que era Eſcrivaõ como affirma o P. D. Antonio Caetano de Souſ. no *Apparat. à Hiſt. Geneal. da Caſa Real Portug.* pag. 161. §. 197.

Morreo em Lisboa a 12. de Mayo de 1717. e eſtà ſepultado na Igreja do Convento da Madre de Deos de Religioſas Franciſcanas extramuros deſta Cidade.

Fr. BELCHIOR DOS ANJOS natural de Lisboa Eremita Auguſtiniano cujo habito profeſſou no Convento de Goa no anno de 1587. Pela prudencia, de que era ornado foy mandado no anno de 1608. Embaxador à Perſia pelo Vice-Rey do Eſtado D. Joaõ Pereira Conde da Feira onde obrou acçoens que teſtemunharaõ a ſua fidelidade em obſequio da Naçaõ Portugueza. Aſſiſtindo na Corte de Madrid no anno de 1643. o nomeou ſeu Prégador a Mageſtade de Filippe IV. Eſcreveo.

Hiſtoria do Martyrio de Fr. Nicoláo de Mello; e Fr. Guilherme de Santo Agoſtinho com a Relaçaõ das couſas notaveis que na Perſia fizeraõ os Religioſos de Santo Agoſtinho pelo eſpaço de quatorze annos. Compoſta em Aſpaõ a 20. de Fevereiro de 1616. Conſta de 23. Capitulos, e ſe conſerva na Livraria do Convento da Graça de Lisboa.

Relaçaõ da Jornada que fez à India D. Garcia da Sylva Embaxador da Perſia. fol. *M. S.* Conſerva-ſe na Bibliotheca delRey Catholico como eſcreve o moderno addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ Tom. 1. Tit. 3. col. 54.

Fr. BELCHIOR DE SANTA ANNA chamado no ſeculo Belchior Correa. Naceo em o lugar do Garajal da Provincia da Beira em o Biſpado de Lamego em o anno de 1602. e teve por Pays ao Doutor Gaſpar de Souſa, e a D. Maria Correa, e por irmaõ a Gaſpar Pinto Correa Conego de Barcellos excellente Poeta Latino, e ſingular humaniſta de quem ſe farà memoria em ſeu lugar. Aprendidos os primeiros elementos que facilitaõ o eſtudo das ſciencias deſprezou as vaidades do mundo na florente idade de quinze annos recebendo o habito de Carmelita Deſcalço no Convento de Lisboa a 9. de Fevereiro de 1617. e profeſſou ſolemnemente a 11. do dito mez do anno ſeguinte. Neſta penitente, e douta eſcola taõ grandes foraõ os progreſſos que fez nas virtudes, como nas letras, e para fugir aos applauſos que dellas lhe podiaõ reſultar pedio com repetidas inſtancias aos Prélados que o mandaſſem para o dezerto de Batuecas em cuja aſpera ſolidaõ viveo algum tempo com exemplar edificaçaõ dos anachoretas que nelle habitavaõ, porèm conſiderando prudentemente os Superiores que era prejudicial à Religiaõ naõ occupar o ſeu grande talento em o exercicio de Meſtre o nomearaõ Lente de Artes para o Collegio de Figueiró donde paſſou para o de Coimbra a dictar Theologia pelo eſpaço de doze annos com igual eſplendor do ſeu nome que fruto dos ſeus ouvintes. Como era profundamente verſado naõ ſómente na Hiſtoria Sagrada, mas em a univerſal do Reyno de Portugal, e particular da ſua antigua Religiaõ o elegeo o Provincial Fr. André da Annunciaçaõ Chroniſta deſta Provincia em cujo aſſumpto dezempenhou o alto conceito que ſe tinha formado do ſeu talento para ſemelhante obra, aſſim na inveſtigaçaõ das noticias, como na verdade da Chronologia, e elegancia do eſtilo. Foy Conſiliario da Provincia, Prior do Convento de Adolhalvo, e Reytor do Collegio de Coimbra onde naõ tendo chegado a governar anno, e meyo falleceo a 9. de Novembro de 1664. com 63. annos de idade incompletos, e 47. de Religiaõ. Faz delle honorifica memoria Fr. Martial. à D. Joan. Baptiſt. in *Bib. Carmel. Excalc.* pag. 294. Compoz.

Chronica de Carmelitas Deſcalços particular do Reyno de Portugal, e Provincia de S. Filippe. Primeiro Tomo. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira. 1657. fol.

Hiſtoria Portugueza deſde o Nacimento de Chriſto até os noſſos tempos. 7. Tom. *M. S.* Deſta obra fazem mençaõ Joaõ Franco Barreto na *Bib. Portug. M. S.* e Joaõ Soar. de Brito in *Theatr. Luſit. Litter.* lit. B. n. 23. eſcrevendo ambos que ſeu Author lhes affirmara a tinha jà completa para a Impreſſaõ.

D. BELCHIOR BELLIAGO Natural do Porto, e bautizado na Freguezia de S. Nicolào deſta Cidade filho de Joaõ

Alvarez Belliago Eſcrivaõ da receita da Alfandega, e de Catherina Alvarez de Couros filha de Alvaro Rodrigues de Couros. Entre os talentos grandes que ElRey D. Joaõ o III. mandou eſtudar à Univerſidade de Pariz foy hum delles pela conhecida viveza de engenho que nos primeiros annos logo deſcubrio, fazendo taes progreſſos aſſim em as letras amenas, como ſeveras, que mereceo ſer dos inſignes Meſtres que illuſtraraõ a Athenas Conimbricenſe, onde naõ ſómente leo Humanidades ſendo neſta Cadeira ſeu anteceſſor Ignacio de Moraes, e ſuceſſor o grande André de Reſende, mas ſer Meſtre de Filoſofia em o anno de 1548. revelando com tal agudeza os myſterios da Eſcola Peripatetica que das ſuas inſtruçoens paſſaraõ os diſcipulos a ſer Cathedraticos. Na Cadeira de Theologia que regentou ſendo ainda Bacharel nas Vacaçoens do anno de 1554. foy venerado por Oraculo deſta Princeza de todas as Faculdades. Quando orava eſtava toda a Academia pendente da ſua vóz admirando felizmente unidas a elegancia da fraze com a pureza da Latinidade. Depois de ſer Conego da Cathedral de Lisboa foy eleito Biſpo de Fez para fazer os Pontificaes na Capella Real. Entre as ſuas acçoens epiſcopaes he digna de memoria a Sagraçaõ da Igreja de N. Senhora do Paraizo deſta Cidade feita em 9. de Mayo de 1562. Para evitar o contagio que fatalmente devaſtava grande parte de Lisboa ſe retirou para a Amora lugar no termo da Villa de Almada aonde ferido da ſua violencia acabou a vida a 19. de Outubro de 1569. Deixou por Teſtamenteiro a ſeu ſobrinho Miguel Pereira de Miranda. Jàz na Capella Mór da Parochia de N. Senhora de Sion do lugar da Amora cuja ſepultura cobre huma grande pedra na qual por falta de epitafio ſe lhe podem gravar eſtes verſos que à ſua memoria dedicou Pedro Sanches in *Epiſt. ad. Ignat. de Moraes* em que elogiou os Poetas Latinos de Portugal.

Quis Belliage tuum non defleat optime Præſul
Interitum, cui præduras injecit acerba
Parca manus: ah quanta bonis jactura camænis!

Fazem menção deſte Prélado D. Nicol. de Santa Mar. *Chron. dos Coneg. Reg.* liv. 10. cap. 15. n. 11. pag. 302. Souſ. *Chron. de S. Domingos.* Part. 1. liv. 3. cap. 30. D. Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 2. pag. 95. D. Thom. de Faria *Decad.* 1. lib. 9. cap. 5. P. D. Manoel Cact. de Souſa *Cathalog. Hiſtor. dos Sum. Pontif. e Card. &c.* pag. 194. Compoz.

De diſciplinarum omnium ſtudiis ad univerſam Academiam Conimbricenſem habita Kalendis Octobris 1548. Conimbricæ apud Joannem Barrerium, & Joannem Alvares Typog. regios 1548. 4. Dedicada a D. Joaõ Affonſo de Vaſconcellos, e Menezes. Começa. *Bene ac ſapienter Rector ampliſſime, PP. Sapientiſſimi, optimæ ſpei adoleſcentes.* Acaba *Neminem acuſate, niſi vos ipſos poſſitis.*

De Dialectica liber. Conimbricæ apud Joan. Barrerium, & Joan. Alvares. 1549. 4. Eſta obra que allega com o nome de *Sumulas*, Jorge Cardoſo *Agiol. Luſitan.* Tom. 3. pag. 323. no Comment. de 19. de Mayo ſe allucinou eſcrevendo que ſe dictaraõ na Univerſidade de Lisboa pois ſendo impreſſas no anno de 1549. havia doze annos que a Univerſidade ſe tinha transferido deſta Cidade para a de Coimbra que foy no anno de 1537.

Do eſforço, e animo dos Portuguezes. Obra compoſta em verſo Latino de que faz memoria Fr. Bernardo de Brito *Mon. Luſit.* Part. 1. liv. 2. cap. 12. intitulando ao Author Biſpo do Porto, equivocaçaõ em que cahiraõ outros Eſcritores, ſendo ſómente titular de Fez.

BELCHIOR BRAZ FRADE Capelaõ delRey, e Meſtre Eſchola em a Cathedral de Goa. Acompanhou ao Illuſtriſſimo Primaz da India Oriental D. Fr. Aleixo de Menezes na jornada, que fez em o anno de 1599. ás Serras do Malabar para reduſir os Chriſtãos chamados de S. Thomé eſcrevendo com grande curioſidade, e diſtinçaõ os ſucceſſos, que nella obſervou com eſte titulo.

Itinerario de tudo o que paſſou deſde que o Senhor Arcebiſpo Primaz D. Fr. Aleixo de Menezes ſahio de Goa atè que voltou a eſta Cidade. M. S.

Deſta obra confeſſa Fr. Antonio de Gouvea Eremita de Santo Agoſtinho no prologo deſta Jornada, que largamente eſcreveo, e ſe imprimio Coimbra por Diogo Gomes

Loureiro. 1606. fol. que extrahira muitas, e particulares noticias para a ſua compoſiçaõ. Do Author do Itinerario fazem memoria Antonio de Leaõ Pinello *Bib. Ind. Orient.* Tit. 3. e Nicoláo Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 2. pag. 95. col. 2. perſuadido falſamente, que o appellido de *Frade* havia ſer *Freyre*.

D. BELCHIOR CARNEIRO. Naceo na Cidade de Coimbra de Pays nobres quaes foraõ Pedro Carneiro Leitaõ parente do Thaumaturgo Portuguez S. Gonçalo de Amarante, e Maria Nunes. Ao tempo, que na ſua patria era applaudido pelas ſciencias, que profeſſava, deſprezando a gloria, e os lugares honorificos, que ellas lhe prometiaõ ſe recolheo na Companhia de JESUS a 25. de Abril de 1543. onde unindo o eſtudo das virtudes ao das letras ſahio taõ conſumado em humas, e outras, que depois de ſer o primeiro Reytor, que teve o Collegio de Evora paſſando a Roma em companhia do P. Meſtre Simaõ Rodrigues o elegeo Santo Ignacio por ſeu Confeſſor, que conhecendo experimentalmente a prudencia para o governo, e tolerancia para os trabalhos de que era ornado, foy o principal inſtrumento de que foſſe nomeado Biſpo de Nicea, e futuro Succeſſor do Patriarchado de Etiopia. Navegou para a India ao primeiro de Abril de 1555. em a Náo Saõ-Tiago de que era Capitaõ Franciſco Figueira de Azevedo filho do Alcayde Mòr de Benavente em cuja viagem exercitou obras de ardente charidade em obſequio dos paſſageiros até chegar a Goa em 10. de Setembro do meſmo anno, e no Collegio de S. Paulo deſta Cidade foy o primeiro Lente de Moral, que inſtruio aos ſeus domeſticos. Na Cidade de Cochim ſe armou o ſeu zelo contra os ſequazes do Judaiſmo moſtrando-lhes com textos expreſſos do Teſtamento Velho a Divindade do Meſſias, e a Trindade das Peſſoas com unidade da Eſſencia, e reſiſtindo eſta obſtinada gente aos clamores da ſua voz evangelica foy cauſa de que naõ ſómente muitos foſſem prezos, mas de que ſe introduziſſe na India o Tribunal da Inquiſiçaõ para total extinçaõ dos deſcendentes do povo Iſraelitico. Com ſemelhante fervor apoſtolico diſcorreo pelas Serras do Malabar buſcando a Mar Jozé Biſpo Neſtoriano, que eſcoltado de dous mil Amoucos ſemeava entre os Chriſtãos de S. Thomé os ſciſmaticos dogmas de Alexandria para o convencer publicamente da peſtifera, e falſa doutrina, que enſinava, porém receando o Patriarcha da Etiopia Joaõ Nunes Barreto o inevitavel perigo a que ſe expunha o chamou a Goa onde o Sagrou Biſpo de Nicea a 15. de Dezembro de 1560. Depois de Sagrado fez voto ſolemne de voltar para a Companhia tanto, que o Pontifice lhe deſſe faculdade. Sendo conſtituido Biſpo da China, e Japaõ pela Santidade de Pio V. no anno de 1567. com clauſula de que ſe naõ efeituaſſe a Miſſão da Etiopia, como eſta naõ reſpondeſſe às eſperanças, que della ſe tinhaõ concebido na Europa, foy obrigado a partir de Goa para Malaca no anno de 1568. ſem lhe ſervirẽ de obſtaculo os graves achaques, que padecia. Chegado a Macáo começou a governar a ſua Dioceſe ſendo o primeiro Biſpo do Japaõ, e China, onde obrou acçoens dignas do officio paſtoral. Suſpirando pela quietaçaõ do ſeu Cubiculo alcançou por intervençaõ do Geral Everardo Mercuriano licença para renunciar o Biſpado, e voltar ſegunda vez para a ſua amada Religiaõ, onde viveo até 19. de Agoſto de 1583. em que paſſou a lograr o premio da vida immortal. Foy ſepultado na Igreja da Companhia de Macáo ſervindo-lhe de honorifico epitafio os elogios, que fazem à ſua memoria Andrade *Chron. delRey D. Joaõ o III.* Part. 4. cap. 120. Faria *Aſia Portug.* Tom. 2. Part. 2. cap. 12. n. 5. e Part. 3. cap. 3. n. 5. e Tom. 3. Part. 3. cap. 23. n. 10. Gouvea *Jornad. do Arceb. D. Fr. Aleix. de Men.* Liv. 1. cap. 7. Nadaſ. *Ann. dier. mem. S. J.* Part. 2. pag. 112. col. 1. Jarric. *Theſ. rer. Ind.* Part. 2. Lib. 1. cap. 19. e Liv. 2. cap. 22. Tanner. in *Præf. Societ. African.* Godinho de *Rebus Abyſſin.* Lib. 2. cap. 2. Tellez *Chron. da Comp. da Prov. de Port.* Part. 1. Liv.3. cap. 21. Souſa *Orient. Conquiſt.* Part. 1. Conq. 1. Diviſ. 2. §. 29. e 35. Part. 2. Conq. 4. Diviſ. 2. §. 14. 104. e 105. Franco *Imag. da Virt. do Nov. de Coimb.* Tom. 1. Liv. 2. cap. 8. e 9. e no *Ann. Glor. S. J. in Luſit.* pag. 475. Fonſeca *Evora glorioſ.* pag. 340. D. Manoel Caet. de Souſa *Catal. dos Sum. Pontif. Card. e Biſp. Portug.* pag. 199. P. Pedro Franc. Xavier Charlevoix *Hiſt. de l'Etabliſſem. e decad. du Chriſtianiſm. dans l'Empire du Japon.* Tom. 2. pag. 273. e na

Hiſt. du Japon. Tom. 2. pag. 5. Eſcreveo.

Carta eſcrita de Moçambique no anno de 1555. ao P. Geral em que relata a boa diſpoſiçaõ que há na Ilha de S. Lourenço para receber a Fé offerecendo-ſe para eſta Miſſam, e de huma Vitoria que os Portuguezes alcançaraõ dos Turcos na India.

Carta eſcrita de Goa a 24. de Dezembro de 1557. ao Provincial deſta Provincia na qual faz mençaõ de que lhe eſcrevera no anno antecedente, e narra a Miſſaõ que fez nas Serras do Malabar para diſputar com o Biſpo Neſtoriano.

Eſtas duas Cartas ſahiraõ com outras vertidas em Italiano Venetia apreſſo Michaele Tramezzino. 1559. 8.

Carta eſcrita de Macao a 20. de Novembro de 1572. ao P. Geral em que refere o fruto que fizera no Japaõ, e das eſperanças que ſe tinhaõ do que ſe havia de colher na China. Vertida em Italiano com outras Roma por Franciſco Zanneti 1578. 8.

Carta eſcrita em o primeiro de Julho de 1582. a D. Gonçalo Ronquillo Governador das Filippinas em que relata como fora aclamado em Macao pelos Portuguezes Filippe II. Sahio Impreſſa na *Hiſtoria dos Miniſterios Apoſtolicos de los Obreros de la Conpañia de Jeſus* compoſta pelo P. Franciſco Colin, liv. 2. cap. 23. n. 23. Deſta Carta, e do Author della faz mençaõ o moderno addicionador da *Bib. Occident.* de Antonio de Leaõ Tom. 2. Titul. 7. col. 641.

BELCHIOR DE CASTRO MACEDO Pela larga aſſiſtencia que teve nas Indias Occidentaes como era dotado de viveza de engenho aprendeo com os olhos, e com a liçaõ dos livros as ſituaçoens das ſuas principaes Provincias eſcrevendo com noticias juntamente Typograficas, que politicas a ſeguinte obra que dedicou a D. Joaõ da Cunha Preſidente de Indias.

Deſcripcion delas Provincias del Perù, Tierra Firme, Chile, y otras; y del modo con que deven gobernarſe. M. S. fol. De cuja obra, e Author nos dà noticia o moderno addicionador da *Bib. Occid.* de Ant. de Leaõ Tom. 2. Tit. 31. col. 810. affirmando conſervalla na ſua Livraria.

Fr. BELCHIOR DA CONCEYÇAM chamado no Seculo Belchior de Souſa naceo em a Villa de Mondim Comarca de Villa-Real do Arcebiſpado de Braga, e foy filho de Joaõ Gonçalvez, e Maria Franciſca peſſoas principaes deſta Villa. Eſtudou Grammatica na Cidade de Lamego aſſiſtindo em Caſa de ſeu Tio Clemente Gonçalvez Carneiro Conego deſta Cathedral. Dezejoſo de augmentar a ſua peſſoa, deixou a patria, e paſſando a Lisboa aſſentou praça de Soldado donde partio para o Alentejo, porém naõ ſatisfeito da vida militar teve induſtria de ſe reſtituir à ſua patria, e dezenganado do mundo pertendeo o Habito de Carmelita Deſcalço o qual profeſſou em o Convento de N. Senhora dos Remedios deſta Corte a 15. de Dezembro de 1667. Paſſados dez annos de profeſſo ſe retirou para o Dezerto do Buſſaco com reſoluçaõ de permanecer neſta ſolidaõ toda a vida, porèm depois de aſſiſtir nella vinte, e trez mezes perſuadido das inſtancias de Fr. Joaõ de Jeſus que convocava Miſſionarios para o Reyno de Angola preferio o laborioſo miniſterio de operario Evangelico à tranquillidade que gozava em Buſſaco. Partio de Lisboa para Angola a 5. de Abril de 1676. em Companhia do Governador, e Capitaõ General daquelle Reyno Ayres de Saldanha, e chegou felizmente à Cidade de Loanda a 20. de Agoſto do dito anno donde ao principio de Fevereiro de 1677. paſſou às terras de Sova Bamgo-Aquitamba ſendo recebido com grandes demonſtrações de alegria por aquelles barbaros que por ſua direcçaõ deixaraõ os ſuperſticioſos coſtumes que practicavaõ, e edificaraõ hum Templo em que ſe adorava o verdadeiro Deos. Era incanſavel no miniſterio apoſtolico atrahindo com a efficacia das ſuas vozes inumeraueis Gentios ao gremio da Igreja Romana bautizando em huma occaſiaõ 500. e outra 900. diſcorrendo pelo eſpaço de doze annos ſem interpollaçaõ pelos preſidios de Maſangano, Ambaça, e das Pedras, de cujo trabalho colheu copioſos frutos. Exercitou o officio de Capitaõ Mór em hum exercito de ſetecentos Soldados brancos, e vinte mil negros para caſtigar a rebeldia de alguns Potentados contra a Coroa de Portugal. No anno de 1694. paſſou a eſte Reyno trazendo huma authorizada certidaõ do Governador de Angola Gonçalo da Coſta de Menezes da qual conſtavaõ os he-

roicos ſerviços que tinha feito em obſequio da Fé, e deſta Monarchia. Certificado ElRey D. Pedro II. do zelo com que promovera os augmentos da Religiaõ lhe inſinuou ſer ſeu goſto que paſſaſſe outra vez a cultivar aquella vinha, cuja empreza aceitou com prompta obediencia. Voltou terceira vez para Angola onde continuou com igual fervor as ſuas apoſtolicas Miſſoens até que acabou a vida em taõ ſagrado miniſterio. Eſcreveo.

Relaçaõ da primeira Miſſaõ que fez pelos Reynos de Angola, e do que lá obrou Deos Noſſo Senhor por meyo de ſua aſſiſtencia nos certoens, e dezertos de ſuas Conquiſtas em ordem à converſaõ daquelles Gentios. M. S. 4.

Relaçaõ que fez na ſegunda Viagem de Angola em ſerviço de Deos, e bem de ſuas almas em o anno de 1692. *M. S.* 4.

Breve relaçaõ da vida, e morte do ſervo de Deos o Irmaõ Franciſco da Natividade Religioſo Carmelita Deſcalço companheiro pelo eſpaço de doze annos das ſuas Miſſoens do Gentio do Reyno de Angola. M. S. 4.

Todas eſtas tres obras ſe conſervaõ na Livraria do Convento dos Remedios deſta Corte.

BELCHIOR CORNEJO natural de Lisboa, e filho de Balthezar Cornejo Guarda-repoſta da Rainha D. Catherina mulher delRey D. Joaõ o III. Foy hum dos famozos talentos que illuſtrou a Univerſidade de Coimbra onde recebendo o gráo de Doutor na faculdade de Direito Pontificio, leo huma Cathedrilha de Canones em que foy provido a 8. de Outubro de 1547. e deſta paſſou à Cadeira de Decreto em 9. de Julho de 1555. e a regentou até o anno de 1560. Naõ foy menos inſigne em a noticia das letras humanas, e ſciencia da lingua Latina cujos preceitos obſervou com igual elegancia, que pureza. Do meſmo applauſo foy acredora a ſua grande eloquencia, quando orava, ou foſſe na occaſiaõ que recitou a Oraçaõ funebre nas Exequias que no anno de 1557, dedicou a Univerſidade de Coimbra a ElRey D. Joaõ o III. ſeu auguſto Fundador, ou na ſolemne Embaxada que ElRey D. Sebaſtiaõ mandou ao Concilio Tridentino por Fernaõ Martins Maſcarenhas, em cujo veneravel Congreſſo por ſer Secretario da Embaxada fez a Oraçaõ obediencial a 9. de Fevereiro de 1562. com tanta facundia, e reprezentaçaõ que arrebatou a atençaõ de todos parecendo-lhes que tinha renacido Tullio, ou Demoſthenes. Foy Prior da Igreja de S. Pedro do Souto no termo da Villa da Covilhãa Biſpado da Guarda de que tomou poſſe a 5. de Dezembro de 1558. Publicou.

Oratio habita Sereniſſimi Portugalliæ, Algarbiorumque Regis Sebaſtiani nomine in Concilio Tridentino die 9. Februarij 1562. *unà cum reſponſione Sanctæ Synodi.* Ripæ ad inſtantiam Petri Antonij Alciatis. 1562. 4. e Lisboa por Jozé Antonio da Sylva Impreſſor da Acad. 1737. 4. nas *Mem. Hiſtor. delRey D. Sebaſt.* liv. 1. cap. 1. n. 7. Traduzida em Portuguez pelo Doutor Antonio Pinheiro, cuja traduçaõ eſtà impreſſa nas ditas *Memorias* n. 8.

BELCHIOR ESTAÇO DO AMARAL natural de Evora, e muito experimentado na ſciencia Nautica pelas muitas Viagens maritimas que fez, eſcrevendo com grande curioſidade a obra ſeguinte que dedicou ao Sereniſſimo Duque de Bragança D. Theodoſio 2. com eſte titulo.

Tratado das batalhas, e ſuceſſos do Galiaõ Saõ-Tiago com os Olandezes na Ilha de Santa Elena, e da Náo Chagas com os Inglezes entre as Ilhas dos Aſſores ambas Capitanias da Carreira da India, e da cauſa, e deſaſtres porque em vinte annos ſe perderaõ 38. *Náos della.* Lisboa na Officina de Antonio Alvares 1602. 4. e na *Hiſt. Tragico-Maritim.* Tom. 2. deſde pag. 441. até 538.

Fazem menção delle Antonio de Leon *Bib. Orient.* Tit. 13. e Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 2. pag. 98.

BELCHIOR FEBOS natural de Lisboa donde paſſando a Coimbra ſe applicou ao eſtudo do Direito Ceſareo ſendo diſcipulo dos mayores Cathedraticos deſta Faculdade os Doutores Luiz Correa, Chriſtovaõ de Azevedo, e Antonio da Cunha de que faz agradecida memoria nas ſuas obras principalmente no Tom. 1. *Deciſ.* 15. n. 10. Tom. 2. *Deciſ.* 161. n. 12. Recebido o grào de Bacharel voltou para a Patria onde ſendo Advogado da Caſa da Supplicaçaõ patrocinou as cauſas mais graves, e dificulto-

ſas com igual ſciencia, que integridade. Por ſer muito verſado no Direito practico ſupplicou à Filippe IV. ſe lhe deſſe huma Cadeira em a Univerſidade de Coimbra com predicamento de grande em que explicaſſe a Ley municipal do noſſo Reyno, ou ao menos huma de Leys por merce, e expedindo ElRey duas Proviſoens em que ſe incluyaõ eſtas Supplicas reſolveo o Clauſtro da Univerſidade a 27. de Janeiro de 1623. naõ ſer neceſſaria, nem conveniente a Cadeira de Practica, e que para à de Leys naõ faltavaõ Meſtres na Univerſidade que as regentaſſem. Morreo em Lisboa a 8. de Julho de 1632. Jàz ſepultado no Convento de S. Domingos. Joan. Soar. de Brito in *Theatr. Luſit. Litter.* lit. M. n. 26. o intitula *nominatiſſimus J. C.* D. Franciſco Manoel na *Carta dos Author. Portug.* eſcrita ao Doutor Themudo o numera entre os celebres profeſſores da Juriſprudencia como tambem Nicol. Ant. *Bib. Hiſpan.* Tom. 2. pag. 99. Imprimio.

Deciſiones Senatus Regni Luſitaniæ in quibus multa quæ in Controverſia quotidie vocantur graviſſimo illuſtrium Sanatorum judicio deciduntur. Tom. 1. Ulyſſipone apud Petrum Crasb. 1619. fol.

Tomus 2. ibi apud eumdem Typ. 1625. fol. Eſte tomo dedicou o Author ao Sereniſſimo Duque de Bragança D. Theodoſio 2. de quem ſe confeſſa muito favorecido.

Sahiraõ os dous Tomos Ulliſſipone ſumptibus Franciſci de Souſa, & Antonij Leyte Pereira. 1672. fol. Addicionados com eruditiſſimas illuſtraçoẽs pelo Doutor Jozé dos Sãtos Palma (de quem faremos mençaõ em ſeu lugar) ſem expreſſar o ſeu nome. Ulyſſipone apud Jozéphum Lopes Ferreira Reginæ. Typ. 1713. fol. 2. Tom. & Conimbricæ apud Franciſcum de Oliveira Acad. Typ. 1736. fol.

Repetitio ad L. Panthonius ff. de adquirenda hæreditate. Na *Deciſ.* 199. n. 1. promete dar brevemente à luz publica eſta obra.

BELCHIOR FERNANDES GATO natural da Villa de Arrayolos na Provincia do Alentejo, e dos celebres Poetas vulgares do ſeu tempo deixando eternizada a memoria da ſua Muſa no Poema heròico que comprehendia 12. Cantos cujo argumento era. *Feſtas, e Torneyos do Sereniſſimo Duque de Bragança.* como eſcreve Joaõ Franco Barreto na *Bib. Portug. M. S.* por informaçaõ do celebre antiquario Manoel Severim de Faria.

BELCHIOR FERNANDES SOARES. Naceo na Villa de Setubal no anno de 1608. ſendo filho do Doutor Franciſco Soares profeſſor de Medicina, e de Maria da Eſperança. Eſtudou na Univerſidade de Coimbra Direito Civil em que ſahio eminente, e como tal mereceo ſer venerado entre todos os mayores Meſtres deſta faculdade. Foy na ſua Patria Juiz dos Direitos Reaes, Ouvidor, e Chanceller Mór das terras do Ducado de Aveiro, e Miniſtro deputado em Lisboa, para o ajuſte da Paz de Olanda com eſta Coroa. Compoz.

Allegaçaõ de Direito por o Senhor D. Pedro ſobre a Suceſſaõ do Eſtado, Caſa, e Titulo de Aveiro. Lisboa por Domingos Carneiro 1666. fol. Sahio ſem o ſeu nome por deligencia de Bibiano Pinto da Sylva Notario do Santo Officio.

Allegaçaõ ſobre o morgado de Oliveira. M. S.

Allegaçaõ ſobre as pertençoens de D. Diogo de Faro. M. S.

Peculium omnis Juris Civilis, quo duodecim mille, et ultra Leges comprehenduntur. M. S. fol. 2. tom. Ficou em poder de Thomaz Pacheco de Sá.

P. BELCHIOR DE FIGUEYREDO natural da Cidade de Goa Cabeça do Imperio Oriental Portuguez, onde abraçou o Inſtituto da Companhia de JESUS em o anno de 1554. quando contava 25. annos de idade. O primeiro theatro das ſuas Miſſoens Apoſtolicas foraõ as Ilhas Molucas convertendo ao gremio da Igreja grande numero de Bramanes. Depois de inſtruir com os ſeus documentos aos Noviços em Goa partio no anno de 1560. para o Japaõ em cuja dilatada vinha derramou copioſos ſudores pelo eſpaço de muitos annos reſpondendo o fruto à deligencia da cultura. Naõ foraõ menos glorioſas as vitorias que no Imperio de China alcançou da Gentilidade ſendo a principal a converſaõ admiravel de hum famoſo Medico que contando ſetenta annos de idade era Socrates nas vir-

tudes moraes, e Platão nas ſciencias naturaes, e Divinas, cuja doutrina ouviaõ na Cidade de Macáo outocentos diſcipulos ao qual procurando para lhe dar a ſaude do corpo lhe comunicou por eſpecial favor do Ceo o remedio da alma. No largo diſcurſo deſtas apoſtolicas fadigas padeceo conſtantemente graves afrontas, e horroroſos perigos a que eſteve expoſta a ſua vida pela malicia dos Bonzos, e infidelidade dos Ladroens. Attenuado com tantos trabalhos depois de ſer Reytor do Collegio de Funay ſe reſtituhio a Goa para experimentar clima mais benigno à ſua ſaude aflicta com diverſos achaques, dos quais ſentindo por dez annos moleſtiſſimos, effeitos paſſou a gozar do deſcanſo eterno a 3. de Julho de 1607. eſcreveo.

Carta eſcrita do Porto de Facundà a 22. de Outubro de 1565 aos Padres, e Irmaõs da Companhia. Começa. *Ainda que polas cartas de todos noſſos cariſſimos Padres.* Evora por Manoel de Lira. 1598. fol. Part. 1. a fol. 203. v.º Vertida em Caſtelhano. Alcalá por Juan Iniguez de Lequeriqua. 1575. 4. a fol. 238. v.º e Coimb. por Anton. de Mariz. 1570. 4. a fol. 531. v.º.

Carta eſcrita do Cochinocù a 25. de Mayo de 1566. aos Padres, e Irmaõs das Cidades de Sacay, e Bungo. Começa. *De Ximabara depois daquella primeira monçaõ* &c. Evora por Manoel de Lyra 1598. fol. a fol. 204. v.º.

Carta eſcrita do Japaõ a 13. de Setembro aos Irmaõs da Companhia de JESUS da India. Começa. *Depois que ſe fizeraõ os Chriſtaõs de Ximabara.* Evora por Manoel de Lira 1598. fol. a fol. 224. v.º vertida em Caſtelhano. Alcalá por Juan Iniguez de Lequeriqua 1575. 4. a fol. 161. e Coimbra por Ant. de Mariz. 1570. 4. a fol. 584. v.º.

Carta eſcrita de Bungo a 27. de Setembro de 1567. Começa *O anno paſſado eſcrevi* &c. Evora por Manoel de Lyra 1598. fol. a fol. 242. v.º.

Carta eſcrita de Bungo a 11. de Outubro de 1569. aos Padres, e Irmaõs da Companhia. Começa. *O anno paſſado eſcrevi do Reyno de Bungo.* Evora por Manoel de Lyra 1598. fol. a fol. 276. v.º vertida em Caſtelhano. Alcala por Juan de Iniguez de Lequerica 1575. 4. à fol. 274. v.º.

Carta eſcrita do Japaõ a 21. de Outubro de 1570. aos Padres, e Irmaõs da Companhia de JESUS de Portugal. Começa. *Deos noſſo Senhor por ſua bondade infinita* &c. Evora por Manoel de Lyra 1598. fol. a fol. 296. Vertida em Caſtelhano. Alcala por Juan Iniguez de Lequerica. 1575. 4. fol. 280. v.º.

Carta eſcrita de Vomura a 16. de Outubro de 1571. Começa. *As feſtas ſe celebraraõ.* &c. Evora por Manoel de Lyra 1598. fol. a fol. 316. v.º.

Carta eſcrita de Facata a 28. de Setembro de 1576. Começa. *Os annos paſſados quando tinha cuidado da Chriſtandade* &c. Evora por Manoel de Lyra. 1598. fol. a fol. 368. v.º.

Do ſeu miniſterio Apoſtolico exercitado em Ximabara, Bungo, Omura, Facata, e outras Cidades, e Reynos aſſim do Japaõ, como da China fazem illuſtre memoria Guſman *Hiſt. delas Miſſion. dela Comp.* Part. 7. liv. 7. cap. 10. e 16. *Hiſtor. Societat.* Part. 3. lib. 4. n. 289. 270. e 273. e lib. 6. n. 207. e Part. 4. lib. 3. n. 259. Faria *Aſia Portug.* Tom. 2. Part. 4. cap. 20. n. 9. *Bibli. Societ.* pag. 607. col. 2. Souſa *Oriente Conq.* Part. 2. conq. 4 Diviſ. 2. §. 100. e 101. Ant. de Leon *Bib. Ind.* Tit. 8. Charlevoix *Hiſt. del'Etabliſſiment, e decad. du Chriſtianiſm. dans l'Empire du Japon.* Tom. 1. pag. 322. e na *Hiſt. du Japon.* Tom. 1. pag. 298. 230. 381. e 477.

BELCHIOR DA FONSECA DE ALMEYDA natural de Coimbra cujo engenho verſado na Mythologia, e letras humanas ſe diſtinguio entre os ſeus patricios na Arte de Poeſia, em que foy eminente, como ſe admira na Oraçaõ impreſſa no livro intitulado.

Jardim de Apollo Academia celebrada por diferentes Ingenios. Madrid 1655. 4. Foy dedicado pelo Author da Oraçaõ a Duarte de Albuquerque Coelho Marquez do Baſto, e Senhor de Pernambuco.

No anno de 1686. em que vivia em Palencia compoz.

Sueño Politico. M. S.

BELCHIOR DA GRAÇA natural do lugar de Matoſinhos ſituado nos Suburbios da Cidade do Porto filho de Joaõ Mon-

teiro de Leaõ Coronel de hum Regimento de Infantaria, e de Beatriz de Brito Soares, e Irmaõ do Doutor Joaõ Soares de Brito Abbade de Saõ-Tiago Dantas de quem faremos mençaõ em ſeu lugar. Com a educaçaõ de Pays taõ nobres ſe augmentou tanto a boa indole, que tinha para as ſciencias, que mais pareciaõ inſpiradas pela natureza, que adquiridas pelo eſtudo. Na idade da adoleſcencia teve taõ frequente cõmercio com as Muſas, que lhe concederaõ beber com larga copia as aguas da Caballina compondo elegantemente todo o genero de verſos Latinos, Portuguezes, e Caſtelhanos. Com a meſma felicidade, que tinha cultivado as flores do Parnaſo, penetrou as dificuldades da Juriſprudencia merecendo receber na Univerſidade de Salamanca duplicadas borlas em hum, e outro Direito com admiraçaõ de todos os Cathedraticos. Ao tempo, que era venerado o ſeu profundo talento na paleſtra de Apollo, ſe reſpeitou o ſeu heroico valor em a de Marte ſendo Capitaõ de huma Nào da Armada, onde depois de dezempenhar as obrigaçoens militares ſe aliſtou em outra mais illuſtre milicia recebendo o habito Canonico na Congregaçaõ do Evangeliſta Amado na qual inſtruio aos ſeus Companheiros nas ſciencias amenas, e ſeveras, como foraõ Grammatica, Rhetorica, Poeſia, e Theologia Moral. Concluida eſta laborioſa applicaçaõ foy eleyto Chroniſta para com a ſua pena eternizar as memorias da ſua Congregaçaõ, cujo eſtudo interromperaõ graves negocios pertencentes a ella, ſendo mandado para eſte fim tres vezes a Roma onde vencidos innumeraveis obſtaculos felizmente o conſeguio. Neſta famoſa Corte emporio de todas as ſciencias naõ permitio, que eſtiveſſe ocioſa a ſua inclinaçaõ ao eſtudo ainda que divertido com outras occupaçoens, aprendendo as Linguas Orientaes de Joaõ Bautiſta Sabbatino Romano, Abraham Eſchelenſe Maronita, e Canachio Roſſio Grego inſignes Profeſſores dos idiomas Hebraico, Caldaico, Syriaco, e Arabico. Por eſtes dotes alcançou a eſtimaçaõ, e amiſade das mayores Peſſoas da Curia Romana principalmente da Santidade de Urbano VIII. a cujo Nome conſagrou cem Anagrammas engenhoſamente compoſtos. Os meſmos applauſos conciliou o ſeu talento nos Reynos de França, e Eſpanha ſendo celebrado com grandes elogios por Fr. Antonio Carneiro Monge Benedictino Abbade dos Conventos do Porto, e de S. Tyrſo, e Procurador da ſua Monaſtica Religiaõ em Roma em Elogio hum impreſſo no principio da obra dos *Anagramas*, que he elegantiſſimo, Jacob. Filippe Thomaſin. *Annal. Canon. Secul.* P. 703. e 705. Auſonio Noctinot na Dedicatoria, que lhe fez da *Summa P. Antonini Dianæ C. R.* Venetiis. 1648. e Franc. de Santa Maria *Ceo aberto na Terra* Liv. 2. cap. 40. Morreo no Convento de Santo Eloy de Lisboa a 20. de Abril de 1650. Compoz

Centum Anagrammata in Laudem S. D. N. Urbani VIII. Pontificis Optimi Maximi. Velitris apud Alphonſum de Inſula. 1644. 8.

Vida do Ven. P. Antonio da Conceiçaõ Conego Secular da Congregaçaõ do Evangeliſta, que deixou M. S. em hum Tom. grande de 4. (como eſcreve Franc. de Sant. Mar. *Chron. dos Coneg. Secul.* Liv. 2. cap. 40.) *obra igual ao ſeu engenho, e fama, e verdadeiramente digna de que por meyo da eſtampa ſe perpetuaſſe na memoria.*

Votum in gravi cauſa de Juriſdictione Metropolitana in ſuffraganeos. Impreſſo nas Deciſoens do Doutor Manoel da Fonſeca Themudo Part. 2. Deciſ. 245. à n. 12.

Parecer contra os Religioſos Dominicos querendo contra o interdicto poſto no anno de 1639. *em Lisboa pelo Colleitor Alexandre Caſtracani uzar dos ſeus privilegios, quaes eraõ, naõ ligar o interdicto nas Feſtas principaes da Igreja, e dos Santos da ſua Religiaõ.* Conſerva-ſe M. S. na Bib. que foy do Cardial de Souſa.

Praxis Penſionum exigendarum. M. S.

Commentaria ad Titulum de Electione. M. S.

Deſtas duas obras faz memoria ſeu Irmaõ Joaõ Soares de Brito in *Theatr. Luſit. Liter.* Lit. M. n. 24. affirmando eſtarem promptas para a Impreſſaõ, e ſer ſeu Author *Variarum Linguarum peritus, & in negotiis forenſibus verſatiſſimus.*

BELCHIOR DA GRAÇA natural da Villa de Barcellos na Provincia de Entre Douro, e Minho do Arcebiſpado de Braga, Conego Secular da Congregaçaõ do Evangeliſta, e hum dos celebres Theologos, e

Canoniſtas da ſua idade. No Collegio de Coimbra foy Meſtre de Theologia donde retirado ao Convento de Santo Eloy de Lisboa ſe applicou ao eſtudo do Direito Pontificio em que ſahio taõ eminente, que era conſultado nas materias mais graves, e controverſas, e chamado às Juntas onde o ſeu voto por ſer livre, e conforme aos dictames da conciencia era venerado como Oraculo. Naõ foy digno de menor eſtimaçaõ no Pulpito em cuja ſagrado miniſterio era aclamado por inſigne Orador Evangelico como ſe vio em 19. de Outubro de 1622. orando no Outavario, que na Cidade do Porto dedicou a Companhia de JESUS à Canonizaçaõ de Santo Ignacio de Loyola, e S. Franciſco Xavier. Applicou-ſe com igual diſvelo á pratica das virtudes, que á eſpeculaçaõ das ſciencias ſendo obſervantiſſimo das ſuas Conſtituiçoens, e das Ceremonias Eccleſiaſticas, afavel com os ſubditos em duas vezes, que foy Geral da Congregaçaõ, charitativo com os infermos, e continuo em todos os actos da Cõmunidade. Regeitou com profunda humildade o Biſpado do Funchal offerecido pela Mageſtade de Filippe IV. Morreo no Convento de Lisboa a 2. de Agoſto de 1646. com 80. annos de idade. Jaz ſepultado no Clauſtro com eſtas letras iniciaes gravadas na campa. B. D. G.

De Pœnitentia Tractatus. M. S. fol. *Obra doutiſſima* (ſaõ palavras de Franc. de S. M. *Chron. dos Coneg. Secul.* Liv. 2. cap. 39.) *e muito eſtimado de grandes Moraliſtas, que a viraõ. He laſtima, que naõ ſe perpetue por meyo da Imprenſa.*

Conſultas Moraes, e Canonicas. M. S. fol. Eſtavaõ promptas para a Impreſſaõ como diz Joaõ Franco Barreto na *Bib. Portug.* M. S.

BELCHIOR LOPES DE SOUSA natural de Villa-Nova de Portimaõ no Reyno do Algarve, Licenciado na Faculdade dos Sagrados Canones, e Beneficiado na Igreja de Santa Maria de Beja. Teve grande genio para a Poeſia compondo em a materna, Latina, e Italiana muitos verſos, que chegaraõ a fazer volumes como afirma Joaõ Franco Barreto na *Bib. Portug.* M. S. de cuja fecunda veya ſómente ſe fez publico na grande Obra do *Acta Sanctorum* Tom. 4. *Menſis Maij* pag. 291.

Poema de vita B. Felicis Capuccini.

Conſta de mais de quinhentos verſos, que a ſua devoçaõ conſagrou a S. Felix de Cantalicio immortal gloria da auſtera Reforma dos Capuchinhos, o qual morreo em Roma em 18. de Mayo de 1587. ſendo pelas ſuas heroicas virtudes Beatificado por Urbano VIII. no anno de 1625. e Canonizado por Clemente XI. a 22. de Mayo de 1712. Começa o Poema.

Felicem in terris, felicemque in æthere vitam
Felicis referam. Tu qui ſplendentia Cæli
Tecta colis mecum ipſe tuas ediſſere Laudes.

BELCHIOR LOUREYRO natural da Cidade de Beja da Provincia do Alentejo, Profeſſor de Direito Civil, inſigne Patrono de Cauzas Forenſes, e profundo inveſtigador de Subtilezas juridicas. Morreo na Patria em o anno de 1665. Compoz.

Gloſſa ſobre as Remiçoens de Barboſa, e à Ordenaçaõ com todas as ampliaçoens, e Limitaçoens que há ſobre a Ordenaçaõ, como ſobre o que eſcreveo o meſmo Barboſa. M. S. fol. Conſervava eſta obra com grande eſtimaçaõ Diogo Lopes Craſto inſigne Advogado neſta Corte.

BELCHIOR DE MORAES natural de Tavira no Reyno do Algarve muito ſciente, e experimentado em a Nautica pelas repitidas vezes que exercitou o Officio de Piloto em a dilatada carreira da India, o qual dezejando que foſſe mais facil aos profeſſores deſta Arte eſcreveo.

Roteiro de Portugal para a India, e da India para Portugal em a Náo de Santo Antonio Nebry aos 3. de Agoſto de 1576. cujo Original conſerva meu Irmaõ D. Jozé Barboſa na ſua ſelecta Livraria.

BELCHIOR DE MORAES DE MESQUITA Naceo na Villa de Caſtro Vicente Comarca da Torre de Moncorvo do Arcebiſpado de Braga a 8. de Junho de 1692. ſendo filho de Nicoláo de Meſquita, e Sá, e de Luiza de Moraes Pinto. Eſtudou em a Univerſidade de Coimbra os Sagrados Canones em cuja faculdade ſe formou a 22. de Julho de 1722. Com igual ſciencia que integridade exercita o Officio de Advogado em a Villa de Frexo de Eſpada-cinta, e jun-

tamente o de Sindico da Camara, e Procurador Fiſcal. Entre as continuas ocupaçoens deſtes miniſterios querendo aproveitar algumas horas vagas compoz em beneficio dos eſpiritos devotos.

Paſto da Alma no amargoſo banquete da Payxaõ de Chriſto noſſo Salvador dividido em quinze pratos glozados com ſeus reflexos mentaes. Vida Chriſtãa ou practica facil de aproveitar com meyos, e verdades fundamentaes contra ignorancias, ou deſcuidos comuns traduzido do Caſtelhano do P. Jeronimo Dutari da Companhia de Jeſus. Devoçaõ do nome Santiſſimo de Maria para todos os dias do anno. Exorciſmos contra mordeduras venenoſas, Lombrigas, e outros bichos, maleficios, peſte, e tempeſtades. M. S. 4. Entre eſtes tratados eſtaõ muitos Romances, e outros verſos devotos que ſaõ obra do Traductor.

P. BELCHIOR NUNES BARRETO Naceo na Cidade do Porto em o anno de 1520. de Pays taõ illuſtres no ſangue como na virtude chamados Fernaõ Nunes Barreto Senhor dos Coutos de Freriz, e Penagate e D. Izabel Ferraz, Tio paterno de D. Jeronimo Barreto Biſpo do Funchal, e do Algarve. Ao tempo que com grande eſplendor do ſeu talento tinha conſummado o tempo que as Leys academicas preſcrevem para receber o gráo de Doutor na Faculdade dos Sagrados Canones antepondo a humildade Religioſa ao applauzo litterario pedio a roupeta da Companhia de JESUS ao P. Simaõ Rodrigues o qual lhe inſinuou que antes de conſeguir a ſua pertençaõ recebeſſe as inſignias doutoraes, a cuja inſinuaçaõ obedecendo como ſe foſſe preceito ſe graduou com grande ſolemnidade no fim do qual foy admitido à Companhia a 11. de Março de 1543. quando contava 23. de idade. Logo que nella ſe vio aliſtado parecendo-lhe pequena esfera para o ſeu agigantado eſpirito o Reyno de Portugal ſuplicou com repetidas inſtancias aos Superiores, que o mandaſſem à India para onde partio no anno de 1551. embarcado em a Náo Eſperança, de que era Capitaõ Diogo Lopes de Souſa Tavares. Com ſingulares demoſtraçoens de affecto foy recebido em Goa por S. Franciſco Xavier que conhecendo a grande prudencia de que era ornado o nomeou em Fevereiro de 1552. Superior da Reſidencia de Baçaim onde converteu Gentios, reformou Chriſtaõs, e expulſou hereges que com praça de artilheiros paſſavaõ das Partes Septentrionaes àquellas Regioens para ſemear o peſtifero veneno dos ſeus erros. Por morte do V. P. Gaſpar Barzeo foy eleito Provincial da India em o anno de 1553. cujo cargo o obrigou voltar a Goa donde paſſou ao Japaõ levando em ſua companhia ao celebre viageiro Fernaõ Mendes Pinto. Toleradas conſtantemente varias tempeſtades aportou a Malaca a 5. de Junho de 1554. e depois de obrar acçoens dignas do ſeu apoſtolico zelo entrou em Cantaõ metropole de huma das Provincias da China ſendo o primeiro Operario evangelico que promulgou a Fé de Chriſto em taõ dilatado Imperio. Vizitou cõ grande utilidade dos Neofitos as Igrejas das Coſtas de Travancor, Peſcaria, e Choromandel. Aſſiſtido de quarenta Portuguezes precioſamente veſtidos deo huma ſolemne Embaxada a elRey de Bungo que já tinha recebido outra ſemelhante do grande Xavier, para que profeſſaſſe publicamente a Ley Chriſtãa, e poſto que foy tratado benevolamente por eſte Principe receoſo dos animos de ſeus Vaſſalos naõ ſe rezolveo a aceitar a propoſta do Evangelico Embaxador. Convenceo em publica diſputa a Mar Jozé Biſpo Neſtoriano que pelas Serras do Malabar andava ſemeando a pernicioſa, e falſa doutrina dos ſeus ſciſmaticos dogmas obrigando-o a abjurar ſolemnemente por eſcrito na Sé de Cochim os erros que profeſſava. Cheyo de acçoens virtuoſas obradas em tantas peregrinaçoens apoſtolicas partio em Goa a receber o premio preparado aos Juſtos em 10. de Agoſto de 1571. com 51. annos de idade, e 28. de Religiaõ, cuja memoria he celebrada pelas penas dos mais celebres eſcritores Jeſuitas, como ſaõ Orland. *Hiſt. Societ.* Tom. 1. lib. 15. n. 154. lib. 4. n. 56. lib. 11. n. 82. lib. 12. n. 85. lib. 13. n. 79. lib. 14. n. 130. Tom. 2. lib. 1. n. 558. & lib. 2. n. 172. Tellez *Chron. da Comp. de Jeſ. na Prov. de Portug.* Part. 1. liv. 3. cap. 21. Nadaſ. *Ann. Dier. Mem. S. J.* Part. 2. pag. 92. Girardi *Diario* Part. 3. a 10. de Agoſt. Godinh. *de Rebus Abyſſin.* lib. 2. cap. 2. *Bib. Societ.* pag. 609. col. 1. Souſa *Orient. Conquiſt.* Part. 1. Conq. 1.

Diviſ. 1. §. 60. Divis. 2. §. 7. 8. e 32. Conq. 3. Divis. 2. §. 4. Conq. 4. Divis. 2. §. 10. 11. até 15. Part. 2. Conq. 1. Divis. 1. §. 41. atè 44. Franco *Imag. da Virt. em o Nov. de Coimb.* Tom. 1. Liv. 2. cap. 49. até 59. e no *Ann. Glorioſ. S. J. in Luſit.* pag. 458. Craſſet *Hiſt. del' Eglis. du Japon.* Tom. 1. liv. 3. §. 35. pag. 188. e Charlevoix *Hiſt. del' Etablis. e Decad. du Chriſt. dans l'Empire du Japon.* Tom. 1. pag. 148. 152. 154. e 158 e *Hiſt. du Japon.* Tom. 1. p, 238. 240. 244. e 245. Pinto *Hiſt. da ſua Peregrin.* cap. 219. e 225. Ant. de Leon. *Bib. Orient.* Tit. 7. e 8. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. M. n. 25. dizendo *Fuit vir æque pius, ac doctus.* As cartas em que relatou os ſucceſſos das ſuas peregrinaçoens apoſtolicas ſaõ as ſeguintes expoſtas por ordem Chronologica.

Carta eſcrita de Goa a 9. de Dezembro de 1551. em que relata a ſua Viagem. M. S. Conſerva-ſe na Caſa profeſſa de S. Roque.

Carta eſcrita de Baçaim a 7. de Dezembro de 1552. aos PP. de Portugal. M. S. Conſerva-ſe na meſma Caſa.

Carta eſcrita de Goa no anno de 1554. a Santo Ignacio em que relata a morte de S. Franciſco Xavier, e ſeu enterro. Sahio vertida em Latim in *Epiſt. Japanicis.* Lovanij apud Rutgerum Velpium 1570. 12. a pag. 86. até 102. e em Italiano Roma por Antonio Bladio. 1556. e Venetia por Michele Tramezzino 1565. 8. no livro intitulado *Diverſi Aviſi dall'Indie de Portugallo.* Part. 3. fol. 161.

Carta eſcrita de Malaca a 3. de Dezembro de 1554. Começa *O Mayo paſſado deſte anno de 1554.* Evora por Manoel de Lyra. 1598. fol. Part. 1. a fol. 30. v.º. Vertida em Caſtelhano pelo P. Cypriano Suar. Coimbra por Joaõ Barrer. e Joaõ Alvares 1567. a pag. 71. e no livr. intitulad. *Copia de las Cart. que los PP. de la Compan. eſcrevier.* Alcalá per Juan Iniguez de Lequerica 1575. 4. a fol. 61. vertida na lingua Latina pelo P. Manoel da Coſta in *Rer. a S. J. in Ind. Geſt.* Colon. apud Gervinum Calenium 1574. 8. à pag. 188. até 190. & Delingæ apud Sebaldum Mayer 1571. 8. a fol. 87. até 94. e em Italiano com outras Venetia apreſſo Michaele Tramezzino. 1559. 8.

Carta eſcrita de Macao em 23. de Novembro de 1555. aos Irmaõs da India, Portugal, e Roma. Começa. *O anno paſſado de 1554.* Evora por Manoel de Lyra 1598. fol. Part. 1. a fol. 32. v.º. da qual traz grande parte o P. Antonio Franco na *Imag. da Virtude do Colleg. de Coimb.* Tom. 1. pag. 366. até 374. Traduzida em Latim in *Epiſ. tol. Japanic.* Lovanij apud Rutgerum Velpium 1569. 8. p. 131. até 159. & ibi per eumd. Typ. 1570. 8. pag. 127. até 144. em Caſtelhano. Alcalá por Juan Iniguez de Lequerica. 1575. 4. fol. 63. v.º. e em Italiano Venetia preſſo Michaele Tramezzino. 1565. 8. a pag. 263. v.º.

Carta eſcrita de Macao a 21. de Novembro de 1555. aos Padres de Goa. Conſta de nove paginas, e ſe conſerva no archivo da Caſa profeſſa de Lisboa. Sahio vertida em Caſtelhano pelo P. Cypriano Suar. Coimbra por Joaõ Alvares, e Joaõ Barreira 1565. 4. pag. 123.

Carta eſcrita a 13. de Janeiro de 1558. ao Geral com a informaçaõ de China, e Japaõ para receber a Fé. Traduzido em Caſtelhano pelo dito P. Cypriano Coimbra por Joaõ Barreira 1565 4. pag. 187. e em Italiano Venetia preſſo Tramezino. 1559. 8.

Carta eſcrita de Cochim a 10. de Janeiro aos Irmaõs da Companhia de JESUS de Portugal. Começa. *No anno de 1555. lhes eſcrevi.* Evora por Manoel de Lyra 1598. Part. 1. a fol. 47. até 51. da qual traz grande parte impreſſa o P. Franco *Imag. da Virtud. do Novic. de Coimb.* Tom. 1. liv. 2. cap. 57. e 58. Traduzida em Latim pelo P. Maffeo *Select. Epiſt. ex Ind. lib.* 1. e por o P. Manoel da Coſta in *Rer. à S. J. Geſtar.* Coloniæ apud Gervinum Calenium 1574. 8. a pag. 247. até 252 e em Caſtelhano. Alcalá por Juan Iniguez de Lequerica 1575. 4. fol. 76.

Carta eſcrita de Cochim a 16. de Agoſto de 1558. aos Padres de Goa. M. S. Conſerva-ſe na Caſa profeſſa de S. Roque.

Carta eſcrita de Cochim a 25. de Fevereiro de 1559. aos PP. de Portugal. Impreſſa, em a *Imagem da Virtude do Nov. do Colleg. de Coimb.* Tom. 1. liv. 2. pag. 58.

Carta eſcrita de Cochim a 25. de Fevereiro de 1559. ao Geral M. S. Conſerva-ſe na Caſa profeſſa de S. Roque.

Carta eſcrita de Cochim a 31. de Dezembro de 1561. aos PP. de Portugal. Sahio na *Imag. da Virt. do Nov. de Coimb.*

Tom. 1. liv. 2. pag. 59. Traduzida em Latim Lovanij apud Rutgerum Velpium 1569. 8. in *Epiſt. Japon.* Part. 2. pag. 123. & ibi apud eumdem 1570. 8. pag. 261. e em Italiano em o livro *Diverſi Aviſi dall' Indie di Portugallo Part.* 4. fol. 225. Venetia preſſo Michele Tramezzino 1565. 8.

Carta eſcrita de Cochim a 20. *de Fevereiro de* 1564. *a ſuas Irmaãs Religioſas em que lhes dà noticia da morte de ſeu Irmaõ o Patriarcha D. Joaõ Nunes Barreto. M. S.* Conſervaſe na Caſa profeſſa de S. Roque.

Carta eſcrita de Cochim a 20. *de Fevereiro de* 1566. *ao P. Leaõ Henriquez. M. S.*

Carta eſcrita de Coulaõ a 20. *de Janeiro de* 1567. *ao meſmo P. M. S.*

Carta eſcrita de Goa a 26. *de Novembro de* 1567. Conſta de 7. paginas. *M. S.* Eſtas duas cartas ſe guardaõ no Archivo da Caſa profeſſa de Lisboa. De algumas deſtas Cartas faz mençaõ o moderno addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ Tom. 1. Titul. 6. col. 96. e Tit. 8. col. 177.

Vida compendioſa do Illuſtriſſimo Patriarcha da Etiopia D. Joaõ Nunes Barreto ſeu Irmaõ, cujo Original ſe conſerva no Collegio de Evora como eſcreve o P. Franco *Imag. da Virtud. do Noviciad. de Coimb.* Tom. 1. liv. 2. cap. 7. n. 15.

BELCHIOR DA PIEDADE Conego Secular da Congregaçaõ do Evangeliſta Lente de Theologia, e Prégador inſigne do ſeu tempo, e naõ inferior Poeta vulgar, e Latino. Publicou.

Sermaõ de Santo Thomaz de Aquino prégado na Sé de Braga. Coimbra por Thomé Carvalho Impreſſor da Univerſidade 1655. 4. *De quem temos* (falla delle Franciſco de Santa Maria *Chron. dos Coneg. Sec.* liv. 2. cap. 40. pag. 529.) *alguns Sermoens impreſſos, e o mereciaõ ſer todos.* Naõ chegou à noſſa noticia mais que o Sermaõ que vay aſſima poſto.

BELCHIOR DE PINNA DA FONSECA natural da Cidade da Guarda Prior da Igreja de N. Senhora da Aſſumpçaõ de Vinhó do Biſpado de Coimbra, Notario Apoſtolico, e Secretario do Synodo que celebrou o Illuſtriſſimo Biſpo da Guarda D. Franciſco de Caſtro a 20. de Novembro de 1621. Igualmente foy douto nos Sagrados Canones, como nas Antiguidades da ſua Patria eſcrevendo.

Chronologia dos Biſpos da Guarda. M. S. 4.

Hiſtoria de todas as Imagens milagroſas do Biſpado da Guarda. fol. M. S.

BELCHIOR DO REGO DE ANDRADE natural de Villa-viçoſa em a Provincia Tranſtagana filho de Ignacio do Rego de Andrade Moço da Guardaroupa do Sereniſſimo Duque de Bragança D. Theodoſio II. e D. Innocencia Cacella filha de Belchior Mendez Cacella Moço da Guardaroupa do Sereniſſimo Duque de Bragança D. Joaõ o I. Eſtudadas na Patria as letras humanas paſſou a Coimbra para ſe applicar à ſciencia dos Sagrados Canones, na qual tanto ſe diſtinguio entre os ſeus Condiſcipulos que recebido o gráo de Doutor a exercitou com ſumma inteireza em os honorificos lugares de Dezembargador dos Aggravos na Caſa da Supplicaçaõ de que tomou poſſe a 15. de Outubro de 1661. de Chanceller da meſma Caſa a 14. de Junho de 1668. e ultimamente de Dezembargador do Paço. Ordenado de Presbytero foy por muitos annos Conego da inſigne Collegiada da Villa de Barcellos donde foy promovido para Prior da Parochial Igreja de Saõ-Tiago deſta Corte moſtrando que o ſeu talento era igual para a deciſaõ das Cauzas, como para o paſto das ovelhas. A grave prudencia acompanhada do profundo eſtudo de ambos os Direitos o habilitaraõ para Secretario da Rainha D. Luiza Franciſca de Guſmaõ, cujo miniſterio exercitou ſucceſſivamente com geral approvaçaõ nos reynados das Sereniſſimas Senhoras D. Maria Franciſca Izabel de Saboya, e D. Maria Sofia Izabel de Neoburg. Foy muito eſtudioſo da Hiſtoria Sagrada, e profana principalmente na inveſtigaçaõ das Antiguidades do noſſo Reyno de que deixou à poſteridade doutiſſimos monumentos. Morreo em Lisboa a 14. de Março de 1690. em idade muito provecta. Jàz ſepultado na Capella Mòr da Igreja de que foy Prior. Eſcreveo.

Antiguidades de Villa-viçoſa ſua Patria que por humildade naõ quiz imprimir como diz Jorge Cardozo *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 593. no Comment. de 8. de Junho letr. G. fazendo ſegunda mençaõ deſta obra no Tom. 2. pag. 320. no Comment. de 26. de Março letr. G.

Antiguidades da Villa de Barcellos. M. S. Saõ allegadas pelo meſmo Cardozo *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 59. no Comment. de 3. de Mayo. letr. D.

Tratado da Antiguidade da Villa de Ourem, e ſuas grandezas. M. S. de que faz memoria Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 2. p. 90. no Comment. de 7. de Março letr. G.

Vida, e milagres da B. Tareja filha delRey D. Affonſo Henriques. M. S. como afirma Ant. Carvalho da Coſta. *Corog. Portug.* Tom. 3. Trat. 5. cap. 1. pag. 230.

Alèm dos Authores allegados fazem memoria deſte Author Nicol. Anton. *Bib. Hiſp.* Tom. 2. pag. 100. col. 1. *Cataſtroph. de Portug.* pag. 79. e Joaõ Franco Barreto. *Bib. Portug.* M. S.

Fr. BELCHIOR DOS REYS Religioſo profeſſo da Serafica Provincia de S. Thomé da India Oriental para onde partio deſte Reyno onde nacera. Foy bom letrado principalmente na Theologia Moral de que deixou hum eterno teſtemunho na obra ſeguinte.

Reſoluçoens Moraes miſcellaneas pertencentes às Miſſoens. M. S. fol.

Fr. BELCHIOR DOS REYS Monge Ciſtercienſe do Real Convento de Alcobaça cabeça da illuſtre Congregaçaõ deſte Reyno. Sendo muito applicado aos eſtudos eſcholaſticos o naõ era menos à liçaõ da Genealogia eſcrevendo com eſtilo claro, e ſincero.

Familia dos Lucenas. M. S.

BELCHIOR DA SYLVA Sacerdote Bramane, e Vigario da Igreja de Santa Anna da Cidade de Goa que adminiſtrou muitos annos com louvavel procedimento, ſendo intitulado *Homem douto, e de grande virtude* pelo P. Balthezar Tellez *Hiſt. da Etiop. Alt.* lib. 3. cap. 11. *Prégador, e bom Theologo de bom exemplo, e vida* por Fr. Antonio de Gouvea *Jornad. do Arc. D. Fr. Aleix. de Men.* liv. 1. cap. 8. *e inſigni Sacerdos pietate* pelo P. Nicoláo Godinho *de Rebus Abyſſin.* lib. 3. cap. 16. onde com manifeſta equivocaçaõ lhe chama em diverſas partes Miguel. Dezejando com zelo paſtoral o Illuſtriſſimo Primaz do Oriente introduzir Sacerdotes na Etiopia para que em taõ vaſto imperio adminiſtraſſem os Sacramentos, o nomeou para taõ grande empreza conhecendo da integridade dos ſeus coſtumes a dezempenharia com toda a ſatisfaçaõ. Partio no anno de 1598. disfarçado em trages de Guzarate para naõ ſer conhecido dos Mouros que com ſumma vigilancia impediaõ eſta introducçaõ, e chegando a Dio paſſou á Cidade de Daleca donde entrou no Preſte Joaõ, e nelle foy recebido com inexplicavel jubilo pelos Chriſtaõs por ter paſſado quarenta annos que naõ tinhaõ Sacerdote que lhes miniſtraſſe os Sacramentos reduzindo a muitos que tinhaõ abraçado os ſciſmaticos dogmas de Alexandria em cujos apoſtolicos miniſterios trabalhou pelo eſpaço de ſeis annos, e *em todo eſte tempo* (ſaõ palavras do P. Telles no lugar aſſima citado) *procedeo com muito bom exemplo tendo muito cuidado de acudir às almas dos Portuguezes, e Catholicos, e para lhes adminiſtrar os Sacramentos andou continuamente em largos, e muy trabalhoſos caminhos por eſtarem os Portuguezes muy remontados, e eſpalhados em varios Reynos deſte Imperio.* Compoz.

Cathalogo dos Emperadores da Etiopia. M. S.

BELCHIOR DE TEYVE natural da Cidade do Funchal Capital da Ilha da Madeira filho ultimo de Gaſpar de Teyve, e ſua ſegunda mulher D. Anna de Brito naturaes da meſma Ilha. Foy Lente de Direito Civil na celebre Univerſidade de Salamanca pelo largo eſpaço de vinte, e ſeis annos de cuja diſciplina ſahiraõ inſignes Letrados. Depois de ſer ſuperintendente da Fazenda Real nos Reynos de Caſtella em o anno de 1607. e occupado lugares honorificos foy do Conſelho de Filippe III. e hum dos quatro Ouvidores da ſua Camara. Applicou-ſe com grande curioſidade ao eſtudo da Genealogia, em que eſcreveo largamente, ſendo a principal obra.

Genealogia da Caſa de Lerma. M. S.

Da qual faz eſpecial memoria D. Luiz Salazar, e Caſtro na *Hiſt. deſta Caſa* Tom. 3. pag. 491. e Henrique Henriquez de Noronha nas *Mem. Secul. e Eccleſ. da Dioceſ. do Funchal* M. S. Tit. 12. cap. 3. cujo Original tivemos em noſſo poder.

BENTO DE ARAUJO LEAL Presbytero do Habito de S. Pedro, e Meſtre de

Grammatica neſta Corte o qual para facilitar aos ſeus diſcipulos os preceitos da lingua Latina, eſcreveo.

Miſcellanea Grammatical na qual ſe explicaõ as partes da Oraçaõ com todas as ſuas etymologias, e circunſtancias para perfeita intelligencia da lingua Latina. Lisboa por Pedro Ferreira Impreſſor da Sereniſſima Rainha 1734. 8.

Fr. BENTO DA ASCENÇAM natural da Villa da Arrifana de Souſa do Biſpado do Porto onde em a Matriz de S. Martinho foy bautizado a 23. de Agoſto de 1675. Foraõ ſeus Pays Diogo de Almeyda, e Catherina de Lemos peſſoas nobres, e virtuoſas. Na idade de 18. annos elegeu entre todas as Religioens a de S. Bento cuja Monaſtica Cogulla veſtio no Convento de Tibaens a 24. de Mayo de 1693. Tal foy o progreſſo que fez nos eſtudos Theologicos que foy admitido em a Univerſidade de Coimbra ao numero dos Doutores de taõ alta Faculdade. Duas vezes foy Abbade do Convento de Pombeiro, a primeira no anno de 1719. e a 2. no de 1724. Viſitou a ſua Congregaçaõ com igual prudencia, que integridade. Morreo a 14. de Janeiro de 1728. com 53. annos de idade, e 36. de Religiaõ. Compoz.

Vida, e Martyrio da inſigne Virgem, e Martyr prodigioſa Santa Quiteria Sereniſſima Infanta de Portugal no monte de Pombeiro Interamnenſe Lisboa na Officina Ferreiriana. 1722. 8.

Novena da inſigne, e glorioſa Virgem Santa Quiteria Sereniſſima Infanta, e Prothomartir de Portugal no monte de Pombeiro Interamnenſe, ou em outro qualquer lugar, que o ſeu devoto a quizer fazer. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva. 1727. 8.

Entre os illuſtres filhos que produzio a ſua Patria he numerado por Antonio Carvalho da Coſta *Corog. Portug.* Tom. 1. Trat. 6. cap. 10. pag. 385.

Fr. BENTO DE S. BERNARDO. Naceo na Villa de Caſtro Dayro do Biſpado de Lamego a 13. de Mayo de 1621. e teve por Pays a Franciſco Pinto da Motta, e D. Guiomar Machado de Vaſconcellos de igual nobreza, e piedade, e por Irmaõ gemeo a Fr. Balthezar Pinto Monge Bento de quem fizemos já memoria. Quando contava a idade de 20. annos recebeo o habito Monachal da Sagrada Ordem de Ciſter no Convento de Santa Maria de Salcedas a 4. de Outubro de 1641. Depois de eſtudar as ſciencias proprias do eſtado Religioſo exercitou com geral aclamaçaõ diverſos Lugares, como foraõ Preſidente in Capite em o anno de 1663. Confeſſor das Religioſas do Convento de N. Senhora da Piedade de Tavira em 1666. Secretario do Geral Fr. Sebaſtiaõ de Sottomayor em 1675. e Abbade Reytor do Collegio de Coimbra em 1678. e Abbade do Convẽto de Salcedas em 1684. Em tantas, e taõ varias ocupaçoens nunca deixou de ſervir a ſua Religiaõ eſcrevendo para beneficio della as obras ſeguintes.

Collectaneo eſcrito em pergaminho pelo qual ſe Capitula no Choro do Convento de Salcedas; o qual fez ſendo Noviço neſta Caſa.

Fundaçaõ do Convento de S. Bernardo de Tavira, e da vida das ſuas Preladas, e de algumas advertencias ſobre o exercicio dos Confeſſores do dito Convento M. S.

Summario do Cartorio do Real Moſteiro de Alcobaça em o anno de 1672. ſendo Carturario delle. M. S.

Formulario de varias Cartas, Alvaras, e Proviſoens com advertencias ſobre as ditas formas cuja expediçaõ pertence ao Cartorio de Alcobaça, em o anno de 1674. M. S. 4.

Todos eſtes Livros ſe conſervaõ no Archivo do Real Convento de Alcobaça letra A.

Reformou o Breviario da Ordem, e ſahio com eſte titulo.

Breviarium Ciſtercienſe ad uſum Congregationis D. Bernardi Portugalliæ. Antuerpiæ Sumptibus Joannis à Coſta, et Didaci Soares Bibliopolarum Ulyſſiponenſium. 1677. 4.

Summario do Cartorio do Real Collegio de Coimbra de S. Bernardo no anno de 1680. M. S.

Sendo Bibliothecario do Real Convento de Alcobaça collocou todos os livros por hum numero geral fazendo hum Cathalogo dos Authores com o titulo do Livro, e a materia de que trata, ao qual intitulou.

Radius Bibliothecæ regalis Archicænobij Alcobacienſis ex quo bis duodecim radiant radioli breviter, ac ſubtiliter radiati a Fratre Anonymo anno Domini 1684. fol. *M. S.*

Compoz outro volume deſte meſmo aſſumpto com 24. Alfabetos intitulado.

Radiolus radiolorum radij Bibliothecæ regalis Archicænobij Alcobacienſis irradiatus à Fr. Anonymo anno Domini. 1684.

De oratoriis, Eremitis, ſeu Capellis Monachorum, et eorum exceptione. fol. *M. S.* em 1687. Foy approvada eſta obra por todos os Doutores da Univerſidade.

Indulta Apoſtolica pro Regali Alcobacienſi Monaſterio, & ejuſdem Congregatione. Fez eſta colleçaõ no anno de 1688. e eſtava prompta para a impreſſaõ.

Fr. BENTO CALDEIRA. Foy muito inſtruido nas letras humanas, e principalmente nos preceitos da Arte Poetica. Deixando a Patria ſe recolheu à Religiaõ dos Erimitas de Santo Agoſtinho profeſſando o ſeu Inſtituto no Real Convento de S. Filippe de Madrid. Pela grande aſſiſtencia que fez em Caſtella ſoube com ſumma perfeiçaõ a lingua Caſtelhana em a qual traduzio.

Las Luſiadas de Luiz de Camoens. Alcala 1580. 4. Do Author, e da Obra fazem mençaõ Ant. de Leaõ *Bib. Orient.* Tit. 2. pag. 8. Nicol. Ant. *Bib. Hiſpan.* Tom. 1. pag. 164. col. 1. Manoel de Faria, e Souſa *Vida de Camoens* impreſſa no principio *do Coment. às Rimas* deſte grande Poeta §. 39. e o P. Antonio dos Reys no *Enthuſiaſ. Poetic.* n. 151.

BENTO CARDOSO OSORIO. Naceo em a Freguezia de S. Joaõ da Fóz no Conſelho da Maya do Biſpado do Porto donde paſſados os annos da puericia em que deſcubrio grande viveza de engenho o mandou ſeu Pay Paſchoal Rodrigues Oſorio eſtudar a Coimbra em cuja Univerſidade fez tantos progreſſos a ſua rara comprehenſaõ que recebeo o gráo de Bacharel em hum, e outro Direito com univerſal applauſo de todos os Cathedraticos. Voltando para a patria com grande opiniaõ de Letrado occupou os lugares de Promotor, e Procurador da Mitra do Porto, e Vigario Geral de Villa-Real com tanta integridade, e obſervancia da juſtiça que paſſou a Procurador da Mitra Primacial de Braga, Dezembargador da ſua Relaçaõ, Syndicante dos ſeus Coutos, e Juiz do Tribunal da Legacia. Por cauſa de graves dependencias da Mitra Bracharenſe foy obrigado a vir à Corte, onde conhecendo a Mageſtade delRey D. Joaõ o IV. a ſua grande capacidade o nomeou em 22. de Outubro de 1647. Procurador Geral da Sereniſſima Caſa de Bragança, occupaçaõ que tinha exercitado os Dezembargadores André Cardoſo Coutinho, e Antonio de Souſa Tavares a qual exercitou pelo largo eſpaço de dezaſeis annos até o fim de Fevereiro de 1663. com tanto zelo, e credito das ſuas letras que alcançou quarenta, e huma ſentenças a favor deſta Sereniſſima Caſa contra partes muito reſpeitadas pela nobreza de ſeus nacimentos, ſendo elle o que unicamente allegava em taõ diverſas cauſas ou foſſem Seculares, ou Eccleſiaſticas. A Rainha D. Franciſca Luiza de Guſmaõ como Regente deſta Monarchia o elegeo a 15. de Setembro de 1657. Procurador de ſua filha a Sereniſſima Senhora D. Catherina, cuja eleiçaõ o empenhou a triumfar da forte opoſiçaõ que Gaſpar de Abreu, e Luiz de Mello fizeraõ ao Paul de Magos de que era a dita Senhora Donataria. Falleceo em o anno de 1665. ſem Teſtamento deixando huma filha unica chamada D. Maria Antonio de Sages Oſorio, que teve de ſua mulher D. Anna Monteira de Sages as quaes como deſcendentes de nobres progenitores lhes paſſou ElRey D. Affonſo VI. hum Alvara em 29. de Outubro de 1665. para ſerem Religioſas no Convento de N. Senhora da Encarnaçaõ da Ordem de S. Bento de Aviz, ſituado neſta Corte. Compoz muitas, e douti ſſimas obras em Direito Civil, e Canonico, das quaes ſahio poſthuma a ſeguinte.

Praxis de Patronatu Regio, et Sæculari. Opus plane neceſſarium Judicibus Coronæ ad ſimiles cauſas Patronatus Regij, et Sæcularis decidendas. Summorum Pontificum decretis, Sacræ Rotæ Deciſionibus, et communi Doctorum authoritate fulcitum, pluribus Judicij Coronæ Regni Portugalliæ ſententiis roboratum. Ulyſſipone apud Jozephum Antonium da Sylva Typ. Reg. 1726. fol.

BENTO DE CASTRO poſto que nacido na Cidade de Hamburgo filho de Rodrigo de Caſtro noſſo Portuguez, e inſigne Medico de quem ſe farà memoria em ſeu lugar. Applicouſe ao eſtudo deſta Faculdade, e ſahio nella taõ eminente que ſe naõ diſtin-

guia do Pay herdando com a natureza a ſciencia medica com que na ſua Patria triumfava das infermidades mais perigoſas de tal ſorte que a Rainha de Suecia Chriſtina Alexandra aquella famoſa Heroina do Seculo paſſado o elegeu para ſeu Medico chamado *excellentiſſimo, e eruditiſſimo* pela penna de Zacuto Luſitano in *Prax. Med.* Obſerv. 83. e 86. naõ lhe dando menores elogios Baſnage *Hiſt. des Juifs.* liv. 7. cap. 31. e Wolf. *Bib. Hebræa* pag. 1015. n. 1910. Morreo na ſua Patria no anno de 1684. Compoz.

Monomachia, ſive certamen Medicorum circa Venæ Sectionem. Amburgi apud Jacobum Rebenlinum. 1647. 4.

Com o ſuppoſto nome de Philotheo Caſtello publicou huma Apologia pela ſciencia dos Medicos Portuguezes com eſte titulo.

Flagellum calumniantium, ſeu apologia in qua Anonymi cujuſdam calumniæ refutantur; ejuſdem mentiendi libido detegitur: clariſſimorum Luſitanorum Medicorum legitima methodus commendatur, & Empyricorum inſcitia, et temeritas tamquam perniciosa reipublicæ damnatur. Amſtelodami. 1681. 8.

Fr. BENTO DA CRUZ. Naceo na auguſta Cidade de Braga, ſendo filho de Domingos Gonçalves, e Maria Fernandes, e em a de Lisboa profeſſou o monaſtico Inſtituto do Principe dos Patriarchas S. Bento a 3. de Mayo de 1592. Depois de lér aos ſeus domeſticos a Sagrada Theologia recebeu neſta faculdade o gráo de Doutor em a Univerſidade de Coimbra. Foy Abbade do Collegio deſta Cidade em o anno de 1626. e do Convento deſta Corte em 1632. Naõ tinha menor talento para as ſciencias amenas, que para as ſeveras ſendo muito douto aſſim na lingua latina como no artificio Oratorio de que foy teſtemunha toda a Academia Conimbricenſe quando orou em applauſo da Canonizaçaõ da Rainha Santa Izabel principiando.

Solent, quæ mediis caliginoſæ noctis tenebris aſtra &c.

Sahio impreſſa eſta Oraçaõ no livro intitulado *Sanctiſſimæ Reginæ Eliſabethæ poeticum certamen.* Conimbricæ Typis Didaci Gomes do Loureiro Acad. Typ. 1626. 4.

Morreo no Moſteiro de Rendufe a 5. de Agoſto de 1639.

Fr. BENTO DA CRUZ ſemelhante ao precedente aſſim em o nome, como na profiſſaõ religioſa. Naceo na Villa de Arrifana de Souſa do Biſpado do Porto. Recebeo o Habito Benedictino no Convento de Pernambuco, e exercitou com grande madureza os lugares que occupou na Religiaõ, ou foſſe ſendo Abbade dos Conventos do Rio de Janeiro, e Pernambuco nos annos de 1647. e 1656. ou de Definidor no anno de 1659. Com zeloſa fidelidade contribuyo para a expulſaõ dos Olandezes que injuſtamente dominavaõ as praças da America. Foy Prégador de nome, cuja evangelica vòz ſe ouvio com geral applauſo no Braſil, Indias de Caſtella, Porto, e Lisboa deixando para argumento do genio que tinha para o Pulpito.

Sermaõ do invictiſſimo Martyr S. Sebaſtiaõ Padroeiro do Convento de S. Bento da Bahia prégado no meſmo Convento prezente a Camara da dita Cidade, e com Miſſa nova. Lisboa por Paulo Crasbeeck. 1646. 4.

BENTO FERNANDES natural do Porto onde exercitou a mercancia, ſendo hum dos mais celebres Arithmeticos do ſeu tempo compondo, e dedicando ao Sereniſſimo Infante D. Luiz.

Arte de Arithmetica. Porto 1555. fol.

P. BENTO FERNANDES. Naceo na Villa de Borba do Arcebiſpado de Evora em o anno de 1563. ſendo filho de Miguel Fernandes, e Izabel Affonſo, e irmaõ do V. P. Bento Fernandes que em Nangazaqui offereceo a vida em obſequio de Chriſto a 2. de Outubro de 1633. Eſtudando em a Univerſidade de Evora Humanidades ſe afeiçoou tanto ao Inſtituto da Companhia de Jeſus, que o abraçou a 20. de Janeiro de 1578. quando contava quinze annos de idade. Na meſma Univerſidade em que fora diſcipulo ſubio a ſer Meſtre de Letras humanas, e Filoſofia de cuja diſciplina ſahiraõ os ſeus ouvintes taõ inſtruidos na ſciencia, como na virtude. Deixando o applauſo da Univerſidade ſe dedicou totalmente ao beneficio eſpiritual dos proximos dirigindo a huns com ſaudaveis documentos em o Confeſſionario, e reprehendendo a outros com prudente energia em o Pulpito. Era exceſſiva a charidade, e continuo o

diſvelo com que aſſiſtia aos prezos, acompanhava os condenados ao ſuplicio, e convertia a muitos Mouros, e Judeos da cegueira dos ſeus erros para abraçarem a Ley Evangelica. Foy cordial devoto da Rainha dos Anjos explicando o ſeu affecto pelos elogios que em todas as ſuas obras lhe dedicou recebendo em remuneraçaõ deſtes obſequios repetidos beneficios, ſendo o principal morrer em dia conſagrado ao ſeu culto como lhe tinha ſupplicado, o que felizmente ſucedeo em hum Sabbado 7. de Dezembro Veſpera da ſua puriſſima Conceiçaõ do anno de 1630. e naõ 8. como eſcreve o Author *da Bib. Societ.* pag. 109. col. 1. em a Caſa profeſſa de S. Roque quando contava 67. annos de idade, e naõ 64. como diz Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 164. col. 2. e 52. de Religiaõ. Foy hum dos famoſos Eſcriturarios que venerou o ſeu tempo penetrando com indefeſſo eſtudo as mais profundas dificuldades de hum, e outro Teſtamento, que deixou reveladas em as ſuas doutas obras pelas quaes he intitulado por Fr. Franciſco de Santo Agoſtinho Macedo *Collat. D. Thom. & Scoti* 3. Part. Collat. 4. Differ. 3. Sect. 4. pag. 436. *vir eruditiſſimus,* e no *Propugn. Luſit. Gallic.* pag. 111. *Clariſſimum Scripturarum interpretem,* e na *Filip. Portug.* cap. 21. pag. 100. *Grave, e douto Eſcriturario,* Souſa de Macedo *Eva, e Ave* Part. 1. cap. 4. n. 8. *Grave Doutor,* e cap. 12. n. 1. *Eſcriturario doutiſſimo.* D. Fr. Thom. de Far. *Decad.* 1. lib. 9. cap. 9. *Qui primum, & ſecundum Geneſeos caput doctiſſime extricat, ita ut nemo melius.* Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litterat.* lit. B. n. 27. *Vir egregie pius, et eruditus* Azevedo *Fundac. de Lisboa* 1. Part. liv. 1. cap. 2. *gram docto na Eſcritura* Marrac. *Bib. Marian.* Part. 1. pag. 210. *virtute, & Sapientia clariſſimus.* Franco *Imag. do Nov. de Evor.* liv. 3. cap. 26. *doutiſſimo nas divinas letras.* D. Franc. Man. na *Carta dos Auth. Portug.* eſcrita ao Doutor Themudo *Claro Expoſitor.* Tellez *Chron. da Compan. de JESUS da Prov. de Portug.* Part. 2. liv. 4. cap. 47. n. 7. *inſigne Eſcriturario,* e na *Etiopia Alta* liv. 1. cap. 10. *doutiſſimo.* Jacob. Lelong. *Bib. Sacr.* pag. mihi 723. col. 1. Compoz.

Commentariorum, atque obſervationum moralium in Geneſim Tomus primus. Lugduni apud Horatium Cardon. 1618. & ibi apud Jacobum Cardon, & Petrum Cavillat. 1633. fol.

Tomus 2. ibi apud eoſdem Typog. 1621. fol.

Tomus 3. ibi apud eoſdem Typog. 1627. fol.

Oratio funebris in Exequiis Beatiſſimi Papæ Gregorij XV. habita in Templo Virginis Lauretanæ Ulyſſiponenſis, 30. *Auguſti* 1623. Ulyſſip. apud Petrum Crasbeeck. 1623. 4. Faz memoria deſta oraçaõ no Tom. 3. *Commentar. in Geneſ.* cap. 45. Sect. 2. n. 8.

Commentarij in Lucam. M. S. *quos in Luſitania ſervatos ad Reipublicæ Chriſtianæ utilitatem quantocius in lucem edi ſummis votis expectamus* eſcreve Marracio in *Bib. Marian.* Part. 1. pag. 210. Deſta obra conſervada no Collegio de Evora ſe lembraõ Nicoláo Anton. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 164. col. 2. e Franco in *Ann. Glorioſ. S. J. in Luſit.* pag. 729. col. 2. e a *Bib. Societ.* pag. 109.

BENTO FERREYRA DE ANDRADE. Naceo na Cidade do Porto, e teve por Pays a Franciſco Ferreira de Andrade, e D. Izabel Barboſa Sodre igualmente nobres, que opulentos. Foy ornado de claro juizo, ſumma urbanidade, vaſta liçaõ da hiſtoria Sagrada e profana, e de admiravel genio para a Poeſia. Soube com perfeiçaõ a lingua Latina, Eſpanhola, e Italiana cõpondo com promptidaõ em qualquer deſtes idiomas. Exercitou na Patria o lugar de Vereador com grande credito do ſeu talento onde morreo a 13. de Junho de 1714. Para teſtemunho da felicidade da ſua Muſa ſe imprimiraõ nos *Acroamas Panegyricos com que a Santa Igreja Cathedral de Coimbra recebeo, venerou, e applaudio a Sagrada Reliquia do novo Thaumaturgo Eſpanhol Santo Thomaz de Villa-nova.* Coimb. por Jozé Ferreira 1690. 4. as ſeguintes obras.

Vida, y milagros de Santo Thomaz de Villa-nueva delos Infantes. Quintilhas de Ciego ſaõ 89.

Tranſporte da reliquia de Santo Thomaz de Villa-nova de Valença para Portugal, e collocaçaõ della, e da Imagem do Santo na Sè de Coimbra. Romance de 64. Coplas.

Tres Sonetos, dous Portuguezes, e hum Italiano com hum *Mote* gloſſado ao meſmo aſſumpto.

BENTO GIL Naceo na antigua Cidade de Beja da Provincia do Alentejo de Pays virtuoſos que o educaraõ na eſcola do temor de Deos donde ſahio ornado de excellentes virtudes que por toda a vida religioſamente exercitou. Na Univerſidade de Coimbra ſe applicou ao eſtudo da Juriſprudencia Civil em que o ſeu agudo engenho, e rara comprehenſaõ fizeraõ taõ famozos progreſſos que pela aclamaçaõ de todos os Cathedraticos recebeu na meſma Faculdade os gráos de Bacharel, e Licenciado. Para amparar a orfandade de ſuas Irmaãs deixou a Univerſidade, e o Magiſterio, a que podia aſpirar a ſua ſciencia Legal, e paſſando à Corte de Lisboa começou a exercitar o Officio de Advogado com tanto odio ao intereſſe como amor à verdade ſervindo taõ nobres eſtimulos de concorrerem a ſua Caſa os mais graves Litigantes admirados de que ainda quando queriaõ ſatisfazer com maõ mais generoſa o eſtudo das ſuas Allegaçoens Forenſes recebeſſe o premio que a ſua inteireza julgava ſer ſufficiente. Nunca paſſou inſtante ocioſo pois nas horas que tinha vagas do tumulto das cauſas as occupava eſcrevendo livros aſceticos em que o ſeu eſpirito achava ſumma deleitaçaõ. Foy grande devoto de Maria Sanctiſſima, e affectuoſo venerador do Sacramento do Altar em cuja oculta prezença eſtava repetidas vezes profundamente proſtrado. As virtudes, de que era depoſito a ſua alma ſe deſcobriaõ na modeſtia do ſemblante, de tal modo que chegou o Illuſtriſſimo Arcebiſpo de Lisboa D. Miguel de Caſtro a dizer a Manoel de Vaſconcellos Regedor da Caſa da Supplicaçaõ que *ſua Senhoria tinha hum Advogado, que naõ ſó era Santo, mas que o parecia.* Como ſe fora inſenſivel tolerou com paciencia Chriſtaã algumas injurias com que ſeus emulos quizeraõ manchar a pureza do ſeu incorrupto procedimento. Precedendo huma prolongada infermidade, em que repetio os actos heroicos das virtudes exercitadas por toda a vida, e recebidos com ſumma piedade os Sacramentos paſſou de caduco a eterno a 4. de Mayo de 1623. Jàz ſepultado diante do Altar de N. Senhora da Conceiçaõ da Parochial Igreja de Santa Juſta deſta Cidade. Com grandes elogios o exaltaõ graviſſimos Authores como ſaõ Pinel. *Select. Jur. Interp.* lib. 1. cap. 5. §. 3. *vir in legali peritia, & morum integritate eximius,* & lib. 2. cap. 20. §. 13. *doctiſſimus.* Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litterat.* lit. B. n. 25. *celeber advocatus, & Juriſperitus.* Carvalh. in *Cap. Raynaud.* Part. 4. n. 191. *Satis eruditus.* Gabriel Per. Deciſ. 10. n. 7. *doctiſſimus.* Pinheiro *de Teſtament.* Concil. 200. *inſignis doctor.* Barboſ. *de Poteſt. Epiſcop.* Part. 1. Tit. 3. cap. 2. n. 46. *omnium litterarum ſcientia egregie præditus, multijuga virtute præcellens.* Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 69. *devoto, pacifico, honeſto, caſto, ſobrio, caritativo, eſtudioſo, e inimigo da ocioſidade.* Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 2. pag. 284. col. 2. *magis Chriſtianis virtutibus quam civilis doctrinæ merito, & operum in lucem ab eo editorum poſteritatis memoriæ commendandus.* Diogo Gouvea Barradas. *Antig. de Beja* liv. 3. cap. 40. *aſſi por ſus letras, como por ſus conocidas virtudes, e exemplar vida, que en ambas coſas fue exemplo, y admiracion delos que le conocian.* Fr. Iſidor. à Luce *de Concept.* lib. 3. n. 1460. *doctiſſimus, pariterque piiſſimus, cujus Sanctitatis plurima exempla habemus præcipue in continuis eleemoſinis, Templorum frequentatione, & pauperum patrocinio.* Phæb. tom. 1. *Deciſ.* Deciſ. 56. n. 10. *Juriſconſultiſſimus.* Compoz.

Relectio in L. Titiæ ſi non nupſerit 100. *ff. de condit. & demonſt.* Olyſſipone apud Petrum Craesb. 1608. 4.

Commentaria ad L. 1. *C. de Sacroſanctis Eccleſiis ſex partibus diſtributa, opus practicis, ac diſputationibus ſcholaſticis contextum* 1. *pars agit de perſonis, que teſtari poſſunt* 2. *de Teſtamentorum ſolemnitatibus.* 3. *de perſonis quibus teſtamento aliquid relinquitur.* 4. *de tempore Teſtamenti conditi.* 5. *de quibus bonis teſtator poſſit diſponere.* 6. *de teſtandi arbitrio.* Olyſſipone apud eumd Typog. 1609. fol. & Conimbricæ apd Joſephum Ferreira Acad. Typ. 1700. fol.

Tractatus de jure, & privilegiis honeſtatis in duo deviginti articulos diſtributus quibus univerſim honeſti jus ac quod ad ſingulos perſonarum ſtatus pertinet, explicatur. Olyſſipone apud Petrum Craesb. 1618. 4. Coloniæ Agripinæ per Petrum Henning. 1620. 8.

Commentaria in L. ex hoc jure D. de Juſtitia, & Jure, hoc eſt de univerſa contractuum materia. In prima parte agit de Jure gentium, de dominio, comerciis, emptionibus, venditionibus, locationibus, conductionibus, obligationibus, Iustitiæ, & de quibuſdam contractibus à jure civili introductis, ſcilicet de Stipulatione: de lata litterarum obligatione: & non numeratæ pecuniæ exceptione. De Emphyteuſi, & cenſu, de Sponſalitia Largitate. Tomus primus. Olyſſipone apud Petrum Crasbeeck 1619. fol.

Tomus 2. ibi apud eumdem Typograp. 1621. fol. Sahiraõ ambos os Tomos Conimbricæ apud Jozephum Ferreira Acad. Typ. 1696. fol. 2. Tom.

Directorium Advocatorum, & de privilegiis eorum. Ulyſſip. apud Petrum Crasbeeck. 1613. 4.

Da excellencia da Sagrada Oraçaõ da Ave Maria com declaraçaõ das ſuas palavras breve Tratado. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1613. 8.

Hortulus animæ tripartitus. Prima pars Mariæ Virgini ſacrata eſt 2. *Miſericordiæ Dei in converſione peccatoris.* 3. *Santiſſimo Euchariſtiæ Sacramento.* Ulyſſipone apud Petrum Crasbeeck. 1615. 8.

Expoſiçaõ ſobre o Padre Noſſo. Lisboa pelo dito Impreſſor 1616. 8.

Tratado da Sagrada Oraçaõ da Salve Rainha com pias, e devotas Oraçoens ſobre ſuas palavras. Lisboa pelo meſmo Impreſſor. 1617. 8.

BENTO DE GOES. Nacco em Villa-Franca diſtante cinco legoas ao Leſte de Ponte Delgada Capital da Ilha de S. Miguel em o anno de 1562. Na idade da adoleſcencia paſſou à India onde aſſentando praça de Soldado ſe entregou aos exceſſos de huma vida taõ licencioſa que ſervia de geral eſcandalo aos ſeus companheiros. Penetrado dos eſtimulos da conſciencia entrou em hum Templo de Travancor dedicado à Virgem Santiſſima em cuja prezença conſiderando com mayor reflexaõ a enormidade das ſuas culpas as começou a deteſtar com taõ copioſas lagrimas que fez voto de ſe aliſtar em outra mais reformada milicia. Firme neſta heróica reſoluçaõ depois de purificar as manchas da ſua alma com o lavatorio do Sacramento da Penitencia, foy admitido à Companhia de JESUS em o anno de 1588. quando contava 26. de idade. Sendo dotado de talento capaz para todas as ſciencias determinaraõ os Superiores, que de coadjutor Temporal paſſaſſe a cultivar os eſtudos para chegar a dignidade Sacerdotal, porém elegendo com ſumma humildade a ſorte de Martha perſeverou no eſtado com que entrara na Religiaõ. Como no ſeu peito ardia o zelo da converſaõ da Gentilidade, e tiveſſe obrado em obſequio de Chriſto acçoens apoſtolicas na Corte do Mogor foy deſtinado para explorar a parte onde eſtava ſituado o graõ Catayo concorrendo para taõ alta empreza o beneplacito do Vice-Rey Ayres de Saldanha, e do Illuſtriſſimo Arcebiſpo Primaz D. Fr. Aleixo de Menezes, e a faculdade do P. Jeronymo Xavier Superior da Miſſaõ do Mogor. Partio de Agra a 6. de Janeiro de 1603. disfarçado em traje de Armenio para naõ ſer conhecido por Europeo, levando por companheiros a dous Gregos Leaõ, e Demetrio, e a Iſac Chriſtaõ Armenio que lhe aſſiſtio até o fim da ſua vida. Tendo paſſado Papur, Cafriſtaõ, e Zedeli chegou a 14. de Novembro de 1604. à Cidade de Chalis depois de ter tolerado com heróica conſtancia varios perigos, e graves afrontas da infidelidade dos Mouros, e cobiça dos Ladroens, atraveſſado caminhos inacceſſiveis, experimentado climas nocivos, e padecido ſedes intoleraveis. De Chalis entrou em Camul a 17. de Outubro de 1605. donde chegando brevemente aos muros da China conheceu que ella era o Catayo, e ſer falſa a informaçaõ, que os Mouros tinhaõ dado na Corte do Mogor. Alcançada faculdade do Tutam entrou em Subecheo donde eſcrevendo aos Padres Jeſuitas que aſſiſtiaõ em Pequim da ſua chegada àquella Cidade foy logo viſitado pelo Irmaõ Joaõ Fernandes que o achou lançado na cama, e taõ deſfeito, e attenuado que imaginou ſer mais cadaver, que homem. Cheyo de hum inexplicavel jubilo que ſe liquidava pelos olhos em copioſas lagrimas paſſou com elle toda a noute dando graças ao Altiſſimo de lhe ter conſervado a vida em huma taõ prolongada peregrinaçaõ que pela honra de Deos, e ſalvaçaõ das almas intrepidamente intentara, e felizmente conſeguira. Chegado o termo dos ſeus apoſtolicos trabalhos entre amoroſos colloquios

com Chriſto Crucificado foy lograr do premio eterno a 11. de Abril de 1607. com 45. annos de idade, e 19. de Religiaõ. A ſua vida eſcreveo na lingua flamenga o P. Luiz Jacobi da Companhia de JESUS, e ſahio impreſſa Antuerpiæ apud Arnoldum Van Bonhel. 1659. 12. Delle fazem illuſtre memoria Nicol. Trigault. de *Exped. Chriſtian. apud Sinas* lib. 5. cap. 11. 12. e 13. Jarric. *Thezaur. Rer. Ind.* Part. 2. lib. 3. cap. 17. Bagata *Mirand Orb. Chriſt.* Tom. 2. lib. 5. cap. 2. n. 14. Gouvea *Aſia Extrema* Part. 1. lib. 4. cap. 7. 8. e 9. Guerreir. *Relac. Annal do que fizer. os PP. da Comp. de Jeſ. na Ind. nos ann. de* 1606. *e* 1607. liv. 1 cap. 8. Faria *Aſia Port.* Tom. 3. Part. 3. cap. 6. n. 26. Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 2 pag. 511. e no Comment. de 11. de Abril letr. G. Rho *Var. virt. Hiſt.* lib. 4. cap. 6. n. 13. Semedo *Hiſt. da Chin.* Part. 3. cap. 4. Chaves, e Mello *Vid. da Ven. Margarid. de Chav.* pag. 290. Eſcreveo.

Carta eſcrita de Laor a 30. *de Dezembro de* 1602. *ao P. Vice-Provincial de Goa em que trata da ſua partida para o Catayo.* Sahio no livr. 3. cap. 9. a fol. 62. v.º da *Relac. Anal. das couſas que fizeraõ os PP. da Companh. de Jeſ. nas partes da India nos ann. de* 1603. *compoſta pelo P. Fernaõ Guerreiro* Lisboa por Jorge Rodrigues. 1605. 4.

Carta eſcrita de Laor a 14. *de Fevereiro de* 1603. *ao P. Jeronimo Xavier.* Impreſſa na dita Relaçaõ liv. 3. cap. 9. a fol. 63. v.º

Carta eſcrita ao P. Manoel Pinheiro da Companhia de JESUS em que lhe da noticia de ter jà andado cento, e duas milhas. Impreſſo na dita Relaçaõ a fol. 64. v.º

Carta eſcrita de Hircande Corte delRey de Caſcar em 2. *de Fevereiro de* 1604. *ao P. Jeronimo Xavier Superior da Miſſaõ de Mogor.* A ſumma deſta Carta eſta impreſſa na *Relac. Annal dos ann. de* 1606. *e* 1607. *eſcrita pelo P. Fernaõ Guerreiro,* no liv. 3. cap. 9. fol. 162. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1609. 4.

Relaçaõ da ſua jornada deſde Goa até deſcubrir o Catayo M. S. Da qual fazem mençaõ Nicol. Godinh. de *Rebus Abyſſin.* lib. 1. cap. 5. *Bib. Societ.* pag. 109. col. 2. Ant. de Leon. *Bib. Ind. Orient.* Tit. 2. pag. 14. e Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 165. col. 1.

Fr. BENTO DE LISBOA cujo appellido denota a patria onde naceo. Profeſſou o Sagrado Inſtituto dos Eremitas de Santo Agoſtinho no Convento de Santarem a 5. de Mayo de 1442. Recebeo o gráo de Doutor na Faculdade Theologica em a Univerſidade de Lisboa em o anno de 1482. e nela, eſcreve Fr. Antonio da Purificaçaõ *de Vir Illuſtrib. Ord. Eremit.* lib. 2. cap. 13. fora Lente de Veſpera no anno de 1506. e que deixara o exercicio da Cadeira por impedimento de ſeus achaques, e na *Chron. dos Eremit. de Santo Agoſtinho deſta Provincia* liv. 7. Tit. 1. §. 3. fol. 214. v.º diz que morrera no anno de 1509. Fr. Antonio da Natividad. em os *Mont. de Coroas.* Mont. 2. Coroa 8. §. 2. num. 52. pag. 443. affirma que regentara a meſma Cadeira até o anno de 1516. no qual morrera. Deſta taõ manifeſta contradiçaõ entre dous Eſcritores da meſma Ordem ſe colhe claramente a ignorancia que ambos tiveraõ do tempo do Magiſterio de Fr. Bento de Lisboa principalmente quando o Beneficiado Franciſco Leytaõ Ferreira digniſſimo Academico da Academia Real nas ſuas doutiſſimas *Noticias Chronolog. da Univerſidade de Coimb.* pag. 448. n. 955. eſcreve firmado nas informaçoens extrahidas do Cartorio da Univerſidade que no anno de 1506. era Lente de Prima de Theologia o Meſtre Fr. Joaõ da Magdalena, e o foy até o 1. de Setembro de 1515. em que falleceo, e da Cadeira de Veſpera era Lente Fr. Joaõ Claro por Provizaõ delRey D. Manoel no anno de 1504. em que a inſtituhio, e o foy até o de 1515. em que a deixou vaga por ſubir à de Prima; dõde evidentemente ſe conclue que naõ podia ſer Lente de huma, ou outra Cadeira Fr. Bento de Lisboa falecendo no anno de 1509. como eſcreve o P. Purificaçaõ, e ſómente no de 1516. em que o P. Natividade o ſuppoem Lente, e fallecido, poderia ſubſtituir a Cadeira de Veſpera em que foy provido por oppoſiçaõ o Meſtre Joaõ Francez em 12. de Julho de 1517. Foy Fr. Bento de Lisboa Provincial no anno de 1507. e Reformador de toda a Religiaõ em 1509. pelo Reverendiſſimo Geral Fr. Egidio Viterbienſe. Eſcreveo.

In primum librum Sententiarum. M. S.

fol. 2. Tom. Do author fazem mençaõ Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litterat.* lit. B. n. 28. Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 165. col. 1.

Fr. BENTO DE S. LUIZ Naceo na Cidade de Braga, e na Cathedral recebeo a graça bautiſmal a 27. de Fevereiro de 1697. Foraõ ſeus Pays Amaro Ferreira, e Magdalena Marques. Na idade adulta de 26. annos recebeo o habito Monachal de S. Bento em o Convento do Porto a 27. de Janeiro de 1723. Eſtudou Filoſofia no Moſteiro do Baſto, e Theologia em o de S. Joaõ do Ermo, em cujas ſciencias ſahio ſuficientemente inſtruido. A ſua natural inclinaçaõ foy para a Poeſia vulgar comica de que tem compoſto.

Trinta Operas das quaes ſaõ argumento Hiſtorias Sagradas, e Profanas.

Romaria ao monte Santo, ou nova Jeruſalem reſtaurada pelo Arcebiſpo Primaz D. Rodrigo de Moura Tellez repartida em doze Eſtaçoens a doze Paſſos de Chriſto que naquelle lugar ſe veneraõ em doze Capellas. M. S. Conſta de diverſos metros, e Oraçoens devotas.

Traduzio de Latim em Portuguez ſem declarar o ſeu nome.

Officio de Santa Getrudes. Lisboa 1739. 16.

Fr. BENTO DE MACEDO filho de Gregorio Gomes, e Guiomar de Macedo naceo em Lisboa, e no Convento do Carmo deſta Cidade recebeo o habito a 16. de Março de 1626. onde depois de eſtudar Artes paſſou aprender Theologia em o Collegio de Coimbra em cuja Univerſidade com univerſal aclamaçaõ foy admitido ao numero dos Doutores Theologos a 29. de Junho de 1651. *Inſigne Prégador* o intitula Antonio Carvalho da Coſta *Corog. Portug.* Tom. 3. liv. 2. Trat. 8. cap. 47. pag. 633. Falleceo no Convento patrio em o anno de 1654. Compoz.

Curſus Phyloſoficus in tres Tomos diſtinctus M. S. a qual obra ſe conſerva no Convento de Evora como eſcreve Fr. Manoel de Sà nas *Mem. Hiſt. dos Eſcrit. Portug. do Carm.* cap. 17. n. 134.

P. BENTO DE MACEDO natural de Borba na Provincia Tranſtagana onde teve por Pays a Bento Fernandes, e Maria Franca. Entrou na Companhia de JESUS no Collegio de Evora a 23. de Fevereiro de 1692. onde depois de ſer Lente de Rhetorica, Filoſofia, e Theologia ſe graduou Doutor neſta Univerſidade a 29. de Outubro de 1724. A ſua grave prudencia acompanhada da ſciencia das letras humanas, e divinas o fizeraõ Reytor de Evora, e Coimbra, e Prepoſito da Caſa profeſſa de S. Roque cujo lugar exercita neſte anno de 1739. Compoz.

Pharus Dialectica, ſive Logicæ univerſæ brevis elucidatio. Eboræ ex Officina Univerſit. 1720. 8.

Delle faz memoria o P. Franciſco da Fonſeca *Evor. Glorioſ.* pag. 427.

BENTO DE S. MARIA Ulyſſiponenſe filho de Luiz Pereira, e Antonia da Cunha. Recebeo o Canonico habito da Congregaçaõ do Evangeliſta em o Convento de Evora a 16. de Abril de 1702. Igualmente ſe applicou ao eſtudo da Theologia, que da Sagrada Eſcritura em que ſahio ſufficientemente inſtruido. Pelo cordial affecto com que venerava a Maria Santiſſima publicou em ſeu obſequio as obras ſeguintes.

Diadema Marianum in laudem ejuſdem Sanctiſſimæ Virginis Mariæ, Deique Matris. Ulyſſip. apud Mathiam Pereira da Sylva, & Joannem Antunes Pedrozo. 1720. 24.

Arbor Mariana, id eſt Maria Sanctiſſima, vitalis arbor, et fructifera producens fructus oppoſitos nocivis fructibus illius Paradiſienſis arboris, quæ in Geneſi vocatur Lignum vitæ. Ulyſſip. ex Typograph. Auguſtiniana. 1730. 12.

Panegyrica Oratio de Cruce exaltata M. S. 4.

Funebris Oratio de Chriſto ſepulto M. S. 4.

BENTO MORGANTI. Naceo na famoſa Cidade de Roma a 13. de Outubro de 1709. donde em idade muito tenra paſſou a eſte Reyno com ſeus Pays Lourenço Morganti natural da Cidade de Luca, e D. Clara de Azevedo natural de Coimbra. Aprendeo os rudimentos gramaticaes no Collegio de Santo Antaõ deſta Corte, e as ſubtilezas Filoſoficas em a Congregaçaõ do Oratorio. Depois de frequentar em a

Univerſidade de Coimbra pelo eſpaço de quatro annos a ſciencia dos Sagrados Canones ſe deliberou a ſeguir a vida Religioſa, como mais conducente para a Salvaçaõ eterna recebendo o habito de Conego Regrante de Santo Agoſtinho no Real Convento de Santa Cruz em o anno de 1730. porém impedido de graves moleſtias aſſiſtio ſómente ſeis mezes em taõ grave comunidade; e continuando os ſeus eſtudos Academicos tomou o gráo de Bacharel na faculdade de Direito Pontificio a 5. de Julho de 1736. e de Licenciado a 18. de Julho de 1738. Provada a ſua ſciencia Legal em o Dezembargo do Paço para ſervir os lugares da Republica preferio a eſte eſtado o de Eccleſiaſtico ordenando-ſe de Presbytero a 21. de Setembro de 1739. Naõ ſòmente he douto em hum, e outro Direito, mas muito verſado na liçaõ da Hiſtoria Sagrada, e Profana principalmente em a intelligencia das Medalhas Romanas podendo com virtuoſa jactancia gloriarſe de ſer o primeiro que em a lingua Portugueza eſcreveſſe deſte aſſumpto que occupou a infatigavel applicaçaõ de Varoens inſignes como foraõ D. Antonio Agoſtinho Biſpo de Tarragona, Fulvio Urſino, Ezechiel Spanheim, Vicente Joaõ de Laſtanóſa, Carlos Patin, o Cardial Henrique de Noris, Joaõ Foy Vaillant, e outros muitos de que formou a *Bibliotheca Numaria* D. Anſelmo Bandurio Monge Benedictino Bibliothecario do Graõ Duque de Toſcana, e Academico Supranumerario da Academia das Inſcripçoens de Pariz que ſahio impreſſa Hamburgi. 1719. 4. Compoz.

Nummiſmalogia, ou breve recopilaçaõ de algumas Medalhas dos Emperadores Romanos de ouro, prata, e cobre que eſtaõ no Muſeo de Lourenço Morganti Bibliothecario do Illuſtriſſimo, e Reverendiſſimo Senhor D. Thomaz primeiro Patriarcha de Lisboa. A que ſe ajunta huma Bibliotheca de todos os Authores que eſcreveraõ de Medalhas, e Inſcripçoens antigas. Part. 1. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva Impreſſor da Academia Real. 1737. 4.

Additiones noviſſime auctæ, et correctæ ad Tractatum de repreſentatione Blaſij Robles Salzedi J. C. Matritenſis, & in ſuprema Hiſpaniarum Curia advocati. M. S. fol.

Additiones variæ ad Tractatum de Conſervatoribus Regularium Fr. Raymundi Nido. M. S. fol.

Fr. BENTO DE MUGEM cujo appellido indica a patria onde naceo que he huma Villa diſtante da Villa de Santarem duas legoas para o Naſcente, e doze de Lisboa. Recebeo o Habito Monachal da familia Ciſtercienſe em o Real Convento de Alcobaça em cuja Bibliotheca ſe conſerva a ſeguinte obra *M. S.* em que moſtra quanto era douto na liçaõ da Sagrada Eſcritura, e Santos Padres.

Sermones Dominicarum totius anni. fol.

BENTO NUNES PEGADO celebre diſcipulo do famoſo Antonio Pinheiro Meſtre de Muſica da Cathedral de Evora com quem competio nas Compoſiçoens deſta armonica faculdade deixando para teſtemunhas claras do grande genio, e profunda ſciencia que teve para eſta Arte as ſeguintes obras conſervadas na Bib. Real da Muſica como conſta do ſeu Index impreſſo em Lisboa por Pedro Crasbeeck 1649. 4. grande.

Parce Domine a 7. vozes. Motete para a Quareſma.

Hei mihi Domine a 6. vozes Reſponſorio de Defuntos.

Hi ſunt qui cum mulieribus non ſunt coinquinati. Motete dos Santos Innocentes.

Ad te ſuſpiramus. Motete a N. Senhora.

Fr. BENTO PAEZ Vigario Provincial da Ordem de S. Joaõ de Deos, eſcreveo.

Relaçaõ da vida de Antaõ Martins Converſo da Ordem de S. Joaõ de Deos eſcrita em 15. *de Março de* 1645. Deſta Obra faz mençaõ George Cardoſo *Agiolog. Luſit.* Tom. 1. pag. 444. no Comment. de 15. de Fever. Letr. J.

P. BENTO PEREIRA. Naceo na Cidade de Valença Capital do Reyno de Valença ſituado entre Catalunha, Caſtella nova, e Aragaõ, em o anno de 1535. de Pay Caſtelhano, e Mãy Portugueza por cuja cauſa o admitimos a eſta Bibliotheca ſendo numerado entre os Varoens da noſſa Naçaõ pelo inſigne Fr. Franciſco de Santo

Agoſtinho Macedo *Collat. doctr. D. Thom. & Scot.* Tom. 2. collat. 6. differ. 2. Sect. 5. pag. 296. chamando-lhe *Semi Luſitanus, & ex integro doctus* Antonio de Souſa de Macedo *Eva, e Ave* Part. 1. cap. 2. n. 10. *eruditiſſimo Portuguez,* e o celebre Juriſconſulto Agoſtinho Barboſa no Elencho dos Authores impreſſo no principio de ſua obra *de Officio, et poteſtate Epiſcopi.* Na florente idade de 17. annos abraçou na ſua Patria o Sagrado Inſtituto da Companhia de JESUS nó anno de 1552. onde logo começou a dar claros indicios dos inſignes dotes com que a natureza liberalmente o ornara comprehendendo com facilidade, diſcorrendo com ſubtileza, e explicando com claridade as ſciencias que ſendo diſcipulo podia enſinar como Meſtre. Em Roma foy lente de Rhetorica em cujo magiſterio fez renacer a memoria de Tullio. Pelo largo eſpaço de doze annos explicou os myſterios da Filoſofia Peripatetica com igual applauſo do ſeu nome, como fruto dos ſeus ouvintes. Subindo das ſciencias humanas às divinas interpretou com admiravel delicadeza ao Princepe da Theologia Eſcholaſtica Santo Thomaz, e com a meſma profundidade revelou os myſterioſos arcanos da Sagrada Eſcritura em que foy eminente a ſua vaſta erudiçaõ, *ut in iis omnibus, quas tractavit, doctrinæ partibus nobiliorem eo alium, aut præſtantiorem vix tulerit hactenus feraciſſima hujus mercis Hiſpania* eſcreveo em ſeu louvor Nicol. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 165. col. 2. e a *Bib. Societ.* pag. 112. *Ubique doctus, ubique diſertus, & ſui ſimillimus. In hujus autem viri ſcriptis tantum apparet ingenium, tanta doctrina, atque eloquentia, tanta rerum omnium comprehenſio, ut ſupervacaneum ſit lucernam ſolis lumini inferri.* Em Roma onde paſſou a mayor parte da vida a acabou com ſumma piedade a 6. de Março de 1610. quando contava 75. annos de idade, e 58. de Companhia. Compoz.

Phyſicorum ſive de Principiis rerum naturalium libri XV. Romæ 1562. 4. Pariſiis, Coloniæ, & Argentorati.

Commentaria in Danielem Prophetam libri XVI. Romæ 1586. Lugd. apud Juntas 1588. & Antuerpiæ 1594. o 4. livro deſta obra foy impreſſo ſeparadamente Treviris apud Joan. Scholeuter 1618. 12. com eſte titulo. *Theatrum rerum creatarum* em o qual ſe contem a explicaçaõ do Cantico dos Meninos na fornalha de Babilonia.

Commentariorum, & diſputationum in Geneſim Tom. IV. Romæ 1589. até 1598. 4. Lugduni apud Juntas. 1599.

Adverſus fallaces, & ſuperſtitioſas artes, hoc eſt de Magia, & obſervatione Somniorum, & de divinatione Aſtrologica libri III. Ingolſtadij apud Davidem Sartorium 1591. 8.

Selectarum Diſputationum in Sacram Scripturam Tomi V. Contem o 1. *Diſputationes* 137. *ſuper Exodum,* Ingolſtadij apud Davidem Sartorium. 1601. 4.

Tom. 2. *continet* 188. *Diſputationes ſuper Epiſtolam Pauli ad Romanos.* ibi apud eumd. Typog. 1603. 4.

Tomus 3. *continet* 183. *Diſputationes ſuper Apocalypſim. Ad calcem acceſſit liber adverſus eos qui putarunt Mahometum eſſe Antichriſtum.* Lugd. apud Horatium Cardon. 1606. 4.

Tomus 4. *continet* 214. *Diſputationes ſuper priora* 9. *Capita Evangelij Sancti Joannis.* Lugd. apud eumd. Typ. 1608. 4.

Tomus 5. *continet* 144. *Diſputationes ſuper quinque ſequentia Capita ejuſdem Evangelij* ibi apud eumdem Typ. 1610. 4.

Todas eſtas obras ſahiraõ impreſſas Coloniæ Agrippinæ ex Officina Antonij Hierati. 1620. 1621. e 1622. fol. 4. Tom.

Em a Bibliotheca Ambroſiana como affirma Nic. Antonio, e a *Bib. Societ.* ſe conſervaõ deſte grande Author as obras ſeguintes *M. S.*

Lucubrationes in Evangelia.
De Avaritia.
In Decalogum.
Propoſitiones ex 1. *et* 11. *Phyſicorum.*
In libros Metaphyſicorum.
Ratio brevis ſtudendi.
In libros de Anima.
De Trinitate, Angelis, Creatione, & Incarnatione.
In primam partem D. Thomæ.
Logica Inſtitutio.

P. BENTO PEREIRA. Naceo na Villa de Borba da Provincia do Alentejo, no anno de 1605. em cujo louvor como agradecido à May que lhe dera o berço, e a dous ſeus Tios maternos o P. Bento Fer-

nandes inſigne Eſcriturario, de que jà ſe fez mençaõ, e o P. Bento Fernandes valeroſo Martyr conſagrou a ſua Muſa eſte elegante Epigramma em que recopila parte das obras que compoz.

Inclyta tres celebres Benedictos Borba tuliſti,
Sanguine conjunctos, Religione pares.
Interpres Geneſis ſenior Benedictus, ubique
Laudibus immenſis docta per ora volat.
Pro Chriſto nuper Japonia ſæva Secundum
Crudeli extinctum miſit in aſtra nece.
Tertius eſt author Pereira Palladis armis
Indutæ horrendis, pacificaque toga.
Hic mores ſcripſit populorum, et Carmina Horati
Fecit Apollineâ lucidiora face.
Illius indoctos divina Proſodia vates
Edocuit certis pangere metra modis.
Si tot Palladios flores in flore juventæ
Uberis ingenij tot monumenta tulit:
Quot reddet fructus matura ætate! Minervæ
Cuncta voluminibus ſcrinia plena dabit.
Fertilitate ſoli dudum inclita Borba fuiſti:
At nunc es celebris fertilitate virùm.
Ergo ſume novum nomen, Benedicta *uocare:*
Sic tribus his natis ter benedicta manes.

Deixada a Caſa de ſeus Pays Franciſco Pereira, e Catherina Rodrigues buſcou na tenra idade de 15. annos a Companhia de JESUS na qual ſe aliſtou em Lisboa a 27. de Junho de 1620. donde paſſando ao Collegio de Evora, e aprendendo as letras humanas, e Filoſofia, em o de Coimbra dictou com univerſal applauſo naõ ſómente eſtas ſciencias, mas a mayor de todas qual he a de Theologia por eſpaço de vinte annos em cuja Sagrada Faculdade ſe graduou Doutor em a Academia Eborenſe a 24. de Fevereiro de 1647. Sendo Qualificador do Santo Officio paſſou a Roma para ſer Reviſor dos livros dos Authores da Companhia donde voltando foy Reytor do Collegio dos Irlandezes em Lisboa, aos quaes inſtruyo com a Theologia eſpeculativa, e Moral. Naõ ſómente foy inſigne neſta faculdade mas na Juriſprudencia Civil, e Canonica por onde ſe dilatou a ſua penna com igual profundidade, e erudiçaõ. Aſſim como era incanſavel no eſtudo, era inculpavel na vida regulando as acçoens pelas ſeveras maximas do ſeu Inſtituto. Na ultima idade perdeu de tal ſorte a memoria, que até ignorava muitas vezes o ſeu cubiculo, e ſómente reſpondia com acerto quando lhe fallavaõ em materias eſpirituaes. Ao tempo de cumprir 76. annos de idade e 61. de Religiaõ paſſou deſta vida caduca para a eterna em o Collegio de Evora em 4. de Fevereiro de 1681. *Vir fuit immortaliter meritus de Republica litteraria* diz o P. Franco *Ann. Glorioſ. S. J. in Luſit.* pag. 61. e no *Synopſ. Annal. S. J. in Luſit.* pag. 368. n. 2. *floruit plurimùm tum virtutibus, tum litteris,* e ultimamente na *Imag. da Virt. do Novic. de Evora.* pag. 965. *Homem de coſtumes inculpaveis.* P. Franciſc. de Fonſ. *Evor. Glorioſ.* pag. 427. *Heróe benemerito da Republica litteraria pelo muito, que a illuſtrou, e enriqueceo com os ſeus multiplicados, e eruditos eſcritos.* Portug. *de Donat. Reg.* Part. 2. liv. 1. cap. 22. n. 4. *doctiſſimus.* Na *Allegac. de direit. pelo Senhor D. Pedro de Lancaſtr.* n. 52. *Com ſeu infatigavel eſtudo benemerito dos naturaes, e eſtranhos.* Paulo Ignacio de Dalmaſſes *Diſſertac. Hiſtor. por la Patria de Oroſio.* cap. 5. §. 3. e cap. 11. §. 5. o intitula *doctiſſimo.* Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. B. n. 29. Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 166. e Tom. 2. pag. 285. e a *Bib. Societ.* pag. 113. col. 1. Compoz.

Proſodia in Vocabularium trilingue Latinum, Luſitanum, et Caſtellanum digeſta. Eboræ apud Emanuelem Carvalho. 1634. fol. Ulyſſip. apud Paulum Crasbeeck 1643. fol. & ibi per eumdem. 1656. fol. No fim deſta ediçaõ eſtà a *Oraçaõ funebre que fez na lingua Latina em a Univerſidade de Evora em as exequias do Sereniſſimo Principe D. Theodoſio a* 17. *de Novembro de* 1653. Sahio a Proſodia correcta, e muito addicionada Ulyſſipone apud Antonium Crasbeeck de Mello. 1669. fol. & ibi per eumdem 1661. e 1674. fol. e Eboræ Typis Academicis. 1697. fol. & ibi apud eamd. Officin. 1723. fol.

Pallas Togata, et Armata documentis politicis in Problemata humaniora digeſtis. Eboræ 1636. 4.

Academia, ſeu Reſpublica Litteraria utiliter, & nobiliter fundata legibus, ac moribus inſtituta, privilegiis munita, ludis, ac certaminibus litterariis exercita, Rectoris, Cancellarij, Conſervatoris, Officialium, Doctorum,

Magiſtrorum, et Scholaſticorum præsidio inſtructa, Collegiis, Collegarum, & Præbendatorum, ſeu Portioniſtarum apparatu amplificata. Ulyſſipone ex Officina Antonij Crasbeeck de Mello. 1662. fol.

Promptuarium Juridicum, quod ſcilicet in promptu exhibet quærentibus omnes Reſolutiones circa univerſum Jus Pontificium, Imperiale, ac Regium ſecundum quod in Tribunalibus Luſitaniæ cauſæ decidi ſolent. Ulyſſip. apud Dominicum Carneiro. 1664. fol. & Eboræ Typis Academicis. 1690. fol.

Regras Geraes breves, e comprehenſivas da melhor Orthografia com que ſe pódem evitar erros no eſcrever da lingua Latina, e Portugueza. Lisboa por Domingos Carneiro 1666. 8.

Elucidarium S. Theologiæ Moralis, & Juris Utriuſque exponens idioma, id eſt proprietatem Sermonis Theologici, Canonici, & Civilis Ulyſſipone apud Dominicum Carneiro. 1668. fol.

Promptuarium Theologicum Morale ſecundum Jus commune, & Luſitanum, ſeu alio nomine explicatius. Summa ex univerſa Theologia Morali continens quinquaginta Tractatus. Pars prior conſtans 25. tractatibus. Ulyſſip. apud Joannem da Coſta. 1671. fol. & Eboræ ex Officin. Acad. 1705. fol.

Pars poſterior. Ulyſſipone apud Anton. Crasb. de Mello 1676. fol. & Eboræ ex Offic. Acad. 1707. fol.

Ars Grammaticæ pro lingua Luſitana addiſcenda. Lugduni apud Laurentium Aniſſon. 1672. 8.

Obras M. S. promptas para a Impreſſaõ.

Philoſofia in tres partes diſtributa.

Arcana Theologica de Deo ſecundùm ſe, & quo ad nos, ſeu in ordine ad noſtram ſalutem, Incarnato, Legislatore, Præmiatore &c.

De moribus omnium Gentium veteribus, & recentioribus. Conſerva-ſe no Collegio dos PP. Jeſuitas da Cidade de Portalegre como diz Franco na *Imag. da Virtude do Nov. de Evor.* pag. 965. de cuja obra faz mençaõ o novo addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ Tom. 1. Tit. 14. col. 451.

Commentaria in Horatium. 2. Tom. Conſerva-ſe no Collegio de Santo Antaõ como eſcreve Franco no lugar aſſima allegado.

Concionabilia. Trata de Materias Predicaveis. Eſtá em o Collegio de Beja.

Compendium Tractatùs de Matrimonio concinnati a P. Thoma Sanches S. J.

Protypus Judicis perfecti, ſive laici, ſive Eccleſiaſtici tam in Civiibus, quam in criminalibus.

BENTO PINHEL natural de Lisboa filho de Duarte Pinhel, e ſobrinho de Ayres Pinhel celebre Juriſconſulto de quem em ſeu lugar ſe fez merecida mẽçaõ. Inſtruido na lingua Latina paſſou à Univerſidade de Coimbra a eſtudar Direito Civil de que teve por Meſtre a Ruy Lopes da Veyga famoſo interprete das Leys Imperiaes, e taes foraõ os progreſſos que a ſua viva penetraçaõ fez neſte genero de eſtudo que depois de receber o gráo de Bacharel ſe oppoz por varias vezes às Cadeiras com geral admiraçaõ de todos os Cathedraticos. Por ſer de mayor esfera o ſeu talento naõ podendo conterſe nos limites da patria paſſou a Italia, e na Univerſidade de Piſa foy Lente de Direito Ceſareo onde com a ſua doutrina ſubtilmente explicada ſahiraõ os ſeus diſcipulos Meſtres deſta vaſtiſſima Faculdade. De Italia paſſou a Praga em cuja Univerſidade mereceo regentar a Cadeira de Prima, e ter por expectadores da ſua profunda litteratura aos mais inſignes Profeſſores da Juriſprudencia, que floreciaõ em taõ celebre Academia. Com diverſos elogios he exaltado por Carvalho in *Cap. Raynaud.* Part. 2. n. 373. et 380. e Part. 3. n. 40. D. Franc. Manoel na *Cart. dos Author. Portug.* ao Doutor Manoel da Fonſ. Themudo. Joaõ Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. B. n. 30. e n. 45. onde o intitula *Jorge* em lugar de *Bento.* Compoz.

Selectarum Juris interpretationum conciliationum, ac Variarum reſolutionum Tomus primus. Venetiis apud Dominicum Imbertum. 1613. fol. Dedicado a Coſme 11. Graõ Duque de Florença onde lhe diz *Spero namque, ut quos Patruo meo Ario Pinello Hiſpania detulit honores, eoſdem Italia mihi tua benignitate motrice indulgeat.* Sahio ſegunda vez Lugd. apud Petrum Chevallier 1670. 4. grande, & ibi. 1680.

P. BENTO RODRIGUES natural da Villa de Olivença na Provincia do Alentejo,

e Religioſo da Companhia de JESUS cuja Roupeta veſtio no Collegio de Evora a 3. de Abril de 1644. Foy Lente de Filoſofia no Collegio de Lisboa, e de Theologia Moral, e Eſcolaſtica na Univerſidade de Evora onde recebeo o gráo de Doutor. Na gravidade exterior indicava a prudencia de que era ornado. Foy affectuoſo devoto da Virgem Santiſſima inſtituindo em ſeu obſequio Irmandades em todas as Caſas em que aſſiſtio. Era taõ humilde que faltando o Meſtre que enſinava os primeiros elementos aos meninos, ſendo Cancellario da Univerſidade de Evora ſe offereceo para ſubſtituto, cujo magiſterio com admiraçaõ univerſal exercitou. No pulpito eraõ taõ vehementes as expreſſoens do ſeu eſpirito acompanhadas de copioſas lagrimas que reduzia a dureza mais inflexivel dos peccadores. Sendo Reytor do Collegio de Santarem expirou com ſumma piedade a 10. de Outubro de 1685. Delle ſe lembra o P. Antonio Franco in *Ann. Glor. S. J. in Luſit.* pag. 586. e no *Synopſ. Annal. S. J. in Luſit.* pag. 379. n. 7. Compoz.

Oraçaõ funebre em as Exequias do muito Reverendo Padre Fr. Bento Madeira Religioſo do Carmo que ſe celebraraõ no ſeu Convento de Evora. Lisboa por Franciſco Villela 1671. 4.

P. BENTO DE SEQUEIRA. Naceo em a Villa de Arronches do Biſpado de Portalegre da Provincia Tranſtagana em o anno de 1588. e na idade de 16. annos entrou na Companhia de JESUS em o Collegio de Evora a 16. de Fevereiro de 1602. Depois de enſinar as letras humanas exercitou com grande applauſo o miniſterio de Orador Evangelico para o qual tinha todas as partes neceſſarias. Com grave prudencia governou os Collegios do Porto, Funchal, Lisboa, e Coimbra ſendo ultimamente Provincial da Provincia do Alentejo. Aſſiſtio na outava Congregaçaõ celebrada em Roma. Foy amado dos domeſticos, eſtimado dos eſtranhos principalmente dos Sereniſſimos Duques de Bragança D. Theodoſio 2. e ſeu filho D. Joaõ glorioſo libertador da Coroa Portugueza. Aborreceo como pernicioſo veneno a detracçaõ; diſſimulou com paternal affecto os defeitos alheos ſendo rigido cenſor dos proprios. Promoveo com o ſeu exemplo a obſervancia da diſciplina regular até que chegando à idade de 76. annos, e 60. de Companhia falleceo no Collegio de Evora a 20. de Junho de 1664. Fazem delle merecida lembrança *Bib. Societ.* pag. 113. col. 2. Franco *Imag. da Virtud. do Noviciad. de Evor.* pag. 856. e no *Ann. Glorioſ. S. J. in Luſit.* pag. 348. col. 2. e no *Synopſ. Annal. S. J. in Luſit.* pag. 336. n. 6. Fonſec. *Evor. Glorioſ.* pag. 428. Dos muitos Sermoens que prégou ſómente ſe publicaraõ os ſeguintes.

Sermaõ do Auto da Fé que ſe celebrou no Terreiro do Paço deſta Cidade de Lisboa em 6. de Abril de 1642. Lisboa por Domingos Lopes Roſa. 1642. 4.

Sermaõ em Santa Clara de Coimbra à primeira pedra do Templo, e Convento Real, que a Real Mageſtade delRey D. Joaõ o IV. levantou à Rainha Santa Izabel ſua Avò no monte da Eſperança, e treſladaçaõ das ſuas reliquias, e mudança das Religioſas para o Templo, e Convento novamente levantado. Lisboa por Paulo Crasbeeck 1649. 4.

Oraçaõ funeral em as honras do Sereniſſimo Infante D. Duarte Irmaõ da Sacra, e Real Mageſtade delRey N. Senhor D. Joaõ o IV. de Portugal aos 15. de Dezembro de 1649. Coimbra Na officina Crasbeeckian. 1650. 4.

Sermaõ na Feſta do Anjo Cuſtodio do Reyno de Portugal na occaſiaõ, e dia em que a Sacra Mageſtade delRey D. Joaõ o IV. Noſſo Senhor paſſou em Alentejo contra Caſtella em Lisboa o terceiro Domingo de Julho de 1642. Lisboa por Paulo Crasbeeck. 1651. 4.

Sermaõ de S. Franciſco no ſeu Convento da Ponte em Coimbra a 4. de Outubro de 1648. Lisboa pelo dito Impreſſor. 1651. 4.

Sermaõ no Auto da Fé, que ſe celebrou na Praça da Cidade de Evora em 27. de Julho de 1636. Evora na Officina da Univerſidade 1659. 4.

BENTO TEIXEIRA FEYO. Depois de ter padecido hum horroroſo naufragio em Nào N. Senhora da Atalaya de que era Capitaõ Antonio da Camara de Noronha juntamente com a Capitania chamada *Sacramento* que mandava como Capitaõ Mór Luiz de Miranda Henriques as quaes ſahi-

raõ de Goa a 20. de Fevereiro de 1647. ſendo Vice-Rey do Eſtado D. Filippe Maſcarenhas, chegando a eſta Corte naõ ſómente deu à Mageſtade de D. Joaõ o IV. a noticia individual deſte tragico ſucceſſo, mas por ordem do meſmo Principe a eſcreveo com eſtilo claro, e ſincero intitulando-a.

Relaçaõ do Naufragio que fizeraõ as Náos Sacramento, e N. Senhora da Atalaya vindo da India para o Reyno no Cabo de Boa Eſperança. Lisboa na Officina de Paulo Crasbeeck. 1650. 4.

BENTO TEIXEIRA PINTO Natural de Pernambuco igualmente perito na Poetica que na Hiſtoria de que ſaõ argumentos as ſeguintes obras.

Proſopopeya dirigida a Jorge de Albuquerque Coelho Capitaõ, e Governador de Pernambuco nova Luſitania. Lisboa por Antonio Alvares 1601. 4. Saõ Outavas juntamente com a *Relaçaõ do Naufragio que fez o meſmo Jorge Coelho vindo de Pernambuco em a Nào Santo Antonio em o anno de* 1565. Sahio 2. vez impreſſa na *Hiſtor. Tragico-Marit.* Tom. 2. deſde pag. 1. até 59.

Dialogo das grandezas do Braſil em que ſaõ interlocutores Brandonio, e Alviano. M. S. Conſta de 106. folhas. Trata de muitas curioſidades pertencentes à Corografia, e hiſtoria natural daquellas Capitanîas. Conſerva-ſe na Livraria do Conde de Vimieiro. Deſta obra, e do Author faz memoria o moderno addicionador da *Bib. Geog.* de Antonio de Leaõ Tom. 3. Tit. unic. col. 1714.

Fr. BENTO DE S. THOMAZ natural da Cidade do Porto, filho de Marcos Joaõ Diniz, e Franciſca Ferreira. Na idade da adoleſcencia recebeo o habito da preclariſſima Ordem dos Prégadores no Real Convento de Lisboa a 4. de Agoſto dia conſagrado ao culto de ſeu illuſtre Patriarcha, do anno de 1644. Aprendeo com tanta comprehenſaõ, e viveza de engenho as ſciencias Eſcholaſticas que as dictou plauzivelmente aos ſeus domeſticos. Depois de alcançar o gráo de Meſtre da Ordem foy Qualificador do Santo Officio recuzando o lugar de Inquiſidor de Goa em que o nomeara o Eminentiſſimo Inquiſidor Geral D. Veriſſimo de Lancaſtro. Foy Prior do Convento de Aveiro, e hum dos celebres Theologos que no ſeculo paſſado floreceraõ neſte Reyno. Falleceo no Convento de Lisboa a 18. de Janeiro de 1687. Imprimio.

Oraçaõ em louvor da Bemaventurada Roſa de Santa Maria da Terceira Ordem de S. Domingos na feſta que ſe fez à ſua Beatificaçaõ no Convento de S. Domingos de Coimbra. Coimbra por Thomé Carvalho Impreſſor da Univerſidade 1669. 4.

Sermaõ do Dezagravo de Chriſto Sacramentado na Igreja de Santa Engracia. Lisboa por Joaõ da Coſta 1671. 4.

Sermaõ do Acto da Fé celebrado em Coimbra na quarta Dominga de Quareſma 12. *de Março de* 1673. Coimbra por Manoel Diaz Impreſſor da Univerſidade. 1673. 4.

Contra a perfidia Hebraica M. S. fol. Eſta obra *depois de eſtar approvado pela Ordem* (como eſcreve Fr. Pedro Mont. *Clauſt. Dominic.* Tom. 3. pag. 174) *e pela Inquiſiçaõ, eſtando a rever pela Meza do Paço por morte do dito Author ficou na maõ de algum Miniſtro deſte Tribunal deixando aos que conheceraõ o ſeu talento com o pezar de que naõ ſahiſſe à luz.*

Fr. BENTO DE S. THOMAZ natural da Villa da Arrifana de Souſa do Biſpado do Porto. Recebeo o habito Monachal do Principe dos Patriarchas S. Bento a 7. de Março de 1644. onde eſtudou com tal applicaçaõ as ſciencias eſcholaſticas que depois de as dictar aos ſeus domeſticos mereceo ſer laureado com as inſignias doutoraes em a Univerſidade de Coimbra. Naõ ſatisfeito o ſeu profundo talento de ter penetrado as mayores difficuldades da Theologia Eſpeculativa paſſou a inveſtigar os myſterioſos arcanos da Poſitiva, os quaes revelou ſendo Cathedratico de Eſcritura em a Athenas Conimbricenſe de que tomou poſſe a 27. de Novembro de 1670. donde ſubio à Cadeira de Veſpera em 10. de Outubro de 1693. Igual capacidade moſtrou governando, como enſinando quando em o anno de 1689. foy eleito Geral da ſua Monaſtica Congregaçaõ. Falleceo a 5. de Junho de 1695. Deixou compoſtas as ſeguintes obras dignas certamente da luz publica.

De Peccato Originali.

De Abraham
De Joſeph.
In librum Judicum.
De Jacob.
De Ruth. Deſta obra faz illuſtre memoria o Meſtre Fr. Joaõ dos Prazeres Monge Benedictino em a *vid. do Princep. dos Patriarch. S. Bent.* Tom. 2. Emprez. 27. pag. 358.

BENTO DA VICTORIA Veja-ſe VICTORINO DE S. GETRUDES.

D. BERNARDA FERREIRA DE LACERDA illuſtrou com o ſeu nacimento a Cidade do Porto em o anno de 1595. e com os ſingulares dotes de que liberalmente a ornaraõ a graça, e a natureza a ſeus nobres progenitores Ignacio Ferreira Leytaõ Cavalleiro da Ordem de Saõ-Tiago Dezembargador do Paço, Chanceller Mór do Reyno, e D. Paula de Sà Pereira filha de Gomez Correa de Lacerda, e D. Ignez de Sà, e Menezes. Na idade pueril deu logo manifeſtos ſinaes do raro engenho, e aguda comprehenſaõ com que na adulta havia ſer admirado o ſeu talento principalmente unindo-ſe nella o que raras vezes ſucede a diſcriçaõ, e fermoſura com que roubava as atençoens dos dous mais nobres ſentidos. Com o progreſſo dos annos ſe foy augmentando no exercicio das Artes, e ſciencias ſendo glorioſo exceſſo das Segeas de Eſpanha, das Safos da Grecia, e das Falconias, Lavras, e Polas de Italia. Penetrou com ſubtileza os myſterios da Filoſofia, obſervou com profundidade os arcanos da Mathematica, e practicou com perfeiçaõ os preceitos da Muſica tocando com igual graça, que deſtreza todo o genero de inſtrumentos armonicos. Entre as nove Muſas teve o principado merecendo pela metrica elegancia das ſuas compoſiçoens ſer aclamada Princeza de taõ Divina Arte pelos ſeus mais celebres Profeſſores Joaõ Perez de Montalvaõ, e Lope da Vega Carpio. Igualmente foy perita nas ſciencias Sagradas diſcurſando profundamente por eſpaço de huma hora no altiſſimo Myſterio da Santiſſima Trindade na prezença dos mayores Corifeos deſta ſublime Faculdade confeſſando que o ſeu entendimento ſe illuſtraua com luzes ſuperiores. Fallou elegantemente as linguas Latina, Italiana, e Eſpanhola parecendo pela perfeiçaõ com que as dearticulava, que nacera onde ellas tinhaõ o ſeu berço. A fama deſtes dotes ſcientificos que ſe fazia mais eſtimavel pelo ſexo, moveo a Filippe III. quando veyo a eſte Reyno nomealla para Meſtra dos Princepes ſeus filhos D. Carlos, e D. Fernando de cujo honorifico miniſterio humildemente ſe eſcuſou. Sendo taõ inſigne nas letras, ainda foy mayor nas virtudes. Suſtentava quotidianamente com largas eſmolas a muitos pobres, ſendo o ſeu primeiro diſvelo ſocorrer àquelles a quem o pejo lhes fechava a boca para o remedio da ſua neceſſidade. Frequentava todas as Semanas o Sacramento da Penitencia, e cada ſeis mezes ſe confeſſava geralmente ſem nunca ter manchado a alma com culpa mortal como affirmaraõ os ſeus Directores eſpirituaes. Era cordialmente devota de Maria Santiſſima cujo Officio ſe obrigou por voto rezar todos os dias o qual cumprio com grande ternura, e naõ menor atençaõ. Sofreu heróicamente aggravos de quem lhe devia obrigaçoens, e com paciencia chriſtaã como ſe fora inſenſivel padeceo continuos achaques que lhe afligiaõ o corpo, e o eſpirito. Ainda que era taõ diſcreta, e ſabia, ſempre ſe conſiderava ignorante naõ podendo a vangloria inſeparavel companheira do ſexo feminino fazer no ſeu coraçaõ a impreſſaõ mais leve. Foy cazada com Fernaõ Correa de Souſa digno eſpoſo de tal conſorte aſſim em a nobreza do ſangue, como na practica das virtudes de quem teve deſcendencia que naõ degenerou de taõ qualificados Progenitores. Com catholica reſignaçaõ tolerou a morte de ſeu eſpoſo, e de alguns filhos, que terniſſimamente amava ſervindo-lhe eſtes funeſtos annuncios de ſe preparar para a Eternidade de que foy tomar poſſe o ſeu eſpirito no primeiro de Outubro de 1644. Jàz ſepultada com ſeu marido em hum nobre Mauſoleo de porfido, e alabaſtro ſituado ao lado do Evangelho da Capella de S. Jozé em o Convento de N. Senhora dos Remedios deſta Corte de Carmelitas Deſcalços dos quaes foy muito devota, e nelle ſe lè gravado eſte diſcreto, e elegante epitafio.

Fernaõ Correa de Souſa
D. Bernarda Ferreira de Lacerda

Offerecem aqui mortos quotidiano ſacrificio.
E eſperaõ o dia da immortalidade.
Naceraõ com honra,
Viveraõ com applauſo,
Morreraõ com exemplo.
Felices ſingularmente ambos.
Elle na ſorte de taõ inſigne mulher,
Ella nos dotes de huma alma taõ ſublime,
Que ſem igual na idade preſente venceo a fama das paſſadas.
Sua erudiçaõ, juizo, engenho,
E a grandeza de ſeu eſpirito
Cantou com heróico eſtilo
Heſpanha Libertada.
Sua piedade, devoçaõ, e virtude para cõ Deos,
Deſprezo, e eſquecimento do mundo
Repetem com ſaudoſa, e celeſtial armonia
Os eccos das Soledades do Buſſaco.
Seus eſcritos ſaõ ſeu Retrato
Suas Cinzas noſſo deſengano.
Foy laureada no Paraizo do Ceo
Em o primeiro de Outubro de 1644.

Compoz.

Eſpaña Libertada 1. *Parte.* Poema em 8. Rima. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1618. 4. *Obra certo excelente* (como eſcreve Miguel Leitaõ de Andrade *Miſcellan. de Var. Hiſt.* Dialog. 20. pag. 617.) *e tal, que ſe naõ ſabe outra de mulher, que poſſa ſer ſua comparaçaõ,* e Fr. Franc. da Nativid. *Lenit. da Dor* pag. 311. n. 201. *ſe ſuperou a ſi meſma no ſeu maravilhoſo livro de Eſpanha Libertada.*

Segunda Parte. Lisboa por Joaõ da Coſta 1673. 4. Sahio por deligencia de ſua filha D. Maria Clara de Menezes, cazada com Julio Ceſar de Eça, e jaz ſepultada defronte do lugar em que deſcanſaõ ſeus Pays. Naõ acabou a 3. *Parte* impedida pela morte.

Soledades de Buſſaco. Lisboa por Mathias Rodriguez 1634. 12. Conſta de verſos Caſtelhanos, Portuguezes, e Italianos.

Rithmo Latino, e cinco Decimas Portuguezas em applauzo do Poema Heroico intitulado *Malaca Conquiſtada* por Franciſco de Sá, e Menezes, ſendo os argumentos deſte Poema compoſiçaõ de D. Bernarda Ferreira, de que faz memoria o addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ. Tom. 1. Titul. 3. col. 56.

Soneto Portuguez em louvor de Gaſpar Pinto Correa no ſeu Livro *Lacrymæ Luſitanorum in obitu Sereniſſimi Principis Theodoſij Brigantini Ducis.* Ulyſſipone apud Petrum Crasbeeck 1631. 8.

Soneto Portuguez em Louvor da Ulyſſea de Gabriel Pereira de Caſtro, cujos argumentos ſaõ obra de D. Bernarda Ferreira. Sahio Lisboa por Pedro Crasbeeck 1630. 4.

Tres Decimas en applauzo de la Cancion Real al Ave Maria de Juan Bautiſta Alexandre. Lisboa 1635. 4.

Soneto a morte de Joaõ Peres de Montalvaõ nas *Lagrimas Panegyricas* a eſtegran de Poeta. fol. 134.

Sextilhas, e hum Soneto na *Fama Poſthuma de Lope da Vega Carpio.* Madrid 1636. 4. a primeira obra a fol. 42. até 45. a 2. fol. 133. v.º

Obras M. S.

Comedias varias entre as quaes eraõ celebres *el Caçador del Cielo Santo Euſtachio.* da qual faz mençaõ Miguel de Andrade Leytaõ no lugar aſſima allegado, e outra intitulada. *La buena, y mala fortuna.*

Poeſias varias, e Dialogos diverſos.

Tragica converſaõ dos Chriſtãos de S. Thomé, ou Preſte Joaõ. Conſtava de 80. Capitulos, cuja obra ficou em poder de ſua filha D. Maria Clara de Menezes, e della faz mençaõ o moderno addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ Tom. 1. Tit. 3. col. 55.

Lyras à Aclamaçaõ delRey D. Joaõ o IV. Começavaõ.

Tinha roubado inverno a fermoſura.

Conſervavaõ-ſe na Bibliotheca do Cardial de Souſa.

A taõ celebrada Poetiſſa ſe empenharaõ os Ciſnes do Parnaſſo a conſagrar-lhe elogios diſtinguindo-ſe entre todos Lope da Vega Carpio pois alem de lhe ter dedicado a Egloga *Filiz* impreſſa em Madrid 1635. lhe canta em ſeu applauzo no *Laurel de Apollo* Sylv. 3. fol. 27. eſtas vozes.

Si pudiera tener la Fama aumento
Y gloria Luſitana,
D. Bernarda de Ferreyra fuera
A cuyo Portuguez entendimiento,
Y pluma Caſtellana
La Eſpaña libertada Eſpaña deve:
Porque ſola pudiera
Partir entre los Reynos eſta gloria,
Tan poderoſa inteligencia mueve

Eſtos dos Orbes con ſu dulce Hiſtoria,
Con tanta erudicion con tanto luſtre,
Que ella queda immortal, y España iluſtre.

Antonio Figueira Duraõ in *Laur. Parnaſ.* Ram. 2. pag. 35.

Aſpice ut inſignis plectro Bernarda canoro
Pingitur, utque illi Polla Argentaria cedit:
Hæc ſecum in Patriam Parnaſſi è culmine montis
Deduxit Muſas, nunc Phœbus regnat in illa.

E logo acrecenta.

Si diffundis poeticos nitores
Dum tubà canis bellica, & ſonora
Belli Hiſpani furores:
Non ferrea tibi ſunt Ferreira ora
Tu noſtram nempe decoras ætatem.
Dum carminibus vincere contendis
Æneida Maronis,
Et dum Hiſpaniæ cantas libertatem:
Carcere admirationis
Libertates altiſona præhendis.

Manoel de Faria, e Souſa *Fuente de Aganipe* Part. 2. Eſtanc. 3. dedicando-lhe a *Fabula de Pan, y Appolo.*

Tu Bernarda yá no decima Muſa,
Antes toda la claſſe ò gran Matrona
De las nueve, que en ti ſe mira incluſa
Y quando menos dellas la Patrona;
De Pan oye la fiſtula confuſa,
Y de Apolo la voz; que màs te abona;
Oye, que eres Tu ſobre una, y otra cuerda
De ſu Lyra con mas ſazon la Cuerda.

Manoel de Gallegos no *Templ. da Memoria* liv. 4. Eſtanc. 193.

D. Bernarda engenho ſoberano,
Que cantando de Eſpanha a liberdade
Deu que admirar à Eſpoſa de Lucano,
E fez mais venturoſa a noſſa idade:
Nos heróes de Bragança, e de Medina
Grandezas tem de mil Poemas digna.

Sor. Violante do Ceo *Rim. Var.* pag. 34.

De los jardines del celeſte Apolo
nativa planta celeſtial contemplo
eſta nueva Deidad, eſta Minerva
por unica del uno al otro Polo
de la immortalidad le ofrece el Templo
el almo Dios que ſu beldad preſerva
Y tanto la conſerva
Que con el agua de Helicon la baña
con que el divino fruto que produze
a tanta gloria a tanto bien conduze
Que qual la plàta, el ſruto admira Eſpaña,
verdad averiguada
de la ſumma verdad acreditada.

P. Antonio dos Reys no *Entuſiaſm. Poet.* n. 268.

Certabant magna vi coram judice Phœbo
Euterpe, Clioque ſimul, qua ſede Lacerda
Digna foret meritis pro tantis: iſta ſedile
Se prope deberi tot bellica fatta canenti,
Sublato clamore docet; docet illa locari
Cum Lyricis debere ſuis, et carmina teſtes
Dulcia producit queis ardua culmina Montis
Quem colit Heliadum Gens, cœlo proxima cantat.
Judicium Phœbi tandem fuit: utraque vincunt,
Utraque Bernardam ſibi ſumant; una duabus
Sufficit.

Semelhantes applauſos lhe dedicaraõ os Hiſtoriadores chamando-lhe Fr. Leaõ de Santo Thom. *Bened. Luſit.* Tom. 1. Part. 2. cap. 12. pag. 348. *Illuſtre Portugueza, Poeta famoſa.* Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 495. no Comment. de 9. de Abril let. H. *Taõ aplaudida, e decantada dos Poetas de ſeu tempo por ſuas ſingulares habilidades.* Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 167. col. 1. *muliebris ſexus hoc noſtro tempore non parum inſigne decus extitit.* Fr. Belch. de S. Ann. *Chron. de Carm. Deſcalſ. da Prov. de Portug.* Tom. 1. liv. 2. cap. 55. *Gloria de Portugal por ſeu raro, e ſingular talento bem manifeſtado nas obras, que compoz.* Macedo *Flor. de Eſpan.* cap. 18. excel. 9. *La Decima Muſa, y quarta Gracia.* D. Franc. Man. na *Carta dos Auth. Portug.* ao Doutor Manoel da Fonſeca Themudo. *Em repetidos Poemas guardou doçura, e igualdade.* Fr. Bent. Jeronym. Feijoo *Theatr. Crit.* Tom. 1. Diſc. 16. n. 113. *Sobre entender, y hablar con facilidad varias lengoas ſupo la Poeſia, la Rhetorica, la Philoſofia, y las Mathematicas.* Azeved. *Portug. Illuſtrad. pelo ſex. femin.* pag. 80. n. 16. *diſcretiſſima em todo o genero de materias.* Damiaõ de Froes Perym *Theatr. Heroin. das Mulher. Illuſtr. em ſciencia.* Tom. 1. pag. 154. *Em todos os Eſtados foy exemplar de honeſtidade, e economia ſendo exercicio comum deſta Matrona a liçaõ dos livros, e uzo da Poeſia.*

Fr. BERNARDINO DE S. ANTONIO natural de Lisboa, e illuſtre filho da Sagrada

Ordem da Santiſſima Trindade de cuja antiguidade, noticias, e privilegios foy deligentiſſimo inveſtigador. Depois de ſer Prezentado na Sagrada Theologia que dictou profundamente aos ſeus domeſticos, os governou duas vezes como Provincial, a primeira no anno de 1617. e a ſegunda no anno de 1626. dando ſempre claros argumentos da ſua natural benevolencia, e ſumma gravidade, por cujos dotes mereceo os louvores de varios Eſcritores como foraõ D. Fr. Thom. de Far. *Decad.* 1. lib. 10. cap. 5. Fr. Ludovic. à Concept. *Exam. Verit. Theol. Moral.* Part. 1. Tract. 3. caſ. 1. n. 2. Hipolit. Marrac. *Bib. Marian.* Part. 1. pag. 222. Altun. *Chron. de Sant. Trind.* lib. 4. Petr. Alv. de Aſtorga in *Milit. Immacul. Concep. Magn. Bib. Eccleſ.* pag. 496. col. 1. Morreo no Convento de Santarem a 5. de Junho de 1642. e naõ de 1638. como eſcreve Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 167. col. 2. Compoz.

Epitome Generalium Redemptionum Captivorum, quæ a Fratribus Ord. Santiſſimæ Trinitatis ſunt factæ. Ulyſſipone apud Petrum Crasbeeck 1624. 4.

Summaria relaçaõ da vida, e morte do grande Servo de Deos o Reverendiſſimo P. Meſtre Fr. Simaõ de Rojas religioſo da Ordem da Santiſſima Trindade, e Confeſſor da Sereniſſima Raynha de Eſpanha D. Izabel de Borbon, e das vidas dos Bemaventurados Padres Fr. Bernardo de Monroy Meſtre na Sagrada Theologia, Fr. Joaõ de Aguila, Fr. Joaõ de Palacios Redemptores de Cativos, que padeceraõ em Argel. Lisboa pelo dito Impreſſor. 1625. 4.

Devocionario de Noſſa Senhora que contem o modo de rezar a ſua Coroa naquella forma, que a meſma Virgem Santiſſima a enſinou ao Ven. P. Meſtre Fr. Simaõ de Rojas. Lisboa por Jorge Rodriguez 1626. 8.

Chronica da Ordem da Santiſſima Trindade da Provincia de Portugal. fol. 4. Tom. *M. S.* de que faz memoria o meſmo Author in *Epitom. Redemp.* lib. 1. cap. 10. §. 2. pag. 49. e o Illuſtriſſimo D. Rodrigo da Cunha *Hiſt. Eccleſ. de Lisb.* Part. 2. cap. 83. affirmando a tivera em ſeu poder. Brandaõ *Mon. Luſit.* Part. 5. lib. 16. cap. 44. e Fr. Joaõ do Sacram. *Chron. dos Carm. Deſcalſ. da Prov. de Portug.* Tom. 2. liv. 5. cap. 22. §. 525. e liv. 1. cap. 5. §. 80.

Conſtituiçoens da Ordem acrecentadas, e confirmadas pela Santidade de Paulo V. em o anno de 1618. como elle eſcreve in *Epit. Redempt.* lib. 1. cap. 15. §. 7. fol. 74.

Dos varoens illuſtres da Ordem da Santiſſima Trindade. fol. 2. Tom. *M. S.* Faz mençaõ deſta obra Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 220. no Comment. de 12. de Mayo letr. F. e Tom. 2. pag. 567. no Comment. de 14. de Abril letr. I.

Precioſo Thezouro da Ordem da Santiſſima Trindade. M. S. Conſerva-ſe no Archivo do Convento de Lisboa como diz Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 567. no Comment. de 14. de Abril letr. I.

Vida do Ven. Fr. Roque do Eſpirito Santo da Ordem da Santiſſima Trindade. Volume grande *M. S.* como affirma Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 193. no Comment. de 11. de Mayo letr. C.

Deſcripçaõ do Reyno de Portugal. M. S. Deſta obra fazem memoria Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 760. no Comment. de 29. de Abril letr. B. e o moderno addicionador da *Bib. Geograf.* de Ant. de Leaõ Tom. 3. Tit. unic. col. 1415.

D. Fr. BERNARDINO DE SANTO ANTONIO natural da Villa de Serpa em a Provincia Tranſtagana filho de Marcos Affonſo Cançado, e Maria Correa. Na idade mais florente profeſſou o Sagrado Inſtituto dos Religioſos Menores no Convento de S. Franciſco de Tavira da Provincia dos Algarves a 12. de Junho de 1641. Depois de dictar com applauzo Filoſofia, e Theologia aos ſeus domeſticos, e ſer Lente Jubilado, foy Guardiaõ de Coimbra, Cuſtodio da Provincia, e Guardiaõ do Convento de S. Franciſco de Evora donde foy aſſumpto a Biſpo Coadjutor com o titulo de Targa do Arcebiſpo de Evora D. Diogo de Souſa, e de ſeus dous Suceſſores D. Fr. Domingos de Guſmaõ, e D. Fr. Luiz da Sylva. Foy Deputado do Santo Officio de Evora de que tomou poſſe em 3. de Julho de 1675. Falleceo no Real Convento de S. Franciſco da meſma Cidade em o anno de 1699. Foy inſigne Prégador, e entre muitos Sermoens dignos da luz publica que deixou M. S. he o mais celebre.

Sermaõ do Auto da Fé celebrado em Evora no anno de 1682. quando chegou a Bulla contra os Chriſtaõs novos. Fazem delle memoria Fr. Pedro Monteiro *Cathal. dos Deputad. da Inquiſ. de Evora,* e o P. D. Manoel Caetan. de Souſa *Cathalog. Hiſtor. dos Arc. e Biſp. Portug.* pag. 122.

Fr. BERNARDINO DE SANTO ANTONIO filho de Sebaſtiaõ Paulos, e Ignez Alvares ſemelhante ao precedente aſſim na patria que lhe deu o berço, como na Religiaõ em que profeſſou no Convento de Monte mór a 3. de Agoſto de 1684. Foy Lente de Artes, e Theologia, Qualificador do Santo Officio. Ao tempo que era Guardiaõ do Convento de Coimbra paſſou a Serpa ſua patria onde morreo em o anno de 1709. Foy eloquentiſſimo Prégador deixando capazes da Impreſſaõ.

Sermoens Varios M. S.

Os quais conſervaõ os ſeus Religioſos com grande eſtimaçaõ. Por ſua deligencia ſe reimprimiraõ as famoſas Concluſoens que em Veneza defendeo o grande Fr. Franciſco de Santo Agoſtinho Macedo.

Fr. BERNARDINO DE S. ANTONIO. Naceo em Moimenta da Serra do Biſpado de Coimbra Comarca da Guarda a 13. de Fevereiro de 1660. ſendo filho de Manoel Gomes Carqueja, e Mariana de Sequeira. Na idade da adoleſcencia recebeo o habito Serafico em o Convento de S. Franciſco da Covilhàa a 19. de Junho de 1677. onde profeſſou a 20. do dito mez do anno ſeguinte. No Collegio de Saõ Boaventura de Coimbra eſtudou as ſciencias eſcholaſticas em que ſahio bom letrado, e preferindo o exercicio dos Pulpitos, ao das Cadeiras jubilou no miniſterio de Prégador no anno de 1717. Publicou.

Septena dedicada às Sete mayores triſtezas, e ſete alegrias, que teve em todo o diſcurſo da ſua vida Santiſſima o Senhor S. Jozé. Lisboa por Domingos Gonçalvez. 1739.

Fr. BERNARDINO DE AVEIRO natural da Villa do ſeu appelido ſituada no Biſpado de Coimbra, Religioſo Menor da reformada Provincia da Piedade, Varaõ de ſumma contemplaçaõ, e rigoroſa penitencia. Para acender os coraçoens em piedoſos affectos traduzio de Latim em Portuguez de Joaõ Thaulero.

Meditaçoens da Paixaõ de Chriſto com 14. *exercicios eſpirituaes de Nicoláo Eſtio.* Evora por André de Burgos. 1554. 4. Sahio eſta traduçaõ por ordem do Cardial Infante D. Henrique.

BERNARDINO BOTELHO DE OLIVEYRA natural de Lisboa ornado de inclinaçaõ para a Poetica, como de profunda eſpeculaçaõ para a Filoſofia, e de ſumma habilidade para todas as Artes Mechanicas em que fez admiraveis inventos, compondo.

Sentimento lamentavel, que a dor mais ſentida em lagrimas tributa na intempeſtiva morte da Sereniſſima Rainha de Portugal Noſſa Senhora D. Maria Sofia Izabel de Neoburg. Lisboa por Bernardo da Coſta 1699. 4. Conſta de huma Gloſſa ao Soneto de Camoens que começa. *Choray Nimfas os fados poderozos.* Tres Sonetos, e huma Decima.

Refutaçaõ dos Canos chamados de tres tempos, e abono dos rectos, ou de Cana por igual com algumas rezoens tocantes ao repucho, que daõ as eſpingardas, e duas demonſtraçoens de deſacerto, e acerto do ponto, e mira. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ. 1714. 4.

Eſcudo apologetico Phyſico, Optico oppoſto a varias objeçoens, onde ſe moſtra como, e de que parte ſe faz, ou ſe determina a ſenſaçaõ do Objecto viſivo. Lisboa por Mathias Pereira da Sylva, e Joaõ Antunes Pedrozo. 1720. 4.

Fr. BERNARDINO DE JESUS. Naceo na Villa de Vimieiro na Provincia do Alentejo, e na idade da adoleſcencia obedecendo à voz de Deos que o chamava do tumulto do Seculo para a tranquilidade da Religiaõ entre todas eſcolheo a auſtera Provincia da Arrabida onde pelo eſpaço de quarenta, e cinco annos ſempre fez ſanguinolenta guerra ao corpo para que o ſeu eſpirito lograſſe de paz inalteravel. Nunca comeo carne, nem peixe, nem bebeo vinho, e ainda que era acometido de huns terriveis accidentes admitio diſpenſaçaõ alguma em taõ riguroſa abſtinencia. No confeſſionario aſſiſtia frequentemente atrahindo

com ſuavidade ao caminho da penitencia os mais inflexiveis coraçoens. Sentia no ſublime exercicio da Oraçaõ em que paſſava muitas horas tantas conſolaçoens eſpirituaes que ſe manifeſtavaõ no ſemblante por mais que a modeſtia, e o ſilencio as queriaõ occultar. No aſpecto era grave, no veſtido deſprezivel, na obediencia prompto, e em todas as acçoens mortificado. Ultimamente atenuado mais pela auſteridade da vida, que pelo numero dos annos cahio enfermo no Hoſpicio do Hoſpital Real de Lisboa onde depois de receber com grande ternura os Sacramentos paſſou a lograr o premio de tantas virtudes a 22. de Setembro de 1609. Eſcreveo com eſtilo mais pio, que elegante.

Verſos varios.

Os quaes eraõ (como diz Fr. Antonio da Piedade *Chronic. da Prov. da Arrabida.* Part. 1. liv. 5. cap. 10. §. 1112. pag. 877. col. 2.) *para recrear ſeu eſpirito, e tambem para eſpiritual alivio dos amigos, e pessoas devotas, que o procuravaõ.*

Fr. BERNARDINO DE JESUS, ou de SENA. Naceo em Lisboa onde recebeu a graça bautiſmal a 29. de Agoſto de 1599. Na idade da puericia por cantar com ſuavidade, e deſtreza foy admitido à Religiaõ Serafica da Terceira Ordem da Penitencia, e no Convento de S. Franciſco de Vianna diſtante cinco legoas da Cidade de Evora profeſſou a 16. de Julho de 1615. Por muitos annos exercitou com grande zelo o lugar de Vigario do Coro do Convento de N. Senhora de JESUS deſta Corte, e de Miniſtro do Convento de S. Franciſco de Vianna, e de Definidor em o anno de 1659. Foy muito eſtimado pelo Sereniſſimo Rey D. Joaõ o IV. naõ ſómente pela excellencia da vóz com que cantava, mas pela profundidade da ſciencia do contraponto, em que compoz.

Diverſas Obras M. S.

Falleceo em o Convento de Lisboa a 10. de Abril de 1669. ao tempo que contava 70 annos de idade e 54. de Religiaõ.

BERNARDINO RIBEYRO natural da Villa do Torraõ na Provincia do Alentejo, Moço Fidalgo da Caſa delRey D. Manoel, Capitaõ Mór das Armadas da India, Commendador de Villa Cova na Ordem de Chriſto, e Governador de S. Jorge da Mina. Teve por Pays a Luiz Eſteves Ribeiro Thezoureiro do Infante D. Fernando filho do Sereniſſimo Rey D. Manoel, e a D. Izabel Pacheco filha do Dezembargador Diogo Pacheco Secretario das Embaxadas que eſte Monarcha mandou aos Summos Pontifices Leaõ X. e Julio II. e de D. Izabel Pacheco filha de Gonçalo Lopes Pacheco. Depois de ter eſtudado Juriſprudencia em que ſahio inſigne, cultivou a Poetica com tanto applauſo do ſeu nome, que mereceo as eſtimaçoens do Principe deſta divina Arte o divino Camoens chamando-lhe o ſeu Enio, ſendo o primeiro que em toda Eſpanha compoz Sextinas em Redondilhas, e as Elegias em verſos menores. Arrebatado de impulſos amoroſos paſſava muitas noutes entre a eſpeſſura, e ſolidaõ dos boſques explicando junto à corrente das aguas com ſuſpiros, e lagrimas a vehemencia de paixaõ taõ violenta que o obrigou a emprender impoſſiveis dedicando os ſeus affectos à Infanta D. Beatriz filha do Sereniſſimo Rey D. Manoel como elegantemente o cantou Manoel de Faria e Souſa na 3. Part. da *Fuente de Aganip.* Centur. 2. Madrig. 33.

Bocacio Luſitano
En la empreza amoroſa
De bella humana Dioſa
Te conſtituye el hado Soberano
Alſon de acorde Lyra
Adonde ſiempre en vano
Tu coraçon ſuſpira
Viviendo de vaniſſimos amores
Moriſte de dexarlos con dolores.
O' Bernardin feliz! Feliz tu ſuerte
Que un morir largo te atajo la muerte.

Caſou com D. Maria de Vilhena filha de D. Manoel de Menezes filho de D. Jorge de Menezes quinto Senhor de Cantanhede, e de D. Brites de Vilhena filha de Joaõ de Mello da Sylva, de quem teve huma unica filha, e para teſtemunhar o exceſſivo affecto que teve a ſua eſpoſa, nunca quiz paſſar a ſegundas vodas alludindo a eſta reſoluçaõ aquelles ſeus verſos 1. Part. cap. 21.

Penſandovos eſtou filha,
Voſſa May me eſtà lembrando.

Do ſeu talento poetico fazem illuſtre memoria Faria 1. Part. da *Fuente de Aga-*

nip. no *Diſc. dos Sonetos* ao principio; e na 3. Part. no *Diſcurſ. das Sextinas.* n. 20. na 4. Part. das *Elegias.* n. 10. e no *Comment. as Rim. de Camoens* Tom. 5. pag. 160. e Tom. 2. p. 44. na *Europ. Portug.* Tom. 3. Part. 4. cap. 8. n. 22. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. B. n. 33. P. Ant. dos Reys in *Enthuſ. Poet.* n. 138.

Hunc prope Riberius ſtat quondam notus in Aula
Dum Lyſiæ populis Sanctiſſima jura beatus
Rex dabat Emmanuel.

Por deligencia de ſeu parente Manoel da Sylva Maſcarenhas fidalgo da Caſa delRey, e Governador da Fortaleza de Outaõ ſe imprimio.

Primeira Parte de Menina, e Moça ou ſaudades de Bernardim Ribeiro. Evora por Andre de Burgos. 1557. 8. & ibi pelo dito Impreſſor 1578. e Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1645. 8.

Egloga. Interlocutores Egeſtio, Dalio, e Laureno.

Tem no fim eſtas letras iniciaes D. B. R. Sahio impreſſa com as *Rimas de Eſtevaõ Rodriguez.* Florencia por Zenobio Pignoni. 1623. 8.

No Cancioneiro do P. Pedro Ribeiro eſcrito no anno de 1577. que ſe conſervava na Bibliotheca do Cardial de Souſa eſta huma ſua excellente obra de eccos que começa.

Ecco pois pelo meu mal.

Fr. BERNARDINO DA SYLVA. Naceo em Lisboa de Pays nobres aos quaes illuſtrou com mayores brazoens quando deixando a ſua amavel companhia recebeo a Cogulla Ciſtercienſe em o Real Convento de Alcobaça em o anno de 1585. Aprendidas as Faculdades Eſcholaſticas em taõ famoſa Paleſtra as enſinou em o Convento de Santa Maria de Ceiça aos ſeus domeſticos com grande applauſo do ſeu talento que mereceo ſer coroado com as doutoraes inſignias de Theologo em a Univerſidade de Coimbra em o anno de 1622. Naõ teve inferior capacidade para varias occupaçoens em que o nomeou a ſua Congregaçaõ, como foraõ Procurador Geral na Cidade do Porto, Confeſſor das Religioſas de Arouca, Abbade do Convento de Odivellas, Prior de Alcobaça, e Definidor. A ſua incanſavel eſpeculaçaõ depois de ter largamente diſcorrido pelas dificuldades Theologicas, e Eſcriturarias ſe dilatou pelos vaſtos campos da Hiſtoria Sagrada, e profana, como claramente o moſtrou na erudita, e nervoſa Apologia dividida em duas partes com que defendeu a primeira parte da *Monarchia Luſitana* compoſta por ſeu Tio o inſigne Fr. Bernardo de Brito Chroniſta Mór do Reyno criticada por Diogo de Payva de Andrade no ſeu *Exame de Antiguidades* o qual mais por impulſo da paixaõ que amor da Verdade ſe declarou antigoniſta de algumas opinioens daquella obra. No Real Convento de Alcobaça em que deu principio à vida religioſa acabou a mortal a 8. de Fevereiro de 1641. Jàz ſepultado no Capitulo, e o ſeu Retrato ſe conſerva entre os Varoens mais inſignes da ſua Religiaõ, e como tal o celebraõ Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 171. e Tom. 2. pag. 285. D. Franc. Manoel na *Cart. dos Author. Portug.* eſcrita ao D. Themudo. Carol. Viſch. *Bib. Ciſterc.* Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. B. n. 34. Joan. Hallevord. *Bib. Curioſ.* pag. 34. col. 1. e Agoſt. Sartor. *Ciſt. Biſterc. ſeu Hiſt. Elogial. Ord. Ciſterc.* Tit. 20. pag. 522. Compoz.

Defenſaõ da Monarchia Luſitana Primeira Parte. Coimbra por Nicoláo Carvalho. 1620. 4.

Segunda Parte. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1627. 4.

Polyanthea Luſitana. M. S. fol. volume grande o qual tinha prompto com as licenças para a impreſſaõ Fr. Bernardino Sottomayor Confeſſor das Religioſas Ciſterciences de Cellas. Conſtava de *Diſcurſos Panegyricos, e doutrinaes ſobre os Evangelhos das Feſtas dos Santos.* Deſta obra faz repetida memoria o Author na primeira Parte da *Defenſaõ da Monarchia Luſit.* cap. 11. fol. 37. e 39. cap. 16. fol. 57. cap. 26. fol. 98. e cap. 31. fol. 130.

BERNARDINO SOARES OSORIO natural de Lisboa Credenciario da Capella Real, cordial devoto da Raynha dos Anjos, e ſuficientemente inſtruido na lingua Italiana da qual traduzio na Portugueza em obſequio da meſma Senhora.

O eſcravo da Virgem Santiſſima Senhora Noſſa, ou practica de como ſe devem offerecer

por eſcravos da meſma Senhora para alcançarem por ſua interceſſaõ huma boa, e ſanta morte com hum exercicio muy util para aſſiſtir ao Sacrificio da Miſſa. Lisboa na Officina Crasbeeckiana. 1655. 12. Evora na Impreſſaõ da Academia. 1659. 12. e Lisboa por Joaõ da Coſta. 1676. 12.

Fr. BERNARDO DE ALCOBAÇA cujo appellido declara o lugar onde naturalmente naceo para o mundo, e eſpiritualmente para Deos recebendo o habito monachal da familia Ciſtercienſe em o Real Convento ſituado na meſma Villa onde ſahio taõ inſtruido nas virtudes, como nas ſciencias exercitando por toda a vida com louvavel procedimento, e exacta obſervancia a Abbadia do Convento de S. Paulo diſtante huma legoa de Coimbra cuja renda eſta hoje annexa ao Collegio Conimbricenſe de S. Bernardo. Por inſinuaçaõ da Infanta D. Izabel mulher do Infante D. Pedro filho delRey D. Joaõ o I. Princeza dotada de ſumma piedade, e Religiaõ traduzio da lingoa Latina em a Portugueza a Vida de Chriſto Senhor Noſſo compoſta pelo aſcetico Varaõ Rodolpho de Saxonia ſingular eſplendor da Ordem de S. Bruno cuja traduçaõ ſe conſerva eſcrita em pergaminho, e dividida em quatro partes no Cartorio do Real Convento de Alcobaça. No fim da primeira Parte eſtaõ eſcritas da propria maõ do traductor eſtas palavras. *Aqueſte livro mandou treſladar à honra de Jeſu Chriſto, ao muy indigno, e pobre de Virtudes Fr. Bernardo Monge do Moſteiro de S. Paulo anno de* 1445. *o Abbade de Alcobaça D. Eſtevaõ de Aguiar que mo mandou fazer, ſe finou no ano do Senhor de* 1446. *Idibus Februarij em dia da ſeptuageſſima.* Paſſados cincoenta annos deſta traduçaõ ſahio impreſſa em 4. Tomos de folha muito grãde e em admiravel caracter por ordem delRey D. Joaõ o II. e ſua mulher D. Leonor, e no fim do Primeiro Tomo como lemos em hum excellente exemplar que ſe conſerva na Selectiſſima Livraria dos Padres Theatinos deſta Corte eſtaõ eſtas palavras que eſcrevemos com a meſma Orthografia em que ſe lem impreſſas.

Acaba-ſe ho primeiro livro intitullado da vida de Chriſto em lingoagem Portugues. Nom aquelle que ſe chama da meninice do Salvador , o qual he aprocrifo XV. Di. Mas eſte que compoz ho Venerable Meeſtre Ludolfo prior do Moeſteiro muy honrrado de argentina da ordem muy excellente da Cartuxa, e foy tyrado ſegundo a ordem da hyſtoria evangelical. O qual mandou treslladar de Latym em lingoagem portugues a muyto alta Princeſſa Infanta Dona Yſabel duqueſſa de Coymbra, y Senhora de monte moor. Ao muy pobre de virtudes dom abade do moeſteiro de Sam paullo, e foy impreſſo, em a muy nobre, e ſempre leal Cidade de Lixboa a principal dos regnos de portugal. Per hos hoñrrados meeſtres, e parceyros Nicólàò de Saxonia, e Valentyno de Moravia por mandado do muy yllуſtriſſimo Senhor elRey dom Joham ho ſegundo. E da muy eſclarecida Rainha dona Lyanor ſua molher. Alouvor, e gloria de noſſo Senhor Jheſu Chriſto noſſo Deos, e redemptor, e da ſua intemerada, e ſempre Virgem madre glorioſa Sancta Maria em cujo nome, e louvor ho dicto livro foe, e he compoſto, cujo louvor, e gloria regne em ſeus fiees Xp̃aos para ſempre Amen. Em no anno do naſcimento do dicto Salvador de mill, e quatrocentos, e noventa, e cinco A XIIII. do mez de Agoſto. Conſta de 61. Capitulos.

O ſegundo Tomo que comprehende 31. Capitulos tem no fim eſtas palavras. *Acabaſe o ſegundo livro intitulado da vida de Chriſto em lingoagem portugues em que tracta que o Senhor fez em XXXII. anno por mandado do muy yllуſtriſſimo Senhor elRey Dom Joham. E da muy eſclarecida Señora dona Lyonor ſua molher. E empreſſo em a muy nobre Cidade de Lisboa por Nicoláo de Saxonia, e Valentino de Moravia parceiros. Anno de Mil ẽtrocentos noventa, e cinco a VII. dias do mes de Setembro.*

O Terceiro Tomo que conſta de 50. Capitulos tem no fim as palavras ſeguintes. *Acabaſe a terceira parte, ou livro terceiro intitulado da vida de Chriſto em lingoagem portugues. Ho qual libro compoz ho Venerable Meeſtre Ludolfo prior do moeſteiro muy honrrado de argentina da Ordem muy excellente da Cartuxa, e foy tirado ſegundo a ordem da Hiſtoria evangelical. Ho qual mandou tresladar de Latym, em lingoagem portugues a muyto alta Princeza Infanta Dona Yſabel Duqueza de Coimbra, e Señora de monte moor. Ao muy pobre de virtu-*

des Dom abade do moeſteiro de Sam paullo, E foy corregido, e reviſto com muyta dilligencia por os reverendos padres da Ordem de Sam Franciſco de enxobregas da obſervancia, chamados menores. E foy empreſſo em a muy nobre, e ſempre leal Cidade de Lisboa a principal dos regnos de Portugal. Por hos honrrados meeſtres, e parceiros Valentino de Moravia, e Nicolão de Saxonia por mandado do muy, illuſtriſſimo Señor elRey Dom Joham o ſegundo cuja alma Deos haja. E da muy eſclarecida Rainha Dona Lyanor ſua muy nobre molher. Alouvor, e gloria de noſſo Señor Jheſu Chriſto noſſo Deos, e remijdor, e da ſua yntemerada, e ſempre Virgem madre glorioſa Sancta Maria em cujo nome, e louvor ho dicto livro foe, e he compoſto cujo louvor, e gloria regne em ſeus fieis Xpaaos pera ſempre amen. Em no anno do naſcimento do dicto Salvador de Mill, e quatrocentos, e noventa, e cinco. A XX. dias do mes de Novembro. Regnante ho muy yllustriſſimo, e poderoſo Rey, e Senhor Dom Manuel Rey dos dictos Regnos de Portugal, e dos algarves.

O quarto Tomo que contem 39. Capitulos acaba com eſtas palavras. *Acabaſe o quarto livro, ou a poſtumeira parte intitulado da vida de Xpo en lingoagem portugues que tracta, ou falla da payxam de noſſo Senhor, e remijdor Jheſu Xpo. E das couſas, que ſe depois ella ſeguirom. Ho qual livro compoz ho venerable Meeſtre Ludolfo prior do moeſteiro muy honrrado de argentina da ordem muy excellente da Cartuxa, e foy tirado ſegundo a ordem da hyſtoria evangelical. Ho qual mandou treſladar de Latim em lingoagem portugues a muyto alta Princeſa Infanta Dona Izabel Duqueſſa de Coimbra, e Senhora de Monte moór. Ao muy pobre de virtudes D. Abbade do moeſteyro de Sam paullo. E foy corregido, e reviſto com muyta dilligencia por os reverendos padres da ordem de Sam Franciſco de emxobregas de obſervancia chamados menores. E foy empreſſo em a muy nobre, e ſempre leal, Cidade de Lisboa a principal dos regnos de Portugal. Per hos horrados Meeſtres, e parceiros Nicoláo de Saxonia, e Valentino de Moravia por mandado do muy Illuſtriſſimo Senhor ElRey Joham o ſegundo. E da muy eſclarecida Rainha dona Leonor ſua muy nobre molher &c. Em no anno do naſcimento do dicto Salvador de Mill, e quatrocentos, e noventa, e cinco. A XIIII. dias do mes de mayo.* Eſte quarto tomo devia ſer impreſſo antes do terceiro pelo tempo em que ſe publicou.

Faz mençaõ deſte Author D. Nicol. Anton. *Bib. Vet. Hiſp.* lib. 10. cap. 8. n. 453.

BERNARDO DE ALMEYDA filho de Bento de Almeyda, e Anna Cordeira, e natural de Coimbra donde paſſando a Lisboa entrou quando tinha 17. annos de idade na Companhia de JESUS a 4. de Dezembro de 1651. Moleſtado de alguns achaques que lhe prohibiaõ a exacta obſervancia de taõ ſagrado Inſtituto o deixou com beneplacito dos Superiores, e reſtituindoſe à ſua patria continuou o eſtudo da Theologia em que recebeo o grão de Doutor com univerſal applauſo dos Cathedraticos que igualmente celebravaõ o ſeu engenho capaz, e agudo para as dificuldades Theologicas, como para as delicias Poeticas em que era eminente, principalmente na Poeſia Latina de que deu claros argumentos quando pelos annos de 1662. aſſiſtio em Roma merecendo neſta grande Corte as eſtimaçoens dos homens mais eruditos por ſer hum dos mayores Sabios que nella floreciaõ como affirma D. Franciſco Manoel de Mello no Prologo das ſuas *Obras Metricas* impreſſas em Leaõ de França 1665. 4. Para eterno padraõ da vaſta noticia que tinha da Arte da Rhetorica, Mythologia, e Poeſia Latina, publicou.

Fons eloquentiæ ad maiorem, ac faciliorem Scholaſticorum quacumque de re ornate, & appoſite loquendi uſum Romæ Typis Fabij de Falco 1664. 8. Dedicado a D. Franciſco Manoel que elle intitula *Ceſar Luſitano.*

Minervæ Panoplia ad majorem, ac faciliorem Scholaſticorum quacumque de re loquendi uſum, ornata ex variis Auctorum floribus. Romæ Typis Jacobi Dragondelli. 8. Dedicada ao Eminentiſſimo Cardial Protodatario da Santidade de Alexandre VII. D. Jacobo Conrado.

D. BERNARDO DE ATAYDE natural da illuſtre Villa de Guimaraens, como eſcreve o P. D. Manoel Caetano de Souſ. no

Cathal. Hiſt. dos Biſp. que tiveraõ Dioceſe fora do Reyno pag. 123. ou da Villa de Alcobaça do Arcebiſpado de Lisboa, como affirma o Doutor Manoel Pereira da Sylva Leal no *Cathalog. dos Colleg. do Colleg. de S. Pedro* pag. 16. §. 59. Foy filho de D. Antonio de Atayde quinto Conde da Caſtanheira primeiro de Caſtro Dayro, Alcayde Mór de Guimaraens, Gentil homem da boca de Filippe II. e III. Vicerey deſte Reyno, e Embaxador a Alemanha, e de D. Anna de Lima filha herdeira de D. Antonio de Lima Senhor de Caſtro Dayro, e de D. Maria de Vilhena filha de Chriſtovaõ de Mello herdeiro da Ilha de S. Thomé. Ainda naõ paſſava da idade pueril quando ſeu Pay lhe vaticinou que havia ſer ſublimado à dignidade epiſcopal, cujo vaticinio felizmente ſe cumprio. Applicou-ſe ao eſtudo dos Sagrados Canones em que fez taes progreſſos a delicadeza do ſeu engenho, que por uniforme voto dos Cathedraticos da Univerſidade de Coimbra recebeo naquella Faculdade as inſignias doutoraes. Foy admitido ao Collegio de S. Pedro a 19. de Outubro de 1615. e a Deputado da Inquiſiçaõ de Lisboa a 8. de Agoſto de 1625. Sendo Conego nas Cathedraes de Leiria, Elvas, e Lisboa foy eleito Prior mór da inſigne Collegiada de Guimaraens, de que tomou poſſe a 15. de Julho de 1629. onde inſtituhio a Capella da Muſica de Canto de Orgaõ, e ſeis Clerigos para rezarem as horas Canonicas. Como aſſiſtiſſe em Caſtella a tempo que em Portugal ſe aclamou por ſeu legitimo Soberano ElRey D. Joaõ o IV. o nomeou Filippe IV. Biſpo de Portalegre, e naõ tendo effeito eſta nomeaçaõ foy eleito em o anno de 1645. Biſpo de Aſtorga donde foy promovido no anno de 1654. ao Biſpado de Avila que adminiſtrou como vigilante Prelado até o anno de 1659. em que morreo nomeado Arcebiſpo de Burgos. Fazem delle honorifica menção Fr. Gregorio Argaiz *Soled. Lauread.* Tom. 5. cap. 26. Barboſ. *de Jure Eccleſiaſt.* lib. 1. cap. 30. n. 15. Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 611. no Comment. de 8. de Junho. letr. Fr. D. Nicol. de Sant. Mar. *Chron. dos Coneg. Reg.* liv. 10. cap. 19. n. 9. Franc. Xav. da Serra *Cathal. dos Prior. de Guimar.* pag. 65. Souſa *Hiſt. Geneal. da Caſa Real Portug.* Tom. 2. Liv. 3. pag. 535. §. 18. eſcreveo.

Carta paſtoral aos ſeus Subditos. Madrid. 1655. 8.

BERNARDO BORGES Presbytero Ulyſſiponenſe, e muyto verſado na Theologia Moral como o manifeſta a obra ſeguinte.

Explicaçaõ dos deſaſeis cazos, que ſe reſervaõ nas Conſtituiçoens do Arcebiſpado de Lisboa. Lisboa por Antonio Rodriguez de Abreu. 1673. 8.

Fr. BERNARDO DE BRAGA natural da auguſta Cidade do ſeu appellido, e filho de Manoel Pires, e Catherina Gonçalves. Recebeo a Cogulla Benedictina em o Convento de S. Tyrſo em o anno de 1560. onde depois de ter deſcuberto o profundo talento de que a natureza o dotara para a penetraçaõ da Filoſofia, e Theologia, o manifeſtou mayor para a inveſtigaçaõ das antiguidades, e privilegios da ſua Monaſtica Congregaçaõ, da qual foy Chroniſta diſcorrendo pelos Cartorios de Portugal, e Galliza donde extrahio noticias muito reconditas. Elevado pelo ſeu merecimento exercitou diverſos lugares da Ordem com ſumma prudencia, como foraõ ſer Abbade do Convento de Santa Maria de Carvoeiro no anno de 1581. Definidor em 1584. Viſitador em 1587. Abbade do Convento de Pombeiro em 1590. e ſegunda vez Definidor em 1593. Morreo no Convento de Tibaens a 14. de Março de 1605. cuja memoria celebraõ Fr. Franc. a D. Aug. Maced. in *Dom. Sadic.* pag. 9. chamando-lhe *virum eruditum.* Fr. Leaõ de Santo Thom. *Bened. Luſit.* Tom. 1. Trat. 2. Part. 2. cap. 31. *inſigne,* e Tom. 2. Trat. 1. cap. 10. §. 2. *muy viſto nas hiſtorias aſſim Eccleſiaſticas como Seculares.* Fr. Anton. da Purif. *Chron. da Prov. de S. Agoſt. de Portug.* Part. 2. liv. 4. Tit. 13. *douto Chroniſta.* Argais *Perla de Catalun.* pag. 450. §. 109. *Sugeto digno de toda eſtimacion por ſu inclinacion al eſtudio de la Hiſtoria.* Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 173. col. 1. e Tom. 2. p. 286. col. 1. Compoz.

Hiſtoria das Grandezas, e principios dos Moſteiros de Saõ Bento em Portugal. fol. M. S. Deſta obra faz menção Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 808. no Comment. de 24. de Junho, e pag. 821. no Comment. de 25. do dito mez.

Hiſtoria Monaſtica dividida em 7. Livros 1. Origem do Eſtado Religioſo 2. Genealogia de S. Bento por ſeus Pays. 3. Nobreza de Santo Amaro, e Saõ Placido, ſuas vidas, e mortes. 4. Reformaçaõ monaſtica de S. Bento em toda a Europa. 5. Reformaçaõ da Religiaõ de S. Bento em Eſpanha, e Portugal. 6. Congregaçoens que militaõ debaixo da Santa Regra. 7. Cathalogo dos Pontifices da Religiaõ. Eſta obra tinha licenças da Ordem em o anno de 1599. para ſe imprimir, *mas naõ teve ventura* (como eſcreve Fr. Leaõ de Santo Thomaz *Bened. Luſit.* Trat. 1. cap. 10. pag. 76.) *para ver ſeus trabalhos eſtampados.* Della ſe lembra Fr. Gregorio Argaes *Perla de Catalun.* pag. 451. §. 109.

Tratado da precedencia entre o Embaxador de Portugal, e o de Napoles. M. S. o qual allega Gaſpar Eſtaço *Antiguid. de Portug.* fol. 3. col. 2. e no Cap. 25. n. 1. e Martinho Lipenio *Biblioth. Realis Juridic.* pag. 407. col. 1. citando-o como impreſſo em Braga.

Tratado em que prova ſer S. Damaſo natural de Citania no termo de Guimaraens. de que ſe lembra o meſmo Eſtaço *Antig. de Port.* fol. 53. col. 1.

Origem do Reyno de Portugal, e Genealogias da ſua Nobreza os Godos, Suevos, e Romanos até o noſſo tempo com os progreſſos das Caſas, e Solares fol. 2. Tom. M. S. Conſervaõ-ſe no Moſteiro de Pombeiro, cuja obra *ſeria com muito acerto pelo genio do Author que foy muito exacto, e como a tal o achamos allegado em materias importantes à Hiſtoria* eſcreve em ſeu louvor o P. D. Antonio Caetano de Souſa no *Apparat. à Hiſt. Geneal. da Caſ. Real Portug.* pag. 97. §. 93. onde o faz Provincial do Braſil ſendo equivocaçaõ com outro Monge da ſua Ordem, e do meſmo nome de que logo ſe tratarà.

Breviarium Sanctorum Ord. D. Benedicti ad uſum Congregationis Luſitanæ juſſu Reverend. Patris Fr. Balthaſaris de Braga ejuſdem Congregationis Generalis.

Apontamentos Hiſtoricos. 8. M. S. cujo Original ſe conſerva na Livraria do Convento de Tibaens.

Fr. BERNARDO DE BRAGA, ou DA PURIFICAÇAM filho de Manoel Diaz, e Catherina Lopez ſemelhante ao precedente aſſim na patria que lhe deu o berço onde foy bautizado ao primeiro de Agoſto de 1604. como no inſtituto Monaſtico que profeſſou no Convento de S. Tyrſo. Inſtruido com as ſciencias neceſſarias para o pulpito ſahio hum dos celebres Prégadores do ſeu tempo, e foy jubilado na Religiaõ. Depois de ſer Abbade do Convento de Tibaens no anno de 1629. e de S. Salvador de Gafey em 1632. e Procurador Geral em 1635. paſſou ao Braſil, onde dictou Filoſofia, e Theologia aos ſeus Monges com credito do ſeu talento que o naõ teve inferior na adminiſtraçaõ da Abbadia do Convento da Bahia no anno de 1644. e de Pernambuco no de 1648. até que ſubio a Provincial no de 1653. e ſendo ſegunda vez eleito em 1661. falleceo com grande ſaudade dos ſeus ſubditos a 8. de Março de 1662. antes de cumprir o primeiro anno do ſeu governo quando contava 58. de idade Fr. Gregorio Argaes *Perl. de Catalun.* pag. 466. §. 163. *Predicador de nombre... en que moſtrò la ocupacion de ſus eſtudios, y el delgado hilo de ſu ingenio con lo mucho de ſu comprehenſion.* Compoz.

Sermaõ que prégou na Sé da Bahia em a nova publicaçaõ da Bulla da Cruzada a 18. de Junho de 1644. Lisboa por Paulo Crasbeeck. 1649, 4. No prologo deſte Sermaõ diz: *ſendo que tinha eu mais proximos à impreſſaõ outros trabalhos, que o governo a que aſſiſto tem em ſuſpençaõ, até que o ſocego os manifeſte, ou a morte os deſengane.*

Sermaõ, que fez a N. Senhora de Nazareth o Meſtre de Campo André Vidal de Negreiros na ſegunda Outava de Natal eſtando o Senhor expoſto. Lisboa pelo dito Impreſſor 1649. 4.

Sentimentos publicos de Pernambuco na morte do Sereniſſimo Infante D. Duarte na Igreja de N. Senhora de Nazareth 4. feira 6. de Abril de 1650. Lisboa por Domingos Lopes Roſa. 1651. 4.

Sermaõ de N. Senhora do Monte do Carmo no Moſteiro do Carmo do Rio de Janeiro. Lisboa por Antonio Crasb. de Mello. 1658. 4.

Sermaõ de noſſa glorioſa Madre, e Virgem Santa Eſcholaſtica profeſſando no ſeu dia o Irmaõ Fr. Mathias de S. Bento pregado no Moſteiro de S. Sebaſtiaõ da Bahia,

Do mingo 10. *de Fevereiro de* 1658. Lisboa por Antonio Crasbeeck de Mello. 1659. 4.

Primazia Monarchica do Pay commum dos Mo nges S. Bento na tarde do dia do ſeu tranſito. Ru an por Joaõ Bertelin. 1662. 8. He hum diſ curſo apologetico pela Religiaõ Benedictina.

Segunda parte da Primazia Monarchica do Pay commum dos Monges N. P. S. Bento na tarde do dia do ſeu tranſito. 21. *de Março de* 1661. *no ſeu Moſteiro da Bahia.* Ruan por Lo urenço Maurry. 1662. 8. Ambas eſtas duas par tes ſahiraõ Lisboa.

Auroras de Fr. Bernardo de Braga. M. S. Con ſerva-ſe no Convento de Tibaens.

S endo Collegial de Theologia compoz hum Soneto em louvor do Meſtre Fr. Gregori o Bautiſta ao livro que compoz intitulado *Completas da vida de Chriſto* que ſahio impreſſ o Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1623. 4.

F. BERNARDO DE BRITO chamado no S eculo Balthazar de Brito de Andrade naceo na Villa de Almeyda ſituada na Provincia da Be yra a 20. de Agoſto de 1569. ſendo ſeus Proge nitores o Capitaõ Pedro Cardoſo de Andra de, que nas Campanhas de Flandes, e Italia, deo do ſeu valor heroicos argumentos, e Mar ia de Brito de Andrade igual ao ſeu conſorte em a nobreza do nacimento, a qual com ſumm a vigilancia educou a eſte filho em cuja pueri cia conhecendo a viveza do engenho de q ue liberalmente o dotàra a natureza o mand ou a Roma para que neſta Metropole do m undo aprendeſſe as ſciencias dignas de hum mancebo nobre. Em taõ famoſa paleſtra ſ ahio egregiamente inſtruido aſſim nos prece itos da Poeſia, e Oratoria, como na intell igencia das linguas mais polidas, ſabend o a Latina com perfeiçaõ, fallando a Italia na, e Franceza com naturalidade, e tend o ſufficiente noticia da Grega, e Hebraic a. Applicou-ſe ao eſtudo da Hiſtoria em que na idade adulta fez mayores progreſſ os naõ ſendo inferiores os que a ſua Muſa com o nos primeiros annos publicou compon do verſos ſuaves, e cadentes, que competiaõ cõ os celebres Poetas Lyricos de Heſpan ha. Para mais nobremente illuſtrar eſtes dot es com que ſe ornava o ſeu eſpirito, reſol veo conſagrallos a quem liberalmente lhos concedera, e advertindo com myſterioſa circunſtancia, que o dia em que nacera para o mundo fora dedicado a S. Bernardo, elegeu entre todas as Familias religioſas para renacer para Deos a do Doutor Mellifluo naõ ſomente ſatisfeito de veſtir a ſua Cogulla no Real Convento de Alcobaça em o anno de 1585. mas chamarſe com o nome deſte Principe Ciſtercienſe. Querendo ſeu Pay que foſſe herdeiro dos ſeus grandes ſerviços, que eſperava ſerem generoſamente remunerados pela beneficencia Real, alcançou faculdade Pontificia para que paſſaſſe da Religiaõ de Ciſter para a Militar de S. Joaõ de Malta cujo effeito por ſua morte ſe deſvaneceo. Completo o anno do Noviciado começou a frequentar as Eſcolas com tanta comprehenſaõ, e delicadeza de engenho que admirados os Meſtres confeſſavaõ ſer o ſeu talento ſuperior à natureza pois ao meſmo tempo que aprendia enſinava, de que reſultou naõ ſomente dictar as ſciencias Eſcolaſticas aos ſeus domeſticos com immortal gloria do ſeu magiſterio, mas lauriarſe com as inſignias doutoraes da Faculdade Theologica na Athenas de Coimbra no anno de 1606. O eſtudo, que profundamente tinha dedicado à eſpeculaçaõ das ſciencias naõ impidio applicar-ſe às amenas principalmente à Hiſtoria Sagrada, e profana emprendendo para gloria da Patria, e eterno brazaõ deſte Reyno eſcrever a ſua Hiſtoria geral, penſamento, que ſendo intentado pelos heroicos eſpiritos de Joaõ de Barros, e Andrè de Rezende o executou com tanta felicidade, como incanſavel deligencia revolvendo todos os Carthorios, e Archivos para delles extrahir as noticias conducentes para empreza taõ ardua. Deſte indefeſſo trabalho foraõ as primicias o primeiro Tomo da Monarchia Luſitana publicado na florente idade de 27. annos, com o qual deixou admirada a Republica Litteraria de produçaõ taõ ſazonada em idade taõ verde lendo-ſe em eſtilo claro, corrente, deſafectado, e elegante as antiguidades da noſſa Luſitania deſde o principio do mundo, ſendo o primeiro, que venturoſamente rompeo aquelle tenebroſo Chaos em que eſtavaõ ſepultados os ſuceſſos, e acçoens dos antigos Portuguezes, devendoſe aos impulſos da ſua penna patentes aquellas noticias, que o mundo ignorava.

Eſta grande obra que dedicara à Mageſtade de Filippe II. naõ ſómente lhe agradeceo com particulares ſignificaçoens de affecto, mas lhe ordenou a continuaſſe por Carta eſcrita em Madrid a 3. de Abril de 1597. e poſto que lhe podia retardar o progreſſo a critica de alguns emulos armada contra as ſuas opinioens, mais atento à gloria do Reyno, que à reputaçaõ do ſeu nome naõ deſiſtio de proſeguir o illuſtre argumento que emprendera. Nomeado Chroniſta da ſua Congregaçaõ deſempenhou como delle ſe eſperava, eſta incumbencia eſcrevendo a Chronica de Ciſter com taõ elegante fraze, e critico exame que mereceu o applauſo do grande Cathedratico de Salamanca Fr. Joaõ Marquez Eremita Auguſtiniano chamando-lhe *Hiſtoriador inſigne*, e de Fr. Antonio Yepes honorifico eſplendor da Monaſtica Religiaõ Benedictina que a tranſcreveo em os ſeus Annaes. Vagando o lugar de Chroniſta mòr do Reyno por morte de Franciſco de Andrade foy nomeado ſeu ſucceſſor em o anno de 1616. de cuja litteraria occupaçaõ era credor deſde a ſua adoleſcencia em que tanto ſe diſtinguia de todos aſſim no eſtilo, como em a vaſta liçaõ da Hiſtoria. Por varias vezes foy eleyto Biſpo, cuja dignidade humildemente regeitou conſiderando que naõ podia vigilantemente cuidar da ſaude alheya quando ſe ſentia privado da propria. Eſta ſe foy com tanto exceſſo diminuindo que chegando de Madrid à Villa de Almeyda ſummamente moleſtado da jornada ſe preparou com todos os Sacramentos, e actos de obſervante Religioſo para a morte, que ſuavemente o transferio para o deſcanſo eterno a 27. de Fevereiro de 1617. quando contava 47. annos 6. mezes, e ſete dias de idade, e 32. annos de Religiaõ. Foy levado o ſeu corpo ao Convento de Santa Maria de Aguiar da Ordem Ciſtercienſe ſituado tres legoas diſtante de Almeyda, e ſobre a ſepultura ſe gravou eſte epitafio.

Aqui jaz o muy docto Padre Fr. Bernardo de Brito Chroniſta Mór que foy deſte Reyno. Morreo no anno de 1617.

Paſſados trinta, e dous annos foy transferido o ſeu Cadaver do Moſteiro de Aguiar para o de Alcobaça, onde jàz ſepultado na Caſa do Capitulo com eſte epitafio.

Condita Luſiadum tumulo, qui geſta revelat
Bernardus Britto conditur hoc tumulo.
Inter Scriptores magnus, Chroniſtaque major
Regius, & ſtylo maximus ipſe fuit.

Teve agradavel prezença, corpo bem organizado, compleiçaõ robuſta, converſaçaõ affavel, memoria feliz, e juizo penetrante. Excedeo o numero das ſuas obras ao dos ſeus annos. Applicou-ſe pelo diſcurſo da ſua vida breve pela duraçaõ, mas dilatada pela fama em beneficio do Reyno illuſtrando aos ſeus Princepes, e a Nobreza com indeleveis memorias que o ſeu incanſavel diſvelo, e continua inveſtigaçaõ reſuſcitou como novo Deucaleaõ das pedras deſpedaçadas, e carcomidas pela voracidade do tempo merecendo ſer celebrado pelas pennas de diverſos Eſcritores com grandes elogios como foraõ Manoel de Souſa Coutinho taõ illuſtre pelo ſangue, como pelo eſtilo hiſtorico, e poetico em o Poema impreſſo na Prefaçaõ do 1. Tomo da Mon. Luſit.

Arte potens, opibuſque animi Bernardus ab alto
Ducet Lyſiadum famam, & monumenta tuorum,
Ex quo prima novis Aurora invecta quadrigis
Splenduit humano generi: de hinc arma triumphis
Inclyta, tunc Santos repetens ab origine mores
Longa vetuſtatis, rerumque arcana movebit.

Nicol. Ant. *Bib. Vet. Hiſp.* lib. 6. cap. 4. §. 75. *Portugalliæ clariſſimus Hiſtoriographus*, e lib. 8. cap. 5. §. 288. *Luſitaniæ magnus hiſtoricus* Ant. Coelho Gaſco *Antiguid. de Lisb.* Part. 1. cap. 46. *Varaõ illuſtre em letras divinas, e humanas, que deu honra, e immortal gloria com ſeus nobiliſſimos eſcritos a Portugal.* Manoel de Faria, e Souſa no Prolog. *do Epit. das Hiſt. Portug. Fue verſado grandemente en toda ſuerte de hiſtorias, el hombre mas deligente para eſcrevir, que conocio Eſpaña; apenas en toda ella le quedò lugar, ò ruina que no vieſſe en Portugal, ni monte, ni valle que no midieſſe a palmos, archivos, o piedras que no revolvieſſe dando noticia alos proprios Portuguezes de ſi proprios.* E no prologo da 1. Parte *da Europ. Portug. No lè faltò ſi no tener nacido en Grecia, o en Italia ſiglos antes que no le excedieran los Tucidedes, los Livios, los Herodotos, los Saluſtios en la ſuſtancia quando nò en eſtilo, y*

en la orden. Fr. Antonio da Natívid. *Mont. de Cor.* Mont. 2. Coroa 2. §. 9. n. 5. *inſigne Chroniſta.* Maced. *Flor. de Eſpan.* cap. 8. excell. 9. *en cuyos libros nò facilmente ſe echa de ver ſi tuvo màs de laborioſo, ò de ingenioſo, ſimas de docto, o de curioſidad,* e na *Luſit. Liberat.* Proœm. §. 2. n. 6. *magnus Hiſtoricus.* Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 449. no Commentar. de 29. de Mayo letr. A. *A quem os noſſos devem as noticias mais cabaes, e deligencias mais exactas de ſuas couſas, que eſtampou em ſuas obras pelas quais vieraõ os Eſtrangeiros em conhecimento das hiſtorias, e antiguidades deſte Reyno.* Nicol. Agoſt. *Vid. de D. Theot. de Brag. Honra, e luſtre em ſeus eſcritos dos Portuguezes.* P. Ant. Maced. *Luſit. Inf. & Purpur.* in Prolog. *Graviſſimus Luſitaniæ hiſtoricus qui patrio ſermone à diluvio initium ducens Luſitanos Annales texuit ſtylo culto, maximo, et accurato.* D. Franc. Man. de Mel. *Epanaph. de Var. Hiſt.* pag. 265. *famoſo Hiſtoriador.* Carol. Viſch. *Bib. Ciſterc. Vir ingenij ſummi, memoriæ firmiſſimæ, ſtudiique continui, & infatigabilis quem nemo laboribus fractum, nec fatigatum vidit.* Franckenau. *Bib. Hiſpan. Hiſt. Geneal. Herald.* p. 72. *Certe* (falla da obra da Monarchia Luſitana) *monumentum ea eſt Hiſtoriæ Luſitanicæ ære perennius.* Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. B. n. 35. *Regni Luſitani non titulo ſolùm ſed re ipſa maximus hiſtoriographus, vir cumprimis eloquens, & eruditus, non in iis tantum, quæ ad Luſitaniæ antiquitates ſpectant* (*ut non nemo exiſtimavit*) *ſed in omni prorſus Encyclopedia, quin non in ſoluta dumtaxat oratione, ſed in ligata etiam.* Fr. Chriſoſt. Henriq. *Phœn. Revivis.* lib. 2. cap. 12. *Tam præteriti, quàm noſtri temporis eximium ornamentum, & decus.* Caramuel *Philip. Prud.* pag. 118. *Auctor eſt ſumme diligens, cui debet antiquitas rerum plurium notitiam, quæ Lethæis ſubmerſa aquis fugiebant univerſorum oculos. Eſt hercule de rethorica optime meritus, cujus perenne ſtudium, atque felicem deligentiam vulgata opera teſtatam faciunt.* Auguſt. Sartor. *Ciſterc. Biſterc. ſeu Hiſt. Elogial. Ord. Ciſt.* Tit. 20. pag. 521. *Ingenio valens, vaſtiſſimaque præſtans memoria ſcientias propemodum omnes abſorpſit. In antiquitatibus tamen è cinere veluti è buſto ad novum ſplendorem eruendis fuit præcipuus.* P. Meneſtrier *Art. du Blazon* pag. 74. Joan. Hallevord. *Bib. Curioſ.* pag. 34. col. 2. Franco *Imag. da Virtud. em o Nov. de Coimb.* Tom. 2. liv. 1. cap. 18. n. 9. *a quem a Monarchia Luſitana, e outras obras fazem bem conhecido no mundo.* P. D. Ant. Caet. de Souſa no *Apparat. à Hiſt. Genealog. da Caſa Real Portug.* pag. 69. n. 38. *de grande talento, letras, e erudiçaõ como teſtemunhaõ as ſuas obras.*

Compoz.

Monarchia Luſitana Parte Primeira que contem as Hiſtorias de Portugal deſde a Criaçaõ do mundo té o nacimento de Noſſo Senhor Jeſu Chriſto. Dirigida ao Catholico Rey D. Filippe 2. do nome Rey de Eſpanha, Emperador do novo mundo. No inſigne Moſteiro de Alcobaça por Alexandre de Siqueira, e Antonio Alvares, e acabada a 10. de Janeiro de 1597. fol. No fim tem

Geografia antigua da Luſitania. Alcobaça por Antonio Alvares 1597. fol. Deſta obra, e do Author faz mençaõ o moderno addicionador da *Bib. Geograf.* de Antonio de Leaõ Tom. 3. Tit. unic. col. 1316.

Segunda Parte da Monarchia Luſitana em que ſe continuaõ as Hiſtorias de Portugal deſde o nacimento de noſſo Salvador Jeſu Chriſto até ſer dado em dote ao Conde D. Henrique. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1609. fol. Sahiraõ eſtas duas Partes reimpreſſas Lisboa na Officina Crasbeeckiana 1690. fol.

Elogios dos Reys de Portugal com os mais verdadeiros Retratos que ſe poderaõ achar. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1603. 4. *Eſta obra* (dis o inſigne Manoel Severim de Faria no Elogio que dedicou à memoria de Fr. Bernardo de Brito em as *Notic. de Portug.* pag. 284.) *ainda que breve, he de grande conſideraçaõ, porque na lingoagem, e juizo pode ſervir de modello a toda a boa hiſtoria abreviada, e na perfeiçaõ com que fez abrir em bronze os retratos dos Reys, e alcançou os Originaes mais apurados mandando vir alguns de partes remotas com grande cuſto, e deſpeza, excedeo muito ſuas forças, e moſtrou o grande zelo que tinha de engrandecer a Patria, e de eternizar a memoria dos Reys Portuguezes a quem neſte livro levantou hum honroſo trofeo.* Sahiraõ addicionados eſtes Elogios com as *vidas de Filippe IV. e dos Sereniſſimos Reys D. Joaõ o IV. D. Affonſo VI. D. Pedro*

II. e D. Joaõ o V. Noſſo Senhor por meu Irmaõ D. Jozé Barboſa Clerigo Regular Chroniſta da Sereniſſima Caſa de Bragança, e Academico da Academia Real. Lisboa na Officina Ferreiriana. 1726. 4.

Primeira Parte da Chronica de Ciſter onde ſe contaõ as couzas principaes deſta Ordem, e muitas Antiguidades do Reyno de Portugal. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1602. fol. et ibi por Paſchoal da Sylva Impreſſor de Sua Mageſtade. fol. 1720.

Sylvia de Lizardo. Lisboa por Alexandre de Siqueira 1597. 32. & ibi por Pedro Crasbeeck 1632. 12. Conſta de vario genero de verſos, e ainda que naõ ſahio com o nome do Author, lho declara Manoel de Faria, e Souſa no *Comment. da 1. Centur. dos Sonet. de Camoens.* Sonet. 14. pag. 40. col. 2. *Tomando eſte miſmo verſo primeiro, y el penſamiento de mi Poeta dixo Brito, ò Lizardo en ſu Sylvia Eglog.* 2. E mais claramente no Comment. do Sonet. 32. do meſmo Camoens. *Fr. Bernardo de Brito en ſu Sylvia de Lyſardo Eglog.* 2. (*que ſuyo es aquel librillo aunque anda eſtampado ſin nombre de Author, porque en Portugal ſaben los Religioſos huyr de nombrarſe en eſcritos agenos de ſu inſtituto, por mas que ſean tan honeſtos como aquel.* Por eſta obra o numera entre os Poetas Portuguezes o P. Antonio dos Reys no *Enthuſiaſm. Poetic.* n. 120. e o aplaude Jacinto Cordeiro no *Elog. dos Poet. Portug.* Eſtanc. 43.

Fray Bernardo de Brito a Luſo gloria
Que llora muerto con piedad eſtraña
De tan altivo ingenio la memoria
Dexando en muerta pluma viva hazaña
Deve el Laurel honrarle por la Hiſtoria
Veneracion le deve toda Eſpaña
Si yá retrata enel tiempo eſquivo
Un Fenix muerto para honrarnos vivo.

Obras *M. S.*

Hiſtoria de Noſſa Senhora de Nazareth em que ſe trata da Invençaõ deſta Santa Imagem, privilegios, e graças, que lhe concederaõ os Reys, e milagres, que a Senhora tem obrado, e no fim a familia, e deſcendencia daquelle em que fora obrado o milagre. Eſta obra moſtrou acabada o Author em o anno de 1611. ao Chantre de Evora Manoel Severim de Faria como affirma em as *Notic. de Portug.* pag. 285. a qual levava a Madrid para offerecer à Rainha de Caſtella D. Margarida de Auſtria. O P. Antonio de Vaſconcellos in *Deſcript. Luſit.* pag. 534. julga eſte livro *digniſſimum aſſidua pervolutatione,* o qual teſtemunha ter viſto Fr. Bernardino da Sylva na 2. Part. da *Defenſ. da Mon. Luſit.* cap. 6. em poder de Fr. Belchior de Abreu Monge Ciſtercienſe, e o louvaõ com grandes elogios Fr. Anton. Brand. *Mon. Luſit.* 4. Part. liv. 12. cap. 20. Fr. Joaõ Marquez *Orig. delos Ermit. de S. Auguſt.* cap. 11. e 15. e Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 1. pag. 83. col. 2. no Comment. de 8. de Janeir. letr. A.

Republica antigua da Luſitania em que ſe trata dos Ritos, e cuſtumes dos antigos Portuguezes. Dedicada a Sereniſſima Senhora D. Izabel Clara Eugenia de Auſtria Infanta de Eſpanha, Duqueza de Brabante, e Lombardia. Eſtava eſcrita em 10. Capitulos, e acabada em 21. de Março de 1596. *Obra excellente* a intitula o Licenciado Franciſco Galvaõ de Mendanha na ſua *Bib. Portug.* M. S.

Chronica delRey D. Sebaſtiaõ continuada até a Embaxada de D. Joaõ de Borja. Naõ chegou a porlhe a ultima maõ, que *ſe a acabara fora hum illuſtre ornamento da lingua Portugueza* diz Severim no Elogio de Fr. Bernard. de Brit. pag. 288. Della fazem memoria Manoel de Faria, e Souſa *Advert. ao 1. Tom. da Aſia Portug.* n. 35. e Jorge Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 442. no Comment. de 28. de Mayo letr. E. e Nos em o Prologo das *Memor. para a Hiſtor. delRey D. Sebaſt.* que ſahiraõ impreſſas Lisboa por Jozé Antonio da Sylva 1736. 4.

Apologia a certas duvidas enviadas pelo Arcebiſpo de Braga D. Fr. Agoſtinho de Caſtro em pontos pertencentes à 1. Parte da Monarchia Luſitana. No fim eſtava huma Carta do meſmo Arcebiſpo em que ſe dava por ſatisfeito das repoſtas às ſuas duvidas. Eſta obra moſtrou o Author ao Chantre de Evora Manoel de Faria como eſcreve em as *Notic. de Portug.* pag. 285.

Privilegios da Congregaçaõ de Alcobaça de cuja obra affirma no prologo da 2. Part. da *Mon. Luſit. me cuſtou alguns tempos de peregrinaçaõ, e muitos dias de eſtudo.*

Terceira Parte da Monarchia Luſitana de que faz mençaõ ſeu ſuceſſor neſta obra Fr. Antonio Brandaõ no prologo do 3. Tom. da *Mon. Luſit.*

Commentaria in Prophetas Minores. Dos quaes ſe lembra Jacob. Lelong. in *Bib. Sacra* pag. mihi 652. col. 1. onde lhe chama *Trium linguarum peritus.*

De duabus Hebdomadibus, Creationis una, Redemptionis altera. Eſtas duas obras Eſcriturarias eſtavaõ promptas para a impreſſaõ.

Fundaçaõ do Convento de Arouca. fol.

Hiſtoria de Sertorio, e ſua mulher Rorea, fundaçaõ da Cidade de Evora, e derivaçaõ do ſeu nome; eſcrita em 4. Cantos, e acabada em o anno de 1591.

Disfraze de amor; cuentaſe la guerra de Portugal, y el derecho, que la Mageſtad delRey Filippe II. nueſtro Señor tiene àquel Reyno. Deſta obra dà noticia Franckenau in *Bib. Hiſp. Gen. Herald.* pag. 62. §. 179. dizendo conſervarſe na Real Bibliotheca do Convento do Eſcurial Plut. P. Serie V. n. 17.

Livro de Familias que poſſuya Luiz Vieyra da Sylva inſigne Genealogico, e Varaõ digno de geral veneraçaõ por ſeu prudente juizo, e vida exemplar, em cujo poder o vio o P. D. Ant. Caet. de Souſ. como eſcreve no Apparat. à *Hiſt. Geneal. da Caſ. Real. Portug.* pag. 69. §. 38.

BERNARDO DE BRITO BOTELHO natural da Cidade de Miranda na Provincia Tranſmontana, Bacharel formado na faculdade dos Sagrados Canones, e Juiz dos Orfãos na ſua Patria. Em agradecimento à Cidade em que fora inſtruido, e recebera o gráo em Direito Pontificio, publicou.

Hiſtoria breve de Coimbra, ſua fundaçaõ, armas, Igrejas, Collegios, Conventos, e Univerſidade. Lisboa na Officina Ferreiriana 1732. 4.

BERNARDO DE BULHOENS DE ARAUJO natural do lugar de Porco termo da Villa de Celorico da Beyra do Biſpado da Guarda, naceo a 5. de Abril de 1701. de Pays de conhecida nobreza quaes foraõ o Capitaõ Joſeph Bulhoens de Araujo, e D. Maria Thereza de Eſcobar, e Souſa. Eſtudou Filoſofia, e Theologia na Congregaçaõ do Oratorio de Freixo de Eſpada àcinta onde naõ ſomente foy Congregado, mas dictou as meſmas Faculdades aos ſeus domeſticos. Por juſtas cauſas deixou a Congregaçaõ ſendo jà Presbytero, e como tiveſſe talento capaz para o Pulpito exercitou em varias partes eſte evangelico miniſterio com credito da ſua peſſoa, dando por argumento publico da ſua capacidade neſte genero de compoſiçaõ a ſeguinte obra.

Sermaõ do Santiſſimo Sacramento roubado em Santa Engracia no anno de 1630. e deſagravado no Convento da Roſa de Lisboa Occidental neſte anno de 1738. recitado no ultimo dia do ſeu Triduo. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva. 1738. 4.

Fr. BERNARDO DE CASTELLOBRANCO. Naceo no lugar de Guardaõ Conſelho de Beſteiros da Comarca de Viſeu ſendo filho de Antonio Gouvea de Lemos, e D. Maria de Caſtellobranco, ambos deſcendentes das principaes familias da Provincia da Beyra. A nobreza do nacimento fez mais illuſtre entroncando-ſe por beneficio da graça com a preclariſſima Familia Ciſtercienſe recebendo a Cogulla no Convento de S. Joaõ de Tarouca primogenito deſta Congregaçaõ em o noſſo Reyno, a 11. de Dezembro de 1671. A grande comprehenſaõ, e agudo engenho de que era ornado naõ ſó lhe facilitaraõ penetrar as dificuldades mayores das ſciencias eſcholaſticas mas explicallas aos ſeus domeſticos com tanta gloria do ſeu Magiſterio que de doze diſcipulos que teve ſubiraõ tres a graduar-ſe Doutores em a Univerſidade de Coimbra, e hum ſer Chroniſta geral da Ordem, e depois deſte Reyno. Laureado com as inſignias Doutoraes na Athenas Conimbricenſe ao tempo que era oppoſitor as Cadeiras foy nomeado pela ſua Religiaõ Procurador Geral a Roma para alcançar o Breve do culto, e Beatificaçaõ das Santas Raynhas Sancha, e Thereza ſoberanos Aſtros da Esfera Portugueza, e immarceſciveis flores do Jardim Ciſtercienſe, o qual ſe expedio a 23. de Dezembro de 1705. Naquella grande Corte, onde aſſiſtio onze annos, mereceo pela ſuavidade do ſeu genio as eſtimaçoens de todos os Princepes Purpurados, e a ſuprema protecçaõ dos Summos Pontifices Innocencio XII. e Clemente XI. Com os irrefragaveis teſtemunhos do immemorial culto das Santas Raynhas produzidas pela ſua in-

canſavel indagaçaõ emendou o P. Conrado Janingo Continuador da grande obra do *Acta Sanctorum* eſcrita pelo eruditiſſimo Daniel Papebrochio as erradas noticias que eſte tinha impreſſo a 17. de Junho como ſe póde ver mais diſtinctamente no 6. Tom. das Illuſtraçoens deſte mez. Na Corte de Florença foy recebido com particulares ſignificaçoens de affecto pelo Graõ Duque de Toſcana Coſme III. Reſtituido a Portugal foy eleito Chroniſta Mór do Reyno, e dos primeiros cincoenta Academicos da Academia Real para eſcrever as Memorias Hiſtoricas dos Sereniſſimos Reys D. Pedro I. e D. Fernando. Naõ tendo occupado na Religiaõ mais que o lugar de Reytor do Collegio de Coimbra, em atençaõ aos ſeus grandes merecimentos conſpirou toda a ſua Congregaçaõ para o eleger a 3. de Mayo de 1723. D. Abbade Geral, e ſer do Conſelho delRey, Eſmoler Mór, Donatario, e Capitaõ mór de 14. Villas nos Coutos de Alcobaça. Governou eſta illuſtre familia dous annos, e ſete mezes conſervando com vigilante exacçaõ a obſervancia regular até que avizado pela repetiçaõ de alguns accidentes de que eſtava proximo a pagar o indiſpenſavel tributo de mortal ſe preparou devotamente reſignado na vontade divina, e recebidos os Sacramentos com repetidos actos de Fé, e piedade Chriſtaã aplicando a boca ao lado de hum Crucifixo que lhe dera a Santidade de Clemente XI. com indulgencia plenaria para aquella fatal hora, eſpirou placidamente no Real Convento de Alcobaça a 7. de Dezembro de 1725. com 70. annos de idade, e 54. de Religiaõ. Compoz.

Diſcurſos varios. Roma por Roque Barnabó. 1706. 4. Saõ impreſſos na lingoa Portugueza em huma Coluna, e em outra na lingua Italiana.

Sermaõ do Auto da Fé que ſe celebrou publicamente no Terreiro de S. Miguel da Cidade de Coimbra em 6. de Agoſto de 1713. Coimbra na Offic. do Colleg. das Artes da Companhia de Jeſus 1714. 4.

Sermaõ de Acçaõ de graças pela felice Aclamaçaõ DelRey D. Joaõ o IV. pregado no Collegio de S. Bernardo ao Preſtito, que faz o Corpo da Univerſidade de Coimbra todos os annos no dia anniverſario da dita Aclamaçaõ. Coimbra na dita Officina. 1714. 4.

Repoſta a huma invectiva que lhe fez Jozé da Cunha Brochado acerca de huma pregunta que fizera ſe havia chamar a ElRey D. Pedro I. de Portugal Cruel, ou Juſticoſo nas Memorias Hiſtoricas, que eſcrevia deſte Principe por ordem da Academia Real. Sahio no 2. Tom. *da Collec. dos Docum. da Acad. Real.* Lisboa por Paſchoal da Sylva Impreſ. de Sua Mageſtade, e da Acad. Real. 1722. fol. He muito douta, e concludente.

BERNARDO DE CHRISTO. Naceo na Cidade da Guarda, e logo deſde a puericia o diſpoz a graça para o exercicio das virtudes de que na idade mayor foy inſigne cultor. Aprendeo com incrivel brevidade os preceitos da Grammatica de hum exemplar Sacerdote, e paſſando aos eſtudos das ſciencias ſeveras ſe admirou a viveza do ſeu engenho acompanhada de huma ſũma modeſtia. Dezejando fugir do mundo para ſegurar o premio prometido aos Juſtos entrou na Congregaçaõ illuſtre dos Conegos Seculares do Evangeliſta no anno de 1501. onde practicou com exacta obſervancia todo o genero de virtudes obedecendo naõ ſómente ao preceito expreſſo mas à vontade conjecturada do Prelado, reduzindo com aſperas penitencias o corpo às leys do eſpirito, e obſervando taõ rigoroſa abſtinencia que paſſava muitos dias com pouco paõ, e nenhum vinho. Era continuo em a Oraçaõ onde arrebatado do impulſo do fogo divino em que interiormente ſe abrazava, ſe via muitas vezes ſuſpenſo no ar, e banhado de reſplandores. Tanto ſe elevava na contemplaçaõ quanto ſe abatia na humildade que exactamente obſervou até quando foy Geral da ſua Congregaçaõ, que governou com igual rectidaõ, que ſuavidade. Pelo continuo eſpaço de trinta annos foy ouvido no Pulpito como Clarim do Evangelho, increpando os vicios, e convertendo obſtinados cujo ſagrado miniſterio exercitava pelas praças, e varios lugares do Reyno, aonde o levava o ardor do ſeu eſpirito. A grande prudencia de que era ornado unida às ſuas virtudes o fizeraõ muito eſtimado dos Monarchas D. Joaõ III. e D. Catherina, e dos Infantes D. Luiz, e Cardial D. Henrique que repetidas vezes ſe confeſſavaõ com elle buſcando na ſua direcçaõ o ſocego das ſuas

conſciencias. Nos ultimos annos ſe recolheo ao Convento de S. Joaõ de Enxobregas onde viveo mais como Anjo, do que homem frequentando continuamente o Coro, e naõ ſe izentando de todos os actos da Communidade de que a larga idade de 80. annos o tinha privilegiado. Na ultima doença foy viſitado pela Rainha D. Catherina, e ElRey D. Sebaſtiaõ ſeu Neto que devotamente lhe pediraõ a ſua bençaõ, e depois de receber com ſumma piedade os Sacramentos falleceo a 8. de Novembro de 1570. com 69. annos de habito. Jaz ſepultado no Clauſtro de Santo Eloy com eſtas letras iniciaes abertas na Campa da Sepultura.

O. P. B. D. Chriſto 1570.

Compoz.

Varias Meditaçoens da vida, Morte, Payxaõ de Noſſo Salvador. De cuja obra diz Franciſco de Santa Maria no *Ceo Abert.* liv. 4. cap. 19. fez *tirar muytas copias, e as repartia pelos Noviços, e procurava que as ſoubeſſem de còr.*

Fr. BERNARDO DE COIMBRA natural da Cidade do ſeu appellido Monge Ciſtercienſe em o Convento de Santa Maria de Alcobaça inſigne Eſcriturario, profundo Theologo eſpeculativo, e Moral como declaraõ as ſeguintes obras M. S. no Carthorio do meſmo Convento juntas em hum groſſo Volume.

No 1. Livro. *De Cœlo et Terra, de luce, Aquis, Sole, Luna, & Stellis; de piſcibus, & avibus; de Paradiſo; de formatione primi hominis, De Adam, Eva, & Serpente. De ſex diebus, & ſeptimana. De Adam, & Eva, & filiis eorum: De Enos, Enoch, & Noe: De Arca, & Diluvio: de Corvo, & Columba: de Iride: de vinea Noe, & inebriatione ejus.*

No 2. livro. *De exitu Abraham de terra ſua.*

No 3. livro *De Nativitate Moiſis, & exitu de Egypto.*

No 4. livro *De Joſue & exitu Jordanis: de Helcana, & uxoribus ejus: de pallio Samuelis: de Salomone, & Templo: de Cyro, & Solutione Captivitatis. De Eccleſiaſticis Sacramentis. liber Proſperi de vera innocentia. de Fide, Spe & Charitate: de Confeſſione Proſperi: de Statu Angeli in principio Creationis: de excellentia Luciferi, & pœna poſt Lapſum: de operibus ſex dierum: de Statu hominis ante pecatum: de libero arbitrio. quare pecatum primi hominis imputetur poſteris? Quis ſit cauſa peccati, & quod ſit peccatum? De decem præceptis, & dilectione proximi: De Sacramentis. Utrum peccata redeant? De duabus clavibus. De exordio conjugij. De corporali, & ſpirituali fornicatione. Quare data lex? De duodecim abſciſionibus. De lapſu cujuſdam virginis. De Violatore Virginis. De Septem gradibus animæ. De Beatitudine cœleſtis Patriæ.*

Fr. BERNARDO DA COSTA. Naceo em Coimbra a 30. de Dezembro de 1702. ſendo filho de Antonio da Coſta Caetano, e D. Maria Thereza de Carvalho. Profeſſou a militar Ordem de Jeſu Chriſto no Real Convento de Thomar a 9. de Abril de 1719. onde depois de frequentar as aulas de Filoſofia, e Theologia ſe applicou com mayor diſvelo ao miniſterio do pulpito publicando como primicias deſte genero de eſtudo.

Oraçaõ funebre nas exequias da Sereniſſima Infanta D. Franciſca que ſe celebraraõ em o Real Convento da Ordem de Chriſto na Villa de Thomar a 8. de Agoſto de 1736. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva Impreſſor da Academia Real. 1736. 4.

BERNARDO FIGUEYRA Aſſiſtente na Corte de Pariz onde adquirio profunda intelligencia da lingua Franceza na qual traduzio da materna a Peregrinaçaõ do celebre Viageiro Fernaõ Mendes Pinto, e a dedicou ao Eminentiſſimo Cardial de Rechilieu, em cuja dedicatoria eſcreve, que aquelles nobres eſpiritos que ſe deleitaõ com a leitura de ſuceſſos raros ſem ſahirem dos ſeus Gabinetes, nem experimentarem a tragica fortuna dos naufragios, com a liçaõ deſte livro atraveſſaraõ os mares ſem perigo, diſcorreraõ por varias Provincias ſem incommodo, nem moleſtia, e alcançaraõ individual noticia dos ritos, e cuſtumes dos ſeus habitadores diametralmẽte oppoſtos aos Europeos, mas conducentes para a ſua conſervaçaõ. Sahio a Traduçaõ com eſte titulo.

Les Voyages advantureux de Fernand Mendez Pinto fidellement traduits de Portugais en François. Pariz chez Arnould

Cotinet, & Jean Roger 1645. 4. No reverſo do frontiſpicio do livro tem eſtas palavras. *En la preſente Hiſtoire ſont continuès pluſieurs choſes eſtranges, e prodigieuſes par luy veves, e ouyes aux Royaumes de la Chine, de Tartarie, de Sornau vulgairement appellè Siam, de Calàminham de Pegu, de Martabane, e en diverſ autres endroicts des contrées Orientales, dont nous n'avons preſque pointe de cognoiſſance en noſtre Occident. Avec un ample relation des particularites, les plus remarquables advenues tant a luy qu'à beaucoup d'autres perſones. Et un abbregé dela vie miraculeuſe, e de la mort du S. P. M. François Xavier, unique lumiere de ces contrées d'Orient et Recteur univerſel dela Compagnie de JESUS.* Faz memoria do Tradutor o moderno addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ Tom. 1. Titul. 2. col. 34. e Beugheu *Bib. Hiſtoric.* fol. 500. e 548.

BERNARDO DA FONSECA. Naceo na Cidade de Coulaõ ſituada na Coſta do Malabar na India Oriental. Ainda contava poucos annos quando paſſou com ſeus Pays Bernardo da Fonſeca Oſorio Fidalgo da Caſa Real Capitaõ Mór de Coulaõ, e D. Luiza Lopes Peſtana para eſte Reyno, e na Univerſidade de Coimbra aprendeo as letras humanas, e ſciencias Sagradas debaixo da tutela de ſeu Irmaõ mais velho Jeronymo Oſorio da Fonſeca de quem ſe farà memoria em ſeu lugar. Naõ degenerou o ſeu talento dos celebres engenhos que floreceraõ na ſua familia baſtando para credito immortal della aquelle inſigne Varaõ D. Jeronymo Oſorio Biſpo do Algarve que privou a Tullio de ſer unico Corifeo da lingua Latina. Paſſou a Roma onde se applicou ao eſtudo da lingua Hebraica em que ſahio eminente merecendo pela afabilidade do ſeu genio, e profundidade do talento as eſtimaçoens das peſſoas mais doutas daquella celebre Corte diſtinguindoſe entre todas aſſim no affecto, como na dignidade o Eminentiſſimo D. Pedro Dezza Cardial do Titulo de Santa Priſca, e Protector do Collegio de Bolonha dos Heſpanhoes. Voltando para Portugal no anno de 1603. foy Thezoureiro Mór em a Cathedral de Faro do Reyno do Algarve. Compoz.

Itenerario que fez de Roma atè Monſerrate. Dedicado a ſeu Irmaõ Jeronymo Oſorio da Fonſeca. Começa. *Parti de Roma em companhia de hum mancebo* &c. Acaba. *E naõ faltaraõ outros que com milhor eſtilo, e linguagem a tratem.* Deſte Itinerario fazem mençaõ Jorge Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 585. no Comment. de 15. de Abril let. E. Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 175. col. 2. e o novo addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ Tom. 1. Tit. 2. col. 36. onde erradamente lhe dá o nome de *Itinerario Oriental* allegando a Cardoſo, e a Nicol. Ant. os quaes ſómente fallaõ deſta obra com o nome de *Itinerario,* que lhe deu ſeu Author, pois a Jornada que elle fez, foy de Roma para Portugal, e naõ do Oriente, e como tal naõ podia entrar em a addiçaõ da *Bib. Orient.* que o moderno addicionador confundio imaginando que era Itinerario da Aſia quando elle era da Europa.

Vida de Jeronymo Oſorio da Fonſeca Conego de Evora ſeu Irmaõ. Começa. *Bernardo da Fonſeca Fidalgo da Caſa de Sua Mageſtade.* Acaba. *Da noſſa viſta, que he a verdadeira Bemaventurança.* M. S.

Vida de D. Jeronymo Oſorio Biſpo do Algarve compoſta em Latim por ſeu Irmaõ Jeronymo Oſorio da Fonſeca traduzida em Portuguez, e dedicada a Gaſpar da Motta Conego na Sé de Faro no anno de 1597. M. S.

Pſalmos Penitenciaes traduzidos na lingua Portugueza. M. S.

Summa dos Sacramentos, e Cenſuras. Occupava hum livro de juſta grandeza, e eſtava prompto para a Impreſſaõ.

Breve Summario de que el Chriſtiano deve conſiderar oyendo Miſſa. Offerecido de Salamanca a 11. de Abril de 1615. à Excellentiſſima Senhora D. Guiomar Pardo de Lacerda Marqueza de Flechilla, y Malagon com huma douta approvaçaõ do celebre Cathedratico de Salamanca Fr. Baſilio Ponce de Leon Eremita Auguſtiniano. Começa a obra. *El altiſſimo Myſterio del Sacrificio dela Miſſa.* &c. Acaba. *Como es eſtar entre nos otros para mantimiento, y ſacrificio nueſtro.*

BERNARDO DA FONSECA SARAYVA natural da Cidade de Braga de cuja Primacial Dioceſe foy digniſſimo Vi-

gario Geral. A grande noticia que tinha das letras humanas acompanhada com a profunda ſciencia de hum, e outro Direito deſcreve elegantemente ſeu contemporaneo o grande Agoſtinho Barboſa *de Poteſtat. Epiſcop.* Part. 1. Tit. 3. cap. 8. n. 18. *Vir legalis, & Pontificij Juris ſcientia conſpicuus, et diſciplinarum omnium cognitione ita inclytus, ut ejus ingenium, comitatem, et in litteris humanis ſcientiam nulla ſatis æquare poteſt admiratio; ob cujus maximam eruditionem aſſiduamque negotiorum experientiam Vicarij generalis honore Bracharæ eſt inſignitus.* Naõ foy menos douto nos preceitos da Poeſia, que nas dificuldades da Juriſprudencia, como moſtrou com enveja dos mayores Poetas no Certame que a Univerſidade de Coimbra conſagrou em o anno de 1625. à Canonizaçaõ da Rainha Santa Izabel compondo por inſinuaçaõ do Biſpo deſta Cidade D. Joaõ Manoel que muito o eſtimava hum Poema Latino que conſta de 759. verſos heroicos acabado no termo de onze dias, que poſto naõ levou o primeiro premio lhe foy julgado outro igual pelos Juizes do Certame. O aſſumpto do Poema era o ſeguinte.

Bella inter Regem Dyoniſium, & Principem Alphonſum filium impie, et temere ſuſcitata à Santiſſima Regina Eliſabetha per miraculum glorioſe ſedata. Começa.

Quid figmenta juvat victuris tradere chartis!

Sahio impreſſo ſem o nome do Author a fol. 37. do livro intitulado *Sanctiſimæ Reginæ Eliſabethæ poeticum Certamen.* &c. Conimbricæ apud Dominicum Gomes do Loureiro Acad. Typ. 1626. 4. Deſta obra, e do Author ſe lembra o P. Antonio dos Reys in *Enthuſ. Poet.* n. 177.

Dous epigrammas, e huma elegia Latina em applauzo de Gabriel Pereira de Caſtro, que ſahiraõ no principio do primeiro Tom. de *Manu Regia* Ulyſſip. apud Petrum Crasb. 1622. fol.

Epiſtola heroica in Laudem Gabrielis Pereira de Caſtro Começa

Vos quibus è vulgo non eſt mens dicite qui ſit
Cogitat ut de libris quem anxia detenet uxor.

Sahio no principio do 2. Tomo de *Manu Regia* Ulyſſip. apud eumdẽ. Typ. 1625. fol.

BERNARDO GOMES DE BRITO Naceo em Lisboa a 20. de Mayo de 1688. e teve por Pays a Domingos Gomez, e Mariana de Brito. Ainda que naõ frequentou as eſcolas, como a natureza o dotaſſe de feliz memoria, e boa comprehenſaõ, taes foraõ os progreſſos que a ſua eſtudioſa applicaçaõ, fez com a liçaõ da Hiſtoria Sagrada, e profana que compoz as obras ſeguintes.

Hiſtoria Tragico-maritima, em que ſe eſcrevem chronologicamente os naufragios, que tiveraõ as náos de Portugal depois que ſe poz em exercicio a navegaçaõ da India. Tom. 1. Lisboa na Officina da Congregaçaõ do Oratorio 1735. 4.

Tom. 2. Lisboa na dita Officina 1736. 4.

Tom. 3. 4. *e* 5. eſtaõ promptos para a Impreſſaõ, como taõbem eſtaõ.

Virtudes pelas acçoens dos Portuguezes obradas em todas as quatro partes do mundo authorizadas por varios Authores Portuguezes. M. S.

Sentenças, Maximas, e Apothegmas moraes, e politicos eſcritos por Lugares comuns. 10. Tom. 4. M. S.

Fr. BERNARDO DE S. JOAM EVANGELISTA. Naceo em Lisboa onde foy bautizado na Parochia de Santa Catherina a 18. de Mayo de 1690. Foy filho de Joaõ Pereira Peſtana, e D. Antonia Coutinho de Andrade. Sendo de pouca idade ſe aliſtou na milicia Serafica profeſſando a Terceira Regra da Penitencia no eſtado de Secular, porém querendo fazer a Deos mais grato ſacrificio, e ao Patriarcha Serafico mayor obſequio ſe ligou com os tres votos eſſenciaes em o Convento de N. Senhora de JESUS deſta Corte a 30. de Outubro de 1712. Depois de eſtudar Artes, e Theologia em que defendeo com applauſo Concluſoens, ſe dedicou ao miniſterio do Pulpito no qual moſtrou a grande capacidade que tinha para elle. Em o Capitulo celebrado no anno de 1728. foy nomeado Meſtre das Ceremonias do Convento deſta Corte em cuja occupaçaõ emendou muitos abuſos que o deſcuido tinha introduzido, e para que houveſſe uniformidade nas Ceremonias eſcreveo.

Epitome de Cerimonias fol.

O qual eſtando para lhe pór a ultima maõ o naõ fez impedido pela morte que o privou da vida a 7. de Março de 1735. Faz men-

çaõ do Author, e da obra Fr. Joan. à D. Ant. *Bibliot. Franciſc.* Tom. 1. pag. 216. col. 2.

BERNARDO JOSEPH PESSOA DE CASTRO natural de Monte mór o velho do Biſpado de Coimbra, Presbytero do habito de S. Pedro, igualmente douto na Theologia, como na Oratoria Eccleſiaſtica. Imprimio.

Sermaõ nas exequias do Excellentiſſimo Senhor D. Nuno Alvares Pereira de Mello Duque do Cadaval celebradas na Igreja da Santa Mizericordia da famoſa Villa de Tentugal à diſpoſiçaõ, e diſpendio do Senado da meſma Villa. Sahio impreſſo nas *Ultimas Acçoens do meſmo Duque.* Lisboa na Officina da Muſica. 1730. fol. à pag. 111. até 126. e Coimbra por Antonio Alvares 1727. 4.

Fr. BERNARDO DA MADRE DE DEOS natural de Lisboa onde profeſſou o Sagrado inſtituto da Ordem da Santiſſima Trindade a 25. de Janeiro de 1557. Foy ornado de todas aquellas virtudes que conſtituem hum perfeito Religioſo principalmente na exacta obſervancia da Regra, e incanſavel zelo com que exercitou o Officio de Procurador geral da Religiaõ. Falleceo no Convento patrio a 8. de Agoſto de 1587. Compoz.

Vergel de Sacerdotes. 4. M. S.

Doutrina para bem morrer 4. M. S.

Eſtas duas obras ſe conſervaõ na Livraria do Convento de Lisboa.

Tratado da Inſtituiçaõ da Irmandade da Miſericordia de Lisboa ordenada pela Rainha D. Leonor mulher delRei D. Manoel; e Fr. Miguel de Contreiras Trinitario. M. S.

BERNARDO DE MEYRELLES FREYRE filho do Licenciado Joaõ da Rocha Teixeira que morreu ſendo Corregedor de Caſtellobranco, e D. Thereza Maria de Brito, naceo na Cidade do Porto a 19. de Agoſto de 1681. Na idade juvenil entrou na Companhia de JESUS onde eſtudou letras humanas, e as ſciencias eſcholaſticas, com tanto progreſſo da ſua applicaçaõ que defendeo Concluſoens da Ethica em Evora, e de Direito Ceſareo em Coimbra. Deixando a Religiaõ por juſtas cauſas levou por oppoſiçaõ a Abbadia de Sãta Eulalia de Conſtance, onde procedeo taõ louvavelmente que foy eleito Viſitador da Comarca da Feira, cuja comiſſaõ executou com ſumma prudencia. Teve grande genio para a Poeſia Latina como moſtrou nas obras que compoz, principalmente a vida do Irmaõ Luiz Soares natural do Porto da Companhia de Jeſus de quem faz larga memoria o P. Franco *Imag. da Virt. do Noviciado de Lisboa* liv. 4. cap. 49. o qual morreo em Evora a 29. de Julho de 1705. Começava.

Præclarum virtute virum florentibus annis &c.

Na obra intitulada *Luſitania coronata* que ſahio. Ulyſſipone apud Valentinum da Coſta Deſlandes Ser. Reg. Typ. 1708. a qual conſagrou o Collegio da Companhia de Jeſus de Coimbra à Coroaçaõ do auguſto Monarcha D. Joaõ o V. noſſo Senhor. Saõ ſeus dous Poemas; o delRey D. Affonſo primeiro que começa.

Conditor Imperij generoſæ ſtirpis origo

Cui facta eximium promeruere decus &c.

E o delRey D. Pedro II. cujo Principio he.

Quàm Regum hæc fuerint geſtamina clara potentum.

Qualiaque ornarint tempora Nate vides. &c.

Intentava publicar alguns dos ſeus Sermoens juntamente com os de ſeu Irmaõ Luiz de S. Bernardo Conego Secular do Evangeliſta Lente jubilado, e Examinador das Ordens Militares, e grande prégador dos noſſos tempos cuja obra por ſer parto de dous irmaõs intitulava.

Caſtor, e Pollux.

A qual naõ logrou da luz publica por deſaparecer com a morte de ſeu Irmaõ.

Fr. BERNARDO DE S. MIGUEL natural de Villa nova de Cerveira da Provincia de Entre Douro, e Minho. Na idade da adoleſcencia entrou no Real Convento de Alcobaça a 13. de Dezembro de 1650. onde profeſſou o Inſtituto Monachal Ciſtercienſe a 13. de Fevereiro de 1652. Ainda que ſe applicou às letras ſendo Meſtre de Theologia Moral em Alcobaça, mayor foy ſempre o ſeu eſtudo para as virtudes, que cultivou como Monge obſervantiſſimo de

tal modo que o Ven. P. Fr. Antonio das Chagas celebre Miſſionario Apoſtolico o pedio ao Geral Fr. Sebaſtiaõ de Sottomayor para companheiro das ſuas Evangelicas Miſſoens. Querendo dedicarſe com mayor fervor à contemplaçaõ ſe retirou ao Solitario Convento de S. Chriſtovaõ de Alafoens onde paſſava muitas horas meditando na Paixaõ do Redemptor, e na excellencia dos atributos divinos. Morreo com evidentes ſinaes de predeſtinado no Convento de Alcobaça em o anno de 1697. Compoz.

Eſpelho da rezaõ, amor acertado. Propoem a recta rezaõ à vontade varios documentos, e acertados concelhos com que inſtruida ſe deſvie de amar aquillo que à alma faz mayor damno, e ame ſó o que lhe ſerve de merecimento. Lisboa por Domingos Carneiro. 1690. 8.

P. BERNARDO NOGUEYRA. Naceo em Fremona Cidade famoſa da Etiopia ſendo ſeu Pay por origem Portuguez, e por geraçaõ nobre, deſcendente daquelles celebres Soldados que acompanharaõ a D. Chriſtovaõ da Gama quando paſſou àquelle vaſto imperio. Deſde a primeira idade ſe criou no Seminario da Companhia, onde teve por Meſtre ao P. Manoel de Almeyda erudito author da Hiſtoria da Etiopia o qual naõ ſomente lhe enſinou a Lingua Portugueza, e Latina nas quaes ſahio perfeitamente inſtruido, mas o elegeu por ſeu Interprete quando foy por Embaxador ao Emperador Soltaõ Segued em o anno de 1624. Ao tempo que o Patriarcha D. Affonſo Mendes achou aquella vinha da Etiopia taõ agreſte o admitio por ſeu companheiro para que ambos a cultivaſſem, empreza, que executou com taõ apoſtolico zelo que ſendo expulſos daquelle Imperio todos os Operarios Evangelicos com o Patriarcha no anno de 1632. elle encheo as obrigaçoens de Vigario Geral daquella Igreja padecendo intoleraveis fomes, e ſedes; atraveſſando diverſas terras, e ſobindo ſerras innaceſſiveis para ſuſtentar a Fé Romana contra os ſciſmaticos dogmas de Alexandria. Chegando à noticia do Geral da Companhia o P. Franciſco Picolomini as acçoens apoſtolicas que tinha exercitado em obſequio da Religiaõ Chriſtaã mandou em anno de 1650. que foſſe admitido à Companhia, e tanto que veſtio a Roupeta ſe lhe infundio mais ardente eſpirito para infantigavelmente promover os augmentos da Fé, até que ſendo mandado pelo Patriarcha Affonſo Mendes ao Reyno de Gojaõ para alivio de alguns Catholicos que eſtavaõ, havia largo tempo, ſem Sacerdote, que lhe miniſtraſſe os Sacramentos foy delatado ao Vice-Rey em cuja prezença proteſtando heróicamente a Fè que profeſſava, ordenou o barbaro que foſſe condenado à morte que padeceu ſuſpenſo em huma arvore com grande conſtancia em o anno de 1653. Celebraõ a ſua memoria Mathias Tanner *Societ. Jeſu uſque ad Sang. & Vit. profuſ. militans* pag. 205. Tellez *Hiſt. da Etiop. Alt.* liv. 6. cap. 40. e pag. 706. Nadas. *Ann. dier. Mem. S. J.* Part. 2. pag. 351. Andrad. *Hiſt. delos Varon. illuſt. dela Comp.* Tom. 6. Eſcreveo.

Diverſas Cartas.

Que o Padre Telles no lugar aſſima allegado intitula *doutiſſimas, e eloquentiſſimas* nas quaes relata o eſtado calamitoſo da Igreja da Etiopia, e dellas imprimio duas o meſmo Telles no livr. 6. cap. 40. e cap. 41. da *Hiſt. da Etiopia Alta.*

Kalendario de alguns, que morreraõ pela Fé em Etiopia na perſeguiçaõ do Emperador Faciladas em que ſe conta a morte glorioſiſſima do invictiſſimo Principe Ràz Celà Chriſtós. Eſta obra, que compoz por ordem do Patriarcha D. Affonſo Mendes ſahio impreſſa na *Hiſt. da Etiopia Alta.* p. 703. e a mandou o meſmo Patriarcha ao P. Telles com huma carta eſcrita de Goa a 29. de Setembro de 1655. que eſtà impreſſa na prefaçaõ da *Hiſt. da Etiop.* em a qual lhe diz entre outras couſas o P. *Bernardo Nogueira Governador daquella Igreja em noſſo nome teve partes taõ avantajadas para eſte miniſterio, que ſe lhe faltou a dignidade ſobejou-lhe a ſuficiencia para ſer hum famoſo Biſpo, e Patriarcha.*

Cartas ao Patriarcha D. Affonſo Mendes eſcritas da Etiopia em 11. *de Junho de* 1646. as quaes publicou o dito Patriarcha in *Expedit. Æthiopic.* lib. 4. cap. 21.

Cartas eſcritas aos Padres da Companhia da Etiopia em 11. *de Mayo de* 1647. Na dita *Exped. Æthiop.* cap. 23. e outras muitas dos annos de 1650. 1651. e 1652. copiadas nos Capitul. 32. e 33. *Exped. Æthiop.*

BERNARDO PEREYRA. Naceo na Cidade de Miranda em a Provincia Tranſmontana a 11. de Dezembro de 1681. onde teve por Pays ao Doutor Manoel Lopes Pereira Medico daquella Cidade, e de ſeus Excellentiſſimos Biſpos D. Fr. Lourenço de Caſtro, D. Fr. Antonio de Santa Maria, D. Manoel de Moura Manoel, e D. Joaõ Franco de Oliveira, de quem faremos memoria em ſeu lugar, e Antonia de Oliveira. Depois de ter aprendidos os rudimentos Grammaticaes na ſua Patria paſſou à Univerſidade de Coimbra, e nella ſe applicou à Arte da Medicina em que ſeu Pay fora inſigne recebendo o gráo de Bacharel em 20. de Mayo de 1709. Como o ſeu talento foſſe de mayor eſfera naõ ſatisfeito com a applicaçaõ de huma faculdade paſſou ſegunda vez a Coimbra, e eſtudando Direito Ceſareo fez taes progreſſos a ſua applicaçaõ que ſe formou neſta Faculdade a 27. de Junho de 1739. He Medico na Villa de Sardoal onde a ſua ſciencia triunfa das infermidades mais rebeldes ſendo verſado em todo o genero de erudiçaõ como publicaõ as obras ſeguintes.

Practica de Sangradores reformada. Coimbra no Collegio das Artes da Companhia de JESUS 1719. 8. Sahio com o nome de Leonardo de Priſto da Barreira.

Diſcurſo Apologetico, em defenſa dos prodigios da natureza viſtos pela experiencia, qualificados por força de hum ſuceſſo para conhecimento de muitos effeitos, e ocultas qualidades. Coimbra na dita Officina. 1719. 4. Eſte Diſcurſo he acerca de hum monſtro que naceo na Villa de Caſtellobranco em que ſe moſtra o Author ſummamente verſado em a erudiçaõ Sagrada, e profana.

Anacephaleuſis Medico-Theologica, Magica, Juridica, e Politica ſobre a cura das doenças dos feitiços, e o ſeu conhecimento. Coimbra por Franciſco de Oliveira. 1734. 4.

Obras Medicas. *M. S.*

Diſcurſo Racional ſobre o uſo, e applicaçaõ dos pós de Quintilio.

Abuſo emendado de hum uſo introduzido ſobre as ſeis cauſas naõ naturaes.

Tyrocinio Medico Practico ſobre as enfermidades do corpo humano, e ſua Cura.

De morbis mulierum, eorumque curatione Galenica, Chymica, & Hypocratica.

Tractatus de Pleuritide

Annotationes, additiones, et reflectiones ad Riverij praxim, et obſervationes.

De morbis complicatis, eorumque rationali methodo pro eorum curatione.

Obras varias Medico-Politicas *M. S.*

Applauſo affectuoſo na vinda do Excellentiſſimo Marquez de Abrantes à Villa do Sardoal em 11. de Novembro de 1719. depois de ſe ter reſtituido da Corte de Roma à de Lisboa.

Sobre poderem as molheres ſer fecundas, e parir depois de cincoenta annos.

Sobre hum Feto de tres mezes, e vinte dias ſer vital, e legitimo.

Sobre ſe poder gerar veneno dentro do corpo humano, e que huma morte que quizeraõ atribuir a veneno propinado podia proceder de veneno nativo ſe a defunta era morboſa, e valetudinaria.

Queſtaõ politica. Qual ſeja mayor felicidade dos Pays na poſſeſſaõ dos filhos, ſe deixallos opulentos de morgados, ſe criallos com inclinaçaõ às letras?

Obſervaçoens de varios caſos de Medicina.

Varias cartas, conſultas, e pareceres Medicos. fol.

BERNARDO PEREIRA DA SYLVA. Naceo em Lisboa ſendo filho de Joaõ Pereira da Sylva Cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto, e de D. Urſula da Sylva Lobo. A viveza de engenho, que deſcubrio nos primeiros annos foy certo vaticinio dos excellentes progreſſos que faria nos mayores de que foy plauzivel theatro a Univerſidade de Coimbra onde recebeo o gráo de Meſtre em Artes, e de Doutor na Faculdade de Direito Ceſareo cujas dificuldades depois de ſer admitido a Collegial do Collegio Real de S. Paulo a 11. de Fevereiro de 1698. ſubtilmente interpretou como Meſtre em a Cadeira do Codigo em o anno de 1707. donde paſſou para a do Digeſto Velho com igualaçoens à de Veſpera em 1716. Teve igual engenho para a Poeſia Latina, e vulgar, como para a Oratoria, de cujas elegantes, expreſſoens ainda ſe conſervaõ na Athenas Conimbricenſe ſaudoſas memorias. Foy Cavalleiro da Ordem de Chriſto, Dezembargador da Relaçaõ do Porto, e da

Caſa da Supplicaçaõ de que tomou poſſe por ſeu Procurador o Doutor Manoel da Cunha Sardinha a 26. de Setembro de 1711. e de Dezembargador titular de Aggravos com exercicio nas Ferias a 14. de Novembro de 1715. Falleceo na Patria em Domingo de Paſchoa 28. de Março de 1723. e jaz ſepultado na Ermida dos Fieis de Deos. Dictou huma Poſtilla ao *Tit. Cod. de Petitione hæreditatis,* e outra a *L. 2. Cod. de Evictionibus.* Da ſua veya poetica podendo deixar muitos argumentos, ſómente ſe publicou.

Dous Epigrammas Latinos hum em applauſo do Dezembargador Diogo Guerreiro Camacho de Aboim com hum elogio latino que ſe imprimio no ſeu Tratado de *Recuſationibus omnium Judicum.* Conimbricæ apud Joan. Antunes 1699. fol. e outro *ad Zoylum.*

Tambem he obra ſua o Epitafio que eſtà gravado na Sepultura do celebre Advogado, e grande Juriſconſulto Manoel Alvares Pegas, o qual começa.

Eximius Themidis cuſtos hác conditur urna.

Maximus Emmanuel Alvarus ille Pegas. &c. Conſta de 6. Dyſtichos.

Faz delle muito diſtinta memoria meu Irmaõ D. Jozé Barboſa nas *Memorias Hiſt. do Colleg. Real de S. Paul.* pag. 236. e no *Archiathen. Luſit.* pag. 62.

Urbis Ulyſſeæ Bernardus gloria juris.
Hic vivus thezaurus erit; ſociare camenis
Jura ſciet latio, patrio ve canentibus ore.
Hic deſiderium immatura morte relinquet
Omnibus, at vivet volitantis munere famæ.

BERNARDO PIMENTA DO AVELLAR natural da Villa de Abrantes do Biſpado da Guarda chamado antigamente Bernardo Correa da Sylva cujos appellidos mudou em os de Pimenta, e Avellar por ſucceder a ſeu Irmaõ no Morgado de Rio torto o qual tem expreſſa clauſula de que o herdeiro uze deſtes appellidos. Foy filho de Gonçalo Pimenta de Avellar Sargento Mór da Villa de Abrantes, e de ſua mulher D. Maria Correa da Sylva. He Fidalgo da Caſa Real, Capitaõ Mór da Villa de Thomar, Guardaroupa delRey D. Joaõ o V. e Eſtribeiro Mór que foy dos Senhores D. Miguel, e D. Jozé filhos do Sereniſſimo Rey D. Pedro II. e Eſcrivaõ dos Filhamentos da Caſa Real. Sendo muito verſado na liçaõ da hiſtoria profana o naõ he menos em huma das ſuas mais nobres partes qual he a Genealogia eſcrevendo varios Tomos de

Familias deſte Reyno. M. S.

fundado nas habilitaçoens que ſe faziaõ para os foros de Fidalgo (ſaõ palavras do P. Antonio Caetano de Souſa no *Apparat. à Hiſt. Geneal. da Caſ. Real Portug.* pag. 172. §. 216.) *com que me parece neſta conformidade ſer obra exacta.*

BERNARDO DE PINNA, E MELLO Tenente de hum Regimento, taõ nobre por nacimento, como pela ſciencia militar, e naõ menos pela Poeſia Comica em que foy inſigne, como moſtrou na obra ſeguinte.

El Luzero del Oriente S. Franciſco de Xavier. Coimbra por Thomè Carvalho 1657. 4.

Cuja obra louva o P. Antonio dos Reys *Enthuſiaſm. Poet.* n. 238. com eſtas elegantes vozes.

= *Orientis lumina Phœbi*
Quæ prius aſpiciunt Gangetica rura, petentem
Xaverium, populoſque ſacro de rore madentes
E' tumuloque foras revocata cadavera, rurſùs
Perfruitura die, tantos ſuper aera nimbos
Nec ruere audentes in terras, murmura venti
Vocis ad imperium ſubitó reticentia, moti
Sedati pelagi rabiem, tangente Saporem
Vix pede mutatas in dulcem marmoris undas
Pinna docet.

BERNARDO PINTO DOS SANTOS Presbytero do Habito de S. Pedro Capellaõ da Capella do Santiſſimo Sacramento da Santa Baſilica Patriarchal. Para acender os affectos Catholicos em obſequio, e veneraçaõ da Imagem de N. Senhora da Piedade que eſtà excellentemente pintada em hum quadro de huma Capella do meſmo Templo, eſcreveo.

Novena de Maria Santiſſima com o titulo da Senhora da Piedade, e Boa Morte. Lisboa na Officina da Muſica 1720. 12.

BERNARDO RODRIGUEZ cujo talento foy admiravel em todo o genero de compoſiçoens metricas, de que ſe puderaõ formar varios volumes ſendo entre ellas a mais elegante os Tercetos ao Santiſſimo Nome de JESUS dos quaes tranſcreveo eſtes verſos Joaõ Pinto Ribeiro no *Luſt. ao Dezemb. do Paço.* cap. 3. n. 34.

Trabalhos lhe cuſtou nome taõ nobre
Veyo ao mundo, morreo, venceo o imigo
Deixou o inferno deſpojado, e pobre.

Morreo em Lisboa a 20. de Outubro de 1631. e eſtà ſepultado na Igreja velha de Santo Antaõ o novo. Delle faz memoria Jacinto Cordeiro *Elog. dos Poet. Portug.* Out. 59.

De Bernardo Rodriguez luze el fruto
De verſos, de conceptos, y de flores
Coronas del Laurel por atributo
A tal ingenio quedan inferiores.

BERNARDO DA SYLVA MOURA Cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto, Familiar do Santo Officio naceo em a Villa da Torre de Moncorvo em a Provincia Tranſmontana a 4. de Julho de 1693. ſendo filho de Jozé de Araujo, e Maria da Sylva. Aprendidas as primeiras letras na patria paſſou à Univerſidade de Coimbra, e nella ſe applicou ao eſtudo da Medicina, em cuja faculdade ſe formou a 19. de Julho de 1718. Aſſiſtio muitos annos em a Corte de Madrid, onde alcançou taõ grande opiniaõ a ſua a ſciencia medica que ſe lhe deu ampla licença a 6. de Julho de 1724. para que uzaſſe della em todos os Reynos de Caſtella. Voltando para Portugal de tal ſorte conſervou a meſma fama que foy eleyto a 7. de Junho de 1733. Medico da Camera do Sereniſſimo Senhor Infante D. Antonio. Compoz.

Diſſertaçaõ Medica em defenſa da Sangria da Salvatella direita offerecida aos profeſſores da Medicina. Lisboa na Officina da Congregaçaõ do Oratorio 1735. 4.

Diſſertaçaõ Medica illuſtrada, ou Sangria da Salvatella defendida dividida em 4. Partes. Lisboa em a dita Offic. 1739. 4.

Com o anagrama puro do ſeu nome *Narbredo da Savil* Sangrador approvado, e Medico intrometido.

Eſcrupulos Medicos, e Reparos Chirurgicos. Lisboa na meſma Officina 1739. 4.

Fr. BERNARDO TELLES natural de Lisboa filho de Manoel Telles da Sylva primeiro Marquez de Alegrete, 2. Conde de Villar-mayor Gentil homem da Camera dos Sereniſſimos Monarchas D. Pedro II. e D. Joaõ o V. e Conſelheiro de Eſtado de quem faremos em ſeu lugar merecida memoria. Querendo renacer por beneficio da graça mais illuſtre do que fora pela liberalidade da natureza recebeo a Cogulla Ciſtercienſe no Real Convento de Alcobaça a 8. de Outubro de 1689. onde ſe adiantou a todos os ſeus domeſticos na practica das virtudes, e comprehenſaõ das ſciencias. Depois de dictar Theologia em que moſtrou a ſubtileza do ſeu engenho, recebeo o gráo de Doutor deſta Faculdade em a Univerſidade de Coimbra na qual foy Conductario com privilegios de Lente em 16. de Outubro de 1706. e igualado à Cadeira de Gabriel por Provizaõ de 25. de Outubro de 1725. Foy Qualificador do Santo Officio, Abbade Reytor do Collegio de S. Bernardo de Coimbra, e ornado de hum genio affavel, e ſummamente cortezaõ pelo qual conciliava os afectos de todos que o tratavaõ: ſendo *ſogeito* (como em ſeu applauzo eſcreveo o Meſtre Fr. Manoel dos Santos Monge de Ciſter Chroniſta da Ordem, e deſte Reyno em a *Alcob. Illuſtrad.* Part. 1. p. 81. no *Appar. à Hiſt.*) *em todo o ſentido excellentiſſimo, no ſangue, e nas prendas peſſoaes, inſigne Theologo, conſumado Philoſopho, Orador Ciceroniano, Humaniſta florido; na Predica com applauzo, e Poeta mui elegante.* Falleceo no Collegio de Coimbra a 22. de Dezembro de 1716. Publicou.

Sermaõ do Auto da Fé que ſe celebrou no Rocio de Lisboa em Domingo 30. de Junho de 1709. Lisboa por Manoel, e Jozé Lopez Ferreira 1709. 4.

BERNARDO VIEYRA RAVASCO. Naceo na Cidade da Bahia Capital da America Portugueza, e teve por Pays a Chriſtovaõ Vieira Ravaſco, e D. Maria de Azevedo, e por Irmaõ ao inſigne P. Antonio Vieyra Oraculo da eloquencia Eccleſiaſtica, do qual ſenaõ diſtinguio na ſubtileza do engenho com que a natureza liberalmente o enriqueceo. Deſde a adoleſcencia até a ultima idade ſe exercitou com ſummo valor, e naõ menor fi-

delidade em obſequio da Patria, ou foſſe como ſoldado, ou como politico. Pelo largo eſpaço de quatorze annos occupando os poſtos de Alferes, e Capitaõ da Infantaria moſtrou os heroicos eſpiritos que lhe animavaõ o coraçaõ, achando-ſe nas mais perigoſas occaſiões, principalmente quando o Conde Nazau em o anno de 1638. aſſaltou as trincheiras do Forte de Santo Antonio onde com morte de muitos Olandezes recebeo huma penetrante ferida na maõ eſquerda. Ainda foy mayor a valentia com que no anno de 1647. impedio que na Ilha de Itaparica ſe fortificaſſe o General Sigiſmundo, e ultimamente já quando por eſtar reformado no anno de 1651. parecia naõ ter obrigaçaõ de empunhar as armas, ſe embarcou animoſamente em huma Canoa, naõ obſtante a furioſa tempeſtade que corria, e ſoccorreo ao Meſtre de Campo Nicoláo Aranha para que quatro Náos Olandezas naõ infeſtaſſem os Engenhos de Peragaſſu. Iguaes, ou mayores foraõ os ſeus ſerviços quando exercitou até a morte o lugar de Secretario de Eſtado, e Guerra do Brazil, em cujo miniſterio em que foy provido pela Mageſtade delRey D. Joaõ o IV. a 7. de Março de 1650. encheo as obrigações de taõ grande officio com ſummo deſintereſſe, e grande capacidade, merecendo em premio que ElRey D. Pedro II. o fizeſſe Fidalgo de Sua Caza, e Alcayde mòr da Cidade de Cabo Frio. Foy ornado de prezença agradavel, entendimento agudo, e memoria feliz. Retribuhio aggravos com beneficios ſem que nunca em o ſemblante ſe deſcobriſſe o menor ſinal de indignaçaõ. Como era naturalmente generoſo diſpendeo o que poſſuhia mais em remedio da pobreza, que oſtentaçaõ da vaidade. Teve natural genio para a Poezia que practicou com tanta felicidade que os ſeus verſos eraõ conhecidos pela elegancia do metro, e fineza dos penſamentos, ſem que tiveſſem o ſeu nome. Naõ teve menor inſtrucçaõ da Hiſtoria Sagrada, e Profana, e da Geografia. Accommetido da ultima infirmidade, e preparado com os Sacramentos falleceo a 20. de Julho de 1697. dous dias depois da morte de ſeu Irmaõ o P. Antonio Vieyra, e naõ hum, como eſcreve Sebaſtiaõ da Rocha Pitta *Hiſt. da America Portug.* liv. 8. §. 56. onde reflecte como myſterioſa circunſtancia que morreſſe da meſma infermidade que privou da vida a ſeu Irmaõ. Jaz ſepultado na Capella do Santiſſimo Sacramento Collateral da parte do Evangelho em o Convento do Carmo da Bahia, da qual era Padroeiro. Teve dous filhos naturaes; o primeiro chamado Chriſtovaõ Vieyra Ravaſco, que foy Capitaõ de Infantaria, e o ſegundo Gonçalo Ravaſco Cavalcanti, e Albuquerque, Commendador da Ordem de Chriſto, e herdeiro do lugar de Secretario de Eſtado por Proviſaõ do Sereniſſimo Principe Regente D. Pedro, paſſada a 22. de Mayo de 1676. e da Alcaydaria de Cabo Frio, o qual foy cazado com D. Leonor Jozepha de Menezes filha do Sargento mór Diogo Moniz Barreto, de quem naõ deixou ſucceſſaõ. Compoz

Deſcripçaõ Topographica, Eccleſiaſtica, Civil, e natural do Eſtado do Brazil M. S. fol. da qual conſervo em meu poder alguma parte eſcrita da propria maõ do Author com eſtylo diſcreto, e elegante, cujo principio he. *Deſcuberta eſta parte da America em 3. de Mayo de 1500. pela myſterioſa porfia das tempeſtades que impediraõ a derrota a treze Náos com que o Sereniſſimo Rey D. Manoel mandava Pedro Alvares Cabral a ſuceder no Governo da India ao ſeu primeiro Deſcubridor Vaſco da Gama: arrebatando-as a Providencia Divina por mares ignorados a hum porto (cuja altura do fundo, e tranquillidade de aguas lhe deo o nome de Seguro) para ao meſmo tempo ſerem os Portuguezes os que levaſſem a luz Evangelica à Gentilidade das Regiões mais Septentrionaes da Aurora, e mais Auſtraes do Occidente.*

Poeſias Portuguezas, e Caſtelhanas de varios metros, das quaes ſe podiaõ formar 4. Tomos de juſta grandeza, eſcritas da propria maõ do Author, como as vio meu Irmaõ o Doutor Ignacio Barboza Machado, quando exercitava o lugar de Juiz de fóra, e Provedor da Cidade da Bahia.

Tres Decimas à Senhora D. Iſabel Princeza de Portugal tendo morto em Salvaterra de hum tiro a hum Javali. Sahiraõ impreſſas no Tom. 5. da *Fenis Renacida,*

ou Obras Poeticas dos melhores engenhos Portuguezes. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ. 1728. 8. a pag. 268.

Para ſe conhecer claramente a facilidade da ſua Muſa tranſcreverey hum Soneto extemporaneo que fez eſtando no Paço à petiçaõ de Domingos de Aguiar Porteiro da Camara da Raynha, àcerca de hum Papagayo que ſe offerecia à meſma Senhora, em o qual compete a diſcriçaõ com a elegancia, e ſahio impreſſo na *Collecçaõ Politica de Apophthemas Memoraveis.* Part. 1. liv. 2. pag. 80.

Iris parlero, Abril organizado,
Ramillete de plumas con ſentido,
Hybla con alma, irracional florido,
Primavera con pies, jardin alado.
Quando en el ayre libre enamorado
Barbaramente hablavas: oy polido
Preſo te veo, y en vano divertido
Con la tema de nunca eſtar callado.
Tu en Palacio bien viſto, y con cadena!
Quantos lloran la laſtima que toco!
Si hablas bien ſer diſcreto te condena.
Porque nò buelas, gritas como loco;
Quexate pues, que de Palacio es pena
Quexarſe mucho los que buelan poco.

BIBIANO PINTO DA SYLVA Presbytero do habito de Saõ Pedro, formado na Faculdade dos Sagrados Canones, Notario do Santo Officio, e Familiar da Caza do Excellentiſſimo D. Pedro de Lencaſtro Duque de Aveiro, em cujo obſequio para que ſe fizeſſe mais manifeſto o direito que tinha à ſucceſſaõ de taõ grande Caza, e Eſtado publicou

Allegaçaõ de Direito por o Senhor D. Pedro ſobre a ſucceſſaõ do Eſtado, Caza, e Titulo de Duque de Aveiro. Lisboa, por Domingos Carneiro. 1666. fol.

Satisfaçaõ, que ſe dà ao que a favor do Senhor Marquez de Gouvea eſcreveraõ os Lentes, Bachareis, e Advogados contra o Direito ſolido do Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor o Senhor D. Pedro treſneto por Varonia, e quarto neto do Sereniſſimo Rey D. Joaõ o II. filho, Irmaõ, e Tio dos Duques de Aveiro, e Torres Novas, Preſidente que foy das Juſtiças em eſtes Reynos, e do Conſelho do Eſtado, &c. Lisboa: por Joaõ da Coſta. 1667. fol.

Fr. BOAVENTURA DA ASSUMPÇAM, natural da Villa de Aveiro do Biſpado de Coimbra Conego Secular da Congregaçaõ do Evangeliſta, inſigne Prégador, e naõ menos douto inveſtigador das antiguidades de ſua Patria eſcrevendo

Topographia da Villa de Aveiro, obra Eccleſiaſtica, e Secular com huma breve deſcripçaõ da Comarca. fol. M. S.

Fr. BOAVENTURA DAS CHAGAS natural da Cidade de Cochim na India Oriental, Religioſo profeſſo da Serafica Ordem da Provincia da Madre de Deos, Lente de Theologia, e Guardiaõ do Convento de Noſſa Senhora do Pilar, eleito no primeiro Capitulo Provincial deſta Provincia celebrado em 7. de Fevereiro de 1623. compoz

Expoſiçaõ da Regra de Saõ Franciſco M. S. Como a Author deſta Obra o allega Fr. Jacinto de Deos no livro intitulado *Caminho dos Frades Menores para a Vida eterna* Prelud. 2. §. 7. e delle faz mençaõ no *Vergel de Plant. e Flor. da Prov. da Madre de Deos.* pag. 459. e Fr. Joan. a D. Anton. *Bib. Franciſcan.* Tom. 1. pag. 238.

Fr. BOAVENTURA DAS CHAGAS naceo em Lisboa, donde paſſando à India Oriental recebeo o habito de Eremita de Santo Agoſtinho no Convento de Goa, em o anno de 1624. e nelle leo Filoſofia aos ſeus Religioſos. Voltando para Portugal em o anno de 1634. depois de exercitar alguns lugares da Ordem com prudencia, e affabilidade foy eleito Provincial no anno de 1651. cujo governo exercitou pelo eſpaço de ſeis annos. Sendo mandado a Roma aſſiſtir ao Capitulo Geral celebrado em o anno de 1661. foy nomeado Aſſiſtente do Geral ſeparado das Provincias de Caſtella onde falleceo, em 1664. Compoz

Curſus Philoſophicus. fol. grande.

Compendium totius Theologiæ. fol.

Eſtes dous volumes ſe conſervaõ na Livraria do Convento da Graça deſta Corte

Fr. BOAVENTURA MACHADO natural de Lisboa onde inſtruido nas letras

humanas, e Poeſia ſahio hum dos mais celebres cultores deſta divina Arte. Movido de ſuperior impulſo deixou a Patria, e o nome de Simaõ Machado com que ſe chamava no Seculo, e no Convento Serafico da Cidade de Barcelona Capital do Principado de Catalunha ſe aliſtou neſta penitente Familia onde foy grande Theologo inſigne Prégador e prudente Definidor. A natural inclinaçaõ, que tinha para a Poeſia o moveo a que nunca deixaſſe a ſua cultura ainda quando era Religioſo celebrando em hum Poema as acçoens da vida, e glorioſa morte do P. Pedro Dias da Companhia de JESUS padecida a 13. de Setembro de 1571. em obſequio da Fè junto as Ilhas Canarias, o qual ſahio com eſte titulo.

Primera parte del libro llamado Sylva de eſpirituales, y morales penſamientos, Symbolos, y Geroglificos ſobre la vida, y dichoſa muerte del P. Maeſtro Pedro Dias religioſo dela Compañia de JESUS. Barcelona por Sebaſtian Jayme Matevad. 1632. 4.

Conſta de 32. cantos compoſtos de varios generos de verſos de que temos hum exemplar em cujo principio eſtà o Soneto ſeguinte compoſto por D. Franciſco Manoel de Mello em applauſo do Author.

Nò del candido ciſne melodia
Es lo que eſcuchas en morir ſuave;
Ni ſon eſtos los numeros del Ave
Dulciſſimo pronoſtico del dia
Vozes divinas ſon, que al cielo embia
La grande voz, que en una xerga cave
Que de un padre atento el nombre grave
Se deſata en Serafica armonia.
De un Soldado de Chriſto una Vitoria
Un Soldado de Chriſto oy te deſcrive
Entre las flores deſta culta Hiſtoria.
Lee, lee, y veràs como apercive
Eſtatuas para entrambos la memoria
Por lo que el uno obró, y el otro eſcrive.

Fazem mençaõ deſta obra, e do Author Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 180. e Fr. Joan. a D. Ant. *Bib. Franciſc.* Tom. 1. pag. 235. e o moderno addicionador da *Bib. Occident.* de Antonio de Leon Tom. 2. Tit. 12. col. 675.

Dous Sonetos em louvor de Fr. Dimas Serpi no principio do *Tratado do Purgatorio* Barcelona. 1604.

Com o nome de Simaõ Machado quando era Secular.

Comedias de Dio 1. e 2. Part. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1601. 4. He o argumento o primeiro Sitio que os Mouros puzeraõ a eſta Fortaleza no anno de 1538. governando D. Antonio da Sylveira, da qual obra diz Manoel de Faria, e Souſa Comment. às Luziad. de Camoens Cant. 2. Eſtanc. 50. pag. 466. col. 1. *En la traça delas que entonces ſe uzavan, y en la gravidad con muchas ventajas aloque oy ſe uza con gran preſuncion de que ſe vence lo paſſado, nó ſiendo aſſi.* E no Cant. 10. Eſtanc. 25. pag. 358. col. 1. *En las veras dignas de eſtima, y en las burlas tan excellentes, que creemos ſin duda no ay coſa, que ſe le aventaje en lo antigo, y en lo moderno.* Joan. Soar. de Brit. *Theat. Luſit. Litter.* lit. S. n. 19. as intitula. *Lepediſſimas,* e dellas, e do Author faz memoria o novo addicionador da *Bib. Orient.* de Ant. de Leon. Tom. 1. Tit. 3. col. 60.

Comedias da Paſtora Alfea 1. e 2. Part. Lisboa por Antonio Alvares 1631. 4. & ibi por Antonio Pedrozo Galraõ 1706. 4.

Soneto Caſtelhano às Reliquias que foraõ levadas à Igreja de S. Roque a 25. de Julho de 1588. Sahio impreſſo na Relaçaõ deſte ſolemne recebimento &c. a fol. 125.

Sete Novellas Caſtelhanas que conforme eſcreve Joaõ Franco Barreto na *Bib. Portug.* M. S. ſe imprimiraõ em Caſtella.

BOAVENTURA MACIEL ARANHA Naceo no lugar de Darque fronteiro à Villa de Viana em a Provincia de Entre Douro, e Minho Contador da Fazenda da Mitra Primacial de Braga, e Secretario da Caſa do Deſpacho da Relaçaõ Eccleſiaſtica do meſmo Arcebiſpado. Teve por Pays a Lourenço Maciel Aranha, e Izabel Rodriguez que ſendo por elles educado com virtudes ſahio inſtruido mais para ſeguir a vida Religioſa, que a ſecular que profeſſa, revolvendo continuamente os livros aſceticos de que tem reſultado eſcrever as ſeguintes obras.

Conſolaçaõ de atribulados, gemidos, e affectos Eſpirituaes de huma Alma a ſeu Eſpoſo Jeſu Chriſto, e varios documentos para quem quizer ſeguir a vida eſpiritual. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ 1728. 8.

Breviſſima introduçaõ, e modo facil para

ſe aprender, e ajudar a bem morrer. Lisboa pelo dito Impreſſor 1728. 12.

Novo ramilhete de divinas flores para ſe aproveitarem de ſuas odoriferas, e celeſtiaes fragancias nas principaes horas, e occupaçoens da vida as Almas, que deſprezando a terreſte dezejarem agradar a Deos, e alcançar a celeſtial. Coimbra no Real Collegio das Artes da Companhia de Jeſus. 1728. 8.

Exercicios admiraveis para os dias do Recolhimento interior, que coſtumaõ, e devem as peſſoas religioſas, e as que dezejaõ ſalvarſe; deſcrevem-ſe as prerogativas da Oraçaõ: moſtraſe que a Oraçaõ he para todos, e que ninguem ſe pode eſcuſar della porque naõ ſabe, ou porque naõ póde; exprimeſe hum breve methodo para os que a quizerem ter, e ſe daõ os pontos mais importantes para iſſo; trataſe da neceſſidade da mortificaçaõ, e quantas maneiras hà della; e tudo ſe exorna com os mais importantes documentos, e com as mais ſingulares ſentenças. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ 1728. 8.

Novo eſpelho do eſpelho em que ſe deve ver, e compor a Alma devota, que aſpira ao perfeito amor de Deos, e à ſua divina uniaõ: margarita eſpiritual, na qual ſe verá engaſtada a vida de Chriſto; e exornada de amoroſas jaculatorias, e de admiraveis obſequios: dous methodos para ſe exercitar a Via Sacra Crucis. Explicaçaõ da Doutrina Chriſtaã compendioſa; Sentenças de muitos Santos a diverſos intentos: conſelhos de Santa Thereſa. Novena das Almas, e hum devotiſſimo Acto de Contriçaõ. Lisboa na Officina de Pedro Ferreira 1729. 8.

Cuidados da morte, e deſcuidos na vida reprezentados nas vidas dos Santos, e dos Varoens illuſtres em Santidade que tem florecido no Reyno de Portugal fol. *M. S.*

Cuidados na vida, e deſcuidos da morte diſcurſados em tres epiſtolas eſpirituaes, moraes, e politicas em correſpondencia dos tres Eſtados de Caſado, Religioſo, e Clerigo. fol. *M. S.*

Fr. BOAVENTURA DA PAYXAM natural do lugar do Trocifal do Patriarchado de Lisboa, Monge Ciſtercienſe, cujo Inſtituto profeſſou no Real Convento de Alcobaça a 9. de Julho de 1609. Depois de ſe graduar Doutor na Faculdade Theologica ſe applicou mais ao eſtudo das virtudes, que das ſciencias ſervindo de exemplar de perfeiçaõ aos ſeus domeſticos que deixou ſaudozos da ſua amavel companhia em o anno de 1637. no qual falleceo no Convento de Alcobaça. Compoz.

Tratados eſpirituaes, e moraes fol. e 4. que ſe conſervaõ eſcritos da ſua propria maõ no Archivo do dito Convento. O ſeu Retrato eſtà collocado em o Dormitorio entre os Varoens inſignes deſta Monacal Congregaçaõ.

BONIFACIO natural de Lisboa, e filho de Pedro Garcez. Foy dos celebres Juriſconſultos do ſeu tempo, e como tal Ouvidor da Sereniſſima Rainha D. Joanna mulher de Henrique IV. de Caſtella, e filha de noſſo Rey D. Duarte a qual acompanhou quando foy deſpozarſe com aquelle Monarcha. Compoz huma Obra juridica que he hum Index de Leys, e Concluſoens a que elle chama Gloſſas ao qual poz o titulo ſeguinte.

Peregrina ſive *Peregrina Gloſſa Bonifaciana.* No fim tem eſtas palavras. *Exactum, abſolutumque hoc præclarum, atque inſigne opus* Peregrinæ, *mandato, opera, et impenſis Lazari de Gazanis, ſociorumque impreſſum per nos Meinardum Ungut Alemannum, et Stanislaum Polonum Socios anno Incarnationis Saluti feræ MCDXCVII. die XX. Decembris.*

Lembraõ-ſe do Author, e da Obra Nicol. Ant. *Bib. Vet. Hiſp.* lib. 10. cap. 12. §. 645. pag. 200. et lib. 10. cap. 16. §. 910. e 911. pag. 228. Franc. Alvar. de Riber. in *Reſponſ. pro ſucceſſion. Regn. Portug.* Part. 1. n. 41. pag. 22. v.º & Part. 3. art. 6. & ultim. n. 176. pag. 98. Joaõ de Barros *Deſcripc. de Entr. Dour. e Minh.* cap. 11. Conſervava-ſe hum exemplar em a Livraria do Cardial de Souſa.

Fr. BONIFACIO DE THOMAR natural deſta nobre Villa, e Monge Ciſtercienſe profeſſo no Convento de Santa Maria de Tamaraens ſituado no Biſpado de Leiria. As virtudes que practicava ſerviaõ de perpetuo eſtimulo aos ſeus domeſticos para ſerem ſeus imitadores. Nas horas vagas dos exercicios da Religiaõ ſe occupava na liçaõ dos Santos Padres de cujas obras compoz as ſeguintes.

Sententiæ collectæ ex operibus Salonii Epiſcopi Vienenſis, S. Gregorij Thaumaturgi, S. Martini Epiſcopi Turonenſis; Petri Bleſſenſis, Ennodij Epiſcopi Tiſſinenſis, Laurentij Novarienſis, Edmundi Epiſcopi Cantuarenſis, & Juſti Abbatis. fol. *M. S.*

Sententiæ collectæ ex operibus S. Leonis Papæ; Idiotæ; Petri Abbatis Cellenſis Epiſcopi Carnotenſis; Gregorij, Carthuſiani, Severini Epiſcopi, & Richardi Eremitæ. fol. *M. S.* Conſervaõ-ſe eſtes dous volumes na Bibliotheca do Real Convento de Alcobaça..

BRAZ DE ABREU natural da Cidade de Elvas na Provincia do Alentejo. Aprendeu na adoleſcencia a Arte da Pintura a que o inclinava o genio, e poſto que nella ſahio perito eſtudou com mayor diſvelo copiar no ſeu eſpirito as virtudes heroicas com que floreceu por toda a vida. Dezejoſo de viſitar os lugares da Paleſtina ſanctificados com o ſangue do Redemptor do mundo pedio faculdade ao Ven. P. Bartholameu do Quental ſeu eſpiritual director para executar eſte pio intento, o qual lho impedio ſegurando-lhe que eſtava deſtinado por Deos para mayores obras do ſeu ſerviço, e aſſim ſuccedeo pois dando com profuſa liberalidade ao Hoſpital Real de Lisboa quinze mil cruzados que era quanto poſſuya para cura dos enfermos, abrazado em mais ardente charidade deixando o mundo ſe recolheo ao meſmo Hoſpital onde exercitando o Officio de Enfermeiro fez acçoens taõ cheyas de ardente zelo do proximo que mereceo ſer premiado na gloria, e concorrer grande multidaõ de povo a venerar o ſeu cadaver levando parte dos ſeus cabellos, e veſtidos como precioſas reliquias. Aſſim o eſcreve o P. Jozé Catalani in *Vit. V. P. Barthol. do Quental* impreſſa Romæ 1734. à pag. 119. *Qui rei familiaris elargitione, & eximio charitatis ſtudio ægrotos adeo proſecutus eſt, ut hac via altum perfectionis gradum fuerit adeptus, habituſque ab omnibus in ea Sanctimoniæ opinione, ut poſt ipſius obitum ad viſendum, ac venerandum cadaver paſſim concurrerent, reciſoſque Capillos, ac veſtes tamquam Sacras reliquias aſſervarent.* Traduzio de Caſtelhano em Portuguez.

Luz para viſitar as Eſtaçoens da Via-Sacra que a piedade Chriſtaã tem introduzido por alguns povos, e Conventos com algumas devoçoens acrecentadas. Lisboa por Joaõ Galraõ 1670. 12. & ibi por Miguel Maneſcal. 1679. & ibi 1718.

Deixou imperfeita

Vida do Ven. Servo de Deos Gregorio Lopes. M. S.

Fr. BRAZ DE ALCANTARA natural de Lisboa Monge Ciſtercienſe em o Real Convento de Alcobaça muito douto na Theologia Poſitiva, e Moral, e naõ menos em a liçaõ da Hiſtoria Sagrada, e profana. Eſcreveo as ſeguintes obras que ſe conſervaõ na Bibliotheca de Alcobaça em hum volume *M. S.*

Speculum Sanctoralis Fr. Joannis Guidonis Epiſcopi Lugdunenſis. Tractatus nominum Apoſtolorum, & Diſcipulorum Chriſti. Officium Miſſæ a D. N. Jeſu Chriſto, & Sanctis Apoſtolis, ac demúm per Romanos Pontifices ordinatum. Tractatus in quo continentur duodecim teſtamenta Patriarcharum filiorum Jacob. Vita Secundi Philoſophi, qui floruit tempore Adriani Imperatoris. Tractatus de Articulis Fidei, et de præceptis Eccleſiæ, et Decalogi. Varij Suceſſus ab anno 1127. ad 1272. Vitæ Epiſcoporum Lemovicenſium.

D. Fr. BRAZ DE BARROS naceo na auguſta Cidade de Braga, e teve por Pays a Valentim de Barros Morgado de Amoreira, que obrou militares proezas nas Campanhas de Africa, e Caſtella, reynando os Sereniſſimos Reys D. Affonſo V. D. Joaõ o II. e D. Manoel; e a Donna Brites Pereira, Primo do inſigne Joaõ de Barros, e Tio do Conego Gaſpar Barreiros, dos quaes em ſeus lugares ſe fará diſtinta memoria. Com reſoluçaõ heroica antepoz às delicias da caza paterna os rigores do Clauſtro Religioſo, recebendo o Habito de Saõ Jeronymo em o Convento de Penha-longa, onde profeſſou a 30. de Setembro de 1516. Para viver mais retirado do comercio humano, elegeo por domicilio o Convento da Pena, em o qual ratificou a Profiſſaõ ſolemne a 15. de Agoſto de 1525. Querendo inſtruirſe em as Sciencias Sagradas partio com

Fr. Diogo de Murça a Lovanha, em cuja celebre Univerſidade eſtudou Theologia donde partio para o Reyno com grande fama de Letrado. Como foſſe difficil de diſtinguir ſe era mais eminente nas virtudes, que em as letras, o nomeou ElRey D. Joaõ o III. para Reformador da Congregaçaõ dos Conegos Regulares de Santo Agoſtinho, cuja ardua empreza começou a 13. de Outubro de 1527. e a concluhio no anno de 1544. com igual prudencia, que ſuavidade reduzindo os Conegos à primitiva obſervancia, que eſtava algum tanto relaxada. Com a efficacia das ſuas perſuaſſoẽs fundou aquelle Monarcha a Univerſidade de Coimbra de que reſultou tanta gloria a eſte Reyno, e naõ menor applauſo ao Author de taõ maduro conſelho, pelo qual o congratula Jeronymo Cardoſo: *Elegiar. lib.* 1. *Eleg.* 12. com eſtas metricas expreſſoens.

Cecropiæ decus, & Latiæ tutela Minervæ
Blaſi, qui nobis Phœbus ut alter adeſt.
Tu Sacra Muſarum longis abſtruſa tenebris
Lampade Phœbea lucidiora facis.
Præſide te ſtudia hactenus intermiſſa reſurgunt,
Et ſublime ferunt ſydera ad alta caput.
Te duce barbaries noſtras bachata per oras
In Geticas rediit, Cymeriaſque domos.
Tu facis ut doctis non invideamus Athenis
Ne ve tibi Auſonia, Gallia ne ve tibi.
Æthere demiſſum fas eſt te credere ab alto
Imperio Summi, Concilioque Dei.

Neſte tempo erigindo a Mageſtade del-Rey D. Joaõ o III. a Cidade de Leiria em Cathedral, o elegeo por primeiro Biſpo deſta Dioceſe, confiando do ſeu talento deſempenharia as obrigações de vigilante Paſtor. Expedidas as Bullas pelo Papa Paulo III. a 22. de Mayo de 1545. tomou poſſe da nova dignidade a 28. de Julho do dito anno, em a qual executou em beneficio do ſeu rebanho tudo quanto prometia a ſua inculpavel vida, aſſim em o ornato dos Templos, como no ſoccorro dos pobres, até que lembrado do ſilencio da ſua Cella renunciou o Biſpado no anno de 1550. e ſe recolheo ao Convento da Pena, onde aſſiſtido de hum ſó criado vivia com ſumma pobreza, e profunda humildade de tal ſorte, que ſendo algumas vezes chamado ao Paço, e paſſando pelo real Convento de Bellem hia tomar a benção ao Prelado, e ſe era dia de Capitulo dizia a ſua culpa na prezença de toda a Comunidade. No Convento onde habitava mandou abrir a ſua ſepultura em a qual como eſcolla do ultimo deſengano entrava muitas vezes para aprender a preparaçaõ para a morte que teve feliz a 31. de Março de 1559. a cujas exequias aſſiſtio o Cardial D. Henrique. Sobre a campa da ſepultura mandou gravar eſte breve, e humilde Epitafio.

Fr. Braz de Barros primeiro Biſpo de Leiria.

Varios elogios lhe deraõ diverſos Eſcritores ſendo os principaes, Jorge Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 363. chamando-lhe *Exemplar eſpelho de Prelados.* Fr. Manoel Leal *Cryſol Purif.* pag. 472. n. 12. *Varaõ verdadeiramente Apoſtolico, e conſummado em todas as virtudes.* Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. B. n. 36. *Vir pietate, prudentiaque conſpicuus.* Illuſtriſ. Cunha *Hiſt. Eccleſ. de Brag.* Part. 2. cap. 78. n. 5. *Religioſo de prudencia, capacidade, e virtude.* Joan. Vaſæus *Chron. Hiſpan.* cap. 12. *Virum integritate vitæ omnibus valde commendatum, & ſeverum monaſticæ obſervantiæ inſtauratorem.* Siguença *Hiſt. dela Ord. de S. Jeron.* Part. 3. Liv. 2. cap. 42. *Excelente Varon.* Fr. Franc. de Barcellos in *Prolog. Triumph. Cruc. bonarum litterarum in hoc Regno, & monaſticæ religionis reparatio huic præcellenti viro maximo jure adſcribenda eſt.* Fr. Ant. à Purif. *Chronol. Monaſt.* pag. 65. *Ob egregios dotes primus Epiſcopus Leirienſis.* D. Nicol. de Santa Maria *Chron. dos Coneg. Regul.* Liv. 4. cap. 5. n. 16. e Liv. 6. cap. ult. n. 26. Severim *Diſc. Var.* fol. 24. D. Fr. Thom. de Faria *Decad.* Lib. 9. cap. 10. & Lib. 10. cap. 3. Carvalho *Corog. Portug.* Tom. 1. Trat. 2. cap. 1. Compoz.

Conſtituições do Biſpado de Leiria, aceitas em o Synodo pelo Cabido approvadas, e confirmadas pelo Nuncio Apoſtolico Joaõ de Monte Policiano em Liſboa no 1. de Junho de 1549. Sahiraõ impreſſas, e accrecentadas por ſeu ſucceſſor no Biſpado D. Pedro de Caſtilho. Coimbra 1601. fol. Dellas faz mençaõ o Illuſtriſſimo Cunha na *Hiſt. Eccleſ. de Brag.* Part. 2. cap. 78.

Traduzio de Latim de Fr. Henrique Harphio Provincial dos Religioſos Franciſcanos da Provincia de Colonia, em Portuguez, e dedicou a ElRey D. Joaõ o III.

Eſpelho da Perfeiçaõ. Coimbra no Convento de Santa Cruz de Coimbra. 1533. 4.

Conſtituições, e coſtumes reformados dos Conegos Regrantes de Santa Cruz de Coimbra. Impreſſo no meſmo Convento. 1534. que era o ſetimo de ſua Reformaçaõ. Sahio 2. vez no dito Convento em 1544. 4. no fim da qual ediçaõ ſe juntou a Regra de Santo Agoſtinho vertida em Portuguez, ſendo eſte anno o decimo ſetimo, e ultimo da ſua Reformaçaõ.

D. BRAZ DE CASTRO. Naceo em Lisboa, e teve por progenitores a D. Rodrigo de Caſtro, e D. Anna de Eça, filha de Luiz de Brito Pagem do Cardial D. Henrique, e de D. Ignez de Caſtro. Depois de ter obrado acções dignas de memoria as eclypſou injurioſamente quando em o anno de 1652. atendendo mais aos impulſos da ambiçaõ, que à nobreza do ſeu nacimento aceitou o Governo da India, a que o elevou huma ſublevaçaõ popular mandando prender ao Conde de Obidos D. Vaſco Maſcarenhas eleito Vicerey do Eſtado pela Mageſtade delRey D. Joaõ o IV. de que ſe originou a decadencia fatal da India, e ſendo mandado prezo pelo Conde de Sarzedas Vicerey do Eſtado antes de chegar ao Reyno morreo na viagem em o anno de 1655. Foy cazado com D. Antonia da Sylveira filha de Franciſco da Sylveira Claveiro da Ordem de Chriſto, e Capitaõ de Dio, e de D. Cecilia Henriques filha de D. Jorge de Caſtello-Branco Capitaõ mór do Norte, e D. Maria Henriques. Eſcreveo.

Apologia pelo Conde de Obidos Vicerey da India. M. S. 4. Conſerva-ſe na Livraria do Excellentiſſimo Conde de Vimieiro.

Do Author faz mençaõ o Conde da Ericeyra D. Luiz de Menezes *Portug. Reſt.* Tom. 1. Liv. 11. pag. 782. e 859. & D. Fernand. de Menezes *Hiſtor. Luſit.* Lib. 10. pag. 827.

Fr. BRAZ DA COSTA Religioſo da Ordem dos Prégadores, cujo Habito recebeo na Cidade de Lima nas Indias Occidentaes onde exercitou por muitos annos o Officio de Orador Evangelico com grande applauſo do ſeu talento deixando para memoria do genio que tinha para o pulpito.

Sermaõ de Saõ Domingos.

Sermaõ de Santo Thomaz de Aquino.

Sermaõ de Noſſa Senhora.

Que todos ſahiraõ impreſſos na Cidade de Lima. Morreo em Chiclana diſtante duas legoas de Cadiz.

Fr. BRAZ DO ESPIRITO SANTO. Naceo em Lisboa onde pela educaçaõ de ſeus Pays Sebaſtiaõ Joaõ, e Maria de Mattos, e muito mais pelo ſeu genio moſtrou em annos verdes acções proprias de huma idade muito madura. Applicado aos eſtudos era taõ eſcrupuloſo de gaſtar o tempo inutilmente, que até ſe negava aos divertimentos licitos para mais profundamente penetrar os myſterios da Filoſofia, e Theologia, em cujas faculdades ſahio eminente. Illuſtrado o ſeu entendimento com o conhecimento eſpeculativo de Deos ſe lhe inflamou a vontade para finamente o amar, e diſcorrendo qual ſeria o caminho mais certo para conſeguir eſte fim reſolveo abraçar o eſtado Religioſo onde livre de cuidados mundanos totalmente ſe dedicaſſe ao ſeu Creador. Firme em taõ ſanta reſoluçaõ elegeo entre as Familias Regulares a auſtera Provincia da Arrabida, e propondo o ſeu intento ao Provincial Fr. Martinho dos Reys lhe mandou recebeſſe o Habito Serafico no Convento de Saõ Jozé de Ribamar, onde profeſſou a 19. de Mayo de 1625. Todo o ſeu eſtudo era imitar aos Religioſos mais exemplares, e para que ſenaõ eſqueceſſe das Sciencias que adquirira com tanto diſvello, lhe foy permitido contra o coſtume ordinario o uzo de alguns livros Theologicos. Ordenado de Sacerdote, e alcançando patente de Prégador exercitou eſte apoſtolico miniſterio com grande fruto dos ouvintes principalmente nas Villas de Santarem, Benavente, e Salvaterra. Attenuado com o exceſſo das penitencias, lhe ſobreveyo huma aguda febre pela qual conheceo ſer che-

gado o termo da ſua vida, e recebendo os Sacramentos com grande piedade falleceo no Hoſpital de Lisboa a 21. de Setembro de 1638. com quarenta annos de idade, e 15. de Religiaõ. Compoz.

Tratado Theologico, que ſe imprimio conforme eſcreve Fr. Jozé de Jezu Maria *Chron. da Prov. da Arrab.* Part. 2. Liv. 1. cap. 17.

Repoſta a mil, e quatrocentas duvidas, que ſe podem formar no ſanto exercicio da Oraçaõ. Cuja obra como affirma o Chroniſta allegado na meſma parte, *tendo jà as licenças neceſſarias para ſe imprimir, a ſua morte, e a noſſa pobreza, ou omiſſaõ privâraõ as almas de doutrina taõ importante, e a Provincia deſſe luſtre.*

BRAZ DA FRANCA. Naceo em Roma de Pays Portuguezes, onde como na paleſtra da mayor politica ſahio inſtruhido inſignemente nos dictames deſta Arte, ſendo naõ menos verſado na liçaõ da Hiſtoria profana. Entre muitos diſcurſos politicos em que ſe admirou a profundidade do ſeu talento he o mais digno de eſtimaçaõ o que publicou no anno de 1645. com eſte titulo ſem o ſeu nome.

Diſcurſo del Duque de Alva al Catholico Felippe IV. ſobre el conſejo que ſe le diò en Abril paſſado para la recuperacion de Portugal con su parecer en la miſma materia. 4. Naõ tem lugar nem nome do Impreſſor, e ſómente na parte inferior de cada pagina as letras iniciaes B. F. que ſaõ as do nome do Author. Delle, e da obra faz mençaõ Joaõ Franco Barreto na *Bib. Portug.* M. S.

BRAZ FREYRE DE PINA. Veja-ſe o P. FRANCISCO FREYRE.

BRAZ GARCIA MASCARENHAS. Naceo na Villa de Avò pouco diſtante da Serra da Eſtrella na Provincia da Beyra a 3. de Fevereiro de 1596. Teve por Pays a Marcos Garcia, e Helena Madeira deſcendentes das familias mais nobres da ſua Patria. Depois de eſtudar nella a lingua Latina, paſſou a Coimbra movido de ver humas feſtas que neſta Cidade ſe celebravaõ, onde por cauſa de huma paixaõ amoroſa que deſculpava a verdura dos ſeus annos foy prezo na cadeya da Portagem, da qual valendo-ſe de hum artificio fugio para Madrid, e depois de aſſiſtir alguns mezes neſta Corte atrahido das ſaudades da Patria veyo a hum porto de mar, e ſe embarcou em hum Pataxo que ſendo accommettido por huma poderoſa Náo de Turcos no tempo que eſtava para ſe render, a aſſaltou por barlavento huma Fragata de Corſarios, dos quaes eſcapando os Turcos ficou prizioneiro dos piratas, que o lançaraõ em hum porto de Italia. Depois de diſcorrer por Italia, França, e Eſpanha, em cuja peregrinaçaõ alcançou muitas, e importantes noticias, ſe reſtituhio ao Reyno donde eſtimulado da gloria militar ſe embarcou para o Brazil, e pelo eſpaço de nove annos com o poſto de Alferes obrou acções heroycas em beneficio do Eſtado, e ruina dos Olandezes. Voltando a Portugal no feliz tempo em que por ſeu Soberano ſe tinha acclamado o Sereniſſimo D. Joaõ o IV. querendo publicar a fidelidade do ſeu coraçaõ, e o valor do ſeu eſpirito em obſequio do novo Principe, levantou huma Companhia de mancebos nobres em a praça da Villa de Pinhel, de que elle foy Capitaõ, donde paſſou a ſer Governador da Praça de Alfayates, e em hum, e outro poſto ſentiraõ os Caſtelhanos os golpes da ſua eſpada triunfante, principalmente quando com duzentos moſqueteiros emboſcados ſobre o rio Agueda em o porto de S. Martinho os obrigou com morte de muitos a deixarem a preza de mais de vinte mil cabeças de gado, que vangloriоſos levavaõ dos noſſos campos. Havendo com tanta gloria triumfado dos inimigos eſtranhos, experimentou mais forte reſiſtencia em os domeſticos acuſando-o falſamente do feyo crime de inconfidencia pelo qual foy recluſo na Torre do Sabugal. Querendo juſtificar a ſua innocencia ſe valeo da induſtria de pedir hum livro para com a ſua liçaõ divertir alguma parte da melancolia que o atormentava, e juntamente farinha para hum medicamento, linhas, e tizoura para reparar os ſeus veſtidos. Tanto que recebeo o que pedia, compoz em verſo huma Carta a ElRey D. Joaõ o IV. formada das letras que cortara do livro que lhe fora dado, e as unio com a maſſa que fizera da farinha relatando com notaveis ex-

preſſoens dictadas pela efficacia da ſua opreſſaõ a injuſtiça com que fora prezo, e a fidelidade que ſempre conſervara incorrupta para o ſeu Principe; e eſperando o mais alto ſilencio da noute a lançou da muralha pendente das linhas a hum Soldado ſeu confidente para que a entregaſſe a ſeu Irmaõ; o qual aprezentando-a a ElRey ordenou logo que vieſſe a Corte onde juſtificada a ſua innocencia o premiou com o habito da Ordem militar de Aviz, e foy reſtituido ao governo da Praça de Alfayates. Nomeado Superintendente da Cavallaria da Comarca de Eſgueira, para evitar a inſolencia dos ſeus emulos de quem taõ glorioſamente triumfara, ſe retirou à Patria onde livre de penoſos cuidados ſe dedicou ao eſtudo da Poeſia que deſde os primeiros annos cultivara até que acabou a vida a 8. de Agoſto de 1656. quando contava 60. annos de idade. Compoz.

Viriato Tragico em Poema heroico. Coimbra por Antonio Simoens Impreſſor da Univerſidade 1699. 4. Conſta de 20. Cantos. Sahio poſtumo. A eſta obra como a ſeu Author louva o P. Antonio dos Reys no *Enthuſiaſm. Poet.* n. 108. dizendo.

= *Viriatum laudibus effert*
Blaſius, atque gemens pereuntis fata, dolentes
Imbre rigat vultus, et triſti carmine duras
In planctum filices cogit.

Auzencias Braſilicas. M. S. Eſta obra fez quando voltou do Braſil.

Labirintho do Sentimento na morte do Sereniſſimo Principe D. Duarte. Eſta obra poetica que ſe lia com diverſos ſentidos por todos os lados levou o primeiro premio na Univerſidade de Coimbra onde ſe fez hum Certame a eſte lamentavel aſſumpto.

Romances Sacros, e profanos 4. M. S.

P. BRAS GOMES Religioſo da Companhia de JESUS, e Meſtre dos Noviços em o Collegio de Coimbra. Eſcreveo.

Vida do Irmaõ Franciſco de Andrade da Companhia de JESUS que morreo em Coimbra a 16. de Fevereiro de 1569. ſendo noviço. Do Author, e da obra faz memoria o P. Antonio Franco *Imag. da Virt. em Nov. de Coimb.* Tom. 1. liv. 3. cap. 54. §. 15.

BRAZ JOSEPH REBELLO LEYTE. Naceo em Lisboa ſendo filho de Pedro Gomes Bravo Rebello, e D. Luiza Victoria Pereira da Cunha. Depois de eſtar inſtruido na Grammatica Latina, Rhetorica, e Humanidades frequentou a Aula da Filoſofia em a Caſa de N. Senhora da Divina Providencia dos PP. Theatinos deſta Corte, em que teve por Meſtre ao P. D. Celeſtino Seguineau, de que brevemente faremos mais diſtincta memoria; e a da Theologia no Collegio de Santo Antaõ dos Religioſos Eremitas de Santo Agoſtinho, e ſahindo em ambas eſtas Faculdades muito perito paſſou à Univerſidade de Coimbra para ſe applicar ao Direito Pontificio no qual com applauſo dos Cathedraticos recebeo o grào de Bacharel em o anno de 1738. Entre a ſeveridade deſtas ſciencias ſempre cultivou o ameno cume do Parnaſſo donde colheo abundantes frutos metrificando com grande ſuavidade, e naõ menor afluencia em as linguas Latina, Portugueza, e Caſtelhana, ſendo muito intelligente da Franceza, e Italiana. Na Academia *Latina, e Portugueza,* e na dos *Applicados* de que foy Collega, e muitas vezes Preſidente, mereceo a geral acclamaçaõ dos ſeus alumnos venerando felizmente unida em o ſeu penetrante engenho a Arte da Oratoria com a Poetica, da qual tem dado ao publico os ſeguintes argumentos.

Romance Endecaſyllabo á morte da Sereniſſima Senhora Infanta D. Franciſca. Sahio nos Sentimentos Metricos. Lisboa por Miguel Rodriguez. 1736. 4.

Soneto e he o 44. ao meſmo aſſumpto. Sahio na 2. *Colleçaõ dos Sentim. Metric.* Lisboa pelo dito Impreſſor 4.

Tres Sonetos que ſaõ 20. 21. e 22. ao meſmo aſſumpto. Sahiraõ na 3. *Collec. dos Sent. Metric.* Lisboa pelo dito Impreſſor 4.

Romance, e Decimas Acroſticas ao meſmo aſſumpto. Sahiraõ nos *Accentos Saudoſos das Muſas Portuguezas.* 1. Part. Lisboa por Ant. Iſidoro da Fonſeca. 1736. 4.

Gloſſa ao Soneto Que choras Portugal? A Sorte impia, e hum *Soneto* ao meſmo aſſumpto. Sahio na 2. Part. dos *Accentos Saudoſ.* Lisboa pelo dito Impreſſor.

Romance Endecaſyllabo ao P. D. Ra-

fael Bluteau à pag. 72. *Soneto* à pag. 78. *Epigramma Caſtelhano* à pag. 83. *Endechas* à pag. 127. *Elogium Sepulchrale* em eſtilo lapidario que acaba com hum *Epigramma Latino* à pag. 134. Todas eſtas obras ſahirão no *Obſequio Funebre dedicado à ſaudoſa memoria do P. D. Rafael Bluteau pela Academia dos Applicados.* Lisboa por Antonio Jozé da Sylva. 1734. 4. No fim eſtà à pag. 169. *Decimas, e Soneto em applauſo de Diogo Rangel de Macedo.*

Romance Endecaſyllabo no qual ſe comprehendem as acçoens da vida, e morte do Senhor D. Manoel Caetano de Souſa. Sahio no fim da Oraçaõ funebre que na morte do meſmo P. recitou na Academia Latina, e Portugueza Filippe Jozé da Gama. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva Impreſſor da Academia Real. 1736. 4.

Lyra afinada, e deſacorde por obſequio funebre às ſaudoſas memorias do Excellentiſſimo, e Reverendiſſimo Senhor D. Caetano Cavalieri Arcebiſpo de Tarſo, e Nuncio Apoſtolico dos Reynos de Portugal. Lisboa por Pedro Ferreira Impreſſor da Auguſtiſſima Rainha. 1739. 4.

Traduzio de Italiano em Portuguez.

Dialogo Sagrado ſobre o Geneſis eſcrito pelo Doutor Paulo Medici Sacerdote, e Leytor publico de Theologia Poſitiva em Florença. Lisboa por Domingos Gonçalvez. 1739. 4.

Parte 2. Lisboa pelo dito Impreſſor, e anno. 4.

BRAZ LUIZ DE ABREU filho de Franciſco Luiz de Abreu, e Franciſca Rodriguez de Oliveira naceo na Villa de Ourem em a Provincia da Extremadura do Biſpado de Leyria a 3. de Fevereiro de 1692. Applicouſe à faculdade da Medicina em a Univerſidade de Coimbra onde depois de receber o gráo de Bacharel a exercitou com fortuna, e ſciencia. Com beneplacito de ſua mulher que ſe retirou com ſuas filhas ao Recolhimento de S. Bernardino de Terceiras de S. Franciſco ſituado na Villa de Aveiro paſſou ao Eſtado Eccleſiaſtico, em que ſe conſerva com louvavel procedimento. Além de ſer douto na ſua Faculdade he verſado em todo o genero de erudiçaõ, como tambem da Poeſia vulgar. Compoz.

Aguilas hijas del Sol, que buelan ſobre la Luna. Repreſentacion comica Tragica Triumphal dela memorable victoria glorioſamente alcançada por las aguilas imperiales contra las noćturnas aves Ottomanas en el Campo de Peter-varadim dia 5. de Agoſto anño 1716. Coimbra por Bento Seco Ferreira 1717. 4.

Sol nacido no Occidente, e poſto ao nacer do Sol. S. Antonio Portuguez epitome hiſtorico, e panegyrico de ſua admiravel vida, e prodigioſas acçoens. Coimbra por Jozé Antunes da Sylva Impreſſor da Univerſidade 1725. fol.

Portugal Medico, ou Monarchia medico Luſitana Hiſtorica, Praćtica, Symbolica, Ethica, e Politica fundada, e comprehendida no dilatado ambito dos dous mundos creados Macrocoſmo, e Microcoſmo. Part. 1. Coimbra por Joaõ Antunes. 1726. fol.

Feniz Luſa. Contem a vida, e acçoens do Sereniſſimo Senhor Infante D. Manoel *M. S.*

Luſiada Sacra. Poema heroico cujo argumento he a Origem, e ſucceſſos do Imperio Luſitano aſſim Eccleſiaſtico como ſecular. *M. S.*

Vida, e acçoens do primeiro Princepe do Braſil para exemplar do noſſo Sereniſſimo Princepe D. Jozè. Tem por titulo eſte anagrama *Theodoſio. Todo Jozé. M. S.*

Fr. BRAZ DE SANTA MARIA Eremita de Santo Agoſtinho, e Confeſſor do Illuſtriſſimo Arcebiſpo de Goa D. Fr. Aleixo de Menezes, a quem acompanhou na Jornada que fez às Serras do Malabar em o anno de 1598. eſcrevendo.

Informaçoens da Viagem às Serras do Malabar. M. S.

Das quaes ſe aproveitou D. Fr. Antonio de Gouvea para a compoſiçaõ da Hiſtoria deſta Jornada, que imprimio em Coimbra por Diogo Gomez Loureiro Impreſſor da Univerſidade 1606. fol. e o confeſſa no Prologo deſta obra. Do Author das Informaçoens faz menção o moderno addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leon. Tom. 1. Tit. 3. col. 62.

BRAZ DE MATTOS Ulyſſiponenſe a quem como Varaõ verſado nas materias de Theologia Myſtica louva Joan. Sua-

res de Brit. in *Theatr. Luſit. Litter.* lit. B. n. 37. Compoz.

Pratica eſpiritual do deſprezo do mundo chamado eſpelho de peccadores. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1620. 4.

BRAZ MENDES DA BARCA Theologo Moraliſta. Eſtudou em a Univerſidade de Evora com o eſtipendio Real. Compoz em 26. de Abril de 1622.

Compendium Scalæ Cœli. M. S. 8.

BRAZ NUNES MAÑANAS natural da Villa de Alter do Chaõ da Provincia de Alentejo Medico da Mageſtade delRey D. Joaõ o IV. taõ inſigne neſta profiſſaõ como em a Poeſia de que fez muitas obras, ſendo a mais celebre hum Romance Satyrico contra o Medico Antonio da Motta por lhe preferir em tomar o pulſo à Rainha D. Luiza Franciſca de Guſmaõ. Começava.

Tiene Blas condicion dura

o qual naõ ſe lhe permitio que o imprimiſſe.

Soneto em applauſo de Diogo Ferreira de Figueiroa impreſſo no principio de ſeu livro *Deſmayos de Mayo* &c. Villa viçoſa por Manoel Carvalho. 1635. 8.

Epigramma Latino à morte da Senhora D. Maria de Attayde. Sahio nas *Memorias Funebres.* Lisboa na Officina Craesbeeckiana. 1650. 4.

BRAZ PEREYRA DE MIRANDA. Naceo na Cidade do Porto onde teve por Pays a Joaõ Alvarez Pereira, e D. Bernardina de Souſa. Entre os eſtudos a que ſe applicou com mayor diſvelo foy o da Genealogia em que fez grandes progreſſos eſcrevendo.

Familias deſte Reyno.

Com grande curioſidade, e verdade como affirma o P. D. Antonio Caetano de Souſa no *Apparat. à Hiſt. Geneal. da Caza Real* pag. 60. §. 40.

Além da Obra referida fez notas importantes ſobre o eſtudo Genealogico que ficaraõ em poder de ſeu Neto D. Jorge Henriques Senhor das Alcaçovas, e Vedor da Sereniſſima Raynha D. Mariana de Auſtria. Fazem illuſtre memoria do ſeu nome Franc. *Bib. Portug.* M. S. Joan. Soar. de Brit. *Theat. Luſit. Litterat.* lit. B. n. 38. e D. Franciſco Manoel na *Cart. dos Author. Portug.* eſcrita ao D. Manoel da Fonſeca Themudo.

BRAZ PINTO. Foy muito perito no eſtudo da Alveitaria, de que compoz hum Livro que conſervava ſeu filho Manoel Pinto, como eſcreve Joaõ Franco Barreto na *Bib. Portug.* M. S.

Fr. BRAZ DE RESENDE natural de Evora filho de Jorge de Reſende, irmaõ de André Falcaõ de Reſende, de quem jà fizemos memoria, e ſobrinho de Garcia de Reſende Chroniſta delRey D. Joaõ o II. Deixado o nome de Jorge que conſervava no ſeculo entrou na Religiaõ Dominicana na qual foy taõ inſigne em letras, como em virtudes, pelas quaes mereceo particulares eſtimações do Duque de Aveiro D. Joaõ de Lencaſtre filho do ſenhor D. Jorge Duque de Coimbra. Compoz varias obras Poeticas mais devotas, que elegantes ſendo as principaes.

Auto do pranto da Magdalena.

Auto do pranto de S. Pedro.

Delles, e do Author fazem memoria Fr. Pedro Monteiro *Clauſt. Domin.* pag. 177. Fonſec. *Evor. Glorioſ.* pag. 411. e Joaõ Franco Barreto *Bib. Portug.* M. S.

Fr. BRAZ SOARES. Naceo na Cidade de Ponte-Delgada Capital da Ilha de S. Miguel, e foy filho de Affonſo Nunes, e de ſua terceira mulher Joanna Soares. Deixando a patria paſſou às Ilhas Filippinas, onde recebeo o Habito da Ordem dos Prègadores, e de tal modo ſe conſtituhio hum vivo exemplar de todo o genero de virtudes, que deſejando os Religioſos mais obſervantes reformar a Provincia, que eſtava ſummamente relaxada, o mandaraõ a Roma para executar eſta empreza de que reſultava tanto credito à Religiaõ. Chegado à Curia foy prezo por ſiniſtras informaçoens de alguns emulos que ſe opunhaõ à Reforma, e depois de padecer diverſas moleſtias achando occaſiaõ opportuna de ſahir do carcere ſe lançou aos pés do Santo Pontifice Pio V. a quem fielmente expoz a cauſa porque fora mandado àquella Corte, e conhecendo o Summo Paſtor muito mais da modeſtia do ſemblante que da

efficacia das palavras a innocencia da ſua vida, o nomeou Viſitador, e Reformador da dita Provincia de cuja commiſſaõ modeſtamente ſe eſcuſou ſupplicando-lhe a faculdade de paſſar para a Religiaõ dos Eremitas de Santo Agoſtinho, onde com ſumma tranquillidade queria acabar a vida. Deſirio benevolamente o Pontifice a eſta ſupplica, e foy admitido à Ordem Auguſtiniana pelo ſeu Geral Thadeo Peruſino com grande ſatisfaçaõ por venerar na ſua peſſoa as virtudes de hum perfeito Religioſo, concedendo-lhe licença de que viveſſe na ſua patria para ſoccorro de alguns parentes neceſſitados. Naõ foy pequeno o jubilo com que os naturaes de Ponte-Delgada o receberaõ, e buſcando por domicilio a Ermida de Santa Anna ſe occupava na direçaõ eſpiritual de muitas almas ſendo as principaes a Ven. Matrona Margarida de Chaves, e Iſabel de Miranda, de que reſultou nomeallo em attençaõ de ſeus virtuoſos coſtumes, Confeſſor das Religioſas do Convento de Santo André o Biſpo D. Pedro de Caſtilho que depois paſſando à Mitra de Leiria foy Inquiſidor Geral, e duas vezes Governador deſte Reyno. Erigindo-ſe a 25. de Julho de 1606. o primeiro Convento de Eremitas Auguſtinianos na Cidade de Ponte-Delgada foy eleito para primeiro Prelado, que elle humildemente regeitou, onde cheyo de virtudes, e naõ menos de annos que chegaraõ a 100. paſſou deſta vida caduca para a eterna a 11. de Mayo de 1613. O ſeu cadaver foy treſladado no anno de 1618. para o novo Convento de Santo Agoſtinho edificado junto da Parochia de Saõ Pedro por faculdade do Biſpo D. Agoſtinho Ribeiro e o depoſitaraõ debaixo do Altar môr. Fazem delle mençaõ Herrera in *Alphab. Auguſtin. dignus plane vir, qui in memoria hominum vertatur, non minus propter inſignia merita, quàm propter illuſtriſſimas filias.* Ant. à Purif. *Chronol. Monaſt.* pag. 55. Franc. Affonſ. de Chav. e Mello *Vid. da Ven. Margarid. de Chaves* pag. 287. Elſio *Encom. Auguſt.* pag. 129. Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 166. e no Comment. de 11. de Mayo letr. D. Fr. Ant. da Natividad. *Monte de Coroas* Coroa 8. §. 2. num. 40. Compoz.

Vida da Ven. Margarida de Chaves ſua Confeſſada, da qual grande parte ſahio impreſſa na vida deſta Serva de Deos eſcrita na lingua Italiana. Roma por Bartholomeu Zannetto. 1612. e ſe conſerva na Livraria do Convento da Graça de Liſboa. 8.

Vida da Ven. Iſabel de Miranda ſua Confeſſada. Fr. Luiz dos Anjos no *Jardim de Portug.* cap. 180. fallando deſta Serva de Deos faz mençaõ do Eſcritor da ſua vida dizendo: *A guiou no caminho da perfeiçaõ como quem tinha dom de Deos para ſemelhantes obras de virtude por ſer experimentado em tratar com almas temeroſas, e de boa conciencia, o qual eſcreveo huma larga hiſtoria deſta Serva de Deos.* Conſerva-ſe no Convento da Graça de Liſboa. 8.

Vida de Martha Soares ſua Confeſſada. M. S. Deſta Obra faz memoria Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 193. no Comment. de 11. de Mayo. Letr. D.

P. BRAZ VIEGAS natural de Evora onde inſtruido com virtuoſos documentos por ſeus Pays Pedro Palha, e Violante Viegas deixou a ſua companhia para ſe aliſtar em a de JESUS no Collegio da ſua Patria a 15. de Fevereiro de 1569. quando contava deſeſeis annos de idade. Aprendidas as letras Humanas, e Divinas com enveja de ſeus condiſcipulos as dictou com admiraçaõ de todos os Meſtres principalmente quando explicou com ſolida ſubtileza em as Univerſidades de Coimbra, e Evora, onde recebeo o gráo de Doutor em Theologia a 24. de Julho de 1594. os profundiſſimos arcanos da Sagrada Eſcritura que ſe lhe fizeraõ mais patentes pela grande intelligencia que tinha da lingua Hebrayca, naõ ſendo menos eminente em a ſciencia da Grega, e Latina. Foy Orador elegante, Poeta inſigne, Prégador excellente, e Eſcriturario famoſo. Todos eſtes ſcientificos dotes ſe illuſtravaõ com a innocencia da vida, affabilidade do genio, obſervancia do Inſtituto, ſendo venerado por todos como perfeito exemplar aſſim de letras como virtudes. Morreo no Collegio de Evora a 22. de Agoſto de 1599. com 46. annos de idade, e 30. de Religiaõ. O ſeu nome exaltaõ Nicol. Anton.

Bib. Hiſp. Tom. 1. pag. 140. *Ingenuarum omnium artium eruditione perpolitus.* Ribadaneir. *Cathal. Illuſt. Script. S. J. Vir non ingenio tantùm magno, facili, prompto, atque ad omnia parato, ſed etiam placido, affabili, & benigno.* Fr. Franc. à D. Aug. Maced. *Propugnacul. Luſ. Gallic.* pag. 111. *Clariſſimum Scripturarum Interpretem,* & p. 118. *Sacrarum litterarum inſignem profeſſorem,* e *Philip. Portug.* cap. 21. p. 110. *Grave, e douto Eſcriturario.* Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litterar. lit.* B. n. 39. *Vir Latinis, & Græcis litteris apprime eruditus.* Franco *Ann. Glorioſ. S. J. in Luſit.* pag. 487. *Eminuit facultate Oratoria, & Concionatoria;* e na *Imagem do Novic. de Evor.* pag. 857. *Homem em tudo grande particularmente na Sciencia das Divinas Letras.* Poſſevino *Appar. Sac.* Tom. 1. pag. 229. Marracio *Bib. Marian.* Part. 1. pag. 238. *Biblioth. Societ.* p. 123. col. 2. Fonſec. *Evora Glor.* pag. 428. e 411. Nat. Alex. *Hiſt. Eccleſiaſt.* Tom. 7. pag. mihi. 123. col. 1. Lelong. *Bib. Sacr.* pag. mihi 1003. col. 2. Illuſtriſſim. Cunha *in Decret.* ad C. Archidiac. 1. Diſt. 85. n. 3. Toſcano *Paralel. de var. Illuſt.* cap. 86. Taxand. *Cathalog. clar. Hiſp. Script.* Hallevord. *Bib. Curioſ.* p. 38. col. 1. Compoz.

Commentarii exegetici in Apocalypſim Joannis Apoſtoli. Eboræ apud Emmanuelem de Lyra. 1601. fol. A eſta Obra, de que fazia ſumma eſtimaçaõ o Doutor Eximio o Padre Franciſco Soares Granatenſe lhe fez o ſeguinte Elogio o Illuſtriſſimo Arcebiſpo de Evora D. Theotonio de Bragança na faculdade que deo para imprimirſe, dizendo: *Ea eſt Doctoris ſapientiſſimi doctrina, & Chriſtiani paſtoris pietas, atque in erudiendis difficillimis Sacræ Paginæ ſenſibus felicitas, atque ingenium, ad animoſque in rerùm ſupernaturalium, ac cœleſtis Hyeruſalem deſiderium inflamandos vis, & efficacia, ut non ſolùm illi concedamus facultatem hoſce commentarios imprimendi, ſed noſtræ etiam Academiæ gratulamur, quod tam doctos, pios, & inſignes viros & aluerit, & conſummatos viderit.* Sahio reimpreſſa Lugd. apud Jacobum Cardon 1602. Venetiis apud Societatem Venetam 1602. 4. Pariſiis apud Dyoniſium Dinet. 1606. 4. Turnoni apud Horatium Cardon 1614. Coloniæ apud Arnoldum Mylium. 1617. 4. & Coloniæ. Agrippinæ apud Crithium 1617. 4. Foy traduzido eſte Commento na lingua Etiopica pelo Patriarcha Affonſo Mendes, no anno de 1614. como elle eſcreve in *Expedit. Ætiop.* Lib. 1. cap. 12. ſervindo-lhe de grande ſoccorro para convencer os erros dos Abexins.

Commentaria in Iſaiam, Habacuc, Agæum, Zachariam, Ezechielem, & in Epiſtol. D. Paul. ad Hebræos. fol. M. S.

Explanatio in Exodum. fol. M. S.

De Victoria Meſſiæ. Deſte tratado faz mençaõ Carlos Jozé Imbonati *Bib. Latin. Hebraic.* pag. 329. n. 1032.

Traduzio de Italiano do P. Vicente Bruno da Companhia de JESUS em Portuguez.

Meditações ſobre os Myſterios da Paixaõ, Reſurreiçaõ, e Aſcenſaõ de Chriſto Noſſo Senhor, e Vinda do Eſpirito Santo com figuras, e profecias do Teſtamento Velho, e documentos tirados de cada hum dos paſſos do Evangelho, recolhidos de diverſos Santos Padres, e outros devotos Authores, acreſcentadas com muitos Lugares da Sagrada Eſcrittura. Lisboa por Pedro Craesbeeck. 1601. 8.

BRIGIDA DE ALARCAM. Foy inſtruida na Poetica, e Rhetorica, e na lingua Latina que ſoube com grande perfeiçaõ. Teve noticia de hum, e outro Direito, da Theologia Eſcholaſtica, e Moral, da Hiſtoria Eccleſiaſtica, e Profana. Diſcurſava com agudeza, fallava com elegancia, e tanta afluencia de palavras que em huma occaſiaõ orou ſem interrupçaõ pelo eſpaço de cinco horas. Faleceo a 18. de Novembro de 1622. quando contava cincoenta annos de idade. Nunca quiz ſogeitarſe ao Eſtado Conjugal ainda que para eſſe effeito ſe lhe offereceraõ opportunas occaſioens. Compoz.

Vida, acçoens, e morte da Famigerada Judith. M. S.

Vida, acçoens, e morte do Famoſo Sanſaõ. M. S.

Faz memoria deſta Authora Diogo Manoel Ayres de Azevedo *Portug. Illuſtrad. pelo Sex. Fem.* pag. 86. §. 25.

BRIGIDA DE S. ANTONIO chamada no Seculo D. Leonor de Mendanha, teve por berço a famoſa Cidade de Lisboa onde naceo a 28. de Janeiro de 1576. e por progenitores a Jorge Vaz de Campos, e D. Izabel de Mendanha igualmente nobres, e opulentos, como deſcendentes das familias mais qualificadas da Villa de Abrantes, e do Reyno de Caſtella. Logo na primeira infancia deſcubrio huma recta inclinaçaõ para a virtude, de tal ſorte, que a madureza das ſuas acçoens era naõ ſomente admiraçaõ, mas cenſura dos annos mais adultos. Por morte de hum irmaõ unico ficando herdeira da caſa ſe reſolveo ſua Mãy a deſpozala com peſſoa digna do ſeu nacimento, porém como tinha conſagrado ao divino Eſpoſo ſua virginal pureza diſſimulava prudentemente a repugnancia que tinha ao Eſtado conjugal. Para conſeguir os ardentes dezejos em que ſe abrazava de ſe aliſtar em alguma Communidade Religioſa elegeu para director de taõ ſanto intento ao V. P. Antonio da Conceiçaõ Conego Secular da Congregaçaõ do Evangeliſta, cuja virtude era univerſalmente venerada, o qual lhe perſuadio ſe recolheſſe ao domicilio das Religioſas Inglezas da Ordẽ de Santa Brigida, que naquelle tempo tinhaõ chegado a eſta Corte fugitivas das perſeguiçoens dos Hereges, aonde entrou a 23. de Setembro de 1601. havendo valeroſamente triunfado das poderoſas deligencias, com que a authoridade dos parentes, e a ternura da Mãy intentaraõ opporſe à ſua heroica reſoluçaõ. Admitida ao Noviciado mudou o nome de Leonor em Brigida por obſequio à ſua inſigne Matriarcha, e o appellido *de Santo Antonio* em memoria do Veneravel director da ſua conciencia, começando a reſplandecer em todo o genero de virtudes pelas quaes ſe fez digna de profeſſar a 28. de Outubro de 1602. A ſua grande prudencia acompanhada de natural benevolencia, e ſumma charidade a conſtituiraõ capaz de exercitar todos os Officios da Communidade ſendo Proviſora, Sancriſtaã, Zeladora, Enfermeira, Meſtra de Noviças, e ultimamente Abbadeſſa. Em taõ diferentes miniſterios exercitados por ordem da obediencia repartia com tanta igualdade o tempo, que nunca as occupaçoens de Marta a privavaõ das contemplaçoens de Maria. Ardia o ſeu coraçaõ em taõ vivas chamas do amor Divino quando orava, que para mitigar eſte celeſtial incendio, naõ eraõ baſtantes as copioſas lagrimas que derramava. Abſorta pelo largo eſpaço de quarenta horas o ſeu eſpirito, e ſuſpenſas em doce calma as potencias parecia o corpo cadaver, de tal ſorte, que percebendoſe algumas vezes a reſpiraçaõ intercadente ſe lhe adminiſtrou o Sacramento da Extrema Unçaõ, de cujo ſuave deliquio deſpertava com ays enternecidos. Como Meſtra da mais ſublime eſcola era conſultada pelos mayores Letrados ſobre materias graviſſimas venerando por Oraculos ſuas repoſtas, naõ ſendo inferior a ſua inteligencia para penetrar os ſegredos do coraçaõ humano, e ſerenar as conciencias eſcrupuloſas. Foy inſigne em o dom da Profecia, vaticinando muitos ſuceſſos naõ ſomente de peſſoas particulares, mas de toda a Monarchia, de cuja inffalivel certeza ſe conhecia evidentemente a ſuperior luz que lhe illuſtrava o entendimento. Para domar o corpo, e reduzillo às leys do eſpirito inventou varios generos de penitencias, que ſeriaõ julgados como exceſſos da tirania ſe os naõ regulara pelos impulſos do coraçaõ ſempre ambicioſo de extraordinarias mortificaçoens. De todas eſtas virtudes teve por teſtemunhas, e imitadoras as Religioſas do Serafico Convento de Noſſa Senhora da Eſperança deſta Corte quando aſſiſtio entre ellas pelo eſpaço de ſete mezes por cauſa do incendio que devaſtou em 17. de Agoſto de 1651. o Convento em que habitava. A' ſua incanſavel deligencia ſe deve a fundaçaõ do Convento de Noſſa Senhora de Marvilla ſituado nos arrebaldes de Lisboa em o qual ſe obſerva o Inſtituto, que ella profeſſava. Sendo ſummamente humilde naõ podia eſcuzar-ſe das viſitas das mayores peſſoas do Reyno, como eraõ a Sereniſſima Rainha D. Luiza Franciſca de Guſmaõ, os Duques de Aveyro, o Marquez de Marialva D. Antonio Luiz de Menezes, e ſeu Irmaõ D. Rodrigo de Menezes, o Inquiſidor Geral D. Franciſco de Caſtro reſpeitando unidos no ſeu eſpirito todos aquelles dotes com que a divina Graça ornou as Claras de Aſſiz, e as Magdalenas de Pazzi. Chegado o tempo de ſerem premiadas tantas virtudes adoeceu

da ultima infermidade que pelo largo tempo que durou lhe ſervio de ſevero exame à ſua invicta paciencia. Abrazada mais intenſamente com o fogo do amor divino que com o ardor da febre ſuſpirava pelo inſtante que a havia fazer participante da viſta do ſeu Amado, até que repetindo a Antifona *Regina Cœli Lætare* voou o ſeu eſpirito a coroarſe na eternidade glorioſa a 29. de Junho de 1655. com 78. annos 5. mezes, e dous dias de idade. As Religioſas vendoſe deſpojadas de Mãy taõ amoroſa, e Meſtra taõ prudente deſafogaraõ a ſua dor com exceſſivas expreſſoens de ſentimento. Pelo eſpaço de quatro dias eſteve o cadaver expoſto no Coro conſervando tal fermoſura no ſemblante, e flexibilidade em todos os membros que parecia eſtar entregue a hum placido sono. Depois de ſe repartir pelo povo parte dos ſeus veſtidos como reliquias ſe excitou huma controverſia entre o Cabido da Cathedral de Lisboa, e os Conegos Seculares da Congregaçaõ do Evangeliſta ſobre qual das duas Communidades havia levar o corpo para ſe lhe dar decente ſepultura, e allegadas as rezoens de huma, e outra parte ſe decidio por ordem del-Rey D. Joaõ o IV. foſſe o ſeu Convento depoſito de taõ precioſo thezouro o qual foy poſto em hum Caixaõ que mandou fazer com todo o primor o Marquez de Gouvea D. Joaõ da Sylva. Paſſados tres mezes foy treſladado a 3. de Outubro para o Convento já reparado do incendio, que o devaſtara, e ſobre a pedra da ſepultura ſe gravou o ſeguinte epitafio.

Sepultura da V. Madre Soror Brizida de Santo Antonio Religioſa profeſſa da Ordem de Santa Brizida LIV. Abbadeſa das Religioſas Inglezas IV. Annos, VI. mezes, ætatis ſuæ LXXIX. Faleceo a XXIX de Junho de M.DCLV.

A ſua vida eſcreveo difuſamente Fr. Agoſtinho de Santa Maria Eremita deſcalço de Santo Agoſtinho que ſahio impreſſa por Antonio Pedroſo Galraõ 1701. 4.

Faz larga memoria das ſuas virtudes Jorge Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 864. no Commentario de 29. de Junho let. I. Franciſca da Conceiçaõ Religioſa no Convento da Eſperança na *Relaçaõ da ſua vida* M. S. que dedicou à Rainha D. Luiza Franciſca de Guſmaõ; e Franc. de Santa Maria no *Jacinto Portuguez* Liv. 4. cap. 84. e Antonio Carvalho da Coſta *Corog. Portug.* Tom. 3. Trat. 35. pag. 519. chamando-lhe *Religioſa de conhecida virtude.* Eſcreveo.

Memorias para deſpertar o ſeu eſpirito aos louvores de Deos.

Documentos eſpirituaes extrahidos dos Santos Padres, e Doutores da Igreja.

Deſeſeis Cartas eſcritas a Pantaleaõ Rodriguez Pacheco Biſpo eleito de Elvas.

Carta a huma ſua Sobrinha moradora na Cidade de Portalegre.

Todas eſtas obras eſtaõ impreſſas na vida deſta Veneravel Madre eſcrita por Fr. Agoſtinho de Santa Maria de que aſſima fallamos deſde pag. 268. até 285.

Carta eſcrita a ElRey D. Joaõ o IV. Impreſſa à pag. 213. da vida aſſima allegada.

Carta eſcrita a Fr. Pedro de Magalhaens da Ordem dos Prégadores Deputado do Conſelho geral do Santo Officio director da ſua Conciencia. Impreſſa à pag. 266. da meſma vida.

Relaçaõ breve das Religioſas, que floreceraõ no Convento de Santa Brizida com opiniaõ de conhecida virtude. M. S. Deſta obra faz memoria Jorge Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 881. e a allega varias vezes.

Quando ſe ſentia mais inflamada no Amor divino deſabafava taõ activo incendio cantando alguns verſos devotos dos quaes copiaraõ hum Romance Jorge Cardoſo no lugar citado, e Fr. Agoſtinho de Santa Maria à pag. 187.

SOR BRITES DO ESPIRITO SANTO chamada no ſeculo D. Brites de Menezes, cujo apellido tomou de ſua Avó paterna. Naceo na Villa de Maçans Biſpado de Coimbra, e teve por Pays a D. Chriſtovaõ Manoel de Vilhena Commendador de S. Paulo de Maçans da Ordem de Chriſto, e de ſua ſegunda mulher D. Joanna de Faria filha de Gaſpar Gil Severim Executor mór do Reyno, e D. Juliana de Faria; e por irmaõ a D. Sancho Manoel primeiro Conde de Villa-Flor General das Provincias da Beira, e Alentejo, Commendador das Commendas de Saõ Nicoláo de Cabeceiras de Baſto, Saõ Pedro de Calvelos, Santo Adriaõ de Penafiel,

e Santa Maria de Marmeleiro da Ordem de Chriſto, a cuja valeroſa eſpada deve Portugal grande parte da ſua Reſtauraçaõ. Na primavera dos annos deſprezou as delicias, com que o mundo lizongeiro a convidava fugindo occultamente para o Convento de Santa Clara de Evora, em cuja religioſa Clauſura profeſſou o Serafico Inſtituto com inexplicavel jubilo de ſeu coraçaõ. Em taõ ſagrada eſcolla aprendeo os documentos da mais alta perfeiçaõ ſendo continua nos exercicios da Oraçaõ Mental, e Vocal, e naõ menos nas rigoroſas penitencias com que ſugeitava o corpo às leys do eſpirito. Foy igualmente caritativa para os proximos, como conſtante nas adverſidades. Sendo Abbadeſſa fez prudentemente obſervar os preceitos da Regra, valendo-ſe para empreza taõ ardua mais da clemencia de Mãy, que da ſeveridade de Prelada. Cumulada de mayor copia de virtudes que do largo numero de 90. annos que contava, foy receber o premio dellas a 13. de Agoſto de 1696. Eſcreveo.

Memorial de algumas Religioſas eminentes em virtude, que floreceraõ no Convento de Santa Clara de Evora. M. S. o qual conſervava entre outros muitos com particular eſtimaçaõ o doutiſſimo Antiquario Manoel Severim de Faria Chantre da Cathedral de Evora, e Tio materno da Authora.

C

CAETANO ALBERTO Presbytero Ulyſſiponenſe ſuficientemente inſtruido na Theologia Myſtica, e Moral traduzio da lingua Caſtelhana em a materna.

Convento eſpiritual, ou eſcola de perfeiçaõ Chriſtaã na qual metaforicamente ſe enſina aos que profeſſaõ a vida Religioſa a doutrina mais importante ao ſeu eſtado. Lisboa por Manoel Fernandes da Coſta Impreſſor do Santo Officio. 1737. 8.

Eſta obra foy compoſta por huma Religioſa Franciſcana do reformado Convento de Granada, e a cada Capitulo acrecentou o Traductor huma explicaçaõ muito douta.

Fr. CAETANO DE ALBUQUERQUE natural de Lisboa, e filho de Thomaz Pereira de Albuquerque, e D. Barbara Franciſca Xavier. Na idade juvenil recebeo o habito do Doutor Maximo S. Jeronymo em o Real Convento de Belem onde profeſſou a 13. de Setembro de 1721. Depois de frequentar os eſtudos de Filoſofia, e Theologia em que deu claros indicios do ſeu talento, naõ foraõ menores os applauſos que conſeguio no miniſterio do Pulpito como teſtemunhaõ as ſeguintes produçoens.

Sermaõ na feſta do Santiſſimo Sacramento com a profiſſaõ da Madre Soror Anna Joaquina de Santa Thereza prégado no Real Convento da meſma Santa de Carnide a 26. de Julho de 1728. Lisboa por Miguel Rodriguez. 1731. 4.

Sermaõ Panegyrico do Principe dos Patriarchas o Maximo Doutor da Igreja S. Jeronymo prégado no Real Moſteiro de Santa Maria de Belem aos 30. dias do mez de Setembro de 1733. Lisboa na Officina Auguſtiniana. 1734. 4.

D. CAETANO DE S. ANTONIO natural da Villa maritima de Buarcos na Provincia da Beyra diſtante ſete legoas da Cidade de Coimbra. Foy admitido ao Canonico habito de Santo Agoſtinho no Real Convento de Santa Cruz cabeça deſta illuſtre Congregaçaõ neſte Reyno a 26. de Outubro de 1698. Applicou-ſe ao eſtudo da Botanica, e manipulaçaõ dos medicamentos em que ſahio eminente exercitando o Officio de Boticario no Real Convento de S. Vicente de fóra deſta Corte pelo largo eſpaço de vinte annos com grande credito da ſua ſciencia atè que falleceo em o meſmo Convento a 10. de Outubro de 1730. Para deixar diſcipulos da ſua Arte compoz, e imprimio.

Pharmacopea Luſitana reformada, methodo practico de preparar os medicamentos na forma Galenica, e Chymica. Lisboa no Real Convento de S. Vicente. 1711. fol. e Coimbra por Joaõ Antunes. 1714. 4.

Traduzio da lingua Latina em a Portugueza.

Pharmacopea Bateana na qual ſe contem quaſi outocentos medicamentos tirados da practica de Jorge Bateo Protomedico de Carlos II. Rey de Inglaterra. Lisboa na Officina Real Deſlandeſiana. 1713. 8.

D. CAETANO BARBOSA chamado no Seculo Conſtantino. Naceo na Villa de Redondo da Provincia Tranſtagana, ſituada entre Villa-viçoſa, e a Cidade de Evora a 8. de Fevereiro de 1660. Teve por Pays a Vicente Barboſa de Carvalho Capitaõ Mór de Redondo, e D. Maria de Mira. Na tenra idade de quinze annos deixando a patria recebeo a roupeta de S. Caetano em a Caſa de N. Senhora da Divina Providencia deſta Corte onde profeſſou a 18. de Fevereiro de 1676. Aprendidas em taõ douta paleſtra as letras humanas, e divinas, naõ ſómente enſinou como Meſtre aos ſeus domeſticos, mas os governou como Prélado merecendo ſaudades dos ſubditos pela ſua natural benevolencia. Foy hum dos bons Oradores Evangelicos do ſeu tempo em cujos diſcurſos competia a ſubtileza com a diſcriçaõ. Para teſtemunhar o amor que tinha à ſua Sagrada familia diſpendeo para ornato da Igreja grande copia de dinheiro. Na Caſa onde naceo para a Religiaõ acabou a vida em 25. de Janeiro de 1736. quando contava 76. annos de idade, e 60. de religioſo. Imprimio.

Sermaõ da Soledade prégado no Convento de Santa Anna. Lisboa por Miguel Maneſcal 1691. 4.

Sermaõ Panegyrico de N. Senhora da Divina Providencia prégado em Lisboa na ſua Igreja dos Clerigos Regulares na Feſta, que lhe faz a illuſtriſſima Irmandade das Eſcravas da meſma Senhora na Segunda Dominga depois da Epifania. Lisboa por Antonio Pedroſo Galraõ 1695. 4.

Rhetorica Eccleſiaſtica acurate, cogitateque exarata M. S. 4. Conſerva-ſe na Livraria dos PP. Theatinos deſta Corte como nella vimos.

Fr. CAETANO DE BELEM natural do Porto Religioſo profeſſo da Serafica Provincia da Immaculada Conceiçaõ do Rio de Janeiro. Teve igual talento para a Oratoria Eccleſiaſtica, como para a Poeſia aſſim vulgar como Latina compondo.

Labyrinto Poetico, 6. Emblemas, e dous Epigramas em applauſo de Fr. Fernando de Santo Antonio Provincial da Provincia da Conceiçaõ. Eſta obra M. S. conſerva em ſeu poder Fr. Apolinario da Conceiçaõ Religioſo do meſmo Inſtituto de quem fizemos larga memoria em ſeu lugar.

CAETANO DE BRITO DE FIGUEIREDO. Naceo em Lisboa, e na Freguezia da Noſſa Senhora da Encarnaçaõ foy bautizado a 4. de Janeiro de 1671. Foraõ ſeus Pays Manoel Soares de Brito Eſcrivaõ da Fazenda do Infantado, e D. Anna Maria de Figueiredo. Depois de ter aprendidos os preceitos da Latinidade, Rhetorica, e Poetica em que ſahio muito perito paſſou a Univerſidade de Coimbra onde ſe applicou ao eſtudo do Direito Ceſareo no qual recebido o gráo de Bacharel ſe reſtituhio à Corte. Com igual ſciencia que inteireza adminiſtrou os lugares de Juiz de fora de Obidos, e de Sylves, Ouvidor de Faro, Dezembargador da Relaçaõ da Bahia, e ultimamente Vereador do Senado de Lisboa, onde morreo a 17. de Outubro de 1732. Jaz ſepultado na Parochia de N. Senhora do Socorro. Foy Cavalleiro da Ordem de Chriſto de genio muito affavel, e cortezaõ bom poeta vulgar, e elegante orador de que foraõ theatros varias Academias. Compoz.

Diario Panegyrico das Feſtas, que na famoſa Cidade da Bahia ſe fizeraõ em applauſo do fauſto, e feliz Natalicio do Excellentiſſimo Senhor D. Pedro de Noronha glorioſo Primogenito dos Excellentiſſimos Senhores Condes de Villa-verde. Lisboa por Miguel Maneſcal Impreſſor do Santo Officio, e da Sereniſſima Caſa de Bragança. 1718. 4.

P. CAETANO DA FONSECA Naceo em Lisboa a 17. de Novembro de 1694. ſendo filho de Pedro Correa da Sylva, e Maria de Santo Antonio. Ainda naõ tinha completos 16. annos quando em o Noviciado da ſua patria recebeo a roupeta da Companhia de JESUS a 19. de Março de 1710. Foy Meſtre de letras humanas, e Rhetorica em a Univerſidade de Evora onde leu Filoſofia, e Theologia Moral, e actualmente he ſubſtituto de Theologia eſpeculativa. Imprimio.

Sermaõ do Coraçaõ de JESUS prégado com o Sacramento expoſto no meſmo Coraçaõ na ſexta feira immediata à Outava do Corpo de Deos 13. de Julho de 1738. fazendo no meſmo dia a ſua profiſſaõ Sor Rita Fauſtiniana do Sacramento Religioſa militar de S. Joaõ Bautiſta em a Villa de Eſtremos, e dezendo juntamente a ſua primeira Miſſa o P. Pedro Joaquim da Coſta irmaõ da meſma Senhora. Lisboa. 1738. 4. ſem nome do Impreſſor.

D. CAETANO DE GOUVEA. Naceo no lugar de Riudades termo da Villa de Paredes Comarca de Pinhel do Biſpado de Lamego a 20. de Novembro de 1696. ſendo filho de Manoel de Gouvea Pacheco Capitaõ mór da Villa de Paredes, e de ſua mulher D. Maria de Souſa Rebello. Depois de eſtudar na Univerſidade de Coimbra Filoſofia hum anno, e outro Inſtituta paſſou a eſta Corte onde atrahido do exemplar procedimento, e univerſal litteratura dos Clerigos Regulares Theatinos veſtio a ſua Roupeta a 3. de Abril de 1714. e a 7. do dito mez do anno ſeguinte profeſſou ſolemnemente. O agudo talento de que o dotara a natureza lhe facilitou comprehender brevemente as dificuldades Theologicas, e naõ menos as noticias de huma, e outra Hiſtoria em que ſahio taõ doutamente verſado que mereceo ſer eleito Qualificador do Santo Officio, Examinador das Tres Ordens Militares, e Academico da Academia

Real Portugueza em o anno de 1735. para eſcrever as Memorias Eccleſiaſticas do Biſpado de Coimbra. Paſſou a Roma em o anno de 1734. para votar no Capitulo geral da Congregaçaõ Theatina, e naquella grande Corte conciliou as eſtimaçoens das peſſoas mais eruditas. Reſtituido ao Reyno exercitou por algum tempo o lugar de Prepoſito em que fora eleito o qual por ſer mais amante do deſcanſo que ambicioſo do governo dimitio com univerſal ſentimento dos ſeus ſubditos. Os pulpitos mais authorizados deſta Corte ſaõ os theatros da ſua eloquencia ſagrada, em cujos diſcurſos ſe vem unidos a elegancia das palavras com a ſubtileza dos conceitos. Tem publicado.

Panegyrico funebre nas exequias delRey D. Manoel na Santa Caſa da Miſericordia a 13. *de Dezembro de* 1725. Lisboa na Officina da Muſica. 1730. 4.

Sermaõ da Canonizaçaõ de S. Joaõ Franciſco Regis da Companhia de JESUS prégado a 10. *de Novembro de* 1737. *no Real Collegio de Evora da meſma Companhia.* Lisboa por Antonio Iſidoro da Fonſeca. 1738. 4.

Sermaõ da Canonizaçaõ de S. Joaõ Franciſco Regis prégado a 29. *de Setembro de* 1737. *no dia ultimo do ſolemne Outavario, que ſe celebrou na Igreja da Caſa profeſſa da Companhia de JESUS.* Lisboa na Officina da Muſica, e Sagrada Religiaõ de Malta 1739. 4. & ibi por Antonio Iſidoro da Fonſeca 1739. 4.

Practica com que congratulou a Academia Real de eſtar eleito ſeu Collega, recitada no Paço. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva Impreſſor da Academia 1735. 4.

Elogio funebre de Jozé Contador de Argote Academico do numero da Academia Real recitado no Paço a 31. *de Março de* 1735. Lisboa pelo dito Impreſſor, e no meſmo anno 4.

Breve Relaçaõ da Santa Caſa do Loureto com hum Cathalogo de todas as joyas, pedras precioſas, peças de ouro, e prata do ſeu riquiſſimo thezouro com os nomes de todos os Princepes, e mais peſſoas que as deraõ. Lisboa por Manoel Fernandes da Coſta Impreſſor do Santo Officio. 1736. 4.

Elogio funebre do P. D. Manoel do Tojal da Silva C. R. recitado na Academia Real em 13. *de Janeiro de* 1739. M. S.

Inſtrucçaõ, que hum antigo Official deu a ſeu filho, quando o mandou aſſentar praça no preſente anno de 1735. Lisboa na Officina de Antonio Correa Lemos 1735. 4.

Oraçaõ em acçaõ de Graças pela feliciſſima exaltaçaõ ao Throno Pontificio do Santiſſimo Padre Benedicto XIV. celebrada na Igreja de Noſſa Senhora do Loreto da Naçaõ Italiana de Lisboa Occidental a 12. *de Setembro de* 1740. Lisboa por Antonio Iſidoro da Fonſeca 1740. 4.

Com o nome do Irmaõ Alberto Gomes Leigo dos Clerigos Regulares traduzio na Lingua Portugueza.

Myſterios de noſſa Santa Fé Catholica eſcritos na lingua Caſtelhana pelo Doutor Jeronymo Peres, Confeſſor do Real Convento da Encarnaçaõ de Madrid. Liſboa na Officina da Muſica. 1732. 24.

Com o nome de Luiz de Souſa Rebello formado na Sagrada Theologia, traduzio de Italiano em Portuguez

Sermaõ que prégou em dia de Santa Luzia, o Eminentiſſimo, e Reverendiſſimo Senhor Cardial Caſſini na Sala do Palacio Apoſtolico diante do Summo Pontifice Clemente XI. e do Sacro Collegio dos Cardiaes, e dos Prelados Romanos, em o qual perſuade a grande obrigaçaõ, que tem os Biſpos de prégar o Evangelho. Lisboa por Antonio Iſidoro da Fonſeca 1739. 4.

Relaçaõ da fabrica na Igreja de Noſſa Senhora do Loreto, para nella ſe depoſitar o Santiſſimo Sacramento nas Endoenças deſte preſente anno de 1735. *mandado fazer pelo Senhor Paulo Jeronymo de Medicis, Provedor da meſma Igreja.* Coimbra 1735. 4. ſahio ſem o ſeu nome.

Fr. CAETANO DE S. JOZE' chamado no ſeculo Caetano de Faria Mauriz, naceo em Lisboa a 7. de Agoſto de 1657. ſendo filho de Agoſtinho Faria de Mauriz, e Serafina de Oliveyra. Aprendeo as letras humanas com o inſigne Meſtre Antonio Fernandes de Barros, de cuja Eſcola fecunda de Varoens eminentes ſahio profundamente inſtruido, conhecendo-ſe neſte prologo dos ſeus eſtudos os progreſſos litterarios, que havia fazer nas Sciencias mayores. Na tenra idade de quinze annos abraçou o auſtero Inſtituto dos Carmelitas Deſcalços, profeſſando no

Convento patrio de Noſſa Senhora dos Remedios a 10. de Agoſto de 1673. Depois de eſtudar naõ ſómente a Filoſofia, mas Theologia Eſcholaſtica, Moral, Poſitiva, e Myſtica ſubio às Cadeiras para com a ſua rara agudeza, profunda eſpeculaçaõ, e novo methodo illuſtrar eſtas grandes Faculdades de tal ſorte, que eſtando occulta entre os Clauſtros da Religiaõ a ſua ſabedoria, rompeo como brilhante rayo para ſer univerſalmente applaudida, naõ ſómente dos primeiros Cathedraticos da Univerſidade de Coimbra, mas das principaes peſſoas deſta Corte, aſſim Eccleſiaſticas, como Seculares, procurando na madureza do ſeu talento, os conſelhos mais prudentes para ſerenar as conciencias ſeguindo como ſeguro Norte as ſuas reſoluçoens, por ſerem fundadas na Theologia mais ſolida, e nos Textos, e Canones de hum, e outro Direito, em que era profundamente verſado. Naõ teve menor applauſo pelo miniſterio do Pulpito, em que teve por Meſtre ao grande Vieyra, imitando com cores taõ vivas eſte Oraculo da Eloquencia Eccleſiaſtica, que muitas vezes ſe equivocava a copia com o original; por cuja cauſa he intitulado por Fr. Marçal de Saõ Joaõ Baptiſta *in Bib. Script. Carmel. Excalc.* pag. 65. *celebris Theologus, celebris & concionator.* Naõ podendo pela ſeveridade do ſeu Inſtituto aceitar miniſterio honorifico, exercitou conſtrangido pela obediencia os lugares de Qualificador do Santo Officio, e Examinador das Tres Ordens Militares, de cuja eleiçaõ reſultou igual credito à ſua peſſoa, que utilidade a eſtes dous graviſſimos Tribunaes. Entre a applicaçaõ dos eſtudos ſeveros, naõ deixou de cultivar os amenos ſendo Poeta Latino, e Vulgar, com tanta facilidade, e cadencia, que extemporaneamente vertia em Outavas Portuguezas as Italianas do Poema da morte dos Innocentes, compoſto por Joaõ Bautiſta Marini, celebre alumno do Parnaſſo. Na liçaõ da Hiſtoria Sagrada, e Profana foy muito verſado, como em a Geografia, e na intelligencia das linguas Caſtelhana, Franceza, e Italiana. Todos eſtes dotes ſcientificos lhe conciliaraõ a eſtimaçaõ dos noſſos Monarchas, e Princepes, e a veneraçaõ das primeiras peſſoas da Jerarchia Eccleſiaſtica, e Secular, cujas honras nunca fizeraõ a menor impreſſaõ no ſeu genio ſempre auſtero, e inimigo jurado da adulaçaõ com que eſtranhava, e muitas vezes reprehendia as acçõcs, que naõ eraõ reguladas pelos dictames do Evangelho. Moleſtado de varios achaques que ſe faziaõ incuraveis pelos annos, ſe retirou da Corte para o Convento de Figueiró, com o deſejo de experimentar alivio nas ſuas queixas, onde vive na provecta idade de 83. annos taõ atenuado no corpo, como vigoroſo no eſpirito. Publicou

Sermaõ Genethliaco, Euchariſtico, e Gratulatorio, na menhãa de 19. de Outubro de 1712. aſſiſtindo com toda a Corte na Capella Real Sua Mageſtade, e Altezas, na ſolemne Acçaõ de Graças pelo nacimento feliciſſimo do Sereniſſimo Princepe D. Pedro, de que Deos nos fez merce na madrugada do meſmo dia. Lisboa na Officina Real Deſlandeſiana. 1713. 4. & ibi per Jozé Lopes Ferreira Impreſſor da Sereniſſima Rainha. 1714. 4.

Sermaõ no Acto publico da Fè, que ſe celebrou na Praça do Rocio deſta Corte, em Domingo 14. de Outubro de 1714. Lisboa por Jozé Lopes Ferreira Impreſſor da Sereniſſima Rainha. 1715. 4.

Cenſura ſuper Quæſtionem. Utrum Conſtitutio Urbani VIII. quæ incipit, In ſpecula, *interdicens Regularibus uſum Cruciatæ quoad reſervata, officiat pro nunc, obſtetque ne hodie Regulares à reſervatis abſolvantur virtute ejuſdem Cruciatæ.* Sahio no *Tom. 2. Quæſtion. Select. Bullæ Cruciatæ D. Laurent. Pires de Carvalho* a pag. 928. até 949.

Parecer ſobre a Queſtaõ ſe os DD. Legiſtas ſaõ capazes de poſſuirem as Coneſias Doutoraes das Cathedraes, dado em Figueiró dos Vinhos a 25. de Avril de 1738. Sahio no Livro intitulado *Faſciculus Sententiarum à Petro de Villas-Boas, e Sampayo.* Conimbricæ apud Antonium Simões Ferreira 1738. 4. à pag. 54. até 57.

P. CAETANO JOZE' chamado no ſeculo Caetano Jozé de Abreu do Amaral. Naceo na Freguezia de Saõ Juliaõ de Azurara da Villa de Mangoalde em o Biſpado de Vizeu a 7. de Setembro de 1689. onde teve por Pays a Belchior de Abreu

do Amaral, e Catharina Lopes Tangere. Inſtruido na patria com os preceitos da Gramatica, paſſou à Univerſidade de Coimbra, na qual tendo frequentado por eſpaço de dous annos o eſtudo do Direito Pontificio, recebeo a Roupeta da Companhia de Jeſus em o Noviciado de Coimbra a 19. de Janeiro de 1707. Por ſer muito douto nas letras humanas as dictou nos celebres Collegios de Evora, Coimbra, e Lisboa. Por ordem dos Superiores foy Perfeito dos Eſtudos no Collegio da Ilha Terceira, onde leo Theologia Moral quatro annos, e depois Filoſofia em o de Santarem. Exercitou com applauſo o miniſterio de Orador Evangelico neſta Corte, naõ o merecendo menor ſendo Meſtre da Cadeira de Controverſias em o Collegio de Saõ Patricio dos Irlandezes, e ultimamente Lente de Prima de Theologia Moral. A ſua grande capacidade acompanhada de todo o genero de erudiçaõ, o fez digno de ſer eleito em o anno de 1739. Academico da Academia Real da Hiſtoria Portugueza, publicando.

Practica recitada na Academia Real da Hiſtoria Portugueza, em agradecimento à meſma Academia pela honra de o eleger Academico do Numero. Lisboa por Miguel Rodrigues Impreſſor do Eminentiſſimo Senhor Patriarcha 1739. 4.

CAETANO JOZE' DA SYLVA SOTTO-MAYOR. Naceo na Villa de Olivença celebre Praça militar em a Provincia de Alentejo, e teve por Pays a Gaſpar da Sylva Moniz Doutor na Faculdade de Leys, e Provedor dos Reſiduos, e a D. Iſabel Thereza Sotto-mayor Dona da Camera da Sereniſſima Rainha Noſſa Senhora D. Marianna de Auſtria. Depois de eſtudar os rudimentos Gramaticaes com Manoel de Abrantes Presbytero de inculpavel vida, e publico Meſtre de Latinidade neſta Corte paſſou à Univerſidade de Coimbra onde recebeo o gráo de Bacharel na faculdade do Direito Pontificio. Provada a ſua ſuficiencia a 14. de Abril de 1721. no exame, que ſe coſtuma fazer em o Dezembargo do Paço aos Bachareis, que haõ de ſervir os Lugares da Republica, o primeiro que teve foy o de Juiz dos Orfaõs do Termo deſta Cidade, donde paſſou a Juiz do Crime do Bayrro da Mouraria, que exercitou pelo largo tempo de doze annos. Deſte miniſterio foy promovido a Corregedor do Bayrro do Rocio de que tomou poſſe a 3. de Outubro de 1737. havendo-a tomado em 23. de Abril de 1735. de Executor da Sereniſſima Caza de Bragança. Pela natural affluencia que teve para a Poeſia pareceo, que nacera à ſombra dos Loureiros do Parnaſſo, e das Aguas da Hipocrene merecendo, que os Alumnos da Academia Conimbricenſe o intitulaſſem com a antonomaſia de Camões, como ſe foſſe emulo na felicidade do metro deſte Virgilio Portuguez. Sendo os ſeus verſos ſerios dignos de grande eſtimaçaõ, naõ ſómente pela ſuavidade das vozes, mas pela delicadeſa dos conceitos, naõ mereciaõ menor applauſo os jocoſos em que competia a agudeza com a mordacidade. Soube com perfeiçaõ a lingua Caſtelhana, e da Italiana teve baſtante intelligencia, de que deo claros argumentos na traducçaõ que fez de algumas Operas de Pedro Metaſtaſio. Foy hum dos primeiros cincoenta Academicos da Academia Real da Hiſtoria Portugueza, a cuja pena foraõ commettidas as Memorias Eccleſiaſticas do Biſpado de Leiria. Infermando de huma febre catarral, que ſe fez rebelde às operaçoens da Medicina, recebidos os Sacramentos com ſumma piedade morreo em Lisboa a 18. de Agoſto de 1739. e foy ſepultado na Igreja do Convento dos Religioſos Capuchos de Santo Antonio. Compoz.

Cathalogo dos Biſpos de Leiria. Sahio no *Tom. 2. das Colleções dos Docum. da Acad. Real.* Lisboa por Paſchoal da Sylva Impreſſor de Sua Mageſtade, e da Acad. Real. 1722. fol.

Conta dos ſeus eſtudos Academicos no Paço a 22. de Outubro de 1724. Sahio no *Tom. 4. da Collec. dos Docum. da Acad. Real.* Lisboa pelo dito Impreſſor 1724. fol.

Conta dos ſeus eſtudos Academicos no Paço a 22. de Outubro de 1726. Sahio no *Tom. 6. da Collec. dos Docum. da Acad. Real.* Lisboa por Jozé Antonio da Sylva. 1726. fol.

Conta dos ſeus eſtudos Academicos no Paço a 22. de Outubro de 1730. Sahio no

Tom. 10. *da Collec. dos Docum. da Acad. Real.* Lisboa pelo dito Impreſſor. 1730. fol.

Epicedios na morte da Sereniſſima Senhora a Senhora D. Franciſca Infanta de Portugal. Lisboa por Miguel Rodrigues Impreſſor do Senhor Patriarcha. 1736. 4. Conſta de huma Sylva, e dous Sonetos, e humas Endechas Endecaſſyllabas.

Sylva Portugueza, e hum Romance a ſer reeleita Abbadeça de Santa Clara de Lisboa a Madre D. Margarida Bautiſta. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva. 1736. 4.

Glorias de Erice Epithalamio no feliciſſimo Caſamento dos Senhores D. Franciſco Xavier de Menezes 6. *Conde da Ericeira, e D. Maria Jozé da Graça, e Noronha filha dos Illuſtriſſimos, e Excellentiſſimos Senhores Marquezes de Caſcaes.* Lisboa por Antonio Iſidoro da Fonſeca. 1740. 4. Obra poſthuma.

Panegyrico funebre do Doutor Alexandre Ferreira Deputado da Meza da Conciencia, e Academico do numero da Academia Real recitado no Paço. M. S.

Panegyrico funebre de Joaõ Couceiro de Aureu, e Caſtro, Guarda mór da Torre do Tombo, e Academico do numero da Academia Real, recitado na meſma Academia. M. S.

CAETANO MALDONADO DA GAMA Vejaſe D. JERONYMO CONTADOR DE ARGOTE

Fr. CAETANO ROQUETE filho do Capitaõ Joaõ Roquete da Sylva, e D. Victoria de Jeſus naceo na Villa de S. Martinho em os Coutos de Alcobaça do Patriarchado de Lisboa. Sendo de idade muito tenra entrou na Religiaõ do Carmo, onde recebendo o habito a 30. de Mayo de 1719. profeſſou a 9. de Junho de 1720. Concluidos os eſtudos eſcholaſticos veyo por Conventual do Carmo de Lisboa no qual naõ ſómente foy ſubprior tres annos, mas Meſtre das Ceremonias. He Conſultor da Bulla da Cruſada. Imprimio.

Oraçaõ na Tresladaçaõ dos Oſſos, que ſe fez em 29. *de Novembro de* 1734. *na Parochial Igreja de S. Paulo deſta Cidade de Lisboa.* Lisboa na Officina da Muſica. 1739. 4.

Fr. CAETANO XAVIER natural de Lisboa filho de Jozè Pinheiro Mariz, e D. Anna Maria Jozé da Cunha. Aprendidas as letras humanas dezejoſo de ſe illuſtrar com as Sagradas entrou no Real Convento de Belem onde profeſſou o Inſtituto de S. Jeronymo a 20. de Agoſto de 1717. Applicou-ſe ao eſtudo das Cerimonias Eccleſiaſticas, e he Meſtre dellas no Real Convento de Belem. Como taõ douto neſte genero de eſtudo determina publicar.

Ceremonial de Belem.

Em cuja obra fundado nos melhores Authores emenda muitos abuſos que eſtaõ introduzidos em os Ritos Eccleſiaſticos.

CARLOS FERREYRA natural de Lisboa traduzio de Caſtelhano em Portuguez.

Hiſtoria da Donzella Theodora. Lisboa por Pedro Ferreira Impreſſor da Sereniſſima Rainha 1735. 4.

Fr. CARLOS DE S. FRANCISCO chamado no Seculo Franciſco Oſorio de Almada naceu em Lisboa ſendo filho do Dezembargador Franciſco Cabral de Almada, e de Chriſtina de Almeyda. Depois de eſtar inſtruido na Grammatica Latina entrou na Religiaõ de S. Jeronymo, cujo Inſtituto profeſſou no Real Convento de Santa Maria de Belem a 26. de Setembro de 1666. Foy Religioſo muito obſervante, e taõ amante do Coro, como inimigo do governo, exercitando ſómente o lugar de Procurador geral, e Viſitador da ſua Congregaçaõ. Morreo a 4. de Março de 1727. Imprimio.

Sermaõ da Payxaõ prégado no Real Convento de Belem. Lisboa por Domingos Carneiro. 1679. 4. e Coimbra por Joaõ Antunes. 1692. 4.

Sermaõ da exhortaçaõ à penitencia no Real Convento de Belem na ſegunda ſexta feira à tarde de Quareſma no anno de 1684. Lisboa por Joaõ Galraõ 1686. 4.

Fr. CARLOS DE LISBOA cujo appellido indica a patria onde naceo para o mundo, renacendo para Deos em a Monachal Familia Ciſtercienſe cujo habito re-

cebeo, e profeſſou em o Real Convento de Santa Maria de Alcobaça. Compoz.

Caſtello eſpiritual, em que explica em 199. Capitulos o Evangelho *Intravit JESUS in quoddam Caſtellum* com reflexoens doutas, e piedoſas. O original *M. S.* em folha ſe conſerva na Bibliotheca do dito Convento.

Fr. CARLOS DE MELLO natural da Villa de Soure ſituada entre as Cidades de Leyria, e Coimbra da Provincia da Extremadura. Foraõ ſeus Pays Pedro de Brito de Attayde, e D. Maria da Sylva, e Mello, dos quaes naõ ſómente foy herdeiro de ſua qualificada nobreza, mas da piedade Chriſtaã com que vigilantemente o educaraõ, de que felizmente ſe ſeguio deixar o mundo, e veſtir o habito de Eremita Auguſtiniano em o Convento de N. Senhora da Graça de Lisboa profeſſando a 7. de Março de 1685. Pela liçaõ da Sagrada Theologia com que inſtruyo aos ſeus domeſticos, foy Preſentado neſta Faculdade como tambem Prior do Convento de N. Senhora da Penha de França onde morreo a 5. de Dezembro de 1732. Imprimio.

Aguia na penha renovada nas memorias de ſeus principios achadas na Livraria da meſma Senhora da Penha de França. Lisboa por Valentim da Coſta Deſlandes Impreſſor de Sua Mageſtade 1707. 8.

Fr. CARLOS DA MOTTA natural de Lisboa, filho de Gonçalo da Sylva, e Helena da Motta. Foy ſemelhante ao precedente aſſim no habito eremitico que profeſſou no Convento da Graça deſta Corte, como na ſciencia Theologica em que foy inſigne Meſtre. Cultivou com felicidade a Arte Poetica compondo na lingua Latina, e materna muitas Poeſias ſendo as mais celebres.

In obitum immaturum Sereniſſimi Joannis IV. Luſitanorum Regis epicedium. Poema heróico. *M. S.*

Saudades de D. Ignes de Caſtro. Outavas. *M. S.*

Morreo no Convento de Santarem a 20. de Janeiro de 1670.

D. CARLOS DE NORONHA Naceo em Lisboa, e foraõ ſeus progenitores D. Antonio de Menezes que morreo valeroſamente na infeliz batalha de Alcacer, e D. Joanna de Caſtro filha de D. Jeronymo de Caſtro Senhor do Paúl de Boquilobo. Na primeira idade deu claros argumentos do grande engenho, que tinha para as letras às quaes ſe applicou em a Univerſidade de Coimbra eſtudando Direito Ceſareo em que ſahio eminente. Depois de exercitar com grande zelo o lugar de Deputado da Meza da Conciencia, e Ordens paſſou a ſer Preſidente deſte Tribunal, onde defendeo acerrimamente com a vóz, e com a penna a juriſdicçaõ, e izençaõ das Ordens Militares. Foy Cavalleiro da Ordem de Aviz, Commendador de Marvaõ, e hum dos quarenta Acclamadores da Liberdade Portugueza em o fauſto anno de 1640. Caſou duas vezes; a primeira com D. Maria de Vilhena filha de Nuno da Cunha, e D. Leonor de Souſa de Refoyos de quem naõ teve deſcendencia. A ſegunda com D. Antonia de Menezes, filha de D. Miguel de Menezes primeiro Duque de Caminha, da qual teve a D. Miguel Luiz de Menezes primeiro Conde de Valladares, titulo que deu ElRey D. Pedro II. no anno de 1702. por concerto da acçaõ que tinha à grande Caſa de Villa-Real. Morreo na patria em o anno de 1645. Joaõ Soares de Brito in *Theat. Luſit. Litter.* lit. C. n. 2. o intitula *Egregius Juriſconſultus* Manoel de Far. e Souſ. *Cathal. Real de Eſp.* fol. 94. v.º *Perſona en quien reſplandecen gran nobleza, prudencia heredada de ſus progenitores.* O P. D. Ant. Caetan. de Souſ. *Hiſt. Geneal. da Caſa Real Portug.* Tom. 2. liv. 3. cap. 8. pag. 521. Por ordem de Filippe III. quando celebrou Capitulo Geral da Ordem Militar de Aviz na Igreja de Santa Maria da Graça da Villa de Setubal a 2. de Outubro de 1619. reduzio D. Carlos de Noronha a melhor methodo, e publicou como ſe colhe do Prologo.

Conſtituiçoens da Ordem Militar de S. Bento de Avis. Lisboa por Jorge Rodriguez 1631. fol.

Allegaçaõ de direito em favor da juriſdicçaõ, e exempçaõ das Ordens Militares, e Cavalleiros dellas. Lisboa pelo dito Impreſſor 1641. fol.

Na Dedicatoria a ElRey D. Joaõ o IV. diz que compuzera, e imprimira outros

papeis em defenſa das Ordens Militares.

Allegaçaõ de Direito em que moſtrava qual era o que lhe aſſiſtia para herdar o Marquezado de Villa-Real M. S. fol.

D. CARLOS DE NORONHA DE MENESES Neto do precedente ſegundo Conde de Valladares Gentilhomem da Camara delRey D. Joaõ o V. Commendador das Commendas de S. Joaõ da Caſtanheira, S. Juliaõ de Monte negro, Santa Maria de Viade, e Santa Maria de Locores em a Ordem de Chriſto naceo em Lisboa a 8. de Janeiro de 1658. e foy filho de D. Miguel Luiz de Menezes primeiro Conde de Valladares, e de D. Magdalena de Lencaſtre, e Abranches, filha herdeira de D. Alvaro de Abranches da Camara, Conſelheiro de Eſtado Governador das Armas da Provincia do Minho, e Beira, e de D. Maria de Lencaſtre filha de D. Joaõ Lobo ſexto Baraõ de Alvito. Na puericia moſtrou igual propenſaõ para as virtudes, que para as ſciencias principalmente aquellas que ſaõ mais proprias de hum Cavalhero, ſendo muito verſado na liçaõ da Hiſtoria profana, Geografia, e Poetica, cuja Arte felizmente cultivou quando foy Preſidente da celebre Academia dos *Generoſos*. Teve grande piedade para com Deos, natural affabilidade para todo o genero de peſſoas, exceſſiva comiſeraçaõ para os pobres. Morreo em Lisboa a 8. de Fevereiro de 1731. e jaz ſepultado no Cruzeiro da Igreja de S. Franciſco deſta Corte, de cuja Ordem Terceira tinha ſido Miniſtro muito zeloſo. Foy caſado com ſua Prima com Irmaã D. Maria de Lencaſtre, filha de Luiz da Cunha Senhor de Povolide, e de D. Guiomar de Lencaſtre, de quem teve à D. Miguel Luiz de Menezes 3. Conde de Valladares, e tres filhas. Das muitas obras poeticas que compoz ſómente publicou.

Romance muito largo aos annos de ElRey D. Joaõ o V. ſem nome do Author, e ſem lugar da impreſſaõ. fol.

D. CATHARINA Infanta de Portugal filha dos Sereniſſimos Monarchas D. Duarte, e D. Leonor, neta DelRey D. Joaõ o I. Irmaã de D. Affonſo V. e Tia de D. Joaõ o II. naceo em Lisboa a 25. de Novembro de 1436. Naõ ſatisfeita a natureza de lhe dar taõ ſoberano berço a ornou de todos aquelles inſignes dotes, que raramente ſe vem unidos como foraõ fermoſura, modeſtia, engenho ſublime, diſcriçaõ aguda, e liberalidade generoſa. Deſejando ſua Mãy, que foſſe educada com doutrina virtuoſa lhe deſtinou por Aya a D. Violante Nogueira irmãa do Arcebiſpo de Lisboa D. Affonſo Nogueira, que depois foy Commendadeira do Real Convento de Santos, e por Meſtre, e Confeſſor a D. Jorge da Coſta, que deſtes honorificos miniſterios fez degráos para ſubir a dignidade Cardinalicia, e ao grande numero de Prelaſias, e rendas Eccleſiaſticas, que poſſuio. Do magiſterio de taõ famoſo homem ſahio a Infanta naõ ſómente inſtruida no idioma Latino, mas em todas as ſciencias proprias do ſeu ſexo, e nacimento. Na idade de quinze annos, acompanhou montada a cavallo (cujas redeas levava o Infante D. Henrique ſeu Tio) a ſua Irmãa a Emperatriz D. Leonor, quando em 20. de Outubro de 1451. foy à Cathedral de Lisboa com toda a Corte Portugueza donde partio a embarcarſe em huma ſoberba Armada, que a conduzio a Liorne, e nas portas da Cidade de Sena foy congratulada por ſeu Auguſto Eſpoſo o Emperador Federico III. Como no real animo da Infanta ſe admiraſſem as virtudes com exceſſo aos annos, foy pertendida para Eſpoſa por diverſos Princepes, ſendo entre elles o mais empenhado D. Carlos Princepe de Navarra ſeu Primo com Irmaõ, filho de D. Joaõ o II. Rey de Aragaõ, e Navarra, e de ſua primeira mulher a Rainha D. Branca filha de Carlos III. Rey de Navarra, porém naõ teve effeito eſte conſorcio pela intempeſtiva celeridade, com que a morte arrebatou ao Princepe, cujo infauſto ſucceſſo penetrou taõ altamente o coraçaõ da Infanta, que julgando por caducas todas as glorias do mundo ſe retirou para o Convento de Santa Clara, onde ſe exercitava em actos religioſos naõ querendo admitir aquellas veneraçõeſ, que a vaidade enſinou tributar às Peſſoas Soberanas. Por eſtar deſtinada para conſorte de thalamo mais ſublime ſe deſvaneceo o ſegundo Cazamento intentado com Duarte IV. Rey de Inglaterra, pois ao tempo que ſe tratava, adoeceo a Infanta de hum agudo pleuris, e conhecendo ſer chegado o termo da ſua vida ſe

preparou com actos de Fé, piedade, e reſignaçaõ na vontade Divina, e recebidos os Sacramentos eſpirou placidamente a 17. de Junho de 1463. deixando taõ illuſtre fama das ſuas virtudes, que Fr. Antonio de Silis nas *Chron. da Terc. Ordem* Tom. 2. pag. 47. a intitula com o nome de *Bemaventurada*. Foy ſepultada na Capella de N. Senhora da Aſſumpçaõ ſituada no Convento de Santo Eloy deſta Corte de Conegos Seculares do Evangeliſta, em hum Mauſoléo, que lhe mandou levantar o Cardial D. Jorge da Coſta ſeu Teſtamenteiro, em o qual eſtava gravada eſta inſcripçaõ.

Aqui jás a Infanta D. Catharina Filha delRey D. Duarte, e da Rainha D. Leonor, Neta DelRey D. Joaõ o I. Irmãa delRey D. Affonſo V. Tia DelRey D. Joaõ o II. a qual eſtando Eſpoſada com Carlos Princepe de Navarra, e Aragaõ, e com Duarte IV. Rey de Inglaterra ſem ſe effeituar algum dos Caſamentos falleceo de 27. annos ſeſta feira a 17. de Junho de 1463.

Com a nova reedificaçaõ deſte Templo antes que ſe transferiſſe a Sepultura foy aberta a 17. de Dezembro de 1695. e nella foy achado o cadaver da Infanta reſoluto.

Sendo muito erudita na Lingua Latina, e outras Sciencias, compoz diverſas Obras de que ſómente ſahio à luz publica, a Traducçaõ que fez na lingua materna do Tratado de *Diſciplina Monaſtica*, compoſto por S. Lourenço Juſtiniano, e ſe publicou com eſte Titulo:

Regra, e perfeiçaõ da converſaçaõ dos Monges. Ho qual Livro foy copilado per ho Reverendo Senhor Lourenço Juſtiniano primeiro Patriarcha de Veneza, que foy dos primeiros Fundadores da Congregaçaõ de Saõ Jorge em Alga. No fim tem eſtas palavras. *Foy imprimida a preſente Obra, em ho inſigne Moeſteyro de Sancta Cruz, da muy nobre, e ſempre leal Cidade de Coimbra. Por Germã Galharde. Em o año de Noſſo Senhor Jeſu Chriſto mil e quinhẽtos e trinta, e huũ a XXVIII. dias de Abril.* fol.

Na primeira folha deſta traduçaõ, ſe lem as palavras ſeguintes, que aqui tranſcreveremos com a meſma Orthografia, e pontuaçaõ com que eſtaõ impreſſas: *Nam he pequena a obrigaçam de Louvor, que teem os prezentes, e futuros aos defunctos Scriptores. Os quáes antepoendo ho proveito comum ao proprio: guarnecidos de Feè: Eſperança. e Caridade, perdido ho cuidado de ſi, martyrizando ſuas carnes, conſumindo ſuas vidas com continuo eſtudo, e occupaçam de ſpirito: ſoomente ſe contentarem por refrigerio de ſeus trabalhos: com o fructo que delles a nós avia de ſer taõ proveitoſo. Em numero dos quaes foy ho glorioſo Juſtiniano Author da obra preſente que aos monges, e ſolitarios deſcobrio tam geitoſo caminho: para apraſerem a ſeu Criador: Remidor, e Glorificador. E nom menos digna de louvor he a Senhora Iffante Doña Catherina irmàa delRey dom Afõſo ho V. a qual tanto reſplandeceo em ſeu tempo em virtude, e ſabidoria: que eſquecida dos cuidados das outras femeas ſe affirma aver tirado ho veeo a eſta obra: para que pudeſſe ſer cobiçada dos Simplices, e ſem trabalho entendida dos doctos tornandoa de Latim em noſſo Portuguez: e dandoa em offerta aos religioſos de Santo Eloy: onde o ſeu corpo he ſepultado. E ſabendo ho Padre dom Dioniſio Prior craſtéro do moeſteiro de Santa Cruz de Coymbra: por ho Senhor Iſante dom Anrique, que tanto theſouro, e tam neceſſario a às almas dos devotos: eſtava aſſy encerrado, e ignoto por falta da impreſſam (com conſelho do Convento) o mandou correger, e emprimir em ho quarto anno de ſua reformaçam. A agloria, e louvor de noſſo Senhor Jeſu Chriſto que com ho Padre, e Eſpirito Sancto: vive e regna em ho Segre dos Segres. Amen.* Eſte Prior era D. Dioniſio de Moraes primeiro Prior de Santa Cruz depois da Reforma eleito a 17. de Fevereiro de 1530.

Fazem memoria deſta illuſtre Infanta Damiaõ de Goes *Chron. do Princep. D. Joaõ* cap. 17. Pedro de Maris *Dial. de Varia Hiſt.* Dial. 4. cap. 3. Duart. Nunes de Leaõ *Chron. delRey D. Duart.* cap. 19. D. Rodrig. da Cunha *Hiſt. Eccleſ. de Brag.* Part. 2. cap. 64. §. 4. 5. e 6. Manoel de Far. e Souſ. *Europ. Portug.* Tom. 2. Part. 3. cap. 2. e no *Epit. das Hiſt. Portug.* Part. 3. cap. 12. Franc. de Sant. Mar. *Ceo Aberto na Terra* liv. 1. cap. 42. e liv. 2. cap. 22. Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 718. e

no Comment. de 17. de Junho letr. F. Nicol. Ant. *Bib. Vet. Hiſpan.* Tom. 2. lib. 10. §. 503. Fr. Luiz dos Anjos *Jardim de Portug.* cap. 101. Barboſa *Cathal. Cronolog. das Raynh. de Portug.* pag. 355. Souſa *Hiſt. Geneal. da Caſa Real Portug.* Tom. 2. liv. 3. cap. 10. Froes Perym *Theat. Heroin.* Tom. 1. pag. 230.

D. CATHERINA Duqueza de Bragança naceo em Lisboa a 18. de Janeiro de 1540. e foy bautizada em o Palacio de ſeus auguſtos progenitores o Infante D. Duarte Duque de Guimaraens, e a Infanta D. Izabel filha de D. Jayme unico do nome, e quarto Duque de Bragança, e de ſua primeira mulher D. Leonor de Mendoça, ſendo Padrinhos ſeus Tios os Sereniſſimos Infantes D. Luiz, D. Henrique, e D. Maria. Foy ornada daquellas virtudes, que conſtituem huma Heroina, e inſtruida em todas as artes dignas do ſeu alto nacimento, e muito ſuperiores ao ſexo feminino. Com profunda politica diſſimulou a violencia com que fora privada da Coroa Portugueza ſendo taõ inflexivel às repetidas perſuaſoẽs do Cardial D. Henrique para que cedeſſe do ſeu Direito, como às cavilloſas inſtancias com que Filippe Prudente a convidava com o thalamo para lhe uſurpar o trono. Deſpozou-ſe com D. Joaõ o I. do nome, e ſexto Duque de Bragança a 8. de Dezembro de 1563. de cujo conſorcio naceraõ D. Theodoſio ſegundo do nome, e ſetimo Duque de Bragança, D. Duarte, D. Alexandre Arcebiſpo de Evora, e Inquiſidor Geral, D. Filippe, D. Maria, D. Serafina que caſou com o Duque de Eſcalona, D. Cherubina, D. Maria, D. Angelica, e D. Izabel, aos quaes educou com a practica das virtudes, noticia das linguas Latina, e Grega, e as ſciencias da Aſtronomia, e Mathematica em que era inſigne como teſtificaõ Chriſtovaõ da Coſta *Trat. en loor delas Muger.* fol. 98. §. Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 2. pag. 341. col. 2. e Petr. Paul. Riber. *Delle glorie immortali d' trionfi, et heroiche impreſe de Donne illuſtri* lib. 13. art. 375. Em Villaviçoſa Solar deſta Sereniſſima Caſa paſſou deſta vida caduca à eterna a 15. de Novembro de 1614. quando contava 74. annos de idade, e muitos Seculos de acçoens virtuoſas ſendo as principaes a inſtituiçaõ do morgado para do ſeu rendimento ſe ornar com todo o genero de pedras precioſas huma Cruz em que ſe conſerva huma grande parte daquella em que Chriſto conſummou a redempçaõ do mundo, e a fundaçaõ do Convento dos Religioſos Carmelitas Deſcalços na Villa de Alter do Chaõ, onde eternizou a ſua devota piedade para com a Serafica Madre Santa Thereza. Jaz ſepultada no Serafico Convento das Chagas de Villaviçoſa. Eſcreveo.

Diverſos papeis em que defendia o Direito que tinha à Coroa de Portugal. M. S.

Dos quaes faz memoria o *Theat. Heroin.* Tom. 1. pag. 285. e das ſuas acçoens Fr. Belchior de Santa Anna *Chronic. de Carm. Deſcalç. da Prov. de Portug.* liv. 2. cap. 23. dizendo *em quem os dons da Graça, zelo da Fé, culto da Religiaõ, e excellencia de todas as virtudes verdadeiramente Reaes ſe aventajavaõ muito à realeza do Sangue, à potencia do Eſtado, e a todas as mais grandezas, que nella ajuntara a natureza.* Fonſec. *Evor. Glorioſ.* pag. 154. *a quem as virtudes deraõ no Ceo o Reyno, que a injuſtiça lhe tirou na terra.* Monfort. *Chron. da Prov. da Pied.* liv. 4. cap. 42. §. 4. Moreir. *Theatr. Geneal. dela Caſ. de Souſ.* pag. 751. e 752. Scevol. et Lou. de Sainct. Marth. *Hiſt. Geneal. dela Mais. de Franc.* liv. 2. liv. 44. cap. 6. Souſ. *Hiſt. Geneal. da Caſ. Real Portug.* Tom. 3. liv. 4. cap. 11.

Sor. CATHERINA DE CHRISTO Naceo na Cidade de Angra Capital da Ilha Terceira, ſendo filha de Vital de Bentacurt Fidalgo da Caſa Real, e Cavalleiro da Ordem de Chriſto, e de ſua terceira mulher D. Izabel Pacheco filha de Franciſco Fernandes Redovalho Provedor da Fazenda Real na meſma Ilha. Para fazer mais nobre o nacimento que lhe dera a natureza ſe deſpozou com o divino Cordeiro no Serafico Convento de S. Gonçalo ſituado na ſua Patria onde foy exemplar de todas as virtudes. Teve natural genio para a Poeſia que ſempre dedicou a aſſumptos Sagrados, e devotos. Eſcreveo.

Carta a Infanta D. Izabel gratificandolhe o querer occupalla no ſeu Real ſerviço. M. S. He muito diſcreta.

Contemplaçoens eſpirituaes. M. S. Obra Poetica.

D. CATHERINA DAMASIA BORGES TEYXEIRA. Naceo em Lisboa a 11. Dezembro de 1714. e teve por Pays a Joaõ Pereira Alvares, e Anna Maria Borges Teixeira deſcendentes das familias mais nobres de Villa Real ſua Patria. Sendo cazada com Manoel Antonio da Sylva Cirurgiaõ mór da Praça de Mazagaõ naõ lhe ſervio o eſtado conjugal de impedimento para ſe applicar ao eſtudo da Poeſia vulgar, que continuou deſde os primeiros annos produzindo a ſua Muſa varias obras em diverſos metros dos quaes ſomente tem viſto a luz publica.

Romance heroico em applauſo do Reverendo Doutor Theodoſio de Santa Martha Conego Secular do Evangeliſta quando foy eleito Geral da ſua Congregaçaõ. fol. 1737. Naõ tem lugar, nem nome do impreſſor.

A'morte da Illuſtriſſima e Excellentiſſima Senhora Marqueſa de Marialva. Soneto 4. ſem lugar, anno, nem nome do Impreſſor.

Labyrinto Cubico aos annos do Illuſtriſſimo Senhor Joſeph Antonio de Souſa Coutinho Digniſſimo Correyo mór do Reyno de Portugal. fol. por Antonio Iſidoro da Fonſeca 1740. fol.

SOR CATHERINA DO SALVADOR natural de Villaviçoſa, filha de Antonio Dias Couteiro mór da Sereniſſima Caſa de Bragança, e de D. Franciſca de Almada. Nos primeiros annos em que reyna a innocencia começou a caſtigar ſeveramente o corpo, como ſe fora reo de enormes delictos. Reſoluta a continuar com mayor exceſſo as aſperas mortificaçoens de que era artifice o ſeu eſpirito ſe recolheo no Serafico Convento da Eſperança ſituado na ſua Patria, a 12. de Fevereiro de 1614. em cuja virtuoſa paleſtra ſervio de exemplar, e aſſombro a todas ſuas companheiras. Ainda que moleſtada de continuos achaques nunca ceſſava de orar mental, ou vocalmente ſendo eſtas as armas com que por diverſas veſes triunfou das aſtucias do demonio. Cumulada de inſignes virtudes depois de receber com ardente piedade os Sacramentos proferindo as palavras do Pſalmo: 4. *in pace in id ipſum dormiam, et requieſcam* paſſou ao deſcanſo eterno a 4. de Março de 1621. quando eſtava na florente idade de 24. annos. Compoz

Oraçaõ com que gratificava a Deos os beneficios que da ſua liberal maõ tinha recebido. Sahio impreſſa no Tom. 2. do *Agiol. Luſit.* pag. 47. onde Jorge Cardoſo faz mais larga memoria da Authora deſta obra.

SOR CECILIA DO ESPIRITO SANTO. Ainda contava poucos annos de idade, e muitos de deſengano quando deixou a Lisboa ſua Patria, e a amavel companhia de ſeus Pays Domingos Antunes, e Maria Lopes de Bitancurt para receber o habito Serafico no Convento das Chagas de Villaviçoſa o qual profeſſou a 2. de Janeiro de 1652. Praticou com ſumma obſervancia todas as virtudes que conſtituem huma perfeita Religioſa pelas quaes foy lograr o premio eterno a 30. de Janeiro de 1727. Foy muito inclinada à Poeſia compondo alguns verſos em que era mayor o affecto da devoçaõ, que a elegancia do eſtilo, dos quaes publicou.

Colloquios com Chriſto Crucificado, de hum peccador arrependido. Lisboa por Miguel Maneſcal Impreſſor do Santo Officio 1688. 4. He hum Romance muito extenſo.

SOR CECILIA DA NATIVIDADE. Naceo em Valladolid em o anno de 1570. filha de Antonio Sobrinho Portuguez, e natural de Bragança, e da celebre matrona Cecilia de Morillas, e naõ Maria como ſe eſcreve no *Theatr. Heroin. das Mulher. Illuſt.* Tom. 1. pag. 285. e irmaã de Fr. Antonio Sobrinho de quem em ſeu lugar ſe fez mençaõ. Logo na infancia moſtrou inclinaçaõ à virtude, que illuſtrada com os dotes da fermoſura, e diſcriçaõ lhe conciliaraõ as atençoens dos dous mais nobres ſentidos. Por morte de ſua Mãy ſucedida a 31. de Outubro de 1581. de quem aprendera os primeiros rudimentos da Grammatica ſe applicou com grande diſvelo a eſtudar os preceitos da Rhetorica, e penetrar as dificuldades da Filoſofia, e querendo ſantificar o ſeu eſtudo começou a revolver a ſagrada Biblia, em cuja liçaõ ſe lhe inflamou de tal ſorte o coraçaõ que deſprezando as delicias com que o mundo a convidava recebeo o habito de Carmelita Deſcalça no Convento da ſua patria em o anno de 1589. ſervindo-lhe de exemplar

para eſte deſengano ſua Irmaã Soror Maria de Santo Alberto, que no meſmo Clauſtro ſe diſtinguia entre as outras Religioſas. Tanto que ſe vio agregada a taõ veneravel Communidade começou a praticar as virtudes com tal exceſſo, que muitas vezes mereceo alcançar extatica os mais reconditos myſterios da Theologia myſtica. Conſervou taõ pura, e innocente a ſua conciencia que por ateſtaçaõ do ſeu Confeſſor nunca a manchou com peccado venial commetido com plena advertencia. A taõ ſantificada vida correſpondeo ſemelhante morte que a transferio à eternidade glorioſa a 7. de Abril de 1646. quando contava 76. de idade. Deixou muitas obras cheyas de ſagrada doutrina, e erudiçaõ, que teſtemunhaõ a ſciencia com que ſuperiormente fora illuſtrado o ſeu eſpirito as quaes ſe conſervaõ no Convento donde profeſſou, ſendo a principal.

Cançoens divididas em 18. *Eſtações em que ſe deſcreve a myſtica uniaõ, e amoroſa identidade da Alma com Deos pela Fé, e Charidade.* M. S.

O Author do *Theatr. Heroin.* jà allegado eſcreve, que eſta ſerva de Deos depois de Religioſa tomara o apellido do *Eſpirito Santo,* quando Nicoláo Antonio in *Bib. Hiſpan.* Tom. 2. pag. 343. a intitula com o da *Natividade*, cuja aſſeveração por ſer de Author de taõ grande authoridade ſeguimos, principalmente em noticia pertencente à ſua Patria.

D. CELESTINO SEGUINEAU, chamado no ſeculo Antonio Luiz, naceo em Baçaim Cidade da India Oriental, ſituada no Reyno de Decan a 7. de Mayo de 1675. ſendo filho de Joaõ Seguineau de naçaõ Francez, e por profiſſaõ Medico, cuja arte exercitou, quando foy eleito Phyſico mór em a Cidade de Goa, com grande applauſo da ſua ſciencia, e de D. Leonor Tenreira natural da Cidade de Columbo Capital da Ilha de Ceylaõ filha de Pays Portuguezes, como expreſſou o meſmo D. Celeſtino neſtes dous elegantes verſos:

India me genuit, dedit inclyta Gallia Patrem
Matrem Taprobane Luſorum ſanguine cretam.

Aſſiſtindo pelo eſpaço de alguns annos com ſeus Pays em Goa paſſou em ſua companhia a eſta Corte, onde quando contava 16. annos de idade profeſſou o Inſtituto dos Clerigos Regulares Theatinos a 27. de Mayo de 1691. Tendo enſinado aos ſeus domeſticos Filoſofia, e Theologia, foy Meſtre dos Senhores D. Miguel, e D. Jozé Filhos naturaes da Sereniſſima Mageſtade de D. Pedro II. aos quaes inſtruhio aſſim nas letras Humanas, como nas ſubtilezas Filoſoficas. Exercitou pelo eſpaço de ſeis annos o lugar de Meſtre dos Noviços, e por tres o de Propoſito, em cujos miniſterios moſtrou a capacidade do ſeu talento, merecendo por ella ſer eleito Examinador das Tres Ordens Militares. He muito perito na intelligencia da lingua Latina, como nos preceitos da Rhetorica, e Poetica, de que ſaõ teſtemunhas as Obras ſeguintes.

Oraçaõ Funebre nas Exequias Reaes do Chriſtianiſſimo Rey de França Luiz XIV. celebradas na ſua Capella Real deſta Cidade de Lisboa aos tres de Abril de 1716. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ. 1716. 4.

In obitu Ducis de Cadaval Epigrammata quatuor. Sahiraõ nas ultimas Acções do meſmo Duque. Lisboa na Officina da Muſica 1730. fol. a pag. 308.

Pio, & magnifico Regi Joanni V. Elogia quibus præcipuæ ejus virtutes explicantur. Ulyſſipone apud Antonium Pedrozo Galraõ. 1737. 4. Conſta de 13. Elogios de Obra Lapidaria, e tres Epigrammas.

Obras M. S. promptas para a Impreſſam.

Epigrammatum Libri tres.
Panegyris Divo Michaeli epico carmine.
Sermões Varios cincoenta.
Inſtitutiones Dialecticæ.
Inſtitutiones Rhetoricæ.
Ars celandi Artem. Obra muito util para os Oradores, e até o preſente por ninguem excogitada.

Fr. CHRYSOSTOMO DA VISITAÇAM natural de Viſeu Cidade Epiſcopal na Provincia da Beira, onde teve por Pays a Pedro Affonſo, e Maria Ma-

theos. Recebeo o Habito Monachal da Familia Ciſtercienſe no Real Convento de Alcobaça, onde aprendendo as Sciencias Eſcolaſticas ſoube enſinar as virtudes. Conſiderando os Prelados a grande vigilancia com que zelava os augmentos da Religiaõ, o elegeraõ por Procurador Geral na Curia Romana, cujo lugar exercitou pelo largo eſpaço de quinze annos. Movido da fidelidade de verdadeiro Portuguez defendeo com a voz, e com a pena o direito, que à Coroa Portugueza tinha o Senhor D. Antonio Filho do Infante D. Luiz, contra a injuſta pertençaõ de Filippe II. que naquelle tempo fortemente ſe altercava, por cuja cauſa padeceo varias tribulações fomentadas pela authoridade deſte Monarcha, ſendo a mais ſenſivel para a ſua reputaçaõ o ſer exterminado de Roma. Para evadir do perigo, que o ameaçava, buſcou por aſylo a Cidade de Veneza, onde aſſiſtio alguns annos, e paſſando ao Convento de Saõ Martinho, junto dos muros da Cidade de Parma foy reſtituido a Roma pela Santidade de Clemente VIII. de quem recebeo grandes favores, merecidos às acçoens de ſua inculpavel vida. Para acabar a carreira da ſua peregrinaçaõ, elegeo o Convento *Vallis Eccleſiarum* da Ordem de Ciſter, ſituado em Caſtella onde ſe exercitava em continuas penitencias, e frequentes actos de piedade, e mortificaçaõ, até que eſtando recitando as Horas Canonicas, como chegaſſe àquelle Verſo do Pſalmo 126. *Cum dederit dilectis ſuis ſomnum ecce hæreditas Domini,* ouvio huma voz angelica, que lhe ſegurava tomaria poſſe deſta herança paſſado hum mez, o que felizmente ſe cumprio a 17. de Outubro de 1604. *Vir ſapientia illuſtris, ac clara virtutum ſobole clariſſimus,* lhe chama Marracio *Bib. Marian.* Tom. 1. pag. 283. *Pietatis, & eruditionis eximiæ* Viſch in *Bib. Ciſterc.* pag. 70. onde lhe dà o nome de *Chriſtovaõ* por equivocaçaõ, em que o fez cahir D. Fr. Angelo Manrique Biſpo de Badajoz. Chriſoſt. Henriq. *Phœnix reviviſcens.* Lib. 2. cap. 28. e no *Menolog. Ciſterc.* p. 353. onde por engano o apellida da *Conceiçaõ.* Petr. Alv. de Aſtorg. in *Milit. Immacul. Concept.* Caſtro *Diſc. da Vid. de D. Sebaſt.* cap. 17. Carol. Jozé Imbonati *Bib. Lat. Hebraic.* pag. 335. num. 1054. Joan. Hallev. *Bib. Curioſ.* pag. 48. col. 2. e Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 196. Compilou, e illuſtrou com algumas nottas.

Privilegia Congregationis Sanctæ Mariæ de Alcobaça Ciſtercienſis Ordinis Regnorum Portugalliæ per nonnullos Romanos Pontifices præſertim a Pio IV. uſque ad Clementem VIII. eidem Congregationi conceſſa 1. *Pars.* Venetiis apud Joannem Dominicum de Imbertis 1593. 4. Dedicado ao Geral Fr. Gerardo das Chagas onde promete 2. Part.

De Verbis Dominæ, hoc eſt, de Verbis quæ Deipara Maria ad Angelum, & Eliſabeth cognatam loquuta eſt. Ad Paulum V. Libris X. Tom. I. Segue-ſe o ſegundo com eſte Titulo.

De Verbis Dominæ ad Filium in Templo, & in Nuptiis, & ad Miniſtros in Nuptiis ad Ranutium Farneſium Parmæ, & Placentiæ Ducem. Venetiis apud Jacobum, & Ricciardum Amadinum. 1600. 4. Fallando deſta Obra, e de ſeu Author Agoſtinho Sartorio in *Ciſterc. Biſterc. ſeu Hiſt. Elogial. Sacri Ord. Ciſterc.* Tit. 20. pag. 550. diz eſtas elegantes palavras em ſeu applauſo: *Qui laureæ ſuæ flores, ingeniique labores conſecravit ampliſſimo honori Auguſtæ Deiparæ conſcripto eleganti volumine in duodecim Libros diſtincto, in quo almæ Parentis Verba, quæ Diva in Sacro codice prolucuta eſt gratiſſimus interpres doctiſſimis commentariis explanavit.*

Fr. CHRISTOVAM DE ABRANTES natural da Villa do ſeu apellido ſituada em a Provincia da Beira do Biſpado da Guarda. Tanto que chegou a conhecer a apparencia dos bens do mundo, para ſegurar as felicidades eternas abraçou o penitente Inſtituto de Religioſo Menor, profeſſando no Convento do Boſque junto a Villa-Viçoſa da Reformada Provincia da Piedade. Neſta virtuoſa eſcolla foy admiravel Meſtre de Theologia Myſtica, tendo por exemplares das ſuas açoens os Rusbroquios, Arphios, e Eſchios, Oraculos de taõ ſublime Sciencia de que naceo, que os ſeus companheiros atrahidos do ſeu exemplo occupavaõ a mayor parte do tempo no ſuave exercicio da Oraçaõ, onde

recebiaõ admiraveis illuſtrações. Foy o decimo ſexto Provincial da ſua Provincia, eleito em o Convento da Vidigueira no primeiro de Novembro de 1560. Viſitador da Provincia de Saõ Gabriel em Caſtella, e Commiſſario Geral de toda a Ordem Seraſica neſte Reyno em o anno de 1566. por deligencia do Cardial D. Henrique, que lhe era muito affecto. Neſtes authorizados lugares, ſempre conſervou ſumma affabilidade para os ſubditos ſem permitir a menor relaxaçaõ na obſervancia dos Inſtitutos, de tal ſorte que ſendo Provincial ordenou, que nenhum Religioſo ſem exceptuar os velhos, uzaſſe de ſandalias, o que exactamente practicou viſitando deſcalço tres vezes a Provincia. Retirado ao Convento do Boſque, lhe mandou fazer hum apozento para ſua habitaçaõ a Infanta D. Iſabel mulher do Infante D. Duarte, da qual era Confeſſor, onde exercitando as virtuoſas obras que fizera por toda a vida, paſſou a lograr o premio da eterna a 7. de Abril de 1574. como eſcreve Fr. Manoel de Monforte na *Chron. da Prov. da Piedad.* Liv. 3. cap. 55. §. 4. e naõ de 1572. como diz Jorge Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 466. no Coment. de 7. de Abril letr. C. Por ordem do Cardial D. Henrique, traduzio de Latim em Portuguez:

Obras de Nicoláo Eſchio. Evora em Caza de André de Burgos impreſſor, e Cavalleiro do Cardial Infante. Acabou-ſe a ſeis de Setembro de 1554. Sahio ſem o nome do Traductor.

Compoz ſendo Provincial

Cerimonial, ou Ordinario para os Frades ſe governarem em a celebraçaõ do Officio Divino. De cuja Obra faz memoria Fr. Manoel de Monforte na Chron. aſſima allegada Liv. 3. cap. 46. §. 3. e cap. 55. §. 3.

Nas horas vagas, que lhe permitiaõ as obrigações do ſeu Inſtituto, compunha alguns verſos nos quaes era mayor a ternura dos affectos, que a elevaçaõ dos conceitos, ſendo a principal Obra que deixou eſcrita deſte genero

Triſtes Lamentaçoens do Padre Adaõ por ſeu filho Abel. M. S.

Faz memoria deſte Author Fr. Joan. à D. Ant. in *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 260. col. 2. com o nome de Fr. Chriſtovaõ de Almeida natural de Abrantes, cujo apellido mudou pelo da ſua Patria na Provincia da Piedade, onde he coſtume deixar os do ſeculo, e intitularſe com os das terras que lhes deraõ o berço.

CHRISTOVAM ALA'O DE MORAES. Naceo na Freguеſia de Saõ Joaõ da Madeira na Comarca da Feyra do Biſpado do Porto, diſtante cinco legoas deſta Cidade a 23. de Março de 1630. Foy filho legitimado de Balthezar de Moraes Alaõ, que em premio das açoens militares, que fez nas Armadas do Reyno, foy nomeado Capitaõ de mar, e guerra que naõ exercitou por morrer intempeſtivamente na florente idade de trinta annos. As Sciencias, que todos comprehendem na idade adulta, as ſoube perfeitamente na pueril, pois naõ contando onze annos, jà era conſummado na Gramatica Latina, e de doze, frequentou no Real Collegio das Artes em Coimbra as Eſcolas de Filoſofia, e Mathematica donde paſſou a matricularſe na Faculdade de Direito Pontificio. Para ſe livrar de hum homicìdio em que fora injuſtamente culpado interpollou por algum tempo a carreira dos ſeus eſtudos Academicos, atè que reſtituido à Univerſidade ſe formou Bacharel em Direito Ceſareo a 15. de Abril de 1658. Depois de provada a ſua ſciencia legal em o Dezembargo do Paço a 20. de Julho de 1661. ſervio os Lugares de Juiz de Fóra de Torres Vedras, dos Orfaõs da Cidade do Porto, Corregedor das Comarcas de Pinhel, e Ribacoa; da Figueira, e de Coimbra, Superintendente das Decimas da meſma Cidade, Ouvidor, e Provedor da Villa de Odemira, Corregedor, e Provedor da Comarca do Porto, Conſervador dos Moedeiros da meſma Cidade, e nella Dezembargador, e Corregedor do Civel. Em taõ diverſas Judicaturas ſempre ſe moſtrou taõ amante da juſtiça como inimigo do intereſſe, fazendo que ſem offenſa das Leys triunfaſſe muitas vezes a clemencia da ſeveridade. Foy doutamente verſado nas linguas, Latina, Grega, Toſcana, Caſtelhana, e Franceza, e naõ menos perito nas letras Humanas, Mythologia, e Poetica, de que ſaõ irrefragaveis teſ-

remunhas as ſuas compoſições, em as quaes ſuavizava a ſeveridade de eſtudos mayores. Nas Academias era ouvido como Oraculo principalmente quando preſidio duas vezes em a celebre dos *Generoſos*, de que era Secretario D. Antonio Alvares da Cunha, e Meſtres, o Doutor Joaõ de Albuquerque, Luiz Serraõ Pimentel, o P. Fr. André de Chriſto, e o Doutor Gaſpar de Meri, onde orou em Latim, e Portuguez. Foy inſigne Genealogiſta, para cujo eſtudo diſcorreo por muitos Cartorios dos Moſteiros, e Camaras da Provincia do Minho, de que extrahio importantes noticias conducentes às Familias de que fallava, onde o amor da verdade lhe faz deſcobrir alguns defeitos indignos de que os ſoubeſſe a poſteridade. Morreo na Cidade do Porto a 19. de Mayo de 1693. quando contava 63. annos de idade. Jaz ſepultado em a Cathedral, em o antigo jazigo da ſua Familia, que eſtá em a Capella da Vera-Cruz inſtituida em o anno de 1381. por Domingos Giraldes Alaõ Conego da dita Cathedral, e Prior de Fermelam. Foy cazado com D. Joanna Thereza de Carvalho filha de Antonio Solteiro, e de D. Catharina de Carvalho de quem teve deſcendencia numeroſa, que hoje florece na Cidade do Porto. D. Franciſco Manoel nas *Obras Metric. Viol. de Talia* p. mihi 155. o applaude deſte modo.

Que buſcas pois deſta Arte
Já com modo importuno!
Lá tens outro Alaõ que he outro alumo
Das artes, das ſciencias donde moraõ
Todas as Nimphas, que o namoraõ
Por onde certo creaõ
Que de o morar Moraes hoje o nomeaõ;
Grande no claro, grande no elegante
Porque todo o Chriſtovaõ he Gigante.

Compoz.

Hum Anagrama, dous Sonetos Portuguezes, e hum Epigrama Latino à morte do Excellentiſſimo Marquez de Tavora Luiz Alvares de Tavora. Sahio com o *Panegyrico da Vida, e acções deſte Heroe.* Lisboa por Antonio Rodrigues de Avreu 1672. 4. a pag. 51. 92. 163.

Hum Anagrama, hum Soneto, e huma Decima em applauſo do Poema *Deſtruiçaõ de Eſpanha,* compoſto pelo Doutor André da Sylva Mascarenhas. Lisboa por Antonio Craesbeeck de Mello 1671. 4.

Practicæ Juriſprudentiæ Nucleus. M. S. He hum Vocabulario de Concluſoens, e lugares communs de Direito.

Ordenaçaõ do Reyno, cottada com doutiſſimas notas, que ſaõ muito eſtimadas.

Grinalda de Apollo compoſta de varias flores poeticas no Jardim das Muſas. Conſta de 122. Sonetos a diverſos aſſumptos. *M. S.*

O Ciclope namorado. Poema em Outava Rima; em que relata os amores de Polifemo, e Galatea. *M. S.*

Fonte perenne do Parnaſſo, delicia das nove Muſas. Conſta de diverſos generos de Poeſia. *M. S.*

Commento às Obras Poeticas de Franciſco de Sá, e Miranda. M. S.

Commento à Ulyſſea de Gabriel Pereira de Caſtro. M. S.

Emblemmatum centuria, com eſtampas. No fim tem *Centuriæ primæ finis,* donde ſe colhe ficar eſta Obra imperfeita.

Antiquæ Inſcriptiones, & epitaphia varia Ludrica, Genealogica, Heroica Hiſpanica, & Latina 1. e 2. Part. *M. S.* Neſta Obra deſcobre o ſentido pouco perceptivel de muitas Inſcripções, e epitafios com grande erudiçaõ.

Exorciſmos da Melencolia. 4. M. S.

Caza de Prazer, e Brèvia de entendidos. M. S. Conſtaõ eſtes dous Livros de galantarias diſcretas, e jocoſos apothegmas.

Pedatura Regia Auguſta Luſitana. M. S. Trata da Genealogia dos noſſos Monarchas com todos os ramos, que delles procedem por Varonia.

Genealogia das Familias de Portugal. 8. Tom. M. S. Parte deſta Obra affirma ter viſto o P. D. Anton. Caet. de Souſa, no *Apparat. à Hiſt. Geneal. da Caz. Real Portugez.* pag. 123. §. 134. onde faz memoria de ſeu Author; como tambem a faz o P. Fr. Manoel de Saõ Damoſ. *Verdad. Elucidad. e Fakid. Convenid.* pag. 190. §. 252. e pag. 182. §. 340.

Introduçaõ Summaria das Regras da Armaria, dividida em 4. Capitulos. O 1. conſta donde ſe chamaraõ Brazoens, e Armas, e quem inſtituhio os Reys dellas. 2. Das regras que ſe devem guardar no bla-

zonar, e compor os eſcudos das Armas. 3. Dos Corpos, e Figuras, que ſe uzaõ na Armaria, e ſuas ſignificaçoens. 4. Metaes, e cores, que ſervem na Armaria, e o que nella denotaõ. 4. M. S.

Compendio das Armas dos Reynos de Portugal, e Algarve, e das Cidades, e Villas principaes dellas. Livr. 1. de Portugal. Livr. 2. do Algarve.

Varias Liçoens Academicas ſobre a Poetica de Ariſtoteles.

D. Fr. CHRISTOVAM DE ALMEYDA. Naceo na Villa da Gollegaá do Arcebiſpado de Lisboa, e teve por Pays a Manoel Tavares de Almeyda, e Soſia Pinto. Na idade juvenil recebeo o habito de Eremita Auguſtiniano em o Convento de Evora a 8. de Julho de 1637. e profeſſou a 10. do dito mez do anno ſeguinte. A viveza do engenho acompanhada de hum genio para as letras lhe facilitaraõ comprehender brevemente as mayores dificuldades da Filoſofia, e Theologia, que com grande gloria do ſeu nome, e emolumento dos ſeus diſcipulos explicou por muitos annos até chegar a ſer Lente de Prima em o Collegio de Santo Antaõ de Lisboa, ſendo venerado por hum dos mayores Letrados do ſeu tempo, de cuja deciſaõ pendiaõ as mais celebres controverſias pertencentes à Theologia Moral. Depois de ſer Qualificador do Santo Officio, e Examinador das Tres Ordens Militares, atendendo aos ſeus grandes merecimentos o Principe D. Pedro Regente deſta Monarchia o nomeou em 6. de Janeiro de 1669. Biſpo Coadjutor do Arcebiſpo de Lisboa D. Antonio de Mendoça, cuja nomeaçaõ confirmou a Santidade de Clemente X. com o titulo de Biſpo de Martyria, e foy Sagrado na Igreja dos Agoſtinhos Deſcalços do Monte Olivete ſituada nos Suburbios deſta Corte a 3. de Janeiro de 1672. Exercitou o lugar de Proviſor do Arcebiſpado de Lisboa em tempo dos Arcebiſpos D. Antonio de Mendoça, e D. Luiz de Souſa. Foy hum dos mais celebres Oradores Evangelicos, que teve Portugal, cujos Sermoens *excellentes em elegancia, e erudiçaõ Sagrada* como os intitula o P. D. Manoel Caetano de Souſa no *Cathalog. Hiſtor. dos Arcebiſp. e Biſp. Portug.* pag. 127. foraõ ouvidos com admiraçaõ dos Principes, e Nobreza deſte Reyno, que muitas vezes lhe formaraõ o auditorio. Para ſe curar de hum accidente de parlezia, que o privou de huma parte do corpo, paſſou à Villa das Caldas da Rainha, eſperando da virtude medicinal deſtas aguas o remedio de taõ grave queixa onde terminou a carreira da ſua vida a 26. de Outubro de 1679. Deſta Villa ſe treſladaraõ os ſeus oſſos para o Convento dos Eremitas de Santo Agoſtinho da Cidade de Leyria, e ſobre a campa da ſepultura ſe lhe gravou eſte epitafio.

Sepultura do Senhor D. Fr. Chriſtovaõ de Almeyda Religioſo de Santo Agoſtinho, Meſtre em Sagrada Theologia, inſigne Prègador dos Sereniſſimos Reys D. Joaõ o IV. D. Affonſo VI. e D. Pedro II. Falleceo ſendo Biſpo de Martyria na Villa das Caldas donde foy tresladado para eſte lugar a 7. de Agoſto de 1698.

Fazem memoria deſte Prélado Fr. Manoel Leal *Cryſol. Purific.* Criſol. 5. Exam. 11. n. 7. *a quem ſeus eſtudos, ſeu pulpito, ſuas virtudes, dignidades, e ſerviços fazem bem notorio neſte Reyno, e ainda nos eſtranhos.* Morery *Diccion. Hiſtoriq.* Verb. *Almeyda.* Magna *Bibliotheca Eccleſ.* Tom. 1. pag. 339. col. 2. D. Jeremias Brugnoli Cler. Reg. no Prolog. da Traduc. Italiana do 1. Tom. das *Primicias Evangelicas do P. D. Rafael Bluteau.*

Imprimio.

Sermaõ da Quinta Dominga da Quareſma na Capella Real. Lisboa por Domingos Lopes Roſa. 1650. 4. & ibi por Joaõ da Coſta 1671. 4.

Oraçaõ fumebre nas Exequias annuaes do Sereniſſimo Rey de Portugal D. Manoel na Caſa da Miſericordia de Lisboa. Lisboa por Domingos Lopes Roſa 1656. & ibi por Ant. Crasbeeck de Mello 1665. 4.

Sermaõ do Santiſſimo Sacramento em acçaõ de graças na Dedicaçaõ do Templo, que lhe edificou a Rainha N. Senhora no lugar em que a Mageſtade delRey D. Joaõ foy livre milagroſamente da morte que lhe intentava dar a Sacrilega treição Caſtelhana hindo acompanhando a Chriſto Sacramentado na prociſſaõ de Corpus anno de 1647. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira

1661. 4. e Coimbra por Jozé Ferreira Impreſſor da Univerſidade 1672. 4.

Sermaõ do Auto da Fé, que ſe celebrou no Terreiro do Paço deſta Cidade de Lisboa a 17. de Agoſto de 1664. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira Impreſſor del-Rey. 1664. 4.

Oraçaõ funebre nas Exequias, que mandou fazer na Santa Caſa da Miſericordia deſta Cidade de Lisboa o muito Alto, e poderoſo Rey D. Affonſo VI. noſſo Senhor aos Soldados Portuguezes, que morreraõ glorioſamente em defenſaõ da Patria no ſitio de Villa-vicoſa, e na batalha de Montes Claros eſte anno de 1665. Lisboa por Antonio Crasbeeck de Mello 1665. 4.

Sermaõ nas Exequias do Conde de Soure no Collegio de Santo Agoſtinho de Lisboa no anno de 1664. Lisboa pelo dito Impreſſor 1665. 4.

Sermaõ dos Paſſos de Chriſto noſſo Redemptor, que comprehende a jornada, que fez deſde a Caſa de Pilatos até o monte Calvario. Lisboa por Joaõ da Coſta 1666. 4. e Coimbra por Rodrigo de Carvalho Coutinho 1673. 4.

Sermaõ da Soledade da Virgem Santiſſima Mãy de Deos, e Senhora noſſa prégado na Capella Real. Lisboa por Domingos Carneiro 1666. 4. e Coimbra pela Viuva de Manoel Carvalho Impreſſor da Univerſidade 1676. 4.

Oraçaõ funebre nas Exequias da Senhora D. Ignacia da Sylva que ſe fizeraõ no Convento de S. Bento de Xabregas. Lisboa por Joaõ da Coſta 1668. 4.

Sermaõ do Sabbado Sexto da Quareſma prégado no Convento de N. Senhora da Graça em as Completas que nelle ſolemnemente ſe fizeraõ. Lisboa pelo dito Impreſſor 1671. 4.

Sermaõ do Deſagravo de Chriſto Sacramentado na Solemniſſima feſta, que no mez de Janeiro lhe faz todos os annos a Nobreza de Portugal, na Igreja de Santa Engracia. Lisboa na Officina Crasbeckiana 1656. 4. & ibi por Joaõ da Coſta 1671. 4.

Sermaõ da Canonizaçaõ de Santa Maria Magdalena de Pazzi prègado no Convento do Carmo de Lisboa no 1. dia do Outavario que lhe conſagrou a dita Religiaõ aſſiſtindo o muito alto, e Sereniſſimo Princepe D. Pedro Regente, Governador, e Suceſſor do Reyno. Sahio na 2. Parte do *Foraſteiro Admirado* à pag. 5. Lisboa por Antonio Rodrigues de Abreu 1672. fol.

Sermaõ do glorioſo S. Jozé Eſpoſo da Virgem Santiſſima na Capella Real no dia dos annos delRey Noſſo Senhor D. Joaõ o IV. Coimbra pela Viuva de Manoel de Carvalho Impreſſor da Univerſidade 1673. 4.

Sermoens Varios Tom. 1. Lisboa à cuſta de Antonio Leyte Pereira 1673. 4.

Tom. 2. Lisboa 1680. 4.

Tom. 3. Lisboa 1680. 4.

Tom. 4. Lisboa por Joaõ Galraõ 1686. 4.

Sahiraõ eſtes 4. Tomos augmentados com outros Sermoens. Lisboa por Bernardo da Coſta. 1725. 4.

Muitos dos ſeus Sermoens foraõ traduzidos em Caſtelhano, e ſahiraõ na *Laurea Luſitana* Madrid por André Garcia 1679. 4.

Hiſtoria do Capucinho Eſcoſés 2. Parte, e compendio da primeira eſcrita em Francez. Lisboa por Domingos Carneiro 1667. 8. & ibi por Bernardo da Coſta Carvalho 1708. 8.

Vida de Santo Thomaz de Villa-nova que ficou imperfeita, a qual queria publicar com os Sermoens, e narraçaõ das Feſtas que ſe fizeraõ pela ſua Canonizaçaõ.

Fr. CHRISTOVAM DE ALMEIDA. Naceo na Cidade do Porto a 10. de Março de 1636. ſendo filho de Franciſco de Almeyda, e Domingas da Cruz. Recebeo o habito Monaſtico do Principe dos Patriarchas S. Bento no Moſteiro da Vitoria da ſua patria a 25. de Fevereiro de 1658. Nos eſtudos ſahio eminente, no exercicio do pulpito inſigne, ſendo Prègador Geral da ſua Religiaõ, e Abbade do Moſteiro de Gafey. Morreo no Moſteiro de Saõ Miguel de Buſtelo na Dioceſe do Porto em o mez de Abril de 1704. com 68. annos de idade, e 56. de Religiaõ Eſcreveo.

Diario de tudo quanto ſucedeo na Corte os annos, que nella aſſiſtio. Cujo *M. S.* ſe conſerva na livraria do Convento do Boſtelo onde falleceo.

Fr. CHRISTOVAM DE ALVORNINHA cujo appellido denota a patria,

onde naceo, que he huma Villa dos Coutos de Alcobaça de que he Senhor, e Donatario o Abbade Geral da Congregaçaõ de Ciſter, cujo habito profeſſou no Convento de Santa Maria de Aguir. Foy muito douto aſſim na Sagrada Eſcritura, como na Theologia Eſcholaſtica deixando para argumento infallivel da ſciencia que tinha em ambas eſtas Faculdades a ſeguinte obra.

De Verbo Abbreviato. M. S. fol. o qual ſe conſerva no Real Convento de Alcobaça.

CHRISTOVAM DE ANDRADE natural de Lisboa Commendador da Ordem de Chriſto, Eſtribeiro do Senhor D. Alexandre Arcebiſpo de Evora, filho dos Sereniſſimos Duques de Bragança D. Joaõ, e D. Catherina. Deſempenhou as obrigaçoens do ſeu honrado nacimento nas Campanhas de Flandes aſſiſtindo com o poſto de Sargento mór na famoſa empreza em que os Eſpanhoes ſe fizeraõ com a violencia das Armas Senhores da Cidade de Anveres a 17. de Agoſto de 1585. Para moſtrar que naõ era menos valeroſo com a eſpada, que inſigne com a penna eſcreveo, e dedicou à Senhora D. Catherina Duqueza de Bragança

Deſcripçaõ de Olanda, e Zellanda, e Saco de Anveres em que ſe achou. Eſta obra eſtava prompta para a Impreſſaõ.

CHRISTOVAM DE BARROS celebre Poeta do ſeu tempo, de quem eſcreve Joaõ Franco Barreto na *Bib. Portug. M. S.* que o ouvira proferir verſos diſcretos, elegantes, e ſuaves com tanta agilidade que ninguem por mais veloz que foſſe os podia eſcrever cuja ſublime Muſa exaltaõ Antonio Figueira Duraõ in *Laur. Parnaſ.* Ram. 2.

Si forte accideret (quod cœlum differet omen)
Ut vates toto nullus in orbe foret.
Non ſecus atque hominem de cœno protulit olim
Qui mare, qui terras, qui regit aſtra Parens.
Chriſtophorus ſiquidem reddit cognomine cœnum
Cœno ex hoc vates poſſe reor fieri.

E mais adiante.

Proximus ille lutum luſo cognomine reddens
Cui docta quid quid tentabit dicere proſa
Verſus erit Latiæ fœcunda eſt gloria gentis
Huic decorat pictas inciſio fulgida plantas.

E Manoel de Galhegos no *Templo da Memoria* liv. 4. Eſtanc. 184.

Agora inſigne Bairros que no ſolio
Do Rey das Muſas admirais a Italia
O grande Nuno a quem o Capitolio
Sugeito admira de unica Farſalia:
Suſpenſo o canto do emulo de Chriſto
Fazey que ao polo ſuba de Caliſto.

Deixou.

Varias Poeſias Portuguezas, e Caſtelhanas. M. S.

Fr. CHRISTOVAM CARNEYRO natural de Lisboa Religioſo profeſſo da penitente familia Serafica da Provincia de Portugal. Eſtudou Filoſofia no Convento de Leyria para o qual ſendo Guardiaõ treſladou o corpo do Ven. Fr. Simaõ da Viſitaçaõ ſeu Meſtre neſta Faculdade, que eſtava depoſitado no Real Convento da Ordem de Chriſto ſituado na Villa de Thomar. No Capitulo celebrado em Lisboa em o anno de 1617. foy eleito Guardiaõ do Collegio de S. Boaventura de Coimbra onde era Lente de Eſcritura, e alcançou delRey que foſſe feriado em a Univerſidade o dia da treſladaçaõ deſte Serafico Doutor. Foy grande Letrado, e inſigne Prégador de que foraõ claros argumentos os muitos Sermoens que recitou em os maiss authorizados pulpitos, ſendo hum dos que lhe alcançaraõ mayor fama ao ſeu talento o que prégou na 1. Dominga de Advento 29. de Novembro de 1609. quando os ſeus Religioſos ſe mudaraõ em Coimbra do Convento Velho para o novo que hoje exiſte, e lhe ſerve de Coroa o Real Moſteiro de Santa Clara baſtando para elogio ſeu o thema que tomou extrahido do Cap. 19. dos Juizes. *Profecti ſumus de Bethlem Juda, et pergimus ad locum noſtrum, qui eſt in latere montis Ephraim.* Fazem delle memoria Eſper. *Hiſt. Seraf.* Part. 1. liv. 2. cap. 33. Fr. Fernand. da Soled. *Hiſt. Seraf.* Part. 3. liv. 1. cap. 21. e Part. 5. liv. 2. cap. 29. n. 459. e Fr. Joan. a D. Ant. *Bib. Franciſc.* Tom. 1. pag. 262. Publicou.

Sermon predicado en la Capilla real deſta Univerſidad de Coimbra en 9. de Março Miercoles dela Quareſma de 1611. Era das Tradiçoens. Salamanca por Franciſco de Cea

Teſa 1611. 4. Dedicado ao Illuſtriſſimo Biſpo de Coimbra D. Affonſo de Caſtello branco pelo Author, e por elle vertido de Portuguez em Caſtelhano.

Sermaõ da Purificaçaõ de N. Senhora prègado na Igreja de Santa Maria da Veyga Collegio dos Conegos Regrantes de Santo Agoſtinho da Univerſidade de Salamanca na Feſta da Confraria dos Eſtudantes Portuguezes em o anno de 1612. Salamanca pelo dito Impreſſor 1612. 4.

Fr. CHRISTOVAM CARVAM da Ordem dos Prégadores Prégador celebre do ſeu tempo, Meſtre jubilado na Theologia, e Qualificador do Santo Officio: Imprimio.

Sermoens Varios. Florença 1629. como eſcreve Fr. Pedro Monteiro no *Clauſt. Domin.* Tom. 3. pag. 179.

CHRISTOVAM DA COSTA. Naceo na Cidade de Tangere como querem huns, ou na de Ceuta, como eſcrevem outros, ambas celebres colonias dos Portuguezes na Regiaõ Africana. Foy inſigne Botanico a cujo eſtudo ſe applicou com incanſavel diſvelo na ſua patria, e depois paſſando à Aſia com o partido de Medico do celebre, e claro Varaõ D. Luiz de Attayde Vice-Rey da India para adquirir mayor conhecimento das virtudes medicinaes das ervas, e plantas que produz aquella vaſta Regiaõ, peregrinou por diverſos Climas, onde padecendo fomes, e cativeiros naõ lhe ſerviraõ de obſtaculo para deſiſtir de inveſtigar em beneficio dos homens os mayores ſegredos da natureza, aſſim como o tinhaõ feito Plataõ, e Ariſtoteles obſervando a fabrica do univerſo. Naõ ſómente exercitou com felicidade, e ſciencia as faculdades da Medicina, e Cirurgia, mais ainda para defender o Eſtado da invaſaõ dos inimigos deſempenhou as obrigaçoens do Soldado mais diſciplinado moſtrando em varias occaſioens que naõ era menos inſtruido na paleſtra de Eſculapio, que na de Marte. Depois de ter diſcorrido pela mayor parte do mundo em que alcançou grande fama o ſeu nome, voltou a Portugal donde paſſou a Caſtella, e vendo-ſe livre do vinculo conjugal ſe recolheo à Solitaria Serra de Tyrſes, onde eſcreveo as felicidades do eſtado da Solidaõ, podendo juſtamente gloriarſe de ter illuſtrado com a ſua ſciencia, e peſſoa as mayores tres partes do mundo como elegantemente o epilogou neſte Dyſticho huma diſcreta Muſa.

Africa te genuit, te fertilis Aſia pavit;
Te nunc Europa Doctor Acoſta tenet.

He celebrado por Famoſo Medico pelas penas de Gaſpar Reys Franco *Camp. Elyſ. Jucund. Quæſt.* Quæſt. 67. n. 27. Zacut. Luſit. *de Med. Princip. Hiſtor.* lib. 2. Hiſt. 45. Chriſtian. Mentzelio in *Ind. nom. Plant. Celeb.* Ant. de Leon. *Bib. Orient.* Tit. 14. Sever. de Faria *Vid. de Joaõ de Barros* pag. 51. D. Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 185. col. 2. Joan. Suar. de Brito *Theatr. Luſit. Litterat.* lit. C. n. 3. No livro intitulado *Quinquaginta virorum DD. qui bene de ſtudiis litterarum meruerunt cum eorum elogiis.* &c. eſtá o ſeu retrato, e na parte inferior tem eſtes quatro verſos.

Noſcendis multùm tu Coſta excellis in herbis
Nominis at paſſim haud cognita fama tui eſt.
Sed mentis ut ſpero tuis tua gloria creſcet,
Et per te hortenſi creſcit honor ſtudio.

Compoz.

Tratado delas drogas, y medicinas delas Indias Orientales. Burgos por Martin de Victoria. 1578. 4. Alguma parte deſta obra foy extrahida da que neſte meſmo argumento tinha eſcrito Garcia de Horta, de quem em ſeu lugar fallaremos, como o meſmo Chriſtovaõ da Coſta ingenuamente confeſſa. Sahio traduzido eſte Tratado por Carlos Cluſio natural da Cidade de Arraz com o titulo ſeguinte.

Chriſtophori à Coſta Medici, et Chirurgi aromatum, et medicamentorum in Orientali India naſcentium liber plurimum, lucis afferens iis, quæ à D. Garcia ab Horto in hoc genere ſcripta ſunt. Caroli Cluſii Atrebatis operà ex Hiſpano Latinus factus &c. Antuerpiæ ex Officina Plantiniana apud Joannem Moretum 1582. 8. & ibi na meſma Officina 1593. Traduzido em Italiano Venetia por Ziletti 1585. e em Francez juntamente com a obra de Garcia de Orta a quem o traductor chama *du Jardin* Lugd. 1619. 8.

Tratado en loor delas Mugeres, y dela

Caſtidad, Conſtancia, Silencio, y Juſticia con otras muchas particularidades, y varias hiſtorias. Venetia por Giacomo Cornetti 1592. 4. No principio deſte livro ſe lé huma advertencia de hum amigo do Author em que diz ter viſto, e examinado as ſeguintes Obras de Chriſtovaõ da Coſta de cuja liçaõ ſe podiaõ extrahir muitos documentos, as quaes tinhaõ os titulos ſeguintes.

Tratado en contra, y pro dela vida Solitaria con otros dós tratados, uno dela Religion, y Religioſo; otro contra los hombres que mal viven. Venetia por Giacomo Cornetti 1592. 4.

Del Amor divino, del natural, y humano con un diſcurſo del amor natural, y delo que devemos alos animales. Tres dialogos Theriacales, uno delos animales con la Juſticia; otro dela Abeja con la Juſticia; otro dela verdad con la juſticia, y con los vivos; otro entre el Moſquito Arador, y Hormiga con la Juſticia.

Diſcurſo del Viage delos Indios Orientales, y lo que ſe navega por aquellas partes.

Tratado dela Vida Solitaria, y Religioſa de Mugeres, y otro dela Religion, y del Religioſo.

Fr. CHRISTOVAM DA CRUZ Profeſſou o Inſtituto da Sagrada Ordem dos Prégadores, onde depois de eſtudar as ſciencias da Filoſofia, e Theologia ſe applicou à liçaõ da Genealogia em que ſahio muito ſciente eſcrevendo.

Nobiliario das Familias nobres deſte Reyno M. S. fol.

De cuja obra como do Author faz memoria o P. D. Antonio Caetano de Souſa no Apparat. à *Hiſt. Geneal. da Caſa Real Portug.* pag. 99. §. 97.

Fr. CHRISTOVAM DE EVORA cujo appellido indica a patria que lhe deu o berço, Monge Ciſtercienſe no Real Convento de Alcobaça. Como foſſe muito douto nas Ceremonias Eccleſiaſticas eſcreveo.

Ordinario do Officio Divino ſegundo o uzo Ciſtercienſe. M. S. fol. No fim tem *Doaçaõ, e Fundaçaõ do Convento de Alcobaça.* Conſerva-ſe na Bibliotheca deſte Real Moſteiro.

CHRISTOVAM FALCAM natural da Cidade de Portalegre em a Provincia do Alentejo Commendador da Ordem de Chriſto, Governador da Ilha da Madeira, e Capitaõ de huma Armada, foy filho de Joaõ Vaz de Almada Falcaõ Capitaõ da Mina, e de D. Brites Pereira, filha de Ruy Fernandes Pereira; e irmaõ de Damiaõ de Souſa Falcaõ Capitaõ de Salſete na India Oriental. Teve notavel genio para a Poeſia de que ſaõ claras provas aquelles amoroſos verſos que a ſua Muſa dedicou a D. Maria Brandaõ taõ illuſtre por nacimento, como celebre pela fermoſura, a qual havendo eſtado recolhida no Convento Ciſtercienſe de Lorvaõ ſe deſpozou na Cidade de Elvas. Para naõ ſer conhecido o Author deſta obra occultou o ſeu nome com o de *Criſfal* primeiras Syllabas do ſeu nome, e appellido, o qual começa.

Entre Cintra muy prezada,
E ſerra de ribatejo
que Arrabida he chamada,
perto donde o rio Tejo
ſe mete na agua ſalgada.

Acaba.

O que ſe fez do Chriſſal
naõ ſabe certo ninguem,
mas quem vive em tanto mal
tarde vé tamanho bem.

A eſta obra, e a ſeu Author louvaõ Diogo de Couto *Decad.* 8. *da India* cap. 34. Manoel de Faria, e Souſ. *Comment. às Rim. de Cam.* Tom. 4. Part. 2. pag. 256. col. 2. e Joan. Suar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. C. n. 4. e o P. Anton. dos Reys no *Enthuſiaſm. Poet.* n. 140. Compoz mais.

Criaçaõ, e cura que ſe deve fazer aos Falcoens, e Gavioens M. S.

CHRISTOVAM FERNANDES. Foy muito perito na lingua Latina como conſta das cartas eſcritas neſte idioma a ſeu amigo, e contemporaneo Jeronymo Cardoſo celebre Meſtre de Grammatica, as quaes eſtaõ à pag. 40. *Epiſtolar. Familiar. Hieronymi Cardoſo.* Olyſſipone apud Joannem Barrerium Typ. Reg. 1556. 8. Faz memoria de Chriſtovaõ Fernandes, Joaõ Soar. de Brit. in *Theatr. Luſit. Litter.* lit. C. n. 7.

P. CHRISTOVAM FERREYRA natural do Lugar da Zibreira, termo da Villa de Torres Vedras do Patriarchado de Lisboa, filho de Domingos Ferreyra, e Marta Lourenço. Foy admitido ao Noviciado de Coimbra da Companhia de JESUS a 27. de Novembro de 1596. quando contava 17. annos de idade. Inflamado com o deſejo de lucrar almas para Chriſto pedio a Miſſaõ do Oriente, para onde partio em o anno de 1600. com deſenove Companheiros. Tanto que chegou a Goa partio ſem demora para o Japaõ, deſtinada baliza dos ſeus apoſtolicos trabalhos, onde pelo largo eſpaço de vinte, e tres annos exercitou com admiravel zelo as obrigaçoens de Operario Evangelico, ſendo Superior de todos os Miniſtros que a Companhia tinha occupados na ſagrada empreza da Converſaõ da Gentilidade. Corria o anno de 1633. em que ſe levantou huma furioſa tormenta contra os ſequazes do Evangelho, em a qual ſendo muitos mortos, e outros prezos, entrou em o numero deſtes o P. Chriſtovaõ Ferreyra, que foy condennado ao formidavel martyrio das covas, em que pendentes pelos pés os Martyres com a cabeça quaſi ſepultada eſtaõ agonizando muitos dias, até exahalarem o eſpirito. Depois de ter tolerado algumas horas taõ medonho ſupplicio attendendo mais ao amor da vida, que à confiſſaõ da Fé, em que devia perſiſtir conſtante, deo ſinal de que a abjurava. Correraõ logo os barbaros a extrahilo da cova com grande alvoroço, vendo que hum Meſtre da Ley Evangelica ſeguia os erros da ſua falſa crença. De Apoſtolo convertido em Apoſtata ſervio pelo dilatado eſpaço de deſenove annos de abominavel eſcandalo, tanto à Religiaõ em que nacera, como à que o educara até que mollificada a dureza do ſeu coraçaõ, com o ſangue de muitos Martyres que via derramar em obſequio da Fé, de que fora impio deſertor, querendo purificar com o proprio a ſua culpa, começou a clamar, que a Fé do Crucificado era ſómente a verdadeira, pela qual eſtava reſoluto a ſacrificar a vida. Pareciaõ eſtas vozes aos barbaros delirios de quem contava 74. annos de idade, mas elle mais conſtante na confiſſaõ da Fé Catholica prégava, que unicamente nella havia ſalvaçaõ. Chegando aos ouvidos do Governador eſtes clamores Evangelicos mandou, que foſſe condennado ao meſmo tormento que naõ podera tolerar, onde viveo tres dias no fim dos quaes falleceo em Nangazaqui em o anno de 1652. Fazem delle memoria *Bib. Societ.* pag. 140. col. 2. Tanner *Societ. JESU uſq. ad ſanguin. & vit. profuſion. militans* p. 427. Alegamb. *Mortes Illuſt.* p. 701. P. Sebaſt. da Maya *Carta eſcrita de Macáo* a 29. de Dezembro de 1655. P. Alonſ. de Andrad. *Varon. Illuſtr. de la Comp.* Tom. 6. Nadaſ. *Ann. dier. Societ.* Part. 1. p. 229. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. C. n. 5. Franco *Imag. da virt. em o Novic. de Lisb.* Liv. 2. cap. 29. e 30. e no *Ann. Glor. S. J. in Luſit.* pag. 231. Eſcreveo.

Relaçaõ da Perſeguiçaõ contra a Fé, levantada no Reyno de Taicu no anno de 1627. *e da morte que nella padeceraõ muitos Chriſtãos eſcrita em* 14. *de Settembro do dito anno.* No fim tem *Relaçaõ do Martyrio de Leonardo Maſſudadenzo degollado na Cidade de Ximabara a* 13. *de Settembro de* 1627. Sahio vertida em Italiano com eſte titulo

Relatione della perſecutione ſollevata nel Tacacu contra la Santa Fede nel ano 1627. *e della morte di molti Chriſtiani che in quella hanno dato glorioſamente la vita per la confeſſione del Santo nome de Chriſto.* Roma por Franceſco Corbolletti 1631. 8.

CHRISTOVAM FERREYRA natural do Lugar da Carvoeira termo da Villa de Torres Vedras. Foy Cirurgiaõ mór, e igualmente douto na Medicina, que na Poetica, principalmente Comica, compondo muitas, e diſcretas Comedias, merecendo entre todas mayor applauſo a que compoz à

Acclamaçaõ delRey D. Joaõ o IV. M. S.

CHRISTOVAM FERREYRA DE SAMPAYO. Foy taõ inſtruido nos preceitos da Hiſtoria como da Poeſia, muito perito na lingua materna, e naõ menos em a Caſtelhana, a qual ſoube com perfeiçaõ pela grande aſſiſtencia que fez em

em Madrid. Querendo eſcrever as acçoens de hum Monarcha Portuguez, eſcolheo entre todos como modello da arte de Reynar a ElRey D. Joaõ o II. compondo com eſtilo methodico, e elegante como diz Joaõ Soar. de Brit. in *Theat. Luſitan. Litterat.* lit. C. n. 6.

Vida, y hechos del Principe Perfeĉto D. Juan Rey de Portugal II. deſte nombre. Madrid por la Viuda de Alfonſo Martin 1626. 4. Sahio traduzida em Francez. Lugd. por Joaõ Antonio Huguetan, e Guilielm. Barbier. 1670. 4. 8.

Traduzio de Portuguez do V. P. Fr. Thomé de JESUS em Caſtelhano.

Trabajos de JESUS. Dedicado a Fr. Joaõ de Peralta Arcebiſpo de Saragoça. Saragoça por Joaõ de Lanoya. 1631. 4.

Nas Feſtas que ſe conſagraraõ em Madrid à Canonizaçaõ de Santa Thereza impreſſas em Madrid 1615. no Certam. 3. fol. 33. eſtá huma Obra ſua Poetica.

Cartas eſcritas a diverſas Peſſoas. M. S. fol. Conſervavaõ-ſe na Livraria de D. Antonio Alvares da Cunha.

Fr. CHRISTOVAM DE FOYOS natural da Villa da Attouguia do Patriarchado de Lisboa, filho de Pedro de Toar Henriques, e Brites de Foyos. Depois de profeſſar o Inſtituto de Eremita Auguſtiniano no Convento de Noſſa Senhora da Graça de Lisboa a 6. de Janeiro de 1656. aprendeo Filoſofia, e Theologia, em que ſahio taõ doutamente inſtruido, que dictou eſtas Faculdades aos ſeus domeſticos, em o Collegio de Coimbra ſendo a materia Theologica, que mais profundamente tratou a de *Viſione Beata,* que ſe conſerva com grande eſtimaçaõ na Livraria do Convento de Lisboa. Aſſiſtio alguns annos em a Curia Romana, onde foy muito acceito à Santidade de Alexandre VIII. o qual querendo premiar os ſeus merecimentos com a dignidade Epiſcopal ſe eſcuſou com ſumma modeſtia de taõ alto miniſterio. Reſtituhido a Portugal foy Qualificador do Santo Officio, e delle faz mençaõ no *Cathalogo dos Revedores deſte Tribunal,* Fr. Pedro Monteiro n. 8. e Examinador das Tres Ordens Militares. Cheyo de annos falleceo no Collegio de Santo Agoſtinho deſta Corte em o primeiro de Março de 1723. Imprimio

Oraçaõ pathetica do Deſcendimento da Cruz no Real Collegio de Noſſa Senhora da Graça de Coimbra. Coimbra pela Viuva de Manoel de Carvalho Impreſſor da Univerſidade 1669. 4. & ibi por Joaõ Antunes 1716. 4.

Sermaõ do Glorioſo Saõ Franciſco de Borja, prégado no Real Collegio da Companhia de JESUS de Coimbra no quarto dia do ſeu Outavario, em que ſe celebrou a ſua Canonizaçaõ no anno de 1671. Coimbra por Jozé Ferreyra 1672. 4.

Sermaõ da Quinta Dominga da Quareſma na Capella Real. Lisboa por Antonio Craesbeeck de Mello Impreſſor delRey 1674. 4.

D. Fr. CHRISTOVAM DA FONSECA. Nacco em a Cidade de Lisboa, ſendo ſeus Progenitores Diogo da Fonſeca, Cavalleiro da Ordem de Chriſto, e D. Iſabel da Palma peſſoas muito reſpeitadas pela qualidade da ſua nobreza. Quando jà tinha dado manifeſtas provas do ſeu talento na Faculdade do Direito Pontificio, a que ſe applicara na Univerſidade de Coimbra, deixou o mundo, e ſe recolheo à Religiaõ da Santiſſima Trindade profeſſando o ſeu Inſtituto no Convento de Lisboa a 24. de Julho de 1570. onde eſtudada Theologia recebeo as inſignias Doutoraes deſta Sciencia na Academia Conimbricenſe, ſendo Padrinho deſte acto Litterario o Senhor D. Antonio Prior do Crato. Como foſſe ornado de genio docil, e talento maduro exercitou na Religiaõ com geral ſatisfaçaõ dos ſubditos os lugares de Reitor do Collegio de Coimbra, duas vezes Miniſtro do Convento de Liſboa, e ultimamente Provincial eleito em o anno de 1589. em cujo governo edificou a caza da Livraria do Convento deſta Corte, para a qual concorreo com grande copia de Livros, mandando imprimir os Hymnos, e Antifonas em Canto Chaõ, para que uniformemente ſe cantaſſem em toda a Provincia. Foy creado Inquiſidor, e Deputado do Conſelho Geral do Santo Officio, a 3. de Janeiro de 1612. pelo Inquiſidor Geral D. Pedro de Caſtilho, em cujo lugar provada a rectidaõ do ſeu procedimento moveo ao Illuſtriſſimo Arcebiſpo

de Evora D. Theotonio de Bragança para alcançar faculdade do Doutor Fr. Bernardo de Mettis Vigeſſimo ſexto Miniſtro Geral da Ordem Trinitaria para ſer Proviſor, e Preſidente na ſua Relaçaõ Eccleſiaſtica; e depois o nomeou ſeu Biſpo Coadjutor, ſendo confirmado pelo Pontifice Saõ Pio V. com o titulo de Nicomedia, Cidade Archiepiſcopal de Bithinia, e foy ſagrado pelo meſmo Arcebiſpo na Igreja do Collegio de Coimbra. Governou, e Viſitou o Arcebiſpado de Evora no tempo deſte Prelado, e no de ſeus ſucceſſores D. Alexandre de Bragança, e D. Diogo de Souſa, com tanta prudencia, e rectidaõ, que nunca fez acçaõ que podeſſe ſer acuſada de reprehenſivel. Attendendo a Mageſtade de Filippe II. aos ſeus merecimentos, que creciaõ em competencia dos annos, o nomeou Prelado de Thomar, e Viſitador, e Reformador do Real Convento de Santos das Commendadeiras da militar Ordem de Saõ Tiago. Por eſtar incapaz pelas ſuas infirmidades do miniſterio Paſtoral Ruy Pires da Veiga Biſpo de Elvas o elegeo o meſmo Principe Coadjutor, e futuro Succeſſor deſta Dignidade, de que naõ chegou a tomar poſſe por lho impedir a morte em Lisboa a 28. de Janeiro de 1616. Foy ſepultado na Capella mór do Convento da Trindade onde deſcanſaõ as cinzas de ſeus Pays. O ſeu Retrato eſtá collocado entre os dos Varões inſignes deſta Religiaõ na caza do Antecoro. Fazem delle illuſtre memoria Nicol. Agoſtinh. *Vid. de D. Theotonio de Braganç.* cap. 7. *Peſſoa merecedora por ſuas letras, partes, e virtude, de huma Prelaſia grande no Reyno.* Altun. *Chron. Ger. da Ord.* Liv. 4. cap. 4. fol. 620. Fr. Bernard. à D. Ant. *Chron. M. S. da Ordem* Liv. 1. cap. 14. §. 14. e Liv. 2. cap. 8. §. 10. e no *Epitom. Redempt.* Lib. 2. cap. 11. §. 1. Fr. Ant. Correa *Fama Poſthuma* Part. 1. cap. 2. fol. 8. Souſa *Aphoriſm. Inquiſit. de Origin. Inquiſit. Luſit.* §. 2. n. 28. Fr. Pedro Monteir. *Cathal. dos Deput. do Conſelh. Ger. do Santo Officio* n. 28. Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 151. no Comment. de 12. de Março letr. E. Fonſec. *Evora Glorioſ.* pag. 314. §. 554. Joan. Soar. de Brit. *Theat. Luſitan. Litterat.* lit. C. num. 9. com o nome de *Fr. Chriſtovaõ de JESUS,* como muitos o apellidaõ, e o P. D. Manoel Caetano de Souſ. *Catal. dos Biſpos Portug.* pag. 127.

Compoz, e reformou juntamente com Fr. Bartholomeu de Paiva.

Conſtitutiones Ordinis Sanctiſſimæ Trinitatis pro Provincia Luſitana, as quaes ſendo confirmadas pelo Cardial Alberto, Archiduque de Auſtria, Legado à Latere neſte Reyno a 12. de Novembro de 1591. ſahiraõ impreſſas, Ulyſſipone apud Emmanuelem de Lira 1591. 8.

Ceremonial antigo da Ordem, Reformado. M. S.

Regimento dos Inquiſidores. M. S.

Chronologia Temporum. M. S.

Deſtas duas Obras faz mençaõ Joaõ Franco Barreto na *Bib. Luſit.* M. S. e o P. D. Manoel Caetano de Souſa no Cathalogo acima allegado pag. 128. Outras Obras deixou eſcritas, que ficaraõ em poder de ſeu ſobrinho o Licenciado Agoſtinho Botelho da Fonſeca, Conego na Cathedral de Lisboa.

P. CHRISTOVAM DA FONSECA natural de Evora, filho de Joaõ Duarte, e Luiza da Fonſeca, e irmaõ naõ ſómente pela natureza, mas pela Religiaõ do P. Franciſco da Fonſeca, da Companhia de JESUS, de quem ſe fará mençaõ em ſeu lugar, ſendo admittido nella em o Noviciado da ſua Patria. Com igual comprehenſaõ penetrou as letras amenas, e as ſeveras, ſahindo em humas, e outras egregiamente inſtruido. No Pulpito foy ouvido com applauſo, e na converſaçaõ com divertimento, a qual ſendo muitas vezes jovial nunca degenerou em pueril. Practicou com ſumma profundidade a Sciencia do Contraponto, ſendo hum dos mais famoſos Compoſitores de Muſica da preſente idade, em cujas Obras ſe admiraraõ unidas a novidade da idea, com o goſto da conſonancia, ſempre regulada pelos rigidos preceitos deſta armonica Arte, ſendo as principaes Obras que lhe conciliaraõ grande opiniaõ ao ſeu nome o *Te Deum,* que ſe cantou no ultimo de Dezembro na Caza profeſſa de Saõ Roque, ao qual fez elle o compaſſo, e teve

a aſſiſtencia dos Princepes, e Nobreza deſta Corte, compoſto com vario genero de inſtrumentos, como tambem os Pſalmos, e Magnificat das Veſperas, que a meſma Caſa profeſſa dedicou em 9. de Agoſto de 1727. à Canonizaçaõ de Saõ Luiz Gonzaga, e Santo Staniſlao Koſcka, cuja ſuave conſonancia aſſim de vozes, como de inſtrumentos, arrebatou as attençoens do innumeravel concurſo, que aſſiſtiu a eſta ſolemnidade. Para curarſe de hum eſtupor, partio para as Caldas da Rainha, donde voltando como foſſe novamente accommettido de outro accidente ſe recolheo à Quinta da Torre-bella onde falleceo a 19. de Mayo de 1728. quando contava 46. annos de idade. Jaz ſepultado no Collegio dos Padres Jeſuitas da Villa de Santarem.

P. CHRISTOVAM FREYRE natural de Arzilla celebre Praça na Regiaõ Africana, filho de Antonio Freire, e Maria de Abreu. Entrou na Companhia de JESUS em o Noviciado de Lisboa a 18. de Abril de 1555. donde partio para o Oriente, e nelle foy grande Operario Evangelico. Eſcreveo

Cartas annuas do Japaõ no anno de 1627. como affirma o moderno Addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ. Tom. 1. tit. 8. col. 183.

CHRISTOVAM GARCIA FROES natural de Lisboa, e Beneficiado da Parochial Igreja de Saõ Juliaõ da ſua Patria. Compoz.

Vida de Franciſco Fernandes Galvaõ Prégador, e Theologo inſigne. Sahio impreſſa no principio dos Sermões da Quareſma deſte Author. Lisb. por Pedro Crasbeeck. 1615. 4.

P. CHRISTOVAM GIL. Naceo na Cidade de Bragança cabeça do Ducado, cujo Duque foy ſublimado ao Trono no fauſto anno de 1640. Na tenra idade de 17. annos, deixando a caſa de ſeus Pays Sylveſtre Gil, e Leonor Ortiz, abraçou o Inſtituto da Companhia de JESUS em o Collegio de Coimbra a 10. de Novembro de 1569. Applicado aos eſtudos começou a diſtinguir-ſe entre os ſeus condiſcipulos na profunda penetraçaõ das mayores difficuldades da Sagrada Theologia, que àlem da viveza do engenho de que era feliſmente dotado, lhas facilitava o comercio mental que tinha todos os dias com Deos. Depois de ler letras Humanas, Rhetorica, e Filoſofia, nos Collegios da Ilha Terceira, e Coimbra, dictou Theologia neſte Collegio, e na Univerſidade de Evora, pelo largo eſpaço de muitos annos, onde recebeo o gráo de Doutor a 4. de Julho de 1596. Neſta ſublime Faculdade mereceo lograr o principado entre os Cathedraticos do ſeu tempo, de tal ſorte, que querendo graduarſe o P. Franciſco Soares Granatenſe, em o anno de 1597. para regentar a Cadeira de Prima na Academia Conimbricenſe, e argumentando-lhe o P. Chriſtovaõ Gil, confeſſou aquelle Oraculo da Theologia Eſcholaſtica, que eſcuzado fora ſer chamado de Caſtella, quando Portugal creava talentos de taõ alta eſfera, para credito naõ ſómente de huma Univerſidade, mas de todo o mundo. Eſtando em Roma com o lugar de Reviſor dos Livros da Companhia, voltou ao Reyno para ſubſtituto da Cadeira de Prima, pela auzencia do ſeu Proprietario o Doutor Eximio, que era chamado à Curia, em cuja ſubſtituiçaõ foy provido por duas Proviſoens paſſada huma a 29. de Fevereiro, e outra a 9. de Abril de 1604. Todos os applauſos que lhe reſultavaõ da profundidade das ſuas letras, naõ eraõ poderoſos para lhe introduzir a menor ſombra de vangloria, antes olhava com tal aborrecimento para os ſeus eſcritos, que rogou à hora da morte foſſem reduzidos a cinzas. Sempre ſeguio as opiniões comuas ainda que com alguma novidade, fogindo de queſtões extravagantes, em que tem mayor parte a ſubtileza, que a verdade, de tal ſorte, que perſuadido pelo P. Paulo de Carvalho Lente em a Univerſidade de Evora, a que ſe apartaſſe em certas materias da doutrina de Santo Agoſtinho, e Santo Thomaz, lhe eſtranhou o conſelho affirmando, que ſem as luzes daquelles dous brilhantes Aſtros certamente ſe havia precipitar o juizo em hum abyſmo de graviſſimos erros. Tendo paſſado hum anno com a penoſa moleſtia de dores nefriticas com que Deos lhe quiz provar a paciencia, e fazendo-ſe mais intoleraveis com a applicaçaõ dos remedios pedio os Sacramentos, que recebeo com ſumma piedade, e ternura, e depois de reco-

mendar aos circunſtantes a virtude da obediencia, como meyo mais meritorio para alcançar a Vida Eterna, foy tomar poſſe della a 7. de Janeiro de 1608. em 56. annos de idade, e 37. de Companhia. A Univerſidade de Coimbra como a ſeu Lente lhe fez hum pompoſo Funeral. Varios foraõ os elogios, que dedicaraõ os Authores à ſua memoria *Bib. Societ.* pag. 141. col. 1. *Ingenio fuit perſpicaci promptoque, judicio peracri; omnigena doctrina inſtructus, multis rebus magnus, & ſui dimiſſione vere maximus.* Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 187. col. 2. *Vir utique doctiſſimus, vitæque nuſquam, ut creditur, delibata innocentia venerabilis.* Maſſeo *Vit. del P. Suar.* cap. 10. *Lettore famoſo di Theologia.* Rho *Hiſt. virt. & vit.* Lib. 7. cap. 10. num. 19. *Admiror Gillium, qui de Dei natura acutiſſima ſcripta reliquit.* Girardi Diar. a 7. de Genar. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. C. n. 8. *Bir. certe fuit inſignis eruditionis, atque doctrinæ, quam non ſolùm viva voce in publicis, frequentiſſimiſque diſputationibus, ſed ſcriptis editis, & ineditis abunde comprobavit.* D. Franc. Man. *Cart. dos AA. Portug. Doutiſſimo Eſcritor.* Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 1. pag. 69. *deixando por ſua morte illuſtrada a Univerſidade com ſua excellente doutrina, e a Companhia naõ menos rica de ſeus doutos eſcritos, que de illuſtres exemplos de religioſas virtudes.* Franco in *Ann. Glor. S. J. in Luſit.* pag. 9. *Grande Lumen Societatis,* & in *Synopſ. Annal. S. J. in Luſit.* p. 194. n. 6. *Vir Sapientiſſimus,* e na *Imag. da Virt. do Novic. de Coimb.* Tom. 1. Liv. 2. cap. 81. *Grande nas letras, e mayor nas virtudes.* Fonſec. *Evor. Glorioſ.* p. 428. *De engenho taõ ſubido, que mereceo os encomios do P. Soares Granatenſe.* Draudius *Bib. Claſſic.* Compoz.

Comentariorum Theologicorum de Sacra Doctrina, & Eſſentia, atque virtute Dei, libri duo. Lugd. apud Horatium Cardon 1610. fol. & Coloniæ apud Antonium Hieratum 1610. fol. & ibi. 1619. fol. 2. Tom.

Commentaria Theologica de Attributis. M. S. dos quaes faz mençaõ Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 1. pag. 73. no Comment. de 7. de Janeiro letr. C.

De divina Perfectione.

De Prædeſtinatione.

De Incarnatione.

Adverſaria Theologica in Tert. Part. D. Thomæ.

De Viſione Beata.

De Sacramentis, & Matrimonio.

De Legibus.

Todos eſtes Tratados Theologicos ſe conſervaõ *M. S.* em o Collegio de Coimbra da Companhia de JESUS, como affirma o P. Antonio Franco na *Imag. da Virtud. deſte Collegio.* Tom. 2. p. 615.

Fr. CHRISTOVAM GODINHO natural de Evora, e filho de Jeronymo Pereira, e Euſebia Godinha. Profeſſou o Inſtituto do Doutor Maximo Saõ Jeronymo, em o Convento do Eſpinheiro a 17. de Junho de 1617. onde foy duas vezes Prior, a primeira em o anno de 1647. e a ſegunda no anno de 1658. O meſmo lugar adminiſtrou no Convento de Penhalonga. Foy muito verſado na liçaõ dos Poetas, e Hiſtoriadores, da qual ſahio conſummado em todo o genero de erudiçaõ. Morreo no Convento de Penhalonga a 7. de Julho de 1671. Compoz, e imprimio, como eſcreve o P. Franciſco da Fonſeca *Evor. Glorioſ.* pag. 410. com o nome de Antonio Pereira da Fonſeca.

Poderes de amor em geral, e horas de converſaçaõ em particular. Lisboa na Officina Craesbeeckiana. 1657. 4.

P. CHRISTOVAM DE GOUVEA. Naceo na Cidade do Porto a 8. de Janeiro de 1542. ſendo filho de Henrique Nunes de Gouvea, e Beatriz Madureira, igualmente illuſtres pelo ſangue, que pela piedade. Quando contava 14. annos entrou em o Noviciado da Companhia de JESUS de Coimbra a 10. de Janeiro de 1556. onde eſtudou letras Humanas, e Filoſofia em que tomou o gráo de Meſtre. Recebidas as Ordens de Presbytero, que lhe conferio o Arcebiſpo de Evora D. Joaõ de Mello, aſſiſtio quatro annos neſta Cidade, em que foy Reytor do Collegio dos Porcioniſtas, entre os quaes eſtavaõ peſſoas da primeira qualidade, como eraõ Fernaõ Martins Maſcarenhas, e D. Antonio Maſcarenhas, ſendo depois o primeiro, Biſpo do Algarve, e Inquiſidor Geral, e o ſegundo, Deaõ da Capella Real. Exer-

citou por dous annos o lugar de Meſtre dos Noviços em o Collegio de Evora, merecendo que ſahiſſem da ſua eſcola quinze companheiros do V. P. Ignacio de Azevedo, que com o ſangue derramado teſtemunharaõ as verdades da Ley Evangelica. Com o meſmo miniſterio paſſou para o Collegio de Coimbra em o anno de 1572. e depois de o exercitar cinco annos, foy eleito Viſitador da Ilha da Madeira, donde reſtituido ao Reyno, depois de ſer Reytor do Collegio de Braga o foy do Collegio de Santo Antaõ de Lisboa, lançando a primeira pedra a eſte edificio no anno de 1579. debaixo dos auſpicios ſempre favoraveis à Companhia do Cardial Rey D. Henrique. Sendo companheiro do Provincial Sebaſtiaõ de Moraes Confeſſor da Senhora D. Maria Princeza de Parma, foy nomeado pelo Geral Claudio Aquaviva, para Viſitador do Brazil. Naõ pode reſiſtir a eſta ordem, e embarcado com o Governador daquelle Eſtado Manoel Telles Barreto, chegou à Bahia, e nella foy benevolamente recebido pelo Provincial o V. P. Jozé de Anchieta, celebre Thaumaturgo da America. Tantas foraõ as acçoens que obrou em beneficio deſta Provincia, que certamente ſe podia chamar ſeu Fundador, jà na perfeiçaõ com que ordenou ſe celebraſſem os Officios Divinos, jà em os varios edificios que levantou para mais comoda habitaçaõ dos Religioſos. Voltando do Brazil foy prizionado pelos Francezes, que por ſeguirem as partes do Senhor D. Antonio contra Filippe Prudente, infeſtavaõ aquelles mares, ſendo tratado com ſumma deshumanidade, que tolerou com grande conſtancia. Voltando a Portugal foy Prepoſito da Caza de Saõ Roque, e Provincial, moſtrando em tantos lugares que teve na Religiaõ, prudencia rara, affabilidade ſumma, e obſervancia exacta. Nas palavras foy parco, nas obras magnifico, nos concelhos prudente, por cujos dotes o propos à Mageſtade de Filippe II. de Portugal, o Geral da Companhia para Biſpo do Japaõ, e attendendo eſte Principe a taõ judicioſa inſinuaçaõ o nomeou neſta dignidade, de que naõ chegou a tomar poſſe impedido pela morte, que o privou da vida em Liſboa a 13. de Fevereiro de 1622. com 80. annos de idade, e 66. de Companhia. Grandes elogios lhe fazem Telles *Chron. da Comp. de JES. da Prov. de Portug.* Part. 1. Liv. 2. cap. 11. n. 4. e Franco *Ann. Glor. S. J. in Luſit.* pag. 87. & in *Synopſ. Annal. S. J. in Luſit.* p. 234. n. 9. Eſcreveo.

Hiſtoria do Braſil, e coſtumes dos ſeus habitadores M. S. Deſte livro faz memoria Jorge Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 1. nas Advertencias §. 2. e no Comment. de 25. de Fever. letr. B. e o allega pag. 47. como quem o vira dizendo ſe conſervava no Collegio de Coimbra.

Commentario das occupaçoens que teve, e do que nellas fez. Deſta Obra eſcreve o P. Antonio Franco na *Imag. da Virtud. em o Novic. de Evor.* liv. 1. cap. 31. §. 7. eſtas palavras. *Vou metendo neſta narraçaõ algumas couſas, que parece as pudera eſcuſar por ſerem noticias particulares que o meſmo P. Chriſtovaõ de Gouvea deixou eſcritas em hum Commentario, que por ſua curioſidade foy fazendo das occupaçoens, que teve, e do que nellas fez.*

Summario das armadas que ſe fizeraõ, e guerras que ſe deraõ na Conquiſta do Rio da Paraiba. M. S. Eſta obra compoz quando era Viſitador da Provincia do Braſil da qual vimos huma copia *M. S.* na Seleƈtiſſima Livraria da Hiſt. de Portugal de meu Irmaõ D. Jozé Barboſa Clerigo Regular, e outra ſe conſerva em a do Excellentiſſimo Conde de Vimieiro.

Fr. CHRISTOVAM DE JESU Religioſo Menor da Provincia de S. Thomé da India Oriental. Sendo muito perito na lingua Canarina, e dezejando inſtruir nella aos ſeus companheiros para o fim de conduzirem ao gremio da Igreja a muitos barbaros, eſcreveo.

Arte Gramatical da lingua Canarina de cuja obra, e do Author della fazem menҫaõ Fr. Jacinto de Deos *Vergel de Plant. e Flor.* cap. 1. pag. 10. e o moderno addicionador da *Bib. Orient.* de Ant. de Leaõ Tom. 1. Tit. 16. col. 528.

Fr. CHRISTOVAM DE JESU MARIA Naceo na Quinta de Monte deixo de que eraõ Senhores ſeus Pays o Capitaõ Joaõ Trigueiros Sottomayor, e D. Leonor Franca

da Sylva, ſituada na Freguezia de S. Pedro de dous portos termo da Villa de Torres Vedras do Patriarchado de Lisboa. Depois de aprender letras humanas aſſentou praça de Soldado em cujo exercicio ſe diſtinguio tanto dos ſeus companheiros que brevemente ſubio a Capitaõ de Granadeiros paſſando com eſte poſto ao Rio de Janeiro em o anno de 1711. onde movido ſuperiormente, naõ ſómente deixou a vida militar, mas o Morgado da ſua Caſa que hoje poſſue ſua Irmaã D. Catherina Magdalena, e ſe recolheo na Serafica Provincia da Immaculada Conceiçaõ profeſſando o humilde eſtado de Leygo, e ainda que tinha baſtante ſciencia para o Sacerdocio ſempre ſe julgou indigno delle por mais que foy perſuadido dos Prélados. Como era inimigo do ocio ſe occupava continuamente em beneficio da Religiaõ em diverſos miniſterios como eraõ de Architecto, e Eſtatuario, e em outros mecanicos de Pedreiro, e Carpinteiro pois para todos tinha genio, e habilidade. Ao tempo que era Procurador da ſua Provincia em a Cidade da Bahia paſſou a Portugal para ſer curado de hydropezia, e depois de aſſiſtir ſeis mezes neſta Corte falleceo a 15. de Janeiro de 1736. Jàz ſepultado no Convento de N. Senhora das Portas do Ceo do lugar de Tilheiras ſuburbio deſta Cidade o qual he da Provincia Serafica de Portugal. Compoz.

Hiſtoria Inopina Luſitana. Succeſſos notaveis do valor de noſſos antigos continuando nos prezentes, e futuros Portuguezes com os ſuceſſos concernentes aos tempos. Attenuaçaõ da decima ſexta geraçaõ, e na meſma com o Reſpiciam *do Senhor eſtabelicido o Quinto, e Univerſal Imperio do mundo. Dedicado ao illuſtre, e invicto Capitaõ da Infantaria, Protector de Portugal, Advogado contra a peſte, e Martyr de Chriſto S. Sebaſtiaõ.* 4. M. S. Foy compoſta no anno de 1734. e ſe conſerva em poder do Alferes Jozé Pinheiro de Oliveira Cunhado do Author.

Recreaçaõ eſpiritual M. S. 16.

CHRISTOVAM JOAM natural de Coimbra em cuja florentiſſima Univerſidade foy famoſo Cathedratico de Direito Pontificio ſendo provido na Cadeira de Clementinas a 15. de Fevereiro de 1578. de Sexto em 27. de Março de 1579. do Decreto a 16. de Novembro de 1581. e de Veſpera a 30. de Outubro de 1586. Em todas eſtas Cadeiras deſcubrio os thezouros ſcientificos da ſciencia Canonica, e Civil que eſtavaõ depoſitados na ſua grande memoria, e profunda comprehenſaõ por onde mereceo os elogios dos mais inſignes Juriſconſultos como ſaõ ſeu diſcipulo Gabriel Pereira de Caſtro que eſte ſó baſtava para eterno brazaõ do ſeu Magiſterio, Deciſ. 61. n. 3. *Præceptor meus doctiſſimus, et ſemper memorandus.* Franciſco de Caldas Pereir. ad *L. ſi Curator, verb, Implorand.* n. 5. *rari, & excellentis ingenii, acerrimique judicii, et exquiſitiſſimæ doctrinæ viro utriuſque juris ſcientia clariſſimo,* e in *Tract. Oper. Emphyt.* Part. 4. cap. 17. n. 20. *Sapientiſſimo, acutiſſimoque Chriſtophoro Joanni Veſpertinæ, Cathedræ moderatori eximio.* Ant. de Souſ. de Macedo *Luſit. Liberat.* Lib. 1. cap. 14. n. 46. *quem præterita ſæcula prodiderunt Superiorem vix ullum, æquales paucos,* e nas *Flor. de Eſpan.* cap. 8. excel. 9. Foy Conego Doutoral de Reſidencia na Cathedral de Coimbra de que tomou poſſe a 18. de Novembro de 1581. em cuja Cidade morreo a 17. de Fevereiro de 1598. Eſcreveo.

Allegaçaõ de Direito na cauſa da Succeſſaõ deſtes Reynos por parte da Senhora D. Catherina filha do Infante D. Duarte. da qual fez a ateſtaçaõ ſeguinte impreſſa na *Allegaçaõ de Direito ſobre a meſma Succeſſaõ.* Almeirim por Antonio Ribeiro, e Franciſco Correa 1580. fol. *Ego quoque de Regni Succeſſione conſultus inter eos omnes, qui ad judicium potẽtiſſimi, ac Santiſſimi Regis vocati ſunt de Succeſſione prædicta contendentes potiorem eſſe D. Catherinæ cauſam exiſtimavi: idque non ſolùm humanarum legum, Doctorumque authoritate probavi, ſed multis à natura ipſa depromptis rationibus (ni fallor) apertiſſime demonſtravi: ad hucque in eadem conſtans perſevero ſententia. Chriſtophorus Joannis Doctor.*

Entre as Poſtilas que dictou em a Univerſidade, ſaõ as mais celebres.

De Suplenda Negligentia Prælatorum dictada em 1579.

De Sacramento Matrimonii em 1581.

De Judiciis começada em 1593. e acabada a 29. de Mayo de 1595.

De Fide inſtrumentorum em 1595.
De Foro competenti.
In Clementinas ad Tit. de Sequeſtratione.
De mutuis petitionibus.
De ultimis voluntatibus.
De Precariis.
De Secundis Nuptiis.
De Succeſſione ab inteſtato.

D. Fr. CHRISTOVAM DE LISBOA ou DE SA' natural da illuſtre Cidade com que ſe appelidou, filho de Henrique de Sà de Menezes, e neto de Joaõ Rodriguez de Sà Senhor de Baltar, e Payva Fronteiro mór de Entre Douro, e Minho, e Vedor da Fazenda do Porto. Deſprezando com heroica reſoluçaõ as vaidades do Seculo buſcou os rigores do Clauſtro em o Real Convento de Belem onde profeſſou o ſagrado Inſtituto do Doutor Maximo S. Jeronymo a 9. de Junho de 1585. e foraõ tantos os progreſſos que fez igualmente nas letras, e nas virtudes que mereceo ſer elevado por morte de D. Joaõ Ribeiro Gayo ao Biſpado de Malaca ſendo Sagrado no Convento de Belem a 21. de Novembro de 1604. Depois de lançar a primeira pedra na Igreja do Noviciado da Cotovia deſta Corte dos Padres Jeſuitas a 20. de Março de 1605. partio na armada de que era Capitaõ mór Braz Telles de Menezes para a ſua Dioceſe em que encheo as obrigaçoens de ſolicito Paſtor. Paſſados cinco annos foy transferido no de 1610. para a Primacial dignidade de Arcebiſpo de Goa na qual naõ ſómente ſucedeo em a Cadeira ao Illuſtriſſimo D. Fr. Aleixo de Menezes, mas em o zelo com que atendeo pelo ornato da ſua nova Eſpoſa. A primeira Miſſa ſolemne que nella ſe celebrou foy em dia da illuſtre Martyr, e Sabia Doutora Santa Catherina Orago da meſma Cathedral cujo edificio mageſtoſo ſe acabou por ſua cuidadoſa induſtria. Foy devotiſſimo do amoroſo Myſterio da Euchariſtia a cujo obſequio inſtituhio huma Confraria, acompanhando-o com ſumma modeſtia, e ternura todas as vezes que era levado aos enfermos, como tambem as Prociſſoens que todos os annos ſe fazem a S. Thomé Padroeiro da India Oriental, e a Chriſto Crucificado milagroſamente apparecido na Cruz do Sitio da Boa viſta em Goa que ſucedeo no tempo do ſeu governo. Pela auzencia do Vice-Rey D. Jeronymo de Azevedo governou o Eſtado em o anno de 1615. em cujo lugar moſtrou que naõ tinha menor talento para o miniſterio Sagrado que politico. Mais cheyo de virtudes, que de annos paſſou a melhor vida em Goa a 31. de Março de 1622. Jaz ſepultado na Cathedral com eſte epitafio.

Sepultura de Fr. Chriſtovaõ de Lisboa Frade Jeronymo, filho de Belem 3. Biſpo de Malaca, e 8. Arcebiſpo deſta Cidade. Faleceo no derradeiro de Março de 1622.

Fazem memoria deſte Prélado Faria *Aſia Portug.* Tom. 3. Part. 3. cap. 4. §. 7. e Part. 2. cap. 7. §. 21. e cap. 8. §. 2. Franco *Imag. da Virtud. do Nov. da Companh. de Lisboa* Liv. 1. cap. 3. §. 2. Anton. Bocarro *Decad. da India* cap. 84. D. Anton. Caetano de Souſ. *Cathal. dos Biſp. de Malac.* e no *Cathal. dos Arcebiſp. de Goa* §. 9. Compoz.

Tratado do aparecimento de Chriſto Crucificado na Cruz da Boa viſta em a Cidade de Goa ſucedido a 23. de Fevereiro de 1619. o qual conforme affirma Jorge Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 60. no Comment. de 3. de Mayo letr. D. he *copioſo, e largo,* e ſe conſerva na Cathedral de Goa.

Officium S. Catharinæ Virginis, et Martyris que ſe reza na Cathedral, da qual he a Santa o Orago, por indulto Pontificio.

Tratado ſobre as Miſſoens de Madurè acerca do que reſolveo Gregorio XV. em a Conſtituiçaõ que principia *Romanæ Sedis.*

Deſta obra faz mençaõ o moderno addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ Tom. 1. Tit. 3. col. 84. onde ſe enganou eſcrevendo que era da Ordem de S. Joaõ, ſendo de S. Jeronymo como tambem o appellido de *Sà* que traz eſcrito por erro da impreſſaõ *Vaa.*

D. Fr. CHRISTOVAM DE LISBOA cujo appellido indica a patria que lhe deo o berço, ſendo filho de Gaſpar Gil Severim, Executor mór do Reyno, e de Juliana de Faria, e irmaõ do celebre Antiquario Manoel Severim de Faria, Chantre da Cathedral de Evora. Na idade da adoleſcencia recebeo o Habito Serafico,

na reformada Provincia da Piedade, donde paſſados quatro annos ſe transferio para a de Santo Antonio, e depois de inſtruido com a Theologia Eſcolaſtica, e Poſitiva, ſahio hum dos famoſos Letrados, e grandes Prégadores do ſeu tempo, por cujas partes foy muito acceito à Mageſtade delRey D. Joaõ o IV. Foy Qualificador do Santo Officio, Guardiaõ do Convento de Santo Antonio de Lisboa, Definidor da Provincia, Commiſſario da Provincia de Portugal, e primeiro Cuſtodio da Provincia do Maranhaõ, em cujo miniſterio padeceo innumeraveis trabalhos pela converſaõ dos Gentios. Amou com exceſſo a pobreza, e de tal ſorte obſervou a caſtidade, que naõ podia ouvir palavra, que offendeſſe eſta angelica virtude. Sendo obrigado a aceitar a Mitra de Angola, a naõ chegou a poſſuir morrendo em Lisboa a 14. de Abril de 1652. O ſeu Retrato eſtá na Caza do Capitulo do Convento de Santo Antonio deſta Corte entre os Biſpos que teve neſte Reyno eſta Santa Reforma. Fazem delle breve memoria Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Luſit. Litter.* lit. C. num. 10. Wadingo de *Script. Ord. Min.* pag. 90. col. 1. Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. p. 188. col. 2. D. Anton. Caet. de Souſ. no Cathalog. dos Biſp. de Angola. Compoz.

Sermaõ de Saõ Jozé. Evora por Manoel de Carvalho 1625. 4.

Sermaõ da quarta Dominga da Quareſma. Lisboa por Paulo Craesbeeck. 1641. He alluſivo ao eſtado em que naquelle tempo ſe achava eſte Reyno. 4.

Sermaõ da terceira Dominga do Advento na Miſericordia de Lisboa, quando ſe jurou ElRey D. Joaõ o IV. por Rey deſte Reyno. Lisboa por Antonio Alvares 1641. 4.

Sermaõ prégado em Santo Antonio dos Capuchos de que era Guardiaõ, por ordem da Rainha a 18. de Setembro de 1643. Lisboa por Lourenço de Anvers. 1644. 4.

Sermaõ da Immaculada Conceiçaõ da Sacratiſſima Virgem Noſſa Senhora Padroeira do Reyno prégado na Capella Real a 8. de Dezembro de 1645. Lisboa por Paulo Crasbeeck 1646. 4.

Sermaõ prégado na Capella Real na Terceira Sexta Feira da Quareſma 2. de Março de 1646. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1646. 4.

Sermaõ da Quinta ſexta Feira da Quareſma na Capella Real a 27. de Março de 1648. Lisboa por Manoel Gomes de Carvalho 1648. 4.

Sermaõ de S. Gonçalo. Coimbra por Manoel Rodriguez de Almeyda 1694. 4. Obra poſthuma.

Manifeſto da injuſtiça, cegueira, e declinaçaõ preſente, e futura ruina de Caſtella, e do abono, patrocinio, e amparo divino da Juſtiça de Portugal, verdades todas eſtampadas no maravilhoſo caſo, que ſucedeo em a Cidade de Lisboa, dia do Corpo de Deos em que o Senhor livrou com a ſua omnipotencia a Mageſtade delRey D. Joaõ o IV. da morte, que á traiçaõ lhe intentàraõ dar os Caſtelhanos. Lisboa por Paulo Crasbeeck. 1647. 4.

Santoral de varios Sermoens de Santos. Lisboa por Antonio Alvares. 1638. 4. No prologo deſte livro affirma ter compoſto dous grandes volumes de lugares Comúns da Eſcriptura.

Jardim da Sagrada Eſcritura diſpoſto em modo alphabetico com hum elencho de diſcurſos, e conceitos ſobre os Evangelhos das Domingas, Quartas, e Sextas Feiras da Quareſma, e Domingas de Advento, utiliſſimo para Prégadores, e Curas de almas. Lisboa por Paulo Crasbeeck 1653. fol. Sahio por induſtria de Fr. Gabriel do Eſpirito Santo Provincial da dita Provincia de Santo Antonio prometendo no Prologo publicar a Segunda Parte.

Hiſtoria natural, e moral do Maranhaõ, e Graõ Parà M. S. da qual fazem memoria Duarte Madeira *Nova Philoſofia* 1. Part. Tom. 2. Diſp. 8. n. 33. Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 189. e o moderno addicionador da *Bib. Occid.* de Ant. de Leon. Tom. 2. Tit. 13. col. 687.

Tratados Predicativos. M. S. Conſervaõ-ſe na Livraria do Excellentiſſimo Conde de Vimieiro.

Dialogo do juſto, e devido ſentimento nas adverſidades humanas. Interlocutores Vaeriço, e Pontonio. M. S. 8. Na meſma Livraria ſe guarda, que foy do Irmaõ do Author.

Fr. CHRISTOVAM DA MADRE DE DEOS LUZ naceo em a Cidade de S. Sebaſ-

iaõ Capital do Rio de Janeiro na America. Foraõ ſeus Pays Franciſco Dias da Luz natural da Cidade da Tavira em o Reyno do Algarve, e hum dos alentados Capitaens, que em companhia do General Mendo de Sá expulſaraõ do Rio de Janeiro aos Francezes colligados com os Tamoyos, e Domingas da Sylveira filha dos primeiros conquiſtadores, e povoadores deſta Colonia. Recebeo o habito de S. Franciſco na Provincia de Santo Antonio do Braſil onde foy varias vezes Guardiaõ, Definidor, e hum dos dous Procuradores Geraes, que vieraõ a eſta Corte ſolicitar a erecçaõ da Provincia da Immaculada Conceiçaõ cuja empreza felizmente conſeguio em o anno de 1675. Nella mereceo occupar pelo ſeu grande talento os mayores lugares como foraõ duas vezes Provincial, e Viſitador. Foy por muitos annos Comiſſario do Santo Officio que exercitou com ſumma rectidaõ. Na Religiaõ era exemplar, no eſtudo continuo, e na devoçaõ da Senhora fervoroſo. Falleceo no Convento de Santo Antonio da ſua patria em o anno de 1720. Compoz.

Cuidado contra o tempo. M. S. 4. Neſta obra deſcreve varias noticias do Eſtado do Braſil deſde o ſeu deſcobrimento, e da Serafica Religiaõ no meſmo continente. Conſervava eſte livro Fr. Salvador da Conceiçaõ Gayo Exdefinidor da meſma Provincia do qual confeſſa Fr. Appollinario da Conceiçaõ de quem jà fizemos particular memoria, ter extrahido varias noticias para as ſuas compoſiçoens com que tem utilizado a curioſidade publica.

Cartorio da Provincia da Immaculada Conceiçaõ do Eſtado do Braſil que fez quando era Provincial no anno de 1683. Conſta de 10. Capitulos, nos quaes recopilou a Origem deſta Provincia com todos os Breves, e varias noticias pertencentes a ella atè o tempo que a eſcreveo.

Fr. CHRISTOVAM DE S. MARIA natural de Lisboa. Depois de eſtar inſtruido com as letras humanas, e Filoſofia foy admitido à Religiaõ de S. Jeronymo profeſſando o ſeu Inſtituto no Real Convento de Belem a 7. de Junho de 1667. Em premio dos progreſſos que fez a ſua applicaçaõ em os eſtudos Theologicos, recebeu em a Univerſidade de Coimbra as inſignias Doutoraes ſendo nella Lente de Cadeira pequena de Eſcritura de que tomou poſſe a 9. de Junho de 1696. donde paſſou para a de Gabriel em 10. de Janeiro de 1701. e para a de Durando a 2. de Outubro de 1706. Foy Reytor do Collegio de Coimbra, em o anno de 1686. Qualificador do Santo Officio, hum dos mais celebres Theologos do ſeu tempo, e naõ menos inſigne Prégador, de cuja arte deixou por argumento.

Sermaõ no Auto publico da Fè que ſe celebrou em o Terreiro de S. Miguel da Cidade de Coimbra Domingo 25. de Julho de 1706. Coimbra por Jozé Ferreira Impreſſor do Santo Officio, e da Univerſidade 1706. 4.

Cæleſtis citharæ antilogici concentus ex apparenter diſſonis conſonantiis ſuaviſſimum edentes ſonum. M. S. fol. Neſta Obra concilia os Textos da Eſcritura antinomicos, e depois diſcorre no ſentido moral, a qual ficou imperfeita.

Tractatus de gratia Chriſti. M. S. Eſte Tratado como a obra precedente ſe conſervaõ no Collegio de Coimbra onde morreo a 6. de Março de 1712.

CHRISTOVAM MARTINS Presbytero Ulyſſiponenſe Capellaõ da Igreja do Eſpirito Santo, muito douto, e verſado nos ritos, e Cerimonias Eccleſiaſticas, por cuja applicaçaõ o louvaõ com grandes elogios Lucas de Andrade *Illuſtraçaõ ao Man. da Miſſa* Illuſtr. 7. n. 8. e D. Leonard. de S. Jozé *Æconom. Sacr.* cap. 2. Tit. 3. §. 18. Morreo na Patria em o anno de 1668. Compoz.

De Ritibus Sacris dubia ſelecta in Rubricas Miſſalis Romani Sanctiſſimi Domini noſtri Urbani VIII. authoritate recogniti Pars prima in quattuor tractatus diviſa. Ulyſſipone ex Officina Crasbeeckiana 1652. fol. Na Dedicatoria ao Biſpo de Targa promete explicar o *Pontifical Romano.*

De Ritibus Sacris 2. Pars. Eſtava prompta para a impreſſaõ, o que naõ executou impedido pela morte.

Apologia das Rubricas do Miſſal Romano contra a inſtancia do Licenciado Joaõ Campello de Macedo. M. S. Eſta Obra ſe conſervava na Bibliotheca do Cardial de

Souſa juntamente com a inſtancia do Campello.

P. CHRISTOVAM DE MATTOS da Companhia de JESUS Doutor na Sagrada Theologia eſcreveu, e publicou conforme affirma Joan. Soar. de Brit. *Theat. Luſit. Litter.* lit. C. n. 11.

Catheciſmo Portuguez.

CHRISTOVAM DE MELLO Porteiro mór da Caſa Real, e Alcayde mór de Serpa filho de Joaõ de Mello Alcayde mór de Serpa, e de D. Ignes de Caſtro filha de D. Fernando de Caſtro Governador da Caſa do Civel. Foy muito applicado ao eſtudo de Genealogia eſcrevendo com grande curioſidade como affirma o P. D. Antonio Caetano de Souſa no *Apparat. à Hiſt. Geneal. da Caſa Real Portug.* pag. 104. §. 109.

Familias do Reyno de Portugal. M. S.

Fr. CHRISTOVAM OSORIO natural de Lisboa filho de Affonſo Gomez, e Maria Oſorio. Sendo admitido á Sagrada Religiaõ da Santiſſima Trindade profeſſou no Convento patrio a 27. de Mayo de 1590. onde ſe applicou ao eſtudo da Hiſtoria principalmente da ſua Ordem, e à cultura da Poeſia em que ſahio muito verſado. Padeceo com grande paciencia varios achaques procedidos de huma infermidade que teve nos primeiros annos de Religioſo, dos quaes recebia algum alivio com a liçaõ dos livros que continuamente revolvia até que a morte o ſuſpendeo deſta applicaçaõ a 27. de Janeiro de 1634. Compoz.

Pancarpia, Proſas hiſtoricas, e Titulares de Varoens collocados, e illuſtres da Ordem da Santiſſima Trindade Redempçaõ de Cativos com algumas excellencias della. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1628. 8. Em applauſo deſta obra lhe cantou a elevada, e diſcreta Muſa do inſigne Poeta Lope da Vega Carpio eſta Decima.

De roxo, y azul colores
Que el Angel baxo del Cielo
Hyeroglificos del zelo,
Y fé de ſus profeſſores;
Pancarpia texe de flores
Oſorio en tan docta Summa,
Que de Laurel la preſuma,
Pues delas impirias salas
Fenix celeſte en las alas
Le truxo tanbien la pluma.

Da obra, e do Author faz memoria o P. Antonio dos Reys no *Enthuſiaſm. Poet.* n. 179.

D. CHRISTOVAM DE PORTUGAL filho illegitimo do Senhor D. Antonio Prior do Crato, e neto do Infante D. Luiz filho do Sereniſſimo Rey D. Manoel naceo na Cidade de Tangere no mez de Abril de 1573. quando ſeu Pay governava eſta Praça. Todos aquelles dotes, que ſervem de ornato aos Principes repartio com elle taõ prodiga a natureza que podia ſer o exemplar por onde ſe regulaſſem as acçoens aſſim moraes, e politicas, como pacificas, e militares. O aſpecto era gentil, e grave, o coraçaõ magnanimo, e deſtemido, o entendimento perſpicaz, e prudente, o genio affavel, e compaſſivo, merecendo por taõ ſingulares partes o admiravel conceito, que formaraõ do ſeu profundo talento as Naçoens por onde diſcorreo, ſendo ſeu Pay o primeiro que conheceo a ſua grande capacidade pois vendo fruſtradas as negociaçoens que intentara com os Principes da Europa para cingir a Coroa de ſeus Avós o mandou quando contava a florente idade de quinze annos por Embaxador ao Emperador de Marrocos pedindo-lhe empreſtados trezentos mil cruzados com que conſeguiſſe a nobre empreza de libertar a Patria do dominio Caſtelhano, e ficaſſe elle em refens deſta quantia. Partio D. Chriſtovaõ de Gravezende a 25. de Outubro de 1588. acompanhado de muitas peſſoas entre as quaes ſe diſtinguiaõ o P. Antonio Fernandes Pinheiro ſeu Confeſſor, e Eſmoler, Manoel de Brito, e Almeyda Camareiro, e Governador da Caſa, Balthezar Paez de Caceres Thezoureiro mór, Sebaſtiaõ Gonçalves Lima Guardaroupa, e depois de vencidos varios perigos em a nào Hercules de que era Capitaõ Duarte Perim Correa, dezembarcou em Çafim a 7. de Janeiro de 1589. Foy recebido com honras de Principe pelo Alcayde Bellaſſon em quanto naõ chegava o Baxa Mahamet Zarcaõ, que o conduzio à Corte acompanhado de ſetecentos arcabuzeiros precioſamente veſtidos. Com inexplicavel alvoroço o tratou o Prin-

cipe Muley Buſeres filho do Emperador de Marrocos, que por eſtar neſte tempo em o Reyno de Fez, naõ aſſiſtio a eſte ſolemne acto, ao qual certificou logo da ſua chegada remetendo a carta de crença que o barbaro recebeo com particular eſtimaçaõ. Aſſinou-lhe o Emperador em ſinal da magnifica hoſpitalidade, que com elle queria uzar, ſeſſenta arcabuzeiros para ſua Guarda, e mil quatrocentas e oitenta Livras cada mez, com outros donativos que augmentavaõ o eſplendor, e regalo da Meza. Como lograva a ſua caza da immunidade de Principe Soberano, concorriaõ a ella como ſeguro aſylo todos os Chriſtaõs recebendo naõ ſómente os Sacramentos para alimento das almas, mas copioſas eſmolas para reſgate dos corpos. Nas Feſtas mais ſolemnes do Calendario Romano dava meza a duzentas peſſoas, com taõ ſumptuoſa profuſaõ, que bem moſtrava os generoſos eſpiritos que lhe animavaõ o coraçaõ. Dezenganado de concluir a negociaçaõ com o Emperador de Marrocos partio em o anno de 1590. para Londres onde conſervou taõ grande correſpondencia com o Xarife que lhe offereceo por huma carta, e a ſeu Irmaõ D. Manoel de Portugal a ſua Corte, na qual ſeria tratado com a meſma grandeza que ſeus proprios filhos, por eſtar lembrado da heroica acçaõ que obrara ElRey de Portugal, quando paſſou a Africa a amparar hum Principe da ſua Caza. A ſumma fidelidade, e natural inclinaçaõ que ſempre obſervou em obſequio dos Monarchas Portuguezes, o moveo paſſar a Veneza a 28. de Novembro de 1599. com Manoel de Brito, e Pantaleaõ Peſſoa, ſeus Confidentes, para perſuadir àquelle Eſtado como era o verdadeiro Principe D. Sebaſtiaõ aquelle homem, que por ſua ordem eſtava prezo, e ſendo recebido pelo Doge a 11. de Dezembro do dito anno, com honorificas demonſtraçoens lhe prometeo, atenderia à ſua reprezentaçaõ. Naõ foy eſte o unico argumento que deo do affecto, que tinha a Portugal, pois aſſiſtindo em Pariz, eſcreveo huma carta a D. Chriſtovaõ de Moura Vice-Rey deſte Reyno, em que o exhortava com efficazes fundamentos, para libertar a Monarchia Portugueza do violento dominio de Caſtella. Os ultimos annos da ſua vida aſſiſtio na Corte de Pariz com huma penſaõ que lhe dava ElRey Chriſtianiſſimo, de cujos intereſſes foy ſempre muito parcial. Ao tempo que contava 65. annos de idade foy accommettido de hum accidente de parleſia, que o privou da vida a 3. de Junho de 1638. Jaz ſepultado no Convento dos Franciſcanos de Pariz, proximo à ſepultura de ſeu Pay. Em dous retratos abertos neſta Corte, ſe ve copiada a ſua figura. Em o primeiro ſe lè na ſua circumferencia *Chriſtophorus Dei gratia Princeps Portugalliæ;* e na parte inferior: *Filius D. Antonii XVIII. Portugalliæ Regis,* com eſtes dous verſos:

Hic vultu, & meritis Princeps de Sanguine Regum
Quo magis atteritur, tanto virtute reſurgit.

A hum lado eſtaõ as Armas Reaes de Portugal, e a outro huma Palmeira coroada do Sol com eſta letra: *Te radiante virebo.*

No 2. retrato tem por circumferencia eſtas palavras: *Chriſtophorus Princeps D. Antonii Portugalliæ Regis filius ætatis* 52. e na parte inferior eſtes dous verſos.

Viribus ingenitis, ni ſors inimica reſiſtat
Et Sceptra, & patrios oculis inſcripſit honores.

Fazem illuſtre memoria da ſua peſſoa D. Joaõ de Caſtro *Diſc. da Vid. delRey D. Seb.* cap. 19. Caram. *Philip. Prud.* p. 71. 165. 173. 296. e 299. Scevol. e Lov. de Sainct. Marth. *Hiſt. Geneal. de L' Maiſon de Franc.* Tom. 2. Liv. 43. cap. 9. P. Anſelm. *Hiſt. Geneal. & Chronol. dela Maiſ. Royal. de Franc.* Tom. 1. p. 611. Dupleix Hiſt. de Franc. ad ann. 1580. n. 19. Imhof. *Stem. Reg. Luſit.* pag. 19. Menezes *Hiſt. de Tanger.* Liv. 2. p. 80. §. 58. Souſa *Hiſt. Genealog. da Caza Real Portug.* Tom. 3. Liv. 4. cap. 8. Compoz.

Briefue, & ſommaire deſcription de la vie, & mort de Don Antoine primier du nom, & dix-huictieſme Roy de Portugal avec pluſiurs lettres ſervantes à l' Hiſtoire de Temps. Pariz ches Gervais Alliot. 1629. 8. Dedicou eſta Obra à Mageſtade Chriſtianiſſima de Luiz XIII. o qual no Privilegio que lhe concede a 5. de Fevereiro de

1629. para a meſma Obra, o trata com eſtas palavras: *Noſtre tres-cher, & ami couſin D. Chriſtofle de Portugal.*

CHRISTOVAM RODRIGUES AZINHEIRO. Naceo na Cidade de Evora em o anno de 1474. e depois de receber o gráo de Bacharel em Direito Civil, exercitou por muitos annos na ſua patria o officio de Advogado com credito do ſeu talento. A natural inclinaçaõ, que tinha ao eſtudo da Hiſtoria, principalmente à deſte Reyno o eſtimulou a revolver as Chronicas antigas, e extrahir dellas com ſummo diſvelo as noticias principaes, de que formou a Obra ſeguinte, eſcrita como elle afirma em o anno de 1535. quando contava 61. de idade.

Compendio das Chronicas de Portugal. M. S. fol. cujo prologo começa. *Eſtaõ em eſte prezente volume recopilladas, ſumadas, abreviadas, todas as lembranças dos Reys de Portugal das Caronicas velhas, e novas ſem mudar ſuſtancia da verdade, reynante ElRey Dom Joaõ o terceiro do nome, quinzeno dos Reys de Portugal, &c.* Fazem memoria deſta Obra, e do Author Brandaõ *Mon. Luſit.* Tom. 3. Liv. 8. cap. 12. Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 733. no Comment. de 17. de Junho letr. F. Joaõ Franco Barret. *Bib. Luſit. M. S.* Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 191. e o P. Fonſec. *Evor. Glorioſ.* pag. 411. chamando-lhe *homem erudito na materia hiſtorica,* e que imprimira o *Compendio das Chronicas,* o que me parece ſer engano, pois delle ſe conſervaõ varias copias M. S. e huma tem meu Irmaõ D. Jozé Barboſa na ſua ſelecta Livraria da Hiſtoria Portugueza, onde o Author chega até o Reynado delRey D. Joaõ o III. Naõ ignoro que ſahio impreſſo ſem o nome de Author, em 4.

Sumario das Chronicas dos Reys de Portugal reviſto, accreſcentado, e em parte emendado neſta ſegunda impreſſaõ, em que foy apurado pelas proprias Chronicas, em ho qual ſe contém muitas couſas dignas de memoria, e feitos heroicos dos ditos Reys. Coimbra por Joaõ Alvares Impreſſor delRey Noſſo Senhor 1570. 4. E que ſendo eſta a ſegunda ediçaõ, certamente houve primeira, mas nunca podia ſer o Compendio de Chriſtovaõ Rodrigues Azinheiro, pois eſte chegou a eſcrever a Vida delRey D. Joaõ o III. em que o Author vivia, e o Summario impreſſo de que tenho hum exemplar, chega a ElRey D. Manoel, e para claramente ſe conhecer, que he diferente o *M. S.* he hum Tomo de folha, e eſte Summario impreſſo conſta de 13. quartos de papel.

CHRISTOVAM RODRIGUES DE OLIVEYRA natural de Lisboa, Guardaroupa de D. Fernando de Menezes, e Vaſconcellos, Arcebiſpo de Lisboa, e Capellaõ mór delRey D. Joaõ o III. ſendo muito verſado na Hiſtoria Profana, e principalmente nas grandezas, e noticias da ſua famoſa Patria eſcreveo em o anno de 1551. por ordem de ſeu Amo.

Summario em que brevemente ſe contem algumas couſas aſſim Eccleſiaſticas, como Seculares, que ha na Cidade de Liſboa. Por Germaõ Galharde Impreſſor delRey Noſſo Senhor. 1551. 4.

Eſta Obra, que ſahio ſem o nome do ſeu Author, louvaõ Nicol. Anton. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 191. Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 733. col. 1. no Comment. de 17. de Junho letr. F. e Franc. Leit. Ferreir. *Noti. Chronolog. da Univerſid. de Coimb.* pag. 583. n. 1234.

Fr. CHRISTOVAM DO ROSARIO natural da Cidade de Evora, filho de Diogo da Cunha, e Gracia Dias. Na idade da adoleſcencia recebeo o Habito da Ordem dos Prégadores, em o Real Convento de Bemfica, em o primeiro de Novembro de 1628. Igualmente foy admirado o ſeu talento, ou foſſe diſcipulo, ou Meſtre, cujo miniſterio exercitou até ſer do numero que tem eſta illuſtre, e douta Religiaõ. No anno de 1662. em que partio para Inglaterra a Sereniſſima Senhora D. Catharina, a deſpozarſe com Carlos II. o elegeo por ſeu Confeſſor, e Prégador, lugares que adminiſtrou com grande ſatisfaçaõ deſta Princeza, e naõ menos credito da ſua capacidade, que ſe fazia mais eſtimavel pela natural benevolencia, de que era dotado. Depois de aſſiſtir muitos annos em a Corte de Londres, deſejoſo de acabar a vida entre os ſeus Religio-

ſos alcançou faculdade da Rainha para ſe reſtituir ao Reyno, onde por eſtar vago o lugar de Deputado do Concelho Geral do Santo Officio, por morte de Fr. Vicente de Santo Thomaz, e naõ de Fr. Valerio de Saõ Raymundo, como eſcreve Fr. Pedro Monteir. no *Clauſt. Domin.* Tom. 3. pag. 178. contra o que tinha eſcrito no *Cathalog. dos Deput. do Conſelho Geral;* o nomeou nelle o Eminentiſſimo Cardial D. Veriſſimo de Lencaſtro Inquiſidor Geral, de cujo heroico miniſterio humildemente ſe eſcuſou impedido dos annos, e achaques que brevemente o privaraõ da vida, em o Convento de Lisboa a 24. de Janeiro de 1691. Publicou.

Sermaõ em a Capella do Excellentiſſimo Senhor D. Franciſco de Mello Embaixador de S. A. R. de Portugal a ſua Mageſtade Britanica, no primeiro dia em que a meſma Capella ſe abrio, aſſiſtindo os mais Miniſtros, e a principal gente Catholica deſta Corte. 4. Sem lugar, nem nome da Impreſſaõ, mas do caracter ſe conhece ſer em Londres.

Sermões M. S. 2. Tom. fol. os quaes *eraõ doutiſſimos, e que naõ chegaraõ ao Prelo,* affirma Fr. Pedro Monteiro *Clauſt. Domin.* Tom. 3. pag. 179.

CHRISTOVAM SARDINHA natural da Cidade de Elvas, e hum dos celebres profeſſores da Medicina, que floreceraõ no Reynado de D. Joaõ o III. Depois de ouvir neſta Faculdade ao inſigne Meſtre Thomaz Rodrigues da Veiga, Cathedratico de Prima em a Univerſidade de Coimbra, ſe graduou nella com applauſo dos ſeus condiſcipulos, que jà vaticinavaõ o grande credito que havia alcançar o ſeu talento, quando a exercitaſſe, cujo vaticinio ſe vio cumprido ſendo Medico do Sereniſſimo Duque de Bragança, e nas admiraveis curas, que obrou nas Villas de Villa Viçoſa, e Monſaraz, parecendo ſer ſuperior às forças da natureza o methodo com que triumfava das infermidades mais rebeldes. Naõ ſómente era perito neſta Arte, mas muito douto em dictames aſceticos, e politicos, como publicaõ as ſeguintes Obras.

Compendium totius Medicinæ. 1. *Pars complectens libros duodecim, in quibus Medicinæ omnia fundamenta, generaliſſimaque cognoſcendi, præſagiendi, atque præſervandi documenta traduntur.* M. S. fol.

2. *Pars de curandis morbis in particulari complectens libros tres. Primus de curandis morbis à capite uſque ad pedes. Secundus de curandis febribus. Tertius de curandis morbis externis ad Chirurgum pertinentibus.* M. S. fol.

Colloquio primeiro dirigido a ſeu filho mais velho; onde trata dos trabalhos, e miſerias, que padece o perfeito Medico para que vendo-as deixaſſe de ſer Medico, e eſtudaſſe a Sagrada Theologia. M. S.

Colloquio ſegundo dirigido a ſeu filho ſegundo; onde trata da bondade da vida do Campo, e dos males da vida cortezaã perſuadindo-o, que naõ ſeguiſſe a vida do Paço. M. S.

Eſcada do Ceo. Nella inſtrue a quatro filhas Religioſas como devem practicar no Clauſtro os exercicios eſpirituaes. Eſtava prompto para a impreſſaõ com faculdade do Illuſtriſſimo Arcebiſpo de Evora, D. Theotonio de Bragança.

Tractatus de Animalibus. M. S.

D. Fr. CHRISTOVAM DA SYLVEIRA. Naceo na Cidade de Angra, Capital da Ilha Terceira a 13. de Março de 1614. Teve por progenitores a Chriſtovaõ de Lemos, e Mendoça, e a D. Ignes da Sylveira Borges, deſcendentes das familias mais qualificadas. Quando contava 18. annos de idade, profeſſou o ſagrado Inſtituto de Eremita de Santo Agoſtinho, em o Convento de Noſſa Senhora da Graça de Lisboa, a 14. de Outubro de 1632. onde naõ ſómente adquirio fama em as Cadeiras, como em os Pulpitos. Foy Reytor do Collegio de Coimbra no anno de 1656. Attendendo o Principe D. Pedro Regente deſtes Reynos às ſuas grandes letras acompanhadas de ſolidas virtudes, o nomeou Arcebiſpo Primaz do Oriente, em cuja dignidade foy ſagrado no Convento da Graça deſta Corte a 7. de Junho de 1671. Partio para Goa em o anno ſeguinte, na Armada de que era Capitaõ mòr, Joaõ Correa Deça, em cuja viagem ſendo accommettido de huma grave enfermidade, que o privou da vida foy levado o ſeu cadaver à Cathedral de Goa, onde na

Capella mór ſe ſepultou com eſte epitafio:

Aqui jaz D. Fr. Chriſtovaõ da Sylveira Religioſo Agoſtinho natural da Ilha Terceira XII. Arcebiſpo de Goa, e Primaz da India, e do Conſelho de S. Alteza. Falleceo vindo para eſte Eſtado aos 9. *de Abril do anno de* 1673. *tendo de idade* 59. *annos.* Compoz.

Curſus totius Philoſophiæ ad mentem D. Auguſtini. M. S.

Tractatus de Scientia Dei. M. S.

Eſtes dous Volumes ſe conſervaõ na Livraria do Convento de Lisboa.

Fr. CHRISTOVAM SOARES natural do Porto, filho de Manoel Soares de Carvalho, e de Maria Rebello; Religioſo da illuſtre Ordem da Santiſſima Trindade, onde foy Miniſtro do Convento de Cintra, e Prégador geral, de cujo miniſterio como era muito ſciente, querendo inſtruir nelle aos Prégadores Evangelicos, eſcreveo em o anno de 1726.

Arte Concionatoria, em que ſe expoem o methodo mais facil, para o ſeu exercicio. M. S. 4.

CHRISTOVAM SOARES DE ABREU Cavalleiro profeſſo na Ordem de Chriſto, naceo em a nobre Villa de Ponte de Lima, em a Provincia de Entre Douro, e Minho, e foy filho de Franciſco Soares de Abreu, e de ſua mulher Catharina Brandaõ, natural do Eſtado do Brazil, e deſcendente de huma das mais nobres Familias delle. Eſtudou em a Univerſidade de Coimbra Direito Ceſareo, e depois de ſer graduado neſta faculdade ſervio alguns lugares, até que de Dezembargador do Porto, paſſou para a Caza da Suplicaçaõ em 23. de Novembro de 1646. Entre a ſeveridade da Juriſprudencia cultivou as flores da Poeſia, ſendo numerado entre os famoſos Poetas, que produzio eſte Reyno, por Jacinto Cordeiro nos *Elog. dos Poet. Portug.* Eſtanc. 26.

Para Chriſtoval Soares de Abreu gloria
Quiſiera pluma yo que le igualara
La ſuya iluſtre la memoria
Del Dueño que eterniza, ſi es tan rara:
Que bien puede atreverſe a la vitoria
Del laurel con la mano, que la ampara;
Y el con ella atreverſe en nueſtro polo
A quitarle el laurel al miſmo Apolo.

Sendo o mais antigo Senador da Cidade de Lisboa, na occaſiaõ que os Sereniſſimos Monarchas D. Affonſo VI. e D. Maria Franciſca Izabel de Saboya deraõ a publica entrada na Cidade de Lisboa a 29. de Agoſto de 1666. os congratulou em nome da meſma Cidade com a Obra ſeguinte:

Oraçaõ em nome da Camera de Lisboa a ElRey D. Affonſo VI. e à Rainha D. Maria Franciſca Izabel, entrando na dita Cidade em 29. *de Agoſto de* 1666. Liſboa por Joaõ Leite Pereira Impreſſor da Sereniſſima Rainha. 1666. 4. e no Portug. Reſtaurad. Tom. 2. p. 838.

A eſta Oraçaõ applaude Jacinto Cordeiro em o *Triumf. Luſit.* fol. 9. com eſtas vozes metricas.

Cerrando eſte ſecreto la elegancia
Valor, cordura, agrado, y experiencia
Del ſeñor (juſto amor) Chriſtoval Suares
A quien Apollo en celebres altares
Sacrificio ofreciò como lo dizen
Las Muſas, y Academias.
Eſte raro ingenio altivo, y claro
Gozo la plaça ſin diſcurſo vario
De elegante, y perfeto Secretario
Siendo por ſu nobleza, y por ſu azero
Del habito de Chriſto Cavallero.

Publicou em ſeu nome.

Officium in Laudem Sacroſancti Euchariſtiæ Sacramenti cum Litania, Precibus, & Hymnis in uſum privatum devotorum. Ulyſſipone apud Petrum Craesbeeck Typ. Reg. 1630. 24.

Morreo em Lisboa a 4. de Junho de 1684. e eſtá ſepultado em a Capella de S. Franciſco do Convento de Santa Anna de Religioſas Franciſcanas. Foy cazado com D. Maria de Almeida.

Fr. CHRISTOVAM DE S. TIAGO. Naceo na Freguezia de Noſſa Senhora de Figueirò da Serra Curado de Malta, junto da Serra da Eſtrella em a Provincia da Beira do Biſpado da Guarda. Profeſſou o Inſtituto Ciſtercienſe no Convento de Santa Maria de Salzedas, e eſtudou as Sciencias Eſcolaſticas no Collegio de Coimbra. Sendo eleito Abbade do Convento onde profeſſara, em o anno de 1615. emprendeo com ſumma curioſidade, e mayor trabalho

revolver todo o Cartorio do dito Convento de que reſultou, eſcrever com toda a individuaçaõ, e clareza.

Recopilaçaõ das Doaçoens, privilegios, e mais noticias pertencentes ao Convento de Santa Maria de Salcedas M. S. fol. Eſte Volume que he muito grande, ſe conſerva no meſmo Cartorio o qual ſerve como de Index a todos os papeis, que nelle ſe guardaõ.

P. CHRISTOVAM VALENTE Religioſo profeſſo da Sagrada Companhia de JESUS naõ ſómente grande Theologo, mas inſigne Meſtre da Lingua Braſilica em a qual para inſtrucçaõ catholica da puericia compoz.

Cantigas pera os Mininos da Santa Doctrina. Saõ compoſtas em louvor do Nome de JESUS, Sacramento do Altar, N. Senhora, e Anjo da Guarda. Sahiraõ impreſſas ao principio do Cateciſmo da lingua Braſilica addicionado pelo P. Antonio de Araujo da Companhia de JESUS. Lisboa por Pedro Crasbeck 1618. 8.

Fr. CYPRIANO natural da Villa de Eſtremós em a Provincia de Alentejo, e Religioſo profeſſo da Serafica Provincia dos Algarves. de grande talento para o Pulpito, e naõ menor habilidade para a ſciencia das Eſcolas. Compoz em o anno de 1619. e eſtava prompto para a impreſſaõ.

Tratado da Oraçaõ combinada com os paſſos da vida de Chriſto Senhor Noſſo M. S.

CYPRIANO DE FIGUEYREDO, E VASCONCELLOS natural de Lisboa, e hum dos mais fieis ſequazes do Senhor D. Antonio filho do Infante D. Luiz quando pertendeo cingir a Coroa Portugueza de que deu hum illuſtre argumento occupando o lugar de Corregedor da Ilha Terceira, e ſendo a ſua Capital invadida a 25. de Julho de 1582. pela armada de Caſtella governada por Diogo Valdez ſe oppoz com tanta reſoluçaõ, e valor aos inimigos que ſendo a mayor parte derrotada, poucos reſtaraõ para narrar o eſtrago padecido, em cuja glorioſa acçaõ ſe moſtrou que igualmente era verſado em a eſpeculaçaõ da Juriſprudencia, como na practica da milicia. Com o meſmo zelo aſſiſtio em França, e Inglaterra ao Senhor D. Antonio dandolhe prudentes Conſelhos, e eſcrevendo doutos tratados em que moſtrava o inconcuſſo direito que lhe aſſiſtia para ſubir ao trono de ſeus Avós merecendo por taõ repetidas demoſtraçoens de fidelidade para com eſte Principe que elle lhe fizeſſe o elogio ſeguinte na Carta que eſcreveo a Gregorio XIII. *Scipio Figueiredius Vaſconcellius vir nobilis, Cæſareique juris Doctor earum etiam Inſularum, quas Tertias vocant, Sebaſtiani Regis nomine Gubernator integerrimus. Hunc præclarum virum poſtquam ad ſe promiſſionibus, blanditiiſque allicere Philippus non potuit, ut ſibi comiſſas urbes, atque arces proderet in bona illius (ut ſolet) irruit, atque invaſit. At conſtantiſſimus vir in fide, et officio populos continuit glorioſam de Caſtellanis victoriam ex noſtris ipſe primus eo tempore reportavit, fidiſſimi Ducis nomen adeptus eſt, & talem ſe hoſtibus exhibuit militem, ac Ducem, ut in illo non minùs litterarum ſplendor, quàm militaris gloria elucere videatur.* Para eterno teſtemunho do affecto com que o tinha ſervido o inſtituhio o Senhor D. Antonio ſeu Teſtamenteiro confiando da ſua fidelidade tantas vezes experimentada executaria promptamente os legados que deixava. Fazem memoria de Cypriano de Figueiredo que muitos por equivocaçaõ o intitulaõ *Scipiaõ* Luiz de Bavia *Hiſt. Pontif.* Part. 3. cap. 63. D. Joaõ de Caſtr. *Diſcurſ. da vid. de D. Sebaſt.* cap. 13. e 14. *Hiſt. Secret. de D. Ant.* p. 133. e Joaõ Pinto Ribeiro *Pref. das letras às Arm.* Eſcreveo, e publicou.

Carta em que fazia publicas as cauſas a Filippe II. porque defendia o direito do Senhor D. Antonio.

Apologia pelo Senhor D. Antonio contra D. Joaõ de Caſtro por deixar o ſeu partido, e ſeguir o da Senhora D. Catherina Duqueza de Bragança.

Deſtas duas obras fazem mençaõ Caramuel in *Proœm.* lib. 5. *Philip. Prud.* e Filippe Jacobo Spener *Oper. Herald.* Part. 2. lib. 1. cap. 22. pag. 287.

Fr. CYPRIANO DE MENDOÇA Naceo na Freguizia de Santa Marinha de Arcuzello ſituada no termo da nobre Villa de Ponte de Lima, em a Provincia de

Entre Douro, e Minho em o anno de 1598. filho pela natureza de Pays nobres quaes eraõ Gaſpar dos Reys Antas Barboſa Cavalleiro da Ordem de Aviz, e D. Leonor Correa de Mendoça, e pela Religiaõ, do illuſtriſſimo Principe dos Patriarchas S. Bento, cujo Monachal habito recebeo no Moſteiro de S. Tyrſo a 3. de Novembro de 1613. onde foy Meſtre, e Abbade do Convento de Lisboa. Aſſiſtio em Roma para negociar varias dependencias da ſua Monaſtica Congregaçaõ que tratou com zelo, e conſeguio com felicidade. Reſtituido ao Reyno por uniforme conſpiraçaõ dos votantes ſubio em o anno de 1676. ao lugar de Geral que exercitou prudentemente. Eſcreveo.

Itinerario da Jornada, que fez a Roma em que trata das audiencias que teve do Papa, deſpachos, que alcançou, e tudo quanto vio digno de obſervaçaõ até ſe reſtituir a eſte Reyno. M. S. 4. Conſerva-ſe na Livraria do apozento dos Geraes.

Cathalogo dos Eſcritores da Monaſtica Congregaçaõ de S. Bento do Reyno de Portugal que remeteu para Caſtella a Fr. Gregorio de Argaiz Chroniſta Geral da Religiaõ o qual como affirma na *Perla de Catalunha,* ou *Hiſt. de N. S. de Monſerrate* pag. 466. §. 173. *en que nó he pueſto mas cuidado que el traduzirlo de Portuguez en Caſtelhano.*

Morreo em o Moſteiro de Tibaens a 13. de Janeiro de 1679. com 81. annos de idade, e 75. de Religiaõ.

CYPRIANO DE PINNA PESTANA natural de Lisboa donde paſſando a Madrid aſſiſtio neſta Corte até que nella morreo no anno de 1736. com eſtimaçaõ de inſigne Poeta, de cuja Arte deixou por teſtemunhas as obras ſeguintes.

Entrada da Sereniſſima Rainha de Portugal D. Mariana de Auſtria que fez pela barra de Lisboa conduzida da armada Ingleza em o feliciſſimo dia de 26. de Outubro de 1708. Lisboa por Antonio Pedroſo Galraõ 1708. 4. Conſta de 40. Outavas, e hum Soneto.

Sylva ala celebridad delos felices Años dela Reyna Nueſtra Señora D. Mariana Jozepha de Auſtria que ſe reprezentó a ſus Mageſtades en el feſtin, que ſe hizo en Palacio el dia 7. del mez de Setiembre deſte preſente año de 1709. Lisboa por Miguel Maneſcal Impreſſor do Santo Officio 1709. 4.

Imagem del Principe Perfecto iluſtrada con las qualidades de Sabio, Poderoſo, y Juſto. Madrid 1723. 4. Sem nome de Impreſſor. He dedicado ao Sereniſſimo Principe do Braſil o Senhor D. Jozé.

Poema Heroico al nuevo Natalicio del Sereniſſimo Señor D. Alexandro Infante de Portugal. Madrid 1723. Conſta de 66. Outavas.

CYPRIANO DE PINNA PESTANA Fidalgo da Caſa Real naceo na Villa de Penella do Biſpado de Coimbra a 5. de Fevereiro de 1665. Depois de eſtudar Filoſofia em a Univerſidade de Evora, e receber nella o gráo de Meſtre em Artes em 17. de Junho de 1685. paſſou à Univerſidade de Coimbra onde ſe applicou ao eſtudo da Medicina em que ſahio taõ eminente, que mereceo ſer numerado entre os Licenciados deſta Faculdade. Sendo Medico da Camara do nosso Sereniſſimo Monarcha D. Joaõ o V. o nomeou em 6. de Abril de 1740. Phyſico mór. Sempre cultivou a Poeſia Latina verificando no ſeu talento ſer Apollo igualmente Protector da Poetica, que da Medicina. Publicou.

Excellentiſſimi, Inclyti, Magnifici Viminocenſis Dynaſtæ ſceleratum enarrans caſum Poeſis. Ulyſſipone apud Michaelem Maneſcal Sancti Officii Typog. 1709. 4.

In fauſtiſſimas Nuptias Præclariſſimi, & Excellentiſſimi Domini D. Joſephi Michaelis Joannis de Portugal noni Comitis Vimioſenſis cum clariſſima Domina D. Aloyſia à Lotharingia Marchionum Alegretenſium filia. Epithalamium. Ulyſſip. apud Jozeph Antonium da Sylva Regiæ Academiæ Typ 1729 fol. Conſta de 674. verſos heroicos.

Varias elegias, e epigrammas à morte do Excellentiſſimo Duque do Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello. Sahiraõ nas *Ultimas Acçoens do meſmo Duque.* Lisboa na Officina da Muſica 1730. fol. deſde pag. 319. até 324.

Fr. CLEMENTE DE SANTO ANTONIO filho de Filippe Serraõ, e Maria de Macedo naceo em Lisboa onde foy bau-

tizado a 25. de Dezembro de 1602. Profeſſou o Habito da Terceira Ordem Serafica em o Convento de Noſſa Senhora de JESUS deſta Corte a 27. de Dezembro de 1620. e eſtudou as Sciencias Eſcolaſticas, em o Collegio de Saõ Pedro da Univerſidade de Coimbra. Pelo grande talento de que era ornado, foy eleito pelos Superiores para defender na Curia Romana hum grave pleito controvertido entre a ſua Religiaõ, e a Provincia de Portugal, querendo eſta impedir, que os Terceiros Regulares conferiſſem os Habitos aos Seculares, e depois de altercada eſta controverſia pelo eſpaço de muitos annos, determinou o Cardial Franciſco Barberino, Proteſtor da Ordem Serafica, por ſentença dada a 21. de Abril de 1640. que igualmente podeſſem ambas as Religioens conferir os Habitos aos Terceiros Seculares. Reſtituido ao Reyno exercitou os lugares de Miniſtro de dous Conventos, Cuſtodio da Provincia, e Reytor do Collegio de Coimbra, em o qual antes de acabar o governo falleceo a 24. de Mayo de 1648. com 46. annos de idade, e 29. de Religiaõ. Eſcreveo.

Succeſſos memoraveis da Provincia da Terceira Ordem de Portugal. M. S.

Chronica da Provincia Serafica da Ordem Terceira da Penitencia. Eſtava muito no principio, e deſappareceo com a ſua morte.

Faz mençaõ delle Fr. Antonio da Encarnaçaõ Religioſo da meſma Ordem na 2. *Parte dos Faſtos da Provincia,* em o *Cathalog. dos Eſcritores.*

Fr. CLEMENTE DA CRUZ. Naceo em Lisboa a 23. de Novembro de 1685. e teve por Pays a Balthazar Borges da Sylva, e a Maria dos Reys Freyre. Recebeo o Habito Serafico no Convento de Santa Maria de JESUS de Xabregas, da Provincia dos Algarves, a 23. de Fevereiro de 1702. e profeſſou em dia de Saõ Mathias do anno ſeguinte. Depois de ter ſido Secretario de diverſos Provinciaes, foy Guardiaõ dos Conventos de Sines, Crato, Torraõ, e ultimamente de Saõ Franciſco de Beja, donde paſſou a Vigario, e Confeſſor das Religioſas Capuchas de Santa Clara do Convento de Noſſa Senhora dos Martyres de Sacavem. He Prégador Jubilado, e muito ſciente em a Muſica, e naõ menos deſtro em tocar Orgaõ.

Traduzio de Caſtelhano de Fr. Antonio de Arbiol, em Portuguez.

Novena eſpiritual do Glorioſo Padre Saõ Diogo de Alcalà Meſtre de Sabios, remedio de pobres, conſolaçaõ de afligidos, e refugio poderoſo de pequenos, e grandes, Potentados, Principes, e Reys. Lisboa na Officina Ferreiriana 1725. 8.

Vida admiravel do Santiſſimo Padre Benedicto XIII. amantiſſimo filho da eſclarecida Religiaõ de Noſſo Padre Saõ Domingos, extrahida da ſucceſſaõ Pontificia, e poſta na noſſa lingua vulgar. Lisboa por Pedro Ferreira Impreſſor da Sereniſſima Rainha. 1739. 4.

Promptuario de Cerimonias, e Officios Divinos de toda a Semana Santa, com a ſolfa de tudo quanto ſe canta neſtes dias. M. S. 4. Eſtà prompto para a impreſſaõ.

CLEMENTE FELIX Presbytero Ulyſſiponenſe, Prothonotario Apoſtolico, Beneficiado da Parochial Igreja da Magdalena da ſua Patria, eſtudou Direito Ceſareo na Academia Conimbricenſe em que fez exame privado, e foy hum dos grandes Letrados do ſeu tempo, cuja ſciencia legal admiraraõ as Cortes de Roma, e Madrid, e a noſſa, onde exercitou muitos annos o Officio de Advogado, em o qual nunca patrocinou cauſa criminal, ſendo incorrupto nos coſtumes, ſingular na affabilidade, amante da verdade, inimigo da ambiçaõ, regeitando lugares honorificos para os quaes ſe tinha habilitado pelas suas letras. Morreo na patria a 31. de Março de 1656. quando contava 75. annos de idade. Jaz ſepultado na Parochia de Santa Maria Magdalena em o Cruzeiro ao lado da Epiſtola. Inſtituhio por ſua herdeira a Noſſa Senhora do Loreto de quem era cordial devoto, e deixou muitos legados pios, entre os quaes mandou, que perpetuamente ardeſſem dous cirios na Igreja de Saõ Tiago de Lisboa. Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Luſit. Litter.* lit. C. n. 12. lhe chama *Nominatiſſimus advocatus,* e Gabriel de Almeyda *Informac. por D. Joaõ Luiz de Vaſconcellos, e Menezes,* num 2. *muito douto, e muito conhecido por ſuas*

ſuas letras. Das muitas, e doutiſſimas Allegaçoens de Direito que compoz, as que chegaraõ à minha noticia, ſaõ as ſeguintes:

Informaçaõ de Direito em favor de Ruy de Moura Telles, na cauſa que com elle tras D. Felipa de Menezes, ſobre os morgados, que vagaraõ por Alvaro Gonſalves de Moura ſeu filho. Lisboa por Pedro Craesbeeck. 1615. 4.

Informaçaõ de Direito a favor de Manoel de Moura Corte Real, Marquez de Caſtel-Rodrigo na cauſa que lhe moveo o Duque de Alcalá ſeu cunhado. Lisboa pelo dito Impreſſor. 1621. fol.

Allegaçaõ de Direito, a favor de Joaõ Rodrigues de Vaſconcellos, e Souſa, Commendador, e Alcaide mór da Villa do Pombal, na cauſa que lhe moveo a Condeça da Calheta D. Maria de Vaſconcellos, em que ſe oppuzeraõ o Conde da Calheta Joaõ Gonſalves da Camara ſeu filho, e o Procurador da Coroa de Sua Mageſtade. Lisboa pelo dito Impreſſor. 1629. fol.

Repoſta que fez aos Oppoſitores da Caza de Maſra, em favor do Conde de Figueirò D. Franciſco de Vaſconcellos. Liſboa por Antonio Alvares. 1645. fol.

Expoſtulaçaõ Apologetica, em defenſa da repoſta que deo aos Oppoſitores da Caza de Mafra a favor do dito Conde de Figueiró. Lisboa pelo dito Impreſſor. 1647. fol.

Allegaçaõ, na qual ſe moſtra por Direito, por Breves dos Summos Pontifices, por Alvarás dos Senhores Reys, por ſentenças em juizo contencioſo, por conſultas da Meza da Conciencia, pela Regra, Eſtatutos, e definiçoens da Ordem, e por juramento como o dinheiro dos tres quartos da Ordem de Chriſto, ſenaõ póde gaſtar mais que nas obras, e fabrica do Convento de Thomar, e ſuas Cazas. Conſta de 34. folhas. Sahio eſta allegaçaõ no Livro intitulado *Memorial do Geral da Ordem de Chriſto, e dos Religioſos della,* &c. Liſboa por Manoel da Sylva. 1648. fol.

Allegaçaõ em favor do Duque de Aveiro D. Raymundo, contra o Marquez de Porto-Seguro. He allegada por Franciſco Valaſco de Gouvea, na Allegaçam que fez a favor do dito Duque num. 267. onde o intitula *Juriſconſulto doutiſſimo.*

Brevis reſolutio eorum, quæ opponuntur in favorem juriſdictionis, quam Illuſtriſſimus Archiepiſcopus Ulyſſiponenſis pertendit ſibi competere in Monaſterio S. Claræ oppidi de Santarem ejuſdem Diœceſis. Naõ tem o nome do Author, nem anno que foy certamente 1621. nem lugar da Impreſſaõ. Começa: *Cauſa de qua agitur.* Acaba: *Redintegrare debere.*

Allegaçaõ ſobre o Morgado da Caza de Bellas.

Deliberatio in cauſa Theſaurariæ mayoris Sedis Ulyſſiponenſis. In Tom. 3. Deciſ. Doct. Emman. Themudo da Fonſeca, Deciſ. 334.

Repoſta em nome do Juiz, e vinte, e quatro de Lisboa, às cartas delRey Felippe de 31. de Dezembro de 1631. e de 21. de Mayo, e 2. de Agoſto do dito anno, ſobre quinhentos mil cruzados que pedia em o anno de 1632. M. S. Conſervava-ſe na Bib. do Cardial de Souſa.

Alegacion por Diego Lopes de Souſa, contra el Conde de Villa-mayor, y el Duque de Medina Celi. fol.

CLEMENTE FERNANDES natural do Lugar dos Moinhos, junto da Villa de Figueiró dos Vinhos do Biſpado de Coimbra. Foy profeſſor de Direito Canonico, Freire da Ordem Militar de Chriſto, Vigario da Igreja da Ega, onde morreo a 2. de Outubro de 1674. Jaz ſepultado na Igreja Matriz de Noſſa Senhora da Graça da dita Villa. Eſcreveo.

Addiçoens à Explicaçaõ dos Cazos reſervados, compoſta por Manoel Lourenço Soares, a cuja Obra, além das addiçoens lhe fez hum Index muito copioſo. Lisboa por Henrique Valente de Oliveyra. 1665. 8.

De Jure acrecendi. M. S.

Adagios Moraes. M. S.

Eſtavaõ eſtes dous Volumes promptos para a Impreſſaõ.

CLEMENTE FRANCISCO XAVIER Presbytero do habito de S. Pedro naceo em Lisboa a 23. de Novembro de 1702. e teve por Pays a Chriſtovaõ Alvares da Sylva, e Urſula Maria Thereza. Applicou-ſe ao eſtudo da lingua Latina em que ſahio taõ profundamente verſado que abrio

paleſtra neſta Corte para nella inſtruir a muitos que com grande aproveitamento a frequentaõ. Publicou.

Satisfaçaõ apologetica a favor, e em defenſa de hum ponto grammatico da doutrina do inſigne Padre Meſtre o muito Reverendo Conego Manoel de Abrantes impugnado por certo Padre Meſtre deſta Corte de claſſe particular. Lisboa por Mauricio Vicente de Almeyda. 1737. 8.

CLEMENTE LOPES natural da Villa de Torres novas do Arcebiſpado de Lisboa, Presbytero muito ſciente nos preceitos da Poeſia principalmente Comica, de que publicou ſem o ſeu nome.

Auto do Nacimento.

Comedia de Santo Antonio.

Compoz outras muitas obras poeticas que naõ lograraõ o beneficio da luz publica.

CLEMENTE RODRIGUES MONTANHA natural de Villaviçoſa filho de Domingos Pinheiro, e Izabel Rodriguez. Foy Collegial do Collegio da Purificaçaõ de Evora, em cuja Univerſidade recebeo o gráo de Meſtre em Artes, e de Bacharel em Theologia. Atendendo às ſuas grandes letras D. Franciſco Lobo da Sylveira Prior mór do Real Convento de Palmella da Ordem Militar de Saõ-Tiago o admitio a eſta Sagrada Milicia a 13. de Dezẽbro de 1696. Sendo Beneficiado de S. Sebaſtiaõ de Setubal foy eleito Prior da Parochial Igreja de S. Juliaõ da meſma Villa, onde exercitou com grande prudencia, e actividade os lugares de Juiz da Ordem em aquella Comarca, e de Comiſſario do Santo Officio, e da Bulla da Cruſada. Podendo imprimir os Sermoens, que com applauſo prégou em diverſas partes, ſómente publicou o ſeguinte.

Sermaõ nas Exequias delRey D. Pedro II. na Miſericordia da Villa de Setuval em 17. *de Janeiro de* 1707. Lisboa por Valentim da Coſta Deſlandes 1707. 4.

Epigramma Latino em louvor de Lourenço Pirez Carvalho Comiſſario Geral da Bulla da Cruſada. Sahio no principio do 1. Tom. *Quæſt. Selectar.*

CLEMENTE RODRIGUES MONTANHA natural da Villa de Moura em a Provincia de Alentejo filho de Bento Martins Montanha, e Beatriz Vaz, e Sobrinho do precedente. Recebeo o habito militar da Ordem de Saõ-Tiago no Real Convento de Palmella cabeça deſta Sagrada Milicia a 7. de Março de 1712. das maõs do Prior mór D. Jozé Pereira de Lacerda, que depois foy Cardial da Igreja Romana. Sendo em a Univerſidade de Coimbra Collegial do Collegio das Ordens Militares ſe applicou ao eſtudo dos Sagrados Canones em cuja faculdade ſe formou com grande applauſo dos Cathedraticos. Poſſuindo hum Beneficio ſimples na Igreja de S. Tiago de Almada, foy provido em o Priorado da Igreja da Annunciada da Villa de Setubal, onde enche as obrigaçoens de perfeito Parocho. Como todo o ſeu mayor eſtudo foy nos privilegios, e izençoens que gozaõ as Ordens Militares de Portugal, compoz humas Concluſoens divididas em quatro Certames que comprehendiaõ quatrocentas queſtoens nas quaes ſe involvia tudo quanto diſſeraõ os Authores neſta materia, acrecentando com profunda eſpeculaçaõ, e naõ menor engenho novas diſſertaçoens que nunca tinhaõ ſido tratadas, e as publicou com eſte titulo.

Pro primo Togatæ militiæ certamine ſubeundo, litteratæ, & armatæ Palladis Theoremata de Eccleſia Militante ab injuria temporum triumphante, ſeu de Ordinibus Militaribus Luſitanis. Conimbricæ ex Typog. Regal. Art. Colleg. 1720. 4.

COLLEGIO DE COIMBRA DA COMPANHIA DE JESU Primogenito, ou *Primaz*, como o intitula o P. Balthezar Tellez *Chron. da Companh. da Prov. de Portug.* Tom. 1. Liv. 2. cap. 20. de todos quantos tem eſta doutiſſima Familia em o Mundo, foy fundado pela Real magnificencia delRey D. Joaõ o III. Lançoulhe a primeira pedra em 14. de Abril de 1547. o P. Simaõ Rodrigues Fundador deſta Provincia, e Companheiro de Santo Ignacio, que neſte tempo era Meſtre do Principe D. Joaõ ſendo os Religioſos que mais ſe diſtinguiraõ em abrir os aliceſſes para a nova fabrica, D. Gonçalo da Sylveira filho do Conde da Sortelha, D. Rodrigo de Menezes filho do Regedor da Caſa do Civel,

D. Leaõ Henriques filho de D. Joaõ Henriques, Luiz Gonçalves da Camara irmaõ do Conde da Calheta, D. Ignacio de Azevedo irmaõ de D. Jeronymo de Azevedo Vice-Rey da India, e Manoel da Nobrega Sobrinho do Chanceller mór do Reyno. Com o tempo foy crecendo o edificio a taõ larga extenſaõ como era o eſpirito do Real Fundador, aggregandolhe o Collegio das Eſcolas Menores que era da Univerſidade do qual tomou poſſe o Provincial Diogo Miraõ das maõs do Reytor Diogo de Teyve celebre profeſſor de Letras humanas em o primeiro de Outubro de 1555. Foraõ os primeiros Meſtres, que ſubſtituhiraõ aos Seculares o P. Marçal Vaz do primeiro Curſo de Filoſofia; do ſegundo o P. Jorge Serraõ; do 3. o P. Pedro da Fonſeca conhecido pela antonomaſia de *Ariſtoteles Luſitano,* e por ſubſtituto o P. Sebaſtiaõ de Moraes que depois foy Biſpo do Japaõ. Para Meſtres da lingua Latina, e Rhetorica os Padres Cypriano Soares, e Pedro Perpinhaõ, e para Subſtituto das letras humanas o P. Manoel Alvarez Author da Arte da Grammatica. He habitado de duzentos Religioſos para cuja ſuſtentaçaõ tem annexas rendas ſufficientes. Occupaõ vinte, e duas Claſſes as Faculdades que nella ſe dictaõ ſendo onze de Latim, Rhetorica, e Letras humanas; quatro de Filoſofia; e huma da lingua Grega, e Hebraica, cujos eſtipendios paga a Univerſidade. Duas Cadeiras de Theologia Moral por conta do Biſpo de Coimbra. Tres de Theologia Eſpeculativa, e huma da Sagrada Eſcritura para enſinar os domeſticos, as quaes naõ ſaõ publicas como as outras de que ſe fez mençaõ. Para eterna recomendaçaõ de taõ inſigne Collegio, e da profunda ſciencia que nelle ſe profeſſa, ſeja baſtante teſtemunho a obra que publicou com o titulo de *Curſus Conimbricenſis* o qual he exaltado com grandes elogios de graves Eſcritores, como ſaõ o P. Antonio Poſſevino in *Bib. Select.* lib. 1. cap. 5. *Collegium Societatis noſtræ Conimbricenſe in Luſitania Philoſophiæ curriculum noviſſime edidit, qui neſcio, an quidquam vel acriori judicio, vel aptiore dicendi, vel ſinceriori philoſophandi genere unquam ad nos manarit.* Emman. dos Reys Tavar. *de duob. magn. Art. Med. auxil.* pag. 314. *Conimbricenſes communes Magiſtros.* Duart. Madeir. *Nova Philoſ.* 1. Part. diſp. 1. Sect. 3. n. 6. *Omnium fere recentium Philoſophorum Magiſtrum.* Suar. Luſit. in *Præf. Curſ. Philoſ.* ad Lect. *Curſus PP. Conimbricenſium, qui cum eruditionis laude tum miri ſtyli elegantia totius orbis plauſum concitarunt:* o grande Martim Aſpilcueta Navarro na Dedicatoria que lhe fez na Relaçaõ *Sup. Cap. Ita quorumdam de Judæis.* Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. C. n. 13. *Religione, pietate, et doctrina celeberrimum.* D. Nicol. de Santa Mar. *Chron. dos Coneg. Reg.* Liv. 10. cap. 6. n. 11. *O mayor Collegio que tem a Companhia* Maced. *Luſit. Liberat.* Lib. 3. cap. 3. n. 26. *Clariſſimum Collegium. Bib. Societ.* pag. 155. *ut nullum par illi habuerit Societas.* Taxand. in *Cathal. Clar. Hiſp. Script.* Draudius in *Bib. Claſſic.* Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 196. Franco *Imag. do Nov. da Companh. de Coimb.* Tom. 2. pag. 614. Publicou em ſeu nome ſendo obra dos PP. Manoel de Goes, Sebaſtiaõ do Couto, e Balthezar Alvares, como em ſeus lugares ſe verà.

Collegii Conimbricenſis Logica, ſeu in Univerſam Dialecticam. Conimbricæ apud Didàcum Gomes de Loureiro 1606. 4. Eſta he a primeira impreſſaõ, a qual ſahio contra a que ſe tinha publicado em Hamburgo apud Frobenium 1604. com o nome do Collegio de Coimbra ìndigna certamente de tal nome como adverte a *Bib. Societ.* e Franco no lugar aſſima allegado. Depois foy reimpreſſa Lugd. apud Horatium Cardon. 1607. 4. Coloniæ apud Grevenbruch. 1607. 4. e Venetiis apud Andream Baba. 1616. 4.

Curſus Conimbricenſis in Octo libros Phyſicorum. Coloniæ ſumptibus Lazari Retzneri 1599. 4. Lugd. Sumptibus Joannis Baptiſtæ Buyſſen. 1594. 4. & Coloniæ 1596. 4. Lugd. apud Joan. Phillehote. 1602. 4.

Curſus Conimbricenſis in quattuor libros de Cœlo, Metereologicos, et parva naturalia. Coloniæ apud Lazarum Retznerum 1596. & ibi per eumdem. 1599. & ibi. 1631. Venetiis apud Jacobum Vincentium, & Recciardum Amadinum 1606. 4.

Curſus Conimbricenſis in duos libros de Generatione, et Corruptione. Conimbricæ apud Antonium Maris. 1597. 4. & Moguntiæ per Joannem Albinum 1600. 4.

Curſus Conimbricenſis de Anima. Ulyſſipone apud Antonium Mariz. 1598. 4. Coloniæ apud Lazarum Retznerum. 1603. 4. Venetiis apud Jacobum Vincentium. & Recciardum Amadinum. 1606. 4. Lugd. 1627. 4. & Argentorati. 1627. 4.

Curſus Conimbricenſis in Libros Ethicorum. Venetiis apud Junctas. 1593. 4.

Luſitania Coronata ſub felici Sereniſſimi, Augùſtiſſimique Regis Joannis V. regnandi inauguratione duplici ſcilicet corona; una priorum Regum virtutibus, & ſanguine rubeſcenti, altera aſtrorum luminibus interpuncta. Ulyſſipone apud Valentinum da Coſta Deslandes Typ. Reg. 1708. 4. Conſta de varios generos de verſos Latinos.

Concors diſcordia, ſive amicum de gloriæ primatu diſſidium Caſtilionem inter, & Roſtkovam fortunatiſſimas SS. Aloyſii Gonzagæ, & Stanislai Koſtkæ Soc. JES. patrias in eorum apotheoſi triplici comicæ Actionis actu circunſcriptum. Datum publice in Theatro à Rhetoricæ Profeſſoribus in Regal. Artium Collegio Conimbricenſi ejuſdem Societatis. Conimbricæ ex Typ. Reg. Artium Colleg. 1727. 4.

COLLEGIO DE EVORA DA COMPANHIA DE JESUS, cujo tutelar he o Eſpirito Santo, deve a ſua fundaçaõ ao real, e piedoſo animo do Cardial D. Henrique, em o anno de 1551. Abriraõ-ſe as ſuas Eſcolas em 28. de Agoſto de 1553. e em taõ plauſivel acto, orou eloquentemente o P. Pedro Perpinhaõ, tendo por ouvintes ao Real Fundador, e toda a Nobreza de Evora. Conſiderando o Cardial Infante o grande fruto, que faziaõ os novos Meſtres que ſómente liaõ Theologia Moral, e letras humanas, ſe reſolveo a erigir huma Univerſidade, que competiſſe com a de Coimbra, cuja idéa foy fortemente contrariada pela Academia Conimbricenſe, de que era fautor ElRey D. Joaõ o III. até que por morte deſte Principe ſe facilitou o intento do Cardial alcançando da Santidade de Paulo IV. huma Bulla expedida em 18. de Setembro de 1558. pela qual ſe erigio a nova Univerſidade, em que ſe enſinariaõ as Sciencias Sagradas, excepto Direito Civil, e Canonico no foro contencioſo, e Medicina, e ſe graduaſſem nella Bachareis, Licenciados, e Doutores. Os primeiros Meſtres que teve foraõ Pedro Paulo Ferrer, e Fernaõ Peres, diſcipulos do apoſtolico eſpirito do Veneravel Padre Joaõ de Avila, mandados de Caſtella por Saõ Franciſco de Borja à inſtancia do Cardial D. Henrique. A eſtes ſe ſeguiraõ outros famoſos, que floreceraõ nas mayores Sciencias, ſendo os principaes aquelles dous Oraculos de Filoſofia, e Theologia Pedro da Fonſeca, e Luiz de Molina. O numero de Religioſos, que habitaõ eſte Collegio, chega a duzentos, onde ſe lem tres Cadeiras de Theologia Eſcholaſtica, huma da Poſitiva, duas de Moral; quatro de Filoſofia, huma de Mathematica, duas de Rhetorica, duas de Letras Humanas, quatro de Grammatica, e duas para enſinar aos meninos os primeiros rudimentos. O Reytor que tambem he do Collegio, he ſenhor da Villa do Monte Agraço, D. Abbade do Moſteiro de Paſſo de Souſa no Biſpado do Porto, Prior do Moſteiro de Saõ Jorge junto a Coimbra, e Conigo da Sé de Evora. Goza eſta Univerſidade de todos os privilegios, e izençoens que poſſue a de Coimbra, por Alvarà delRey D. Sebaſtiaõ expedido a 4. de Abril de 1562. Fazem memoria illuſtre della *Bib. Societ.* pag. 181. Jacob. Menet. de *Eboræ Municip.* Middendorp. de *Academ.* Lib. 7. Fonſeca *Evor. Glorioſ.* pag. 416. Franco *Imag. da Virtud. em o Nov. de Evor.* Liv. 1. cap. 1. e na Præf. *Annal. S. J. in Luſit.* Barboſ. *Mem. delRey D. Seb.* Part. 1. Liv. 1. cap. 9. Telles *Chron. da Comp. da Prov. de Portug.* Part. 2. Liv. 5. cap. 19. Em remuneraçaõ do exceſſivo affecto com que o Cardial D. Henrique ſe moſtrou profuzamente benefico para eſte Collegio, traduziraõ os ſeus alumnos as Meditaçoens do meſmo Cardial em a lingua Latina, com mais elegancia do que as tinha vertido em o meſmo idioma Fr. Antonio de Sena da Ordem dos Prégadores. Sahiraõ com eſte titulo:

Meditationes, & homiliæ in aliquot myſteria Salvatoris, & in nonnulla Evangelii loca quas ſibi privatim conſcripſit Sereniſſimus, & Reverendiſſimus Cardinalis D. Henricus potentiſſimi, & invictiſſimi Emmanuelis quondam Portugalliæ Regis

filius. Ulyſſipone apud Franciſcum Correa. 1576. 12.

Quando a Sereniſſima Senhora D. Catharina Rainha da Graõ-Bretanha ſe reſtituhio a eſte Reyno em o anno de 1699. celebrou a ſua vinda eſte Collegio com huma magnifica Tragedia da qual publicou o ſeu argumento neſta fórma:

Agilulphus Sereniſſimæ, & Auguſtiſſimæ Magnæ Britaniæ extractus Dramatis Tragicomici ab Academia Eborenſi in Collegio S. J. Eboræ Ex typog. Academiæ. 1699. 4.

COLLEGIO DE LISBOA DA COMPANHIA DE JESUS, intitulado de Santo Antaõ, teve o ſeu principio no Convento que foy dos Religioſos deſte Santo, ſituado na raiz do monte do Caſtello deſta Cidade, o qual agora he habitado pelos Erimitas de Santo Agoſtinho. Entrou neſta Caza com titulo de Reſidencia o P. Simaõ Rodrigues a 5. de Janeiro de 1542. com os Padres Gonçalo de Medeiros, e Bernardino Eſcalceato. Paſſados dez annos, conhecendo Santo Ignacio o fruto que prometia em obſequio dos proximos eſta nova habitação a nomeou Collegio, aſſinando-lhe por primeiro Reytor ao Veneravel P. Ignacio de Azevedo, mais illuſtre, pelo ſangue derramado por Chriſto, que pelo que herdou de ſeus nobres Progenitores. Abriraõ-ſe as Eſcolas, em o primeiro de Outubro de 1552. que foraõ as primeiras que teve a Companhia neſte Reyno, ſendo Meſtre de Rhetorica o P. Cypriano Soares, perito nas linguas Latina, e Grega; de Humanidades o P. Joaõ Perpinhaõ, orador eloquentiſſimo; de Gramatica o P. Manoel Alvares, cuja Arte he a Meſtra univerſal em diverſos Reynos; de Theologia Moral o P. Franciſco Rodrigues, que tambem explicava a Eſfera por ſer muito verſado em as diſciplinas Mathematicas. A grande inclinaçaõ, que o Cardial D. Henrique tinha aos Padres Jeſuitas, o eſtimulou a fundar-lhe Collegio em Lisboa, depois de lhe ter fundado a Univerſidade em Evora, e julgando o lugar em que aſſiſtiaõ, ſer limitado para a fabrica que ideava, ſe elegeo o ſitio em que hoje exiſte, aſſinando-lhe para ſuſtentaçaõ dos ſeus moradores por Bulla de Saõ Pio V. paſſada a 18. de Janeiro de 1567. naõ ſómente o rendimento da Igreja de Noſſa Senhora da Serra da Enxara do Biſpo, e da Terça da Collegiada de Ourem ſeparada da Meza Archiepiſcopal, mas alcançou de ſeu Sobrinho o Sereniſſimo Rey D. Sebaſtiaõ, por Alvará dado a 10. de Janeiro de 1574. pagarem aquelles que deſpachaſſem na Caza da India de cada quintal de pimenta cincoenta reis, e de cada quintal de canela, cravo, gengivre, Maſſa, Noz moſcada, Anil, e Lacre cem reis para rendimento do novo Collegio. Vencidas muitas controverſias ſe deo principio ao Collegio a 11. de Março de 1579. para o qual ſe fez mudança do antigo a 8. de Novembro de 1593. He dos mageſtoſos edificios que ennobrecem eſta Corte, cujo Templo he dos mais magnificos que nella ſe admiraõ, de que foy fundadora a generoſa piedade da Condeça de Linhares D. Filippa de Sà, filha de Mendo de Sà, Terceiro Governador do Eſtado do Brazil, ao qual ſe lançou a primeira pedra em o primeiro de Janeiro de 1613. As Claſſes que tem, ſaõ cinco de Gramatica, duas de Rhetorica, duas de Humanidades, duas de Filoſofia, huma de Mathematica, duas de Theologia Eſpeculativa, e huma de Moral. Publicou.

Tergemina Auſtriacæ Aquilæ corona, ſive Sanctus Leopoldus Auſtriacus Cupidinis, Hoſtium, & ſui ter victor. Triplici comicæ actionis actu proclamatus in plauſu nuptiali Auguſtiſſimarum Majeſtatum Joannis V. Portugalliæ, ac Algarbiorum Regis, & Marianæ Auſtriacæ Leopoldi magni filiæ. Ulyſſipone apud Valentinum à Coſta Deſlandes. 1709. 4.

Regia Epirotarum Principis gemma, in qua novem Muſæ, & Apollo cytharam tenens ſpectabantur non artis ſed naturæ induſtria ita diſcurrentibus maculis, ut ſingula Muſarum Officia per inſignia diſcriminarent, ſive præcellentiſſima Gemmarum gemma, qua cœlum donavit, ac ditavit D. D. Joſephum Sereniſſimum Braſiliæ Principem, id eſt D. D. Maria Anna Victoria Sereniſſimo Luſitanorum Principi in matrimonium cælo auſpice tradita, cujus obſequio Ulyſſiponenſis Collegii D. Antonii Magni S. J. ſuum ſingulæ munus Muſæ attemperant. O. V. C. Ulyſſipone apud Joſephum

Antonium da Sylva Regiæ Academiæ. Typ. 1729. 8.

Luſitaniæ augmentum victoria coronatum Triplici Dramaticæ actionis actu circumſcriptum in plauſu nuptiali Sereniſſimorum Principum D. D. Joſephi Braſiliæ Principis, & D. D. Mariæ Annæ Victoriæ Catholici Regis Philippi V. filiæ conflatum in debiti obſequii Officina PP. Ulyſſiponenſis Collegii D. Antonii Magni S. J. Ulyſſipone per eumdem Typ. 1729. 4.

P. CONSTANTINO BARRETO natural da Villa de Cantanhede na Provincia da Beira do Biſpado de Coimbra, filho de Thomé Franciſco Xiſto, e de Maria Rodrigues, e irmaõ naõ ſómente pela natureza, mas pelo Inſtituto Religioſo do P. Gregorio Barreto, de quem faremos mençaõ em ſeu lugar. Na tenra idade de 16. annos entrou em a Companhia de JESUS a 18. de Abril de 1691. onde depois de eſtudar Filoſofia, e Theologia, leu Humanidades em o Collegio de Coimbra. Foy mandado a Roma para ſer Penitenciero na Baſilica de Saõ Pedro, donde voltando foy Reytor do Collegio de Setubal. Compoz.

Exercicios eſpirituaes do maravilhoſo Patriarcha Santo Ignacio de Loyola, reduzidos a huma ſó ſemana, e acomodados a toda a ſorte de peſſoas, particularmente Religioſas. Lisboa na Officina da Muſica. 1726. 8.

D. CONSTANTINO DE SA', E NORONHA. Naceo em Lisboa, em o anno de 1586. para immortal credito aſſim da Patria que lhe deo o berço, como da Illuſtre Caza de que deſcendia. Por morte de ſeu Pay Martim Lourenço de Sá, e Menezes celebre Fronteiro em a Praça de Ceuta, que intempeſtivamente morreo na florente idade de trinta annos, foy educado por ſeu Avo Franciſco de Sá de Menezes, cujo nome ſerá ſempre reſpeitado pelas heroicas façanhas, que obrou no Oriente, e com a inſtrucçaõ de taõ grande Cavalhero, ſahio diſciplinado em aquellas artes dignas do ſeu nacimento. Depois de ſe applicar ao eſtudo da lingua Latina, e Humanidades, no Collegio de Santo Antaõ dos Padres Jeſuitas, levado do genio que tinha para as Armas, deixou as Letras, ſendo o ſeu mayor diſvelo deſprezar a fazenda, para conſeguir a honra. Quando contava 18. annos ſe deſpozou com D. Luiza da Sylva, filha de Duarte de Mello da Sylva ſexto Senhor de Povolide, e Caſtroverde, e de D. Margarida de Mendonça, filha de D. Duarte da Coſta Armeiro mór do Reyno, e preferindo com huma heroica reſoluçaõ os perigos da guerra às delicias do thalamo, ſe embarcou em o primeiro anno de cazado em huma Armada, onde contrahio huma grave infermidade, que o teve quazi tres annos inhabil para os exercicios militares, que felizmente proſeguio em a Praça de Mazagaõ, quando a governava Henrique Correa da Sylva, deixando nella do ſeu valor aſſinalados argumentos. Chegado o mez de Março de 1614. ſe reſolveo a ennobrecer a Aſia com as ſuas açoens, aſſim como tinha illuſtrado a Africa, e partindo na Almiranta de que era Capitaõ Paulo Rangel de Caſtellobranco, com outros Fidalgos, naõ podendo ferrar Goa, chegou à Ilha de Mombaça, e della arribou a Cidade de Magadaxó ſituada na Coſta da Etiopia, donde depois de ter diſpendido em ſoccorro dos Soldados tudo quanto levava, entrou em Goa no anno de 1615. em que era Vice-Rey do Eſtado, D. Jeronymo de Azevedo. Neſte emporio do Oriente ſenaõ deixou inficionar com os vicios, que licencioſamente nelle dominavaõ, fugindo com cautela daquellas occaſioens, em que podia perigar a continencia, e conciliando com a ſua natural benevolencia, e profuza liberalidade os coraçoens de todos. Depois de concluir felizmente varias expediçoens navaes, foy nomeado Capitaõ General da Coſta de Comorim, reduzindo a obediencia do Eſtado a elRey de Porcá, que havia quatorze annos que delle ſe rebellara, entregandolhe eſte Princepe em final da ſua reconciliaçaõ dous Parós, que ſe tinhaõ amparado nos ſeus portos. Succedendo no Vice-Reynado da India a D. Jeronymo de Azevedo, o Conde de Redondo D. Franciſco Coutinho, a primeira açaõ que obrou, foy nomeallo Governador, e Capitaõ General da Ilha de Ceylaõ, para que com a ſua prudencia, e valor a defendeſ-

ſe de todos os Potentados da Aſia, que ambicioſamente pertendiaõ ſenhorealla. Neſte governo manifeſtou os inſignes dotes de que era ornado o ſeu eſpirito, inveſtigando com prudente aſtucia a potencia dos ſeus confinantes, deſtruindo ao infiel Madune, com morte de outo mil Chingalás, e levantando as Fortalezas de Sufragan em o Reyno das ſette Corlas, e a de Gale para conſervaçaõ da Ilha que governava. Naõ foraõ menos glorioſas as proezas que obrou em Jafanapataõ, derrotando por duas vezes ao tyranno Chingali, colligado com o Nayque de Tangaor, e deſcercando a Fortaleza de Manar, e para que ao meſmo tempo extendeſſe o Imperio de Chriſto, com o do Eſtado, erigio mais de quarenta Templos, cuja adminiſtraçaõ commetteo aos Religioſos de Saõ Franciſco, e da Companhia de JESUS, os quaes com apoſtolico zelo, agregaraõ mais de cem mil almas ao gremio da Igreja. Sendo reſtituido em o anno de 1623. pelo Vice-Rey D. Franciſco da Gama, Conde da Vidigueira, ao Governo da Ilha de Ceilaõ, de que injuſtamente o privara Fernando de Albuquerque, foy nelle recebido com publicas acclamaçoens. Para reprimir a potencia delRey de Candea fundou huma Fortaleza em o Reyno de Triquilimale, ſobre as cinzas de hum famoſo Pagode, muito venerado pela ſuperſtiçaõ dos barbaros; fortificou a de Gale; erigio outra na Ilha de Cardiva, e reparou a de Columbo. Perſuadido de que a comunicaçaõ dos Mouros inficionava aos naturaes de Ceylaõ, os expulſou no anno de 1626. extirpando taõ perniciosa zizania que impedia fructificar as novas plantas do Chriſtianiſmo, por cuja acçaõ mereceo eternos applauſos o ſeu catholico zelo. Havendo por diverſas vezes triumfado das cavillaçoens delRey de Candea, receando eſte barbaro, que o ſeu Reyno foſſe deſpojo das armas Portuguezas, lhe pedio com aſtuta diſſimulaçaõ pazes, em quanto maquinava huma conjuraçaõ contra D. Conſtantino, a qual teve fatal effeito, quando reſoluto eſte grande Heroe entrou armado em Columbo, para extinguir a memoria de inimigo taõ perfido, como orgulhoſo. Travou-ſe o conflito defronte da Cidade de Rutilè, e ainda que os inimigos eraõ em numero muito ſuperiores aos noſſos, certamente ſeriaõ deſtroçados, ſenaõ foſſem ſoccorridos pelos Chingalás, que perfidamente ſe rebellaraõ contra os Portuguezes, cujas bandeiras até aquelle inſtante ſeguiaõ. Vendo o noſſo General, que era infallivel a derrota inflamado com eſpiritos novos ſe reſolveo acabar glorioſamente entre os ſeus Soldados, e abrindo com a eſpada caminho para a immortalidade, depois de ter mortos ſeſſenta barbaros, ſendo atraveſſado com duas balas pelo peito, e com huma ſetta pela teſta voou a coroarſe no celeſtial Capitolio a 20. de Agoſto de 1630. quando contava a varonil idade de quarenta e quatro annos. Foy univerſalmente lamentado o tragico fim deſte inſigne Heróe, digno de immortal fama pelas virtudes moraes, e politicas, que exercitou em todo o tempo do ſeu governo, as quaes elegantemente deſcreveo ſeu filho Joaõ Rodrigues de Sá, e Menezes, em o Livro que compoz, intitulado *Rebelion de Ceylan, y los progreſſos de ſu Conquiſta*, do qual tranſcreveremos eſtas palavras para que lhe ſirvaõ de honorifico epitafio às ſuas cinzas. *Era muy Chriſtiano, verdadero, liberal, facil, apazible, diſcreto, prudente, limpio, ſin interes, ni codicia, ambicioſo ſolo de ſu honra, y ſobre todo de ſumma bondad, y muy zeloſo del augmento de la Religion, y del ſervicio delRey en que hizo finezas pouco acoſtumbradas de otros ſuditos; añadiale reſpeto, autoridad, y eſtimacion de grande ornamento a los dotes del animo la gallarda diſpoſicion del talle, y forma conveniente del cuerpo, la eſtatura grande, y robuſta, ſenblante alegre, y varonil, fortaleza natural, y de muchas fuerças, y de ſalud entera... Varon ſin duda grande, y comparable alos mayores, que celebran nueſtras hiſtorias del Aſia igualando en la diſciplina, y virtud militar a todos, excedio a muchos en la conſtancia, valor, y prudencia con que ſe portò en la paz, y en la guerra ſuſtentando la reputacion Portugueza quando màs caida eſtava*, &c. Deſte Heróe faz mençaõ D. Luiz de Salazar, e Caſtr. *Hiſt. da Caz. de Sylva.* Part. 2. Liv. 12. cap. 23. Eſcreveo.

Deſcripçaõ dos Rios, Plantas, Portos do mar, e fórma da Fortificaçaõ da Ilha

de Ceilaõ enviada a Portugal em o anno de 1624. *com as Fortalezas excellentemente delineadas.* M. S. 4. Conſerva-ſe na Bibliotheca delRey Catolico, como affirma o moderno addicionador da *Bib. Orient.* de Ant. de Leaõ Tom. 1. Tit. 14. col. 479.

Fr. CONSTANTINO DE SAMPAYO natural do lugar de Freches no termo da Villa de Trancoſo. Foy admitido à Monaſtica Congregaçaõ de Ciſter no Convento de Santa Maria de Salcedas, a qual illuſtrou como Meſtre, e como Prélado. Depois de receber o gráo de Doutor em a Univerſidade de Coimbra, e ſer Definidor da Ordem, e Secretario do Geral Fr. Lourenço Botelho, foy eleito Abbade do Convento do Deſterro em o anno de 1660. donde ſubio a Geral de toda a Congregaçaõ em o anno de 1669. deixando eternizada a memoria do ſeu governo no ſumptuoſo Santuario que para depoſito das inſignes Reliquias que ſe conſervaõ em o Real Convento de Alcobaça, mandou edificar, em cuja obra compete a precioſidade da materia com o primor da architectura. Sendo nomeado Arcebiſpo da Bahia, onde era Chanceller da Relaçaõ ſeu ſobrinho Sebaſtiaõ Cardoſo, naõ chegou a Sagrarſe impedido pela morte que o privou intempeſtivamente da vida em o Convento do Deſterro a 9. de Março de 1675. Compoz.

Relaçaõ das Reliquias que ſe conſervaõ no Santuario deſte Real Convento de Alcobaça. M. S. fol. a qual ſe guarda em o meſmo Convento.

COSME BAENA FERREYRA natural de Evora em cuja Cathedral foy moço do Coro, e hum dos famoſos profeſſores da Muſica do ſeu tempo de que deu manifeſtos argumentos quando foy Meſtre da Sé de Coimbra, e Prior de S. Joaõ de Almedina na meſma Cidade. Compoz.

Enchiridion Miſſarum, & Veſperarum.

Officium Hebdomadæ Sanctæ.

Reſponſorios do Officio de Defuntos a 4. vozes. *M. S.*

COSME DELGADO natural da Villa do Cartaxo do Arcebiſpado de Lisboa Bacharel na Cathedral de Evora onde por muitos annos exercitou o lugar de Meſtre da Capella por ſer inſigne Profeſſor de Muſica, e hum dos mais celebres Cantores de Eſtante, naõ ſómente pela deſtreza com que cantava, mas pela ſuavidade da vóz que conſervou até a ultima idade. Deixou no ſeu Teſtamento por legado ao Convento do Eſpinheiro de Religioſos de S. Jeronymo as ſuas Obras de Muſica, que conſtavaõ de Miſſas, Motetes, e Lamentaçoens, as quaes vio o Licenciado Franciſco Galvaõ Maldonado, como affirma nas Memorias, que juntava para a Bibliotheca Portugueza. Entre eſtas obras eſtava a ſeguinte.

Manual da Muſica dividido em tres Partes dirigido ao muito alto, e eſclarecido Princepe Cardeal Alberto Archiduque de Auſtria Regente deſtes Reynos de Portugal. Começa. *Os Gregos que nos deixaraõ a Muſica.* Acaba. *Vive, e reyna para ſempre. Amen.*

Fr. COSME DO ESPIRITO SANTO Religioſo da Serafica Provincia de Santo Antonio do Braſil onde pela integridade dos coſtumes, foy duas vezes Miniſtro Provincial igualmente amante do progreſſo dos eſtudioſos, como compaſſivo das moleſtias dos infermos. Falleceo no Convento de Santo Antonio de Peraguaſſú em 15. de Junho de 1722. Compoz.

Eſtatutos da Provincia de Santo Antonio do Braſil tirados de varios Eſtatutos da Ordem, acrecentando nelles o mais util, e neceſſario á reforma deſta Provincia. Lisboa por Jozé Lopes Ferreira 1717. fol.

COSME FERREYRA DE BRUM Cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto naceo em Lisboa a 17. de Março de 1608. e foraõ ſeus Progenitores Antonio Ferreira de Brum, cuja aſcendencia he de Inglaterra, e muito nobre, e D. Mecia de Fontes. Deſde a puericia começou à applicarſe à liçaõ dos livros com taõ continuado eſtudo, que quando chegou à idade varonil eſtava perfeitamente inſtruido na Hiſtoria Sagrada, e profana, letras humanas, e Genealogia. Sendo dotado de grande ſinceridade tolerou conſtantemente varias injurias fabricadas pela malevolencia de ſeus emulos. Foy cazado com D. Joanna de Azevedo Pereira, filha de Joaõ de Azevedo Pereira

fidalgo da Caza Real, e de ſua ſegunda mulher D. Izabel de Oliveira. A grande vaſtidaõ dos ſeus eſtudos ſe conhece da variedade das obras, que deixou eſcritas certamente dignas da luz publica, as quaes ſaõ as ſeguintes.

Cathalogo dos Reys de Portugal com as ſuas aſcendencias, e deſcendencias maſculinas, e outras muitas curioſidades. Dedicado a ElRey D. Affonſo VI. onde moſtrava como eſte Monarcha era o Encuberto, de que fallavaõ os Vaticinios.

Como o nome de Joaõ he propicio a Portugal, e fatal a Caſtella. Dedicado ao meſmo Principe.

Relaçaõ Summaria da exemplar vida, e illuſtre aſcendencia de Fernaõ Tellez de Menezes Conde de Unhaõ. Compoz eſte papel para ſervir de noticias para o Sermaõ que nas honras funeraes deſte Cavalhero, fez em Santarem o ſeu afilhado o grande P. Antonio Vieyra.

Aſcendencias da Caſa de Unhaõ. Dedicado a Ruy Telles de Menezes ſegundo Conde deſta Caſa.

Familias de Portugal com outras muitas de outros Reynos illuſtrados com diverſas, e curioſas noticias dignas de memoria colhidas de diverſos livros de Eſpanha, e divididas por ordem Alfabetica. M. S.

Relaçoens annuaes, e diarias de tudo o que ſucedeo neſte Reyno, e os de Europa deſde o anno de 1640. até o ſeu tempo.

Relaçoens de tudo o que achou digno de ſe notar em todas as jornadas, que fez com as noticias das terras por onde paſſou.

Annaes de Portugal em que ſe eſcrevem os ſucceſſos dignos de memoria aſſim deſte Reyno, como de ſuas Conquiſtas deſde o anno de 1495. em que começou a Reynar ElRey D. Manoel atè o prezente.

Noticias de todas as Cidades, e Villas deſte Reyno com todas ſuas particularidades dignas de ſaberſe.

Aſcendencias, e deſcendencias da Familia dos Brums. Dedicado a ſeu Sobrinho Manoel de Brum, e Frias Senhor do morgado, e Caza dos Bruns, Padroeiro do Convento de Santo André, e S. Joaõ Evangeliſta da Cidade de Ponte Delgada, e Capitaõ mór da Villa da Ribeira Grande na Ilha de S. Miguel.

Job Luſitano. Epitome da ſua vida em que trata principalmente das perſeguiçoens que padeceo.

Elogio do celebre Dezembargador Thomé Pinheiro da Veyga.

Fez os argumentos em Outava Rima à *Eneida Portugueza* compoſta por Joaõ Franco Barreto, e os Sonetos que nella vaõ em ſeu nome, ſendo unicamente o que ſe imprimio deſte Author, do qual ſe lembra o P. D. Antonio Caetano de Souſa no *Apparat. à Hiſt. Gen. da Caſ. Real Portug.* pag. 57. §. 34.

D. COSME DE FREYTAS. Teve por patria a illuſtre Cidade de Coimbra, e por Pays a Joaõ de Freytas, e Eſtefania de Moraes tambem illuſtres. Recebeo o habito Canonico de Santo Agoſtinho no Real Convento de Santa Cruz em o anno de 1550. quando era Prior Geral deſta florente Congregaçaõ D. Filippe Pegado. Foy muito ſciente na intelligencia das linguas Latina, Grega, e Hebraica, como verſado nas eſpeculaçoens da Filoſofia, e Theologia que por muitos annos dictou aos ſeus domeſticos. Mereceo a primazia entre os Poetas Latinos do ſeu tempo, ou foſſe pela elegancia do metro, ou pela agudeza do conceito. Sempre procedeu com exemplar procedimento até que falleceo piamente em Coimbra a 11. de Dezembro de 1610. Deixou compoſto em verſo heroico.

Infelix bellum Regis Sebaſtiani. M. S.

Vitæ Regum Luſitanorum. M. S.

Varia Dyſticha in laudem Sanctorum Ordinis Canonici. M. S.

Reduzio a metro Latino a *Arte de Grãmatica* do P. D. Maximo de Souſa Conego Regular. De todas eſtas Obras faz diſtincta memoria D. Nicoláo de Santa Maria na *Chron. dos Coneg. Reg.* Liv. 10. cap. 29. n. 15. e no Liv. 8. cap. 4. n. 10. e 11. tranſcreve dous Epigrammas Latinos em que ſe conhece claramente a valentia da ſua Muſa ſaõ dedicados à memoria do famoſo Cavalleiro D. Henrique que ajudou com a ſua eſpada ao noſſo primeiro Rey a conquiſtar Lisboa do poder Mauritano, onde felizmente acabou, e dos outros Portuguezes que morreraõ em taõ Sagrada empreza.

COSME DA GUARDA natural de Murmugaõ. Publicou com eſte affectado nome.

Vida, e acçoens do famoſo, e feliciſſimo Sevagy da India Oriental. Lisboa na Officina da Muſica 1730. 8.

COSME LAFETA' Aſſiſtindo muitos annos em o Oriente como foſſe dotado de baſtante comprehenſaõ eſcreveo no anno de 1605.

Informaçaõ do Eſtado da India. M. S. Conſerva-ſe na Livraria do Excellentiſſimo Marquez de Gouvea.

P. COSME DE MAGALHAENS. Naceo em o anno de 1551. na auguſta Cidade de Braga, onde teve por Pays a Joaõ de Magalhaens, e Anna de Barros taõ nobres em o ſangue como na piedade os quaes o educaraõ com taõ virtuoſos documentos que na tenra idade de dezeſeis annos deixou o mundo, e ſe recolheo na Sagrada Companhia de JESUS recebendo a Roupeta em o Collegio de Coimbra a 6. de Julho de 1567. Admiravel foy a comprehenſaõ com que velozmente ſe adiantou nas eſcolas a todos os ſeus condiſcipulos merecendo ſer entre elles Meſtre antes de ſubir à Cadeira. Depois de ler Rhetorica, e Theologia Moral pelo eſpaço de dez annos dictou Eſcritura no Collegio de Coimbra com univerſal applauſo de toda a Univerſidade, valendo-ſe das luzes dos Santos Padres em que era ſummamente verſado para penetrar o myſterioſo Chaos dos Vaticinios dos Profetas, dos quaes revelou grande parte com ſublime profundidade, e ſolida ſubtileza. Falleceo em Coimbra a 9. de Outubro de 1624. quando contava 73. annos de idade, e 59. de Religiaõ. Alegambe in *Bib. Societ.* pag. 61. o intitula *Vir non virtute minùs, quàm doctrina clarus.* Girardi *Diario.* Part. 3. a 6. de Giuglio. *Huomo illuſtre per molti libri ſtampati.* Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Luſit. Litter.* lit. C. n. 24. *Vir fuit non humanioribus dũtaxat diſciplinis inſigniter inſtructus* Marrac. *Bib. Mar.* Part. 1. p. 306. Petr. Angel. Sper. *de Profeſſorib. Gramat.* lib. 4. pag. 491. Joan. Hallevord. *Bib. Claſſic.* pag. 56. col. 1. Jacob. Lelong. *Bib. Sacr.* pag. mihi 840. col. 1. Draudius *Bib. Claſſic.* D. Franciſc. Manoel na Carta dos *AA. Portug.* eſcrita ao Doutor Manoel Themudo da Fonſeca. Franco *Imag. da Virt. no Colleg. de Coimb.* Tom. 2. pag. 615. e no *Ann. glorioſ. S. J. in Luſit.* pag. 582. *vixit moribus inculpatis* & in *Synopſ. Annal. S. J. in Luſit.* pag. 240. n. 8. *Non minùs litteris quam Religioſis moribus excellebat.* Pet. Alv. de Aſtorg. in *Milit. Concep.* Compoz.

Commentarium in Canticum primum Moyſis. Lugduni apud Horatium Cardon. 1609. 4.

Operis Hierarchici, ſive de Eccleſiaſtico Principatu libri tres, in quibus epiſtolæ tres B. Pauli Apoſtoli, nempe duæ ad Timotheum, & prima ad Titum commentarijs explicantur. Lugduni apud eumdem Typog. 1609. 4. 2. Tom.

Commentaria in Sacram Joſue Hiſtoriam. Turnoni ſumptibus Horatii Cardon 1612. fol. 2. Tom.

Commentariorum in Moyſis Cantica, & Benedictiones Patriarcharum libri quattuor Lugduni ſumptibus Cardon 1619. fol.

Explanationes, & annotationes morales in Sacram Judicum Hiſtoriam. Lugduni Sumptibus Jacob. Cardon, & Petri Cavillat 1626. fol.

Obras *M. S.*

Primatus Hiſpaniæ de quo litigatum eſt tempore Concilii Lateranenſis ſub Eugenio III. *& poſtea ſub Honorio* III. 4. He dedicada eſta obra ao Arcebiſpo de Braga D. Fr. Agoſtinho de Caſtro. No fim tem varios Epigrammas em louvor da Cidade de Braga ſua patria, e de ſeus Prélados, e antiguidade, cujo Original ſe conſervava na Bibliotheca do Cardial de Souſa como eſcreve Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 519. col. 1. no Comment. de 3. de Junho, e lhe chama *Hiſtoria de Braga.* Deſta meſma obra faz repetida memoria o Illuſtriſſimo Cunha na *Hiſt. Eccleſ. de Brag.* Part. 1. cap. 22. n. 3. e cap. 39. n. 14. e Part. 2. cap. 35. n. 6. e cap. 40. num. 1. o P. Ant. de Maced. *Luſit. Infulat.* pag. 58. e Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 2. pag. 286. col. 2. Deſta obra tinha huma Copia eſcrita, em Coimbra anno de 1618. ſeis annos antes da morte do Author o P. D. Manoel Caetano de Souſa como affirma in *Expedit. Hiſpan. S. Jacobi* Tom. 2. pag. 1310. n. 328.

Sylva dos Authores Selectos para inſtrucçaõ dos Eſtudantes.

Catheciſmo Japones 2. Tom.

In Ariſtotelis Problemata.

Explanatio Panegyrica in Cap. 12. *Apocalypſ. Signum magnum apparuit in Cœlo.*

Dous Diſcurſos da Conceiçaõ de N. Senhora.

De Homicidio.

De Suſpenſione, & interdicto.

Eſtes dous Tratados Theologicos ſe conſervaõ no Collegio de Evora.

Fr. COSME DA PRESENTAÇAM natural de Lisboa, filho de Fernaõ Alvares de Andrade, e de Izabel de Payva irmaõ daquelle exemplar da paciencia Chriſtãa o Veneravel Fr. Thomé de JESUS, e daquelle Oraculo da Theologia Eſcolaſtica Diogo de Payva de Andrade dos quaes ſe fará illuſtre memoria em ſeus lugares. Na idade juvenil recebeo o habito de Eremita Auguſtiniano no Convento da ſua patria onde mereceo graves eſtimaçoens pela nobreza do nacimento viveza do engenho, modeſtia do ſemblante, affabilidade do genio, erudiçaõ das letras Sagradas, e profanas, e talento ſublime para o pulpito. Todos eſtes grandes dotes que ſe admiravaõ unidos na ſua peſſoa moveraõ ao Geral da Ordem Fr. Chriſtovaõ Patavino para que o chamaſſe a Roma onde o nomeou companheiro de Fr. Agoſtinho de Caſtro, que depois ſubio à Cadeira Primacial de Braga o qual fora eleito por ordem de Gregorio XIII. para reformar os Convẽtos de Alemanha, que eſtavaõ ſummamente relaxados. Obedeceu prompto ao preceito do Geral, e antes de entrar em Alemanha adoeceo taõ gravemente em Bolonha, que em breves dias acabou a vida a 15. de Junho de 1580. quando contava a florente idade de 36. annos. Fazem delle memoria Elſſio *Encom. Auguſt.* pag. 157. Camargo *Epit. Hiſtor.* fol. 313. Herrer. *Alphab. Auguſt.* letr. C. Fr. And. de S. Nicol. *Hiſt. delos Agoſt. Deſcalços. Introd. Proem.* cap. 8. Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 694. e no Comment. de 15. de Junho letr. D. e no Comment. de 17. de Abril letr. D. Traduzio de Portuguez em Latim por Ordem do Cardial D. Henrique.

Sermoens de Diogo de Payva de Andrade, de cujo trabalho eſcreve Fr. Manoel da Conceiçaõ Eremita de Santo Agoſtinho no Prologo impreſſo deſtes Sermoens de ſeu tio as ſeguintes palavras. *Começou o Padre Fr. Coſme a treſladaçaõ com Latim muito excellente, e taõ acomodada ao eſtilo portuguez do proprio Author que quem lho conhecia pelo Latim entendia ſer prégaçaõ ſua. Tendo traduzido algumas Prégaçoens foy chamado a Roma* &c.

Tratado ſobre os Myſterios do Roſario. Deſta obra faz mençaõ Joaõ Franco Barreto na *Bib. Luſit.* M. S.

Queſtoens Economicas que ſe naõ imprimiraõ por morrer o Author.

Fr. COSME DE TORRES natural da Villa de Torres Vedras do Patriarchado de Lisboa, Monge Ciſtercienſe, e morador no Real Convento de Alcobaça onde ſe conſerva a obra ſeguinte.

Sermoens de Tempore M. S. fol.

CRISPIM DE ANDRADE natural de Lisboa Capellaõ da Capella Real, e depois ſubchantre da Cathedral de Lisboa que muitos annos exercitou por ſer muito ſciente no Canto chaõ, e ter a voz igualmente profunda, que ſonora. Pella grande devoçaõ que tinha ao Principe da Milicia Angelica traduzio de Latim do P. Fr. Antonio Freyre Religioſo Trino em Portuguez.

Officio particular em louvor do Principe dos Anjos o glorioſo Archanjo S. Miguel. Lisboa por Fillippe de Souſa Villela 1701. 24.

Fr. CRISPIM DE OLIVEYRA natural da Villa de Azeitaõ do Patriarchado de Lisboa filho de Joaõ de Oliveira, e Maria Gomes. No Convento patrio recebeo o habito da illuſtre Ordem dos Prégadores a 6. de Novembro de 1695. onde fez tantos progreſſos nas ſciencias eſcolaſticas, que naõ ſómente as dictou aos ſeus domeſticos, mas mereceo jubilar nellas com grande credito do ſeu talento. He Qualificador do Santo Officio, e Prégador do Sereniſſimo Senhor Infante D. Franciſco. Sendo Prior do Convento de Evora prégou, e imprimio.

Sermaõ de S. Luiz Gonzaga prégado no 3. *dia do Outavario que celebraraõ os Religioſos da Companhia de JESUS no ſeu Collegio, e Univerſidade de Evora na Canonizaçaõ de S. Luiz Gonzaga, e Santo Eſ-*

tanislao Koſcka. Evora na Officina da Univerſidade 1730. 4.

Fr. CUSTODIO DE ARGANIL cujo appellido denota a patria onde naceo ſituada na Provincia da Beyra no Biſpado de Coimbra, de que ſaõ Condes os ſeus Biſpos. Foy Monge de Ciſter, e muito douto na lingua Grega, como claramente ſe colhe da obra ſeguinte, que ſe conſerva em o Real Convento de Alcobaça.

Geſta Barlaam, et Joſaphat à Joanne Damaſceno è Græco translata. fol.

Smaragdus Abbas in librum qui vocatur Diadema *M. S.* fol.

Fr. CUSTODIO LOBO Ulyſſiponenſe filho de Domingos Vicente, e Antonia Gonçalves. Ainda contava poucos annos quando foy admitido à Religiaõ da Santiſſima Trindade recebendo o habito no Convento de Lisboa a 14. de Abril de 1588. Os ſeus virtuoſos coſtumes o habilitaraõ para exercitar os lugares mais honorificos da Ordem, ſendo Meſtre dos Noviços, aos quaes inſtruyo com os preceitos da lingua Latina, em que era eminente, Miniſtro dos Conventos da Louza, e Lagos, Definidor, e Viſitador Geral da Ordem, e Preſidente do Capitulo por ſer o Decano de toda a Provincia. Foy Examinador das Tres Ordens Militares, e Deputado da Bulla da Cruſada. Como era muito douto na Mathematica, e Aſtrologia compoz varios Lunarios que foraõ impreſſos ſem o ſeu nome, ſendo a principal obra deſte genero a ſeguinte.

Compendium Aſtrologiæ, in quo omnia, quæ neceſſaria ſunt tam ad conſtituendum, quàm ad judicandum quodcumque Thema cæleſte facillime inveniuntur explicata. M. S. 4. Conſerva-ſe na Bibliotheca do Excellentiſſimo Marquez de Gouvea Mordomo Mór da Caza Real.

Morreo em o Convento de Lisboa a 2. de Fevereiro de 1654.

Fr. CUSTODIO DO ROSARIO Monge Ciſtercienſe, e profeſſo no Real Convento de Santa Maria de Alcobaça Cabeça deſta illuſtriſſima Congregaçaõ neſte Reyno. Foy muito applicado ao eſtudo da Hiſtoria Sagrada, e profana eſcrevendo em o anno de 1500.

Noticias varias. M. S. fol.

Cuja obra ſe conſerva no Cartorio do Convento de S. Franciſco deſta Cidade de Lisboa, como certifica o P. Fr. Manoel de S. Damaſo Religioſo do meſmo Convento, e Academico da Academia Real no ſeu livro intitulado *Verdade Elucidada, e falſidade convencida.* pag. 207. na Margem.

D

S. DAMASO primeiro em o nome, e trigeſſimo outavo na Serie dos Pontifices Romanos teve por berço a Villa de Guimaraens ſituada em a Provincia de Entre Douro, e Minho alcançando pela producçaõ de taõ grande filho o illuſtre tymbre de preferir às mais famoſas Cidades do mundo. No primeiro crepuſculo da idade brilhou com tal intenſaõ a viveza do ſeu engenho animado por hum eſpirito capaz de emprezas heroicas, que perſuadido ſeu Pay Antonio ſer a patria limitada esféra para o ſeu talento paſſou com elle a Roma celebre emporio de todas as Naçoens, onde inſtruido com as ſciencias pudeſſe em algum tempo ſervir de mageſtoſo ornato à Igreja Catholica. Admiravel foy o progreſſo, que brevemente fez a ſua profunda capacidade aſſim no eſtudo das mayores Faculdades como na practica de excellentes virtudes, por cujos dotes conciliou os animos de todos os Princepes da Curia Romana principalmente do Pontifice Liberio, que ſendo deſterrado de Roma para Tracia por impio decreto do Emperador Conſtancio acerrimo fautor do Arrianiſmo o deixou por ſeu Vigario para governar a Igreja como vaticinado, que havia de ſer ſeu Suceſſor em taõ ſuprema Dignidade. A mayor acçaõ que obrou em quanto exercitava eſte miniſterio poſto que contra ella ſe oppoz inutilmente o Presbytero Fauſtino ſequaz da ſeita de Luceferiano, foy a reconciliaçaõ com a Igreja Romana, de alguns Biſpos, que ou conſtrangidos por temor, ou enganados por ignorancia ſobſcreveraõ nas Actas do Concilio de Rimini. Morto o Papa Liberio a 24. de Setembro de 366 quando contava a madura idade de ſeſenta annos ſubio à Cadeira de S. Pedro concorrendo para taõ acertada eleyçaõ a mais nobre parte do Clero, e Povo Romano. Foy ſagrado em Domingo primeiro de Outubro em a Baſilica de Lucina, que depois foy chamada de Saõ Lourenço. Paſſados poucos dias ſe armou contra o novo Pontifice Urſicino Diacono, o qual favorecido de huma multidaõ de ſedecioſos reſolveo temerariamẽte arrogar a ſi a Dignidade Pontificia para cujo effeito perſuadio a Paulo Biſpo de Tivoli, que o Sagraſſe Biſpo de Roma o que executou ſacrilegamente na Baſilica de Liberio, que hoje he de Santa Maria Mayor. Para evitar as tragicas conſequencias do Sciſma levantado em Roma ordenaraõ Juvencio Prefeito deſta Cidade, e Juliano Commiſſario Geral dos mantimentos, que foſſe deſterrado o Antipapa Urſicino com os Diaconos Amancio, e Lopo ſeus principaes ſequazes. Refugiado Urſicino à Baſilica de Liberio com grande numero de gente armada, e de outra que ſeguia as ſuas partes, conceberaõ tal colera os que tinhaõ concorrido para a eleiçaõ do verdadeiro Pontifice, que valendoſe ao meſmo tempo do ferro, e do fogo eſcalaraõ o lugar que ſervia de aſylo aos Sciſmaticos, onde ſe travou hum furioſo combate, em que foraõ mortos cento e trinta peſſoas de hum, e outro ſexo atè que deſterrado Urſicino para as Gallias por decreto de Valentiniano primeiro, e Pretextato Prefeito de Roma ſe ſerenou a formidavel tempeſtade que ameaçava naufragio à Barca de S. Pedro. Para juſtificar a ſua innocencia impiamente acuzada do feyo crime de adulterio pela maledicencia de Concordio, e Caliſto ſummamente affectos a Urſicino convocou em Roma hum Concilio de quarenta Biſpos, e na prezença de taõ authorizadas teſtemunhas ſahio purificado de taõ infame calumnia. Como vigilante Propugnador da Fè eſtabelicida em o Concilio Nyſſeno juntou neſta meſma Cidade outro Concilio em que foraõ condenados Urſacio de Singidon, e Valente de Murſe Biſpos da Illyria, principaes fautores do Arrianiſmo, e acerrimos antigoniſtas do grande Athanaſio, invencivel Athlante da Religiaõ Catholica, o qual depois de receber huma carta de Saõ Damaſo em que lhe ſignificava o que tinha obrado em obſequio da Fè congregou em Alexandria em o anno de 371 outro Concilio compoſto de noventa Biſpos do Egypto, e da Libia, que todos congra-

tularaõ ao Santo Pontifice da condenaçaõ de Urſacio, e Valente, porém que devia padecer a ſeveridade de ſemelhante caſtigo Auxencio ſacrilego uſurpador da Mitra de Milaõ, o qual ſendo verdadeiro Arriano, e ſimulado Catholico publicara huma Confiſſaõ da Fè aparentemente conforme, e realmente oppoſta aos Decretos do Concilio Nyſſeno. Para deſcobrir eſte engano chegou a Milaõ Santo Hilario Biſpo de Poictou taõ claro em ſciencia com em virtude, a quem como a inimigo da tranquilidade publica mandou ſahir da Cidade o Emperador Valentiniano grande fautor de Auxencio. Já grande parte do Eſtado de Milaõ, e algumas Provincias circunvizinhas eſtavaõ inficionadas com o veneno da hereſia, e para que ſe naõ propagaſſe taõ perniciosa peſte convocou Saõ Damaſo no anno de 372. hum Concilio de noventa, e tres Biſpos, em o qual foy condenado Auxencio com os ſeus ſequazes; confirmados os Decretos do Concilio Nyſſeno, e declarado nullo o de Rimini. Contra as maquinas de outros hereſiarchas, de que era fecunda mãy aquella idade, ſe armou eſte ſagrado Alcides debellando a tantos monſtros, que das ſuas entranhas vomitara o abiſmo, quaes eraõ os Luceferianos, Manicheos, e Donatiſtas, cujos erros tinhaõ inficionado grande parte de Africa, como tambem a Apollinario com ſeus diſcipulos Thimotheo, e Vital condemnados em outro Concilio celebrado em Roma em o anno de 375. onde foraõ fulminados os erros de Arrio, Sabelio, Eunomio, e Fotino. Com a protecçaõ do grande Emperador Theodoſio mandou congregar em Conſtantinopla hum Concilio Ecomenico compoſto de cento e cincoenta Padres entre os quaes ſe diſtinguiaõ como Aſtros da primeira grandeza S. Gregorio Nazianzeno, S. Gregorio Nyſſeno, e Milecio Antiocheno, ſendo em taõ grave aſſemblea anathematizado Macedonio, que impiamente negava a Divindade do Eſpirito Santo. Outro Concilio celebrou em Roma no anno de 382. para o qual convocou das Provincias do Occidente veneraveis Prelados entre os quaes aſſiſtiraõ Santo Ambroſio de Milaõ, S. Valerio de Aquilea, e S. Aſcolo de Theſſalonica ſendo a principal cauſa pacificar as eſcandaloſas diſcordias do povo de Antiochia, que dividido em diverſas facçoens ſeguiaõ huns como a ſeu Biſpo a Milecio, e outros a Flaviano. Depois de ter eſtabelecida a Religiaõ Catholica contra eſtes acerrimos impugnadores da ſua incontraſtavel firmeza merecendo por taõ illuſtre cauſa o honorifico epicteto de *Diamante da Fé* que lhe deu o Concilio Conſtantinopolitano ſexto convocado por S. Agatho ſe applicou com o mayor diſvelo a reformar o corpo myſtico da Igreja extirpando os vicios que inſenſivelmente ſe tinhaõ introduzido, e plantando as virtudes para frutificarem em copioſa abundancia. Coarctou a authoridade dos Corepiſcopos que eraõ os coadjutores dos Biſpos ſem o poder de ordenar por terem com exceſſo paſſado os limites da ſua juriſdicçaõ. Exhortou aos Biſpos de Africa para que as ſuas controverſias foſſem decididas pelo Pontifice Romano. Elegeo por ſeu Secretario ao Doutor Maximo S. Jeronymo, de cuja elegante penna quiz depender a deciſaõ das queſtoens mais dificultoſas em que era conſultado como Cabeça da Igreja, ſendo Author de que emendaſſe o Teſtamento Novo pelos Originaes Gregos. Ordenou por Ley univerſal o que era coſtume particular em algumas partes que ſe cantaſſem alternadamente os Pſalmos em o Coro, e que ſe terminaſſe cada hum com o verſo *de Gloria Patri* &c. como tambem ſe diſſeſſe a Alleluya por todo o anno o que ſómente ſe coſtumava no tempo Paſchal. Para fazer mais reſpeitada a authoridade Pontificia a augmentou com a pompa Real cauſando tal inveja aos Gentios eſte ornato exterior que temerariamente o interpretavaõ por luxo eſcandaloſo. Foy o primeiro que nas Bullas Apoſtolicas ſe intitulou *Servus Servorum Dei,* de cujo titulo uzaraõ depois nos Diplomas Pontificios S. Gregorio Magno, e ſeus Succeſſores. Edificou duas Baſilicas, que ornou com precioſos donativos, huma junto do Theatro de Pompeyo dedicada a S. Lourenço que depois teve o ſeu nome, e lhe fundou proxima a ella hum Collegio de Conegos para celebrarem os Officios Divinos; outra na via Ardeatina onde mandou depoſitar as cinzas de Sua Mãy, e Irmãa Irene, que morreo Virgem na florente idade de vinte annos cujas ſepulturas ornou com elegantes epitafios. Reduzio à

ultima perfeiçaõ a Baſilica de Santa Rufina, e Secunda ſituada fora de Roma na Sylva Candida, que principiara, e deixara imperfeita Julio I. Ornou com precioſos marmores o lugar das Catacumbas, em que jaziaõ ſepultados os Corpos dos Principes do Apoſtolado S. Pedro, e S. Paulo, e transferio para mageſtoſos depoſitos as triumfaes cinzas de muitos Martyres, que animou com elegantiſſimas inſcripçoens. Renouou os aqueductos arruinados pela violencia do tempo da Fonte do Bautiſterio junto da Baſilica Vaticana para que as ſuas aguas copioſamente manaſſem em beneficio do Povo Romano. Tendo chegado à provecta idade de quaſi 80. annos, e governado como experto Piloto a Nàò da Igreja pelo eſpaço de 18. annos, dous mezes, e 10. dias cumulado de virtudes heróicas canonizadas com alguns milagres, paſſou do Solio do Vaticano a ſer coroado na patria celeſte a 11. de Dezembro de 384. Foy ſepultado na Baſilica que edificara na Via Ardeatina donde ſe transferio para a Baſilica de S. Lourenço que por ſer depoſito de taõ grande thezouro ſe intitulou com o ſeu nome, de cuja Baſilica ſendo Protector o Cardial Franciſco Barberino Vicecancellario da Igreja Romana o treſladou em 30. de Setembro de 1645. que era o dia anniverſario da Dedicaçaõ deſta Baſilica, de huma arca de Madeira para outra de Bronze primoroſamente fabricada, e lhe gravou huma elegante inſcripçaõ. Entre as profundas ſciencias dignas de hum Pontifice Maximo de que foy inſigne Profeſſor S. Damaſo ſe diſtinguio em a ſuave afluencia da Poeſia que cultivou com ſumma elegancia, e pureza, de cuja Arte deixou varios monumentos ſendo o mayor o epitafio que ele compoz para ſe gravar na ſua Sepultura que he o ſeguinte.

Qui gradiens pelagi fluctus compreſſit amaros
Vivere qui præſtat morientis ſemina vitæ
Soluere qui potuit Lazaro ſua vincula mortis
Poſt tenebras fratrem, poſt tertia lumina Solis
Ad Superos iterum Mariæ donare Sorori
Poſt cineres Damaſum faciet, quia ſurgere credo.

A ſua vida foy eſcrita por Anaſtaſio Bibliothecario, e Luitprando, além de outras tres, que extrahio de Codices muito antigos, que exiſtiaõ em Roma, e ſahiraõ impreſſas ao principio das obras deſte Santo Pontifice a deligencia de Marcio Milecio Sarazanio Juriſconſulto Romano. As ſuas heroicas, e prudentes acçoens relataõ difuſamente todos os Eſcritores dos Pontifices Romanos; os ſeus elogios ſe lém em os Concilios, e nas pennas dos Padres mais graves, e Authores mais celebres da Igreja Catholica. O Concilio ſexto Conſtantinopolitano o intitulou *Fidei Adamas* o Ecumenico de Calcedonia *Romanæ urbis decus ad juſtitiam.* S. Jeronymo *de Vir. Illuſtrib.* cap. 103. *Elegans in verſibus componendis ingenium habuit* e na *Apolog. ad Pamachium vir egregius, et eruditus in Scripturis; virgo, & Eccleſiæ virginis Doctor.* Theodoret. lib. 2. *Hiſt. Eccleſ.* cap. 22. *vir plurimis virtutibus inſignibus eximie ornatus* & lib. 5. cap. 2. *Vir ſane propter vitæ præſtabilis ornamenta inſignis,* & cap. 10. *vir in omni genere laudis florentiſſimus.* S. Ambroſio *Epiſt.* 30. *ad Valentinum. Damaſus Eccleſiæ Dei Sacerdos judicio Dei electus.* S. Athanaſio in *Epiſt. ad African. Epiſcop.* ann. 367. *Sufficiunt quidem Scripta Damaſi Comminiſtri noſtri dilecti, ac magnæ Romæ Epiſcopi.* Nicef. Calixt. *Hiſt. Eccleſiaſt.* Lib. 11. cap. 13. *neque vita, neque eruditione, et doctrinæ Sanctitate Liberio inferior,* & cap. 44. *multa Veritatis luce coruſcavit.* Caſſiod. *Hiſt. Tripart.* Lib. 5. cap. 29. *multis virtutum ornatus inſignibus.* & Lib. 9. cap. 1. *Laude dignus, vir mirabilis* Adrian. 1. *ad Carol. Imperat. pro Concil.* 2. *Nyſſen.* ann. 787. *elegantiſſimus Papa* Suidas ann. 980. *Verſificator ingenioſus* S. Antonin. *Hiſt.* Part. 2. Tit. 9. cap. 2. *Sanctus homo, & multum eruditus in Scripturis.* Petrarcha in Chron. ann. 1350. *Vir optimi ingenii.* Mart. Polon. in Chron. ann. 1252. *elegans in verſibus componendis ingenium habuit.* Petr. Crinit. *de Poet.* anno 1500. *ingenium eruditum in faciendis carminibus.* Trithem. de *Script. Eccleſ.* ann. 1504. *vir in divinis eruditiſſimus, & in ſæcularibus litteris egregie doctus, Rhetor, & Poeta celeberrimus, & in componendis verſibus peritiſſimus, ingenio ſubtilis, vita devotus, atque Sanctiſſimus.* Lilio Girald. de *Poetar. Hiſt.* Dialog. 5. ann. 1550. *elegans habuit in*

componendis verſibus ingenium. Werner. Weſtphal. *Faſcic. Tempor.* anno 1504. *in verſibus dictandis excellentiſſimus fuit.* Ant. Auguſt. in *Præfat antiquor. Collect. Decret.* ann. 1576. *Damaſus, Cæleſtinus, Innocentius, & Leo Magnus. In his enim ſumma Sapientia, & divinarum, humanarumque rerum cognitio cum ſingulari pietate, atque eloquentia magnopere contendere viſa eſt.* Fr. Angel. Rocca de *Bib. Vatic.* ann. 1590. *in pangendis verſibus fuit peritus.* Poſſevin. *Apparat. Sacr.* Tom. 1. pag. 409. *Vir Sanctus, virgo, & optimus, ac Sanctiſſimus Pontifex.* Nat. Alexand. *Hiſt. Eccleſ.* Sæcul. 4. cap. 3. §. 8. e cap. 4. Art. 18. §. 3. Franc. Pagi *Breviar. Hiſt. Chronol. Crit. Pontif. Roman.* Tom. 1. pag. mihi 57. Baillet *Vies des Saints.* Tom. 3. pag. mihi 176. a 11. de Dezembro Graveſſon *Hiſt. Eccleſ.* Quart. Eccleſ. Sæcul. Colloq. 5. Urbano VIII. ſeu ſucceſſor aſſim na Dignidade Pontificia como na elegancia poetica *ad Ant. Barberin. S. RE. Cardinal.*

Sacra quibus Pindus præcinxit tempora lauro
Pontifices alios inter ſe Damaſus offert.

Ambrozio Novid. in *Sacr. Faſt.* anno 1538.

Quarta dies oritur. Damaſus ſua templa recludit
Hic, ubi celſa ſuo nomine tecta tenet.
Pieridum ut taceam ſtudiis, quod doctus adegit
Magnaque facundæ fama potatur aquæ.

Palat. Geſt. Pontif. Roman. Tom. 1. pag. 172.

Laureæ inferens laurum
Fidei præceptor, & fidium
Licet poetam ageret fingere neſciens
Ipſa in ſcena Templa erexit.

D. Joſeph. Silos *Mauſol. Roman. Pontif.* p. 56.

Natales Damaſo generoſa Hiſpania cunas,
Et Tagus aurifero nobilis amne dedit.
Mente capax grandi: format ſapientia doctum
Pectus, & ingenio vis operoſa fuit.
Aureus eſt lingua: Muſæ placuere diſertæ
Quos docuit Sacris tendere plectra modis.

O P. Anton. dos Reys no *Enthuſiaſm. Poet.* n. 283.

Damaſus ille, ſuum quem jactat Brachara civem
Hoc titulo cunctis præſtantior urbibus orbis.
Tempora non viridans laurus, non pallida nectit
Frons hederæ: cingit rutilans adamante Tiara
Ter veneranda caput: manibus quibus ardua Cæli
Regia ſæpe patet, ſecretaque clauſtra per ignes
Felices animas recoquentia ſæpe pateſcunt,
Tinnula plectra tenet; verum hæc non horrida Martis
Prælia, non homines, non numina vana Deorum
Concelebrant; uni Domino qui cuncta Supremo
Temperat imperio; ſuperàque in Sede locatis
Civibus impendunt meritæ præconia laudis.

Obras de Saõ Damaſo.

S. Damaſi opera quæ extant ex codicibus. M. S. Sahiraõ com as Notas de Marcio Sarrazanio Milezio Juriſconſulto Romano. Romæ Typis Vaticanis. 1638. 4. & Pariſiis apud Ludovicum Billaine. 1672. 8. Conſta eſta Colleçaõ de 12. Epiſtolas de Saõ Damaſo eſcritas a varias peſſoas, e de 40. Poeſias de diverſos metros a varios aſſumptos, ſendo a mayor parte Sagrados. Muitas deſtas Poeſias ſahiraõ impreſſas na *Biblioth. SS. PP.* e na Colleçaõ *Veter. Poet. Chriſtian.* feita por Jorge Fabricio, além de algumas ſe lerem tranſcriptas nos *Annaes Eccleſiaſticos* de Baronio, e na *Roma ſubterranea* de Aringhio.

De Fide contra Hæreticos. Eſta Obra, de que faz mençaõ Trithemio, he julgada por duvidoſa, pelo ſilencio que della teve Saõ Jeronymo em o Cathalogo dos Eſcritores Eccleſiaſticos, compoſto depois da morte de Saõ Damaſo, a quem era impoſſivel ſerlhe occulta.

De Trinitate. Eſte Tratado, como affirma Antonio Verdier, ſe conſervava em Conſtantinopla.

De Virginitate. Eſta Obra certamente he do Santo Pontifice, por teſtemunho de Saõ Jeronymo, o qual eſcrevendo a ſua diſcipula Euſtochio, lhe diz: *De Virgi-*

nitate libellos legas Papæ Damaſi verſu, proſaque compoſitos. O eruditiſſimo Jozé Maria Suarezio Biſpo de Vaiſon na Gallia Narbonenſe, e Vigario do Eminentiſſimo Cardial Barberino na Baſilica Vaticana, eſtava determinado publicar eſta Obra, como affirmaõ Fr. Luiz Jacob. de S. Carlos *Bib. Pontif.* pag. 60. e Nicol. Anton. *Bib. Vet. Hiſp.* Lib. 2. cap. 6. §. 189. e certamente ſe ſahiſſe à luz publica, competeria com as que eſcreveraõ deſte argumento Saõ Baſilio, Saõ Gregorio Nyſſeno, Saõ Jeronymo, e Saõ Fulgencio.

Epiſtolæ variæ. Sahiraõ algumas impreſſas na Colleçaõ dos Concilios de Severino Binio, e Lucas Holſtenio juntamente com as Epiſtolas de Saõ Jeronymo a Eſtevaõ Arcebiſpo da Mauritania, e em outras Colleçoens impreſſas Pariſiis. 1555. Coloniæ. 1570. e Baſilea 1576. A mayor parte dellas he julgada apocryfa pela ſevera, e douta Critica de Nicol. Anton. in *Bib. Hiſp. Vet.* Lib. 2. cap. 6. §. 192. até 208. e ſómente ſaõ admittidas como legitima producçaõ do Santo Pontifice duas eſcritas a Saõ Jeronymo, que principiaõ: *Dormientem te,* &c. e outra *Commentaria cum legerem;* huma eſcrita de Roma aos Biſpos do Illirico, que eſtaõ inſertas nas Hiſtorias Eccleſiaſticas de Theodoreto Lib. 2. cap. 22. e de Sozomeno, Lib. 6. cap. 27. e duas a Paulino Biſpo de Antiochia, de cuja opiniaõ he erudito defenſor Luiz Elias Dupin *Nouvel. Bib. des Autheurs Eccleſ.* Tom. 2. des *Autheurs du IV. Siecle.* e Tillemont *Memoir. pour ſervir a l'Hiſtoire Eccleſiaſt.* Tom. 8. Art. 15. pag. mihi 422. e 423. Em diverſas Bibliothecas, conforme eſcreve D. Bernardo Montfaucon Monge Benedictino na *Bib. Bibliothec. M. S. nova* Tom. 1. pag. 278. col. 1. pag. 421. 610. 951. e Tom. 2. pag. 745. e 922. ſe conſervaõ varias copias deſtas Epiſtolas, como ſaõ na Bibliotheca Laurent. Medicea num. 18. na Florentina. num. 65. na Baſilienſe, na delRey de Inglaterra, na Colbertina codic. 1572. e na Real de Pariz num. 3758.

Paſſionis Sanctorum Marcellini, & Petri relatio. Conſerva-ſe no Archivo da Baſilica de Saõ Pedro. A eſtes Santos Martyres conſagrou o meſmo Santo Pontifice huma inſcripçaõ que começa.

Marcelline tuos pariter Petre noſce triumphos, &c.

Vita S. Nicolai Epiſcopi Myrenſis. Eſcrita em verſo, a qual annualmente ſe recita na veſpera deſte Santo em a Igreja do ſeu nome in *Carcere Tulliano,* como eſcreve Fr. Luiz Jacob. de Saõ Carlos *Bib. Pontif.* pag. 60.

Summa quorumdam Voluminum utriuſque Teſtamenti hexametris verſibus breviter comprehenſa. Conſerva-ſe no Archivo da Igreja de Saõ Pedro como refere Nicol. Ant. *Bib. Hiſp. Vet.* Lib. 2. cap. 2. §. 214. pela aſſeveraçaõ de hum Author da Vida do Santo Pontifice.

In Pſalterium Carmina. Deſta Obra fazem memoria Geſnero in Bib. e Fr. Luiz Jacob. de Saõ Carlos, no lugar acima allegado, e della ſe conſerva huma copia na Bib. Vatican. num. 4228. como eſcreve Montfaucon in *Bib. Bib. M. S. nov.* Tom. 1. pag. 129. col. 1. e na pag. 223. diz, conſervarſe outra na Bib. Caſinenſe num. 467.

De authoritate Concilii Capuenſis. Eſta Obra eſcreve Theofilo Spizelio in *Sacris Bibliothecarum illuſtrium arcanis retectis.* conſervarſe na Bib. de Baſilea, e o meſmo affirma Montfaucon, no lugar acima citado Tom. 1. pag. 610. col. 2. mas naõ pode ſer compoſta por Saõ Damaſo por ſer eſte Concilio celebrado depois da ſua morte, quando governou a Igreja o Papa Sericio ſeu ſucceſſor.

De Vitis Pontificum Romanorum. Eſta Obra, que he intitulada por huns *Pontificale,* e por outros *Acta Summorum Pontificum,* e *Geſta Pontificum Romanorum,* de que ſe conſervaõ diverſas copias, *M. S.* em a Bibliotheca Vaticana, num. 2039. na Anglicana, num. 2464. na Ambroſiana eſcrita em pergaminho, e na Real de Pariz codic. 736. como eſcreve Montfaucon in *Bib. Bib. M. S.* Tom. 1. pag. 105. 679. 512. e Tom. 2. pag. 736. Sahio a primeira vez impreſſa, Venetiis 1547. fol. E depois em 1600. com o nome de Saõ Damaſo, a quem reconheceraõ por ſeu legitimo Author, Marineo Siculo, Trithemio, Platina, Floravancio Martinello, Genebrardo, Marco Antonio Sabbellico, Paganino Gaudencio, Guilhelmo Hyſeigrenio, e outros muitos, porém pelo barbaro eſtillo

totalmente alheyo da pureza com que eſcrevia Saõ Damaſo, e pelos enormes anacroniſmos, e falſidades, de que eſtá cheya eſta Obra, naõ he compoſta pelo Santo Pontifice, mas por Anaſtaſio Bibliothecario, em cujo nome a publicou o Padre Joaõ Buſſeo Jeſuita Moguntiæ 1602. cuja opiniaõ ſeguem Bellarmino de *Script. Eccleſ.* Auberto Mireo in *Not. ad D. Hieron. de Script. Eccleſ.* Joaõ Gerardo Voſſio de *Hiſtor. Latin.* Lib. 2. cap. 8. e 35. e o Padre Filippe Labbe *Differt. Hiſt. de Eccleſ. Script.* ou por Damaſo Biſpo Portuenſe, como ſeguem Papirio Maſſonio, Fr. Affonſo Chacon, e Fr. Luiz Jacob. de Saõ Carlos *Bib. Pontif.* pag. 296. o qual Damaſo Portuenſe defende erudita, e nervoſamente ſer o Papa Fermoſo, Caſimiro Oudin in *Comment. de Script. Eccleſ. antiq.* Tom. 2. cap. 8. ad. ann. 890. pag. 389.

De ſingulis, quæ Præsbyteris licere non cæperunt poſtquam ab epiſcopali excellentia ſeparati ſunt. Conſervaſe eſte tratado *M. S.* na Bib. Vatican. Cod. 1324. como eſcreve Montfauc. Tom. 1. pag. 130. col. 2.

Dicta ad Epiſcopos. M. S. Na Bib. Real de Pariz Codic. 736. como diz o allegado Montfaucon. Tom. 2. pag. 1039. col. 1.

Carmina in D. Paulum, & in Danielem Prophetam. M. S. na Bib. Caſſinenſe n. 197. e na Ambroſiana por aſſeveraçaõ de Montfaucon. Tom. 1. pag. 223. col. 2. e 512. col. 1.

O nobilitarſe o noſſo Reyno de Portugal com a produçaõ de hum tal filho como S. Damaſo de que lhe reſulta immortal gloria, he aſſeveraçaõ dos mayores Authores que venera a Republica litteraria, dos quaes como eſtranhos fazem menos ſoſpeitoſa a verdade de ſer Portuguez, como ſaõ Cornelio Hazart in *Triumf. Pontif. Roman.* Tom. 1. Ætas. 2. Joaõ Franciſco Boudino Arcebiſpo de Avinhaõ *Sum. Pontif. Urb. et Orb. Series* ad an. Chriſt. 367. Filisbert. Thomaſin. in *Ver. effigieb. Pontif.* Panvino *Hiſt. Eccleſ.* Lud. Jacob. a S. Carol. *Bib. Pontif.* pag. 59. Papir. Maſſon. *de Epiſcop. Urbis Romæ* in Vita Joan. 22. Joan. Bapt. Riccioli *Chronolog. Reformat.* Tom. 3. pag. 12. Jeronymo Bardi in *Ætatib. mund.* ad an. Chriſt. 366. Balduino Junio in *Chronol. Morali* Tom. 2. ad an. Chriſt. 367. Guilherme dela Croix na Serie dos Biſpos de Cahors ad an. Chriſt. 367. Bartholameu Dioniſio Fanenſe *Virid. omn. Hiſt.* Part. 2. cap. 32. Beyerlinck. *Theatr. Vit. Human.* lit. E. Tit. *Epiſcopus* Tom. 3. pag. mihi 137. Franciſco Sanſovino *Cathalog. de Pontif. Romani* fol. 125. Nicol. Angel. Caferrio *Synthagm. Vetuſtat.* pag. 365. Pert. Frizon. *Gallia Purpurat.* Joan. Gualter. *Chronic. Hiſt. Polit.* pag. 205. Franc. Lupus Coriolan. *Brev. Chronolog.* ad an. 376. Bolland. in *Actis Sanct.* menſ. Jan. Tom. 1. pag. 641. André Scoto *Bib. Hiſp.* pag. 183. e 336. Vaſeo in *Chron. Hiſp.* ad an. 367. Silos *Mauſolea Roman. Pontif.* pag. 56. Palatio *Geſta Pontif. Roman.* Tom. 1. pag. 172. Fr. Angelo Rocca *Bib. Vatican. anno* 1590. Guilherme Burio *Rom. Pontif. brevis notitia* pag. 56. Entre o grande numero de Authores referidos ſómente alguns Caſtelhanos quizeraõ deſpojar a Guimaraens de ſer o feliz berço de S. Damaſo pertendendo darlhe por Patria a Madrid, e outros a Tarragona cujas opinioens por ſerem fundadas, ſobre a caduca, e apocrifa authoridade de Flavio Dextro deſpreſaraõ os mais graves, e criticos Eſpanhoes ſeguindo como ſolida, e verdadeira a de ſer Portuguez eſte Santo Pontifice como para ſeu deſengano podem ver em Ambroſio de Morales *Hiſt. de Eſpan.* lib. 10. cap. 40. Franc. de Padilha *Hiſt. Eccleſ. de Eſpan.* Tom. 1. Cent. 4. cap. 56. Fr. Joaõ de Pineda *Mon. Eccleſ.* Part. 2. Liv. 13. cap. 23. Eſtevaõ de Garibay *Compend. Hiſt.* Part. 1. liv. 7. cap. 52. D. Mauro Caſtellà Ferrer *Hiſt. de Compoſtel.* Liv. 2. cap. 23. Gonçalo Ilheſcas *Hiſt. Pontif.* Tom. 1. Liv. 2. cap. 6. Fr. Affonſ. Chacon *Vit. Roman. Pontif.* Tom. 1. pag. mihi 250. e D. Nicol. Anton. *Bib. Hiſp. Vet.* Lib. 2. cap. 6. §. 181.

Fr. DAMASO DA PRESENTAÇAM. Naceo em a Villa de Punhete do Arcebiſpado de Lisboa em o anno de 1577. Quando chegou a idade de 18. annos recebeo o habito de frade Menor na reformada Provincia de Santo Antonio, onde depois de eſtudar as ſciencias neceſſarias para o Pulpito, e Confeſſionario foy Guardiaõ do Convento de Lisboa, duas vezes Cuſtodio

da Provincia, e Qualificador do Santo Officio. Morreo no Convento de Lisboa a 19. de Novembro de 1642. com 65. annos de idade, e 47. de Religiaõ, do qual fazem mençaõ Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 201. Fr. Joan. a D. Ant. na *Franciſc.* tom. 1. pag. 288. c. 1. onde o intitula *magnæ pietatis vir,* e Fr. Martinh. do Amor de Deos *Chronic. da Prov. de Sant. Anton.* Tom. 1. pag. 529. Compoz.

Obrigaçaõ do Frade Menor em o qual ſe tocaõ as couzas, que eſtà obrigado a guardar aſſim por ſua regra, como por Ley divina. No Convento da Carnota por Antonio Alvares 1627. aos 50. de ſua idade, e 32. de Religiaõ. Sahio ſegunda vez Lisboa por Pedro Ferreira 1727. 8.

DAMASO VILLELA. Veja-ſe P. MANOEL DA SYLVA da Congregaçaõ do Oratorio.

Fr. DAMIAM Religioſo profeſſo da Militar Ordem de Chriſto, e o ſegundo Prior trienal do Real Convento da Villa de Thomar eleito a 23. de Agoſto de 1554. Doutor em a Sagrada Theologia de quem fazem memoria Ant. *Carol. Viſch. in Bib. Ciſtercienſ.* e Longelino in *Notitiis Cœnobiorum Ord. Ciſt.* lib. 10. fol. 11. Ordenou, e imprimio.

Compendio da Regra, e Definiçoens dos Cavaleiros da Ordem de Noſſo Senhor Jeſu Chriſto com alguns Breves apoſtolicos, e Privilegios Reaes a meſma Ordem concedidos. Lisboa por Jorge Rodrigues. 1606. 4.

DAMIAM, cujo appellido ſe ignora, naceo na Villa de Odemira da Comarca de Beja em a Provincia Tranſtagana. Foy Boticario, e celebre nas regras do jogo do Xadrez as quaes querendo fazellas mais practicas eſcreveo a ſeguinte obra que ſahio na lingua Italiana.

Libro de imparare giocare a Scachi, e de partiti per Damiano Portogheſe 8. Naõ tem lugar da impreſſaõ. Ruy Lopes de Segura Viſinho do lugar de Safra que compoz ſobre eſta materia, e ſahio impreſſo Alcalà por André de Angulo 1561. 4. o allega muitas vezes, e quaſi o commenta em diverſos lugares venerando-o como inſigne Meſtre.

DAMIAM DE AGUIAR filho do Doutor Joaõ de Aguiar Ouvidor do Marquez de Ferreira, e de D. Antonia Borges Ribeira filha de Gonçalo Ribeiro Senhor de Villarinho naceo em a Cidade de Evora a 14. de Abril de 1535. Na tenra idade de dez annos paſſou a Coimbra onde naõ ſomente eſtudou os primeiros rudimentos de Grammatica, e letras humanas, mas ſe applicou à Faculdade do Direito Ceſareo com tal viveza de engenho que ainda naõ contava vinte annos quando nella recebeo o gráo de Doutor. Deixando a Univerſidade ſervio alguns Lugares com ſumma integridade até que chegou a ſer Dezembargador dos Aggravos na Caſa da Supplicaçaõ de que tomou poſſe a 19. de Agoſto de 1577. Sendo Vereador do Senado de Lisboa juntamente com Manoel Tellez Barreto, Franciſco de Sà, e Antonio da Gamma deu a poſſe deſta Cidade por ſer Capital do Reyno de Portugal a 11. de Setembro de 1580. a D. Fernando Alvares de Toledo Duque de Alva como Procurador da Mageſtade de Filippe II. a quem ſe tinha julgado a Suceſſaõ deſta Monarchia. Jà occupava o lugar de Dezembargador do Paço quando como Procurador da Cidade de Lisboa orou no Auto ſolemne em que na Villa de Thomar a 16. de Abril de 1581. foy jurado eſte Princepe Rey de Portugal, exercitando eſte meſmo miniſterio naõ ſómente nas Cortes celebradas na dita Villa a 20. de Abril de 1581. mas em o Juramento do Princepe D. Diogo a 23. do dito mez, e anno. Foy Commendador das Commendas de S. Coſme de Gondemar no Biſpado do Porto, e de S. Matheos em o de Coimbra ambas da Ordem de Chriſto, premio que além de o merecerem os ſeus grandes ſerviços foy ſollicitado pela authorizada intervençaõ do Summo Pontifice Clemente VIII. o qual quando veyo a Lisboa com o Cardial Alexandrino contrahio com Damiaõ de Aguiar grande amizade, eſcrevendo eſte Breve à Mageſtade de Filippe III. que he o mais honorifico padraõ da ſua peſſoa. *Chariſſime in Chriſto Fili noſter ſalutem, & apoſtolicam benedictionem. Anni jàm plurimi effluxére, ex quo primum*

cognovimus in Luſitania dilectum filium Damianum de Aguiar Militiæ Chriſti equitem majeſtatis tuæ ſubditum. Tunc enim cum loco inferiori eſſemus (juſſu Sanctæ recordationis Pii Papæ V. prædeceſſoris noſtri cum Alexandrino Cardinali Apoſtolico Legato piæ memoriæ Hiſpaniarum, regna ampliſſima obibamus) viſus eſt autem nobis idem Damianus vir prudens, et præſtanti virtute, eumque amore ſummo proſecuti ſumus, veteriſque noſtræ cum eo conciliatæ amicitiæ ſemper memores fuimus, et nunc plane ſumus; ſed eo imprimis nomine illum amamus quod Majeſtati tuæ, ut audivimus, & Coronæ iſti feliciter inſervierit, ac nominatim Philippo Regi inclytæ memoriæ patri tuo in illis Luſitanis tumultibus egregie fidelem (ut nobis relatum eſt) operam navaverit; quare, & is tua regia gratia dignus eſt, & nos illi, e juſque domui omnia commoda jam pridem optamus, & nunc re ipſa id tandem efficaciter præſtare Te authore cuperemus: ſed hoc expectamus, ut is, qui nobis ante tam multos annos notus, & charus fuit, noſtræ etiam commendationis intuitu fructum aliquem inſignem capiat benignitatis tuæ. At rationes, & modi Majeſtati tuæ deeſſe non poſſunt quibus illum ornes, & augeas, & ſubleves, ut ſe, & domum ſuam commodius, & decentius pro ſui ſtatûs conditione ſuſtinere valeat; ſit tamen exiſtimamus (quando in ea vocatione eſt) poſſe à Majeſtate tua Commenda aliqua cujuſvis Militaris Ordinis augeri, cujus uberiores fructus utilitatem cum dignitate ei afferant: etiam igitur, atque etiam illum Maieſtati tuæ commendamus; eritque nobis ſane pergratum ut hoc nobis petentibus tribuas, quod tua, & Patris tui Regis gloria, & tui ipſius magnificentia jure optimo poſtulat, & Damiani erga utrumque, parentem ſcilicet, & natum fidelis, & devota ſervitus non immerito requirit. Datum Romæ die ultima Auguſti 1602. *Pontificatus noſtri anno ſecundo.* Foy cazado duas vezes, a primeira com D. Juliana Pedroza de quem naõ teve ſucceſſaõ, e a ſegunda com D. Franciſca de Mendoça, e Vaſconcellos, filha de Manoel Mendes de Vaſconcellos Senhor do Morgado das Vidigueiras, e de D. Catharina de Mendoça de quem teve cinco filhas, das quaes a herdeira chamada D. Antonia de Aguiar, e Vaſconcellos, cazou com Triſtaõ da Cunha de Attayde Senhor de Povolide. Falleceo em Lisboa a 27. de Julho de 1618. com 83. annos de idade. Jaz ſepultado na Capella mór do Convento de Santo Antonio dos Capuchos de quem era Padroeiro, onde ao lado da Epiſtola tem gravado em huma pedra eſte Letreiro:

Eſta Capella he de Damiaõ de Aguiar que foy do Conſelho de Sua Mageſtade, e ſeu Chanceller mór neſtes Reynos de Portugal, e de D. Franciſca de Mendoça de Vaſconcellos ſua mulher, e de ſeus herdeiros. Falleceo a 27. de Julho da era de 1618. Compoz.

Oraçaõ no Auto do Levantamento, e Juramento de Filippe II. em 16. *de Abril de* 1581. Começa. *He taõ grande o contentamento, e alegria, &c.*

Oraçaõ no Auto das Cortes de Thomar celebradas a 20. *de Abril de* 1581. *Começa. A voſſa ſempre leal Cidade, &c.*

Oraçaõ ao Auto do Juramento do Principe D. Diogo a 23. *de Abril de* 1581. Começa. *Querendo Deos Noſſo Senhor, &c.*

Sahiraõ eſtas tres Oraçoens impreſſas, nos *Inſtrumentos, e Eſcrituras dos Autos das Cortes de Thomar,* 1584. fol. Sem lugar, nem nome de Impreſſor.

Fr. DAMIAM BOTELHO natural da Cidade de Lamego, filho de Damiaõ Botelho, e de Anna Teixeira, irmaõ de D. Marcos Teixeira Collegial do Collegio de Saõ Pedro da Univerſidade de Coimbra, Inquiſidor da Inquiſiçaõ de Evora, e Biſpo da Bahia de todos os Santos. Depois de aſſiſtir muitos annos em a Companhia de JESUS, onde leu com applauſo letras Humanas, e as Sciencias Eſcholaſticas, paſſou com faculdade do Geral Mucio Viteleſchi para a Religiaõ de Saõ Jeronymo, e no Real Moſteiro de Belem profeſſou a 24. de Dezembro de 1632. Nunca quiz aceitar Prelaſia, e ſómente exercitou o lugar de Procurador geral. Foy dos grandes Prégadores do ſeu tempo, como moſtraõ ſeis volumes de folha, que tinha dos ſeus Sermoens promptos com todas as licenças para ſe imprimirem, reſoluçaõ que ſuſpendeo a morte privan-

do-o da vida a 26. de Mayo de 1645. cujos Titulos ſaõ os ſeguintes:

Marial. Dedicado a ElRey D. Joaõ o IV. fol.

Argumentos de Feſtas de Chriſto, e Apoſtolos. Dedicado ao Principe D. Theodozio. fol.

Argumentos de Feſtas dos Martyres, e Confeſſores. Dedicado ao Infante D. Duarte. fol.

Argumentos predicaveis ſobre as Feſtas de todos os Santos, dos Biſpos, e de algumas Virgens mais celebres. Dedicado à Rainha D. Luiza Franciſca de Guſmaõ. fol.

Argumentos para todos os Domingos do Advento, e Feſtas principaes que immediatamente ſe ſeguem, de Chriſto Senhor Noſſo. Dedicado ao Inquiſidor Geral D. Franciſco de Caſtro. fol.

Argumentos ſobre todos os Domingos da Quareſma, e Sermoens da Semana Santa. Dedicado ao Biſpo Conde D. Joaõ Mendes de Tavora. fol. Conſervaõ-ſe eſtes 6. Tomos na Livraria do Real Convento de Belem.

Fr. DAMIAM DAS CHAGAS. Naceo na Cidade do Funchal Capital da Ilha da Madeira, onde ſendo de poucos annos aprendeo Gramatica, em que ſahio perito pelo engenho de que era dotado. Naõ paſſou a mayores eſtudos por querer ſeu Pay, que ſeguiſſe a vida do comercio, que exercitava, porém elle ambicioſo de outros mais nobres lucros, reſolveo entrar em a Religiaõ Serafica, para cujo effeito tres vezes ſe embarcou, e poſto que por duas foy impedido, e violentado por ſeu Pay para que naõ executaſſe o ſeu intento, ultimamente triunfante de tantos obſtaculos chegou a Lisboa, e no Convento de Saõ Franciſco da Provincia de Portugal recebeo o Habito, ſervindo de exemplar em o Noviciado aos ſeus companheiros. Quando parecia lograr a ſua alma de huma paz inalteravel, levantou o comum inimigo huma tormenta a que dava mayor força certa mulher, que o obrigava para ſer ſeu marido. Para desfazer eſta falſidade ainda que a propria innocencia lhe ſegurava a vitoria, foy preciſo largar a Religiaõ em que naõ profeſſava por eſtar taõ gravemente impedido. Depois que ſe vio livre, e deſembaraçado do impedimento que lhe maquinara a malicia, buſcou promptamente o centro da ſua eſpiritual tranquillidade, qual era a Religiaõ, elegendo a Provincia da Arrabida, onde foy admitido por patente do Provincial Fr. Jacome Peregrino, ao Noviciado do Convento de Saõ Jozé de Ribamar, e nelle ſe conſtituhio hum perfeito exemplar da mais rigoroſa penitencia. Nunca comeu carne, nem peixe, ſendo o ſeu continuo alimento ervas, temperadas taõ inſipidamente, que ſerviaõ de aſpera mortificaçaõ ao goſto. Naõ ceſſava de fazer guerra ao corpo com as armas dos cilicios, e diſciplinas, para nunca ſe rebellar contra o eſpirito. Ainda que naõ tinha frequentado as eſcolas era dotado de taõ ſubtil engenho, que penetrava as Queſtoens mais dificultoſas da Theologia Moral, poſto que nunca as quiz praticar em o Confeſſionario, pelos muitos eſcrupulos de que era combatido. Na Myſtica foy inſigne Meſtre, deixando por teſtemunho da ſua ſciencia em taõ alta Faculdade.

Tratado Eſpiritual dividido em dous volumes. M. S.

Em o qual naõ ſómente compendiava mas expunha as ſentenças de varios Authores que eſcreveraõ em materias Myſticas. *Pela noſſa pobreza* (ſaõ palavras de Fr. Antonio da Piedade Chron. da Prov. da Arrab. Part. 1. Liv. 5. cap. 5. §. 1064.) *ficaraõ privados da eſtampa, e ſe ſatisfez com lhe dar o Supremo Tribunal licença para os poderem ler todàs, e quaeſquer peſſoas que quizerem.*

Ao tempo que contava quaſi ſetenta annos de idade, adoeceo de hum Pleuriz a que naõ pode reſiſtir por eſtar ſummamente attenuado com penitencias. Recebeo os Sacramentos com grande ternura, e abraçado com hum Crucifixo, falleceo placidamente em o Convento de Torres Novas a 29. de Março de 1600. Jaz ſepultado no Capitulo do meſmo Convento. Fazem delle larga, e honorifica menção o Chroniſta allegado, Jorge Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 349. e no Comment. de 29. de Março letr. D. e Fr. Joan. a D. Anton. in *Bib. Franciſc.* Tom. 1. pag. 289. col. 1.

D. DAMIAM DA COSTA natural de Lisboa, e Conego Regrante de Santa Cruz de Coimbra, onde depois de ler Filoſofia aos ſeus domeſticos, paſſou em o anno de 1530. eſtudar Theologia em a Univerſidade de Pariz, na qual recebeo o gráo de Doutor em 1535. de cujo Acto Litterario foy ſeu Padrinho Ruy Fernandes de Almada Embaxador naquella Corte delRey D. Joaõ o III. Conhecendo eſte Principe o grande talento de que era ornado, lhe commetteo eleger naquella Univerſidade os Meſtres, que haviaõ ſer os primeiros Lentes de Theologia em a de Coimbra, que novamente erigira. Obedeceo promptamente à ordem do ſeu Soberano, mandando para Meſtres de Gramatica, e das Linguas Grega, e Hebraica a Pedro Henriques, e Gonçalo Alvares ambos Portuguezes, e alumnos da Univerſidade de Pariz. Logo que ſe reſtituhio ao Reyno, foy nomeado pelo meſmo Monarcha, hum dos primeiros Lentes de Theologia da nova Univerſidade de Coimbra, em quanto teve o ſeu aſſento no Moſteiro de Santa Cruz, que foy deſde o anno de 1537. até 1544. em que ſe mudou para os Paços delRey, e neſte tempo deixou a Cadeira preferindo a obſervancia da Clauſura ao applauſo do magiſterio. Nos ultimos annos ſe dedicou com mayor diſvelo à contemplaçaõ dos bens eternos, de que foy tomar poſſe a 9. de Abril de 1563. Fazem delle memoria D. Nicol. de Sant. Mar. *Chron. dos Coneg. Regrant.* Liv. 7. cap. 15. num. 17. e Liv. 10. cap. 5. num. 2. e Franc. Leyt. Fer. *Notic. Chronolog. da Univ. de Coimb.* p. 472. §. 1012. e pag. 556. §. 1186. e 1187. Compoz.

Tractatus de Incarnatione in Tert. Part. D. Thom. compoſto no anno de 1538. o qual affirma Joaõ Franco Barreto na *Bib. Portug.* M. S. ſe imprimira Conimbricæ. 1544.

Fr. DAMIAM DIAS filho da eſclarecida Religiaõ Dominicana, cujo Habito profeſſou no Convento de Valença em o Reyno de Caſtella. Foy Meſtre de Theologia, e grande devoto do inſigne Thaumaturgo da ſua Ordem Saõ Vicente Ferrer, cuja vida eſcreveo, e imprimio no principio dos Sermoens do meſmo Santo, que illuſtrou com doutiſſimas notas as quaes ſahiraõ com os Titulos ſeguintes:

Sermones Sancti Vincentii Ferrerii æſtivales denuò ſumma curà per Damianum Dias Luſitanum Theologiæ profeſſorem recogniti. Locupletæ adnotationes in margine acceſſerunt. Antuerpiæ per Viduam & hæredes Joannis. Stelii. 1572. 8. & ibi 1570. per Philippum Nutium. 8. & Venetiis apud Bartholomæum Rubinum. 1573. 4.

Sermones Hyemales S. Vincentii Ferrerii, &c. Venetiis per Bartholomæum Rubinum. 1573. 8.

Sermones de Sanctis. ibi per eumdem Typog. 1573. 8. Fazem mençaõ deſte Author Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litterat.* lit. D. n. 3. Echard *Script. Ordin. Præd.* Tom. 2. pag. 209. col. 2. Poſſevino *Apparat. Sacer* pag. 410. Altamura Cent. 4. p. 347. Faria *Europ. Portug.* Tom. 3. Part. 4. cap. 6. Draudius in *Bib. Claſſic.* Fr. Pedro Monteir. *Clauſtr. Domin.* Tom. 3. pag. 179.

Fr. DAMIAM DA FONSECA. Naceo em Lisboa a 27. de Abril de 1573. Foraõ ſeus Pays Duarte da Coſta, que pela madureza do juizo mereceo as eſtimaçoens delRey D. Sebaſtiaõ, e D. Anna da Fonſeca, filha eſpiritual do inſigne Varaõ Fr. Luiz de Granada, a quem offereceo eſte filho recemnacido, para que com a ſua bençaõ creſceſſe em virtudes heroicas. Deſde a infancia moſtrou a natural propenſaõ que tinha para as letras, pois chorando em huma occaſiaõ com grande exceſſo, e procurando ſua Mãy com varias caricias ſuſpenderlhe as lagrimas, o conſeguio dando-lhe huma Cartilha, em cujo frontiſpicio eſtava impreſſa a Cruz que reverentemente beijou, e começando a maſtigar o Livro, certamente o engoliria, ſenaõ foſſe impedido para o naõ executar. Aprendeo com os Padres Jeſuitas os primeiros rudimentos, e ſahio nelles taõ conſumado, que ninguem lhe diſputava a primazia. Em quanto naõ tinha chegado à idade capaz de ſer Religioſo, foy amanuenſe do Ven. Fr. Luiz de Granada, que por exhortaçaõ ſua partio para Valença em o anno de 1588. e no

Convento da Ordem dos Prégadores, onde ainda ſe conſervava muito viva a memoria de Saõ Luiz Beltraõ recebeo o Habito Dominicano, com faculdade do Meſtre Geral Fr. Xiſto Fabro, que neſte tempo aſſiſtia em Lisboa, por andar viſitando as Provincias de Eſpanha. Teve por Meſtre em o Noviciado a Fr. Pedro Gamboa Varaõ de inculpavel vida como companheiro que fora em ſemelhante paleſtra de Saõ Luiz Beltraõ, e nelle aſſiſtio nove annos. Depois de aprender Filoſofia, e Theologia neſte Convento, em que ſahio profundamente inſtruido dictou Artes com tanto applauſo dos domeſticos, e eſtranhos, que ſe compravaõ por grande preço as ſuas poſtillas para ſe dictarem em varias partes de Eſpanha. Sendo nomeado para defender Concluſoens no Capitulo Geral celebrado em Napoles, em o anno de 1600. antes de chegar a eſta Cidade, padeceo varias tormentas, que o obrigaraõ a ſaltar na Ilha de Mayorca, até que entrando em Napoles foy logo buſcar a D. Franciſco de Caſtro, ſobrinho do Duque de Lerma ſeu grande amigo, que neſte tempo governava eſte Reyno, e querendo que aſſiſtiſſe no ſeu Palacio, ſe deſculpou com religioſa modeſtia de taõ honorifica hoſpedagem, e para naõ ſer julgado por ingrato a eſte favor, habitando no Convento do Eſpirito Santo junto do Palacio do Vice-Rey, continuamente o viſitava, de que ſe ſeguio naõ ſómente ellegelo por ſeu Confeſſor, mas paſſar com elle a Roma, onde foy cauſa de que contrahiſſe intima amizade com o Cardial Burgheſi. Reſtituido a Valença, recebeo o gráo de Doutor em Theologia, e para que a leſſe ſe criou huma nova Cadeira deſta faculdade, o que executou com univerſal admiraçaõ. Por inſtancias de D. Franciſco de Caſtro Embaixador de Caſtella em a Curia, paſſou ſegunda vez a Roma, e ſendo levado à preſença de Clemente VIII. de quem recebera quando era Cardial particulares eſtimaçoens, as experimentou mayores vendo-o companheiro do Meſtre do Sacro Palacio Fr. Luiz Yſtella Aragonez, que moſtrando-lhe o Palacio que tinha em Belvedere, ornado de amenos jardins, e caudeloſas fontes, lembrado das moleſtias padecidas na jornada diſſe ao Pontifice: *Dulcia non meruit, qui non guſtavit amara.* Attendendo a Provincia de Aragaõ ao ſeu merecimento, ſuplicou ao Geral Fr. Agoſtinho Galamino, que o creaſſe Meſtre da Ordem, cujo gráo recebeo das mãos do Meſtre do Sacro Palacio, do qual era muitas vezes ſubſtituto examinando os Livros que haviaõ ſer impreſſos, nomeando os Prégadores da Capella Pontificia, e approvando aquelles que haviaõ receber as inſignias Doutoraes em Theologia, aos quaes como Cancellario lhes conferia os gráos. Na celebraçaõ do Capitulo do anno de 1612. em que ſahio eleito Geral da Ordem Fr. Serafino Sicco preſidio a humas Concluſoens, que lhe alcançaraõ grande credito ao ſeu talento, principalmente na repoſta com que rebateo o argumento propoſto por Franciſco Diotevello, depois Nuncio Apoſtolico em Polonia, contra a efficacia effectiva da Graça, o qual como diſcipulo da Eſcola Jeſuitica defendia acerrimamente a parte contraria. Por huma geral epidemia que inficionou a toda a Curia, contrahio tal infirmidade que o reduzio ao ultimo perigo, do qual certificado pelo Medico eſtar já livre exclamou: *Hei mihi quia incolatus meus prolongatus eſt.* Em ſatisfaçaõ do lugar de Meſtre do Sacro Palacio, que lhe prometera o Pontifice, e por certas razoens politicas o naõ cumprira, lhe aſſinou huma pençaõ de cem ducados de ouro em huma Conezia de Coimbra, além de expedir hum Breve para que podeſſe cobrar cada anno ſeiſcentos ducados de Camera dados por ElRey de Caſtella. Por ordem do Geral ſahio de Roma a 25. de Settembro de 1616. com o titulo de Comiſſario, e Viſitador geral para pacificar as diſcordias, e reduzir ao eſtado primitivo da Religiaõ as Provincias de Polonia, e Ruſſia, e vencidas varias controverſias, introduzio com igual prudencia, que ſuavidade a refórma. Diſcorrendo pela Lithuania, e Pruſſia, reſtituhio à ſua antigua obſervancia os Moſteiros de Vilna, e Lublin, donde voltando a Ruſſia, viſitou o Convento Leopolienſe, e o Collegio de Santa Maria Magdalena, cuja empreza foy taõ agradavel à Santidade de Paulo V. que eſcreveo a ElRey de Polonia, gratificando-lhe a benevolencia que uzara com

o Comiſſario della. Entrando ſegunda vez em Lithuania, edificou o Moſteiro Miſchenſe com a invocaçaõ do Doutor Angelico, e reformou o Moſteiro de Varſavia. Concluida toda eſta incumbencia no eſpaço de tres annos, querendo reſtituirſe a Roma entrou em Lensberg primeira Cidade de Saxonia, onde foy benevolamente recebido pelo ſeu Duque, com o qual eſtando à meza ſe altercou huma queſtaõ, ſobre a Real preſença de Chriſto no Sacramento do Altar, entre hum Calviniſta, e hum Lutherano, e a ambos convenceo com a efficacia dos ſeus argumentos. Depois de diſcorrer por Trento, Padua, Ferrara, Bolonha, Piſauro, e a Santa Caza de Loreto, onde rendeo as graças à Virgem Santiſſima de o ter livrado de tantos perigos em jornada taõ dilatada, entrou na Curia, e nella o recebeo o Geral com inexplicavel jubilo, e para lhe louvar a prudencia com que tinha em Polonia triunfado de tantas contradiçoens, lhe applicou com propriedade as palavras do *Eccleſiaſt.* c. 45. *verbis ſuis monſtra placavit.* Sendo Creado Cardial Roberto Ubaldino Nuncio de França, cuja purpura lhe tinha vaticinado o elegeo por ſeu Theologo. Prégou o Advento na Cathedral de Bolonha, com a aſſiſtencia das principaes peſſoas daquella Cidade, e querendo o Duque de Paſtrana, quando hia para Vice-Rey de Sicilia, que foſſe ſeu Confeſſor prometendo alcançar-lhe hum Biſpado delRey Catholico ſe eſcuſou por eſtar exercitando o miniſterio de Theologo do Cardial Ubaldino. No anno de 1627. foy mandado à Provincia de Lombardia, onde ſuſpendeo ao Provincial por deſobediente às ordens do Geral. Para defender a juſtiça com que ElRey de Eſpanha expulſara aos Mouros dos ſeus Reynos, contra a maledicencia que ſiniſtramente interpretava eſta reſoluçaõ como feita mais a impulſos da conveniencia, que do zelo da Religiaõ, eſcreveo no breve eſpaço de hum mez com igual elegancia, que ſciencia.

Juſta expulſion de los moriſcos de Eſpaña con la inſtrucion, apoſtaſia, y traicion dellos: y repueſta a las dudas, que ſe ofrecieron acerca deſta materia. Roma por Jacomo Maſcardo 1612. 8. Dedicou eſta Obra a D. Franciſco de Caſtro Embaxador em Roma de Filippe III. ſeu grande Patrono; a qual ſahio com ſeu conſentimento traduzida na Lingua Italiana, por Coſme Gaci, antes que ſahiſſe em Caſtelhano, com eſte Titulo:

Del giuſto ſcacciamento de Moreſchi da ſpagna libri ſei dal Padre Damiano Fonſeca dell' Ordine de Predicatori tradoto del ſpagnolo en Italico da Coſimo Gaci. Roma por Bartholomeo Zannetti. 1611. 4.

Oratio habita in Comitiis Generalibus Ordinis Prædicatorum Romæ celebratis anno 1601. Romæ 1601. 4.

Fazem memoria delle Joaõ Bautiſta Reggiano, que lhe eſcreveo a vida na lingua Latina, de quem extrahimos todas as noticias da ſua peſſoa. Fernandes *Notitia Ordin. Præd.* chamando-lhe *eruditione conſpicuum.* Fr. Jayme Bleda *Coron. de los Mor. de Eſpan.* Liv. 8. cap. 20. pag. 946. *Varon muy doctlo y por ſus muchas partes eſtimable.* Echard Script. Ordin. Præd. Tom. 2. pag. 424. col. 2. *Tantum ingenio, moribuſque claruit ut ad præcipuos in Ordine gradus, & honores promoveri facile promeruerit.* Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. D. num. 4. Nicol. Ant. *Bib. Hiſpan.* Tom. 1. pag. 201. Faria *Europ. Portug.* Part. 4. cap. 6. e no *Epit. das Hiſt. Portug.* Part. 4. cap. 18. Leo Allat. in *Apib. Urban.* p. 104. Fr. Pedro Monteir. *Clauſtr. Domin.* Tom. 3. pag. 179.

DAMIAM DE GOES. Naceo na Villa de Alanquer, diſtante ſette legoas para o Norte da Cidade de Lisboa em o anno de 1501. e foy bautizado na Igreja Matriz de Noſſa Senhora da Varzea. Teve por Pays a Ruy Dias de Goes, e Izabel Limi ſua quarta mulher, ambos igualmente nobres, elle deſcendente de Aniaõ de Eſtrada Fidalgo Aſturiano, e ella de Nicolao de Limi, a quem pela ſua grande capacidade commetteo a Sereniſſima Infanta D. Izabel filha do noſſo Monarcha D. Joaõ o I. e Eſpoſa de Filippe o Bom Duque de Borgonha, graves negocios que veyo tratar neſte Reyno. Deſde a tenra idade de nove annos aſſiſtio no Palacio delRey D. Manoel de quem foy Camareiro, e Guardaroupa, e neſta politica paleſtra, moſtrou que tinha taõ boa indole para as

virtudes, como profundo talento para as ſciencias. Aſpirando o ſeu eſpirito a examinar com os olhos o que aprendera pelos Livros, ſahio a diſcorrer pelas mais famoſas Cortes do mundo, ſervindo-lhe os coſtumes de Naçoens taõ varias de mudos directores para regular as ſuas açoens. Certificado ElRey D. Joaõ o III. da ſumma capacidade de que era ornado, o nomeou ſeu Miniſtro para tratar diverſas negociaçoens com os Reys Sigiſmundo de Polonia, Federico de Dinamarca, e Guſtavo de Suecia, as quaes concluio com igual gloria do ſeu Soberano, como immortal credito do ſeu nome. A ſuavidade do genio, perſpicacia de juizo, e eloquencia da fraſe, principalmente em a lingua Latina de que foy obſervantiſſimo cultor o inſinuaraõ na familiaridade dos mayores Principes, como foraõ Paulo III. Carlos V. Fernando Rey dos Romanos, Henrique VIII. de Inglaterra, e Franciſco I. de França, naõ ſendo menor a amizade, que contrahio com os mais celebres profeſſores das Sciencias, que venerava aquella idade, como eraõ Pedro Bembo, que depois foy Cardial, Lazaro Bonamico de quem ouvio Filoſofia em Padua quatro annos, os Cardiaes Jacobo Sadoleto, e Chriſtovaõ Madrucio, Biſpo hum de Carpenctorato, e outro de Trento, Joaõ Magno Arcebiſpo de Upſalia, e ſeu irmaõ Olao Magno, Eraſmo Rhoteredamo com quem aſſiſtio cinco mezes em Fribourg, Conrado Goclenio, Henrique Glariano, e Pedro Nanio, dos quaes recebia repetidas cartas em que teſtemunhavaõ a eſtimaçaõ com que veneravaõ a ſua peſſoa, dedicando-lhe alguns delles as ſuas Obras, para que protegidas com a ſua ſombra, pudeſſem ſer benevolamente aceitas em todo o mundo Litterario. Depois de ter feito hum largo circulo por toda a Europa onde vio como curioſo, e obſervou como Sabio os Reynos, e Cidades mais celebres deſta illuſtre parte do mundo, em cuja peregrinaçaõ conſumio quatorze annos, diſcorrendo em Flandes pelos Ducados de Brabante, e Lucemburg, em Alemanha Alta, e Baixa, pelas Cidades de Baſilea, Argentina, Vormes, Eſpira, e Colonia: em França pelas Provincias de Picardia, Normandia, Bourbon, e Delfinado, e em Italia pelo Ducado de Milaõ, e Lombardia, as Cidades de Ferrara, Padua, Veneza, e Roma, ſe reſtituhio a Flandes onde elegeo por domicilio a Cidade de Lovanha Capital do Ducado de Brabante, para com mayor tranquillidade cultivar os ſeus eſtudos, e enriquecer a poſteridade com as ſuas Obras, a que o eſtimulava continuamente o inſigne André de Reſende. Porém ſendo eſta Cidade cercada em o anno de 1542. por vinte e cinco mil Francezes, de que eraõ Generaes Martinho de Roſſen, Marichal de Gueldres, e Nicoláo de Beufut, Senhor de Longeval, tal foy a conſternaçaõ de ſeus habitadores, que grande parte delles deſempararaõ as ſuas cazas; e conhecendo o Senado os eſpiritos que animavaõ a Damiaõ de Goes, o elegeraõ Capitaõ, e por ſeus adjuntos a Conrado Conde de Vernemburgo, Filippe de Dorlay, Bailio de Brabante, e Jorge de Rolyn, Senhor de Emery, que julgando a empreza por dificultoſa, naõ quizeraõ ter parte nella. Com hum eſquadraõ de eſtudantes, que capitaneava Damiaõ de Goes, ſe determinou oppor aos intentos do inimigo, a tempo que tinha mandado pedir pelo reſgate do ſaco da Cidade duzentos e vinte mil Coroas de ouro, toda a artelharia, e polvora que nella houveſſe, cujos pactos ſem elle o ſaber tinhaõ quaſi aceito os cercados. Perturbado com eſta noticia ſahio ao campo com Adriaõ Blehemo, Governador da Cidade a conferir com o General Francez (que tinha aſſinado o breve eſpaço de huma hora para ultima reſoluçaõ dos ſitiados) o modo menos violento com que ſe devia concluir aquelle negocio, e voltando para eſte fim à Cidade o Governador della, ficou Damiaõ de Goes com Longeval, quando ſem ninguem o eſperar ſoou hum grande eſtrondo de artilharia diſparado dos ſeus muros, de que ſe ſeguio tal conſternaçaõ nos Francezes que muitos fugiraõ arrebatadamente do campo, e interpretando Longeval ſer infraçaõ das tregoas em que eſtava, voltou a ſua colera contra Damiaõ de Goes, mandando-o prezo para Vermandois, Capital da Cidade de Saõ Quintino da Provincia de Picardia, onde depois de padecer terriveis moleſtias, ſe reſgatou de taõ dura prizaõ

por dous mil ducados de ouro. Em o anno de 1538. precedendo faculdade delRey D. Joaõ o III. ſe deſpozou na Haya com Joanna de Hargen, filha de Andre de Hargen, natural de Utrech, Senhor de Aſtorch, do Conſelho do Emperador Carlos V. em os Eſtados de Olanda, deſcendente dos Condes de Aremberg, Herne, e Monfort, cujo illuſtre conſorcio celebrou com hum elegante Epithalamio ſeu grande amigo Alardo Amſtelredamo, o qual principia:

Non melius teneris jungunter vitibus Ulmi
Nec plùs Lotos aquas littora Myrtus amat:

Quém Goſio *lepida eſt ſociata* Joanna *marito*
Quam generoſa ſuum deperit Harga virum.

Ao primogenito, que naceo deſte matrimonio, lhe impoz o nome de Manoel em obſequio do Monarcha que governava eſte Reyno o qual depois foy Monge de Ciſter com o nome de Fr. Filippe de Sion. Eſte Genethliaco applaudio Pedro Nanio com huma elegante Poeſia que começa.

Tandem læta dies Erythræo digna Lapillo
Advenit, & patrem te, Damiane facit.

Antes de ſe reſtituir a Portugal teve mais dous filhos chamado hum Ambroſio, e outro Antonio, que profeſſou o Inſtituto Ciſtercienſe no Convento de Alcobaça. Aſſiſtindo jà neſte Reyno com ſua mulher teve della a Ruy Dias de Goes, que morreo no cerco de Chàul, André de Goes, Fructuoſo de Goes que acabou infelizmente na batalha de Alcaçar, Antonio de Goes, D. Catherina, e D. Izabel de Goes. Atendendo ElRey D. Joaõ o III. aos Serviços que tinha feito em obſequio deſta Coroa, o nomeou Guarda mór da Torre do Tombo, e Chroniſta mór do Reyno dezempenhando a primeira incumbencia com reduzir a boa ordem os papeis, e documentos, que eſtavaõ confuſos no Archivo Real, e a ſegunda, eſcrevendo a Chronica delRey D. Manoel em o anno de 1558. dedicada ao Cardial D. Henrique, cuja obra tinha ſido laborioſa empreza dos Chroniſtas Ruy de Pina, Fernaõ de Pina, e D. Antonio Pinheiro Biſpo de Miranda. Soube com perfeiçaõ as linguas mais polidas da Europa, e teve baſtante intelligencia da Arabica, e Abyſſina. Foy hum dos mais inſignes Muſicos da ſua idade compondo os verſos que acomodava à Solfa, de que era eminente profeſſor, cantando-os com grande ſuavidade ao ſom de diverſos inſtrumentos, que deſtramente tocava. Muitas deſtas obras que ſe cantavaõ com ſummo applauſo nos Templos, ſe conſervaõ na Bibliotheca Real da Muſica em a Eſtante 21. n. 592. como conſta do ſeu Cathalogo impreſſo em Lisboa. Por ſer Muſico, e juntamente Poeta, lhe fez em ſeu louvor eſte epigramma o inſigne Rezende.

Elige utro mavis horum te nomine dici
An Phœbi, an Orphei dulcis uterque modis.
Aut (ſi non ſpernis genus) à quo Muſica primùm
Inventa eſt nobis, ſis Damiane Tubal.

Na hiſtoria Sagrada, e profana foy verſadiſſimo, principalmente em a Genealogia, eſcrevendo de algumas Familias do noſſo Reyno em cuja obra ſeguindo mais os impulſos da vingança, que o decoro da verdade, diminuhio grande parte da ſua fama quando ſe fez maledico cenſor da alhea. Foy ſempre inimigo do intereſſe, como moſtrou recuſando o Officio de Eſcrivaõ da Caza da India offerecido em o anno de 1533. por ElRey D. Joaõ o III. Amou com ſumma fidelidade a ſua Patria ſocorrendoa com abundancia de Trigo na occaſiaõ, que eſte Reyno padecia delle grande falta, o qual mandou de Flandes a ſeu Irmaõ Fructos de Goes com ordem que ſe vendeſſe pelo preço que cuſtàra a ſua conduçaõ. Tendo chegado a idade provecta falleceo na ſua patria deixando duvidoſa a poſteridade aſſim da cauſa da ſua morte, como do dia, e anno em que ſucedeo, porque ainda que o P. Fr. Manoel de S. Damaſo na *Verd. Eluc.* p. 197. §. 367. aſſina a ſua morte em o anno de 1560. fundado no epitafio da ſua ſepultura, cuja opiniaõ ſeguio o P. D. Antonio Caetano de Souſ. no *Apparat. à Hiſt. Gen. da Caz. Real Portug.* pag. 31. §. 11. acrecentando que fora em 4. de Outubro, certamente ſe enganaraõ, pois conſta da 4. Part. da Chronica delRey D. Manoel impreſſa a 25. de Julho de 1567. e rubricada pela ſua propria maõ, que ainda vivia neſte anno. Corroboraſe mais eſta verdade com o Privilegio impreſſo ao principio da dita Chro-

nica concedido por ElRey D. Sebaſtiaõ a 29. de Março de 1566. ao meſmo Damiaõ de Goes, em que lhe ordena, que todos os exemplares impreſſos deſta obra ſeraõ aſſinados por elle, donde ſe infere evidentemente que até o anno de 1567. ainda eſtava vivo, e aſſim lhe anteciparaõ a morte ſete annos aquelles dous Eſcritores aſſinando-lha em o anno de 1560. Jaz ſepultado no pavimento da Capella mór da Parochial Igreja de N. Senhora da Varſea da Villa de Alanquer, e na parede da parte da Epiſtola ſe lé gravado eſte elegante epitafio compoſto pela ſua penna.

D. O. M.

Damianus Goes Eques Luſitanus olim fui, Europam univerſam rebus agendis peragravi, Martis varios caſus, laboreſque ſubivi, Muſæ, Principes, Doctique viri meritó me amarunt, modo Alanokercæ ubi natus ſum, hoc ſepulchro condor, donec puluerem hunc excitet dies illa.

Obiit an. Salutis M. D. LX.

H. M. H. N. S.

Na parte do Evangelho eſtaõ abertas em pedra as Armas da Familia dos Goes, e de ſua illuſtre Conſorte. Para naõ caducar com o tempo a memoria de ſeus Pays, e Avós, mandou com igual piedade, que magnificencia treſladar os ſeus oſſos donde jaziaõ para hum mauſoleo edificado na primeira Capella do Cruzeiro do Convento de S. Franciſco da Villa de Alanquer, que eſtà da parte do Evangelho animando eſtas cinzas com eſta eloquente inſcripçaõ.

D. O. M.

Ob ſummam in ſuos pietatem Gomeſio Proavo, Lupo Avo, Roderico Patri, Eliſabethæ matri Damianus Goes Eques Luſitanus poſuit anno Domini 1555.

Os elogios com que os mais celebres profeſſores das ſciencias celebraraõ o nome de Damiaõ de Goes aſſim em proſa, como em verſo, ſe naõ podem facilmente transcrever, dos quaes relataremos alguma parte, para que ſe conheça a grande eſtimaçaõ que eſte inſigne homem alcançou no conceito dos mayores Sabios. O Cardial Jacobo Sadoleto em huma Carta que lhe eſcreveo de Roma 15. Kalend. Julii 1537. *Nam de ingenio, deque nobilitate tua, nec non de ſtudiis artium optimarum, de rerum uſu, de prudentia, de humanitate ſic copioſe locutus eſt Petrus Bohemus, ut non ſolùm fidem mihi fecerit ejus prædicatio plena auctoritatis, ſed me in amorem quoque tui compulerit.* O Cardial Pedro Bembo em huma Carta eſcrita de Roma 3. Idus Januarii 1541- *Perge igitur, & quanto ingenio, ac uſu vales ad gentis tuæ facta ſcriptis illuſtranda aggredere, nec enim e ſtmajor, atque uberior ocii fructus tibi conſtare poſſit cum hiſtoria nihil fere ſit ad nominis memoriam ſtabilius, aut ad poſterorum cognitionem aptius, aut ad omnium delectationem jucundius.* O Cardial Chriſtovaõ Madruccio Biſpo de Trento em huma Carta que lhe eſcreve deſta Cidade a 21. de Mayo de 1541. *Viciſſim te amare incepi, & magis, magiſque diligo, non propter ſtemma tuum antiquum quod longa ſerie proavorum laudabiliter ducis. Sed aliud quiddam in te animadverti, tibi magis proprium quod me in tui amorem pellexit. Imo vi quadam occulta traxit ut te amarem exquiſita ſcilicet, & abſtruſa eruditio, genuina integritas, pectuſque illud tuum omni virtutum genere refertiſſimum.* Joan. Vaſæus in *Epiſt. data Eboræ* 15. *Calend. Novemb. ann.* 1541. *Ut enim ſilentio præteream tuam humanitatem, probitatem, eruditionem eximiam, editiſque jam libris celebrem, cæteroſque animi tui dotes in tam claro, nobilique faſtigio conſtitutas, quæ adamantinum plane, ac ferreum poſſint hominem ad amorem tuum pertrahere.* Cornelio Grapheo Secretario da Cidade de Anveres o pintou deſta ſorte.

Cujus imago iſt hæc placido ſub pallida vultu
Ridet purpureo ſuavis in ore rubor
Frons læta, exporrecta, alacris dulcedine quadam
Præ ſe fert puri pectoris indicium.
Blandi oculi, bene nigri oculi, coma nigra, capillis
Subcriſpis nigro barba colore decens
Nil eſt candidius: nil eſt humanius illo,
Nil civile magis, nil magis eſt lepidum.
Omnibus eſt charus nulli non gratus, ubique
Omnibus expoſitus nil niſi delitiæ.

Joachim Polites.

Inclyta, quæ magnum volitant tua ſcripta per orbem
Dum legimus claris nobilitata viris.
Prælia longinquis Gangetica geſta ſub oris
Indus ubi rapidas in mare volvit aquas.
Dum Luſitanas acies, inimicaque caſtra
Turcarum ferro depopulata refers.

Divinum Damine heros miramur acumen
Mentis, & ingenii maxima ſigna tui.

Ao ſeu Retrato aberto por Filippe Galle entre outros Varoens inſignes em Letras lhe fez a ſeguinte inſcripçaõ Arias Montano.

Gentis Thucidides enarrat geſta Pelaſgæ
Romanâ claret Livius Hiſtoria:
Hic alia, ut taceâ, ſera data ſcripta ſenectâ
Æthiopum accepit nomen ab hiſtoria.

Bivar in *Comment. Dextri ann. Chriſt.* 66. n. 6. lhe chama *Eques, & hiſtoricus nobilis.* Andrad. *Chronic. delRey D. Joaõ o III.* Part. 4. cap. 115. *Doutiſſimo Varaõ.* Faria na Advert. à *Aſia Portug.* Tom. 1. *Perſona de notoria nobleza, ſciencia, elegancia, credito.* Brandaõ *Mon. Luſit.* Part. 3. Liv. 10. cap. 19. *Author grave* Maced. *Flor. de Eſpan.* Excel. 9. cap. 8. *Deligente Chroniſta* Fr. Franc. à S. Aug. *Dom. Sadic.* pag. 50. *vir in omni diſciplinarum genere verſatiſſimus.* Brito *Mon. Luſit.* Part. 1. Lib. 2. c. 24. tit. 22. *Famoſo Chroniſta.* Franckenau *Bib. Hiſp. Geneal. Herald.* p. 81. *Vir aulicis negotiis, multisq̃ peregrinationibus inclitus,* Nicol. Ant. *Bib. Hiſpan.* Tom. 1. pag. 201. col. 2. *in cognitionem hominum doctiſſimorum adeóque in univerſam poſteritatis memoriam pervenit.* Joan. Dried. de *Eccleſ. Scriptur.* em a Dedicatoria a ElRey D. Joaõ o III. *generoſum virum, ac litterarum cultorem, fautoremque candidiſſimum.* Scoto *Bib. Hiſp.* pag. 491. *fama clarus, litteriſque dives, & prudentia inſtructus.* Anton. Galvaõ *Trat. dos Deſcub.* pag. mihi 74. *Correo a mor parte da Europa couſa digna de louvor, e memoria pois deu luz à ſua patria de muitas couſas occultas a ella.* Paulo Freher. *Theatr. viror. erudit. Clar.* pag. 1451. *Muſicæ à pueritia deditus uſque eo Luſitanicæ gentis ritu excelluit, ut ea componere quæ in Templis alii modularentur.* Ant. de Leon *Bib. Orient.* Tit. 3. e novamente acrecentada Tom. 1. col. 61. 388. 390. e no appendix fol. 542. Fr. Man. de Saõ Damaſ. *Verdad. Elucid.* pag. 180. §. 337. *illuſtre Hiſtoriador.* Niceron. *Mem. des Hom. Illuſtr.* Tom. 26. pag. 101. Valer. Taxand. in *Cathal. Claror. Hiſp. Scriptor.* Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. D. num. 5. Capaſſi. Hiſt. Philoſof. p. 453. Kenigio *Bib. Vet. & Nov.* pag. 351. col. 2. Haræus *Annal. Brabant.* Tom. 1. p. 625. Joan. Pint. Ribeir. *Pref. das Letr. às Armas.* Papadop. *Hiſt. Gymnac. Patavin.* lib. 2. cap. 17. Leytaõ *Memor. Chronol. da Univ. de Coimb.* p. 425. D. Ant. Caet. de Souſ. Apparat. à *Hiſt. Geneal. da Caz. Real Portug.* pag. 31. §. 11. Compoz.

Fides, religio, moreſque Æthiopum ſub imperio Pretioſi Joannis (quem vulgo Præſbiterum Joannem vocant) degentium, una cum ennarratione confœderationis, ac amicitiæ inter ipſos Æthiopum Imperatores, & Reges Luſitaniæ initæ. Acceſſerunt aliquot Epiſtolæ ipſi operi inſertæ ac lectu digniſſimæ Helenæ Aviæ Davidis Pretioſi Joannis, ac ipſius etiam Davidis ad Pontificem Romanum, & Emmanuelem, ac Joannem Luſitaniæ Reges. Dedicou eſta Obra ao Pontifice Paulo III. Antuerp. apud Martinum Nuntium. 1611. 12. Pariſiis apud Chriſtianum Wechelum. 1541. 8. Lovanii apud Rutgerum Reſſium. 1544. 4. Coloniæ apud Gervinum Calenium 1574. 8. juntamente com a Obra de *Rebus Occeanicis* Petri Martyris ab Angleria p. 449. até 521. Colon. Agrippinæ ex Officin. Birckmanica 1602. 8. deſde p. 155. até 246. e no Tom. 2. *Hiſpan. Illuſtrat.* à p. 1290. até 1312. Francof. apud Claudium Marnium 1603. fol.

Legatio magni Imperatoris Presbiteri Joannis ad Emmanuelem Luſitaniæ Regem anno Domini M. D. XIII. Item de Indorum fide, cæremoniis, religione, &c. de illorum Patriarcha, ejuſque officio, de regno, ſtatu, potentia, maieſtate, & ordine Curiæ Presbiteri Joannis per Mathæum illius Legatum coram Emmanuele Rege expoſita. Lovanii apud Joan. Grapheum. 1532. 8. & Drodaci apud Joan. Leonardi Berevvout. 1618. 8. Dedicado a Joaõ Magno Godo, Arcebiſpo de Upſalia em o Reyno de Suecia.

Deploratio Lappianæ gentis. Genevæ apud Joannem Tornæſium. 1520. 12. Pariſiis apud Chriſtianum Wechelum. 1541. 8. Coloniæ apud Gervinum Calenium. 1574. 8. com o Livro de *Rebus Occeanicis,* deſde pag. 522. até 527. Lovanii apud Rutgerum Reſcium 1544. 4. Coloniæ Agrippinæ ex Officina Birckmanica. 1602. 8. a pag. 247. até 254. e no Tom. 2. *Hiſp. Illuſtrat.* Francof. apud Claudium Marnium 1603. fol. a p. 1313. até 1315.

Commentarii rerum geſtarum in India citra Gangem à Luſitanis anno 1538. Lovanii apud Rutgerum Reſcium. 1539. 4. Dedicado ao Cardial Pedro Bembo. Sahio eſta Obra ſegunda vez com alguma diverſidade com eſte Titulo.

Dienſis nobiliſſimæ Carmaniæ, ſeu Cambaiæ urbis oppugnatio. Lovanii apud Rutgerum Reſcium. 1544. 4. Colon. apud Gervinum Calenium. 1574. 8. com a Obra de *Rebus Occeanicis Petri Martyris,* a pag. 528. até 559. Coloniæ Agrippinæ ex Officina Birckmanica. 1602. 8. à pag. 270. até 310. e no Tomo 2. *Hiſp. Illuſtrat.* Francof. apud Claudium Marnium. 1603. fol. a pag. 1319. até 1327.

De bello Cambaico ultimo Commentarii tres. Dedicado ao Infante D. Luiz. Lovanii apud Servatium Saſſenium. 1549. 4. Coloniæ apud Gervinum Calenium. 1574. 8. a pag. 563. até 614. Colon. Agrippinæ ex Officina Birckmanica 1602. 8. a pag. 311. até 376. e no Tom. 2. *Hiſp. Illuſtrat.* a pag. 1329. até 1345. Nicolao Antonio na *Bib. Hiſpan.* Tom. 1. p. 202. confundio eſta Obra com a precedente eſcrevendo que era a meſma com differente Titulo, porém miſeravelmente ſe enganou pois a hiſtoria do primeiro ſitio intitulada *Commentarii rerum geſtarum in India,* &c. he a relaçaõ do ſitio de Dio, em o anno de 1538. quando governava aquella Praça D. Antonio da Sylveira; e a Obra com o Titulo de *Bello Cambaico,* he a narraçaõ do ſegundo ſitio daquella Praça, em o anno de 1546. ſendo ſeu Governador D. Joaõ Maſcarenhas mediando entre hum, e outro o eſpaço de outo annos.

Urbis Ulyſſiponis deſcriptio in qua obiter tractantur nonnulla de Indica navigatione per Græcos, & Pœnos, & Luſitanos diverſis temporibus inculcata. Dedicada ao Cardial Infante D. Henrique. Eboræ apud Andræam Burgenſem Typographum Illuſtriſſimi Principis Henrici Infantis Portugalliæ S. R. E. Cardinalis, ac Apoſtolicæ Sedis Legati a Latere menſe Octobri. 1554. 4. Colon. Agrippinæ ex Officina Birckmanica. 1602. 8. à p. 55. até 94. e no Tom. 2. *Hiſp. Illuſtrat.* a p. 879. até 889.

De rebus, & imperio Luſitanorum ad Paulum Jovium Diſceptatiuncula. Lovanii apud Rutgerum Reſcium. 1554. 4. Colon. Agrippinæ ex Officin. Birckmanica. 1602. 8. a p. 303. até 310. e no Tom. 2. *Hiſp. Illuſtrat.* à p. 890. até 891.

Hiſpania. Conſta da ſua extenſaõ, e fertilidade contra as calumnias de Sebaſtiaõ Munſtero, que na ſua Coſmografia com ignorante petulancia eſcreve contra os coſtumes dos Eſpanhoes. Dedicou eſta Obra a ſeu grande amigo Pedro Nanio, inſigne Profeſſor de Humanidades em a Univerſidade de Lovanha, o qual reſpondeo a Damiaõ de Goes, com huma carta cheya de affectuoſas expreſſoens, a qual começa *Libellum tuum ampliſſime Damiane eo animo accepi ut ſi mihi ingens thezaurus oblatus fuiſſet, nec alacrior, nec hilarior eſſe potuiſſem.* Sahio eſta Obra Lovanii apud Rutgerum Reſcium. 1544. 4. Col. apud Gervinum Calenium. 1574. 8. a pag. 615. até 655. & Colon. Agrippinæ ex Officina Birckmanica. 1602. 8. à pag. 1. até 52. e no Tom. 1. *Hiſp. Illuſtrat.* Francof. apud Claudium Marnium. 1603. fol. à pag. 1160. até 1173. Joaõ Vaſeo *Chronic. Hiſpan.* cap. 4. louva muito eſta Obra, dizendo. *Commentarium illud non magnum quidem, ſed accurate ſcriptum, & rerum varietate jucundum.*

Urbis Lovanienſis obſidio. Ulyſſipone apud Lodovicum Rhoterigium Typographum 1546. 4. Dedicado a Carlos V.

Epiſtolæ aliquot ad Cardinales Petrum Bembum, Jacobum Sadoletum, Nicolaum Clenardum, Joannem Vaſæum, & illorum reſponſiones. Lovanii apud Rutgerum Reſcium. 1544. 4.

Epiſtola ad Hieronymum Cardoſum. He a ultima entre as deſte Author. Ulyſſipone apud Joannem Barrerium Typog. Reg. 1556. 8.

Chronica do feliciſſimo Rey D. Emmanuel, dividida em quatro partes. Lisboa por Franciſco Correa Impreſſor do Sereniſſimo Cardial Infante aos XVII. dias do mez de Julho de 1566. fol. *Segunda Parte.* Lisboa pelo dito Impreſſor a hos dez dias de Septembro de 1566. *Terceira Parte.* Lisboa pelo dito Impreſſor aos XXIV. dias do mez de Janeiro de 1576. *Quarta Parte.* Lisboa pelo meſmo Impreſſor a hos XXV. dias do mez de Julho de 1567. Todas eſtas 4. Partes, eſtaõ aſſinadas por Damiaõ de Goes em a primeira folha. Sahio eſta Chro-

nica ſegunda vez impreſſa. Lisboa por Antonio Alvares 1619. fol. e neſta ediçaõ ſe tiraraõ algumas couſas que tinhaõ cauſado graves diſgoſtos a ſeu Author.

Chronica do Principe Dom Joam Rey que foy deſtes Reynos ſegundo do nome, em que ſummariamente ſe tratam has couſas ſubſtanciaes, que nelles aconteceraõ do dia de ſeu naſcimento até ho em que elRey dom Afonſo ſeu Pai faleceo. Lisboa por Franciſco Correa Impreſſor do Sereniſſimo Cardeal Infante a hos XI. dias do mes de Abril de 1567. e Lisboa na Officina da Muſica 1724. 8.

Livro de Marco Tulio Ciceraõ chamado Cataõ mayor, ou da Velhice dedicado a Tito Pomponio Attico. Eſta traducçaõ de Latim em Portuguez, que tem varias notas marginaes do Traductor, da qual faz mençaõ em huma Carta eſcrita de Padua a 14. de Agoſto de 1537. a dedicou ao Conde do Vimioſo D. Franciſco de Portugal com quem tinha particular amizade. Sahio impreſſa Veneza por Stevaõ Sabio 1534. 8.

Avizos que deve guardar hum Cortezaõ. M. S.

Hiſtoria dos Xarifes allegada por Pedro de Mariz, como conſervada em ſeu poder.

Tratado da Theorica da Muſica. M. S.

Nobiliario de Portugal cuja Obra deixou imperfeita, ſendo neſte genero a mais eſtimavel depois da que eſcreveo o Conde D. Pedro. O original ſe conſervou *M. S.* por muitos annos na Torre do Tombo como conſta do Inventario feito pelo Doutor Manoel Jacome Bravo a 15. de Fevereiro de 1622. ſervindo por auzencia de Diogo de Caſtilho de Guarda Mór o Licenciado Gaſpar Alvares Louzada a folh. 12. diz o aſſento. *Livro das Linhages novas de Damiaõ de Goes, que ſegue ao Conde D. Pedro, que tem cento, e noventa, e cinco folhas com ſeu alfabeto encadernado como os de mais.* Eſte Original deſappareceo do qual ſe tinhaõ dado algumas copias por Proviſaõ Real ao Duque de Bragança, e a D. Manoel de Moura Marquez de Caſtello Rodrigo, e eſta que foy authenticada pelo Guarda Mór Diogo de Caſtilho em 4. de Outubro de 1616. a conſerva em ſeu poder o P. D. Antonio Caetano de Souſa como eſcreve no *Apparat. à Hiſt. Gen. da Caſ. Real Portug.* pag. 33. §. 11. Outra copia affirma Nicol. Ant. na *Bib. Hiſpan.* pag. 202. col. 1. ter viſto em Madrid na Bibliotheca de D. Jeronymo Maſcarenhas Biſpo de Segovia. Fazem memoria deſta obra D. Luiz Salazar y Caſtr. *Hiſt. da Caſ. dos Sylv.* Part. 2. liv. 6. cap. 3. §. 3. Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 72. no Comment. de 4. de Mayo letr. B. Brandaõ *Mon. Luſit.* Part. 5. liv. 16. cap. 17. e Faria *Europ. Portug.* Tom. 3. Part. 4. cap. 7. n. 2.

Fr. DAMIAM DE SOUSA natural da Villa de Borba na Provincia Tranſtagana, e filho de Joaõ Rodrigues Homem, e D. Maria de Mello. Sendo de poucos annos abraçou o Inſtituto de S. Paulo primeiro Ermitaõ, o qual profeſſou no Convento da Serra de Oſſa a 17. de Abril de 1644. O ſeu talento o fez digno de occupar varios lugares na Religiaõ, como foraõ Reytor dos Conventos de Serpa, Setubal, e Serra de Oſſa, duas vezes Definidor, e Procurador Geral neſta Corte, e em a de Roma. Falleceo na ſua Patria a 16. de Fevereiro de 1684. No tempo, que aſſiſtio na Curia, compoz, e procurou que ſe approvaſſe.

Officium proprium cum Octava D. Pauli primi Eremitæ. Romæ ex Typographia Reverendæ Cameræ Apoſtolicæ 1669. 4.

DAMIAM VAZ natural de Lisboa, e Presbytero profeſſo da Ordem Militar de S. Bento de Aviz. Aſſiſtio alguns annos na Curia Romana onde contrahio grande amizade com o Eminentiſſimo Cardial Burgheſi, que depois foy ſublimado à Cadeira de S. Pedro com o nome de Paulo V. Em o anno de 1605. voltou para a Patria em companhia do Illuſtriſſimo Colleitor Carachioli. Como era muito perito nos ritos Eccleſiaſticos eſcreveo.

Tratado das Ceremonias Eccleſiaſticas. M. S.

Fr. DANIEL DOS ANJOS natural da Villa nova da Rainha em a Comarca de Alanquer, e hum dos mais penitentes Religioſos da Serafica Provincia da Arrabida, onde exercitou os lugares de Sancriſtaõ, Meſtre dos Noviços, e Guardiaõ de dous Conventos em cujos miniſterios moſ-

trou igual zelo para o culto divino, como prudencia para o governo. Pela eſpecial graça que tinha para attrahir almas ao caminho da penitencia, aſſiſtia frequentemente em o Confeſſionario, de que naceo compor.

Summa de Caſos da Conciencia.

A qual como eſcreve Fr. Jozeph de Jeſu Maria na *Chronic. da Prov. da Arrabida* Part. 2. liv. 1. cap. 26. §. 207. *era muito util pela vaſtidaõ das ſuas noticias a qual tresladaraõ muitos Confeſſores para ſe aproveitarem das ſuas Reſoluçoens.*

Quando contava 65. annos de idade foy acometido de hum accidente, do qual ſendo reſtituido pela efficacia dos medicamentos aos ſentidos depois de receber os Sacramentos com aquella preparaçaõ que practicara por toda a vida, falleceo na Enfermaria de Lisboa a 3. de Dezembro de 1644. Jàz ſepultado no Clauſtro do Convento de S. Jozé de Ribamar.

DANIEL DA COSTA cuja patria, e genero de vida ignoramos, eſcreveo.

Vida de D. Luiz de Figueiredo de Lemos Setimo Biſpo do Funchal que morreo no anno de 1608. à qual póz o titulo de *Contraponto.* Eſtá inſerta no Livro 3. da *Hiſtoria das Ilhas.* compoſta por Gaſpar Fructuoſo, e della ſe conſerva huma copia na Livraria do Excellentiſſimo Conde do Vimieiro.

Fr. DANIEL DOS REYS filho de Manoel Pirez Godinho, e Luiza Maria de Barros naceo em a Villa de Setubal, e profeſſou no Convento de S. Franciſco de Eſtremós da Provincia dos Algarves o Serafico Inſtituto em o primeiro de Novembro de 1686. Foy ornado de ſubtil engenho, profundo talento, e feliz memoria. Dictou com applauſo as materias principaes da Sagrada Theologia ſeguindo novo methodo em muitas Queſtoens em que ſe apartou da ſua Eſcola Eſcotiſtica. Muitos annos que precederaõ à ſua morte perdeo a viſta naõ ſendo taõ fatal calamidade obſtaculo para deixar de proſeguir a Leitura que lhe era preciſa para a jubilaçaõ dictando de cor com ſumma profundidade, e allegando os Authores com infallivel certeza. Foy inſigne Poeta Latino, e muito verſado na Hiſtoria Sagrada, e profana, e em ambos os Direitos, de que ſaõ teſtemunhas os varios tratados, e pareceres, que compoz ſendo conſultado em graviſſimas materias. Foy Lente Jubilado, Qualificador do Santo Officio, Guardiaõ do Collegio de Coimbra, e Confeſſor dos Moſteiros da Eſperança, e Chagas ſituados em Villa-Viçoſa, e das Maltezas de Eſtremós. Em ſeu obſequio conſagrou o ſeguinte elogio o P. D. Manoel Caetano de Souſ. in *Exped. Hiſp. D. Jacob.* Part. 1. Sect. 1. Aſſert. 51. §. 1740. *Vir doctiſſimus, qui tamquam Oraculum à pluribus conſuli ſolet ad ſolvendas difficillimas quæſtiones, aſſuetus omnes facillime, & eruditiſſime enodare, in quo illud maxime mirandum, nempe hominem oculis captum dictare Diſſertationes eruditiſſimas, & pangere elegantia carmina Latinè.*

Compoz.

Preparaçaõ Evangelico-Hiſpanica do Apoſtolo Saõ-Tiago Mayor revendicada em o anno de 1724. a cuja obra fez o ſeguinte Appendix.

Auctarios à Pregaçaõ Evangelico-Hiſpanica do Apoſtolo Saõ-Tiago Mayor já revendicada. M. S. De ambas eſtas obras faz mençaõ o P. D. Manoel Caetano no lugar aſſima citado.

Allegaçaõ Apologetica da Juriſdiçaõ do R. Provincial da Provincia dos Algarves, e ſeus privilegios em repoſta de duas Paſtoraes que à Santidade de Clemente XI. reprezentou o Illuſtriſſimo Biſpo de Portalegre, e outros Edictos ſupplicando ao meſmo Santiſſimo Padre o mandaſſe executar neſtes Reynos.

Primordios elucidados do Moſteiro de S. Joaõ da Penitencia da Villa de Eſtremos. Moſtra-ſe que as Religioſas delle profeſſaõ a Regra que fundou a Santa Irmaã Ignes Romana Abbadeſſa que foy do Hoſpital de Santa Maria Magdalena em Jeruſalem. Eſtas duas obras M. S. conſerva em ſeu poder o P. Fr. Joaõ de N. Senhora Chroniſta da Provincia dos Algarves, que nos communicou, como outras, eſta noticia, e no fim dellas eſtaõ as ſeguintes.

Real diſpoſiçaõ, e ultima vontade do Sereniſſimo Infante D. Luiz filho delRey D. Manoel impugnada pelos Reverendos Maltezes, e defendida por Fr. Daniel dos Reys &c. *M. S.*

Antilogia acerca da Apologia que eſcreveo o Prior de Santo Andre da Villa de Eſtremós o Doutor Fr. Manoel Mexia Fonto na qual pertende defender os procedimentos juridicos do R. Vigario Geral de Evora impugnados pelo author do Manifeſto ſobre a execuçaõ do Motu proprio Speculatores domus Iſrael *do N. Santiſſimo P. Clemente XI. expedido em* 18. *de Novembro de* 1717. M. S.

DAVID COHEN DE LARA celebre profeſſor dos Ritos de Sinagoga de que foy Meſtre pelo eſpaço de muitos annos em Amſterdaõ, e Hamburgo onde morreo em o anno de 1674. com grandes indicios de ter abjurado a Ley Moyſaica, e abraçado a Evangelica como eſcreve Joaõ Jacobo Schudtio in *Compend. Hiſt. Judaic.* pag. 564. *Ex ore excellentiſſimi Domini Edzardi Præceptoris mei numquam ſine veneratione nominandi refero celeberrimum Judæum David Cohen de Lara Luſitanum Latinæ linguæ non ignarum ipſum aliquando domi ſuæ conveniſſe ac de rebus fidei cum ipſo diſputaſſe, abeuntem vero cum Dominus Edzardus eum cum voto hoc dimitteret.* Deus te illuminet, *reſpondiſſe:* Deus illuminet cæcos. *Secunda vice cum diſputatione finita abiret Cohen de Lara domino Edzardo votum:* Deus te illuminet, *repetenti respondit.* Deus me illuminet ſi ſim cæcus. *Hic ut poſtea in morbum incidit ad Chriſti fidem ex duplici illo colloquio pronior Dominum Edzardum ad ſe invitavit, cum quo ad lectum ægroti ſtantes doctores Judæorum Luſitanorum de rebus fidei diſceptarunt, graviterque ægrotum ut conſtanter in Sacris Judæorum decederet urſerunt, quem cum dubius hæret, hæſitantem mors occupavit.* Compoz. *Ænigma Aben Eſræ de quattuor libris Ehevi* traduzido em Latim com doutiſſimas notas Lugd. Bat. 1658. 4. Sahio na lingua hebraica ibi 1658. 8. com o titulo *Verba Davidis,* hoc eſt *explicatio Ænigmatis* R. *Aben. Eſræ.* Dedicado a Diogo Pinto.

Corona Sacerdotum, ſeu Lexicon Talmudico-Rabinicum ampliſſimum, & locupletiſſimum de convenientia vocabulorum Talmud. & Rabbinic. cum lingua Caldaica, Syra, Arabica, Perſica, Turcica, Græca, Latina, Italica, Hiſpana, Luſitana, Gallica, Germanica, Saxonica, Belgica, & Anglicana. Hamburgi apud Georgium Rebenlinum 1667. fol. Trabalhou neſta obra quarenta annos, e naõ a deixou completa.

Civitas David. Eſta obra he como apparato à precedente, onde moſtra a correſpondencia, que tem os Vocabulos Rabinicos com os Gregos. Amſtelod. 1638. 4. Hottingero na *Bib. Orient.* pag. 47. numera eſta obra entre os Lexicos mais exactos.

Traduzio do Rabino Maimonides as ſeguintes obras em Caſtelhano.

Regras Morales. Hamburgo 1662. 4.

Articulos dela Ley divina reduzidos a dez Capitulos. Amſterd. 1654. 4.

Tratado dela Penitencia.. Lugd. Batav. 1660. 4.

Tratado del Temor de Dios. extrahido do Livro *Reſchith. Chochma.* Amſtelod. 1633. 4. Deſtas traduçoens faz mençaõ Baſnage *Hiſt. des Juifs.* Tom. 5. pag. 2117. Menaſſe ben Iſrael in *Tract. de Reſurrect.* no principio. Wolfio *Bib. Hebraic.* pag. 318. e 319. n. 501. Julio Bartoloci *Bibli. Rabinic.* Part. 2. pag. 276. n. 430. o qual com engano manifeſto attribue eſtas obras a dous Authores do meſmo nome, quando certamente ſaõ de hum ſó, qual he David Cohen de Lara, de quem brevemente ſe lembra Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 2. pag. 320.

DAVID JACHIA filho de Ghedalia Aben Jachia illuſtre, e celebre familia de Rabinos, que tiveraõ o ſeu berço na Cidade de Lisboa. Tendo nacido no anno de 1315. partio para Caſtella quando contava a tenra idade de dez annos onde aſſiſtio a mayor parte da ſua vida, que acabou em Lisboa, para onde voltou em o anno de 1390. na idade de 75. annos. Foy muito douto, como teſtemunhaõ as ſeguintes obras.

Commentarium de rebus judicialibus.

Tractatus de animalibus illicitis pro cibo, do qual ſe lembra o Rabino Karo no principio do Livro *Joré deá.*

Fazem memoria deſte Author, e ſuas obras o Rabino Ghedalia Jachia in *Scialſcélet Hakkabala* pag. 62. Bartoloc. *Bib. Rabin.* Tom. 3. pag. 22. n. 418. e Wolf. *Bib. Hebraic.* pag. 295. n. 482.

DAVID JACHIA filho de Salamaõ Jachia naceo em Lisboa, onde morreo em o anno de 1465. eſcreveo.

Lingua eruditorum ex Iſaia 50. v.º. 4 Conſtantinopli 1506. 4. e 1542. 4. Piſauri. 4. cuja impreſſaõ quer Wolfio in *Bib. Heb.* pag. 329. ſeja a que tambem Bartoloci in *Bib. Rabin.* Part. 2. pag. 280. n. 446. affirma ſer impreſſa na meſma parte. Conſta eſte Livro de duas partes. A primeira trata da Grammatica Hebrea, e a ſegunda ſahio com o titulo.

Siclus Sanctuarii ex Levit. 7. *v.* 13. Trata dos preceitos da Ley poſtos em verſo. A mayor parte deſte Livro tranſcreveo Buſtorfio in *Thezaur. Grammat. de re Hebræor metric.* onde ſe lembra do ſeu Author pag. 302. Os dous ultimos Livros que ſaõ o 17. e 18. publicou Genebrardo em Latim, e Hebraico Pariſiis 1562. 8. os quaes depois ſahiraõ na *Iſagoge ad Rabinorum Lectionem.* 1578. 8.

Laus Davidis ex Pſalm. 145. *v.* 1. cuja obra naõ acabou, mas ſeu filho Jacob Jachia, como eſcreve o Rabino Ghedalia in *Scialſcelet* pag. 65. Trata dos Artigos da Fé, e ſahio Conſtantinopoli 4. a qual ediçaõ confeſſa Wolfio in *Bib. Heb.* pag. 329. que nunca a vira. O P. Joaõ Morino in *Exercit. Biblic.* lib. 2. pag. 245. ſegue a opiniaõ que eſte livro he de Meſſer David, ou de David ben Ichuda, ou Leo como quer Wolfio no lugar citado.

DAVID JACHIA filho de Jozé Jachia naceo em Lisboa no anno de 1465. onde na idade de 16. annos celebrou matrimonio com conſorte igual à ſua idade, e condiçaõ. Por morte do noſſo Monarcha D. Affonſo V. a quem pela ſua grande ſciencia fora muito aceito ſucedendo em a Coroa Portugueza ElRey D. Joaõ o II. e obrigando-o a que abjuraſſe os erros da Sinagoga de que era acerrimo profeſſor, ſe embarcou clandeſtinamente com ſua mulher em o anno de 1482. e chegando a Piſa depois de paſſar por Florença, Ferrara, e Ravena aſſentou o ſeu domicilio em Imola Cidade da Provincia de Romandiola donde ſendo chamado pelas Sinagogas de Napoles exercitou nellas pelo eſpaço de vinte, e dous annos o magiſterio de Rabino explicando os ritos, e ceremonias do Talmud. Sendo expulſos de Napoles em o anno de 1540. os ſequazes da Sinagoga foy obrigado a voltar para Imola, quando contava quaſi 78. annos de idade, onde morreo em o anno de 1543. Foy muyto douto aſſim nos preceitos da Ley Judaica, como nas Faculdades de Filoſofia, Grammatica, e Poeſia. Eſcreveo.

Epitomen Grammatices, que conſervava em ſeu poder o Rabino Ghedalia Jachia. Deſte Author ſaõ os verſos compoſtos em applauſo de Moyſes Bar Maimonis que ſahiraõ impreſſos no fim das obras deſte Rabino. Conſtantinopoli 1509. fol.

De Rhythmicis carminibus. Deſta obra o faz Author Buſtorfio in *Tract. de Proſod. Metric.* pag. 302. porém Wolfio na *Bib. Heb.* pag. 299. ſegue contra Buſtorfio, e Bartoloci ſer compoſta por David Jachia filho de Salamaõ Jachia, de quem aſſima ſe fez memoria.

DAVID NUNES TORRES naceo na Cidade de Amſterdaõ de Pays Portuguezes, onde foy Prégador da Irmandade dos Orfaõs da ſua patria, cujos Sermoens imprimio nella em o anno do mundo 5430. e de Chriſto 1649. Joaõ Chriſtovaõ Wolfio in *Bib. Heb.* pag. 321. n. 510. faz mençaõ de hum Author do meſmo nome o qual parece ſer diferente deſte pela grande diſtancia que aſſina nas obras que imprimio as quaes ſaõ.

Bibliotheca Hebraica cum Commentario ſingulis paginis ſubjecto. Amſtelodam 1700. 4. 2. Tom.

Fr. DESIDERIO DE LUMIARES natural da Villa do ſeu appellido ſituada duas Leguas ao Nacente da Cidade de Lamego na Provincia da Beira, Monge Ciſtercience, cujo habito profeſſou em o Moſteiro de Santa Maria de Macereydam em o Biſpado de Viſeu. Foy muito verſado na liçaõ da Sagrada Eſcritura, e dos Santos Padres eſcrevendo.

Geneſis cum Gloſſa. M. S. cuja obra ſe conſerva no Real Convento de Alcobaça.

D. DINIZ unico em o nome, e Sexto em a ordem dos noſſos Monarchas naceo em Lisboa a 9. de Outubro de 1261. para immortal gloria da Monarchia Portugue-

za, e eterno brazaõ de ſeus auguſtos Progenitores D. Affonſo III. e D. Brites filha delRey D. Affonſo X. de Caſtella, e de D. Maria Guilhen de Guſmaõ, Senhora de Alcocer, Viena, e Azanhon. Foy cuidadoſamente educado pela prudente direcçaõ de Lourenço Gonçalves Magro terceiro neto de Egas Moniz Ayo delRey D. Affonſo Henriques; e inſtruido nas ſciencias neceſſarias ao eſplendor do ſeu nacimento por D. Americo que depois ſubio à Cadeira Epiſcopal de Coimbra. Ao tempo que contava a florente idade de 18. annos cingio a Coroa em 16. de Fevereiro de 1279. para idéa da ſoberania, e exemplar da Mageſtade, unindo felizmente ao ſeu peito todas aquellas virtudes, que canonizaraõ a memoria dos mais celebrados Heróes da antiguidade. Huma das mayores felicidades, que liberal lhe concedeo a Divina Providencia, foy o auguſto deſpoſorio, que celebrou a 24. de Junho de 1282. com a Infanta D. Iſabel filha de D. Pedro III. Rey de Aragaõ, e D. Conſtança filha de Manfredo Rey de Napoles, e Sicilia, e D. Brites de Saboya, a qual eſmaltando a ſoberania do nacimento com os rayos da ſantidade mereceo, que das veneraçoens do throno paſſaſſe a ſer adorada com religioſos cultos em os Altares. Triunfante da rebeldia de ſeu irmaõ D. Affonſo que como inimigo domeſtico lhe cauſava mayor diſvelo, voltou a ſua fulminante eſpada contra Sancho IV. de Caſtella ſeu Tio, pela infracçaõ da palavra que lhe dera, aſſolando-lhe muitos lugares dos ſeus dominios, cujo eſtrago continuou com mayor violencia contra Fernando IV. que com a Coroa herdara a infidelidade de ſeu Pay D. Sancho defunto em Toledo. Serenou-ſe toda eſta fatal tempeſtade de que foy Iris pacifico a Rainha Santa Iſabel com os reciprocos caſamentos, celebrados entre eſtas duas Coroas, dando o noſſo Monarcha ſua filha a Infanta D. Conſtança por eſpoſa a Fernando IV. e dando eſte Principe ſua Irmãa D. Brites para conſorte do Infante D. Affonſo herdeiro da Coroa Portugueza. A prudente capacidade, e maduro juizo de que era ornado, o conſtituiraõ arbitro entre as graves diſſenſoens, que havia entre os Reys de Caſtella, e Aragam, para cujo effeito entrou neſtes Reynos com a pompa mais magnifica, que admirou aquella idade, e poſto que D. Fernando IV. era ſeu Primo, e Genro, D. Jayme de Aragaõ Primo, e Cunhado, e D. Affonſo de Lacerda primo com irmaõ, naõ prevaleceram os eſtreitos vinculos do parenteſco para ſer parcial de tam illuſtres contendores, antes valendo-ſe da ſua natural capacidade ſem eſcandalo da juſtiça, os reduzio a perpetua concordia. Para fazer o Reyno impenetravel às armas dos ſeus confinantes, o fortificou com os Caſtellos de Serpa, Moura, Olivença, Campo-mayor, Ouguella, Monforte, Arronches, Villa-viçoſa, Portalegre, Almeida, e Mirandella, reedificando muitas Villas, e erigindo outras, como foraõ Villa-real, Salvaterra, e Atalaya. A liberalidade que nos Principes he huma das principaes virtudes, que lhe eſmaltaõ a Coroa, nelle paſſou a profuſaõ excedendo o numero das dadivas ao dos dias que viveo, das quaes foraõ participantes ſeu cunhado D. Jayme Rey de Aragam, dando-lhe vinte mil dobras de ouro, quando lhe pedia preſtadas dez mil, e a ſua mulher a Rainha D. Branca muitas joyas de ineſtimavel preço, e a todos os Cavalheros Caſtelhanos, de que ſe compunha aquella Corte na occaſiam que nella aſſiſtio para pacificar as diſcordias, que havia entre os Reys de Caſtella, e Aragam; uſando da meſma generoſidade com ſua filha D. Conſtança, e os Infantes D. Joaõ, e D. Pedro. Mereceo o honorifico titulo de Pay da Patria pela vigilante providencia, com que attendeo pela conſervaçam de ſeus Vaſſallos, mandando abrir terras incultas, e concedendo grandes privilegios aos Lavradores como laborioſos inſtrumentos da abundancia univerſal, de que naceo a felicidade de ſer exterminada do Reyno a pobreza, que a torpeza do ocio fomentava. Promulgou varias leys, em as quaes fielmente copiou o zelo da juſtiça, que lhe animava o peito, fulminando em humas caſtigos conforme a gravidade dos crimes, e emendando em outras a ordem judicial para que as cauſas correſſem com brevidade em beneficio dos litigantes. Eternamente ſeraõ Panegy-

riſtas do ſeu auguſto nome todos os Sabios que produzio eſte Reyno, ſendo elle o que altamente meditou, e glorioſamente conſeguio a primeira Univerſidade, que foy o feliz Oriente donde ſahiraõ tantos rayos que illuſtraraõ com a ſua ſabedoria diverſos emisferios. Conſiderando com madura reflexaõ, que para eſtabilidade de huma Republica naõ eraõ menos neceſſarias as armas que as letras, ſupplicou à Santidade de Nicoláo IV. a 22. de Novembro de 1288. lhe concedeſſe a erecçaõ de huma Univerſidade na Capital do Reyno, à cuja Supplica condeſcendeu o Pontifice a 13. de Agoſto de 1290. para a qual convocou Meſtres inſignes nas faculdades de Direito Canonico, e Civil, Medicina, Dialectica, e Grammatica. Paſſados 18. annos a transferio de Lisboa para Coimbra em o anno de 1308. por conceſſaõ de Clemente V. onde permaneceo até o anno de 1338. Celebrou acçaõ taõ heroica o Principe dos Poetas de Heſpanha o divino Camoens com eſte epico elogio no Cant. 3. das *Luſiad.* Eſtanc. 97.

Fez primeiro em Coimbra exercitarſe
O Valeroſo officio de Minerva
E de Helicona as Muſas fez paſſarſe,
A pizar do Mondego a fertil erua.
Quanto póde de Athenas dezejarſe
Tudo o ſoberbo Apollo aqui reſerva;
Aqui as Capellas dà tecidas de ouro
Do Bacaro, e do ſempre verde Louro.

Extinta a Ordem Militar dos Templarios pelas ambicioſas diligencias de Filippe o Fermoſo Rey de França, das copioſas rendas, que poſſuiaõ em Portugal, inſtituyo a Ordem de N. Senhor Jeſu Chriſto, confirmada pelo Summo Paſtor Joaõ 22. no anno de 1320. da qual foy o primeiro Meſtre D. Gil Martins, e deſtinou para Cabeça da nova Milicia a Villa de Caſtro Marim no Reyno do Algarve como fronteira aos Mouros, contra os quaes por ſerem inimigos da Cruz foy a principal cauſa da ſua inſtituiçaõ. Paſſados muitos annos ſe transferio o ſeu domicilio para o Real Convento da Villa de Thomar, onde até o tempo prezente exiſte. Naõ foy menos benefico para a Ordem Militar de Saõ-Tiago eximindo-a da ſogeiçaõ do Convento de Vcles por faculdade de Nicoláo IV. no anno de 1290. da qual foy ſeu primeiro Meſtre independente de Caſtella D. Lourenço Annes, que tendo o ſeu aſſento na Villa de Alcacer do Sal, ſe paſſou para a Villa de Palmella, hoje Cabeça deſta illuſtre Ordem. A piedade que he virtude natural dos Princepes Portuguezes, teve no ſeu peito o principado, de que ſaõ indeleveis argumentos as multiplicadas doaçoens que fez de Igrejas muyto rendoſas aſſim às Ordens Militares de Chriſto, Saõ-Tiago, e Aviz, como a todas as Cathedraes do Reyno. Foy o primeiro que ordenou ſe rezaſſem as Horas Canonicas na ſua Real Capella dedicada ao Princepe da Milicia Angelica, e ſe cantaſſe quotidianamente Miſſa Solemne ainda quando elle naõ eſtiveſſe prezente. Para final da ſua rendida obediencia aos Oraculos do Vaticano concluyo em o anno de 1289. e aceitou as Concordatas ſobre a Juriſdicçaõ Eccleſiaſtica, e Secular obſtinadamente controvertida pelo animo mais politico que Catholico de ſeu Pay D. Affonſo III. Entre tantas felicidades de que foy abundante o ſeu Reynado lhe quiz Deos provar a conſtancia nos ultimos annos com os deſgoſtos de que era Author o inquieto animo do Infante D. Affonſo ſeu filho, cuja ambicioſa temeridade reprimio como Rey, perdoou como Pay. Sabendo que era chegado o termo da ſua vida ordenou o Teſtamento, em cujas clauſulas reſpiráraõ igualmente a piedade como a magnificencia, deixando por legatarios a miſeria dos pobres, a Orfandade das donzellas, e a educaçaõ dos meninos expoſtos. Recebidos com ſumma ternura os Sacramentos, e reſignado em o divino beneplacito eſpirou placidamente em a Villa de Santarem a 7. de Janeiro de 1325. com 63. annos, tres mezes, menos dous dias de idade, e quarenta, e cinco annos dez mezes, e vinte, e dous dias de reynado. Teve eſtatura proporcionada, o cabello lizo, barba caſtanha, olhos negros, roſto corado mais cheyo da mageſtade, que gentileza. Jaz ſepultado no magnifico Moſteiro de S. Diniz de Odivellas de Religioſas Ciſtercienſes diſtante duas leguas de Lisboa, o qual fundara em obzequio do Santo, em cujo dia nacera, e ſobre o Mauſoleo digno de ſer depoſito de taõ auguſtas cinzas, tem por epitafio o ſeu vulto primoroſamente figurado em pedra.

Teve de ſua Real Conſorte a Infanta D. Conſtança, que caſou com Fernando IV. de Caſtella, e o Infante D. Affonſo, que lhe ſuccedeo na Coroa. Os filhos illigitimos, que teve de varias mulheres, foraõ D. Affonſo Sanches Senhor da Villa do Conde, Campo mayor, Albuquerque Mordomo Mór delRey, que caſou com D. Thereza Martins, de quem já fizemos larga memoria: D. Pedro Affonſo Conde de Barcellos Alferes Mór do Reyno, e Author do *Nobiliario*, primeiro fundamento de todas as Hiſtorias Genealogicas de Heſpanha do qual ſe fará diſtinta memoria em ſeu lugar. D. Joaõ Affonſo Senhor da Louzaá, e Arouca, Mordomo Mór da Rainha Santa Izabel, o qual caſou com D. Joanna Ponce filha de D. Pedro Ponce, Adiantado Mór de Andaluzia. D. Urraca Affonſo, que caſou com D. Alvaro Perez de Guſmaõ Senhor de Olvera, Arizuela, Mançanedo &c. D. Urraca Leonor caſada com Gonçalo Martins Portocarreiro. Fernaõ Sanches, que ſe deſpoſou com D. Froilhe Annes de Briteiros. D. Maria Affonſo Fundadora da Igreja de Santa Marinha de Lisboa, que caſou com D. Joaõ de Lacerda Senhor de Gibraleon, e D. Maria Affonſo, que morreo no Convento de Odivellas, com opiniaõ de Santa. Cultivou deſde os primeiros annos com tanta afluencia a Poeſia vulgar, que nelle foy natureza, e naõ a arte os verſos que compoz, ſendo o primeiro que em Heſpanha à imitaçaõ dos Poetas Provençaes metrificou em rimas deixando para immortal documento do familiar comercio, que ſempre conſervara com as Muſas aſſim Sagradas como profanas.

Cancioneiro de Noſſa Senhora. De cuja obra fazem memoria Duarte Nun. de Leaõ *Chron. deſte Principe* pag. mihi 134. col. 1. e Brandaõ *Mon. Luſit.* Part. 5. Liv. 16. cap. 3.

Cancioneiro de varias Obras, o qual appareceo em Roma quando reynava em Portugal D. Joaõ o III. como affirmaõ os dous referidos Authores nos lugares allegados.

Dos Officios principaes da milicia, e de outras couſas pertencentes a ella. Conſerva-ſe no Archivo Real, como eſcreve o Doutor Pedro Barboſa Homem *Diſc. dela jurid. y verdad. razon. de Eſtad.* Diſc. 7. fol. 106.

Como fautor que foy das Artes, e ſciencias, naõ ſómente as practicou com profundidade, mas as promoveo com diſvelo mandando traduzir alguns Livros na Lingua materna para que a ſua liçaõ foſſe univerſalmente proveitoſa, como foraõ a Hiſtoria do Mouro Raſis Chroniſta delRey Almançor de Cordova, e outro, *De concordantia Sybillinorum carminum cum Prophetarum Oraculis,* eſcrito em lingua Arabica, como o precedente compoſto pelo noſſo Portuguez Gaſtaõ de Fox, cuja traducçaõ feita à inſtancia deſte Principe vio Flavio Jacobo Eborenſe como affirma in *Explicat. Epigram. VIII. ſuor. Carmin.* lib. 2. pag. 126. em Roma na Bibliotheca do Cardial D. Miguel Da Sylva.

Exaltaõ ao ſeu grande nome com merecidos encomios os mais celebres Eſcritores, como ſaõ Fr. Bernard. de Brito *Elogios dos Reys de Portug.* pag. mihi 49. *Teve muyto conhecimento das linguas; e lia com muyta conſideraçaõ os Poetas Latinos como aquelle que tinha grande inclinaçaõ à Poeſia, em que fez grandes obras.* Vaſconc. *Anacephal. Reg. Luſit.* pag. 79. *Latinæ Poeſeos adeó ſtudioſus, ut propenſionem a natura ipſa congenitam facile inſpiceres, quám cum mira arte, & induſtria excoluerit nihil ex iis quæ poetam omnibus numeris abſolvunt in ſummo Rege deſidera tum eſt. Luſitanas porro Muſas illo temporis rudes, & incultas ab agreſti inconcinnitate ad floridos, ac lepidos rythmos vendicare tentavit, neque cæptis ingenium abfuit.* Antonio Ferreir. na *Carta* 10. do Livr. 2. fol. 193. eſcrita a D. Simaõ da Sylveira.

Santo Diniz na Fé, na fama claro
Da Patria Pay, da ſua lingua amigo
Daquellas Muſas ruſticas amparo.

O meſmo lhe faz eſte epitafio nos ſeus *Poem. Luſit.* fol. 20. v.º.

Quem he eſte de inſignias differentes
Cetro, e picaõ, e livro, e eſpada, e arado?
Eſte foy paz de Reys, e amor das Gentes
Grande Diniz Rey nunca aſſás louvado.
Outros foraõ nua ſó couſa excellentes
Eſte com todas nobreceo ſeu Eſtado.
Regeo, edificou, laurou, venceo
Honrou as Muſas, poetou, e leo.

E Duarte Nun. in *Ver. Reg. Portugal. Geneal.* pag. 14. *Fuit amæniſſimi in-*

genij, & à litterarum ſtudiis non abhorrens eo rudi ſæculo. Poetices autem ſtudium maxime dilexit, & fere primus in Portugallia carmina lingua vulgari ſcripſit D. Miguel da Sylveira *Macabeo* liv. 15. Eſtanc. 20.

Advierte la progenie milagroſa
Que en el tronco de Jupiter ſe eſmalta
Es el ſexto milagro en quien glorioſa
Minerva el mundo ſu facundia exalta;
Si la Toga purpurea en el repoſa
Con tunica de Marte el orbe aſſalta.

Mariz *Dial. de Var. Hiſt.* Dial. 3. cap. 1. *muito afeiçoado às letras, e ſciencias, das quaes exercitando-ſe muito na Poeſia foy havido naquelle tempo por excellente Poeta.* Fonſeca Evora Glorioſa pag. 54. *A's Muſas, e às letras que andavaõ como fugitivas, e deſterradas da Luſitania levantou regio domicilio, e ſumptuoſo palacio nas freſcas margens do Mondego fundando a Univerſidade de Coimbra, e foy o primeiro que com aquellas reaes maõs, com que empunhava o Cetro, tomou a penna para authorizar as Muſas.* Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. D. n. 37. *Scripſit aliquot Poemata, & in ſuo ævo venuſtiſſima, & elegantiſſima; quæque è primis apud Hiſpanos editis enumerantur.* D. Antonio Caetano de Souſa *Hiſt. Geneal. da Caſ. Real Portug.* Tom. 1. Liv. 2. cap. 1. *Foy digniſſimo da Coroa, ditoſo, valeroſo, entendido, de animo grande, liberal, amigo da verdade, e da juſtiça, favorecedor das ſciencias, e das boas letras, a que teve natural propenſaõ, o que lhe facilitava o ſublime do ſeu engenho eſpecialmente na Poeſia em que compoz com primor.* Barbud. *Emprez. Milit. de Luſit.* fol. 16. v.º. *Fuiſte juſto, verdadero, liberal, zelador dela Religion Chriſtiana, y augmentador della, fuerte, e de grande coraçon en lo que emprendias, grande Legislador, famoſo entre los eſtrangeros, y amado dellos.*

DIOGO AFFONSO Secretario do Cardial Infante D. Affonſo filho do Sereniſſimo Rey D. Manoel, e muito verſado na liçaõ da Hiſtoria. Verteo de Caſtelhano em Portuguez.

Hiſtoria da vida, e Martyrio de Santo Thomaz Arcebiſpo de Cantuaria. Coimbra por Joaõ Alvares 1554. 4.

Vida, e milagres de Santa Izabel Rainha de Portugal à inſtancia da Abbadeſa de Santa Clara de Coimbra D. Anna de Menezes, e outras Religioſas do dito Convento. Coimbra pelo dito Impreſſor. 1560. 4.

Vida de Santo Amaro dedicada à Commendadeira do Convento de Santos a qual obra affirma ſer impreſſa Franciſco Galvaõ Maldonado na ſua *Bib. Portug. M. S.*

DIOGO AFFONSO Piloto da Carreira da India, e muito perito na ſciencia Nautica. Para facilitar aos ſeus naturaes eſta taõ dilatada como perigoſa navegaçaõ, eſcreveo.

Roteiro de Portugal para a India. M. S. fol.

DIOGO AFFONSO MANGA-ANCHA Meſtre em Artes, e Doutor em ambos os Direitos, e Lente da faculdade de Leys em a Univerſidade de Lisboa. Foy hum dos celebres Letrados, e eloquentes Oradores do ſeu tempo. Havendo aſſiſtido a 12. de Outubro de 1451. em nome da Univerſidade à poſſe das Caſas que lhe doara o Infante D. Henrique, filho do Sereniſſimo Rey D. Joaõ o I. partio por ordem delRey D. Duarte em 21. de Janeiro de 1435. em companhia do Conde de Ourem Embaxador ao Concilio geral de Baſilea, que depois ſe transferio para Ferrara, onde deixou das ſuas letras naõ vulgares acclamaçoens. Reſtituido ao Reyno recitou huma Oraçaõ funebre junto do Convento de S. Domingos na occaſiaõ que foy transferido o Real Cadaver de D. Joaõ o I. da Cathedral de Lisboa ao Moſteiro da Batalha. Nas Cortes celebradas em Lisboa em o anno de 1439. em que foy jurado Governador do Reyno o Infante D. Pedro na menoridade de ſeu Sobrinho D. Affonſo V. orou por tres vezes moſtrando com rezoens concludentes ſer prejudicial à conſervaçaõ da Monarchia o governo da Rainha D. Leonor. Foy caſado duas vezes, a primeira com Branca Annes, e a ſegunda com Maria Dias que lhe ſobreviveo, e de nenhũa teve filhos. Mandou como tinha pactado com ſua primeira mulher de quem ficou herdeira, que ſe fundaſſe hum Collegio em humas Caſas ſituadas junto da Igreja de S. Jorge em Lisboa, para dez

Collegiaes já grammaticos, que foſſem pobres, e excedeſſem a idade de deſeſeis annos, porém ſendo Sacerdotes, ainda que naõ foſſem Grammaticos, ſeriaõ admitidos por eleiçaõ da Univerſidade, declarando que eſta diſpoſiçaõ nunca poderia ſer alterada pela authoridade delRey, nem do Arcebiſpo. Eſte Collegio poſto que ſe fundou pelos annos de 1451. de que foy o primeiro Collegial Ruy Valdez filho natural do Inſtituidor, já em o anno de 1459. ſe achava extincto, cujas rendas ſe applicaraõ à Univerſidade. Morreo em o anno de 1448. e jaz ſepultado na Capella de S. Joaõ da Sé de Lisboa. Compoz.

Oraçaõ funebre na tresladaçaõ do corpo delRey D. Joaõ o I. da Sé de Lisboa para o Moſteiro da Batalha. Tomando por thema. *Et nos moriamur cum eo; e nella* (como eſcreve Ruy de Pina *Chron. delRey D. Duart. M. S.* de que andaõ impreſſos dous Capitulos no fim da 3. Part. *da Chron. delRey D. Joaõ o I.* compoſta por Fernaõ Lopes pag. 290. col. 2.) *trouxe para o caſo couſas muy notaveis, e aſſas benditas.* Deſta obra, e do Author fazem memoria Duart. Nun. de Leaõ *Chron. delRey D. Duart.* cap. 2. pag. 5. col. 1. onde o intitula *grande Letrado, e eloquente,* e Jozé Soar. da Sylv. *Memor. delRey D. Joaõ o I.* Tom. 1. pag. 275. §. 345. chamandolhe o *mayor Theologo, e Orador daquelle Seculo,* ſuppoſto que a ſua profiſſaõ era de Juriſta.

Tres Oraçoens nas Cortes celebradas em Lisboa no anno de 1439. das quaes duas foraõ recitadas a 10. de Novembro, e a 30. de Dezembro do dito anno, fazendo dellas mençaõ Duarte Nun. de Leaõ *Chron. delRey D. Affonſo V.* cap. 6. pag. 19. col. 1. e cap. 7. pag. 25. col. 2. e pag. 26. col. 2. Lembraõ-ſe do Doutor Diogo Affonſo Manga-ancha largamente o Beneficiado Franciſco Leitaõ Ferreira *Not. Chronol. da Univerſid. de Coimb.* pag. 348. §. 764. e ſeg. Antonio Carvalho da Coſta *Corog. Portug.* Tom. 2. Trat. 1. cap. 3. pag. 18. onde com erro manifeſto ſe equivocou em o nome, e eſtado, que profeſſou chamandolhe *Fernando, e devoto Sacerdote,* cuja allucinaçaõ ſeguio inculpavelmente o P. D. Rafael Bluteau no *Vocab. Portug.* e *Latin.* Tom. 8. letr. V. ver. *Univerſid.* pag. 558.

Fr. DIOGO DE ALMEYDA natural da Cidade de Ceuta em a Regiaõ Africana celebre Praça dos Portuguezes. Recebeo o habito Monachal do Principe dos Patriarchas S. Bento no Moſteiro de S. Martinho de Compoſtella no Reyno de Galliza. Depois de eſtudar as ſciencias Eſcholaſticas, em que ſahio muyto douto, ſe applicou ao exercicio do Pulpito, com o qual conciliou tanto applauſo na Corte de Madrid que Filippe IV. o nomeou ſeu Prégador em o Reyno de Portugal. Morreo em Madrid deixando (como delle eſcreve Fr. Gregorio Argaiz *Perla de Catalun.* pag. 461. §. 144.) *llenos de eſperanças alos que le conocian el ingenio, y facilidad en la Oratoria.* Publicou.

Epitome Sacro en eſtilo de Evangelico, y Panegyrico. Oracion hecha al Principe del Clauſtro Monachal Padre delos Padres, Doctor delos Doctores, unico Patriarcha delas Religiones todas S. Benito, y alos Santos de ſu Religion cuyas grandezas ſe celebran. Madrid por Vicente Alvares 1651. 4.

Dedicou eſta obra ao Conde de Torres Vedras onde lhe diz. *Yo me hallé Señor en el Capitulo General de mi Religion en el qual la obediencia me mandó que predicaſſe de mi glorioſo Patriarcha, y de todas las Religiones, S. Benito, y delos Santos innumerables, que dio al Cielo.*

Votum, ſeu Juramentum pro immaculata Virginis Conceptione. Ceptæ 1653. fol. Deſta obra, e do Author falla Fr. Pedro de Alva, y Aſtorg. in *Milit. Immac. Concep.*

DIOGO ALVARES CORREA natural da Villa de Celleiro de Roſes na Provincia de entre Douro, e Minho. Militou pelo eſpaço de vinte, e tres annos nas Campanhas de Flandes, Italia, e Africa occupando os poſtos de Sargento, e Alferes em que deu de ſeu valor heroicos argumentos. Para moſtrar o como era perito no exercicio de taõ nobre Arte, eſcreveo, e dedicou ao Infante D. Duarte Condeſtavel do Reyno.

Inſtrucçaõ, e Ordenança da gente de Guerra. 4. *M. S.* Conſerva-ſe na Bib. Real. Conſta de tres Tratados 1. da Ordem que hade haver para caminhar huma Companhia

do apozento donde houver de partir 2. de como ſe hade ordenar, e o que ſe hade fazer no eſquadraõ. 3. da Conta, que ſe hade ter entre os piques, e arcabuzes, e na repartiçaõ dos baſtimentos.

Fr. DIOGO DE S. ANNA natural da Villa nova de Lampazes diſtante quatro legoas da Cidade de Bragança em a Provincia Tranſmontana onde teve por pays a Manoel de Moraes, e a Izabel de Moraes. Depois de eſtudar na patria as ſciencias amenas, e as ſeveras em a Univerſidade de Salamanca profeſſou o Inſtituto de Eremita Auguſtiniano no Convento da Graça de Lisboa a 21. de Outubro de 1594. e no anno ſeguinte partio para a India em companhia do Illuſtriſſimo Arcebiſpo de Goa D. Fr. Aleixo de Menezes. O grande talento de que era ornado o fez digno de ſer eleito Prior do Convento de Aſpaõ na Perſia, onde com a efficacia dos ſeus argumentos reduzio à obediencia da Igreja Romana a David Patriarcha da Armenia com cinco Biſpos ſeus Suffraganeos, e cento, e tres Sacerdotes abjurando todos os erros ſciſmaticos que profeſſavaõ em 12. de Mayo de 1607. De tal modo conciliou o affecto do Emperador da Perſia Xa-Abbas, que muitas vezes comeo com elle em o meſmo prato convencendo na ſua prezença a muitos Cacizes, que naõ podiaõ reſiſtir à ſolida vehemencia das ſuas propoſiçoens. Sendo chamado a Goa pelo Arcebiſpo D. Fr. Aleixo de Menezes o nomeou Confeſſor, e adminiſtrador do Convento das Religioſas de Santa Monica daquella Cidade, ao qual reedificou deſde os fundamentos, depois de ſer conſumido pela voracidade de hum incendio a 24. de Dezembro de 1636. para cuja obra padeceo graves contradicçoens de que ſoube triumfar a ſua prudente capacidade. Com igual zelo que madureza exercitou o lugar de Deputado da Inquiſiçaõ de Goa de que tomou poſſe em 19. de Agoſto de 1621. Foy trez vezes Meſtre dos Noviços, Reytor do Collegio de Santo Agoſtinho, e ultimamente Provincial da Congregaçaõ da India, cujo lugar naõ quiz aceitar ſegunda vez, nem a Mitra de Meliapor. Morreo piiſſimamente em Goa a 6. de Outubro de 1646. e foy ſepultado no Convento das Religioſas, que ſantamente adminiſtrou. Fazem delle illuſtre memoria Cardoſ. *Agiol. Luſit.* nas *Advert.* ao 1. Tom. do *Agiol.* §. 8. Faria *Aſia Portug.* Tom. 3. Part. 4. cap. 1. n. 15. Joan. Soar. de Brit. *Theat. Luſit. Litter.* Litter. D. n. 6. Purif. *de Vir. Illuſtrib. Ord. S. Aug.* Lib. 2. cap. 2. & Lib. 3. cap. 4. Fr. Agoſt. de S. Mar. *Hiſt. do Conv. de S. Monic. de Goa* Liv. 1. cap. 12. 13. 14. 18. 19. e Liv. 2. cap. 2. 3. 11. Compoz.

Repoſta por parte do inſigne Moſteiro de Freiras de Santa Monica de Goa, e ſatisfaçaõ com acordo, e queixa, e requerimento, que a Veriaçaõ da meſma Cidade de Goa Metropoli do Eſtado da India Oriental em 10. de Fevereiro de 1632. fez contra o proprio Religioſiſſimo Moſteiro, e por papel ſeu aprezentou a D. Miguel de Noronha Conde de Linhares actual Viſorey do meſmo Eſtado. M. S. 4. Conſta de 90. folhas. Deſta obra faz memoria Fr. Agoſtinho de Santa Mar. *Hiſt. do Conv. de S. Mon.* Liv. 2. cap. 2. §. 20.

Narraçaõ das novas perſeguiçoens depois de outras que as Veriaçoens da Cidade de Goa do anno de 1634. e 1635. contra o Religioſiſſimo Moſteiro das Freiras de S. Monica de Goa fulminaraõ M. S. 4. Conſta de 19. Capitulos e 151. folhas. *M. S.*

Verdadeira Relaçaõ do muito grande, e portentoſo milagre que aconteceo em o Santo Crucifixo do Coro da Igreja das Freiras do Moſteiro de S. Monica de Goa em 8. de Fevereiro de 1636. M. S. 4. Sahio impreſſa eſta relaçaõ Lisboa por Manoel da Sylva 1640. 4. a qual traduzio em Caſtelhano, e a publicou em o dito anno Fr. Fernando Camargo Eremita de S. Agoſtinho como eſcreve no *Epitom. Hiſtor.* p. 338.

Eſtas tres obras eſtaõ encadernadas em hum Volume que ſe conſerva na Livraria da Graça de Lisboa como as ſeguintes.

Sermoens Varios 2. Tom. *M. S.*

Vocabulario da Lingua Perſiana. M. S. 4.

Inſtrucçaõ para a Oraçaõ. M. S. 4.

Sermaõ prègado na Dedicaçaõ da Igreja das Religioſas de S. Monica de Goa a 15. de Dezembro de 1627. M. S. Eſtá firmado com o ſinal de D. Fr. Sebaſtiaõ de S. Pedro Arcebiſpo de Goa, e Eremita de Santo Agoſtinho, que neſſe dia celebrou Pon-

tifical atteſtando que tudo que no Sermaõ ſe relata he verdade. Vinha para ſe imprimir, e ſe conſerva M. S. na dita Livraria.

Satisfaçaõ a ordem que ſe lhe intimou da Parte do Provincial Fr. Gaſpar de Amorim para ſe embarcar para o Reyno. Sahio impreſſa na *Hiſt. do Convento de S. Monic. de Goa* de Fr. Agoſt. de Santa Maria Liv. 2. cap. 11. pag. 293.

Repoſta que deu ao Vice-Rey do Eſtado o Conde de Linhares mandando que ſe embarcaſſe para o Reyno. Impreſſa na *Hiſt.* aſſima allegada liv. 2. cap. 13. pag. 305.

DIOGO DE ANDRADE natural da Villa de Celorico diſtante tres legoas para o Poente da Cidade da Guarda na Provincia da Beyra muyto douto em o Direito Ceſareo, e Pontificio, que eſtudou em a Univerſidade de Coimbra por cuja ſciencia mereceo ſer Vigario Geral do Illuſtriſſimo Biſpo da Guarda D. Joaõ de Portugal, e Prior da Igreja de Noſſa Senhora de Aſſores do meſmo Biſpado. Eſcreveo.

Commentarios á Ordenaçaõ do Reyno 2. Tom. grandes *M. S.* que ficaraõ a ſeu herdeiro o Licenciado Manoel da Coſta.

DIOGO DE ANDRADE LEYTAM natural de Lisboa, e filho de Belchior de Andrade, que depois de ſervir com valor nas campanhas de Flandes foy Eſcrivaõ dos Filhamentos da Caſa Real. Aprendeo as letras humanas, e Poeſia em que ſahio inſigne na patria, donde paſſando a Univerſidade de Coimbra moſtrou que naõ tinha menor engenho para as ſciencias ſeveras que amenas. Laureado com as inſignias doutoraes na Faculdade de Direito Ceſareo foy admitido ao Collegio de S. Pedro a 12. de Fevereiro de 1666. donde ſubio a regentar as Cadeiras como foraõ a da Inſtituta de que tomou poſſe a 23. de Junho de 1668. do Codigo a 13. de Janeiro de 1672. dos Tres livros a 30. de Outubro de 1676. de Veſpera a 3. de Outubro de 1686. e de Prima a 16. de Novembro de 1690. em que jubilou a 15. de Fevereiro de 1694. Foy Conego da Cathedral de Coimbra, Dezembargador dos Aggravos na Caſa da Supplicaçaõ, de que tomou poſſe a 13. de Outubro de 1678. Concelheiro da Fazenda, Chanceller das Ordens Militares. Em taõ diferentes, e graviſſimos lugares ſempre manifeſtou a rectidaõ do ſeu animo unido com a profundidade da ſua Litteratura. Morreo em Lisboa a 23. de Julho de 1710. com 80. annos de idade. Jaz ſepultado no Convento de S. Franciſco. Como foſſe inſigne Poeta Latino publicou na idade juvenil a ſeguinte obra, cujo aſſumpto era a Reſurreiçaõ de Chriſto Senhor noſſo com eſte titulo.

Lucifer ſpoliatus. Carmen. Ulyſſipone apud Antonium Alvares Typog. Regium. 1651. 4.

D. DIOGO DA ANNUNCIAÇAM JUSTINIANO. Naceo em Lisboa, e na Parochial Igreja de S. Lourenço, foy bautizado a 26. de Julho de 1654. ſendo filho de Paſchoal Alvares, e Izabel Rodriguez. Na idade florente de 16. annos recebeo o Canonico habito da Congregaçaõ do Evangeliſta amado, onde aprendeo para depois enſinar as ſciencias eſcolaſticas no Collegio de Coimbra, em cuja Univerſidade ſe laureou com as inſignias doutoraes em a Faculdade de Theologia. Por cauſa de negocios graves em que era intereſſada a ſua Congregaçaõ paſſou a Roma, e em taõ famoſo theatro foy venerado o ſeu talento aſſim pela profundidade das ſuas letras, como pela elegancia com que na lingua Italiana, como ſe fora materna, prégou repetidas vezes a numeroſos auditorios. Em premio da prudente actividade com que tratou diverſas dependencias deſta Coroa o nomeou ElRey D. Pedro Segundo Biſpo da Serra, e Arcebiſpo de Cranganor, em cuja dignidade foy Sagrado na Curia pelo Eminentiſſimo Cardial Leandro Colloredo a 2. de Mayo de 1692. Reſtituido ao Reyno ſe lhe agravaraõ com tanto exceſſo os achaques que naõ podendo partir para o ſeu Arcebiſpado foy abſoluto delle em o anno de 1695. Nas Cortes celebradas em o primeiro de Dezembro de 1697. em que foy jurado por Succeſſor deſta Monarchia o Sereniſſimo Principe D. Joaõ, hoje Reynante, orou em nome do Eſtado Eccleſiaſtico com taõ eloquentes expreſſoens que arrebatou a atençaõ de taõ Mageſtoſo congreſſo. Attendendo o Arcebiſpo de Evora D. Si-

maõ da Gama às ſuas grandes letras, e talento, o nomeou ſeu Coadjutor, Proviſor do Arcebiſpado, e Preſidente da Relaçaõ Eccleſiaſtica cujos lugares adminiſtrou como ſe eſperava da rectidaõ da ſua inculpavel vida, a qual acabou com ſumma piedade na Cidade de Evora quando contava 59. annos de idade a 28. de Outubro de 1713. e naõ a 8. de Novembro como erradamente eſcreveo o P. Franciſco da Fonſec. *Evora Glorioſ.* pag. 315. como tambem affirmando que elle em o anno de 1703. trouxera o pallio Archiepiſcopal a D. Simaõ da Gama, quando havia mais de doze annos, que ſe tinha auzentado da Curia. Jaz ſepultado no Atrio da Igreja de S. Joaõ Evangeliſta de Conegos Seculares da Cidade de Evora com eſte epitafio.

Aqui jaz por ſua humildade D. Diogo da Annunciaçaõ Juſtiniano Conego deſta Congregaçaõ, Biſpo da Serra, Arcebiſpo de Cranganor, Proviſor, e Biſpo coadjutor deſte Arcebiſpado. Falleceo aos 28. *de Outubro de* 1713.

Fazem delle memoria Franc. de Santa Mar. *Chron. dos Coneg. Secul.* Liv. 2. cap. 40. pag. 531. Fonſec. *Evora Glorioſ.* pag. 315. *Foy inſigne no Pulpito ouvindo-o com admiraçaõ a Cabeça da Luſitania Lisboa, e a do mundo Roma.* D. Emman. Caiet. de Souſ. *in Exped. Hiſpan. S. Jacob.* Tom. 2. pag. 1311. §. 330. *Magna Biblioth. Eccleſ.* Tom. 1. pag. 476. col. 2. Jozeph. Catal. *Vit. Ven. P. Barthol. do Quental* pag. 148. n. 73. *Vir egregia virtute Præſul religioſiſſimus.*
Compoz.

Trofeo Evangelico expoſto em quinze Sermoens hiſtoricos, moraes, e Panegyricos. Primeira Parte. Lisboa por Miguel Deſlandes 1685. 4.

Trofeo Evangelico &c. 2. *Part.* ibi pelo dito Impreſſor 1699. 4.

Trofeo Evangelico &c. 3. *Part.* ibi pelo dito Impreſſor 1699. 4.

Trofeo Evangelico 4. *Part.* ibi. Na Officina Deſlandeſiana 1713. 4.

Sermaõ das Chagas de S. Franciſco prégado de tarde no Real Convento da Madre de Deos em a Cidade de Lisboa. Lisboa por Domingos Carneiro. 1680. 4.

Sermaõ da Treſladaçaõ glorioſa de S. Vicente prégado na Sé. Lisboa por Joaõ Galraõ 1682. 4.

Sermaõ da Converſaõ do Bom Ladraõ prégado em Santa Clara de Coimbra. Lisboa por Miguel Deſlandes. 1683. 4.

L'Oriente, giro, & agonia del Sole. Diſcorſo Panegirico dela Santiſſima Naſcitá di Chriſto detto in Roma nella Chieſa di S. Girolamo dell' Illirici detti Schiavoni. Roma nella Officina dela Reverenda Camera Apoſtolica. 1689. 4.

Oraçaõ funebre nas Exequias Reaes da Sereniſſima Rainha de Portugal D. Maria Sofia Izabel N. Senhora celebradas na Real Caſa da Mizericordia de Lisboa aos 11. *de Setembro de* 1696. Lisboa por Miguel Deſlandes Impreſſor de Sua Mageſtade 1699. 4.

Sermaõ do Auto da Fé, que ſe celebrou na Praça do Rocio deſta Cidade de Lisboa junto dos Paços da Inquiſiçaõ em 6. *de Setembro de* 1705. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ 1705. 4.

Sermaõ do Auto da Fé que ſe celebrou no Taboleiro da Parochial Igreja de Santo Antaõ de Evora em Domingo 20. *de Julho de* 1710. Lisboa pelo dito Impreſſor 1710. 4.

Practicas, que nos dous Actos de Cortes que ElRey N. Senhor mandou convocar, e ſe celebráraõ na Cidade de Lisboa em o primeiro, e a 4. *de Dezembro de* 1697. Lisboa por Miguel Maneſcal Impreſſor de Sua Mageſtade 1697. 4.

Turris Davidica, contra Judæos. M. S. fol. 3. Tom. Neſta obra, que era demonſtrativa da vinda do Meſſias, conſumio grande parte do ſeu eſtudo onde ſe via quanto era verſado na intelligencia da Eſcritura, e na liçaõ dos Rabinos, e Sagrados Interpretes.

Volatus Aquilæ, ſive expoſitio litteralis, moralis, & allegorica in Epiſtolas S. Joannis Apoſtoli. M. S. fol. da qual obra me leo a expoſiçaõ do primeiro capitulo ſeu illuſtriſſimo Author, e era ornado de todo o genero de erudiçaõ.

P. DIOGO ANTVNES natural da Villa do Crato em a Provincia do Alentejo. Na idade de 18. annos recebeo a Roupeta da Companhia de JESUS no Collegio de Evora a 4. de Março de 1570.

Ainda naõ ſendo Sacerdote navegou para a India em o anno de 1579. com animo de lucrar almas para Chriſto onde foy coadjutor eſpiritual. Aſſiſtio muytos annos na Cidade de Macáo da qual como affirmaõ a *Bib. Societ.* pag. 167. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. D. n. 7. o P. Franc. da Fonſec. *Evor. Glorioſ.* pag. 428. Franco *Imag. da Virtud. em o Novic. de Evor.* pag. 858. e o moderno addicionador da *Bib. Orient.* de Ant. de Leaõ Tom. 1. Tit. 7. col. 148. eſcreveo.

Cartas Annuas da China do anno de 1603.

Fr. DIOGO ARANHA DA PAYXAM natural da Cidade de Braga, filho de Thomaz Gibneos, e Helena Calè de naçaõ Hybernios, e Religioſo profeſſo da Ordem Serafica da Provincia de Portugal. Foy Prégador da Sereniſſima Rainha de França Maria de Medices, da qual recebeo grandes eſtimaçoens aſſim pelo ſeu talento, como pela profundidade da ſua ſciencia. Augmentou, e diſpoz em melhor forma a obra ſeguinte que compuzera Franciſco Gemma Presbytero Theologo natural de Capua, e a dedicou à meſma Rainha de França com eſte titulo.

Cantica centum quinquaginta cum hymnis triginta, totidemque Orationibus in D. Jozeph Deiparæ ſemper Virginis Mariæ Sponſum ad inſtar Pſalmorum Davidicorum. Pariſiis apud Viduam Dallin in monte S. Hilarii. 1624. 32. cum fig.

Lembraõ-ſe do Author Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* pag. 205. col. 2. Fr. Joan. à D. Ant. *Bib. Franciſc.* Tom. 1. pag. 293. col. 2.

P. DIOGO DE AREDA natural da Villa de Arrayolos em a Provincia do Alentejo. Na idade de 16. annos abraçou o Inſtituto de Jeſuita em o Collegio de Evora a 25. de Mayo de 1584. e logo deſcubrio em annos taõ tenros a viveza do engenho de que o dotara a natureza. Inſtruido nas Humanidades, e ſciencias ſeveras enſinou com applauſo Filoſofia no Collegio de Lisboa, e Theologia em o de Coimbra. O ſeu mayor diſvelo empregou em penetrar os myſterios da Sagrada Eſcritura ſervindo-lhe de directores os Santos Padres em cuja liçaõ era continuo, de que naceo ſahir hum dos mais famoſos Oradores Evangelicos do ſeu tempo. A profunda noticia que tinha de ambos os Direitos, o faziaõ ſer conſultado nas materias mais graves pertencentes a hum, e outro Foro, ſeguindoſe ſempre a ſua reſoluçaõ como mais ſolida, e ſegura. Deixou huma copioſa livraria à Caſa profeſſa de S. Roque onde acabou a carreira da vida mortal a 12. de Dezembro de 1641. com 73. annos de idade e 57. de Religiaõ. A *Biblioth. Societ.* pag. 167. col. 1. entre muitos louvores que delle forma diz *ob frequentes conciones, & ſana in rebus arduis conſilia ſapientiſſimus eſt habitus, & fuit eo tempore conſultiſſimus.* D. Fr. Thom. de Faria Decad. 1. lib. 9. cap. 9. *Nec ſupereſſedebo laudibus P. Jacobi de Areda qui tanto pollet ingenio, ut in conficiendis concionibus primus ſit.* Franc. *Imag. da Virt. em o Novic. de Evora* pag. 858. *O ſeu eſtudo em todo o genero de erudiçaõ aſſim nos livros Theologicos, Caſuiſtas, Canonicos, e Legiſtas, como nos Eſcriturarios, Santos Padres, e Hiſtoricos foy taõ continuo, que ſe pode dizer delle que viveo eſtudando,* e no *Ann. Glorioſ. S. J. in Luſit.* pag. 755. *Docuit ſcientias præclari Magiſtri nomine* & in *Annal. S. J. in Luſit.* pag. 281. n. 14. *Vir præditus inſigni ſapientia.* Fonſec. *Evor. Glorioſ.* pag. 428. *inſigne Letrado, e Oraculo de todos os Tribunaes da Luſitania.*

Das ſuas obras ſómente ſe fizeraõ publicas.

Sermaõ nas Exequias, que o Santo Officio mandou fazer na Igreja de S. Roque de Lisboa da Companhia de JESUS ao Illuſtriſſimo Senhor D. Fernaõ Martins Maſcarenhas Inquiſidor Geral neſtes Reynos, e Senhorios de Portugal. Lisboa por Pedro Crasbeeck Impreſſor de Sua Mageſtade 1628. 4.

Sermaõ em Santa Engracia no Outavario do Deſacato. Lisboa por Antonio Alvares 1630. 4.

Sermaõ na Igreja de Santa Engracia eſtando o Santiſſimo Sacramento em publico pelo caſo que ſucedeo na meſma Igreja. Lisboa por Pedro Crasbeeck Impreſſor delRey 1630. 4.

Manifeſto na Acclamaçaõ delRey D. Joaõ o IV. Começa *A nobreza, e Reyno de Portugal. &c.* Acaba *Nunca o Jura-*

mento que encontrava eſte direito podia ſer ſubſiſtente. M. S.

Conſerva-ſe na Biblioth. do Cardial de Souſa.

Parecer acerca dos varios meyos que ſe offereceraõ a Filippe III. para permitir que os Chriſtaõs novos aſſiſtiſſem neſte Reyno. Conſtava de 19. paginas de folha, e o tinha em ſeu poder o P. Sebaſtiaõ de Magalhaens Confeſſor delRey. D. Pedro II. como affirma o P. Franciſco da Cruz nas Memorias *M. S.* para a Bib. Portug.

Parecer ſobre o morgado da Caſa de Aveiro. Sahio na Allegaçaõ de Direito que fez neſta materia o Doutor Franciſco Valaſco de Gouvea.

D. DIOGO DE AREDA Sobrinho do precedente natural da meſma Patria de ſeu Tio, e tambem Religioſo da Companhia de JESUS cuja Roupeta veſtio em o Collegio de Evora a 27. de Mayo de 1615. Acabados os eſtudos aſſim amenos, como ſeveros paſſou com faculdade dos Superiores à India com o dezejo de prégar o Evangelho àquellas barbaras naçoens, porém foy obrigado a ler Theologia em Goa por alguns annos. Sendo Confeſſor do Vice-Rey de Eſtado o mandou a Portugal com negocios de grande importancia confiando da ſua capacidade o feliz ſucceſſo delles, os quaes concluidos voltou para a India, onde foy Reytor do Collegio de Chàul, e Companheiro do Provincial. Segunda vez navegou para Portugal, e intentando terceira jornada para a India lhe impediraõ a determinaçaõ os achaques, e annos. Foy o primeiro Reytor do Collegio de Setubal, e hum dos inſignes Prégadores que teve o ſeu tempo. Exercitou por muitos annos o miniſterio de Doutrineiro em a Caſa profeſſa de S. Roque onde paſſou a melhor vida em 18. de Dezembro de 1671. com 72. annos de idade, e 56. de Religiaõ. Lembraõ-ſe delle a *Bib. Societ.* pag. 167. col. 2. Franc. *Imag. da Virtud. do Nov. de Evor.* pag. 859. e no *Ann. Glorioſ. S. J. in Luſit.* pag. 743. & in *Annal. S. J. in Luſit.* pag. 351. n. 3. Fonſec. *Evora Glorioſ.* pag. 428. Joan. Soar. de Brito *Theat. Luſit. Litter.* lit. D. n. 8. *Magn. Biblioth. Eccleſ.* pag. 540. col. 2. Imprimio.

Sermaõ do Auto da Fè prégado em Goa anno 1644. Goa 1644. 4. Deſta Obra faz mençaõ Carlos Jozé Imbonati *Bib. Lat. Heb.* pag. 34. n. 117.

Sermaõ do Apoſtolo Saõ Thomé prégado na Capella Real de Sua Mageſtade a 21. de Dezembro de 1645. Lisboa por Domingos Lopes Roza 1646. 4. A eſte Sermaõ chama *Vida* com erro manifeſto o novo addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ Tom. 1. Tit. 14. col. 446.

Sermaõ Funebre na Santa Sé de Evora nas Honras, que o Cabido della celebrou à piedoſa memoria do Sereniſſimo Infante D. Duarte. Lisboa na Officina Crasbekiana 1650. 4.

Exame de Conciencia, e modo facil para ſe fazer Confiſſaõ Geral. Lisboa por Domingos Carneiro 1670. 24. Sahio 2. vez inſerto nas *Horas Portuguezas, e Ramilhete manual de diverſas Oraçoens.* Liſboa pelo dito Impreſſor. 1673. 12.

DIOGO DE AZAMBUJA natural da Villa do ſeu appelido, a qual he do Arcebiſpado de Lisboa, donde paſſando ao Oriente eſcreveo com obſervaçaõ curioſa.

Memorias do que vio pela India pertencentes eſpecialmente a couſas naturaes. M. S. Conſervaõ-ſe na Livraria do Excellentiſſimo Marquez de Abrantes.

DIOGO BARBOSA MACHADO filho do Capitaõ Joaõ Barboſa Machado, e D. Catharina Barboſa naceo em Lisboa a 31. de Março de 1682. e a 12. de Abril foy bautizado na Real Igreja de N. Senhora da Conceiçaõ dos Freyres da Ordem de Chriſto. Aprendeo os primeiros rudimentos com o P. Ignacio Preſtes Freyre da Ordem de Chriſto, e Beneficiado da dita Igreja, e a lingua Latina com o P. Manoel Soares Presbytero de inculpavel vida de quem ſe fará mençaõ mais larga em ſeu lugar. Ouvio pela eſpaço de tres annos Filoſofia do P. Sebaſtiaõ Ribeiro da Congregaçaõ do Oratorio, e por dous Theologia eſpeculativa, e Moral dos Meſtres Diogo Curado, e Antonio de Faria da meſma Congregaçaõ. Paſſou a Coimbra em o anno de 1708. onde ſe matriculou na Faculdade do Direito Canonico, que naõ proſeguio por cauſa de algumas moleſtias.

Depois de obter hum Beneficio ſimples na Igreja de Santa Cruz de Alvarenga em o Biſpado de Lamego em que o collara o Illuſtriſſimo Biſpo deſta Dioceſe D. Nuno Alvares Pereira de Mello, recebeo Ordens de Presbytero, que lhe conferio a 2. de Julho de 1724. o Illuſtriſſimo Biſpo de Tagaſte D. Manoel da Sylva Francez Proviſor, e Vigario Geral do Arcebiſpado de Lisboa. Por nomeação do Excellentiſſimo Marquez de Abrantes D. Rodrigo Annes de Sá, e Almeyda Cavalleiro da Ordem do Tuſaõ, Gentil homem da Camara de Sua Mageſtade, e Embaxador extraordinario a Roma, e Madrid foy collado em 4. de Novembro de 1728. Abbade da Parochial Igreja de Santo Adriaõ de Sever no Conſelho de Penaguiaõ Comarca de Sobre Tamaga do Biſpado do Porto. Foy eleito Academico da Academia Real da Hiſtoria Portugueza, ſendo dos cincoenta primeiros Academicos de que ſe formou eſta eruditiſſima Sociedade para eſcrever as Memorias Hiſtoricas dos Reynados dos Princepes D. Sebaſtiaõ, D. Henrique, Filippe I. II. e III. de cuja applicaçaõ tem publicado o ſeguinte.

Conta dos ſeus eſtudos Academicos recitada no Paço a 7. de Setembro de 1722. Sahio no Tom. 2. *da Collecçaõ dos Docum. da Acad. Real.* Lisboa por Paſchoal da Sylva Impreſſor de Sua Mageſtade, e da Acad. Real 1722. fol.

Conta dos ſeus eſtudos Academicos no Paço a 22. de Outubro de 1724. Sahio no 4. Tom. da *Colleçaõ dos Documentos* &c. Lisboa pelo dito Impreſſor 1724. fol.

Conta dos ſeus eſtudos Academicos no Paço a 22. de Outubro de 1726. Sahio no Tom. 6. da *Collecçaõ dos Documentos* &c. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva 1726. fol.

Conta dos ſeus Eſtudos Academicos no Paço a 7. de Setembro de 1727. Sahio no 7. Tom. da *Colleçaõ dos Documentos* &c. Lisboa pelo dito Impreſſor 1727. fol.

Conta dos ſeus Eſtudos Academicos no Paço a 7. de Setembro de 1731. Sahio no Tom. 11. da *Collecçaõ dos Documentos* &c. Lisboa pelo dito Impreſſor 1731. fol.

Elogio Funebre do Beneficiado Franciſco Leytaõ Ferreira Academico da Academia Real da Hiſtoria Portugueza recitado no Paço a 31. de Março de 1735. Lisboa pelo dito Impreſſor 1735. 4. grande.

Memorias para a Hiſtoria de Portugal que comprehendem o governo delRey D. Sebaſtiaõ unico em o nome, e decimo ſexto entre os Monarchas Portuguezes do anno de 1554. atè o anno de 1561. Tom. 1. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva Impreſſor da Academia Real 1736. 4. Grande

Memorias para a Hiſtoria de Portugal &c. deſde o anno de 1561. até o anno de 1567. Tom. 2. Lisboa pelo dito Impreſſor 1737. 4. grande.

Memorias para a Hiſtoria de Portugal &c. deſde o anno de 1567. *até o anno de* 1574. Tom. 3. *M. S.*

Memorias para a Hiſtoria de Portugal &c. deſde o anno de 1574. *até* 1579. Tom. 4. *M. S.*

Traduzio da lingua Italiana de Monſenhor Mucio Dandini Biſpo de Sinigaglia em a Portugueza, ſem o ſeu nome.

As verdades principaes, e mais importantes da Fè, e da Juſtiça Chriſtaã explicadas clara, e methodicamente ſegundo a doutrina da Eſcritura, dos Concilios, e dos Padres, e Doutores da Igreja com muitos exemplos tirados da Hiſtoria Eccleſiaſtica, e diſtribuidas em cincoenta, e duas inſtrucçoens pelas cincoenta, e duas Domingas do Anno. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ. 1729. 4.

Bibliotheca Luſitana Hiſtorica, Critica, e Chronologica, na qual ſe comprehende a noticia dos Authores Portuguezes, e das Obras que compuzeraõ deſde o tempo da Promulgaçaõ da Ley da Graça até o tempo preſente. fol. 3. Tom.

DIOGO BARRASSA famoſo Medico, inſigne Aſtrologo, e perito Herbolario. Aſſiſtio muitos annos em Caſtella, donde paſſou a Amſterdaõ, em cuja Cidade era Regente da Academia do Talmud, e como a tal lhe dedicou Menaſſa Ben Iſrael a ſegunda Parte do Livro intitulado *De fragilitate humana.* Foy muyto douto nas linguas Arabica, e Syriaca. Compoz diverſos Lunarios ſendo o principal.

Prognoſtico, e Lunario do anno de 1635. *conforme as Noticias, que ficaraõ do tempo de Noe regulado aos Meridianos de Evora de* 38. *gràos, e outras partes da Luſitania antiga com as influencias naturaes, dez dias da Lua, e qual dos Planetas reyna, e tem dominio ſobre cada ſigno com outras*

curioſidades tirado do Arabigo que traduzio do Syriaco de Jonathas Abenizel Rabbi Iſrael de Ulmaſia. Sevilha por Simaõ Fajardo. 1630. 4. No prologo promete

Tractatus in loca difficilia S. Scripturæ a D. Hieronymo tradicta.

Tractatus de virtute herbarum, & ſecretis aquarum ab ipſo expreſſarum, & diſtillatarum.

Fr. DIOGO DE BARROS Religioſo Menor Obſervante da Provincia de Portugal eſcreveo conforme affirma Jorge Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 3. p. 519. letr. D.

Relaçaõ breve das Religioſas que floreceraõ em virtude no Convento de Santa Iria de Thomar. M. S.

Fr. DIOGO BAUTISTA. Naceo no Lugar de Alamede junto à Cidade de Coimbra, e profeſſou o Inſtituto Serafico na Provincia de Portugal. Ouvio Filoſofia do R. Fr. Bernardino de Senna, que de Miniſtro Geral da Ordem Serafica ſubio à Cadeira Epiſcopal de Viſeu, em o Convento de Santa Chriſtina, cuja faculdade enſinou depois no Convento de Leyria em o anno de 1606. com tanta gloria do ſeu magiſterio, que teve por diſcipulos a Fr. Lucas Wadingo, celebre Annaliſta da Religiaõ Franciſcana, e Fr. Diogo do Salvador, Lente Jubilado, e Provincial da Provincia, e Fr. Antonio de JESUS, igualmente claro nas ſciencias, que nas virtudes. Na Congregaçaõ Geral celebrada na Cidade de Segovia, em o anno de 1621. votou como Cuſtodio deſta Provincia, e voltando ao Reyno foy Viſitador da Provincia da Ordem Terceira da Penitencia, em o anno de 1623. Sendo Lente Jubilado, e Qualificador do Santo Officio, foy eleito na Congregaçaõ celebrada em Lisboa a 19. de Mayo de 1623. Guardiaõ do Convento de S. Franciſco de Santarem onde falleceo a 28. de Setembro de 1624. Sobre a ſua ſepultura, que eſtá no Clauſtro da parte do Norte, mandou gravar o M. Fr. Antonio das Chagas chamado o *Eſcoto,* ſendo Miniſtro Provincial o ſeguinte Epitafio:

Sacræ Theologiæ Magiſter inſignis, Sanctæ Inquiſitionis Conſultor R. P. Fr. Didacus Baptiſta Limedenſis ante hunc iacet lapidem. Obiit die 28. Septembris anno Domini 1624. poſtquam Segobienſibus Ordinis Comitiis interfuerat Cuſtos. R. P. Fr. Antonius à Plagis Miniſter Provincialis hoc Monumentum eidem exaravit. Anno Domini 1624. Dos ſeus eſcritos ſómente exiſte:

Commentaria in Dialecticam Ariſtotelis. Principia: *Cum nihil adeo.* M. S. 4. Conſerva-ſe no Collegio novo de S. Boaventura de Coimbra. Fazem delle memoria Haroldo *Vit. P. Luc. Wadingi* cap. 5. e Fr. Joaõ de Deos nas *Memor. M. S. da Prov. de Portug.* fol. 91.

DIOGO BERNARDES natural da Villa de Ponte da Barca ſituada em a Provincia de Entre Douro, e Minho, filho de Diogo Bernardes Pimenta, neto de Antonio Bernardes, e Anna Dias Pimenta, e irmaõ de Fr. Agoſtinho da Cruz Religioſo Arrabido, de quem ſe fez larga memoria em ſeu lugar. Na primeira idade deu manifeſtos argumentos do ſublime engenho de que o dotara a natureza, porém debaixo do fatal horoſcopo com que por diſpoſiçaõ da ſorte infauſta coſtumaõ nacer os Sabios, como elle de ſi meſmo laſtimoſamente affirmou na *Carta* 2. do ſeu *Lima* fol. 125. v.º eſcrita a Jorge Bacarrao Alferez em Ponte de Lima.

Alpunto que naci luego fortuna
Eſtendiò ſobre mi ſu mano fiera
Diome amarga leche, dura cuna
La triſteza por ama, y compañera.

Entre as Artes, e ſciencias em que foy verſado, mereceo o Principado da Poeſia Paſtoril expreſſando com affectos taõ proprios a natural ſinceridade dos ruſticos que depois do Theocrito inſigne neſte genero de metro entre os Poetas Gregos ninguem lhe diſputou a primazia. Depois de contrahir matrimonio com eſpoſa digna do ſeu nacimento, lhe ſobrevieraõ taes cuidados, que lhe impediraõ o continuo comercio das Muſas, ſempre amantes do ocio, como elle eſcreve a D. Manoel Coutinho na *Cart.* 24. do ſeu *Lima.*

Paſſou aquelle tempo em que ſohia
Cantar verſos alegres, e ſuaves
Junto do patrio Lima à ſombra fria:
Carregaraõ em mim cuidados graves
Depois que me entreguey ao Hymineo

Que ſecha a liberdade com mil chaves.
Ando das brandas Muſas taõ alheyo
Taõ longe d'Hypocrene, e do Parnaſo,
Taõ ſumido nas aguas do Letheyo,
Que tenho pouco goſto, e menos aſo
Para poder formar hum culto verſo
Senaõ ſahe da penna algum acaſo.

A grande eſfera do ſeu engenho naõ ſómente voava ao cume do Parnaſſo, mas vagava pelos campos da Hiſtoria de tal modo, que emprendeo eſcrever as acçoens dos Monarchas Portuguezes, de cujo heroico intento o ſuſpendeo a falta de Mecenas, que remuneraſſe taõ illuſtre empreza. Aſſim o canta ao meſmo tempo que ſe laſtima na *Carta* 14. eſcrita a Antonio de Caſtilho.

Pezame naõ poder em nova Hiſtoria
Dos Luſitanos Reys a origem clara
Levar ao Templo da immortal memoria
Naõ por falta de engenho, e invençaõ rara
Eſtillo, e arte, que Febo em tal ſogeito
Deſuzados conceitos me inſpirara.
Mas ſabes de que nace eſte defeito
De naõ ver neſte tempo hum novo Auguſto
A quem taõ bom trabalho ſeja aceito.

Quando aſſiſtio na Corte, foy muito aceito ao Infante D. Duarte filho do Sereniſſimo Rey D. Joaõ o III. e recebeo alguns favores do Secretario de Eſtado Pedro de Alcaçova Carneiro, a quem acompanhou a Caſtella, quando foy por Embaxador delRey D. Sebaſtiaõ a Filippe II. Achou-ſe na infauſta batalha de Alcacer Seguer, onde depois de obrar acçoens muito valeroſas, ficou cativo, cuja horroroſa tragedia expoem neſtas ſentidas expreſſoens a Jorge Bacarrao na *Carta* 18. *do Lima.*

Deſpues de aquel horrible, y fiero dia
Que con mis ojos vi de ſangre humana
Hartarſe la ſedienta Berberia;
Siempre me pareciò la gloria vana
Que di àl patrio Lima con mi canto
Entre gente plebea, y cortezana.

E na *Elegia* 1. *das Rim. Var.* fol. 67.

Eu que livre cantey ao ſom das aguas
Do ſaudoſo, brando, e claro Lima
Hora goſtos de amor, outr'hora magoas
Agora ao ſom do ferro, que laſtima
O deſcuberto pée choro cativo
Onde choro naõ val, nem amor ſe eſtima.

E na *Eleg.* 2. fol. 70.

Sobre hum alto rochedo em Berberia
O ſem ventura Alcido ſe ſentava
Quando o cruel Senhor lho concedia, &c.
A'viſta dos frutiferos outeiros
Dos chriſtallinos lagos, e das fontes
Fazia de ſeus olhos dous ribeiros
Lembravaõ-lhe outros valles, outros montes
Outras aguas mais claras, outros rios
Outros mais afaſtados Oriſontes.

Reſtituido à Patria, e a liberdade foy provido em o Officio de Moço da toalha, que exercitou em tempo que o Cardial Alberto de Auſtria governava eſte Reyno até que falleceo em Lisboa em o anno de 1596. Jaz ſepultado no Serafico Convento das Religioſas de Santa Anna, onde deſcanſaõ as cinzas do ſeu grande amigo, o inſigne Luiz de Camoens Principe da Poeſia Epica. A' ſua morte dedicou huma Elegia Fr. Agoſtinho da Cruz ſeu irmaõ, que começa:

Claras aguas do noſſo doce Lima
Secou no Tejo já voſſa corrente
Onde naõ ſeca a dor, que me laſtima, &c.

Antonio de Souſa de Maced. *Flor. de Eſp.* cap. 8. Excel. 9. lhe chama *Suave Poeta,* e na *Eva, e Ave* Part. 1. cap. 26. *Foraõ exaltando a Poeſia Antonio Ferreira, Diogo Bernardes.* Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 208. col. 1. *poſt Camoeſium, & Saam vulgares pangendi verſus laudem concedit nemini.* Severim *Diſcurſ. var.* pag. 131. v.º *Celebre Poeta, que no eſtilo Paſtoril naõ reconhece ſuperior,* e pag. 82. v.º *o inſigne Poeta Lope de Vega confeſſa, que os eſcritos de Diogo Bernardes o enſinaraõ a fazer verſos paſtoris.* Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. D. num. 9. *Ob lenitatem, ſuavitatemque ſuorum carminum celebratiſſimus: in Bucolicis præſertim excelluit ita ut in hoc poematis genere facile Princeps exiſtimatur.* Lope da Vega *Laure. de Apol.* Sylv. 3. pag. 26.

A Bernardes ofrece
Y dize, que ſer Principe merece.

Manoel de Faria, e Souſa, *Fuent. de Aganip.* Part. 2. Poem. 3. Eſtanc. 3.

Entre rebaños de torcidos cuernos
Las humildes, y ruſticas camenas
Suenan con propriedad que el Pindo eſtima
Lobo en el Liz, *Bernardes en el* Lima.

Ant. Ferreir. Liv. 71. *das Cart. Cart.* 12. eſcrita a Diogo Bernardes.

Fez força ao meu intento a doce, e branda
Muſa tua Bernardes, que a meu peito
Dá novo ſpirito, novo fogo manda.

E no *Liv.* 2. *dos Sonet.* Sonet. 26. pag. 22.

Limiano tu ao ſom do claro Lima
Inda por ti mais claro à ſombra fria
A branca Ninfa, que te deo por guia
Amor fazes ſoar na doce rima.
E em quanto cantas, flores mil decima
Derrama Cytherea, e hum louro cria
Para as tuas frentes Phebo, e em companhia
D'outros teu nome leva já a outro clima.

Jorge Bacarrao em huma Carta, que he a 19. impreſſa no *Lima* pag. 125.

Que quando Luſitania nò tuviera
Mas prendas de valor, que ſerte Madre
Por eſta ſola el Lauro mereciera
Del roxo Apolo, y de ſu hermana, y padre.

P. Ant. dos Reys *Enthuſiaſm. Poet.* num. 2.

Proximus adſiſtit Didacus Bernardius ille
Cujus frœnarunt dulciſſima carmina Limœ
Prœcipites quondam, placidas nunc, fluminis undas;
Cujus ut audiret queruli modulamina plectri
Sœpe caput medio traxit de gurgite piſcis,
Sœpeque detinuit volucris modulamen in ulmo.

Compoz:

O Lima, em o qual ſe contém Eglogas, e Cartas. Dirigido ao Excellentiſſimo Senhor D. Alvaro D'Alancaſtro Duque D'aveiro. Lisboa por Simaõ Lopes. 1596. 4.

Rimas Varias, Flores do Lima. Liſboa por Manoel de Lyra. 1597. 8. *& ibi* por Lourenço Craesb. 1633. 32.

Varias Rimas ao Bom JESUS, e à Virgem glorioſa ſua Mãy, e a Santos particulares, com outras mais de honeſta, e proveitoſa liçaõ. Lisboa por Pedro Craſbeeck. 1616. 8. E por Antonio Alvares. 1622. 8.

Elegia à morte do Doutor Antonio Ferreira eſcrita a Pedro de Andrade Caminha. Começa:

Com quem poſſo chorar, ſenaõ contigo. &c. Sahio impreſſa no fim dos *Poemas Luſitanos* de Antonio Ferreira. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1698. 4. a fol. 137. v.º a qual tinha ſido impreſſa no *Lima* Cart. 21. a fol. 128.

Quatro Sonetos hum em Caſtelhano, outro em Italiano, e dous em Portuguez, a fol. 96. 118. 123. e 188. do Livro intitulado: *Relaçaõ do ſolemne recebimento, que ſe fez em Lisboa às Santas Reliquias que ſe levaraõ à Igreja de S. Roque,* compoſto pelo Licenciado Manoel de Campos. Lisboa por Antonio Ribeiro. 1588. 8.

Sonetos 116. Eglogas 26. Cinco Cartas, 4. Cançoens, e huma Ode de Diogo Bernardes, eſtaõ em o *Cancioneiro,* que no anno de 1577. juntou o Padre Pedro Ribeiro, e ſe conſerva M. S. na Livraria que foy do Cardial de Souſa.

Intentava publicar as Obras Poeticas de alguns Portuguezes como ſe infere da Carta 30. eſcrita a Gaſpar de Souſa ſobrinho de D. Chriſtovaõ de Souſa, impreſſa no *Lima* a fol 155. onde lhe diz:

Se vejo, como eſpero reſponderme
De maneira que poſſa a mais quieto
Co as Muſas em ocio recolherme
De juntar os bons verſos vos prometo
Dos Poetas inſignes Luſitanos
Aprovados por Febo em ſeu decreto.

DIOGO BORGES natural de Liſboa, e Medico do Cabido da ſua Patria, igualmente douto na Arte Medica, como na Sciencia Aſtrologica, de que ſaõ claros argumentos as Obras ſeguintes:

Diſcurſo Aſtrologico, e Prognoſtico Diario para o anno de 1604. Lisboa por Jorge Rodrigues. 1603. 8.

Diſcurſo Aſtrologico para o anno de 1605. No fim: *Breve Itinerario da Monarchia delRey D. Filippe II. de Portugal.* Lisboa 1604. e Evora por Manoel de Lyra. 1604. 8.

Tratado contra os Aſtrologos, que daõ o ſenhorio do anno ao Planeta, que he ſenhor do dia em que o anno começa. M. S.

Tratado da Conjunçaõ Maxima de Saturno, Jupiter, e Marte, que aconteceo a 24. de Outubro de 1603. *como dos muitos Ecclypſes do anno de* 1605. M. S.

Bonus Medicus oportet eſſe bonus Aſtrologus. Prova eſta Concluſaõ em hum largo volume. M. S.

Votos em varias materias, em que foy conſultado. Sahiraõ impreſſos nas *Deciſoens* do Doutor Manoel da Fonſeca

Themudo, principalmente na *Deciſ.* 84. e 183. Faz delle menção Joan. Soar. de Brito *in Theatr. Luſit. Litter.* Lit. D. num. 10. Jaz ſepultado na Cathedral de Lisboa junto do Altar de Noſſa Senhora de Betancurt ſituado no Cruzeiro da parte do Evangelho.

DIOGO BORGES PACHECO, natural de Braga onde foy bautizado na Freguezia de S. Joaõ do Souto a 24. de Fevereiro de 1658. Teve por Pays a Jacome Borges Pacheco, e D. Franciſca Machado. Depois de receber em a Univerſidade de Coimbra o gráo de Bacharel na Faculdade dos Sagrados Canones obteve hum Canonicato em a Cathedral da ſua Patria, que renunciou em Domingos de Araujo Pontes caſando com ſua irmãa D. Marianna de Araujo. Foy Dezembargador da Relaçaõ de Braga, pelo largo eſpaço de trinta e ſeis annos, e Chanceller por mais de trinta. Morreo na patria, a 16. de Dezembro de 1735. com 77. annos de idade. Compoz:

Triumpho do Amor Divino, e extracto das Feſtas que na Cidade de Braga conſagrou ao Santiſſimo Sacramento o Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor D. Rodrigo de Moura Tellez, Arcebiſpo, e Senhor de Braga Primaz das Eſpanhas do Conſelho de Eſtado de Sua Mageſtade, e ſeu Sumilher da Cortina. Lisboa na Officina Real Deſlandeſiana, 1714. 4. A primeira parte he em proza, e a ſegunda em verſo que conſta de 105. Outavas Portuguezas.

DIOGO BOTELHO naceo em Lisboa onde teve por Pays a Franciſco Botelho Capitaõ de Tangere Eſtribeiro mór do Infante D. Fernando filho do Sereniſſimo Rey D. Manoel, e Embaxador a Saboya, e a D. Brites da Caſtanheda filha de Ruy Dias da Caſtanheda. Sendo Commendador das Commendas da Serra na Beira, e Gentilhomem da boca de Filippe III. o elegeo no anno de 1602. Governador do Eſtado do Braſil, que adminiſtrou pelo eſpaço de cinco annos com igual zelo, que deſintereſſe. Foy caſado com D. Maria Pereira filha de Nuno Alvares Pereira Secretario do Conſelho de Eſtado de Portugal em Madrid, e de D. Iſabel Mariz filha de Lopo Mariz, de quem teve para immortal credito da ſua poſteridade aquelle famoſo Herõe Nuno Alvares Botelho quadrageſimo nono Governador da India digno pelas ſuas glorioſas façanhas, obradas em obſequio da patria de fim mais venturoſo. Eſcreveo:

Succeſſo da ſua viagem ao Braſil, e de muitas couſas, que obrou nelle, e como as achou em 7. de Mayo de 1602. He papel largo, e ſe conſerva *M. S.* na Livraria do Excellentiſſimo Marquez de Abrantes. Faz breve memoria do Author Sebaſtiaõ da Rocha Pitta *Americ. Portug.* Liv. 3. §. 100. pag. 201.

DIOGO BOTELHO PEREIRA. Naceo na India Oriental ſendo filho illegitimo de Antonio Real Capitaõ de Cochim no tempo, que governava o Eſtado D. Franciſco de Almeida, e de Iria Pereira. Como naceſſe ornado de ſingular habilidade para todas as ſciencias ſe applicou com mayor diſvelo à Nautica, Mathematica, e Geografia, em que ſahio muito perito. Tendo militado por alguns annos com grande diſtinçaõ de valor entre os melhores Soldados da India, e querendo a remuneraçaõ devida a taõ aſſinalados ſerviços paſſou a Portugal, onde ElRey D. Joaõ o III. lhe deo o foro de Fidalgo da ſua Caſa, e como lhe negaſſe a Capitania de Chàul, que pertendia, rompeo em algumas palavras, que arguia de menos recta a juſtiça deſte Principe o qual perſuadido pelas ſiniſtras informaçoens de alguns emulos de Diogo Botelho de que eſtava reſoluto ſervir a ElRey de França, o mandou degradado para a India na Armada, em que Martim Affonſo de Souſa partio no anno de 1534. como eſcrevem Fernaõ Lopes da Caſtanheda *Hiſt. da India* Liv. 8. cap. 105. e Joaõ de Barros, *Decad.* 4. *da Ind.* Liv. 6. cap. 14. ou na Armada em que foy D. Vaſco da Gama como affirmaõ Diogo do Couto *Decad.* 5. Liv. 1. cap. 2. e Franciſco de Andrade *Chronic. de D. Joaõ o III.* Part. 3. cap. 13. Tanto que chegou à India começou a meditar o modo com que juſtificaſſe a ſua fidelidade falſamente accuſada como criminoſa no conceito do ſeu Soberano, e

depois de lhe ſugerir a idea varios meyos, elegeo hum que parece exceder a esfera do coraçam mais animoſo arrojando-ſe a emprender com temeraria ouſadia huma empreza, em que era infallivel o perigo. Sabendo o grande alvoroço, que teria ElRey D. Joaõ o III. com a certeza de eſtar fundada pelo Governador Nuno da Cunha a Fortaleza de Dio, por ſer a chave do comercio da Arabia, e Perſia, e o freyo do Reyno de Cambaya, determinou ſer o precurſor de taõ feliz noticia, para cujo effeito fabricou em Cochim huma Fuſta com vinte e dous palmos de comprimento, doze de largo, e ſeis de alto, e embarcando-ſe nella acompanhado de cinco Portuguezes, e alguns ſeus eſcravos partio de Dàbul em o primeiro de Novembro de 1535. ſem declarar para onde dirigia a jornada; até que engolfado em o mar alto lhes deſcobrio ſer a ſua derrota para Lisboa. Depois de dobrar o Cabo de Boa-Eſperança a 20. de Janeiro de 1536. naõ he facil de explicar os horroroſos perigos a que ſe expoz em viagem que além de ſer taõ dilatada, prometia hum tragico fim pela embarcaçaõ ſer taõ pequena, vendo-ſe humas vezes engolido das ondas, outras deſpedaçado nos cachopos, e ultimamente accomettido dos ſeus companheiros, que vexados da fome, e ſede ſe reſolveraõ a tirar-lhe a vida, antes que perdeſſem as ſuas recebendo neſte tumulto huma ferida na cabeça, e ficando mudo por muitos dias do exceſſo com que clamou para o pacificar, governando por acenos a embarcaçaõ até que ſe lhe reſtituhio a voz. Triunfante dos perigos do mar, e da infidelidade dos companheiros chegou a Lisboa em Mayo de 1536. e ſabendo que ElRey aſſiſtia em Almeirim navegou na Fuſta pelo Tejo acima até Salvaterra, e apparecendo na preſença Real lhe ſignificou com vivas expreſſoens a cauſa que o movera a intentar huma jornada com manifeſto perigo da vida, fora para ſe purificar da feya mancha de traydor com que os ſeus emulos o tinhaõ falſamente accuſado, pois ſe elle quizera preferir o ſerviço delRey de França ao de Portugal, aſſim como viera a Lisboa proteſtar a ſua obediencia na preſença de Sua Alteza, pudera dirigir a ſua jornada para aquelle Reyno. Depois lhe moſtrou delineada pela ſua maõ a Fortaleza edificada em Dio por Nuno da Cunha, e os capitulos das Pazes, que celebrara com Sultaõ Badur Rey de Cambaya, cuja noticia lhe agradeceo ElRey com ſignificaçoens de grande jubilo louvando-lhe o heroico animo com que em taõ breve embarcaçaõ ſe entregara a huma taõ prolongada viagem, e lhe deo por premio a Capitanîa de S. Thomé, donde paſſou para a de Cananor. A narraçaõ deſte ſucceſſo como o magnanimo coraçaõ de quem a emprendeo ſe pòde ler em todos os noſſos Chroniſtas da India, e além dos referidos Anton. de Souſa de Macedo *Flor. de Eſpan.* cap. 13. excel. 10. e cap. 14. excel. 9. num. 34. Roman. *Hiſt. dela Ind. Orient.* Liv. 3. cap. 18. Faria *Aſia Portug.* Tom. 1. Part. 4. cap. 6. n. 14. Toſcan. *Paral. de Var. Illuſt.* cap. 116. *Ouſadia, e façanha que eſcurece, e poem em eſquecimento a celebrada fama da Nào Argos.* Mariz *Dialog. de var. Hiſt.* Dialog. 5. cap. 1. Maf. *Hiſt. Ind.* Lib. 11. pag. mihi 213. *Quod ſi paria tam fortibus auſis vir fortitus eſſet ſcriptorum ingenia, ſcilicet Argo illa tot Poetarum carminibus inclyta præ Botelliana biremi haud immerito rideretur.* Maced. *Propug.* Luſit. Gallic. pag. 157. *Unus Jacobus Botellius paruo lembo auſus eſt trajicere, qui diu in memoriam admirandæ audaciæ ſuſpenſus palam fuit, donec temporis injuria periit.* Fonſec. *Evor. Glorioſ.* pag. 137. e 138. Compoz.

Carta de Marear, em que eſtava deſcrito o Mundo até aquelle tempo deſcuberto, a qual apreſentou a ElRey D. Joaõ o III. a primeira vez que veyo a Portugal, da qual faz mençaõ Barros *Dec.* 4. *da India,* Liv. 6. cap. 14.

Deſcripçaõ da Fortaleza de Dio, fundada pelo Governador Nuno da Cunha, e Relaçaõ das Pazes celebradas com ElRey de Cambaya Sultaõ Badur. Eſta Obra relata Franciſco de Andrade *Chron. delRey D. Joaõ o III.* Part. 3. cap. 13. na fórma ſeguinte: *Como era ſutiliſſimo de engenho* (falla de Diogo Botelho) *tomou todas as medidas da Fortaleza da altura, da largura, e do comprimento dos muros, e da cava, e poz em lembrança muito miudamente todas as particularidades della, e*

o numero das peças de artelharia, que eſtavaõ aſſentadas, e de tudo o mais, que lhe pareceo, que poderia ſer neceſſario para dar inteira relaçaõ a ElRey ſe a quizeſſe ſaber delle, e ouve à maõ o treſlado das condiçoens com que ſe fizeraõ as Pazes, para naõ ficar couſa de que naõ ſoubeſſe dar rezaõ.

DIOGO DE BRAGANÇA de naçaõ Bramane, e natural de Queloſſim eſcreveo no anno de 1642. e dedicou à Mageſtade delRey D. Joaõ o IV.

Feitos heroicos de D. Fernando de Mendoça Furtado, obrados na India. M. S. Conſerva-ſe na Livraria do Excellentiſſimo Conde de Vimieiro.

DIOGO BRANDAM natural do Porto, Senhor da Quinta de Corexas, e Peruzello, Cavalleiro delRey D. Manoel, e Contador da Fazenda Real da Comarca do Porto. Teve por Pays a Joaõ Brandaõ, e Brites Pereira filha de Diogo Peixoto Adail mòr do Reyno, e Senhor de Penafiel. Soube com perfeiçaõ a Lingua Latina, e practicou com grande ſuavidade, e cadencia os preceitos da Poeſia. Teve muyto familiar correſpondencia com Joaõ Rodrigues de Sá Senhor de Sever, e Matozinhos Alcayde mór do Porto, o qual tanta eſtimaçaõ fazia do ſeu talento, que lhe mandava as ſuas obras para as cenſurar, como conſta de hum Poema que lhe remeteo com huma carta em que lhe dizia. *Ego enim incultos hos, & vulgares, ſed pios Rythmos in utriuſque veſtrum reconciliatorem* (fallava de Gaſpar de Figueiredo tambem muyto douto na Latinidade, e Poeſia) *volui componere mi Diogue emendandos, & fortaſſe penitus extinguendos.* Lourenço Gracian *Art. de Ingen.* Diſc. 24. *Son eſtos eſcritos unos agudiſſimos ſofiſmas para declarar con una extravagante exageracion el ſentimiento del alma; tal fue eſte de Diogo Brandan entre los antigos Portugueſes.*

Pois tanto goſto levais
Com minha morte ſabida
Para me matardes mais
Me deveis dar eſta vida.

No Cancioneiro de Garcia de Rezende impreſſo em Lisboa por Hermaõ de Campos 1516. fol. eſtaõ varias obras poeticas ſuas à morte delRey D. Joaõ o II. deſde fol. 90. v.º até 97. 112. 114. 144. 146. 169. e 170. Morreo em o anno de 1530. Jaz ſepultado no Convento de S. Franciſco do Porto em hum Mauſoleo, ſobre o qual eſtá o ſeu vulto de pedra armado.

DIOGO DE BRITO DE CARVALHO. Nacco em a Villa de Almeyda Praça de Armas ſituada na Provincia da Beira, onde teve por Pays a Diogo de Brito Alcayde mór do Caſtello da dita Villa, e a Izabel Carvalha. A brevidade com que aprendeo os primeiros rudimentos foy certo vaticinio dos progreſſos, que fez nas ſciencias mayores, ſendo o theatro onde luzio mais o ſeu engenho, e profunda applicaçaõ a Univerſidade de Coimbra na qual depois de receber o gráo de Doutor em Direito Canonico, e ſer admitido ao Collegio de S. Pedro a 2. de Junho de 1589. foy eleito Lente de Clementinas a 19. de Dezembro de 1593. da Cadeira de Sexto a 13. de Janeiro de 1597. e de huma Cadeira extraordinaria do Decreto a 15. de Fevereiro de 1605. ſahindo para credito do ſeu magiſterio o Doutor Joaõ de Carvalho, que de ſeu diſcipulo paſſou a ſer Meſtre, como o confeſſa com agradecida memoria *in Cap. Raynaud.* Part. 2. n. 159. *doctiſſimus, & inſignis Præceptor meus, cujus laudes altiorem requirunt præconem, Didacus de Brito aliquando Decretorum Profeſſor.* Foy Conego Doutoral de reſidencia em Coimbra provido a 13. de Fevereiro de 1599. donde paſſou para a Cathedral de Lisboa a 14. de Março de 1609. e ultimamente para a de Evora a 6. de Mayo de 1624. Em diverſos Tribunaes moſtrou ſempre a ſua ſciencia acompanhada de ſumma rectidaõ ſendo Inquiſidor da Inquiſiçaõ de Coimbra de que tomou poſſe a 29. de Agoſto de 1596. onde ſervio de Juiz do Fiſco, de Dezembargador da Caſa da Supplicaçaõ a 13. de Fevereiro de 1613. e dos Aggravos a 26. de Janeiro de 1627. e ultimamente Deputado da Meza da Conciencia, e Ordens. Morreo na Villa de Cos do Biſpado de Leiria em o anno de 1635. quaſi de outenta de idade. Joan. Soar. de Brito *Theatr. Luſit. Litter.* lit. D.

n. 11. o intitula *Juris Pontificii Doctor egregius, atque ejuſdem facultatis in Conimbricenſi Academia celebris, nominatiſſimuſque profeſſor.* Phebo *Tom.* 2. *Deciſ.* 133. n. 41. *Præceptor meritiſſimus.* Gab. Per. de Caſt. 1. *Part. Deciſ.* 2. n. 1. *Juris Canonici profeſſor meritiſſimus.* Deciſ. 13. in principio *Sapientiſſimus.* Deciſ. 33. n. 5. *numquam ſatis laudatus excelſi ingenii, & eruditionis.* D. Nicol. de Santa Mar. *Chron. dos Coneg. Reg.* Liv. 10. cap. 19. n. 9. Manoel. Pereir. da Sylva. *Cathal. dos Colleg. de S. Pedr.* pag. 9. §. 24. D. Franc. Man. na *Cart. dos AA. Portug.* Franckenau *Bib. Hiſpan. Hiſt. Geneal.* pag. 83. Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 208. col. 1. *Simon Nouvel. Bib. Hiſt. des principaux autheurs du Droite Civil.* Tom. 2. pag. 51. Publicou.

Compendium diverſorum Titulorum Juris Pontificii, & variarum Reſolutionum utriuſque juris Tomus primus in quo continentur Commentaria in Rub. & Tit. de Locato, & Conducto, de Emphyteuſi Tractatus, & aliæ Quæſtiones. Ulyſſipone apud Petrum Crasbeeck 1619. fol.

Conſilium in cauſa mayoratus Regiæ Coronæ Regni Luſitaniæ pro Didaco à Sylva Comite Salinarum adverſus ejus nepotem Rodericum Gomezium à Sylva Paſtranæ Ducem. Olyſſipone apud eumdem Typog. 1612. 4.

Conſilium in Cauſa mayoratùs de Cifuentes Regni Caſtellæ pro illuſtri Domino D. Didaco da Sylva Marchione de Alenquer, Duce de Francavilla Luſitaniæ Prorege. ibi apud eumdem Typ. 1618. 4. Deixou *M. S.* as ſeguintes obras.

De Regul. Juris in 6.
In Decretum.
De Voto
De Hæreticis
De Reſtitutione
De uſuris
In 6. *Decretal de Procuratoribus.*

Fr. DIOGO CARLOS natural de Lisboa, e Religioſo profeſſo da Ordem Serafica da Provincia de Portugal. Depois de ter dictado hum Curſo de Artes no Convento de S. Franciſco de Santarem, preferio o exercicio do Pulpito ao da Cadeira, em que adquerio grande fama naõ ſómente pela ſua natural eloquencia, mas pelo apoſtolico eſpirito, com que atrahia muitas almas ao caminho da penitencia. Como foſſe tio do Senhor D. Antonio filho do Sereniſſimo Infante D. Luiz deixou a patria, e Reyno para acompanhar a ſeu Sobrinho, que ſe auzentou para França aſſiſtindolhe com o affecto de parente taõ chegado até o fim dos ſeus infortunios eternizando a ſua memoria com hum elegante epitafio, que eſtá gravado na Sepultura daquelle Principe em o Convento grande de S. Franciſco de Pariz. Outra inſcripçaõ ſepulchral compoz para o jazigo de Diogo Botelho grande privado do meſmo Senhor D. Antonio. Tendo alcançado em a Univerſidade de Pariz grandes acclamaçoens de profundo Theologo, e inſigne Orador morreo neſta Cidade em o anno de 1603. e jaz no dito Convento de S. Franciſco. Delle ſe lembraõ Fr. Fernand. da Soled. *Hiſt. Seraf.* Part. 5. n. 429. Fr. Joan. à D. Ant. *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 295. col. 2. Faria *Europ. Portug.* Tom. 3. Part. 1. cap. 4. n. 41. Eſcreveo.

In Pſalmum Quinquageſimum Commentaria. Mantuæ 1603. fol.

V. P. DIOGO CARVALHO filho de Alvaro Fernandes, e Margarida Luiz naceo para o mundo na Cidade de Coimbra, e para Deos em o Noviciado da Companhia de JESUS da meſma Cidade a 14. de Novembro de 1594. na idade de 16. annos. Dezejoſo de promulgar o Evangelho nas Regioens Orientaes alcançada faculdade dos Superiores partio com dezenove Companheiros para a India em o anno de 1600. e chegando a Goa paſſou no anno ſeguinte a Macáo, onde acabou os eſtudos das ſciencias eſcholaſticas. Como o Japaõ era o alvo dos ſeus apoſtolicos trabalhos entrou nelle em o anno de 1609. e para que colheſſe mayor fruto com as ſuas Miſſoens aprendeo a lingua Japoneza, em que ſahio inſigne. A fatal perſeguiçaõ que a impiedade de Daifuſama fomentava contra os Prégadores Evangelicos o obrigou a ſahir deſterrado em o anno de 1614. de Macáo donde partio para a Cochinchina com o P. Franciſco Buzoni Neapolitano para abrir nova eſtrada ao progreſſo do Chriſtianiſmo, mas como ſempre o ſeu

mayor diſvelo era a cultura do Japaõ, ſe introduzio nelle com traje diſſimulado, e no Reyno de Yeſſo foy o primeiro, que celebrou o incruento Sacrificio do Altar. Naõ podendo tolerar Date Maſcamune Governador da Cidade de Xanday, o incanſavel zelo com que aggregava filhos à Igreja, o mandou prender com alguns diſcipulos da ſua doutrina, e depois de tentada a ſua conſtancia com diverſos argumentos para que abjuraſſe a fé que profeſſava, foy lançado em hum tanque de agua congellada, que pelo eſpaço de dez horas naõ pode entibiar o fogo, que lhe abrazava o coraçaõ, até que foy receber o premio na eternidade a 22. de Fevereiro de 1624. Os elogios deſte inſigne Martyr ſe pòdem ler em Alonſo de Andrade Tom. 5. *delos Var. Illuſt. dela Comp.* Alegambe in *mortib. Illuſt.* Tanner. *Societ. JESU uſque ad ſanguin. & vitæ profuſ. militans.* pag. 313. Cardim. *Ramalhet. de Flor.* pag. 105. Elog. 38. Franco *Imag. da virt. em o Nov. de Coimb.* Tom. 1. Liv. 1. cap. 39. até 48. e no *Ann. Glorioſ. S. J. in Luſit.* pag. 106. Eſcreveo:

Carta em que relata a ſua Miſſaõ no Reyno do Yeſſo, onde trata dos coſtumes dos ſeus habitadores. He muito larga, e eſtà impreſſa em a *Imag. da Virtud.* aſſima allegada, deſde o cap. 40. até 44.

DIOGO CARVALHO DE FIGUEIREDO. Naceo na illuſtre Villa de Santarem a 26. de Julho de 1685. e foy filho de Antonio de Figueiredo da Coſta, Capitaõ da Ordenança, e Vereador do Senado de Santarem, e de ſua mulher Domingas Marinha. Applicou-ſe em a Univerſidade de Coimbra ao Direito Civil a tempo, que era já muito perito em a Mythologia, Poetica, e Oratoria, de cujas ſciencias deo manifeſtos argumentos em muitas Academias, onde era ouvido com geral applauſo. Falleceo na patria a 7. de Julho de 1706. na florente idade de 21. annos quando prometia mais ſaſonados frutos a ſua grande habilidade, e raro engenho deixando as Obras ſeguintes dignas da luz publica.

Lenitivos da dor na morte da Sereniſſima Infanta de Portugal a Senhora D. Thereza filha dos Monarchas D. Pedro II. e D. Maria Sofia Iſabel de Neoburg. M. S. 4.

Obras ſon amores, y nò buenas razones. Comedia *M. S.* além de muitas Loas, Autos, e outras Obras Poeticas.

Fr. DIOGO DA CASTANHEIRA natural da Villa do ſeu apellido diſtante oito legoas de Lisboa, Monge Ciſtercienſe em o Real Convento de Alcobaça, muito ſciente nos ritos Eccleſiaſticos, principalmente daquelles, que exercitava a ſua Monaſtica Congregaçaõ eſcrevendo em o anno de 1497.

Ordinario do Officio Divino ſegundo o uſo Ciſtercienſe. M. S. 4. Conſerva-ſe na Bib. do Convento de Alcobaça.

Fr. DIOGO DE CASTELBRANCO natural da Cidade de Viſeu filho pela natureza de Pays nobres, e pela graça da illuſtriſſima Congregaçaõ Ciſtercienſe, cuja Cogulla recebeo em Alcobaça a 16. de Mayo de 1663. e profeſſou a 17. do dito mez do anno ſeguinte. A ſua prudencia o fez Abbade do Moſteiro de S. Pedro das Aguias, Viſitador, e Difinidor da Religiaõ; a ſua ſciencia Meſtre da Theologia Moral em o Real Convento de Alcobaça; a ſua liçaõ da Hiſtoria Chroniſta da Ordem. Foy ornado de todas as virtudes, que conſtituhem hum perfeito Religioſo. Morreo em o Convento de Alcobaça a 12. de Março de 1707. a tempo, que eſtava compondo.

Hiſtoria Alcobacienſe, e geral dos Moſteiros da Congregaçaõ de S. Bernardo. M. S. fol.

Fr. DIOGO DE CASTILHO. Naceo na Villa de Thomar, filho de Joaõ de Caſtilho famoſo Architecto do ſeu tempo, que deſenhou os celebres Conventos de Thomar, e Bellem, e a Fortaleza de Mazagaõ, e de ſua terceira mulher Maria Fernandes de Quintanilha, irmaõ pela parte paterna de Antonio de Caſtilho Guarda mór da Torre do Tombo, e Chroniſta mór do Reyno, de quem já fizemos menção, e tio do Illuſtriſſimo Inquiſidor Geral D. Pedro de Caſtilho, Governador deſte Reyno. Foy muito verſado na liçaõ da Hiſtoria Secular eſcrevendo na occaſiaõ em

que os Turcos vieraõ cercar Vienna de Auſtria no tempo de Carlos V.

Epitome de los Turcos, y ſus Emperadores. Dedicado a Manoel Cirne Fidalgo da Caſa delRey, e ſeu Feitor em Flandes. Lovanha. 1538. 4. E naõ em Lisboa no anno de 1568. como eſcreve Nicol. Anton. *Bib. Hiſpan.* Tom. 1. pag. 209. col. 2. a quem ſeguem Echard *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. pag. 199. col. 2. e Fr. Pedro Mont. *Clauſtr. Dom.* Tom. 3. pag. 186. querendo que foſſe da ſua Ordem Dominicana, ſupoſto ſer mais provavel, que fora Monge Ciſtercienſe, naõ ſómente porque da dita ſua obra conſta profeſſar no Convento de Alcobaça, mas por ter o ſeu retrato entre os Varoens inſignes deſta illuſtre Congregaçaõ em o Dormitorio do dito Convento.

DIOGO DE CASTRO natural de Villa-Viçoſa filho do Doutor André de Caſtro, Lente de Veſpera de Medicina em a Univerſidade de Coimbra, e Medico dos Sereniſſimos Duques de Bragança. Foy Cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto, e ſemelhante a ſeu Pay, naõ ſómente em a Faculdade Medica, mas na afluencia, e ſuavidade Poetica de que deixou por argumentos.

Cinco Sonetos. 2. Motes gloſſados. Huma Oitava, e hum Romance, que copiou em o ſeu *Parnaſo de Villa-viçoſa* Franciſco de Moraes Sardinha Liv. 2. cap. 54. e Liv. 3. fol. 36. Do Author ſe lembra Joan. Soar. de Brito *in Theat. Luſit. Litter.* Lit. D. n. 13.

Fr. DIOGO CEZAR. Naceo em Lisboa, e teve por Pays a Vaſco Fernandes Ceſar, Provedor dos Armazens, e Alcaide mòr de Alamquer, e a D. Maria de Menezes filha de D. Manoel Pereira, Senhor da Caſa da Feira, e por irmaõ a Sebaſtiaõ Ceſar de Menezes, Arcebiſpo eleito de Lisboa. Na tenra idade de 16. annos preferio com judicioſa eleiçaõ os rigores do Clauſtro às delicias da ſua illuſtre Caſa, profeſſando o Inſtituto Serafico no Real Convento de Saõ Franciſco da Villa de Eſtremós da Provincia dos Algarves a 15. de Dezembro de 1621. Eſtudou as ſubtilezas de ſeu Meſtre Eſcoto no Convento de Varatojo, em que ſahio taõ perito, como inſigne na Arte Concionatoria. Havendo occupado os lugares de Secretario do Provincial Fr. Simaõ da Reſurreiçaõ, Guardiaõ de Monte-mòr em o anno de 1637. e do Real Convento de Santa MARIA de JESUS de Enxobregas, em 1641. ſahio eleito Provincial em 1645. em cujo prudente governo ſe expoz às indiſcretas violencias de Fr. Martinho do Rozario, ou de Alencaſtro, irmaõ de D. Vaſco Maſcarenhas primeiro Conde de Obidos, conſtituido Commiſſario Geral de todas as Provincias de S. Franciſco neſte Reyno, por patente do Geral Fr. Joaõ de Napoles, paſſada a 21. de Junho de 1646. a quem declaradamente protegia o Cardial Afonſo dela Cueva, do Titulo de Santa Balbina, por ſer Fr. Martinho ſeu ſobrinho, como filho de ſua irmãa D. Iſabel dela Cueva. Para moſtrar a nullidade deſta eleiçaõ paſſou a Roma, onde com tanta efficacia reveſtida de profunda litteratura propoz os fundamentos da ſua cauſa, que lhe nomearaõ por Juizes della aos Eminentiſſimos Cardiaes Marco Antonio Francioto, e Joaõ Bautiſta Pallota, que examinando com madura reflexaõ o que allegava, ſentenciaraõ a favor do Ceſar, podendo gloriarſe como o primeiro, que adorou Roma que viera, vira, e vencera. Reſtituido a Portugal fez magnificas obras no Convento de Enxobregas como dictadas pelo ſeu generoſo coraçaõ, donde retirado ao Convento de Evora falleceo em o anno de 1661. com 57. annos de idade, e 40. de Religiaõ. Delle fazem honorifica memoria Fr. Joan. a D. Ant. *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 293. col. 1. & 2. eſcrevendo com erro manifeſto, que fora da Provincia dos Terceiros de S. Franciſco, ſendo certamente dos Algarves, e Fr. Jozé de JESUS MAR. *Chron. da Prov. da Arrab.* Part. 2. Liv. 2. cap. 11. n. 298. Compoz:

Sermaõ pregado no Auto da Fé, que ſe celebrou em a Cidade de Evora em 28. *de Fevereiro de* 1649. Lisboa por Paulo Craesbeeck. 1649. 4.

Sermaõ da Bulla da Santa Cruzada na Sé Metropolitana de Lisboa Domingo 20. *de Novembro de* 1644. Lisboa por Domingos Lopes Roza. 1644. 4.

Sermaõ da ſolemniſſima Feſta, e deſagravo,

que ſe faz ao ſacrilego deſacato, que no Templo, e Igreja de Santa Engracia ſe fez. Lisboa por Antonio Alvares, Impreſſor delRey. 1653. 4.

Sermaõ do Mandato prègado na Santa Sè Metropolitana de Lisboa. Lisboa, por Antonio Alvares. 1653. 4.

Sermaõ da Bulla da Cruzada na Sé Metropolitana de Lisboa, Domingo 23. de Novembro de 1653. Lisboa pelo dito Impreſſor. 1653. 4.

Sermaõ na Feſta de Noſſa Senhora das Neves em o Collegio da Companhia de JESUS. Coimbra por Rodrigo de Carvalho Coutinho, Impreſſor da Univerſidade. 1673. 4.

Cauſa, proceſſo, y ſentencia dada en favor del Reverendo Padre Fray Diego Ceſar, Provincial dela Provincia delos Algarves contra el Reverendo Padre Fray Martin de Lancaſtro, Comiſſario General dela Orden de S. Franciſco delas Provincias del Reyno, y Conquiſtas de Portugal. Leon de Francia. 1653. 4.

Sahio traduzido em Latim com o ſupoſto nome de Fr. Joaõ Quingentono Franciſcano, natural de Hybernia. Lugd. 1653. 8.

Fr. DIOGO DAS CHAGAS natural da Ilha das Flores, huma das ſete dos Aſſores, e Religioſo Menor deſta Provincia, onde foy Meſtre jubilado em a Sagrada Theologia, e Vigario Provincial. Vivia pelos annos de 1661. Compoz:

Fundaçaõ da Provincia de Saõ Joaõ Evangeliſta das Ilhas dos Aſſores. fol. M. S. Conſerva-ſe na Bib. do Cardial de Souſa.

Meditaçaõ da luta do Diabo com Adam, pela qual ſahio Chriſto Senhor Noſſo a lutar com o Diabo.

Conſolaçaõ da pobreza, e remedio para qualquer muito pobre, ſer muito rico.

De como ſe buſca, e acha a Bemaventurança.

Todas eſtas Obras Aſceticas ſe guardavaõ *M. S.* na Livraria do douto Antiquario Manoel Severim de Faria, Chantre da Cathedral de Evora.

DIOGO DE CONTREIRAS natural da Cidade de Evora inſigne profeſſor de Medicina, que depois de a eſtudar em a Univerſidade de Pariz paſſando à de Coimbra, naõ ſómente foy Lente de Filoſofia no Collegio das Artes, mas de Cadeira da Terça de Medicina, de que tomou poſſe a 15. de Fevereiro de 1556. Atendendo a Mageſtade delRey D. Sebaſtiaõ ao ſeu profundo talento, e experimental ſciencia o nomeou Medico da ſua Camara em o anno de 1569. cujo miniſterio naõ aceitou preferindo o deſcanſo da ſua caſa aos mayores emolumentos. Caſou na Villa de Monte-mòr, onde quando contava 60. annos de idade morreo depois do anno de 1580. *Medico inſigne* o intitula Fonſec. *Evor. Glorioſ.* pag. 411. Compoz:

Annotationes quædam perbreves in Dialecticam Georgii Trapezontii. Conimbricæ, apud Joan. Barrerium, & Joannem Alvarum Typ. Reg. 1551. 8.

DIOGO CORREA DE SA' Terceiro Viſconde de Aſſeca, Commendador de Saõ Salvador da Lagoa no Arcebiſpado de Braga, e de Saõ Joaõ de Cacia na Ordem de Chriſto, Alcaide mòr da Cidade de Saõ Sebaſtiaõ do Rio de Janeiro; filho de Martim Correa de Sá, primeiro Viſconde de Aſſeca, e Meſtre de Campo do Terço de Moura, e de Setubal, e de D. Angela de Mello Dona de honor da Sereniſſima Rainha D. Maria Sofia Iſabel de Neoburg, filha de D. Diogo de Almeida, e de D. Luiza da Sylva, naceo em Lisboa onde foy inſtruido com aquelles documentos dignos do ſeu nacimento. Igualmente he admirado o ſeu talento, ou ſeja na elegancia poetica, ou na eloquencia oratoria, merecendo ſempre os ſeus verſos, em que compete a delicadeza dos conceitos com a armonia das vozes, os mayores applauſos. Caſou com D. Ignez de Lancaſtro filha de Luiz Ceſar de Menezes, Alferes mòr do Reyno, e Governador que foy do Rio de Janeiro, Angola, e Bahia, e de D. Marianna de Lancaſtro filha de D. Rodrigo de Lancaſtro, Commendador de Curuche, Claveiro da Ordem de Aviz, e de D. Ignez de Noronha ſua Prima, de cujo conſorcio tem numeroſa deſcendencia, que naõ degenera da ſua diſcreta capacidade. Entre os pri-

meiros cincoenta Academicos, de que ſe formou a Academia Real da Hiſtoria Portugueza em o anno de 1721. foy eleito para eſcrever as Memorias Hiſtoricas do Reynado de D. Sancho II. de Portugal, cuja empreza deſempenhará como ſe eſpera da ſua profunda indagaçaõ, e elegante fraze, de que tem dado por argumentos deſta laborioſa applicaçaõ as ſeguintes producçoens.

Conta dos ſeus eſtudos Academicos recitada no Paço a 7. de Setembro de 1722. Sahio no 2. Tom. *da Colleç. dos Docum. da dita Acad.* Lisboa por Paſchoal da Sylva, Impreſſor delRey. 1722. fol.

Conta dos ſeus eſtudos Academicos no Paço a 22. de Outubro de 1724. Sahio no Tom. 4. *da Colleç. &c.* Lisboa por Jozé Antonio da Sylva, Impreſſor da Academia Real. 1724. fol.

Conta dos ſeus eſtudos Academicos no Paço a 7. de Setembro de 1728. Sahio no Tom. 8. *da Colleç. &c.* Lisboa pelo dito Impreſſor. 1728. fol.

Conta dos ſeus eſtudos Academicos no Paço a 7. de Setembro de 1731. Sahio no Tom. 11. *da Colleç. &c.* Lisboa pelo dito Impreſſor. 1731. fol.

Fieſta de Zarzuela, con que el Real Convento de Santa Clara de Lisboa, celebra la feliz eleccion de ſu Excelentiſſima Prelada la Señora D. Margarita de Portugal. Lisboa por Miguel Maneſcal, Impreſſor do Santo Officio, y dela Sereniſſima Caſa de Bragança. 1716. 4. Conſta de varios metros, e ſahio ſem o nome do Author.

Soneto em applauſo de Manoel de Souſa Moreira, Author do Theatr. Geneal. da Caſa de Souſa. Sahio no principio deſte Livro.

DIOGO DA COSTA DA SYLVEIRA. Naceo em Lisboa, e na Parochial Igreja de Saõ Paulo foy bautiſado a 9. de Fevereiro de 1675. Foraõ ſeus Pays Manoel da Coſta, Thezoureiro das tres Ordens Militares, e Alcaide mòr de Pavia, e D. Mariana da Sylveira. Sempre ſe conſervou no eſtado do celibato publicando para final da ſua devota piedade:

Novena do Glorioſo Martyr S. Sebaſtiaõ. Lisboa na Officina Real Deslandeſiana. 24. Naõ tem anno da impreſſaõ.

Novena do Glorioſo Patriarcha S. Jozè, que começa a 11. *de Março, e acaba no ſeu dia, em que ſe pedem ao Santo nove augmentos eſpirituaes.* Lisboa por Miguel Maneſcal, Impreſſor do Santo Officio, e da Sereniſſima Caſa de Bragança. 1711. 24.

Suaviſſimo Ramilhete, compoſto das nove brilhantes Rozas, rubicundas pelo ſangue do martyrio colhido do Jardim da Igreja, que conſta das vidas, e milagres das Glorioſas Infantas Santa Quiteria, e de ſuas oito Irmãas, naturaes da Cidade de Braga, e de Santa Sita V. e M. Liſboa por Miguel Maneſcal. 1715. 24.

Oraçoens devotas para ſe rezarem todos os dias. Lisboa por Valentim da Coſta Deslandes, Impreſſor de Sua Mageſtade. 12. Naõ tem anno da impreſſaõ.

DIOGO DO COUTO. Naceo em Lisboa em o anno de 1542. ſendo bautiſado na Parochia de Santa Juſta, onde teve por Pays a Gaſpar do Couto, e a Iſabel Serrãa de Calvos. Deſde os primeiros annos ſe lhe anticipou de tal ſorte a madureza do juizo à verdura da idade, que quando contava dez entrou em o ſerviço do Sereniſſimo Infante D. Luiz, que conhecendo a boa indole, que tinha para as Letras, o mandou eſtudar em o Collegio dos Padres Jeſuitas a Lingua Latina, e Rhetorica, de que foraõ ſeus Meſtres os Padres Manoel Alvares, e Cypriano Soares, inſignes Profeſſores deſtas Faculdades, em as quaes ſahio egregiamente inſtruido. Vendo o Infante o progreſſo, que o ſeu engenho fizera nas Letras amenas, reſolveo, que cultivaſſe as ſeveras, mandando-o com ſeu filho o Senhor D. Antonio ouvir Filoſofia em o Convento de Bemfica do celebre Varaõ Fr. Bartholomeu dos Martyres, que igualmente com a ſua doutrina lhe illuſtrou o entendimento para penetrar as Sciencias, e lhe inflamou a vontade para ſeguir as virtudes. Ao tempo que acabava o curſo da Filoſofia acabou o da vida o Infante D. Luiz, e conſiderando deſvanecidas as eſperanças, que tinha fundado em taõ Auguſto Mecenas, ſe deliberou a preferir o exercicio das Armas ao das Letras, para

o qual o inclinava naturalmente o ſeu genio, elegendo para theatro de ſeus marciaes eſpiritos ao Oriente, famoſa paleſtra em que tantos Heròes Portuguezes tinhaõ dado illuſtres argumentos de valor heroico. Partio para a India em o anno de 1556. onde militou pelo eſpaço de dez annos com tanta diſtinçaõ, que mereceo a honrada enveja dos ſoldados mais veteranos do Eſtado, naõ havendo facçaõ alguma glorioſa, em que naõ tiveſſe parte a ſua eſpada, até que voltou para o Reyno procurar o premio dos ſeus ſerviços, dos quaes recebendo a merecida remuneraçaõ ſe reſtituhio a Goa. Tanto que ſe vio na vida pacifica de Cidadaõ para naõ paſſar o tempo em torpe ocio começou a renovar os ſeus primeiros eſtudos, que interrompera o tumulto das Armas compondo varios Poemas, aſſim na Lingua Latina, e Italiana, em que foy eminente, como em a materna, e comentando os Luſiadas do inſigne Luiz de Camoens, com quem teve particular amiſade, conſultando-o como Oraculo, que ſó podia ſer de ſi meſmo em algumas dificuldades do ſeu Poema. Logo que foy jurado Filippe Prudente Principe deſta Monarchia hum dos mais nobres penſamentos que teve foy, que ſe proſeguiſſe a Hiſtoria da India deſde o tempo em que a deixou eſcrita o Livio Portuguez Joaõ de Barros. Era taõ grande a fama do talento de Diogo do Couto, que aſſiſtindo taõ diſtante da preſença delRey o julgou digno de empreza taõ illuſtre a qual lhe commetteo com o titulo de Chroniſta mòr da India. Aceitou promptamente eſta laborioſa incumbencia a que deo principio pela Decima Decada, em obſequio do meſmo Principe ſer jurado naquelle Eſtado em o dia em que começava aquella Obra, que concluio com o Governo de Manoel de Souſa. Agradeceo eſte Principe com particulares honras o primeiro fructo da ſua applicaçaõ, e lhe inſinuou por carta, que voltando com a narraçaõ da Hiſtoria onde ficara interrupta por morte de Joaõ de Barros a continuaſſe com o eſtilo, e exacçaõ com que compuzera a Decima Decada o que promptamente executou eſcrevendo a Quarta, Quinta, Sexta, Setima, Undecima, e Duodecima. A outava, e Nona, que acabara no anno de 1614. ao tempo, que as mandava para o Reyno, enfermou taõ gravemente que eſteve deplorado, por cuja cauſa deſapareceraõ; porém reſtituido à ſaude das eſpecies que conſervava na memoria; que era feliciſſima, reduzio a hum volume o que tinha eſcrito em dous, os ſucceſſos mais dignos de memoria acontecidos naquelle tempo. O eſtilo, que obſervou neſta grande obra ainda que ſincero, he muyto judicioſo cenſurando com liberdade as acçoens reprehenſiveis, e referindo com ſumma verdade, e exacta Geografia os coſtumes daquelles povos, e a ſituaçaõ das terras como quem a aprendeo mais com os olhos, que com os livros. Como tiveſſe dezempenhado com tanto credito do ſeu nome o lugar de Chroniſta mór foy nomeado Guarda mór da Torre do Tombo do Eſtado da India, quando Filippe Prudente mandou ordenar eſte Archivo pelo Vice-Rey Mathias de Albuquerque, em cujo miniſterio naõ applicou menor deligencia, que no primeiro recolhendo todos os Contratos de Pazes, Provizoens, Reſiſtos da Chancellaria, e outros papeis importantes ao governo do Eſtado, que andavaõ diſperſos. Foy excellente no eſtilo Oratorio, ſendo ſempre eleito para recitar as Praticas com que a Cidade de Goa cabeça do Imperio Oriental recebia aos ſeus Vice-Reys, e Governadores, onde muitas vezes os vaticinios, com que augurava a felicidade das ſuas acçoens infallivelmente ſe cumpriaõ. Foy cazado com D. Luiza de Mello deſcendente de nobre familia, de quem teve huma unica filha que morreo donzella deixando eternizada a ſua poſteridade em mais illuſtres partos, como ſaõ os produzidos pelo entendimento, e naõ pela natureza. Teve a eſtatura mediana, a prezença veneravel, os olhos vivos, o nariz aquilino. A madureza do juizo, e a prudencia do talento o fez capaz de que ſempre foſſe conſultado pelos Vice-Reys em materias muito graves ſeguindo ſempre o ſeu voto como regulado mais por dictames Catholicos, que politicos. Foy inimigo declarado do intereſſe, querendo ſer mais abundante de merecimentos, que de riquezas. Morreo em Goa em hum Sabbado 10. de Dezembro de 1616. quando contava 74. annos de idade. Ao ſeu Retrato aberto

em huma Lamina ſe lhe gravou na parte inferior eſte Dyſticho.

Exprimit effigies quod ſolum in Cæſare viſum eſt;
Hiſtoriam calamo tractat, & arma manu.

Eſcreveo a ſua vida o douto Antiquario Manoel Severim de Faria nos *Diſc. Var.* deſde p. 148. até 157. Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 215. col. 1. fallando delle diz: *Studiis denuo ſe reſtituens rebus quidem per totos quinquaginta annos terra, marique in iſto Orientis orbe geſtis ſive miles priùs, ſive Proregum familiaris, & ad negotiorum momenta ſubinde admiſſus non ſine magno rerum Luſitanarum incremento haud minus animo, attentaque obſervatione, quam præſentia interfuit.* Joan Soar. de Brit. in *Theatr. Luſit. Litter.* lit. D. num. 12. *Hiſtoriographus diligentiſſimus.* Telles *Hiſt. da Etiop. Alt.* Liv. 1. cap. 27. e Liv. 2. cap. 7. *inſigne Hiſtoriador.* Niceron *Memor. pour ſervir a l'Hiſt. des Hom. Illuſt.* Tom. 12. pag. 94. Souſa *Flor. de Eſpan.* cap. 8. excell. 11. num. 7. Morery *Diccion. Hiſtoriq.* Verb. *Couto.* Ant. de Leaõ *Bib. Ind.* Tit. 3. Faria Elencho dos AA. Portug. no principio do 1. Tom. da *Aſia Portug.* D. Franc. Manoel na *Carta dos AA. Portug.* eſcrita ao Doutor Themudo. Compoz:

Decada 4. da Aſia dos feitos, que os Portuguezes fizeraõ na conquiſta, e deſcobrimento das terras, e mares do Oriente, em quanto governaraõ a India Lopo Vas de Sampayo, e parte de Nuno da Cunha. Lisboa por Pedro Crasbeeck no Collegio de Santo Agoſtinho. 1602. fol.

Decada 5. da Aſia, &c. em quanto governaraõ a India Nuno da Cunha, D. Garcia de Noronha, D. Eſtevaõ da Gama, e Martim Affonſo de Souſa. Lisboa pelo dito Impreſſor. 1612. fol.

Decada 6. da Aſia, &c. em quanto governaraõ a India D. Joaõ de Caſtro, Garcia de Sá, Jorge Cabral, e D. Affonſo de Noronha. Lisboa pelo dito Impreſſor. 1614. fol.

Decada 7. da Aſia, &c. em quanto governaraõ D. Pedro Maſcarenhas, Franciſco Barreto, D. Conſtantino, o Conde de Redondo, D. Franciſco Coutinho, e Joaõ de Mendoça. Lisboa pelo dito Impreſſor. 1616. fol.

Decada 8. da Aſia, &c. em quanto governaraõ a India D. Antaõ de Noronha, e D. Luiz de Attayde. Lisboa por Joaõ da Coſta, e Diogo Soares. 1673. fol.

Cinco Livros da Decada 12. da Hiſtoria da India. Pariz. 1645. fol. Comprehende o governo do Vice-Rey D. Franciſco da Gama Conde da Vidigueira, que ſahio à luz publica por deligencia do Capitaõ Manoel Fernandes Villa-real, Conſul dos Portuguezes na Corte de Pariz.

Todas eſtas Decadas, com a Nona, e Decima, que nunca foraõ impreſſas ſahiraõ novamente à luz publica em 3. Tomos com indices muito copioſos na Officina da Muſica. Anno 1736. fol.

Falla que fez em nome da Camara de Goa, a André Furtado de Mendoça, hindo por Governador da India em ſucceſſaõ do Conde da Feira D. Joaõ Pereira, dia do Eſpirito Santo de 1609. Lisboa por Vicente Alvares. 1610. fol.

Relaçaõ do Naufragio da Náo Saõ Thomé na terra dos Fumos no anno de 1589. *e dos grandes trabalhos que paſſou D. Paulo de Lima nas terras da Cafraria até ſua morte.* Sahio impreſſa na *Hiſtor. Tragico-Maritima.* Tom. 2. a pag. 155. até 214. Foy eſcrita eſta Relaçaõ em o anno de 1611. à inſtancia de D. Anna de Lima, irmãa de D. Paulo de Lima.

Obras M. S.

Epilogo da Hiſtoria da India. Nelle trata de cada Fortaleza noſſa, e o que ſuccedeo mais digno de memoria. *Neſte Volume* (como diz Manoel Severim de Faria na *Vid. de Diogo de Couto* p. 154. v.º) *eſtá ſummariamente tudo o que toca à Hiſtoria, comercio, e policia Oriental, accomodando o eſtilo a eſte Compendio com muita clareza, e brevidade.*

Soldado perfeito. Neſta Obra introduz por modo de Dialogo hum Vice-Rey novamente eleito fallando com hum Soldado veterano da India, que andava na Corte requerendo para ſe informar de tudo, que pertence à arrecadaçaõ da Fazenda Real, e milicia daquelle Eſtado, ſendo huma excellente inſtrucçaõ para o que deve obrar hum Vice-Rey. Antes de por a ultima maõ a eſta Obra lhe deſapareceo o

Original, o qual chegando a eſte Reyno ſem nome do ſeu Author ſe extrahiraõ delle algumas copias, porém ſendo advertido por hum ſeu amigo a reformou em o anno de 1610. e ſahio com eſte titulo:

Dialogo entre hum Fidalgo, e hum Soldado da India. Dedicado ao Marquez de Alamquer. O Original ſe conſerva na Livraria do Conde do Vimieiro.

Vida de D. Paulo de Lima. fol. M. S.

Hiſtoria do Reyno da Etiopia, chamado vulgarmente Preſte-Joaõ contra as falſidades que neſta materia eſcreveo Fr. Luiz Urreta Dominicano. Compoz eſta critica à inſtancia dos PP. Jeſuitas, e poſto que tinhaõ eſcrito contra o dito P. Urreta doutiſſimas apologias os PP. Fernaõ Guerreiro, e Nicoláo Godinho da Companhia de JESUS, a ſua era muito concludente, cujo trabalho eſtando quaſi moribundo, emprendeo em obſequio da verdade. Foy offerecida eſta Obra pelos PP. Jeſuitas ao Arcebiſpo D. Fr. Aleixo de Menezes.

Commento às Luſiadas de Luiz de Camoens feito à petiçaõ deſte incomparavel Poeta, em cuja empreza naõ paſſou do quinto Canto, que conſervava D. Fernando de Caſtro Conego de Evora por lho ter deixado ſeu Tio D. Fernando de Caſtro Pereira a quem o Author o tinha remetido.

Poeſias Varias. Conſtavaõ de Elegias, Eglogas, Sonetos, Cançoens, e Gloſas.

Falla, que fez na Camara de Goa ao Conde D. Franciſco da Gama quando nella puſeraõ o retrato de ſeu Biſavo D. Vaſco da Gama. Começa: *A couſa de que ſe preſavaõ aquellas famoſas Republicas,* &c.

Falla que fez ao Vice-Rey Ayres de Saldanha, quando entrou em Goa a rogo da Cidade. Começa. *Aquelle grande Theopompo Rey dos Lacedemonios,* &c.

Oraçaõ que tinha feito para o dia, que ſe levantaſſe a Eſtatua do Conde Almirante, a ſegunda vez que ſe reſtituhio a ſeu lugar donde a tiraraõ, a qual naõ houve effeito. Começa. *Aquelle Principe de toda a eloquencia Latina M. Tullio Ciceraõ,* &c.

Oraçaõ que fez a rogo da Cidade de Goa ao Vice-Rey D. Martim Affonſo de Caſtro, quando entrou na Cidade de Goa. Começa. *Daquelle grande Alexandre Monarcha do mundo,* &c.

Oraçaõ que fez ao Arcebiſpo D. Fr. Aleixo de Menezes, quando por morte do Vice-Rey D. Martim Affonſo de Caſtro, ſuccedeo na governança da India em 11. de Fevereiro de 1608. Começa. *Eſcrevem graviſſimos Authores,* &c.

Oraçaõ que fez ao Vice-Rey Lourenço Pires de Tavora, quando entrou na Cidade de Goa. Começa. *Hoje que me era neceſſario hum animo arrebatado, hum eſpirito ſervoroſo,* &c.

Oraçaõ que tinha feito para o dia da entrada do Vice-Rey D. Jeronymo de Azevedo. Todas eſtas Oraçoens conſervava na ſua grande Bibliotheca o inſigne Antiquario Manoel Severim de Faria.

De todos os tempos, e monçoens, em que ſe navega para todas as partes do Oriente, e dos pezos, medidas, e moedas, com tudo o mais pertencente a eſte argumento. Eſta Obra naõ a acabou impedido pela morte.

DIOGO DA CRUZ, natural de Coimbra, e filho de Pedro da Cruz. Depois de eſtudar na Univerſidade da ſua Patria a Faculdade de Medicina, em que ſahio grande Letrado, recebeo as inſignias doutoraes ſendo Lente do Methodo de que tomou poſſe a 4. de Abril de 1633. de *Criſibus* em o primeiro de Julho de 1656. da Cadeira de Avicena em 30. de Setembro de 1659. e ultimamente de Prima a 24. de Abril de 1662. Compoz:

De methodo medendi explanationes ad Lib. Non. M. S. Conſervava-se na Livraria de Manoel Soares Brandaõ, inſigne Medico.

P. DIOGO CURADO, natural de Lisboa onde foy educado com taõ virtuoſos documentos por ſeus Pays Franciſco Rodrigues Curado, e Maria Teixeira, que na idade juvenil deixou o mundo, e recebeo a Roupeta de Saõ Filippe Neri, em a Congregaçaõ do Oratorio da ſua Patria a 19. de Março de 1671. Depois de eſtudar as Sciencias Eſcholaſticas as dictou aos ſeus domeſticos, e eſtranhos com grande aplauſo do ſeu nome alcan-

çando-o ainda mayor em o pulpito quando tinha por expectadores das ſuas Orações Evangelicas os principaes ouvintes de huma, e outra Jerarchia admirados da ſubtileza do diſcurſo animada pela energia da repreſentaçaõ. Sendo Qualificador do Santo Officio, e Examinador das Ordens Militares paſſou a Roma, e neſta famoſa Corte foy venerado o ſeu talento naõ ſómente pela profundidade da ſciencia, mas ainda muito mais pela docilidade do genio. Reſtituido ao Reyno falleceo em Lisboa a 21. de Abril de 1736. Publicou.

Sermoens Varios. 1. Tomo. Roma por Antonio Roſſi. 1719. 4. Grande.

Sermoens Varios. 2. Tom. Roma pelo dito Impreſſor. 1719.

Sermoens Varios. 3. Tom. Roma pelo dito Impreſſor. 1720. 4.

Compromiſſo das obrigaçoens, que devem cumprir, e obſervar pontualmente as Eſcravas de Noſſa Senhora da Conceiçaõ, da Irmandade fundada, e ſita na Igreja do Eſpirito Santo dos Padres da Congregaçaõ do Oratorio de Lisboa. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva. 1734. 4. Sahio ſem o ſeu nome.

Itinerario Hiſtorico, dividido em tres partes. A primeira da Jornada de Liſboa a Roma. A 2. da Jornada de Roma a varias terras. A 3. da volta de Roma a Lisboa. M. S. 4.

DIOGO DIAS natural da Villa do Crato em a Provincia do Alentejo. Sendo moço do Coro da Cathedral de Evora eſtudou a Arte da Muſica para a qual teve taõ grande propenſaõ, que ſubio a ſer Meſtre della em a Matriz da ſua Patria, deixando para teſtemunho da ſua ſciencia:

Varias Obras Muſicas. M. S.

DIOGO DIAS DE VILHENA celebre Contrapontiſta, e hum dos famoſos diſcipulos da eſcola do grande Meſtre Antonio Pinheiro. Compoz.

Arte de Canto chaõ para principiantes. M. S. 4. Conſerva-ſe na Bibliotheca Real da Muſica com outras ſuas Obras.

Fr. DIOGO ESTELLA oriundo da Cidade do ſeu apellido, ſituada em o Reyno de Navarra, porém nacido em o de Portugal, como affirmaõ Joaõ Hallevordio *Bib. Curioſ.* pag. 60. col. 1. Poſſevino *Apparat. Sac.* lit. D. pag. 463. Manoel de Faria, e Souſ. *Epit. das Hiſt. Portug.* Part. 1. cap. 18. André Scoto *Hiſp. Bib.* pag. 252. Wadingo *Script. Ord. Min.* pag. 102. Ricciolo *Chronol. Reform.* Tom. 4. Ind. 2. Nicol. Anton. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 217. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. D. n. 34. Natal. Alexand. *Hiſt. Eccleſ.* Tom. 8. Sæcul. XV. cap. 5. e cap. 3. Devendo à fortuna nacimento illuſtre ſe nobilitou mais por beneficio da Graça com o exercicio das virtudes, que exactamente praticou na Religiaõ Serafica profeſſando taõ ſagrado Inſtituto na Provincia de Saõ Tiago. Depois de eſtudar as ſciencias neceſſarias para o pulpito, e confeſſionario, ſe dedicou ao miniſterio da Prégaçaõ Evangelica, convertendo com a vehemencia das palavras innumeraveis almas ao caminho da penitencia. Como todo o ſeu diſvelo era a converſaõ dos peccadores, quando algumas vezes interrompia o laborioſo exercicio do pulpito, occupava o tempo em eſcrever Livros aſceticos, valendo-ſe deſtas mudas vozes para deſpertar aos que jaziaõ ſepultados no lethargo das culpas. Foy muito verſado na liçam da Sagrada Eſcritura, e Santos Padres, como teſtemunhaõ as ſuas compoſiçoens, merecendo pela grave prudencia, e ſumma litteratura de que era ornado, ſer director da conciencia do Eminentiſſimo Cardial Antonio Perennoto Granvellano, valido de Filippe Prudente. Mais cheyo de merecimentos, que annos, paſſou à eternidade em o de 1590. Compoz:

In Evangelium Lucæ. Eſte Commentario depois de explicar com ſubtileza o ſentido litteral, o illuſtrou com diverſas reflexoens moraes. Sahio a primeira vez Compluti apud Andream de Angulo 1578. fol. 2. Tom. Como foſſe prohibido pelo Index Romano, e pela Cenſura de alguns Theologos Eſpanhoes, ſahio expurgado Venetiis apud Franciſcum Zilletum 1582. 4. 2. Tom. Lugd. apud Joannam Jacobi

Junti filiam. 1583. fol. Antuerpiæ apud Petrum Bellerum. 1607. fol. Pariſiis, & Lugd. 1592. Antuerp. apud Guillielmum Lieſtenium. 1654. fol.

De ratione concionandi, ſive Rhetorica Eccleſiaſtica. Salmanticæ apud Joan. Baptiſtam à Terra nova. 1576. 8, e 1596. Venetiis 1584. 16. Colon. apud Arnoldum Myllium. 1586. Lugd. 1592. no fim do Commentario ſobre S. Lucas.

Commentaria ſuper Pſalmum 136. *Super flumina Babilonis* Salmant. apud Joan. Bapt. à Terra nova. 1576. 8. Sahiraõ juntamente com a *Rhetorica Eccleſiaſtica.* Coloniæ apud Arnold. Myllium. 1586. 8. e 1587. & Venetiis. 1598.

Dela Vanidad del Mundo. Eſta Obra he louvada por Saõ Franciſco de Sales na Part. 1. das ſuas Cartas Liv. 2. Cart. 31. num. 14. e das muitas impreſſoens que della ſe fizeraõ recomenda a ſua utilidade ſendo a primeira Salamanca por Mathias Gaſt. 1574. 8. Lisboa por Antonio Ribeiro. 1576. 3. Tom. 8. Salamanca por Juan Fernandes. 1581. 8. Alcalá por Juan Garcia. 1582. Foy traduzida em Italiano pelo Padre Joaõ Bautiſta Peruſco Jeſuita. Florentia. 1585. Verona 1604. e Venetia por Giovani Guerigli. 1626. Sahio augmentada eſta traducçaõ pelo P. Pedro Buenfanti Piovano de Bebiena. Venetia por Mathia Valentino. 1606. 4. Tom. 16. e pelos herdeiros de Franciſco Zilleti. 1598. Traduzida em Francez por Guilhielmo Chaudiere. 1578. 16. e 1601. 8. e na Lingoa Latina pelo P. Pedro Burgundo Jeſuita. Antuerp. apud Arnoldum Myllium. 1585. e 1594. Na Lingua Alemãa, Coloniæ apud Loriolium. 1586. 8. e 1617. 8.

Tabulæ rerum omnium quæ in Libris de vanitate mundi continentur ad Evangelia totius anni diſtributæ. Compoſtas por Fr. Affonſo de Sanzolas Franciſcano da Provincia de Saõ Tiago. Salmanticæ. 1585. & Veronæ. 1594. 16.

Meditaciones devotiſſimas del Amor de Dios. Salamanca por Mathias Gaſt. 1578. 8. Lisboa por Antonio Ribeiro. 1578. 8. Salamanca por Pedro Laſſo. 1582. 8. Alcalá por Juan Garcia. 1597. 4. Sahiram vertidas em Italiano pelo P. Joaõ Bautiſta Peruſco com a Obra *dela Vanidad del Mundo;* em latim por Joaõ Governerio com eſte Titulo: *Divini Amoris incentiva.* Coloniæ apud Burgerium 1603. 12. e em Francez por Gabriel Chapuys. Anverſa por Pedro Bellero. 1593. 12.

Deſprecio del Mundo. Lisboa por Manoel de Lyra. 1584. 3. Tom. 8. Vertido em Italiano por Jeremias Foreſti. Parma por Seth Viotto. 1577. 16.

Dela Vida, loores, y excelencias del Bienaventurado Evangeliſta S. Juan. Liſboa por Germaõ Galhard. 1554. 4. Foy mandado imprimir por ordem da Sereniſſima Rainha D. Catharina mulher delRey D. Joaõ o III. Sahio augmentada eſta Obra por Fr. Chriſtovaõ Moreno Franciſcano. Valença pelos herdeiros de Joaõ Navarro. 1595. 4.

O ſeu nome celebraõ diverſos Authores, como ſaõ Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* p. 217. *peritus valde ad populum dicendi, acque in Chriſtianis orationibus exercitatiſſimus.* Taxand. in *Cathal. clar. Hiſp. Script. celebris concionator.* Scoto *Hiſp. Bib.* p. 252. *rarus Dei concionator.* Natal Alexand. *Hiſt. Eccleſ.* Tom. 8. Sæcul. XV. cap. 5. art. 1. *Concionator egregius.* Jacob Le Long. *Bib. Sacr.* Tom. 2. pag. mihi 972. Joaõ de Cordova do Collegio de Alcalá entre varios elogios, que lhe dedica em metro elegante no principio do Commentario ſobre S. Lucas:

Nam cum plena loco fundis ſeu Paulus ab alto
Fulmina doctrinæ quis non ſtupefactus ab ore
Pendet! & attonitus, quamvis ſit ferreus intus
Divina ſentit ſe ſe moleſcere flamma?
Ecquis in Hiſpania tota eſt cui cedere poſſis
Eloquio ſancto, & mixto gravitate lepore
Corde gerit ſilicem quiſquis tua fulmina ſentit, &c.

DIOGO ESTEVES DA VEIGA, E NAPOLES, filho de Henrique Eſteves da Veiga, e de D. Franciſca Pereira filha de Diogo Lobo, e Joanna Pereira, naceo em Lisboa a 2. de Julho de 1551. Foy Fidalgo da Caſa Real, Senhor da Honra de Nandufe na Comarca de Viſeu, Capitaõ mòr dos Conſelhos de Bèſteiros, Freixedo de Mouros, e S. Joaõ de Monte Guardaõ. Era muito verſado na liçaõ da Hiſtoria, e principalmente em a Genealogia, eſcrevendo:

Nobiliario das Familias deſte Reyno, particularmente das de Viſeu. M. S. fol.

Notas ao Nobiliario do Conde D. Pedro. M. S. fol.

Falleceo em o anno de 1635. com 84. de idade. Jaz ſepultado na Capella mòr da Igreja de Nanduſe. Delle faz menção o P. D. Ant. Caet. de Souſa no *Aparat. à Hiſt. Geneal. da Caſ. Real Portug.* pag. 78. num. 62.

Fr. DIOGO DE FARIA, de cujo Inſtituto Religioſo naõ dá noticia Joaõ Franco Barreto na *Bib. Luſit.* M. S. dando a da traducçaõ, que fizera em Portuguez do

Dialogo da alma com a carne eſtando infermo Socrates. M. S. Conſervava-ſe na Livraria do Chantre de Evora Manoel Severim de Faria.

DIOGO FERNANDES natural de Lisboa, ou como outros querem, da Cidade de Tavira em o Reyno do Algarve. Foy muito douto na liçaõ da Hiſtoria profana, principalmente da fabuloſa, eſcrevendo:

Terceira, e quarta Parte do Palmeirim de Inglaterra, na qual ſe trataõ as grandes cavallarias de ſeu filho o Principe D. Duardos II. e dos mais Principes, e Cavalleiros, que na Ilha deleitoſa ſe criáraõ. Lisboa por Marcos Borges. 1587. fol. *& ibi* por Jorge Rodrigues. 1604. fol.

Fr. DIOGO FERNANDES, natural da Cidade de Braga. Profeſſou o Inſtituto Serafico em a Provincia de Saõ Tiago em Caſtella, onde tantos progreſſos fez na ſciencia das Eſcolas, que ſubio a ſer Lente de Prima de Theologia em a Univerſidade de Salamanca. Eſcreveo:

Additiones ad opera Joannis Duns Scoti. M. S.

Do Author, e da Obra faz memoria Fr. Joan. à D. Ant. in *Bib. Franc.* Tom. 1. p. 197. col. 1.

D. DIOGO FERNANDES DE ALMEIDA. Naceo em Lisboa a 21. de Abril de 1698. onde teve por Progenitores a D. Joaõ de Almeida Conde de Aſſumar, Vedor da Caſa Real, Embaxador extraordinario a Carlos III. em Barcelona, Conſelheiro de Eſtado, e Gentil-homem da Camara delRey D. Joaõ o V. e a D. Iſabel de Caſtro filha de D. Joaõ Maſcarenhas, ſegundo Conde da Torre, e primeiro Marquez de Fronteira, Conſelheiro de Eſtado, e de D. Magdalena de Caſtro. Depois de aprender os preceitos da Lingua Latina paſſou à Univerſidade de Coimbra, onde foy admitido a Porcioniſta do Collegio Real de Saõ Paulo, de que tomou poſſe a 21. de Outubro de 1716. Aplicou-ſe ao eſtudo do Direito Pontificio, em que recebeo as inſignias Doutoraes no anno de 1722. com geral acclamaçaõ de todos os Cathedraticos. Sendo Thezoureiro mòr da Cathedral de Leiria, e Beneficiado de Saõ Miguel de Torres Vedras, de Saõ Pedro de Torres Novas, Santa Maria de Goes, e de Aguas Santas, Deputado da Inquiſiçaõ de Lisboa, provido a 23. de Junho de 1724. foy eleito em o de 1727. Academico da Academia Real para eſcrever as Memorias Hiſtoricas do Biſpado de Miranda, donde paſſou a Cenſor da meſma Academia no anno de 1737. e em taõ douta Aſſemblea ſe admirou o ſeu talento em varios diſcurſos em que competia a ſciencia da Hiſtoria, com a elegancia do eſtilo. Eſtes dotes, com que ſe ornava o ſeu eſpirito, o habilitaram para ſer aſſumpto a dignidade de Principal da Santa Igreja Patriarchal de Lisboa, de que tomou poſſe a 13. de Janeiro de 1739. ſendo pelo ſeu merecimento acredor de outros mayores lugares. Da ſua illuſtre peſſoa faz repetida memoria meu irmaõ D. Jozé Barboſa nas *Memor. do Colleg. Real* pag. 395. e no *Archiath. Luſitan.* p. 142. e 199. Compoz.

Pratica com que congratulou a Academia Real, de eſtar eleito ſeu Collega. Sahio no Tom. 7. da *Collecçaõ dos Documentos da Academia.* Lisboa por Jozé Antonio da Sylva 1727. fol.

Conta dos ſeus eſtudos Academicos no Paço a 7. de Setembro de 1727. No Tom. 7. da *Collecçaõ dos Documentos,* &c. Lisboa pelo dito Impreſſor 1727. fol.

Conta dos ſeus Eſtudos Academicos no Paço a 7. de Setembro de 1731. No Tom. 11. da *Collecçaõ dos Documentos,* &c. Lisboa pelo dito Impreſſor 1731. fol.

Diſſertaçaõ hiſtorica, Juridica, e Apologetica na Conferencia da Academia Real da Hiſ-

toria Portugueza de 14. de Fevereiro de 1732. em defeza da conta que deo dos ſeus eſtudos no feliciſſimo dia de 7. de Setembro, em que ſe celebravaõ os annos da Rainha Noſſa Senhora. Lisboa, por Jozé Antonio da Sylva, Impreſſor da Academia Real. 1732. 4. e no Tom. 11. da *Collec. dos Documentos da Acad. Real, &c.* pelo dito Impreſſor. 1731. fol.

Oraçaõ recitada na Conferencia de 31. de Janeiro de 1737. ſendo eleito Cenſor. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva. 1737. 4. grande.

DIOGO FERNANDES FERREIRA, filho de Pedro Ferreira, Moço da Camara do Infante D. Luiz, e ſeu Caçador, de cujo exercicio foy profeſſor inſigne como ſeu Pay, eſcrevendo quando contava a idade de 70. annos:

Arte da Caça da Altenaria, dedicada a D. Franciſco de Mello II. Marquez de Ferreira, de quem foy Moço da Camara, e ſeu Caçador. Lisboa 1616. 4. Do Author, e da Obra faz memoria Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. p. 218. col. 1.

DIOGO FERNANDES FRANCO, celebre profeſſor de Grammatica em a Univerſidade de Alcalà, publicando para claro teſtemunho da ſua ſciencia:

Pratica menor dela Grammatica. Alcalà por Joaõ Inigues de Lequerica. 1585. 8.

DIOGO FERRAZ natural de Coimbra, e deſcendente de familia nobre. No tempo que governava eſta Cidade como ſeu Paſtor o Biſpo Conde D. Fr. Joaõ Soares, inſigne eſplendor da Religiaõ dos Eremitas de Santo Agoſtinho, lhe entregou huma Obra pia, e devota intitulada:

Regra de viver em paz.

A qual com o Catheciſmo compoſto em verſos pelo dito Biſpo para mais facilmente ſer decorado pelos mininos, ſahio em Coimbra por Joaõ Barreira. 1560. 12. E Lisboa por Domingos Carneiro. 1672. 8.

DIOGO FERREIRA DE FIGUEIROA natural da Villa da Arruda diſtante ſete legoas para o Norte da Cidade de Lisboa. Pela nobreza do ſeu nacimento mereceo ſer hum dos mais eſtimados criados dos Sereniſſimos Duques de Bargança D. Joaõ o II. e D. Luiza Franciſca de Guſmaõ, que depois ſe coroaraõ Principes deſta Monarchia. Pela profunda ſciencia das duas famoſas Artes da Poeſia, e Muſica, alcançou ſer venerado pelos mais celebres Poetas do ſeu tempo, e ſer admitido por Cantor da Capella Real em 3. de Junho de 1648. Falleceo em Lisboa a 19. de Mayo de 1674. quando contava 70. annos de idade. Delle fazem honorifica lembrança D. Franc. Manoel na *Cart. dos AA. Portug.* dizendo ſer de *igual zelo, que armonia.* Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Luſit. Litter.* lit. D. n. 14. Sor Violant. do Ceo *Rim. Var.* p. 92. Compoz:

Epitome das Feſtas, que ſe fizeraõ no Caſamento de D. Joaõ o II. Duque de Bragança com a Senhora D. Luiza Franciſca de Guſmaõ, filha unica do Duque de Medina Sidonia. Evora por Manoel Carvalho. 1633. 8.

Deſmayos de Mayo, em ſombras do Mondego. Villa-viçoſa no Paço do Duque por Manoel Carvalho Impreſſor de Sua Excellencia. 1635. 8. Dedicado ao Senhor D. Alexandre. Contém hum enredo ſaudoſo de hum Eſtudante de Coimbra natural de Lisboa. He compoſto de verſo, e proſa, onde o Author ſe moſtra judicioſo elegante, e humaniſta. No fim promete Segunda Parte, com o titulo:

Notabilidades do ſucedido nas cortes de Amor. Eſcrito em o anno de 1634. Conſerva-ſe na Bib. Real. 4.

Jardim de Finamor, Panegirico ao Nacimento do Infante D. Pedro. Lisboa por Manoel Gomes. 1648. 8. He eſcrito em 8. Rima.

Theatro da mayor façanha, e gloria Portugueza. Lisboa, por Domingos Lopes Roza. 1642. 4. Conſta de 6. Cantos em 8. Rima feitos à glorioſa Aclamaçaõ delRey D. Joaõ o IV.

Vida de Santa Thereza, em 8. Rima. Conſervava-ſe em poder do Padre Manoel Fernandes da Companhia de JESUS, Confeſſor delRey D. Pedro II.

Queixoſa demonſtraçaõ de magoas, na intempeſtiva morte do Sereniſſimo Infante de Portugal, o Se-

nhor D. Duarte, irmaõ do Sereniſſimo Rey D. Joaõ o IV. Cançaõ. Começa:

Memorias, que em preſagios da eſperança
As leys do ſentimento adulterando, &c. M. S. Della conſervo huma copia.

DIOGO FREIRE PINHEIRO. Naceo na Provincia do Alentejo, e militou com o poſto de Capitaõ em Flandes. Para moſtrar, que igualmente era inſigne na eſpada como na penna eſcreveo, e imprimio conforme affirma Joaõ Franco Barreto na *Bib. Portug.* M. S.

Diario das Guerras de Flandes.

Fr. DIOGO GIL Religioſo Carmelita Calçado, de cuja Ordem tendo ſido Prior do Convento de Lisboa, ſubio no anno de 1335. ao lugar de Provincial. Naõ teve menor prudencia para o governo, que capacidade para eſcrever das antiguidades da ſua Religiaõ, compondo como dizem D. Nicol. Ant. in *Bib. Vet. Hiſp.* Lib. 9. cap. 4. §. 217. e a *Bib. Magn. Eccleſ.* Tom. 1. pag. 123. col. 2.

De Fundatione Ordinis Carmelitarum. M. S.

DIOGO GOMES CARNEIRO natural do Rio de Janeiro verſado em todo o genero de Hiſtoria, e naõ menos na intelligencia das lingoas mais polidas, e na ſciencia das letras humanas, Poeſia, e Rhetorica. Foy Secretario de D. Affonſo de Portugal Marquez de Aguiar, que pela nobreza do ſeu nacimento, e capacidade do talento o tratava com particular eſtimaçaõ. Como era muito perito na Hiſtoria da America onde tivera o berço foy eleito Chroniſta geral do Braſil, aſſinando-lhe ElRey 300Uooo. reis de ordenado, que naõ tiveraõ effeito. Era ſummamente charitativo applicando com feliz ſucceſſo muitos remedios a varias peſſoas pobres, que elle meſmo manipulava. Morreo em Lisboa a 26. de Fevereiro de 1676. e eſtá ſepultado no Collegio de Santo Antaõ dos Padres Jeſuitas. *Vir ſatis eloquens, & eruditus, humaniſque ſimul, & ſacris litteris aprime verſatus* o intitula Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Luſit. Litter.* liter. D. num. 15. e D. Franciſc. Manoel na *Cart. dos AA. Portug.* eſcrita ao D. Themudo eſcreveo.

Oraçaõ Apodixica aos Sciſmaticos da Patria. Lisboa por Lourenço de Anvers. 1641. 4. Neſta Obra ſe intitula Doutor, e aſſim delle como do Author ſe lembra o moderno addicionador da *Bib. Occid.* de Antonio de Leaõ Tom. 2. tit. 12. col. 676.

Traduzio de Latim do Padre Martim Martines da Companhia de JESUS em Portuguez:

Hiſtoria da guerra dos Tartaros, em que ſe refere como neſtes noſſos tempos invadiraõ o Imperio da China, e o tem quaſi todo occupado. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira. 1657. 16.

Traduzio de Italiano de Joaõ Bautiſta Ranuccio Arcebiſpo de Fermo, em Portuguez:

Hiſtoria do Capuchinho Eſcocez. Dedicada a D. Ignez Antonia de Tavora. Lisboa pelo dito Impreſſor. 1657. 12.

Inſtruçaõ para bem crer, bem obrar, e bem pedir em cinco Tratados do Padre Joaõ Euſebio Nieremberg da Companhia de JESUS, em que ſe juntaõ dous mais das regras de viver Chriſtãamente. Lisboa pelo dito Impreſſor. 1658. Neſta traducçaõ ſe diz, que eſtes Tratados naõ andaõ incluſos nas Obras do P. Euſebio.

Nas Memor. Funeb. de D. Maria de Attayde, Lisboa na Officin. Crasbeeckian. 1650. 4. a pag. 85. eſtá hum Epigramma ſeu latino por epitafio a eſta Senhora.

DIOGO GOMES DE FIGUEIREDO, filho de Joaõ Gomes Quareſma Eſcrivaõ dos Armazaens Reais, naceo em Lisboa, e foy igualmente inſigne na ſciencia militar, e politica. Na arte de jogar a eſpada naõ houve quem lhe diſputaſſe a primazia merecendo para immortal credito do ſeu magiſterio ter por diſcipulo ao Sereniſſimo Principe D. Theodoſio. Como o genio o inclinava para as armas ſe dedicou deſde os primeiros annos ao exercicio da guerra, ſendo o preludio das ſuas acçoens militares o embarcarſe com a praça de Aventureiro na Armada Real, de que era General D. Manoel de Menezes, o qual ſahindo de Lisboa a 24. de Setembro de 1626. fez laſtimoſo naufragio a 12. de Janeiro do anno ſeguinte na coſta de Gaſcunha. Já occupava o poſto

de Meſtre de Campo no anno de 1658. na qual com o ſeu Regimento guarnecendo a Praça de Elvas a defendeo alentadamente contra a invaſaõ dos Caſtelhanos. Sendo General da Artilharia ſe deveo à ſua vigilante providencia, e heroica valentia, livrar a Praça de Almeida da interpreza com que determinava levalla o Duque de Oſſuna em o anno de 1663. e ultimamente na famoſa Batalha de Montes Claros, alcançada a 17. de Junho de 1665. occupando o poſto de Sargento mór de Batalha deo de ſeu valeroſo animo aſſinalados argumentos. Conſervou entre o tumulto das armas familiar comercio com as Muſas alternando os ſeus cuidados entre Marte belicoſo, e Apollo pacifico ſendo hum dos melhores alumnos da Academia dos *Inſtantaneos* inſtituida em caſa de Fernaõ Correa de Lacerda, que depois foy Biſpo do Porto, onde eraõ ouvidos os ſeus verſos com univerſal applauſo. Como a grande Poeta o convida Manoel de Galhegos a celebrar as Vodas dos Sereniſſimos Duques de Bragança, no *Templo da Mem.* Liv. 4. Eſtanc. 190.

Muſas eſte ſojeito, eſte portento
A Diogo Gomes day de Figueiredo
Que de ſeu plectro vive o eſquecimento
Taõ longe como do ſeu peito o medo,
E o fez o Ceo Rhetorico, e Valente
Porque de ſeu valor cante eloquente.

Mereceo as eſtimaçoens das principaes Peſſoas deſte Reyno tanto pela afabilidade do genio, como pela madureza do juizo. Foy Commendador de huma das Commendas da Caſa da India da Ordem de Chriſto. Falleceo na patria a 30. de Setembro de 1685. e jaz ſepultado no Convento da Santiſſima Trindade. Fazem illuſtre memoria do ſeu nome o Excellentiſſimo Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes *Portug. Reſtaurad.* Tom. 2. Liv. 3. pag. 139. e Liv. 8. pag. 585. e 586. e Liv. 10. pag. 710. P. Emman. Lud. *Vit. Princip. Theod.* Liv. 1. §. 128. *Virum eximium, atque in omni ſcientia militari, bellicæque virtutis editis paſſim monumentis inſignem.* D. Ant. Caet. de Souſ. *Apparat. à Hiſt. Geneal. da Caſ. Real Portug.* pag. 136. §. 157. *Diſcreto, Poeta, e Cortezaõ, e pelas ſuas partes foy muito eſtimado.* Compoz:

Ode Funeral à morte da Senhora D. Maria de Atayde. Sahio impreſſa a pag. 35. das *Memor. Funeb.* dedicadas a eſta Senhora. Lisboa na Officina Crasbeeckian. 1650. 4.

Cançaõ à morte do Meſtre de Campo General Andre de Albuquerque com hum mote gloſſado ao meſmo Aſſumpto. Sahio impreſſo no Panegyrico que a eſte Heróe conſagrou o Doutor Joaõ de Medeiros Correa. Lisboa por Domingos Carneiro. 1661. 4.

Deſtreza das Armas M. S. A eſta Obra, que eſtava prompta para a impreſſaõ, fez huma elegante Cançaõ o inſigne Poeta Antonio Barboſa Bacellar, que principiava:

Detende hum pouco o eſtilo ſoberano
Mavorte Luſitano
Rayo de Apollo armado
Paray hum pouco o plectro ſublimado
Que da pena envejoſa
A eſpada vos contemplo
E com razaõ queixoſa
Que ſe hoje a penna vos fabrica hũ Templo
Já da primeira idade
Se abrio caminho pela eternidade.

D. Franciſco Manoel nas *Obras Metricas* Tuba de Calliope Sonet. 28.

Quando eſtas regras de deſtreza enſinas
Parmeno de ti creyo, que es de ſorte
Que naõ por dextra a morte, mas por morte
Mais certos golpes tẽ, que taes doutrinas.
E quando nas paleſtras peregrinas
Te vejo confiado, aſtuto, e forte,
Parece certo, que a contraria ſorte
Entre a vontade, e o braço determinas.
Eſpada, e penna pois que com verdade
O meſmo que huma intrepida peleja,
A outra ſcientifica derrama:
Ambas chaves ſeraõ da eternidade,
Eſta para cerrar bocas da enveja
Aquella para abrir bocas da Fama.

Poeſias Varias 3. *Tom.* 4. M. S. que deixou a ſeu grande amigo D. Franciſco de Souſa Conſelheiro de Eſtado, e Preſidente da Meſa da Conciencia.

Seſſenta Caprichos. M. S. Conſta eſta Obra de Diſcurſos ornados de todo o genero de erudiçaõ ſendo o argumento de cada Diſcurſo hum contradictorio como *Amor,* e *Odio; Liberalidade,* e *Avareza,* e o ultimo he *Vida,* e *Morte.* O original

com as licenças para ſe imprimir ſe conſerva na grande Livraria do Excellentiſſimo Conde da Ericeira.

DIOGO GOMES DE FIGUEIREDO natural de Lisboa filho do precedente, e ſemelhante a elle, naõ ſómente em o nome, mas em a ſciencia militar, pela qual chegou a ſer Tenente General da Artilharia do Reyno, por cuja cauſa eſcreveo em obſequio de ambos o Soneto ſeguinte o Doutor André Nunes da Sylva nas *Rim. Sacr. e Prof.*

Em nome, e acçoens equivocados
Vos notaõ os affectos, e os ſentidos
Nas paleſtras da paz ſempre entendidos,
Nos empenhos da guerra ſempre ouſados.
Igualmente diſcretos, e Soldados
Sendo os meſmos nas obras, e apellidos
Naõ ficaes cabalmente conhecidos
Ficando cabalmente venerados.
Diſtinguirvos pertende com eſtudo
O meſmo aſſombro, e vendo a gloria altiva
Em ambos de admirado fica mudo;
Abonando na luz ſempre exceſſiva
Se ao Pay original do filho em tudo
Copia ao filho do Pay em tudo viva.

Foy muito verſado na liçaõ da Hiſtoria ſecular, principalmente em huma das ſuas mais nobres partes, qual foy a Genealogia eſcrevendo com judicioſa critica, e profunda indagaçaõ.

Familias do Reyno de Portugal. fol. 6. Tom.

Cujo Original ſe conſerva com grande eſtimaçaõ na Livraria do Excellentiſſimo Duque do Cadaval, e delle faz honorifica mençaõ o P. D. Antonio Caetano de Souſa no *Apparat. à Hiſt. Geneal.* pag. 136. §. 157. chamando a ſeu Author *Grande Genealogico,* do qual conſerva 2. *Tomos de Familias,* que comprehendem a letra *M.* e *S.* dizendo ſer *Obra eſcrita com cuidado ſucintamente hiſtoriado de ſorte, que naõ faltando ao eſſencial poupa o cançado, com verdade, e averiguaçaõ, e quanto ao meu parecer hum dos melhores, que neſte genero ſe tem eſcrito.* Morreo em Lisboa a 12. de Fevereiro de 1684. Eſtá ſepultado no Convento da Santiſſima Trindade. Foy caſado com D. Maria de Menezes, de quem naõ teve deſcendencia.

DIOGO DE GOUVEA. Naceo em a Cidade de Beja celebre ſolar deſta eruditiſſima familia, onde teve por Pay a Antaõ de Gouvea Cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto, e por irmaõs a Manoel de Gouvea Prior da Igreja de Saõ Nicoláo de Lisboa, e o Doutor Gonçalo de Gouvea Dezembargador da Caſa da Supplicaçaõ. Depois de eſtar ſufficientemente inſtruido nas letras amenas paſſou a eſtudar as ſeveras em a Univerſidade de Pariz, e tal foy o progreſſo, que nelles fez o ſeu ſublime engenho, que naõ ſómente recebeo o gráo de Doutor em a Faculdade de Theologia com geral aclamaçaõ de todos os Cathedraticos, mas ſubio pela ſua prudencia a ſer Reitor da meſma Univerſidade, onde fora diſcipulo, em cujo governo mereceo, que o foſſe do ſeu magiſterio o grande Patriarcha Santo Ignacio de Loyola, ao qual conhecida a ſua innocencia livrou do caſtigo a que eſtava condennado pelas leys Academicas, por atrahir alguns dos alumnos da Univerſidade para a nova Companhia, que entaõ levantava, e perſuadio a ElRey D. Joaõ o III. que eſcrevendo ao meſmo Santo lhe pediſſe alguns dos ſeus companheiros para promulgar a Ley Evangelica nas Regioens Orientaes, ſendo a principal cauſa, de que eſte Sagrado Inſtituto ſe introduziſſe em Portugal. A madureza do juizo, e a profundidade do talento o fizeraõ digno de que os noſſos Monarchas, e os de França o conſtituiſſem arbitro em os mayores negocios, em que eraõ intereſſadas eſtas duas Monarchias, devendo-ſe à ſua perſpicaz vigilancia, e polilita ſagacidade a feliz concluſaõ delles. Tanto que voltou para o Reyno foy provido em hum Canonicato em a Cathedral de Lisboa, onde em idade muito provecta morreo a 8. de Dezembro de 1557. e jaz ſepultado no Cruzeiro da meſma Cathedral com eſte Epitafio:

Aqui jaz Diogo de Gouvea Doutor em Theologia, e Reitor da Univerſidade de Pariz, Conego neſta ſanta Sé, que alcançou, e ſervio a cinco Reys de Portugal, e quatro de França. Tratou, e negociou por bem da Fé, e honra deſte Reyno. Falleceo a 8. dias de Dezembro de 1557. Deſte grande Varaõ fazem memoria Orland.

Hiſt. Societ. JESU. Lib. 1. n. 71. chamandolhe *Vir prudens.* Telles *Chron. da Comp. de JES. da Prov. do Portug.* Part. 1. cap. 4. n. 2. *Peſſoa de grande authoridade.* Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. D. n. 16. Belchior Belliago in *Orat. ad Conimb. habita ann.* 1568. *Vir graviſſimus omni litterarum genere ornatiſſimus Jacobus à Gouvea Doctor præſtantiſſimus, qui litteras excoluit, juventutemque ad earum ſtudia capeſcenda ſic incendit, ut nullum ſit Gymnaſium à quo Doctores Gramatici, Poetæ, Hiſtorici, Oratores, & Philoſophi prodire ſoleant.* Franc. *Annal. S. J. in Luſit.* pag. 1. num. 1. Jorge Card. *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 380. no Comment. de 2. de Abril lit. C. Leitaõ *Notic. Chronolog. da Univerſid. de Coimb.* pag. 452. §. 966. 967. 968. e 969. Compoz:

Tractatus Theologico dogmaticus contra Lutherum. M. S.

DIOGO DE GOUVEA natural da Freguesía de S. Pedro de Arrifana no termo da Villa de Santarem, e naõ de Coimbra, como eſcreveraõ Pedro de Mariz *Dial. de Var. Hiſt.* Dialog. 5. cap. 3. Jorge Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 2. p. 393. e D. Nicol. de S. Maria *Chron. dos Coneg. Regrant.* Liv. 10. cap. 5. Foy filho do Doutor Gonçalo de Gouvea Dezembargador da Caſa da Supplicaçaõ, e de D. Joanna Velho de Caſtellobranco. Na idade juvenil paſſou a Pariz, e no Collegio de Santa Barbara de que era Reitor ſeu tio pela parte paterna Diogo de Gouvea de quem fizemos a precedente memoria eſtudou as letras humanas, e Divinas, em que ſahio taõ conſumado, que recebeo a borla doutoral da Theologia em a Univerſidade de Pariz. Por ſer muito conhecida a ſua profunda litteratura o nomeou ElRey D. Joaõ o III. ſeu Theologo no Concilio de Trento em 29. de Setembro de 1551. para onde partio com o Embaxador Diogo da Sylva do Conſelho delRey filho de Joaõ da Sylva Senhor de Vagos, e de ſua mulher D. Joanna de Caſtro iuntamente com Joaõ Paes Doutor em ambos os Direitos, e Diogo Mendes de Vaſconcellos, de quem brevemente ſe fará diſtinta memoria. Depois de dar claros argumentos do ſeu talento em taõ grave Congreſſo, voltou para a patria, onde recebeo por premio das ſuas virtuoſas acçoens algumas dignidades Eccleſiaſticas, como foraõ a Abbadia de Vinhò na Provincia da Beira, o Beneficio de Saõ Joaõ de Deza, em o qual o collou o Cardial D. Henrique a 11. de Julho de 1557. e deſta collaçaõ conſta a ſua naturalidade, como tambem a Conezia da Sé de Liſboa, que nelle renunciou ſeu Tio Diogo de Gouvea. Ultimamente de Deputado da Meza da Conciencia, foy aſſumpto por morte de D. Joaõ de Olmedo a Prior mór de Palmela Cabeça da Militar Ordem de Saõ Tiago, a qual para que ſe conſervaſſe na primitiva obſervancia a viſitou muitas vezes, e lhe eſcreveo utiliſſimos Eſtatutos com que ſe governou muitos annos. Cumulado de virtudes heroicas e Chriſtãas falleceo no Convento de Palmella a 2. de Abril de 1576. Jaz ſepultado na Capella mór com eſte Epitafio:

Aqui jaz D. Diogo de Gouvea Prior mór que foy deſte Convento, e Ordem de S. Tiago, e do Conſelho delRey D. Sebaſtiaõ Noſſo Senhor, que primeiro foy Embaxador delRey D. Joaõ o III. ao Concilio de Trento. Falleceo neſte Convento a 2. de Abril de 1576.

Aſſiſtindo no Capitulo da Ordem Militar de Saõ Tiago, que celebrou o Sereniſſimo Rey D. Sebaſtiaõ a 14. de Novembro de 1564. em a Caſa Capitular do Convento de São Franciſco deſta Corte recitou na preſença de taõ authoriſado Congreſſo a Oraçaõ ſeguinte, que principia:

A nobre, e muito antigua Religiaõ, e Ordem da Cavallaria do Bemaventurado Apoſtolo S. Tiago, &c. Sahio impreſſa nas minhas *Memor. Hiſt. delRey D. Sebaſt.* Part. 2. Liv. 1. cap. 5. num. 50. p. 435.

Deixou compoſtas muitas Poſtillas de Theologia, e doutas Annotaçoens ſobre os Evangelhos, cujas Obras ſe conſervaõ no Archivo do Real Convento de Palmella como eſcreve Jorge Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 380. col. 2. no Comment. de 2. de Abril. Letr. C.

DIOGO DE GOUVEA BARRADAS natural de Beja, e filho de Franciſco

Barradas de Gouvea, e Cecilia Gaga de Oliveira. Aſſiſtio muitos annos na India Oriental, ſendo Juiz da Alfandega de Goa, e companheiro em varias jornadas de ſeu Tio paterno o Illuſtriſſimo Biſpo de Cirene D. Fr. Antonio de Gouvea de quem já ſe fez larga memoria. Foy muito verſado na liçaõ da Hiſtoria Sagrada, e Profana, a qual o eſtimulou a eſcrever:

Antiguidades da Cidade de Beja. M. S.

Cuja Obra allega muitas vezes o Padre Franciſco da Cruz nas ſuas Memorias para a Bib. Portugueza, affirmando ſer muito eſtimavel pela variedade de erudiçaõ Latina, e vulgar, de que eſtá cheya. No Liv. 1. cap. 20. deſta Obra faz mençaõ de outra, que eſtava prompta para a impreſſaõ com eſte titulo:

Apologia por Beja, ou Pax Julia illuſtrada. Nella moſtrava ſer ſómente *Pax Julia,* ou *Pax Auguſta,* e naõ a Cidade de Badajoz.

DIOGO GUERREIRO CAMACHO DE ABOIM. Naceo na Quinta dos Guerreiros ſolar da ſua familia no Territorio do Campo de Ourique, em a Provincia do Alentejo, no anno de 1663. onde teve por Pays a Diogo Guerreiro Camacho de Aboim, e Monica Guerreiro Camacha, filha de André Guerreiro Camacho, e Maria Filippa da Sylva, a cuja vigilante educaçaõ deveo o progreſſo, que fez aſſim nas virtudes, como nas letras. Depois de eſtudar na Univerſidade de Coimbra Direito Ceſareo, em que recebeo o gráo de Bacharel com applauſo de Meſtres, e diſcipulos, exercitou varios Lugares como foraõ, Juiz de fóra de Monte mòr o velho, Juiz dos Orfaõs de Lisboa, Juiz do Fiſco do Territorio de Evora, Dezembargador do Porto, donde paſſou à Caſa da Supplicaçaõ a 17. de Novembro de 1703. e ultimamente a Dezembargador dos Aggravos a 20. de Abril de 1709. Em taõ diverſos miniſterios ſempre conſervou inviolavel a juſtiça, ſem que pudeſſe o ſoborno por menos nobre, ou o reſpeito por mais authoriſado fazer a mais leve impreſſaõ em ſeu incorrupto animo. Continuamente tinha patentes as portas para ouvir aos litigantes, achando na ſua natural benevolencia disfarçada de tal ſorte a ſeveridade de Juiz, que ſe apartavaõ da ſua preſença ſatisfeitos ainda aquelles, que receavaõ alcançar o deſpacho deſejado. Entre a laborioſa occupaçaõ de Senador para que naõ foſſe accuſado de paſſar algum inſtante ocioſamente, eſcreveo Obras, em que moſtrou naõ ſómente a profunda ſciencia de hum, e outro Direito, que profeſſava, mas a vaſta liçaõ das Letras Sagradas, e humanas, em que era inſigne. Foy caſado com D. Maria Luiza de Foyos, de quem teve a Manoel Guerreiro Camacho Foyos, Dezembargador da Caſa da Supplicaçaõ, e nas virtudes, e letras muito ſemelhante a ſeu Pay, o qual morreo intempeſtivamente no anno de 1740. Falleceo em Lisboa a 15. de Agoſto de 1709. quando contava 48. annos de idade, e ſendo tresladado a 11. de Junho de 1711. da ſepultura em que jazia, na Parochial de Saõ Tiago para outra nova, foy achado incorrupto. Sobre a campa ſe lhe gravou eſte epitafio:

Sepultura do Doutor Diogo Guerreiro Camacho de Aboim, Dezembargador dos Aggravos, e de ſua mulher D. Maria Luiza de Foyos, e ſeus legitimos deſcendentes. Falleceo em 15. *de Agoſto de* 1709. *Foy tresladado para eſta ſepultura a* 11. *de Julho de* 1711. Compoz:

De munere Judicis Orphanorum opus in quinque Tractatus diviſum, quorum primus eſt de Inventario. Conimbricæ apud Emmanuelem Rodericum de Almeida. 1699. fol.

De munere Judicis Orphanorum Tractatus ſecundus de Diviſionibus. Ibi apud Joannem Antunes. 1700. fol.

De munere Judicis Orphanorum Tractatus tertius de Datione, & obligatione Tutorum, & Curatorum in octo Libros diſtributus, & in duos Tomos diviſus. Primus Tom. Ulyſſipone apud Antonium de Souſa da Sylva. 1733. fol.

Tomus ſecundus. Ibi apud eumdem. Typog. 1733. fol.

De Munere Judicis Orphanorum Tractatus quartus de Rationibus reddendis diſtrahendiſque in octo Libros diſtributus. Tom. 1. Ulyſſipone apud eumdem Typ. 1734. fol.

Tom. ſecundus. Ibi per eumdem Typ. eodem anno. fol.

O Index geral deſtes ſeis Tom. ſahio compoſto pelo Licenciado Manoel Alvares Solano do Valle. Ulyſſip. apud eumdem Typ. 1736. fol.

Opuſculum de privilegiis Familiarium Sanctæ Inquiſitionis in quo tota privilegiorum materia præſtringitur, & omnium privilegiorum jus generice examinatur, pleneque diſcutiuntur privilegia omnia Familiarium, Officialiumque Sanctæ Inquiſitionis, Senatorum, Monetariorum, Scholaſticorum, viduarum, & aliorum; poteſtas etiam eorum Conſervatorum ventilatur, & plures aliæ Juris materiæ involvuntur. Conimbricæ per Joannem Antunes. 1699. fol. & Ulyſſipon. apud Antonium de Souſa da Sylva. 1735. fol. Sahio neſta impreſſaõ com o *Regimento do Fiſco.*

Tractatus de Recuſationibus omnium Judicum, Officialiumque tam juſtitiæ commutativæ quam diſtributivæ utriuſque fori tam ſæcularis, quàm Eccleſiaſtici, ſive Regularis à nemine, ut par erat, in lucem editus. Conimbricæ apud Joan. Antunes. 1699. fol.

Deciſiones, & quæſtiones Forenſes ab ampliſſimo, integerrimoque Portuenſi Senatu deciſæ partim exaratæ, partim collectæ. Ulyſſip. apud Anton. de Souſa da Sylva. 1738. fol.

Eſcolla Moral Politica Chriſtãa, e Juridica, dividida em quatro Paleſtras nas quaes lem de Prima as quatro Virtudes Cardiaes. A 1. a Prudencia, na Cadeira do Entendimento. Na 2. a Juſtiça, na Cadeira da Vontade. Na 3. a Fortaleza, na Cadeira do Iraſcivel. Na 4. a Temperança, na Cadeira do Concupiſcivel. Dando leys a todas as virtudes, que dellas procedem, e confutando todos os vicios que ſe lhe oppoem, e dirigindo todos os actos das quatro Faculdades da alma capazes de virtudes, e vicios, &c. Lisboa por Antonio de Souſa da Sylva. 1733. fol.

DIOGO HENRIQUES BASURTO, filho de Antonio Henriques Gomes de quem fizemos mençaõ em ſeu lugar, e herdeiro de ſeu eſpirito poetico, e erudiçaõ Sagrada, e profana. Aſſiſtio a mayor parte da ſua vida em a Cidade de Ruaõ, onde na idade juvenil publicou:

El Triumpho dela Virtud, y paciencia de Job. Dedicado ala Mageſtad Chriſtianiſſima de D. Anna de Auſtria, Reina Madre del Chriſtianiſſimo Monarcha Luiz XIV. Rey de Francia, y de Navarra. Roan por Lourenço Maurry. 1646. 4. Conſta de varios generos de metro. Delle ſe lembra Joan. Soar. de Brit. *Theat. Luſit. Litter.* lit. D. n. 17.

Soneto em aplauſo do Siglo Pythagorico, compoſto por ſeu Pay onde declara ſer ſeu filho.

DIOGO HENRIQUES VILHEGAS. Naceo em Lisboa, e foy Cavalleiro da Ordem Militar de Chriſto taõ agigantado no corpo, como no engenho, ſendo muito erudito na liçaõ da Hiſtoria, Filoſofia Moral, Poetica, e ſciencia militar, que exercitou com credito do ſeu valor no poſto de Capitaõ de Couraças Eſpanholas. Por muitos annos teve o ſeu domicilio em a Corte de Madrid, onde mereceo as eſtimaçoens das primeiras peſſoas, ou foſſe pela ſua natural urbanidade ou pela ſublime erudiçaõ de que era ornado. Morreo na patria a 14. de Outubro de 1671. Jaz ſepultado no Convento de Santo Eloy. Compoz:

Levas dela gente de guerra. Sirve de introducion alos Militares, ò primeros principios de todas las Mathematicas de que neceſſita el exercicio militar. Madrid por Carlos Sanches Bravo. 1647. 4.

Elementos militares. Madrid pelo dito Impreſſor. 1647.

Aula militar, y politicas Ideas deducidas delas acciones de C. Julio Ceſar executadas en las guerras dela Galia, Civiles de Alexandria, de Africa, de Eſpaña. Dedicada a Filippe IV. Madrid, por Julian de Paredes. 1649. 4.

Academia dela fortificacion de Plaças, y nuevo modo de fortificar una Plaça real, diferente en todo delos demas que eſcrivieron eſta arte. Madrid, pelo dito Impreſſor. 1651. 4.

El Advertido. Madrid, por Domingos Garcia. 1653. 16.

El Sabio en ſu retiro. Madrid, 1652. 16.

El Principe en la Idea. Madrid, en la Imprenta Real. 1656. 4.

El Deſpertador al ſueño dela Vida. Ibi, em a dita Impreſſaõ. 1667. 8.

Pyramide Natalicio, y baptiſmal, ala ſoberana, auguſta, excelſa Mageſtad dela Sereniſſima Reyna D. Maria Franciſca Iſabel de Saboya Princeſa de Portugal. Lisboa, por Anton. Craesb. de Mello. 1670. 4.

Leer ſin Libro. Direciones acertadas para el govierno Ethico, Economico, y Politico. Lisboa, pelo dito Impreſſor. 1667. 4.

Elogio à memoria de Luiz de Camões. Sahio na 2. Part. das Rimas deſte Poeta, que elle emendou. Lisboa na Officina Craesbeeckiana. 1663. 12.

El Anticromuel, en que defiende los juſtos titulos del dominio delRey delas Indias Occidentales, y que como legitimo dueño de ellas puede impedir, y prohibir el Trato, Navegacion, y Conquiſta, a todos los Principes, y Reys, caſtigando como piratas alos eſtrangeros agreſſores manifeſtando, que nò hà havido articulo de Pazes de Eſpaña, e Inglaterra en que ſe permita alos Inglezes poder navegar, ni comerciar en las Indias contra el Manifeſto publicado en Londres a 26. de Octubre de 1645. fol. M. S. Deſta Obra faz memoria o novo Addicionador da *Bib. Occident.* de Ant. de Leaõ Tom. 2. titul. 21. col. 776.

P. DIOGO JACOME, Coadjutor eſpiritual da Sagrada Companhia de JESUS, cujo habito recebeo em Coimbra a 12. de Novembro de 1548. Abrazado em o deſejo de agregar almas ao conhecimento do Verdadeiro Deos, deixou a patria, e partio para o Braſil, onde em o anno de 1549. ſendo Companheiro do inſigne Varaõ o P. Manoel da Nobrega, padeceo incriveis trabalhos atraveſſando terras, paſſando rios, e diſcorrendo por vaſtiſſimas ſolidoens para doutrinar os gentios, e transformalos de féras em racionaes. O mayor theatro do ſeu zelo apoſtolico foy a Capitania do Eſpirito Santo, quando huma geral epidemia devorou a mayor parte dos ſeus habitadores, exercitando ſem ter horror à morte os Officios de Medico, Cirurgiaõ, e Confeſſor, com os quaes ao meſmo tempo lhes applicava remedios para o corpo, e para a alma. Deſte incanſavel exercicio contrahio a infirmidade, que o privou da vida a 15. de Abril de 1565. e foy ſepultado na Igreja de Saõ Tiago dos Padres Jeſuitas da Villa do Eſpirito Santo. Fazem honorifica memoria delle Sachin. *Hiſt. Societ.* Part. 3. Liv. 1. num. 158. Telles *Chron. da Comp. de JES. da Prov. de Portug.* Part. 1. Liv. 3. cap. 10. num. 6. Vaſconc. *Chron. da Comp. de JES. da Prov. do Brazil* Liv. 3. a num. 68. até 71. Franco *Imag. do Novic. da Comp. de Coimb.* Tom. 2. Liv. 2. cap. 13. e no *Ann. Glorioſ. S. J. in Luſit.* pag. 216. Eſcreveo:

Carta eſcrita do Braſil em 1551. *em que trata dos coſtumes dos Indios, e trabalhos, que os PP. da Companhia padecem na ſua converſaõ.* M. S. Conſerva-ſe no Cartorio da Caſa Profeſſa de Saõ Roque em Lisboa. Sahio vertida em Italiano com outras. Venetia, por Michele Tramezzino. 1559. 12.

Fr. DIOGO DE JESUS. Naceo em a Villa da Atalaya diſtante tres legoas da notavel Villa de Thomar para o Poente, em o anno de 1597. e foy filho de Bento Bernini Italiano, e Barbara Thomé Portugueza. Na infancia deo ſinaes evidentes das virtudes, que havia practicar na idade varonil. Profeſſou o Inſtituto do Doutor Maximo Saõ Jeronymo no Real Convento de Belem a 21. de Dezembro de 1618. onde applicado ás letras divinas, e humanas, as ſoube com toda a perfeiçaõ. Foy Meſtre de Theologia Moral, e de Ceremonias, Viſitador geral da Ordem, que reformou com o exemplo da ſua inculpavel vida. Em todas as virtudes, que conſtituhem hum perfeito Religioſo foy inſigne, merecendo por ellas vaticinar o dia da ſua morte, pois acabando de dizer Miſſa no dia antecedente pedio ao Prelado com grande inſtancia lhe conferiſſe a Extrema Unçaõ, pois certamente morria ao dia ſeguinte, que foy a 29. de Abril de 1672. no Convento de Bellem com 75. annos de idade, e 54. de Religiaõ. Compoz:

Exercicio eſpiritual de meditaçoens Divinas para os dias da Semana. Dedicado a D. Brites de Menezes Condeça do Sabu-

gal. Lisboa, na Officina Craesbeeckiana. 1656. 24.

Ad viros Eccleſiaſticos admonitio ſuper diverſis rebus in ordine ad recitationem Officii Divini. Ulyſſip. 1672. 4.

Breve compendio de Ceremonias, enterros, e preparaçaõ de Sacerdotes para celebrar ſuas Miſſas. 8. Sem anno de impreſſaõ.

Memoriale Religioſorum Ordinis S. Hieronymi pro Monaſteriis Portugalliæ diviſum in quatuor Fercula. Primum de Cæremoniis. Secundum de Myſteriis Horarum, & Miſſæ. Tertium de Religione S. P. Hieronymi. Quartum de Monaſteriis S. Hieronymi pro Regno Portugalliæ. M. S. Deſta Obra faz mençaõ Jorge Cardoſo, *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 467. no Comment. de 30. de Mayo letr. E, e no Tom. 2. pag. 16. no Comment. do 1. de Março letr. H. onde lhe chama *Curioſo inveſtigador das Antiguidades da Ordem,* e Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. p. 225. col. 2.

Amplificaçaõ da Ordem de S. Geronymo. M. S.

Theologiæ Speculativæ Selectæ Quæſtiones. M. S.

Eſtas tres Obras ultimas ſe conſervaõ na Bibliotheca do Real Convento de Bellem.

Fr. DIOGO DE S. JOZE' chamado no ſeculo Diogo Sobrinho, filho de Antonio Sobrinho Portuguez, natural da Cidade de Bragança, e da celebre Matrona Cecilia de Morillas, e irmaõ de Fr. Antonio Sobrinho Franciſcano, e Cecilia da Natividade, Carmelita Deſcalça, dos quaes ſe fez em ſeus lugares merecida memoria. Naceo em a Cidade de Valhadolid em o anno de 1562. dotado de gentil preſença, engenho agudo, condiçaõ affavel, diſcriçaõ natural, intelligencia da Hiſtoria, Pintura, Muſica, Poeſia, e das linguas mais polidas da Europa, cujos ſingulares dotes lhe conciliaraõ a eſtimaçaõ univerſal, principalmente do Eminentiſſimo Cardial D. Rodrigo de Caſtro, Arcebiſpo de Sevilha, que o convidou para ſeu domeſtico ſendo ſeu Companheiro nas jornadas que fez a Barcelona, conduzindo até Madrid a Emperatriz D. Maria, irmãa de Filippe Prudente, e a Saragoça no anno de 1585. na occaſiaõ, que o Duque de Saboya vinha deſpoſarſe com a Infanta D. Catharina. Com o meſmo Principe purpurado paſſou a Roma, onde alcançou rendoſos beneficios, que renunciou em ſeu irmaõ Franciſco Sobrinho, que depois foy Biſpo de Valhadolid. Deſenganado do mundo pelas mudas vozes de alguns infortunios, que conſtantemente tolerou, ſe recolheo com beneplacito de ſeu Amo, ſendo já Sacerdote, à reformada Familia dos Carmelitas Deſcalços, em o anno de 1594. onde foy claro exemplar de todas as virtudes religioſas de tal ſorte, que foy hum dos primeiros Fundadores da Thebaida de Batuecas. Deſta amavel ſolidaõ em que unicamente fallava com Deos, ſahio conſtrangido por ordem dos Superiores, por naõ permitirem, que eſtiveſſe ocioſo o ſeu talento em beneficio da Religiaõ. Depois de ſer Prior do Convento de Segovia, 18. annos Secretario do Provincial de Caſtella Velha Fr. Thomaz de JESUS, e dos Geraes Fr. Jozé, e Fr. Affonſo de JESUS MARIA, foy Difinidor Geral, diſtinguindo-ſe neſtes lugares em multiplicados actos de humilde, penitente, e charitativo, pelos quaes mereceo paſſar piiſſimamente deſta vida mortal para a eterna no Convento de Vcles a 10. de Junho de 1623. Compoz:

Compendio delas fieſtas ſolemnes, que en toda Eſpaña ſe hizieron en la Beatificacion de nueſtra Madre Santa Thereza. Madrid, por la Viuda de Alonſo Martin. 1615. 4.

Deixou *M. S.* as ſeguintes Obras.

Formulario de Secretarios.

Diſcurſos de hum perfeito Superior.

Hiſtoria da Religiaõ dos Carmelitas Deſcalços, a qual ſe conſerva no Convento de Valladolid. Delle fazem mençaõ larga Fr. Jozé de Santa Thereza *Chron. delos Carmel. Deſcalſ.* Part. 3. Liv. 9. cap. 5. num. 4. e Liv. 16. cap. 6. e mais ſucinta Nicol. Ant. *Bib. Hiſpan.* Tom. 1. p. 226. col. 1.

DIOGO DE LEAM PINELLO, filho de Diogo Lopes de Lisboa, e Leaõ, e irmaõ de Antonio de Leaõ Pinello, de quem ſe fez larga mençaõ em ſeu lugar,

naceo na Cidade de Lima nas Indias Occidentaes, em cuja Univerſidade foy Lente de Prima da Faculdade de Leys. Publicou:

Epitome dela Vida, y muerte de D. Fernando Arias Ugarte, electo Obiſpo de Panamá. Sahio impreſſa no principio da Vida deſte Prelado, eſcrita por ſeu Pay Diogo Lopes de Lisboa, e Leaõ. Lima, por Pedro Cabrera. 1633. 4.

Fr. DIOGO DE LEIRIA, filho da Cidade, que lhe deo o apellido, e Monge Ciſtercienſe, profeſſou no Real Convento de Alcobaça. Foy inſigne Eſcriturario, e famoſo Theologo, deixando por teſtemunhas da ſua profunda ſciencia em huma, e outra Faculdade, as Obras ſeguintes, que ſe conſervaõ *M. S.* no Archivo do Real Convento de Alcobaça.

Expoſitio in Canticum B. MARIÆ Virginis. fol.

Expoſitio in Geneſim. fol.

Proverbia Salomonis cum gloſſa. fol.

De præceptis Decalogi. fol.

De creatione, & reparatione hominis. fol.

Fr. DIOGO DE LEMOS, da Sagrada, e Illuſtre Ordem dos Prégadores, cujo habito profeſſou no Real Convento de Bem-fica diſtante huma legoa de Liſboa, merecendo pela profundidade do talento ſer Doutor na ſagrada Theologia, e pela madureza do juizo Prior do Convento deſta Corte. A' inſtancia de D. Joanna da Sylva, Prioreza do Convento da Annunciada de Lisboa, traduzio de Latim em Portuguez, com varios documentos concernentes ao eſtado Religioſo a ſeguinte Obra, da qual tranſcrevemos o titulo com a meſma Ortografia com que ſahio à luz publica, cuja deſpeza fez a Sereniſſima Rainha D. Leonor, irmãa de Carlos V. e 3. mulher delRey D. Manoel.

Começaſe ho livro da vida do glorioſo Padre Sam Domingos Patriarcha dos Pregadores em lingoagem tresladada por Fr. Diogo de Lemos frade da meſma Ordem a requerimento da muito virtuoſa Madre Dona Johanna da Silva prioreſa do moeſteiro da Anunciada de Lisboa. No fim tem as palavras ſeguintes:

Præſens opuſculum translatum exiſtente Provinciale Sacri Ordinis Prædicatorum Venerabili Patre Fratre Emmanuele Eſtaço in Sacra Theologia Profeſſore, nec non digniſſimo Magiſtro; ex cujus mandato ſolerti cura a doctis PP. Fr. Georgio Vogado priore Ulyxbonenſi, Fr. Ambroſio de Oliveira priore de Bemfiqua, & Fr. Franciſco de Lemos Sacræ Theologiæ doctoribus reviſum, atque correctum. Impreſſum in inclita Urbe Ulyxbone per Germanum Galharde impenſis, ſumptibuſque ſereniſſimæ reginæ done Lianore año à partu Virginis ſalutifero mileſſimo quingentiſimo viceſimo v. die octavo Julii.

Fazem memoria da Obra, e do Author Souſ. *Hiſt. de S. Doming. da Prov. de Portug.* Part. 2. Liv. 2. cap. 11. e Part. 3. Liv. 3. cap. 4. Joan. Soar. de Brit. *Theat. Luſit. Litter.* lit. D. n. 19. Manoel de Faria, e Souſ. *Europ. Portug.* Tom. 2. Part. 4. cap. 6. Echard *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. pag. 61. col. 1. Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 789. no Comment. de 22. de Junho letr. C. onde ſe enganou dizendo fora impreſſa a Vida de S. Domingos no anno de 1524. ſendo certamente em 1525. como vimos em hum exemplar, que conſerva meu irmaõ D. Jozé Barboſa na ſua Livraria. Fernand. in *Concert. Prædic.* Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 226. Monteir. *Clauſtr. Dom.* Tom. 3. p. 188.

D. DIOGO DE LIMA, natural de Lisboa, ſexto filho de D. Lourenço de Brito Nogueira, e Lima, e de D. Luiza de Tavora, ſetimos Viſcondes de Villanova de Cerveira. Inſtruido nas artes proprias do ſeu nacimento paſſou à Univerſidade de Coimbra, onde recebendo o gráo de Meſtre em Artes, foy admitido ao Collegio Real de Saõ Paulo, a 22. de Dezembro de 1632. e ſe graduou na Faculdade da Sagrada Theologia. Por morte de ſeu irmaõ ſuccedeo na Caſa ſendo o nono Viſconde de Villa-nova de Cerveira, por cuja cauſa preferio o exercicio das armas, ao das letras, e foy Governador dellas em a Provincia de Entre Douro, e Minho. Pela prudencia do ſeu juizo foy Conſelheiro de Eſtado, e Guerra, Preſidente da Junta do Comercio, e Eſtribeiro mòr del-

Rey D. Affonſo VI. Caſou com D. Joanna de Vaſconcellos, e Menezes, filha herdeira de D. Joaõ Luiz de Vaſconcellos, e Menezes, Senhor de Mafra, e de D. Maria de Noronha, de quem teve deſcendencia. Morreo em Lisboa a 24. de Abril de 1686. Jaz na Parochial Igreja de Saõ Lourenço, que he do Padroado da ſua Caſa. Faz illuſtre memoria do ſeu nome meu irmaõ D. Jozé Barboſa nas *Memor. do Colleg. Real de S. Paul.* pag. 153. e no *Archiath. Luſit.* pag. 36.

Lima per antiqua duceus ab origine nomen
Pallade poſthabita Mavortia caſtra ſequetur.
Aſpera virtutem poterit Montijia pugna
Dicere, nam fuſo validus rigat arva cruore.
Armorum Præfectus erit quà flumine longo
Et Minius, Duriuſque petunt vaſta æquora ponti.
Dum regit hic populos, Martis movet arma ferocis,
Oppida multa jacent flamma populata voraci,
Atque æquata ſolo quæ mœnia ſtruxit Iberus,
Viribus ut cernat non eſſe repagula Luſis.
Præpoſitus Regis ſtabulo, ſimul atque Tribunal
Arbitrio reget ille ſuo, quo pinguia prudens
Diriget ignoti quondam commercia mundi.

Compoz:

Genealogia de algumas Familias Portuguezas.

Por cuja applicaçaõ o numera entre os Authores Genealogicos o P. D. Antonio Caetano de Souſa, no *Aparat. á Hiſtor. Geneal. da Caſa Real Portug.* pag. 123. §. 135.

Fr. DIOGO DE LISBOA, cujo apellido denota a patria, que lhe deo o berço. Eſcreveo conforme affirma o novo Addicionador da *Bib. Occid.* de Antonio de Leaõ Tom. 2. tit. 23. col. 858.

Vida del Padre Fr. Diego Romero. Mexico. 1684. 4.

P. DIOGO LOBATO, natural da Villa das Alcaçovas diſtante cinco legoas da Cidade de Evora em a Provincia do Alentejo, e no Collegio Eborenſe recebeo a roupeta da Companhia de JESUS a 26. de Abril de 1669. Foy verſado nas letras Sagradas, e humanas, e dos grandes Prégadores do ſeu tempo. Morreo em Evora a 4 de Novembro de 1725. deixando como eſcreve o P. Franciſco da Fonſec. *Evor. Glorioſ.* pag. 428. promptos para a impreſſaõ:

Sermoens Varios. 5. Tom. 4.

P. DIOGO LOBO, natural da Cidade de Tangere ſituada na Regiaõ Africana, filho de Joaõ Lobo de Saõ Payo, e Iſabel Alvares Pereira, deſcendentes de familias muito nobres. Em a tenra idade de quinze annos em que já deſcobria a viveza de engenho de que profuſamente o dotara a natureza, foy admitido em o Noviciado de Lisboa à Companhia de JESUS, e em taõ douta paleſtra ſe diſtinguio dos ſeus Companheiros na breve comprehenſaõ das ſciencias aſſim amenas, como ſeveras. Enſinou em o Collegio de Lisboa Humanidades, e Rhetorica, ſendo inſigne em a Eccleſiaſtica, pela qual mereceo ſer Prégador dos Sereniſſimos Monarchas D. Affonſo VI. e D. Pedro II. Neſte ſagrado exercicio conciliou as atençoens de numeroſos auditorios, formados dos mayores engenhos, que floreciaõ na Corte, e nas Univerſidades de Coimbra, e Evora, ou foſſe pela natural diſcriçaõ, e elegante energia, com que explicava os ſeus agudos penſamentos, ou pela profunda intelligencia das Eſcripturas, vaſta liçaõ dos SS. PP. e a immenſa copia de erudiçaõ ſagrada, e profana, com que ornava os ſeus diſcurſos. Foy inſigne Poeta Latino, e vulgar, unindo nos ſeus verſos a cadencia do metro com a ſubtileza do conceito. Ao tempo que tinha paſſado ao Collegio de Coimbra para prégar o Advento, e as Domingas da Quareſma, ſe lhe agravou a infermidade procedida de hum eſtupor, que padecera em hum braço, de que falleceo a 20. de Março de 1691. quando contava 62. annos de idade, e 47. de Religiaõ. Foy geralmente ſentida a ſua morte, principalmente pelos Alumnos da Univerſidade, conſiderando extincta a Oratoria Eccleſiaſtica da qual por tantos annos foraõ ouvintes, e expectadores. Publicou

Sermaõ da Viſitaçaõ de Noſſa Senhora, pregado em a ſanta Caſa da Miſericordia de Lisboa, com atençam as funçoens da dita Caſa.

Sermaõ na Profiſſaõ da Madre Soror Maria da Anunciaçaõ Evangeliſta, em dia de S. Joaõ ante portam Latinam, prègado no Real Convento de JESUS, da Villa de Setubal anno 1685. Sahiraõ eſtes dous Sermoens na *Laurea Portugueza, e Viridario de varias flores Evangelicas, plantado por alguns inſignes Oradores Portuguezes.* Lisboa por Miguel Deslandes. 1687. 4. deſde pag. 77. até 111.

Sermon delas lagrimas de JESU Chriſto nueſtro Señor, que cayo la fieſta de la Encarnacion en Viernes de Lazaro. Madrid, por Juan Garcia Infançon. 1692. 4. Foy traduzido em Caſtelhano pelo Author.

Sermoens Varios. 2. Tom. *Preparados para a impreſſaõ* (como affirma o P. Antonio Franco *Imag. da Virtud. do Novic. de Lisboa,* pag. 966.) *por cauſa da morte de ſeu Author naõ ſahiraõ á luz.* O meſmo Franco *in Annal. S. J. in Luſit.* pag. 388. num. 10. fallando delle diz: *Ad Sacrum ſuggeſtum pleniſſimos dotes habuit.*

D. DIOGO LOBO DA SYLVEIRA. Naceo em Lisboa onde teve por Pays a D. Joaõ Lobo ſexto Baraõ de Alvito, Commendador da Repreza na Ordem de Saõ Tiago, e Sargento mòr de Batalha, e a D. Magdalena de Lancaſtro filha de D. Luiz de Lancaſtro, Commendador mòr de Aviz, e D. Filippa de Menezes. Em a Univerſidade de Coimbra ſe applicou ao eſtudo da Sagrada Theologia em que fez taes progreſſos a perſpicacia do ſeu talento, que recebido o gráo de Doutor neſta Faculdade foy Collegial em o Collegio de S. Pedro, de que tomou poſſe a 8. de Dezembro de 1639. Depois de ſer Conego da Sé de Lisboa, e Sumilher da Cortina delRey D. Affonſo VI. foy eleito por eſte Principe Prior da inſigne Collegiada de Guimaraens, cujo honorifico lugar adminiſtrou com igual zelo, que magnificencia, dando huma precioſa Cuſtodia com a Reliquia de Saõ Torquato para ornato do Altar em que ſe venera a Senhora da Oliveira, Orago daquella Collegiada. Em o anno de 1664. lançou a primeira pedra no Convento dos Religioſos Capuchos da Provincia de Santo Antonio em Guimaraens. Sendo nomeado Biſpo de Viſeu naõ logrou eſta dignidade, fallecendo infeliſmente em Lisboa a 7. de Setembro de 1666. ſepultado antes de morto debaixo das ruinas de huma varanda, que repentinamente cahio. Jaz no Convento das Religioſas de Santa Clara. Delle fazem mençaõ Carvalho *Corog. Portug.* Tom. 1. pag. 27. o Doutor Manoel Pereir. da Sylv. Leal *Cathalog. dos Coll. de S. Pedr.* §. 88. o P. Joaõ Col, Academico da Acad. Real no *Cathalog. dos Biſpos de Viſeu.* Compoz em o anno de 1662.

Eſtatutos da inſigne Collegiada de Guimaraens, os quaes ſe conſervaõ no ſeu Archivo, como eſcreve o Doutor Franciſco Xavier da Serra Crasbeeck, Academico Supranumerario da Academia Real, no *Cathalog. dos D. Priores da Colleg. de Guimar.* pag. 69.

DIOGO LOPES, natural da Villa de Penamacor, ſituada entre Caſtellobranco, e Monſanto, em a Provincia da Beira. Foy inſigne Filoſofo, e grande Medico, e como tal he numerado entre os mayores Profeſſores deſta Faculdade por Zacuto Lib. 1. de *Med. Princip. Hiſtor.* Hiſt. 84. Joan. Antonio Vander. Linden de *Scriptis Medicis.* D. Franc. Manoel na *Carta dos AA. Portug.* eſcrita ao Doutor Themudo, e Joan. Soar. de Brito *Theatr. Luſit. Litter.* litter. D. num. 22. Aprendeo Medicina na famoſa Univerſidade de Salamanca, onde teve por Meſtre ao celebre Doutor Joaõ Bravo, e tanto ſe adiantou a viveza do ſeu engenho neſta Faculdade, que naõ contando ainda 21. annos de idade, eſcreveo com novo methodo apartando-ſe das opinioens commuas, a ſeguinte Obra:

Tractatus de elementis, & rerum omnium mixtione. Conimbricæ, apud Emmanuelem Dias de Araujo. 1602. 4. Com eſte Tratado

Quæſtiones de loco ignis, & aeris temperatura.

Em o Cathalogo da Livraria de Guilherme Heukelon, e Jacobo Akersloot, que ſe vendeo na Haya em o anno de 1730. eſtava o Livro ſeguinte:

Heróe da Luſitania, compoſto pelo Bacharel Diogo Lopes. Na incerteza de que ſeja o Author deſta Obra o meſmo de que ſe fez a memoria precedente, ſempre como Portuguez o admitimos a eſta Bibliotheca.

P. DIOGO LOPES, natural da Villa de Beringel, diſtante duas legoas da Cidade de Beja, em a Provincia do Alentejo. Frequentando na idade de 17. annos, a primeira claſſe de Humanidades no Collegio da Companhia de JESUS de Lisboa foy admitido a eſte ſagrado Inſtituto em Evora a 4. de Abril de 1608. Depois de ſaber com perfeiçaõ as letras humanas, começou a enſinar as divinas, ſendo Lente de Prima de Theologia, e Eſcritura em a Univerſidade de Evora, onde foy muitos annos Cancellario. O ſeu grande zelo o levou por diverſas partes do Reyno, prégando apoſtolicamente, de que colheo copioſo fruto. Cheyo mais de merecimentos, que de annos, pois naõ excediaõ de 58. falleceo na Caſa Profeſſa de Saõ Roque a 10. de Agoſto de 1649, com 41. de Religiaõ. A *Bib. Societ.* p. 171. o intitula *Vir præſtantiſſimo ingenio.* Petr. Alv. de Aſtorga in *Milit. Immacul. Concept.* Franc. in *Annalib. S. J. in Luſit.* pag. 298. num. 14. na *Imag. da Virtud. do Noviciad. de Evor.* pag. 859. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. D. num. 21. Fonſec. *Evor. Glorioſ.* pag. 428. e Jacob Le Long *Bib. Sacr.* pag. mihi 833. col. 2. Compoz:

Harmonia Scripturæ Divinæ emodulans actiones laudabiles, vel vituperabiles virorum, ac fœminarum antiquo, aut novo relatas Teſtamento expoſitas ad mores à XXIV. Doctoribus per tonos alphabetico ordine diſpoſitos indicantes virorum, ac fœminarum nomina cum conceptibus, ſeu concentibus propriis authoris. Ulyſſipone apud Laurentium de Anveres. 1646. fol. & Pariſiis, apud Sebaſtianum Cramoyſi. 1646. fol. Na cenſura, que por ordem do Dezembargo do Paço fez a eſta Obra o inſigne Padre Antonio Vieira, Oraculo da Eloquencia Eccleſiaſtica, entre outros elogios que lhe faz, diz as ſeguintes palavras: *Si quæras altæ mentis profunditatem, habes Tertullianum, Philonem, Clementem Alexandrinum, Zenonem Veronenſem: ſi maturum cum ſubtilitate judicium, Auguſtinum, Ambroſium, Cyrillum, Gregorium Nyſſenum: ſi eloquentiæ Occeanum, Chryſoſtomum; ſi flumen Nilum; ſi majeſtatem ſententiarum, Leonem; ſi acumen, Chryſologum, Rupertum; ſi pietatem, Bernardum, Guerricum, Arnoldum; ſi moralia Magnum Gregorium; ſi allegorica, Anaſtaſium; ſi litteram, & perpetuum commentarium, Hieronymum, Hugonem, Carthuſianum, Abulenſem, Caietanum, Lyram. Et inter horum nobiliſſimas Doctorum voces ipſius Harmoniæ author identidem auditur, qui acutas ita premit ut ſuperare; & graves ita ſequitur, ut excedere videatur. Breviter clarus, acute ſolidus, maturé elegans.*

Sermaõ eſtando expoſto o Santiſſimo no fim de huma Novena, que os Religioſos da Companhia do Collegio de Evora fizeraõ na Igreja do dito Collegio, pelo felice ſucceſſo das armas delRey Noſſo Senhor, em 15. de Agoſto de 1643. Lisboa, por Domingos Lopes Roza. 1644. 4.

D. Fr. DIOGO LOPES DE ANDRADE. Naceo na Villa da Azambuja do Arcebiſpado de Lisboa a 28. de Dezembro de 1569. e naõ em Lisboa, como eſcreve Jorge Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 325. col. 2. letr. A. Com heroica reſoluçaõ deixou a patria onde ſe tinha inſtruido com os rudimentos da latinidade, e cultivado as flores da Rhetorica, e no Convento dos Eremitas Auguſtinianos da Cidade de Perpinhaõ, Capital do Condado de Ruiſelhon, recebeo o habito de taõ authoriſada Familia a 4. de Junho de 1590. quando contava a florente idade de 21. annos. A ſublimidade do engenho lhe fez comprehender taõ profundamente as ſciencias Eſcholaſticas, que com incrivel brevidade paſſou de diſcipulo a Meſtre, dictando Theologia em Lerida, com tal applauſo, que obrigou ao Illuſtriſſimo Arcebiſpo de Braga D. Fr. Agoſtinho de Caſtro, a que o convidaſſe para a ler neſta Auguſta Cidade, o que executou com igual fruto dos ouvintes, que gloria do ſeu magiſterio. Deixando ſegunda vez Portugal, fez o ſeu domicilio na Corte de Madrid, onde pelo largo

eſpaço de dezoito annos exercitou o miniſterio de Orador Evangelico, para o qual concorreo a natureza com tanta liberalidade, que mereceo alcançar as aclamaçoens do mayor Prégador do ſeu tempo, por cuja cauſa o nomeou da ſua Real Capella a Mageſtade de Filippe IV. Competiaõ nelle a profundidade do diſcurſo, com a elegancia da fraſe; a vehemencia dos affectos, com a viveza das acçoens; diſcriçaõ natural, e naõ affectada; intelligencia das Eſcrituras clara, e naõ confuſa; allegaçaõ dos Santos Padres copioſa, e naõ redundante. Todos eſtes dotes lhe conciliaraõ naõ ſómente os aplauſos dos ouvintes, que em numeroſos auditorios eſtavaõ pendentes da ſua voz Evangelica, mas de inſignes Eſcritores, que na poſteridade immortalizaraõ o ſeu nome, como foraõ Lope da Vega Carpio *Relac. delas Fieſt. de Madrid a Santo Iſidro no Prolog. Cuja doctrina, y eloquencia compiten en alabança de ſu divino ingenio fertil, abundante, y inexhauſto, y ſupo bien ſu luz, que puzo en ſu Paſtoral alos Predicadores S. Gregorio: Ut ipſi vivendo illuminent, quod ſuadere feſtinant; non loquendi authoritas perditur quin vox opere non adjuvatur.* Fr. Franciſco Henriques no *Prolog. do* 1. *Tom. das Oraçoens Paneg. Famoſo Luſitano eminente en todas letras, ſancto, y docto Predicador.* Lourenço Gracian. *Arte de Ingenio.* Diſc. 31, *Aquel que entre Predicadores mereciò la antonamaſia de ſubtil.* e Diſcurſ. 62. *El eſtilo del ſubtil Diego Lopes de Andrade Auguſtiniano es todo delicadeza và ſienpre concetuando como ſu P. S. Auguſtin.* e no Diſc. 52. *el primer ingenio delos ſiglos el ſutiliſſimo Padre Fr. Diego Lopes de Andrade.* Gil Gonzalves de Avila *Theatr. de Madrid* pag. 246. *Predicador inſigne.* Hypolit. Marrac. *Bib. Marian.* Tom. 1. pag. 325. *Vir certe virtutum omnium decore ſpectabilis, ac immortali memoria digniſſimus, cujus ingenium, eloquentiam, doctrinam, & ſacrarum litterarum peritiam opuſcula divulgata teſtantur.* Camargo *Chronolog. Sacr.* pag. 223. *Fue entre quantos hà havido profundiſſimo en el pulpito en quien concurrieron todas las partes eſſenciales de un Predicador Evangelico.* Petr. de Alva, y Aſtorga Milit. Concept. *ingens Luſitanorum gloria.* Herrera in *Alphab. Auguſtinian. Prædicatorum ſui temporis facile Princeps.* O Licenciado Luiz Muñòs *Vid. de D. Fr. Barthol. delos Martyr.* Liv. 2. cap. 10. pag. 225. *Admirò la gran Corte de Eſpaña por muchos años ſu doctrina, erudicion, ſubtileza, que nò admitio igualdades, como ni ſu eſtilo inimitable competencias. Igualò ſu virtud a ſu eloquencia, que fue tan aventajada, y grande, que ella como el Sol ſe acreditava con ſus luzes. Competian ſus coſtumbres con ſu ſabedoria ambos admirables: rayos eran ſus palabras encendidas en el fuego de ſu zelo alumbravan, abrazavan, movia, perſuadia vivamente. Diſcurria con felicidad en el eſpacioſo campo dela Sagrada Eſcritura con leccion profunda delos Santos. La accion de ſu movimiento amable, apacible, y nervoſa la pronunciacion, ſonoro el metal dela voz, maravilloſa la fuerça, y energia en las razones; jámas ſe le oyò una palabra diſſonante, ò menos grave.* Nicol. Anton. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 227. col. 2. *ingenioſus, & eloquens, ſi quis alius in concionandi opere; planeque omnium quos habere ad populum Sermones illa ætas vidit, facile Princeps.* Joan. Soares de Brito *Theatr. Luſit. Litter.* lit. D. num. 23. *diſſertiſſimus Eccleſiaſtes.* o P. D. Manoel Caet. de Souſ. *Cathal. dos Biſp. Portug.* pag. 130. *Principe dos Prégadores.* Ughello *Ital. Sacr.* Tom. 9. p. 66. col. 2. *Sui ævi concionatorum facile Princeps.* Atendendo a Mageſtade de Filippe IV. aos ſeus grandes merecimentos, illuſtrados pela profunda ſciencia, e religioſa obſervancia de que era ornado, o nomeou Biſpo de Otranto, no Reyno de Napoles, cuja acertada nomeaçaõ confirmou Urbano VIII. a 20. de Novembro de 1623. Naõ houve virtude Paſtoral que naõ exercitaſſe em beneficio das ſuas ovelhas, das quaes ſe apartou para receber o premio na eternidade a 22. de Agoſto de 1628. quando contava 58. annos 7. mezes, e 25. dias de idade, e 42. de Religiaõ. Sirva-lhe de honorifico epitafio, o ſeguinte epigramma, que à ſua memoria dedicou Fr. Nicephoro Sebaſto Mileſano, Eremita Auguſtiniano.

Mane Lupus Verbi rapuiſti hanc Didace prædam

Qua paſturus eras Veſpere largus oves.
Sic ad judicium vitiorum è face reverſus
Extremum ante diem, ut de tumulo uſque cies.
Si tu longævus ſueras Orbi haud opus eſſet
Seu voce Angelica, ſive monente tubâ.

Imprimio:

Primera parte delos Tratados ſobre los Evangelios dela Quareſma. Madrid, por la Viuda de Alonſo Martines de Balboa. 1615. 4. e Lisboa, por Jorge Rodrigues. 1616. 4.

Segunda Parte. Madrid, por la Viuda de Alonſo Martines. 1617. 4. e Liſboa, por Jorge Rodrigues. 1618. 4. e Pamplona, por Juan de Bonilla. 1620. 4.

Primera Parte delos Tratados ſobre los Evangelios, que dize la Igleſia en la feſtividad delos Santos. Pamplona, por Nicolas Aſſiain. 1620. 4. e Barcelona, por Eſtevan Liberos. 1622. 4. & ibi, por Sebaſtian Cormellas. 1622. 4. e Madrid, por Alonſo Martines. 1622.

Segunda Parte delos Tratados, &c. Pamplona, por Nicolao Aſſiain. 1621. 4. Barcelona, por Sebaſtian Cormellas. 1622. 4.

Sermones dela Concepcion Immaculada. Napoles, por Lazaro Scorrigio. 1649. 4.

Todos eſtes Diſcurſos Concionatorios ſahiraõ addicionados por Fr. Jeronymo de Andrade, Religioſo Carmelita, irmaõ do Author, em 3. Tomos de folha, e ſe imprimiraõ em Madrid, por Gregorio Rodrigues. 1656. No primeiro ſe comprehendem os Sermoens da Quareſma; no 2. os dos Santos, e no 3. os da Conceiçaõ Puriſſima da Senhora.

DIOGO LOPES CRASTO, natural de Lisboa, e hum dos celebres Advogados de cauſas Forenſes, que floreceraõ no ſeu tempo. A vaſta noticia, que tinha de hum, e outro Direito, e ſubtileza do juizo com que interpretava os Textos mais dificultoſos, e prompta facilidade com que allegava os Authores, de que era feliz depoſito a ſua memoria, o fizeraõ ſer buſcado das principaes peſſoas da Corte, procurando humas no ſeu conſelho a mais prudente direcçaõ, e alcançando outras com o ſeu patrocinio a vitoria nas cauſas mais controverſas. Foy caſado com D. Maria Marques, de quem naõ teve deſcendencia. Morreo na patria a 27. de Fevereiro de 1698. Jaz ſepultado no Convento de Santo Antonio dos Capuchos. Compoz:

Allegaçaõ de Direito, feita a favor do Prior, e mais Religioſos do Convento de Noſſa Senhora do Monte do Carmo de Lisboa, em a cauſa que pende por apellaçaõ no Tribunal da Legacia, e lhe moveraõ os Irmaõs da Veneravel Ordem Terceira, ſobre a ſagrada, e milagroſa Imagem de Noſſo Senhor JESU Chriſto. Liſboa, por Antonio Pedrozo Galraõ. 1697. fol. No ultimo paragrafo deſta Allegaçaõ diz: *Foy Sua Mageſtade ſervido permitirme a gloſſa do Livro 5. das Ordenações illuſtrada com as Deciſoens do Sennado.* Eſta Obra que tinha muito adiantada, e era muito douta, naõ lhe poz a ultima maõ impedido pela morte.

Nova Reforma judicial, para que as cauſas ſe acabem em breve, ſem que o Reo deixe de allegar, e deferir-ſe-lhe a tudo o que tiver em ſua defeza. M. S. fol.

Allegaçaõ de Direito ſobre a Caſa de Bobadella, a favor de Bernardim Freire. Eſtava prompta para a impreſſaõ.

DIOGO LOPES DA FRANCA, natural de Santarem, filho de Antonio Dias, e de Lucrecia Nunes, e irmaõ de Fr. Baſilio de Saõ Franciſco, Carmelita Deſcalço, de quem ſe fez mençaõ em ſeu lugar. Aſſiſtio muitos annos em Roma, onde poſſuio alguns beneficios rendoſos. Practicou todas as virtudes em gráo eminente, merecendo pela ſua inculpavel vida univerſal veneraçaõ. Morreo em Roma a 25. de Março de 1649. e foy ſepultado na Igreja de Santo Antonio dos Portuguezes, e ſobre a campa ſe lhe gravou eſte epitafio.

D. O. M.

Hic jacet Didacus Lopes da Franca, Præsbiter Ulyſſiponenſis Diœceſis Luſitanus ſibi, & ſuis poſuit. Obiit die 25. Martii 1649.

Publicou na lingua Italiana:

Guida de perfettione, e ſpechio dell'anima. Roma, por Andrea Feo. 1628. 16.

Dedicada à Excellentiſſima Senhora D. Conſtancia Magalloti Barberina. Neſte Tratado moſtra hum caminho facil para ter Oraçaõ mental, e exercitar as virtudes Chriſtãas.

DIOGO LOPES DE LEAM, natural da Villa de Alter do Chaõ, ſituada entre Villa-viçoſa, e Portalegre, em a Provincia do Alentejo. Foy dos inſignes Poetas do ſeu tempo, e como a tal o louva Jacinto Cordeir. *Elog. dos Poet. Portug.* Outav. 65.

Y a Diego Lopes Leon honrar podria
El miſmo Apolo, que el laurel reparte
Quando con tanto ingenio admira el arte.

Publicou:

Fabula de Alfeo, e Arethuſa. Dedicada a D. Claudio Pimentel, filho dos Condes de Benavente, Reitor da Univerſidade de Salamanca, onde ſahio impreſſa.

Decimas à morte de D. Maria de Attayde. Saõ 10. e ſahiraõ impreſſas nas *Memor. Funeb.* deſta Senhora. Lisboa, na Officina Craesbeckiana. 1650. 4.

DIOGO LOPES DE LISBOA, E LEAM, natural de Lisboa, donde paſſou às Indias Occidentaes, e na Cidade de Lima fez o ſeu domicilio na qual caſou, e teve por filhos a Antonio de Leaõ Pinello, Relator do Conſelho de Indias, de quem fizemos já larga memoria. Joaõ Rodrigues de Leaõ, Conego da Cathedral de Lima, e a Diogo de Leaõ Pinello, Lente de Prima da Faculdade de Leys em a Univerſidade de Lima, do qual ſe fez proxima mençaõ. Como foſſe muito verſado na Sagrada Theologia, e practicaſſe as virtudes proprias do Eſtado Eccleſiaſtico, ao qual paſſou depois de ſe ver livre do vinculo do matrimonio, o eſtimou muito o Illuſtriſſimo Arcebiſpo de Lima D. Fernando Arias Ugarte, de quem naõ ſómente foy ſeu Confeſſor, e Eſmoler, mas em agradecimento à memoria deſte Prelado, eſcreveo:

Vida del Iluſtriſſimo Doctor D. Fernando Arias Ugarte, Auditor General, que fue dela guerra de Aragon, Oydor delas Chancillarias de Panamá, Plata, Lima: Corregidor do Potoſi, Governador de Guancavelia, Viſitador del Tribunal dela Santa Cruzada, electo Obiſpo de Panamà, Obiſpo de Quito, Arçobiſpo dela Plata, Arçobiſpo que muriò dela inſigne Metropoli delos Reys. Lima, por Pedro de Cabrera. 1633. Fazem memoria da Obra, e do Author, Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 228. col. 1. e o moderno Addicionador da *Bib. Occid.* de Antonio de Leaõ. Tom. 2. tit. 23. col. 853.

DIOGO LOPES REBELLO, Capellaõ, e Meſtre do Sereniſſimo Rey D. Manoel, a quem na puericia inſtruio com os primeiros rudimentos, e depois em a idade mais adulta com os preceitos grammaticaes. Por ordem deſte Principe foy eſtudar as ſciencias Eſcholaſticas em a famoſa Univerſidade de Pariz, onde depois de aſſiſtir nella pelo eſpaço de dez annos, recebeo o gráo de Meſtre em Artes, e de Bacharel na Sagrada Theologia, ſendo naõ ſómente inſigne Letrado neſtas Faculdades, mas em a intelligencia da Sagrada Eſcritura, e nas maximas da Politica, regulada pelos dictames do Evangelho, de que ſaõ teſtemunhas as Obras ſeguintes:

Tractatus, qui dicitur Fructus Sacramenti Pœnitentiæ. No fim tem eſtas palavras: *Explicit Tractatus intitulatus Fructus Sacramenti Pœnitentiæ editus, & compilatus per doctiſſimum Virum Magiſtrum Jacobum Lupi Rebello in artibus Magiſtrum, & Sacræ Theologiæ Bachalarium benemeritum in quo continentur propoſitiones perutiles ad mentem Scoti, & aliorum Sacrorum Doctorum de iſta materia loquentium.* Pariſiis, apud Georgium Mittel. 1495. 8. & ibi, per Magiſtrum Guidonem Mercatorem in Campo Gaillardo anno Domini 1498. die 18. Decembris.

De Aſſertionibus Catholicis Apoſtoli Pauli. Pariſiis. 1497. 8. Dedicado a D. Fernando de Almeida, Biſpo de Ceuta. Começa a Dedicatoria: *Quamquam omnes artes, digniſſime Præſul.* Conſta eſta Obra de ſeſſenta Concluſoens, extrahidas de Saõ Paulo. He a primeira: *Nemo poteſt ſibi arrogare dignitatem Eccleſiaſticam, niſi ſit legitime ad illam electus, & vocatus.*

Liber de Republica magna doctrina, & eru-

ditione refertus neceſſarius cuilibet homini volenti virtute uti, in qua graves ſententiæ, nec non præclariſſima dicta à viſceribus moralis Philoſophiæ deprompta pleniſſime digeſta ſunt. 4. grande. Naõ tem anno da impreſſaõ, nem lugar. Foy dedicado a ElRey D. Manoel, em cuja Obra, aſſim como inſtruio a eſte Principe na adoleſcencia com os preceitos da Grammatica, intenta doutrinallo depois de ter cingido a Coroa, com os preceitos politicos. Começa a Dedicatoria: *Cogitanti mihi inviĉtiſſime Princeps,* &c.

DIOGO LOPES DE SAM TIAGO, natural do Porto, e Meſtre de Gramatica em Pernambuco, onde eſcreveo com eſtilo ſincero:

Hiſtoria da Guerra de Pernambuco, e feitos memoraveis do Meſtre de Campo Joaõ Fernandes Vieira, Heróe digno de eterna memoria, primeiro aclamador da guerra. Contém cinco Livros, em que comprehende a guerra dos Portuguezes, com os Holandezes naquelle Eſtado, deſde o anno 1630. até a celebre Vitoria dos Montes Gararapes, alcançada a 17. de Fevereiro de 1649. poſto que ſe dilate em contar brevemente alguns ſucceſſos da meſma guerra até o anno de 1635. Começa o 1. cap. do Liv. 1. *Como quer que a memoria dos homens he fragil, e de pouca dura,* &c. Acaba o 9. e ultimo capitulo do 5. Livro: *Por haver chegado a eſte deſejado termino com a Chronica.*

DIOGO LOPES DE SOUSA, ſegundo Conde de Miranda, Senhor de Podentes, Folgozinho, Oliveira de Bairro, Julgado de Vouga, Avellans, Caminha, e Germello, Alcaide mòr de Arronches, Commendador de Santa MARIA de Villa-nova de Alvito, na Ordem de Chriſto, naceo em Lisboa a 17. de Julho de 1582. Foy filho de Henrique de Souſa, primeiro Conde de Miranda, Conſelheiro de Eſtado, Governador da Relaçaõ do Porto, Commendador de Alvalade na Ordem de Chriſto, e de D. Mecia de Vilhena, filha herdeira de Fernaõ da Sylva Commendador de Alpalhaõ, e Capitaõ da Torre de Belem. Educou-ſe na Cidade do Porto com aquella diſciplina neceſſaria ao caracter da ſua peſſoa, donde paſſou a Madrid em companhia de ſeu Pay a tempo, que neſta Corte aſſiſtia Filippe III. e como deſejaſſe imitar o eſpirito militar de ſeus Avòs, elegeo para Theatro das ſuas operaçoens marciaes em o anno de 1606. a Flandes, em cujas Campanhas debaixo da conducta do inſigne Heròe o Marquez Ambroſio Spinola, Meſtre de Campo General daquelles Eſtados, obrou juntamente com ſeu irmaõ Manoel de Souſa, acçoens memoraveis, nas celebres expugnaçoens das Praças de Grol, huma das mais fortes da Provincia de Gueldres, e a de Rhimberg, ſituada à parte eſquerda do Rhim. Reſtituido a Madrid, e à companhia de ſeu Pay, voltou com elle para a Patria, e deixando aquelle todos os miniſterios politicos que exercitava, foy nomeado por ElRey em o anno de 1613. Governador do Porto, em cujo authoriſado lugar naõ ſómente emendou muitos abuſos fatalmente introduzidos na auſencia de ſeu Pay, mas edificou a Caſa da Relaçaõ do Porto, merecendo por taõ inſigne Obra a gratificaçaõ Real, expreſſada em huma carta de 26. de Junho de 1613. Aſſiſtio nas Cortes, celebradas no anno de 1619. em que foy jurado Succeſſor deſta Coroa Filippe IV. e nellas ſe lhe deo o titulo de Conde ainda vivendo ſeu Pay. Acabada eſta mageſtoſa funçaõ voltou ao Porto, continuar no exercicio do governo deſta Cidade, agora novamente augmentado com o das Armas, em que moſtrou tinha igual talento para os miniſterios politicos, que militares. A mayor actividade, que manifeſtou o ſeu grande eſpirito em obſequio da Patria, foy apreſtar no breve eſpaço de ſeis mezes onze náos petrechadas de tudo quanto era preciſo para a recuperaçaõ da Bahia conquiſtada pelos Olandezes a 30. de Mayo de 1624. donde foraõ glorioſamente expulſos pelas noſſas vitorioſas armas a 30. de Abril de 1625. Informado Filippe IV. com repetidas experiencias do zelo, prudencia, e authoridade da ſua peſſoa o nomeou em o anno de 1632. com unica, e nova eleiçaõ Preſidente do Conſelho da Fazenda, *empleo* (como elegantemente eſcreveo o diſcreto Panegyriſta da grande Caſa de Souſa Manoel de Souſa Moreira, no *Theatr. Genea-*

log. pag. 820.) *tan ſin exemplo, que ni antes, ni deſpues le ocupò ja mas ninguno de tantos, y tan grandes Cavalleros, que deſde ſu erecion le exercieron en Portugal ſino con el nombre de Veadores dela Hazienda.* Para deſempenhar as obrigaçoens de lugar taõ grande, que ſempre fora adminiſtrado por tres Fidalgos da primeira Jerarchia, deixou por ſubſtituto do Governo do Porto, a ſeu irmaõ Manoel de Souſa, e paſſando a Lisboa moſtrou que naõ ſómente igualava, mas excedia o diſvelo do Triumvirato, que lhe precedera na prompta expediçaõ de tantas armadas, aſſim para defenſa dos noſſos portos, como para ruina total dos inimigos deſta Coroa. Receoſo Filippe IV. de que Portugal oprimido com innumeraveis extorſoens executadas pelos Miniſtros Caſtelhanos ſacudiſſe jugo taõ pezado, de que eraõ fataes anuncios os tumultos de Evora valendo-ſe do aparente pretexto das ſublevaçoens de Catalunha convocou a Madrid as principaes peſſoas de huma, e outra Jerarchia, que tinha eſte Reyno, entre as quaes foy chamado Diogo Lopes de Souſa, por huma carta eſcrita por ElRey a 19. de Abril de 1638. o qual tanto que chegou aquella Corte lhe deraõ por conferente ao Conde de Caſtrilho Preſidente de Indias, e do Conſelho de Eſtado, ſervindo-lhe a propria caſa de tribunal onde juſtificou a ſua innocencia. Ao tempo que retumbavaõ em Madrid os glorioſos ecos da feliz acclamaçaõ do Reſtaurador da Coroa Portugueza, ſuccedida no 1. de Dezembro de 1640. cheyo de hum extraordinario jubilo por ver a ſua patria libertada do dominio Caſtelhano, partio a receber na celeſtial o premio das ſuas heroicas acçoens a 27. de Dezembro de 1640. quando contava 59. annos de idade. Foy depoſitado o ſeu cadaver no Convento de Santo Ildefonſo de Trinas Deſcalças, Padroado da Caſa de Miranda, inſtituido por ſua Prima com irmãa D. Maria de Vilhena Marqueza de Laguna. Deſte religioſo depoſito foy transferido em Junho de 1646. ao Convento de Santa Catharina de Religioſos Arrabidos, até que por deligencia de ſeu digniſſimo filho o Eminentiſſimo Cardial D. Luiz de Souſa, Capellaõ mór, e Arcebiſpo de Lisboa, foy trasladado a 24. de Mayo de 1691. para a Capella de Saõ Miguel do Real Moſteiro da Batalha, onde deſcanſaõ as ſuas cinzas em hum ſoberbo Mauſoleo, compoſto de precioſos marmores com eſte elegante epitafio:

X. R. P. M.
H. S. E.

Didacus Lopes de Souſa Mirandenſis Comes, Regi à Sanctioribus conſiliis, univerſo Fiſco per Triumviros olim, & nunc adminiſtrato unicus Præfectus: Urbis Portucalenſis armatus, togatuſque Moderator: Atavis editus Regibus: magnis (ſi fas eſt dicere) Maioribus major: ſibique ſoli par. In ſuperos religione, in Regem fide, in Patriam charitate, in omnes profuſa, vel comitate vel beneficentia; viventem nulla non virtus ſecuta; nulla pro meritis honores, nec laudes ullæ conſequentur. Emortui cineres inter Regios merito quieſcentes, & gloriam adhuc ſpirantes immortalem expectant, opera filii Archipræſulis Ulyſſiponenſis Regiique Sacrifici Maximi Parentis Optimi memoris huc traducti è Mantua Carpentanorum ubi deceſſit ann. LIX. ſalutis M. DC. XL.

Foy caſado com D. Leonor de Mendoça, filha de Joaõ Rodrigues de Sá, e Menezes, primeiro Conde de Penaguiaõ, Camareiro mòr, Alcaide mòr da Cidade do Porto, e de D. Iſabel de Mendoça, filha de D. Joaõ de Almeida, Senhor do Sardoal, e Alcaide mòr de Abrantes, de quem teve a Henrique de Souſa Tavares, terceiro Conde de Miranda, e primeiro Marquez de Arronches; a Luiz de Souſa, de que acima ſe fez mençaõ, e ſe fará mayor em ſeu lugar. D. Iſabel de Mendoça, que viveo menos de hum anno, e a D. Maria de Mendoça, que caſou com D. Manoel da Camara, primeiro Conde da Ribeira Grande, de quem teve numeroſa deſcendencia. Foy muito diſcreto, e elegante na fraze; muito erudito na Hiſtoria, aſſim Sagrada, como profana; muito verſado no eſtudo da Genealogia, de cujas partes deixou por argumentos:

Repoſta ao Illuſtriſſimo, e Reverendiſſimo Senhor D. Rodrigo de Acunha Biſpo do Porto, do Conſelho de Sua Mageſtade. Porto, por Joaõ Rodrigues. 1623. fol. Eſtá no principio do Cathalogo dos Biſpos do Porto, que eſte Prelado compoz,

e lhe dedicou. Deſta Obra faz elegante memoria Manoel de Souſa Moreira *Theatr. Geneal. da Caſ. de Souſ.* pag. 823.

Familias do Reyno de Portugal. fol. M. S.

Cartas ſobre pontos Genealogicos, as quaes affirma o P. D. Antonio Caet. de Souſ. no *Apparat. á Hiſt. Geneal. da Caſa Real Portug.* pag. 83. §. 69. ter viſto, e que no Author concorreraõ talento, prudencia, e outras virtudes, em que ſobre o ſeu illuſtre nacimento adquirio reputaçaõ. Delle ſe lembraõ com honorifica memoria D. Franc. Manoel *Cart. dos AA. Portug.* e Joaõ Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litterat.* lit. D. n. 24.

DIOGO LOPES DE ULHOA, E ROBOREDO, natural de Lisboa, onde aprendeo as letras humanas, e lingoa Latina no Collegio dos Padres Jeſuitas. Depois de receber as inſignias doutoraes na Faculdade de Direito Ceſareo em a Univerſidade de Coimbra, buſcando mayor theatro para o ſeu engenho, que era igualmente ſubtil, e profundo, paſſou à Univerſidade de Piza, na qual naõ ſómente foy Lente de Veſpera de Leys, mas Cavalleiro da Ordem de Santo Eſtevaõ. Imprimio:

Florentina Hypoteca. Juridicum Conſultum in favorem Reverendiſſimi D. Anſani Marcheti inſignis Collegiatæ S. Andreæ Emporii Archipræsbiteri, & Reverendarum Monialium D. Hieronymi Florentiæ, & S. Crucis Emporii adverſus Illuſtriſſimum D. Rodulphum de Oſardis è Comitibus Vernii. Lucæ, per Hyacinthum Pacium. 1680. fol.

Diſſertationes in Materiam de Legatis cum Relectione ad Tx. in L. poſt mortem 12. *Cod. de Fidei comiſſis.* Florentiæ, 1682. fol. Promete no Prologo deſta Obra publicar a *Materia de Verborum obligationibus.* Tem no principio a Oraçaõ latina, que recitou na occaſiaõ que tomou poſſe da Cadeira de Veſpera na Univerſidade de Piſa.

DIOGO LUIZ DE LIMA, celebre Advogado de cauſas Forenſes na Corte de Madrid, e dos grandes Juriſconſultos do ſeu tempo, como moſtrou na Obra ſeguinte:

Additiones, ſeu Illuſtrationes aureæ ad doctiſſimi Ludovici de Molina de Hiſpaniarum Primogeniis celebrem Tractatum. Lugduni, ſumptibus Jacobi Proſt. 1634. fol.

DIOGO MANOEL AIRES DE AZEVEDO. Veja-ſe o P. MANOEL TAVARES da Congregaçaõ do Oratorio.

DIOGO MANOEL DE ORTA. Aprendeo na Cidade de Lisboa ſua patria as ſciencias amenas, e na de Coimbra as ſeveras, como foraõ Filoſofia, e Direito Civil, em que ſahio muito douto, merecendo alcançar grande nome pelo patrocinio das cauſas mais graves, que ſe altercavaõ em o Foro Eccleſiaſtico, e ſecular. Para deixar hum claro teſtemunho da ſua ſciencia Juridica, publicou no anno de 1639.

Allegaçaõ de Direito por D. Carlos de Noronha, e D. Anna de Menezes ſua mulher, ſobre a ſucceſſaõ da Caſa, e Eſtado de Villa-real, e morgados, que vagaraõ por falecimento do Duque de Caminha Marquez de Villa-real D. Miguel de Menezes, Pay da dita D. Anna de Menezes. fol. Naõ tem anno nem lugar da impreſſaõ. Conſta de 467. §.

Fr. DIOGO DE SANTA MARIA, Religioſo profeſſo da Ordem dos Eremitas de Santo Agoſtinho, da Congregaçaõ da India Oriental, onde exercitou em beneficio de muitos enfermos a arte de Medicina, em que era perito, deixando eſcritos:

Tratados varios de Medicina. M. S.

DIOGO MARQUES SALGUEIRO, Freyre da Ordem Militar de Saõ Tiago, Prior da Igreja Matriz da Villa de Mertola, e Capellaõ no Real Convento das Commendadeiras de Santos deſta Corte, de quem fazem memoria Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 2. pag. 320. Maragoni *Theſaur. Paroch.* pag. 226. e o novo Addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ Tom. 1. tit. 8. col. 158. Compoz:

Relaçaõ das Feſtas, que a Sagrada

Religiaõ da Companhia de JESUS fez, em a Cidade de Lisboa na Beatificaçaõ de Saõ Franciſco Xavier Padroeiro da Companhia, e primeiro Apoſtolo dos Reynos do Japaõ, em Dezembro de 1620. Lisboa, por Joaõ Rodrigues. 1621. 8.

DIOGO MARTINS DA VEIGA, natural de Braga, e muito douto aſſim nas obſervaçoens da Aſtrologia, como na liçaõ da Hiſtoria Sagrada, e profana, publicando:

Juizo Aſtrologico Prognoſtico, e Lunario para o anno de 1604. *tirado ao Meridiano de Lisboa.* Lisboa, por Pedro Craesbeeck. 8.

Lunario para o anno de 1605. *com hum ſummario breve no cabo dos Reys mais poderoſos, que hoje ha no mundo.* Lisboa, pelo dito Impreſſor. 8.

Juizo Aſtrologico, &c. para o anno de 1606. *calculado ao Meridiano da Cidade de Braga, com huma relaçaõ breve no cabo das grandezas de Lisboa, e dos Biſpos, e Senhores de Titulo deſte Reyno de Portugal, e ſuas Conquiſtas.* Lisboa, pelo dito Impreſſor. 1606. 8.

Prognoſtico, e Lunario do anno de 1607. *calculado ao Meridiano da muy antigua, e auguſta Cidade de Braga, e no cabo huma liſta dos Officiaes da Caſa Real de Portugal, e quem os tem, e outras curioſidades.* Lisboa, pelo dito Impreſſor. 1607. 8.

Prognoſtico, e Lunario do anno de 1608. *calculado ao Meridiano da Cidade de Lisboa, com hum ſummario das grandezas, e couſas notaveis da Comarca de Entre Douro, e Minho, com outras curioſidades tocantes a eſte Reyno.* Lisboa, pelo dito Impreſſor. 1608. 8.

P. DIOGO DE MATOS. Naceo na Quinta chamada Saõ Joaõ da Ribeira freguesia de Barcouços, em o termo da Cidade de Coimbra, e em o Noviciado da Companhia de JESUS deſta Cidade, quando contava 16. annos de idade recebeo a Roupeta a 16. de Fevereiro de 1602. Inflamado com o zelo da propagaçaõ do Evangelho ſe embarcou com faculdade dos Superiores para a India, em o anno de 1607. onde depois de eſtudar as ſciencias neceſſarias para a inſtrucçaõ da gentilidade, paſſou à Etiopia em 1619. e nella foy hum *dos mais inſignes operarios, que teve aquella Miſſaõ,* como eſcreve o P. Balthezar Telles *Hiſt. da Etiop. Alt.* Apend. prim. §. 5. pag. 680. padecendo intoleraveis moleſtias procedidas da fome, ſede, frio, e calor exceſſivos. Pela ſua natural benevolencia era muito aceito ao Emperador Sultaõ Segued, a quem acompanhava em todas as campanhas, ſuccedendo muitas vezes controverteremſe na ſua preſença algumas materias pertencentes à Religiaõ Catholica moſtrando com tal evidencia a ſolida verdade dos ſeus principios contra os ſciſmaticos erros de Alexandria, que muitos dos ſeus ſequazes abjuravaõ taõ falſa crença, e abraçavaõ a Ley Evangelica. Por morte do Emperador lhe ſuccedeo ſeu filho herdeiro da Coroa, e naõ do affecto para com o Padre, mandando com barbara precipitaçaõ, que foſſe expulſo da Corte juntamente com o Patriarcha Affonſo Mendes, donde ſendo levado a Suaquem foy recluſo em hum carcere taõ eſtreito, pelo eſpaço de hum anno, que deſpojando-o da pelle o reduzio a hum eſpectaculo horroroſo. Depois de ter tolerado heroicamente tantas tribulaçoens em obſequio da Religiaõ, ſe retirou para Goa, onde tendo ſido Reytor do Collegio de Salſete, Meſtre dos Noviços, Companheiro do Provincial, e Reytor do Collegio de Saõ Paulo, acabou a carreira de vida mortal, para começar a eterna em 4. de Junho de 1633. com 49. annos de idade, e 31. de Companhia. Delle ſe lembraõ Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 528. e no Comment. de 4. de Junho letr. F. Franco *Ann. Glor. S. J. in Luſit.* p. 313. e o moderno Addicionador da *Bib. Orient.* de Anton. de Leaõ Tom. 1. Tit. 2. col. 435. Eſcreveo:

Copia de una Carta eſcrita al P. General dela Compañia de JESUS, en que dà cuenta a ſu Paternidad del eſtado dela converſion ala verdadera Religion Chriſtiana Catholica Romana del gran Imperio dela Etiopia, cuyo Emperador es el Preſte Juan, eſcrita en la Ciudad de Fremona ſu fecha en 20. *de Junio de* 1621. Madrid, por Luiz Sanches. 1624. fol.

Copia de huma Carta em que dá conta dos ſucceſſos da jornada do Emperador da Etiopia contra os villoens de Laſtà. Impreſſa na *Hiſt. da Etiopia Alt.* do P. Telles Liv. 4. cap. 26. p. 475.

Fr. DIOGO DE MELLO, cujo nome lhe foy impoſto em obſequio de ſeu Avo paterno Diogo de Mello, Meſtre ſala da Emperatriz D. Iſabel, filha do Sereniſſimo Rey D. Manoel, e eſpoſa do Emperador Carlos V. naceo na Villa de Serpa da Provincia Tranſtagana, e teve por Pays a Pedro de Mello, e a D. Luiza Pereira, e por irmaõs a D. Martinho Afonſo de Mello, e a D. Jorge de Mello, o primeiro, Biſpo de Lamego, e o ſegundo de Miranda, e Coimbra. A tam qualificado nacimento correſpondeo a boa indole com que aprendeo as primeiras letras, que cultivou mais vigilantemente em a Religiaõ Carmelitana, recebendo o Habito no Convento de Lisboa a 17. de Setembro de 1563. onde depois de dictar Filoſofia paſſou ao Collegio de Coimbra, e nelle leo Theologia com applauſo de toda a Univerſidade. Foy muito douto na Theologia Moral, na qual era conſultado frequentemente por peſſoas da mayor graduaçaõ ſeguindo ſempre o ſeu voto como fundado na mais ſolida doutrina. Tendo ſido eleito no anno de 1595. primeiro Socio para o Capitulo Geral, e Vigario do Provincial Fr. Thomé de Faria, que depois foy Biſpo de Targa, foy Prior do Convento de Lisboa, cujo governo acabou no Capitulo celebrado em Evora a 10. de Agoſto de 1602. Ao tempo que era hoſpede de ſeu irmaõ D. Jorge de Mello, Prior mòr do Convento de Palmella, lhe ſobreveyo a enfermidade, que o privou da vida a 9. de Outubro de 1609. e foy ſepultado no meſmo Convento. Fazem delle mençaõ Carvalho *Corog. Portug.* Tom. 3. Liv. 2. Trat. 8. cap. 47. Fr. Luiz de Mertol. *Vid. do Ven. Fr. Eſtevaõ da Purif.* cap. 3. pag. 22. num. 10. e mais difuſamente Fr. Manoel de Sá *Mem. Hiſt. dos Eſcrit. Portug. da Ord. do Carm.* cap. 19. n. 142. até 146. Imprimio:

Sermaõ do Santiſſimo Sacramento pregado no Convento do Carmo de Lisboa. Lisboa, por Pedro Craesbeeck. 1607. 4.

DIOGO DE MELLO PEREIRA, Prior da Igreja de Noſſa Senhora da Aſſumpçaõ Matriz da Villa de Tentugal, diſtante duas legoas da Cidade de Coimbra para o Poente, e Meſtre de D. Franciſco de Mello, ſegundo Marquez de Ferreira, e de ſeu irmaõ D. Rodrigo de Mello. Foy muito verſado na lingua Latina, Rhetorica, Humanidades, Theologia Eſcholaſtica, e Moral, e principalmente inſigne Genealogiſta, eſcrevendo:

Nobiliario de Portugal.

O qual ſe imprimio até folhas 80. como vimos em hum exemplar, que conſerva em a ſua Livraria da Hiſtoria de Portugal meu irmaõ D. Jozé Barboſa, e principia pelo Capit. 1. que tem por titulo: *Donde ſe derivou, e naceo eſte nome de Portugal?* Comprehendia o que eſtava impreſſo as Genealogias da Caſa Real, da Sereniſſima de Bragança, Marquezes de Ferreira, Condes do Vimioſo, Duques de Aveiro, &c. *mas por juſtos reſpeitos* (como eſcreve Manoel Severim de Faria *Not. de Portug.* Diſc. 3.) *e defeitos, que tinha na compoſiçaõ foy mandado tirar da imprenſa.* Falleceo depois do anno de 1606. como affirma o P. D. Ant. Caet. de Souſ. no *Apparat. à Hiſt. Geneal. da Caſ. Real Portug.* pag. 43. §. 22.

DIOGO DE MELLO DE SAMPAYO, Moço fidalgo da Caſa Real, Cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto, filho de Luiz de Mello de Sampayo, que morreo alentadamente no anno de 1639. ſendo General no cerco, que a Damaõ tinha poſto o Graõ Mogor, e de D. Urſula de Mello, filha de Duarte de Mello Pereira, Capitaõ da Fortaleza de Dio, e de D. Cecilia de Brito. Havendo ſervido em obſequio do Eſtado da India, com grande diſtinçaõ, aſſim na terra, como no mar, recebeo huma ferida no ſitio de Damaõ de que ficou lezo. Depois de ſer nomeado pelo Vice-Rey Joaõ da Sylva Tello, Capitaõ de hum navio, partio para Portugal em o anno de 1642. e logo, que beijou a maõ ao Sereniſſimo Rey D. Joaõ o IV. para manifeſto argumento da ſua fidelidade, paſſou com quatro ſoldados pagos à ſua cuſta à Fronteira do Alentejo, onde depois de obrar acçoens dig-

nas do ſeu nacimento, foy eleito em remuneraçaõ dellas, Capitaõ das Fortalezas de Sofala, e Moçambique. A grave prudencia de que era ornado, moveo aos moradores de Baçaim, para que ao tempo que chegou por Vice-Rey do Eſtado o Conde de Sarzedas, o elegeſſem para tratar os negocios mais importantes daquella Cidade. Conhecendo o Vice-Rey o ſeu talento politico naõ conſentio, que partiſſe com quinze ſoldados ao ſoccorro de Ceilaõ, para cuja expediçaõ voluntariamente ſe offereceo, querendo antes valerſe do ſeu Conſelho, que do ſeu valor. Por ſer culpado na morte de Joaõ Alvares Carrilho, Ouvidor Geral nas partes do Sul, que injuſtamente lhe ſequeſtrara as ſuas Aldeyas, ſe paſſou com ſeu irmaõ Franciſco de Mello de Sampayo, Capitaõ da Fortaleza de Baçaim ao Mogor, onde foraõ recebidos benevolamente por Auraugazeb, intitulado Emperador deſte Imperio, por ter a ſeu Pay prezo, e os nomeou Umbràos, titulo de grande honra naquella Corte, e ſendo mandado Diogo de Mello a tratar com o Sevàgy negocios de grande importancia, foy cauſa de que as terras do noſſo Principe naõ foſſem tributarias ao Graõ Mogor, e que naõ moveſſe guerra nas terras de Baçaim, em tempo que era muito prejudicial, por eſtarem invadidas das armas Olandezas. Tendo triunfado dos inimigos eſtranhos, e domeſticos, nos quaes teve mais que vencer, ſe retirou a Baçaim, donde foy chamado por huma carta muito honorifica do Vice-Rey Joaõ Nunes da Cunha, Conde de S. Vicente, e chegando à ſua preſença depois de o receber com benevolas expreſſoens o nomeou Embaxador ao Graõ Mogor, de cuja expediçaõ ſe eximio por ſer infructuoſa aos intereſſes do Eſtado. Querendo deſcanſar dos exercicios militares em que tinha conſumido a mayor parte da vida, ſe retirou para a Aldeya de Siam ſituada na Ilha de Bombaim, onde depoſta a eſpada pegou da penna, eſcrevendo a Obra ſeguinte, que dedicou em 10. de Novembro de 1682. a Jozé de Mello de Caſtro, Cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto, filho do Vice-Rey da India Antonio de Mello de Caſtro, para que a offereceſſe ao Principe Regente o Sereniſſimo D. Pedro, a qual intitulou:

Frutifico Poema. Conſta de 29. Cantos, que comprehendem 1826. Oitavas. 4. *M. S.* He o ſeu argumento os Frutos, que ſe colhiaõ da Arvore da Cruz de Chriſto. O Author confeſſa na prefaçam deſta Obra, que a compuzera em diverſas terras, aſſim de Chriſtaõs, como de infieis. Moſtra ſer muito verſado na Sagrada Eſcritura, e Santos Padres, pelas allegaçoens que tras á margem, e tambem na Hiſtoria Sagrada, e Profana. Começa a 1. Oitava do 1. Canto.

Dos frutos doces da arvore amargoſa
Do fruto bento da arvore bendita
Dos frutos ſuaves d'arvore penoſa
(*Antes tida por vil, e por maldita*)
E agora por triunfante, e vitorioſa
Declarando eſte prologo recita
Brevemente os proveitos, e as doçuras
Das ſuas contempladas amarguras.

No fim tem huma larga Apologia eſcrita em proza, em que largamente relata as grandes perſeguiçoens, e notaveis perdas que tolerou de alguns Fidalgos, que viviaõ no Oriente, e moſtra a ſua innocencia injuſtamente perſeguida. Acaba com algumas Gloſſas, e Cançoens, que alludem a algumas clauſulas deſta Apologia. Tudo *M. S.* cujo original tivemos em noſſo poder.

DIOGO MENDES. Poeta inſigne do ſeu tempo, de cuja Arte ſe lém no *Cancioneiro do P. Pedro Ribeiro,* feito em o anno de 1577. e ſe conſervava *M. S.* na Biblioth. do Cardial de Souſa, quatro Sonetos, os quaes principiavaõ: *Eſtava o bravo mar aſſoſegado.* Outro. *Eurotas foy de muitos celebrado.* Outro. *Dum penſamento grave combatido.* Outro. *Febo ao ſom da voſſa agua Caballina.*

DIOGO MENDES QUINTELLA, Presbytero, e Licenciado na faculdade dos Sagrados Canones. Cultivou deſde os primeiros annos a Poezia, na qual a piedade dos affectos excedia a elegancia das vozes, publicando:

Converſaõ, e lagrimas da glorioſa Santa Maria Magdalena, e outras Obras eſpirituaes. Dirigidas ao Illuſtriſſimo, e Reverendiſſimo Senhor D. Miguel

de Caſtro, Metropolitano Arcebiſpo de Lisboa. Lisboa, por Vicente Alvares. 1615. 4. O Poema conſta de 7. Cantos, e as Obras eſpirituaes de Sonetos, Cançoens, e Elegias.

DIOGO MENDES DE VASCONCELLOS. Naceo na Villa de Alter do Chaõ na Provincia do Alentejo, em o primeiro de Mayo de 1523. como elle elegantemente eſcreveo em hum dos ſeus Poemas:

Antiqui retinens veſtigia nominis Alter
Dicitur, atque ſuo dictum quoque nomine, cernit
Non procul oppidulum ſaxoſi in vertice montis.
Hæc domus, hæc patria eſt, hæc incunabula noſtra
Hoc natale ſolum, prima hic exordia vitæ.

Teve por Pays a Gonçalo Mendes de Vaſconcellos, ornado de ſumma piedade para com Deos, e de heroico valor contra os inimigos do nome Portuguez em as campanhas de Aſia, e Africa; e a D. Beatriz Pinheira, irmãa de D. Gonçalo Pinheiro Biſpo de Viſeu, que o educou com grande vigilancia até o anno de 1537. em o qual ſendo mandado eſte Prelado por ElRey D. Joaõ o III. com o caracter de Embaxador a França, para decidir humas controverſias, que ſe tinhaõ altercado entre a noſſa Naçaõ, e a Franceza, e como ſe demoraſſe na Cidade de Bayona por cauſa deſta negociaçaõ, mais do que eſperava, ordenou que partiſſe da patria Diogo Mendes, e chegando no anno de 1538. à ſua preſença, acompanhado de ſeus ſobrinhos Joaõ Pinheiro, e Miguel de Cabedo, lhe deſtinou para primeira eſchola do ſeu eſtudo o Collegio de que era Reytor o celebre André de Gouvea, em a Cidade de Bordeux. Depois de aprender neſta paleſtra as letras humanas em que ſahio muito perito, paſſou à Univerſidade de Toloſa, onde ouvio interpretado hum, e outro Direito, pela profunda ſubtileza de Antonio Maria Coraſio, Arnoldo Ferrerio, e Fernando Berengario, famoſos profeſſores da Juriſprudencia, cujas faculdades reſtituido ao Reyno no anno de 1543. continuou pelo eſpaço de tres annos em a Univerſidade de Coimbra, ſendo ſeus Meſtres o inſigne Martim Aſpilcueta Navarro, e Antonio Soares Ulyſſiponenſe, ambos Oraculos, hum dos Canones Eccleſiaſticos, e outro das Leys Imperiaes. Chamado ſegunda vez a França por ſeu Tio, viſitou a Univerſidade de Orleans, em que era Lente Jacobo Pamelio de naçaõ Flamengo, e grande Juriſconſulto, donde paſſou a Pariz, em cuja Univerſidade ouvio algumas liçoens do famoſo Canoniſta Pedro Rebufo. Voltando ao Reyno, como foſſe taõ conhecida a ſua profunda ſciencia, o mandou ElRey D. Joaõ o III. em 29. de Setembro de 1551. ao Concilio Tridentino em companhia do ſeu Embaxador D. Joaõ da Sylva, Joaõ Paes, e Diogo de Gouvea, que depois foy Prior mòr de Palmella, de quem acima ſe fez larga memoria, e chegando a Trento a 5. de Mayo de 1552. como ſe interrompeſſe o Concilio, ſe retirou a Veneza, e depois de diſcorrer por Verona, Ferrara, Ravena, e Urbino, entrou em Roma, onde conciliada a amiſade das principaes peſſoas deſta grande Corte ſe reſtituhio ao noſſo Reyno com D. Diniz de Alencaſtro, filho de D. Affonſo de Alencaſtro Embaxador deſta Coroa naquelle tempo em a Curia. Foy benevolamente recebido por ElRey, de quem alcançou faculdade para tomar poſſe de hum Canonicato na Cathedral de Evora, que nelle renunciara ſeu Tio D. Gonçalo Pinheiro. Em atençaõ á ſua grande ſciencia, e inculpavel vida o nomeou o Cardial D. Henrique Inquiſidor da Inquiſiçaõ de Evora, de que tomou poſſe a 11. de Outubro de 1564. cujo miniſterio exercitou com ſumma rectidaõ até o anno de 1573. Todos eſtes dotes com que ſe ornava o ſeu eſpirito lhe mereceraõ as eſtimaçoens delRey D. Sebaſtiaõ, e de Filippe Prudente, quando veyo a Portugal cingir a Coroa deſte Reyno. Foy inſigne cultor da lingoa Latina compondo neſte idioma, ou foſſe em proza, ou em verſo com tanta pureza, que parecia ter nacido no ſeculo de Auguſto. Na Hiſtoria Sagrada, e profana era muito verſado, principalmente na inveſtigaçaõ das Antiguidades Portuguezas, em cujo eſtudo competio com o famoſo André de Reſende, de quem eſcreveo a vida, e addicionou as

Obras. Falleceo em Evora a 24. de Dezembro de 1599. quando contava 76. annos 7. mezes, e 24. dias de idade. Jaz ſepultado na Cathedral em a nave do Lenho junto da eſcada do Coro, onde ſobre a campa da ſepultura debaixo das ſuas armas lhe gravou ſeu ſobrinho Gonçalo Mendes de Vaſconcellos o ſeguinte epitafio:

D. O. M.

Jacobo Mendes de Vaſconcellos Doctorali hujus Eccleſiæ Canonico, & in hac Civitate Inquiſitori Apoſtolico, atque utriuſque Juris Conſulto humanarum litterarum peritiſſimo Gonçalus Mendes de Vaſconcellos Avunculo meritiſſimo poſuit. Obiit anno ſalutis noſtræ 1599. *die* 24. *Decembris.*

Varios elogios dedicaraõ à ſua memoria diverſos Eſcritores, ſendo os principaes Joan. Soar. de Brit. *Theat. Luſit. Litter.* lit. D. num. 25. *optima ſui fama, nomineque relicto.* Nicol. Anton. *Bib. Hiſpan.* Tom. 1. pag. 230. col. 2. *Cum inſigni eſſet eruditione antiquarum rerum, ac totius humanitatis.* Emman. Conſtant. in Vit. Alfonſ. Prim. *Vir in Jure Cæſareo, cæteriſque ſcientiis apprime verſatus.* Eduard. Nun. de Leon. *De ver. Reg. Portug. Orig.* fol. 3. *Tam omnium litterarum, quám juris ſcientiſſimus, & in carmine cum veteribus illis comparandus.* Faria ſatisf. Apolog. no principio da Europ. Portug. num. 24. *Doutiſſimo.* Fonſec. *Evor. Glorioſ.* pag. 407. *Eruditiſſimo, e eternamente benemerito da Cidade de Evor.* Taxand. in *Cathal. Clar. Hiſp. Script.* Cardoſ. *Agiolog. Luſit.* Tom. 2. pag. 22. no Comment. de 2. de Março lit. A. Ludovic. Pyrrhus em huma carta, que lhe eſcreveo que eſtá inſerta entre os ſeus verſos o louva com eſtas elegantes vozes:

Attamen ut mentis, quæ ſit ſententia noſtræ
Eloquar: Aonides viridi tua tempora lauro
Cinxere, & teneris admorunt ubera labris.
Attica præceptis, ſophiæ tua pectora Pallas
Imbuit, Arpinas quoque facundiſſimus ille,
Et pater eloquii dicendi contulit artem:
Quippe parem invenias nullum, vix nempe ſecundum,
Qui conferre pedem valeat, ſeu carmina culta
Scribere, ſeu cupis hiſtorias ſermone ſoluto:
Seu Terrarum orbem radio deſcribere malis;
Quis rogo te melius terræ, pontique receſſus
Eruit è tenebris? Alta quæ merſa ruina
Tempore delevit penitus longæva vetuſtas
Quis Sacra Pontificum meliùs decreta, patrumque
Rectiùs explicuit nodos? Sacrataque jura?

Compoz:

Scholia in quatuor Libros Reſendii de Antiquitatibus Luſitaniæ.

Vita Jacobi Menetii Vaſconcellii ab ipſo conſcripta.

De Municipio Eborenſi Commentarius. Todas eſtas Obras ſahiraõ com o Livro de *Antiquitatibus Luſitaniæ,* compoſto por André de Reſende. Eboræ apud Martinum Burgenſem Acad. Typog. 1593. fol. & Romæ apud Bernardum Baſſam. 1597. 8. deſde pag. 247. até 320. Coloniæ Agrippinæ ex Officin. Birckmanica. 1600. 8. Tom. 1. à pag. 242. e pag. 304. e no Tom. 2. *Hiſpan. Illuſtrat.* Francof. apud Claudium Marnium. 1603. fol. a pag. 385. & Francof. apud eumd. Typog. 1608. 4. na *Bib. Hiſpan.* Andreæ Scoti onde a pag. 518. traz ſómente *Vita Jacobi Menetii,* &c.

Vita Gondiſalvi Pinarii Epiſcopi Viſenſis Sereniſſimo Principi Alberto Archiduci Auſtriæ S. R. E. Cardinali dicata. Eboræ apud Martinum Burgenſem. 1591. fol. & Romæ apud Bernardum Baſſam. 1597. 8. a pag. 321. & Francof. apud Claudium Marnium. 1608. 4. in *Hiſpan. Bib.* Andreæ Scoti a p. 495.

Vita L. Andreæ Reſendii. Eboræ apud Martinum Burgenſem Acad. Typog. 1593. fol. Colon. Agryppin. ex Offic. Birckmanica. 1600. 8.

Vita clariſſimi viri Michaelis Cabbedii Senatoris Regii. Romæ apud Bernardum Baſſam. 1597. 8. a pag. 392. & Francof. apud Claud. Marnium. 1608. 4. na *Hiſp. Bib.* Andreæ Scoti. p. 509.

De ſuo ex Ebora diſceſu anno M. D. LXXVIII.

In Laudem Clariſſimæ Civitatis Olyſſiponenſis Hendecaſyllabi anno M. D. LXXV.

Cum Patriam longo tempore à ſe non viſam adiret anno M. D. LXXX.

Eſtas tres Obras Poeticas com varios Epigrammas a diverſos aſſumptos, e duas Cartas Latinas, eſcrita a primeira ao Du-

que de Saboya Carlos Manoel, no anno de 1585. e a ſegunda ao Cardial D. Matheus Contarello em 1581. Sahiraõ impreſſos. Romæ apud Bernardum Baſſam. 1597. 8. deſde pag. 356. até 384.

Eruditiſſimo Viro Petro Mariſio S. P. D. Epiſtola data Eboræ 10. Martii 1595. Sahio impreſſa ao principio dos *Dialogos de varia Hiſtoria* deſte Author. Coimbra, por Antonio de Mariz. 1597. 4.

Oraçaõ do Padre Noſſo, e Ave Maria em verſo Latino, e Portuguez. Evora, por André de Burgos.

Panegyricus Principi Tranſilvaniæ dictus. Conſtava de duzentos verſos o qual deo ao Patriarcha de Jeruſalem, quando hia para Roma.

Oratio funebris in obitu Principis Joannis, Romæ habita.

Diſcurſos da Agricultura. Evora, por André de Burgos.

Deſcripçaõ larga da Cidade de Lisboa, a qual intentava que foſſe o ſexto Livro das Antiguidades de Portugal. *M. S.*

Mappa de Portugal dedicado a ElRey D. Sebaſtiaõ, em verſo. Deſtas duas ultimas Obras ſe lembra o moderno Addicionador da *Bib. Geograf.* de Ant. de Leaõ Tom. 3. col. 1719. enganando-ſe, quando pela identidade dos appellidos o confunde com Luiz Mendes de Vaſconcellos, Author do *Sitio de Lisboa.*

DIOGO DE MENDOÇA CORTE-REAL. Naceo na Imperial Villa de Madrid a tempo que ſeu Pay Diogo de Mendoça Corte-real, era neſta Corte Enviado Extraordinario da Mageſtade delRey D. Pedro II. de quem foy Secretario das Merces, e Expediente, e depois do Eſtado do Noſſo Sereniſſimo Monarcha Reynante. Inſtruido em a lingua Latina, e letras humanas, ſe aplicou em a Univerſidade de Coimbra ao eſtudo do Direito Pontificio, e tal foy o progreſſo, que a viveza do ſeu engenho fez neſta Faculdade, que laureado com as inſignias doutoraes foy admitido ao Collegio de Saõ Pedro a 12. de Novembro de 1716. A capacidade do ſeu talento o fez digno de ſer eleito no anno de 1722. Enviado Extraordinario a Olanda, onde renovou a ſaudoſa memoria do miniſterio de ſeu Pay, que com tanta gloria deſta Coroa tinha exercitado. Sendo Theſoureiro mòr da Collegiada de Barcellos, Conſelheiro da Fazenda Real, Provedor da Caſa da India, e Deputado da Sereniſſima Caſa de Bragança, foy nomeado em 9. de Março de 1729. Academico da Academia Real da Hiſtoria Portugueza. Compoz:

Practica com que congratulou a Academia de eſtar eleito ſeu Collega. Sahio no Tom. 9. da *Collec. dos Docum. da Acad. Real, &c.* Lisboa, por Jozé Antonio da Sylva. 1729. fol.

Conta dos ſeus eſtudos Academicos em 8. de Fevereiro de 1730. No Tom. 10. da *Collec. dos Docum. da Acad. &c.* Lisboa, pelo dito Impreſſor. 1730. fol.

Conta dos ſeus eſtudos Academicos em 7. de Junho de 1731. No Tom. 11. da *Collec. dos Docum. &c.* Lisboa, pelo dito Impreſſor. 1731. fol.

Conta dos ſeus eſtudos Academicos no Paço a 29. de Outubro de 1731. No Tom. 11. da *Collec. dos Docum. &c.* Lisboa, pelo dito Impreſſor. 1731. fol.

Examen, & reponſe a un ecrit publiè par la Compagnie des Indes Occidentales ſous le Titre de refutation des Argumens, e raiſons allegnèes par Mr. Diego de Mendoça Corte-real Envoie Extraordinaire de Portugal ala Haye dans ſon Memoire, & l'Ecrit annexe preſentè a leurs Hautes Puiſſances le 15. Septembre 1727. Impreſſo no anno de 1727. ſem lugar da impreſſaõ, nem nome do Impreſſor. 4. grande.

Lettre d'un Catholique del'Egliſe Romaine a un Ruſſien del'Egliſe Grecque ſeparee del'Egliſe Romaine au ſuget de Purgatoire. 8. Naõ tem anno nem lugar da impreſſaõ, mas do caracter ſe conhece ſer em Amſtardaõ.

D. DIOGO DE MENESES, Claveiro da Ordem de Chriſto, filho de D. Fernando de Menezes, chamado o *Narizes,* por lho dividirem em dous os Mouros, em hum combate de Tangere, e de D. Iſabel de Caſtro, filha de D. Diogo de Caſtro, Capitaõ da Cidade de Evora. Caſou com D. Cecilia de Siqueira, filha de Joaõ Lopes de Siqueira, de quem teve deſcendencia. Foy inclinado à Arte da

Poeſia de que deixou varias Obras, logrando unicamente do beneficio da luz publica as que ſe lem no *Cancioneiro de Garcia de Reſende.* Lisboa, por Herman de Campoz. 1516. a fol. 144. v.º 145. 146. v.º 147. 149. v.º 153. v.º e 182. v.º

D. DIOGO DE MENESES, filho de D. Fernando de Menezes, Commendador, e Alcaide mòr de Caſtello-branco, e Embaxador Extraordinario ao Pontifice Saõ Pio V. e de D. Filippa de Mendoça, filha de D. Franciſco de Souſa, e D. Brites de Mendoça; foy igualmente ornado de agradavel aſpecto, como de ſublime engenho, do qual deo hum claro argumento quando na tenra idade de doze annos recitou a 22. de Abril de 1566. huma Oraçaõ gratulatoria na preſença do Collegio Apoſtolico, a tempo que ſeu Pay exercitava em Roma o caracter de Embaxador delRey D. Sebaſtiaõ, arrebatando as atençoens deſte graviſſimo Congreſſo a eloquencia da fraze, a pureza da lingua, e a energia da repreſentaçaõ do Orador. Sahio com eſte titulo:

Oratio Gratulatoria habita Romæ in Sacro Conſeſſu Eminentiſſimorum Cardinalium. XXII. Aprilis anno M.D.LXVI. Romæ, apud Julium Bolanum de Accolitis. 1566. 4. Começa: *Et ſi propter ætatem nondum conſilio ratione, & viribus confirmatum, &c.*

Como aſſiſtiſſe na Curia foy o Conductor do Chapeo, e Eſtoque, que o Summo Pontifice S. Pio V. mandou a ElRey D. Sebaſtiaõ em o anno de 1568. ſahindo para eſta religioſa funçaõ montado em hum Cavallo pombo precioſamente ajaezado, levando o Eſtoque levantado, e na ponta o Chapeo, a quem fazia pompoſa comitiva D. Affonſo de Lancaſtro, o Conde de Portalegre, o Marquez de Torres-novas, e ſeu irmaõ D. Pedro Diniz de a Lancaſtro, e outros Fidalgos ſeus parentes, e amigos. Chegando ao Paço entregou a ElRey as dadivas Pontificias, que ao dia ſeguinte recebeo em a Igreja de S. Domingos de Lisboa, com as circunſtancias que preſcreve o Ceremonial Romano. Acompanhou a eſte Principe na jornada de Africa, onde acabou na florente idade de 24. annos infauſtamente a 4. de Agoſto de 1578. Foy caſado com D. Margarida de Vilhena, filha de D. Franciſco de Portugal, Commendador da Fronteira de quem naõ teve deſcendencia. Faz memoria do Author, e da Obra D. Ant. Caetan. de Souſ. *Hiſt. Geneal. da Caſ. Real Portug.* Tom. 3. Liv. 4. cap. 17.

D. DIOGO DE MENESES, primeiro Conde da Ericeira, naceo em Liſboa pelos annos de 1553. onde foraõ ſeus progenitores D. Diogo de Menezes, ſegundo Senhor do Louriçal, Commendador de Mendo-Marquez, e de Saõ Tiago de Cacem, do Conſelho delRey D. Joaõ o III. e D. Violante de Caſtro, filha de Simaõ de Miranda, Camareiro do Cardial Infante D. Henrique. Acompanhado de tres irmaõs D. Simaõ, D. Fernando de quem deſcendem os Condes da Ericeira, e D. Henrique paſſou em o anno de 1578. a Africa, e na infauſta batalha de Alcacer ſeguer, em que acabaraõ glorioſamente D. Simaõ, e D. Henrique, ficou cativo com D. Fernando, de cujo cativeiro ſe reſgatou à ſua cuſta naõ aceitando o dinheiro, que para eſſe effeito lhe levava Franciſco da Coſta por ordem delRey. Hum deſgoſto que teve com ſeu irmaõ D. Fernando o obrigou a deixar a Patria, e fazer o ſeu domicilio na Corte de Madrid, onde pela ſua grande prudencia, e natural affabilidade mereceo particulares atençoens de Filippe IV. o qual naõ ſómente o fez ſeu Mordomo, e Gentilhomem de boca, mas lhe deo o titulo de Conde da Ericeira, por carta paſſada em o primeiro de Março de 1622. cuja merce alcançou para ſeu ſobrinho D. Fernando de Menezes, neto de ſeu irmaõ D. Fernando, e filho de ſeu ſobrinho D. Henrique, o qual hindo a Madrid o achou já fallecido, deixando-lhe no ſeu teſtamento, que conſtou de mais de ſetecentos mil cruzados em moveis precioſos, ſómente o Padroado da Capella mòr do Convento de Noſſa Senhora da Graça de Lisboa, com quatro Miſſas quotidianas, e quatro Officios. Morreo com mais de 80. annos de idade em o de 1635. Para que ſe fizeſſem mais patentes as façanhas que ſeu Avo D. Henrique de Menezes obrou no Governo

da India, traduzio em Caſtelhano, e dedicou ao Conde Duque de Olivares:

Los cinco Libros dela 3. Decada de Juan de Barros, que contiene la vida de D. Henrique de Menezes. Madrid, por Juan Delgado. 1628. 4.

Fr. DIOGO DE S. MIGUEL, natural da Villa de Caſtello-branco, ſituada na Provincia da Beira do Biſpo da Guarda, filho de Joaõ Rodrigues Homem, e Joanna Fraſoa. Profeſſou o Inſtituto dos Eremitas de Santo Agoſtinho no Convento de Lisboa a 15. de Junho de 1538. onde por ſua grave prudencia foy tres vezes Reytor do Collegio de Coimbra, e duas vezes Provincial, a primeira no anno de 1565. e a ſegunda no de 1576. Lançou os primeiros fundamentos ao Convento de Noſſa Senhora da Luz da Villa de Arronches em o anno de 1570. ſendo o primeiro Prior que teve eſta religioſa Caſa. Morreo no Convento de Noſſa Senhora da Aſſumpçaõ de Pena-firme. Delle ſe lembraõ Purif. de *Vir. illuſt. Ord. D. Aug.* lib. 3. cap. 4. pag. 88. v.º Herrera *Alphab. Auguſt.* Nicol. Anton. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 230. col. 2. Fr. Anton. da Nativid. *Mont. de Cor.* letr. D. §. 4. n. 5. e Joaõ Soar. de Brito *Theat. Luſitan. Litter.* lit. D. num. 26. Publicou:

Expoſiçaõ da Regra do glorioſo Padre Santo Agoſtinho collegida de diverſos Authores. Dedicada à Rainha D. Catharina. Lisboa, por Joaõ Blavio. 1563. fol.

DIOGO DE MONROY, E VASCONCELLOS, Cavalleiro da Ordem Militar de Chriſto, e Governador do Caſtello de Saõ Joaõ Bautiſta da Ilha Terceira, naceo em a Villa de Campo-mayor a 5. de Abril de 1680. ſendo filho de Franciſco da Sylva de Moura, e Azevedo, Meſtre de Campo, Governador da Praça de Campo-mayor, Commendador da Comenda de Santa MARIA de Caſtello-bom, e de D. Anna Maria Jozefa de Vaſconcellos, filha de Luiz Mendes de Vaſconcellos, Governador da Ilha de S. Miguel, Vedor da Fazenda da India, e de D. Guiomar Palha. Deſde a puericia começou a cultivar os eſtudos, em que logo deo claros argumentos da capacidade do ſeu talento, ſendo mayores quando na Univerſidade de Coimbra recebeo o gráo de Bacharel na faculdade de Direito Canonico. Na ultima guerra que eſta Coroa teve com a Caſtelhana, deixou as letras, e ſeguio as armas, obrando acçoens dignas do ſeu honrado nacimento. Teve natural inclinaçaõ para a Poeſia, de cuja Arte tem compoſto tanta copia de verſos, que podem formar cinco volumes, dos quaes ſómente tem logrado da luz publica:

Varios Romances, Decimas, e Oitavas a diverſos aſſumptos, que ſahiraõ impreſſas no 4. Tomo da *Fenix renacida, ou Obras Poeticas dos melhores engenhos Portuguezes.* Lisboa, por Mathias Pereira da Sylva, e Joaõ Antunes Pedroſo. 1721. 8. deſde p. 313. até 372.

DIOGO MONTEYRO natural da Cidade de Lamego Presbitero, e Licenciado na Faculdade dos Sagrados Canones. Deſde a primeira idade cultivou a poeſia a que o inclinava o genio deixando para teſtemunho da ſua veya poetica.

Poema de S. Gonçalo de Amarante Lisboa 1620. 4. Conſta de varios cãtos em verſo heróico, de cuja obra como do ſeu Author ſe lembra Cardozo. *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 607. no Coment. de 16. de Abril letr. E Nicol. Ant. *Bib. Hiſpan.* Tom. 1. pag. 231. col. 1.

Expoſiçaõ dos primeiros cincoenta Pſalmos de David em Outavas, e Tercetos, do qual ſe naõ permitio a impreſſaõ por ſer na lingua vulgar.

DIOGO MONTEIRO Presbitero Uliſſiponenſe, inſigne Theologo Moraliſta cuja Faculdade aprendeo no Collegio de Santo Antaõ dos PP. Jeſuitas traduzindo em obſequio deſtes Religioſos da lingua Caſtelhana do P. Thomaz de Villa-Caſtim da Companhia de JESUS em a portugueza, acrecentando-lhe muitas noticias.

Compendio da Vida, virtude, e milagres do B. P. Franciſco Xavier Apoſtolo da India Oriental. Lisboa por Anton. Alvares. 1620. 8.

P. DIOGO MONTEIRO, chamado no ſeculo Diogo Banha, filho de Franciſco Rodrigues Banha, e Brites Lopes, naceo em o anno de 1562. em a Fregue-

ſia de Noſſa Senhora da Graça do termo da Cidade de Evora, em cuja Univerſidade eſtudou os primeiros Rudimentos da lingua Latina. Atrahido do Sagrado Inſtituto, que profeſſavaõ os ſeus Meſtres, ſe reſolveo a entrar na Companhia de JESUS e poſto que contra taõ ſanto intento machinaſſe o inimigo commum varios impedimentos, de todos heroicamente triunfou recebendo a Roupeta no Collegio de Evora a 6. de Janeiro de 1577. quando contava quinze annos de idade. Continuou o Noviciado em o Collegio de Coimbra debaixo do magiſterio do piiſſimo Varaõ o P. Vaſco Pires, no fim do qual aprendeo as ſciencias mayores. Por ſer muito inſigne nas letras humanas, as enſinou pelo eſpaço de oito annos na primeira Claſſe dos Collegios de Coimbra, e Evora, em cujas Univerſidades leo Filoſofia, Theologia Eſpeculativa, e Moral, e Eſcritura Sagrada, com grande proveito dos ſeus ouvintes. Ao exercicio das ſciencias correſpondia o das virtudes, pelas quaes chegou com exemplo raramente practicado a adminiſtrar o lugar de Meſtre dos Noviços quatro vezes, devendo-ſe à ſua vigilante cultura frutificarem aquellas novas plantas, como herdeiras do ſeu eſpirito, naõ ſómente em beneficio da Religiaõ, mas de todo o Reyno. Na contemplaçaõ dos divinos atributos conſumia quotidianamente o largo eſpaço de cinco horas, aprendendo neſta altiſſima eſchola a *Arte de Orar,* que eſcreveo para inſtrucçaõ dos eſpiritos, que quizerem frequentar taõ ſagrado exercicio, em o qual muitas vezes era viſto ſuſpenſo em os ares, como buſcando com mayor velocidade o centro de ſuas amoroſas ancias; e em outras derramando copioſas lagrimas, que lhe acendiaõ o fogo em que ſuavemente ſe abrazava. Naõ havia genero algum de mortificaçaõ de que naõ uſaſſe para reduzir a rebeldia do corpo às leys do eſpirito, diſciplinando-ſe todos os dias com tanto rigor, que ſenaõ foſſe moderado pela prudencia dos Superiores, certamente lhe abreviaria a morte. Obſervava taõ inviolavel ſilencio, que ſómente o rompia quando era obrigado a fallar nas materias pertencentes ao governo da Comunidade, como ſe experimentou quando foy Reytor dos Collegios de Braga, e Lisboa, Prepoſito de Saõ Roque, e Provincial. Querendo Filippe IV. no anno de 1631. fazer Biſpo ao P. Salazar, foy eleito entre os Padres, que por ordem do Geral Mucio Viteleſchi foraõ deputados para impedir eſta eleiçaõ, como contraria ao Inſtituto da Cõpanhia, e neſta grande Corte deixou impreſſas as memorias das ſuas raras virtudes. Em todas as jornadas, que fez pelo Reyno, ſempre andava a pé, naõ o diſpenſando de taõ laborioſo exercicio nem a idade provecta, e menos a authoridade dos lugares que occupava. Previo muitos ſucceſſos, huns proſperos, outros infauſtos, de cuja infallivel certeza ſe conhecia a ſuperior luz, que lhe illuſtrava o eſpirito. Dedicava terniſſimos obſequios a MARIA Santiſſima, e ao Menino Deos nacido em o Prezepio a quem em a Noute do Natal cantava alguns verſos dictados pelo innocente impulſo dos ſeus affectos. Chegado à idade de 72. annos ſe retirou de Lisboa ao Collegio de Coimbra, que fora a primeira paleſtra dos ſeus virtuoſos progreſſos, e conhecendo eſtar propinqua a morte ouvio Miſſa a 25. de Mayo em que ſe celebrou a Feſta da Aſcençaõ de Chriſto no fim da qual comungou com ſumma piedade, e recolhendo-ſe ao ſeu Cubiculo ſe lançou na cama por ter huma perna gravemente inflamada, e depois de paſſar os dias de quinta e Seſta feira, em o Sabado que ſe contava 27. de Mayo de 1634. foy achado morto. Concorreo a Cidade de Coimbra a venerar o ſeu Cadaver, a cujas exequias aſſiſtio o Cabido, e toda a Univerſidade, e ſendo depoſitado em ſepultura particular foy traſladado no anno de 1641. da Igreja velha para a nova para a Capella de Santo Antonio junto da portaria do Collegio. *Foy de feiçoens miudo* (aſſim deſcreve a ſua figura o P. Antonio Franco *Imagem da virtude do Noviciad. de Evor.* liv. 3. cap. 46.) *de compreiçaõ ſanguinho, de eſtatura alta, e bem proporcionada; o roſtro comprido, alvo, e algum tanto córado mas com a muita oraçaõ, e continua penitencia muy atenuado, os olhos grandes, e alegres. O naris ſem deformidade comprido, e aquilino; a barba eſtreita, e afilada* &c A ſua vida eſcreveo o P. Nuno da Cunha, que foy ſeu Noviço, e depois companheiro

quando foy Provincial, e Aſſiſtente em Roma, a qual ſahio impreſſa no principio das *Meditaçoens dos Atributos Divinos* do P. Diogo Monteiro, onde ſe vè o ſeu retrato aberto em huma Lamina com eſta inſcripçaõ. *P. Didacus Monteiro Soc. JESU Magiſter Novitiorum an. 17. & Provincialis in Luſitania, vir, amabili virtute, orandi aſſiduitate, & mira in loquendo de divinis rebus ſuavitate præditus, eximieque affectus erga Chriſtum Infantem poſitum in præſepio. Ad cæleſtem patriam evocatus obiit Conimbricæ 27. Maij 1634. ætat 72. Societ. 52.* As ſuas virtudes, e inſignes acçoens relataõ o P. Franco já allegado, e no *Ann. glor. S. J. in Luſit.* p. 288. *micuit abſolutiſſimis virtutibus.* E no *Synops. Annal. S. J. in Luſit.* pag. 263. *vir ille fuit nullis æquandus laudibus* Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 424. *ſua vida fora inculpavel, ſua virtude eſſencial, e ſua pureza muy ſolida.* Nieremberg. *Var. Iluſt. dela Compan.* Tom. 1. fol. 562. Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 231. *Vitæ Sanctimonia nobilis.* Illuſtriſſim. Cunha *Hiſt. de Brag.* Part. 2. cap. 106. n. 1. *Inſigne Varaõ.* Nadaſ. *Ann. dier. memorab. S. J.* Part. 1. pag. 286. col. 2. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litterat.* litter. D. n. 27. *quoaduſque latius, lentiusque clariſſimi, juſtiſſimique viri vitam, ſi non ut par eſt, ut mihi certe licebit, præſcribo.* Franco *Evora glorioſ.* pag. 428. *floreceo em todo o genero de virtudes.* Tellez *Chron. da Comp. de JESUS da Prov. de Portug.* Part. 2. liv. 4. cap. 26. n. 3. *Varaõ de muy ſanta vida, e de muy ſaudoſa lembrança.* D. Franc. Manoel na Carta dos *Author. Portug. Entre os profeſſores, e Meſtres de eſpirito o P. Diogo Monteiro.* Compoz.

Arte de Orar. Coimbra por Diogo Gomez Loureiro 1630. 4. A eſta obra chama a *Bib. Societ.* p. 172. *omnibus numeris abſolutum.*

Devoto exercicio da Paixaõ de Chriſto repartido por horas, que a alma devota deve fazer entre dia. Lisboa por Manoel Carvalho. 1632. 8.

Meditaçoens dos Atributos Divinos Roma por Angelo Barnabó 1671. 8.

Cartas eſpirituaes; as quais pertendia fazer publicas Fr. Manoel da Reſurreiçaõ Agoſtinho Deſcalço aſſiſtente em Roma. Trinta conſervava em ſeu poder o Doutor Joaõ Lopez Rapozo da Caſtanheda e as vio o P. Franciſco da Cruz como affirma nas ſuas Memorias *M. S.* para a Bibliotheca Portugueza.

Fr. DIOGO DE MORAES Religioſo da Sagrada Ordem dos Prégadores em cuja douta paleſtra depois de enſinar Filoſofia, e Theologia recebeo o gráo de Doutor neſta Faculdade na Academia Conimbricenſe, onde foy Lente de Cadeira de Veſpera, de que tomou poſſe a 11. de Janeiro de 1562. Foy Qualificador do Santo Officio, ornado de feliz memoria, exacta obſervancia do ſeu Inſtituto, e de profunda intelligencia da Sagrada Eſcritura. Cantou a Miſſa ſolemne na abertura do Real Collegio de Saõ Paulo, a 2. de Mayo de 1563. Fazem do ſeu talento honorifica memoria Fr. Anton. de Sen. *Chron. Ord. Præd.* p. 331. Fr. Pedro Monteir. *Clauſt. Dom.* Tom. 3. pag. 188. e D. Jozé Barboſ. *Memor. Hiſt. do Real Colleg. de S. Paul.* pag. 19. Deixou doutiſſimos Tratados ſobre a Eſcritura, e Theologia, em que ſe admira a profundidade da ſua ſciencia.

DIOGO MOURAM, natural da Villa da Covilhãa em a Comarca do Biſpado da Guarda, em a Provincia da Beira, e grande profeſſor de Medicina, pela qual he chamado *peritiſſimus, eruditiſſimus, & eximius,* por Zacuto Luſitano in *Med. Princip. Hiſt.* Lib. 3. hiſt. 13. & Lib. 2. Hiſt. 116. & in *Prax. Med.* Lib. 2. Obſervat. 94. Exercitou eſta Arte com fortuna, e applauſo na Cidade Archiepiſcopal de Aix da Provincia de Provença, em o anno de 1639. Delle ſe lembraõ Joan. Anton. Vander. Linden de *Script. Med.* Hallevordio in *Bib. Curioſ.* p. 59. col. 2. Joan. Soares de Brito *Theatr. Luſit. Litter.* lit. D. num. 28. Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 231. col. 1. e 2. Publicou tres Apologias:

Prima de Epilepſia Hyſterica. 2. *De venæ ſectione in fluore nimio Hæmorroidum.* 3. *De Ventris tumore.* Ortheſii, apud Abrahamum Rovicrium. 1626. 4.

Fr. DIOGO DAS NEVES, natural de Lisboa, filho de Luiz Ribeiro, e

Maria Gomes, Religioſo Eremita Auguſtiniano, cujo habito profeſſou no Convento patrio a 16. de Agoſto de 1619. Foy muito eſtudioſo da Hiſtoria profana, e da Mythologia, como tambem inſigne em eſcrever Livros do Coro com varios debuxos, que pareciaõ mais formados com o pincel, que com a penna. Falleceo em Liſboa a 29. de Março de 1649. Compoz:

Epilogo de varias hiſtorias, no qual ſe trata dos principaes Deoſes Gentilicos com alguma doutrina, e moralidades, que os antigos quizeraõ moſtrar debaixo da ſombra das ſuas fabulas; e ſe apontaõ os mais notaveis feitos de Varoens famoſos, e mulheres generoſas, que houve no mundo, com outras muitas curioſidades, e em eſpecial dos noſſos Illuſtres Vice-Reys, e Capitães Orientaes, e Africanos. M. S. 4. Conſerva-ſe na Bibliotheca do Convento da Graça de Lisboa.

Fr. DIOGO DE NORONHA. Naceo em Lisboa de Pays illuſtres, e profeſſou o Inſtituto Carmelitano na ſua patria, onde foy Subprior no Convento de Saõ Romaõ duas vezes no anno de 1602. e 1608. e Meſtre dos Noviços deſde o anno de 1610. até 1612. Paſſou a França, e na Cidade de Elna da Provincia do Roſilhon diſtante duas legoas de Perpinhaõ, foy Examinador Synodal, e exercitou o miniſterio de Orador Evangelico, com grande applauſo naõ ſómente neſte Reyno, mas em Heſpanha, por ſer dotado de agudo engenho, e ſumma erudiçaõ, como affirma Fr. Marcos Antonio Alegre de Caſanate *Parad. Carmel. Decor.* Stat. 5. Æſt. 18. cap. 125. pag. 472. Voltando de Roma por Perpinhaõ tinha prompto hum Livro para imprimir, o que já deſejara executar em Toloſa. Falleceo no anno de 1631. Publicou:

Sermon delas Bodas de Luiz XIII. Rey Chriſtianiſſimo de Francia, y Navarra con D. Anna de Auſtria Infanta Catholica de Eſpaña. Toloſa, por Raymundo Colomier, Impreſſor Ordinario delRey. 1616. 4.

Fazem memoria delle o Licenciado Franciſco Galvaõ Maldonado na *Bib. Portug.* M. S. e Fr. Manoel de Sá, *Memor. Hiſtor. dos Eſcrit. Portug. da Prov. do Carm.* cap. 20. §. 147. e 148.

DIOGO NUNES FIGUEIRA. Naceo na Villa de Mertola do Arcebiſpado de Evora em a Provincia Tranſtagana onde teve por Pays a Fernando Dias, e Violante Nunes de Negreiros, e por irmaõ a Manoel Figueira de Negreiros, inſigne Juriſconſulto, com o qual eſtudou em a Univerſidade de Coimbra Theologia, e elle Direito Civil, como elegantemente o exprimio neſtas metricas vozes:

Nonte prætream cordis pars maxima noſtri,
Et noſtri conſors ſanguinis Emmanuel.
Stirps eadem nobis, eadem quoque patria fratres
Julia germanos Myrtilis alma tulit.
Una magiſtra duos aluit Conimbrica tradens
Jus tibi Cæſareum, Cælica jura mihi.

Tendo recebido com applauſo de todos os Academicos o gráo de Bacharel em a Faculdade Theologica foy admitido ao Collegio Real de Saõ Paulo, de que tomou poſſe a 16. de Novembro de 1571. naõ ſómente para ornato deſta illuſtre ſociedade, mas de toda a Academia Conimbricenſe. Sendo Conego, e Theſoureiro mòr da Cathedral de Evora, e Deputado da Inquiſiçaõ da meſma Cidade, eleito em 13. de Dezembro de 1578. como os ſeus merecimentos creceſſem com os annos, foy promovido à Mitra de Congo por ElRey D. Sebaſtiaõ, que promptamente regeitou, como a do Japaõ offerecida pelo Cardial Rey, e a de Angra por Filippe II. que o deſtinava para ſeu Agente na Curia Romana, como tambem o Priorado mòr de Aviz, naõ ſendo poderoſas taõ authoriſadas dignidades em que o nomearaõ tres Monarchas ſucceſſivos para alterar o ſeu animo incontraſtavel às batarias da ambiçaõ, e vaidade humana. Obrigado das continuas inſtancias do Illuſtriſſimo Arcebiſpo de Evora D. Theotonio de Bragança aceitou ſer ſeu Secretario, e depois Governador duas vezes do Arcebiſpado, em cujo miniſterio deſempenhou a eleiçaõ de taõ virtuoſo Prélado, de quem confiava os ſeus mayores ſegredos, e venerava como Oraculos os ſeus dictames. Ambicioſo da vida ſolitaria na qual ſe tem a Deos por Companheiro, renunciando o Canonicato, e Thezouraria mòr, em dous ſobrinhos,

ſe retirou à Patria, e em huma ſua Quinta edificou hum Convento para os Religioſos de Saõ Franciſco da Provincia de Xabregas, em o anno de 1612. entre os quaes viveo até que paſſou a ſer immortal a 28. de Junho de 1613.

Fazem delle illuſtre memoria Nicol. Agoſt. *Vid. de D. Theot. de Brag.* fol. 24. v.º Fr. Agoſt. de S. Mar. *Hiſt. Tripartit.* Trat. 2. §. 300. pag. 330. P. D. Anton. Caetan. de Souſa *Cathal. dos Biſpos de Angra.* D. Jozé Barboſa *Memor. Hiſtor. do Colleg. de S. Paul.* pag. 188. e no *Archiat. Luſit.* pag. 18.

Qui modo ſurgit, erit celebris pietate Figueira,
Cujus terna volet frontem decorare ſacrata
Inſula, ſed ſpreto maior fulgebit honore.
Ductus amore poli fugiet commercia mundi
Exquiret natale ſolum, quo Templa dicabit
Quino Redemptoris, qui ſtigmata corpore portat.

Foy inſigne Poeta Latino, obſervantiſſimo cultor deſte idioma, e muito douto no Grego, e Hebraico. Compoz:

Paraphraſis poetica in Canticum Canticorum. Dicata Sereniſſimo Domino Alexandro Archiepiſcopo Eborenſi. Principia:

Expectata diu longos dilata per annos
Oſcula jam ſponſæ da mihi ſponſe tuæ, &c.

Neſta Obra eſtaõ inſertos muitos capitulos dos Cantares de Salamaõ, em diverſos Metros, e ultimamente huma Poeſia intitulada:

Zephyrus de divino Amore.

Começa:

Caſtalii procul hinc, Veterum deliria fontis
Ardua Parnaſſi culmina, Cyrrha procul, &c.

No fim deſta Colleçaõ dos ſeus verſos cujo Original como vimos, ſe conſerva na Livraria do Excellentiſſimo Marquez de Abrantes, acaba com eſtas palavras: *Hæc manu propria ſubſcripſi, ſignavi, & ſigillo quo utor roboravi apud Juliam Myrtilem Idibus Menſis Junii* 1607. *anno D. N. Salvatoris JESU Chriſti cui cum Patre, & Spiritu Sancto benedictio, & claritas, & ſapientia, & gratiarum actio in ſæcula ſæculorum Amen.* Ao tempo que ſe eſtava imprimindo eſta Obra, ſe ſuſpendeo pela prohibiçaõ de Paulo V. com a qual impedia ſe fizeſſem Parafrazes em verſo ſobre a Eſcritura.

De Regimine Epiſcoporum. Neſte Tratado manifeſtava a ſua grande Litteratura aſſim Canonica, como Theologica.

DIOGO NOVAES PACHECO. Veja-ſe JOZÉ XAVIER VALLADARES, E SOUSA.

DIOGO PACHECO, filho do Doutor Alvaro Pires Corregedor da Corte, e Chanceller da Caſa do Civel, e de D. Iſabel Pacheco, filha de Gonçalo Lopes Pacheco, mereceo pela ſua profunda ſciencia em hum, e outro Direito, de que deo manifeſtos argumentos em os Tribunaes, em que foy Senador, e pella ſua grave prudencia, e natural elegancia particulares eſtimaçoens do Sereniſſimo Rey D. Manoel, naõ havendo funçaõ politica, em que naõ foſſe ouvido com geral aclamaçaõ. Querendo eſte Monarcha congratular ao Pontifice Julio II. por ter ſubido ao Solio do Vaticano o nomeou Secretario deſta Embaxada, de que foy Embaxador o Biſpo do Porto D. Diogo de Souſa, em o anno de 1505. e na preſença do Pontifice, e todo o Collegio Apoſtolico, recitou a Oraçaõ Obediencial com tanta pureza, e elegancia da Latinidade, que deixou ſuſpenſo taõ grave Congreſſo. Mayor applauſo alcançou a ſua eloquencia Oratoria, quando no meſmo Theatro proteſtando o noſſo Principe a ſua obſequioſa veneraçaõ a Leaõ X. por ſeu Embaxador Triſtaõ da Cunha em 12. de Março de 1514. exprimio o profundo rendimento dos Monarchas Portuguezes para com os Succeſſores de Saõ Pedro, confirmado com os mais precioſos, e raros donativos do Oriente. Naõ ſomente aſſiſtio em o anno de 1521. aos pactos matrimoniaes celebrados entre a Infanta D. Brites com Carlos III. Duque de Saboya, mas orou na plauſivel funçaõ em que foy jurado Succeſſor deſta Coroa em 19. de Dezembro de 1521. ElRey D. Joaõ o III. de cuja oraçaõ tranſcreveo grande parte Franciſco de Andrade na Chronica deſte Principe, Part. 1. cap. 8. dizendo: *Que por ſuas muitas letras, e grande eloquencia fora eſcolhido para aquelle acto.* Foy caſado com

D. Guiomar Cardoſa filha de Pedro Affonſo de Carvalho, e de Brites Cardoſa filha de Azuil Cardoſo Senhor da Honra de Cardoſo, de quem teve deſcendencia. Oſorio *de reb. Eman.* lib. 4. in princip. lhe chama *Virum juris Civilis ſcientia, & dicendi etiam facultate non vulgari præditum* e lib. 9. *Juriſconſultus magnæ authoritatis.* Illuſtriſſim. Cunha *Cathal. dos Biſp. do Port.* Part. 2. cap. 32. *Peſſoa de qualidade, e letras,* e na *Hiſt. Eccleſ. de Brag.* Part. 2. cap. 69. *homem de letras, e valor.* Faria *Europ. Portug.* Tom. 2. part. 4. cap. 1. n. 51. e 74. Goes *Chron. delRey D. Man.* Part. 3. c. 55. Lud. Jacob. à S. Carol. *Bib. Pontif.* pag. 298. Stephan. Eques in *Prolog. Art. Gram. Egregii Doctores, præcipue Jacobus Pachecus, Ludovicus Teixeira &c. Oratores diſſertiſſimi, nec non poetæ clariſſimi, qui Latinam linguam non ſolum optime callent, ſed etiam & docuerunt, et docere hodie optime poſſunt.* Catald. Sicul. lib. 3. *Suar. Viſion.*

Romanam nuper Pacequus miſſus ad Urbem
Legatus Lingua clarus, & ingenio.

Publicou.

Obedientia potentiſſimi Emmanuelis Luſitaniæ Regis per clariſſimum Juris V. Conſultum Dieghum Paciecum Oratorem ad Julium II. Pontificem Maximum anno Domini 1505. *pridie Non. Jun.* 4. Naõ tem lugar nem anno de Impreſſaõ.

In præſtanda obedientia pro Emmanuele Luſitanorum Rege invictiſimo Leoni X. Pontifici Maximo dicta Oratio. 4. Naõ tem anno, nem lugar de Impreſſaõ. O P. Joaõ de Mariana de *Rebus Hiſpan.* lib. 30. c. 23. tranſcreveo eſta Oraçaõ narrando a pompa da Embaxada em que fora recitada.

Falla que fez quando entrou em Lisboa a Rainha D. Catherina mulher de D. Joaõ o III. M. S. Conſerva-ſe na Livraria do Excellentiſſimo Conde de Vimieiro.

DIOGO DE PAYVA DE ANDRADE. Naceo em Coimbra a 26. de Julho de 1528. como para eterna gloria deſta Cidade o expreſſou neſtas metricas vozes ſeu irmaõ Fr. Coſme da Preſentaçaõ Eremita Auguſtiniano.

Te celebris celebrem genuit Conimbrica tellus
Sed germana tuum nomen in aſtra tulit.
Illa rudem (fateor) tenera formavit in alvo,
Illa dedit claros qui docuere viros.

Foraõ ſeus progenitores Fernaõ Alvares de Andrade Theſoureiro mór delRey D. Joaõ o III. e do ſeu Conſelho, cuja nobreza ſe derivava por deſcendencia legitima dos Condes de Andrade de Galliza, e a D. Izabel de Payva igual ao ſeu conſorte no eſplendor do nacimento. Tanto que chegou a idade de dez annos recebeo em o Convento de N. Senhora da Graça cabeça da Provincia dos Eremitas de Santo Agoſtinho deſte Reyno pelo eſpaço de quatro annos as inſtrucçoens do Ven. P. Fr. Luiz de Montoya Varaõ em quem competiaõ as virtudes com as letras, e poſto que no principio parecia inhabil para as ſciencias ſahio com a diſciplina de taõ inſigne Meſtre capaz de comprehender as mais difficultoſas, como claramente ſe vio quando ao contar quatorze annos de idade paſſou ao Collegio Auguſtiniano da ſua Patria onde fez taes progreſſos a ſublimidade do ſeu engenho na intelligencia das linguas Latina, e Grega, letras humanas, e Filoſofia em que recebeo o gráo de Meſtre que era envejado dos mayores talentos de toda a Univerſidade principalmente em os actos litterarios que precederaõ ao laurear-ſe Doutor na Faculdade da Theologia em os quais conſiderada a verdura dos annos unida com a ſubtileza das reſpoſtas accuzava de menos aguda a madureza dos primeiros Cathedraticos. Do eſtudo da Theologia Eſcholaſtica fez degrao para a Expoſitiva aprendẽdo fundamentalmente a lingua Hebraica como neceſſaria para a penetraçaõ dos ſeus profundos arcanos que ſe lhe fizeraõ mais patentes com a continua liçaõ dos Santos Padres, e Sagrados Interpretes. Ornado com tantos dotes ſcientificos ſe dedicou por muitos annos ao exercicio do Pulpito concorrendo para o fazer o mayor Orador Evangelico do ſeu tempo a grave authoridade da peſſoa, o regulado movimento das acçoens, o ſonoro metal da voz, a efficaz vehemencia dos affectos, com que penetrava os coraçoens mais duros, e a liberdade apoſtolica com que ſem individuar peſſoas reprehendia os vicios de tal ſorte que ſendo rogado fizeſſe huma invectiva contra a ſenſualidade por ſer o pecado mais tranſcendente, reſpondeo, que re-

ceava fallando deſte vicio offender mais os ouvidos caſtos, que emendar os profanos. Para que dos ſeus diſcurſos predicativos colheſſe o fruto que ancioſamente dezejava, antes de ſubir ao Pulpito celebrava Miſſa, e no fim proſtrado por terra pedia a Deos lhe illuſtraſſe o entendimento, e acendeſſe o coraçaõ para deſpertar aos pecadores do lethargo da culpa em que jaziaõ ſepultados. A ſciencia Theologica unida com a eloquencia Eccleſiaſtica o fizeraõ digno para que entre os famoſos Varoens que elRey D. Sebaſtiaõ mandou no anno de 1561. aſſiſtir em ſeu nome ao Concilio Tridentino foſſe elle hum dos nomeados, em cujo mageſtoſo congreſſo quando contava a florente idade de trinta annos cauſou enveja, e admiraçaõ a todos os Padres Veneraveis pela idade, e muito mais pela ſabidoria de que ſe compunha aquella ſagrada Aſſemblea ouvindo as ſuas reſoluçoens como Oraculos eſtabelicidas com os Canones Pontificios, e Sentẽças das mayores luzes da Igreja Catholica, de tal ſorte que tendo votado em huma queſtaõ pertencente ao Sacramento do Matrimonio, reſolveo o Concilio que para mais diffuſamente explicar o ſeu voto de que dependia a ultima deciſaõ na materia que ſe ventilava, ſe deputaſſe huma Congregaçaõ, o que ſe executou com aſſombro de todos os circunſtantes. Contra a heretica petulancia de Martinho Kemnicio ſe armou a ſua pena defendendo o Sagrado Inſtituto da Companhia de Jeſus das impoſturas com que aquelle herege o intentou falſamente manchar por terem ſeus illuſtres filhos cenſurado por ordem da Univerſidade de Colonia o Catheciſmo de Joaõ Mohemio cheyo de dogmas contrarios a Igreja Romana. Eſtimulado Kemnicio da apologia em que nervoſamente ſe confutava a ſua petulancia voltou contra ſeu author o odio que tinha à Companhia eſcrevendo hum livro em que naõ ſomente injuriava o nome de Diogo de Payva, mas impugnava os principaes dogmas eſtabelicidos no Concilio de Trento. Para defender a pureza da Eſpoza do divino Cordeiro ſegunda vez pegou da pena com a qual ſemelhante à Clava de Hercules degollou eſta infernal Hidra para nunca mais vomitar o peſtifero veneno dos ſeus erros. Concluido o Concilio partio para Roma, e neſta famoſa Metropole do mundo foy igualmente conhecido, e venerado o ſeu talento; e podendo alcançar as mayores dignidades Eccleſiaſticas que certamente lhe ſeguravaõ os ſeus merecimentos illuſtrados com o eſplendor do ſeu nacimento, como era naturalmente inimigo da ambiçaõ voltou para a Patria com a gloria de as merecer ainda que ſem a fortuna de as poſſuir. Reſtituido ao Reyno continuou no officio apoſtolico de Prégador ſendo o emolumento de taõ laborioſa empreza a direcçaõ de muitas almas para o caminho da eternidade. Nunca teve remuneraçaõ dos grandes ſerviços que fez à patria, injuria que tolerou como beneficio por ſer o ſeu coraçaõ ſuperior ao mayor premio. Diſſimulou com generoſo deſprezo a maledicencia de alguns emulos obrigando-os a que ſe converteſſem em panegiriſtas da ſua inculpavel vida. Por ſer mais abundante dos dotes da graça que dos bens da fortuna nunca pode ſatisfazer as dividas contrahidas em a jornada que fez a Trento, para cujo effeito, e para limar algumas das ſuas obras determinava retirarſe a huma Quinta junto ao Convento do Varatojo diſtante ſete legoas de Lisboa que era do morgado de ſeu irmaõ Alvaro Perez de Andrade; porem ao tempo que meditava eſta reſoluçaõ foy acometido da ultima enfermidade, que parecendo ao principio leve ſe aggravou de ſorte que pedio os Sacramentos os quaes recebidos com ſumma piedade, e diſpoſto o ſeu teſtamento eſpirou placidamente em Lisboa ao primeiro de Dezembro de 1575. quando contava 47. annos de idade. Foy ſepultado na Capella de S. Nicoláo Tolentino do Moſteiro de N. Senhora da Graça onde ſe educara, a qual mandou ornar ſua Sobrinha D. Joanna de Noronha filha de Sua Irmaã D. Violante de Andrade Condeſſa de Linhares com huma Miſſa quotidiana pela ſua alma. A taõ inſigne Varaõ dedicaraõ grandes elogios os mayores Eſcritores, como foraõ Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 235. col. 1. *Hujus doctrinæ virum manere domi laboris, ac meriti expertem non decuit tempore quo ad inſtruendam univerſalis Eccleſiæ Synodum Tridentum indictam celebriores Theologi ex omnibus Hiſpaniarum regnis evocabantur Eo igitur in loco, & doctiſſimorum Pa-*

trum conſeſſu re graviter, & induſtrie geſta, ſtiloque propugnandis illius Concilii Decretis commodato, tandiu laudabitur, quandiu Tridentinarum rerum memoria permanebit. Eiſengreinius in *Cathal. Teſt. Verit. Fidei Chriſtianæ defenſorem inſignem omnes ſui temporis magiſtros litterarum Sacrarum ſcientia, eruditione, & doctrina ſuperaſſe.* Gregor. Nun. Coronel de *Ver. Chriſti Eccleſ. Virum, & Sanguine clarum, & doctrina, & pietate perilluſtrem.* Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 620. no Comment. de 17. de Abril letr. D. *cuja virtude, e ſciencia foy muy aplaudida no Concilio Tridentino onde aſſiſtio pelo muito que honrou a ſi, e a ſua patria.* Ripald. de *Ente Supernat.* Tom. 1. Diſt. 30. Sect. 20. n. 105. *Hæreticorum flagellum acerrimum, & egregium Tridentinæ doctrinæ aſſertorem.* Henao in *Scient. med. hiſtor. propugnat.* Eventil. 16. n. 466. *celebris Doctor Conimbricenſis.* Roſvveid. in Leg. *Talion Cauſabono retaliata.* Tabal. 1. *Virum longe doctiſſimum, qui ad Concilium Tridentinum, & profundiſſimi Theologi mentem, & linguam eloquentiſſimi Oratoris attulit.* Paul. Scherlog. *ad expoſtul. contra Scient. Med.* Part. 2. Sect. 18. n. 99. *cujus inſignis extitit authoritas in Concilio Tridentino,* & Sect. 19. n. 104. *inſignem admodum virum* Fr. Egidius à Præſent. *De Concept.* lib. 3. Quæſt. 1. Part. unica §. 2. n. 20. *Luſitanorum, & Conimbricenſium Doctorum decus.* Cruſen in *Monaſt. Auguſtin.* Part. 3. cap. 48. *vir celeberrimus.* Purif. *de vir. illuſtrib.* lib. 3. cap. 11. *magno Catholicorum plauſu, & hæreticorum terrore floruit in Tridentino.* Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. D. n. 29. *Vir fuit excellenter doctus, & Luſitana etiam eloquentia ſuo tempore celebratiſſimus, in Concilio vel inter orbis lumina ſplendere viſus eſt doctrina, & pietate.* Hieron Magio in *Epiſt. Dedicat. Oper. de Quadripartita Juſtit.* D. Fr. Gaſpar do Caſal Epiſcop. Conimb. *Tu enim ab doleſcentia ipſa præclaris omnibus artibus imbutus Hebraicæ, Græcæ, Latinæque linguæ peritiſſimus; inque Philoſophiæ, & Sacræ Theologiæ ſtudiis egregie verſatus (ut reliquas virtutes tuas ſilentio involvam) tantos in his progreſſus feciſti, ut tui fama Luſitaniæ finibus non circumſcripta ſit, ſed ad nos quoque, atque ad alias Chriſtiani Orbis regiones penetraverit. Siquidem ſingularis tuæ integritatis, eruditionis plane incomparabilis in Chriſti Eccleſia pietatis argumenta ſane quam illuſtria publicis diſputationibus, concionibus que dediſti; illuſtriora etiam daturus cum doctiſſimos libros quibus Sacras litteras plurimum illuſtras, remque eccleſiaſticam promoves, in vulgus edi permiſeris* Fr. Fernand. da Soled. *Hiſt. Seraf. da Prov. de Port.* Part. 3. Liv. 13. cap. 38. n. 276. *Grande Theologo, e Prégador.* Graveſſon *Hiſt. Eccleſ.* Tom. 7. Colloq. 4. pag. mihi. 84. *inſignis Theologus,* & Colloq. 5. pag. 105. *inter Concilii Tridentini Theologos celebris. Bib. Societ.* pag. 177. *Propugnator Societatis.* Souſa *Exped. Hiſp. S. Jacob.* Part. 3. Sect. 1. Aſſert. 51. §. 1538. *vir clariſſimus ſplendore ſanguinis, Sapientiæ præſtantia, & morum probitate inſignis.* Capaſſi *Hiſt. Philoſof.* pag. 453. Konig. *Bib. Vet. & nov.* pag. 37. col. 2. Poſſev. *Apparat. Sacer.* Tom. 1. pag. 463. Compoz.

Orthodoxarum explicationum libri X. Primus eſt de Origine Societatis Jeſus 2. de Scriptura Sacra 3. de peccato 4. de libero arbitrio. 5. de Lege, & Evangelio. 6. de Juſtificatione, & Fide 7. de Cœna Domini. 8. de Confeſſione, Confirmatione, & Extrema unctione. 9. de veneratione Sanctorum, & imaginibus. 10. de Cœlibatu. Coloniæ apud Martinum Cholinum 1564. 8. e Venetiis apud Jordanum Zillettum 1594. 4. Na prefaçaõ deſte livro lhe faz o ſeguinte elogio o eloquentiſſimo Jeronymo Oſorio Biſpo de Sylves. *Erat in illo ſummum ingenium, ardens ſtudium, ſingularis induſtria; quibus muneribus naturæ præſtantis, & virtutis eximiæ locupletatus, cum ſe ad artes præclaras inflamato animo contuliſſet, uberrimos fructus conſecutus eſt; eloquentiæ verò diſciplinam egregie coluit: linguas quas vidit eſſe ad clariorem Sacrarum litterarum intelligentiam neceſſarias acri ſtudio didicit. Hiſque opibus inſtructus ad divina myſteria perſcrutanda totam mentem aplicuit.*

De Societatis JESU origine libellus contra Kemnicii cujuſdam petulantem audaciam. Lovanii apud Rutgerum Velpium 1566. 8. Sahio traduzido em Francez Lugd.

por Miguel Jove 1565. 8. Eſte Tratado he o primeiro do Livro precedente intitulado *Orthodoxarum explicationum.* &c.

Defenſio Tridentinæ Fidei Catholicæ, & integerrimæ quinque libris comprehenſa adverſus deteſtabiles hæreticorum calumnias, & præſertim Martini Kemnitii Germani. Primus liber conſtat de generalis Concilij authoritate. 2. de authoritate S. Scripturæ, & traditionum. 3. de libris Canonicis. 4. de authoritate vulgatæ Latinæ editionis 5. in tres partes dividitur. 1. eſt de Peccato Originis. 2. de peccati Originalis reliquiis, ſive de concupiſcentia quæ poſt baptiſmum in mente eſt reliqua. 3. de Virginis Deiparæ Conceptione. Olyſſipone apud Antonium Riberium. 1578. 4. Coloniæ apud Martinum Cholinum 1580. & Ingolſtadii apud Davidem Sartorium 1580. 8. & Venetiis apud Jordanum Zilletum 1592. 4.

Oratio habita ad PP. Tridentinæ Synodi Dominica ſecunda poſt Paſcha anni 1562. Sahio com outras Lovanii 1567. Venetiis apud Joan. Baptiſta Bozolla 1562. 4. A eſta oraçaõ chama Jeronymo Magio no lugar aſſima citado *Vere piam, ſolidæ doctrinæ fruge refertam, atque elegantiſſimam.*

Sermoens Primeira Parte. Começa no primeiro Domingo de Advento, e acaba na Feſta do Santiſſimo Sacramento. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1603. 4.

Sermoens ſegunda Parte. Contem os Sermoens de Noſſa Senhora, e dos Santos poſtos pela ordem dos mezes. Lisboa pelo dito Impreſſor 1605. 4. Sahio eſta Parte vertida em Caſtelhano por Fr. Bento de Alarcaõ Monge Ciſtercienſe. Madrid. 1617. 4.

Terceira Parte dos Sermoens de varias materias com a parafraſe de alguns Pſalmos os quaes elle commentava. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1615. 4. Eſtes tres Tomos ſahiraõ á luz publica por deligencia de Fr. Manoel da Conceiçaõ Eremita Auguſtiniano Sobrinho do Author.

DIOGO DE PAYVA DE ANDRADE Sobrinho pela parte paterna do precedente naceo em Lisboa a 13. de Dezembro de 1576. onde foy educado por ſeus Pays Franciſco de Andrade Chroniſta mòr do Reyno, e Commendador de S. Payo de Trogoes no Biſpado do Porto, e D. Stelena da Coſta com aquelles documentos, que o fizeraõ digno da eſtimaçaõ univerſal. Aprendeo com incrivel brevidade, e mayor comprehenſaõ a lingua Latina, Rhetorica, Poeſia, e letras humanas, em que ſahio muyto eminente, principalmente na Arte Poetica em que fielmente imitou o eſtilo dos mais inſignes Poetas que venerou o ſeculo de Auguſto, como em ſeu applauſo cantáraõ as Muſas de Jacinto Cordeiro, Manoel de Galhegos, e Antonio Figueira Duraõ. O primeiro no *Elog. dos Poet. Luſit.* Eſt. 45.

Mas ya Diego de Paiva reſtituye
Loque en los dos perdio, que el ſolo puede:
Quando con tanta gala ſubſtituye
Su pluma a Libio, porque Libio excede:
Y de Homero retrato y del Mantuano
Seneca Portuguez nuevo Claudiano

O ſegundo no *Templ. da Memor.* liv. 4. Eſtanc. 203.

E vòs Payva erudito, que no Oriente
Solemnizais a Portugueza eſpada
Fazey que em voſſo exametro eloquente
Soe por Nuno a Patria libertada
Ouça o Ganges ſeu nome, e leve-o donde
O Paraizo terreal ſe eſconde.

E o terceiro in *Laur. Parnaſ.* Ram. 2.

Multum Roma pavet canente Payva
Ne laudes hebetet ſui Maronis
Mœſti oblivio non amanda Lethes
Nec falſum eſt, quoniam novum Maronem
Si Payvam aſpiceret diſerta Roma
Eſſe Virgilium ſuum putaret.
Quò feſſos oculos rapit argentata verendi
Effigies vatis: tu denique Didacus ille es
Unus, qui nobis cantando mœnia Chaul
Reſtituis, meritamque ideo tibi gloria famam
Dedicat, & doctis decoratur ſtemma Phaleucis.

Semelhantes Elogios lhe fizeraõ Joaõ Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. D. n. 30. *humanioribus diſciplinis, omnimodaque eruditione probe excultus poeticæ verò laudis, atque artis præſtantia eminentiſſimus.* Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 236. col. 1. *Vir politiori litteratura, & poetica facultate commendatus poſteritati.* Ant. de Souz. de Maced. *Flor. de Eſpan.* cap. 24. Excel. 3. n. 7. *Excellente*

Poeta de los tiempos. Naõ foy menos eſtimado pelo eſtudo da Hiſtoria aſſim Sagrada, como profana em que conſumio o tempo particularmente na inveſtigaçaõ de algumas difficuldades pertencentes ao noſſo Reyno diſtinguindo com judicioſa critica o falſo do verdadeiro, por cuja applicaçaõ parecendo-lhe que ſubſtituhiria a ſeu Pay no lugar de Chroniſta mòr, e vendo que lhe fora preferido Fr. Bernardo de Brito concebeo tal payxaõ contra elle, que a deſafogou com a invectiva intitulada.

Exame de Antiguidades Part. 1. *contem doze tratados onde ſe apuraõ hiſtorias, opinioens, e curioſidades pertencentes ao Reyno de Portugal, e a outras partes deſde a Criaçaõ do mundo até o anno de* 3403. Lisboa por Jorge Rodrigues. 1616. 4.

A eſte livro nervoſamente impugnou Fr. Bernardino da Sylva Monge Ciſtercienſe Sobrinho do Fr. Bernardo de Brito ſahindo com dous livros que intitulou *Defenſaõ da Monarchia Luſitana,* onde corrobora com graves fundamentos as opinioens que ſeu Tio ſeguio na *Monarchia Luſitana.* Falleceo Diogo de Payva na Villa de Almada a 21. de Dezembro de 1660. com 84. annos de idade deixando compoſtas alem da obra precedente as ſeguintes.

Cazamento perfeito em que ſe contem advertencias muito importantes para viverem os Cazados em quietaçaõ, e contentamento, e muitas hiſtorias, e acontecimentos particulares dos tempos antigos, e modernos: diverſos coſtumes, Leis, e ceremonias, que tiveraõ algumas Naçoens do mundo: com varias Sentenças, e documentos de Authores Gregos, e Latinos declarados em Portuguez tudo em ordem ao meſmo intento Lisboa por Jorge Rodrigues 1630. 4. & ibi por Miguel Rodrigues 1726. 8.

Doctiſſimo y muy provechoſo tratado lhe chama Antonio de Souza de Macedo *Flor. de Eſpan.* Cap. 3. excel. 3. D. Franciſco Manoel *Obras Metric.* Tub. de Calliop. Sonet. 36. lhe faz em applauzo deſta obra o ſeguinte Soneto.

Clariſſimo Diogo quem cuidara
Sem que gaſtaſſe em vaõ toda a eloquencia
Reduzir ao Imperio da prudencia
O mando que a fortuna lhe uſurpara!
Tu ſó cuja doutrina ſempre clara
Eximindo a rezaõ da contingencia
Do que antes era caſo fez ſciencia
Documento geral da ſorte avara.
Hoje o mundo que ordenas, de admirado
Os louvores confunde em alegria
Quando hum dourado ſeculo preſume:
Pois vé que a perfeiçaõ de tal eſtado
Se antes por maravilha ſucedia
Agora ſe exercita por coſtume.

Chauleidos libri duodecim. Canitur memoranda Chaulenſis Urbis propugnatio, & celebris victoria Luſitanorum adverſus Copias Inizæ Maluci. Ulyſſipone apud Georgium Rodrigues. 1628. 4.

Eſte Poema he louvado pela elegancia do metro por inſignes authores, como ſaõ Joaõ Soares de Brito *Apolog. por Camoens* Cenſur. 3. n. 14. dizendo *que por viver ainda o Author naõ ſe lhe deue menos credito, e eſtimaçaõ que a muitos dos antigos aos quais na minha opiniaõ naõ baſta para ſer melhores a ſorte de primeiros* e na Cenſ. 12. *Na minha opiniaõ nunca aſſás louvada Chauleida;* e no *Theatr. Luſit. Litter.* lit. D. n. 30. *in qua multos ex antiquioribus Poetis prorſus exuperat, primos exæquat, ſic enim judicavit Ericius Puteanus.* Ant. de Souſ. de Maced. *Eva e Ave* Part. 1. cap. 26. n. 10. *valente imitador de Eſtacio, e aſſim naõ he ſua liçaõ vulgar.* Faria no *Com. às Luſiad. de Cam.* Cant. 10. Eſtanc. 29. *Delas guerras, que los Portuguezes tuvieron en Chaul y acciones bizarras militares ſu...o un Poema Latino venciendo a ſu Padre en el que eſcrivio de Dio con que ſe parecio a Torquato que vencio al ſuyo con ſus obras.*

De Scitu dignis libri quattuor. 4. M. S. Contem 80. Caſos prodigioſos ſuccedidos em Portugal. Começa o 1. Livro. *Quo tempore graſſabatur illa atrox Lues.*

Compendium recentis hiſtoriæ Luſitanorum adverſus Hiſpanico-poteſtatem. Começa *Poſt repoſitam in libertate Luſitaniam.*

Joannes Baptiſta tragedia. Começa o primeiro acto.

Quæ Sors, quod aſtrum, quod vé Tartareum Scelus Eſtà compoſta no eſtilo de Seneca Tragico.

Eduardus Tragedia. Começa.

Quiſquis meorum nomem Auſtriadum colit. &c.

Ad Theodoſium Brigantinum Ducem cum Faſtis Joannis Tertii Portugalliæ Regis miſſa Panegyris 1613. Começa.

Sæpe ego virtutum ſerie meritiſque tuorum
Ducłus.

Acaba.

Conſilio, & patriis foveat virtutibus aulam.

Eſcrita no eſtilo de Claudiano. A eſte Panegyrico chama Joaõ Soares de Brito in *Theatr. Luſit. Litter.* litter. D. n. 30. *Limatiſſima.*

Todas eſtas obras ſe comprehendem em hum volume com muitos verſos Heroicos, Elegiacos, Saficos, Jambicos, e Alcaicos com varias cartas Latinas, o qual ſe conſerva na vaſtiſſima Bibliotheca do Excellentiſſimo Conde da Ericeira.

Inſtrucçaõ politica em dialogo em que ſaõ interlocutores hum Anjo, e o Corpo. Conſta de nove Livros M. S. fol. Conſerva-ſe na meſma Bibliotheca.

Epiſtola Latina eſcrita a Joaõ Rodrigues de Sà Camareiro mór. Sahio impreſſa em Lisboa 1641. ao principio da *Defenſa de Camoens* compoſta por Joaõ Soares de Brito.

DIOGO PARDO DE OSORIO Capitaõ, que militou com valor, e diſciplina na guerra que Caſtella moveo a Portugal no anno de 1640. Eſcreveo.

Extracto Ichnographico. Dedicado ao Illuſtriſſimo Senhor D. Miguel de Portugal Conde do Vimioſo Senhor de Pernambuco do Conſelho de guerra. Na Dedicatoria confeſſa que fora ſeu official menor na Campanha em que militava o meſmo Conde. Conſta de diverſas Fortificaçoens primoroſamente riſcadas. 8. *M. S.* cujo Original ſe conſerva na Livraria do Excellentiſſimo Marquez de Valença.

DIOGO PEREYRA Floreceo no Reynado delRey D. Manoel, e foy inſigne Poeta Latino deixando varias obras como eſcreve Manoel de Faria, e Souſ. no *Cathal. dos Eſcritor. Portug.* e Joaõ Soares de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. D. n. 31.

DIOGO PEREYRA natural da Villa de Souzel ſituada entre Villaviçoſa, e Eſtremós, e morador na Cidade de Elvas, celebre profeſſor de Medicina. Eſcreveo.

Tratado contra o livro de Intentionibus Chirurgicis. Compoſto pelo Doutor Joaõ Bravo Chamiſſo jubilado na Cadeira de Veſpera de Anatomia em a Univerſidade de Coimbra, onde excita a queſtaõ ſe póde curarſe por Enſalmos, e reſolve que ſim. Contra eſta aſſeveraçaõ fez a ſua impugnaçaõ o Doutor Diogo Pereira.

DIOGO PEREIRA SOTO-MAYOR natural do lugar chamado dos Muchachos freguezia de Saõ-Tiago de Cayola termo da Cidade de Portalegre em a Provincia do Alentejo Licenciado na faculdade dos Sagrados Canones. Compoz.

Tratado da Cidade de Portalegre, ſuas Antiguidades, Fundaçaõ, Biſpos, que nella houve, e outras curioſidades. Dedicado ao Illuſtriſſimo D. Rodrigo da Cunha Biſpo deſta Dioceſe, donde paſſou para a de Porto no anno de 1619. *M. S.* 4. Conſerva-ſe no Cubiculo do P. Doutrineiro da Caſa profeſſa de S. Roque. Do Author, e da obra faz mençaõ Jorge Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 1. pag. 429. no Comment. de 13. de Fever. letr. D.

DIOGO PIRES CINZA natural da Villa de Alpedrinha no Biſpado da Guarda em a Provincia, da Beyra Presbytero, e verſado igualmente na Hiſtoria Sagrada, e profana, como em a Genealogia, de quem fazem mençaõ Jorge Cardoſo *Agiolog. Luſit.* Tom. 1. pag. 223. no Comment. de 22. de Janeir. letr. A. e Anton. Paes Vieg. *Princip. de Portug.* fol. 136. v.º Compoz.

Vida, martirio, e ultima treſladaçaõ do Martyr Saõ Vicente. Dedicada a D. Lopo de Azevedo, e Mendonça Almirante de Portugal. Lisboa por Pedro Craesbeck. 1620. 8.

Proſapia dos Reys de Portugal. Lisboa por Giraldo da Vinha 1622. fol.

Antiguidades da Provincia da Beyra com a noticia da derivaçaõ dos nomes de muitas Serras, Rios, e povoaçoens, e particularidades muy curioſas. fol. *M. S.*

Memorias Genealogicas da familia dos Coſtas de Alpedrinha. Conſta de cinco Dialogos. M. S.

Vida do Cardial D. Jorge da Coſta. M. S. conſerva-ſe na Livraria do erudi-

tiſſimo Jozé Freire Montarroyo Maſcarenhas.

Fr. DIOGO DA PORCIUNCULA Religioſo Menor da Serafica Provincia da Madre de Deos da India Oriental. Compoz.

Exercicio practico para viſitar os Sagrados Paſſos de N. S. Jeſu Chriſto, que a devoçaõ Catholica tem introduzido pelo Santo tempo da Quareſma com mais alguns exercicios eſpirituaes. Lisboa por Manoel Lopes Ferreira 1691. 24.

DIOGO RANGEL DE MACEDO Moço fidalgo da Caſa Real, Commendador de Santa Marinha de Lisboa da Ordem de Chriſto, Provedor, e Guarda mòr da Saude do Porto de Belem naceo em Lisboa ſendo filho de Coſme Rangel de Macedo Moço fidalgo, Cavalleiro da Ordem de Chriſto, e de D. Maria Jozefa Lobo filha do Dezembargador Joaõ Cordeiro Leitaõ, e D. Joanna Lobo da Gama. O genio que tinha para os eſtudos o applicou deſde a primeira idade a cultivar as letras humanas, Poetica, e Mythologia, Hiſtoria profana, e Genealogia, em que ſahio doutamente verſado merecendo ſer ouvido com univerſal applauzo em diverſas Academias principalmente em a dos *Applicados* onde era Meſtre dos Preceitos da Hiſtoria. Cazou com D. Angela Luiza Lobo filha de Antonio Marchaõ Themudo Dezembargador dos Aggravos Juiz dos Cavalleiros, e de D. Catherina de Siqueira Lobo de quem teve tres filhas, e a Diogo Rangel de Macedo, e Albuquerque Marchaõ, que naõ degenerou de ſeu Pay na applicaçaõ dos eſtudos. Compoz.

Apologia pelas Cortes celebradas em Lamego por ElRey D. Affonſo Henriques impugnando os fundamentos que contra ellas deſcubrio D. Luiz de Salazar, e Caſtro Commendador de Zurita na ſua obra intitulada Indice delas Glorias dela Caſa Farneſe deſde pag. 419. até 433.

A eſta obra, em que o Author manifeſta o zelo da Patria, e a vaſta noticia da Hiſtoria Portugueza, compoz em ſeu applauſo o P. Antonio dos Reys o ſeguinte Epigramma que he o 25. do liv. 5. dos que publicou em o anno de 1728.

Quæ dedit Alphonſus ſanctiſſima jura Lameci
Cùm voluit Regnis conſulviſſe ſuis,
Perdere multimodis tentavit nuperus hoſtis.
Sunt at in authorem tela retorta ſuum
Nam Didacus Rangel Macedo, tablina revolvens
Aſſeruit patriæ jura negata ſuæ
Eſſet, & iſta licet nulli res pervia, quippe.
Quæ veluti Nodus Gordius alter erat,
Stricta, diu nodi latitantia vincula tractans
Soluit, & Hiſpanis mox manifeſta dabit:
Næ: Græcum Macedo Luſus ſuperavit.
Ab illo
Eſt nodus gladio ſectus; ab hoc calamo

Compoz.

Oraçaõ funebre, e Panegyrica com ueà deu fim ao obſequio funebre que dedicou q ſaudoſa memoria do Reverendiſſimo P. D. Rafael Bluteau Clerigo Regular a Academia dos Applicados de que era expoſitor dos dictames, que ſe devem obſervar na compoſiçaõ da Hiſtoria. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva 1734. 4.

Carta eſcrita em 11. *de Dezembro de* 1728 *ao P. Fr. Simaõ Antonio de Santa Catherina eſcrevendo a Relaçaõ metrica das ſolemniſſimas Feſtas com que os Religioſos Carmelitas de Lisboa celebraraõ a Canonizaçaõ de S. Joaõ da Cruz.* Lisboa na Patriarchal Officina da Muſica 1729. 4.

Familia dos Saldanhas hiſtoriada. M. S. e outras muitas de que fez mençaõ o P. D. Antonio Caetano de Souſa no *Apparat. à Hiſt. Gen. da Caſ. Real Portug.* pag. 173. §. 218. e do Author Antonio Carvalho da Coſta *Corog. Portug.* Tom. 3. pag. 654.

P. DIOGO REBELLO Religioſo profeſſo da Companhia de Jeſus eſcreveo.

Vida do P. Antonio de Moraes da Companhia de JESUS. cujo *M. S.* ſe conſerva no Collegio de Coimbra, como affirma o P. Antonio Franco *Imag. da Virtud. do Noviciad. de Coimbra.* Tom. 1. liv. 1. cap. 40.

P. DIOGO RIBEYRO natural de Lisboa, e naõ de Thomar, como ſe eſcreve na *Bib. Societ.* pag. 173. recebeo a Roupeta em Goa no anno de 1580. quando contava vinte annos de idade, e pelo largo eſpaço de outros tantos cultivou a

vinha de Salſete com tanto zelo, que juſtamente ſe podia intitular o Apoſtolo daquella Miſſaõ, para cujo effeito aprendeo a lingua Concanica em que traduzio, e acreſentou muytos livros. Cheyo de annos, e merecimentos partio a receber o premio eterno no Collegio de Rachol a 18. de Junho de 1633. Compoz na lingua Cõcanica.

Explicaçaõ da Doutrina Chriſtaã collegida do Cardial Roberto Bellarmino, e de outros Authores. No collegio de Rachol 1632. 4. de cuja obra faz mençaõ Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 239.

Arte da lingua Canarina compoſta pelo P. Thomaz Eſteves da Companhia de Jeſus, e acrecentada pelo P. Diogo Ribeiro da meſma Companhia. &c. Em Rachol no Collegio de Santo Ignacio da Companhia de JESU. 1640. 4. Deſte additamento ſe lembra *Bib. Orient.* de Ant. de Leaõ. Tom. 1. Tit. 16. col. 523.

DIOGO RODRIGUES FALCAM natural de Santarem, e filho de Alvaro Rodrigues Falcaõ. Paſſou a Roma onde exercitou o officio de Advogado com grande applauzo naõ o merecendo menor pela erudiçaõ Sagrada, e intelligencia da Lingua Latina como elegantemente o moſtrou na obra ſeguinte.

In Sereniſſimi Regis Sebaſtiani funere Oratio habita ad Sanctiſſimum Gregorium XIII. Ulyſſipone apud Antonium Riberium 1574. 4. Começa. *Erepto nobis Sebaſtiano Rege.* Acaba. *Neque validiſſimi exercitus tueri nos poſſunt.*

DIOGO RODRIGUES ZACUTO natural de Evora, e Avo do celebre Zacuto Luſitano. Floreceo em os Reynados dos noſſos Monarchas D. Joaõ o II. e D. Manoel com opiniaõ de famoſo Medico, e inſigne Mathematico, de quem faz honorifica mençaõ o P. Franciſco da Fonſeca *Evora Glorioſ.* pag. 411. Eſcreveo.

Taboas Aſtrologicas. M. S.

Do clima, e Sitio de Portugal. Deſta obra, como do Author, ſe lembra Fr. Bernardo de Brito *Geogr. Antig. da Luſit.* liv. 3. e o moderno addicionador da *Bib. Geograf.* de Antonio de Leaõ Tom. 3. pag. 1719.

DIOGO DE ROSALES numerado entre os Medicos Portuguezes por Zacuto cuja Arte exercitou muitos annos em Hamburgo ſendo grande Filoſofo, e Mathemacico. Compoz.

Armatura Medica, ſive modus addiſcendi Medicinam per Zacutinas Hiſtorias, earumque praxim. Sahio no principio do ſegundo Tomo de Zacuto.

Poculum Poeticum in Zacutinas Laudes. Eſtà eſta obra inſerta nas de Zacuto lib. 4. et 5. de Medic. Princip. Hiſtor. Amſtelod. 1637. e 1638. 8. & Lugduni 1657. fol. Tom. 1.

Carmen intellectuale de vitæ termino. Amſtelodami 1639. 8.

No anno de 1644. tinha prompto.

Supplementum Chirurgicum ad Opera præſtantiſimi Zacuti.

Delle fazem memoria Bartoloc. *Bib. Rabbin.* Tom. 3. pag. 865. n. 897. e Zacuto lib. 2. *Hiſt.* 140. Obſervat. 27. intitulando o *Illuſtrem Doctorem.*

Fr. DIOGO DO ROSARIO natural da Cidade de Evora, e hum dos graves Religioſos da Ordem dos Pregadores cujo caracter deſcreve Jacobo Quetif. *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. pag. 257. com eſtas elegantes palavras. *Vir omnino pius, ac eruditus, omnique diſciplinarum genere clarus, morum gravitate, ſpiritu præſertim apoſtolico maxime commendatus apud ſuos, quo ſcilicet æſtuans peccatores ad pœnitentiam facile, melioremque frugem emolliret, tepediores etiam ad arduum virtutis culmen inflamaret.* Para eterno teſtemunho das ſuas virtuoſas acçoens baſta ſaber-ſe que foy muyto aceito ao Veneravel Arcebiſpo de Braga D. Fr. Bartholameu dos Martyres confiando da ſua prudencia, e zelo grande parte dos ſeus cuidados paſtoraes, e ſendo algumas vezes Governador do Arcebiſpado na ſua auzencia. Foy Prior do Convento de Guimaraẽs, em cujo governo renovou o primitiuo rigor do Inſtituto com grande ſuavidade. Ao terceiro dia, que tinha acabado eſta Prelaſia foy lograr o premio das ſuas Religioſas virtudes em o anno de 1580. por ter ſupplicado a Deos que naõ morreſſe em quanto governaſſe. Jaz ſepultado no Convento de Guimaraens. Delle fazem illuſtre memoria Fr. Affonſ. Fern.

Notit. Script. Sena *Bib. Frat. Præd.* pag. 67. Joan. Soar. de Brit. *Theat. Luſit. Litter.* lit. D. n. 32. Altamur. *Cent.* 4. pag. 331. Faria *Europ. Portug.* Part. 4. cap. 6. Poſſev. *Apparat. Sacr.* Tom. 1. pag. 463. D. Franc. Man. na *Cart. dos AA. Portug.* Fonſec. *Evor. Glorioſ.* pag. 411. Fr. Pedro Mont. *Clauſtro Domin.* Tom. 3. pag. 188. Fr. Luc. de Sant. Cather. *Hiſt. de S. Doming. da Prov. de Portug.* Tom. 4. pag. 930. D. Man. Caet. de Souſ. *Exped. Hiſp. D. Jacob.* Tom. 2. pag. 1311. §. 332. Compoz por ordem do Illuſtriſſimo Arcebiſpo de Braga.

Summa Caetana tresladada em Portuguez com muitas annotaçoens, e caſos de Conciencia, e Decretos do Sagrado Concilio Tridentino. Coimbra por Antonio de Mariz 1573. 8.

Hiſtoria das vidas, e feitos heroicos, e obras inſignes dos Santos com muitos Sermoens, e practicas eſpirituaes que ſervem a muitas Feſtas do anno: reviſtas, e cotejadas com ſeus originaes authenticos de mandado do muy illuſtre D. Fr. Bartholameu dos Martyres &c. Coimbra por Antonio de Mariz 1577. fol. 2. Tom. Eſta he a primeira impreſſaõ como conſta do Privilegio Real. Depois ſe reimprimio varias vezes ſahindo Lisboa 1622. & ibi por Lourenço Anvers 1647. & ibi por Ant. Crasbeeck de Mello 1680. fol. Eſte foy o primeiro Flos Sanctorum que ſahio em toda Eſpanha como affirma Manoel de Faria, e Souſ. *Europ. Portug.* Tom. 3. Part. 3. cap. 11. n. 50.

Tratado de avizos de Confeſſores ordenado por mandado do Arcebiſpo Primas. Braga 1578. e Coimbra por Jozé Ferreira 1681. 4.

Determinationes quorumdam Doctorum de differentia inter Eugenium IV. Pontif. Maximum, & Concilium Baſilienſi. M. S. Conſerva-ſe na Bibliotheca do Cardial Aſcanio Colona conforme eſcreve Fr. Luiz Jacob. de S. Carlos *Bib. Pontif.* pag. 298. Jacobo Quetif *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. pag. 257. naõ duvida que eſta obra ſeja do meſmo Fr. Diogo do Roſario Author das vidas dos Santos, a qual poderia compor para inſtrucçaõ do Illuſtriſſimo Arcebiſpo Primaz D. Fr. Bartholameu dos Martyres quando caminhava para o Concilio de Trento.

Chronica da Ordem. M. S. fol.

DIOGO DE SAA' taõ illuſtre por nacimento, como inſigne nas Faculdades da Theologia, Juriſprudencia, e Mathematica, e ainda muito mais pelas acçoens militares, que obrou o ſeu valeroſo braço em todo o Oriente no dilatado eſpaço de doze annos. Ao ſeu intrepido valor he acredora a memoravel victoria, que em Chaul no anno de 1528. alcançaraõ vinte Galeotas Portuguezas de ſetenta e tres Paraos de Cambaya ſendo elle o que alcançou o premio propoſto pelo noſſo General ao primeiro que inveſtiſſe aos inimigos. Com a morte que a ſua triunfante eſpada deu no 1. de Abril de 1529. ao General Alixà que governava dez mil combatentes em a Praça de Baçaim facilitou a ſua conquiſta com o deſigual numero de trezentos Portuguezes. Neſte anno foy deputado para celebrar pazes com elRey de Adem, de cujas condiçoens ſe ſeguiraõ grandes conveniencias ao Eſtado. Ainda na Ilha de Beth chamada dos Mortos pelos innumeraveis que o ferro Portuguez ſacrificou a 2. de Fevereiro de 1531. à ſua vingança, permanecem as memorias do ſeu magnanimo coraçaõ. Por ſua induſtria foraõ em Choromandel abrazadas duas Cidades, e rendidas doze Náos de Mouros que infeſtavaõ os noſſos portos. Eſte continuado exercicio da guerra lhe naõ interrompeo o comercio das letras de que era inſigne profeſſor unindo na ſua peſſoa Marte com Apolo, e Bellona com Minerva. Foy profundo Juriſconſulto, e muito perito nas diſciplinas Mathematicas, principalmente em a Nautica, de cuja ſciencia lhe enſinou muitos ſegredos a experiencia. Teve de ſua conſorte deſcendencia, que naõ degenerou de ſeu natural valor, a qual deixou abundante dos bens da fortuna, que com elle largamente repartira. Fazem illuſtre memoria do ſeu nome Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litterat.* Lit. J. n. 2. *ex familia præclara, et vetuſta miles egregius, et quod rarum eſt, in omni præterea Litterarum genere inſtructus.* Joaõ Pinto Ribeiro *Prefer. das letr. as Arm.* Valer. And. Taxand. de *clar. Hiſp. Script.* Draud in *Bib. claſſic.* Ant. de Leaõ *Bib. Naut.* Tit. 3. Georg. Math. Konig. *Bib. Vet. & Nov.* pag.

711. col. 2. Leytaõ *Not. Chronol.. da Univerſid. de Coimbra* pag. 508. n. 1092. Compoz.

De Navigatione libri tres. Pariſiis apud Raynaldum Calderium. 1549. 8. Eſcreveo eſte tratado contra Pedro Nunes inſigne Mathematico como declara na Dedicatoria a ElRey D. Joaõ o III. *Ego quum litteris magis quam hi operam dederim, quippe experientia ſuffultus jure optimo, in navigantium albo connumerari poſſum, quod totum fere vitæ tempus hac in re conſumpſerim, duos tractatus Petri Nonii Doctoris confutare apud me decrevi. Quorum alter de quadam interrogatione eſt, ſuper qua interrogatus fuit: alter verò de Hydographia.*

De primogenitura, & an filius ſecundo genitus præferendus ſit nepoti. Pariſiis apud Martinum Juvenem 1552. 8. Sahio tambem no Volume X. *Tract. DD.* Part. 1. fol. 324; e juntamente o livro de Primogenijs Ludovici Molina—Compluti 1583. fol. Coloniæ 1588. fol. Genevæ 1601. fol. Hanoniæ apud Conradum Biermanum, 1612. fol. & ibi apud Joan. Jacob. Henei 1612. fol.

Nicoláo Antonio Bib. Hiſp. Tom. 1. pag. 241. aſſina a cada tratado deſtes ſeu author, ſendo de ambos hum ſomente. Eſcreveo mais.

Tratado dos Eſtados Eccleſiaſticos, e Seculares. Prohibido no Expurgatorio de D. Fernaõ Martins Maſcarenhas Part. 2. pag. 113.

Segredos da Fé contra os Judeos, Gentios, e Hereges M. S. compoſtos por Diogo de Sá, que certamente naõ poſſo affirmar ſe he differente daquelle de que temos feito mençaõ.

Fr. DIOGO DE SANDE Eremita Auguſtiniano, e Prior do Convento de Villaviçoſa, o qual floreceo pelos annos de 1440. conforme o computo de Fr. Antonio da Purificaçaõ de *Vir. Illuſtr. Ord. Eremit. D. Aug.* lib. 3. cap. 4. e Joaõ Soares de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. D. n. 33. Compoz.

De bonis moribus, cuja obra eſcrita em pergaminho ſe guardava na Bibliotheca dos Sereniſſimos Duques de Bragança.

Fr. DIOGO DE SANDE natural da Villa de Moura em a Provincia do Alentejo, onde profeſſou o Habito Carmelitano no anno de 1604. Eſtudou Artes no Collegio de Evora, cuja faculdade dictou em o de Coimbra, e Theologia em Lisboa. Foy Prior do Convento de Beja em o anno de 1625. Cuſtodio da Provincia em 1634. e Regente dos Eſtudos em o Convento de Lisboa em 1637. no qual falleceo. Conciliou as eſtimaçoens das peſſoas da primeira diſtincçaõ pelas ſuas religioſas virtudes, e grande talento, que teve para o Pulpito deixando hum tomo prompto para a impreſſaõ que conſtava de *Sermoens Varios Panegyricos, e Moraes.* M. S. fol. o qual ſe conſerva na Livraria do Convento de Lisboa, e delles faz hum individual Cathalogo Fr. Manoel de Sà nas *Mem. Hiſtor. dos Eſcrit. Portug.* da Ordem do Carmo pag. 103. Fazem memoria do Author Carvalho *Corog. Portug.* Tom. 3. liv. 2. Trat. 8. cap. 47. Coria *Delucid. das Chron. da Ord.* Liv. 12. cap. 21. Juzart. *Jardim de Var. Flor.* cap. 9. Mertol. Vid. do *Ven. Fr. Eſtev. da Purificaçaõ* cap. 3. pag. 16.

D. DIOGO SECO natural da Villa da Covilhaã em a Provincia da Beyra filho de Manoel Seco, e Maria Jorge. Foy admitido ao Noviciado de Coimbra da Companhia de JESUS a 23. de Março de 1591. quando contava 16. annos de idade, e no meſmo Collegio aprendeo as letras humanas, e Poeſia Latina, em que ſahio eminente, de tal ſorte que ſendo Meſtre da terceira Claſſe no Collegio de Lisboa repreſentou no anno de 1604. na prezença do Illuſtriſſimo Biſpo de Coimbra D. Affonſo de Caſtellobranco quando chegou a Lisboa eleito Vice-Rey de Portugal huma Tragedia, cujo aſſumpto era a vida de Santo Antaõ em que fizeraõ as figuras os filhos dos primeiros Fidalgos do Reyno, cuja obra lhe conciliou univerſal applauſo. Depois de ter dictado duas vezes em Coimbra a primeira Claſſe de Humanidades, enſinou Filoſofia, e Theologia moſtrando em huma, e outra faculdade engenho agudo, e talento profundo. Partio para Roma no anno de 1618. para reviſor dos Livros da Companhia, onde com ſucceſſo

raras vezes practicado, leu ſendo Portuguez Theologia, admirando toda a Curia unida a profundidade Theologica com a eloquencia Latina. Como na ſua peſſoa concorriaõ tantos dotes, foy eleito Biſpo de Nicea para Succeſſor do Patriarcha da Etiopia o P. Affonſo Mendes, e chegando a Lisboa foy Sagrado a 12. de Março de 1623. Pouco tempo correo que ſe naõ fizeſſe à vela para o deſtinado termo das ſuas evangelicas fadigas embarcando-ſe a 25. do dito mez em a Náo Santa Izabel de que era Almirante D. Diogo de Caſtellobranco. As infermidades que com peſtifera brevidade extinguiaõ grande parte dos navegantes chegou a privar da vida ao Almirante, de cuja morte ficou taõ penetrado, que paſſados poucos dias o acompanhou em taõ funeſta calamidade a 4. de Julho de 1623. As ſuas virtuoſas acçoens, e o caracter da ſua peſſoa ſe podem ler na *Etiop. Alt.* do P. Tellez liv. 4. cap. 33. e 35. Franco *Imag. da Virtud. do Nov. de Coimb.* Part. 1. Liv. 2. cap. 42. e *Ann. Glorioſ. S. J. in Luſit.* pag. 377. Faria *Aſia Portug.* Tom. 3. Part. 4. cap. 1. n. 9. D. Fr. Thom. de Faria *Decad.* 1. lib. 8. cap. 1. *Per multos annos in Collegiis Societatis Jeſu publice Theologiam profeſſus eſt tanta cum laude, ut omnes cujuſque nationis homines ob excellens illius ingenium, innatamque ſimul in dicendo, docendo, & arguendo modeſtiam obſtupeſcerent: Romæ, Conimbricæ, Eboræ fuit hoc encomium audientibus manifeſtum.* Marrac. *Biblioth. Marian.* Part. 1. pag. 330. Vir. *præter inſignem doctrinam, compoſitis ad omnem virtutem moribus illuſtris.* Fr. Petr. de Alv. y Aſtorg. *in Milit. Immacul. Concept.* e D. Manoel Caet. de Souſ. *Cathalog. dos Biſp. Portug.* pag. 131. *Foy inſigne Poeta Latino de cujas Poeſias conſervava grande parte o P. Balthezar Tellez, como eſcreve na Etiop. Alt.* pag. 389. dizendo, *me ſuſpenderaõ o juizo, e me occuparaõ a memoria, porém com a variedade dos tempos, diverſidade de terras, e diverſaõ de negocios perdi eſte rico thezouro, e ſendo que devo muyto à ſaudoza lembrança de tal Author, muitas deſtas ſuas obras perdi da memoria, mas nenhuma do coraçaõ, ainda me ficou hum deſpojo, e unica reliquia de tanta perda que he huma Poeſia que compoz ſendo Meſtre da primeira Claſſe de Lisboa: ſobre a freſcura da Serra da Arrabida, e Moſteiro dos Seraficos Religioſos &c.* He dedicado eſte Poema a D. Alvaro de Lancaſtro terceiro Duque de Aveyro, e tem por titulo.

Arrabida mons.

Começa.

Qual ſol occiduo mergit ſub gurgite currus
Et Pater Occeanus terræ qua fluctibus obſtat,
Eſt locus (ò Regum ſoboles numeroſa parentum
Luſiadumque decus Princeps) quo Numinis alti
Cura tibi merito terrarum ab origine ſervat
Naturæ gaudentis opes &c.

Sahio impreſſa na *Etip. Alt.* deſde pag. 309. até 392.

De Immaculata Conceptione diſputationes duæ. as quaes leu Hypolito Marracio como aſſevera na *Bib. Marian.* aſſima allegada, e as julgou digniſſimas da luz publica, as quaes conſervava D. Bernardo de Toro.

Vida do P. Sebaſtiaõ Barradas da Companhia de JESUS. fol. *M. S.* a qual vio o P. Franciſco da Cruz da meſma Companhia como affirma nas *Memor. M. S. para a Bib. Portug.*

DIOGO SERRAM DE MEDEYROS Presbytero natural da Villa de Mertola em a Provincia do Alentejo. Para eternizar as glorias da ſua Patria eſcreveo com eſtilo claro, e ſincero.

Relaçaõ da Villa de Mertola. M. S. Faz memoria da obra, e do Author Joaõ Franco Barreto na *Bib. Portug.* M. S.

D. Fr. DIOGO DA SYLVA Nacec no lugar da Aldeya nova do cabo termc da Villa da Covilhaã diſtante tres legoas da Serra da Eſtrella do Biſpado da Guarda em o anno de 1585. onde teve por Pays a Joaõ Gomes da Sylva Cavaleiro da Ordem de Chriſto irmaõ de Ruy Gomez da Sylva primeiro Senhor da Chamuſca, e Ulme, e a Beatriz Barreiros de Oliveira de geraçaõ nobre. A capacidade do talento que logo moſtrou na primeira idade, impellio a ſeu Pay, para que o mandaſſe cultivar as letras, nas quaes fez taes [progreſ

ſos aſſim em as Humanidades, como em o Direito Canonico, e Civil recebendo as inſignias de Doutor em ambas eſtas Faculdades em a Academia Conimbricenſe, que foy creado por ElRey D. Joaõ o III. ſeu Conſelheiro, e Dezembargador dos Aggravos. Neſte laborioſo miniſterio adminiſtrou rectamente a juſtiça ſem que o ſoborno, ou a authoridade dos Litigantes pudeſſe em alguma occaſiaõ abalar a inteireza do ſeu animo. Penetrado de huma viſaõ nocturna em que lhe ſignificava Deos naõ ſer do ſeu agrado o Officio que exercitava, o renunciou buſcando para tranquillidade do ſeu eſpirito a penitente Familia dos Religioſos da Provincia da Piedade onde ſervio de exemplar aos mais veteranos profeſſores deſte Serafico Inſtituto. Atrahido ElRey D. Joaõ o III. das virtudes que exercitava o nomeou naõ ſómente director da ſua Conſciencia, mas o fez Biſpo de Ceuta Primaz de Africa, em que foy confirmado pela Santidade de Clemente VII. a 4. de Março de 1533. Naõ ſatisfeito eſte Principe com a dignidade que lhe conferira, o creou Inquiſidor Geral ſendo o primeiro que teve o Tribunal da Inquiſiçaõ na forma que agora eſtá eſtabelicido, de cujo honorifico lugar lhe expedio a Bulla Paulo III. a 23. de Mayo de 1536. Ultimamente com beneplacito do meſmo Monarcha foy aſſumpto em o anno de 1540. à Cadeira Primacial de Braga por ſer della transferido para a de Evora o Cardial Infante D. Henrique em quem tinha renunciado D. Fr. Diogo da Sylva o lugar de Inquiſidor Geral a 3. de Julho de 1536. Ao tempo que as ſuas ovelhas experimentavaõ a benignidade do ſeu governo, lamentaraõ a ſua falta no breve eſpaço de nove mezes, que as apacentou eſpirando com evidentes ſinaes de predeſtinado em 19 de Setembro de 1541. quando contava 56. annos de idade. Foy treſladado o ſeu Cadaver por D. Fr. Agoſtinho de Caſtro ſeu ſucceſſor na Dignidade Primacial para a Capella de S. Giraldo, e lhe mandou gravar o ſeguinte letreiro.

D. Fr. Didaco à Sylva Archiepiſcopo Primati

D. Fr. Aug. M. P.

O ſeu nome celebraõ diverſos Eſcritores, como ſaõ D. Luiz Salazar *Hiſt. dela Caſ. de Sylv.* Part. 2. liv. 11. cap. 18. *Eſte Prelado, que por muchos titulos es uno de los más iluſtres hijos de la Caſa de Sylva. La memoria de ſus virtudes permanecerá debidamente para exemplo de varones grandes.* D. Rodrig. da Cunha. *Hiſt. Eccleſ. de Brag.* Part. 2. cap. 76. Fr. Manoel de Monforte *Chron. da Provinc. da Pied.* liv. 3. cap. 19. e 20. Fr. Manoel de S. Damaſ. *Verd. Elucid. Elucid.* 1. n. 6. onde o intitula *preclariſſimo Varaõ,* em cuja obra nervoſamente defende, e evidentemente moſtra ſer elle o primeiro Inquiſidor Geral da Inquiſiçaõ novamente erecta diſtinguindo-o de outro Inquiſidor Geral D. Fr. Diogo da Sylva Religioſo de S. Franciſco de Paula. Fr. Antonio de Souſ. *Aphoriſm. Inquiſit. De Orig. Inquiſ. Luſit.* n. 5. Daza *Chron. de S. Franc.* Part. 4. liv. 1. cap. 12. n. 58. e cap. 17. D. Nicol. de Santa Mar. *Chron. dos Coneg. Reg.* liv. 4. cap. 9. n. 11. *Illuſtre por ſangue, e muito mais por virtudes,* e liv. 10. c. 7. n. 3. Gonzag. *De orig. Seraph. Relig.* Part. 3. pag. 945. Param. *de Orig. Inquiſit.* lib. 2. titul. 2. cap. 15. Fonſec. *Evor. Glorioſ.* pag. 319. Deixou imperfeito.

Tractatus de Obſcurioribus ex manifeſtioribus probandis, de cuja obra fazem mençaõ Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 244. col. 1. e Fr. Joan. a D. Ant. *Bib. Franciſc.* Tom. 1. pag. 307. col. 1.

DIOGO DA SYLVA celebre profeſſor de Medicina cuja arte exercitou com grande applauzo em Roterdaõ, e depois em Pariz, ſendo mayor o que alcançou com as ſuas obras em que eternizou na poſteridade a ſua ſciencia Medica, ſendo as principaes.

Joannis Meſſue Damaſceni de re medica libri 3. Pariſiis apud Chriſtianum Wechelum 1542. fol. & ibi apud Ægidum Gorbinum. 1561.

In Hippocratis Elementa Commentarius libris duobus. Pariſiis apud Jacobum Gazzellium. 1548. fol.

In Hippocratis, & Galeni Phiſiologiæ partem anatomicam Iſagoge. Baſileæ 1556. 16.

Verteo do Grego em Latim, e illuſtrou com varias notas.

De menſibus mulierum, & hominum generatione Commentarius. Baſileæ 1556. 4. Caſtigatus per Alexandrum Arnaudum Venetiis 1556. 8.

Depulſio veſani cujuſdam calumniarum in Hippocratis, & Galeni rem anatomicam. Pariſiis apud eumdem Typ. 1561. 8.

De Medicamentorum Simplicium delectu, præparationibus & mixtionis modo libri tres. Pariſiis apud Ægidum Gorbinium 1562. 8.

De febribus. Pariſiis. 1562. 8.

De Sſtudioſorum, & eorum, qui corporis exercitationibus adducti non ſunt, tuenda valetudine. Duaci. 1574. 8.

Conſilia varia Medica. Sahiraõ com os Conſelhos de outros Medicos de que foy collector. Scholzio Francofurt. 1598. e 1610. fol.

Morborum internorum prope omnium curatio ex Galeno præcipue, & Mario Gattinara. Lugduni 1620. 12.

Todas eſtas obras ſahiraõ diſtribuidas em quatro Partes Coloniæ Allobrogum 1630. fol.

Na *Bibliothec. Real Philoſophic. Martin. Lipenii* Tom. 1. pag. 555. eſtà huma obra intitulada *Gallicæ Linguæ Inſtitutiones Jacobi Sylvij.* Pariſiis. 1531. 4. a qual naõ ſey certamente ſe he do noſſo Diogo da Sylva que floreceo por eſte tempo, e pela grande aſſiſtencia que fez na Corte de Pariz poderia compor eſta Arte da lingua Franceza.

D. DIOGO DA SYLVA. Naceo na Imperial Villa de Madrid onde teve por Progenitores a D. Manrique da Sylva primeiro Marquez de Gouvea ſexto Conde de Portalegre Gentilhomem da Camera de Filippe IV. Conſelheiro de Eſtado, e Mordomo mór delRey D. Joaõ o IV. e D. Maria de Lancaſtro ſua terceira mulher filha de D. Alvaro de Lancaſtro terceiro Duque de Aveiro, e D. Juliana de Lancaſtro filha herdeira de D. Jorge de Lancaſtro ſegundo Duque de Aveiro. Foy ornado de tal viveza de engenho que podia competir com o eſplendor do ſeu nacimento, com o qual fez admiraveis progreſſos aſſim nas letras humanas, Poeſia Latina, e preceitos da eloquencia como nas eſpeculaçoens da Filoſofia, e Theologia, em cuja ſublime Faculdade recebeo as inſignias doutoraes em a Academia Conimbricence ſendo admittido ao Collegio de S. Pedro a 22. de Julho de 1660. para ornato de taõ douta Sociedade. Obteve hum Canonicato na Cathedral de Lisboa, onde morreo em idade muyto florente deixando para teſtemunha da ſua Muſa Latina a Elegia ſeguinte compoſta quando eſtudava Humanidades, em que ſe admira a elegancia das vozes unida com a ternura dos affectos.

Fletus Mariæ Magdalenæ ad Sepulcrum. Ulyſſipone apud Antonium Alvares 1651. 4.

D. DIOGO DA SYLVA, E MENDOÇA Marquez de Alenquer Duque de Francavilla, Cõde de Salinas, e Ribadeo naceo em a Corte de Madrid, e a 23. de Dezembro de 1564. recebeo a graça bautiſmal em a Parochia de S. Gil. Foy terceiro filho de Ruy Gomes da Sylva Principe de Eboli, Conde de Melito, e Marquez de Diano, primeiro Duque de Eſtremera, e Paſtrana, quarto Senhor da Villa da Chamuſca do Arcebiſpado de Liſboa (onde naceo em o anno de1 516.) Ulme, e Reguengos de Neſpereira, do Concelho de Eſtado de Felippe II. e ſeu Sumilher de Corps, e de D. Anna de Mendoça de Lacerda ſegunda Princeza de Melito Duqueza de Francavilla filha unica de D. Diogo Furtado de Mendoça, Principe, e Conde de Melito, Duque de Francavilla, Marquez de Algezilla, Vice-Rey, e Capitaõ General de Aragaõ, e Catalunha, e Preſidente dos Concelhos de Ordens em Italia, e de D. Catherina da Sylva filha de D. Fernando quinto Conde de Cifuentes Alferes mór de Caſtella. A fortuna querendo para gloria deſte Cavalhero ſer emula da natureza, que o ornara de juizo prudente, capacidade profunda, e animo generoſo, o elevou aos mayores lugares aſſim politicos, como Militares ſendo Capitaõ General das fronteiras de Samora quando em o anno de 1580. entrou armado por Portugal Filippe II. cujo poſto exercitou por nomeaçaõ deſte Principe em Andaluſia na auzencia de ſeu cunhado o Duque de Medina Sidonia, na occaſiaõ em que paſſou a Ingla-

terra por General da Armada Catholica, que teve infeliz ſucceſſo no anno de 1588. Em remuneraçaõ de ſeus ſerviços o fez Felippe III. Vedor da Fazenda Real neſte Reyno, Conſelheiro de Eſtado, e Marquez de Alanquer com o ſenhorio deſta Villa. O meſmo Monarcha no anno de 1615. o nomeou Vice-Rey, e Capitaõ General deſta Coroa, e lhe aſſiſtio na entrada publica, que fez em Lisboa no anno de 1619. e nas Cortes de Thomar em que foy jurado ſucceſſor deſta Monarchia. Por procuraçaõ que teve de Felippe IV. tomou em ſeu nome poſſe deſte Reyno em 8. de Agoſto de 1621. e deixando ſubſtituido o Vice-reinato em D. Diogo de Caſtro Conde de Baſto, D. Nuno Alvares de Portugal, e D. Affonſo Mexia Biſpo de Coimbra partio para Madrid a 14. de Março de 1622. onde foy Preſidente do Concelho de Portugal. Foy cazado tres vezes com herdeiras de grandes Cazas, ſendo a primeira D. Luiza de Cardenas Cabrillo, e Albornoz Senhora de Colmenar de Oreja, Torralva filha de D. Bernardino de Cardenas Senhor de Colmenar, e Mochares, e de D. Jgnez de Zuniga Marqueza de Laguna, cujo matrimonio ſe anullou. Contrahio ſegundas vodas com D. Anna Sarmiento de Villadrando, e de Lacerda quinta Condeſſa de Salinas e Ribadeo filha de D. Rodrigo Sarmiento de Villadrando quarto Conde de Salinas e de ſua mulher D. Antonia de Ulhoa de quem teve hum filho unico chamado D. Pedro Sarmiento de Villadrando ſexto Conde de Salinas. Cazou terceira vez com D. Marina Sarmiento de Villadrando ſua cunhada irmãa de ſua 2. mulher de quem teve a D. Rodrigo Sarmiento de Villadrando 8. Conde de Salinas. Falleceo em Madrid a 15. de Junho de 1630. e foy ſepultado no Moſteiro de Benevivere de Conegos Regrantes de Santo Agoſtinho Padroado muito antigo da Caza de Salinas. A ſua memoria eternizaraõ varios Eſcritores como foraõ Pedro de Salazar *Vid. do Card. Mendoc.* liv. 2. cap. 77. pag. 456. Fr. Andr. de S. Nicol. *Hiſt. de los Aguſt. Deſc.* Part. 1. Decad. 2. cap. 1. pag. 334. cap. 8. pag. 436. cap. 9. pag. 446. Herrer. *Hiſt. Gen. del Mund.* Part. 3. Liv. 9. cap. 23. e Liv. 12. cap. 15. Lavanha *Jornad. de Filip.* 3. fol. 15. Ceſpedes *Hiſt. de Filip. IV.* Liv. 1. cap. 7. Salaz. *Hiſt. da Caſ. de Sylv.* Part. 2. Liv. 11. cap. 4. Foy hum dos mais famoſos alumnos do Parnaſo Caſtelhano merecendo os ſeus verſos o mayor applauſo, e preferencia entre os mayores Poetas do ſeu tempo, como eraõ D. Luiz de Gongora, o Conde de Villamediana, o Principe de Eſquilade, D. Jozé de Valdevieſſo, e Lope da Vega Carpio dizendo en el *Laurel de Apolo* Sylv. 6.

Mira que dulce, y grave
El Marquez de Alenquer honrar te puede
Quando tierno, y ſuave
A ſi meſmo ſe excede
Diziendo, a quien tan alto honor merece
Alabeos el callar, que nó enmudece;
Y aſſi lo miſmo en ſu alabança ofreſco
Pues callando le alabo, y no enmudeſco
Que quando en ſu alabança hablar quiziera
Mas mudo, que callando pareciera.

Deixou. M. S.

Poeſias Varias, as quaes conſervavaõ com grande eſtimaçaõ ſeus Succeſſores os Duques de Ixar, e Salinas como affirma Nicol. Ant. in *Bib. Hiſp.* Tom. 2. pag. 321. col. 1. eſcrevendo do Author. *Vir utique, quem jure dixeris totius urbanitatis, & gratiarum florem, ingenio ſummus, judicio, prudentiaque in paucis ſtylo diſertiſſimus, ſive carmina ſive, proſam orationem ſcriberet.* Eſte volume de Verſos ſe conſerva na Livraria do Duque de Alafoens.

Introduccion ala Hiſtoria delRey D. Filippe III. con los principios de ſu Monarchia a qual julgou digna de equiparar-ſe com as dos Gregos, e Latinos, D. Jozé Pellizer Chroniſta mór de Caſtella en la *Informac. dela Caſa de Sarmiento, y Villa mayor.*

P. DIOGO SOARES Religioſo da Companhia de JESUS Meſtre de Mathematica no Collegio de Santo Antaõ de Lisboa, de Filoſofia em o de Evora, e em ambas eſtas Faculdades muito perito. Publicou ſem o ſeu nome.

Pobreza vencedora, e aplaudida, ou triumfo com que os Terceiros pobres da nobre, e ſempre illuſtre Villa do Redondo na Provincia do Alentejo celebraõ a nova treſladaçaõ

do ſeu grande Patriarcha, e Pay de pobres Saõ Franciſco. Evora na Officina da Univerſidade. 1723. 4.

DIOGO SOBRINHO natural de Montemòr o novo em a Provincia do Alentejo criado de D. Fernaõ Martins Maſcarenhas Alcayde mòr da dita Villa, o qual acompanhou a eſte Cavalhero, quando por ordem delRey D. Sebaſtiaõ foy com o caracter de ſeu Embaxador ao Concilio Tridentino ſahindo de Monte-Mòr a 16. de Outubro de 1561. e reſtituindo-ſe a eſte Reyno a 14. de Fevereiro de 1564. Eſcreveo.

Itinerario do que ſucedeo neſta Jornada o qual conſervava Fr. Andrè Sobrinho Eremita de Santo Agoſtinho filho do Author, de quem fizemos memoria em ſeu lugar.

P. DIOGO DO SOVERAL natural da Villa do ſeu appelido ſituada no Biſpado de Viſeu. Recebeo a Roupeta da Companhia de JESUS no Collegio de Coimbra a 11. de Julho de 1546. Ainda naõ ſendo Sacerdote paſſou com outros companheiros ao Reyno do Congo onde depois de aſſiſtir alguns annos na cultura de taõ agreſte vinha voltou para Portugal. Reſoluto a prégar o Evangelho em terra que correſpondeſſe abundantemente aos ſeus trabalhos apoſtolicos navegou ja Presbytero para a India com o P. Franciſco Vieyra, e chegando a 17. de Setembro de 1554. foy mandado para o Cabo de Camorim, onde ajudou muito aos Padres Henrique Henriquez, e Franciſco Peres em todos os exercicios de Miſſionario até que navegou para S. Thomè, e fazendo naufragio a embarcaçaõ em que hia, acabou infelizmente a vida a 31. de Dezembro de 1585. quando contava 33. annos de Religioſo. Eſcreveo.

Carta eſcrita aos PP. da Provincia de Portugal. acerca da ſua Viagem a Goa a 5. de Novembro de 1554.

Carta eſcrita de Cochim aos meſmos PP. a 20. de Janeyro de 1555. Sahio com outras Venetia apreſſo Michele Tramezzino. 1559. 8.

Carta eſcrita de Cochim a 2. de Janeiro de 1556.

Carta eſcrita do Cabo de Camorim a 10. *de Dezembro de* 1559.

Todas eſtas Cartas *M. S.* ſe conſervaõ no Archivo da Caſa profeſſa de S. Roque como affirma o P. Franciſco da Cruz nas ſuas Memorias *M. S.* para a *Bib. Luſit.*

D. DIOGO DE SOUSA. Naceo na Cidade de Evora em o anno de 1460. e naõ em 1457. como eſcreve o P. Franciſco da Fonſeca na *Evor. Glorioſ.* pag. 318. onde teve por progenitores a Joaõ Rodriguez Ribeiro de Vaſconcellos Senhor de Figueiró, e Pedrogaõ, e a D. Branca da Sylva, filha de Ruy Gomes da Sylva Alcayde mòr de Campo Mayor, e Ouguella, e por Avo materno a D. Lopo Dias de Souſa 8. Meſtre da Ordem de Chriſto. A boa indole que moſtrou nos primeiros annos vaticinou o grande progreſſo que havia nellas fazer quando chegaſſe aos mayores. Eſtudou as ſciencias amenas na patria, e as ſeveras em Salamanca, e Pariz, ſahindo taõ conſummado em todo o genero de erudiçaõ que mereceo ſer venerado como Oraculo na Cabeça do mundo, de tal ſorte que mandando ElRey D. Joaõ o II. por ſeu Embaxador D. Pedro da Sylva Commendador de Aviz à Santidade de Alexandre VI. novamente aſſumpto à Cadeira de S. Pedro, ordenou que regulaſſe as ſuas acçoens pela prudente direcçaõ de D. Diogo de Souſa. Querendo eſte Principe ſervirſe do ſeu talento, o mandou chamar de Roma, e logo que chegou, o fez Deaõ de ſua Real Capella, donde ſubio por nomeaçaõ do meſmo Monarcha ao Biſpado do Porto em o anno de 1495. ſendo huma das principaes acçoens que fez no tempo do ſeu governo treſladar para a Cathedral as Reliquias do inſigne Martyr S. Pantaleaõ Tutelar daquella Cidade. A meſma eſtimaçaõ que fez da ſua peſſoa ElRey D. Joaõ o II. experimentou da generoſidade delRey D. Manoel nomeando-o naõ ſómente Capellaõ mór de ſua ſegunda mulher a Rainha D. Maria, mas Embaxador ao Pontifice Julio II. para o congratular da aſſumpçaõ ao ſolio do Vaticano, de quem foy recebido com ſumma benevolencia alcançando com promptidaõ todas as negociaçoens em que era intereſſada eſta Coroa. Pela renuncia que fez do Arcebiſpado de Braga o Car-

dial D. Jorge da Coſta foy promovido a eſta Primacial Cadeira onde depois de celebrar Synodo no anno de 1506. ornou eſta Cidade com magnificas obras em que eternizou a ſua piedade, e magnificencia podendo juſtamente intitular-ſe ſeu Amplificador. Edificou a Capella mór da Cathedral com ambito capaz para a mageſtoſa celebraçaõ dos Pontificaes treſladando para ella as auguſtas cinzas do Conde D. Henrique tronco illuſtre dos Monarchas Portuguezes juntamente com as de ſua Eſpoſa a Rainha D. Tareja. Abrio novas portas na Cidade com huma caudaloſa fonte para beneficio dos ſeus moradores, e reſtaurou as de N. Senhora a Branca, e S. Pedro de Maximinos. Cingio com baluartes novos o Caſtello, e reedificou a Igreja de Santa Anna, em que mandou collocar por ordem as pedras, e columnas, que os Romanos no tempo que ſenhoriaraõ Braga levantaraõ aos ſeus Emperadores para que naquelles veneraveis monumentos leſſem os curioſos as antiguidades da ſua Patria. Laurou para depoſito das ſuas cinzas a Capella de JESUS na Igreja da Miſericordia aſſinando-lhe renda capaz para ſuſtento de varios Capellaens que rezaſſem todos os dias o Officio divino de que fez Adminiſtrador o Arcediago de Vermoim Dignidade da Cathedral de Braga. Naõ ſatisfeito de ennobrecer eſta Cidade com edificios, a quiz eternizar com a gloria de que lhe deſcreveſſe as ſuas grandezas o famoſo André de Reſende o que executou no breve termo de dez dias mandandolhe hum Poema de trezentos Verſos Latinos em que elegantemente deſcreveo a fundaçaõ, e privilegios de taõ illuſtre Cidade. Na Carta em que lhe offerece eſte Poema o intitula *Pontificum decus, Hiſpaniæque Sydus fulgentiſſimum, bonarum vigiliarum fautor, unicum ſcribentium confugium.* Como taõ inſigne Mecenas dos Eſtudioſos, foy o primeiro que abrio eſcolas publicas para nellas ſe aprenderem as ſciencias. Defendeo com heroica liberdade a juriſdicçaõ da ſua Igreja, cujo zelo apoſtolico mereceo a approvaçaõ delRey D. Manoel. A familia da ſua Caſa competia com a Real aſſim em o numero, como na qualidade dos Criados ſendo os Capellaens, Letrados, e os pagens, nobres, que todos ficaraõ no ſerviço do Cardial D. Henrique ſeu Succeſſor na dignidade Primacial affirmando eſte Princepe *que tal amo ſoube ſempre ter Criados, que o podiaõ ſer na Caſa do meſmo Rey.* Os Dezembargadores que compunhaõ a ſua Relaçaõ eraõ dotados de tanta ſciencia, e integridade que as ſuas Deciſoens eraõ veneradas como Oraculos. A piedade do animo, e obſervancia das virtudes correſpondia à mageſtade exterior com que ſe tratava, ſendo naturalmente humilde, e ſummamente amante dos pobres. Dezejando renunciar o Arcebiſpado para mais livremente ſe preparar para a eternidade, e conſultando eſte ſanto intento com o Ven. Fr. Franciſco da Serra de Gata Religioſo Capucho da Provincia da Piedade o avizou que ſe diſpuzeſſe para a morte porque ſómente havia de viver quatro dias, o que certamente ſe cumprio, pois accometido de hum accidente de parleſia eſpirou a 18. de Julho de 1532. Foy taõ exceſſivamente ſentida a ſua falta por todo o genero de gente, que ſe chegaraõ a ouvir os ſeus laſtimoſos clamores na Villa do Prado diſtante huma legoa de Braga. Foy ſepultado na Capella que edificara para ſeu jazigo, em hum mauſoleo de pedra, ſobre o qual ſe vè a ſua figura veſtida com as inſignias Pontificaes, e no circuito tem eſcrito o ſeguinte epitafio.

Aqui jàs D. Diogo de Souza Arcebiſpo de Braga filho de Joaõ Rodrigues de Vaſconcellos Senhor de Figueirò, e do Pedrogaõ, e de D. Branca da Sylva ſua mulher o quail ElRey D. Joaõ o II. mandou por Embaxador a Alexandre Papa VI. a lhe dar ſua obediencia, e elRey D. Manoel tendo o feito Capellaõ mòr da Rainha D. Maria ſua mulher o mandou dar ſua obediencia ao Papa Julio II. e elRey D. Joaõ o III. o fez Capellaõ mòr da Rainha D. Catherina ſua mulher o qual fez eſta Capella para ſua ſepultura. Viveo LXXII. annos e faleceo a 18. dias do mez de Julho de 1532.

Fazem illuſtre memoria deſte Prelado, D. Rodrigo da Cunha *Cathalog. dos Biſp. do Port.* Part. 2. cap. 32. e na *Hiſt. de Brag.* Part. 2. cap. 69. 70. 71. e 72. Oſor. *de Reb. Emman.* lib. 4. in principio. Reſende *Chron. delRey D. Joaõ o II.* cap. 190. Tellez *de reb.*

Geſt. Joan. II. pag. mihi 237. D. Ant. Caet. de Souſ. *Hiſt. Geneal. da Caz. Real Portug.* Tom. 1. Liv. 1. cap. 1. Fonſec. *Evor. Glorioſ.* pag. 318. A eſte Prelado dedicou o ſeu Compendio de Fiſica impreſſo em Salamanca em 1520. Pedro Margalho Lente de Prima de Theologia em a Univerſidade de Coimbra.

Emendou, e mandou imprimir duas vezes. *Breviarium Bracharenſe.* Salmanticæ apud Joannem Porras 1512.

Conſtituiçoens do Arcebiſpado de Braga. M. S. e nellas ſe conhece a profunda ſciencia que tinha igualmente da Theologia, como dos Sagrados Canones.

DIOGO DE SOUSA natural da Villa de Pereira diſtante duas legoas da Cidade de Coimbra para a parte do Poente, deſcendente de familia nobre, e ornado de hum ſublime genio para a Poeſia de cuja divina Arte deixou varias obras ſendo a que vio a luz publica com o nome ſuppoſto de Diogo Camacho.

Jornada que fez às Cortes do Parnaſſo em que Apollo o Laureou. Começa.

Sahio o Sol a vinte e tres de Mayo
Num coche de frizoens com grandes garras
Vinha diante a aurora por Lacayo.

Eſtá impreſſa no 5. Tom. da *Fenis renacida, ou obras Poeticas dos melhores engenhos Portuguezes.* Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ 1728. 8. deſde pag. 1. até 37.

D. Fr. DIOGO SOARES DE SANTA MARIA Naceo na Cidade de Lisboa no principio de Dezembro de 1551. ſendo ſeus progenitores André Soares Fidalgo da Caſa delRey D. Joaõ o III. do ſeu Conſelho, e Secretario da Rainha D. Catherina, e D. Maria Botelha de igual nobreza à de ſeu Conſorte. Renunciando a Béca de Porcioniſta do Real Collegio de S. Paulo da Univerſidade de Coimbra que recebera a 23. de Abril de 1567. abraçou no meſmo anno com reſoluçaõ mayor que a ſua idade que naõ paſſava de dezeſeis annos, o Inſtituto Serafico em o Real Convento de S. Franciſco da Cidade tomando na profiſſaõ o ſobrenome de Santa Maria. Na carreira dos eſtudos eſcolaſticos, aſſim filoſoficos, como Theologicos ſe diſtinguio com tal exceſſo dos ſeus condiſcipulos, que chegou cauzar enveja aos Meſtres. Mayor applauſo conſeguio o ſeu grande talento quando começou a exercitar o Officio de Orador Evangelico para o qual felizmente ſe uniraõ ſumma erudiçaõ, elegante facundia, e eſpirito apoſtolico com que intimava as verdades ſolidas dos ſeus diſcurſos dirigidos à reforma das vidas, extirpaçaõ dos vicios, e obſervancia das virtudes. Todos eſtes dotes, que publicava a Fama, deſpertaraõ a maledicencia dos emulos da ſua eloquencia concionatoria, e querendo evitar a cauſa de taõ vil paixaõ deixou com prudente reſoluçaõ a Corte de Lisboa em o anno de 1580. e paſſou à de Pariz, onde o ſeu merecimento lhe tinha preparado hum ampliſſimo theatro para oſtentar a ſua univerſal litteratura. Depois de ſe laurear com as inſignias de Doutor em as Univerſidades de Pariz, e de Lovanha, dictou nellas Theologia Polemica com tanta gloria do ſeu magiſterio, que repetidas vezes triunfou dos ſofiſticos argumentos de hereges doutiſſimos contando as victorias pelos combates alcançadas pela concludente efficacia das ſuas propoſiçoens, de tal ſorte que foy antonomaſticamente intitulado por graves Authores *Vehemens hæreticorum flagellum.* Para coroar os ſeus merecimentos de que eraõ pregoeiros os Pulpitos, e as Cadeiras, o elegeu Henrique IV. ſeu Prégador, e Conſelheiro, donde ſubio por nomeaçaõ de Luiz XIII. ao Biſpado da Cidade de Sais da Provincia de Normandia Suffraganeo do Arcebiſpado de Ruaõ, em cuja dignidade foy confirmado pelo Pontifice Paulo V. no anno de 1612. Exercitou com ſummo diſvelo as obrigaçoens do Officio Paſtoral pelas quaes partio a receber o premio na eternidade a 30. de Mayo de 1614. quando contava 62. annos, e meyo de idade e 45. de Religiaõ. Jaz ſepultado no Convento de S. Boaventura de Pariz, onde aſſiſtio deſde o anno de 1580. até o de 1612. em que foy promovido ao Biſpado. O Illuſtriſſimo Jacobo Camus ſeu Succeſſor em a dignidade Epiſcopal lhe mandou gravar eſte epitafio.

Jacobo Soares à Santa Maria
Ulyſſiponenſi Ordinis S. Franciſci

Theologo eximio
Epiſcopo Sagienſi
Cujus conciones Chriſtianiſſimus populus
Advenaratione multa
& concurſu frequentiſſimo comprobavit
Jacobus Camus Epiſcopus Deceſſori ſuo B. M.
Secundùm Voluntatem Teſtamenti F. C.
Vixit annos LXII. Menſes VI.
Pontificatus ann. III.
Depoſitus in Pace III. Kalen. Jun.
Anno M. DC. XIV.

Deſte inſigne Varaõ fazem memoria Joan. Chenu in *Chronol. Epiſcop. Galliæ* pag. 102. *magnus ac doctiſſimus Prædicator.* Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 462. *eximio Theologo, e aſamado Prégador.* Marrac. *Bib. Marian.* Part. 1. pag. 645. *vir virtutibus non minùs, quàm ſcientia probatiſſimus.* Samarth. Frat. *Gallia Chriſtian.* Tom. 3. *Epiſcop. Sagienſ.* pag. 974. *Egregius concionator, ac in myſtica, poſitivaque Theologia mire verſatus, in ſuam Eccleſiam beneficus, hæreticorum hoſtis acerrimus.* Gualt. in *Tab. Chronol.* Sæcul. 17. pag. 216. *doctrina, & concionandi facultate celebris.* Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 245. *Hæreticorum, atque hæreſum hoſtem ſe, ac maſtigem acerrimum verbo, & ſcriptis præbuit.* Fr. Fernand. da Soled. *Hiſt. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 3. liv. 1. cap. 21. *por ſuas grandes virtudes, e letras memoraveis.* Ant. Poſſev. *Apparat. Sacr.* letr. I. pag. 793. Draud. in *Bibliot. Claſſic* P. D. Manoel Caet. de Souſa. *Cathalog. Hiſt. dos Biſp. Port.* pag. 131. Wadingo *Script. Ord. Min.* pag. 186. Fr. Joan. à D. Ant. *Bib. Franciſc.* Tom. 1. pag. 306. D. Jozé Barboſ. *Cathal. Hiſt. do Colleg. de S. Paul.* pag. 253. e no *Archiath. Luſit.* pag. 71.

Illecebras, quas mundus amat, ſuperabit inanes
Franciſcique premet veſtigia Sacra Soares.

Compoz.

Coſmopœia in duo priora Capita Geneſis. Nannetis apud Blaſium Petrail. 1585. 4.

Conciones XXIII. in prima tria Apocalypſis Capita habitæ in celeberrima Eccleſia Lugdunenſi, quibus acceſſerunt Sermones VI. pro diebus Dominicis Adventùs, ac Feſti Conceptionis B. Virginis, & Nativitatis Domini. Lugduni apud Horatium Cardon 1598. 8. Na faculdade que concede para ſe imprimir eſta obra o Illuſtriſſimo Pedro de Eſpinac Arcebiſpo de Leaõ, e Primaz de França diz eſtas palavras em applauſo do Author. *Cum exploratum nobis ſit quàm uberes fructus protulerint conciones in B. Joannis Apocalypſim, quas R. P. Fr. Jacobus Soares a Sancta Maria Ord. Min. hoc proximo elapſo Adventùs tempore in primaria noſtræ Lugdunenſis Eccleſiæ Cathedra incredibili concurſu, plauſuque omnium Civitatis Ordinum habuit; noſque non lateat uberiores, et auctiores ad pietatis, & morum inſtitutionem eruditiſſimorum etiam hominum eruditionem; nec non ad veræ, & orthodoxæ Religionis aſſertionem adverſus noſtri temporis hæreſes edituras, ſi excuſæ in publicam lucem prodeant, earum editionem ſuaſimus, permiſimus, & à doctiſſimis Theologis approbatam comprobamus, & commendamus. Datum apud Sanctum Regnibertum Idibus Januarii* 1597. Sahio 2. vez Lugd. apud Horat. Cardon 1605. Neſta ediçaõ ſahio acrecentado com dous Sermoens hum de Santo Eſtevaõ, e outro de S. Joaõ Evangeliſta.

Conciones octo Solemnitatis Corporis Chriſti in quibus etiam octo cauſæ deducuntur ob quas à Domino JESU Sacramentum Euchariſtiæ fuit inſtitutum. Lugd. apud Horat. Cardon 1607. 8.

Theſaurus Quadrageſimalis pluribus divinorum eloquiorum, ac SS. PP. ſententijs plenus. Sahio primeiramente na lingua Franceza em 2. Tomos. Pariz ches Nicolas dela Foſſe 1607. 8. e depois em Latim traduzido pelo meſmo Author. Lugdun. apud Horat. Cardon 1610. 8.

Sermons ſur les Dimanches de tout l'Anné. 2. Tom. Pariz ches Robert Faciet. 1622. 8. No 2. Tom. traz 8. Sermoens do Santiſſimo Sacramento differentes dos que imprimio Horacio Cardon de que aſſima ſe fez mençaõ.

Sermones in laudem B. Virginis. Lugd. apud. Horatium Cardon. 1607. 8. Deſta obra fazem memoria Pedro de Alva y Aſtorga *in Milit. Immacul. Concept.* e Hypolit. Marrac. in *Bib. Marian.* Part. 1. pag. 645.

Sermon funebre fait aux obſeques de Henri IV. Roy de France, et de Navarre le

22. *de Juin* 1610. *dans l'Egliſe de S. Jaques de la Boucharie.* Pariz ches Nicolas de la Foſſe. 1610. 8.

DIOGO DE TEYVE natural da Auguſta Cidade de Braga, e hum dos mais celebres profeſſores de letras humanas, que floreceo neſte Reyno. Para ſe inſtruir nas Sciencias aſſim amenas, como ſeveras paſſou à Corte de Pariz onde pela natural viveza do engenho, e penetrante comprehenſaõ de juizo ſe adiantou com tal exceſſo a todos os ſeus condiſcipulos, que recebido o gráo de Doutor na Faculdade do Direito Ceſareo regentou huma Cadeira de Humanidades na Univerſidade de Bordeaux competindo na Sciencia da lingua Latina, afluencia Poetica, e facundia Oratoria com Jorge Buchanano, e Marco Antonio Moreto, que no anno de 1526. eraõ reſpeitados como Oraculos deſtas faculdades que enſinavaõ na meſma Univerſidade. Querendo a Mageſtade delRey D. Joaõ o III. prover de Meſtres a Univerſidade de Coimbra novamente por elle edificada o mandou convidar para taõ nobre miniſterio com largo eſtipendio. Obedeceo promptamente à inſinuaçaõ do ſeu Principe como ſe fora preceito, e acompanhado de Andre de Gouvea, e ſeu irmaõ Marçal de Gouvea, chegou a Coimbra no anno de 1547. onde foy provido na ſegunda Cadeira de Humanidades ſendo Meſtre da primeira Jorge Buchanano de naçaõ Eſcocez. Tendo exercitado alguns annos o magiſterio com igual gloria do ſeu talento, como intereſſe da mocidade eſtudioſa ſubio a ſer Reytor do Collegio das Artes, onde era Meſtre a tempo que ElRey D. Joaõ o III. por carta eſcrita a 10. de Setembro de 1555. lhe ordenou entregaſſe o governo daquelle Collegio aos Padres Jeſuitas, o que executou no principio do mez de Outubro. Para remunerar eſte Principe os ſeus grandes merecimentos lhe deu hum Canonicato na Cathedral de Miranda, onde vivia pelos annos de 1565. augmentando a fama do ſeu nome com a excellencia dos ſeus eſcritos. Foy inſigne na lingua Latina, ou foſſe eſcrevendo em Oraçaõ ſolta, ou ligada merecendo applauſos a ſua elegante penna como Poeta, e como Hiſtoriador. Joaõ Soar. de Brit. in Theatr. Luſit. Litter. lit. I. n. 3. *in ſtudijs eloquentiæ tantos fecit progreſſus, ut non modo æquales ſuperaverit, verum etiam præceptoris perſonam ſuſtinere auſus eſt.* Cadab. Grav. *De obitu. Joan. III.* na Dedicatoria à Rainha D. Catherina. *Egregias laudes pro mea tenuitate deſcribere tentarem, ni ornatiſſimos viros Jacobum Tevium, & Martialem Goveanum ingenij duo luminaria... ex his duobus Hiſpanienſium latinorum Principibus* Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 246. *ad inſtruendam novam Academiam Conimbricenſem adſcitus, non minorem atque inter Gallos olim doctrinæ famam collegit.* Scoto *Hiſp. Bib.* pag. 475. *Legitur* (falla da Hiſtoria do Sitio de Dio) *ab eruditis hominibus non ſine laudis commendatione.* Angel. Spera. *de Gram. Profeſſor.* Lib. 4. fol. 458. Tellez *Chron. da Companh. de Jeſus da Prov. de Portug.* Part. 2. Liv. 6. cap. 18. n. 8. Capaſſi *Hiſt. Philoſof.* pag. 452. Ant. de Leaõ *Bib. Orient.* Tit. 3. e novamente addicionada Tom. 1. Tit. 3. col. 62. Ant. Ferreir. *Eglog.* 5. pag. 83.

Eis vem o noſſo Tevio, que a victoria
Julgará juſtamente: Tevio às Muſas
Novo Apollo, nova honra à ſua memoria.
Cà te vejo mudado: já as eſcuſas
Naõ te aproveitaraõ. Tevio a contenda
Ouve, e julga entre nos, como bem uſas.
Ouve-me Tevio, e dame deſte a emenda
Da ſua vam ouſadia, que eu eſpero
Que a vóz lhe fuja, e Pallas o reprenda.

E na *Cart.* 4. *do Liv.* 2-pag. 179. v.º

Mas com quanto taõ alto te poſeſte
Das brandas Muſas deſce, e outra ves prova
A doce Lyra a que tal ſom já deſte.
No teu verſo Latino nos renova
Hora outro Horacio, hora outro grande Maro:
Na grave proza Padua, Arpino em nova.
Por ti começou já ſer grande, e claro
O Portuguez Imperio: igual aos feitos
No mundo raros teu eſtilo raro.
Encheſte de eſperanças noſſos peitos
Naõ nos detenhas encobertos tanto
Altos exemplos de obras, e conceitos.
Em quanto aſſi eſtàs livre, Teive em quanto
Te naõ chama tua ſorte ao que mereces
Cria no Portuguez nome amor, e eſpanto

Ledo, e confiado do que em ti conheces. Compoz.

Commentarius de rebus à Lusitanis in India apud Dium gestis anno Salutis nostræ M.D.XLVI. Conimbricæ apud Joannem Barreira, e Joannem Alvares 1548. 4. Romæ apud Aloysium Zannetum. 1608. 8. Coloniæ Agrip. ex Officin. Birkmmanica 1602. 8. e no livro *De rebus Lusit. Hisp. Indic. Æthiop.* desde pag. 383. até 443. e no Tom. 2. *Hisp. Illustr.* Francof. apud Claud. Marnium 1603. fol. à pag. 1347. até 1372. Na Dedicatoria a elRey D. Joaõ o III. promete a *Historia de Portugal,* de cuja obra como da precedente escreve Joaõ Vasco in *Chron. Hispan.* cap. 4. estas palavras em seu applauso. *Ut si de tota Historia Lusitana quod pollicetur ad rem contulerit dubio procul effecturus sit, uti quemadmodum Lusitana rerum gestarum gloria nulli provinciæ concedit, sic neque Historiæ venustate cedere cuiquam merito debet.* Na impressaõ da Historia do Cerco de Dio feita em Coimbra, que he a primeira, tem no fim.

Oratio in Laudem Nuptiarum Joannis, & Joannæ Illustrissimorum Principum Rectoris, Concilijque jussu Conimbricæ habita, atque edita undecimo Calend. Januarij. 4. Segue-se a esta obra em proza a seguinte em verso com este titulo.

Carmen in Nuptias eorundem Principum publice Conimbricæ pronuntiatum. Consta de 193. versos heroicos. Estas duas obras sahiraõ reimpressas Salmanticæ apud hæredes Joannis à Junta 1558. 12.

Opuscula aliquot in Laudem Joannis Tertij Lusitaniæ Regis, & Principis ejus filij, et fratris Ludovici, atque item Sebastiani primi Regis ejusdem nepotis. Salmanticæ apud Joannem à Junta 1558. 12. Dedicado ao Cardial Infante D. Henrique. consta de verso, e prosa.

Ad Joannem Alencastrum Serenissimum Averij Ducem Mortis meditatio in funus Theodosii Brigantiæ Ducis. Olyssipone apud Joannem Barreira. 1563. 4.

Deploratio consolationi admixta in mortem Ferdinandi Menesij Archiepiscopi Ulyssiponensis ad sacrum, & venerabile Canonicorum Ulyssiponensium Collegium. Olyssipone apud eumdem Typ. 1564. consta de versos heroicos.

Tumulus in mortem Michaelis Menezij Marchionis Villæ regalis. Olyssipone apud eumdem Typog. 1565. 4. No fim *Deprecatio ad Christum Crucifixum in die Parasceves.* He em verso heroico.

Epodon, sive Jambicorum carmen libri tres. Olyssipone apud Franciscum Correa. 1565. 8. Consta o primeiro livro entre outras couzas *de Institutione Boni Principis;* a qual verteo em Sextinas Portuguezas seu discipulo Francisco de Andrade, e na Dedicatoria que lhe fez, o louva com estas vozes metricas.

Lymphas bibisse te putant Aganippidos
Parnassi, & altis somniasse montibus
Hæc erudita, quæ tua legant carmina
Meritoque eorum Principem te judicant
Florere nostro quis peroptet sæculo
Claros poetas, quos sacer liquor rigat
Fontis Heliconis, quos ad astra fulgida
Ventura summis tollat ætas laudibus.

O 2. livro consta. *Hymni* 13. *ad Jesum Christum pro Salute Regis Sebastiani, et felici Regni statu. Hymni ad Divos Regni Lusitanici patronos.* Esta obra allega Jorge Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 235. col. 1. intitulando a *de Rebus Divinis* o 3. livro consta *de Perfecto Episcopo ad Cardinalem Henricum. Congratulatio ad Fr. Ludovicum Granatensem de Serenissimo Principe Henricuo dum Ulyssiponem Archiepiscopatum accepit relicto Eborensi. Ode in illa Evangelij Verba. Domine si vis potes me mundare. Epithalamium in laudem Nuptiarum Alexandri, & Mariæ Principum Parmæ, & Placentiæ* &c.

Oratio in obitu Principis Joannis in Templo Sanctæ Crucis habita. No fim *Oratio ad Deum pro defuncto Principe, pro Parente Rege, & Nepote Sebastiano.* 4. M. S. Conservava-se na Livraria do Cardial Souza.

Traduzio da lingua Grega na Portugueza por ordem delRey D. Joaõ o III.

Cyropedia de Xenofonte.

Fr. DIOGO DE TORRES natural da Villa de Torres novas do Arcebispado de Lisboa Monge Cistercienſe escreveo as seguintes obras que se conservaõ no Real Convento de Alcobaça.

Gloſſa in Hieremiam

Explanatio Rufini in Symbolum

Liber Sancti Hilarij contra hæreſes.
Paſſio S. Laurentij carmine deſcripta.
Liber Prognoſticorum futuri Sæculi.

DIOGO VAZ CARRILHO natural de Lisboa Presbytero da Congregaçaõ do Oratorio de S. Felippe Neri, e Prepoſito da Caſa de Santa Helena da Cidade de Cadiz, Varaõ inſigne em virtudes que exercitou pelo largo eſpaço da ſua vida. Em beneficio das Almas que ſe querem adiantar no caminho da perfeiçaõ evangelica traduzio de varios Authores Aſceticos na lingua Materna ſem declarar o ſeu nome os livros ſeguintes.

Exercicios divinos das tres vias Purgativa, Illuminativa e Unitiva compoſtos em Latim pelo Ven. Doutor Nicoláo Eſchio. Lisboa por Ant. Crasbeek de Mello. 1669. 12.

Imitaçaõ de Chriſto que vulgarmente ſe intitula Contemptus mundi *dividida em quatro Livros eſcrita em Latim pelo Veneravel Thomaz de Kempis Conego Regular de Santo Agoſtinho.* Lisboa por Joaõ da Coſta 1670. 8. & ibi pelo dito Impreſſor 1673. & ibi por Domingos Carneiro 1679. 8.

Manual de exercicios eſpirituaes para ter Oraçaõ do P. Thomaz de Villa Caſtim da Companhia de JESUS. Lisboa por Antonio Crasbeeck. 1672. 8.

Hiſtoria das vidas de Santa Maria Egypciaca, Santa Thais, e Santa Theodora penitentes do P. Pedro da Ribadaneira. Lisboa por Domingos Carneiro 1673. 4.

DIONISIO Medico inſigne aſſim na eſpeculaçaõ, como na practica, compoz antes do anno de 1555. a obra ſeguinte allegada por Nicoláo Monardes grande Medico Sevilhano in *Dialog. de Vena Secanda in Pleuritide* fol. 5.

An in Pleuritide debeat Sanguis emitti ab eodem latere, unde dolor pungit, an ex oppoſito?

Fr. DIONISIO DOS ANJOS. Naceo no lugar de Leomil em o Biſpado de Lamego de Pays nobres quaes eraõ Luiz Tavares, e Helena Ferreira. Profeſſou o Inſtituto de Eremita de Santo Agoſtinho no Convento da Graça de Lisboa a 10. de Agoſto de 1606. Enſinou aos ſeus domeſticos as Sciencias eſcholaſticas, em que foy muyto douto. Os ſeus merecimentos o habilitaraõ para exercitar os honorificos lugares de Confeſſor delRey D. Joaõ o IV. e ſeu filho o Principe D. Theodoſio, de Procomiſſario da Bulla da Cruſada por ſer o Deputado mais antigo deſte Tribunal, Qualificador do Santo Officio, e Examinador das tres Ordens militares. Foy nomeado Biſpo do Algarve, cuja dignidade naõ poſſuyo por fallecer em Lisboa a 24. de Novembro de 1654. Fazem delle memoria Joan. Soar. de Brit. *Theat. Luſit. Litter.* lit. D. n. 38. Fr. Ant. da Purificaçaõ *Chron. da Prov. de S. Agoſt. de Portug.* Part. 2. liv. 6. Tit. 6. §. 11. e *de Vir. Illuſtrib. Ord. Eremit. D. Aug.* Lib. 2. cap. 11. Herrer. *in Alphab. Auguſtin.* Publicou

Sermaõ no Convento da Graça de Lisboa nas demonſtraçoens que ſe fizeraõ pelo roubo do Santiſſimo Sacramento da Parochia de Santa Engracia da meſma Cidade. Braga por Fructuoſo Lourenço de Baſto 1630. 4.

Traduzio de Latim em Portuguez.

Suſpiros do grande Doutor da Igreja Santo Agoſtinho. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira. 1656. 12.

Annotationes ad aliqua privilegia Mendicantium, & ad alias materias morales. M. S. Conſervaſe na Livraria do Convento da Graça deſta Corte.

Tractatus de Euchariſtia. Deſta obra fazem mençaõ Joaõ Franco Barreto na *Bib. Luſit.* M. S. e Fr. Manoel de Figueiredo *Flos Sanct. Auguſtin.* Tom. 4. pag. 150. n. 103. affirmando ambos que ſe imprimira.

Fr. DIONISIO DOS ANJOS natural de Lisboa, e Religioſo de Saõ Jeronymo, cujo Inſtituto profeſſou no Real Convento de Belem a 6. de Janeiro de 1656. Foy inſigne na Arte do Contraponto, e naõ menos deſtro tangedor, de Arpa, e Viola. Obſervou com ſumma exaçaõ as obrigaçoens do ſeu Inſtituto pelas quaes mereceo acabar a carreira da vida com boa opiniaõ em o Convento de Belem a 19. de Janeiro de 1709. Deixou compoſto.

Reſponſorios para todas as Feſtas da primeira Claſſe.

Pſalmos de Veſperas, e Magnificas.
Diverſas Miſſas, Vilhancicos, e Motetes.

Todas eſtas obras ſe conſervaõ com grande eſtimaçaõ no Convento de Belem.

DIONISIO BERNARDES DE MORAES natural de Lisboa filho do Doutor Joaõ Bernardes de Moraes, Phiſico mór, Fidalgo da Caſa de Sua Mageſtade, Cavalleiro da Ordem de Chriſto, e de D. Ignez Rufina da Eſtrella filha de Henrique Ayque, e de Jeronima Rufina. Inſtruido nos rudimentos da Latinidade, e nos preceitos da Rhetorica ouvio Filoſofia em o anno de 1696. em que tive a gloria de ſer ſeu condicipulo, do Padre Sebaſtiaõ Ribeiro immortal credito da Congregaçaõ do Oratorio, e logo moſtrou a viveza do engenho, e preſpicacia do talento, com que havia fazer agigantados progreſſos em outra mayor faculdade, qual foy a dos Sagrados Canones, recebendo nella as inſignias doutoraes na Univerſidade de Coimbra. Admitido ao Collegio das Ordens Militares o indefeſſo eſtudo unido com a facilidade da comprehenſaõ o habilitaraõ para tomar poſſe em 13. de Janeiro de 1730. de huma Cathedrilha de Canones até chegar à Cadeira de Veſpera, donde foy aſſumpto a Prélado de Santa Igreja Patriarchal em 16. de Mayo de 1739. Na controverſia que ſe altercou em a Univerſidade ſe os Doutores Legiſtas podiaõ obter as Conezias Doutoraes das Cathedraes do Reyno, eſcreveo ſem declarar o nome as ſeguintes obras em que com argumentos concludentes authorizados com todo o genero de erudiçaõ defende ſerem os Canoniſtas, e naõ os Legiſtas habeis para os Canonicatos Doutoraes.

Anti-logiſta critico Apologetico, ou Gloſſario Analytico em que ſe critica, reſponde, convence, e refuta hum manifeſto que a favor dos Doutores Legiſtas fez hum Anonymo pertendendo moſtrar que eraõ habeis para as Conezias Doutoraes da Univerſidade de Coimbra. Pariz chez Pierre Prault. 1735. fol.

Com o ſuppoſto nome de Victoriano Guerreiro de Bulhoens.

Cenſura, ſive judicium inofficioſæ Cenſuræ á qua liber Antilegiſta vindicatur, trina velut ære triplici Apologetica demonſtratione conſtat. Salamanca por Antonio Jozé Villagordo, y Alcaras. fol. Sem anno da Impreſſaõ.

Antiepitome, ou Antilegiſta diſfarçado. Dialogos Criticos, ou Colloquios jocoſerios ſobre a Controverſia entre Canoniſtas, e Legiſtas àcerca das Conezias Doutoraes da Univerſidade de Coimbra. Salamanca por la viuda de Antonio Ortiz Gallardo. 1737. 4.

Com o nome de Leonardo Luiz de Queirós.

Prædictiones Apologeticæ, ſive ſloſculi præcurſores ad futurum faſciculum Sententiarum; additio ad Cenſuram inofficioſæ Cenſuræ, & demonſtratio noviſſima in qua præveniuntur, & reconveniuntur aliqua quibus Epitomes Author, et Juris Civilis Doctores pro jure ſuo ſuadendo novum certamen inire moliuntur, & præcipue diſceptatur de veritate, & validitate Bullarum circa Canonicatum Lamecenſem obtinendum. Hiſpali. fol. ſem anno da Impreſſaõ, nem nome do Impreſſor.

Fr. DIONISIO DE S. BOAVENTURA. Naceo no lugar de Unhos do Arcebiſpado de Lisboa a 20. de Janeiro de 1599. ſendo filho de Franciſco Gomez Ribeiro Cidadaõ deſta Corte. Na juvenil idade de deſeſeis annos deſprezou com heroica reſoluçaõ o mundo procurando a Religiaõ Serafica, da qual recebeo o Habito no Convento de S. Franciſco da Cidade a 23. de Novembro de 1615. Ainda que ſahio conſummado Letrado em a Theologia eſpeculativa, e Moral, e verſado na intelligencia das linguas Latina, Grega, Hebraica, e Italiana, naõ ſeguio as Cadeiras donde podia adquirir grande applauſo ao ſeu nome, mas todo ſe dedicou ao miniſterio de Miſſionario Apoſtolico com o qual atrahia muitas almas ao caminho da penitencia. Por ſer muito douto em a Theologia Polemica converteo com a efficacia dos ſeus argumentos muitos Hereges à noſſa Religiaõ ſendo entre elles o mais celebre Lourenço Shite Enviado delRey de Suecia neſta Corte, que naõ ſómente abjurou os ſeus erros mas ſuavemente o perſuadio a profeſſar o Inſtituto Serafico, que promptamente executou com o nome de

Fr. Lourenço de S. Paulo. Foy Commiſſario dos Terceiros da Villa de Thomar eleito no anno de 1634. e de S. Franciſco de Santarem em 1629. naõ querendo aceitar outros lugares de que eraõ dignos os ſeus merecimentos. Recolhido ao Convento de Alanquer fez muitos progreſſos nas virtudes confirmados com prodigios na ſua morte que felizmente ſuccedeo a 15. de Fevereiro de 1665. Jaz ſepultado junto do ultimo degráo da eſcada, que deſce do Coro para o Clauſtro. Faz delle memoria Fr. Fern. da Soled. *Hiſt. Seraf. da Prov. de Portug.* Tom. 5. n. 1111. Eſcreveo.

Relaçaõ da vida, e progreſſos do P. Meſtre Fr. Joaõ de S. Bernardino Leytor jubilado, e Miniſtro Provincial da Provincia de Portugal. M. S. 4.

Fr. DIONISIO DO COUTO natural da Villa de Alfeizaraõ dos Coutos de Alcobaça Monge Ciſtercienſe, e filho do Real Moſteiro de Alcobaça. Foy muito douto em Direito Pontificio compondo.

Caſus abbreviati ſuper Decretales. fol. M. S. Conſervaſe na Bibliotheca do Convento de Alcobaça.

Fr. DIONISIO DE ESTREMOZ cujo appellido tomou da Villa que lhe deu o berço, ſituada na Provincia do Alentejo. Profeſſou o Inſtituto Monachal de S. Bernardo em o Real Convento de Alcobaça onde ſe conſerva a ſeguinte obra que compoz.

Flores Sanctorum. fol. *M. S.*

DIONISIO GOMES PESSOA natural de Lisboa donde paſſou a Macáo celebre Colonia dos Portuguezes nos confins da China. Voltando a Portugal a cobrar huma opulenta herança que lhe deixara ſeu Tio, partio ſegunda vez para Macáo no anno de 1729. e antes de chegar ao fim da jornada acabou a vida. Era muito verſado na liçaõ da Hiſtoria Sagrada, e profana, e naõ menos inclinado aos exercicios da piedade, e devoçaõ. No tempo que aſſiſtio na ſua patria collegio, e publicou.

Diagoge Chriſtiana continens exercitium quotidianum: modus pie audiendi Miſſam, & alia exercitia pietatis, omnia ex Variis Authoribus collecta. Ulyſſipone apud Bernardum da Coſta 1726. 12.

DIONISIO DE PINNA natural da Villa de Linhares diſtante tres legoas da Cidade da Guarda na Provincia da Beira. Entrou na Congregaçaõ do Oratorio de Lisboa a 15. de Agoſto de 1682. e nella perſeverou no eſtado de Leygo exercitando as virtudes de hum perfeito Congregado até fallecer a 9. de Fevereiro de 1712. Compoz.

Peculio eſpiritual colhido de alguns lugares da Santa Eſcritura, doutrina dos Santos Padres, e de outros Santos, e Varoens doutos &c. M. S. 4. Conſerva-ſe na Livraria da Congregaçaõ do Oratorio deſta Corte.

DOMINGOS DE ABRANTES natural da Villa de Setuval, e muyto exercitado em continuos actos de perfeito Chriſtaõ, publicou.

Exercicios de devoçoens para ajudar a vivos, e defuntos. Lisboa por Pedro Craesbeeck. 1628. 12. Conſta do modo que ſe deve rezar o Roſario, fazer exame de Conciencia, Oraçaõ para antes, e depois da Comunhaõ, e motivos para ſocorrer as Almas do Purgatorio.

DOMINGOS AFFONSO morador em Goa Capital do Eſtado Aſiatico Portuguez, e inſigne artifice de machinas de fogo, eſcrevendo.

Artificios de fogo que fez na India no anno de 1684. 4. M. S. Conſerva-ſe na Livraria do Excellentiſſimo Marquez de Abrantes.

P. DOMINGOS ALVARES natural da Villa da Covilhaã em a Comarca da Guarda da Provincia da Beira, e Religioſo de Companhia de JESUS onde foy Coadjutor eſpiritual. Partio para a India em o anno de 1576. e foy Reytor do Collegio de Dámaõ. Eſcreveo.

Carta aos Padres da Provincia de Portugal eſcrita em Goa a 20. de Novembro de 1576. *em que lhe narra a ſua jornada.* M. S.

DOMINGOS ANTUNES PORTUGAL Cavalleiro profeſſo da Ordem de

Chriſto natural da Villa de Penamacor ſituada entre Caſtellobranco, e Monſanto em a Provincia da Beyra. Depois de eſtar ſufficientemente inſtruido na lingua Latina, e letras humanas paſſou à Univerſidade de Salamanca onde teve por Meſtres da Juriſprudencia Ceſarea aquelles dous inſignes Juriſconſultos Franciſco de Amaya, e Belchior de Valença celebres pelos ſeus eſcritos, dos quaes faz elle agradecida memoria no Tom. *de Donat. Reg.* lib. 1. Prælud. 2. §. 4. n. 3. e Part. 2. lib. 1. cap. 13. n. 139. Com a diſciplina de taõ famoſos Lentes ſahio taõ conſumado na penetraçaõ das mayores difficuldades de taõ vaſta ſciencia, que ſendo ainda diſcipulo pudera exercitar o officio de Meſtre. Voltando para o Reyno aſſiſtio como Procurador da ſua Patria, e Definidor de Caſtellobranco nas Cortes celebradas em Lisboa no anno de 1641. e nellas aſſinou a 5. de Março do dito anno. Depois de adminiſtrar varios lugares em beneficio da Republica foy Conſervador da Univerſidade de Coimbra, Dezembargador da Relaçaõ do Porto, e da Caſa da Supplicaçaõ, de que tomou poſſe a 3. de Novembro de 1661. e dos Aggravos a 24. de Mayo de 1664. e ultimamente Deputado do Conſelho Ultramarino. Morreo em Lisboa em o primeiro de Fevereiro de 1677. e jaz ſepultado no Convento de Santo Antonio dos Capuchos deſta Corte. Foy cazado com D. Izabel Taborda filha de Salvador Taborda de Negreiros de quem teve a Salvador Taborda Portugal Enviado à Corte de Pariz, e Conſelheiro da Fazenda Real de quem ſe fará mençaõ em ſeu lugar. Compoz.

Tractatus de Donationibus Regiis Jurium, & bonorum Regiæ Coronæ Tom. 1. Ulyſſipone apud Joan. da Coſta. 1673. fol.

Tom. 2. ibi per eumdem Typog. 1675. fol.

Sahiraõ mais correctos em hum volume Lugd. apud Joan. Anton. Huguetan 1680. fol. & ibi apud Aniſſon, & Poſſuel. 1699. fol.

DOMINGOS DE ARAUJO natural da Villa de Alenquer do Arcebiſpado de Lisboa, Bacharel formado pela Univerſidade de Coimbra em os Sagrados Canones, e muito perito em os preceitos da lingua Latina. Compoz.

Grammatica Latina novamente ordenada, e convertida em Portuguez. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1627. 8. Dedicada a D. Duarte, e D. Franciſco de Caſtellobranco netos do primeiro Conde do Sabugal, Meirinho mór deſtes Reynos, Embaxador a Caſtella, e Vedor da Fazenda Real. Sahio reformada, e acrecentada por Antonio Feliz Mendes Meſtre de Latinidade. Lisboa por Manoel Fernandes da Coſta 1737. 8. Compoz mais:

Prognoſtico Geral da vida, e coſtumes do Excellentiſſimo Senhor Duque de Barcellos feito em Evora a 2. de Abril de 1634. M. S. Eſte Duque era o Principe D. Theodoſio filho delRey D. Joaõ o IV.

Anacephalæoſis introductionis in praxim artificialis memoriæ. M. S. 4. Conſerva-ſe na Livraria do Excellentiſſimo Marquez de Abrantes.

D. Fr. DOMINGOS BARATA. Naceo no Lugar da Arada ſituado na Serra da Eſtrella da Provincia da Beyra ſendo filho de Domingos Fernandes Gonçalues Lavrador nobre da meſma terra. Na idade juvenil buſcou como mais glorioſa a vida militar aſſentãdo praça em a Cavallaria até que cõprindo vinte, e hũ anno preferio o exercicio das letras ao das armas, e na Cidade de Evora depois de eſtudar Grammatica, Filoſofia, e Theologia, em cujas faculdades ſahio taõ conſummado, que levou por oppoſiçaõ hum lugar em o Collegio da Purificaçaõ com grande applauzo do ſeu nome. Ordenado de Presbytero buſcou a illuſtre Religiaõ da Santiſſima Trindade como ſeguro aſylo para a tranquilidade da ſua conciencia profeſſando taõ ſagrado Inſtituto em o Convento de Lisboa, quando era Provincial deſta Provincia o Meſtre Fr. Antonio Correa, Lente que foy de Prima da Univerſidade de Coimbra. Enſinou aos ſeus Domeſticos as ſciencias Eſcolaſticas pelo eſpaço de 14. annos, cujo tempo para a jubilaçaõ preſcrevem as Conſtituiçoẽs da Ordem, e querendo deixar mayor numero de ſubſtitutos da ſua profundidade Theologica, depois de ſe laurear em a Univerſidade de Coimbra com as inſignias doutoraes ſubio a regentar a Cadeira de Du-

rando, de que tomou poſſe a 4. de Mayo de 1696. Tendo ſido Reytor do Collegio de Coimbra, Secretario do Provincial Fr. Rodrigo de Lancaſtro, Qualificador do Santo Officio, e Examinador das tres Ordens Militares, conhecendo o Illuſtriſſimo Biſpo da Guarda D. Fr. Luiz da Sylva com domeſticas experiencias por ſer filho do meſmo Inſtituto Trinitario, o raro talento, de que era ornado, o convidou para dictar Theologia Moral ao Clero do ſeu Biſpado onde foy Miniſtro da Relaçaõ Eccleſiaſtica, e Examinador Synodal. O meſmo Prélado ſendo aſſumpto à Cadeira Archiepiſcopal de Evora, o nomeou ſeu Biſpo Coadjutor a 9. de Mayo de 1699. e foy confirmado pela Santidade de Innocencio XII. com o titulo de Micenia Cidade do Reyno da Morea. No Templo da Santiſſima Trindade deſta Corte foy ſagrado pelo Illuſtriſſimo Biſpo Inquiſidor Geral D. Fr. Jozé de Lancaſtre a 29. de Junho de 1699. dedicado às Illuſtres memorias dos Princepes dos Apoſtolos, como prognoſtico de ſer fiel imitador dos exemplares mais ſoberanos do Officio paſtoral, ſendo Aſſiſtentes deſte acto D. Alvaro de Abranches Biſpo de Leiria, e D. Fr. Pedro de Foyos Biſpo de Bona. Ao tempo que aſſiſtio em Evora foy creado Deputado do Santo Officio deſta Cidade em 15. de Setembro de 1700. dõde foy promovido por nomeaçaõ delRey D. Joaõ o V. noſſo Senhor a Biſpo de Portalegre a 22. de Fevereiro de 1707. cuja Dioceſe governou com zelo, vigilancia, e rectidaõ até que falleceo a 25. de Abril de 1709. Jaz ſepultado na Capella mór da Cathedral junto dos degráos da parte da Epiſtola em hum jazigo, que para ſi tinha mandado fazer ſeu Anteceſſor D. Fr. Richardo Ruſſel. Foy ornado de admiravel engenho, ſublime capacidade, profunda eſpeculaçaõ, e de taõ feliz memoria que nunca ſe eſqueceo do que tinha eſtudado chegando a allegar as folhas, e paragrafos de muitos Authores aſſim Theologicos como Canoniſtas, e Legiſtas por ſer verſado em todas eſtas Faculdades, e ainda dos livros de erudiçaõ profana de que uzara quando era Soldado. Fazem delle memoria o P. D. Manoel Caetano de Souſa *Cathal. Hiſt. dos Biſp. Portug.* pag. 132 *Varaõ doutiſſimo em todas as letras ſagradas.* O Excellentiſſimo Conde de Monſant. *Cathal. dos Biſp. de Portalegre* §. 17. P. Franc. da Fonſec. *Evor. Glorioſ.* pag. 315. *Exemplo de ſubditos, e exemplar de Prélados.* Fr. Pedr. Mont. *Cathal. dos Deput. da Inquiſic. de Evor.* n. 104. Sahio poſthumo por deligencia de ſeu Sobrinho o P. Antonio Duarte Rombo Notario da Inquiſiçaõ de Evora.

Sermaõ do Acto da Fé prégado na Cidade de Coimbra em 14. *de Junho de* 1699. Evora na Officina da Univerſidade 1717. 4.

Os Tratados Theologicos dictados aſſim na Religiaõ, como em a Univerſidade de Coimbra ſe conſervaõ eſcritos com a ultima perfeiçaõ no Collegio deſta Cidade, e Convento de Lisboa promptos para a impreſſaõ.

P. DOMINGOS BARBOSA filho de Antonio Tavares, e Martha Barboſa naceo na Villa de Arouca do Biſpado de Lamego, e em a Cidade de Coimbra renaceo para Deos recebendo a Roupeta da Companhia de JESUS, a 23. de Dezembro de 1610. quando contava quinze annos de idade. Foy inſigne profeſſor de letras humanas, e grande Poeta Latino, como moſtra a Poeſia Alcaica, que compoz ſendo Meſtre da 7. Claſſe do Collegio de Lisboa, e ſe publicou ſem o ſeu nome com eſte titulo.

Triumphus B. Franciſci Xaverii Ulyſſipone celebratus. Sahio em o livro das Feſtas da Beatificaçaõ do Santo Xavier. Lisboa por Joaõ Rodriguez 1621. 8.

Quando era Meſtre de Rhetorica em o meſmo Collegio imprimio.

Panegyris Sapientiæ Ulyſſipone in Academico Collegio S. J. habita Kalend. Octobs 1622. *pro litterarum ſtudiis auſpicandis.* Ulyſſipone apud Gerardum à Vinea 1622. 4.

P. DOMINGOS BARBOSA natural da Cidade da Bahia Capital da America Portugueza Sendo já Meſtre em Artes entrou na Companhia de JESUS, onde viveo com exemplar procedimento. Dictou muitos annos no Collegio da ſua patria Theologia, e exercitou o lugar de Meſtre dos Noviços deixando aos ſeus domeſticos igualmente herdeiros da ſua ſciencia, como da ſua virtude. Foy a Roma por Procurador

Geral da Provincia do Braſil, donde voltando a vizitou duas vezes. Depois de ſer companheiro de dous Provinciaes, e Reytor do Collegio de Pernambuco falleceo de hum accidente de parlezia a 22. de Novembro de 1685. quando exercitava o Reytorado do Collegio da Bahia, com 62. annos de idade, e quarenta de Companhia. Deixou eſcrito em verſo Elegiaco.

Paſſio Servatoris noſtri JESU Chriſti. em cuja obra compete a elegancia do metro com a ternura do affecto.

Fr. DOMINGOS DE S. BERNARDINO natural da India Oriental, e Religioſo profeſſo da Serafica Provincia de S. Thomé. Foy Commiſſario do Santo Officio, e eſcreveo na lingua Canarina.

Expoſiçaõ do Credo. M. S.

Fr. DOMINGOS DA CONCEYÇAM Naceo em Lisboa no anno de 1586. e foy educado no Collegio dos Meninos Orfaõs, onde aprendeo a lingua Latina, e a Faculdade da Muſica, em que ſahio peritiſſimo. Ornado com eſtes dotes, e muito mais com a innocencia dos coſtumes foy admitido à Religiaõ Serafica em a Provincia de Portugal na qual eſtudou as Sciencias eſcholaſticas merecendo por ſeu exemplar procedimento ſer eleyto Meſtre dos Noviços, e Vigario do Coro no reformado Convento de S. Franciſco de Alanquer cujos miniſterios exercitou com grande zelo. Cumulado de obras virtuoſas morreo no Convento de Lisboa a 12. de Dezembro de 1647. Compoz.

Vida do Ven. Irmaõ Leygo Fr. Gaſpar do Eſpirito Santo. M. S. Deſta obra fazem memoria Jorge Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 762. no Comment. de 23. de Abril letr. G. Fr. Manoel da Eſper. *Hiſt. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 1. Liv. 2. cap. 21. n. 6. e Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 253. col. 2. Fr. Jacobo Echard *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. p. 753. col. 1. eſcreve de Fr. Domingos da Conceiçaõ Dominico Author da vida de Fr. Gaſpar do Eſpirito Santo que pela identidade do nome, e da obra certamente ſe enganou querendo attribuir a hum ſeu Religioſo, o que certamente he compoſiçaõ de Fr. Domingos da Conceiçaõ Franciſcano.

Vida do Ven. Fr. Chriſtovaõ da Conceiçaõ. M. S. a qual louvam Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 146. no Comment. de 9. de Mayo Letr. M. e Fr. Manoel da Eſperanc. *Hiſt. Seraf.* Part. 1. Liv. 1. cap. 33. n. 5.

Vida do Ven. Fr. Antonio de Chriſto M. S. a qual eſtà compoſta (como diz Fr. Fernando da Soled. *Hiſt. Seraf.* Part. 3. liv. 1. cap. 21.) *com muito eſpirito, e contem admiraveis reflexoens, e exemplos moraes para a direcçaõ da vida Religioſa.* Eſte Livro que he de folha acabou ſeu Author em 16. de Novembro de 1642. e ſe conſerva na Bibliotheca de S. Franciſco da Cidade. Começa. *O Doutor da Igreja Santo Ambroſio nos dá huma doutrina, e he que havendo de eſcrever as vidas dos que ſe ſingularizaraõ em virtudes* &c. deſta obra fazem taõbem mençaõ o P. Fr. Manoel da Eſperanc. *Hiſt. Seraf.* Part. 1. liv. 1. cap. 27. n. 1. e Cardozo *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 381. no Comment. de 31. de Mayo Letr. G.

Tratado da Fundaçaõ do Convento de Alanquer. M. S. Eſta obra allegaõ Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 519. col. 1. no Comment. de 11. de Abril letr. B. onde por equivocaçaõ lhe chama Fr. Diogo; e Fr. Joan. à D. Ant. *Bib. Franciſc.* Tom. 1. pag. 315. col. 1.

Fr. DOMINGOS DA CONCEYÇAM. Naceo na Freguezia de Noſſa Senhora da Expectaçaõ de Villar termo da Villa do Cadaval do Patriarchado de Lisboa a 16. de Mayo de 1669. ſendo filho de Domingos Dias, e Izabel Carvalha. Profeſſou o habito da Terceira Ordem Serafica da Penitencia no Convento de S. Franciſco da Villa do Mogadouro em a Provincia Tranſmontana a 30. de Setembro de 1687. Acompanhou com o lugar de Capellaõ de hum Terço ao noſſo exercito quando penetrou até o Reyno de Catalunha por cauſa da pertençaõ, que à Coroa de Eſpanha fez o Archiduque de Auſtria contra o Duque de Anjú, eſcrevendo com curioſa obſervaçaõ as Cidades, Villas, e lugares, em que poſtou o exercito Portuguez com todas as circunſtancias dignas de narraçaõ, cuja obra intitulou.

Diario Bellico. M. S.

A qual conſerva em ſeu poder o Author que preſentemente aſſiſte no Convento de Almodouvar em o Campo de Ourique.

DOMINGOS DA CUNHA chamado o Cabrinha pelas feiçoens, e cor morena que tinha, naceo em Lisboa, e logo nos primeiros annos moſtrou tal inclinaçaõ à Pintura, que ſeus Pays Gregorio Antunes, e Margarida Pereira o mandaraõ aprender taõ inſigne Arte, na qual para fazer os progreſſos que admirou aquella idade, paſſou a Madrid onde teve por Meſtre a Eugenio Cajés Pintor de Filippe Prudente ſendo o mayor diſcipulo que ſahio da ſua eſcola. Voltando para a Patria começou a conciliar pela excellencia do ſeu pincel as eſtimaçoens das primeiras Peſſoas da Corte, diſtinguindo-ſe entre ellas o Inquiſidor Geral D. Franciſco de Caſtro, D. Manoel da Cunha Capellaõ mór, e o Conde Camareiro mòr Joaõ Rodriguez de Sá. Os grandes lucros procedidos de taõ primoroſa arte os diſtribuya com ſumma profuſaõ em eſcandaloſas profanidades que o precipitaraõ em hum tal abiſmo de peccados, que para ſahir delle ſe empenhou a divina Graça com repetidas inſpiraçoens valendo-ſe da morte dos amigos, e da moleſtia das infermidades para o deſpertar do letargo em que jazia miſeravelmente ſepultado. Rendido a taõ forte bataria reſolveo largar o mundo, e aliſtarſe na Companhia de JESUS, o que felizmente executou em o Noviciado da ſua Patria a 30. de Março de 1632. Neſta ſagrada paleſtra exercitou todas as virtudes heroicas que o fizeraõ digno de huma Santa morte ſuccedida a 11. de Mayo de 1644. quando contava 46. annos de idade, e 12. de Companhia. Deixou em o Noviciado de Lisboa, onde morreo para eternas teſtemunhas do primor do ſeu dibuxo, e valentia do ſeu pincel mais de cincoenta quadros, em que ſe reprezentaõ as vidas de N. Senhora, Santo Ignacio, e S. Franciſco Xavier. Eſcreveo por preceito do ſeu Superior o P. Bernardino de Sampayo.

Vida do Irmaõ Domingos da Cunha.

Nella deſcreve largamente todos os cazos que precederaõ à ſua converſaõ, e varios ſuceſſos da ſua vida depois de profeſſar o Inſtituto da Companhia, de cuja obra, e do Author fazem larga memoria Cardozo *Agiol. Luſit.* Tom. 3. pag. 182. e no Comment. de 11. de Mayo letr. M. Franco *Imag. do Novic. da Comp. de Lisb.* liv. 3. cap. 15. até 22. e *Ann. Glorioſ. S. J. in Luſit.* p. 265. e Nadaſi *Ann. Diermem. S. J.* Part. I. pag. 261.

Fr. DOMINGOS DO ESPIRITO SANTO natural de Lisboa filho de Balthezar Ferreira, e Anna Peſſoa. Profeſſou o Inſtituto de Eremita Auguſtiniano no Convento patrio a 2. de Outubro de 1601. e no ſeguinte partio para Goa onde depois de eſtudar Filoſofia em o Collegio deſta Cidade foy Reytor delle por duas vezes. Igualmente era verſado na Theologia Moral, como na Hiſtoria, e privilegios da ſua Ordem. Morreo em Goa no anno de 1628. Compoz diverſas obras dignas da luz publica, as quaes ſaõ as ſeguintes.

Chronica da Religiaõ de Santo Agoſtinho. M. S. Conſta de quatro livros. Começa o primeiro *Foy o glorioſo, e bemauenturado Padre Santo Agoſtinho de Africa natural da Cidade de Tagaſte.* Conſerva-ſe na Livraria do Convento da Graça deſta Corte, como nella vimos.

Manual de Viſitadores. 4. *M. S.* He obra erudita em que moſtra a profunda noticia da Theologia Moral, e Canones.

Manual Eremitico. 4. M. S. Contem ſummariamente as principaes noticias da Ordem de Santo Agoſtinho deſde a ſua Origem.

Origem, progreſſos, e izençoens das Religioſas Mantellatas Auguſtinianas. 4. M. S. Todas eſtas obras ſe guardaõ na Livraria do Convento de Lisboa.

Expoſiçaõ ſobre as Conſtituiçoens da Ordem de Santo Agoſtinho. 4. 2. Tom. M. S. Eſta obra ſe guardava na Provincia da India, e ſe perdeo laſtimoſamente com a morte de Fr. Domingos da Encarnaçaõ Provincial da Congregaçaõ da India ſuccedida na Bahia no anno de 1714. que a trazia para a imprimir.

Hiſtoria da fundaçaõ do Convento de Santa Monica de Goa 4. M. S. da qual tranſcreveo grande parte na ſua Fr. Agoſtinho de Santa Maria Agoſtinho Deſcalço.

Privilegios dos Miſſionarios. 4. M. S.

Erros dos Armenios impugnados. 4. M. S.

Eſtes dous livros ſe guardaõ na Congregaçaõ da India.

Tratado de Contratos em que ſe achaõ varias reſoluçoens dos contratos de toda a India. M. S.

Dubia Regularia. M. S.

DOMINGOS FERNANDES Piloto mór da Armada Real muyto ſciente em a Nautica principalmente nos Portos onde coſtumavaõ ancorar as náos deſte Reyno. Eſcreveo.

Roteiro da Coſta de Angola, e altura de quinze gráos para Loanda de como ſe corre a Coſta, e das conhecenſas della, dos Portos, Bahias, Enſeadas, Ilheos, Arracifez, o que tudo foy viſto, e demarcado pelo conquiſtador Manoel Correa Pereira, e pelo meſmo Capitaõ mór Domingos Fernandes no anno de 1617. *M. S.* Conſervava-ſe na Livraria do Chantre de Evora Manoel Severim de Faria.

DOMINGOS FERNANDES FREYRE Cavalleiro fidalgo da Caſa delRey, compoz.

Memorial da Lingua Arabiga. M. S.

DOMINGOS FRANCO natural da maritima Villa de Peniche do Arcebiſpado de Lisboa inſigne Piloto o qual deſcubrio, e eſcreveo.

Nova derrota para a Navegaçaõ do Maranhaõ. Sahio impreſſa por additamento em o Regimento de Pilotos.

Fr. DOMINGOS FREYRE Naceo na Cidade do Porto onde teve por Pays a Antonio Ferreira de Lima, e Maria Freyre, e por irmaõ a Fr. Antonio Freyre Eremita Auguſtiniano, do qual ſe fez menção em ſeu lugar. Na idade da adoleſcencia abraçou o Inſtituto da Sagrada Ordem dos Prégadores onde depois de aprender as ſciencias eſcholaſticas as enſinou com grande applauſo até chegar a ſer Meſtre do numero. Exercitou com zelo o lugar de Deputado da Inquiſiçaõ de Coimbra de que tomou poſſe em 17. de Março de 1667. donde ſendo promovido pelo Inquiſidor Geral D. Veriſſimo de Lancaſtre ao lugar de Deputado do Conſelho Geral vago pela promoçaõ de D. Fr. Valerio de S. Raymundo ao Biſpado de Elvas chegando a Lisboa naõ chegou a tomar poſſe por lho impedir a morte que ſuccedeo a 6. de Janeiro de 1685. *Foy muyto eloquente na lingua Latina* (eſcreve delle Fr. Pedro Monteiro *Clauſt. Dominic.* Tom. 3. pag. 190.) *graviſſimo Poeta, e hum dos mayores Theologos, que teve eſte Reyno no ſeculo paſſado.* Faz delle repetida memoria no *Cathal. dos Deput. da Inquiſi. de Coimb.* §. 109. e no *dos Deput. do Conc. Geral.* Traduzio da lingua Latina em a Portugueza.

Vida admiravel, e morte precioſa da bemaventurada Santa Roſa de Santa Maria natural da Cidade de Lima Religioſa da Terceira Ordem de S. Domingos recopilada pelo muito Reverendo Padre Meſtre Fr. Leonardo Haſen Provincial de Inglaterra, e companheiro do Reverendiſſimo Meſtre Geral da Ordem dos Pregadores. Lisboa por Joaõ da Coſta 1669. 4.

Varios Officios proprios dos Santos da Ordem Dominicana, e outras obras dignas da eſtimaçaõ, e da luz publica como affirma Fr. Pedro Mont. *Clauſtr. Dom.* aſſima allegado.

DOMINGOS GARCIA Varaõ pio, e devoto traduzio da lingua Latina em a Portugueza conforme eſcreve Joaõ Franco Barreto na *Bib. Portug.*

Meditaçoens de Santa Brigida.

DOMINGOS HOMEM LEYTAM natural do lugar de S. Pedro do Sul do Biſpado de Viſeu. Depois de receber o gráo de Bacharel em a Faculdade de Direito Ceſareo pela Univerſidade de Coimbra ſervio os lugares de Juiz de fora da Villa de Amarante, e da Cidade de Lagos no Reyno do Algarve, Corregedor de Pinhel, e da Cidade de Evora, donde paſſou a Senador da Relaçaõ do Porto, e da Caſa da Supplicaçaõ adminiſtrando rectamente a juſtiça com animo mais inclinado à clemencia, que ao rigor. Morreo em Lisboa em o primeiro de Abril de 1644. Jaz ſepultado no Convento de Santo Eloy. Delle fazem memoria D. Franc. Man. *Cart. dos AA. Portug.* Joan. Soar. de Brit. *Theat. Luſit. Litt.* lit. D. n. 33. Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 2. pag. 673. col. 2. Compoz.

Analyſis excellentiarum in jure numeri quina-

rij. Acceſſerunt nonnullæ allegationes ſuper varijs Juris quæſtionibus. Ulyſſip. apud Ant. Alvares Typ. Reg. 1643. & Coimbricæ apud. Joſep. Antunes da Sylva. 1726. fol.

Fr. DOMINGOS DE SANTO IGNACIO chamado no ſeculo Domingos Montés naceo na illuſtre Villa de Santarem no primeiro de Fevereiro de 1668. ſendo filho de Pedro Fernandes Cortes, e de ſua mulher Maria Montes. Logo nos annos juvenis deo evidentes ſinaes da perſpicacia do engenho com que o dotara largamente a natureza excedendo em a Poeſia Latina aos mayores profeſſores deſta arte, de tal ſorte, que ſe na Claſſe do ſeu Meſtre entrava alguma peſſoa authorizada lhe mandava, que em obſequio della fizeſſe hum Poema, o que executava com ſumma promptidaõ. Por eſta grande habilidade, e o talento que tinha para mayores ſciencias foy admitido à Religiaõ dos Eremitas de Santo Agoſtinho cujo habito profeſſou no Convento da Graça de Lisboa a 19. de Fevereiro de 1691. onde pelo exceſſo com que ſe applicou aos eſtudos mais ſeveros contrahio huma febre, que lentamente o conſumio em Villaviçoſa, fallecendo em o mez de Dezembro de 1692. com 22. mezes de Religioſo. Deixou para argumento da fecundidade da ſua Muſa Latina.

Faſciculus Parnaſi, ſive flores poetici in ætate floreſcente collecti anno Domini 1687. 4. *M. S.* que conſerva em ſeu poder o Reverendo Padre Luiz Montes Mattozo ſobrinho do Author, a quem devemos eſta noticia, como outras muitas que vaõ neſta Bibliotheca.

P. DOMINGOS JOAM natural do lugar do Valle freguezia de S. Miguel de Bodioſa termo da Cidade de Viſeu na Provincia da Beira. Recebeo a Roupeta da Companhia de JESUS em o Collegio de Evora a 21. de Outubro de 1649. em o qual foy Lente de Theologia deixando para teſtemunho da ſua grande eſpeculaçaõ, e ſciencia.

Tractatus de Eccleſia Pontificia, & Concilio M. S. Conſerva-ſe no Collegio de Evora.

Fr. DOMINGOS DE S. JOAM BAUTISTA. Naceo no Conſelho de Moſſaõ diſtante cinco legoas da Cidade de Lamego para o Poente onde teve por Pays a Antonio Fernandes, e Maria Diaz. Profeſſou o Inſtituto Serafico em o Convento de S. Franciſco de Setuval da Provincia dos Algarves a 11. de Janeiro de 1705. Foy inſigne Vedor de aguas conhecendo pela cor da terra, e qualidade das pedras a altura em que certamente a havia como ſe experimentou nas que deſcubrio em Mafra, Villaviçoſa, Alcantara, e lugar de Bellas. Fitava os olhos no Sol por muito tempo ſem que os ſeus rayos lhe offendeſſem a viſta, de cuja perſpicacia era conſequencia a virtude de penetrar corpos opacos com admiraçaõ dos circunſtantes. Morreo com ſinaes de exemplar Religioſo em o Real Convento de Enxobregas a 31. de Outubro de 1740. Deixou eſcrito.

Noticia dos ſitios em que ſe conſervaõ aguas neſtes Reynos de Portugal com as ſuas alturas, e demarcaçoens. M. S. a qual obra conſerva em ſeu poder o Reverendo Padre Meſtre Fr. Joaõ de Noſſa Senhora Chroniſta da Provincia dos Algarves, como nos participou.

Fr. DOMINGOS DE S. JOSEPH Naceo na Cidade de Saõ Paulo Capital do Reyno de Angola onde recebeo o habito de Religioſo Capucho em a Provincia de Santo Antonio da Bahia, e depois ſe paſſou para a Provincia da Arrabida. Foy Confeſſor do Arcebiſpo da Bahia D. Joaõ Franco de Oliveira, com o qual ſe embarcou no anno de 1700. quando ſe reſtituhio a eſte Reyno promovido ao Biſpado de Miranda, onde foy Examinador Synodal. Compoz.

Sermaõ em a feſtiva acçaõ de Graças com que os paſſageiros, e navegantes da Náo S. Joaõ de Deos gratificaraõ ao dito Santo na ſua Igreja, o favor de os haver livrado das grandes tempeſtades, que no anno de 1700. *padeceraõ na navegaçaõ da Bahia para eſte Reyno.* Lisboa por Valentim da Coſta Deslandes 1708. 4.

Sermaõ da Soledade de N. Senhora Lisboa por Antonio Pedroſo Galraõ 1722. 4.

Faz memoria do Author Fr. Joan. à

D. Ant. *Bib. Franciſc.* Tom. 1. pag. 317. col. 1.

DOMINGOS JOSEPH MIGUEL natural da Cidade de Braga. Igualmente pio, e curioſo deſcreveo a montanha, que diſta meya legoa daquella Cidade na qual o zelo unido com a generozidade do Illuſtriſſimo Arcebiſpo Primaz Ruy de Moura Telles edificou varias Capellas em que ſe veneraõ os Paſſos da Paixaõ do Redemptor, cuja obra intitulou.

Jardim doloroſo compoſto de doze retratos do monte da Payxaõ de Chriſto ſingularmente dibuxados no monte do Bom Jeſu junto à antigua, e auguſta Cidade de Braga Primaz das Eſpanhas. Lisboa na Officina Patriarchal da Muſica 1728. 8.

DOMINGOS LOPES COELHO natural de Lisboa ornado de hum genio particular para a Poeſia de que deu por manifeſto argumento da inclinaçaõ a eſta nobre arte a ſeguinte Obra.

Ecco ſaudoſo, que no coraçaõ do mayor Monarcha juſtamente ſentido reſponde ao rigor com que a Parca a impulſos da tyrania o deſlituhio da poſſe do ſeu mayor bem na morte da auguſtiſſima, e Sereniſſima Senhora D. Maria Sofia Izabel Rainha de Portugal. Lisboa na Officina dos herdeiros de Domingos Carneiro. 1699. 4. Conſta de huma gloſſa ao Soneto de Camoens *Alma minha gentil, que te partiſtes.*

DOMINGOS MACIEL PREGO natural da Villa de Viana em a Provincia do Minho. Ordenado de Presbytero reſidio muitos annos em Pernambuco onde quando contava a idade de cincoenta, e quatro annos traduzio de Latim em Portuguez.

Racional de Ceremonias, e interprete cuidadoſo, materia muito util, e proveitoſa naõ taõ ſómente para todo o Eccleſiaſtico, mas tambem para todo o Catholico, e curioſo colhido do Racional Latino compoſto pelo Doutor Guilherme Durando Biſpo Mimatenſe. Lisboa por Domingos Carneiro 1679. 8.

DOMINGOS MARTINS REYS natural do lugar de Matozinhos Suburbio da Cidade do Porto, Piloto muito ſciente, e experimentado nas coſtas, e portos da America de que eſcreveo no anno de 1628.

Roteiro da Coſta do Braſil, do Rio grande, e de toda a Coſta do Maranhaõ atè o Graõ Parà. fol. *M. S.* Conſerva-ſe o Original na Livraria do Excellentiſſimo Conde de Caſtelmelhor.

P. DOMINGOS NUNES natural da Villa da Idanha onde pelos annos de Chriſto de 569. reſidia a Cadeira Epiſcopal que foy transferida para a Guarda por D. Sancho I. com faculdade do grande Pontifice Innocencio III. Teve por Pays a Marçal Nunes, e Catherina Nunes. Na tenra idade de 13. annos recebeo a Roupeta da Companhia de JESUS em o Collegio de Coimbra a 28. de Julho de 1657. Foy Meſtre de letras humanas, Rhetorica, e Filoſofia, e Theologia em Coimbra, e Lente de Prima em Evora, onde recebeo as inſignias doutoraes a 20. de Junho de 1688. Exercitou os lugares de Reytor do Collegio de Lisboa duas vezes, e huma de Coimbra, Prepoſito da Caſa Profeſſa de S. Roque, Provincial, e Qualificador do Santo Officio. Morreo em Coimbra a 30. de Abril de 1713. com 68. annos de idade, e 46. de Religiaõ. Delle fazem memoria Franco *Imag. da Virtud. do Nov. de Coimb.* pag. 615. e Fonſec. *Evora Glor.* pag. 429. Compoz.

Regula honeſte vivendi, ſive brevis inſtructio ad recte operandum tradita. Eboræ ex Typog. Acad. 1696. 12. He hum Epitome da obra, que fez o Reverendiſſimo Geral da Companhia o P. Tyrſo Gonzales intitulado . *Fundamentum Theologiæ Moralis, ſive Tractatus Theologicus de recto uſu opinionum probabilium.*

DOMINGOS NUNES PEREYRA natural de Lisboa filho de Diogo Ribeyro, e Brizida da Coſta, Presbytero de inculpavel vida, inſigne profeſſor de Muſica principalmente daquella que ſe coſtuma cantar na Igreja merecendo pela ſciencia aſſim practica como eſpeculativa de taõ ſonora Arte ſer Meſtre da Caſa da Miſericordia de Lisboa donde paſſou a exercitar o meſmo miniſterio na Cathedral por muitos annos donde retirado alguns antes da

ſua morte ao lugar de Camarate do termo deſta Corte eſpirou placidamente a 29. de Março de 1729. Jaz ſepultado na Capella mór da Ermida de S. Pedro da Freguezia de Saõ-Tiago de Camarate, onde deixou huma Miſſa quotidiana pela ſua alma em todos os Domingos, e dias Santos. Entre as obras Muſicas que deixou ſaõ as principaes.

Reſponſorios da Semana Santa a 8. vozes.

Reſponſorios do Officio dos Defuntos a 8. vozes.

Liçoens de Defuntos a 4.

Confitebor a 8. vozes.

Laudate Pueri Dominum a 8.

Laudate Dominum omnes gentes a 4. Vilhancicos, e Motetes a 4. 6. e 8. vozes.

Fr. DOMINGOS DA PAZ natural de Lisboa donde jà inſtruido com as letras humanas paſſou a Italia, e na Vniverſidade de Bolonha ſe applicou ao eſtudo de hum, e outro Direito, em que naõ fez pequenos progreſſos o ſeu perſpicaz engenho, porem penetrado de ſuperior illuſtraçaõ largou os applauzos que lhe conciliavaõ as ſuas grandes letras, e veſtio o illuſtre Habito da Ordem dos Prégadores, em cuja Sagrada eſcola aprendeo a arte de Orador Evangelico em que ſahio taõ inſigne que era chamado antonomaſticamente o *Pregador Eſpanhol* ſendo o theatro das ſuas Sagradas Declamaçoens a Cathedral de Bolonha, onde teve por ouvinte, e admirador a ſeu Emminentiſſimo Arcebiſpo o Cardial Gabriel Paleoto. Com o meſmo applauzo era ouvido das principaes Naçoens da Europa por ſer doutamente verſado em diverſas linguas. Na idade provecta para fazer mais univerſal a doutrina que inculcava nos ſeus Sermoens os traduzio da lingua Italiana, em que foraõ prégados, em a Latina com eſte titulo.

Sermonum in quibus verum Chriſtiani hominis ſpecimen exhibetur Tom. 1. Venetijs apud Franciſcum Zilletum. 1580. 4.

Pars ſecunda Tomi primi De Amore Dei & proximi. ibi apud eumdem Typog. eodem anno. 4.

Tomus 2. de amore ſpecialiter quid cui que hominum ſtatui conveniat.

Tomus 3. Quæ ſint fugienda, aut ſuſtinenda mala. Conſerva-ſe M. S. no Convento de S. Domingos de Bolonha.

Summa Caſuum Conſcientiæ. M. S. Deſta obra faz menção Fr. André Roveta in *Bib. Chronol. illuſtr. Vir. Prov. Lombard. Sacr. Ordin. Præd.* e do Author a fazem Altamur Cent. 4. pag. 377. Fernand. *Not. Script. Ord. Præd.* Anton. Poſſev. *Appar. Sacr.* pag. 483. Taxand. *Cathal. Clar. Hiſp. Script.* Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. p. 255. Faria *Europ. Portug.* Part. 4. cap. 6. Echard *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. pag. 258. col. 1. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. D. n. 41. Monteir. *Clauſtr. Domin.* Tom. 3. pag. 191.

DOMINGOS PEREYRA BRACAMONTE Naceo em a Villa de Amarante da Provincia de Entre Douro, e Minho em o mez de Settembro de 1606. e teve por Pays a Antonio Pereira Bracamonte, e Maria Teyxeira. Applicou-ſe à Faculdade da Medicina em a Univerſidade de Coimbra, onde ſe diſtinguio entre os ſeus condiſcipulos, cuja arte exercitou muitos annos na ſua Patria com igual fortuna que ſciencia. Teve genio feſtivo para a Poeſia em que compoz diverſas obras merecedoras de univerſaes applauzos. *Statura erat parva, gibboſus ipſe, ſed acutum ingenium, ſaleſque plurimi Medicus, & Poeta (quod de Apolline narratur) non contemnendus;* aſſim o deſcreve Joaõ Soar. de Brit. in *Theatr. Luſit. Litter.* lit. D. n. 42. Morreo na ſua Patria em o anno de 1658. Compoz.

Banquete que Apolo hizo alos Embaxadores delRey de Portugal D. Juan. IV. en cuyos platos hallaràn los Señores convidados meſclada con lo dulce de alguna poeſia, y politica la conſervacion dela Salud humana. Lisboa por Lourenço de Anvers. 1642. 4.

Neſta obra a pag. 8. faz menção de hum livro, que tinha compoſto em verſo heroico, que chamava *filius, ſeu error juventutis ſuæ* o qual tinha por titulo.

Velocino de oro.

Fr. DOMINGOS DA PIEDADE Eremita de Santo Agoſtinho da Congregaçaõ da India Oriental muito douto na Theologia Moral da qual deixou compoſto.

Summa Moral. fol. M. S.

DOMINGOS DO PORTO, cujo appellido indica a Patria onde naceo. Foy grande Juriſconſulto, como ſe manifeſta na douta illuſtraçaõ que fez.

Ad L. ſi alij D. de Uſu, & uſu fructu legato. Da obra, e do Author ſe lembra Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 255. col. 1. Taxand. in *Cathal. Clar. Hiſp. Script.* e Lipenio *Bib. Real. Jurid.* pag. 557.

P. DOMINGOS RAMOS Naceo em a Cidade da Bahia a 27. de Abril de 1653. onde teve por Pays a Manoel Ramos Parente, e Andreza Cazada, e por irmaõ a Fr. Ignacio Ramos, Prior que foy do Convento do Carmo deſta Corte, de quem em ſeu lugar ſe fará diſtinta lembrança. Na florente idade de treze annos, e trez mezes ſe aliſtou na Companhia de JESUS em o Collegio da ſua patria a 30. de Julho de 1666. onde aprendeo letras humas, e as ſciencias eſcholaſticas, e em todas eſtas Faculdades ſahio eminente por ſer dotado de huma rara comprehenſaõ, e admiravel ſubtileza. Depois de enſinar humanidades, Filoſofia, e Theologia pelo largo eſpaço de doze annos com applauzo do ſeu nome, e eſplendor da Religiaõ fez a profiſſaõ do quarto voto a 15. de Agoſto de 1686. Foy eleito Procurador geral da ſua Provincia à Corte de Roma em o anno de 1694. onde conciliou grandes eſtimaçoens devidas ao ſeu profundo talento, e vaſta litteratura, principalmente do Reverendiſſimo Geral Tyrſo Gonſalves. Reſtituhido a Patria dictou ſegunda vez Theologia ſendo Decano dos Eſtudos Geraes do Collegio da Bahia vinte annos. Naõ teve menor engenho para o Pulpito que tinha para à Cadeira merecendo as acclamaçoens de inſigne Orador Evangelico. Falleceo na patria a 11. de Julho de 1728. com 75. annos de idade, e 62. de Religiaõ. Publicou.

Sermaõ nas Exequias da Rainha N. Senhora D. Maria Sofia Izabel celebradas na Cathedral Metropolitana da Cidade da Bahia aos 31. de Março de 1700. Lisboa por Bernardo da Coſta de Carvalho 1702. 4.

Sermaõ nas Exequias delRey D. Pedro II. Senhor noſſo celebradas na Cathedral Metropolitana da Cidade da Bahia aos 20. de Outubro de 1707. Lisboa por Valentim da Coſta Deſlandes. 1709. 4.

Curſus Philoſophicus fol. *M. S.*

Quæſtiones Seletæ. M. S.

De Opinione probabili. M. S. Cujo Tratado eſcreveo por inſinuaçaõ do ſeu Geràl Tyrſo Gonzales.

DOMINGOS RODRIGUES. Naceo em Villa Cova da Coelheira em o Biſpado de Lamego em o anno de 1637. Applicouſe à Arte de Cozinheiro, em que ſahio taõ inſigne, que depois de a exercitar nas Caſas dos Excellentiſſimos Marquezes de Valença, e Gouvea, paſſou a ſer Meſtre da Cozinha da Caſa Real. Morreo em Lisboa a 20. de Dezembro de 1719. com 82. annos de idade. Compoz.

Arte de Cozinha dividida em duas partes. A primeira trata do modo de cozinhar varios pratos de toda a caſta de carne, e de fazer conſervas, paſteis, tortas, e empadas. A 2. trata de peixes, mariſco, frutas, hervas, lacticinios, conſervas, e doces com a forma dos banquetes para qualquer tempo do anno. Lisboa por Joaõ Galraõ 1680. 8. & ibi pelo dito Impreſſor 1683. 8. Sahio addicionada com a

Terceira Parte da forma dos Banquetes para qualquer tempo do anno, e do modo com que ſe hoſpedaraõ os Embaxadores, e como ſe guarnece huma Meza redonda à Eſtrangeira. Lisboa por Manoel Lopes Ferreira 1698. 8. e Lisboa na Officina Ferreiriana. 1732. 8.

DOMINGOS RODRIGUES FAYA natural da Cidade de Portalegre, Presbytero do habito de S. Pedro muito douto na Theologia Moral. Traduzio do Caſtelhano de Fr. Jayme Corelha em Portuguez acrecentando muitas doutrinas importantes extrahidas dos melhores Authores com as Propoſiçoens condenadas por Alexandre VIII. e os Caſos rezervados nos Biſpados deſte Reyno com as ſuas explicaçoens.

Practica do Confeſſionario, e explicaçaõ das Propoſiçoens condemnadas pela Santidade de Innocencio XI. e Alexandre VII. ſua materia, os caſos mais ſelectos da Theologia Moral, ſua forma, hum Dialogo entre o Confeſſor, e o Penitente. Part. 1. Lisboa por Gabriel Soares 1736. fol.

Parte 2. Lisboa pelo dito Impreſſor 1737. fol.

Fr. DOMINGOS DOS SANTOS natural de Lisboa chamado no Seculo Domingos Diaz Pinto Religioſo Mercenario Deſcalço irmaõ de Fr. Joaõ de Chriſto da meſma Ordem onde exercitou com grande prudencia o lugar de Provincial tres vezes, e foy hum dos Varoens mais graves deſta Religiaõ, como eſcreve Fr. Pedro de S. Cecilio *Chron. dela Merced.* 2. Part. cap 2. fol. 513. Compoz, e publicou em nome da Religiaõ.

Ceremonial, y inſtrucion de Officios delos Religioſos Deſcalſos de N. Señora dela Merced Redempcion de Cautivos, en que ſe contiene lo tocante al reſado, y celebracion delos Officios Divinos en el Altar, y Coro ſegun el Breviario, y Miſſal Romano reformado por Clemente VIII. de Pablo V. y aſſi miſmo loque pertenece a cada uno delos Religioſos ſegun ſus Officios y miniſterios. Ronda por André Grande 1630. 4.

Manual del Coro. ibi pelo dito Impreſſor. 4.

Fr. DOMINGOS TEYXEIRA natural do Conſelho de Celorico do Baſto diſtante para a parte do Naſcente duas legoas da Villa de Amarante em a Provincia de Entre Douro, e Minho, filho de Domingos Teixeira, e Serafina de Andrade, Religioſo Eremita de Santo Agoſtinho, cujo Habito profeſſou no Convento de Lisboa a 30. de Novembro de 1695. Teve baſtante noticia da Hiſtoria, de cuja applicaçaõ publicou as producçoens ſeguintes. Morreo no Convento de Lisboa a 17. de Fevereiro de 1726.

*Vida de Nuno Alvares Pereira ſegundo Condeſtavel de Portugal Conde de Ourem, Arrayolos, e Barcellos, Mordomo mór del*Rey *D. Joaõ o primeiro Progenitor da Caſa Real pela Sereniſſima de Bragança em Portugal aſcendente das de Caſtella, França, Auſtria, Saboya, e dos mais Monarchas Soberanos, Princepes, Potentados, Senhores, e illuſtres Familias de Europa.* Lisboa na Officina da Muſica 1723. fol. Eſta obra diz Fr. Manoel de Sá *Mem. Hiſt. da Prov. do Carm. de Portug.* Part. 1. pag. 322. que eſtá eſcrita com elegante eſtilo.

Vida de Gomes Freyre de Andrade General da Artilharia do Reyno do Algarve, e Capitaõ General do Maranhaõ, Parà, e Rio das Amazonas no Eſtado do Braſil. Primeira Part. Lisboa na Officina da Muſica 1724. 8.

Segunda Parte. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ. 1727. 8.

Novena da Conceiçaõ da V. Maria Senhora Noſſa. Lisboa por Mathias Pereira da Sylva, e Joaõ Antunes Pedrozo. 1720. 24.

Fr. DOMINGOS DE SANTO THOMAS Naceo em Lisboa onde teve por Pays a Domingos Carvalho, e Barbara Gomes. Na idade da adoleſcencia preferio com judicioſa eleiçaõ ás outras Familias Religioſas a illuſtre Ordem dos Prégadores profeſſando o ſeu Sagrado Inſtituto a 6. de Março de 1623. Neſta douti ſſima paleſtra ſe anticipou com tal exceſſo, quando curſava as ſciencias eſcholaſticas, a todos os ſeus condiſcipulos, que chegou a ſua rara comprehenſaõ illuſtrada pela viveza do engenho a cauſar admiraçoens, e ainda envejas aos Meſtres. Eſta ſublimidade de talento que movia tantos aſſombros domeſticos os mereceo publicos quando ſubio à Cadeira para formar dos diſcipulos Meſtres dictando Filoſofia, e Theologia com tanta ſubtileza, e profundidade, que bem parecia lhe illuſtrava o entendimento a angelica luz do Sol de Aquino. Eſta vaſta ſabedoria que ſe dilatava por hum, e outro Direito, o conſtituhiraõ Oraculo da ſua idade naõ havendo controverſia grave, ou negocio importante em que naõ foſſe conſultado pelas primeiras peſſoas da Jerarchia Eccleſiaſtica, e Secular venerando os ſeus votos, como Deciſoens, de tal ſorte que a Mageſtade delRey D. Joaõ o IV. o mandou chamar na ultima infermidade para director da ſua conſciencia, em a hora do mayor perigo. As acclamaçoens, que alcançou pelo magiſterio, ainda que grandes, foraõ inferiores às que conſeguio pelo miniſterio do pulpito chegando a ſer Prégador de tres Princepes ſucceſſivos, quaes foraõ os Sereniſſimos D. Joaõ o IV. D. Af-

ſonſo VI. e o Princepe Regente D. Pedro, do qual foy ſeu Padrinho quando recebeo o Sacramento da Confirmaçaõ. Neſte evangelico theatro reprezentou com taõ vivas cores a imagem de hum Prégador conſumado, que conciliou a attençaõ de numeroſos auditorios atrahidos da natural graça, com que ſe explicava, e da ſumma clareza com que fazia patentes, e perceptiveis à comprehenſaõ mais rude os textos mais dificultoſos de hum, e outro Teſtamento. O mayor argumento da vaſtidaõ da ſua ſciencia, e da promptidaõ do ſeu talento era quando por muitas vezes prégou extemporaneamente em os mayores Pulpitos da Corte parecendo aos juizos mais diſcretos ſerem os ſeus diſcurſos producçoens de hum eſtudo muito meditado, e naõ de hum acaſo repentino. Soube com perfeiçaõ a lingua Latina, e foy igualmente inclinado à Muſica como à Poeſia em que fez algumas obras em vulgar. Cumulado de tantos dotes de que a natureza liberalmente o ornara lhe negou a fortuna com injurioſa avareza os premios de que era acredor, porém como o ſeu animo foſſe ſuperior a todo o genero de ambiçaõ conſiderando que naõ era atendido pelo Reyno, nem pela Religiaõ para algum lugar, coſtumava dizer com diſcreta galantaria. *Que lhe davaõ todos o que lhe naõ podia dar nenhum, porque ElRey lhe preguntava porque o naõ faziaõ os Frades Provincial; e os Frades lhe preguntavaõ porque o naõ fazia ElRey Biſpo? E que nem os Frades o podiaõ eleger Biſpo, nem ElRey Prélado.* Ao tempo que foy Prior do Convento de Lisboa diſpendeo com liberal maõ do que tinha lucrado com os ſeus Sermoens em ornato da Igreja mandando dourar o Coro, e ſobre as Cadeiras reprezentar em vinte, e quatro quadros os Santos da Ordem dos Prégadores pintados pelo inſigne Pintor Bento Coelho o qual o retratou naturalmente na Imagem do B. Ambroſio de Senna. Tambem mandou fazer hum precioſo ornamento de tella para as Feſtas dos Santos Dominicos. Nos ultimos annos da ſua idade quando era Regente dos Eſtudos de S. Domingos de Lisboa conſervava com tanta felicidade de memoria as primeiras queſtoens que eſtudara, que com paſmo dos circunſtantes ſe alguma dellas ſe ventilava, arguia, e inſtava como ſe actualmente a eſtiveſſe dictando. Morreo no Convento de Lisboa a 30. de Junho de 1675. Fazem illuſtre memoria do ſeu nome Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 258. e Tom. 2. pag. 289. Echard *Script. Ord. Prad.* Tom. 2. pag. 654. col. 1. Fr. Pedro Mont. *Clauſt. Dom.* Tom. 1. pag. 129. e 144. *havido neſte Reyno aſſim na Cadeira como no Pulpito por Oraculo,* e Tom. 3. pag. 195. *O mayor Theologo dos ſeus tempos.* Fr. Luc. de Sant. Cather. *Hiſt. de S. Doming. da Prov. de Portug.* Part. 4. Liv. 1. cap. 5. *Conſumado, e grande Theologo, e facilmente Feniz do ſeu tempo.* D. Luiz de Menez. *Portug. Reſtaur.* Tom. 1. pag. 900. Sor Violante do Ceo *Rim. Var.* pag. 32.

Tan ſingular, en fin tan peregrino
Thezoros de elegancia communicas
Que parece que Spirito Divino.
Te dicta aquello miſmo que predicas:
Deſuerte en fin explicas
Tus ſubtilezas raras
Que por razones muchas
Imagino talvez que nó te eſcuchas;
Porque ſi te eſcucharas
Elevado en ti miſmo te quedaras.

Compoz.

Tyrocinium Theologiæ in triplex compendium tripartitum Tom. 1. Ulyſſipone apud Ant. Crasbeeck de Mello 1668. fol.

Tom. 2. *&* 3. ibi apud eumdem Typog. 1670. fol.

Eſcreveo mais difuſamente toda a Theologia em 7. Tomos de folha grandes com o titulo de

Manuale Thomiſticum

Obra (como eſcreve Fr. Lucas de Santa Catherina no lugar aſſima citado) *que examinada por grandes Theologos da Ordem ſahio com o credito de conſumada, e legitimo parto de tanto talento.* Conſerva-ſe no Archivo de Roma para onde os mandou pedir o Reverendiſſimo Meſtre Geral da Ordem Fr. Antonino Cloche. Deſta grande obra ſe imprimio hum tratado que eſtá inſerto na *Controverſia* 137. *de Eccleſia, & de aliis, quæ pertinent ad Eccleſiam,* em o Tom. 10. da *Bibliotheca Maxima Pontificia* à pag. 145. que publicou, e collegio o Illuſtriſſimo Arcebiſpo de Valença D.

Fr. Joaõ Thomaz de Rocaberti Geral que tinha ſido da Ordem dos Prégadores.

Triduo de Sermoens Panegyricos do grande Pontifice Pio V. na ſua Beatificaçaõ. Lisboa por Joaõ da Coſta 1673. 4.

Predica Sacramental, e hymno Euchariſtico fundado em huma Sequencia do D. Angelico Santo Thomaz no Opuſculo 57. *das ſuas Obras Tom.* 1. Lisboa pelo dito Impreſſor 1675. 4. Conſta de 12. Sermoens, dos quaes o primeiro ſahio traduzido em Caſtelhano pelo Doutor Eſtevaõ de Aguilar, y Zuniga Deaõ da Collegiada de Eſcalona no 2. Tomo da *Laurea Portug.* Madrid por André Garcia dela Igleſia 1679. 4.

Tom. 2. Lisboa por Joaõ da Coſta 1676. 4. Conſta de 12. Sermoens, em cujo Prologo ſe promete que brevemente ſahiraõ á luz outros muitos que o Author deixou limados.

Fr. DOMINGOS DE SANTO THOMAZ. Naceo na Villa de Vianna do Alentejo onde recebeo a primeira graça a 25. de Março de 1640. ſendo filho de Domingos Lopes, e Ignes Martins. Eſtudou Grammatica em Evora, e amante da vida Religioſa profeſſou o ſagrado Inſtituto da Terceira Ordem da Penitencia em o Convento de Santarem a 21. de Fevereiro de 1658. quando contava 18. annos de idade. No Collegio de S. Pedro de Coimbra aprendeo, e enſinou as ſciencias eſcolaſticas chegando a receber as inſignias de Doutor em a Univerſidade de Evora em o anno de 1674. Foy Qualificador do Santo Officio Examinador das Tres Ordens Militares, e Reytor do Collegio de S. Pedro de Coimbra. O Illuſtriſſimo D. Veriſſimo de Lancaſtro Inquiſidor Geral confirmando o conceito que formara das ſuas grandes letras quando vio o parecer que fizera pelo recto procedimento do Santo Officio contra as calumnias dos Chriſtaõs novos o nomeou Inquiſidor da Cidade de Goa, de cujo honorifico miniſterio ſe eſcuſou pelos achaques que padecia, os quaes o privaraõ da vida no Convento de Lisboa quando era Lente de Prima a 27. de Abril de 1679. na florente idade de trinta, e nove annos. Foy cordial devoto da Imagem do Santo Chriſto dos Cardaes, que ſe venera na Igreja de N. Senhora de JESUS deſta Corte, a qual ſendo levada a Miſſaõ da Ilha de Palmide em o anno de 1664. pelos Religioſos Miſſionarios Fr. Jozè de Santa Maria chamado o Canarim, e Fr. Manoel da Penitencia, compoz.

Romance ao Santo Chriſto dos Cardaes. Lisboa 1673. 4. Naõ tem nome do Impreſſor.

Fr. DOMINGOS DA VEYGA natural da Villa de Eſtremós na Provincia do Alentejo filho de Antonio da Veyga, e Maria Mendes, Eremita Auguſtiniano, cujo Habito recebeo no Convento de Lisboa a 28. de Outubro de 1684. Ao tempo que exercitava o lugar de Prior do Convento de Evora como foſſe ornado daquellas partes que conſtituhem hum Orador Evangelico prègou, e imprimio.

Sermaõ da Beatificaçaõ do B. Joaõ Franciſco Regis prégado em o primeiro dia do ſolemne triduo que celebrou o Collegio da Companhia de JESUS da Cidade de Evora em 11. *de Outubro de* 1716. Evora na Officina da Univerſidade 1717. 4.

DOMINGOS VELHO igualmente douto na Faculdade dos Sagrados Canones, em que recebeo o gráo de Bacharel na Univerſidade de Coimbra, como verſado nos exercicios da piedade, e devoçaõ eſcrevendo.

Principio do Divino Amor, e conſideraçoens de JESUS. Lisboa por Antonio Alvares 1625. 8. Contem cinco Tratados o 1. *da Oraçaõ, e Meditaçaõ.* o 2. *Conſideraçoens de JESUS, e de ſua Payxaõ.* 3. *Conſideraçoens dos Noviſſimos.* 4. *de alguns remedios, e advertencias para o exercicio da Oraçaõ.* 5. *Do Santiſſimo Sacramento.* Fazem memoria do Author, e da Obra Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 258. e Joaõ Franco Barreto na *Bib. Luſit.* M. S.

Fr. DONATO DE VISEU natural da Cidade, que tomou por appelido Monge Ciſtercienſe, e muyto douto na intelligencia da Sagrada Eſcritura. Compoz.

Gloſſa in Epiſtolas B. Pauli Apoſtoli ad Romanos. fol. *M. S.* Volume grande que ſe conſerva no Archivo do Real Convento de Alcobaça.

D. DUARTE unico em o nome, e undecimo Rey de Portugal illuſtrou com o ſeu auguſto nacimento a Cidade de Viſeu a 30. de Outubro de 1391. ſendo a terceira producçaõ do feliz thalamo dos Sereniſſimos Monarchas D. Joaõ o I. e D. Filippa de Lancaſtro, que lhe impuzeraõ o nome de Duarte em obſequio de ſeu Viſavo materno D. Duarte III. Rey de Inglaterra. A perſpicacia do juizo, e ſublimidade do talento que logo na puericia deſcubrio foraõ infaliveis vaticinios da cultura dos eſtudos, e da protecçaõ das ſciencias com que ſe diſtinguio entre todos os Principes que adorou a Monarchia Portugueza. Quando contava dez annos de idade foy jurado Succeſſor deſta Coroa a 22. de Março de 1401. nas Cortes celebradas em Leiria moſtrando já naquelle prologo do ſeu reynado ſer eſcuſada a liberalidade da fortuna para merecer a Coroa. Aſpirando a ſer herdeiro mais das virtudes que dos dominios de ſeu grande Pay o imitou com heroica emulaçaõ em a primogenita de todas, qual he o valor de que deu glorioſos argumentos quando o acompanhou juntamente com ſeus Irmaõs D. Henrique, e D. Fernando na celebre expediçaõ de Ceuta a qual por impulſo do ſeu braço, e direcçaõ do ſeu conſelho ſe rendeo a 14. de Agoſto de 1415. às invencibeis armas Portuguezas. Na madura idade de quarenta, e dous annos cingio a Coroa em 15. de Agoſto de 1433. e ainda que foy advertido de hum perito Aſtrologo dilataſſe aquella politica ceremonia para outro dia por ter obſervado na configuraçaõ dos Aſtros que dominavaõ aquella hora, ſer infauſto o ſeu Reynado, aſſim em os ſucceſſos, como em a duraçaõ, deſprezou com catholica reſoluçaõ o preſagio que infallivelmente ſe cumprio. Para argumento da obediencia obſequioſa aos Vigarios de Chriſto mandou huma ſolemne Embaxada ao Concilio de Baſilea de que nomeou por Embaxador a ſeu Sobrinho D. Affonſo primeiro Marquez de Valença, o qual foy recebido a 24. de Junho de 1435. por Eugenio IV. com paternal benevolencia, e querendo moſtrar-ſe agradecido ao noſſo Principe lhe concedeo o privilegio de ſer coroado, e ungido conforme o antigo Ceremonial dos Reys de França. Perſuadido das inſtancias de ſeu irmaõ o Infante D. Henrique reſolveo conquiſtar Tangere nomeando-o General deſta empreza, e por companheiro a ſeu irmaõ o Infante D. Fernando. Apreſtouſe huma armada em o anno de 1437. guarnecida de quatorze mil Soldados, a qual teve infauſto ſucceſſo pois ſendo a Praça combatida pelo eſpaço de trinta, e dous dias continuos a que ſe deu principio a 13. de Setembro, naõ ſómente foy derrotado o noſſo exercito mas entre os pactos que celebraraõ como victorioſos os Mouros, foy o mais fatal, e laſtimoſo para Portugal deixar ao Infante D. Fernando em refens da Cidade de Ceuta, tolerando eſte Heróe com heroica paciencia os horrores do carcere, e os ludibrios do cativeiro até que delle ſubio triumfante a coroarſe com as inſignias de Martyr no Impirio. Eſta luctuoſa calamidade penetrou taõ altamente o coraçaõ do noſſo Monarcha, que o reduzio a huma profunda melancolia que mais vigoroſamente ſe augmentou quando vio fulminado o Reyno com o flagello da peſte ſendo-lhe preciſo para eſcapar da ſua violencia diſcorrer como peregrino por varios lugares até que recebendo na Villa de Thomar huma Carta inficionada do contagio fechou o circulo da vida merecedora de mais proſpero reynado a 9. de Setembro de 1438. a tempo que o ſol padecia hum grande eclypſe, com 46. annos, dez mezes, e nove dias de idade, e de governo cinco annos, e vinte ſeis dias. Jaz ſepultado no Real Convento da Batalha fundado por ſeu auguſto Pay, e por falta de epitafio ſe lhe podem gravar no Mauſoleo eſtas expreſſoens metricas do inſigne Luiz de Camoens *Luſiad.* Cant. 4. eſtanc. 51.

Naõ foy do Rey Duarte taõ ditoſo
O tempo que ficou na Summa alteza;
Que aſſi vay alternando o tempo iroſo
O bem com o mal, o goſto com a triſteza.
Quem vio ſempre hum Eſtado deleitoſo?
Ou quem vio em fortuna haver firmeza?
Pois inda neſte Reyno, e neſte Rey
Naõ uſou ella tanto deſta ley.

Foy caſado com a Rainha D. Leonor Infanta de Aragaõ filha de D. Fernando I. Rey de Aragaõ, e de D. Leonor Condeſſa de Albuquerque filha de D. Sancho de Albuquerque, e D. Brites Infanta de

Portugal filha de D. Pedro I. Rey de Portugal, cujos auguſtos deſpozorios ſe celebraraõ a 22. de Setembro de 1428. de que naceraõ o Infante D. Joaõ, que morreo de tenra idade, D. Filippe que de nove annos paſſou à vida immortal, D. Affonſo, que herdou a Coroa, D. Maria, que naõ logrou mais que hum dia de vida, o Infante D. Fernando Duque de Viſeu, e Pay do Sereniſſimo Rey D. Manoel, a Infanta D. Leonor, que ſe deſpozou com o Emperador de Alemanha Federico III. o Infante D. Duarte que morreo na Infancia, a Infanta D. Catherina, que eſtando contratada para caſar com Carlos Princepe de Navarra ſeu Primo com irmaõ, e depois com Duarte IV. Rey de Inglaterra deſvanecidos eſtes deſpozorios falleceo com opiniaõ de virtuoſa em o Convento de Santa Clara. A Infanta D. Joanna que caſou com Henrique IV. de Caſtella. Fòra do matrimonio teve a D. Joaõ Manoel de quem deſcendem os Condes da Atalaya. Foy de eſtatura proporcionada, e de aſpecto ſummamente agradavel pois tinha os olhos caſtanhos, e alegres, a boca pequena, e còrada, o cabello da barba louro, e o da cabeça comprido conforme o uzo daquelle tempo. Veſtia com pompa ſendo mayor quando apparecia publicamente. Foy muito zeloſo do culto divino, e das ceremonias Eccleſiaſticas, de tal ſorte que naõ diſſimulava a menor negligencia em os Miniſtros do Altar. Venerou com profundo reſpeito o ſinal da noſſa Redempçaõ naõ permitindo que eſtiveſſe eſculpido, ou entalhado em lugar indecente. Sem defraudar a juſtiça de que foy obſervantiſſimo cultor, como era de condiçaõ naturalmente benigna ſe inclinava menos vezes para o rigor, que para a piedade. Amou com taõ inviolavel obſervancia a verdade que nunca ſe experimentou a menor infracçaõ na ſua palavra. Foy doutiſſimo na arte da Cavallaria cujos preceitos practicava ayroſamente em ambas as cellas fazendo parar o cavallo, e continuar as voltas de huma eſcaramuça ſem freyo, nem ſilhas. Occupava algumas horas na Caça da Montaria naõ ſó para divertimento do animo, mas para exercicio do corpo. Era naturalmente eloquente uzando de palavras taõ elegantes que conciliava o affecto de todos. Eſtimava a converſaçaõ de peſſoas eruditas, as quaes admittia benevolo, premiava magnifico. Para indeleveis argumentos do diſvelo que dedicara à cultura das ſciencias, deixou eſcritos varios Livros em proſa, e verſo. Mandou compilar as leys, que andavaõ diſperſas, e reduzidas com bom methodo a hum volume para que foſſem obſervadas, e entre ellas publicou a 8. de Abril de 1434. a Mental de que foy Legislador ſeu grande Pay, pela qual ſe prohibe poderem as filhas ſucceder nos bens da Coroa. Tomou por empreza huma lança em que eſtava enroſcada huma cobra em forma de Caduceo com eſta letra *loco, & tempore* ſymbolizando na lança a guerra, e na cobra a prudencia com que a havia de romper. Ultimamente a natureza o ornou de tantos dotes, e virtudes excellentes, que naõ deixou lugar para que a fortuna lhe diſpenſaſſe as felicidades, que naõ logrou. Os elogios que à ſua memoria conſagraraõ os Eſcritores ſaõ innumeraveis, ſendo os principaes Vaſconcellos *Anacephal. Reg. Luſit.* pag. 165. *Fuit ſublimi Rex ingenio, & quod ſponte ſua in altiſſimas ſapientiæ cogitationes rapiebatur, earumque artium, quæ ſtudioſum ſuapte indole Principem decent non limina modo ſalutavit, verum adyta adiit penitiora.* Brito *Elog. dos Reys de Portug.* pag. mihi 93. *dotado de hum animo ſublime, e amigo de alcançar os ſegredos de cada ſciencia que podia caber em hum Rey curioſo particularmente de Filoſofia moral em que teve muita liçaõ.* Duart. Nun. de Leaõ *Chron. de D. Duart.* cap. 19. *como na clareza do juizo elle era inſigne, naõ ſómente aprendeo para ſi, mas para doutrinar a outros.* Faria *Europ. Portug.* Tom. 2. Part. 3. cap. 2. n. 22. *Sobre la arte dela elegancia que ſabia, y exercitava bièn, era naturalmente elegante,* e no *Epit. delas Hiſt. Portug.* Part. 3. cap. 12. *Fue aficionadiſſimo a las ſciencias, y en algunas, principalmente en la Filoſofia, muy verſado.* Marian. de *reb. Hiſp.* lib. 21. cap. 3. *litteris valde deditus.* Le Clede *Hiſt. de Portug.* Tom. 1. pag. mihi 422. col. 2. *Il paſſoit des jornèes entieres ala lecture des livres de Poeſie, & de Philoſophie. Il fit de ſi grands progres dans l' etude del' un, de l' autre, qu' il compoſa quelques ouvra-*

ges où l' eſprit, le bon ſens, e le ſcavoir brilloient egalement. Mariz *Dialog. de Var. Hiſt.* Dialog. 4. cap. 5. *com o ſeu florido engenho alcançou tanto de letras, e ſciencias, que naõ ſómente teve conhecimento de muitas couſas, que he a verdadeira profiſſaõ da ſabidoria, mas tambem ſoy author de muitos tratados de eruditçaõ, e engenho.* Nun. *de Ver. Reg. Port. Geneal.* pag. 27. v.º *litterarum doctrina tantum valuit ut non modo multa cognorit, ſed & litteris mandaverit.* Sainct. Marth. *Hiſt. Geneal. dela Mais. de Franc.* Liv. 42. cap. 5. *Il joignit heureuſement l' exercice des armes avec la connoiſſance des letres, e ſciences.* Joan. Soar. de Brit. *Theat. Luſit. Litter.* lit. E. n. 1. Ribeir. *Pref. das letr. ás Arm.* Jacq. Lenfant. *Hiſt. dela Guer. des Huſſit. & du Concil. de Basle* Liv. 19. n. 12. *Caram. Philip. Prud.* pag. 55. Fonſec. *Evor. Glorioſ.* pag. 82. Ferrer. *Hiſt. de Eſpan.* Tom. 9. pag. 336. n. 12. Garibay *Comp. Hiſt. de Eſp.* Liv. 35. cap. 11. pag. 178. Barbud. *Emprez. Milit. de Luſit.* Liv. 3. pag. 64. Leytaõ *Not. Chronol. da Univ. de Coimb.* pag. 366. §. 740. até 750. Barboſa *Cathal. Hiſt. das Raynh. de Portug.* pag. 346. Anſelm. *Hiſt. Gen. e Chronol. de la Mais. Royale de Franc.* Tom. 1. pag. mihi 595. Souſ. *Hiſt. Geneal. da Caſ. Real Portug.* Tom. 2. Liv. 3. cap. 7. pag. 492. Compoz.

O leal Concelheiro Dedicado à Rainha D. Leonor ſua Eſpoſa. Deſta obra fazem menção todos os Eſcritores da ſua vida, como das ſeguintes

Do Regimento da Juſtiça, e Officiaes della. Do qual ſe conſervava huma parte na Caſa da Supplicaçaõ, como eſcrevem Duart. Nun. de Leaõ *Chron. delRey D. Duart.* cap. 19. e Manoel Faria, e Souſa *Europ. Port.* Part. 3. cap. 2. n. 22. Fr. Bernardo de Brito nos *Elog. dos Reys de Portug.* pag. 93. affirma ter viſto alguns fragmentos deſta obra em hum livro antigo como do precedente, e de outro que tratava.

Da Miſericordia M. S.

De todos elles faz expreſſa menção Nicol. Ant. in *Bib. vet. Hisp.* lib. 10. cap. 5. §. 288.

Da Arte de domar os Cavallos. M. S.

Deſte tratado ſe lembraõ Fr. Bernardo de Brito, e Nicolao Antonio nos lugares já allegados.

Memorias varias. cujo original ſe conſerva na Livraria do Convento de Scala Cæli dos Cartuxos de Evora, do qual mandou extrahir huma copia o Excellentiſſimo Conde da Ericeira D. Franciſco Xavier de Menezes quando governava aquella Cidade, e ſe guarda na ſua numeroſa Bibliotheca. As principaes materias, de que tratað eſtas Memorias, ſaõ as ſeguintes.

Concelho, ou avizo eſpiritual contra a intemperança dos dezejos. Começa *Todo o homem pela graça de Deos deve ter tençaõ.* Acaba. *De algumas peſſoas que de taes ſeitos tem pequeno conhecimento.*

Concelho ſendo Infante para ſeu Irmaõ D. Pedro quando ſe partio para Ungria. Começa *Conſelho para vós ſobejo me parece &c.*

Conſelho, ou avizo eſpiritual. Começa. *Ainda que Deos por ſua grande, abſoluta, e Sagrada vontade &c.*

Summario, que ſendo Infante deu a Meſtre Franciſco para prégar do Condeſtavel D. Nuno Alvares Pereyra Começa. *Gloria et honore coronaſti eum Domine.* Acaba. *Onde perpetuamente há gloria, e honra para ſempre ſe coroe.*

Memorial para Fr. Fernando ordenar a Prègaçaõ das Exequias delRey D. Joaõ ſeu Pay. Começa. *Fr. Fernando penſei na atençaõ do Sermaõ, que no ſaimento Deos querendo me diſſeſtes, que havieis de fazer, e ocorreume, o que ſe ſegue.*

Ordem de como os Infantes haviaõ de proceder com ſeu Pay. Começa. *Muy prezados irmaos &c.*

Repoſta ſendo Principe ao Infante D. Fernando ſobre certas queixas, que elle tinha de ſeu Pay.

Declaraçaõ da intençaõ, que havemos ter para nos ſalvar.

Da Maneira de ler os livros. Começa. *Alguma hora naõ leais muito.*

Regimento para aprender a jogar as armas.

D. DUARTE filho illegitimo del-Rey D. Joaõ o III. que o teve ſendo Principe de Iſabel Moniz Moça da Camera da Rainha D. Leonor terceira mulher del-Rey D. Manoel, naceo em Lisboa no

anno de 1521. Aprendeo os primeiros rudimentos no Moſteiro de Santa Marinha da Coſta junto a Guimaraens, onde foy director da ſua puericia Fr. Diogo de Murça Religioſo de S. Jeronymo, ornado de igual prudencia, que litteratura. Ao comprir quatorze annos ſe applicou juntamente com o Senhor D. Antonio filho do Infante D. Luiz às letras humanas, que lhe dictou Ignacio de Moraes. Ouvio Filoſofia do Meſtre Henrique Cayado, Theologia dos Doutores Marcos Romeiro, e Pedro Margalho inſignes neſtas faculdades, que depois as leraõ com grande applauſo em a Univerſidade de Coimbra. Com a diſciplina de taõ doutos varoens ſahio conſummado aſſim nas ſciencias amenas, como em as ſeveras. Soube com perfeiçaõ os preceitos da Muſica, e tocava os inſtrumentos com igual ſuavidade, que deſtreza. Foy inſigne na Arte da Cavallaria, e muito ayroſo em ambas as ſellas. Todos eſtes dotes ſe illuſtravaõ com hum genio ſuave, e condiçaõ affavel com que conciliava os animos; huma prudencia mais propria de annos provectos, que da florente idade que contava, hum juizo claro, e capaz de emprender, e conſeguir acçoens heroicas. Ao tempo que poſſuya o Priorado de Santa Cruz de Coimbra, e as Abbadias de S. Miguel de Refoyos, S. Martinho de Caramos, e S. Joaõ de Longavares o nomeou ſeu Pay Arcebiſpo de Braga, e querendo que ſe ſagraſſe na ſua prezença lhe ordenou paſſaſſe a Lisboa, e antes de obedecer a eſte preceito entrou em Braga a 12. de Agoſto de 1543. onde deixou eternas ſaudades da ſua Peſſoa. Logo que chegou à Corte foy recebido por ſeu Pay com extraordinarias ſignificaçoens de jubilo que brevemente ſe transformou em profundo ſentimento cauſado da ſua morte a 11. de Novembro de 1543. em o Palacio dos Eſtáos quando tinha 22. annos incompletos. Eſta intempeſtiva fatalidade naõ ſómente penetrou o coraçaõ das Peſſoas Reaes, mas de toda a Corte. Foy ſepultado no Real Convento de Belem em huma ſepultura pouco levantada do pavimento, e ſobre ella eſtá gravado o ſeguinte epitafio.

Regia tantillo proles Eduardus humatur
Nec juveni voluit parcere Parca, loco.
Primatem, Dominumque electum Brachara deſlet
Quem virtus poterat reddere legitimum.

O inſigne poeta Franciſco de Sá, e Miranda na *Carta* 3. eſcrita a ſeu Irmaõ Mem de Sá diz fallando deſte Principe.

Viſtes huma claridade
Que de cà te lá correo
Como rayo em tal idade
Tanto ſaber, tal bondade
Num momento eſcureceo.
Alma Bemaventurada
Daquelle moço taõ nobre
Chegaſte a alta aſſomada.
Tudo te pareceo nada
Quanto dali ſe deſcobre.

Semelhantes elogios lhe dedicaraõ D. Rodrigo da Cunh. *Hiſt. Eccleſ. de Brag.* Tom. 2. cap. 77. *bom Filoſofo, e Theologo, e nas letras humanas teve tanto cabedal que começou a eſcrever na lingua Latina a Hiſtoria dos Reys de Portugal.* Eduard. Non. de *Ver. Reg. Portug. Genealog.* pag. 38. *Juvenem optimæ indolis, bonarum litterarum, Philoſophiæ, & Theologiæ ſtudiis aprime eruditum, & omnibus corporis, & animi dotibus ornatiſſimum.* Eſperanc. *Hiſt. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 2. Liv. 9. cap. 33. n. 3. *por ſuas muitas partes chamado as delicias da Corte de Portugal.* Vaſconc. *Anaceph. Reg. Luſit.* pag. 302. *animi vere regii pietate inſignis, animarum ſtudio fervens, humanioribus litteris Philoſophiæ, ac Theologiæ luminibus exornatus.* Le Clede *Hiſt. Gen. de Portug.* Tom. 1. pag. mihi 709. *Il entendoit, & parloit parfaitement bien le Grec, & le Latin: il avoit une grande connoiſſance del' Hiſtoire, e travailloit a celle de Portugal.* Faria *Europ. Portug.* Tom. 2. Part. 4. cap. 2. *Principe piedoſo, y docto.* Sainct. Marth. *Hiſt. Gen. e Chronol. dela Mais. royal de Franc.* Liv. 43. cap. 4. *Il eſtoit bien verſe en la Philoſofie, Theologie, e aux letres humaines.* D. Nicol. de Santa Mar. *Chron. dos Coneg. Reg.* Liv. 9. cap. 35. Andrad. *Chron. delRey D. Joaõ o III.* Part. 3. cap. 95. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. E. n. 2. Souſa *Hiſt. Gen. da Caſa Real Portug.* Tom. 3. Liv. 4. cap. 14. Anſelm. *Hiſt. Gen. e Chronol. dela Mays. Royal de France* Tom. 1. pag. mihi 605. Eſcreveo.

Hiſtoria Regum Portugalliæ da qual remeteo a vida delRey D. Affonſo Henriquez (como já a tinha eſcrito no meſmo idioma ſeu Tio o Infante Cardial D. Affonſo) ao Embaxador deſta Coroa que aſſiſtia em Roma, encomendando-lhe a offereceſſe à cenſura dos melhores profeſſores da lingua Latina, e poſto que occultou o ſeu nome para que foſſe ſem adulaçaõ criticada mereceo os elogios de todos que a leraõ, e ſómente alguns reparáraõ ſer o eſtilo exceſſivamente elegante, como producçaõ de annos juvenis. Nicoláo Antonio na *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 258. col. 2. affirma que lhe moſtrara o Original deſta obra Bento Mellino Bibliothecario em Roma da Sereniſſima Rainha de Suecia Chriſtina Alexandra, e que o achara com muitas palavras riſcadas, e acrecentadas outras ſobre as regras do Original, donde ſe perſuadira que foraõ emendas de algum homem erudito, a quem ſe cometera a ſua correçaõ.

Oraçaõ em louvor da Filoſofia recitada no Real Collegio da Coſta, dia de S. Jeronymo. Começa *Plataõ excellentiſſimo Pay da Grega Attica eloquencia, e de toda a Filoſofia primario prudentiſſimo.* Conſerva-ſe o Original na Livraria da Cartuxa de Evora, e ſahio impreſſa no 2. Tomo das *Prov. da Hiſt. Geneal. da Caſa Real Portug.* compoſta pelo P. D. Antonio Caetano de Souſa Clerigo Regular. Prova 138. Lisboa Na Officina Sylviana Real, e da Academia 1741. 4. grande.

D. DUARTE irmaõ do Sereniſſimo Rey de Portugal D. Joaõ o IV. e filho de D. Theodoſio ſegundo do nome, ſetimo Duque de Bragança, e de D. Anna de Velaſco filha de D. Joaõ Fernandes de Velaſco ſetimo Condeſtavel de Caſtella Camareiro mór de Filippe III. e ſeu Copeiro mór, do Conſelho de Eſtado, Preſidente de Italia, 3. Duque de Frias 8. Conde de Haro, e de Caſtel novo, e de D. Maria Giron filha de D. Pedro Giron primeiro Duque de Oſſuna, 6. Conde de Urenha, Camareiro mór, e do Conſelho de Eſtado de Filippe II. e de D. Leonor de Guſmaõ filha de D. Affonſo de Guſmaõ 4. Duque de Medina Sidonia. Naceo em Villa-viçoſa ſolar deſta Sereniſſima Caſa a 30. de Março de 1605. e na Capella Ducal recebeo a primeira graça conferida por ſeu Tio o Senhor D. Alexandre Arcebiſpo de Evora. Aprendeo a lingua Latina, e letras humanas com o Doutor Manoel do Valle de Moura Varaõ de inculpavel vida, e grande litteratura, de cuja diſciplina ſahio naõ ſómente inſtruido neſtas faculdades, mas amante de todas as ſciencias, das quaes juntou com eſtudioſa applicaçaõ huma Livraria mais eſtimavel pela qualidade que pelo numero de livros, a qual celebrou com eſtas vozes metricas o elegante Poeta Manoel de Galhegos no *Templo de Memor.* Liv. 4. Eſtanc. 51. 52. e 53.

He regalo eſta Caſa ſoberana
Do generoſo Principe Duarte,
Nella como na Salla Vaticana
Se honra o eſtudo, ſe acredita a arte:
E illuſtres livros de ouro guarnecidos
Em muitos Orbes luzem divididos.
Aqui em varios idiomas, e em diverſos
Eſtilos a Poeſia insigne ſoa;
Doutos volumes de galhardos verſos
Cercaõ a Caſa a modo de Coroa.
E a mayor parte de huma, e outra Eſtante
Honra da Hiſtoria o numero elegante.
Aqui glorioſa a Aſtrologia impera
Aqui a Muſica reyna; aqui jucunda
Tem a Filoſofia a ſua eſfera,
E a ſciencia Sagrada alta, e profunda:
Em fim tem neſta Caſa illuſtre aſſento
Tudo que objecto he do entendimento.

Anhelando o ſeu heroico eſpirito a illuſtrar com tymbres novos o eſplendor do ſeu nacimento reſolveo ſeguir o exercicio das Armas para o qual achava em o ſeu genio inclinaçaõ, e em ſeus Auguſtos Avós exemplo. Para executar taõ nobre deſignio ſahio da Patria no anno de 1634. com beneplacito de ſeu Irmaõ que lhe deſtinou por ſeu Apozentador mór Franciſco de Souſa Coutinho que depois em diverſas Embaxadas deu a conhecer ao mundo a profunda politica de que era ornado o ſeu talento, com ſeſſenta criados de diferentes foros levando creditos abertos em as Cidades mais famoſas de Alemanha, Italia, e França. Tendo recebido notaveis ſignificaçoens de benevolencia da Archiduqueza Claudia de Medicis Viuva do Archi-

duque Leopoldo, que aſſiſtia na Cidade de Inſpruch junto do Tirol proſeguio a jornada até Nuſterf diſtante huma legoa da Corte do Emperador, que ſem atender às oppoſiçoens do Conde de Oñate Embaxador de Caſtella lhe deu o tratamento de Princepe do Imperio. Gemia neſte tempo opprimida toda Alemanha debaixo das victorioſas armas de Guſtavo Adolfo Rey de Suecia, e para moſtrar que naõ viera para expectador daquelle ſanguinolento theatro, mas para o mayor inſtrumento da liberdade Germanica, empunhou as Armas achandoſe na tomada da Praça de Amelaõ na Pomerania, de Caminis em Saxonia onde os Magiſtrados lhe entregaraõ as chaves implorando a ſua proteçaõ, e a de Saverne, em que deu os mais aſſinalados argumentos de ſeu valor principalmente na batalha de Biſtoch, na qual como General de Batalha cauſou envejas ao Conde Mathias Galeazzo Comandante do Exercito Imperial aſſim na diſciplina, como no ardor com que acometeo, e derrotou os inimigos. Com o dezejo de ver ſeu irmaõ, cuja auzencia ainda que era de quatro annos lhe era muito ſaudoſa, paſſou a Portugal no anno de 1638. e depois de ſer recebido com exceſſivo affecto partio brevemente a 13. de Dezembro do dito anno chamado pelo Emperador para continuar a Campanha. Tanto que chegou lhe deu o Regimento da Banda Negra, e o fez General da Artilharia, poſtos da mayor eſtimaçaõ nas ordenanças Militares do Imperio, e continuando com o meſmo ardor a guerra, acabada a Campanha em Dezembro de 1640. ficou aquartelado em Suevia tres legoas de Ulma. Neſte anno fatal para Caſtella, e fauſtiſſimo para Portugal ſe aclamou legitimo Soberano da Coroa Portugueza o Senhor D. Joaõ o IV. cuja noticia chegando primeiramente aos Miniſtros de Eſpanha, que ao Infante, reprezentaraõ ao Emperador que logo o prendeſſe, pois privava a Portugal de hum General para a ſua defenſa, e de hum Succeſſor mais para a Coroa. De taõ perfido conſelho foy Author D. Franciſco de Mello Plenipotenciario delRey Catholico em Viena, o qual degenerando do Real Sangue da Caſa de Bragança, que lhe circulava nas veyas, ſe declarou com eterna injuria do ſeu nome mais affecto aos ſeus intereſſes politicos, que aos vinculos de parenteſco taõ illuſtre. Irreſoluto com taõ feya execuçaõ Fernando III. reſiſtio por algum tempo às continuadas inſtancias com que o odio Caſtelhano pertendia, que elle offendeſſe a innocencia, e caſtigaſſe o merecimento, até que por deligencia do Marquez de Caſtello Rodrigo que ſuccedera em negociaçaõ taõ indigna a D. Franciſco de Mello, condeſcendeo atrahido da ambiçaõ de quarenta mil cruzados para que ſem reſpeito à liberdade do Imperio, às leys da hoſpitalidade, e o que he mais à infracçaõ da ſua palavra tantas vezes ratificada mandaſſe prender ao Infante em Ratisbona a 4. de Fevereiro de 1641. onde depois de eſtar dezoito mezes foy conduzido por duzentos, e cincoenta Soldados ao Caſtello de Milaõ, e na Torre da Roqueta deſtinada para os aggreſſores dos delictos mais atrozes foy recluſo onde ſofreo com heroico animo pelo largo eſpaço de ſete annos todo o genero de tormentos, e ludibrios, que pode idear a tyrania, pois naõ ſómente o privaraõ da comunicaçaõ dos ſeus Criados, e da eſpiritual conſolaçaõ do ſeu Confeſſor, mas o prenderaõ com huma forte cadeya, que ſervia de perpetuo deſpertador do ſono unico alivio das infelicidades até que rendida a humanidade à violencia de tantas tribulaçoens voou o ſeu eſpirito a coroar-ſe no eterno deſcanço a 3. de Setembro de 1649. quando contava 44. annos 5. mezes, e 4. dias de idade. Teve a eſtatura grande, mas proporcionada, a prezença gentil, a cor do roſto branca, e rozada, o cabello louro, os olhos grandes, e alegres, e o corpo ayrozo, cujas partes lhe conciliavaõ tal bizaria, e gravidade, que affirmou o Emperador Fernando II. a primeira vez que o vio, ſer digno de hum Imperio. Naturalmente era dotado de condiçaõ affavel, e animo generoſo, donde procedia naõ haver neceſſidade a que promptamente naõ ſocorreſſe merecendo a amavel Antonomaſia *de Pay de Soldados,* aos quaes poſto que obſervantiſſimo da diſciplina militar tratou como companheiros, e naõ como ſubditos. O valor regulado pela prudencia lhe fez obrar açoens dignas de eterna recomendaçaõ, de

que forão envejoſos expectadores os mais diſciplinados Generaes de Alemanha. No ſeu religioſo coraçaõ teve a piedade perpetuo domicilio, naõ deixando entre o eſtrondo das armas, e continuas marchas do exercito de aſſiſtir ao Sacrificio da Miſſa, recitar as Horas Canonicas, e fazer outras devoçoens quotidianas. Foy inſtruido nas letras humanas, e Artes liberaes fallando com pureza, e deſembaraço as lingoas Latina, Franceza, Italiana, Heſpanhola, e Tudeſca, com que ſe fazia amavel aos ſeus naturaes. Ao ſeu retrato aberto em huma lamina em Pariz onde ſe reprezenta prezo, ſe lhe gravou na parte inferior eſte epigramma.

Pro meritis carcer, pro lavro vincula dantur
Virtus crimen habet, gloria ſupplicium:
Victrices onerant immania pondera palmas,
At nequeunt palmas pondera deprimere.
Venditus argento tandem das inclyte Princeps
Effigiem Chriſti non Eduarde tuam.

D. Luiz de Menezes *Port. Reſt.* Tom. 1. liv. 3. pag. 197. eſcreve em ſeu applauſo. *Era valeroſo em gráo muito ſupremo, e trazia unidos na eſféra mais ſuperior o entendimento, e a prudencia. Eſmaltava eſtas partes com huma liberalidade taõ afavel, que parecia ficava obrigado a todos os que fazia beneficios.* Souſa de Macedo *Luſit. lib.* lib. 3. c. 7. n. 20. *Quem lux præſtantiſſima forma ad imperandum edidit venuſto cum gravitate vultu, procero corpore cum venuſtate; quem pietas, prudentia, fortitudo, urbanitas, liberalitas dotes animi comitantur; quem ars ita perfecit ut eum ab Appolline, ac Marte credas educatum.* Mend. Sylva *Cathal. de Eſpan.* fol. 98. *Cuya virtud, prudencia, y ualor es bien conocida en el Imperio de Alemaña.* Luiz Marinho de Azevedo *Exclam. Polit.* p. 5. *Quien ignora loque nueſtro Infante hiſo al Emperador Ferdinando III? Quien nó tiene baſtante noticia de aver conſagrado ſu juventud florida a la eternidad de fama immortal? Quien dexa de ſaber, que el inimigo le tembló armado en la campaña? Que ſu diſcurſo ſe adelantó a las mas veteranas experiencias?* Menezes *Hiſt. Luſit.* Tom. 1. lib. 3. pag. 228. *Erat præſtanti formæ dignitate præditus, ſtatura militari, pecuniæ liberalis, gloriæ cupidus, animi, & corporis viribus acer, ſublimique ingenio.* Souſ. *Hiſt. Geneal. da Caſ. Real de Portug.* Tom. 6. liv. 6. cap. 19. e M. Le Clede *Hiſt. Gen. de Portug.* Tom. 2. pag. mihi 443. até 451.

Compoz.

Reſtauracion del Imperio y relacion abreviada de todo lo ſucedido en los exercitos Ceſareos, en que perſonalmente há aſſiſtido el Conde Mathias Galeazzo, deſpues que governa las armas de ſu Mageſtad Ceſarea. fol. M. S. Eſta relaçaõ como eſcreve D. Luiz de Menezes *Portug. Reſt.* Tom. 1. liv. 3. pag. 186. he de *eſtilo taõ levantado, de linguagem taõ excellente, de termos Militares taõ proprios, e de juizos, e conceitos taõ ſuperiores, que naõ ſó póde competir, mas exceder a tudo quanto tem eſcrito as pennas melhor aparadas. Conſervaſe eſte papel da propria letra do Infante na Livraria de Luiz de Souſa filho 2. do Conde de Miranda Capellaõ mor do Principe D. Pedro, Arcebiſpo de Lisboa &c.* A eſta obra intitula *Annaes de Alemanha* D. Fernando de Menezes in *Hiſt. Luſit.* Tom. 1. liv. 3. pag. 228.

Varias Poeſias. Sahiraõ impreſſas em Milaõ com o nome ſupoſto de Joaõ Bautiſta de Leaõ Secretario do Infante de quem certamente era eſta obra, como affirma o Padre Franciſco da Cruz nas *Mem. M. S. para a Bib. Port.* dizendo, que aſſim o ouvira a peſſoas graves no tempo, que aſſiſtira em Roma.

Arvore Genealogica da Caſa de Bragança. M. S.

Do modo como ſe devem fortificar as Cidades. M. S.

Varios papeis de grande erudiçaõ, e importantes documentos de que ſe valeo para diverſas occaſioens ſeu irmaõ ElRey D. Joaõ o IV. Conſervaõ-ſe na Secretaria de Eſtado, como dizem Menezes *Port. Reſtaur.* Tom. 1. pag. 297. e Souſa no lugar aſſima citado pag. 628.

Carta eſcrita de Alemanha a ſeu irmaõ ElRey D. Joaõ o IV. a 3. de Setembro de 1635. em que relata os ſucceſſos da Campanha. Sahio impreſſa nas *Exclamac. Polit.* do Capitaõ Luiz Marinho de Azevedo pag. 12. e no Tom. 6. da *Hiſt. Gen. da Caſ. Real Portug.* pag. 596.

DUARTE DE ALBUQUERQUE COELHO Marquez do Baſto, Conde, e Senhor de Pernambuco, das Villas de Olinda, S. Franciſco, Magdalena, Bom Succeſſo, Villa Fermoſa, e Igaraçù, Gentilhomem da Camara de Filippe IV. e do ſeu Conſelho de Eſtado em Portugal, naceo em Lisboa a 22. de Dezembro de 1591. e a 29. do dito mez recebeo a graça bautiſmal na Parochia de S. Nicoláo ſendo ſeu Padrinho D. Diniz de Lancaſtro Commendador mòr de Aviz. Teve por progenitores a Jorge Coelho de Albuquerque, Senhor, e Governador da Capitanîa de Pernambuco, e D. Anna de Menezes ſua 2. mulher, filha de D. Alvaro Coutinho irmaõ de D. Franciſco Coutinho Conde do Redondo, e Vice-Rey da India. Foy ornado de juizo prudente, valor heroico, condiçaõ affavel, e liberalidade profuſa. Vendo inuadida a Capitanîa de Pernambuco no anno de 1630. pelas armas Olandezas paſſou com exemplo poucas vezes practicado a America, querendo ter por companheiros na infelicidade aquelles que na paz o reconheciaõ por Superior. Neſta Guerra, que durou o largo eſpaço de nove annos, obrou façanhas dignas do ſeu illuſtre nacimento, e para que o mundo conheceſſe que igualmente era verſado na paleſtra de Marte que na de Minerva eſcreveo com eſtilo claro, e ſuccinto.

Memorias Diarias dela guerra del Braſil por diſcurſo de nueve años empeçando deſde el de 1630. Madrid por Diego Dias dela Carrera Impreſſor del Reyno. 1654. 4.

Manoel de Faria, e Souſa *Fuent. de Aganip.* Part. 4. lhe dedica a Egloga 6. celebrando o ſeu nome com eſtas vozes metricas.

Vós digna deſcendencia
Das luzes de Coelho, e Albuquerque,
Por quem de Jove a ſumma Omnipotencia
Quer que a Fama ſonora o mundo cerque;
Se amais ſonante a ſeus elogios baſta
Digniſſimo Dinaſta
Na Luſitania nova
Do Emporio mais notorio
Ao mais notorio Emporio
Dos que fazem a Europa mais ſoberba;
Donde voſſos Avos illuſtre prova
Do ſeu valor fazendo
Contra gente ſelvatica, e proterva
Se foraõ no dominio ſucedendo;
Até que os caſos varios
Que na Roda fatal ſaõ ordinarios
Là vos levaraõ a tomar a Lança
Contra a ſua mudança
Onde claro moſtraſtes
Que nada de tal luz degeneraſtes.
Vós que a lança deixando
Naõ ſem felices glorias
A pena eſtais tomando
Para deixar ao mundo
As Diarias Memorias
Do que obraſtes, e viſtes
Em quanto vezes nove andou girando
Polo cinto rotundo
Dos Animaes luzentes
O Carro luminoſo
Ornado de topazios, e amatiſtes.

Compoz mais

Compendio delos Reys de Portugal. Eſcrito no anno de 1652. cujo Original em folha ſe conſerva na Livraria do Excellentiſſimo Marquez de Valença. Começa em o Conde D. Henrique, e acaba com a morte do Cardial Rey D. Henrique. Principia *Aunque avemos de eſcrivir recopiladamente las vidas delos Reys de Portugal.* Acaba *Haſta que ElRey D. Felippe ſegundo de Caſtilla, y primero de Portugal entrò, y ſucedio en eſtos Reynos.* Eſtá compoſto eſte Compendio com muitas circunſtancias dignas de memoria que ſe naõ achaõ nas Chronicas dos Reys de que eſcreve, e certamente he obra capaz de ſe imprimir.

Compendio delas Vidas delos Reys de Aragon, Navarra, Napoles, Sicilia, y Condes de Barcelona. fol. M. S. Conſerva-ſe na Livraria do Excellentiſſimo Marquez de Abrantes.

Morreo em Madrid a 24. de Setembro de 1658. com 67. annos de idade, e jàz ſepultado no Convento de Santa Barbara de Mercenarios Deſcalços. Foy cazado com D. Joanna de Caſtro filha de D. Diogo de Caſtro II. Conde do Baſto, Capitaõ de Evora, Commendador de Almodouvar, e Garvaõ na Ordem de Saõ-Tiago, Regedor das Juſtiças, Prezidente do Dezembargo do Paço, do Conſelho de Eſtado, e Guerra, e Vice-Rey de Portugal, de quem teve unicamente a D. Maria Margarida de Caſtro, e Albuquerque, que caſou com D. Miguel

de Portugal VII. Conde do Vimioſo, Senhor da Caza do Condado do Baſto, e da Capitanîa de Pernambuco, Governador de Evora, do Conſelho de Guerra, Eſtribeiro mòr da Rainha D. Maria Franciſca Izabel de Saboya, de quem naõ teve deſcendencia.

Fr. DUARTE ALVARES natural de Villa-viçoſa Eremita de Santo Agoſtinho, e celebre Theologo em o Convento de Salamanca, donde o mandou o Geral Fr. Jeronimo Seripando em o anno de 1543. quando viſitou eſte Convento, ler Theologia em o de Pariz cujo magiſterio exercitou com applauzo univerſal ſendo Regente dos ſeus eſtudos pelo largo eſpaço de treze annos. Depois de ſe laurear Doutor em a Univerſidade Pariſienſe foy prégar no anno de 1546. os Sermoens da Quareſma em a Cathedral de Anveres, onde mereceo as aclamaçoẽs de inſigne Orador Evãgelico. Foy muito eſtimado da Rainha de França D. Leonor mandando-o por Embaxador a ſeu Irmaõ Carlos V. no anno de 1550. Ao tempo que era Vigario Geral das Provincias de França ſe reſtituhio à de Portugal em o anno de 1552. e conhecida a ſua grave prudencia, e profunda ſabedoria a Rainha D. Catherina o elegeu no anno de 1560. ſeu Confeſſor. Eſtes dotes o fizeraõ digno de viſitar a Provincia no anno de 1565. por patente do V. P. Fr. Luiz de Montoya Vigario Geral, e prezidio ao Capitulo celebrado no Convento de N. Senhora da Graça de Evora em o anno de 1574. em o qual falleceo em Lisboa. Fazem delle memoria Camargo *Epit. Hiſtor.* fol. 209. e Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. p. 258. col. 2. Compoz.

Tractatus Varij Theologici fol. 2. tom. M. S. de cuja obra, e do Author ſe lembraõ Elſſio *Encom. Auguſt.* e Herrer *Alphabet. Auguſt.*

Fr. DUARTE DE ARAUJO natural da Villa de Thomar, e digniſſimo alumno da Militar Ordem de Chriſto, da qual naõ ſómente foy Geral eleito a 22. de Abril de 1580. mas o mayor inſtrumento da ſua conſervaçaõ, pois havendo o Cardial D. Henrique alcançado hum moto proprio de Gregorio XIII. para a ſua extinçaõ, movido do zelo, e amor, que profeſſava a taõ illuſtre May, paſſou a Roma, onde pela actividade da ſua deligencia authorizada com as letras que tinha, fez que o Summo Pontifice revogaſſe a Bulla que mandara expedindo outra em que naõ ſómente conſervava a Religiaõ no eſtado em que permanecia mas ampliou com larga beneficencia os ſeus Privilegios. Neſta famoſa Corte conciliou as atençoens das principaes Peſſoas, que nella floreciaõ, diſtinguindo-ſe entre todas o inſigne Doutor Martim Aſpilcueta Navarro eſcrevendo no *C. Statuimus* n. 32. *Cum in tuis omnibus ſibi quam ſimillimo D. Eduardo de Araujo negotia celeberrimi, & etiam quoad clauſuram reformatiſſimi Monaſterij Thomarienſis Ordinis Ciſtercienſis in Urbe agenti, qui mihi multis nominibus eſt ſuſpiciendus.* Tanta era a ſua authoridade, prudencia, e litteratura, que mereceo quando era Prior mòr o levaſſe à maõ direita Filippe Prudente em a Prociſſaõ de Corpus Chriſti, que acompanhou em Lisboa, e à eſquerda o Commendador mòr. Cheyo de virtuoſas obras paſſou à vida eterna em o Convento de Thomar a 17. de Abril de 1599. em cujo dia faz delle memoria Jorge Cardozo *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 617. e no Comment. de 17. de Abril letr. G. Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 259. col. 1. e Tom. 2. pag. 290. col. 1. Soveral *Hiſt. de N. Senhor. da Luz* Liv. 1. cap. 11. fol. 29. Fr. Ant. Yepes *Chron. Gen. de S. Benit.* Tom. 2. Cent. 2. cap. 2. fol. 220. v.º e a *Bib. Magn. Eccleſ.* Tom. 1. pag. 530. col. 2. Compoz.

Vida de Santa Iria V. e M. Coimbra 1597. 4. a qual eſcreveo mais difuzamente Fr. Iſidoro Barreira Religioſo da meſma Ordem Militar de Chriſto.

DUARTE BARBOSA natural de Lisboa filho de nobres Pays, ornado de eſpiritos generoſos, que o moveraõ o deixar a patria, e diſcorrer por todo o Oriente, obſervando com curioſo exame as ſituaçoens das terras, os coſtumes das gentes, as virtudes das plantas, e a precioſidade das pedras daquellas vaſtiſſimas regioens, eſcrevendo com grande individuaçaõ tudo quanto tinha viſto, e examinado em huma larga Relaçaõ, que concluio em o

anno de 1516. da qual fazem honorifica lembrãça Damiaõ de Goes *Chron. delRey D. Man.* Part. 1. cap. 24. Gonſal. *Hiſt. dela Chin.* liv. 1. cap. 10. e Sandoval. *Hiſt. da Etiopia* Part. 2. liv. 3. cap. 9. Sahio traduzida em italiano no primeiro volume *Delle Navigationi, et Viaggi de Giovani Battiſta Ramuſio.* Venetia nella Stamparia de Giunti 1563. fol. deſde pag. 288. atè 323. Tem por titulo

Libro di Odoardo Barboſa Portugueze.

Começa. *Havendo io Odoardo Barboſa gentil huomo della molto nobile Citta di Lisbona.* &c.

Sendo Eſcrivaõ da Feitoría de Cananor por ſer muito perito na lingua dos Malavares, foy nomeado pelo Governador da India Nuno da Cunha para ajuſtar as pazes com o Samorim, como eſcreve Joaõ de Barros *Decad.* 4. *da India* liv. 4. cap. 3. Voltou ao Reyno onde naõ recebendo premio de que eraõ dignos os ſeus merecimentos, paſſou a Caſtella, e ſe embarcou em Sevilha no anno de 1519. com o inſigne Argonauta Fernaõ de Magalhaens, e depois de huma larga navegaçaõ foy juntamente com elle morto na Ilha Zebú huma das Filipinas em o primeiro de Mayo de 1521. Zacuto lib. 4. *Hiſt.* 49. Quæſt. 49. o intitula *novi orbis hiſtoriographus,* e delle ſe lembraõ com louvores Joaõ Soares de Brito *Theatr. Luſitan. Litt.* lit. E. n. 3. D. Jozé Pellicer no *Comment. ao Polif. de Gongor.* Eſtanci. 14. n. 3. col. 104. Draud. *Bib. Claſſic.* Tit. *Ind. Orient.* Ant. de Leon. *Bib. Orient.* e o ſeu moderno Addicionador Tom. 1. Tit. 14. col. 450.

DUARTE DE BARROS natural da Villa de Santarem, filho de Belchior de Barros, e Joanna Bautiſta. Eſtudou na Univerſidade de Coimbra Direito Ceſareo em o qual depois de receber o grão de Bacharel ſe reſtituhio á ſua patria, onde exercitou com grande applauſo da ſua ſciencia juridica o Officio de Patrono de Cauſas Forenſes. Falleceo em idade muito provecta de hum accidente de parlezia a 4. de Janeiro de 1710. Jaz ſepultado na Igreja dos Carmelitas Deſcalços da ſua patria. Entre varias obras, que tinha promptas para a impreſſaõ, eraõ as principaes.

De Jure fœminarum. fol.

Quæſtiones Juris Civilis. 2. *Tom.* fol.

DUARTE BRANDAM Naceo em Lisboa onde teve por Pays a Bento Dias, e Izabel Brandaõ. Foy inſigne profeſſor dos Sagrados Canones em a Academia Conimbricenſe, onde tomou poſſe de Conductario com privilegios de Lente a 4. de Mayo de 1616. e de Lente da Cadeira de Sexto a 14. de Dezembro de 1623. Na Corte de Madrid exercitou o miniſterio de Advogado patrocinando as Cauſas de mayor importancia, e gravidade, onde morreo pelos annos de 1644. He intitulado por Belchior Febos *Tom.* 2. *Deciſ.* Deciſ. 126. n. 29 *digniſſimus præceptor Sacrorum Canonum,* e por Clemente Felix *Allegac. por Ruy de Mour. Telles* Part. 1. n. 29. fol. 18. *magni nominis vir.* Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. E. n. 4. Compoz.

Alegacion por el Conde de Liñares con el Señor Fiſcal del Conſejo de Caſtilla ſobre la remiſſion al juizio delas Ordenes Militares del Reyno de Portugal. Madrid 1639. fol.

Allegaçaõ de Direito por parte do Senhor D. Carlos de Noronha em nome da Senhora D. Antonia de Menezes ſua mulher filha do Duque de Caminha, Marquez de Villa-Real, e de ſeu filho D. Miguel de Noronha ſobre a ſucceſſaõ do titulo, e Eſtado de Villa-Real, e morgado da dita Caſa. Em Madrid a 5. de Mayo de 1639. fol. Naõ tem nome do Impreſſor.

Parecer por D. Affonſo de Lancaſtre filho da Senhora D. Juliana de Lencaſtre Duqueza de Aveiro com D. Raymundo de Lencaſtre ſeu Sobrinho filho do Senhor D. Jorge Duque de Torres novas, que falleceo em vida da Senhora D. Juliana ſobre a ſucceſſaõ do Eſtado, e Caſa de Aveiro, e titulo de Duque depois dos largos dias da Senhora Duqueza. fol. ſem lugar nem anno, e nome do Impreſſor. Conſta de 115. §.

Allegaçaõ pela Senhora Infanta D. Maria que eſtá em gloria deixando algumas tenças a criados ſeus em ſuas vidas, entre ellas ficaraõ a D. Pedro de Menezes neto de D. Conſtança de Guſmaõ Camareira mór da dita Senhora trezentos,

ſetenta mil reis. fol. Naõ tem anno, nem lugar da ediçaõ.

Por la Religion de S. Juan, y ſu Aſſemblea del Reyno de Portugal ſobre la cauſa de juriſdicion entre los juezes dela Religion, y los Miniſtros dela juſticia Seglar. fol. ſem nome, nem lugar da Impreſſaõ. Conſta de dez folhas.

DVARTE DE BRITO Poeta ainda que jovial muyto ſentencioſo, do qual ſahiraõ algumas obras impreſſas no *Cancioneiro* de Garcia de Reſende. Lisboa por Herman de Campos 1516. fol. deſde fol. 37. até 48. ſendo as mais celebres.

Suceſſo que teve com hum Rouxinol
Inferno dos Namorados.

DVARTE CABREYRA inſigne Piloto pelas varias navegaçoens que fez principalmente à India Oriental eſcrevendo.

Roteiro para o Porto pequeno de Bengala. fol. *M. S.* Conſervaſe na Livraria do Excellentiſſimo Conde de Caſtellomelhor.

DUARTE CALDEIRA natural de Lisboa donde inſtruido com as letras humanas, e lingua Latina querendo dilatar a fama do ſeu nome com a profiſſaõ de Juriſconſulto paſſou a Salamanca, e na ſua Univerſidade teve por Meſtres daquella Faculdade aquelles dous famoſos Oraculos do Direito Pontificio, e Ceſareo, hum Caſtelhano, e outro Portuguez os Doutores Diogo de Covarruvias, e Manoel da Coſta, de que elle faz agradecida memoria *Variar. Lect.* Lib. 2. cap. 5. e lib. 4. cap. 10. Na Univerſidade de Lovanha ouvio interpretados os myſterios da meſma Faculdade pelo celebre Cathedratico Joachim Hoppero, ſahindo com a diſciplina de taõ inſignes Meſtres conſummado na eſpeculaçaõ, e practica de taõ vaſta ſciencia. Por ſer muito verſado na lingua Grega extrahio com indefeſſo trabalho de muitos Juriſconſultos Gregos, cujos Originaes ſe conſervaõ na Bibliotheca do Convento de S. Lourenço do Eſcurial, muitas reſoluçoens que publicou nas ſuas obras. Pela grande aſſiſtencia que fez em Caſtella o nomeou Filippe Prudente Ouvidor Geral dos Caſtelhanos, e com eſte lugar ſe embarcou em a Armada que laſtimoſamente ſe perdeo na Corunha. Delle ſe lembraõ com elogios Nicol. Ant. *Bib. Hiſpan.* Tom. 1. pag. 259. col. 1. Manoel Barboſa in *Elench. AA. das Remiſſoens do 4. e 5. Livro das Orden.* Solorz. *de Jur. Parricid.* Liv. 2. cap. 9. Draud. *Bib. Claſſic.*

Publicou.

Variarum Lectionum Juris libri quattuor optimis quibuſque Utriuſque juris ſtudioſis admodùm utiles. Pinciæ apud Bernardinum a D. Dominico 1595. 4.

De erroribus Pragmaticorum libri quattuor. Matriti apud Coſmam Delgado 1610. Eſtas duas obras ſahiraõ juntas Antuerpiæ apud hæredes Martini Nuntii 1612.

Na Dedicatoria do Livro *Variarum Lectionum* faz mençaõ de outra obra que já tinha publicado que ſe intitulava *Rerum quotidianarum* &c. e em outra parte *in Jus lucubrationes* as quaes naõ poſſo affirmar ſe ſaõ differentes das que imprimio.

Tractatus de Juriſconſulto. Eſta obra dividida em tres Livros he compoſta em Dialogo de que ſaõ interlocutores *Eduardus, Hopperus, Covarruvias.* Conſerva-ſe hum exemplar *M. S.* na Livraria do Excellentiſſimo Conde de Vimeiro.

Fr. DUARTE DA CONCEYÇAM Naceo em Villa-viçoſa a 13. de Outubro de 1595. e depois de ter frequentado as Claſſes da latinidade, e letras humanas em que moſtrou a felicidade do ſeu engenho recebeo na idade de 19. annos o habito da Sagrada Ordem da Penitencia no Convento de N. Senhora de JESUS deſta Corte a 29. de Abril de 1614. e nelle fez a profiſſaõ ſolemne a 30. do dito mez do anno ſeguinte. Aprendeo Artes, e Theologia com tal applicaçaõ como quem de diſcipulo paſſou a Meſtre deſtas Faculdades que dictou no Collegio de S. Pedro de Coimbra até jubilar no anno de 1641. Occupou na Religiaõ os lugares de Reytor do Collegio de Santa Catherina, Definidor, Comiſſario Provincial na auzencia que fez a Roma para aſſiſtir ao Capitulo Geral o Provincial Fr. Fernando da Camara, Reytor do Collegio de S. Pedro de Coimbra, Miniſtro do Convento de N. Senhora de JESUS de Lisboa até que pelo governo economico, e zelo da diſciplina

regular practicados neſtes lugares, ſubio ao de Provincial no Capitulo celebrado a 28. de Outubro de 1645. Foy Qualificador do Santo Officio, e Examinador das tres Ordens Militares. Morreo no Convento de N. Senhora de Jeſus deſta Corte a 26. de Setembro de 1662. com 71. annos de idade e 48. de Religiaõ. Publicou.

Collecçaõ de Eſtatutos eſtabelicidos em diverſos Capitulos antecedentes, e decretos no tempo do ſeu Provincialado, approvados pelo Definitorio, e Vice-Collector do Reyno. fol. 1646. naõ tem lugar, nem nome do Impreſſor.

DUARTE CORREA natural da Villa de Alanquer, e Familiar do Santo Officio. Deixando a patria paſſou ao Oriente, e na Cidade de Macáo ſe recebeo com huma conſorte de virtuoſos procedimentos. Eſtimulado da curioſidade ſe introduzio em o Japaõ, e diſcorrendo por eſte vaſto Imperio chegou a Nangazachi, cujos Governadores ſabendo que elle profeſſava a Fé do Crucificado, o mandaraõ prezo para Vomura a 4. de Novembro de 1637. Depois de tentada a ſua conſtancia com varias promeſſas para que abjuraſſe a Ley Evangelica admirados os barbaros da incontraſtavel firmeza da ſua Confiſſaõ foy levado a Nangazachi, e condenado a fogo lento que tolerou com animo inalteravel por largo tempo até que voou o ſeu eſpirito a coroarſe na eternidade com a laureola de Martyr em o mez de Agoſto de 1639. Delle ſe lembra o P. Antonio Franciſco Cardim *Elog. dos Relig. da Comp.* pag. 330. Eſcreveo.

Relaçaõ do Alevantamento de Ximabarà, e do ſeu notavel Cerco, e de varias mortes dos noſſos Portuguezes pela Fé Lisboa por Manoel da Sylva 1643. 4.

DUARTE DIAS natural da Cidade do Porto. Aſſiſtio muitos annos em Heſpanha com o poſto de Soldado por cuja cauza ſoube com perfeiçaõ a lingua Caſtelhana, e teve baſtante noticia da Italiana. Cultivou ſempre as Muſas para cujo eſtudo o inclinou o genio deſde a primeira idade, publicando.

Uarias obras em verſo Caſtelhano, e Portuguez. Madrid por Luiz Sãches. 1692. 4. e Çaragoça por Pedro Bermudes 1596. 4. dedicadas a D. Margarida Cortereal.

La Conquiſta que hizieron los Reys Catolicos en el Reyno de Granada. Madrid por la Viuda de Alonſo Gomes 1598. 8. Conſta eſte Poema em 8. rima de 21. Cantos, e he dedicado a D. Chriſtovaõ de Moura Corte-real Commendador mòr de Alcantara, do Conſelho de Eſtado, e Sumilher de Corps do Principe de Eſpanha.

DUARTE FERNANDES eſcreveo conforme affirmaõ Ant. de Leon. *Bib. Orient.* Tit. 3. e Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 259. col. 2.

Relaçaõ do Reyno de Pegù. M. S.

DVARTE GALVAM natural de Evora filho de Ruy Galvaõ Secretario dos Sereniſſimos Reys de Portugal D. Joaõ o primeiro, e D. Affonſo V. e Eſcrivaõ da ſua Fazenda, e do ſeu Conſelho, e de ſua mulher Branca Gonçalves, irmaõ de D. Joaõ Galvaõ Eſcrivaõ da puridade delRey D. Affonſo V. Biſpo de Coimbra, e Legado à Latere de Papa Pio 2. neſte Reyno, e nomeado Arcebiſpo de Braga. Foy educado com aquellas inſtrucçoens dignas do ſeu nacimento ſahindo doutamente verſado nas letras humanas como na intelligencia das linguas, que lhe facilitou a liçaõ da Hiſtoria Sagrada, e profana. A madureza do juizo unida à capacidade do talento o fez merecedor de ſubſtituir no anno de 1460. a Fernaõ Lopez em o lugar de Chroniſta mór do Reyno em que o nomeou ElRey D. Affonſo V. e que D. Joaõ o ſegundo, o elegeſſe por ſeu Secretario, cujo miniſterio exercitou com ſatisfaçaõ de taõ grande Principe. Naõ permitio o Sereniſſimo D. Manoel que eſtiveſſe reduzida em os limites da patria a profunda comprehenſaõ de Vaſſalo taõ benemerito, e para que ſe fizeſſe patente ao mundo o mandou com o caracter de ſeu Embaxador a Alexandre VI. ao Emperador Maximiliano, e a ElRey de França ſendo em taõ famoſas Cortes reſpeitadas as maximas da ſua politica ſempre regulada pelos dictames do Evangelho. Recebendo eſte Monarcha em o anno de 1514. huma Embaxada de Helena Rainha da Etiopia em nome de ſeu filho o Em-

perador David com alguns precioſos donativos que lhe entregou ſeu Embaxador Matheos de naçaõ Armenio o nomeou com o meſmo caracter a eſte vaſto Imperio para congratular aquella Princeza do obſequio que com elle practicara. Partio Duarte Galvaõ a 7. de Abril de 1515. na armada em que hia por Governador da India Lopo Soares de Alvarenga, acompanhado de Franciſco Alvares Capellaõ delRey D. Manoel, e chegando com proſpero ſucceſſo à India paſſou ao Eſtreito do mar roxo onde como já foſſe de idade muito provecta naõ permitio a fortuna que concluiſſe aquella embaxada com a gloria que alcançara nas Cortes dos Princepes Européos, fallecendo na Ilha de Camaraõ a 9. de Junho de 1517. Os ſeus oſſos foraõ conduzidos por Franciſco Alvares ſeu companheiro quando voltou da Corte do Preſte Joaõ à India donde os trouxe ſeu filho Antonio Galvaõ Capitaõ, e Apoſtolo de Maluco, de quem fizemos larga memoria em ſeu lugar, a eſte Reyno, e deſcançaõ no Real Convento de S. Franciſco de Enxobregas. Foy Alcayde mór de Leyria, e caſado com D. Catherina de Souſa filha de Fernaõ de Souſa Alcayde mòr de Leiria, e de D. Izabel de Albuquerque filha de Joaõ Gonçalves de Gomide Senhor de Villa-verde de quem teve deſcendencia. O ſeu nome he celebrado pelos eſcritores mais celebres, como ſaõ Barros *Decad. 3. da India* Liv. 1. cap. 1. *Homem de grande prudencia.* e no cap. 4. *homem douto nas letras da humanidade.* Caſtanheda *Hiſt. do deſcob. da India.* Liv. 3. cap. 152. *Fidalgo de muito merecimento por muito ſerviço, que tinha feito aos Reys de Portugal no tempo delRey D. Affonſo V. até aquelle, aſſi em tomadas dos lugares dalem, como em hir por Capitaõ em armadas de ſocorros que eſtes Reys mandaraõ a ſeus amigos, como em hir por Embaxador muitas vezes aos Reys da Chriſtandade, e ao Emperador ſobre couſas de muita importancia em que moſtrou ſer muito prudente negociando ſempre a muito contentamento dos Reys, que o mandavaõ.* Goes *Chron. delRey D. Man.* Part. 3. cap. 77. *Homem muito prudente* e Part. 4. cap. 13. e na *Chron. do Princep. D. Joaõ* cap. 63. Reſend. in *Reſponſ. ad Kabed viro nobili, & eruditionis variæ.* Faria *Aſia Portug.* Part. 3. cap. 1. n. 1. *perſona de letras, authoridad, y prudencia.* Cunha *Hiſt. Eccle. de Brag.* Part. 2. cap. 62. *douto nas letras humanas, e Varaõ inſigne.* Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 140. no Coment. de 11. de Março let. C. *Homem muy verſado em letras humanas.* Souſa de Macedo *Flor. de Eſpan.* cap. 8. excel. 9. *deligente Chroniſta.* Tellez *Hiſt. da Etiop. Alt.* Liv. 2. cap. 5. *Peſſoa de grande talento, e nobreza, prudencia, e valor.* Guer. *Glor. Cor.* Part. 1. cap. 7. *homem de muita prudencia, e Chriſtandade.* e no cap. 9. *Graviſſimo Varaõ.* Salaz. *Hiſt. da Caſa. de Sylv.* Liv. 12. cap. 15. Fonſec. *Evor. Glorioſ.* p. 404. *Sapientiſſimo.* Brandaõ *Mon. Luſit.* Part. 3. Liv. 8. cap. 1. *Peſſoa de grande authoridade.* Fr. Jacinto de Deos *Verg. de Plant. e Flor.* cap. 4. Art. 1. pag. 121. Joan. Soares de Brito. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. E. n. 5. Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 259. col. 2. Por ordem delRey D. Manoel reduzio a melhor methodo, e mais claro eſtilo as Chronicas dos Reys de Portugal como o meſmo Duarte Galvaõ declara no Titulo do Prologo da Chronica delRey D. Affonſo Henriques neſta forma. *Prologo do Author derigido a ho Sereniſſimo, e muito poderoſo ElRey D. Manoel noſſo Senhor ſobre has vidas, e excellentes feitos dos Reys de Portugal ſeus anteceſſores* &c. no fim do meſmo Prologo. *Mandar-me V. A. muy aficadamente que hos notaveis feitos dos muy eſclarecidos Reys voſſos anteceſſores eſcritos, e poſtos por negligencia dos eſcritores, ou culpa dos tempos nom ſoo em menos polida, mas ainda em deſordenada, e acerqua nem achada memoria hos quizeſſe ordenar, e eſcrever, e quaſi treſpaſſar ha mais honrados Jaziguos, e ſepulturas como hee meu dezejo para voſſo Serviço* &c. Por eſta cauſa Manoel de Faria, e Souſa nas *Advertencias à Aſia Portug.* n. 23. allega dez Chronicas eſcritas por Duarte Galvaõ deſde D. Affonſo Henriques até ElRey D. Fernando, e que foraõ recopiladas das que deixou compoſtas Fernaõ Lopes, e com o titulo *de Summario dos Reys de Portugal* as allega Gaſpar Eſtaço nas *Antiguid. de Portug.* fol. 186. A Chronica que certamente reduzio Duarte Gal-

vaõ a melhor eſtilo foy a de D. Affonſo Henriques como affirmaõ Barros *Decad.* 3. *da Ind.* Liv. 1. cap. 4. *apurou a linguagem antigua, em que eſtava eſcrita,* e Goes *Chron. de D. Manoel* Part. 4. cap. 38. dizendo que *a fez de novo.* O Original deſta Chronica ſe conſerva no Archivo Real da Torre do Tombo, da qual extrahio huma Copia fiel Miguel Lopes Ferreira, e a publicou em noſſos tempos com eſte titulo.

Chronica do muito alto, e muito eſclarecido Principe D. Affonſo Henriquez primeiro Rey de Portugal. Lisboa na Officina Ferreiriana. 1726. fol.

Exhortaçaõ feita por Duarte Galvaõ do Conſelho do Sereniſſimo Rey D. Manoel aos que por ſeu mandado vaõ à conquiſta da India porque ſaibaõ, e folguem muito mais de ſaber que bem , e ſerviço de Deos vaõ fazer. Eſta exhortaçaõ eſtava junta com outra que compoz na occaſiaõ em que foy por Embaxador ao Preſte Joaõ a qual começava. *Pois Deos, e ElRey me ordena, que và com vos outros Senhores à India* &c. Deſta obra faz mençaõ Barros *Decad.* 3. *da Ind.* Liv. 1. cap. 4. Ambas eſtas exhortaçoens ſe conſervaõ M. S. na Livraria do Excellentiſſimo Conde de Vimieiro.

Diſcurſo do Amor, e Deſamor. M. S.

Nobiliario de varias familias do Reyno à imitaçaõ do Conde D. Pedro. o qual tambem anda viciado como affirma Manoel de Faria, e Souza nas *Advert. à Aſia Portug.* n. 69. e o tivera em ſeu poder.

DUARTE DA GAMA celebre Poeta da ſua idade cujas obras ſe imprimiraõ no *Cancioneiro de Garcia de Reſende* Lisboa por Herman de Campos. 1516. fol. a fol. 94. v.º 132. v.º 135. v.º 143. 144. 169. 170. 175. v.º e 181.

DUARTE GOMES SOLIS fidalgo da Caſa Real, e natural da Cidade de Lisboa donde paſſou à India Oriental para melhorar da fortuna, que ſempre ſe declarou infauſta aos ſeus deſignios. Quatro vezes dobrou o Cabo da Boa Eſperança onde trez padeceo laſtimoſo naufragio cahindo nas maõs dos Cafres que deshumanamente o trataraõ. Servio ao Eſtado naõ ſomente com importantes arbitrios que cediaõ em beneficio da ſua conſervaçaõ, mas com grandes empreſtimos de dinheiro merecendo por taõ aſſinalados ſerviços eſtimaçoens do Vice-Rey D. Jeronimo de Azevedo, e do Governador Manoel de Souſa Coutinho. Sendo Feitor do Contrato da Canella o deſterrou da India o Vice-Rey Mathias de Albuquerque pelo crime de ligar a prata, e para defender a ſua innocencia injuſtamente culpada eſcreveo hum douto Memorial. Vindo embarcado em a náo Madre de Deos de que era Capitaõ mór Fernando de Mendoça para o Reyno em o anno de 1591. foy prizioneiro dos Inglezes na Ilha do Corvo. Cheyo de annos, e de achaquez fez o ſeu domicilio na Corte de Madrid, onde publicou.

Diſcurſos ſobre los comercios delas dós Indias, donde ſe tratan materias importantes de Eſtado, y guerra. Dirigido ala ſacra, y catholica Mageſtad delRey D. Filippe Quarto nueſtro Senor. 1622. 4. Naõ tem lugar nem nome do Impreſſor. No fim tem as obras ſeguintes.

Contrato propueſto por el Author cerca delas fabricas de las naves dela Carrera de la India. Eſcrito em Lisboa a 10. *de Novembro de* 1612.

Succeſſos delas naves, y armadas deſde el año de 560. *en que vino la nave Llagas que el Virey D. Conſtantino hizo en Goa por los libros dela Caſa dela India yda, y venida. En el principio ſe declaran los tiempos en que partieron las naves de Lisboa, y en el fin quando llegaron.*

Carta eſcrita de Lisboa al Duque de Lerma en 20. *de Novembro de* 1612.

Allegacion en favor dela Compania, dela India Oriental, y Comercios Ultramarinos, que de nuevo ſe inſtituyo, en el Reyno de Portugal. Dedicado al Conde Duque. Lisboa 1628. 4. ſem nome do Impreſſor.

Fr. DUARTE DE LISBOA natural da Cidade do ſeu appellido Eremita de Santo Agoſtinho o qual com eſtilo ſincero eſcreveo.

Compendio ſucinto dos Santos da Ordem de Santo Agoſtinho, de cuja obra, e ſeu Author fazem mençaõ Fr. Ant. da Purif. *Chron. da Prov. de Santo Agoſt. de Portug.* Part. 2. liv. 7. Tit. 7. pag. 267.

col. 1. e de *Vir. illuſtr. Ord. D. Aug.* lib. 3. cap. 5. e Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. E. n. 7.

DUARTE LOBO natural de Lisboa, e diſcipulo da Arte do Contraponto do inſigne Manoel Mendes Meſtre da Cathedral de Evora com quem competio na profundidade da Sciencia Muſica ou foſſe na Theorica, ou na Practica, pela qual depois de ſer Meſtre do Hoſpital Real de Lisboa ſubio a exercitar o meſmo miniſterio na Cathedral deſta Cidade pelo eſpaço de quarenta, e cinco annos, onde foy Conego de quarta Prebenda, e pela prudencia do ſeu talento Reytor do Seminario Archiepiſcopal. Antonio Fernandes Meſtre de Muſica lhe dedicou a ſua Arte que publicou no anno de 1625. onde lhe faz muitos elogios, e naõ menores lhe conſagraõ D. Franc. Man. na *Carta dos AA. Portug.* eſcrita ao Doutor Manoel da Fonſeca Themudo, Man. de Far. e Souſ. *Fuent. de Aganip.* Part. 2. Poem. 10. Eſtanc. 72. e 73. Joan. Soar. de Brito *Theat. Luſit. Litter.* lit. E. n. 8. *Artis muſicæ peritiſſimus.* Morreo com cento, e tres annos de idade deixando para teſtemunhas da ſua ſciencia as obras ſeguintes.

Canticum Magnificat quattuor vocibus. Antuerpiæ ex Officina Plantiniana Balthaſaris Moreti 1605. fol. grande. Conſta de 16. Magnificas de diverſos Tons.

Natalitiæ noctis reſponſoria quattuor, & octo vocibus. Miſſa ejuſdem noctis octo vocibus. B. V. Mariæ Antiphonæ octo vocibus. Ejuſdem Virginis Salve choris tribus, & vocibus undenis. Antuerpiæ apud Joan. Morettum 1611. fol. grande

Miſſæ quattuor quinque, ſex, & octo vocibus. ibi apud Balthaſarem Moretum 1621. fol. grande.

Miſſæ quattuor quinque, & ſex vocum ibi per eumdem Typ. 1639. fol. grande. No principio tem *Aſperges*, e *Vidi Aquam* a 4. vozes.

Officium Defunctorum em canto chaõ. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1603. 4.

Liber Proceſſionum, & Stationum Eccleſiæ Olyſſiponenſis in meliorem formam redactus ibi apud Petrum Crasb. 1607.

Na Bibliotheca Real da Muſica ſe conſervaõ as obras ſeguintes.

Dez Pſalmos de veſperas de diverſas vozes. Eſtant. 36. n. 814.

Cinco Miſſas a 4. Liçoens de Defuntos, e a Sequencia da Miſſa a 4. 6. 8. 9. e mais vozes. Eſtant. 36. n. 806.

Motetes de Defuntos. n. 810.

Dous Vilhancicos ao Santiſſimo Sacramento. Eſtant. 28. n. 703.

DUARTE LOPES natural da Villa de Benavente do Arcebiſpado de Evora, donde partio em Abril de 1578. embarcado em a náo Santo Antonio para Loanda Ilha ſituada na Coſta do Reyno do Congo onde pela aſſiſtencia que fez neſta regiaõ deſcreveo naõ ſómente a ſua jornada, mas relatou com ſumma individuaçaõ o clima daquelle Paiz, os coſtumes de ſeus habitadores, e todo o genero de plantas que produz o ſeu terreno, cuja relaçaõ traduzio na lingua Italiana Filippe Pigafetta, e ſahio com eſte titulo.

Relatione del Reame di Congo, & delle circumvicine contrade trata dalli Scritti e ragionamenti di Odoardo Lopes Portogheſe. Roma apreſſo Bartholameo Graſſi. 4. Sem anno da impreſſaõ. Sahio vertida em Latim por Agoſtinho Caſſiodoro Reinio neſta forma.

Vera deſcriptio regni Africani quod tâm ab incolis, quám Luſitanis Congus *apellatur per Philippum Pigafettam olim ex Edoardi Lopes acroamatis lingua Italica excerpta.* Francofurti apud Wolffgangum Richter 1598. fol. com eſtampas:

Do Author, e da obra ſe lembraõ Ant. de Leaõ *Bib. Ind.* Tit. 2. e Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 260. col. 1.

DUARTE LOPES ROSA natural da Cidade de Beja em a Provincia do Alentejo inſigne Medico, e naõ menor Poeta de cujas faculdades deu repetidos argumentos na Corte de Roma, e Cidade de Amſterdaõ onde aſſiſtia pelos annos de 1699. Compoz.

Panegyrico de Guilielmo III. e da Sereniſſima Maria Reys de Gram Bretanha. Amſterdam 1690. 4.

Elogios ao felice nacimento do Sereniſſimo Infante de Portugal D. Franciſco Xavier filho das inclitas mageſtades de D. Pedro II. e D. Maria Sofia. 1691. 4.

Soneto dedicado à Mageſtade da Sereniſſima Princeza de Niuburgo D. Maria Sofia agora Rainha de Portugal em ſua feliciſſima uniaõ com ElRey D. Pedro II. fol. Naõ tem lugar da Impreſſaõ, porém certamente he Amſterdaõ, nem o anno.

Ao Excellentiſſimo Senhor Principe Seneſcal de Ligne Marquez de Arronches em louvor do Panegyrico que Sua Excellencia dedicou à Real Mageſtade delRey D. Pedro II. noſſo Senhor que Deos guarde. 4. Conſta de 8. Outavas. Naõ tem anno, nem lugar da ediçaõ.

Novellas Eſpanholas. M. S.

Luzes dela Idea, y academicos diſcurſos, que ſe propozieron en la iluſtre Academia de Amſterdan en el año 1683. *intitulados los floridos de la Almendra con otras flores del ingenio a differentes, y varios aſſumptos.* M. S.

DUARTE MADEYRA ARRAES natural da Villa de Moimenta ſituada quatro legoas ao Nacente da Cidade de Lamego na Provincia da Beyra. Inſtruido com as letras humanas, e Poeſia eſtudou na Univerſidade de Coimbra as faculdades de Filoſofia, e Medicina, nas quaes recebeo os gráos de Meſtre, e Licenciado com a univerſal acclamaçaõ do ſeu engenho alcançando mayor applauſo quando ſendo Phyſico mór da Mageſtade delRey D. Joaõ o IV. naõ havia infermidade, que naõ cedeſſe à efficacia dos ſeus medicamentos, triunfando dos achaques mais inveterados por methodo novo, e unicamente praticado pela ſua profunda eſpeculaçaõ. Por eſtes milagres da arte Medica com que arrebatava as admiraçoens de todos lhe cantou em ſeu obſequio a diſcreta, e elegante Muſa de Sor Violante do Ceo eſte Soneto nas *Rim. Var.* pag. 13.

O' tu que oppoſto ſempre à dura Parca
Conſervas em teu ſer o ſer humano,
Pois por ſer Eſculapio ſoberano
Menos por ſeu reſpeito a morte abarca.
Tu que Arraes deves ſer da vital barca
Que navega no mar do mal tirano
Novo Galeno, Apolo Luſitano
Medico em fim do Portuguez Monarca.
Logra de ſingular a feliz ſorte
Tanto a pezar da intrepida homicida
Que ſejas do mais douto immortal Norte.
Pois vitoria ſerà bem merecida
Que quem opporſe ſabe à meſma morte
Saiba dar a ſeu nome immortal vida.

Naõ ſomente foy inſigne Medico, mas peritiſſimo Cirurgiaõ executando com fortuna, e agilidade as mais violentas opperaçoens deſta arte. Morreo em Lisboa a 9. de Julho de 1652. Jaz ſepultado junto da Sancriſtia do Convento de Noſſa Senhora de Jeſus deſta Corte. Compoz.

Apologia em que ſe defendem humas ſangrias de pés dadas em huma inflamaçaõ de olhos complicada com gonorrhea purulenta de ſeis dias. Dedicada ao Conde de Villanova D. Gregorio de Caſtellobranco. Lisboa por Antonio Alvares 1638. 4.

Methodo de conhecer, e curar o morbo gallico 1. *Parte. Propoem-ſe definitivamente a eſſencia, eſpecies, cauſas, ſinaes, pronoſticos, e cura do morbo gallico, e todos ſeus effeitos, e ſe trata do azougue, ſalſaparrilha, Guaiaçaõ, pao ſanto, raiz da China, e de todos os mais remedios deſta enfermidade.* Lisboa por Lourenço de Anvers. 1642. 4.

Part. 2. *Diſputaõ-ſe largamente por queſtoens, e argumentos em forma todas as duvidas, que ſe podem mover ſobre a eſſencia, eſpecies, cauſas, ſinaes, e pronoſticos da cura do morbo gallico, e as que pode haver ſobre o azougue* &c. Lisboa pelo dito Impreſſor 1642. 4.

Sahiraõ eſtas duas Partes em hum tomo de folha. Lisboa por Antonio Crasbeek de Mello 1683. e a primeira illuſtrada com varias annotaçoens pelo D. Franciſco da Fonſeca Henriquez Mirandella. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ 1715. fol.

Novæ Philoſophiæ, & Medicinæ de occultis qualitatibus á nemine unquam exculta pars prima Philoſophicis, & Medicis perneceſſaria, Theologis veró aprime utilis. Accedit inaudita Philoſophia de Arbore Vitæ Paradiſi qualitatibus; de viribus Muſicæ, de Tarantula, ac qualitatibus electricis, & magneticis. Sereniſſimo Luſitaniæ, & Braſiliæ Principi Theodoſio. Ulyſſipone apud Emmanuelem Gomes de Carvalho 1650. 4. Deſta obra faz menção Vander-Linden de *Script. Medic.* Na Diſput. 9. Sect. 1. Dubit. 3. deſta obra allega a 2. Parte como já compoſta, e prompta para a impreſſaõ.

Curatio, & Conſultatio de Tertiana Spuria cum ſuſpicatione malignitatis quæ in quinta acceſſione, & nona die terminata fuit M. S. 4. Conſerva-ſe na Bib. Real.

Anatomia do Cavallo 2. Tom. fol. *M. S.* Conſervava-ſe na Livraria do Medico Manoel Soares Brandaõ.

Obſervaçoens Medicas M. S. que ficaraõ em poder de ſua mulher D. Antonia da Sylva, e parte dellas tinha o Doutor Manoel de Pinna Cirurgiaõ Mór do Reyno. Eſtavaõ promptas para a impreſſaõ.

Fazem memoria de Duarte Madeira Arraez Joan. Soares de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. E. n. 9. intitulando-o *Medicus clariſſimus* D. Franciſco Manoel na *Carta dos AA. Portug.* e o moderno addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ Tom. 1. Tit. 14. col. 487.

DUARTE DE MELLO DE NORONHA taõ nobre por nacimento, como inſigne pela Poeſia de cuja divina Arte produzio ſazonados frutos o ſeu florido engenho ſendo o unico que logrou da luz publica.

Batalha de Montes Claros. Lisboa por Domingos Carneiro 1665. 4. He huma Sylva muito larga em que celebra o famoſo triumfo que alcançaraõ as Armas Portuguezas das Caſtelhanas nos campos de Montes Claros a 17. de Junho de 1665.

D. DUARTE DE MENESES Naceo na Cidade de Tangere ſituada na Regiaõ Africana a 6. de Dezembro de 1537. quando governava eſta Praça ſeu Pay D. Joaõ de Menezes Senhor da Caſa de Tarouca, Commendador de Albufeira na Ordem de Chriſto, ſendo ſua Mãy D. Luiza de Caſtro filha de D. Pedro de Caſtro terceiro Conde de Monſanto. Com o nacimento herdou o eſpirito militar de ſeus aſcendentes, de que foy o primeiro theatro a ſua Patria, onde ſendo ſeu trigiſſimo Governador, teve entre os triunfos que alcançou dos barbaros, a gloria de receber por hoſpede a ElRey D. Sebaſtiaõ que impellido do dezejo da conquiſta de Africa ſe embarcou arrebatadamente com pequeno numero de embarcaçoens, e Soldados, e chegando àquella Praça com menos authoridade, que era devida à ſua Peſſoa disfarçou a imprudencia da jornada com o pretexto de viſitar as Praças de Africa, alentar os Soldados, e atemorizar aos inimigos. Naõ deixou a prudencia de D. Duarte de reprezentar a ElRey as infelicidades, que ſe podiaõ eſperar de reſoluçaõ taõ precipitada, porém como eſte Principe ſómente obedecia ao ſeu appetite, e naõ à madureza dos Conſelhos de Vaſſalo taõ fiel, o trouxe em ſua companhia, e com elle paſſou aos Campos de Alcacer Seguer onde com o poſto de Meſtre de Campo General, fez acçoens de eterna memoria, mas como eſtava decretada a fatal ruina deſte Reyno eſcapando da morte ſe naõ pode livrar do Cativeiro. Reſtituido à liberdade foy Governador do Reyno do Algarve donde os ſeus merecimentos que creciaõ com os annos o elevaraõ a Vice-Rey do Eſtado da India ſendo na ordem o decimo quinto. Partio de Lisboa em a Náo Chagas, e chegando a Cochim a 3. de Outubro de 1584. foy recebido por trezentos Eſtudantes que mudando o habito eſcolaſtico pelo militar lhe celebraraõ a ſua chegada com diverſas Oraçoens Gratulatorias. No tempo do ſeu Vicereynato triunfou do Naique de Seguicer no Idalcaõ, do tyrano Rajù em Columbo, de Mir Alibet no porto de Ampaza, del Rey Ujantana, em a Cidade de Jor pela invencivel eſpada de D. Paulo de Lima, coroando todas eſtas vitorias com a memoravel que alcançou do Rajú em Malaca. Falleceo em Goa em o principio de Mayo de 1588. quando contava 51. annos de idade, e quatro de Vice-Rey. *De cuerpo era pequeno* (aſſim lhe deſcreve a figura, e o caracter Manoel de Faria, e Souſa *Aſia Portug.* Part. 1. cap. 5. n. 22.) *pero ayroſo: de animo, y de conſejo, y de authoridad grande: buen latino, y Italiano y aficionado ala Poeſia, tanto que eſcribio buenos verſos.* Foy caſado com D. Leonor da Sylva filha de Diogo da Sylva herdeira da Caſa de Vagos Regedor das Juſtiças, e Embaxador ao Concilio Tridentino, e de ſua mulher D. Antonia de Vilhena, de quem teve entre outros filhos à D. Luiz de Menezes ſegundo Conde de Tarouca, Commendador de Albufeira. Fazem memoria da ſua peſſoa D. Fernando de Menezes *Hiſt. de Tanger* pag. 8c. Souſ.

Orient. Conq. Part. 2. Conq. 5. Diviſ. 2. §. 92. e o moderno addicionador da *Bib. Orient.* de Ant. de Leaõ Tom. 1. Tit. 8. col. 176. Eſcreveo.

Carta eſcrita de Goa no anno de 1587. *a Cambacundono Emperador da China chamado depois Taicuſama.* Sahio impreſſa na *Hiſt. delas Miſſion. dela Comp. de JESUS en los Reynos del Japon por el P. Luiz de Guſman Religioſo dela miſma Compañia.* Part. 2. Liv. 12. cap. 3.

Proviſaõ dada em Goa a 12. *de Abril de* 1586. *a Domingos Monteiro Capitaõ do mar da China, e Viagem do Japaõ para que ſe obſervaſſe que ſe guarda-ſe o Breve de Gregorio XIII. em que mandava ſómente prégaſſem no Japaõ os PP. da Companhia com huma Carta eſcrita de Goa a* 2. *de Mayo de* 1586. *ao Biſpo da China.* Sahiraõ impreſſas eſtas duas couſas no Livro aſſima allegado à pag. 656. 657. e 658.

DUARTE DE MORAES Presbytero, e Reytor do Collegio dos Maronitas em Roma no Pontificado de Xiſto V. Foy muito douto em diverſas Faculdades, e Theologo do Cardial Scipiaõ Gonzaga. Padecendo a Curia huma grande careſtia de paõ lhe pedio o Cardeal Palleoto que eſcreveſſe a cauſa donde procedia aquella eſterilidade, e obedecendo a eſta inſinuaçaõ eſcreveo dous tomos. Em o primeiro moſtrava por hiſtorias, e authores antigos, e modernos, que a mayor parte das Naçoens do mundo ſe naõ alimentavaõ com paõ de trigo, e da diverſidade de mantimentos que comiaõ. No ſegundo moſtrava as cauſas donde procedia a careſtia, e como era mais eſpiritual o argumento permitio, que eſta ſegunda parte ſe publicaſſe a qual ſahio com eſte titulo.

Diſcorſo intorno le cariſtie, nel quale ſi contengono le cagioni perche Iddio le manda, e l'utile, che daquelle i Chriſtiani poſſono ricevere. Roma per Aſcanio Hieronymo Dragoneli 1591. 8.

Fr. DUARTE DE NAZARETH natural da Villa da Pederneira do Patriarchado de Lisboa Monge Ciſtercienſe cujo Inſtituto profeſſou no Real Convento de Alcobaça em cuja Livraria ſe conſervaõ as obras ſeguintes que eſcreveo.

Hiſtoria de expugnatione Santarem ab Alphonſo Henriquez.

Liber de fide Incarnationis S. Fulgentii.

Libér Septem hiſtoriarum B. Oroſii Presbiteri cum deſcriptione terrarum, & eventibus ante urbem conditam 1300. *uſque ad* 1169. *ab urbe condita.*

DUARTE NUNES DE LEAM Naceo na Cidade de Evora onde teve por Pay ao Doutor Joaõ Nunes inſigne profeſſor de Medicina que ſendo chamado a Caſtella para curar huma grave infermidade, ao voltar para a patria morreo infauſtamente ſumergido no rio Digebe. A natureza o dotou de engenho perſpicaz naõ ſómente para em breve tempo comprehender as ſciencias amenas ſahindo inſigne Latino, e naõ menor Poeta, e Mythologico, mas ainda as mais ſeveras, como admirou a Univerſidade de Coimbra quando recebeo o gráo de Licenciado em Direito Civil, que o habilitou para ſer Dezembargador da Caſa da Supplicaçaõ, onde manifeſtou os dotes que conſtituhem hum perfeito Miniſtro. Nas horas vagas de miniſterio taõ laborioſo ſe dedicou impellido do affecto para a Patria reduzir a melhor methodo as Chronicas dos Monarchas Portuguezes eſcritas pelos Chroniſtas, que lhe precederaõ, nas quaes refutou alguns ſucceſſos apocryfos que manchavaõ o decoro dos Soberanos, e defendeo outros que cediaõ em mayor authoridade das ſuas Peſſoas. Criticou com graves fundamentos a Genealogia dos meſmos Princepes que em Pariz compuzera, e imprimira Fr. Jozé Teixeira da Ordem dos Prégadores que para juſtificar a pertençaõ ao trono de Portugal do Senhor D. Antonio Prior do Crato de quem era acerrimo Sequaz, intentou perſuadir que a ſucceſſaõ deſte Reyno naõ era hereditaria, mas electiva. Deſcreveo com exacçaõ o ſitio do noſſo Reyno relatando os coſtumes dos ſeus naturaes, e as acçoens dignas de memoria obradas aſſim na paz, como na guerra; recopilou as leys que para ſua conſervaçaõ promulgaraõ os Princepes; deſcubrio as fontes dos Vocabulos de que uzaõ os Portuguezes para que naõ ſómente fallaſſem com pureza, mas eſcreveſſem com pontuaçaõ.

Querendo livrar-ſe do contagio que fatalmente devaſtava eſta Corte no anno de 1599. ſe retirou à Villa de Alverca, e nem o temor da morte, e menos as moleſtias da ancianidade lhe impediraõ continuar nas ſuas litterarias compoſiçoens tolerando com animo conſtante a adverſidade da fortuna que naõ correſpondeo benigna a tantos diſvelos intentados, e proſeguidos em obſequio da Patria até que falleceo em Lisboa no mez de Mayo de 1608. O ſeu nome celebraraõ Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 260. col. 1. *Patriam videlicet Hiſtoriam, & quidquid Luſitanum continet nomen celebrandi, atque exornandi curam avidiſſime amplexus clara admodùm hujus ſtudii atque in eo poſitæ induſtriæ quam plurima dedit, emanareque fecit in vulgus documenta.* Salaz. *Ind. delas Glor. dela Caſ. Farn.* pag. 669. *Iluſtre entre todos los Claſſicos Eſcritores de Eſpaña con las grandes luzes que tuuo dela Hiſtoria univerſal.* Fr. Nicol. de Oliv. *Grand. de Lisb.* Trat. 2. cap. 5. *muito douto.* Franckenau *Bib. Hiſp. Hiſt. Gen.* pag. 102. *Hiſtoriæ patriæ vindex.* Barboſ. de *Poteſt. Epiſcop.* Part. 3. Allegat. 78. n. 18. *raræ facundiæ, & exquiſitæ eloquentiæ Vir.* Barboſ. *Remiſſ. ad Ord. Regn. Portug.* Lib. 4. Tit. 21. n. 6. 9. 10. & Lib. 5. Tit. 50. Fr. Bernard. à D. Ant. *Epit. Redempt.* Lib. 1. cap. 12. §. 5. *diligentiſſimus rerum, ac veritatis indagator, de Regum Portugalliæ geſtis celebris Hiſtoriographus.* Maced. *Flor. de Eſp.* cap. 8. excel. 11. Joan. Soar. de Brit. *Theat. Luſit. Litter.* lit. E. n. 10. *humanioribus diſciplinis non leviter eruditus, & ſatis eloquens, Advocatus egregius, optimus Juriſconſultus.* D. Antonio Caetano de Souſ. Apparat. à *Hiſt. Gen. de Portug.* pag. 46. §. 24. *Sciente na Hiſtoria.* Compoz.

Repertorio dos cinco livros das Ordenaçoens, e Leys eſtravagantes. Lisboa por Joaõ Blavio de Colonia 1560. fol.

Leys eſtravagantes collegidas, e relatadas por mandado delRey D. Sebaſtiaõ. Lisboa por Antonio Gonçalves 1569. fol. Deſta collecçaõ faz elle diſtincta memoria in *Vera Reg. Portug. Geneal.* pag. 45. fallando do Cardial D. Henrique que era Tutor de ſeu Sobrinho ElRey D. Sebaſtiaõ *diſperſas, & judicibus ob id ignotas in methodum, & libros redigi, & alias correptas emendari curavit, ea que in re noſtra operâ uſus eſt, magna Reipublicæ utilitate.*

Orthografia da lingua Portugueza. Obra util, e neceſſaria aſſi para bem eſcrever em lingua Heſpanhol, como a Latina, e quaes quer outras, que da Latina teem origem. Item hum Tratado dos pontos das Clauſulas. Lisboa por Joaõ Barreira Impreſſor delRey 1576. 4.

Cenſuræ in libellum de Regum Portugalliæ origine qui Fratris Joſephi Teixeræ nomine circumferuntur. Ita de vera Regum Portugalliæ Origine liber. Ad Sereniſſimum Principem Albertum Archiducem Auſtriæ S. R. E. Cardinalem. Olyſſipone ex Officina Antonii Riparii Typog. Reg. 1585. 4. e no Tom. 2. *Hiſp. Illuſtratæ.* Francofurti apud Claudium Marnium 1603. fol. à pag. 1221. até 1227.

Genealogia verdadera de los Reys de Portugal con ſus elogios, y ſummario de ſus vidas. Lisboa por Antonio Alvares 1590. 8. & ibi por Pedro Crasb. 1608. 8. He traducçaõ da obra precedente, que fez para inſtrucçaõ do Principe de Caſtella D. Filippe a quem a dedicou.

Primeira parte das Chronicas dos Reys de Portugal. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1600. fol. Conſta deſde a fundaçaõ do Reyno até ElRey D. Fernando. Sahio ſegunda vez impreſſa Lisboa por Filippe Villela 1677. fol.

Origem da lingua Portugueza. Dirigida a D. Filippe o II. de Portugal. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1606. 4.

Deſcripçaõ do Reyno de Portugal. Lisboa por Jorge Rodriguez 1610. 4. Publicou eſta obra Gil Nunes de Leaõ Contador dos Contos do Reyno, e Caſa Sobrinho do Author que a dedicou ao Duque de Francavilla Conde de Salinas, e Ribadeo Preſidente do Conſelho de Portugal.

Chronicas delRey D. Joaõ de glorioſa memoria o primeiro deſte nome, e dos Reys de Portugal o decimo, e as dos Reys D. Duarte, e D. Affonſo V. Lisboa por Antonio Alvares 1645. fol. Sahiraõ por diligencia do Illuſtriſſimo D. Rodrigo da Cunha Arcebiſpo de Lisboa.

Obras *M. S.*

Vida delRey D. Sebaſtiaõ. He alle-

gada por D. Rodrigo da Cunha *Cathalog. dos Biſp. do Port.* Part. 2. cap. 37.

Vocabulario Portuguez muy copioſo com declaraçaõ da Origem de cada Vocabulo, e de que lingoa emanou.

Tratado de Varoens illuſtres que houve em o Reyno de Portugal. Deſta obra faz menção na *Deſcripçaõ de Portugal* cap. 60.

Doutrina de Notarios em que dá regras aos Taballiaens como deviaõ fazer os Teſtamentos. Eſtava para publicar eſta obra quando em o anno de 1576. ſahio com a *Orthografia da lingua Portugueza.*

DUARTE NUNES DA SYLVEYRA natural de Lisboa criado de D. Lucas de Portugal Meſtre Sala da Caſa Real, fidalgo muito diſcreto, e judicioſo, de cujos apothegmas fez huma Collecçaõ com eſte titulo.

Ditos do Senhor D. Lucas de Portugal offerecidos ao meſmo Senhor. 4. *M. S.* Conſerva-ſe eſte Livro na Livraria dos Padres Theatinos deſta Corte.

Fr. DUARTE PACHECO natural de Lisboa filho de Bernardim Ribeiro Pacheco Commendador da Ordem de Chriſto, Capitaõ mór das náos da India, e de huma Armada que foy à Coſta da Mina, e Provedor das Fortalezas do Reyno, e de ſua mulher D. Maria de Vilhena filha de D. Manoel de Menezes. Ainda contava poucos annos de idade quando com reſoluçaõ heroica deixou as delicias da Caſa paterna por abraçar os rigores do Clauſtro Religioſo profeſſando o Inſtituto de Eremita Auguſtiniano no Convento de N. Senhora da Graça a 13. de Março de 1599. Manifeſtou a ſabidoria nas Cadeiras, e a prudencia nas Prelaſias ſendo Meſtre jubilado na Sagrada Theologia, e Prior dos Conventos de Leiria em 1614. de Monte mór o velho em 1618. de Torres Vedras em 1620. e ultimamente Reytor do Collegio de Coimbra em 1626. Falleceo no Convento de S. Filippe o Real de Madrid no anno de 1638. *Vir accurate doctus, & multarum virtutum prærogativa conſpicuus* o intitula Hypol. Marrac. *Bib. Marian.* Part. 2. pag. 189. Leo Allat. *Apeſ. Urban.* pag. 370. Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 424. no Comment. de 4. de Abril letr. B. Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 260. col. 2. Compoz.

Vida, virtudes, e milagres de Santa Clara de Monte Falco. Lisboa por Antonio Alvares 1628. 12. He traduzida da que compoz Fr. Miguel Solon Valenciano.

Epitome da Vida apoſtolica, e milagres de Santo Thomaz de Villa-nova com hum tratado da vida do V. P. Fr. Luiz de Montoya, e hum epitome dos Religioſos ſeus que em ambas as Provincias de Portugal, e Caſtella tiveraõ nome. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1629. 4.

Sermon dela Santiſſima Trinidad. Cordova por Salvador de Cea. 1636. 4.

Triumfos do Santiſſimo Sacramento, e de ſua devida adoraçaõ, e culto, e muitos Sermoens de Santos da ſua Ordem. M. S.

Sermoens das Feſtividades de Maria Santiſſima M. S. dos quaes faz memoria Marracio *Bib. Mar.* Part. 2. pag. 189.

Vida da B. Veronica de Binaſco traduzida de Latim de Fr. Iſidoro de Iſſolanis Dominico, em Portuguez.

Fez duas traducçoens differentes, e ambas ſe conſervaõ na Livraria do Convento da Graça de Lisboa.

DUARTE PACHECO PEREYRA cujo nome ſerá eternamente memoravel em os Annaes da Heroicidade, ennobreceo com o ſeu nacimento a Villa de Santarem, onde o produziraõ ſeus Pays Joaõ Pacheco, e D. Izabel Pereira filha de Martim Gonçalves Pereira, e D. Violante de Vaſconcellos Senhores da Bempoſta, Panoyas, e Caſtro Vicente na Provincia Traſmontana. Aquelles famoſos dotes com que os Eſpiritos grandes ſe diſtinguem na idade varonil dos outros homens lhos comunicou em os primeiros annos a natureza com tanta prodigalidade, que logo naceo Heróe ornado de profundo juizo, grave prudencia, ſumma affabilidade, boa indole para as letras, e natural genio para as armas. Eſte nobre exercicio o eſtimulou a que deixando o ocio como injurioſo à nobreza do ſeu coraçaõ buſcaſſe a campanha para com o ſangue proprio rubricar as heroicas façanhas que obrou o ſeu invencivel braço no Oriente partindo de Lisboa no anno de 1503. com o poſto de Ca-

pitaõ de huma Nào em companhia daquelle Marte Portuguez, o grande Albuquerque de cuja militar eſcola ſahio taõ diſciplinado que o excedeo na rapida velocidade com que no breve circulo de hum anno digno de ſer coroado com o da Eternidade humilhou, e abateu o orgulho delRey de Calicut alcançando de taõ poderoſo como formidavel inimigo ſete vitorias continuadas, que ſeriaõ incriveis à poſteridade, ſe naõ foſſe o glorioſo inſtrumento dellas a ſua fulminante eſpada. Acompanhado de cento, e cincoenta Portuguezes, em que dividio o ſeu eſpirito, derrotou exercitos numeroſos capitaneados por cinco Reys, ſumergio armadas compoſtas de duzentas embarcaçoens, e triunfou de monſtruoſas machinas que a arte ajudada da violencia do fogo levantou para noſſa ruina, as quaes converteu em fatal eſtrago de ſeus proprios artifices. O fauſtiſſimo ecco de taõ eſpantoſos triunfos, de que foraõ theatros os dous mayores elementos, retumbou em Portugal com taes applauſos que reſolveo a Mageſtade delRey D. Manoel vieſſe o Author delles receber na patria a Coroa que com tanta gloria do ſeu nome lavrara no Oriente. Antes que ſe auzentaſſe do Malabar querendo ElRey de Cochim gratificarlhe as acçoens que obrara em beneficio da ſua peſſoa contra ElRey de Calicut lhe offereceo grande copia de dinheiro, joyas precioſas, e algumas terras do ſeu dominio, cuja generoſa oferta urbanamente agradeceo, heroicamente regeitou; porém naõ querendo ſer acuſado de menos atento à liberalidade daquelle Principe ſómente recebeo para eterno brazaõ das façanhas obradas em ſeu obſequio, hum eſcudo em cujo campo pintado de vermelho pelo muito ſangue derramado dos inimigos lhe gravou cinco Coroas poſtas em Quina que ſymbolizavaõ outros tantos Reys vencidos, e a cercadura cuberta de ondas com outo Caſtellos armados ſobre dous navios com ſete bandeiras por tantos combates em que triumfou da formidavel potencia delRey de Calicut. Acompanhado do Capitaõ mór Lopo Soares chegou a Lisboa em huma armada de quatorze náos a 22. de Julho de 1505. e tanto que ElRey D. Manoel foy certificado da ſua chegada, querendo diſtinguir taõ grande Vaſſallo nas honras, aſſim como tinha excedido a todos nas acçoens mandou fazer huma ſolemniſſima prociſſaõ, que diſcorreo deſde a Sé até o Convento de S. Domingos, e no fim della foy levado por eſte Principe ao ſeu lado debaixo do pallio. Acabada a prociſſaõ ſubio ao Pulpito D. Diogo Ortiz de Vilhegas Biſpo de Viſeu, e com elegantes expreſſoens na prezença de taõ authorizado auditorio rendeo as graças ao arbitro das Vitorias pelas inſignes, que alcançara o invencivel braço de Duarte Pacheco contra os inimigos da ſua Cruz. Naõ ſatisfeito ElRey de huma taõ publica, e honorifica oſtentaçaõ dos merecimentos deſte Heróe parecendolhe que era pequeno theatro para tanta gloria o Reyno de Portugal a fez patente a todos os Princepes da Europa, e ao Summo Pontifice a quem entregou a carta D. Joaõ Sutil Biſpo de Safim. Naõ foy menos fatal a ſua eſpada aos inimigos deſta Coroa na Aſia, que na Europa reprimindo o atrevimento do Coſſario Mondragon que infeſtava as noſſas Coſtas ao qual em hum bem diſputado combate na altura do Cabo de *Finis terræ* a 18. de Janeiro de 1509. naõ ſómente o prizionou com tres náos, mas lhe meteo a pique outra que eraõ os inſtrumentos dos ſeus inſultos. Em remuneraçaõ dos grandes ſerviços que tinha obrado para immortal fama do nome Portuguez o nomeou ElRey D. Manoel Governador do Caſtello de S. Jorge da Mina onde triunfando dos inimigos eſtranhos naõ pode vencer os domeſticos que conſpirados contra a ſua peſſoa o acuzaraõ falſamente a ElRey D. Manoel de que eſquecido da arrecadaçaõ da fazenda Real, e unicamente cuidadoſo da propria ſe occupava com eſcandaloſa ambiçaõ em augmentar hum precioſo cabedal com que voltaſſe opulento para a Patria. Eſtas ſiniſtras informaçoens acharaõ taõ benevola entrada nos ouvidos daquelle Princepe que preocupado de huma indiſcreta precipitaçaõ mandou que vieſſe para o Reyno prezo aquelle Varaõ mais digno do trono, que do carcere, no qual eſteve recluſo por alguns annos até que juſtificou a ſua innocencia injuſtamente acuſada pela malevolencia dos ſeus emulos. A eſte infortunio, que altamente lhe

penetrou o coraçaõ, pois lhe offendera a nobreza do ſeu deſintereſſe de que ſempre tinha dado clariſſimos argumentos, ſe ſeguio o deploravel eſtado com que reduzido à ultima pobreza, e toda a ſua familia paſſou infauſtamente a vida, a cujas miſerias póz termo a morte para dar principio ao premio das ſuas obras que coroou a eternidade. Foy caſado com D. Antonia de Albuquerque filha de Jorge Garcez Secretario delRey D. Manoel, e de D. Izabel de Albuquerque filha de Duarte Galvaõ Alcayde mór de Leiria, e Secretario delRey D. Joaõ o II. e de D. Catherina de Souſa filha de Fernaõ de Souſa Alcayde mór de Leiria de quem teve a Joaõ Fernandes Pacheco Commendador do Banho da Ordem de Chriſto, Jeronymo Pacheco que morreo em hum combate de Tangere, e a D. Maria de Albuquerque que caſou com Joaõ da Sylva Alcayde mór, e Commendador de Soure de quem teve deſcendencia. Para immortal brazaõ deſte inclito Heróe lhe gravou a Fama no ſeu Mauſoleo o ſeguinte epitafio eſcrito pela ſublime penna do Virgilio Portuguez *Luſiad.* Cant. 10. Eſtanc. 13. e ſeguintes.

Mas ja chegado aos fins Orientaes
E deixado em ajuda do Gentio
Rey de Cochim, com poucos naturaes
Nos braços do ſalgado, e curvo rio;
Desbaratará os Nayres infernaes
No paſſo Cambalam tornando frio
De eſpanto o ardor immenſo do Oriente
Que verà tanto obrar tam pouca gente.
Chamarà o Samorim mais gente nova
Viraõ Reys de Bipur, e de Tanor
Das Serras de Narſinga, que alta prova
Eſtaram prometendo a ſeu Senhor.
Fará que todo o Nayre em fim ſe mova
Que entre Calicut jaz, e Cananor,
De ambas as leys imigas para a guerra
Mouros por mar, Gentios pela terra.
E todos outra vez desbaratando
Por terra, e mar o graõ Pacheco ouzado
A grande multidaõ que irá matando
A todo o Malabar terá admirado.
Cometerá outra vez, naõ dilatando
O Gentio os combates apreſſado,
Injuriando os ſeus, fazendo votos
Em vaõ aos Deoſes vaòs, ſurdos, e immotos.
Já naõ defenderá ſómente os paſſos.
Mas queimarlhe há lugares, templos, Caſas
Aceſo de ira o Caõ naõ vendo laſſos
Aquelles, que as Cidades fazem razas.
Fará que os ſeus de vida pouco eſcaſſos.
Cometaõ o Pacheco, que tem aſas
Por dous paſſos num tempo: mas voando
De hum noutro, tudo irá desbaratando.
Virá ali o Samorim, porque em peſſoa
Vejá a batalha, e os seus esforce, e anime
Mas hum tiro, que com zonido voa
De ſangue o tingirá no andor ſublime.
Jà naõ verá remedio, ou manha boa
Nem força que o Pacheco muito eſtime
Inventarà treiçoens, e vaòs venenos
Mas ſempre (o Ceo querendo) fará menos.
Que tornará a vez ſetima, cantava
A pelejar com o invicto, e forte Luſo
A quem nenhum trabalho peſa, e agrava
Mas com tudo eſte ſó o farà confuſo.
Trará para a batalha horrenda, e brava
Maquinas de Madeiros fora de uzo
Para lhe abalroar as Caravellas
Que ate ali vaõ lhe fora commetellas
Pela agua levará ſerras de fogo
Para abrazarlhe quanta armada tenha
Mas a militar arte, e engenho logo
Fará ſer vaá a braveza com que venha.
Nenhum claro Varaõ no Marcio jogo
Que nas azas da Fama ſe ſoſtenha,
Chega a eſte, que a palma a todos toma
E perdoeme a illuſtre Grecia, ou Roma.

A eſtas ſublimes vozes metricas correſpondem acordemente Gabriel Pereira de Caſtro na *Lisboa Edificad.* Cant. 7. Eſt. 89. e 94.

Nada teme Pacheco, nada o eſpanta
Podendo toda a India ſó temello
Com pouca gente ſe arremeſſa a quanta
Virà na terra, e mar acometello.
Sahindo hum trovaõ negro da garganta
Bramindo pela boca de hum Camelo
Os paraos deſtroſſa, onde o eſpumoſo
Neptuno ardendo entrava furioſo
Oh Alcides Luſitano, honra de Eſpanha
Digno de eterna, e ſoberana hiſtoria
A que o trabalho proprio, e terra eſtranha
O fruto rendem de envejada gloria
A patria, a quem tu dás honra tamanha
E ao mundo, onde eſpalhaſte tua memoria

Exemplo, e eſpelho deixas, onde veja
Que alta virtude dá pro fruito enveja.

E Antonio de Souſ. de Maced. *Ulyſſip.* Cant. 12. Eſtanc. 50. e 51.

No que ſe ſegue Achilles reſucita
Com dobrado valor com mayor gloria
Qual o mundo já mais verà eſcrita
Em verdadeira, ou em fingida Hiſtoria.
Eſte á verdade o credito limita
Sendo a luz da verdade taõ notoria;
Taes ſeraõ ſeus triumfos, que parece
Que credito a verdade naõ merece.
Se reparais na palma aventajada
Na Coroa que moſtra mais luzida
Sabei que neſte Templo a tem dobrada
Porque lhe hade faltar com ella a vida.
Eſta, ó grande Pacheco, he mais honrada,
Pois ſó ſe alcança avendo merecida
E fundada em virtudes por coluna
Izenta das mudanças da fortuna.

Naõ ſaõ menores os applauſos que ao ſeu nome dedicaraõ os Hiſtoriadores como ſaõ Oſor. *de reb. Emman.* lib. 4. *Illius enim in gerendo bello celeritatem, in periculis animi magnitudinem, in laboribus perferendis conſtantiam, in exitu præliorum felicitatem.* Joan. Petr. Maf. *Hiſt. Ind.* Lib. 1. pag. mihi 45. *viro fortiſſimo* Maris *Dial. de Var. Hiſt.* Dialog. 4. cap. 8. da primeira ediçaõ. *Deu clara moſtra do invencivel animo com que depois encheo o mundo da glorioſa fama de ſuas heroicas obras, as quaes foraõ taõ inſignes, que nem o numeroſo exercito delRey de Calicut, nem todas as ſuas aſtucias, e maquinas de guerra puderaõ contra elle mais que fazer ſeu nome immortal, e triunfante eſcurecendo a preclara fama do Troyano Hector, e de todos os mais, que em grandes, e dificultoſas emprezas ſe ſignalaraõ no mundo.* Barbud. *Empreſ. Milit. de Luſit.* fol. 127. §. *famoſo Aquiles Luſitano.* Faria *Aſia Portug.* Tom. 1. part. 1. cap. 7. e no *Comment. das Luſiad. de Cam.* Tom. 4. pag. 319. até 346. Barros *Decad. da Ind.* Part. 1. Liv. 7. cap. 2. até 8. Goes *Chron. delRey D. Man.* Part. 1. cap. 85. 86. 87. 88. e 100. Caſtanhed. *Hiſt. do Deſcob. da Ind.* Liv. 1. cap. 59. 60. e ſeg. Fr. Ant. de S. Rom. *Hiſt. dela Ind. Orient.* Liv. 1. cap. 16. Martin. *Compend. dela Ind. Orient.* Liv. 3. cap. 5. e 6. Toſcan. *Paralel. de Var. Illuſt.* cap. 58. *de cujo nome toda a India tremia* e cap. 12. *taõ celebre por ſeus feitos que a ſer Portuguez, e guardar lealdade a ſeu Rey ſe eſcuſou da dignidade Real.* Le Clede *Hiſt. de Portug.* Liv. 15. pag. mihi 577. *Pacheco acqueroit beaucoup de gloire dans les Indes: tout trembloit devant lui.* Souſ. *Flor. de Eſpan.* cap. 14. excel. 6. *famoſo.* Duperron de Caſterá *Remarq. ſur la Luſiad. de Cam.* Tom. 3. pag. 226. *Tous Heros tant Grecs que Romains n' ont rien fait de comparable aux exploits de Duart. Pacheco.* D. Luiz de Salaz. *Hiſt. dela Caſ. de Sylv.* Liv. 12. cap. 15. *cuyas valeroſas hazañas executadas en favor delas Armas Portuguezas en la India han ſido glorioſo aſſumpto de doctiſſimas plumas, y ſus mal premiados ſervicios evidente exemplo de lo poco que baſtan los meritos para opoſicion de una deſgraciada fortuna.* P. Lafitav. *Conq. des Portugais dans le nouveau Mond.* Tom. 1. pag. mihi 203. fallando de quando entrou em Portugal a receber os applauſos dos ſeus triumfos. *Mais quelque gloire qu' il eût acquiſe, e quelques honneurs qu' on lui rendit ce n' etoit rien en comparaiſon del'admiration qu'on avoit pour Pacheco. Tous les yeux ètoint ouverts ſur lui come ceux des filles d' Iſrael ſur David apres la defaite de Goliat. On ne pouvoit ſe laſſer de voir, d' entendre de parler, e de ſe faire raconter les faits prodigieux de cet homme qui etoit lui meme un prodige.*

Compoz.

Principio do Eſmeraldo de ſito orbis feito, e compoſto por Duarte Pacheco Cavalleiro da Caſa delRey D. Joaõ o II. de Portugal que Deos tem derigido ao Muito Alto poderoſo Princepe, e Sereniſſimo Senhor o Senhor Rey D. Manoel Noſſo Senhor o primeiro deſte nome que regnou em Portugal. Conſta de quatro Livros. O primeiro tem 33. Capitulos o 2. 71. o 3. 9. e o 4. 6. com 16. Mappas illuminados, e algumas eſtampas pequenas em folha. Eſte original ſe conſerva como o mais precioſo *M. S.* em a Livraria do Excellentiſſimo Marquez de Abrantes, e delle tinha huma copia o Illuſtriſſimo D. Rodrigo da Cunha na ſua Bibliotheca como conſta do Cathalogo della impreſſo no Porto no anno de 1627.

DUARTE PINHEL foy igualmente douto nos preceitos da Grammatica Latina, e computaçaõ dos tempos, como na intelligencia da lingua Hebraica, da qual fez traduzir na Caſtelhana a Sagrada Eſcritura que ſahio com eſte titulo.

Biblia en lengua Eſpañola traduzida palavra por palavra dela verdad hebraica por muy excelentes letrados, viſta, y examinada por el Officio dela Inquiſicion. Ferrara año del mundo 5313. que he de Chriſto 1553. Na primeira impreſſaõ que ſe fez neſta Cidade tem no fim. *Con induſtria de Duarte Pinel Portuguez Stampata a coſta, y deſpeza de Jeronymo Vargas Eſpanhol em 1. de Março de* 1553. e Amſterdam 1556. fol.

Eſta traducçaõ ſuppoſto que he feita por Abrahaõ Uſque Portuguez, como já ſe diſſe em ſeu lugar, trabalhou na ſegunda impreſſaõ Duarte Pinhel para que com mayor perfeiçaõ ſahiſſe ao publico como eſcrevem Wolfio *Bib. Hebraic.* pag. 287. n. 466. e Jacob. Lelong. *Bib. Sacr.* Tom. 1. pag. mihi 365. col. 1. Compoz mais.

Latinæ Gramatices compendium. Tractatus de Calendis. Ulyſſipone apud Lodovicum Rhoterigium 1543. 4. Deſta obra que vimos, e do Author fazem memoria Joan. Soar. de Brit. *Theat. Luſit. Litter.* lit. E. n. 11. e Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 261. col. 1.

DUARTE DE RESENDE natural da Cidade de Evora, fidalgo da Caſa Real muito ſciente na lingua Latina, Nautica, e Geografia. Ao tempo que era Feitor da Fortaleza de Ternate, eſcreveo.

Tratado da Navegaçaõ que Fernaõ de Magalhaens, e ſeus Companheiros fizeraõ às Ilhas do Moluco. Eſta obra (de que ſe lembra Joaõ de Barros *Decad. 3. da Ind.* Liv. 5. cap. 10. Sever. *Diſc. de Varia Hiſt.* pag. 27. v.º. e 28. e o novo addicionador da *Bib. Geograf.* de Ant. de Leaõ Tom. 2. Tit. 11. col. 667. foy eſcrita em o anno de 1522. hum anno depois em que laſtimoſamente foy morto na Ilha Zebu aquelle inſigne Argonauta com ſeus companheiros, e a dedicou o Author a ſeu parente o grande Joaõ de Barros em recompenſa de elle lhe ter offerecido a *Rhopica Pneuma* que he o meſmo que Mercadoria eſpiritual, que ſahio impreſſa em Lisboa no anno de 1532. Traduzio em Portuguez.

Marco Tullio Cicerom de Amicicia, Paradoxos, e Sonhos de Scipiaõ. Coimbra por Germaõ Galharde aos trinta dias de Agoſto do anno de Noſſo Senhor Jeſu Chriſto de 1531. 4.

Fazem mençaõ do Author Goes *Chron. delRey D. Man.* Part. 4. cap. 37. Caſtanhed. *Hiſt. da Ind.* Liv. 6. cap. 41. Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 261. e Fonſec. *Evor. Glorioſ.* pag. 411.

DUARTE RIBEYRO DE MACEDO Naceo na Villa do Cadaval do Patriarchado de Lisboa, e na Igreja Matriz dedicada à Conceiçaõ de Maria Santiſſima recebeo a Graça bautiſmal a 10. de Fevereiro de 1618. ſendo filho de Fernando Duarte, e D. Maria de Abreu. A natureſa benefica o ornou de engenho agudo, e entendimento claro para brevemente penetrar as ſciencias ſeveras, como foraõ a Filoſofia em que recebeo o gráo de Meſtre na Univerſidade de Evora, e na de Coimbra o de Bacharel em Direito Ceſareo. Depois de ſervir com igual rectidaõ que affabilidade os lugares de Juiz de fora da Cidade de Elvas, e Corregedor da Torre de Moncorvo, foy Senador na Relaçaõ do Porto donde paſſou à Caſa da Supplicaçaõ a 12. de Junho de 1666. e a Dezembargador dos Aggravos a 11. de Fevereiro de 1668. O ſeu profundo talento cultivado com a liçaõ da Hiſtoria ſagrada, e profana, e nas maximas dos mais celebres Politicos o habilitou para ſer Secretario da Embaxada que à Mageſtade Chriſtianiſſima de Luiz XIV. mandou dar o Sereniſſimo Monarcha D. Affonſo VI. por D. Joaõ da Coſta primeiro Conde de Soure chegando à Corte de Pariz a 4. de Junho de 1659. Reſtituido a Lisboa em 13. de Novembro de 1660. foy eleito Enviado ordinario à França onde no primeiro de Março de 1668. foy recebido na ſua grande Capital com particulares ſignificaçoens de alvoroço pelas ſaudoſas memorias que nella ſe conſervavaõ da ſua natural benevolencia, e judicioſa converſaçaõ. Depois de aſſiſtir pelo largo eſpaço de nove annos neſta Corte com eſte miniſterio, em que

ſempre zelou com grande vigilancia os intereſſes deſta Monarchia paſſou com o caracter de Enviado Extraordinario à Corte de Madrid onde deſempenhou as obrigaçoens de hum perfeito Miniſtro. Sendo mandado a exercitar o meſmo miniſterio na Corte de Saboya ao entrar na Cidade de Alicante enfermou taõ gravemente que conhecendo ſer chegado o termo da ſua vida recebeo com ſumma piedade os Sacramentos aſſiſtindo-lhe em hora taõ perigoſa por director da ſua Conciencia o P. D. Rafael Bluteau Clerigo Regular, Varaõ bem conhecido pelas ſuas obras na Republica das letras, até que placidamente eſpirou a 10. de Julho de 1680. com 62. annos de idade. Foy Cavalleiro da Ordem de Chriſto, Conſelheiro da Fazenda, e do Conſelho delRey: inſigne Poeta vulgar, elegante Hiſtoriador ornado de hum eſtilo claro, e diſcreto, como ſe admira nas ſuas obras, que ſendo pequenas no corpo, ſaõ agigantadas no eſpirito com que explica os ſeus conceitos, das quaes os titulos ſaõ os ſeguintes.

Juizo Hiſtorico, e juridico ſobre a paz celebrada entre as Coroas de França, e Caſtella no anno de 1660. Lisboa por Joaõ da Coſta 1666. 12.

Ariſtippo, ou Homem de Corte eſcrito em lingua Franceza por Monſieur Balſac. Pariz por Eſtevaõ Maucroy. 1668. 12.

Panegirico hiſtorico Genealogico da Sereniſſima Caſa de Nemurs offerecido à Senhora Rainha de Gram Bretanha. Pariz pelo dito Impreſſor. 1669. 12.

Nacimento, e Genealogia do Conde D. Henrique Pay de D. Affonſo I. Rey de Portugal. Pariz por Roberto Covillion. 1670. 12.

Advertencias al addicionador dela Hiſtoria del Padre Juan de Mariana impreſſa en Madrid en el anno 1669. Pariz 1676. 12. ſem nome do Impreſſor. Sahio com o ſupoſto nome de Monſiur de Cohon Truel Gentilhomem Francez Cavalleiro da Ordem de Saõ-Tiago, Tenente General de Artilharia, e Engenheiro mòr das Fortificaçoens da Beyra em o Reyno de Portugal.

Vida da Imperatriz Theodora. Lisboa por Joaõ da Coſta 1677. 12.

Diſcurſos Politicos, e Obras Metricas Lisboa por Mathias Pereira da Sylva, e Joaõ Antunes Pedrozo. 1721. 8.

Nas memorias Funebres de D. Maria de Attayde. Lisboa na Officina Crasb. 1650. 4. eſtaõ a fol. 22. hum *Soneto* ſeu em Portuguez, e hum *Madrigal* a fol. 26. v.º hum *Madrigal* em Italiano, e a fol. 59. huma *Elegia Portugueza.*

Delle como Poeta faz illuſtre memoria o P. Antonio dos Reys in *Enthus. Poetic.* n. 61.

Nec tu ſacunde Macedo
Inferiora tuo pro carmine dona ferebas.

E como Genealogico o P. D. Antonio Caet. de Souza *Apparat. á Hiſt. Gen. da Caſ. Real Portug.* pag. 129. §. 148. *Entre diverſas obras que compoz de grande eſtimaçaõ pelo eſtilo, e admiravel talento de ſeu Author, eſcreveo a Genealogia do Conde D. Henrique* &c.

DUARTE RODRIGUES DA ROCHA muito applicado ao eſtudo da Genealogia, e como profeſſor deſta illuſtre parte da Hiſtoria o numera entre os Genealogicos o P. Antonio Caetano de Souza no *Apparat. á Hiſt. Gen. da Caſ. Real Portug.* pag. 119. §. 129. Eſcreveo, e dedicou ao Doutor Gonçalo Alvo Godinho Lente de Prima de Canones em a Univerſidade de Coimbra de que tomou poſſe em 2. de Outubro de 1646.

Arvore Genealogica da muito alta, e clariſſima Aſcendencia da Rainha D. Luiza de Guſmaõ, e delRey D. Joaõ o IV. M. S.

P. DUARTE DE SANDE natural da Villa de Guimaraens da Dioceſe Bracharenſe aliſtou-ſe na Companhia de JESUS em a Caſa profeſſa de S. Roque de Lisboa em o mez de Junho de 1562. Aprendeo as letras humanas, em que ſahio taõ eminente, que foy Meſtre de Rhetorica em o Collegio de Coimbra. Ambicioſo de lucrar almas para Chriſto navegou com beneplacito dos ſuperiores ao Oriente no anno de 1578. onde cheyo de zelo apoſtolico encheo as obrigaçoens de Miſſionario. Foy Reytor dos Collegios de Baçaim, e Macáo, e Superior de Miſſaõ da China. Cumulado de merecimentos acabou pia-

mente a vida no Collegio de Macáo a 22. de Junho de 1600. Delle fazem memoria *Bib. Societ.* pag. 186. Franco *Imag. da Virt. do Nov. de Lisb.* pag. 967. e no *Ann. Glor. S. J. in Luſit.* p. 355. Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 261. col. e o novo addicionador da *Bib. Orient.* de Ant. de Leaõ Tom. 1. Tit. 8. col. 172. Trigaultius de *Chriſtian. exped. apud Sinas* lib. 2. cap. 8. *Virum prudentiæ laude ad cæteras animi dotes inſignem,* e lib. 4. cap. 1. *magnum ingenium, & præclaras animi dotes in Doctoris, Concionatoris , ac Superioris Officiis continuò exercuit.* Petr. Jarric. *Thezaur. rer. Ind.* Part. 2. lib. 2. cap. 26. e 27 Semedo *Imper. de la Chin.* Part. 3. cap. 2. e 4. *mereciò eſtimable nombre* Faria *Aſia Portug.* Tom. 3. part. 1. cap. 10. n. 13. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. E. n. 12. *Facultatis Oratoriæ nominatiſſimus profeſſor, & poſtmodum in India Orientali egregius operarius.* Gouvea *Aſia Extrem.* Part. 1. liv. 3. cap. 3. n. 17. Compoz.

Carta eſcrita de Macáo em 28. *de Setembro de* 1588. *ao Padre Geral em que trata da Miſſaõ da China.* Sahio na Relaçaõ da *Perſeg. do Japaõ* do P. Antonio de Vaſconcellos em 1588. vertida em Italiano com outras Roma por Franciſco Zannetti 1591. 8.

Itinerario de quatro Principes Japonezes mãdados à Sãtidade de Gregorio XIII. e de tudo quanto lhe ſucedeo na jornada até ſe reſtituhirem as ſuas terras. Macáo no Collegio da Companhia 1590. 4. Sahio vertida em Caſtelhano pelo Doutor Bruxeda de Leyva *Hiſt. del Japon;* e em Latim Antuerpiæ apud Martinum Nutium. 1593. 12. Os Reys de Bungo, e Arima e o Principe de Omura querendo moſtrar a ſua obediencia à Sé Apoſtolica reſolveraõ mandar huma Embaxada a Roma, e para eſte fim elegeu ElRey de Bungo por Embaxador a ſeu Primo Mancio Ito. ElRey de Arima, e o Principe de Omura nomearaõ por ſeu Embaxador a Miguel Cingiva Sobrinho de hum, e Primo de outro, aos quais acompanharaõ dous Princepes Juliaõ de Nacaura, e Martinho de Fara. Sahiraõ de Nangazachi a 20. de Fevereiro de 1582. em hum navio Portuguez de que era Capitaõ Ignacio de Lima, e chegaraõ a Malaca a 27. de Janeiro de 1583. e depois de vencerem varios contratempos aportaraõ a Lisboa a 10. de Agoſto de 1584. onde pelo eſpaço de vinte, e cinco dias que aſſiſtiraõ neſta Corte, receberaõ particulares eſtimaçoens do Cardial Alberto Governador do Reyno, do Sereniſſimo Duque de Bragança em Villa-viçoſa, e do Illuſtriſſimo Arcebispo de Evora D. Theotonio de Bragança em a dita Cidade. Semelhantes ſignificaçoens de jubilo experimentaraõ na Corte de Roma onde benevolamente foraõ tratados pelo Pontifice Gregorio XIII. quando a 23. de Março de 1585. os admitio à ſua prezença. Depois de diſcorrerem por diverſas Cidades de Italia ſe reſtituiraõ a Portugal donde voltaraõ para o Japaõ chegando às ſuas Patrias ſem a menor moleſtia com geral admiraçaõ dos ſeus Vaſſalos. Eſta Jornada, de que eſcreveo o Itinerario o P. Duarte de Sande, deſcrevem largamente o P. Luiz de Guſman *Hiſt. delas Miſſon.* liv. 9. cap. 2. 3. e 4. e o P. Charlevoix *Hiſt. et deſcript. Gen. du Japon.* Tom. 1. liv. 6. §. 4. Compoz mais.

Catheciſmo Chinenſe. M. S.

DUARTE DA SYLVA Coadjutor eſpiritual da Companhia de JESUS cujo zelo apoſtolico era taõ ardente para a converſaõ da Gentilidade, que o elegeo S. Franciſco Xavier no anno de 1552. para cultivar a vinha no Japaõ juntamente com os Padres Balthezar Gago, e Pedro de Alcaçova. Foy hum dos incançaveis operarios em promover o augmento da Religiaõ já diſcorrendo por vaſtas ſolidoens ſem genero algum de viatico para ſuſtento da vida; já prégando de dia, e de noute ſem interrupçaõ, aprendendo as linguas Japonica, e Chinenſe, em que foy muito ſciente para ſe fazer mais intelligivel aos ouvintes que dezejava agregar ao rebanho do divino Paſtor. Eſte continuo, e laborioſo diſvelo lhe contrahio huma grave infermidade em o lugar de Cavacari ſituado no Reyno de Bungo em o anno de 1562. onde jazia taõ falto de remedios humanos, como abundante dos divinos. Fruſtradas todas as medicinas que lhe applicou o Irmaõ Luiz de Almeyda dezejava ancioſamente ver ao P. Coſme de Torres antes de partir deſte mundo, cujo dezejo ſe lhe cumprio ſendo le-

vado ao Caſtello de Tacaxe, que eſtà entre os confins dos Reynos de Arima, e Bungo, onde o P. Torres aſſiſtia depois de ſatisfazer a ſua ſaudade pelo eſpaço de dez dias eſpirou com claros ſinaes de predeſtinado a 5. de Janeiro de 1564. quando contava 37. annos de idade deixando aos ſeus Companheiros muitos exemplos de virtudes heróicas. Fazem delle illuſtre memoria *Bib. Societ.* p. 186. col. 1. Manoel de Faria, e Souſ. *Aſia Port.* Tom. 2. part. 4. cap. 20. n. 7. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. E. n. 13. Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 261. Nadaſi *Ann. Dier Mem. S. J.* Part. 1. pag. 10. Guſman. *Hiſt. delas Miſſon. dela Comp. de Jeſ.* liv. 6. cap. 27. Compoz.

Carta eſcrita do Japaõ aos Irmaõs da Companhia da India a 20. de Setembro de 1575. Começa. *Depois que o Irmaõ Cariſſimo Pedro de Alcaçova.* Sahio impreſſa com outras Evora por Manoel da Sylva 1598. fol. a pag. 42. v.º. e Coimbra por Antonio de Maris 1570. 4. fol. 111. vertida em Latim pelo P. Manoel da Coſta no ſeu livro *Rer. Societ. in Ind. Geſt.* lib. 2. epiſt. 1. Delingæ apud Sebaldum Mayer 1571. 8. a pag. 93. até 103. et Coloniæ apud Gervinum Calenium. 1674. 8. a pag. 199. até 210. et in *Epiſt. Japanic.* apud Rutgerum Welpium 1570. 8. a pag. 103. até 108. & ibi apud eumdem Typog. 1569. 8. à p. 85. atè 93. e por Maffeo *Epiſt. Ind.* lib. 1. Florentiæ apud Philip. Junctam. 1588. fol. em Caſtelhano pelo P. Cypriano Soares. Coimb. por Joaõ Alvares, e Joaõ Barreira 1565. 4. pag. 95. e Alcalà por Juan Iniguez de Lequerica 1575. 4 . fol. 73. e em Italiano no livro intitulado *Diverſi aviſi particulari dell' Indie* Part. 3. Venetia per Michele Tramezzino. 1565. 8. a pag. 250.

Summario de algumas Cartas que eſcreveo de Amanguchi eſcrito de Bungo a 20. de Setembro de 1555. Principia *Começaraõ os pobres a fazerem-ſe Chriſtaõs* &c. Sahio com outras cartas. Evora por Manoel da Sylva 1598. fol. vertida em Latim in *Epiſt. Japan.* Lovanij apud Rutgerum Welpium 1569. 8. a pag. 111. até 131. &. ibi apud eumdem Typog. 1570. 8. a pag. 109. até 121.

Arte da lingua Japoneza. M. S.

Vocabulario da lingua Japoneza

Deſtas obras fazem memoria *Bib. Societ.* pag. 186. col. 2. Souſa *Orient. Conquiſt.* Part. 2. Conquiſt. 4. Diviſ. 1. §. 2. Guſmaõ *Hiſt. delas Miſſion.* liv. 6. cap. 27. e o moderno addicionador da *Bib. Orient.* de Ant. de Leaõ Tom. 1. Tit. 8. col. 177.

DUARTE DA SYLVA natural de Coimbra onde depois de inſtruido com as letras humanas, Rhetorica, e Mythologia frequentou o eſtudo de Direito Pontificio em cuja faculdade recebeo o gráo de Licenciado. Foy Prothonotario Apoſtolico, e famoſo profeſſor da Arte da Poeſia, e como a tal o veneraraõ os melhores alumnos do Parnaſo Portuguez, como foraõ Antonio Figueira Duraõ in *Laur. Parnaſ.* Ram. 2. fallando com Apollo.

Armonicum Sylvæ torrentem ſi aura bibiſſet
Nectare juraret non caruiſſe ſuo.

Jacinto Cordeiro *Elog. dos Poetas Portug.* Eſtanc. 13.

Puede Duarte da Sylva (oh que talento!)
Honrar la patria con ſu pluma ſola
Que a divina Deidad ſigue ſu aliento
Mueſtra en lo eſcrito, y mueſtra que acriſola:
Delas Muſas ſu pluma el movimiento
Que es la ſuya latina, y Eſpañola;
En cuya admiracion venciendo el arte
Del Laurel Portuguez tiene gran parte.

Manoel de Galhegos *Templo da Memor.* liv. 4. eſt. 178.

Nymfas, que enchendo as flores de rocio
Paſſeais de Coimbra o verde prado
Chamay do Sylva a ſoberana Clio
Por quem vive o Mondego eternizado
E pois elege hum rio por ſogeito
Nuno mares abrio no Hiſpano peito.

Compoz.

Deſcripçaõ da Serra da Eſtrella, e a fabula dos rios, que della nacem. Começa.

Donde el feliz terreno Luſitano
Armado de nativa fortaleza

Acaba.

Ya conſerva en los liquidos criſtales
De ſus antigas formas las Senãles.

Soneto à *Eſtatua do ſilencio.* Começa.

Detente ó caminante alos reflexos &c.

Huma, e outra obra ſe conſervava *M. S.* na Livraria do Cardial de Souſa. Deſte

meſmo Author he o Soneto 51. em o Certame do Conde de Linhares, outro em applauſo da *Gigantomachia* de Manoel de Galhegos, e duas Decimas em louvor das *Poeſias* de Paulo Gonçalves de Andrade que ſahiraõ impreſſas no principio das obras deſtes Authores.

DUARTE SIMOENS natural de Lisboa filho do Doutor Simaõ de Leaõ Cavalleiro do habito de Saõ-Tiago, e Medico delRey. Foy muito eloquente na lingua Latina, e verſado na liçaõ dos Authores antigos, por cujos dotes era domeſtico da Caſa do Illuſtriſſimo Biſpo do Algarve D. Jeronymo Oſorio, e muito eſtimado deſte inſigne Prélado, o qual atendendo à integridade dos ſeus coſtumes unida com a erudiçaõ Sagrada, e profana o nomeou Conego Penitenciario na Cathedral de Faro. Morreo em Sabbado a 6. de Fevereiro de 1599. Compoz.

De perfecto Clerico, ſive de Clerici inſtitutione, & diſciplina libri quinque. M. S. Eſtava prompto para a impreſſaõ.

Epiſtola de rebus Eccleſiaſticis ad Cæſarem Baronium do qual teve repoſta. Fazem memoria delle Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 261. e antes a tinha feito Jeronymo Oſorio na vida de ſeu Tio o Illuſtriſſimo Biſpo do Algarve dizendo *vir fuit non mediocris eloquentiæ, & Scriptorum antiquorum litterate peritus cujus Scripta propediem in lucem prodibunt é quibus ſingularis ejus ingenii vis cognoſci poterit.*

E

FR. EDMUNDO DE ALJUBARROTA natural deſta Villa celebre pela famoſa batalha que as armas Portuguezas alcançaraõ das Caſtelhanas a 14. de Agoſto de 1385. Profeſſou o Inſtituto Ciſtercienſe no Real Convento de Alcobaça onde ſe conſerva a ſeguinte obra que eſcreveo.

Reformatio libelli judiciarij à D. Gravaredo compoſiti anno 1326. M. S.

Fr. EDMVNDO DE CO'S Villa diſtante huma legoa da Villa de Alcobaça que lhe deu o berço. Recebeo a Cogula Monachal do Doutor Mellifluo S. Bernardo no Real Convento de Alcobaça onde ſe guarda eſta obra em que moſtra a vaſta noticia que tinha dos ritos, e Cerimonias da ſua Congregaçaõ.

Regimen Officiorum Eccleſiaſticorum ſecundum Uſum Ciſtercienſem. 4. M. S.

Fr. EDMUNDO DE MONTARGIL Naceo em a Villa do ſeu appelido ſituada na Comarca de Santarem do Arcebiſpado de Lisboa. Foy Monge Ciſtercienſe em o Convento de Alcobaça onde depois de eſtudar as ſciencias eſcolaſticas ſe applicou à liçaõ da Sagrada Eſcritura, e Santos Padres em que fez a ſua comprehenſaõ grandes progreſſos. Compoz.

Varij Sermones Feſtorum M. S. cuja obra ſe conſerva na Bib. do Convento de Alcobaça.

Fr. EGIDIO DE GAMBOA natural da nobre Villa de Setubal filho de Antonio Mouro de Andrade, e Anna de Gamboa, que o educaraõ com taõ virtuoſos documentos, que deixando o mundo elegeo o Clauſtro da Militar Ordem de Chriſto profeſſando no Real Convento de Thomar a 4. de Abril de 1685. Foy bom Theologo, e grande Prégador. Exercitou com ſatisfaçaõ de domeſticos, e eſtranhos os lugares de Reytor do Collegio de Coimbra, e Procurador Geral da Ordem neſta Corte. Morreo a 13. de Julho de 1715. Imprimio.

Oraçaõ funeral nas exequias do muito alto, e poderoſo Rey de Portugal o Senhor D. Pedro II. que celebrou o Real Convento de Thomar da Ordem de Chriſto em 22. de Dezembro de 1706. Lisboa por Jozé Lopes Ferreira. 1707. 4.

Sermaõ dos Oſſos dos Enforcados prégado na Miſericordia de Lisboa. Lisboa por Miguel Maneſcal Impreſſor do Santo Officio 1711. 4.

Fr. EGIDIO DA PRESENTAÇAM Naceo na Villa de Caſtello branco do Biſpado da Guarda em a Provincia da Beyra no anno de 1539. baſtando a producçaõ de taõ grande homem para eternamente lhe ennobrecer o nome. Teve por Pays ao Doutor Franciſco Martins da Coſta inſigne Juriſconſulto, de cuja Faculdade recebeo as inſignias doutoraes em a Univerſidade de Pariz, e a Perpetua da Fonſeca que tinha eſtreito parenteſco com o P. Pedro da Fonſeca da Companhia de Jeſus chamado antonomaſticamente, *Ariſtoteles Luſitano* de quem ſe farà larga memoria em ſeu lugar, e por irmaõs ao Ven. Fr. Roque do Eſpirito Santo immortal ornato da Ordem Trinitaria, e a Bartholameu da Fonſeca Collegial do Collegio Real de S. Paulo, e Inquiſidor da Inquiſiçaõ de Goa, Lisboa, e Coimbra, e ultimamente Deputado do Conſelho Geral. Ainda contava poucos annos de idade quando ſeus Pays o mandaraõ aprender em Coimbra naõ ſómente as letras humanas, mas Filoſofia, e Direito Ceſareo, em cujas faculdades ſahio taõ conſumado, que ſendo diſcipulo competia com os Meſtres na profunda agudeza com que explicava os textos mais antinomicos. Paſſados ſete annos no eſtudo da Juriſprudencia ao tempo que

podia receber o premio das ſuas eſtudioſas vigilias inſpirado de ſuperior impulſo ſe recolheo à illuſtre Religiaõ dos Eremitas de Santo Agoſtinho profeſſando o ſeu Inſtituto em o Convento de N. Senhora da Graça de Lisboa a 25. de Abril de 1558. quando contava deſenove annos de idade. Depois de enſinar aos ſeus domeſticos as ſciencias das Eſcolas com igual fruto, que applauſo, ſe laureou Doutor na Faculdade Theologica em a Academia Conimbricenſe a 22. de Fevereiro de 1572. A profundidade da ſua litteratura, e a noticia das ſciencias, de que era depoſito a ſua feliz memoria, o elevaraõ às Cadeiras da Univerſidade ſendo Lente de Gabriel a 14. de Julho de 1582. de Eſcoto a 10. de Novembro de 1586. de Veſpera a 29. de Janeiro de 1597. onde jubilou a 21. de Agoſto de 1607. Impoſſibilitado pelos annos, e pelos achaques naõ chegou a regentar a Cadeira de Prima de cujo titulo teve a merce por carta de Filippe III. paſſada em Lisboa a 13. de Outubro de 1616. Foy Deputado da Inquiſiçaõ de Coimbra de que tomou poſſe a 27. de Fevereiro de 1597. Vicereytor da Univerſidade muitas vezes, e Reytor pelo eſpaço de ſeis mezes, em cujos lugares manifeſtou a recta intenſaõ do ſeu animo. Sendo taõ conhecido o ſeu nome pelas letras ainda merecia que o foſſe mais pelas virtudes, de que foy obſervantiſſimo cultor. Na continencia foy taõ inſigne que para rebater huma vehemente ſugeſtaõ contra a pureza applicou huma maõ ao fogo, e com elle extinguio o que lhe abrazava o peito. Com heroico deſprezo naõ aceitou o Biſpado de Coimbra offerecido pela Mageſtade de Filippe II. e até o lugar de Provincial em que fora eleito a 6. de Mayo de 1618. o renunciou querendo antes governar as paixoens proprias que as alheas. Tolerou com admiravel reſignaçaõ a cegueira que padeceo nos ultimos annos rendendo graças ao Altiſſimo como outro Tobias de o privar da viſta corporal para ſe fazer digno da Viſaõ beatifica. Venerou com profundo reſpeito a Chriſto occulto debaixo das eſpecies Sacramentais, com terniſſimo affecto a Rainha dos Anjos, e com devotos obſequios aos Santos ſeus Tutelares. Mereceo as eſtimaçoens das principaes peſſoas da Jerarchia Eccleſiaſtica, como eraõ os Illuſtriſſimos Primazes D. Fr. Aleixo de Menezes, e D. Fr. Agoſtinho de Caſtro, e o Biſpo de Coimbra. D. Affonſo de Caſtello-branco. Cumulado de heroicas virtudes, e vaticinada a hora da morte paſſou da vida caduca para a eterna em Coimbra a 8. de Fevereiro de 1626. com 87. annos de idade e 68. de Religiaõ. Na ſepultura ſe lhe gravou eſte epitafio.

Fr. Ægidius de Preſentatione Doctor Theologus, fidei zelo, ac vitæ ſanctimonia inſignis in hac Academia primarius Profeſſor emeritus. Obiit 8. Februarij anno Domini 1626. ætatis ſuæ 87.

O ſeu nome celebraõ Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* tom. 1. pag. 4. col. 2. *inter præcipua Eremiticæ familiæ decora ſingularis doctrinæ merito venit conumerandus.* Fr. Ant. à Purif. *de Vir. Illuſtrib. Ord. Erem. D. Auguſt.* lib. 2. c. 2. *in virtutibus, tum in ſtudiis mirifice profecit,* Brand. *Mon. Luſit.* Part. 6. liv. 19. cap. 23. *grande Meſtre.* Samaniego *Prim. de Eſcot.* n. 208. *Varon dela primera erudicion.* Plenevaalx in *præfat. ad Primat. Aug. inſignem Heroem ex primarijs totius Luſitaniæ ante Ordinem Philoſophum & Juris conſultum, in Ordine ſui ævi Theologum Primarium.* Marracius *Bib. Marian.* Part. 1. pag. 17. *vir multis nominibus colendus & ſcriptis in lucem editis clariſſimus.* Auguſt. Barboſ. de *Poteſt. Epiſcop.* Part. 3. Allegat. 50. n. 111. *Præceptor colendiſſimus.* Franc. de S. Mar. *Diar. Portug.* pag. 174. *Cheyo de merecimentos, e virtudes.* Camargo *Chronol. Sacra* p. 4. *Varon doctiſſimo, y el mayor ingenio, que en nueſtros tiempos entre los mas aventajados hà florecido en doctrina, y erudicion eſcolaſtica, y poſitiva con admiracion de todos, que ſaben, y profeſſan letras Divinas, e humanas.* Figueired. *Flos Sanct. Auguſt.* Tom. 4. pag. 134. §. 34. *Foy grande zelador do ſerviço de Deos, Varaõ ſincero, e por extremo caſto.* Joan. Soar. de Brito *Theatr. Luſit. Litter.* lit. A. D. Fr. Thom. de Faria Decad. 1. liv. 9. D. Franc. Man. na *Carta dos AA. Portug. admiravel.* Maſeo *Vita del P. Franc. Soar.* cap. 23. *magno Theologo.* Fr. Ant. de Nativid. *Mont. de Coroas* Mont. 2. Cor. 8. §. 2. n. 40. e Mont. 3. Coroa unic. §. 1. n. 5. Gratian. in *Anaſtaſ. Auguſt.* Her-

rer *Alphabet. Aug.* Helſſius *Encom. Aug.* Publicou as obras ſeguintes para cuja Impreſſaõ lhe mandou dar Felippe III. quatrocentos mil reis.

De Immaculata Beatæ Virginis Conceptione ab omni Originali peccato immuni libri quatuor. Dicati Sacræ Maieſtati Philippi III. Hiſpaniarum Regis. Conimbricæ apud Didacum Gomez de Loureiro. 1607. fol.

Diſputationes de animæ, & corporis beatitudine ad priores quinque Quæſtiones primæ Secundæ D. Thomæ, & ad Quæſt. 12. primæ partis in tres tomos diſtributæ in quorum primo, & ſecundo agitur de Beatitudine corporis Tom. 1. Conimbricæ apud eumdem Typog. 1609. fol.

Diſputationes de Beatitudine animæ, & corporis ſeptem libris abſolutæ in quibus agitur de beatitudine animæ in ordine ad objectum beatificum, & de iis, quæ beatitudinem animæ aut antecedunt, aut comitantur, aut conſequuntur. Tomus 2. ibi per eumdem Typog. 1616. fol.

Diſputationes de beatitudine animæ, & corporis quinque libris abſolutæ Tom. 3. ibi per eumdem Typog. 1615. fol.

Commentationes Phyſicæ, & Methaphyſicæ. Urſellis apud Cornelium Suttorium 1604. 4. Sahio em nome de Fr. Egidio Romano ſendo ſeu verdadeiro Author o noſſo Egidio Luſitano como affimraõ Nicoláo Plenevaalx, Fr. Thomaz Herrera, e Fr. Antonio da Natividade nos lugares aſſima citados.

Primas Auguſtinianus, ſive prærogativa excellentiæ Ord. Eremit. D. Auguſtini in libros novem diſſectus. Coloniæ apud Antonium Boètzerum. 1627. 8. Sahio em nome de Fr. Nicoláo Plenevaalx Eremita Auguſtiniano como eſcreve Fr. Manoel de Figueiredo no lugar aſſima allegado pag. 135. cuja obra com o titulo de *Defenſorio da Ordem* ſe conſerva na Livraria do Convento da Graça de Lisboa, e della ſe lembraõ Fr. Antonio da Natividade Mont. 3. Cor. unic. §. 1. n. 5. e Fr. Ant. da Purif. *de Vir. Illuſtrib. Ord. Eremit. D. Aug.*

De voluntario, e involuntario libri duo. Eſta obra ſendo viſta pela Santidade de Paulo V. affirmou naõ ſe ter eſcrito deſte argumento outra mais ſolida, e profunda.

De Incarnatione Divini Verbi.

De Euchariſtia.

De Sacrificio Miſſæ.

Eſtes Tratados Theologicos com outros muitos ſe conſervaõ na Livraria do Collegio de Coimbra aſſim como

De Peccato Originali. M. S. fol. em o Convento da Graça deſta Corte.

ELIAS DE LEMOS cuja patria ignoramos. Na primeira idade abraçou o Inſtituto da illuſtre Ordem dos Prégadores onde teve a fortuna de ſer ſeu Meſtre o V. Fr. Bartholameo dos Martyres eterno eſplendor da Jerarchia Eccleſiaſtica, de cuja diſciplina ſahio igualmente inſtruido na ſciencia dos Santos, e das Eſcolas. Obrigado de varias moleſtias que lhe impediaõ a obſervancia da vida religioſa deixou o Clauſtro, e como era muito verſado na Theologia Moral foy provido em o Priorado da Igreja Matriz do Salvador da Villa de Pombeiro Cabeça de Condado em o Biſpado de Coimbra onde exercitou as obrigaçoens de vigilante Paſtor. Traduzio da lingua Italiana em a materna.

Vida da B. Catherina de Genova M. S.

ELOY DE ABREU Conego Secular da Congregaçaõ do Evangeliſta amado grande Theologo moraliſta. Eſcreveo no anno de 1603. conforme diz Jorge Cardozo nas Memor. M. S. para a *Bib. Portug.*

Summa de Theologia Moral. M. S.

Fr. ELOY DE FERREYRA natural da Villa, que tomou por appellido ſituada em a Provincia do Alentejo entre a Villa do Torraõ, e a Cidade de Beja. Recebeo o habito Monachal da Ordem Ciſtercienſe no Real Convento de Alcobaça onde applicado à liçaõ de livros aſceticos, e hiſtoricos eſcreveo.

Exercicios eſpirituaes M. S.

Vida de Santa Maria Egypciaca, e outros Santos M. S.

Conſervaõ-ſe na Bibliotheca de Alcobaça.

ELOY DE SAA' SOTOMAYOR natural de Lisboa, Bacharel formado na Faculdade dos Sagrados Canones em a Uni-

verſidade de Coimbra ornado de ſublime genio para a Poeſia que cultivou com applauſo dos mais celebres Profeſſores deſta Arte ſendo hum delles Jacinto Cordeiro que no *Elog. dos Poetas Portuguezes* Out. 63. aſſim o louva.

Venga Eloyo de Sá, que le obedece
El Mondego que alaba, ſi nó apoya;
Porque haziendo en ſu Occaſo primaveras
Los Paſtores cantò de ſus riberas.

Publicou.

Jardim do Ceo, Poemas varios Sagrados. Lisboa por Vicente Alvarez 1607. 4. Conſta de Sonetos, Cançoens, Elegias, Mottes Gloſſados, e Romances.

Cancion a la entrada de ſu Mageſtad en Lisboa. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1619. 4.

Ribeiras do Mondego Dedicado a Duarte Coelho de Albuquerque. Lisboa pelo dito Impreſſor 1623. 4. Conſta de proza, e verſo.

Elegia Latina feita de varios fragmentos de diverſos Poetas em louvor do Doutor Belchior Febos, e ſahio impreſſa no principio do 1. Tomo das ſuas Deciſoens; e no 2. eſtá hum Epigramma ſeu Latino em applauſo do meſmo Juriſconſulto. Delle faz mençaõ o P. Antonio dos Reys no *Enthuſiaſm. Poet.* n. 112.

= *Sadius Hortum*
Fœcundabat aquis liquido de fonte reſumptis.

ESTACIO DE FARIA Fidalgo da Caſa Real, e Avo materno do inſigne Eſcritor Manoel de Faria, e Souſa. Igualmente ſe admirou o ſeu valor quando militou em obſequio da Patria, e o ſeu zelo na adminiſtraçaõ da fazenda Real na America, como o ſeu talento para a Poeſia a qual cultivou com tanta elevaçaõ que chegaraõ os ſeus verſos a equivocarſe com os do Principe da Poetica Luiz de Camoens ſeu particular amigo, e contemporaneo. Manoel de Faria na 1. Part. da *Fuente de Aganip.* Cant. 6. Sonet. 83. eſcrito a ſeu filho Pedro de Faria o aplaude com eſtas vozes.

Aquelle que me foy Avó primeiro
E ficou ſendo para ti ſegundo
Do brando Apollo, e Marte furibundo
Foy venturoſo eſpirito, e ventureiro
Eu nas artes do metrico luzeiro
Com imitallo minha gloria fundo &c.

E na Part. 2. em que lhe dedica à ſua memoria a Fabula de Apollo, e Dafne Eſtanc. 4.

Eſpirito Gentil, que en nueſtra Heſperia
Ganaſte del laurel fecunda rama
Fertilizando con igual materia
Elogios en el bronze de la fama.
Pues me oprime ſin ti noche Cimeria
Hurta al Sol para mi baſtante llama,
A hazer tu ingenio, que heredè ſublime
Y en vano ſi lo alcanço, ella me oprime.

Deixou compoſto

Varias Obras de Verſo, e Proſa. M. S. das quaes fallando o meſmo Faria na Vida de Camoens impreſſa ao principio do Commento das Rimas que fez a eſte Poeta diz. *Fue honbre de luzido ingenio, y eſcrevio con buena dicha varios Poemas; por ſu muerte quedaron a mi madre algunos papeles, e entre ellos un libro de aquartilla de haſta una mano de papel M. S. y era de Proſas, y verſos obra continuada* &c. Lope da Vega no *Elog. de Manoel de Faria y Souſ.* impreſſo ao principio do *Comment. das Luſiad.* §. 12. *Servio ElRey militarmente, y deſpues en oficio de hazienda en el Braſil, y compuzo varias obras poeticas con acierto.* Joan. Soar. de Brito *Theat. Luſit. Litter.* lit. S. n. 25. Sobre todos o aplaude o divino Camoens no *Soneto* 92. da *Cent.* 2. aſſim pelo valor militar, como pelo eſpirito Poetico.

Agora toma a eſpada, agora a penna
Eſtacio noſſo em ambas celebrado
Sendo ou no ſalſo mar de Marte amado
Ou na agua doce amante da Camena.
Ciſne ſonoro por Ribeira amena
De mim para cantarte he cubiçado;
Porque naõ podes tu ſer bem cantado
De ruda frauta, nem de agreſte avena.
Se eu que a penna tomey, tomey a eſpada
Para poder jugar licença tenho
Deſta alta influiçaõ de dous Planetas
Com huma, e outra luz delles lograda
Tu com pujante braço, ardente engenho
Seràs Faro a Soldados, e a Poetas.

Fr. ESTACIO DA TRINDADE chamado no Seculo Eſtacio Pinheiro de Vargas. Naceo em Lisboa a 20. de Fevereiro de 1676. onde teve por Pays a Francisco Pinheiro de Vargas, e Luiza Maria

que dezejando ſeguiſſe o Eſtado Eccleſiaſtico Secular elegeo com reſoluçaõ mayor que a ſua idade o Religioſo abraçando o Inſtituto dos Eremitas Deſcalços de Santo Agoſtinho, o qual profeſſou no Convento de N. Senhora da Conceiçaõ do Monte Olivete, ſituado no ſuburbio deſta Corte a 29. de Junho de 1694. Dictou Artes, e Theologia aos ſeus domeſticos até que jubilou neſta Sagrada Faculdade com tanta gloria do ſeu magiſterio que o habilitou para ſer Qualificador do Santo Officio, Conſultor da Bulla da Cruſada, Examinador das Ordens militares, do Priorado do Crato, e Synodal do Arcebiſpado de Lisboa. Depois de exercitar duas vezes o lugar de Comiſſario Geral foy eleito no Capitulo celebrado em Monte mòr a 11. de Mayo de 1731. Vigario Geral da ſua Congregaçaõ, em cujo governo moſtrou a prudencia do ſeu talento. He igualmente douto na Theologia Moral que na Miſtica, taõ verſado na liçaõ da Hiſtoria como na cultura da Poeſia vulgar de que tem impreſſo com nome ſuppoſto algumas obras a aſſumptos Sagrados. Publicou com o nome de Fr. Agoſtinho da Santiſſima Trindade.

Promptuario Auguſtiniano, ou deſpertador diario para os mayores lucros das almas, e remiſſaõ mais efficaz de culpas com que no fertil campo da Igreja Catholica ſem muito trabalho achaõ o theſouro mais rico todos os negociantes da divina graça. Lisboa por Pedro Ferreira Impreſſor da Auguſtiſſima Rainha N. Senhora 1737. 8.

Summa totius Philoſophiæ ex doctrina D. Thomæ extracta, et extructa, nec non Sententiis Magni Parentis Auguſtini firmiſſime roborata. fol. M. S.

Brevis Summa Theologiæ Speculativæ ex Magni P. Auguſtini, D. Thomæ, Conciliorum, & Sanctorum Patrum doctrina conſtructa. fol. M. S.

ESTELLA cujo nome proprio encubrio, aſſim como publicou ſer Portuguez. Foy celebre Poeta da ſua idade de que he teſtemunha o Poema que publicou com eſte titulo.

La Machabea en doze Cantos heroicos. Leaõ por Pedro Gevardo 1604. 4. Em ſeu applauſo tem no principio hum Soneto, que começa:

Eſtrella clara, bella matutina
Que eſclarece la patria Luſitana
Las que nueſtro orbe alumbra con lozana
Materia, y arte qual la luz divina.
&c.

ESTEVAM Chantre da Cathedral de Lisboa, em cuja dignidade o proveo D. Alvaro de Freitas decimo quinto Biſpo deſta Dioceſe, o qual como tinha profeſſado o Inſtituto Canonico Auguſtiniano, em o Real Convento de Santa Cruz de Coimbra pedio no anno de 1168. a D. Joaõ Theotonio ſegundo Prior do dito Convento lhe mandaſſe dous Conegos Regrantes para o ſeu Cabido ſendo hum delles D. Eſtevaõ, o qual como floreceſſe no anno de 1173. em que ſucedeo a Treſladaçaõ do invicto Martir S. Vicente do Promontorio Sacro para a Cathedral de Lisboa onde deſcanſaõ as ſuas triumfaes cinzas, eſcreveo com toda a individuaçaõ os prodigios que ſuccederaõ neſta occaſiaõ, cuja obra tem por titulo.

Incipiunt miracula Sancti Vincentii Martyris edita Ulixbone à Magiſtro Stephano Sedis Ulyxbonenſis præcentore. O original ſe conſerva no Cartorio da Sè de Lisboa, e huma copia no Real Convento de Alcobaça em hum livro que tem por titulo *Tertia Pars Paſſionum,* a qual imprimio o Doutor Fr. Antonio Brandaõ Chroniſta mór do Reyno em a 3. Parte da *Mon. Luſit.* pag. 298. havendo já elle feito memoria do Author, e da obra na meſma *Monarch.* Liv. 11. cap. 23. e D. Nicol. de Santa Mar. *Chron. dos Coneg. Regul.* Liv. 8. cap. 6. n. 9. e liv. 9. cap. 7. n. 5. O Illuſtriſſimo D. Rodrigo da Cunha traduzio eſta obra de Latim em Portugues, e a imprimio na *Hiſt. Eccleſ. de Lisb.* Part. 2. cap. 9. 10. 11. e 12.

Fr. ESTEVAM DE SANTO ANGELO Naceo em Lisboa a 5. de Novembro de 1671. onde teve por Pays ao Capitaõ Luiz da Sylva, e D. Vicencia Ferreira. Na idade de 16. annos entrou na Religiaõ Carmelitana, cujo Sagrado Inſtituto profeſſou no Convento patrio a 30. de Setembro de 1688. Depois de ter inſtruido aos ſeus domeſticos com as Facul-

dades de Filoſofia, e Theologia jubilou por patente do Reverendiſſimo Geral Fr. Pedro Thomaz Sanches a 12. de Junho de 1711. e recebeo o gráo de Doutor na Religiaõ a 24. de Agoſto do dito anno. A ſua prudente capacidade o fez digno de que depois de ſer Procurador Geral da Provincia, e Preſidente no Capitulo celebrado em o Convento de Lisboa a 3. de Mayo de 1721 ſubiſſe ao lugar de Provincial a 7. de Mayo de 1724. e de Comiſſario Viſitador Geral a 27. de Julho de 1725. No Capitulo Geral celebrado na Cidade de Ferrara, que principiou em 5. de Mayo de 1728. foy Definidor Geral. Igualmente zeloſo da cultura das virtudes que da gloria da ſua Religiaõ publicou as obras ſeguintes traduzidas da lingua Italiana em a materna.

Manjar da alma, e verdadeira practica da Oraçaõ mental ordenada à Payxaõ de Chriſto Senhor noſſo por todos os dias do mez, e outros devotos exercicios, e meditaçoens. Lisboa por Miguel Rodrigues. 1726. 8.

Devotiſſimos exercicios de preparaçaõ, e acçaõ de graças para antes, e depois da confiſſaõ, e comunhaõ tirados dos M. S. de S. Franciſco de Sales Biſpo, e Princepe de Genebra. Lisboa pelo dito Impreſſor. 1732. 12. e Anveres por Jacobo Bernardo Jouret. 1732. 12.

Jardim Carmelitano, Hiſtoria Chronologica, e Geografica Noticias Sagradas domeſticas, e eſtranhas de varios ſucceſſos da Religiaõ Carmelitana. Offerecido a Maria Santiſſima May de Deos, e dos Carmelitas. Compoſto na lingua Italiana pelo Reverendo P. Fr. Egidio Leoindelicato; novamente cultivado, traduzido, e addicionado no idioma Luſitano pelo Reverendo P. Fr. Eſtevaõ de Santo Angelo &c. Primeira Parte. Lisboa na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real 1741. fol.

Parte ſegunda offerecida ao Senhor S. Jozé Lisboa pelo dito Impreſſor, e no meſmo anno.

Fr. ESTEVAM DE SANTA ANNA Naceo na Villa de Campomayor da Provincia do Alentejo ſendo filho de Franciſco Rodrigues, e Brites Vaz. Recebeo o habito Carmelitano no Convento de Lisboa a 8. de Julho de 1584. e profeſſou a 26. do dito mez do anno ſeguinte. Eſtudou com tanta applicaçaõ as ſciencias eſcholaſticas, que as dictou com igual applauzo aos ſeus domeſticos. Completos os annos da jubilaçaõ ſe laureou Doutor na Faculdade Theologica na Academia Conimbricenſe. Exercitou com louvavel ſatisfaçaõ os lugares de Cuſtodio, primeiro Definidor, Reytor do Collegio de Coimbra, Vigario Provincial, Preſidente de Capitulo, e nelle foy eleito Provincial a 18. de Abril de 1621. Foy Qualificador do Santo Officio, e hum dos celebres Prégadores do ſeu tempo como eſcrevem Joan. Soar. de Brit. *Theat. Luſit. Litter.* lit. S. n. 26. Carvalho *Corog. Portug.* Tom. 3. liv. 2. Trat. 8. cap. 47. e Fr. Manoel de Sá *Mem. Hiſt. dos Eſcrit. Portug. da Ordem do Carm.* pag. 104. Morreo no Convento de Lisboa a 26. de Julho de 1630. com 72. annos de idade e 46. de Religiaõ. Publicou.

Sermaõ do Acto da Fe, que ſe celebrou na Cidade de Coimbra na ſegunda Dominga da Quareſma anno 1612. Coimbra por Nicoláo Carvalho Impreſſor da Univerſidade 1612. 4. e Lisboa por Antonio Alvares. 1618. 4.

Fr. ESTEVAM ANNES natural da Villa de Obidos do Patriarchado de Lisboa Monge Ciſtercienſe cujo inſtituto profeſſou no Real Convento de Alcobaça; Varaõ de vida inculpavel applicando aquellas horas que vagavaõ dos exercicios Religioſos a o eſtudo dos Authores Aſceticos, e hiſtoriadores Sagrados compoz.

Vida de Santo Aleixo. M. S.

Vida do Monge cativo. M. S.

Traduzio de Latim em vulgar.

Dialogos de S. Gregorio Magno M. S. Todas eſtas obras ſe conſervaõ na Bibliotheca do Real Convento de Alcobaça.

Fr. ESTEUAM BOTELHO natural de Evora filho de nobres Pays chamados Domingos Botelho de Vilhena, e Maria Botelho de Aragaõ. Ainda contava poucos annos de idade quando com madura eleiçaõ deixou a caſa paterna para abraçar o Inſtituto dos Eremitas de Santo Agoſtinho que profeſſou no Convento patrio a 29. de Junho de 1650. Foy Prior do Convento de Arronches, e Loulè, e muyto

verſado na liçaõ da Sagrada Eſcritura, e Santos Padres deixando promptos para a impreſſaõ.

Sermoens varios 5. *Tom.* fol. e 2. de 4. *M. S.*
Apontamentos concionatorios. fol. *M. S.*

ESTEVAM DE BRITO inſigne profeſſor de Muſica, aſſim Theorica, como practica chegando com a grande ſciencia que teve deſta Faculdade a competir com ſeu famoſo Meſtre Filippe de Magalhaens, de quem ſe fará memoria em ſeu lugar. Foy meſtre, e Beneficiado em a Cathedral de Badajos, cujo miniſterio tambem exercitou na Cathedral de Malaga alcançando pelas ſuas obras grande applauſo em toda Eſpanha, das quaes ſe conſervaõ as ſeguintes na Bibliotheca Real da Muſica, como conſta do ſeu Index impreſſo em Lisboa por Pedro Crasbeeck 1649.

Tratado de Muſica. Eſtant. 18. n. 513.
Motetes a 4. 5. 6. *vozes.* Eſtant. 20. n. 569.
Motete. Exurge quare obdormis Domine a 4. Eſtant. 36. n. 809.
Vilhancicos de Navidad. Eſtant. 28. n. 697.

Fr. ESTEVAM DE BUARCOS cujo appellido tomou da maritima Villa diſtante ſete legoas de Coimbra para o Poente. Profeſſou o Inſtituto Ciſtercienſe no Convento de Santa Maria de Ceiça no Biſpado de Coimbra onde applicado aos Ritos, e Ceremonias Eccleſiaſticas eſcreveo a ſeguinte obra, que ſe conſerva no Real Convento de Alcobaça.

De divino Officio peragendo. M. S.

P. ESTEVAM CARDEIRA natural da Villa de Alvito diſtante da Cidade de Evora ſeis legoas para o Sul na Provincia do Alemtejo. Recebeo a Roupeta da Companhia de JESUS em o Noviciado de Evora a 18. de Dezembro de 1634. onde enſinou letras humanas, Filoſofia, e Theologia Moral. Depois de receber o gráo de Doutor em a Univerſidade de Evora a 19. de Dezembro de 1658. ſe dedicou ao miniſterio do Pulpito em que alcançou naõ pequeno applauzo. Morreo no Collegio de Evora a 9. de Março de 1694. Delle ſe lembraõ Franco *Imag. da Virtud. do Nov. de Evor.* p. 860. e Fonſec. *Evor. Glorioſ.* pag. 429. Tinha promptos para a Impreſſaõ.

Sermoens varios. M. S. 4.

P. ESTEVAM DE CASTRO Naceo em Lisboa onde foy virtuoſamente educado por ſeus nobres Pays Antonio Vidal de Vaſconcellos, e D. Maria de Caſtro, de que reſultou abraçar o Sagrado Inſtituto da Companhia de Jeſus em o Collegio de Coimbra a 10. de Agoſto de 1589. quando contava deſeſeis annos de idade. Enſinou as letras humanas em que era inſigne pello largo eſpaço de outo annos. Diſcorreo por diverſas partes do Reyno prégando apoſtolicamente, de cujo trabalho colheo copioſo fruto. Foy Procurador da Provincia da India. Morreo no Collegio do Porto a 12. de Agoſto de 1639. Delle ſe lẽbraõ *Bib. Societ.* p. 749. col. 2. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. S. n. 28. D. Franc. Manoel *Cart. dos AA. Portug.* Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 2. pag. 235. Franco *Imag. da Virt. do Nov. de Coimb.* Tom. 2. pag. 616. e no *Ann. Glorioſ. S. J. in Luſit.* pag. 465. Eſcreveo.

Breve aparelho, e modo facil para ajudar a bem morrer hum Chriſtaõ; com a recopilaçaõ da materia de Teſtamentos, e penitencia, varias oraçoens devotas tiradas da Eſcritura Sagrada, e do Ritual Romano de noſſo Santo P. Paulo V. Lisboa por Joaõ Rodriguez 1621. 8. e na dita Cidade por Antonio Alvares 1639. 8. Dedicado ao Illuſtriſſimo D. Rodrigo da Cunha Arcebiſpo de Lisboa ſendo Provedor da Miſericordia. Lisboa por Domingos Carneiro 1663. 8. & ibi por Miguel Maneſcal 1677. Coimbra por Jozé Antunes da Sylva 1705. 8. e Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ 1723. 8.

ESTEVAM CAVALLEIRO Presbitero, e peritiſſimo profeſſor de Grammatica Latina, e naõ menos verſado em a ſciencia da Grega. Eſtudou na Univerſidade de Lisboa os primeiros rudimentos donde paſſando a Italia ſe fez taõ inſigne no idioma Romano que reſtituido à Patria foy Meſtre deſta eloquentiſſima lingua na Univerſidade de Lisboa, onde teve para immortal gloria do ſeu Magiſterio por diſcipulo ao grande André de Reſende, como

elle confeſſa na Oraçaõ que recitou na meſma Univerſidade em o primeiro de Outubro de 1534. *Non tranſibo Stephanum virum ſine controverſia Gramatiſſimum quem ego puer adhuc octenis audivi.* Foy o primeiro que eſcreveo Arte de Grammatica a qual pela dedicar a Noſſa Senhora a intitulou.

Ars Virginis Mariæ in quinque libros diſtributa. Olyſſipone per Valentinum Fernandum natione Germanum regnante Emmanuele Rege anno Virginei partûs ſexdecimo ſupra ſexquimilleſſimum Sole in ſeptima Cancri parte exiſtente. fol. No prologo diz: *imitati quidem in hac re ſumus Quintilianum, Diomedem, Donatum, Priſcianumque, qui curioſiſſime, rectiſſimeque figuras ipſas expoſuerunt. Quorum doctrinam, rectamque ſententiam ita Poetarum carminibus fulcitam, ita copioſam explanatam ante nos (quod ſciam) expoſuit nemo præſertim Hiſpanus.*

Antes de ſahir com eſta Arte publicou.

Proſodia Grammaticæ cum ſumma diligentia correctæ. Olyſſipone per Venerabilem Johanem Petri de bonis hominibus de Cremona 1505. fol. Nella illuſtrava com doutos Commentarios a Arte latina de Joaõ de Paſtrana que fora impreſſa no anno de 1505. pelo dito Impreſſor. Da Arte de Eſtevaõ Cavalleiro fazem memoria Joaõ Franco Barreto na *Bib. Luſit.* M. S. e o Beneficiado Franciſco Leitaõ Ferreira digniſſimo Academico da Academia Real Varaõ de eterna memoria pela integridade dos ſeus coſtumes, e erudiçaõ Sagrada, e profana em as ſuas doutiſſimas *Notic. Chronol. da Univerſ. de Coimb.* pag. 551. §. 1178. onde affirma tivera no tempo que eſtudava Humanidades hum exemplar deſta Arte.

P. ESTEVAM COELHO natural da Villa de Abrantes do Biſpado da Guarda na Provincia da Beira filho de Pedro Fernandes Rebotim, e Brites Coelha, e Religioſo da Companhia de Jeſus cuja Roupeta recebeo em o Noviciado de Evora a 30. de Mayo de 1604. donde paſſou à China com faculdade dos Superiores, e depois de diſcorrer por taõ vaſto Imperio, eſcreveo.

Relaçaõ das couzas da China. M. S.

Fr. ESTEVAM DE COIMBRA cujo appellido denota a Cidade que lhe deu o berço. Profeſſou o Inſtituto Serafico na Provincia dos Capuchos da Soledade onde de Cuſtodio da Provincia foy eleito Provincial no Convento de Santo Antonio de Valle da Piedade junto do Porto a 11. de Outubro de 1721. Imprimio.

Sermaõ do grande Doutor da Igreja Santo Agoſtinho prégado no Moſteiro da Serra dos Conegos Regulares de Santo Agoſtinho da Cidade do Porto. Lisboa por Miguel Maneſcal. 1718. 4.

ESTEVAM DA COSTA Juriſconſulto inſigne em Direito Canonico, e Civil, cujas obras ſaõ allegadas com louvor por Fernando Paez in *Cap. Miſſas.* n. 119. o Illuſtriſſimo Cunha in *Decret.* ad C. *Miramur* diſt. 61. n. 5. Manoel Barboſ. *Remis. ad Ord. Reg.* lib. 5. Tit. 82. Lipenio *Bib. Real Jurid.* p. 176. e 307. e Braudius *Bib. Claſic.* Eſcreveo.

In Rubric. de Sententia Excomunicationis lib. 6. *& in varias leges.* Venetijs 1587.

De Ludo. Eſte tratado ſahio impreſſo in Tom. 7. *Tract. Doctor.* fol. 161. v.º.

De Conſanguinitate, & affinitate. Sahio no meſmo *Tract. DD.* Tom. 9. fol. 132.

Fr. ESTEVAM DE CHRISTO natural da Villa de Torres novas do Arcebiſpado de Lisboa, e Religioſo profeſſo da Ordem Militar de Chriſto em o Real Convento de Thomar, celebre profeſſor da Arte de Contraponto, o qual foy chamado a Madrid pelo Capellaõ mòr D. Jorge de Almeyda para que ordenaſſe, e acentuaſſe pela Cantoria da Capella do Papa as Paxoens que a Igreja canta na Semana Santa o que executou com tanta ſatisfaçaõ daquelle Prèlado que o perſuadio a que as imprimiſſe. Morreo no Convento de N. Senhora da Luz da ſua Ordem Militar ſituado em o Suburbio deſta Corte em o anno de 1609. Publicou.

Proceſſionario. Coimbra por Antonio de Maris. 1593. 4.

Liber Paſſionum, & eorum, quæ à Dominica in Palmis uſque ad Veſperas Sabbati Sancti incluſive cantari ſolent deligentiſſime

correctus, & locupletiſſime auctus, inprimis ſingulorum Verborum accentu ſtudioſiſſime ſpectato. Ulyſipone apud Simonem Lopes 1595. fol. Deſta obra faz mençaõ com louvor Pedro Thaleſio *Art. de Cant. Chaõ* fol. 35.

Manuale pro communicandis, & ungendis, & ſepeliendis Fratribus. Ulyſſipone per Petrum Craesbeeck 1623. 4.

Introduçaõ facilíſſima, e noviſſima do canto fermo, e figurado ſimples, e em concerto com regras geraes para diferentes figuras ſobre o canto fermo a 2. 3. 4. e compoſiçoens, e proporçoens em o genero Diatonico, e Enarmonico. Conſerva-ſe na Bib. Real da Muſic. Eſtant. 18. n. 524. como conſta do ſeu Index impreſſo em Lisboa por Pedro Craesbeeck 1649. 4.

P. ESTEVAM DO COUTO filho de Sebaſtiaõ Gallego, e Izabel Rodrigues do Couto naceo para o mundo em a Villa de Olivença do Biſpado de Elvas na Provincia do Alentejo, e renaceo para Deos recebendo na Caſa profeſſa de S. Roque a Roupeta de Jeſuita quando contava 14. annos de idade a 6. de Junho de 1569. Eſtudou as letras humanas, e divinas na Univerſidade de Coimbra onde naõ ſómente as dictou com applauſo ſendo hum dos mayores letrados do ſeu tempo, mas recebeo o gráo de Doutor em Theologia a 24. de Junho de 1596. em a Univerſidade de Evora, onde foy Cancellario. Pella ſua prudencia, e affabilidade mereceo particulares eſtimaçoens do Sereniſſimo Duque de Bragança D. Joaõ, que depois ſubio ao trono de Portugal. Falleceo no Collegio de Evora a 17. de Setembro de 1638. com 85. annos de idade e 69. de Religiaõ. Fallaõ delle Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. S. n. 29. *Sacrarum litterarum, & humaniorum laudatiſſimus profeſſor ingenioque amœniſſimo, & lepidiſſimo.* Franco *Ann. Glorioſ. S. J. in Luſit.* pag. 531. *Scientiarum illuſtris profeſſor,* e no *Annal. S. J. in Luſit.* pag. 274. Compoz as ſeguintes obras de que a mayor parte eſtava prompta para a Impreſſaõ.

In Lib. 8. Phyſic.
In lib. de Cœlo
In Methaphiſicam
In 1. & 2. lib. Sphœræ
Epitome Rhetorices
Annotationes in Artem Hebraicam
Opera Theologica.

Tres ſeus Epigrammas Latinos à memoria do P. Franciſco de Mendoça da Companhia de JESUS ſahiraõ impreſſos no principio do Viridario deſte Author.

P. ESTEVAM FAGUNDES natural da celebre Villa de Vianna do Arcebiſpado de Braga filho de Pays nobres, e virtuoſos, e hum dos eminentes Theologos Moraliſtas, que teve a Companhia de JESUS, cuja Roupeta veſtio no Collegio de Evora quando contava 17. annos de idade a 13. de Janeiro de 1594. Pelo eſpaço de dez annos leo Theologia Moral no Collegio de Braga, e dous em o de Portalegre, de cuja ſolida doutrina firmada na authoridade dos Sagrados Canones, e reſoluçoens dos mais profundos Theologos, e Juriſconſultos ſahiraõ taõ doutos os ſeus diſcipulos que paſſaraõ com gloria immortal de tal Meſtre a regentar as primeiras Cadeiras. Foy muyto obſervante dos Inſtitutos da Companhia naõ permitindo que algum dos ſeus companheiros o excedeſſe na exacta practica das virtudes religioſas. Todo o tempo que lhe reſtava das preciſas obrigaçoens da Comunidade o dedicava ao eſtudo em que fez admiraveis progreſſos a ſua grande comprehenſaõ, profundo talento, e feliz memoria. Cheyo mais de merecimentos, que annos morreo na Caſa profeſſa de S. Roque a 13. de Janeiro de 1645. com 68. annos de idade e 51. de Companhia. As Univerſidades de Coimbra, Evora, e Salamanca, o intitularaõ *Sapientiſſimus, clariſſimus, graviſſimus, eruditiſſimus.* Fr. Lud. à Concept. *Exam. Verit. Theol.* Part. 1. Tract. 1. caſ. 6. n. 17. *doctiſſimus.* Franco *Imag. da Virtud. em o Novic. de Evora* p. 860. *Todas as ſuas obras merecem nome grande* e no *Ann. Glorioſ. in Luſit.* p. 23. *Ejus libri typo vulgati authorem im omnibus Academiis commendant* & in *Annal. S. J. in Luſit.* pag. 289. n. 6. *Sapientiſſimus vir. Bib. Societ.* pag. 749. col. 2. Joan. Soares de Brito. *Theatr. Litterar. Luſit.* lit. S. n. 30. D. Franc. Manoel *Carta dos AA. Portug.* Morery *Diccion. Hiſtoriq.* Verb. *Fagundes.* Fonſeca *Evor. Glorioſ.* p. 429. Nicol.

Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 234. col. 2. Compoz.

Quæſtiones de Chriſtianis Officiis, & caſibus Conſcientiæ in quinque Eccleſiæ præcepta Tomus unicus. Lugd. Sumptibus Jacobi Cardon, & Petri Cavillat. 1626. fol. & Moguntiæ apud Hermanum Myllium 1628. fol. Eſte livro foy prohibido no anno de 1627. pela Inquiſiçaõ de Caſtella por ſeguir no Liv. 1. *Quart. Præcept. de Jejunio* cap. 2. n. 6. e principalmente do n. 10. atè 15. a opiniaõ de que ſe podiaõ comer lacticinios no tempo da Quareſma. Para ſuſtentar eſta opiniaõ ſahio com a ſeguinte Apologia.

Informatio pro opinione eſus ovorum, & Lacticiniorum tempore Quadrageſſimæ. 1630. fol. Naõ tem nome de Impreſſor, mas declara ſer acabada no Real Collegio de Salamanca da Companhia de JESUS. a 4. de Fevereiro de 1630. Sahio reimpreſſa com eſte titulo.

Apologeticus tractatus ad quæſtionem de Lacticiniorum, ovorumque eſu tempore Quadrageſſimali. Lugduni apud Jacobum Cardon 1631. 8.

Foraõ taõ concludentes as rezoens deſta Apologia que por ordem da meſma Inquiſiçaõ de Heſpanha ſendo Inquiſidor Geral o Cardial Antonio Zapata, ſahio approvado o livro a 18. de Abril de 1630. cuja faculdade vimos impreſſa.

In decem præcepta Decalogi Tom. 1. Lugduni per Jacobum Cardon 1632. fol. & ibi per Laurentium Aniſſon, et hæredes Gabrielis Bouſſat 1640. fol.

In quinque poſteriora Præcepta Decalogi Tom. 2. Lugd. apud Aniſſon, & Bouſſat 1640. fol.

De Juſtitia, item de Contractibus, de acquiſitione, & translatione dominij. ibi apud eoſdem Typog. 1641. fol.

ESTEVAM DA GAMA DE MOURA, E AZEVEDO filho de Franciſco da Silva de Moura, e Azevedo Governador da Praça de Campo mayor, e Commendador da Comenda de Santa Maria de Caſtello-bom, e de D. Anna Maria Joſeph de Vaſconcellos, e irmaõ de Diogo de Monroy, e Vaſconcellos, de quem ſe fez mençaõ em ſeu lugar. Naceo na Villa de Campo mayor ſituada na Provincia do Alentejo a 6. de Março de 1672. Por naõ degenerar dos eſpiritos marciaes de ſeu Pay ſeguio a vida militar, em que obrou acçoens taõ dignas de applauſo, que chegou a ſer Sargento mór de Batalha dos Exercitos de Sua Mageſtade, Governador da Praça de Campo mayor, e Commendador da Commenda de S. Miguel de Villaboa da Ordem de Chriſto. Unio ao exercicio das armas a cultura das ſciencias ſendo pela vaſta noticia que tem da Hiſtoria profana admitido ao numero dos Academicos ſupranumerarios da Academia Real Portugueza. Eſcreveo.

Theatro Bellico, em que ſe reprezentaõ as obrigaçoens de todos os Poſtos nas ſeis façoens militares de marchar, alojar, fortificar, peleijar, expugnar, e defender. M. S.

Fr. ESTEVAM LEYTAM natural de Lisboa filho de Balthezar Leitaõ fidalgo da Caſa Real, e de ſua ſegunda mulher Antonia Velloza prima com irmaã de Fr. Franciſco Foreiro inſigne eſplendor da Ordem dos Prégadores. Na idade pueril deu evidentes ſinaes dos dotes que manifeſtou em a mais adulta, ſervindo-lhe de theatro a Caſa do Infante D. Luiz, em cujo ſerviço paſſou os primeiros annos com tanta innocencia de coſtumes, que bem pareceo nacera mais para o Clauſtro, que para o Seculo. Deixando eſte, e a Caſa paterna elegeo entre todas as Religioens a Dominicana, cujo Inſtituto profeſſou no Convento de Lisboa a 30. de Novembro de 1540. Frequentou as Eſcolas com applicaçaõ ſahindo grande Letrado ſendo o ſeu mayor eſtudo a obſervancia das virtudes nas quaes fez mayores progreſſos que nas letras. Inflamado no dezejo da converſaõ da Gentilidade ſe embarcou duas vezes para a India, e de ambas ſe lhe fruſtou por diſpoſiçaõ de mais alta providencia taõ ſagrado intento. Naõ teve tempo vago, que naõ occupaſſe nos mayores lugares da Religiaõ, pois a ſua grave prudencia unida a huma natural affabilidade o fizeraõ digno de ſer Meſtre dos Noviços, e depois Prior em o reformado Convento de Bemfica, e de exercitar com exemplo nunca practicado quatro vezes o Priorado do Convento de Lisboa donde ſubio a ſer Provincial no anno de 1554. e ſegunda vez eleito em o de 1574. Com heroica liberdade defendeo pertencer a ſuc-

ceſſaõ da Coroa Portugueza à Sereniſſima Caſa de Bragança contra as ambicioſas, e injuſtas pertençoens de Filippe Prudente, o qual em vingança de lhe diſputar o direito que imaginava infallivel, o mandou deſterrar acabando a vida com ſoſpeita de veneno. Jaz ſepultado no Convento de Azeitaõ à porta do Coro com eſte epitafio.

Aqui jaz Fr. Eſtevam Leitaõ Pay deſta Provincia.

Delle fazẽ memoria Fr. Pedro Calvo *Lagrim. dos Juſt.* Part. 2. cap. 15. *Foy Varaõ muy eſpiritual, devoto, e amigo da Oraçaõ, e do culto divino.* Fr. Luiz de Souſ. Hiſt. de S. Doming. da Prov. de Portug. Part. 3. cap. 7. *Foy muito cuidadoſo do culto divino, grandemente zelozo da guarda da Religiaõ, grave na peſſoa, brando, e macio no trato.* Echard. *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. pag. 250. col. 2. *is pietate, doctrina, prudentiaque evaſit, ut ad majora regiminis munia in ſua Provincia quamtumvis ea ſolitudinis cultor ex animo refugeret, adlectus ſit.* Fr. Pedr. Mont. *Clauſtr. Dom.* Tom. 3. pag. 197. *muy douto, e de vida exemplar.* Maced. *Luſit. lib.* lib. 2. cap. 2. §. 13. *graviſſimus.* O Senhor D. Antonio na Carta eſcrita à Santidade de Gregorio XIII. pag. mihi 65. *Venerabilem Fratrem Stephanum Leitaõ qui bis apud Dominicanos Provincialis Officium geſſit, terque Vicarium Generalem, virum & virtute, & nobilitate, & authoritate inſignem.* Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 2. pag. 235. col. 1. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. S. n. 32. Faria *Europ. Portug.* Tom. 3. Part. 4. cap. 6. Jacob. Lelong. *Bib. Sacra.* Tom. 2. pag. mihi 825. col. 1. Compoz.

De Laudibus Montis Calvarij. M. S.

Liber Conſiderationum ſuper Concordia Cornelii Janſenij Gandavenſis Epiſcopi. M. S.

ESTEVAM LOPES MORAGO grande profeſſor de Muſica, e Meſtre deſta ſonora faculdade na Cathedral de Viſeu. Deixou varias obras que daõ a conhecer a profundidade da ſua ſciencia neſta armonica Arte, as quaes ſe conſervaõ na Bib. Real da Muſica.

D. ESTEVAM DE MENESES Senhor da Caſa de Tarouca, Penalva, Gulfar, Lalim, e Lazarim, Commendador, e Alcayde mór de Albufeira da Ordem de Aviz naceo em Lisboa, e foy filho de D. Duarte Luiz de Menezes terceiro Conde de Tarouca, e primeiro Marquez de Penalva em Caſtella, Gentil-homem da Camara de Filippe IV. ſem exercicio, Conſelheiro de Guerra, e General da Cavallaria do Exercito de Andaluzia; e de D. Luiza de Caſtro filha de D. Eſtevaõ de Faro primeiro Conde de Faro, Vedor da Fazenda, e Conſelheiro de Eſtado, e D. Guiomar de Caſtro filha de D. Joaõ Lobo quarto Baraõ de Alvito. Ainda contava poucos annos de idade quando paſſou com ſeu Pay a Caſtella no anno de 1641. onde aſſiſtindo pelo largo eſpaço de vinte annos ſe reſtituhio a eſte Reyno proteſtando a fidelidade, que ſempre conſervara ao ſeu Soberano. Foy Deputado da Junta dos Tres Eſtados, em cujo lugar moſtrou que a ſua actividade era igual ao ſeu deſintereſſe. Morreo em Lisboa a 20. de Novembro de 1677. e jaz ſepultado no Convento da Santiſſima Trindade da Villa de Santarem. Foy caſado com D. Helena de Borbon filha de D. Thomaz de Noronha terceiro Conde dos Arcos, e D. Magdalena de Borbon filha herdeira de D. Luiz de Lima de Brito primeiro Conde dos Arcos, de quem deixou por herdeira a filha mais velha D. Joanna Roſa de Menezes que caſou com Joaõ Gomez da Sylva 4. Conde de Tarouca, Plenipotenciario à Paz de Utrech, Embaxador ao Emperador Carlos VI. e Mormodo mór da Sereniſſima Rainha D. Mariana de Auſtria, de quem faremos larga memoria em ſeu lugar, de qual deixou larga poſteridade. Publicou.

Copia delas Cartas que dexò eſcritas en Caſtilla D. Eſtevan de Menezes hijo ſegundo del Conde de Tarouca paſſando a Portugal en las quales declara la razon de ſu paſſage, que es cumplir con la devida obligacion de buſcar el ſervicio de ſu legitimo Rey y Señor: guiado del verdadero conocimiento de la juſta ſeparacion delas Coronas, y el mayor derecho de ElRey D. Affonſo VI. nueſtro Señor en la Succeſſion dela Corona de Portugal. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira Impreſſor delRey 1663. 4. Saõ duas Cartas, a primeira eſcrita ao Ar-

cebiſpo de S. Tiago Governador de Galiza, e a ſegunda ao Duque de Medina delas Torres ſendo eſta muito douta, e larga.

ESTEVAM DAS NEVES CARDEYRA natural da Villa de Ferreira do Arcebiſpado de Evora em a Provincia do Alentejo donde paſſou a Italia, e na Univerſidade de Padua ſe applicou ao eſtudo da Filoſofia em que recebeo o gráo de Bacharel. Com igual, ou mayor diſvelo ouvio interpretadas as mayores difficuldades de hum, e outro Direito, e fez taes progreſſos a ſua profunda eſpeculaçaõ, e penetrante engenho neſtas Faculdades, que depois de receber em ambas as inſignias doutoraes foy elevado a regentar as mayores Cadeiras daquella Univerſidade, ſendo Lente de Inſtituta de que tomou poſſe a 5. de Janeiro de 1685, de Pandectas, e Codigo a 23. de Julho de 1692. de Veſpera a 7. de Mayo de 1695. e ultimamente quando jà lograva o titulo de Conde Palatino, a de Prima a 22. de Setembro de 1703. Na ultima idade ainda que privado dos dous mais nobres ſentidos quais eraõ ver, e ouvir nunca interrompeo o laborioſo exercicio das Cadeiras, até que contando 80. annos falleceo em Padua a 15. de Julho de 1720. Jaz ſepultado na Baſilica de Santo Antonio onde em hum magnifico Mauſoleo eſtaõ depoſitadas as cinzas deſte Thaumaturgo Portuguez. Foy cazado com conſorte digna da ſua peſſoa, de quem teve a André das Neves Cardeira herdeiro da ſua ſciencia juridica ſendo Lente na meſma Univerſidade de Padua. Nicoláo Comneno Papadopoli *Hiſt. Gimnaſ. Patav.* liv. 2. pag. 158. o intitula *vir plane doctus.* Compoz.

Clava pontificia, ſeu authoritas in Conciliis tum Generalibus, tum Provincialibus cum Scholiis in aliquot Decretales inde emanantes. Patavij apud Sebaſtianum Spera in Deo. 1697. 4.

ESTEVAM NUNES DE BARROS naceo em a Villa de Santarem, e recebeo a graça bautiſmal na Parochia de N. Senhora de Maravilla em o primeiro de Janeiro de 1638. Foy filho de Joaõ Antunes de Barros e Maria Nunes, e Sobrinho de Fr. André de Chriſto Mercenario Deſcalço, de quem ſe fez mençaõ em ſeu lugar. Na Univerſidade de Coimbra eſtudou Direito Ceſareo no qual recebendo o gráo de Bacharel ſe reſtituhio à Patria, onde exercitou por muitos annos o Officio de Advogado. Como era muito verſado nas letras humanas, Mithologia, e Poetica foy alumno das Academias dos Generoſos de Lisboa, e dos Solitarios de Santarem merecendo univerſaes applauzos as ſuas compoſiçoens. Morreo na Patria a 7. de Outubro de 1675 Compoz.

Poeſias Varias 4. M. S. cujo volume conſerva em ſeu poder Rodrigo Xavier Pereira de Faria patricio do author, o qual com a ſua erudiçaõ, e natural benevolencia nos comunicou eſta noticia, como outras muitas pertencentes à ſua Patria. Compoz tres Comedias que tem os titulos ſeguintes.

Los Apoſtoles de Chriſto S. Simon, y S. Judas.
La virtud vence el poder.
El honor vence el poder.

ESTEVAM DE PINA Presbytero de inculpavel vida, e Capellaõ do Altar da Senhora da Luz que ſe venera no Convento da Ordem de Chriſto ſituada em o ſuburbio de Lisboa. Eſcreveo com ſumma curioſidade, e deligencia no anno de 1565.

Milagres aprovados de N. Senhora da Luz obrados em varios enfermos. cujo livro tinha em ſeu poder Fr. Roque do Soveral Religioſo da Ordem Militar de Chriſto como elle affirmou no liv. 2. cap. 13. fol. 96. da *Hiſt. do inſign. aparecim. de Noſſa Senhora da Luz.*

ESTEVAM PRETO Doutor em Direito Civil, Dezembargador da Caſa de Supplicaçaõ, Procurador da Cidade de Lisboa nas Cortes que nella celebrou o Sereniſſimo Rey D. Sebaſtiaõ a 13. de Dezembro de 1562. Depois de orar neſte politico acto pela parte do Eſtado Eccleſiaſtico o Doutor Antonio Pinheiro cujo grande merecimento ſe vio depois premiado com as Mitras de Miranda, e Leiria, recitou a Oraçaõ ſeguinte pela parte do Eſtado Secular, a qual ſahio com eſte titulo.

Repoſta do Doutor Eſtevaõ Preto Dezembargador da Caſa da Supplicaçaõ, e Procurador de Lisboa Lisboa por Antonio Alvares 1563. 4. e nas minhas *Mem. Polit.*

e Milit. DelRey D. Sebaſtiaõ Part. 2. liv. 1. cap. 12. deſde pag. 185. até 188.

V. Fr. ESTEVAM DA PURIFICAÇAM Naceo na Villa de Moura ſituada na Provincia do Alentejo a 14. de Fevereiro de 1571. de Pays igualmente nobres, e virtuoſos chamados Antonio Rodriguez Cotel, e Margarida Rodriguez Sortelha. Na infancia deu claros indicios das virtudes que havia practicar em toda a vida. Na adoleſcencia como quem conhecia as falſas apparencias do mundo buſcou por aſylo certo da Salvaçaõ a Religiaõ Carmelitana, cujo habito recebeo no Convento da Vidigueira. Eſtudada Filoſofia em Lisboa, e Theologia em Coimbra, e alcançada Patente de Prégador e Confeſſor ſe reſolveo a fazer mayores progreſſos nas virtudes, que nas letras. Era na Oraçaõ extatico, na penitencia rigoroſo, na humildade inſigne, na obediencia prompto, na continencia admiravel, no zelo da honra de Deos ſolicito, e no amor dos proximos ardente. Com fè heroica, e veneraçaõ profunda adorou a Chriſto occulto debaixo das eſpecies Sacramentaes. A Maria Santiſſima dedicava quotidianamente multiplicados obſequios principalmente na devota meditaçaõ dos Myſterios do ſeu Roſario, ſendo cada oraçaõ huma Myſtica Roſa com que coroava taõ ſoberana Princeza. A modeſtia do ſemblante, e a gravidade das acçoens eraõ tacita cenſura dos defeitos dos ſeus domeſticos ſervindo de exemplo, e exemplar para a obſervancia do ſeu Inſtituto. Eſte cumulo de virtudes lhe conciliou as veneraçoens das principaes peſſoas da Corte diſtinguindo-ſe entre ellas aquelles dous Princepes da Jerarchia Eccleſiaſtica D. Fr. Aleixo de Menezes, e D. Miguel de Caſtro, o primeiro Arcebiſpo de Braga, e o 2. de Lisboa. Com ancioſo diſvelo procurou, e conſeguio, que na Provincia houveſſe hum Convento recoleto para nelle exactamente ſe obſervar o primitivo rigor da regra Carmelitana, e ſendo reſoluto que foſſe o de Santa Anna de Collares, deu principio a taõ ſagrado deſignio a 2. de Mayo de 1617. Neſte domicilio proſeguio com tanto fervor todo o genero de virtudes moraes, e Religioſas que naõ era juſto ſe lhe dilataſſe por mais tempo o premio que foy lograr na eternidade a 17. de Novembro de 1617. quando contava 47. de idade. *Foy de meã eſtatura* (aſſim lhe deſcreve a figura Fr. Manoel de Sá. *Mem. Hiſtor. dos Eſcrit. Portug. do Carm.* pag. 130.) *e de muito poucas carnes, muito calvo, o pouco cabello que tinha era delgado, e tendia para cor caſtanha; teve poucas brancas; o roſto era algum tanto comprido, e ſeco; o nariz proporcionado com elle alto, e delgado, os olhos tiravaõ a pretos ainda que naõ muyto, a barba baſtantemente povoada, a cor do roſto muito palida, e bem dava a conhecer as ſuas penitencias.* O ſeu Retrato ſe abrio em diverſas laminas das quaes ſahiraõ duas em Lisboa com eſta inſcripçaõ na parte inferior *Vera effigies V. P. Fr. Stephani à Purificatione Carmelitæ Obiit. anno Domini* 1617. *ætatis ſuæ* 47. Outra foy aberta em Anveres com eſtas palavras que brevemente explicaõ as ſuas virtuoſas acçoens. *Vera effigies V. P. Fr. Stephani à Purificatione Luſitani ex Moura Carmelitæ aſſiduis, diriſque pœnitentiis extenuati, Chriſti Crucifixi cultoris ſerventiſſimi; erga egenos, & ægros charitate eximij, in convertendis peccatoribus ſingularis, cœleſtibus revelationibus, ac prophetico ſpiritu illuſtris, D. Virginis frequentibus favoribus inſigniti, mortis ſuæ præſcij, & poſt eam uti in vita miraculis clari. Obiit* 17. *Novembris* 1617. *ætatis* 47. *Ad defuncti veró aſpectum Turca repente factus fuit Catholicus.* Foy ſepultado em hum jazigo que mandara fazer Antonio Trancoſo Correa homem nobre da Villa de Collares, o qual atendendo que o lugar era muito humilde para depoſito de taõ inſigne Varaõ lhe mandou fabricar hum mauſoleo de finos, e precioſos marmores para onde foy treſladado a 22. de Outubro de 1623. Os milagres, que Deos obrou por interceſſaõ deſte ſeu Servo, e as ſuas heroicas Virtudes relatadas na ſua vida compoſta por Fr. Luiz de Mertola, e no livro da ſua treſladaçaõ eſcrito por Fr. Pedro da Cruz Juzarte, o fizeraõ digno de que no Pontificado de Urbano VIII. ſe recorreſſe à Sagrada Congregaçaõ dos Ritos para ſer collocado no Cathalogo dos Santos, como eſcreve Fr. Joaõ Bautiſta Lezana *Annal. Carmel.* Tom. 4. pag. 894. n. 6. e o Me-

morial, que para eſte fim ſe fez, o traz copiado Fr. Dan. à Virg. Mar. *Specul. Carmel.* Tom. 2. Part. 5. pag. 988. n. 3463. e pag. 1084. n. 3802. Celebraõ a ſua memoria Fr. Ant. à Purif. *Chronol. Monaſt.* pag. 110. *Qui charitatis amore inflamatus ſexcentas fere utriuſque ſexùs perſonas diſcordes conciliavit, pluſquam mille ab inferni faucibus ad ſalutis viam ſuis concionibus, & privatis colloquiis revocavit.* Fr. Miguel dela Fuente *Cathal. de los Var. dela Ord. Varon excelentiſſimo, y gran penitente reſplandecio en vida, y muerte en milagros.* Fr. Manoel Roman. *Elucid.* fol. 321. *Religioſo de excelente virtud, y ſantidad Varon contemplativo.* Fr. Pedro Calvo *Def. das Seg. Relig.* Part. 2. cap. 13. fol. 73. v.º *grande penitente, e contemplativo.* Muños *Propugn. Eliæ* lib. 2. Tit. 2. cap. 1. art. 2. pag. 322. n. 17. *Vir celebris* Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. S. n. 34. *Vir inſigniter pius.* Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 1. pag. 142. no Comment. de 14. de Janeir. letr. D. *Viva imagem da perfeiçaõ religioſa.* Carvalho *Corog. Portug.* Tom. 3. liv. 2. Trat. 8. cap. 47. pag. 626. *Varaõ inſigne em Virtudes.* Eſcreveo.

Exercicios eſpirituaes, em que gaſtava o dia.

Doze cartas a diverſas peſſoas.

Huma, e outra obra ſahio impreſſa no Livro da Treſladaçaõ deſte ſervo de Deos compoſto por Fr. Pedro da Cruz Juzarte. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira 1662. 8. As dozes Cartas tambem ſahiraõ impreſſas na *Vid. e mort. deſte ſervo de Deos* eſcrita por Fr. Luiz de Mertola. Lisboa por Pedro Cresbeeck. 1621. 4. Deſtas obras faz memoria Fr. Marcos Antonio Alegre de Caſanate *Parad. Carmel. Decor.* Stat. 5. Ætas 18. cap. 133. pag. 474.

ESTEVAM RIBEYRO cuja patria, e eſtado de vida ignoramos, eſcreveo com eſtilo ſincero.

Chronica delRey D. Sebaſtiaõ. M. S. a qual allegaõ Fr. Ant. à Purif. *de vir. Illuſtrib. Ord. Eremit. D. Aug.* lib. 3. cap. 14. e Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 621. no Comment. de 17. de Abril let. D.

ESTEVAM RODRIGUES DE CASTRO Naceo na Cidade de Lisboa no anno de 1559. ſendo hum dos mais celebres filhos que produzio eſta famoſa Cidade. A natureza o ornou de engenho agudo, comprehenſaõ admiravel, e juizo penetrante para alcançar a noticia das ſciencias amenas, e ſeveras, nas quaes ſahio taõ conſumado que ninguem no ſeu tempo ſe atreveo a diſputar-lhe a primazia. Soube com pureza a lingua Latina; teve natural cadencia para a Poeſia vulgar, e na Oratoria foy taõ inſigne que arrebatava a attençaõ dos ouvintes mais pela viveza das acçoens, do que ainda pela elegancia das palavras. Practicou com igual eſpeculaçaõ, que novidade as experiencias Phyſicas, e interpretou com ſumma profundidade os aforiſmos da Medicina como Lente Primario em a Univerſidade de Piſa. Todos eſtes dotes ſcientificos naõ ſómente lhe adquiriraõ a eſtimaçaõ do graõ Duque de Florença que o elegeo por ſeu Phyſico mór, mas os applauſos, e elogios dos mais celebres eſcritores, como foraõ Zacuto de *Med. Princip. Hiſt.* lib. 3. hiſt. 9. Quæſt. 18. intitulando-o *Medicinæ Phœnix,* e hiſt. 25. *eruditiſſimus* e lib. 5. hiſt. 1. *author inter claſſicos celeberrimus,* e Lib. 2. hiſt. 102. *Vir excellenti ingenio, & doctrina, medicus, & Philoſophus celeberrimus.* Eman. dos Reys *de duob magn. Art. med. auxil.* cap. 3. art. 2. pag. 99. *doctiſſimus.* Joan. Soar. de Brit. *Theat. Luſit. Litter.* lit. S. n. 35. *clariſimus Poeta, & medicus egregius.* Nicol. Ant. *Bib. Hiſp.* Tom. 2. pag. 235. col. 2. *eam quippe artem* (falla da Medicina) *inſigni rerum antiquarum eruditione ſic exornavit, ut omnia ejus opera non minus doceant, quám jucunde animos legentium paſcant.* Faria *Fuent. de Aganip.* Part. 3. no Prolog. n. 13. *las Rimas de Eſtevan Rodriguez aunque pocas, muy buenas* e no *Comment. às Rim. de Camoens.* Tom. 3. pag. 1. *Eſtevan Rodriguez tiene una cancion ala immortalidad del alma, que no deve nada alas mejores.* Georg. Math. Konig. *Bib. Vet. & nov.* pag. 697. col. 1. Morery *Diccion. Hiſtoriq.* Verb. *Caſtro Rodrig.* D. Franc. Manoel na *Carta dos AA. Portug.* Abrah. Mercklin. in *Lind. renov.* No livro in *Viror. Litter. imagin.* impreſſo Romæ 1641. eſtá o ſeu Retrato com eſtes verſos.

Pinguia quadratá quæ proſpicis ora tabella
Non pene tam pingui mente fuiſſe putes.
Nam medici facies Caſtrenſis ſic erat ævi
Quem merito noſtri dixeris Hypocratem.

Outro retrato ſeu ſahio na obra, que elle compoz intitulada *Philomena*, e na parte inferior tem gravado eſte dyſtico.

Exprimit authoris vultũ pictura, ſed author
Ipſe ſui vires exprimit ingenij.

Morreo na Cidade de Piſa em o anno de 1637. quando contava 74. annos de idade deixando para eterno brazaõ do ſeu nome as obras ſeguintes.

De Meteoris Microcoſmi libri IV. Florentiæ apud Juntas 1621. fol. Sahio mais correcto por induſtria de Valerio Nervio ibi 1624. fol.

Rimas Florença por Zanobio Pinhoni. 1632. 12. Conſta de Sonetos, Odes, Eglogas, Portuguezas, e Caſtelhanas. Sahio à luz eſta obra por deligencia de Franciſco de Caſtro filho do Author.

De complexu morborum. Florentiæ apud Zenobium Pignonium 1624. 8. e Norimbergæ per Hironymum Dumlerum 1646. 12.

Eumenius, ſeu de Vero amico. Florentiæ. 1626. 12.

Opuſculum de Mutatione aliorum morborum in alios in quattuor libros diviſum Medicinæ ſtudioſis valde utile, & recondita doctrina refertum. Florentiæ apud Petrum Cecconcellium. 1627. 12. & Francof. apud. Joan. David. Zanerum 1646. 12. & ibi 1667. A eſte tratado chama *aureo* Zacuto Luſitano.

Philomela. Florentiæ apud Petrum Cecconcellium 1628. 4. Conſta de Dialogos cheyos de muyta erudiçaõ, e poeſia ſendo o principal argumento a Amizade.

Aſitia, hoc eſt de cauſa cur multi non manducent, vel in tota vita, vel multis diebus. Florentiæ apud Zenobium Pignonium 1630. 8. & Taurini apud Joannem Sinibaldum. 1647. 8.

De Sero Lactis tractatus. Florentiæ apud Sarmatellium 1631. 8. & Norimbergæ apud Hyeremiam Dumlerum 1646. 12.

Il curioſo nel quale in dialogo ſi diſcorre del mal della peſte. Piſa por Franceſco Tanagli 1631. 4.

Commentarius in Hypocratis Coi libellum de Alimento in quo multiplici didaſcalia variæ controverſiæ inter utramque partem diſputantur, & argumentorum funibus, auctorumque ſecuribus Satyro cornua ligantur, conſtringuntur, opus in quattuor partes diviſum. Florentiæ apud Sermatellium. 1635. fol.

De Simulato Rege Sebaſtiano Poemation juvenili ætate conflatum. Florentiæ apud Amatorem Maſſam 1638. 4. Eſta obra publicou ſeu filho Franciſco de Caſtro, onde no Prologo a o leitor affirma ter extrahido eſte Poema de huma copia já em partes conſumida, e por eſta cauſa ſahia imperfeito havendo dedicado ſeu Pay a tal obra ao Cardial Alberto em cujo poder ſe conſervava perfeito. O P. Ant. dos Reys no *Enthuſiaſm. Poet.* n. 23. louva a o Author deſta obra com eſtas vozes.

Hunc prope conſidit Stephanus Rodericius, ora
Qui merito riſit ſimulantem pulchra Sebaſti
Ut ne ridiculi fieret Rex fabula Vulgi
Inclytus ille ſui quem Regni in ſede locarat
Omnipotens.

Poſthuma varietas. Florentiæ apud Amatorem Maſſam, et Laurentium de Laudis. 1639. 4. Conſta de Cartas latinas a diverſas peſſoas; Oraçoens recitadas na Univerſidade de Piſa ao conferir os gráos dos Doutoramentos; varios Epigrammas, e muitos Sonetos em Portuguez, e Italiano. Sahio eſta obra por deligencia de ſeu filho Franciſco de Caſtro.

Caſtigationes exegeticæ, quibus Variorum dogmatum veritas elucidatur. Florentiæ apud eosdem Typ. 1640. fol.

De Epilepſia diſceptatio poſthuma. Florentiæ apud eoſdem Typog. 1640. 4.

De Pleuritide diſceptatio. Florentiæ ex eadem Typ. 1641. 8.

Ratio conſultationis an poſt variolas purgatione corpus egeat. ibi 1642. 4.

Medicæ Conſultationes. ibi apud eundem Typog. 1644. 4.

Syntaxis prædictionum medicarum cui acceſſit Triplex elucubratio. Prima de Chirurgicis adminiſtrationibus. 2. de Potu refrigerato. 3. de Animalibus Microcoſmi. Venetiis apud Franciſc. Bragiolum. 1656. 8. & Lugduni apud Philip. Borde & ſocios 1661. 4.

Pythagoras Lugduni ſumptibus Philip.

Borde, Arnaud, et Rigaud. 1651. 12. Conſta dos coſtumes, doutrina, e preceitos deſte Filoſofo, e no fim traz hum tratado de *Re cibaria.*

Variæ Exercitationes medicæ, & expoſitiones in aliquos ægrotos Hypocratis. Venetiis 1653. 8.

Tractatus de natura muliebri, ſeu diſputationes, & lectiones Piſanæ. Hanoviæ 1664. 4. & Francof. apud Hermanum à Sunde 1668. 4.

Na *Relaçaõ do Recebimento das reliquias para a Caſa de S. Roque,* que ſahio em Lisboa por Antonio Ribeiro 1588. 8. a fol. 94. v.º. eſtà huma Poeſia Latina e a fol. 95. v.º. outra Portugueza com o nome de Antonio de Atayde que levaraõ o premio, e ſaõ do Eſtevaõ Rodriguez de Caſtro.

ESTEVAM RODRIGUES DE TOAR taõ inſigne na intelligencia da lingua Latina, e preceitos da Oratoria, como na eſpeculaçaõ da Theologia Sagrada, e liçaõ da Eſcritura, e dos Santos Padres. Aſſiſtindo na Curia Romana orou na Capella Pontificia em prezença do Summo Pontifice Paulo V. e do Collegio dos Cardeais em o dia do Evangeliſta Amado, cuja obra publicou com eſte titulo.

Oratio habita Romæ in feſto S. Joannis Evangeliſtæ coram ſummo Pontifice Paulo V. ac Illuſtriſſimorum Cardinalium, nec non DD. Prælatorum Senatu, anno MDCX. Romæ apud Gulielmum Facciotum 1611. 4.

Fr. ESTEVAM DE SAMPAYO natural da Villa de Guimaraens ſituada Entre Douro, e Minho do Arcebiſpado de Braga recebeo o habito Dominicano no Convento de Lisboa em cuja religioſa paleſtra ſahio taõ eminente nas letras, como nas virtudes. Eſtimulado do Amor da Patria, e da natural fidelidade Portugueza ſe declarou parcial do Senhor D. Antonio no tempo que para cingir a Coroa de ſeus Avòs ſe oppòz à injuſta violencia com que ſe apoderou deſte Reyno Filippe Prudente, por cuja cauſa foy preſo em hum carcere horroroſo, e carregado de pezadas cadeas, do qual fogindo clandeſtinamente paſſou com outros Religioſos companheiros no habito, e nas moleſtias da prizaõ à Cidade de Toloza. Depois de receber nella o gráo de Doutor Theologo dictou taõ ſublime Faculdade com applauzo de todos os Cathedraticos como eſcreve Fr. Joaõ Jacobo Percin. in *Monum. Toloſ.* Tractat. de *Academ.* pag. 191. e 197. Recebendo no anno de 1598. a noticia de ter apparecido em Veneza ElRey D. Sebaſtiaõ, vinte annos depois da fatal derrota nos campos de Alcacer, impellido do fiel affecto para com os ſeus Principes nacionaes partio com ſumma brevidade àquella Cidade a certificarſe com os olhos, do que eſtava informado pelos ouvidos, e achando que o Senado pelas inſtancias do Embaxador de Caſtella tinha recluzo aquelle Principe o naõ pode ver, ainda que para eſte fim repetio efficazes reprezentaçoens a Marcos Quirini hum dos quatro Deputados para o exame de negocio taõ grave, o qual o deſpedio dizendo-lhe ſer preciſo que de Portugal ſe remeteſſem documentos authenticos por que conſtaſſe ſer aquelle homem que o Senado tinha recluſo, o verdadeiro Principe D. Sebaſtiaõ. Como todo o ſeu empenho era contribuir para que eſta Monarchia foſſe dominada por Principes Portuguezes paſſou ſem demora de Veneza à Portugal em habito disfarçado para naõ ſer deſcuberto pelos Miniſtros de Caſtella, e informando aos Fidalgos de tudo quanto tinha obrado, ſe reſtituhio velozmente a Veneza, onde ſem perdoar a todo o genero de deligencia fez fortes inſtancias ao Senado dirigidas à liberdade daquelle Principe, que ſuppunha ſer o ſeu Rey, de que reſultou ſer ſolto por intervençaõ de Henrique IV. de França, a Rainha de Inglaterra, e Republica de Olanda com ordem expreſſa que no meſmo dia da ſoltura ſahiſſe da Cidade de Veneza, e em tres de todo o Eſtado. A eſte imaginado Principe ſeguio Fr. Eſtevaõ com ſumma fidelidade, e chegando a Florença o entregou o ſeu Duque contra todas as leys da hoſpitalidade a ElRey de Caſtella, acabando Fr. Eſtevaõ violentamente a vida em ſaõ Lucar de Barrameda a 30. de Agoſto de 1603. O Senhor D. Antonio na Carta eſcrita à Santidade de Gregorio XIII. na lingua Franceſa, e traduzida, na Latina pag. mihi 68. lhe fez o ſeguinte elogio. *Fr. Stephanuus de Sampayo Theo-*

logus doctus, ac lector eruditus poſt diuturnum carceris ſuplicium in Luſitania in Regnum Caſtellæ inde delatus, ac ferreis vinculis onuſtus, acerbiſſimaque ibidem cuſtodia recluſus. Fr. Joſeph Teixeira Religioſo Dominico, e tambem ſequaz do Senhor D. Antonio em huma carta eſcrita no anno de 1601. a hum ſeu amigo. *Fr. Stephanus de Sampayo Doctor regens in Theologica Facultate veſtræ Dominationi probe notus, qui in obſequium Regis Sebaſtiani occulte profectus in Portugallia certò ſuam expoſuit vitam, & manifeſto diſcrimini.* Echard. *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. pag. 330. col. 2. *Vir fuit eruditione, religione, moribus, & pietate commendatus.* D. Joaõ de Caſtr. *Diſcurſ. da Vid. delRey D. Seb.* pag. 13. 15. e 18. Mont. *Clauſt. Dom.* Tom. 3. pag. 198. *Religioſo de grande erudiçaõ, engenho, e virtude.* Por ſer muito perito na Lingua Latina lhe cometeraõ os Superiores traduziſſe as Chronicas da Ordem eſcritas em Portuguez naquelle idioma, o que executou publicando a ſeguinte obra, que dedicou quando aſſiſtia em Toloſa ao Illuſtriſſimo Biſpo de Anjú D. Guilherme Ruſeo Prègador, e Eſmoler dos Reys Chriſtianiſſimos Carlos IX. e Henrique III. a qual ſahio com eſte titulo.

Theſaurus arcanus Luſitanis gemmis refulgens in quo Ægidij magi olim Theurgici ſtupenda hiſtoria varijs exculta dialogis, atque aliorum Sanctorum Patrum Ordinis Prædicatorum ex eadem Luſitania, multaque alia ſcitu digna continentur. Pariſiis apud Thomam Perier. 1586. 8.

Conſta eſte liv. da *Vida de S. Fr. Gil* compoſta em Portuguez pelo inſigne André de Reſende; *Vida de S. Gonçalo de Amarante* a qual tranſcreveo in *Acta SS. ad diem X Januarij* o Padre Joaõ Bollando. *Converſaõ de S. Pedro Gonſalves que foy Deaõ da Cathedral de Aſtorga. Vida de Fr. Payo primeiro Prior de Coimbra. Vida do D. Lourenço Mendes, e de Fr. Pedro porteiro do Convento de Evora,* que taõbem eſcreveo em Portuguez o grande Reſende. No fim deſte livro, que inclue as vidas já nomeadas, traz a obra ſeguinte, que allega Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 223. col. 2. no Comment. de 18. de Março letr. B. a qual como adverte Echard in *Script. Ord. Præd.* pag. 331. col. 2. eſtá cheya de muitas equivocaçoens, aſſim em os nomes das peſſoas, como nas ſituaçoens das terras, e Chronologia dos tempos.

Stemma ſelectiſſimum, ornatiſſimumque Sacri Ordinis Fratrum Prædicatorum in quo D. Patriarchæ Dominici Socij primi patres, Succeſſores Magiſtri Reverendiſſimi, Comitia Generalia, Summi Pontifices, Cardinales, Patriarchæ, atque alij omnes viri dignitate, Sanctitate, & litteris inſignes, qui à primi exorientis Ordinis initiis ad noſtra uſque tempora floruerunt, non minùs exactè, quàm ſuccinctè recenſentur.

Juramentum Regis Aldephonſi primi Portugalliæ ſuper approbatione, & confirmatione viſionis quam vidit anno 1140. in Campo Auriquij, & teſtimonium Vaſſalitij, ac Feudi Regis Portugalliæ Aldephonſi. Pariſiis 1600. 4. Conſta de 8. folhas em que traz varias profecias com ſeu Prologo.

Por ſua induſtria ſahio à luz publica em Pariz no anno de 1596. in 8.

D. Thomæ Aquinatis expoſitio aurea in libros duos Machabæorum. Cuja obra ſe reimprimio no Tom. 18. das obras do Santo Doutor da ediçaõ de Antuerpia no anno de 1612. e no Tom. 19. da impreſſaõ de Pariz anno 1641. e 1660. com a prefaçaõ de Fr. Eſtevaõ de Sampayo, e ainda que Egidio Colona diſcipulo do Angelico Meſtre affirma in 4. *Sentent. diſt.* 45. que o Santo expuſera os Livros dos Macabeos naõ admitem eſta obra por legitima producçaõ da penna deſte grave eſcritor Xiſto Senenſe dizendo ſer de Thomaz Anglico da Ordem dos Prégadores, e Cardial do Titulo de Santa Sabina cuja opiniaõ ſeguem o P. Filippe Labbe *Diſſert. Philolog. de Script. Eccleſ.* Tom. 2. pag. 437. e ultimamente Caſimiro Oudin *Comment. de Script. Eccleſ.* Tom. 3. pag. 329. col. 2. arguindo com nimia ſeveridade ao noſſo Sampayo de publicar huma obra indigna de taõ claro Doutor. *Miror ſane quam guſtu depravatus fuerit Stephanus de Sampayo qui tam inſipidum opus Doctori Angelico ad ſcribere voluerit, ubi nulla doctrina, nulla unctio, ſed infantilis quædam partitio, & diviſio in cadentes phraſes, quæ corruptionem ſonant, & ingenium jejunum.*

ESTEVAM SOARES DE MELLO duodecimo Senhor da Villa de Mello ſituada na Beyra do Biſpado da Guarda onde teve o berço, e por Progenitores a Manoel de Oliveira Freyre filho de Belchior de Oliveira Freyre Senhor de Moruja; e a D. Antonia de Mello herdeira deſta illuſtre caſa. Seguio a vida militar, em que deu claros argumentos do ſeu valor em obſequio da Patria aſſim na Reſtauraçaõ da Bahia em o anno de 1625. como na Campanha de 1640. com o poſto de Meſtre de Campo da Provincia da Beira. Caſou com D. Angela de Caſtro filha de Lopo Alvarez de Moura Commendador de Santa Luiza de Trancoſo na Ordem de Chriſto, e Senhor do Morgado da Corte do Serraõ, e de ſua mulher D. Maria de Caſtro filha de D. Rodrigo Manoel Commendador das Alcaçovas, de quem teve numeroſa deſcendencia. Foy muito douto nas Diſciplinas Mathematicas, liçaõ da Hiſtoria profana, e eſtudo de Genealogia, pelo qual o louva o P. D. Antonio Caetano de Souſa *Apparat. à Hiſt. Gen. da Caſ. Real Portug.* pag. 62. §. 44. Eſcreveo.

Coſmografia univerſal de todos os Portos maritimos do univerſo com todas as ſuas deſcripçoens, ſituaçoens, demarcaçoens, e navegaçoens. M. S. fol. He obra de grande trabalho, eſtudo, e erudiçaõ.

Tratado de todos os modos de caçar, e tudo o neceſſario para eſte exercicio, aſſim de inſtrumentos, como ſegredos particulares em dialogo. M. S. 4.

Familia dos Mellos hiſtoriada. M. S. fol. Fazem memoria do ſeu nome Joaõ Franco *Bib. Luſit.* M. S. Carvalho *Corog. Portug.* Tom. 2. Trat. 8. cap. 12. pag. 372. e o moderno addicionad. da *Bib. Geograf.* de Antonio de Leaõ. Tom. 3. col. 1729.

D. ESTEVAM SOARES DA SYLVA illuſtre por nacimento, e muito mais venerado pelas virtudes, foy filho de D. Sueiro Pires Eſcacha, e de D. Froyle Viegas, deſcendente hum da familia dos Sylvas, e outra da familia dos Souzas. Tanto que chegou à idade de cultivar os eſtudos ſe applicou a elles em o Moſteiro de Santa Cruz de Coimbra onde atrahido da religioſa obſervancia dos ſeus moradores pedio no anno de 1184. o habito Canonico Auguſtiniano, que recebeo com geral ſatisfaçaõ de taõ illuſtre Comunidade. Como era reſpeitado por hum dos mayores Theologos, e inſignes Prégadores do ſeu tempo, o pediraõ os Conegos da Cathedral de Coimbra para ſeu Meſtre Eſcola, cuja dignidade aceitou por preceito de D. Pedro Alfarde Prior do Convento de Santa Cruz, donde ſubio a Primaz de Braga ſendo o ſeptuageſſimo ſegundo Arcebiſpo, que ſe ſentou neſta auguſta Cadeira. Vencidas varias controverſias, e oppoſiçoens contra a ſua Juriſdicçaõ foy chamado pelo Pontifice Innocencio III. para aſſiſtir no Concilio Lateranenſe publicado no anno de 1215. onde entre os Prélados de que ſe compunha taõ authorizada Aſſemblea era hum D. Rodrigo Ximenes Arcebiſpo de Toledo que favorecido do Pontifice, e dos Reys de Leaõ, e Caſtella intentou preceder ao noſſo Primaz, o qual naõ ſómente com a voz, mas com a penna nervoſamente ſe oppoz a taõ grande emulo, de que reſultou depois de controvertida a cauza por huma, e outra parte, mandar pòr ſilencio nella o ſummo Pontifice Honorio III. Reſtituido ao Reyno mayores foraõ as contendas que animoſamente ſuſtentou contra a reſoluçaõ de Affonſo II. o qual ſem reſpeito à Juriſdiçaõ Eccleſiaſtica entrou por Braga devaſtando Caſas, e herdades, e impondo tributos ao Clero, de cuja violenta oppreſſaõ recorreo o Arcebiſpo ao ſummo Paſtor, para que applicaſſe remedio opportuno a exceſſos taõ eſcandaloſos. Serenouſe toda eſta tormenta com a morte daquelle Principe, cujo ſuceſſor D. Sancho II. ajuſtou com ſatisfaçaõ do Arcebiſpo as controverſias de que fora author o animo pouco religioſo de ſeu Pay. Pela apoſtolica liberdade, e ardente zelo com que eſte Prélado defendeo a immunidade da ſua Igreja lhe fez o ſeguinte elogio Honorio III. de quem foy Legado à Latere neſte Reyno: *Zelatorem Eccleſiaſticæ libertatis, rectitudinis zelo ferventem, nolentemque vereri faciem hominis pluſquam Dei, virum litteratum, & honeſtate conſpicuum;* e no Breve expedido a 4. de Janeiro de 1221. aos Biſpos de Palencia, Aſturias, e Tuy. *Venerabilem Fratrem*

noſtrum Bracharenſem Archiepiſcopum virum utique litteraturæ, ac honeſtatis propriæ meritis honorandum. Falleceo na Villa de Trancoſo a 27. de Agoſto de 1228. e eſtà ſepultado na ſua Cathedral. O Doutor Fr. Antonio Brandaõ *Mon. Luſit.* Part. 5. liv. 14. cap. 8. *Foy o Arcebiſpo D. Eſtevaõ (alem de outras partes naturaes de ſangue, e animo) cultivado com boas letras, e ſciencias, e exemplar na vida.* D. Nicol. de Santa Maria *Chron. dos Coneg. Reg.* liv. 11. cap. 6. *Foy eſte grande Prélado illuſtre por geraçaõ, e illuſtriſſimo por ſuas letras, e virtudes.* Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. S. n. 36. *Vir genere, doctrina, & conſtantia illuſtris.* Eſcreveo.

Tratado em defenſa da Primazia de Braga contra D. Rodrigo Ximenes Arcebiſpo de Toledo. M. S. Deſta obra fallando o Illuſtriſſimo Cunha *Hiſt. Eccleſ. de Brag.* Part. 2. cap. 21. n. 8. diz. *Animo tivemos de pór aqui as reſoens com que o Arcebiſpo D. Eſtevaõ fez claro diante do Summo Pontifice pertencer à ſua Igreja a Primazia de Heſpanha, e a facilidade, e energia com que reſpondeo às que por ſi allegava o Arcebiſpo D. Rodrigo Ximenes: mas como ellas ſaõ todas para doutos, e na lingua vulgar perdem grande parte da ſua efficacia, e embaraçaõ a leitura com os textos, e Authores que ſe allegaõ, de força havemos de remeter os curioſos ao noſſo Tratado que deſta materia fizemos em lingua Latina.*

ESTEVAM DE VILLA-LOBOS muito perito na Arte Poetica, e Mythologia compoz, e imprimio conforme affirma Joaõ Franco Barreto na *Bib. Luſit. M. S.*

Thezouro da divina Poeſia. Lisboa 1598.

Sor. EUGENIA DOS REYS filha de D. Jorge de Menezes Senhor de Alconchel, e Fermoſelhe, e de ſua ſegunda mulher D. Guiomar da Sylva, filha de Antaõ de Faria, Alcayde mór de Palmella, e D. Leonor de Vilhena. Profeſſou o Inſtituto Serafico no Real Convento de Santa Clara de Coimbra no anno de 1604. onde pela ſua natural diſcriçaõ, prudencia, e affabilidade depois de exercitar varios lugares da Communidade foy Abbadeſſa, de cujo governo deixou ſaudoſas memorias, e ainda mayores, quando paſſou deſta vida caduca para a eterna no anno de 1664. Eſcreveo.

Vida da Ven. Madre Sor. Helena da Cruz chamada no ſeculo D. Helena da Sylva filha de D. Alvaro da Coſta, Religioſa no Convento de Santa Clara de Coimbra; a qual compoz por inſinuaçaõ de Fr. Manoel da Eſperança, como eſcreve na Part. 2. da *Hiſt. Seraf. da Prov. de Portug.* liv. 6. cap. 33. n. 6.

D. EUGENIO DO CASAL natural de Lisboa, e ſobrinho do Illuſtriſſimo Biſpo de Coimbra D. Fr. Gaſpar do Caſal illuſtre credito da familia dos Eremitas de Santo Agoſtinho, de quem em ſeu lugar ſe farà larga memoria. Eſtudando Theologia em a Univerſidade de Coimbra deixou as eſperanças que lhe prometiaõ o ſeu nobre nacimento, e agudo engenho recebendo o habito de Conego Regrante no Real Convento de Santa Cruz de Coimbra, onde proſeguindo o eſtudo da meſma Faculdade a dictou com applauſo aos ſeus domeſticos, alcançando-o mayor pelo Pulpito onde era ouvido com admiraçaõ de toda a Univerſidade. O continuo eſtudo o fez cahir em huma febre, que lentamente o conſumio fallecendo a 19. de Junho de 1590. Deixou eſcrito.

Sermoens de Quareſma 1. *Tom.* M. S.

Sermoens das Feſtas dos Santos 1. Tom. M. S.

Do author, e das obras faz mençaõ D. Nicol. de Santa Maria *Chron. dos Coneg. Regul.* liv. 10. cap. 27. n. 22.

EUGENIO FERREYRA ROQUE natural da Cidade de Evora filho de Andre Ferreira, e Helena Rodriguez, Sangrador approvado de quem ſe lembra o P. Franciſco da Fonſeca na *Evor. Glorioſ.* pag. 411. Compoz.

Tratado da Phlebotamia. Practica racional, e directorio de Principiantes. Evora na Officina da Univerſidade 1722. 8.

Fr. EUSEBIO DA CELLA Villa ſituada nos Coutos de Alcobaça, onde naceo, e Monge profeſſo no Real Convento de Santa Maria de Alcobaça. Eſcreveo.

Horæ Sanctæ Crucis
Horæ de Spiritu Sancto
Horæ de D. Virgine
Horæ pro Defunctis

Tudo ſe conſerva *M. S.* no Archivo do meſmo Real Convento.

Fr. EUSEBIO DE SANTA MARIA natural de Lisboa onde na Parochia de S. Pedro de Alfama recebeo a primeira graça a 15.de Dezembro de 1675. Foraõ ſeus Pays Franciſco da Sylveira, e Maria da Coſta. Depois de aprender a lingua Latina com o P. Manoel Soares Presbitero de inculpavel vida, em cuja claſſe tive a fortuna de ſer ſeu condiſcipulo, abraçou na idade de vinte annos o Inſtituto Serafico no Convento de S. Franciſco da Cidade a 13. de Dezembro de 1695. Ouvio Filoſofia de ſeu Irmaõ Fr. Thome da Reſurreiçaõ, de quem ſe fará memoria em ſeu lugar, a qual dictou no anno de 1713. Depois de ler Theologia nos Conventos de Santarem, e Lisboa, jubilou no anno de 1728. He Qualificador do Santo Officio, Examinador das Tres Ordens Militares, e Conſultor da Bulla da Cruſada. Sendo Cuſtodio viſitou os dous Seminarios de Varatojo, e Brancanes, e em ambos preſidio aos ſeus Capitulos. Publicou.

Sermaõ do Santiſſimo Sacramento expoſto no Real Convento de S. Franciſco da Cidade de Lisboa no terceiro dia do Carnaval 13. de Fevereiro de 1725. Lisboa pelos herdeiros de Paſchoal da Sylva 1725. 4.

Fr. EUSEBIO DE MATOS Naceo na Cidade da Bahia Capital da America Portugueza em o anno de 1629. onde na juvenil idade de 15. annos entrou na Companhia de JESUS a 24. de Março de 1644. e depois de aprender as letras humanas, e ſciencias eſcolaſticas, em que ſahio profundamente inſtruido, dictou aos ſeus domeſticos tres annos Filoſofia, e dez Theologia Eſpeculativa, e Moral deixando tantos diſcipulos quantos foraõ os Meſtres, que leraõ eſtas Faculdades. Tendo feito a profiſſaõ do quarto voto a 15. de Agoſto de 1664. ſe paſſou para a Religiaõ Carmelitana em o anno de 1677. mudando o apellido de Matos em o da Soledade, na qual profeſſou taõ ſagrado Inſtituto com grande gloria dos ſeus alumnos, aos quaes inſtruio com as ſubtilezas da Filoſofia, e Theologia fazendo taes progreſſos, que competiaõ com os diſcipulos, que tivera na Companhia. Foy inſigne Prégador aſſim em a ſubtileza dos diſcurſos, como na vehemencia dos affectos: Poeta vulgar, e Latino, cujos verſos eraõ taõ diſcretos, como elegantes: Muſico por arte, e natureza compondo as letras que acomodava aos preceitos da Solfa: Arithmetico grande ſendo ſempre eleito para arbitro das mayores Contas: Pintor engenhoſo do qual ſe conſervaõ com eſtimaçaõ particular muitos dibuxos: diſcreto, jovial na converſaçaõ; e ultimamente taõ conſumado em todas as partes, que conſtituem hum homem perfeito que affirmava delle o P. Antonio Vieyra Oraculo da eloquencia Eccleſiaſtica que Deos ſe apoſtara em o fazer em tudo grande, e naõ fora mais por naõ querer. Falleceo no Convento patrio no anno de 1692. com 63. annos de idade 33. de Jeſuita, e 15. de Carmelita. Quando eſteve na Companhia. Imprimio.

Practicas prégadas no Collegio da Bahia nas ſeſtas feiras de Quareſma à noite moſtrandoſe em todas o Ecce homo. Lisboa por Joaõ da Coſta. 1677. 4.

Depois de ſer Religioſo Carmelita publicou.

Sermaõ da Soledade, e lagrimas de Maria Santiſſima Senhora Noſſa prègado na Sè da Bahia no anno de 1674. Lisboa por Miguel Maneſcal. 1681. 4.

Sermoens do P. Meſtre Fr. Euſebio de Mattos Religioſo de Noſſa Senhora do Carmo da Provincia do Braſil 1. Part. que contem 15. Sermoens. Lisboa pelo dito Impreſſor 1694. 4.

Oraçaõ Funebre nas exequias do Illuſtriſſimo, e Reverendiſſimo Senhor D. Eſtevaõ dos Santos Biſpo do Braſil celebradas na Sé da Bahia a 14. de Julho de 1672. Lisboa por Miguel Rodriguez Impreſſor do Senhor Patriarcha. 1735. 4.

Sermoens do Roſario. M. S. que por ſua morte deſappareceraõ.

Faz delle memoria Fr. Manoel de Sà *Mem. Hiſt. dos Eſcrit. Portug. do Carm.* cap. 24. pag. 140.

Fr. EUSEBIO DE SA' Naceo em Lisboa a 15. de Agoſto de 1704. ſendo filho

de Manoel Bernardes, e Claudina Maria de Sá. Quando contava 16. annos recebeo o habito de Carmelita Calçado das maõs de ſeu Tio materno Fr. Manoel de Sá (de quem faz mençaõ nas *Memor.* aſſima allegadas cap. 25. pag. 141.) em o Convento de Lisboa a 3. de Novembro de 1720. e depois de profeſſo foy admittido a Collegial de Coimbra a 30. de Setembro de 1722. Para acender mais vivamente nos Coraçoens Catholicos a devoçaõ de Maria Santiſſima com o titulo do Carmo, de que pela profiſſaõ era filho, traduzio da lingua Caſtelhana de Fr. Joaõ de Santo Angelo Chroniſta da Provincia do Carmo de Caſtella em a materna.

Novena da Sacratiſſima Virgem Maria Mãy de Deos, e do Carmo, e offerecimento da Coroa, e Terço da meſma Senhora. Lisboa por Joaõ Antunes Pedrozo, e Franciſco Xavier de Andrade 1722. 12. & ibi por Paſchoal da Sylva. 1722. 12. e ibi Na Officina Ferreiriana. 1724. 12.

Novena da Sacratiſſima Virgem Maria Senhora Noſſa com o titulo da Madre de Deos. Lisboa por Pedro Ferreira. 1724. 12.

EZECHIEL DE CASTRO inſigne Medico, e ſubtil Filoſofo, de cujas Faculdades deu clariſſimos argumentos na Cidade de Verona, onde aſſiſtio muitos annos do qual fazem particular memoria Jorge Abrahaõ Mercklino *in Lind. Renov.* e Joaõ Chriſtovaõ Wolfio in *Bib. Heb.* pag. 573. n. 985. Compoz.

Ignis Lambens. Hiſtoria medica, Proluſio Phyſica, rarum pulchreſcentis naturæ ſpecimen. Veronæ apud Franciſcum Rubeum 1642. 8.

Amphitheatrum medicum, in quo morbi omnes quibus impoſita ſunt nomina ab animalibus raro ſpectaculo debellantur ibi per eumdem Typog. 1646. 8.

FIM.

ESTA NOVA EDIÇÃO DA *BIBLIOTHECA LUSITANA*, CORRECTA REPRODUÇÃO DA EDIÇÃO «PRINCEPS», FOI REVISTA POR M. LOPES DE ALMEIDA, DIRECTOR DA BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA. FIZERAM-SE TODAS AS EMENDAS PROPOSTAS PELO AUTOR, E AQUELAS QUE NO DECORRER DA REVISÃO SURGIRAM COMO ERROS TIPOGRÁFICOS. FOI COMPOSTA E IMPRESSA NAS OFICINAS GRÁFICAS DA «ATLÂNTIDA EDITORA», EM COIMBRA, NA RUA COMBATENTES DA GRANDE GUERRA, 67, SOB A DIRECÇÃO DO MESTRE-TIPÓGRAFO JOSÉ ABRANTES MACHADO E ACABOU DE SE IMPRIMIR EM 4 DE JULHO DE 1965, FESTA DIOCESANA DA RAINHA SANTA ISABEL.

BINDING SECT. SEP 21 1967

Z
2722
B233
1741
t.1

Barbosa Machado, Diogo
Bibliotheca lusitana

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY